

BIBLIOTHECA
LUSITANA
BIBLIOTHECA
LUSITANA

534c

9



LIVRO DE

REAL

Desta edição fez-se uma tiragem especial de 100 exemplares, em papel Registo 120, numerados e rubricados por Manuel Lopes de Almeida.

BIBLIOTHECA LUSITANA

Historica, Critica, e Cronologica.

NA QUAL SE COMPREHENDE A NOTICIA DOS AUTHO-
res Portuguezes, e das Obras, que compuserão desde o tempo
da promulgaçãõ da Ley da Graça até o tempo presente.

OFFERECIDA

À AUGUSTA MAGESTADE

DE

D. JOÃO V.

Dalivro NOSSO SENHOR *do Celog.*
de S.ª Villa do Rey. De.º P O R de Coimbra.

DIOGO BARBOSA MACHADO

Ulyssiponense Abade da Parochial Igreja de Santo Adriaõ de Sever, e Acade-
mico do Numero da Academia Real.

T O M O I.



LISBOA OCCIDENTAL,

Na Officina de ANTONIO ISIDORO DA FONSECA

Anno de M. D. CC. XXXXI

Com todas as licenças necessarias.



Z
2722
B233
1741
t.1

B R E V E
AD FAVOREM BIBLIOTHECARUM.
CLEMENS PAPA XI.

AD FUTURAM REI MEMORIAM.

CONSERVATIONI, & mantentioni librorum Bibliothecarum Domorum Regularium Fratrum Ordinis Sancti Augustini Discalceatorum nuncupatorum Congregationis Portugallie, quantum cum Domino possimus benigne consulere, ac Dilectum filium modernum Procuratorem Generalem in Romana Curia dictae Congregationis specialibus favoribus, & gratis profectui volentes, & à quibusvis excommunicationis, suspensionis, & interdicti, aliisque Ecclesiasticis sententiis censuris, & poenis à jure, vel ab homine quavis occasione, vel causa latis; si quibus quomodolibet innotatus exiit, ad effectum praesentium duntaxat consequendum, harum serie absolventes, & absolutum fore ecessentes supplicationibus ejus nomine Nobis super hoc humiliter porrectis inclinati, ne de cetero quisquam, sive saecularis, sive cujusvis Ordinis Regularis etiam auctoritate, officio, & superioritate fungens, Libros, Quinterna, Folia sive impressa, sive manuscripta, tam haecenus dictis Bibliothecis donata, comparata, & assignata, quam in posterum donanda, comparanda, & assignanda sub quovis praetextu, ingenio, causa, colore, ratione, aut occasione è Domibus Regularibus, & saecularibus, quacumque auctoritate fungentibus commodare, donare, vel alio quovis modo distrahere, & alienare, seu ut extrahantur, & asportentur, aut commodentur, donentur, distrahantur, & alienentur permittere, aut consentire audeat, seu praesumat sub excommunicationis, ac privationis vocis activae, & passivae poenis per contrascentes eo ipso incurrendis Apostolica auctoritate tenore praesentium interdicens, & prohibemus. Permittentes tamen Superioribus dictarum Domorum Regularium pro tempore existentibus, ut de licentia Definitorii Generalis, vel annualis praedictae Congregationis aliquos ex libris praedictis Fratribus ejusdem Congregationis, etiam in aliis Domibus commorantibus, cum cautelis tamen necessariis, ac Inventario à Prioribus, & Discretis suarum respective Domorum subscribendis ad tempus determinatum commodari possint, quo elapso ad suas quasque Domos reportari, suisque Bibliothecis restitui sub eisdem poenis debeant: Non obstantibus Constitutionibus, & Ordinationibus Apostolicis, ac Domorum, & Ordinum praedictorum, etiam juramento confirmatione Apostolica, vel quavis firmitate aliis roboratis statutis, & consuetudinibus, ceterisque contrariis quibuscumque. Volumus autem, quod praesentis prohibitionis copia
in

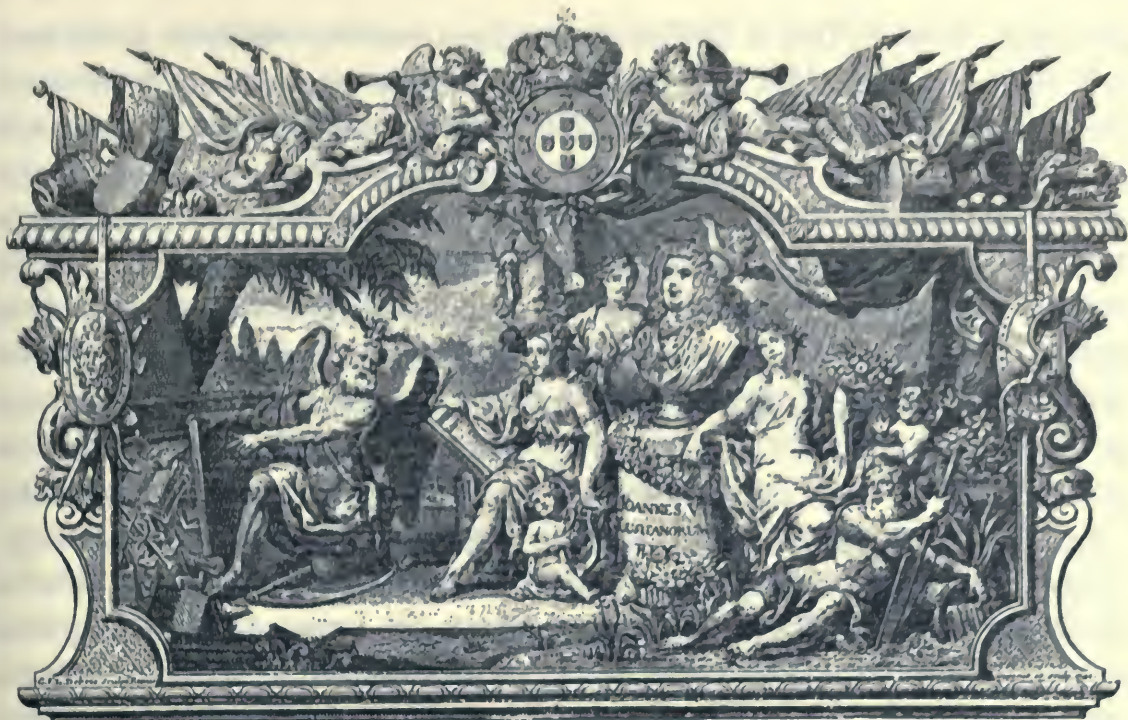
in valvis eujuslibet dictarum Bibliothecarum, vel alio conspicuo loco, quo ab omnibus cerni possit continuo affixa remaneat; quodque presentium transumptis etiam impressis manu alicujus Notarii publici subscriptis, & sigillo alicujus personæ in dignitate Ecclesiastica constitutæ, vel Procuratoris Generalis Congregationis hujusmodi munitis eadem fides ubique adhibeatur, quæ ipsis presentibus haberetur, si forent exhibitæ, vel ostensæ. Datum Romæ apud S. Mariam Maiorem sub Annulo Piscatoris die XXIII. Januarii M. DCC. XXI. Pontificatus Nostri anno vigesimo-primo. = F. Card. Oliverius. =

Concordat cum suo originali.



Joannes Dominicus Manitto, Publicus Not. Apost.

Fr. Emmanuel à S. Elisabeth, Procurator Generalis.



SENHOR



OM *mysteriosa* disposição da Providencia esperou a Bibliotheca Lusitana ideada hã mais de hum Seculo pelo laborioso disvelo de varoens eruditos o feliz Reynado de V. Magestade para sahir ao theatro do Mundo como prevendo, que no faustif-

ſimo tempo em que no trono de Portugal ſe admiraffe a uniaõ da Sciencia com a Soberania, mais difficil, que a do Amor com a Mageſtade, alcançariaõ os Sabios que fecundamente produzio eſta Monarchia na larga diuturnidade de tantos Seculos a merecida remuneraçaõ às ſuas doudas, e incanſaveis vigalias. Para ſer V. Mageſtade o mais ſabio Principe entre os ſeus Soberanos Predeceſſores ſe empenhou a Graça em competencia da Natureza a illuſtrarlhe com luzes tão antecipadas o entendimento, que já na idade pueril ſe admirou adulta a comprehençãõ para o eſtudo das Artes dignas do ſeu alto nacimiento, donde emanou a innata propençãõ, com que ſe declarou benefico Protector dos Eruditos; a ſublime idea com que erigio na Academia Real hum famoso Capitolio no qual ſobre os deſpojos da ignorancia ſe celebrassem os triunfos da Sabedoria; e a generoſa profuſãõ com que convertendo o ſeu Palacio em domicilio de todas as ſciencias formou a mais numeroſa, e magnifica Bibliotheca compoſta dos mayores Oraculos da Republica litteraria vanglorioſos de ſerem frequentemente consultados pelo perſpicaz juizo de V. Mageſtade. Debaixo dos benevolos auspicios de hum Principe tão amante das Letras, e Fautor dos ſabios pertende ſer admitida a Bibliotheca Luſitana por comprehender a ſublimidade de tantos eſpíritos, que emulos das Intelligencias Angelicas ennobreceirão a Patria com os nomes, dilataraõ a fama com as pennas. Que agradavel eſpectaculo ſerà para os olhos de V. Mageſtade observar neſte Theatro Litterario as mayores figuras, que venerou a Jerarchia Eccleſiaſtica, e Secular, e que com igual decoro illuſtraraõ o Sacerdocio, e o Imperio, como foraõ hum Damaſo fabricando dos ſete montes de Roma degraos para ſubir ao Parnaſo onde foy laureado ſobre a Tiara Pontificia com as victorioſas inſignias de inſigne Poeta; hum Joã XXI. que antes de empunhar as chaves de Pedro lhe foraõ patentes os profundos arcanos da Dialectica, e Medecina; muitos Princepes Purpurados do Vaticano mais eminentes pela Sabedoria, que pela dignidade; grande numero de Prélados tão vigilantes no paſto das Ovelhas, como na cultura das ſciencias; e innumeraveis Regulares aliſtados de baixo dos Sagrados Eſtendartes de diversos Inſtitutos ſabindo dos Claúſtros como de Praças fortificadas contra a ignorancia armados de ſolida doutrina para inſtrucçaõ dos Catholicos, e total ruina dos Hereges. Naõ ſeraõ menos dignos da atençãõ de V. Mageſtade os ſublimes voos com que nas azas das ſuas pennas ſe remontaraõ à eſfera da eternidade ſeus glorioſos Predeceſſores dominando igualmente os Aſtros como Sabios, e os Eſtados como Princepes, e dividindo com judicioſa diſtribuiçãõ os ſeus vigilantes cuidados, entre Pallas armada, e Minerva Pacifica. Hum Affonſo Fundador deſta Monarchia que tendo alcançado heroicamente a Coroa mural na celebre expugnaçãõ de Santarém, para dignamente narrar as façanhas que nella ſe obraraõ a tinta com que as eſcreveo foy o baſtamo que as immortalizou: hum Diniz depondo o Cetro para tocar a Lyra de cuja acorde conſonancia atrahidas as Muſas deixaraõ as aguas de Hipocrene pelas precioſas correntes do Tejo: hum Sebaſtiaõ que depois de fulminar como animado rayo aos Sequazes de Maſoma na primeira expediçãõ Africana para que não caducaſſe acçãõ tão heroica na poſteridade lhe firmou o privilegio de immortal com a penna: hum Joã IV.

em o Nome, e primeiro na Sciencia da Arte Musica cujos armonicos preceitos sabiamente praticou, e acerrimamente defendeu. Competindo com estes Monarchas na profissão das letras verá V. Magestade a muitos Princepes, e Infantes Portuguezes como foraõ os Pedros, Henriquez, Luizes, e Theodosios servindo a hums de contemplaçãõ delectavel o diafano volume das esferas, e a outros de innocente occupaçãõ o familiar comercio das Musas. Verà a muitos Herões militares concebendo entre os furores de Marte, e incendios de Bellona ardentes espiritos para profundas, e elegantes composçoens, e a muitos Ministros de Estado revelarem nas suas obras as ideas politicas que meditaraõ em beneficio desta Coroa. Verà reduzido a hum Sucinto Mappa a elegante facundia dos Oradores, a suave afluencia dos Poetas, a harmonia sem dissonancia dos Musicos, e a explicaçãõ das fabulas nos Mythologicos; aos Interpretes Sagrados correndo o veo ao Sanctuario das Escrituras; aos Theologos decifrando os mysterios dos divinos Attributos; aos Jurisconsultos penetrando as difficuldades dos Canones Ecclesiasticos, e das Leys Imperiaes; aos Historiadores referindo os Sucessos das idades passadas; aos Chronologos computandõ o tempo por Lustros, e Olympiadas, aos Astronomos compassando o movimento dos Ceos, e observando os aspectos dos Planetas; aos Anatomicos examinando a organizaçãõ dos corpos, e os Medicos descobrindo saudaveis remedios para conservaçãõ da vida. Com toda esta immensa copia de estrellas se orna, e esmalta este literario Firmamento ambiciosas de que V. Magestade as illustre com a sua benefica sombra. Ao excelso trono do Salamaõ Portuguez igual na magnificencia, e superior na Religiaõ ao da Palestina, se postra reverente, e obsequiosa qual outra Rainha Sabà a Bibliotheca Lusitana seguramente confiada na augusta protecçãõ de hum Monarcha cuja coroada Sabedoria hade benevolmente amparar aos cultores de todas as Artes, e Faculdades, os quaes como Portuguezes sãõ vassallos da sua Coroa, como Sabios pregoeiros da sua gloria. Renaçãõ a nova vida animados pelo sublime espirito de V. Magestade no seculo mais glorioso, que computou a Monarchia Portugueza por nelle se admirar dominando a Sabedoria com enveja dos Augustos, Vespasianos, e Constantinos dos quaes taõ soberbamente se vangloriou Roma Gentilica, e Catholica. A natural benevolencia com que V. Magestade protege aos Estudiosos me animou a offerecer-lhe esta Encyclopedia composta de todas as sciencias cultivadas pelos engenhos Portuguezes mais estimavel pela materia que pela forma que lhe deu a grossaria do meu estilo, e adissonancia das minhas vozes. Naõ aspira a mayor premio o incansavel disvelo que appliquei para taõ alta empreza do que ser patente á alta comprehensãõ de V. Magestade que tudo se dedicou em obsequio desta Monarchia, sempre respeitada pelas Armas, e agora mais gloriosa pelas letras, da qual seja V. Magestade Soberano Arbitro por tantos annos quantos sãõ os Vassallos, que lhe obedecem nas quatro partes do Mundo medindo-se a duraçãõ do seu Reynado pela suavidade do seu dominio.

PROLOGO A' BIBLIOTHECA LUSITANA

DE todas as producçoens litterarias, com que os mayores Sabios eternizàraõ a sua fama nos Annaes da Posteridade, nenhuma lhes mereceo mais gloriosos elogios, e celebres applausos que o laborioso estudo de huma Bibliotheca, onde pelo impulso das suas pennas renacem a nova vida os Escriutores, que a tinhaõ alcançado immortal na Republica das Letras. Saõ as Bibliothecas ou dipostas por ordem Alphabetica, como observáraõ huns, ou Chronologica, como seguiráõ outros, aquelles eruditos Amphitheatros em cuja espaçosa circumferencia apparecem animados os Oraculos de todas as sciencias, que para nunca emmudecerem deixáraõ impressa nos fecundos partos dos seus engenhos a mais nobre de todas as potencias. Nellas se fazem patentes as Patrias, que illustráraõ com os seus nascimentos, como os lugares que foraõ Religiosos depositos das suas cinzas. Relataõ-se as acçoens memoraveis das suas vidas para documentos exemplares da vida moral, e politica. Com a luz sempre clara da Chronologia se desterraõ as sombras dos Anacronismos, que confundem a verdadeira Epocha dos Annos. Restitue-se ao seu verdadeiro Author a obra injustamente usurpada pela affectada sciencia dos Plagiarios. Defende-se com fundamentos solidos o berço em que se animáraõ alguns de seus illustres filhos contra a opiniaõ mal fundada de outras Naçoens ambiciosas de taõ grande gloria. Apparece justificada a innocencia de outros falsamente acusada no Tribunal da maledicencia. Declara-se o nome de muitos modesta, ou maliciosamente occulto, e com enigmaticas figuras de anagrammas, e letras iniciaes disfarçado. Refuscitaõ das urnas dos Archivos as Obras *M. S.* a quem a Arte Typographica negou o beneficio da luz publica. Ultimamente se assinaõ as diversas impressoens de cada livro, e qual dellas seja a mais correcta, e estimavel. Esta he a universal Anatomia de huma Bibliotheca dividida nas partes organicas, que lhe formaõ o corpo, de cujo estudo foraõ professores em todas as idades os primeiros Varoens da Republica Litteraria, escrevendo huns genericamente a noticia dos Authores eminentes em diversas Faculdades, e

naturaes de diferentes Paizes; outros contrahindo-se a menor esfera applicáraõ as suas vigalias nos Elogios de huma Sagrada Familia, ou illustre Naçaõ querendo com este obsequio eternizar as glorias da Mãy, de que naceraõ espiritalmente para o Ceo, e temporalmente para o mundo.

Innumeravel foy a multidaõ de Authores, que seguiraõ a vasta idea das Bibliothecas Geraes extendendo os voos das suas pennas pela dilatada circumferencia de todos os Reynos, e Universidades do mundo, sendo os principaes Jeremias Paduano 1. Conrado Gesner 2. adicionado com dous mil escriptores por Josias Simler 3. Joaõ Jacobo Friz 4. e Roberto Constantino 5. Guilherme Pastregio 6. Conrado Lycosthenes 7. Paulo Jovio 8. Joaõ Jacobo Boissardo 9. Heningio Grossio 10. Julio Cesar Capassi 11. Marchardo Leo 12. Jorge Draudio 13. Valerio André de Deschel 14. Vicente Paravicino 15. Jacobo Filippe Opicello 16. Henrique Oreo 17. Thomaz Erpenio 18. Jacobo Filippe Thomasio 19. Joaõ Imperial 20. Jodoco à Dudinck 21. Jano Nicio Erithreo, aliàs Joaõ Vitorio de Rossis 22. Jeronymo Ghilino 23. Jacobo Gaddi 24. Filippe Labbe 25. Joaõ André Questad 26. Joaõ Henrique Hottinger 27. Pedro Lambecio 28. Lourenço Crasso 29. Theophilo Spizelio 30. Joaõ Henrique Boeclero 31. Antonio Reifero 32. Vicente Placcio 33. Joaõ Hallefordio 34. Joaõ Jorge Schialen

1. *De Auctoribus Scientiarum*. Venetiis. 1505. 4.
2. *Bibliotheca Universalis*. Tiguri 1545. fol. 3. Tiguri 1555. fol. 4. ibi 1583. fol. 5.
3. *Nomenclator insignium Scriptorum*. Paris. 1555. 4.
4. 6. *De Scriptis virorum illustrium*. Venetiis. 1547. 8.
5. 7. *Elenchus Scriptorum omnium veterum, & recentiorum*. Basileæ. 1551. 4.
6. 8. *Elogia virorum litteris illustrium*. Basileæ. 1577. fol. 9.
7. *Icones virorum illustrium doctrina, & eruditione præstantium*. Francof. 1592. 1593. 1599. 4. Tom. 4.
8. *Bibliotheca, sive Thesaurus complectens illustrium doctrina virorum effigies, & vitas*. Francof. 1628. 1631. 4. Tom. 4.
9. 10. *Elenchus librorum ab an. 1593. usque ad 1600. in Romano Imperio novorum vel auctorum*. Lipsiæ 1604. 4.
10. 11. *Illustrium mulierum, & illustrium litteris virorum elogia*. Neapoli 1608. 4.
11. 12. *Enumeratio methodica Scriptorum totius Occidentis Meridiei, & Orientis Ecclesiarum*. Ingolstadii 1610. 13.
12. *Bibliotheca Exotica Classica* Francof. 1610. 4. 2. Tom. 14.
13. *Imagines DD. virorum elogiis illustratæ*. Antwerp. 1616. 8.
14. 15. *De viris eruditione claris*. Basil. 1613. 8.
15. 16. *Monumenta Bibliothecæ Ambrosianæ*. Mediolan. 1618. 17.
16. *Nomenclator præcipuorum Scriptorum*. Hanoviæ 1619. 12.
17. 18. *Catalogus librorum Orientalium*. Lugd. Bat. 1625. 4.
18. 19. *Elogia virorum litteris, & Sapiaentia illustrium* Patavii. 1630. 4.
19. 20. *Musæum Historicum* Venet. 1640. 4.
20. 21. *Bibliothecariographia*. Colon. 1643. 4.
21. 22. *Pinacotheca Imaginum illustrium virorum*. Coloniae Agrip. 1643. 8.
22. 23. *Theatro d' huomini letterati*. Venet. 1647. 4.
23. 24. *De Scriptoribus non Ecclesiasticis Græcis, & Latinis*. Florentiæ. 1648. fol. 25.
24. 25. *Specimen novæ Bibliothecæ*. M. S. Parisiis 1653.
25. 26. *Bibliotheca Bibliothecarum*. ibi. 1666. 8.
26. 27. *De Patriis illustrium doctrina, & Scriptis virorum*. Witembergæ. 1645. 4.
27. 28. *Promptuarium. sive Bibliotheca Orientalis*. Heldeberg. 1658. 4.
28. 29. *Bibliotecarius Quadripartitus*. Tiguri 1664. 4.
29. 30. *Prodromus Historiæ litterariæ*. Hamburgi 1669. fol. 29.
30. 31. *Elogii d' huomini letterati. Venetia*. 1666. 4. 2. Tom. 30.
31. 32. *Theatrum Honoris reseratum*. Aug. Wind. 1673. 4.
32. 33. *Bibliographia critica*. Lipsiæ 1715. 4.
33. 34. *Index M. S. Bibliothecæ Augustanæ*. Aug. Vindel. 1675. 4.
34. 35. *Theatrum Anonymorum, et Pseudonymorum* Hamburgi. 1608. fol. 34.
35. *Bibliotheca Curiosa*. Regiomonti 1676.

35. Ifaac Bullart 36. Pedro Bayle 37. Martinho Lipenio 38. Antonio Teiffier 39. Joaõ le Clerc 40. Henrique Bafnage 41. Jorge Mathias Konig 42. Daniel Jorge Morhof 43. Paulo Frehero 44. Thomaz Pope Blount 45. Gaspar Thurmano 46. Federico Salburgio 47. Joaõ André Schimidio 48. Belchior Adaõ 49. Marcardo Gudio 50. Carlos Ancillon 51. Burchardo Gotofredo 52. Joaõ Bautifta Rollio 53. Joachim Mantzel 54. Affonfo Lazor de Varea 55. Christiano Henrique 56. Richardo Simon 57. Joaõ Alberto Fabricio 58. Ernesto Cypriano 59. Joaõ Henrique Sallengre 60. Joaõ Kalefero 61. Jozeph Simaõ Afleman 62. Joaõ Conrado Zeltnero 63. Joaõ Jacobo Mofero 64. Tobias Echard 65. Joaõ Burchard Mencke 66. Antonio Baldeffarri 67. Adriaõ Bailet 68. Joaõ Marangoni 69. Fr. Affonfo Chacon 70. e D. Bernardo Montfaucon Monge da Congregaçaõ de Santo Amaro.

35. *Bibliotheca enucleata, seu Aurifodina artium omnium.* Viennæ 1679. 4. 36. *Academie des Sciences, & des Arts contenant les vies, & les Eloges historiques des Hommes Illustres.* Amsterd. 1682. fol. 37. *Nouvelles dela Republique des letres.* Amsterd. 1684. até 1718. 40. Tom. 12. 38. *Bibliotheca realis Theologica Juridica Medica &c.* Francof. 1685. fol. 5. Tom. 39. *Catalogus AA qui librorum Catalogos Indices Bibliothecas viror. litterat. elogia vitas scriptis consgnarunt.* Genevæ 1686. 4. *Eloges des Hommes Scavans.* Leiden 1715. 12. 4. Tom. 40. *Bibliothèque universelle, e Historique.* Amst. 1686. 12. 26. Tom. *Bibliothèque ancienne, e moderne.* Amst. 1714. 12. 29. Tom. 41. *Histoire des Ouvrages des Scavans.* Amst. 1687. 12. 25. Tom. 42. *Bibliotheca vetus, & nova.* Altorfij 1678. fol. 43. *Polyhistor.* Lubeccæ. 1708. 4. 44. *Theatrum virorum eruditione clarorum.* Norimbergæ 1688. fol. 45. *Censura celebriorum Auctorum.* Genevæ 1694. 4. 46. *Bibliotheca Academica.* Halæ. 1700. 4. 47. *Catalogus codicum Græcorum M. S. olim Bibliothecæ Palatinæ, nunc Vaticanæ.* Francof. 1701. 4. 48. *Commentationes de Scriptis, & Bibliothecis Antediluvianis.* Helmft. 1702. 3. Tom. 4. 49. *Dignorum laude virorum quos Musa vetat mori immortalitas.* Francof. 1706. fol. 2. Tom. 50. *Bibliotheca omnium studiorum genere instructissima.* Hamburgi 1706. 4. 51. *Memoires concernant les vies e les ouvrages de plusiurs modernes celebres dans le Republique des Lettres.* Amsterd. 1709. 12. 52. *Bibliotheca antiqua* Jenæ. 1710. 4. 2. Tom. *Bibliotheca librorum rariorum ibi* 1719. 4. 53. *Bibliotheca nobilium Theologorum, Philosophorum, Oratorum Poetarum &c.* Rostochij 1709. 8. 2. Tom. 54. *De Georgiis fama, & eruditione claris.* Gustroviæ. 1712. 4. 55. *Universus terrarum orbis Scriptorum calamo delineatus.* Patavii. 1713. fol. 2. Tom. 56. *Vitæ eruditissimorum in re litteraria virorum* Uratislavix. 1711. 8. 57. *Nouvelle Bibliothèque Choïse.* Amsterd. 1714. 2. Tom. 12. 58. *Bibliographia antiquaria.* Hamburgi. 1713. 4. 59. *Catalogus codicum M. S. Bibliothecæ Gothanæ.* Lipsiæ. 1714. 4. 60. *Memoires de Litterature.* Haye 1715. 8. 3. Tom. 61. *Bibliotheca eruditorum præcocium.* Hamburgi. 1717. 8. 62. *Bibliotheca Orientalis Clementino Vaticana.* Romæ 1719. fol. 4. Tom. 63. *Theatrum virorum eruditorum.* Norimbergæ 1720. 8. 64. *Bibliotheca M. S. anedoctorum, eorumque historicorum.* Norimbergæ. 1722. 4. 65. *Catalogus codicum. M. S. Quodlimburgensium.* Quodlimburgi 1723. 4. 66. *Bibliotheca Menckeniana.* Lipsiæ. 1723. 8. 67. *Compendioso Rîfretto delle vite de personagi alcumi illustri per la Scienza.* Venet. 1724. 8. 68. *Jugemens des Scavans sur les principaux Ouvrages des Auteurs.* Pariz 1725. 4. 7. Tom. 69. *Thezaurus Parochorum scriptis, aut editis operibus illustrium.* Romæ 1730. 4. 70. *Bibliotheca libros, & Scriptores fermè cunctos ab initio mundi ad ann. 1583. ordine alphabetico complectens.* Parisiis 1731. fol.

71. alem de outros Autores que naõ declararaõ os seus nomes, como saõ o *Journal des Scavans*. 72. *Giornale de Letterati*. 73. *Acta eruditorum Lipsiæ* 74. *Memoires pour l' Histoire des Ouvrages des Scavans* 75. *Histoire critique dela Republique des Letres* 76. *Journal Litterarie* 77. *Bibliothèque raisonnée des Ouvrages des Scavans del' Europe* 78. *Lettres Serieuses sur les Ouvrages des Scavans* 79. *Nouvelle de la Republika delle lettere* 80.

A mais sublime esfera se remontaraõ os Authores das Bibliothecas que comprehendem os Interpretes de hum, e outro Testamento, e a Veneravel Serie dos Escriitores Ecclesiasticos. Dos Expositores da Palavra de Deos escrita compuzeraõ Fr. Angelo Rocca 81. Fabiaõ Justiniano 82. André Scoto 83. Pedro Daniel Huet 84. Claudio Lancelloto 85. Richardo Simon 86. Joaõ Frederico Mayer 87. Carlos Arndio 88. Joaõ Frederico Wildes haufen 89. Adaõ Rechembergio 90. Jacobo Lelong. 91. Pedro Zornio 92. Nicolào Alardi 93. Paulo Bolduano 94. e D. Agostinho Calmet Monge Benedictino 95. A esta classe pertencem as Bibliothecas Rabbinnicas compostas por Joaõ Buxtorfio 96. Joaõ Plantavi 97. Joaõ Henrique Ottinger 98. D. Julio Bartolocci 99. D. Carlos Jozeph Imbonati 100. ambos Monges Cistercienses, Scabtai Ben Jozeph 101. Joaõ Christovaõ Wolfio 102.

Dos Escriitores Ecclesiasticos o primeiro que intentou esta empreza, e gloriosamente a conseguiu, foy Eusebio Cefariense, cuja idea imitou S. Jeronymo escrevendo daquelles Authores, que floreceraõ depois da morte de Christo Senhor Nosso até o anno decimo quarto do Imperio de Theodosio o Velho seguindo a Bruto no Dialogo dos Oradores, e a Suetonio em os dous livros

71. *Bibliotheca Bibliothecarum M. S. nova*. Pariz 1739. fol. 2. Tom. 72. Amsterd. 1665. até 1733. 12. 100. Tom. 73. Roma. 1663. 3. Tom. 4. 74. Lipsiæ 1682. até 1733. 4. 65. Tom. 75. Trevoux 1701. 12. 118. Tom. 76. Amsterd. 1712. 12. 15. Tom. 77. Haye. 1713. 8. 30. Tom. 78. Amsterd. 1728. 8. 11. Tom. 79. Haye 1729. 8. 8. Tom. 80. Venetia 1729. 4. 5. Tom. 81. *Bibliotheca Theologica, sive Scripturalis Epitome*. Romæ 1594. 8. 82. *Index universalis Alphabeticus*. Romæ 1612. fol. 83. *Catalogus Catholicorum Sacrae Scripturae interpretum qui Serie librorum veteris, ac novi Testamenti scripserunt*. Jenæ. 1614. 4. 84. *De claris Interpretibus*. Parisiis 1661. 4. 85. *Chronologia Sacra cum Synopsi Scriptorum Veteris, ac novi Testamenti*. Parisiis 1662. fol. 86. *Histoire critique des principaux Commentateurs du N. T.* Roterdam 1693. 4. 87. *Bibliotheca Biblica*. Francof. 1709. 4. 88. *Bibliotheca Biblica*. Rostochij 1713. 4. 89. *Bibliotheca disputationum in vetus, & Novum Testamentum*. Hamburgi 1710. 4. 90. *Hiero Lexicon Biblico-Theologicum*. Lipsiæ 1724. 4. 2. Tom. 91. *Bibliotheca Sacra*. Parisiis 1723. fol. 2. Tom. 92. *Bibliotheca antiquaria, & exegetica in univrsam Scripturam Sacram*. Francof. 1724. 8. 4. Tom. 93. *Bibliotheca Harmonico-Biblica*. Hamburgi 1725. 8. 94. *Elenchus Scriptorum qui in Sacros Biblicos libros veteris ac novi Testamenti scripserunt*. Jenæ 1614. 4. 95. *Bibliothèque sacrè, ou Cataloge des meilleurs livres que l' on peut lire pour acquerir l' intelligence del' Ecriture*. Pariz. 1730. fol. 96. *Bibliotheca Rabbinnica*. Bafilæ. 1604. 8. 97. *Bibliotheca Rabinica*. Tolosæ 1644. 4. 98. *Bibliotheca Orientalis*. Heidelbergæ 1658. 4. 99. *Bibliotheca magna Rabinica*. Romæ 1672. fol. 4. Tom. 100. *Bibliotheca Latino-Hebraica*. Romæ 1694. fol. 101. *Labia Dormientium*. Amstelod. 1680. 4. 102. *Bibliotheca Hebræa*. Hamburgi 1715. 4.

de *Grammaticis, & Rhetoricis*. Continuaraõ com louvavel emulaçaõ este assumpto Genadio, Santo Isidoro, Santo Ildefonso, Sigisberto, Honorio, Henrique de Gandavo, o Abbade Joaõ Trihemio 103. criticado de varios defeitos assim na Historia, como na Chronologia por Gaspar Sciopio de *Origine domus Austriacæ* a quem addicionou Balthezar Werlino 104. Suffrido Pedro 105. Fr. Xisto Senense 106. cuja obra foy julgada pela severa critica de Richardo Simon *Histoir. Critiq. du Veaux Testam. Liv. 3. cap. 17.* digna de contribuir muito para a intelligencia dos Livros Sagrados. O P. Antonio Possentino 107. louvado de sumamente erudito por Vossio Lib. 3. de *Historicis Latinis*. O Cardeal Roberto Bellarmino 108. illustrado pelo P. Philippe Labbe 109. e André de Saufay 110. André Riveto 111. que na critica, que fez aos Authores dos primeiros seis Seculos cahio em muitos erros hallucinado com a cega paixãõ que professava contra os Catholicos. O P. Pedro Halloix 112. Auberto Mireo 113. addicionado por Auberto Vandeneede 114. Fr. Luiz Jacobo de Saõ Carlos 115. Jacobo Gronovio 116. Gerardo de Quodlimbourg. 117. Pedro Labbe 118. O Cardial Joaõ Bona 119. Guilherme Eisigrein, e Mathias Flack 120. Luiz Elias Dupin 121. cuja obra foy doutamente criticada por D. Matheos Pititdidier Monge Bento 122. e Richardo Simon 123. arguindoa de defeituosa assim na intelligencia de algumas autoridades, como na fidelidade das allegaçõens. Sahio illustrada pelo Abbade Goujet 124. continuando a noticia dos Escretores do Seculo Decimo Outavo. Severo Walton 125. D. Nicolãõ de Nourry

103. *De Scriptoribus Ecclesiasticis*. Moguntia. 1494. 4. 104. *Coloniae* 1545. 4. 105. *De illustribus Ecclesiae Scriptoribus*. Coloniae. 1580. 8. 106. *Bibliotheca Sancta*. Coloniae 1586. fol. 107. *Bibliotheca Selecta*. Romae 1593. fol. 2. Tom. *Apparatus Sacer de Scriptoribus Ecclesiasticis*. Colon. 1607. fol. 2. Tom. 108. *De Scriptoribus Ecclesiasticis*. Coloniae 1612. 8. 109. *De Scriptoribus Ecclesiasticis Philologica, & Historica Dissertatio*. Parisiis 1660. 8. 2. Tom. 110. *Tulli Leucorum* 1665. 4. 111. *Criticus Sacer, sive Specimen de Scriptis Patrum*. Dordrecht 1619. 8. 112. *De illustribus Ecclesiae Orientalis Scriptoribus*. Duaci. 1633. fol. 2. Tom. 113. *Bibliotheca Ecclesiastica*. Antwerp. 1639. fol. 114. Antwerp. 1649. fol. 115. *Bibliotheca Pontificia, seu de omnibus Romanis Pontificibus, qui Scriptis claruerunt*. Lugduni 1643. 4. 116. *Observationes in Scriptores Ecclesiasticos*. Daventriae 1652. 12. 2. Tom. 117. *Patrologus, sive de Primitivae Ecclesiae Christianae Doctorum vita*. Jenae. 1653. 8. 118. *Bibliotheca Chronologica Sanctorum Patrum Theologorum, Scriptorumque Ecclesiasticorum ab orbe condito ad ann. Christianae Aerae* 1500. Parisiis 1659. 24. 119. *Divina Psalmodia*. Romae 1663. onde traz hum Cathalogo dos Autores Liturgicos 120. *Cathalogus Testium Veritatis ab anno 1563. ad an. 1666*. Moguntia. 1666. 4. 121. *Nowelle Bibliotheque des Auteurs Ecclesiastiques*. Pariz 1686. 8. *Bibliotheque des Auteurs Ecclesiastiques du 17. Siecle*. Pariz 1708. 8. 3. Tom. *Biblioth. des Auteurs Eccles. du 18. Siecle*. ibi. 1718. 8. *Table universel des Auteurs Eccles. disposes par Ordre Chronologique*. Pariz 1704. 8. 5. Tom. *Bibliotheque des Auteurs Eccles. Separes dela comunion del' Eglise* ibi 1718. 8. 4. Tom. 122. *Remarques sur l' Biblioth. des Auteurs de Mr. Dupin* Pariz 1691. 8. 3. Tom. 123. *Critique dela Bibliotheque des Auteurs Eccles. publies per Mr. Elias Dupin*. Pariz. 1730. 8. 4. Tom. 124. *Bibliotheque des Auteurs Eccles. du Dix-huitieme Siecle*. Pariz 1736. 8. 3. Tom. 125. *Propyleum Historiae Christianae sistens enarrationem Scriptorum veterum, atque recentiorum*. Lipsiae. 1696. 4.

126. Guilherme Cave 127. Joaõ Gotofredo Oleario 128. Thomaz Ittigio 129. Joaõ Alberto Fabricio 130. Jorge Jozeph Egss 131. Fr. Natal Alexandre 132. Casimiro Oudin 133. obra certamente douta se a naõ manchara com alguns vituperios contra os Santos Padres procedidos da duplicada apostasia que fez das Religioens Catholica, e Premonstratense em que era professo. D. Edmundo Martene, e Ursino Durand Monges da Congregaçaõ de Santo Amaro 134. Fr. Ignacio Jacinto Amat de Graveffon 135. D. Remigio Ceilliers 136. e a *Nova Bibliotheca, sive Notitia Scriptorum Ecclesiasticorum veterum, ac recentiorum* modernamente publicada 137. em hum grande volume de. folha que unicamente contem a letr. A.

Entre esta famosa Classe das Bibliothecas dos Escriutores Ecclesiasticos brilhaõ como Astros da primeira grandeza as das Familias Religiosas, cujos Claustros foraõ em todos os Seculos as Escolas da mais pura, e solida doutrina. Eternizaraõ as Obras dos Authores da augusta, e monastica Religiaõ de S. Bento o Abbade Joaõ Trithemio 138. Pedro Ricordato 139. Arnaldo Wion 140. Martinho Martier 141. Pedro Diacono 142. Gabriel Bucelino 143. Matheos Weiss 144. Bernardo Pez 145. Felippe le Cerf 146. Mariano Armellino 147. e Erasmo Gattula 148. Da Familia Cisterciense frondoso ramo de taõ fecunda arvore escreveraõ Gaspar Jongellino 149. Chrisostomo Henriques 150. Bertrando Tissier 151. Carlos Vifch.

126. *Apparatus ad Bibliothecam maximam Patrum Veterum, & Scriptorum Ecclesiasticorum*. Lugduni. 1703. fol. 2. Tom. 127. *Scriptores Eccles. Historia litteraria a Christo nato usque ad Sæculum XIV*. Genevæ 1705. fol. 128. *Bibliotheca Scriptorum Ecclesiasticorum* Jenæ. 1711. 4. 2. Tom. 129. *De Scriptoribus, & Scriptis Ecclesiasticis*. Lipsiæ. 1709. 4. 130. *Syllabus Scriptorum de veritate Religionis Christianæ*. Hamburgi 1725. 4. *Bibliotheca Ecclesiastica, sive Nomenclatores de Scriptorib. Eccles. collecti, & notis illustrati*. ibi 1718. fol. 131. *Pontificium doctum*. Coloniae 1718. fol. *Purpura docta, sive vitæ S. R. E. Cardinalium eruditione, & scriptis clarorum*. Aug. Vind. 1714. fol. 4. Tom. 132. *Historia Ecclesiast. Veteris, atque Novi Testamenti* Parisiis 1719. fol. 8. Tom. 133. *Commentarii de Scriptoribus Ecclesiæ antiquis*. Lipsiæ 1722. fol. 3. Tom. 134. *Veterum Scriptorum monumenta historica*. Pariz. 1724. fol. 9. Tom. 135. *Historia Eccles. variis colloquijs digesta* Augustæ. Vind. 1727. fol. 136. *Histoire general des Auteurs Sacrés Ecclesiastiques*. Pariz. 1729. 4. 5. Tom. 137. Coloniae. 1734. fol. 138. *De viris illustrib. Ord. S. Bened. Coloniae* 1575. 4. 139. *Historia Monastica*. Roma 1575. 4. 140. *Lignum vitæ in quo viri dignitate doctrina Sanctitate, ac principatu clari ex Ordine Benedictino describuntur*. Venetiis. 1595. 4. 141. *Bibliotheca Cluniacensis*. Parisiis. 1614. fol. 142. *De viris illustribus Cassinensib.* Romæ. 1655. 8. 143. *Aquila Imperii Benedictina cujus ordinatissima pennarum serie Monachorum Ord. S. Bened. de Imperio universo amplissima, & immortalia merita adumbrantur*. Venetiis 1651. 4. *Monologium Benedictinum*. Veldkirchii. 1655. fol. 144. *Lyceum Benedictinum*. Parisiis 1661. 8. 145. *Bibliotheca Benedicto-Mauriana*. Aug. Vind. 1716. 8. 146. *Bibliothèque historique, & Critique des Auteurs dela Congregation de S. Maur*. Haye 1726. 8. 147. *Bibliotheca Benedictino-Cassinensis*. Aliffii 1731. fol. 148. *Historia Abbatiae Cassinensis per sæculorum seriem distributa*. Venetiis 1733. fol. 149. *Elogia Cisterciensium Monachorum*. Coloniae 1640. fol. 150. *Phœnix reviviscens, seu Scriptores Ord. Cisterc.* Bruxellæ. 1626. 4. 151. *Bibliotheca PP. Cisterciensium*. Bonofonte 1660. 3. Tom.

152. Claudio Chalmot 153. Angelo Manrique 154. D. Carlos Jozeph Morot. 155. e D. Agostinho Sartorio 156. Da Congregaçãõ Camaldufense, Archangelo Haftivillo 157. da de Valumbrofa; Venantio Simio 158. e dos Celestinos hum author Anonymo 159. Dos Cartuxos Pedro Dorlando 160. Theodoro Petreo 161. e Carlos Morot 162.

Da Religiaõ Canonica Augustiniana D. Gabriel Pennoto 163. e D. Celso Rosino 164. escreveraõ os Cathalogos dos seus Authores. Illustraraõ os nomes dos Sabios filhos da Ordem Dominicana de que sempre foy fecunda Mãe Fr. Antonio de Senna 165. Leandro Alberti 166. Ambrosio Gozzeo 167. Affonso Fernandes 168. Antonio Mallet 169. Ambrosio Almaturo 170. e Jacobo Quetif com Jacobo Echard 171. cuja obra he digna da mayor estimaçãõ pelo immenso trabalho, e judiciofa critica com que està composta. Da immensa Familia Seráfica manifestaraõ os Scientificos Thezouros Henrique Willot 172. Henrique Sedulio 173. Lucas Wadingo 174. Angelo de S. Francisco 175. e modernamente Fr. Joaõ de Santo Antonio 176. como tambem Fr. Dionisio de Genova da austera Reforma dos Capuchinos 177. e dos Conventuaes Fr. Joaõ Franchini de Modena 178. Das Obras dos Eremitas de Santo Agostinho foraõ Panegyristas Fr. Thomaz Gratiano 179. Nicolào Crufen 180. Cornelio Curtio 181. Filippe Elfo

152. *Bibliotheca Scriptorum Sacri Ord. Cisterc.* Coloniae 1656. 4. 153. *Series vir. illustr. Ord. Cisterc.* Parisiis 1666. 4. 154. *Annales Cistercienses.* Lugd. 1642. fol. 4. Tom. 155. *Cistercii reflorescentis Chronologica Historia.* Augustæ Taurinorum 1690. fol. 156. *Cisertium Bis-Tertium, seu Historia elogialis Ord. Cisterc.* Pragæ 1700. fol. 157. *Romualdina, seu Eremitica Camaldusensis Ord. Historia* Parisiis 1631. 12. 158. *Catalogus vir. illustr. Congreg. Vallis umbrosæ.* Romæ 1693. 4. 159. *Cælestinorum Congregationis vir. illustr. elogia historica.* Pariz 1719. fol. 160. *Chronicon Carthusiense.* Colon. 1608. 8. 161. *Bibliotheca Carthusiana.* Colon. 1609. 8. 162. *Theatrum Chronolog. Ord. Carthuf.* Taurini. 1681. fol. 163. *Generalis totius Sacri Ordinis Clericorum Canonicorum Historia Tripartita* Romæ 1624. fol. 164. *Lyceum Lateranense illustrium Scriptorum Sacri Apostolici Ordinis Clericorum Can. Reg. Cæsenæ.* 1652. fol. 2. Tom. 165. *Bibliotheca viror. insignium Ord. Frat. Præd.* Parisiis 1585. 8. 166. *De viris illustribus Ordinis Dominicani.* Bononiæ 1517. fol. 167. *Catalogus virorum ex familia Prædicatorum in litteris insignium.* Venetiis 1605. 8. 168. *Concertatio Prædicatoria cum notitia Scriptorum ejusdem Sacræ Familiæ Salmanticæ* 1615. fol. 169. *Historia virorum illustrium Conventus S. Jacobi Parisiensis Ord. Præd.* Parisiis. 1634. 4. 170. *Bibliotheca Dominicana.* Romæ 1677. fol. 171. *Scriptores Ord. Præd. recentissimi.* Parisiis 1719. fol. 2. Tom. 172. *Athenæ Orthodoxorum Sodalitii Franciscani.* Leodii. 1598. 8. 173. *Historia Seraphica* Antuerpiæ 1613. fol. 174. *Scriptores Ordinis Minorum.* Romæ 1650. fol. 175. *Catalogus Scriptorum Illustrium Seraphici Ordinis* Duaci 1649. 4. 176. *Bibliotheca universa Franciscana.* Madriti. 1732. fol. 3. Tom. 157. *Bibliotheca Scriptorum Ord. Min. S. Francisci Capuccinorum.* Genuæ. 1691. fol. 178. *Bibliofopia, e Memorie Letterarie de Scrittori Franciscani Conventuali.* Modena 1693. 4. 179. *Anastasis Augustiniana in qua Scriptorum Ord. Eremit. S. Aug. prisici simul, & Neoterici in seriem digesti sunt.* Antuerp. 1613. 8. 180. *Monasticum Augustinianum.* Monachii 1623. fol. 181. *Virorum illustrium exOrdine Eremitarum D. Augustini Elogia.* Antuerpiæ 1636. 4. cum fig.

182. Thomaz Herrera 183. Agostinho Maria Arpe 184. e Domingos Antonio Gandolfi 185.

Formàraõ os Cathalogos dos Authores da Religiaõ Carmelitana Joaõ Trithemio 186. Fr. Pedro Lucio 187. Fr. Joaõ Maria Pensa 188. Marco Antonio Alegre de Cafanate 189. Fr. Daniel da Virgem Maria 190. Fr. André de Saõ Nicolào 191. Joaõ Grosso 192. e do Carmelo reformado modernamente Fr. Marçal de Saõ Joaõ Bautista 193. Dos Premonstratenses Pedro de Vuachenare 194. Dionizio Mudzaert 195. e Joaõ Chriofostomo Vander Steerre 196. Dos Minimos Francisco Lanoy 197. Com estilo elegante, e discreto relatou o P. D. Jozé Silos 198. os Escritores da Congregaçaõ dos Clerigos Regulares Theatinos, cuja empreza profeguido D. Caetano Maria Cottono 199. sendo o ultimo ornato deste numerofo esquadraõ de homens Sabios a Companhia de JESUS, cujas pennas acrecentàraõ as azas da fama para espalhar por todo o mundo a profunda Sabedoria dos seus alumnos de que foraõ interpretes os Padres Pedro da Ribadaneira 200. Filippe Alegambe 201. e Nathanael Sottuel 202. nas suas doudas Bibliothecas.

A esta numerosa Classe de Bibliothecas, em que se comprehendem os Varoens sabios, que floreceraõ em diversas sciencias, se seguem aquellas que particularmente trataraõ dos Professores de cada Faculdade, como foraõ dos Theologos Joaõ Engerdo 203. Joaõ Zanachio 204. Paulo Bolduano 205. Belchior Adaõ

182. *Encomiasticon Augustinianum in quo personæ Ord. Eremit. S. August. Sanctitate, Prælatura, Legationibus, Scriptis præstantes emarrantur.* Bruxellis 1654. fol. 183. *Alphabetum Augustinianum.* Matriti 1654. fol. 184. *Panttheon Augustinianum sive Elogia virorum Illustrium Ord. Eremit. S. P. Augustini æra chronologica, & crisi illustrata.* Genuæ 1709. 4. 185. *Dissertatio historica de ducentis Augustinianis Scriptoribus.* Romæ. 1704. 4. 186. *Catalogus Scriptorum Ordinis de Monte Carmelo.* Antuerpiæ 1570. 8. 187. *Carmelitana Bibliotheca, sive illustrium aliquot Carmelitanæ Religionis Scriptorum, & eorum operum Catalogus.* Florentiæ 1593. 4. 188. *Theatro degli huomini piu illustri dela Familia Carmelitana.* Mantova 1628. 4. 189. *Paradisus Carmelitici Decoris. In eo virorum illustrium elogia, & nonnullorum Carmelitarum, qui resgestas sui Ordinis scripsere, anacephalæotica collectio.* Lugduni 1639. fol. 190. *Speculum Carmelitanum, seu Historia Eliani Ordinis Fratrum B. M. V. de Monte Carmelo.* Antuerpiæ 1680. fol. 4. Tom. 191. *Catalogue des tous les Ouvrages des religieux de son Ordre.* Befançon. 1701. 4. 192. *De viris illustribus Ord. Carmelitarum.* Venetiis 1507. fol. 193. *Bibliotheca Scriptorum utriusque Congregationis, & sexus Carmelitarum Excalceatorum.* Burdigalæ 1730. 4. 194. *Vita S. Norberti, & aliorum.* Duaci 1637. 8. 195. *Historia Ecclesiastica Belgica.* Antuerpiæ 1624. fol. 2. Tom. 196. *Hagiologium Præmonstratense.* Antwerp. 1627. 8. 197. *Chronicon generale Ord. Minimorum in quo recensentur illustres ex eo Ordine Scriptores.* Parisiis. 1635. fol. 198. *Catalogus Scriptorum Congregationis Clericorum Regularium.* Panormi 1666. fol. 199. *De Scriptoribus Venerabilis domûs Divi Jozepi Clericorum Regularium urbis Panormi ibi 1733.* fol. 200. *Illustrium Scriptorum Religionis Societatis JESU Catalogus.* Antuerpiæ 1608. 8. 201. *Bibliotheca Scriptorum Societatis JESU.* Antuerpiæ 1643. fol. 202. *Bibliotheca Scriptorum Societ. JESU.* Romæ 1676. fol. 203. *De Theologiæ Professoribus in Acad. Ingolstadiensi.* Ingolstadii 1581. 4. 204. *Bibliotheca Theologica.* Servestæ 1606. 4. 205. *Bibliotheca Theologica.* Jenæ 1614. 4.

206. Pedro Labbe 207. Martinho Kempio 208. Henrique Witen 209. Christovaõ
 Christiano Sande 210. Martinho Lipenio 211. Gotofredo Arnoldo 212. Henrique
 Peping 213. Egidio Strauchio 214. Henrique Rollio 215. Pedro Poiret 216.
 Jorge Henrique Goetzio 217. Joaõ Christovaõ Blumio 218. Joaõ Gaspar Zeu-
 mero 219. *Bibliotheca Historico Philologico Theologica* 220. Bibliotheque Janse-
 nistique 221. Bernardo Pez Monge Benedictino 222. Gustavo Jozeph Zeltnero
 223. Jacobo Verheiden 224. Joaõ Tillemano Schenck 225. D. Joaõ de Sianda
 226. Joaõ Molano 227. Belchior Fischlin 228. Joaõ Antonio Strubberg. 229.

Dos Professores da Jurisprudencia Pontificia, e Cesarea escreveraõ Joaõ
 Fichardo 230. Bernardino Gasnero 231. Joaõ Lorichio 232. Marcos Mantua
 233. Antonio Morné 234. Belchior Adaõ 235. Christiano Gottel 236. Theodoro
 Eberto 237. David Doringo 238. Guido Pancirolo 239. M. H. Winten 240.
 Diniz Simaõ 241. Brocardo Gotofredo Struvio 242. *Bibliotheca Juris Imperan-
 tium* 243. e Antonio Ouffelio

206. *Vitæ Germanorum Pseudo Theologorum*. Heidelbergæ 1620. 8. 207. *Bibliotheca
 Anti-Janseniana, sive Catalogus piorum, eruditorumque Scriptorum qui Cornelii Jansenii hæreses,
 errores, ineptiasque oppugnarunt*. Parisiis 1654. 4. 208. *Bibliotheca Anglorum Theologica*.
 Regiomonti 1667. 4. 209. *Memoriæ Theologorum nostri sæculi clarissimorum renovatæ*. Fran-
 cof. 1674. 8. 2. Tom. 210. *Bibliotheca Anti-Trinitariorum*. Freistad. 1684. 8. 211. *Biblio-
 theca Realis Theologica*. Francof. 1685. fol. 212. *De Scriptoribus Mysticis, & Asceticis*.
 Francof. 1702. 8. 213. *Sacer Decadum Septenarius memoriam Theologorum exhibens*. Lipsiæ
 1705. 8. 214. *Bibliotheca Scriptorum Theologiæ Moralis conscientiaræ*. Lipsiæ 1705. 8.
 215. *Bibliotheca nobilium Theologorum*. Lipsiæ 1708. 8. 216. *Bibliotheca Mysticorum
 Selecta*. Amstelod. 1708. 8. 217. *Elogia Germanorum quorundam Theologorum*. Lubec-
 cæ 1709. 4. 218. *Jubilæum Theologorum emeritorum*. Lypsiæ 1710. 8. 219. *Vitæ pro-
 fessorum Theologiæ Jenensium*. Jenæ 1711. 8. 220. Bremæ. 1719. 8. 10. Tom. 221.
ou Catalogue alphabetique des principaux livres Jansenistes, ou suspects de Jansenisme. 1722. 12.
 222. *Bibliotheca Ascetica antiquo-nova* Ratisbonæ. 1723. 8. 9. Tom. 223. *Vitæ Theolo-
 gorum Altorphinorum*. Norimbergæ. 1722. 4. 224. *Imagines, & elogia præstantium Theolo-
 gorum*. Hagæ Comit. 1725. fol. 225. *Vitæ Professorum Theologiæ qui in Academia Marpurgenfi
 docuerunt* Marpurgi 1727. 4. 226. *Bibliotheca Polemica*. Romæ. 1733. fol. 2. Tom. 227.
Bibliotheca Materiarum Theologica. Coloniae. 1618. 4. 228. *Memoriæ Theologorum Witem-
 bergensium*. Ulmæ. 1710. 8. 229. *Index Theologorum Evangelico-Lutheranorum Chronologicus*.
 Longon. 1727. 8. 230. *Periochæ vitarum Jurisconsultorum*. Basileæ 1539. 8. 231. *Nomen-
 clatura D D. in utroque jure* Aug. Vind. 1543. 4. 232. *Catalogus Jurisconsultorum Veterum
 quotquot aut vitæ, aut scriptis celebres sunt*. Basileæ. 1545. 4. 233. *Epitome virorum illustrium
 qui vel scripserunt, vel jurisprudentiam docuerunt*. Patavii 1556. 4. 234. *Elogia illustrium Toga-
 torum Gallia*. Parisiis 1619. 8. 235. *Vitæ Germanorum Jurisconsultorum*. Heidelbergæ.
 1620. 8. 236. *Vitæ clarissimorum Jure consultorum*. Jenæ. 1622. 8. 237. *Elogia Juris-
 consultorum*. Lipsiæ 1628. 12. 238. *Bibliotheca Jurisconsultorum*. Francof. 1629. fol. 239.
De claris legum interpretibus. Venetiis 1637. 4. & Francof. 1721. 4. 240. *Memoriæ Juris-
 consultorum*. Francof. 1674. 8. 241. *Bibliotheque des Auteurs du Droit*. Pariz. 1692. 2.
 Tom. 12. 242. *Bibliotheca Juris Selecta*. Jenæ 1709. 8. 243. *Commentarius de Scriptoribus
 Jurium quibus summi Imperantes utuntur*. Norimbergæ 1727. 4.

244. Dos filosofos Joaõ Jacobo Frisio. 245. Israel Spachio 246. Belchior Adaõ
 247. Paulo Bolduano 248. Joaõ Jonsio 249. Jacobo de Rochebourg. 250. e
 Joaõ Bautista Capassi 251. Dos Medicos Affonso Lupeo 252. Remalchio Fuf-
 chio 253. Paschoal Gallo 254. Israel Spachio 255. Joaõ Jorge Schenchio 256.
 Pedro Castellano 257. Belchior Adaõ 258. Renato Moreau 259. Joaõ Estevaõ
 Stobelbergero 260. Joaõ Antonio Vander-Linden 261. adicionado por Jorge
 Abrahaõ MercKlino 262. Pedro Borel 263. Bartholameu Corte 264. Prospero
 Mandosio 265. Cornelio a Beughen 266. Dos Mathematicos Joaõ Blancano 267.
 Hugo Sempilio 268. Jozé Hebreo 269. André Cellario 270. Cornelio Beughen
 271. Dos Historiadores Nicolào Vigier 272. Paulo Bolduano 273. Gerardo
 Joaõ Voffio 274. Cornelio Beughen 275. Burchardo Gulholfo Struvio. 276.
 Christiano Gryphio 277. Dos Grammaticos, e Poetas Pedro Crinito 278.
 Joaõ Pedro Lotichio 279. Pedro Angelo Spera 280. Honorio Domingos Cara-
 mella 281. Joaõ Alberto Fabricio 282. Mr. Gibert. 283. Da Pintura, e Esta-
 tuaria Francisco Junio.

244. *De advocatis supremæ curiæ Parisiensis*. Pariz. 1654. 4. 245. *Bibliotheca Chronologica
 Philosophorum*. Tiguri 1592. 4. 246. *Nomenclator Scriptorum Philosophorum*. Argentinx
 1598. 8. 247. *Vitæ Germanorum Philosophorum*. Heidelbergæ 1615. 8. 248. *Bibliotheca
 Philosophica*. Janæ 1616. 4. 249. *De Scriptoribus Historiæ Philosophicæ*. Francof. 1659.
 4. 250. *Ultima verba Philosophorum virorum, ac fæminarum illustrium*. Amstelod. 1721. fol. 2.
 Tom. 251. *Historiæ Philosophiæ Synopsis, sive de origine, & progressu Philosophiæ*. Neapoli.
 1728. 4. 252. *Catalogus Auctorum qui post Galeni ævum Hipocrati, & Galeno contradixerunt*.
 Valentix Edetanorum 1589. 12. 253. *Catalogus Neotericorum Medicorum*. Pariz 1541. 8.
 254. *Bibliotheca Medica*. Basileæ 1590. 8. 255. *Nomenclator Scriptorum Medicorum*. Francof.
 1591. 8. 256. *Bibliotheca Medica Maïta, continuata, consummata &c.* Francof. 1609. 8. 257.
Vitæ illustrium Medicorum. Antuerpiæ 1618. 8. 258. *Vitæ Germanorum Medicorum*. Heidel-
 berg. 1620. 8. 259. Parisiis 1622. 8. 260. Norimbergæ 1626. 4. 261. *De Scriptis
 Medicis*. Amstelod. 1637. 8. 262. *Lindenius renovatus*. Norimbergæ 1686. 4. 263. *Biblio-
 theca Chymica*. Pariz 1654. 12. 264. *Notizie Istoriche intorno a Medici Scrittori Milanesi*. Milano
 1718. 4. 265. *OEATPON in qua Christiani Orbis Pontificum Archiatros &c.* Romæ 1696.
 4. 266. *Bibliographica Medica, & Physica*. Amstelod. 1681. 12. 267. *Clarorum Mathema-
 ticorum Chronologia*. Bononiæ 1615. 4. 268. *De disciplinis Mathematicis*. Antuerpiæ 1635.
 4. 269. *Bibliotheca Mathematica*. Francof. 1635. 4. 270. *Catalogus variorum Mathemati-
 corum ab initio mundi ad nostra tempora*. Amstelod. 1661. 271. *Bibliographia Mathematica*.
 Amstelod. 1688. 12. 272. *Bibliothèque Historiale*. Pariz 1600. fol. 3. Tom. 273. *Biblio-
 theca Historica*. Lipsiæ 1620. 4. 274. *De Historicis Græcis*. Lugd. Batav. 1624. 4. *De
 Historicis Latinis*. ibi 1627. 4. 275. *Bibliographia Historica, Chronologica, & Geographica*.
 Amstelod. 1685. 12. 276. *Selecta Bibliotheca Historica*. Jenæ 1705. 8. 277. *Dissertatio
 Isagogica de Scriptoribus Historiarum Sæculi XVII*. Lipsiæ 1710. 8. 278. *De Poetis Latinis*.
 Parisiis 1513. 4. 279. *Bibliotheca Poetica*. Francof. 1625. 280. *De nobilitate Professorum
 Grammaticæ*. Neapoli 1641. 4. 281. *Musæum illustrium Poetarum*. Venetiis 1651. 12. 282.
Bibliotheca Latina sive notitia Authorum Veterum Latinorum. Londini 1703. 4. *Bibliotheca
 Græca, sive notitia Scriptorum Græcorum &c.* Hamburgi 1707. 8. 283. *Jugemens des Scavans
 sur les Autheurs qui ont traité dela Rhetorique*. Pariz 1713. 3. Tom. 12.

284. Das Moedas antigas Filippe Labbe 285. e D. Anselmo Bandurio 286. Da Milicia Gabriel Naudé 287. Da Nautica, e Geografia Antonio de Leaõ Pinello 288. e modernamente addicionada 289.

Estimuladas da ambição da gloria as mais celebres Naçoens do mundo querendo extender a sua fama com as pennas assim como a tinhaõ dilatado com as espadas perpetuaraõ nos monumentos litterarios das Bibliothecas os admiraveis progressos que fizeraõ em todas as Faculdades. Principiando pelo amenissimo Jardim da Europa, *Italia*, depois de escrever geralmente della Antonio Francisco Doni 290. Fr. Angelico Apro시오 de Ventimiglia 291. e Jacinto Gimma 292. publicaraõ com particular narraçãõ os Authores que produzio a Cabeça do mundo Prospero Mandosio 293. De *Ravena* Serafino Pafolini 294. Jeronymo Fabri 295. e Thomaz Tomai 296. De *Umbria, Esopoletto, e Perugia* Cesar Crispolti 297. Luiz Jacobilli 298. e Agostinho Oldoino 299. De *Ferrara* Fr. Agostinho Superbo 300. Jeronymo Baruffaldo 301. e o Abbade Antonio Libanori 302. De *Bolonha* Bartholameu Galleoti 303. Joaõ Nicolào Paschoal Alidosi 304. Joaõ Antonio Bumaldo 305. Antonio Paulo Masini 306. e Peregrino Antonio Orlandi 307. De *Florença* Miguel Poccianti 308. Jacobo Rillio 309. e Julio Negri 310. De *Veneza* Fr. Jacobo Alberico 311. Nicolào Craffo 312. Fr. Agostinho Superbo 313. Jacobo Filippe Thomasio 314. e Francisco Sanfovino 315. De *Brescia* Octavio Rossi.

284. *De Pictura Veterum libri tres. Accedit Cathalogus Architectorum, Pictorum, Statuariorum &c. & operum, quæ fecerunt secundum seriem litterarum digestus.* Roterodami. 1694. fol. 285. *Bibliotheca Nummaria.* Parisiis 1664. 8. 286. *Bibliotheca Nummaria, sive Auctorum, qui de re nummaria scripserunt.* Hamburgi 1719. 4. 287. *Bibliographia militaris.* Jenæ 1683. 12. 288. *Epitome dela Bibliotheca Oriental Nautica, y Geografica.* Madrid. 1629. 4. 289. Madrid. 1737. e 1738. fol. 3. Tom. 290. *Bibliotheca Italica.* Venetia 1550. 8. 291. *Athenas Italica.* 1647. 292. *Idea della Storia dell' Italia letterata.* Neapoli 1723. 4. 2. Tom. 293. *Bibliotheca Romana.* Romæ 1682. 4. 2. Tom. 294. *Huomini illustri di Ravena.* Bologna 1703. fol. 295. *Sacre memorie di Ravenna antiqua.* Venetia. 1664. 4. 296. *Historia di Ravena.* Pefaro 1574. 4. 297. *Perugia augusta descrita.* Perugia 1648. 4. 298. *Bibliotheca Umbriæ.* Fulginæ 1658. 4. 299. *De Scriptoribus Perusinis.* Perusix 1678. 8. 300. *De viris illustribus Ferrariensibus.* Ferrariæ 1620. 4. 301. *De Poetis Ferrariensibus.* Ferrariæ 1698. 4. 302. *Elogij di piu famosi e illustri Scrittori di Ferrara.* Ferrara 1674. fol. 303. *Trattato de gli huomini illustri di Bologna.* Ferrara 1590. 4. 304. *De doctoribus Bononiensibus in Theologia, Philosophia, Medicina, & artibus liberalibus.* Bononiæ 1620. 4. 305. *Minervalia Bononiensium Civium Anademata, sive Bibliotheca Bononiensis.* Bononiæ 1641. 24. 306. *Bologna perlustrata.* Bologna 1666. 4. 3. Tom. 307. *Notizie degli Scrittori Bolognesi.* Bologna. 1714. 4. 308. *Cathalogus Scriptorum Florentinorum.* Florentiæ 1589. 4. 309. *Notizie letterarie di huomini illustri dell' Academia Fiorentina.* Firenze. 1700. 4. 310. *Istoria degli Scrittori Fiorentini.* Firenze 1722. fol. 311. *Catalogo breve degli illustri e famosi Scrittori Venetiani.* Bologna 1605. 4. 312. *Elogia Patriciorum Venetorum.* Venet. 1612. 4. 313. *Trionfo glorioso d' Heroi illustri, e eminenti di Venetia.* ibi 1629. 4. 314. *Bibliotheca Veneta M. S. Utini.* 1650. 4. 315. *Venetia descrita.* Venet. 1663. 4.

316. De *Trieste* P. Irineo da Cruz 317. De *Bergamo* Donato Calvi 318. de *Bassano* Lourenço Marucini 319. De *Padua* Bernardino Scardeonio 320. Antonio Ricoboni 321. Angelo Portenare 322. Jacobo Filippe Thomafino 323. Jacobo Zabarella 324. Carlos Patino 325. Nicolào Comneno Papadopoli 326. De *Verona* Torello Sarayna 327. Francisco Tinto 328. Andrè Chioco 329. Onofre Panvino 330. e Julio del Pozzo 331. De *Napoles* Nicolào Toppi 332. addicionado por Leonardo Nicodemo 333. Cesar Eugenio Caracciolo 334. Fr. Theodoro Valle de Piperno 335. e o *Delectus Scriptorum Neapolitanorum* 336. De *Salerno* Domingos de Angelis 337. e Antonio Mazza 338. De *Calabria* Joaõ Fiore 339. De *Roffano* Jacinto Gimma 340. Dos *Marfos* Pedro Antonio Corfignani 341. De *Chiete* Jeronymo Nicolini. 342. De *Sannio* Joaõ Vicente Giarlanti 343. De *Milaõ* Ericio Puteano 344. Joaõ Bautista Selvatico 345. Salvador Vital 346. e Filippe Piccinelli 357. De *Pavia* Antonio Gatti 348. De *Cremona* Francisco Arifio 349. Do *Piemonte* André Rossetti 350. e Francisco Agostinho dela Chiesa 351. De *Genova* Jacobo Bracelli 352. Uberto Foglieta 353. Rafael Soprani 354. e Miguel Justiniano 355. De *Sicilia* Joaõ Renda-rapufa.

316. *Elogii historici di Bresciani illustri*. Brescia 1620. 4. 317. *Historia antica, e moderna Sacra, e profana di Trieste*. Venet. 1698. fol. 318. *Scena letteraria degli Scrittori Bergomaschi*. Bergamo 1666. 4. 319. *Bassanum, sive dissertatio de urbis antiquitate, & de viris ejusdem illustribus*. Venet. 1577. 4. 320. *De Antiquitate urbis Patavii, & claris civibus Patavinis*. Basileæ 1560. fol. 321. *De Gymnasio Patavino*. Patav. 1598. 4. 322. *Felicità di Padua*. Padou. 1623. fol. 323. *Bibliotheca Patavinæ M. S. publicæ, & privatæ*. Patavii 1639. 4. *Gymnasium Patavinum*. Utini 1654. 4. 324. *Elogia illustrium Patavinorum*. Patavii 1670. 4. 325. *Lyceum Patavinum*. Patavii 1682. 4. 326. *Historia Gymnasii Patavini Venetiis* 1726. fol. 327. *De Civitatis Veronæ origine, & viris illustribus*. Veronæ. 1540. fol. 328. Veronæ 1590. 4. 329. *De Collegii Veronensis illustribus Medicis, & Philosophis*. Veronæ 1623. 4. 330. *De viris doctrina, & bellica virtute illustribus*. Veronæ 1648. fol. 331. *Collegii Veronensis Judicum, advocatorum doctrina, natalibus, honoribusque illustrium elogia*. Veronæ. 1659. fol. 332. *Bibliotheca Neapolitana*. Neapoli 1678. fol. 333. Neapol. 1683. fol. 334. *Napoli Sacra*. Napol. 1623. 4. 335. *Breve compendio de gli piu illustri Padri nela vita, dignità, uficii, e lettere ch' há prodoto la Prov. del Regno di Napoli* ibi 1651. 4. 336. *Neapoli*. 1735. fol. 337. *Vite di letterati Salentini*. Neapoli 1713. 4. 338. *De rebus Salernitatis*. Neapoli 1671. 4. 339. *Calabria illustrata*. Neapoli 1691. fol. 340. *Elogii Academici dela Società degli Spenfierati di Roffano*. Neapol. 1703. 4. 2. Tom. 341. *De viris illustribus Marforum*. Romæ 1712. 4. 342. *Historia della Città di Chieti*. ibi 1657. 4. 343. *Isferna* 1644. fol. 344. *De Rhetoribus, & Scholis Mediolanensium*. Mediol. 1603. 8. *Idem de Bibliotheca Ambrosiana* ibi 1606. 8. 345. *Collegij Mediolanensium Medicorum origo, antiquitas &c. & viri illustres*. Mediol. 1607. 4. 346. *Theatrum triumphale Mediolanensis urbis*. Mediol. 1644. fol. 347. *Ateneo dei Letterati Milanefi*. Milano 1670. 4. 348. *Historia Gymnasii Ticinensis*. Mediol. 1706. 4. 349. *Cremona litterata*. Parmæ 1702. fol. 2. Tom. 350. *Syllagus Scriptorum Pedemontii*. Montis Regal. 1667. 4. 351. *Catalogo di tutti li Scrittori Piemontesi, e Nizardi*. Carmagnola 1660. 4. 352. *De Claris Genuensibus*. Parisiis 1520. 4. 353. *Clarorum Ligu-rum Elogia*. Romæ 1574. 4. 354. *Li Scrittori dela Liguria*. Genova 1667. 4. 355. *Gli Scrittori Liguri* Roma 1667. 4.

356. Antonio Mongitore 357. e Joaõ Bautista Carusio 358. De *Siracusa* Jacobo Bonani 359. De *Carthago* Agostinho Inveges 360. De *Motuca* Placido Carafa 361. e de *Galatina* Alexandre Thomaz Arcudi 362.

A florentissima Monarchia de França sempre fecunda de Varoens insignes eternizou as suas memorias litterarias pelas pennas de Francisco Grudè Senhor dela Croix du Mayne 363. Antonio Verdier 364. Scevola de Sainte Marthe 365. André Duchefne addicionado por Fr. Jacobo Luiz de S. Carlos. 366. André de Saussay Bispo de Toul 367. Paulo Colomies 368. Carlos Sorel 369. Jacobo Lelong. 370. *Bibliothèque Francoise* 371. e ultimamente o P. D. Rivet Monge da Congregaçã de Santo Amaro, cuja obra de que até o presente tem publicado 5. Tomos, he completa neste genero pela judiciosa critica, e vasta erudiçã com que he composta 372. De *Pariz* Clemente Hemero 373. Joaõ de Lauenoy. 374. e Cesar Egasse du Boulay 375. Dos Authores do *Delfinado* Guido Allard 376. De *Guiena, e Gasconha* Gabriel de Lurbe 377. de *Provença* Joaõ de Notre Dame 378. de *Chalon* Fr. Luiz Jacob de S. Carlos 379. de *Artois* Ferri de Locre 380. De *Chartres* D. Joaõ Liron Monge de S. Bento 381. e de *Liaõ* o P. Domingos Colonia Jesuita 382. Dos Poetas Francezes modernamente Titon de Tillet 383.

Publicáraõ os Litterarios partos dos engenhos sempre penetrantes, e profundos da Monarchia de Espanha Affonso Garcia Matamoros 384. Valerio André Taxandro 385. o P. André Scoto Jesuita

356. *Siciliæ Bibliotheca vetus continens elogia Veterum Siculorum qui litterarum fama claruerunt.* Romæ 1700. 4. 357. *Bibliotheca Sicula.* Panormi. 1707. fol. 2. Tom. 358. *Bibliotheca Historica Regni Siciliæ* Panormi 1723. fol. 2. Tom. 359. *Antica Siracusa illustrata.* Messina 1684. 4. 360. *la Carthagine Siciliana Historia.* Palermo 1651. 4. 361. *Motuca descriptio.* Panormi 1653. 4. 362. *Galatina letterata.* Genova 1709. 8. 363. *Catalogue general de toutes sortes de Auteurs qui on écrit en François.* Pariz 1584. fol. 364. *Bibliothèque contenant le catalogue de tous ceux qui on écrit, ou traduit en François.* Lion. 1585. fol. 365. *Gallorum doctrinà illustrium, qui nostra, Patrumque memoria floruerunt.* Lutetiæ 1616. 8. 366. *Bibliothèque des Autheurs, qui ont écrit la Histoire, e Topographie dela France.* Pariz 1627. 12. 367. *De Mysticis Galliæ Scriptoribus.* Parisiis 1639. 4. 368. *Gallia Orientalis, sive Gallorum, qui linguam Hebraicam, vel alias Orientales excoluerunt.* Hag. Comit. 1665. 4. 369. *Bibliothèque Françoisé* Paris. 1667. 12. 370. *Bibliothèque Historique dela France.* Paris. 1719. fol. 371. *ou Historia litteraria dela France.* Amsterd. 1723. 18. Tom. in 8. 372. *Historia litteraria de la France.* Paris. 1733. 4. 4. tom. 373. *De Academia Parisiensis.* Lutetiæ. 1639. 4. 374. *Regij Gymnasij Navarræ Parisiensis Historia.* Paris. 1677. 4. 2. Tom. Idem. *Academia Parisiensis illustrata.* Paris 1682. 2. tom. 4. 375. *Historia Universitatis Parisiensis.* Parisiis. 1665. fol. 6. Tom. 376. Grenoble 1680. 12. 377. *De illustribus Aquitaniæ viris.* Burdigalæ. 1591. 8. 378. *De vitis Poetarum Provincialium.* Lugduni 8. 379. *De claris Scriptoribus Cabilonensibus.* Parisiis 1652. 4. 380. *Aquitaniæ* 1616. 4. 381. *Bibliothèque des Autheurs Chartrains.* Pariz 1719. 4. 382. *Histoire litterarie della Ville de Lion.* ibi 1728. 4. 2. Tom. 383 *Le Parnasse François.* Pariz 1732. fol. 384. *de Academiis, & claris Hispaniæ Scriptoribus.* Francof. 1603. fol. 385. *Catalogus clarorum Hispaniæ Scriptorum.* Moguntia 1607. 4.

386. em cuja obra não declarou o seu nome, mas no fim da Dedicatória escreveu as letras iniciais A. S. a quem ajuntou *Peregrinus* para significar que por ser natural de Anveres era Estrangeiro no Paiz da Nação de que compuzera a Bibliotheca. Nicoláo Antonio Cavalleiro da Ordem de São-Tiago, e Conego de Sevilha 387. em quatro Tomos que são tantas colunas em que estabeleceu o Templo da sua fama em toda a posteridade. Esta grande obra se espera ver brevemente continuada pelo infatigavel estudo do Doutor André Gonzalves de Barzia Confelheiro delRey Catholico, e Sobrinho daquelle Varaõ Apostolico o Illustrissimo Bispo de Cadiz D. Joseph de Barzia, e Zambrana conhecido na Republica das letras pela excellente obra ascetica que intitulou *Despertador Christiano* vertida nas principaes linguas da Europa. Gerhardo Ernesto de Franckenau 388. e Paulo Colomiès 389.

Imitou este illustre argumento Alemanha generica, e especificamente pelas pennas do Abbade Trithemio 390. Henrique Pantaliaõ 391. Egidio Periandro 392. Cornelio Loos Callidio 393. Gaspar Sagittario 394. *Bibliothèque Germanique* 395. e Jorge Lizelio 396. Escreveraõ dos Authores de *Suevia, e Vittemberga* Joaõ Ulrico Pregizero 397. de *Brandeburg* Christovaõ Hendreich 398. de *Staden* Joaõ Henrique von Seelen 399. de *Lubec* Joaõ Henrique 400. e Jacobo Melle 401. de *Jena* Adriaõ Beiero 402. B. C. Richardo 403. e Joaõ Gaspar Zeumero 404. de *Francofort* Joaõ Christovaõ Becmanno 405. de *Rostock* hum Anonimo 406. de *Altorf* Gustavo Jorge Zeltnero 407. de *Brunsvic* Gotofredo Guilherme de Leibnitz 408. de *Hamburgo* Joaõ Alberto Fabricio.

386. *Hispaniæ Bibliotheca*. Francof. 1608. 4. 387. *Bibliotheca Hispana Vetus, sive Hispanorum qui usquam, unquamve scripto aliquid consignaverunt, notitia. Complectens Scriptores omnes qui ab Octaviani Augusti imperio usque ad annum M. floruerunt; & ab anno M. usque ad M.D.* Romæ 1696. fol. 2. Tom. Idem *Bibliotheca Hispana, sive Hispanorum qui Latine, vel populari lingua scripto aliquid consignarunt*. Romæ 1672. fol. 2. Tom. 388. *Bibliotheca Hispanica Historico-Genealogica Heraldica*. Lipsiæ 1724. 4. 389. *Hispania Orientalis*. Hamburgi 1730. 4. 390. *De luminaribus Germaniæ, sive Cathalogus illustrium virorum suis ingeniis, & lucubrationibus omnifariam exornantium*. Moguntia 1495. fol. 391. *Prosopographia Heroum, atque illustrium virorum totius Germaniæ*. Basileæ. 1565. fol. 392. *Germania, in qua doctissimorum virorum elogia, & judicia continentur*. Francof. 1567. 8. 393. *Illustrium Germaniæ Scriptorum Cathalogus*. Moguntia 1581. 8. 394. *de præcipuis Scriptoribus Historiæ Germanicæ*. Jenæ. 1675. 4. 395. *ou Histoire litterarie de Alemagne*. Amsterd. 1720. 12. 26. Tom. 396. *Historia Poëtarum Græcorum Germaniæ*. Francof. 1730. 8. 397. *Suevia, & Wittembergia Sacra*. Tubingæ 1717. 4. 398. *Pandectæ Brandenburgicæ*. Berolini 1699. fol. 399. *Stada litterata*. Stada 1711. 4. 400. *Athenæ Lubecenses*. Lubecæ 1719. 8. 2. Tom. 401. *Notitia Lubecensium clarorum virorum*. Lipsiæ. 1707. 4. 402. *Nomenclator Rectorum, & professorum Jenensium*. Jenæ 1658. 12. 403. *de vita, & Scriptis. Professorum Academiae Jenensis*. Jenæ 1710. 8. 404. *Vitæ Professorum Theologiæ, Juris, Med. & Philosoph. Acad. Jenensis unâ cum Scriptis à quolibet editis*. Jenæ 1711. 8. 405. *Memoranda Francofurtana*. Francof. 1676. 4. 406. *Rostochium Litteratum*. Rostochii 1708. 8. 407. *Vitæ Theologorum Altorphinorum unâ cum Scriptorum recensione*. Norimbergæ 1722. 4. 408. Hannoveræ 1707. fol.

409. de *Strasburgo* Ferreolo Locrio 410. de *Rhecia* Fortunato Sprecher 411. de *Zurich* Joaõ Henrique Ottingero 412. de *Silesia* Joaõ Henrique Cunrado 413. e Martinho Hanchio 414. De *Flandes* Auberto Mireo 415. Guilherme Gazzeto 416. Antonio Sandero 417. Francisco Suvert 418. Valerio André Dexel 419. Joaõ Francisco Foppens 420. a *Bibliothèque Belgique* 421. De *Henaut* Philippe Brasseur 422. De *Olanda, Zelanda, e Utrecht* Pancraccio de Castricome 423. De *Frizia* Suffrido Pedro 424. de *Daventria* Jacobo Revio 425. De *Gante, e Bruges* Antonio Sandero 426. de *Leyden* André Clouveq. 427. Joaõ Meursio 428. e o *Catalogus librorum tam impressorum, quàm M. S. Bibliothecæ publicæ Universitatis. Lugduno Batavæ* 425. De *Polonia* Simaõ Starovolscio 430. e Samuel Joachim Hoppio 431. de *Dantzic* Ephraim Pretorio 432. e André Charitio 433. de *Hungria* David Czuittingero 434. de *Suecia* Joaõ Scheffero 435. e *Memoria virorum in Suecia eruditorum rediviva* 436. de *Estolchome Holmia litterata* 437. de *Dinamarca* Nicoláo Pedro Sibbern 438. Alberto Bartolino 439. Joaõ Mullero 440. e Alberto Thura 441. Ultimamente de *Inglaterra* Joaõ Bale 442. Thomaz James 443. Joaõ Pits 444. *Hoorologia Anglica* 445. Antonio à Wood.

409. *Memoriæ Hamburgenses*. Hamburgi 1710. 8. 6. Tom. 410. *De Scriptis Atrebatensis Civitatis*. Atrebatii 1616. 4. 411. *Pallas Rhætica armata, & Togata*. Basileæ 1617. 4. 412. *Schola Tigurinorum*. Tiguri 1664. 4. 413. *Silesia Togata, sive Silesiorum doctrina, & virtutibus clarissimorum elogia*. Lignicii 1706. 4. 414. *De Silesiis indigenis eruditis post litterarum culturam cum Christianianismi studiis anno 965. susceptam ab anno 1165. usque ad 1550.* Lipsiæ 1707. 4. 415. *Elogia Belgica, sive illustrium Gallie Scriptorum*. Antwerp. 1609. 4. 416. *Bibliothèque Sacréé des Pays Bas*. Strasbourg. 1610. 4. 417. *Bibliotheca Belgica*. Insulis 1641. 4. 2. Tom. Idem de *Scriptoribus Flandriæ*. Antwerp. 1624. 4. 418. *Athenæ Belgicæ, sive nomenclator inferioris Germaniæ Scriptorum*. Antwerp. 1638. fol. 419. *Bibliotheca Belgica*. Lovanii 1643. 4. 420. *Bibliotheca Belgica*. Bruxellis 1738. 4. 2. Tom. 421. Leiden. 1731. 12. 2. Tom. 422. *Sidera illustrium Hannoniæ Scriptorum*. Montibus Hanoniæ 1637. 8. 423. *Nomenclator Scriptorum Hollandiæ, Zelandiæ, & Ultrajecti*. Lugd. Batav. 1601. 424. *De Scriptoribus Frisiæ decades XVI*. Colon. 1593. 8. 425. *Daventria illustrata*. Lugdun. Batav. 1650. 4. 426. de *Gandevensibus, & Brugenibus eruditionis fama claris*. Antwerp. 1624. 4. 427. *Academia Lugduno Batava, id est virorum clarissimorum Icones, elogia, & vitæ qui eam scriptis suis illustrarunt*. Lugd. Batav. 1613. 4. 428. *Athenæ Batavæ*. Lugd. Bat. 1625. 4. 429. Lugd. Bat. 1716. fol. 430. *Centum illustrium Poloniæ Scriptorum elogia, & vitæ*. Francof. 1625. 4. 431. de *Scriptoribus Historiæ Polonicæ Schediasma litterarium*. Dantisci 1707. 4. 432. *Athenæ Gedanenses*. Lipsiæ 1713. 8. 433. *De viris eruditis Gedani ortis*. Witemberg. 1715. 4. 434. *Specimen Hungariæ litteratæ*. Francof. 1711. 4. 435. *Suecia litterata*. Hamburgi 1698. 8. 436. Rostochii. 1730. 8. 437. Holmiæ 1701. 4. 438. *Bibliotheca Historica Dano-Noruegica*. Hamburg. 1716. 8. 439. *De Scriptis Danorum*. Hafniæ 1666. 12. 440. Hamburgi 1699. 8. 441. *Idea Historiæ litterariæ Danorum*. Hamburg. 1723. 8. 442. *De Scriptoribus illustribus majoris Britaniæ*. Pariz. 1619. 4. 443. *Ecloga Oxonio-Cantabrigensis, sive Catalogus M. S. in utraque Academia*. Londini. 1600. 4. 444. *de illustribus Angliæ Scriptoribus*. Parisiis 1619. 4. 445. Arnhemii 1620. fol. 446. *Historia, & antiquitates Universitatis Oxoniensis*. Oxonii 1674. fol. 2. Tom.

446. Joaõ le Lande 447. e Miguel dela Roche 448. De *Efcocia* Thomaz Demp-
ftero 449. e Jorge Machenzie 450. e de *Hibernia* Jacobo Vare 451.

447. *Commentarii de Scriptoribus Britannicis*. Oxonii 1709. 8. 2. Tom. 448. *Bibliothèque Angloife*.
Amfterd. 1717. 12. 15. Tom. O mefmo *Memoires litteraires dela grande Bretagne*. Haye 1620. 12. 16.
Tom. 449. *Scotorum Scriptorum Nomenclatura*. Bononiæ 1619. 4. 450. Edimbourg. 1708. 2.
Tom. 451. *De Scriptoribus Hiberniæ*. Dublini 1639. 4.

Entre todos os Reynos, e Cidades da Europa que com gloriofa emulaçãõ compuzeraõ Bibliothecas para perpetuar na Republica das letras os nomes de feus Naturaes, unicamente Portugal fe naõ jactava de femelhante Brazaõ merecendo os feus infignes filhos, que o mundo conheceffe pelos mudos caracteres da Imprefsaõ os frutos da Sabedoria, que em todo o tempo com portentofa fecundidade tinhaõ produzido; pois fendo pelo feo belicofo genio, e efpiritos marciaes refpeitados como famofos Heróes no exercicio das Armas, de que faõ eternos padroens as quatro partes do Mundo, onde fobre defpojos de feus habitadores taõ varios nos ritos, como diversos nas linguas arvoraraõ os tremolantes Eftandartes das Sagradas Quinas, naõ faõ menos dignos de veneraçãõ pela cultura das letras, e estudo das Sciencias affim fagradas como profanas. Em toda a vasta extençãõ de Eſpanha foraõ os mais celebres profeflores das Artes confervando para teſtemunho da fua ſciencia varios volumes da veneravel Antiguidade como eſcreveu Eſtrabo de *fitu Orbis* liv. 3. *Hi inter Hiſpaniæ populos* (falla dos Turdetanos antigos povos da Luſitania) *fapientia putantur excellere, & litterarum ſtudiis utuntur, & memorandæ vetuſtatis volumina habent*. Naõ foy poderofa a arrebatada inundaçãõ dos Arabes para arrancar dos Campos de Portugal a arvore da ſciencia ſempre vigilantemente cultivada, nem a numeroſa invaſãõ de tantas Naçoens barbaras conſpiradas para a fua conquista puderaõ interromper com os horrorofos eſtrondos de Marte, e Bellona o erudito comercio eſtabelecido com Apollo, e Minerva. Em todas as idades foraõ os feus montes delicioſa habitaçãõ das Muſas, e as fuas Academias os exemplares dos Liceos de Ariſtoteles, e das Stoas de Zenon.

Com o progreſſo dos annos ſe foy augmentando nos Portuguezes o amor às Sciencias, até que chegaraõ ao Apogeo da mayor gloria no feliz Reynado do grande Monarcha D. Diniz fazendo com a erecçãõ da Univerſidade de Coimbra, a primeira, que teve Eſpanha, numeraffe tantos alumnos a Sabedoria, como Vaſſallos a fua Coroa. Eſta illuſtre, e famoſa Paleſtra foy o venturoſo berço donde ſe educaraõ os mayores Gigantes de todas as Faculdades, para cuja deſmedida grandeza fendo pequena eſféra a Patria, fahiraõ como animados rayos illuſtrar com as luzes da fua doutrina por diversos emiſſerios as mais celebres Univerſidades do mundo onde as Naçoens mais polidas foraõ

discipulas do seu Magisterio. Ainda na Universidade de *Pariz* estão soando as vozes do Eminentissimo D. João Froes, D. Pedro Sardinha, e Fr. João da Cruz Agostinho, Lentes de Theologia. Na de *Tolozã* explicãrão com universal applauso as Leys Imperiaes Antonio de Gouvea celebre propugnador da Filosofia Peripatetica; e os aforismos de Hipocrates Pedro Vaz Castello, e Francisco Sanches quando contava a florente idade de vinte, e quatro annos. Na de *Mompilber* foraõ interpretes da faculdade Medica Fernão Mendes, e Lazaro Ribeiro. Em *Salamanca* occupãrão a primeira Cadeira de Theologia Fr. Diogo Fernandes da Ordem Serafica; de Canones Fernando Arias de Meza, e D. João Altamirano: de Leys Ayres Barboza, Antonio Gomes, Amador Rodriguez, e sucessivamente aquelle celebre Triumvirato da Jurisprudencia Cesarea Manoel da Costa, Ayres Pinhel, e Heytor Rodriguez; da lingua Latina, Rhetorica, e Letras humanas Rafael Nogueira da Silva, Francisco Homem de Abreu, Manoel de Azevedo; de Medicina foy Lente de Vespera Ambrosio Nunes, e de Filosofia natural João Soares de Brito, e Sebastião Gomes de Figueiredo. Em a Universidade de *Alcalã* dictou Theologia na Cadeira de Prima Fr. João de Santo Thomaz grande credito da Ordem dos Prégadores, Fr. Thimoteo Ciabra Carmelita, e Paulo Correa. Em a de *Valbadolid* foy Cathedratico de Prima da Escritura Fr. Gaspar de Mello Agostinho, e de Theologia Fr. Nicolão Coelho do Amaral Trinitario; de Direito Canonico Fr. Serafino de Freitas Mercenario. Em *Sevilha* leu Anatomia Dionisio Velho, em *Gandia* explicou os sentidos da Sagrada Biblia o P. Manoel de Sã Jesuita. Em *Offuma* foy Cathedratico de Escritura Fr. Alberto de Faria Carmelita, de Theologia Fr. Pedro de Abreu, e de Medicina regentou a primeira Cadeira Affonso Nunes de Castro. Em *Saragoffa* ensinou Theologia como primeiro Mestre Fr. Pedro de Alverca Trino, em *Barcelona* exercitou o mesmo ministerio Fr. Thomaz Toftado Carmelita, e em *Lerida* Fr. Agostinho Oforio Eremita Augustiniano.

Na *Sapiencia* de Roma foraõ Mestres de Theologia os Padres Francisco da Costa, e Diogo Secco Jesuitas, e Fr. Gregorio Coronel, Agostinho; de Direito Pontificio Jorge Calhandro, do Cesareo Paulo Calhandro, e Gabriel Falcaõ: da Historia Ecclesiastica, e Controversia Fr. Francisco de Santo Agostinho Macedo, Varaõ verdadeiramente Encyclopedico; de Rhetorica, e Logica João Vaz da Motta, Achilles Estaço, e Manoel Constantino. Na Universidade de *Bolonha* foraõ Lentes dos Canones Pontificios D. Fr. Alvaro Paes, e Manoel Rodrigues Navarro; de Theologia Moral Fr. Luiz de Beja Perestrello, Agostinho, e de Rhetorica Thomé Correa, que no Collegio Romano com enveja de Antonio Mureto seu Collega tinha exercitado o mesmo magisterio. Em *Pisa* interpretãrão as Ethicas de Aristoteles Martinho de Mesquita, Philippe Montalto, e Gabriel da Fonseca; e os Aforismos de Hippocrates Jorge Moraes,

e Rodrigo da Fonseca. Em *Ferrara* foraõ Lentes de Direito Civil Luiz Teixeira, e de Medicina Joaõ Rodriguez de Castello-branco, mais conhecido com o nome de Amato Lusitano. Em *Padua* foraõ Cathedraicos de Prima da Cadeira de Hippocrates Rodrigo da Fonseca, e Duarte Madeira. Em *Lovanha* revelaraõ os mysterios da Theologia Escholastica Fr. Luiz de Sotto-mayor, Fr. Antonio de Senna Dominicos, e Fr. Agostinho da Graça Eremita Augustiniano; da Polemica D. Fr. Diogo Soares de Santa Maria, e de Medicina Philippe Montalto. Em *Delinga* leu a Cadeira de Prima da primeira faculdade de todas, qual he a Theologia, o Padre Manoel da Veyga da Companhia de Jesus; e na de *Oxonía* foy Lente desta sagrada Sciencia Fr. Joaõ Sobrinho naõ pequeno esplendor da Ordem Carmelitana.

Nestes celebres Emporios da Sabedoria, e primeiros Moucis das mayores Faculdades foraõ Intelligencias motoras os engenhos Portuguezes manifestando como eterno credito da sua fama os scientificos erarios, que altamente estavaõ depositados em seus peitos, merecendo pelo indefesso estudo com que cultivaõ as Musas amenas, e severas a primazia entre os mais excellentes Escritores de Espanha, como elegantemente o testemunhou Justo Lipsio a Manoel Correa na *Epistol.* 96. da Centur. *ad Ital. & Hispanos.* *Gentem illam vestram dico, id est Lusitanos jam olim armis, & litteris inclytos, quas primus Sertorius intulit, & Græcis iis, Latinisque (Plutarchus auctor) imbuit vestram juventutem. Crede mihi, Correa, semina ejus instituti etiam nunc fructificant: & ardet in animis vestris semel accensus honestior ille ignis. Audimus certè non in alio Hispaniæ tractu magis Veteres artes coli: & exempla, ac scripta sunt, quæ ad nos quoque manant, & testantur.* Iguaes, ou mayores elogios lhes consagraraõ os Varoens mais doutos venerando-os profundamente versados em todo o genero de Sciencias. Nas Humanidades, e eloquencia os aclama insignes o P. Joaõ Mariana *de reb. Hisp.* lib. 10. cap. 14. *Gens dedita pietati, sapientiæque studiis, & omnis humanitatis, & elegantiae.* Na Poetica, e na Musica o Padre Andrè Scoto *Hisp. Biblioth.* pag. 346. *Lusitani in Poetica ut & in Musica regnare feruntur mira animi propensione velut Enthusiasmo rapti;* e na pag. 472. *Est Lusitanicæ genti pene proprium, ut Musicis fere omnes artibus dediti sint: humaniores, cultioresque poeticam etiam adjungant.* Na Theologia, e ambos os Direitos D. Antonio Diana *Resolut. Moral* Tom. 4. de *Hor. Canon.* *Resolut.* 27. § I. *Lusitania semper ferax fuit doctorum hominum tam in Legali, quam in Theologica professione.* Na Medicina D. Nicoláo Antonio *Bib. Hisp.* Tom. 2. pag. 251. no Elogio de Thomaz Rodriguez da Veyga. *Medicus Doctor, inter Lusitanos, qui veluti arcem hujus studii tenent;* e em a Nautica o P. Bossio *de Sign. Eccles.* Tom. 3. liv. 8. cap. I. *Excellentes sunt in Arte Navali,* cuja arte facilitaraõ com o Astrolabio, celebre invento da sua profunda especulaçaõ pelo qual lhe está acreedora toda a Europa como escreveu Auberto Mireo in *Chonic.* ad ann. 1481.

Sendo a Nação Portugueza tão respeitada em todo o Orbe litterario pela profundidade com que he instruida em todas as sciencias, sómente lhe faltava para ultimo complemento da sua gloria publicar a Bibliotheca dos Authores, de que foy fecundissima Mãe, e ser notorio aos outros Reynos lhes não era inferior Portugal, assim em o numero, como na qualidade dos Escriitores. Não faltaraõ doutissimos Portuguezes que com grande disvelo emprenderaõ este grande assumpto, de que logo darey huma breve relação, mas como as laboriosas vigalias, que dedicaraõ a este estudo, não lograraõ o beneficio da luz publica, não se comunicou a sua utilidade à Republica Litteraria. O primeiro que se applicou à composição da Bibliotheca Portugueza foy o Licenciado Francisco Galvão de Mendanha Beneficiado da Igreja de S. Pedro de Evora onde morreu a 5. de Novembro de 1627. compondo hum Cathalogo de seis centos, e setenta, e sete Authores por cuja obra, de que se lembra Fr. Fernando da Soledade *Hist. Seraf.* Part. 4. liv. 3. cap. 9. §. 529. lhe chama o insigne Antiquario Manoel Severim de Faria Chantre de Evora em as *Notic. de Portug.* Disc. 8. pag. 285. *grande benemerito dos Escriitores Portuguezes.* O original se conserva na Selectissima Livraria do Conde de Vimieiro, donde se me participou no anno de 1722. Não està disposta por ordem alphabetica, porém della se colhe a grande curiosidade com que juntou as memorias para o intento, que meditava. Não permitio o famoso Historiador Manoel de Faria, e Sousa que estivesse ociosa a sua penna neste assumpto em que era tão interessada a gloria da sua Nação escrevendo *Cathalogo delos Escriitores Portuguezes* em 4. cujo original escrito todo da sua propria maõ tive em meu poder, e nelle se comprehende a noticia de outocentos, e vinte, e tres Authores muito mais diffusa, e copiosa assim no character, como em o numero das Pelloas que o Cathalogo impresso na 4. Part. cap. 18. do *Epitome delas Hist. Portug.* que unicamente consta de duzentos, e seis Escriitores.

Profeguiu com grande applicação esta empreza o Doutor Joaõ Soares de Brito Abbade de S. Pedro de Rebordaens, e depois de Saõ-Tiago Dantas igualmente versado na lingua Latina, como na lição da Historia compondo no anno de 1635. *Theatrum Lusitaniæ Litterarium, sive Bibliotheca Scriptorum omnium Lusitanorum* onde seguindo o methodo, como elle affirma, do Cardeal Bellarmino de *Scriptoribus Ecclesiasticis* relata as memorias de outocentos, e setenta e seis Authores. O original desta obra foy mandado no anno de 1655. a Pariz para se imprimir, e não se executando se conserva na Bibliotheca delRey Christianissimo, de que extrahio huma Cópia o Excellentissimo Visconde de Villa nova de Cerveira Thomaz Tellez da Sylva no tempo que assistio naquella Corte, o qual benignamente me communicou. Esta obra he muitas vezes allegada na Bibliotheca dos Dominicanos composta por Fr. Jacobo Quetif, e

Fr. Jacobo Echard impressa em Pariz no anno de 1719. D. Francisco Manoel de Mello Commendador de Santa Maria da Assumpção do lugar de Espinhel, e Oyam, bem conhecido pela copia das suas obras, em que deixou estampado o seu espirito sempre heroico assim na palestra de Marte, como de Minerva, escreveu huma succinta noticia dos principaes Authores, que floreceraõ em Portugal distribuidos pelas faculdades, e a mandou em estilo epistolar ao Doutor Manoel da Fonseca Themudo Vigario Geral do Arcebispado de Lisboa, que he a 1. da 4. Cent. das suas Cartas Familiares onde antes de fazer a narraçaõ dos Escretores, diz. *Levado deste pensamento procurei por mi mesmo, e depois persuadi a algumas pessoas doutas publicassemos huma Bibliotheca Lusitana dos Authores modernos, novamente estimulado da falta, que padecemos nesta parte, com a qual se desculpa o Author dos Commentarios da Republica Portugueza impressa em Leiden anno 1641. Este mesmo pensamento declarou com mais distincta expressaõ na Carta 25. da Cent. 3. escrita aos Varoens doutos de Portugal onde diz: Hã poucos annos que na Cidade Lugdunense de Batavia na Officina Elzeveriana se imprimio a Republica de Portugal donde havendo de tratar seu Author dos Escretores Portuguezes antigos, e modernos, poem taõ poucos, e com taõ falsa informaçaõ que alli mais se vê Portugal offendido, que gabado. Este agravo feito à nossa Naçaõ, e aos sujeitos que nelle floreceraõ a que se juntaraõ algumas outras consideraçoens me servio de motivo para me dispôr a ajudar que se escrevesse hum Cathalogo de todos os Escretores deste Reyno em qualquer sciencia, arte, faculdade, e disciplina, e porque obra tamanba requere muito fundados alicerces pois se fabrica para toda a posteridade, peço a v. m. affectuosamente da parte do beneficio publico, e da minha me queira fazer merce de tomar o trabalho de me mandar informar dos Sujeitos que conhecer filhos dessa Cidade que hajaõ escrito, ou escrevaõ: quer publicassem suas obras, quer naõ, neste Reyno ou fora d'elle, particularizando de cada hum tudo quanto houver alcançado assi da obra como do Author, como do anno, lugar em que escreveo, a quem dedicou; que qualidades havia no tal sogeito, em que idioma compoz, e se em mais materias, que applauso teve, e finalmente tudo o que v.m. julgar he conveniente à sua noticia, e elogio.* Donde se conhece claramente o dezejo que tinha de se occupar para gloria da Naçaõ Portugueza em o Cathalogo dos seus Escretores procurando com tanta individuaçaõ as noticias pertencentes a este argumento.

Perfuadido das instancias do Chantre de Evora Manoel Severim de Faria Varaõ doutissimo nas Antiguidades Portuguezas empredeio este assumpto Joaõ Franco Barreto Beneficiado na Igreja Matriz da Villa de Redondo, onde lançou os primeiros fundamentos à Bibliotheca Portugueza, como elle escreve no Elogio de Achilles Estaço, e estando já approvada para a impressaõ, naõ logrou este beneficio, merecendo em obsequio do summo trabalho que para esta obra applicou os elogios do P. Antonio de Macedo in *Prefat. ad Lect.*

Lusit. Purpur. e Jorge Cardoso *Agiol. Lusit.* Tom. 3. no Comment. de 4. de Mayo letr. J. Della ví huma copia extrahida do Original, que se conserva na Livraria do Eminentissimo Cardial de Soufa a qual forma hum livro de folha grande, onde se comprehende vastamente a noticia dos Authores Portuguezes posto que muitas vezes se dilata em narraçoens improprias deste assumpto. Naõ satisfeito o incansavel estudo do Licenciado Jorge Cardoso de eternizar nos seus Agiologios os Varoens Portuguezes insignes em virtude, se applicou a escrever as memorias dos que foraõ celebres na Sciencia juntando com grande cuidado noticias para a composiçaõ da *Bibliotheca Portugueza* da qual repetidas vezes se lembra principalmente no I. Tom. do *Agiologio Lusitano* pag. 24. no Coment. de 3. de Janeiro letr. A. e pag. 214. no Coment. de 21. de Janeiro letr. J. e no Tom. 3. pag. 74. no Coment. de 4. de Mayo letr. J. cuja obra que nunca pude alcançar, testemunha Nicolao Antonio *Bib. Vet. Hisp.* lib. 9. cap. 4. n. 201. que a vira. Ultimamente quem com mayor empenho intentou concluir taõ gloriosa empreza, foy o P. Francisco da Cruz Jesuita, Mestre, e Confessor do nosso Serenissimo Monarcha D. Joaõ o V. o qual depois de ter collegido todas as noticias dispersas pelas obras dos que lhe precederaõ neste assumpto, adquirio outras muito copiosas na Curia Romana, quando nella assistio pelo espaço de sete annos com o lugar de Revisor dos livros da Companhia de JESUS. Naõ chegou a concluir esta obra, porque a morte envejosa do applauso, que della lhe havia resultar, o privou da vida na Casa professa de S. Roque a 29. de Janeiro de 1706. O ardente dezejo de que esta obra se continuasse, impellio ao Excellentissimo Conde da Ericeira D. Francisco Xavier de Menezes dignissimo Cenfor da Academia Real, cujo nome serà sempre memoravel nos Fastos da erudiçaõ Sagrada, e profana para pedir instantemente aos Padres Jesuitas lhe quizessem dar os *M. S.* do P. Francisco da Cruz, que benignamente concederaõ por retribuiçaõ ao singular affecto, de que a Companhia era devedora a este Cavalheiro, de cuja generosa dadiva fazem illustre memoria os Padres Antonio Franco, e Francisco da Fonseca; o primeiro na *Imag. do Novic. de Coimb.* Tom. 2. pag. 681. e o segundo na *Evora Gloriosa* pag. 408. §. 719. Pela natural benevolencia deste insigne Mecenas dos Estudiosos me foraõ comunicados estes *M. S.* que se comprehendem em quatro Volumes escritos da propria maõ do Author, onde confusamente estaõ lançadas as noticias, e muitas vezes em diversos lugares repetidas. Em hum delles se lêm quinhentos elogios Latinos dos Authores que principiaõ pela letra A. que ficou incompleta, onde se admira igualmente a pureza, e elegancia do estilo, como a vasta liçaõ, e profundo exame com que escrevia esta obra digna do ultimo complemento.

Estes foraõ os Varoens insignes que gloriosamente trabalharaõ em hum argumento taõ nobre como era a noticia dos Escriitores do nosso Réyno, mas

naõ alcançaraõ o merecido premio das suas laboriofas applicaçoes por se naõ fazerem patentes ao mundo pelas vozes da Imprensaõ. Chegou o Seculo decimo outavo, e como se fosse o termo decretorio para se manifestar ao mundo a Historia Litteraria da Naçaõ Portugueza, começaraõ a sahir alguns Cathalogs, ainda que succintos, dos nossos Escriitores, que foraõ Preludios da Bibliotheca Portugueza, que agora publicamos. Dos Religiosos Menores da Provincia de Portugal fez huma breve narraçaõ o P. Fr. Fernando da Soledade Chronista da sua Religiaõ, e Academico Supranumerario da Academia Real, que sahio impressa no anno de 1705. na 3. Part. da *Hist. Seraf.* liv. 1. cap. 21. e 22. Dos Escriitores Jesuitas que foraõ filhos pela profissaõ dos Noviciados de Evora, Lisboa, e Coimbra, compoz os Cathalogs o P. Antonio Franco, e sahiraõ impressos no fim dos tres volumes dos mesmos Noviciados em os annos de 1714. 1717. e 1719. Na obra intitulada *Annales S. J. in Lusitania* August. Vind. 1726. composta pelo dito Padre traz no fim *Index Materiarum de quibus tractarunt Lusitaniæ Provinciæ Scriptorum ab initio Societatis ad annum 1724.* Semelhante idea seguiu o P. Francisco da Fonseca na *Evora Gloriosa* impressa em Roma 1728. onde à pag. 409. escreveu o *Cathalogo dos Authores Eborenses*, e pag. 425. a *Bibliotheca Eborensis Academico-Jesuitica.* Com exame critico, e summo disvelo digno de ser imitado por todas as Familias Religiosas publicou o P. Fr. Manoel de Sá Academico Supranumerario da Academia Real, e Chronista Geral da sua Ordem as *Memorias historicas dos Escriitores Portuguezes da Ordem de Nossa Senhora do Carmo da Provincia de Portugal reduzidas a Cathalogo Alfabético* impressas em Lisboa anno de 1724. Semelhante no argumento, mas diferente no exame imprimio no anno de 1734. com o titulo de *Claustro Dominicano* o P. Fr. Pedro Monteiro da Ordem dos Prégadores Academico da Academia Real o Cathalogo alfabetico dos Escriitores da Provincia de Portugal para o qual contribuimos com algumas noticias pedidas pelo Author que mais applicado aos estudos da Theologia, que da Historia, cahio em alguns erros indisculpaveis que facilmente pudéra evitar. Este Cathalogo mais abbreviado tinha sahido no anno de 1733. no fim da 4. Parte da *Histor. de S. Domingos da Provincia de Portugal* composta pelo P. Fr. Lucas de Santa Catherina Chronista Geral da sua Religiaõ, e Academico do numero da Academia Real. Das Obras Metricas dos nossos Poetas formou hum largo Cathalogo na Epistola Dedicatoria a ElRey N. Senhor, que serve de prefaçaõ aos seus agudos Epigrammas no anno de 1728. o P. Antonio dos Reys da Congregaçaõ do Oratorio Chronista Latino deste Reyno, Academico, e Censor da Academia Real, que intempestivamente nos roubou a morte em 19. de Mayo de 1738. o P. D. Antonio Caetano de Souza Clerigo Regular, e Academico do numero da Academia Real imprimio no anno de 1735. huma Bibliotheca dos Authores Genealogicos Portu-

guezes que serve de Prologo á sua grande obra da *Historia Genealogica da Casa Real Portugueza*, e ultimamente o P. Fr. Manoel de Figueiredo Eremita de Santo Agostinho, e Chronista da sua Religiaõ, a cuja generosa benevolencia devemos a noticia dos Authores que ella neste Reyno produzio, publicou no anno de 1737. a 4. Part. do *Flos Sanctorum Augustiniano*, onde folhas 127. está o *Cathalogo dos Lentes publicos, e Doutores da Universidade de Coimbra que floreceraõ no seu Collegio da mesma Cidade*, no qual se lêm as Obras de muitos assim impressas, como MS.

Seguindo os vestigios de taõ grandes Varoens me animey em obsequio da Patria escrever a Bibliotheca Universal de todos os nossos Escriitores abrindo os alicesses de taõ sublime edificio no faustissimo dia de 31. de Mayo de 1716. dedicado a amorosa vinda do Espirito Santo sobre o Collegio Apostolico, e posto que para sustentar taõ immensa machina eraõ pouco robustos os meus hombros, ensinado de que Deos com altissima providencia se serve de instrumentos humildes para empresas heroicas, permitio que illustrada a minha ignorancia com a continua applicaçã a este genero de estudo, gloriosamente concluisse huma obra, que fora laborioso empenho de insignes talentos desta Monarchia. Depois de examinados com escrupulosa observaçã naõ sómente os nossos livros historicos, mas grande parte dos estranhos, e extrahidas delles as noticias pertencentes a esta Bibliotheca, as procurey com disvelo em varias livrarias que eraõ depositos de muitos Escriitores Portuguezes, cujas obras naõ lograraõ o beneficio da luz publica, onde colhi copioso fruto, como tambem de pessoas eruditas, que zelozas da immortal fama da Naçaõ Portugueza se interessaraõ em taõ illustre empresa. Seria justamente accusado do feyo crime de ingrato, se naõ confessasse publicamente quanto esta obra he devedora às incanfaveis diligencias dos Reverendos Padres Fr. Marcelliano da Ascensã Monge Benedictino; Fr. Manoel dos Santos Monge Cisterciense, Chronista deste Reyno, e Academico Supranumerario da Academia Real, Fr. Jacinto de S. Miguel da Ordem de Saõ Jeronimo, Fr. Gonçalo Rouffado da Ordem dos Prégadores, e seu irmão Fr. Antonio Rouffado Eremita Augustiniano, Fr. Manoel de Saõ Damafo da Ordem dos Menores da Provincia de Portugal, e Academico Supranumerario da Academia Real, Fr. Joaõ de Nossa Senhora da Provincia de Xabregas, e seu Chronista, Fr. Francisco da Conceiçaõ da Ordem Terceira da Penitencia; Fr. Simaõ de Brito da Ordem da Santissima Trindade, o P. André de Barros da Companhia de JESUS, e Academico da Academia Real, Fr. Antonio das Chagas Carmelita Descalço, e Fr. Francisco de Santa Maria Chronista desta exemplarissima Reforma, os quaes atendendo igualmente pela gloria da Patria, e da sua Religiaõ se empenhãrãõ com louvavel emulaçaõ a communicarme benevolamente as noticias dos Religiosos, que nos seus Claustros foraõ vigi-

lantes cultores das sciencias, cujo erudito esquadraõ pelo numero, e qualidade servio de magestozo ornato a esta Bibliotheca. Determinado estava a escrevella na lingua Latina, na qual naõ pequena parte tinha composto, mas arrependime da resoluçaõ, considerando que seria infructuoso este meu trabalho para muitos Portuguezes, que ignoraõ aquelle idioma, o qual possuindo indubitavelmente entre todos o principado, lhe preferem com indiscreta eleiçaõ o estudo de outras linguas, que ainda que polidas, lhe saõ summamente inferiores, assim na magestade da Origem, como na energia da locuçaõ. Esta foy a causa que me moveo a que mudando de estilo, e de lingua antepuzesse a materna à Latina, para que a utilidade, que se póde colher da liçaõ desta obra, fosse a todos patente. Entre muitas que tem logrado da luz publica mereceo a distincçam de ser allegada, antes de impressa, por celebres Escriitores, como foraõ o P. Antonio dos Reys in *Enthusiasm. Poetic.* n. 202. o Excellentissimo Conde da Ericeira Cenfor da Real Academia em a *Notic. da Conferenc. da Acad. Real de 27. de Julho de 1724.* e na *Biblioth. Souzaana* pag. 79. e 80. Fr. Pedro Monteiro Academico da Academia Real *Claust. Domin.* Tom. 3. pag. 317. e 322. e o Beneficiado Francisco Leytaõ Ferreira Academico Real em as *Notic. Cronolog. da Univ. de Coimb.* pag. 551. §. 1178. sendo taõ honorificas memorias nobres estimulos para que satisfizesse aos seus dezejos rompendo todos os obstaculos, que fatalmente se conspiravaõ contra este fim. Para naõ ser tediosa a sua liçaõ me abstive de dissertaçoes, que ainda que breves, sempre saõ importunas, principalmente sobre materias, em que por estarem nervosamente controvertidas por doutissimas pennas, era superfluo transcrever o que já estava solidamente discutido. Entre a numerosa multidaõ de Authores julguey que deviaõ ser admitidos aquelles, que escreveraõ obras pequenas por serem partos de homens grandes das quaes se publicaraõ no seculo passado, e no presente muitas Collecçoens para eternizar a sua memoria, como saõ a *Bibliotheca Patrum*, as *Liçoens antigvas* de Henrique Canisio, o *Specilegio* de D. Joaõ Lucas D' Achery, o *Thezouro dos Anecdotos* de D. Edmundo Martene ambos Monges Benedictinos, a *Pallade Bambina* de Carlos Cartari, e a *Bibliotheca Volante* de Joaõ Cinelli. Bem conheço que pudera sahir esta Bibliotheca ornada de mayor copia de Escriitores, cujos nomes, e composiçoens estaõ occultos à minha noticia, porém como este genero de estudo pela sua vastidaõ he inexaurivel, e sempre está admitindo novos suplementos, deixo aos sublimes espiritos, que continuarem taõ illustre empreza, a gloria de a augmentarem descobrindo como os Astronomos novas estrellas para ornato deste Firmamento literario. Os defeitos de que posso ser arguido pela severidade dos Aristarchos, saõ mais dignos de clemencia, que censura, por se originarem de tantas informaçoens alheyas, que fatalmente conduzem a inevitaveis erros, dos quaes se naõ pode livrar o Author mais

perfpicaz *Quam ob rem* (acabo com a sincera proteſtaçã do inſigne Eſcritor da *Bibliotheca Sancta Fr. Xiſto Senenſe in Præfat.*) hortor pios *Lectores*, in quorum gratiam hunc qualemcumque laborem multis vigiliis, ſudoribus, & bonarum horarum diſpendiis ſuſcepimus, ut ſi qua in *Scriptis* meis invenerint, quæ ad utilitatem legentium iudicent pertinere, gratias agant optimis *Eccleſiæ authoribus*, ex quorum immortalibus monumentis mutuati ſumus quidquid hinc boni contulimus: ſi quid autem minùs rectè dictum, aut imprudenter aberratum deprehenderit: (nam & homines ſumus, & in multis, ut inquit *Apoſtolus*, offendimus omnes) iterùm eos obſecro, atque obteſtor, ne id aut arrogantia, aut malitia, aut aliis privatis affectibus tribuant, ſed imbecillitati potiùs, ac tenuitati meæ aſcribant, modeſte corrigentes, & ſincere emendantes quæcumque ipſis caſtigacione digna videbuntur.

L I C E N Ç A S

DO SANTO OFFICIO.

CENSURA DO M. R. P. M. Fr. ANTONIO DO SACRAMENTO
*da Ordem dos Prégadores, Doutor em a Sagrada Theologia pela Univer-
sidade de Coimbra, Qualificador do Santo Officio, Exprovincial
da sua Religiaõ.*

EMINENTISSIMO SENHOR.

JA' agora manifesta, e demonstra a experiencia a grande fortuna, e felicidade, que trouxe a Portugal a bemaventurada Idea, em que se concebeu, e formou a sempre Regia, e augusta Academia Portugueza, quero dizer, aquelle lustroso, e literario Olympo, *Olympus idest totus fulgens*, em que se vem desprezadas as sombras, e estimadas as luzes, preteridas as nuvens, e adiantadas as estrellas, *nubes excedit Olympus*, proprio timbre, e brazaõ da Academia Portugueza em que tudo se restitue à sua natural harmonia, deixando o mentiroso, e o falso, e samente pertendido o serio, o sagrado, e o verdadeiro, *Restituet omnia*. Prezidia naquelle Olympo, ou firmamento Jupiter, apadrinhando com as suas influencias a hum congresso de Divindades: *Venit Olympum, ubi sedes deorum dicitur esse; Jupiter, idest, Pater jvans*, e com superior, Christaõ, e sagrado impulso apadrinha, e ampara aos seus Academicos a Magestade Serenissima do nosso magnifico Monarcha fazendo-os conduzir até o interior dos seus Palacios, não para que como Divindades se adorem, mas sim como a oráculos, que em Portugal se ouçaõ, e em todo o Mundo se respeitem.

Sobe agora à presença de V. Eminencia firmando estes respeitos, e estas fortunas, não só em Portugal, mas em todo o Mundo com as suas letras, com as suas applicaçoes, e trabalhos, o Reverendo Padre Diogo Barbosa Machado, Abbade da Parochial de Santo Adriaõ de Sever, dignissimo Academico do numero, expondo a V. Eminencia para as licenças da estampa, não hum livro, que se conclue em huma só particular materia, sim o primeiro Tomo de huma Bibliotheca universal, em que se haõde comprehender os nomes, e as materias literarias, em que se assinalaraõ os Varoens, e os Heróes Portuguezes. Bem se entende que menos bastava para se dar a conhecer em Portugal, não só a fortuna da Academia, mas taõbem o grande, e o superior talento do Author da Bibliotheca; pois qualquer obra, que fosse do Author, na luz, e doutrina, que communica, leva o Clarim, que a pregoa, e a declama; defafiado porém do zelo, e amor da Patria rompe neste grande parto do seu talento, e juizo, para que não cedesse em menor reputaçã da Academia o não acudir athequi às expectaçoes do

Mundo, que todo suspirava por esta obra tão util, e necessaria: e em que se vem sepultadas aquellas justas Criticas, com que feriaõ os estranhos aos Portuguezes, que até o tempo prezente tem dado a conhecer os seus Heróes em muito differfas, e pouco atendiveis Imagens, ou em Copias, que não tinhaõ aquellas semelhanças, com que deviaõ corresponder aos seus Originaes.

Tudo se acha já, e se verá restituído nesta grande obra, e correrá com tanta fortuna o Mundo todo, que voluntariamente lhe farà aquella Confissãõ, que faziaõ os Astros ao Sol, quando Apelles o retratou no meyo do firmamento com esta Epygraphie.

Nilil sine te lucet.

De todas estas atençoens, e respeito se faz digno hum congresso, que mereceu à fortuna, não Gentilica, mas Catholica, a protecção de hum Monarcha, que pellas Operaçoens do trono tem ennobrecidas as Antonomazias de Magnifico, e que conta no numero dos seus Academicos o Author desta grande Obra, cuja capacidade, e talento deixa menos preciosos os mais elevados panegiricos, que só podem dignamente formarlhe ou as discretas lingoas das suas mayores capacidades, ou os eloquentissimos clamores dos seus singularissimos merecimentos.

E porque nesta grande obra não encontrey couza, que se opponha ou à nossa Fé, ou bons costumes, he digno o Supplicante da licença, que pertende. Assim me parece. V. Eminencia mandarà o que for servido. S. Domingos de Lisboa em 6. de Setembro de 1739.

O Doutor Fr. Antonio do Sacramento.

CENSURA DO M. R. P. D. CAETANO DE GOUVEA,
*Clerigo Regular, Qualificador do S. Officio, Examinador das
Ordens Militares, e Academico do numero da
Historia Real.*

EMINENTISSIMO SENHOR.

Lí, e examinei, como V. Eminencia foy servido ordenarme, o primeiro Tomo da Bibliotheca Portugueza, que com incansavel indagação, e em elegantissimo estilo compoz o Abbade de Sever Diogo Barbofa Machado meu Collega na Academia Real; e para expor o juizo que pude formar, digo a V. Eminencia, que já o primeiro, e segundo Tomo das Memorias para a Historia delRey D. Sebastião, que este Sabio Author escreveu, e que a Academia Real approvou, e mandou imprimir, tem feito tão recomendavel o seu nome na Republica das letras, que se athequi o antigo, e illustre Appellido de *Barbofa* occupava o primeiro lugar no Cathalogo dos Jurisconsultos, tambem agora o occupa no dos Historiadores. Porém ainda que aquella excellente obra pela magestoza elegancia da narraçãõ, e pela ordem, e variedade das noticias, de que algumas são totalmente anedoctas, faz tão benemerito a seu Author da veneraçãõ publica, esta, que agora pertende imprimir, o faz dignissimo da veneraçãõ, e do publico agradecimento, porque nella dá a conhecer ao mundo huma das mayores glorias de Portugal, mostrando que o nosso Reyno não he menos fecundo de Sabios, que de Heróes. Todas as sciencias, e todas as artes devem huma grande parte da perfeiçãõ, a que hoje estão reduzidas, aos Authores Portuguezes, porque em todas tem escrito com grande propriedade, acerto, e erudiçãõ, mas da gloria com que as illustrarãõ, ainda não haviaõ recebido hum digno premio. No Templo da Sabedoria se viaõ gravados os seus nomes com Caracteres de indelevel, e gloriosa duraçãõ, mas ainda no mesmo Templo se não admiravaõ collocadas as Imagens de todos, e das que formaraõ Artifices Estrangeiros, posto que eraõ peritos, como não conheciaõ os originaes, pela mayor parte sahiraõ imperfeitas. Tres Portuguezes applicaraõ a sabia maõ a esta grande Obra, mas tiverãõ a infelicidade ou de a não concluir, ou de não se fazer publico o seu trabalho. Estava reservada esta gloria para huma penna igualmente discreta, e erudita, e já respeitada pela perfeiçãõ de outras obras. E se como observou a discriçãõ de Plinio, não he mayor a gloria de merecer huma Estatua, que a de erigila, erigindo o Abbade de Sever nesta Bibliotheca a cada hum dos Sabios Portuguezes huma Estatua em que tão notavelmente se representaõ, devo dizer com a authoridade do mesmo Plinio, que he tão grande a sua gloria, que iguala a de todos.

Porém, Senhor Eminentíssimo, com a composição desta excelente obra não só se engrandece, e eterniza a gloria de seu Author, pela que dá a tantos Sabios, que tem florecido neste Reyno, e nas suas dilatadas Conquistas, mas pela grande utilidade, que receberão todos, os que por meyo das suas fadigas litterarias aspirarém à mesma gloria, sem hum exacto conhecimento dos Authores, das obras que compuzeraõ, do genio, e applicação com que trabalharaõ; e muitas vezes do tempo em que escreveraõ, nenhuma sciencia se póde saber com perfeição, porque não basta só estudar, he necessario fazer juizo do que se estuda, e distinguir o bom do que he máo, o verdadeiro do que he falso; o que facilmente se consegue pelo estudo das Historias litterarias, ainda que com mayor facilidade por meyo daquellas que são juntamente Criticas, e em que com a noticia dos Authores, obras, e ediçoens, se faz hum judicioso, e exacto exame dessas mesmas obras; e bem posso affirmar a V. Eminencia que he taõ vasta a erudição do Abbade de Sever que não lhe seria difficil compor desta sorte a sua Bibliotheca, mostrando que em todos os Artigos, era *Historia, e Critica*, como o he em alguns; mas sendo este beneficio o mayor, que podia fazer ao publico, muitos dos que o recebessem, o teriaõ por injuria; porque estimando todos que lhes louvem os acertos, poucos gostaõ, que lhe reprehendaõ os erros.

Sabe o Abbade de Sever taõ perfeitamente a lingua Latina, como a Portugueza; em huma, e outra he o seu estilo do seculo dos Augustos, naquella do de Roma, e nesta do de Portugal, em que temos a fortuna de viver, mas preferio a Portugueza à da antiga Roma, para mostrar que a nossa não cede à latina, nem na elegancia, nem na magestade, consagrando desta sorte à sua gloria, e à da Patria o mais illustre monumento, e para que de todos seja admirado, deve V. Eminencia dar licença, que se exponha ao publico, porque tambem nelle julgo eternizada a gloria da fé, e dos bons costumes. Lisboa Occidental nesta Casa de N. Senhora da Divina Providencia de Clerigos Regulares. 25. de Setembro de 1739.

D. Caetano de Gouvea C. R.

DO ORDINARIO.

*CENSURA DO MUITO R. P. M. Fr. AGOSTINHO DE
S. Boaventura, Religioso de Saõ Paulo primeiro Ermitaõ,
Lente Jubilado em a Sagrada Theologia, e Geral
duas vezes da sua Religiaõ.*

EXCELLENTISSIMO, E REVERENDISSIMO SENHOR.

ORdena-me V. Excellencia que veja este primeiro Tomo da Bibliotheca Lusitana, Historica, Critica, e Chronologica escrita pelo seu dignissimo Author Diogo Barboza Machado Abbade da Parochial Igreja de Santo Adriaõ de Sever, e Academico do numero da Academia Real; e mandar-me que veja aquillo mesmo, que por conta da utilidade publica anciosamente dezejava, he beneficio taõ artificioso, que sabe introduzir o merecimento da obediencia até no gosto da vontade propria. Naõ se me podia cometer mais delectavel occupaçaõ, do que verem os meus olhos huma obra taõ grande como suspirada, taõ necessaria como polida, e taõ proveitosa, que o mesmo exame que nella se faz superfluo para o rigor da censura, fica sendo liçaõ preciza para o estudo das noticias. A vastissima erudiçaõ do Author transcendente por toda a historia assim domestica, como estranha, foy a que correndo pelas muitas, e numerosas Bibliothecas, que os Reynos, as Republicas, as Religioens, e as Universidades mais florentes de toda a Europa tem dado ao prelo para eternizarem a fama dos seus escritores nacionaes, lhe excitou naõ só a reflexaõ sobre a falta (certamente nascida da sua mesma abundancia) que de semelhante bem merecida memoria tem havido no nosso de Portugal; mas tambem o ardentissimo dezejo de livrar a sua patria de huma sospeita taõ injuriosa, como seria presumirem as outras naçoens, que na nossa; ou naõ havia escritores, que a este assumpto podessem servir de gloriosa materia, ou naõ havia engenhos, que o soubessem animar com a viveza, e vitalidade de huma elegante forma. Mas sendo esta empreza taõ ardua, que sómente a sua idea hà mais de hum Seculo intentada, bastou para engrandecer aquellas pennas, que principiaraõ a lançar-lhe as primeiras breves, e confuzas linhas, o Author a dezempenha agora felizmente, e com todo aquelle incomparavel excessõ, com que os Gigantes se adiantaõ no passo a todos os outros homens, e as aguias se elevaõ no voo sobre todas as outras aves.

Porque aquella mesma misteriosa Ordem da Providencia, que rezervou esta admiravel producçaõ (como elle mesmo judiciosamente pondera) para o felicissimo Reinado de hum Monarcha taõ sabio, como

poderoso, que no Paraizo de Portugal tem feito cultivar, florecer, e frutificar mais que nunca a arvore da sciencia; destinou tambem para a mesma dourada idade o agudissimo engenho, e os infatigaveis estudos de hum escritor taõ applicado, taõ comprehensivo, e taõ fecundo, que dá logo por fruto não menos, que huma inteira livraria, e taõ consumada, que em cada huma das suas numerosas folhas se está logo conhecendo, que todas são da arvore da sciencia: a qual não he delineada para outro fim, mais, que para hum nobre, e immortal domicilio, em que vivaõ novamente todos os Authores Portuguezes izentos já das pençoens da mortalidade para hum eterno, e fidelissimo deposito dos seus nomes, dos seus nascimentos, das suas patrias, das suas acçoens, das suas vidas, e até das suas sepulturas; e finalmente para hum rico, e universal thezouro dos estudos, das obras, dos manuscritos, e athe das especulaçoens de todos os engenhos, que na patria tem florecido desde o primeiro Seculo da Igreja, e florecem ainda agora; e por isso verdadeiramente thezouro athequi escondido, mas já patente, e descuberto, em que se manifesta tudo quanto na republica das letras tem havido, e há precioso assim novo, como antigo; sendo esta excellente obra como huma flamante tocha, que dà grande luz aos estudiosos em todas as artes, em todas as faculdades, em todas as sciencias para saberem quaes são os primeiros Oraculos, que devem consultar entre os seus mais insignes, e mais famigerados profellores.

Inassequivel parecia este empenho à vida, às forças, e à applicação de hum unico, inda que singularissimo escritor; mas nem este argumento podia achar mayor Atlante para sustentar, e para revolver a immensa gravidade do seu pezo; nem este escritor podia achar materia mais adequada à actividade taõ fina, como forte do seu engenho, se não só na de hum argumento que parecia inassequivel, e por isso a sua vigilante, incansavel, e exactissima averiguação o consegue taõ acertadamente, que posso dizer, que nas obras deste genero, não só escurece aos antigos, mas tambem esteriliza aos vindouros; como já disse Claudiano a outro intento.

Obscurat veteres, obscurabitque futuros.

O que faz com estilo taõ admiravel, que hé breve com clareza, claro com profundidade, profundo com elevação; he eloquente sem redundancia, substancioso sem esterilidade, discreto sem affectação, e finalmente taõ copioso, que sendo as materias, de que trata, taõ semelhantes, e omogeneas, como são nascimentos, patrias, estudos, composições, obitos, e jazigos de tantos Varoens insignes, elle as descreve com differentes, naturaes, e sempre novas expressoens; como peritissimo artifice, que do mesmo ouro, e dos mesmos diamantes sabe formar muitas, e diversissimas joyas, que primorosamente lavradas na Officina desta grande Bibliotheca servirão de novo, e luzidissimo ornamento

à Coroa Portugueza; porque a nossa Lusitania sempre temida por Pallas bellicosa nas campanhas, se verá igualmente reverenciada por Minerva sabia nas escolas; devendo-lhe assim a patria nesta obra aquella primazia, que a antiguidade deu já às letras na competencia das armas, quando pôz a coroa naõ nas Maõs bellicosas de Pallas, mas na Cabeça sabia de Minerva.

E se os Romanos collocaraõ as suas primeiras Bibliothecas ou nos templos, como a de Augusto no de Apolo, ou nos palacios como a Tiberiana no de Tiberio, reconhecendo, que a estes illustres depositos da Sabedoria naõ se lhe devia menor custodia, que ou a tutela dos Deoses, ou a protecção dos Principes: a esta, que sendo o primeiro, e glorioso monumento de todos os engenhos da patria, nada contem opposto à pureza da nossa fé, aos dogmas da Igreja, ou aos costumes Christaõs, antes muitos, e admiraveis exemplares, que igualmente ensinaõ as letras, e as virtudes, claro está, que melhor do que às outras lhe hé devida justamente huma, e outra soberana protecção: a do Principe, para que entre a collecção dos selectissimos livros, que se gloreaõ de terem por domicilio ao seu augusto palacio, se digne de admittir, e de ennobrecer a huma obra, que tambem he collecção de Sabios seus Vassallos; os quaes aspiraõ á honra de huma taõ alta custodia, porque à Real protecção de huma Magestade Portugueza tem mais direito huma Bibliotheca, que toda he Lusitana. A de Deos, porque como elle mesmo affirma que hé Alfa, e Omega, principio, e fim de tudo, precizo he implorar a sua poderosa maõ, para que a hum Author, que neste primeiro Tomo lhe dà principio pela primeira letra do alfabeto, se digne de conservar a sua importante vida, até que na ultima lhe chegue a pór o fim; para que assim como este hade ser a melhor coroa de toda a obra, seja tambem toda esta utilissima, e excellentissima obra a melhor coroa de seu Author. Lisboa Occidental Convento do Santissimo Sacramento da Ordem de S. Paulo primeiro Eremita 12. de Novembro de 1739.

Pitise. Lexic. antiquit. Roman. Tom. 1. pag. 276.

Ego sum Alpha, & Omega, principium, & finis dicit dominus Deus. Apocal. 1. 8.

Fr. Agostinho de S. Boaventura.

DO PAÇO

*CENSURA DO VISCONDE DA ASSECA, DO CONSELHO DE
Sua Magestade, e Academico do numero da Academia Real.*

SENHOR.

A Bibliotheca Lusitana, que compoz, e pretende imprimir o Abbade Diogo Barboza Machado, me parece não sómente dignissima de que V. Magestade lhe conceda a licença que pede, mas que passando da honra da permissão para a soberania do preceito lhe ordene por credito, e por beneficio do Reyno que a sua incansavel applicação taõ nobremente revestida de decoro, e elegancia, de vozes, de propriedade, e pureza de termos, de profundidade, e elevação de conceitos se empregue na cuidadosa continuação desta obra, e os Escriitores, a quem elle livrou da escandalosa injuria do esquecimento para o immortal applauso da memoria, animados na gloriosa fadiga dos seus estudos, e na eloquente harmonia da sua discrição seraõ ecos da fama, que merece, ou fallando por todos serà o Author o elogio de si mesmo. V. Magestade mandará o que for servido. Lisboa Occidental 7. de Dezembro de 1739.

Visconde de Asseca.

CARTA

DO

ILLUSTRÍSSIMO, E EXCELLENTÍSSIMO SENHOR

CONDE DO VIMIOSO.

P Ara eu me animar a fazer hum breve elogio à insigne Bibliotheca que v. m. compoem de Autores Portuguezes me vejo cercado de tantas obrigaçoens, como difficuldades.

As obrigaçoens nagem da grandeza da materia, do primor da obra, e do merecimento do Autor; a materia copioza, e util, a obra discreta, e eloquente, o Autor amigo, e Mestre: logo não pode haver mayores obrigaçoens que pertender ser justo, e agradecido.

As difficuldades vem a ser lowar a vastidaõ das noticias quem não tem sciencia, a magestade do estilo quem não tem elegancia, a agudeza dos pensamentos quem não tem discricião; lowar a pessoa a quem se professa amisade, e de quem se recebeo a doutrina sem animo parcial, e juizo apaixonado: logo não pode haver mayores difficuldades que procurar acertos sem meyo, e vencer paixoens com desculpa.

Porém como as obrigaçoens ainda pezaõ mais que as difficuldades, venço estas, e digo que v. m. empredeio huma obra que incluye todos os estados, que abraça todas as Jerarquias, que comprehende todas as profissoens, e por isso todas as virtudes que nellas se praticaõ.

V. M. escreve de Principes, e nelles, da justiça, da clemencia, da liberalidade; escreve de Generaes, e nelles, do valor, da prudencia, da disciplina: escreve de Magistrados, e nelles, da politica, da rectidaõ, da incorruptibilidade: escreve de Prélados, e nelles, da vigilancia, da caridade, do zelo; escreve de Religiosos, e nelles, da pobreza, da obediencia, da modestia, escreve de homens illustres, e nelles, daquelles dotes que os fixeraõ mais egregios: escreve de homens humildes, e nelles, daquellas aççoens que os souberaõ fazer illustres.

Não só fica devedora à penna de v. m. a republica das virtudes, tambem lhe fica obrigada a das sciencias, os mysterios da Theologia, as demostraçoens da Mathematica, os sistemas da Filosofia, as regras da Jurisprudencia, os aforismos da Medicina, as figuras da Oratoria, as flores da Poesia, as leys da Historia, e todas as mais artes em que v. m. discorre dos Autores que refere.

V. m. une em si felizmente aquellas circumstancias, que a muitos Escriitores acreditarã divididas, porque v. m. he claro, e a clareza fez que muitas vezes se gostasse do que era humilde; he sutil, e a subtileza fez que muitas vezes se perdoasse o que era escuro; he elegante, e a elegancia fez que muitas vezes se estimasse o que era vulgar: he ameno, e a amenidade fez que muitas vezes se approvasse o que era futil.

V. m. não se contentou com o lowor de escolher materia illustre, de usar de explicação nobre, de conceber conceitos elevados, quiz o singular merecimento de ser o primeiro

que em Portugal fizesse composição deste genero. O bom estilo imitase; a discrição pulida igualase; a sciencia profunda communicase; só da gloria da primazia se não póde participar; só ella não sofre imitação, não admite igualdade, não consente companhia, e esta he a gloria que v. m. consegue apesar da modestia propria, e da inveja alheya.

Outra ventagem, ou privilegio tem v. m. sobre os outros Escritores, que he haver de fazer sem vaidade, antes por obrigação, panegiricos à sua mesma familia: pois quando v. m. chegar a letra I. do seu doutissimo Alfabeto, hade louvar precisamente os admiraveis escritos de seus irmãos o Senhor D. Jozé Barbofa, e o Senhor Doutor Ignacio Barbofa taõ capazes ambos de autorisar, como eraõ de compor a mesma Bibliotheca.

V. m. a escreve no idioma Portuguez, sendo igualmente insigne, e podendo ficar mais conhecido, e celebrado no idioma Latino. Isto he ser amante, e zeloso da Patria, ceder em obsequio della até da propria fama, estimar mais a lingoa particular do seu paiz, que a universal do mundo; preferir as poucas acclamaçoens dos seus naturaes às muitas dos estrangeiros, antepor a utilidade da sua Nação à de todas as gentes.

Mas porque he tempo de cumprir a promessa que fiz logo de ser breve, concludo dizendo que v. m. por meyo desta incomparavel obra faz beneficios á Patria de quem todos os recebem; que he generoso com os mesmos Soberanos de quem todos dependem; que louva os passados sem ter amizade, nem esperar premio, que honra os presentes sem dever obrigação, nem fazer lisonja, que serve aos futuros sem ter conhecimento, nem temer inveja, e que merecia ter por panegiristas do seu engenho quantos tem por assumpto do seu trabalho. Guarde Deos a v. m. muitos annos 2. de Abril de 1741.

Discipulo, e mayor Servidor, e venerador de v. m.

Conde de Vimiozo.

Senhor Abbade Diogo Barbofa Machado.

I N O L A U D E M

DOCTISSIMI VIRI

DIDACI BARBOSA MACHADO

EPIGRAMMA.

O MNIA nostrorum Scriptorum scripta simulque
Illorum laudes scriptor et ipse refers.
Sic decus accipies quod das, doctusque docebis
Scribere eum de te qui tua scripta leget.

Comes Vimiosensis.

A O S E N H O R

DIOGO BARBOSA MACHADO

Abbate de Sever escrevendo a Bibliotheca dos Autores Portuguezes.

SONETO.

O tu que já dos nacionaes Autores
Hum corpo illustre aos sabios offereces;
E que dos mesmos sabios não mereces
Menos nobres invejas, que louvores.

O' tu que attributos tens mayores
Do que effes Varoens doutos, que engrandeces;
E que chamarte devem reconheces
Sem lifonja Escritor dos Escritores.

Escreve no Alfabeto, que admiramos,
O teu nome, se não, fica imperfeito,
Faltando-lhe hum Autor, que celebramos.

Não ceda ao mais modesto o mais perfeito;
Nem consintas já mais que em ti vejamos
Ser cauza huma virtude de hum defeito.

Do Conde do Vimioso.

ELOGIO

DA

BIBLIOTHECA LUSITANA,

E DO SEU AUTOR

DIOGO BARBOSA MACHADO

Academico da Academia Real.

SONETO.

DO ILLUSTRIS. E EXCELLENTIS. SENHOR.

D. FRANCISCO XAVIER DE MENEZES CONDE

*Da Ericeira Conselheiro de Guerra, Mestre de Campo General, e Censor
da Academia Real.*

DE ti se queixaõ Delio os Escriitores
De que hoje immortalizas as memorias;
Porque as folhas lhe roubas das victorias
Dos livros, e dos Louros vencedores.

Ainda que em Elogios superiores
Deixas as claras obras mais notorias,
Nas que escreveste, lhe eclipsaste as glorias
Dos claros, e Appollineos resplendores.

Receaõ que fundando nas ruinas
O edificio, em que agora os ennobreces
Sò a Ti proprio a fama te destinias;

Com enganoso aplauzo os desvaneces
Pois no que escreves, hoje os illuminas,
Porèm no que escreveste, os escureces.

A O M. R. SENHOR

DIOGO BARBOSA MACHADO

SAHINDO A' LUZ COM A EXCELLENTE

BIBLIOTHECA

Dos Escritores Portuguezes

OFFERECE

FRANCISCO DE PINA, E DE MELLO

E S T E

SONETO.

JA' rompe o tenebroso monumento,
Da Lufa Encyclopedia o ardor Sagrado;
E a não ser do esplendor taõ amparado,
Perdera no descuido o seu alento:

Mas este renacido luzimento
Vos estava (oh Barbosa) destinado;
Pois o tem vosso engenho resgatado
Da torpe servidaõ do esquecimento.

Sobe com tanto impulso a grande chama,
Na Portugueza gloria, à luz serena,
Que por todo o Universo se derrama:

E talvez no louvor, que se lhe ordena,
Menos deva ao clarim da eterna fama,
Que ao estrondo immortal da vossa penna.

A' SINGULAR, E ERUDITA
BIBLIOTHECA

Dos Autores Portuguezes, que compoz o Reverendo Senhor
DIOGO BARBOSA MACHADO
Abbade de Sever, e Academico da Academia Real.

ROMANCE HENDECASYLABO.

DAR huma Livraria inteira ao Prélo
Excede a Esfera do talento, e da arte,
Sò vossa immensa erudição fizera
Ser taõ arduo impossivel praticavel.

A os Nacionaes Autores concedestes
O honroso indulto de só nella entrarem,
Cuja prerogativa lhes imprime
Para a veneração mayor Character.

Naõ se emprega em menos nobre assumpto
A illustre penna de Escriitor taõ grande,
Sem que a gloria da Patria fosse o objecto,
Que a attenção dos estudos lhe levasse.

A's outras Bibliothecas authorizam
Os livros, que em si incluem, singulares,
Sò unica esta sabia Bibliotheca
A os Livros lhes concede authoridades.

Se houve já dilatadas Livrarias,
Que tomos agregando innumeraveis,
Na extenção desmedida da grandesa
Fundaram o motivo da vaidade:

Oh como incluye em si hum só volume
Infigne Bibliotheca mais notavel!
Pois para a justa estimação do preço
Pode mais, que a extenção, a qualidade.

Inclusos em hum tomo tantos livros,
Mais grandeza conseguem do que dantes,
Poís estendem a fama, e no conceito,
Que delles se formava, já naõ cabem.

Duplicado esplendor mostram as Obras
Nesta segunda luz, a que hoje sahem;
Que a douta penna, quando as manifesta,
Lhes faz mais decorosa a Magestade.

Inda aquelles Authores, cujas obras
Naõ lograraõ, que a Fama as approvasse,
Com a vossa memoria ennobrecidos,
Seu nome se fará mais respeitavel.

Alguns, que sepultava o esquecimento,
Devem à indagação do vosso exame
Que de escuras noticias, quasi extintas,
Renação para fama perduravel.

Se a quem patentes faz as Livrarias,
Deve o publico grande utilidade,
Quanto deverá mais a quem zeloso
Naõ só as faz patentes, mas portaveis?

Em periodos doutos repartistes
Aos sabios livros commodos lugares,
Quem já vio Livraria, onde se admiraõ
Mais discretas, que os livros, as Estantes?

Com alto assombro agora os livros ficaõ
Na formal ordem com que os collocastes,
Se às injurias do Tempo respectivos,
Aos assaltos da Enveja infuperaveis.

Vendo o excelso lugar em que estaõ postos,
A mais soberba Critica se abate;
Pois precisando reverentes cultos
Lograõ mais que respeito immunidades.

Quando eternos fazeis tantos Authores,
Vosso nome consegue eternizar-se,
Que com prodiga usura generosa
Fica com toda a fama, que reparte.

De João Manoel de Mello.

PRÆSTANTISSIMO VIRO,
DIDACO BARBOSA MACHADO,
Domino suo maxime colendo,

BIBLIOTHECAM
Lusitanam

AUREO CALAMO SCRIBENTI

O D E

QUOS diu mutam chelyn entheato
Carminum suadus rapis igne in orfus
Phæbe, & oblitum fidium immorari
Plausibus unguem?

Quo vocas? Sacri licet amnis undæ
Effluant, nullus mihi se bivertex
Collis indulget, properatve docta
Turba Sororum.

Anne Barbofam, decus omne gentis
Lysia, quanvis Helicon pateret
Se mihi totum, meritis canendo
Laudibus ornem?

Remige ignotum pelagum volatu
Trano, plumanti peto vel natatu
Dædalus Cæli novus, atque Ariont
Æquoris audax.

Ille quod tandem retulit sepulchro
Nunc viros doctos, pariterque in ævum
Tradidit longum, memorique sculpsit,
Nomina Cælo:

Quos diu tempus, velut unda labens,
Obruit, diris reparat ruinis,
Donat et vita meliore, numquam
Quam teret ætas;

Sive quod tantum patriæ decorem
Auget, et nullos cadet hic per annos,
Hinc seges magni celebranda plectrum
Opprimet Orphei.

Tollit Heroas, Superis remiscet,
Erigit quotquot simulachra Lufis,
Tot sibi mirum statuit perenni

Ære columnas.

Hunc Deum possent homines fateri,
More si Majá geniti, repostos
Morte facundus revocat, beatis

Collocat astris.

Quippe non solum studet æmulari
Tullium, ornata superat loquella:
Principem posthac potiore quisquis

Jure vocabit.

Par sibi constat, similisque semper
Disparis quamquam ferat ore sensus,
Nectaris pollens, Charitumquæ totâ

Fertilis Hyblâ.

Ergo felici Sata Marte, lauro
Nexa crinales obeunte Cirrhos,
I triumphali, trabeata palmis

Gloria Curru.

Tuque dum procedis, Jo Triumphæ
Dic precor, dic rursus, Jo Triumphæ,
Sicque Barbosæ fatis apta claris

Plaude triumphis.

Illius nomen, simul atque laudes
Fama per latas spatiosa terras
Evehat, quâ sol Oriens, Cadensque

Fræna retorquet.

Quaque non notos populos, & urbes
Damnat æternis Helice pruinis,
Quaque ferventes cumulos arenæ

Dissipat Auster.

Ante sed crebro pede denatata
Unda natalem scatebram revifet,
Ipsa, Barbosæ, ore quam loquaci

Cuncta pererret.

Hæc tamen Centum famulata linguis
Det tibi plausum modo docta, Musa
Nostra dum certe nequit altiores

Promere Cantus.

AUCTORIS

MIRAM ELOQUENTIÆ VIM LAUDARE CONATUR

HOC EPIGRAMMATE.

TU nunc Romani Majestas prima Senatus,
Cujus & eloquii fulmen ab ore tonat:
Tu, licet invitus, Barbaræ cede disertis;
Vinceris ingenio, vinceris arte simul.
Ergo sile, & posthac te muta silentia volvant;
Aut mirare tacens quæque legenda dedit.
Ast non: rumpe, precor vocem; namque alter ab illo
Cum sis, tu solum dicere digna potes.

Thomas Cajetanus de Bem C. R.

ERUDITISSIMO VIRO
DIDACO BARBOSA MACHADO
Bibliothecæ Lusitanæ

PRIMUM VOLUMEN JURIS PUBLICI FACIENTI.

ELOGIUM.

Siste Lector.
Auctori plaude,
Qui omnia literarum genera
Unâ comprehendit Bibliothecâ.
Auctori plaude,
Qui calamo,
Veluti Mercurii Virga,
Lusitanos Scriptores
Compellit surgere
Fatali Oblivionis è tumulo.
Auctori plaude,
Opus à multis tentatum
Ille unus
Ad umbilicum deduxit.
Felix Lusitania
Tali prole,
Tam grata sibi, quam omnibus.
Auctori plaude,
Optatam attigit metam,
Ut illum ducem sequantur,
Qui sequentur,
Cùm facile sit inventis addere.

O. S. M. D. D. P.

A O S E N H O R
DIOGO BARBOSA MACHADO
Abbate de Sever, escrevendo

A
BIBLIOTHECA LUSITANA,
ROMANCE.

I.

LUSITANO Plutarco, que eternizas
De tanto Escritor Luzo altas memorias,
Na tinta, com que escreves, lhe preparas
O balfamo mais puro para as obras.

II.

Já com elle da Parca os duros golpes
Naõ sentiraõ; pois vejo que os informa
Novo alento immortal, que estes prodigios
Naceraõ deffas vozes poderofas.

III.

Nos conceitos, que formas elevados,
Que a Intelligencia te sublimas provas;
Mas nas vidas, que infundes eloquente,
Parece que a Deidade te remontas.

IV.

Da Lybitina injustos os triunfos
No vasto mar do teu engenho affogas:
Naõ fulminára os golpes, se entendéra,
Que tu lhe havias de eclipsar as glorias.

V.

Sabia, e gloriosamente castigadas
Deixas de Cloto as barbaras afrontas;
Porém na qualidade do castigo
Lá descobre razoens para a vangloria.

VERSIO LATINA.

I.

LUSIADUM Plutarche, vagum qui docta per Orbem
Æternas monumenta virum, queis Lysia floret,
Facundum calamo quem reddit clara nigredo
Balsama componis Lufis meliora libellis.

II.

*Infixit quæ Parca truci commota furore
Vulnera contemnent, illos nam spiritus auræ
Immortalis agit: nova sunt miracula vocum,
Lumina nam possunt rursus producere vitæ.*

III.

*Subtili dum mente volas, ut Lysia laudes
Scripta, probas civem clari te vivere cæli:
Attamen altifono cum reddis flumine vitam,
Eveheris, credo, dotes ad Numinis altas.*

IV.

*Barbara quot fixit præcox Libitina trophæa
Eloquio submersa tuo petiere profundum:
Non ictus geminaret atrox, si lumina nosset
Impia te densis obducere posse tenebris.*

V.

*Gloria quanta tibi, pariter sapientia quanta
Cum probra castigas Cloto crudelia diræ!
Dum tamen expendit pœnam, quæ plexa recedit,
Non dolet, ast ipso tormento elata superbit.*

VI.

Vé que he nobre, porque he do teu discurso,
Daqui para a jaçtancia assumpto toma:
Que singular juizo, pois ainda
Quando castiga, o seu aggravado he honra!

VII.

Mas se assim honras, quando a Lyfia vingas,
Que mais haçde fazer quando perdoas?
Raro poder do teu entendimento
Que até as proprias paixoens faz meritorias!

VIII.

Na justiça da guerra, que lhe fazes,
Antes de combater já te coroas:
E só de acção taõ grande os pensamentos
Bastavaõ para annuncio das victorias.

IX.

Ambos vibraes as armas nesta empreza,
Porém tu generoso, ella envejeza,
Ella arrastrada da paixãõ infame,
Tu persuadido da virtude Herõica.

X.

A ti a gloria da Nação te obriga,
A ella o empenho de a abater provoca:
Ella esgrime a robusta fouce horrenda,
Tu a penna sublime, illustre, douta.

XI.

Ella a força poem toda nos seus braços,
Tu poens no teu juizo toda a força;
Faltaõ-lhe causas para o estrago a ella,
A ti para o castigo, e triumpho sobraõ.

XII.

Vio a Parca de Tullios, e de Homeros
Lusitania taõ fertil productora,
Que temeo, que por elles esquecesse
A Deidade de Delfos, e Dodona.

VI.

*Esse tuæ cognoscit opus, quia nobile, mentis,
 Arripit hinc ansam fastus ut turgeat æstu:
 Quisnam erit, ingenium qui non ad sidera tollat,
 Cum vel castigas, honor est injuria clarus.*

VII.

*Sed si tantus honos quando te vindice gaudet
 Lysia, quid facies cùm pœnam, irasque remittas?
 Vis quanta ingenii; menti stat quanta potestas
 Quæ motus animi gratâ mercede secundat!*

VIII.

*Iustitiâ, quâ bella moves, quâ fervidus ardes
 Nondum acies pugnant, jam te tua fama coronat.
 Aude igitur, nam animo quæ grandia concipis ausa,
 Sufficiunt ut leta tibi victoria plaudat.*

IX.

*Prælia tentatis, pugnasquæ cietis uterque,
 Tetamen urget honos, livore at roditur illa;
 Illa animo trahitur, maculat quem dedecus atrox,
 Tu solùm heroæ suasus virtutis amore.*

X.

*Te Lysia cogit sublimis gloria gentis,
 Perdere sed Lusos stimulat furor impius illam:
 Illius horrendam versat fera dextera falcem,
 Tu calamum egregium, doctum, pariterque peritum.*

XI.

*Viribus illa suis sperat superare, triumpho
 Tu spem mente tua meliori jure reponis:
 Olli causa deest ut strage superbiat, æquam
 Ut sumas pœnam, et vincas, tibi major abundat.*

XII.

*Impia mors vidit Cicerones, vidit Homeros
 Fertilitate Solum mirâ producere Lusum;
 Excidere ast animis timuit stupefacta dolore
 Numina, Dodonâ, Delphis quæ oracla tenebant.*

XIII.

Cega logo, tirana, e inexoravel
Dos Campos de Minerva os Cedros corta:
Que esperaõ da eloquencia as outras plantas,
Se os Cedros em Ciprestes se transformaõ?

XIV.

Já no coro das Mufas Lusitanas
Melpomene Cançoens tristes entoa;
Pois a que era de Apollo Monarchia,
He da morte funesto imperio agora.

XV.

Murchouse o Pindo; as Fontes correm turvas,
Ou não correm: Cadencias já não formaõ
As aves; tudo he horror; só geme ao longe
O passaro nocturno em vozes roucas.

XVI.

O golpe fente a Lusitania, e a falta
Do castigo a este insulto o mal lhe dobra:
Vingar-se quer; não quer lhe leya o mundo
Exemplos de fraqueza nas Historias.

XVII.

Quer que a vingança, porque a Fama viva,
Se veja executada sem demora:
Que quem da Fama dorme nos aggravos,
Póde o brio achar morto quando acorda.

XVIII.

Para punirlhe a injuria a Providencia
Reservou tua penna gloriosa:
Mas penna, que de Apollo, e de Mercurio
Ser me parece, no que brilha, e obra.

XIX.

Só do poder do teu profundo engenho
Fiou a Esfera acção taõ prodigioza;
Que de taõ grande Alcides só emprezas,
Com que o Ceo não concorre, saõ improprias.

XIII.

*Barbara, cæca, furens, non exorabilis ergo
 Excindit Cedros, frondentia dona, Minervæ.
 Arboribus doctis quidnam sperare licebit,
 Si quæ Cedrus erat, jam nunc est atra Cupressus?*

XIV.

*Castalidum Lysivæ reticet vox illa suavis,
 Melpomene tristis jam tristia carmina cantat;
 Nam fuerat quondam quæ dulcis Apollinis Aula,
 Nunc est immitis caligans Regia fati.*

XV.

*Languit en Pindus, fontes sua flumina turbant,
 Vel latices stagnant, avium chorus ille canorus
 Æthera non mulcet, tenet omnia frigidus horror,
 Et sonitu rauco solùm gemit atra volucris.*

XVI.

*Vulneris impatiens queritur gens Lusa cruenti,
 Ultio justa deest; geminatque hinc illa dolorem,
 Sumere vult pœnam, non vult quod perlegat Orbis
 Historiis transmissa suis exempla timoris.*

XVII.

*Optat vindictam, possit quâ vivere fama,
 Sed cupit extemplò sceleris quod pœna sequatur:
 Offensus famâ nam qui dat membra quieti,
 Defunctum, inveniet quando evigilabit, honorem.*

XVIII.

*Provida cura tamen cælos, terrasque gubernans
 Illa tuum calamum pompæ servavit ovanti.
 Qui calamus! Vel Mercurii, vel Apollinis esse
 Crediderim; tanto splendet sic illa nitore!*

XIX.

*Ingenio vis illa tuo contermina cælo
 Credidit immensum tantummodo ferre laborem:
 Namque aliena tibi tantùm fas credere gesta
 Clara Jovis Soboles, queis non arridet Olympus.*

XX.

Mas oh pasmo! Que mar de resplandores
 Da Lusitania o campo innunda, e doura?
 Não sey se he terra, ou Ceo? Sey que o azul Globo
 Quando quer brilhar mais, luzes lhe rouba.

XXI.

Producção rara da tua penna insigne
 Essa brilhante innundação se mostra:
 E até as linguas de fogo com que applaude
 A teus triunfos me parecem tochas.

XXII.

Para o justo pregaõ dos teus acertos
 Eraõ do veloz Monstro as vozes poucas:
 A ajudar obsequiosa esta harmonia
 Não quiz faltar a terra: abrio-se em bocas.

XXIII.

Oh que Metamorfose soberana
 Teus acentos fizeraõ nessas Covas!
 Já saõ vivas os ays, e em elogios
 Os Epitafios funebres se trocaõ.

XXIV.

Palmas as cinzas saõ, louro os Ciprestes,
 Aras as pedras, resplendor as sombras,
 As mortalhas trofeos, Templos as urnas,
 Imagens vivas, as que estavaõ mortas.

XXV.

Restaura-se de Apollo o antigo Imperio,
 Cantaõ flores, riem Aves, brilhaõ ondas,
 Resplandece, triunfa, reyna, vive
 O jubilo, a eloquencia, a uniaõ, concordia

XXVI.

Vive tudo; e só morre essa que piza
 Taõ soberba os Palacios, como as choças;
 Mata-a a inveja, que aprenderaõ ambas
 Instrucções de matar na mesma escolla.

XX.

*At stupor! Ætherei splendoris copia quanta
Lusiadum expatiatur agros, circumdat et auro!
Terra est, an Cælum? Nosco quod cæruleus axis
Lumina subducit majori ut luce coruscet.*

XXI.

*Hæc præclara tui calami productio fulget
Alluvies radians, umbras quæ sternit opacas;
Et plaudens etiam vivax tibi flamma, triumphos
Ut celebret festiva tuos, funalia credo.*

XXII.

*Ut meritis condigna tuis præconia dicat
Indiget et verbis monstrum velocius Euro:
Obsequium præstare volens, et fundere cantus
Deficit haud tellus; multos patefecit hiatus.*

XXIII.

*Oh! quam magnarum certè miracula rerum
Verba tua effossis jam sunt operata cavernis!
Quæ fuerant quondam suspiria tristia, pæan
Nunc sunt; & laudes, signatum carmine saxum.*

XXIV.

*Palmae sunt cineres, laurus fit mæsta Cupressus,
Aræ sunt lapides, ardent fulgoribus umbræ,
Sunt delubra urnæ, sunt lintea, clara trophæa,
Mortua quæ fuerat, spirans modo vivit imago.*

XXV.

*Antiquum novat imperium facundus Apollo,
Flos modulatur, aves rident, undæque refulgent,
Collucet, regnat, vincit, meliusque triumphat
Gaudium, & eloquium, dulcis concordia, fædus.*

XXVI.

*Omnia deducunt vitam, tantum occidit illa,
Quæ fastosa casas, & celsa palatia calcat,
Invidiæ pugione cadit, namque utraque diras
Occidendi artes unâ didicere palestra.*

XXVII.

Despedaça-fe, grita, brama, escuma
 Implacavel, cruel, e venenoza;
 E se guerra fez grande à Lusitania,
 Agora a tem mayor confígo propria.

XXVIII.

Por boca, por ouvidos, e por olhos
 Mongibellos respira, Etnas arroja:
 E dos olhos, da boca, e dos ouvidos
 Parece todo o inferno indigna Cópia.

XXIX.

Aonde está, O'Morte, o teu triumpho?
 Não sabes de affrontada onde te escondas:
 Oh que felice foras, se puderas
 Reduzir a cadaver a vergonha?

XXX.

Moveste contra as Arvores da sciencia
 As tuas fatáes Armas (acção louca!)
 De que servio o estrago, se o restaura
 Quem arvores da vida as deixa todas?

XXXI.

Não sabes, que essas plantas dão as flores,
 Com que a filha de Juppiter se touca?
 E que nas suas folhas por mais ricas
 Enthezourava as perolas a Aurora?

XXXII.

Bastava esta rezaõ para o respeito;
 Porem tu quando foste obsequiosa?
 Se o insulto, o escandalo, e a defordem
 Saõ as Imagens, que o teu templo adornaõ.

XXXIII.

Horrendo Sacrilegio, o arruinares
 Do Sacro monte a gala mais vistozia!
 Taõ feyo foy, que inda a Castalia, dizem,
 Murmura desta acção com lingoa folta.

XXVII.

*Se lacerat, dat voces, spumat, & infremit ore,
Implacata furit, lethalia toxica spirat:
Et si Lusiadas contra fera bella paravit,
Nunc atrox majora parat certamina secum.*

XXVIII.

*Os fœdum, arreclæque aures, et lumina torva,
Evomit ardentis flammæ, & projicit Æthnas:
Si tamen os videas, videas si lumina, & aures
Carceris umbrarum metuenda videtur imago.*

XXIX.

*Nunc immitis ubi tua mors victoria? Nescis
Opprobrii affecta locum, quo te abdere possis.
Oh nimum felix, posses si sæva pudorem
Reddere, quo premeris, fœdum Libitina cadaver?*

XXX.

*Tu bellum arboribus, queis clara scientia fulget
Efferæ movisti fatale (piacula stulta!)
Impia quid strages tibi profuit? Innovat omne,
Vertere qui noscit ligna in vitalia plantas.*

XXXI.

*Ignoras illas redolentes promere flores,
Queis caput exornat doctum Jovis inclyta gnata?
In foliisque suis pretii majoris Eoas
Tithoni conjux gemmas rubicunda recludit?*

XXXII.

*Hæc satis una, reor, fuerat tibi causa decori;
Obsequium at quando solita es præstare superba?
Si furor, & rabies, audacia, scandala triste
Templum fœda tuum quæ sunt simulacra coronant?*

XXXIII.

*Horrendum facinus Sacri cum evertere montis
Invidiæ stimulis acta ornament a parasti;
Tam deforme fuit, quod adhuc Parnasia lympha
Hoc scelus infandum fluido sermone refellit.*

XXXIV.

Queres viva a ignorancia? Oh que se seguem
Consequencias daqui perniciosas;
Quem não hà de ser nescio, se se observa
Que da morte izençoens o nescio logra?

XXXV.

Fatalidade grande, que contigo
Menos as luzes, do que as sombras possaõ!
Porem se assim não fora, como havia
Brilhar hoje a eloquencia vitoriosa?

XXXVI.

Mas oh! que a venda, que te cobre os olhos,
Do mais nobre attributo te despoja:
Não distingues as ruinas, que se as viras,
Tal vez te arrependesses do que prostras.

XXXVII.

Quebra a fouce: não tenhas deste estrago,
Que he mais penna, huma Estatua vergonhoza:
Faze o mesmo ao Relogio, não conserves
Despertador de infamias taõ notorias.

XXXVIII.

Olha, que te converte deshumano
Em seculos de dor as breves horas:
Despedaça-lhe as rodas, se não queres
Que sejaõ para ti de Ixion rodas.

XXXIX.

Afistida te vejo da ignorancia,
Que inconsolavel a sua afronta chora;
Mas na discreta cauza do seu pranto
Parece que do que he, desmente a nota.

XL.

Que barbaro furor! Mas não me animo
Vendo a excessiva dor, que vos suffoca,
A fazervos perguntas, que não quero
Proveis segundo estrago nas repostas,

XXXIV.

*Visne rudem inscitiam vitam protendere: Quanta
Hinc (opus est videas) fatalia damna sequantur:
Quis erit, ignarus qui non velit esse! Notatur
Si morti ignaros vectigal solvere nullum.*

XXXV.

*Fatale eventum: ecquis erit qui credere possit
Plus umbras tecum, quam lumina clara valere?
At si aliter res tota foret, vexilla sublime
Eloquium haud poterat fulgentia ferre per Orbem.*

XXXVI.

*Attamen ob? Tristis quæ fascia lumina velat,
Te spoliat miseram titulo meliore, ruinas
Impia præcipitis nescis distinguere, forte
Illas si aspiceres, mærenti corde doleres.*

XXXVII.

*Falcem frange trucem; stragis servare recusa
(Nam dolor est major) simulacrum turpe cruentæ:
Extremum velox patiaturo Clepsidra damnum
Ne sit qui memorét monumenta infamia culpæ.*

XXXVIII.

*Aspice, namque expers teneræ pietatis, amara
Exiguas horas ærumnæ in secula vertit:
Pernices confringe rotas, ne Ixionis instar
Sit rota juncta rotæ mæstissima causa malorum.*

XXXIX.

*Associata tibi sedet ignorantia, fletu
Quæ damnis affecta suis rigat ora profuso:
At si disertam luctus volo quærere causam
Facta videbuntur propriis pugnantia factis,*

XL.

*Dirus qui furor est? Animus sed denegat ultrâ
Pectora cum video duro cruciata dolore
Quæsitis lacerare meis; responsa timerem
Ne fierent stragis vobis nova causa secundæ.*

XL I.

E tu Heróe, glorioso, que este nome
 Com justo, e immortal credito se arroga
 Quem piedozo a Nação restaura illustre
 Da fogueiçaõ da Parca rigoroza:

XLII.

Triunfa, que na morte que vencestes
 Em hum Triunfo tres Triunfos contas:
 Pois quando esta destròes, a ignorancia,
 O voraz Tempo, e a inveja vil derrotas.

XLIII.

Sejaõ os quatro Monstros debellados
 Os que te movaõ a triumphal Carroça
 Se Febo não tivera o Plauastro ardente;
 Esta o seu Carro scintillante fora.

XLIV.

Oh que envejas faz hoje o Tejo ao Tybre?
 Competencias co mar ufano aposta:
 Gasta o metal fluctuante de que abundas
 Nas Estatuas, que a teus Triunfos forma.

XLV.

Já me parece vejo tresladadas
 Para os Circos e praças de Lisboa
 As Agulhas, Pyramides, Colossos
 Milagres do cinzel, que adora Roma.

XLVI.

Desse Regio Atheneo, de que es Alumno,
 Descreva teus Trofeos a Oratoria:
 Pois a Africa empenhada em aplaudirte
 Até da area adulta Palmas brota.

XLVII.

Do Capitolio já da Eternidade
 Alegre a Lusitania te abre as portas:
 E agradefida a Cròa te prepára
 Muito mais que a de Ariadna brilhadora.

XLII.

*Tu generose heros, quem gloria docta coronat,
Cui merito nomen tanti debetur honoris,
Nam gentem illustrem pietate insignis avaræ,
Mortis ab exitio redimis, soluis que vetusto.*

LXII.

*Vive ergò: Spoliis, quæ victâ morte reportas
Est tibi fas uno triplex numerare trophæum,
Illam nam quando victor pede proteris æquo
Inscitiam, invidiam superas, et mobile tempus.*

XLIII.

*Hæc quatuor devicta tuâ deformia dextrâ
Monstra trahant currum, veheris quo celsus ad astra:
Ardens si plaustrum rutilans non Phæbus haberet,
Igneus hoc solo toti splenderet Orbi.*

XLIV.

*Ob quantum invidiæ Tiberi Tagus excitat! Audax
Oceano conferre parat certamina vasto;
Prodigit undivagum, quo profluit, ille metallum,
Ut simulacra tuos reddant præclara triumphos.*

XLV.

*Transmissas video (mea ni Sententia fallit)
Urbis ad Æolidis Circos et compita magnæ
Pyradimes celsas et regia monstra Colossos,
Quæ scalpro efformata colit miracula Roma,*

XLVI.

*Et Schola Regalis, que te se jactat alumno,
Commendet tua facta ævi sermone perito:
Africa namque tuæ famæ devota perenni
Germinat ardenti vittrices littore palmas.*

XLVII.

*Illius ergo ævi, quod tempora nescit, et annos,
Aurea Lusitadum plausus tibi limina pandit
Splendentem que tibi molitur grata coronam,
Que superet fulgore vagum Minoidis astrum.*

XLVIII.

Cante a Fama o Epinício, e espectadores
Sejaõ desta Luzida immortal Pompa:
Quanto banha de Luz o Deos radiante
Da concha Occidental à Oriental concha.

II.

Basta Muza pois, já da minha lira
Destemperadas pulsa o plectro as cordas:
Se melhor cantar queres, segue os eccos
Dessa harmonia, que no Templo soa.

De Manoel Pereira da Costa.

XLVIII.

*Fama canat clarum mayori voce triumphum,
Accurrat merito pompæ immortalis amore
Quidquid in Orbe nitet radiantis Numinis igne
Littore ab Occiduo rutilas Orientis ad undas.*

II.

*Musa satis: Cytharæ rapidus jam deficit ille
Spiritus et fidibus non est concordia lapsis:
Si melius cantare cupis, studiosius audi
Concentus hilaris, quo Templum personat, echo.*

D. J. B. C. R.

A O S E N H O R .

DIOGO BARBOSA MACHADO

Abade de Sever, escrevendo a

BIBLIOTHECA LUSITANA

ROMANCE.

Empresa heroica, idea peregrina
Capaz da erudição profunda, e vasta,
Com que te constitues dignamente
Novo Protheo de formas litterarias.

Affunto singular, negado a todos,
Te reservou a Providencia sacra:
Porque o peso da Esfera só se fia
A quem as forças tem proporcionadas.

Quem te inspirou, Barbosa sem segundo,
A immensa execução de empresa tanta?
Donde sahio a nunca vista idea,
Que horroriza, sómente imaginada?

Acafo pode a margem do infinito
Permitirse tocar da força humana?
Ou tem da immensidade os privilegios
A potencia do engenho limitada?

Tu Sò: porque só tu, sem luz de exemplo,
Com penna heroicamente temeraria
Solicitaste os termos do infinito,
E soubeste pisar do immenso a raya.

Affim o dizem rasgos eloquentes
Dos caracteres mudos dessa estampa;
Cuja immensa materia facilita
Os creditos, que nella te consagraõ.

Dos Lufos escritores a noticia

No caos do esquecimento sepultada
Aos impulsos da penna, que os descobre,
Alentos reproduz, honras restaura.

Mais, que delles, de ti nos dás a copia

Sendo a penna pincel, tinta a elegancia;
E usurpando de todos os matizes
Com as mais vivas cores te retratas.

Foy necessario o espirito de tantos

A darnos huma idea da tua alma:
E ainda assim forma queixas o respeito
De que na sombra alhea a luz recatas.

O' quanto entre as Nações, que a desconhecem,

A teu sabio difvelo deve a Patria!
Pois, porque voe à Esfera de erudita,
De tantas pennas lhe teceste as azas.

Mas com tal differença de fortunas

Entre a Fama de todos, e a tua fama,
Que à de todos lhe basta huma só penna,
E as de todos à tua ainda não bastaõ.

O' Patria fecundissima de engenhos,

Se como os gèras, não os desprefaras,
Quantos teriaõ nome nas Historias,
Quantos teriaõ vulto nas Estatuas!

Emenda o ocio inutil de esquecida,

Nêgate ao feyo titulo de ingrata,
E eterniza nos marmores a hum Filho
Cifra de todos, que so elle exalta.

*De D. Joachim de Santa Anna Conego Regular de Santo
Agostinho*

A O S E N H O R

DIOGO BARBOSA MACHADO

Abbate de Sever escrevendo a

B I B L I O T H E C A

Lusitana

ROMANCE.

VARAM Sabio, que impulso vos anima
Ser decoroso estrago às Sepulturas?
Porém no universal juizo vosso
Que merito haverà que infeliz durma!

Refucitar sómente à natureza
Divino Imperio pela obra inculca,
Quanto que a natureza hé mais a Fama
Tanto a acção para o excessso se reputa?

Ou mortos ou confuzos nas memorias
Jaziaõ como escandalo da incuria
Milhares de Escritores Lusitanos;
Da los a conhecer novos apura.

Oh não se diga não, que para os Sabios
Taõ cega como avara hé a Fortuna,
Porque não falta ao premio, mede o tempo
Satisfaz ao trabalho, não o adula.

Talves fosse notada Lusitania
De preclaros ingenhos infecunda,
Quem a Patria deffende da ignominia
Dilata-lhe a extensaõ pelo que a illustra.

Deffendida não só, mas venerada
A deixa vossa penna, que triumpho
Da Crisi mais severa pois escolhe
E não para escrever sómente ajunta.

Estatuas vos erija agradecida
Mas esta vossa obra aquella frustra,
Que onde tem o primor que remontar-se
Depois da perfeição ser absoluta?

Mais que em mudos Padroens, em vozes vivas
Se construe a crudita architectura,
Não concilia o acerto authoridade
Por mais que creça, se se não divulga.

E como novamente organizados
Tantos sabios heróes a morte insultaõ!
Grande miseria hé para a ignorancia
Ser pègo, e não depozito nas urnas.

Só hé filho da Patria, que a engrandece,
Depois de morto honralla hé gloria summa,
Quem a elles, e a ella immortaliza
De ser Pay sem cuidado achou a industria.

Parece destinou a Providencia
Aos Barbofas Athlantes da cultura
Dessa de Juppiter producção sublime,
Donde melhor descanfa, se consulta.

Triumvirato douto se distinguem,
Mais que o sangue, a Sciencia hè que os vincula,
Qual o primeiro seja inda se ignora:
Tambèm hà confuzam, que não perturba.

Do filho de Clymene a arte excedem,
Deixando conservar na ruina adusta
Dissimulado o fogo sem que possa
Passar de Purgatorio a ser injuria.

Bem se vé nessas cinzas já não cinzas
Para sempre animadas, e incorruptas,
O calor não perdiaõ nas memorias,
Texto ficou, o que era conjectura.

Sabio investigador da antiguidade,
Erudição como essa tão fecunda,
Só podia de hum parto do juizo
Sahir à luz com tantas creaturas.

Naõ podendo creallas, as formastes
De novo, e agora izentas de caducas,
Nunca escrever foubestes sem decoro,
Vivendo vós, a morte naõ affusta.

Que vergoens naõ fazia o esquecimento
No rosto da idade porque muda?
Tira-lhes tanta nodoa a vossa tinta,
Hé Lusitania do Orbe formosura.

Basta, naõ de elogio ao vosso nome,
Sim de grato despenho à minha Musa,
Que naõ pode huma penna taõ rasteira
Servir no vosso Templo de Columna.

Sustentay vós sómente como Alcides
Do orbe literario a casa augusta,
Pois pondo nella a vossa Bibliotheca,
Temo nafça a miseria da fartura.

Só à Patria servir hè liberdade,
Quem a naõ serve, he vil, que o ocio educa,
Nesse barrete honra da milicia
Se veja premio o Mantelete, ou Murça.

Braz Jozé Rebello Leite.

ERUDITISSIMO VIRO

DIDACO BARBOSA MACHADO,

Abbati S. Adriani in Sever, Regalis Academiae Socio,

BIBLIOTHECAM
LUSITANAM SCRIBENTI.

Vir Egregie
Unius te Doctorem libri non esse,
Apertum facis,
Cum vel hoc in uno Bibliothecam verfas.
En Authori suo congruum Opus;
Alii alios libros scribant,
Te non nisi integra decet Bibliotheca;
Quam,
Nisi totam mente clauderes, non proferres.
Imó curtam nimis
Eruditionis tuæ copiam facis,
Relatis unius tantum gentis Scriptoribus,
Facturus integram, si retulisses omnium.
At dandum id præ reliquis Patriæ fuit,
Quam oportuit se ipsam noscere;
Insimul, & vindicari
Ab imposturis exterorum,
Quibus solemne est
Verbo, scriptis (quando nequeunt factis)
Lusitanos deterere
Non modo gladios, sed & calamos.
Dandum id civibus fuit tuis,
Apud quos Scriptor
Qui pluma reliquos elevet sua,
Rara est avis:
Ni tuis ipse auspiciis
Omnium utilitati prospiceres,
A nullo forsan alio auderent,
Sibi tale quid auspiciari.
Dandum id quoque fuit Confanguineis tuis,

De re litteraria optimè meritis :
Arbori florentissimæ
Familiæ, gentisque tuæ
Liber hic debebatur,
Debebantur hæc folia,
Quibus multiplex descriptum nomen
Probaret
Fieri è quolibet ejus Ligno Mercurium.
Utcumque tamen fuerit,
Uno hoc factò
Obæratos tibi reddidisti
Omnes Lusitaniæ Scriptores:
Quæ alii exaraverant,
Monumenta perenniora ære
Magna ex parte rubigo exederat,
Tu novo ære incidis,
Ut denuò perfrigrant oculos intuentium.
Aliorum clarissima nomina,
Quæ vel modestia texerat, vel vetustas abraferat,
Tu sollicitudine tua
Quasi lumine detegis superfufo:
Atque tenax justitiæ
Etiam inter obsequia
Unumquodque opus domino,
Dominum operi reponis suo,
Reliquos, eosque bene multos,
Omnium adhuc manibus tritos,
Nequa similis tempestas absumat,
Tabulis tuis expositos
Securos reddis perennitatis.
Ex hoc
Omnes Lusitanos Scriptores
Renatos quisque meritò dicet,
Cum,
Citra Pithagoricum delirium,
Denuò viderit in lucem editos,
Imò, & in unum migrasse Corpus
Tuæ Bibliothecæ.
Quod ut fieret,
Hauriendum non fuit oblivionis flumen,
sed superandum.
Plaude tibi,
Ferax ingeniorum Lusitania,
Exueris licèt sera Barbariem,

Brevi reparasti damna plurium Sæculorum.
Viceras sæpius strenuissimas gentes,
 Aperto Marte;
Ex quo patuit in te aditus Palladi,
 Stylo quas viceras ferreo,
 Vicisti et aureo.
Plaude, iterum plaude Lusitania:
 Tot ferè ditata libris,
 Quot liberis,
 Ceu te multiplici- tatis tæderet,
 Unum modo profers,
 Qui,
 Ceu foret instar omnium,
 Refert omnes.
Utilis ille quidem non minus singulis,
 Quia omnibus,
Ab aliis propulsat injuriam temporum,
 Aliis præcavet;
Non minùs propterea æternitate dignus,
Quod æternitati reliquos commendaverit.

DO SANTO OFFICIO

Visto estar conforme com o seu original pode correr. Lisboa 5. de Dezembro de 1741.

Fr. R. de Lancastro. Teixeira. Sylva. Soares. Abreu. Amaral.

DO ORDINARIO.

Visto estar conforme com o original pode correr. Lisboa 5. de Dezembro de 1741.

D. V. Arcebispo de Lacedemonia.

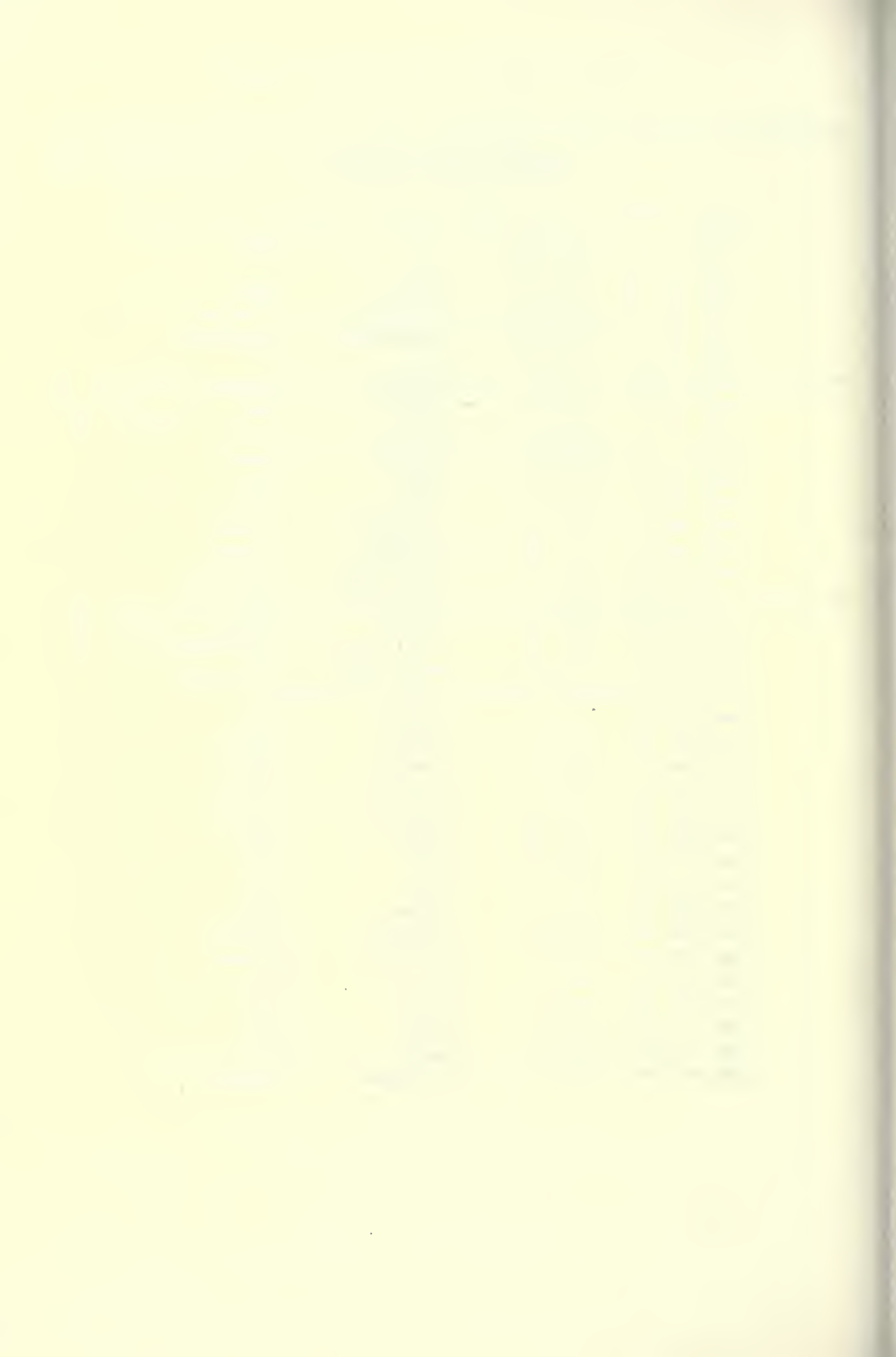
DO PAÇO.

Taxaõ este Livro em tres mil e duzentos reis para que possa correr. Lisboa 6. de Dezembro de 1741.

Pereira. Teixeira. Vaz de Carvalho.

ERRATAS EMENDADAS.

Pag. 23. col. 2. reg. 38.	faria	<i>fazia.</i>
pag. 53. col. 1. reg. 12.	no	<i>na</i>
pag. 143. col. 1. reg. 53.	affirma	<i>affima.</i>
pag. 163. col. 1. reg. 42.	Subjiecernt	<i>Subjecerunt.</i>
pag. 166. col. 1. reg. 42.	adnotationis	<i>adnotationibus.</i>
pag. 177. col. 1. reg. 51.	afte	<i>este</i>
pag. 179. col. 1. reg. 5.	campleta	<i>completa</i>
pag. 216. col. 1. reg. 31.	vivam	<i>vivax</i>
pag. 216. col. 1. reg. 34.	Myronis	<i>Maronis</i>
pag. 217. col. 1. reg. 22.	Geueal	<i>General</i>
pag. 220. col. 2. reg. 20.	marça	<i>murça</i>
pag. 286. col. 2. reg. 22.	Carcame	<i>Carcome</i>
pag. 288. col. 2. reg. 38.	tenstemunho	<i>testemunho</i>
pag. 291. col. 2. reg. 49.	deferanda	<i>de ferenda</i>
pag. 318. col. 2. reg. 25.	porque tinha	<i>tinha, porque</i>
pag. 319. col. 2. reg. 9.	Misericadia	<i>Misericordia</i>
pag. 327. col. 2. reg. 39.	forentes	<i>forenses.</i>
pag. 343. col. 2. reg. 42.	ANLONIO	<i>ANTONIO</i>
pag. 376. col. 1. reg. 23.	peritis insignia	<i>peritia insignis.</i>
pag. 390. col. 1. reg. 18.	filhalha	<i>filha</i>
pag. 416. col. 1. reg. 2.	segaintes	<i>seguintes.</i>
pag. 462. col. 1. reg. 45.	compoz	<i>composto</i>
pag. 480. col. 1. reg. 52.	Romna	<i>Romana</i>
pag. 482. col. 2. reg. 48.	Collaçoent	<i>Collaçoens.</i>
pag. 491. col. 1. reg. 43.	Repetito	<i>Repetitio</i>
pag. 495. col. 1. reg. 38.	precito	<i>preceito</i>
pag. 524. col. 1. reg. 47.	com	<i>como</i>
pag. 572. col. 2. reg. 44.	Calori	<i>Caroli</i>
pag. 599. col. 1. reg. 22.	infignas	<i>infignes</i>
pag. 628. col. 2. reg. 43.	Monarcia	<i>Monarchia</i>
pag. 648. col. 1. reg. 49.	goverzaraõ	<i>governaraõ</i>
pag. 692. col. 1. reg. 50.	pora	<i>para</i>
pag. 705. col. 1. reg. 32.	alterou	<i>altercou</i>
pag. 710. col. 1. reg. 32.	largas	<i>largar</i>
pag. 735. col. 1. reg. 33.	naçaõ	<i>naceu</i>
pag. 761. col. 2. reg. 28.	Posthuma	<i>Posthuma.</i>





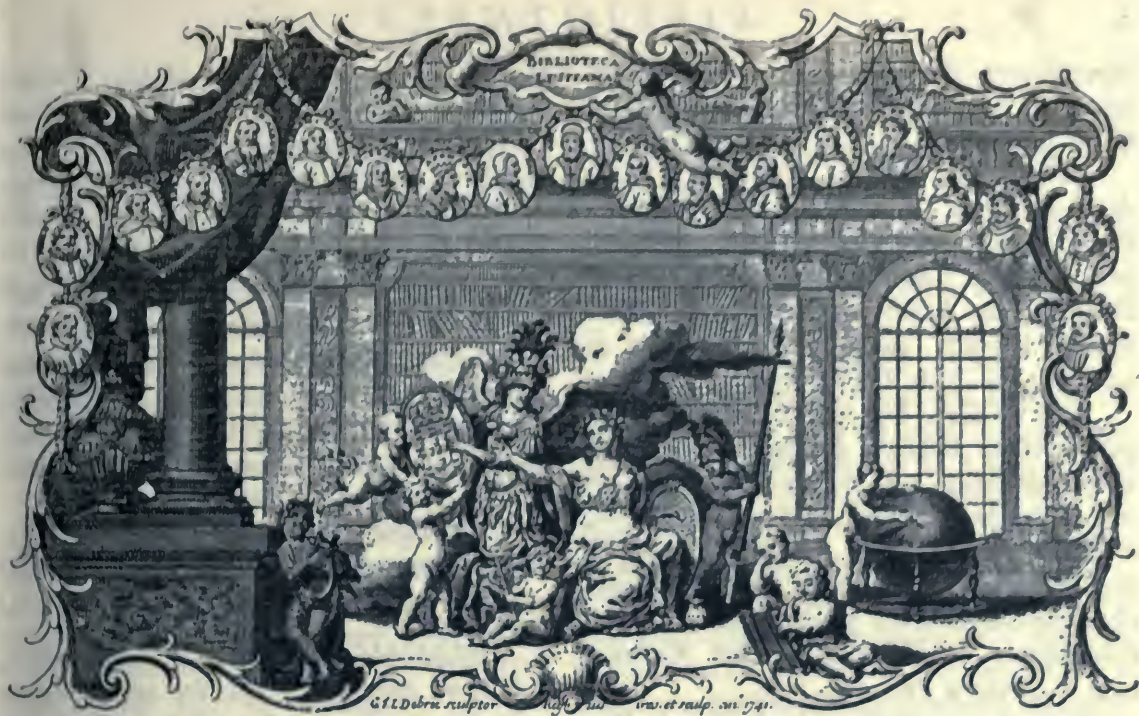
Kelberg pinxit.

S.H. Thomassin Sculp.

*Diogo Barbosa
Abba de da Parochial
de Sever Academico*



*Machado Vlyssiponense
Igreja de Santo Adriaõ
Real:*



BIBLIOTHECA LUSITANA

A



BRAHAM COEN PIMENTEL natural de Lisboa, donde passando a Amsterdaõ, publicou no anno de 1699.

Questoens Escolasticas.

ABRAHAM FERREYRA natural da Cidade do Porto, e Medico de profissãõ. Por ser acerrimo Sequaz do Hebraismo, receando experimentar o merecido castigo da sua apostasia se retirou furtivamente para Amsterdaõ, onde foy pelos seus naturaes benignamente recebido, e excessivamente estimado; de tal sorte, que o elegeraõ Presidente da Sinagoga no anno de 1652. em o qual lhe dedicou Manasse Ben Israel huma Oraçaõ composta em applauso do Principe de Orange, e Henriqueta Maria Rainha de Inglaterra na occasiaõ em que estes Principes foraõ ver

a mesma Sinagoga. Escreveo, e imprimio na lingua materna em Amsterdaõ.

Declaraçaõ das 613. Encomendaças da nossa Santa Ley. Anno da creação 5387. e de Christo 1627. em 4.

Desta obra, como do seu author, faz memoria o mesmo Manasse *in lib. de Resurrect. mort.* e no de *Fragilitate human.* part. 2. § 10. Gustavo Peringer. pag. 26. onde por engano lhe chama *David.* Jul. Bartoloc. *in Bib. Rabbin.* Part. 1. n. 108. Nicol. Ant. *in Bib. Hispan.* Tom. 2. in append. 2. pag. 313. Joan. Christoph. Wolfius *in Biblioth. Hebraea.* pag. 98. n. 137. Jacob. Le Long. *Bib. Sacra.* pag. mihi 593. col. 2.

ABRAHAM FERREYRA cujo apellido mudou em Iriira, quando deixando Portugal passou a Amsterdaõ, onde professou a observancia dos Ritos Judaicos. Foy iguالمême perito em os mysterios da Cabbala que nas

especulaçoens da Filosofia Platonica, e Aristotelica, de que deixou claros argumentos nas obras seguintes.

Casa de Dios ex Gen. XXVII. 17. Cõsta de sete partes, e outros tantos capitulos. Foy traduzida esta obra na lingua Hebraica pelo Rabbino Ifaac Abuhab Presidente da Sinagoga dos Judeos de Espanha em Amsterdaõ, impressa naquella Cidade anno da criaçaõ 5415. e de Christo 1655. 4.

Porta del Cielo. Foy tradufida em Hebraico pelo mesmo Rabino, e impressa no anno affirma declarado, e depois se verteo na lingua Latina em estylo mais compendiofo, e sahio no Tom. 1. Part. 3. *Cabbalæ denudatæ.* Solisbaci 1678. O principal argumento desta obra consiste em hum paralelo das doutrinas Cabbalísticas de Ensoph, e Adaõ Kadmon com a Filosofia Platonica.

Epitome y compendio dela Logica, ò Dialetica, en que se expone, y declara breve, y facilmente su essencia, partes, y propiedades, preceptos, reglas, y ujos, distribuido en 7. liuros. 8. sem lugar, nem anno da Impressão.

Fazem memoria de Abrahaõ Irira Basnage *Table de Auteurs dela Histoire, et la Religion des Juifs* Tom. 1. onde o intitula Portuguez, e Joaõ Christovaõ Wolfio in *Biblioth. Hebræa* pag. 66. § .101.

ABRAHAM DA FONSECA cuja patria se ignora. Foy muito versado na liçaõ da Sagrada Escriitura, e na intelligencia das suas mayores difficuldades, por cujas partes mereceo que em Amburgo fosse o primeiro Rabino da Sinagoga dos Espanhoes, onde viveo muitos annos com geral opiniaõ de insigne Mestre. Morreo a 17. de Julho de 1671. compoz.

Oculi Abrahamæ, sive Index veruum Bibliorum, qui explicantur in libro Rabot, & Mattanoth Kebunna. Amsterdaõ apud Danielelem da Fonseca anno creationis 5387. Christi 1627. 4.

Naõ faltou quem affirmasse que este livro fora impresso primeiramente em Amsterdaõ no anno da creação 5327. e de Christo 1567. cuja asseveração se convence ser falsa, porque sendo publicada neste anno, naõ podia ser composta esta obra por Abrahaõ da Fonseca, como taõbem porque neste

tempo, como doutamente advirtio Wolfio in *Bib. Hebræa* pag. 36. n. 133. naõ assistiaõ os Judeos em Amsterdaõ, nem tinhaõ impressaõ para publicar as obras, que escreviaõ. No Cathalogo da Bibliotheca de Joaõ Vander Wayen se lé esta obra impressa no anno de 1632 in 4. Do author faz memoria Jacob le Long. in *Bib. Sacr.* pag. mihi. 593. col. 2.

ABRAHAM FRISIO, o qual affirmar Portuguez, Jorge Draudio na Biblioth. Classica no titulo dos Chronologos. Foy igualmente douto no estudo da Chronologia, que na liçaõ da Biblia, escrevendo

Chronologia secundum normam Sacræ Scripturæ conformandæ, ac corrigendæ Delineatio brevissima. Gorlicii apud Joannem Rhamba. 1614. 4.

ABRAHAM GADELHA grande Medico, e insigne Astrologo. Por ser muito douto nesta Sciencia lhe mandou o Infante D. Pedro Tio Del Rey D. Affonso V. que observasse o aspecto dos Planetas para delles conjecturar a felicidade do governo daquelle Principe na hora, em que para Monarca desta Coroa foy aclamado em Thomar a 10. de Setembro de 1438. Em premio desta observação deu o mesmo Principe a hũa filha de Abrahaõ Gadelha huma Tença, o qual em agradecimento desta generosa dadiva compoz hum largo, e erudito Discurso acerca da observação que tinha feito, e o dedicou ao mesmo Principe, onde lhe augurava muitas felicidades.

ABRAHAM GOMES SYLVEIRA alias Diogo Gomes Sylveira. Ainda contava poucos annos de idade, quando deixando a patria, discorreo pellas mais celebres Cidades de França, e Flandes, atè que em Amsterdaõ fez o seu domicilio. Applicou se ao estudo das Sagradas letras em que naõ fez pequeno progresso. Era naturalmente inclinado à Poesia jocosa, da qual publicou diferentes obras, principalmente hum Vexame à imitação de Jeronimo Cancer, que se imprimio, como taõbem alguns Sermoens em Amsterdaõ no anno da Creação 5438. e de Christo 1676.

ABRAHAM NEHEMIAS insigne Medico, que floreceo no Seculo XVI. de cuja faculdade deo hum erudito testemunho nas obras seguintes.

Methodi medendi universalis per sanguinis emissionem, & purgationem libri duo; in quibus agit de purgandi tempore, & medendi ordine.

A esta obra juntou a seguinte.

De Tempore aquæ frigidaë in febribus ardentibus ad satietatem exhibendæ. Venetiis apud Bernardum Bassam 1591. in 4. e não em 1691. como erradamente escreve Bartolocio in *Bib. Rabbin.* Tom. I. n. 100. & apud Societatem Venetam 1604. in 4. & ibi apud Joan. Baptist. Ciottum 1604. in 4. Compoz mais

Quæstiones, & Responsiones.

A qual obra se não imprimio, e della se lembra Wolfio in *Bib. Heb.* pag. 92. n. 124. e do Author, Joaõ Anton. Vander Linden in *Bib. Medica.* Jorge Abrah. Mercklin. in *Script. Med.* e Nicol. Ant. in *Bib. Hisp.* Tom. 2. pag. 313. in Append.

ABRAHAM PEREYRA, ainda que nacido em Madrid, filho de Pays Portuguezes que eraõ naturaes de Villafior. O seu nome proprio era Thomaz Rodrigues Pereira, que conservou, em quanto assistio em Hespanha, onde mereceo a estimaçãõ das primeiras Pessoas daquella Monarchia pella agudeza do talento, e docilidade do genio. Passou a Amsterdaõ, onde com a mudança da religiaõ, mudou o nome. Morreo naquella Cidade no anno de 1699. Compoz

La certeza del Camino. Amsterd. 4.

Espejo de la vanidad del mundo. Amsterd. año de la Creacion del mundo 5431. de Christo 1683. in 4.

Delle faz mençaõ Joaõ Christof. Wolfio in *Bib. Hebræa.* pag. 99. n. 141.

ABRAHAM PIMENTEL. Floreceo conforme Wolfio in *Biblioth. Hebræa* pag. 97. n. 134. no meyo do Seculo decimo setimo. Foy não sómente observante professor das cerimonias, e ritos judaicos, mas profundamente douto na intelligencia dos seus mystérios, como manifestaõ as obras seguintes.

Oblatio Sacerdotis ex Levit. cap. 6. v. 16. consta esta obra de tres livros.

Occasus Solis ex Deutor. cap. II. v. 30. onde trata dos ritos que devem observar os Judeos desde o nacimiento da Aurora até o Occaso do Sol.

Liber Sponsonum. Neste Livro allude ao Liv. 2. Reg. cap. 14. v. 14. em que trata das couzas licitas, e illicitas.

Observatio Sabbati. Consta das ceremonias, que se praticaõ em os Sabbados. Amstelod. an. Creat. 5428. Christi 1668. 4.

ABRAHAM SABBAA natural de Lisboa, e hum dos mais famosos Rabinos do seu tempo. No anno de 1497. em que por ordem do Serenissimo Rey D. Manoel foraõ exterminados os Judeos de Portugal por não quererem abjurar os delirios da sua crença, lhe fez companhia, quando já era muito velho, e buscando para seu domicilio a Cidade de Fez, nella amargamente lamentou a auzencia da sua patria expressando as molestias, e afficçoens, que lhe causava o desterro naquellas palavras do Levitico cap. 26. *Si inpræceptis meis ambulaveritis* &c. Igualmente opprimido da angustia do animo, que do numero dos annos, acabou a vida em Fez no anno de 1509. Escreveo na lingua hebraica hum Commentario ao Pentateucho com este titulo:

Tzeròr hammór; hoc est, Fasciculus Myrrhæ ex Cant. I. n. 13.

Cuja exposiçaõ posto, que seja conforme ao sentido litteral da Escritura, muitas vezes inclina para o Cabbalístico, o qual he muito estimado dos Hebreos, como escrevẽ Wolfio in *Bib. Hebr.* pag. 93. n. 127. e Bartoloc. in *Bib. Rabbinic.* Tom. I. pag. 48. n. 102. Sahio primeiramente Venetiis apud Danielelem Bambergam 1523. in fol. e segunda vez ibi apud Marcum Antonium Justinianum 1546. fol. & ibi apud Georgium de Caballis. 1567. in fol. Foy traduzido em Latim por Conrado Pelicano como testifica Buxtorfio in *Biblioth. Rabbin.* pag. 296. da ultima ediçaõ, e sahio impresso Cracoviæ 1599. Joaõ Andre Eissenmengero no seu Livro intitulado *Judaismus detectus* afirma que deste Commentario da ediçaõ de Veneza de 1567. se tinhaõ tirado algumas injurias, que o author como acerrimo sequaz da Sinagoga tinha proferido em vituperio dos Christãos. Contra esta obra escreveo huma douta censura Diogo Humada, a qual se conserva M.S. no Collegio dos Neofitos de Roma, como diz Carlos Jozeph Imbonato in *Bib. Latino Heb.* pag. 32. n. 120. compoz mais:

Tzérór hacchéseph, id est, Fasciculus argenteus tirado do Genes. cap. 42. v. 35. que he hum comento dos Cantares de Salamaõ.

Adverte Bartoloccio in *Bib. Rabb.* Part. 1. pag. 49. n. 202. que este appellido *Savaã* por se achar escrito em alguns exemplares com accentuaçoens, foy causa para que muitos cressem ser abbreviatura da patria, e appellido do Rabbino Abrahaõ Aben Esra, e como a tal lhe atribuirãõ falsamente estas obras, quando dellas he verdadeiro author Abrahaõ Sabaá, a quem, como entre os Rabbinos o mais douto, celebraõ alem de Buxtorfio, e Bartoloccio, Plantavit. in *Biblioth. Rabb.* n. 605. Hottinger. in *Bib. Orient.* cap. 1. Claf. 2. pag. 4. Nicol. Ant. in *Hispán.* Tom. 2. pag. 313. in append. Georg. Draud. in *Classic.* claf. lib. Theolog. Tit. *Hebraic.* Geneb. in *Chronol.* lib. 4. ad an. 1484. & in Not. ad eamd. *Chronol.* sect. 15. pag. 156. Spond. ad ann. 1492. Jacob. Gualt. in *Tab. Chronolog.* Sæcul. 15. Wolfio in *Bib. Hebræa.* pag. 93. n. 127. e Jacob Le Long. in *Bib. Sacr.* pag. mihi 595. col. 1.

ABRAHAM USQUE naceo em Portugal, onde educado com os preceitos do Talmud por seus Pays, sahio hum dos mayores professores dos erros da Sinagoga. O seu mayor disvelo foy penetrar o sentido Litteral da Biblia, e para que a fizesse mais intelligivel aos Judeos, que assistiaõ em Hespanha, e Olanda, a traduzio do texto Hebraico na lingua Espanhola, e a dedicou a Hercules de Este Duque de Ferrara, e sahio impressa em caracter gothico com este titulo:

Biblia en lengua Española traduzida palabra por palabra de la verdad Hebraica por muy excelentes Letrados, vista y examinada por el Officio de la Inquisicion. in fol. Ferraræ. Sumptibus Yom Tob Atias anno mundi 5313. Christi. 1553.

Esta traduçaõ he palavra por palavra do Original, e não deixa de ser escura de se perceber por uzar de huma linguagem Hespanhola, que sómente se falla nas Sinagogas. Foy segunda vez impressa em Ferrara, e no fim tem estas palavras. *Con industria de Duarte Pinel Portuguez stampata a costa, y de despeza de Geronimo de Vargas Español en 1. de Março de 1553.* Nesta edição sahio com algumas palavras mudadas para ser mais

intelligivel, porém a primeira he muito mais estimavel, como escreve o Padre Richardo Simon in *Hist. Crit. V et. Testam.* liv. 5. cap. 19. Sahio terceira vez impressa por diligencia de Manasse Ben Israel em Amsterdaõ decimo quinto Sabbati 5390. que corresponde ao anno de Christo 1630. Bartoloccio na *Bib. Rabb.* Part. 1. pag. 49. n. 103. & Part. 3. p. 785. n. 706. escreve que Abrahaõ Usque fizera esta traducçaõ juntamente com seu companheiro Yom Tob Atias, porém Wolfio na *Bib. Hebræa* pag. 31. n. 49. se oppoem a esta opiniaõ affirmando que fora feita por outros Judeos, sendo impressa por diligencia de Abrahaõ Usque, como se colhe da edição de Ferrara, que no fim tem estas palavras. *A gloria, y loor de nuestro Señor se acabo la presente Biblia en lengua Española traduzida de la verdadera origen Hebraica por muy excelentes Letrados con industria, y diligencia de Abraham Usque Portuguez estampata en Ferrara a costa, y despeza de Yom Tob Atias hijo de Levi Atias Español en 14 de Adar de 5313.* Porém sempre reconhece Wolfio, que não pôde Abrahaõ Usque ser privado da gloria de trabalhar muito nesta traducçaõ, como afirma Richard. Simon in *Disq. Crit. de var. Bib. edition.* cap. 14. dizendo: *Verisimile est Abrahamum Usque Judæum à Lusitania in adornanda hac translatione Hispana sibi prævios habuisse Doctores, qui ante illius tempora Biblia in Sinagogis hebraicè, & hi spanice perlegerant, adè ut plerasque illorum voces usurpaverit.* Compoz mais

Orden de los Ritos de la Fiesta del Año Nuevo, y Expiacion. Ferrara 1554. 4.

Além de Wolfio, Bartoloccio, e Simon se lembraõ de Abrahaõ Usque, Le Long. in *Bib. Sacr.* Part. 2. pag. 124. Morery *Dictionair. Historique,* Magna Biblioth. Eccles. pag. 32. col. 1.

ACHILLES ESTAÇO, cuja memoria serà eternamente venerada no Templo da Virtude, e da Sabedoria, nasceo em a illustre Villa da Vidigueira da Provincia Transtaganana a 15. de Junho de 1524. como elle testifica em huma carta escrita a Paulo Mellisso. Foy filho de Paulo Nunes Estaço (a quem chama Simaõ por engano Nicolao Antonio na *Bib.*

Hisp. Tom. 1. pag. 2.) Cavalleiro professo da Ordem de Chissto, e Governador do Castello de Outaõ na barra de Setuval, naõ menos celebre pela nobreza de seus mayores, que pelas proezas militares obradas no Oriente, como escreve Joaõ de Barros *Dec. 3. liv. 9. cap. 12.* e muito mais pelas virtudes Christãas, que religiosamente praticava, pois por morte de sua mulher desprezando as delicias mundanas se recolheu no Mosteiro da Serra de Ossa, onde em habito secular exactamente observou os sagrados exercicios dos habitadores daquella solidão, até que com faculdade do Cardeal D. Henrique passou o restante da sua vida entre os Monges de Alcobaça. Como o seu genio era bellicoso, desejava que o filho fosse unicamente herdeiro de seus marciaes espiritos, e com este intento lhe impoz o nome de Achilles, para que a memoria deste insigne Capitaõ lhe servisse de perpetuo estimulo para obrar acçoens heroicas, das quaes lhe destinou por theatro a India Oriental, para onde o levou em sua companhia esperando, que aprendendo em idade taõ tenra os preceitos da arte militar, pelo progresso do tempo sahiria taõ disciplinado, que fosse o terror dos inimigos do Estado. Mas como a natureza suavemente o inclinava para as letras, e fosse pouco robusto para as armas, alcançou faculdade do pay para que deixando a escola de Marte, frequentasse a de Minerva. Para conseguir esta resolução voltou a Portugal, e na Cidade de Evora aprendeo do insigne Varaõ Andre de Resende as letras humanas, e a lingua Latina, e como a madureza do juizo se anticipava à verdura da idade, fez em breve tempo taõ agigantados progressos, que era admirado do Mestre, e envejado dos discipulos. Ambicioso de se instruir com mayores sciencias deixando a sua Patria passou a Flandes, onde em Lovayna teve por Mestre a Pedro Nanio, eloquentissimo Orador daquella idade; e depois estudou Theologia, da qual penetrou profundamente os seus mayores mysterios. Porém como as armas Francezas, que fortemente infestavaõ aquelles Paizes, lhe alterassem o socego necessario para o estudo, partio para Pariz, em cuja Universidade brilhou excessivamente o seu talento, publicando em o anno de 1549. como primicias da

sua capacidade, huma Sylva de varios Poemas, que dedicou ao seu Mecenas o Infante D. Luiz, a cuja generosidade propria de taõ grande Principe se confessou devedor como seu pay, expressando o agradecimento de ambos nestas metricas vozes:

*At tibi me, Paulumque Patrem debere satemur
Ipse quod ingenio, Marte quod ille potest.
Quippe Pater bello dux olim assuetus & armis
Sape tibi victor gratus ab hoste redit.*

Nesta obra poetica mostrou quanto era observante dos seus preceitos, sem profanar o culto das Musas com algum termo indecoroso à sua pureza. No anno de 1555. quando contava trinta, e hum de idade, voltou segunda vez a Flandes (como elle confessa na Explanção de Cicero *de optimo genere Oratorum*) e sendo desde a puericia applicado às letras humanas, para aliviar o animo da severidade dos estudos mayores, occupava algumas horas em interpretar aos seus domesticos, e amigos as obras dos Authores antigos, illustrando a huns com doutiffimas reflexoens, e observando em outros varios primores de elegancia, e erudição; e se nelles achava algum termo menos perceptivel à commua intelligencia, o consultava com Varoens eruditos, como muitas vezes o praticou com Paulo Manutio, Marco Antonio Mureto, e Francisco Reortelo, aos quaes professava huma estreita amizade, e communicação. Soube com perfeição as linguas Grega, e Hebraica, as quaes fallou com tanta expedição, e pureza como a Latina, em que foy eminente, e naõ menos Poeta suavissimo, e eloquentissimo Orador, de cujas elegantes vozes ainda hoje soaõ os eccos na cabeça do Mundo, onde por diversas vezes foy ouvido com aplauso, e admiração, principalmente quando na presença dos Summos Pontifices Pio IV. S. Pio V. e Gregorio XIII. elegantemente orou; duas vezes em nome do nosso Serenissimo Principe D. Sebastiaõ; e huma em nome de Fr. Joaõ de la Vallete Graõ Mestre de Malta com tanta pureza na frase, e espirito na representação, que sepultou em eterno esquecimento a todos os Oradores, de que tinha sido Patria, e theatro aquella grande Corte. Nella como Emporio das Sciencias mereceo ser elevado a huma Cadeira na Univer-

fidade da Sapiencia, onde resplandeceo com tanta intensão o seu talento, que para dignamente ser premiado, competião entre si os mayores Principes. Desta verdade seja claro testemunho o Cardeal Sforzia, quando o fez Bibliothecario da sua numerosa Livraria cõposta de rarissimos *M. S.* com que enriqueceo de novas noticias a sua vasta comprehensão. Atendendo a Santidade de Pio IV. ao seu talento o nomeou Secretario do Concilio Tridentino, e ainda que modestamente se escusou deste ministerio, não pode deixar de o exercitar, quando S. Pio V. o elegeo Secretario das Cartas Latinas, que os Pontifices escrevem aos Principes, confiando da elegancia das suas palavras, que dignamente exprimiisse, e representasse a suprema authoridade do Solio do Vaticano. Não menor estimação recebeo de Gregorio XIII. pois querendo augmentar o esplendor da Casa Pontificia o admitio em o numero dos seus Familiares, dando-lhe tudo quanto não só era necessario, mas superabundante. Porem como extremosamente sentisse a morte de S. Pio V. de quem recebera não vulgares demonstraçoens de affecto, deixando as bem fundadas esperanças, que lhe prometião os seus grandes merecimentos, se retirou a viver para si, e para as Musas; e julgando-se por sua natural humildade indigno do Estado Sacerdotal, passou o restante da vida com summa moderação, e parcimonia, regeitando muitos, e rendosos beneficios, que espontaneamente lhe offerecião, e alguns lugares honorificos, como foraõ o de Chronista Latino de Portugal, Guarda Mòr do Archivo Real para os quaes o convidou El Rey D. Sebastião, e de ser Secretario do Cardial D. Henrique quando no anno 1578. vestio a Purpura Real sobre a Cardinalicia. Nos seus ultimos annos gastava o tempo de menhãa em visitar com devota piedade os Templos, e sepulturas, em que descansão as Cinzas de muitos Martyres, de que Roma he veneravel deposito, e para que nem ainda neste piedoso exercicio estivesse totalmente divertido o seu genio do estudo, examinava com douta curiosidade muitas inscripçoens gravadas em diversos marmores; de tarde se comunicava aos seus amigos, aprendendo estes da sua pratica os documentos solidos, assim para o progresso das sciencias, como para a reforma das vidas; e aos que

estavaõ auzentes, como eraõ Joseph Castelloni celebre Jurisconsulto de Ancona, Paulo Mellisso Poeta Germanico, e Fulvio Ursino, sabio, e illustre Romano, que veneravaõ a sua profunda erudição, se fazia presente por cartas Latinas escritas com tanta elegancia, que testemunhou o Cicero Portuquez D. Jeronimo Osorio, fora insigne neste genero de escriptura. Foy sempre inimigo jurado do ocio, de tal forte que quando já o pezo dos annos, e a debilidade das forças o escusavaõ da applicação ao estudo, consumia grande parte do tempo extrahindo das Bibliothecas com incansavel trabalho as Obras de muitos Santos Padres Gregos, trazindo-as na Lingua Latina, como foraõ as Oraçoens de S. João Chrysofomo, e alguns Tratados de S. Cyrillo, Santo Anastasio, S. Gregorio Nisseno, Amphiloquio, e os Hymnos de Calimacho, vendose nestas traducçoens o profundo conhecimento, que tinha da lingua Grega na qual compoz tambem admiraveis versos. A sua vida, que pelos exercicios de tantas virtudes era digna de ser eterna, pagou o tributo de mortal em Roma a 28. de Setembro de 1581. quando contava 57. annos, e trez mezes de idade. Mandou no seu Testamento que vestido no habito de S. Domingos fosse enterrado na Igreja dos Padres da Congregação do Oratorio de Roma, onde honorificamente foy collocado em huma Capella dedicada à May de Deos, que he a primeyra, que ao entrar pelo Templo está ao lado esquerdo. Para eterno testemunho de como affectuosamente venerava aquelles exemplarissimos Padres lhes deixou por estimavel legado a sua numerosa Livraria, de cuja Lição extrahio varias noticias com que illustrou os Fastos da Igreja o seu Purpurado Annalista Cesar Baronio. Esta insigne Bibliotheca se vé collocada em huma sumptuosa casa, onde na fachada da porta está pintado o retrato de Achilles Estaço, e na parte inferior gravada esta breve inscripção *Bibliotheca Statiana*. Não foy poderosa a morte para extinguir na estimação dos mayores Principes a memoria de taõ grande Varaõ, pois querendo Xisto V. perpetuar o seu merecimento, conferio hum rendoso beneficio a hum seu parente, dizendo, que era justo que ainda depois da morte se premiasse a virtude. O Cardeal Farnese não duvidou affir-

nar, que morrera o mayor homem que sahira le Portugal. Os mais celebres Eſcritores he conſagraraõ grandes elogios ao ſeu nome, ulgando ſerem limitado premio para taõ alto merecimento, como foraõ Juſto Lipſio lib. 1. *Variar. Lelt.* cap. 2. chamando-lhe *magni ingenij, & multæ leſſionis virum.* Martim Aſpilc. Nav. in oper. de *Reddit. Eccleſ. Portugallie honor.* O Cardial Baronio naõ ſatisfeito de fazer delle honorifica memoria repetidas vezes, como ſe vê in *Annalib.* ad ann. Chriſt. 599. n. 9. & in *Not. ad Martyrol. Rom.* 21. April. tratando de Anaſtacio Synaita, e em 14. de Mayo *regul. Monach.* principalmente a 11. de Jan. in deposit. S. Baſil. diz eſtas palavras. *Legimus in Veteri M. S. Codice noſtra Bibliotheca, quam poſſidemus liberalitate oia memoria optimi, & eruditiffimi Achillis Statij Luſitani;* e em 12. de Novembro eſcrevendo de S. Martinho Papa, e Martyr; *Unde bene precamur bonæ memoria Achillis Statij, qui legata nobis ſua Bibliotheca tam inſignia reliquit vetuſtatis monumenta.* Latin. Latinin Epift. ad Ant. Auguſt. lhe chama *Librorum venator, & bello.* Ant. Poſſev. in *Appar. Sacr.* tom. 1. *Noſtri ævi eruditum virum.* Andre Scoto in *Bib. Hiſp.* claſ 2. tom. 3. pag. 489. *Poeta ſimul, & Philologus inter æquales præſtans.* D. Nicol. Ant. na *Bib. Hiſp.* Tom. 1. pag. 2. *Vir pius, eximiaque in litteris ſive proſa, ſive verſa oratione ſcriberet, ſive illuſtraret priſcos Scriptores, ſive tandem è Latino in Græcum verteret, famæ.* Fr. Miguel Pacheco na *Vida da Inf. D. Mar.* Liv. 2. cap. 4. p. 99. *hombre doctiffimo en letras divinas, y humanas;* e no cap. 18. pag. 135. *Sugeto de los aplaudidos de aquel ſiglo en todas las buenas Letras,* Jorge Cardoſ. *Agiol. Luſit.* Tom. 3. no *Commentario* de 3. de Mayo letr. A lhe chama *famoſo.* Joan. Suar. de Brito in *Theat. Luſit. Litterat.* lit A. *Vir fuit multæ eruditionis tam græcæ, quam latinæ.* Lud. Carrio. lib. 1. *Antiq.* cap. 2. *Virum ſumum, atque ut ejus amplitudo, & præclara omnium ſcientiarum conditio meretur, non niſi cum honore nominadum.* Jeron. Ghilino in *Theatr. d'Hum. Letter.* Tom. 2. p. 5. *Eccellentiffimo Litterato, Poeta, Proſatore, e Traduttore fini la ſua vita in Roma con grandiffimo diſpiacere de ſuoi amici, e di tui iprofessori di belle Lettere, trà quali apparve como un chiariffimo ſole frà le*

Stelle. Com ſemelhantes elogios o celebraõ Joaõ Sambuco in *Emblem.* pag. 177. Petr. Ang. Sper. de *nobil. Profef. Grammat. & Human.* lib. 3. fol. 120. e 129. Tobias Magir. in *Eponymol. Crit.* p. 7. Franckenau in *Bib. Hiſp. Hiſt. Gen. Herald.* pag. 1. Thuan. *Hiſt.* lib. 39. ad an. 1566. Joan. Halleverd. in *Bib. Curioſ.* pag. 2. Jacob. Pontan. in *Attic. Bellar.* pag. 43. n. 21. Taxand. in *Cathal. Cla. Hiſp. Script.* Capaſſi *Hiſt. Philoſof.* pag. 453. Padilla *Hiſt. Eccleſ. de Eſpan.* Cent. 4. cap. 52. onde por erro o faz Italiano, Gaſpar Eſtaço *Antig. de Portug.* cap. 44. §. 6. e no *Trat. da linbag. dos Eſtaços.* pag. 45. Fonſec. *Evora glorioſa* pag. 406. o Padre D. Ant. Caet. de Souf. na Prefaçõ á *Hiſt. Gen. da Caſ. Real de Portug.* Tom. 1. pag. 43. n. 21. He numerado entre os Poetas inſignes por Pedro Sanchez na celebre Carta que em louvor dos Poetas Portuguezes eſcreveo a Ignacio de Moraes dizendo:

*Incolat, & quamvis diverſas tranſfuga terras
Non tamen oblitus patriæ fera prælia cõtet
Quæ Rex Alphonſus cui cælo miſſa ſereno
Luſitanorum ſunt clara inſignia Regum.*

*Illum autem digito quem monſtrat Martia
Roma?*

*Orbis Roma caput; quo prætereunte fenestris
De ſummis pueri clamant, juveneſque, ſenes que
Ille, ille eſt certe ille eſt Luſitanus Achil-
les:*

*Luſitana ſuis tellus geſtavit in Ulnis
Nutrivit, docuitque bonas noviffe Camoe-
nas.*

Ultimamente coroa todos eſtes elogios dedicados à memoria de Achilles Eſtaço o Padre Antonio dos Reys com o que lhe tece das ſuas proprias Sylvas no Enthufiaſmo Poetico, n. 15 que dedicou à Auguſtiſſima Mageſtade delRey D. Joaõ V. N. Senhor imprefſo no principio dos ſeus agudiſſimos epigramas dizendo com Laconica, e elegante energia:

*Tu quòque non unà tantum redimitus Achilles
Fronde ſedes; ſiquidem propriæ dant plurima
Sylvæ
Serta tibi.*

O Cathalogo das ſuas obras que ſe achaõ eſpalhadas em huma, e outra Bibliotheca *Hiſpana, e Bibliotheca Claſſica* de Draudio,

na *Curiosa* de Hallevordio pag. 2. e na *Pontificia* de Fr. Luiz Jacob de S. Carlos pag. 238. e no *Cathalogo Clar. Hisp. Script. de Taxandro*, he o seguinte.

Obras impressas em prosa.

Commentarij in Lib. 3. M. Tulij Ciceronis de Optimo genere Oratorum. Parisiis apud Vascosanum 1551. in 4. & Lovanij apud Servatium Sassenium. 1552.

Commentarij in lib. M. Tulij Ciceronis de fato. Lovanij apud Servatium Sassenium. 1551. 8.

Castigationes, & explorationes in Top. M. Tulij Ciceronis. Ibidem apud eundem Typog. 1552. 8. Este Livro foy dedicado a Joaõ de Barros.

De optimo genere Oratorum, in Topicam, de Fato, atque observationes aliarum rerum. Sahiraõ juntos Antuerpiæ apud Martinum Nutium 1555. 8.

In Horatij Artem Poeticam Commentarium. Antuerp. 1553. 4. Desta obra faz illustre memoria Daniel Georg. Morhorf. in *Polyhstor.* lib. 7. cap. 1. n. 4.

Observationum in varios Latinorum scriptorum libros. Lovanij apud Sassenium 1552. e 1604. 8. Sahiraõ depois in *Thezaur. Crit. Joan. Gruther.*

Commentarij in Suetonium de Claris Grammaticis, & Rhetoribus illustribus libri duo. Antuerp. apud Christophorum Plantinum 1574. 8. Estes Commentarios, que injustamente se attribuiaõ a Joaõ Baptista Egnatio, sahiraõ nesta impressaõ restituídos ao seu verdadeiro author, qual era Achilles Estaço, que os dedicou ao Infante Cardial D. Henrique, onde entre outras coufas lhe diz. *Multa tua constant in patrem meum beneficia, multa in fratres, multa in me ipsum denique. Deinde, quæ ex Italia, atque Urbe Roma litteris amantissimis accito tam multa liberaliter, & prolixè polliceris, perinde mihi grata sunt, acsi jam etiam acceperim.* Esta obra louva Dionisio Lambino com huma carta escrita a Estaço, dizendo sahira, *tua acerrima limà castigatum, tuaque eruditissima commentatione locupletatum, atque exornatum.* Sahio Parisiis apud Federicum Morellum 1567. in 8. & ibi apud Adrianum Beys 1610. in fol.

Commentarij in Catullum. ibi apud eundem Typog. 1566. 8.

Commentarij in Tibullum. Venetiis apud Aldum Manutium. 1567. 8.

Estes dous Commentos sahiraõ impressos juntamente Venetiis apud Aldum, & Parisiis in fol. dos quaes diz Andre Scoto assima allegado, *Muretum in Catullo, & Tibullo venustis poetis explanandis æmulari non dubitavit Staius; certe in Tibullo disertior Mureto, & copiosior.*

Orationes duæ; altera in Topica Ciceronis, altera quodlibetica de animarum immortalitate. Parisiis 1547. 8.

Oratio ad Pium IV. Pontificem Maximum Sebastiani primi Portugallia' & Algarbiorum Regis nomine obedientiam præstante Laurentio Pires de Tavora XIII. Kalend. Junij 1560. Romæ. eodem anno 4. e nas minhas memorias delRey D. Sebastiaõ Parte 1. Liv. 2. cap. 1. §. 7. Lisboa por Jozeph Antonio da Sylva Impressor da Acad. 1736. 4.

Oratio Sebastiani Regis Lusitaniæ nomine ad Gregorium XIII. habita anno 1574. Romæ apud hæredes Antonij Bladij. 1574. 4.

Oratio ad Pium V. nomine Joannis Valletæ magni Magistri Ordinis Melitensis obedientiam præstante D. Petro de Monte Capua. Romæ apud Bolanum de Accoltis 4.

Commentarium, sive Epistola ad Navarrum de Redditibus Ecclesiasticis. Romæ apud hæredes Bladij 1552. 8. No fim está a reposta de Navarro, que começa deste modo. *Epistolam tuam, & Commentarium de pecuniæ Ecclesiasticæ ratione, charitate, religione, prudentia, modestia, & elegantia plenam jucundè suscepi, avideque perlegi, & cum tuo nomine, insignique fama dignam reperi, simul in animum induxi tuæ auctoritatis validis fundamentis immixta accessione nostræ sententiæ multum roboris addi posset.* Esta mesma epistola mais polida, e novamente augmentada com o Commentario do mesmo Estaço de *Pensione* sahio com este titulo.

De redditibus Ecclesiasticis, & Pensione commentarioli duo. Romæ apud hæredes Antonij Bladii 1574. 8. e 1581. e 1611. e ultimamente Hamburgi apud Michaellem Hering. 1614. 8.

Illustrium Virorum ut extant in Urbe expressi vultus ab Statio collecti, opera Fulvij Orsini publici juris facti. Romæ apud Antonium Lafrerium. 1569. in fol.

Taboa Geografica do Reyno de Portugal im-

pressa em Roma 1560. a qual Abrahão Ortelio collocou no seu Theatro do mundo, e por a ter dedicada Achilles Estação ao Cardial Guido Sforzia julgaraõ alguns erradamente ser obra sua, sendo ella composta por Fernão Alvres Seco insigne Cosmografo, de que faremos menção em seu lugar.

Obras Poeticas impressas.

Sylvæ aliquot unâ cum duobus hymnis Callimachi eodem carminis genere ab Statio redditis. Paris. apud Thomam Richardum. 1549. 4. & ibi. com outras diversas 1555.

Monomachia Navis Lusitaniæ, & Regum Lusitanorum insignia. Romæ apud Josephum de Angelis 1574.

De electione, profectiõne, & coronatione Serenissimi Henrici Poloniæ Regis. Romæ apud hæredes Bladij. 1574.

Deo Forti Melita liberata Epinicium. Sahio impresso este Poema com a Oração que fez em Roma em nome do Graõ Mestre de Malta, de que affirma se fez menção.

Ad Cognominem sibi Achillem Statium Pellæ Episcopum Carmen. Sahio impressa esta obra na Bibliotheca Hispan. de Andre Scoto pag. 488.

Poema Latino em louvor da Serenissima Infanta D. Maria filha delRey D. Manoel, o qual começa.

Jam pridem studijs alijs additior ævi. O qual está impresso na *Vida da mesma Princeza* composta por Fr. Miguel Pacheco lib. 2. cap. 18. pag. 135. v. onde com igual elegancia se vé traduzido em Castelhano por D. Manoel de Salinas y Lezana Conego da Cathedral de Huefca.

Epigramma Græco Latinum in Translatione S. Gregorij Nazianzeni, o qual traz Baronio in Not. ad Martyrol. Roman. 3. Idus Junij.

Obras traduzidas do Grego em Latim, das quaes a mayor parte está inferta in *Biblioth. Patr.*

S. Joannis Chrysostomi Orationes quinque. 1. *Dominicæ Orationis explanatio.* 2. *in Natalem Domini.* 3. *In Sancta Theophania.* 4. *De David Propheta.* 5. *de Seraphim.* Esta sahio separadamente Romæ apud hæredes Antonij Bladij. 1580. 8. Petro Donato Cardinali Cæfio nuncupata.

S. Gregorij Nysseni de Abrahã & Isac.

S. Athanasij in Mag. Paresceven. Amphilo hij in Sabbati Santli diem. Gregorij Antiocheni Episcopi in Sepulturam, & Resurrectionem Domini.

Sophronij in Exaltationem S. Crucis.

Cyrelli in Parabolam Vineæ.

Anastasi Sinaitæ de injurijs remittendis.

Esta obra sahio separadamente Romæ 1579. como diz Baronio no Tom. 8. dos Annaes.

Martiani Beethlemita fragmentum. Nili Abbatis epistolæ tres. Algumas destas obras sahiraõ à luz publica com este titulo.

Orationes nonnullorum Græciæ Patrum Chrysostomi, Athanasij & c. latine redditæ Achille Statio interprete. Romæ apud Francisc. Zannetum. 1578. 8.

In Arati Phænomena, & prognostica. Florentiæ apud Junctas 1568. in fol. Esta obra traz Draudio in *Bib. Classic. Tit. Phænomena. Typi Epistolici, & epistolarum figuræ authore incerto: eadem de re quædam ex magno Basilio cum Libanij Sophistæ commentariolo; quædam ex Tatiano, Demetrio Phalareo, Cicerone, Philippo Beroaldo, Sulpicio, Verulano.* Lovanij apud Bartholomæum Gravium 1551. 8.

Obras Latinas, que por sua industria sahiraõ à luz publica.

Liber de Trinitate, & Fide composto por Gregorio Bispo de Granada, ou como outros querem, pelo Bispo Faustino. Romæ in ædibus Populi Romani. 1575. Este tratado anda impresso no fim do 2. Tom. da *Biblioth. Patr.* da impressaõ de Pariz do anno de 1575.

Sancti Ferrandi Carthaginensis Ecclesiæ Diaconi Opuscula pia. Romæ 1578. 8. Dedicados ao Cardial Luiz Madrucio.

Sancti Pachomij Cænobiorum per Ægyptum Fundatoris regula Ægyptiæ scripta, à Sancto Hieronymo Latine conversa, ab Statio expurgata, & pristina fidei reddita; item Sermo S. Anselmi de vita æterna. Romæ apud hæredes Bladij. 1575. 8. Esta obra anda taõbem no appendix das obras de Cassiano illustradas com as Notas de Pedro Chacaõ. Romæ. 1580.

Obras não impressas.

Diversos Poemas assim heroicos, como Lyricos. Muitos Psalms de David traduzidos em versos elegantissimos.

Commentarij in Aristotelis Poeticam. Desta obra faz elle mesmo memoria no fim dos Commentos à Poetica de Horacio.

Commentarij in Horatij carmina. Annotationes, & Scholia in omnia Pub. Virgilij Mar. opera.

De rebus gestis Patris sui. Faz menção desta obra Gaspar Estação nas *Antig. de Port.* cap. 44. §. 6.

Muitas cartas escritas a varias Pessoas, e as que lhe escreverão.

A mayor parte destas obras se conservaõ na Livraria, que elle deixou aos Padres da Congregação do Oratorio de Roma; outra grande parte, e ainda muitos opusculos deste grande Varão se guardaõ M. S. em quatro Tomos na Bibliotheca Romana dos Padres Agostinhos, como consta do seu mesmo Index, dignissimos certamente de que lograssem o beneficio da luz publica, como ardêtemente desejava João Baptista Cardona Bispo de Tortosa, Prelado muito erudito, o qual fazia tão grande estimação das obras de Achilles Estação, que as julgava merecedoras de serem procuradas com toda a diligencia, e extrahidas dos lugares em que injustamente jaziaõ sepultadas para ennobrecerem a Bibliotheca Regia do Escorial, e serem collocadas entre as famosas dos Escriitores mais celebres de Espanha, como elegantemente o deixou escrito no Conselho que deo para se augmentar a mesma Biblioth. do Escorial, o qual se pode ler na *Biblioth. Hispan.* de André Scoto Tom. 1. cap. 3. pag. 71.

Fr. ACCURSIO DE S. PEDRO natural da Villa de Serpa da Provincia do Alentejo. Recebeo o habito dos Frades Menores na Provincia dos Algarves, onde depois de estudar as Sciencias mayores, as dictou aos seus domesticos, até que chegou a jubilar na Cadeira de Prima de Theologia. Depois de ser Guardião do Convento de Evora, foy eleito com uniformidade de votos Provincial em o anno de 1653. em cujo lugar exercitou com os seus subditos a affabilidade, e prudencia, de que era summamente dotado. Imprimio.

Sermão do Aêto da Fè que se celebrou na Cidade de Evora a 11. de Agosto de 1644. Lisboa por Domingos Lopes Rosa. 1644. 4.

Dubia Regularia, cujas opinioens estavaõ affinadas pelos Doutores da Universidade

de Coimbra, a qual obra desapareceo com a sua morte, que succedeo no Convento de S. Francisco de Xabregas Cabeça da Provincia dos Algarves.

Fr. ADEODATO DO POMBAL cujo appellido indica a patria onde naceo, que he da Diocese de Coimbra na Provincia da Extremadura. Foy Monge de Cister no Real Convento de Alcobaca. Compoz

Compilatio definitionis Capituli Generalis editi anno 1318.

Esta obra se conserva M. S. na Bibliotheca de Alcobaca.

F. ADEODATO DA TRINDADE Naceo na Cidade de Goa cabeça do Imperio Asiatico Portuguez, e foraõ seus Pays Manoel Fernandes, e Mariana de Mello. Professoou o habito de Eremita Augustiniano no Convento de Lisboa em 31. de Mayo de 1565. Todo o tempo que lhe restava da applicação dos estudos mayores, o occupava em escrever os livros do Coro com summa perfeição por ser hum dos mais insignes Escrivaens do seu tempo. Por ordem de Felipe II. emmendou, e reformou a sexta Decada da India composta por Diogo do Couto, que era cazado com sua Irmaõ Luiza de Mello. Naõ somente reformou a Decada 6. mas assistio à impressão das que lhe precederão, para que sahisses correctas, como escreve o Chantre de Evora Manoel Severim de Faria nos *Discurs. Var. Polit.* pag. 150. v.º Morreo no Convento de Lisboa no anno de 1605.

D. ADRIANA FAGUNDES tão nobre pelo nascimento como insigne pelo talento de que liberalmente a ornou a natureza. Fallou com expedição, e propriedade diversas linguas, sendo de tão feliz comprehensão que decorou os livros do Genesis, Exodo, e de todo o Testamento novo, que fielmente repetia, quando se offercia occasião. Morreo no anno de 1731. deixando para testemunhas do seu discreto, e profundo juizo.

Poesias varias a diversos assumptos. M. S. Della faz memoria o *Theatro Heroico das mulheres Illustres em sciencias.* Tom. 1. pag. 114.

P. ADRIAM PEDRO natural de Lisboa, e filho de Agostinho Pedro, e Catharina de Vadre. Sendo de defouto annos entrou na Companhia de JESUS a 3. de Junho de 1649. em o Noviciado da sua Patria. Depois de aprender as letras humanas, e as sciencias mayores, leo com geral applauso hum Curso de Filosofia na sua Patria. A natural benevolencia, de que era dotado, o fez digno de exercitar diversos ministerios na Religiao com grande satisfacao della, e mayor credito da sua pessoa, como foraõ ser Procurador do Malabar, e do Japao, Reytor do Collegio de Coimbra, e depois do de Santo Antao em Lisboa, onde morreo a 17. de Março de 1713. com 79. annos de idade, e 62 de Religiao. Escreveo.

Vida do Irmaõ Antonio Homem Coadjutor temporal, e do Irmaõ Bernardo de Mello Estudante, ambos Jesuitas, cujos originaes se guardao no Cartorio do Collegio de Coimbra.

Excellencias de Lisboa. M. S. Delle faz memoria o Padre Antonio Franco na Imag. da Virtud. em o Non. da Comp. de Jef. em Lisboa pag. 963. e no Synopf. Annal. Soc. Jef. in Lusit. pag. 445. dizendo delle: Postremos annos consumpsit scribendo de excellentijs Ulyssiponis Patriæ suæ.

D. AFFONSO I. entre os Monarchas Portuguezes, e unico entre os Heroes militares, que venerou a Antiguidade, teve por oriente a nobre Villa de Guimaraens, onde sahio à luz do mundo em 25. de Julho de 1109. e por Pays ao Conde D. Henrique, quarto filho de Henrique Duque de Borgonha; Terceiro Neto de Hugo Capeto, tronco da Real Casa de França, e a Rainha D. Tereza filha de Affonso VI. Rey de Leaõ, e Castella, e da Rainha D. Ximena Nunez de Gusmaõ, concorrendo para exaltação de tao grande Principe a coroada ascendencia de tantas Purpuras, que na longa diuturnidade de muitos Seculos tinhaõ illustrado os Tronos de Saxonia, França, Inglaterra, Borgonha, Normandia, Lorena, e Espanha. Mas para que a Graça lhe infundisse mayor esplendor, do que recebera da natureza, foy regenerado nas aguas do bautifmo por S. Giraldo Arcebispo de Braga, onde lhe foy imposto o fausto nome de Affonso em obsequio de seu Avo materno. Ainda

naõ excedia a idade de quatro annos, quando seu Pay mais carregado de palmas, que de annos, passou em Astorga a coroarse no Capitolio da Eternidade, e vendo sua Mãy quanto necessaria era a boa educaçao para formar hum Principe perfeito, tanto que começou a articular as primeiras palavras, o entregou à tutela de Egas Moniz, tao illustre no sangue, como nos costumes, para que o instruisse naquellas artes, que fossem dignas de hum Soberano; e como era dotado de hum engenho perspicaz, e hum coraçao intrepido para emprender açoens heroicas, o foy doutrinando com maximas Christãas, e politicas, de que era capaz a sua tenra idade, naõ alterando a severidade de Ayo o respeito que lhe devia como Vassallo, antes como o amava excessivamente, era igual ao affecto o sentimento, que lhe opprimia o coraçao, vendo que ao mesmo passo que crecia, se lhe descubria mais claramente hum defeito, que trouxera do ventre materno, o qual naõ sómente afeava a proporcionada symetria de todo o corpo, mas o fazia inhabil para o exercicio das armas. Para emendar este erro da natureza depois de tentados inutilmente os socorros da Medicina, recorreo a fidelidade de Egas Moniz aos sobrenaturaes, implorando com fervorosas supplicas a divina Magestade, e a sua Santissima Mãy quizessem compadecerse daquelle Principe, de cujo braço estava pendentes as esperanças de todo o Reyno, e o que era mais, por estar destinado para glorioso instrumento de tantos triumphos, que em obsequio do seu nome, e ruina de seus inimigos havia heroicamente alcançar. A tao ardentes votos condescendeo benignamente o Ceo, e inspirado superiormente Egas Moniz a que levasse o Infante aonde estava collocada huma insigne Imagem de Maria Santissima, tendo-o offerecido a esta Soberana Princeza, recebeu repentinamente faude, cuja noticia encheo de universal alegria a todo o Reyno, e para eterno padraõ de tao singular beneficio se erigio hum Templo à Senhora no lugar de Carquere pouco distante da Cidade de Lamego. Restituido milagrosamente à faude D. Affonso, e contando quatorze annos de idade se armou Cavalleiro na Cathedral de Zamora com aquellas ceremonias militares, que naquelles tempos se observavaõ iufundindo-lhe

as armas, que vestira, tão briofos espiritos, que parece que todo o furor de Marte se lhe accendera no peito para derrotar os inimigos da Cruz, e dilatar mais vastamente o Imperio de Christo. Sejaõ irrefragaveis testemunhas desta verdade a continuada serie de victorias, que por vezes repetidas alcançou o seu invicto braço, contando-se os triumphos pellas batalhas, os despojos pellos assaltos, e as conquistas pellos assedios. Confesse-o Albucazen Rey de Badajoz destrogado nos Campos de Trancoso. Testemunhe-o ElRey Eujuni levantando ignominiosamente o sitio que tinha posto a Coimbra com trinta mil combatentes. Publique-o Albaruque Rey de Sevilha, quando junto de Santarem foy totalmente roto, e desbaratado, concorrendo para a gloria deste triumpho o patrocinio do General dos Exercitos de Deos o Archanjo S. Miguel, fazendo visível a sua angelica protecção, como já em tempos mais antigos o tinha feito em obsequio de outro Heroe igual a Affonso no valor, e na Santidade. Aclame-o Lisboa não sómente de Portugal mas de todo o mundo celebrado Emporio, a qual gemendo escrava a que havia ser Princeza do Imperio Lusitano, foy resgatada do barbaro poder, que a dominava, querendo ser participantes de tão memoravel acção muitos heroes de nações diversas, que por mar, e terra conspiráraõ para a sua liberdade, ficando para monumento da victoria, e do estrago, duzentos mil barbaros mortos. Mayores, e mais celebres foraõ as palmas, que colheo nos Campos de Ourique, e Santarem. Nesta famosa Villa se coroou victorioso em hum conflicto, que sendo pella ordem do tempo o ultimo mereceo a primazia pelas circunstancias do successo, pois já quando parecia que a idade provecta lhe tivesse remitido parte do ardor militar, entãõ superior à mesma natureza se mostrou mais que nunca vigoroso, derrotando inteiramente a Aben Jacob Miramolim de Marrocos, que acompanhado de treze Reys lhe vieraõ authorizar mais a victoria, pagando aquelle barbaro Principe com a sua vida o atrevido insulto de ter assediado ao Infante D. Sancho dentro dos muros daquella Praça. O Campo de Ourique foy o solar glorioso do seu Principado recebendo nelle a sua investidura do Suprmo Arbitro dos Imperios, o qual apparecendo-lhe

pendente da Cruz, e cercado de luminosa inundaçãõ de rayos, que dissipáraõ as trevas, que entãõ dominavaõ os Horizontes, lhe illustrou menos os olhos do corpo, que da alma, segurando-lhe com benigno aspeçto a victoria de seus inimigos, a diuturnidade do seu Imperio, a dilataçãõ das suas conquistas, e a perpetuidade da sua descendencia; e para mayor argumento do seu amor, e infallibilidade da sua palavra lhe deu para brazaõ as cinco Chagas, que conservou indeleveis no seu glorioso Corpo. Animado com tão soberana protecção não teme o inuadir a immensa multidãõ de barbaros, que excediaõ o numero de duzentos mil, divididos em cinco corpos, de que eraõ formidaveis cabeças cinco poderosos Principes, sendo tão horroroso o estrago, que padeceraõ, que do sangue derramado por cento, e cincoenta mil, não sómente os rios Cobres, e Terres mudaraõ a cor, mas engrossaraõ a corrente. Igual foy a fortuna alliada com o seu valor conquistando, que combatendo, pois o numero das conquistas não se differençou do das batalhas. Com incrível velocidade libertou do dominio dos Mouros Lisboa, Santarem, Mafra, Cintra, Leyria, Cezimbra, Torres Vedras, Obidos, Alenquer, Palmella, Alcacer do Sal, Evora, Beja, Elvas, Moura, Serpa, e outros muitos Lugares, purificando por este modo com catholico zelo ao seu Reyno das infames reliquias do Mahometismo, que como pestifero contagio o podiaõ inficionar. De tão admiraveis successos, e de outros ainda mais prodigiosos era credora a sua piedade, pois antes, que emprendesse acção alguma, sollicitava com devotas supplicas, austeros jejuns, e ardentos rogos o feliz successo das emprezas, que intentava, invocando para seus tutelares a Maria Santissima, a quem cordialmente venerava, e a outros Santos, de cuja intercessãõ confiava alcançar o que pertendia. A remuneraçãõ era igual ao beneficio, pois alem de fazer tributaria a sua Coroa com pensoens annuaes à Sé Apostolica, e ao Convento de Santa Maria de Claraval, Cabeça de toda a familia Cisterciense, não sómente testemunhou em cento, e cincoenta Templos, que novamente erigio, e sumptuosamente reedificou, a sua Religiaõ, e a sua magnificencia, mas tambem eternizou o seu agradecimento, e

veneração, sendo entre todos os mais celebres aquelles dous Principados Ecclesiasticos, que fundou em Coimbra, e Alcobaça: hum para os filhos de Agostinho, e outro para os de Bernardo. No primeyro não satisfeita a sua piedosa generosidade com ter edificado o sumptuoso Convento de S. Vicente de Lisboa, levantou outro em Coimbra de tanta magestade, que fosse capaz deposito das suas augustas, e veneraveis Cinzas, aonde introduzio o Instituto Canonico Augustiniano com aquella mesma observancia, que em Africa o tinha restaurado o grande Agostinho. No segundo considerando quanto era crédor o Reyno, que possuia, às orações de S. Bernardo, o qual como Moysés da Ley da Graça quando orava, fazia que este Principe, como outro Josue debelasse na Campanha os inimigos do Povo de Deos, edificou em Alcobaça para desempenho do seu Real animo hum Mosteiro, soberbo na fabrica, augusto nos privilegios, e opulento nas rendas para habitação de mil Monges, que exactamente observassem os dictames, que em Claraval tinhaõ aprendido do seu mellifluo Prelado. A mesma religiosa profusão exercitou na erecção das Cathedraes de Lisboa, Evora, Viseu, e Lamego; e das Collegiadas de Santarem, e Guimaraens, affinando para sustentação, e esplendor dos seus Prelados, e Ministros copiosas rendas. Semeilhante beneficencia experimentáraõ os Cavalheiros da Ordem do Templo, de S. João de Jerusalem, e do Patraõ das Espanhas S. Tiago. Para dignamente premiar os bellicosos espiritos dos seus Soldados, que foraõ gloriosos instrumentos, e inseparaveis companheiros de tantas victorias, fundou duas illustrißimas Ordens Militares, chamada a primeira da *Ala* no anno de 1167. e a segunda de Aviz no anno de 1179. em as quaes deixou gravado hum eterno memorial da sua liberalidade, e do valor, que mereceo premio tão honorifico. Foy cazado com D. Majalda, filha de Amadeo III. Conde de Saboya, Moriana, e Piamonte, de quem teve o Infante D. Henrique, o Infante D. Sancho igualmente herdeiro do Sctetro, que das suas heroicas façanhas, o Infante D. João, a Infanta D. Urraca, que casou com D. Fernando II. Rey de Leaõ, a Infanta D. Mafalda, e a Infanta D. Teresa chamada pelos Estran-

geiros Matilde, que foy primeyramente desposada com Felipe I. Conde de Flandes, e por morte deste Principe contrahio segundas vodas com Eudo III. Duque de Borgonha, e a Infanta D. Sancha. Ultimamente coroado de triumphes Louros, e virtuosas obras, pellas quaes se fez merecedor da immortalidade, acabou a vida, mas não a fama, em Coimbra a 6. de Dezembro de 1185. com 75. annos de idade, e no magnifico Convento de Santa Cruz foy sepultado o seu Real Cadaver concorrendo a venerallo infinita multidaõ de povo atrahido das vozes dos prodigios, com que Deos quiz testemunhar a sua Santidade. Foy depois transferido a hum soberbo Mausoleo de preciosos marmores, que lhe mandou erigir a magnifica piedade del Rey D. Manoel, sobre o qual mandou esculpir a imagem deste Monarca, para que a arte fielmente representasse depois de morto a figura, que nelle vivo delinear a natureza. Teve o corpo agigantado, mas ainda pequeno para a grandeza do espirito, cabello castanho, boca grossa, o rosto, e nariz compridos, olhos claros, e grandes. A gentileza do rosto junta com a severidade do aspecto o fazia igualmente amado, e temido. Sobre os diademas de dous Emperadores, e as Coroas de vinte Reys vencidos em cinco memoraveis batalhas arvorou os trofeos de invencivel, servindolhe tantas purpuras de degrãos para subir à eminencia do trono, ao qual para durar eternamente lhe abrio os alicesses com a propria espada. Nunca cometeo empreza, que não fosse ardua de conseguir; nunca deu batalha, em que não fosse tão incerta a victoria, como manifesto o perigo, julgando por injuriosos aquelles triumphos, nos quaes tivesse mayor parte a fortuna, do que o valor. Sendo como o primeyro Cesar fundador do Imperio de Portugal, como aquelle o fora de Roma, e tão inclinado ao exercicio das armas, como das letras, o excedeo não sómente escrevendo com pureza, e elegancia na lingua Latina a Historia da celebre Conquista de Santarem, mas ordenando ao seu Capellaõ João Camello, que individualmente relatasse as militares proezas obradas pelos seus Vassallos na sua companhia, e as familias donde descendiaõ tão famosos heroes, para que servissem de exemplares do valor a toda a posteridade. A Historia da Conquista de Santarem escrita

por este Principe, em que descreveo a situação daquella Villa, se conserva M. S. no Archivo do Real Convento de Alcobaça no fim de hum Livro de S. Fulgencio, como escrevem Fr. Bernardo de Brito na *Chronic. de Cister*, liv. 3. cap. 18. e Fr. Antonio Brandão *Mon. Lusit.* Part. 3. liv. 8. cap. 6. e liv. 10. cap. 22. Com mayor individuação o deixou escrito o insigne Historiador D. Jeronimo Oforio Bispo de Sylves lib. 6. de *Regis Instit.* p. 180. da edição de Colonia de 1588. *Rex Alphonsus primus hujus regni conditor, cujus divina virtus cum admirabili sapientia conjuncta meritò est in omni æternitate celebranda. Is igitur cum Scalabim Urbem, & situ, & arte munitissimam, & militum multitudine, & vigilum diligentia defensam centum viginti tantum hominibus fortissimis stipatus nocte una cepisset, & urbis situm, & regionis fertilitatem, & expugnationem illam non incommodè latinis litteris complexus est, ita tamen, ut apparet, illum ex Sanctis litteris non vivendi tantum disciplinam, sed dicendi etiam styllum, & rationem percepisse.* Semelhantes, ou mayores Elogios lhe dedicaraõ os nossos Historiadores, como foraõ Duarte Galvaõ na *Chronica deste Principe*; Brand. *Mon. Lusit.* Part. 3. liv. 9. até o 11. Brito *Chronica de Cister*, l. 3. c. 1. e nos *Elog. dos Reys de Port.* p. 1. Vasconc. *Anaceph. Reg. Lusit.* pag. 13. Mariz *Dialog. de Var. Hist. Dial.* 2. Manoel de Far. e Souf. *Europ. Port.* Tom. 2. Part. 1. cap. 3. e no *Epit. das Hist. Port.* Part. 3. cap. 2. Duart. Nun. *Chron. deste Princip.* pag. 29. e na *Geneal. dos Reys de Portug.* p. 3. v.º. Barbud. *Emprez. Milit. de Lusit.* pag. 1. v.º. D. Nicol. de Santa Mar. *Chron. dos Coneg. Reg.* Liv. 9. cap. 9. Maced. in *Propug. Lusit. Gal.* Part. 1. Confut. 20. ad Art. 10. Fonsec. *Euor. Glorios.* pag. 39. Manoel de Souza Moreira *Theat. Gen. da Casa dos Souzas* pag. 153. Anton. Maced. *Divi Tutel.* pag. 240. Mend. in *Viridar.* lib. 6. Orat. 3. Cunha *Catal. dos Bisp. do Port.* Part. 2. cap. 3. Menezes *Portug. Restaurad.* Tom. 1. pag. 5. Card. *Agiol. Lusit.* Tom. 1. p. 467. no Comment. de 18. de Fevereiro. Jozeph Pint. Pereir. in *Apparat. Hist. Religios. Princ. Alphonfi Henrici* per tot. o Padre D. Anton. Caet. de Souf. *Hist. Gen. da Casa Real de Port.* Tom. 1. liv. 1. cap. 2.

O nosso Virgilio Portuguez na *Lusiad.* Cant. 3. Estan. 45.

*A matutina luz serena, e fria
As estrellas do Polo já apartava,
Quando na Cruz o Filho de Maria
Amostrando-se a Affonso o animava.
Elle adorando a quem lhe apparecia
Na Fêe todo inflamado assim gritava,
Aos infieis, Senhor, aos infieis,
E não a mim, que creyo o que podeis.*

E na Estanc. 84.

*Os altos Promontorios o choraraõ,
E dos Rios as aguas saudosas
Os semeados campos alagáraõ
Com lagrimas correndo piedosas.
Mas tanto pelo mundo se alargáraõ
Com fama suas obras valero fas,
Que sempre no seu Reyno chamaraõ
Affonso, Affonso os ecos; mas em vaõ.*

Dos estranhos seja o primeiro, o que taõbem o foy na dignidade, o Pontifice Innocêcio III. em huma carta escrita a D. Affonso II. que traz Baronio in *Annalib. Eccles.* ad an. 1179. *Manifestis probatum est argumentis quod inclytæ recordationis Alphonsus Avus tuus per sudores bellicos, & certamina militaria inimicorum Christiani nominis intrepidus extirpator, & propugnator fidei orthodoxæ, sicut devotus filius, & Princeps Catholicus multimode obsequia impendit Sacrosanctæ Romanæ Ecclesiæ Matri suæ dignum nomen, & exemplum imitabile posteris derelinquens.* Hypol. Marrac. in *Reg. Marian.* p. 17. *Vir operibus bellicis clarus, & Christiana pietate fervens.* Nat. Alex. *Hist. Eccles. Sæcul. II. & 12. cap. II.* art. 3. *Rex fortissimus, & piissimus Lusitani Regni conditor multorum Monasteriorum, & Templorum fundator mirificus.* Jacob. Gou. toulas *Hist. Univ.* Part. 3. ad Sæcul. 12. *Non minus belli, quam pacis artibus clarus Rempublicam illustrare, bonisque omnibus augere, ac splendide ornare non desistit.* Marian. de reb. *Hisp.* Lib. 10. cap. 13. 17. e 19. & lib. II. cap. 15. & 16. *Principem omni virtute conspicuum, fidei Christianæ zelantissimum, pace, belloque gloriosum.* Manrique in *Annal. Cisterc.* Tom. 3. ad an. Christ. 1185. cap. 5. n. 10. *Ingentis laudis Princeps, & qui non minori apud Deum gratiâ, quàm apud homines gloria floruit quandiù vixit, credendus est.* Passarel. de bel. *Lusit.* lib. 1. *Ob mauros in prælio insigni cæde prostratos militari studio, atque*

plausu in illo ardore victoriae Rex proclamatus augustum hoc sibi partum virtute nomen, alijs post dotibus auctum, atque exinde retentum ad posteros transfudit. Bonucci *Istor. di D. Affson.* *Enriq.* liv. 3. cap. 1. *Ré nato frà le armi, nodrito, e cresciuto fra gli esercizj di Marte, portato della divina Providenza fra cento battaglie su i scudi, su gli elmi, su i fasci di palme trionfali ala sublimità de un trono reale.* Garibay *Comp. Hist. de Espan.* liv. 38. cap. 14. 15. e 16. *Giust. Hist. Chronol. del' Ord. Milit.* Part. 1. cap. 25. e 28. *Caram. Theol. Regul. P.* 9. *Epist.* 5. n. 2365. *Carrillo Annal. del Mund.* liv. 4. pag. 329. v.^o *Chryfog. in Mund. Marian.* Disc. 18. n. 34. *Scevol. et Lovis de Sainct. Marth. Hist. Gen. dela Mais. de Franc.* Tom. 2. liv. 41. cap. 2. *Matta Traët. de Sanctior. Canonizat.* Part. 3. cap. 2. n. 10. *Del Rio Di Squisit. Mag. Quæst.* 26. sect. 5. pag. 283. *Boslius de Sign. Eccles. lib.* 17. cap. 7. *Aubert. Miræus in Orig. Ord. Equest.* cap. 14. *Quaresm. de Quinq. Vuln. Christ.* Tom. 5. lib. 3. cap. 7.

AFFONSO IV. do nome, e VII. Rey de Portugal, que ou pela aspereza da condição, ou pelo valor do animo foy intitulado antonomasticamente o *Bravo*, nasceo na Cidade de Coimbra a 8. de Fevereiro de 1291. sendo seus Augustos Progenitores, ElRey D. Diniz, e a Rainha D. Isabel, que por suas singulares virtudes mereceo, que das veneraçoes do Trono fosse com religiosos cultos adorada nos Altares. Logo nos primeiros annos lhe nomeou seu Pay por Mestre a D. Martinho de Oliveira, tão veneravel pela dignidade, como pela virtude, para formar na sua Pessoa huma perfeita imagem da Soberania, e em tão tenra idade deu sinaes evidentes, de que a natureza o tinha dotado de huma indole capaz de obrar acçoens dignas do seu nascimento; porém com o progresso dos annos deixandose arrebatado da violenta paixão do governo, determinou com temeraria oufadia cingir a Coroa na vida de seu Pay, sendo huma das principaes causas, porque se resolveo a executar esta abominavel acção, o particular affecto, com que aquelle Principe amava a seu Irmaõ Affonso Sanches, a quem perseguio com tão declarado odio, que além de o despojar da fazenda,

o privou da honra. Na Varonil idade de trinta e quatro annos subio ao Trono, e devendo totalmente applicarse ao governo do Reyno, a que anhelára, se esqueceo tão torpemente delle, que todo o tempo consumia no exercicio da caça, de cujo excessso, que fatalmente arruinava a Monarchia, sendo fielmente advirtido pelos seus Vassallos, ainda que recebeo com semblante irado a advertencia, de tal sorte moderou a inclinação, que toda a converteo em beneficio do Reyno. Aggravado de varias offensas que recebera de Affonso XI. de Castella, com quem desposára sua filha a Infanta D. Maria, lhe declarou huma horrivel guerra, de que se seguirão funestas consequencias a ambas as Monarchias, alternando a fortuna successos prosperos, e adversos assim na terra, como no mar. Para pacificar os discordes animos destes dous Principes mandou a Santidade de Benedicto XII. ao Bispo de Rhodes por seu Legado, e ainda que de alguma sorte reprimio este incendio, totalmente o não extinguiu. Augmentavase mais o furor do nosso Principe contra ElRey de Castella por lhe serem notorias as ignominias, com que tratava a sua filha a Infanta D. Maria, preferindolhe no amor, e na estimação a D. Leonor Nunes de Gusmaõ, a cuja fermosura tinha lascivamente sacrificado o coração. Porém huma fatal calamidade que ameaçava a ultima ruina a toda Espanha, obrigou a que se reconcillassem os animos destes Principes. Resolveuse Alboacen Rey de Marrocos colligado com o de Granada invadir Espanha, e capitaneando hum Exercito, que se fazia formidavel pela sua excessiva multidão, pois constava (como affirmaõ os Autores daquelle tempo) de quatrocentos mil Infantes, e sessenta mil Cavallos, cercou Tarifa confiando que com o rendimento de tão forte Praça se faria senhor absoluto de toda Espanha. Fatal foy a consternação, que concebeo com esta infausta noticia o animo de Affonso XI. conhecendo que não podia resistir a poder tão superior, e para que não fosse despojo das Armas de Alboacen, supplicou ao nosso Monarcha quizesse ser seu auxiliar em tão perigosa empreza. Para que esta supplica fosse promptamente attendida mandou por interprete della a sua propria Esposa a Infanta D. Maria, que chegando em Evora à presença

delRey feu Pay foy inexplicavel o jubilo com que a recebeu, mayor a ternura com que a abraçou. Esquecido dos agravos do genro se deliberou em obsequio de tão soberana intercessora passar em pessoa a Castella com hum Exercito mais formidavel pelo valor, que pelo numero dos combatentes. Foy recebido em Sevilha com magnifica pompa por ElRey, e toda a Corte Castelhana, a quem em presagio da victoria lhe cantaraõ os meninos com innocentes vozes as palavras, com que Christo entrou triunfante em Jerusalem *Benedictus qui venit in nomine Domini*. Para se evitar alguma confusaõ, que fosse prejudicial ao feliz successo desta empreza resolveraõ os dous Monarchas, que o Portuguez invadisse o Exercito delRey de Granada, e o Castelhana o del Rey de Marrocos. Fortalecidos os nossos Soldados com o espirital alimento do Paõ dos Anjos mandou o nosso Principe ao Alferes mór, que arvorasse por Estandarte o Sacrosancto Lenho da Cruz, e sendo profundamente adorado por todo o Exercito investiraõ os Soldados como furiosos Leons contra as esquadras inimigas, que animosamente rebateraõ tão violento impulso. Por largo tempo esteve indecisa a victoria, até que inclinando-se para a nossa parte, foy tal o pavor, que occupou os animos dos Mouros, que fugindo ignominiosamente, deixáraõ o campo semeado de Cadaveres. A felicidade deste successo animou a ElRey de Castella de tal modo, que não querendo ficar inferior na gloria do triumpho ao nosso Principe, investio com tanto impeto aos inimigos governados por ElRey de Marrocos, que os obrigou a defamparar os arrayaes, degollando a huns, cativando a outros, e recolhendo os mais preciosos despojos. Esta foy aquella famosa, e celebre batalha alcançada em 30. de Outubro de 1340. junto às correntes do Rio Salado, donde tomou o nome, em que morreraõ duzentos mil barbaros, cujo excessivo numero obrigou à Fama, que a divulgasse por unica, e que a Igreja a celebrasse por milagrosa, cauzando inexplicavel jubilo á Christandade, eterna segurança, e preciosos despojos a Espanha, immortal gloria aos dous Monarchas. De tão fausta noticia fizeraõ logo participante ao Supremo Pastor da Igreja, mandando-lhe para final do triumpho trinta, e quatro bandeiras ganhadas aos Mou-

ros, e foy tal o alvoroço, que concebeo o coração do Pontifice, que entrando na Cathedral de Avinhaõ para render as graças ao Altissimo por tão insigne victoria, ordenou, que levasssem diante os Estandartes dos Mouros arrastrados, e tremolâtes os dos dous Monarchas, rompendo o seu devoto agradecimento com as palavras do Hymno *Vexilla Regis prodeunt*, que continuou acordemente todo o Collegio Apostolico. Conhecendo Affonso XI. que o mais glorioso instrumento desta victoria fora a espada do nosso Principe, lhe pedio escolhe se dos despojos, que della se tinhaõ colhido, os que fossem mais agradaveis ao seu gosto. Porém o nosso Monarcha com animo verdadeiramente Real, triunfante da mesma victoria, escolheo aquelles, em que tinha mayor parte a honra, que o interesse, como foraõ o Infante Abohamo filho de Albohali, que cativou com a sua propria mãõ, algumas espadas primorosamente fabricadas, huma trombeta, com que depois se corou o seu Mausoleo, e cinco estandartes, que pendurou por trofeos da victoria na Cathedral de Lisboa. Antes de cingir a coroa, se desposou em Lisboa a 12. de Setembro de 1309. com a Infanta D. Brites filha delRey de Castella D. Sancho IV. o Bravo, e da Rainha D. Maria filha do Infante D. Affonso Senhor de Molina, da qual teve a Infanta D. Maria, que foy esposa de Affonso XI. de Castella; os Infantes D. Affonso, e D. Diniz, que morreraõ de tenra idade; o Infante D. Pedro, que herdou a Coroa; a Infanta D. Izabel, e o Infante D. Joaõ, que brevemente foraõ transferidos para melhor vida, e ultimamente a Infanta D. Leonor, que casou com ElRey de Aragaõ D. Pedro IV. chamado o *Ceremonioso*. Conhecendo que era chegado o termo da sua vida se preparou com as armas dos Sacramentos para esta ultima batalha, e entre os suspiros de hum coração verdadeiramente arrependido exhalou o espirito em Lisboa a 28. de Mayo de 1357. em idade de 66. annos, tres mezes, e vinte dias, dos quaes Reynou trinta, e dous annos, quatro mezes, e vinte e hum dias. Jaz sepultado na Cathedral de Lisboa em hum soberbo Mausoleo defronte da Capella, onde se venera o corpo do inclito Martyr S. Vicente, tendo por epitafio estas breves palavras. *Alphonsus nomine Quartus Ordine septimus Portugallia Rex.*

Sobre o Maufoleo está huma figura, que sustenta a trombeta, que foy glorioso despojo da batalha do Salado, a qual, ainda que muda, se explica por estas metricas vozes.

Hæc tuba, quam Mauris Alphonfus nomine

Quartus

Abstulit, ut famâ primus in orbe foret;

Dum resonat Regem, partumque à Rege triumphum,

Attamen Alphonsum surgere voce jubet.

Foy de estatura mediana, aspecto agradável, e de perfeita simetria. Teve a testa larga com algumas rugas; nariz grande algum tanto curvado, boca grande, a barba copiosa, e partida pelo meyo, cabello castanho, e crespo. Foy para Deos summamente Religioso; para os homens extremamente compassivo. Observou exactamente a continencia conjugal, em cuja virtude excedeo a todos os Principes seus Antecessores. Amou a verdade, assim como aborreceo a mentira. Nos infortunios foy constante, nas felicidades moderado. Administrou a justiça com rectidão, exercitou a clemencia sem excessão. Tomou por empreza huma Aguia collocada sobre huma penha levantando o voo até as esferas com esta letra *Altiora peto* em cuja enigmatica figura simbolizava o heroico impulso de seu Coração para emprender acções mayores, que suas forças, e iguaes a seus dezejões. Mais gloriosa fora na posteridade a sua fama, se a não manchára com a injusta morte da innocente fermosura de D. Inez de Castro, de cuja lamentavel tragedia foy cruelissimo complice. Fez utilissimas Leys para o governo politico, nas quaes se admira unido o zelo do bem publico com a sciencia civil, e se incorporáraõ com as Ordenaçõens do Reyno. Dellas fizeraõ hum Catalogo Duarte Nunes de Leão no fim da Chronica deste Principe, e Fr. Rafael de JESUS Chronista mór do Reyno na Mon. Lusit. Part. 7. liv. 10. cap. 23. onde escreveo diffusamente a vida deste Monarcha. Como era naturalmente affecto à Poezia compoz varios Versos, que não deixavaõ de ser elegantes em idade taõ inculta para as Musas, dos quaes tinha feito huma collecção Fr. Bernardo de Brito Chronista mór do Reyno para se imprimirem, como testi-

fica o insigne Antiquario Manoel Severim de Faria. Fazem illustre menção deste Monarcha, Fernão Lopes, Ruy de Pina, Duarte Galvão, Duarte Nunes de Leão nas suas Chronicas, Fr. Bernardo de Brito nos *Elog. dos Reys de Portugal*, Elog. 8. Vasc. *Anaceph. Reg. Lusit.* pag. 113. Faria *Europ. Port.* Tom. 2. Part. 2. cap. 3. e no *Epit. das Hist. Portug.* Part. 3. cap. 8. Gordon. in *Chronol. Bleda Chron. de los Morisc.* lib. 4. cap. 36. Marian. *de reb. Hispan.* lib. 15. cap. 16. & lib. 16. cap. 7. & lib. 17. cap. 1. Ferrer. *Hist. de Espan.* Tom. 7. ad an. 1337. Fonsec. *Evora Glorios.* pag. 56. Caramuel *Philip. Prud.* pag. 45. Souza *Hist. Geneal. da Caf. Real Portug.* Tom. 1. liv. 2. cap. 3. Leytaõ *Mem. Chronol. da Univ. de Coimb.* pag. 131. até 147.

AFFONSO V. do nome, e XIII. Rey de Portugal chamado Africano pelas militares façanhas, que obrou em toda Africa. Sahio à luz do mundo na deliciosa Villa de Cintra a 15. de Janeiro de 1432. com excessivo jubilo de seus Augustos Pays D. Duarte, e D. Leonor, e de toda a Monarchia Portugueza. Ainda não contava completos sete annos quando herdou a Coroa, e como para sustentar o seu pezo, tinha pouco robustos os hombros, foy eleyto por geral consentimento seu Tio, e ao depois sogro, o Infante D. Pedro Duque de Coimbra para que na sua menoridade regesse a Monarchia, o que executou com prudente vigilancia por espaço de outo annos, até que chegando ElRey a idade competente lhe entregou com o Sctero o governo. Não foy bastante o zelo, e desinteresse com que o Infante administrou a Monarchia para que não se conspirasse contra a sua innocencia o odio dos seus emulos, persuadindo a ElRey que pretendia ambiciosamente privallo do trono. Resolveose o Infante justificar a sua fidelidade na presença de ElRey, mas como este estava preoccupado de sinistras informaçõens, fulminou contra elle tudo quanto lhe dictava o seu furor manchando com acção taõ execranda o prologo do seu Reynado, até ser causa de que acabasse infelizmente a vida, merecedora de mais glorioso fim nos campos de Alfarrobeira. Estimulado com o ardente dezejo de

ganhar fama, que o fizesse immortal na posteridade escreveu no anno de 1457. ao Pontifice Calixto III. para que colligasse todos os Principes Catholicos contra o Turco, offerecendo para esta empreza a sua Pessoa com todas as forças militares do seu Reyno. Admirou-se o Pontifice de tão generosa oferta, pois toda cedia em obsequio da Religião, porém os Principes com mayor politica, que Christandade não quizerão interessar-se em guerra tão justa, sómente o nosso Monarcha não desistindo do Catholico intento de domar o orgulho dos Sequazes de Mafoma, mandou voltar as proas da formidavel armada, que tinha aprestando contra Alcacer Seguer, a qual constava de duzentas, e vinte vellas, e de vinte mil Soldados, e depois de huma forte resistencia a rendeo ao seu dominio no memoravel dia de 17. de Outubro de 1458. Acompanhado de seu irmão D. Fernando Duque de Viseu entrou na Mesquita, e depois de purificada, a consagrou à Immaculada Conceição da Senhora, e para que não pudesse ser invadida pelos barbaros huma Praça, que fora expugnada com tanta gloria, a deixou entregue à vigilancia do insigne Capitão D. Duarte de Menezes, que brevemente mostrou aos inimigos o valor da sua espada. Esta famosa conquista, que foy o preludio das militares proezas do nosso Principe o estimulou a que no anno de 1463. sahisse com outra armada contra Tangere, mas não experimentando a fortuna tão favoravel às suas armas, como na expedição de Alcacer, voltou ao Reyno a preparar-se para outra Conquista em que restaurasse a gloria que perdera. Para este fim apreftou huma armada de trezentos, e vinte Navios guarnecidos de vinte, e quatro mil Soldados, em a qual sahio acompanhado de seu filho o Principe D. João a 15. de Agosto de 1471. e navegando prosperamente avistou a Praça de Arzilla, contra a qual mandou affestar toda a artilharia, para que logo se rendesse à sua obediencia. Os barbaros, que a presidiavaõ, se defendiaõ tão obstinadamente, que por alguns dias fizeraõ impossivel a expugnação, até que não podendo resistir à fulminante espada do nosso Principe se renderaõ, sendo feliz consequencia de tão grande conquista o rendimento da Praça de Tangere, que guarnecido com numerofo presidio. Depois de ter

colhido innumeraveis palmas nos Campos Africanos converteo as armas para Espanha com tão infausto successo, que foraõ vencidas na celebre batalha de Toro. Para recuperar esta perda, que julgava por ignominiosa ao seu nome, passou a França lizonjeado das promessas de Luiz XI. mas experimentando, que a dilação, que interpunha, era final evidente de as não cumprir, se resolveo acabar a vida em Jerusalem no lugar, onde o Redemptor do mundo deu a sua pela liberdade dos homens, porém atrahido do amor dos seus Vassallos se restituhio ao Reyno, onde compostas as discórdias, que havia entre a Coroa Portugueza, e Castelhana se sentio fortemente acometido de algumas molestias, que atormentadolhe o corpo lhe penetravaõ mais o espirito, de que se seguio cair gravemente enfermo, e conhecendo ser chegada a ultima hora, recebidos com grande piedade os Sacramentos espirou em Cintra na mesma Casa onde nacera a 28. de Agosto de 1481. quando contava 49. annos 7. mezes, e 13. dias de idade, dos quaes Reynou 42. annos, onze mezes, e 19. dias. Casou com a Infanta D. Izabel filha de seu Tio, o Infante D. Pedro Duque de Coimbra, e da Infanta D. Izabel filha de D. Jayme II. Conde de Urgel, de quem teve tres filhos aos quaes pela grande devoção, que a Rainha sua Mãe tinha ao Apostolo S. João lhes impoz a todos o nome deste amado Evangelista; sendo o primeyro o Principe D. João; o segundo a Infanta D. Joanna, que desprezando o thalamo de tres Monarchas se desposou com Christo no Religioso Convento das Dominicadas de Aveyro, a qual pelas suas virtudes, e milagres se venera Beatificada nos altares; e o terceiro o Principe D. João, que herdou a Coroa. Por morte da Rainha D. Izabel succedida a 2. de Dezembro de 1455. passou a segundas vodas no anno de 1475. com a Princeza D. Joanna sua sobrinha filha de Henrique IV. e herdeira da Coroa de Castella sendo por esta causa aclamado o nosso Principe por Monarcha daquelle Trono. Teve o corpo grande, e robusto; a presença magestosa, e agradavel; o rosto redondo, cabello castanho, e o da barba comprido, que sempre trazia muito composto. Foy dotado de memoria admiravel, e ingenho agudo. Fallou a lingua materna com

tanta pureza, e elegancia, que pareciaõ as suas palavras estudadas antes de proferidas. Teve natural inclinaçaõ às letras, e com particular affecto estimava aos homens eruditos, com os quaes tinha familiar commercio. Foy o primeiro dos nossos Principes, que juntou Livraria, e que ordenou se escrevessem na lingua latina as Historias do Reyno, para cujo effeito mandou vir de Italia a Fr. Justo Baldino Religioso Dominico, a quem fez Bispo de Ceuta. Igualmente foy perito na Mathematica, que na Musica, de cuja suavidade summamente se delectava. Foy acerrimo defensor da Fé Catholica, insigne venerador do culto divino; de animo compassivo para com os pobres, de coraçãõ generoso para os Fidalgos ennobrecendo o Reyno com muitos Titulos, com que premiou os merecimentos de seus antepassados. Jaz sepultado no Real Convento da Batalha. Como tinha passado a mayor parte do seu Reynado na Campanha, escreveo

Tratado da Milicia conforme o costume de batalhar dos antigos Portuguezes. Para mostrar quanto era sciente na Mathematica escreveu:

Discurso em que se mostra, que a constellaçaõ chamada Caõ celeste constava de vinte, e nove estrellas, e a menor de duas. De cuja obra se lembra com grandes elogios Zacuto Lusit. in *Princip. Mend. Histor.* lib. 4. hist. II.

Carta escrita da propria mãõ a Gomez Anes de Zurara seu Chronista mòr, e Guarda mòr da Torre do Tombo, quando assistia em Alcacer com o Conde D. Duarte de Menezes, para escrever os feitos daquella Villa. M. S. Acaba. *O meu vulto pintado o non tenho para volo agora lá poder enviar: mas o proprio prazerá a Deos, que o vereis lá em algum tempo, com que vos lá mais deve praxer.*

Carta escrita da propria mãõ a 5. de Agosto de 1461. a Diogo Lopes Lobo, Senhor de Aluito satisfazendo-o de alguns agravos, que lhe fizera. M. S.

Deste Principe trataõ Manoel de Faria, e Souf. *Europ. Portug.* Tom. 2. Part. 3. cap. 3. e no *Epit. das Hist. Port.* Part. 3. cap. 13. Marian. *de reb. Hispan.* lib. 14. à cap. 6. usque ad 21. Brito *Elog. dos Reys de Port.* pag. 13. Maris *Dial. de Var. Hist.* Dialog. 4. cap. 7. Oliveir. *Grand. de Lisb.* Trat. 3. Tit. 13.

Fons. Evor. glorios. pag. 84. Soufa *Hist. Geneal. da Casa Real Portug.* Tom. 3. liv. 4. cap. 1. Vasconcel. *Anacepb. Reg. Lusit.* pag. 199. Orleans *Hist. des Revolus. d'Espagne* Tom. 3. pag. 187. Fr. Fernand. da Soled. *Hist. Seras. da Prov. de Portug.* Part. 3. liv. 16. cap. 1. da segunda impressãõ.

D. AFFONSO filho sexto dos Serenissimos Monarchas D. Manoel, e D. Maria sua segunda mulher, filha dos Reys Catholicos Fernando, e Izabel, nacco na Cidade de Evora Capital da Provincia Transgana em 23. de Abril de 1509, em cuja Cathedral recebeu a primeira graça no primeyro de Mayo do mesmo anno. Logo na infancia deo claros indicios da agudeza do juizo, de que prodigamente o dotara a natureza. Aprendeo as letras humanas com Ayres Barbosa, e André de Resende, Oraculos da lingua Grega, e Romana, e com a disciplina de taõ insignes Mestres fez taõ admiraveis progressos, que já ensinava quando aprendia. Ainda naõ excedia a idade de dez annos, quando Leaõ X. no 1. de Julho de 1518. o ornou com a Purpura Vaticana do titulo de Santa Luzia in *Septemsolis* (que depois foy mudado por Clemente VII. para o de S. Braz no anno de 1524. e ultimamente para o de S. Joaõ, e S. Paulo por Paulo III. no anno de 1536.) querendo premiar com tanta anticipaçãõ em idade taõ tenra as virtudes, que havia praticar na adulta, de cuja dignidade recebeu a posse a 28. de Mayo de 1526. das mãos de D. Fernando de Vasconcellos, e Menezes Capellaõ mòr, e Bispo de Lamego. Das suas virtuosas açoens foraõ gloriosos theatros as Dioceses da Guarda, Viseu, e Evora, nas quaes governou como vigilante Pastor numerosas ovelhas; servindo-lhe estas tres Mitras de degrãos para subir à dignidade Archiepiscopal de Lisboa no anno de 1523. onde dezempenhou as obrigaçoens do officio Episcopal adminiftrando os Sacramentos aos enfermos, explicando o Cathecismo aos rudes, e favorecendo com charitativa profusão aos pobres. Ornou os Altares com preciosos paramentos; venerou com excessiva ternura a Maria Santissima, e com o mais profundo respeito a Christo occulto debaixo das especies Sacramentaes. Foy exacto observador das

Cerimonias Ecclesiasticas ordenando, que na Cathedral, e Arcebispado de Lisboa se não uzasse do officio Salisburgense introduzido desde o tempo delRey D. Affonso Henriquez, e sómente se observasse como mais perfeito o Romano. Como era muito douto nas linguas Grega, e Romana, e versado nas letras sagradas, e profanas, estimava aos homẽs sabios, com quẽ tinha familiar commercio; e a alguns que floresciaõ com grande opiniaõ em outros Reynos, os atrahia com generosos donativos para a sua companhia, na qual eraõ benevolamente tratados. Continuamente tinha patentes as portas a todo o genero de pessoas, que buscavaõ na sua benevola comiserança refugio às suas necessidades, não permitindo, que se apartassem da sua presença queixosas, e desconfoladas, antes era naturalmente taõ liberal, que o dia, em que não fazia merces, e repartia dadivas, o julgava, como do Emperador Tito se escreve, por perdido. No tempo que Portugal gosava de hum Principe Ecclesiastico, cujas virtudes eraõ veneradas por todas as suas Jerarchias, foy acometido de huma grave doença, e conhecendo o perigo, que o ameaçava, fez que o leva ssem à Capella mòr da sua Cathedral, onde com ternissimos affectos, e devotas lagrimas recebeo o Sagrado Viatico, e recolhido ao Palacio entregou o espirito ao seu Creador na florente idade de 31. annos com geral sentimento desta Monarchia, e do Mundo Catholico em 21. de Abril, e não de Agosto, como erradamente escreveu Megefero no *Diar. Austriac.* p. 40. e 41. do anno de 1540. e não de 1537. como disseraõ Panvino, Ciaconio, os dous Irmãos Luiz, e Scévola Santas Marthas. O seu corpo foy levado ao Real Convento de Belem, onde em hum soberbo Mausoleo espera a refurreiçaõ universal, tendo gravado no marmore o seguinte epitafio.

Heu quod in Alphonso viduantur honore Tiaræ

Plorat Ulyssipo, Roma, rubensque toga.

Visenses pueri, quos ipse fide erudiebat

Solaque congaudent Sydera Cive suo.

Compoz.

Vita Alphonfi Lusitanorum Regum primi, que dedicou à Santidade de Leão X. como diz D. Nic. de Santa Maria, na *Chronica dos Coneg. Reg.* liv. 9. cap. 32. n. 6.

Das suas obras latinas assim em prosa, como em verso, fez huma collecçaõ o cele-

bre Antiquario André de Resende, e impressas as dedicou a ElRey D. João III. como affirma o Padre Antonio de Macedo in *Lust. Insul. & Purpur.* p. 225.

Constituicoens para o Bispado de Evora, que foraõ as primeiras, que teve, e reduzio a melhor methodo as do Bispado de Vifeu.

Varios saõ os elogios, com que diversos Authores celebraõ este grande Principe. Ayres Barbosa seu Mestre na *Antimoria* fol. 39 o congratulou com este celebre distico, quando foy eleyto Cardial.

Roma tibi donat Princeps Alphonse galerum.

Dat tibi Roma decus, nec minus illa capit. Palat. in *Fastis Cardinal.* Tom. 2. pag. 719.

Alphonfus Princeps religiosissimus, litterarum, litteratorumque omnium maxime fautor, et Mæcenas, qui magnanimitate, clementia, magnificentia certavit cum omnibus Terræ Principibus. Ab eo tristis nemo umquam discessit. Auctoritatem augens famulitij nobilitate, cultu domus, misericordia in pauperes, vere Rex hominum, Phæbique Sacerdos, inter Episcopos optimus, inter Reges clarissimus, quæsvit sollicitus Religionis augmentum, & observantiam sine strepitu, absque gladio, solo verbo, & exemplo. Ciacon. de *Vitis Pontif.* Tom. 3. pag. 414. *Princeps munificentissimus, & magnanimus, ac tanta insuper mansuetudine, & clementia, ut nemo unquam ab eo tristis discesserit, quanta autem fuerit morum suavitate, & comitate, obitu illius intellectum est; non enim alio affectu eum universa luxit Lusitania, quam si communis omnium parens interiisset.* Ofor. de reb. Emman. lib. 6. *singulare specimen religionis, & probitatis, & magnificentia.* Goes na *Chron. delRey D. Manoel.* Part. 2. cap. 42. *Foy assás douto na lingua latina.* Cardof. *Agiolog. Lust.* Tom. 2. pag. 659. *Mecenas singular dos doutos, e benemeritos, favorecendo-os, e honrando-os em toda a occasiaõ.* Maris *Dialog.* 4. de *varia Histor.* cap. 20. *Douto na lingua latina, e studiosissimo de letras, e sciencias.* Pedro Sanches no Poema Laudatorio dos Poetas Portuguezes

At Te Rege Sate Heros Emmanuele potente

Qui Tyrium Syrma ornafti, sacrumque Galerum

Ipse canat Phæbus: nos Te, & tua funera quondam

*Flevimus Alphonse, & gemitu, lacrymiſque
profuſis*

*Ad tumulum maſta ter voce vocavimus umbram,
Magne tuam, extremumque vale ter dixi-
mus. Eheu!*

Quantum praſidij docti amiſere Poetae

*Morte tua! quantū decoris Parnafia Laurus,
Nā tibi ſēper erant cordi doctiſſime Princeps
Vates: numeribus vates, vultuque fovebas:*

*Temporis, & ſi quid tibi forte vacabat ab almi
Praſulis officio, quod verbo, & rebus obibas
Donaſti id totum Muſis, placidaque Poefi.*

Jorge Coelho Secretario do Cardial D. Henrique nas ſuas obras poeticas impressas em Lisboa no anno de 1540. traz huma larga Elegia à morte deste Principe, que começa.

*Deſlebam Alphonſi fatū quem funere acerbo
Tam juvenem nobis abſtulit atra dies.*

Garibay *Comp. Hiſt. de Eſpan.* liv. 35. cap. 30. e 31. Maffeo *Hiſt. rer. Ind.* lib. 10. Jongelin. in *Purp. D. Bernard.* pag. 49.

& 50. Cunha *Hiſt. Eccleſ. de Liſb.* Part. 2. cap. 2. n. 5 Souf. de Maced. *Flor. de Eſpan.* cap. 23. excel. 3. Vaſc. *Anaceph. Reg. Luſit.* pag. 272. Bfov. *Annal. Eccleſ.* Tom. 19. ad ann. 1509. e 1516. Spondan. tom. 2. ad an. 1512. n. 5. Padre D. Manoel Caetan. de Souf. *Catal. Hiſt. dos Sum. Pontif. e Card. Portug.* pag. 21. Manoel Pereir. da Sylv. *Leal Catal. dos Biſp. da Guard.* §. 29. Fonſeca *Evor. Glorioſ.* pag. 294. Manrique *Annal. Ciſterc.* Tom. 2. in ſerie *Abbat. Alcobat.* pag. 11. in fine. D. Antonio Caet. de Souza *Hiſt. Geneal. da Caſ. Real Portug.* Tom. 3. liv. 4. cap 10.

D. AFFONSO, primeiro Marquez de Valença aſſim no Titulo, como na dignidade, que houve em Portugal, nasceu em Lisboa, e foy filho primogenito de Dom Affonso, nono Conde de Barcellos, e primeiro Duque de Bragança, e de D. Brites Pereira de Alvim, filha do famoso Heroe D. Nuno Alvares Pereira, Condeſtavel de Portugal, cujos Augustos deſpoſorios ſe celebraraõ em 8. de Novembro de 1401. Ao eſplendor do nascimento correſpondeo a perſpicacia do juizo, admirando-ſe já na tenra idade o talento, com que ſe fez venerado na adulta. Depois de cultivar aquelles estudos proprios da ſua alta qualidade, ſe fez mais

inſigne no exercicio das virtudes moraes, e politicas, pelas quaes mereceo a eſtimaçaõ dos Principes do ſeu tempo. Reſoluto ſeu Tio ElRey D. Duarte em mandar hum Embaxador ao Concilio de Baſilea, que ſe tinha congregado para pacificar as largas diſcordias entre a Igreja Grega, e Latina, que depois foy transferido por Eugenio IV. para Ferrara, o nomeou a elle, confiando da ſua profunda capacidade, que felizmente deſempenharia as obrigaçoẽs do ſeu miniſterio. Acompanhado de D. Antaõ Martins, Biſpo do Porto, dos Doutores Vaſco Fernandes de Lucena, Diogo Affonso Manga ancha, de Fr. Joaõ Thomé, Eremita de S. Agoſtinho, e Fr. Joaõ Gil, da Religiaõ Serafica, partio de Lisboa a 21. de Janeiro de 1435. e chegando a Bolo- nha a 24. de Julho do meſmo anno, foy recebido pelo Papa com inexplicaveis ſignificaçoẽs de paternal benevolencia. Recitou a Oração obediencial o Doutor Vaſco Fernandes de Lucena na preſença do Summo Paſtor, e do Collegio Cardinalicio, ſendo univerſalmente applaudida pelas elegantes expreſſoens, com que declarava a profunda ſubmiſſaõ do noſſo Principe ao verdadeiro Suceſſor de S. Pedro, cuja Barca fluctuava naquelle tempo com hum abominavel Sciſma. Concluido o Concilio partio de Florença D. Affonso, e movido da ſumma piedade, de que era ornado, foy viſitar os Lugares da Paleſtina, que o Redemptor do mundo ſantificara com o ſeu Sangue, donde ſe reſtituhio ao Reyno. Segunda vez o deixou para acompanhar ſua Prima a Infanta D. Leonor, quando ſe foy deſpoſar com a Mageſtade Ceſarea de Federico III. partindo de Lisboa em 20. de Outubro de 1451. por General da Armada, que a conduzio a Liorne. Deſta Cidade caminhou até Sena, onde arrebatou as atençaõs de todos a numeroſa, e magnifica comitiva, com que hia cortejando a Infanta, a qual chegando a Roma foy coroada juntamente com ſeu eſpoſo pelo Pontifice Nicolao V. Acabada eſta ſolemne cerimonia o Emperador para manifeſto argumento da eſtimaçaõ, que fizera de D. Affonso Conductor de ſua Augusta Eſpoſa, o armou Cavalleiro, de cuja honra para ſer mais eſtimavel fez companheiro a ſeu Irmaõ Alberto, Archiduque

de Auftria. Para eterno testemunho da sua piedade para com Deos, fundou no anno de 1445. a infigne Collegiada de Ourem, confignando-lhe copiofas rendas para sustentação das Dignidades, e Conegos, de que se compoem. Cheyo mais de merecimentos, que de annos, morreo na Villa de Thomar a 29. de Agosto de 1460. donde foy trasladado no anno de 1487. para a Collegiada de Ourem, e na Capella de baxo do Coro jaz sepultado em hum soberbo Maufoleo, no qual está gravado o seguinte epitafio.

Aqui jaz o Illustre Principe D. Affonso; Marquez de Valença, Conde de Ourem, primogenito de D. Affonso, Duque de Bragança, e Conde de Barcellos, e neto delRey D. Joaõ de gloriosa memoria, e do virtuoso, e de grandes virtudes D. Nuno Alvares Pereira, Condestavel de Portugal. Faleceo em vida de seu Pay, antes de lhe dar a dita herança, de que era herdeiro, o qual foy fundador desta Igreja, em que jaz, cuja fama, e feitos boje este dia florecem. Finouse a 29. de Agosto do anno do Nascimento de N. Senhor Jesu Christo de 1460. annos.

Celebraõ a sua memoria Brandaõ *Mon. Lusit.* Part. 3. livr. 10. cap. 15. Leaõ *Chron. delRey D. Duarte* cap. 4. e 5. Faria, e Soufa *Europ. Port.* Tom. 2. Part. 3. cap. 2. num. 8. Cunha *Catal. dos Bisp. do Port.* Part. 2. cap. 28. Sylva *Catbal. Real de Espanha* fol. 91. Coelho *Chron. da Ord. do Carm.* liv. 1. cap. 20. chamando-lhe *Pessoa de muita prudencia.* Moreir. *Theat. Hist. e Gen. da Caf. de Souf.* pag. 533. Guerreir. *Coroa de esforçad. Caval.* Part. 1. cap. 8. Esperanç. *Histor. Seraf. da Provinc. de Port.* Part. 2. liv. 12. cap. 4. n. 3. Carvalh. *Corog. Portug.* Tom. 3. Trat. 5. cap. 1. Maced. *Lusit. Infulat.* p. 159. Neufuil. *Hist. de Portug.* tom. 1. pag. 400. Lima *Geog. Hist. de Port.* Tom. 2. pag. 202. Leitaõ *Trat. Analyt. Apolog.* pag. 955. Franc. Leit. *Not. Chronol. da Univ. de Coimbr.* pag. 351. Soufa *Hist. Gen. da Caf. Real Port.* Tom. 2. liv. 3. cap. 9. Compoz.

Itenerario ao Concilio de Basilea no anno de 1435. o qual se conserva na Serenissima Casa de Bragança, como affirma Jorge Cardof. *Agiol. Lusit.* Tom. 1. pag. 491. col. 1. no Coment. de 21. de Fevereir. Letr. A.

D. AFFONSO DE ALBUQUERQUE antonomasticamente o Grande pelas heroicas façanhas, com que encheo de admiração a Europa, de pasmo, e terror a Asia, nasceo em o anno de 1453. na quinta chamada pela amenidade do sitio o *Paraíso* da Villa da Alhandra distante seis legoas de Lisboa. Sendo filho segundo de Gonçalo de Albuquerque, Senhor de Villaverde, e de D. Leonor de Menezes filha de D. Alvaro Gonçalves de Attaide Conde da Atouguia, e de sua mulher D. Guiomar de Castro, emmendou esta injustiça da natureza alcançando a primazia de todas as virtudes assim moraes, como politicas. Foy educado no Palacio delRey D. Affonso V. em cuja palestra anhelando unicamente ser emulo deste Marte Africano, partio na esquadra mandada por este Principe no anno de 1480. em socorro delRey D. Fernando de Napoles para reprimir o furor dos Turcos, que tinhaõ occupado Otranto, mostrando nesta occasiaõ, que o valor para ser heroico, não dependia da dilação do tempo, menos da liberalidade da fortuna. Não foy inferior a gloria, que confeguiu o seu braço na expedição intentada no anno de 1489. para defender a fortaleza da Graciosa situada na Ilha, que o Rio Luco forma junto da Cidade de Larache debaixo dos felices auspicios delRey D. Joaõ II. de quem foy Estribeiro mór, sendo estas duas famosas empresas succedida huma na Europa, e outra na Africa o faustissimo preludeo das victorias, de que havia ser theatro a Asia, para onde navegou em 6. de Abril de 1503. e depois de obrar acçoens superiores a outro coração, que não fora o seu, se restituhio a Portugal mais cheyo de gloria, que despojos, em que tem mayor parte a cobiça, que o valor. Tendo segunda vez surcado os mares como Capitaõ em huma esquadra de quinze vellas em companhia de Tristaõ da Cunha para continuar os triumphos, de que era arbitra a sua espada, o elegeo ElRey D. Manoel Governador da India, de que tomou posse em 4. de Novembro de 1509. confiando a prudencia deste Monarcha, que sobre hombros taõ robustos poderia permanecer incontrastavel à violenta invasão de todos os Potentados da Asia. Parece difficil à credulidade a continuada torrente de victorias alcançadas pelo braço deste invencivel He-

róe, que qual rayo fulminado da Esfera, que o seu Soberano tomara por empresa não houve parte em todo o Oriente, que não experimentasse o impulso arrebatado dos seus estragos reduzindo a cinzas as Cidades de Brama, Orfação, Calicut, Pangim, e as numerosas armadas de Meca, Adèm, e Ormuz. Duas vezes se coroou victorioso com a famosa expugnação de Goa, humilhando na segunda conquista de tal sorte a soberba do Hidalcaõ, que por largo tempo lamentou a fatal ruina padecida sobre os muros de huma Praça, que se destinava para cabeça do Imperio Aziatico Portuguez. Que frondosas palmas, e louros colheu o seu invencivel braço no rendimento de Malaca, cuja heroica façanha divulgou admirada a fama por tres mil bocas de bronze gloriosos despojos de tão celebre expugnação? Rendeo menos à violencia do ferro, que ao respeito do seu nome as Cidades de Lamo, Mafcate, Benastarim, Calayate, e as Ilhas de Camaram, Queixome, e Homeliaõ com a morte de dous sobrinhos delRey de Larec. Para vingar as hostilidades causadas pelas formidaveis armadas delRey de Ormuz, e do Hidalcaõ fez estipendiarios dous elementos, abrazando, e sumergindo a humas no cabo de Rosalgate, e a outras nos portos de Adem, e Calicut. O brado das espantosas açoens, com que tinha assombrado a todo o Oriente, obrigou ao Rey das Ilhas de Maldiva, Vengapor, e o Hidalcaõ, que rendidos, e obsequiosos o buscassem para Tutelar dos seus Estados, e em demonstração da sua obediencia se fizeraõ tributarios da nossa Coroa. Recebeo diversas Embaxadas dos Principes da Persia, e da Arabia, e dos Reys de Pegù, Bengala, Pedir, Siaõ, e Pacem sollicitando a sua amisade com generosos donativos, que benignamête agradeceo, e generosamente regeitou. Para cõservar o Estado impenetravel à invasaõ dos seus inimigos edificou com igual dispendio, que magnificencia as Fortalezas de Malaca, Ormuz, Calicut, Cochim, e Cananor, em cujas pedras gravou para a posteridade a gloriosa denominação de Fundador do Imperio Oriental Portuguez. Celebradas as pazes com os Reynos de Cambaya, Dabul, Onor, Baticalà até o cabo de Camorim, e com os Principes da China, Jaoa, e Maluco se sentio estando em Ormus acometido da

ultima imfermidade, e querendo que Goa fosse o Occaso sendo tantas vezes o Oriente de seus heroicos trabalhos, partio tão atenuado de forças, que quatro leguas distante do seu porto entregou aquelle invencivel espirito ao seu Criador com evidentes sinaes de predestinado a 16. de Dezembro de 1515, quando contava 63. annos de idade, e 10. de governo. Foy amortalhado no manto da Ordem militar de São-Tiago, de que era Commendador, e tanto que o cadaver chegou ao caiz de Goa, se levantou tal alarido funebre em todo o povo, que até os Sacerdotes interromperaõ o canto Ecclesiastico com lagrimas, e suspiros. Os gentios admirados de o ver com a barba tão extensa, e com os olhos quasi abertos, affirmavaõ com supersticiosa credulidade, que certamente não morrera, mas que Deos o chamara para General dos seus Exercitos. Levado debaixo do pallio aos hombros das principaes pessoas de Goa o sepultaraõ na Igreja de Nossa Senhora da Serra, que elle edificou em agradecimento do feliz successo da conquista de Malaca. A este deposito das suas triunfantes cinzas concorria a gentildade obsequiosa com varios donativos esperando, que às suas supplicas fosse propicio. Passados cincoenta e hum annos foy tresladado, como dispufera no seu Testamento, ao Convento de Nossa Senhora da Graça dos Religiosos Eremitas de Santo Agostinho desta Corte, para onde foy conduzido a 19. de Mayo de 1566. com pompa digna de tão grande Heróe. Teve a estatura mediana, o rosto comprido, e côrado, o nariz aquilino, o aspecto agradavel, que se fazia respeitado pela candida barba, que se dilatava até a cintura. Soube com perfeição a lingua Latina, sendo igualmente discreto quando fallava, como quando escrevia. Foy amado, e temido, sem que a benevolencia degenerasse em frouxidão, nem em rigor o castigo. Observou religiosamente a verdade, aborreceo naturalmente a mentira, e executou promptamente a justiça. Em tantas batalhas terrestres, e navaes sahio muitas vezes ferido testemunhando com o seu sangue, que sempre buscara o lugar onde era mais certo o perigo. Foy profusamente generoso, dando aos Capitaens os despojos alcançados em tantas victorias, dos quaes nunca reservou

para si a menor parte por ser sua cobiça mais de gloria, que de fazenda. Practicou summa fidelidade com os inimigos domesticos, e fomite com os estranhos usou de sagacidade politica. Determinou executar duas açcoens sugeridas pela magnanimidade do seu coração sobejando para que fossem eternamente gloriosas o serem fomite meditadas; era hum divertir a corrente do Nilo para o mar Roxo não correndo ao Egypto, e desta forte esterilizar as terras do Graõ Turco; a segunda extrahir de Meca os ossos do abominavel Mafoma, para que reduzidos publicamente a cinzas se confundissem os professores de tão torpe Seita. Serà o seu nome eternamente applaudido pellas vozes da Fama, como foy no conceito dos mayores Monarchas, e nas pennas de insignes Escritores, aclamando-o por insigne Capitaõ D. Fernando Rey de Castella a Pedro Correa Embaxador del Rey D. Manoel, e o Graõ Turco a D. Alvaro de Sande Capitaõ do Emperador Carlos V. Dos authores seja o primeiro Maffeo *Hist. Ind.* liv. 5. in fine. *Prorsus invicti ad laborem, ac patientiam æque corporis animique vir, & cum quolibet suæ ætatis Ducum, vel navalis scientiæ, vel expediti consilij magnitudine comparandus.* Faria *Asia Portug.* Tom. 1. Part. 2. cap. 10. n. 8. *Aquella espada con cuya punta se avia labrado el scetro, que El Rey D. Manoel tenia nó con menor interez de sus rentas, que reputacion de sus armas.* Castanhed. *Historia do Descub. da Ind.* liv. 3. cap. 155. *Esforçado, e famoso Capitaõ ... Em summa nenhuma virtude lhe faleceo para ser tão singular Capitaõ como ho foraõ os singulares, que ouve entre barbaros, Gregos, e Latinos.* F. Ant. de S. Rom. *Hist. Gen. dela Ind. Orient.* liv. 2. cap. 9. *Dexo el Imperio dela India mui quieto en la devocion, y fidelidad del Rey D. Manoel y el exercicio delas armas quedó en su punto con su industria y las cosas dela Religion en mucho augmento.* Brentan. *Epit. Chronolog. Mund.* ad an. 1515. *Christianissimus Heros. Mariz Dial. de var. Hist. dial.* 5. *Faleceo com tão claro nome de perfeito Governador, que não era facil a questã que em seu louvor se movia, se resplandecia mais em suas excellencias o esforço de Alexandre, ou a sabedoria de Nestor; porque administrava a guerra como summo Emperador,*

e governava a republica como perfeitoissimo Magistrado. Sampayo in cap. 2. *Vit. B. Petri Ebo-*
rens. Insignis ille et immortalis laude dignus,
atque Heroum antiquorum numero meritissimo
referrí potest. Barbud. *Empres. milit. de Lusit.*
fol. 156. v.º *adqueriendo triunfos a su Patria,*
y ganando coronas a su Rey. Lafitau *Hist.*
des Decouert Conq. des Port. Tom. 1. pag.
mihí 520. *Dans la guerre il fut veritablement*
grand par la noblesse de ses projets, la pru-
dence avec la quelle il les conduisoit, e la
Vigueur avec la quelle il les executa. Dans
le conseil, e dans l'action il paroissoit en lui
deux hommes tous differens. Osorius *de rebus*
Emman. lib. 10. *Tanta namque erat humanitate*
præditus ut utrum magis multi illius virtutem
metuerent, an bonitatem amarent, esset explicatu
difficillimum. Imprimis autem jus æqualite co-
lebat, & fidem violatam acerrime puniebat,
neminique injuriam fieri patiebatur... *Non erat*
alienus à litteris: & cum otium erat, lectio-
sacrarum præcipue litterarum oblectabatur. Thevet *Vies des Homm. Illust.* pag. mihí 422. *Fondateur dela domination des Portugalois en*
Inde. Franc. de Santa Mar. *Ceo abert. na*
Terra liv. 3. cap. 67. *Na liberalidade, e*
magnificencia foy insigne, na constancia admira-
vel, na religião excellente, e em tudo Heroe da
primeira grandesa, glorioso assumpto das trom-
betas da Fama. Neufuille *Hist. Gen. de Portug.*
Tom. 2. liv. 8. pag. 466. *Ce grand homme,*
cet Albuquerque le Grand aussi heuroux, et re-
doutable pendant la guerre que craint, et reverè
pendant la paix fut regreté de plusieurs Prin-
ces qui avoient connu sa valeur, e de toutes
les nations qui avoient éprouvé sa clemence.
Tellez *Hist. da Ethiop. Alt.* liv. 1. cap. 7.
e liv. 2. cap. 1. Fr. Agostinh. de Santa
Maria *Sant. Marian.* Tom. 8. liv. 1. cap. 55.
Barros *Decad. 2. da Hist. da Ind.* per tot.
Damiaõ de Goes *Chron. del Rey D. Manoel* 3.
Part. cap. 80. Martin. *Compend. delas Hist. dela*
Ind. Orient. pag. 174. até 194. Gab. Per. *Ulyssæa*
Cant. 7. Estanc. 100.

Logo o famoso Affonso o mar cobrindo
De náos, os Malabares afugenta,
Do graõ Neptuno as ondas oprimindo
Que de seu grave pezo já rebenta.
Macedo *Ulyssæo* Cant. 12. Est. 56.
Se quereis vér o Capitaõ mais claro

*Que a fama conbecce, que vio a terra;
Vede a Albuquerque insigne archivo raro
Que a disciplina militar encerra,
Quantas vezes o vejo, mais reparo
Neste grande varaõ rayo da guerra;
Notay-o de vagar que basta vello
Para fiardes do valor modello.*

Os Commentarios das heroicas acçoens obras no Oriente pelo grande Albuquerque escritos por seu filho se compuseraõ das noticias, que a ElRey D. Manoel mandou o mesmo Albuquerque, como na Dedicatoria da dita obra a ElRey D. Sebastiaõ confessa seu author por estas palavras. *Offereci estes Commentarios a V. A. que colligi dos proprios Originaes que o grande Affonso Dalbuquerque no meyo de seus acontecimentos escrevia a ElRey D. Manoel vosso Visavó.* Donde procedeo imaginarem alguns Escritores, e entre elles o doutissimo João Solorzano Pereira, de *Jure Ind.* Tom. 1. liv. 1. cap. 3. n. 48. ser obra do grande Albuquerque. Além das noticias, que escreveu este Heróe, que serviraõ para formar os Commentarios das suas acçoens, estaõ nelles impressas estas suas obras.

Duas repostas, que mandou a duas Cartas de Cogeatar. Part. 1. cap. 62.

Resposta a huma Carta de Lourenço de Brito, Capitão de Cananor. Part. 2. cap. 3.

Instrucção mandada por Fr. Luiz da Ordem Serafica a ElRey de Narsinga, em que dava noticia, do que lhe succedera na conquista de Calicut. Part. 2. cap. 17.

Carta escrita ao Xequê Ismael. Part. 2. cap. 23.

Instrucção dada a Ruy Gomes para o Xequê Ismael. ibi.

Carta a ElRey de Ormus. ibi.

Carta a Gopicaixa Aguazil mór delRey de Cambaya. Part. 2. cap. 46.

Carta escrita a Timoja Aguazil mór, e Capitão da Gente de Goa, e Senhor das terras de Cintacora. Part. 2. cap. 49.

Carta ao Hidalcaõ quando conquistou Goa. Part. 3. cap. 4.

Instrucção, que deu a Antonio de Miranda de Azevedo, com hum presente para ElRey de Siao. Part. 3. cap. 36.

Carta a ElRey D. Manoel, em que lhe relata a conquista de Goa. Part. 3. cap. 56.

Carta escrita ao mesmo Monarcha em 12. de Dezembro de 1515. estando proximo à morte em

que lhe recomenda o despacho de seu filho. Part. 3. c. 45. e na Decad. 2. de Barros L. 10. cap. 8. vertida em latim por Oforio de reb. *Emman.* lib. 10. em Castelhana por S. Roman. *Hist. dela Ind.* liv. 2. cap. 9. e em Francez por Lafitau. *Hist. des Conq. de Portug.* Tom. 1. pag. mihi 516.

AFFONSO DE ALBUQUERQUE, filho do celebre Heróe de que se fez a precedente memoria, foy naõ sómente herdeiro das suas virtudes, e acçoens heroicas, mas ainda do seu mesmo nome. Naceo na quinta, que foy berço de seu grande Pay junto à Villa de Alhandra situada nas margens do Tejo no anno de 1500. O nome de Braz, que no bautismo lhe fora imposto, o mudou no de Affonso por insinuação delRey D. Manoel, querendo este Principe igualmente eternizar na sua Pessoa a memoria de seu illustre Progenitor, como continuar nelle a remuneração de taõ altos merecimentos, de que foraõ manifestos argumentos o nomealloy Capitão de hum Navio da Armada, que conduzio a Infanta D. Beatriz, quando se foy despozar com o Duque de Saboya, e ser instrumento de que cazasse com huma Dama das mais illustres, que venerava Portugal, qual era D. Maria de Noronha filha de D. Antonio de Noronha primeiro Conde de Linhares, e Escrivaõ da Puridade delRey D. Manoel, e de D. Joanna da Sylva filha de D. Diogo da Sylva primeiro Conde de Portalegre, e lhe fez merce de hum juro de trezentos mil reis. Naõ só os merecimentos herdados, mas os proprios o constituirão digno de mayores premios. Foy dotado de insigne prudencia alcançada com a lição dos Livros, e continua administração de negocios, pela qual o nomeou ElRey D. João o III. Vedor da sua Fazenda, onde foy taõ vigilante no obsequio do seu Principe, como desinteressado no augmento proprio. Grande providencia manifestou a sua capacidade quando no anno de 1569. sendo Presidente do Senado de Lisboa, applicou todos os meyoys para evitar os calamitosos damnos, que em toda a Cidade causava a peste, que com horrorosa voracidade tinha cõsumido a muitos milhares de homens, devendose à sua compassiva vigilancia o total exterminio de taõ medonho flagelo. Para alivio dos ministerios, que exercitava, edificou no lugar de

Azeitaõ huma sumptuofa quinta povoada de frondofas arvores, e regada de caudelofas fontes, de cuja antigua grandeza ainda hoje fe confervaõ alguns veftigios. Cheyo de annos, e acçoens virtuofas morreo em Lisboa no anno de 1580. e foy sepultado na Parochial Igreja de S. Simaõ situada na Villa de Azeitaõ, onde instituhio duas Capellas cõ obrigaçaõ de que cada Capellaõ diga cada fomana quatro Missas pela fua alma, de feus Pays, mulher, amigos, e inimigos, e das que eftaõ penando no Purgatorio. Deixou huma filha unica chamada D. Joanna de Albuquerque que casou com D. Fernando de Castro. Compoz.

Commentarios de Afonso Dalbuquerque Capitaõ geral, e governador da India collegidos por seu filho Afonso Dalbuquerque das proprias cartas que elle escrevia ao muyto poderoso Rey Dom Manuel o primeiro deste nome em cujo tempo governou a India. Vam repartidas em quatro partes segundo os tempos dos seus trabalhos. Tem no fim as seguintes palavras.

Foraõ impressos estes Commentarios Dafonso Dalbuquerque Capitaõ geral, e Governador da India, na Cidade de Lisboa, por Joaõ de Barreira impressor delRey Nosso Senhor. Acabaram-se de imprimir Vespera de S. Sebastiaõ, desanove dias do mez de Janeiro de mil, e quinhentos, e sincoenta, e sete annos, em cujo dia o Principe dom Bastian nosso Senhor a quem esta obra vay offercida faz trez annos. fol. Sahiraõ segunda vez impressos em Lisboa pelo dito Imprefor 1576. fol. Traduzidos na lingua Franzeza. Pariz por Joaõ Marnef. 1579.

No Cancioneiro, de que foy Colleftor Garcia de Refende, eftaõ alguns Versos de Affonso de Albuquerque a fol. 169. 170. e 176. dos quaes se manifesta, que taõ verificado foy na Poesia, como na Historia.

Tratado da Antiguidade, nobreza, e descendencia da familia dos Albuquerquees. M. S.

Defta obra faz elle mençaõ nos *Comment.* Part. 4. cap. 50. e o Padre D. Antonio Caet. de Soufa no *Apparat. à Hist. Gen. da Caf. Real Portug.* pag. 38. §. 17.

Louvaõ ao author, e a obra dos *Commentarios* com os merecidos encomios Barros *Decad. 2. da India* liv. 10. cap. 8. Maffeo *rer. Ind. Hist.* lib. 5. in fine. Goes *Chron. delRey D. Man.* Part. 3. cap. 80. Ant. de Leon, *Bib.*

Orient. Tit. 3. Nic. Ant. *Bib. Hisp.* Tom. 1. pag. 6. D. Luiz Salaz. de Cast. *Hist. da Caf. dos Sylv.* Part. 2. L. 6. c. 13. §. 3. n. 14. Far. *Epit. das Hist. Portug.* Part. 4. cap. 18. Joan. Soar. de Brit. in *Theatr. Lusit. Litter.* lit. A. n. 8. Ant. Ferreir. nos *Poem. Lusit. Eleg.* 6. e o P. Lafitau *Hist. des Descov. & Conquet. des Port.* Tom. 1. p. mihi 521. *Il y paroît un grand amour de la verité, une grande moderation beaucoup de menagement pour la personne des ennemis de son Pere, et tant de modestie dans le detail des actions de ce Heros, qu'on peut dire que le portrait qu'il en fait, bien loin d'être outre, est beaucoup au dessous de son original.*

AFFONSO DE ALBUQUERQUE, natural de Lisboa, Professor de Direito Civil, e Patrono de Causas Forenses. No tempo em que se ventilava a celebre queftaõ de quem havia fuceder na Coroa desta Monarchia por morte do Serenissimo Cardial Rey D. Henrique, mais affecto às injustas pertençaens de Castella, do que defensor da indubitavel Justica da fua Patria, imprimio no anno de 1579.

Jus Philippi ad regiam Lusit. Coronam.

De cuja obra faz mençaõ Caramuel *Phil. Prud.* pag. 177.

AFFONSO DE ALCALA, E HERRERA oriundo de Castella, mas nacido em Lisboa a 12. de Setembro de 1599. de Pays nobres naturaes de Toledo, quaes foraõ Joseph de Alcalá, e Herrera, e D. Ignez de Robles. Foy sciente nas linguas Latina, Castelhana, Italiana, e Portugueza. Desde a primeira idade se applicou á liçaõ das letras humanas, e da Poesia, cujo estudo cultivou até a velhice. Ainda que a mayor parte da vida passou recolhido em casa revolvendo os Livros, em que unicamente achava divertimento, era summamente agradavel, e urbano para todos aquelles, que familiarmente o tratavaõ. Foy dotado de grande engenho, de summa piedade para com Deos, e de cordial devaçaõ a Maria Santissima, como testemunhaõ muitas das suas composicoens. As virtudes Christaãs, que exercitou toda a vida, e confervou no estado do Celibato, em que viveo, o dispuzeraõ para acabar com morte placida em Lisboa a 21. de Novembro de 1682. com mais de 83. annos de idade. Foy sepultado na Igreja de N. Senhora dos Reme-

diões dos Carmelitas Descalços, no jazigo dos seus Mayores, que tem este epitafio.

Sepultura de Affonso de Robles, e seus herdeiros.

Compoz

Varios effeitos de amor en cinco novellas exemplares, y nuevo artificio para escribir prosa, y verso sin una de las letras vocales excluyendo Vocal diferente en cada novela. Lisboa por Manoel da Sylva. 1641. 8. e ibi. por Franc. Villela. 1671. 8.

Jardim anagramatico de divinas flores Lusitanas, Espanholas, e Latinas, em o qual se contaõ 683 Anagramas, e seis Hymnos Chronologicos. Lisboa na Officin. Craesbeck. 1654. 4.

Ao insigne, e V. P. Fr. Antonio da Conceição da Ordem da Santissima Trindade seis Anagramas, tres na lingua Latina, e tres na Lusitana. Sahiraõ impressos na Fama Posthum. deste V. P. composta por Frey Antonio Correa. Lisboa por Henrique Valente de Oliveira. 1658. 4.

Psalterium Quadruplex Anagrammaticum, Angelicum, Immaculatum, Marianum Deiparæ dicatum sexcenta Latina Anagrammata completeus. Ulyssip. apud Ant. Craesbeck de Mello Ser. Inf. Typ. 1664. 12.

Corona, y Ramillete de flores salutiferas, antidoto del alma, consuelo de afligidos, y defengañõ del mundo, devotissimas glossas, Poesia Sacra, y divinas meditaciones de la Passiõ, y Muerte de Christo, Soledad de la Virgen, y postremerias del hombre por las horas Canonicas. Lisboa por Domingos Carneiro. 1677. 8.

Á Sagrada Imagem da Virgem do Pilar Mãe Santissima Madre de Deos, Salve Raynha glossada. Lisboa pelo mesmo Impressor. 1678. 4.

Meditações de Santa Brisida traduzidas de Latin em Portuguez. Lisboa por João Galraõ. 1678. 24.

Novo modo curioso, tratado, e artificio de escrever, assim ao divino, como ao humano com huma vogal sómente, excluindo as quatro vogaes. 1. e 2. Part. Lisb. por Francisco Villela. 1679. 8.

Tinha prompto para a impressãõ hum livro intitulado:

Color de Cores

do qual affirma o P. Francisco da Cruz da

Companhia de Jesus nas suas Memor. para a Bib. Portugueza, que era das mais insignes obras, que escrevera. Compoz muitas Poezias, de que algumas se imprimiraõ sendo huma em lingua Castelhana, que está inserta no livro: *Avisos para la muerte.* Lisboa por Domingos Carneiro. 1650. 24.

Na Bibliotheca do Eminentissimo Cardinal de Soufa se conserva hum volume de folha M. S. que contem as obras seguintes traduzidas de Italiano em Castelhana:

Las cien dudas amorosas de Jeronymo Vida. La famosissima Companhia de la Lesina. Astucias de Bertoldo, y simplicidades de Bertoldino composta por Julio Cesar Cruz. 1666.

Na mesma Bibliotheca estava a seguinte obra deste Author:

Templo de amor, y mineral riquissimo de varias, y escogidas Poezias, elegantes prosas, sentencias, y curiosidades. Dous Tom. em 4. Parte desta obra era sua, e parte transcripta de outros Authores.

Hypolit. Marrac. in append. *Biblioth. Marian.* lhe chama *vir pietate, atque doctrina clarus,* e João Soar. de Brit. in *Theat. Lusit. Litter. vir ingenio, studioque non omninõ vulgari;* o Reverendissimo P. Antonio dos Reys in *Enthusiasm. Poet.* impresso no princip. dos seus Epigram. n. 183. faz delle memoria entre os Poetas Portuguezes, e a *Magn. Bib. Ecclesiast.* pag. 232. col. 1.

Fr. AFFONSO DE ALFAMA nasceo na Cidade de Lisboa para o mundo, e na Villa de Moura para Deos, onde recebeo, e professeo o habito da Ordem Carmelitana. Foy Doutor na Sagrada Theologia, e hum dos mais famosos Letrados do seu tempo, e observantissimo das Constituições da Ordem, por cujos merecimentos se fez digno de prefidir como Vigario Geral ao Capitulo, que se celebrou em Lisboa em 6. de Julho de 1423. por ordem do Geral Fr. João Groz, no qual foy eleito Provincial com geral aclamação, sendo o primeiro, que teve a Provincia de Portugal. Pelas suas grandes letras, que se faziaõ mais veneraveis pelas virtudes, mereceo a estimação dos Principes daquella idade. Teve a incomparavel gloria de lançar o habito Carmelitano em

15. de Agosto de 1423. àquelle invencivel Heroe o Condestavel D. Nuno Alvares Pereira, que depois de obrar as mais heroicas acçoens na campanha, se retirou a conquistar o Ceo no Claustro. No tempo do seu governo se fez protector do Convento de Lisboa o Serenissimo Rey D. Duarte, concedendo-lhe com generosa mão as mayores immunidades. Cheyo de annos, e merecimentos morreo em Lisboa no anno de 1435. ainda quando governava a Provincia, e foy sepultado no Cruzeiro do magnifico Templo do Carmo. Compoz:

Doctrinale Patrum.

cuja obra foy feita sobre as Collaçoes de Cassiano.

✓ *Do progresso da Ordem Carmelitana.* 2. Tom. nos quaes se comprehendem onze livros, como diz Joaõ Franco Barreto na *Bib. Lusit. M. S.*

O P. Fr. Manoel de Sá, Academico Supranumerario da Academia Real da Historia Portugueza nas *Mem. Histor. dos Escrit. Port. da Ordem do Carmo*, que sahiraõ impressas no anno de 1724. escreve a pag. 6. que sendo occultas á noticia de Fr. Marcos Antonio Alegre de Cafanate, como elle confessã, as obras de Fr. Affonso de Alfama, além das referidas, as manifestãra a investigação do Doutor Joaõ de Ferreras no Index dos Escriitores do seculo decimo quinto da *Part. II. da Hist. de Espan.* as quaes eraõ o *Fiel Conselheiro.* O *Bom governo da justiça.* *Tratado da Misericordia.* Deste engano em que innocentemente cahio o P. Fr. Manoel de Sá foy causa o Doutor Ferreras, que igualmente se enganou, attribuindo com manifesta equivocacão a Fr. Affonso de Alfama estes tratados, que foraõ compostos pelo Serenissimo Rey D. Duarte, como em seu lugar se verã, sendo indisculpavel em hum Author de tanta critica, como he o Doutor Ferreras, hum erro, que facilmente podera evitar, se lera com mayor attencão a *Nicolao Antonio* na *Bib. Vet.* Tom. 2. lib. 10. cap. 5. n. 286. donde extrahio confundamente esta noticia equivocando hum com outro por estarem juntos na dita Bibliotheca. Faz memoria de Fr. Affonso de Alfama, além de Nicolao Antonio, e Frey Manoel de Sá nos lugares citados, a *Magn. Bib. Ecclesiastic.* pag. 313. col. 2.

AFFONSO DE ALMEIDA, a quem naõ declara Portuguez, ou Castelhana Nicol. Ant. in *Bib. Hispan.* Tom. 1. p. 7. deve ser numerado entre nossos Escriitores por ser o seu Appellido muito trivial em a nossa Nação, e totalmente estranho em a Castelhana. Passou às Indias Occidentaes, e na Cidade de Lima imprimio no anno de 1644.

Pertendiente de la tierra, y carta para los que navegan el golfo de la Corte.

✓ AFFONSO ALVARES, foy hum dos mais estimados criados, que teve em a sua numerosa familia o Illustrissimo Bispo de Evora D. Affonso de Portugal, de quem em seu lugar faremos illustre memoria. Foy dotado de hum genio facil para a Poezia, principalmente na composicão de Autos na lingua Portugueza, que varias vezes se reprefentaraõ no Theatro com geral aclamação dos espectadores, dos quaes muitos sahiraõ à luz publica, como foraõ.

Auto de Santo Antonio feito a pedimento dos muy honrados, e virtuosos Conegos de Saõ Vicente: muy contemplativo, em partes muy gracioso, tirado da sua mesma vida. Lisboa por Vicente Alvares. 1613. 4. & ibi por Antonio Alvres 1639. 4. Evora por Franc. Simoens 1615. 4. e Lisboa por Doming. Carn. 1659. 4.

Auto de S. Tiago Apostolo. Lisboa por Antonio Alvres 1639. 4.

Auto de Santa Barbara Virg. e Mart. Lisboa por Vicente Alvres. 1613. 4. e Evora por Franc. Simoens. 1615. 4.

Auto de S. Vicente Martyr. Prohibido pelo Expurgatorio dos livros feito por ordem do Inquisidor Geral Fernãõ Martins Mascarenhas Part. 3. letr. A.

Resposta feita a huma petição, que fez Antonio Ribeiro Chiado ao Comissario Geral de S. Francisco. Lisboa por Antonio Alvres. 1602. 4.

AFFONSO ALVERES GUERREYRO, natural da Villa de Almodouvar no Campo de Ourique, taõ illustre por nascimento, como celebre pela faculdade de Direito Civil, e Canonico, em que recebeo o grão do Doutor. Parecendo-lhe pequena esfera para o seu profundo talento a patria, passou a Italia, onde mereceo as ac-

clamaçoens dos mayores Professores da Jurisprudencia chegando a ser Presidente da Chancellaria de Napoles, cujo ministerio exercitou com summa equidade, e prudencia. Attendendo a Magestade de Felipe II. à sua grande inteireza, e sabedoria, o nomeou Bispo de Monopoli no mesmo Reyno em 2. de Junho de 1572. querendo, que illustrasse o Sacerdocio, assim como tinha ennobrecido o Senado. Desempenhou em beneficio das suas ovelhas todas as obrigaçoens de Pastor vigilante, até que no anno de 1577. as deixou eternamente saudosas passando a melhor vida. As suas letras, e virtudes não deixáráo em injurioso silencio varios Authores, como são Agost. Barboza de *Jure Eccles.* cap. 11. n. 79. Nicol. Ant. in *Bib. Hisp.* Tom. 1. pag. 7. Manoel de Faria, e Soufa no *Cat. dos Escriit. Port.* impresso no *Epit. das Hist. Portug.* Part. 5. cap. 15. *Possevin. in Apparat. Sacr.* tom. 1. pag. 43. e Fr. Fernando Ughello in *Ital. Sac.* Tom. 1. de *Episcop. Monopolitenfibus.* pag. 974. da edição de Veneza por Sebastião Coleti. 1717. fol. Compoz

Thesaurus Christianæ Religionis, & speculum Sacrorum Summorum Pontificum, Imperatorum, ac Regum, & Sanctissimorum Episcoporum. Venetiis apud Cominum de Vritono 1559. fol. Coloniae 1581. 8. 1586. apud Petrum Hooft. & Florentiæ apud filios Laurentij Torrentini, 1563. fol.

De modo, & ordine Generalis Concilij celebrandi, & de Ecclesia Dei in priorem faciem revocanda. Neapoli apud Ambrosium de Mançaneda. 1545. 4.

De administratione Justitiæ. Desta obra faz menção in *Thezaur. Christian. Religionis.* Cap. 36. n. 7.

De Bello justo, & injusto Tractatus. Neapoli apud Ambr. de Mançaneda. 1543. 4. e se conserva M. S. na Bib. Vatic. Cod. 5200.

✓ Fr. AFFONSO DE SANTO ANTONIO, natural da Villa de Aviz situada na Provincia do Alentejo irmão no sangue, e Religião dos Trinitarios Descalços na Provincia de Castella, de Fr. Luiz da Conceição, de quem se fará menção. Foy varaõ de grande authoridade, e benemerito da sua Sagrada, e Religiofa Familia, da qual

sendo Procurador Geral se empenhou com argumentos concludentes a mostrar não sómente os privilegios, e exempçoens, que tinha, mas a primazia, e antiguidade, com que no exercicio de resgatar os Cati-vos do poder dos barbaros lograva contra a preferencia pretendida nesta materia pela illustre, e militar Ordem dos Mercenarios. Em premio do zelo, com que atendia pelo esplendor da sua Religião foy eleito Definidor, e Ministro do Convento de Madrid, e certamente occuparia as mayores dignidades, se a morte em o anno de 1668. lhas não impedira. Compoz.

Gloriosos titulos Originarios, e privativos dela Sagrada Religion de Descalços dela Santissima Trinidad redempcion de Cautivos por los quales se les deve por todos los Reynos dela Corona de España la primazia, y antiguedad de Religion aprovada redemptora de Cautivos respeto dela illustre Orden de N. Señora dela Merced. Madrid por Maria de Quiñones. 1661. em folha. Foy segunda vez impresso como affirma Fr. Rafael de S. Joã no seu Livro intitulado *Redempcion de Cautivos.*

Dela Concepcion dela Virgen Maria.

Desta obra faz menção seu Irmaõ Fr. Luiz da Conceição no fim do Tom. 1. *Exam. Verit. Moral. Theolog.* in Corollar. pro Concept. onde diz. *Discursum igitur hunc (& non naturalis me movet fraternitas) Sanctorum Doctorem ornatum testimoniis eleganter satis vulgari nostro idiomate P. Fr. Alphonsus à Sancto Antonio affert.* Tom. M. S.

Arbol Eucharistico dela vida natural, espi-ritual, e eterna representada en los tres arboles de que se haze memoria en los libros Sagrados Genezis, Proverbios, y Apocalipse. Em folha. M. S. Conserva-se esta obra no Convento de Madrid, como escreve Fr. Belchior do Espirito Santo na vida do V. P. Fr. Joã Bautista da Conceição Fundad. dos Trin. Descalços, impressa em Madrid. 1713. 4.

Fr. AFFONSO DA ATOUGUIA nacido no lugar do seu Apellido, que he do Arcebispado de Lisboa, Monge Cisterciense do Real Convento de Alcobaça, varaõ como testemunhaõ os seus escritos, muito pio, sendo hum daquelles antiquissimos

Monges, que precederaõ à Reforma da sua Congregação neste Reyno, o qual igualmente passava o tempo em descrever as vidas dos Santos, que imitar as suas virtudes.

Compoz.

Vidas de muitos Santos.

Cujo original se conserva M. S. em folha na Biblioth. do Convento de Alcobaça.

AFFONSO DE BARROS, de quem Nicolao Antonio affirma, ser natural de Segovia, o faz indubitavelmente Portuguez João Franco Barreto na *Biblioth. Lusitana M. S.* cuja asseveração he conforme à judiciosa critica do insigne antiquario Manoel Severim de Faria. Nós fomite amantes da verdade, posto que conheçamos, que a familia de Barros seja Portugueza, como nesta Bibliotheca se veraõ muitos Escriitores Portuguezes com este appellido, e se não ache este entre as familias Castelhanas das quaes difusamente escreveraõ nos seus Nobiliarios Gonçalo Argote de Molina, e outros Genealogicos, assim como não queremos defraudar a Castella deste escritor, assim não receamos attribuillo a Portugal. Nesta incerteza da sua verdadeira Patria, o que não padece a menor duvida he que foy Affonso de Barros filho de Pays honrados, ornado de vivo engenho, sufficientemente instruido nas letras humanas, de grande talento, assim na Corte, como na Campanha, sendo Quartel Mestre dos Reys de Castella Felipe II. e III. até o fim da sua vida, que foy em Madrid no anno de 1604. Foy sepultado na Igreja de N. Senhora do Loreto da mesma Corte. Escreveo.

Filosofia cortezana moralizada. Madrid por Pedro de Madrigal. 1587. 12.

Perla de Proverbios morales. Madrid 1601. cujo livro illustrou, e augmentou com o titulo de *Proverbios concordados* Bartholameu Ximenes Paton. 1615. 4. e depois em Lisboa por Pedro Crasbeeck 1617. 4.

Memorial sobre el reparo dela Milicia, que não sahio à luz, como outras obras que affirma Mattheos Aleman no elogio que lhe faz aos *Proverbios concordados*, manifestaõ claramente a grandeza de seu author, de quem faz memoria o P. Antonio dos Reys no *Enthusiasm. Poet.* impresso no principio dos seus epigramas n. 174.

AFFONSO CAMEYRO o qual sempre nas suas obras se intitulava Mestre, antes do seu nome, ou porque era Professor da Sagrada Theologia, ou Direito Canonico. Foy hum dos varoens celebres, e doutos, que floreceraõ no Reynado do Serenissimo D. Manoel. Deixou escrito na lingua materna hum grande volume de Questoens curiosas, em que se admira a vasta noticia da Sagrada Escritura, e da Historia Ecclesiastica, sendo as principaes as seguintes.

Porque no sello dos Diplomas Pontificios esteja S. Paulo à mão direita, e S. Pedro à esquerda?

Porque das arrecadas, e manilhas das Hebreas, que Araõ lançou no fogo, sabio a figura do besferro, e não de outro qualquer animal!

Porque não offendendo os Leoens, e outras crueis feras aos Santos Martyres, lhe não guardassem este respeito as espadas?

Este volume se conservava na Bibliotheca do celebre Antiquario Manoel Severim de Faria.

✓ D. AFFONSO DE CASTELLO BRANCO igualmente famoso pelo esplendor do nascimento, como pela profundidade da Sciencia, teve por Patria a Lisboa, por Pay a D. Antonio de Castellobranco, e por Avòs a D. Martinho de Castellobranco, e D. Mecia de Noronha primeiros Condes de Villanova. Depois de estudar as letras humanas se applicou em Coimbra às Sciencias mayores, nas quaes fez taõ grandes progressos, que ainda sendo discipulo, era respeitado como Mestre de Theologia pellos mayores Professores da Universidade, e recebendo nesta faculdade a borla doutoral foy hum dos primeiros Collegas do Real Collegio de S. Paulo novamente fundado no anno de 1563. como diz Cabed. de *Patronat.* cap. 48. Pelo voto de todos os Academicos seria elevado a illustrar como Mestre as mayores Cadeiras da Athenas Portugueza, se o Cardial D. Henrique neste tempo Arcebispo de Evora, que lhe era muito affecto, o não nomeasse Arceidiago de Penella, e do Bago nesta Diocese, e depois seu Esmoler mór, e Capellaõ mór. Tendo exercitado com rectidão os lugares de Deputado da Mesa da Conciencia, e Ordens,

de Commissario da Bulla da Cruzada foy promovido à Episcopal Cadeira do Algarve no anno de 1581. succedendo nesta Prelazia ao insigne varão D. Jeronimo Oforio. Deste Bispado foy assumpto ao de Coimbra, de que tomou posse em 25. de Agosto de 1585. Conhecendo Filipe segundo a grande capacidade, e prudencia de que era ornado, o nomeou Vicerey de Portugal, cujo governo principiou a 22. de Agosto de 1603. e o dimitio a 26. de Dezembro de 1604. dizendo com apostolica liberdade, que governasse ElRey de Castella os seus Leoons, que elle queria apascentar as suas ovelhas. Entre taõ grandes, e authorizadas dignidades sempre brilláraõ com excesso as suas virtudes, de que foraõ manifestos argumentos a eloquente energia, com que pré-gando reprehendeo os vicios; a perspicaz vigilancia, com que defendeo o seu Rebanho; o incansavel trabalho, com que frequentemente visitou a sua Diocefe; a imperturbavel constancia, com que defendeo a Jurisdicção Ecclesiastica; a profusa liberalidade, com que socorreo a pobreza; a clemencia unida com a severidade, com que emendou as culpas; a generosa magnificencia, e o copioso dispendio, com que ornou os Templos. Na Cidade de Faro erigio o Palacio Episcopal, e a Casa da Misericordia. Em Coimbra reedificou o Palacio para digna habitação da sua Pessoa, e de seus succellores. Nesta Cidade levantou desde os fundamentos o Convento de Santa Anna de Religiosas Agoftinhas não inferior na Architectura, e na grandesa aos mais celebres, e o dotou de copiosas rendas. Novamente reparou o Coro, e grande parte do Convento de Cellas de Religiosas Cistercienfes. Ornou a sua Cathedral com edificios nobres, preciosas armaçoens, e diversos ornamentos primorosamente tecidos de ouro, prata, e seda. Não satisfeito de ter dispendido com larga munificencia para a fabrica do Cofre de prata, em que jáz o corpo da Rainha Santa Isabel triunfante da jurisdicção do tempo, deixou no seu Testamento o legado, taõ pio, como generoso, de trinta mil cruzados para se gastarem nos applausos da sua Canonificação, além de vinte mil para reparo das estradas, que de seis legoas em circuito vinhaõ terminar em Coimbra. Ao Hospital, e Casa da Misericordia

desta Cidade focorreo com magnificas esmolas no tempo, que se padeciaõ mais urgentes necessidades. A muitos varoens insignes, que em utilidade da Republica litteraria laboriosamente se applicavaõ em doudas composiçoens, offereceo numerosas quantias de dinheiro, para que as imprimissem, sendo os principaes D. Diogo Soares de Santa Maria Bispo Sagiente em França, a Lippomano em Italia, e ao Cardial Cesar Baronio, a quem mandou vinte mil cruzados para a edicção dos Annaes Ecclesiasticos, os quaes o Eminentissimo Annalista affectuosamente agradeceo, e modestamente não admitio. Ultimamente assim como não houve virtude alguma, em que não fosse insigne este Prelado, assim não houve genero algum de Pessoa, a quem não se extendesse a sua charitativa, e generosa beneficencia, merecendo por ella fer em toda a Diocefe Conimbricenfe intitulado antonomasticamente *Bispo Esmoler*. Tendo governado este Bispado trinta annos, quando contava 93. de idade com eterna laudade das suas ovelhas, com as quaes dispendera quinhentos mil cruzados, deixou a vida temporal pella eterna em 12. de Mayo de 1615. Jáz sepultado ao lado esquerdo da Capella môr do Convento de Santa Anna, que elle fundára, em cujo Mausoleo se lê gravado este epitafio, que faz mayor relação das suas dignidades, que das suas virtudes.

Sepultura de D. Affonso de Castello Branco de boa memoria, que foy Collegial do Real Collegio, Bispo do Algarve, e de Coimbra, Conde de Arganil, Esmoler môr do Cardeal D. Henrique, Viso-Rey de Portugal, o qual entre muitas obras illustres com que honrou esta Cidade, fundou, e dotou com magnificencia este Convento insigne. Fez-se esta obra em 12 de Junho de 1635. sendo Prioriza a Madre Maria de Menezes sua sobrinha. Compoz.

Sermaõ do Auto da Fé em Coimbra; o qual verteo em Latim Francisco Fernandes Galvaõ, e o dedicou ao Pontifice Xisto V. sahio Romæ apud Titum, & Paulum de Dianis. 1589. 4. e tem este titulo.

Celebris concio in publico sanctæ Inquisitionis Añu Conimbricæ habita ab Illustissimo Domino D. Alphonso de Castel-branco ejusdem Civitatis

Episcopo Reverendissimo, Arganili Comite.

Sermaõ na Collocação das Reliquias que foraõ levadas da Seé de Coimbra a o Real Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, e sahio impresso na mesma Cidade por Antonio de Mariz 1596. 8. em a Relação do solemne recebimento das mesmas Reliquias, e está à pag. 57. v.º até pag. 76.

Constituiçoens de Coimbra. Coimbra por Antonio Mariz 1591. fol.

Resolucion del Señor D. Alonso de Castellblanco Obispo de Coimbra y Conde de Arganil &c. y del D. Francisco Suares Lector de Prima dela Universidad de Coimbra sobre el caso, que se moviò en Toledo cerca dela professõ de los hermanos Terceros Seglares. Saragoça por Lucas Sanches. 1610. fol.

Carta Pastoral escrita em 9 de Fevereiro de 1607. na qual dá aos Prégadores admiraveis documentos. Conservase na Livraria do conde Vimieiro.

Sermoens M. S. que se conservaõ no Cartorio do Collegio da Companhia de Jesus de Coimbra sendo o primeiro de S. Francisco, o segundo do Domingo primeiro de Quaresma, terceiro do Nascimento de N. Senhora, quarto, quinto, e sexto da Purificação de N. Senhora prégados os dous primeiros no anno de 1602. e o ultimo em 1603. e delle consta, que era o nono, que tinha prégado na mesma Festividade em a sua Cathedral.

Sermaõ no Auto da Fé de Coimbra. Domingo defanove de Mayo de 1591 M. S. o qual he diferente do que assima se faz menção, e delle confervo huma copia em meu poder.

Diversas foraõ as pennas, que elogiaraõ a sabedoria, piedade, e merecimento deste grande Prelado, como foraõ Joaõ de Almeida Soares na sua vida, que estava prompta para a impressaõ. Brand. *Mon. Lusit.* Part. 4. liv. 12. cap. 36. e Part. 5. liv. 17. cap. 9. Mendoça in *Viridar.* lib. 6. orat. 11. n. 142. *Tuam ego eloquentiam, Præsul Illustrissime, & Amplissime, quem singularem novit Lusitania, vidit Conimbrica, Societas nostra experta est, & Pastorem, & Prædicatorem, tuam inquam, eloquentiam augustam verbis, virtutibus augustiorem desidero.* & in Orat. 14. n. 170. D. Nicol. de S. Mar. *Chron. dos Coneg. Reg.* liv. 7. cap. 20.

n. 10. *Pregoeiro divino, Pontifice Catholico, Conde Illustrissimo, taõ zeloso da virtude, como sabio nas divinas letras.* e liv. 10. cap. 15. n. 8. Cardoso *Agiol. Lusit.* Tom. 3. pag. 689. no Comment. de 14. de Junho letr. A. onde lhe chama de *inlyta memoria.* Fr. Franc. de Maced. Tom. 1. *Collat. D. Thom. et Scot.* Collat. 12. differ. 1. pag. 524. intitulando-o *Illustrissimum, et doctissimum virum in Sanctis Patribus, ac imprimis Augustino versatissimum.* Masseus in *vit. P. Franc. Soar.* cap. 16. *doctissimum* Fr. Fernand. da Soled. *Hist. Seraf. Part.* 4. cap. 8. n. 63. dizendo. *A sua grandeza, e liberalidade não necessita da nossa memoria para ser plausivel, pois anda taõ vulgarmente celebre nos clamores da fama.* Telles *Chron. da Companhia de JESUS na Prov. de Port.* Part. 2. liv. 4. cap. 53. n. 1. *Prelado taõ celebrado neste Reyno.* Antonio Ferreir. nos *Poemas Lusit.* liv. 1. das Odes. Ode 5. Fr. Man. da Esper. *Hist. Seraf. da Prov. de Portug.* Part. 1. liv. 2. cap. 32. n. 4. e 6. e Part. 2. liv. 12. cap. 6. n. 15. Franc. Leit. Ferr. no *Cathal. dos Bisp. de Coimb.* §. 71. Em semelhantes elogios da sua Pessoa se difundiraõ D. Diogo Soares de Santa Maria, e Fr. Antonio Feyo da Ordem dos Prégadores nas Dedicatorias, que lhe confagraraõ, aquelle no livro intitulado *Concion. pro Solemnit. Corp. Christ.* e este nos *Sermoens Quadragesimaes*, na 1. Part. do Santoral, onde diz, que não aceitara o Arcebispado de Evora offerecido por Felipe III. fazendo-lhes excessõ na pompa das palavras, e copia de louvores o insigne Jurisconsulto Gabriel Pereira de Castro na Dedicatoria, que lhe fez da 3. Parte de Jure Emphyt. composta por seu Pay Francisco Caldas Pereira onde lhe forma este elegantissimo elogio. *Te nostra colit Lusitania patriæ parentem amantissimum: Hispani suspiciunt: mirantur Itali, quos tuæ eloquentia, & Sanctimonie divulgata opinio circumstrepit. Et quis non mirabitur tam reconditam divini Pastoris doctrinam; tam absolutam religionem, tam perfectam, verèque Christianam pietatem cum vera modestia conjunctam sub tam sereno vultu delitescentem? Tuam raram prudentiam, maturum tam in publicis, quàm in privatis actionibus consilium, regiamque magnificentiam, qua reliquos Antistites antecessores tuos ita longo intervallo præcellis, ut*

fi de ijs pro dignitate quis velit differere, omnis humana dicendi ratio, atque facultas, omnisque orationis ubertas obruatur necesse est. Ut interim illustrem sanguinis tui splendorem, ac nobilitatem prætermittam, quantumque bonarum artium præsidii, Sacraque Theologiæ, cui te totum in D. Pauli Collegio addixisti, Civilisque etiam disciplinæ opibus ad hæc belli, pacisque tempora sic abunde instructus, ut regere Consiliis Urbes, fundare legibus, & emendare iudicio possis, & valeas. Deterrent plane mortalium iudicia tot inexhaustæ liberalitatis tuæ, nunquamque audita exempla: tot in hanc Civitatem postquam ad hanc Pontificalem dignitatem felicibus auspiciis euectus es: singularia beneficia omnium animos in admirationem rapiunt; tot insignia opera, quæ molitus es; tot ingentes sumptus, quos in exornanda, & amplificanda tui almi Templi sede consumpsisti, & in extruendis Divorum Sacrariis, ac delubris, & Sacrarum Virginum Deo militantium ædibus à primo lapide extructis, tot opes, totque grandes expensæ magnitudine sua cogitationes humanas opprimunt. Jam verò quanta tibi in concionando eloquentia, quanta gravitas, quantum Orationis flumen, quanta copia, quantum lepos in dicendo! Hæc sane majora sunt quam quæ calamo, ne dicam, cogitatione possint concipi. Non immeritò igitur Te omnis nobilitas intuetur; omnis Lusitania laude, & celebratione prædicat incolumitatis publicæ defensorem maximum: prodiens in publicum populi gratulantis audis semper lætas acclamationes, & vulgi incundæ voces fausta tibi ominantis aures tuas circumsonant. &c. Ultimamente coroa todos estes elogios meu Irmaõ D. Jozé Barbofa Chronista da Serenissima Casa de Bragança, e Academico da Academia Real nas *Memor. do Colleg. de S. Paul.* pag. 79. e no *Archidiacon. Lusit.* pag. 13. onde com poetica elegancia descreve compendiosamente as acçoens deste Prelado.

*En Alfonsus adest clara de stirpe creatus,
Præfulum & ornatus, decus immortale, corona,
Insula sacra comas cinget Colimbria, pastor
Largus opum, solitusq̃ pios diffundere nimbos.
Tempore devicto famam servabit in ævum.
Quis gazas numerare potest, quas dextera fundet?
Põdera ve argenti tabulis mandata supremis?*

*Romano dicet cintus Baronius ostro
Elisabethque choris dicet socianda beatis,
Et saxis reparanda novis convulsa viarum.
Machina, quæ longū complellitur ardua circū,
Vestalis qua pura focos servabit, & ignem
Offeret intallo divino sedere sponso,
Alphonsus referet, quantum sit prodigus aris.
Munere Proregis Lysicæ dominabitur alto,
Grandior ast annis, tardusque ætate senili
Ductus amore gregis vanos cõtemnet honores
Ut vacuus curis rutilam conscendat in arcẽ.*

Fr. AFFONSO DE CASTILHO Religioso da Ordem dos Menores, cujo habito recebeo na Provincia de Castilla da Immaculada Conceição da Senhora, varaõ igualmente pio, e erudito, e screveo.

Compendio de platicas amorosas con que el alma pide a su Dios perdon, y misericordia. Valladolid por Juan de la Rueda 1616. 16.

Nicol. Ant. na *Bib. Hispan.* Tom. 1. pag. 11. naõ declara ser Portuguez este author, cuja noticia devemos ao incanfavel estudo do Licenciado Jorge Cardozo, que assim o affirma nas Memorias, que juntava para a Bibliotheca Portugueza, naõ faltando quẽ diga que na obra allegada declare o author ser Portuguez. Delle faz memoria Fr. Joaõ de Santo Antonio in *Bib. Franc.* Tom. 1. pag. 40. col. 1. sendo preterido por Fr. Lucas Wading. in *Script. Ord. Min.*

P. AFFONSO DE CASTRO. Naceo em Lisboa, e logo na primeira idade deo finaes evidentes das virtudes, que havia de exercitar na adulta, sendo todo o seu disvelo a contemplação das delicias celestiaes, e o desprezo das glorias mundanas. Dezejoso de derramar o sangue em obsequio de Christo intentou professar na Companhia de JESUS, e para que alcançasse a sua pertençaõ se embarcou para a India com o Padre Frãcisco Vieyra seu Confessor, sem que participasse a seus Pays esta heroica resoluçaõ. Chegando a Goa, depois de examinado o seu espirito pelo Apostolico Magisterio de S. Francisco Xavier o julgou digno de que entrasse na Companhia de Jesus, e lhe destinou para theatro dos seus apostolicos trabalhos as Ilhas Molucas. Nellas brilhou a sua ardente Charidade empenhandose com a voz, e com o exemplo radicar nos

corações daquelles barbaros a Fé Catholica, dos quaes conduzio huma innumeravel multidão ao rebanho de Christo. Envejozo o demonio do fruto espiritual que este Sagrado Varaõ colhera pelo espaço de nove annos na cultura desta vinha instigou a ElRey de Ternate para que o privasse da vida. Foy executor desta barbara ordem o Principe Babù, o qual acompanhado de alguns barbaros aleivosamente o prenderaõ na Ilhota de Irez, que defronta com Ternate, e despindo-o com grande violencia lhe puseraõ ao pescoço hum tronco de defmarcada grandefa, e neste estado o deixaraõ exposto sobre a terra trinta dias aos ardores do sol, e às inclemencias do tempo. Ultimamente foy levado por dous robustos negros ao lugar do supplicio onde prostrado de joelhos inclinando a cabeça sobre hum tronco recebeo com placido animo tres feridas, que foraõ as portas por onde sahio o seu espirito a coroar-se na eternidade em o primeiro de Janeiro de 1558. O Ceo se empenhou a tef-te-munhar com admiraveis demonstraçoens a santidade deste Varaõ Apostolico; pois sendo lançado o seu veneravel corpo em hum canal de corrente taõ arrebatada, que no espaço de hum dia o podia levar distante mais de vinte, e cinco legoas, passados tres foy achado boyando sobre as aguas com as feridas frescas, e resplandecentes, e nesta prodigiosa forma se conservou por muitos dias. As aççoens deste Evangelico Operario com mayor individuação escritas se podem ler em Orland. *Hist. Societ.* Part. 1. lib. 8. n. 128. lib. 9. n. 166. liv. 12. n. 132. liv. 13 n. 82. Sachin. *Hist. Societ.* Part. 2. lib. 1. n. 19. e 156. lib. 2. n. 175. Ribad. *Vida del P. Layn.* liv. 2 cap. 1. Jarric. *Thezaur. rer. Indic.* Tom. 1. lib. 2. cap. 28. Valconc. in *Discript. Regn. Port.* pag. 498. Gusman *Hist. delas Missjon. dela Compan.* Part. 1. liv. 2. cap. 50. Alegamb. in *mortib. Illust.* ad an. 1558. Nadasi in *Ann. Dier. Mem. S. J.* pag. 12. Tanner *Soc. Jes. usque ad sang. & vit. profusion. milit.* pag. 227. 228. e 229. Bartol. *Hist. del' Asia* liv. 6. pag. 385. Bonart. in *Amphit. hon.* cap. 4. Benson. de *Iubil.* lib. 1. cap. 9. Bossius de *Sign. Eccl.* lib. 5. *sign.* 21. Elias à D. Teref. *Leg. Eccles. Triumph.* Lib. 2. cap. 31. n. 56. Cardof. *Agiol. Lusit.* Tom. 1. pag. 2. e 8. Soufa *Orient. Conq.* Tom. 1. Conq. 3. Divif. 3. §. 18.

Carta escrita a Santo Ignacio, e ao Padre Simaõ Rodrigues das Molucas em 7. de Fevereiro de 1553.

Carta escrita em Ternate a 18. de Janeiro de 1554. ao Reytor do Collegio de Goa.

Carta escrita de Amboino em 13. de Mayo 1555. ao mesmo Reytor.

Estas tres Cartas se conservaõ no Archivo da Casa Professa de S. Roque de Lisboa, e as duas ultimas sahiraõ tradufidas em Italiano. Veneza por Miguel Tramezzino 1559. 8. tẽdo já sahido a segunda abbreviada. Roma por Antonio Bladio. 1556. 8.

✓ D. Fr. AFFONSO CAVALLEIRO natural de Evora, e descendente da Illustre familia dos Cavalleiros de Monte Mór o Novo, que se transferio para Barcellos. No Convento da sua Patria de Religiosos Franciscanos Claustreaes recebeo o habito, e tanto creceo em letras, e virtudes, que os seus Prelados o elegeraõ para instruir aos seus domesticos com as Sciencias mayores. Passou a Italia, e na Universidade de Padua se graduou Doutor em Theologia, onde a leo com applauso de Mestres, e discipulos, e depois foy Guardiaõ do Convento de Safim em Africa. Foy dotado de grãde talento para o Pulpito, donde era ouvido com geral admiração, muito sciente nas disciplinas mathematicas, e profundamente versado na Theologia Moral. Todos estes grandes dotes attrahiraõ ao Illustrissimo Bispo de Evora D. Affonso de Portugal para o eleger no anno de 1495. seu Coadjutor no Bispado, cujo lugar exercitou com o titulo de Bispado Sardicense, ou Sardenfense, huma das sette Cidades, a cujos Bispos se escreveraõ as sette Cartas, que estaõ no Apocalypse. A mesma estimação mereceo com o Cardial Infante D. Affonso Administrador do Bispado de Evora, sendo taõbem seu Coadjutor, até que na mesma Cidade acabou a vida em 9. de Mayo de 1528. Foy sepultado no Convento de Santa Clara de Evora junto à Capella mòr da parte do Evangelho, donde depois o tresladaraõ para o Convento de S. Francisco da mesma Cidade. Fallaõ delle honorificamente Daça *Chron. Seraf.* Part. 4. liv. 3. cap. 11. Fonsec. *Evora Gloriosa* p. 314. Cardoso *Agiol. Lusit.* Tom. 3. no Comment. de 9. de Mayo lit. D. Franco *Bib. Portug. M. S.*

e o P. D. Manoel Caetano de Soufa no *Cathal. Hist. dos Pontif. Card. Arc. e Bisp. Port.* p. 103. Compoz.

Sermoens hum Tom.

De Penitencia in fol.

Estas obras se conservavaõ M. S. na Bib. de Manoel Sever. de Far. como affirma Fr. Fernand. da Soled. *Histor. Seraf. da Prov. de Port.* Tom. 4. liv. 3. cap. 9. n. 529.

AFFONSO CERVEIRA, foy hum dos primeyros Argonautas dignos de immortal memoria, que debaixo dos felices auspicios do Serenissimo Principe D. Henrique, author das nossas navegaçoens, se atreveo a furcar aquelles mares nunca cortados de outras quilhas, e discurrer pella mayor parte das costas Africanas. Domados com a violencia das armas alguns povos de Africa, e celebradas com outros pazes, fez a sua assistencia na Cidade de Beni Capital do Reyno de Guiné no tempo, que governava a Coroa Portugueza D. Affonso V. onde por muitos annos com igual vigilancia, que desinteresse foy Feytor de Fazenda Real em cujo ministerio não fomiteo attendeo pelas mercadorias, que entravaõ, e sahiaõ daquelles portos, mas individualmente descreveo a sua situaçaõ, e as proefas militares, que nelles tinhaõ obrado os Portuguezes, sendo o titulo desta obra, o seguinte.

Historia da Conquista dos Portuguezes pella Costa de Africa M. S.

A mayor parte desta historia por ser muito fidedigna a transcreveo na sua Chronica de Africa Gomez Eannes de Zurara, como elle confessa, e tambem o affirma o Grande Joaõ de Barros *Dec. 1. da Asia* liv. 2. cap. 1. Da obra, e do Author faz memoria Nicol. Antonio. *Bib. Hispan.* Tom. 1. p. 13. e Antonio de Leon *Bib. Ind.* Tit. 30.

AFFONSO CORREA. Doutor, como se intitula no frontispicio da obra, que escreveo. Não sabemos certamente se era graduado em Theologia, ou Direito Canonico, ou Civil, constando infallivelmente que era Conigo na Cathedral da Guarda, e versado em letras Sagradas, e profanas, e que publicara.

Profodia. Lisboa. 1635. 4.

P. AFFONSO DA COSTA natural da Cidade de Faro no Reyno do Algarve filho de Marcos Fernandes, e Maria Pires abraçou o Instituto da Companhia de JESUS no Collegio de Coimbra a 15. de Março de 1700 donde passou à India com o sagrado desejo de converter almas ao rebanho de Christo. Não menos douto, que pio publicou a seguinte obra que dedicou a Joaõ Saldanha da Gama ViceRey do Estado da India.

Methodo de bem viver; Itinerario Christaõ. Lisboa por Joseph Lopes Ferreira 1716. 8.

Fr. AFFONSO DA CRUZ natural do lugar do Fundaõ do territorio da Villa da Covilhaã na Provincia da Beyra, professou no Real Convento de Alcobaça o illustre habito da Ordem de Cister no anno de 1574. onde pela integridade de seus costumes, e pela religiosa observancia dos institutos foy eleyto Mestre dos Noviços, ministerio, que exercitou em diversos Conventos da sua Congregaçaõ, atè que no anno de 1600. foy assumpto ao Generalato, cujo lugar aceitou constangido, e administrou vigilante. Morreo piamente em Alcobaça no anno de 1626, e foy sepultado na casa Capitular. O seu Retrato se vê pintado no Antecoro do Real Convento de Alcobaça entre os Varoens illustres da Ordem. No tempo, que tinha vago das occupaçoens domesticas se applicava para proveito dos proximos na composiçaõ de algumas obras asceticas, de que saõ claros argumentos as seguintes.

Espelho de perfeiçaõ colhido da doutrina de alguns Santos Padres antigos, e outros Varoens contemplativos, em o qual se contem quatro Tratados: o 1. da vida activa: o 2. da vida contemplativa, o qual se divide em quatro partes, a 1. trata da oraçaõ, meditaçaõ, e contemplaçaõ; a 2. os meyos por onde se alcança a graça na contemplaçaõ: a 3. Desejos della; a 4. dos impedimentos, o 3. Tratado consta da uniaõ da alma com Deos: o 4. das tres vias, Purgativa, Illuminativa, e Unitiva. Lisboa, por Pedro Craesbeeck 1615. 8.

Espelho de religiosos em o qual vendose, e compondose as pessoas religiosas poderaõ com o favor divino chegar com facilidade à perfeiçaõ: Lisboa pelo mesmo Impressor 1621. 4.

AFFONSO ESTEVES, ou por nascimento, ou por habitação natural da nobre Villa de Santarem. Foy ferrador delRey D. Joaõ I. de gloriosa memoria, e insigne Alveitar, de cuja sciencia escrevia huma Arte, a qual escrita com letras Gothicas em pergaminho se conservava na *Bibliotheca Severiana*, e no fim tinha estas palavras.

Este livro fez Affonso Esteves morador em Santarem Ferrador del-Rey, o qual escreveo Joaõ de Aveiro morador na Certaã criado que foy do Prior D. Fr. Alvaro camello, que Deos perdoe, e foy acabado no anno de N. Senhor Jezus Christo 1425.

AFFONSO DE FRANÇA. Foy hum dos principaes Portuguezes que para restituir ao Emperador Claudio o Imperio dos Abexins consumido com huma diuturna, e intestina guerra movida por ElRey de Zeyla, partio da India no anno de 1541. em companhia do insigne Capitaõ, e invencivel Martyr D. Christovaõ da Gama. Pacificadas as alteraçoes daquelle Imperio assistio nelle por toda a vida recebendo sempre particulares favores, e estimaçoens do Emperador, naõ havendo negocio importante em que o naõ consultasse. No anno de 1555. foy mandado Diogo Dias em companhia do Padre Gonçalo Rodrigues Jesuita por Embaxador a este Principe para saber se estava prompto a receber o nosso Patriarcha, e ouvindo a proposta do Embaxador de tal sorte se perturbou, que naõ deu resposta congruente por estar obstinadamente affecto aos scismaticos erros da Igreja de Alexandria. Para o convencer desta cegueira escreveo o Padre Gonçalo Rodriguez hum douto tratado em que mostrava a verdade da Igreja Romana, e a falsidade da Alexandrina, o qual para ser lido pelo Emperador o traduzio da lingua Portuguesa na Chaldaica Affonso de França por ser nella muito perito.

Alem desta traducção escreveo huma carta ao Padre Gonçalo Rodriguez acerca da disputa, que teve com o Emperador sobre a materia da Religiaõ, a qual carta, e o que escrevemos de Affonso de França, relataõ Nicolao Godinh. *de rebus Abyssin.* lib. 2. cap. 19. Fernaõ. Guer. in addic. à *Relaçãõ da Etiopia* de 1607. e 1608. cap. 3. e o Padre Francisc. de Souf.

Orient. Cong. Part. 1. Conq. 5. Divis. 2. §. 19. e 20.

AFFONSO FRANCO veja-se Padre Francisco da Fonseca.

D. AFFONSO FURTADO DE MENDOÇA. Naceo em a Cidade de Lisboa como querem huns, ou em Monte mór o novo na Provincia do Alentejo, como escrevem outros no anno de 1561. sendo seus Pays Jorge Furtado de Mendoça Commendador das Entradas, Padroens, e Repreza da Ordem de S. Tiago, e D. Mecia Henriques filha de D. Pedro de Souza Alcaide mór de Beja, Senhor de Beringel, e do Prado, e de D. Violante Henriques filha de Simaõ Freyre de Andrada Senhor de Bobadella. Principiou os primeiros estudos em Lisboa, e os consumou em Coimbra com geral admiração dos Mestres, e discipulos, pois como fosse dotado de subtil engenho, e facil memoria assim para perceber, como para conservar, o que estudava, se adiantava a todos com admiraveis progressos. Graduado pella Universidade de Coimbra Doutor na faculdade dos Sagrados Canones, foy admitido por Collegial do Collegio de S. Pedro, a 10. de Mayo de 1592. donde passou a Reytor da mesma Universidade, em cujo lugar procedêdo com summa inteireza, somente se declarou parcial dos mais estudiosos. Attendendo Filipe II. aos seus merecimentos o nomeou Conselheiro de Estado no Conselho de Portugal mostrando nesta occupação tanto zelo do serviço do Principe, como severidade na observancia da Justiça. Estas mesmas virtudes praticou no Tribunal das Ordens Militares, quando no anno de 1608. foy eleito seu Presidente. Todas estas incumbencias o foraõ habilitando para que em 13. de Fevereiro de 1610. subisse à Cadeira Episcopal da Guarda, onde como solícito Pastor arrancou as perniciosas raizes de muitos abusos, e introduzio as sagradas determinaçoens do Concilio de Trento. Desta Cathedral foy promovido por Bulla de Paulo V. passada a 5. de Dezembro de 1615. para a de Coimbra, que vagara por morte do insigne Prelado D. Affonso de Castello Branco, cujos vestigios desejava ardentemente seguir, e pontualmente observar, encheo todas as partes constitutivas de hum verdadeiro Pre-

lado. Como na sua Pessoa creciaõ os merecimentos, se augmentavaõ tambem as dignidades, pois vagando a Mitra Primacial de Braga por morte do celebre varaõ D. Fr. Aleixo de Menezes, foy nomeado por seu successor no anno de 1618. onde obrou açoens taõ heroicadas em beneficio do seu rebanho, que veneravaõ nelle o seu antecessor renacido. Assistio nas Cortes, que ElRey Filipe II. celebrou no anno de 1619. nas quaes com intrepido valor defendeo os privilegios da sua Igreja contra impugnadores assim domesticos como estranhos da sua primacial dignidade. Ultimamente foy eleito, e confirmado por Urbano VIII. a 3. de Dezembro de 1626. Arcebispo de Lisboa, e hum dos Governadores do Reyno, cujos ministerios assim Sagrados, como politicos desempenhou com ardente zelo, e manifesto desinteresse. Estas continuas occupaçoens lhe foraõ de tal modo attenuando as forças, que rendidas à violencia dos achques o privaraõ da vida digna de mayor duracaõ em 2. de Julho de 1630. quando contava 69. annos de idade; dos quaes foy cinco Bispo da Guarda, dous Bispo de Coimbra, sette Arcebispo de Braga, e quatro de Lisboa, em cuja Cathedral na Capella mór foy sepultado o seu cadaver. De taõ insigne Prelado faz este elogio o grande Agostinho Barboza de *Potest. Episcop.* Part. 1. Tit. 3. cap. 8. n. 84. *Unus totius Lusitanie nobilitatis instar illustrissimorum Primatum excellentissimus Princeps, Illustrissimus Primas, qui ob admirabilem utriusque Juris Scientiam, & rerum gerendarum peritiam, aliosque insignes animi dotes intra brevem temporis cursum Coimbricæ Academicæ Rector, inde ad supremum regij Senatus concilium adscitum.* Naõ faõ menores os louvores, que delle escrevem D. Franc. Man. nas *Epanaphor.* p. 185. *Varaõ de grande peito, onde mal podia cobrir com o roquete pacifico o ardor do animo bellicoso.* Fr. Man. da Esp. *Hist. Seraf. da Prov. de Port.* Part. 1. lib. 2. cap. 23. n. 4. e liv. 4. cap. 17. n. 2. *famoso por muitos titulos,* Fr. Fernando da Soled. *Hist. Seraf.* Part. 4. liv. 3. cap. 19. n. 586. *Hum dos Prelados insignes, que a Igreja logrou no Seculo passado.* Telles *Chron. da Comp. de Jef. da Prov. de Port.* Part. 2. liv. 4. cap. 53. n. 4. *Hum dos mais perfeitos, e cabaes sozeiros,*

que deo o nosso Reyno de Portugal. D. Nic. de Santa Maria *Chron. dos Coneg. Regul.* Part. 2. liv. 10. cap. 19. n. 8. Joaõ Salgado de Araujo na *Ley Reg. de Port.* Part. 1. fol. 38. v.º n. 108. Franc. Leyt. Ferr. e o D. Man. Per. da Syl. Leal Acad. da Acad. Real, o 1. no *Cathal. dos Bisp. de Coimbra* §. 72. e o 2. no *Cathal. dos Bisp. da Guard.* §. 35. Compoz.

Constituiçoens do Bispado da Guarda reduzidas a melhor methodo, que lhe tinha dado seu Antecessor D. Jorge de Mello.

Em cujo trabalho consumio cinco annos *assistindo sempre a ellas com engenho, cabedal de letras, e experiencia,* como diz o Illustrissimo D. Rodrigo da Cunha na *Histor. Eccl. de Brag.* Part. 2. cap. 102. n. 14. escrevendo a sua vida. Para que sahisses a publico com toda a perfeiçaõ, as mandou examinar pelo Doutor Eximio o Padre Francisco Soares Granatense, e depois de approvadas por taõ insigne Letrado, convocou Synodo a 29. de Junho de 1614. em que foraõ com summo applauso recebidas. Por ser assumpto ao Bispado de Coimbra as naõ pode imprimir, o que executou D. Francisco de Castro seu successor no Bispado da Guarda.

Sendo Arcebispo Primáz fez hum Tratado no anno de 1625. que remeteo ao Summo Pontifice Urbano VIII. o qual intitulou.

Ad Limina Apostolorum.

Nelle tratava dos Santos do Arcebisnado de Braga, e de outras materias Ecclesiasticas pertencentes a esta Diocese, da qual obra se lembra com naõ pequeno louvor Jorge Cardoso no *Agiol. Lusit.* tom. 1. pag. 124. col. 1. no Coment. de 12. de Janeiro letra B.

AFFONSO GIRALDES. Naõ teve menor espirito para as armas, que para a Poesia. Foy hum dos valerosos soldados, que acompanharaõ ao nosso Principe D. Affonso IV. quando foy socorrer a seu genro Affonso XI. de Castella contra os Mouros, que com hum formidavel Exercito tinhaõ cercado Tarifa, alcançando delles a celebre vitoria, que se deo junto às margens do rio Salado no anno de 1340. Voltando para a Patria mais cheyo de gloria, que de despojos descreveo como testemunha occular todas

as circumstancias de taõ memoravel batalha com este titulo.

Poema em que se descreve o successo da batalha do Salado.

Cuja obra confervavaõ em seu poder Fr. Antonio Brandaõ, como escreve na *Monarchia Lusit.* Part. 3. liv. 10. cap. 45. e Fr. Francisco Brand. *Mon. Lusit.* Part. 5. liv. 16. cap. 13. Della fazem menção Manoel de Faria, e Soufa *Epit. das Hist. Port.* Part. 5. cap. 15. e no Elench. *das obras M. S.* que está no principio do Tom. 1. da *Asia Portug.* n. 82 Joan. Soar. de Brito in *Theat. Lusit. Litter.* Lit. A. n. 11. e o P. Antonio dos Reys in *Enthusiasm. Poet.* impresso no princip. dos seus agudos epigramas n. 192.

AFFONSO GIL DA FONSECA, veja-se Francisco de Soufa, e Almada.

AFFONSO GUERREIRO natural de Almodouvar na Provincia do Alentejo primo com irmaõ dos Padres Bartholameu Guerreiro, e Fernão Guerreiro Iesuitas, dos quaes em seu lugar faremos menção. Foy formado na faculdade da Sagrada Theologia, sendo pela sua sciencia, que se fazia mais estimavel pella innocencia dos costumes, eleito Prior da Parochial Igreja de S. Christovão na Cidade de Lisboa, em cuja occupação não menos se applicava ao pasto das ovelhas, que à lição dos livros. Para receber algum alivio dos continuos trabalhos assim litterarios, como pastoraes se retirava a huma Quinta junto de Lisboa, onde sendo acometido no silencio da noite por alguns homens impios com intento de o roubarem, o privaraõ violentamente da vida no anno de 1581. Compoz.

Das Festas, que se fixeraõ na Cidade de Lisboa na entrada delRey D. Philippe primeiro de Portugal. Lisboa por Francisco Correa 1581. 4. Deixou *M. S.* e imperfeita.

Chronica del-Rey D. Sebastião.

Como tambem.

Chronica da Religião da Sãtissima Trindade da Provincia de Portugal,

Cujos fragmentos vieraõ ao poder de Fr. Marcos de Moura Chronista desta Religião, de cuja obra, e seu Author faz memoria Fr. Bernardino de Santo Antonio no *Epit. Redempt.* lib. 2. cap. 11. §. 4. fol. 123. & cap.

vlt. §. 31. e Cardozo *Agiol. Lusitan.* Tom. 3. p. 383. no Comment. de 13. de Mayo letr. C. Por haver composto esta Chronica Affonso Guerreiro se enganou Nicolao Antonio in *Bib. Hispan.* Tom. 2. p. 315. escrevendo que fora Religioso Trino, quando elle nunca professou tal instituto, e sómente foy muito affecto a esta Religião.

Fr. AFFONSO DA ILHA cujo appellido tomou por ser natural da Madeira, Religioso da Ordem Serafica, onde pela observancia dos preceitos da sua regra se fez venerado dos seus domesticos. Por assistir muitos annos na Provincia de Castella escreveu nesta lingua a seguinte obra.

Theforo de Virtudes. Medina del Campo por Alonso de Castro 1543. 4.

Destá obra, e não do Author se lembra Wading. in *Script. Ord. Min.* por occultar nella o seu nome a primeira vez que sahio à luz, o qual manifestou Joaõ Maria Brancalopo de Monte falco quando a traduzio na lingua Italiana no anno de 1574. in 8. acrecentandolhe o martirio do V. P. Fr. Andre de Spoleto escrito por Fr. Antonio Olano, de quem em seu lugar faremos menção. De Fr. Affonso da Ilha a fazem Nicolao Anton. in *Bib. Hispan.* Tom. 1. p. 24. e Fr. Joa. a D. Antonio na *Francisc.* Tom. 1. pag. 46. col. 2.

AFFONSO LEAM DE BARBUDA foy muito estimavel assim pela inteireza dos costumes, como pela sciencia, e capacidade de que era summamente ornada, cujas partes não só o constituiraõ perfeito Ecclesiastico, mas foraõ estimulos para que o insigne Vice-rey D. Luiz de Attayde quando governava o Imperio Oriental o fizesse seu Secretario communicandolhe os mayores negocios do Estado, e seguindo as suas prudentes direções. Sendo informado este Heróe, que nas terras de Monomotapa situadas na Ethiopia Oriental se tinhaõ novamente descoberto minas de prata, para se certificar desta noticia mandou como explorador a Affonso de Leaõ, cuja empreza, ainda que difficil, e perigosa não somente com summa industria executou, mas com particular exame observou

o que era mais digno de se notar naquellas Regioens, escrevendo.

Diario das conzas notaveis, que vio no Imperio de Monomotapa.

Voltando para Portugal no anno de 1627. extrahio deste Diario, e communicou ao Padre Francisco de Gouvea Provincial da Companhia de JESUS por lho pedir, tudo quanto tinha inquirido, e observado acerca do corpo milagrosamente conservado do inclito Martyr o Veneravel P. Gonçalo da Sylveira, cuja relação imprimio o Padre Baltezar Telles na *Chron. da Prov. de Port.* Part. 2. liv. 4. cap. 38. n. 3. e alguma parte della o Padre Antonio Franco na *Imag. do Novic. do Colleg. de Coimbra.* Tom. 2. Liv. 1. cap. 18. Fazem memoria de Affonso Leaõ de Barbuda Tanner *Societas Jes. usque ad sang. & vita profus. milit.* pag. 163. Gasp. Ruthard. in *Cosmolog. Sacr. Theor.* 6. n. 7. e 9. Cardof. *Agiol. Lus.* Tom. 2. pag. 197 no Comment. de 16. de Março. Letra. D. Alegamb. in *mortibus. Illustr.* p. 560 onde lhe chama *rebus gestis, & sacerdotio venerabilis,* e Nadaf. *Ann. dier. mem. S. J.* p. 142.

AFFONSO LOPES DA COSTA nasceu na Villa de Torres nove do Arcebisphado de Lisboa, e logo desde a infancia se dedicou ao serviço da Igreja sendo moço da Capella Real. Acompanhou a elRey. D. Sebastião na infeliz jornada de Africa onde desbaratado totalmente o exercito Portuguez, ficou cativo no poder dos barbaros, do qual sendo resgatado por tres mil cruzados, por premio dos seus serviços, e merecimentos foy eleyto Thezoureiro mór da mesma Capella Real. Era muito inclinado à Poesia principalmente jocosa, da qual fez varias obras para se representarem no Theatro com que excessivamente alegrava aos espectadores, publicando, e emendando os Autos compostos por Antonio Prestes, e o Grande Luiz de Camoens com este titulo.

Primeira Parte dos Autos, e Comedias Portuguezas. Lisboa por Andre Lobato, 1587. 4.

Fr. AFFONSO DO LOURIÇAL, cujo appellido declara a sua Patria, que he hum lugar da Diecese de Coimbra. Deixando o Mundo se dedicou a Deos no Mosteiro de Santa Maria de Ceixa da Ordem de Cister que fora fundado por ElRey D. Affonso Hen-

riquez. Foy eminente em todo o genero de virtudes imitando os sagrados vestigios daquelles primitivos Varoens, que seu Padre S. Bernardo tinha mandado a Portugal. Para evitar o ocio, sempre nocivo à santidade, se applicava à lição dos livros, e o que causa mayor admiracão, he que não faltando ás continuas obrigaçoens do Estado religioso, gastaſse o restante do tempo na cultura das letras humanas de que são claro augmento tres volumes escritos no anno de Christo de 1200 com admiravel letra, sendo muitas dellas primorosamente illuminadas com diversas cores, e ouro, os quaes se conservaõ na Bibliotheca do Real Convento de Alcobaca. A materia dos volumes he a seguinte.

Vocabularium Papiæ adanctum in fol. 3. Tom.

No fim do terceiro Tom. transcreveo o Author o Livro das Interpretações Hebraicas de S. Jeronimo.

AFFONSO DE LUCENA, natural da Villa de Trancoſo na Provincia da Beira. Teve por Pays à Manoel de Lucena Ouvidor de Barcellos, e Criado dos Serenissimos Duques de Bragança D. Theodosio primeiro, e D. Joaõ o primeiro, e a Isabel Nogueira Sarayva, de igual nobreza à de seu consorte. Applicouse na Universidade de Coimbra à faculdade de Direito Cefareo, em que recebendo o grão de Licenciado mereceo pellas suas letras particulares estimaçoens. Foy Cavalleiro da Ordem militar de Christo, Commendador de Saõ-Tiago de Coelhoſo, e Alcaide mór de Portel, e Evora Monte. Instituhio em 10. de Janeiro de 1611. o Morgado da Quinta dos Pechinhos situada no Termo de Villaviçosa com a condição, que extinta a sua descendencia de ambos os sexos se uniria ao Morgado da Cruz que possuiue a Serenissima Casa de Bragança, para se repartir o seu rendimento pelos criados pobres da dita Casa, o qual Morgado possuiue hoje seu terceiro Neto D. Antonio Bernardo de Lucena, por sentença alcançada no anno de 1720. Casou em Villaviçosa com D. Isabel de Almeyda filha de André Mendes Bandeira, e de D. Leonor de Almeyda, onde morreo, e está sepultado no Convento das Religiosas da Esperança da mesma Villa. Para testemunhar a fide-

dade do seu obsequio para com a Senhora D. Catherina Duqueza de Bragança, de quem fora Procurador, e Secretario, compoz juntamente com o Dezembargador Felix Teixeira, e se imprimio com outras.

Allegação de direito offerecida ao muito alto, e muito poderoso Rey D. Henrique Nosso Senbor, na causa da successão destes Reynos, por parte da Senhora D. Catherina sua sobrinha filha do Infante D. Duarte seu Irmaõ a 22. de Outubro de 1579. Almeirim por Antonio Correa, e Francisco Correa aos 27. de Fevereiro de 1580.

Foy traduzida esta obra em Latim pelo insigne Fr. Francisco de Santo Agostinho Macedo, e sahio com este Titulo.

Jus succedendi in Lusitaniæ regnum Domine Catharinæ Regis Emmanuelis ex Eduardo filio neptis Doctorum sub Henrico Lusitaniæ Rege ultimo Conimbricensium sententiis confirmatum. Parisiis apud Sebastian. Cramoyfi. 1641. fol.

Memoria de algumas cousas pertencentes aos Duques de Bragança, escrita à Senhora D. Catherina Duqueza de Bragança M. S. fol.

Faz delle repetida memoria Caramuel *Philip. Prud.* pag. 171. 271. e 273.

Fr. AFFONSO DA MADRE DE DEOS GUERREYRO, chamado no seculo Affonso Guerreyro de Brito, naceo na Cidade de Evora, e na Freguesia de Santo Antão recebeu a graça bautifmal a 12. de Setembro de 1676. Foraõ seus Pays o Doutor Bartholameu Gomez de Brito, e Escholastica de Souza Rolaõ. Depois de aprender Gramatica em a Universidade da sua patria passou a Lisboa em o anno de 1692. onde preferindo o exercicio das armas ao das letras assentou praça de Soldado, e embarcando-se em a Náo de Guerra, de que era Capitaõ Gaspar da Costa de Attaide, comboyou as Frotas, que da America vinhaõ para a Cidade do Porto. Aspirando o seu natural valor a mais gloriosas emprezas se resolveo passar à India, e sendo despachado com o habito de Christo a 23. de Março de 1698. partio com o posto de Alferes de Infantaria da Companhia de Luiz Ferreira de Noronha em a Náo S. Pedro Gonçalves a 26. de Março de 1698. Chegando a Goa a 14. de Setembro deste anno o no-

meou Capitaõ de huma Manchua o Vicerey do Estado Luiz Gonçalves da Camara Coutinho. Embarcouse na armada, que navegou ao Norte, de que era General Francisco Pereira da Sylva, e discorrendo pelas Praças de Chaul, Baçaim, e Dâmaõ partio por ordem do Secretario de Estado para a Persia, donde restituido a Goa foy eleito Capitaõ da Náo de socorro, que pedia o General de Timor, e Solor Antonio Coelho Guerreiro, cuja expedição se desvaneeo por chegar o novo Vicerey Caetano de Mello, e Castro, que o proveo em Capitaõ em a Praça de Baçaim, que não aceitou por ter resolutu alistarse em outra mais illustre milicia, qual foy a reformada Provincia da Madre de Deos, recebendo o Serafico habito a 19. de Dezembro de 1703. das maõs do Ven. Padre Fr. Antonio de JESUS. Feita a profissão solemne se applicou aos estudos da Filosofia, e Theologia em o Convento de Nossa Senhora do Cabo, e depois de completa esta laboriosa carreira recebeu a patente de Prégador. Conhecendo os Prelados o grande zelo, e actividade, com que servia a sua Religiaõ, o nomearaõ Procurador Geral, e Comissario em Portugal, para cujo fim partio de Goa a 21. de Janeiro de 1711. e chegando a Lisboa a 4. de Outubro do dito anno foy o primeiro, que alcançou faculdade Regia para mandar Religiosos para a sua Provincia, merecendo por estas sagradas expediçoens executadas nos annos de 1714. 1716. 1721. 1726. e 1735. multiplicados elogios do Reverend. Geral da Ordem Serafica Fr. Affonso de Biesma, e dos Provinciaes, e Definitorio da sua reformada Provincia. Em remuneração dos preciosos Manuscriptos, e veneraveis documentos, que a sua incansavel diligencia investigou para a Academia Real, o elegeo seu Collega supranumerario sendo o seu mayor empenho, comunicar a todos os eruditos as grandes, e reconditas noticias, que estaõ depositadas na sua selecta Livraria, a cuja liberal beneficencia me confesso summamente agradecido. Escreveo para uso de seu Irmaõ, o Reverendo Manoel Guerreiro de Brito, Doutor na Sagrada Theologia, e Conego na Cathedral de Evora.

Instrução, e modo pratico para se fazerem os exercicios espirituaes por tempo de outo dias re-

partido em 4. partes. Na primeira; trata-se da utilidade dos exercicios espirituaes, e modo com que se devem fazer. Na segunda; da natureza, necessidade, e modo com que se deve fazer a Oraçaõ mental. Na terceira, da necessidade, e modo com que se deve fazer a Confissãõ geral: e na quarta, das meditaçoens mais proporcionadas para outo dias, distribuidas para todo o estado de Pessõas 4. M. S.

Fazem honorifica mençaõ da sua Pessoa, Francisco Leitaõ Ferreira, *Notic. Chronol. da Univerfid. de Coimbr.* pag. 390. §. 847. O Padre D. Manoel Caetan. de Souf. *Cathal. Hist. dos Pontific. Card. e Bispos Portug.* pag. 148. 231. 237. 249. Fr. Manoel de Sáa, *Mem. Histor. dos Eserit. de Carm.* pag. 10. n. 11. e meu Irmaõ D. Joseph Barbosa no Prolog. do *Cathalog. das Rainh. de Portugal* todos Academicos da Academia Real.

D. AFFONSO MANOEL DE MENEZES. Naceo na Freguezia de Santa Marinha da Avanca em a Comarca da Feyra do Bispado do Porto, onde foy bautizado a 2. de Outubro de 1672. Foy filho de D. Joaõ Manoel de Menezes Procurador nas Cortes, que celebrou o Principe D. Pedro Regente desta Monarchia em o anno de 1679. Neto de D. Affonso de Menezes Mestre Sala de ElRey D. Joaõ o IV. Commendador da Iseda na Ordem de Christo, Capitaõ mór de Monçaõ, Senhor da Villa da Ponte da Barca, e da Torre, e Conselho de Nobrega, e Sobrinho do Arcebispo Primaz de Braga D. Jozé de Menezes, que com as suas profundas letras illustrou o Sacerdocio, e o Imperio. De taõ illustres Ascendentes herdou a viveza do engenho, e a capacidade do talento, com que em a Univerfidade de Coimbra penetrou as difficuldades do Direito Pontificio, em que recebeu o gráo de Licenciado a 21. de Julho de 1694. com grande applauso de todos os Academicos. Foy moço Fidalgo, Cavalleiro da Ordem de Christo, cujo habito professou nas mãos do D. Prior Fr. Martinho Pereira Lente de Vespera da Univerfidade de Coimbra a 16. de Novembro de 1698. Sendo Beneficiado na Collegiada de Freyxo de Espada na cinta passou a Arcediago do Bago da Igreja Primacial de Braga, que he a terceira Ca-

deira desta Cathedral, em que foy provido por seu Tio D. Joseph de Menezes em 19. de Setembro de 1695. Conferiolhe as Ordẽs de Presbytero o Bispo Conde D. Joaõ de Mello a 25. de Março de 1697. A sua vasta sciencia acompanhada de summa integridade o elevou a ennobrecer os Tribunaes Ecclesiasticos, e Seculares sendo Deputado da Inquisiçaõ de Coimbra, de que tomou posse a 30. de Janeiro de 1697. donde passou com o mesmo ministerio para Lisboa a 6. de Dezembro de 1704. e a Dezembargador da Relaçãõ do Porto a 29. de Agosto de 1703. donde se transferio para a Casa da Supplicação a 27. de Novembro de 1704. e ultimamente a Dezembargador dos Agravos a 5. de Julho de 1710. A continua applicação ao estudo da Jurisprudencia o naõ privou do da Historia, e Genealogia, em que he eruditamente versado, como publicação os muitos livros de Familias deste Reyno escritos por seu grande Tio D. Francisco de Menezes insigne Genealogista, aos quaes tem adicionado até o tempo presente, de que faz memoria o Padre D. Antonio Caetano de Souza. *Apparat. à Hist. da Caf. Real Portug.* p. 120. n. 130. Tem mais composto.

Commentaria ad Ordinationem Lusitanam Tom. 1.

Nelle faz das palavras iniciaes da mesma Ordenação huma especie de Tratado intitulado *Anteloquio*, a que se segue huma exposição ao Prologo da mesma Ordenação, e acaba com o Commento ao Liv. 1. Tit. 1. e Tit. 2.

Tom. 2. Principia pelo mesmo Liv. 1. Tit. 3. onde leva annexo o Regimento do Dezembargo do Paço, e tambem include o Tit. 4.

Tom. 3. Começa no Liv. 1. Tit. 5. e acaba no Tit. 18.

Tom. 4. Começa no Liv. 1. Tit. 19. e acaba no Tit. 57.

Tom. 5. Começa no Liv. 1. Tit. 58. e chega ao Tit. 62. §. 14. o qual ainda naõ está acabado.

Todos estes Tomos, excepto o ultimo, estão com seus Indices capazes de se imprimirem.

D. AFFONSO MENDES Naceo no lugar de Santo Aleixo Termo da Villa de Moura da Diocefe de Evora a 20 de Agosto

de 1579, não fomenta para illustrar com os rayos da sua doutrina os habitadores da Etiopia, mas também para ser hum dos mais famosos alumnos da Companhia de JESUS. Foy filho de Lourenço Alvres, e Branca Mendes, e tanto que chegou a idade de nove annos foy chamado por seu Tio Manoel Mendes de Moura Conego Doutoral da Seé de Coimbra, para que no celebre Athenéo desta Cidade lançasse os primeiros fundamentos dos seus estudos, os quaes continuou com tão felices progressos, que ainda não contando 16. annos sabia perfeitamente a lingua Latina, e Rhetorica mostrando em idade tão verde tal madureza, que se fez digno de ser aceito em 2. de Fevereiro de 1593. na Companhia de JESUS, onde estudada Filosofia, e Theologia passou de discipulo a Mestre dictando letras humanas, e Rhetorica por espaço de sete annos admirando-se neste largo tempo a energia eloquente das Oraçoens, a suave affluencia dos Versos, e a vasta lição de Poetas, e Oradores, em que era eminente o seu talento. Depois de Professo do quarto voto em 26. de Fevereiro de 1610 se applicou com todo o disvello à intelligencia da Sagrada Escriitura, e Santos Padres, e sahio tão profundamente instruido nestes estudos, que por uniforme voto dos Superiores, depois de os dictar com grande applauso por cinco annos em Coimbra aos seus domesticos, foy mandado a Evora para que recebendo a borla de Doutor na faculdade da Theologia os ensinasse nesta Universidade. A fama das suas letras que se faziaõ mais veneradas pela integridade dos costumes se dilatou até Madrid, donde Philippe IV. que naquelle tempo governava este Reyno, querendo premiar tão grandes merecimentos o nomeou no anno de 1621. Patriarcha de Etiopia. Não pode resistir ao preceito delRey, que se fez mais forte com o do Pontifice, e sendo Sagrado pelo Bispo do Algarve D. Fernão Martins Mascarenhas, na Casa Professa de Lisboa em 12. de Março de 1623. partio acompanhado do Bispo de Nicea D. Diogo Seco, nomeado seu sucessor com desefete Religiosos para a India em huma armada de que era Capitaõ Antonio Tello de Menezes. Depois de experimentar huma perigosa navegação chegou a Moçambique, e ultima-

mente a Goa em 28. de Mayo de 1624. onde achando occasião opportuna navegou até o mar Vermelho, e tendo chegado ao porto de Baylur, vencidas insuperaveis difficuldades entrou no Reyno de Dancali, donde passou a Fremona Corte do Imperio Etiopico em 12. de Junho de 1625. Não he facil de explicar a paciencia com que em tão prolongado caminho tolerou os ardores do Sol, e os rigores do frio, que se faziaõ mais penosos com a fome, e sede padecida por tantos dias; a constancia, com que sacrificou a vida continuamente exposta à violencia dos ladroens, que vagavaõ por aquelles dezertos, e a ancia com que suspirava de chegar ao termo das suas apostolicas fadigas para reduzir ao rebanho de Christo innumeraveis almas. Chegado em 11. de Fevereiro de 1626. à Corte do Emperador Sultaõ Segued, o mandou receber entre festivas aclamaçoens por quinze mil Soldados vestidos pomposamente, e muitos delles montados em soberbos cavallos com preciosos jaezes, fazendo-se mais plausivel esta recepção com as vozes acordes de varios instrumentos. Foraõ excessivos os argumentos de affecto, e benevolencia, com que o Emperador recebeo ao Patriarcha, o qual atrahido de tão veneravel presença abjurou nas suas mãos juntamente com o Principe seu Irmaõ Raz Celá Christõs os scismaticos erros de Alexandria, e abraçou os Sagrados dogmas da Igreja Romana, prometendo a mais rendida obediencia ao Summo Pontifice, e mandando com publicos edictos aos seus Vassallos, que assim o observassem, e aos Ministros Evangelicos, que promulgassem por todo o seu Imperio as Verdades Catholicas. Admiraveis foraõ os progressos, que se seguiraõ a esta permissaõ do Emperador, pois a todos os Operarios Apostolicos se avantajava o Patriarcha, discorrendo continuamente de huma para outra parte em beneficio das suas ovelhas, bautizando humas, crismando a outras, erigindo Templos, e ornando Altares; prégando com efficacia para inflamar os animos dos ouvintes; disputando, e escrevendo nervosamente para extirpar as raizes de perniciosas doutrinas, e radicar nos coraçõens dos Etiopes a semente do Evangelho. Mas que inescrutaveis saõ os juizos da Dina Providencia! Morto o Emperador

no anno de 1632. se transformou toda esta ferenidade em huma furiosa tormenta movida por Facilada acerrimo sectario dos erros Alexandrinos, e successor da Coroa Imperial, contra os professores de Christo, sendo por ordem sua muitos delles despojados das fazendas, e outros cruelmente das vidas; o Patriarcha exterminado da Etiopia, e entregue aos Turcos para ser victima da sua tyrana impiedade, o qual sendo levado a Arquico Cidade maritima no anno de 1634. e chegando a Suaquen, foy recluso em hum tenebroso carcere, onde atados os pés a hum cepo, e opprimido o pescoço com huma pezada corrente de ferro, além de toleradas com invicta constancia muitas fomes, sedes, e injurias se constituhio pelo largo espaço de hum anno em taõ cruel exame fortissimo Athleta da paciencia Christãã. Porém sendo libertado pela piedade Portugueza de taõ duro cativo, alcançada faculdade de partir para a India, chegou brevemente a Goa no anno de 1635. Recolhido ao domicilio dos Padres Jesuitas desta Cidade não lhe servindo de obstaculo a provecta idade quebrantada com tantos trabalhos, e o esplendor da dignidade Patriarchal se occupava nos mais abatidos ministerios da Comunidade, e julgándose como outro Christofo expulso da sua Igreja de Constantinopla se exercitava em todo o genero de virtudes, principalmente no cuidado das suas ovelhas instruindo-as com os seus escritos, e mandando-lhes occultamente Ministros Evangelicos para que se conservassem na Fé da Igreja Romana, dezejando sempre alcançar occasião, que as pudesse ver, e nunca de voltar a Portugal, ainda que persuadido de muitas Pelloas, cujos altos merecimentos querendo premiar a Magestade delRey D. Joaõ o IV. o nomeou Arcebispo de Goa, e Primaz do Oriente a tempo, que na mesma Cidade acabou a carreira dos seus apostolicos trabalhos a 29. de Junho de 1656. contando 77. annos de idade, 63. de Companhia. Deste varaõ trataõ Telles *Hist. da Etiopia* liv. 4. cap. 32. e liv. 5. cap. 1. e 2. liv. 6. cap. 3. e no *Append.* 1. desta Historia §. 11. e 12. Andrad. *Hist. delos Var. Ilust. dela Comp.* Tom. 6. Alegamb. *Bib. Societ.* p. 36. col. 1. dizendo: *vir fuit moribus integerrimis, & ab omni*

prorsus ambitione alienus, corporalium rerum contemptor, spiritualium asstimator. Nicol. Ant. na *Hisp.* p. 28. Faria *Asia Portug.* Tom. 3. Part. 2. cap. 23. n. 11. e Part. 4. cap. 2. n. 3. e cap. 9. Nadasi *Ann. diem. mem. S. J.* ad diem 29. Junij Fr. Filip. à Santif. Trinit. in *Itiner. Orient.* liv. 5. cap. 1. *vir doctissimus qui multum in Æthiopia pro animarum salute laborans multa passus tandem expulsus fuit* Fr. Franc. à S. Aug. Maced. in *Propug. Lusit. Gallie.* pag. 108. *Omnis litteraturæ Virum.* Joan. Soar. de Brit. in *Theat. Lusit. Litter.* lit. A. n. 13. D. Francisc. Man. no *Ecco polit.* fol. 45. *No suè menos gloriosa fatiga la del nuevo Patriarcha dela Etiopia* D. Alfonso Mendes, *cuya virtud, letras, y religion arrebataron tantas almas desde el peligro ala salvacion incorporada otra vez aquella Iglesia en la verdadera sede Apostolica.* O Bispo de Targa D. Thom. de Faria na *Decad.* 1. rer. *Lusitan.* liv. 8. cap. 1. *Hominem, cui Deus, & natura omnia donarunt, negarunt nihil. Florebat scientiã, & virtute apud Patres Societatis ingenij, & eorum, quæ ad Poesim, Rhetoricam, Historiam, & litteras profanas pertinet, apprime peritissimus, rerum verò divinarum ita deditus contemplationi, ut et Sacram Scripturam totam memoriter recitare, et Sanctorum Patrum auctoritates referre, & Sacræ Theologiæ difficultates speculati magno Viro pareret voluptatem, neque in iis alicui erat secundus: concionandi munus cum auditorum commodo, et lætitia exequitur.* P. Anton. Franc. in *Ann. Glor. Societ. Jesu in Lusit.* pag. 363. e na *Imagem da virtud. no Colleg. de Coimb.* Tom. 1. liv. 2. cap. 22. até 41.

Escreveo.

Carta do Patriarcha da Etiopia D. Affonso Mendes escrita da sua propria maõ ao muito R. P. Mucio Viteleschi Proposito Geral da Companhia de JESUS, na qual se contem o que S. Illustrif. Senhoria com os demais Padres da Companhia, que andaõ naquelle grande Imperio, fizeraõ de serviço de Deos, e bem das almas o anno de 1629. Lisboa por Matthias Rodriguez 1631. 4.

Carta ao Provincial, e mais Religiosos da Companhia de Jesus da Provincia de Portugal em que lhes relata da sua navegaçaõ de Goa até o mar Vermelho, e trabalhosa jornada de Baylur até à Etiopia. Escrita em

Fremona a 9. de Julho de 1625. A qual traz o Padre Balthazar Telles na *Hist. da Etiopia* liv. 4. desde cap. 36. até o cap. 39.

Relação escrita ao Geral da Companhia de JESUS da sua entrada na Etiopia, e o que nella obrou até 5. de Julho de 1626. Sahio traduzida em Italiano com as Cartas Annuaes da Etiopia. Roma pelos herdeiros de Zannetti. 1628. 8. e em Francez Pariz chez Sebastien Cramoyfi. 1629. 8.

Carta escrita a ElRey Catholico, em que trata de como elle, e seus companheiros forão desterrados da Etiopia, e do Estado, em que se achava aquelle Imperio desde o mez de Novembro de 1632. até Mayo de 1633. Conserva-se M. S. no Archivo Real da Torre do Tombo, e está impressa na *Hist. da Etiop.* do Padre Tellez liv. 6. cap. 4. e 7.

Carta escrita de Goa em o 1. de Dezembro de 1639. para o Padre Provincial de Portugal, em que relata o Martyrio do illustre Bispo D. Apollinario de Almeyda; a qual sahio traduzida em Castelhana. Manilla por Raymundo Magifa. 1641.

Carta escrita em 3. de Outubro de 1639. para o Padre João de Mattos Assistente na Curia Romana. Desta carta, e da que está assima, se lembra Cardofo *Agiolog. Lusit.* Tom. 3. pag. 614. no Comment. de 9. de Junho letr. F.

Outras Cartas muito doudas, e cheyas de particulares noticias transcreveo o Padre Balthazar Tellez na Historia da Etiopia sendo as principaes. Huma muito extensa escrita ao mesmo Padre Telles impressa no apparatus da *Hist. da Etiopia*. Outra que he huma *Prefação às Cartas do Padre Bernardo Nogueira Vigario Geral, que foy da Etiopia escrita de Goa a 16. de Outubro de 1652.* impressa no liv. 6. cap. 40. Outra para o Emperador Sultão Segued; no liv. 5. cap. 29. Duas para seu filho Facilada no liv. 6. cap. 3. e cap. 15. que he muito diffusa. Tres escritas de Goa no anno de 1639. a Fr. Roberto dos Reys Monge de S. Bento Irmao do Padre Francisco Marques Missionario na Etiopia, no *append. 1. à Hist. da Etiopia* §. 6. das quaes imprimio huma o Padre Antonio Franco na *Imág. da Virtud. do Noviciado de Lisb.* liv. 3. cap. 12.

Tragicomedia intitulada Paulinus Nolæ Episcopus composta em verso heroico, a qual se conserva no Archivo do Collegio de Coimbra,

da qual faz menção o Padre Franco na *Imág. do Nov. de Coimb.* Tom. 1. liv. 2. cap. 22. n. 4.

Oratio habita Philippo III. Hispaniarum Regi, Lusitaniæ II. in Academia Eborensi. Sahio impressa no fim dos *Anacephal. Reg. Lusit.* authore P. Antonio de Vasconc. S. J. Antuerp. apud Petrum, & Joan. Belleros. 1621. 4.

Commentaria in Jonam Prophetam. Desta obra faz memoria D. Franc. Man. na Carta escrita ao D. Manoel Themudo da Fonseca Vigario Geral do Arcebispado de Lisboa, que he a primeira da *Centuria 4. das suas Cartas.* Roma por Filipe Maria Mancini 1669. 4. e Nicol. Anton. in *Bib. Hisp.* Tom. 1. pag. 28.

Branbaymanot, id est, Lux Fidei in Epithalamium Ætiopissæ, sive in nuptias Verbi, & Ecclesiæ Ætiopiæ libri 12. Catecheticis comprehens. Colon. Agripinæ sumptibus Baltharis Egmond, & sociorum. 1692. fol.

No principio desta obra está hum Epitome da Vida do Patriarcha escrito na lingua Latina. Foy traduzida a obra na lingua Etiopica por Olda Christós nobre Senador daquelle Imperio, e insigne Catholico, como escreve Telles na *Historia da Etiopia* liv. 5. cap. 4.

Expeditionis Ætiopiæ Patriarchæ Alphonfi Mendes. Tom. duo in quattuor libros divisi.

Esta obra foy mandada no anno de 1651. ao Padre Geral Francisco Piccolomini como diz Alegambe in *Bib. Societ.* pag. 36. col. 2. da qual affirma o Padre Telles na *Hist. da Etiop.* *Append. 1. §. 12.* Para mim foy o Farol mais lucente por onde me governey nesta minha navegação. Está hoje esta obra em Roma para se dar à luz do Prelo, merecendo ser estampada com *Typos de estrellas do Ceo;* e quem lê a copiosa elegancia, e notavel propriedade de suas palavras, a gravidade das sentenças, e uniformidade do methodo, o muy lacteo, e melliflvo estilo, o julga por hum novo Livio Lusitano, e que se o Patavino lhe pode tirar a prerogativa de ser primeiro, não lhe pode tirar a gloria de ser milhor. Igual elogio dedica a esta obra o grande Fr. Francisco de Santo Agostinho Macedo in 3. *Part. Collat.* Collat. 9. Differ. 2. cap. 4. pag. 622. *qua dere* (falla dos Cleri-

gos Regulares, que nunca se viraõ na Etiopia) *certò certius conflaret si quæ eruditissime, & latinissimo Alphonsus Mendefius Jesuitarum ad Ætiopes missus Patriarcha scripsit, lucem vidissent. Novi Conimbrica virum omnis litteratura genere excellentem, ac doleo tantum opus M. S. jacere in tenebris tineis, & blattis obnoxium, cum sit luce, & immortalitate dignissimum.*

Esta obra conservava hum Extracto Melchisedec Thevenot em a sua Livraria, como consta do Cathalogo della fol. 244. e o refere a *Bib. Orient.* de Antonio de Leon, novamente acrecentada. Tom. 1. Tit. 12. col. 391. onde faz memoria de outras obras deste Author. Deixou M. S. para se imprimir

Vida do Padre Jorge Rijo da Companhia de JESUS. Desta obra faz menção o Padre Franco *Imag. do Noviciad. do Colleg. de Coimb.* tom. 1. liv. 3. cap. 16.

Tomo de Sermoens prégados na Etiopia
Tomo dos Concilios Ecumenicos até o 6. Concilio Geral, em que refutava nervosamente os erros dos Abexins ácerca da Encarnação do Divino Verbo.

Alguns tratados em defesa da Companhia contra os seus maldizgentes.

Tratado de Magia.

Varias exposições sobre a Escriitura que diçtara em os Collegios de Coimbra, e Evora, e tinha augmentado em Goa.

De todas estas obras fazem memoria Alegambe in *Bib. Societ.* pag. 36. col. 2. e Jacobo le Long in *Biblioth. Sacra* pag. 858. col. 1.

AFFONSO MENDES, ou MENEZES pois com hum, e outro apellido o acho admitido ao Cathalogo dos Authores Portuguezes por Joaõ Franco Barreto na *Bib. Lusit. M. S.* Joaõ Soar. de Brit. in *Theatr. Lusit. Litterat.* lit. A. n. 14. e pelo Author do Opusculo intitulado *Portugallia* impresso em Leyden 1641. pag. 366. Por muitos annos exercitou o officio de Correyo nos Reynos de Espanha, discorrendo por toda ella, e grande parte de Italia, donde alcançou huma individual noticia dos caminhos, e lugares de taõ dilatadas Provincias. Querendo ensinar aos Espanhoes o conhecimento de tantos, e taõ varios caminhos, que experimentalmente tinha aprendido, escreveu.

Compendio, y memorial, o Abecedario de todos los mas principales caminos de España con el camino de Madrid a Roma.

No fim deste opusculo está inferto.

Reportorio delas cuentas reducidos los ef-cudos a como S. Magestad manda valgan. Toledo por Juan de Ayala 1568. 16. Alcalá por Andres Sañs 1614. 8. et ibi por Sebastian. Martines 1576. 8. Valladolid por la viuda de Franc. de Cordova 1622. 24. Murcia 1628. 24.

Do author se lembra Nic. Ant. in *Bib. Hisp.* Tom. 1. pag. 28. com o appellido de *Menezes.*

AFFONSO DE MIRANDA, Contador do Reyno, e Casa Real como fosse muito douto na faculdade da Medicina querendo emmen-dar muitos erros, que na applicação dos remedios commetiaõ os professores daquella arte com grande prejuizo dos enfermos, se empenhou a formar hum Medico perfeito com a instrucção, que para este fim compoz; porem receando que contra elle se conjurassem os Medicos, que floresciaõ no seu tempo, teve occulto o livro em quanto viveo deixando recommendado a seu filho Jeronimo de Miranda Medico da Camara de ElRey D. Sebastião, que depois da sua morte o imprimisse, o qual obedecendo ao preceito de seu Pay o dedicou àquelle Principe, que entaõ governava, com este titulo.

Dialogo da perfeição, e partes, que são necessarias ao bom Medico. Lisboa por Joaõ Alvres Impressor de ElRey 1562. 4. Nicolao Ant. fallando desta obra na *Bib. Hisp.* diz que este Tratado parece naõ ser de Affonso de Miranda, mas de outrem, sendo traduzido de Latim em vulgar, cuja opiniaõ além de naõ ter fundamento solido, consta claramente de hum soneto escrito em applauso desta obra ser seu verdadeiro Author Affonso de Miranda, e nunca se descobrir o exemplar Latino donde se traduzira.

Por dar el Cielo aqui conocimiento

Que todo lo que quiere está en su mano

En el Doctor Miranda Lusitano

Quiere poner el bien fuera de cuento.

De Gracia, de valor, de entendimiento

De letras, y de ingenio sobre humano:

De estilo tan capaz, y cortexano

Que nõ terà segundo a lo que siento.

Fr. AFFONSO DE MONROY natural de Lisboa, e filho de Pedro Vaz de Sequeira, e Monroy fidalgo Cavalleiro da Casa Real, e de D. Catharina da Torre augmentou a nobreza do nascimento professando o religioso habito da illustre Ordem da Santissima Trindade; onde pelo talento, que manifestou nos Pulpitos, foy eleyto Prégador Geral da Ordem, e pela prudencia, de que era ornado, Procurador Geral, e Definidor da sua Provincia. Applicou se com summa curiosidade ao estudo das Ceremonias Ecclesiasticas, em que sahio taõ doutamente instruido, que era consultado nas mayores duvidas pertencentes à celebração dos Officios Divinos. Morreo no Convento de Lisboa a 24. de Abril de 1701. onde por ser nelle muitos annos Sancristaõ mór. Compoz.

Ceremonial Eucharistico. Lisboa por Valentim da Costa Deslandes 1706. 8.

Fr. AFFONSO DE MORAES, natural da Cidade de Beja da Provincia do Alentejo. Defenganado do mundo recebeo em idade adulta o habito Carmelitano no Convento de Lisboa em 9. de Abril de 1548. Foy insigne Poeta, e grande Theologo, escrevendo de huma, e outra faculdade muitas obras, das quaes affirma Fr. Marcos Antonio Alegre de Casanate in *Parad. Carmel. Dec. Stat. 4. Aestas 17. cap. 453.* imprimira poucas, louvando entre ellas com grandes elogios hum elegante Poema composto em applauso de Santo Ildefonso Arcebispo de Toledo, e do livro, que este Santo escrevera em obsequio da perpetua Virgindade da Senhora. Trataõ deste Author o *Cathalogo dos Escriutores do Carm.* p. 66. e Fr. Manoel de Saá nas *Memor. Hist. dos Escriutores Portug. da Ordem do Carm.* pag. 6.

AFFONSO NUNES. Ainda que se não sabe o que escreveu por ser occulto à noticia de Manoel de Faria, e Sousa no *Ept. das Hist. Portug.* Part. 4. cap. 18. e de Joaõ Soar. de Brito in *Theat. Lusit. Litter.* lit. A. n. 15. como he numerado entre os Authores Portuguezes, não será justo, que fique sem o seu nome esta Bibliotheca, posto que se não relatem as suas obras, que parece foraõ Poeticas.

Fr. AFFONSO DE PALMA. Nasceo em Portugal, e illustrou a Castella com as raras virtudes em que era eminente, pelas quaes mereceo, que seu companheiro o Veneravel Fr. Vasco Martins da Cunha primeiro restaurador da Ordem de Saõ Jeronimo neste Reyno o levasse a ser bafe fundamental do Convento de Val Paraizo em Cordova. Assim como a natureza o fez no corpo agigantado, o era no espirito, sendo incansavel na administração daquella Communidade, que governou com o titulo de Vigario por espaço de trinta annos. Naquellas horas, que lhe restavaõ da continua assistencia do Coro se occupava para evitar o ocio em exercicios humildes, como eraõ cavar a terra, plantar arvores, e ainda em obras mecanicas, pois para tudo tinha natural habilidade, de cujos ministerios se póde claramente infirir a profunda humildade de seu animo, o heroico desprezo da gloria humana, além dos austeros jejuns, asperas disciplinas, e vigalias nocturnas, perpetua contemplação das delicias celestiaes, angelica pureza, e ardente charidade para com os proximos com que se fez merecedor de receber o premio na gloria a 29. de Abril de 1450. Delle faz memoria Fr. Jozé Siguença *Hist. da Ordem de S. Jeron.* Part. 2. liv. 4. cap. 19. Cardoso *Agiolog. Lusit.* Tom. 2. p. 755. e no Comment. de 29 de Abril let. E, e o Illustrissimo Cunha *Hist. Eccles. de Lisb.* Part. 2. cap. 86. onde por erro do impressor lhe chama Diogo, e que fora Prior do Convento de Valparaizo, sendo Vigario, como escreve Siguença. Compoz.

Confessionario, ou methodo da Confissão distribuido em boa ordem.

Para uso do Coro escreveu muitos volumes em elegante caracter com a Solfa do canto chaõ, como foraõ:

Dominical.

Santoral.

Officio de Nossa Senhora.

Commum dos Santos.

Officio dos defuntos.

Traduzio de latim em Castelhana hum Flos Sanctorum, o qual escreveu em bella letra para se ler no Refeitório, como escreve Siguença já allegado.

AFFONSO PERES PACHECO, natural de Evora, em cuja Universidade depois

de instruído com as letras humanas, recebeu o gráo de Mestre em Artes. Passou a Coimbra, onde depois de estudar Direito Canonico, e Civil sahio taõ eminente nestas duas faculdades, que por voto uniforme dos Mestres da Universidade foy julgado merecedor de que as ensinasse. Por algum tempo exercitou o officio de Patrono de Causas na sua Patria; depois de ordenado de Presbytero partio para Roma com esperança de alcançar algum beneficio rendoso. Nesta Corte se fez taõ estimado assim pellas letras, como pellas virtudes, que mereceo especies favores do Eminentissimo Cardeal Sacheti, a quem, como a seu grande Mecenas, dedicou algumas das suas obras. Por morte deste Principe despresando, como caducas as estimaçoens do mundo, se recolheo na Congregação do Oratorio de S. Felipe Neri situada na Cidade de Fano do Ducado de Urbino, onde piamente acabou a vida no anno de 1660. Compoz.

Apolecta utriusque juris per Alphabeticum ordinem. Ronciolone apud Jacobum Menechellium 1657. in 4.

D. Fr. AFFONSO PIRES, ou PEDRO, pois com hum, e outro appellido he nomeado pellos escriptores antigos. Naceo na Cidade de Evora sendo ramo do fecundo tronco da preclarissima Casa dos Tavoras, a cujo esplendor antepondo a humildade religiosa abraçou o instituto da illustre Ordem da Santissima Trindade no Convento de Santarem, onde as suas grandes virtudes, e insignes letras o elevaõ no anno de 1320. ao lugar de Provincial, sendo o primeiro, que teve esta Provincia quando se separou da de Castella. Huma das mayores acçoens, que obrou no seu governo, foy o resgate de outenta, e dous cativos na Cidade de Marrocos, para cuja liberdade retardandose o dinheiro, de que ficára em refens o Veneravel F. Joaõ de Jesus foy impiamente morto pello furor dos barbaros. A madureza do juizo, e a docilidade do genio, que exercitou neste ministerio, o habilitou para outro mayor, qual foy o Bispado de Evora, sendo hum dos mais zelosos Prelados, que governaõ taõ vasta Diocese, onde com eterna saudade das suas ovelhas acabou a vida a 8. de Fevereiro de 1339. fazendo da sua pessoa honrificica memoria Fr. Bernard. de S. Antonio

na *Chronic. da Ord. da Sant. Trind. M. S.* liv. 1. cap. 7. §. 3. e cap. 11. §. 4. *Altun. Chron. Gen. da Ord.* liv. 4. cap. 4. fol. 619. Fr. Anton. à Purif. *Chronol. Monast.* pag. 38. e o Padre Francisco da *Fonseca Evor. Glorios.* pag. 282. Compoz.

De Admirabili Ordinis Santissimæ Trinitatis Institutione. Esta obra foy mandada ao Geral, para que se imprimisse em França, e miseravelmente se perdeu como tem succedido a muitos livros desta Provincia.

D. AFFONSO DE PORTUGAL, filho illegitimo delRey D. Affonso Henriquez, e legitimo herdeiro de seus marciaes espiritos. O natural impulso para as armas, de que foy glorioso preludio a celebre conquista de Santarem, o arreatou heroicamente para a Palestina, onde na Conquista da Terra santa fez proezas dignas do seu alto nascimento, pellas quaes mereceo, que por morte de Godofredo de Duiffon fosse eleito no anno de 1194. XI. Mestre da Ordem Militar de saõ Joaõ de Rhodes. Elevado a esta grande dignidade querendo que exactamente se observasse a disciplina regular, e militar, que estava pella introducção de muitos abusos relaxada, convocou Capitulo Geral na Cidade de Margato onde a Ordem depois da perda de Jerufalem residia. Nesta militar Assembléa depois de confirmar os Estatutos feitos em o anno de 1181. pelo Mestre Rogerio de Moulins, estabeleceo novamente algumas leys dirigidas à conservação, e augmento da Ordem. Porem como o seu ardente zelo degenerasse em summa severidade, que se fazia mais intoleravel pelo lugar do ministerio, e soberania do nascimento, veyo a experimentar huma remissa obediencia nos subditos, e passando a mayor excessõ se rebellaraõ contra a sua Pessoa reduzindose a Ordem a huma especie de Anarchia. Para evitar as funestas consequencias de taõ precipitados insultos renunciou o Mestrado, e se restituhio a Portugal, onde acabou a carreira da sua vida em o 1. de Março de 1207. Jáz sepultado na Igreja de S. Joaõ da Villa de Santarem em hum mausoleo, que está ao lado esquerdo da Capella Mór, com este epitafio.

In æra MCCXXXV. Kalendis Martij obiit Fr. Alphonsus Magister Hospitalis Hierusalem

*Quisquis ades, qui morte cadis perlege, plora,
Sum quod eris, fueram, quod es, pro me precor
ora.*

Compoz.

*Estatutos novos para conservaçaõ, e augmento
da Ordem militar de S. Joã de Rhodes.*

Esta obra faz mençaõ Antonio du Verdier in *Bibliothec. Gallic.* impressa em Leão 1585. in fol. dizendo *Alphonse de Portugal Gran Maestre des Chevaliers de S. Jean de Hierusalem, e Rhodes voyes ses Constituitions, y establissement au livre del Ordre des dits Chevaliers translate en Francois l'an 1444. in fol.* Igualmente faz a mesma memoria Baudoin *Hist. des Cheval. del Ord de S. Jean de Hierus.* Tom. 1. cap. 3. pag. 29.

Diverfos elogios dedicaõ ao seu nome Funes *Chron. da Rel. de Malta.* liv. 1. cap. 16. Fr. Antonio Brandaõ *Mon. Lus.* Part. 3. liv. 10. cap. 20. onde o equivocou com seu Tio D. Pedro Affonso, Bernard. Giustin. *Hist. Chronol. del origin. dell'ordini Milit.* Part. 1. cap. 21. pag. 219. Vertot. *Hist. des Cheval. Hospital. de S. Jean de Hier.* Tom. 1. liv. 3. pag. mihi 255. Vasc. *Anaceph. Reg. Lusit.* pag. 25. n. 22. chamandolhe. *Excelsio virum animo, & arduis rebus agendis promptum.* Card. Agiol. *Lusit.* Tom. 2. pag. 6. e no comment. de 10. de Març. let. E. *famoso Heroe, de grande coraçãõ, e magnanimidade nas militares empresas, de preclaros costumes, e religiosas aççoens.* Sainct. Marth. *Hist. Gen. dela Mais. de Franc.* Tom. 2. liv. 41. cap. 2. pag. 796. *Homme courageux comme il temoigna en plusieurs intreprises.* Francisco de Santa Maria no *Diario Portug.* pag. 275. *Fex leys utilissimas ao bom governo da sua Religiãõ.* Soufa. *Histor. Gen. da Casa Real de Portug.* liv. 1. cap. 2. pag. 61. O Padre Fr. Lucas de Santa Catherina nas *Memor. da Ord. militar de S. Joã de Malta* no capit. dos Gram Mestres pag. 22.

D. AFFONSO DE PORTUGAL, Tronco da preclarissima Casa do Vimiofo, naceo na Cidade de Evora, e foy filho de D. Affonso Conde de Ourem primeiro Marquez de Valença, e o primeiro que houve em Portugal, filho primogenito de D. Affonso primeiro Duque de Bragança; e de D. Beatriz

de Soufa filha de Martim Affonso de Soufa segundo deste nome, Senhor de Mortagua, com quem (como muitos escriptores asseveraõ) clandestinamente se casara o Marquez seu Pay. As aççoens, que obrou em todo o discurso da sua vida claramente publicaraõ, que eraõ dirigidas pelos Reaes espiritos, que lhe animavaõ o peito; pois teve heroico animo para intentar empresas arduas; liberalidade profusa para remediar todo o genero de necessidade; condiçaõ benigna, e affavel para a gente popular, severa, e altiva para a Nobreza reconhecendo unicamente por superiores à sua Pessoa os Reys seus Consanguineos; juizo prompto, e agudo para comprehender, e discursar; memoria facil, e tenáz para conservar, e repetir os frutos, que a sua laboriosa applicaçãõ colhera na Universidade de Salamanca, onde estudara as sciencias escolasticas com assombro dos seus mais insignes Cathedraicos. Morto o Marquez seu Pay intentou succeder na Casa de Bragança, mas o Duque, que não approvava a legitimidade do seu nascimento, a transferio a D. Fernando Marquez de Villaviçosa seu segundo filho, por cuja morte novamente pertendeo D. Affonso ser herdeiro da Serenissima Casa de Bragança. Deste intento o fez ceder a authoridade del Rey D. Joã o II. a quem obedeceo constringido, eternizando na inscripção, que está gravada na sua sepultura, a politica violencia com que fora obrigado a desistir do direito hereditario de Casa taõ Soberana. Por disposiçaõ do mesmo Principe seguiu a vida Ecclesiastica, e depois de ser Commendatario do Mosteiro de Souto da Ordem dos Conegos Regulares, o nomeou Bispo de Evora, de cuja dignidade lhe passou as Bullas Innocencio VIII. no anno de 1485. Logo que subio à Cadeira Episcopal se empenhou no sumptuoso ornato da sua Esposa conhecendo-se as suas magnificas fabricas menos pelo brazaõ das suas Armas, que pella magestade dos seus espiritos. No feliz tempo do seu governo foraõ fundados em Evora debaixo dos seus beneficos auspicios quatro Conventos; sendo o primeiro o dos Conegos Seculares de S. Joã Evangelista no anno de 1485. o segundo o de Santa Catherina de Religiofas Dominicadas em 1490. o terceiro o do Paraizo do mesmo Instituto em 1499. e o quarto das

Maltezas em 1517. alem do grande dispendio, que fez na reedificaçãõ do Convento dos Eremitas de Santo Agostinho, entre os quaes quiz que defcançassem as suas cinzas. Como sempre fora Mecenas dos Estudiosos, determinou edificar em Evora hum Collegio, onde se instruisse nas sciencias a mocidade Transtaganã, mas a morte lhe impedio a execuçãõ de taõ nobre idea. Para se celebrar com mayor perfeiçãõ o incruento Sacrificio do Altar ordenou a Fernando, e Luiz Martins Conegos de Evora, que reformassem o Missal, de que usava aquella Igreja, e o mandou imprimir à sua custa em Salamanca no anno de 1501. Por ser summamente severo, e inimigo jurado da adulaçãõ incorreo na indignaçãõ delRey D. Joãõ o II. que o mandou desterrado para a Villa de Monte-mòr, donde foy brevemente restituído à graça deste Principe conhecendo que antes merecia premio, que castigo hum animo superior a todas as adversidades. Recebeo innumeraveis estimaçoens delRey D. Manoel a quem acompanhou com pompa digna de Principe na occasiãõ, que partio para Castella a ser jurado Principe daquella Monarchia. Mayor foy o esplendor quando com seu Sobrinho o Duque de Bragança, conduzio da raya deste Reyno a Serenissima D. Maria filha dos Reys Catholicos para se despozar com o mesmo Monarcha, a cuja morte assistio com affecto de parente, e fidelidade de Vassalo. Ainda era secular, quando teve de D. Filipa de Macedo a D. Francisco de Portugal primeiro Conde do Vimiofo, que foy ornado de todas as virtudes moraes, e politicas, de quem faremos illustre memoria em seu lugar; a D. Martinho de Portugal Bispo do Funchal, e do Algarve, e a D. Beatriz, que morreo na flor da idade. Purificou a licenciõsa vida, que exercitara na adolescencia, com taõ virtuõsas obras, que fez no largo espaço do seu governo em beneficio das ovelhas, que ainda com perpetua faudade do seu nome he conhecido, e aclamado antonomasticamente por Bispo de Evora. Cumulado de heroicos merecimentos foy receber na Gloria o premio immortal em 24. de Abril de 1522. Jaz o seu Cadaver em hum sumptuõso maufoleo de alabastro fabricado com primorosa, e elegante architectura ao lado direito da Capella mòr do Convento dos

Eremitas Augustinianos, de que he Padroeira a Excellentissima Casa do Vimiofo, com este epitafio

Aqui jaz o Reverendissimo, e muito illustre Senhor D. Affonso de Portugal filho do Marquez de Valença Neto delRey D. Joãõ o I. de boa memoria, e herdeiro da Casa de Braganca. Foy Bispo desta Cidade; porque alem da sua devoçãõ quiz ElRey D. Joãõ o II. que fosse Clerigo. Falleceo aos 24. dias de Abril da Era de 1522.

Escreveo.

Traçtatus perutilis de Indulgentiis à Reverendissimo Domino Alphonso Eborensi Episcopo editus.

No fim deste tratado tem a seguinte obra
Traçtatus de Numismate ad Illustrissimum Emmanuelem Lusitaniæ Regem. Ulyssipone apud Monasterium Sancti Vincentii. Naõ tem anno da impressãõ.

Deste illustriissimo Prelado fazem memoria Damiaõ de Goes *Chron. delRey D. Manoel.* Part. 1. cap. 26. e 46. Part. 4. cap. 83. Fr. Ant. da Purific. *Chron. da Provincia de S. Agostinho de Port.* Part. 2. liv. 7. Tit. 6. §. 5. Rodrigo Mendes Sylva. *Catalog. Real de Espanh.* fol. 91. Fonsec. *Evor. glorios.* pag. 293. Francisc. de Santa Mar. *Diar. Port.* pag. 507. dizendo *compoz, e imprimio alguns Tratados cheyos de excellente doutrina, e de vasta erudiçãõ.*

AFFONSO DE PORTUGAL, como indica o appellido de geraçãõ illustre, e por intitudo Eremita Augustiniano, foy Lente de Theologia na Universidade de Lisboa, antes que fosse transferida para Coimbra conforme diz Fr. Antonio da Natividade nos *Montes de Cor.* Mont. 3. Cor. unic. n. 32. §. 1. Viveo até o anno de 1345.

Compoz

Commentaria in Magistrum Sententiarum. fol. M. S.

Delle se lembraõ Nicol. Antonio in *Bib. Hisp. Vet.* lib. 9. cap. 6. §. 270. Thom. Herr. in *Alphab. Augustin. e a Magn. Bibliothec. Ecclesiast.* pag. 319. col. 2.

Fr. AFFONSO DOS PRAZERES, chamado no seculo Affonso Furtado de Mendoga naceo na Villa de Penamacor da Provincia da Beira a 28. de Novembro de 1690. e foy bautizado pelo Illustriissimo Bispo

da Guarda, D. Fr. Luiz da Sylva, que depois foy Arcebispo de Evora. Foraõ seus Progenitores Jorge Furtado de Mendocça següdo Visconde de Barbacena, Alcaide mór da Covilhã, Comendador na Ordem de Christo, General da Artilharia, e Governador das Armas da Beira, e Anna Luiza de Hohenloe filha de Luiz Gustavo Conde de Hohenloe Senhor de Lagenburg Gentilhomem da Camara do Emperador Leopoldo, do seu Conselho de Guerra, e de Anna Barbara de Scomborn irmã do Eleitor de Moguncia o Arcebispo Joaõ Filipe de Scombrön. Estimulado do genio militar, que herdara de seus Mayores, assentou praça de Soldado, e taes proezas obrou em diversas Campanhas, até chegar ao posto de Sargento mór de batalha, que podia servir de exemplar aos Herões da sua familia, que em obsequio da patria derramaraõ animosamente o sangue, e offereceraõ as vidas. Movido de superior impulso resolveo alistarse em outra mais nobre milicia para conquistar hum Reyno, em que todos os Vassallos saõ Principes, e desprezando para este fim o esplendor do nascimento, e a primogenitura da Casa, suaves encantos com que o mundo o lizongeara, se recolheu na Religiaõ do Principe dos Patriarchas S. Bento, cuja monastica cogulla vestio no Convento de Tibaens a 13. de Mayo de 1713. Em o Noviciado praticou as virtudes de hum Religioso Veterano proseguindo no Claustro as que exercitara no Seculo sem que fosse necessaria direcção para se adiantar no caminho da perfeicção Evangelica. No Pulpito, e Confessionario era continuo devendose à madureza dos seus conselhos admiraveis transformaçoens em pessoas de diversos estados. Ambicioso de professar Instituto mais austero, e parecendolhe, que o de Monge consistia mais na vida contemplativa, que na activa, à qual se queria com mayor disvelo dedicar em beneficio dos proximos depois de assistir com exemplar procedimento na Religiaõ de S. Bento quatorze annos, passou com beneplacito dos Prelados para o Seminario de Varatojo, onde professou o habito Serafico em 13. de Março de 1727. Na companhia destes Varoens Apostolicos se inflamou com tanta vehemencia o seu espirito, que promptamente exerci-

tou os ministerios daquelle evangelico Instituto discorrendo grande parte do Reino a pée em continuas Missoens, a cujos brados despertaraõ muitos peccadores sumergidos no letargo da culpa, e sendo o seu principal intento colher copiosos frutos com a palavra Divina. Sempre a Corte o vio hospede julgando ser o seu terreno para esta sementeira infructuoso. Nas horas vagas destes evangelicos ministerios naõ satisfeito de instruir aos proximos com as vozes no Pulpito, e Confessionario, os doutrina com doutos tratados asceticos, dos quaes fomite sahio à luz o seguinte.

Maximas Espirituaes, e directivas para instrucção mystica dos virtuosos, e defenfa Apostolica da virtude fabricadas à luz da razão natural, estabalecidas na verdade da Sagrada Escritura, e confirmadas com as doutrinas dos Santos Padres. Tom. 1. Lisboa por Miguel Rodriguez 1737. 8.

Tom. 2. Lisboa pelo mesmo impressor, e no mesmo anno 8. e mais acrescentados Lisboa por Antonio Isidoro da Fonseca 1740. 4. 2. *Tom.*

AFFONSO REBELLO, natural de Lisboa, nobre por geraçãõ, e muito mais pelas heroicas façanhas obradas pelo seu braço na India Oriental. Foy ornado de hum genio facil para compor de repente versos jocosos, os quaes sempre foraõ ouvidos com applauso, e celebrados com admiraçãõ. Para explicar o jubilo com que em Goa fora recebido o insigne Heróe D. Luiz de Attayde Conde de Attougua quando no anno de 1577. entrou segunda vez a governar o Imperio Asiatico Portuguez, relatou em verso as Justas, que com igual pompa, que destreza fizeraõ os Portuguezes em applauso do mesmo Vicerey, cuja obra intitidou.

Torneys do Vicerey D. Luiz de Attayde. M. S. Morreo em Goa, onde deixou varias obras poeticas deste genero.

AFFONSO RIBEYRO PEGADO. Logo desde a puericia cultivou com tal inclinaçãõ a Poesia, que na idade adulta foy venerado pelos Corifeos desta divina Arte, como Oraculo, sendo Lisboa, e Madrid os famosos theatros onde mereceo a sua Musa os mayores

premios confessando os seus competidores a justiça com que de todos triunfava. No anno de 1622. em que foraõ Canonizados Santo Ignacio, S. Francisco Xavier, e Santo Isidro Lavrador sendo provocado pelos mayores engenhos de Madrid, onde entaõ assistia, compoz algumas Poésias, que estaõ insertas no livro intitulado *Relacion delas fiestas que hizo Madrid ala Canonizacion de Santo Isidro* Certam. 6. fol. 146. e Cert. 10. e no liv. *Relac. delas fiestas, que hizo el Colegio Imperial de Madrid ala Canonizacion de Santo Ignacio y S. Francisco Xavier* a fol. 90. Taõbem está hum Soneto seu no *Certame Poetico em louvor do Conde de Linhares* Lisboa por Giraldo da Vinha 4. naõ tem anno da ediçaõ Jacinto Cordeiro no *Elog. dos Poet. Portug.* se lembra delle nesta forma.

*Pegado en Helicon plaza assienta
Porque es ya con las Musas tan humano,
Que siendo en los concetos peregrino
Con tanta humanidad se haze divino.*

D. AFFONSO SANCHES, que com o seu nascimento illustrou a Provincia de Entre Douro, e Minho, foy o primeiro filho, que em o anno de 1286. teve D. Diniz 6. Rey de Portugal de D. Aldonça Rodrigues de Soufa, ou da Telha, como lhe chama seu filho o Conde D. Pedro no seu Nobiliario Tit. 36. e 57. Pellos singulares dotes do corpo, e do espirito, com que foy ornado, mereceo os mayores affectos de seu Pay, de que se originarãõ os tumultos populares contra a sua pessoa, dos quaes foy author o Principe D. Affonso excessivamente escandalizado, de que sendo successor da Coroa lhe preferisse a seu Irmaõ natural, em tantas demõstraçoens de amor, e estimaçaõ. Certamente naõ houve argumento algum de finesa, que ElRey com elle naõ praticasse nomeando-o com exemplo até entaõ raramente visto, seu Mordomo Mõr, e Senhor da Villa de Conde, Campo mayor, Varazim, Povia, Touguinha, e outros lugares. Naõ satisfeito com estas doaçõens lhe deu por conforto, em o anno de 1304. a D. Thereza Martins filha de D. Joaõ Affonso de Meneses Conde de Barcellos, e Senhor de Albuquerque, e de sua primeira mulher D. Thereza Sanches, filha natural de D. Sancho IV. de Castella; posto que

D. Luiz Salazar, e Castro nas *Glor. da Casa Farnes* pag. 577. naõ admitindo, que tivesse D. Joaõ Affonso de Meneses successãõ da primeira mulher D. Maria Cornel filha de D. Pedro Cornel Procurador Geral de Aragaõ primeiro Senhor de Aljafarim, e de sua mulher D. Urraca de Artal y Luna. Morto ElRey seu Pay succedendo no Trono D. Affonso seu Irmaõ rompeo contra elle em furiosos excessos dictados pelo odio, que alimentava no peito, mandando sequestrarlhe todos os bens, que possuia, e declarando-o por editaes publicos inimigo da Patria. Constrangido de tantas violencias fulminadas pelo furor de seu Irmaõ se retirou para a Villa de Albuquerque, que lhe deixára seu sogro, a qual se pode justamente gloriar de que fosse novamente por elle edificada, fortificando-a com muros, torres, e hum Castello inexpugnavel, em cuja porta está gravado o braçaõ das suas Armas, que igualmente publicaõ o nome do Fundador, como o dia, e anno da fundaçãõ, que foy a 4. de Agosto de 1314. Para de algum modo vingar as injurias, que injustamente recebera de seu Irmaõ, entrou armado por Portugal executando aquellas hostilidades, com que podia satisfazer a sua colera, até que por intervençaõ delRey de Castella foy restituído à graça de seu Irmaõ, e à posse de todos os bens, que lhe tinhaõ sido usurpados. Foy insigne em todo o genero de virtudes dignas de hum Principe; liberal para todos, affavel para os domesticos, e estranhos; religioso para Deos, e seus Santos. Exhortado por hum mysterioso sonho fundou o Convento de Villa de Conde, de que era Senhor, para Religiosas de Santa Clara, o qual alem de o edificar desde os fundamentos, o dotou com grande profusaõ em 7. de Mayo de 1318. Pagou o tributo de mortal no anno de 1329. conforme a melhor conjectura, e está sepultado com sua nobilissima Esposa no Convento de Villa de Conde com opiniaõ immemorial de Virtuosos, recorrendo à sua sepultura varias Pelloas dos lugares circumvesinhos para implorar remedio às suas afflicçoens. As Religiosas do Convento agradecidas ao beneficio, que continuamente recebem da sua protecçaõ, pertenderãõ, que se beatificassem as suas virtudes, para cujo

fim efcreveo, e imprimio no anno de 1726. o Padre Fr. Fernando da Soledade, Chronifta da Religiaõ Serafica da Provincia de Portugal, e Academico da Academia Real hum Memorial para constar na Curia Romana a fua heroica Santidade. O fepulchro, em que jazem os feus Corpos, he fabricado de obra, ainda que antiga, primorofa, e permanecendo muitos annos fora da Igreja, fe abrio depois hum Arco da Capella, em que ficou dentro recolhido, no qual fe lé o fequinte Epitafio.

Em eſta Capella jazem o muito eſclarecido Principe D. Affonſo Sanches filho delRey D. Diniz de glorioſa memoria Sexto Rey de Portugal com a muito excellente Madama D. Tareja Martins netta delRey D. Sancho, fundadores deſta Santa Caſa, a qual mandou fazer a muito virtuoſa Senhora D. Isabel de Caſtro primeira Abbadessa da Obſervancia deſta Santa Caſa em 1526.

Foy D. Affonſo Sanches ſummamente inclinado às ſciencias, e principalmente à Poefia, em que conforme o eſtilo daquelles tempos foy elegantiffimo, e como tal numerado por Manoel de Faria, e Soufa no *Epit. da Hiſt. Portug.* Part. 4. cap. 18. e Fr. Fernand. da Soled. *Hiſt. Seraf. da Prov. de Portug. novamente correct. e addicionad.* Part. 3. liv. 13. cap. 7. entre os Poetas inſignes deixando compoſto.

Varios verſos 1. Tom. M. S.

Delle, e de fuas acçoens fallaõ mais difuſamente Brand. *Mon. Luſit.* Part. 17. cap. 2. e 49. Brito *Elog. dos Reys de Portug.* pag. 53. Manoel de Faria, e Souf. *Epit. das Hiſt. Port.* Part. 3. cap. 7. Albuquerque *Comment.* Part. 4. cap. 50. Cardof. *Agiol. Luſit.* Tom. 1. pag. 8. no *Comment.* do 1. de Jan. let. D. F. Leaõ de S. Thom. *Bened. Luſit.* Tom. 1. Part. 1. cap. 9. Fr. Manoel da Eſperanç. *Hiſt. Seraf. de Prov. de Portug.* Part. 2. liv. 8. cap. 1. n. 2. e cap. 6. n. 3. Wading. *Annal. Ord. Min.* ad ann. 1318. n. 44, Joan. Soar. de Brit. in *Theat. Luſit. Litter.* lit. A. n. 16. F. Fernand. da Soled. *Memorial dos Inf. de Portug.* per tot. Souf. *Hiſt. Gen. da Caſa Real de Portug.* Tom. 1. liv. 2. cap. 1. pag. 239.

Fr. AFFONSO SUEYRO, natural da Villa de Aviz. Foraõ feus Pays Francisco de Azevedo, e Ifabel Soares. Deixando a

Patria, e juntamente o Mundo fe dedicou a Deos na Religiaõ dos Carmelitas Defcalfos da Provincia de Caſtella onde doutrinou aos feus domeſticos como Meſtre, que foy de Prima de Theologia, e os governou como Provincial. Teve grande talento para o Pulpito merecendo fer eleito Prégador delRey Catholico. Morreo com opiniaõ de virtude depois do anno de 1670. Deixou M. S.

Conſultas Canonicas, e Theologicas, e Moraes 2. Tom. em folha.

AFFONSO DE TOAR DA SYLVEYRA, natural da Attougua da Dioceſe de Lisboa. Deſpois de aprender as letras humanas paſſou a Coimbra, onde applicandoſe ao eſtudo da Theologia Eſpeculativa recebeu pela Univerſidade o grão de Bacharel nesta faculdade. Para divirtir o animo de applicaçoes mais profundas, e laborioſas compoz o Dialogo ſequinte.

Dialogo entre tres figuras, no qual ſe trata dos Lavradores com alguns louvores da vida paſſoril. Lisboa por Pedro Crasbeeck. 1630. 8.

AFFONSO DE TORRES. Naceo em a Cidade de Lisboa de illuſtres Progenitores, quaes foraõ Joaõ Ruiz de Torres Commendador de Monte Mór o novo da Ordem de Chriſto do Concelho delRey Filippe II. e D. Guiomar de Vilhena filha de Ruy Telles de Menezes Alcaide mór da Covilhaã, e de D. Leonor Manrique. Logo deſde a puericia foy inſtruido naquellas artes dignas do ſeu nacimiento. Chegando à idade adulta começou a aborrecer o ocio da patria, e aſpirar à gloria immortal, que ſe alcança pelas armas, para cujo nobre intento concorreo ſeu Pay mandando-o para Flandes, que naquelle tempo era o mais famoſo theatro de Marte, onde já como Soldado, já como Capitaõ executou ſingulares proezas. Reſtituido ao Reyno, caſou com D. Catherina Mondragon, de quem como da ſegunda mulher D. Magdalena Henriquez filha de D. Gonçalo da Coſta Armeiro mór não teve ſucceſſaõ. Paſſando a terceiras vodas ſe deſpozou com D. Violante Manrique ſua Sobrinha filha de Ayres de Soufa de Caſtro Commendador da Alcaçova em Santarem, da qual teve a D. Leonor Manrique, que caſou com ſeu Tio Francisco

de Mello, e Torres, Marquez de Sande, varaõ de summa prudencia, e profunda politica. A mayor parte da vida passou em Lisboa taõ inimigo de occupaçoens publicas, como amante da liçaõ dos livros. Foy versado na Historia, e principalmente em huma das mais nobres partes della, qual he a Genealogia escrevendo *Genealogias das Familias de Portugal*. 8. Tom. folh.

Estes Livros se acabaraõ no anno de 1630. cujos Originaes se conservaõ na Livraria do Excellentissimo Marquez de Abrantes dos quaes mandou extrahir huma copia excellentemente escrita Garcia de Mello, e Torres segundo Conde da Ponte neto do Author, que se guarda na sua Casa. Nesta grande obra se admira a vasta noticia da Historia, em que era profundamente douto Affonso de Torres, pois todas as familias, de que escreve, estaõ illustradas com noticias das nossas Chronicas, e varios documentos extrahidos do Archivo Real fazendo-se mais estimavel pella recta intenfaõ, com que as escreveo sem a menor preocupação de alguma paixãõ dominante, que o impellisse a descobrir o mais leve defeito no esplendor de tantas familias.

De outra obra diversa da precedente se lembra Manoel de Galhegos na Prefaçãõ do *Templo da Memoria*, onde fallando do quanto trabalhou para este Livro affirma *saõ tiradas estas noticias, humas dos Nobiliarios, e dos Annaes de Espanha, outras de papeis authenticos, e Chronicas deste Reyno, em particular de huma, que está para dar à estampa Affonso de Torres, donde se inclue tudo o que he historico de Portugal*. Delle fazem memoria D. Franc. Manoel na Carta escrita a Manoel Themudo da Fonseca, que he a *primeira da 4. Cent. das suas Cart.* D. Luiz Salaz. e Castr. *Hist. Gen. da Casa de Sylv.* Part. 2. liv. 9. cap. 26. n. 18. Joan. Soar. de Brit. in *Theatr. Lusit. Litter.* letr. A. n. 17. e o Padre D. Ant. Caet. de Souf. no *Appar. à Hist. Gen. da Casa Real de Portug.* pag. 71. §. 54.

AFFONSO DO VALLE, natural dos Arcos de Valdevez, no Arcebisnado de Braga, e filho de Affonso Annes, e Catharina Annes entrou por Coadjutor temporal da Companhia de Jesus no Collegio de Coimbra a 11. de

Janeiro de 1589. quando contava 22. annos de idade. Foraõ singulares as virtudes, que practicou, assim no estado de secular, como de Religioso pelas quaes mereceo alcançar feliz morte a 6. de Março de 1648.

Compoz (saõ palavras do Padre Antonio Franco Imag. da virtud. do Nov. de Coimb. Tom. 1. cap. 58. escrevendo a vida deste Irmaõ) tres livros espirituaes todos da sua letra.... hum destes livros era de Meditaçoens, o qual por sua morte desapareceu; o segundo de exemplos donde tirava historias com que era gratissimo aos oivintes: o terceiro era hum livrinho de sentimentos seus. Destes transcreveo o Padre Franco grande parte na obra affima allegada, que se podem ler desde o cap. 55. até 57. nos quaes escreveo seu author todos os successos da sua vida antes de ser Religioso, e depois, que professou o instituto da Companhia de JESUS.

AFFONSO DE VALERA, natural de Villanova de Portimaõ no Reyno do Algarve, e morador em Lisboa, onde casou, e morreo. Foy muito applicado ao estudo das letras humanas, e principalmente à composiçaõ de versos na lingua materna, em que naõ foy infeliz a sua Musa. Tinha prompto para se imprimir em o anno de 1600. a obra seguinte.

Armonia espiritual dividida em sette tomos sobre os passos principaes da Vida de Christo Senhor Nosso.

Outro que tratava de *Cavallarias*.

D. AFFONSO DE VASCONCELLOS, e MENEZES, natural de Lisboa filho II. de D. Joaõ de Menezes e Vasconcellos II. Conde de Penella, Vedor da Fazenda, que servio pelo largo espaço de defeseis annos, e de D. Maria de Attayde filha de D. Joaõ de Soufa Capitaõ dos Ginetes do Infante D. Fernando. Foy ornado de partes dignas de seu illustre nascimento pelas quaes merecendo occupar os lugares, que tiveraõ seus Mayores, naõ exercitou outro mais, que o de Capitaõ dos Ginetes de ElRey D. Joaõ o III. por Alvará passado a 5. de Mayo de 1526. e o foy taõbem delRey D. Sebastiaõ até o anno de 1573. em que morreo, succedendolhe Fernaõ Martins Mascarenhas. Ca-

fou com D. Guiomar Soares herdeira de Lopo Soares de Albergaria Governador da India, de quem não teve descendencia. Escreveo.

Carta a ElRey D. Joaõ o III. em 8. de Novembro de 1547. Começa. Se a grandexa, virtude, e consciencia de V. A. &c.

He huma forte investiva contra este Principe arguindo-o de injusto por não ter premiado os seus merecimentos.

AFFONSO VAZ DA COSTA Insigne Musico do seu tempo, ou cantando, ou compondo, pelas quaes partes mereceo em Roma, para onde na flor da sua adolescencia partira, os applausos dos mayores professores desta Arte. A fama, que corria da sua grande sciencia obrigou a que fosse convidado com largos partidos para Mestre de algumas Cathedraes, sendo provido primeiramente na de Badajoz, e ao depois na de Avila, onde por largo tempo ensinou Musica assim practica como especulativa, sahindo da sua escola taes discipulos, que depois affombraraõ como Mestres a toda Espanha. Morreo em Avila no principio do Seculo passado.

As suas obras Musicas principalmente as sagradas mandou procurar o Serenissimo Rey D. Joaõ IV. insigne professor desta Arte, e com ellas ornou a sua Bibliotheca Real da Musica.

AFFONSO VILHAFANHE, GIRAL, E PACHECO, a quem huns fazem natural do Porto, e outros de Almeйда. Foy homem mercantil, e hum dos mais peritos Arithmeticos, que houve no seu tempo, como claramente o manifesta a obra seguinte.

Flor de Arithmetica necessaria ao uso dos Cambios, e Quilator do ouro, e prata, livro o mais curioso, que tem sabido. Lisboa por Giraldo da Vinha. 1624. 8.

AGOSTINHA BARBOSA DA SYLVA igualmente douta na lingua Latina, que na Architectura, de cujo grande talento, que floreceo pelos annos de 1674. como das suas obras, que compoz, fazem merecida lembrança Diogo Manoel Ayres de Azevedo *Portug. Illustrad. pelo sex. fem.* pag. 81. §. 17. e Damiaõ de Froes Perim no *Theat.*

Heroin. das mulher. Illust. Tom. 1. pag. 114. Deixou composto na lingua Latina.

Vida dos cinco primeyros Reys de Portugal, e na vulgar

Tratado de Architectura, e Arithmetica o qual sahio em Castella com o nome de Pedro de Albornoz.

FR. AGOSTINHO DE AZEVEDO Religioso professor dos Eremitas Augustinianos da Congregação da India, e muito versado em as noticias historicas das acçoens, que obraraõ os Portuguezes em todo o Oriente escrevendo

Appontamentos sobre as couzas da India, e Reyno de Monomotapa, cujo Original escrito na lingua Portugueza se conserva M. S. em folha na Bibliotheca delRey Catholico como affirma o moderno Addicionador da *Bib. Orient.* de Antonio de Leaõ Tom. 1. Tit. 3. col. 77.

AGOSTINHO BARBOSA, hum dos mais famofos varoens, que produzio Portugal para credito, e ornato da Republica Litteraria. Naceo na celebre Villa de Guimaraens a 17. de Setembro de 1590. sendo filho do Licenciado Manoel Barbofa, que illustrou as Leys do Reyno com doutos commentarios, de quem em seu lugar se fará distincta memoria, e de sua mulher Isabel Vaz da Costa. Como a natureza queria formar nelle hum monstro de Sabedoria se anticipou a ornallo de juizo penetrante, memoria tenacissima, comprehensão prodigiosa, e engenho admiravel, cujos dotes de tal sorte brilharão na idade pueril, que seu Pay com exemplo nunca visto lhe ensinou primeiramente fallar a lingua Latina, que a materna, percebendo com tal velocidade os primores daquelle idioma, que com palmo, e admiração dos seus Veteranos professores, quando ainda não contava quinze annos, publicou hum Vocabulario Portuguez, e Latino igualmente douto, e facil para a instrucção da Gramatica Latina. Deixada a Patria passou a Coimbra mais para ensinar, que para aprender, onde applicando-se ao Direito Cesareo, e Pontificio pelo espaço de dez annos, graduado nestas Faculdades para claro argumento de que sempre fora Mestre, e nunca discipulo publicou as

doutiſſimas Remiſſoens ao Concilio de Trento, cuja obra foy recebida com tanto applauſo pelo Orbe Litterario, que em diverſas partes delle ſe vio reproduzida em multiplicadas ediçoens. Ambicioſo da communicaçã de Varoens Sábios imitando a Pythagoras, e Plataõ, que com largas peregrinaçoens buſcaraõ eſte erudito commercio, diſcorreos pellas famoſas Uni-verſidades de Italia, França, e Alemanha, onde teve tantos admiradores do ſeu profundo talento, quantos eraõ os que com elle practica-vã, como foraõ Martinho Bonacina, Joaõ Antonio Maſſobria, Juliano Viviano, Belchior Lotterio, Antonio Ricciolo, Felix Contelorio, Mario Antonino, Sigifmundo Scacia, e Eſtevaõ Graciano contrahindo com elle todos eſtes celebres Varoens a mais eſtreita amiſade, ou foſſe pella docilidade do genio, ou pela ſympatia da ſciencia. Mayores veneraçoens alcançou em Roma, que como cabeça do mundo ſoube conhecer com mais viva penetraçã a profundidade das ſuas letras. Declarouſe ſeu Mecenas o Cardial Joaõ Garcia Mellino, e para de algum modo premiar o ſeu merecimento lhe alcançou da Santidade de Urbano VIII. a Theſouraria mór da Collegiada de Guimaraens em que foy provido tendo largado a Abbadia de Mentreſtido. Naõ permitio a Curia, que eſti-veſſe para ſeu beneficio ocioſa a capacidade de taõ grande homem, e para eſte fim ſendo Prothonotario Apoſtolico foy eleyto Cenſor de livros, e Conſultor da Sagrada Congregaçã do Index. Era taõ clara a fama do ſeu nome, que chegando os ſeus eccos à noticia do Duque de Saboya Carlos Manoel, o chamou de Roma, offerecendolhe generoſos donativos para que foſſe habitar na ſua Corte. Semelhante obſequio lhe fez a Republica de Veneza mandando aos ſeus Embaixadores Frãciſco Cornaro, e Joaõ Juſtiniani, que o conduſſem em ſua companhia no anno de 1634. para illuſtrar como Meſtre a ſua Uni-verſidade. Naõ foraõ poderoſas todas eſtas perſuaſoens authorizadas com a efficacia de taes Principes para que deixaffe Roma, onde preferindo o eſtudo à conveniencia paſſava taõ falto dos bens da fortuna, como abundante dos dotes da natureza. Habitava em huma caſa humilde contigua ao Convento dos Religioſos Minimios onde comia huma

ſó vez no dia. A ſumma pobreza, que o reduſia a tanta abſtinenca, lhe negava com que pudeffe comprar livros para adiantar as ſuas doutes compoziçoens. Para reparo deſta falta taõ noci-va ao progresso dos ſeus eſtudos, tinha contrahido pela innocencia da ſua vida, e affabilidade do ſeu genio amiſade com todos os Livreiros, em cujas caſas eſtudava deſde a menhaã até à tarde, donde voltando para a ſua, era tal a tenacidade da memoria, que naõ ſomente levava nella fixas as opinioens, e reſoluçoens dos Dou-tores, que lera, mas ainda o numero das paginas, e dos paragrafos dos livros onde eſtavaõ. Na diuturna aſſiſtencia, que por duas vezes fez em Roma, como experimentaſſe a fortuna pouco favoravel aos ſeus deſignios paſſou a Madrid para com a mudança da terra melhorar de eſtado. Neſta Corte apreſentou á Mageſtade de Filippe IV. hum douto Memorial, em que relatava com grande ſinceridade os relevantes ſerviços, que tinha feito tanto em obſequio da Igreja, como da Monarchia, pelos quaes eſperava adequada remuneraçã da liberalidade Real. Atendendo Filipe IV. a taõ altos merecimentos o nomeou em 26. de Fevereiro de 1648. Biſpo de Ughento no Reyno de Napoles ſuffraganeo do Arcebiſpado de Otranto. Tanto que recebeo a noticia deſta dignidade partito para Roma, onde na Igreja de N. Senhora do Populo foy Sagrado pelo Cardial dela Cueva em 5. de Abril do meſmo anno. O cuidado das ſuas ovelhas o chamou com toda a brevidade para que entraſſe no Biſpado em 10. de Mayo de 1649. onde deſempenhou as obrigaçoens de vigilante Paſtor, viſitando toda a Dioceſe, e reformando os abuſos, que pela inercia de outros Prelados ſe tinhaõ eſcandalofamente introduſidos. Nas horas vagas do miniſterio paſtoral continuava ſuas compozições com indefeſſa applicaçã para com ellas utilizar a republica litteraria. Porẽm quando parecia, que era mais neceſſaria a ſua duraçã, foy accommetido de huma leve in-fermidade, que degenerando em mortal o avisou de ſer chegado o termo da ſua vida. Preparouſe para eſta luta com as armas dos Sacramentos, e recebidos com ſumma piedade eſpirou ás ſette horas da noute no ſeu Palacio Epifcopal em 19. de Novembro de 1649. quando contava 60. annos de idade.

O feu cadaver foy sepultado na Cathedral junto da Capella mór, em cujo mausoleo tem gravado o seguinte epitafio composto por feu Irmaõ Simaõ Vaz Barbofa Conego de Guimaraens.

D. O. M.

Augustino Barbofæ J. C. patria Lusitano ex urbe Uimaranensi; Emmanuelis Barbofæ J. C. celebrimi, & in Regno Lusitanæ Regis Procuratoris filio. Ingenio, doctrina, eruditione, discendi cupiditate libris etiam in adolescentia editis admirabili, qui Romæ Pontificij Juris volumina viginti duo, de Jure Civili dedit in lucem octo, alia posthuma reliquit edenda; qui que ab Urbano VIII. Vimarenfis Ecclesæ Thesaurarius, à Philippo IV. Rege Catholico ob eximia merita, doctrinæque famam ad Episcopatum Ugentinum; ab Innocentio X. magnis cum laudibus approbatus, non sine dolore mæstissimorum hominum, omniumque suorum fletu intra curæ pastoralis annum extinctus est anno salutis humanæ MDCXLIX. ætatis suæ LX. die XIX. Novembris.. Vivet in futurum fama virtutum, et in suorum operum æternitate semper immortalis. Simon Vasius Barbofa Vimarenfis Canonicus germanus frater amantissimo fratri tamquam parenti cum lacrymis posuit anno Domini. MDCLI.

Este foy Agoftinho Barbofa, cuja memoria será celebre nos fastos da eternidade merecendo pela sua sciencia os applausos dos Pontifices, Monarchas, e Varoens mais famosos da Republica literaria. A Santidade de Urbano VIII. além de o ennobrecer com hum Breve passado em 18. de Agosto de 1626. em que lhe louvava as suas obras, fazia dellas taõ particular estimaçaõ, que no primeiro dia, que lhe beijou o pè o Marquez de Castello Rodrigo Embaixador de Philippe IV. o levou à Camara onde dormia, e nella lhe mostrou as suas obras como a mais preciosa alfaya daquelle apofento. ElRey Catholico quando o nomeou Bispo, lhe engrandeceo a sua virtude, letras, e vida exemplar, esperando de taõ sublimes dotes, que seria a Igreja perfeitamente regida. Os Bispos de França, Italia, e Catalunha obrigáraõ com Constituiçoens Synodaes aos seus Cleros, que para se fazerem dignos Ministros do Altar, estudassem sómente pelas suas obras. Leaõ

Allatio *Apes Urban.* pag. 530. lhe chama *doctissimum, & in Canonicis quæstionibus decidendis, ac rebus Ecclesiasticis versatissimum.* Miguel Joaõ de Vimbodi in *Med. Anim. Vir raris doctrinæ ornamentis excultus, cujus ingenij candorem assiduamque in scribendo studiū sæpius nos experti, variaq̃ ipsius opera Orbi proposita ad posteritatem non ingrata testabuntur.* Joan. Nic. Erithræus, alias Joan. Victorius de Rossi in *Pinacoth. Vir. illust. Memoria erat summá, singulari, incredibili; hæc erat illi pro Bibliotheca, imo hæc omnes omnium Bibliothecas superabat.* Fr. Lud. à Concept. in *Exam. Verit. Theol. Moral. Tract. 3. Part. 1. cap. 2. Corollar. 1. n. 1. Doctõr Sapientissimus.* Lorenç. Gracian. no *Critic. Part. 1. Crif. 11. Diõ fortuna un reves de pobreza a un Agustín Barbofa, y otros hombres, quando deviera hazerles mercedes.* e *Part. 2. Crif. 12. Con estas penas de Fenix escriviéron Baronio, Bellarmino, Barbofa &c. D. Franc. Moren. Porcel no Retrat. de Manoel de Faria, e Souf. § 75. Celeberrimo Doctõr, e Ilustrißimo Obispo.* D. Joaõ Castilho Sotom. in *Tom. 7. de Tertiis cap. 41. n. 179. Agnoscimus namque eum summo labore, & ingenti cura, & deligentia tam in aliarum rerum commentariis, quám in cumulandis omnium facultatum authoribus, totiusque juris Canonici decisionibus, atque ex illis conclusionibus deductis ad summam quamdam reducendis, & exornandis magnum reipublicæ beneficium, universamque omnium utilitatem se habuisse.* Theophilus Raynaud. in *Breviar. Christ. Chronolog. Classe Ult. insignis Augustinus Barbofa.* Luiz Muñõs Vid. de Fr. Luiz de Granad. lib. 3. cap. 7. *conocido por sus muchos y doctos escritos.* Julius Vinfodinus in *Rep. Can. Cap. sup. spec. de Magistrat. Part. 2. n. 82. Augustino Barbofa studiosi omnes, atque universa respública litteraria propter rarum, & admirabile ejus ingenium, summamque in scribendo dexteritatem plurimum debet, qui non inanis tituli gloria ductus, sed communi utilitatis commodo inflamatus maxima nominis celebritate per plures annos absque ulla usque hac honestissimorum suorum laborum remuneratione in suis libris edendis plurimum insudavit, & utiliter laboravit.* Ughello *Ital. Sacr. tom. 9. pag. 149. sub tit. Episcop. Uxentin. Scriptis suis, & libris editis Christiano*

Orbi celeberrimus, omniumque existimatione præclarus. Albert. Aldan. in *Comp. Can. Dec.* cap. 3. n. 21. *Vir doctissimus, qui feliciter in Romana Curia ne ibi tunc degente in diversisque Italiae partibus quam plurima suo ingenio dignissima universis idem tunc utilissima opera indefesso studio elaboravit, & in lucem edidit.* Contelor. de *Canonis. Sanct.* cap. 15. n. 15. *eruditissimum* o appellata. Salgad. de *Retent. Bullar.* Part. 2. cap. 30. n. 45. *in suis singularibus, multisque commentariis in lucem editis, & edendis.* D. Laurent. Ramir. del Prad. in *Allegat. de Præced. D. Petri de Vivanc. e Villa Gom. in Concil. S. Cruc.* n. 8. *Augustinus Barboza nulli in componendis, & dirigendis Jurisprudentiæ rebus secundus; e em o n. 73. in Glos. Doctissimus August. Barboza indefessi laboris, & exantblata eruditionis Magister.* Macedo in *Lusit. Insulat.* pag. 110. *Magni nominis Jurisconsultus.* Fr. Manoel da Esper. *Hist. Seraf. da Provincia de Port.* Part. 1. Liv. 1. cap. 49. n. 4. *Doutor insigne.* Lud. Jacob. a Santo Carol. in *Bibliothec. Pontif.* lib. 1. Lit. G. *Autor percelebris.* Joan. Soar. de Brit. in *Theatr. Lusit. Litter.* let. A. n. 138. *Vir plane scribendo inexhaustus, & indefessus, & hac parte tum etiam scriptorum methodo, Stitlique nitore, ac facilitate cum celebrioribus ævi cujusque merito componendus. Fuit enim hujus ætatis portentum, & juris antesignanus, omnique laude maior.* Lorenço Craff. *Elog. d'Hum. Litterat.* Part. 2. pag. 256. *Niegar non si dee ad Agostino quella gloria, ch'è douuta alle sue fatiche, al suo merito. Poiche indubitabilmente affermar si puo ch'egli tra moderni Canonisti habbia occupato il primo luogo.* O Padre Agostinho de Castro da Companhia de JESUS, orando nas suas Exequias disse com eloquente energia. *Si al numero de los escritos corresponde el delas luzes, mas rayos tendrá el rostro del D. Agustín Barboza, que los podemos contar al Sol. Veinte y uno tomos de diferentes, e grávissimas materias dexò estampadas, doze acabados para estampar que seran postumos todos, hazen treinta, y tres, que siendo superiores a los mas en los aciertos lo son en el numero a todos, pues ninguno escritor há tenido la Iglesia, que le haya dado tantos. Diezysiete dexo há quatro siglos el Angelico Doctor Santo Thomaz; veinte y quatro dos siglos há el*

Abulense; en este siglo mas fertil desles frutos estampò dela Theologia Escolastica veinte y uno el Padre Suares: de controversias contra hereges diezysiete Jacobo Grethsero; dela exposicion de toda la Escritura Sagrada viene y uno Cornelio Alapide; pero ni en este siglo, ni en los passados há havido quien llegue a treinta y tres. Nic. Ant. in *Biblioth. Hisp.* tom. 1. pag. 135. *Plane libris suis Jurisprudentiam, & Canonum Sacrorum Studiosos mire instruxit, ut pro integra Bibliotheca Pontificij saltem Juris unus Barboza deservire posse videatur.* Francisco Leitaõ Ferreira. *Not. Chronol. da Univ. de Coimbr.* pag. 121. n. 292. *Ihe chama celebre, e pag. 570. n. 1207. insigne.* Souza de Maced. *Flor. de Espan.* cap. 2. Excel. 1. letr. G. *doutissimo.* Manoel de Far. e Souf. no *Catal. dos Auth. Portug.* cujo Original tivemos em nosso poder, e he muito mais diffuso, e totalmente diferente do que imprimio no *Epitom. das Hist. Portug.* Part. 5. cap. 15. fallando de Agostinho Barboza diz: *Tiene escrito muchos volumenes en derecho, que son alivio delos Jurisconsultos.* Carvalho Corog. *Port. Tom. 1. Trat. 1. cap. 18. Não he necessario para encarecer suas letras mais, que nomeallo, e fica conhecido, não só em Portugal, mas em todos os Reynos estranhos, onde se estimaõ os seus livros assim no secular, como no Ecclesiastico, pela reputação da sua doutrina.* Capassi *Hist. Philos.* p. 453. Brentan. *Epitom. Chronolog.* ad an. 1649. Souza no *Cathalog. Hist. dos Bisps. que tiveraõ Diecese fora deste Reyno.* pag. 105. Simon *Biblioth. Historiq. des Autheurs du Droit.* Tom. 1. pag. 33. e Fr. Bento Jeronymo Feijoo *Theatr. Crit.* tom. 4. Disc. 14. n. 11. onde segue a errada opiniaõ de alguns escritores, de que as primeiras obras que produzio Agostinho Barboza, não eraõ suas, mas de seu Pay Manoel Barboza.

Cathalogo das obras impressas.

Dictionarium Lusitano-Latinum. Bracharæ Augustæ apud Fructuosum Laurentium de Bafto. 1611. fol. Foy dedicado a D. Fr. Prudencio do Sandoval Bispo de Tuy.

Remissiones Doctorum in varia loca Concilij Tridentini. Ulyssipone apud Petrum Craesbeeck. 1618. 4. Toleti, Brixia 1620. Antuerpia, e Lugduni in 8. & ibi apud

Laurent. Durand. 1642. fol. & 1657. fol. & ibi apud Aniffon et Possuel 1721. fol. Venet. per Dominic. Lovifa 1726. et ibi per eumdem 1735. fol.

Castigationes, additamenta, & Remiffiones Parentis fui in Ordinat. Regias Lusitanas. Ulyffipone apud Petrum Crasbeeck 1620. fol. Desta obra confessa o Licenciado Manoel Barbosa ad lib. 4. Ordinat. Tit. 97. n. 4. que grande parte della compuzera feu filho Agostinho Barbosa. *Nostras lucubrationes miro ordine disposuit, multa addidit, & quæstionum, quas remiffive colligebam, iterum Doctores percurrens dubia aperuit, & obscura explanavit.*

Remiffiones Doctorum de dictionibus, et clausulis. Romæ per hæredes Bartholamæi Zanetti. 1621. 4.

De Officio, et potestate Episcopi tripartita descriptio. Romæ typis Rev. Camer. Apostol. 1623. fol. et. Paris. apud Michael. Sonium 1625. fol. Venetiis per Guilielm. Facciotum. 1639. 4. et Lugdun. apud Laurent. Durand. 1628. fol. 2. Tom. cum additam. ibi apud Philip. Borde, Laurent. Arnaud. et Claud. Rigaud. 1650. fol. e pelos mefmos 1656. fol. & ibi sumptibus Aniffon, & Possuel 1724. fol. 2. Tom. Venet. apud Dominicum Louifa 1726. fol. et ibi per eumdem 1735. fol.

Formularium Episcopale in quo variæ continentur formulæ ad Episcopalem Jurisdictionem rite, et recte exercendam maximè utiles, & necessaria. Colon. Agripin. 1681. 4. & Lugd. sumptibus Aniffon et Possuel 1724. fol.

Variæ Juris tractationes in quibus continentur quinque Tractatus legales juxta seriem alphabeticam miro ordine dispositi. Prima de axiomaticis Juris, usu frequentibus. Secunda de Appellativa verborum significatione. 3. de locis communibus argumentorum Juris. 4. de Clausulis usu frequentibus. 5. de Dictionibus usu frequentioribus. Lugduni apud Laurent. Durand. 1631. fol. & ibi apud Laurent. Arnaud. 1644. fol. & ibi sumptibus Proft. Arnaud. et Rigaud. 1660. fol. Argentorati 1652. 4. & Lugduni apud Aniffon et Possuel. 1718. fol. Venet. apud Dominic. Lovifa 1722. & ibi per eumdem 1735. fol.

De Officio, et potestate Parochi. Romæ apud Guilielm. Facciotum. 1632. fol. et ibi apud

Camerales. 1622. Mais acrecentado Lugd. apud Lauren. Durand. 1634. *cum additionibus* ibi apud Laur. Arnaud. 1640. et 1665. et Venetiis apud Sarzinam. 1641. 4. et Lugd. apud hæredes Proft. Borde et Arnaud. 1648. 1655. Venetiis apud Antonium Mora 1720. 4. & ibi sumptibus Aniffon, & Possuel 1723. fol. Venetiis apud Dominic. Lovifa 1726. et ibi penes eumd. 1735. fol.

De Canonicis et dignitatibus aliis, quæ inferioribus Beneficiariis Cathedralium, et Collegiarum Ecclesiarum, eorumque officiis tam in choro, quam in Capitulo. Romæ apud Franc. Corbelletum. 1632. 4. Venetiis apud Thadæum Pavonium. 1641. 4. et ibi apud Sarzinam. 1641. 4. Mais adicionado Lugdun. apud Laurent. Durand. 1634. fol. & ibi apud Laurent. Arnaud. 1640. & ibi per hæredes Proft. Borde, & Arnaud. 1648. & 1658. fol. & ibi apud Aniffon, & Possuel. 1718. fol. Venet. per Dominic. Lovifa 1726. fol. & ibi 1735 fol.

Tractatus de Jure Ecclesiastico Universo in quo de personis, et locis Ecclesiasticis plenissime agitur tomi duo Lugd. apud Laurent. Durand. 1634. fol. et ibi apud Petrum Proft. Philip. Bord. et Laur. Arnaud. 1645. et iterum apud. eosdem 1650. in fol. & ibi sumptibus Aniffon et Possuel. 1718. fol. 2. Tom. Venet. per Dom. Louifa. 1726. & ibi 1735. fol.

Praxis exigendi pensiones contra calumniantes, & differentes illas solvere, cui accefferunt vota aliquot decisiva, & consultiva Canonica. Barcinone apud Gabrielem Nogues. 1635. fol. et Lugd. apud Laurent. Durand. 1636. et 1643. & ibi sumptibus Philip. Bord. Laurent. Arnaud., & Claud-Rigaud. 1653. fol. & ibi sumptibus Aniffon, & Possuel 1722. fol. Venet. per Domin. Louifa 1726. & ibi per eumdem Typ. 1735. fol.

Collectanea Bullarum, aliarum ve summarum Pontificum Constitutionum, nec non præcipuarum Decisionum, quæ ab Apostolica Sede, ac sacris Congregationibus S. R. E. Cardinalium Romæ celebratis usque ad annum 1633. emanarunt. Lugd. apud Laurent. Durand. 1634. 4. & ibi 1637. Venetiis apud Jacobum Sarzinam 1636. 4. & Lugd. sumptibus Aniffon, et Possuel. 1721. fol. Venet. apud Dominic. Louifa 1726. & ibi 1735. fol. Depois com o titulo.

Summæ Apostolicarum Decisionum. Lugdun. apud Petrum Philip. Borde, & Laurent. Arnaud. 1645. et 1658. Genevæ apud Joan. de Tournes 1650. fol. & Lugdun. apud Anisson et Possuel. 1722. fol.

Collectanea Doctorum, qui in suis operibus varia loca Concilij Tridentini incidenter tractarunt. Lugd. apud Laurent. Arnaud. 1634. Iterum multis Doctorum allegationibus, ac ipsius textu exornata ibi 1641. fol. & ibi apud hæred. Proft. Borde, & Arnaud. 1645. & ibi per eosdem 1657. fol. Vallisoleti apud Hieronym. Morillo 1621. 4.

Collectanea Doctorum tam venetum, quàm recentiorum in Jus Pontificium Universum in quatuor Tomos divisa. Romæ apud Impressores Camer. Apostol. 1626. e 1629. fol. Lugd. apud Laurent. Durand. 1636. fol. 5. Tom. & ibi apud hæred. Philip. Proft. Borde, & Arnaud. 1650. e 1656. 6. tom. in fol. & ibi sumptibus Anisson, & Possuel 1716. fol. 6. tom. & Venetiis apud Dominicum Lovisa 1722. fol. & ibi per eumdem 1735. fol.

Selectæ Juris Universi interpretationes addendæ Collectaneis Doctorum super quinque priores Decretalium libros. Romæ apud Franciscum Corboletum. 1626. fol. Lugd. apud hæredes Proft. Bord, & Arnaud. 1648. & per eosdem 1656. fol.

Collectanea Doctorum in Jus Civile Universum in duos tomos divisa. Primus continet Collectanea in tres priores libros Codicis. Secundus Collectanea in quartum, & quintum ejusdem Codicis. Lugd. apud Gabrielem Boissat 1638. & ibi per hæredes Proft. Borde, e Arnaud. 1648. & ibi per eosdem 1657. & 1660. fol. & ibi sumptibus Anisson, & Possuel. 1720. fol. 2. tom. & Venet. apud Dominic. Lovisa 1726. & ibi per eumdem 1735. fol.

Memorial a la Catholica, y Real Magestad de Filipe IV. sobre la remuneracion de sus estudios tambien logrados en utilidad publica con la impresion de veinte y un tomos en las facultades de Canones, y Leys muchas vezes sacados à luz en diversas partes de Europa. Madrid en la Imprenta Real. 1640. 4.

Repertorium Juris Civilis, & Canonici ex variis Augustini Barbosa scriptis collectum. Lugd. sumptibus Joan. Antonii Huguetan, & Guil-

lielmi Barbier. 1668. fol. Esta obra sahio posthuma por deligencia de seu Irmaõ Simaõ Vaz Barbosa.

Compoz Agostinho Barbosa doutissimas Allegaçoes contra Balthesar Dias da Fonseca, que repugnava pagarlhe a pensaõ da Thesouraria môr de Guimaraens, que nelle tinha renunciado, cuja controversia durou o largo espaço de quatorze annos, sendo as principaes as seguintes, que todas vimos.

Allegatio Juris unâ cum summario scripturarum in Sacra Rota productarum in propria causa Bracharensis Regressus, sive ingressus ad Thezaurariam. Romæ apud Franc. Caballum 1630. fol.

Por el Doctor Agustín Barbosa con Balthazar Dias de Afonseca sobre el valor de los mandatos, sentencias, Censuras, y sequestros del Auditor dela Camara Apostolica, y Sagrada Rota de Roma. fol. sem lugar, e anno da impressaõ.

Bracharensis Regressus, sive ingressus ad Thezaurariam. in fol. sem lugar, nem anno da edicãõ.

Informaciones en hecho y derecho en la causa dela penson y regresso que el Doctor Agustín Barbosa tiene canonizado ala Thesoraria mayor dela Colegial de Guimaraens contra Balthazar Dias da Fonseca intruso. Madrid en la Imprenta Real. fol.

Verdadera informacion en la causa del Doctor Agustín Barbosa con Balthazar Dias da Fonseca intruso sobre la Thezoraria dela Colegial de Guimaraens con el derecho en que se funda la justicia de su pertencion, y con las razones, conveniencias, y particulares respetos, que obligan precisamente a que remita esta Causa a quien toca, y se abstengan los seglares del conocimiento della. Escrita en Madrid a 22. de Setembro de 1638. fol. Naõ tem anno da impressaõ.

Por el D. Agustín Barbosa con Balthazar Dias de Afonseca sobre se hade tener efecto al auto de fuerça dado en esta causa por el Jues dela Corona Real del Puerto en que mandò remitirla al Ordinario, y alçar las censuras en la Declaratoria que puso el executor delas letras Apostolicas de penson el dicho Balthesar Dias por nõ haver pagado ciertas pensiones decursas dentro en el termino que se le señaló. Madrid por Andres de Parra. 1654. fol.

Alegacion de derecho sobre la Nulidad del

matrimonio de D. Lorença de Cardenas con D. Francisco Orense Manrique. fol. Naõ tem lugar, anno, ou nome de Impressor.

Obras, que se naõ imprimiraõ, das quaes já promptas para a impressãõ está o cathalogo no *Collectanea Doctorum tam veterum, quam recentium in Jus Pontificium.* Romæ apud Typog. Rev. Camer. Apostolicæ 1626. no principio; e no Memorial que fez a Philippe IV. pag. 39. v.º e saõ as seguintes.

Collectanea in 6. 7. 8. & 9. lib. Codicis. fol.

Collectanea in 10. 11. & 12. posteriores libros Codicis. fol.

Collectanea in Authenticorum feudorum, & Institut. libros. fol.

Collectanea in libros 12. priores Digesti Veteris. fol.

Collectanea in alios libros 12. posteriores ejusdem Digesti Veteris. fol.

Collectanea in libros septem Priores Digestorum Juris Cæsarei secundæ Partis, quod vulgo Infortiatum dicunt. fol.

Collectanea in alios septem posteriores ejusdem Infortiati libros. fol.

Collectanea in Digestum novum. fol.

Canonicarum Repetitionum libri duo, in quibus difficiliores Juris Pontificij Decretales enucleantur, interpretanturque. fol.

Vota Decisiva Canonica Tom. secund. fol.

Commentaria in Ordinationes Regias Lusitanorum cum concordantiis utriusque Juris, Legum, & statutorum aliarum Provinciarum in quibus novæ circa Officiorum creationes, judiciorum ordinem, contractuum, ultimarum voluntatum, & delictorum materias plura cumulantur, decidunturque nostris, & alienigenis perutilia, & necessaria. fol.

Fr. AGOSTINHO BELLO, Eremita Augustiniano, e hum dos celebres Mestres da Universidade de Lisboa transferida de Coimbra no Reinado de D. Pedro I. Nella foy o primeiro Lente de Filosofia, e depois de Theologia com geral applauso de todos os Academicos. Os seus merecimentos o elevaraõ a ser Reytor da Universidade, que com summa prudencia governou, como refere Fr. Antonio da Purificaçaõ na

Chron. de Santo Agostinho da Prov. de Portug. Part. 2. liv. 7. titul. 1. §. 3. e no Livro da *Vir. illustr. Prov. Lusit. Ord. D. Aug.* liv. 2. cap. 10. cuja asseveraçaõ fique estabelecida na sua feè. Compoz, como affirma este Chronista.

Volumina quattuor diversorum argumentorum. fol. M. S.

Fallaõ deste author Joaõ Franco Barret. na *Bib. Lusit. M. S.* Joan. Soar. de Brito in *Theat. Lusit. Litter.* let. A. n. 139. Herrer. in *Alphab. August.* ad ann. 1350. e o Beneficiado Francisco Leytaõ Ferreira em as *Not. Chronol. da Univ. de Coimbra* pag. 7. n. 155. e pag. 395. n. 858.

AGOSTINHO DE BEM FERREYRA. Nasceo no lugar de Maçores termo da Torre de Moncorvo na Provincia Transmontana a 3. de Agosto de 1681. e a 11. recebeu a graça bautifmal na Parochia de Saõ Martinho do mesmo lugar. Teve por Pays a Appollinario Francisco, e Catherina Esteves. Applicouse ao estudo do Direito Pontificio em a Universidade de Salamanca por alguns annos, donde passando para a de Coimbra em o anno de 1703. recebeu nella o grão de Bacharel a 17. de Junho de 1709. e fez a Formatura a 27. de Mayo de 1710. Depois de ler no Dezembargo do Paço com grande credito da sua sciencia foy eleito no anno de 1712. Juiz de fóra da Villa de Trancofo, que naõ aceitou, e antepondo o Officio de Advogado ao de Ministro por ser menos oneroso à consciencia o patrocínio, que a decisaõ das Causas, o tem exercitado na Corte pelo largo espaço de 26. annos com igual applauso que desinteresse. Para facilitar o estudo da Jurisprudencia aos seus novos professores tradusio de Latim em Portuguez a Instituta do Emperador Justiniano com doutas illustraçoes de diversos Doutores com este titulo.

Summa da Instituta com remissoens ao Direito, de que se deduz, Ordenaçoes, com que se conforma, e doutrinas practicas. Tom. 1. Lisboa por Antonio Isidoro da Fonseca Impressor do Duque Estribeiro môr. 1739. 4.

Tom. 2. Lisboa pelo dito Impressor, e no mesmo anno.

Tom. 3. e 4. Lisboa pelo mesmo Impressor no mesmo anno.

Commentario ao Tit. Digest. de Regul. Juris.
Lisboa pelo mesmo Impressor 1740. 4.

Fr. AGOSTINHO DE SAM BOA-VENTURA, natural da Villa de Alhandra do Arcebispado de Lisboa, onde nasceu a 27. de Agosto de 1676. tendo por Pays a Francisco de Montoya, e Araujo, e a Luiza de Souza. Na idade de 20. annos atrahido da espirital tranquillidade, que logrou as almas Religiosas, fugio do tumulto do seculo para a Congregação de S. Paulo primeiro Eremita, onde professou no Convento da Serra de Ossa a 3. de Mayo de 1696. A viveza do engenho, com que liberalmente o dotou a natureza, lhe fez patentes os segredos da Filosofia, e Theologia, que revelou como Mestre aos seus domesticos com grande credito do seu talento. Mayor aplauso conseguiu no pulpito, aonde a sua natural eloquencia, e discrição o constituhirão hum dos mayores Oradores Evangelicos. A profunda applicação à intelligencia das Escrituras o não privou, de que algumas vezes cultivasse os bosques do Parnasso onde teve innocente commercio com as Musas. Por estes singulares dotes foy duas vezes eleito Geral da sua Eremitica Congregação, a primeira no Capitulo celebrado em Lisboa a 20. de Mayo de 1725. e a segunda no Capitulo na Serra de Ossa a 13. de Junho de 1734. em cujo governo mostrou a prudente capacidade do seu talento, que se fez mais amavel pela affabilidade do genio. Como Chronista Geral da sua Ordem espera a Republica Litteraria, que brevemente comunique à luz publica os Annaes da sua Religião em Portugal. De muitos, e admiraveis Sermoens, que tem prégado, sómente se imprimio o seguinte.

Sermaõ na Canonização de Santo Estanislao Koscha, e de S. Luiz Gonzaga da Companhia de Jesus prégado no Solemne Outavario com que os aplaudio a Casa professa de S. Roque. Lisboa por Manoel Fernandes da Costa 1728. 4.

D. Fr. AGOSTINHO DE CASTRO. Naceo na Cidade de Lisboa em 16. de Outubro de 1537. e foraõ seus Pays D. Fernando de Castro Governador da Casa do Civel de Lisboa, e D. Maria de Ayala filha do Conde

de Monfanto. Em idade muito tenra foy estudar a Coimbra, onde com a doutrina de Antonio Mendes, que depois subio à Cadeira Episcopal de Elvas sendo o seu primeiro Prelado, sahio consumadamente perfeito tanto no estudo da Gramatica, como na practica da virtude. Desprezadas heroicamente as esperanças, que o mundo lhe prometia fundadas na nobreza do nascimento, e authoridade de seu Pay, pedio o penitente habito de S. Francisco no Convento de Coimbra da Provincia de Piedade, porem os Religiosos atendendo para a debilidade da sua compleição como incapaz de tolerar os rigores da Ordem, lhe negaraõ o ser a ella admitido. Com esta repulsa não mudou de intento, antes mais constante nelle buscou a Religião dos Eremitas de Santo Agostinho onde quando contava defesete annos recebeu o habito das mãos do Veneravel Varão Fr. Luiz de Montoya mudando-lhe o nome que tinha de Pedro em Agostinho, como feliz presagio de que havia ser fiel imitador desta grande luz da Igreja, cujo instituto professou em 7. de Abril de 1555. Foy incrível o progresso, que fez nos estudos Theologicos, e muito mais no exercicio das virtudes sendo as azas com que na florente idade de vinte, e sete annos vellozmente voou aos primeiros lugares da Ordem até chegar ao governo de toda a Provincia em que desempenhou com vigilancia, e prudencia todas as obrigaçoens de hum perfeito Prelado. Passou a Roma com o lugar de Definidor para o Capitulo geral, e tal foy o conceito, que formaraõ todos os Capitulares do seu talento illustrado com todo o genero de sciencias, que foy uniformemente eleito para reformar as Constituiçoens pelas quaes se governa universalmente a familia Eremitica. Neste tempo constando à Santidade de Gregorio XIII. os gravíssimos danos, que na Alemanha Superior tinhaõ sacrilegamente obrado os hereges contra os Conventos dos Regulares, e como estes estavaõ nimiamente relaxados, o nomeou Vigario Geral de Alemanha para que vizitasse, e reduzisse aquellas Communidades à sua primitiva observancia, cuja empreza executou com tanta prudencia, que por ella mereceo as estimaçoens do Emperador Rodolpho II. e da Emperatriz D. Maria Irmaã de Filippe Prudente

elegendo-o por seu Prégador. Este Principe confiando da sua madura capacidade o mandou pacificar as discordias que havia entre os Eremitas da Provincia de Aragaõ dividindoa em duas para se conservar inteira a observancia regular. Os merecimentos taõ notorios da sua pessoa obrigarão ao mesmo Monarcha para que os premiasse com huma digna remuneração nomeando-o Arcebispo de Braga em cuja dignidade Primacial foy sagrado em o Mosteiro de N. Senhora da Graça pelo Arcebispo de Lisboa D. Miguel de Castro em 3. de Janeiro de 1589. Tanto que entrou na sua Diocefe todo o cuidado applicou ao pasto das suas ovelhas excedendo nesta vigilancia a muitos dos seus Predecessores. Evitou muitos escandalos mais com a brandura, e dissimulação, que com a severidade, e o castigo. Por duas vezes congregou Synodo, em que fez Constituições para o bom governo do Arcebispado emendando nellas muitos abusos que se tinhaõ introduzido no Sanctuario de Christo. Foy excessivamente compassivo para os pobres assinando rendas certas para os enfermos se curarem nos Hospitales, dotando em cada anno grande numero de donzellas, e dispendendo largas esmolas para sustento das Religiosas. Fundou em Braga hum Convento da sua Ordem no qual lançou a primeira pedra em 3. de Julho de 1596. e o dotou com seis centos mil reis de renda. Mandou pintar em quadros a todos os seus Predecessores, e com elles ornou huma Sala do Palacio Arcebispal para que aquellas mudas copias despertassem nos seus successores as virtudes, que religiosamente observaraõ os Originaes. Foy perito nas Ceremonias Ecclesiasticas, e destrissimo na Cantoria do Choro emendando muitas vezes algum erro, que ou por descuido, ou ignorancia se cometia. Com plausivel pompa sagrou em 28. de Julho de 1592. a sua Cathedral collocando no altar preciosas reliquias, das quaes o cathalogo está gravado em huma pedra no frontispicio deste Templo. Venerou com singular affecto o divinissimo Sacramento deixando para eterno testemunho da sua devoção renda capaz para sustentar quatro luzes que perpetuamente ardessem em obsequio de taõ amoroso Mysterio. Zelou com tanto ardor a pureza da Fé, que acompanhado de D. Theotónio de

Bragança Arcebispo de Evora, e D. Miguel de Castro Arcebispo de Lisboa passou a Madrid para impedir o perdaõ geral que pertendiaõ os Sequazes da Sinagoga. Foy ornado de coração taõ benevolo, que sempre correspondeo a aggravos com beneficios. Chegado o termo da sua exemplar vida recebeu os Sacramentos com piedade catholica, e repetindo os suavissimos nomes de JESUS, e MARIA, espirou placidamente a 25. de Novembro de 1609. quando contava 72. annos de idade, e 21. de Arcebispo. Foy sepultado no Convento antigo dos Eremitas, até que passados defenove annos se trasladou para o novo, onde o agradecido animo do Senado Bracharense lhe mandou gravar no Mausoleo este Epitafio.

Illustrissimo Domino D. Augustino de Castro Augustinensi, Archiepiscopo, ac Domino Bracharensi, Hispaniarum Primati, olim in Superiori Germania jussu Cæsaris Rodolphi II. Eremitica familiæ reformatori, hujus Monasterij Fundatori, Viro pietate, & prudentia insigni, Magistratus Bracharæ Augustæ Pastori suo clementissimo ob innumera beneficia libenti animo fieri curavit anno Domini 1628. Illustrissimo, & Reverendissimo Domino D. Roderico de Acunha Archiepiscople. Obiit Bracharæ 25. Novemb. 1609. annos natus 72. Compoz

Epitome rerum ad Statum Ecclesiæ Bracharensis pertinentium quas ad Sanctissimum Dominum Clementem VIII. referendas censuit D. Augustinus de Castro, ubi late de Vera Primatum Bracharensum successione. fol. M. S. Conservase na Bib. que foy do Cardial de Souza. Desta Obra affirma ter huma copia o Licenciado Jorge Cardoso *Agiol. Lusit.* tom. 1. pag. 119. no Commentario de 25. de Fevereiro, e no tom. 3. pag. 519. no Commentar. de 3. de Junho. let. A.

Antiguidades da Ordem dos Eremitas, as quaes levou do Convento de Braga para Castella Fr. Agostinho de S. Nicoláo para se compor a Chronica da Ordem, como escreve Fr. Antonio da Purificação na *Chron. da Provinc. de Portug.* Part. 1. cap. 8. fol. 20. 4.

Na Livraria do Convento da Graça de Lisboa Cabeça da Provincia dos Eremitas em Portugal se conserva hum grande volume

intitulado *Registiro da Provincia* onde compilou as memorias pertencentes a esta Provincia, cujo trabalho descobrio a sua incansavel diligencia em Roma revolvendo os Registros Geraes da Ordem, e copiando os instrumentos mais antigos da mesma Provincia. Poderá ser que este livro seja o mesmo, que as *Antiquidades da Ordem dos Eremitas*, das quaes acima fizemos menção.

Constituições do Arcebispado de Braga as quaes impedido pela morte não imprimio, e as conservava em seu poder o Illustrissimo D. Rodrigo da Cunha como affirma na *Hist. Eccles. de Braga*. Part. 2. cap. 93. n. 6.

Cathalogo dos Arcebispos de Braga, onde notou a vida que tiverão (são palavras do Illustrissimo Cunha *Hist. Eccl. de Brag.* Part. 2. cap. 94. n. 5.) *os annos, que governáraõ, e o dia em que morreraõ, de que nós grandemente nos aproveitamos por todo o discurso desta Historia.*

Noticia dos Progressos que fez na visita das Provincias de Alemanha in 4. Conservase escrito da sua propria mão no Convento da Graça de Lisboa.

Como foy muito perito na arte da Musica compoz hum livro de Missas para se imprimir, e outras excellentes obras desta profissão.

Escreveo a vida deste Illustrissimo Prelado seu dignissimo successor na dignidade Primacial D. Rodrigo da Cunha na *Historia* affirma allegada desde o cap. 93. até 95. Fr. Bernard. de Brito. *Mon. Lusit.* Part. 2. liv. 5. cap. 7. dizendo *grande zelador da honra de Deos, e de sua Igreja, e que em apurar as antiquidades della tem feito muitas despezas, e diligencias exquisitas.* D. Mauro Castel. Ferrer. *Hist. de S. Tiago* liv. 1. cap. 16. *tan religioso, sabio, y curioso, como noble, e no prolog. da dita Hist. o intitula insigne: Joaõ Soar. de Brito in Theatr. Lusit. Litter. let. A. n. 141. Nulli ex tot insignibus heroibus pietate, vigilantia, vel magnificentia post habendus.* Crusen. in *Monast. Augustin.* Part. 3. cap. 47. *Præclarum illud Lusitaniæ Lumen in Metropolitana Bracharensis Ecclesiæ candelabro elevatum.* O D. Fr. Leão de Santo Thom. *Bened. Lusit.* Part. 2. Trat. 2. cap. 20. pag. 367. *insigne Arcebispo, e pag. 368. grande Arcebispo.* Fr. Luiz dos Anjos *Jardim de Portug.* cap. 5.

Insigne Prelado, e meritissimo Arcebispo de Braga. Fr. Ant. à Purif. de *Vir. illustrib. Prov. Lusit. Erem. D. August.* lib. 1. cap. 24. Herrer. in *Alphab. August.* ad an. 1609. Fr. Manoel de S. Damaf. *Verd. Elucid.* desde pag. 277. até 300.

Fr. AGOSTINHO DA CONCEIÇAM. Nacço na Cidade de Lamego donde passando como soldado ao Brasil naufragou a Náo, que o conduzia, e escapando milagrosamente de tão fatal perigo, em que pereceo a mayor parte de seus companheiros, deixada a milicia humana pela celeste se alistou debaixo do sagrado Instituto da Religiaõ Serafica na Provincia da Immaculada Conceiçãõ do Rio de Janeiro. Todo o seu talento occupou em beneficio dos seus domesticos ensinando-os como Mestre, e governando-os como Provincial. Fundou o Convento de N. Senhora dos Anjos na Cidade de Cabo Frio, onde morreo no anno de 1693. com grande edificaçãõ de todos os Religiosos. Foy Prégador de nome, e dos muitos Sermoens, que com applauso recitou em diversos pulpitos, sómente gozaraõ da luz publica os seguintes.

Sermaõ do glorioso Lusitano Santo Antonio prégado no mesmo dia, e Convento em a Cidade do Rio de Janeiro a 13. de Junho de 1674. Lisboa por Antonio Rodrigues de Abreu. 1675. 4.

Sermaõ do glorioso Santo Antonio prégado em o seu Convento da Cidade do Rio de Janeiro em 13. de Junho de 1683. occorrendo a Dominga da Trindade. Lisboa por Miguel Manescal. 1688. 4.

Sermaõ da Prodigiosa impressãõ das Chagas do Principe dos pobres Evangelicos prégado no Convento de Santo Antonio do Rio de Janeiro. Lisboa por Manoel Lopes Ferreira. 1681. 4.

Delle fazem memoria Fr. Joan. à D. Ant. in *Bib. Franc.* Tom. 1. pag. 146. e Fr. Appolin. da Conceiç. na *Primaz. Seraf. na Regiaõ da America.* cap. 9. pag. 91.

Fr. AGOSTINHO DA COSTA, natural da Villa de Mello da Provincia da Beyra filho de Francisco da Costa Froes, e Guiomar Botelho. Professou o habito de Eremita de Santo Agostinho no Convento de Evora a 15. de Agosto de 1642. Foy Len-

te jubilado em Theologia, insigne Moralista, e exemplar religioso. Morreo no Convento de Lisboa em 25. de Abril de 1691. Compoz

David penitente. Discursos Moraes prègados nos Sabbados da Quaresma, que se celebrãõ em N. Senhora da Graça em Lisboa no anno de 1682. com sete Sermoens da Semana Santa. Lisboa por Domingos Carneiro. 1685. 4.

Sermaõ na festa da Virgem Maria N. Senhora do Monte. Sahio na *Laurea Portugueza.* Lisboa por Miguel Deslandes. 1687. 4.

Paraiso Virginal M. S. 4.

Conferva-se na Livraria do Convento de Lisboa. Consta de Panegyricos da Virgem Santissima.

Informaçãõ da Imagem da Senhora de Carquere junto de Lamego, remetida a Fr. Agostinho de Santa Maria, a qual imprimio no *Santuário Mariano.* Tom. 3. liv. 2. Titul. 2. pag. 150.

Fr. AGOSTINHO DA CRUZ, chamado no seculo Agostinho Bernardes. Naceo na Villa da Ponte da Barca do Arcebispado de Braga em o anno de 1540. a qual sendo pequena em seu ambito adquirio a mayor grandeza com a producçãõ de taõ grande filho. Teve por Irmaõ a Diogo Bernardes contemporaneo do famoso Luiz de Camoens, o qual nas suas obras poeticas deixou hum eterno testemunho do seu grande engenho. Considerando seu Pay Diogo Bernardes Pimenta a capacidade do talento, de que logo nos primeiros annos deu sinaes evidentes, o accomodou na Casa do Serenissimo Infante D. Duarte filho dos Infantes D. Duarte, e D. Isabel, onde naõ sómente mereceo as estimações destes Principes, mas com a sua natural affabilidade conciliou os affectos de todos, que frequentavaõ taõ soberana Casa. Illustrado de superior impulso determinou largar o mundo, e as suas apparentes felicidades, e para conseguir esta heroica resoluçãõ pedio com affectuosas lagrimas o austero habito de Saõ Francisco da Provincia da Arrabida ao Provincial Fr. Jacome Peregrino, o qual lho mandou lançar no Convento de Santa Cruz situado na Serra de Cintra em o anno de 1561. donde tomou o apelido. Notavel

foy a admiraçãõ, que geralmente caufou este seu retiro do seculo para a Religiaõ, com o qual ficou taõ intimamente penetrado seu Irmaõ Diogo Bernardes, que explicou o seu sentimento nestas expressoens fallando na carta 6. do seu Lima a D. Francisco de Moura.

A' Irmaõ da minha alma, como estou Errado em te chorar! Tu para o Ceo, E eu triste naõ sey para onde vou! Nunca mais para mim amanheceo, Depois que me deixaste, hum claro dia; Sempre o Lima depois turvo correo.

E na Carta 8. escrita ao mesmo seu Irmaõ

*Em que te mereci ò Agostinho,
Que nesta escura Selva me deixasses
Tomando para ti melhor caminho?*

Retirado a huma Cella, que parecia sepultura começou a practicar taõ asperas penitencias, que serviaõ de confusaõ aos seus Companheiros, sendo já em o Noviciado veterano na austeridade da vida, e observancia da Regra. Ambicioso de mayor perfeiçãõ alcançou dos Prelados licença para habitar toda a vida no deserto da Arrabida, e ainda que por algum tempo lha difficultáraõ, veyo a conseguilla em 19. de Março de 1565. Nesta horrorosa Thebaida por espaço de quatorze annos moveo taõ cruel guerra contra o seu corpo, que certamente se renderia attenuado pella abstinencia, e idade, se o naõ focorrera o vigor do seu espirito. Rara foy a parcimonia, que ufava comendo as ervas, que produzia aquella folidaõ; a dura terra lhe servia de cama, e hum tronco aspero de cabeceira. Todas estas asperezas se suavisavaõ com o intimo comercio, que tinha com Deos na Oraçãõ, em que muitas vezes foy visto absorto, e elevado, como querendo a alma voar para o centro das suas amorosas ancias. As aves, e animaes sylvestres reconhecendo a sua innocencia lhe vinhaõ obedientes buscar das suas mãos o sustento. Chegado o tempo de serem premiados os merecimentos da sua penitente vida, sentindo-se acometido de huma ardente febre foy conduzido à Enfermaria da Villa de Setubal, onde recebendo com grande ternura, e copiosas lagrimas os Sacramentos espirou placidamente em 14. de Março de 1619. com 79. annos de idade, e cincoenta, e outo de Religiaõ. Divulgada a noticia da sua morte con-

correo todo o povo a venerar o Cadaver, no qual se estava vendo a felicidade que lograva o seu espirito, e com devota violencia foy despojado do habito, que tinha vestido. Entre este piedoso tumulto se distinguiraõ nos obsequios para este Varaõ Veneravel o Duque de Aveiro D. Alvaro de Lancastro seu particular amigo com seu filho D. Jorge de Lancastro Marquez de Torres novas dispondo que fosse transferido para a Arrabida, o que se executou com grande pompa, e magnificencia. Foy naturalmente inclinado à Poesia sendo irmaõ do insigne Poeta Diogo Bernardes não sómente por natureza, mas ainda por esta Arte. Naquellas horas vagas dos exercicios espirituacs compunha Versos a varios assumptos Sagrados, em que se descubria a affluencia da sua veyra, dos quaes imprimio alguns o Chronista moderno da Provincia da Arrabida Fr. Antonio da Piedade Part. 1. liv. 5. cap. 20. levando entre todos a precedencia a Elegia feita à Serra de Arrabida que começa.

*Alta Serra deserta donde vejo
As aguas do Oceano de huma banda,
E d' outra salgadas as do Tejo.*

Compoz outros Versos devotos, que escritos da sua propria maõ se conservaõ no Convento da Verderena da Provincia da Arrabida com este titulo.

Diversas Poemas ao divino

Esta Collecção poetica fez à petição da Duqueza de Aveyro, e a dedicou à mesma Senhora, da qual existia hum treslado na Bibliotheca do Cardial de Souza. Constava de 21. Eglogas assim pastoris, como piscatorias, Cartas, Odes, Endechas, Redondilhas, e Vilhancicos. Entre os Poemas, que compoz, he celebre o de Santa Catharina Virgem, e Martyr em 8. Rima que começa.

*Penas, tormento, dor, e fortaleza
Cantar quero de Santa Catherina
Dotada de sciencia, e de pureza
De amor celestial graça divina,
Cujó favor invoco nesta empreza
Doutra mais branda voz, mais doce digna
Porque danar não possa o verso rudo
De rodas de navalhas verso agudo.*

Acaba.

*De seu ferroso corpo degollado
Aquella alma ditosa despida
Nos braços reponso do seu amado,*

*Em cujo amor se tinha derretida;
O Corpo foy dos Anjos sepultado
Por Virgem, e por Martyr, e por Sabia
No monte de Sinay monte da Arabia.*

Delle se lembraõ com elogios Cardoso *Agiol. Lusit.* Tom. 2. pag. 146. e no *Comment. de 12 de Março let. F. Joan. Soar. de Brit. Theat. Lusit. Litter. let. A. in addit. n. 1. Ingenium ad Lusitanas musas promptissimum, inde facile versus condebat.* F. Pedro Calv. nas *Lagrim. dos Just.* lib. 1. cap. 11. Joan. à D. Ant. *Bib. Franc.* Tom. 1. pag. 146. F. Ant. da Pied. *Chron. da Prov. da Arrab.* Part. 1. liv. 5. do cap. 18. até 20. e o P. Antonio dos Reys no *Enthusiasm. Poet.* que serve de apparatus aos seus agudos epigramas tendo fallado de seu Iрмаõ Diogo Bernardes, diz com suave elegancia.

*Contiguà in Cathedrâ Phæbo statuente Camæna
Illius insignem virtute, et carmine Fratrem
Constituere: latus circumdat sparteæ restis,
Pro tunica cento est lacerus; viridantis olive
Texuit è ramo facunda Minerva coronam,
Imposuitque super vatis caput, utpote ponti
Qui toties rabidi franabit cantibus iras.*

D. AGOSTINHO DA CRUZ, natural de Braga, Conego Regular da Congregação de Santa Cruz de Coimbra, cujo habito recebeu neste Real Convento a 12. de Setembro de 1609. Foy peritissimo na Musica, e insigne tangedor de rabeca, e orgaõ, de cuja destreza, e sciencia deu manifestos argumentos não somente quando exercitou o lugar de Mestre do Coro do Real Convento de S. Vicente de fora, mas nas muitas obras, que compoz, as quaes mereceraõ as estimaçoens dos mayores Professores daquella arte, sendo as principaes.

Prado Musical para Orgaõ. Dedicado à Serenissima Magestade del Rey D. Joaõ o IV.

Duas Artes, huma de Cantochão por estylo novo, outra de Orgaõ com figuras muito curiosas compostas no anno de 1632. e as dedicou ao mesmo Principe, que como taõ perito nesta arte as estimou muito.

Lira de Arco, ou arte de tanger Rabeca. Dedicada a D. Joaõ Mascarenhas Conde de Santa Cruz.

AGOSTINHO DA CUNHA VILLASBOAS, naceo na Villa de Ourem no anno de 1667. sendo filho do Doutor Gonçalo da Cunha Villasboas, Cavalleiro professo da Ordem de Christo, Dezembargador da Casa da Supplicação, Corregedor da Corte, e Fiscal da Junta dos tres Estados. Instruido na Gramatica, e Rhetorica passou estudar em a Universidade de Coimbra Direito Pontificio, em que se formou Bacharel. Acabados os estudos escolasticos como fosse muito versado nas letras humanas, e Sagradas alcançou grande applauso assim nos pulpitos, como nas Academias. A exemplar vida que exercitava o habilitou para ser Confessor das Religiofas Capuchas Descalças do Convento do Santo Crucifixo de Lisboa, para as quaes compoz a obra seguinte.

Outavario contemplativo proposto em hum exercicio devotissimo dividido em oito reverentes cultos por obsequio à Sagrada Imagem do Santo Crucifixo sita no Real Convento das Capuchinhas Descalças chamadas vulgarmente por sua fundação as Francesinhas. Lisboa por Antonio Pedroso Galraõ. 1718. em 16. No fim está hum refumo metrico de toda a obra composto em hum largo Romance pelo mesmo author, em cuja arte he bastantemente perito. Tem prompto para a impressãõ.

Estrada do Ceo, pelo caminho do Inferno; caminho do Inferno pela estrada do Ceo.

Theologia Sacra fol.

AGOSTINHO FERREYRA Presbitero do habito de S. Pedro, naceo na Cidade do Porto a 28. de Agosto de 1709. sendo filho de Manoel Joãõ, e Francisca Ferreira. Inflamado com o zelo dos Progressos da virtude publicou.

Direitor de Directores para o governo das almas, no qual se contem os avizos, e documentos para o governo das almas, que vão por caminho extraordinario. Lisboa na Officin. da Congregaç. do Oratorio 1738. 4.

AGOSTINHO GAVI DE MENDONÇA, natural de Mafagaõ celebre Colonia dos Portuguezes em Africa. Sendo esta Praça acommettida no anno de 1562. por hum formidavel Exercito de cento, e cincoenta mil barbaros capitaneados por

Muley Hamet, e defendida pelo insigne Capitão Alvaro de Carvalho, como testemunha ocular de todas as acçoens, que se obraraõ neste sitio, as descreveo para eternizar naõ fomite o valor dos seus Naturaes, mas a gloria de todos os Portuguezes publicando.

Historia do famoso Cerco, que o Xarife poz à Fortaleza de Mazagaõ defendida pelo valeroso Capitão mór della Alvaro de Carvalho. Lisboa por Vicente Alvres 1607. 4.

Chronica dos Reys D. Sebastião, e D. Henrique, que se naõ imprimio.

Deste author fez dous Nicol. Anton. *Bib. Hispan.* Tom. 1. pag. 137. nomeando-o primeiramente Agostinho Gavi, e depois Agostinho de Mendoça.

AGOSTINHO GOMES GUIMARAENS. Naceo em Lisboa, e foraõ seus Pays Ignacio Gomes Guimaraens, e Maria Magdalena. Depois de perfeitamente instruido na Gramatica Latina, e letras humanas, estudou as sciencias mayores, as quaes comprehendendo com tanta agudeza, e profundidade, que por voto dos Doutores da Universidade de Coimbra, recebeu as insignias do Mestre em Artes, e de Doutor na Sagrada Theologia. Com igual applauso foy ouvido nos pulpitos, que nas Academias lendo em a Portugueza instituida em o anno de 1717. no Palacio do Excellentissimo Conde de Ericeyra D. Francisco Xavier de Menezes, eruditos discursos sobre os Oraculos da Gentilidade, e na dos Anonymos compondo agudos epigramas a diversos assumptos. A integridade dos costumes propria do Eastdo Ecclesiastico junta com a capacidade do talento o fizeraõ digno de ser eleyto a 7. de Março de 1723. Deputado da Inquisição de Lisboa, donde passando a Promotor subio ao lugar de Inquisidor Apostolico, cujo ministerio exercitou com grande zelo. Sendo Academico supernumerario da Academia Real da Historia Portugueza, foy eleito em 25. de Mayo de 1730. Academico do numero por morte do Padre Jeronimo de Castilho da Companhia de JESUS, para escrever as Memorias historicas dos Bispados de Coimbra, e Guarda na lingua Latina, na qual compoz, e recitou na Academia Real algumas vidas dos

seus Bispos com elegante, e puro estylo. Foy assumpto ao lugar de Prelado da Santa Igreja Patriarchal a 16. de Mayo de 1739. De todas as suas litterarias produçoens sómente se fizeraõ publicas pelo beneficio da Impressãõ as seguintes

Practica com que congratulou a Academia Real por estar eleito seu Collega. Sahio impressa no Tom. 10. da *Collec. dos Documentos, e Memor. da mesma Academia.* Lisboa por Joseph Antonio da Sylva. 1730. fol.

Onto epigramas Latinos a varios Assumptos, que se deraõ na Academia dos Anonymos. Sahiraõ impressos nos *Progressos Academicos dos Anonymos de Lisboa* 1. Parte Lisboa por Joseph Lopes Ferreira 1718. 4.

Quatro Epigramas Latinos, em louvor do Padre Fr. Simaõ Antonio de Santa Catharina da Ordem de S. Jeronimo orando na Academia dos Anonymos, e na Academia Escolastica. Sahiraõ na 1. Part. *das Oraçoens Academicas* do dito Padre Fr. Simaõ. Lisboa na Officina da Musica 1723. 8.

Fr. AGOSTINHO DA GRAÇA, natural da Villa de Thomar, e Monge professo da Ordem de S. Bento, cujo habito recebeo no Convento de Tibaens a 12. de Dezembro de 1599. Foy muito instruido nas letras humanas, e Poesia. Morreo em Travanca a 14. de Agosto de 1644. Escreveo em Dialogo

Tardes de entre Douro, e Minho. M. S. in fol.

Endechas em louvor da Vida de Santa Inez, composta por Fr. Alvaro de Carvajales, sahiraõ impressas ao principio desta obra, como hum *Soneto* em applauso de Fr. Gregorio Bautista, ambos Monges Bentos no principio do livro que compoz intitulado *Completa da Vida de Christo.*

P. AGOSTINHO LOURENÇO, natural da Villa de Terena do Arcebispado de Evora, e filho de Joaõ Lourenço, e Inez Gonçalves. Nesta Cidade recebeo a Roupeta da Companhia de JESUS em 18. de Janeiro de 1653. quando contava defenove annos de idade, e nella aprendeo as letras humanas, que ensinou no Collegio da Ilha da Madeira. Foy Mestre de Theologia Moral no Collegio de Faro donde passou a ler Filosofia no de

Santo Antaõ. Antes de acabar os tres annos, foy mandado por ordem dos Superiores com o Padre Bento de Lemos assistir em Inglaterra à Serenissima Rainha D. Catherina filha delRey D. Joaõ o IV. que o fez seu Prégador, exercitando este ministerio por espaço de treze annos. No tempo que assistio em Londres, sempre viveo com summa modestia, e para fugir à ociosidade se occupou em compor hum Curso Filosofico, e escrever varias materias Theologicas confessando, que o seu total intento era nestas composçoens o ser antes reputado por presumido ignorante, que por sabio ocioso. Juntou com grande curiosidade huma copiosa Livraria, que deixou ao Collegio de Beja. Voltando para o Reyno no anno de 1689, assistio muitos annos no Collegio de Evora, donde foy mandado para Reytor do Collegio de Santarem, em cujo governo sem offensa da observancia foy summamente benevolo para os subditos, que lamentaraõ a sua morte succedida a 25. de Março de 1695.

Compoz.

Cursus Philosophicus de triplici Ente. tom. 1. *De Ente Logico.* Leodij per Guilielmum Henricum Streel. 1687. fol.

Tom. 2. de Ente Physico. ibi per eumdem Typog. eodem anno, & forma.

Tomus 3. de Ente Methaphysico. ibi per eumdem Typog. 1688. fol.

Syntagmata Theologica in Prim. Part. D. Thomæ. Tom. 1. ibi per eumdem Typ. 1680. fol.

Tom. 2. in secund. Part. D. Thomæ. ibi per eumdem Typog. 1682. fol.

O Padre Francisco da Fonseca na *Evora glorios.* pag. 425. lhe chama *Varaõ Religiosissimo*, e o P. Antonio Franco na *Imagem da Virtud. em o Novic. de Evora* liv. 4. cap. 11. escreve delle, como largamente no *Synops. Annal. S. J. in Lusitan.* pag. 397. n. 13. e no *Ann. glorios. S. J. in Lusit.* pag. 172. dizendo *Moribus nituit integerrimis, & conscientia sceleris purissima.* Franc. de Santa Maria no *Diar. Port.* pag. 387. *Floreceu em nossos dias com merecida fama de excellente Escriitor.*

AGOSTINHO LOPES. Medico de profissaõ, cuja Faculdade dictou no anno de 1564. na Univerfidade de Salamãca, sahindo

grandes discipulos da sua doutrina, entre os quaes merece distinta memoria o nosso Portuguez Garcia Lopes, de quem fallaremos em seu lugar, o qual no seu Tratado de *Varia rei medicæ lectione* lhe chama *Senem Venerandum*. Compoz, e imprimio hum Tomo de Medicina, cujo titulo, lugar, e anno da Impressão ainda não chegou à nossa noticia.

D. AGOSTINHO MANOEL DE VASCONCELLOS, chamado antigamente Agostinho de Mello. Naceo na Cidade de Evora no anno de 1584. de pays illustres, quaes foraõ Ruy Mendes de Vasconcellos, e D. Anna de Noronha. Na primeira idade manifestou os dotes do grande engenho, com que a natureza liberalmente o ornára, os quaes se foraõ augmentando com tal excessso, que era admirado pelos mais doutos homens do seu tempo. Depois de estudar Direito Civil em Salamanca preferio a este estudo, em que tem mais parte a memoria, que o entendimento, a lição da historia, em a qual produzio fazondos frutos o seu agudo talento, escrevendo com pura fraze, juizo prudente, e discreta elegancia. Não foy menos a sua capacidade para a Historia que para a Poesia, sendo hum dos mais insignes cultores desta divina Arte, como o manifestaõ varias obras a diversos assumptos, em que se unio a pompa das vozes com a fineza dos conceitos. Foy Cavalleiro professo da Ordem militar de Christo. Arrebatado de huma paixãõ indecorosa ao seu nascimento se conjurou com o Marquez de Villa Real, Duque de Caminha, e Conde de Armamar contra a Serenissima Casa de Bragança novamente exaltada ao trono, da qual antes tinha sido grande venerador, e sendo convencido de taõ feyo crime, foy degollado no Rocio de Lisboa a 29. de Agosto de 1641. quando contava 57. annos de idade. Escreveo.

Vida de D. Duarte de Menezes terceiro Conde de Viana, e successos notables de Portugal en su tiempo. Lisboa por Pedro Crasbeeck 1627. 4. *Cuja obra* (diz Rodrigo Mend. Sylv. no *Cathal. Real de Espan.* na Vida del Rey D. Duarte pag. 99.) *es tan estimada como se muestra en el applauso con que todos la veneran y solemnizan.* Anton. de Souza de Macedo *Flor. de Espan.* cap. 12. Excel. 7. *insigne Chro-*

nista de D. Duarte de Menezes. Nicol. Anton. na *Bib. Hisp.* Tom. 1. pag. 136. diz que escrevera esta vida *diserte, & cum judicio.* e Gerald. Ernesto de Francken. in *Bib. Hisp. Hist. Gen.* pag. 50. a intitula *Elegans opus.*

Sucession del Señor Rey D. Philippe el segundo en la Corona de Portugal. Madrid por Pedro Tasso 1639. 8.

Vida, y acciones del Rey D. Juan el segundo decimo tercero Rey de Portugal. Madrid. por Maria de Quiñones. 1639. 4. Sahio vertida em Francez. Pariz 1641. 8. Desta obra diz D. Francisco Manoel na Carta escrita a Manoel Themudo da Fonseca, em que trata dos Authores Portuguezes, *que fora taõ feliz ella, como infeliz seu author;* e Lourenço Gracian *Criticon* Part. 3. Cris. 2. introduzindo o Merito diz. *Será eterna la vida de D. Juan segundo de Portugal escrita por D. Agustín Manoel digno de mejor fortuna.* Della faz menção a *Bib. Orient.* de Antonio de Leaõ, modernamente acrescentada Tom. 1. Titul. 3. col. 63.

Compoz sem o seu nome hum *Manifesto na Aclamação del Rey D. Joaõ o IV.* que comprehende duas folhas de papel impresso em Lisboa por Manoel da Sylva 1641. fol. Começa *No ay entre los mortales.* Está elegantemente escrito.

Na Vida de D. Duarte de Menezes liv. 1. n. 18. promete hum Livro intitulado *Africa conquistada pelos Portuguezes.*

Discurso sobre a Casa de Bragança na occasião da vinda da Princesa Margarida a Portugal. Nelle faz hum elogio ao Duque D. Theodosio; descreve a varia fortuna que esta Casa experimentou com os Reys mostrando que El Rey D. Joaõ o III. lhe tirara o Estado de Guimaraens, e El Rey D. Sebastiaõ lhe fora pouco affecto por lhe envejar a Tapada de Villa-visoza; que os Infantes eraõ inimigos dos Duques porque os excediaõ na riqueza, e competiaõ na qualidade, e outras particularidades, que observou o Excellentissimo Conde de Ericeira Cenfor da Academia Real, quando por ordem della examinou os *M. S.* da selecta Livraria do Conde de Vimieiro, onde está este Discurso, do qual dá individual noticia em a Collecção dos *Documentos, e Memorias da Academia Real* do anno de 1724. impressa no mesmo anno.

Cancion a los tumulos regio del Monasterio de Belen. M. S. Conserva-se na mesma Livraria. He escrita com excellente estilo.

Memorial da Genealogia, e Privilegios da Casa de Bragança. Desta obra dá noticia o Padre D. Antonio Caetano de Souza no *Appar. à Hist. Gen. da Casa Real de Portug.* pag. 81. §. 67. dizendo que se conserva na Livraria do Conde de Vimieyro, e creyo que he o *Discurso* de que fizemos menção.

Manoel de Galhegos no *Templo da Mem.* liv. 4. Estanc. 195. lhe canta em seu applauso.

Sabe cantar com tanta melodia

D. Agostinho Manoel de Mello

Que esquecerme seu cantico seria

Fazer agravo ao Helicon, e ao Delo;

E pois dos Versos tanto imperio alcança

Onça seus doces numeros Bragança.

Joan. Soar. de Brit. in *Theatr. Lusit. Litter.* lettr. A. n. 141. *Eruditione, & eloquentia plurimum valuit.* Franckenau in *Bib. Hisp. Hist. Gen.* pag. 50. n. 93. *Eques sago, togaque inclytus.* Nicol. Ant. in *Bib. Vet.* liv. 10. cap. 12. n. 698. *Vir disertus, atque infelici fato ad posteros clarus.* Fonsec. *Evor. Glorios.* pag. 409. *Dotado de singular engenbo, e agudo juizo.* Van Espen de *Jure Canon.* Traçt. de *Promulgat. Leg. Eccles.* Part. 2. cap. 1.

Fr. AGOSTINHO DE SANTA MARIA.

Naceo na Villa de Estremoz da Provincia do Alentejo a 28. de Agosto de 1642. sendo seus Pays Antonio Pereyra, e Catherina Gomes. Deixando o mundo, e com elle o nome de Manoel Gomes Freyre, com que era conhecido no seculo se recolheo na Religião dos Agostinhos Descalços, onde recebeu o habito em 18. de Dezembro de 1665. na Igreja das Religiosas do mesmo Instituto situada no lugar do Grillo suburbio de Lisboa, authorizando este acto com a sua presença a Serenissima Raynha D. Luiza Francisca de Gusmão insigne Protectora desta Reforma, e foy o primeiro Noviço, que teve neste Reyno. No Convento de Evora aprendeo as sciencias mayores, e fazendo nellas grandes progressos, mayores foraõ os que fez nas virtudes, principalmente na exacta obervancia dos seus Estatutos merecendo digna-

mente occupar os mayores lugares da Religião, como foraõ Chronista da Ordem, Prior do Convento de Evora, Secretario da Provincia, Definidor tres vezes, e ultimamente Vigario Geral de toda a sua Congregação. Passou o largo espaço da sua vida continuamente applicado à lição dos livros, de que nunca se absteve ainda quando já o dispensava a sua idade decrepita gravemente attenuada pelo rigor dos jejuns, e disciplinas, e o que causa mayor admiração foy, que sem socorro de Amanuense escrevesse perfeitamente pela sua mão, sem usar de oculos, os muitos livros historicos, e asceticos, com que illustrou a Republica Litteraria. Foy cordial devoto de Maria Santissima, em cujo obsequio lhe dedicou a mayor parte dos seus trabalhos, e vigiliias estudiosas querendo por este modo inspirar em os coraçoens dos Catholicos hum ardente affecto para taõ augusta Princeza. Quando contava a provesta idade de 86. annos estava taõ robusto o seu espirito, que jejuou a paõ, e agua a Semana Santa proxima à sua morte, que succedeo na festa feira 2. de Abril de 1728. depois de Dominga de Pascoa tendo celebrado Missa em dia taõ grande, e festivo. Foy sepultado o seu Cadaver no Sabbado in *Albis* no Convento de N. Senhora da Boa Hora de Lisboa. Com grandes elogios celebrãõ a sua memoria o Padre D. Manoel Caetano de Souza in *Exped. Hispan. Apostol. S. Jacob. Major.* tom. 1. pag. 733. n. 1709. *Quibus omnibus (falla dos seus livros) Vir religiosissimus eruditionem, & pietatem spirat;* e no Tom. 2. pag. 972. n. 2302. *Vir fuit omnibus virtutibus ornatus, & illibatum semper servavit virginitatis florem, utpote qui fuit Beatissimæ Reginae Virginum deditissimus.* O Benefic. Franc. Leyt. Ferreir. *Not. Hist. da Univ. de Coimb.* pag. 457. n. 977. *Benemerito das letras, e já decrepitos annos depois de ter dado à luz em muitos livros compostos piamente os sazoados frutos da sua estudiosa erudição foy gozar dos da eterna vida aos 3. de Abril,* devendo dizer 2. D. Pedro Hieron. Fernand. Cathedratico de Leys na Universidade de Huefca in *Opusc. Hist. Lat. Marian. Jacob.* pag. 64. e 110. lhe chama *Celebris scriptor.*

Cathalogo das obras impressas.

Historia da Real fundação do Convento de Santa Monica da Cidade de Goa Corte do Estado da India, e do Imperio Lusitano do Oriente. Lisboa por Antonio Pedrozo Galraõ 1699. 4.

Historia da vida admiravel, e açoens prodigiosas da Veneravel Madre Sor Brizida de Santo Antonio. Lisboa pelo mesmo Impressor 1701. 4.

Exemplo rarissimo da paciencia, e vida prodigiosa, e singular da Santa, e admiravel Virgem Santa Liduina escrita em latim por Fr. Joã Brugmano da Ordem dos Menores de Flandes seu Confessor, recopilada por Fr. Lourenço Surio Cartuxo, novamente traduzida, e disposta em forma de Historia, em a lingua Portuguesa. Lisboa pelo mesmo Impressor 1703. 4.

Adeodato contemplativo, e universidade de Oração, dividida em tres classes pelas tres vias Purgativa, Illuminativa, e Unitiva. Lisboa pelo mesmo Impressor 1713. 4.

Sanctuario Mariano, e Historia das Imagens milagrosas de N. Senhora, e das milagrosamente apparecidas, que se veneraõ na Corte, e Cidade de Lisboa. Tom. 1. Lisboa pelo mesmo Impressor. 1707. 4.

Sanctuario Mariano, e Historia das imagens milagrosas, que se veneraõ no Arcebispado de Lisboa. Tom. 2. Lisboa pelo mesmo Impressor, e anno, 4.

Sanctuario Mariano, e Historia das Imagens &c. que se veneraõ em os Bispados da Guarda, Lamego, Leyria, e Portalegre suffraganeos do Arcebispado de Lisboa, Priorado do Crato, e Prelazia de Thomar. Tom. 3. Lisboa pelo mesmo Impressor 1711. 4.

Sanctuario Mariano, e Historia das Imagens &c. que se veneraõ em o Arcebispado Primaz de Braga, e seus suffraganeos. Tom. 4. Lisboa pelo mesmo Impressor 1712. 4.

Sanctuario Mariano, e Historia das Imagens &c. que se veneraõ nos Bispados do Porto, Viseu, e Miranda. Tom. 5. Lisboa pelo mesmo Impressor 1716. 4.

Sanctuario Mariano, e Historia das Imagens &c. que se veneraõ no Arcebispado de Evora, e Bispado do Algarve, e Elvas. Tom. 6. Lisboa pelo mesmo Impressor 1716. 4.

Sanctuario Mariano, e Historia das Imagens, que nos ficaraõ por referir nos seis tomos antecedentes por falta de inteira noticia. Tom. 7. Lisboa pelo mesmo Impressor 1721. 4.

Sanctuario Mariano, e Historia das Imagens &c. que se veneraõ em a India Oriental, e mais conquistas de Portugal, Asia, Insular, Africa, e Ilhas Filipinas. Tom. 8. Lisboa pelo mesmo Impressor. 1720. 4.

Sanctuario Mariano, e Historia das Imagens &c. que se veneraõ em o Arcebispado da Bahia, e mais Bispados de Pernambuco, Paraiaba, Rio grande, Maranhão, e Graõ Pará. Tomo. 9. Lisboa pelo mesmo Impressor 1722. 4.

Sanctuario Mariano, e Historia das Imagens &c. que se veneraõ em todo o Bispado do Rio de Janeiro, e Minas, e em todas as Ilhas do Oceano Tom. 10. Lisboa pelo mesmo Impressor 1723. 4.

Rosas do Japão colhidas na Igreja do Japão 1. Part. Lisboa pelo mesmo Impressor 1709. 4.

Rosas do Japão &c. 2. Parte Lisboa por Pedro Ferreira 1724. 4.

Triumvirato espirital, e historico nas prodigiosas vidas de tres insignes Varoens, o Veneravel Padre Diogo Ortis, o Veneravel D. Fr. Agostinho da Corumba Bispo de Popayan, e do Ven. Irmaõ Bartholameu Lourenço Portuguez da Companhia de Jesus. Lisboa por Antonio Pedroso Galraõ 1722. 4.

Historia tripartita comprehendida em tres tratados. No 1. se descrevem as vidas dos Santos Martyres Verissimo, Maxima, e Julia Irmãos, Padroeiros de Lisboa, e do Real Mosteiro de Santos. No 2. se dà noticia da vinda, pregação do Apostolo São-Tiago às Espanhas, e origem da sua esclarecida Ordem, e de seus nobilissimos Mestres Portuguezes. No 3. se descrevem os principios do Real Convento de Santos, e a noticia das suas illustres Commendadeiras desde o anno de 1212 até os nossos tempos. Lisboa pelo mesmo Impressor. 1724. 4.

Celeste, e devota Filotea, e thesouro de espirituales riquezas de santos exercicios com que as almas devotas podem crescer muito nas virtudes, e no amor, e devoção de Jesus, e de Maria. Lisboa pelo dito Impressor 1727.

Novena de Nossa Senhora da Nazareth venerada no sitio da Villa da Pederneira com a relação da sua fuga de Nazareth para o Egipto onde soffio sete annos, e da pergrinação da sua Santissima Imagem de Nazareth à Cidade de Belem. Lisboa por Joseph Manescal Impressor da Serenissima Casa de Bragança 1721. 24.

Exame de consciencia particular, e geral Lisboa por Antonio Pedroso Galraõ 1704. 12.

Compendio das graças, e indulgencias, e mais bens espirituaes de que gozaõ, e participaõ os Irmãos da Confraternidade de N. Senhora do Copacavana sita na Igreja do Real Convento de N. Senhora da Conceição do Monte Olivete de Religiosos Agostinhos Descalços extramuros da Cidade de Lisboa. Lisboa Por Antonio Pedroso Galraõ 1714. 12.

Cathalogo das obras traduzidas.

Da lingua latina do Padre Jacob Merostio na Portuguesá

O caminhante christaõ que dirige a sua jornada à patria espiritual Lisboa por Antonio Pedroso Galraõ 1721. 12.

De Italiano do Padre Paulo Segneri da Companhia de Jesus as duas seguintes obras.

O Inferno aberto para que o ache fechado o Christaõ disposto em varias considerações Lisboa pelo dito Impressor 1724. 12.

O Confessor instruido Lisboa pello dito Impressor 1725. 16.

De Italiano do Padre Sancti Chicarelli Geral da Religião dos Padres Ministros dos Enfermos.

Breve disposição espiritual, que deve fazer todo o Christaõ para estar sempre aparelhado para a morte. Lisboa por Jozé Lopes Ferreira Impressor da Rainha nossa Senhora 1716. 24.

De Castelhana do Padre Francisco de Salazar Jesuita.

Affeições, e considerações devotas sobre os quatro Novissimos acrescentados aos exercicios da primeira semana de Santo Ignacio de Loyola. Lisboa pelo mesmo Impressor 1716. 12. De Castelhana.

Meditações, e suspiros do glorioso Doutor da Igreja Santo Agostinho. Lisboa pelo mesmo Impref. 1727. 12.

Obras que estavaõ promptas para a impressão.

Chronologia Sacra, e profana dividida em 2. Tomos: o primeiro desde os principios do Mundo até a vinda de N. Senhor Jesus Christo; o segundo desde a vinda de Christo até os nossos tempos. M. S.

Vida da Madre Sor. Maria da Assumpção Agostinha Descalça do Real Convento das Descalças de Santo Agostinho de Lisboa.

Chronica das Religiosas Agostinhas Descalças de Lisboa. M. S.

Vida, e virtudes da Ven. Sor Mariana de S. Simeão Religiosa Descalça de Santo Agostinho, e Fundadora dos Conventos de Almança, e Corpus Christi de Murcia em Espanha. M. S.

Exercicio celeste, e thezouro de espirituaes riquezas, e graças sobre as devoções particulares de N. Senhora. M. S.

Jerarchia espiritual com as Vidas dos Santos Varoens illustres da Ordem de Santo Agostinho. M. S.

Meditações, Soliloquios, e Manual de Santo Agostinho traduzidos em Portuguez. M. S.

Historia dos Santuarios de Christo Crucificado, que se veneraõ neste Reyno. Para esta obra tinha junto muitas noticias, mas não a pode concluir por lhe roubarem o que já della tinha composto, como o mesmo Author nos certificou.

Fr. AGOSTINHO DE SANTA MARIA, filho de Manoel Pereira Travassos, e D. Ignez Maria de Azevedo, natural de Lisboa onde estudou a lingua Latina, e letras humanas, e depois Filosofia com admiração dos seus condiscipulos. Recebeo o habito da Ordem de Santissima Trindade em o Convento de Santarem em 5. de Agosto de 1704. e professou a 14. do dito mez do anno de 1705. em cuja Religião exercitou o Officio de Prégador com geral applaudo. Foy Lector nomeado de Theologia no anno de 1719. sendo já Prothonotario Apostolico. Naturalmente era inclinado à Poesia Latina fazendo versos extemporaneos com tanta elegancia, e suavidade, como se foraõ compostos com grande exame, e consideração. Falleceo no Convento de Lisboa a 22. de Janeiro de 1736. De muitas obras assim poeticas, como concionatorias, que tinha composto, sómente publicou as seguintes.

Sermaõ de N. Senhora da Quietação na Parochial Igreja de S. Nicolao Segunda Oitava da Paschoa a 3. de Abril de 1714. Lisboa por Antonio Pedroso Galraõ. 1714. 4.

Sermaõ em acção de graças pelo Capitulo Provincial, que se celebrou no Convento da Santissima Trindade de Lisboa em o Sabado 9. de Março de 1716. pregado no Convento da Villa de Cintra. Lisboa por Jozé Lopes Ferreira Impressor da Serenissima Rainha 1716. 4.

Panegyrico funebre às saudosas memorias da Excellentissima Senhora D. Elvira Maria de Vilhena Condessa de Pontével. Lisboa por Antonio Pedroso Galraõ 1719. 4.

Grinalda de varias flores com que se orna a muy augusta Thiara do nosso Santissimo Padre, e Senhor Benedicto XIII. formada em gratulatorio aplauso da sua faustissima exaltação ao Summo Pontificado Lisboa na Officina Ferreiriana 1725. 4.

Commentaria in Canticum Nunc dimittis Servum tuum Domine. M. S. que se conserva no Convento de Lisboa.

AGOSTINHO DE MEDEIROS natural de Villa de Perdizes termo da Villa de Monte alegre Comarca da Villa de Chaves na Provincia Transmontana. Foy filho de Antonio de Medeiros, e Catherina de Alvar. Recebeo o Habito militar da Ordem de Saõ Tiago no Real Convento de Palmella a 27. de Dezembro de 1671 das mãos do Illustrissimo Prior mór D. Antaõ de Faria. Teve hum Beneficio simplez na Igreja de S. Sebastião de Setubal. Foy muito douto na Theologia Moral como o mostrou na obra seguinte.

Doctrina da Confissão sacramental muy util, e necessaria para qualquer penitente se saber confessar tirada dos Authores de Theologia moral, e de alguns tratados espirituaes 4. M. S. Começa.

A penitencia, que como diz meu Padre Santo Agostinho, he ter pena dos bens, que se deixáraõ de fazer. Acaba. E os tementes a Deos tiveraõ por melhor a affirmativa na qual são estas circumstancias da necessidade da Confissão. No fim de tudo tem a protestaçaõ da letra do Author. Esta obra se conserva na Livraria dos PP. Theatinos desta Corte, onde a vimos.

Fr. AGOSTINHO DO MONTE ALVERNE natural da Cidade de Ponta Delgada Capital da Ilha de S. Miguel, e Religioso professo da Serafica Provincia de S. Joaõ Evangelista nas Ilhas dos Açores. Querendo mostrar-se agradecido à patria, que lhe dera o berço, escreveu com estylo claro, e sincero.

Noticias Historicas das Ilhas dos Açores sojeitas ao dominio de Portugal. M. S.

Conservase esta obra entre os seus Religiosos. Do author faz menção Fr. Appollinario da Conceição *Claustro Francisc.* Lanc. 2. cap. 19. pag. 80.

AGOSTINHO DE MOURA PEÇANHA natural da Cidade de Evora filho de Antonio de Moura, e Neto de Duarte de Moura Provedor da agua da prata sendo Jurista de profissão, exercitou o lugar, que teve seu Avô. Compoz.

Tratado do Aqueducto Real da Fonte da agua da prata dedicado ao Senado da Cidade de Evora, em cujo Cartorio se guarda.

Fr. AGOSTINHO OSORIO Eremita de Santo Agostinho, e celebre Lente de Theologia na Universidade de Lerida no Principado de Catalunha, onde no anno de 1610. dictava aquella faculdade, com universal aclamação. Foy Provincial das Provincias de Aragaõ, e Catalunha, em cujo oneroso ministerio desempenhou as obrigaçoens de hum Superior perfeito. Pela sublevação, que houve nestas Provincias contra os Hespanhoes, que as dominavaõ, passou a França, e tanto se distinguio o seu talento em o Pulpito, que o nomeou seu Prègador em o anno de 1642. a Magestade Christianissima de Luiz XIII. Falleceo a 15. de Novembro de 1646. na provecta idade de 92. annos. Delle se lembraõ Marrac. in *Biblioteca Marian.* Tom. 1. pag. 167. Fr. Petr. de Alva, e Altorg. in *Milit. Concept.* Herrerin. *Alphab. August.* p. 52. ad ann. 1642. & pag. 65. ad ann. 1646. Fr. Anton. da Nativid. *Montes de Cor.* n. 136. Cor 8. §. 2. Figueired. *Flos Sanct. Augustinian.* Tom. 4. pag. 152. Jordan *Chron. de Valenc.* Tom. 1. p. 178. e Nicol. Anton. in *Bib. Hisp.* tom. 1. p. 138. col. 2. Compoz.

Tractatus de Conceptione Deiparæ Virginis Immaculatæ. Venetiis 1648. 4.

Sermon dela Immaculada Concepcion de Nuestra Señora. Barcelon. 1618. 4.

Vida del Bienaventurado San Juan de Sabagun. 1614. 4.

Fr. AGOSTINHO DOS REIS professou em Goa o habito dos Eremitas de Santo Agostinho, e pellas suas virtuosas acçoens acompanhadas de sciencia não vulgar exercitou por muitos annos o ministerio de Confessor das Religiosas do Convento de Santa Monica de Goa. Escreveo como testifica Fr. Agostinho de Santa Maria na *Historia da Fundaçã do dito Convento* liv. 3. cap. 16. n. 189. e liv. 4. cap. 33. n. 540.

Historia da fundaçã do Convento de Santa Monica de Goa M. S.

Fr. AGOSTINHO RIBEIRO Eremita Augustiniano; e igualmente douto na Sagrada Escritura, como versado na liçã dos Santos Padres, e Sagrados Interpretes Escreveo.

Doctrina moralis Sacræ Scripturæ auctoritibus comprobata, Patrum sententiis, ac Philosophorum dictis ampliata, nec non similitudinibus illustrata, & Evangeliiis accomodata, alphabeto digesta, Concinatoribus valde perutilis. fol. M. S. Conserva-se este volume, que he de justa grandesa, na Livraria do Convento da Graça de Lisboa.

D. AGOSTINHO DO ROSARIO Conego Regular da Congregaçã de Santa Cruz de Coimbra, cujo Habito recebeo neste Real Convento a 29. de Outubro de 1621. Foy muito applicado ao estudo das Antiguidades da sua Ordem Canonica escrevendo com grande exame.

Cronica da Congregaçã de Santa Cruz de Coimbra; cuja obra allega Jorge Cardoso no *Agiol. Lusit.* Tom. 2. p. 308. c. 1. e no Commentario de 25. de Março letra C. e no Comment. de 27. do dito mez let. H. Morreo a 19. de Março de 1676.

Fr. AGOSTINHO DA TRINDADE natural de Jurumenha na Provincia do Alentejo, filho de Martim Quaresma, e Brites Rodrigues. Abraçou o Instituto dos Eremitas Augustinianos no Convento de Lisboa, e pro-

fessou em 15. de Dezembro de 1549. A profundidade das suas letras, porque era venerado ainda fora dos Claustros da Religiaõ, o fez digno de que na Universidade de Coimbra se lhe conferissem as insignias doutoraes a 6. de Julho de 1573. na qual foy Lente da Cadeira de Durando, em que foy provido no anno de 1572. donde subio à de Escoto no anno de 1575. e a regentou por espaço de cinco annos, sendo tal a sua subtileza, que competia com a do Mestre, que explicava. Para eterno testemunho da sua profunda litteratura lhe sirva de padraõ o Elogio, com que o exaltou o insigne Padre Luiz de Molina claro esplendor da Companhia de Jesus, pois argumentando-lhe em humas Conclusoens Capitulares no Convento de Evora, e admirado da promptidaõ, e subtileza, com que rebatia o argumento, que lhe propöz, rompeo nestas palavras. *Ego argumentari ausus sum, quia homo hominem Augustini discipulum alloqui credebam, sed ex subtilissimis responsis deprehendo vel tu ò doctissime Præses in persona es Sanctus Augustinus, vel Angelus in habitu Augustiniano. Mihi igitur jam non amplius tecum disputandi, sed solum mirabunde Te audiendi super est facultas.* Não fomite foy a Universidade de Coimbra o Theatro da sua sabedoria, porque tambem lograraõ esta fortuna as Universidades de Bordeus, e Tolosa, sendo nesta Lente de Vespera, e Rector. Varios foraõ os trabalhos, que com animo imperturbavel tolerou, já na infeliz jornada de Africa do anno de 1578. ficando prisioneiro dos barbaros; já seguindo as partes do Senhor D. Antonio, quando pertendeo a herança desta Coroa usurpada pela violenta ambiçã de Phillippe Prudente, padecendo por esta causa incriveis oppressoens, as quaes relata o mesmo D. Antonio na carta escrita na lingua Franceza a Gregorio XIII. no anno de 1583. *Le docteur Maître Augustin del Ordre, & institution de saint Augustin professeur public dela Theologie scholastique de cette Chaire, qui est dedié pour enseigner la doctrine del Escot; le quel foy liè de chaines de fer entre les latrons, et mis es navires espagnoles, finalement ataquè de tempestes dela mer, & pris en un navire espagnol parles incursions des Turcs, il est aujourd' huy captif sous leur puissance.* Do cativeiro, que padeceo em

Africa escreve D. Fr. Thome de Faria *Dec.* 1. lib. 2. cap. 8. dizendo. *Sed quid de captivis? Inter omnes solum efferam P. Augustinum Ord. S. August. qui in florentissima Academia Conimbricensi Theologiae Scholasticae fuerat professor.* D. Joaõ de Castro no *Disc. da vid. delRey D. Sebast.* cap. 14. o muito Reverendo P. M. Fr. Agostinho da Trindade *Varaõ insigne em letras, virtudes, e Religiaõ, e hum raro exemplo de amor da Patria, o qual padeceo por ella galês de inimigos, e cativo de Turcos sem mais o poderem reuder trabalhos, promessas, nem grande velhice emferma* Morreo em Tolosa no 1. de Fevereiro de 1595. Na via Sacra do Collegio de Coimbra dos Eremitas de S. Agost. tem esta inscripção.

Fr. Augustinus à Trinitate Doctor Theologus in hac Universitate, Scoti Interpret subtilissimus, sapientia vel Augustinus, vel Angelus creditus, deinde Tolosæ vesperarius, ac Rector observantissimus. Obiit 1. Februarii. 1595.

Compoz.

Tractatus pro Immaculatæ Virginis Conceptione. Esta obra allega Fr. Joaõ de Santa Maria in *Libello suplici ad Innocentium X. Pont. Max. pro Concept. Deip.* Tolos. 1645. pag. 331.

Commentaria in Magistrum Sententiarum, & D. Thom. 3. Tom.

Esta obra, e do Author fazem menção Fr. Antonio da Purif. *de Vir. Illust. Prov. Lusit. Ord. Eremit. D. Aug.* lib. 2. cap. 10. e na *Chron. da Prov. de Portug.* Part. 2. liv. 7. Tit. 1. §. 3. Elffio *Encom. August.* ad ann. 1598. Herrer. in *Alph. August.* pag. 60. Fr. Ant. da Nativid. *Mont. de Cor.* Cor. 8. §. 2. n. 39. Fr. Manoel de Figueiredo *Flos Sanct. August.* Tom. 4. pag. 130. Nicol. *Ant. Bib. Hisp.* Tom. 1. pag. 139. col. 2. e Tom. 2. pag. 284. col. 1.

Commentaria in Prim. Part. D. Thom. à Quest. 1. usque ad 14. Conservase na livraria do Convento da Graça de Lisboa.

AGOSTINHO DA TRINDADE. Naceo na Cidade do Porto no anno de 1518. donde seus Pays o mandaraõ estudar a Lisboa, mas elle preferindo a sciencia dos Santos às faculdades para que tinha comprehensãõ, e admiravel engenho, recebeu o habito de Conego Secular da Congregaçãõ

do Evangelista no Convento do Santo Eloy no anno de 1545. quando contava vinte e sete annos de idade. Naõ ouve genero algum de virtude em que se naõ exercitasse sendo exactissimo na observancia das Constituiçoens da Ordem, regulando a sua obediencia pelo ardor do seu espirito, e redusindo as potencias, e sentidos a huma continua mortificaçãõ acompanhada de asperos cilicios, e frequentes disciplinas. Por estes actos heroicos mereceo particulares veneraçõens delRey D. Joaõ o III. D. Sebastiaõ, da Rainha D. Catherina, e a Princeza D. Joanna de Austria, buscando no seu Concelho a serenidade das suas consciencias. Baste para claro argumento da sua fantidade o ser director espiritual pelo espaço de trinta annos do Veneravel Padre Antonio da Conceiçãõ, de cuja escola sahio consumado na virtude este varaõ insigne. Quando contava 85. annos de idade, e 58. de Religiaõ foy chamado por Deos para lhe remunerar os seus merecimentos, e recomendando aos domesticos o amor reciproco, cheyo de hum notavel jubilo espirou com tanta serenidade do semblante, como quem se entregava a hum plácido sono a 25. de Mayo de 1603. no Convento de S. Bento de Xabregas. Ao seu enterro concorreo grande copia de povo procurando com devota ancia alguma parte do seu habito, que servio de remedio prompto a muitos enfermos. Escrevem delle Tomas. *Annal. Ord. Can. Secul.* pag. 172. Mertol. *Vid. do Ven. P. Ant. da Conc.* cap. 12. Cardoso *Agiologio Lusit.* Tom. 3. pag. 402. no Commentario de 25. de Mayo let. F. os Padres Miguel da Cruz, e Belchior da Graça Con. Secul. nas suas Relaçõens, e ultimamente Franc. de S. Mar. *Chron. dos Coneg. Secul.* liv. 4. cap. 28. O Illustrissimo Arceb. Primaz D. Sebastiaõ de Mattos, e Noronha no *Catal. dos Var. Illust. em virtud. deste Reyno* com estas palavras O P. Agostinho da Trindade Religioso de S. Joaõ Evangelista de santa Vida, e Milagres. Por ser muito applicado aos Ritos Ecclesiasticos. Compoz.

Ritual das Ceremonias Ecclesiasticas. O qual (saõ palavras de Jorge Cardoso no Comentario de 25. de Mayo let. F.) *posto que se naõ estampou, observouse muitos annos na Ordem em cujos Cartorios se conserva atè hoje M. S. Applicouse* (escreve Franc. de S. Maria no lugar

assima allegado pag. 116.) *com singular cuidado a saber os Sagrados Ritos da Igreja, e delles compoz hum livro, que entre nós se guarda escrito da sua mão.*

Fr. AGOSTINHO DA TRINDADE SEIXAS, natural da Provincia de S. Martinho de Cambres de Rio bom no Bispaado de Lamego, filho de Antonio Fernandes Borges, e Isabel de Seixas da Fonseca. Estando já instruido com a Gramatica Latina, e letras humanas, passou ao Rio de Janeiro para assistir na companhia de seu Irmaõ Francisco de Seixas da Fonseca Pay do Illustrissimo Bispo de Areopoli D. Joaõ de Seixas Monge Benediçtino, e continuando naquella Cidade os estudos deixou o seculo, e recebeo o Habito Serafico em o Convento Capitular da Provincia da Immaculada Conceição. Nella foy duas vezes Guardiaõ, e Definidor eleito no anno de 1719. Teve admiravel genio para a Poesia assim vulgar, como Latina, de que saõ manifestos argumentos.

Duas Elegias Latinas, hum Epigrama, e dous Romances Portugueses em louvor de Fr. Fernando de Santo Antonio Procurador, e Definidor Geral da Ordem Serafica, cujas obras conserva em seu poder com outras a este mesmo assumpto Fr. Apollinario da Conceição Religiofo da mesma Provincia.

Fr. AGOSTINHO VELLOSO, natural de Lisboa, filho de Antonio Rodriguez Freyre, e Isabel de Barros. Recebeo o habito de Eremita de Santo Agostinho no Convento da sua patria a 14. de Fevereiro de 1681. Foy bom Prégador, e destrissimo Organista. Morreo no Convento de Torres Vedras em o anno de 1696. Imprimio.

Sermaõ de N. Senhora da Encarnação em dia de Pascoa com Lausperenne de Christo Sacramento no seu Collegio de Santo Agostinho da Cidade de Lisboa, Lisboa por Joaõ Galraõ 1691. 4.

Fr. AGOSTINHO DA VICTORIA, natural de Montemor o novo na Provincia do Alentejo. Professou o sagrado Instituto do insigne Patriarcha da Hospitalidade S. Joaõ

de Deos querendo ser seu filho pelo habito já que era por nascimento seu patricio. Nesta Ordem exercitou com tal exacção a regra, que mereceo depois de ordenado Sacerdote ser Secretario della, e Mestre dos Novicos. Naõ somente a illustrou com virtudes, mas com letras, escrevendo diversas obras, como foraõ.

Translacion del Cuerpo de S. Juan de Dios nuestro glorioso Patriarcha Fundador del Orden dela Hospitalidad; bizose del Convento de N. Señora dela Victoria dela sagrada Religion delos Padres Minimios al Convento, y Hospital del mismo Santo dela Ciudad de Granada. Madrid por Melchior Alegre 1667. 4. Sahio 2. vez com a Vida do mesmo Santo escrita por D. F. Antonio de Gouvea Bispo de Cyrenc. Madrid por Roque Rico de Miranda 1674. 4. cuja obra, e Author louva Fr. Joaõ dos Santos na *Chronolog. Hospital. y Resum. Hist. da Sagrad. Relig. de S. Juan de Dios* Part. 2. liv. 5. cap. 17. pag. 598.

Instruccion de Novicios dela Ordem dela Hospitalidad. Madrid 1668. 8. sem nome de Impressor.

Adicion à Vida de Fr. Joaõ Peccador Religiofo da mesma Ordem. Começou a *Chronica da Religiaõ,* a que não pode ver o desejado fim.

P. AYRES DE ALMEYDA, natural de Santarem filho de Antonio Alvres, e Catherina de Almeyda. Na idade de vinte annos entrou na Companhia de Jesus a 24. de Março de 1649. em o Noviciado de Lisboa. Aprendidas as letras humanas se applicou às sciencias mayores, em que sahio taõ eminente, que foy destinado para Mestre, lugar, que exercitou com esplendor do seu nome, e credito da Religiaõ até chegar a ser Lente de Prima de Theologia em Coimbra, onde morreo a 7. de Março de 1704. Foy Qualificador do Santo Officio, e entre as virtudes, em que foy insigne, a mayor, que nelle se admirou, era a tolerancia de varias molestias, que igualmente lhe atormentaraõ o espirito, e o corpo. Delle fez breve memoria o Padre Antonio Franc. na *Imag. da Virtud. em o Noviciad. de Lisboa.* pag. 964. Imprimio

Sermaõ do Auto da Fé, que se celebrou em Coimbra no Terreiro de S. Miguel em

17. de Outubro de 1694. Coimbra por Jozè Ferreira Impressor da Universidade 1697. 4.

AYRES BARBOSA, insigne Grammatico, Rhetorico, e Poeta naceo na maritima Villa de Aveyro situada entre os Rios Douro, e Mondego da Provincia da Beira, e foy filho de Fernão Barbosa, e Catherina de Figueiredo, cujos nomes, e patria deixou eternizados neste elegante Epigramma escrito no fim da sua Profodia.

Scire volet patriamque meam, nomenque paternum

Has quisque nugas gaudet habere meas.

Nec dives multum, nec paupertate notandus

A' nobis quondam, sed tamen ortus avis.

Fernandus Barbosa pater, Catharinaq̃ mater

A' notis etiam, quæ Figueretta venit

Me genière, furit vastis quã fluctibus ingens

Ultimus Occidui littoris Oceanus.

Quaque habet Aveiro portu prædives amæno

Quidquid habet tellus, & mare quidquid habet.

Logo nos primeyros annos sentio hum natural impulso para as letras dezejando anciofamente instruirse com ellas, e como naquelle tempo fosse a Universidade de Salamanca o Emporio de todas as sciencias, alcançada faculdade de seus Pays partio para esta Cidade, onde o ardor da idade juvenil resistia à rigorosa inclemencia do seu Clima, como elle confessã fallando cõ a mesma Cidade.

Dum stabant solidæ puerili in tempore vires

Et validis juveni dum mihi sanguis erat.

Non ego lædebar gelidis Salmantica ventis

Non nive, non glacie, non aquilone tuo.

Naõ satisfeito o seu animo com a doutrina de tantos Mestres passou a Florença em cuja Universidade teve a gloria de ouvir por Mestre a Angelo Policiano, oraculo das letras sagradas, e profanas, e a fortuna de ser seu condiscipulo Joaõ de Medicis, que depois na idade de 37. annos subio ao Pontificado com o nome de Leaõ X. como o mesmo Barbosa escreve.

Me Condiscipulum Decimi dum dico Leonis,

Et Condiscipulum Politiane tuum.

Instruido completamente na intelligencia, e mysterios das linguas Latina, e Grega, voltou à Patria, da qual partio segunda vez para Salamanca a 4. de Julho de 1495. que admirando a profundidade da sua sciencia o elegeo Mestre de Rethorica, e depois o foy juntamente de

duas Cadeiras da lingua Latina, e Grega, sendo desta seu discipulo o insigne Andre de Resende. Nesta lingua excedia ao doutissimo Varaõ Antonio de Nebrissa, que na mesma Universidade era Lente de humanidades, com quem teve estreita familiaridade. Jazia neste tempo em Espanha muda a eloquencia; estavaõ separadas do comercio dos Sabios as Musas, e se tinha introduzido huma tal ignorancia das linguas, e letras humanas, que sómente dominava a barbaridade, contra a qual se armou Ayres Barbosa como outro Hercules degollando aquella Hydra mais pernicioza, que a de Lerna, com as doudas instrucçoens do seu Magisterio exercitado pelo largo espaço de vinte annos com singular credito do seu talento, e não pequena gloria, e fruto dos seus discipulos. Ao tempo que tinha jubilado em Salamanca, foy chamado pela Magestade de D. Joaõ o III. para Mestre de seus Irmãos os Cardiaes D. Affonso, e D. Henrique. Obedeceo promptamente à insinuação do seu Principe, como se fora preceito, e chegando a Lisboa lhe agradeceo a eleyção, que delle fizera para lugar taõ honorifico, que exercitou sete annos, em os quaes sahiraõ taõ perfeitamente doutrinados nas letras humanas estes dous Infantes, que foraõ a ultima coroa do seu profundo Magisterio. Retirado à sua Patria se preparou com actos heroicos para a morte, onde igualmente atenuado dos estudos, que dos annos, pois excediaõ de setenta, acabou a vida em o anno de 1530. Foy casado com Isabel de Figueiredo, de quem teve muitos filhos, sendo o mais velho Fernão Barbosa, Moço fidalgo delRey D. Joaõ o III. que estimou muito a seu Pay Ayres Barbosa, como D. Affonso da Fonseca Arcebispo de Compostella. No territorio da Igreja de Santo Andre da Villa da Esgueira que he Vigairaria, e Collegiada do Arcediago de Vouga Bispado de Coimbra fundou huma Capella da invocação de N. Senhora do Desterro na qual está sepultado com este breve epitafio.

Aqui jaz o Corpo de Ayres Barbosa Mestre Grego. Era de 1540.

Neste anno foraõ tresladados os seus ossos para esta sepultura havendo dez annos, que tinha falecido. Imprimio

Epometria, seu de metiendi carmina ratione. Salmanticae. 1515. 4. Habuit ille (falla desta

obra Antonio Honcala in Gramat. Propægn.) *Salmantica magnificam, doctam, uberemque in qua multa questus est, quod non modò Musicæ temporum vitio indignam passa est jailuram duorum generum Enarmonici, & Chromatici, cum tempestate nostra vix diatonico cantetur, sed etiam, quod periere vocum, syllabarumque tum poeticæ, tum communes pronuntiationes.* Desta obra faz illustre memoria Daniel Georg. Morhorfio in *Polybist.* lib. 7. cap. 1. n. 14.

De Orthographia. Salmanticae. 1517.

Commentarij duo in duos Aratoris Cardinalis libros de Historia Apostolica. Salmanticae apud Joannem Porras. 1516. fol. Em cuja obra (diz Andre Scoto in *Bib. Hisp.* pag. 472.) non *Philologum modò, sed & Philosophum fuisse, ac Theologum ejus Authorem jures.*

Antimoria. Conimbricæ apud Cænobium Sanctæ Crucis. 1536. 8. Esta obra he dedicada ao Cardial Infante D. Affonso, e foy composta contra a Moria de Erasmo Rhoteradamo, em que louvou a ignorancia, e neste se exalta a fabledoria Christaã. No fim tem impressos

Epigrammata Varia.

Rhetorica, da qual faz menção em hum epigramma escrito a Jorge de Miranda no fim do *Antimoria* fol. 34.

Rhetorica, en ego cum scripsissem exordia centum Nil dedit auctori lingua diserta meo.

No *Compendio da Physica* do Doutor Pedro Margalho Cathedratico de Prima de Theologia na Universidade de Lisboa impresso em Salamanca em 1520. estão impressas as obras seguintes de Ayres Barbosa.

Epigramma in laudem Petri Margalli

Epistola Latina em reposta de outra escrita pelo mesmo Author, e no fim della huma larga Elegia com este titulo

Ad Juvenes studiosos bonarum Artium Carmen.

Todas estas obras impressas no *Compendio da Physica* do Doutor Pedro Margalho por ser muito raro as transcreveo o Beneficiado Francisco Leytaõ Ferr. Academico da Academia Real na eruditas *Notic. Chronol. da Univ. de Coimb.* à pag. 484. até 488. aonde se poderaõ ler.

Quæstiones quodlibeticæ de qualibet re. Desta obra faz memoria Valerio Andre in *Catalog. Moguntino.*

Com grandes elogios celebraraõ a Ayres Barbosa os mais celebres Varoens da sua idade. Antonio de Nebrissa na prefação das suas introduccoens Gregas diz. *Ego vero cum in meis introductionibus multos locos ex Græco inchoatos reliquisssem, communicata re prius cum Ario Lusitano, à quo uno, si quid usquam Græcarum Litterarum apud nos est, emanavit, ausus sum facere, quod ille harum rerum peritior facere debuisset.* O mesmo Nebrissa in *suis Quinquanar. ad Franc. Ximenes. Græca lingua excitata est, atque jam pridem per Hispaniam divulgata ab Ario Lusitano Viro Græce, & Latine perquam erudito. Refend. in Responf. ad Quebed. fol. 29. v.º. Arius Lusitanus quadraginta, & eo plus annos Salmanticae tum Latinas Litteras, Græcas magna cum laude professus est,* e no *Encom. Erasmi.*

Hispanique sacer meritis honor orbis Arius Magnis cui debet, quantum nunc Pallados illic

Cultior usus habet; docuit nam primus Iberos Hyprocræneo Grajas componere voces

Ore; etenim quidquid frugis nunc Itala regna Græcia quondam habuit, quidquid patriæque, suisque

Importavit, & à Galli Stribligine tandem

Afferuit, ferique dedit Sermone Quirites.

Pedro Sanches in *Epistol. ad Ignatium de Moraes*

Nec sonat illepide pravam, qui damnat Arius Stultitiam, quam quidem olim laudavit inepete.

Martinho de Figueiredo na *Dedicatoria a ElRey D. Joaõ o III. do seu Commento à Historia natural de Plinio. A' Salmantica totius Hispaniæ celeberrimo Gymnacio venire fecisti doctissimum, ac præstantissimum Arium Barbosa magnis præmiis, ac pollicitationibus post concessam studiis quietem.* Lilio Gregor. Girald. de *potioribus sui Sæcul. Poet. Fuit Arius Barbosa Poeta Lusitanus qui in Italia sub Politiano politiores litteras in Hispaniam invexit, & Salmanticae per viginti annos bonas litteras professus est; huic moriens Antonius Nebrifensis opera sua castiganda testamento reliquit.* Scoto in *Bib. Hisp.* pag. 474. *Erat in pangendis carminibus felix.* Joan. Soar. de *Brit. in Theat. Lusit. Litter.* let. A. n. 134. *Vir certe fuit elo-*

quens, & eruditus, & tum prosa, & tum ligata oratione inter earum artium celebriores merito numerandus. Fr. Miguel Salinas lib. *Apolog. em que defende la buena y docta pronunciacion* pag. 15. v.º *Doctissimo en Griego, y latin.* Petr. Angel. Spera de Professor. *Gramat.* lib. 4. pag. 440. Lourenço Crasso *Hist. di Poet. Grec.* pag. 63. *Huomo di molta doctrina, e di molte lingue intendente, e poeta insigne. Costui fu il primo che portò le lettere Greche in Spagna: visse en compagnia di Antonio Nebricense ma con maggior fama del detto Nebricense della lengue Greca, e Poesia.* Nic. Ant. in *Bib. Hisp.* tom. 1. pag. 132. c. 1. *In poetica facultate, Græcanicaque doctrina Nebriffensi melior.* Baillet *Jugem. des Scavans* tom. 4. pag. mihi 331. *fut un des principaux restaurateurs des belles lettres en Espagne.* Ultimamente o Padre Antonio dos Reys in *Enthusiasm. Poet.* impresso no principio dos seus epigrammas. n. 24.

Barbosa tui non ultima versus

Promeruerè tibi bifidi subsellia montis

Non procul à Marco, nitidique à sede Catulli.

P. AYRES BRANDAM, cuja patria se ignora, foy admitido em Goa no anno de 1552. à Companhia de Jesus, quando tinha vinte, e tres annos de idade. O ardente zelo, com que se inflamava na conversão da Gentilidade, o constituhio hum dos primeiros operarios das vastissimas Regioens Orientaes sendo em taõ laborioso ministerio successor do Apostolico espirito do V. Padre Gaspar Barzeo, de quem fora inseparavel companheiro. No anno de 1570. converteo na Cidade de Ormuz ao rebanho de Christo a cincoenta Mouros, e no seguinte purificou em Dâmaõ com as salutiferas aguas do bautismo a outenta, merecendo por estes evangelicos trabalhos ser chamado pelo author da Bibliotheca da Companhia *Venator insignis animarum.* Escreveo

Carta de Goa, escrita em 23. de Dezembro de 1554. aos Irmãos da Companhia de JESUS, em que narra a morte de S. Francisco Xavier, e como o seu Corpo fora recebido em Goa. Evora com outras que mandou imprimir o Arcebispo D. Theotonio de Bragança; por Manoel de Lira. 1598. em folh. Part. 1. a pag. 28. Coimbra por Antonio de Maris. 1570. 4. à pag. 70. tra-

duzida em Castelhana com outras. Alcalá por Juan Iniguez de Lequerica. 1575. 4. à pag. 58. e no mesmo idioma pelo Padre Cipriano Soares. Coimb. por Joaõ Alvres, e Joaõ de Barreira 1565. 4. a pag. 82. Em Italiano Roma presso Antonio Bladio. 1556. 8. Venetia com outras por Tramezino. 1559. 8. Mais abbreviada em Latim pelo Padre Manoel da Costa da Companhia de Jesus liv. 1. *Epistol. de rebus Japon.* Coloniae apud Gervinum Caleonium 1574. à p. 191. até 198. & Delingæ apud Sebaldum Mayer 1571. à pag. 89. até 94. & Lovanij apud Rutgerum Velpium 1566. 8. & ibid. apud eundem Typog. 1570. in *Epist. Indic. et Japonic.* a pag. 129. até 134.

Carta escrita dos Religiosos de Coimbra em 23. de Dezembro de 1554. na qual relata o fruto espiritual, que colhiaõ nas regioens Orientaes os Religiosos da Companhia com huma descripção da Cidade de Ormus. Sahio traduzida em Latim, com outras Lovanij apud Rutgerum Velpium 1566. 8. a pag. 482. até 489. & ibi apud eundem Typog. 1570. 8. in *Epist. Ind. & Japonic.* a pag. 129. até 134.

Carta escrita de Goa no anno de 1556. aos Padres da Companhia de JESUS de Portugal. Conserva-se na Casa professa de S. Roque, e consta de 10. paginas.

Deste Padre fazem menção Sachin. *Hist. Societ.* Part. 2. liv. 4. n. 280. Alegamb. *Bib. Societ.* pag. 89. col. 2. e Nicolao Trigault in *Vita Gasparis Barzæi* liv. 3. cap. 2. Ant. de Leaõ *Bib. Orient.* Tit. 6.

Fr. AYRES CORREA. Natural de Lisboa, filho de Balthezar Correa, e Isabel de Siqueira Religioso professo da Ordem dos Prégadores, Mestre na Sagrada Theologia, Qualificador do Santo Officio, Prior do Convento de Aveiro no anno de 1581. e depois do de Lisboa. Foy hum dos mais doutos interpretes da Sagrada Escritura, que teve a sua idade, como o declaraõ as exposiçoens, que fez em alguns livros della, sendo os principaes.

Commentarij in septem priora Capitula libri primi Regum. fol M. S.

Commentarij in Prophetam Aggeum. & in Epistolas D. Pauli ad Titum, & Philemonem. fol. M. S.

Fazem memoria muito breve deste Author

Fr. Pedro Monteiro *Clauss. Dom.* tom. 3. pag. 134. e Fr. Lucas de Santa Cather. na *Hist. da Prov. de S. Doming. de Portug.* Part. 4. pag. 924.

AYRES DA COSTA Conego da Primacial Igreja de Braga, e Arcipreste de Barcellos igualmente douto nas resoluções do Direito Pontificio, como nos Ritos, e Ceremonias Ecclesiasticas, de que foy manifesto argumento a obra, que dedicou ao Illustriſſimo Arcebispo de Braga D. Manoel de Sousa, com este titulo.

Ceremonial da Missa, e modo de administrar bem os Sacramētos da Eucharistia, & Matrimonio com os Canones Penitenciaes, e outras cousas. Lisboa por Germao Galhard 1548. 4.

AYRES FALCAM PEREIRA natural de Evora, donde passou a Coimbra a estudar Direito Civil, em cuja faculdade fez tantos progressos a sua viva comprehensao, que mereceu ser laureado com a borla de Doutor nesta sciencia. Por ser muito versado em a Historia Sagrada, e profana foy nomeado Guarda mór da Torre do Tombo, ministerio, em que succedeo ao Doutor Antonio Carvalho de Parada, que morreo a 12. de Dezembro de 1655. de quem faremos em seu lugar menção. Escreveo huma obra Juridica, cujo titulo não chegou à nossa noticia.

AYRES PINHEL naceo em Coimbra, que igualmente ennobreceu com o nascimento, como com o magisterio. A viveza do engenho, a madureza do juizo, e a felicidade da memoria, que na sua adolescencia se admirarao, forao certos prognosticos do que havia ser na idade mais adulta. Levado do grande genio, que tinha para as letras passou a Salamanca, onde ouvio por Mestres da Jurisprudencia Canonica, e Civil aquelles dous grandes Oraculos hum Portuguez, e outro Castelhanao, Antonio Gomes, e Martim Aspilcueta Navarro, e com a disciplina destes insignes Cathedaticos já podia ser Mestre, quando era discipulo. Nesta Universidade recebido o grão de Bacharel passou à de Coimbra, onde se graduou Doutor na faculdade de Direito Cesareo, o qual explicou com geral applauso na Cadeira do Codigo

desde o anno de 1544. até 1548. Para fazer alguma pausa nas especulações desta Faculdade passou a Lisboa a exercitar com a mesma profundidade a sua practica no officio de Advogado, porem conhecendo ElRey D. Joao o III. que se diminuy a mayor parte do esplendor da Universidade com a ausencia deste grande homem, o mandou com o titulo de Dezembargador da Casa da Suplicaçao ler a Cadeira de Vespera de que tomou posse em 24. de Fevereiro de 1556. No tempo, que dictava nesta Cadeira erao innumeraveis os ouvintes, que anciosamente frequentavao a Aula, onde era venerada a sua sciencia como de hum oraculo, sahindo della Varoens insignes, que acreditarao o Estado Ecclesiastico, e Secular. Sabendo que estava vaga a Cadeira de Prima em a Universidade de Salamanca passou no anno de 1559. a oppor-se a ella, onde teve por competidor ao grande Jurisconsulto Manoel da Costa nosso Portuguez, e posto, que lhe levou a palma, considerando judiciosamente os Cathedaticos os merecimentos de Ayres Pinhel, lhe consignarao o mesmo ordenado, que recebia Manoel da Costa, até que por morte deste lhe succedeu na Cadeira em que bastava para eterno credito do seu magisterio ter por discipulo aquelle Corifeo da Jurisprudencia Francisco Caldas Pereira, o qual, em diversas partes das suas obras, faz de tal Mestre agradeida memoria. Nesta Universidade onde tinha com universal applauso dos seus alumnos passado grande parte da sua vida foy lamentada a sua morte, que se originou da leve ferida de huma faca na maõ esquerda estando assistindo a hum banquete, a cujo funesto acaſo lhe fez Joao Merula Jurisconsulto o seguinte Epicedio.

*Hic jacet ille solus Pinus sine frondis honore
Altior, et multo pulchrior ante alias.*

*Non potuit Boreas tantam subvertere molem
Quamvis sylvam una perdere nocte solet.*

*Nec fuit igniferi prostrata è fulminis ira;
Ast icu exigno (heu?) læsit iniqua manus.*

*Ictu uno ille jacet placido sub tegmine cujus,
Pierides fesso discubere sono.*

*Dulcisonamque hynam doctus pulsavit Apollo
Quam nunc audito conterit interitu.*

*Sic visum est Superis melior tamen æthera supra
Translata exultat pars fruiturque Deo.*

*Quæ terrena erat truncus manet, atque Camæna
Contentunt lacrymis, pullulat illa suis.*

O seu nome exaltaraõ com diversos louvores Joaõ Bautista Geminian. *de Ufur.* Comment. 1. ad L. Curabit. *Inter recentiores nemini Juris-Consultorum secundus.* Brito de *Locat. et Cond.* Part. 2. §. 2. n. 8. *Egregius Juris Civilis Interpres.* Bened. Pinell. *Select. Jur. Interp.* lib. 2. cap. 8. n. 1. *mature, ac nervose, ut solet, tuetur patronus meus Arias Pinellus.* Mend. à Castr. in L. *cum oportet in Decis. oper. de bon. liberor. Inter illius temporis Jurisconsultos eximius vir litteris, et ingenio præstantissimus miro ac eleganti stylo de bonis maternis tractatum edidit, ac eleganter conscripsit.* Solorz. *de Parricidij crimin.* liv. 2. cap. 17. *magni nominis virum.* Joaõ Pinto Ribeiro *Lust. ao Dez. do Paço* cap. 3. n. 98. Denis Simon *Nouvel. Biblioth. Historiq. et Chronolog.* Tom. 1. pag. 243. *Nous avons de lui deux Traitès tres-solides.* Caldas Pereira Part. 3. *Oper. Emphiteut.* cap. 14. n. 36. *Sed parcant mihi manes doctissimi Pinelli præceptoris olim mei in florentissima Salmanticensi Academia, nisi me suscepti operis officium necessitasque compulerit, non auderem certe tanti viri traditionem carpere.* Et Part. 4. cap. 15. in L. *si Curat.* Verb. *Læsis.* n. 125. e em outras partes lhe chama *doctissimus.* Manoel Soar. Ribeiro seu discipulo nas *observac.* ao Direito Civil cap. 22. *Arius Pinelus homo mebercle mirifice et ad tractandum, & ad docendum jus natus, e em outro lugar, vir juris intelligentia, ingenij acumine, & judicij maturitate ipsi Jurisconsultis præcis non inferior.* Anton. Quezad. in *Quæst. Juris: Egregius ille senex Arius Pinelus.* Bæz. *de Decim. Tut.* cap. 14. n. 4. *vir optimus, virtutis amator insignis ab exacta deligentia, multaque, et accurata lectione, et gravitate judicij omnia attentius excutientis laude dignus.* D. Nicol. Ant. *Bib. Hisp.* Tom. 1. pag. 132. *Jurisconsultus egregius.* Manoel de Faria, e Soufa nos *Comment. das Rim. de Cam.* Tom. 1. pag. 330. o reconhece por bom Poeta. Joaõ Fernandes na Oraçaõ, que fez na Universidade de Coimbra quando a foy visitar o Infante D. Luiz, impressa no anno de 1548. diz. *Sed jam tandem juris peritorum classem, imo vero totam jurisprudentiam*

absolvit Pinellus, non solum juris, sed Justitiæ etiam consultus. Quantus hic in jure Civili sit, mox audies Princeps Serenissime, qui hujus amplissimi Ordinis decreto apud te de jure disputabit ea eruditione, et prudentia, qua jam non semel ex hoc suggesto propositis supra mille thesibus nominis sui gloria universam Hispaniam implevit.

Compoz.

Ad Rubricam, & L. 11. Cod. de rescindenda venditione Commentarij. Conimbricæ apud Anton. Mariz 1558. fol. & Salmanticæ apud Joan. Bautistam à Terranova 1568. fol. com Annotationib. Emmanuel. Soar. da Ribeira. Venetijs apud Damianum Zenerum 1580. 4. Colon. Agrippinæ apud Theodorum Baumium 1573. 8. et Antuerpiæ apud Joan. Keerberg. 1618. fol. Francof. 1696. 8. com Index feito por seu discipulo Innocencio Sueyro; & ibi ex Officina Egenolphi Emmelij 1614. 8. Rinteli. 1667. 4.

De bonis maternis Commentaria, quibus materię successionis jura feliciter explicantur. Conimbricæ apud Antonium Maris. 1557. fol. Venetijs apud Jacobum Cornetum 1586. 8. Francof. apud Nicolaum Basseum 1587. & ibi apud Egenolphum Emmelium. 1614. 4. Antuerp. apud Joan. Keerbergium. 1628. fol.

Estas duas obras sahiraõ juntas Salmanticæ apud Mathiam Gast. 1573. fol. & Antuerpiæ 1621. fol.

Allegatio pro D. Federico de Portugal. Salmanticæ 1562. fol.

Allegatio pro D. Sancio Cardona Aragoniæ. Salmant. eod. an. fol.

AYRES SANCHES, natural de Lisboa donde partio até o Japaõ levado da ambiçaõ de augmentar as riquezas, que posuhia, porem vendo os frutos espirituaes, que colhiaõ os Padres Jesuitas naquelle Imperio, lhes pedio com fervorosas instancias que o admittissem à sua Companhia para ser participante de outros lucros mais preciosos por não estarem fogeitos à inconstancia da fortuna. Deste heroico dezejo tomou a posse no anno de 1561. quando contava trinta, e dous annos de idade. Com incrivel trabalho, e ardente zelo se applicou pello dilatado espaço de dezoito annos à cultura daquella

vaſta vinha, donde colheo copioſos frutos atrahindo ao ſuaue jugo do Evangelho as principaes Pelloas do Japaõ, e convencendo a cega jaçtancia dos Bonſos. Morreo em Omura no anno 1590. com 62. de idade. Eſcreveo.

Carta eſcrita em Bungo aos Irmãos da Companhia de Portugal a 11. de Outubro de 1562. Sahio com outras. Evora por Manoel de Lyra 1598. fol. Part. 1. pag. 10. v.^o Coimbra por Anton. de Maris, 1570. 4. pag. 267. Traduzida em Caſtelhano pelo Padre Cypriano Soares. Coimbra por Joaõ Alvres, e Joaõ de Barreira 1565. 4. pag. 327. e Alcalá por Juan Inigues de Lequerica 1575. 4. a pag. 121. e em Latim por Maffeo lib. 2. *Epist. Ind. Florentiæ* apud Philippum Junctam 1588. fol. e pelo P. Manoel da Coſta lib. 3. *Epist. de rebus Japonic.* Colon. apud Gervinum Calanium 1574. 8. a pag. 311. & Moguntia apud Sealdum Mayer. 1571. 8. a pag. 176. v.^o

Carta eſcrita de Xiqui a 31. de Outubro de 1567.

Carta eſcrita de Firando a 8. de Setembro de 1576. Huma, e outra foraõ imprefſas com outras. Evora por Manoel de Lira 1598. Prat. 1. in fol. a primeira a pag. 247. v.^o e a ſegunda a pag. 373.

Fazem delle mençaõ Sachino *Hist. Societ.* Part. 2. lib. 2. n. 129. e Part. 3. n. 129. e Part. 4. n. 230. Alegamb. *Bib. Societ.* pag. 89. col. 2. Antonio de Leon. *Biblioth. Oriental* Tit. 8. p. 34.

AYRES DA SYLVA. Naceo em Lisboa, e foy filho ſegundo de Ruy Pereira da Sylva Guarda mór do Principe D. Joaõ Pay delRey D. Sebaſtiaõ, Senhor do Morgado de Monchique, e de Izabel da Sylva filha de Joaõ Fernandes da Sylva. Admiraveis foraõ os progressos, que em Coimbra fez nos estudos Filoſoficos, e Theologicos recebendo com univerſal applauſo o gráo de Meſtre em Artes, e de Doutor em Theologia em 27. de Julho de 1567. Atendendo ElRey D. Sebaſtiaõ ao ſeu grande talento, que ſe fazia mais eſtimavel pela integridade dos coſtumes, o elegeo para huma das baſes fundamentaes do Collegio Real de S. Paulo de Coimbra de que tomou a beca em 2. de Mayo de 1563. De Reytor deſte Collegio paſſou a ſer da

Univerſidade, em cujo lugar foy provido em 19. de Novembro de 1564. e o exercitou por eſpaço de cinco annos com ſumma prudencia, e affabilidade. Por ſua direcçaõ inſtituhio na Univerſidade ElRey D. Sebaſtiaõ em o anno de 1568. trinta partidos de vinte mil reis cada hum para trinta Eſtudantes eſtudarem Medicina. Deſgoſtoſo do governo Academico ſupplicou ao Cardeal D. Henrique, que governava o Reyno na menoridade de ſeu Sobrinho, que lhe deſſe ſucceſſor, e attendendo a taõ juſtificada ſupplica o proveo na Igreja de Villaſtor, da qual foy promovido para a Epiſcopal da Cidade do Porto, onde entrou em 19. de Mayo de 1573. com exceſſivo jubilo das ſuas ovelhas. Neſte anno veyo a Coimbra a reformar a Univerſidade, que tinha governado com tanta madureza, ſendo recebido à porta da Sala, onde tomou o juramento em 14. de Novembro, pelo Reytor D. Jeronymo de Menezes acompanhado dos quatro Lentes de Prima. O grande conceito, que fazia da ſua peſſoa ElRey D. Sebaſtiaõ o obrigou para que o acompanhaffe na infeliz expediçaõ de Africa, onde exercitando naõ ſomente as obrigaçoens de folicito Paſtor, mas de valeroſo ſoldado, querendo recuperar a artilharia Portugueza ganhada pelos Mouros, acabou glorioſamente a vida na preſença do ſeu Principe em 4. de Agoſto de 1578. e foy ſepultado com os outros Heróes, que infelizmente acabaraõ neſte dia eternamente fatal à Naçaõ Portugueza, onde a ſua memoria lhe ſerve de honorifico epitafio. Compoz.

Diſcurſo ſobre o Cometa, que appareceo em Lisboa a 7. de Novembro de 1577. até 12. de Janeiro de 1578.

Deſte Prelado eſcrevem Jeronymo de Mendoça na *Jornada de Africa* lib. 1. cap. 6. Manoel de Souſa Moreira *Theat. Geneal. da Casa de Souf.* pag. 738. dizendo D. Manoel de Menezes *Obiſpo de Coimbra, Ayres da Sylva Obiſpo del Porto, que en aquel cruento Sacrificio quixieron ſer antes Victimas, que Sacerdotes.* O Illuſtriſſimo D. Rodrigo da Cunha *Cathal. dos Biſpos do Porto* Part. 2. cap. 37. D. Luiz Salazar y Caſt. *Hist. dela Casa de Sylva* liv. 8. cap. 19. *Logró la primera eſtimacion entre todos los doctos... en la dulçura de ſu gobierno, integridad de ſus coſtumbres experimentaron*

ſus ſubditos un benigniſſimo Paſtor. Cabrer. *Hiſt. de Filip.* 2. liv. 12. cap. 8. pag. 997. D. Nicol. de S. Maria *Chron. dos Coneg.* Reg. Part. 2. liv. 10. c. 15. n. 7. Coneſtagio *Union de Portug. a Caſtil.* liv. 2. fol. 37. Mouſinh. de Quevedo *Affonſ. Afric.* Cant. 11. *Fermoſo Sylva, que em ſeu ſangue abſorto De purpura o Roxete, Elmo a Tiara, Fez de ſi ſacrificio, e lá no Porto A Deos por quem morreo, ſacrificara.*

D. Jozé Barboſa nas *Mem. do Colleg. Real de S. Paul.* pag. 77. e no *Archiathan. Luſitan.* pag. 120.

Arius antiquæ gentis ſplendore coruſcans Sylviæ ab auguſto que ducit nomen Julo. Tanta eſt egregio virtus in peſtore Pauli Ut ſimul, & Cætuſ, celebris que Academia legum

Audiat à Sylva veneranda Oracula magno. Inſpice quanta virum jam præmia digna ſequantur.

Præſul erit veteris Duriuſ quam concituſ Urbis Fluctiſoniſ ſæcūdat aquis, & vitibuſ ornat. Dum tamen impletit Paſtoris munia juſti, Sollicituſque gregem documentis paverit æquiſ Æquora ſulcabit juveniſ ſinuſa Sebaſtuſ Quem rapit incerti ſublimiſ gloria Martiſ. Ariuſ occumbet ſociuſ qui à Rege vocatuſ Pro patria pugnanſ facta exæquabit avorū. Mucroni baculuſ, galeæ ſacra infula cedet, Bellica dumq̄ vigil recipi tormenta laborat, Occumbit morti Lybicis tumulandus areniſ.

AYRES TELLES DE MENEZES, filho ſegundo de Fernão Telles de Menezes quarto Senhor de Unhaõ, Commendador de Ourique em a Ordem de Saõ Tiago, Mordomo mór da Rainha D. Leonor mulher delRey D. Joaõ o II. e de D. Maria de Vilhena filha de Martim Affonſo de Mello Alcaide mór de Olivença, Guarda mór dos Reys D. Duarte, e D. Affonſo V. Foy ornado de admiraveiſ dotes, que ſe illuſtravaõ com o eſplendor do ſeu nacimiento, ſendo taõ perito na Poefia, como deſtro na Luta, muito uſada naquella idade pelas Peſſoas da ſua Jerarchia, para cujo exercicio o dotou a natureza de forças extraordinarias. Acompanhou a ElRey D. Joaõ o II. quando para remedio da enfermidade, que padecia, foy buſcar as Caldas do Algarve, e em

Monchique ſe divertio eſte Principe vendolutar a Ayres Telles ſahindo glorioſamente vencedor de todos os Contendores. Com grande affecto, e naõ menor ſentimento aſſiſtio em Alvor à morte daquelle Monarcha no anno de 1495. Deſenganado das glorias mundanas ſe recolheo à Religiaõ do Patriarcha Serafico, onde acabou piamente a vida. Fazem memoria do ſeu nome Refende *Chron. delRey D. Joaõ o II.* cap. 208. e 218. D. Luiz Salazar, e Caſt. *Hiſt. Geneal. da Caſa de Sylv.* Part. 2. liv. 9. cap. 1. pag. 328.

Algumas das ſuas Poefias imprimio no ſeu *Cancioneiro* Garcia de Refende impreſſo em Lisboa por Herman de Campos. 1516. fol. e eſtaõ a fol. 80. v.º 149. v.º 145. 150. 152. 154. 176. v.º 177. 178. v.º 179. v.º 181. v.º 198. e 199.

AYRES VARELLA, natural da Cidade de Elvas na Provincia do Alentejo. Na Universidade de Coimbra depois de eſtudar Direito Pontificio recebeu o grão de Doutor neſta faculdade. Sendo Conego Doutral na Sé da ſua patria, e Comiſſario da Bulla da Cruzada, o elegeo por Vigario Geral D. Manoel da Cunha Biſpo da meſma Dieceſe, em cujo lugar exercitou a juſtiça, que era propria de hum Miniſtro Eccleſiaſtico. Foy muito verſado na Hiſtoria, aſſim ſagrada, como profana. Morreo na ſua patria no anno de 1665. Para teſtemunhar o leal affecto, com que eſtimava os triumphos alcançados pelas noſſas armas contra as Caſtelhanas no tempo, que ſe acclamou o Sereniſſimo Rey D. Joaõ o IV. eſcreveo.

Succeſſoſ, que boue nas fronteiras de Elvas, Olivença, Campo mayor, e Ouguella o primeiro anno da recuperaçõ de Portugal, que começou no primeiro de Dezembro de 1640. e fez fim em o ultimo de Novembro de 1641. Lisboa por Domingos Lopes Roſa 1642. 4.

Succeſſoſ, que boue nas fronteiras de Elvas, Olivença, Campo Mayor, e Ouguella o ſegundo anno da recuperaçõ de Portugal, que começou em o primeiro de Dezembro de 1641. e fez fim em o ultimo de Novembro de 1642. Lisboa pelo meſmo Impreſſor 1643. 4.

Deixou M. S.

Theatro das Antiquidades de Elvas com a historia da mesma Cidade, e descripção das terras da sua Comarca em folha. Consta de seis livros. 1. desde os Celtas seus fundadores até a possuirem os Mouros. 2. del Rey D. Affonso Henriquez até D. Fernando. 3. de El Rey D. Joaõ I. até D. Affonso V. 4. desde El Rey D. Joaõ o II. até D. Manoel. 5. desde El Rey D. Joaõ o III. até Philippe IV. 6. desde El Rey D. Joaõ o IV. até o cerco do Tarracusa. Por carta do author escrita em Elvas a 9. de Janeiro de 1647. a Jorge Cardoso lhe diz, estar acabando esta obra, da qual escreve D. Francisco Manoel de Mello na 1. Part. das Cartas Familiares Centur. 3. Carta 62. *Quem muito quizer saber das suas memorias (da Cidade de Elvas) e antigualhas satisfará seu desejo vendo o douto, e diligente Livro, que da sua historia tem composto o Doutor Ayres Varella filho benemerito daquella Cidade, Governador do seu Bispado, e Vigario Geral delle, e na Carta. 1. da Centur. 4. muito digno de estimação em todos seus escritos sejaõ relaçoens, ou antiguidades.*

Vita D. Sebastiani de Mattos de Noronha Episcopi Elvensis. Cujos original se conserva na Livraria do Conde de Vimieiro como testemunha o Excellentissimo Conde da Ericira no *Cathalogo*, que fez dos M. S. daquella Livraria, e sahio parte delle impresso na *Colleção dos Documentos da Academia Real do anno de 1724.*

Genealogia de todas as familias do Bispado de Elvas, a qual se conservava em poder de Diogo Gomes de Figueiredo, que foy muito douto neste genero de estudo.

D. ALBERTO DA ASSUMPÇAM FRIQUE, filho de Joaõ Frique, e D. Clara Piper naceo em Lisboa a 16. de Junho de 1691. Recebeo o habito de Conego Regrante de Santo Agostinho no Convento da Serra da Cidade do Porto a 6. de Mayo de 1706. Depois de estudar Filofofia, e Theologia no Collegio de Coimbra com grande credito do seu talento sahio a ser Reytor da Igreja de Saõ Salvador de Penajoya no Bispado de Lamego, de que tomou posse em 29. de Julho de 1725. cujo ministerio exercita com zelo de vigilante Pastor, não sendo inferior a este o que manifesta no

pulpito com grande applauso dos ouvintes. Imprimio.

Oração funebre prégada na Santa Sé de Lamego nas Exequias do Excellentissimo D. Nuno Alvares Pereira de Mello, primeiro Duque do Cadaval, quarto Marquez de Ferreira, quinto Conde de Tentugal &c. mandadas celebrar por seu filho o Illustrissimo, e Reverendissimo D. Nuno Alvares Pereira de Mello Bispo de Lamego em 19. de Fevereiro de 1727. Coimbra por Manoel Carvalho 1727. 4.

Oração funebre prégada no Convento de Jesus Maria Joseph das Religiosas de Santa Clara de Barrò, nas Exequias de D. Nuno Alvares Pereira de Mello primeiro Duque do Cadaval em 28. de Março de 1727. Coimbra por Bento Ferreira Seco 1727. 4.

D. ALBERTO CAETANO DE FIGUEYREDO. Naceo na Villa de Santarem a 24. de Mayo de 1699. e teve por Pays a Manoel de Figueiredo Vaz, e Mariana da Costa. Na idade da adolescencia foy admittido à Religião dos Clerigos Regulares, e na Casa de N. Senhora da Divina Providencia desta Corte recebeo a Roupeta a 8. de Abril de 1720. donde a 13. do dito mez partio para a India, e na Casa de Goa, fez a profissão solemne a 22. de Setembro de 1721. Pelo espaço de quatorze annos exercitou com igual zelo, que fruto dos ouvintes o apostolico ministerio de Missionario, até que voltando para o Reyno mereceo não fomite pela sua affabilidade ser elevado ao lugar de Preposito, que actualmente exercita, mas a estimação pelo talento, que tem para o pulpito, de que he testemunha a seguinte obra.

Panegyrico Funebre nas Exequias de Joaõ de Souza Mexia Cavalleiro professo da Ordem de Christo, Secretario da Junta da Serenissima Casa de Bragança, e do Infantado, e Escrivão da Fazenda da mesma Casa celebradas pela Mesa do Santissimo Sacramento da Freguezia das Mercês a 24. de Julho de 1738. Lisboa na Officina Sylviana da Academia Real. 1738. 4.

Fr. ALBERTO DE FARIA, e não de Farias, como lhe chama Nicoláo Antonio in *Bib. Hisp.* Tom. 1. pag. 5. col. 1. e preterido por Fr. Manoel de Sá nas suas *Memor. Histor.*

dos Escriit. Portug. do Carmo, cujo habito recebeu na Provincia de Portugal, onde aprendeo Filosofia, e Theologia, e sahio taõ douto nestas faculdades, que o julgou digno Fr. Joaõ Bautista Rubeo Geral da Ordem quando no anno de 1556. andava visitando as Provincias de Espanha, de o levar em sua companhia para que as dictasse em Andalusia, sendo o primeiro Mestre, que nesta Provincia leo Theologia, como affirma Manoel de Faria, e Souza na *Europ. Portug.* Tom. 3. Part. 4. cap. 8. n. 102. o qual ministerio exercitou com geral aclamação, ou fosse ensinando, ou arguindo. A grande opiniaõ que corria da profundidade das suas letras moveo a D. Pedro Giron Duque de Ossuna para o nomear Lente de Escritura na Universidade de Ossuna. Occupou os mayores lugares da sua Ordem, sendo duas vezes Provincial; a primeira no anno de 1571. e a segunda no anno de 1596. Depois de tolerar com paciencia huma dilatada enfermidade cheyo de merecimentos com mais de 80. annos morreo em Valladolid. Delle se lembraõ Marco Antonio Alegre in *Parad. Carm. Dec.* Imbonat. in *Bib. Lat. Hebraic.* pag. 300. n. 914. Jacobo Lelong. in *Biblioth. Sacra* pag. 721. col. 1. Deixou *M. S.*

Rerum Theologicarum duo Volumina. fol.

Dialogorum Volumen in quibus Sanctæ Scripturæ Hebraismi, & Græcismi satis subtiliter enodantur. fol.

D. ALBERTO DE S. GONÇALO, veja-se D. ALBERTO DA SYLVA.

Fr. ALBERTO DE S. JOSEPH natural do Lugar de Porto de Mòs, do Bispaado de Leyria. No Real Convento de Alcobaca vestio a Cogulla Cisterciense em 24. de Fevereiro de 1668. Pela grande capacidade de que era dotado para tratar os negocios pertencentes à sua Congregação foy eleyto Procurador Geral, cujo lugar administrou por muitos annos com summo zelo, e cuidado. Naõ foy menor o disvello que praticou no ministerio de Carturario revolvendo com incanfavel trabalho as Escrituras, e documentos do Archivo de Alcobaca para delles extrahir as obras seguintes, que *M. S.* nelle se conservaõ.

Livro das Sentenças, e outros papeis necessarios. fol.

Regimento para o Reverendo D. Abbade Geral deste Mosteiro de Alcobaca fazer as eleiçoens das Justças, Capitaens das Companhias, e outros Officiaes da Milicia. fol.

Fr. ALBERTO DA NATIVIDADE. Naceo na Cidade de Evora, e professou o Instituto de Carmelita Calçado, do qual naõ faz menção Fr. Manoel Sá nas suas *Mem. hist. dos Escriitores desta Provincia.* Foy Mestre de Theologia na Univerfidade de Coimbra, e Reitor do Collegio do Carmo da mesma Cidade, onde dictou aos seus domesticos as sciencias Escolasticas com grande credito do seu nome. Compoz.

De Justitia Dei, cuja obra naõ sahio à luz publica por lho impedir a morte.

D. ALBERTO DA SYLVA. Naceo na Villa de Amarante em o anno de 1635. e teve por Pays a Francisco da Sylva de Valconcellos, e a D. Maria da Pinha Pinto descendentes das mais nobres Familias da Provincia de Entre Douro, e Minho. Na tenra idade de quinze annos recebeu o Canonico habito de S. Agostinho em o Real Convento de Saõ Salvador de Grijò a 16. de Março de 1650. onde em obsequio de Saõ Gonçalo seu insigne patricio tomou por apellido o nome deste Thaumaturgo Portuguez, que depois mudou em o da sua familia, quando foy assumpto a Arcebispo de Goa. Foy dotado de huma viveza extraordinaria para comprehender as difficuldades assim da Filosofia, como da Theologia, de tal sorte, que todo o tempo que frequentou as Escolas ou como discipulo, ou como Mestre mereceo universaes applausos. Tendo exercitado o lugar de Procurador Geral da sua illustre Congregação, de Prior do Real Convento de Saõ Vicente duas vezes, e de insigne Pregador nos mais authorizados Pulpitos desta Corte o nomeou, em atençaõ aos seus grandes merecimentos, a Magestade delRey D. Pedro II. Arcebispo Primaz do Oriente, cuja dignidade naõ permitio a morte, que a administrase mais que pello breve espaço de hum anno, como consta do Epitafio, que se vé gravado na sua sepultura, que esta

no Presbiterio da Capella Mór da Cathedral de Goa nestas palavras.

Sepultura de D. Alberto da Sylva Conego Religioso de Santo Agostinho, Arcebispo Primas da Índia. Chegou do Reyno a este Estando aos 21. de Setembro de 1687. Falleceu aos 8. de Abril de 1688. Depois do seu obito sabio para Governador deste Estando.

Publicou com o nome de D. Alberto de São Gonçalo.

Sermão pregado no Convento de São Domingos desta Cidade na festa, que se fez da Beatificação do Grande Summo Pontifice Pio V. em 9. de Outubro de 1672. Lisboa por Francisco Villela. 1673. 4.

ALEIXO DE ABREU. Naceo no lugar das Alcaçovas da Provincia do Alentejo. Sendo de nove annos passou à Universidade de Evora, onde aprendeo a lingua Latina, Rhetorica, e Filosofia, em cuja faculdade recebeu o grão de Mestre. Mais obediente à inclinação do genio, que à vontade de seu Partido para Coimbra a estudar Medicina donde satisfeito com o estipendio Real, que se costumava dar aos Estudantes pobres, ouviu aos maiores professores daquella arte, sendo o principal Balthazar de Azeredo, que era o Hippocrates daquella idade, e fez nella taes progressos, que com universal aclamação recebeu o grão de Licenciado. Com igual fortuna, que sciencia começou a exercitar esta Arte na Provincia do Alentejo, como na Corte de Lisboa, merecendo, que o elegesse para seu Medico Affonso Furtado de Mendoça, quando foy governar o Reyno de Angola. Neste clima tão nocivo à conservação da saúde obrou curas prodigiosas não sendo menos capaz para curar os corpos, de que para manejar as Armas, pois quando se offerencia alguma occasião militar exercitava as obrigações de valeroso Soldado, e prudente Capitaõ, como em seu applauso cantou D. Francisco Manoel

*Mas em tanto considero
Qual más deve a tu valor
Por Soldado, y por Doutor
Si la pluma, si el azero.
Pues, que uno y otro estado
Cabe en un sujeto solo
Talvez siendo armado Apolo;
Talvez Marte graduado.*

Passados nove annos se restituhio a Lisboa em 1606. onde curando com summa felicidade muitos achaques rebeldes, e inueterados, foy eleyto Medico da Camara del Rey Felipe III. Padecendo huma perigosa enfermidade no anno de 1614. sendo desamparado pellos Medicos por incuravel, elle mesmo se curou, e perfeitamente convaleceo manifestando os males, que padecera no titulo desta obra.

Tratado delas sete enfermidades de la inflamacion universal del higado, sirbo, Pilderon, y riñones, y dela obstruicion dela siliarizi, y febre maligna, y passion hyochondriaca. Lisboa por Pedro Crasbeeck. 1622. 4.

No fim deste livro traz hum tratado do mal de Loanda sendo o primeiro Portuguez que delle escreveu. Morreo em Lisboa no anno de 1630. com 62. de idade. Está sepultado no Claustro do Convento de Lisboa dos Religiosos Capuchos de Santo Antonio com este epitafio.

Sepultura do Licenciado Aleixo de Abreu, e seus herdeiros, Medico de sua Magestade, e deste Convento.

He numerado entre os insignes Medicos por D. Francisco Manoel na Carta escrita a Manoel da Fonseca Themudo.

Fr. ALEIXO DE SANTO ANTONIO natural da Villa de Punhete do Arcebisado de Lisboa. Depois de alcançar o grão de Bacharel na faculdade dos Sagrados Canones em a Universidade de Coimbra recebeu o Habito da Ordem Regular, e Militar de Christo no Real Convento de Thomar a 6. de Janeiro de 1583. Por ser versado em todo o genero de virtudes foy eleyto Mestre dos Noviços, cujo ministerio exercitou pelo largo espaço de trinta annos com grande credito da sua Pessoa. Foy Reytor do Collegio de Coimbra, e Definidor da Ordem. Quando as suas graves occupações lhe permitiaõ algum descanso, se occupava na lição dos livros, em que achava o seu unico alivio. Morreo no Convento de Thomar na provecta idade de noventa annos a 7. de Dezembro de 1648. Compoz.

Commentarios sobre os Evangelhos, que se costumão cantar na Igreja Romana nos Domingos do Advento, e da Septuagesima até a Domingo

de Paschoa; como tambem em algumas Férias, e Festividades de Santos. Coimbra por Diogo Gomes Loureiro 1610. 4.

Filosofia moral colhida dos Proverbios. Coimbra pelo mesmo Impressor 1640. 4. Delle faz memoria Antonio Carvalho da Costa *Corograf. Portug.* Tom. 3. Trat. 4. cap. 1. pag. 162.

Fr. ALEIXO COTRIM Religioso da Militar Ordem de Christo no Real Convento de Thomar taõ insigne na Theologia, como na intelligencia da Sagrada Escriitura, de que saõ testemunhas as obras seguintes, de que faz menção Antonio Carvalho da Costa na *Corog. Port.* Tom. 3. Trat. 4. cap. 1. pag. 162.

Commentaria in Evangelia. Fol. M. S.

Discursos sobre as Domingas da Quaresma. M. S.

D. ALEIXO DE MENESES foy filho de D. Pedro de Meneses primeiro Conde de Cantanhede, e de sua segunda mulher D. Beatriz de Mello filha do Chanceller mór Ruy Gonçalves de Alvarenga. Ainda que não fora taõ fecunda a illustre, e antiga arvore dos Menezes bastava esta unica producção para servir de Coroa à portentosa fertilidade de seus frutos. Querendo a natureza formar na sua pessoa huma perfeita imagem da heroycidade dispoz, que sahisse à luz do mundo em terceiro lugar, servindo-lhe a formação de dous Jrmaõs, que lhe precederaõ, de ensayo para acertar em huma obra, que lhe custava tanto difvelo. Não foy menor o engenho com que a Graça, em emulação da natureza, ornou o seu espirito, communicando-lhe todo o genero de virtudes, que religiosamente praticou desde a infancia até a ultima idade, pellas quaes se fez digno da veneração dos Principes, e do respeito dos Grandes. Ainda contava poucos annos, quando colheo gloriosas palmas na celebre Conquista de Azamór conseguida no anno 1513. em cuja expedição, que foy o preludio das suas militares proesas, não sómente se ostentou companheiro, mas emulo do valor de seu grande Tio D. Joaõ de Menezes. Depois de ter assombrado a Africa com açoens dignas do seu nascimento buscou mayor theatro para exercitar os

marciaes espiritos, que lhe animavaõ o peito, passando à India com o Governador Lopo Soares de Albergaria, onde occupando o posto de Capitaõ de huma esquadra de outo navios, em que discorreo pela Costa da Arabia, e ser Almirante da armada, que no mar Roxo foy buscar ao Soldaõ da Babilonia, se corou com multiplicados triumphos, já na Conquista de Zeila na Costa da Etiopia, já obrigando a ElRey de Bintaõ a levantar o cerco de Malaca tomando-lhe para testemunha da victoria o Forte de Muar guarnecido com setenta peças, já no Socorro de Coulaõ reduzido ao ultimo perigo. Carregado de tantos trofeos se restituhio ao Reyno, onde conhecendo ElRey D. Joaõ o III. que era igual a capacidade do seu juizo à valentia do seu braço, o mandou passar segunda vez a Africa para reformar, e prover os presidios de Arzilla, Azamór, e Tanger, de que eraõ Capitaens D. Joaõ Coutinho Conde do Redondo, o Conde do Prado, e D. Alvaro de Abranches, cuja commissão executou com summa prudencia. A fama das proesas, que obrara no Oriente, o habilitou para ser eleito Governador de taõ grande Estado, cujoa uthorizado lugar não exercitou por querer D. Joaõ o III. servir-se do seu talento em outros ministerios, de que resultava mayor gloria à Coroa, como foraõ ser Embaxador à Magestade Cesarea de Carlos V. e concluir no anno de 1542. os augustos despozorios da Princeza D. Maria com o Principe de Castella D. Filipe sendo Conductor desta Senhora com o lugar de seu Mordomo mór. Não he facil de explicar a grande estimacão, que o Cesar Austriaco, e Filipe II. fizeraõ da sua Pessoa chegando a tal excessso, que por nomeação destes dous Monarchas foy eleyto Padrinho do Principe D. Carlos, o qual para nunca se esquecer da veneração de que era digno o mandava visitar todos os annos. Não houve lugar honorifico para que o não achasse capaz a eleyção delRey D. Joaõ o III. nomeando-o Ayo de seu filho o Principe D. Joaõ, que elle modestamente recusou lembrado do agudo sentimento, que ainda conservava pela intempestiva morte da Princeza D. Maria. O mesmo Monarcha o creou Mordomo mór de sua Esposa a Raynha D. Catherina, cujo officio

administrou com summa gravidade. Ultimamente deixou o mesmo Principe por legado politico no seu Testamento, que fosse Ayo de seu Neto o Principe D. Sebastião querendo ainda depois de morto eternizar o nobre conceito, que fizera quando vivo dos merecimentos de tão grande Vassalo. Nesta incumbencia descobriu os mayores dotes de que se ornou o seu espirito intentando formar naquelle Principe entregue ao seu vigilante cuidado huma perfeita Imagem da Magestade insinuandolhe com affectuosa fidelidade, e grave madureza os dictames necesarios para abraçar as virtudes, e abominar os vicios, de que costumaõ ser fautores os Palacianos. Muitas vezes se valia da severidade para reprimir os violentos impulsos daquelle Principe, que já em idade tão tenra degeneravaõ em excessos; em outras uzava de benevolencia atrahindolhe suavemente a vontade quando repugnava ceder da sua obstinaçãõ. Como sempre atendeo mais pella gloria do Reyno, que pella propria conveniencia, nunca aceitou merce alguma affirmando, que em quanto fosse Ayo delRey D. Sebastião, não pediria, nem aceitaria algum premio por não se attribuir menos ao seu merecimento, que à liberalidade Real. Deste heroico desinteresse será eterno testemunho a singular modestia com que recusou o Condado de Villa de Rey dizendo, que era pobre para tão authorizado titulo possuindo unicamente a Alcaydaria mór de Arronches, que se lhe deu em satisfacção de huma Comenda, que se tirára a seu filho. Foy valeroso Capitaõ, prudente Embaixador, consummado Politico, e em tão diversos ministerios preferio a honra ao interesse, a benevolencia à severidade, e a verdade à lizonja. Feliz seria o reynado delRey D. Sebastião se por mais tempo fora discipulo da sua escola, mas como estava determinada por mais alta providencia a ruina daquelle Principe, permitio, que lhe faltasse tão grande Vassalo, que cheyo de virtudes, e de annos acabou a vida transitoria para começar a eterna em 7. de Fevereiro de 1569. Foy casado duas vezes, a primeira com D. Joanna de Menezes sua Sobrinha filha de D. Henrique de Noronha, de cujo despozorio teve a D. Luiza de Menezes, que casou com D. Pedro de Menezes outavo Senhor de Cantanhede, a qual morreo de parto sem filhos. Dezejãdo ElRey

D. Joaõ o III. que se eternizasse a memoria de D. Aleixo na posteridade, ficando reproduzido na sua descendencia, lhe ordenou que passasse a segundas vodas, quando contava 75. annos de idade. Obedeceo ao Real preceito cazando com D. Luiza de Noronha filha de D. Alvaro de Noronha, de quem teve numerosa successãõ sendo o primogenito D. Luiz de Menezes, que na florente idade de vinte, e trez annos acabou infelizmente na batalha de Alcacer: o segundo foy D. Alvaro de Menezes pagem da Campainha delRey D. Sebastião, que casou com D. Violante de Tavora filha de D. Vasco da Gama Conde da Vidigueira; terceiro D. Pedro de Menezes, que desprezando o mundo se recolheo na Religião dos Eremitas de Santo Agostinho, do qual logo faremos larga mençãõ. A estes tres filhos seguiraõ duas filhas, que foraõ D. Beatriz, que morreo na infancia, e D. Mecia, que casou com D. Luiz Coutinho quarto Conde do Redondo.

Notaveis foraõ os pareceres politicos, que em diversas occasioens compoz D. Aleixo de Menezes, em que se descobrio sempre a rectidaõ do seu juiso, e a fidelidade do seu zelo, assim para a boa educaçãõ delRey D. Sebastião, como para augmento, e conservaçãõ desta Monarchia, dos quaes unicamente chegaraõ à nossa noticia os seguintes.

Voto acerca da qualidade da Pessoa, que devia ser eleita para Mestre delRey D. Sebastião Impresso na *Chron. deste Principe*, que sahio em nome de D. Manoel de Menezes cap. 25. Lisboa na Officina Ferreiriana. 1730. fol. e nas minhas *Memor. Hist. delRey D. Sebast.* Part. 1. liv. 1. cap. 15. n. 131. que sahiraõ em Lisboa por Jozé Antonio da Sylva. 1736. 4.

Discurso acerca de ter sido eleito por Cõfessor delRey D. Sebastião o P. Luiz Gonçalves da Camera, que era seu Mestre. Impresso na *Chron.* já allegada. cap. 113. e nas minhas *Memor. Hist.* liv. 2. cap. 22. n. 166. desde pag. 620. até 628.

Practica feita a ElRey D. Sebastião no dia antecedente à sua Coroaçãõ. Sahio impressa na *Chron.* allegada cap. 126. e na *Historia Sebastica.* liv. 1. cap. 16. composta pelo Reverendissimo Padre Fr. Manoel dos Santos Monge Cisterciense Chronista de Sua

Magestade, e Academico Real, impressa Lisboa por Antonio Pedroso Galraõ 1735. fol. o qual escreve no liv. 1. cap. 2. da dita Historia. *D. Aleixo de Menezes de idade madura, e capaz da importante confiança, que fizeraõ do seu juizo os dous Principes (D. João o III. e Carlos V.) porque foy de grande valor nas armas, discreto, e prudente nas açoens politicas.* Francisco de Santa Maria no *Anno Historic, e Diar. Portug.* pag. 170. e 171. *Foy de grande modestia, e temperança, como bem mostrou não querendo aceitar o titulo de Conde de Villa de Rey; e fallando da Practica que fizera a ElRey D. Sebastião diz que corria com singular estimaçõ nas mãos dos curiosos.*

D. Fr. ALEIXO DE MENEZES, ou de JESUS, foy hum dos Astros, que illustraraõ a famosa Cidade de Lisboa, onde naceo em 25. de Janeiro de 1559. Foraõ seus illustres Pays D. Aleixo de Menezes Ayo de ElRey D. Sebastião, de quem assima fizemos larga, ainda que diminuta memoria, e D. Luiza de Noronha filha de D. Alvaro de Noronha Capitaõ de Azamor. A primeira escola, que frequentou, foy o Palacio, onde pela innocencia dos costumes, e affabilidade do genio lhe era summamente affecto ElRey D. Sebastião, mas considerando, que daquella palestra andavaõ fugitivas as virtudes, se deliberou a desprezar todas as esperanças fundadas no esplendor do seu nascimento, e na inclinaçõ do seu Principe, buscando para taõ heroica resoluçã, sómente consigo consultada, a illustre Religiaõ dos Eremitas de Santo Agostinho, onde no Convento de N. Senhora da Graça de Lisboa recebeu o habito em 24. de Fevereiro de 1574. das mãos de D. Fr. Agostinho de Castro, a quem succedeo na dignidade Primacial de Braga. Notavel foy a consternaçã, que causou nos seus parentes esta deliberaçã de D. Aleixo, chegando a taes excessos, que o queriaõ despojar violentamente do habito, porem toda esta tormenta se serenou considerando com mayor reflexã, que não tinhaõ dominio nas açoens de hum filho, que já estava adoptado por outro mais illustre Pay. Em o Noviciado se mostrou taõ exacto observador dos Estatutos, que servia de estimulo, e de confuzaõ aos seus companheiros. Depois de

professo, quando contava dezoito annos, passou a Coimbra para ser instruido nas faculdades de Filosofia, e Theologia, onde crecia igualmente no estudo das letras, que no exercicio das virtudes, preferindo sempre a sciencia dos Santos a todas aquellas, que tem a sua raiz na gloria mundana. O talento do juizo acompanhado da innocencia da vida o fizeraõ subir a diversos lugares da Ordem, como foraõ Prior dos Conventos de Torres Vedras, Santarem, e Lisboa, e ultimamente a Difinidor. Conhecendo Philippe Prudente as qualidades heroicas, que se veneravaõ na sua pessoa, o nomeou Arcebispo de Goa para com as luzes da sua sabedoria allumiar o berço do Sol. Repugnou por algum tempo aceitar esta dignidade, até que obrigado do preceito Real foy sagrado a 26. de Março de 1595. no Convento de N. Senhora da Graça, e recebeu o Pallio das mãos do Arcebispo de Lisboa o Illustrissimo D. Miguel de Castro. Sem dilaçã partio para a India, e chegando prosperamente a Goa em Settembro de 1595. começou a exercitar as obrigaçoens Pastoraes prègando com elegante efficacia, confessando com ardente charidade ainda àquelles, que estavaõ prezos, ou que remavaõ nas galés, e celebrando Synodo Provincial, com que se reformaraõ muitos abusos, que a liberdade militar inficionada com a comunicaçã dos Gentios tinha introduzido no Oriente. Levantou dous recolhimentos para nelles se conservar inviolavel a honestidade das donzellas. Fundou o Convento de Santa Monica de Goa, para cujas Religiosas compoz as Constituiçoens, nas quaes está respirando o ardor do seu prudentissimo espirito. Não se limitou o seu apostolico zelo ao Continente de Goa, antes parecendo-lhe pequena esfera para o sagrado fogo, que lhe ardia no coração, se dilatou pelo immenso espaço das Regioens Orientaes. Aos moradores de Socotorá, em o nome Christaõs, e na profissaõ Gentios, mandou dous Ministros Evangelicos para os instruir na Fé do Crucificado, e destinou outros dous para illustrar a cegueira dos Scismaticos chamados de S. João situados nos confins da Arabia Deserta, os quaes com o seu Patriarcha abjurãraõ os delirios da sua crença. Sustentou na Fê Romana aos Abexins descendentes dos Christaõs, que acompanharaõ ao

insigne Capitão D. Christovão da Gama quando foraõ focorrer ao Emperador daquelle Estado. Com as saudaveis aguas do Bautifmo purificou as manchas de quatro Principes Orientaes. Entre taõ illustres acçoens, que obrou o seu zelo pastoral, certamente a mayor foy, a que pessoalmente empredeu, e felizmente conseguiu reduzindo na Serra do Malabar ao gremio da Igreja Romana os Christaõs de S. Thome assim chamados por serem descendentes daquelles, que ouviraõ a prègaçaõ deste grande Apostolo. Viviaõ estes obedientes ao Patriarcha de Babilonia professando os scismaticos erros de Nestorio, e Eutiches, e negando a obediencia ao Pontifice Romano. Esta difficultosa empreza inutilmente intentada pelos Bispos de Cochim, e os Missionarios da Religiaõ Serafica, Dominicana, e Jesuitica, gloriosamente a concluyo triumphando de todas as difficuldades, que se oppunhaõ a taõ sagrado intento, pois armado de inviõta paciencia, admiravel constancia, incansavel disvelo, e ardente charidade naõ sem patente assistencia do divino auxilio, rendeo ao Solio do Vaticano ao Patriarcha da Armenia com seis Bispos scismaticos, sendo congratulado por acçaõ taõ Religiosa com agradecidas expressoens pela Santidade de Clemente VIII. em hum Breve expedido em o 1. de Abril de 1599. Depois de reduzidas tantas ovelhas ao rebanho do divino Pastor celebrou Synodo em Diamper, em que estabeleceo determinaçoens necessarias para a administraçaõ dos Sacramentos, e reforma dos costumes. Naõ foraõ inferiores as acçoens, que obrou no governo temporal, como no espiritual, promovendo com igual vigilancia os augmentos da Religiaõ, que os do Estado. Por espaço de quatro annos o governou com summo disvelo, de que foraõ felices consequencias livrar a Malaca, e Moçambique da ultima oppressaõ a que estavaõ reduzidas pelos Olandezes, e ser a principal causa de que fosse totalmente derrotado o Cunhale obstinado inimigo do nome Portuguez. Tendo illustrado o Oriente com os rayos das suas virtudes passou a brilhar com a mesma intensaõ no Occidente admirando-se em dous Polos diametralmente oppostos a benefica efficacia dos seus influxos. Sentado na Ca-deira Primacial de Braga de que tomou

posse em 8. de Agosto de 1612. exercitou taes virtudes, que pareciaõ exceder as practica-das pelos Prelados da primitiva Igreja. Movido da oppressaõ, que padeciaõ as suas ovelhas, partio a Madrid, onde foy benevolamente recebido por ElRey, que o nomeou Vicerey de Portugal, cujo lugar aceitou com beneplacito de Paulo V. O mesmo Principe o fez Presidente do Conselho de Portugal, Capellaõ mór, e Governador do Priorado de Guimaraens, cujas dignidades naõ logrou por muito tempo. Justo era, que correspondesse huma feliz morte a vida taõ sanctificada, e assim conhecendo ser chegado o seu termo depois de tolerar com grande paciencia as molecias da enfermidade, pedio o Viatico, e Extrema unçaõ, e recebidos estes Sacramentos com devota ternura proferindo o canticum *Nunc dimittis servum tuum Domine* entregou o espirito nas mãos do seu Creador em 3. de Mayo de 1617. quando contava 58. annos, trez mezes, e onze dias de idade. Foy depositado o corpo na Sancristia do Convento de S. Phillippe de Madrid donde sendo achado incorrupto foy transferido passados quatro annos para o Convento do Populo da Cidade de Braga, em cuja Capella mór ao lado da Epistola tem gravado no tumulo este epitafio.

Illustriissimo, & Reverendissimo Domino D. Fr. Alexio de Menezes Augustiniensi, Archiepiscopo, ac domino Bracharenfi, Indiarum olim, postea Hispaniarum Primate, Orientis Gubernatori, Lusitaniæ Proregi, Supremi Concilij Præsidi, Catholicæ Majestatis Archicapellano, Christianorum D. Thomæ apud Malavaricos ad Romanæ Ecclesiæ obedientiam reductori, viro religione, ac fidei zelo illustri grati clientes memoriam posuere anno Domini 1628. Illustriissimo ac Reverendissimo Domino D. Roderico de Acunha Archipræsule. Obiit Matriti 3. Maij 1617. annum agens 58.

As acçoens deste insigne Prelado escreveuõ o Illustriissimo Cunha *Hist. Eccles. de Braga* Part. 2. cap. 96. até 101. D. Fr. Antonio de Gouvea assim na *Jornad. do Malabar*, como na *Dedicat. das Relac. da Pers. Fr. Agost. de Santa Mar.* na Prefac. à *Hist. da Fundac. do Conv. de Santa Mon. de Goa* desde pag. 4. até 61. Fr. Franc. Camarg. in *Chronol. Sacr.* ann. 1590. clas.

16. pag. 318. 319. e 320. Torres *Comp. de Var. illust. de Santo Agost.* Cent. 6. cap. 48. Herrer. in *Alpab. August.* Fr. Pedro Calvo *Def. das Lagrimas dos Just.* Part. 2. cap. 12. Fr. Antonius à Purif. de *Viris Illust. Ord. D. Aug.* Lib. 1. cap. 25. *Humilitate, & commiseratione, ac liberalitate in pauperes admirabilis, ac proinde sanctitatis odore notissimus.* Gil Gonçalez de Avila no *Theat. de Madrid* liv. 2. cap. 2. p. 243. *Fue Virey en la India, y estando ala vista de tan immensas riquezas no traxo à España de todas ellas quando ElRey Felipe III. le dio el Arçobispado de Braga mas, que dos relaciones, una de averlas visto, y otra para el mas gloriosa, que contenia la multitud de almas, que dexó alistadas por verdaderas hijas dela Iglesia.* Thomas Gracian in *Anastas. August.* lit. A. p. 15. *Vir omni laude major, æterna memoria dignus, & cujus paucos pares habuit Ordo Augustinianus; doctrina, prudentia, gubernandi peritia, vitæ Sanctitate spectabilis, ratione agendi cum infidelibus scismaticis barbaris ad miraculum prudens.* Illustrissimus Cunha in *Oper. de Primatu Eccles.* Brac. in Catal. Arch. Brach. *virgenere, & virtute clarissimus.* August. Barbos. de *Potest. Episcop.* Part. 1. cap. 8. n. 87. *Omnibus ingenii, virtutisque dotibus ornatissimus, qui Orientalium Indiarum infidelibus ad Christi Domini fidem convertendis, & improborum moribus corrigendis ita diligens ea vitæ Sanctitate sempre extitit, ut apud optimos, et bene de republica Christiana sentientes summe in religione fuerit habitus, qui dum divinarum, humanarum quæ rerum scientia, ac Sanctitate se admirabilem omnibus præbuisse &c.* Fr. Maurit. à Matre Dei in *Sacra Eremo Augustinian.* Congreg. Galliar. lib. 1. cap. 2. §. 1. *ut de illo jure merito dictum fuerit quod à D. Thomæ Apostoli temporibus nullus ibi uberiorem fructum in animarum salute promovenda produxerit.* Curtius *Elog. Vir. Illustr.* D. Aug. p. 181. *Non modo Pontificis egregiam personam gessit, sed expressit etiam perfectum Apostolum.* Fr. August. Maria Arpe in *Panth. August.* pag. 343.

Salve Alexi,

Eremi Decus, Mitræ ornamentum, Persarum Sol.

Salve Heros inclyte

Hesperiaæ Lucifer, lux Malabaræ.

*Cum Te Oriens aliquando discussit noctem
Et veritatis aspexerit diem.*

*Novo in Te ordine tantum coierunt honorum
dona*

Et de victoria cuncta contenderant

Hispaniæ Primas, Indiarum moderator

Bracharæ Antistes

Illustrasti temporum fastus.

Et fastu superior

Meritis infulas, principatū vicisti virtutibus.

Manoel de Faria, e Souza *Asia Portug.* Tom. 3. Part. 2. cap. 8. *Varon grande enla Iglesia.* Joan. Soar. de Brit. in *Theat. Lusit. Litter.* lit. A. *In totius Orientalis Indiæ primatum evectus talem se gessit qualis olim in primævo illo nascentis Ecclesiæ flore Episcopi consuevere.* Barros *Decad.* 4. da *Asia* liv. 3. cap. 2. *Como mostrou na reduçã dos antigos Christãos de S. Thome à Fè Catholica, a obediencia de Santa Igreja Romana, da qual avia mais de mil annos que estava apartados, em que este Illustrissimo Arcebispo com perigos continuos, e incansaveis trabalhos imitou os Prelados da primitiva Igreja.* Joan. Bapt. Ricciol. in *Chronol. reformat.* Tom. 2. ad ann. 1599. Beyerlinck in *Oper. Chronol.* ad ann. 1598. e 1599. Fr. Lud. Genvenf. in *Pomp. Sacr. August.* pag. 24. Fr. Antonio da Nativid. *Montes, de Cor.* Mont. 3. Cor. unic. §. 1. n. 24. Fr. Manoel de Lacerd. in *Quæst. Quodlib.* quæst. 9. art. 1. Joan. Hayus de *rebus Japon.* Petr. Jarric. in *Thez. rer. Indic.* lib. 3. à cap. 8. ad 13. Telles *Chron. da Comp. da Prov. de Portug.* Part. 2. liv. 6. cap. 38. n. 5. e na *Hist. da Etiop.* *Alt.* liv. 3. cap. 11. Nicol. Ant. in *Bib. Hispan.* Tom. 1. p. 5. col. 2. & tom. 2. pag. 277. col. 1. *Rho Var. Virt. histor.* lib. 1. cap. 12. n. 9. Compoz.

Historia da Provincia de Portugal da Ordem dos Eremitas de Santo Agustinho até o anno de 1400. M. S.

Da Antiquidade da Ordem de Santo Agostinho. M. S. *Quem librum* (saõ palavras de Fr. Antonio de Purificação de Viris Illustribus lib. 1. cap. 25. (paucis additis, & in Hispanum idioma conversum Magister Joannes Marques post ejus mortem proprio nomine edidit. O qual fahio com este titulo Origen delos frayles Ermitaños dela Orden de S. Augustin, y su verdadera institucion

antes del gran Concilio Lateranense. Salamanca por Antonia Ramires Viuda 1618. fol. e depois traduzido em Italiano Turim. 1620. fol. Mais expressamente declara Fr. Antonio da Purific. na 1. Part. da *Chron. de Prov. de Portug.* no Prol. fol. 20. ser este livro quasi todo composto da obra que deixara imperfeita D. Fr. Aleixo de Menezes. *Hum tratado que fez da Antiquidade da nossa Ordem, e tambem este tratado se não imprimio pelas muitas, e grandes occupaçoens de seu Author. Com tudo não deixou de todo de se lograr taõ precioso trabalho, porque vendo-se depois o Arcebispo em Madrid com a Presidencia do Conselho Real deste Reyno mais impossibilitado para lhe por as ultimas mãos, o entregou ao Padre Mestre Fr. João Marques Cathedratico de Salamanca, do qual elle tirou a mayor parte, do que diz no seu doutissimo livro da Origem da nossa Religião, como se vé conferindo com elle hum treslado, ou Original, que tenho em meu poder da letra do mesmo Arcebispo.* Este livro parece ser o *Defensorio da Ordem*, que affirma o Illustrissimo Cunha na *Hist. Eccl. de Brag.* Part. 2. cap. 101. n. 10. compusera D. Fr. Aleixo de Menezes, mas que se não imprimira.

Vidas dos Religiosos modernos que na Religião de Santo Agostinho da Provincia de Portugal florescerão em virtudes, e vida religiosa M. S. Desta obra se lembraõ Cunha no lugar affima allegado, e Cardos. no *Agiol. Lusit.* Tom. 1. p. 308. no Comment. de 31. de Jan. let. I. e o Padre Philippe Labbe in *Biblioth. Bibliothecar.* pag. 4.

Vida do Veneravel Fr. Thomé de Jesus impressa no principio da obra *Trabalhos de Jesus.* Saragoça por Juan de Lanaya 1624. 4. e em Italiano Roma por Luduvico Grignani 1644. 4. e na lingua latina por Fr. Mauricio da Madre de Deos Agostinho Descalço no principio do seu livro *Sacra Eremus Augustiniana Cong. Galliar.*

Vida da Veneravel Beatris Vaz de Oliveira Religiosa Agostinha M. S. o qual vio na Livraria do Eminentissimo Cardial de Souza o Padre Francisco da Cruz, como affirma nas suas *Memor. M. S.* para a *Bib. Portug.*

Synodo Diocesano da Igreja, e Bispado de Angamale dos antigos Christãos de S. Thome das Serras do Malavar das partes da India

Oriental. Coimbra por Diogo Gomes Loureiro 1606. fol. e não, em Lisboa, como escreve o P. Tachard da *Comp. de JESUS* ao P. Trevou em huma carta de 18. de Janeiro de 1711. a qual está no Tom. 12. de *Lettres Edifiantes* pag. 384. Esta obra de que faz menção honorifica a *Bib. Orient.* de Anton. de Leon modernamente acrescentada Tom. 1. Tit. 16. col. 461. compoz sem auxilio de pessoa alguma. No fim do Synodo está.

Missa de que usão os antigos Christãos de Saõ Thome do Bispado de Angamale das Serras do Malavar da India Oriental purgada dos erros, e blasfemias Nestorianas de que estava cheya pello Illustrissimo, e Reverendissimo Senhor D. Fr. Aleixo de Menezes Arcebispo de Goa Primaz da India, quando foy a reduzir esta Christandade à obediencia da Santa Igreja Romana. fol. Esta obra sahio vertida em Francez por Fr. João Bautista de Glen Religioso Agostinho, e sahio em Anvers por Jeronymo Verdussen 1609. 8. com este titulo.

Histoire Orientale des Grans Progres del' Eglise Catholique Apost. et Romen la reduction des anciens Chrestiens dits de S. Thomaz, de plusieurs autres schismatiques, e Heretiques al' union dela vraye Eglise, conversion encor des Mahometains Mores, e Payens.

A Historia do Synodo da Igreja de Angamale, de que já fallamos, foy traduzida com algumas notas por Monfieur Geddes Cancellario da Igreja de Salisburi, em a lingua Ingleza, contra o qual Synodo fez huma larga invectiva Monfieur de la Croze Bibliothecario delRey de Prussia na *Histoire du Christianisme des Indes* impressa ala Haye ches les Freres Vaillant, e Prevost. 1724. 8. querendo como sequaz das heregias de Lutherio infamar a memoria do virtuoso Prelado D. Fr. Aleixo de Menezes por ter extirpado a venenosa zizania dos erros, em que viviaõ aquelles povos, que são semelhantes aos que defendem os Lutheranos, quaes são negar a Transubstanciação no Sacramento do Altar, excluir do numero dos Sacramentos a Confirmação, Extrema Unção, e Matrimonio, não conhecer ao Pontifice por suprema cabeça do Corpo Mystico da Igreja &c.

Cathecismo para instrução dos Christãos de

São Thome (o qual) diz Fr. Antonio de Gouvea na Dedicatoria a D. Fr. Aleixo do livro *Relação da Persia compoz de memoria como hia falto de livros, dignissimo, que a Igreja toda o receba.*

Constituições para as Religiosas do Convento de Santa Monica de Goa, confirmadas por Paulo V. por hum Breve expedido em 27. de Novembro de 1613. que começa *Ut ea quæ pro Religione.*

Carta escrita de Goa a 24. de Dezembro de 1609. aos Religiosos do Convento da Graça de Lisboa quando lhes mandou a Cruz, e cofre preciosos que se conservaõ no mesmo Convento. Sahio impressa no *Santuár. Marian.* Tom. 8. pag. 165. Lisboa por Antonio Pedroso Galraõ 1720. 4.

Fr. ALEIXO DE MIRANDA HENRIQUES filho de Henrique Henriques de Miranda, e D. Maria Landroby naceo em Lisboa, e na idade da adolescencia professou o Sagrado instituto da Ordem dos Pregadores, em o Real Convento de São Domingos de Bemfica a 9. de Junho de 1710. Instruido nas sciencias escolasticas passou a Goa, onde as explicou aos seus domesticos com grande opiniaõ do seu talento. Presentado na Faculdade de Theologia voltou a Portugal, e no Real Collegio de N. Senhora da Escada desta Corte leo a Cadeira de Moral. No anno de 1728. foy eleito Prior do Convento de Bemfica donde acabado o triennio do seu governo passou a ser Vigario das Religiosas do Convento de S. João de Setubal. He Consultor da Bulla da Cruzada, e grande Prégador, como o declaraõ as obras seguintes.

Sermaõ da Canonização de S. Peregrino Laziosi da Sagrada Ordem dos Servitas prégado no solemniſſimo Outavario com que Sua Magestade, que Deos guarde, ordenou se festejasse a Canonização do mesmo Santo no Real Collegio de Santo Antão desta Corte. Lisboa na Patriarchal Officina da Mulica 1728. 4.

Sermaõ da Canonização de Santa Ignes de Monte Policiano da Sagrada Ordem dos Prégadores prégado no solemniſſimo Outavario com que os Religiosos de S. Domingos desta Corte festejaraõ a Canonização da mesma Santa ibi na dita Officina 1733. 4. Do Au-

thor faz memoria Fr. Pedro Monteiro no *Claustro Dominicó* Tom. 3. pag. 134.

ALEIXO DA MOTA, hum dos mais peritos Pilotos da navegação da India Oriental, que pelo largo espaço de vinte e cinco annos continuou em seis viagens entre as quaes sendo Piloto da Náo S. Martinho em o anno de 1598. como era taõ experimentado naquella arte para instrucção daquelles, que quizessem perfeitamente sabella, escreveu.

Roteiro da Navegação da India M. S.

No qual descreve com grande individuação as monçoens, mais opportunas para navegar observando judiciosamente os Ventos, tempestades, calmarias, baixos, promontorios, Abras, e Portos, que encontraõ os navegantes de Lisboa até Goa, de Goa a Cochim, Malaca, China, e Japaõ, naõ samente relatando o que vira, mas ainda o que colhera dos mais celebres Pilotos Portuguezes. Sahio este Roteiro vertido em Francez em o Tom. 2. de diversas Navegaçoens. Pariz chez Jacques Langlois 1664. in fol. Huma parte delle transcreveo Manoel Pimentel na sua *Arte Pratica da Navegação.* Lisboa por Bernardo da Costa de Carvalho 1699. fol. a pag. 327. Desta obra, e do Author faz mençaõ o moderno Addicionador da *Bib. Nautica* de Antonio de Leão Tom. 2. Tit. 3. columna 1106.

ALEIXO SALGADO CORREA, foy taõ douto no Direito Civil, como recto na observancia da Justiça, que sendo Juiz administrou por muitos annos em diversas Cidades. Da larga experiencia, que tinha no officio de julgar, e da continua applicação aos livros com que nesta materia estava instruido querendo formar hum prefeito Ministro compoz na lingua Castelhana esta obra.

Regimiento de Juezes. Sevilla por Martin de Montesdoca. 1556. 4.

Do livro e do Author se lembra Nicol. Ant. *Bib. Hisp.* Tom. 1. pag. 6. col. 1.

ALEIXO DE SIQUEIRA, natural do lugar de Panoyas na Provincia do Alentejo muito perito no estudo das letras humanas. Para que a mocidade Portugueza percebesse claramente as moralidades, que estaõ occultas nas Odes de Horacio Flacco

Principe dos Poetas Lyricos, as traduzio na lingua materna, e as dedicou ao Illustrissimo D. Verissimo de Lancastro depois Cardial da Igreja Romana com este titulo.

Odes de Horacio em Portuguez para uso dos Estudantes. Evora por Manoel Carvalho 1633. 8.

ALEXANDRE DE AGUIAR, natural do Porto chamado antonomasticamente Orfeo, não fomentado pelo sublime genio com que poetizava, mas pela singular destreza com que tangia viola de sete cordas, e a natural graça, e melodia com que cantava, por cujos dotes foy admitido primeiramente pelo Cardial D. Henrique, e depois por Philippe II. entre os Musicos da sua Camera, dos quaes Principes recebo não vulgares estimaçoens certamente merecidas pelo talento, pois raramente se achariaõ em hum só homem juntas as partes, que nelle se admiravaõ. Compunha em solfa os versos, que fazia; depois com igual destreza, e suavidade os cantava acompanhados à viola, que singularmente tocava, sendo ao mesmo tempo Poeta, Musico, e Tangedor insigne. Assistindo em Madrid no anno de 1605. e voltando desta Corte para a de Lisboa em hum coche, morreo infelizmente em 12. de Dezembro naufragante em huma torrente, que corre entre Telavervella, e Lobon juntamente com Francisco Correa da Sylva filho segundo de Martim Correa da Sylva Embaixador a Carlos V. Deixou muitas obras assim poeticas, como Musicas, das quaes são celebres as *Lamentaçoens de Jeremias, que se cantaõ na Semana Santa* compostas com grande sciencia.

ALEXANDRE ANTONIO DE LIMA. Naceo em Lisboa a 21. de Janeiro de 1699. e teve por Pays a Francisco Mendes Barbosa, e Lima, e a D. Jozepha Thereza de Moura. Depois de instruido na lingua latina, e Humanidades levado do genio, que tinha para a Poesia a cultivou com grande applauso do seu talento principalmente a Comica, de cuja arte tem publicado as obras seguintes.

Novos encantos de Amor representação comica, que se representou na Casa da Mouraria. Lisboa por Pedro Gargareje 1737. 8.

O zeloso, e o Avaro pella industria castigados Representação comica.

Tres Sonetos, e huma decima à intempestiva morte da Serenissima Senhora Infanta D. Francisca. Sahio em a obra intitulada *Vozes da pena, e clamores da Saudade*, composta a este funebre assumpto Lisboa sem anno, nem nome do Impressor. 4.

Rafgos Metricos. Tom.1. M. S. He huma collecção de todas as suas obras Poeticas, que já está prompta com todas as licenças para se immir.

ALEXANDRE BRANDAM posto que nacido em Roma de Mãy Italiana, teve por Pay a Manoel da Costa Brandaõ natural de Lisboa, homem nobre, e creado naquella Curia de idade pueril, o qual mandando instruir ao filho nas letras humanas, como era dotado de agudo engenho, e grande comprehensão, sahio nellas egregiamente consummado. Pelo natural amor, que professava à Nação Portugueza donde era oriundo se applicou com summo disvelo a escrever as militares proefas, que obrara no tempo, que foy elevado ao Trono o Serenissimo Rey D. João o IV. e para que se fizessem mais patentes em toda Italia as compoz nesta lingua com o titulo seguinte.

Historia della Guerre di Portugallo succedute per l'occasione dela separatione diquel Regno della Corona Catholica. Venetia presso Paulo Baglioni. 1689. 4.

Esta obra continuou seu Sobrinho Francisco Brandaõ, em dous Tomos, que sahiraõ impresos em Roma por Martiis ala Pace. 1716. in 4.

ALEXANDRE DO COUTO natural de Lisboa, e Capellaõ mór no exercito de Pernambuco, que triumphou nos Montes Gararapes por duas vezes da violenta oppressão dos Olandezes. Foy muito douto nos estudos Mathematicos, e não menos versado na Theologia Escolastica, e Mystica, como na Poesia. Deixou com grande perda da Republica litteraria sem o beneficio da impressão muitas obras, que se conservavaõ em poder da Excellentissima Condesa de Penaguiaõ, que eraõ as seguintes.

Observaçoens mathematicas, e reduçoens astronomicas illustradas de humanas, e divinas letras sobre o maximo Cometa, que appareceu no Meridiano de Lisboa aos 21. de Dezem-

bro de 1680. *Refutaõ-se os erros de Academicos, Peripateticos, e Ptolemaicos sobre as duas Regioens Etherea, e Elementar escrito no anno de 1681.* 4. Dedicado ao Capellaõ Mõr D. Luiz de Sousa.

Triunfos da noite aos Anacaphaleoses de Bo-carro com algumas advertencias à sua liçaõ, que cautamente construe Alexandre do Couto anno 1687. 8.

Theologia Mystica conforme a doutrina dos Santos Padres, e Mestres da Vida Espiritual escrito no anno de 1692. 4.

Brado do encoberto da vinda, e Vida delRey D. Sebastiaõ, escrito em o anno de 1693. 4.

Varias Obras poeticas em diverso metro Portuguez. 4.

Fr. ALEXANDRE DA CRUZ, naceo em a Cidade de Braga donde passando na idade de 17. annos a Lisboa professou o instituto de Carmelita Descalço no Convento de N. Senhora dos Remedios a 25. de Março de 1634. Foy grande Theologo, e naõ menos insigne Prégador deixando para testemunho do talento que tinha para o pulpito.

Sermaõ da Canonizaçaõ de Santa Maria Magdalena de Paçxi prégado no Convento de Corpus Christi dos Carmelitas Descalços. Sahio impresso no livro intitulado *Forasteiro admirado* a pag. 160. Part. 2. Lisboa por Antonio Rodrigues de Abreu. 1672. fol.

ALEXANDRE FERREIRA, filho de Ignacio Ferreira, e Maria Ferreira. Naceo na Cidade do Porto a 4. de Outubro de 1664. Depois de ter aprendido na patria as letras humanas passou a Coimbra, e applicando-se ao estudo do Direito Cefareo, fahio nelle taõ perito que mereceo laurearse com a borla de Doutor na mesma faculdade. Foy admitido ao Collegio Real de S. Paulo em 30. de Novembro de 1694. donde passados seis annos subio a Lente de Instituta em cujo Magisterio descobrio os thesouros da sciencia legal pelos quaes chegou a occupar os lugares de Desembargador do Porto, e Casa da Supplicação, de que tomou posse a 13. de Março de 1708. e da Meza dos agravos a 7. de Novembro de 1715. Deputado do Tribunal da Bulla, da Meza da Consciencia, e Ordens, do Conselho da Rainha,

e da Serenissima Casa de Bragança. Foy nomeado em 29. de Abril de 1726. Secretario da Embaxada extraordinaria, com que foy à Corte de Madrid o Excellentissimo Marquez de Abrantes D. Rodrigo Annes de Sá Almeyda, e Menezes, para onde partio em 24. de Fevereiro de 1727. Restituído a esta Corte foy eleito em 12. de Abril de 1731. Academico do numero de Academia Real da Historia Portugueza para escrever as Memorias das Ordens Militares deste Reyno, a cujo estudo indefessamente se applicava nas horas vagas que lhe permitia a continua assistencia dos Tribunaes. Morreo em Lisboa a 9. de Dezembro de 1737. com 73. annos de idade, e foy sepultado na Parochial Igreja do Sacramento. Compoz.

Allegacion juridica, en que por las verdades mas solidas dela Jurisprudencia se muestra el infalible derecho com que los Reynos, y Señorios de España pertenecen por muerte delRey Catholico Carlos II. al Serenissimo Señor Archiduque de Austria Carlos III. verdadero, y legitimo Rey delas Españas. Lisboa en la imprenta de Valentin da Costa Deslandes Impressor dela Casa Real. 1704. fol.

Oraçaõ com que gratulou a Academia Real de ser admitido ao numero dos seus Collegas. Impressa na *Collecção dos Documentos, e Memor. da Academia Real da Histor. Portug. do anno de 1731.* Lisboa por Jozé Antonio da Sylva. 1731. fol.

Memorias, e Noticias da celebre Ordem dos Templarios para a Historia da admiravel Ordem de Nosso Senhor Jesu Christo. Part. 1. Tom. 1. Lisboa por Jozé Antonio da Sylva 1735. 4.

Part. 1. Tom. 2. Lisboa pelo mesmo Impressor, e no mesmo anno.

Delle fazem mençaõ o Padre D. Manoel Caet. de Souza in *Exped. Hispan. S. Jacobi Apost.* tom. 2. pag. 1405. n. 273. *Vir eruditione clarissimus, cujus scripta typos non semel decorarunt.* E meu Irmaõ D. Jozé Barbosa Chronista da Serenissima Casa de Bragança, e Academico Real nas Memor. do Colleg. de S. Paulo pag. 234. dizendo que *era naturalmente elegante, e bom Poeta Latino,* e no *Archibthæneo Lusit.* pag. 61.

Magnus Alexander regnum defendet Anitum

*Austriadum, at vario mutantur tempora cursu
Basilie Princeps thalamo sibi jungere natam
Cum volet Augusti Hispanum qui temperat
orbem,*

*Fœdera firmabit Tubucum Marchio præs-
tans*

Legatus Lyssæ, quo non illustrior alter.

Ibit Alexander secreto fidus, & arte

*Palladis instructus: quantus sit, noscet Ibera
Gens, Lusæ & noscet dubio gens grata tri-
umpbo.*

ALEXANDRE FERREIRA DE ALMEYDA, natural do Lugar de Arcas termo da Villa de Mondim, e Sever, Comarca de Lamego, Pagador geral da gente de Guerra da Provincia da Beira, e partido de Ribacoa. Com estylo claro, e espirito muito diverso da profissão do seu estado escreveu, e dedicou no anno de 1659. à Excellentissima Condesa de Penaguião D. Luiza Maria de Faro.

Defengano dos enganos da Vida, e louvores da morte. fol. M. S. consta de 126. fol. cujo original, como vimos, se conserva na Livraria dos Religiosos Capuchos da Provincia de Santo Antonio desta Corte.

ALEXANDRE DE FIGUEIROA Ulyssiponense, filho de Duarte de Figueiroa, e D. Maria de Sampayo foy taõ illustre por nascimento, como pelo sublime engenho. Desde a puericia se applicou às letras humanas, as quaes cultivou por toda a vida com tanto disvelo, que excedeo a todos os seus contemporaneos neste genero de estudo. Sendo vastamente versado na lição da Historia, ainda o era mais em as obras dos Poetas, e Oradores, os quaes não sómente conservava na memoria, mas explicava os seus lugares mais difficultosos como muitas vezes o manifestou na Academia dos Singulares, de que foy celebre alumno. Morreo na sua patria no anno de 1676. com grande faude dos seus Collegas. Foy Secretario da Rainha D. Luiza Francisca de Gusmão, e cazado com D. Maria Pacheco de Lima de que he seu descendente o Morgado da Torre do Lumiar. Compoz muitos Versos Latinos com elegancia imitando o estylo de Estacio, como em seu aplauso cantou a

Musa de Manoel de Galhegos no *Templo da Memor.* liv. 4. Estanc. 191.

Divino Figueiroa mais divino

Que o que celebra por divino Espanha,

Virgilio Portuguez, Phebo Latino

Unica erudição, facundia estranha

Naquelle estylo superior de Estacio

Bragança encomenday ao Coro Lacio.

Antonio Figueira Duraõ in *Laur. Parn. Ram.* 2.

Per Styga Tartareum quod perjuravit Apollo

A potu jussus neclaris abstinnit.

Ille tamen legeret si tunc tua carmina Paule

Vel canit, altiloquo, quæ Figueiroa metro.

Armonicum Sylvæ torrentem si aure bibisset

Neclare juraret non caruisse suo.

Jacinto Cordeiro *Elog. dos Poet. Portug.*

Octav. 67.

Entre a la gloria de su mar contrario

Viendo la playa illustre de Lisboa

Pedro de Acofsta insigne Secretario

Luego Alexandro entrò de Figueiroa.

Teve huma altercada controversia com o celebre Fr. Francisco de Santo Agostinho Macedo se o nome *Orpheus* se achava sempre trisyllabõ, ou sempre disyllabo em os Authores da primeira Classe. Nas Memorias Funebres de D. Maria de Attayde, Lisboa na Officina Crasbeckiana 1650. 4. estaõ dous Epigramas Latinos seus a este assumpto. pag. 86.

P. ALEXANDRE DE GUSMAM, Naceo em a Cidade de Lisboa a 14. de Agosto de 1629. Na tenra idade de dez annos passou com seus Pays ao Brasil onde instruido com as primeiras letras abraçou o instituto da Companhia de JESUS, quando contava de setete annos, em o Collegio da Bahia a 28. de Outubro de 1646. Aprendidas com grande credito da sua applicação as sciencias escolasticas, e tendo ensinado humanidades no Collegio do Rio de Janeiro, onde foy Prefeito dos Estudos, como tivesse particular genio para o governo, o promoverão os Superiores a todos os lugares da Religião sendo Ministro do Collegio da Bahia, Reytor dos Collegios de Santos, Capitania do Espirito Santo, e Bahia, companheiro do Provincial, e ultimamente por duas vezes Provincial, deixando sempre faudosos os subditos da sua natural benevolencia mais propria da ternura de Pay, que da severidade

de Prelado. Pelo largo espaço de outro annos exercitou assim no Collegio do Rio de Janeiro, como da Bahia, o Officio de Mestre dos Noviços devendo-se à sua vigilante cultura frutificarem em beneficio da Religião as tenras plantas que eraõ cometidas ao seu cuidado. Para amparo, e boa educação da puericia fundou em a Villa de Nossa Senhora do Rosario do Lugar da Cachoeira distante 14. legoas da Cidade da Bahia, hum Seminario, que intitulou de Belem pelo cordeal affecto, com que venerava ao Menino Deos nacido no Prefepio, ao qual edificio se lançou a primeira pedra em 13. de Abril de 1687. e delle foy duas vezes Reytor, de cuja saudavel doutrina instruidos os Seminaristas sahiraõ muitos a illustrar diversas Religioens. Foy ornado de insignes virtudes, sendo exactissimo na observancia religiosa, e pobreza evangelica; constante nas adversidades, e incanfavel em conduzir almas para o Ceo, uzando para este effeito de tanta brandura, que muitos peccadores dos Certoens mais remotos movidos da sua fama vinhaõ aos seus pés detestar culpas inveteradas. Como tinha firmemente collocada a sua confiança em Deos, experimentou prompto, e favoravel o seu auxilio em os mayores perigos efcapando huma vez da infolencia dos piratas, e outra da furia das ondas. Cumulado de tantos merecimentos, e cheyo de annos pois contava 95. de idade e 78. de Religião prognosticada a sua morte passou à eterna vida em 15. de Março de 1724. Foy innumeravel o concurso do povo, que concorreo a venerar o seu Cadaver, do qual levaraõ grande parte dos vestidos como reliquias de Varaõ Santo, e para se evitar o tumulto foy occultamente sepultado. O seu Retrato ao natural se abriu em huma grande lamina em Alemanha com estas palavras que brevemente indicaõ as suas virtudes.

Vera effigies Servi Dei P. Alexandri de Gusmaõ S. J. authoris Seminarii Bethlehemicus in Brasilia, & bis ejusdem Provinciae Provincialis, notis, ac præclaris virtutibus singulariter instructi, & Infantuli JESU in Præsepio jacentis cultoris studiosissimi, in demones mirifice formidabilis, prodigiis ante, & post obitum insignis, mirisque apparitionibus celebris. Obiit in Seminario Bethlehemico eadem, qua prædixerat, die 15. Martii anno 1724. ætatis sue 95.

vita Religiosæ 78. cujus sepulchrum magno omnium concursu, ac devotione frequentatur. Deste virtuoso Varaõ se lembra Sebastiaõ da Rocha Pitta na *Histor. da Americ. Portug.* pag. 444. dizendo ser *hum dos mayores talentos da sua Provincia do Brasil insigne Mestre de espirito, cuja virtude, e doutrina saõ veneradas como de varaõ Santo.* Compoz.

Escola de Belem, Jesus nacido no Prefepio Evora na Officina da Academia 1678. 4. et ibi. 1735. 4.

Menino Christaõ Lisboa por Miguel Deflandes Impressor delRey 1695. 8.

Sermaõ na Cathedral da Bahia de todos os Santos nas exequias do Illustrissimo Senhor D. Fr. Joaõ da Madre de Deos primeiro Arcebispo da Bahia, que falleceo do mal commum, que nella bouve neste anno de 1686. Lisboa por Miguel Manefcal Impressor do S. Officio 1686. 4. Deste Sermaõ falla com grande louvor Fr. Appollinario da Conceição na *Primas. Seraf. na Reg. da Amer.* cap. 17. pag. 215.

Historia do Predestinado Peregrino, e seu Irmaõ Precito, em a qual debaixo de huma mysteriosa parabola se descreve o successo feliz do que se hade salvar, e infeliz sorte do que se hade condenar Lisboa por Miguel Defland. 1682. 8. e Evora na Offic. da Acad. 1685. 8. e Lisboa por Philippe de Souza Villa 1724. 8. Sahio vertida em Castelhana. Barcelona por Rafael Figueirò. 1696. 4.

Arte de criar bem os filhos Lisboa por Miguel Defland. 1685. 8.

Meditações para todos os dias da semana pelo exercicio das potencias da alma conforme ensina Santo Ignacio Fundador da Companhia de JESUS. Lisboa pelo mesmo Impressor. 1689. 8.

Maria Rosa de Nazaret nas montanhas de Hebron, a Virgem N. Senhora na Companhia de JESUS Lisboa na Officina Real Deflandesiana 1715. 4. Consta dos beneficios, que a Senhora tem feito à Companhia.

Eleyção entre o bem, e o mal eterno Lisboa na Officina da Musica. 1720. 8.

O Corvo, e a Pomba da Arca de Noé no sentido Allegorico, e moral Lisboa por Bernardo da Costa Impressor da Religião de Malta 1734. 8.

Arvore da Vida Jesus Crucificado. Lisboa pello dito Impressor 1734. 4.

*Compendio perfeito M. S.
Noviço Instruido. M. S.*

ALEXANDRE DE GUSMAM Cavalleiro professo da Ordem de Christo, e Fidalgo da Casa de Sua Magestade naceo na Villa de Santos da Capitania de S. Paulo da America Portuguesa. O agudo engenho, e penetrante comprehensão, de que a natureza profusamente o dotou, lhe facilitáraõ a noticia das letras humanas, e da Poesia, em que sahio eminente. Deixada a patria passou a Portugal onde quando contava poucos annos foy universalmente venerado o seu talento, de tal sorte, que o elegeo por seu Secretario o Conde da Ribeira D. Luiz da Camara quando no anno de 1715. foy Embaxador à Magestade Christianissima de Luiz XIV. Para se instruir em a faculdade do Direito Cesareo frequentou a Universidade de Pariz onde recebeu o grão de Doutor, e voltando a este Reyno se incorporou em a Universidade de Coimbra no anno de 1719. A grande intelligencia, que tinha dos interesses politicos dos Soberanos, o fez capaz de ser Agente dos negocios desta Coroa nas Cortes de Pariz, e Roma praticando com tanto difvelo, e fidelidade estes ministerios, que mereceo as estimações dos mais eruditos da Europa não fomite pella judiciosa industria, com que concluya os negocios mais difficeis, mas pela sciencia das linguas mais polidas da Europa, vasta noticia assim da historia Sagrada, e profana, como das disciplinas Mathematicas, e experiencias phisicas, em que era summamente versado. Em contemplação de tantos dotes scientificos o elegeo em 28. de Fevereiro de 1732. a Academia Real da Historia Portugueza por seu collega para escrever na lingua Latina, de cuja pureza he observantissimo cultor, a Historia ultramarina deste Reyno, o qual assumpto dezempenhará com grande credito da sua capacidade. Compoz.

Relação da Entrada publica, que fez em Pariz nos 18. de Agosto de 1715. o Excellentissimo Senbor D. Luiz da Camara Conde da Ribeira Grande do Conselho delRey de Portugal Comendador de S. Pedro de Torrados, Alcaide mór da Villa da Amieyra, Mestre de Campo General, e General da Artilharia nos exercitos de Portugal,

e seu Embaxador extraordinario à Corte de França reynando nesta Monarchia Luiz 14. em que se achão varias noticias concernentes ao Ceremonial desta Embaixada Pariz por Pedro Emeri. 1715. 4.

Oração com que congratulou a Academia Real em 13. de Março de 1732. por ser eleito seu collega. Sahio no Tom. 11. da Collec. dos Documentos, e Mem. da mesma Academia. Lisboa por Jozé Antonio da Sylva 1732. fol.

Conta dos seus estudos Academicos a 24. de Julho de 1732. No Tom. 11. da Collecção dos Documentos da mesma Academia.

Panegyrico à Magestade delRey D. João o V. N. S. recitado no Paço a 22. de Outubro de 1739. dia, em que cumpria os seus annos.

ALEXANDRE DE MOURA Capitão mór de Pernambuco escreveu.

Roteiro da Jornada, que fez com o Piloto Manoel Gonçalves desde Pernambuco até o Maranhão, cujo M. S. em folha se conserva na Bibliotheca delRey Catholico como affirma o moderno addicionador da Bib. Occid. de Antonio de Leaõ Tom. 2. Titul. 13. col. 690.

Fr. ALEXANDRE DA PAIXAM Naceo na villa de Amarante na Provincia de Entre Douro, e Minho a 7. de Julho de 1631, e foraõ seus Pays Joaõ Clemente, e Maria Carvalho. Recebeo o Habito Monachal do Principe dos Patriarchas S. Bento no Convento de Tibaens a 15. de Abril de 1645. Depois de estudar as sciencias escolasticas, em que sahio sufficientemente instruido, exercitou o ministerio de Prégador com satisfação dos ouvintes, e foy Geral da sua Religião, e Abbade dos Conventos de Bostello, e Travanca, onde finalizou a vida no anno de 1700. Compoz, e não imprimio.

Historia particular do Convento de Travanca.

Diario desde o anno de 1662. até 1680. 4. Fastos geniaes tirados da tumba de Merlim obra igualmente jocosa, e satyrica.

ALEXANDRE PEREIRA DA SYLVA. Natural da Villa de Santarem onde sahio

à luz do mundo em 3. de Setembro de 1684. tendo por Pays a Francisco Lopes da Sylva, e Helena Jozefa. He muito versado na lição dos Poetas, de cujo estudo ajudado do genio para esta divina Arte, tem composto.

Poesias varias 4. M. S. e as conserva em seu poder.

ALEXANDRE DA SILVA. Naceo na augusta Cidade de Braga, e foy baptizado em a Freguezia de S. João do Souto a 20. de Agosto de 1614. Foraõ seus Pays Pedro Lopes da Silva, e Maria Sarayva de igual nobreza, e piedade. Aprendidas as primeiras letras passou à Universidade de Coimbra, onde sahio eminente na sciencia de Direito Pontificio. Restituido à patria foy nella Conego, e Dezembargador da Relação Ecclesiastica. As suas grandes letras o fizeraõ digno de ser Promotor na Inquisição de Lisboa em 11. de Janeiro de 1648. donde passou a Deputado, e Inquisidor da Inquisição de Coimbra a 26. de Fevereiro de 1654. e ultimamente a Deputado do Conselho Geral de que tomou posse em 11. de Mayo de 1668. Atendendo o Principe Regente D. Pedro à integridade dos seus costumes, que se fazia mais estimavel pela grande capacidade do seu talento o nomeou Bispo de Elvas sendo o outavo, que teve esta Diocese, a qual governou com vigilancia de perfeito Pastor, até que falleceo em Elvas a 2. de Fevereiro de 1682. e está sepultado na Capella mór da sua Cathedral. O Cabido da Primacial Igreja de Braga agradecido à memoria de taõ benemerito Capitular lhe dedicou hum anniversario perpetuo no dia do seu obito. Deixou seis Missas quotidianas, duas no Altar Privilegiado de S. Pedro de Rates, e quatro na Casa da Misericordia de Braga pela sua alma. Compoz.

Discursus pro Jure Primatialis Ecclesiæ, que sahio impresso na Decif. 138. do Doutor Manoel da Fonseca Themudo, o qual discursu, diz João Soares de Brito in addit. *Theat. Lusit. Liter.* lit. A. n. 3. que he *doctus, & accuratus, & quamquam suppresso nomine notissimam sui Authoris in scribendo diligentiam, & subtilitatem satis demonstrat.*

Commentarij ad Inquisitorum Regimen ordinarium. M. S.

Varias allegações Juridicas, que se não imprimiraõ, e as vio João Soares de Brito como afirma no lugar assima allegado dizendo dellas *quæ magnum Auctoris nomen egrègie sustinent.*

ALEXANDRE DE SOUSA DE CASTELOBRANCO natural de Lisboa taõ illustre por nascimento, como insigne na sciencia da Historia, e Poesia de que deo repetidos argumentos nas mais celebres Academias, de que na sua patria foy alumno. No anno de 1697. partio para a India onde escreveu com estylo elegante.

Tragica narração do successo do sitio de Mombaça resumida em duas partes fol. M. S. cujo Original conserva entre os M. S. da sua Livraria o Reverendo Padre Fr. Affonso da Madre de Deos Guerreiro Academico Real, a quem devemos esta noticia.

Descreve o Author a Ilha de Mombaça, os motivos, que houve para se romper a Guerra; açoes heroicas, que se obraraõ no sitio até se recolher a nossa Armada a Goa em 25. de Setembro de 1698.

ALEXANDRE DE SOUSA FREIRE Cavalleiro professo da Ordem de Christo naceo em Lisboa sendo filho de Bernardino de Tavora, e Souza Comissario da Cavallaria do Alentejo, Governador de Mazagaõ, e Angola, e de D. Maria Magdalena Jozepha de Souza filha de Alexandre de Souza Freyre Governador de Mazagaõ, e Conselheiro de Guerra, e de sua mulher D. Joanna de Tavora filha de Alvaro Pirez de Tavora Senhor do Morgado de Caparica, e D. Maria de Lima. Depois de estudar letras humanas, e Filosofia, tomando o grão de Mestre em Artes se applicou ao Estudo da Sagrada Theologia em cuja faculdade recebeo as insignias doutoraes. Foy Collegial do Collegio Real de S. Paulo de Coimbra onde entrou a 28. de Janeiro de 1697. Preferindo o exercicio militar ao litterario passou à Bahia onde sendo Coronel de Infantaria casou com D. Leonor Maria de Castro filha herdeira de André de Britto de Castro Provedor da Alfandega da Bahia, e de D. Maria Francisca Leyte de quem teve numerosa descendencia. Foy Governador, e Capitaõ General do Estado

do Maranhaõ. Delle fazem memoria Antonio Carvalho da Costa Corog. Portug. Tom. 2. liv. 1. cap. 18. e D. Jozé Barboza nas Mem. do Collegio Real de S. Paulo pag. 235. e no Archiathæn. Lusit. pag. 62. dizendo.

*Cernis Alexandrum quem primá Sacra iuventa
Laurea condecorat? Quos Maranhoniis amnis
Irrigat, ipse reget Mavortia Castra se-
quitus.*

Com o nome de Francisco Xavier de Salazar publicou.

*Affectos do Rosario meditado offerecidos
aos devotos da Virgem Maria.* Lisboa por Antonio de Souza da Sylva 1736. 4.

Nesta obra se mostra o Autor muito versado na lição da Sagrada Escriitura, e Santos Padres.

D. ALVARO DE ABRANCHES, E NORONHA naceo na Cidade de Lisboa em 7. de Junho de 1661, e teve por Pays a D. Miguel Luiz de Menezes primeiro Conde de Valladares, e D. Magdalena de Lancastro, e Abranches, filha de D. Alvaro de Abranches Conselheiro de Estado, e D. Maria de Lancastro. Foy admitido Porcionista no Real Collegio de S. Paulo de Coimbra em 26. de Outubro de 1677. onde se applicou ao estudo do Direito Pontificio, em que sahio insigne Letrado. Depois de obter hum Canonicato na Sé de Lisboa, e fer Deputado do Santo Officio da Inquisição de Lisboa, de que tomou posse em 18. de Julho de 1686. foy Sumilher da Cortina delRey D. Pedro II. que o elegeo Bispo de Leyria, em cuja Cathedral entrou a 3. de Outubro de 1694. onde com pastoral vigilancia vizitou as suas ovelhas reformando muitos abusos, e introduzindo a observancia dos divinos preceitos pellas vozes evangelicas de Missionarios, que mandou chamar para taõ santa empreza. Por espaço de quatro annos foy Regedor das Justiças, de que tomou posse a 17. de Abril de 1711. em cujo ministerio se admittou a rectidão sem degenerar em severidade. A augusta Magestade delRey D. Joaõ o V. nosso Senhor o nomeou Arcebispo de Evora, que elle modestamente recusou. Sempre foy inimigo do fausto, como alheo

do estado Ecclesiastico, sendo as suas acçoens huma norma viva das virtudes Episcopaes, pellas quaes he benemerito das mayores dignidades da Igreja. Publicou.

Consensus Constitutioni Unigenitus præstitus Ulyssip. apud Jozeph. Lopes Ferreira Seren. Regin. Typ. 1719. 4. começa *Episcopale munus.*

Deste illustre Prelado se lembraõ com os merecidos louvores o P. D. Antonio Cactano de Souza. *Hist. Gen. da Caf. Real de Portug.* Tom. 2. liv. 3. cap. 8. pag. 522. e D. Jozé Barboza nas *Mem. do Colleg. Real de S. Paul.* pag. 360. n. 55. e no *Archiathæn. Lusit.* pag. 106. nesta forma.

*Alvarus enveniet celsa de stirpe Noronha,
Gaudeat illa Vetus Collipo Præfule quantũ
Mores cerne gregis sacratos inspice mores
Religio, quos clara pij revocabit Abranches.
Eboræ Pontificum magnorum cognita sedes,
Offeret antiquas ornet queis tēpora Villas,
Sed renuet constans oblati pondus honoris.
Servantem videas Themidis decreta severe,
Sic reget ille gregem, plectet sic facta reo-
rum:*

Juris amor librare solet lance omnibus æqua.

ALVARO AFFONSO DE ALMADA cuja patria he taõ incognita, como o estado da vida, que professava, e idade em que floreceo. Foy Cavalleiro da Ordem de Christo, e inclinado à Poesia. Compoz em outava Rima.

Panegirico a S. Joaõ Evangelista cuja obra se conserva na Bibliotheca do Convento de Santo Eloy de Lisboa dos Conegos Seculares.

ALVARO DE ANDRADE natural de Lisboa Professor celebre do Direito Pontificio na Universidade de Coimbra sendo nella Lente de huma Cathedralha de Canones, em que foy provido a 18. de Abril de 1573. Para demonstração da fidelidade, com que defendia o direito desta Coroa contra as pertençaens de Castella escreveo taõ douta como elegantemente.

Allegação de Direito a favor da Senhora D. Catherina Duqueza de Bragança. M. S.

ALVARO BARRETO foy celebre Poeta do seu tempo, e como tal venerado pellos mayores professores desta divina Arte.

Deixou muitas obras, das quaes fomenta logra-
rao a luz publica as que estaõ a folhas 11. 22. v.º.
35. até 37. e 49. do Cancioneiro de Garcia de
Refende impresso em Lisboa por Herman de
Campos 1516. fol.

ALVARO DE BRITO PESTANA, filho
de Affonso Rodrigues Alardo, e de Mecia de
Brito Pestana, que foy Ama delRey D. Affonso
V. naõ teve menos inclinacõ às armas, de que
deo gloriosos testemunhos na batalha da Alfar-
roubeira, do que às letras, sendo insigne na
metrificacõ de todo o genero de versos,
em que se admirava huma natural affluencia
unida a huma sublime elegancia: os que
fahiraõ a publico foraõ os seguintes.

*Carta escrita a Luiz Fogaça Vereador de Lis-
boa dandolhe regras para os ares da dita Cidade
serem saudaveis.*

Glofa ao Mote

Cuidados deixayme agora.

Aos Reys Catholicos Fernando, e Izabel.

A morte do Principe D. Affonso.

Duas Cançoens a Nossa Senhora

Glofa ao Motte.

Terribles cuitas defeo

Todas estas Poemas estaõ impressas no
Cancioneiro de Garcia de Refende assima
allegad. a fol. 10. v.º 49. v.º e fol. 24. até 32.

Fr. ALVARO DE CASTELLO
BRANCO natural da Villa de Arronches na
Provincia do Alentejo, e filho de Francisco de
Siqueira Pestana, e D. Leonor de Castellobranco
ambos descendentés de illustres familias. Na flo-
rente idade de vinte, e hum annos recebeu o Ha-
bito da Ordem de Santo Agostinho no Convento
de Lisboa em 3. de Mayo de 1640. Aprendeo
com tanta applicacõ as sciencias da Filosofia, e
Theologia, que as ensinou com igual credito no
Collegio de Santo Agostinho de Lisboa. Foy
dos grandes Prégadores do seu tempo, e como
tal o nomeou ElRey por hum dos da sua Ca-
pella, na qual fazendo hum Sermaõ, nelle como
destro politico insinuou o modo, com que se
concluyo a paz, que se celebrou no anno de
1668. Em premio das suas profundas letras o
nomeou o Principe D. Pedro Regente da Mo-
narchia. Arcebispo de Goa, e depois Bispo
de Portalegre, e constantemente resoluto naõ

aceitou estas dignidades preferindo a quieta-
cõ de Religioso à vigilancia de Prelado. Mor-
reo no Collegio de Santo Agostinho de Lisboa
a 28. de Fevereiro de 1668. Compoz.

Cursus Theologicus. fol.

*De Prædestinatione, Sacramentis in genere,
& in specie.* fol.

*Synopsis in Univerfam Theologiam speculati-
vam, & moralem.* fol.

Estes volumes se conservam M. S. na Livra-
ria do Convento da Graça de Lisboa, e nos
primeiros dous estaõ defeseis conclusõens im-
pressas, que defendeo, 8. de Filosofia, e 8 de
Theologia.

Fr. ALVARO CAVIDE. Naceo no termo
da Cidade de Evora, e sendo de dez annos de
idade recebeu o habito da Santissima Trindade
no Convento de Lisboa a 15. de Setembro de
1543. das mãos do Provincial, a tempo que hia
exercitar o mesmo lugar em Castella, o qual
attrahido da sua indole, e viveza o levou em
sua companhia, e no Convento de Burgos
naõ sómente professou, mas estudou as primei-
ras letras. Passou a Salamanca, em cuja Uni-
versidade aprêdidas as sciencias escholasticas se
graduou Doutor em Theologia no anno 1560.
Exercitou o ministerio de Prégador em toda
Espanha com grande applauso. Voltando para
Ciudad Rodrigo, onde habitava, antes que
a ella chegasse, morreo no caminho suffo-
cado de huma grande innundacõ de neve no
mez de Janeiro de 1606. quando contava 73.
de idade. Compoz na lingua Castelhana, e o
dedicou a seu sobrinho Fernão de Lemos.

*Arte para conocermos a nos otros mismos,
y a Dios por señales exteriores.*

Deixou imperfeito hum tratado contra os
Judeos do nosso tempo.

D. ALVARO DA CONCEYÇAM natural
de Villa de Monte mór o Novo da Provincia
Translagana, e parente muito chegado dos Con-
des das Galveas. Recebeo o canonico habito de
Santo Agostinho no Real Convento de Santa
Cruz de Coimbra a 22. de Janeiro de 1666.
Pela grande prudencia de que foy dotado exer-
citou os lugares de Difnidor, Collega, Vizi-
tador, e Reytor do Collegio novo de S. Agos-
tinho na Universidade de Coimbra onde falle-

ceo a 9. de Dezembro de 1728. Impri-
mio.

Sermão de N. Senhora da Pureza. Lisboa
por Domingos Carneiro 1686. 4.

Fr. ALVARO COSME, Eremita de Santo
Agostinho, insigne Theologo, defensor acer-
rimo da Religião Catholica em Inglaterra, e
Confessor do Eminentissimo Cardial D. Tho-
maz Ubrist do Titulo de Santa Cruz de Jerusa-
lem, e primeiro Fundador da Universidade de
Cantuaria. Baste para elogio deste Varão o que
delle escreveu Fr. Ricardo Wandalic in *Chron.*
Trinit. M. S. que se conserva na Bibliotheca
do Escorial, lib. 1. cap. 20. *In temporis occasione*
(que era no anno de 1257.) *quidam pessimi, &*
insolentes hæretici erant, qui aperte corporum
resurrectionem abnegabant, in quos Venerabilis
Archiepiscopus Cardinalis magnam posuit vigi-
lantiam, & adiutorem adhibuit Reverendissimum,
dignissimumque Alvarum Cosme Lusitanum divi
Augustini Eremitam, qui litteris, scientia, & dexte-
ritate ingenij quinque conscripsit argumenta, ut eos
ab erroribus vindicaret &c. his efficacissimis
remediis tota hæresis relegata est, & Civitas Can-
tuariensis ab execrandis criminibus mansit liberata.
Semelhante elogio lhe faz Fr. Antonio da
Purificação na *Chron. da Prov. de Port.* Part. 2.
liv. 6. Tit. 5. §. 4. & de *Vir. Illust. Ord. D.*
August. liv. 2. cap. 3. João Soar. de Brit. in
Theatr. Lusit. Litter. let. A. n. 18.

ALVARO DO COUTO DE VAS-
CONCELLOS Teve por Pays a João Gon-
çalvez do Couto, e D. Brites Barbosa de
Vasconcellos, dos quaes com a nobreza
do sangue herdou o genio para o estudo
de todas as sciencias, e Artes liberaes sendo
a sua mayor applicação à Historia profana,
de que deo claro argumento, em
obsequio de sua patria no trabalho com que
reduzio a melhor forma, e acabou em o 1.
de Setembro de 1541.

Chronica do Serenissimo Rey de Portugal
D. João o I. em 3. Tom. que tinha compo-
sta o Chronista Fernão Lopes, de cuja obra
se conserva huma Copia na Bibliotheca do
Convento de S. Francisco de Lisboa da Pro-
vincia de Portugal, que vimos.

ALVARO DIAS. Depois de se applicar
na Universidade de Coimbra ao estudo de
Theologia, ou dos Sagrados Canones recebeu
o grão de Licenciado em huma destas faculda-
des. No tempo, que possuia hum Beneficio
rendoso na Cathedral de Cabo Verde huma das
nossas Ilhas Hesperidas, e exercitasse com
rectidão, e prudencia o lugar de Vigario Geral
naquella Diocese por morte do seu Bispo o
Illustrissimo D. Fr. Sebastião da Ascensão
meritissimo filho da Religião Dominicana, que
succedeo a 12. de Março de 1614. compoz,
como testifica Jorge Cardoso no *Agiol. Lusit.*
Tom. 2. pag. 151. no Commentario de 12. de
Março letra E. e Fr. Pedro Monteiro *Clausl.*
Dominic. Tom. 1. pag. 52.

Vida do Illustrissimo Bispo de Cabo Verde D.
Fr. Sebastião da Ascensão, a qual se não impri-
mio, de cuja obra como do Author faz menção
o moderno addicionador da *Bib. Occident.* de
Antonio de Leaõ Tom. 2. Tit. 23. col. 839.

Vida do Veneravel Padre Fr. João da Espe-
rança Religioso da 3. Ordem de S. Francisco escrita
em 20. de Março de 1650. Como affirma o mesmo
Cardoso no *Agiol. Lusit.* Tom. 3. pag. 610. no
Commentario de 9. de Junho let. E.

ALVARO ESCOBAR ROUBAM Naceo
em Coimbra a 5. de Abril de 1615. sendo
seus Pays Manoel de Escobar Rouboã, e Mar-
garida Rouboã de Anhaya. Não foy preciso
fahir da sua patria para se instruir em as letras
humanas, Rhetorica, e lingua latina, antes
fez nellas taes progressos, que passando a
penetrar os Segredos da Filosofia, e as Deci-
sões dos Sagrados Canones mereceo com
uniforme approvação da Universidade receber
o grão de Bacharel nesta faculdade. Os seus
merecimentos lhe alcançaraõ o Priorado da
Igreja de Agueda, e o lugar de Prothonotario
Apostolico. Teve para o pulpito grande genio
sendo estimado por grande Orador Evange-
lico pela eloquencia, e viveza, com que
recitava os seus Sermoens. Ao tempo, que
com grande disvelo exercitava o officio pas-
toral foy impiamente morto por hum assassi-
no em o anno de 1670. Os Sermoens, que
se imprimiraõ são os seguintes.

Sermão na Tresladação dos ossos de S. Bento
com o Santissimo Sacramento exposto prégado

no Convento das Religiosas do Porto Coimbra por Diogo Gomes Loureiro 1646. 4. & ibi. pela Viuva de Manoel de Carvalho 1670. 4.

Sermão da Purificação da V. N. Senhora com o titulo da Luz. Coimbra por Manoel Carvalho. 1667. 4.

Sermão da Beatificação de Santa Rosa de Santa Maria no ultimo dia do Outavario, que celebrarão os Religiosos do Mosteiro de S. Domingos, e Religiosas do Convento de Aveiro. Lisboa por Antonio Crasbeeck de Mello 1670. 4. Sahio traduzido este Sermaõ em Castelhana por D. Estevão de Aguiar, e Zuniga em o Tom. 2. da *Laurea Portug.* Madrid por André Garcia dela Igreja 1679. 4.

Seis Sermoens prègados de tarde a Christo Crucificado da Freguesia de Santa Justa de Coimbra nos Sabbados de Quaresma. Obra postuma Lisboa por Joaõ da Costa. 1671. 4.

Na Dedicatoria do Sermaõ da Purificação faz memoria de huma obra intitulada *Theatro de Principes* que estava brevemente para a imprimir, mas não o executou.

ALVARO FERNANDES, muito sciente, e experimentado em a navegação da India Oriental, e Guardiaõ da Náo S. Joaõ que padecio hum dos mais horrorosos, e lamentaveis naufragios de que se lembraõ os homens, cuja fatalidade succedeo nos baixos da terra do Natal a 24. de Junho de 1552. perecendo nella o Capitaõ Manoel de Souza de Sepulveda com sua mulher, e filhos, cuja lastimosa tragedia será eternamente infeliz assumpto da desgraça. Como assistio a este horriavel naufragio compoz delle huma exacta Relação conforme escreve Fr. Antonio de S. Roman *Hist. dela Ind. Orient.* liv. 4. cap. 23. e lhe poz o titulo seguinte.

Historia da muy notavel perda do galeão grande S. Joaõ em que se recontaõ os casos desvairados, que aconteceraõ ao Capitaõ Manoel de Sousa de Sepulveda, e o lamentavel fim, que elle, sua mulher, e filhos, e toda a mais gente tiveraõ. Lisboa por Joaõ Barreira. 1554. 4. et ibi na Officina da Congregação do Oratorio 1735. 4. na Collecção dos naufragios feita pela curiosa industria de Bernardo Gomes de Britto.

ALVARO FERREYRA DE VERA. Naceo em Lisboa, de Pays illustres, e no Collegio de Santo Antaõ dos Padres Jesuitas aprendeo as letras humanas, e as disciplinas Mathematicas, das quaes teve por Mestre o Padre Christovaõ Borro insigne professor nesta faculdade. Depois de se instruir na lição da Historia profana se applicou com o mayor disvelo por todo o tempo da sua vida a alcançar a noticia das Familias illustres deste Reyno revolvendo para este fim todos os Cartorios, e Archivos da Corte, e principalmente o Real, onde continuamente assistia por ter contrahido estreita amizade com o Guarda mór della. Não satisfeito das noticias, que a sua incanavel deligencia tinha colhido em Portugal passou a Madrid, onde viveo até o anno de 1645. occupado no escudo Genealogico das Familias de Espanha, pelo qual mereceo os elogios, que lhe fizeraõ Nicolao Ant. in *Bib. Hisp.* Tom. 1. pag. 46. D. Francisco Manoel na carta escrita ao Doutor Manoel da Fons. Themudo. Rodrigo Mend. Sylv. no *Cathal. Real.* Manoel de Faria, e Soufa na Dedicatoria da 1. Parte da *Fonte de Aganip.* ao Marquez de Montebello, dizendo: *como lo enseñan los antigos Nobiliarios, y modernamente con sus arboles el penetrante investigador delos Venerables Monumentos Alvaro Ferreira de Vera;* e nas advertencias à Egloga 12. da P. 4. da *Font. de Aganip.* *Alvaro Ferreira de Vera nuestro amigo es diligente escritor dela Historia Genealogica Portuguesa y que ya divulgò un libro dela Nobleza y otros discursos con claro estylo, y acierto;* e no principio da mesma Egloga dedicada ao seu nome lhe consagra este Soneto.

Revolve ò graõ Ferreira em cinzas frias

Da apagada nobreza os lumes claros;

E do Luso idioma os termos raros

Com que a patria ennobreces, e glorias.

De seus altos estudos as porfias

Sendo della os firmiffimos reparos

Da fama annos futuros nada avaros

Te seraõ, quando o sejaõ nossos dias.

Bem podes revolver bem presumido

Em quanto banha o Tejo, banha o Douro

Hum, e outro esplendor esclarecido.

Que a mim me está dizendo Febo Louro

Que se a nobre fortuna o appellido

Te deo de ferro, deu-te o estylo de ouro.

D. Luiz Salazar, e Cast. nas *Advert. Hist.* fol. 332. n. 269. *Alvaro Ferreira de Vera noble Lusitano escreveu umas notas al Nobiliario del Conde D. Pedro de Portugal con gran utilidad de aquel volumen.* D. Ant. Soar. de Alarc. nas *Relac. Geneal. da Casa de Trocif.* fol. 85. col. 1. *Noticioso Author delas familias de Portugal.* Gandar. *Nobil. de Galicia* lib. 3. cap. 16. *Morery Diction. Historiq. verb. Ferreira de Vera* lhe chama *genealogiste tres sur* Compoz.

Origem da Nobreza politica, blazoens de armas, apellidos, Cargos, e Titulos nobres Lisboa por Mathias Rodrigues. 1631. 4.

Orthographia, ou modo para escrever certo na lingua Portugueza com hum Tratado da Memoria artificial; outro da muita semilhança que tem a lingua Portugueza com a Latina. Lisboa pelo mesmo Impref. anno e forma.

Notas ao Nobiliario do Conde D. Pedro por Estevão Paulinio 1640. fol. Lisboa por João da Costa 1643. e Madrid por Alonso de Paredes 1646. fol. Roma

Vidas abbreviadas del Conde don Enrique de Borgoña, del Rey D. Afonso Enriques el I. de Portugal, de D. Sancho el I. de D. Alonso el II. de D. Sancho el II. de D. Alonso III. del Rey D. Dioniz unico en Portugal 6. en numero; de D. Alonso IV. y D. Pedro I. Çaragoça 1643. fol.

Informacion sobre el Titulo de Gijon. Madrid 1645. fol.

Linhas Reaes dos Condes de Penaguião fol. M. S.

Lineas Reales delos Marquezes de Tor de Laguna. fol. M. S. Estes dous M. S. se conservaõ na Livraria do Excellentissimo Marquez de Abrantes.

Informacion dela Origen delos Vasconcelos. Madrid. 1646. fol.

Genealogia dela Casa de Contreras. Desta obra se lembraõ Franckenau in *Bib. Hist. Hist. Geneal. Herald.* pag. 19. e o Padre D. Antonio Caetan. de Souf. no apparat. à *Hist. Gen. da Casa Real de Portug.* pag. 74. n. 57. intitulado-o, *muito douto na Mathematica, Varaõ erudito, e com muito estudo de Genealogia.* Tinha composto como diz Nicol. Ant. in *Bib. Hispan.* Tom. 1. pag. 46. col. 2.

Compendio de Vocabularios, ou Lexicon Lusitano Latino.

Cortezaõ perfeito.

Porem naõ se imprimiraõ estas duas obras.

Fr. ALVARO DA FONSECA, nacco no lugar de Escarrigo termo da Villa de Castello Rodrigo do Bispado de Lamego, e foraõ seus Pays Francisco da Fonseca Osorio, e Catherina Dominguez. Recebeo o habito Carmelitano no Convento de Lisboa a 27. de Novembro de 1610. e professou a 28. do dito mez do anno seguinte. Por ser grande humanista, e muito sciente na lingua Latina a ensinou aos seus domesticos no Convento de Evora. Foy Subprior dos Conventos de Setubal, e Vidigueira, e Mestre dos Noviços em Moura, e Lisboa. Applicouse ao estudo da Genealogia em que foy muito perito. Morreo em Evora a 2. de Mayo de 1664. Compoz hum Nobiliario com este Titulo.

Relaçã da nobre, e antiga familia de Fonseca no Reyno de Portugal, e da Origen da dos Coutinhos, que sabio da dos Fonecas. Começa.

Esta geraçaõ, e nobre familia de Fonseca he huma das mais antigas deste Reyno.

Este livro dedicou o author no anno de 1643. a D. Verissimo de Lancastro depois Inquisidor Geral, e Cardial da Igreja Romana, do qual há diversas copias. O Padre Fr. Manoel de Sá nas suas *Memor. Hist. dos Escrit. Portug. da Prov. do Carm. deste Reyno* pag. 10. n. 11. diz que o Original se conserva na Livraria dos Excellentissimos Marquezes de Alegrete. Foy o dito Nobiliario acrecentado por Fr. Miguel de Saõ Braz Carmelita Defcalço irmão de Luiz da Fonseca Coutinho Fidalgo da Casa Real, e Avô do Dezembargador Manoel Guerreiro Camacho, como affirma o Padre D. Antonio Caetano de Souza no Appar. à *Hist. Gen. da Casa Real de Portug.* pag. 86. n. 77.

Escreveo mais

Genealogia da Casa Real de Bragança com estilo muito fucinto como diz o Padre D. Antonio Caetano no lugar affirma allegado.

Genealogia dos Reys de Portugal. Ao Senhor D. Verissimo de Lancastro quarto Neto del Rey D. João o II. *Thezoureiro mór da Sé da Cidade de Evora, e dignissimo Inquisidor da dita Cidade.* Dedicado em o

anno de 1653. 4. M. S. Confervase na Livraria do Conde do Redondo.

ALVARO GOMES, natural de Evora, filho de Gil Fernandes Sardinha, e Lourença Fernandes filha de Pero Lourenço, que tinha foro de Vassallo delRey, e irmão inteiro de D. Pedro Fernandes Sardinha primeiro Bispo da Bahia, e hum dos mais insignes Theologos, que venerou a Universidade de Pariz, onde depois de receber nella as insignias Doutoraes na faculdade Theologica, como agradecido a taõ illustre palestra em que colhera os abundantes frutos da Sabedoria por muitos annos com grande esplendor, e naõ menos aclamação dos seus ouvintes exercitou o magisterio na mesma faculdade. Envejasas as Universidades de Salamanca, e Coimbra, de que a de Pariz possuiffe no seu gremio a hum taõ consumado Mestre, o chamaraõ para illustrar com os rayos da sua doutrina aos Hespanhoes, e Portuguezes, cuja incumbencia executou pelo largo espaço de vinte annos, principalmente em Coimbra, onde foy Lente de Theologia no anno de 1545. Por ordem delRey D. Joaõ III. passou do publico exercicio de Mestre ao particular de instruir em a Theologia a seu Irmão o Serenissimo Infante D. Affonso Arcebispo de Lisboa, e Cardial da Igreja Romana, e de tal forte estimava o mesmo Monarcha a sua pessoa, que o elegeo seu Confessor, e Prior da Igreja de S. Nicoláo de Lisboa, a qual até a morte administrou com difvelo de pastor zeloso, e solícito. De todas as suas obras sahio à luz publica.

De Conjugio Regis Angliæ cum relictis fratris sui. Ulyssipone apud Germanum Galhardum. 1551. 4.

Em cuja Dedicatoria a Pompeo Zambicari Bispo Vaven. e Sulmon. Nuncio Apostolico neste Reyno faz relação de outras obras nesta forma. *Serenissimo Regi Joanni Historiam Alphonfi Primi Lusitaniæ Regis, D. Sancij ejusdem filij, & D. Joannis hujus nominis secundi latine à me primò donatam ex annalibus Lusitaniæ olim consecravi: & Principi Henrico Commentarios in Prim. Lib. Facultatis Theologicæ Parisiensis in materia fidei, & morum adversus omnes nostræ tempestatis hæreses dicavi* (Estes Commentarios se confer-

vaõ M. S. na *Biblioth. do Colleg. de Evora da Companhia de JESUS*) *D. Eduardo insignem de immortalitate animæ libellum, et alii Mæcenates mei, & primates Lusitaniæ non nulla opera qualia cumque ex me acceperunt.*

A memoria deste author celebráõ Nicol. Sand. in *Scismat. Anglic.* lib. 1. Odoric. Raynaud. *Annal. Eccles.* Tom. 20. ad an. 1531. n. 86. Hemic. Cayad. in uno *Suor. Epigram.* Nicol. Anton. in *Bib. Hisp.* Tom. 1. pag. 46. col. 2. o Padre Francisco da Fonseca *Evor. glor.* pag. 409. D. Pedro Fernand. Sard. na Epistol. impressa no fim do livro de *conjugio Regis &c. Tametsi ante hos viginti annos tum Theologi, tum Juris consulti Doctores eruditissime conscripserint, nullus tamen (quantum mihi videtur) rem ipsam acutius, ac profundius attigit, quam noster Gomesius Parisiensis Theologus, ut qui multis annis Lutbesæ, Salmanticiæ, & Conimbricæ Theologiam edocuerit.* Jeronymo Cardoso nas suas Epistol. Latinas o louva de igualmente ser douto nas sciencias sagradas, como nas letras profanas dizendo-lhe na Epistola 15. *Duplicem mihi videris lauream assecutus, qui non contentus modo magis in litteris promovisse, quàm umquam quisquam antebac, verum etiam quod magis admiror, in humanitatis studijs sic excellis, ut universos tuæ professionis homines non solum anteeas, sed eos ipsos etiam, qui in eisdem studijs nati educatique sunt.* Nestas Epistolas está huma elegantissima, que he a 17. escrita por Alvaro Gomes a Jeronymo Cardoso. O Padre Joaõ de Mariana in *Tract. pro editione vulgata Sacr. Script.* cap. 8. pag. 56. da impressão de Colonia do anno de 1609. traz huma sua epistola escrita a Nicolao Sandero em que lhe diz *Disputationem tuam pro Hebraicorum codicum veritate, quam Alvarus Gomesius de litteris, ac de me benemeritis tuis verbis cognoscendam misti, cupidissime legi.*

ALVARO GOMES DE SANTA MARIA, Conselheiro delRey D. Affonso V. e naõ menos obfervante das Virtudes moraes, que perito nas elegancias poeticas compoendo em Outava Rima Portugueza. *Das Virtudes, e dos Vicios.* M. S.

Cuja obra se conferva na *Biblioth. Real.*

ALVARO GONÇALVES. Celebre Poeta, que floreceo no Seculo decimo setimo insigne imitador do Principe da Poesia o grande Luiz de Camoens. Posto que não fez publica alguma das suas obras não devemos passar em silencio a illustre memoria, que faz delle entre os Poetas Portuguezes, Jacinto Cordeiro no elogio delles.

Lleve Alvaro Gonçales el cuidado

La gala, la dulçura quando intenta

Applausos con su ingenio delicado

Si enamora las Musas, que frequenta.

Tanto en su blandura enamorado

Vivos affectos dulce representa

Que ellas la sangre en el ban conocido

Que tiene de Camoens substituido.

ALVARO GONÇALVES DE CACERES. Foy Chronista mór del Rey D. Affonso V. e successor neste lugar de Gomes Eannes de Zurara. O mesmo Monarcha o armou Cavalleiro na expugnação de Alcacer, e lhe deo por Armas hum escudo em cujo campo de ouro estava huma palma com frutos coroadada de huma estrella vermelha. Não escreveu Historia deste Principe, mas dous Tratados dedicados a D. Affonso I. Duque de Bragança, sendo o primeiro.

Da dignidade do Duque, sua origem, excellencias, e obrigaçoens do seu officio. Conservase na Livraria do Marquez de Gouvea, como testifica o P. D. Antonio Caetano de Souf. no Appar. à Hist. Gen. da Casa Real Portug. pag. 26. n. 7. O segundo escrito em Castelhana tem este titulo.

Que cosa sea hidalgua, quando conviene, e a quien se deve. Fazem lembrança deste Author Fr. Francisco Brandão Chronista mór do Reyno no liv. 4. dos Mysticos, e Joaõ Franco Barreto na Bib. Lusit. M. S.

Fr. ALVARO DE JESUS natural da Villa de Alegrete da Provincia do Alentejo professou o Habito de Eremita de Santo Agoftinho no Convento de Lisboa a 19. de Março de 1595. Não foy menos insigne na sciencia da Theologia, que em a noticia das antiguidades da sua Ordem zelando como verdadeiro filho os privilegios de taõ grande, e illustre Mãe, e como tal foy a Roma por Procurador Geral eleyto pela Provincia para defender a controversia da pre-

cedencia com os Dominicos, onde alcançou singulares graças da liberalidade Pontificia para esta Provincia Portugueza assistindo na Curia desde o anno 1595. até o de 1602. em que morreo. Offereceo à Santidade de Clemente VIII. logo que chegou a Roma.

Defensorio da Ordem dos Eremitas de Santo Agoftinho, cuja Copia se conserva na Livraria do Convento de N. Senhora da Graça de Lisboa. Além desta obra, em que sumamente trabalhou. Compoz.

Officios proprios da Ordem dos Eremitas separados do Breviario no anno de 1596. e alcançou, que se rezassem, em toda a Ordem.

Fr. ALVARO LEITAM natural de Lisboa, e filho de Manoel de Figueiroa Castelobranco, e Catherina Jorge recebeu o Habito da Illustre Ordem dos Pregadores no Real Convento da sua patria a 26. de Junho de 1628. Foy Mestre na Sagrada Theologia, Qualificador do Santo Officio, Prégador das Magestades del Rey D. Affonso VI. e D. Pedro II. merecendo universal estimação pela excellencia das Letras, e integridade dos costumes. No pulpito sempre ouvido com aplauso; nas duvidas da consciencia sempre consultado com veneração. Como era mais ambicioso de obedecer, que de mandar nunca pertendeo lugar algum honorifico na Religião, antes sendo eleito por votos uniformes Prior de Evora, renunciou a Prelazia com mayor ancia de que outros a pertenderiaõ. Morreo cheyo de annos, e merecimentos na patria a 2. de Janeiro de 1676. De muitos Sermoens, que podia publicar sómente sahiraõ à luz os seguintes.

Sermoens das Tardes das Domingas da Quaresma, e de toda a Semana Santa Lisboa por Joaõ da Costa. 1670. 4.

Sermão nas Exequias do Serenissimo Principe D. Theodosio nosso Senhor, que Deos tem, feitas pelo Reverendo Cabido da Santa Seé de Lisboa no Real Convento de Belem aos 26. de Junho de 1653. Lisboa por Paulo Crasbeeck. 1654. 4.

Sermão em acção de graças pela saude, e Vida da Raynha N. Senhora no Mosteiro da Encarnação de Lisboa ibi. por Henrique Valente de Oliveira 1660. 4.

Sermão do acto da Fé celebrado em Lisboa

na 4. Dom. da Quaresma a 4. de Abril de 1666. Lisboa por João da Costa. 1666. 4.

Sermão na Festa da Canonização de S. Pedro de Alcantara. Lisboa por Domingos Carneiro 1671. 4.

Sermão às Religiosas do Mosteiro do Salvador na Segunda 6. feira da Quaresma à grade do Coro patente o Senhor, que havia hir na Procição de Passos. Lisboa por João da Costa 1675. 4.

Epitome da vida, e morte da gloriosa, e admiravel Virgem Rosa de Santa Maria Religiosa Terceira da Ordem dos Prégadores dividida em dous Sermoens, hum que se pregou na Rosa, outro no Bom Sucesso Lisboa por João da Costa 1669. 12.

Delle fazem memoria o Padre Fr. Lucas de Santa Catherina na *Hist. da Ordem de S. Domingos da Prov. de Portug.* Part. 4. liv. 1. cap. 5. e Fr. Pedro Monteiro no *Clauff. Dominic.* Tom. 3. pag. 134. e no Tom. 1. pag. 145.

P. ALVARO LOBO. Naceo em Villa Real da Provincia Transmontana, e das mais qualificadas familias daquella Villa de que descendiaõ seus Pays Antonio Lobo, e Beatriz de Contreiras. Aos 15. annos de idade passou a Coimbra, e no Collegio dos Padres Jesuitas foy admitido a seu Collega em 28. de Fevereiro de 1566. Nesta Escola sahio taõ perfeitamente instruido nas Humanidades, que por alguns annos as ensinou aos seus domesticos com grande fama de insigne Poeta, e consumado Orador. Semelhante nome alcançou, quando em Evora ensinou Filosofia por espaço de quatro annos. Mais illustre se fazia a sua sciencia pelas virtudes, em que florescia, como eraõ a contemplação dos bens eternos, o desprezo dos caducos, a humildade profunda, e o dominio sobre todas as paixoens. Foy Regente dos Estudos de Braga, e de Lisboa, Reytor do Collegio do Porto. Ainda que era de faude pouco robusta se applicou com disvelo a compor a Historia da Companhia desta Provincia, à qual naõ lhe poz o dezejado fim interrompido pela morte, que o trefladou à melhor vida em Coimbra a 23. de Abril de 1608. com 57. annos de idade, e 42. de Religião. Traduzio em Portuguez.

Martyrologio Romano. Coimbra por Antonio de Mariz 1591. 8. No fim lhe acrescentou.

Martyrologio dos Santos de Portugal, e festas geraes do Reyno recolhido de alguns Authores, e informaçoens por alguns Padres da Companhia de Jesus. Coimbra por Antonio de Mariz. 1591. 8.

O *Martyrologio Romano* sahio muito augmentado Lisboa por Miguel Deflandes 1681. 4.

Historia da Companhia da Provincia, de Portugal dividida em 12. Livros, dos quaes deixou acabados 10. em que comprehendia dezefete annos desde a sua Fundaçãõ, da qual se aproveitou muito para a Chronica da mesma Companhia o Padre Balthezar Telles, como elle o confessa ingenuamente no Prologo da 1. Parte.

Tratado da Familia dos Almeidas o qual fez à instancia de D. Pedro de Almeida I. Presidente da Camara, do Conselho de Estado, Alcaide mór de Torres Vedras, Irmão de D. Jorge de Almeida Arcebispo de Lisboa, cujo tratado devia ficar em poder de seu filho D. Pedro de Almeida Commendador de Loures na Ordem de Christo, Alcaide mór de Alcobaça, e Presidente da Camara. Desta obra faz mençaõ, e do Author o Padre D. Antonio Caetano de Sousa no *Apparat. à Hist. Gen. da Caf. Real. Portug.* pag. 56. n. 33.

Tratado da Entrada das Religioens neste Reyno allegado muitas vezes por Jorge Cardoso no *Agiol. Lusit.* principalmente, em o Tom. 1. p. 252. no *Commentario* de 25. de Janeiro letr. D. e no Tom. 3. pag. 519. no *Commentario* de 3. de Junho let. A. Tinha quasi acabada.

Vida do Serenissimo Rey, e Cardial D. Henrique, como testifica o Padre Francisco da Cruz nas *Mem. para a Bib. Portug. M. S.* Com merecidos elogios o celebraõ Nicol. Ant. in *Bib. Hisp.* Tom. 1. pag. 48. col. 2. *Orator eximius, Poeta excellens.* Alegamb. in *Bib. Societ.* pag. 44. *insignia habuit virtutum ornamenta, ex quibus animi tranquillitas, mansuetudo, lenitas, maxime commendabant.* Fonsec. *Evor. Glorios.* pag. 425. *Ornado de muitas letras, e Virtudes.* Joan. Suares de Brito in *Theatr. Lusit. Litterat.* let. A. n. 20. *Orator fuit eximius, & egregius Poeta.* Telles no Prol. da 1. Part. da *Chron. da Companh. de Prov. de Portugal.* *Homem douto, e muito erudito, de muita*

verdade, e sinceridade. Franco Synopf. *Annal. S. I. in Lusit.* pag. 195. n. 9. et in *Ann. Glor. S. I.* pag. 225. e na *Imagem do Novic. do Colleg. de Coimb.* Tom. 2. pag. 610. Cunha. *Hist. Eccles. de Braga* Part. 2. cap. 17. n. ult.

ALVARO LOPES natural de Villa viçosa na Provincia do Alentejo onde no anno de 1618. exercitava a Arte de Cirurgia, em que foy insigne. Escreveo.

De morbo gallico, ejusque partibus. M. S. De cuja obra, e author faz menção Francisco de Moraes Sardinha no *Parnaf. de Villav.* liv. 2. cap. 60.

ALVARO MARTINS. Cozinheiro mór em Castella da Serenissima Princesa D. Joanna de Austria Mãe, que foy delRey D. Sebastião, e depois delRey Filippe III. merecendo estimação pela arte de que fez hum livro no anno de 1615. cujo original conservava na sua selecta Livraria o Chantre de Evora Manoel Severim de Faria.

ALVARO DE MATTOS natural da Cidade de Elvas. Sendo Livreiro teve particular genio para a Poesia comica compondo muitas Comedias das quaes sómente chegou à minha noticia a seguinte impressa.

Cazado venturoso, e Pastora pertendida Lisboa por Antonio Alvares 1636. 4.

Entre os Poetas Portuguezes he numerado pelo P. Antonio dos Reys no *Enthusiasmo poetico* impresso no principio dos seus Epigramas n. 249.

ALVARO DE MORAES. Natural de Villa viçosa filho do Doutor Fernando de Moraes, e irmaõ mais velho do Doutor Gomez de Moraes Lente de Prima de Canones na Universidade de Coimbra, em cuja faculdade tambem recebeo o grão de Doutor. Prometendo-lhe a sua grande litteratura a administração dos mayores lugares preferio a tranquillidade do campo ao tumulto da Corte servindo unicamente o lugar de Juiz de fora da villa de Pinhel. Retirado a huma Quinta se applicou à cultura da terra escrevendo.

Livro de Agricultura no qual se trata do modo de enxertar, e plantar Arvores.

Querendo imprimir esta obra a remeteo

ao exame de seu Irmaõ o qual julgando ser o seu argumento indigno de hum Varaõ capaz de escrever materia mais alta a supprimio, não sabendo, que a cultura dos campos, e das Arvores como tão necessaria à conservação do genero humano tinha sido louvavel exercicio de muitos Principes.

ALVARO NUNES, natural de Villa de Santarem Pay não menos pela sciencia que natureza de Luiz Nunes de quem em seu lugar se fará menção. A opiniaõ que corria da sua profunda capacidade o fez ser venerado por hum dos mayores professores da Medicina, de tal sorte, que quando o Serenissimo Alberto Archiduque de Austria entrou em Lisboa para governar esta Monarchia em nome de Filippe II. não sómente o elegeo por Medico da sua Camara, mas lhe persuadio com largos partidos que o acompanhasse a Flandes com o titulo de seu Physico mór na occaziaõ que hia governar aquelles Estados. Obedeceo promptamente à insinuação deste Principe, e entrando em Anveres Corte dos Principes de Flandes não he facil de explicar a universal estimação, que mereceo assim da Nobreza, como do povo pelo admiravel methodo, e singular arte, com que curava as enfermidades mais perigozas, e rebeldes, por cuja causa o respeitavaõ os Professores da sua Arte por hum novo Hypocrates, ou Galeno. Toda esta aclamação conciliava a suavidade do seu genio, e urbanidade da sua pessoa sempre inimiga da vangloria, e unicamente amante da moderação. Além destes amaveis dotes resplandecia nelle sobre a profunda sciencia da Medicina a perfeita noticia da lingua Romana, e Grega, e a vasta comprehensão da Filosofia, Cirurgia, Mathematica, e Historia por cujas partes lhe dedicou ao seu merecimento este Elogio o insigne Varaõ Lourenço Beyerlinck in *Oper Cronol.* ad ann. Christi 1602. *Venio ad Alvarum Nonium Medicorum sui sæculi, & soli lumen, qui græce, & Latine eruditus ingentes opes subtilis ingenii ab ineunte ætate ad illustranda Medicinæ abdita conservaverat. Quo factum, ut nihil inter Græca primorum Medicinæ antistitum volumina occurreret, quod non otiùs enodaret interpretando. Memoria verò adeo tenaci,*

ac vegeta præter alias naturæ, & fortunæ dotes, præditus erat, ut non nisi eum summa voluptate audires de rebus summis quæque proxime hominem contingebant differentem, & arcana quævis veterum, & scriptis certa fide de promentem. Quare magno in prætio apud magnos semper est habitus, & Principum nostrorum Archiater assiduus fuit. Bibliothecam habuit divite librorum suppellectile instructam, quam Ludovico Nonio filio reliquit. Morreo em Anveres, e foy sepultado na Igreja de Saõ Tiago, em cuja Sepultura lhe gravaraõ sua mulher, e filhos este honorifico epitafio.

Alvaro Nonio Lud. Fil.

Nato an. 60. denato 5. Idus. Decembris 1603.

Philosopho, & Archiatro

Doctrina. & virtute claro:

Principibus charo.

Prolixa in omnes comitate

*Cui in vita nil charius quam aliis eam dare;
Nil in morte jucundius, quam ad meliorem
transire.*

Uxor marito, liberi parenti.

MM. PP.

Das obras de taõ grande Author unicamente chegou à nossa noticia a seguinte.

Annotationes ad libros duos Francisci Arcaei de recta curandorum vulnerum ratione cum eisdem excusæ. Antuerp. apud Christophorum Plantinum 1574. 8. et Amstelod. apud Petrum Vande Berghe. 1658. 12.

Esta obra, e do Author se lembraõ Vander de Linden, & Georg. Abrah. Mercklino in *Script. Medic.* Nicol. Anton. in *Bib. Hist.* Tom. 1. pag. 48. c. 2. Zacut. in præfat. de *Med. Princip. Hist.* Caldeira *Variar. Lætion.* lib. 2. cap. 5. Franc. Suvertius in *Athen. Belgic.* & Val. Andr. Dessel. in *Bib. Belgic.* fallando de seu filho Luiz Nunes.

D. Fr. ALVARO PAES brilhante Luz da Igreja Catholica, e da Religiaõ Serafica naceo na celebre Villa de Santarem bastando-lhe este unico filho para eterno brazaõ da sua Nobreza. Dezejoso de se instruir com os documentos da doutrina mais solida passou a Bolonha onde na sua florentissima Universidade se applicou ao estudo da Jurisprudencia Civil, e Canonica, fazendo nestas duas faculdades taes progressos, que recebendo nellas o gráo de Doutor as explicou,

com elle mesmo affirma na obra de *Plantu Ecclesiæ lib. 2. cap. 23.* com geral applauso de todos os Cathedraicos. Julgando por caduca a gloria, que lhe resultava destas acclamaçoens Academicas, para segurar a eterna recebo no anno de 1304. o habito dos Menores na Cidade de Assiz, onde estava celebrando Capitulo geral esta penitente familia buscando para testemunhas da sua heroica resoluçaõ o immenso numero de tantos Capitulares admirados de que quizesse professar o humilde estado Religioso hum homem, que era famoso entre os mayores Corifeos da Jurisprudencia. Voltando a Portugal assistio algum tempo no Convento de Lisboa, onde foy exemplar da vida regular, como tinha sido assombro das sciencias Canonica, e Civil. Para se instruir nas faculdades proprias do estado, que novamente professára, passou a Pariz onde teve por Mestre ao Doutor Joaõ Duns Scoto, que naquelle tempo illustrava a Universidade de Pariz com a sublimidade da sua doutrina, e era tal a comprehensãõ do discipulo, que disputava com a subtilidade do Mestre. Cheyo com os scientificos thesouros da Jurisprudencia, e Theologia, partio para Avinhaõ onde residia o Summo Pontifice Joaõ XXII. que admirando a sua grande fabledoria acompanhada de huma profunda humildade de tal modo lhe arrebatou os affectos, que o fez no anno de 1328. seu Penitenciario; em 16. de Junho de 1332. Bispo de Coron na Achaya; e no de 1335. de Sylves em o Reyno do Algarve, por morte de D. Pedro o I. deste nome; e ultimamente determinava coroarlhe os seus grandes merecimentos com a Purpura Vaticana o que deo occasiaõ para que Gonzaga Part. 1. de *Origin. Seraph. Relig.* Daza Part. 4. liv. 1. cap. 12. n. 55. Marian. Florent. in *Fasc. Chron. Ord. Min.* liv. 4. cap. 3. Joaõ Perez Lopes na vida de Scoto *Instant.* 10. e outros Autores Franciscanos erradamente escrevessem, que elle fora admitido ao Collegio Apostolico, sendo esta suprema dignidade justamente devida às heroicas aççoens, que em obsequio da Igreja tinha exercitado. Defendeo com valor Apostolico ao Pontifice Joaõ XXII. contra o Antipapa Pedro Corbario protegido pela Cefarea Magestade de Luiz Bavaro, e contra as calumnias de Gui-

Iherme Ockam Author da Escola dos Nominæes. Naõ manifestou menor efficacia o seu ardente zelo, quando se oppós aos violadores da immuniidade da sua Igreja de Sylves com manifesto perigo da vida chegando a taõ exerecrando atrevimento, que o acometeraõ para ser victima do seu sacrilego furor a tempo, que estava offerecendo no Altar o incruento holocausto do divino Cordeiro. Observante do preccito de Christo defemprou a Cidade de Sylves, à qual como ingrata esposa amaldiçoou, e passando a Sevilha viveo com os seus Religiosos entre os quaes exercitava com mayor excessõ as virtudes heroicas, que sempre practicaõ, até que chegou a hora, que deixando de ser mortal foy coroado na eternidade em o anno de 1353. O seu cadaver foy sepultado em hum mausoleo elegantemente fabricado, que está no Coro das Religiosas de Santa Clara de Sevilha onde se faz taõ veneravel a sua memoria pellos prodigios que obra, que entre os Sevilhanos he intitulado com a honorifica antonomasia de Santo. O dia da sua morte colloca Artur in *Martir. Franc.* pag. 289. em 5. de Julho, e Jorge Cardoso no *Agiol. Lusit.* Tom. 1. pag. 244. a 25. de Janeiro. Celebraraõ o nome deste Prelado S. Antonin. *Hist.* Part. 3. Tit. 24. cap. 8. §. 2. Tossinian *Hist. Seraph.* pag. 185. Wading. *Annal. Ord. Min.* ad ann. 1234. §. 32. ad ann. 1293. §. 9. ad ann. 1232. §. 7. ad ann. 1340 §. 11. Miræus de *Script. Eccles.* cap. 416. Vener. *Enchirid. de los Tiemp.* ann. 1320. pag. 234. Dermic. Thad. in *Nittel. Franc.* cap. 6. art. 5. Possév. *Appar. Sacr.* Tom. 1. pag. 49. Willot. *Athen. Franc.* Pisan. in lib. *Conformit.* fruct. 8. part. 2. Fr. Marcos de Lisboa *Chron. dos Men. Part.* 2. lib. 8. cap. 42. Joan Suar. de Brito in *Theat. Lusit. Litter.* let. A. n. 21. Fr. Manoel de S. Damaf. *Verd. Elucid.* pag. 154. n. 293. Monfort. *Chron. da Prov. da Pied.* liv. 2. cap. 24. n. 2. Fonsec. *Evor. Glorios.* pag. 290. Navar. de *reddit Eccles.* Quæst. 1. Monit. 10. *doctrina solida virum* Nic. Anton. in *Bib. Hisp. Vet.* lib. 9. cap. 4. n. 220. *Splendidissima fax dissipandæ horum temporum caligini, qua excæcatus omnis fere status hominum vitia palam virtutum loco amplectabatur doctrina fuit Alvari Pelagii.* Fr. Manoel da Esper. *Hist. Seraf. da Prov. de Port.* part. 2. liv. 10. cap. 1. n. 2. Brand.

Mon. Lusit. Part. 5. liv. 16. cap. 61. *Hum dos mais authorizados, e doutos Prelados da Christandade.* o Padre D. Manoel Caet. de Soufa *Cathol. Hist. dos Pontif. Card. e Bispos Portug.* p. 83. *Varaõ insigne.* Fr. Joan à D. Anton. in *Bibliothec. Franc.* Tom. 1. pag. 53. *Fervidissimus perfectionis religiosæ zelator.* O Illustrissimo Cornejo *Chronic. Seraf.* Part. 3. liv. 3. cap. 21. *Bien conocido, y celebrado por sus eseritos.* Gravesson *Hist. Eccles.* lib. 5. pag. mihi 113. Konig. *Bibloth. Vet. & nov* pag. 616. *Reliquit insigne opus cui titulum indidit De Plant. Eccles.* Dupin *Hist. des controu. e Mat. Ecclesiast.* dans le 14. Siecle pag. mihi 216. Oudin. de *Script. Eccles. Antiq.* Tom. 3. pag. 902. *Cultus ab omnibus ob conjunctam pietati insigni eruditionem. Plurima interim eximia virtutis, raraque lectionis opera orbi litterario obtulit, que ordini Fratrum Minorum perpetuo ornamento futura sunt.* Fleury *Hist. Eccles.* Tom. 19. pag. mihi 496. ann. 1332. *Un de plus zelés défenseurs du Pape Jean XXII.* Plati de *bono stat Relig.* lib. 2. cap. 32. *Alvarus Pelagius utriusque Juris peritissimus, simulque divinarum litterarum cujus præstans doctrina magno in pretio fuit apud omnes, ac præcipue apud Pontificem Joannem XXII.* Braschio de *libert. Eccles.* Tom. 1. cap. 41. n. 12. *Virum doctissimum,* e fallando das suas obras, diz *sunt simul doctrina, & pietate atque zelo uberrime redundantia.* Seja a ultima coroa dos seus elogios a que lhe teceo este Pontifice em hum Breve expedido em 23. de Março do nono anno do seu Pontificado dizendo-lhe. *Prudenter in ea, quæ nostrum, et Ecclesiæ Romanæ honorem, & fidei veritatem concernunt catholicæ per prædicationes, & veras doctrinas devotis operibus Te impendis: inde tuam prudentiam plurimum in Domino commendantes eam attentius exhortamur quatenus in his sic constanter et laudabiliter perseveres, quod divinam, ac nostram Apostolicæ Sedis gratiam merearis.* Compoz.

De Plantu Ecclesiæ. Dedicado a D. Pedro Gomes Barrofo Cardinal da Igreja Romana do Titulo de S. Praxedes. Contem dous livros nos quaes relata o poder da jurisdicção Pontificia, e com severa liberdade reprehende os defeitos dos Ecclesiasticos desde

a primeira Jerarchia até a ultima, e de toda a Republica Christãa, confirmando as suas refoçoens com textos do direito Canonico, e da Sagrada Escriitura. Odoric. Raynaud. tom. 15. *Annal. Eccles.* ad an. 1332. n. 30. julga que o nosso D. Alvaro se oppuzera à Magestade, e pompa exterior da Igreja para exaltar mais a religiosa pobreza do seu Instituto Serafico. Sahio primeiramente esta obra *Ulmæ ex Officina Joannis Zeneir 1474.* Depois se publicou em Leão de França com estas palavras no fim. *Impressum est autem denuò præclarum hoc opus in famatissimo Lugdunenfi Emporio apud Virum integerrimum Joannem Eleya Bibliopolam, & industrium, & de bonis litteris optime meritum. Anno post Christum natum sesquimillesimo supra decimum septimo ad Calendas Augustas.* fol.

Plurima qui latuit vix ulli sæcula notus

Exerit è tenebris Alvarus ecce caput.

Terceira vez se imprimio Venetiis apud Franciscum Sanfovinum & socios 1560. fol. cuja edição preparou Nicoláo Tinto, e a dedicou a D. Luiz de Toledo, filho de D. Pedro de Toledo Vicerey de Napoles dizendo do author. *Vir Summus & ad expellendas errorum tenebras, restituendamque veritatis lucem natus, qui in hoc opere quæcumque homines pie, ac sincere de Christiana religione sentientes diligenter quærere consueverunt, omnia ita subtiliter, erudite, diserteque prosecutus est, ut quantum heroibus illis, quorum virtus exitiosa monstra, id est vitia, extinguebat, antiquitas debuit, tantum nos hujus ingenio, industria, pietati debere videamur.*

Conferva-se esta obra M. S. em diversas Bibliothecas, principalmente em a Vaticana entre os livros, que foraõ do Duque de Urbino n. 953. e 954. e Nicoláo Anton. no lugar assima citado diz, que a vira na mesma Bibliotheca num. 4280. à qual precedia este opusculo. *Francisci de Toledo in Theologia Magistri Archidiaconi de Artiga divisio, ordinatio, continuatio, quæ est summa quædam per rubricas in Librum Alvari, & postremò repertorium per alphabetum, ad Reverendissimum Cardinalem Firmanum.* E nas Bibliothecas Real de Pariz Cod. 884. como escreve Montfaucon in *Bib. Bibliothec. M. S. nova* tom. 2. pag. 937. e na de Saõ Gaciano da Cidade de Tours n. 184.

Collyrium fidei contra hæreses. Existe M. S. na *Bibliotheca Colbertina* Codic. 2071. e na *Patavina S. Joannis in Viridario* como testifica Tomasin. pag. 31. Nicol. Ant. no lugar allegado affirma ter visto na *Bibliotheca Vatican.* Codic. 1129. hum exemplar desta obra escrito parte em papel, parte em pergaminho com caracter muito antigo, no fim do qual estaõ escritas estas palavras. *Præsens opus compositum a Fr. Alvaro de Ordine Minorum Episcopo Sylvienfi vocatur Collyrium, quod sicut collyrium est quædam unctio facta ad facies oculorum tergendas, & visum illuminandum, sic præsens liber utilis & necessarius est ad fidem illuminandam. Collyrium dividitur in sex partes.* Começa o livro. *In Nomine Domini &c. Fr. Alvarus professor Minorita natione Hispanus Decretorũ doctor, in Sacra Theologia Scholasticus gratia vobis pax, & Misericordia a Domino nostro JESU Christo &c.*

Summa Theologiæ Ulmæ 1474. in fol. Deste livro faz mençaõ Wading. *de Script. Ord. Min.* p. 15. o qual se conferva M. S. na Biblioth. do Convento Franciscano de S. Juan delos Reys de Toledo.

Apologia pro Joanne XXII. contra Marsilium Patavinum, & Guilielmum Ockamum. Conservase M. S. e he louvada com grandes elogios por Trithemio, Fr. Marcos de Lisboa, e Fr. Luiz Jacob. de S. Carlos na *Bib. Pontif.*

Speculum Regum. Principia. In nomine Domini nostri JESU Christi M. S.

In quattuor libros sententiarum.

Sermo Fr. Alvari Hispani Decretorum Doctoris Episcopi Coronensis, & Penitentarii Domini Papæ factus in die Jovis Canæ Domini in præsentia Domini Papæ Joannis XXII. Neste discurso segue a opiniaõ deste Pontifice, que affirmava naõ lograrem as almas da visaõ beatifica antes do dia do Juizo, cuja asseveraçaõ defendida como Doutor particular se retratou della Joaõ XXII. como Papa. Conservase M. S. no Convento de Toledo da Ordem dos Menores

ALVARO PEREIRA DE CASTRO. Foy muito perito na liçaõ da Historia profana, e naõ menos inclinado à profissaõ

da Poesia. Para fiel testemunho da alegria publica pelo nascimento do Primogenito dos nossos Monarchas reinantes convocou a sua Musa as quatro partes do mundo para a celebridade deste Natalicio, imprimindo.

Obsequiosa demonstração com que as quatro partes do mundo festejaraõ o feliz Nascimento do Serenissimo Principe D. Pedro augusto filho dos muy altos, e muy poderosos Reys D. Joaõ o V. e D. Marianna de Austria Lisboa por Miguel Manescal Impressor do Santo Officio 1713. 4. Consta de vario genero de versos.

ALVARO PIMENTA natural de Santarem, e excellente Poeta latino da sua idade, principalmente na composição das Elegias, em que foy exacto imitador da suavidade de Ovidio, como o manifestou na que compoz em forma de Carta escrita a França da parte de Portugal onde lhe relata o jubilo excessivo com que esta Coroa acclamou por seu Principe ao Serenissimo Senhor D. Joaõ o IV. cujo titulo era.

Lusitania Libera.

Principia.

*Quem legis inde venit trasmisso littera ponto,
Unde tibi nuper scribere crimen erat.*
Sahio impressa Ulyssipone apud Laurentium de Anvers. 1641. 4.

O Padre Lourenço le Brun da Companhia de Jesus na sua *Eloquentia Poetica* Parisiis apud Sebastian. Cramoyssi 1655. 4. transcreveo esta Elegia como obra neste genero perfectissima em o 2. Tom. pag. 698. Do author como Poeta insigne faz memoria o P. Antonio dos Reys no *Enthusiasm. Poet.* impresso no principio dos seus epigramas n. 221.

ALVARO PIRES DE TAVORA naceo em Lisboa, ou no lugar de Caparica, e foy filho de Ruy Lourenço de Tavora Capitão General de Tangere, e do Algarve, Vice-Rey da India, Conselheiro de Estado, e de sua mulher D. Maria Coutinho filha de D. Lourenço de Lima, e D. Luiza de Tavora dos Viscondes de Villa nova de Cerveira; Primogenito, e herdeiro do Morgado de Caparica, Commendador, e Alcayde mór das Villas das Entradas, e Padroens da Ordem de São Tiago, e Commendador das Pias, Sexas, e Lanho-

las da Ordem de Christo. Naõ sendo em os dotes do espirito inferior aos seus Mayores o foy no exercicio dos lugares publicos, pois merecendo pela sua singular prudencia, perspicás juizo, e moderação de animo em as felicidades, e infortunios, ser preferido em qualquer ministerio a todos, nunca sentio como injuriosa à sua Pessoa esta defatenação da fortuna. Passou a mayor parte da vida retirado do Paço, e do comercio da Nobreza, porém como tinha talento grande, sempre era consultado nas materias mais graves pertencentes à conservação, e gloria da Monarchia, o que naõ sómente executava com a penna, mas tambem com a espada, como se vio na occasião, em que se embarcou na Armada, que partio no anno de 1624. para lançar fora os Olandezes da Bahia, em cuja empreza obrou proezas dignas do seu claro nascimento. Para que totalmente naõ estivesse entregue a hum culpavel ocio se applicou em ler, e ordenar as Acçoens heroicas, que na paz, e na guerra tinhaõ obrado os seus Ascendentes formando huma Historia, que por industria de seu filho Ruy Lourenço de Tavora sahio a publico com este Titulo.

Historia dos Varoens illustres do appellido Tavora continuada em os Senhores da Casa, e Morgado de Caparica com a relação de todos os Sucessos politicos deste Reyno, e suas conquistas desde o tempo do S. Rey D. Joaõ o III. a esta parte. Noticia de Casamentos, Guerras, Pazes, Ligas, Negociaçoens, e Embaxadas dos Senhores Reys de Portugal, e outros de Europa, Africa, e Asia, em que entrevieraõ aquelles de quem se escreve. Pariz por Sebastião, e Gabriel Cramoyssi. 1648. fol.

Morreo em Lisboa a 7. de Julho de 1640. e está sepultado no Convento dos Religiosos Arrabidos de Caparica do qual era Padroeiro. Delle, e da obra se lembraõ Franckenau in *Bib. Hisp. Hist. Gen. Herald.* pag. 20. dizendo por engano, que se naõ imprimira; e o P. D. Antonio Caetano de Souf. no *Appar. da Hist. Gen. da Caf. Real Portug.* pag. 59. n. 39.

D. ALVARO DE PORTUGAL, filho de D. Fernando segundo Duque de Bragança, e da Duqueza D. Joanna de Castro sendo o quarto na ordem do nascimento

mereceo fer o primeiro pelos singulares dotes de que foy ornado. Antes de chegar à idade varonil se admirou nelle taõ adulta a prudencia, que mereceo exercitar os lugares de Regedor das Justiças, e Chanceler mór do Reyno com igual credito do seu talento, que geral utilidade desta Monarchia. Para de algum modo diminuir, ou dissimular o alto sentimento, com que vivia penetrado pela infaulta morte de seu Irmaõ o Duque D. Fernando executada na Praça de Evora a 20. de Junho de 1483. se retirou do Reyno com faculdade delRey D. Joaõ o II. tomando por pretexto desta auzencia a devota peregrinação aos lugares Santos de Jerusaleem. Na Corte de Castella foy recebido com particulares distincões pelos Reys Catholicos D. Fernando, e D. Izabel sua Prima, que atendendo ao esplendor do seu nascimento, e muito mais à capacidade do seu juizo o nomearaõ Presfidente do Conselho Real Contador mór, Alcayde mór de Sevilha, e Andujar com o Estado de Gelves. Por morte delRey D. Joaõ o II. cuja severidade foy sempre fatal à sua grande Casa voltou ao Reyno onde pela generosa magnificencia delRey D. Manoel naõ fomite foy restituído aos Estados, e lugares, que possuia, mas o nomeou Embaxador a Castella para concluir os seus despozorios com a Princesa D. Izabel filha dos Reys Catholicos, ministerio, que desempenhou com prudente madureza, e naõ menor actividade. Os mesmos Principes Castelhanos querendo exceder nas honras, que recebera delRey D. Manoel na occasião em que com este Monarcha despozaraõ sua segunda filha D. Maria, mandaraõ a D. Alvaro a procuraõ, para que em seu nome celebrasse na Corte de Lisboa este augusto conforcio. Cazou com D. Filippa de Mello filha herdeira de D. Rodrigo de Mello Conde, e Alcayde mór de Olivença, Guarda mór delRey D. Affonso V. e segundo Governador de Tangere, e de D. Izabel de Menezes de quem teve a D. Rodrigo de Mello primeiro Conde de Tentugal, D. Jorge de Portugal Conde de Gelvez, D. Izabel de Castro Condessa de Belalcassar, D. Beatriz de Vilhena Duqueza de Coimbra, D. Joanna de Vilhena Condessa do Vimioso, e D. Maria Manoel de Vilhena Condessa de Portalegre. Morreo na Cidade de Toledo a 4.

de Março de 1504. donde foy trefladado pellos Reverendos Conegos Seculares do Evangelista Amado para o Convento de Evora, que elle com seu sogro fundara no anno de 1485. Sobre a sua sepultura, e de sua Esposa se vem abertas as suas figuras sem epitafio. Fazem delle illustre memoria Refende *Chronica de D. Joaõ o II.* cap. 43. Sampayo *vid. de D. Juan* 2. pag. 27. v.º Valconcelos *Vid. de D. Juan. el II.* pag. 135. e 143. Telles de *Reb. gest. Joan. II.* pag. 82. 100. 168. Imhof. *Stem. Reg. Lusit.* pag. 26. Franc. de Santa Maria *Ceo abert. na Terr.* liv. 2. cap. 32. e 33. e no *Anno Histori.*, e *Diar. Portug.* pag. 291. Escreveo.

Carta a ElRey D. Joaõ o II. escrita de Castella onde estava retirado pelo caso do Duque seu Irmaõ. Começa.

Folgara bem de escusar escrever a V. S. Acaba Principalmente aos Duques, e a seus Irmaõs, que sobre este caso tinhaõ mais fortes privilegios.

He muito larga, e cheya de justificadas queixas contra ElRey D. Joaõ o II. por ter privado a sua Casa dos foros, privilegios, e dominios, dos quaes grande parte fora concedida pela liberalidade de seu Pay D. Affonso V.

ALVARO REBELLO. Foy hum dos famosos Soldados, que com animo intrepido sustentou a barbara invasaõ dos Africanos quando em o anno de 1562. acometeraõ a Fortaleza de Mazagaõ, sendo com eterna injuria do seu nome, e gloriosa fama das nossas armas derrotado o formidavel poder do seu exercito. Para que taõ grande façanha se naõ devesse fomite à sua espada, a eternizou com a penna escrevendo.

Sucesso do famoso cerco, que ElRey Muley Abdalá Xarife universal Senhor de toda a Africa poz a Mazagaõ defendido por os Portuguezes no tempo, que governava estes Regnos a muito alta, e muito poderosa Raynha D. Catherina Nossa Senhora, mulher que foy do Serenissimo, e invencivel Rey D. Joaõ o III. deste nome &c. M. S. consta de 147. capitulos, dos quaes começa o I. Depois que o Xarife Muley Hameti. Acaba o ultimo Capitulo da triunfante Vitoria. Conserva-se na Bibliotheca do Marquez de Gouvea Mordomo mór, e he dedicado à Raynha D. Catherina. Eu o ly todo, e delle extrahi

muitas, e particulares noticias para as *Memo-rias Histor. del Rey D. Sebastião* por ser este cerco hum dos mayores successos, que houve no seu Reynado.

Sendo de profissaõ Soldado não deixava de ser Poeta tendo igual furor para a campanha, que para a Poesia. Muitos dos seus versos estaõ no Romancero dos Poetas Portuguezes collegido pelo Padre Pedro Ribeiro, que se conserva na Biblioth. do Card. de Souza, e hoje do Duque de Alafoens, dos quaes eraõ huma Egloga, de que saõ interlocutores Apricio, e Cosmaco, e principia.

Excelsõ monte, sacro, e deleitoso

Duas Elegias a 1.

Em quanto aquelle barco brandamente

A segunda.

La Pastora ver serã

Huma carta, cujo principio he.

Aquelle fraterno amor, que a alma inflama.

ALVARO SABINO DO ESPIRITO SANTO veja-se o Padre ANASTASIO DUARTE.

ALVARO SEMEDO. Naceo na Villa de Nifa, que no espirital obedece ao Priorado do Crato da Ordem de Malta, e não a Portalegre, como escreveo o Author da Bibliotheca da Companhia, onde teve por Pays a Fernão Gomes, e Leonor Vaz. Na florente idade de 17. annos se alistou na Religiaõ dos Jesuitas no Collegio de Evora em 30. de Abril de 1602. e ainda estudava Filosofia quando penetrado do zelo da converção da gentildade do Oriente pedio aos Superiores com grandes instancias acompanhadas de copiosas lagrimas, que o fizessem participante deste ardente dezejo. Alcançada facultade partio para Goa, e acabando nella os estudos, que principiara em Evora, anhelando anciosamente à missãõ da China, e introduzido nella, foraõ tantos os filhos, que gérou para Christo, como immensos os trabalhos, que padeceo nesta empreza. Levantada huma terrivel perseguição no anno de 1617. na Cidade de Nanquin contra os operarios Evangelicos, o lançaraõ fóra, quando estava gravemente enfermo com outros companheiros em hum carcere tenebroso, e fechado em huma gayola de ferro, donde não podia

estender o corpo, e foy conduzido por huma esquadra de Soldados até Cantaõ, e daqui a Macào, sendo vexado em taõ larga jornada, que durou trinta dias, com todo o genero de tormentos, e afrontas. Não afrouxou o seu apostolico espirito com estas graves molestias, antes mais animoso mudando o nome, e o vestido penetrou ao lugar donde fora expulso com mayor perigo da sua vida, e não menor zelo da propagação da Fé. Neste tempo foy eleito Procurador a Roma, por cuja causa passou a Portugal, e concluindo felizmente na Curia os negocios, a que fora mandado, voltou promptamente para a China, onde foy eleito Provincial, e Visitador daquellas Missõens, nas quaes depois de exercitar-se por alguns annos, attenuado de trabalhos, e cheyo de merecimentos acabou a carreira mortal em Cantaõ a 6. de Mayo de 1658. tendo de idade 73. annos, e de Missionario 46. Foy varaõ ornado de singulares virtudes, pois alem de ser insigne no amor de Deos, e do proximo, observancia religiosa, paciencia summa, tinha tal suavidade de genio, que atrahia os animos dos Gentios, e Hereges, cõ os quaes por diversas vezes navegou. Os seus apostolicos trabalhos, e escritos louvaõ Manoel de Faria, e Souza *Asia Port.* Part. 3. cap. 12. n. 29. e cap. 14. n. 13. P. Ant. de Gouvea in *Asia Extrem.* lib. 6. a cap. 3. Alegamb. *Bib. Societ.* pag. 44. col. 1. Nicol. Ant. in *Hisp.* Tom. 2. pag. 316. Franco na *Imag. do Noviciad. de Evor.* pag. 851. e no *Ann. Glor. S. I. in Lusitan.* pag. 256. Fonseca *Evora glorios.* pag. 425. Joan. Suar. de Brito in *Theatr. Lusit. Litter.* let. A. n. 23. dizendo *Statura homini quadrata infra mediocritatem, color candidus, facies plena, oculi castanei,* e a *Bib. Orient.* de Antonio de Leaõ modernamente acrecentada Tom. 1. Tit. 7. col. 104. O insigne, e douto, Antiquario Manoel Severim de Faria Chantre da Cathedral de Evora querendo perpetuar a memoria do P. Alvaro Semedo, de quem era grande amigo, lhe fez esta inscripção, e a collocou na sua selectissima Bibliotheca, com que igualmente a ornou, como illustrou o nome de taõ grande Missionario.

P. Alvaro Semedo

è Societate JESU

*Viro religiosissimo, & Apostolico
Cælestis doctrinæ apud Sinas Paramimbo:*

*Qui à Solis ortu usque ad Occasum
Totum pene orbem Evangelicæ prædicationis
causâ*

*Quasi universa lustrans spiritu
Non semel peragravit,*

*Qui hoc mare magnū, & spatiosum manibus
Tamquam navis insitoris gentibus de longe*

*Portans panem navigavit:
Amico suo optimo, & suavissimo
Emmanuel Severinus de Faria
Hoc munusculum amoris Mnemosynon*

L D C Q

*Ut hujus Musæi prototypo
Gens Sinica litteris deditissima*

*Bibliothecas instruere, uti & curare utilius valeant
Eboræ in Lusitania III. Kal. Maij
Anno Salutis MDCXLIII.*

Compoz

*Cartas Annuas escritas de Nanquim em 23. de
Junho de 1622. em que se relateã os successos da
Missaõ da China.* Sahiraõ impressas com outras
em Italiano desde pag. 249. até 310. Roma
por Francisco Corbelletti. 1627. 8.

A sua historia da China verteo de Por-
tuguez em Castelhana Manoel de Faria, e
Souza, com este titulo.

*Imperio dela China, y cultura Evange-
lica en el por los Religiosos dela Compañia de
JESUS sacado delas noticias del Padre Alvaro
Semedo dela propria Compañia.* Madrid
por Juan Sanches. 1643. 4. e Lisboa na Offi-
cina Herreriana 1731. fol. Traduzido
em Italiano Roma por Hermano Scheus.
1643. 4. em Francez pelo Padre Luiz Cou-
lon. Pariz por Sebastiaõ, e Gabriel Cramoi-
sy. 1655. 4. e Leaõ de França 1667. 4. e
em Inglez por English by a Person, que a illus-
trou com muitos Mappas, e o retrato do
Author, de que tenho hum exemplar. Londres
por E Tyler for John Crook. 1655. fol.
Nesta ediçaõ sahio tambem traduzido no
fim o *Bellum Tartaricum* do Padre Martim
Martinio.

Tinha quasi completos dous Dicciona-
rios, que naõ acabou impedido pela morte,
que eraõ

Dictionario Sinico = Lusitano

Dictionario Lusitano = Sinico.

Esta obra faz mençaõ a *Bib. Oriental*
assima allegada.

ALVARO DA SILVEYRA, natural
de Evora, e filho de Fernando da Silveira Cla-
veiro da Ordem de Christo, e Commendador
de Montalvaõ, e de D. Joanna de Vasconcellos,
filha de Alvaro Mendes de Vasconcellos Senhor
do Morgado do Esporaõ, e de sua segunda
mulher D. Guiomar de Mello; terceiro Neto
daquelle grande Varaõ naõ menos na fortuna,
que na capacidade, Joaõ Fernandes da Sylveira
primeiro Baraõ de Alvito, Escrivaõ da Puri-
dade delRey D. Joaõ o II. Chanceler mòr,
e Vedor da Fazenda. Succedeo D. Alvaro a seu
Pay igualmente nos bens do morgado, como
no Officio de Claveiro da Ordem militar de
Christo. Cazou duas vezes; a primeira com D.
Branca Deça filha de Francisco de Miranda
Alcayde mòr de Alter Pedroso, e de D. Ignez
Henriques; a II. com D. Anna de Castro filha
de Fernaõ Telles de Menezes setimo Senhor
de Unhaõ, e de D. Maria de Castro filha de D.
Jeronymo de Noronha. No tempo que tinha
vago das occupaçoens militares, e politicas,
como se deleitava na liçaõ de Historias fabu-
losas compoz huma, que intitoulou.

Aventuras do Gigante Dominiscaldo.

De cuja obra fazem memoria com grandes
louvores Francisco Galvaõ na sua *Bib. Por-
tug. M. S.* e Joaõ Franco Barreto na *Bib.
Portug.* dizendo que depois da morte do
Author, que succedeo no fim de Junho de 1623.
viera esta obra ao poder de sua filha D. Helena
de Castro Condessa de Villa pouca. Foy
sepultado o seu cadaver em huma Capella,
que he jazigo da sua familia situada em o
Convento de N. Senhora do Espinheiro
de Religiosos de S. Jeronymo.

ALVARO THOMAZ, natural de Lisboa,
donde passou a Pariz, e depois de instruido per-
feitamente nas letras humanas, e na lingua
latina, ouvio Filofofia de Pedro Aliaco, que foy
Cardeal da Igreja Romana, hum dos mayores
Mestres, que naquello tempo venerava Sorbona,
e fez taes progressos com a doutrina de taõ infi-
gne Letrado, que mereceo a admiraçaõ de
todos os seus condiscipulos. Iguaes foraõ as
aclamaçoens, que alcançou o seu talento pela
profundidade, com que penetrou os myste-
rios da Theologia, as Decisoens de hum,
e outro Direito, e as observaçoens de Mathe-

mática sendo eminente em qualquer destas grandes faculdades, pellas quaes lhe consagrou à sua memoria este elogio Jorge Bruneau Vindocinense na Epistola, que sahio impressa no fim da obra abaixo escrita, *si de sacris litteris dissertare quidquid cæperis Theologiæ, tum Theoricæ, tum Practicæ omnem operam, totosque dies impendisse judicare. Si inter utriusque Juris peritos congregiaris Cæsareis, Pontificiisque dumtaxat libris vacasse constantissime autumaberis. Taceo quam familiaris tibi sit moralis, & naturalis Philosophia, aut in tanta Philosophantium corona Philosophi tibi nomen peculiariter vindicaveris, atque Præceptorem tuum Petrum de Aliaco inter Philosophiæ professores dum viveret, doctissimum, aut æquaveris, aut (quod potius reor) superaveris. Quid verò Quadrinij certissimam peritiam referre opus est? Si vel minimo cuique hic tuus de Triplici motu liber monstrat apertius.* Foy Reytor de hum dos celebres Collegios, que ornaõ a Corte de Pariz, e nelle exercitou o officio de Mestre, titulo, com que se nomea na obra seguinte.

De triplici motu cum proportionibus annexis Philosophicas Suiseth calculationes ex parte declarans. Parisijs apud Guilieum Anabat. 1509. fol.

Dividese esta obra em quatro Tratados. Em o 1. disputa da proporção, e a sua dimensão. Em os outros trata de diversas especies de movimentos assim de velocidade, como da tardança; do movimento da rarefacção, condensação, augmentação, alteração, e intensão.

Fr. ALVARO DA TORRE da Ordem dos Prégadores taõ insigne na Theologia, em que foy Mestre, como na Oratoria Ecclesiastica, pela qual mereceo ser Prégador do nosso Rey D. Joaõ o II. Compoz, ou tradusio.

Tratado da Criação do mundo. M. S. Verteo da lingua Latina em a Portugueza.

Carta de Jeronymo Montano Doutor Alemão escrita em 14. de Julho de 1493. a ElRey D. Joaõ o II. Nella tratava do novo descobrimento do Graõ Cathayo, e se imprimio juntamente com o *Tratado da criação do mundo.* Fazem memoria destas obras como de seu Author Fr. Pedro Monteiro no *Clasf. Dom.* pag. 136. e Fr. Lucas

de Santa Catherina na 4. Part. da *Hist. de S. Domingos da Provinc. de Portug.* pag. 924. ambos Academicos da Academia Real, e o moderno addicionador da *Bib. Orient.* de Ant. de Leaõ Tom. 3. col. 1725.

Fr. ALVARO DE TORRES natural da Villa de Torres Vedras do Arcebispado de Lisboa. Professou o habito da Religião de S. Jeronymo no Real Convento de Belem a 14. de Mayo de 1534. e foy taõ insigne em os dotes da natureza, como sciente em todas as artes liberaes. Formava com a penna taõ perfeitos caracteres, que pareciaõ sahir da mais primorosa impressão. Fallava expeditamente as linguas Grega, Hebraica, e Latina. Prégava com tal energia, e elegancia, que suspendia a atençaõ dos ouvintes. Foy dos primeiros Religiosos, que ouviraõ Theologia no Convento da Costa junto a Guimaraens, em que sahio eminente, tendo nesta escola por condiscipulo ao Senhor Dom Duarte filho delRey D. Joaõ o III. dos quaes foy muito estimado. Por ser muito douto na Escriitura Sagrada foy eleyto por este Monarcha para que a lesse aos Religiosos da Ordem Militar de Christo do Convento de Thomar, escrevendo ao seu D. Superior Fr. Salvador de Mello huma carta em 11. de Junho de 1552. na qual lhe dizia *E porque sey a necessidade, que nessa casa há de quem leya a Escriitura Sagrada, e quanto isto convem aos que estão no Escolastico aproveitados, mando lá para isso ao Padre Fr. Alvaro de Torres, da Ordem de S. Jeronymo pela boa informação, que delle, e de suas letras, e sufficiencia tenho &c.* Foy Prior do Convento de S. Marcos desde o anno de 1545 até 1550. Quando estava na idade mais robusta passando em hum barco de Lisboa para o seu Convento de Belem, levantandose huma furiosa tempestade o fumergio no Tejo, digno certamente de fim mais glorioso. O seu grande talento prometia copiosos frutos de erudição Sagrada, e profana, mas a brevidade da sua vida naõ permitio, que produzisse mais, que as obras seguintes.

Dialogo, ou Colloquio espirital do modo de achar a Deos, interlocutores hum Religioso, e hum Peregrino. Foy mandado imprimir por D. Gaspar de Leaõ primeiro Arcebispo de Goa, por cuja causa alguns imaginaraõ, que era obra deste Prelado.

Muitos dos seus Religiosos sospeitáraõ, que taõbem compuzera parte dos Dialogos, que depois da sua morte publicou Fr. Heytor Pinto, grande credito desta Religioza Familia.

Por ordem do Capitulo geral congregado em o anno de 1553. publicou vertida de Latim em Portuguez para ser observada pelos seus Religiosos.

Regra de Santo Agostinho.

Traduzio de Latim em Portuguez, por insinuaçaõ da Serenissima Infanta D. Maria filha delRey D. Manoel.

Directorio de Confessores, e penitentes polo Padre Joaõ Polanco da Companhia de JESUS. Lisboa por Joaõ Blavio 1556. e por Marcos Borges. 1556.

ALVARO VAHIA natural de Villaviçofa filho de Joaõ Vahia, e Ignez Alvarez filha de Alvaro Pires Leite. Foy hum dos criados mais illustres dos Serenissimos Duques de Bragança D. Joaõ, D. Jayme, e D. Theodosio, dos quaes mereceo particulares estimaçoens assim pela sciencia das linguas, que puramente fallava, como pelo genio prompto, e sublime, que tinha para a Poesia, e Oratoria, fazendo excessõ a todos os professores destas duas Artes, que venerava aquella idade. Compoz muitas Comedias, e Tragedias, de que se podia fazer hum justo volume, as quaes se representaraõ no theatro na presença dos Serenissimos Duques com geral applauso dos espectadores, logrando huma só o beneficio da luz publica. Francisco de Moraes Sardinha no liv. 3. do seu Parnaso Villaviçofano traz duas Cançoens suas, huma à Degollaçaõ do Bautista, que começa.

Baptista Precursor do verbo Eterno: outra à Virgem Santissima visitando a sua Prima S. Izabel, cujo principio era.

Depois, que a antiga Mãe de Adão consorte.

E hum Soneto, que diz

Já torna a cantar Progne, e Filomena.

Outavas ao Duque de Brag. D. Theodos. Começaõ.

Profapia singular alta, e suprema

Do Condestable invicto celebrada,

Que o Lusitano scetro, e diadema,

Ganhou com a fulminea, e forte Espada.

O pestifero contagio, que consumio grande

parte deste Reyno em o anno de 1598. o privou da vida na sua patria, esperando a immortalidade no Convento dos Religiosos Capuchos da Provincia da Piedade. Delle faz memoria o P. Antonio dos Reys no *Enthusiasmo Poetico.* n. 202.

ALVARO VAZ, OU VALASCO Naceo na Cidade de Evora no anno de 1526. de Pays honrados, e opulentos. Aprendeo na patria os primeiros rudimentos da Grammatica, donde passando a Coimbra depois de se instruir nas lingua Latina, e Grega, e de se exercitar nos preceitos da Poesia, e Rhetorica, em que foy consumado, se applicou com todo o disvelo a penetrar os mysterios scientificos do Direito Civil, e de tal forte interpretava, e resolvia as suas mayores difficuldades, que por geral aclamaçaõ de todos os Cathedaticos foy ornado com as insignias Doutoraes desta faculdade. Naõ era justo, que estivesse por muito tempo ocioso o seu grande talento em prejuizo do esplendor da Univerfidade, por cuja causa foy eleito Lente da Instituta em 22. de Março de 1556. quando contava 30. annos de idade, donde sendo transferido no anno seguinte à Cadeira de Codigo, regentou em 5. de Agosto de 1559. a Cadeira dos Tres livros do Codigo. Oppondose à Cadeira do Digesto Velho com o insigne Pedro Barboza em 20. de Fevereiro de 1560. depois de huma diuturna, e acerrima contenda, de que foy espectadora toda a Univerfidade, se julgou o triunfo a Pedro Barboza, por cujo motivo deixando Coimbra, passou a Lisboa, onde eleito Advogado da Casa da Supplicação começou a manifestar a profundidade do juizo, e a agudeza do engenho no patrocínio das Causas forenses, em cujo exame observava taõ religiosamente a justiça, que sempre os Ministros julgavaõ por mais provavel, e segura a opiniaõ, que elle defendia. Ao tempo, que lograva os mayores applausos como Advogado, naõ os alcançou inferiores, quando foy constituido Juiz pela Magestade delRey D. Sebastiaõ nomeando-o Dezembargador dos Aggravos, de que tomou posse a 30. de Setembro de 1577. em cujo ministerio sempre teve por directora das suas acçoens a equidade nunca contrastada pelos impulsos do respeito, ou do interesse. O mesmo Monarcha

querendo novamente illustrar a Universidade com a doutrina de tão grande Varaõ o nomeou em 22. de Dezembro de 1577. Lente de Prima dezempenhando as obrigaçoens de lugar tão honorifico com igual credito da sua Pessoa, e admiração de todos os Academicos expondo o difficuloso Titulo *ff. de Legatis* 2. e o continuou com subtilissimas interpretaçoens até à *L. si quis Titio* 17. Atenuado com a continua applicação dos estudos se sentio tão falto de forças, como cheyo de molestias, por cujas causas foy obrigado deixar a Universidade, que excessivamente sentio a sua auzencia, e a restituirse a Lisboa, onde continuando no ministerio de Dezembargador determinou publicar as suas obras, que lhe tinhaõ custado tantas vigiliãs, das quaes sahio no anno de 1588. quando tinha 62. annos de idade, o primeiro tomo das *Decisoens*, que foy recebido com geral applauso dos eruditos. Ao tempo que estava preparando o segundo Tom. de *Decisoens*, e o terceiro das *Partilhas*, a morte envejosa da gloriosa fama do seu nome lhe interrompeo o designio, que para utilidade da Republica litteraria meditava, privando-o da vida em 17. de Abril de 1593. com 67. annos de idade. Teve de sua mulher D. Brites ao Doutor Francisco Valasco de Gouvea Lente de Vespera na faculdade de Canones em a Universidade de Coimbra, digno filho de tal Pay, e huma filha chamada Leonor, que foy cazada. No Claustro do Convento de S. Domingos de Lisboa em o lanço da parte que tem porta para a Igreja, e Sancristia, entre a casa da Aula, e a porta, que vay para a escada, que sobe para os Dormitorios, está huma Capellinha com grades de ferro fechada, em cima da qual pela parte de fóra se lé em huma pedra branca, que a toma toda ao comprido à maneira de simalha, huma inscripção de letras Romanas, que diz assim.

Esta Capella de N. Senhora da Humildade he do Doutor Alvaro Vaz Lente de Prima de Leys na Universidade de Coimbra, Dezembargador dos Aggravos da Casa da Suplicação, a qual depois de sua morte mandou fazer sua mulher D. Brites para ambos, e seus herdeiros, institubio nella o vinculo do morgado com obrigação de tres Missas cada Semana. Falleceraõ a 17. de Abril

de 1593. e a 25. de Junho de 610. seu filho o Doutor Francisco Valasco de Gouvea Lente jubilado de Canones na mesma Universidade, e Dezembargador da Casa da Suplicação, Arceidiago de Cerveira na Sé de Braga a dotou mais com duas Missas quotidianas huma dita pelos Padres deste Convento com hum Officio de defuntos de que fez com elles contrato; outra por hum Capellaõ Clerigo Secular. Falleceo. Nesta ultima palavra acaba a dita inscripção, donde se infere que ainda vivia o mesmo Doutor Francisco Valasco de Gouvea quando naquelle lugar se poz esta pedra. Compoz.

Consultationum, ac rerum judicatarum in Regno Lusitaniæ Tom. 1. Ulyssip. apud Emmanuelem de Lyra 1588. fol. & ibi apud Antonium Alvares 1593. fol. Spiræ 1597. 4.

Decisionum Tom. 2. Ulyssipone apud Georgium Rodrigues 1601. fol. Sahio este tomo por deligencia de seu filho o Doutor Francisco Valasco de Gouvea, no qual está impresso o retrato do Author animado com estes versos.
Subtrahet hæc morti famam pictura: vetustas
Non oberit, primas nam tibi jura dabunt.
Jure tibi cedent insignes jure, sed unum,

Qui tibi sit similis, vix habet orbis adhuc.

Estes dous tomos de *Decisoens* sahiraõ Francof. in Collegio Musar. Palthen. 1608. fol. outra vez ibi. 1656. fol. Venetiis apud Bernardum Junctam, & socios. 1599. fol. Antuerp. apud Joannem Keerbegium 1621. 4. & Conimbricæ apud Emmanuelem Rodriguez de Almeyda 1686. fol. & apud Ludovicum Seco Ferreira 1730. fol.

Praxis Partitionum et collationum inter hæredes secundum jus Regium Lusitaniæ, & juxta jus commune admodum necessaria, et utilis tam scholasticis, quam in foro versantibus. Conimbricæ apud Didacum Gomes Loureiro 1605. fol. Francof. in Colleg. Palthenio 1607. fol. Venetiis apud Junctam 1609. fol. Antuerp. apud Keerbegium 1612. 4. & Conimbricæ apud Ludovicum Seco Ferreira 1730. fol. juntamente com as *Consultas*.

Questionum juris Emphyteutici liber Primus, sive Prima Pars. Ulyssipone apud Balthazarem Ribeiro 1591. fol. et ibi. apud Petrum Crasbeeck 1611. fol. Francof. in Colleg. Palthen. 1599. fol. et ibi. ad Mænum

1618. 8. Cremonæ apud Baptistam Pellizarium 1591. fol. et Conimbricæ apud Emman. Roderig. de Almeyda 1628. fol.

Todas estas obras sahiraõ em tres tomos Francof. apud Wolfgangum Encleterium. 1650. fol. Conimbricæ apud Emman. Rodericum de Almeyda 1684. & ibi. apud Ludovicum Ferreira Seco 1730. et 1731. em 2. Tomos sem o Tratado de *Emphyteufi*; ultimamente Coloniae Allogrobum sumptibus Marci Michaelis Boufquet 1735. fol. 4. Tom.

Outras muitas obras dignas de se imprimirem compoz Alvaro Vaz no tempo, que occupou as Cadeiras da Univerfidade, as quaes se conservaõ com grande estimaçaõ em poder dos professores da Jurisprudencia, sendo as principaes.

Commentaria ad Tit. Cod. de inofficios. Donation. Ad Tit. Cod. de Jure Emphiteut. Ad Tit. Cod. de Edendo. Ad Tit. Cod. de Jure Fisci. Ad Tit. Cod. de Liber. præter in Authent. ex causa. Ad Tit. Cod. de Pactis. Ad Tit. Cod. si quis aliquem testari prohibuerit, vel coegerit. Ad Tit. Cod. ad S. C. Tertullian. in Authent. defunct. Ad Tit. Cod. de crimine agi oporteat in Authent. qua in Provinc. Ad Tit. Cod. de conveniend. Fisci debitorib. lib. 10. Ad Text. in L. quoties 98. & ad Text. in L. Qui in jus. 177. ff. de re judicat. Ad Tit. ff. de Legat. 2. à principio usque ad Text. in L. si quis Tit. 17. Ad Text. in L. 28. ff. eodem Tit.

Entre muitas, e doudas Allegaçoes de Direito, que fez quando exercitava o officio de Patrono de Causas, he celebre a que compoz em Castelhano sobre a successão da Casa de Aveiro com este titulo.

Por la Excelentissima Señora D. Juliana de Alencastro Duqueza de Avero. fol. Naõ tem anno, nem lugar da Impressão, e consta de 8. fol. como vimos. Desta allegaçã faz memoria o Doutor Francisco Valasco de Gouvea filho do Author na que imprimio em Lisboa no anno de 1637. a favor do Duque de Torres novas D. Raymundo contra o Marquez de Porto seguro, seu Tio sobre a successão do Estado, e Casa de Aveiro.

Compoz tambem doutissimas notas à Ordenaçã do Reyno, das quaes se lembra o Addicionador de Reynofo obfervat. 28. ad num. 7.

A memoria deste insigne Jurisconsulto illustraõ com varios elogios diversos Authores, como saõ Gama *Decif. 2. n. 6. Decif. 8. n. 2. & 4. Decif. 75. n. 3. Decif. 222. n. 4.* chamando-lhe *doctissimus, & Jurisconsultissimus.* Cabed. 1. *Parte Decif. 14. num. 8. & 2. Part. in Prolog. doctissimus.* Pheb. Tom. 1. *Decif. 1. n. 8. insignem præceptorem, & Decif. 3. n. 1. doctissimum, e Dec. 99. n. 7. Tom. 2. Decif. 108. n. 13. doctissimum, & Decif. 113. n. 15. e Decif. 161. n. 1. & Decif. 170. n. 33. Mend. à Calstro ad Tit. Cod. de bonis que liber. 2. Parte n. 106. Sapientissimus, & eximius Lusitanus.* Thom. Vaz *Allegat. 17. n. 4. Tam in juris Theorica, quàm Pratica præstantissimus, & inter nostros Lusitanos summæ authoritatis vir.* Mello de *Inducias Quæst. 33. n. 3. Insignis Jurisconsultus.* Bened. Ægidius in *L. ex hoc jure 4. Part. 1. cap. 14. n. 17. ff. de justit. & jure; Gundisalv. Mend. de Valconc. Div. Jur. Argum. Vir eruditione clarus & senatoria dignitate conspicuus.* Gab. Pereir. de *Castr. Decif. 55. n. 15. & Dec. 83. n. 5. doctissimus & Decif. 65. n. 4. Jurisconsultissimus.* Pinel. *Select. Jur. Interp. lib. 1. cap. 3.) n. 23. Insignis regius senator, & Juris Civilis ac eximius primarius professor, & lib. 1. cap. 5. n. 20. & 22. insignis Lusitanus & ibi n. 47. prudentissimus & cap. 8. n. 1. Jurisconsultus cordatissimus.* Carvalho in *cap. Raynaldus 2. part. n. 380. diligentissimus* Franc. Maria Prat. in *addition. ad Paschal. de virib. Patriæ Potestat. Part. 4. cap. 6. Insignis Jurisconsultus.* Maced. in *Lusit. Liber. lib. 1. cap. 9. n. 22. e 29. doctissimus vir, e nas Flor. de Espan. cap. 8. Excell. 11. D. Nicol. Ant. in Bib. Hisp. tom. 1. pag. 49. col. 1. insignia sui monumenta reliquit posteris.* Manoel Sever. de *Far. Notic. de Portug. Disc. 5. §. 3. Manoel Rod. Leyt. Trat. Analyt. pag. 7. Not. 24. Fonsec. Evora Glorios. pag. 409. celeberrimo Jurisconsulto.* Garcia de *Expens. cap. 1. n. 9. pag. 6. Varia eruditione, & non vulgari eloquentia præditus.* Manoel de Faria, e Souf. no *Cathal. dos Author. Portuguezes, cujo Original tivemos em nosso poder, e se naõ imprimio, lhe chama insigne Jurista.* Francisco Caldas Pereira *Oper. Emphyteut. Part. 2. Quæst. 1. Rem quidem Emphyteuticam nostro Sæculo præstantis, & excellentis ingenij Jurisconsultus*

gravissimus Alvarus Valasens vir togatus addito uno elegantissimo Juris Emphyteutici libro (ubi renovationis Tractatum pollicetur) feliciter, ac dextro omine auspiciatus est. Quod quidem omnium quotquot hæc lenis scripserunt felicitis præstitisset, nisi Nemesis studiosis omnibus infesta Univerſæ Reipublicæ litterariæ, ipsique Jurisprudentiæ utilitatem invidisset. Cum enim ad renovationis tractatum se se velut Sternuus miles accingeret, adversa corporis valetudo, & ingruentis indies agritudinis molestia ex assiduis studiorum vigiliis contracta ad reliquorum librorum editionem, ad commune publicæ utilitatis commodum festinantem quasi de medio instituti sui cursu interpellarunt. Quam obrem cum prima veluti sætura librum quinquaginta, & amplius quæstiones continentem summo cum studiosorum applausu edidisset, robustioresque adhuc partes super essent, tum iniqua adversi fati acerbitas amplissimam illam spem cogitationum, & Consiliorum suorum, tum graves eorum temporum casus doctissimi hominis fidem, & sponſionem seſellerunt. Accessit etiam repetitus studiorum labor, redditusque in Academiam, qui post intermissa, ac refrigerata diuturna quiete, & otio studia, & urbanæ militiæ gloriosam advocacionem summa cum laude perfunctam defessi corporis vires penitus exhausserunt, ac labefactarunt. Non inficiabor tamen opus illud de Jure Emphyteutico à doctissimo Valasco elaboratum nec omninò absolutum maiorem fortasse apud viros doctos admirationem, gloriamque habiturum: illud enim perquam rarum, ac memoria dignum est, etiam suprema opera eximiorum artificum imperfectasque tabulas, sicut Irin Aryſtidis, Tyndaridas Nicomachi, & Venerem Apellis in majori pretio, & admiratione fuisse, quam perfecta &c. Jeronymo Cardoso insignis Professor de letras humanas seu contemporaneo, na Dedicatoria das suas Elegias que lhe consagrou ao seu nome, lhe diz elegantemente entre outros elogios. Ex eruditibus quibusdam adolescentibus intellexi, qui Te olim Conimbricæ magna cum celebritate, & omnium admiratione Jus Civile perlegentem audierunt, Te magnopere humanioribus litteris delectari, quibus sic imbutus es, ut inter Latinos Ciceronem quempiam, inter Jurisconsultos Scævola alterum Te omnes merito arbitrentur; neque enim ad utrius-

que juris fastigium evolare tam facile posses, nisi prius, & latinis, & græcis litteris Te ipsum excollereres, & expolires. Unde fit, ut tam nunc forum regium, regiusque Senatus tuam in causis agendis facundiam, solertiamque obſtupeſcant, quam olim Conimbricensis Academia Te Juris nodos, & legum anigmata dissolventem (ut cum Satyrico loquar) admirata sit. O meſmo Cardoso in lib. 2. Elegiar. Eleg. 1. o louva com estas elegantissimas expressões poeticas.

O Consultorum juris clarissime, cujus

Enitet in toto lingua diserta foro.

Qui doctos inter doctissimus unus haberes

Optimus, atque inter crederis esse bonos.

At cum patronos post terga reliqueris omnes,

Et sit regali par tibi nemo foro.

Muneribus tibi plena domus, Te consulit omnis

Turba, Senator, Eques, advena, civis, inops.

Responsis est summa fides; solumque putatur

Cumana Vatis quidquid ab ore fluit.

Quicumque ergo suæ cupiet cognoscere causæ

Eventum, & certum discere consilium,

Te petat, atq̄ adeat, Te consulat, atq̄ sequatur

Inveniet si quid certius esse nihil.

Non dolus hic ullus, non fraus innexa clienti,

Sed probitas, verum, candor, & alba fides.

B. AMADEO, chamado no seculo João de Menezes da Sylva illustrou com o esplendor do seu sangue, e os rayos da sua virtude a Cidade de Ceuta famosa Colonia dos Portuguezes em Africa no anno de 1431. Foy quinto filho de Ruy Gomez da Sylva Alcayde mór de Campo Mayor, e de D. Isabel de Menezes filha de Dom Pedro de Menezes Conde de Viana primeiro Capitaõ General de Ceuta, e Alferes mór de Portugal: Irmaõ de D. Diogo da Sylva de Menezes primeiro Conde de Portalegre Ayo del Rey D. Manoel, e Mordomo mór da Casa Real, e da Veneravel D. Beatriz da Sylva, que de Dama da Raynha D. Izabel de Castella foy fundadora da Ordem da Purissima Conceição. Instruido com aquellas artes dignas do seu nascimento frequentou na adolescencia o Palacio del Rey D. Duarte, onde (como escrevem alguns Authores) arrebatado cegamente da rara fermosura da Infanta D. Leonor filha daquelle Monarcha, lhe dedicou o coração sem violar o decoro, que era devido à sua soberania, porém conhecendo, que era impossivel

o intento, a que aspirava, occultou tão violenta paixão debaixo da symbolica figura de hum Altar com a letra *Ignoto Deo* gravada em huma medalha mostrando enfaticamente, que se não podia declarar a Divindade, que o seu amor idolatrava. Porém vendo, que se auzentava a Princesa para se despozar com o Emperador Federico III. penetrado de luz superior começou a detestar a cega inclinação dos seus affectos, e melhorando de objecto os offereceo por ardente holocausto a Deos. Para argumento infallivel desta heroica resolução mudou o nome de Joaõ pelo de Amadeo, e deixando a patria, parentes, e o mundo vestido em hum tosco Sayal partio para Castella, e no Convento de N. Senhora de Guadalupe da Religião de S. Jeronymo exercitava tão asperas penitencias, que causavaõ espanto aos habitadores de tão austera Casa, as quaes continuou com igual rigor no Convento de Cremona da mesma Ordem pelo espaço de dez annos, até que apparecendolhe a Raynha dos Anjos acompanhada daquelles dous Serafins humanos S. Francisco, e Santo Antonio lhe ordenaraõ, que deixada a vida Eremitica, que exercitava, partisse logo a Assiz para se alistar na Ordem dos Menores. Obedeceo promptamente a este preceito, e depois de experimentar varias repulfas, em que deo claros argumentos da sua grande santidade, foy admitido a o humilde estado de Leygo pelo Geral Fr. Jacobo de Moçanica no anno de 1454. Depois de professar o instituto Serafico começou com tal excessõ a dilatar-se não sómente por Assiz, mas pellas terras circumvezinhas a prodigiosa efficacia da sua virtude, que concorria innumeravel multidaõ de enfermos a buscar na sua protecção o unico remedio. Como era summamente amante da humildade, para fugir do aplausõ popular, que lhe resultava das suas prodigiosas acçoens, pedio com grande instancia aos Prelados, que o mandassem para outro Convento, e partindo para o de Milaõ, foy venerado pelos Duques daquelle Estado Francisco Esforcia, e D. Branca por Oráculo da virtude, padecendo mais nas honras, que delles recebia, que nas duras penitencias, com que se macerava. A'efficacia das suas supplicas de veraõ estes Principes a successão, que tão anciosamente deze-

javaõ, e patrocinando com o Pontifice a Sagrada empreza, que intentou de reduzir os Religiosos Claustraes à primitiva Observancia, e severa disciplina da regra de seu Serafico Patriarcha. Para dar feliz principio a huma tão grande obra se ordenou de Sacerdote por preceito dos Prelados sendo o Convento da Paz fundado em Milaõ o primeiro, que teve a Observantissima Congregação dos Amadeos, a qual brevemente se vio dilatada em 28. Casas por toda Lombardia, onde se recolheraõ grande numero de Claustraes, e seculares para reformarem a relaxação das suas vidas. Desta Congregação delineada pelo seu espirito alcançou confirmação de Paulo II. no anno de 1469. a qual ainda, que constangido governou todo o tempo, que viveo. Mandado a Roma pela Duqueza de Milaõ a tratar hum negocio grave recebeo taes estimaçoens de Xisto IV. que não sómente o elegeo por seu Confessor, e Confeheiro em as materias mais importantes à utilidade da Igreja, mas lhe assignou por domicilio a Igreja de S. Pedro do *Montorio* sanctificada com o sangue deste grande Apostolo, onde com os largos, e generosos donativos delRey de França Luiz XI. e dos Reys Catholicos Fernando, e Izabel fundou hum Mosteiro habitado hoje por Varoens insignes, fieis imitadores da virtude do seu Reformador. Ausentãdo-se de Roma depois de lhe conceder o Pontifice com profusa liberalidade ampliffimos privilegios para a sua Congregação, se sentio mortalmente enfermo, e sendo levado ao Convento da Paz depois de recebidos os Sacramentos, e exhortados os seus Religiosos à perseverança, e uniaõ, postos os olhos no Ceo voou o seu Espirito para nelle ser coroado, em 10. de Agosto de 1482. A venerar o seu Santo cadaver concorreo a populosa Cidade de Milaõ recebendo muitos dos seus moradores sómente com o contaço dos vestidos saude em enfermidades muito rebeldes. Foy sepultado no meyo do pavimento da Capella mór do Convento da Paz, onde se venera a sua imagem de pedra coroada de resplendor. Outra semelhante a esta se vé pintada na Igreja de S. Pedro de *Montorio*. Com o titulo de Beato o intitulaõ Artur in *Martyrol. Franc.* p. 359. Gonzag. de *Origin. Ordin. Seraph.* in *Cathal. Beat. Ordin.* pag. 92. Salazar *Chron. de la Prov. de Castil.* liv. 8. cap. 1.

Torres *Chron. Seraf.* Tom. 7. liv. 2. cap. 18. et seqq. Fr. Fernando da Soled. *Hist. Seraf. da Prov. de Portug.* Part. 3. liv. 4. cap. 6. e na segunda edição Part. 3. liv. 16. cap. 6. n. 996. Duarte Nun. de Leaõ *Describe. de Portug.* cap. 44. Vasconcel. in *Descript. Regni Portugal.* pag. 525. n. 11. Fonsec. *Evora glorios.* pag. 236. A sua vida mais diffusamente escreveraõ D. Jeronymo Mascarenhas Bispo de Segovia, Fr. Horacio Sala, Fr. Marcos de Lisboa *Chron. da Ord. Seraf.* Part. 3. liv. 6. cap. 4. Torres *Consolac. alos devot. del Mysterio dela Concep.* liv. 1. cap. 5. Wading. *Annal. Ord. Min.* Tom. 6. et 7. ad ann. 1464. 1467. 1468. 1472. 1482. et in *Script. Ord. Min.* p. 15. Petr. Rodolph. Tossinianens. *Histor. Seraph. Religion.* lib. 2. pag. 156. entre os Varoens insignes em Santidade o traz retratado tendo debaixo do braço direito hum Livro fechado, e em hum lado delle escritas estas palavras *Aperietur in tempore* alludindo ao das suas Revelaçoes, na parte inferior do Retrato este dyticho.

Multa revelari hic meruit sibi, quo duce multos

Francisci accendit Religionis amor.

Manriq. *Annal Cisterc.* ad ann. 1158. cap. 5. §. 8. Luiz Salaz, e Castr. *Hist. Geneal. dela Casa de Sylv.* Part. 2. liv. 6. cap. 4. Aubert. Mireo *ad ann.* 1460. Fr. Ant. à Purif. *Chronol. Monast.* pag. 81. Marrac. in *Bibliothec. Marian.* Part. 1. pag. 59. *Regio sanguine clarus, sed vitæ austeritate, ac summis virtutibus clarissimus.* Michoviens. in *Litan. Lauret.* Disc. 58. §. 7. *Vir fuit Sanctitate, miraculis, et prophetia illustris.* Joan. Soar. de Brito in *Theatr. Lusit. Litter.* let. A. n. 25. *Vir fuit in Aula urbanitate celeberrimus, extra verò illustrissimæ virtutis, et miris à Deo revelationibus illuminatus.* Nicol. Ant. in *Bib. Hisp. Vet.* lib. 10. cap. 13. n. 725. *Sanctitate vir clarissimus, et Lusitanie magnus bonos.* D. Jeronymo Mascarenhas remata a sua vida com estas elegantes palavras. *Por todo es sin duda uno delos maravillosos Heroes dela Iglesia, honra de Su Religion, credito de España, gloria de Portugal, unico resplendor dela illustrissima familia delos Sylvas, y de su insigne patria Centa.*

Compoz hum livro de Vaticinios acerca do estado futuro da Igreja, que lhe foraõ por Deos revelados, cujo titulo era.

Jesus Mariæ filius Salvator hominum Apocalypsis nova sensum habens apertum, & ea, quæ in antiqua Apocalypsi erant intus, hic ponuntur foris. Hoc est, quæ erant abscondita, sunt hic aperta, & manifestata.

Contra esta obra adulterada com diversos erros compoz o Eminentissimo Cardial Bellarmino cincoenta, e sete Censuras, as quaes conservava M. S. na sua Bibliotheca Fr. Jacinto Libello Arcebispo de Avinhaõ, que fora Mestre do Sacro Palacio, e as comunicou a D. Julio Bartolucci, das quaes faz larga mençaõ na sua *Bibliotheca Rabinic.* Tom. 1. pag. 241. e assim deve ser lida com grande cautela, como prudentemente advirtiraõ os mais insignes Chronistas da Ordem Serafica, devendo ser julgada naõ como producçaõ do illuminado espirito do B. Amadeo, mas aborto de alguma fantazia fecunda de ficçoens, como escreveraõ Cornelio Alapide in *Apocalipsf.* cap. 1. pag. 19. editionis Antuerpiensis dizendo *de cujus Sanctitate, & revelationibus multa habent Chronica Ordinis Sancti Francisci Part. 3. lib. 6. cap. 30. ubi tamen addunt, monent que extare puras, sed iis varia à variis esse addita. Ego eas Romæ diligenter quæsi, inveni, perlegi, itaque esse comperi.* Theofilo Raynaud. in *Joan. Evangel.* Sect. 2. Punct. 2. *Dolendum est fluentia Spiritus quibus B. Amadæi hortus rigatus est pura ad nos non manasse.* Donde claramente se colhe o indiscreto arrojo, com que o Cardial Caetano in *D. Thom.* 1. 2. quæst. 174. art. 6. ad 3. e Bzovio in *Annalibus* ad ann. 1471. quizeraõ manchar a opiniaõ do B. Amadeo affirmando ser sua esta obra contaminada com opinioens erroneas, e falsos vaticinios. Leaõ-se Briceno, Part. 1. *Controu. in 1. Sent. Scot.* pag. 147. Wadingo, Alva, e Samaniego, que com doutissimas Apologias defendem a sanctificada fama do B. Amadeo, e convencem evidentemente aos dous adversarios da cega precipitaçaõ com que censuráraõ a hum Varaõ celebre em vida pelas virtudes, e depois da morte com culto immemorial pelos milagres. O original desta obra se conserva na Bibliotheca do Real Convento do Escorial, donde extrahio huma copia D. Pedro de Castro Arcebispo de Granada, e Sevilha, e a collocou na Bibliotheca do sacro Monte de Granada. Outra se guarda na Bib. Vaticana n. 567. como

diz D. Bernard. Montfaucon in *Bib. Bibliothecar. M. S. nova* Tom. 1. pag. 27. col. 1. com este titulo. *Amadaei Hispani Ord. S. Franc. Observantia Propheciae*. Duas copias desta obra existem, huma no Convento de N. Senhora da Salceda de Religiosos Franciscanos, e outra no Convento Romano dos Agostinhos Descalços. Se alguma existe, que não seja adulterada, he a que se conserva em Barcelona no Archivo do Collegio de S. Boaventura, no fim da qual está hum testimonho de ser a legitima, escrito pela propria mão de S. Pedro de Alcantara em 21. de Fevereiro de 1543. como relata Fr. Joan. à D. Antonio in *Bib. Francisc.* Tom. 1. pag. 55. Da obra, e do Author faz memoria Jacob Lelong, in *Bib. Sacra* pag. 607. col. 1. Thomassin. in *Bib. Patavin.* pag. 106. e Possévin. in *Apparat. Sacr.* Tom. 1. pag. 49.

Constituições approvadas pela Séé Apostolica pellas quaes se governava a Congregação dos Amadeos antes de dar obediencia ao Geral dos Observantes.

Homiliae de B. V. Maria, esta obra, que allega Pedro Canisio no seu *Marial*, e João Benedicto na sua *Summa* como producção do B. Amadeo, não he sua, mas de Amadeo Lauenense Bispo, e Religioso da Ordem de Cister, cujo engano seguiu Henrique Willot in *Athen. Franc.* levado da semelhança dos nomes quando entre hum, e outro mediou o dilatado espaço de trezentos annos.

Sonetos Sagrados Author o B. Amadeo 4. Este livro se conserva na Bibliotheca do Collegio de Coimbra da Companhia de JESUS.

Fr. AMADOR DE SANTA ANNA Religioso da Ordem dos Menores da Provincia do Apostolo São Thomé da India Oriental. A mayor parte da vida dedicou à conversão da gentildade conduzindo ao gremio da Igreja innumeraveis barbaros, e para que ainda auzente não cessasse de tão apostolico exercicio, escreveu na lingua Canarina para instrucção dos já convertidos assistindo em Goa no anno de 1607.

Historia da vida dos Santos. da qual existem muitos exemplares naquella região donde foy mandado hum no anno de 1612. a Philippe II. de Castella, que o mandou collocar na Bibliotheca do Escorial como

affirma Fr. Joan. à D. Anton. in *Bib. Franc.* tom. 1. pag. 57. e outro se conserva na Bibliothec. Real de Pariz n. 1615. como diz D. Bernard. Montfaucon in *Bib. Bibliothecar. M. S. nova* tom. 2. pag. 725. Lembraõ-se do Author Fr. Paulo da Trindade *Chron. da Prov. de S. Thomé* liv. 1. cap. 69. e Fr. Jacint. de Deos *Vergel de Plant. e Flor.* cap. 1. pag. 9. e o moderno Addicionador da *Bib. Orient.* de Antonio de Leaõ Tom. 1. Tit. 16. col. 518.

D. Fr. AMADOR ARRAES filho de Simaõ Arraes. Naceo na Cidade de Beja da Provincia do Alentejo, e não em Coimbra, como seguindo a Marco Antonio Alegre de Cafanate escreveu Hyppolyto Marracio in *Bib. Marian.* Part. 1. pag. 61. Para fugir dos enganões, com que o mundo costuna lizongear a adolescencia se recolheo na Religião Carmelitana em o Convento de Lisboa a 24. de Janeiro de 1545. sendo o primeiro que professou este sagrado instituto no Collegio de Coimbra a 31. de Janeiro do anno seguinte. Igual foy o progresso que fez nos estudos da Filosofia, e Theologia como o applauso que conseguiu quando as dictou, não sómente aos seus domesticos, mas aos Conegos Regulares de Santo Agostinho de Santa Cruz de Coimbra, que naquelle tempo convidavaõ para este ministerio a hum Varaõ eminente em letras sagradas, e profanas. Recebido o grão de Doutor pella Universidade na faculdade da Theologia começou a espalhar a semente do Evangelho com tanto fruto dos ouvintes, e aclamação dos eruditos, que chegando a fama da sua pessoa à Magestade delRey D. Sebastião, não sómente quiz ouvillo, mas em final do quanto lhe agradou o nomeou seu Prégador recebendo deste Principe particulares estimaçoens, não sendo inferiores as que lhe fez o Cardial D. Henrique, pois conhecendo a sua prudencia acompanhada de virtuozas acçoens o elegeo quando era Arcebispo de Evora, seu Coadjutor, cuja eleiçãõ foy confirmada por Gregorio XIII. (e não S. Pio V. como escreve Fr. Manoel de Sá nas *Mem. Hist. dos Escrit. do Carm.* pag. 12. n. 13.) em 23. de Julho de 1578. com o Titulo de Bispo Adrumentino, que depois se mudou no de Tripoli, e parecendo-lhe ser este lugar pequeno premio ao seu merecimento

o fez seu Esmoler mór. Promovido da Diocese de Portalegre para a de Placencia D. Andre de Noronha, o nomeou naquelle Bispado Philippe II. em 30. de Outubro de 1581. em cujo sagrado ministerio encheo as obrigaçoens de solícito Pastor, visitando pessoalmente a sua Diocese, convocando duas vezes Synodo para reforma dos costumes, mostrando-se benigno Pay para os bons, severo Juiz para os máos, e profuso dispenseiro para os pobres, donzellas, viuvas, e cativos. Refgatou com graves somas de dinheiro todos os soldados da sua Diocese que tinhaõ sido cativos na infeliz batalha de Alcaçar. Socorreo ainda com perigo da mesma vida aos inficionados com a peste. Ornou a Cathedral com pavimento de pedra muito polida, e lhe fez a Capella mór com toda a magnificencia. Era no vestir taõ parco, e modesto, e taõ moderada a familia, que compunha a sua casa, que mais parecia de hum austero religioso, que de hum Principe Ecclesiastico. Lembrado do silencio, e quietação da sua Cella renunciou o Bispado no anno de 1596. e se recolheu ao Collegio de Coimbra buscando para morrer o lugar onde tinha nacido para a Religiaõ, o qual ampliou com rendas, e edificios. Ultimamente conhecendo ser chegada a ultima hora precedendo huma molesta enfermidade, se preparou com os Sacramentos partindo para a eternidade em o 1. de Agosto de 1600. Foy sepultado no meyo da Capella mór do Collegio de Coimbra em Sepultura raza, onde está gravado este epitafio.

Sepultura de D. Fr. Amador Arraes Bispo de Portalegre feitura delRey Dom Henrique, seu Esmoler mor; foy o primeiro Religioso, que professou neste Collegio. Falleo no 1. de Agosto de 1600.

Deste Prelado escrevem Pedr. de Alva y Astorg. in *Milit. Concept.* Diogo Gouvea de Barrad. *Antiquid. de Beja.* liv. 3. cap. 38. Fr. Dan. à V. Mar. *Specul. Carmel.* Part. 2. Tom. 2. pag. 5. liv. 3. pag. 968. num. 3402. e pag. 908. n. 3157. Carvalh. *Corog. Portug.* tom. 3. liv. 2. Trat. 8. cap. 47. p. 624. Cunha *Catal. dos Bisp. dos Port.* Part. 2. cap. 39. pag. 337. e cap. 40. pag. 344. e cap. 42. pag. 364. Card. *Agiol. Lusit.* Tom. 3. pag. 248. no Commentario de 5. de Mayo chamando-lhe *Insigue Prelado*

Nicol. Ant. Bib. Hispan. tom. 1. pag. 49. acrescentando-lhe o appellido de Mendoça que não teve. Manoel de Far. e Souf. *Europ. Portug.* tom. 3. Part. 4. cap. 6. pag. 354. e no *Catal. dos Author. Portug.* Original que tivemos em nosso poder, o intitula *Obispo de Portalegre eleito por su virtud.* Antonio Coelho Gasco *Antig. de Lisboa* Part. 1. cap. 14. Marrac. in *Bib. Marian.* Part. 1. pag. 61. *Doctrinã, & pietate eximius, atque omni virtutis genere cumprimis sui sæculi heroibus comparandus.* D. Fr. Thom. de Faria *Decad.* 1. lib. 9. cap. 9. *Ita vixit ut nullum omnino fastum apparenter exhiberet, sed veluti vir monasticus vitam eremiticam, & à frequenti hominum consortio separatam degeret: assuetus pauperum, & inopum inedia omnes fere redditus in eos conferebat, tandem longo senio confectus ad suam regreditur religionem ubi plenus dierum ex hac vita feliciter decessit.* Fonsec. *Evor. Glorios.* pag. 314. *Eminente em letras, e virtudes.* Marangoni in *Thezaur. Paroch.* Tom. 2. lib. 3. cap. 1. n. 66. onde o faz Capellaõ mór do Cardial D. Henrique, sendo Esmoller mór. O Padre D. Manoel Caet. de Souf. no *Catal. Hist. dos Pontif. Card. e Bisp. Portug.* pag. 108. & in *Expedit. Hispan. S. Jacobi* tom. 2. pag. 1302. Fr. Manoel de Sá *Mem. Histor. dos Escriit. do Carm. da Prov. de Portug.* cap. 5. Compoz

*Dialogos dos quaes o 1. he das queixas dos enfermos, e curas dos Medicos: 2. do alivio dos affigidos: 3. da Gente Judaica: 4. da gloria, e triumpho dos Lusitanos. 5. das condiçoens, e partes do bom Principe. 6. das vias porque Deos neste tempo nos chama. 7. da Fortaleza, e paciencia Christã. 8. do Testamento Christã. 9. da Consolação para a hora da morte. 10. da invocação de Nossa Senhora Coimbra por Antonio de Mariz 1589. 4. Correçtos, e acrescentados pelo author se imprimiraõ posthumos na mesma Cidade por Diogo Gomes Loureiro. 1604. fol. Fallando desta obra o Padre Francisco da Fonseca no lugar assima allegado a intitula *Dialogos das açoens dos Reys de Portugal,* e se enganou equivocando-o com os Dialogos de Pedro de Mariz.*

Trabalhou com grande difvello nas *Constituiçoens*, por onde se governou muitos annos o Bispado de Portalegre, como affirma

Fr. Manoel de Sá nas *Memor. Hiflor.* de que já fizemos affima menção.

Fr. AMADOR DA CONCEIÇÃO natural do Porto, e Religiofo da Ordem dos Menores da Provincia de Portugal, Leitor jubilado na Sagrada Theologia, e prégador grande, de quem fazem memoria honorifica Fr. Fernando da Soledade na *Hift. Seraf. da Prov. de Portug.* Part. 3. liv. 1. cap. 21. n. 134. e Part. 5. liv. 5. cap. 50. n. 1726. e Fr. Joan. à D. Ant. in *Biblioth. Francisc.* tom. 1. pag. 57. Foy Guardião dos Conventos de Santa Citta, de S. Francisco da Covilhaã, de Leiria, e Confessor dos Mosteiros de Santa Clara de Figueirò, da Esperança de Abrantes, de N. Senhora dos Poderes de Via-Longa, e de Santa Iria de Thomar, e no Convento de S. Francisco desta Villa falleceo no anno de 1709. Dos muitos Sermoens, que prégou, fómte se imprimiraõ os seguintes

Sermaõ do glorioso Martyr Saõ Sebastiaõ prégado na Capella Real. Aos 20. de Janeiro do anno de 1670. em a solemnidade da Confraria da Corte, que institubio El-Rey D. Joaõ o III. Lisboa por Domingos Carneiro Impressor das Tres Ordens Militares. 1670. 4. e Coimbra por Manuel Rodrigues de Almeida 1684. 4.

Sermaõ prégado no Convento de Santa Iria, e das Religiofas de Santa Clara da Villa de Thomar em acção de graças, que todos os annos se celebra no proprio dia, que Deos fez merce às Religiofas de as livrar do formidavel rayo que cahio no Mosteiro, e se desvaneeo no lago, onde Santa Iria padeceo o seu martyrio, em o anno de 1687. Lisboa por Miguel Manescal. 1688. 4.

Sermaõ das Almas no Convento de Saõ Francisco de Thomar nos suffragios annuaes, que fazem os Irmãos da Terceira Ordem por seus Irmãos defuntos em o anno de 1686. Coimbra por Manuel de Almeйда 1688. 4.

Sermaõ na Quarta feira de Cinza na Misericordia da Villa de Thomar. Lisboa por Miguel Manescal. 1688. 4.

Sermaõ da Quinta Dominga da Quaresma em acção de graças pelo Capitulo que se celebrou em Alenquer no Convento de S. Francisco da Provincia de Portugal em 20. de Março de 1706. Lisboa por Manoel, e Joseph Lopes Ferreira 1706. 4.

AMADOR CORREA, Irmaõ da Companhia de JESUS, o qual assistia pelo anno de 1556. no Collegio de S. Paulo de Goa. Para dar noticia dos progressos das Missoens Apostolicas nas Regioens Orientaes escreveu aos seus Padres que assistiaõ na Europa tres Cartas de Cochim a 1. em 8. de Fevereiro de 1564. a 2. em 20. de Janeiro de 1565. e a 3. em Novembro de 1566.

AMADOR DA COSTA, igualmente irmaõ na profissão, e instituto que o precedente. Estando para partir para o Japaõ, mandou.

Carta escrita aos PP. Jesuitas da Provincia de Portugal em 3. de Novembro de 1577. a qual sahio impressa com outras. Evora por Manoel de Lira. 1598. está a pag. 400.

AMADOR LEAL DE CARVALHO naceo em Lisboa no anno de 1608. e foy filho de Lucas Leal de Carvalho fidalgo da Casa Real, e de Maria Cordeira. Fazia com grande elegancia, e affluencia todo o genero de versos, naõ sendo menos applicado ao estudo da Historia profana, e noticia das linguas mais polidas. Nas *lagrimas Panegyricas à morte de Joaõ Perez de Montalvaõ*, está hum Soneto seu, que começa.

Suspende ò Musa el yà festivo canto

Traduzio de Castelhana em Portuguez o 3. e 4. livro das *Epistolas de D. Antonio de Guevara Bispo de Mondonbeto*, e as levou para Castella, quando no anno de 1640. partio com o Marquez de Portofeguro.

P. AMADOR REBELLO natural da Villa de Mezamfrio da Diocese do Porto, e teve por Pays a Lançarote Gonçalves, e Beatriz Rodrigues. Na idade de vinte annos abraçou o instituto da Companhia de JESUS, em Coimbra a 26 de Julho de 1559. e naõ de 1552. como escreve o author da Bibliotheca da Companhia. Posto que fosse admitido para o numero dos Coadjuutores espirituales, ensinou humanidades, e Theologia Moral. Como era infigne em escrever foy eleito Mestre delRey D. Sebastiaõ para o ensinar a fazer os caracteres com perfeição, em cujo ministerio conciliou o affecto deste Principe, e de todos os Palacianos pela candura do animo,

e modestia do aspecto. A sua mayor assistencia foy no Collegio de Santo Antaõ de Lisboa, onde pelo espaço de sete annos foy Reytor com igual credito da sua prudencia, que satisfação dos subditos, que governava. Nunca se ouviu murmurar do proximo, antes pela suavidade do genio a todos atrahia, principalmente aos Penitentes no tribunal da Confissão, em cujo lugar, como espirital medico lhes receitava faudaveis remedios contra as enfermidades da alma. De evidentes perigos armados contra a sua innocente vida foy por varias vezes livre com particular assistencia da protecção divina. Fortalecido com os Sacramentos, morreo em Lisboa a 7. de Mayo de 1622. Entre os Varoens insignes em virtudes o numerava Jorge Cardoso *Agiol. Lusit.* Tom. 3. pag. 111. e no *Commentar.* de 7. de Mayo letr. I. D. Nic. Ant. *Bib. Hisp.* Tom. 1. pag. 49. e Tom. 2. pag. 279. Telles *Chronic. da Companhia da Prov. de Portug.* Part. 2. liv. 6. cap. 48. e 50. Franc. *Imag. da Virtud. em o Novic. de Coimb.* Tom. 1. liv. 1. cap. 19. e Tom. 2. pag. 611. e no *Anno glorios.* S. J. in *Lusit.* pag. 257. & in *Synops. Annal. S. J. in Lusit.* pag. 234. n. 100. Compoz

Alguns Capitulos tirados das Cartas, que vierão este anno de 1588. dos Padres da Companhia de JESUS, que andão nas partes da India, China, Japão, e Angola. Lisboa por Antonio Ribeiro 1588. 8. Desta obra, e do author faz menção a *Bib. Orient.* novamente acrescentada Tom. 1. Tit. 5. col. 94.

Compendio de algumas Cartas que este anno de 1597. vierão dos Padres da Companhia de JESUS, que residem na India, e Corte do grão Mogor, e Reynos da China, e Japão, e no Brasil em que se contem varias confas. Lisboa por Alexandre de Siqueira. 1598. 8.

Relação da Vida delRey D. Sebastião, na qual se trata do seu nascimento, criação, governo, das bidas, que fez a Africa, da batalha que deu a Muley Maluco, e do fim, e do successo della. M. S. Desta obra tenho huma Copia, na qual succintamente se escrevem as acçoens deste Principe. Jorge Cardoso no lugar affirma allegado, diz que fora composta no anno de 1613. e della faz memoria Francisco Soares Toscano *Parallel. de Var. Illustres.*

Tratado dos ditos delRey D. Sebastião escrito por ordem dos seus Superiores. Conserva-se M. S. na Livraria da Casa professa de Lisboa, como affirma Joaõ Franco Barreto na *Biblioth. Portug. M. S.*

AMADOR RODRIGUES. Hum dos celebres Jurisconsultos, que produzio Portugal, donde passando a Salamanca depois de exercitar nesta Cidade o Officio de Advogado, como tambem na Corte de Madrid no anno de 1616. foy Lente de Direito Civil naquella florentissima Universidade, e seu Syndico, sendo respeitada a sua sciencia legal pelos mayores Professores de Jurisprudencia, como o manifestaõ as suas obras, com as quaes servio de farol para guiar aos Advogados no intrincado labirinto das controversias forenses, escrevendo

Tractatus de modo, & forma videndi, & examinandi processum in causis Civilibus via ordinaria prima instantia intentatis. Matrili apud Alphonsum Martinum. 1609. 4. Deste Livro publicou o author huma Summa em Castelhana, que foy impressa no mesmo lugar, e anno que a precedente. Sahio em latim segunda vez Francof. ex Officin. Zachario = Paltheniana 1615. 8.

Tractatus de executione sententia, & eorum que paratam habent executionem. Matrili apud Alphonsum Martinum 1613. fol.

Tractatus de concursu, & privilegiis creditorum in bonis debitoris, & de praelationibus eorum, atque de ordine, & gradu, quo solutio fieri debet. Madriti apud Ludovicum Sanches 1616. fol. Venetiis. 1644. Francof. apud Joannem Beyre 1645. 8. Genevæ apud Samuel. Chovet. 1664. & Lugduni 1665. Posto que Nicoláo Antonio in *Bib. Hisp.* tom. 1. pag. 49. faça natural de Salamanca a Amador Rodrigues, talvez persuadido que o fosse pela diuturna assistencia que fez nesta Cidade, certamente he Portuguez, não sómente porque o apellido assim o manifesta, o qual he raro entre os Castelhanos, como porque no Catalogo dos nossos Portuguezes, que floreceraõ na Universidade de Salamanca, composto com toda a exacção, e estudo pelo insigne escritor D. Thomaz Tamayo de Vargas, e remetido a Diogo Lopes de Souza Conde de Miranda Pay do Eminentissimo Cardial de Souza, em cuja Livraria se conserva, se affirma nelle ser Portuguez

Amador Rodriguez. Confirma-se mais esta verdade com o testemunho do Padre Francisco da Cruz nas suas Memorias *M. S.* para a *Bib. Portugueza*; o qual relata que estando em Roma no anno de 1674. lhe segurára o Doutor Thomaz Ribeira natural de Beja, homem de summa verdade, que Amador Rodrigues, com quem vivera muitos annos em Castella, e tivera particular amizade, lhe certificara ser Portuguez, porém não queria que fosse conhecido por tal, cuja causa ignoramos.

AMADOR VIEYRA, natural da Villa de Monforte na Provincia do Alentejo, Licenciado nos sagrados Canones, e Prior da Parochial Igreja de São-Tiago de Travanca da Diocese de Coimbra. Foy grande amigo do insigne Prégador Francisco Fernandes Galvão, o qual deixando-lhe no seu Testamento os Sermoens, que tinha prégado, para cumprir como fiel amigo a obrigação deste legado, addicionou muitos delles, verteo outros de linguas estranhas na materna, e ultimamente os ornou com a vida do Author impressa no 1. tomo, de que faz memoria João Soares de Brito in *Theatr. Lusit. Litter.* let. A. n. 28. e os ampliou com dedicatorias, e prologos applicando grande difvelo para que polidos, e digestos sahisses à luz publica com este titulo *Sermoens de Quaresma.* Lisboa por Pedro Crasbeeck. 1611. 4.

Sermoens das festas dos Santos. Lisboa pelo mesmo Impressor. 1613. 4.

Sermoens das Festas de Christo nosso Senhor. Lisboa pelo mesmo Impref. 1616. 4.

AMARO DOS ANJOS, natural da Cidade de Leiria, e Conego Secular da Congregação do Evangelista, cujo habito recebeu no Convento de Villar de Frades a 28. de Março de 1685. onde foy Definidor, Reytor de Evora, e Prégador geral. Por ser muito versado nos ritos, e ceremonias Ecclesiasticas exercitou muitos annos este ministerio no Convento de S. Bento de Xabregas cabeça da sua Canonica Congregação, e para que não ficassem occultas as grandes noticias, que tinha adquirido na continua applicação deste estudo querendo instruir nelle a outros para que com summa perfeição as executassem, escreveu

Directorio Ceremonial. Lisboa por Filippe de Souza Villela. 1717. 4. Morreo em o Convento de S. Bento de Enxobregas a 25. de Janeiro de 1729. Deixou *M. S.* tres volumes de 4. com este titulo.

Suor albeo destillado pelo lambique da paciencia. Consta de varios conceitos predicaveis que tinha colhido com indefesso trabalho de varios Authores. Conservaõ-se na Livraria do Convento de S. Bento de Enxobregas.

Fr. AMARO DE AREGAS, cujo apelido indica a patria, onde naceo, a qual está cinco legoas para o Norte da Villa de Thomar. Foy Monge Cisterciense no Real Convento de Alcobaça, e grande Theologo. Compoz

De Matrimonio fol. *M. S.* Cujo Original se conserva no Archivo do dito Convento.

AMARO DA FONSECA, Ulyssiponenfe, e dos celebres Cirurgioens do seu tempo, como certifica D. Francisco Manoel de Mello na Carta dos Authores Portuguezes escrita ao Doutor Manoel Themudo da Fonseca Vigarario Geral de Lisboa. Escreveo

Tratado da Gonorrea, e outras cousas. Sahio impresso na quinta edição da Cirurgia de Antonio da Cruz. Lisboa por Manoel Gomes de Carvalho. 1649. 4.

AMARO MOREYRA CAMELLO, Cavalleiro professo da Ordem militar de Christo, muito versado na Lição da Historia, e principalmente em huma das suas mais nobres partes a Genealogia. Pelo largo espaço de vinte annos, que assistio em Portugal, Castella, e India, posto que embaraçado com diversos negocios, nunca deixou de cultivar o estudo Genealogico tomando por empreza do seu trabalho litterario a grande Familia dos Mascarenhas, a qual illustrou como elle confessa no Prologo por outro estillo que tinhaõ seguido os grandes Genealogistas Fernão Pacheco, D. Antonio de Lima, e o Illustrissimo Arcebispo de Lisboa D. Rodrigo da Cunha, cuja obra intitidou deste modo

Memorias illustres da Familia de Mascarenhas fecunda Progenitora de assinalados Varoens, e generozos Heroes. Dividida em quatro

livros o primeiro dedicado a D. Franc. Mascarenhas do Conselho de Estado de Sua Magestade. Consta de 37. Capítulos escrito em Lisboa no anno de 1650. fol. M. S.

O segundo Livro dedicado a D. João Mascarenhas terceiro Cõde de Santa Cruz. Consta de 19. Capítulos escrito em Lisb. em 1651.

O terceiro Livro dedicado a D. João Mascarenhas segundo Conde de Palma. Consta de 16. Capítulos escrito em Goa, no anno de 1654.

O quarto Livro dedicado a D. Jorge Mascarenhas segundo Conde de Serem. Consta de 20 Capítulos escrito em Goa no anno de 1655.

Do Author, e da Obra fazem menção João Franco Barreto na *Bib. Lusit. M. S.* e o Padre D. Antonio Caet. de Souf. *Aparat. à Hist. Gen. da Caf. Real Portug.* pag. 103. §. 106. cujo Original vimos.

FR. AMARO DE PENICHE. Natural desta marítima Villa do Arcebispado de Lisboa, de que tomou o appellido, e Monge Cisterciense no Real Convento de Alcobça em cujo archivo se conservaõ escritos da sua propria mão.

Sermones Dominicarum.

AMARO DE ROBOREDO, natural da Villa de Algozo na Provincia Transmontana, e muito douto na Grammatica Latina, e Portugueza em cuja estudivosa applicação consumio a mayor parte da sua vida merecendo pela grande sciencia que tinha alcançado em tantos annos as estimaçoens das pessoas assim da Jerarchia Ecclesiastica, como Secular. O Arcebispo de Evora D. Diogo de Sousa, a cuja dignidade fora assumpto no anno de 1610. o fez seu Secretario. Depois sendo Beneficiado na Igreja de N. Senhora da Salvação da Villa da Arruda, foy Mestre dos filhos de D. Balthezar de Teyve fidalgo Castelhana morador em Lisboa, cujo ministerio exercitou com grande credito da sua pessoa instruindo a D. Duarte de Castello-branco primogenito de D. Francisco de Castello-branco Conde do Sabugal, e Meirinho mór do Reyno. Compoz.

Verdadeira Grammatica Latina para se bem saber em breve tempo, escrita na lingua Portu-

gueza com exemplos na Latina. Lisboa por Pedro Crasbeeck. 1615. 8.

Grammatica Latina mais breve, e facil que as publicadas até agora, na qual precedem os exemplos ás regras. Lisboa por Antonio Alveres. 1625. 8.

Methodo Grammatical para todas as linguas. Consta de tres partes. Primeira, Grammatica exemplificada na Portugueza, e Latina. Segunda, Cópia de palavras exemplificada nas latinas, artificio experimentado para entender latim em poucos mezes. Terceira, Frase explicada na latina, em que se exercitaõ as Syntaxes ordinarias, e collocação rhetorica como mostra a terceira, e quarta folha. Lisboa pelo mesmo Impressor. 1619. 4.

Regras da Orthographia Portugueza em huma folha. Lisboa pelo dito impres. 1615. & ibi na Officina Joaquiniana. 1738. 8.

Raizes da lingua Latina mostradas em hum Tratado, e Diccionario, isto he, hum Compendio de Calepino com a composição, e derivação das palavras, com a Orthografia, quantidade, e fraze dellas. Lisboa por Pedro Crasbeeck. 1621. 4.

Rádices Sermonis Latini demonstratæ in tractatulo, & dictionario, hoc est, Calepini Compendium cum dictionum compositione, & derivatione, Orthographia, quantitate, & ipsarum phrase. Ulyssip. apud Petrum Crasbeeck. 1621. 4.

Esta obra he composta na lingua Portugueza, e Latina as quaes estaõ em duas columnas em cada pagina.

Traduzio de Francez em Latim, e copiosamente acrescentou dedicando-o ao seu discipulo D. João de Castello-branco primogenito de D. Francisco de Castello-branco Conde de Sabugal.

Janua linguarum, sive modus maxime accommodatus ad eas intelligendas primùm in lucem editus cum versione hispana, & Lusitana interpositis numeris quibus harum linguarum ignarus eas sine magistro possit addiscere. Ulyssip. apud Petrum Crasbeeck. 1622. 4.

Traduzio do Latim do Cardeal Bellarmino em Portuguez estes dous Tratados.

Declaração do Symbolo para uso dos Curas. Lisboa por Pedro Crasbeeck. 1614. 8.

Doutrina Christã. Lisboa pelo dito Impressor. 1620. 8.

Socorro das Almas do Purgatorio para se saberem tirar com indulgencias as almas nomeadas, e applicarhe bem a satisfação das obras

penaes, e pias. Ajuntase hum modo facil, e artificiozo de rezar bem o Rosario, e Coroa da Virgem Nossa Senhora. Lisboa por Pedro Crasbeeck. 1627. 12. et ibi por Antonio Alvares 1645. 24.

Do Author se lembraõ D. Francisco Manoel na *Carta dos Authores Portuguezes* escrita ao Vigario Geral de Lisboa Manoel da Fonseca Themudo, Francisco de Araos in lib. *de bene disponend. Bibliothec. Præd.* Joan. Soar. de Brit. in *Theatr. Lusit. Litter.* let. M. n. 21. onde lhe chama *Grammaticus non contemnendus*, e Nicol. Ant. in *Bib. Hispan.* tom. 2. pag. 95.

AMARO DA ROCHA, Cavalleiro professo da Ordem de Christo, Secretario de Estado da India. Sendo muito versado nos successos militares, e politicos daquelle Estado, e igualmente curioso investigador da natureza, e qualidade das plantas, que em taõ vasto terreno se produzem, compoz, e dedicou à Magestade Catholica de Filippe II. de Portugal o seguinte volume repartido em cinco livros com as plantas, e vestidos das Naçoens Orientaes primorosamente illuminadas, cujo titulo era o seguinte. *Cæsareo minime cedat labor amphitheatro*

Istud præ cunctis fama loquatur opus.

Amphitheatro Oriental onde se mostraõ todos os Vice-Reys, e Governadores que owe na India depois, que o braço Portugues a encorporou na Coroa de Espanha, e todos seus successos compendiosamente epilogados, e hum vivo modelo, e natural retrato de todas as fortalezas fronteiras com seus destrictos, e alturas: e todas as armadas, que os Reys Portuguezes de gloriosa memoria a ella inviaraõ depois que o Almirante Vasco da Gama com os nossos primeiros Argonautas (fazendo-se Antipodas de si mesmo) no anno de MCCCCXCVII. a descobri-raõ; e as monstruosas viagens que fixeraõ, e hum como Mappa de todas as naçoens da Aurora com suas peculiares divisas, diversa variedade de cores, varia diversidade de trajos, abominação de ritos, e bestialidade de costumes, recolhidos em compendio, e finalmente todas as plantas mais notaveis, e medecinaes com suas hieroglyphicas figuras, propriedades, e virtudes, que a natural philosophia resuscitou desenterrando-as do sepulchro do esquecimento; e muitas dellas examinadas com rigorosa experiencia em presença do Vice-Rey Mathias de Albuquerque

por ordem da Magestade Catholica delRey D. Filippe o I. de Portugal de esclarecida memoria. Conserva-se este Livro na Bibliotheca d'ElRey Nosso Senhor, e della faz mençaõ a *Biblioth. Orient.* de Antonio de Leaõ novamente acrecentada Tom. 1. pag. 542. v.º.

AMARO TELLES NAHUT. Veja-se P. MANOEL TAVARES da Congregação do Oratorio.

AMATO LUSITANO chamado antigamente Joaõ Rodriguez de Castello branco, cujo apellido tomou desta insigne Villa da Diecese da Guarda, onde naceo. Ainda contava poucos annos, quando em Salamanca se applicou a estudar Medicina, e como era dotado de hum engenho prespicaz, e grande comprehensãõ, de tal forte se adiantou a todos os seus condiscipulos, entre os quaes era o celebre André de Laguna, que naõ excedendo a idade de dezoito annos foy julgado por capaz de exercitar a arte de Cirurgiaõ em os dous Hospitaes daquella Cidade, donde voltando à patria exercitou com geral aclamação o officio de Medico. Movido do dezejo de dilatar a fama do seu nome em as naçoens estranhas, ou receoso de ser punido pela culpa de Judaísmo com que estava inficionado, se auzentou de Portugal, e discorrendo pelas mais famosas Cidades de Flandes, e Italia, em algumas fez assistencia, como foraõ Anveres, Roma, Ferrara, Veneza, e Ancona, onde pelo methodo felizmente exercitado em beneficio dos enfermos conciliou a amizade, e estimação de Varoens insignes, sendo os principaes Luiz Vives, Joaõ Baptista Canano, que escreveu de *Musculis*, e Antonio Musa Brazavolo insigne Medico em Ferrara, onde foy Mestre publico de Medicina, e Diogo de Mendoça Embaxador de Castella, em Veneza. Sendo convidado com largo estipendio pelo Senado de Ragusa, e com mayores conveniencias por ElRey de Polonia naõ aceitou taõ opulentas offeras. Em Ancona como fosse accusado por desertor da verdadeira Religiaõ deixando todas as alfayas do seu uzo, fugio ocultamente para a Cidade de Pefaro onde esperava viver seguramente protegido com a authoridade do Duque

de Urbino Guido Ubaldino, porem vendo-se frustrado da sua esperança se refugiou em Theſalonica Cidade de Macedonia ſoſgeita ao Imperio Ottomano, em cuja Synagoga, abjurada a Fé de Chriſto, profeffou publicamente o Judaifmo onde quaſi de ſeſſenta annos infelizmente morreo de peſte em 21. de Janeiro de 1568. a cuja memoria lhe fez Flavio Jacobo Eborenſe ſeu contemporaneo o ſeguinte epitafio.

Qui toties fugientem animam ſiſtebat in agro

Corpore, Lethais aut revocabat aquis.

Gratus ob id populis, & magnis regibus aque,
Hic jacet; hanc moriens preſſit Amatus hu-
munum.

Lusitana domus: Macedum tellure ſepulchrū

Quam procul à patrio conditur ille ſolo!

At cum ſumma dies, fatalis & appetit hora
Ad ſtyga, & ad Manes undiq̄ prona via eſt.

D. Fr. Thome de Faria nas ſuas *Decadas*, e Vicente da Coſta no *Diſcurſo contra a perfidia beretica* fol. 64. v.º. eſcrevem que Amato fora em Conſtantinopla Phyſico mòr do Graõ Turco, cuja noticia como naõ he relatada por eſcritor eſtranho, naõ me atrevo a affirmalla por certa; ſendo infallivel, que ſe Amato naõ ſeguira os delirios da Synagoga, ſeria numerado entre os mayores profeffores da arte Medica, como o numerao Juſto in *Chronol. Med.* Petr. Caſtellan. in *Vit. Illuſtr. Medic.* pag. 245. Zacut. Luſit. in *Hiſt. Princip. Med.* lib. 2. hiſt. 85. quaẽſt. 46. Joan. Ant. Vander Linden in *Script. Med.* Georg. Abraham. Mercklin. in *Lind. Renov.* Taxand. in *Cathal. Clar. Hiſp. Script.* Draudius *Biblioth.* in *Clas. Med.* Bartolucci *Bib. Rabin.* Part. 1. pag. 368. n. 268. Nicol. Ant. in *Bib. Hiſp.* tom. 1. pag. 50. Joan. Klefekerus in *Biblioth. Erudit. Præcoc.* pag. 5. Wolfio in *Bib. Hebrac.* pag. 200. & pag. 1015. lhe chama *ſcriptis inclitus*. Baſnag. *Hiſt. es Juifs* tom. 5. cap. 34. *un des plus habiles hommes de ſon ſiecle* Joan. Soar. de Brito in *Theatr. Luſit. Litterat.* let. A. n. 29. *Medicus fuit inſignis, & in morbis præſertim depeleõdis maxime fortunatus*, e Franc. de Sant. Mar. *Anno Hiſtor. e Diar. Portug.* pag. 101. Morery *Diccion. Hiſtorique* letr. A. Compoz.

Index Dioſcoridis, ſive hiſtoriales Campi, exagemataque ſimplicium, atque eorumdem collationes cum iis, quæ in Officinis habentur, ne dum

Medicis, et Myropoliorum Seplaſtariis, ſed bonarum artium ſtudioſiſſimis perquam neceſſarium opus. Antuerpiæ apud Viduam Martini Cæſaris 1536. in fol. Eſta obra foy publicada com o nome de Joaõ Rodriguez de Caſtellobranco, as ſeguintes com o de Amato. Neſte livro explica os nomes de todos os ſimples em varias linguas, como ſaõ Portugueza, Caſtelhana, Germanica, Franceza, e Italiana, fazendo juifo em cada capitulo das taes plantas, e ſimples.

In Dioſcoridis Anazarbai de Medica materia librum quinque emarrationes eruditiffimæ. Venetiis apud Gualterum Scotum 1553. 4. & ibi apud Jordanum Zilettum 1577. 4. Argentorati apud Wendelinum Rihelium 1554. et 1565. 4. Lugduni apud Viduam Balthazaris Arnoletti 1558. 8. et apud Mathæum Bonhome 1558. 8. *cum annotationibus Roberti Conſtantini, et ſimplicium picturis ex Fuſchio, et Dalechampio.*

Curationum medicinalium centuriæ ſeptem varia, multiplicique rerum cognitione reſertæ quibus præmiſſa eſt commentatio de introitu medici ad ægotantem, de criſi, & diebus decretoriis. Sahiraõ todas juntas Burdigalæ apud Gilbertum Vernoy 1620. 4. Genevæ apud Jacobum Petrum Chovet. 1621. 4. Barcinone 1628. fol. Francof. 1646. fol. Venetiis ſumptibus Franciſci Storti. 1654. 12. Pariſiis 1617. 3. Tom.

Deſtas Centurias ſahiraõ ſeparadamente a 1. com o tratado *de introitu Medici &c.* Florentiæ apud Torrentinum. 1551. 8. e a 2. na qual ſe deſcreve mais largamente o methodo como deve ſer preparado o páo da China para ſe beber. Venetiis apud Valgrifiſum. 1552. Deſta obra faz mençaõ o novo Addicionador da *Bib. Occid.* de Antonio de Leaõ. Tom. 2. col. 889. Eſtas duas Centurias ſahiraõ tambem ſeparadamente Lugduni apud Rovilium. 1680. 12. et Pariſiis apud Franciſcum Bartholam. 1554. 12. A Centuria 3. e 4. Lugd. apud Rovilium. 1580. 12. et Lugd. apud Joan. Franc. de Gabiano. 1556. 12. As primeiras quatro Centurias Baſileæ. 1556. 8. A Centuria 5. e 6. na ultima das quaes ſe contem *colloquium de curandis capitis vulneribus.* Venetiis. 1566. et Lugduni apud Rovilium. 1580. 8.

A 7. Centuria, a qual como eſcreve Julio

Bartolucci foy acabada em Thessalonica no anno do mundo 5319. e no de Christo 1559. foy primeiramente impressa Venetiis apud Valgrifium. 1566. depois Lugduni apud Rovilium. 1570. 12.

Perdeo quando fugio de Ancona como elle mesmo relata na Dedicatoria da *Centuria ultima Curation.* 12. 29. e 79.

Commentaria in Quartum Fen. lib. 1. Avicena.

Aos quaes servia de prefação o texto do mesmo Avicena fielmente traduzido por Jacobo Mantino, e não fomite revisto por Amato, mas vertido por elle em Latim mais puro.

Traduzio na lingua Castelhana, e dedicou a Jacobo Nassinio Judeo, como escreve Nicol. Ant. in *Bib. Hisp.*

La Historia de Eutropio.

Fr. AMBROSIO DOS ANJOS Religiofo Eremita de Santo Agostinho, e celebre operario Evangelico no Reyno de Gorgistaõ habitado de innumeravel multidaõ de scismaticos, para cuja reducção por ser muito erudito na lingua Persiana, e Turquesca, foy mandado pelo Arcebispo de Goa, escreveu o successo desta expedição em huma.

Carta escrita de Gorgistaõ em 29. de Junho de 1628. ao Vigario Provincial dos Eremitas de Santo Agostinho Sahio impressa na Breve Relac. das Christandades, que os Religiosos de Santo Agostinho tem à sua conta nas partes do Oriente Lisboa por Antonio Alvares. 1630. 8. desde folhas 57. até 77.

Carta em que relata a Missão, que os Religiosos Agostinhos fixeraõ no anno de 1616. em o Reyno de Gorgistaõ. M. S. fol. guardase na Bib. delRey Catholico, como refere a Bib. Orient. de Antonio de Leon novamente acrescentada tom. 1. tit. 4. col. 82.

Breve Relação do martyrio da Rainha Gativanda executado em 25. de Setembro de 1624. M. S. Conservase na Livraria do Convento de N. Senhora da Graça de Lisboa, da qual grande parte está impressa na Relação das Christandades, de que assima se fez menção.

Ainda que o Xá Abbas Rey da Persia mandou matar a esta Rainha, por não querer abraçar a ley de Mafoma, como não

consta evidentemente, que abjurasse o scisma, que professava, posto que deo grandes sinaes de obediencia à Igreja Romana, não se póde verdadeiramente chamar martyr por Christo.

Fr. AMBROSIO BAPTISTA filho da preclarissima Ordem Premõstratense, numerado entre os Authores Portuguezes pelo diligentissimo investigador das noticias pertencentes a este Reyno, Jorge Cardoso, a cuja asseveração não repugna o silencio de Nicolao Antonio na *Bib. Hisp.* Tom. 1. p. 50. acerca da sua patria, e fomite declarando a obra seguinte, que compoz em Castelhana.

Discurso delas miserias dela vida y calamidades dela Religion Catholica. Madrid en la Officina Real. 1635. 4.

AMBROSIO CARDOSO DE ABREU. Natural da Villa de Castello Branco, no Bispado da Guarda, filho do Licênciado Leonardo Nunez Cardoso, e de sua mulher Isabel Franca de Siqueira. Foy Doutor nos Sagrados Canones pela Universidade de Coimbra, Protonotario Apostolico, Prior da Parochial Igreja de Santo André, da sua patria, Conego eleito de Leyria, cuja insigne doutrina, severo juizo, e piedade Catholica testemunhou em huma elegante carta a elle escrita em Lisboa a 15. de Mayo de 1622. inserta na obra, de que logo se fará memoria, o Illustrissimo Vicente Landinello Bispo Albenganense, e Colleitor com poderes de Nuncio Apostolico nestes Reynos, onde lhe exalta o heroico zelo, com que acerrimamente defendia a immunidadade Ecclesiastica. Por deligencia de seu Irmaõ Fr. Agostinho Cardoso Religiofo Trinitario, e Mestre em Theologia, e Procurador Geral da sua Ordem em Roma, sahio.

Allegatio juris pro interdicto Ecclesiastico, cui supposita fuerat Ulyssipo cum additamentis pro tributis personis Ecclesiasticis non imponendis. Romæ apud Jacobum Mascardum 1623. 4. grande, et Ulyssipone 1627. 4.

Esta obra agradou tanto à Santidade de Paulo V. a cujo nome fora dedicada, que mandou guardar hum exemplar na Bibliotheca do Vaticano, onde existe n. 5919. como

affirma Montfaucon in *Bib. Bibliothecar. M. S. nova* Tom. 1. pag. 141. col. 1. e expressar ao Author a estimacão, que delle fizera por seu sobrinho o Cardial Burghesi concedendolhe para eterno testemunho da benevolencia cõ que a aceitara, a graça perpetua de hum altar privilegiado na Parochia de Santo André, da qual era Prior. Naõ foy menor a estimacão, que fez da sua pessoa o Cardial Brandino louvandolhe em huma carta, que lhe escreveu, as suas grandes letras, e estudos empregados em obsequio da Igreja. Compoz mais.

Rezoens feitas na causa da imposição dos vinhos. Madrid 1620. 4.

Fr. AMBROSIO DA CONCEIÇAM. Naceo no lugar de Villarinho situado no termo da Villa de Esgueira do Bispedo de Coimbra, onde teve por Pays a Joaõ Rodrigues Graçaõ, e a Paschoa Luiz Pacheco. Recebeo o habito Serafico da reformada Provincia de Santo Antonio no Convento da Castanheira, e professou solemnemente a 8. de Dezembro de 1712. Por diversas vezes foy eleito Guardiaõ, cujo ministerio desempenhou com grande satisfacão dos seus subditos, naõ sendo menor o credito, que tem alcançado o seu talento no exercicio do Pulpito, de que deo por primicias ao publico.

Sermaõ em açcãõ de Graças a Nossa Senhora dos Poderes pela exaltação do Senhor D. Jozé ao Trono da Sé de Braga Lisboa por Miguel Rodrigues Impressor do Emminent. Card. Patriarcha 1739. 4.

Fr. AMBROSIO DE JESUS. Naceo na Cidade de Coimbra sendo filho de Antonio da Sylva Soares Secretario da Universidade da sua patria. O nome que se lhe impoz no Bautifmo, foy certo prognostico da suavidade do genio, innocencia da vida, e profundidade de talento, com que a graça, e a natureza abundantemente o dotáraõ, de cujos singulares dotes foy theatro a Serafica Provincia de Portugal professando o seu sagrado, e austero instituto, onde depois de ser Guardiaõ do Convento de Lisboa, naõ sómente foy elevado a Provincial a 27. de Junho de 1610. sendo huma das mais notaveis açcoens do seu governo a trafladação, que fez no

Convento de Alanquer das veneraveis reliquias do Santo Fr. Zacharias seu Fundador, mas exercitar em o anno de 1615. o lugar de Comissario geral neste Reyno, e suas Conquistas. Chegando à noticia de Felippe II. de Portugal a fama das suas letras, de que dera illustres argumentos no Capitulo Geral celebrado em Roma no anno de 1612. o nomeou Bispo de Saõ Thomé, de cuja dignidade humildemente se escusou, e para que se naõ imaginasse, que esta repulsa era causada pelo temor do mar, ou amor da patria, se embarcou para a Ilha da Madeira, e no Convento de S. Bernardino livre, e desembaraçado de governos gastava todo o tempo na contemplação da eternidade. Passados alguns annos voltou para o Convento de Lisboa, onde exercitando com grande exacção as virtudes, que praticara por toda a vida, passou à eterna em o anno de 1627. Fazem memoria das suas açcoens Fr. Fernand. da Soledad. *Histor. Seraf. da Prov. de Portug.* Part. 5. liv. 2. cap. 29. n. 456. e Fr. Joan. à Sancto Antonio in *Bib. Francisc.* Tom. 1. pag. 58. Publicou os Sermoens seguintes.

Sermaõ prégado no Capitulo geral dedicado a D. Fernão Martins Mascarenhas Bispo do Algarve, e Inquisidor Geral Lisboa por Pedro Crasbeek 1608. 4. e em Roma antes da impressãõ de Lisboa.

Sermaõ feito no Auto da Fé de Coimbra no Domingo do Juizo em 28. de Novembro de 1621. Lisboa por Pedro Crasbeek. 1621. 4.

AMBROSIO MACHADO DE ABREU
Vejafe D. JOZE BARBOSA.

D. AMBROSIO DE MELLO. a quem D. Gabriel Pennoto in *Histor. Tripart. Ord. Can. Reg.* lib. 2. cap. 61. por engano lhe chama *D. Anselmo.* Naceo em Lisboa, e recebeu o habito de Conego Regular de S. Agostinho no Real Convento de Santa Cruz de Coimbra. Foy taõ douto no Direito Canonico, como observante da disciplina regular, merecendo por estas partes ser eleito no Capitulo celebrado no anno de 1554. Vicereytor do Collegio de S. Agostinho, que neste tempo estava entre os Claustros do Convento de Santa Cruz. Pelo devoto affecto, que tinha a Saõ Theotonio, se fez digno de que lhe revelasse

o dia da sua morte, que foy a 24. de Julho de 1557. Compoz

Constituições da Congregação de Santa Cruz de Coimbra depois da reformação delRey D. João o III. apontando pellas margens todos os lugares, e textos de Direito Canonico, como diz D. Nicol. de Santa Maria na *Chron. dos Coneg. Reg. Part. 2. liv. 10. cap. 12. n. 10.* Compoz mais obrigado do preceito dos Prelados.

Constituições para o Collegio de Santo Agostinho.

AMBROSIO NUNES natural de Lisboa, filho de Leonardo Nunes Phyfico mór, Fidalgo da Casa Real, Cavalleiro professo da Ordem de Christo, que recebeu a 19. de Fevereiro de 1546. e de D. Leonor Coronel Irmaõ de Fr. Gregorio Nunes Coronel insigne Theologo, e Secretario das Controversias, que houve entre os Dominicanos, e Jesuitas sobre a materia de *Auxiliis* no de 1602. de quem em seu lugar se fará distinta memoria. Foy Cavalleiro da Ordem militar de Christo, cujo engenho sendo na idade juvenil conhecido por ElRey D. João o III. o mandou estudar Medicina à Universidade de Coimbra, e o sustentou com largo estipendio, até que recebeu a borla Doutoral nesta faculdade, onde leo a Cadeira de Vacaçoens no anno de 1555. Quando esperava a Universidade colher mayor fruto da sua profunda sciencia se retirou para Salamanca, onde primeiramente chegou a fama do seu nome, que a sua Pessoa, e logo foy provido em huma Cadeira de Medicina, da qual foy subindo pelo espaço de vinte, e seis annos até à de Prima com igual credito do seu talento, como universal aclamação dos seus ouvintes. A nunca interrupta continuação deste litterario exercicio o fez contrahir algumas molestias, que se faziaõ mais graves pelo numero dos annos, por cuja causa deixou as Cadeiras, e importunado dos rogos dos moradores de Madrid, Sevilha, e outras terras circumvizinhas, se occupou em curar os enfermos com taõ feliz successo, que não havia doença por mais perigosa, e inveterada, que fosse, que não cedesse à efficacia dos seus remedios. Dezejezo de limar, e imprimir as Doutrinas, que tinha dictado, se resolveo voltar para a patria, onde foy nomeado por ElRey

Medico da sua Camara, e Cirurgiaõ mór, em cujos ministerios obrou taes curas, que pareciaõ superiores às forças da natureza. Morreo em Lisboa a 11. de Abril de 1611. com outenta, e cinco annos de idade. Entre os mais insignes professores da Medicina he louvado por João Antonio VanderLindem in *Script. Medic.* Jorge Abrah. Mercklin. in *Lind. Renovat.* Draudius in *Bibliothec. Classic.* Nicol. Ant. in *Hispan.* Tom. 1. pag. 54. D. Franc. Manoel na *Cart. dos Autor. Portug.* que he a 1. da 4. Centuria das suas cartas. Franc. de Santa Maria *Ann. Histor. e Diario Portug.* pag. 462. Zacut. lib. 3. *Hist.* 24. *Quæst.* 35. et in *Prax. Medic.* lib. 3. *Observ.* 117. chamando-lhe *doctissimum.* Garcia Lopes in *Comment. Var. Rei Med. Lect.* cap. 26. *Venerandus, et omni laude quidem dignus D. Doctor Ambrosius Nonius, quem audio jam ad vespertinae lectionis Medicinæ munus evectum esse, ad quod meritissimum præmium, licet jure optimo omnium bonorum suffragiis vocatus esset, plurimum ipse lætatus sum quod plurimum illum amaverim propter innumeras ejus animi dotes, præclaras etiam virtutes, quibus non solum meritò a me colendus, & amplectendus esse debuit, quibus non adjungerem etiam incredibilem, et raram in litterarum studiis eruditionem ob quam pluris, quam alii à me faciendus est.* Compoz.

Tratado repartido em cinco partes principaes, que declaran el mal, que significa este nombre Peste, con todas sus causas, y señaes, prognosticos, y indicativos del mal con la preservacion, y cura, que en general, y en particular se deve hazer. Coimbra por Diogo Gomes de Loureiro 1601. 4. e Madrid 1648. 4.

Ennarrationes in priores tres libros Aphorismorum Hypocratis cum paraphrasi ad commentar. Galeni. Conimbricæ apud Didacum Gomes Loureiro 1603. fol. No privilegio Real, que está impresso nesta obra, se concedia licença para imprimir os Commentos aos sete livros dos Aforismos, donde se colhe que os quatro livros que se não imprimiraõ, estavaõ promptos para sahirem à luz publica. Tambem tinha prompto, como affirma na Prefação do Tratado da Peste.

Antidotarium.

E em outra parte prometia hum Tratado.

De Pulsibus.

P. AMBROSIO PIRES Jesuita. Partio de Lisboa com o Padre Luiz da Graá em 8. de Mayo de 1553. e a 13. de Junho do mesmo anno chegou à Bahia, donde foy mandado pello apostolico espirito do Padre Manoel da Nobrega insigne Missionario da America à cultura espiritual do Porto seguro. Nesta vinha se empregou com incrível trabalho pacificando animos discordes, e reduzindo coraçoes obstinados. De tudo quanto tinha obrado nesta Missão fez huma

Carta ao Padre Geral eserita da Bahia em 15. de Junho de 1555. a qual fahio com outras na lingua Italiana. Venetia por Miguel Tramezino 1559. 8.

Delle falla muito brevemente o Padre Simão de Vasconcellos *Chron. da Comp. de Jesus no Estado do Brasil* liv. 1. n. 134. e 140.

P. ANASTASIO DUARTE. Naceo em Lisboa, e teve por Pays a Luiz Duarte, e a Francisca do Espirito Santo. Entrou na Congregação do Oratorio de S. Philippe Neri da sua patria ao 1. de Novembro de 1716. Com o suposto nome de Alvaro Sabino do Espirito Santo publicou.

Novena da Senhora da Oliveira. Lisboa por Antonio Pedrozo Galraõ 1721. 16.

Vida de S. Francisco de Sales 4. M. S. que brevemente fahirá a luz.

P. ANASTASIO GOMES filho de Mathias Gonçalves, e Natalia Gomez semelhante ao precedente assim na patria, que lhe deo a natureza, como no instituto de Congregado, que devotamente abraçou na Congregação da Villa de Estremoz a 14. de Fevereiro de 1713. Depois de acabar os Estudos escolasticos em que deu claros argumentos da viveza do seu engenho, não foraõ inferiores os da piedade, e ternura do seu coração em a obra, que imprimio com o affectado nome do Padre Simão Goes da Santa, cujo titulo he o seguinte.

Monte de Myrrha . ou amarguras do Calvario ponderadas em nove principaes tormentos dos que padeceo JESUS Christo Crucificado Lisboa 1738. 12.

Fr. ANASTASIO DE LINHARES cujo appellido tomou da Villa, onde naceo situada na Provincia da Beira. Recebeo o Habito Monacal no Convento de Aguiar da Congregação Cisterciense. Floreceo pelos annos de 1400. Foy muito douto na lição da Escriitura, como o testemunha a obra, que se conserva M. S. no Real Convento de Alcobaça, cujo titulo he o seguinte.

Expositio moralis in sex alas Seraphim Isaia.

ANDRE DE ALBUQUERQUE RIBAFRIA, Alcaide mór de Cintra, e Comendador de Saõ Mamede de Sortes na Ordem de Christo naceo na Villa de Cintra a 21. de Mayo de 1621. sendo seus illustres Pays Gaspar de Albuquerque, e D. Angela de Noronha filha de D. Pedro Lobo, e D. Brites da Sylveira. Foy *Varaõ de extraordinarios dotes do corpo, e do espirito, galhardo na presença, suave na conversação, affavel no trato, discreto sem malicia, valente sem ruído, virtuoso sem invenção, de religiosa observancia nas leys militares, de profunda inteireza na justiça, de singular constancia no bem, e no mal, fazia-se amar, fazia-se temer; mas nem para grangear a afeição uzava de asagos, nem para segurar o temor se valia dos castigos. Dispunha com suavidade, obrava sem estrondo, executava com acerto. Foy nelle o valor mais natureza, que qualidade, sendo sempre taõ Senhor do animo nos mayores perigos, que parecia insensibilidade, o que era constancia. Teve o serviço do seu Rey por vida, e por regalo, e em dezanove annos continuos só duas vezes o vio a Corte hospede. Foy Soldado, foy Capitão, foy Mestre de Campo, foy General da artilharia, General da Cavallaria, e Mestre de Campo General, sendo sempre taõ subdito, como Cabo; ninguem soube melhor obedecer, ninguem soube melhor mandar.* A este elegante Elogio, que lhe confagrou a discreta pena do Doutor Antonio Barboza Bacelar, pelo qual se conhece claramente o caracter da sua Pessoa, corresponde outro não inferior na elegancia, que lhe dedicou à sua memoria o Padre Manoel Luiz in *Vit. Princip. Theodosii* lib. 2. cap. 11. n. 130. *Andreas Albuquerqueius Cintrae arcis praefectus militari virtute, & peritiã in paucis*

clarus: is à prima post regiam acclamationem die ad arma conclamatum est ex pulvere Vlyssiponenſi litterario ad bellicum raptim profiliens ea Elviis jecit glorioſæ militiæ fundamenta, quæ nemo ad id tempus aut pluribus auxit incrementis, aut illuſtribus rerum præclare geſtarum monumentis ad ſummum bellicæ gloriæ apicem altiùs evexit. Idem manu promptus, conſilio validus, animo non minùs tranquillo, quam audaci, planeque generoſo in oppidorum, & arcium expugnatione nulli ſecundus in aciem procedere inter poſtremos, & prælio excedere. Ita denique in omnibus ſtrenue ſe gerere, ut frequentibus de illo encomiis Luſitana sæpe Aula (quod aulicis rarum) perſonaret. Sendo eſte inſigne Heróe tão grande na vida, o não foy menor em a morte infauſtamente ſuccedida em 14. de Janeiro de 1659. cujo dia ferá igualmente glorioſo, e lamentavel nos factos de Portugal. A o tempo, que furioſamente na Campanha de Elvas ſe eſtava combatendo o exercito Portuguez com o Caſtelhano ſuperior àquelle não fomente em o numero, mas ainda na ſituação, advertio como vigilante General que hum Regimento começava a retroceder, e para que ſe não deixaffe poſſuir de huma paixaõ tão indecoroſa à ſua reputação ſe meteo intrepidamente pelo meyo delle, quando querendo a fortuna vender a Portugal por tão cuſtoſo preço a vitoria, ou ſendo chegado o tempo de ſe remunerarem os ſeus heroicos merecimentos com huma coroa immortal, foy atraveſado pelo peito com huma bala, ficando por algum eſpaço immovel aquelle generoſo eſpirito não querendo ſeparar-ſe do corpo, até que não viſſe completamente alcançada a vitoria, a cuja memoravel acção lhe cantou os epinicios a Muſa elegante do Padre Jeronimo Petrucci Meſtre de Rhetorica no Collegio Romano neſte agudo epigrama.

Luſiadum hinc acies, illinc Mavortis Iberi

Agmina contulerant ſanguinolenta manus.

Anceps pugna diu prior Albuquerqueſ Iberos,

Palladis armatos fulmine fudit equos.

Illius ad fulmen victoria plena ſecuta eſt:

Hoſtes præcipitem corripuere fugam.

Inſequitur profugos Machabæus ut alter: & hoſtem

Dum premit, oppreſſo victor ab hoſte cadit.

Nec priùs ille cadit, quam Numine plena cadentis

Ora triumphales inſonare modos.

Vicimus, et cadimus. Fugientem vidimus hoſtem

Nos cadimus, cadimus quam bene! Patria ſtat.

Libera morte mea, mea Luſtania vives

Morte mea vivis, patria: non morior.

Os elogios que à immortal fama deſte Marte Portuguez dedicaraõ varios engenhos, ſe podem ler em o ſeu Panegyriſta Joaõ de Medeiros Correa, que delles fez huma colleção, a qual ſahio impreſſa em Lisboa por Domingos Carneiro 1661. 4. Semelhantes louvores eſcreveraõ em obſequio da ſua memoria o Conde da Ericeira D. Luiz de Menezes *Portug. Reſtaur.* Part. 2. liv. 4. pag. 213. o Senhor de Cochon Truel, alias Duarte Ribeiro de Macedo, nas *Advert. às Addicoens ao Padre Marian.* pag. 195. *Varon de altas prendas que caminava a igualar-ſe con los mayores Heroes, que celebra la Fama heroica, y que hizo a los Portuguezes coſtoſo el vencimiento.* Franc. de Santa Mar. *Ann. Hiſtor. Diar. Portug.* pag. 76. *Será immortal nos Annaes Portuguezes a gloria do ſeu nome.* Franc. Brandan. *Iſtor. della Guer. de Portugal.* Part. 2. pag. 216. O P. D. Ant. Caetano de Souf. *Hiſt. Gen. da Caſ. Real de Portug.* Tom. 1. pag. 250. *Hum dos mais valeroſos, e ſcientes Generaes do ſeu tempo.* Certamente fora igual a Ceſar Andre de Albuquerque, ſe como elle eſcrevera as ſuas heroicas façanhas das quaes publicou a menor parte mandando ao Sereniſſimo Rey D. Joaõ o IV.

Relação hiſtorica da victoria alcançada entre Arronches, e Affumar em 8. de Novembro de 1653. Lisboa na Officina Crasbeekiana 1653 4.

D. ANDRE DE ALMADA natural de Lisboa, ou do lugar do Pombalinho ſituado entre Condeixa, e o Pombal. Foy filho de D. Antaõ Soares de Almada ſegundo deſte nome, e D. Vicencia de Caſtro. A natureza o ornou de genio feſtival, e urbano; de engenho agudo, e perſpicaz; de juizo profundo, e discreto, de animo generoſo, e capaz de emprezas grandes. Admiraveis foraõ os progreſſos, que fez a ſua grande comprehenſaõ nas letras humanas, Philoſofia, Geografia, e Mathematica, ſendo ainda mayores os que manifeſtou

o seu talento na faculdade da Theologia, na qual com applauso de todos os Academicos Conimbricenses recebeu as insignias doutoraes subindo por uniforme voto de todos no anno de 1608. a ler a Cadeira de Gabriel, donde passou em 1613. à de Escoto, e ultimamente em 1615. à de Vespera, na qual duas vezes jubilo; a primeira no anno de 1628. e a 2. no anno de 1641. não chegando à de Prima por ser neste tempo proprietaria della a Ordem dos Prégadores. Era tão venerada a sua sciencia, que nunca teve oppositor às Cadeiras, que regentou, por não haver quem nestes combates litterarios lhe disputasse a vitoria, sendo tão prompto para arguir, como para responder às mayores dificuldades. Foy perpetuo Decano da Universidade, a qual governou com poderes de Reformador desde o anno de 1638. até 1640. A mayor parte da sua vida habitou no Real Collegio de S. Paulo, de que foy Porcionista deixandolhe em final de affecto, agradecido a tão erudita Sociedade, a sua copia, e selecta Livraria. Entre os insignes Cathedricos, que ornavaõ a Universidade, foy eleyto para escrever ao Summo Pastor suplicando-lhe em nome de tão illustre Academia a definição do immaculado Mysterio da Conceição da Senhora. Reformou juntamente com D. Alvaro da Costa, que foy Reitor da Universidade o Collegio de S. Pedro. Mereceu as estimaçoens dos Principes, e dos mayores Letrados daquella idade, sendo entre elles o principal o Doutor Eximio o Padre Francisco Suares Granatense, antigamente seu Mestre, e depois companheiro no magisterio da Universidade. A fama da sua sabedoria era tão grande, que sahindo dos limites do Reyno, se dilatou por toda a Europa dedicandose-lhe ao seu nome em Flandes varios Mappas. Cheyo de annos, e muito mais de merecimentos, morreo no Real Collegio de S. Paulo de Coimbra a 29. de Novembro de 1642. a cujo nome ainda saudosa, e reverente a mocidade estudiva da Universidade o intitula o Senhor D. Andre de Almada, como elegantemente escreveu o Illustrissimo Bispo do Porto D. Fernando Correa de Lacerda na *Hist. da Vida de Santa Izabel Raynha de Portugal.* pag. 357. *D. Andre de Almada Lente de Vespera de Theologia na Universidade, bem conhecido em Europa*

por suas excellentes virtudes, eminentes letras, e singular discriçã, a quem o estudivo respeito ainda nomea por Senhor em veneraçã do seu merecimento. Delle fazem honorifica mençã Jozé Maffeo in *vita Magni Soarj Granat.* cap. 25. Seraphin. de Freitas in *addit. ad Tract. de Confess. Sollicit.* ad Quæst. 17. n. 15. *Ob doctrinæ eminentiam vir ad maiora natus.* Fr. Franc. à D. Aug. Maced. in 2. *Sent. differ.* 3. collat. 9. Sect. 4. §. 2. *illustrissimus pariter et doctissimus.* Franc. Valasc. de Gouvea *Allegac. pelo Duque de Aveiro* n. 356. *cujas letras, e eminencia pela qualidade dellas, e de seu illustre sangue saõ conhecidas em toda a Europa.* D. Rodrigo da Cunha de *Confessar. Sollic.* quæst. 4. n. 10. *Quem illustre genus, Theologiæ speculatio illustrem fecit.* e na *Hist. Eccles. de Brag.* Part. 2. cap. 106. chamando-lhe *Credito de toda Esphanha.* E no *Catal. dos Bisp. do Porto* 2. Part. cap. 42. *Luz da Theologia.* Joan. Suar. de Brito in *Theatr. Lusit. Litter.* Lit. A. n. 32. *Vir splendore natalium, et doctrinæ claritate insignis statura fuit supra mediocrem habitudinem media, oculis castis, ore pleno, rotundoque, colore candido.* D. Nicol. de Santa Mar. *Cron. dos Coneg. Reg.* Part. 2. liv. 10. cap. 29. n. 23. *Grande Mestre.* Miguel Pinto de Soufa: *Musa in Theodosium* lib. 2. pag. 95. v.º. *Andréas quem Palladio Conimbrica dorso Doctorem eximium veneratur.*

Fr. Leaõ de Santo Thom. *Bened. Lusit.* Tom. 2. *Trat.* 2. part. ult. pag. 439. *Pessoa muito illustre, e digna de celebre memoria nestas Escolas.* Jacob. Philip. Thomas. *Annal Can. secul* pag. 175 *Doctõr celeberrimus.* Fr. Fernand. da Soledad. *Hist. Seraf. da Prov. de Portug.* Part. 5. liv. 4. cap. 33. n. 1164. *Famoso. e na* Part. 4. liv. 3. c. 13. n. 552. *Coluna da Theologia,* e meu Irmaõ D. Jozé Barbosa Chron. de Serenissima Casa de Bragança, e Academico Real nas *Memorias historic. do Colleg. Real de S. Paul.* p. 265. e no *Archiathan. Lusit.* pag. 77.

Arte etiam quandoque sacrâ miracula florent, Unum erit egregius toto, & mirandus in Orbe Andræas Almada vetus cognomen habebit. Cõspiciet Cathedras Academia doctâ regẽtẽ, Audebit que viro nemo se opponere tanto. Quæ loca terrarum Cæli speculatur et astra Andræam reddet celebrata scientia notum: Credere non dubites, dicet gens Belgica, dicet.

*Integritas Almada Petri Venerabile coget
Conventum mores iterum servare vetustos.
Ergo cum vita fuerit defunctus, amatum
Ditabit cætum librorum copia, sumptu
Quæfita eximio, magnoque parata labore.*
Compoz.

De Incarnatione. Deste tratado estavaõ já impressas 450. paginas in fol. do qual vimos hum exemplar, que se conserva na grande Bibliotheca do Excellentissimo Conde da Ericceira, e outro se guarda no Collegio de Coimbra dos Religiosos Trinos. Não se acabou a impressaõ deste livro por se acabar a vida ao feu Author, de cuja obra faz distincta memoria a *Magna Bibliothec. Ecclesiast.* pag. 337. col. 2.

De Triplici Scientia animæ Christ. M. S. in fol.

ANDRE AFFONSO PEYXOTO natural da Villa de Guimaraens, na Provincia de Entre Douro, e Minho filho de Gregorio Rebello, e Isabel Peixoto, e herdeiro igualmente da riqueza da sua Casa, como da antiga nobreza da sua geração. Todo o feu disvelo não foy augmentar as rendas, que possuia, mas examinar os mais occultos monumentos das antiguidades Portuguezas. Para este fim não perdoou a genero algum de trabalho, ou dispendio, pois ou assistindo em casa, ou peregrinando pelo Reyno, se applicou na investigação das inscripçoens gravadas nos bronzes, ou aberta nos marmores, e no exame dos Cartorios das Igrejas, e Archivos dos Conventos reduzindo tudo quanto descobria a sua incansavel investigação, que era conducente ao intento do feu estudo, a diversos livros, que por sua propria mão escrevia. Deste litterario trabalho naceo o illustrar muitas Familias deste Reyno, que tinhaõ sido principiadas por D. Pedro Conde de Barcellos, ajuntando outras de que fez varios volumes, que estavaõ promptos para a impressaõ. Algumas destas obras se conservaõ nos Archivos do Convento de Pombeiro de Monges de S. Bento, e do Convento da Serra junto da Cidade do Porto, que he de Conegos Regulares de Santo Agostinho. Compoz mais.

Memorias historicas, e Antiguidades de Guimaraens. Cuja obra louva muito D. Nicol. de Santa Maria *Chron. dos Coneg. Regul.* liv. 5.

cap. 10. n. 6. chamando ao feu Author *Grande Antiquario.* Morreo na sua patria a 15. de Abril de 1642. e está sepultado na Igreja dos Franciscanos junto à Capella dedicada às Chagas de Christo.

ANDRE ALVARES DE ALMADA. Naceo em a Cidade de São-Tiago em Cabo Verde, onde foy morador, e Capitaõ. Impellido da curiosidade penetrou com alguns Soldados o Continente da sua patria, e grande parte do Reyno de Angola, observando com deligente investigação a situação das terras, os ritos, e costumes dos seus habitadores. De todas estas observaçoens alcançadas pelo feu disvelo fez huma exacta descripção, que no anno de 1594. dedicou aos Governadores do Reyno, a qual mandaraõ fosse examinada por D. Fr. Pedro Brandaõ Bispo de Cabo-verde como testemunha ocular do que nella se relatava, o qual testemunhou por huma carta ser dignissima da luz publica, que até agora não logrou, e della conserva huma copia, que parece ser original, entre os livros da sua selecta livraria da Historia deste Reyno, e suas Conquistas, meu Irmaõ D. Jozé Barboza, Clerigo Regular Chronista da Serenissima Casa de Bragança com este titulo.

Tratado breve dos Reynos de Guiné, e Cabo Verde. M. S. 4. Começa *Quiz escrever algumas cousas do Reyno de Guiné, e Cabo verde.* Acaba *Dou fim a este Tratado porque se não pode dizer tudo.* Consta de 10. Capítulos.

Esta obra sahio modernamente impressa totalmente diversa do estilo, e ordem, que lhe deu feu author, e até o Patronimico de *Alvares* lhe converteo o Author desta mudança em *Gonçalves* com este titulo.

Relação, e Descripção de Guine na qual se trata das Varias Naçoens de Negros que a povoão, dos seus Costumes, leys, ritos, Ceremonias, Guerras, Armas, Trajos, da qualidade dos portos, e do comercio, que delles se faz. Lisboa na Officina de Miguel Rodriguez 1733 4.

Da obra, e do Author della Andre Alvares de Almada faz memoria o moderno addicionador da *Bib. Geograf.* de Anton. de Leão Tom. 3. col. 1716.

ANDRE ANTONIO DE CASTRO natural de Villaviçosa, igualmente por herança, que estudo insigne Medico por ser filho de Diogo de Castro, e neto de Andre de Castro Lente de Vespera na Universidade de Coimbra, e ambos Physicos mores dos Serenissimos Duques de Bragança. Seguindo os vestigios de seu Pay, e Avô, foy admitido na idade juvenil por criado dos mesmos Duques no anno de 1586. e ainda que repugnava o seu genio estudar Medicina se applicou a ella por insinuaçã do Duque D. Theodosio II. na qual sahio taõ eminente, que por toda a vida a exercitou nesta grande Casa, sendo taõ estimado pela sua sciencia Medica, que o Serenissimo Duque D. Joaõ, que depois foy elevado ao trono de Portugal, naõ fomenta o fez seu Physico mór, mas lhe deo a Alcaidaria mór da Villa de Ourem, e a Commenda de Monte Alegre na Ordem de Christo. A este Principe já aclamado acompanhou até Lisboa, onde livrando da morte a muitas pessoas pela efficacia dos seus medicamentos, naõ pode evitar que fosse despojo da sua crueldade no anno de 1642. *Eruditissimo* he chamado por Zacuto in *Hist. Princip. Medic.* lib. 4. Hist. 25. quæst. 26. Joan. Soar. de Brit. in *Theatr. Lusit. Liter.* lit. A. n. 34. in *facultate Medica perdoctus.* D. Francisc. Manoel na *Carta dos Authores Portug.* Francisco de Moraes Sardinha *Parnasso de Villaviçosa* liv. 2. cap. 54. e 60. Das obras, que compoz fazem mençaõ com grandes louvores Joan. Ant. Vanderlind, Georg. Abrah. Mercklin in *Lind. Renovat.* e Nicol. Anton. in *Bib. Hispan.* Tom. 1. pag. 55. as quaes saõ as seguintes.

De februm curatione lib. 3.

De simplicium medicamentorũ facultate lib. 2.
De qualitatibus alimentorum, quæ humani corporis nutritioni sunt apta Tract. 10. Villaviçosæ typis Emmanuelis Carvalho. 1636. fol. No fim da prefaçã deste ultimo volume affirma ter promptos, e acabados tres Tratados de varias materias de Medicina, que a morte impedio naõ lograssem da luz publica.

ANDRE DO AVELLAR Naceo em Lisboa no anno de 1546. insigne Mathematico, e celebre professor desta grande faculdade na Universidade de Coimbra, onde leo huma Cadeira, de que tomou posse em 4. de Janeiro

de 1592. quando tinha 34. annos de idade, e nella jubilou em 28. de Setembro de 1612. Foy Guarda do Cartorio da Universidade, e Mestre em Artes. Depois de ser viuvo se ordenou de Presbytero, e foy Tercenario na Cathedral de Coimbra. Vivia pelos annos de 1621. e 1622. He louvado por Nicol. Ant. in *Bib. Hisp.* Tom. 1. pag. 55. Antonio Pimenta na *Sciographia* pag. 62. e Joaõ Soar. de Brito in *Theatr. Lusit. Lit.* let. A. n. 35. chamando-lhe *Mathematicarum disciplinarum professor egregius.* Compoz.

Repertorio dos tempos o mais copioso, que até agora sahio à luz conforme a nova reformaçã do Santo Padre Gregorio XIII. no anno de 1582. Lisboa por Manoel de Lyra. 1585. 4. mais acrescentado Coimb. por Joaõ Barreira Imprefor da Universidade 1590. 4. e Lisboa por Jorge Rodriguez 1602. 4.

Da Effera, e seu uso. Coimbra por Joaõ de Barreira 1593. 8. De ambas estas obras faz mençaõ o novo addicionador da *Bib. Nautic.* de Antonio Leaõ Tom. 2. tit. 1. col. 1050.

Arvore Genealogica da Serenissima Casa de Bragança. Naõ sey se se imprimio.

ANDRE BAYAM Naceo de Pays Portuguezes na Cidade de Goa Cabeça do Imperio Lusitano na Asia, onde instruido na lingua latina, Filofofia, e mais artes liberaes dezeoso de adquirir novos thezouros de sabedoria passou a Coimbra, em cuja famosa Universidade estudando a Sagrada Theologia recebeo nella o grão de Bacharel. Naõ satisfeito o seu animo com as sciencias, que já podia ensinar, ainda anhelava aprender outras, e levado deste appetite, e juntamente da pobreza, em que vivia, passou a Roma, onde foy venerado por hum dos grandes Grãmaticos daquella idade, e como tal eleito pelos Regentes do Seminario dos Orfãos para os instruir com os preceitos grãmaticaes affinandolhe em remuneraçã deste trabalho largo partido. Exercitou este ministerio com tanto fruto dos seus discipulos, que mereceo occupar mayores Cadeiras sendo Mestre de Rhetorica no Collegio dos Gregos, em cuja lingua se fez muito perito. A sua sciencia, que se fazia mais estimavel pela innocencia dos

costumes, lhe conciliou a amizade do Eminentissimo Cardial Francisco Joyosa Bispo Sabinense, o qual lhe pedio com toda a efficacia fosse Regente do Seminario Manlianense, e depois do de Veletri, cuja influencia recebo como preceito por não ser ingrato ao affecto deste Principe. Para que com mayor focego se applicasse à cultura das virtudes, e das sciencias, voltou para Roma, e recolhido na Casa de S. Pantaleão dos Padres Clerigos Regulares das Obras Pias passou o restante da sua vida com grande exemplo de toda aquella Religiosa Comunidade, a qual deixou por herdeira de todas as suas eruditas composições ordenando no Testamento, que fosse sepultado no seu Templo, e que na pedra sepulchral lhe gravassem este Epitafio por elle composto no qual se acrescentou o dia, mez, e anno da sua morte.

D. O. M.

Andreas Bayanus

Sacerdos Lusitanus Orientalis

Hic situs, unde natus.

Vixit annos 73.

Obiit 2. Junij ann. Domini. 1639.

Tetraстichon.

*Quàm bene novit humo compacta hæc membra
reverti*

*Factus homo in paucam quæ jacet author hu-
mum.*

Non titulis nomen vita sibi crescere functo

Optavit: satis est: hic situs, unde satus.

Mereceo este insigne varaõ pela integridade da vida, sciencia não vulgar da lingua Latina, e Grega, facilidade summa ainda extemporaneamente em compor versos de todo o genero, as estimações das Pessoas mais principaes, e eruditas de Roma distinguindo-se entre elles os Cardiaes Joyosa, e Borromeo, o qual escrevendo-lhe de Milão no 1. de Agosto de 1612. lhe agradece a Poesia, que compusera em louvor de S. Carlos credito immortal da sua illustre Familia dizendolhe desta forte. *Magis ne debeam ingenii acumen, an pietatem mirari in tua S. Caroli Cardiographia incertus hærerem, nisi alterum ex altero sequi, & pietatem esse præstantissimarum rerum parentem, & altricem cognitum mihi esset penitus, & exploratum, &c.* Andre Victorello no *Cathalog. dos Varoens insignes*, que viverão em Roma no anno de 1623.

*Bayanus in adolescentia Theologicos degustavit liquores multis annis, majora studia coluit. Soluta, et vincita oratione multa scripsit; Horatianas Odes, et quædam Ovidii opuscula cultis carminibus ad pietatem revocavit; Virgilium græcis, Epicum poema Lusitanum latinis versibus expressit. Mar- rac. in Bib. Marian. Part. 1. pag. 79. Græcis non jejune, neque latinis vulgariter eruditus; qui etiam non obscuri nominis orator, et Poeta, ut ejus prædicant, & testantur opera. . . multà pietate, et eruditione spectabilis. Janus Nicius Erithræus in Pinacothec. Imag. vir. illustr. Part. 1. pag. 144. posto que com a sua natural maledicencia manchasse a pureza do nome de Andre Bayaõ, com tudo o numerado entre os Varoens mais illustres na sciencia. *Verum quidquid dici de Bayani virtutibus potest hæc una laude, quæ magna est, concludemus, et perorabimus, nimirum ita Musis eum usum fuisse amicis, ut admirabili animi motu, celeritateque ingenii magnum numerum versuum de quacumque revellet, effunderet.* Joaõ Baptista Lauro *Epist. Cent. 1. Epist. 56. Fr. Lud. Jacob à D. Carol. Bib. Pontif. pag. 249. Nicol. Anton. Bib. Hisp. tom. 1. pag. 55. Allatius in Apib. Urbanis pag. 32. Baillet. Jugem. des Scavans. tom. 5. pag. mihi 141. Lorens. Crasso de Poeti Grec. pag. 34. Joaõ Soar. de Brito in Theatr. Lusit. Litter. let. A. n. 36. o P. Antonio dos Reys no Enthuf. Poetic. impresso no principio dos seus agudissimos Epigrammas n. 106.**

*Bayane sedes succinctus, et ipse
Fronde triumphalis lauri, quam Roma canenti
Docta tibi meritis pro tantis reddidit, Urbe
Applaudente Goa; quæ Te sub Luminis auras
Edidit, aucturum quondam Collegia vatium.*
Catalogo das Obras impressas.

Idyllium Seminarii Manlianensis in Sabinis nomine dictum; Ecloga interlocutoribus Batto, & Philereno, qua Cardinali Episcopo Sabinensi Francisco Joyosæ gratulatur Romam à Galliis adventum. Romæ apud Jacobum Mascardum 1592. 4.

Oratio habita in erectione Seminarii Veletrensis ibid. apud. eumd. Typog. 1612.

Oratio in celebritate S. Joannis Evangelistæ habita coram Santissimo Paulo V. in Sacello Pontificio. Romæ apud Mascardum. 1610. 4.

Doctrina Christiana brevis a Roberto Bellarmino S. R. E. Cardinali vulgari sermone composita, nunc ab Andrea Baiano Asiatico Lusitano in elegos latinos traducta. Romæ apud Mascardum 1612. in 12. Esta traducção he louvada por André Viçtorello in *Officio Curati*, e por Baillet *Jugem. des Scavans* Tom. 5. pag. 141.

Poema ad Paulum V. Pontif. Maximum. Era Acrosticho no principio, meyo, e fim, com tal artificio, que estavaõ entre os versos entretrecidos estes tres.

Crescere cum nequeas titulis Sanctissime Præsul Annorum crescas numeris, et Sæcula vivas; Vivas æternum, tandem victurus Olympo.

Poema ad Scipionem Cardinalem Burghesium. Nelle se contem com acrostichos o nome, appellido, e dignidade do mesmo Cardial, no fim, e principio de cada verso. Estes dous Poemas sahiraõ impressos Roma por Mascardo 1610. in fol. os quaes tanto estimava o eruditissimo Fr. Angelo Rocca Bispo de Tagaste, e Sancrista do Papa, que os marginou da sua propria maõ, e os conservava entre as obras de mayor artificio, como affirma Leaõ Allatio in *Apib. Urban.* pag. 34.

Poema in obitum Serenissimæ Margaritæ Hispaniarum Reginæ no qual por acrosticho os primeiros, e ultimos caracteres formavaõ estas palavras *Margarita mortem cum vita, regnum cæleste cum terreno commutavit.* Sahio impresso no livro intitulado *Poesias diversas compuestas en diferentes lenguas en las honras que hizo en Roma la Nacion Española a la Magestad Catholica dela Reyna D. Margarita de Austria.* Roma por Jacobo Mascardo 1612. 4.

Cardiographia Poema fabricado em forma de coração feito em louvor de S. Carlos trefladado a Roma. Consta de Exametros, e Pentametros misturados, e tecidos com 12. Acrostichos, que pelos meyo, e extremos formavaõ estas palavras. *Cor mundum creavit in Carolo Deus, et Spiritum rectum innovavit in visceribus ejus.* Romæ apud Jacobum Laurum 1624. 4.

Panegyricus in laudem Joannis Zamoscii magni Poloniæ Cancellarii, et copiarum Imperatoris perpetui ejus Filio Thomæ Zamoscio dicatum. Romæ apud Bartholomæum Zanettum. 1617. 4.

Elogium in Coronatione Urbani VIII. Romæ apud hæredes Zanneti 1623. Depois sahio nas *Colletaneas* de Agostinho Barbosa.

Panegyricus S. Philippi Nerei. Romæ apud Rinaldum Paulum. 1629. 4. Foy recitado na Basilica de Civitá Vechia, o qual mereceo a admiração de todos os eruditos pois com artificio novo está composto sem verbo algum.

Epistola ad Joannem Baptistam Laurum He a 57. na Centuria das *Epistolas* deste Author, que sahiraõ Perusiæ typis augustis 1618.

De Natalibus Homeri. Traduzio em latim mais de mil versos Elegiacos, que em Grego tinha composto a este assumpto Leaõ Allatio. Lugduni apud Laurentium Durand 1640. 8.

Epigrammata in laudem D. Caroli Borromæi. Sahiraõ na collecção, que fez de outros Epigrãmas Patricio Fattorio. Romæ apud Jacobum Laurum 1614.

Epigrammata duo in Columnam, et Sacellum Paulinum. Estaõ impressos in *Pontif. Romano Bzovii* cap. 50.

Elogia, Epigrammata, et Emblemata. Romæ apud Franciscum Caballum 1641. 8.

Elogia, et Epigrammata in Dominicas totius Anni in 8. Naõ tem anno, nem nome do Impressor, mas pelo caracter parece ser impresso em Italia. Deste livro confervo hum exemplar em meu poder, no qual a cada Dominga tem hum Elogio da parte esquerda impresso, e de frente hum Epigrãma.

Elogia, Epigrammata, et Emblemata in Ferialis Quadragesimales, ejusque Dominicas. Sahio impresso por deligencia dos Padres das Escolas Pias.

Cathalogo das obras naõ impressas.

Lusiados libri decem.

Principiava.

Siquâ ego jactabam Zephyris; quâ surda movebam

*Littora, quâ Sylvas patriis dare questibus auras
Ingenio, studioque valens: nunc quanta latino
Ore queam repetês longiqui ardentia Martis
Arma, virosque cano Lusos, qui solis ab oris
Occiduis per inaccessibleis maris omnibus undas
Trapobanem venère super discrimina rerum
Plusquàm homines aggressi in Eoo littore
regnum*

Nobile perpetuis auctum posuère triumphis.

Nesta traducção (cujo original se conserva na *Bibliotheca Romana* n. 25. no Archivo dos M. S. da Bazilica de S. Pedro, como diz Montfaucon in *Bib. Bibliothec. M. S. nova* Tom. 1. pag. 179.) trabalhou muitos annos para representar vivamente as expressões do Poeta, e se não diminuisse a energia, com que fallára na lingua materna com a verção latina. Para fahir à luz publica com esta obra o incitaraõ com cartas os Illustrissimos Arcebispos de Braga, e Lisboa escrevendo-lhe o primeiro em 21. de Janeiro de 1628. e o 2. em 17. de Mayo de 1607. esperando que della resultaria igual credito ao Author, como à Nação Portugueza. Desta traducção faz illustre memoria Manoel de Faria, e Souza na *Vida de Camoens* impressa no principio dos *Commentos das Lusadas* dizendo *El doctor Andres Bayam Cortezano, honrado, y Sacerdote, que com grandes ventajas tiene passado este Poema a la elegancia latina*, e modernamente o Addicionador da *Bib. Orient.* de Antonio de Leaõ Tom. 2. Tit. 2. col. 25.

Tradução da Eneida de Virgilio em versos Gregos. Desta obra faz menção Baillet *Jugemens des Scavans* Tom. 5. pag. 141. Como destas duas seguintes.

Iter Lauretanum lib. 3. versu elegiaco.

Galatbeum versu elegiaco cum notis, et antiqua consuetudine diz Allatio in *Apib. Urban.* pag. 36.

In Aphthonium de Elementis Rhetoricæ

Aristoteles Christianus sive Logica Physica, et Metaphysica per Dialogũ 2. tom.

De officio epistolari. 2. Tom.

Orationes Latinæ. 2. Tom.

Elogia versu et prosã 2. Tom.

Epistolarum 1. Tom.

Diversorum Poematum Tom. 2.

Hortus Simplicium puerorum Martyrum, et Confessorum cum naniis, Elogiis, et historiis.

Theatrum Sanctorum per XII. menses ita, et totidem per scenas dispositum, et expositum. *Novum* (diz Allatio já allegado) *inventum cum iconibus, odis, et historiis, quæ omnia idem Author scripsit, pinxit, et panxit.*

P. ANDRE DE BARROS. Naceo em Lisboa, e teve por Pays a Luiz Alvrez de

Barros, e Izabel da Cruz. Antes de contar dezeseis annos de idade recebeu a Roupeta da Companhia de JESUS em o Noviciado de Lisboa a 3. de Outubro de 1691. Depois de estudar Filosofia, e Theologia em o Collegio de Coimbra, ensinou nelle as letras humanas, e no Collegio de S. Antaõ de Lisboa. Sendo destinado pelos Superiores a ser Lente de Theologia Moral em o Collegio de Faro, como tivesse grande talento para o Pulpito, deixou a Cadeira, e nas Cidades de Evora, e Lisboa exercitou com não pequeno applauzo o ministerio de Orador Evangelico. Foy Reytor, e Mestre dos Noviços em a Casa do Noviciado de Lisboa, e Prepozito da Casa professa de S. Roque, lugares que administrou com igual prudencia, que affabilidade. Entre os primeiros cincoenta Academicos da Academia Real da Historia Portugueza foy eleito para escrever as Memorias Ecclesiasticas do Bispaado do Algarve, de cuja incumbencia tem manifestado na Academia a grande applicação, com que felizmente defempenhará este assumpto nas contas seguintes.

Conta dos seus Estudos Academicos dada no Paço a 7. de Setembro de 1723. Sahio no Tom. 3. da *Collecção dos Documentos da Academia Real* Lisboa por Paschoal da Sylva 1723. fol.

Conta dos seus Estudos Academicos na Academia a 23. de Mayo de 1727. Sahio no Tom. 7. da *Collec. dos Docum. da Academia Real.* Lisboa por Jozé Anton. da Sylva 1727. fol.

Conta dos Estudos Academicos em o Paço a 22. de Outubro de 1727. Nella descreve as vidas dos Bispos do Algarve. Sahio no Tom. 7. da *Collec. dos Documentos* affirma allegado.

Conta dos Estudos na Academia a 28. de Mayo de 1728. Sahio no Tom. 8. da *Collec. dos Docum. da Acad.* Lisboa pelo dito Impref. 1728. fol.

Conta dos Estudos na Academia a 19. de Janeiro de 1732. sahio no Tom. 11. da *Collec. dos Docum. &c.* Lisboa pelo dito Impref. 1732. fol.

Pela sua deligencia publicou com huma noticia previa, e diversas prefaçoens, que compoz.

Vozes saudosas da Eloquencia, do espirito, e eminente sabedoria do P. Antonio Vieyra da Companhia de JESUS Prégador de sua Magestade, e Príncipe dos Oradores Evangelicos acompanhadas com hum fidelissimo Ecco, que sonoramente resulta do interior da obra Clavis Prophetarum. Lisboa por Miguel Rodrigues Impressor do Senhor Patriarcha. 1736. 4.

Voz em Roma, Ecco em Lisboa na Canonização de S. João Franc. Regis da Sagrada Companhia de JESUS, solemnidade com que o festejou a Casa professa da mesma Companhia. Lisboa na Officina da Musica, e Sagrada Religião de Malta. 1739. 4.

Vida do P. Antonio Vieyra da Companhia de JESUS Prégador de S. Magestade M. S. da qual faz menção de brevemente sahir à luz em a Noticia previa das *Vozes Saudosas.*

ANDRE BERNARDES AYRES Natural de Belinde junto do lugar de Figueiró do Campo de Coimbra, filho de Pedro Ayres, e Maria Simão. Instruido na lingua latina, e letras humanas passou à Universidade de Coimbra aprender Direito Pontificio, e como para este genero de estudo tivesse genio, e applicasse o mayor disvelo, sahio nesta faculdade tão eminente, que recebendo nella o grão de Doutor foy admitido por Collegial do Collegio Pontificio de S. Pedro em 11. de Junho de 1666. Antes de entrar nesta erudita Sociedade era tanta a excellencia das suas letras, que já occupava de propriedade a Cadeira de Clementinas de que tomara posse em 18. de Fevereiro de 1666. Desta subio à de Sexto em 23. de Janeiro de 1675. de Decreto em 5. de Dezembro do mesmo anno, e de Vespera em 17. de Outubro de 1681. e ultimamente de Prima em 16. de Dezembro de 1684. onde jubilou em 1692. Foy Conego Doutral das Cathedraes de Lamego provido em 24. de Setembro de 1669. do Porto em 20. de Fevereiro de 1671. e de Evora em 29. de Mayo de 1679. Deputado da Inquisição de Coimbra em 17. de Julho de 1671. Não aceitou os lugares honorificos de Desembargador do Paço, e Deputado do Conselho Geral do Santo Officio por se não auzentar de Coimbra, onde em idade muito provecta morreo a 11. de Abril de 1705. Jaz sepultado

na Igreja do Collegio dos Capuchos de Santo Antonio da Pedreira junto ao Altar deste Santo, a cujos Religiosos fez huma doação de cem mil reys in perpetuum para trigo cada anno, o qual legado satisfaz a Casa da Misericordia de Coimbra. Entre as postillas, que doutra, e profundamente compoz, a mais celebre, e digna da luz publica por confissão dos mayores professores da Jurisprudencia, foy a que começou a dictar no anno de 1668. e a continuou até que jubilou, a qual he.

Ad Text. in Regul. contratl. 8. de Regulis Juris.

P. ANDRE CARDOSO natural de Coimbra, e filho de Andre Cardoso, e Maria Bautista. Na juvenil idade de 14. annos se alistou na Companhia de JESUS em 4. de Outubro de 1644. e nella fez a solemne profissão dos quatro votos em 15. de Agosto de 1665. Desde a infancia foy inclinado à Poesia, e de tal forte cultivou toda a vida esta divina Arte, que ainda na idade caduca compunha versos latinos com incrível presteza, e affluencia. Por muitos annos exercitou o officio de Orador Evangelico; alguns ensinou Rhetorica, e tres Philosophia. A mayor parte da sua idade consumio no laborioso ministerio das Cadeiras de Theologia na Universidade de Evora onde foy Doutor, e Cancellario. Provada a sua tolerancia com huma grave infermidade, e recebidos os Sacramentos com catholica ternura, morreo em Evora a 18. de Julho de 1696. Delle diz o P. Antonio Franco in *Annalib. S. J. in Lusit.* pag. 400. *Singulari vir ingenio præclarus fulsit.* O P. Francisco da Fonseca *Evor. Glorios.* pag. 425. *Foy dotado de vivissimo engenho, e ornado de todas as sciencias.*

Dos seus elegantes poemas semente sahio à luz no livro intitulado *Fama posthuma do V. P. Fr. Antonio da Conceição, Trinitario* impresso em Lisboa por Henrique Valente de Oliveira. 1658. 4. o seguinte, que começa.

*Quis novus astrorum livor, quæ forma beatis
Luminibus extincta micat? &c.*

Hum Epigrama em louvor da Chronica da *Etiopia Alta* composta pelo P. Balthazar Telles. Coimbra por Manoel Diaz. 1660. fol.

De todos os Sermoens, que com grande applauso prégou, unicamente se fez publico o seguinte por ordem do Illustrissimo D. Fr. Domingos de Gusmão Arcebispo de Evora.

Sermão em acção de Graças pelos Despozorios da Serenissima Princesa de Portugal, e do Augustissimo D. Victorio Amadeu Manoel Duque de Saboya, Principe do Piamonte em 8. de Outubro de 1679. Evora na Officina da Academia 1688. 4.

P. ANDRE DE CARVALHO pelo Instituto filho da Companhia de Jesus, e pela natureza de Pedro Alvares de Carvalho, Senhor de Canas de Senhorim, e Capitão de Alcacere em Africa, e de D. Maria de Sousa filha de D. Martinho de Tavora, Capitão de Alcacer Seguer, e Commendador de S. Pedro de Val de Ladroens, e D. Isabel Pereira de Sampayo, e Irmao de Alvaro de Carvalho Governador de Mazagaõ, que no anno de 1562. defendeo heroicamente esta Praça da invazão, com que foy accometida pelo formidavel Exercito de cento, e cincoenta mil barbaros. Voltando desta Praça o P. André de Carvalho para o Reyno, foy cativo pelos Mouros, os quaes fechando os ouvidos às vozes com que lhe increpava a sua cegueira, o fizeraõ em varios pedaços satisfazendo com esta barbara, e tyрана acção o odio que conceberão contra este Evangelico pregoeiro. Como testemunha ocular que tinha sido dos successos do sitio de Mazagaõ escreveo.

Relação do Cerco de Mazagaõ M. S. Confervase no Collegio de Coimbra dos Padres Jesuitas.

Fr. ANDRE DE CERQUEIRA filho de Francisco Lopes, e Anna Pereira naceo em Coimbra, onde estudou as primeiras letras, e passando a Lisboa, recebeu o habito Carmelitano a 8. de Mayo de 1679. Estudada Filosofia, e Theologia em que sahio grande Letrado as ensinou em os Collegios de Coimbra, e Evora com grande fruto dos seus ouvintes. Nesta Univerfidade recebeu em 20. de Janeiro de 1704. o grão de Doutor na faculdade Theologica, sendo neste Litterario acto seu Padrinho Jozé Pereira de Lacerda, então Inquisidor da Inquisição de Evora, e depois

Cardial da Igreja Romana. Foy votar no Capitulo Geral, que se celebrava em Roma no anno de 1704. e nelle com applauso, e admiração de todos os Capitulares defendeo as Conclusoens, que constavaõ destas unicas palavras. *In Univerfa Theologia tam naturali, quam supernaturali; Scholastica, Positiva, Morali, et Mystica, quidquid Doctor Resolutus Joannes Baconius Carmelitanus docuit, et scripsit, bene scripsit, et docuit.* Restituido a Portugal foy eleito Confessor das Religiofas do Convento de Lagos, donde subio ao lugar de Provincial em 14. de Julho de 1714. sendo Deputado da Junta das Missões. Morreo no Convento de Lisboa a 22. de Fevereiro de 1718. Foy ornado de vasta erudição em todo o genero de sciencias, assim sagradas, como profanas, pois não somente tinha noticia dos Sagrados Canones, mas era douto nas faculdades da Mathematica, e Medicina, e hum dos insignes Oradores Evangelicos do seu tempo, cujos Sermoens para que não ficassem sepultados, os fez publicos a deligente actividade do P. Fr. Estevaõ de Santo Angelo, Prior do Convento do Carmo de Lisboa, sahindo com hum tomo, cujo titulo he.

Sermoens varios. Lisboa por Miguel Rodrigues. 1727. 4. Faz honorifica menção do seu nome o P. D. Manoel Caetano de Sousa *in Exped. Hispan. D. Jacob.* Tom. 2. pag. 1303. e Fr. Manoel de Saã *Mem. Hist. dos Escriitores da Provinc. do Carm. de Portug.* pag. 19.

Fr. ANDRE DE CHRISTO natural da Villa de Santarem do Arcebispado de Lisboa, chamado antes, que largasse o seculo, André Froes de Macedo, foy filho de Duarte Lopes natural da Villa de Benavente, bom Poeta, e de Maria Froes de Macedo. Na infancia começou de tal modo a inclinar-se à Poesia, que parece o embalaraõ no berço as Musas sendo as suas delicias em idade taõ tenra os livros poeticos assim Latinos, como Portuguezes, e Castelhanos, de cuja propensaõ se seguiu com exemplo nunca visto, e digno de todo o affombro, que quando contava quatorze annos publicasse hum livro de versos intitulado.

Amores Divinos, e humanos. Lisboa por Pedro Crasbeeck. 1631. 12. cuja obra dedicou

a D. Maria de Vasconcellos Condeffa da Calheta. Deixada a patria passou a Castella onde professando o habito da Ordem Militar, e Religiofa de N. Senhora da Merce depois de aprender as sciencias mayores as ensinou com igual aclamação aos domesticos, principalmente Theologia Moral nos Collegios de Ronda, e Cadiz, sendo depois Regente do Collegio de Huelgas, de que eraõ padroeiros os Duques de Medina Sidonia. Como em o anno de 1660. se acendesse furiosamente a guerra entre a Coroa Portugueza, e Castelhana, alcançada faculdade dos seus Prelados voltou a esta Corte, onde era ouvido com applauso nos Pulpitos, e Academias, principalmente em a dos *Generosos*, na qual como Lente explicou a Poetica de Aristoteles com subtilissimas reflexoens. Foy Mestre de Filosofia do Conde de Castellomelhor Luiz de Vasconcellos, e Souza, Escrivão da Puridade delRey D. Affonso VI. e feu Primeiro Ministro, e com o nome de taõ illustre discipulo alcançou mayor applauso a sua sabedoria. Dezejofo de acabar a vida entre os seus Religiosos se embarcou para o Maranhaõ, onde passado pouco tempo querendo o Ceo fazello participante de taõ ardente dezejo espirou entre os braços dos seus Mercenarios no anno de 1689. D. Francisco Manoel nas *Obras Metricas*. Viola de Thalia pag. 156. o louva pelo magisterio, que exercitou na Academia dos Generosos, explicando a Poetica de Aristoteles. com estas vozes.

*Ignorais de hum André tantas lowadas
Letras não só profanas, mas sagradas.*

E pag. 158.

*Mestre sempre será taõ sinalado
Que apenas na Cadeira está sentado
Quando em lhe dando hum geito
Já lhe falla Aristoteles no peito.
Por sabias Catracrefis
Por cultas Metalefis
Numeros, Omisiquios, e Sizuras
Por doze tropos, e por mil figuras.*

E na Oração que recitou nesta mesma Academia pag. 260. *Aqui achareis as sempre castas esmeraldas em casta Poetica de Aristoteles, de cujos arcanos vay desentranhando em suas liçoens seus Misterios nosso R. Lente o P. Mestre Fr. André de Christo.*

Além da Obra affima escrita compoz.

Juizo Poetico.

Consta de 70 paginas, e sahio impresso no fim do Poema *Virginidos* composto por Manoel Mendes de Barbuda, e Vasconcellos. Lisboa por Diogo Soares de Bulhoens 1667. 4.

Muitas Poesias suas se podem ver na *Fama posthuma de Lope da Vega Carpio*. na 1. Part. da *Academia dos Singulares* de Lisboa. Nos *aplausos da Vitoria do Ameixial*. Amsterdaõ por Jacobo Vanvelsen 1673. 4. No livro do *Rosario do Santissimo Sacramento* Author F. Francisco Falconio Lisboa 1662 e no *Panegyrico da Vida, e açoens do Excellentissimo Marquez de Tavora Luiz Alvares de Tavora* dous Sonetos dedicados à memoria deste Heróe Castelhanos a pag. 87. e 88. Lisboa por Antonio Rodriguez 1672. 4. Tinha promptos para a impressão quando partio para o Maranhaõ.

Panegyricos de Varios Santos. M. S.

Academia do Sacro Amor M. S.

Delle faz menção entre os Poetas Portuguezes o P. Antonio dos Reys *Enth. Poetico* n. 117.

ANDRE COELHO Capitaõ na India Oriental pelos annos de 1618. e 1619. Igualmente se mostrou intrepido contra os inimigos do Estado, como zeloso da sua conservaçõ escrevendo.

Advertencias a Gaspar de Mello, e Sampayo, e a Fernão de Albuquerque quadragesimo quarto Governador da India acerca dos damnos, que faziaõ nella os Estrangeiros, e o remedio, que se devia applicar para não continuarem. fol. M. S.

Do author, e da obra faz menção o moderno Addicionador da *Bib. Orient.* de Antonio de Leaõ Tom. 1. Tit. 16. col. 467.

ANDRE CORDEYRO Conego da Cathedral de Congo, Provisor, e Vigario Geral desta Diocese assim pela sciencia, que professava dos Sagrados Canones, como pela integridade dos seus costumes. Escreveo, e mandou a este Reyno.

Relaçõ do alevantamento de D. Affonso Irmão delRey de Congo D. Alvaro segundo; e outra da morte do mesmo Rey, e eleyção, que se fez de D. Pedro Duque de Bamba o que tudo succedeo em Janeiro de 1622. M. S.

Estas duas Relações se conservavaõ na Bibliotheca do insigne antiquario Manoel Severim de Faria Chantre de Evora.

Fr. ANDRE DA COSTA natural de Lisboa filho de Philippe da Cruz, e Catherina Correa, e Religioso da Ordem da Santissima Trindade, cujo Habito recebeu no Convento patrio a 3. de Agosto de 1650. Foy taõ insigne em compor Musica, como em tocar Arpa; cuja occupação exercitou na Capella Real dos Serenissimos Monarcas D. Affonso VI. e D. Pedro II. com tanta estimação destes Principes, como enveja dos professores daquela Arte. Quando estava na idade mais robusta o privou a morte repentinamente da vida a 6. de Julho de 1685. Posto, que naõ imprimio obra alguma da sua armonica profissaõ, muitas se conservaõ com grande estimação na Bibliotheca Real da Musica, e em outras partes, as quaes saõ.

Missas de varios Coros.

Confitebor Tibi a 12. vozes

Laudate pueri Dominum a 4.

Beati omnes a 4.

Completas a 8. vozes

Ladainha de N. Senhora a 8. vozes

Responsorios da 4. 5. e 6. feira da Semana Santa a 8. vozes.

O Texto da Paixão da Dominga de Palmas, e de 6. feira mayor a 4.

Vilbancicos da Conceição, Natal; e Reys a 4. 6. 8. e 12. vozes.

ANDRE COTRIM contemporaneo do insigne professor de letras humanas Jeronymo Cardoso, o qual louva por singular entre os cultores da Poesia Latina dedicando-lhe a 27. das suas Cartas, e a 22. das suas Elegias, onde lhe exalta a affluencia poetica, com que compuzera hum Poema em louvor da Fonte da Prata, que corre na Cidade de Evora, cujo aqueducto se affirma ser obra do grande Sertorio, dizendo-lhe desta forte.

Unica nunc operi Sertori gloria demum

Surgit, quã major crescere nulla potest:

Quandoquidem tanti meruit præconia vatis

Quantum crede mihi, sæcula nulla dabunt.

Viveo nos reynados delRey D. Manoel, e D. Joaõ o III. Das muitas obras poeticas, que fez, samente existe.

Epicidium Serenissimi Principis Eduardi Regis Emmanuelis filii.

D. ANDRE DA CRUZ natural da Villa de Alegrete na Provincia do Alentejo, filho de Pedro de Caceres, e Anna Ribeira, e Conego Regular da Congregação de Santa Cruz de Coimbra, naõ menos estimavel pela observancia do seu instituto, que pela erudição Sagrada, e profana. Por espaço de muitos annos leo Theologia especulativa no Collegio de Coimbra, e Moral no Real Convento de S. Vicente de Lisboa, onde era ouvido naõ sómente pelos domesticos, mas ainda pelos estrangeiros, que concorriaõ atrahidos da fama da sua sabedoria. Foy estimado pelo Illustrissimo Arcebispo de Lisboa D. Miguel de Castro, que affirmava ser o mayor Theologo Moralista de Portugal, e tanto confiava da sua prudente capacidade, que o consultava nas materias mais graves da sua consciencia elegendo-o seu Penitenciario, Esmoler, e Examinador Synodal, cujos lugares exercitou naõ sómente no tempo deste Prelado, mas do seu successor D. Affonso Furtado de Mendonça. Quarenta annos gastou na lição dos Santos Padres, e Theologos sempre assistido de faude robusta, atè que sendo contra sua vontade eleito Prior do Convento de Grijò começou a enfermar gravemente, de que resultou morrer em 20. de Julho de 1632. como elle tinha vaticinado. Delle faz memoria D. Nicol. de Santa Maria na *Chron. dos Coneg. Regrant.* Part. 2. liv. 10. cap. 29. n. 19. onde affirma que escreveu.

Commentos aos lugares mais escuros de Tertuliano.

D. Fr. ANDRE DIAS natural de Lisboa, onde se aggregou à Ordem dos Prègadores para ser ornato de huma taõ douta Familia. Naõ foy sómente insigne Letrado, mas cordial devoto do Santissimo Nome de JESUS, de cujo ardente affecto ainda se conserva no Convento de Lisboa hum indelevel testemunho na illustre Confraria deste suavissimo Nome, a qual foy pela sua pia deligencia novamente instituida, ou amplificada inflamando aos seus Confrades com exhortações, e livros para a veneração profunda de taõ augusto Nome. Passou a Roma, onde sendo

conhecido pelas suas letras, foy estimado por todo o genero de Pessoas, principalmente as mayores, distinguindose entre todas assim na dignidade, como no affecto o Summo Pastor, que o nomeou Penitenciario da Igreja Romana, e Bispo titular de Megára antiga Cidade da Provincia da Achaya na Grecia sendo sagrado no anno de 1432. Atrahido do amor da patria renunciou a dignidade Episcopal, e chegando a Lisboa, o nomeou ElRey D. Joaõ o I. Commendatario do Mosteiro de S. Joaõ da Alpendorada. Delle fazem illustre memoria Soufa *Hist. de S. Domingos da Prov. de Port.* Part. 1. liv. 3. cap. 23. e 24. Fr. Pedro Monteiro *Claust. Dom.* tom. 3. pag. 142. o Padre D. Manoel Caet. de Souf. *Cathal. Hist. dos Summ. Pontif. Card. e Bisp. Portug.* pag. 110. Joaõ Franco Barret. na *Bib. Portug. M. S.* Compoz, como affirma Fr. Luiz de Soufa no lugar allegado.

Livro de Oraçoens, em prosa, e verso vulgar de Louvores, e excellencias do Nome de JESUS.

Methodo breve, e util para fazer bem a Confissãõ. Lisboa por Germaõ Gallard 1529. 8. No Prologo deste livro o impressor fez ao Author Benedictino, sendo Dominicano. Esta obra se vé inferta entre as que compoz o Ven. Mestre Fr. Luiz de Granada.

ANDRE DUARTE DE VASCONCELOS Cavalleiro professo da Ordem militar de S. Tiago. Naceo em Lisboa e recebeu a graça bautifmal na Parrochia de S. Pedro a 6. de Dezembro de 1620. Foy filho de Paulo Duarte da Sylva, e de Izabel Mendes de Vasconcellos. Depois de fahir bastantemente instruido na lingua Latina, levado do genio, que tinha para as armas, assentou praça de Soldado, em cuja escola desempenhou as obrigaçoens do seu honrado nascimento, principalmente sendo Capitaõ de Infantaria na celebre Restauração de Evora em o anno de 1663. e quando governou em auzencia do Governador a Capitania de Angola, com o posto de Mestre de Campo. Despozou-se a 7. de Julho de 1655. com D. Antonia de Andrade Gouvea, e Miranda de quem deixou larga descendencia. Cheyo mais de merecimentos, que de annos falleceo em Santa-

rem a 21. de Setembro de 1690. e jaz sepultado na Igreja dos Eremitas de Santo Agostinho da dita Villa. Escreveo.

Exercicios Militares. 4.

Cuja obra dedicou à Magestade delRey D. Pedro II, que lho mandou compor por ter visto muitas vezes na sua Real presença a sciencia, e promptidaõ, com que os mandava executar. He huma completa instrução para hum Sargento mór, cujo Original escrito da propria maõ do Author conserva seu Neto pela parte materna Rodrigo Xavier Pereira de Faria natural da illustre Villa de Santarem onde assiste, o qual com a sua grande erudição, e natural affabilidade me communicou esta, e outras muitas noticias para ornato, e augmento desta Bibliotheca.

ANDRE EBORENSE, ou RODRIGUES, cujo primeiro apellido indica a Cidade, onde sahio à luz do mundo, e o segundo da familia donde procedeo, Irmaõ por sangue, e feitoria do insigne Fisico mór Thomaz Rodriguez da Veyga. Sendo summamente versado no estudo das letras profanas, o foy igualmente nas Sagradas revolvendo com incanfavel divelo os litterarios monumentos dos Authores Catholicos, e Gentilicos, de cujo immenso trabalho, e do grande louvor, que delle lhe havia resultar, o congratula seu Irmaõ em huma carta, que está ao principio de huma das suas obras, de que abaixo se fará menção, dizendolhe deste modo. *Horum vestigia non est longe secutus cum in eo loco versaretur ubi orbis in urbe est (Ulyssipone) negotiorum fluctibus obrutus, magnatum importunitatibus, & obsequiis exagitatus, à pluribus etiam moleste expetitus, quos consilio, opera, et favore juvabat, amplæ rei familiaris providentia impeditus tale nobis cuderet opus, quale sperandum fore ut plurimis invidiam, paucissimis calumniam excitaturum sit.* Mayor foy o elogio, que deo ao Author desta obra o grande Varaõ Fr. Luiz de Granada, immortal credito da Religião Dominicana, persuadindolhe, que a publicasse, a qual mereceo taõ grande estimacão dos eruditos, que em breve tempo foy impressa em diversas partes sendo o titulo.

Loci communes sententiarum, & exem-

plorum memorabilium ex probatissimis scriptoribus deprompti, sive exempla memorabilia è probatissimis quisque Auctoribus deprompta 2. Tom. 1. Conimb. 1554. 4. o 2. ibi. 1567. 4. ambos mais correctos, e addicionados Conimb. apud Joan. Barrerium 1569. 8. ainda vivendo o Author. Depois Parisiis apud Guilielmum Julianum 1580. e 1588. 8. & ibi apud Franciscum Suffier. 1635. 8. Lugduni apud Theobaldum Paganum 1557. 8. Coloniae apud Arnaldum Millium. 1593. e 1600. e 1601. apud Herman. Milium. Venetiis 1572. 1579. e 1585. 12. Lembraõ-se da obra, e do Author Draud. in *Bib. Classic. Tit. Memorab. & Grammat.* Valer. And. Taxand. in *Cathal. Clarór. Hisp. Script.* Nicol. Ant. in *Bib. Hisp.* Tom. 1. pag. 57. Joan. Soar. de Brit. in *Theatr. Lusit. Lit.* lit. A. n. 37. D. Emman. Caiet. de Souza in *Expedit. Hispan. S. Jacobi* Tom. 2. pag. 1303. Franc. da Fonsec. *Evor. Glorios.* pag. 405. Petr. de Alv. y Astorg. in *Milit. Immacul. Concept. D. Mar.* onde por engano escreveu ser o Author Religioso da Ordem dos Prègadores. Mayol. *Dier. Canicul.* Part. 1. colloq. 3. pag. mihi 53. col. 2. chamando-lhe *in signis exemplorum compilator.* Anton. Possevin. in *Apparat. Sacr.* tom. 1. pag. 74. *Quod pleraque petat ex historia vel Sacra, vel Ecclesiastica, quodque non solum ad humanas quasdam, verum etiam ad Christianas virtutes stimulos addat,* onde duvida esta obra tenha sido acrecentada por algum herege principalmente nos Titulos *Act. Pontif. Rom. Patientiæ, Odii, et Gloria Cupiditatis,* sendo certo, que se em alguma impressãõ se achaõ alguns termos contrarios à piedade catholica, naõ devem ser attribuidos a André Eborense por ser escritor piissimo, como claramente se vé na primeira impressãõ de Coimbra.

ANDRE DE ESCOVAR. Na idade da Adolescencia navegou para a India, onde conciliou a atençãõ das principaes pessoas daquelle Estado admiradas da sua vidade, e destreza, com que tocava o instrumento da charamelinha nunca até aquelle tempo ouvido em taes partes, em que deixou muitos discipulos da sua sciencia musica. Voltando ao Reyno foy admitido com largo estipendio à Cathedral de Evora pelo seu Prelado o Serenissimo Cardial D.

Henrique, para que com o instrumento em que era peritissimo, se augmentasse a harmonia em obsequio do culto Divino, cujo ministerio tambem exercitou na Cathedral de Coimbra, para onde o chamou o Bispo D. Manoel de Menezes. Deixou composta.

Arte musica para tanger o instrumento da Charamelinha M. S.

ANDRE FALCAM DE RESENDE natural de Evora filho de Jorge de Resende, e Sobrinho do Chronista Garcia de Resende. Na Universidade de Coimbra depois de estudar Direito Civil, exercitou o lugar de Juiz de Torres Vedras, de outras Villas, e Cidades do Reyno. Ultimamente foy Auditor da Casa de Aveiro. Teve notavel genio para a Poesia assim Portugueza, como Castelhana, em que compoz admiraveis versos. Morreo em idade provecta em Lisboa no anno de 1598. ferido do contagio, que devorou grande parte da Cidade. Publicou em Madrid em verso Castelhana.

Theochristo.

outro livro em semelhante lingua.

Mundo Pequeno

o qual dedicou a D. Duarte Duque de Guimaraens, e Condestavel de Portugal.

Verteo em 8. Rima as Homilias do Cardial D. Henrique, que começaõ.

Remirte õ homem quiz Deos sempiterno
Com resgate de amor maravilhofo.

Muitas das suas poesias se imprimiraõ na *Relaçãõ do solemne Recebimento, que se fez em Lisboa às Santas Reliquias que se levarãõ à Igreja de S. Roque da Companhia de JESUS* impressa em Lisboa por Antonio Ribeiro 1588. 8. as quaes se lem a fol. 122. 132. 136. 142. v.º e 166. v.º Na *Chronica del Rey D. Joã o II.* escrita por seu Tio Garcia de Resende impressa em Evora por Andre de Burgos. 1554. fol. Ihe faz o Sonetto seguinte.

Heroicos feitos, e saber profundo

Virtudes, condiçãõ, primor, custume
Vida, e morte declara este volume
Do Lusitano Rey D. Joã segundo.
Segundo em nome, e a ninguem segundo
Em fama taõ subida em alto cume
Que a pezar do tempo, que consume
Toda a cousa, será clara no mundo.

*Naõ consentio perder-se tal memoria
 Garcia de Refende em seu polido
 E doce estylo, e verdadeira historia.
 Mas a seu Rey, e à sua patria agradecido
 Dandolhes digna fama, e immortal gloria
 A si a deo, e fez seu nome esclarecido*

Delle se lembra entre os Poetes Portuguezes o P. Antonio dos Reys no *Enthusiasmo Poet.* n. 190.

Fr. ANDRE DE FARO cujo appellido declara a sua Patria, que he a Cidade Capital do Reyno do Algarve. Logo que recebeu o Habito Franciscano na Provincia dos Religiosos Capuchos da Piedade naõ sómente servio de exemplar aos seus domesticos, mas supplicou com fervorosas ancias aos Prelados, que o mandassem à Missaõ Evangelica de Guiné. Alcançada faculdade se embarcou com onze companheiros em 7. de Mayo de 1662. e no breve espaço de quinze dias chegou à Ilha de S. Tiago Capital de Cabo verde. Nesta Cidade por causa de huma grave enfermidade foy preciso demorar-se, mas ainda mal convalecido, e falto de forças, que se animavaõ com o fervor do seu espirito, penetrou pelos vastissimos certoens de Guiné, para annunciar as luzes do Evangelho àquelles povos sepultados nas sombras da sua cegueira. Os Reynos por onde discorreo, os perigos de vida de que escapou, os idolos, que desfez, e os Templos, que ao verdadeiro Deos erigio, narrou com toda a individualzaõ em a

Relaçãõ historica da Missaõ do Reyno de Guiné.

A qual se conserva M. S. no Convento de Villaviçosa, que he o primeiro da sua reformada Provincia, e della extrahio Fr. Manoel de Monforte tudo quanto escreveu desta sagrada expedição na *Chronica da Provincia da Piedade* liv. 5. cap. 27. até 30. Restituído a Portugal depois de governar alguns Conventos com louvavel prudencia, acabou a vida em Beja no anno de 1678.

P. ANDRE FERNANDES. Foy admitido em Ormus pelo V. Padre Gaspar Barzeo à Companhia de JESUS, e de tal sorte manifestou a capacidade do seu talento, e madureza de juizo, que o mandou S. Francisco Xavier a Portugal, e a Roma para tratar com Santo Ignacio, e ElRey D. João o III. graves nego-

cios, que cediaõ em obsequio, e augmento da prégação do Evangelho. Obedeceo promptamente ao preccito, e padecendo huma larga, e perigosa navegaçãõ, chegou a Lisboa, e depois a Roma, e concluidas felizmente as dependencias da sua apostolica embaxada em ambas estas duas famosas Cortes, voltou para Goa a tempo, que o insigne Operario Evangelico o V. Padre Gonçalo da Sylveira meditava a Missaõ de Cafraria. Depois de descansar dos trabalhos da jornada anhelando padecer outros mayores pela Fé Catholica partio por companheiro deste Veneravel Padre para Monomotapa, em cuja vinha quantas molestias padeceo largamente as descrevem Nicol. Godinh. in *Vit. P. Gundissalvi Sylv.* lib. 2. cap. 7. e Manoel da Costa in *Hist. rer. à Societ. in Orient. gest.* Atenuado com trabalhos, e enfermidades, que o reduziraõ a taõ deploravel estado, que mais parecia cadaver do que homem, e sentindo naõ poder com liberdade prégar o Evangelho àquelles barbaros, voltou a Goa onde restituído à saude por manifesta efficacia da Divina Omnipotencia intentou segunda vez lucrar almas para Christo em Monomotapa, mas defengana-do de ser aquella terra ingrata à semente do Evangelho, passou a Comorim onde sendo buscado varias vezes pelos Mouros para o privarem da vida, sempre triunfou das suas aleivas astucias, até que espirou entre estes apostolicos ministerios no anno de 1568. Além dos Authores allegados escrevem delle Organtin. in *Annuis Goan.* 1568. *Hist. Societ.* part. 1. lib. 12. n. 85. Part. 2. lib. 3. n. 148. lib. 4. n. 215. e 216. lib. 6. n. 159. e 160. Soufa *Oriente Conquist.* Part. 1. Conq. 1. Divis. 1. §. 70. No archivo da Casa professa de Lisboa se conservaõ nove cartas suas muito extensas; em que se relataõ os trabalhos, e perigos das suas jornadas, e Missoens. Além destas.

Carta escrita em Chaul aos Padres da Provincia de Goa a 2. de Janeiro de 1560. Outra escrita em Tangué ao Provincial de Goa em 24. de Junho do dito anno. Outra aos Padres de Goa no mesmo mez, e anno as quaes sahiraõ abreviadas com outras, em Italiano Venetia por Tramezzino 1562.

P. ANDRE FERNANDES. Teve por Pays a Domingos Coelho, e Maria das Ne-

ves, por patria a Villa de Viana da Provincia do Alentejo. Foy admitido à Companhia de Jesus a 2. de Abril de 1622. A natureza o dotou de engenho agudo, prudencia rara, e juizo maduro, as Artes cultivadas pella applicação o constituirão insigne Rhetorico, grande Filofofo, e profundo Theologo, em cuja faculdade recebeu o gráo de Doutor na Universidade de Evora a 26. de Abril de 1654. Atendendo a Magestade delRey D. Joáo IV. a seu egregio talento, o nomeou Bispo do Japaõ, e escusandose desta dignidade, o mesmo Principe o elegeo Confessor de seu filho D. Theodosio, que o tratou com as mais finas demonstraçoens de affecto por venerar na sua Pessoa unida a virtude com a prudencia. Por morte deste Principe resolveo D. Joáo o IV. que fosse seu Confessor, em cujo ministerio obfervou sempre tal moderação, que nunca se interessou por negocio, que respeitasse aos seus parentes, antes regeitou heroicamente varias ofertas, que para augmento delles se lhe fizeraõ. A mesma inteireza praticou no tempo, que a Serenissima Rainha D. Luiza Francisca de Gusmaõ governou esta Monarchia aconselhandolhe sempre o que resultava em gloria do Reyno, e dilatação do Evangelho nas partes mais remotas da Asia, e America. Accometido de huma supressão, de cuja infirmitade falecera ElRey D. Joáo o IV. se preparou com os Sacramentos para a ultima hora, e entre devotos colloquios a Christo Crucificado morreo no Seminario dos Irlandezes a 27. de Outubro de 1660. donde sendo transferido à Casa de S. Roque lhe cantaraõ o Officio com grande pompa os Religiosos Trinos, sempre em todas as idades obsequiosos aos Padres Jesuitas. As aççoens mais individuaes da sua vida se podem ler in *Vit. Princ. Theod.* lib. 1. §. 218. até 237. et lib. 3. §. 105. até 110. Franc. *Imag. da Virt. em o Novic. de Lisboa* lib. 3. cap. 42. 43. e 44. et in *Annalib. S. J. in Lusit.* pag. 326. et in *Ann. Glor. S. J. in Lusit.* pag. 635.

Sendo Mestre de Rhetorica em Evora, no anno de 1635. querendo celebrar a Universidade a chegada, que a ella fizera o Serenissimo Duque de Bragança D. Joáo, depois Rey de Portugal, compoz huma Tragico-

media, que se lhe representou com pompoza magnificencia, cujo argumento era.

S. Eustachius Martyr.

De todas as suas obras poeticas fomente se imprimio huma Elegia, que está na *Vida do Principe D. Theodosio* composta pelo Padre Manoel Luiz lib. 1. §. 221. a qual levou o primeiro premio no Certame celebrado em Coimbra. Foy assumpto, que sendo levado o cadaver da Princeza Santa Joanna para a sepultura, ao passar pelo Jardim do Convento, se murcharaõ as flores, e arvores, de que estava ornado, publicando com esta repentina mudança o sentimento de lhes faltar quem as animava. O principio da Elegia he o seguinte.

Clauserat extremo morientia lumina fato

Joanna: heu! numquam lumina digna mori.

ANDRE FRANCO. Naceo em Lisboa, sendo filho de Manoel Franco, e Catharina de Oliveira. Na idade da adolescencia recebeu o habito da Ordem Militar de S. Tiago, no Real Convento de Palmella a 3. de Setembro de 1600. donde passando a Coimbra se applicou ao estudo do Direito Pontificio, em que se formou Bacharel. As suas grandes letras o elevaraõ a ser Prior de Çamora Correa, Juiz Geral das Ordens, Dezembargador dos Aggravos na Casa da Supplicação de que tomou posse a 7. de Novembro de 1642. Deputado da Mesa da Conciencia, e ultimamente Secretario da Serenissima Rainha D. Luiza Francisca de Gusmaõ mulher delRey D. Joáo o IV. Podendo deixar grandes argumentos da sua sciencia legal somente se acha impresso hum seu voto muito douto no 1. Tom. *das Decisoens* do Doutor Manoel da Fonseca Themudo *Decif.* 112. da qual faz mençaõ Joáo Soar. de Brito in *Theatr. Lusit. lit. A.* n. 38.

ANDRE FREYRE DE CARVALHO natural de Lisboa, Fidalgo da Casa de sua Magestade, Cavalleiro professo da Ordem de Christo, Commendador de Santa Maria Magdalena de Parada da mesma Ordem, Dezembargador da Casa da Supplicação, de que tomou posse a 24. de Abril de 1698. e Confervador da Casa da Moeda. Teve por Pays a Manoel Botelho de Carvalho Copeiro pe-

queno da Casa Real, e Fidalgo della, e a D. Mariana de Sande filha de Manoel da Sylveira de Sande Commendador de S. Vicente de Quadramil, e Estribeiro menor da Rainha D. Luiza Francisca de Gusmaõ, e de D. Ignez de Mattos filha de Pedro Mendes de Mattos Commendador de Santa Maria de Gemonde da Ordem de Christo. Sendo o Vereador mais antigo do Senado de Lisboa, congratulou aos nossos Serenissimos Reynãtes em nome desta famosa Cidade, quando foraõ à sua Cathedral render as graças ao Altissimo pelos seus augustos despoforios, recitando.

Oraçãõ na presença de suas Magestades El-Rey D. Joaõ o V. e a Rainha D. Mariana de Austria Nossos Senhores quando foraõ em açãõ de graças à Sé de Lisboa em 22. de Dezembro de 1708. Lisboa por Valentim da Costa Deslandes Impressor de Sua Magestade 1709. 4.

Foy casado com D. Catherina de Mattos, de quem naõ teve filhos. Morreo em Lisboa a 6. de Abril de 1712. Está sepultado na Igreja do Convento dos Religiosos Trinos.

P. ANDRE GOMES, filho de Antonio Vaz, e Maria Gomes naceo em Coimbra, e naõ tendo completos quinze annos se confagrou a Deos na Companhia de Jesus a 6. de Julho de 1589. Aprendeo as letras humanas, Filosofia, e Theologia na sua patria onde as dictou aos seus domesticos com grande opiniaõ da sua erudiçãõ sendo depois subtilissimo interprete da sagrada Escriitura. Das Cadeiras passou aos pulpitos, nos quaes foy ouvido com geral admiraçãõ por ser ornado de todas as partes constitutivas de hum Orador Evangelico, tendo a voz clara, e suave; a figura agradável, e magestosa; as accoens reguladas menos pela arte, que pela natureza; a eloquencia solida, e persuasiva com que fazia as virtudes amadas, e os vicios aborrecidos. Por estes dotes o elegeo ElRey D. Joaõ o IV. por seu Prêgador conseguindo no tempo, que exercitou este sagrado ministerio o ser venerado entre os Principes da Oratoria Ecclesiastica. Morreo em Lisboa a 24. de Outubro (e naõ 14. como se diz na *Biblioth. da Companhia*) de 1649.

O Padre Manoel Luiz in *Vit. Princip. Theod.* lib. 2. §. 141. lhe chama *Insignis Concionator acerrimi ingenii, promptique ad subita judicij.* Joan. Suar. de Brit. in *Theat. Lusit. Litter.* lit. A. n. 39. *Insignis Ecclesiastes, populari que elegantia celebratissimus.* Franc. in *Annalib. Soc. Jes. in Lusit.* pag. 298. *Eximius Concionator, e na Imag. da Virtude em o Noviciad. de Coimb.* Tom. 2. pag. 611. *Grande Prêgador, e exercitour este ministerio com muito fruto.* Dos muitos Sermoens, que prêgou, somente se imprimiraõ os seguintes.

Sermaõ do Auto da Fé, que se celebrou em Lisboa em 28. de Novembro primeiro Domingo do Advento de 1621. Lisboa por Pedro Crasbeck 1621. 4. desta obra se lembra Imbonat. in *Biblioth. Lat. Hebraic.* pag. 306. n. 942.

Sermaõ prêgado nas sumptuosas Exequias, que ao Excellentissimo Senhor D. Theodosio II. Duque de Bragança fez o Prior mór da Ordem de S. Tiago D. Diogo Lobo no Convento Real da mesma Ordem em Palmela aos 11. do mez de Dezembro de 1630. Lisboa por Antonio Alvares 1631. 4.

Relaçãõ das festas, que a Provincia de Portugal fez nas Canonizaçoens de Santo Ignacio de Loyola, e S. Francisco Xavier. Lisboa por Antonio Alvares 1623. 8. Desta obra faz mençãõ a *Bibliotheca Oriental* novamente acrescentada Tom. 1. til. 8. col. 158.

ANDRE GONÇALVES DE ALMADA. Veja-se ANDRE ALVARES DE ALMADA.

ANDRE GONÇALVES TEYXEIRA natural de Santarem, Presbitero de exemplar vida, e versado scientificamente nas letras humanas, que ensinou por muitos annos na sua patria, e naõ menos douto na Theologia Moral, e Ceremonias Ecclesiasticas sendo consultado por diversas pessoas sobre duvidas Grãmaticaes, e Theologicas, de que deixou grande numero de cartas deste erudito commercio. Morreo na patria no anno de 1700. Compoz varias obras, que naõ lograraõ o beneficio da luz publica por ser taõ falto de cabedaes, como abundante de noticias para as imprimir,

cruel fado que sempre acompanhou aos Va-
roens Sabios podendo queixar-se com Al-
ciato.

Ingenio poteram superas volitare per auras,

Me nisi pauperies invida deprimeret.

Deixou para testemunho da sua vasta erudi-
ção as seguintes obras.

*An pueri, qui cum solo Originali decederunt,
sint aliquando ascensuri super terram habitaturi
ad illud Job. 7. Qui descendit ad inferos non ascen-
det.* fol. M. S.

*Viridarium, sive hortus apertus varios Theo-
logiæ moralis florum fasciculos continens: opus
novum* M. S.

Suade Templum, id est, de Arte dicendi M. S.
in 4.

*Modo facil para saber fazer versos latinos de
toda a casta, em que com toda a erudição ensina a
evitar todos os vicios, que na Poesia se achão pela
varia revolução dos tempos* 4. M. S.

ANDRE DE GOUVEA natural da Ci-
dade de Beja na Provincia do Alentejo filho
de Affonso Lopes de Ayala Fidalgo Castelhana,
e de Ignez de Gouvea filha de Antão de Gou-
vea Cavalleiro professo da Ordem de Christo,
irmao do insigne Jurisconsulto Antonio de
Gouvea, de quem em seu lugar se fará larga
menção. Sendo chamado por seu Tio Diogo
de Gouvea Regente do Collegio de Santa Bar-
bara de Pariz para se instruir nas sciencias
Sagradas, e profanas, como era dotado de
agudo engenho, sahio brevemente consum-
mado assim na Oratoria, como na Poetica.
Com a mesma promptidão penetrou os se-
gredos da Filosofia, e os mysterios da Theo-
logia servindo de assombro aos Mestres, e
enveja aos Condiscipulos, merecendo ser eleito
por voto de todos Lente de tão sublimes
faculdades para com ellas instruir aos estudio-
sos, que de toda Europa concorriaõ ao Col-
legio Barbarano, ao qual não sómente illustrou
com a doutrina, mas governou com prudencia
substituindo a seu Tio no lugar de Regente
pelo espaço de alguns annos. A opiniaõ, que
corria da sua profunda Sabedoria moveo a
Universidade de Bordeaux para o convidar
com generosos partidos a ser seu Mestre, o
que executou no anno de 1534. sendo Reytor
do Collegio de Guienne. Tendo ennobrecido

duas tão famosas Universidades, era justo, que
viessê illustrar a de Coimbra, para cujo efeito
meditando ElRey D. Joaõ o III. novamente
restaurar esta Universidade, e sendo informado
do seu grande talento lhe cometeo à sua
eleyção os Mestres, que haviaõ ensinar nella
as linguas Latina, Grega, e Hebraica; e as facul-
dades de Rhetorica, e Filosofia. Obedeceo
promptamente à ordem do seu Soberano, e
chegando a Portugal no anno de 1547. foy
tão acertada a eleyção dos Mestres, que fez
de varias naçoens para a nova Universidade,
que brevemente competio com as mais cele-
bres da Europa, sendo venerado depois da
Magestade delRey D. Joaõ o III. como segundo
restaurador deste Atheneo da Lusitania, onde
com geral sentimento de todos os seus alum-
nos morreo em 9. de Junho do anno (naõ
de 1558. como escreve Andre Scoto in *Bib.
Hispan.*) mas de 1548. como diz Bayle *Dic-
cion. Critiq.* Tom. 2. pag. mihi 579. e o affirma
como testemunha ocular Belchior Belliogo
hum dos famosos Mestres, que conduzio de
França, dizendo na Oração, que recitou
em a Universidade de Coimbra no 1. de
Outubro de 1548. *De Disciplinarum omnium
studiis ad Universam Acad. Conimb.* estas pala-
vras *Jussu regis volens juventutem institui, elegit
viros qui rectissime eandem juventutem optimis
disciplinis imbuerent, quorum ductu nostri
homines cursum omnium disciplinarum confic-
cerent: hunc nobis tristitia, & importuna fata
hac ultima æstate eripuerunt, & illius morte
magnum litterarum ornamentum abstulerunt.* Está
sepultado no Real Convento de Santa Cruz
de Coimbra, em cujo tumulo tem gravado
este Epitafio.

Julia pax genuit: rapuit Conimbrica corpus:

Excoluit mentem Gallia: Olympus habet.

O seu nome exaltaõ Busin in *Præfat. ad
Epistol. Gelidæ.* Petr. Angel. Sper. de *Pro-
fes. Gramat.* lib. 4. fol. 352. e 458. Elias Vi-
net. in *Epist. ad And. Scotum. Republic. Portug.*
fol. 364. Joan. Soar. de Brito in *Theatr.
Lusit. Litterat.* lit. A. n. 40. Mariz *Dial.
de Var. Hist.* Dial 5. cap. 3. Jacob. Menet.
Vafconc. in *Vit. Sua.* onde lhe chama
Virum Gravissimū. Scot. in *Bib. Hist.* Tom. 3.
Class. 2. pag. 475. *Theologicum fuisse Præs-
byterum concionatorem tam liberalem, quam*

doctorum hominum fautorem. et Classe 3. pag. 619. in *Elog. Gelid. Virum de univ. Aquitania, & litteris, ut siquis alius, optime meritum, pium, doctum, et ad regendam juventutem omninó totum.* Compoz.

Orationes habitæ in Collegio Barbarano M. S.

As quaes eraõ efcritas com a pureza, e mageftade do eftilo de Cicero, e muitas dellas fe conservaõ com grande eftimaçaõ no poder dos Eruditos.

Fr. ANDRE DE GUIMARAENS

Naceo na illuftre Villa do feu appellido situada em a Provincia do Minho fendo filho de Gomes Esteves, e da Irmaõ de D. Gomes Affonso trigeffimo nono Prior da Real Collegiada de Nossa Senhora da Oliveira, e o fequndo Inquifidor que teve o Tribunal da Inquifição de Coimbra. Em idade competente foy admitido à Ordem Serafica, cujo instituto profeffou no Convento de Alenquer, feliz folar de Varoens infignes em Santidade, onde defcubriendo igual genio para as virtudes, que para as letras, as aprendeo, e enftinou com grande fruto, e admiraçaõ dos feus Religiofos chegando a ter para credito do feu Magifterio por dicipulo ao Illuflriffimo D. Fr. Bernardino de Sena, que depois de fer Geral de todo o Orbe Serafico, foy digniffimo Bifpo de Vifeu. No Pulpito encheo as obrigaçoens de Declamador Evangelico, affim em Portugal, como Castella fendo os feus difcurfos formados mais para a extincçaõ dos peccados, que pera lizonja dos ouvidos, em cujo apoftolico trabalho colheo copiofos frutos nas populofas Cidades de Sevilha, e Valhadolid. Foy eleito Provincial em o Capitulo celebrado em Lisboa a 22. de Fevereiro de 1614. e depois Commiffario Geral da Provincia de Portugal, cujos ministerios exercitou com fumma prudencia, e univerfal applaufõ de domesticos, e eflranhos. No anno de 1628. foy Prefidente da Congregaçaõ, que celebraraõ em Villaviçofa os Religiofos Capuchos da Provincia da Piedade. Para evitar as graves controversias, que em materias de jurifdicçaõ intrepidamente defendeo contra o Colleytor do Papa neste Reyno, fe retirou para Castella donde depois de affiftir quasi dous annos fe refituyou

ao feu amado domicilio do Convento de Lisboa, no qual cheyo de virtuoſas obras terminou a vida a 3. de Dezembro de 1632. e naõ de 1635. como eſtá no Epitafio, e foy ſepultado como tinha pedido no Cimiterio commum, cuja ſepultura ornou com huma Campa Fr. Fernando do Eſpirito Santo, que fora ſeu Secretario, no tempo que exercitou o lugar de Commiffario Geral, e ſobre ella ſe gravou eſte epitafio.

Aqui jaz o P. Fr. Andre de Guimaraens Leitor Jubilado, Guardiaõ, que foy deſte Convento, Miniſtro Provincial, e Comiſſario Geral dos Reynos de Portugal em todas as Provincias de N. P. S. Franciſco. Celebre nas Letras, Pulpito, prudencia, e governo, que com grande aceitaçaõ, e credito affim dos Religioſos, como dos Seculares exerciton, todos ſeus officios. Faleceo em tres de Dezembro de 1635. De todos os ſeus Sermoens unicamente publicou.

Sermaõ nas Exequias, que a Cidade fez na Casa de S. Antonio à Raynha Catholica D. Margarida de Auſtria. Lisboa 1611. 4.

Sermaõ do Mandato. Conferva-fe M. S. na Livraria do Convento de S. Franciſco de Lisboa como affirma o Padre Fr. Manoel de S. Damaſo nas *Noticias da Prov. de Portug.* § 19. n. 367. mandadas a Academia Real. Do Author ſe lembraõ Fr. Manoel de Monfort. *Chron. da Prov. da Pied.* liv. 4. cap. 57. §. 1. Fr. Fernand. da Soled. *Hiſt. Seraf. da Prov. de Portug.* Part. 5. liv. 2. cap. 31. n. 469. e Fr. Joan. a D. Anton. in *Bib. Franciſc.* Tom. 1. pag. 65.

Fr. ANDRE DA INSUA. Naceo em Lisboa no anno de 1506. e no Oratorio de N. Senhora da Infua plátado no meyo da Barra do Rio Minho ſe aliſtou em 11. de Junho de 1521. na Religiaõ Serafica quando contava dezefeis annos de idade confervando o titulo deſte domicilio por appellido para eterno teſtemunho da ſua affectuoſa devoçaõ. Depois de aprender Filoſofia no Convento de Serpa, e Theologia paſſou a França, onde pelo eſpaço de outo annos continuou os eſtudos com taes progreſſos, que era univerſalmente reſpeitado por Oraculo das ſciencias Eſcolasticas. A prudencia de que era ornado o habilitou para que ElRey D. Joaõ o III. o mandaffe

a Flandes tratar negocios importantes aos interesses desta Monarchia os quaes administrou com louvavel satisfacão. Em Anveres prégando à nação Castelhana conciliou a geral veneração de toda aquella grande Cidade; pois aos brados da sua vóz se convertiaõ os coraçoes mais duros, e as vontades mais rebeldes. Depois de occupar os lugares de Commissario de Flandes, e Alemanha, e ser Provincial da Provincia dos Algarves, foy eleito quando contava quarenta, e hum anno de idade, e vinte, e seis da Religiaõ, Geral de toda a Ordem Serafica no Capitulo celebrado em Assiz no anno de 1547. Tanto, que esteve constituido em lugar taõ honorifico, não perdoou a sua vigilancia à algum genero de difvelo para promover a reforma do instituto Serafico. Passou a Hespanha dividindo em duas Provincias a de Sam Tiago, e erigindo novamente a de S. Miguel. Celebrou em Lisboa os Capitulos das Provincias de Portugal, Algarves, e Piedade. Partio a Flandes, onde recebeu particulares favores do Emperador Carlos V. e não menores significaçoes de benevolencia da Santidade de Julio III. quando em Roma lhe beijou o pé a tempo, que fora assumpto à Cadeira de S. Pedro. Discorreo por Napoles, Florença, Brexa, Milaõ, e Genova, donde voltou a Salamanca para celebrar o Capitulo Geral congregado nesta Cidade, que se formava de mil, e duzentos Capitulares, em cuja douta, e veneravel presença orava todos os dias na lingua latina com assombro de taõ eruditos ouvintes. Não consentiraõ os Vogaes, que ficasse o seu grande talento ocioso para beneficio da Ordem Serafica, e ainda que fortemente resistio, foy eleito Commissario Geral da Familia Cismontana. Informado ElRey D. Sebastiaõ da prudente fidelidade com que tinha tratado varias dependencias politicas deste Reyno por commissaõ de seu augusto Avo D. Joaõ o III. querendo seguir-lhe os vestigios lhe cometeo que passasse a Castella a tratar alguns negocios graves, de que pendia a conservaçãõ de ambas as Monarchias. Obedeceo promptamente, e entrando em Madrid no anno de 1563. concluyo felizmente as negociaçoes, que foraõ cometidas à sua grande capacidade. Exercitado o ministerio de Commissario Geral, e o que lhe fora encar-

regado pelo Principe D. Sebastiaõ se recolheo ao seu amado domicilio da Infua, onde com mayor fervor se applicava à contemplaçãõ dos bens celestiaes, porem sendo acometido de varias molestias mudou de clima, fazendo a sua assistencia no Convento de S. Francisco de Lisboa até o anno de 1570. donde por causa de huma controversia, que se agitou entre elle, e o Cardial D. Henrique sobre a eleiçãõ de hum Comissario Nacional se retirou para Castella buscando o amparo do Bispo de Osma, que tinha sido seu Secretario, em cuja companhia viveo taõ pouco tempo, que não excedeo a duraçãõ do anno seguinte de 1571. deixando aos Religiosos huma faudosa memoria da sua vida, e aos Prelados huma norma prudente do seu governo. Entre os Varoens mais celebres da Religiaõ Serafica he nomeado pelo Illustrissimo Cunha *Hist. Eccles. de Brag.* Part. 2. cap. 51. onde lhe chama *Varaõ por muitos titulos eminente.* D. Nicol. de Santa Maria *Chron. dos Coneg.* Reg. liv. 4. cap. 9. n. 9. Cardof. *Agiol. Lusitan.* Tom. 1. pag. 213. no Commentario de 21. de Janeiro let. I. *Grande zelador da regular observancia, e dotado de summa prudencia ordenando saluberrimos Estatutos para universal beneficio de toda a Religiaõ com que deixou prudentes açoes, que imitar a seus successores, pelo que os Pontifices, e Reys de toda a Christandade fizeram delle grande estima, e assim acabou o generalato com muito louvor não menos seu, e do nome Portuguez, que reputaçãõ da Ordem.* Esperanç. *Hist. Seraf. da Prov. de Portug.* Part. 1. liv. 2. cap. 10. n. 6. e Part. 2. liv. 10. cap. 39. n. 2. Soled. *Hist. Seraf.* Part. 4. liv. 4. cap. 29. e Fr. Anton. da Piedade *Chron. da Prov. Arrabida.* Part. 1. liv. 2. cap. 1. e 2. e liv. 4. cap. 35. Jozé Soar. da Sylv. *Memor. Histor. delRey D. Joaõ o I.* liv. 1. cap. 8. §. 81. 82. e 83. Escreveo.

Relaçãõ da sua vida acabada de escrever em 3. de Agosto de 1552. Cujo original se conserva no archivo do Convento da Infua onde a escreveo, continuada por seu Companheiro Fr. Manoel Favacho como testifica Fr. Fernando da Soledade *Hist. Seraf. da Prov. de Portug.* Part. 4. liv. 4. cap. 29. n. 988. e 993.

Carta escrita de Madrid à Rainha D.

Catherin. em 5. de Agosto de 1564. cujo original vimos na Torre do Tombo, e se guarda no Armaz. 15. Masso 44. a qual está impressa na Part. 2. das minhas *Memor. Polit. e Milit. delRey D. Sebastião* liv. 1. cap. 23. n. 185.

ANDRE LEYTAM DE FARIA Cavalleiro professo da Ordem de Christo, Moço da Camara de S. Magestade, Official mayor, Escrivão do Assentamento, e Chancellaria do Senado desta Corte, naceo em Lisboa a 31. de Março de 1638. sendo filho de Joaõ Leitaõ de Faria Moço da Camara do Serenissimo Rey D. Joaõ o IV. e de Maria Gomes Monteiro. Aprendeo a lingua Latina no Collegio de S. Antaõ dos Padres Jesuitas, onde teve por Mestre ao Padre Diogo Lobo, cujo nome será sempre memoravel pela sua natural discriçaõ, e ouviu Filosofia, e Theologia Moral do grande, e famoso Letrado Fr. Domingos de Santo Thomaz, eterno credito da Familia Dominicana, merecendo em huma, e outra Aula o applauzo de todos os seus Condiscipulos, que admiravaõ a viveza do seu engenho. Cultivou com felicidade a Poesia Latina, Castelhana, e Portugueza, unindo à elegancia do metro a profundidade do conceito. Escreveo com tanta perfeiçaõ, que as letras mais pareciaõ abertas ao buril, que formadas com a pena, de tal forte, que ordenando-lhe ElRey D. Pedro o II. quando determinava nomear Mestre de escrever a seus Serenissimos filhos, que apresentasse a sua letra, o executou em tres treslados, admirando-se em cada hum delles tres generos de letras diferentes cercados de diversas flores feitas humas de risco, outras de penadas, que pareciaõ impressas, e sendo eleito para este honorifico ministerio, se escusou impedido dos annos, e achaques. Não foy menos insigne na Arte da Pintura, ou fosse de oleo, ou de illuminaçaõ, em que era unico, da qual ainda se conservaõ algumas obras em poder dos estimadores de taõ primorosa curiosidade. Abrio varias estampas em cobre sendo entre ellas a mais perfeita o retrato do Excellentissimo Marquez de Tavora Luiz Alvarez de Tavora, que sahio no frontispicio do livro, que a este Heróe dedicaraõ por obsequio funebre as Musas Portuguezas.

Foy ornado de summa affabilidade, taõ amante da verdade como inimigo do engano. Nunca pertendeo mayores honras do que aquellas, com que naceo, dizendo sem jaftancia, que não queria subir para se precipitar. Conservou castidade conjugal, como à hora da sua morte declarou o seu Director espiritual. Todos os dias rezava indispensavelmente o Officio de N. Senhora, e o seu Rosario, não lhe servindo para taõ santos exercicios de impedimento as suas continuas occupaçoens. Conhecendo, que era chegado o termo da sua vida, dispoz com grande acordo o seu Testamento, ordenando em huma das clausulas, que fosse sepultado sem pompa. Recebidos todos os Sacramentos falleceo em Lisboa a 8. de Março, de 1722. faltando-lhe vinte, e tres dias para cumprir 84. annos de idade, e na Parochia do Santissimo Sacramento descansão as suas cinzas. Foy casado com D. Anna Maria de Figueiredo Calderon filha de Manoel Pinto de Perarva, e de sua mulher D. Anna Calderon ambos naturaes da Imperial Villa de Madrid de quem teve cinco filhos, e tres filhas. Compoz.

Domini Ludovici Alvares de Tavora Marchionis de Tavora interitui Elegia.

Soneto Portuguez ao mesmo Assumpto. Sahiraõ estas duas obras no *Panegirico da vida, e Acçoens deste Heróe* Lisboa por Antonio Rodriguez de Abreu 1674. 4. pag. 164. até 166.

Varios Epigrãmas, e Elegias Latinas, Sonetos, Romances, Outavas, Madrigaes, e Decimas Portuguezas, e Castelhanas a diversos Assumptos com hum poema em Outava Rima, que consta de tres Cantos, cujo argumento he a Vida de N. Senhora com este titulo.

Ao prodigio da Graça Maria Santissima na sua Conceiçaõ, Encarnaçaõ do Verbo até o seu feliz transito. Começa.

*As heroicas virtudes singulares
Maravilhas, e acçoens prodigiosas
De hũa Virgem mais pura sem dezares
Que no mundo se viraõ portentosas,
Se pôde o meu talento destes mares
Sulcar o pelago em maré de rosas
Com auxilio, e favor do Esposo Santo
Da augustissima Fenis hoje canto.*

Todas estas obras formaõ hum volume grande de folha, que conserva em seu

poder Antonio Leytaõ de Faria filho do Author, Cavalleiro professo da Ordem de Christo, Cavaleiro Fidalgo da Casa de Sua Magestade, Official mayor do Senado desta Corte, Escrivaõ do Assentamento, e Chancellaria, Executor, e Contador dos Contos do mesmo Tribunal, o qual para eternizar a memoria de seu Pay brevemente as dará à luz publica.

ANDRE LOPES. muito sciente em a Arte Nautica, que como Piloto exercitou muitos annos escrevendo para instrucção dos que se applicassem a ella.

Roteiro ou Carta de marear de cuja obra fazem menção o celebre Piloto Aleixo da Motta no *Roteiro da navegação da India*, e o moderno adicionador da *Bibliothec. Nautica* de D. Anton. de Leão Tom. 2. Tit. 3. col. 1148.

ANDRE LOURENÇO FERREIRA Portuguez como elle declara no frontispicio das suas obras. Foy Cancellario da Universidade de Mompilher, Phisico mór delRey Christianissimo Henrique IV. e do seu Conselho. Compoz.

Scripta Taracentica ubi de cursibus, de Melancholia, de senectute, de morbo articulari, de lue Venerea &c. Francofurti apud Guilielmum Fizerum 1622. fol.

Opera omnia Anatomica, et Medica ibi apud Gasparem Rotelium 1627. fol.

P. ANDRE LUIZ natural de Evora onde em idade florente abraçou o instituto da Companhia de JESUS em 10. de Agosto de 1585 e não de 1590. como se escreve na Bibliotheca da Companhia. Por espaço de outo annos dictou Rhetorica, por alguns Theologia moral, e por cinco foy Regente da Universidade de Evora. No ministerio do Pulpito, e interpretação dos Textos da Escriitura foy eminente, e não menos insigne na exacta observancia dos Estatutos da Companhia. Passou da vida mortal para a eterna em 28. de Dezembro de 1639. Deixou promptos para a impressão dous tomos ornados de varia erudição de que fazem memoria a *Bibliothec. Societ.* pag. 52. D. Franc. Manoel na *Carta dos Author. Portug.* que he a 1. da 4. Centuria Fonf. *Evora Gloriosa* pag. 425. Franc. *Imagem*

da Virtud. em o Novic. de Evor. pag. 852. e no *Synops. Annal. S. J. in Lusitan.* pag. 277. n. 12. e Joan. Soar. de Brito in *Theat. Lusit. Litterat.* let. A. n. 33. dizendo delle *Statura fuit prægrandi, habitudine crassissima, oculis ferreis, ærgineo colore.* Nicol. Ant. in *Bib. Hispan.* Tom. 1. pag. 62. O argumento destes dous tomos era.

Moyfés Pastor Aulicus, Orator.

Breve discurso sobre a Junta dos Senhores Prelados em Thomar, feito pelo Padre André Luiz da Companhia de Jesus. 4. Não tem anno, nem lugar da impressão, mas he certamente impresso em Lisboa.

D. Fr. ANDRE DE SANTA MARIA foy natural da Cidade de Lisboa, sendo seus Pays Martim Vaz de Sampayo, e Magdalena do Couto. Como tivesse na patria felizmente occupado o tempo da puericia, e adolescencia no estudo da Grammatica Latina, e letras humanas, ambicioso de alcançar nome illustre nas Campanhas de Marte, assim como o merecera nas de Minerva, se embarcou para a India quando contava dezoito annos de idade, e neste belicoso theatro obrou acçoens, que foraõ envejadas pelos Soldados, e Capitaens. Porém querendo conquistar o Ceo se alistou em outra mais nobre milicia, qual foy a Religião Seráfica recebendo o Habito em o Convento de Cochim da Custodia de S. Thomé, onde aprendendo as sciencias podia ensinar as virtudes, sendo em humas, e outras eminente. Atrahido da severa observancia dos Estatutos Seraficos, que se practicava em a nova Custodia da Madre de Deos, alcançou faculdade do Custodio Fr. Joaõ de Ceita, para que nella fosse admittido, o que promptamente se lhe concedeo. Todo o seu talento empregou em beneficio dos seus domesticos ensinando a huns a lingua Latina, e a outros a Theologia moral. Era muito douto nos Sagrados Canones, e em todo o genero de sciencias, que constituem hum perfeito Religioso, por cujos dotes o fez o Tribunal da Inquisição, seu Deputado, e Consultor. Na Religião occupou os lugares de Guardiaõ do Convento da Madre de Deos, donde foy assumpto para Custodio da Provincia de São Thomè no anno de 1585. O insigne Heróe D. Luiz de Ataide, ViceRey do Estado,

o elegeo por seu Confessor, e a Magestade de Felipe II. o nomeou Bispo de Cochim, e ainda, que fez toda a deligencia possivel para naõ aceitar esta dignidade, foy nella confirmado pela Santidade de Xisto V. em 19. de Fevereiro de 1587. e no seguinte sagrado nesta grande dignidade. Naõ se eximio de algum genero de trabalho no exercicio pastoral visitando todos os annos a sua Dioceze, erigindo Escolas para nellas se instruirem os Ministros do Altar, defendendo intrepidamente a jurisdicção Ecclesiastica, levantando templos, e ornando-os com generosa magnificencia, punindo severamente os peccados escandalosos, e dispendendo esmolas com tal excessõ, que sempre excediaõ as suas rendas. Mais amante da quietação Religiosa, que da dignidade Episcopal supplicou com grandes instancias a ElRey, que lhe aceitasse a renuncia que naõ foy atendida se naõ depois do largo tempo de 28. annos. Recolhido ao Convento da Madre de Deos de Goa exercitou com grande disvelo na ultima idade as virtudes, que sempre praticara, até que chegou a hora em que recebeo o premio por ellas merecido em 10. de Novembro de 1618. e foy sepultado na Capella, que elle dedicara ao Apostolo Santo André com este epitafio.

Aqui jaz Fr. André Bispo, que foy de Cochim.

Passados cento, e sete annos foy aberta a sepultura a 8. de Agosto de 1725. e achando-se o cadaver organizado, o tresladaraõ os Religiosos para o Capitulo, e sobre a campa se lhe escreveraõ estas palavras.

Hinc resurget o Veneravel Fr. André de Santa Maria IV. Bispo de Cochim, e primeiro desta Santa Provincia da Madre de Deos. Foy para aqui tresladado a 10. de Novembro de 1725.

Escrevem deste Prelado o Padre Fernão de Queiros na *Vid. do Irm. Ped. do Bast.* liv. 1. cap. 15. até 22. Fr. Paulo da Trindade *Conquist. Espirit. do Oriente* liv. 1. cap. 26. Manoel de Faria, e Souz. *Asia Portug.* Tom. 3. Part. 3. cap. 4. n. 7. Cardoso *Agiol. Lusit.* Tom. 3. pag. 420. e no *Commentario* de 27. de Mayo letr. G. Fr. Jacinto de Deos *Vergel de Plant.* cap. 1. Art. 4. e na *Vid. dos Frad. Menor.* cap. 21. §. 10. Fr. Fernand. da Soled. *Hist. Seraf.*

da Prov. de Portug. Part. 5. liv. 2. cap. 32. n. 484. até 489. onde lhe affina a morte a 27. de Mayo de 1617. e mais diffusamente Antonio Martins Porto Carreiro Vigario da Azambuja na vida deste insigne Prelado, que se naõ imprimio. Escreveo, como testifica Jorge Cardoso no lugar allegado.

Carta Pastoral com que instruya nos pontos principaes da Religião Catholica aos seus subditos, a qual mandou traduzir na lingua de Ceylaõ para que fosse mais intelligivel.

Exposiçãõ sobre a Regra de Saõ Francisco, da qual diz Fr. Jacinto de Deos no *Vergel de Plant. e Flor.* pag. 39. *que o rigor com que a expoz mostrou o zelo de seu espirito.*

De Testamentis fol. M. S.

A estas duas obras consumio o tempo, como diz o mesmo Chronista.

Informaçãõ de hum Indio natural de Bengala, que viveo quatrocentos annos mandada a Felipe IV.

De cuja obra se lembraõ Fr. Jacinto de Deos no *Vergel de Plant.* p. 39. e a *Bib. Orient.* de Antonio de Leaõ novamente acrescentada tom. 1. tit. 3. col. 57. Sahio traduzida em Castelhana Salamanca por Antonio Ramires 1609. 4. de que vimos hum exemplar; e no fim tem huma atestaçãõ de Diogo do Couto Guarda mór da Torre do Tombo da India, em que affirma haverlhe mandado o Bispo D. Fr. André de Santa Maria por Fr. Antonio da Porciuncula esta relaçaõ, em 2. de Agosto de 1608.

P. ANDRE MARTINS natural de Serapicos termo da Villa de Chaves na Provincia Trafmontana filho de Joaõ André, e Izabel Luiz. Tendo sido Parocho de huma Igreja querendo mais tratar da propria alma, que das alheyas, se recolheo na Companhia de JESUS no Collegio de Coimbra em 28. de Fevereiro de 1591. quando contava quarenta annos de idade. Foy exemplar em todo o genero de virtudes aos seus domesticos, entre os quaes morreo com evidentes sinaes de Predestinado, na Casa de S. Roque no anno de 1632. Escreveo.

Vida da Serva de Deos Lusã dos Anjos Terceira de S. Francisco natural de Ponte Delgada, a qual deo Joaõ Franco Barreto como affirma na *Bib. Portug. M. S.* ao Licen-

ciado Jorge Cardoso para della extrahir as noticias, que escreveo no *Agiol. Lusit.* a 14. de Fevereiro, que foy o dia, em que morreo a Serva de Deos, e no Commentario do dito dia letr. G. confessa ser esta vida composta pelo P. André Martins.

Fr. ANDRE DA NATIVIDADE natural da Villa de Setuval onde sahio à luz do mundo em o anno de 1605. Professou o penitente instituto dos Religiosos Capuchos da Provincia de Santa Maria da Arrabida em o anno de 1624. quando contava 20. annos de idade. Nesta virtuosa Escola continuamente affigia o corpo com disciplinas, cilicios, e todo o genero de asperas mortificaçoens. Por toda a vida se absteve de vinho, e andou defcalço. Pelo prolongado espaço de quarenta annos continuos habitou a Serra da Arrabida occupado na meditação das perfeiçãoens Divinas, recitação das horas Canonicas, e na lição de livros espirituaes, de cuja ascetica doutrina sendo discipulo podia ser excellente Mestre. Obrigado pela obediencia foy seis mezes Guardião do Convento de Lisboa, que naquelle tempo se começou a edificar, em cujo governo conservou no primitivo rigor a observancia do instituto Serafico. Preparava-se para o incruento Sacrificio do Altar com muitas horas de Oração, e tal era a piedade, e ternura com que o celebrava, que a participava aos ouvintes principalmente à Excellentissima Duqueza de Aveiro D. Anna Manrique de Lara. Toleras com invicta paciencia acerbissimas dores causadas por ter tolhidos os pés, e mãos pelo largo tempo de quatro annos, voou o seu espirito para o Ceo, no Convento de Alferrara junto a Setuval em 30. de Novembro de 1684. quando contava 80. annos de idade, e 60. de Religião. Como era perito nas ceremonias Ecclesiasticas. Compoz.

Ceremonial, ou Ritual para uso dos Frades da sua Provincia. Lisboa por Henrique Valente de Oliveira 1659. 4.

Esta obra, como ao seu Author louva Lucas de Andrade na *Illustrac. aos Manoaes da Missa Solemn.* Illustr. 9. n. 3. o P. Fr. André da Natividade no *Ceremonial da Provincia da Arrabida, que curiosamente compoz para uso dos Religiosos daquelle Provincia investigando tudo o que neste particular*

está disposto pela Igreja. Semelhante Elogio lhe faz Fr. Jozé de Jesus Maria na *Chronica da Prov. da Arrabid.* Part. 2. liv. 3. cap. 24. dizendo, *que com ella deo hum claro índice da muita perfeição, com que celebrava o Santo Sacrificio da Missa, e cumprir com as ceremonias do Coro.* Compoz mais.

Varios livros devotos, que (saõ palavras do sobredito Chronista no lugar citado) pela nossa pobreza se não chegaram a dar ao prelo.

ANDRE NUNES natural da Cidade do Porto, e Mestre de Grammatica em Villanova, que fica fronteira à sua patria, de cuja palestra sahiraõ insignes discipulos. Não era menos douto nas materias Theologicas, que Grammaticaes escrevendo em dous tomos.

Theologia Scolastica.

Os quaes mandou imprimir em Anveres por sua ordem, como diz Joaõ Franco Barreto na *Bibliotheca Lusit. M. S.*

Fr. ANDRE NUNES DE ANDRADE natural de Lisboa, irmaõ, ou sobrinho do infigne Varaõ D. Fr. Diogo Lopes de Andrade Bispo de Otranto no Reyno de Napoles, de quem se fará menção em seu lugar. Não sómente professou como elle o instituto dos Eremitas de Santo Agostinho, que recebeu na Provincia de Andalusia, mas foy seu emulo assim na eloquencia concionatoria, como na laboriosa applicação, com que revolvía as obras dos Santos Padres. Intentou reduzir a ordem Alfabetica os lugares communs da Sagrada Escriitura, e illustrallos com commentos, mas impedido pela morte não pode acabar mais que huma parte, em que se comprehendiaõ as letras A. B. e não sómente o A. como escreve Nicolao Antonio na *Bib. Hispan.* Tom. 1. pag. 63. a cuja obra pôz o titulo seguinte.

Vergel de la divina Escriitura. Cordova por Juan Barreira 1600. fol. Na Censura, que por Ordem del Rey fez a esta obra o Mestre Fr. Diogo de Avila da Ordem da Santissima Trindade juntamente com ella approvou a 2. Part. que chegava até a letra. L. como se pode vér na pag. 3. da 1. Part.

ANDRE NUNES DA SYLVA Naceo em Lisboa a 30. de Novembro de 1630.

e foy bautizado na Real Parochia de S. Juliaõ a 8. de Dezembro do mesmo anno. Na primeira idade passou com seus Pays Francisco Nunes da Sylva, e Marianna da Cruz ao Rio de Janeiro, e no Collegio dos Padres Jesuitas estudou naõ sómente as letras humanas, mas penetrou os mysterios da Filosofia com tanto credito da sua applicaçõ, que mereceo receber o grão de Mestre em Artes. Para aprender a sciencia dos Sagrados Canones, se embarcou para Portugal a 12. de Julho de 1650. em a frota, que constava de 22. navios, e querendo entrar o porto de Lisboa, o achou impedido com trinta naõs Inglezas de que era General Alberto Black por causa de terem nelle achado a sylo os Principes Palatinos Roberto, e Mauricio Sobrinhos de Carlos I. Rey de Inglaterra degollado pela infame rebeldia de seus Vassallos. Travado hum sanguinolento combate entre a Armada Ingleza, e Frota Portugueza, em que foy abrazada a nossa Almirante, e rendidas sete naõs mercantis ficou André Nunes prisioneiro, e alcançando liberdade em Cadiz se restituihu pelo Algarve a Lisboa, onde restaurado das molestias padecidas passou à Universidade de Coimbra estudar Direito Pontificio de cuja faculdade recebeu o grão de Bacharel em 3. de Novembro de 1656. com applauzo dos seus Meftres. Ordenado de Sacerdote regulou todas as açoens da sua vida pelas obrigaçoens de taõ sublimo estado. Foy hum dos mais celebres alumnos da Academia dos Singulares, onde explicou aquelles dous Oraculos da Politica, e Poesia Cornelio Tacito, e Luiz de Camoens. Neste erudito theatro se admirou repetidas vezes a metrica consonancia das suas vozes, e a elegante energia dos seus discursos alcançando multiplicados Elogios dos seus Collegas. Penetrado de hum heroico desengano desprezou todas as conveniencias temporaes, e se recolheu a 6. de Julho de 1684. na Religiosa Casa dos Padres Theatinos, em cuja Companhia em o largo espaço de 20. annos obsevou sem obrigaçãõ de votos huma vida exemplar. Foy cordial devoto do immaculado Mysterio da Conceiçãõ da Senhora em cujo reverente obsequio lhe consagrava annualmente hum Soneto, e concedendo-lhe o Cabido da Cathedral de Lisboa huma Capela

dedicada a esta pura invocaçãõ situada na Freguezia de N. Senhora das Mercês, para que a ornasse, elle o executou com summa despeza, e igual decencia edificando-lhe hum novo Altar, e debaixo delle mandou abrir a sua sepultura. Ao tempo que contava 74. annos de idade foy acometido de hum accidente de parlezia a 29. de Abril de 1705. tendo acabado de dizer Missa, e recebendo o Sacramento da Extrema Unçãõ com summa piedade entre varios actos de Fé, e resignaçãõ na vontade Divina placidamente espirou a 3. de Mayo de 1705. O seu cadaver foy conduzido aos hombros dos Sacerdotes da Veneravel Irmandade de S. Pedro, e S. Paulo, da qual era Irmaõ, e sepultado no lugar, que em vida tinha disposto para seu jazigo, que era no pavimento da Capella da Senhora da Conceiçãõ, onde instituihu huma Missa perpetua pela sua Alma applicando-lhe hum juro de sessenta e cinco mil reis. O P. D. Manoel Caetano de Soufa, em memoria da sincera amizade, que com elle tivera, compoz hum Discurso Historico, e Panegyrico da sua vida, que ficou imperfeito, lembrando-se na grande obra intitulada *Exped. Hispan. S. Jacob*. Tom. 2. pag. 1419. n. 287. da sua pessoa com este breve Elogio *Fuit laudatissimis moribus, et Sacerdote dignis... magnum sui omnibus relinquens desiderium.*

Imprimio.

Poesias varias sacras, e profanas. Lisboa por Domingos Carneiro 1671. 8.

Hecatombe sacra, ou sacrificio de cem victimas, em que se contem as principaes açoens da vida de S. Caetano. Lisboa por Miguel Defflandes 1686. 8. Consta de cem Sonetos.

Sonetos à Conceiçãõ da Virgem Senhora Nossa. Lisboa por Manoel Lopes Ferreira 1695. 8. Consta de 30. Sonetos. Sahiraõ segunda vez Lisboa por Paschoal da Sylva Impressor de sua Magestade 1716. 4. com dez Sonetos ao mesmo Mysterio, compostos pelo P. D. Manoel Tojal da Sylva Clerigo Regular. Desta obra se lembra o P. Antonio dos Reys no seu *Enthus. Poetic.* n. 188.

Oraçãõ recitada na Academia dos Singulares em 17. de Fevereiro de 1664. Sahio na 1. Part. da Academia dos Singul. pag. 313. Lisboa por Manoel Lopes 1692. 4.

Oração em verso em hum Certame, e recitada na mesma Academia. Impressa na 2. Part. da Academia dos Singul. pag. 118. Lisboa pelo dito Impressor 1698. 4.

Oração recitada na dita Academia em 19. de Fevereiro de 1665. Impressa na 2. Part. da Acad. dos Singul. pag. 380.

Nestas duas Partes se achão impressos doze Sonetos seus a diversos assumptos.

Canção à victoria do Amexial que levou o primeiro premio, a qual começa.

Glorioso Conde a cuja fama o mundo

De esfera breve he ponto limitado.

Sahio com as mais obras a este assumpto Amsterdaõ por Jacobo Van-velsen 1673. 4.

Obras M. S.

Arte de Rhetorica. 4.

Lição Academica sobre o Poema de Luiz de Camoens.

Lições Academicas sobre as Historias de Cornelio Tacito.

Lizarda Novella Castelhana.

Hecatombe sacra em Sonetos Castelhanos. Tradução dos Portuguezes já impressos a qual estava prompta para a impressão.

Dex Sonetos à Conceição da Senhora, que intentava imprimir no anno em que morreo juntamente com os trinta já impressos.

Vinte, e Quatro Sonetos Castelhanos à Conceição da Senhora. Tradução dos primeiros vinte, e quatro que entre os trinta tinha impressos.

Rimas varias 1. Tom.

Poema de Jerusalem Libertada de Torquato Tasso traduzido em Portuguez pelo Doutor André Rodriguez de Mattos, o qual consta de 1915. Outavas, das quaes tinha emendado André Nunez da Sylva 349. fazendo muitas de novo, obra que empredeio (como diz na advertencia preliminar) por credito da lingua Portugueza.

Seis Sermoens o 1. do Santissimo Sacramento. o 2. da Circuncisão. 3. de N. Senhora dos Prazeres com profissão. 4. das Cadeas de S. Pedro. 5. dos Apostolos S. Pedro, e S. Paulo. 6. de São Bernardo.

Todas estas obras se conservaõ na Livraria dos Padres Theatinos da Divina Providencia desta Corte.

P. ANDRE PALMEIRO. Teve por patria a Cidade de Lisboa, e por Pays a Antonio

Palmeiro, e Salvadora Fernandes. Quando contava quinze annos recebeo a Roupeta da Companhia de Jesus no Collegio de Coimbra a 14. de Janeiro de 1584. Depois de ser Mestre de Humanidades 6. annos, de Filosofia 4. e de Theologia 12. foy Reytor do Collegio de Braga. Querendo lucrar almas para Christo nas vastas regioens do Oriente partio no anno de 1617. com onze companheiros merecendo, que o D. Eximio o P. Francisco Soares Granatenfe, em huma Carta latina, que escreveu a hum Padre, que assistia na India lhe fizesse o seguinte Elogio *In Indiam profisciscitur P. Andreas Palmerius magnus sane vir, nemini in Lusitania secundus.* A sua grande capacidade ornada de summa prudencia o constituhiraõ digno de ser Deputado da Inquição de Goa provido a 10. de Mayo de 1621. Reytor do Collegio de S. Paulo, Visitador do Malavar, e da Provincia do Japaõ, e Provincial por espaço de 8. annos das Provincias de Goa, e Malavar. Discorreo pela mayor parte da China até chegar a Nanquim, e Pequim principaes Cortes de taõ vasto Imperio, em cujas jornadas padeceo intoleraveis trabalhos para beneficio das Christandades, que o seu zelo intentou estabelecer nos Reynos de Tunquim, Camboya, e Aynaõ. Foy no mandar benigno, no comer parco, e no orar continuo. Accometido na ultima enfermidade de acerbissimas dores as tolerou com invicta paciencia, e resignado na Divina vontade acabou a vida na Cidade de Macao a 4. de Abril de 1635. Escreveo.

Carta ao Padre Ixinda Antonio Japonez da Companhia de JESUS em que lhe dá os parabens da fortaleza com que tolerou o cruel tormento das aguas de Ungem.

A qual se póde ler impressa em a *Imag. do Nov. do Collegio de Coimbra* Tom. 2. liv. 4. cap. 36. composto pelo P. Antonio Franco, onde faz memoria de seu Author, e no *Ann. Glor. S. J. in Lusit.* pag. 187. como tambem o P. Pedro Francisco Xavier de Charlevoix *Histor. du Japon.* Tom. 2. pag. 308.

Fr. ANDRE DE S. PAULO Naceo na Villa de Serpa na Provincia do Alentejo no anno de 1579. de Pays nobres em

cuja companhia vivendo trinta annos, e conhecendo ainda que mancebo com prudencia de velho a caduca duraçaõ das delicias mundanas buscou resolutamente as eternas na austera reforma da Provincia da Arrabida, onde professou no anno de 1609. Foy vivo exemplar da mais rigorosa penitencia, de summa parcimonia na meza, de perpetua contemplaçaõ no Coro, de exacta observancia da regra, inimigo jurado do ocio, e singular amante da pobreza. Nunca detrahio da fama do proximo, antes aborrecia com tal excessõ este vicio, que alguns annos antes, que morresse, alcançou de Deos o ser furdo para que não ouvisse os murmuradores. Todo o tempo que tinha vago das obrigaçoens de Religioso o occupava na liçaõ dos livros assim asceticos, como historicos, donde extrahio noticias com que compoz muitos volumes, que ainda se conservaõ *M. S.* Foy Mestre dos Noviços, Guardião de muitos Conventos, e ultimamente Definidor, não lhe servindo todos estes lugares de impedimento para que deixasse de escrever em beneficio da republica litteraria tantas obras, cujo progresso suspendeo a morte privando-o da vida em 20. de Janeiro de 1669. em o seu Hospicio de Lisboa em idade de 90. annos, e de Religiãõ 60. Deixou escrito pela sua mãõ.

Das Familias Religiosas, que floreceraõ em Portugal principalmente Carmelitas, Agostinbos, assim Conegos, como Eremitas; Bentos, do tempo em que entrãõ em Portugal, suas fundaçoens, e progressos. Tom. 1. dividido em 3. livros fol.

Das Familias Sagradas, que tem por instituto a Hospitalidade, e de como esta virtude deve ser exercitada com os Religiosos Tom. 2. dividido em 3. livros. fol.

Na prefacaõ deste tomo affirma ter cõposto outros tres, dos quaes os primeiros trataõ.

Das Sagradas Religioens Militares, que antigamente floreceraõ, e agora florecem. fol. O Terceiro.

Do principio da sua Provincia, das fundaçoens dos seus Conventos, e das açoens, e mortes dos seus Religiosos fol. Não permitio (como escreve Fr. Jozé de Jesus Maria na Chron. da Prov. da Arrab. Part. 2. liv. 3. cap. 15. fallando destas obras) a nossa grande pobreza, que se communicassem ao Mundo por meyo do Prelo.

Vida do Ven. Fr. Fernando de Santa

Maria Religioso Arrabido de que faz mençaõ Jorge Cardoso Agiol. Lusit. Tom. 2. pag. 225. no Commentario de 18. de Março let G.

Vida de Fr. Francisco dos Reys da Prov. da Arrabida. allega o mesmo Cardoso Tom. 3. pag. 398. no Commentario de 24. de Mayo let. O. chamando ao Author Religioso antigo, e grave.

P. ANDRE PINTO RAMIRES. Naceo em Lisboa no anno de 1596. e logo na sua infancia pareceo, que fora mais animado pela piedade, que pela natureza, pois não contando seis annos de idade para merecer a protecçaõ da Mãe de Deos a quẽ venerava com affectuosos obsequios lhe fez voto de Castidade, que conservou illesa por todo o discurso de sua vida. Ouvio as letras humanas na escola do insigne P. Francisco de Mendoça, do qual faz agradecida memoria no *Commento dos Cantares* lib. 3. cap. 1. v.º 13. §. 5. e com a doutrina de taõ grande Mestre sahio perfeitamente instruido tanto na Oratoria, como na Poetica, não sendo menores os seus progressos na Filosofia, na qual penetrando os seus mais reconditos mysterios recebeo o grão de Mestre em Artes. Ao tempo, que com mayor applicaçãõ estudava na Universidade de Salamanca a Theologia, e querendo instruirse na perfeiçaõ Evangelica entrou na Companhia de Jesus, quando tinha 22. annos, onde se constituhio hum perfeito exemplar de todas as virtudes Religiosas. A mayor parte do tempo, que lhe restava de ouvir peccadores no Confissionario, e reprehender vicios no Pulpito, o consumia na Liçaõ dos Santos Padres donde extrahia copiosos thesouros de sagrada erudiçaõ. No Collegio de Villagarcia dictou Humanidades aos seus companheiros por muitos annos, e em Salamanca explicou a Sagrada Escritura com grande fruto dos seus Ouvintes. Retirado ao Collegio de Monforte para com mayor socego se dedicar à contemplaçaõ das delicias celestiaes deixando iguaes documentos da sua sciencia, e virtude passou desta vida à eterna em 23. de Mayo de 1654. Delle fallaõ com elogios *Biblioth. Societ.* pag. 55. dizendo *vir fuit non eruditione tantum, sed morum etiam candore, virtutumque Religiosarum commendatione conspicuus.*

Nicol. Ant. in *Bib. Hisp.* Tom. 1. pag. 65.
 Hipol. Marracius *Bib. Marian.* Part. 1. pag. 91.
Divini verbi præco eximius, insignique virtute, doctrina, ac Religione ornatus, e Jacobo Lelong. in *Bibliothec. Sacr.* pag. mihi 907. col. 1. Compoz.

In Cant. Cantic. dramatico tenore literali allegoria, et tropologicis notis explicatum. Lugduni sumptibus Gabriel Bouffat, & Laurentij Aniffon. 1642. fol.

Deipara ab originis peccato præservata opus Cathedris, & suggestibus non inutile: ubi postquam scholastico tenore quædam breviter expenduntur, fuffissime deinde ab Scriptura et Patribus æmaniores semitas exerrat calamus. ibi apud eumd. Typog. eod. anno. fol.

Utriusque Principum politices parallela iustæ et iniquæ ad cap. Isai 14. Lugduni apud Petrum Proft. 1648. fol.

Sacræ Scripturæ selecta, sive specilegium explanandæ litteræ moribus illustrandis. Lugd. eodem anno fol.

Commentaria in Epistol. Christi Domini ad Episcopos Asiæ in Apocalypsi contentas. Lugd. per eumd. Typog. 1652. fol.

Philalelia, hoc est, honestissima fabula pro fide amicorum reciproca ibi apud eumd. Typog. 1647. fol. Nicolao Ant. na *Bib. Hispana.* com manifesto erro lhe attribue a obra de *Christus Crucifixus,* que certamente he seu Author o P. Diogo Pinto da Companhia de Jesus.

Segunda parte dela maravillosa vida dela Veneravel Virgen Marina de Escobar. Madrid por la viuda de Francisco Nieto 1673. fol. Sahio esta obra posthuma.

Scholia in Statium Papinium de cuja obra diz a Bibliotheca da Companhia; *eruditionis plena, sed non omnino perfecta.*

ANDRE DE QUADROS natural de Santarem filho de Simão de Quadros, e Joanna Pereira, Cavalleiro da Ordem de Christo, e Provedor das Vallas, Lizirias, e Paüs. Foy não menos illustre por geração, e proesas militares, que pelo espirito poetico, com que fez celebre o seu nome nos Reynados de D. Joaõ o III. e seu Neto D. Sebastião, a quem acompanhou na infeliz expedição de Africa no anno de 1578. onde ficou cativo. Ainda, que por incuria dos seus Coevos não se fez publica alguma das

suas obras poeticas, o genio, e talento, que tinha para a cultura da Poesia, eternizou na posteridade o insigne Pedro Sanches na Carta escrita a Ignacio de Moraes em que faz hum illustre Cathalogo dos Portuguezes professores daquella divina Arte sendo hum dos mayores delles André de Quadros, ou Quadrado como lhe chama dizendo.

Hic precor, huc oculos Moralis flecte; videsne Insignem juvenem pulchris qui fulget in armis, Atque hederá cingit galeam, lauroque coronat? Ille est Quadratus generoso sanguine cretus Nonne vides faciem ingenuam, et grande instar in ipso?

Hic quondam nostras puerili ætate Camenas Dilexit, quas nunc juvenis veneratur, amatque,

Exercetque libens nimium dilectus ab illis Et Phæbo carus: qui quamvis Martia bella Tractet, et armorum crepitu, clangore tubarum

Gaudeat, atque alacri hinnitu latetur equorum; Non tamen Aonidum fontes, lucosque reliquit,

Exemploque suo nostris ostendit aperte, Nunquam Musarum cætus, flavamque Minervam

Eneruare animum, aciemque retundere ferri.

Fr. ANDRE DOS REIS Natural de Coimbra. Recebeo o Habito dos Carmelitas Descalços no Convento de N. Senhora dos Remedios de Lisboa onde professou a 9. de Janeiro de 1639. e nesta reformada Familia sempre se distinguio pela innocencia da vida, e profundidade da sciencia. No Collegio da sua patria dictou Filosofia, e Theologia aos seus domesticos com tanto credito do seu talento, que ainda que oculto nos Claustros se manifestou com tal excesso, que era sempre consultado nas materias mais graves, principalmente pertencentes à recta administração do Tribunal do Santo Officio. Foy insigne Prégador, ministerio que exercitou nos mais celebres Pulpitos da Corte, aonde era taõ grande o applauzo como o concurso. Com summa prudencia administrou o lugar de Reytor do Collegio de Coimbra, Provincial, e Difinidor de toda a Congregação de Castella. Mais

cheyo de virtudes, que annos morreo no Collegio de Coimbra no anno de 1697. Impri-
mio.

*Sermaõ de Santa Maria Magdalena de Paxzi prégado na sua Canonizaçaõ no Con-
vento do Carmo de Lisboa* Impresso no livro
intitulado *Forasteiro admirado* Part. 2. pag.
111. Lisboa por Antonio Rodriguez de
Abreu 1672. fol.

*Sermaõ da admiravel Acensaõ de Chri-
sto prégado em o Mosteiro de Santa Anna de
Coimbra.*

*Sermaõ de Santa Isabel Rainha de Por-
tugal prégado de tarde em o Real Convento
de Santa Clara de Coimbra.* Sahiraõ juntos
estes dous Sermoens Lisboa: por Henrique
Valente de Oliveira. 1659. 4.

*Epítome de pias, e duntas considerações sobre o
Divino Sacramento sacrilegamente roubado.* Lisboa
por Domingos Carneiro 1671. 16. sahio sem
o nome do Author que parte delle compoz,
e parte compilou de outros Authores.

Commentaria in Genesim. fol. M. S. Con-
serva-se no Collegio dos Carmelitas Descal-
ços de Coimbra.

Deixou muitos, e doutos pareceres que
fez por ordem dos Inquisidores sobre ma-
terias pertencentes ao Tribunal do Santo Of-
ficio, e outras materias de que se podia for-
mar hum volume de justa grandeza, e só-
mente se imprimio o que fez sobre esta
questão.

*Utrum liceat immo valide possint fideles
in hoc Lusitaniæ regno, & ejus ditionibus de-
gentes plures Bullas Cruciatas pro suo libito
intra ejusdem anni curriculum pro mortuis ac-
cipere; an solūmodo duas, alteram anni prin-
cipio, alteram anni medio sicut ipsi vivi pro se
accipere valent?* Sahio à luz publica in *Que-
stionib. Select.* de *Bulla Sanctæ Cruciatæ* Auçtore
D. Laurentio Pires de Carvalho Tom. 1.
a pag. 59. até 70.

O P. D. Manoel Caetano de Souza lhe
chama pag. 76. do livro allegado das *Quest.
Select.* da *Bulla: Vir à Theologica eruditione,
à Sacra eloquentia, & à notitia Historiæ Ecle-
siasticæ laudatissimus,* e Fr. Martial. a S. Joan.
Bapt. in *Bib. Script. Carmel. Excalc.* pag. 17.
*Scientia, & pietate in tota Lusitania venera-
tioni fuit.*

ANDRE DE RESENDE cujo nome será
sempre celebre nos Annaes da Republica
litteraria, naceo na illustre Cidade de Evora
no anno de 1498. e foy filho de Pedro Vaz
de Résende, e Angela Leonor Vaz de Goes
ambos descendentes de nobres Familias prin-
cipalmente a dos Résendes de que elle ainda
que modestissimo sendo provocado se van-
gloria escrevendo a Jorge Coelho *Jactabis
tu forsã Calios tuos, aut potius Cuniculos: oppo-
nam ego clarissimam olim, & nunc non obscuri, nec
humilis fastigij Resendiorum gentem à Vasco
Martino Resendio, cui magno cognomen fuit, atavo
per Gallionem seu mavis Ægidium Vasum aba-
vum, Vasum Martinum minorem proavum, Mar-
tinum Vasum avum, Andream Vasum patrem
Resendios ad me legitimis nuptiis, & liberali
matrimonio derivatum. Ego Lusitani equitis filius
sum, qui bello Hispaniensi sanguinem pro patria
non semel fudit.* Na pueril idade de dous annos
ficou Orfaõ de seu Pay, mas suprio esta fal-
ta a prudente vigilancia da Mãy, que conhe-
cendo o agudo, e perspicaz engenho, de
que o dotara liberalmente a natureza, o mandou
instruir naquelles rudimentos de que eraõ
capazes os seus annos, para que fizessẽ mayo-
res progressos nas sciencias de que dava firmes
esperanças o seu genio. Professou na flor da
adolescencia o instituto da Sagrada Ordem dos
Prégadores, cujos Prelados admirando a viva-
cidade da sua comprehensãõ o mandaraõ
no anno de 1512. a Alcalá, e depois a Sala-
manca, onde aprendeo as letras humanas com
Antonio de Nebrissa, e Ayres Barboza Ora-
culos da Lingua Latina, e Grega, e sahio em
hum, e outro idioma taõ perito, que chegou
a arrebatar as atençaens destes dous insignes
Mestres, naõ sendo menos versado na Hebraica,
em que o instruhio o celebre Nicolao Clenardo,
que da mesma Universidade de Salamanca o
trouxe para Mestre da de Coimbra por or-
dem de ElRey D. Joaõ o III. Com a mesma
facilidade estudou as sciencias mayores rece-
bendo a borla doutoral na faculdade de
Theologia. Dezejoso de augmentar os the-
souros de erudiçaõ sagrada, e profana, que
já possuia, passou a Pariz, onde mereceo as
estimaçoens dos Varoẽs mais doutos daquel-
la Universidade naõ sendo inferiores as que
lhe fizeraõ Joaõ Vaseo, Joaõ Campense,

e Rogero Rescio egregios professores das linguas Latina, Grega, e Hebraica. Deste domicilio se transferio para Bruxellas obrigado da authoridade de D. Pedro Mascarenhas Embaixador delRey D. Joaõ o III. ao Cesar Austriaco, convidando-o para que o instruisse nas letras humanas, a cujo estudo era muito inclinado, e obedecendo promptamente à insinuação do Embaixador o tratou com particulares significações de affecto, e o insinuou na graça de Carlos V. que summamente estimava a Réfende usando com elle de tanta benevolencia, que muitas vezes se lembra deste Principe com agradecidas expressões. Recebendo em Flandes a funesta noticia da morte de sua Mãe a quem ternissamente amava, voltou no anno de 1534. a Evora, onde lhe confagrou à sua memoria como indelevel padraõ do seu affecto este elegantissimo epitafio.

Memoriæ, et pietati dicatum.

Salve mea Mater femina innocentissima cui me inter cunas relictum pius pater fidei tuæ non ignarus, extrema voce comisit moriens: cujusque perpetuo castissimoque viduio educatus liberaliter annos triginta octo quidquid id ætatis sum, quidquid futurus postea acceptum fero: audita morte tua adsum ab ultimis Germanis parentatum. Conlacrumans mæstiter justa solvi, & quoniam Te una mea mater adempta miserabilem, et orbem tædet patriæ olim dulcissimæ, iterum peregre revertor.

L. Andréas Rescendus

*Angelæ Leonoriæ Vasæ matri pientissima
& B. M. D. S. P.*

Taõ altamente lhe penetrou o coração esta fatal calamidade, que para não ter presentes os estímulos de huma pena, que julgava ser inconsolavel determinou auzentarse para sempre da sua patria; porém como ElRey D. Joaõ o III. não quizesse, que o Reyno ficasse defraudado de hum taõ insigne Varaõ, lhe impedio a resolução nomeando-o Mestre de seus Irmaõs os Infantes D. Affonso, D. Henrique, e D. Duarte (e não ElRey D. Manoel, seu Pay como com erro manifesto escreveraõ Mireo, e Scoto na *Bib. Hispan.*) e antevendo, que a vida Claustral, que professava, lhe serviria de grande obstaculo para exercitar este ministerio, alcançou faculdade Pontificia para que mudasse o Habito Religioso pelo

Clerical, o que executou no anno de 1540. e ainda que viveo o largo espaço de trinta e tres annos separado da companhia dos seus Religiosos sempre observou exactamente a disciplina regular, como se vivera no Claustro, vendo-se sómente a mudança no Habito, e naõ em os costumes. Na sua patria habitava em humas Casas, que tinhaõ hum ameno jardim, cujo circuito estava ornado de antigos marmores, em que se liaõ gravadas varias inscrições. Pouco distante dellas edificou huma Quinta muito delectavel pela copia de arvores, e abundancia de agua, que corria de huma sumptuosa fonte, na qual estavaõ abertos em hum marmore estes Versos.

Exere Nai caput tenebrosa é rupe; lætumque

Vise tibi sacrum, pomiferumque nemus;

Per quod ubi læto discurrens libera fluxu

Arboribus veniat copia læta tuis.

Sobre esta fonte levantou huma Casa de prazer, e no seu frontispicio estava esculpida huma Cruz, em cujo pé se liaõ estes Versos.

Flecte genu; en signum, per quod vis vincta tyrani

Antiqui; atque Erebi concidit Imperium:

Hoc tu sive pius frontem, sive pectora signes,

Nec Lemurñ insidias, spectraq̃ vana time.

Para este diliciozo domicilio se retirava alguns dias onde acompanhado dos seus familiares passava o tempo altercando com elles varias questões litterarias. Como fosse sempre inimigo do ocio abrio nas suas Cazas, que estavaõ contiguas ao Palacio Archiepiscopal, Escola publica aonde concorriaõ as principaes pessoas da Cidade de Evora a ouvir a sua doutrina distinguindose entre todos o Cardial D. Affonso, que o estimava com tanto excessso, que muitas vezes lembrado das instruções que delle recebera, entrava nella delectando-se de ser ouvinte da sua grande erudição. Foy sempre ornado de espiritos generosos, e de hum desprezo taõ heroico de todas as dignidades do mundo, que sendo summamente aceito ao Emperador Carlos V. a ElRey D. Joaõ o III. e aos Infantes seus Irmaõs, nunca teve ambição de algum lugar honorifico, sendo o seu mayor disvello estar continuamente revolvendo os livros, e escrevendo em diversas linguas, que perfectamente sabia, as suas doudas, e varias compozições.

Na indagação dos monumentos da antiguidade Romana foy singular, chegando neste genero de estudo a tal excessão, que todas as vezes que fazia jornada para alguma parte, levava diversos instrumentos para com elles os extrahir das entranhas da terra. Não applicou menor cuidado no exame das Actas dos Santos examinando para este fim os mais celebres archivos das Igrejas de Portugal, e Castella, de cujo immenso trabalho colheo copioso fruto, como escreveu Galefino na prefacção do Martyrologio; *Lustratis Hispania Basilicis, Cathedralibus, compertisque antiquis tabulis Sanctorum Hispanorum Historiam disertatione contexvit*, e Joaõ Vaseo in *Chron. Hisp.* Part. 1. cap. 5. *Certe Sanctorum historiarum Hispanorum non alibi meliore fide scriptas reperias; quas ille ante annos multos lustrata ferè tota Hispania tamquam quod futurum erat præfagiens, et summo studio perquisivit, et ex Ecclesiarum libris, ubi quam emendatissimè reperiri poterant accuratissime descripsit.* Por esta causa mereceo a primazia entre os mais celebres antiquarios assim sagrados como profanos sendo consultado como Oraculo pelos mayores eruditos da Europa como expressamente o confessarão Vaseo no lugar já allegado cap. 6. *Si quid mihi suboriretur scrupuli ad illum tamquam ad asylum quoddam semper confugi, cujus exactissimum in re litteraria judicium non solum ego semper maxime feci*, e Scoto in *Bib. Hisp.* Tom. 3. Classe 2. pag. 481. *Antiquitatis quoque patriæ, præsertim vero sacræ peritus in paucis fuit; ut omni ævi memoriam animo comprehensam haberet, ferrereturque in oculis quasi Oraculum esset civitatum. Consultus itaque frequenter Hispanis de rebus, et antiquitate à doctissimis hominibus, qui fasces illi subjecerunt &c.* Foy insigne Poeta imitando fielmente nas Epistolas a Horacio, e nos Poemas a Virgilio. Não foy menos feliz na Oratoria observando religiosamente os preceitos do Principe da eloquencia Romana de que são claros argumentos as Oraçoens, que recitou, huma em a Universidade de Lisboa em o 1. de Outubro de 1534. e outra quando era Lente de Humanidades na Universidade de Coimbra em 28. de Junho de 1551. conciliando pela expressão dos termos, e energia da representação os

applausos de todos os Academicos. O seu estylo era grave, elegante, e discreto, affectando muitas vezes algumas palavras escuras em obsequio da Veneravel antiguidade de que foy observantissimo cultor. Soube com perfeição a Arte da Musica, cujos suaves preceitos destramente exercitava não sómente cantando, mas tangendo diversos Instrumentos. Na sciencia Theologica não mereceo menor veneração, que na Rhetorica Ecclesiastica com a qual em numerosos Auditorios fez tão respeitado o seu nome, que o elegeo por seu Prégador ElRey D. Joaõ o III. e o foy do Serenissimo Infante Cardial D. Henrique. Estes tão insignes dotes de que prodigamente o ornou a natureza, e a arte, lhe alcançaraõ as estimaçoens dos Monarchas, e Principes Portuguezes; dos Varoens mais famosos do seu tempo, como foraõ Jeronymo Oforio, Damiaõ de Goes, Achilles Estaço, Jeronymo Cardoso, e Diogo Mendes de Vasconcellos Portuguezes, Erasmo Roterodamo, Conrado Goclenio, e Joaõ Vaseo Flamengos, Joaõ Phlu, e Joaõ Dantisco Polacos, o Cardial Antonio Puccio Italiano, e Martim Aspilicueta Navarro, Gracilasso, Ambrosio de Morales, Bartholameu Kabedo Espanhoes, e por outros Sabios com quem teve erudita comunicação. Considerando, que era mortal mandou laurar a sua sepultura na entrada do Capitulo do Convento dos Dominicanos de Evora querendo conservar entre a frialdade das cinzas o ardente affecto, com que sempre amara a Religiaõ de que fora filho. Na Campa se gravou este Epitafio.

L. Andreas Resendius H. S. E.

Morreo na sua patria em 9. de Dezembro de 1573. quando contava 75. annos de idade. Foy de estatura alta, olhos grandes, cabello crespo, cor morena, de aspecto alegre, e tão affavel para os domesticos, como severo para os discipulos. O seu nome será sempre memoravel na posteridade, e nunca bastantemente applaudido pelas pennas dos mayores Escritores pois além dos allegados o celebraõ Andrad. na *Chron. delRey D. Joaõ o III.* Part. 3. cap. 69. chamando-lhe *Homem de muitas letras, e authoridade.* Estaço *Antig. de Portug.* cap. 2. §. 25. *Insigne Theologo, e illustre antiquario... Lume notavel de varia erudição,*

e universal Doutrina a quem como a Oraculo acudiaõ com suas perguntas Joaõ Vaseo, Joaõ de Barros, Gaspar Barreiros, Diogo Mendes de Vasconcellos, Bartholameu Kebedo Conego de Toledo, Ambrosio Morales, e outros, e cap. 44. §. 4. Excellente Theologo, Orador, e Poeta, Barreiros Corograph. fol. 2. *Varam muy douto em todo o genero de disciplinas, e grande investigador de cousas antigas.* Ofor. in *Epist. Nuncup. de rebus Emman. Vir doctissimus.* Cardof. *Agiol. Lusit.* Tom. 1. pag. 269. no Comment. de 27. de Janeiro let. A. *exquifito, e acertadissimo antiquario.* Macedo *Lusit. Purp. et Insul.* pag. 225. *insignis illius ætatis antiquarius.* Sampayo in prolog. *Vit. B. Petri Eborensis: Doctorem insignem Damian. de Goes in Descript. urbis Ulyssip.* *Vir doctorum omnium judicio et calculo comprobatus.* Arnold. Myllio in *Epist. Dedicat.* das suas obras a Simaõ Rodrigues. *Ille enim omni doctriinæ genere poetica, oratoriaque facultate, juxta atque Historiarum, Ecclesiasticarumque rerum peritia instructus... ad patriæ antiquitates illustrandas sic aggressus est, ut qui hominis industriam mirantur, plurimos, qui vero imitentur, paucos invenies.* Bivar *ad Dextrum* 134. n. 6. *Authorem classicum.* Lud. a D. Franc. in præfat. *Glob. Canon. diligentissimum antiquarium.* Nicol. Ant. in *Bib. Vet. Hisp.* lib. 2. cap. 10. n. 450. *Criticus, & poeta celebris famæ;* et lib. 4. cap. 2. n. 23. *Vir eximia eruditionis, et judicij, et lib. 7. cap. 4. n. 79. Lumen Portugalliæ magnum, e na Bib. Hisp. recent.* Tom. 1. pag. 66. col. 1. *Opera ejus si legeris, omnes industriæ accuratissimæ, ac reconditæ eruditionis numeros, sive in sacra, sive in profana re completos summa cum jucunditate experiaris.* Nicolao Clenardo allegado por Vaseo *Chron. Hisp.* cap. 6. *Poeta insignis tanta carminis majestate, tam nervosis inventionibus donatus ab Apolline, ut si in studio poetico perduraret, tam nobilem vatem haberet Eboræ, quam olim genuit Corduba.* Ambr. Moral. in *Epist. ad ipsum Resend.* *Amo te Resendi doctissime, amo te, et unice profecto diligo: vel de tua nobilitate, quam mihi ego in bonis semper suspiciendam, et colendam existimavi: vel de tua ista insigni eruditione, et eximia Hispanæ antiquitatis cognitione, quæ nostrates omnes præcellere, et longo intervallo*

videris anteire: ut carminum tuorum jucunditatem mihi poetices amantissimo dulcissimam orationem, gravitatem eloquentia commendabilem interrim taceam, e na Chron. de España liv. 11. cap. 3. el Maestro Andréa Resendio de quien siempre, que se habla se habla de un Varon muy docto, y de gran juicio en todo genero de antiguidades. Cellarius *Geograph. Antiq.* lib. 2. cap. 1. Sect. 1. §. 5. e 21. *doctissimus* posto que se equivoca chamando-lhe Lourenço em lugar de Lucio, em cujo erro tinha cahido Abrahaõ Bucholcero in *Nologic.* ad ann. 1577. Anton. Senenf. in *Bibliotheca. Fratr. Ord. Prædicat.* pag. 18. *Vir doctissimus in politionibus litteris, linguarum notitia clarus, et omnis generis antiquitate mirus indagator, et verbi Dei præco præstantissimus.* Barnab. Moren. de Varg. *Hisp. de Merid.* liv. 1. cap. 3. *Varon insigne.* Manoel de Faria, e Souf. *Cathal. dos Escrit. Portug.* Original de que usamos, *famoso en letras humanas, e no Comment. às Lusit. de Camoens.* Cant. 3. Estanc. 127. *Judiciosissimo No Epit. das Hisp. Portug.* Part. 5. cap. 15. se enganou fazendo dous Resendes diferentes, hum que efcreveo Historia; e outro Vidas de Santos sendo o mesmo, cuja opiniaõ errada seguio Joan. Suar. de Brito in *Theat. Lusit. Litterat.* lit. A. n. 44. *Fonf. Evor. glorios.* pag. 404. *resplandecendo entre tantos astros como Sol entre as Estrellas* Marinho *Fund. de Lisboa* liv. 1. cap. 7. *eruditissimo, & ibi. cap. 10. diligentissimo* Monteiro *Clauft. Domin.* Tom. 3. pag. 136. *Echard. Script. Ord. Præd.* Tom. 2. pag. 221. *Leytaõ Memor. da Universidade de Coimb.* pag. 539. n. 1154. *Jacob. Uferius de Britan. Eccles. primord.* cap. 137. *Patr. Angel. Sper. de Professor. Grammat.* lib. 4. fol. 401. *Ghilin. Theatr. di huom litterat.* Tom. 2. pag. 17. *Possevin. in Appar. Sacr.* Tom. 1. pag. 76. *Nicol. Coelius ad lect. Virum in omni disciplinarum genere consumatissimū* Philip. Lab. in *Mantissa antiquariæ supelectilis.* *Eduard. Non. Cenfur in libellum de Regn. Port. Origin.* fol. 3. *Lusitanarum antiquitatum maximus indagator.* *Flavius Jacob. Odar.* lib. 1. ode 4.

*Permessi vada limpidis
Immisces Durij fontibus et nova
Cingis fronde comas ó decus ò jubar
O splendor patriæ gentis, et unicum*

Vatis praesidium tui.

Petrus Sanches in *Epist. ad Ignat. Moral.*
Tu quoque dum summis descendunt montibus
umbræ

In mare declivi current dum flumina cursu
Docta per ora virum volitabis magne Resendi.
Te querulo extinctum gemitu, sparsisque ca-
pillis

Thespiades, Nymphæque simul flevère Tagna-
næ,
Atque bederas digitis flava de fronte virètes
Immixtas Sacræ lauro decerpit Apollo,
Fregit, et iratus Cytbaras, et eburnea plec-
tra:

Heu quot thesauri secundo pectore in illo
Rerū antiquarum miracula quanta latebant?
Non plura edocuit Varro, Carmentave ma-
ter;

Versus aut cecinit Delphis oracula Phæbus.
Jeronimo Cardoso in *Epist.* 6. Cujus præ-
clara eruditio quasi lumen aliquod extinctis jam
pene litteris elucet. e no liv. 2. *Elegiar.*
Eleg. 10.

O cui Palladium Phyto faciunda coronam
Præbuit auratam Phæbus, et ipse lyram.

O cui præmisit natas audire canentes
Mnemosyne Aonij fons, et origo chori:

O cui conclusit raras in pectore dotes
Natura haud ulli mitior ante viro.

Quid facis Andræa nostræ lux unica gentis
Et generis nimium firma columna tui.

Et in lib. 1. *Sylvar.*

Quæ te tam fausto, & claro sub sydere natum
Sustulit? Andræa nostræ decus addite genti;
Cujus in astra volat clarum per sæcula nomen
Curribus evectum famæ...

Ecce venit toti vates Heliconius orbi
Lampada dimotis nebulis, & clare daturus
Lumina; nunc bederis nunc lauro cingite cri-
nes

Castalides vestras, tantoque occurrere
vati.

O P. Antonio dos Reys no *Enthusias-*
mo Poetico, que serve de prefação aos seus
Epigrammas. n. 4.

= *Celeber Resendius, orbis*

Quá patet immensus fama bene notus, avená
Seu cupiat cecinisse levi, seu dicere prosá:
Ille sub obscuris latitantia saxa ruinis
Qui prior incubuit, potuitque evolvere Lusis,

Unica Romanæ retagens vestigia gentis.

Catalogo das obras impressas.

Libri quattuor de Antiquitatibus Lusit-
aniæ. Eboræ apud Martinum Burgensem
1593. fol. *Acessit liber quintus de antiquitate*
Municipij Eboensis à Jacobo Menetio Vascon-
cellio. Romæ apud Bassam 1597. 8. Coloniae
Agrippinæ ex Officina Brickmanica. 1600.
8. Coloniae apud Gerardum Grevemburch
1613. 8. & in Tom. 2. *Hispan. Illustrat.* à pag.
892. usque ad 893. Francof. apud Claudium
Marnium 1603. fol.

Historia da Antiquidade da Cidade de
Evora. Evora por Andre de Burgos 1553.
12. e segunda vez examinado pelo Author
Evora pelo dito Impressor 1576. 12. vertida
em Latim por André Scoto Colon. Agrip-
pinæ ex Officin. Birckmannica. 1600. 8. in
Tom. 1. *Oper. Resend.* à pag. 255. usque ad 303.

Pro Sanctis Christi Martyribus Vincentio
Olyssiponenfi patrono, Vincentio, Sabina, & Christ-
helide Eboensibus civibus, & ad quædam alia
responso ad Bartholameum Kebedium Sancte Tole-
tanæ Ecclesiæ Sacerdotem Virum doctissimum. Olyf-
sip. apud Franciscum Garcionem in Officina
Joanis Barreræ Typ. Reg. 1567. 4. et in Tom. 2.
Hisp. Illustrat. Francof. apud Claudium Mar-
nium 1603. fol. a pag. 1003. ad 1021. Colon.
apud Gerardum Grevemburck. 1613. 8.
Colon. Agrip. apud Offic. Birckman. 1600.
8. in Tom. 2. *Oper. Resend.* à pag. 151. uf-
que ad 226. A esta epistola chama doutíssima
D. Nicol. Ant. in *Bib. Hispan.* Tom. 1.
pag. 66. col. 2.

Endeca syllabum ad Sebastianum Regem.
Ad Deum Patrem ob calamitatem secta-
rum oden.

Ad Christum optimum maximum Resen-
dij Confessio carmen.

Epistola ad Reverendum in Christo Pa-
trêm D. Gasparum Casalem Episcopum
Leirinensem. Verso Heroico.

Responso Epigrammati Oratoris Regis
Angliæ in Effligiem Sebastiani Regis.

Todas estas obras poeticas sahiraõ Oly-
sipone apud Franciscum Garcionem in Of-
ficin. Joan. Barreræ 1567. 4. et Colon. Agrip-
ex Officina Birckamannica 1600. 8.

Epicedion, et ode de raptõ Daciæ Prin-
cipe. Bononiæ apud Joan. Baptist. Phaellum

1533. 4. et Colon. Agrippin. ex Offic. Birckmannica 1600. 8. in Tom. 2. *Oper. Refend.* à pag. 57. usque ad 60.

D. Emmanuelis P. F. invicti filiae, D. Joannis III. P. F. invicti Sorori Mariae Principi eruditissimae Epistola Heroica. Conimb. apud Joan. Barrerium, et Joan. Alvarum Socios Typ. Reg. mense Julio 1551. 4. et Colon. Agrip. ex Officin. Birckmannica. 1600. 8. in Tom. 2. *Oper.* à pag. 78. ad 82.

Ad Epistolam D. Ambrosij Moralis viri doctissimi inchoatam Academia Complutensis Rhetoris, ac regij historiographi responsio. Simul.

Ad Sebastianum Lusitaniae Regem Serenissimum ob regni acceptum regimen Carmen. Eborae apud Andream Burgium Typ. Seren. Princip. Cardin. Mense Mayo 1570. 4. Esta Poesia sahio Coloniae Agrip. ex Offic. Birckman. 1600. 8. in Tom. 2. *Oper. Refend.* à pag. 84. ad 88. A reposta a Ambrosio de Morales sahio no livro intitulado *Deliciae Lusitano-Hispanicae* Colon. apud Gerardum Grevenburch. 1613. 8. et Col. Agrip. ex Offic. Birckman. 1600. 8. in Tom. 2. *Oper. Refend.* à pag. 233. ad 263. et Tom. 2. *Hispan. Illustrat.* Francof. apud Jacobum Marnium 1603. fol. à pag. 1023. ad 1031.

Ad Philippum Maximum Hispaniarum Regem ad maturandam adversus rebelleis Mauros expeditionem cohortatio. Carmen. Simul.

Ad Sebastianum excellsum Lusitaniae regem epigramma Eborae apud Andreum Burgium mense Martio 1570. 4. et Colon. Agrippin. ex Offic. Birckmannica 1600. 8. in 2. Tom. *Oper. Refend.* à pag. 99. ad 106.

Vincentius Levita, et Martyr Opus epicum in duos libros divisum. Cum adnotationibus Authoris. Estas notas fez à petição de seu amigo Martinho Ferreira para maior clareza do Poema as quaes compoz no breve espaço de dez dias. Olyssipone apud Ludovicum Rodrigues 1545. 4. & ibi Typis Joannis Barreira 4. Colon. Agrip. ex Offic. Birckman. 1600. 8. in Tom. 2. *Oper. Refend.* à pag. 5. ad 90.

Ad Fernandum Rhotorigium Almadicum Rhotorigii Fernandi Almadici filium optima spei puerum. Carmen epicum. Colon. Agrip. ex Officin. Birckman. 1600. 8.

in Tom. 2. *Oper. Refend.* à pag. 36. ad 40.

Epistola heroica, sive invectiva in Vitam aulicam, et simul carmen Petrejo Alphani suo. Bononiae apud Joan. Baptist. Phaellum 1533. 4.

In obitum Joannis Tertii Lusitaniae Regis conquestio. Olyssipone apud Joannem Blavium. 1567. 4. et Colon. Agrip. ex Offic. Birckman. 1600. 8. in Tom. 2. *Oper. Refend.* à pag. 72. ad 17.

Duae epistolae heroicae, altera ad Lupum Scintillam, altera ad Petrejum Sancium. Olyssip. apud Joan. Blavium 1561. 4. et Colon. Agrip. ex Officin. Birckmannica 1600. 8. in Tom. 2. *Oper. Refend.* à pag. 107. ad 122.

Oratio pro rostris habita in Olyssiponenfi Academia Kalend. Octob. an. 1534. Olyssipone apud Germanum Gallard. 1554. 4.

Oratio habita Conimbrica in Gymnasio regio anniversario Dedicacionis ejus die IV. Calend. Julij. 1551. Conimbricae apud Joan. Barrerium, et Joan. Alvarum Typ. Reg. 1551. 4. et Colon. Agrip. ex Offic. Birckmanica 8. Tom. 2. *Oper. Refend.* à pag. 266. ad 284.

Sermaõ prégado em ho Synodo Diocesano, que em Evora celebrou o Reverendissimo Senhor D. Joaõ de Mello Arcebispo de Evora ho primeiro Domingo do mez de Fevereiro 1565. Em Casa de Francisco Correa Impressor do Cardial Infante nosso Senhor a hos XVII. dias de Agosto de 1565. 4. Sahio vertido em Latim Colon. Agrip. ex Officin. Birckman. 1600. 4. in 2. Tom. *Oper. Refend.* à pag. 285. ad 304.

Ha Sancta vida, e religiosa conversão de Fr. Pedro Porteiro do Mosteiro de Sanct Domingos de Evora. Tem no fim, como nella vimos, estas palavras. *Foy visto este Compendio per hos muitos magnificos, e reverendissimos Señores hos Señores Meestre Fr. Manoel da Veiga, e ho Doctor Diogo Meendes de Vasconcellos Inquisidores, em este Arcebisnado de Evora por ho Cardeal Infante nosso Señor, e per sua auctoridade que aquy vay interposta, Andree de Burgos Cavalleiro da Casa do dito Señor, e seu Impressor ho imprimio em Evora no mez de Outubro do año de 1570.* 4. Foy esta vida traduzida na lingua Latina por Fr. Estevaõ de Sampayo Dominico com alguns additamentos, e sahio no livro intitulado *The-*

zaurus arcanus Lusitanis gemmis resurgens. Parisiis apud Thomam Perier 1586. 8.

Conversionis mirandæ D. Aegidij Doctoris Parisiensis Ord. Præd. libri quatuor.

Esta obra prometeo Fr. Antonio de Sena in *Bibliothec. Frat. Ord. Præd.* pag. 34. que havia de imprimilla, cujo Original se conserva no Convento de Santarem, o que executou Fr. Estevaõ de Sampayo no livro assima allegado, na qual mudou, e acrescentou algumas cousas: *Qui utinam* (como escreve o eruditissimo Echard in *Script. Ord. Præd.* Tom. 2. pag. 225.) *qualis à Refendio prodierat, reddidisset, notis suis ubi libuisset tantum appositis: sacra enim sunt hujusmodi præsertim clarorum virorum opera, quæ temerare nemini licet.* Desta obra faz mençaõ Fr. Francisco Brandaõ *Monarc. Lusit.* Part. 5. liv. 16. cap. 14.

Breviarium Eboense. Olyssipone apud Ludovicum Roterigium Bibliopolam Typographum Regium. Anno a Christo nato millesimo quingentesimo quadragesimo octavo, mense Aprili. 8. Começa o prologo composto por Rêfende, com este titulo. *Ad Lectores.* e abaixo principia *Accipite Christi JESU Sacerdotes, ac Sacerdotij candidationes Divinorum Officiorum juxta ritum Sanctæ Eboensis Ecclesiæ Breviarium.*

De cujo trabalho, que applicou para esta obra faz illustre memoria Joaõ Vaseo in *Chron. Hisp.* cap. 5. dizendo. *Ita nitori suo restituit, ut non arbitror aliud reperiri exactiori judicio concinnatum.*

Officium, et Missa Sanctæ Elisabethæ Reginae Portugalliæ. Ulyssipone. 1551. 8.

Officium, et Missa Sancti Gundisalvi de Amarantho Deste Officio diz Fr. Luiz de Soufa na *Histor. de S. Doming. da Prov. de Portug.* liv. 5. cap. 11. fora composto com huns hymnos de taõ fina Poesia, que se sente nella o cheiro da melhor, e mais polida dos celebres Poetas antigos. Naõ fomite compoz os hymnos, e responsorios destes dous Officios quanto à letra, mas a Solfa do Cantochaõ, em que era muito perito para por ella se cantarem, como o mesmo Rêfende na *Epistola ad Kebedium* já allegado, escreve. *Musici exquisitoris decus non ambivi, tantum cum Officia non nulla hujus nostræ Eboensis Ecclesiæ à mea Officina prodierint, ex eadem tantum adjeci duobus alteri Reginae Sanc-*

tæ Elisabeth, alteri huic D. Gundisalvi; e fallando do Officio de S. Gonçalo diz B. Gundisalvi *Officium à me compositum mire extollis, gaudeo sane, et ita vere adfectum esse te non solum gaudeo, sed exulto. Modulationem tamen cantus valde improbas. Quid ni improbes? Quum tam depravate typis excusa sit, ut ego eam nec adnoscam, nec saltem cantare me posse ullo modo sperem qui eam composueram.*

De Verborum conjugatione commentarius. Ulyssipone apud Ludovicum Rotirigium. 1540. 4. Colon. 1610. 8. He huma Arte de Grammatica para D. Leonor de Noronha, e seu irmaõ o Conde de Alcoutim filhos de D. Fernando de Menezes II. Marquez de Villa Real.

Genethliacon Principis Lusitani Regis Joannis filij prout in Gallia Belgica celebratum est à clarissimo Viro Petro Mascaramio mense Decembris 1532. Bononiæ apud Joan. Baptist. Phaelum 1533. 4.

Ludovicæ Sigæ tumulus Elegia. Ulyssip. apud Hæredes Germani Galiardi 1561. 4. Começa.

Occubuit Sigæ decus telluris Iberæ,

Ac ævi, ac sexus gloria prima sui.

Epistola Joanni Vasæo Viro doctissimo de Æra Hispanorum. Colon. Agrip. ex Offic. Birckmanica 1600. 8. in. 2. Tom. *Oper. Refend.* à pag. 123. ad 127. & Colon. apud Gerard. Gravenburh. 1613. 8. no livro intitulado *Deliciæ Lusitano-Hispanicæ.* et Tom. 2. *Hispan. Illustrat.* Francof. apud Jacobum Marnium 1603. fol. à pag. 228. usque ad 832. Desta obra se lembra Covarruvas lib. 1. var. *Resolut.* cap. 12.

Pro Colonia Pacensi ad Joannem Vasæum virum doctissimum Epist. Ulyssip. apud Joan. Blavium 1561. 4. et Colon. Agrip. ex Officin. Birckmanica 1600. 8. in Tom. 2. *Oper. Refend.* à pag. 128. usque ad 150. et Colon. apud Gerard. Gravenburch. 1613. 8. no livro intitulado *Deliciæ Lusitano-Hispan.* et in 2. Tom. *Hispan. Illustrat.* à pag. 997. ad 1002.

Urbis Lovaniensis, et Academiae Encomium.

De Conrado Goclenio nobili rectore

Oda ad Conradum Goclenium.

Ad Jacobum Menætium Vasconcellum urgentem antiquitatū Lusitanæ editionem.

Ad Julianum Albium, et Petrum Sancium: Saturnalibus.

Desiderio Erasmo Roterodamo S.

Desiderii Erasmi Roterodami encomium.

Ad Damianum Gorum Musicum.

De Vita aulica ad Damianum à Goes.

Ad Nicolaum Clenardum.

Ad Andræam Quatrinium.

Todas estas obras são poeticas, e sahiraõ Colon. Agrippinæ ex Officin. Birckmannica. 1600. in 8. in Tom. 2. *Oper Resendij* à pag. 13. usque ad 56.

Alphonso S. R. E. Cardinali Emmanuelis Regis filio Epistola data Eboræ Calend. Octob. 1533.

Bartholomæo Friæ Albernotio Juris consulto doctissimo Epistola.

Estas duas Cartas sahiraõ impressas no principio *Antiquit. Lusitaniae.*

Ad Damianum Goresum Epistola.

Sahio com as obras deste Author Lovanii ex Officina Rutgeri Rescij 1544. 4. He escrita em verso heroico, e começa. *Exemplo Damiane malo qui primus in aulam.*

Ad Hieronymum Cardosum epistola He a 5. entre as deste Author, e sahio Ulyssipon. 1555. 8.

De vita aulica ad Speratum Martianum Ferrarium Lusitanum. Bononiæ apud Joan. Baptist. Phaellum. 1533. 4.

Epitome rerum gestarum in India a Lusitanis anno superiore juxta exemplum Epistolæ quam Nonius Cugna dux Indiæ maximus designatus ad Regem misit ex urbe Cananorio IV. Idus Octob. anno MDXXX. Lovanii apud Servatium Zassenium 1531. 4. et Colon. Agrippinæ ex Offic. Birckman. 1600. 8. et in Tom. 2. *Hispan. Illustrat.* à pag. 1372. usque ad 1378. Desta obra faz menção Antonio de Leon Bib. *Orient.* Titul. 3. Com esta Impressão de Lovanha sahiraõ.

Sylvula duæ ad Henemannum Rhodium Præpositum Regensem Oratoremque ad Casarem Livoniensis Archiepiscopi. Começa a primeira.

Quid non longa dies mutat?

E a segunda.

Sulmonis gelidi exulem.

Oração na entrada, que ElRey D. Sebastião fez em Evora em 5. de Novembro de 1569. Sahio impressa na *Histor. Sebastie.* composta pelo P. Fr. Manoel dos Santos Monge Cisterciense Chron.

do Reyno de Portugal, e Academico supranumerario da Academia Real. Lisboa por Antonio Pedroso Galraõ 1735. fol. a qual está no liv. 2. cap. 8. pag. 177.

Poema Latino, que consta de 16. Dyctichos em louvor de Fr. Marcos de Lisboa Chronista da Religião Serafica, impresso no principio do 2. Tomo da *Chronica,* o qual começa.

Altera Francisci procerum turma exit, adeste

Quos nova, quos vera noscere mira juvat.

Adversus stolidos politioris litteraturæ oblatratores. Carmen. Francof. apud Fobrenium. 1531.

Poema Latino, que consta de 132. versos heroicos em applauso do insigne Viceroy da India D. Luiz de Attayde. Sahio impresso no principio da Historia deste Heróe composta por Antonio Pinto Pereira Coimbra por Nicolao Carvalho. 1617. fol.

Catalogo das obras não impressas

Chronic. Lusitan. cuja obra tinha em seu poder, e della ufava Fr. Bernardo de Brito, como elle escreve na *Monarc. Lusit.* Part. 2. liv. 7. cap. 28.

Summario dos Reys de Portugal allegado por Francisco Suares Toscano nos *Parallel. de Var. Illust.* cap. 112. e 143.

Chronica delRey D. Affonso Henriques; escrita de sua propria mão a tinha em seu poder o Chantre de Evora Manoel Severim de Faria; como testifica Fr. Antonio Brandaõ *Mon. Lusit.* Part. 3. liv. 11. cap. 35.

Summario da vida do Infante D. Duarte, dedicado a seu filho o Principe D. Duarte. Começa.

Entre os filhos que delRey D. Manoel, e da Serenissima, e Santissima Raynha D. Maria sua mulber ficaraõ, o mais moço foy o Infante D. Duarte. Consta de 20. Capitulos, cujo Original escrito, e afinado por seu Author vimos, e se conserva na Livraria do eruditissimo Jozé Freire Monterroyo Mafcarenhas, e he allegado por Francisco de Andrade na *Chronica delRey D. João o III.* Part. 3. cap. 69.

De institutione Ordinis Militaris Avisiensis. Este tratado he allegado pelo Illustrissimo Cunha in *Decret.* Part. 1. ad cap. *General.* dist. 54. n. 90. Barbosa in *Sum. Apofitol. Decis.* Collectan. 305. e Mendo de

Ordinib. Militar. Disqu. 1. quæst. 10. n. 190.

Fala na entrada da Princesa D. Joanna no anno de 1553. Desta obra faz Réfende menção na Epistola a Vaseo de Colonia Pacensi dizendo-lhe. Mitto ad te Oratiunculam quæ nostræ urbis nomine adventui Joannæ Caroli Augusti filix Principi nostro desponsæ publice sum gratulatus. Mitto autem Lusitane scriptam ut ad semi Lusitanum. Sin tu jam omnino Hispanus factus es, scito etiam Hispanis adeo placuisse, ut supra viginti exempla primores eorum à me extorserint.

Concilium Olyssiponense, do qual diz in Epistol. ad Kebedium in fine. Absolvimus circiter Saturnalia, vel potius Christiane loquar, instante Servatoris nostri natali die sex Actionibus distinctum. Crevit in justum volumen, ut quod Decreta contineat supræ trecentum.

*Livro de Architectura, ou traducção da Architectura de Leão Baptista. Escreveo este livro por ordem delRey D. João o III. de que Réfende faz menção no Prologo da Historia da Antiguidade da Cidade de Evora, e o deixou por legado a seu filho Barnabe de Réfende, e delle se lembra Estaço nas *Antig. de Portug.* cap. 44. §. 4. e no Tratado das Linhag. dos Estaços pag. 42.*

*Dous livros de Aqueductos. Offerecidos a ElRey D. João o III. no mez de Julho de 1543. na occasião, que este Principe tinha conduzido a Evora a agua da fonte da prata pelo antigo aqueducto de Sertorio, os quaes livros escritos da sua propria mão entregou ao Senado de Evora, e delles faz memoria o mesmo Réfende no cap. 3. da *Hist. da Antiguidad. de Evora.**

*Apologia pelo Aqueducto de Sertorio contra D. Miguel da Sylva Bispo de Viseu, de que se lembra no cap. 3. da *Histor. de Evora.* Desta obra escreve Diogo Mendes de Vasconcellos in lib. 5. *Antiquit. Ebor.* nesta forma. Cui (D. Miguel da Sylva) elegantissimâ epistolâ accurate respondit, ut in ea reconditos antiquitatis, et eruditionis suæ thezauros in patriæ gratiam deprompsisse videatur, cujus ipse sæpius mentionem facere solet; ut qui in ea merito sibi complaceret, vir alioquin modestiæ, & candoris amicissimus. O Padre Francisco da Fonseca na *Evora Gloriosa* pag. 405. diz: Lendo*

com atenção as historias Romanas, e huns M. S. que hoje não temos, achou noticia certa do Aqueducto de Sertorio, e procurou persuadir a ElRey que o renovasse. Oppozselbe galhardamente o nosso D. Miguel da Sylva, que não era menos erudito, e antiquario, e com hum elegante livro provou, que eraõ sonhos, e chimeras quanto Réfende dizia do Aqueducto de Sertorio; porém appellando este da Theorica para a Practica tomou conforme as noticias dos livros as suas medidas tão ajustadas, que descobrio as ruinas, e os alicerces do Aqueducto Sertoriano. Não pode D. Miguel negar as evidencias, nem ElRey deixar de fazer huma obra que havia de ser a sua immortal estatua. Fez-se a fabrica com deligencia, e introduzio-se em Evora a famosa agua da prata em cujos arcos, e fontes levantou Réfende hum padraõ immortal da sua fama.

Apologia, ou reposta, em duas Cartas Latinas escritas em Evora em 1534. a Jorge Coelho acerca de algumas materias, que contra elle arguirá.

Expostulatio adversus Gasparem Barrerium de que faz memoria na Epistola ad Kebedum.

*Carta escrita a Joã de Barros na qual evidentemente mostra contra D. Rodrigo Arcebispo de Toledo, que D. Ximena Mãe de D. Teresa mulher do Conde D. Henrique não fora concubina, mas legitima mulher de Affonso VI. Rey de Leão. De qua re (diz o mesmo Réfende in lib. 4. *Antiquit. Lusit. De Orichienfi agro*) ad Joannem Barrerium scripsi, et quidem prolixè. Desta obra fazem illustre memoria Cardofo Agiol. *Lusit.* Tom. 1. no Comment. de 22. de Fevereiro let. A. Franckenau in *Biblioth. Hisp. Hist. Gen. Herald.* pag. 27. D. José Barbosa no *Catalog. Chronol. das Rainh. de Portug.* pag. 7. e o Padre D. Antonio Caetano de Sousa no *Apparat. à Hist. Gen. da Casa Real de Portug.* pag. 38. n. 18.*

*Opera Sidonij Appollinaris emẽndou de muitos erros de que estavaõ adulteradas como elle affirma in lib. 1. *Antiquit. Lusit.* in *Tit. de Barbariis.**

*Opera Aurelij Prudentij tambem as purgou de todas as imperfeçoens, que lhe tinhaõ acrescentado, dizendo desta obra Joã Vaseo in *Chron. Hisp.* ad an. Christi 351.*

Atque hanc hujus loci restitutionem Aurelij Prudentij non mihi debes, candide lector, sed L. Andræ Resendio, qui mihi hunc locum, atque alios nonnullos qua est humanitate, communicavit. Is in hoc authore ad amissim plura restituit, quemadmodum re ipsa experieris si quando, quos sub lima premit, commentarios per occupationes serias potuerit evulgare.

De jure Italico. Este tratado diz o mesmo Réfende na *Hist. das Antiquid. de Evora* cap. 4. *Que com ajuda de Deos prestes sabirá a luz.*

Monumenta Romanorum in Lusitanis urbibus dedicado ao Cardial D. Affonso, o qual escrito da propria maõ de Resende o tinha em seu poder o Illustrissimo D. Rodrigo da Cunha como elle confessa na *Hist. Eccles. da Igreja de Lisboa* Part. 1. cap. 6. n. 5.

De Bracharenfis urbis antiquitate, et laudibus Poema epicum. Desta obra faz o seguinte Elogio o Illustrissimo Cunha na *Hist. Eccles. de Brag.* Part. 2. cap. 71. n. 5. *O grande Fr. Angelo André de Resende da Ordem dos Prégadores a quem por doutissimo em todo o genero de Antiquidade consultavaõ como Oraculo os mayores Letrados do seu tempo... Dentro de dez dias lhe mandou (a o Arcebispo de Braga D. Diogo de Soufa) hum Poema de mais de trezentos Versos da fundação de Braga taõ polido, e apurado, taõ cheyo de erudição, e outras elegancias poeticas, qual podia fazer o melhor poeta dos que hoje veneramos.*

De situ, et amplitudine urbis Ulyssiponenfis Elegia; a qual allega Fr. Bernardo de Brito *Mon. Lusit.* Part. 2. liv. 7. cap. 22.

Poema Epicum de Sanctis Martyribus Ulyssiponenfis; o qual tinha em seu poder Joaõ Tamayo Salazar como affirma no 4. Tom. do *Martyrol. Hisp.* ad diem 10. Julij, pag. 104.

Historia Sancti Rudesindi Episcopi; quã etiam (saõ palavras de Réfende in lib. 1. *Antiq. Lusit. de Monte Corduba*) *aliquando Deo bene juvante ex tenebris in lucem proferendam curabimus.* Desta obra faz menção Gaspar Estaço nas *Antig. de Portug.* cap. 2. §. 23.

Escreveo, mas não se sabe se acabou Réfende esta obra de que elle falla na Epist. ad Kebedum dizendo. *Petierat à me Jo-*

annes Vasæus) ut quosnam Deos ante Christi susceptam gratiam peculiariter Hispani coluissent ad se scribere ne gravarer, et quædam alia: quæ dum commentarer, ingratus de ejus morte nuntius comuentationem illam meam hactenus interrupit.

Libellus de Pace Julia ad Franciscum Nonium, como o mesmo Réfende testifica no liv. 4. *Antiq. Lusit. de Pace Julia.*

Vida de S. Domingos de Cuba da Ordem dos Prégadores do Convento de Santarem. Prometteo compor esta obra in *Scholiis ad D. Vincentij Poema.* pag. 41.

Sermaõ Latino prégado a 27. de Mayo de 1534. no Synodo celebrado em Evora pelo seu Arcebispo o Cardial D. Affonso, o qual se conserva com as Actas do mesmo Synodo no Cartorio do Cabido de Evora.

Ad Virginem Aqualupanam Carmen.

In obitum Beatricis Allobrogum Reginæ Carmen. De quo in *Scholiis ad D. Vincentij Poem.* pag. 49.

Ad Henricum Principem humanissimum Carmen.

Ad Brittonium Italum Carmen de quo in *Schol.* pag. 40.

Ad Joannam Vasiã feminã eruditissimã Epistola.

Ad Nicolaum Clenardum Epistola,

Ad Doctorem Fragosum Badajocensem. Epistola data Eboræ Idibus Maij. 1556.

Ad Jacobum Freyre Epistola data Lovanij Kalend. Julij 1529.

Fr. ANDRE DA RESURREIÇAM natural de Lisboa, e filho de Pedro Nunes, e Catherina Anes. Entrou na Religiaõ de S. Francisco da Provincia de Portugal, que illustrou com a pratica das virtudes, e a instrucção das sciencias, pela qual alcançou ser Mestre jubilado, Cenfor do Santo Officio creado no anno de 1618. Guardiaõ do Convento de S. Francisco da Ponte, celebre Prégador do seu tempo. Escreveo hum Volume digno da impressaõ, se a morte o naõ impedira, que totalmente ficasse acabado, cujo titulo era.

Frutos, que resultãõ ao genero humano da vida de Christo Nosso Salvador: mas cahio (saõ palavras de Fr. Fernando da Soled. na *Hist. Seraf. da Prov. de Portug.* Part. 5. liv. 3. cap. 41. n. 885.) *em maõ taõ esteril, que delle nem huma só folha appare-*

ceo, por onde se infira a elegancia com que apresentava às almas a suavidade, e belleza daquelles divinos frutos.

ANDRE RODRIGUES DE MATTOS Ulyssiponense, e Cavalleiro professo da Ordem Militar de Christo. Foraõ seus Pays Balthezar Rodrigues de Mattos Instituidor da Capella da Conceição na Parochia de S. Jozé com Missa quotidiana pela sua alma, e D. Maria da Fonseca sua segunda mulher. Na Universidade de Coimbra onde estudou Direito Pontificio recebeu o gráo de Bacharel nesta faculdade, e como era naturalmente mais inclinado às delicias do Parnaso, que às especulaçoens da Jurisprudencia sempre cultivou a arte poetica revolvendo os Poetas mais celebres, que escreverão nas polidas linguas da Europa em que era peritamente versado, observando os primores, e artificio de cada hum, dos quaes era fiel imitador, principalmente do Principe de todos Luiz de Camoens cujo divino Poema de tal forte o tinha decorado, que offerecendo-se occasião o repetia tão promptamente como se o estivesse lendo. Foy summamente estimado por todos os professores da Poetica recebendo multiplicados elogios nas Academias dos Generosos, e Singulares de que foy alumno, onde compoz diversas obras, que igualmente deleitavaõ os ouvidos, e atrahiaõ as attençoens. Costumava retirar-se no tempo do Veraõ para huma sua quinta situada no Campo Grande suburbio de Lisb., onde em idade de 60. annos tão defcontente da vida como desejo de morte acabou a carreira da sua peregrinação a 17. de Agosto de 1698. Está sepultado na Capella de N. Senhora da Conceição da Parochia dos Reys no mesmo Campo. Foy casado com D. Ignez Nunes da Gama de quem teve a André Rodriguez de Almeida Fidalgo da Casa Real, que se despozou com D. Barbara Eugenia de Tavora filha de Bernardo da Sylva de Azevedo, e de D. Francisca de Noronha da Camara de quem não teve filhos. Compoz.

Triumpho das armas Portuguezas deduzido de varios Versos do insigne Poeta Luiz de Camoens glossados, e reduzidos ao intento. Lisboa por Antonio Crasbeck de Mello. 1663. 4. He em 8. Rima.

Jerusalem libertada composta por Torquato

Tasso traduzida em Portuguez. Lisboa por Miguel Deflandes. 1688. 4.

Dialogo funebre entre o Reyno de Portugal, e o Rio Tejo glossando o famoso Soneto Fermofo Tejo meu quaõ diferente? Em sentimento do golpe mais cruel, em que a Parca, e o Outonio, huma cortou a vida mais florente, e o outro a flor mais animada na Serenissima Senhora D. Izabel Luiza Jozepha Infanta de Portugal filha primogenita do muito alto, e poderoso Rey D. Pedro II. nosso Senhor. Lisboa por Miguel Deflandes Impresor de Sua Magestade 1690. 4.

Oração recitada na Academia dos Singulares em 2. de Setembro de 1663. Sahio com as obras desta Academia 1. Part. Lisboa por Manoel Lopes Ferreira 1692. 4.

Oração ao Certame Academico da mesma Academia Part. 2. ibi pelo dito Impres. 1698. 4. Nestas duas Partes estaõ 3. Sonetos 2. Romances 2. Decimas, e huma glossa de André Rodrigues de Mattos. Delle faz illustre memoria o P. Antonio dos Reys no *Enthus. Poet.* já allegado n. 122. dizendo.

= *Erat in nitidâ Tassum prope sede locatus Rodriguius Thuscas, qui compulit ore Camanas Lusiaci cecinisse virum quem lata Sionis Mania viderunt calcata per agmina gressu Ire triumphali.*

ANDRE RIBEIRO COUTINHO natural da Villa de Estremos na Provincia do Alentejo Ajudante de huma Companhia de hum dos Terços da Guarnição da Corte. Foy instruido na lingua Latina, Poeta vulgar, e versado na lição da Sagrada Escriitura, e Santos Padres. Teve escola publica na qual com faculdade do Senado de Lisboa ensinava a puericia para à qual compoz igualmente pio, que douto a seguinte obra em vario genero de Metros.

Panegyrico Christaõ cultivado na advertencia das Oraçoens, que deve saber todo o Christaõ: e juntamente a explicação da Missa, e o que nella se deve contemplar, quando se ouve, e hum politico A. B. C. para a boa criação dos Mininos. Lisboa por Domingos Carneiro 1675. 8.

Foy casado com Cecilia de Sousa de quem teve a Paschoal Ribeiro Coutinho do qual se fará memoria em seu lugar.

ANDRE RIBEYRO COUTINHO natural de Lisboa, Fidalgo da Casa de Sua Magestade, e Alcaide mór de Baçaim, filho de Paschoal Ribeiro Coutinho, e de Maria dos Reys, e Neto de André Ribeiro Coutinho, do qual proximamente se fez menção. Depois de estudar as letras humanas, e Filosofia no Collegio de Santo Antão dos Padres Jesuitas se applicou ao estudo militar em que fahio muito perito, e para que exercitasse na pratica, o que tinha alcançado pela especulação, assentou praça de soldado, e com o lugar de Ajudante assistio em varias Campanhas no tempo que esta Coroa declarou guerra à de Castella sobre a sua successão, à qual se opuzeraõ o Duque de Anjou, e o Archiduque de Austria. Em o anno de 1716. se embarcou na famosa Armada que expedio Portugal para libertar a Ilha de Corfu da violenta oppressão a que a tinhamõ redusido os Turcos, donde passando no anno seguinte a Ungria, e assistindo na celebre batalha de Belgrado obrou açoens, que mereceraõ a enveja dos mais valerosos soldados. Restituído a este Reyno foy nomeado Sargento mór para que na India ensinasse à nossa gente militar a disciplina praticada na Europa, para cuja empreza partio de Lisboa em 14. de Abril de 1723. Neste bellicoso theatro fez renacer a memoria do Valor Portuguez devendo-se à sua laboriosa actividade o desenho da Fortificação da Praça de Taná situada em o Norte da India. Voltando para a patria foy mandado no anno de 1735. com o posto de Tenente Coronel para a Nova Colonia do Sacramento, onde tem obrado açoens tanto em beneficio desta Coroa, como em credito da sua Pessoa. O continuo estrondo das Armas nunca o separou do comercio das Musas, e da lição da Historia, em que he muito verificado. Compoz.

Prototypo constituido das partes mais essenciaes de hum General perfeito delineado em o perfeitissimo General, e Governador das Armas Portuguezas, em a Provincia do Alentejo o Senhor Pedro Mascarenhas. Lisboa por Antonio Pedrozo Galraõ 1713. 4.

Relação diaria da expugnação, e rendimento da Praça de Bicholym em 27. de Mayo de 1726. Lisboa por Miguel Rodrigues. 1728. 4.

ANDRE DA SYLVA MASCARENHAS natural de hum lugar da Beira entre os limites do Bispaço de Lamego, Doutor na faculdade de Direito Cesareo. Depois de ter administrado alguns lugares com igual prudencia, que desinteresse foy Defembargador na Relação do Porto de que tomou posse a 22. de Agosto de 1673. Como fosse naturalmente affecto ao estudo da Poesia occupava em alguma composição metrica as horas, que lhe restavaõ do laborioso ministerio da Jurisprudencia, de que he claro argumento o Poema, que publicou com este titulo.

A Destruição de Espanha. Restauração Sumaria da mesma. Lisboa por Antonio Crasbeck de Mello 1671. 4. Na prefação desta obra affirma ter acabado.

Historia dos milagres de N. Senhora da Lapa celebre Sanctuario de Portugal. M. S. O P. Antonio dos Reys no *Enthus. Poetic.* impresso no principio dos seus Epigrammas n. 110. faz delle menção nesta forma.

= *Te Hispana Cupressu
Natio velabat simul, et Parnasside Lauro
O' Mascarenhas.*

Fr. ANDRE SOBRINHO natural de Monte mór o Novo na Provincia Transtagana, filho de Diogo Sobrinho, e Sufana Dias ambos de illustres familias. Professou o Habito de Eremita de Santo Agostinho no Convento de Lisboa a 17. de Outubro de 1593. em cuja Religião sendo venerado pela virtude, e sciencia, nunca quiz aceitar nella algum ministerio mais, que o de Mestre dos Noviços por muitos annos no Convento de N. Senhora da Graça, os quaes com os seus asceticos documentos fahiraõ veteranos na perfeição Religiosa. Foy pelo espaço de outo annos Confessor do Duque de Bragança D. Theodosio Pay do Serenissimo Rey D. Joaõ o IV. Como era muito douto na Theologia moral deixou composto hum volume.

De Casibus Conscientiæ: o qual se conserva no Convento da Graça desta Corte.

ANDRE DE SOUSA DINIZ natural de Santarem, sendo seus Progenitores Ambrosio Vieyra de Carvalho, e D. Joanna de Sousa. Foy ornado de summa agu-

deza de engenho, que lhe facilitou a comprehenſão de todas as Artes liberaes. Exercitou com felicidade a Poefia ſendo igualmente perito nas letras humanas. Na lição de hum, e outro Direito era tão verſado, que podia competir com os mayores Jurifconſultos do ſeu tempo. Não foy menos valeroſo, que ſciente, obrando acçoens heroicas na famosa Praça de Ceuta. Todos eſtes admiraveis dotes, de que o ornou liberalmente a natureza, não puderaõ izentallo de muitas adverſidades armadas pela industria de ſeus emulos, que tolerou com animo heroico, e conſtante. Caſou tres vezes A 1. com D. Joanna de Teyve Cardoſa. A 2. com D. Guiomar Sarayva de Vaſconcellos, de quem teve a Fr. Feliciano de Souſa Diniz, e a Fr. André de Souſa ambos Eremitas de Santo Agoſtinho inſignes Prégadores em Caſtella. A 3. com D. Maria do Amaral, e Aguilár, de quem teve Fr. Bernardo de Souſa Pacheco Vigario Geral em Heſpanha da Ordem de S. Baſilio, Fr. Jacinto de Souſa, e Azevedo, Fr. Jeronymo de Souſa ambos Religioſos Franciſcanos, e o 2. Meſtre jubilado em Theologia, e Secretario do Geral, e a D. Antonio de Souſa, e Noronha, que no *Diſcurſ. Geneal. da Familia dos Souſ.* fol. 17. faz de ſeu Pay eſta illuſtre memoria. *Vive de edad de 76 años en eſte de 1642. Hale cabido en fuerte una notable fortuna en buenas partes favorable, mas en ſuceſſos aduerſa: ſi bien rara vez acompañaron buenos ſuceſſos a partes buenas; logra gran agudeza de ingenio; juntoſele el estudio, porque tiene baſtante noticia de todas las artes liberales. Exercita con aciertos la Poefia en ſu natural idioma; es muy viſto en las letras humanas. Reſultó de todo la compoſicion de varios libros, uno.*

Rimas varias con quatro diſcurſos de ſu vida.

y otro.

Compendio general delas Hiſtorias del mundo aſſi divinas como humanas desde ſu origen, haſta los tiempos preſentes.

Fr. ANDRE DE SANTA THERESA natural de Lisboa, e deſcendente de Pays tão illuſtres no ſangue, como na piedade. Deixando a patria paſſou a Caſtella, e no Convento de Cordova dos Carmelitas Def-

calços recebeo o habito, em cuja palestra fez iguaes progressos nas letras, que nas virtudes. A grande prudencia junta com a natural affabilidade de que era ornado o fez digno, que depois de exercitar os Priorados de varios Conventos, e ſer repetidamente Definidor Geral, foſſe com exemplo raramente viſto quatro vezes Provincial. Querendo a Mageſtade delRey Catholico Carlos II. a quem era muito accito, remunerarlhe os ſeus grandes merecimentos, o nomeou Biſpo, cuja dignidade, como ſuperior ao ſeu talento, modeſtamente recuſou. Morreo em Malaga no anno de 1715. com 81. annos de idade *Clarus doctrina, ſed clarior virtutibus*, como delle eſcreve Fr. Marçal de S. Joaõ Bautiſta in *Bib. ſcript. utriuſque Congreg. et ſexus Carmel. Excalceat.* impreſſa Burdigalæ 1730. 4. compoz.

Sermoens varios Malaga 4.

Epiftola paſtoral a ſus Religioſos

Epiftola paſtoral a ſus Religioſos

Epiftola compueſta ſobre algunas palavras del Pſalmo XXVIII.

Fr. ANDRE DE SANTO THOMAZ naceo na Provincia do Alentejo, profreſſou o habito da Ordem dos Prégadores onde depois de fahir eminente nas ſciencias mayores as enſinou com grande applauſo aos ſeus domeſticos. Na Univerſidade de Coimbra recebeo o grão de Doutor na faculdade de Theologia, e a diçtou na Cadeira de Prima de tomou poſſe em 4. de Abril de 1635. ſendo ſucceſſor neste honorifico lugar de Fr. Antonio da Refurreição promovido ao Biſpado de Angra, merecendo pela profundidade das ſuas letras a univerſal aclamação de toda a Academia. Foy Qualificador do Santo Officio cujo Tribunal attendendo à ſua grande ſciencia determinou, que as Concluſoens, que ſe houveſſem defender no Collegio de Santo Thomaz, ſendo approvadas por elle não foſſem reviſtas por outro Conſultor. Morreo em Coimbra no anno de 1640. e foy ſepultado na Capella mór do Collegio de Santo Thomaz com eſte epitafio.

Fr. Andreas à Santo Thoma Tranſtaganus Conſultor Santi Officij præclarum regularis obſervantiæ exemplar.

Eſcreveo.

Vida, e virtudes da V. Soror Isabel do Espirito Santo (e não de Santo Thomaz como por equivocação lhe chamou Fr. Pedro Monteiro *Claust. Dom. Tom. 3. pag. 144.*) *Religiosa da 3. Ordem de S. Domingos* de cuja obra faz menção Jorge Cardofo *Agiolog. Lusitan. Tom. 1. pag. 501.* no Comment. de 22. de Fevereiro letr. H. dizendo do Author della *o muito douto, e Religioso P. Fr. André de Santo Thomaz varão mayor de toda a excepção, que a confessou muitos annos, e com particular cuidado escreveu a sua vida.*

Commentaria in Summam Angelici Præceptoris, que por causa da morte do Author se não imprimiraõ. Delle se lembraõ Fr. Lucas de Santa Catherina Chronista Geral da Ordem, e Academico do numero da Academia Real na *Histor. de S. Domingos da Prov. de Portug. Part. 4. lib. 1. cap. 14.* e Fr. Pedro Monteiro no *Catalog. dos Reved. e Qualific. do Santo Offic. n. 7.* Nas Actas do Capitulo Geral celebrado em Roma no Convento da Minerva no anno de 1644. sendo Mestre Geral Fr. Thomaz Turco se faz menção delle nesta forma. *Venerandus P. Magister Fr. Andreas de Sancto Thoma primarius Conimbricensis Academiae Sacrae Theologiae Professor regularis disciplinae exactissimus observator, vitæ innocentia, et austeritate insignis, mortis suæ tempus, et modum prædixit, et tandem cum communi sanctitatis opinione feliciter quievit in Conventu Conimbricensi.*

Fr. ANDRE DA VEYGA natural da Villa de S.-Tiago de Cacem do Arcebispadado de Evora. Sendo muito sciente na lingua Latina aspirando a instruirse na sciencia dos Santos recebeu o habito da Terceira Ordem de S. Francisco no Convento de Santarem dedicado à Virgem, Martir, e Doutora Santa Catherina. Logo em o Noviciado começou a exercitar virtudes tão heroicas, que serviaõ de admiração, e exemplo aos seus domesticos, as quaes continuou com mayor excessõ pelo largo espaço da sua vida. Por preceito dos Superiores foy obrigado a ensinar fora do Convento à mocidade Portugueza naõ semente a lingua Latina, mas a Rhetorica, e Poesia, e para este effeito abriu escola em Setubal, na sua patria, e na Cidade de Portalegre, onde con-

corriaõ os ouvintes aprender com as sciencias as virtudes sendo os principaes discipulos os Illustringissimos D. Affonso de Castello Branco, e D. André de Noronha, o primeiro Bispo de Coimbra, e o segundo de Portalegre os quaes sempre fizeraõ agradecida memoria da solida doutrina de tão insigne Mestre. Attenuado com o laborioso exercicio das aulas, e muito mais da continua aspereza com que mortificava o corpo se recolheu ao Convento de Santarem, onde accumulando mais merecimentos ao seu espirito pronosticada a hora da morte, e confortado com os Sacramentos se transferio da terra para o Ceo no 1. de Abril de 1584. quando contava a larga idade de 110. annos. Do Cemeterio commum onde fora enterrado o seu cadaver com a assistencia das pessoas mais principaes de Sãtarem, foy tresladado em 10. de Abril de 1616. para lugar mais honorifico, qual foy a parede do Cruzeiro à parte da Epistola entre as Capellas de N. Senhora da Saude, e de Santo Antonio, exhalando suavissimo cheiro onde se perpetuou a fama da sua santidade pela copia de milagres, que obrava em beneficio daquelles povos circunvisinhos. Sobre a campa da sepultura se lhe gravou este epitafio.

Aqui jaz o P. Fr. André da Veiga. Falleceu em dia de Paschoa de Flores no anno de 1584. Muitas das suas obras dedicou a seu discipulo D. André de Noronha das quaes semente se imprimio a seguinte.

Acetarium varias rerum materias continens, multiplici carmine sacro præsertim constans. Ulyssipone apud Franc. Correa Seren. Cardin. Infant. Typog. 1571. 4.

Tinha composto hum Poema cujo argumento ignoro, o qual constava de tres mil versos.

Ainda, que Nicolao Antonio in *Bib. Hisp.* Tom. 1. cap. 71. escreva que Fr. André da Veyga nacera na Veyga de Toledo, cuja opiniaõ seguiu dubiamente Jorge Cardofo *Agiol. Lusit. Tom. 2. pag. 383.* se enganou, por constar certamente do Catalogo das patrias, e profissoens dos Religiosos da 3. Ordem de S. Francisco, que nacera na Villa de Saõ-Tiago de Cacem, e professara a 13. de Mayo de 1492. cujo assento affirma o P. Francisco da Cruz nas *suas Memorias M. S. para a Bib. Portugueza* o lera escrito no dito Catalogo. Ef-

crevem deste virtuoso Varaõ Jorge Cardoso *Agiol. Lusit.* Tom. 2. pag. 383. no Comment. do 1. de Abril let. F. e pag. 501 no Commento de 10. de Abril let. G. Fr. Manoel da Esper. *Hist. Seraf. da Prov. de Port.* Part. 2. liv. 11. cap. 32. n. 7. Antonio Carvalho da Costa *Corog. Portug.* Tom. 3. Part. 8. cap. 33. pag. 500. chamandolhe *Varaõ muito sabio, e devoto.* Fr. Joan. a D. Ant. in *Bib. Franc.* Tom. 1. pag. 72. e o P. Antonio dos Reys no *Entusiasm. Poet.* n. 162.

Veyga

*Tam bene de superis meritus, quàm clarus in arte
Carmina pangendi:*

ANDRE VELHO DA FONSECA Depois de estudar Direito Canonico na Universidade de Coimbra, em que tomou o Grão de Bacharel, foy nomeado Ouvidor de Angola, onde observando com juizo de Sabio, e investigação de curioso aquella vasta região da Etiopia que obedece ao Imperio Portuguez, escreveu hum grande volume que se conservava na Bibliotheca do insigne Antiquario Manoel Severim de Faria Chantre da Cathedral de Evora, com o titulo

Historia do Reyno de Angola.

DONA ANGELA DE AZEVEDO natural de Lisboa, filha de João de Azevedo Pereira Fidalgo da Casa Real, e de sua segunda mulher Dona Izabel de Oliveira mereceo pela sua natural discrição, e rara fermosura particulares estimaçoens da Rainha Dona Izabel de Borbon primeira mulher delRey de Castella Filippe IV. e não da Rainha Dona Catharina Esposa de Filippe I. como escreve o moderno Author do *Theatro heroico* Tom. 2. pag. 493. O qual Principe sendo cazado quatro vezes nenhuma destas Senhoras teve o nome de Catharina. Sendo Criada da Serenissima Dona Izabel de Borbon se despozou em Madrid com confor-te digno do seu nascimento de quem teve huma filha com a qual depois de Viuva se recolheo no Convento de S. Bento, onde professaraõ o seu monastico instituto. Cultivou com summa felicidade a Arte da Poesia de que deixou por argumentos da sua fecunda, e discreta vea as Comedias seguintes que todas se imprimiraõ com estes titulos

La Margarita del Tajo que diò nombre a Santarem. 4.

El muerto dissimulado. 4.

Dicha, y desdicha del juego, y devocion de la Virgen. 4.

FR. ANGELO DE S. DOMINGOS natural da Cidade de Evora filho de Affonso Rodrigues, e de Joanna Fernandes. Recebeo o habito dos Carmelitas Descalços no Convento de Nossa Senhora dos Remedios de Lisboa a 18. de Novembro de 1601. estudando em Coimbra as sciencias que constituem douto a hum Religioso, foy eleyto companheiro de Fr. Miguel de S. Jeronymo insigne Mestre de Noviços para os instruir na disciplina regular. O seu sublime talento o fez digno de que exercitando sem interrupção os lugares de Prior dos Conventos de Figueirò, Calcaes, Coimbra, Porto, e Aveiro chegasse a ser Provincial eleyto no Capitulo celebrado em S. Pedro de Pastrana em Castella a 6. de Mayo de 1634. observando em todas estas Prelasias igual prudencia que brandura para os subditos. A innocencia da vida o fazia amavel aos domesticos, e estranhos. Foy muito versado na Historia, e não menos na Poesia. Todo o tempo, que lhe restava das precisas obrigaçoens de Superior o applicava à lição dos livros. Vivia pelos annos de 1654. quando contava cincoenta annos de Religioso. Compoz diversas obras, que não lograraõ a luz publica, de que eraõ dignas, sendo as principaes.

Compendium historiale Sanctorum Lusitanorum, vel ad Lusitaniam quoquo modo spectantium gesta complectens.

Memoriale fundationum suæ Provinciæ Cenobiorum quibus præfuerat.

Polymita, sive diversa Poemata.

Officium proprium S. Josephi Beatissimæ Virginis Sponsi; o qual dezejava que fosse approvado para em toda a Igreja se rezar.

Officium Plagarum Christi Domini. Para se rezar em todo o Reyno de Portugal. Do Author fazem menção o Padre Francisco da Fonseca *Euor. glorios.* pag. 410. Fr. Belchior de Santa Anna *Chron. dos Carmel. Descalf. de Portug.* Tom. 1. liv. 3. cap. 14. §. 669. e cap. 26. §. 747. e cap. 28. §. 758. E Fr. João do Sacramen-

to *Chron. dos Carmel. Descalf.* Tom. 2. liv. 5. cap. 31. §. 597. e liv. 6. cap. 1. §. 785.

Fr. ANGELO DE SANTA MARIA chamado no Seculo Duarte de Figueiredo e Gusmaõ naceo no anno de 1664. na Villa de Castro Marim do Reyno do Algarve, e foy filho de Gaspar Lourenço de Gusmaõ, e de Dona Maria de Figueiredo pessoas de conhecida virtude. Aprendeo os primeiros rudimentos na Cidade de Tavira donde quando contava 16. annos de idade passou a Salamanca estudar Direito Pontificio, e estando para graduar-se nesta Sagrada Faculdade inspirado superiormente desprezou os augmentos, que lhe prometiaõ as suas letras recebendo o habito dos Carmelitas Descalços das mãos do Reytor do Collegio de Salamanca Fr. João da Annunciação que depois foy Geral da Ordem, e hum dos principaes Authores do Curso Salmanticense. Passado o tempo do Noviciado, e feita a Profissão solemne no Convento de Valladolid foy estudar Filosofia a Avila, Theologia a Salamanca, e Moral a Segovia, em cujas faculdades fez taes progressos a sua applicação que por espaço de tres annos foy Mestre desta Sciencia onde tinha sido Discipulo. Dezejoso de voltar à sua Patria posto que repugnassem os Prelados Castelhanos por ser a sua auzencia muito prejudicial à gloria da Religião, lha concedeo o Reverendissimo Gêral Fr. Pedro de Jesus Maria filho dos Marquezes de los Bellez. Restituído ao Reyno pouco tempo assistio no Convento de Evora donde para que não estivesse ocioso o seu grande talento em beneficio dos domesticos passou a ser Mestre de Theologia moral pelo largo espaço de nove annos em o Convento de Viana. Foy Secretario da Provincia, Reytor do Collegio de Coimbra, e tres vezes Definidor Geral mostrando em todos estes lugares a summa madureza de que he ornado. Todo o tempo que lhe resta das obrigaçoens religiosas o occupa continuamente escrevendo sendo manifestos frutos da sua douda, e incansavel applicação as obras seguintes.

Breviarij Moralis Carmelitani juxta doctrinam mirabilem, atque angelicam D. Thomæ Aquinatis Ecclesie solis, nec non Sanctif-

simam, valdeque perutilem Salmanticensium tam moralium, quam scholasticorum passim tritam, totum inoffensoque pede diffusam per orbem in Fratrum auxilium, eorumque gratiam. Pars 1. Ulyssipone apud Antonium Pedrozo Galraõ 1734. fol.

Pars 2. ibi per eundem Typog. 1734. fol.

Pars 3. ibi per eundem Typog. 1735. fol.

Pars 4. ibi per eundem Typog. 1735. fol.

Pars 5. ibi per eundem Typog. 1738. fol.

Tem prompto para a Impressão

Schola Moralis Lusitanensis fol. 7. Tom.

Consultationum Moraliu Tom. unus fol.

Sermoens varios 4. 4. Tom.

ANGELO PACENSE cujo apellido denota a sua Patria a Cidade de Beja situada na Provincia Transtagana o qual floreceo no fatal Seculo em que de toda Espanha oprimida pelo barbaro jugo dos Sarracenos estavaõ desterradas as sciencias. Escreveo

Vidas de muitos Santos Portuguezes.

Esta obra se conservava na Livraria do Real Convento de Alcobaça como testificaraõ o Licenciado Jeronymo do Souto Ouvidor da Comarca, e Correição dos Coutos desta Villa, e o Reverendissimo D. Abbade Geral da Congregação Cisterciense Fr. Francisco de Santa Clara, o primeiro em 10. de Setembro de 1595. e o segundo em 13. de Julho de 1596. cujas atestaçoens estaõ impressas na prefação da 1. part. da *Mon. Lusit.* composta pelo insigne Escriitor Fr. Bernardo de Brito. Dizem que este livro fora roubado da Livraria de Alcobaça onde se conservava pelo largo espaço de quinhentos annos, e se levava para a Bibliotheca do Escorial o que nega Nicol. Ant. in *Bib. Hisp. Vet.* Tom. 2. pag. 257. como tambem a existencia de seu Author julgando-o por apocrifo assim como no seu conceito saõ Laymundo Ortega, Pedro Alladio, e o Mestre Menegaldo fundando toda a sua duvida em que unicamente Fr. Bernardo de Brito vira, e uzara destes Authores. Porém para credito, e abonação de taõ insigne Escriitor como foy o nosso Brito sahio modernamente à luz publica no 4. Tom. dos Anedoctos impresso Patavii Typis Seminarii 1713. 4-

que Luiz Antonio Muratori, Bibliothecario do Duque de Modena extrahio da Bibliotheca Ambroziana, a obra do Mestre Menegaldo, a qual consta de huma historia geral do mundo, por onde se mostra evidentemente que não foy Fr. Bernardo de Brito o inventor desta obra, mas que realmente existia, como seriaõ os outros Authores antigos, de cujas noticias se valeo para a composiçaõ da Monarchia Lusitana. Fallaõ de Angelo Pacense Cardozo *Agiol. Lusit.* no Cõment. do 1. de Fevereiro letr. C. Maced. *Eva, e Ave.* Part. 2. cap. 28. n. 7. Brito *Mon. Lusit.* Part. 1. liv. 1. cap. 19. e liv. 2. cap. 6. e cap. 10. e liv. 4. cap. 30. e part. 2. lib. 5. cap. 6. Joan. Soar. de Brito in *Theatr. Lusit. Literat.* lit. A. n. 46.

D. Fr. ANGELO PEREIRA naceo em a illustre Villa de Barcellos da Provincia de entre Douro, e Minho, e na Cidade de Lisboa recebeo o habito da Religiaõ Carmelitana da antiga observancia. Em o Collegio de Coimbra aprendeo no anno de 1567. Filosofia, e Theologia, cujas Sciencias ensinou aos seus domesticos recebendo em premio da sua grande Litteratura a Borla de Doutor na faculdade de Theologia conferida pela Academia Conimbricense. Occupou na Religiaõ os lugares de Reytor do Collegio de Coimbra, Definidor, e Custodio da Provincia, e Prior do Convento de Lisboa, onde foy eleito Socio do Geral Fr. Joaõ Estevaõ Chizola quando veyo a este Reyno, querendo que o ajudasse na Reforma que intentava fazer na Provincia de Andaluzia, em cujo ministerio dezempenhou a eleyçaõ, que delle se fizera. Considerando o grande Bispo de Coimbra D. Affonso de Castello-Branco, que não podia por causa dos seus annos exercitar o ministerio pastoral como dezewava, o nomeou seu Coadjutor, e foy confirmado pelo Papa Clemente VIII. com o titulo de Bispo de Martyria em 14. de Mayo de 1600. Pello espaço de quatorze annos logrou a dignidade Episcopal atè que na Villa de Pereira faleceo, e na sua Igreja Matriz foy sepultado, e se lhe gravou este epitafio

Aqui jaz o Corpo do Illustrissimo Senhor D. Fr. Angelo Pereira Bispo de Martyria,

Religioso, que foy da Ordem do Carmo. Faleceo aos 20. de Junho de 1614. Compoz

Ad primam secundæ D. Thomæ M. S. o qual se conserva no Collegio de Coimbra como affirma Fr. Manoel de Sâ nas *Mem. Histor. dos Escriit. Portug. da Ordem de N. S. do Carmo* pag. 27. n. 38.

Vida de Santo Alberto Patriarcha, e de Santo Angelo Martir. M. S.

Escrevem de D. Fr. Angelo Pereira, Fr. Marcos Antonio de Alegre de Casanate in *Parad. Carmel. Decor.* Stat. 5. *Æstas* 17. cap. 30. pag. 433. Fr. Manoel Rom. *Elucid.* fol. 314. Fr. Thom. de Faria *Decad.* 1. lib. 5. cap. 9. Fr. Daniel à Virg. Mar. in *Spec. Carmel.* 2. part. Tom. 2. lib. 3. pag. 210. n. 3166. et pag. 1083. n. 3799. Fr. Diogo de Corea Maldon. *Chron. del Carm.* lib. 12. cap. 12. e 13. Sampayo *Nob. Portug.* cap. 9. pag. 110. Cost. *Corog. Portug.* Tom. 3. lib. 2. Tract. 8. cap. 47. pag. 624. e o Padre D. Manoel Caet. de Souf. *Cath. Hist. dos Arceb. e Bisp. Portug.* p. 112.

P. ANGELO DOS REYS naceo em hum lugar do Certaõ da Bahia em o anno de 1664. Sendo de 17. annos entrou na Companhia de Jesus no Collegio da Bahia a 18. de Novembro de 1681. onde fez a Profissaõ do quarto voto a 15. de Agosto de 1699. Foy Mestre de humanidades, Filosofia, e Theologia nos Collegios da Bahia, e Rio de Janeiro, e hum dos celebres Prêgadores do seu tempo, cuja arte aprendeo do Oraculo da eloquencia Ecclesiastica o insigne Vieyra, de quem foy muitos annos Amanuense. Observou exactamente a pobreza religiosa, e taõ moderado se mostrou na fortuna prospera, como constante na adversa. Por ser muito versado na Historia Secular, e Ecclesiastica o elegeo a Academia Real por seu Collega Supranumerario. Ao tempo que apostolicamente discorria pelo certaõ de Cana Brava exercitando o ministerio de Missionario passou a melhor vida em 21. de Dezembro de 1723. com 59. annos de idade, e 42. de Religiaõ.

Dos muitos Sermoens que em diversas Festividades prêgou com grande applauso sómente se imprimiraõ os seguintes.

Sermaõ da Restauraçã da Bahia prêgado na Sè da mesma Cidade em dia dos

Apostolos S. Philippe, e S. Tiago Lisboa por Miguel Manescal Impressor do Santo Officio 1706. 4.

Sermaõ da Canonização do grande Apostolo do Oriente S. Francisco Xavier prégado no dia da mesma Festa no Collegio do Rio de Janeiro. Lisboa por Valentim da Costa Deslandes 1709. 4.

Sermaõ de N. S. de Bellem prégado no Seminario do mesmo nome, e na primeira Outava do Natal no anno de 1716. Lisboa por Antonio Pedrozo Galraõ 1718. 4.

Sermaõ da Soledade da Mãe de Deos prégado na Sê da Babia no anno de 1718. Lisboa pelo dito Impressor 1719. 4.

ANNA DA FONSECA naceo na Villa de Celorico da Provincia da Beira com igual genio para as virtudes, como para as Artes liberaes. Triumfando da fragilidade do sexo, e ainda da mesma idade sahio taõ perfeitamente instruida na lingua latina, e em todo o genero de erudição sagrada, e profana, que era venerada por huma Sibilla do seu Seculo. Conhecendo a instabilidade das delicias mundanas se auzentou da casa de seu Pay Fernão Gonçalves Cabral para o Convento de Cella junto a Coimbra, onde professou o instituto Cisterciense. Nesta Sagrada Escola praticou aquellas virtudes dignas de huma Esposa de Christo com as quaes servia de exemplar a duas Irmãs Religiosas no mesmo Convento para que fossem suas imitadoras. Todo o tempo que lhe sobejava da contemplação da patria celestial, o dedicava à Lição dos Santos Padres, e Authores asceticos, donde extrahia doutrinas para compor algumas obras espirituaes, como foraõ

Varias Homilias.

Escritas elegantemente na lingua latina que igualmente respiravaõ amor da virtude, e odio do pecado, das quaes grande parte se conservava em poder de seu Pay em quanto viveo.

DONA ANNA DE LIMA naceo em Lisboa, Irmãa daquelle celebre Heroe D. Paulo de Lima, que com as suas admiraveis façanhas affombrou a todo o Oriente, e filha herdeira de D. Antonio de Lima Senhor de Castro Dairo, e de Dona Ma-

ria de Vilhena filha de Christovaõ de Mello herdeiro da Ilha de S. Thomè. Foy cazado com D. Antonio de Attaide primeiro Conde de Castro Dairo, e 5. Conde da Castanheira, Alcayde Mòr de Collares, e Guimaraens, de quem teve numerosa descendencia. Augmentou as luzes do seu claro nascimento com os rayos das sciencias em que foy muito perita principalmente na cultura da Poesia, em que podia ser venerada por decima Mufa compondo com affluencia discrição, e elegancia.

Varias Poesias Portuguezas

As quaes louva com grandes elogios Manoel de Faria e Sousa no *Catalog. dos AA. Portuguezes*, cujo original, que nunca se imprimio, que he muito differente de que està no Epit. das Hist. Portug. temos lido, e examinado.

ANSELMO CAETANO MUNHOS DE ABREU GUSMAM, E CASTELLO-BRANCO natural da Villa de Soure na Provincia da Beira do Bispado de Coimbra, e filho do Doutor Antonio Munhós de Abreu formado na Faculdade dos Sagrados Canones, e de Simoa Godinha da Roza. Instruido nos rudimentos da Latinidade passou à Universidade de Coimbra onde se applicou à Sciencia da Medicina na qual recebeu as insignias doutoraes com applauso de todos os Meftres. Naõ o mereceo menos quando a exercitou praticamente nesta Corte elegendo o por seu Medico o Excellentissimo Duque de Aveiro D. Gabriel Ponce de Leon. He ornado de feliz memoria, noticia das linguas mais polidas da Europa, e naõ menos versado na lição dos Santos Padres, sagrada Biblia, disciplinas Mathematicas, e misterios occultos da Chimica, de que he argumento a obra seguinte que publicou com este titulo.

Ennae, ou applicação do entendimento sobre a pedra Filosofal provada, e defendida com os mesmos argumentos com que os Padres Athanasio Kircher no seu Mundo subterraneo, e Fr. Jeronymo Bento Feijoo no seu Theatro Critico concedendo a possibilidade negaõ, e impugnaõ a existencia deste raro, e grande misterio da Arte Magna Part. 1. Lisboa por Mauricio Vicente de Almeida. 1732. 4.

Parte 2. Lisboa pelo dito impressor. 1733. 4.

Oraculo Prophetico Prologomeno da Teratologia, ou Historia prodigiosa em que se dá completa noticia de todos os Monstros composto para confusão de Pessoas ignorantes, satisfação de homens sabios, exterminio de Prophecias falsas, e explicação de verdadeiras Prophecias. Lisboa pelo dito Impressor 1733. 4.

Vieyra abbreviado, em cem Discursos Moraes, e Politicos dividido em dous Tomos. Tom. 1. Lisboa pelo dito Impressor. 1733. 8.

Esta obra, que se principiou a imprimir, e não se continuou consta por ordem Alfabetica de todas as maximas Moraes, e politicas, que estão dispersas pelos Sermoes do P. Antonio Vieyra os quaes tinha o Author della taõ fixos na memoria, que toda a contextura he composta das palavras do mesmo Vieyra parecendo mais obra d'elle, do que do abbreviador dos seus incomparaveis Discursos.

Com o suposto nome de Monsieur Roberto Wainger publicou.

Onomatopeia Oannense, ou Anedotica do Monstro Amphibio, que na memoravel noite de 14. para 15. de Outubro do presente anno de 1732. appareceu no mar Negro, e sabindo em terra fallou aos Turcos de Constantinopla &c. Lisboa por Mauricio Vicente de Almeyda. 1732. 4.

Com o nome de Vasco de Mendanha Coelho publicou.

Vida, nascimento, e morte de X. dato Famineis. Offerecido ao muito Generoso Senhor Cartapacio de Generos. Lisboa por Pedro Ferreira Impressor da Augustissima Rainha. 1733. 4. He hum discurso Medico ácerca de hum monstro composto de dous Corpos Femininos, que pario em Lisboa em o 1. de Outubro de 1732. huma Preta.

Com os nomes de André Paulino, e Marcos Valentim publicou.

Escudo Apologetico contraposto aos golpes do Descuido Critico composto pelos sapientissimos dous Censores de X. dato Famineis Collegiaes do antigo Collegio de Gestas &c. Lisboa por Mauricio Vicente de Almeyda 1733. 4.

Com o nome de Jorge Martins.

Historia Gallega, em que se dá relação, e verdadeira noticia das celebres Festas de hum Noivado a que assistiraõ Gonçalo de Pó, e Gil Noivo Lisboa pelo dito Impressor 1734. 4.

Saõ humas redondilhas de pé quebrado com hum commento em proza.

Fr. ANSELMO XUQUER. Naceo em Lisboa sendo filho de Joaõ Xuquer Alemaõ, e Luiza Freyre Portugueza. Depois de instruido nos primeiros rudimentos de que era capaz a sua idade, foy admitido ao habito Regular da Ordem de Christo no Real Convento de Thomar a 2. de Fevereiro de 1599. onde fez admiraveis progressos na practica das virtudes, e na comprehensãõ das sciencias principalmente nas letras humanas, e Poesia. No Real Convento da Villa de Thomar, Cabeça desta Militar Ordem leo com geral applauso não só aos domesticos, mas ainda aos estranhos Grammatica, Rhetorica, Poesia, e Filosofia. A suavidade do genio, e a inteireza da vida o faziaõ a todos summamente amavel, e ainda quando tinha idade muito provesta nunca era fastidiosa a sua communicacãõ. Occupou na sua Religiosa Familia os lugares de Prior no Collegio de Coimbra, de Visitador Geral, e perpetuo Definidor. Conhecendo a Magestade delRey D. Joaõ o IV. a grande prudencia de que era ornado, o nomeou Secretario da Embaxada, que em seu nome mandava dar por Rodrigo Botelho à Rainha de Suecia. Depois de discorrer com o Embaxador grande parte de Alemanha entrou em Colonia onde assistia por Nuncio Apostolico Fabio Chisio, e como este Prelado era grande estimador dos homens eruditos contrahio com Fr. Anselmo taõ estreita amizade, que o levou na sua companhia a Roma, e de tal forte conservou com elle esta affectuosa correspondencia, que sendo sublimado ao Solio do Vaticano com o nome de Alexandre VII. lhe escrevia a Portugal com as mayores demõstraçoens de benevolencia. Restituído ao Convento de Thomar ainda que opprimido de infirmitades, e annos passava o tempo sempre occupado nas suas litterarias applicaçõens, que interrompeo a morte em 13. de Junho de 1663. quando excedia a idade de 90. annos. Na Livraria do Convento de

Thomar fe conservaõ M. S. com grande sentimento dos eruditos as obras seguintes.

De Partu Virginis Deipara libri 12. Compostos em verso elegantissimo.

Tragadia S. Catherinæ Martyris Alexandrinæ. Em versos Jambos.

Diverforum Poematum liber.

Adagios Portuguezes vertidos em Latim

Relaçãõ da prizaõ em Alemanha do Serenissimo Infante D. Duarte irmão delRey D. Joaõ o IV. e sua morte em Milaõ, e do que obrãrãõ os Portugueses para o restituirem à sua liberdade.

Griphos, e enigmas explicados. Este livro conservava em seu poder Gaspar de Faria Severim Secretario das Mercês.

Officium S. Jozeph B. V. Sponsi. O Author o dedicou a Alexandre VII. por lhe ter pedido o compuzesse.

Delle faz memoria no seu *Enthusiasmo Poetico* n. 169. o P. Antonio dos Reys.

Nec Te quod multis aliis contingere vidi,

(Non tamen his Lusis irascens) Xuquere Phæbus Ignis ut expertem sacri de Monte fugavit, Ridendumque dedit Musis, sed culmen adire Misericique choris veniens concessit in ævum.

Fr. ANTAM DE FARIA. Naceo na Cidade de Lisboa no anno de 1655. e foy filho de Antaõ de Faria da Sylva, e neto de Francisco de Faria Alcayde mór de Palmella. Aprendidas as letras humanas elegeo entre todas as Religioens a do grande Patriarcha saõ Bento recebendo o Habito Monachal no Convento de Tibaens a 27. de Abril de 1675. quando contava 20. annos de idade. Nos Estudos Escolasticos sahio taõ insigne, que mereceo ser laureado na Universidade de Coimbra com as insignias doutoraes em a Faculdade de Theologia. Sendo Provizor do Bispaado do Porto tomou posse desta Mitra a 17. de Outubro de 1709. em nome do Excellentissimo, e Reverendissimo Senhor D. Thomaz de Almeйда hoje Cardial Patriarcha, para a qual fora promovido da Cathedral de Lamego. Os seus merecimentos o fizeram digno de não sómente governar a sua Monastica Congregaçaõ no anno de 1710. mas ser proposto para Bispo do Rio de Janeiro, e Coadjutor do Arcebispo Primaz Ruy de Moura Telles. Morreo no Convento de Ti-

baens a 19. de Junho de 1721. outavo dia da Festa do Corpo de Deos, de cujo amoroso Mysterio foy cordial devoto. Compoz.

Manifesto das prendas, que para Pay commum da Religiãõ Monastica de S. Bento se achãõ no P. Fr. Vicente dos Santos D. Abbade Geral segunda vez por geral aclamaçaõ do Capitulo, que se celebrou em o anno de 1686. no Convento de Tibaens. Cujo Original conserva em seu poder o P. Prégador Geral Fr. Marcelliano da Ascençaõ Monge Benedictino, a quem devemos esta noticia, como outras muitas da sua Religiãõ, em que he profundamente versado.

Fr. ANTAM GALVAM naceo na Villa de Torraõ da Diocefe de Evora na Provincia do Alentejo. Teve por Pays a Joaõ Martins Galvaõ Alcaide mór da Villa do Torraõ, e a Izabel Pires Soares de igual nobreza à de seu conforto. Professou o habito de Eremita de Santo Agoftinho no Convento de Evora a 2 de Janeiro de 1583. Foy ornado de hum engenho admiravel com que brevemente naõ só comprehendeo a lingua Latina, mas a Grega, e Hebraica. Naõ teve menor intelligencia para penetrar as sciencias mayores recebendo na Universidade de Coimbra o Grão de Doutor em Theologia em 16. de Junho de 1596. na qual foy Lente de Escritura por opposiçaõ, e sentença do Conselho della em 17. de Novembro de 1601. Neste ministerio encheo as obrigaçoens de insigne Cathedratico concorrendo a ouvillo naõ só os professores desta faculdade, mas ainda do Direito Pontificio, e Cesario, de tal sorte, que sendo muito ampla a Aula, era limitada para o concurso dos ouvintes dezejando todos serem discipulos da sua doutrina, entre os quaes se pòde nomear o Illustissimo D. Affonso Furtado de Mendoga entaõ Reytor da Universidade, e depois Arcebispo de Braga, e Lisboa, a quem particularmente explicou, por assim lho pedir este Prelado, os Psalms de David com igual espirito que sciencia. Morreo em Santarem a 20. de Setembro de 1609. com grande sentimento da Universidade por perder hum Varaõ, como dizem Fr. Antonio da Natividade nos *Mont. de Cor. Mont.* 3. Cor. unic. n. 303. *muito mayor, que a fama, que jus-*

tamente alcançara, e Fr. Thomaz de Faria *Hist. Dec.* 1. lib. 9. cap. 8. *Quem Deus, et natura omnibus, quæ ad animi illustrationem spectant, dotibus cumulaverat.* Semelhantes elogios lhe fazem Joan. Suar. de Brito in *Theat. Lusit. Litterat.* lit. A. n. 83. *Purificac. Chron. da Provinc. de Port. dos Eremit. de Santo Agost.* Part. 2. liv. 7. Tit. 1. §. 4. et de *Viris illustrib.* *Ord. Eremit.* lib. 2. cap. 17. assignandolhe nestas duas obras diferente dia, e anno da morte, e ultimamente o P. Fr. Manoel de Figueiredo no *Flos Sanct. August.* Tom. 4. pag. 135. Deixou M. S.

Commentaria in Prophetas Minores
Sermoens varios 1. Tom.

Na Via Sacra do Collegio dos Eremitas de Coimbra tem este elogio.

Fr. *Antonius Galvanus Doctor Theologus latina, Græca, et Hebraica lingua peritissimus in Conimbricensi Academia Vesperariam Sacræ Paginæ cathedram septenio rexit. Obiit Quinquagenarius* 20. Sept. anno Domini 1609.

Fr. ANTAM DE GUIMARAENS cujo appellido denota a patria onde naceo como he costume observado dos Religiosos Menores da reformada Provincia da Piedade, onde professou este instituto florecendo entre os seus domesticos na observancia da disciplina regular, pela qual mereceo quando era Custodio, que o Geral de toda a Ordem Serafica Fr. Bernardino de Sena, que depois foy Bispo de Viseu, o elegesse Visitador da Provincia de Santo Antonio, cujo ministerio executou com admiravel prudencia. Não foy menor a que exercitou quando em 30. de Janeiro de 1639. foy eleito Provincial com universal aclamação de domesticos, e estranhos. Vivia pelos annos de 1645. conforme escreve Fr. Manoel de Monforte na *Chron. da Provinc. da Piedad.* liv. 4. cap. 57. §. 1. e liv. 5. cap. 10. §. 1. Como era muito perito nas Ceremonias Ecclesiasticas compoz por preceito dos Superiores.

Ceremonial da Provincia da Piedade com hum explicação das Rubricas do Missal Romano. Braga por Gonçalo do Bafto. 1637. 4.

Fr. ANTAM DE JESUS Religioso professo da Sagrada Ordem dos Eremitas de

Santo Agostinho da Congregaçõ da India Oriental. Por ser muito versado no estudo da Historia Ecclesiastica, e principalmente dos progressos, que os seus companheiros tinhaõ obrado no Oriente em beneficio da Christandade. Escreveo.

Tratado de algumas cousas memoraveis até a fundação do Convento de Gorgistaõ. Desta obra ainda permanecem alguns Cadernos truncados no Convento de Goa.

Fr. ANTAM DE LISBOA natural da Cidade do seu appellido. Recebeo a Cogulla Cisterciense do Mellifluo Doutor S. Bernardo no Real Convento de Alcobaça em cuja palestra aprendeo as virtudes em que foy eminente, e as letras em que sahio consumado, principalmente nas Sagradas, do que he testemunho hum grande volume, que compoz dividido em duas partes, que se conserva na Livraria do mesmo Convento, onde professou, sendo a primeira escrita em latim, e consta.

De captivitate, ac dispersione Judæorum M. S. A. 2 em Portuguez tratando.

Da vida, e acçoens dos antigos Profetas. M. S.

ANTAM DE MESQUITA Natural de Lisboa filho de Joaõ de Figueiroa, e D. Helena de Payva. Depois de estar instruido nas letras humanas passou à Universidade de Coimbra onde fez tantos progressos na faculdade do Direito Pontificio, que recebendo as insignias doutoraes, foy admitido ao Collegio de S. Pedro a 21. de Fevereiro de 1592. A grande prudencia, e actividade, que tinha para os negocios mais arduos o fizeraõ digno de ser mandado por Secretario do Estado da India Oriental, onde não sómente exercitou este lugar, e o de Juiz dos Feitos da Coroa, e Fisco Real, mas com exemplo poucas vezes practicado sendo secular foy eleito Deputado da Inquisição de Goa, de que tomou posse a 26. de Janeiro de 1605. Administradas taõ diversas incumbencias com grande inteireza voltando ao Reyno sendo Dezembargador da Casa da Supplicação a 22. de Agosto de 1630. e Ouvidor do Crime a 20. de Julho de 1633. e nunca Dezembargador dos Aggravos, como escreve o Doutor Manoel da

Sylva Pereira Leal no *Cathal. Cronol. dos Colleg. do Colleg. de S. Ped.* §. 31. Destes lugares exercitou outros mayores, como foraõ Chancellor das Ordens, Deputado da Meza da Consciencia, e Ordens, e ultimamente Dezembargador do Paço, atè que falleceo na sua Patria em o anno de 1639. Ordenou no Testamento com que falleceo, a seu filho, Joaõ de Mesquita de Figueiroa Dezembargador da Casa da Supplicação Fidalgo da Casa Real Commendador de Guntiaens, e Vallada na Ordem de Christo, e Alcayde môr de Almeйда, que imprimisse as obras, que tinha composto, mas a intempestiva morte do filho privou igualmente desta gloria ao Pay, como a toda a Republica litteraria; sendo ellas.

Historia militar de Christo volume grande M. S.

Discurso sobre a melhor expedição das Náos da India, e da carga da Pimenta. M. S.

Estes dous Tomos conservava na sua Selectissima Livraria o Chantre de Evora Manoel Severim de Faria, de que fazia grande estimação.

P. ANTAM DE PROENÇA, naceo em o lugar de Remela do Bispaado da Guarda de Pays Nobres chamados Pedro Oforio, e Luiza Oforio da Fonseca. Ainda tinha pouca idade quando foy estudar ao Collegio da Madre de Deos situado em Evora fundado por seus Progenitores, e fez na Filosofia taes progressos, que recebeu o Grão de Bacharel nesta Faculdade. Quando contava 19. annos se alistou na Companhia de Jesus em o Collegio Ebo-rense a 13. de Julho de 1643. Dezejoso de prègar o Evangelho nas remotas Regioens do Oriente partio no anno de 1647. para taõ sagrada empreza, a qual desempenhou como do seu apostolico zelo se esperava sendo o theatro das suas fadigas o Reyno de Madurè, onde na Provincia de Paleaõ, e na residencia de Tricherapalli bautizou mil trezentos e cincoenta e sete Gentios. Com invicta constancia tolerou as afrontas machinadas pelo odio dos Jogues Mestres da sacrilega crença daquelles barbaros servindo todas estas perseguições de purificar mais as suas solidas virtudes. Atenuado com o continuo trabalho da instrucção dos Cathecume-

nos, e ainda não convalecido de huma grave enfermidade recahio em outra, que o privou da vida na Residencia de Totiaõ, em o Reyno de Madurè a 14. de Dezembro de 1666. As suas exequias foraõ solemnizadas com muitas lagrimas dos Christãos que tresladando o seu Cadaver depois de sepultado vinte e sete dias, foy achado incorrupto, e taõ flexivel, como se estivesse vivo. Escreveo.

Cinco Relações dos successos da Missão de Madurè dos quaes, e de seu Author faz larga menção o Padre Antonio Franco *Imag. do Coll. de Evor.* lib. 4. cap. 1. 2. et 3. e no *Ann. Glor. S. J. in Lusit.* p. 738.

ANTAM ZURITA cuja patria, e genero de vida ignoramos, verteo da lingua Franceza de Honorato Boget Provençal Doutor em Direito Canonico, na lingua Portugueza no anno de 1441.

Arvore de Batalhas dedicado a ElRey de França. Huma copia desta traducção escrita em letra gotica se conserva M. S. na Bib. do Excellentissimo Conde da Ericeira, dedicada a D. Inigo Lopes de Mendoça Marquez de Cantillana.

SOR ANTONIA BAUTISTA Religiosa professa no Serafico Convento da Esperança de Villa-Viçozza da Provincia dos Algarves. Foy taõ observante do seu instituto, como applicada à lição da Historia, e Arte da Poesia produzindo o seu grande talento sazoados frutos em hum, e outro estudo. Para eternizar a memoria do Convento de que era filha, e as virtudes das Religiosas suas Irmãs, compoz com estilo claro, e sincero.

Fundação do Mosteiro de N. S. da Esperança de Villa-Viçozza, cuja obra approvada no anno de 1657. pelo Vigario Provincial Fr. Joaõ Pereira, e revista pelos Mestres Fr. Manoel da Madre de Deos, e Fr. Roque da Trindade estava prompta para a Impressão. Divide-se em 3. partes; a 1. trata da fundação do Convento em 16. capitulos: a 2. intitulada *Flores da Esperança de Villa-Viçozza* relata as virtudes de muitas Religiosas Veneraveis daquella Casa, e consta de 26. capitulos. A 3. escreve a Vida, Revelações, e Milagres da V. M. Maria das Chagas em 17. capitulos. He

dedicada a obra à Virgem Santíssima, e consta a Dedicatória de 6. Outavas, das quaes transcreveremos a primeira para se ver a suavidade metrica da Authora.

*A ti Madre de Gracia, y Virgen Pura
Ab initio creada del que quiso
Formar una tan bella creatura
Como puerta del mismo Paraíso:
Tu que librasse de prisión tan dura
Al hombre, porq̃ en ti Dios hombre se hizo,
Dame tu auxilio oy porque se arguya
Que amparas esta obra como tuya.*

D. ANTONIA DE S. CAETANO naceo em Lisboa, e foy filha do Doutor Francisco Cibraõ Medico da Camara delRey D. Affonso VI. Cavalleiro professo da Ordem de Christo, e de D. Ignacia de Freitas. Na primavera dos annos se dedicou ao Divino Esposo no Convento de Chellas distante huma legoa de Lisboa onde professou o instituto de Conega Regrante de Santo Agostinho a 17. de Outubro de 1659. Foy ornada de entendimento perspicaz, e de memoria taõ admiravel que em obsequio do Evangelista Amado de quem era cordial devota decorou todo o Evangelho, e Apocalypse deste grande Apostolo repetindo sem interrupção do meyo para o fim, e do fim para o principio. Teve particular genio para a Poesia em que fez varias obras de diferentes metros que mostravaõ a elevação da sua Musa. Em todos os lugares da Religiaõ que aceitou constangida, administrou cuidadosa, servio de exemplar às suas companheiras que com lagrimas copiosas lamentaraõ a sua intempestiva morte succedida a 18. de Dezembro de 1705. Fazem della honorifica memoria Diogo Manoel Ayres de Azevedo *Portug. Illustr. pelo Sex. Femin. pag. 89. n. 29. e o Theatr. Heroïn. das mulheres Illustr. Tom. 1. pag. 88. e o P. Antonio dos Reys no Enthuf. Poet. n. 280. nestas vozes.*

= *Ex humili translata Antonia Valle
Quæ dedit, ut referunt, olim penetralia Vestæ.
Nunc Adriane tibi casta cum conjugæ sedem
Dat placidam docti Montis tenet ardua,
Daphne
Virgine cincta caput.*

Algumas obras poeticas se lem impressas no livro intitulado *Rozario do Santissimo*

Sacramento Lisboa por Domingos Carneiro 1662. 12.

Decima em louvor da Oraçãõ que na Academia dos Singulares recitou o Doutor Jozè de Faria Manoel a 13. de Janeiro de 1664. Sahio no 1. tomo da Academia dos Singulares. Lisboa por Henrique Valente de Oliveira 1665. 4.

Cathalogo dos Authores que escreveraõ da Historia de Portugal. M. S. de cuja obra faz mençaõ Diogo Manoel no livro assima citado.

Obras diversas em proza, e verso, cujos originacs entregou Maria Jozefa de Santa Thereza Irmãa da Authora a Affonso Leitãõ de Soufa como se escreve no Theatro Heroïno pag. 88.

ANTONIA DE S. DOMINGOS Religiosa professa no observante Convento de Aveiro da Ordem dos Prêgadores onde foy exemplar de perfeição a suas companheiras. Todo o tempo dedicava à contemplação dos divinos attributos, e de tal forte se inflamava no amor de seu divino Esposo, que para refrigerar este divino incendio destillava copiosas lagrimas. Constangida pela obediencia aceitou o lugar de Prioieza doutrinando mais como Mestra, que governando como Prelada as suas subditas. Padeceo intoleraveis dores com grande conformidade, e paciencia, até, que foy na gloria receber o premio das suas virtudes. Escreveo.

Vida da Veneravel Madre Luiza do Rosario Religiosa no Convento de Aveiro de quem fora discipula no espirito, a qual ficou M. S. como affirma Jorge Cardoso no Agiol. Lusit. Tom. 3. pag. 709. no Commentario de 16. de Junho letr. H. Da Authora desta vida fazem memoria Fr. Pedro Monteiro Claust. Dom. Tom. 3. p. 163. e Fr. Lucas de Santa Catharina Hist. de S. Domingos da Prov. de Port. Part. 4. lib. 2. cap. 15.

D. ANTONIA DE ROXAS, cuja patria he taõ occulta, posto que em huma das suas obras confesse ser nacida em Portugal, como clara, e manifesta a sua grande erudição. A fortuna lhe deo illustres progenitores, e a natureza prodigamente, a ornou de engenho agudo, e penetrante

de tal modo que sendo Discipula de si mesma soube profundamente investigar os misterios da Poesia, e os Primores da Oratoria escrevendo com tanta elegancia em huma, e outra arte, que arrebatava as atenções dos seus mayores professores merecendo ser equiparada as Segeas, Hortensias, Bernardas, e Violantes, que foraõ do Parnaço Lusitano celebradas Musas. No estado de cazada, e viuva nunca interrompeo a continua applicação ao estudo das letras humanas com que ornava as suas eruditas composições pelas quaes lhe fez o seguinte elogio hum famoso Poeta.

*Farey que entre as sabias celebradas
Sejais hum Sol fermofo ao meyo dia
Escurecendo a todas as passadas
Que eternizar a fama pertendia;
E que do voffo canto namoradas
As Nymphas bellas, que o Tejo cria,
Triunfos soberanos vos ofreçaõ
Que vivaõ, e para sempre permaneçaõ.*

Vosso raro saber tem admirado

*O Louro Apollo com turbada vista,
E no meyo do curso està parado,
Entendendo haver quem lhe resista.
Eo que foy em Touro transformado
Determina buscar nova conquista
Por ver que o peito voffo em hum instante
Quer penetrar seu globo rutilante.*

Das muitas, e singulares obras que compoz sómente vio o Tomo nono o P. Francisco da Cruz Jesuita, como escreve nas Memorias para a Bibliotheca Portugueza, o qual continha o seguinte.

Alivio de Trifles. Obra fabulosa dividida em quatro partes em forma de Dialogo ornado de todo o genero de figuras rethoricas, agudeza de pensamentos, e variedade de sentenças, entre as quaes estaõ muitos versos Portuguezes, e Castelhanos de diversos metros.

Egloga Pastoril composta de varios versos.

Tragedia lamentavel dividida em seis lamentações em prosa, e verso Portuguez, e Castelhana, com as quaes chora a morte de seu filho Pedro de Vasconcellos, que acabou a vida pelejando gloriosamente no Oriente contra as Mourros.

*Diversas Cançoens, e glossas Sagradas, e profanas.
Origem da Sagrada Imagem da Virgem*

de Monferrate em prosa, e verso. De todas estas obras faz memoria como da sua Authora o *Theatr. Heroïn. de Molher. Illust.* Tom. 1. pag. 117. Floreceo esta Heroína pouco depois da fatal calamidade da Batalha de Alcaçer.

SANTO ANTONIO immortal gloria, e illustre brazaõ do Reyno de Portugal, e particularmente da famosa Lisboa, que foy o venturofo berço de taõ insigne Thaumaturgo dilatando mais vastamente a fama do seu nome com a producção deste grande filho, do que o tinha alcançado pela fundação do Capitaõ Ulysses. No faustissimo dia de 15. de Agosto consagrado à triunfante Assumpção de Maria Santissima do anno de 1195. sahio à luz do mundo este brilhante Astro para com os rayos da sua doutrina dissipar as sombras em que jazia sepultado. Empenhouse a natureza em que os Pays, que o gerassem fossem iguaes à patria em que nacera, concorrendo para ennobrecer a sua pessoa a mais qualificada nobreza de Portugal, França, e Espanha, sendo elles Martim de Bulhoens, e D. Thereza Taveira nobilissimos pela esclarecida ascendencia de seus Mayores, pois o Pay descendia daquelle insigne Heróe Gotfredo de Bulhaõ Duque de Lorena, e Rey de Jerusalem, e a Mãe era da illustre familia, dos Taveiras, que os nossos Genealogistas deduzem delRey D. Fruela das Asturias Pay delRey D. Affonso o Casto. Na Igreja Mayor elegeo por sua protectora a Rainha dos Anjos Tutelar daquelle Templo onde recebera a primeira graça, e occupado nos devotos ministerios do Altar, e Coro se admiraraõ os progressos dos seus estudos ao mesmo tempo, que se acendiaõ no culto Divino os seus affectos. Chegado à idade de quinze annos já instruido com as primeiras letras desprezou heroicamente as delicias da casa paterna, e se dedicou totalmente a Deos recebendo o habito Canonico de Santo Agostinho no Real Convento de S. Vicente situado fora de Lisboa, celebre pela severa observancia dos Varoens, que o habitavaõ. Nesta santificada escola exercitou com tal excessõ todas as virtudes, que era venerado como Mestre ao tempo, que principiava a ser discipulo observando exactamente a disciplina regular com assombro

e enveja dos mais rigidos cultores da vida Religioſa. Feita a profiſſaõ ſolemne em que para mais velozmente proſeguir o caminho da perfeiçaõ Evangelica ſe atou voluntariamente com a triplicada prizaõ dos votos, como lhe perturbasẽ a quietaçã, que appetecia o ſeu eſpirito, as frequentes viſitas de parentes, e amigos, ſe retirou para o Convento de Santa Cruz de Coimbra, Real fundaçaõ da generoſa piedade do primeiro Affonſo de Portugal, onde ſeparado do commercio humano voava com acelerados impulſos à mais ſublime eſféra da ſantidade. Neste tempo chegaraõ por diſpoſiçaõ Divina a eſte celebre Convento as reliquias daquelles heroicos ſoldados, que tinhaõ derramado valeroſamente o ſangue em obſequio de Chriſto nas barbaras campanhas de Marrocos, e como eraõ as primicias dos ſeraficos ardores do Athlante da Igreja Francisco, ſe lhe acendeo no Coraçã hum ardente deſejo de ſacrificar a vida nas aras do martyrio ſervindolhe de generoſo eſtimulo aquelles cinco Herões, cujas cinzas produſiaõ o activo incendio, em que felizmente ſe abrazava o ſeu amoroſo peito. Para conſeguir taõ illuſtre intento determinou receber o penitente habito de Frade Menor, e alcançada faculdade de D. Joaõ Ceſar 6. Prior daquelle Real Convento mudando o nome de Fernando em Antonio, e a Murça de Agoſtinho pelo Sayal de Francisco ſe conſtituhio hum perfeito exemplar da vida Evangelica. Aliftado o heroico ſoldado nesta nova milicia ſe lhe excitou mais fortemente o deſejo de padecer martyrio, e conhecendo os Prelados as affectuoſas ancias do ſeu coraçã lhe concederaõ licença para que em Marrocos confirmasſe com o ſeu ſangue as verdades da Religiaõ, e os triumphos da Fè. Deixada Coimbra chegou a Lisboa aonde ſuperior a todos os affectos humanos, e como hoſpede do mundo naõ quiz vèr a ſeus Pays, e partindo para Africa atravellou com feliz ſucceſſo aquella porçaõ do mar Oceano chamado Athlantico, e chegou brevemente ao apeteſcido termo das ſuas ancias. Nesta adulta regiaõ concebeo mais activo fogo o ſeu coraçã, porèm huma grave enfermidade o privou das forças do corpo, e juntamente das eſperanças de padecer o martyrio ſendo obrigado a voltar a Portugal, mas impedido novamente de huma furioſa tempeſtade con-

tra a qual inutilmente ſe cançava o inceſſante trabalho dos mariantes, naõ podendo tomar o rumo, que buſcava, aportou em Sicilia onde recebendo noticia de que ſe convocava Capitulo Geral em Affiz no anno de 1221. ſe reſolveo aſſiſtir nelle para que os Prelados diſpuzeſſem da ſua obediencia. Neste Veneravel congreſſo de toda a Familia Serafica vio a ſeu grande Patriarcha S. Francisco, que com a ſua preſença animava taõ immenſo corpo. De Affiz paſſou a Bolonha, e retirado ao Ermo de S. Paulo pouco diſtante do Convento de Emilia, paſſava o tempo na contemplaçaõ da eternidade. Nesta amavel ſolidaõ experimentava a ſua alma celeſtiaes favores, e recebia efficazes auxilios para triunfar das aſtucias do demonio, que envejaſo de vèr naquella Thebaida reproduzido o eſpirito do primeiro Antonio buſcava vigilante novas invençoens, e maquinas para derubar aquelle edificio da Santidade. O mayor empenho da humildade de Antonio era occultar os theſouros de ſabedoria, que tinha depoſitado no ſeu peito affectando huma apparente ignorancia para ſer reputado por idiota, atè que obrigado da authoridade do Biſpo de Forlibio manifeſtou a profunda ſciencia, e celeſtial intelligencia das eſcrituras em que era peritiſſimo cauſando taõ grande admiraçaõ aos circumſtantes, que foraõ a origẽ de que todas as Provincias de Italia, e França inſtaſſem a S. Francisco para que com as influencias da ſua doutrina fertilizafſe o campo da Religiaõ Serafica naquelle tempo menos fecundo de letras por pouco cultivado. Condeſcendeo o Serafico Patriarcha a taõ juſta petiçaõ, e o nomeou Meſtre de Theologia ſendo o primeiro, que teve a Ordem Franciſcana merecendo a altiſſima ſabedoria deſte Heróe, que foſſe o Sol de que ſahiraõ os rayos, e a fonte de que brotaraõ as correntes, com que illuſtraraõ as mayores Univerſidades os Maytoens, Eſcotos, e Gabrieis Oraculos da Eſcola Serafica ſendo diſcipulos da ſua doutrina os que foraõ Meſtres de todo o mundo. A laborioſa applicaçã das Cadeiras o naõ privava do miniſterio do pulpito para o qual concorreo em competencia da graça liberal a natureza dotando-o de voz clara, e ſonora, eſtilo grave, e eloquente, acçoens reguladas pelo eſpirito, e naõ pela arte concorrendo tanta

multidão de povo a ser ouvinte das suas evangelicas declamações, que muitas vezes por exceder o numero de trinta mil pessoas buscava para theatro a liberdade do campo, por serem os Templos pequena efféra para tão numerofo auditorio. Ao brado das suas vozes despertavaõ os peccadores sumergidos no lethargo da culpa, e dotado de celestial facundia não articulava palavra, que não fosse animada de apostolico zelo, de que eraõ infalliveis consequencias liquidar-se em lagrimas penitentes a obstinação mais inflexivel, reformarem-se as vidas escandalosas, comporem-se discordias inventadas, e restituirem-se fomas, e fazendas injustamente usurpadas. De Italia passou a França com o lugar de Custodio de Limoges onde para confutar em Tolosa a perfida contumacia de Guialdo herege dogmatizante, que negava a Real existencia de Christo na Eucharistia fez com inaudito portento, que desprezando hum animal faminto de tres dias o sustento adorasse profundamente ao seu Creador occulto debaixo das especies Sacramentaes sendo a mayor gloria deste triumpho, que a irracionalidade de hum bruto convence-se a obstinação de hum racional. Igual vitoria conseguiu em Rimini illustre Cidade de Romania confutando a protervia dos Hereges de que era infame cabeça Bonivillo, que cegos à luz da verdade, e surdos às vozes do defengano desprezavaõ ouvir a palavra Divina. Para convencer a estes filhos das trevas chegou à margem do rio, e chamando com voz imperiosa aos seus mudos habitadores, tão promptos obedeceraõ, como atentos ouviraõ as palavras, que proferia a sua efficaz eloquencia. A tão novo espectáculo estava atonita a admiração daquelles Sectarios, que accusados da sua cegueira pelo silencio reverente daquelles brutos, abjuraraõ os erros, e seguiraõ contritos o caminho da verdadeira Religião. Como acerrimo defensor do Mysterio da Eucharistia lhe communicou a divina Omnipotencia a multiplicação das prezenças, reproduzindo-se miraculosamente em diversos lugares, assistindo ao mesmo tempo em Limoges, e cantando no Coro em Mompilher; prégando a hum grande auditorio em Padua, e livrando em Lisboa por duas occasiões a innocencia injustamente condenada de seu

Pay sendo em huma redemptor da sua honra, e em outra da sua vida pagandolhe com nobre ufura a que delle recebera. Para justificação evidente de que seu Pay não era reo do crime pelo qual já caminhava para o patibulo animou as cinzas frias de hum Cadaver, e do silencio da sepultura sahio a voz, que com affombro dos circunstantes declarou, que não fora elle o Author do homicidio. A sua respiração foy remora para que hum Noviço não deixasse o habito religioso, e a sua tunica vestida por hum Monge perseguido da incontinenca fez por contagiosa virtude, que a rebeldia da carne obedecesse às leys do espirito. Animado de heroico valor se oppoz contra as horrorosas tyrantias de Excelino, de nação Romano, de condição barbaro, General do Scismatico Emperador Frederico II. o qual entre as medonhas atrocidades de que tinha sido fatal instrumento, era a mayor a morte de onze mil pessoas, que em Padua, e Verona foraõ victimas da sua ferocidade: com a formidavel efficacia da voz humilhou a seus pés a este monstro animado testemunhando com lagrimas copiosas o arrependimento dos seus insultos. Semelhante foy a valentia com que resistio ao indiscreto zelo do Geral Fr. Elias pertendendo introduzir alguns abusos contra a observancia da regra Serafica, e como era infallivel a ruina deste corpo estando viciada a cabeça o convenceo intrepidamente na presença de Gregorio IX. da escandalosa temeridade com que queria relaxar o instituto, que professava, sendo privado do lugar pelo mesmo Pontifice, e foy Antonio o sagrado Athlante, que sustentou a machina do Orbe Serafico, que já vacilava da sua primitiva instituição, causa porque mereceo o titulo de primeiro restaurador, e segundo Fundador de tão immensa Familia. Prégando em Roma ao Pontifice Gregorio IX. e a todo o Sagrado Collegio tanta foy a energia com que explicou os Textos mais difficultosos da Escritura, que admirando o Papa a superior illustração, e profunda intelligencia com que revelava mysterios tão occultos o canonizou por Arca do Testamento, e deposito das doutrinas mais celestiaes. Com inaudita singularidade conservou de memoria toda a Biblia, e a pudera inteiramente restaurar como outro Esdras, se acaso se per-

dera, de que he evidente prova a copiosa contextura de Textos de que estaõ cheyas as suas obras dos quaes naõ ufara com tanta facilidade se os naõ tivera todos decorados. Pouco tempo antes da sua morte querendo dedicar-se com mayor fervor à contemplaçãõ, se retirou para a solitaria habitaçãõ do monte Alverne onde continuamente orando, e escrevendo recebeo como outro Elizeo o espirito do Elias da Ley da Graça S. Francisco que tinha sanctificado aquelle lugar com as chamas dos seus seraficos ardores. O rigor das penitencias, e o disvelo dos estudos, que praticou nesta solidãõ lhe foraõ abreviando a vida, e avisado superiormente de ter chegado o seu termo se recolheo ao Oratorio de Ara Caeli pouco distante de Padua onde foy acometido da ultima enfermidade, e entoando o Hymno *O' Gloriosa Domina* espirou como celestial Cisne entre a suavidade da Musica a 13. de Junho de 1231. quando contava a florente idade de 36. annos dos quaes viveo 15. em casa de seus Pays, onze na Religiaõ Canonica Augustiniana, e pouco mais de dez na Serafica. Em taõ poucos annos de vida logrou tantos seculos de virtude, que a gloriosa memoria das suas acçoens será eterna occupaçãõ da posteridade confessando, que à efficacia do seu ardente zelo se converteu a obstinaçãõ dos peccadores, se convenceo a perfidia dos hereges, e se humilhou a soberba dos Tyranos. Ao imperio da sua voz foraõ tributarios os Elementos serenando tempestades, extinguindo incendios, fecundando campos, e domesticando feras. Superior à jurisdicãõ do tempo obrou, em hum instante, o que se naõ podia executar em muitos dias. Discorreo como o Sol com incanfavel giro para beneficio dos homens duas vezes França, Roma, Sicilia, e huma Milãõ, Arimino, Bolonha, Florença Padua, e Veneza. Como depositario da Divina Omnipotencia ufou taõ dispoticamente dos seus poderes, que teve sogeita ao seu dominio a natureza sendo o principal empenho da sua beneficencia restituir olhos aos cegos, ouvidos aos surdos, lingua aos mudos, juizo aos loucos, liberdade aos cativos, e vida aos mortos. Foy Apostolo no Officio, Martyr no dezejo, Doutor na sciencia, e Virgem por privilegio. Vaticinou o futuro, revelou o encuberto, illustrou Lis-

boa com o nascimento, e honrou a Padua com a sepultura. Divulgada a sua morte se juntaraõ os meninos por superior impulso, e divididos pelas Praças, e ruas de Padua clamavaõ com innocentes vozes, que era morto o Santo, sendo esta a primeira Canonizaçãõ com que o Ceo anticipadamente declarou os altos merecimentos da sua heroica Santidade, que fazendo-se mais patente com a innumeravel multidaõ de milagres mereceo com singular privilegio ser collocado no Cathalogo dos Santos por Gregorio IX. em 30. de Mayo de 1232. onze mezes depois do seu glorioso transitio. Os applausos, e festivas acclamaçoens, que em taõ alegre dia se consagraraõ em Espoleto à Santidade de Antonio fizeraõ sonoro ecco na famosa Lisboa, publicando com linguas de bronze taõ plausivel noticia os sinos, que se tocaraõ sem humano impulso. O seu Cadaver depois de muitas, e fortes controversias altercadas pelos Paduanos foy sepultado no Convento de Santa Maria da Religiaõ Serafica, porèm em 29. de Abril de 1263. trinta e dous annos passados depois da sua morte se tresladou com magestosa pompa pera o magnifico Templo, que lhe erigiraõ os Cidadoens de Padua onde competio a arte com a natureza para formar aquelle milagre da Architectura, que havia ser deposito de taõ inestimavel thesouro. Aberto o cofre na prezença de Guido Cardeal Legado, e de S. Boaventura, que entãõ era Geral da Ordem se achou o corpo resolute em area, e a lingua contra o imperio da morte, e do tempo viva, e incorrupta, e depois de lhe fazer o Serafico Doutor com devota ternura hum breve elogio, a collocou em hum cofre de Cristal. Ainda naõ satisfeita a piedosa magnificencia dos Paduanos com os obsequios, que tinhaõ feito ao seu Patrono lhe erigiraõ na Praça publica huma Estatua de bronze para que na duraçãõ do metal eternizassem a memoria do seu affecto. A Universidade decretou por commum consentimento de todos os Academicos fosse no dia outavo da sua Solemnidade em prociçãõ com as insignias das suas faculdades acompanhados dos Religiosos Menores celebrar todos os annos os plausiveis cultos deste insigne Thaumaturgo. A Casa em que em Lisboa sahio à luz do mundo este milagre da Graça situada junto à Igreja Cathedral se

converteo com religiosa magnificencia em hum sumptuoso Templo consagrado ao seu Nome sobre o qual para mayor estabilidade da Republica assiste o Tribunal do Senado, que trata do governo Economico della. A porta, que dava sahida a este edificio ainda se conserva triunfante das injurias do tempo, e taõ venerada da devação dos fieis, que para remedio das suas oppressões lhe arrancavaõ tanta copia de pedaços, que foy necessario para se conservar fabricar-se outra, que servisse de reparo a estas piadosas violencias, a qual se abre no dia do Santo à veneração universal do povo de Lisboa. A ereção deste Templo foy glorioso empenho da devota profusão dos Serenissimos Reys D. João o II. e D. Manoel como manifesta o rotulo, que serve de Coroa ao arco da porta principal feito com engenhoso artificio de diversos troncos, e animaes abertos subtilmente na dureza da pedra. A Capella mór onde se venera a imagem do Santo era fabricada de excellentes marmores, atè que no anno de 1719. sendo Provedor da Meza o Excellentissimo Conde da Ribeira D. Jozé Rodrigo da Camara Presidente do Senado de Lisboa, Escrevaõ o Doutor Antonio Faustino da Sylva, Thezoureiro Pedro Vicente da Sylva, e Procurador Luiz Joachim da Fonseca Botelho moço da Camara de Sua Magestade novamente se reedificou este Templo levantandolhe outra Capella mais sumptuosa ornada de preciosos porfidos, e Alabastrros, e revestido o tecto, e paredes de finos marmores diversos nas cores, e debuxos onde a arte emula da natureza apurou a elegancia dos seus primores, entre os quaes se admiraõ alguns quadros de excellente pincel, que mudamente apregoaõ acçoens mais celebres deste Thaumaturgo Portuguez. Todo o dispendio desta obra, que foy excessivo procedeo das esmolos, com que todo o Reyno cada anno concorre liberal, e devoto em obsequio desta Casa por ser o feliz Oriente em que rayou taõ brilhante Astro da Santidade. He innumeravel a copia de prata, e ouro, que tem este Templo para ornato dos Altares, e de todo elle naõ sendo inferior o numero de preciosos ornamentos com que está enriquecido, e ornado. Nos Presbiterios da Capella mór, que existia antes desta reedificação

estavaõ abertos na pedra dous elegantissimos Epigramas, os quaes era fama serem compostos pelo insigne André de Rézende, e por muitas vezes os li, e admirey, porèm com lastima dos eruditos veneradores da antiguidade se puzeraõ em seu lugar humas pedras variamente debuxadas, e para que totalmente naõ acabassem estes versos dignos de eterna duração os offereço transcriptos aos olhos da curiosidade. Dizia o primeiro.

Humano generi per te blanditur Olympus;

Hæc tibi natalis sunt monumenta tui.

Hæc præclara tuis sonvit vagitibus ædes;

Vidit reptantes, sustinuitque manus.

Hæc fuit aula patris; nati micat ara; fit orbis

Annulus urbi; urbis gemma fit ipsa domus.

Immortale decus patriæ; spes magna tuorū;

Mortale egisti, quid nisi Dive mori?

Itala gens obitum, gens Lysia suscipit ortum;

Occasus Padua est; ut domus hæc oriens

Hesperia Antoni radijs micat utraque; claudi

Uno non poterat gloria tanta loco.

Dizia o Segundo.

Cæli delicias felices orbis amores

Quæ peperit orba mei cælitis ara gemo.

Unum quero (sonet cū tot miracula mundo)

Perdita, qui reddis, te mihi restituas.

Perdita sum sine te, sed ero mihi reddita tecum

Te revoca, reddes, me mihi, teque tuis.

Urbi Antenoræ si das sacra ossa, reservas

Antoni patriæ qualia dona tuæ?

Ipse; super patriam totum cor ad æthera fundam

Nescio, quid majus patria dulcis habet.

Corporis exuvias Patavi mors clausit in urna;

In patria dulcis me tumulavit amor.

A vida deste grande Heróe da Santidade escreveraõ na lingua Latina Jacobo Convier, João de La Haye, e Fr. Rafael Mafeo; na Italiana Fr. Elias de Cortona, Agapito Pei de Amelia, Lucas Assarino, o Cavalleiro Pona, e o Padre Antonio Maria Bonucci; na Polaca João Franco Rodrasen; na Castelhana Matheos Aleman, Fr. Christovaõ Moreno, Fr. Miguel Pacheco, e Fr. Miguel Mestre; e na Portugueza Braz Luiz de Abreu; em verso Luiz de Tovar, e Francisco Lopes, e em Espanhol Fr. Antonio de Santa Maria. Seguirão esta empreza os Chronistas Franciscanos Fr. Marcos de Lisboa *Chron. de S. Franc.* Part. 1. liv. 5. Reboled. part. 1. liv. 4. Gonzag. de

Orig. *Seraph. Relig.* 1. Part. et Part. 2. in *Prov. S. Ant.* et part. 3. in *Prov. Turon.* Conu. 11. Wadingo *Annal. Ord. Min.* ad an. 1213. §. 42. an. 1217. §. 22. c. 24. an. 1220. §. 52. 53. et seq. ann. 1221. §. 12. ann. 1222. §. 30. ann. 1231. §. 1. Illustrissimo Damian. Cornejo *Hist. Seraf.* Part. 2. liv. 3. cap. 9. até 49. Esperança *Hist. Seraf. de Portugal* Part. 1. liv. 5. Dos estranhos Raynaud. *Annal. Eccles.* Tom. 13. ad an. 1231. §. 33. et ann. 1232. §. 33. Bzou. in *Annal.* Tom. 13. ad ann. 1231. Malvend. in *Ann. Ord. Præd.* Tom. 1. pag. 488. Bosius *de signis Eccles.* Tom. 2. liv. 7. cap. 1. Pennot. *Hist. Can. Reg.* liv. 2. cap. 6. n. 1. Genebrard. *Chron.* lib. 4. ad ann. 1241. Belovacens. *Specul. Histor.* lib. 31. à cap. 131. usque ad 138. Oudin. *Comment. de Script. Eccles. Antiq.* Tom. 3. col. 40. Castill. *Chron. de S. Doming.* Part. 1. liv. 2. cap. 5. Scoto in *Bib. Histp.* fol. 107. Nicol. Ant. in *Bib. Histp. Vet.* Tom. 2. lib. 8. n. 10. et seq. Possevin *Appar. Sacr.* Tom. 1. pag. 105. Marineo *de rebus Histp.* liv. 5. Garib. *Comp. Hist. de Esp.* lib. 12. cap. 47. Brand. *Mon. Lusit.* 4. Part. liv. 14. cap. 13. Vasconc. in *Descript. Lusit.* pag. 522. n. 1. Cunha *Hist. Eccles. de Lisb.* Part. 2. cap. 33. Maris. *Dial. de Var. Hist.* Dial. 2. cap. 11. Duarte Nunes *Descrip. de Portug.* cap. 41. Fr. Ant. à Purificat. *Chronol. Monast.* pag. 67. Cardoso *Agiol. Lusit.* Tom. 3. pag. 658. e no Commentario de 13. de Junho let. A. D. Nic. de Santa Mar. *Chron. dos Coneg.* Reg. liv. 1. cap. 10. *Magn. Bibliotheca Eccles.* pag. 503. col. 2. Ainda, que foraõ grandes os elogios, que lhe dedicaõ gravissimos Escriitores sempre saõ inferiores ao seu grande merecimento. S. Boavent. in *Sermon* 2. diz *Habuit in se scientiam omnium antiquorum.* Santo Antonino de Florença *Histor.* Part. 3. Tit. 24. c. 3. *Plenus Sanctitate, et præclarus doctrina, et miraculis.* Jacob. Bergomenf. *Suplem. Chronic.* lib. 13. ad an. 1231. *infinite clarus miraculis.* Baron. in *Martyrolog.* ad 13. *Junij Vita, & miraculis, et prædicatione illustris.* Bellarm. *de Script. Eccles.* ad ann. 1220. *Miraculis plurimos convertit, vel ab hæresi ad rectam fidem, vel ab improbis moribus ad penitentiam agendam* Joan. Molan. in *Martyrol.* Vivard. ad 13. *Junij Celeberrimus extitit vita, miraculis, et doctrina.* Trithem.

in *Cathal. Script. Ecclesiast. Vir in divinis Scripturis eruditissimus.* Possevin. in appar. *Sacr. Sanctitate, miraculis, et doctrina clarus.* O nosso insigne Poeta o Padre Manoel Pimenta no 1. Tom. dos seus Poemas entre outros Epigrammas, que a sua devota Musa consagrou a este Thaumaturgo lhe fez o seguinte à prodigiosa incorrupçaõ da sua lingua, que por ser taõ elegante, e discreto o julguey digno de que fosse a Coroa de todos os Elogios deste grande Portuguez. *Heròe extincto dum mors inimica triumphat; Corporis, & sacrum depopulatur opus. Pectora percurrit percurrit livida frontem, Marmoreasque manus, sydereasque genas. Ventum erat ad linguam suspesacta quiescit, & insit;*

Abstineo à lingua, contineoque manus. Semina, quæ tetigit vivi immortalia Verbi, Ingenium Verbi non morientis habet.

Haud tangenda mihi est vitam quæ præstitit, et Mors Si male tentassem tangere, viva forem.

As obras; que o Santo compoz cheyas de Sagrada Doutrina, e sentido Mystico saõ as seguintes.

Sermones de Sanctis. Venetiis 1574. 8.

Sermones Quadragesimales, et Dominicales super Evangelia totius anni correctius aucti, & marginibus ornati a Fr. Raphaelæ Maffæo Minorita. Venetiis apud Joannem Antonium Bertanum 1575. 8.

Sermoens Quadragesimales, et de Tempore. Parisiis apud Badium Ascensium. 1521. 8.

Concordantiæ morales sacre scripturæ prædicatoribus ad virtutes commendandas, et vitia condemmanda utilissimæ. Romæ apud Alphonsum Ciaconium 1624. et Parisiis 1641 apud Carolum, Rovillard, et Colonix 1647. Foy esta obra publicada pela deligencia de Fr. Lucas Wadingo, que a extrahio de hum M. S. antiquissimo que se guardava no Convento de Ara Cæli de Roma, e a dedicou à Sãtidade de Urbano VIII. da qual diz o mesmo Wadingo in *Script. Ord. Min.* pag. 34. *Opus sane ingeniosum hominis versatissimi in Sacris Bibliis, quem proinde Gregorius IX. appellavit Arcam Testamenti.* Foy o primeiro Author deste genro de composiçaõ como dizem Buxtorfio in *Præfat. Concordant. Hebraicar.* e Jacobo le Long. in *Bibliotheca Sacra.* pag. mihi 456. col. 2. et pag. 458. col. 2.

Todas estas obras compilou com grande difvelo, e igual trabalho Fr. Joaõ de La Haye Parisienfe, Prégador delRey Christianiffimo, e celebre Author da Biblia Maxima, Procurador Geral da Ordem Serafica no Reyno de França, e novamente lhe acrecentou a obra fequinte que nunca tinha sido impressa.

Interpretatio myfica in Sacram Scripturam

A qual visitando como Visitador Geral o Convento Mercurienfe situado no Ducado de Lorena, e examinando com toda a curiosidade a Bibliotheca do mefmo Convento, que he muito numerosa, entre os *M. S.* que eftavaõ fechados em huma arca a defcubrio entre elles, e depois a publicou com as mais obras em huma elegante Impreffaõ que fahio. Parisiis apud Carolum Rouillard. 1641. fol. e depois Lugduni apud Petrum Rigaud. 1653. fol. et Pedeponti prope Ratisbonam fumptibus Joannis Galt. 1739. fol. Tambem fahiraõ com hum fuplemento que o Doutiffimo Antonio Pagi Francifcano Conventual Author da Critica aos Annaes de Baronio, tirou de hum *M. S.* que fe conferava na Bibliotheca dos Frades Menores de Florença, e fahio Avenione apud Petrum Offray 1684. 8.

D. ANTONIO naceo na Cidade de Lisboa no anno de 1531. e foy filho do Sereniffimo Infante D. Luiz, e Neto do Auguftiffimo Monarcha D. Manoel. Naõ fatisfeita a natureza de lhe dar taõ alto nacimiento o ornou de mageftofa prezença, genio afavel, juizo perfpicaz, e engenho fublime para comprehender as mayores difficuldades por cujos dotes o julgou digno feu Pay que fosse instruido com os primeiros rudimentos no Convento da Costa situado junto da Villa de Guimaraens donde passou no anno de 1548. a Coimbra para continuar o eftudo das humanidades, e Filofofia no Real Convento de Santa Cruz de Coimbra em cuja palestra teve por Condifcipulos, e emulos do feu grande talento a D. Fulgencio, e D. Theotonio Filhos do Duque de Bragança D. Jayme. Sahio taõ perito na pureza da lingua Latina, e noticia das letras humanas, que mereceo os ap-

plaufos de Poeta infigne, e Orador confumado compondo Verfos com fomma afluencia, e recitando Oraçoens com elegante energia. Não fez menores progressos na penetração das subtilezas da Logica, e Metafifca recebendo em 5. de Mayo de 1551. com universal applaufo da Academia Conimbricenfes o grão de Mestre em Artes. Instruido nas sciencias humanas o mandou feu Pay aprender as divinas para cujo effeito passou a Evora, onde ouvio revelados os misterios da Theologia pelo infigne Varaõ Fr. Bartholameu dos Martyres que depois ennobreceo a Mitra Primacial de Braga de cuja doutrina fahio igualmente illustrado no entendimento, como no espirito. Em obsequio da vontade de feu Pay recebeu Ordens Sacras que lhe conferio feu Tio o Cardial D. Henrique, e professou a Ordem Militar de Malta sendo Prior do Crato, porẽm como a natural inclinação herdada de seus auguftos progenitores o arrebatasse para as armas naõ quiz receber as Ordens de Presbitero mostrando nesta repugnancia que mais por eleição alhea do que propria abraçara o Estado Ecclesiastico. Estimulado de algumas defatençoens que lhe fizera o Cardial feu Tio, que naõ soube diffimular o feu ardente genio, se auzentou para Castella, onde recebeu de feu Primo Filippe II. particulares significações de affecto. Restituído ao Reyno passou duas vezes a Tangere, e na segunda que foy no anno de 1574. governou aquella Praça sendo o vigeffimo nono Governador della onde deo illustres provas da fua prudencia, e valor. Acompanhou a ElRey D. Sebastião nas duas expediçoens que fez a Africa, e na segunda em que fatalmente agonizou a gloria Portugueza ficou cativo, sendo esta lamentavel tragedia o principio das fuas calamidades. Refgatado por copiofa fomma de dinheiro entrou em Lisboa merecendo fer recebido pelos seus moradores com inexplicaveis demonstrações de jubilo devidas à fua natural benevolencia. Extincta a linha dos Monarchas Portuguezes com a morte do Cardial D. Henrique fuccedida no anno de 1580. pertendeo fucceder na Coroa de seus Avòs para cujo effeito se empenhou a provar a fua legitimidade, e posto que lhe faltava o direito achou taõ benevola a fidelidade do povo que o

acclamou por seu Monarcha na Villa de Santarém a 24. de Junho de 1580. distinguindo-se entre os Aclamadores D. Francisco de Portugal III. Conde do Vimioso que dos tragicos successos de D. Antonio foy inseparavel Companheiro, imitando neste heroico affecto para a Patria ainda que com differente fortuna a fiel constancia de seu preclarissimo ascendente o Condestavel Nuno Alvares Pereira. Com iguaes argumentos de amor foy acclamado em Setubal onde bateo moeda até que chegou a Lisboa, e sendo recebido pelo vulgo com as veneraçoes de Rey repartio no Paço muitos Officios, jurou observar os privilegios dos Vassallos, e escreveu cartas circulares a todas as Cidades, e Villas do Reyno para que o reconhecessem por seu Soberano. Contra estes designios se armou a ambição de Philippe prudente hum dos mais accerimos pertendentes da Coroa Portugueza expedindo hum exercito de vinte mil homens Capitaneados pelo Duque de Alva, e no Campo de Alcantara junto a Lisboa acommeteo a quatro mil Soldados, que tumultuariamente conduzira D. Antonio para lhe fazer opposição, onde foy totalmente desbaratado como se podia esperar de numero tão superior às suas forças. Acompanhado de algumas pessoas, cuja fidelidade lhe era notoria, se auzentou occultamente do Reyno, e discorrendo por diversas Provincias de Europa chegou a França onde sendo benevolmente recebido pela Rainha Catherina de Medicis lhe supplicou efficazmente quizesse dar-lhe socorro com que pudesse coroar-se no trono de seus Avós. Atendeo a Rainha à efficacia da sua persuasão, e mandou aprestar huma armada de cincoenta Navios com sete mil homens de guarnição cometida à direcção de Philippe Strozzi. Defronte da Ilha de S. Miguel pelejou a 26. de Julho de 1582. esta armada contra a de Castella que constava de 50. Galeoens, e 12. galés de que era General D. Alvaro Bafan Marquez de Santa Cruz, e depois de hum porfiado combate que durou o espaço de cinco horas rendida a Almirante, e Capitania Francezas, e lançados a fundo dous Galeoens se recolheo victoriosa a armada Castelhana. Ainda não defenganado com tantos infortunios voltou a Inglaterra, e conciliando o affecto de alguns

Fidalgos alcançou da Rainha D. Izabel outro socorro para experimentar fortuna mais favoravel aos seus intentos. Sahio embarcado de Plemuth em huma armada tão soberba, e poderosa que se compunha a sua guarnição de vinte e dous mil homens levando por General do Mar a Francisco Draque, e da terra a João de Norris. Na Praça de Peniche lançou doze mil Infantes que sem resistencia foy ganhada, e entrando pela Barra de Lisboa a 24. de Junho de 1589. como não achasse os animos promptos para ajudar a sua facção se recolheo a Plemuth com igual perda de homens, e embarcaçoes. Afflicto com tantas infelicidades se refugiou a Pariz onde foy recebido por Henrique IV. não desistindo de implorar o socorro das mesmas Potencias que infructuosamente tinhaõ fomentado a sua pertenção, até que defenganado das esperanças em que fundava os seus designios se converteu totalmente a Deos chorando amargamente os delictos que cõmetera contra a observancia dos seus preceitos, desprezando as glorias caducas, e anhelando unicamente às eternas fazendo-se com estas virtuosas acçoens merecedor de huma Coroa mayor, e mais perduravel que aquella que fatalmente lhe negou a fortuna, a qual foy possuir em 26. de Agosto de 1595. quando contava 64. annos de idade. O seu corpo depois de embalsamado se sepultou no Convento grande dos Franciscanos de Pariz, e o seu Coração foy depositado no Convento de Santa Clara chamado da Ave Maria a hum lado do Altar Mor com este largo epitafio, mudo pregoeiro dos seus infortunios.

Hoc angusto in loco conditur augustissimum cor Serenissimi Regis Portugalliae D. Antonij hujus nominis primi, qui paterno jure, ac populi electione regno succedens ab eo per vim expulsus est; quare in densissimis, ac numerosis sylvis diu latens, tandem ab hostibus animam ejus sollicitè quærentibus mirabiliter evasit, et in Galliam, & Angliam ad suppetias petendas transmeavit, in qua peregrinatione incredibiles supra modum passus est calamitates; in quibus adeo constantem, & invincibilem animum semper exhibuit, ut nec laboribus fatigari, nec periculis deterreri, nec rationibus suaderi, nec opulentis pollicitationibus, nec longa expectatione

fastidiri, nec denique deficientibus præ senio viribus deficere unquam potuerit, ut juri suo caderet; sed omnibus spretis libertatem regni sui ac suorum cunctis, et bonis fruendis, et malis perferendis validissime anteposuit; illud quoque non parvum regie magnanimitatis argumentum est, quod seculo post mortem corpore, omnia ejus viscera tabida, ac corrupta inventa sunt præter cor, quod quia in manu Dei erat, ab eo incorruptum, et illæsum semper servatum fuit. Obiit Parisiis plenus pietate, & in summa paupertate anno ætatis suæ sexagesimo quarto, Dominicæ vero Incarnationis millesimo quingentesimo nonagesimo quinto dieicesima sexta Augusti. Requiescat in pace.

De diversas mulheres teve na sua adolecencia dez filhos. D. Manoel de Portugal casado a primeira vez com Emilia de Nassau de quem teve numerosa descendencia; e a 2. com D. Luiza Oforio Dama da Archidueza D. Izabel Clara Eugenia. D. Christovaõ de Portugal, de quem faremos memoria em seu lugar. D. Pedro, e D. Diniz Religioso hum de S. Francisco e outro Monge de S. Bernardo; D. Affonso insigne nas Armas, e D. Joaõ, que morreo na puericia: D. Filippa Religiosa Cisterciense no Convento de Lornaõ; D. Luiza Religiosa de S. Francisco em Tordefillas, e outras duas, cujos nomes se ignoraõ recolhidas no Convento de las Huelgas de Toledo. O summario da sua vida, e morte sahio escrito na lingua Franceza por seu filho D. Christovaõ de Portugal. Paris ches Gervais Alliot 1629. 8. A agudeza do seu engenho, e o vasto conhecimento das artes liberaes exaltaõ Cadabal Grav. in *Orat. Encom. Philip.* Spener. *Oper. Herald.* Part. 1. lib. 1. cap. 22. pag. 287. e Joan. Soar. de Brit. in *Theatr. Lusit. Litterar.* lit. A. n. 48. A sua politica, e elegancia no escrever Caram. *Philip. Prud.* lib. 5. n. 2. pap. 175. A suavidade do genio, e profusaõ do animo Goes *Chron. delRey D. Manoel.* Part. 1. cap. 101. Andrad. *Chron. delRey D. Joaõ o III.* Part. 4. cap. 215. Ferdinand. Paez in *Dedicat. operis in Cap. Missas.* Das suas açcoens, successos prosperos, e adversos Manoel de Faria, e Soufa *Europ. Portug.* Tom. 3. part. 1. cap. 4. Luiz Torres de Lima *Suces. de Portug.* cap. 31. Bavia *Hist. Pontif.* Part. 3. cap. 49. 50. 51. 63. 64. e 65.

Cordeir. *Hist. Insulan.* liv. 6. cap. 25. 26. e 27. Miræus in *Chron.* ad 1595. Rodolph. Boter. in *Comment. de reb. in gallia gest.* lib. 2. pag. 195. ad ann. 1595. Germain Brice. *Novuel. Descrip. della Ville de Paris* Tom. 2. pag. 327. e Tom. 3. pag. 233. Imhof *Stem. Reg. Lusitan.* pag. 19. Fr. Anselm. de la Vierg. *Mar. Hist. Geneal. et Chronol. dela Mais. Royal de Franc.* Tom. 1. pag. mihi 610. Souf. *Hist. Genealog. da Caf. Real Portug.* Tom. 3. liv. 4. cap. 8. Thuan. *Hist.* lib. 69. 70. et lib. 113. Sainct. Marth. *Hist. Geneal. dela Mais. de Franc.* Tom. 2. liv. 43. cap. 11. Dupleix *Annal.* ad. an. 1580. Beyerlinck. *Opus Chronol.* ad ann. 1595. Ferrer. *Hist. de Espan.* Tom. 15. pag. 274. n. 11. pag. 278. n. 4. pag. 285. n. 6. e pag. 327. n. 1. Herrer. *Hist. de Portug.* liv. 2. 3. 4. e 5. Hofman. *Lexic. Univerf.* pag. mihi 249. Larrey *Hist. de Anglaterr.* Tom. 3. pag. 488. Fr. Jozé Emman. Minian. in *Contin. histor. de rebus Hisp. Joan. de Marian.* lib. 8. cap. 6. 9. 10. et lib. 10. cap. 7. e o Illustriissimo, e Excellentissimo Conde do Vimiofo D. Jozé Miguel Joaõ de Portugal na elegante, e discreta *Vida do Infante D. Luiz* pag. 151. Compoz.

Panegyris Alphonsi primi Lusitanorum Regis. Conimbricæ apud Joannem Alvares 1550. 4. Este Panegirico recitou na presença dos Serenissimos Reys D. Joaõ o III. e D. Catherina quando foraõ visitar no anno de 1550. a Universidade de Coimbra.

Psalmi Confessionales Parisiis apud Federicum Borellum 1592. 12. Nesta obra de que se conserva o Original na Bib. Ambrosiana de Milaõ como diz Montfaucon in *Bib. Bibliothecar. M. S. nova* Tom. 1. pag. 508. foy achada em hum escritorio do Serenissimo D. Antonio onde igualmente se admira a fervorosa contrição de hum peccador arrependido, como a vasta liçaõ da Sagrada Escritura, sendo rara a palavra de que se compoem, que não fosse della extrahida, como nas obras do D. Melliflvo S. Bernardo tem observado os eruditos. Consta de sete Psalms semelhantes aos Penitencias de David, no fim dos quaes tem duas Oraçoens a 1. se intitula *Gratiarum actio contriti peccatoris veniam a Deo impetrantis.* a 2. *Ad Deum Summum orbis moderatorem deprecatio.* Nesta impressaõ está aberto o re-

trato do Serenissimo D. Antonio, e por baixo tem este disticho.

*Parca tibi vitam rapuit, diadema Philippus,
Et simul Occasus, ac Orientis opes.
Plus tibi restituit pietas tua, quippe caducis
Pro sceptris Dominus calica regna dedit.*

Varias tem sido as ediçoens deste livro donde se argumenta a sua excellencia, e piedade, pois na lingua Franceza sahio por Pedro du Rier Pariz ches Jean Regnoul 1609. 8. e na mesma Cidade por Bertrando Martin. 1634. 8. outra vez 1656. 12. e 1666. 24. e em Tolosa 1671. 16. por Antonio Jozé Mege Monge Benedictino da Congreg. de Santo Amaro, e pelo Abbade Bellegarde Pariz 1718. 8. Hagæcomitum 1663. 12. Na lingua Ingleza Londres 1659. 8. Na Castelhana por Fr. Joaõ Caramuel com este titulo.

Pfalterio, en que un gran Principe Lusitano descubrio soberanias de Espirit. Bruxellas por Lucas de Meerbeque 1635. 12. De Latim em verso Portuguez por D. Isidoro da Cruz. Praga apud Gregorium Schipariz; e em prosa Portugueza pelo Doutor Fr. Jorge de Carvalho Monge de S. Bento que sahio com este titulo.

Soliloquios, em que hum peccador arrependido falla com Deos, disposiçoens para bem se confessar, e industrias para bem morrer. Acharaõ-se em hum escritorio do Serenissimo D. Antonio Principe Portuguez na sua propria letra na Lingua Latina com traducção, que era obra do seu grande juizõ, e confissoens feitas pelo seu grande arrependimento. Lisboa por Paulo Crasbeeck. 1635. 8.

Lettre ecrite au tres Saint Pere le Pape Gregoire XIII. De Rueil en l'annee 1583. Sahio impressa no Livro intitulado *Briefue, et Sommaire description dela vie, et mort de D. Antoine premier du nom, et dixhuitiesme Roy de Portugal.* Pariz ches Gervais Alliot. 1629. 8. desde pag. 133. até 261. e no Livro intitulado. *Excellent, et libre discours du droit dela Succession Royale au Royaume de Portugal, et dela legitime succession du Roy D. Anthoine.* Pariz ches Jean Micard 12. desde pag. 117. até 239. Foy traduzida na Lingua Latina por Octavio Sylvio Cavalleiro Romano in 8. sem lugar, e anno da impressaõ da qual conservamos hum exemplar. Nesta Carta expõem

largamente ao Summo Pontifice o direito, que lhe assistia, para cingir a Coroa de Portugal relatando individualmente os Letrados mais insignes, que este Reyno naquelle tempo tinha, assim Theologos, como Juristas, que defendiaõ, e approvavaõ a sua pertençaõ à Coroa.

Lettre ecrite a Saincte Pere le Pape Sixte V. dela Rochelle le jour de devant les Nones de Aoust l'an. de nostre Seigneur mil cinq cens quatre vingt cinque. Sahio impressa em ambos os livros assima allegados.

Lettre ecrite a Saincte Pere Pape Sixte V. de Londres 26. de Janvier l'an. de grace 1586. Paris ches Gervais Alliot. 1629. 8.

Lettre ecrite à Saincte Pere Pape Sixte V. de Londres le 27. de Juillet l'an. de nostre Seigneur. 1586. Pariz pelo dito Impressor.

Lettre ecrite au Pape Clement VIII. de Londres 1. de Avril de 1592. Pariz pelo dito Impressor.

Lettre ecrite au Pape Clement VIII. de Londres 24. de Janvier 1595. Pariz ches Jean Micard. 1607. 12. et ibi ches Gervais Alliot. 1629. 8.

Cartas escritas de Pariz a 22. de Agosto de 1595. às Magestades del Rey Christianissimo Henrique IV. Rainha de Inglaterra, Estados Geraes, Conde Mauricio, Princesa de Orange, e Conde de Essex. Pariz ches Jean Micard 1607. 12. Sahiraõ impressas em Francez, e Portuguez. Nestas Cartas estando proximo à morte encomenda a estes Principez os seus filhos, e as pessoas, que sempre lhe assistiraõ, e o acompanharaõ.

Sahio em seu nome, e se cré ser composto por elle, hum Manifesto, com este titulo.

Explanatio veri, ac legitimi juris quo Serenissimus Lusitanix Rex Antonius ejus nominis primus nititur ab bellum Philippo Regi Castellæ pro regni recuperatione inferendum una cum historica quadam enarratione rerum eo nomine gestarum usque ad annum 1583. Lugd. Batav. apud Christophorum Plantinum. 1585. 4. et Colon. 1613. 8. Sahio traduzido em Francez com este titulo.

Justification du Serenissime D. Antoine Roi de Portugal premier de ce nom, touchant la

guerre, qu'il fait à Philippe Roi de Castille, ses subjects, et adherens pour estre remis en son Royaume. Leyde em l'Imprimerie de Christophe Plantin. 1585. 4.

Semelhante a Cesar foy Chronista das suas açoens escrevendo em tres tomos a sua vida, cujo Original sendo dado por seu filho D. Manoel de Portugal a Fr. João Caramuel o conservava com grande estimaçãõ em seu poder, como affirma no *Philip. Prud.* pag. 175. sendo o titulo desta obra.

Historia do Rey D. Antonio.

No 1. livro trata de seu Pay o Infante D. Luiz filho delRey D. Manoel, e como fora casado com D. Violante Gomes sua Mãe sendo por esta causa filho legitimo, e não natural daquelle Principe. Descreve a expedição de Africa, e todas as circumstancias assim do seu cativo, como restitução ao Reyno. No 2. livro recopila o que mais largamente escrevera no 1. Intenta cingir a Coroa de seus Avós. Expoem ao Cardial D. Henrique as injustiças, que lhe tinha feito, das quaes se queixa com grande sentimento ao Summo Pontifice. No 3. livro se contem todas as Cartas Originaes, que escrevera sobre a sua pertençaõ ao Reyno de Portugal, a diversos Principes Catholicos, Hereges, e Mouros. Hum memorial muito extenso em forma de Supplica ao Pontifice. Todas as negociaçoens pertencêtes às expediçoens que fez Portugal sendo entre ellas as principaes como fora eleito Draque General da Armada Ingleza pela Rainha Izabel. As condiçoens propostas por Draque, e Norris, e como foraõ por elle admitidas. A instrucção do Embaxador que mandou aos Estados de Olanda, e Zelanda. Conclue Caramuel de quem extrahimos esta noticia, que além desta obra conservava em seu poder outras muitas de D. Antonio, que não tratavaõ desta pertençaõ à Coroa Portugueza, sendo o seu Author *felix calamo, politicae scientiae doctissimus.*

M. ANTONIO insigne Medico cuja faculdade exercitou na Praça de Arzilla situada na Região Africana, quando estava sogeta ao dominio de Portugal. Não menos applicado à faude dos Soldados, do que à fama, e nome dos que valerosamente combatiaõ naquelle theatro do valor Portuguez. Escreveo.

Cavalgadas, e boas entradas, que fez D. Pedro de Menezes Almocadem de Arzilla.

Este M. S. veyo ao poder de D. João Coutinho Conde de Redondo, como affirma Bernardo Rodriguez filho do Author de quem faremos memoria, em seu lugar na *Historia de Arzila*, que se conservava na Bibliotheca do Chantre de Evora Manoel Severim de Faria, da qual conserva huma copia meu Irmaõ D. Jozé Barboza Clerigo Regular na sua selecta Livraria da Historia de Portugal.

M. ANTONIO natural da Villa de Guimaraens, e Medico da Camara do Serenissimo Rey de Portugal D. João o II. a cujo Principe sobreviveo, pois conforme escreve Gaspar Estaço nas *Antiguidades de Portug.* cap. 56. n. 4. prolongou a vida até o anno de 1533. Escreveo.

Tratado sobre a Provincia de Entre Douro, e Minho, e suas avondanças copilado por Mestre Antonio Fifico, e Surgião morador na Villa de Guimaraens, e natural della. Começa *Como quer que toda a pessoa Acaba. a muy nobre, e sempre leal Villa de Guimaraens.* Conservase huma copia, que eu vi, na Livraria do Marquez Mordomo mor, e consta de oito paginas de folha, cuja obra como diz o Author foy escrita no anno de 1512. e della fazem memoria Gaspar Estaço *Antiguidades de Portug.* cap. 56. n. 6. Jorge Cardoso nas *Advertenc.* ao 1. tom. do *Agiol. Lusit.* §. 2. e no Commentario de 2. de Janeiro let. B. pag. 17. e no Commentario de 22. de Abril pag. 681. e a *Bib. Geograf.* de Antonio de Leon novamente acrescentada Tom. 3. Tit. unic. col. 1617. Escreveo mais.

Chronica delRey D. João o II. da qual se conservava huma Copia na Bibliotheca do Excellentissimo Marquez de Abrantes, e della fazem memoria Cardoso. *Agiol. Lusit.* Tom. 3. no Cõmentario de 18. de Junho let. F. p. 733. e Francisco de Santa Maria *Hist. da Congreg. dos Coneg. Secul. de S. João Evang.* lib. 1. cap. 42. pag. 358. o qual no livr. 3. cap. 72. pag. 871. faz menção de outra obra do Mestre Antonio, que se conserva M. S. na Livraria do Convento de Santo Eloy de Lisboa, cujo titulo he

Memorias do seu tempo.

ANTONIO Eremita da aspera solidadã da Serra de Ossa situada no territorio de Evora, e hum dos mais rigidos professores da austera regra de S. Paulo primeiro Habitador da Thebaida, querendo viver para Deos, e juntamente para o proximo, escreveu.

Declaração sobre os sete Psalmos da Penitencia em linguagem Portuguez dedicada a seu Irmaõ em Christo o virtuoso, e devoto pobre Tristaõ Provincial de todas as Provincias da Serra Dossa, e vida eremitica de S. Paulo primeiro Ermitaõ. Lisboa por Germaõ Gallarde e Impressor delRey 1544.

ANTONIO DE ABREU chamado por anthonomia o *Engenho* pela excellencia do talento, prompta agudeza nas repostas serias, e jocosas, e summa facilidade em compor versos de varios metros. Teve particular amizade com o Principe dos Poetas de Espanha o Grande Luiz de Camoens assim em Portugal como na India onde viveo com elle muitos annos, de quem foy sempre fiel imitador, como testemunhaõ as pessoas mais eruditas daquelle Seculo, e o poderiaõ testificar as do presente, se seu Irmaõ Fr. Bartholameu de Santo Agostinho antes de morrer publicasse huma grande colleção que tinha feito dos seus *Versos sagrados, e profanos.*

P. ANTONIO DE ABREU natural de Lisboa, onde teve por Pays a Antonio de Abreu, e Anna Barradas, recebeu a Roupeta da Companhia de Jesus em o Collegio de Coimbra a 17. de Mayo de 1577. Depois de instruido suficientemente nas letras sagradas, e profanas dictou Rhetorica, e Filosofia em Coimbra tendo por Discipulo ao Senhor D. Alexandre filho dos Serenissimos Duques de Bragança D. Joaõ o I. e D. Catharina, que depois foy dignissimo Arcebispo de Evora. Na mesma Universidade foy Lente de Sagrada Escritura. Teve grande talento para o Pulpito, e não inferior para o governo, como manifestou nos Reytorados dos Collegios de Lisboa, Evora, e Coimbra, na Prepositura da Casa professa de S. Roque, e ultimamente no Provincia-lado, cujo lugar antes de o acabar, acabou de viver em 10. de Junho de 1629. Teve hum genio muito brando, e suave para os

subditos, de tal modo que sendo notado da summa indulgencia, que com elles uzava, respondia com S. Joaõ Chrysofomo que mais queria dar conta ao Supremo Juiz de ser nimiamente compassivo, de que excessivamente rigoroso. Recitou varias Oraçoens latinas com grande eloquencia, sendo as principaes, tres da Rainha Santa Izabel em a Universidade de Coimbra, e no mesmo idioma compoz muitas obras poeticas das quaes sómente se imprimio in 8. como affirma o P. Francisco da Cruz nas suas Memorias para a *Bib. Portug.* sem declarar lugar, e anno da edição.

Tragedia S. Joannis Baptista. Ao Author louva o P. Antonio Franco in *Ann. Glor. S. J. in Lusit.* pag. 331. et in *Synops. Annal. S. J. in Lusit.* pag. 254. e o P. Antonio dos Reys in *Enthusiasm. Poet.* n. 209.

Fr. ANTONIO DE ABREU natural da Cidade do Porto, e filho de Antonio Pereira, e Maria de Abreu. Professou o Habito da Ordem dos Prêgadores no Real Convento da Batalha a 20. de Março de 1644. onde depois de estudar as sciencias escolasticas, se applicou com mayor disvelo ao exercicio do Pulpito, pelo qual mereceo o lugar de Pregador Geral na sua Religiaõ. De muitos Sermoens que pregou com grande aceitação, sómente imprimio o seguinte.

Sermaõ na Festa da Miraculosa Imagem de S. Domingos trazida do Ceo, e dada pelas Mãos da sempre Virgem Maria aos Religiosos do Convento de Soriano prêgado no Convento de Lisboa em 15. de Setembro. Lisboa por Antonio Crasbeeck de Mello. 1661. 4. e Coimbra por Thomè Carvalho Impressor da Universidade 1672. 4. Delle faz breve memoria Fr. Pedro Monteiro no *Claustro Domin.* Tom. 3. pag. 144.

Fr. ANTONIO DE SANTO AGOSTINHO natural de Lisboa, e Religioso professo na Ordem dos Menores da Provincia de Portugal com bastante capacidade para o Pulpito, e para o governo, como se vio quando foy Presidente do Convento de N. S. da Porta do Ceo. Por duas vezes affistio em nome da sua Provincia ao Capitulo Geral celebrado em Roma. Exercitou com

grande zelo, e vigilancia o lugar de Procurador, e Comissario Geral dos Lugares Santos de Jerusalèm atè que morreo no Convento de Lisboa a 12. de Fevereiro de 1700. imprimio

Breve Summario dos Conventos, Igrejas, Capellas, e lugares Santos que a Sagrada Religiao dos Frades Menores da Observancia tem a seu cargo em a Cidade de Jerusalèm, e Terra Santa, e o direito com que os possui, e habita; e dos grandes, e excessivos trabalhos, que padecem os Religiosos, que alli estao, e dos tributos que pagao por que os deixem morar alli os Turcos, e por ter com a devida decencia, e reverencia aquelles Santos Lugares. Lisboa por Antonio Crafsbeek de Mello 1665. 4. e pelo mesmo Impref. 1686. et ibi por Joao da Costa 1670. 4.

Relacao verdadeira do celeberrimo triumpho, e victoria, que conseguiu a Religiao Franciscana recuperando os Santos Lugares de Jerusalèm usurpados pela Nação Grega Scismatica em virtude de hum mandado Imperial, que deu o Sultao Solimaõ a 20. de Abril de 1690. Lisboa por Miguel Deslandes Impreflor de Sua Magestade 1691. 4.

Fr. ANTONIO DE ALMADA naceo em Lisboa, e foy filho de Joao de Balhesteros, e D. Joanna de Almada. Deixado o mundo se recolheo na Religiao dos Eremitas de Santo Agostinho, cujo habito professou no Convento da sua patria em 18. de Setembro de 1665. Aprendidas com grande disvelo Filosofia, e Theologia as ensinou com mayor applauso no Collegio de Santo Agostinho de Lisboa no anno de 1676. e depois de ter dictado a Theologia se graduou Mestre nesta faculdade. Foy insigne Prègador, e naõ menos douto na Theologia Positiva, e Mystica com a qual em Evora onde assistio muitos annos, instruiu a muitas almas de hum, e outro sexo para o caminho da perfeicao. Cheyo de virtuosas obras morreo em Lisboa a 24. de Março de 1715. Compoz.

Despozorios do Espirito celebrados entre o Divino Amante, e sua Amada Esposa a Ven. Madre Soror Mariana do Roxario Religiosa de Veo branco no Convento do Salvador da Cidade de Evora. Lisboa por Manoel Lopes Ferreira 1694. 4.

Vida de Izabel de Jesus Mantellata da Ordem de Santo Agostinho M. S.

Sentimentos da alma pelos Mysterios da Paixao de Christo M. S.

Alfabetos de Conceitos Predicaveis M. S.

Todas estas obras M. S. com o seu *Curso Filosofico, e Conclusoens* que defendeo se guardaõ na Livraria do Convento da Graça de Lisboa.

P. ANTONIO DE ALMEYDA Naceo na Villa de Trancofo do Bispado de Viseu, e foraõ seus Pays Fernao de Siqueira, e Anna de Andrade. Quando contava 18 annos de idade recebeu no Collegio de Coimbra a Roupeta da Companhia de JESUS a 4. de Janeiro de 1575. e logo em o Noviciado começou com ardentos votos a suspirar pela Missao do Oriente. Alcançada faculdade dos Superiores partio de Lisboa para Goa onde chegou no anno de 1585. Convalecido da molestia de tao prolongada navegacao supplicou com grandes rogos ao Visitador Geral Alexandre Valignani que o mandasse promulgar o Evangelho na China o qual admirado do seu apostolico zelo lhe deo por Companheiro ao P. Duarte de Sande para cultivar tao dilatada vinha. Partio para Macao, e buscando modo para se introduzir naquelle vasto imperio, se lhe abrio quando menos o imaginava, achando ao P. Miguel Rogerio que nelle havia muitos annos assistia com faculdade de fundar huma Casa em Cantaõ, e com grande satisfacao o tomou por seu socio. Porém naõ tendo effeito esta empreza naõ desistio dos seus fervorosos dezejões, antes procurando com mayor ancia o fim que intentava, passou com o P. Matheus Ricio a Xauceo no anno de 1589. Acõmetido de huma grave enfermidade que para convalecer della foy preciso voltar a Macao, tanto que se sentio capaz de caminhar, voltou para a China ultima meta dos seus dezejões atè que segunda enfermidade contrahida da aspereza do caminho o privou da vida em Xauceo a 17. de Outubro de 1591. O seu Cadaver amortalhado ao costume dos Chinas foy transferido no anno de 1594. para Macao, em cuja praya se juntou grande multidaõ de povo que com summa veneracao o acompanhou até a Igreja onde lhe fez huma Oracao funebre o P. Duarte de Sande Reytor

daquelle Collegio na qual louvou as virtudes em que foy eminente, sendo as principaes o apostolico zelo para lucrar almas a Christo; o intrepido animo para emprender em seu obsequio as mais arduas empresas, o nimio excessõ com que rigorosamente tratava o corpo, a profunda veneraçã com que adorava a Christo Sacramentado, a fervorosa ternura com que dedicava os seus affectos a Maria Santissima. Mais copioso elogio fazem das suas acçoens Nicol. Trigault in *Exped. Christ. apud Chin.* lib. 3. cap. 5. Alegamb. in *Bib. Societ.* p. 63. Gouvea in *Asia Extrem.* Part. 1. lib. 2. cap. 15. Franc. na *Imag. da Virt. em o Nov. de Coimb.* Tom. 2. lib. 3. cap. 30. et in *Ann. Glor. S. J. in Lusit.* pag. 602. Jarric. *The-saur. Ind.* Part. 2. lib. 2. cap. 26. e 27. Leon *Bib. Orient.* Tit. 8. Joan. Soar. de Brit. in *Theatr. Lusit. Liter.* lit. A. n. 49. In *Synensí agro impiger, indefessusque divini seminis operarius.* Escreveo

Carta ao P. Duarte de Sande em que trata das confas da China escrita de Xauceo em 10. de Fevereiro de 1586.

Carta ao mesmo Padre de Xauceo 8. de Setembro de 1586.

Sahiraõ estas duas cartas com outras na lingua Italiana Roma por Francisco Zanneti. 1588. 12. e vertidas em Castelhana por Buxeda de Leyva na *Histor. do Japaõ.* C,aragoça. 1591. 12.

Cartas escritas ao P. Duarte de Sande Reytor de Macao. Xauceo 8. de Setembro de 1588. sahiraõ abreviadas Roma por Luiz Zanneti. 1591. 12.

Cartas escritas em 22. de Novembro de 1585. nas quaes descreve a sua jornada de Cantaõ atè Nañ Hin se pòdem ler na Asia extrema do P. Gouvea Part. 1. lib. 2. cap. 8.

ANTONIO DE ALMEIDA Escrivaõ do Supremo Concelho de Portugal em Castella. Foy hum dos mais devotos amantes da Immaculada Conceiçã da Senhora de cuja Congregaçã estabelecida no Imperial Collegio de Madrid da Companhia de Jesus naõ sómente foy irmaõ, mas publicou.

Compendio de las reglas, y exercicios de la Congregacion de la Immaculada Concepcion de N. S. fita por authoridad apostoli-

ca desde el año 1603. en el Colegio Imperial de la Compañia de Jesus de Madrid. Madrid por Diego Dias de la Carrera. 1693. 12.

Certamente naõ posso affirmar se foy este o mesmo Author, ou outro do mesmo nome, e apellido, que compoz duas Comedias, cujos titulos saõ

La desgracia mãs felice. Lisboa por Paulo Crasbeeck. 1645. 4.

El hermano fingido. Lisboa por Manoel da Sylva. 1645. 4.

Delle se lembra o P. Antonio dos Reys in *Enthus. Poet.* n. 259.

ANTONIO DE ALMEIDA natural do Porto, e Mestre da Musica na Cathedral da sua Patria, naõ sómente perito naquella suavissima Arte, como muito versado na Poetica, em que compoz varias obras sendo particularmente insigne em a Comica de que deo claro testemunho na obra seguinte.

La humana carga abraçada el Gran Martyr S. Laurencio. Coimbra por Thomè Carvalho Impressor da Universidade 1656. 4.

Fr. ANTONIO DE ALMEIDA naceo na Cidade do Porto sendo filho de Antonio Joaõ, e de Francisca Moreira. Foy admitido à Ordem dos Prégadores no Convento de Aveiro a 13. de Janeiro de 1663. cujo instituto professou a 14. de Janeiro de 1664. Foy Mestre na Sagrada Theologia, e Qualificador do Santo Officio. Pela sua prudencia de que foy muito ornado o elegeo a Religiã Vigario das Religiofas do Convento do Paraizo de Evora cujo ministerio exercitou louvavelmente depois nos Conventos de Corpus Christi junto ao Porto, e de S. Joaõ na Villa de Setubal. Morreo no Convento de Lisboa a 4. de Julho de 1723. com setenta e sete annos de idade. Dos Sermoens que tinha prégado formou hum anno concionatorio, e o publicou com este titulo.

Sermoens Panegyricos dos primeiros seis mezes do anno 1. Part. Lisboa por Antonio Pedrozo Galraõ 1718. 4.

Sermoens Panegyricos dos segundos seis mezes do anno 2. Part. Lisboa pelo dito Impressor 1721. 4.

Do Author faz memoria Fr. Pedro Mon-

teiro no *Claust. Domin.* Tom. 3. pag. 145. e no *Cathal. dos Qualif. do Sant. Offic.* pag. 13.

D. ANTONIO DE ALMEYDA COUTINHO tão illustre por geração, como infigne na Poesia alcançando os maiores applausos na Corte de Madrid, onde assistio a mayor parte da sua vida, dos mais celebres professores daquella Arte, pelos versos, que produzio a sua Musa tão elegante, como discreta, dos quaes se podia formar hum grande volume, e unicamente lograraõ o beneficio da luz publica.

Outavas en loor de Sor. Joanna Ignes dela Cruz Monja nel Convento de Mexico decima Musa. Sahiraõ no 2. Tom. das suas Poesias Valladolid por Thomaz Lopes de Haro 1692. 4.

ANTONIO ALVARES Foy muito perito na Medicina, da qual exercitou o magisterio nas famosas Universidades, de Alcalá, e Valhadolid com grande credito do seu nome. A fama, que corria por toda Espanha da sua sciencia obrigou a D. Pedro Giron Duque de Ossuna a que o elegeffe por seu Medico, quando foy ser ViceRey de Napoles experimentando por muitas vezes o admiravel methodo, e profunda sciencia com que triumphava das enfermidades mais rebeldes. Em gratificação dos favores, que recebia do seu Mecenas lhe dedicou.

Epistolarum, et Conciliorum Medicinalium prima pars omnibus non medicis modo, sed Philosophiæ studiosis utilissima. Neapoli apud Horatium Sauvianum 1585. 4. no fim se juntou.

Defensiones pro Joanne Altimaro in Salvatili Apologiam.

Esta obra, e do Author se lembra Vanderlind. in *Script. Med.* Nicol. Ant. in *Bib. Hisp.* Tom. 1. pag. 75. Lippen. in *Bib. Reali Med.*

Fr. ANTONIO ALVARES Naceo na Villa de Benavente situada nas margens do Tejo, como uniformemente affirmão Joaõ Franco Barreto na *Bib. Portug. M. S.* Manoel de Faria, e Soufa, Jorge Cardoso, e Manoel Severim de Faria, posto que os Castelhanos escrevaõ fora sua patria Benavente em Castela Velha. Recebeo o ha-

bito de Frade Menor na Provincia de Santiago, onde depois de acabada a carreira dos estudos escolasticos se applicou com todo o disvelo a prègar nas mayores Cidades de Espanha, principalmente em Salamanca com tão fervoroso espirito, que eraõ innumeraveis as almas que à efficacia das suas vozes despertavaõ do lethargo da culpa, e as reduzia ao caminho da penitencia. Para que não fomite inflamasse os coraçoes dos que o ouviaõ, mas ainda dos que o lessem, publicou.

Sylva espiritual que contiene consideraciones sobre los Evangelios desde la primera Dominga de Avento hasta la Quaresma 1. Parte. Salamãca, e Çaragoça 1590. Valença 1591. Lisboa por Simaõ Lopes 1594. 4.

Sylva espiritual, que contiene las Domingas, y fiestas de Quaresma hasta el mandato 2. Part. Valencia por Felippe Mey 1590. Salamanca 1594. Lisboa por Simaõ Lopes 1594. 4.

Sylva espiritual, contiene consideraciones para los Evangelios de las Ferias quartas, y sextas de la Quaresma, y la Dominica de la Resurrecion 3. Parte. Salamanca por Juan, y Andres Renaut. 1594. Lisboa por Simaõ Lopes 1595. Barcelona por Gabriel de Lloberas 1595. Valença por Felippe Mey 1596. 4. Sahiraõ todas as tres Partes juntas Madrid. 1597. e em outras partes 1605. e 1615. 4.

Sermoes de Santos Salamanca por Artur Tabernier 1607. 8.

Publicou outra obra mais estimavel, que a Sylva Espiritual, intitulada *Periodes*, na qual diz Joaõ Franco Barreto na *Bibliotheca Portug.* declara ser Portuguez.

ANTONIO ALVARES DE CARVALHO natural da Villa de Barcellos da Diocese Bracharense Presbitero do habito de S. Pedro igualmente pio, e devoto. Para testemunhar o grande affecto que tinha à infigne Martyr Portugueza Santa Quiteria. Compoz.

Vida da gloriosa Infanta Santa Quiteria Virgem, e Martyr prodigio da graça, natural da augusta, e nobilissima Cidade de Braga Primaz das Espanhas. Lisboa na Officina Real Deflandesiana 1712. em 24.

Novena da Gloriosa Infanta Santa Quiteria

Virgem, e Martyr. Coimbra por Jozè Antunes da Sylva Impref. da Univerfid. 1719. in 24.

D. ANTONIO ALVARES DA CUNHA decimo quinto Senhor de Taboa, e das Villas, e lugares de Ouguella, Alvarellas, Fundo de Villa, S. Simaõ, Barrofo, S. João de Boa vista, Quintellas, Oliveira, Babaõ, Serragudo, e Lameiras; Trinchante mór dos Sereníssimos Reys D. João IV. D. Affonso VI. e D. Pedro II. Cavalleiro professo da Ordem militar de Christo, e Commendador de Santa Maria de Carreço, e de S. Miguel de Nogueira da mesma Ordem, Deputado da Junta dos tres Estados, e Coronel de hum dos Regimentos das Ordenanças da Corte. Naceo na Cidade de Goa Cabeça do Imperio Oriental Portuguez no 1. de Mayo de 1626. Foy filho de D. Lourenço da Cunha Capitaõ mór do mar do Norte da India onde exercitou o mesmo posto em Goa, e Malaca; e hum dos tres Governadores daquelle Estado, e de D. Izabel de Aragaõ filha de Fradique Carneiro de Aragaõ Capitaõ mór das Armadas da India, e da Ilha do Principe: Sobrinho daquelle insigne Prelado D. Rodrigo da Cunha, que com as suas grandes letras, e exemplares virtudes illustrou as Mitras do Porto, Braga, e Lisboa. Quando contava onze annos passou da sua patria a Lisboa para herdar a Casa de seus Avós na qual sucedeo a seu tio D. Manoel da Cunha, que sempre se conservou no Celibato ornado de todos aquelles dotes, que constituem hum perfeito Cavalhero, e com as direcções de taõ insigne Varaõ sahio egregiamente instruido na lingua Latina, Italiana, e Franceza; no estudo da Poesia, Historia, Mathematica, e Genealogia, em cujas sciencias fez admiraveis progressos a sua grande comprehensão, e feliz memoria. Do filêcio das Musas o arrebatou o tumulto das Armas para defender a Patria invadida pelos Castelhanos, onde depois de encher as obrigações de valeroso Soldado, e prudente Capitaõ, os cuidados domesticos, e a falta de laude o obrigaraõ a restituirse à Corte, e para que não passasse o tempo entregue a hum torpe ocio instituhio em sua Casa huma Academia intitulada dos *Generosos*, da qual era Secretario. Nesta erudita

palestra se juntavaõ os engenhos mais florentes da Nobreza do Reyno em cujas conferencias se explicavaõ os lugares difficultosos dos Authores antigos, e se prescreviaõ regras para a perfeição do estylo oratorio, e poetico. O natural genio, que tinha para investigar os pontos mais dificeis da Historia Genealogica o moveo para que aceitasse o lugar de Guarda mór da Torre do Tombo descobrindo a sua incansavel curiosidade neste Real Archivo muitos documentos com que illustrava as suas doudas composições. Teve grande inclinação para a Poesia compondo repentinamente muitos versos com tanta affluencia, e suavidade como se foraõ por muito tempo meditados. Foy summamente estimado dos Varoens mais eruditos do seu tempo, sendo o mayor D. Francisco Manoel de Mello como se pode ver nas suas *Obras Metricas* na *Tuba de Calliope* Sonet. 13. 32. 34. e 70. e na *Sanfonha de Euterpe* Epist. 12. Casou com D. Maria Manoel de Vilhena filha de D. Christovaõ Manoel de Vilhena Senhor do Morgado de Alcarapinha, e Commendador de Maçans na Ordem de Christo, irmaã do insigne Heróe D. Sancho Manoel Conde de Villa flor de quem teve numerosa descendencia. Com igual perda da Republica litteraria, que saudade de toda a Corte morreo em Lisboa a 26. de Mayo de 1690. com 64. annos de idade. O seu corpo foy sepultado em huma sepultura raza da Parochia de Santa Catharina, como ordenára em seu Testamento servindo-lhe de honorifico epitafio as seguintes obras com que eternizou a sua fama.

Campanha de Portugal pela Provincia do Alemtejo na primavera do anno de 1663. governando as Armas daquelle Provincia D. Sancho Manoel Conde de Villafior. Lisboa por Henrique Valente de Oliveira Impressor delRey 1663. 4. e Amsterdam por Jacob Van-vellen 1673. 4. grande com o titulo de *Applausos Academicos* dos quaes foy collectoer D. Antonio Alvares da Cunha como Secretario da *Academia dos Generosos* constando esta collecção de muitos poemas, e versos de varios metros Latinos, Portuguezes, e Castelhanos feita em Applauso da celebre victoria do Amexial entre os quaes estaõ muitos seus. Na censura, que por ordem delRey fez a esta obra

o insigne Varaõ Fr. Jeronimo Vahia Monge de S. Bento diz com a sua natural elegancia, e discriciaõ. *Os Juizos que faz dos successos, e as sentenças com que adorna os periodos, huns são tão ponderosos, e outras tão graves que se o livro assim como he Portuguez, fora Latino, se equivocariaõ os juizos com os de Tacito, e as sentenças com as de Seneca, que ainda, que seus escritos tem mayor corpo, não fallaõ com mais alma.*

Certame epithalamico publicado na Academia dos Generosos de Lisboa ao felicissimo Casamento do sempre augusto, e invicto Monarcha D. Affonso VI. &c. Lisboa por Joaõ da Costa 1666. 4.

Obelisco Portuguez Chronologico, Genealogico, e Panegyrico ao mais fausto dia, que em muitos seculos vio Lisboa no Baptismo da Serenissima Infanta D. Izabel Luiza Jozepha Lisboa por Antonio Crasbeeck de Mello 1669. 4.

Carta a Joaõ Nunes da Cunha Conde de S. Vicente da Beira, e do Concelho do Estado del-Rey de Portugal quando foy eleyto ViceRey da India. Lisboa por Antonio Crasbeeck de Mello. 4. sem anno da edicãõ. Sahio 2. vez na Fenis renacida, ou obras poeticas dos melhores engenbos Portuguezes. Tom. 2. desde pag. 263. atè 289. Lisboa por Jozè Lopes Ferreira Impressor da Serenissima Rainha 1717. 8. Consta de Tercetos, que começaõ.

Já que haveis de surcar as Christalinas

Aguas da Foz do Tejo àquellas prayas,

Que o mundo vio ao tremolar das Quinas.

Em quanto as vossas voadoras fayas

As azas desfraldando levaõ ao vento

Seguindo as suas prateadas rayas.

Rebelliaõ de Ceylaõ. Lisboa por Antonio Crasbeeck de Mello 1689. 4.

Escola de Verdades aberta aos Principes na lingua Italiana pelo Padre Luiz Juglaris da Companhia de Jesus, e patente a todos na Portuguezã pelo traductor. Lisboa por Antonio Crasbeeck de Mello. 1671 4.

Dous Sonetos, hum Portuguez, e outro Castelhano, e hum Madrigal Italiano ao Nascimento do Serenissimo Infante D. Pedro Manoel que sahiraõ impressos com outras obras Poeticas a este assumpto. Lisboa por Paulo Crasbeeck. 1648. 4.

Pira funebre que construe o Academico Am-

bicioso, e Secretario da Academia dos Generosos de Lisboa às saudosas memorias do Excellentissimo Senhor Luiz Alvares de Tavora Conde de Saõ Joaõ da Pesqueira, e Marquez de Tavora He huma Elegia larga. Sahio impressa no Compendio Panegyrico do mesmo Marquez Lisboa por Antonio Rodrigues de Abreu 1674. 4. à pag. 78. atè 85.

Familia dos Cunbas historiada M. S. fol.

Athlas Lusitano em que se descreve historica, e geograficamente o nosso Reyno, e a descendencia de seus Monarchas fol. M. S.

Esta obra faz menção a Bib. Geograf. de Antonio de Leaõ modernamente acrescentada Tom. 3. col. 1729.

Familias illustres de Portugal historiadas fol. 7. Tom. M. S.

Arvores de Costados M. S.

Origem da Casa de Sylva deduzida atè D. Guterre Alderete M. S. Esta obra diz D. Luiz Salazar, e Castro na Hist. Geneal. da Casa de Sylv. liv. 1. cap. 8. pag. 43. Entre outras plumas mui doctas le afiança una de tan acreditada erudicion como es la de D. Antonio Alvares de Acuña Señor de Taboa Cõmendador de S. Miguel de Nogueiras en la Orden de Christo Trinchante mayor de la Casa de Portugal, y uno de los Cavaleros más doctos, y versados en la lecion de la historia.

As Fortalezas da India expostas em Mapas M. S.

Todos estes livros M. S. se conservaõ na grande Livraria do Convento de S. Domingos de Lisboa. Ao seu nome exaltaõ com elogios Franckenau in Bib. Hisp. Histor. Gen. Herald. pag. 28. Vir in studio imprimis Genealogico cui sedulo incùbit veritatis, exactique judicii laude non defraudandus. D. Luiz Salazar, e Castro na Introd. à Hist. da Casa de Sylv. digno delos mayores elogios por su erudicion, como por su sangre; e no liv. 6. cap. 7. n. 15. da dita Historia, debemos a sus grandes noticias mucha parte delas que contiene esta Historia Antonio Carvalho da Costa Corog. Portug. Tom. 2. Traçt. 5. cap. 26. Fidalgo de grande entendimento, e estimação o P. D. Antonio Caetano de Soufa no Apparat da Hist. Geneal. da Casa Real de Portug. pag.

137. §. 160. Foy discreto, cortezaõ, galante, e hum dos Fidalgos da mayor estimaçaõ da Corte. O P. Antonio dos Reys no *Enthusiasm. Poet.* impresso no principio dos seus agudos Epigrammas. n. 144.

Cimba

*Ad caput undantis prærupto è vertice fontis
Stat Generosorum magna comitante caterva,
Et rigat Aonio sitientia corda liquore
Ipse, sique simul.*

P. ANTONIO ALVARES FERREIRA. Naceo na Villa de Chaves na Provincia Trafmontana. Estudando Filosofia em Salamanca abraçou o Instituto da Companhia de JESUS no anno de 1612. quando contava defenove annos de idade. Teve feliz engenho, e sublime juizo para aprender as sciencias, como continua applicaçã, e indefesso estudo para as comprehender. A mayor parte da vida passou distando Theologia moral, assim publica, como particularmente, ou pregando em numerosos auditorios sendo difficil de se julgar em qual destes dous ministerios foy mais insigne, não o sendo inferior na practica das virtudes Religiosas. Amou com devoçaõ cordial a Virgem Santissima, e na vespera do seu Nascimento, como sempre dezejara, e instantemente lhe pedira passou, a melhor vida em Medina del Campo no anno de 1652. Escreveo.

De Laudibus Deiparæ como testifica o Author da *Bib. da Compan.* pag. 64. cuja obra ficou occulta entre os seus domesticos, e tambem ficara a seguinte se D. Gaspar de Escalada, y Castillo Conego da Cathedral de Medina querendo eternizar o nome de seu Mestre a não publicára com este titulo.

Advertencias Nuevas a la letra, y moralidad delos Evangelios de Quaresma, Miercoles, Viernes, y Domingos. Tom. 1. Madrid por Maria de Quiñones. 1675. fol. Fr. Diogo Nissenno celebre Prégador do Seculo passado, e grande credito da Religiaõ de Saõ Basilio faz na Censura deste livro o seguinte elogio au Author. *Es un disvelo, y tarea merecedora de toda alabança, y digna del ingenio de su Author, que con doctos, y luzidos asanes hà dilatado el orbe de la predicacion, a cuja causa se hà conquistado tan esclarecido nombre, y fama inçlyta en todos los angulos del mundo como erudito, y estudio-*

so Colon, que hà descubierto tan nuevos rumbos de peregrinos conceptos, y que delas ricas minas delos Sacros Doctores, y Santos Padres dela Iglesia hà ensayado plata de tan ricas locuciones, y labrado oro de tan fútiles pensamientos.

Nesta obra se nomea o Author somente com o appellido de Ferreira quando elle na Companhia uzava mais do appellido de Alvares, por cuja causa não se julgue ser diverso quando na Bibliotheca da Companhia está com ambos os appellidos.

ANTONIO ALVARES SOARES Ulyssiponense ornado de todo o genero de erudiçaõ; instruido nas linguas mais polidas da Europa, e naturalmente inclinado à Poesia de que por toda a vida deo claros argumentos ou fosse em metros festivos, ou funebres, sendo principalmente mais insigne nos versos Lyricos. Por estes singulares dotes foy summamente venerado pelos mayores poetas Italianos, e Espanhoes, com os quaes tinha continua communicaçã. Sempre sahio victorioso em todos os Certames poeticos alcançando a palma naquelle celebre, que se dedicou em Lisboa ao Conde de Linhares D. Miguel de Noronha Capitaõ mòr de Tangere, em que os Juizes com incorrupta deliberaçaõ lhe julgáram o premio, e sahio impresso em Lisboa por Giraldo da Vinha, o qual em beneficio dos Leytores transcrevemos.

Ostentase feroz, e enveste ousado

O Rey das Feras generosa Fera,

Teu heroico brio seu furor espera

Em braço forte, em animo esforçado.

Vences ò invicto Conde, e dilatado

Teu valor chega à luminosa esfera,

Donde tal horror forma, que se altera

O celeste Leão de amedrentado.

Morre o terror do monte agradecido

Tanto de ser às tuas mãos, que gloria

Te ministra no sangue, e no bramido;

Sendo o bramido applauso da victoria

Sendo tinta o purpureo humor vertido

Com que te estampem em immortal memoria.

Laureado por Apolo passou no anno de 1630. a Flandes para receber outra Coroa de Marte na Campanha, onde obrou acçoens heroicas como Soldado, até que terminou a vida naquelles Estados imprimindo nelles antes que fosse seu habitador.

Elogio funebre, e real cancion en loor de la vida, hazañas, y muerte de D. Ambrosio Spinola Marques de los Balbazes 1629. 4.

Rithmos diversos Lisboa por Matheus Pinheiro. 1628. 8.

Delle se lembraõ Nicol. Ant. in *Bib. Hisp.* Tom. 1. pag. 75. Joan. Soar. de Brito in *Theatr. Lusit. Literat.* lit. A. n. 50. Jacinto Cordeiro no *Elog. dos Poet. Portug.* Estanc. 32.

Merece Antonio Alvres la estima

Con los premios ganados de Poeta

Aun que a tantos por el la embidia imprima

La emulacion, de que nacio sujeta, &c.

Com mayor elegancia, e em melhor lingua o P. Antonio dos Reys no *Enthusiasmo*. Poet. n. 133.

≡ *Tagidum que Soari*

Turba suo manibus texebant gnava coronam

Lævia miscentes foliis conchyllia curvo

Dum mare contraberet fluctus in litore, lecta.

FR. ANTONIO DE SANTO AMBROSIO. Naceo no lugar de Matozinhos Suburbio da Cidade do Porto sendo seus Pays o Capitaõ Damiaõ Luiz, e Adriana Freire. Recebeo o Habito dos Menores no Convento do Porto da Provincia de Portugal a 3. de Abril de 1704. Depois de se applicar aos estudos escolasticos se inclinou aos Concionatorios de que tem colhido aclamaçoens em diversas partes de insigne Orador Evangelico tendo sómente impresso

Sermão gratulatorio prègado em o Solemne Triduo, que fizeraõ em o seu Collegio da Nobilissima Villa de Santarem os Preclarissimos Padres da Companhia de Jesus quando celebraraõ Canonizados os seus dons Illustrissimos Santos Luiz Gonzaga, e Stanislaõ Kostka. Lisboa por Jozé Antonio da Sylva 1728. 4. Desta obra faz memoria F. Joan. a D. Ant. in *Bib. Franc.* Tom. 1. pag. 90.

P. ANTONIO DE ANDRADE naceo na Villa de Oleiros do Priorado do Crato, e naõ em Pedrogaõ (como mal informado escreveu Miguel Leitaõ de Andrade no Dialogo 5. da sua Miscelanea.) Foraõ seus Pays Bartholameu Gonçalves, e Margarida de Andrade. Recebeo em Coimbra a Roupeta de Jesuita a 15. de Dezembro de

1596. e logo nelle se descobriraõ viveza de engenho, e madureza de juizo assim para o governo, como para o magisterio. Instruido nas faculdades de Filosofia, e Theologia, em que foy bastantemente douto, e ornado de todas as virtudes Religiosas se deixou penetrar tanto do zelo, e conversão da gentildade, que com beneplacito dos seus Superiores passou ao Oriente no anno de 1600. Tanto que chegou a Goa foy nomeado Superior de Residencia do Mogor onde tendo noticia que no Reyno do Tibet, e Graõ Catayo havia vestigios da Crifandade intentou esta dificultosa empreza de muitos apeteçida, e inutilmente procurada, para cujo effeito se vestio de trage de Mogor sendo incriveis os trabalhos, e intoleraveis as molestias cauzadas pela imtemperança do clima q̃ constantemente soportou, pois era tal a vehemencia do frio que lhe fez cahir congelados alguns dedos dos pès naõ sendo poderosa tanta copia de neve para entibiar os ardores do seu apostolico zelo. Chegado este Evangelico explorador à terra da Promissaõ que para elle era Caparanga Corte do Tibet foy benevolmente recebido pelo seu Principe, que lhe permitio promulgasse o Evangelho de que colheo copiosos frutos edificando hum Templo à Virgem Santissima para cuja fabrica conduziaõ aos hombros as principaes Pessoas da Corte os materiaes. Voltando para Mogor juntou novos operarios para continuar esta cultura, e segunda vez foy tratado pelo Principe com singulares significaçoens de affecto. Neste tempo sendo eleito Provincial de Goa se restituhio a esta Cidade, onde foy nomeado Deputado do Santo Officio de cujo ministerio tomou posse em 20. de Agosto de 1633., e como zelasse a Religiaõ Catholica contra a pravidade heretica, hum dos Sequazes do Hebraismo lhe deu veneno de taõ activa qualidade que no mesmo dia o privou da vida, que foy a 19. de Março de 1634. Sobre o seu Cadaver depois de sepultado se poz huma grande campa na qual se imprimio a sua figura, e imaginando-se que este successo fora naturalmente causado pela violencia exhalada do veneno, se conheceo ser sobrenatural por estar naõ sómente impressa, mas penetrada na pedra. A este prodigio se seguirãõ outros muitos, quaes foraõ a repentina faude, que

varias pessoas invocado o seu nome experimentaraõ. O seu retrato se abriu em huma estampa com esta inscripçaõ. *P. Antonius de Andrade Soc. Jef. Provinciae Goanae XVII. Provincialis, Missionis Tibitenfis primus explorator, et fundator. Obiit anno Domini 1634. 14. Kalend. Aprilis aetatis suae 53.* As suas virtuosas açoens, apostolicos suores, celestiaes favores, e singulares prodigios se pòdem ler em Nieremberg. *Hist. dos Var. Illust. da Comp.* Tom. 2. p. 411. Rho *Hist. Virt. et Vit.* lib. 2. cap. 2. Tanner *Soc. Jef. usq. ad Sang. et vitæ profus. militans* pag. 371. Nadasi *Ann. Dier. Memorab. S. J.* Part. 1. pag. 153. Cardoso *Agiolog. Lusit.* Tom. 2. pag. 232. e no Commentario de 19. de Marc. letr. J. Franc. in *Ann. Glor. S. J. in Lusit.* p. 160. Joan. Soar. de Brito in *Theatr. Lusit. Liter.* lit. A. n. 51. Halleford in *Bib. Curios.* p. 15. Alegamb. in *Mortib. Illustrib.* Cespedes *Hist. de Filipe IV.* Part. 1. liv. 5. cap. 21. e 22. Veiga *Relac. da Etiop.* do anno de 1624. 1625. e 1626. Kircher in *Sina Illustrat.* cap. 2. Faria *Asia Portug.* Tom. 3. Part. 3. cap. 23. n. 15. *Biblioth. Societ.* pag. 64. Nicol. Ant. in *Bib. Hispan.* Tom. 1. pag. 75. Camarg. *Chronolog. Sacra* a año. 1624. Escreveo

Novo descubrimento do graõ Catayo, ou dos Reynos de Tibet. Lisboa por Matheus Pinheiro 1626. 4. cuja relação inteiramente transcreveo o P. Antonio Franco na *Imagem da Virtude em o Noviciado de Lisboa* desde pag. 376. até pag. 400. Sahio traduzida em Castelhana. Madrid por Luiz Sanches 1626. 4. em Italiano. Roma por Francisco Corbelletti 1627. 8. e em Napoles. por Egidio Longo no mesmo anno: em Polaco. Cracovia por Federico Szembeck 1628. e em Flamengo. Gante por Jacobo Dyckio. 1631

Carta em que relata como voltou a Tibet a 15. de Agosto de 1625. Está impressa na *Imagem da Virt. em o Noviciad. de Lisboa* do P. Antonio Franco desde pag. 400. até 402. Della faz mençaõ a *Bib. Orient.* de Antonio de Leão novamente acrecentada. Tom. 1. Tit. 7. col. 115. Sahio traduzida em Italiano Roma por Francisco Corbelletti 1628. 8. e em Francez com este titulo.

Histoire de ce qui s' est passe au Royaume

du Tibet en l' annee de 1626. Pariz ches Sebastien Cramoisy 1629. 8.

Carta em que narra aos Padres da Companhia de Goa os successos, que lhe aconteceraõ desde a Cidade de Sarinegar até Bardinara quando foy para o descubrimento do Tibet em 16. de Mayo de 1624. a qual com outras sahio em Italiano Roma por Francisco Corbelletti 1627. e em Francez pelo P. Joaõ Dried. Pariz ches Sebastien Carmoisy 1628. 8.

Destá relação do novo descubrimento do Tibet composta pelo P. Antonio de Andrade extrahio a mayor parte de noticias Theodoro Rhay com que ampliou a Historia Latina que escreveo da *Descripçaõ daquelle Reino* a qual sahio impressa Paderbonæ apud Henricum Pantanum 1658. 4.

ANTONIO DE ANDRADE REGO.

Naceo em Lisboa sendo seus Pays o Dezembargador Ignacio do Rego de Andrade, Veador do Senado da Camara, Deputado da Junta, e Estado da Serenissima Casa de Bragança, e do Infantado, Procurador da Fazenda, e Ouvidor das Terras da Raynha D. Maria Francisca Izabel de Saboya, e D. Maria Sofia Izabel de Neoburg. e D. Magdalena Maria de Lamirante filha de Pedro Lamirante, e D. Joanna do Rego. Instruido profundamente nas letras humanas, e lingua latina, se applicou a penetrar as subtilezas da Filosofia, e depois as resoluçoens do Direito Pontificio, e fez em huma, e outra faculdade tantos progressos que recebeo com applauso da Univerfidade Conimbricense o grão de Mestre em Artes, e o de Doutor nos Sagrados Canones. Foy admitido ao Collegio Real de S. Paulo em 19. de Dezembro de 1705. e logo despachado com huma conducta até que subio no anno de 1716. à Cadeira de Sexto, onde no de 1720. passou à de Decreto, em que jubilo. No tempo, que regentou estas Cadeiras dictou as *Postillas ao cap. 2. de Tregua, et Pace. ao cap. 1. de Rescript. in 6. e ao cap. 1. de Restitut. in integrum in 6.* nas quaes depositou os thesouros da sciencia Legal, e Canonica adquirida com indefesso estudo. Foy Dezembargador da Relação do Porto, da Casa da Suplicação, e Titular dos Aggravos de que tomou posse a 5. de Dezembro de 1716. He ao presente Conego Dou-

toral do Algarve, Academico da Academia Real da Historia Portugueza, Confelheiro da Fazenda eleito no anno de 1735. e Deputado da Serenissima Casa de Bragança. Igualmente se admira a sua grande erudição sagrada, e profana assim nas Cadeiras, como nos Pulpitos, não sendo inferior a vasta lição dos Poetas, e Historiadores Antigos, e Modernos com que elegantemente exorna os seus discursos de que foy por vezes repetido theatro a Universidade de Coimbra, como com poetica eloquencia o descreve meu Irmaõ o P. D. Jozé Barboza in *Archiathen. Lusit.* p. 63. n. 165. *Ille Andrada Rego? Celebrem facundia reddet. Orantem audierit doctus cum Cætus odoris Floribus eloquiū contextet ferta corollæ Vertice quæ digno fulgebunt? Aurea juris Ore fluentia cadent; resono simul ore tonabit Numinis alta pius tradat cum dogmata justis.* Imprimio

Sermão da Rainha Santa Izabel sexta de Portugal prégado em o Real Convento de Santa Clara de Coimbra assistindo em prestito a Universidade em 4. de Julho de 1727. Coimbra na Officina do Collegio das Artes 1727. 4.

Sermão da Conceição da Virgem Maria Senhora Nossa na Capella do Paço do Duque de Bragança em 15. de Dezembro de 1734. festejando a Academia Real este Purissimo Misterio. Lisboa por Jozé Antonio da Sylva Impressor da Academia Real. 1735. 4.

Oração com que congratulou os Academicos da Academia Real quando foy eleito seu Collega no anno de 1734. e sahio impressa no Tom. 14. da Collecção dos documentos, e Mem. da Academia Real. Lisboa por Jozé Antonio da Sylva 1734. fol.

Fr. ANTONIO DE SANTO ANGELO. Naceo na Cidade do Porto, e teve por Pays a Domingos de Menezes, e Catherina Barboza, que o educaraõ com taõ santos documentos que para os exercitar com mayor perfeição buscou a Sagrada Reforma do Carmelo, e no Convento de N. Senhora dos Remedios de Lisboa recebeu o Habito a 25. de Março de 1715. e professou a 29. do dito mez do anno seguinte. Foy Lente de Theologia Escolastica, e Moral na Bahia, Superior no Convento de

Pernambuco, Secretario do Visitador do Brazil Fr. Juliaõ da Cruz, e ultimamente Mestre dos Professos no Convento do Porto. Como era muito versado nos misterios da Theologia Ascetica compoz

Director de Directores para o governo das almas, no qual se contem os avizos, e documentos para o governo das almas, que vão por caminho extraordinario. Lisboa na Officina da Congregação do Oratorio 1738. 4.

Este Livro publicou o P. Agostinho Ferreira, e em seu nome o collocamos nesta Bibliotheca até que chegou à nossa noticia seu verdadeiro Author que por humildade religiosa se quiz occultar, o qual he o P. Fr. Antonio de Santo Angelo.

Fr. ANTONIO DOS ANJOS natural de Lisboa filho de Alvaro Annes, e D. Izabel Gil, e hum dos illustres filhos da Religião da Santissima Trindade (cujo Habito recebeu no Convento da sua Patria a 12. de Janeiro de 1571.) pelos singulares dotes com que liberalmente o ornaraõ a graça, e a natureza, sendo pela innocencia dos costumes, conhecimento das linguas, facundia Oratoria, affluencia poetica, e suavidade musica universalmente venerado por Oraculo. As suas virtuosas acçoens acompanhadas da severa observancia dos institutos da Ordem louva seu contemporaneo Fr. Bernardino de Santo Antonio in *Epit. Gen. Redempt.* lib. 2. cap. 11. §. 4. A sua Sabedoria cultivada com todo o genero de erudição pela qual recebeu o Grão de Bacharel em Theologia na Universidade de Coimbra, e se dilatou vastamente por todas as Academias de Espanha, he celebrada por Fr. Antonio Correa na *Vid. do V. P. Fr. Ant. da Conceic.* lib. 1. cap. 2. A profunda noticia das linguas Latina, e Italiana, Franceza, Castelhana, e o que he mais da Grega, Hebraica, e Caldaica em que foy eminentemente versado, he applaudida por Nicol. Ant. *Bib. Hisp.* Tom. 1. pag. 76. Imbonat. in *Bib. Latin. Hebraic.* pag. 313. n. 995. e Joan. Soar. de Brito in *Theatr. Lusit. Liter.* lit. A. n. 52. Com igual facilidade, e felicidade foy Orador eloquentissimo, e elegantissimo Poeta, principalmente na lingua Latina, em que publicou varios Poemas. Na Arte da Musica, ou compondo, ou

cantando competio com os mais celebres professores do seu tempo que promptamente lhe cederaõ a palma à sua incomparavel destreza. Occupou na Religiaõ os lugares de Reytor do Collegio de Coimbra, Ministro do Convento de Lisboa, e duas vezes Provincial eleito a primeira vez no anno de 1595. e a segunda no anno de 1608. e em tantas Prelazias sempre conciliou o affecto dos domesticos, e a benevolencia dos estranhos. Como era dotado de summa prudencia, e zelo para os augmentos da sua Religiaõ passou a Madrid para defender huma causa intentada contra ella, e neste tempo o nomeou Philippe III. Bispo de Cabo Verde, e depois de Ceuta, cujas dignidades naõ possuio por lho impedir a morte no anno de 1614. e naõ de 1619. como escreve o P. D. Antonio Caetano de Sousa no *Catal. dos Bisp. de Cabo Verde* impresso no 2. Tom. da Collec. dos Documentos da Academia Real. Lisboa por Paschoal da Sylva 1722. fol. Compoz.

Compendium Institutionis Ordinis Santissima Trinitatis, et indulgentiarum à summis Pontificibus eidem concessarum. Ulyssip. 1613. 4.

Varia Poemata. Ulyssipone apud Petrum Crasbeeck 1623. 8.

Commentaria in Sacram Scripturam fol. 5. Tom. Sendo destes o principal.

De Transmigratione filiorum Israel. os quaes todos se conservaõ M. S. na Livraria do Convento de Lisboa. Desta obra faz memoria a *Magn. Biblioth. Ecclesiast.* pag. 459. col. 2. e Jacob. le Long. in *Bib. Sacr.* pag. mihi 609. col. 1.

Na Origem da lingua Portugueza composta por Duarte Nunes de Leão pag. 143. e 144. está huma obra sua poetica dedicada a Santa Urfula na qual com grande artificio sem mudar palavra se pôde lèr ou na lingua Latina, ou Portugueza mostrando a uniformidade, e semelhança, que tem huma lingua com outra. Começa.

Canto tuas palmas, fermosos cãto triumphos
Esta obra lhe remeteo Fr. Antonio dos Anjos com hum Soneto a Duarte Nunes de Leão dizendo que a fizera hum *Religioso principal mui docto nas letras Divinas, e humanas, e noticia das linguas.*

Fr. ANTONIO DOS ANJOS. Teve por Pays a Simaõ Gonçalves, e Margarida

Queimada, e por patria a Cidade de Lisboa donde passou à India movido da ambição de grandes lucros, que lhe prometia a fortuna, porém experimentando differente successo às suas esperanças as collocou heroicamente em Deos, recebendo o Serafico habito, em o Convento da Madre de Deos em Goa. Logo em o Noviciado se admirou a sua virtude taõ adulta, que servia de exemplar, e estimulo aos seus companheiros. Querendo ser profundamente versado na sciencia dos Santos, e naõ das Escholhas, frequentou com violencia os Estudos, dos quaes sahio suficientemente instruido para o Pulpito, em cujo exercicio mais observante das maximas do Evangelho, que dos preceitos da Oratoria colheo copiosos frutos das innumeraveis almas, que lhe formavaõ o Auditorio. Foy amante do silencio, continuo na Oração, parco no comer, compassivo com os enfermos, affavel com os penitentes, e unicamente tyrano com o seu corpo. Querendo Deos provarlhe com rigoroso exame a valentia do seu espirito permitio que pelo espaço de tres annos, e meyo se visse combatido de taõ graves escrupulos que o obrigaraõ a naõ comer nove dias, vigiar duas noutes, e estar em pé tres dias. Acrescentavaõse a esta afflicção da alma os golpes que recebia no corpo dados pelos seus companheiros como medicina a taõ terrivel enfermidade, até que por disposição divina foy restituído à serenidade da consciencia, e livre da furiosa tormenta em que quasi estava soçobrado o seu coração. Depois de ter sido Guardião do Convento da Madre de Deos em Goa, foy eleito Provincial a 6. de Fevereiro de 1622. com uniformidade de todos os Capitulares. Deste lugar foy injuriosamente deposto pelo Commisario Geral cuja injustiça tolerou com invicta paciencia, e para manifesto argumento da sua inculpavel vida foy restituído à mesma Prelazia no anno de 1629. por Decreto da Santidade de Urbano VIII. Chegado o tempo de serem premiados os seus merecimentos lhe sobreveyo a enfermidade que elle julgou ser a ultima, e recebidos com grande piedade os Sacramentos morreo no Convento de Tannã em o mez de Julho de 1631. com 68. annos de idade, e 51. de habito. Escreveo.

Carta escrita de Goa a 30. de Setembro de

1617. *a seu Irmaõ o P. Joaõ da Costa da Companhia de JESUS.*

He muito larga, e nella narra individualmente os trabalhos assim espirituaes como corporaes, que tinha padecido. Sahio impressa no *Vergel de Plantas, e Flores da Provincia da Madre de Deos* composto por Fr. Jacinto de Deos cap. 7. art. 15. onde largamente falla deste varaõ, do qual, e da dita Carta faz menção a *Bib. Orient.* de Antonio de Leaõ modernamente acrescentada Tom. 1. Tit. 6. col. 100.

Fr. ANTONIO DE SANTA ANNA natural de Lisboa, e filho de Joaõ Rodriguez da Sylva, e Marianna de Siqueira. Professou o penitente habito de Religioso Capucho na Provincia da Arrabida, em o Convento de N. Senhora da Conceição em Alferrara junto à Villa de Setubal a 8. de Dezembro de 1713. onde depois de aprender Filosofia, e Theologia diçtou estas faculdades, e a da Sagrada Escriitura no Real Convento de Mafra augusta fundação da generosa piedade delReyD. Joaõ o V. nosso Senhor. He Qualificador do Santo Officio Consultor da Bulla da Crufada, e bom prégador de cujo sagrado ministerio publicou *Sermoens varios, Panegiricos, e moraes* Tom. 1. Lisboa por Mauricio Vicente de Almeйда 1735. 4.

Tom. 2. Lisboa por Miguel Rodrigues Impressor do Eminentissimo Senhor Cardeal Patriarcha 1738. 4.

Sermaõ do grande Patriarcha dos Menores, milagre da humana natureza, portento da Divina graça, e imagem do mesmo Deos humanado o glorioso, e Serafico Padre S. Francisco prégado no Convento de S. Jozè de Ribamar na prezença de Sua Magestade D. Joaõ o V. Lisboa por Bernardo da Costa de Carvalho Impref. da Religiaõ de Malta 1730. 4.

ANTONIO DA ANNUNCIACAM. Conego Secular da illustre Congregação de S. Joaõ Evangelista. Foy summamente applicado aos exercicios da Charidade, e compaixão, de que deo manifestos argumentos sendo Provedor das Caldas da Rainha D. Leonor para com os pobres, que concorriaõ a buscar remedio para as suas in-

fermidades nas medicinaes aguas daquelles banhos. Mayor era a piedade para com Deos, e o zelo com que se celebrasse perfeitamente o incruento Sacrificio da Missa, e se recitassem as horas Canonicas conforme as Rubricas do Missal, e determinaçoens da Sagrada Congregação dos Ritos, para cujo efeito compoz.

Manual de Ceremonias Sagradas o qual se conserva M. S. na Livraria do Convento de Santo Eloy de Lisboa onde morreo o seu Author a 15. de Setembro de 1665.

Fr. ANTONIO DA ANNUNCIACAM natural de Lisboa chamado no seculo Antonio de Sousa, e filho de Manoel Lourenço, e Antonia Jorge. Depois de aprender a lingua Latina no Collegio dos Padres Jesuitas da sua patria ouvio a Filosofia na Congregação do Oratorio onde igualmente instruyo o entendimento, e o espirito. Foy admitido ao habito da Ordem dos Prégadores em o Convento de Santarem onde solemnemente professou a 4. de Junho de 1704. Nesta palestra foy Cathedratico de Prima de Theologia no Convento de Lisboa com grande aceitação dos seus domesticos até que chegou a ser Presentado na mesma Faculdade. Naõ fez menor progresso no Pulpito, que na Cadeira. Cheyo mais de virtuosas obras, que de annos, morreo no Convento de Lisboa a 18. de Setembro de 1737. a tempo que exercitava o lugar de Vigario das Religiosas do Convento de S. Joaõ de Setubal publicou.

Sermaõ no Real Convento de N. Senhora do Carmo de Lisboa aos 27. de Setembro de 1727. na Solemnidade com que o dito Convento celebrou a Canonização de S. Joaõ da Cruz. Lisboa por Miguel Rodrigues. 1728. 4. Sahio nas *Mem. Hist. Panegirico, e Metric. do Sagrado Culto com que o Convento do Carmo celebrou a Canonização do D. Mystico S. Joaõ da Cruz.* Está desde pag. 320 até 361.

Do Author se lembra brevemente Fr. Pedro Monteiro no *Claust. Dominic.* Tom. 3. pag. 167.

Fr. ANTONIO DE ARAGAM natural da Cidade de Faro no Reyno do Algarve, onde naceo a 13. de Junho de 1650. sendo filho de Gonçalo Jorge, e Petronilla

Fajardo Sevilhana. De idade de 16. annos entrou na illustre Religião dos Eremitas de Santo Agostinho, cujo Habito professou no Convento de Evora a 2. de Janeiro de 1676. Foy observantissimo dos seus Estatutos regulares servindo de exemplar aos domesticos, e de veneraçãõ aos estranhos. Morreo no Convento de Tavira a 30. de Abril de 1716. A sua sepultura he frequentada por terem algumas pessoas recebido especiaes favores de Deos por sua intercessãõ. Compoz

Indulgencias plenarias, Jubileos plenissimos, absoluições geraes de culpa, e pena, remissoens de peccados, relaxaçõens de penitencias, concessõens de Quarentenas, que os Summos Pontifices concederãõ aos Confrades da Correa de Santo Agostinho com particular reza repartidas pelos dias, e festas do anno. Lisboa na Officina Augustiniana 1732. 8. e na mesma Offic. 1734. 8. sendo impresso mais vezes.

P. ANTONIO DE ARAUJO. Naceo na Ilha de S. Miguel em o anno de 1566. donde passando na adolescencia a America recebeo no Collegio da Bahia a Roupeta da Companhia de JESUS. Depois de fazer solememente a profissãõ dos quatro votos ensinou aos domesticos as letras humanas, e instruiu com os documentos Evangelicos pelo espaço de nove annos aos Gentios discorrendo com outros companheiros do seu apostolico espirito os Certoens da America, e para que colheffe mayor fructo desta Seara aprendeo a lingua Brasilica com não pequeno trabalho, e de tal modo a soube, que parecia ter nacido entre aquelles barbaros, em cuja empreza padeceo gravissimos trabalhos, e molestias que fazia suaves a sua ardente caridade, até que foy receber o premio na patria celeste no anno de 1632. compoz

Catecismo na lingua Brasilica em que se contem a summa da Doutrina Christãa com tudo o que pertence à nossa Santa Fè, e bons costumes composto a modo de dialogos por Padres Doutos, e boas linguas da Companhia de JESUS, e por elle acrescentado.

Lisboa por Pedro Crasbeeck. 1618. 8. Sahio emendado na segunda impressãõ pelo P. Bartholameu de Leaõ da mesma Companhia com este Titulo.

Catecismo Brasilico da Doutrina Christãa com o Ceremonial dos Sacramentos, e mais atos Parochiaes. Lisboa por Miguel Deslandes. 1686. 8.

Esta obra foy traduzida em diversas linguas da America, affirmando o Autor da *Biblioth. da Companh.* p. 65. *Ut nihil in genere Catechistico perfectius uspiam extare censeatur.* Do Autor, e da obra se lembra a *Magn. Bib. Ecclesiastic.* pag. 539. col. 2.

FR. ANTONIO DE ARAUJO natural da Villa de Rua no Bispado de Lamego professou o Habito Monachal Cisterciense no Convento de Salcedas onde brevemente fez taes progressos na observancia Religiosa, que foy eleito pelos Superiores Mestre dos Noviços quando contava poucos annos de idade, sendo pouco depois Abbade do celebre, e antigo Convento de S. Pedro das Aguias, e ultimamente no anno de 1678. das Religiosas de S. Bento de Caltris pouco distante da Cidade de Evora, em cujo ministerio não tendo acabado o triennio, com geral opiniaõ de virtude terminou a vida. Foy insigne em formar os carecteres para os livros do Coro debuxando com a penna como se fora pincel as letras iniciaes, e illuminando-as com ouro, e diversas cores. Raro foy o Convento em que habitou onde para o uzo do Coro não deixasse muitos livros escritos em pergaminho, sendo taõ elegantes as figuras da Musica, como as letras que nellas formava a sua pena, e pincel.

No tempo que foy Bibliothecario da grande Livraria de Alcobaça escreveu com igual perfeiçãõ em papel imperial.

Index dos livros, e descripção dos Emblemas, e figuras, que na mesma Livraria estãõ, cujo livro acabou no anno de 1636. e nella se conserva.

ANTONIO DE ARAUJO natural dos Arcos de Valdeves no Arcebisopado de Braga, Cavalleiro professo na Ordem de Christo, não menos celebre com a espada quando em obsequio da sua patria sendo Soldado, ou Capitaõ pelejou com os Castelhanos, do que com a penna, depois de celebrada a paz entre huma e, outra Coroa, em o anno de 1668. escrevendo elegantemente.

Mesopotamia Lusitana, ou descripção, e antiguidades da Provincia de Entre Douro, e Minho. fol. M. S.

Cuja obra sendo muito estimada dos eruditos, ainda alcançaria mayor applauso se lograsse o beneficio da luz publica.

Della fazem menção o P. D. Antonio Caetano de Sousa no *Aparat. à Hist. Geneal. da Casa Real* pag. 153. n. 180. dizendo que nella se continhão varias origens, e Familias da Provinc. de Entre Douro, e Minho, e a *Bib. Geograf.* de Antonio de Leaõ modernamente acrescentada Tom. 3. col. 1729.

ANTONIO DE ARAUJO Presbytero Ulyssiponenſe, e ornado daquellas virtudes proprias do Estado Ecclesiastico que professava. Todo o seu disvelo foy instruir aos proximos com os documentos espirituaes para cujo fim como era suficientemente douto nas linguas Castelhana, e Franceza, traduzio alguns livros devotos que servissem de mudos directores àquelles que dezejavaõ abraçar as virtudes, e fugir dos vicios. Morreo na sua Patria no anno de 1684. Traduzio de Castelhana em Portuguez.

Solitario contemplativo, e guia espirital do P. Jorge de S. Jozè. Lisboa por Joaõ Galraõ 1678. 8.

Disinições Moraes recopiladas pelo Licenciado Domingos Maneiro das obras do P. Christovão de Aguirre traduzido de Castelhana em Portuguez acrescentado com todos os casos reservados aos Bispos de Portugal com as proposições condemnadas por Alexandre VII. Lisboa por Joaõ Galraõ. 1681. 8. e na mesma Cidade pelo dito Impressor 1691. 8.

Tratado da Oração, e meditação composto por S. Pedro de Alcantara traduzido com huma breve tradução para os que começã a servir a Deos, e hum Tratado das virtudes, e votos dos Religiosos, outro da paz das almas. Lisboa por Joaõ Galraõ. 1679. 24.

Da lingua Franceza do P. Domingos Bouhours da Companhia de JESUS.

Pensamentos Christãos para todos os dias do mez. Lisboa por Joaõ Galraõ. 1680. 12.

Fr. ANTONIO DOS ARCHANJOS Naceo na Cidade de Evora no anno de 1632. Abraçou o Instituto dos Frades Menores na Provincia dos Algarves, da qual pelo seu agudo engenho, profunda literatura, e gran-

de authoridade foy illustre esplendor. Enſinou Filoſofia, e Theologia aos seus Religiosos até que jubilou na Cadeira de Prima. Depois de ter exercitado varias Prelazias da Ordem com summa prudencia foy eleito Provincial a 8. de Setembro de 1663. em cujo lugar descobrio mais claramente o grande talento que tinha para o governo. Na Curia Romana encheo as obrigaçoens de diligente Procurador dos negocios domesticos da sua Provincia. Foy Qualificador do Santo Officio, e Examinador das Ordens Militares, e *Prêgador insigne* (como o intitula o P. Francisco da Fonseca na *Evora Glorios.* pag. 410.) da Magestade delRey D. Pedro II. naõ lhe fazendo menor elogio Fr. Joan. à D. Anton. in *Bib. Franc.* Tom. 1. pag. 93. Morreo no Convento de Xabregas a 25. de Fevereiro de 1682. Imprimio

Sermaõ nas honras que fez a Cidade de Tavira em o Reyno do Algarve na morte do Serenissimo Senhor D. Joaõ o IV. Rey de Portugal. Lisboa por Antonio Crasbeeck 1657. 4.

Sermaõ de Santa Clara exposto o Santissimo no seu Convento de Lisboa. Lisboa por Domingos Carneiro 1664. 4. e Coimbra por Rodrigo de Carvalho Coutinho. 1672. 4. Sahio traduzido em Castelhana pelo Doutor Estevão de Aguilary Zuniga com outros Sermoens no livro intitulado *Laurea Portuguesa* Part. 2. Madrid por André Garcia de la Igreja. 1679. 4.

Sermaõ da Immaculada Conceição de N. Senhora na Capella Real assistindo S. Magestade, e Alteza em 8. de Dezembro de 664. Evora na Officina da Universidade 1665. 4. e Coimbra por Thomè Carvalho Impressor da Universidade 1672. 4.

Sermaõ da profissão da Madre Soror Brites da Madre de Deos filha de Fernão da Sylva de Souza, e Menezes, e de Dona Guiomar da Sylva, e Mello dia de S. Jozè exposto o Santissimo em o Convento do Salvador em Evora. Lisboa por Antonio Crasbeeck de Mello 1664. 4. e Coimbra por Thomè Carvalho. 1672. 4.

Sermaõ na Dedicção de N. Senhora do Loureto reedificada pela Nação Italiana patente o Santissimo. Lisboa por Joaõ Galraõ 1696. 4.

Sermaõ da quarta terça feira da Qua-

refma na Capella Real. Lisboa por Miguel Deslandes 1687. 4. Sahio com outros Sermoens na Laurea Portugueza.

Fr. ANTONIO DOS ARCHANJOS semelhante ao precedente em o nome, profiffaõ Religiofa, e fumma literatura naceo em Lisboa, e foy filho de Pascoal Luiz, e Domingas Antunes que o educaraõ taõ virtuofamente que logo na adolescencia deixou o mundo, e buscou a Religiaõ Serafica profefando o feu penitente instituto em o Convento de S. Francisco de Setubal da Provincia dos Algarves a 11. de Março de 1686. Aprendeo as Sciencias Escholasticas com tal viveza de engenho como quem as havia ensinar exercitando o magisterio até que nelle jubilou. Da profundidade das fuas letras affim Theologicas como Juridicas naõ teve menor theatro que a cabeça do mundo onde a 29. de Mayo de 1700. em que se celebrava o Capitulo Geral da fua Ordem defendeu humas Conclufoens de toda a Theologia, e Direito Canonico dedicadas à Mageftade delRey D. Pedro II. cujo retrato se via aberto primorosamente em huma grande Lamina ao qual veneravaõ as quatro partes do mundo, adquirindo naõ pequena gloria o feu nome com a promptidaõ, e sciencia com que respondia às mayores difficuldades. Depois de fer Confessor das Religiofas do Mosteiro de Santa Clara de Beja, e Evora, e Guardiaõ do Convento de Xabregas, Secretario Difinidor, Custodio da Provincia, e Qualificador do Santo Officio foy eleito Ministro Provincial por moto proprio impetrado pela Mageftade reinante delRey D. João o V. noffo Senhor o qual se publicou em o Convento de Santa Maria de Enxobregas a 14. de Setembro de 1737. com geral aclamação de toda a Provincia. Imprimio.

Prolufio Encomiastica in generalibus comitiis totius ordinis Fratrum Minorum Seraphici Patris Nostri Francisci Romæ celebratis 29. die mensis Maij anno Jubilai 1700. Romæ Typis Joannis Jacobi Komarek 1700. 4. grande. Consta de 8. Elogios extensos de obra lapidaria em louvor do Reino de Portugal, e Nação Portugueza servindo de preludio estas inscripçoens latinas como Problematica queftaõ às Conclufoens que defendeo.

ANTONIO ARE'Z DELICADO Natural de Evora, e numerado entre os feus Escriutores pelo P. Francisco da Fonceca na fua *Evor. Glor.* pag. 410. taõ honrado por nascimento, como famoso pela lição da Historia, e Geografia em que era perito. Com igual difvelo que sciencia compoz.

Discripção do Rio Sado que corre pela Provincia do Alentejo.

Cuja obra *M. S.* se conservava na Livraria do grande Antiquario Manoel Severim de Faria Chantre de Evora, e della como do Autor faz memoria o moderno addicionador da *Bib. Geograf.* de Antonio de Leaõ Tom. 3. col. 1727.

D. ANTONIO DE ATTAIDE primeiro Conde da Castanheira. Teve por Pays a D. Alvaro de Attaide II. do nome, e a D. Violante de Tavora: e por Avòs paternos os Condes de Atouguia, e maternos os do Prado, e entre o esplendor herdado de tanta nobreza foy mayor o que lhe augmentou com as fuas heroicas virtudes. Recebeo a primeira educação no Palacio delRey D. João o III. e desde idade taõ tenra lhe foy com tal excessõ afeiçoado este Principe, que com exemplo poucas vezes visto conservou esta inclinação até á morte, o que expressou o insigne Jurisconsulto, e naõ menor Poeta Manoel da Costa in *Epithal. Princ. Odvard. et Isabellæ* dizendo
*Castaneus Comes, et gazæ præfektus Eo æ:
Sollicitus pro Rege suo, uti charior alter
Nemo fuit: talem Regis Joannis amorem
Antonij meruit pietas, sapientia, virtus.*

Deste grande affecto foy consequencia elegello ElRey por feu Embaxador a França quando contava vinte annos para tratar negocios de fumma importancia, que dezempenhou com a madureza do juizo que excedia a verduza da idade. Com o mesmo caracter representou a pessoa do feu Soberano em Castella, e Alemanha sendo em taõ grandes theatros sempre refeitada a sua capacidade. Em premio de taõ heroicos serviços além de ser Senhor das Villas de Povos, e Chelleiros, e do Morgado da Foz, foy eleito Conselheiro de Estado, Vedor da Fazenda, Alcaide Mòr de Collares, e Cõmendador da Langroiua na Ordem de Christo. Nestes taõ honorificos lugares sempre se ostentou superior ás mayores con-

veniencias de que forão claros argumentos o generoso desprezo do opulento legado, que lhe deixou o Infante D. Luiz, e o manifesto em que declarou a seus filhos a causa porque os não deixava ricos, querendo, que fossem mais herdeiros da sua fama, que da sua fazenda, virtude em que teve mayor numero de admiradores, que de sequazes. Foy dotado de juizo perspicaz, de inalteravel animo na prospera, e adversa fortuna; de fidelidade incorrupta para com o seu Principe; de summa Religião para com Deos dedicando-lhe para seu culto dous Conventos de espiritos Seraficos hum de Esposas de Christo na Villa da Castanheira; outro para Frades nos seus arrebalde, eternizando nestes dous Sagrados Padroens a sua piedosa magnificencia. Foy casado com D. Anna de Tavora filha de D. Alvaro Pirez de Tavora Senhor do Mogadouro, e Mirandella, e de sua mulher D. Izabel da Sylva filha dos Condes de Penella. Penetrado com a intempestiva morte delRey D. João o III. cujo valimento mereceo por toda a vida determinou procurar o de outro Monarcha que nunca caducasse, e para promptamente executar esta heroica resolução deixou todos os lugares que possuia, e retirado ao Convento dos Religiosos que edificara, nelle exercitou com mayor fervor as virtudes praticadas pelo espaço da sua vida até que piamente acabou em 7. de Outubro de 1563. Foy sepultado como elle determinara, no Convento onde morreo, em hum soberbo Mausoleo que mandou levantar seu filho D. Jorge de Attayde Bispo de Viseu com este elegante epitafio.

D. O. M.

Antonio de Attayde primo Comiti de Castanheira Alvari de Attayde, et Violantæ de Tavora filio: à Joanne III. Rege prudentissimo ob integritatem, pietatem, prudentiam, animi moderationem inter ceteros Regni primates maxime dilecto, et in magnam curarum partem ascito: Regni negotiis, supremisque muneribus (post Regis obitum) sponte abdicatis, certiore consilio prope hoc cænobium manenti, ut se totum reliquo vitæ tempore Deo dicaret. Decessit anno ætatis suæ LXIII. Christi verò CIOCLXIII. die Octobris VII.

Georgius Episcopus Optimo Parenti

M. P.

Deste grande Varaõ escrevem com grandes louvores Andrad. *Chron. delRey D. João o III.* Part. 1. cap. 6. Mariz. *Dial. de Var. Hist.* Dial 5. c. 3. Telles *Chron. da Companhia da Prov. de Portug.* Part. 1. liv. 1. cap. 11. *Sempre estimou mais a virtude, que as riquezas, e presou mais a honra, que o interesse. Sò tratou do bem commum sem sombra de proveito proprio. Foy verdadeiro exemplar de toda a modestia de toda a honra, de toda a Fidalguia Portugueza. Em cuja boca sempre se ouvia a verdade em cujo coração sempre reynou a piedade; em cujas obras sempre reynou o desinteresse.* Souza *Hist. de S. Domingos da Prov. de Portug.* Part. 2. liv. 2. cap. 10. chamando-lhe *grande Valido, e grande sabio Esperanc.* *Hist. Seraf. da Prov. de Portug.* Part. 2. liv. 11. n. 5. Fr. Fernand. da Soled. *Hist. Seraf.* Part. 4. liv. 2. cap. 4. n. 225. e 226. Jozè Pellizer, y Tovar na *Epist. Dedicat.* do livro intitulado *Fama Austriaca*, Barbof. nas *Memorias delRey D. Sebastião* Tom. 2. liv. 1. cap. 19. n. 145. e 146. Fr. Mart. do Amor de Deos *Chron. da Prov. de S. Ant.* Tom. 1. liv. 1. cap. 18. §. 144. e 167.

D. Agostinho Manoel na Censura que fez á 1. Part. da *Hist. Eccles. de Braga* composta pelo Illustrissimo D. Rodrigo da Cunha impressa no seu principio affirma, que D. Antonio de Attayde escreveu.

Historia da sua Vida

Cuja obra se he distincta da seguinte deve de estar conservada em poder dos seus descendentes. Imprimio.

Copia de hum papel em que D. Antonio de Atayde primeiro Conde da Castanheira dà razão de si, e seus filhos, e descendentes, escrita em Lisboa a 10. de Janeiro de 1557. Madrid na Impressão Real 1598. 4.

D. ANTONIO DE ATTAYDE segundo Conde da Castanheira, e filho primogenito do antecedente, não sómente herdeiro dos titulos, e dominios de taõ esclarecida Casa, mas tambem das virtudes, e merecimentos de seu grande Pay, sendo, como escreve D. Jozé Pellizer, y Tovar na *Epistola Dicatoria* affirma allegada *Varon singular en letras, y armas, famoso a entrambas luzes dela verdad, y dela embidia.* Foy casado tres vezes, e de todas as tres Esposas que eraõ da primeira nobreza do Reyno,

teve filhos a 1. com D. Maria de Vilhena filha de D. Francisco da Gama Conde da Vidigueira, a 2. com D. Barbara de Lara filha do 3. Marquez de Villa Real D. Pedro de Menezes, e a 3. com D. Maria de Vilhena filha de D. Luiz de Menezes de Vafconcellos Governador do Brasil. Entre os estudos proprios de hum Cavalheiro com particular genio se applicou à Genealogia principal parte da Historia em que foy insignie, de que deixou escrito.

Nobiliario das familias deste Reyno fol. M. S.

Livros dos Braçoens das mesmas familias com as suas Origens fol. M. S.

Cuja obra querem alguns que fosse principiada por seu Pay, e continuada por elle havendo em hum, e outro igual talento para esta empreza. Julgando como defenganado que as felicidades, que lograva, eraõ caducas, se preparou com obras meritorias para alcançar as eternas, dispondo no seu Testamento, que fosse sepultado na Capella de Christo Crucificado que está no Convento de Santo Antonio da Castanheira fundação de seu illustre Pay, onde jaz com este epitafio.

Sepultura de D. Antonio de Attayde 2. Conde da Castanheira. Faleceo a 20. de Janeiro de 1603.

Delle fazem memoria Fr. Fernando da Soledad. *Hist. Seraf. da Prov. de Portug.* Part. 4. liv. 2. cap. 6. n. 243. e D. Anton. Caetano de Souf. no *Apparat. à Hist. Gen. da Casa Real Portug.* pag. 52. §. 26. e no Tom. 2. da mesma Hist. liv. 3. cap. 8. §. 3. p. 531. e ultimament. Fr. Martin. do Amor de Deos *Chron. da Prov. de Santo. Antonio.* Tom. 1. liv. 1. cap. 16. §. 162.

D. ANTONIO DE ATTAYDE primeiro Conde de Castro Dayro, e filho 2. do Conde da Castanheira de quem proximoamente fallamos, e de sua 2. mulher D. Barbara de Lara, illustrou com as suas açcoens politicas, e militares não só a sua preclarissima ascendencia, mas a todo o Reyno de Portugal. Aspirando o seu grande espirito a emprezas dignas do seu nascimento se enfiou para as conseguír na militar escola do Marquez de Santa Cruz na occasião que navegou com huma poderosa Armada no anno de 1582. contra a Ilha Terceira: e na de

D. Martinho de Ribera General das Galès Espanholas obrando o seu valor taes façanhas, que em breve tempo subio aos postos de Capitão de Cavallos, Fronteiro mór dos Coutos de Alcobaga, General de huma Armada da Costa, Coronel de Infantaria, Capitão mór das náos da India, e General das Armadas de Portugal. Em tão diversos lugares, a que o sublimara o seu merecimento, não deixou de experimentar armada contra si a maliciosa enveja dos seus emulos accusando-o de que pelo seu descuido fora abrazada pelos Turcos a Náo Conceição, que voltava da India preciosamente carregada no anno de 1621. quando como General da Armada a estava esperando para a conduzir ao porto de Lisboa. Partio a Madrid não prezo, como erradamente escreveu Fr. Marcos de Guadalaxara na *Hist. Pontif.* Tom. 5. liv. 17. cap. 3. mas para se purificar da culpa de que injustamente fora arguido, sendo della absoluto pela rectidão dos Juizes a 6. de Setembro de 1624. como affirma D. Gonçalo de Cepedes *Hist. de Filippe IV.* liv. 2. cap. 26. Tal foy o conceito, que este Principe formou da sua fidelidade, que para dignamente a premiar o nomeou seu Gentil homem de boca, Mordomo mór da Rainha D. Izabel de Borbon, Conselheiro de Estado do Conselho de Portugal, e Presidente das Cortes do Reyno de Aragaõ. Não satisfeito aquelle Principe com as merces de lugares tão honorificos o mandou por seu Embaxador extraordinario ao Emperador Fernando II. e a outros Principes do Imperio, em cujas expediçoens se mostrou tão liberal, como politico para concluir os negocios mais difficultos como o testemunhaõ as historias daquelle tempo, e elegantemente o deixou escrito o insigne Jurisconsulto Agoftinho Bar bosa *Jur. Eccles.* lib. 1. cap. 30. n. 15. *Ea adhuc redditur spectabilior, quod olim ad Casardam Majestatem Regis Catholici Orator missus officium tanto splendore administravit, ut tam facundam viri eloquentiam, eloquentem facundiam; singularem in rebus tractandis, et spirantem prudentiam non potuerit non Caesar ipse praconiis exornare, non observare, non admirari.* Ornado com tão illustres occupaçoens o recebeu Portugal com inexplicaveis significaçoens de jubilo por seu Governador no anno de 1631. ef-

crevendo o mesmo Barbosa, *cum vix possit enarrari quâ morum integritate, quâ legum, jurisque prudentia, quo religionis studio, quâ muneris vigilantia gubernaverit.* Deste governo passou a Presidente da Meza da Conciencia onde praticou a rectidão, que sempre exercitara servindo-lhe de degrãos para subir a tantos lugares as suas grandes virtudes como eloquentemente escreveu Rodrigo Mendes Sylva no *Catalog. Real de Espanha* fol. mihi 112. v.º *Varon señalado por su gran talento, y partes naturales, y adquiridas, y por los supremos lugares, que occupo en la Monarchia, ascendiendo a ellos graduadamente más a fuerça de meritos, que de fortuna.* Casou com D. Anna de Lima filha, e herdeira de D. Antonio de Lima Senhor de Castro Dayro, e de D. Maria de Vilhena filha de Christovão de Mello herdeiro da Ilha de S. Tomé de quem teve seis filhos, e duas filhas. Foy o 1. Conde de Castro Dairo por Alvará de Philippe IV. passado em Aranjues em 30. de Abril de 1625. no qual para que se eternizasse na posteridade a innocencia de D. Antonio accusada injustamente pela malevolencia, o honrou com estas palavras. *En consideracion delo que padecio en el negocio dela partida dela nave dela India, que los enemigos quemaron, enque se verifisco que no tuvo culpa, y que cumplio con sus obligaciones, y queriendo portodo hazerle merced conforme a su qualidad se labago del titulo de Conde de su Villa de Castro Dairo.* Por succeder na Casa da Castanheira a seu Sobrinho o Conde D. João foy o 5. Conde desta Casa, e Alcayde mór de Colares, Commendador de Langroiva, S. Salvador de Valorco, e de Santa Maria de Sataõ na Ordem de Christo, e pelo Condado de Castro Dayro Alcayde mór de Guimaraens, e Senhor dos Lugares de Payva, Baltar, e Cabril. Ninguem explicou com mayor elegancia os singulares dotes do corpo, e do espirito deste Cavalhero, do que o Principe da Poesia Castelhana Lope da Vega Carpio quando fallando delle ainda na sua idade juvenil lhe confagrou este elogio transcripto pela penna de D. Jozé Pelliizer, y Tovar na Epistol. Dedicatoria assima allegada. *El gallardo D. Antonio de Attaide sabia bien quan versado era vuestra Excelencia que será aora en todas las lenguas, sciencias, y artes liberales, quan dedicado,*

y elegante en Poesia, como uno delos primeros de su siglo, y quan diestro en las aplicaciones, y acciones publicas de Cavallero entendido, cortes, valiente, y con todas las partes, y prendas que componen un verdadero Principe Portuguez, que esta es la mayor fineza, y ultima linea dela alabança. Varon al fin superior a toda fortuna, y embidia, pues a su pezar hà prevalecido V. Excellencia com mayores realces de su valor. Com sentimento igual ao commum applauso com que vivera, morreo em Lisboa a 14. de Dezembro de 1647. quando excedia a larga idade de 80. annos. Está sepultado na Capella mór dos Religiosos Franciscanos da Provincia de Portugal, jazigo seu, e de seus Herdeiros, como escreve o Padre Fr. Manoel da Esperança *Hist. Seraf. da Prov. de Portug.* Part. 1. liv. 2. cap. 22. n. 3. Publicou.

Cargos, que resultarão da devaça, que os Governadores, de Portugal mandarão tirar de D. Antonio de Attaide Capitaõ General da Armada de Portugal acerca da perda da Náo da India N. Senhora da Conceição, que os inimigos queimarão o anno de 1621. e resposta de D. Antonio aos Cargos. Lisboa 1622. fol.

Desta obra, e do Author faz menção a *Bibliot. Oriental* novamente acrescentada Tom. 1. Tit. 13. col. 440.

Diario da Jornada, que fez a Alemanha no fim de Dezembro de 1628. M. S. Traduzio na lingua materna.

Tratado de Seneca.

Destas obras, como do Author dellas faz illustre memoria o P. D. Antonio Caetano de Soufa na *Hist. Geneal. da Casa Real Portug.* Tom. 2. pag. 8. §. 3. pag. 533. 534. e 535. e a tinha feito João Franco Barreto na *Bib. Portug. M. S.*

Varios Versos M. S.

D. Francisco Manoel na *Carta dos Autores Portug.* que he a 1. da 4. Cent. das suas Cartas escrita ao Doutor Manoel da Fonseca Themudo numera a D. Antonio de Attayde, que imagino ser este de quem se affirma ser taõ insigne em versificar que compuzera.

Arte Poetica.

Da qual se lembra Manoel de Faria, e Soufa no *Cathal. dos AA. Portuguezes* que tinha prompto para a impressaõ, o qual examinamos, e era Original escrito da sua propria mão.

Carta Latina muito elegante em repozta da Dedicatoria, que ao seu nome consagrrou Francisco de Fontes in *libello apologetico pro Justo Lypfio, et Erycio Puteano*.

ANTONIO DE AZEVEDO Poeta Comico dos mais insignes que floreceraõ no feliz Reynado del Rey D. Joaõ o III. compoz muitas obras poeticas dignas de lograrem a luz publica, e dos applausos dos professores de taõ sublime arte, sendo entre todas a mais estimavel a Comedia, que fez sobre estas palavras do Evangelho.

Venite post me, faciam vos fieri piscatores hominum.

P. ANTONIO DE AZEVEDO natural do Porto, filho de Antonio de Azevedo Fernandes, e de Maria Moutinha, e Religioso da Companhia de Jesus cuja Roupeta vestio a 29. de Abril de 1712. Depois de estudar as letras humanas, e as sciencias mayores, ensinou Grammatica, e Rhetorica, e foy Substituto de Filosofia, e Theologia Moral em os Collegios de Evora, e Coimbra. Applicou-se ao ministerio do Pulpito de cujo argumento sómente tem publicado.

Oração funebre nas Exequias dedicadas ao Excellentissimo Senhor D. Antonio de Noronha Moniz, e Albuquerque segundo Marquez de Angeja, e 3. Conde de Villa-Verde prégado na Sé Primacial de Braga Coimbra por Antonio Simoens Ferreira. 1736. 4.

ANTONIO DE AZEVEDO SAA Pela continua assistencia, que fez em Espanha soube a lingua Castelhana com summa perfeiçãõ, na qual traduzio da Portugueza os Sermoens do Doutor Francisco Fernandes Galvaõ insigne Prégador, e os imprimio com estes titulos.

Sermoes delas Festividades delos Santos. Madrid por la Viuda de Alonfo Martins 1615. 4.

Sermoes de Quaresma. Madrid por Luiz Sanches 1615. 4.

Fr. ANTONIO DE AZURARA natural do lugar do seu appellido situado na Comarca da Maya da Diocefe do Porto. Professou o austero habito de Frade Capucho na Provincia da Piedade. Foy igualmente

observante dos Estatutos da Ordem, como versado na Theologia moral, como claramente o manifestou naõ sómente nas adicçoens, que fez ao *Manual de Confessores, e penitentes*, composto (como querem muitos) por Fr. Rodrigo do Porto Religioso do seu Instituto, mas concorrendo com grande copia de doutrinas canonicas, e moraes para o mesmo Manual quando sahio illustrado pela doutissima pena do insigne Doutor Martim de Aspilcueta Navarro, cujo grande socorro confessou ter recebido na Dedicatoria ao Cardial D. Henrique do dito Manual impresso em Coimbra por Joaõ de Barreira, e Joaõ Alvres 1552. 8. por estas palavras. *El Author dela obra, Varon que es piissimo, y su gran coadjutor, que para mejor ayudarnos, y dar buen cabo a loque tanto costava há sofrido de estar trabajando noches, y dias en esta casa de asperos estudios, y tratos ablandando nos los con su santa, y aspera vida.* Mais claramente testimunhou quem era o que lhe participara materia para augmento do mesmo Manual dizendo no Prologo da Impressãõ de Salamanca por Andrea de Portonariis 1557. 4. *El muy aprobado Varon Fray Antonio de Zurara Padre muy reverendo dela dicha Provincia dela Piedad, el qual como Dios lo sabe por sola su providencia divina acerto de topar conmigo em Campos, y me propuso más dudas que otros, y por solo amor de Dios, y de que lo sobre dicho se hiziesse, se determinó a tenerme compañia en todo este encerramiento, revista y correccion desta adición con sus muy grandes trabajos aliviando los mios.*

Fazem expressa mençãõ de Fr. Antonio de Azurara como addicionador do *Manual de Confessores* Fr. Luiz de Reboledo *Cron. de S. Francisco* no Cathalogo dos Authores pag. 37. Joan. Suar. de Brito in *Theatr. Lusit. Litter.* lit. J. n. 86. intitulado-o por engano Joaõ, e ultimamente Fr. Joan à D. Anton. in *Bib. Franc.* Tom. 1. pag. 101.

Fr. ANTONIO BACELLAR natural de Viana do Minho. Recebeo o Habito dos Religiosos Menores na Provincia de Saõ-Tiago a qual illustrou com suas grandes letras, e iguaes virtudes. Foy muito applicado à liçãõ dos Santos Padres, e da Escri-

tura Sagrada como se manifesta claramente da obra, que compoz com este titulo.

Defensa Evangelica de la Cognacion, y parentesco de nuestro Glorioso Apostol, y unico Patron de España San-Tiago el mayor con Christo Redemptor Nuestro em quanto hombre. Coimbra 1631. 4.

Do Author, e da obra se lembra o P. D. Manoel Caet. de Souza in *Exped. Hisp. Apostol. S. Jacob. Major.* Tom. 2. pag. 1338. onde o faz natural de Redondela no Reyno de Galiza, quando Nicol. Ant. in *Bib. Hisp.* Tom. 1. pag. 81. o traz como Portuguez, cuja opiniaõ segue Fr. Joan. a D. Ant. in *Bib. Franciscan.* Tom. 1. pag. 94. posto que o confunda com Fr. Antonio de Barcellos, de quem logo fallaremos.

P. ANTONIO BANDEIRA filho do Dezembargador Ignacio Bandeira Maldonado, e D. Joanna de Figueiredo. Naceo na Villa de Bêsteiros da Diocefe de Vizeu donde passou a Coimbra estudar Direito Civil, e recebendo o Grão de Doutor nesta Faculdade com beneplacito de seu Pay que foy dos melhores Oppositores ás Cadeiras, que venerava a Universidade, as quaes muitas vezes substituhio com grande credito do seu nome, considerando que toda a estimaçã, que podia alcançar pelas suas letras era transitoria, e caduca, deixando Coimbra passou a Lisboa onde quando contava 24. annos de idade recebeo o Habito da Companhia de JESUS 10. de Fevereiro de 1622. Nesta sagrada palestra se exercitava nos ministerios mais abatidos chegando a trazer ás costas o peixe que haviaõ comer os seus companheiros, e perguntado em huma ocafiaõ pelo Superior se lhe cauzava confusaõ o ser visto naquelle vil estado por alguns discipulos que ensinara em Coimbra, lhe respondeo que nunca lhes dictara doutrina mais solida, que aquelle exemplo de humildade. Nos pulpitos, onde era frequente a sua assistencia, colheo copiosos frutos, principalmente na Villa de Castello-Branco redufindo ao caminho da penitencia os coraçõens mais obtinados os quaes abrandava com as continuas lagrimas, que o ardor do seu espirito lhes fazia destillar pelos olhos. Ensinou Filosofia em Lisboa, e foy Reytor do Collegio do Porto sendo sempre estima-

do, ou como Mestre, ou como Prelado. Morreo piamente em Coimbra a 25. de Setembro de 1664. e delle fazem memoria Joan. Soar. de Brit. in *Theatr. Lusit. Literat.* lit. A. n. 53. Franco in *Synops. Annal. S. J. in Lusit.* pag. 337. et in *Anno Glorios. S. J.* pag. 547. Imprimio.

Sermaõ na Sè da Cidade de Coimbra na celebridade com que ella solemnizou o Nascimento do Serenissimo Infante D. Affonso em 7. de Setembro de 1643. Lisboa por Lourenço Crasbeeck Impressor delRey 1643. 4.

ANTONIO BAPTISTA VIÇOSO Beneficiado na Igreja de Santa Cruz da Villa de Santarem, Notario Escrivaõ Geral das Justificaçoens Apostolicas em todo o Arcebispado de Lisboa Oriental naceo nesta Cidade a 31. de Outubro de 1704. sendo filho de Manoel Jorge, e Mariana das Neves. Para instruir aos Sacerdotes na intelligencia dos altissimos Misterios, e Sagradas Ceremonias da Missa tradusio de Castelhana em Portuguez a obra do P. Fr. Diogo de Gusmaõ Cõmissario, e Vigario Geral da Ordem da Santissima Trindade da Provincia de Espanha com este titulo

Thezouro singular, e admiravel excellencia do Sacrosanto Sacrificio da Missa da Ley Evangelica dividido em tres partes, mostrando-se nella os profundos Misterios da Missa em geral, e em particular com todas as significaçoens de suas Santas Ceremonias. Lisboa por Manoel Fernandes da Costa Impressor do Santo Officio 1731. fol.

Com o nome suposto de Franconiano Adão Cuntim Favorino publicou

Templo theologico especulativo, e pratico, aonde se verã huma breve summa de Theologia Speculativa, e Moral com os casos reservados do Patriarchado de Lisboa, e mais Dioceses de Portugal expostos, e declarados conforme as novas Constituiçoens, e declaraçoens, que em muitos Bispados se fizeraõ depois que escreveraõ os que atè o prezente os tem tratado, e se ajuntaõ aos ditos casos reservados de toda a Diocefe de Portugal as excomunhoens de suas Constituiçoens atè agora não explicadas &c. Lisboa pelo mesmo Impressor. 1735. fol.

P. ANTONIO BARBOSA natural da Villa da Arrifana de Souza do Bispado

do Porto teve por Pays a Gaspar Pires, e Maria Thomè. Na idade de 20. annos abraçou em Lisboa o instituto da Companhia de JESUS em 13. de Março de 1624. Alcançada faculdade dos seus Prelados para a Missão do Oriente chegou a Goa, e logo foy destinado para a cultura da Cochinchina, sendo hum dos seus primeiros agricultores em cuja empreza empenhou todas as forças do corpo, e do espirito convertendo muitos infieis ao gremio da Igreja. Este laborioso ministerio exercitado pelo espaço de quatro annos lhe fez contrahir huma febre que degenerou em tifica, e ainda que tinha o corpo quasi mirrado sempre conservava o espirito vigoroso para continuar nos trabalhos apostolicos. Passou a Macao, e depois a Goa para com a mudança do clima experimentar alguma milhora, mas rendida a natureza à violencia da infirmitade acabou a vida com saudade dos seus companheiros sendo hum delles o Padre Alexandre Rhodes que testimunha na *Historia Tunchinensi* lib. 2. cap. 45. pag. 170. *maximum nobis omnibus reliquit sui desiderium, et Santissimæ Vitæ præclarissimum exemplar.* Por ser muito perito na lingua Annamitica que he a que mais se falla na Cochinchina, e Tunquim escreveu para que os Missionarios fizessem com mayor facilidade a sua obrigação.

Diccionario da lingua Annamitica. do qual transcreveo grande parte o P. Alexandre Rhodes da mesma Companhia para o que compoz na lingua Latina, e sahio impresso Romæ Typis de Propaganda Fide 1651. 4. como elle confessa no Prologo. *Aliorum etiam ejusdem Societatis Patrum laboribus sum usus; præcipue P. Gasparis do Amaral, et P. Antonii Barbosa, qui ambo suum composuere Dictionarium, ille à lingua Annamitica incipiens, hic à Lusitana, sed immatura uterque morte nobis ereptus: utriusque ergo laboribus sum usus, &c.* Do mesmo Diccionario faz menção nos *Diversos Voyages del Orient.* cap. 3. *Jay fait imprimer à Rome par le faveur de Messieurs. de la Congregation de la propagation de la Foy un Dictionaire Cochinois Latin, et Portugais, &c.*

ANTONIO BARBOSA natural de Chaul celebre Cidade da India Oriental fi-

tuada entre Goa, e Dio sendo Conego na Cathedral de Goa mereceo pelas letras que professava na faculdade dos Sagrados Canones a ser Dezembargador da Relação do Arcebispado Primaz do Oriente, e Vigario da Parochial Igreja de S. Thomé da Cidade de Goa em cujo ministerio encheo as obrigaçoens de vigilante Pastor. Para eternizar na posteridade as heroicas acçoens que os Portuguezes obrao no Morro de Chaul a 2. de Fevereiro de 1594. escreveu como contemporaneo a este successo.

Breve Tratado da Vitoria do Morro de Chaul descripção do sitio, e fortaleza delle, e de alguns bens afortunados successos que os Portuguezes tiveram neste cerco. M. S. 4. Conserva-se na Livraria do Excellentissimo Marquez de Abrantes.

ANTONIO BARBOSA BACELLAR Teve por patria a Cidade de Lisboa, por Pays a Francisco Barbosa Bacellar, e Gracia Gomes Pereira ambos descendentes de nobres geraçoens. Ainda não excedia os annos da puerecia, e já brilhava com tanta intenção a viveza do seu engenho, que mais parecia empenho da graça que liberalidade da natureza, cauzando geral admiração a perspicacia do juizo, a tenacidade da memoria com que comprehendia as sciencias. Mayor foy o espanto quando no Collegio de Santo Antão dos Padres Jesuitas antes de cumprir defaseis annos estando perfeitamente instruido na lingua Latina, Rhetorica, Poetica, Philosophia, Theologia, e Mathematica defendeo Conclusoens publicas de todas estas faculdades respondendo com tal promptidão, e madureza aos argumentos propostos em tão diversas sciencias, que arrebatou a atenção de todos os assistentes a tão plausivel acto, servindo a muitos de confusão, que pudessem homens tão delicados sustentar a immensa machina de tão grandes estudos. Não foy menos prodigiosa a sua memoria pois ou lendo, ou ouvindo ler duas, ou tres paginas de qualquer livro, as repetia fielmente sem lhe fallar huma palavra, de cuja portentosa singularidade fez varias demonstraçoens na presença de muitas pessoas eruditas. Augmentavase mais a fama do seu nome com o sublime genio que teve para a Poesia sendo hum dos mais sonoros Cifnes do Parnasso

Portuguez, metrificando ou na lingua materna, ou Castelhana com prompta facilidade suave elegancia, aguda discrição mais adquerida por natural impulso, que por applicação estudiosa, de tal sorte, que no anno de 1635. quando contava 25. annos de idade, imprimindo as suas metricas Composiçoens os dous insignes Poetas Manoel de Galhegos, e Antonio Figueira Duraõ; o 1. no *Epitalamio dos Serenissimos Duques de Bragança* Estanc. 198. o invocou entre os mais celebres Poetas Portuguezes para celebrar este augusto Conforcio, nesta forma.

*Se em terra idade dais ao mundo espanto
Em vosso verso ó Bacellar canoro,
Pera tal gloria, para triumpho tanto
Invocay do Parnaço o brando coro,
Começareis a dar do vosso engenbo
A mayor mostra no mayor empenbo.*

O segundo Parnaf. Laur. Ram. 2. o antepoem aos Poetas seus contemporaneos, e o intitula Homero, e Virgilio renacido.

*Non Lusitanà quisquam de gente canoros
Hispano melius componit carmine cantus,
Quam tu, docte puer, Smyrnæi Vatis imago:
En tibi Pegasides plenis dant lilia dextris.*

*Postquam Phænici venit avi finis
Componit sibi tumulum felicem
Tum defuncti Phænicis vivax cinis
Alterum profert nobilem Phænicem.
Sic nascitur Barbofa peregrinus
Ex cinere Maronis Phænix dignus.*

Obedecendo à vontade de seus Pays passou a Coimbra, e com o mesmo disvelo com que tinha estudado as outras faculdades se applicou a penetrar as subtilezas do Direito Civil. Nesta insigne palestra da mocidade Portugueza alcançou de todos os seus Academicos as mayores estimaçõens quando conhecerão que a presença não diminuiara, antes augmentara o que a fama publicava na sua auzencia atrahindo-lhe os affetos a sua grave gentileza, natural urbanidade, maduro juizo, discreta facundia, applicação continua ao estudo, frequente assistencia nas aulas, e summa veneração aos Mestres, não sendo inferior a estas partes a subtileza com que em todos os actos litterarios argumentava, a promptidão com que respondia, e a profundidade com que explicava, e conciliava os textos mais di-

ficeis, e antinomicos. Acabado o tempo de aprender esta faculdade como se fora de a ensinar recebendo a borla doutoral leu como substituto por espaço de seis annos algumas materias com tanto applauso de toda a Universidade, que eraõ pequenas as Clases para comprehender a multidão dos Academicos, querendo participar dos documentos da sua vasta, e profunda litteratura. Porém sendo Opositor a huma Cadeira, e nella fosse provido quem lhe era muito inferior no merecimento, para não experimentar outra defatenção da fortuna se retirou com eterna saudade de Coimbra a Lisboa, e tanto que a ella chegou não permitio a Magestade delRey D. Joaõ o IV. que estivesse sem exercicio o seu grande talento nomeando-o para beneficio da Republica Corregedor de Castellobranco, e logo Provedor de Evora, donde passou a illustrar a Relação do Porto, e Casa da supplicação a 22. de Novembro de 1661. com as incorruptas deliberaçoens da sua grande Jurisprudencia; e certamente subira aos mayores lugares que lhe seguravaõ as suas letras, se lhe não interrompesse a morte envejosa dos seus augmentos a velocidade com que para elles caminhava, acabando a vida em Lisboa em o Hospital das Chagas a 15. de Fevereiro de 1663. Com universal sentimento foy sepultado no Convento de S. Francisco da Cidade em cuja sepultura se lêm gravadas estas palavras do Cantico de Ezechias.

Dum ad huc ordiret succidit me.

Será eternamente lamentavel a sua memoria pela perda que Portugal padeceo como discretamente o expressou hum dos mais celebres Poetas daquelle tempo neste Soneto.

*O' toda admiração ò toda horrores
Parca cruel que sol nos eclypsaſte
Como assim atrevida nos roubaſte
Do Tejo a gloria, do Parnaço as flores?
Bem se vé, que temias seus fulgores
Pois tanto de repente os assaltaſte.
Mas quando mais tyrana os assombraſte
Lhes dá seu ser mayores resplandores.
De hum affopro apagaſte infauftamente
A Bacellar das sciencias viva chama,
Aquelle sobre tudo engenbo, e arte
Porém a saudade, que o exclama
Com outro de suspiros mais valente
O faz refucitar por mãos de Fama.*

Compoz.

Relaçãõ Diaria do sitio, e tomada da forte Praça do Recife, recuperaçãõ das Capitãniãas de Itamaracã, Paraiba, Rio grande, Siarã, e Ilha de Fernãõ de Noronha por Francisco Barreto Mestre General do Estado do Brasil, e Governador de Pernambuco. Lisboa na Officin. Crasbeeckiana. 1654. 4. Sahio traduzida em Italiano com este titulo.

Relatione dell' insigne Vitoria cb' i Portughezi riportarono delg' Olandesi nello Stato del Brasile impatronandosi della Fortezza Reale detta Recife nella Capitãnia de Pernambuco, e de tutte le Piazzze, Fortezze, e Isole d'intorno a 27. di Genaro del 1654.

Relaçãõ da Vitoria, que alcançaraõ as armas do muito alto, e poderoso Rey D. Affonso VI. em 14. de Janeiro de 1659. contra as de Castella, que tinbaõ sitiado a Praça de Elvas hindo por General do Exercito de Portugal o Conde de Cantanhede D. Antonio Luiz de Menezes do Concelho do Estado, e Guerra, Vedor da Fazenda. Lisboa por Antonio Crasbeeck de Mello 1659. 4. a qual sahio vertida em Latim muito puro, e elegante por Aleixo Collotes de Jantillet com o nome de *Helvia obsidione liberata.* Ulißip. apud eumdem Typ. 1662. 8.

Estas duas Relaçõens publicou sem o seu nome como taõbem a obra seguinte.

Statera veritatis, sive præcipua rationum momenta pro jure Coronæ Lusitanæ adversus Castellanam. 1641. fol.

Compoz mas não imprimio.

Huma e outra fortuna do Marquez de Montalvaõ D. Jorge Mascarenhas escrito no estilo de Cornelio Tacito M. S.

Vida de D. Francisco de Almeyda Vicerey da India escrita no estilo do Marquez Virgilio Malvezzi. M. S.

Destas duas obras faz illustre memoria Francisco de Santa Maria no *Ann. Histor. Diar. Portug.* p. 198. onde lhe chama *sogeito rarissimo de igual engenho, e memoria.* Deixou imperfeitos.

Commentaria in Textus Jurisconsulti Pomponij M. S.

As obras poeticas, que compoz, merecedoras pela suavidade das vozes, e agudeza dos pensamentos de correrem imprefas para recreaçãõ dos cultores das bellas

letras estiveraõ muitos annos occultas, lendo-se algumas dellas na *Fama posthuma de Lope da Vega Carpio.* Madrid 1636. e nas *Memor. Funeb. de D. Maria de Attaide.* Lisboa na Officina Crasbeeck. 1650. 4. até que a diligente curiosidade de Mathias Pereira da Sylva em a grande Collecçãõ, que fez de versos dos nossos Poetas, a qual intitulo *Fenis renacida, ou obras poeticas dos melhores engenbos Portuguezes* publicou as seguintes do Doutor Antonio Barboza Bacellar.

Saudades de Lidia, e Armido. Saõ 40. Outavas. Glossa à 8. de Camoens *Eslavas linda Igues posta em socego.* 2. Glossas ao Soneto *Fermoso Tejo meu quam diferente.* 7. Sonetos a diversos assumptos. 2. Glossas ao Soneto de Camoens *Sete annos de Pastor Jacob servia.* *Cançãõ funebre à morte do Serenissimo Senhor Infante D. Duarte.* *Saudades de Aonio.* consta de huma sylva a qual louva o P. Antonio dos Reys no *Enthusiasm. Poet.* n. 71. nesta forma.

= *Vitreas flet tristis ad undas.*

*Aonium Barboza suum, planctuque nitentes
Insuso turbabat aquas, oblataque mentis
Nulla sibi cupiens ægræ medicamina, lustra
Quæ nemus umbrosum multâ tegit ilice,
quærit.*

Todas estas obras poeticas sahiraõ Lisboa por Jozè Lopes Ferreira Impressor da Serenissima Rainha 1716. 8. desde pag. 77. até 214.

No 2. Tomo da *Fenis renacida.* Lisboa por Jozè Lopes Ferreira 1717. 8. estaõ varias glossas de alguns Sonetos, trinta e quatro Sonetos a diversos Assumptos, varias Decimas, e Romances desde pag. 33. até 204.

No 4. Tomo da *Fenis renacida.* Lisboa por Mathias Pereira da Sylva, e Joã Antunes Pedroso 1721. 8. Estaõ varias Poemas de Bacellar desde pag. 279. até 312.

No 5. Tomo da *Fenis renacida.* Lisboa por Antonio Pedroso Galraõ 1728. 8. Estaõ *Saudades de Aonio* Consta de 70. Outavas. Glossa à Outava de Camoens *Mas Affonso do Reyno unico herdeiro.* Outra glossa a huma Outava. *Cançãõ muito larga a D. Rodrigo de Menezes.* *Relaçãõ da Festa de Touros, que se fez na Praça do Rocio o anno de 1647.* e alguns Romances a diversos assumptos desde pag. 137 até 217.

Fr. ANTONIO DE BARCELLOS natural da Villa do seu appellido, da Diocese de Braga, e Religioso professo na Ordem dos Menores não menos pio que verificado na lição dos Padres, e Sagrados Expositores, de cuja litteraria, e continua applicação escreveu Fr. Luiz de Reboledo na 1. Parte da *Cron. dos Menor.* Antonio de Sampayo Villasboas *Nobiliarch. Portug.* cap. 9. pag. 109. e Fr. Pedro Poyares no *Trat. Paneg. em louvor da Villa de Barcellos.* cap. 16. affirmando escrevera

Doze Excellencias da Fè.

Fr. ANTONIO DE BEJA natural como denota o seu appellido, e o costume naquelles tempos observado na Religião de S. Jeronymo, da Cidade de Beja na Provincia do Alentejo onde sahio à luz do mundo no anno de 1493. Professou o habito daquella Sagrada Familia no Convento de Penhalonga a 13. de Abril de 1517. em que por toda a vida foy observantissimo Conventual. A mayor parte do tempo, que lhe restava da assistencia do Coro, e outras obrigaçoens da Comunidade, a empregava na lição dos Santos Padres, e Authores profanos, cujo estudo o constituhio hum dos mais sabios Varoens daquella idade. Chegando à sua noticia a geral consternação com que estava penetrado o povo de Lisboa por terem prognosticado alguns Astrologos que no mez de Fevereiro de 1524. se havia sumergir o mundo em hum diluvio, para deterrar estes temores, e increpar a ignorancia dos vaticinadores de tão horrorosa calamidade escreveu hum douto tratado, e o dedicou à Rainha D. Leonor mulher do Serenissimo Rey D. Joaõ o II. com este titulo.

Contra os juizos dos Astrologos. Breve Tratado contra a opiniaõ de alguns ousados Astrologos que por regras de Astrologia non bem entendidas ousam em publico juizo dizer que ha quatro, ou cinco dias de Fevereiro do anno de 1524. por ajuntamento de alguns Planetas em ho signo de piscis será gram diluvio na terra. No fim tem estas palavras.

Foy imprimida esta obra a louvor de Deos, e consolação dos fieis novamente em a Cidade nobre de Lisboa per Germam Galharde emprimidor por mandado da Serenissima, e muito alta Senhora Rainha D. Lianor a sete dias de

Março de mil quinhentos, e vinte, e tres annos.

Traduzio, e dedicou à mesma Rainha a Epistola de S. Joaõ Chrysofotomo *Nemo latitur* &c. Lisboa per Germam Galharde 1522. 8.

Breve doutrina, e ensinança de Principes feyta per ho Padre Licenciado Fr. Antonio de Beja da Ordem de S. Hieronimo. Pera o muyto poderoso Señor ho Señor Rey dom Joham de Portugal terceiro deste nome. A qual se emprimio por mandado de sua Alteza. Tem no fim.

Acabouse esta obra de emprimir em Lisboa per Germam Gallarde aos quinze dias de Julho de 1525.

Fr. ANTONIO DE BELEM natural da Cidade de Evora. Recebeo o habito da Religião de São Jeronymo no Convento do Espinheiro a 29. de Janeiro de 1641 onde foy Prior no anno de 1667. No Seminario da Cathedral da sua patria se applicou ao estudo da Musica, e sahio tão consummado nesta suavissima arte, que a exercitou por largo espaço de annos no Real Convento de Belem occupando os ministerios de Vigario do Coro, e Mestre da Capella. Foy dos celebres Compositores de Musica do seu tempo cujas obras merecerão as estimaçoens assim dos domesticos, como dos estranhos. Não foy menos estimavel pela observancia do seu instituto do qual era tão zeloso que nunca permitia nelle a menor relaxação. Cheyo de annos, e merecimentos passou a melhor vida no Real Convento de Belem a 3. de Março de 1700.

Compoz.

Livro de Responsorios para todas as Festas da primeira Classe de Estante que hoje se cantão no Real Convento de Belem obra de grande estudo, e primor.

Psalms a 4. 5. e 6. choros para as Festas de Christo, e da Senhora Missas a 4. a 6. e 8. vozes.

Lamentaçoens da Semana Santa a quatro, e 6. vozes.

Misereres a 3. Choros.

Oração de Jeremias a 4. vozes de grande devoção, e suavidade.

Lições do Officio dos Defuntos a 4. e 8. vozes.

Vilhancicos para todas as Festividades.

Todas estas obras se conservaõ no Real Convento de Belem, e algumas na Bib. Real de Musica.

Fr. ANTONIO DE S. BENTO naceo na Villa de Viana da Provincia do Minho, foraõ seus Pays Luiz Homem, e Isabel de Barros. Recebeo o habito Benedictino em o Convento de Tibaens a 16. de Mayo de 1619. Depois de estudar as sciencias escholasticas as diõto aos seus domesticos com tanto credito da sua doutrina que por ella mereceo ser admitido ao numero dos Doutores Theologos, na Universidade de Coimbra. Foy Reytor do Collegio de Coimbra, em o anno de 1644. Abbade do Convento do Porto, em 1650. e ultimamente, Geral da sua Monastica Congregaçaõ em 1653. Na Cidade de Coimbra conferio ordens menores, e o Sacramento da Confirmaçaõ a muitos dos seus moradores com faculdade do Ordinario, e desenviolou as Igrejas de S. Joaõ de Almedina, e Santa Justa, que eraõ Sagradas. Teve talento igual para a Cadeira, e para o Pulpito, sendo Pregador Geral, e naõ menor engenho para a Poesia que cultivou com admiravel affluencia. Morreo no Convento do Porto a 26. de Dezembro de 1657. Entre muitos Sermoens que prègou com applauso tinha promptos para a impressaõ.

Dous Sermoens do Principe dos Patriarchas Saõ Bento prègados em o mesmo dia o primeiro de manhaã, e o 2. de tarde M. S. 4. e se conservaõ na Livraria do Convento de Lisboa.

Fr. ANTONIO DE S. BENTO CAMELLO natural da Augusta Cidade de Braga onde na Parochia de Saõ-Tiago foy bautizado a 15. de Outubro de 1673. sendo filho do Doutor Francisco de Magalhaens, e Archangela Velha. Foy admitido ao monachal Instituto do grãde Patriarcha S. Bento no Convento de Tibaens a 4. de Abril de 1689. e depois de ler Filosofia, e Theologia em que jubilou, recebeu as insignias doutoraes na Universidade Conimbricensè na qual sendo alguns annos oppositor às Cadeiras foy provido em huma Conducta em 3. de Outubro de 1731. donde passou a Len-te de Vespera da Escriitura, e desta à de Gabriel. Foy Abbade do Convento de Saõ

Tyrso em 1710. Reytor do Collegio de Coimbra no anno de 1722. e hum dos Abbades Mitrados, que por ordem Real assistio à Trefladaçaõ do Corpo da Princeza Santa Joanna a 20. de Outubro de 1711. Os exemplares costumes, que observava na Religiaõ o fizeraõ merecedor de ser proposto pela Santidade de Clemente XII. para Geral da sua Congregaçaõ no anno de 1737. Morreo no Mosteiro do Couto a 30. de Outubro de 1738. com 65. annos de idade. Deixou escrito com igual subtileza, que profundidade.

De Natura, et Atributis ad mentem D. Anselmi. Sendo o primeiro em toda a sua Congregaçaõ que seguio a doutrina de Santo Anselmo Mestre de Escola Benedictina.

Fr. ANTONIO DE S. BERNARDINO Religioso Menor da Provincia Oriental de S. Thomé, e zeloso operario da semente do Evangelho nas terras de Jafanapataõ, em cuja laboriosa empreza tolerou graves molestias aprendendo com grande trabalho a lingua dos seus habitadores para mais facilmente os atrahir ao rebanho de Christo, no qual compoz.

Varios livros em que confuta os erros dos Gentes, e illustra os dogmas Catholicos, como escreve Fr. Jacinto de Deos Chronista da Provincia da Madre de Deos na India Oriental.

Fr. ANTONIO DE S. BERNARDINO natural de Beja, e filho de Paulo Machado, e Maria da Costa. Foy admitido à Religiaõ Serafica na Provincia dos Algarves onde dezejando observar vida mais austera alcançou faculdade dos Prelados para ser Conventual na Casa mais recolleita de toda a Provincia na qual naõ semente instruiu aos seus domesticos com a pratica das virtudes, mas com a especulaçaõ das sciencias lendo as faculdades necessarias para a doutrina nos Pulpitos, e Confessionarios. Jubilado na Sagrada Theologia, e Definidor da Provincia, o elegeu a Serenissima Rainha D. Catherina, quando se foy desposar com Carlos II. Rey de Inglaterra por seu Prègador, e Theologo, e o levou em sua companhia para Londres. Em hum, e outro ministerio dezempenhou a grande opiniaõ que esta Princeza tinha do

seu grande talento confirmando a alguns Catholicos vacillantes na Fè, e reduzindo a muitos hereges que estavaõ obstinados nos seus erros. Para evitar os funestos effeitos de huma cruel perseguição armada contra os Catholicos partio por ordem da Rainha de Londres, em o anno de 1671. e tanto que chegou a Portugal se aggregou à Provincia de S. Antonio por ser observantissima do instituto Serafico, onde com evidentes sinaes de Predestinado morreo em Lisboa a 22. de Janeiro de 1674. Como a seu patricio o louva de insigne Prêgador, versado na erudição Sagrada, e profana, e ainda pela nobreza do nascimento, Diogo de Gouvea Barradas nas *Antiquid. de Beja*, liv. 3. cap. 29. João Franc. Barret. na *Bib. Lusit.* M. S. e Fr. Joan. a D. Anton. *Bib. Francisc.* Tom. 1. pag. 95. e Fr. Martinh. do Amor de Deos *Chron. da Prov. de Sant. Ant.* Tom. 1. liv. 2. cap. 1. §. 96. e 97. Compoz.

Vita Minoritica ad pristinum statum restituta. Londini 1658. 8.

Caminho do Ceo descuberto aos viadores da terra pella determinação dos tempos exercicio da continuação da vida, e do artigo da morte. Contem tres livros o 1. trata dos exercicios de perfeito Christão. No 2. dos exercicios do celestial caminhante pela determinação dos tempos; no 3. dos necessarios no artigo da morte. Londres 1665. 8. Sem nome de Impressor. No proemio deste livro promete outro livro Theologico que brevemente sahiria à luz. Foy impresso segunda vez Lisboa 1730. 8. acrescentado com huma Semana Espiritual de Meditações.

Tratado sobre a regra dos Frades Menores. Mostra-se nelle como a dita regra obriga hoje aos seus professores em todo o rigor em que N. P. São Francisco a institubio, e depois da sua instituição a declaração os Sumos Pontifices, e a obrigação, que tem os Prelados da Religião de reformada em tudo o em que a virem relaxada, e a que tem os subditos de aceitar a tal reforma. Derigido ao muito Reverendo P. Fr. Acurso de S. Pedro Lente jubilado, e Ministro Provincial da Provincia dos Algarves, e aos mais Padres do Definitorio da dita Provincia. Consta de 5. Capitulos muito largos. Cujo original M. S. em 4. se conserva na selectissima Livraria dos Padres Theatinos desta Corte. Tinha prompto para a impressão.

Tratado do nascimento, vida, e morte do Doutor João Pissarro Prior da Igreja Parochial de S. Nicolao da Corte, e Cidade de Lisboa Offerecido à Rainha N. Senhora 4. M. S. Conserva-se na Livraria do Conde de Redondo, a qual está agora para se imprimir. Desta obra falla o Padre Manoel Luiz da Companhia de JESUS in vita Princip. Theod. lib. 3. n. 44. P. Joannis Pissarro Capellani regis vitam maximarum virtutum exemplis commendabilem praelo committendam scripsit R. P. Antonius à Santo Bernardino Seraphici Francisci alumnus, ejus confessorius.

ANTONIO DE S. BERNARDO filho de Domingos da Sylva, e Izabel Maria naceo em Lisboa a 21. de Novembro de 1696. Quando contava 18. annos de idade foy admitido à illustre Congregação do Evangelista amado, onde recebeo a murça de Conego Secular em 21. de Fevereiro de 1714. Com summa velocidade se adiantou a todos os seus Condiscipulos nos mysterios da Filosofia, e Theologia, que depois explicou como Mestre, até que chegou a receber a Borla Doutoral nesta sublime Faculdade em a Universidade de Evora a 21. de Mayo de 1730. Foy Reytor do Convento de Evora, e Secretario do Geral Antonio de Santa Clara. He Qualificador do Santo Officio, e hum dos Prêgadores famosos que tem a sua douta Congregação. Publicou.

Sermaõ da Canonização de Santo Estanislao Koska prêgado na Igreja do Collegio do Espirito Santo da Universidade, e Cidade de Evora a 7. de Novembro de 1727. segundo do seu outavario Lisboa por Bernardo da Costa de Carvalho 1728. 4.

Exhortação recitada no principio do Capitulo geral que celebraraõ os Conegos Seculares da Congregação de S. João Evangelista em S. Bento de Xabregas de Lisboa Oriental em 8. de Junho de 1737. Lisboa por Pedro Ferreira Impressor da Augustissima Rainha N. Senhora 1739. 4.

P. ANTONIO BETANCURT Naceo na Ilha de S. Miguel a 3. de Outubro de 1679. e foraõ seus Pays Manoel de Betancurt, e Sá, e D. Barbara Tavares da Sylva ambos descendentes das familias mais illuf-

tres daquella Ilha de que faz larga menção o P. Antonio Cordeiro na *Hist. Insul.* liv. 5. Tit. 2. n. 147. Deixando com heroica resolução a Patria, e os Pays que finamente o amavaõ, passou à India, e na Cidade de Goa quando contava quinze annos, e meyo de idade abraçou o Instituto da Companhia de JESUS a 18. de Março de 1695. e fez a profissão do 4. voto a 15. de Agosto de 1712. Estudadas as letras humanas se applicou às sciencias mayores, nas quaes sahio taõ eminente, que as dictou com igual gloria do seu talento que copioso fruto dos seus ouvintes. Da Asia passou a Europa, e em taõ diferentes polos foy venerada a profundidade do seu talento, ou fosse consultado como Theologo, ou ouvido como Orador Evangelico. Padeceo com grande resignação a ultima enfermidade que o privou da vida no Collegio de Santo Antaõ de Lisboa a 5. de Setembro de 1738. Dos Sermoens com que nesta Corte mereceo univerfaes applausos se publicáraõ.

Sermaõ da Soledade da Mãe de Deos prégado na Santa Igreja Patriarchal em 30. de Março de 1736. Lisboa por Jozé Antonio da Sylva Impressor da Academia Real 1736. 4.

Sermoens varios. Lisboa Na Officina Sylviana da Academia Real 1739. 4.

ANTONIO BLEM Naceo em Lisboa de Pays Francezes, e foy igualmente verificado na lição da Historia, como na sciencia do Comercio. Para beneficio publico traduzio da lingua Franceza em que escrevera Monfiur le Noble na Portugueza.

Escola do mundo, ou instrucção de hum Pay para hum filho pertencente ao modo com que se deve viver no mundo dividida em dialogos Tom. 1. Lisboa na Officina da Musica 1722. 8.

Tom. 2. Lisboa na mesma Officina 1724.8. Morreo em Lisboa a 26. de Julho de 1736.

ANTONIO BOCARRO Guarda mór do Archivo Real da India, e Chronista geral da India, em cujos ministerios naõ sómente foy successor de Diogo do Couto na investigação, e exame, mas tambem no estilo com que escreveo, e continuou a Historia da India, em dous Tomos que com

pouco credito da sua erudição intitulado Decadas, devendo por este titulo ser dividida em dez livros. Consta a primeira de 84. Capitulos principiando pelo governo de D. Jeronimo de Azevedo A 2. começa pelo Cap. 85. e acaba no Capitulo 186. onde continua o governo de D. Jeronimo de Azevedo até a sua morte, e chegada do ViceRey o Conde de Redondo D. Francisco Coutinho no fim do anno de 1617. Ambas estas Decadas se conservaõ M. S. em hum volume na Livraria do Conde de Vimieiro, as quaes examinou por ordem da Academia Real o Excellentissimo Conde da Ericeira D. Francisco Xavier de Menezes Cenfor della, cuja noticia está impressa na *Colleção dos Docum. e Memor. da mesma Academia* do anno de 1724. Lisboa por Jozé Antonio da Sylva 1724. O tom. 2. destas Decadas dedicado à Magestade de Felippe IV. se conserva M. S. na Livraria delRey Catholico como se escreve na *Bib. Orient.* de Anton. de Leaõ novamente acrescentada Tom. 1. Tit. 3. col. 58.

Da reforma do Estado da India M. S. fol. Deste tratado faz menção o P. Francisco da Cruz nas Memorias M. S. para a *Bib. Portug.* dizendo, que se conservava na Bibliotheca do Chantre de Evora Manoel Severim de Faria.

Livro dos Feitos de Gonçalo Pereira. M. S. Conservase na Bib. do mesmo Chantre, que agora he do Conde de Vimieiro.

Livro das Plantas de todas as Fortalezas, Cidades, e Povoações do Estado da India Oriental com as descripções da altura em que estão, e de tudo que hà nellas, Artilbaria, Presidio, gente de Armas, e Vassallos, rendimento, e despeza, fundos, e baxos das Barras, Reys da terra dentro, o poder que tem, e a paz, e guerra, que guardaõ, e tudo que está debaxo da Coroa de Espanha. Dedicado à Serenissima Magestade delRey Filippe o IV. das Espanhas, eIII. de Portugal Rey, e Senhor nosso. A Dedicatoria que intitulou Epistola he a seguinte.

O Conde de Linhares Vicerrey me encarregou a dar cumprimento a huma Carta de V. Magestade porque lhe ordena mande a V. Magestade estas plantas de todas as Fortalezas que hà neste Estado com as descripções particulares de tudo o que nellas há, que deva saber-se para se ter noticia de todas

as couzas que convenha obrar em seu melhora-mento, e posto, que para fazer esta obra com perfeição conveniente era necessario correr muy particularmente cada hum das Fortalezas, Cidades, e Povoaçoes para ver, e considerar todas as ditas couzas, com tudo como não foy possível a respeito de estar nesta Cidade com a occupação da Torre do Tombo, e ter juntamente a cargo escrever as Chronicas dos successos deste Estado, e V. Magestade apertar porque se lhe mande tudo o referido procurey por informaçoes o que neste volume por duas vias offereço, e mando a V. Magestade afirmando, que o grande trabalho que me custou, não foy ainda bastante para o fazer na forma, que o intentey, e deixava com as plantas arrumadas, e demarcadas, e compassadas por petipè, o que nunca foy possível pela grande falta, que hà neste Estado de Pessoas Scientes nas ditas Artes, mòrmente sendo as Fortalezas em tanta copia, e assim para a refeição disto procurey pòr tudo na descrição, como vay, a qual he que se deve dar inteiro credito não se buscando na Planta das Fortalezas, e Cidades mais que a forma, e figura dellas, porque as proporções das medidas para serem todas uniformes em algumas, se acharão em outras não tanto ao certo, nem tambem se ha de atentar ao numero da Artelbaria que està pintada na planta, se não a que diz a letra.

Aqui se representa a V. Magestade tudo o de que he Senhor neste Estado da India Oriental por mayor, e por menor, a forma por que se sustenta, e o effeito para que se sirvaõ todas as Fortalezas, e Cidades delle, os presidios, Artelbaria, e Gente de Armas com que estão providos, moradores, e Vassallos que as habitaõ, rendimento que tem, e a despezas que fazem, donde lhe vem o que lhes falta, e para onde vay, o que lhe sobeja, e das barras, e fundos que tem, e os baixos, e as correntes das aguas, monçoens dos ventos, e viagens, que se fazem, as Christandades, que hà em cada hum das Fortalezas, os Reys das terras em que estão, o poder que tem, as armas de que usãõ, a paz, e guerra que guardaõ com este Estado, as couzas, que lhe entraõ, e saem por via do Cõmercio, e a cõmunicação que tem com as Naçoens Estrangeiras, e posto que V. Magestade manda que tambem se lhe apontem os meyoos porque se possa evitar, ordenou-me o Conde Vice-Rey

que dicesse que como isto não era de minha profissão o não pumba, o que tudo vay com a mayor particularidade, que se pode alcançar ainda mais diffusamente de que V. Magestade ordena, e manda, porque vãõ cotejadas todas as receitas, e despezas deste Estado, e no enferramento da descrição de Goa se faz menção de tudo o que lhe sobeja, e falta para acudir às ditas Fortalezas com o que haõ de mister, ou o que lhe vem de cada qual, que como he cabeça deste Estado a ella vem buscar o remedio de suas necessidades, e as ordens, e Regimento do seu governo.

E no fim do livro vay hum Relação particular de todos os Conventos dos Religiosos, que há por todo este Estado com numero de cada qual, e os Christãos em que se occupaõ, que me pareceo muy conveniente ao fim desta obra o que tudo deve V. Magestade receber como dexeja hum Vassallo que obra com todas as forças quanto pode, e alcança por servir bem a V. Magestade cuja Catholica Real Pessoa guarde Deos como há mister a Christandade. Goa 17. de Fevereiro de 1635. Antonio Bocarro.

Este livro escrito em papel grande, e com as plantas de cincoenta, e duas Fortalezas primorosamente illuminadas que he Original, e hum dos dous que o Author remeteo a Felipe IV. se conserva M. S. na Bibliotheca do Excellentissimo Duque do Cadaval Estribeiro mór delRey N. Senhor.

Fr. ANTONIO DE BRAGA natural da illustre Cidade do seu apellido, e Religioso professo da Ordem dos Menores da Provincia reformada de Santo Antonio onde foy duas vezes Guardiaõ, e ultimamente governou com grande satisfação dos seus subditos a Provincia do Brasil, que naquelle tempo era Custodia. Restituido a Portugal elegeo por seu domicilio o solitario Convento da Carnota onde exercitando fervorosamente as virtudes Religiosas acabou a carreira da vida em 29. de Julho de 1643. Foy grande Pregador, e cordial devoto do Portuguez Thaumaturgo São Antonio cujas obras continuamente revolvia illustrando grande parte dellas com doutos discursos de cujo estudo deixou dous Tomos em folha que se conservaõ na Livraria do Convento de Santo Antonio de Lisboa os quaes vimos, e estavaõ promptos para a Impref-

faõ com a licença do Provincial Fr. Antonio da Natividade de 17. de Fevereiro de 1638. e faculdade do Santo Officio, Ordinario, e Dezembargo do Paço com este titulo.

Flores de Santo Antonio colhidas dos seus Sermoens, e ordenadas sobre as palavras do Evangelho Vos estis Sal terræ atè conculcetur ab hominibus todos a seu louvor acomodados, e a elle juntamente dedicados Part. 1. fol. M. S.

Flores de Santo Antonio de Lisboa colhidas dos seus Sermoens, e ordenadas em discursos predicaveis, e acõmodados à materia dos votos que na Religião se prometem de Pobreza, Castidade, e Obediencia 2. Part. fol. M. S.

Do Autor, e da obra se lembraõ Nicol. Ant. Bib. Hisp. Tom. 1. p. 82. e Fr. Joaõ de Santo Antonio na *Bib. Franciscana* Tom. 1. pag. 96.

Fr. ANTONIO BRANDAM naceo na Villa de Alcobaça em 25. de Abril de 1584. sendo seus Pays Rodrigo Dias Rebello, e Antonia Brandoa, ambos descendentes de Familias Nobres. Na fonte bautifmal lhe impuzeraõ o nome de Marcos por ter nacido no dia consagrado a este Evangelista; e logo se lhe anticipou com tal excessõ o engenho à idade, que quando contava quatro annos sabia ler, e escrever, e de outo aprendia com grande applicação a lingua Latina, da qual para alcançar mais perfeito conhecimento, e lançar os solidos fundamentos para mayores facultades foy mandado por seus Pays para caza de sua Avò materna, que assistia em Lisboa a tempo, que com igual acclamação do seu nome, como emolumento da Republica litteraria ensinava as letras humanas no Collegio de Santo Antaõ o insigne Francisco de Mendoça, do qual foy instruido nellas por espaço de dous annos, sahindo taõ excellente Rhetorico, e elegante Orador, que recitou cinco Oraçoens humas em verso, e outras em proza primeiros frutos do seu florido engenho onde admiraraõ os circumstantes felizmente unida a viveza das acçoens, e a energia da frase com a fineza, e sublimidade dos conceitos. Augmentava-se mais esta admiração com a innocencia da vida que religiosamente observava abstendo-se de todo

o genero de divertimento pueril, fugindo a companhia de viciosos, e occupando-se com summa seriedade superior aos seus annos nos exercicios de piedade, e devoção. Iguaes progressos fez na palestra da Filosofia quando tinha 14. annos, como fizera nas letras humanas tendo por Mestre daquella faculdade ao mesmo P. Mendoça, cujo Curso não pode acabar por fugir ao flagello da peste, que fatalmente devastava Lisboa. Restituido à sua Patria obedecendo à vocação de Deos recebeo na florente idade de 15. annos em o Real Convento de Alcobaça a Cogulla Cisterciense no anno de 1599. e para que deixasse toda a memoria do seculo atè deixou o nome de Marcos pelo de Antonio, e entregue à disciplina do virtuoso Varaõ Fr. Francisco de Santa Clara, era já em o Noviciado Veterano na observancia regular. Continuamente se occupava na lição das vidas dos seus primitivos Monges dezejando imitar os vestigios de Varões taõ austeros. Macerava com tantas mortificaçoens, e disciplinas o corpo que muitas vezes se não podia sustentar em pè. Com tal excessõ se arrebatava na suave contemplação das delicias celestiaes que era preciso para se restituir aos sentidos que o despertassem os outros Noviços com grande violencia como de hum profundo lethargo. Nestas, e outras virtudes se exercitava com tal excessõ, que se a prudencia do Mestre lho não moderasse primeiro acabaria a vida, que o Noviciado. Passados cinco annos depois de feita a profissão solemne não dedicou menor cuidado ao estudo das Sciencias Escholasticas do que applicara em alcançar as virtudes religiosas, sendo indeciso entre os seus domesticos em qual dellas era mais eminente, principalmente quando pelo largo espaço de 18. annos lhes ensinou as facultades da Filosofia, e Theologia recebendo em recompensa do seu grande magisterio a Borla Doutoral na Universidade de Coimbra em o anno de 1621. Inflamado com o nobre ardor de dilatar a gloria deste Reyno, posto que impedido com as multiplicadas occupaçoens que exercitou na Religião sendo Secretario do Geral duas vezes, Difinidor, Abbade do Convento de Lisboa, e ultimamente Geral de toda a Congregação Cisterciense se deliberou a profeguir a Historia da nossa Nação que ficara inter-

rupta pela morte do insigne Fr. Bernardo de Brito, principalmente quando succedeo a D. Manoel de Menezes no lugar de Chronista Mòr do Reyno confumindo a larga diuturnidade de dez annos em revolver, e examinar os mais antigos, e veneraveis Cartorios dos Mosteiros, Igrejas, Cidades, e Villas, e sobre todos o Real Archivo da Torre do Tombo não perdoando o seu indefesso trabalho a todo o genero de diligencia para conseguir o fim de tão heroica empreza, de que resultou escrever huma historia, clara, solida, verdadeira, copiosa, e bem digesta, lendo-se nella a genealogia certa dos nossos Monarchas, seus nacimentos, mortes, descendencia, e acçoens mais memoraveis obradas tanto na paz, como na guerra; as origens das familias illustres, braçoens, e apellidos de que usaõ; as fundaçoens, foraes, e privilegios dos mais celebres Conventos, Igrejas, Cidades, e Villas de todo Reyno, o principio das Cathedraes, o Cathalogo, e sucessão dos seus Prelados, e todos os sucessos dignos de memoria, merecendo que em abono de obra tão completa lhe escrevesse de Madrid em 10. de Outubro de 1632. o Chronista Mòr de Castella D. Thomaz Tamayo de Vargas estas palavras *Affeguro con toda la ingenuidad, que esta Historia es de lo mejor, y mais bien trabajado, que hà salido en nuestra edad y en que nõ tendran los escrupulosos já más que reparar. El estilo, la disposicion, la claridad, y los monumentos de que V. P. se vale son muy loables, y assi le suplico, que nos de luego la quarta parte, que serà gran ornamento de la historia de España en general, y de la de Portugal en particular.* Com semelhantes elogios louvaõ as suas obras Nicol. Ant. in *Bib. Hisp.* tom. 1. p. 82. *Variis, atque utilissimis semotè Vetustatis, rerumque olim gestarum monumentis firmum, ac speciosum Historiæ corpus formans non sine magno civium, atque exterorum plausu in Vulgus dedit.* Bonucci *Histor. di D. Alfonso Henr.* liv. 3. cap. 10. *Historico di gran nome.* Franckenau. *Bib. Hisp. Hist. General. Herald.* p. 61. Menestrier *Art. du Blazon.* p. 74. Halleword. in *Bib. Curios.* p. 16. Joan. Soar. de Brit. in *Theatr. Lusit. Litterat.* lit. A. n. 55. Maced. *Lusit. Liberat.* lib. 1. cap. 1. n. 22. Cardof. *Agiol. Lusit.* Tom. 3. no Comment. de 6. de Mayo letr. A. Ma-

noel de Faria, e Souf. no *Cathalogo dos AA. Portuguezes* mais acrecentado do que o que imprimio, cujo original vimos, e nelle diz que Brandaõ escreveu *con muchas novedades dos tomos de la historia de los primeros Reys.* Souza in *Expedition. Hisp. Apost. S. Jacob.* Tom. 2. pag. 1303. D. Jozè Barboza meu Irmaõ no prologo do *Cathal. Chronol. Hist. Gen. e Critico das Rainhas de Portug.* *A verdade he, que se a patria se soubesse mostrar grata com aquelles filhos que se occuparaõ em fazerem publicas as suas glorias ainda hoje em illustres estatuas viviria o Mestre Brandaõ, e nellas como em volumes de mayor duraçaõ se eternizàra o agradecimento Portuguez, porque ninguem mais do que elle se fez benemerito desta generosa distincçaõ, e se a mereciã os que dilatarã o Reyno com a espada, não a merecia elle menos que o illustrou com a penna.* Na pag. 223. do mesmo Cathalogo lhe chama *exactissimo.* Soufa no *Apparat. à Hist. Gen. da Casa Real Portug.* pag. 79. n. 64. *Admiravel na Historia, e antiguidades do nosso Reyno em que trabalhou muito, mas felizmente.* Compoz.

Terceira Parte da Monarchia Lusitana que contem a historia de Portugal desde o Conde D. Henrique, e todo o Reynado delRey D. Affonso Henriquez. Lisboa por Pedro Crasbeck. 1632. fol.

Quarta Parte da Monarchia Lusitana que contem a Historia de Portugal desde o tempo delRey D. Sancho primeiro até todo o Reynado delRey D. Affonso Terceiro. Lisboa pelo mesmo Imprefor 1632. fol.

Por ordem de Philippe IV. escreveu em Castelhana com grande elegancia para o Principe seu filho D. Balthezar Carlos aprender a lér, e juntamente se instruisse nas acçoens heroicas dos seus Mayores.

Elogios delos Reyes de Portugal.

Constituiçoens que se devem observar pelos Estudantes, Mestres, e Doutores da Congregação de Cister. M. S.

Esta obra lhe mandou compor o Geral, e foy approvada pelos Capitulos Geraes que se seguirão.

Informação das virtudes da Ven. Sor. Joanna de Saá Religiosa no Convento de Semide feita em o anno de 1622. M. S.

Memorias da Ven. D. Maria de Azevedo, que morreo em Semide anno de 1610. M. S.

Destas duas obras faz menção Jorge Cardoso no *Agiol. Lusit.* da 1. no Tom. 1. no Comment. de 27. de Fevereiro letr. D. pag. 340. e no Tom. 2. Comment. de 4. de Março letr. F. pag. 47. Da 2. Tom. 1. no Comment. de 11. de Fevereiro letr. L. pag. 413.

Fundações dos Mosteiros de Cister deste Reyno. Esta obra confessa ter principiado na 4. Part. da *Mon. Lusit.* liv. 12. cap. 25.

Como era tão versado na historia, como perito na Poesia, compoz em mais de seiscientos versos heroicos.

Monasterii Alcobaciensis primordia, progressus, et prerogativa.

Com a mesma elegancia, e igual metro recitou na presença dos Monges de Alcobça.

Oratio de laudibus Sanctissimi Patriarchæ Benedicti.

Por ser muito cordial devoto da Virgem, e Martyr Santa Lúcia compoz em seu obsequio muitos epigrammas.

Entre as virtudes, que cultivou com mayor perfeição além das relatadas, foy a summa comiserção para com os pobres de que deo manifesto argumento quando padecendo os vizinhos do Convento do Bouro, onde dictava Filosofia no anno de 1613. huma lastimosa fome, para acudir a tão extrema necessidade sahio com faculdade do Prelado a pedir esmolas a algumas pessoas, chegando a privarse do alimento, que lhe era preciso para sustentar a muitos que estavam quasi agonizando. Nunca recebeu o ordenado do lugar de Chronista mór, mas o entregava a hum Religioso seu confidente para lhe dar alguma parte quando necessitasse, e o restante mandava dar aos pobres. Cheyo de obras meritorias foy alcançar o premio delas na eternidade a 27. de Novembro de 1637. quando contava 62. annos 7. mezes, e dous dias de idade com 38. de Religião. Alguns prodigios succederão depois da sua morte, com que o Ceo quiz testemunhar a sua virtude. O seu Retrato pintado ao natural está no Real Convento de Alcobça onde passou a melhor vida.

D. Fr. ANTONIO BRANDAM sobrinho do precedente, e irmão de Fr. Francisco Brandaõ Chronista mór do Reyno, de

quem faremos memoria em seu lugar. Naceo na Villa de Alcobça, e seguindo o exemplo destes dous insignes varoens quiz unirse a elles com outro mais illustre vinculo, do que lhe dera a natureza, qual foy o da Religião recebendo o habito Monachal de S. Bernardo no Real Convento da sua patria em o 1. de Fevereiro de 1637. quando contava 17. annos. Não fomentou os imitou nas virtudes, mas nas sciencias em que foy eminente, pelas quaes o admitio entre os seus Doutores a. Universidade de Coimbra. A sua grande prudencia o fez capaz de administrar com zelo os mayores lugares da sua Congregaõ Cisterciense sendo Procurador Geral, Abbade do Convento do Desterro, e Geral, eleito no anno de 1672. Ainda não tinha acabado este governo quando a Magestade delRey D. Pedro II. o julgou digno de outro mayor nomeando-o Arcebispo de Goa, aonde chegou a 24. de Setembro de 1675. Não fomentou administrou este Estado, espiritual, mas politicamente substituindo o lugar do Viceroy com grande credito da sua prudencia. Zelosamente defendeo a sua jurisdicção contra os impugnadores della. Em todo o Oriente foy lamentada a sua morte succedida a 6. de Julho de 1678. cujo cadaver foy sepultado na Cathedral com este epitafio.

Sepultura do Doutor Fr. Antonio Brandaõ Abbade Geral que foy da Ordem Cisterciense, Es-moler mór de Sua Alteza, e XIII. Arcebispo de Goa, Primaz da India; chegou a esta Cidade em 24. de Setembro de 1675. depois de 23. annos de Sê de Vacante; tomou posse em 9. de Outubro, e faleceo aos 6. de Julho de 1678. sendo Governador deste Estado em que contava de sua idade 57. annos, 7. mezes, 16. dias.

No tempo do seu Generalato renovou a solemnidade, e culto do Laufperenne no Real Convento de Alcobça a 21. de Novembro de 1672. o qual se continua incessantemente por dez Monges de dia, e de noite, a que chamaõ Decanias substituindo a estes outros dez, quando acabaõ huma Hora do Coro, enchendo por esta repartição quarenta Monges deputados para este louvavel ministerio as horas, que restaõ do Coro Conventual. Para direcção deste Sagrado exercicio compoz juntamente com seu Sobrinho Fr. Paulo Brandaõ.

Regimento das Decanias do Lausperene, que se observa em Alcobaça. fol. 6. tom. que se conferuão M. S. no Cartorio do mesmo Convento.

*Regimentos, pelos quaes se deve governar cada hum dos Officiaes do Convento de Alcobaça. fol. M. S. Guardaõ-se no mesmo Convento. Deste Prelado fazem memoria Costa Corog. Portug. Tom. 3. Trat. 3. cap. 6. pag. 130. o Padre Fr. Manoel dos Santos Chronist. do Reyno, e Academico Supranumer. da Academia Real na *Alcob. Illustrad.* Part. 1. pag. 559. e o P. D. Antonio Caet. de Souf. no *Cathalog. dos Arceb. de Goa.**

Fr. ANTONIO BRAVO natural de Braga, e professo na Religião dos Frades Menores Conventuaes. No tempo que assistia em Roma, sabendo que no anno de 1570. se tinha transferido o Convento de S. Payo Martyr distante tres legoas da nobre Villa de Caminha na Provincia do Minho dos Claustraes seus Companheiros para os Observantes, e que estes pela aspereza do sitio o tinhaõ defamparado se resolveo com faculdade de Gregorio XIII. ou fosse por ter nelle professado, ou pelo grande affecto com que venerava o seu Tutelar a fazer nelle seu domicilio com outros companheiros. Voltando a Portugal no anno de 1573. para executar taõ piedoso intento achou de tal forte arruinado o Convento que mais parecia curral de gado, que Casa de Oraçaõ, e assim perdendo as esperanças da sua restauraçãõ se determinou defamparar aquella sitio. Porém Deos que queria fosse habitada a sua Casa, o advertio por huma grave enfermidade, que o reduzio a o ultimo termo da vida para que proseguisse a reedificaçaõ do Convento, e lembrando-se em taõ fatal perigo do Patrono delle, qual era S. Payo, lhe prometeo que livrando-o daquella mortal enfermidade repararia promptamente o Convento. A esta promessa correpondeo instantaneamente a faude, por cujo singular beneficio começou sem demora a nova reedificaçaõ concorrendo para a sua fabrica com largas esmolas os povos circumvezinhos, a que dava mayor augmento a copia de milagres, que obrava o seu Tutelar. Edificada a Igreja, e Convento com aquella architectura propria do Instituto Se-

rafico nelle habitou até a morte, que succedeo no anno de 1588. ou 1589. Escreveo.

Dos milagres de S. Payo obrados no seu Convento desde o anno de 1557. até 1586. entre os quaes se numerãõ mais de cento, e outenta approvados com authoridade do Ordinario.

Do Author, e da obra faz memoria Fr. Manoel da Esperança *Hist. Seraf. da Prov. de Portug.* Part. 2. liv. 10. cap. 35. n. 3. 4. e 5.

ANTONIO DE BRITO CORREA natural da Villa de Cascaes situada na Foz do Tejo, Criado do Serenissimo Duque de Bragança, D. Theodosio 2. Militou pelo espaço de trinta annos assim na terra como no mar com grande credito do seu valor, e naõ menor estrago dos inimigos da Coroa. Sendo no anno de 1625. Alferes de huma Companhia escreveu em Villa viziosa.

Colloquio entre dous Compadres sobre a materia do Sargento mór, e outras cousas tocantes, e necessarias ao bem commum. Dedicada ao Excellentissimo Senhor D. Affonso Furtado de Mendoza Arcebispo de Lisboa, e Governador deste Reyno de Portugal fol. M. S. Conserva-se na Livraria do Excellentissimo Marquez de Valença.

Noticia dos portos, enseadas, baixos necessaria para aquelles, que navegaõ do Porto de Lisboa até o Promontorio Sacro, e outras partes da Europa. 4. Desta obra faz mençaõ a Bib. Geog. de Antonio de Leaõ novamente acrescentada Tom. 3. Titul. unico col. 1722.

Colloquio entre dous Caminhantes hum Soldado, e outro bombardeiro acerca das regras, que se devem observar para se disparar scientificamente a Artilharia.

Estas duas obras dedicadas ao Duque D. Theodosio estaõ em 2. Tom. de 4. M. S. na *Bib. Real.*

ANTONIO CABEDO natural de Setubal, illustre ramo da antiga, e igualmente douta Familia dos Cabedos, filho de Miguel de Cabedo Fidalgo da Casa Real, e Vereador em Lisboa, de quem em seu lugar faremos mençaõ, e de D. Leonor Pinheira de Vasconcellos filha de Gonçalo Mendes de Vasconcellos descendente

dos Senhores do Morgado de Esporão. Foy ornado de tão feliz engenho, como catholico coração. Desde a primeira infancia amando o que era serio, e aborrecendo o que era pueril, se dedicou com grande inclinação a illustrar o espirito com virtudes, e o entendimento com a amenidade das letras humanas, e noticia das linguas Grega, e Romana lendo com summa applicação os Authores mais celebres destes dous famosos idiomas, e depositando na memoria as sentenças mais agudas, que nelles descubria o seu indefesso estudo pelo qual conseguio exceder a todos os seus contemporaneos ou fosse orando, ou poetizando na facundia, e sublimidade das expressões, sendo particularmente insigne na Poesia heroica, na qual era fiel imitador do magestofo estilo de Estacio. Depois de receber na Universidade de Coimbra as insignias doutoraes em Direito Canonico, em que era muito perito se dedicou a Deos no Estado Clerical, de que lhe não consentio a morte largo exercicio arrebatando-o intempestivamente na florente idade de 25. annos na sua patria com geral sentimento não sómente dos seus patricios, mas de todos os Academicos Conimbricenses. Os mayores cultores das Musas lamentarão com discretas vozes a sua falta sendo o mais diffuso Ignacio de Moraes em huma elegante elegia, da qual refiriremos alguma parte.

Supremam ergo diem Antoni doctissime obisti

Persecuitque annos Parca severa tuos:

Et vix permisit primam excessisse juventam

Laudique invidit nominis illa tui.

Atque hoc illud erat, quod tanto ardore cupisti

Dulcia materni visere tecta poli.

De grege paucorum fueras quibus inclyta virtus

Ipsa sui est pretium, gloriaque ipsa sui.

Nulla tibi ambitio, nullum captare solebas

Plausum, sed gratá delituisse domo,

Felix si plures annos tibi fata dedissent,

Inscereturque tuas alba senecta comas.

Tollere pennigeris nuper te caper at alis,

Fatusque ingenii fama probare tui.

Nam tua secundos stillabant verba liquores

Libera seu fluerent, sive ligata pede.

Acaba.

Fundantur tumulo sacri cum thure liquores,

Quasq̃ Arabum messes mittit odoros ager

Hos cineres vellent violaque, rosaque rubentes,

Viventi fuerat qualis in ore color.

Antoni funus plorant lacrymabile Musa,

Una sed imprimis Calliopæ dolet.

Alguns dos seus Versos sahiraõ impresos Romæ apud Bernardum Bassam 1587.

8. juntamente cum *Andræ Resendij Antiquit. Lusit.* lib. 4. os quaes estaõ desde pag. 515. até 576. Sendo os principaes.

Joannis Lusitaniæ Principis Joannis III. Regis filii Epicedium, que começa.

Unde repentino tacuerunt gaudia luctu

Irrepique comis funesta cupressus, & albam

Mastificis hæderam video concedere taxis?

Epicedium in milites ad Septam occisos.

Descripção da Casa de Prazer edificada junto a Viseu por seu Tio D. Rodrigo Pimheiro Bispo desta Cidade para recreação dos seus successores. Principia.

Hortorū, nemorumque potens Pomana beatas

Quæ dudum has sedes, & læta vireta, relicta

Incolis Ausonia; vosque ó quæ rore perenni

Jugera proluitis viva de rupe Napæ;

Tuque adeo Regina Venus, mitissima frugum

Atque hominum sæcunda parens &c.

Poema *Labor omnia vincit*

Ad prosperam valetudinem

Ad Campegium S. R. E. in Lusitania

Legatum Bononiensem Episcopum.

Emmanueli Cabedio Charissimo, et amantissimo Fratri.

Ad Cetobicam Patriam suam.

Ad Sanctissimam Virginem MARIAM Rosarii.

João Soares de Brito in *Theatr. Lusit. Litter.* let. A. n. 56. lhe chama *Poetam non penitentem.*

Fr. ANTONIO DE S. CAETANO. Naceo na Villa de Santarem a 13. de Junho de 1683. e teve por Pays a Vicente Luiz Cordeiro, e a Izabel Ribeira Cardoso. Entrou na Ordem dos Conegos Regrantes de Santo Agostinho da Congregação de Santa Cruz de Coimbra, donde anhelando a vida mais austera abraçou o penitente Instituto de S. Francisco na Provincia de Portugal. Sendo muito versado na lição dos Poetas, e naturalmente propenso para esta arte, nella tem até o presente publicado as seguintes obras em que mostra o espirito da sua Musa.

Felices vivas, e ditosos parabens com que o affecto Lusitano applaude a felicissima vinda da Serenissima Rainha Nossa Senhora D. Mariana de Austria. Lisboa por Manoel, e Jozé Lopes Ferreira 1708. 4. Consta de huma larga Sylva.

A Imagem do Sol felizmente nacido na mayor das esferas Lusitanas, e obsequiosamente celebrado na melhor parte do mundo construida no venturoso, e regio nacimiento do muito alto, e Serenissimo Principe herdeiro, e successor dos Reynos de Portugal segundo genito das Magestades de D. João o V. no nome, e nas virtudes primeiro, e de D. Mariana de Austria. Lisboa por Antonio Pedrofo Galraõ 1712. 4. He huma larga Sylva.

Apografia Metrica, e triumphal narraçaõ do Plausivel apparatus, que a illustre Familia Carmelitana magestosamente consagrou ao maximo dos Sacramentos na sua translaçaõ para o Sumptuoço Templo, que à Senhora do Monte do Carmo generosamente se erigio na muito nobre, e sempre leal Villa de Santarem a 8. de Setembro de 1708. Lisboa por Manoel, e Jozé Lopes Ferreira 1708. 4. Consta de varias Sylvas, e 35. Outavas.

Breve Compendio da vida, e Martyrio dos cinco gloriosos Martyres de Marrocos da Sagrada Religiaõ de S. Francisco com hum modo de orar no triduo da sua Festa, que se celebra no Real Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra a 14. de Janeiro. Coimbra por Bento Seco Ferreira. 1711. 24.

FR. ANTONIO CAETANO DE S. BOAVENTURA Naceo em Lisboa, e foy filho de Domingos de Faria, e Maria Ferreira. Tendo na patria aprendidas, as letras humanas professou o penitente habito dos Menores no Real Convento desta Corte, e depois de estudar as subtilezas Filosoficas, e Theologicas da sua Escola com admiraçaõ dos Mestres, as dictou com geral applauso pelo espaço de 15. annos sendo venerado por hum dos mayores Theologos do seu tempo. He igualmente versado em ambos os Direitos, como na Theologia Moral, naõ sendo menos applaudido o seu talento no Pulpito, que na Cadeira. Exercitou com grande credito da sua prudencia os lugares de Guardiaõ do Collegio novo

de S. Boaventura da Universidade de Coimbra, do Convento de S. Francisco da Cidade, e de Confessor das Religiofas do Convento da Esperança de Lisboa. Sendo Custodio da Provincia assistio no Capitulo Geral celebrado em Roma no anno de 1723. onde deo claros argumentos das grandes letras, de que saõ frutos as obras seguintes.

Sermaõ nas Exequias do Duque do Cadaval D. Nuno Alvares Pereira de Mello prégadas na Igreja de S. Francisco de Lisboa em 20. de Fevereiro de 1727. Sahio impresso nas *Ultimas Açoens do mesmo Duque* Lisboa na Officina da Musica 1730. fol. grande desde pag. 175. até 187. e Coimbra por Bento Ferreira Seco 1727. 4.

Constitutio Benedictina explanata, sive dilucida pro Regularibus instructio, Minoribus scilicet de Observantia, et Reformatis, aliisque cujuscumque Congregationis Reverendissimo Patri Ministro Generali juxta Regulam, Sanctionesque Apostolicas subjctis. Ulyssipone apud Michaellem Rodrigues. 1732. fol.

Examem Regulare pro Confessariis Fratrum Minorum instruendis. Ulyssipone ex Officina Congregat. Oratorij 1736. fol.

Cursus Philosophicus. fol. M. S.

Methodica explanatio in Primum lib. Sententiar. fol. M. S.

Singularissima devoçaõ Consagrada a Maria Santissima na sua Coroa. Origem, e principio desta devoçaõ admiravel: modo de rezalla, e offerecella na contemplaçaõ dos Mystérios, que nella se contem. 4. M. S.

Itinerario Mystico de huma Alma para o Ceo pelo Caminho da Oraçaõ Christãa. 4. M. S.

D. ANTONIO CAETANO DE SOUSA Naceo em Lisboa a 30. de Mayo de 1674. sendo seus Pays Miguel de Soufa Ferreira, e Maria Crasbeeck descendentes de honrados progenitores. Na florente idade de dezeseis annos abraçou o Instituto dos Clerigos Regulares da Divina Providencia a 24. de Agosto de 1690. e fez a profissãõ solemne a 27. de Dezembro do anno seguinte. Acabada a carreira dos estudos Filosoficos, e Theologicos se dedicou com particular disvelo, e continua applicaçãõ à Historia Secular, e Ecclesiastica deste Reyno, de cuja liçaõ naceo o nobre intento de pro-

seguir, e completar a grande obra do Agiologio Lusitano, que emprendera o insigne Antiquario Jorge Cardozo, resuscitando com o seu indefesso trabalho as sepultadas memorias de muitos Santos, e Varoens justos da nossa Lusitania, que com as suas virtuosas acçoens illustraõ os dias dos seis mezes ultimos do anno, cuja obra exalta com merecidos elogios o Principe dos Genealogicos naõ sómente de Espanha, mas da Europa D. Luiz Salazar, e Castro nas *Glor. da Caf. Farnes* pag. 665. dizendo: *Continua con mucha utilidad el P. D. Antonio, y en sola una parte del dia 8. de Julio, que nos há permitido su amistad, acredita bien lo que su secunda erudicion se fatiga en perficionar aquel assumpto.* Sendo eleito Academico Real dos primeiros cincoenta, de que se formou este litterario corpo em quanto naõ desempenhava o argumento das Memorias dos Bispados ultramarinos que lhe foraõ cometidos à sua penna para naõ ser acusado de menos deligente, ideou, e felizmente conseguiu a Historia Genealogica da Casa Real Portugueza, para cujo estudo alèm de ser nelle muito versado, revolveo com escrupuloso exame, e grande investigaçã o Archivo Real, donde extrahio documentos solidos para estabelecer as suas opinioens, dos quaes grande parte tinha fugido à profunda indagaçã dos Britos, e Brandoens Chronistas geraes deste Reyno, e celebres Corifeos da sua Historia. Sendo Qualificador do Santo Officio, e Consultor da Bulla da Crusada tem por duas vezes exercitado o lugar de Preposito da Casa da Divina Providencia, em cujo governo sempre experimentarã os subditos a natural affabilidade, e grave prudencia, de que he fummamente ornado. Compoz.

Catalogo dos Bispos da Igreja do Funchal offerecido a Academia Real da Historia Portugueza na Conferencia de 31. de Julho de 1721. fol.

Catalogo dos Arcebispos da Bahia, e mais Bispos seus sufraganeos. fol. sahiraõ estes dous Cathalogos impressos na *Colleçã dos Documentos, Estatutos, e Memorias da Academia Real da Historia Portugueza do anno de 1721.* Lisboa por Paschoal da Sylva Impressor de Sua Magestade, e Academia Real 1721. fol.

Catalogos dos Arcebispos de Goa, Primazes do Oriente; dos Bispos de Cochim, Meliapor, China, Japaõ, Macao, Nankim, Malaca, Patriarchas de Etiopia, Arcebispos de Cranganor, e Serra. fol.

Catalogos dos Bispos das Igrejas de Cabo Verde, Saõ Thomè, e Angola. fol.

Catalogo dos Bispos da Igreja de S. Salvador da Cidade de Angra offerecido na Conferencia de 12. de Fevereiro de 1722.

Sahiraõ impressos estes Cathalogos no 2. Tomo da *Colleçã dos Documentos &c. da Academia Real do anno de 1722.* Lisboa por Paschoal da Sylva 1722. fol. Delles faz memoria a *Bib. Oriental* modernamente acrescentada Tom. 1. Tit. 8. col. 144.

Historia Genealogica da Casa Real Portugueza desde a sua Origem atè o prezente com as Familias illustres, que procedem dos Reys, e dos Serenissimos Duques de Bragança, justificada com instrumentos, e Escretores de inviolavel Fé Tom. 1. Lisboa por Jozé Antonio da Sylva Impressor da Academia Real 1735. 4-grande.

Tom. 2. Lisboa pelo dito Impressor 1736. 4-grande.

Tom. 3. Lisboa pelo dito Impressor 1737. 4-grande.

Tom. 4. Lisboa pelo dito Impressor 1738. 4-

Tom. 5. Lisboa na Officina Sylviana da Academia Real. 1738. 4.

Tom. 6. Lisboa Na mesma Officina 1739. 4.

Provas da Historia Genealogica da Casa Real Portugueza tiradas dos Instrumentos dos Archivos da Torre do Tombo, da Serenissima Casa de Bragança, de diversas Cathedraes, Mosteiros, e outros particulares deste Reyno Tom. 1. Lisboa Na Officina Sylviana da Academia Real. 1739. 4-grande. Entre os documentos historicos que contem este volume o mais estimavel pela sua antiguidade he o que se intitula.

Livro Velho das Linhages de Portugal escrito no Decimo Terceiro Seculo por Author, que se ignora, e publicado por D. Antonio Caetano de Sousa Clerigo Regular no anno de 1737. A o qual addicionou com algumas notas pela margem o insigne Antiquario Gaspar Alvares Louzada, e com outras o dito P. D. Antonio Caetano de Sousa, que vaõ distinctas com a letra ini-

cial, de L. e de S. Deste livro se tiraraõ alguns exemplares em papel grande.

Memorias Historicas, e Genealogicas dos Grandes de Portugal, que contem a Origem, e antiguidade de suas familias, os Estados, e os nomes dos que actualmente vivem, as alianças das suas Casas, os Escudos das Armas, que lhes competem. 8. Esta na Impressaõ.

Obras M. S. das quaes algumas estaõ já approvadas para a impressaõ.

Agiologio Lusitano dos Santos, e Varoens illustres em virtude do Reyno de Portugal, e suas Conquistas consagrado à Immaculada Conceição da Virgem Maria Senhora nossa Padroeira do Reyno Tom. 4. que comprehende os Mezes de Julho, e Agosto. Acabado em o anno de 1718. fol. M. S. Esta obra he allegada pelo P. D. Manoel Caetano de Soufa in *Exped. Hispan. S. Jacob.* Tom. 2. pag. 1303.

Memorias Sepulcraes que servem à Historia de Portugal. 4.

Memorias historicas do Bispado do Funchal Capital da Ilha da Madeira fol.

Historia Genealogica da Casa de Noronha, cuja primogenitura se conserva na do Marquez de Cascaes. M. S.

Monumentos de Portugal que comprehendẽ os Thezouros dos seis Mosteiros Reais, as sepulturas dos Reys, e Pessos Reais, e todas as cousas antigas pertencentes a obras Reais que se vem em diversas partes espalhadas pelo Reyno &c. M. S.

Destas duas obras, e outras Genealogicas promete o Author no *Apparat. da Hist. Gen. da Casa Real Portug.* pag. 229. e 230. publicallas, se a vida lhe durar para lhe pôr o ultimo complemento.

ANTONIO CAMELLO PESTANA igualmente douto na Filosofia, e Direito Pontificio de cuja faculdade era professor na Universidade de Coimbra, como elegante Poeta latino de que deo claro testemunho na obra seguinte.

In Laudem Sapientissimi D. Fr. Ludovici de Sà in solemnibus invictissimi Domini nostri Regis D. Joannis IV. acclamatione primipilares gratias agenti in hac alma Conimbricensi Academia Magistri Sacrae Theologiae dignissimi Ulyssipone apud Laurent. Crasbeeck 1641. 4.

He huma de que começa.

*Augusta Quarti gloria Principis
Phanice instar clara renascitur,
Exincta majestas theatrum
Posthabitis renovat sepulchris.*

ANTONIO DE S. CARLOS filho de Braz de Soufa Delgado, e Maria dos Santos Carneiro, natural da Cidade do Porto, onde foy admitido à illustre, e douta Congregaçaõ dos Conegos Seculares do Evangelista. Passou a Coimbra, onde depois de aprender as sciencias mayores as leu no seu Collegio com applauso dos Academicos. Prégou com geral aceitaçaõ em os mais honorificos Pulpitos do Reyno, cujos Sermoens intitula *doutos, e engenbosos* o Chronista da sua Congregaçaõ no *Ceo Aberto* liv. 2. cap. 50. pag. 531. Morreo no Convento de S. Bento de Enxobregas a 9. de Mayo de 1704. Imprimio.

Sermaõ das lagrimas de S. Pedro prégado na Misericordia de Coimbra. Coimbra por Manoel Dias 1697. 4.

Sermaõ de N. Senhora do Valle em o Real Convento de Santo Eloy prégado em 8. de Setembro de 1681. Lisboa por Antonio Crasbeeck de Mello. 1682. 4.

Sermaõ de N. Senhora do Valle no Convento de Santo Eloy em dia da Natividade da mesma Senhora. Lisboa na Officina Crasbeeckiana 1685. 4.

Sermaõ de N. Senhora do Desterro prégado no seu Convento de Lisboa no ultimo dia do Triduo, que a Fidalguia Portugueza faz todos os annos, em loizor da Senhora. Lisboa por Antonio Crasbeeck de Mello 1683. 4.

Sermaõ de S. Roque prégado na Capella Real. Lisboa pelo mesmo Impref. 1685. 4.

ANTONIO CARDOSO DO AMARAL natural da Villa de Ruyvães do Bispado de Lamego, Presbytero igualmente pio, e douto Professor dos Sagrados Canones, e Reytor da Igreja de S. Lourenço da Villa de Santarem, da qual tomou posse em o anno de 1598. e depois de a administrar com zelo pastoral a renunciou em o anno de 1614. Para instruir aos Juizes, Advogados, e Confessores com as opinioens mais provaveis de hum, e outro Direito, e da Theologia Moral publicou digesta por ordem alphabetica.

Summa seu praxis judicium, et advocatorum à Sacris Canonibus deducta, et ipsismet conformata. Ulyssipone apud Ant. Alvares 1610. fol. Conimbricæ apud Josephum Ferreira. 1695. fol. e ultimamente adicionada por Fr. Jozé Leytaõ Telles Lente de Vespera de Canones na Universidade de Coimbra, Conego da Guarda, e Deputado do Santo Officio. Conimbricæ apud Viduam Antonij Simoens Univerf. Typog. 1729. fol. 1. Tom. e o 2. ibi apud Franciscum de Oliveira Univerf. Typog. 1732. fol.

Devocionario da Virgem Senhora Nossa. Socorro das almas do Purgatorio Lisboa 1627. 24.

Delle escreve Nicol. Ant. in *Bib. Hisp.* Tom. 1. pag. 85. Joan. Soar. de Brit. in *Theat. Lusit. Liter.* lit. A. n. 57. Illustrissimo Cunha in *Prim. Part. Decret.* e Marangoni in *Thezaur. Paroch.* Tom. 2. lib. 3. cap. 1. n. 83. D. Francisco Manoel na *Carta dos Authores Portuguezes* que he a 1. da 4. Centuria das suas Cartas.

ANTONIO CARDOSO DE CARVALHO. veja-se o P. ANTONIO DOS REYS.

ANTONIO CARNEIRO natural da Villa da Fronteira da Provincia do Alentejo. Passou a Flandes no anno de 1585. onde foy Vedor dos Exercitos delRey de Castella. Para não passar ocioso o tempo que lhe sobejava deste ministerio, o occupava em se informar dos successos mais notaveis, que aconteceraõ nas Campanhas, em que batalharaõ os Hespanhoes contra os Olandezes, e Francezes desde o anno de 1559. até 1609. sendo de muitos testemunya ocular. Depois de ter junto com summa indagação as noticias mais verdadeiras as reduzio a methodo historico taõ claro, como elegante, e o dedicou a D. Izabel Clara Eugenia Princeza de Flandes com este titulo.

Historia de las guerras de Flandes desde el año 1559. hasta el de 1609. y las causas dela rebellion de dichos Estados. Bruxellas por Juan Meerbeque. 1625. fol. Em premio dos Servicos que tinha feito a ElRey Catholico o fez Cavalleiro da Ordem Militar de Calatrava, de cuja Ordem foy Procura-

dor. Naõ foy menos illustre historiador, que amenissimo Poeta, e como a tal o louva o grande Lope da Vega Carpio en el *Laurel de Apollo* Sylva 6. dizendo nesta forma.

D. Antonio Carnero

Es el signo primero.

En quien tambien Apollo reverbera

Al produzir la infante Primavera;

Y como con su aliento

Por su valor, y el humido elemento

En los campos vestidos de colores

Los zefiros aspiran tiernas flores,

Affi de dulces versos revestido

Es de sus campos Zefiro florido.

P. ANTONIO CARNEIRO chamado no Seculo Antonio Rodriguez Carneiro, filho de Francisco Rodrigues, e Maria de Saõ-Tiago. Naceo em Lisboa, onde foy admitido à Companhia de JESUS a 7. de Abril de 1676. Mayor foy o progresso que fez nas virtudes, do que nas sciencias, estudando com grande disvelo a perfeição Religiofa, em que sahio consummado, por cuja causa além de occupar os lugares de Reitor do Collegio da Ilha de S. Miguel, e Preposito das Casas professas de Villaviçosa, e de S. Roque, foy Mestre dos Noviços em Coimbra, e Lisboa creando com a sua virtuosa, e prudente direcção aquellas novas plantas para abundantemente frutificarem no Paraíso da Religião. A brandura do genio correspondeo à innocencia da vida, que piamente terminou em Lisboa na Casa professa de S. Roque no mez de Abril de 1737. com 75. annos de idade. Compoz.

Exercicios espirituales do grande Mestre de Espirito, e maravilhoso Patriarcha Santo Ignacio reduzidos a huma só Somana, e accomodados ao Estado, e vida Religiosa. Coimbra no Collegio das Artes da Companhia de Jesus. 1710. 8.

Santuario mental, em que pelas festas, e Santos de cada dia se propoem meditaçoens para todo o anno. Lisboa na Officina Real Defflandefiana 1714. 8.

Novena de Santo Ignacio Fundador da Companhia de JESUS. Lisboa por Antonio Pedrofo Galraõ. 1719. 8.

Novena de Santo Stanislao Noviço da Companhia de Jesus Lisboa por Mathias Pereira da Sylva, e Joaõ Antunes Pedrozo 1720. 12.

Arte de orar abbreviada, e acomodada à instrução com que se criaõ os Noviços da Companhia de JESUS. Lisboa pelos ditos Impressores 1721. 12.

Novena do Natal, ou preparação devota para festejar espiritualmente o Nascimento do Menino Deos. Lisboa na Officina da Musica. 1726. 8.

Meditações da Payxão de JESUS Christo Nosso Redemptor. Lisboa por Miguel Rodrigues. 1729. 12.

Delle fazem breve memoria o P. Franc. na *Imag. da Virtud. do Noviciad. de Lisboa* pag. 965. e o P. D. Manoel Caet. de Souf. in *Exped. Hisp. Apostol. S. Jacob.* Tom. 2. pag. 1303.

ANTONIO CARREIRA insigne professor de Musica, e Mestre da Real Capella dos Serenissimos Monarchas D. Sebastião, e D. Henrique. Compoz varias obras como escreve Pedro Thalesio na sua *Arte de Canto Chão* cap. 36. fol. 63. mais agradaveis aos ouvidos daquelle tempo, que do presente, as quaes deixou para se imprimirem a seu filho Fr. Antonio Carreira Eremita de Santo Agostinho semelhante ao Pay na destreza, e suavidade da Musica, porém como morresse no contagio que no anno de 1599. devastou grande parte de Lisboa, com a sua falta também desapparecerão sendo as principaes

Duas lamentações da Semana Santa.

Motete *Circumdederunt me* a 6. vozes outro *Illumina oculos meos* a 6. as quaes se conservaõ na Bib. Real da Musica. Estante 36. n. 810. cujo Index sahio impresso Lisboa por Pedro Crasbeck. 1649. 4.

ANTONIO CARREIRA Sobrinho do precedente, e igualmente douto na Arte da Musica. Foy Mestre da Cathedral de Compostella, cujas obras como de grande Compositor as mandou guardar na sua famosa Bibliotheca da Musica o Serenissimo Rey D. João o IV. insigne Mecenas desta suavissima Arte, como se pode ver na 1. part. do Catalogo desta Bibliotheca assima allegado.

P. ANTONIO CARVALHO natural de Lisboa, e Filho de Diniz Jorge, e Francisca Nunes. Foy ornado de hum engenheiro capaz para todo o genero de Littera-

tura da qual deo copiosos frutos na Companhia de JESUS, cujo Instituto abraçou em Coimbra a 28. de Mayo de 1558. Não sómente admiraraõ nelle os seus domesticos a facilidade, e promptidaõ com que aprendeo na idade juvenil as sciencias humanas, mas quando na adulta profundamente penetrou as divinas dictando em Coimbra, e Evora os preceitos da Eloquencia resolvendo as mayores difficuldades da Filosofia, e Theologia, cuja faculdade leu por espaço de vinte annos na Universidade de Evora, onde foy laureado Doutor. Não mereceo menor applauso no Pulpito por ser hum dos celebres Prégadores do seu tempo chegando em huma occasião a ter por seu ouvinte, e admirador a Philippe II. Foy para Deos summamente pio, para com os domesticos affavel, para consigo cruel, e severo. Estando proximo á morte a 2. de Mayo de 1601. rendeo graças ao Altissimo por ter disposto que morresse no mesmo Collegio onde nacera para a Religião. Deixou prompts para a Impressão

Cõmentaria in Primam secundæ D. Thomæ. fol.

Commentaria in secundam secundæ D. Thomæ fol. os quaes chama *præclaros* o Author da Bib. da Companhia p. 68. e se conservaõ no Collegio de Coimbra, e no de Evora.

Traçtatus de correptione fraterna.

Do qual sendo por juizo dos mayores Letrados o mais excellente, que compuzera, não teve noticia Nicol. Ant. in *Bib. Hisp.* e Sotuello na *Bib. Societ.* dizendo do Author *politioribus litteris apprime excultus, atque eloquentiæ arte ornatus.* Joan. Soar. de Brito in *Theatr. Lusit. Litter.* lit. A. n. 58. *Eboræ primæ cathedræ laudatissimus moderator, sed pietate, morumque sinceritate longe eminentior.* Fonc. *Evor. glorios.* p. 425. Franc. in *Ann. glor. S. J. in Lusit.* pag. 296. *Vir fuit litteris ornatissimus,* e no *Synops. Annal. S. J. in Lusit.* p. 177. *Vir consummatæ litteraturæ, nec minoris virtutis,* e na *Imag. do Nov. do Coll. de Coimb.* tom. 2. lib. 4. cap. 35. *doutissimo em letras humanas, e divinas.*

ANTONIO CARVALHO veja-se o P. Manoel Monteiro da Congregação do Oratorio.

ANTONIO CARVALHO DA COSTA Presbytero do Habito de S. Pedro, naceo em Lisboa, e foy bautizado a 3. de Mayo de 1650. na Real Igreja de N. Senhora da Conceição dos Freyres da Ordem Militar de Christo sendo filho de Antonio Carvalho, e Anna da Costa. Ainda que a natureza lhe deu corpo pequeno, e algum tão disforme, teve o espirito grande, e capaz para comprehender as sciencias, às quaes se applicou desde a primeira idade até a ultima com summo disvelo, e incansavel estudo sendo as suas mayores delicias as disciplinas Mathematicas, em que fez agigantados progressos investigando com profunda especulação os arcanos, que estavaõ occultos na Astronomia, Geometria, e Cosmografia, Hydografia, e mais especies em que se divide a grande sciencia da Mathematica. Querendo illustrar o Reyno de que era filho se arrojou a lançar os alicesses a huma machina que era insoportavel a hombros mais robustos que os seus, descrevendo topograficamente as Cidades, Villas, e Lugares de que elle se compoem; os Varoens famosos, que produzio; a fundação dos Conventos mais antigos, e celebres, os Cathalogs dos Bispos que floreceraõ nas suas Diocesens, além das antiguidades veneraveis, e prodigios da natureza com que se ennobrece. Para conseguir o fim de empreza tão gloriosa gastou o pouco cabedal que a fortuna sempre infausta aos eruditos com parca mão lhe concedeo, discurrendo pela mayor parte do Reyno para occultamente se instruir do que havia escrever, até que concludo o seu intento com mayor dispendio que permitiaõ as suas posses, e mayor trabalho que soffriaõ as suas forças publicou esta grande obra, a qual ainda que tenha alguns defeitos sempre he digno seu Author de immortal memoria como o julgaraõ o P. Antonio Franc. na Pref. ao Leytor do *Ann. glor. S. J. in Lusit. in sua Corografia Lusitana qua immortaliter meretur de nostra Natione*. Soufa no *Appar. à Hist. Gen. da Casa Real Portug.* p. 175. n. 224. *Trabalhou com muito disvelo, e curiosidade, de sorte que pela sua applicação merece honvor;* Lenglet du Fresnoy *Method. pour etudier l'Hist.* Tom. 4. art. 139. pag. 357. *Curieux, e instructif.* e o P. D. Manoel Caet. de Souf. in *Exp. Hist. Apost. S. Jacob. Maioris*. Tom. 2.

pag. 1303. Cheyo de annos, e falto de cabedacs acabou a vida com grande piedade na sua Patria a 27. de Novembro de 1715. e está sepultado no Claustro do Convento do Carmo de Lisboa cujo enterro lhe fez a Ordem Terceira como a Irmaõ pobre: *o que não admirará* (diz o P. Fr. Manoel de Sá nas *Memor. Hist. da Ord. do Carm. da Prov. de Portug.* Part. 1. liv. 2. cap. 16.) *quem ler esta noticia por sabido fado dos sujeitos grandes, e Portuguezes.* Compoz

Corografia Portugueza, e descripção Topografica do famoso Reyno de Portugal com as noticias das fundaçoes das Cidades, Villas, e Lugares, que contem, Varoens illustres, Geneologias das familias Nobres, fundaçoes de Conventos, Cathalogs dos Bispos, antiguidades, maravilhas da natureza, edificios, e outras curiosas observaões. Tom. 1. Lisboa por Valentim da Costa Deslandes Impressor de S. Magestade 1706. fol.

Tom. 2. Lisboa pelo dito Imp. 1708. fol.

Tom. 3. Lisboa na Officina Real Deflandesiana. 1712. fol.

Compendio Geografico dividido em tres Tratados 1. *da progeção das esferas em plano, construcção dos mappas universaes, e particulares, e fabrica das Cartas Hydographicas.* 2. *da Hydografia dos mares.* 3. *da descripção geografica das terras com varias proposições pertencentes a esta materia.* Lisboa por João Galraõ 1686. 4.

Via Astronomica 1. *P. dividida em dous tratados.* 1. *contem a fabrica do globo, e seus principaes uzos.* 2. *a Trigonometria plana, e espherica: varios problemas da Astronomia pertencentes à doutrina do primeiro movel, e á navegação.* Lisboa por Francisco Villela 1676. 4.

Via Astronomica 2. *P. distribuida em 4. tratados.* 1. *da Navegação.* 2. *das Estrelas.* 3. *dos Eclipses da Lua.* 4. *dos Eclipses do Sol.* Lisboa por Antonio Crasbeeck de Mello 1677. 4.

Astronomia Methodica comprehendida em tres tratados. O 1. *trata do Sol.* O 2. *da Lua.* O 3. *dos mais Planetas.* Lisboa por Francisco Villela. 1683. 4.

Compoz com outro nome

Prognosticos desde o anno 1684. até 1701. 8. Tinha prompto para o Prêlo

Tratado da redução Geometrica, e Esfera com outros Tratados Mathematicos M. S.

Corografia Insulana, ou noticia Topographica de todas as Ilhas fogueitas a Portugal. M. S.

ANTONIO CARVALHO DE PARADA filho de Antonio Carvalho, e de Margarida de Parada naceo na Villa do Sardoal do Bispado da Guarda em o anno de 1595. donde passando à Universidade de Coimbra depois de estudar com grande applicação a Sagrada Theologia, recebeu nella o grão de Doutor sendo igualmente douto em hum, e outro Direito. Foy ornado de singular prudencia, juizo agudo, vasta erudição, e noticia de maximas politicas, por cujos dotes era estimado das mayores Pelloas da Corte distinguindo-se entre todas o Illustriſſimo D. Miguel de Castro Arcebispo de Lisboa de quem pela assistencia que fazia no seu Palacio mereceo particular affecto. Como fosse taõ douto, como prudente o elegeo o Clero de Portugal por seu Procurador na Corte de Madrid para tratar na preferença delRey Catholico que naquelle tempo era Senhor desta Coroa, os mais importantes negocios pertencentes ao Estado Ecclesiastico donde foy summamente estimado. Possuyo lugares honorificos, e Beneficios rendosos como foraõ ser Prothonotario Apostolico, Arcipreste da Cathedral de Lisboa, Visitador por algumas vezes da sua Dioceſe, Prior da Igreja de Bucellas, e Guarda Mòr da Torre do Tombo. Como zeloso Pastor morreo entre as suas Ovelhas a 12. de Dezembro de 1655. e foy sepultado na Capella Mòr de Bucellas dedicada a N. Senhora da Purificação. He louvado por João Soar. de Brito in *Theatr. Lusit. Liter.* lit. A. n. 59. Marangoni *Thezaur. Paroch.* Tom. 2. lib. 3. n. 85. pag. 197. Cardoso *Agiol. Lusit.* Tom. 2. pag. 334. no Comment. de 27. de Março letr. F. e Nicol. Ant. in *Bib. Hisp.* tom. 1. pag. 85. Compoz.

Dialogos sobre a vida, e morte de Bartholomeu da Costa Thezoureiro Mòr de Lisboa. Lisboa por Pedro Crasbeeck. 1611. 4.

Justificação dos Portuguezes sobre a acção de libertarem seu Reyno da obediencia de Castella. Lisboa por Paulo Crasbeeck. 1643. 4.

Arte de Reynar. Bucellas por Paulo Crasbeeck 1644. fol. Em premio desta obra foy eleyto Guarda Mòr da Torre do Tom-

bo, da qual diz D. Francisco Manoel na Carta dos Authores Portuguezes escrita a Manoel da Fonseca Themudo, *que com grande razão se atreueo a ter os Reys por Discipulos na sua Arte de Reynar, livro digno de toda a estimação.*

Discurso politico fundado en la Doctrina de Christo Nuestro Señor, y de la Sagrada Escritura, si conviene al gobierno espirital de las almas, o al temporal de la Republica aprobarse el modo de predicar de reprehender a los Principes, y sus Ministros. Lisboa por Pedro Crasbeeck. 1627. 8. Nicolào Antonio notavelmente se equivocou fazendo Author deste discurso o Padre Antonio de Carvalho da Companhia de JESUS, de que assim se fez menção.

Discurso em que se propunha à Magestade delRey D. João o IV. que o Officio de Provedor que em muitas Cômarcas do Reyno se exercitava, ou devia ser reformado, ou extinto. M. S. Conserva-se na Bibliotheca Real.

P. ANTONIO DE CASTELLOBRANCO filho de Alvereanes Barreto, e D. Maria do Amaral naceo em Lisboa onde sendo de quinze annos abraçou o Instituto da Companhia em 12. de Março de 1571. e desprezando a nobreza do seu nascimento, e sómente aspirando à perfeição Religiosa foy venerado por hum dos mais observantes Professores do seu instituto. A suavidade do genio, e a innocencia da vida o fazião universalmente amado. Foy Preposito da Casa Professa de Villa-Viçosa, Reytor dos Collegios de Braga, e Lisboa, Procurador da Provincia ao Capitulo celebrado em Roma no anno de 1619. e em todos estes ministerios descubrio grande prudencia, e não menor affabilidade. Dictou Theologia Moral, e Mathematica em cujas faculdades era muito versado. Sempre affirmou, que havia de morrer repentinamente, para cujo golpe estava continuamente preparado, até que acõmetido de hum accidente apoplectico, o privou da vida em 8. de Setembro de 1643. na provecsta idade de 87. annos. No Collegio de Evora se conservaõ escritos por sua maõ.

Traçtatus de privileijs, que tempore interdicti valida sunt. fol.

De Cosmothecia lib. 2. fol.

De Astronomia lib. 3. fol. Delle faz memoria Franco na Imag. do Nov. de Lisboa liv. 2. cap. 14. e no Synopf. Annal. S. J. in Lusit. pag. 286. §. 11.

ANTONIO DE CASTILHO natural da Villa de Thomar, e filho de Joaõ de Castilho Cavalleiro da Ordem Militar de Christo, e hum dos mais famosos Arquitectos da sua idade, de que seraõ ainda que mudos, eternos pregoeiros os marmores dos celebres Templos de Thomar, e Belem, que desenhou, cabeça hum dos Religiosos da Ordem Militar de Christo, e outro dos de S. Jeronymo nos suburbios de Lisboa, como taõbẽ a fortissima Praça de Mafagaõ, e de sua mulher Felicia da Neyva. Do sublime engenho do Pay não degenerou o filho pois recebendo beneficentemente da natureza comprehensãõ prompta, juizo agudo, e feliz memoria se applicou a cultivar as flores da Oratoria, e da Poetica, e a sondar as mais reconditas difficuldades da Jurisprudencia em a Universidade de Coimbra com tanta gloria do seu nome como admiração de todos os Academicos sendo por esta causa dos primeiros Collegias do Collegio Real de S. Paulo onde foy admitido em 2. de Mayo de 1563. como escreveu Cabedo de *Patron. cap. 48.* e D. Nicol. de Santa Maria na *Chron. dos Coneg. Regrant. de S. Agost. liv. 10. cap. 15. n. 8.* Depois de ter illustrado a Universidade com o seu magisterio passou a ennobrecer a Casa da Suplicação a 21. de Novembro de 1566. sendo sempre a Justiça o Norte por onde regulava as suas doutes deliberações de que procedia o universal respeito com que era venerada a sua incomparavel inteireza. Por estes grandes dotes foy Cavalleiro da Ordem de Aviz, Alcayde mór, e Commendador de Mora, Embaixador à Corte de Inglaterra cujo ministerio exercitou com tanta prudencia, que voltando para o Reino instruido nas linguas mais polidas da Europa sendo por testemunho do celebre antiquario Manoel Severim de Faria no Prologo às Noticias de Portugal o mais puro, e elegante na Portugueza que elle conheceu, foy nomeado Guarda mór da Torre do Tombo, e Chronista mór do Reyno em cujo lugar substituhio a Damiaõ de Goes para escrever a Historia Geral do Reyno no es-

tilo de Tacito, de que era observantissimo imitador, cuja obra dezejava já ler seu grande amigo o insigne Poeta o Doutor Antonio Ferreira escrevendolhe no segundo livro das suas Cartas a sexta nesta forma:

Quando serà, que eu veja a clara historia

Do nome Portuguez de ti entoada

Que vença da alta Roma a gram memoria?

Além das virtudes de que era ornado foy taõ amante da gloria alcançada pelo merecimento, como inimigo acerrimo do ocio. Teve grande comunicação com os varoens mais eruditos da sua idade de que he prova evidente o affecto com que lhe escrevia Diogo Mendes de Vasconcellos in *Poemat. de suo ex Ebora discessu:*

O' mihi Thesæo junctissima pectora nodo

Pectora Cecropiæ studiis addicta Minerva

Optime Castilli.

E Diogo Bernardes na Carta 14. do seu Lima, em que lhe responde.

Já com muita razão Castilho pede

Que quebre este silencio, hum amor puro

O qual esta licença me concede.

Foy casado com D. Luiza Coutinha filha de D. Antonio Coutinho, e D. Ignacia de Lima, de quem teve numerosa descendencia, que hoje ainda permanece alliada com as primeiras Casas deste Reyno. Escreveo.

Commentario do Cerco de Goa, e Chaul no anno de 1570. Lisboa por Antonio Gonçalves 1573. 8. et ibi. na Officina Joaquiniana da Musica. 1736. 4. de cuja obra como do Author se lembraõ Antonio de Leaõ na *Bib. Orient. Titul. 3.* e meu Irmaõ D. Jozé Barbosa no *Archiath. Lusit. pag. 15.* com estas metricas vozes.

Proferet illa vetus Castilho Nabantia, Goæ Aggere, qui cinctas arces simul atque Ciauli Conscribet, partosque immani ex hoste triumphos. Archivo præfectus erit quod publica servat Scripta, Britannorum accedet Legatus ad Aulam.

Elogio delRey D. Joaõ de Portugal, Terceiro do nome. Lisboa na Officina Crasbeeckiana 1655. fol. Sahio com as *Noticias de Portug.* compostas por Manoel Severim de Faria desde pag. 291. até 305.

Chronica delRey D. Joaõ o III. cujo principio era: *Prometeo Antonio Pinheiro Bispo de Leyria escrever as cousas, que su-*

cederão em Portugal na paz, e na guerra no tempo del Rey D. Joaõ o III. que depois lhe fizeraõ outros cuidados mudar o Concelho. Introduz o Author esta Chronica pela fundação, e nome de Portugal, e seus primeiros Reys até summariamente chegar ao Reynado del Rey D. Joaõ o III. O Licenciado Francisco Galvão na sua *Bib. Lusit. M. S.* affirma, como eu nella li, que tinha visto quinze folhas desta Chronica, que chegava ao tempo das controversias que tiveraõ na India Pedro Mascarenhas, e Lopo Vaz de Sampayo.

Tratado do perfeito Secretario. O qual conservava em seu poder Diogo de Castilho filho do Author como escreveu Francisco Galvão na obra allegada.

Fr. ANTONIO DE CEA. Naceo na Villa de Mogadouro na Provincia de Tras dos montes de Pays nobres. Recebeo o habito Monachal de S. Bento no celebre Convento de Monferrate situado no Principado de Catalunha, onde teve por Mestre em o Noviciado ao virtuoso, e exemplar Varaõ Fr. Garcia de Cisneros, e de tal sorte o imitou, *que le miravan* (saõ palavras de Fr. Gregorio Argaz en *la Perla de Cataluña* cap. 116.) *como retrato suyo, y treslado de sus virtudes nõ teniendole por muerto, si nõ por vivo, pues le avia sacado muy semejante en las facciones del alma.* Depois de ter governado com grande obfervancia, e prudencia o famoso Convento de Santa Maria de Sopetran, foy eleito Abba de S. Bento o Real de Valhadolid, e General de toda a Congregação de Espanha no anno de 1574. cujo ministerio acabou em 1577. com igual fama do seu nome, como eterna laudade dos seus subditos. Escreveo.

Chronica do Convento de Monferrate em que tratava da sua fundação, progresso, e Varoens illustres, que nelle florecerão.

Do Author fazem honorifica menção Fr. Antonio Yepes *Chron. da Ord. de S. Bẽto* Tom. 4. Cent. 5. cap. 4. fol. 246. v.º chamando-lhe *hombre muy docto, y muy buen Predicador*, e Fr. Francisco de Berganza *Antiguid. de Espan.* Tom. 2. liv. 8. cap. 9. n. 75. e Soufa. *Flor. de España* liv. 23. Excel. 3.

ANTONIO CERQUEIRA PINTO
Cidadaõ do Porto naceo a 13. de Junho de

1679, e foy bautizado na Freguezia de S. Miguel de Borba de Godim do Conselho de Baſto que está proxima à Villa de Amarante na Provincia de Entre Douro, e Minho. Teve por Pays ao Capitaõ Antonio Cerqueira Pinto, e Angela de Saõ Boaventura. De poucos annos passou para a Cidade do Porto, onde foy cuidadosamente educado, e depois de ter aprendido a lingua Latina, letras humanas, e Poesia em que sahio muito perito estudou Filosofia quatro annos, e dous Theologia com grande fruto da sua applicação. Instruido com estas faculdades inspirado pelo genio começou a examinar as antiguidades historicas do nosso Reyno em que fez insignes progressos a sua laboriosa indagação, já conferindo a Chronologia antiga com a moderna; já interpretando subtilmente as authoridades dos Escriitores, que confusamente fallaraõ da Lusitania; já animando com espiritos novos a muitos monumentos que jaziaõ cadaveres nas urnas dos Archivos; já descubriendo com generosa liberalidade os preciosos thezouros da Antiguidade occultos mais por inercia, que avareza aos olhos do mundo litterario, observando sempre por Norte a verdade sem preoccupação de algum affecto que fizesse menos solidas as suas opinioens. Por taõ incansavel e profundo estudo mereceo ser consultado como Oraculo por muitos Academicos da Academia Real, sobre a intelligencia de varios pontos controversos, em a nossa Historia, recebendo da sua resolução luzes com que dissiparaõ as sombras em que confusamente fluctuavaõ. Em remuneração do disvelo com que tinha servido a Academia Real foy eleito seu Collega supranumerario, cujo talento, e affavel genio por competir com a sua grande modestia nos embarga a que mais difusamente se descreva a sublime sciencia que professa da Historia Ecclesiastica, e Secular, quando com mais elegante estilo a tem publicado o P. D. Manoel Caetano de Soufa no Catalog. Histor. dos Bispos Portug. pag. 193. dizendo ser *eruditissimo investigador das Antiguidades do Porto, e versadissimo em todas as letras assim Divinas, como humanas.* e mais largamente in *Expedit. Hispan. S.* Jacob. Apostol. Tom. 2. pag. 1553. *sed nunquam satis laudari potest vir, qui etiam gravif-*

simis occupationibus districtissimus non cessat laborare pro gloria Lusitaniæ illustrando sacras, et prophanas hujus Regni Antiquitates, de quibus tot scripsit Dissertationes, ut justum volumen possint complere. In iis ostendit vastissimam eruditionem, et acerrimum judicium, sedulamque Criticam: prætereo virum esse Philosophicis, Theologicis, Juridicisque studiis instructum, et Poeseos tam latinæ, quàm vulgaris elegantia præstantissimum (et quod caput est, vir est humanissimus, ita ut videatur natus ad de omnibus bene merendum. Compoz.

Historia da prodigiosa Imagem de Christo Crucificado, que com o titulo do Bom JESUS de Bouças se venera no lugar de Matozinhos na Lusitania em que se referem notaveis Antiquidades deste Reyno. Lisboa por Antonio Izidoro da Fonseca 1737. 4.

Dous Sonetos ao Ballio de Lessa D. Fr. Felippe de Tavora, e Noronha. Lisboa por Paschoal da Sylva Impressor de sua Magestade 1716. 4. sahiraõ no Paneg. Funeiral. e outras Poesias, em obsequio do mesmo Ballio.

Relaçã dos Festivis applausos com que na Cidade do Porto se congratulãraõ os felices Despozorios dos Serenissimos Senhores D. Jozé Principe do Brasil, e a Senhora D. Maria Anna Victoria Infanta de Castella, e dos Serenissimos Senhores D. Fernando Principe das Asturias, e a Senhora D. Maria Barbara Infanta de Portugal. Lisboa na Officina da Musica 1728. 4. Sahio sem o seu nome.

Cathalogo dos Bispos do Porto composto pelo Illustrissimo D. Rodrigo da Cunha addicionado nesta segunda impressãõ com varias memorias Ecclesiasticas desta Diocese no discurso de onze seculos por Antonio Cerqueira Pinto Cidadãõ do Porto, e Academico supernumerario da Academia Real da Historia Portug. Porto 1739. fol.

Descripçã da feliz entrada que na Cidade do Porto fez o Illustrissimo, e Reverendissimo Senhor D. Thomaz de Almeyda Bispo Governador da mesma Cidade em 3. de Novembro de 1709. M. S. consta de 66. Outavas, de cuja obra, e seu Author se lembra com merecido louvor meu Irmaõ D. Jozé Barboza nas Mem. Hist. do Coleg. Real de S. Paul. pag. 373. dizendo. Pessoa

digna de toda a estimaçãõ pelos seus estudos, e pelas profundas, e vastissimas noticias das Antiquidades deste Reyno, em que he summamente verificado com douda, e exaltissima Critica.

Affectuoso Elogio dedicado ao Illustrissimo, e Reverendissimo Senhor D. Thomaz de Almeyda Bispo Governador do Porto. Consta de 66. Outavas Acrofticas pelas letras seguintes AMABILISSIMO SENHOR DOM THOMAZ DE ALMEYDA BISPO GOVERNADOR DA CIDADE DO PORTO. Com hum Romance em que se parafrazea o Te Deum Laudamus, que constava de 36. Coplas. M. S.

Poema em obsequio do Illustrissimo, e Reverendissimo Senhor. D. Thomaz de Almeyda quando foy assumpto ao eminente lugar de Patriarcha. M. S.

Dissertaçõs Historicas, que excedem o numero de 120. sobre varios pontos da nossa Historia em que foy consultado.

Fr. ANTONIO DAS CHAGAS Naceo na Cidade de Leyria, onde teve por Pays a Manoel de Crafo Familiar do Santo Officio, e a Antonia Antunes. Aos defete annos da sua idade se alistou no anno de 1615. na Sagrada milicia da Religiaõ Serafica da Provincia de Portugal, à qual servio de glorioso ornato ou fosse na Cadeira, ou no Pulpito. Ensinou aos seus domesticos Filosofia, e Theologia com tanta subtileza que nelle se vio reproduzido o espirito de seu Mestre de tal forte que era chamado por antonomasia o *Escoto* como affirmaõ Antonio de Sousa de Macedo no seu livro *Eva, e Ave* Part. 2. cap. 15. n. 27. e Fr. Fernando da Soled. *Hist. Seraf. da Prov. de Portug.* Part. 3. liv. 1. cap. 21. n. 135. dizendo *o qual serà padraõ eterno da sua fama* e na Part. 5. liv. 4. cap. 1. n. 890. *merecedor do titulo que tinha de Escoto por suas letras, e não menos da Fama que logrou neste Reyno de Prégador insigne.* Não teve menor especulaçãõ para os Mysterios mais profundos da Sagrada Escriitura explicando-os com tal novidade e agudeza que arrebatava aos ouvintes das suas declamaçoens Evangelicas. Sendo já Mestre jubilado governou varios Conventos, donde subio a ser Provincial a 27. de Outubro de 1641. Examinador das tres

Ordens Militares, e Qualificador do Santo Officio. No Convento onde principiou a vida Religiosa terminou a natural em 24. de Dezembro de 1655. Compoz.

Sermão nas solemnes festas, e procissão de graças, que fez a Cidade de Coimbra pelo Nascimento do Augustissimo Principe Nosso Senhor na Santa Se de Coimbra 5. feira 27. de Dezembro de 1629. Coimbra por Diogo Gomez Loureiro 1630. 4.

Sermão da Dominga da Septuagesima 27. de Janeiro de 1641. primeiro dia deputado para as Cortes deste Reyno as primeiras, que se celebrarão depois da sua feliz restauração na Capella Real. Lisboa por Jorge Rodriguez 1641. 4.

Sermão no Acto da Fé celebrado em Lisboa a 11. de Outubro de 1654. Lisboa na Officina Crasbeeckiana 1654. 4.

Desgraças de Saul, e Venturas de David. Esta obra com todas as licenças estava prompta para a impressão, e se conserva na Livraria do Convento de Lisboa.

In Jus Canonicum 2. Tom. Os quaes (como escreve Fr. Fernando da Soled. no lugar assima allegado) *estão hoje tão escondidos que delles não temos mais que a lembrança.* Delle a fazem Fr. Joan. à D. Anton. in *Bib. Francisc.* Tom. 1. pag. 123. e o referido Fr. Fernando da Soled. *Histor. Seraf.* Part. 5. liv. 4. cap. 1. n. 890.

V. Fr. ANTONIO DAS CHAGAS chamado no Seculo Antonio da Fonseca Soares naceo na Villa da Vidigueira da Provincia Transtagnana a 25. de Junho de 1631. sendo filho do Doutor Antonio Soares de Figueiroa da principal nobreza daquella Villa, o qual servio com grande desinteresse varias Judicaturas, e de D. Helena de Zuniga natural do Reyno de Hibernia que fugindo à perseguição dos hereges buscou por asilo a este Reyno. Aprendeo os primeiros rudimentos na Casa paterna donde passando a Evora se instruhio na lingua Latina, e Filosofia, em que faria mayores progressos o seu vivo engenho, se o genio que tinha para as Armas fora para as letras. Morto seu Pay em cujo obsequio seguira os estudos, preferio a palestra de Marte à de Minerva não sómente porque o estimulava a este genero de vida a sua natural inclinação, mas o amor da patria que estava in-

vadida pelas Armas de Castella, assentando praça de Soldado em Moura. Admitido a esta escola começou a proceder tão licenciadamente, que parece professara a vida militar para fazer guerra ao Ceo, e não aos inimigos da Patria, servindolhe de auxiliares para empreza tão sacrilega a verdura dos annos colligada com a viveza da discrição, e elegancia da Poesia com que atrahia os coraçoes, e dominava as vontades para tudo quanto lhe propunha a desordem dos seus appetites. Para evitar o castigo de hum homicidio que fizera, partio para a Bahia, onde com a mudança do clima não mudou da vida licenciada que exercitava, até que casualmente abrindo hum livro das obras do grande Varaõ Fr. Luiz de Granada se deixou de tal forte penetrar daquelles mudos caracteres, que conhecendo o miseravel abismo em que estava sumergido, começou a liquidar o coração pelos olhos prometendo com voto a Deos de logo se recolher na Religião Serafica, onde amargamente chorasse os criminosos insultos com que tantas vezes tinha provocado a divina indignação. Para dar cumprimento a este voto, voltou a Portugal, e como se as aguas do Oceano fossem as do Lethes se esqueceo totalmente do que a Deos votara, e continuou com mayor desenvoltura, e escandalo a profeguir o caminho da perdição; porém Deos que queria attrahir esta ovelha errada para conductora de tantas almas, o despertou do lethargo, em que jazia pelo estrondo de hum bacamarte, com que levemente o ferirão em Setubal, e pelas afflicções de huma infirmitade que molestando o corpo foy faudavel medicina para a alma. Não podendo resistir à efficacia destas exhortaçoes buscou com resolutio animo a Fr. Francisco de S. Paulo Provincial da Religião Serafica da Provincia dos Algarves, e lhe pedio com mais lagrimas, que vezes quizesse trocar a patente de Capitaõ que tinha, por outra, com que pudesse conquistar a Bemaventurança. A's infancia de suplica tão justificada dirrio o Provincial, mandando, que recebesse o habito no Convento de Evora, onde foy admitido em 18. de Mayo de 1662. Tanto que desprio o homem velho, e vestio o novo, foy tal a mudança, que em si mesmo experimentou que summamente a estranhava, como elegantemente o

significou a hum seu amigo nestas vozes metricas.

*Vivo taõ outro do que hey sido
Que ou o que sou mil vezes desconheço,
Ou quasi sempre do que suy duvido.*

Feyta a profissãõ solemne na Casa dos ossos de Evora a 19. de Mayo de 1663. estudou neste Convento Filosofia, e no de Coimbra Theologia, a cuja facultade se applicou com mayor disvelo por ser o seu objecto Deos, a quem unicamente dirigia todas as suas açoens. Na Positiva fez grandes progressos por lhe haver de servir para as suas evangelicas declamaçoens causando não pequena admiração aos mayores professores desta Sagrada sciencia a profunda intelligencia com que penetrava os mysterios mais occultos da palavra de Deos escrita, e a felicidade com que applicava o sentido Litteral, Allegorico, Moral, e Anagogico à materia dos seus discursos. Não havia virtude heroica, em que se não exercitasse o seu fervorozo espirito; macerava o corpo com asperas disciplinas, horriveis cilicios, e rigidas abstinencias. Fortalecido com estas armas sahio a campo este apostolico Soldado para derrubar as maquinas com que o demonio tinha avassalado ao seu imperio muitas almas. Por todo o Reyno, e grande parte de Castella o levou o ardente zelo da Salvação do proximo discorrendo a pé sem algum genero de viatico tanto numero de legoas sendo o seu mais appetecido alimento introduzir nos coraçõens humanos com a efficacia dos seus brados a brevidade da vida, a incerteza da morte, o rigor do Juizo, os tormentos do Inferno, e as delicias da Gloria. Como as suas vozes erãõ trovoens, e as palavras rayos, não havia coração obstinado, que se não rendesse à forte vehemencia do seu apostolico espirito de que se seguio a innumeravel multidão de homens, e mulheres que resolutamente detestaraõ os vicios, e abraçaraõ as virtudes convertendo Cidades inteiras de Babilonias escandalosas em Ninives arrependidas. Ainda se elevou a grão mais alto o seu evangelico ardor instituindo em Varatojo pouco distante da Villa de Torres Vedras hum Seminario, de que tomou posse em 6. de Mayo de 1680. para nelle assistirem Missionarios que fossem herdeiros do seu espirito na converção das almas a o

caminho da eternidade. Entre todas as virtudes em que floreceo a que mais vigilantemente cultivava, era a da humildade, desprezando todos os applausos que lhe resultavaõ das suas Missõens attribuindo tudo a Deos como Author de taõ admiraveis transformaçõens. Este conhecimento da sua vileza o animou para resolutamente regeitar a Mitra de Lamego offerecida no anno de 1679. pelo Principe Regente D. Pedro, que com grande respeito o venerava. Ainda que veyo mais tarde que outros para a cultura da seara evangelica como se lhes adiantou no trabalho, era justo que tambem recebesse com mayor anticipação o premio que foy lograr na eternidade a 20. de Outubro de 1682. em que piamente espirou quãdo contava cincoenta e hum anno e tres mezes, e vinte dias de idade, dos quaes viveo na Religião vinte annos, cinco mezes, e dous dias. Divulgada a sua morte concorreo todo o povo de Torres Vedras, Trocifal, e outras terras vizinhas a venerar o seu cadaver parecendo pelo semblante que a alma de que fora hospicio estava logrando a visaõ beatifica, e para testemunho da sua veneração o despojáraõ dos Cabellos, Unhas, e grande parte do habito, cujos fragmentos obraraõ efeitos superiores às forças da natureza, e sómente emanados da efficacia da graça dos quaes se fez com authoridade do Ordinario processo authentico com a relação individual das suas virtudes, e profecias à instancia do mesmo Principe que o venerou igualmente na vida que na morte. Depois de lhe cantarem hum Officio solemne os Religiosos Agostinhos, e Arrabidos com a assistencia das Pessoas mais nobres dos Contornos do Convento de Varatojo, foy sepultado na Casa do Capitulo. A sua vida escreveu diffusamente o Padre Manoel Godinho, que se imprimio a 1. vez no anno de 1687. e a 2. no anno de 1728. in 4. e mais compendiosamente Fr. Fernand. da Soled. *Hist. Seraf. da Prov. de Port.* Part. 3. liv. 3. cap. 17. até 20. Costa *Corog. Portug.* Tom. 3. liv. 2. Trat. 1. cap. 1. pag. 21. Fonseca *Evora Glorios.* pag. 349. Fr. Appolin. da Conc. na *Prim. Seraf. na Americ.* cap. 17. *Hum dos mayores Soldados da Serafica milicia dos Meniores, e novo Conquistador do Ceo.* Fr. Martinho do Amor de Deos *Chronic. da*

Prov. de Sant. Anton. Tom. 1. liv. 1. cap. 18. §. 138. Fr. Joan. a D. Ant. in *Bib. Franc.* Tom. 1. pag. 122. e o Padre Antonio dos Reys in *Enthusiasm. Poet.* n. 79.

≡ *Pedibus lasciva poemata calcans,
Et plectro meliore sonans Vidigueyrius Heros:
Cingula contorto suppleantur fume, cucullus
Pro galeá capiti est: non dulcia carmina fundit
Lingua, sed in tristes gemitus resoluta, dolore
Nec contenta suo planctu facit undique valles
Insonuisse cavas: plangor repetitus in antris
Ima tenebrofi penetrat palatia Ditis,
Et Phlegetontæos animarum in sæcla futuros
Carnifices horrore replet; Regemque ne fandum
Compulit in rabiem, fletumque ut voce caren-
tem*

*Illá se vidit, quæ tot fuit ante lucratus
In sua regna viros.*

Por diligencia de alguns amigos do V. Padre sahiraõ à luz as obras seguintes.

Obras espirituaes 1. *Parte* Lisboa por Miguel Deflandes. 1684. 8.

2. *Parte.* Lisboa pelo dito Impressor. 1687. 8. e Lisboa pelo mesmo impressor 1701. 4. et ibi por Phillippe de Soufa Villela 1715. 8.

Faiscas do amor divino, e lagrimas da alma. Lisboa por Domingos Carneiro. 1683. 8.

O Padre nosso commentado. Lisboa pelo dito Impressor 1688. 4.

*Espeho do espirito em que deve verse, e com-
porse a alma, que quer chegar à uniaõ de Deos.* Lisboa pelo dito Impresf. 1683. 8.

*Escola da penitencia, e flagello dos Peccado-
res.* Lisboa por Miguel Deflandes 1687. 4. São Sermoens.

Sermoens genuinos, e praticas espirituaes. Lisboa pelo dito Impressor 1690. 4.

Cartas espirituaes 1. *Part. com notas de D. Joaõ da Sylva.* Lisboa pelo dito Impresf. 1684. 4.

Cartas espirituaes 2. *Parte.* Lisboa pelo mesmo Impressor 1687. 4.

Somana Santa espiritual, ou meditaçoens pias para qualquer dia della. Lisboa

Ramilhete espiritual composto com as flores doutrinaes em doze Sermoens. Lisboa por Jozé Manescal. 1722. 4.

Outras muitas obras asceticas do V. P.

dedicadas à Raynha D. Luiza Francisca de Gusmaõ se conservaõ *M. S.* na Livraria do Convento do Monte Olivete de Eremitas Agostinhos Descalços situado nos arrabaldes de Lisboa entre as quaes está descripto em verso heroico o *Martyrio de Santa Iria.*

No estado de Secular exercitou com tanta suavidade, e elegancia a Poesia heroica, e Lyrica que foy venerado por famoso professor desta Arte compondo huma copiosa multidãõ de versos a diversos assumptos dos quaes sahiraõ impressos muitos no Tom. 5. da *Fenix renacida.* Lisboa por Antonio Pedroso Galraõ 1728. in 8. desde pag. 72. até 136.

Descripção da vitoria, que alcançaraõ em 14. de Janeiro de 1659. os Portuguezes na Campanha de Elvas das Armas Castelhanas M. S. Consta de 49. Outavas.

Filis, e Demofonte Poema heroico, que consta de 12. cantos, e grande numero de Romances profanos que por serem estas obras offensivas dos ouvidos castos prometia o V. Padre a quem lhas desse para as reduzir a cinzas jejuar, ou disciplinar-se hum anno por sua tençaõ.

Quatro elegias em Tercetos Portuguezes a diversos assumptos com huma devoçaõ para se rezar todos os dias. Sahiraõ impressos no fim da vida do V. Padre reimpressa. Lisboa por Miguel Rodriguez. 1728. 4.

Fr. ANTONIO DAS CHAGAS Religiofo professo da Ordem dos Menores da Provincia da Immaculada Conceiçaõ do Rio de Janeiro, e Procurador Geral da mesma Provincia. Publicou.

Estatutos Municipaes da Provincia da Immaculada Conceiçaõ do Brasil. Lisboa por Jozé Lopes Ferreira 1717. fol.

ANTONIO DE CHRISTO natural de Lisboa, e filho de Manoel Nunes, e Luiza Ferreira. Recebeo o habito Canonico Secular da Congregação do Evangelista em o Convento de Villar de Frades a 18. de Junho de 1695. Foy muito observante do seu Instituto, e naõ menos versado na Historia Romana, que no estudo dos Computos Ecclesiasticos deixando por testemunhas da sua applicaçãõ.

Vidas dos Consules Romanos 4. M. S.

Ordo perpetuus ad conficienda Kalendaria. fol. M. S.

Ambos estes livros se conservaõ na Livraria do Convento de S. Bento de Enxobregas, onde acabou a vida em 25. de Setembro de 1735.

Fr. ANTONIO DE SANTA CLARA. Naceo em Lisboa a 12. de Agosto de 1676. e foy filho de Luiz de Goes, e de Joanna Tavares. Tendo já aprendido a lingua Latina, e Humanidades recebeu o habito de Agostinho Descalço em o Convento de Monte Olivete situado em o suburbio de Lisboa a 14. de Abril de 1692. e professou a 16. do dito mez do anno seguinte. Foy Lente de Artes, e de Theologia em cuja faculdade jubilo. Como era ornado de prudente affabilidade exercitou os lugares de Prior dos Conventos de Santarem, e Monte Olivete, e ultimamente o de Vigario Geral por espaço de quatro annos. Algumas dependencias particulares o levarã a Roma onde pelo seu talento conciliou os affectos dos Summos Pontifices Clemente XI. e Innocencio XIII. intentando premiar os seus merecimentos com hum Bispaado, porém as controvérsias excitadas entre a Curia, e esta Coroa impediraõ, que lograsse taõ grande Dignidade, e sendo obrigado a auzentar-se de Roma attendendo mais ao preceito do seu Soberano, que à exaltação da sua Pessoa passou a Genova, donde partio para Hespanha, e assistindo no Convento de Nossa Senhora do Populo de Agostinhos Calçados da Cidade de Sevilha enfermou de huma incuravel hydropezia que o privou da vida em o anno de 1730. Não sómente era douto na Theologia Escolastica, mas em a Historia Ecclesiastica, e Direito Pontificio, como mostrou na obra seguinte

Reflexoens sobre o Juramento, que solememente se fez no Real Convento de S. Cruz de Coimbra dos Conegos Regulares de Santo Agostinho em 8. de Abril de 1720. prometendo defender a Bulla Unigenitus expedida pela Santidade de Clemente XI. em Portuguez, e Italiano. Roma por Antonio Rossi. 1721. 4. Traduzio de Italiano em Portuguez.

Sermoens do Santissimo Padre Benedicto XIII. offerecidos à Magestade Augusta

delRey D. Joã o V. N. S. fol. cuja obra remeteo ao Padre Mestre Fr. Estacio da Trindade Secretario Geral dos Agostinhos Descalços neste Reyno.

ANTONIO COELHO professor de Direito Civil na Universidade de Coimbra. As obras, que nesta faculdade compoz posto que não lograssem a luz publica, e se conservam M. S. fazem dellas distincta memoria o D. Manoel Barbosa no Cathalogo dos Authores impresso ao principio dos Commentarios do liv. 4. e 5. das Ordenações do Reyno, e seu filho Agostinho Barbosa no principio do 1. Tom. in *Decretal.* Seguindo a estes dous graves Escriutores não he justo, que privemos esta Bibliotheca do nome deste Author, do qual taõbem faz menção Joã Soares de Brito in *Theatr. Lusit. Litter.* lit. A. n. 60.

ANTONIO COELHO DE FREYTTAS natural de Coimbra onde foy bautizado na Parochia de S. Pedro. Estudou na sua patria Direito Pontificio em que recebeu o grão de Bacharel, e foy provido pela Universidade, de cuja apprezentação he, em Reytor, e Capellaõ da Igreja de S. Salvador de Mathosinhos situada nos suburbios da Cidade do Porto em que assistio pelo espaço de 54. annos, até que morreo a 24. de Dezembro de 1736. e nella jaz sepultado. Escreveo.

Tratado da Veneranda, e prodigiosa Imagem do Senhor de Bouças de Mathosinhos, em que se contem o manifesto da Procissão solemne em que foy levada à Cidade do Porto pela necessidade das doencas em 2. de Abril de 1696. Coimbra por Jozé Ferreira Impressor da Universidade, e do Santo Officio. 1699. 8.

ANTONIO COELHO GASCO natural de Lisboa, filho de Gaspar Coelho Gasco, Cavalleiro professo da Ordem de Christo, Criado da Casa Real, e Juiz dos Orfaõs em Lisboa. Igualmente foy illustre por geração, que pelo estudo da Jurisprudencia de que deu claros argumentos da sua natural viveza na Universidade de Coimbra. Depois de ter com summa inteireza administrado alguns lugares no Reyno navegou para o Maranhão a fer Auditor Ge-

ral no Graõ Pará cujo ministerio ao tempo que o exercitava com prudencia, e justiça sendo digno de mayor duraçãõ o naõ acabou impedido pela morte no anno de 1666. Foy naturalmente inclinado ao Estudo da genealogia naõ podendo divirtillo desta applicaçãõ as continuas occupaçoens dos lugares juridicos, que administrou, antes parece impossivel que escrevesse tantos livros Genealogicos quem consumia a mayor parte do tempo no exercicio de outra faculdade totalmente opposta a esta de que deixou tantos argumentos da sua erudiçãõ historica, pela qual o louvaõ Franckenau in *Bib. Hisp. Hist. Gen. Herald.* pag. 34. e o Padre D. Antonio Caetano de Souf. no *Appar. à Hist. Gen. da Casa Real Portug.* pag. 56. n. 32. Quando partio para o Maranhãõ deixou em poder de hum seu particular amigo as obras seguintes escritas pela sua maõ.

Primeira, e Segunda Parte da Nobreza de Espanha em que se contem a origem, e descendencia dos Reys de Portugal, e os Titulos, e Fidalgos delle. fol.

Terceira, e Quarta Parte de Leaõ, Galliza, e Cantabria. fol. Desta obra faz mençaõ Gandara *Nobiliar. de Galiz.* liv. 2. cap. 12. fol. 173.

Quinta, e Sexta Parte do Reyno de Castella, Setima, e Oitava Parte dos Reynos de Aragaõ, e Navarra. fol.

Além destas compoz.

Clarissima, e nobilissima arvore da Illustrissima Casa dos Condes de Linhares. 4. M. S. Conservase este livro na vastissima Livraria do Excellentissimo Conde da Ericeira, e parece ser original. Chega até D. Fernando de Noronha 3. Conde de Linhares, que faleceo a 3. de Março de 1609. No fim tem huma descripçãõ da Villa de Linhares, e huma breve noticia das principaes familias della.

Primeira parte das Antiquidades da mui nobre Cidade de Lisboa Emporio do mundo, e Princeza do mar Oceano. Consta de 87. Capitulos. Acaba o ultimo com a vida do Cardeal D. Affonso, e dos Arcebispos de Lisboa seus sucessores até D. Affonso Furtado de Mendoga. Este livro tive em meu poder, e delle como do Author se lembra Luiz Marinho de Azevedo nas *Antig. de Lisboa.* liv. 3. cap. 6. e o mo-

derno Addicionador da *Bib. Geograf.* de Antonio de Leaõ Tom. 3. col. 1725.

Antiquidades de Braga M. S. 4.

Conquista, e Antiquidades de Coimbra 4.

P. ANTONIO COLLASSO natural da Villa da Vidigueira na Provincia do Alentejo. Tendo 18. annos de idade entrou na Companhia de JESUS a 16. de Novembro de 1586. no Collegio de Evora, onde se instruiu naquellas sciencias proprias do Estado regular. Notavel foy a charidade, e ardentissimo o zelo, com que preferindo a saude até à propria vida assistio com incansavel disvelo aos feridos da peste, que devastava a Cidade de Evora permitindo Deos que em premio de taõ heróico exercicio nunca contrahisse o contagio. Por muitos annos assistio na Corte de Madrid como Procurador da Provincia de Portugal, e das Ultramarinas, cujo lugar administrou com geral estimaçãõ até a sua morte que succedeo naquella Corte a 29. de Novembro de 1647. O seu nome he celebrado por Nic. Ant. in *Bib. Hisp.* Tom. 1. pag. 86. Sotuello in *Bib. Societ.* pag. 69. Franco na *Imag. da Virtud. do Nov. de Evor.* pag. 859. e no *Synop. Annal. S. J. in Lusit.* pag. 293. Fonsec. *Evor. Glorios.* pag. 425. Joan. Soar. de Brit. in *Theatr. Lusit. Litter.* lit. A. n. 61. Traduzio de Portuguez do Padre Fernaõ Guerreiro em Castelhana.

Relacion annal de las cosas, que han hecho los Padres de la Compañia de JESUS en la India Oriental y Japon en los años de 600. y 601. y del progreso de la conversion y Christiandad de aquellas partes. Valladolid por Luiz Sanches. 1604. 4.

Vida del Padre Gonçalo da Sylveira. M. S. 4.

Relacion succinta de la Vida, y muerte de tres Santos Martyres Paulo, Joan, y Diego Japones de la Compañia de JESUS. M. S. 4.

Apologia ofrecida aos Inquisidores de Castella em defensa da opiniaõ do P. Estevaõ Fagundes, acerca de se poderem comer ovos na Quaresma. Esta obra he louvada pelo mesmo Fagundes in *Tract. Apologetico de esu ovorum* cap. 9.

Historia, y Anal relacion de las cosas, que hizieron los Padres de la Compañia de JESUS por las partes del Oriente y otras

en la propagacion del Santo Evangelio los años pasados de 607. y 608. &c. Madrid en la Imprenta Real. 1614. 4. Esta traducção attribue Sotuello na *Bib. da Companh.* ao Padre Antonio Colafso com manifesto erro pois no frontispicio se lê ser feita pelo Doutor Christovão Soares de Figueiroa que a tradusio do P. Fernão Guerreiro em Castelhana, cuja equivocação seguiu D. Nic. Ant. na *Bib. Hisp.* e o P. Antonio Franco na *Imag. da Virt. no Noviciad. de Evor.* no lugar assima allegado.

V. Fr. ANTONIO DA CONCEIÇÃO. Naceo na celebre Villa de Santarém no anno de 1549. sendo filho de Sebastião Rodrigues, e Maria Paes. Na idade juvenil recebeo o Habito da Religião da Santissima Trindade, no Convento da sua patria a 31. de Dezembro de 1567. e logo em o Noviciado deo claros sinais de ser grande ornato não sómente da sua Patria, mas de toda a Ordem Trinitaria. A severa observancia dos Estatutos que praticava era estímulo para os Noviços, e confusão para os provectos não sendo menor o progresso quando no seu Collegio de Coimbra aprendeo as sciencias escolasticas. As virtudes, que nelle brilhavaõ com tanto excessõ moveraõ ao Cardeal D. Henrique Successor na Coroa Portugueza pela infeliz perda delRey D. Sebastião nos Campos Africanos para que em companhia do Ven. Fr. Ignacio Tavares illustre filho da Religião Trinitaria o mandasse a Marrocos a resgatar da dura oppressão, e tyrania dos Mouros aos Portuguezes que naquella infausta batalha ficaraõ cativos. Não he facil de explicar a alegria, que concebeo o seu coração quando se considerou destinado para huma empreza em que tanto havia de resplandecer o ardor da sua caridade. Logo que chegou a Marrocos eraõ o seu frequente domicilio as masmorras onde consolava os afflitos, confessava os penitentes, confortava os moribundos, e sepultava aos mortos sendo impossivel de reduzir a numero quantos barbaros conduzio ao conhecimento do verdadeiro Deos, quantos desertores da nossa Religião allumiou para que arrependidos novamente a abraçassem, quantos meninos, e mulheres proximos à vacillar na fé corroborou na sua primitiva crença, tolerando

com invicta paciencia por estes heroicos trabalhos, opprobios, e molestias até offerrecer a vida, cuja oblação foy taõ grata à Divina Magestade, que permitio que lha sacrificasse em seu obsequio, pois succedendo pilatar-se o dinheiro que prometera pelo resgate, irritados os barbaros desta demora que julgavaõ ser affectada, o lançaraõ em hum tenebroso carcere, onde opprimido de peza-dos grilhoens, e atenuado com a fome, e sede voou o seu espirito a lograr o premio da sua fervorosa caridade a 20. de Mayo de 1589. As virtuosas acçoens deste Varaõ insignne dignas de estarem escritas em hum largo volume, as tratara õbrevemente Altuna na *Chron. geral da Ordem* liv. 2. cap. 7. p. 287. Figueir. *Chron. da Ord.* p. 408. Fr. Bernardin. á D. Ant. in *Epit. Redempt.* lib. 2. cap. 9. §. 2. Oforio *Pancarp. de Var. Illust.* lib. 3. fol. 132. Fr. Joan. Fel. *Ifagog. ad Laud. Princip.* p. 170. à n. 31. Mend. *Jornad. de Afric.* lib. 3. cap. 2. et 14. Cardof. *Agiol. Lusit.* Tom. 3. p. 328. e no Cõment. de 20. de Mayo letr. B. Correa na *Fama posthum.* pag. 9. Vasconcel. *Hist. de Santarem* Part. 2. lib. 2. cap. 28. Escreveo, e dedicou ao Cardeal Alberto Archiduque de Austria, e Governador deste Reyno.

Triunfo dos sete meninos martyrizados em Marrocos no anno de 1585. aos quaes elle reduzio á Fé, de que tinhaõ apostatado, e confortou para animosamente padecerem a morte. M. S.

A esta relação diz Jeronymo de Mendoza na *Jornada de Africa.* lib. 3. cap. 15. pag. 184. *a quem com tanta razão se pode dar inteiro credito.*

Tratado do miseravel estado da escravidão, que padecem os Christãos no poder dos Mouros mostrando nelle a rara paciencia com que se portou nos trabalhos para que se hajaõ seus Irmãos com a mesma em semelhantes tragedias. M. S.

V. P. ANTONIO DA CONCEIÇÃO teve por Patria a Villa do Pombal da Diocese de Coimbra, e por Pays Jorge Borges da Cunha, e Lucrecia Leytoa ambos igualmente illustres no sangue, e piedade. Na primeira infancia se começaraõ a admirar nas suas acçoens evidentes provas de boa inclinação, e suave indole com que o Ceo o destinava para exemplar de virtudes religio-

fas. A sublime capacidade que tinha para as sciencias o habilitou para que na Universidade de Coimbra estudando Direito Canonico recebesse com geral approvaçãõ dos Mestres, que nelle juntamente admiravaõ viveza de ingenho, e innocencia de costumes, o grão de Bacharel nesta faculdade. Como sempre anhelava crescer mais nas virtudes, que nas letras, se não deixou atrahir da vangloria, que destas nace para appetecer dignidades, antes recebendo ordens de Presbytero para ser domestico da Casa de Deos começou a acender-se em mais ardentes desejos, e elevar-se em mais altos pensamentos da perfeiçãõ Evangelica donde procedeo a heroica resoluçãõ de tomar o Habito Canonico da Cõgregaçãõ do Evangelista em o Convento de Evora no anno de 1550. quando contava 28. de idade. Nesta Sagrada Escola lusiraõ com mayor intençãõ as suas insignes açoens sendo todo o seu disvello a exacta obfervancia dos estatutos, o familiar cõmercio com Deos; a continua meditaçãõ das celestiaes delicias, a rigorosa severidade com que mortificava o corpo, a paternal comiseraçãõ com que socorria aos pobres, e o ardente affecto com que consolava aos aflictos. Por estas singulares virtudes, com que se fazia estimavel na presença divina, não era muito que conciliasse o respeito, e veneraçãõ das primeiras pessoas de ambas as Jerarchias como eraõ as Magestades de D. Joaõ o III. D. Catharina, e D. Sebastiaõ; os Cardeaes D. Henrique, e Alberto Governador deste Reyno; os Serenissimos Duques de Bragança D. Joaõ, e D. Theodosio, os Arcebispos de Lisboa, e Evora D. Miguel de Castro, e D. Theotonio de Bragança, o Ven. Fr. Luiz de Granada, e outros muitos de cujas consciencias era sabio director, e prudente conselheiro conhecendo todos que a sua sciencia era superiormente illustrada por lhe serem patentes os segredos mais reconditos do coração, e serem infalliveis os successos, que vaticinava o seu illustrado entendimento. Correspondeo o fim da vida ao sanctificado progresso della pois sendo acommetido de huma febre que se fazia mais intensa pela acerbidade das dores pronosticada a ultima hora, e vendo ser chegada repetindo as mesmas palavras com que o Redemptor do mundo agonizou na Cruz lhe entregou pla-

cidamente o espirito para ser coroado na eternidade gloriosa a 11. de Mayo de 1602. (e não a 12. como escreve Jorge Cardoso) faltando-lhe hum dia unico para perfeitamente fechar o circulo de 82. annos. Tanto que se divulgou a funesta noticia da sua morte concorreo ao magnifico Convento de S. Joaõ de Xabregas que elle edificara mais com focorros divinos, que humanos, para venerar o seu cadaver huma infinita multidaõ do povo clamando que era morto o Santo, permitindo o Ceo, que em testemunho desta aclamaçãõ obrasse estupendos milagres, dos quaes com permissãõ da Sagrada Congregaçãõ dos Ritos se lhe fizeraõ os processos em 11. de Fevereiro de 1690. para a sua Beatificaçãõ a qual tem supplicado com instantes rogos ao summo Pastor os Monarchas, Prêlados, Cabidos, e Universidades deste Reyno esperando dar-lhe o culto manifesto que muitos particularmente lhe dedicaõ. Quem quizer instruir-se em a noticia mais diffusa das virtudes deste grande servo de Deos pode ler a sua vida escrita em hum volume por Fr. Luiz de Mertola da Ordem do Carmo, e em outro pelo P. Francisco de Santa Maria, intitulado *Jacinto Portug.* e na *Chron. dos Coneg. Secul. do Evangel.* liv. 4. do cap. 35. até 54 Thomaſ. in *Annal. Congreg. S. Georgij in Alga.* p. 705. Cardos. *Agiolog. Lusit.* tom. 3. pag. 208. e no Cõment. de 12. de Mayo letr. H. Fr. Agost. de Santa Mar. na *Vid. da Ven. Brizid. de Santo Antonio* lib. 1. cap. 7. e Joan. Soar. de Brito in *Theatr. Lusit. Liter.* lit. A. n. 62. Deste Ven. Padre sahiraõ

Quatorze cartas espirituas escritas a diversas pessoas; impressas na sua vida composta por Fr. Luiz de Mertola desde pag. 91. até 115. e no *Jacinto Portuguez* por Francisco de Santa Maria que tras mais huma além das quatorze desde pag. 134. até 172. Tres dellas sahiraõ impressas na *Vid. da Ven. M. Sor Brizida de Santo Antonio* escrita por Fr. Agostinho de Santa Maria pag. 37. 38. e 43. e duas no Tom. 3. do *Agiol. Lusit.* pag. 876.

Protestaçãõ da Fè Catholica. Lisboa por Domingos Carneiro. 1689. 12. e no *Jacinto Portuguez* assima allegado pag. 117.

Doctrina espiritual dirigida a V. M. Brizida de Santo Antonio Religiosa de

Santa Brizida no Convento de Marvilla sua Confessada. Começava.

A verdadeira, e principal Santidade. Acaba. Deleites, e refrigerio de Espirito: Glorias a Deos. Com estas duas palavras sempre acabava tudo quanto escrevia, a qual obra, que comprehendia 8. folhas de papel, vio o P. Francisco da Cruz, como affirma nas *Memorias para a Bibliotheca Portugueza M. S.*

V. F. ANTONIO DA CONCEYÇAM semelhante em o nome, e na virtude aos dous precedentes, naceo em Lisboa em 8. de Dezembro de 1579. e em obsequio do dia do immaculado Misterio em que nacera, lho deraõ por appellido seus Pays Antonio Dias de Carvalho, e Catherina Dias taõ abundantes dos dotes da Graça como faltos dos bens da fortuna. Aprendeo a lingua Latina, e a arte da Musica nos primeiros annos, e como a natureza o dotára de summa agilidade com que regulava os movimentos, e passagens da suave voz com que cantava, foy admitido para cantar na Capella Real onde era igualmente estimado pela destreza desta arte, como pela innocencia da vida. Resoluto a dedicar-se a Deos no estado Religioso para que preza a liberdade com os votos voasse mais livremente o espirito, entrou na illustre Ordem da Santissima Trindade a 27. de Julho de 1594. quando ainda naõ tinha completos quinze annos, e começou a exercitar em o Noviciado com tanto fervor as virtudes, que seu Mestre Fr. Matheus da Esperança varaõ de inculpavel vida o propunha por exemplar aos outros Noviços. Depois de professo continuou com mayor excessõ a exercitar-se na humildade profunda, Oraçãõ continua, e mortificaçãõ perpetua de todos os sentidos, de tal sorte, que temeroso de cahir no precipicio da vangloria supplicou a Deos, que lhe mudasse a vóz, cuja sonora melodia, e armonica conforancia era suave atractivo de toda a Corte, que concorria ao Convento de Lisboa a ouvilho, e promptamente recebeo o despacho da sua supplica transformando-se de tal sorte que ainda quando fallava, difficilmente se percebia. Ordenado de Sacerdote passou a instruir-se nas sciencias, o que era Mestre de virtudes, e no Con-

vento de Santarem, ouviu Filosofia, e Theologia, porém querendo praticar a Mystica, com faculdade dos Superiores se retirou para o Convento de Cintra onde fazia vida mais Angelica, que humana. Desta amavel solidãõ foy chamado a instruir os Noviços em Lisboa, onde com a cultura de taõ pio agricultor frutificãraõ copiosamente aquellas novas plantas para beneficio da Religiaõ, até que passou a Lagos a ser Confessor de Joãõ Furtado de Mendoça Governador do Algarve, ministerio, que estimoou naõ sómente por ter occasiaõ de obedecer, como de se retirar da Corte, e parecendo-lhe que ainda perigava a perfeiçãõ religiosa com o commercio da gente, se retirou com alguns Sequazes do seu espirito para o Convento da Louza distante duas legoas da Torre de Moncorvo na Provincia Trasmontana situado em tal eminencia que está mais vizinho do Ceo, que da terra. Neste retiro praticou as penitencias mais austeras donde foy chamado para a Corte a instruir com as suas asceticas doutrinas a muitas almas ambiciosas do progresso das virtudes, onde se fez mais conhecida a santidade da sua vida pelo espirito profetico, e poder miraculoso em que foy eminente. Na hora que tinha predito passou a sua alma a coroar-se no Empirio a 22. de Julho de 1655. A o seu cadaver, que exhalava suavissimo cheiro, concorreo toda a Cidade, e com piedosa violencia o despojãraõ dos cabellos, e vestidos, e passãra a mayor excessõ a sua ardente devaçãõ se naõ fora brevemente entregue à sepultura. Dedicoulhe sumptuosas exequias assistidas das pessoas principaes de toda a Corte a Excellentissima Condessa de Serem sua Confessada. O M. Fr. Antonio Correa Religioso da sua Ordem lhe compoz a vida, intitulada *Fama posthuma do V. Padre Fr. Antonio da Conceiçãõ* impressa Lisboa por Henrique Valente de Oliveira 1658. 4. na qual estaõ

Doze Cartas do V. P. a diversas pessoas desde pag. 189. até 215.

Doutrina espiritual dividida em tres Capitulos, com hum apendice de exemplos, e ditos de Padres uteis pera aproveitar na virtude. Capitulo 1. da maneira, que huma alma se hade haver quando se ouver de pôr em oraçãõ. 2. Declaraçãõ, que cousa seja uniaõ sobrenatural actual 3. De como se hade haver

o *contemplativo em a contemplação*. Este tratado está impresso no livro allegado desde pag. 217. até 288.

Vida da V. Madre Maria do Rosario 3. da Ordem de S. Francisco escrita por seu ultimo Confessor (saõ palavras de Jorge Cardozo *Agiolog. Lusit.* Tom. 2. pag. 382. no Comment. de 2. de Abril letr. J.) o *V. P. Fr. Antonio da Conceição da Ordem da Santissima Trindade bem conhecido nesta Cidade por sua santa vida, e religiosa observancia, sentida, e venerada morte*. Fr. Agostinho de Santa Maria na *vida da V. Madre Brizida de Santo Antonio* liv. 2. cap. 12. lhe chama *Varaõ de grandes virtudes*.

Fr. ANTONIO DA CONCEIÇAM filho pelo nascimento de Lisboa, e pela religião do grande Patriarcha S. Bento, cujo Monastico Instituto professou no Convento de Tibaens a 26. de Setembro de 1658. A sua sciencia o constituhio Mestre jubilado em Theologia, e Prégador Geral, e a sua prudencia, Abbade do Convento de Santarem, e de Lisboa eleito no anno de 1698. e Reytor do Collegio da Estrella, onde faleceo em o 1. de Janeiro de 1710. Foy dos celebres Prégadores do seu tempo, e como tal tinha prompto para a Impressão.

Sermoens varios prégados nas mais famosas solemnidades deste Reyno. 4. M. S.

Fr. ANTONIO DA CONCEIÇAM natural do Porto, onde naceo a 7. de Junho de 1657. sendo seus Pays o Capitão Antonio Joaõ da Costa, e D. Izabel Barboza Sodré descendentes ambos de familias nobres. Deixado o mundo, e o nome de Antonio Barboza da Costa professou o habito Serafico no Convento de Santo Antonio da Figueira da Provincia de Portugal a 23. de Abril de 1673. Foy ornado de hum engenho agudo, comprehensãõ rara, memoria feliz, cujos dotes o fizeraõ igualmente celebre na Cadeira, como no Pulpito merecendo as aclamaçoens de grande Theologo quando foy Lente no Collegio de Coimbra, e de insigne Prégador nas Cidades do Porto, e Lisboa. onde ao tempo que exercitava o lugar de Guardiaõ, tendo sido do Collegio novo de S. Boaventura, faleceo a 20. de Abril de 1713. Celebraõ a sua memoria Fr. Fernand. da Soled. *Hist. Seraf. da Prov.*

de Portug. Part. 3. liv. 1. cap. 21. n. 133. e Fr. Joan. à D. Ant. in *Bib. Franc.* Tom. 1. pag. 100. Imprimio.

Sermaõ de Acção de graças pelo Capitulo da Provincia de Portugal em que sabio Provincial por motu proprio de S. Santidade o P. Mestre Fr. Vicente das Chagas. Lisboa por Manoel Lopes Ferreira 1696. 4.

Clamores Evangelicos. Lisboa pelo dito Impressor 1698. 4. No Prologo deste Tomo de Sermoens prometia outros muitos.

ANTONIO CORDEYRO Presbytero, e subchante da Cathedral de Coimbra muito douto, e verfado no Canto Ecclesiastico, o qual para que com toda a perfeição se observasse no Coro, e altar, publicou.

Arte do Canto Chaõ composta por Joaõ Martins, e augmentada, e emendada por elle em muitas partes. Coimbra por Nicolao Carvalho 1612. 8.

P. ANTONIO CORDEYRO. Naceo na Cidade de Angra Capital da Ilha Terceira no anno de 1641. sendo o 6. e ultimo filho de Manoel Cordeiro Moutozo, e Maria de Espinosa os quaes descubriendo nelle rara comprehensãõ, e agudo engenho o mandáraõ estudar a Coimbra em companhia de seu Irmaõ Pedro Cordeiro de Espinosa, que depois de ser Doutor em Canones, e substituido algumas Cadeiras na Universidade de Coimbra, foy eleito Deaõ da Bahia, e Commissario da Cruzada daquelle Estado. Ao tempo que embarcado buscava no anno de 1656. a Armada de Portugal de que era General Antonio Tellez de Menezes encontrou com a de Castella, donde ficou prisioneiro, e passados dezefeis dias se avistou esta com a de Inglaterra que estava à vista de Cadiz, e depois de hum porfiado combate escapou unicamente a Capitania Castelhana na qual se recolheu a Cadiz donde foy sentenciado à morte, por ter sahido a terra sem licença, e apellando para o Duque de Medina Celi Capitão Geral das Costas de Andaluzia como o ouvisse repetir com summa viveza, e agilidade o Poema de Virgilio, e outros livros celebres de letras humanas, admirado da feliz memoria, e rara comprehensãõ, que em annos taõ tenros mostrava, lhe

deo passaporte para Portugal. Chegando ao Algarve, como estivesse inficionado este Reyno de peste, passou a Setubal, onde foy prezo, e obrigado pelo receyo do contagio a fazer Quarentena. Depois de ter tolerados tantos infortunios entrou em Coimbra em cuja Universidade se matriculou na faculdade de Canones ouvindo primeiramente Filosofia no Collegio dos Padres Jesuitas, e continuando com genio este estudo, lhe levou mayor applicaçõ o sagrado Instituto dos Mestres que o ensinavaõ, até que resolutõ a largar o mundo se alistou em taõ douta Companhia a 12. de Junho de 1657. Notavel foy o progresso que nesta palestra fez o seu talento assim nas letras humanas, e faculdades escolasticas, das quaes começou em Coimbra no anno de 1676. a ser Mestre, lendo pelo largo espaço de vinte annos Rhetorica, Filosofia, Theologia Especulativa, e Moral naõ sómente em Coimbra, mas nas Cidades de Braga, Porto, e Lisboa admirando assim os domesticos como os estranhos a novidade das suas opinioens subtilmente ventiladas, e nervosamente defendidas. A estas litterarias occupaçoens succederã outras apostolicas discurrindo por Viseu, Pinhel, Torres Vedras, todo o Arcebispado de Braga, como Missionario por obedecer às instancias do seu Arcebispo Primaz D. Verissimo de Alancastre chegando aos ultimos instantes da vida pela violencia do veneno que lhe deraõ em hum lugar deste Arcebispado de que escapou quasi milagrosamente. Já quando a idade por ser provecãta o dispensava da applicaçõ do estudo como se delle recebera novos espiritos se occupava em escrever diversas materias humas historicas, outras Theologicas, e Juridicas com que illustrou o seu nome, até que acabou a vida no Collegio de Santo Antaõ da Cidade de Lisboa a 2. de Fevereiro de 1722. com 81. annos de idade. Entre os Varoens celebres da Companhia o numera o Padre Antonio Franco na *Imag. da Virtud. no Noviç. de Coimbra.* Tom. 2. pag. 612. e in *Synops. Annal. S. J. in Lusitan.* pag. 464. Imprimio.

Cursus Philosophicus Conimbricensis. Ulyssipone ex Officina Regali Deslandesiana. 1714. fol.

In præcipua partium D. Thomæ Theologia Scholastica. Ulyssipone apud Jozephum Lo-

pes Ferreira Serenissimæ Regiæ Typ. 1716. fol.

Historia Insulana das Ilhas a Portugal fogueitas no Oceano Occidental. Lisboa por Antonio Pedrozo Galraõ. 1717. fol.

Desta obra como do Autor faz memoria o moderno addicionador da *Bib. Occid.* de Antonio de Leaõ Tom. 2. Tit. 2. col. 581.

Resoluçoens Theojurificas. Tom. 1. que contem as partes, e materias principaes. 1. da Emphyteuses, ou Prazos. 2. de Censos, ou juros. 3. de Testamentos, legados, partilhas. 4. de doaçõens, ou dotes. 5. de Morgados, ou Capellas vinculadas. 6. de varios contratos, ou obrigaçoens utriusque juris. Lisboa pelo mesmo Impressor. 1718. fol.

Loreto Lusitano, Virgem Senhora da Lapa, residencia milagrosa do Real Collegio de Coimbra da Companhia de JESUS em a Provincia da Beira Bispado de Lamego verdadeira, e puramente de novo historiada. Lisboa por Philippe de Souza Villela 1719. fol.

Fr. ANTONIO CORREA natural de Lisboa filho de Alexandre Correa, e Maria Ferreira, e hum dos mais celebres Varoens da Religiaõ Trinitaria que igualmente illustrou com a profundidade da sciencia, como com a prudencia do governo professando este sagrado instituto no Convento patrio a 10. de Junho de 1638. Foy ornado de huma vasta erudiçãõ sagrada, e profana, de elegante facundia no Pulpito, e de solida subtileza na Cadeira sendo o theatro de taõ singulares dotes a Universidade de Coimbra onde depois de receber a Borla Doutoral na faculdade da Theologia regentou as suas mayores Cadeiras sendo Lente da Cadeira pequena de Escritura provido em 16. de Fevereiro de 1664. de Escoto em 26. de Novembro de 1670. de Vespera em 27. de Novembro de 1676. e de Prima a 26. de Fevereiro de 1680. donde jubilou em 1685. exercitando por muitas vezes na mesma Universidade o lugar de Vice-Reytor. As suas grandes letras que o sublimaraõ aos mayores lugares da Academia Conimbricensis, o elevaraõ aos mais authorizados da Religiaõ. Por duas vezes foy Ministro do Convento de Lisboa, e outras tantas foy Provincial sendo a 1. no anno de 1667. e a 2.

no de 1683. em cujo governo experimentaraõ sempre os subditos o feu animo mais inclinado à benevolencia, que ao rigor. Foy Qualificador do Santo Officio, Examinador das Ordens Militares, e Synodal do Bispado de Coimbra. Ao tempo que estava polindo as suas obras Theologicas, e Efcriturarias para beneficio dos eruditos foy impedido pela morte, que o privou da vida em Coimbra a 11. de Janeiro de 1693. Foy sepultado na Casa Capitular do feu Collegio com este epitafio.

Hic jacet, & brevibus terræ modo conditur ulnis

Qui quondam vasto clarus in orbe fuit.

Palladis istius, primæque Antonius Aula

Correa, & Triados Religionis apex.

Hoc doctore diu fulgens Academia vixit,

Hoc quoque Religio clara parente fuit.

Obit die 11. Januarij 1693.

Imprimio.

Sermaõ prégado na Solemnidade que os Religiosos Teatinos da Divina Providencia celebraraõ a seu Santo Patriarcha o B. Caetano no Convento da Santissima Trindade de Lisboa a 7. de Agosto de 1651. Lisboa por Paulo Crasbeeck 4. e Coimbra por Thomé Carvalho 1672. 4.

Sermaõ prégado em a primeira Solemnidade que as Religiosas do Real Mosteiro de Santa Clara de Lisboa fizeraõ ao Bemaventurado Caetano Instituidor da insigne Religião dos Clerigos Regulares da Divina Providencia a 7. de Agosto de 1652. 4. Lisboa por Paulo Crasbeeck sem anno da edicão, e Coimbra por Thomé Carvalho 1672. 4.

Sermaõ fúnebre nas exequias do Doutor Manoel Pereira de Mello Governador da Universidade de Coimbra Conego Magistral da Sè da mesma Cidade do Conselho de S. Alteza prégado em a mesma Sè em 28. de Março de 1675. Coimbra pela Viuva de Manoel Carvalho 1675. 4.

Sermaõ em a anniversaria acção de graças, que a insigne Universidade de Coimbra faz em forma de prestito ao Real Convento de Santa Cruz pela felicissima Aclamação do Serenissimo Rey D. Joaõ o IV. prégado em o 1. de Dezembro de 1656. Coimbra por Manoel Dias Impressor da Universidade 1657. 4.

Trilogio Catholico exposto em tres Sermoens.

1. *do Aêto da Fè q̃ se celebrou em Coimbra a 18. de Janeiro de 1682.* 2. *do Desagravo do Santissimo no cazo de Odivellas logo que succedeo em o Outavario, que na Sè de Lisboa mandou fazer o Serenissimo Principe D. Pedro Nosso Senhor em Mayo de 1671.* o 3. *pelo Desagravo do Santissimo Sacramento na Freguesia de Santa Engracia de Lisboa a 17. de Janeiro de 1664. Lisboa por Joaõ Galraõ. 1682.* 4.

Sermaõ na Canonizaçãõ de Santa Maria Magdalena de Pazzi prégado no 2. dia do Outavario que lhe dedicou o Real Convento do Carmo de Lisboa. Sahio no livro intitulado Forasteiro admirado. Lisboa por Antonio Rodrigues de Abreu 1671. 4. a pag. 22. da part. 2.

Sermaõ na festa da Beatificaçãõ de S. Pedro de Arbnès Conego Regrante de Santo Agostinho prégado no Real Convento de S. Vicente de Fóra. Lisboa por Joaõ da Costa 1674. 4. Sahio no livro intitulado Laureola da Corte Santa composto por D. Leonardo de S. Jozé Conego Regrante.

Fama posthuma do V. P. Fr. Antonio da Conceiçãõ Trinitario. Lisboa por Henrique Valente de Oliveira 1658. 4. neste livro está

Sermaõ nas exequias do V. P. Fr. Antonio da Conceiçãõ Trino.

Deixou prompto para a Impressãõ

Deuteronomium Legis Gratia, sive de septem Verbis a Christo Domino in Cruce prolatis. M. S.

Cantilenæ Sacrae in Cantica novi Testamenti, scilicet Magnificat, Benedictus, & Nunc dimittis.

Estes originaes estavam redusindo à ultima perfeiçãõ para se imprimirem o Doutor Fr. Joaõ Bautista Religioso da Santissima Trindade os quaes se consumiraõ lastimosamente no grande incendio que devorou a mayor parte do Convento de Lisboa no anno de 1708.

ANTONIO CORREA BAHAREM Senhor do Morgado da Marinha, Cõmendador da Ordem de Christo filho de Antonio Correa Baharem Senhor do Morgado da Marinha, e de D. Joanna de Tavora filha de Francisco de Tavora Senhor de Mira. Instruido com aquellas artes dignas do feu nascimento se applicou com mayor disvello

ao estudo Genealogico como parte mais nobre da Historia deduzindo com clareza, e distincção.

Origens das Familias mais illustres de que tratou o Conde D. Pedro no seu Nobiliario até o anno de 1350.

Cuja obra dividida em muitos tomos conservava seu Neto Luiz Francisco Correa Baharem Commendador de S. Bartholameu de Alfange em Santarem da Ordem de Christo, Senhor do Morgado da Ponte de Soro; a qual como seu Author louvaõ D. Francisco Manoel na *Carta dos Author. Portug.* que he a 1. da 4. Centuria dellas. Joan. Soar. de Brito in *Theatr. Lusit. Litterat.* lit. A. n. 64. e Soufa no *Apparat. à Hist. Gen. da Casa Real Portug.* pag. 83. n. 70.

ANTONIO CORREA DA COSTA natural de Villa-Viçosa taõ nobre pelo nascimento que lhe deo a fortuna, como insigne em o engenho de que o ornou a natureza, com o qual penetrou os mysterios scientificos da Mathematica, Geometria, Musica, e Poesia sendo indeciso entre os seus Patricios em qual destas duas Faculdades era mais eminente. Para exercicio do seu genio litterario instituhio em Casa huma palestra frequentada dos homens mais eruditos onde se altercavaõ diversas questõens scientificas. Deixando a patria passou a Italia, e a Flandes com ambição de adquirir mayor thezouro de noticias, donde voltou em o anno de 1617. para Villa-Viçosa em idade muito provecta. Delle faz illustre memoria Francisco Moraes Sardinha no *Parnas. de Villa-Viçosa.* liv. 2. cap. 59. e no liv. 3. para testemunhar como foy hum dos mayores Poetas delle traz huma sua glossa a huma Redondilha, que começa.

Qualquer estranha belleza

e hum Soneto, cujo principio he

Nem as soberbas ondas do Oceano.

ANTONIO CORREA DA FONSECA, E ANDRADE. Naceo na Villa de Monte mór o Velho da Diocese de Coimbra a 15. de Junho de 1648. Teve por Pays a Domingos Correa da Fonseca, e a D. Maria de Mello da Fonseca filha herdeira de Jacinto da Fonseca de Andrade, e de sua mulher D. Cecilia de Eça. Appli-

cou-se ao estudo do Direito Cesareo na Universidade de Coimbra, e antepondo o exercicio marcial ao litterario, foy Capitaõ mór da mesma Villa, e sua Comarca, Cavalleiro professo da Ordem de Christo, e Procurador das Cortes celebradas em Lisboa no anno de 1679. Ainda que vivia retirado da Corte cultivava o seu grande talento com a lição dos livros que podiaõ formar hum perfeito Cortezaõ, sendo huma das partes do seu estudo a Genealogia em que foy muito perito deixando para testemunha da sua erudita applicação.

Familias do Reyno de Portugal escritas em 10. volumes in fol. M. S.

Historia Manlianense que trata das Antiguidades, e cousas mais notaveis de Monte mor o novo, e seus Naturaes.

Morreo em 29. de Agosto de 1717. Delle faz illustre menção o P. D. Antonio Caetano de Soufa no *Apparat. à Hist. Gen. da Casa Real Portug.* pag. 146. n. 172.

ANTONIO CORREA DE LEMOS naceo em Lisboa a 9. de Novembro de 1680. e teve por Pays a Manoel Correa de Carvalho, e a Maria de Lemos. Para beneficio dos curiosos amantes de novidades publicou com o nome de Joã Carlos Antonio.

Relação de huma solemne, e extraordinaria procissão de Preces que por ordem da Corte Ottomana fixeraõ os Turcos na Cidade de Meca no dia 16. de Julho de 1728. para alcançar a assistencia de Deos contra as Armas dos Persas, e aplacar o flagelo da peste que todos os annos experimenta a sua Monarchia. Primeira Parte. Lisboa por Pedro Ferreira 1730. 4.

Relação da solemne, e extraordinaria procissão de Preces, que por ordem da Corte Ottomana fixeraõ os Turcos na Cidade de Meca em que se expoem a prática, que o Mousti fez depois de acabada a Procissão, e outras circumstancias, que occorreraõ dignas da curiosidade. Segunda Parte. Lisboa pelo dito Impressor 1730. 4.

Com o nome de Fabiaõ Francez.

Almanack universal para o anno de 1731. terceiro depois do Bissexto. Contem Lunario Geral, mudanças e alteraçõens de tempos; horas a que nace, e se poem o Sol, methodo de agricultura, regras medecinaes. &c. Com hum

resumo Cronologico, ou manual de noticias particulares, do que tem succedido em Portugal, e Hespanha, e outras partes desde a Criação do mundo até o anno de 1730. Lisboa por Pedro Ferreira Impressor da Corte 1730. 4.

Almanack universal para o anno de 1732. bissexto, & contem hum Lunario geral com todos os aspectos que a Lua faz com os Planetas em todos os dias para os Professores da Medicina, e Cirurgia &c. Continua o Resumo Cronologico de noticias particulares do que tem succedido em Portugal, e Hespanha, e outras partes desde a Criação do mundo até o anno de 1731. com hum Cathalogo dos Nacimentos dos Principes da Europa novamente correcto. Lisboa pelo dito Impressor. 1731. 8.

Almanack universal para o anno de 1733. primeiro depois do Bissexto &c. Continua o Resumo Chronologico até o anno de 1732. Lisboa pelo dito Impressor 1732. 8.

Almanack universal para o anno de 1734. segundo depois do Bissexto em que se expoem hum Cathalogo de tudo que contem a Ordem do Patriarcha S. Francisco. Lisboa pelo dito Impressor. 1733. 8.

A Fenix das Tempestades renacida na de 15. de Outubro de 1732. com hum discurso sobre os ventos. Lisboa por Jozé Antonio da Sylva Impressor da Academia Real 1732. 4.

Com o nome de Luiz Jozé Correa traduzio de Castelhana em Portuguez.

Systema Politico da Europa. Dialogo entre hum Francez, e hum Alemão sobre as disposições, e interesses dos Princeses na prezente guerra por Monsur Margue. Lisboa pelo dito Impressor 1734. 4.

ANTONIO CORREA DE SÁ natural de Coimbra filho de Duarte de Sá que servio na India com grande credito do seu valor, Irmao do Doutor Jorge de Sá Soto mayor Lente de Medicina na Universidade de Coimbra, e Pay do Doutor Francisco de Sá Sotomayor Lente de Digesto na mesma Academia. Nella estudou Direito Civil em cuja faculdade fez tantos progressos o seu perspicaz talento, e grande comprehensão que recebido o grão de Doutor foy Lente de Vacacoes no anno de 1547. e de huma Cathedrilha de que tomou

posse em 1548. Destas occupaçoens litterarias foy promovido a outras em que se experimentou a inteireza do seu animo, e a rectidão da sua justiça sendo Desembargador da Casa da Suplicação, e Corregedor do Crime da Corte. Compoz.

Ad Titulum primum lib. V. Legum Regiarum de ordine judiciario in causis criminalibus commentaria.

Esta obra se imprimio até duzentas paginas, como eu a vi, e se não acabou por faltar a vida a seu Author, que delle, e do infausto successo desta obra escreve Francisco Caldas Pereira in Epist. Nuncupat. Part. 1. *Operis Emphyteutici. In librum V. Ordinationum criminalis Fori, et judicialis aulae quendam veluti Isagogen eleganti stylo, & multis Rhetorum floribus aspersam dextro omine auspiciatus doctissimus, et excellentissimus Jure Consultus Antonius Correa de Sá Senator regius, postquam jam praelo vigiliis suas commiserat, paulo post opere inchoato, & paucis paginis absolutis non sine maxima jurisprudentiae jactura diem clausit extremum. Viri illius nullum opus perfectum extat praeter fragmenta quaedam eximium futuri operis fragmentum.* Esta obra louvaõ, e allegaõ Lipen. in *Biblioth. reg. Jurid.* pag. 398. Manoel Barbof. ad lib. 1. *Ordin. Reg. Titul. 77. §. 12. ad lib. 5. Tit. 2. §. 6. Titul. 117. et Titul. 124. in princip. Agoftin. Barbof. ad lib. 2. Decretal. cap. Significasti n. 2. de foro competenti, et in Repert. Verb. Accusare. Gama Decif. 279. n. 1. e Decif. 363. n. 4. onde lhe chama bonarum artium, et juris peritissimus. Phæb. 2. Part. Arest. 133. Cald. Confil. 23. n. 5. Cabed. Part. 1. Decif. 14. n. 4.*

ANTONIO CORREA DE SOUSA natural de Lisboa. Depois de ter ensinado com igual opiniaõ do seu nome, que fruto dos seus discipulos Filosofia, e Theologia na Religiaõ dos Agoftinhos Descalços obrigado de urgentes causas deixou o habito, e não as virtuosas acçoens que praticava pelas quaes se fez digno de exercitar o lugar de Confessor das Religiosas do reformado Convento de Santa Martha de Lisboa. O tempo que lhe restava deste Sagra-do ministerio, e outras occupaçoens precifas o empregava em limar as obras que tinha

composto, ou trabalhar em outras composições eruditas sendo as principaes as seguintes.

Totius Philosophiæ, et Theologiæ compendia. 2. Tom.

Lucerna Ecclesiastica, sive controversia fidei Catholicæ adversus hæreticos 2. Tom.

Discursos predicaveis acomodados para as Festas, e Férias de todo o anno 1. Tom.

Vida do V. Padre Antonio da Conceição da Congregação de S. João Evangelista.

Arte de Rhetorica.

Jogo de vocabulos, e equívocos

De cousas semelhantes, e dessemelhantes.

Exemplos de virtudes.

Varios versos a Christo nacido.

Lyra do amor Divino em verso.

P. ANTONIO DA COSTA Sendo Mestre das Ceremonias da Capella Real inspirado de superior vocação entrou na Companhia de JESUS onde concebeu a heroica resolução de prégar a ley Evangelica à gentildade do Oriente. Para este effeito partio para a India a 15. de Março de 1556. com o Patriarcha da Etiopia Joaõ Nunes Barreto embarcado em a Não Garça de que era Capitão mór D. Joaõ de Menezes de Siqueira Commendador da Vallada. Discorreo com apostolico zelo pelo largo espaço de vinte e dous annos diversas regiões Orientaes em que reduzio muitos Gentios ao gremio da Igreja, não podendo por mais deligencias que applicou, satisfazer as piedosas ancias de illustrar com as luzes do Evangelho as sombras da Etiopia, lugar destinado por seu grande Patriarcha para a cultura do seu zelo. Foy Reytor dos Collegios de S. Paulo de Goa, Baçaim, e Margaõ. Consumido de huma febre lenta, morreo piamente no Collegio de Goa no anno de 1578. cuja morte foy lamentada por toda a Christandade de Salfete. Escreveo.

Tratado de como se hão cathequizar os novamente convertidos; o qual como diz o P. Francisco de Sousa no Orient. Conquist. Part. 2. Conq. 1. Divis 2. §. 27. já não existe por incuria dos tempos.

Carta Annua da Provincia de Goa no anno de 1558.

Carta aos Portuguezes da Ilha de Divar no anno de 1561.

Ambas se conservaõ no Cartorio da Casa professa de Lisboa.

ANTONIO DA COSTA Presbytero muito douto assim na Theologia, como na Rhetorica Ecclesiastica, de que deo hum breve, mas claro argumento da sua capacidade nesta arte imprimindo.

Sermaõ do glorioso Patriarcha S. Bento. Coimbra por Jozé Ferreira Impressor da Universidade 1698. 4.

ANTONIO DA COSTA CORDOVIL natural da Villa de Setuval, e Freire Conventual da Ordem Militar de Saõ-Tiago no Real Convento de Palmella. Estudou Theologia no Collegio das Ordens da Universidade de Coimbra, onde recebido o grão de Doutor nesta faculdade se ordenou de Presbytero, e foy Prior da Parochial de N. Senhora da Ajuda junto à Torre de Outaõ. Neste ministerio não menos instruy o suas ovelhas com a palavra, que com o exemplo, sendo o mais illustre deixar o mundo, e abraçar o penitente Instituto da Provincia da Arrabida onde pouco tempo depois de professo passou a melhor vida no anno de 1679. Antes de ser Religioso imprimio.

Tres Sermoens da Conceição da V. N. Senhora. Lisboa por Antonio Rodriguez de Abreu 1673. 4.

Sermaõ da Santissima Trindade em Setuval na Igreja de S. Juliaõ à Irmandade dos Clerigos. Lisboa por Joaõ da Costa 1672. 4.

Tratado da Oraçaõ.

Fr. ANTONIO COUTINHO Conimbricense teve por Pays a Diogo Coutinho, e Maria da Costa. Na idade da adolescencia abraçou o sagrado Instituto da Ordem de S. Domingos fazendo a profissão solemne no Real Convento de Lisboa a 28. de Agosto de 1602. Aprendidas as Sciencias Escolasticas as dictou no Collegio da sua Patria de cuja Escola sahiraõ tantos Meftres, como Discipulos. Alcançado o grão de Mestre da Ordem foy Cõmissario do Santo Officio, e Prior do Convento de Evora. Dos muitos Sermoens que com geral applauso

prêgou, sómente viraõ a luz publica os seguintes

Sermão estando o Santissimo Sacramento exposto por occasião do furto que se fez em Santa Engracia. Lisboa por Pedro Crasbeeck 1630. 4.

Sermão do Ato da Fé que se celebrou na Cidade de Evora Domingo 14. de Junho de 1637. Lisboa por Jorge Rodrigues. 1638. 4.

Faz delle breve memoria Fr. Pedro Monteiro no *Clauff. Domin.* Tom. 3. pag. 16.

Fr. ANTONIO COUTINHO natural de Lisboa Religioso professo da Ordem da Hospitalidade de S. Joaõ de Deos onde exercitou os lugares de Prior do Convento de Castello de Vide, e do Hospital de Moura, e de Procurador Geral com grande credito do seu talento. Para exercitar a piedade Christãa em obsequio do seu Santo Patriarcha, compoz

Novena do Glorioso Patriarcha S. Joaõ de Deos Fundador da Hospitalidade Pay dos pobres, e enfermos. Evora na Officina da Universidade. 1727. 12.

P. ANTONIO DO COUTO. Naceo na Cidade de S. Salvador Capital do Reyno de Angola onde entrou na Companhia de JESUS a 31. de Outubro de 1631. Para se instruir nas Sciencias Escolasticas passou a Coimbra, em cuja palestra deu iguaes argumentos do talento que tinha para as sciencias como inclinação para as virtudes. Voltou para a sua Patria no anno de 1648. com cartas do Serenissimo Rey D. Joaõ o IV. para ElRey de Congo, do qual foy recebido com grande benevolencia. O apostolico zelo que lhe animava o corpo lhe cõmunicou alentos para discorrer por diversas terras para lucrar almas a Christo penetrando com grande disvelo, e immenso trabalho aquelles vastos certoens onde escalfamente tinha rayado a Luz do Evangelho. Attenuado com estas heroicas fadigas foy alcançar o premio na gloria em Loanda a 10. de Julho de 1666. do qual affirma o P. Franco in *Synops. Annal. Soc. Jes. in Lusitan.* pag. 340. n. 5. *In rebus angustis omnes ad eum tanquam communem patrem soliti confugere, ut talem vulgus, & Magnates vene-*

rabantur. Naõ sendo menor o elogio que lhe faz in *Ann. glorios. S. J. in Lusit.* pag. 383. Para instruir aos Missionarios que haviaõ cultivar a vinha de Angola, escreveu.

Gentio de Angola sufficientemente instruido nos Mysterios da nossa Santa Fé. Lisboa por Domingos Lopes Roza 1642. 8. Foy traduzido na lingua latina por Fr. Antonio Maria Prandomontano Capuchinho Romæ typis Congregationis de propaganda fide. 1661. 4.

ANTONIO DO COUTO Fidalgo Cavalleiro da Casa Real, e professo na Ordem Militar de Christo, Senhor da Capella instituida por Vasco Martins da Agua em a Parochial Igreja de Santa Justa da Cidade de Coimbra naceo em Villa-Viçosa em o anno de 1593. e teve por Pays a Jorge Gonçalves do Couto da Costa, e a D. Izabel Franca sua prima por ser filha de seu Tio Affonso do Couto. Depois de aprender nos primeiros annos a lingua Latina, que soube com perfeição querendo instruir-se em as disciplinas Mathematicas teve por Mestre da Fortificação, e Cosmografia a D. Manoel de Menezes General da Armada Real com quem por toda a vida conservou estreita amizade naõ sómente pelas liçoens que delle recebera, mas por ser Primo de Cosme do Couto Barboza Almirante Geral da Armada, e Cõmendador de S. Pedro de Nogueira ao qual era muito affecto D. Manoel de Menezes. Em diversas Armadas se embarcou sempre á sua custa, e com grande lusimento, principalmente em o anno de 1625. quando o mesmo D. Manoel de Menezes foy socorrer a Bahia sitiada pelos Olandezes o qual o armou Cavalleiro com todas as ceremonias militares pelo heroico valor com que pelejou contra tres Náos Olandezas, na altura da Ilha de S. Miguel. Naõ manifestou menor esforço em o anno de 1627. quando acompanhado do Almirante Christovaõ Cabral discorreo pela Costa da Corunha, e na Ilha de Oleron visinha ao Porto de Arrochella concorreo para que esta Praça se fogueitasse ao dominio de Luiz decimo terceiro seu legitimo Soberano. Atendendo a Magestade delRey D. Joaõ o IV. aos seus merecimentos o nomeou Secretario da Casa de Bragança em quanto o

naõ remunerava com mayor premio. Por morte deste Principe em quem tinha fundado as esperanças dos seus augmentos lhe offereceraõ o lugar de Secretario das Mercês, que elle briofamête regeitou por vir pensionado com o donativo de cinco mil cruzados. Foy muito inclinado á pintura, e era notavel o primor com que defenhava naõ sendo menor o artificio com que abria letras com tizoura em papel, como fez em hum soneto que compusera. Falleceo em Lisboa no anno de 1679. com 86. annos de idade. Jaz sepultado em sepultura propria no Convento de S. Domingos. Foy cazado duas vezes, e do segundo matrimonio celebrado com D. Izabel de Carvalhaes Barboza, e Pitta teve a Luiz do Couto Felis de quem faremos merecida memoria em seu lugar, e a D. Ignacia Maria de Couto que depois de Viuva de Philippe Peixoto da Sylva Fidalgo da Casa Real, e Cavalleiro da Ordem de Christo se recolheu Religiosa no reformado Convento do Sacramento de Religiosas Dominicãs desta Corte. Escreveo

Tratado da Fortificação, e da Esfera. M. S. 4. o qual deu Antonio do Couto de Castello-Branco Neto do Author a seu Sobrinho Antonio Philippe Pereira Forjas Irmão de Jozé Bruno de Cabedo, e Vasconcellos morador em Setubal em cuja livraria se conserva.

ANTONIO DO COUTO DE CASTELLO-BRANCO Fidalgo da Casa Real Cavalleiro da Ordem Militar de Christo Commendador, e Alcaide Mór de Saõ-Tiago de Cacem, naceo em Lisboa a 8. de Outubro de 1669. e foy bautifado na Parochial Igreja dos Anjos a 24. do dito mez por Manoel de Magalhaens de Menezes Deputado do Conselho Geral do Santo Officio, sendo Padrinho seu Avó Antonio do Couto, de quem se fez a precedente memoria. Foy filho de Luiz do Couto Felis Fidalgo da Casa Real, e Guarda mór da Torre do Tombo, e de D. Paula Jozepha de Castello Branco filha de Manoel da Cunha Soares Moço fidalgo Cavalleiro da Ordem de Christo, e Senhor do Morgado do Zambujal, e de D. Mariana da Cunha de Castello Branco. Desde a puericia começou a instruirse com aquellas artes proprias do seu nascimento, quaes foraõ

fallar puramente as linguas Latina, Franceza Italiana, e ainda da Hebraica teve, bastante conhecimento; jugar as Armas com destreza, e mandar os Cavallos com arte. Como todo o seu genio se inclinava para a Milicia por ser palestra de animos valerosos aprendeo com summo disvelo os preceitos da Fortificação, e da Nautica, e sahio nelles muito perito sendo o mar, e a terra os theatros em que por diversas vezes felizmente os praticou. Occupou varios postos devidos naõ menos à valentia do seu braço, que à direcção do seu juizo, sendo Capitaõ Tenente da Náo Nossa Senhora do Bom Sucesso em 20. de Abril de 1697. Capitaõ de mar, e guerra em 11. de Dezembro de 1703. Mestre de Campo de Infantaria do Regimento da Praça de Chaves a 2. de Mayo de 1705. Brigadeiro a 28. de Abril de 1708. e ultimamente Sargento mór de Batalha a 13. de Abril de 1738. Na ultima guerra, que esta Coroa declarou contra Espanha, naõ houve acção militar em que ou expugnando, ou defendendo naõ alcançasse immortal fama o seu valor, como succedeo na Restauração de Marvaõ, e Sitio de Badajos no anno de 1705. na Conquista de Ciudad Rodrigo; de S. Felix de los Gallegos, Amoraleja, no assalto de Banheiras no Reyno de Galiza no anno de 1706. e no sitio de Vilhena em o Reyno de Murcia em 1707. Governou as Cidades de Placencia, e Salamanca em Castella a Velha, Campilho de Altiboy em Castella a Nova, e a Praça de Bocarente no Reyno de Valença atè que na fatal batalha de Almança dada a 25. de Abril de 1707. mandando dous Regimentos na primeira linha depois de obrar acçoens dignas de enveja dos seus companheiros foy prizioneiro, e despojado de todos os vestidos, cuja adversidade tolerou com animo heroico. Restituido à liberdade, e à patria foy nomeado Inspector das Ilhas dos Afleres, e depois Governador da Praça de Elvas desempenhando com vigilante prudencia a judicioza eleyção que da sua Pessoa se fizera para taõ authorizados lugares. Nunca o horror de Marte lhe impedio o cõmercio de Minerva revolvendo continuamente os livros naõ sómente da sua profissão militar, mas da Historia profana, Geografia, e Genealogia de que saõ argumentos claros as obras seguintes.

Memorias militares pertencentes ao serviço da Guerra assim terrestre como maritima, em que successivamente se contem as obrigações dos Officiaes de Infantaria, e Cavallaria, e Artilharia, e Engenheiros; insignias, que lhe tocaõ trazer, a fórma de campar, e conservar o campo; o modo de expugnar, e defender as Praças, e a disposição de batalhas terrestres, e navaes, &c. Amsterdaõ por Miguel Dias 1719. 8. com estampas.

Suplemento às Memorias Militares. Tom 2. das suas observaçoens, e apontamentos das obrigaçoens, e practicas da Guerra. Lisboa na Officina da Musica. 1731. 8.

Memorias, e observaçoens militares, e politicas Tom. 3. Referem-se todas as operaçoens militares, e politicas de Portugal que moveraõ a concluir huma Liga com as Coroas de França, e Castella, e sabindo desta celebrar outra com o Imperio, Graõ Bretanha, e Olanda: os successos da Guerra em que entrou com os seus Alliados, marchas de exercitos, sitios, e expugnações de Praças, encontros, e batalhas navaes, &c. Lisboa na Officina da Musica, e da Sagrada Religiaõ de Malta. 1740. 8.

Memorias, e Observaçoens Militares. Tom. 4. Referem-se todas as operaçoens do Exercito de Portugal na campanha de 1706. desde que sabio de Portugal até tomar quarteis no Reyno de Valença, com a noticia da expugnação das Praças de Alcantara, Moraleja, Ciudad Rodrigo, e S. Felices de los Gallegos, aclamação delRey Carlos III. Madrid. M. S.

Memorias, e Observaçoens Militares, e Politicas Tom. 5. Referem-se todas as operaçoens militares do Exercito de Portugal depois que sabio do Reyno de Valença, e as disposiçoens para a Campanha, e expugnaçoens da Praça de Vilhena no Reyno de Murcia, movimentos, e marcha nelle; batalha de Almança. Marcha dos prisioneiros; hidas às Ilhas com socorro, &c. M. S.

Memorias, e observaçoens militares, e politicas Tom. 6. Contem cartas escritas nas Cortes de Portugal, e Castella por fórma de Manifestos, e disposiçoens para o rompimento entre as duas Coroas. M. S.

Estes tres Tomos estaõ promptos para a Impressaõ.

Descripção das nove Ilhas dos Affores,

em que se vê debuxada a Planta de cada huma, a altura da sua situaçãõ; frutos, arvores, Animas, e Aves que produz, o numero de gente que as habita, e o anno em que se povoaraõ, familias illustres que nellas florecem. Fol. M. S. em papel grande, offerecida à Magestade delRey D. Joaõ o V. Nosso Senhor, cujo Original se conserva na Bibliotheca do Excellentissimo Marquez de Abrantes.

Antes de ter composto este Livro escreveu.

Conta que deu a S. Magestade em 20. de Novembro de 1708. das Ilhas do Fayal, Graciosa, Pico, S. Jorge, Corvo, e Flores quando assistio nellas por seu Inspector. Fol. M. S. consta de 16. Paginas.

Tratado da Familia do Couto. Fol. M. S.

Estas duas obras conserva na sua Livraria o Eruditissimo Jozé Freyre de Monterroyo Mascarenhas como nella vimos.

Familias do Reyno de Portugal ordenadas pela ordem Alfabetica fol. 8. Tom. M. S.

Familias dos Reis da Europa, e dos Titulos de Portugal, Baroens, e Officiaes da Casa Real. fol. 2. Tom. M. S. Conservaõ-se em poder de seu Author, do qual faz honorifica memoria Antonio Carvalho da Costa Corog. Portug. Tom. 1. Trat. 3. cap. 23. pag. 271.

ANTONIO DE CRASTO Natural da Cidade de Bragança da Provincia Transmontana. Foy insigne em todas as Artes Liberais principalmente Geometria, Arithmetica, Cosmographia, e Astronomia, naõ sendo menos sciente na Lingua Latina, e Arte Poetica. Todas estas Sciencias o fizeram digno de ser Mestre dos Moços Fidalgos que frequentavaõ o Paço, e depois do Serenissimo Duque de Bragança D. Theodosio II. Morreo no anno de 1603. deixando diversas obras, que testemunhavaõ a sua vasta erudição ainda que a mayor parte incompletas. Das que tinhaõ a ultima perfeição, foraõ

Tractatus de maris falsedine. M. S.

Tractatus de conchiliis. M. S.

Tractatus de Vino myrrhato Christo

Domino à Judæis in Cruce propinato;

No qual impugnava o que nesta materia tinha escrito o Cardeal Baronio.

Fr. ANTONIO DA CRUZ natural de Lisboa, e filho de Luiz Fernandes Barbas, e Catherina Henriques. Professou o habito da illustre Ordem da Santissima Trindade no Convento patrio a 26. de Janeiro de 1598. onde pelas suas letras, e virtuosas açoens exercitou prudentemente os mais honorificos lugares, como foraõ Vigario do Real Convento de Ceuta, Reytor do Collegio de Coimbra, Secretario da Provincia, Prégador Geral, Ministro do Convento de Lisboa, e ultimamente Provincial eleito no anno de 1629. Foy dotado de ardente charidade, e abrazado zelo no exercicio de resgatar Cativos, principal obrigaçõ do seu sagrado Instituto, para cujo effeito desprezando os mayores perigos passou duas vezes a Argel; a primeira no anno de 1618. em que resgatou cento, e cincoenta e dous cativos; a segunda no anno de 1620. em que libertou cento, e quarenta e nove. Neste ultimo resgate como consumisse dous annos foy julgado pelos barbaros ser espia de Castella, sendo condemnado a huma dura prizaõ, e ultimamente à morte, mas conhecida a sua innocencia foy restituído à liberdade, e ao Reyno onde acabou a vida no 1. de Janeiro de 1635. Escreveo.

Historia dos resgates, que fez, e dos muitos trabalhos, que padeceo por amor dos Cativos não sô em Argel entre os Mouros mas ainda em Lisboa pelos seus emulos. M. S. em folha. Conserva-se na Livraria do Convento da Santissima Trindade de Lisboa. Do Author faz illustre memoria Fr. Bernardin. de Santo Antonio in *Epit. Redempt.* lib. 2. cap. 4. e cap. 11.

ANTONIO DA CRUZ. Naceo em Lisboa, e foy hum dos mais insignes Cirurgiaens do seu tempo, cuja arte exercitou muitos annos no Hospital Real de todos os Santos assistindo não sómente com grande caridade, e não menor sciencia aos enfermos, mas instruindo na sua faculdade a muitos discipulos, que sahiraõ da sua escola muito peritos, e para que mais brevemente se informassem nos seus preceitos, escreveo *Optime, docte, et Curiose* como affirma o celebre Zacuto Lusit. *Prax. Med.* liv. 2. Observat. 84. & in Præfat. ad *Prognostic. Hippocrat.*

Recopilaçõ da Çurgia dividida em cinco

Tratados. O 1. trata da Anatomia de todos os membros do corpo humano simples, e compostos. 2. de *Aposhemas* 3. de *Feridas.* 4. de *Chagas.* 5. da natureza dos *Simplees.* Lisboa por Jorge Rodrigues 1601. 4. e 1605. e ibi por Matheos Pinheiro 1630. 4. e acrescentada por Francisco Soares Foyo, e Amaro da Fonseca Cirurgiaens de Lisboa ibi por Manoel Gomes de Carvalho. 1649. 4. Novamente acrescentada pelo dito Francisco Soares Foyo, e Antonio Gonçalves. Lisboa por Antonio Crasbeeck de Mello 1669. 4. e ibi por Miguel Deslandes 1688. 4. e Lisboa por Bernardo da Costa de Carvalho 1711. 4.

Joan. Soar. de Brito in *Theat. Lusit. Litter.* lit. A. n. 65. lhe chama *Chirurgus expertissimus.* Não posso affirmar certamente se he o mesmo, ou outro diferente por ter o mesmo nome o Author da obra seguinte

Ordem de rezar o Rosario de N. S. com a Coroa de Christo no fim. Lisboa por Domingos Lopes Rofa 1647. 24. e por Joaõ da Costa 1668. e por Miguel Deslandes 1688.

ANTONIO DA CRUZ. Naceo na Cidade de Lamego a 10. de Julho de 1671. Ainda estava na idade da adolescencia quando vestio a murça de Conego Secular da Cõgregaçã do amado Evangelista no Convento de S. Bento de Enxobregas a 14. de Mayo de 1688. Depois de jubilar na Sagrada Theologia, e ter sido Reytor do Cõvento da sua patria, e Definidor mór, foy eleito Geral em o anno de 1730. em cujo lugar manifestou a prudencia do seu talento, que era igual para o Pulpito. Morreo na patria a 10. de Novembro de 1738. com 67. annos de idade, e 50. de Religiaõ. Imprio.

Sermaõ de Exequias no Officio das Honras do Illustrissimo, e Reverendissimo Senhor D. Joaõ de Brito, e Vasconcellos Bispo de Angra, que se fez no Convento de Santa Cruz da Cidade de Lamego dos Conegos seculares da Congregaçã de Saõ Joaõ Evangelista. Lisboa por Francisco Xavier de Andrade. 1722. 4.

ANTONIO DELICADO natural da Villa de Alvito da Diocefe de Evora na

Provincia do Alentejo. Desde a primeira idade se educou em Casa de Manoel Severim de Faria Chantre de Evora. Varão tão insigne pela noticia das antiguidades, como pela integridade de costumes, de cuja disciplina nunca degenerou, antes ordenado de Sacerdote foy eleito Parocho da Igreja de Santa Maria da Charidade situada fora dos muros de Evora, onde praticou as obrigações de verdadeiro Pastor. Como era muito perito dos mysterios da lingua materna assim moderna como antiga de que o louva João Soares de Brito in *Theat. Lusit. Litter.* lit. A. n. 68. escreveu por impulso do Chantre de Evora.

Adagios Portuguezes reduzidos a lugares communs. Lisboa por Domingos Lopez Rosa. 1651. 4.

ANTONIO DE DEOS CAMPOS Naceo na Cidade do Porto a 3. de Outubro de 1699. e teve por Pais a Antonio de Deos Campos, e Conceição de Santa Rosa. Instruido na lingua Latina frequentou na Patria o estudo da Filosofia, e Theologia até que passando à Universidade de Coimbra se applicou à sciencia do Direito Pontificio em que recebeu o grão de Bacharel em 31. de Julho de 1721. Depois de ser Dezembargador, e Promotor do Bispaado do Porto tomou posse da Abbadia da Igreja Parochial de S. Nicolao da mesma Cidade a 22. de Outubro de 1723. donde passou a Conego Magistral de Escritura em a Cathedral da sua patria a 14. de Julho de 1737. Não sómente he versado em as Humanidades, e noticia das linguas Castellhana, e Italiana, mas ornado de grande talento para o Pulpito, como testifica a obra seguinte.

Panegyrico Evangelico, e Gratulatorio exposto na solemnidade, que em acção de Graças no dia 28. de Outubro de 1739. celebrou o nobilissimo, e preclarissimo Senado da Camara da Cidade do Porto na Santa Igreja Cathedral da mesma pelo felicissimo Nascimento da Terceira Filha do Serenissimo Principe do Brasil nosso Senhor D. Jozé. Porto. 1740. 4. sem nome de Impressor.

ANTONIO DIAS CARDOSO natural da nobre Villa de Santarem filho do Doutor Pedro Fernandes, e Barbara Fernandes, e Irmao do Doutor Ferno Ro-

driguez Cardoso Collegial do Collegio Real de S. Paulo. Estudou Direito Pontificio na Universidade de Coimbra em cuja faculdade se doutorou donde passou a ser Conego Doutoral na Sé de Evora, de que tomou posse em 27. de Julho de 1620. Pela grande literatura, e virtuoso procedimento foy creado Inquisidor da Inquisição de Coimbra a 20. de Mayo de 1589. donde foy transferido à de Evora em 12. de Outubro de 1602. e ultimamente Deputado do Conselho Geral em 14. de Mayo de 1610. como escreve Fr. Antonio de Souf. de *Orig. Inquis. Lusit.* §. 2. n. 10. §. 4. n. 12. e §. 2. n. 16. e Fr. Pedro Monteiro no *Catalogo dos Deput. do Conc. Geral.* Morreo em Lisboa a 26. de Janeiro de 1624. e está enterrado no Convento de Santo Eloy dos Conegos Seculares do Evangelista com este epitafio que traz o P. Francisco de Santa Maria no *Ceo aberto.* liv. 2. cap. 22. pag. 445.

Sepultura do Doutor Antonio Dias Cardoso do Conselho de Sua Magestade, e do Geral da Santa Inquisição Conego doutoral da Sé de Evora faleceo a 26. de Janeiro de 1624. Escreveo.

Regimento do Santo Officio de Portugal Lisboa por Pedro Crasbeck. 1613. fol. Foy mandado imprimir por ordem do Inquisidor Geral D. Pedro de Castilho.

Destá obra diz Manoel Mendes de Castro in *Pract. Licit.* lib. 2. cap. 1. §. 7. n. 16. *Nihil ad praxim amplius desiderari potest,* tendo escrito do Author *ætatis suæ sapientissimum admirabilis sanctitatis, & prudentia virum.*

Fr. ANTONIO DE S. DOMINGOS natural da Cidade de Coimbra, e hum dos mais famosos Letrados da Ordem dos Prédigadores cujo habito professou no Real Convento de Lisboa a 7. de Fevereiro de 1547. Depois de ter estudado Filosofia, e Theologia com enveja dos seus condiscipulos as dictou com admiração de todos os Mestres pelo largo espaço de quarenta annos dos quaes vinte foraõ sendo Lente de Prima de Theologia na Universidade de Coimbra de que tomou posse em 10. de Fevereiro de 1574. substituindo no lugar, e na fama a Fr. Martinho de Ledesma, servindo muitas vezes

de Vicereitor na mesma Academia. Foy Prior do Convento de Lisboa no anno de 1568. em que fatalmente ardia toda ella no incendio da peste, e preferindo a salvaçaõ alheya à propria vida nunca se retirou do Convento antes com summa charidade confessava aos feridos do contagio. Servio o Tribunal do Santo Officio como Qualificador, depois Deputado da Inquisiçaõ de Lisboa de que tomou posse em 28. de Setembro de 1581. até que morreo na sua patria quando contava 65. annos de idade no anno de 1596. e não (como escreve Fr. Pedro Monteiro no *Claust. Domin.* Tom. 3. pag. 13. e 59. no anno de 1597. nem no anno de 1598. como diz à pag. 147. e no *Cathalog. dos Deputad. da Inquis. de Coimbra* n. 15.) Delle se lembraõ Fr. Luiz de Sousa *Hist. de Saõ Domingos da Prov. de Portug.* Part. 1. liv. 3. cap. 37. chamando-lhe *famoso Prègador*. O Senhor D. Antonio na Carta escrita no anno de 1583. a Gregorio XIII. *homo de grandes lettres, e erudition.* Echard *Script. Ord. Prædic.* Tom. 2. pag. 251. *Magister ævo clarissimus.* Maffeo in *Vita Soarii* cap. 10 Joan. Soar. de Brit. in *Theat. Lusit. Litera.* lit. A. n. 70. Fr. Ant. Senenf. in *Bib. Frat. Ord. Præd.* pag. 26. *Vir ingenii magno acumine, et admodum expediti natura præditus,* et in *Chron. Frat. Ord. Præd.* pag. 328. *In concionando locum meretur haud dubie in confessu concionatorum insignium.* Nic. Ant. in *Bib. Hisp.* Tom. 1. pag. 90. *Tempore suo valde fuit celebris.* Taxand. in *Cathal. Clar. Hisp. Script.* Compoz.

Commentaria in Universam Theologiam M. S. Traduzio de Latim de Santo Antonino Arcebispo de Florença em Portuguez, e a publicou.

Vida de Saõ Domingos fol.

Compendio das Chronicas da Ordem.

Do qual faz memoria Cardoso *Agiol. Lusit.* Tom. 1. pag. 297. no Commentario de 30. de Janeiro letr. B. e Tom. 2. pag. 223. no Commentario de 18. de Março letr. B. e no Tom. 3. pag. 252. no Comment. de 14. de Mayo letr. C.

Dos Novissimos do homem.

Destá obra se lembra Fr. Affonso Fernand. in *Concertat. Præd.* a qual escreve Fr. Pedro Monteiro no *Catal. dos Deput. da Inq.*

de Coimbra. n. 15. que se imprimio, e me parece se enganou.

Fr. ANTONIO DE S. DOMINGOS Naceo em a Villa de Santarem do Arcebisnado de Lisboa a 4. de Agosto de 1667. filho de Paschoal Jorge, e Margarida da Costa, e semelhante ao precedente em o nome, e na profissãõ do Instituto Religioso que fez no Convento de Bemfica a 25. de Abril de 1685. Foy Prègador Geral, Prior do Convento de S. Domingos de Coimbra, e Vigario das Religiosas do Convento de S. Joaõ de Setubal. Imprimio.

Sermaõ do ultimo dia do solenissimo Triduo com que os Religiosos da Sagrada Companhia de JESUS festejáraõ no seu Collegio de Santarem a gloriosa Canonizaçaõ dos seus portentosos Santos Santo Stanislaõ Koska, e Saõ Luiz Gonzaga a 30. de Setembro de 1727. 4. Lisboa por Manoel Fernandes da Costa 1728. 4.

Delle faz muito breve memoria Fr. Pedro Monteiro no *Claust. Domin.* Tom. 3. pag. 147.

ANTONIO DUARTE natural de Evora filho de Simaõ Duarte, e Izabel Luiz, Coadjuutor temporal da Companhia de JESUS onde entrou a 20. de Janeiro de 1693. compoz como escreve o P. Fonseca na sua *Evor. Glorios.* pag. 427.

Commentarios aos exercicios de Santo Ignacio. M. S.

Fundaçaõ do Convento do Salvador de Evora com as vidas das religiosas que nelle floreceraõ M. S.

ANTONIO DUARTE DE VASCONCELLOS filho de André Duarte de Vasconcellos, Cavalleiro da Ordem Militar de Saõ-Tiago, de quem já fizemos memoria, e de D. Antonia de Andrade Gouvea, e Miranda naceo na Cidade de Lisboa no anno de 1670. Foy ornado de grande engenheiro, e admiravel comprehensãõ. Cultivou com genio, e estudo a Arte Poetica de que deixou hum livro de 4. intitulado.

Poesias varias. M. S.

Faleceo na Villa de Santarem a 30. de Agosto de 1703. e jaz sepultado no Convento de Santo Agostinho da mesma Villa.

ANTONIO DURAM Soldado vale- roso que militou muitos annos na India dan- do sempre do seu animo heroicas demonst- raçoens, sendo a mayor quando a Forta- leza de Moçambique foy cercada no anno de 1607. e 1608. por huma innumeravel multidaõ de Olandezes, a cuja violenta in- vasaõ fortemente resistio. Voltando para a Patria escreveu com *elegante estilo* como diz Joaõ Pinto Ribeiro na *Prefer. das letras às Armas*.

Cercos de Moçambique defendidos por D. Este- van de Attayde Capitam General, y Governador de aquella Praça. Madrid por la viuda de Alonso Martines 1633. 4. Faz memoria desta obra, e seu Author a *Bib. Orient.* de Antonio de Leaõ novamente acrescentada Tom. 1. Tit. 3. col. 54.

Fr. ANTONIO DE SANTO ELISEU natural da Villa de Ançaá do Bispaõ de Coim- bra. Tendo estudado as primeiras letras na Patria passou a Lisboa quando contava 18. annos de idade, e recebendo o habito de Car- melita Descalço no Convento de N. Senhora dos Remedios professou solemnemente a 19. de Março de 1680. Tanto foy o progresso que fez nos estudos que brevemente subio a ser Mestre de Theologia Escolastica, e Posi- tiva, em que era eminente. Foy ornado de summa prudencia, e affabilidade, cujos dotes o constituhiroõ merecedor de que succesiva- mente occupasse os lugares de Prior dos Con- ventos de Setubal, e Carnide, Reytor do Colle- gio de Coimbra, Definidor, Consiliario, e duas vezes Provincial da sua reformada Fa- milia. Morreo no Convento de Carnide situado nos arrabaldes de Lisboa a 17. de Setembro de 1736. com 74. annos de idade e 56. de Religião. Compoz.

Sermoens Varios Part. 1. Lisboa por An- tonio Pedroso Galraõ. 1736. 4.

Parte 2. Lisboa pelo mesmo Impressor. 1737. 4.

Parte 3. Lisboa. Pelos herdeiros de An- tonio Pedroso Galraõ 1740. 4.

P. ANTONIO DA ENCARNAÇAM Na- ceo em Lisboa no anno de 1601. sendo seus Pays Braz Nunes, e Dionisia Matosa. Na idade juvenil recebeu o habito de Conego Secular da Congregaçaõ do Evangelista onde teve os

lugares de Almoxarife do Hospital das Caldas da Rainha, e Porteiro do Convento de Santo Eloy de Lisboa. Applicou-se ao estudo da Me- dicina, e Cirurgia fazendo pelas suas maõs os remedios que receitava, cujo effeito era taõ fel- iz que para receberem faude o chamavaõ as principaes pessoas da Corte sem que desta arte lucrasse cousa alguma. Compoz.

Confessionario Geral. M. S.

Declaraçaõ dos remedios, que se obraõ nas bo- ticas. M. S.

Estes dous livros estavaõ promptos para a impressaõ.

Fr. ANTONIO DA ENCARNAÇAM Natural de Evora onde foy instruido por seus Pays Francisco Bulhaõ, e Juliana da Ponte com documentos virtuosos. Depois de professar no Convento da sua Patria o Sagrado Instituto da Ordem dos Prégadores partio para a India Oriental, e no Collegio de Santo Thomaz de Goa estudou as sciencias escolasticas em que sahio eminente nas quaes instruyo aos seus do- mesticos até ser Presentado em Theologia no anno de 1630. Voltando para o Reyno passou por Armenia onde foy benevolamente recebido pelos seus Religiosos que alli residem, e instrui- do no idioma da terra naõ sómente verteo nelle as Constituiçoens da Ordem, Missal, e Breviario, mas foy eleito seu Provincial, em cujo ministe- rio manifestou a grande prudencia, de que era ornado restituindo à sua primitiva observancia os Religiosos, que estavaõ summamente relaxa- dos, sendo o seu mayor disvelo a propagaçaõ da Fé naquella regiaõ, como narra Clemente Ga- lane no *Trat. 1. Historia Armeniae* de cuja Sa- grada empreza foy seu Companheiro. Assistio como Definidor no Capitulo Geral celebrado em Roma a 6. de Mayo de 1650. e naõ de 1684. como modernamente escreve com enorme ana- cronismo o P. Fr. Lucas de Santa Catherina na 4. Parte da *Histor. de S. Domingos da Provinc. de Portug.* liv. 1. cap. 12. pag. 70. e em taõ veneravel congresso foy venerado o seu talen- to. Depois de restituído a Portugal foy De- putado da Inquisiçaõ de Evora, de que to- mou posse em 7. de Junho de 1659. donde passou com o mesmo lugar para a de Lisboa em 11. de Junho de 1661. Foy Prior do Convento de Bemfica, e Vigario do Mos-

teiro das Religioſas do Sacramento, e em ambos eſtes miniſterios ſe mostrou ſumma-mente prudente, e vigilante. Morreo no Convento de Lisboa a 15. de Outubro de 1665. Compoz.

Relações ſummarias de alguns ſerviços que fizeram a Deos, e a eſtes Reynos os Religioſos Dominicanos nas partes da India Oriental neſtes annos proximos paſſados. Lisboa por Lourenço Crasbeeck. 1635. 4.

Relação das couſas que neſtes annos proximos fizeram os Religioſos da Ordem dos Prégadores, e dos prodigios, que ſucederaõ nas Chriſtandades do Sul, que correm por ſua conta na India Oriental. Lisboa por Henrique Valente de Oliveira 1665. 4.

Sermaõ do Aſto da Fé celebrado em Goa a 7. de Fevereiro de 1617. Lisboa por Pedro Crasbeeck. 1628. 4.

Relação do principio da Chriſtandade nas Ilhas do Solor. Deſta faz menção Jorge Cardoſo *Agiol. Luſit.* Tom. 2. pag. 198. no Comment. de 16. de Março letr. E.

Deſtas Relações faz menção, e de ſeu Author a *Bibliothec. Orient.* de Antonio de Leon modernamente acrecentada Tom. 1. Tit. 3. col. 84. e Tom. 2. Tit. 20. col. 754.

Relação do martyrio dos Padres Fr. Luiz do Eſpirito Santo, e Fr. Joaõ da Piedade Dominicanos nas Ilhas do Solor. Della ſe lembra Cardoſo *Agiol. Luſit.* Tom. 2. pag. 50. no Commentario de 4. de Março letr. N. D. Fr. Jozè de Santa Maria Biſpo de Biſignano in *Vita V. P. Fr. Franciſci Donati Dominicani Martyris.* no cap. 20. affirma que tem em ſeu poder diverſas Relações da India M. S. eſcritas por Fr. Antonio da Encarnação.

Adição à Fundação do Convento de S. Domingos de Bemfica. Sahio imprefſa na 2. Part. da *Hift. de Saõ Domingos da Prov. de Portugal* deſde pag. 96. v.º até. 106. v.º com a *Vida de Fr. Luiz de Souſa* ſeu Chroniſta no principio da meſma Chronica, ſervindolhe do mayor elogio da ſua elegante penna o equivocarſe com a de Fr. Luiz de Souſa *imitando o ſeu eſtylo com ſingular elegancia hiſtorica,* como diz o P. Fr. Lucas de Santa Catherina na *Hift. de S. Domingos* já allegada pag. 926. Semelhantes louvores lhe dà Jacobo Echard *Script. Ord. Præd.* Tom. 2. pag. 561. poſto que por en-

gano o fez diverſo do que traz à pag. 603. ſendo o meſmo. Fr. Miguel da Purif. *Relac. Deſenf. dos filhos da India* Trat. 1. cap. 6. pag. 39. v.º Fr. Pedro Monteiro *Clauſt. Domin.* Tom. 3. pag. 147. e no *Cathal. dos Deput. da Inquiſ. de Evor.* P. Franciſco da Fonſec. *Evor. Glorioſ.* pag. 410. a *Bib. Orient.* novamente addicionad. Tom. 1. Tit. 3. col. 52. onde erradamente eſcreve que proſeguira a 2. e 3. Part. da Chronica de Fr. Luiz de Souſa quando ſómente addicionou a 2. Parte como affima ſe diſſe.

Fr. ANTONIO DA ENCARNAÇÃO Naceo em Lisboa, e na Igreja dedicada à Aſcenção de Chriſto ſituada na Calçada do Combro recebeu a graça bautifmal a 14. de Novembro de 1622. Foy filho de Joaõ da Coſta, e Agueda Manoel. Quando contava deſeſete para deſoito annos veſtio o habito Serafico da Ordem da Penitencia em o Convento de N. Senhora de JESUS da ſua patria onde profeſſou a 25. de Janeiro de 1642. Eſtudou as ſciencias Eſcholasticas com tanta comprehenſão, que excedeu a todos os ſeus condiſcipulos. Deixando a Cadeira ſe applicou ao exercicio do Pulpito em que mereceo univerſal applauſo. Foy Secretario da Provincia, Reytor do Collegio de S. Pedro de Coimbra, e Comiſſario da Veneravel Ordem Terceira do Convento deſta Corte, onde falleceo ſendo actualmente Comiſſario a 22. de Novembro de 1666. com 44. de idade, e 25. de Religiaõ. Sendo Secretario da Provincia Compoz.

Cathalogo Indice da Santa Provincia da Terceira Ordem de Portugal. fol. M. S. Dividiſe em tres Partes. A primeira trata das Fundações dos Conventos, e couſas mais notaveis delles. A ſegunda declara os Nomes, e as Patrias dos Religioſos; os dias em que receberaõ o Habito, e fizeram Profiſſão, os lugares, e dignidades que tiveraõ. A terceira trata das eleyções Capitulares que na Provincia ſe celebráraõ.

Fazem menção deſte Author os *Faſtos da Provinc. da 3. Ordem Part. 2.* e o Padre Antonio Carvalho da Coſta *Corog. Portug.* Tom. 3. Trat. 8. cap. 33. *bem conhecido, e venerado neſta Corte, e em todo o Reyno.*

Fr. ANTONIO DE S. ENGRACIA natural de Lisboa, Religioso da Ordem dos Menores da Provincia dos Algarves, cujo Habito professou no Convento de Portalegre a 23. de Dezembro de 1688. Foy Sancristão mór no reformado Convento das Religiosas da Madre de Deos situado fora dos muros de Lisboa, Varaõ de inculpavel vida, e summa candidez. Em obsequio da Santa Anna a quem affectuosamente amava. Compoz.

Novena da gloriosa Senhora Santa Anna Mãe da Mãe de Deos, e Avó de Christo. Lisboa por Mathias Pereira da Sylva, e João Antunes Pedroso. 1720. 24.

Fr. ANTONIO DE SANTA ESCOLASTICA Naceo em Lisboa, e na idade da adolescencia deixando a casa de seus Pays, João Pinheiro de Mattos, e D. Escholastica de Freitas buscou a Religião do D. Maximo professando no Real Convento de Belem a 28. de Setembro de 1684. Aprendeo as sciencias de Filosofia, e Theologia com igual applicação ao applauso com que depois as dictou não lhe servindo de embaraço a o seu grande talento que ao mesmo tempo cultivasse entre os estudos severos a amenidade das letras humanas, e Poesia assim Latina como vulgar para que teve natural propensão. Foy Prior do Convento da Pena, e Visitador Geral da sua Congregação em cujos ministerios deo claros argumentos de prudencia, e affabilidade de que he summamente ornado. Tem Composto.

Traçtatus de Penitencia fol. M. S.

Traçtatus de Sacramentis. fol. M. S.

Flosculus Theologicus. He hum Compendio de toda a Theologia. M. S.

Panegyrico ao Principe D. João primogenito dos Serenissimos Monarchas D. Pedro 2. e D. Maria Sofia Izabel de Neoburg. Era composto em verso heroico que não imprimio pela breve duração que teve este Principe.

Lo que pueden las Estrellas. Comedia.

Tres Epigramas Latinos, e hum Soneto Portuguez, em applauso do P. Fr. Simão Antonio de Santa Catherina da Ordem de São Jeronymo orando na Academia dos Anonymos, e da Academia Escholastica, e sahiraõ impressas na 1. Parte das Oraçoens Academi-

cas do dito Fr. Simão Antonio. Lisboa na Officina da Musica 1723. 8.

Fr. ANTONIO DE ESCOBAR Naceo na Cidade de Coimbra a 4. de Janeiro de 1618. sendo seus Pays Manoel de Escobar, e Margarida Rouboa de Anhaya que o educarão com summa piedade, e vigilancia. No Collegio da sua patria recebeo o Habito Carmelitano a 24. de Abril de 1637. e professando no anno seguinte se applicou a estudar as sciencias com que havia illustrar a Religião, de que era filho, principalmente na Oratoria Ecclesiastica, em que foy insigne. O talento que tinha para o Pulpito foy igual ao que exercitou no governo de varios lugares na sua Ordem como foraõ Prior do Convento da Vidigueira, e de Evora, de Confessor das Religiosas do Convento de Beja, e de Custodio, e Definidor da Provincia. Sendo Chronista desta Provincia, e tendo composto a mayor parte da sua Historia se perdeu infelizmente na irrupção que fizeraõ os Castelhanos no Convento de Evora onde assistia, no anno de 1663. Foy muito versado na lição das letras humanas, e na Poesia, de cuja arte foy sufficiente professor. Alguns annos antes, que morresse, perdeu a vista, cujo infortunio tolerou constantemente como Tobias até que no Convento de Lisboa trocou a vida caduca pela eterna no anno de 1681. quando contava 63. annos de idade. Compoz.

El Heroe Portuguez. Vida, hazñas vitorias, virtud, y muerte del Excelentissimo Señor D. Nuño Alvares Pereira. Lisboa por Diogo Soares de Bulhoens. 1670. 16. Esta obra he applaudida pela sua erudição, e elevado estilo escreve Fr. Manoel de Sá nas *Memor. Histor. dos Escrit. Portug. do Carm.* pag. 29. Foy segunda vez impressa com o nome supposto de Salanio Lusitano com este titulo.

Discursos politicos, y militares en la vida del Conde D. Nuño Alvares Pereira Condestable del Reyno de Portugal. Zaragoza por Juan de Ibar 1670. 4. Sendo por furto levada do poder do Author como elle manifestou na Apologia impressa que escreveo em 23. de Novembro de 1670. e atribuida a Fr. Francisco de Salez.

Vida de Santo Angelo Martyr Carmelita. Lisboa por João da Costa 1671. 4.

A Fenix de Portugal, a flor transformada em Estrella, a estrella transferida a Sol: a idea moral politica, historica de tres estados discursada na vida da Raynha Santa Izabel Infanta de Aragoã. Coimbra por Manoel Dias. 1680. 4.

Sermaõ funebre nas Exequias que os Irmãos Escravos de N. Senhora da Encarnação fizeram a seu Instituidor o Irmão Fr. Simão de Santa Maria no Convento do Carmo de Lisboa em 10. de Abril de 1672. Lisboa por Joaõ da Costa 1672. 4.

Com o nome supposto de Gerardo de Escovar publicou

Chrislaes da alma, phrases do Coração, Rhetorica do sentimento, amantes defalinhos. Lisboa por Joaõ da Costa. 1673. 8. Coimbra por Jozé Ferreira 1677. 8. et ibi por Jozé Antunes da Sylva. 1721. 8.

Doze Novellas. Primeira Parte. Lisboa por Joaõ da Costa 1674. 4.

Estas duas obras constaõ de proza, e verso.

Vida, e martyrio do V. P. Gonçalo da Sylveira da Companhia de JESUS. Esta obra offerceo ao P. D. Luiz da Sylveira, como tambem outro livro de que se ignora o titulo offercido à Duqueza de Caminha dos quaes faz menção Fr. Manoel de Sá nas *Memor. Histor.* já allegadas pag. 30. e do Author Joaõ Franco Barreto na *Bib. Portug. M. S.* e o mesmo Sá nas *Mem. Hist. da Ord. do Carm. da Prov. de Portug.* Tom. 1. liv. 4. cap. 2. n. 526.

Fr. ANTONIO DA ESPERANÇA Naceo em Lisboa, e foy filho de Miguel da Monta, e Anna Fillippa. Professou o Habito de Eremita de Santo Agostinho no Convento patrio a 18. de Dezembro de 1568. Foy ornado de muitas virtudes pelas quaes padeceo varias perseguiçoens do demonio de cuja astucia triumphou sempre a sua imperturbavel constancia. Cheyo de merecimentos acabou a vida em 10. de Dezembro de 1634. Deixou *M. S.*

Sermoens varios 1. Tom.

Que se conserva na Livraria do Convento de Lisboa.

D. Fr. ANTONIO DO ESPIRITO SANTO. Naceo na Villa de Monte-mor o Velho do Bispado de Coimbra, e na Fre-

guesia do Salvador foy bautizado a 20. de Junho de 1618. Foraõ seus Pays Jeronymo Soares Carraça, e Filippa Gaspar. Na idade juvenil de 17. annos abraçou o Instituto dos Carmelitas Descalços no Convento de N. Senhora dos Remedios de Lisboa Cabeça da sua Provincia neste Reyno, donde feita a Profissão a 29. de Mayo de 1636. foy aprender as sciencias mayores no Collegio de Coimbra nas quaes sahio taõ insigne, que as diétou por muitos annos com grande fruto dos seus ouvintes. Depois de ser Prior do Convento onde professára, e Definidor da Provincia, o foy Geral de toda a Congregação de Espanha. Atendendo a Magestade delRey D. Pedro II. à profundidade das suas letras acompanhadas com a exacta observancia do seu Instituto o nomeou Bispo de Angola sendo o primeiro que teve a sua reformada Familia neste Reyno. Partio para a sua Diocese em Companhia do Governador Pedro Cesar de Menezes em cuja jornada padeceo lastimoso naufragio junto de Benguella a 9. de Novembro de 1673. de que escapou milagrosamente, e chegando a 9. de Dezembro tomou posse a 11. do dito mez do anno de 1673. Pouco foy o tempo que exercitou esta dignidade lamentando a sua falta com lagrimas copiosas as suas ovelhas quando dos seus olhos foy arrebatado pela violencia da morte a 27. de Janeiro de 1674. quando contava 56. annos de idade. Está sepultado no Convento dos seus Religiosos que tem em a Cidade de Loanda no meyo do Cruzeiro com este epitafio.

Sepultura do Senhor D. Fr. Antonio do Espirito Santo Carmelita Descalço Lente de Theologia Moral, Provincial da Provincia de Portugal, Bispo de Angola. Morreo aos 27. de Janeiro na era de 1674. A sua memoria celebraraõ Nicol. Ant. in *Bib. Hisp.* Tom. 1. pag. 128. e Tom. 2. pag. 318. e 655. Fr. Jozé de Santa Teref. *Chron. de los Carmel. Descalc.* Tom. 4. liv. 18. cap. 40. n. 35. Franc. de Santa Maria *Diar. Portug.* p. 62. e o P. D. Ant. Caet. de Souf. no *Catal. dos Bispos de Angola.* Compoz

Directorium Regularium in quo practicabiliores casus tum ex jure, tum ex Bullis Pontificiis, nec non Eminentissimorum Cardinalium declarationibus illustrantur, & juxta regulam, & Constitutiones Carmelitarum Discalceatorum accommodantur, ubi etiam

multa de aliis Religionibus. Pars. 1. de Privilegiis Regularium. Pars. 2. de obligatione Religiosorum. Pars. 3. de regimine Prælatorum Regularium. Lugduni apud Joan. Antonium Huguetan, et Marcum Anton. Ravand. 1661. fol. et Coloniae per Joan. Bufæum 1667. 4.

Directorium Confessariorum in quo selectiores, & practicabiliores casus omnium Sacramentorum, & Censurarum brevissime, & dilucide explicantur, & ex plurimorum tam veterum, quam recentiorum Doctorum sententiis, nec non Pontificum Bullis, & Emi. Card. declarationibus illustrantur. Partes duæ quæ sunt de Sacramentis, & Censuris tam in genere, quam in specie. Lugduni apud Joan. Ant. Huguetan, et Guilielmu Barbier 1668. fol.

Directorium Confessariorum continens decem Decalogi Præcepta, & totam materiam de Justitia, & jure, ubi etiam de contractibus, &c. ibi apud eisdem Typog. 1671. fol.

Directorium Mysticum, in quo tres difficillimæ viæ, scilicet purgativa, illuminativa, & unitiva undique elucidantur, & Sanctorum Patrum præcipue Angelici Præceptoris D. Thomæ, & Seraphicæ Matris nostræ S. Teresæ splendoribus illustrantur. Lugduni per Guilielmu Barbier. 1677. fol

Consulta varia Theologica juridica, & regularia pro conscientiarum instructione circa controversias quæ Authori tum Ulyssipone quam Matriti, & aliis in locis fuere proposita. Lugd. apud Joan. Ant. Huguetan et Guilielm. Barbier. 1671. fol.

Primatus, & principatus Eliæ in quo toti orbi ostenditur tum Sanctorum Patrum, tum Summorum Pontificum auctoritatibus, tum rationibus Eliam Prophetam illum Dei magnum fuisse Principem, Authorem, & Institutorem Religionis Carmelitanae in lege scripta cum vero Monachatu, ac tribus votis simplicibus, & intra Religionem hanc continuata fuisse sine ulla interruptione usque ad legem gratiæ, & inde usque ad hæc tempora. Ulyssipone apud Joannem da Costa 1671. 4.

Fr. ANTONIO DO ESPIRITO SANTO. Naceo em Lisboa a 12. de Abril de 1699. sendo seus Pays Manoel de Andrade de Figueiredo, e Catherina do Pilar. Recebeo o Habito dos Menores no Con-

vento de S. Francisco de Xabregas Cabeça da Provincia dos Algarves no anno de 1716. e tendo já quatro mezes passados em que tinha feito a profissão solemne, alcançada faculdade dos Superiores passou à Provincia de Portugal, na qual se incorporou no anno de 1718. Florece o seu engenho no exercicio concionatorio, de que tem dado por primicias os seguintes frutos.

Panegyrico fúneral nas exequias de João Caetano de Mello das Povoas Fidalgo da Casa de Sua Magestade Academico Supranumerario da Academia Real da Historia Portugueza celebradas em 13. de Novembro de 1734. na Igreja de N. Senhora das Portas do Ceo de Tilbeiras pela Veneravel Ordem Terceira de que foy o primeiro Ministro. Lisboa por Jozé Antonio da Sylva 1735. 4.

Sermaõ em acção de Graças a N. Senhora Jesu Christo Crucificado pelas melhoras da Excellentissima Senhora D. Maria Josepha da Graça de Noronha filha dos Excellentissimos Márquezes de Cascaes celebrada em 7. de Dezembro de 1735. Lisboa na Officina Ferreiriana. 1736. 4.

Sermaõ de N. Senhora da Victoria, glorioso titulo, que lhe deo o invencivel Rey D. Affonso Henriques pela batalha dos Mouros, que venceo neste sitio em que a Senhora era venerada com o titulo dos Prazeres prégado na Ermida do Lugar de Sacavem na Festa, que lhe fizeram os seus Irmãos com o Sacramento exposto em 11. de Junho de 1737. Lisboa por Antonio Isidoro da Fonseca 1738. 4. Neste Sermaõ se intitula o Author com o nome de Fr. Antonio do Espirito Santo Andrade.

ANTONIO DO ESPIRITO SANTO MACABELLO Presbytero Ulyssiponenſe filho de Paschoal da Sylva Capitaõ da Ordenança, e de D. Anna Maria, foy igualmente douto na intelligencia das Escrituras, e Santos Padres, como na profissão dos Sagrados Canones, exercitando com naõ pequena gloria do seu nome o ministerio de Prégador excellente, e de Advogado perito da Casa da Supplicaçãõ, e Curia Patriarchal. Morreo em Lisboa no mez de Abril de 1738. Compoz com o supposto nome de Antonio Francisco Piftraſturato Macabello.

Alphabetum Eucharisticum per Capita XX.

distributum, in quo Eucharistici Sacramenti nomina, et selectiora encomia ex Sanctis Patribus, aliorumque Sacrorum Scriptorum praesertim veterum monumentis collecta juxta alphabeti seriem omnium oculis exhibentur. Ulyssipone apud Bernardum Costium Carvalium. 1725. in 8.

Esta obra augmentada em grande parte a publicou em seu nome com este titulo.

Polyanthea Eucharistica per XX. Capita distributa in qua Eucharistici Sacramenti nomina, et selectiora encomia ex Sanctis Patribus aliorumque Sacrorum, et praesertim veterum Scriptorum monumentis collecta Ordine alphabetico proponuntur. Ulyssipone typis Dominici Gonçalvez. 1733. in fol.

D. Fr. ANTONIO DE SANTO ESTEVAM natural de Lisboa onde recebeu o Habito da illustre Ordem dos Prégadores. Igualmente foy venerado o seu talento no Pulpito, como admirada a sua ardente charidade no Hospital da Saude, nome (como escreve Fr. Luiz de Sousa na *Hist. de S. Domingos da Prov. de Portug.* Part. 1. liv. 3. cap. 36.) com que disfarçamos o horror, que faz dizer Hospital da peste. Nelle assistio como Enfermeiro Mór não sómente ministrando aos feridos do contagio os remedios corporaes, mas os espirituaes, como experimentou hum Herege que atrahido da efficacia das suas palavras abraçou os dogmas da Igreja Romana, e morreo com evidentes sinaes de Predestinado. Em premio das suas letras, e virtudes o nomeou Phillippe II. Bispo de Angola, cuja nomeação confirmou Clemente VIII. a 13. de Julho de 1604. Observou no seu Bispado a vida de Prelado vigilantissimo reformando abusos, destruindo idolatrias, e reduzindo muitos Gentios ao conhecimento da verdadeira Divindade. Morreo piamente no anno de 1609. Compoz no tempo que assistio aos apestados.

Regimento da Saude.

Pelo qual affirma Fr. Pedro Monteiro no *Claust. Dominic.* Tom. 3. pag. 150. se governa esta Corte, havendo-se já lembrado deste Prelado no 1. Tom. do *Claust. Dominic.* pag. 49. Sousa *Hist. de São Domingos da Prov. de Portug.* Part. 1. liv. 3. cap. 36. e Part. 2. liv. 2. cap. 15. Cardof. *Agiol.*

Lusit. Tom. 2. pag. 224. no Commentario de 18. de Março let. D.

Fr. ANTONIO DE SANTO ESTEVAM semelhante ao precedente assim em o nome, como na Religião, de que foy filho. Escreveo conforme o allega Cardoso no *Agiol. Lusit.* Tom. 1. pag. 382. no Commentario de 8. de Fevereiro let. C. se he que não se equivoca com Fr. Antonio da Encarnação que compoz do mesmo argumento.

Relações da India. M. S.

ANTONIO ESTEVES Presbytero, e formado na faculdade dos Sagrados Canones igualmente douto, e pio, como declara a obra que compoz com este titulo.

Methodo pratico para que todas as almas saibaõ exercitar-se na Oração mental. Lisboa por Antonio Pedrozo Galraõ 1731. 32.

Traduzio de Castelhana em Portuguez.

Mystica Theologia composta pelo Doutor Serafico S. Boaventura do verdadeiro caminho do Ceo com algumas declarações feitas pelo P. Mestre Fr. Jeronimo Gracian da Madre de Deos Religioso do Carmo. Lisboa na Officina da Musica. 1731. 8.

Fr. ANTONIO DA EXPECTACAM Naceo na Villa de Manteigas situada na Provincia da Beira alta no Bispado da Guarda a 13. de Junho de 1651. de Pays nobres chamados Thomé Paez, e Anna da Rosa. Tendo completos defeseis annos professou o Habito da douda, e austera Reforma do Carmelo no Convento dos Remedios de Lisboa no 1. de Julho de 1668. onde depois de estudar as sciencias Escholasticas interpretou por muitos annos aos seus domesticos os profundos mysterios da Sagrada Escritura em que era sabiamente verificado, não o sendo menos no exercicio das virtudes, com as quaes servia de exemplar aos mais rigidos professores do seu Instituto. Foy Prior do Dezerto do Bussaco, Visitador ultramarino, Consiliario, e Definidor, e em taõ diversos lugares nunca deixou de se occupar na composição das suas obras affectivas, e concionatorias. A o tempo que contava 73. annos de idade, e 56. de habito morreo piamente no Convento de Adolhalvo

junto da Villa de Alemquer a 17. de Novembro de 1724. Compoz.

Semana Santa, exercicios divinos da presença de Deos, e Oração para cada dia da Semana, vozes da alma nas Soledades do Buffaco. Lisboa na Impressão da Musica. 1719. 4.

A Estrella da Alva a sublimissima, e Sapien-tissima Mestre da Santa Igreja a Angelica, e Serafica Doutora Mystica Santa Tereza de JESUS Mãe; e filha do Carmelo, Patriarcha, e Fundadora da sua Sagrada Reforma, suas illustres, e heroicas obras; suas raras, e prodigiosas maravilhas em diversos discursos, e Sermoens Panegyricos ponderados. Primeiro Tomo. Lisboa na Officin. Real Deflandesiana 1710. fol. com estampas, & ibi. por Jozé Antonio da Sylva Impressor delRey, e da Academia Real 1740. fol.

A Estrella da Alva &c. Segundo Tomo Coimbra na Officina do Real Collegio das Artes da Companhia de JESUS 1716. fol. com estampas.

A Estrella da Alva applicada. Breviario de Varios assumptos, e ideas predicaveis de varios Santos, e outros Sermoens de entre anno compostos, e fabricados das materias, provas, e conceitos, que se acharão nos primeiros dous Tomos intitulados A Estrella da Alva Santa Theresa de Jesus Terceiro Tom. Lisboa por Antonio Pedroso Galraão. 1727. fol.

Josephina Panegyrica, e Ascetica de Sermoens, e Discursos diversos sobre as admiraveis graças, prodigios, excellencias, e maravilhosos titulos do mayor dos Patriarchas, do Supremo Monarcha, e do Maximo dos Santos o Glorioso São Jozé Pay putativo de Christo, Esposo verdadeiro de Maria Santissima. Tom. 1. Lisboa na Officina Augustiniana. 1731. 4.

Josephina Panegyrica &c. Tom. 2. Lisboa na mesma Officina, anno, e forma.

Chronica Divina, e Historia Sagrada Panegyrica, e Ascetica, estímulos do Amor Divino deduzidos da contemplação, e ponderação das divinas perfeições, Atributos, e inefaveis excellencias de Deos Trino, e Uno affim de acender a divina chama nas almas Catholicas, pias, e devotas. Lisboa por Jozé Antonio da Sylva Impressor da Academia Real. 1736. fol.

Delle faz menção Fr. Martialis a S. Joan. Bautift. in *Biblioth. Scriptor. Utriusque Congregat. et Sexus Carmelit. Excalceat.* Burdigal. apud Petrum Sejourné 1730. 4. p. 37. onde o intitula *vir doctissimus.*

Fr. ANTONIO DA EXPECTACAM natural da Villa de Amarante da Diocefe Bracharense, e filho de João de Magalhaens Villela Morgado da Capella de São-Tiago na mesma Villa descendente das mais illustres familias da Provincia do Minho, e de Maria Cerqueira Moniz. Foy educado com grande disvelo por seus Pays, conhecendo da sua boa indole, e perspicaz comprehensão que havia corresponder abundantemente a tão deligente cultura. Na idade adulta como quem conhecia os enganos do mundo o deixou resolutamente para abraçar o Instituto Serafico que professou no Santo Convento da Villa de Alenquer da Provincia de Portugal no anno de 1677. No Collegio de Coimbra, foy discipulo, e depois Mestre até jubilar na Cadeira de Prima, sendo venerado pelos mayores Professores da Theologia, que no seu tempo existiaõ na Universidade de Coimbra, por Oraculo desta faculdade, ou fosse explicando, ou arguindo pela natural subtileza, e summa profundidade do seu talento. Esta grande litteratura acompanhada da severa observancia da Regra o fizeraõ digno de ser Qualificador do Santo Officio, Examinador das tres Ordens Militares, Consultor da Bulla da Cruzada, Guardiaõ do Convento de S. Francisco da Ponte de Coimbra, Definidor, e Confessor do Convento das Religiosas da Esperança de Lisboa, e Penitenciario geral de toda a familia Serafica neste Reyno De muitas, e doutas obras que pudera ter publicado sómente se imprimio a seguinte de que faz memoria Fr. Joan. a D. Anton. in *Bib. Franc.* Tom. 1. pag. 103.

Sermão da Exaltação da Cruz pregado na Igreja de N. Senhora da Divina Providencia dos Clerigos Regulares em 14. de Setembro de 1724. em que a sua Congregação compria dous Seculos da sua approvação pela Santidade de Clemente VII. Lisboa por Miguel Rodriguez. 1730. 4.

Tractatus Theologicus de Spe. 4. M. S. Consta de 50. questoes subtilmente tratadas, e profundamente descubertas pelo seu grande

engenho em huma materia, da qual traz sómente tres Questoens o insigne Mastroio celebre esplendor da Escola Scotistica. Começa.
Significatio hujus vocis.

ANTONIO FAGUNDES JACOME natural da Villa de Viana da Provincia do Minho, Presbytero de vida inculpavel, e de não vulgar litteratura professo na Ordem 3. do Patriarcha S. Francisco. Compoz huns devotos dialogos com este titulo.

Ramallete de Myrrha, e memorial da Paixão de Christo Nosso Redemptor. Lisboa por Antonio Alvres. 1630. 8. Do Author se lembra Joan. Soar. de Brito in *Theatr. Lusit. Litterat.* lit. A. n. 71.

Fr. ANTONIO DA FALLA natural do lugar do seu Appellido situado em o suburbio de Coimbra Religioso Dominico, e muito versado na Historia de Espanha, e Portugal. Compoz como relata Fr. Pedro Monteiro no *Claust. Domin.* Tom. 3. pag. 150.

Instituição do Mosteiro de JESUS da Villa de Aveiro juntamente com a vida da Princesa Santa Joanna que nella foy Religiosa. M. S.

Fragmentos da Historia de Espanha.

Relação dos Reys, e Raynhas que estão sepultados em Alcobça. Cuja obra compoz no anno de 1569. por ordem delRey D. Sebastião com quem esteve presente à abertura dos Sepulchros Reaes, e nella refere ter visto, e admirado o corpo da Raynha D. Urraca mulher de Affonso II. não sómente preservado da corrupção mas todos os vestidos com que fora sepultada há 352. annos. Este successo transcreveo da dita Relação que conservava em seu poder o Chronista mór do Reyno, Fr. Antonio Brandaõ na 4. *Part. da. Mon. Lusit.* liv. 13. cap. 19.

P. ANTONIO DE FARIA Naceo na Cidade de Lamego, onde sendo cuidadosamente educado por seus Pays Manoel Cardoso de Faria, e Izabel Monteiro, logo nos primeiros annos manifestou que tinha igual propensão para as letras, que para as virtudes. A viveza do engenho, e a

felicidade da memoria lhe fizeraõ patentes não sómente as letras humanas, Rhetorica, e Poesia, mas as sciencias Escolasticas em que foy eminente. Porém querendo fugir ao applauso, e estimação que dos seus progressos litterarios lhe resultavaõ se retirou para a Serra da Arrabida onde por alguns annos praticou severamente os penitentes exercicios dos Anachoretas mais austeros, até que inspirado por superior impulso para preferir a vida activa à contemplativa em beneficio dos proximos, buscou a Congregação do Oratorio de Lisboa fundada neste Reyno pelo V. P. Bartholameu do Quental, que examinando o seu espirito o achou capaz de ser huma das pedras fundamentaes do edificio espiritual, que edificára sendo a ella admitido a 15. de Agosto de 1681. Nesta virtuosa palestra começaraõ a luzir os dotes de que o ornára a natureza sendo o seu mayor difvelo occultallas com affectada ignorancia. Foy summamente perito na lingua Latina, Mythologia, e Poesia succedendo muitas vezes fazer versos contemporaneos com tanta elegancia, e suavidade como se foraõ por largo tempo meditados. Na Filosofia que dictou, foy acerrimo Antagonista da Escola dos Nominaes, tendo discipulos que foraõ Mestres insignes, entre os quaes se numera com agradecida memoria o moderno Chronista da Provincia da Arrabida Fr. Antonio da Piedade na *Chron. da dita Provincia* Part. 1. liv. 1. cap. 22. n. 133. Com igual applauso leo Theologia Especulativa, e Moral, de cujas faculdades tenho a virtuosa jactancia de ser seu ouvinte; sendo igualmente digno de admiração que ou defendendo, ou argumentando, nunca o ardor da disputa lhe alterasse a serenidade do semblante. Não houve negocio grave deste Reyno, em que não fosse consultado, votando sempre com igual liberdade de animo, que rectidão de consciencia. Foy Examinador Synodal do Arcebispado de Lisboa Oriental, e Deputado da Junta das Missoens lugares que aceitou violentado por ser todo o seu estudo viver sómente para Deos contemplando nas suas perfeçoens, ou para com os proximos dirigindo a huns no Confessionario, e assistindo a outros na hora do mayor perigo. Cheyo de annos que excederaõ o numero de 86. e muito mais de merecimentos foy

lograr o premio delles em Lisboa a 21. de Janeiro de 1737. Imprimio.

Sermaõ nas bonras funebres, que a Congregaçõ do Oratorio de Lisboa dedicou à Saudosa memoria da Serenissima Rainha D. Maria Sofia Izabel em 21. de Agosto de 1699. na Igreja da mesma Congregaçõ. Lisboa por Miguel Deslandes Impressor de sua Magestade 1699. 4.

Tinha composto hum Poema Heróico Latino dividido em diversos livros imitando o estilo de Lucano sendo o argumento a memoravel Batalha que nos Campos de Aljubarrota alcançou a 14. de Agosto de 1385. dos Castelhanos o inclito Heróe D. João o I. cujo principio era.

*Eversos Castellæ ausus, validisque tumentem
Agminibus Regem numero dare terga coactum &c.*

Esta obra como fosse composta na sua adolescencia sendo examinada em annos mais maduros, a julgou com nimia severidade impropria do estado, que professava, e para que nunca se publicasse a despedaçou em varios fragmentos dos quaes chegando hum ao meu poder escrito da sua propria mão o transcrevi neste lugar para que deste pequeno dedo se conheça o metrico furor deste Gigante do Parnasso.

*Horrendum intonuit Castellæ buccina signum
Quo pariter clamorque virum, clangorque tubarum*

Ortus utrinque: truncem mox concava tella ferarum

*Vasta per arva procul sonitum concussa dedere:
Flumina quin etiam horribili percussa fragore,
Ceu percussa metu, subito conversa retrorsum.*

*Ast non Lysiadæ tam sævo turbine belli
Attoniti retró cedunt, trepidantia ve haurit
Corda pavor pulsans, sed ad ardua quæque libentes*

*Attollunt animos, medioque in Marte feroci
Virtute exuperant, perque agmina millia pergunt.*

Fit via vi, rumpunt acies, primosque trucidant

*Et reliquis crebros clypeis rutilantibus ictus
Cominus illatos vix jam portare potestas.*

*At frustra abducunt retró capita ardua ab illis.
Talibus auspiciis res est incæpta, sed ecce
Ad summū Lusis ventum est discrimen: Iberi*

*Corporis, atque animi præstantes robore quique
Collecta virtute manū glomerantur in unam,
Nostrorumque gregem numeri ratione pusillū
Obnixi invadunt, non vertere terga, diuq̃
Inter utrosque volat dubiis victoria pennis:
Ast ubi Rex Lysius propensam advertit in hostes
Præproperè accurrit formidinis inscius omnis
Per mediasque ruens acies insignibus armis
Tectus, at aurata nudatus casside vultum,
En Rex vester, ait.*

Christus Imago Dei invisibilis, et figura substantiæ Patris ad deridendum quemdam, imò jugiter desendum derisorem Sacrarum Imaginum Poema elegiacum. Começa. Ab Coridon, Coridon quæ te dementia cepit? (Dum proprium retices, nominis istud habe) Alloquium Hominis Dei ad hominem quemdam Atheum Eucharisticum super verba illa Joan. 6. Caro mea vere est cibus. Poema Elegiacum. Principia.

*Quomodo vescendam dixit turba impia carnē
Hic præbere suam, jactat ut ipse, potest.*

Estas obras Poeticas Latinas, como outras Portuguezas, e Castelhanas se conservaõ na Livraria da Congregaçõ do Oratorio desta Corte.

ANTONIO DE FARIA BARREIROS natural de Lisboa. Desde os primeiros annos foy muito applicado à liçaõ dos livros, e sufficientemente instruido na Orthografia da lingua materna, por cuja causa era Corrector de diversas Impressoens. O tempo que lhe restava desta occupaçõ, o gastava em traduzir livros devotos para satisfazer a piedade de algumas pessoas, dos quaes verteo de Castelhana do P. Fr. Jayme Corella Capuchinho.

Chave do Ceo com a qual se abrem as portas da Gloria aos peccadores, e Confessionario Geral, e Via-Sacra. Lisboa por Bernardo da Costa de Carvalho. 1714. 16.

De Castelhana do P. Fr. Francisco Lezana Carmelita.

Vida, Prerogativas, e excellencias da Inclita Matrona a Senhora Santa Anna Lisboa pelo dito Impressor. 1716. 8.

Novena do Santissimo Nascimento do Menino JESUS nosso Salvador distribuida pelos nove dias antecedentes à Sagrada Festa do Natal.

Naõ tem lugar, nem anno da Impressãõ, posto que das licenças se colhe ser impresso em Lisboa no anno de 1713. em 24.

Traduzio de Castelhana do Doutor Jozé Bonetta em Portuguez.

Gritos do Inferno para despertar ao mundo. Lisboa por Phillippe de Soufa Villela. 1721. 8.

Fr. ANTONIO FEYO filho de Pedro Fernandes de Gouvea, e Izabel Feyta taõ illustres na piedade como em a nobreza acreditou Lisboa com o nascimento, e a Religiaõ Dominicana com o talento, professando no Convento da sua patria a 14. de Abril de 1589. Foy hum dos mais celebres Prégadores da sua idade sendo ouvido nos mayores Pulpitos com geral aclamação dos Auditorios que nelle admiravaõ felizmente unidos, a vehemencia dos affectos com a delicadeza dos pensamentos, corroborando os discursos com multiplicidade de Textos da Escriitura, e authoridades dos Padres da Igreja Latina, e Grega, em cuja intelligencia era profundamente douto e continuamente versado. Mayores seriaõ os frutos que colhia com este apostolico ministerio se a morte intempestivamente o naõ privara da vida no anno de 1627. quando contava 54. annos de idade. Foy Pregador Geral confirmado no Capitulo Geral celebrado em Pariz no anno de 1611. Prior do Convento de Azeitaõ, Reytor do Collegio de Coimbra, e Examinador das Ordens Militares. O applauzo, que mereceraõ os seus Sermoens, se conhece das multiplicadas vezes que se imprimiraõ; os quaes foraõ.

Tratados Quadragesmaes, e da Paschoa divididos em duas partes. Lisboa por Jorge Rodrigues. 1609. fol. et ibi pelo mesmo Impressor 1612. fol. mais correctos. Foraõ traduzidos na lingua Castelhana por Fr. Thomás Antillon. Lerida por Luiz Manescal 1613. e por Fr. Francisco Morago Mercenario. Valladolid por Joan de la Rueda 1614. Valencia por Pedro Patricio 1614. Vertidos em Francez por Fr. Raymundo Hezecques Dominico com este titulo.

Doctes y rares Sermons pour tous jours dela Quaresme. Pariz chez Sebast. Cramoyfi. 1618. 8.

Tratados das Festas das vidas dos Santos Primeira Parte. Lisboa por Pedro Crasbeeck 1612. fol.

Segunda Parte. Lisboa por Jorge Rodrigues. 1615. fol. Foraõ traduzidos em Castelhana por Affonso Mexia Galeote. Baeza por Mariana de Monroy fol. e antes em Barcelona por Lourenço Deu. 1614. 4.

Tratados das Festas da V. Senhora nossa Lisboa por Jorge Rodrigues. 1615. fol.

Sermaõ das Exequias, que a Santa Seé, e Cidade de Coimbra de commum concordia fizeram na morte do Catholico Rey D. Philippe III. do nome, e II. Rey de Portugal em 11. de Mayo de 1621. Lisboa por Pedro Crasbeeck Impressor delRey. 1621. 4.

Na prefação aos Sermoens Quaresmaes prometia Sermoens do Advento, e das Domingas *post Pentecosten*, o que naõ executou impedido pela morte. Escrevem delle com louvor Echard in *Script. Ord. Præd.* Tom. 2. pag. 424. col. 2. Fr. Pedro Monteiro *Claustr. Dom.* Tom. 2. p. 151. Joan. Soar. de Brit. in *Theat. Lusit. Litterat. lit.* A. n. 72. Nicol. Ant. in *Bib. Hispan.* Tom. 1. pag. 92. Mich. Pius in *Chron. Ord. Præd.* Part. 4. lib. 4. cap. 55. Fr. Affons. Fernand. in *Concert. Ord. Præd.* Joã Franco Barreto *Bib. Lusit.* M. S. n. 163. D. Emman. Caet. de Soufa in *Exped. Hispan. D. Jacob.* Tom. 2. pag. 1304.

ANTONIO FELIX MENDES Naceo em o lugar de Pernes distante tres legoas ao Norte da notavel Villa de Santarem a 14. de Janeiro de 1706. sendo filho de Manoel Rodrigues, e Dorothea da Conceição. Toda a sua mayor applicação foy ao estudo da Lingua Latina, e letras humanas em que tem feito grandes progressos a viveza do seu engenho. Naõ o mostrou menos na intelligencia da Poesia assim latina como vulgar de que foy Mestre na Academia Latina, e Portugueza. Publicou como primicias da amenidade dos seus Estudos

Oratio in obitum maximi Hispanorum D. D. Emmanuelis Martini Decani Alonenfis habitæ. Ulyssipone apud Jozephum Antonium da Sylva Regiæ Academiae Typ. 1737. 4.

Grammatica Latina do Bacharel Domingos de Araujo reformada, acrescentada, e redu-

zida a methodo mais facil com a clareza que basta para que em menos de hum anno se aprenda por ella, o que por outras em cinco, ou seis apenas se entende, como a experiencia tem mostrado. Lisboa por Manoel Fernandes da Costa 1737. 8.

A morte do Illustrissimo, e Veneravel D. Fr. Bartholameu do Pilar 1. Bispo do Graõ Pará do Estado do Maranhão Elegia Portuguesa. Consta de 42. Tercetos. Lisboa pelo dito Impressor 1734. 4. Sahio no fim do Elogio que a este Prelado fez com grande elegancia Phillippe Jozé da Gama Academico Supranumerario da Academia Real.

P. ANTONIO FERNANDES natural de Braga. Sendo admitido à Companhia de JESUS na India Oriental foy hum dos fervorosos companheiros, que no anno de 1559. passou a Etiopia com o claro varaõ D. André de Oviedo Bispo Hyeropolitano para cultivar aquella vinha mais fertil de trabalhos, que de frutos espirituaes, em cuja laboriosa empreza não sómente o ajudou com toda a efficacia, mas padeceo incriveis molestias da tyrania dos scismaticos, que lhe pareciaõ suaves pelo ardente zelo com que anhelava conduzillos à obediencia da Igreja Romana até que em Fremona a 10. de Mayo de 1593. foy descançar o seu espirito na patria Celeste. As suas apostolicas acçoens relataõ Godigno *de rebus Abyssinor.* lib. 3. cap. 4. e 16. Telles *Chron. da Comp. de Jes. da Prov. de Portug.* Part. 2. liv. 6. cap. 42. n. 2. e mais difusamente na *Hisp. da Etiopia Alta* liv. 2. cap. 40. Jarric. *Thesaur. rer. Indic.* Part. 2. lib. 1. cap. 19. Elcreveo

Carta ao Provincial de Goa, em que difusamente narra da sua expedição, e de seus companheiros à Etiopia, e de como este Imperio fora invadido no anno de 1572. pelos Franceses, e Turcos.

P. ANTONIO FERNANDES filho de Domingos Luiz, e Maria Fernandes natural de Coimbra onde na idade de 14. annos entrou na Companhia de JESUS ao 1. de Fevereiro de 1572. e sendo instruido nas letras humanas, e sciencias mais severas ensinou Rhetorica no Collegio de Santo Antaõ de Lisboa. Depois de receber em 13. de Mayo de 1601. o grão de Doutor na

Universidade de Evora, nella foy venerado o seu talento pela profunda intelligencia das Escrituras que explicou por alguns annos. Dezejoso da salvação dos Indios com licença dos Superiores passou a Goa onde foy Proposito da Casa professa desta Cidade. Restituido a Portugal se exercitou no ministerio de Prégador em Lisboa para o qual tinha particular genio. Morreo na sua patria em 14. de Março de 1628. Delle se lembraõ a *Bib. da Companh.* pag. 72. e Nic. Ant. na *Bib. Hisp.* Tom. 1. pag. 92. Fonseca *Evora Glorios.* pag. 426. Franco *Imag. da Virtud. em o Novic. de Coimbra.* Tom. 2. pag. 612. Joan. Soar. de Brito in *Theat. Lusit. Litter.* lit. A. n. 75. Lippenio, e Draudio nas suas *Bib.* e Morey *Diccion. Historique* Verb. *Fernandes.* Compoz.

Commentarij in Visiones Veteris Testamenti cum paraphrasibus Capitum ex quibus eruuntur. Lugduni Sumptibus Horatij Cardon. 1616. fol. & ibi Sumptibus Cardon et Petri Cavillat. 1622. fol.

Tinha promptos para a Impressão.

Commentarij in Isaiam Prophetam. M. S. No Collegio de Santo Antaõ se conservaõ tres Oraçoens suas muito elegantes, e dignas da luz publica.

1. *De Laudibus Sapientiae* recitada no anno de 1582. quando era Mestre da 2. Classe.

2. *De Laudibus Sapientiae* dita no anno de 1584. sendo Mestre da Primeira.

3. Na occasião em que o Collegio de Santo Antaõ recebeu os Legados do Japão ao Summo Pontifice, e ao nosso Monarcha no anno de 1585.

ANTONIO FERNANDES natural da Villa de Souzel da Provincia do Alentejo, e da Diocese de Evora. Foy Presbytero ornado da inteireza de costumes, e sciencia practica, e especulativa da Musica, cuja Arte não sómente exercitou como Mestre do Coro da Igreja Parochial de Santa Catherina de Lisboa, mas abrindo escola ensinou a muitos Discipulos os preceitos mais difficultosos della, e para que ainda depois de morto instruisse aos amantes desta suave faculdade, escreveu.

Arte da Musica de Canto de Orgão, e Canto Chão, e proporçoens da Musica dividida harmonicamente. Lisboa por Pedro Crasbeeck 1625. 4-

Explicação dos segredos da Musica, em a qual brevemente se expende as causas das principaes cousas que se contem na mesma Arte. M. S. em folha conserva-se na Livraria Real da Musica.

Arte da Musica de Canto de Orgão composta por hum modo munito diferente do costumado composta por hum Velho de 85. annos dezejezo de evitar o ocio. folh. M. S.

Theorica do Manicordio, e sua explicação. folh. M. S.

Mappa universal de qualquer cousa assim natural, como accidental, que se contem na Arte da Musica com os seus generos, e demonstraçoens Mathematicas. fol. M. S.

Estes tres Tomos escritos pela mão do Author existião na Livraria da Musica de Francisco de Valhadolid grande professor desta Arte de quem se fará mais distincta memoria em seu lugar. Do Author fazem menção D. Francisco Manoel na *Carta dos AA. Portuguezes* escrita a Manoel Theodoro da Fonseca que he a 1. da quarta Centuria das suas cartas, e Joaõ Soar. de Brito in *Theatr. Lusit. Litter.* lit. A. n. 76.

P. ANTONIO FERNANDES. Naceo em Lisboa sendo filho de Domingos Fernandes, e Joanna Jorge, e na florente idade de 16. annos entrou na Companhia de JESUS em Evora a 26. de Março de 1586. como escreve Franco na *Imagem da Virtud. em o Noviciad. de Evor.* Lib. 3. cap. 49. ou a 17. de Abril de 1587. confórme affirma Telles na *Etiopia Alta* Append 1. §. 7. Logo que vestio a Roupeta se inflamou no ardente zelo de passar à India para conquistar almas a JESU Christo, e alcançando dos Superiores a faculdade que tanto dezejava partio a 25. de Março de 1602. com aquella numerosa esquadra de cincoenta e oito Missionarios de que era Capitaõ o P. Alberto Laercio. Chegado a Goa como achasse promptos alguns Padres para a sagrada expedição da Etiopia novamente se lhe accendeo o espirito na redução daquellas ovelhas que taõ erradas vagavaõ do rebanho da Igreja, e tomando por Companheiro ao P. Francisco Antonio de Angelis dissimulado em trage de Armenio se introduzio naquelle vasto Imperio. Naõ se pòdem reduzir a numero os trabalhos, e vigalias que constantemente tolerou, os caminhos fragozos, e inna-

cessiveis pelos quaes muitas vezes descalço discorreo, os perigos, e ciladas a que heroicamente offereceo a vida por atrahir á obediencia da Igreja Romana os coraçõs daquelles scismaticos merecendo por estes evangelicos ministerios ser chamado pelo Patriarcha Affonso Mendes Apostolo desta Missãõ, sendo antes que este Prelado entrasse na Etiopia naõ sómente Vigario Geral daquella Igreja, onde encheo todas as obrigaçoens de Pastor solícito, mas Confessor do mesmo Patriarcha, e inseparavel companheiro dos seus immensos trabalhos, até que com elle se recolheo a Goa, e no Collegio de S. Paulo ainda que atenuado de forças, e opprimido de dores nunca desistio de affligir o corpo com asperas disciplinas, e austeros jejuns pelo espaço de sete annos, no fim dos quaes piamente acabou a vida em 13. de Novembro de 1642. Estas, e outras acçoens deste operario Evangelico se pòdem ler diffusamente em Sachin. *Hist. Societ.* lib. 1. cap. 140. Alegamb. in *mortib. illustrib.* p. 14. Nadañi in *Ann. dier. mem. S. J.* Pars. 2. pag. 272. Telles *Hist. da Etiopia Alta.* Apend. 1. §. 7. e 8. Joan. Soar. de Brit. in *Theatr. Lusit. Litter.* lit. A. n. 74. chamando-lhe *Magnus, strenusque apud Ætiopes operarius.* *Morery Diccion. Historiq.* verb. *Fernandes* dizendo *il travailla avec un zele infatigable ala conversion des peuples scismatiques.* Franco *Imag. da Virtude em o Nov. de Evor.* liv. 3. cap. 49. até cap. 52. e pag. 853. e no *Ann. Glor. S. J. in Lusit.* pag. 679. *Fonsec. Evor. Glorios.* pag. 426. Escreveo na Lingua Abexina

Mageseph affetat que quer dizer *Flagellum mendaciorum* em que refuta todos os erros do Livro *Masgab Haymonot* que significa *Thezouro da Fè* escrito por hum Scismatico chamado *Raz Athenateot.* Sahio impresso em Goa com carecteres Abexins que foraõ mandados ao Patriarcha Affonso Mendes pela Santidade de Urbano VIII.

Vida da Santissima Virgem Maria Mãe de Deos Senhora Nossa na qual doutamente refuta as sacrilegas imposturas que contra a Mãe de Deos escrevem os Scismaticos. Esta obra deixou o Author ao Patriarcha que a traduzio na lingua Portugueza, e dedicou ao P. Vicente Carafa Preposito Geral da Companhia de JESUS, e foy impressa em Goa no Collegio de S. Paulo

da Companhia de JESUS 1652. 4. cuja edição vimos.

Biane Cassauft que he o mesmo, que *Instrucção dos Confessores* em que se comprehendem todos os casos de conciencia, que podem occorrer na administração do Sacramento da Penitencia. M. S.

De opere sex dierum. Esta obra foy composta á petição do Emperador Soltaõ Segued, a qual explicou em Palacio no Inverno de 1628. e della faz memoria Jacobo Lelong in *Biblioth. Sacra* pag. 723. col. 1.

Da Immunidade Ecclesiastica. M. S.

Tratado do Jejum nelle mostra os muitos erros em que cahem os Abexins acerca da sua obfervancia.

Abbau Haymonot isto he instrucção dos Sacerdotes para validamente administrarem os Sacramentos, emendando o livro intitulado *Fides Patrum.*

Verteo na lingua Etiopica

Ritual Romano, e Missal, e Calendario das Festas conforme o computo do anno Etiopico.

Tratado em louvor do Anjo Custodio. M. S. Escreveo este livro em agradecimento a hum grande favor que recebera deste Sagrado Espirito. Além destas obras escreveo muitas Cartas acerca dos ritos, e costumes dos Abexins, das quaes se podia fazer hum justo volume cujas noticias transcreveo o P. Nicolão Godinho de rebus *Abyssin.* lib. 1. cap. 8. e 9. e cap. 12. 34. 35. e 36. onde muitas vezes o allega. Tambem destas Cartas faz menção o P. Fernão Guerreiro na *Addição à Relação de Etiopia do anno de 1607. e 1608.* no cap. 1. pag. 271. e cap. 2. pag. 276. e a *Bib. Orient.* de Antonio de Leaõ modernamente acrescentada Tom. 1. Tit. 12. col. 399.

Carta escrita em 8. de Março de 1623. ao Provincial de Goa. Sahio traduzida em Francez pelo P. Joaõ Darde Jesuita. Pariz por Sebastião Cramoisy 1628. 8. e em Italiano. Roma por Francisco Corbelletti 1627. 8.

ANTONIO FERNANDES compoz *Descripção da Provincia de Entre Douro, e Minho.* M. S.

Esta obra, como de seu Author faz menção o novo adicionador da *Bibliothec.*

Geograf. de Anton. de Leaõ Tom. 1. Tit. unic. col. 1605. affirmando que delle havia fazer memoria D. Nicolao Anton. nas Addições à *Bib. Hispan.*

ANTONIO FERNANDES DE BARROS Presbytero Ulyssiponenfe insigne Mestre de Gramatica, de cuja Escola sahiraõ famosos Varoens que illustraraõ o Sacerdocio, e o Imperio, tendo a gloria de que muitos delles quando já eraõ Cathedaticos das mayores Cadeiras da Universidade de Coimbra frequentassem no tempo das Férias a sua Classe, e lhe beijassem a mão em final da veneração, e agradecimento às primeiras luzes que receberaõ da sua doutrina querendo ainda ser seus Discipulos os que eraõ celebrados Mestres. Teve natural genio para a Poesia deleitando-se com os primores desta divina Arte em que felizmente compoz muitas obras pelas quaes era applaudido pelos seus mayores professores que floreceraõ no seu tempo, como foraõ Antonio Figueira Duraõ Parnaf. Laur. Ram. 2. comparando-o a Orfeo

Quid mirum est Orpheum Sylvas, & saxa secuta

Quando etiam hic vates (essent quamquam omnia ferrum)

Omnia dulcifoni traheret modulamine cantus. Nam si saxa calybs, si ferrum Sylva fuisset, Hujus nempe forent magnetes carmina vatis.

Na magestade dos versos comicos o antepoem a Terencio, e a Seneca.

Romani effigies non illa (ut rere) Terenti, Nãque est, qui profert tragicos Antonius actus Doctius Annæo, quem Corduba Iberica jactat. Semelhante louvor lhe dedica Jacinto Cordeiro en el *Elog. de los Poet. Portug.* n. 27.

Quando Antonio Fernandes se dispone

A ser aguila al sol desta Conquista

Clavo imperioso a su fortuna pone,

Que remontada en el pierde la vista;

Entre muchos ingenios se antepone

Que merecen la gloria desta lista;

Y el merece tanto en larga suma,

Que a Terencio Español quitó la pluma.

Manoel de Galhegos no *Templo da Memoria* o convida para celebrar os desposorios dos Serenissimos Duques de Bragança na Estanc. 204. nesta fórma

O' quem com voz, e numero sonante
 A todo engenho convocar pudera
 Pera taõ alta empreza! Ob quem tronante
 Espirito ao Clarim da fama dera!
 Agora, agora ò Barros á Latina
 Esta empreza encomenday divina.

He digno de sentimento que nenhuma obra
 sua se fizesse publica quando podiaõ-se im-
 primir

Varias Comedias

que representaraõ no theatro com grande
 applauso dos expectadores os Comediantes
 Castelhanos.

*Versos latinos Portuguezes, e Castelha-
 nos.* Dos quaes sómente se imprimio hum
 Epigramma latino que he admiravel em lou-
 vor das obras poeticas de Antonio Figueira
 Duraõ, e huma poesia muito elegante feita
 á morte de Lope Felis da Vega que se con-
 serva na Livraria do Cardeal de Souza, hoje
 do Duque de Alafoens que começa

Con tardo piè, con perezoso passo
 acaba

Y le era dilacion, lo que vivia.

Morreo na patria em idade provecta a
 15. de Março de 1680. Jaz sepultado na
 Real Igreja de N. Senhora da Conceição
 dos Freyres da Ordem de Christo onde dei-
 xou duas Capellas pela sua Alma, e por ad-
 ministradora a Irmandade do Santissimo Sa-
 cramento.

ANTONIO FERNANDES FRANCO
 Natural da Ilha de S. Miguel, e Vigario
 da Igreja da Alagoa situada na mesma Villa.
 Para eternizar na memoria dos vindouros
 os horrorosos estragos, e fataes calamidades,
 que padeceo esta Ilha em 2. de Setembro
 de 1630. causados pela violencia do fogo que
 rebentando do profundo do mar, e vencendo
 a immensa copia das aguas arrojou com horri-
 vel estrondo pedras da extraordinaria gran-
 deza até a altura de cem covados, escreveo
 como testemunha ocular.

*Relação do lastimoso, e horrendo caso que acon-
 teceo na Ilha de S. Miguel em segunda feira 2. de
 Setembro de 1630.* Lisboa por Pedro Cras-
 beeck 1630. folha.

Do Author se lembra o P. Antonio Cor-
 deiro na *Hist. Insulan.* Liv. 5. cap. 23.

ANTONIO FERNANDES DE MOURA
 natural de Braga naõ sómente Douto na
 Sagrada Theologia, a cuja faculdade indefessa-
 mente se applicou, e em a noticia de hum, e
 outro Direito, mas no ministerio do Pulpito,
 que com grande applauso exercitou nas Dio-
 ceses de Braga, e Lamego, em cujo Bispa-
 do foy Examinador Synodal, e muito aceito ao Pre-
 lado desta Igreja o Illustrissimo D. Joaõ de Lan-
 castre. Naõ mereceo menor estimaçaõ no con-
 ceito do Illustrissimo Arcebispo Primaz D. Fr.
 Aleixo de Menezes que summamente o vene-
 rava mais pela innocencia dos costumes, que
 pela profundidade das letras. Para instruir aos
 Confessores com hum facil methodo na admi-
 nistraçaõ do Sacramento da Penitencia applicou
 todo o disvello compondo a obra seguinte,
 que repetidas vezes foy impressa.

*Examen Theologiae Moralis in quo medulla
 univrsarum quaestionum ad casus conscientiae per-
 tinentium ex Sacra Theologia, & utroque jure,
 nec non ex gravissimis, & absolutissimis tam hujus,
 quam superioris aevi scriptoribus, & summissis
 deprompta testimoniis, & exemplis confirmata
 continentur in quattuor partes divisum; primam
 agentem de Praeceptis Decalogi; secundam de
 Praeceptis Ecclesiae, tertiam de Sacramentis: quar-
 tam de peccatis, addito ad calcem brevi Tractatu
 de Operibus Misericordiae.* Bracharæ Au-
 gustæ apud Fructuosum do Baſto 1613.
 4. Colonix Agripinæ apud Petrum Heni-
 gium 1616. 8. 1618. 1626. 1628. 1641. 1643.
 4. et Sumptibus Heningij 1653. Lugduni
 apud Claudium Larjot 1627. 8. Duaci apud
 Gerardum Patte 1620. 8. Brixix apud Bar-
 tholomæum Fontana. 1622. 4. Rhotomagi
 apud Romanum Malherbe. 1639. Tradu-
 fido em Francez. Pariz 1627. 4. Compoz
 mais

*Compendio moral, e Resoluçoens de Casos
 de Conciencia.* Porto por Joaõ Rodriguez.
 1625. 8. e Lisboa. 1629. 8.

Hum *Soneto* seu em Portuguez sahio
 impresso no *Certame Poetico em Louvor de D.
 Miguel de Noronha Conde de Linhares.* Lisboa
 por Giraldo da Vinha 4. Naõ tem anno da
 ediçaõ.

Celebraõ o seu nome Nicol. Anton. in
Bib. Hisp. Tom. 1. pag. 92. Joan. Soar. de
 Brito in *Theat. Lusit. Litter.* lit. A. n. 77. e

Lippenio, e Draudio nas suas *Bibliothecas*. Morreo em Lisboa a 17. de Mayo de 1646. Está sepultado na Santa Casa da Misericórdia.

ANTONIO FERREIRA Doutor na faculdade de Direito Civil, Dezembargador da Casa da Supplicação, Fidalgo da Casa Real, nasceu em o anno de 1528. não em a Cidade do Porto, como alguns erradamente se persuadirão, mas em Lisboa, de que elle se jacta no liv. 1. dos seus *Poemas Epistol.* 10.

Esta Cidade, em que naci fermosa

Esta nobre, esta chea, esta Lisboa

Em Africa, Asia, Europa tão famosa.

Teve por Pays a Martim Ferreira Cavalleiro da Ordem de São-Tiago, Escrivão da Fazenda do Duque de Coimbra o Senhor D. Jorge, e a Mecia Froes Varella. No tempo, que na Academia de Coimbra começou a estudar Jurisprudencia arrebatado da natural inclinação à Poesia, não sómente compunha nas horas vagas do estudo alguns versos que já respiravaõ suave cadencia, e magestosa elegancia, mas incitava aos seus Condiscipulos a que lhe fossem emulos em tão divina Arte. Por ella alcançou tão profunda veneração dos mayores alumnos do Parnaso, que como a Principe desta faculdade lhe mandavaõ as suas composições para que pulidas com a sua lima sahisses totalmente perfeitas ao theatro do mundo, como o testemunha Diogo Bernardes fallando com elle na *Epistol.* 12.

Mas não posso negar serem-me dados

Por ti do Ceo favores venturosos

Ainda que mal de mi remunerados.

Se me não dera ao mundo em tão ditosos

Annos de mim que fora: Que por ti

Espero de ter nome entre os famosos.

Por mim nunca subira onde subi,

Meu nome com a vida se acabara

O mundo não soubera que naci.

Confesso dever tudo àquella rara

Doutrina tua, que me quiz ser guia

Ao celebrado monte, à fonte clara.

E por te dever mais, se à luz do dia

Te parece, que sayão meus escritos

Na tua penna está sua valia &c.

Entre o laborioso ministerio de Dezembargador nunca interrompeo o commercio das

Musas, antes suavizava grande parte do continuo trabalho, e applicação daquelle estudo com as delicias poeticas reformando as obras que compusera em idade muito verde, ou produzindo outras em que retratava o seu espirito com mais vivas cores, que certamente chegariaõ a mayor numero, se lhe não roubára o tempo a Decisão das causas forenses, e o não privára intempestivamente da vida a morte em Lisboa no anno de 1569. Está sepultado no Cruzeiro do Convento do Carmo de Lisboa, e sobre a campa tem gravadas estas palavras.

Epitafio do Doutor Antonio Ferreira Lente que foy na Universidade de Coimbra, Dezembargador da Relação, raro Poeta. Faleceo no anno de 1569.

Hic Doctor jacet è Cathedra quem jura Tonantem

Mente avidá audiret Bartolus, imo Solon:
Carmina scribentem Cythara sequeretur Apollo,

Diceret, et numeris non satis esse Chelin.

Ius et Pieridas Patria decoravit, amore

Illius hæc capiti Laurea major erat.

Nec vati magnum, ac fuerit, quod in urbe

Senator,

Sed sua quod Regnum Scripta Thalia regit

Si legit, una tuos componet Epistola mores

Maximus est doctor, qui docet è tumulo.

A sua morte sentio seu grande amigo, e venerador Diogo Bernardes nestas elegantes, e discretas expressões escritas em huma Elegia a Pedro de Andrade Caminha.

Ninfas do claro Tejo que cubristes

A grão envolta em neve, estrellas, e ouro

De negro veo quando tal vistes

Vinde de fresca murta de hera, e louro

Ornar de tempo em tempo a pedra fria

Onde a morte escondeu Vosso thezouro

Vinde cubrir as cinzas onde ardia

Fogo de amor divino, de alvas flores

Em lembrança da magoa deste dia:

Venhaõ também as Musas, e os amores

Offerecerlhe dons, que a Arabia manda

E cante Phebo em tanto seus louvores

Depois pendure a Lyra doce, e branda:

Em cima do sepulcro por memoria,

E Cupido arco, e settas de outra banda.

Ambos perderaõ nelle sua gloria;

Quem de hum cantarã já tanta belleza

Quem d'outro adoce guerra, e a victoria?

Ab bom cultor da Musa Portuguesa

*Qual foy Virgilio a Roma, a Grecia Homero,
Tal foste tu à tua natureza.*

Semelhantes elogios lhe consagraõ à sua memoria Antonio de Souf. de Macedo in *Lusit. liberat.* Proæm. 1. §. 1. n. 2. e Proæm. 2. §. 2. n. 7. e nas *Flor. de Espan.* cap. 22. Excellenc. 2. Nicol. Ant. in *Bib. Hisp.* Tom. 1. pag. 93. *lucubrationes metricas et elegantia plenas, spirituque, et animositate vigentes poeticâ* Manoel Sever. de Far. *Disc. da ling. Portug.* pag. 82. v.º Joan. Tamayo Salaz. *Martyrol. Hisp.* Tom. 4. pag. 183. Fr. Manoel de Sá nas *Mem. Hisp. da Prov. do Carm. de Portug.* liv. 2. cap. 11. n. 253. *Morery Diccion. Historiq.* Verb. *Ferreira.* Por deligencia de seu filho Miguel Leyte Ferreira sahiraõ.

Poemas Lusitanos. Lisboa por Pedro Crasbeeck. 1598. 4. Cuja segunda Parte, que se não imprimio, louva Antonio de Soufa de Maced. in *Lusit. liberat.* Proæm. 1. §. 1. n. 5.

Comedias que com outras de Francisco de Sá, e Miranda sahiraõ. Lisboa por Antonio Alvares. 1622. 4.

Tragedia de D. Ignês de Castro que sahio impressa no fim dos seus *Poemas*, foy traduzida por hum Francez na sua lingua, e a dedicou ao Conde da Atouguia Joaõ Gonçalves de Attayde de quem fora criado, e Mestre da lingua Latina de hum seu filho, a qual se imprimio em Pariz.

P. ANTONIO FERREIRA Naceo em Lisboa sendo filho de Jorge Antunes, e Maria Ferreira igualmente ricos que virtuosos. No tempo que cursava a terceira classe no Collegio de Santo Antaõ foy admitido à Companhia de Jesus a 22. de Agosto de 1635. com 15 annos de idade. Notavel foy o engenho, que mostrou para todas as facultades de que se seguio ensinar com grande applauso cinco annos Humanidades, e Rhetorica em o Collegio de Coimbra. Querendo Deos provar a sua paciencia permitio, que se levantasse contra a rectidaõ dos seus custumes huma furiosa tempestade, que tolerou prezo em Coimbra pelo espaço de dous annos em os quaes para suavizar a pena, que o atormentava compoz alguns *Poemas Latinos* sendo assumpto de hum delles o receyo de perder a sua amada Religiaõ, que finalizou com

estas enternecidas expressoens, que bem declaraõ a suavidade da sua discreta Musa.
*Non satis hæc: maius trepidantem vulnera telum
Mentem agit: instanti subit exponenda periclo
Relligio: qua non equidem mihi gratior unquam
Ulla fuit: primo quæ me sibi junxit amore
Quaque erat occiduo me servatur a sepulchro.
Hæc me (vix poteram vita cognoscere leges,
Juraque quid prohibent, vel quid contendat honestas)
Excepit Puerum, et teneris formavit ab an-
nis.*

*Prima sub hac rerum posui monumenta ma-
gistra
Hic virtutis opes, doctas hic Palladis artes
Edidici, hic primos, quæ servant dogmata
mores,
Quæ ve decent animos studia indefessa viriles.
Quæ via difficilem subeunti pandat Olympum,
Et quæ Tartareas ducat Phlegethontis ad
undas.*

*Quattuor emēfos numerabam Iustra per annos,
Ex quo votivis suscepimus omina vinculis,
Auspicijs promissa fides felicibus: hic me
Formavit natura virum, solumque pudoris
Conscia non alij adolevit moribus ætas
Ergo ne tam multos, vitæque, animique labores
Una dies tulerit? Pereant tam longa repente
Tempora? tam grati linquenda cubilia lecti
Totque virum prohibitas?*

Triunfante das calumniass de que fora injustamente accusado, leo Filosofia em Lisboa, passando à Universidade de Coimbra, e Evora depois de receber as insignias Doutorais a 25. de Julho de 1661. foy Lente de Vespera na dita Universidade onde alcançou iguaes applausos de Letrado, que Pregador. Accometido de hum accidente de apoplexia, que o deixou inhabil para continuar os estudos Academicos, o não impedio para o progresso das virtudes, que religiosamente observou com admiração dos seus domesticos. Sendolhe revelada a hora da morte se despedio dos seus Irmaõs pelos cubiculos até que passou a lograr o premio das suas virtuosas acçoens a 10. de Janeiro de 1676. cuja memoria celebra o P. Fonseca na *Evora Glorios.* pag. 426. e Franco in *Synops. Annal. S. J. in Lusit.* pag. 361. dizendo: *pollebat ingenio præclaro ad scientias quas jam dedicerat laude maxima, emi-*

nebat dotibus ad exornandum sacrum suggestum. De muitos, e bons Sermoens, que prégou, unicamente se publicou o seguinte.

Demonstrações da Verdade da nossa S. Fé contra os erros Judaicos em o Ato da Fé, que se celebrou na Cidade de Evora em 21. de Setembro de 1670. Evora na Officina da Universidade 1670. 4.

ANTONIO FERREYRA filho de Valentin Ferreira Cirurgiaõ, Familiar do Santo Officio, e de Luiza de Moura naceo em Lisboa, e na Parochia de Santa Justa foy bautizado a 6. de Novembro de 1626. Na Universidade de Coimbra se applicou à mesma Arte que seu Pay professára, e depois de estar nella perfeitamente instruido a exercitou primeiramente na Praça de Tangere onde foy mandado curar o mal epidemico, que consumia aos seus habitadores, e sendo ferido do contagio escapou da sua violencia pela efficacia dos seus medicamentos. Voltando para a patria continuou o mesmo exercicio com grande credito da sua sciencia, e não menor fortuna dos enfermos principalmente dos que assistiaõ no Hospital Real de todos os Santos por espaço de vinte annos experimentando todos os maravilhosos effeitos do seu methodo curativo. Sendo Cirurgiaõ da Camara delRey foy eleyto Cirurgiaõ mór da Serenissima Senhora D. Catherina, quando no anno de 1662. se foy despozar com Carlos II. de Inglaterra, a qual acompanhou até Londres recebendo em premio da fidelidade com que seruire a esta Princeza o habito de Christo com outras merces honorificas, e rendosas. Restituído a Portugal não deixou o exercicio da sua Arte, a que mais o estimulava a charidade, que o interesse, até que fechou o circulo de sua vida em Lisboa no anno de 1679. quando contava 63. annos de idade. Deixou descendencia numerosa eternizando o seu nome particularmente em tres filhos professores de diversas faculdades quaes foraõ o Doutor Ignacio Lopes de Moura Dezembargador dos Aggravos da Casa da Supplicação Cavalleiro professo da Ordem de Christo de quem em seu lugar faremos menção, o Doutor Jacinto Ferreira de Moura formado nos Sagrados Canones, e Prior da Real Freguezia

de S. Juliaõ de Lisboa, e Fr. Leonardo de Moura Religioso de S. Jeronymo, e Reytor do seu Collegio de Coimbra, que foy bom Theologo. Para fazer mais perceptivel a Arte da Cirurgia aos seus naturaes, que a quizessem aprender, escreveo em estylo compendiofo.

Luz verdadeira, e recopilado exame de toda a Cirurgia. Lisboa por Domingos Carneiro. 1670. fol. sahio acrecentado com huma nova Practica do Author. Lisboa por Ualentim da Costa Deslandes 1705. fol. Esta obra comprehende 17. livros o 1. *da Anatomia de todas as partes do corpo* 2. *Dos Aposthemas em geral* 3. *dos Aposthemas em particular.* 4. *das Feridas* 5. *do Fluxo do Sangue.* 6. *das Feridas Venenosas.* 7. *das Feridas de pelouro.* 8. *das Feridas da Cabeça.* 9. *das Feridas do rosto.* 10. *das Feridas do peito.* 11. *das Feridas do ventre.* 12. *das Feridas dos nervos.* 13. *das Chagas em geral, e particular.* 14. *das Chagas em particular.* 15. *das Fracturas.* 16. *das Dislocações.* 17. *das Fontes.* He intitulado por *Morey Diccion. Historiq. Verb. Ferreira un des plus celebres Chirurgiens de Portugal.*

ANTONIO FIALHO FERREIRA Cavalleiro professo da Ordem de Christo Fidalgo da Casa Real, natural, e morador na Cidade de Macao celebre colonia dos Portuguezes nos confins da China onde exercitou honorificos postos, ou fossem politicos, ou militares. Sendo Capitaõ mór da frota de Macao chegou a Manilla no anno de 1633. e pela grande devoção que tinha à Religiaõ Serafica alcançou faculdade do Provincial da Provincia de Saõ Gregorio para a nova fundação das Religiofas da primeira observancia de Santa Clara na Cidade de Macao triumphando de todas as dificuldades, que se levantáraõ contra este negocio, como elle expressa em huma carta escripta a Fr. Antonio da Conceição Ministro Provincial da Provincia da Madre de Deos a qual traz impressa Fr. Jacinto de Deos no *Vergel de Plant. e Flor.* cap. 4. art. 5. pag. 129. e della faz menção como do Author o moderno Addicionador da *Bib. Orient.* de Antonio de Leaõ Tom. 2. Tit. 7. col. 629. Por causa de huma grave discordia excitada entre o povo, e os Ministros delRey

se auzentou de Macao no anno de 1637. e atravessando com manifesto perigo da vida o Imperio de Narvinga, e as Serras de Gaute, chegou pelo passo de Daugin a Goa em 24. de Junho onde foy benevolmente recebido pelo ViceRey Pedro da Sylva, que conhecendo a capacidade do seu talento o mandou representar a ElRey o miseravel estado a que estava reduzida a India para a qual se necessitava de prompto remedio. Partio de Goa em Janeiro de 1639. e depois de vencidos muitos trabalhos chegou a Aspaõ donde voltando pelos montes de Armenia Superior entrou no Reyno de Gorgostaõ. Passada grande parte da Grecia por Betinia esteve em Cõstantinopla, e navegando pelo Archipelago desembarcou em Liorne. Chegou a Roma, e depois de bejar o pé ao Pontifice conferio com o Embaxador de Castella o negocio que lhe fora cometido. Depois de passados os Ducados de Mantua, e Saboya não pôde tomar o porto de Barcelona por causa dos Turcos andarem infestando aquelles mares até que entrou em Valença donde passando a Madrid representou a ElRey a causa que o obrigara para emprender jornada igualmente dilatada que perigosa. Foy logo mandado a Lisboa para que se aprestassem seis Náos, que socorressem a India quando neste tempo se aclamou o Serenissimo Senhor D. Joaõ o IV. o qual certificado da fidelidade de Antonio Fialho o mandou a Macao significar aos seus moradores de que tinhaõ por Soberano a hum Principe Portuguez. Obedeceo promptamente a este preceito, e logo que chegou à sua Patria convocadas as Pessoas principaes do Estado Ecclesiastico, e Secular lhes expoz em huma elegante Oraçaõ, a feliz noticia de estar exaltado ao trono de Portugal o Serenissimo D. Joaõ o IV. a quem deviaõ reconhecer por seu Rey, e Senhor, de cuja heróica acção por ser glorioso instrumento o celebraõ com grandes elogios D. Luiz de Menezes Conde da Ericeira *Portug. Restaur.* Tom. 1. liv. 3. pag. 141. Birago *Hist. de Portug.* lib. 3. pag. mihi 258. chamando-lhe *huomo di valore, e prudenza*, e o Padre Pedro Francisco Xavier de Charlevoix *Hist. du Japon.* Tom. 2. pag. 441. Compoz.

Relaçãõ da viagem, que por ordem de Sua Magestade fez Antonio Fialho Ferreira

deste Reyno à Cidade de Macao na China, e felicissima Aclamaçaõ de Sua Magestade ElRey Nosso Senhor D. Joaõ o IV. que Deos guarde na mesma Cidade, e partes do Sul. Lisboa por Domingos Lopes Rosa 1643. 4.

Oraçaõ que fez na Casa do Senado da Cidade de Macao na presença dos Juizes, Vereadores, e Procurador do Povo de como estava aclamado ElRey D. Joaõ o IV. Sahio impressa nos *Suc. Milit. das Arm. Portug.* pelo D. Joaõ Salgado de Araujo. Lisboa por Paulo Crasbeeck. 1644. 4. liv. 5. cap. 4.

Razones, y preguntas sobre la Navegacion que se há abierto desde la China a la India por los boquerones del Valle, y si será conveniente hazer viages desde la China a Lisboa en derechura. Esta obra foy escrita em Portuguez, e traduzida em Castelhana se conserva em a Bibliotheca delRey Catholico como affirma o moderno Addicionador da *Bib. Nautic.* de Antonio de Leaõ. Tom. 2. titul. 3. col. 1133.

ANTONIO FIGUEIRA DURAM natural de Lisboa. Foy admiravel o genio que desde a puericia teve para a Poesia Epica parecendo que nacera no gremio das Musas, de tal sorte que admirado o grande Poeta Manoel de Galhegos da summa facilidade com que na adolescencia se remontava ao cume do Parnasso o intitidou Orfeo daquelle seculo, e como a tal o convida para que com as suas canoras vozes celebre o Hymineo dos Serenissimos Duques de Bragança no *Templo da Memoria* liv. 4. Estanc. 200.

Já das Musas o Templo manifesto

Vos espera (ò Figueira Orfeo Latino)

Entray nelle, e componde do Anapesto

A este Hymineo o verso Fecenino;

Ou day de Ignacio o vosso altivo canto

A Nuno, que he tambem Soldado, e Santo.

Em obsequio da vontade de seu Pay passou à Universidade estudar Filosofia, e Jurisprudencia, e entre as especulaçoens destas duas faculdades nunca interrompeo a innocente communicaçãõ que tinha com as Musas o que elle testifica no fim do seu Poema intitulado *Ignatiados*.

Hæc super Ignati gestis, comitumque canebam

*Cum me Secretas rerum cognoscere causas
Ipse jubet genitor: quare mea fistula lauro
Pendeat, quo plena sonet, viresque tacendo
Adquirat, possimque novos haurire liquores.*

Depois de receber o grão de Licenciado na faculdade de Direito Civil voltou para a Patria, e como fosse ornado daquelles dotes dignos de hum Ministro, foy eleito Juiz de fora de Mourão donde partio para o Maranhão com o lugar de Ouvidor deste Estado, o qual administrou poucos mezes por morrer intempestivamente no anno de 1642. A sua memoria sempre será veneravel entre os cultores da Poesia sendo entre estes o mais celebre o P. Antonio dos Reys no seu *Enthusiasm. Poetic.* impresso no principio dos seus Epigrammas. n. 17.

*Nec te privabunt mea carmina laude Durane
O' puer ut Phæbus tenuit lanugine malas
Vix primâ adspersus, sed jam cecinisse peritus
Classica post modulos calami post mitis avenæ
Murmura post lenes, quos prompsit fistula cantus.*
Compoz.

Ignatiados libri tres. Ulyssipone apud Georgium Rodriguez. 1635. 8. Poema Epico à S. Ignacio de Loyola.

Laurus Parnassæa. Ulyssipone apud eumd. Typ. eodem anno 8. Consta de Elogios de Poetas Portuguezes.

Templum Æternitatis, Poema Panegyricum in aula Conimbricensis Academiæ pro rostris recitatum. Conimbricæ apud Laurentium Crasbeeck. 1640. 4. Consta de varios metros Latinos em louvor dos Lentes da Universidade de Coimbra.

ANTONIO DE FIGUEIREDO natural da Villa de Santarem do Arcebispado de Lisboa. Foy Freyre da Militar Ordem de São-Tiago que professou no Real Convento de Palmella, e grande letrado na Theologia moral por cuja sciencia foy Prior em huma Igreja do Campo de Ourique onde apascentou as suas ovelhas com a doutrina, e muito mais com o exemplo até que entre ellas morreo em idade de 63. annos. Escreveo.

De Sacramentis in genere, et specie. M. S.

Fr. ANTONIO DA FONSECA natural de Lisboa filho do Doutor Antonio

Correa fundador do Convento de Santa Anna situado em a nobre Villa de Viana da Provincia de Entre Douro, e Minho, foy naõ sómente esplendor da Religiaõ Dominicana, cujo habito professou, mas da Universidade de Sorbona, onde recebeu a borla doutoral em 6. de Janeiro de 1542. Estando já egregiamente instruido nas faculdades escholasticas na sua Patria, passou àquella Universidade onde alcançou o seu penetrante engenho a vasta noticia da lingua Grega, e Hebraica, e a erudição Sagrada, e profana, em que foy peritamente versado. A fama das suas profundas letras moveo a ElRey D. Joaõ o III. cuidadoso da nova restauração da Universidade Conimbricense para que entre outros Mestres convocados de Pariz fosse elle chamado a ler a Cadeira de Vespera da Sagrada Escriitura, da qual tomou posse no anno de 1544. e a regentou muitos annos com grande credito do seu nome, naõ alcançando menor fama pelo Pulpito donde era venerado por celebre Orador Evangelico, de tal forte que o elegeo por seu Prégador o mesmo Principe, que o nomeara Lente da Universidade. Foy o primeiro Prégador (saõ palavras do insigne Chronista Fr. Luiz de Sousa *Hist. de S. Doming.* Tom. 1. liv. 3. cap. 38.) que introduzio neste Reyno o sentido litteral da Escriitura apostilando o Santo Evangelho modo facil, e menos trabalhoso para quem o segue, porque he totalmente separado do estylo Oratorio antigo, que se compoem de suas partes com seus tropos, e figuras, e flores Rhetoricas. Echard in *Script. Ord. Præd.* Tom. 2. pag. 155. Neque vero in uno claruit academico Lyceo, sed facundissimus Verbi Divini Orator Olisipone, aliisque præcipuis Lusitaniæ Civitatibus concionando magnum apud omnes sibi nomen fecit. Sena in *Bib. Ord. Præd.* pag. 26. *Vir linguarum notitia clarus, scripturæ Sacræ lectione multa exercitatus, et Concionator insignis.* Manoel de Far. e Souf. *Europ. Portug.* Tom. 3. Part. 4. cap. 6. Xisto Senenf. in *Biblioth. Sanct.* lib. 4. Joan. Soar. de Brito in *Theatr. Lusit. Litter.* lit. A. n. 79. Nicol. Ant. in *Bib. Hisp.* Tom. 1. pag. 93. Jacobo Lelong in *Biblioth. Sacra* pag. 728. col. 1. e Fr. Pedro Monteiro *Clauß. Domin.* Tom. 3. pag. 144. Compoz.

Annotationes marginales in Commentaria Thomæ de Vio Cardinalis Caietani in Pentateuchum. Parisiis apud Joannem Parvum. 1539. fol. Nesta obra não sómente compoz as notas, mas a vida do Cardeal Caetano (da qual faz memoria Fr. Ignacio Jacinto Amat de Gravefon. *Hist. Eccles. ad Sæcul. XVI.* Colloq. 5.) e a Introduçãõ ao Pentateucho. Escreveo mais como affirma Nicol. Ant.

In Josue.

In Libros Regum.

In Paralipomenon.

ANTONIO DA FONSECA natural de Lisboa insigne professor de Medicina cuja sciencia exercitou com grande fama em Flandes, e no Palatinado na occasiãõ em que estas Provincias estavaõ inficionadas com a peste focorrendo aos feridos de taõ fatal epidemia não só com a sua assistencia, mas ainda escrevendo o methodo, com que se podiaõ curar, o qual publicou com este titulo.

Tractatus de epidemia febrili grassante in exercitu Regis Catholici in inferiori Palatinatu anno 1620. et 1621. in quo febris malignæ essentia, causæ, signa, diagnostica, et prognostica, et methodus curativa Philosophice, et medice elucidantur. Melchliniæ apud Henricum Jaye. 1623. 4.

Delle se lembraõ Nic. Ant. in *Bib. Hisp.* Tom. 1. pag. 93. e Zacut. lib. 5. cap. 30.

ANTONIO DA FONSECA Naceo em Lisboa, e na real Parochia de S. Juliaõ recebeo a primeira graça a 14. de Junho de 1676. Ainda não excedia a tenra idade de tres annos quando passou com seus Pays Cypriano da Fonseca, e Francisca Maria ao Estado de Pernambuco, e no Recife aprendeo não sómente as letras humanas, e Poesia Latina em que sahio eminente, mas as sciencias de Filosofia em a Congregaçãõ do Oratorio, e de Theologia especulativa no Collegio dos Padres Jesuitas. Voltando para a Patria foy cativo pelos mouros a 14. de Outubro de 1710. e levado a Argel onde sendo vendido em praça publica a 5. de Novembro do dito anno, depois de tolerar terveys molestias foy resgatado de taõ duro cativo em o anno de 1713. por seis centos mil reis. Restituído a Portugal, e a sua

liberdade se ordenou de Presbytero, e considerando que as sciencias proprias deste Estado eraõ a Theologia Moral, e os Sagrados Canones, se applicou à primeira no Real Collegio de N. Senhora da Escada fundado nesta Corte pela magnifica piedade da Raynha D. Catharina mulher do Serenissimo Rey D. Joaõ o III. que regentaõ os Religiosos Dominicos, sendo hum dos seus Collegiaes, e para se instruir na segunda passou à Universidade de Coimbra onde defendeo com applauso universal em 23. de Julho de 1736. Conclusoens sobre a materia *de Officio, et potestate Judicis Delegati* compostas em verso heróico elegantissimo com huma invocaçãõ a N. Senhora do Carmo, merecendo receber o grão de Bacharel a 6. de Outubro de 1738. Pelo largo espaço de vinte annos tem exercitado o lugar de Capellaõ das Religiosas Dominicãs do Convento da Annunciada desta Corte. Publicou com este titulo.

Opusculum Eucharisticum oratione ligata concinnatum. Ulyssipone apud Emmanuelem Ferdinandum Costium Sanctæ Inquisitionis Typog. 1728. 4. He dedicado a ElRey N. Senhor D. Joaõ V. em cujo louvor além da dedicatoria traz tres epigramas, e huma Ode. A obra consta de huma larga Elegia, e neste genero de Poesia os tres Hymnos que a Igreja uza na Festa do Corpo de Deos. Seis epigramas em louvor do Santissimo Sacramento cujo assumpto se deduz de seis anagrammas da palavra *Eucharistia*. A Oraçãõ *Adoro Te devotè latens Deitas* em hum poema heroico, e ultimamente o Hymno *Te Deum Laudamus* composto em versos Sáficos.

In funere Illustrissimi, ac Reverendissimi Domini D. Fr. Bartholomæi do Pilar Episcopi Parendis maximo totius Lusit. luctu fato correpti. Nænia. Consta de 10. Dyftichos. Epitafio ao mesmo Prelado que he hum Epigramma. Lisboa por Miguel Rodrigues Impressor do Senhor Patriarcha. 1734. 4. No fim do Elogio que dedicou a este Prelado Phillippe Jozé da Gama.

ANTONIO DA FONSECA OSORIO natural de Lisboa donde navegou até a India Oriental com o posto de Soldado, e como assistisse nella muitos annos discorreo por diversas Regioens de taõ vasta parte do

mundo tolerando por mar, e terra innumereis trabalhos que deixou escritos no Livro intitulado

Peregrino Oriental de varias cousas, e successos da India. O qual dedicou ao Duque D. Theodosio Pay do Serenissimo Rey D. Joaõ o IV. e posto que se não imprimio corre M. S. pelas mãos de muitos Curiosos, e he louvado por Jorge Cardoso nas *Advertenc.* do Tom. 1. §. 2. verf. ultim.

F. ANTONIO DE S. FRANCISCO Natural de Evora, filho de Pedro Francisco, e Anna Mendes Religiofo da Ordem de S. Paulo, que professou no Convento da Serra de Offa a 26. de Setembro de 1594. taõ insigne no governo, como no magisterio pois além de ser *grande humanista* como o intitula o P. Francisco da Fonseca na *Evor. Glorios.* pag. 410. foy consumado Theologo lendo esta sciencia com grande applauso aos seus domesticos até que nella jubilou não sendo menor a faudade, que deixou aos seus subditos quando em alguns Conventos exercitou o lugar de Prélado. Todo o seu disvello foy a composiçaõ da Chronica da sua Congregaçaõ, para cujo fim não perdoou a genero algum de trabalho revolvendo os Cartorios dos Conventos investigando as suas fundaçoens, as vidas dos Varoens insignes, que nelles floreceraõ, e os privilegios, graças, e indultos com que a liberalidade Pontificia, e Real os enriquecera. Ao tempo que estava para concluir obra taõ laboriosa o arrebatou a morte em Villa-Viçosa a 20. de Julho de 1633. com 58. annos de idade, e 39. de Religião. Conserva-se entre os seus Religiosos escrita pela propria maõ com este titulo

Chronica da Congregaçaõ de S. Paulo da Serra de Offa.

Della faz mençaõ Jorge Cardoso *Agiol. Lusit.* Tom. 2. pag. 666. letr. C.

ANTONIO DE S. FRANCISCO Terceiro Secular da Serafica Ordem de S. Francisco. Efreveo para fruto espirital dos seus Irmãos

Compendio dos Exercicios da Terceira Ordem da Penitencia. Lisboa por Antonio Alvares. 1628. 16.

Da obra, e do Author se lembra Fr. Joan. à D. Ant. in *Bib. Francisc.* Tom. 1. pag. 104.

ANTONIO FRANCISCO DE ALCAÇOVA Natural de Braga, Doutor em Canones cuja Cadeira de Prima sendo-lhe offercida, não quiz aceitar. Dezembargador da Relaçã da sua patria depois da Casa da Supplicação, Procurador da Fazenda Real, e Alcayde Mòr de Eruededo foy taõ insigne na rectidaõ com que decidia as controversias forenses, como na perspicacia com que penetrava os mysterios mais occultos de hum, e outro Direito, cujos dotes o fizeraõ venerado pelos mais doutos homens do feu tempo, como foraõ Francisco de Caldas Pereira confessando na Parte 3. *Oper. Emphyteut.* cap. 6. n. 10. *Cujus disciplina, quidquid in nobis eruditionis est acceptum, referimus,* e no cap. 3. n. 31. lhe chama *doctissimum numquam satis laudatum, & inter Senatorii ordinis præsantissimos Juris consultum omnium longe præsantissimum* Manoel Barbof. *Remision.* ad lib. 4. Ord. Reg. Tit. 105. n. 5. *doctissimus, & omni ævo memorandus.* Compoz varias illustraçõens sobre diversos Textos do Direito Cesareo, e Pontificio, e nas Ordenaçõens do Reyno, que perfeitamente não acabou, excepto a obra seguinte

Compendio da Nobreza, e Fidalguia destes Reynos, em o qual se trata dos diferentes estados de Villoens, Plebeos, Vassallos, Escudeiros, Cavalheiros, Ricos homens, Infançoens, &c.

Da qual fallaõ Manoel Barbof. já allegado ad *Lib. 2. Ordinat.* Tit. 21. n. 5. onde diz que o Author lho remetera. Joaõ Franco Barreto na *Bib. Lusit.* M. S. Manoel Severim de Faria *Notic. de Portug.* Disc. 3. §. 1. pag. 88. e o P. D. Antonio Caetano de Souf. no *Apparat. à Hist. Gen. da Casa Real de Portug.* pag. 86. §. 79.

P. ANTONIO FRANCISCO CARDIM natural da Villa de Viana do Alentejo filho de Jorge Cardim Froes, Dezembargador da Casa da Supplicação de que tomou posse a 25. de Outubro de 1599. e D. Catherina de Andrade, irmaõ inteiro do Veneravel P. Joaõ Cardim da Companhia de JESUS (cuja vida escreveo na lingua Latina Philippe Alegambe, e na Portugueza o P. Sebastião de Abreu) ao qual imitou nas virtudes, e estado Religioso alistando-se na Companhia no Collegio de Evora a 24. de

Fevereiro de 1611. quando tinha 15. annos de idade. Em obsequio do Santo Xavier acrescentou ao nome, que lhe fora imposto na pia bautifmal o nome de Francisco que lhe servio de perpetuo despertador para sollicitar com grandes instancias facultade dos seus Superiores para passar ao Oriente, e nelle prégar a Fé do Crucificado. Por sete annos continuos persistio nesta heroica pertençaõ que naõ era atendida dos Prelados por ter huma compleição debil, e faude pouco firme até que naõ podendo resistir á efficacia de tantos rogos lhe concederaõ a licença, e se embarcou para a India no anno de 1618. com o Bispo do Japaõ Diogo Valente, e mais trinta Religiosos, que muitos delles com o proprio sangue sobscreverã as verdades do Evangelho. Chegado a Goa, e estudadas as Faculdades de Filosofia, e Theologia passou á China onde discorrendo apostolicamente pelos Reynos de Siaõ, e Tunquim, foraõ innumeraveis os trabalhos que constantemente padeceo, mayores as victorias que gloriosamente conseguiu do inferno na redução de infinitos barbaros ao conhecimento da verdadeira Divindade. Recolhido a Macáo exercitou o lugar de Reytor quatro annos, e por duas vezes o de Mestre de Noviços. Sendo nomeado Procurador da sua Provincia passou a Roma onde assistio, e votou na Congregação Geral em que foy eleyto Geral Vicente Carafa. Voltando a Portugal quando parecia ser tempo de descansar na patria, segunda vez empredeio a navegação para o Oriente em 15. de Abril de 1649. em a Não S. Lourenço, e depois de padeecer hum horroroso naufragio nos baxos de Monxicale distante 20. legoas de Moçambique de que escapou milagrosamente, chegou a Goa donde partio para Macáo, e sendo nesta viagem prisionado por huns Coslarios Olandeses tolerou pelo espaço de dous annos, e sete mezes que esteve cativo incriveis molestias, que se faziaõ mais graves em hum corpo atenuado com annos, e taõ perigosas navegaçoens, até que restituído á sua liberdade passou o restante da vida em Macáo onde acabou piamente em 30. de Abril de 1659. com 63. annos de idade, e 48. de Companhia. Fazem illustre memoria do seu nome Joan. Soar. de Brito in *Theatr. Lus. Litter.* lit. A. n. 80. Nicol. Ant. in *Bib.*

Hisp. Tom. 1. pag. 93. et Tom. 2. pag. 281. *Fonsec. Evor. Glor.* pag. 426. D. Francisco Manoel na *Carta escrita a Themud.* que he a 1. da 4. Cent. *Abreu Vid. do P. Joaõ Cardim.* Liv. 1. cap. 2. *Franc. Imag. da Virtud. em o Nov. de Evor.* Liv. 3. cap. 24. e 25. e pag. 854. et in *Ann. Glor. S. J. in Lusitan.* pag. 494. Escreveo

Relatione de la Provincia del Giappone. Roma por Andrea Frey. 1645. 4. Traduzida em Francez. Pariz ches Henault. 1646. 8. E em Flamengo como diz a *Bib. Oriental* novamente acrescentada Tom. 1. Tit. 8. col. 163. Desta Relação faz memoria Nicol. Ant. na *Biblioth. Hisp.* Tom. 1. pag. 316. attribuindo-lhe por Author ao P. Francisco Cardim imaginando ser diferente do P. Antonio Francisco Cardim.

Fasciculus è Japonicis floribus suo adhuc madentibus sanguine. Romæ apud hæredes Corbelleti. 1646. 4.

Catalogus regularium, & sæcularium, qui in Japoniæ regnis usque à fundata ibi à S. Francisco Xaverio Gentis Apostolo Ecclesia ab Ethnicis in odium Christianæ Fidei sub quatuor tyrannis violenta morte sublata sunt. Romæ apud eundem Typog. 1646. 4.

Mors felicissima quatuor Legatorum Lusitanorum, & Sociorum, quos Japoniæ Imperator occidit in odium Christianæ Religionis. Romæ apud hæredes Corbelleti 1646. 4.

Estas obras sahiraõ em Portuguez escritas pelo mesmo Author com este Titulo.

Elogios, e Ramallete de flores borrisfado com o Sangue dos Religiosos da Companhia de JESUS a quem os Tyrannos do Imperio do Japaõ tiraraõ as vidas por odio da Fè Catholica com o Cathalogo de todos os Religiosos, e Seculares, que por odio da mesma Fè foraõ mortos naquelle Imperio até o anno de 1640. Lisboa por Manoel da Sylva 1650. 4. com estampas.

Relação da gloriosa morte de quatro Embaxadores Portuguezes da Cidade de Macao com 57. Christãos da sua companhia degolados todos pela Fè de Christo em Nangasachi Cidade do Japaõ a 3. de Agosto de 1640. Lisboa por Manoel da Sylva. 1650. 4. et ib. por Lourenço de Anveres 1643. 4.

Relação da viagem do Galeaõ de S. Lourenço,

renço, e sua perdação nos baixos de Monxical e em 3. de Setembro de 1649. Lisboa por Domingos Lopes Roza. 1651. 4.

P. ANTONIO FRANCO. Naceo na Villa de Montalvão do Bispaço do Portalegre, de cuja Cidade dista seis leguas para o Norte na Provincia do Alentejo, no anno de 1662. sendo seus Pays Mattheus Vaz, e Ífabel Dias pessoas de igual nobreza, que opulencia. Na florente idade de quinze annos recebeo em Evora a Roupeta da Companhia de JESUS a 26. de Julho de 1677. Neste Collegio em que aprendeo as letras humanas, e divinas ensinou, tendo já dictado Rhetorica na Ilha de S. Miguel, as Humanidades por espaço de tres annos, e de cinco em o Noviciado de Lisboa sahindo da sua erudita escola insignes Grammaticos, elegantes Oradores, e suaves Poetas. Foy Mestre dos Noviços, Prefeito do Recolhimento dos Irmaõs em Evora, Reytor do Collegio de Setubal, e Instructor dos Padres do terceiro anno em Lisboa, e Coimbra experimentando todos em tão diversos ministerios a sua natural suavidade, e brandura acompanhada de muitas virtudes Religiosas. Serà eternamente benemerito de toda a Provincia de Portugal (escreveo em seu louvor o Padre Fonseca na *Evor. Glorios.* pag. 426.) pelo incansavel trabalho, e continuo estudo com que revolvendo todos os Cartorios, Archivos, e monumentos antigos desenterrou das Cinzas do esquecimento as gloriosas memorias dos Padres mais memoraveis, e famosos desta Provincia. Destas laboriosas occupaçoens faõ patentes testemunhos os muitos livros, que na lingua Latina, e materna escreveo, e imprimio, para instruir aos naturaes, e estrangeiros em o conhecimento dos grandes filhos, que produzio a Companhia em Portugal, derramando o sangue huns em obsequio de Christo, e immortalizando outros o seu nome pelo exercicio das virtudes, e pela profissaõ das sciencias. Cheyo de annos, e merecimentos em Evora onde morrera para o Mundo, naceo para a eternidade em 3. de Mayo de 1732. Compoz.

Promptuario da Syntaxe dividido em duas partes. Na primeira se contem a Syntaxe pela mesma ordem da Arte; nos Escholios se poem a significação do nome, o Verbo

com o caso competente. Na segunda Parte se trataõ algumas noticias congruentes à mesma Syntaxe. Evora, na mesma Officina da Universidade 1699. 8. ibi na dita Officina 1716. 8. 5. edição. Lisboa por Valentim da Costa Deslandes 1704. 8.

Imagem da virtude em o Noviciado da Companhia de JESUS do Real Collegio do Espirito Santo de Evora do Reyno de Portugal, na qual se contem a fundação desta Santa Casa, vida de seu Fundador; e mais servos de Deos, que nella ou foraõ Mestres, ou Discipulos. Lisboa na Officina Real Deslandesiana 1714. fol.

Imagem da virtude em o Noviciado da Companhia de JESUS na Corte de Lisboa em que se contem a fundação da Casa dos Religiosos de virtude que nella foraõ Noviços. Coimbra na Officina do Real Collegio das Artes. 1717. fol.

Imagem da virtude em o Noviciado da Companhia de JESUS no Real Collegio de JESUS de Coimbra, no qual se contem as vidas, e virtudes de muitos Religiosos que nesta Santa Casa foraõ novicos. Primeiro Tomo. Coimbra na Officina do Real Collegio das Artes. 1718. fol.

Segundo Tomo. Coimbra na dita Officina 1719. fol.

Destes quatro volumes faz menção a *Bib. Orient.* de Antonio de Leaõ modernamente acrescentada. Tom. 1. Tit. 4. col. 90.

Annus gloriosus Societatis JESU in Lusitania complectens sacras memorias illustrium virorum, qui virtutibus, sudoribus, sanguine Fidem, Lusitaniam, et Societatem JESU in Asia, Africa, America, et Europa felicissime exornarunt. Viennæ Aultriæ apud Joannem Baptistam Schilgen Universitatis Typog. 1720. 4.

Synopsis Annalium Societatis JESU in Lusitania ab anno 1540. usque ad annum 1725. Augustæ Vindilicorum, et Græcij Sumptibus Philippi Martini, et Joannis Veith. 1726. fol.

Traduzio da lingua Francesa do P. Francisco Pomey da Companhia de Jesus, em Portuguez no anno de 1697. para uso dos estudantes fallarem Latim com augmento que lhe fez de muitos vocabulos.

Indiculo universal; contem disintos em suas Classes os nomes de quasi todas as cousas

que há no mundo, e os nomes de todas as artes, e sciencias. Evora Na Officina da Universidade. 1716. 8.

Sem o seu nome.

Imagem do Collegio Apostolico no glorioso Padre Santo Antonio de Padua nos treze dias da sua devoção. Lisboa por Valentim da Costa Deflandes. 1709. 16.

Com o supposto nome de Francisco da Costa Eborense.

Contramina Gramatical com que se desvanecem diversas notas, e assumptos, que hum curioso imprimio contra os Grammaticos, em especial contra a nunca affás louvada Arte de Grammatica Latina do doutissimo P. Manoel Alvares da Sagrada Companhia de JESUS pela qual estuda Grammatica a mayor parte da Europa, e contra o promptuario da Syntaxe do P. Antonio Franco da mesma Companhia. Evora na Officina da Universidade. 1731. 8.

Novena da esclarecida Virgem, e Martir Santa Barbara com o seu Hymno, e palavras contra as tempestades. Evora na Impressão da Universidade. 1725. 12. Sahio sem o nome do Author, e entre as suas obras numera esta o P. Francisco da Fonseca *Evora Glorios.* pag. 426.

Deixou M. S. e já com licenças para se imprimir.

Imagem do primeiro Seculo da Companhia de JESUS em Portugal 2. Tomos fol.

Imagem do Segundo Seculo 1. Tom. fol.

Nestes tres tomos se comprehendiaõ pela ordem Chronologica os successos mais memoraveis dos primeiros cento, e cincoenta annos da Provincia de Portugal.

Fr. ANTONIO FREYRE. Naceo no anno de 1485. e foy filho da illustre Ordem dos Prégadores, cujo habito recebeu no Real Convento da Batalha, e professou solemnemente no Real de Bemfica. Todas as virtudes que constituhem hum perfeito Religioso se admiráraõ nelle desde o Noveciado até a idade provecta de noventa annos não só com assombro, mas com excessão. No anno de 1569. em que Lisboa ardia no fatal incendio da peste armado de hum zelo heróico sem temer ao perigo entrava pelos Hospitales, onde jaziaõ os feridos do contagio, e com summa charidade confes-

fava a huns, e confortava a outros. He incrível o modo com que tyrantzava o corpo tomando todos os dias cinco rigorosas disciplinas em memoria das cinco Chagas do Redemptor. Com ser taõ eminente nas virtudes, o naõ foy menos em as letras. Depois de receber o gráo de Doutor em Theologia continuou no exercicio concionatorio sendo sempre ouvido com copioso fruto dos seus ouvintes por nacerem os seus discursos mais da ternura do coração do que da delicadeza do juizo de tal sorte que tendo por ouvintes em huma occasião a ElRey D. Joaõ o III. e ao Principe seu filho, formaraõ delle taõ alto conceito, que o elegeraõ seu Confessor cujo ministerio ainda, que algumas vezes o exercitou, nunca quiz delle a propriedade. Governou o Convento de Coimbra, Porto, Bemfica, e Evora chegando a ser tres vezes Vigario Geral da Provincia, e em tantos lugares a severidade que uzava comsigo, a naõ exercitava com os subditos. A huma vida taõ exemplar correspondeo huma piedosa morte no Convento de Lisboa a 8. de Mayo de 1575. Escrevem deste varaõ com pena mais difusa Fr. Luiz de Souf. *Hist. de S. Doming. Part. 2. liv. 2. cap. 10. Cardof. Agiol. Lusit. Tom. 3. pag. 129. e no Commentario de 8. de Mayo let. E. Fr. Bartholameu Ferreira Deputado do Santo Officio, na vida, que delle compoz M. S. Sena in Chron. Frat. Ord. Præd. pag. 327. Vita integritate præclarus, orationi deditissimus, in vigiliis assiduus, et in proximorum Salute procuranda valde diligens.* Deixou compostos dez Tomos dos quaes nove intitulou.

Sacra Sanctorum Patrum supellex.
e o decimo.

Promptuarium conceptuum moralium ad Evangelia de Tempore totius anni à Dominica 1. Adventus, usque ad Feriam secundam post Dominicam in Resurrectione, nec non ad Evangelia de Sanctis per totum annum occurrentibus. Os quaes todos se conservaõ M. S. na famosa Livraria do Convento de S. Domingos de Lisboa, como escreve Fr. Pedro Monteiro no *Clauff. Dominic.* Tom. 3. pag. 155. onde imaginou ser obra deste Author o livro intitulado *Primor, e honra da vida Soldadesca no Estado da India* fundando-se em que Nicolao Antonio na *Bib. Hispana* dissera ser Portuguez sem

declarar de que Ordem fosse, quando elle claramente diz que he de Fr. Antonio Freyre Religioso de Santo Agostinho, de quem logo trataremos. O P. Fr. Lucas de Santa Catherina Chron. da Religião de S. Domingos neste Reyno, e Academico real no Appendix a 4. Part. da *Chron. desta Prov.* pag. 926. fallando dos Escretores della se equivocou em o appellido de Fr. Antonio Freyre, escrevendo Ferreira se he que não seja erro da Imprensaõ.

Fr. ANTONIO FREYRE natural da Cidade de Beja na Provincia do Alemtejo filho de Pays muito illustres como foraõ Gomez Freyre de Andrade que com tres filhos acabou lastimosamente na infeliz batalha de Alcacer, e de D. Leonor de Cardenas Freyre. Professou o habito de Eremita Augustiniano no Convento de Lisboa a 16. de Janeiro de 1585. e depois de estudar as sciencias mayores as dictou com applauso nos Collegios de Evora, Coimbra, e Lisboa, sahindo com os documentos de taõ grande Mestre famosos discipulos. Não foy menos admirado no Pulpito, que na Cadeira. Foy Qualificador do Santo Officio, e Deputado da Inquisição de Lisboa provido em 4. de Outubro de 1617. Nunca teve lugar algum na Ordem excepto o de Definidor ou pela humildade que professava, ou para que o não abstrahissem da lição dos livros nos quaes tinha todo o seu divertimento. Morreo no Convento de Lisboa a 2. de Setembro de 1634. Entre os mais insignes Varoens da Ordem Augustiniana he numerado por Fr. Thomaz Herrer. in *Alphab. Aug. Fr. Anton. da Nativid. Mont. de Cor.* Monte 2. Coroa. 8. n. 95. Purific. de *Vir. Illust. Prov. Lusit.* lib. 2. cap. 2. Diogo Gouvea de Barradas *Antig. de Beja* liv. 3. cap. 13. Nicol. Anton. in *Bib. Hisp.* Tom. 1. pag. 94. et Tom. 2. pag. 317. e 655. e Fr. Manoel de Figueired. *Flos Sanct. Augustin.* Part. 4. pag. 150. Escreveo.

Thezouro espirital com seu Commento Theologico, e duas practicas espirituaes; e huma breve exposição do Pater Noster. Lisboa por Antonio Alvares. 1624. 8.

Manual dos Evangelhos em versão paraphrastica, e meditações. Tomo 1. de todos os das Missas da vida de Christo, e da Virgem, e de outros muitos in-

cluidos nos Mysterios dos tres Rosarios comum das almas, e dos Domingos, e do Denario. Lisboa por Vicente Alvares 1626. 8.

Preludios Theologicos, e conceitos predicaveis para os Sermoens de todo o anno. Prometeo esta obra no Prologo do *Thezouro espirital.*

Pulio, e ornou com hum elegante elogio o livro feito por hum Portuguez na India, o qual sahio com este titulo.

Primor, e honra da vida Soldadesca no Estado da India. Livro excellente antigamente composto nas mesmas partes da India Oriental sem nome de Author, e hora posto em ordem de sabir à luz com hum elogio sobre elle. Lisboa por Jorge Rodriguez. 1630. 4. Do Author, e da obra faz menção o moderno Addicionador da *Bib. Orient.* de Antonio de Leaõ Tom. 1. Tit. 14. col. 454.

Fr. ANTONIO FREIRE natural de Lisboa. Foy filho de Simaõ Freyre Contador dos Contos do Reyno, e de Antonia Correa. Professou o habito da Ordem da Santissima Trindade no Convento de Lisboa a 16. de Janeiro de 1621. em cuja douta escola aprendeo as sciencias que o fizeraõ bom prégador, e não menor Letrado. Morreo no Convento de sua patria em 5. de Novembro de 1644. em idade muito provecta. Acrecentou.

Rosario de N. Senhora com os Evangelhos, que a Igreja canta em seus Mysterios distribuidos por cada dez Ave Marias com os sinco Psalmos que começão pelas letras de MARIA. Lisboa por Pedro Crasbeeck. 1629. 12.

Officio particular em louvor do Principe dos Anjos o glorioso Archanjo S. Miguel. Lisboa por Lourenço de Anvers. 1641. 8. et ibi por Fillippe de Soufa Villela 1701. 24. traduzido em Portuguez por Crispim de Andrade.

Delle parece ser, por sahir com o nome de Fr. Antonio Freyre.

Disparates muy graciosos. Lisboa por Vicente Alvares. 1612.

P. ANTONIO FREYRE natural de Braga, e filho de Joaõ Freyre, e Sabina de Ramos. Entrou na Companhia de Jesus a 22. de Junho de 1600. quando contava 16. annos

de idade. Foy taõ insigne na innocencia dos costumes, como na sciencia das letras humanas, e Theologia Moral, com que por muitos annos instruyo aos seus domesticos. Em huma, e outra sciencia era consultado como Oraculo respondẽdo com summa promptidaõ às duvidas que lhe propunhaõ. Morreo em Coimbra a 13. de Março de 1650. Illustrou com doutos Cõmentos.

Sex priores libri Thebaidæ Statij Papinij. M. S.

Cujo original que se conserva no Collegio de Coimbra testifica o P. Francisco da Cruz nas Memorias *M. S. para a Bib. Portug.* que o lera, e o julgou digno de se imprimir.

ANTONIO FREYRE DE ANDRADE

Oriundo da Cidade de Beja nacido em Castella de Pay Portuguez, Doutor na Universidade de Alcalá, cuja faculdade em que o fosse não declara, posto que hà grave fundamento para o ser em Theologia, ou Direito Canonico. Compoz.

Defensorium S. Bullæ Cruciatæ circa esum ovorum, et lacticianorum tempore Quadragesimæ. Matriti. 1661. 8.

ANTONIO DE FREYTAS natural de

Tangere, celebre colonia dos Portuguezes em Africa, Doutor de Direito Civil compoz com estilo elegante ornado de erudiçaõ Sagrada, e profana, que dedicou à Magestade delRey D. Joaõ o IV. novamente elevado ao trono de Portugal.

Primores politicos, e regalias do nosso Rey. Lisboa por Manoel da Sylva. 1641. 4.

ANTONIO GALVAM Naceo na India

Oriental, e sendo quinto filho de Duarte Galvaõ Embaxador delRey D. Manoel às Cortes de Roma, Pariz, Viena, e Preste Joaõ, Chronista mór do Reyno, Neto de Ruy Galvaõ Escrivaõ da Fazenda, e Secretario delRey D. Affonso o V. e Irmaõ de Simaõ de Soufa, Jorge Manoel, e Rodrigo Galvoens que obraraõ no Oriente açoens dignas de immortal nome, deixou duvidosa a posteridade se foy mais insigne na piedade summa para com Deos, se na incorrupta fidelidade para com o seu Principe. Tantas foraõ as gloriosas vitorias que alcançou a sua espada, quantos foraõ os

combates que teve com os inimigos do Estado, e da Religiaõ. Excede a credulidade, e arrebatada a admiraçaõ a illustre gloria que adquirio, quando o prudentissimo Governador da India Nuno da Cunha o nomeou Capitaõ das Ilhas Malucas que repugnavaõ obedecer ao nosso Estado, triumphando em Tidore com cento, e cincoenta Portuguezes, e alguns naturaes da terra de oito Reys Colligados, de cujas Coroas se formou o diadema para lhe cingir a cabeça em premio do que obrara o seu braço derrotandolhes numerosos exercitos, abrazando-lhes formidaveis Armadas, e tomandolhes preciosos despojos. Semelhantes palmas colheo da potencia unida com a astucia dos Reys de Moro, Java, Banda, e Amboino obrigando a estes Principes humilhados a reconhecerem por tutelares dos seus dominios as Armas Portuguezas. Ao ardor militar excedia o pio, e catholico que lhe inflamava o coração sendo ao mesmo tempo Capitaõ, e Catequista, igualmente vigilante em augmentar o Estado para o seu Principe, como em extender o Imperio para Christo, reduzindo à sua crença a cega infidelidade de infinitos barbaros. Para conseguir esta Sagrada, e herõica empreza derrubou muitos Pagodes, onde se veneravaõ os idolos; reedificou, e novamente erigio Templos, em cujos altares fosse adorado o verdadeiro Deos, os quaes ornou com preciosos donativos dispendendo setenta mil cruzados em aççaõ taõ magnanima, como religiosa, à qual consagrou este elogio o grande Fr. Francisco de Santo Agostinho Macedo in *Propug. Lusit. Gallic.* ad art. 10. cap. 5. pag. 145. *Fuit ab orbe condito Imperator, qui aut arma ardentius intulerit, aut imperium ambitiosius dilataverit, aut opes avidius conquiserit, quàm Antonius Galvanus salutem Molucensium quos inter præfecturam Lusitanam gerebat populorum procuravit. In omnes se facies vertit ut illos ad Christi fidem converteret; huic studio curas, vires, opes, officia dedicavit. Divitias cum huc omnes suas contulisset, et supra septuaginta millia aureorum donasset, abacum quoque ornatissimum, et domesticam suppellectilem impendit. Vidit illa regio voci præconis subjici Christiani Imperatoris bona, ut verba Christi omnes audirent. Hasta erecta ut Crux statueretur; et antio facta, ut Religio*

augeretur. A este elogio da sua profusão em obsequio da Igreja se podia acrescentar o notavel dispendio que fez na ereção de hum sumptuoso Seminario para nelle se educarem com o puro leite da nossa Religião os filhos dos infieis, e se instruirem nas maximas conducentes para o governo da vida civil. A' incansavel vigilancia do seu zeloso animo se deve a regeneração de dous Principes na fonte bautifmal com as suas Reaes familias, e que innumeravel multidão de barbaros abjurando os delirios de Mafoma venerassem as injurias do Crucificado merecendo por tão religiosos difvelos a Catholica antonomasia de *Apostolo das Malucas.* Como o seu coração estava ornado com tão altas virtudes nunca nella póde entrar genero algum de vicio, antes superior a toda a ambição desprezou heróicamente a Coroa de Ternate querendo antes ser vassalo do seu Principe, do que dominar gente que não fosse Portugueza. Observou tão exactamente a justiça que no tempo do seu governo sempre esteve opprimida a iniquidade, e triunfante o merecimento. Teve engenho sublime cultivado com varia lição Sagrada, e profana; muito perito na arte militar, e principalmente em a Nautica, como elegantemente o deixou escrito o P. Mafeo *Hist. Ind.* lib. 10. *admirabili quadam nauticæ rei scientia, quippe Gubernatorum in Syrtibus evitandis, et derigendo cursu errata corrigere; desperantes, ut sæpe sit de salute vectores, nautasque confirmare.* Tendo administrado o governo que lhe fora cometido com tanta inteireza, prudencia, e valor, como dispendio da sua fazenda em obsequio de Deos, e do seu Principe, voltou para Portugal esperando receber da liberalidade Real premio digno das suas acçoens, mas ou fosse porque experimentasse armada contra a sua innocencia a emulação que achou benigna entrada nos ouvidos delRey D. Joaõ o III. ou fosse porque as suas heróicas virtudes não podiaõ ser satisfeitas com remuneração caduca, mas eterna, opprimido da ultima miseria buscou por asilo o Hospital de Lisboa onde pelo largo espaço de 17. annos sustentou parcamente a vida merecedora de mais digna fortuna, até que a claufulou em 11. de Março de 1557. A Confraria da Corte lhe deo por esmola a mortalha em que foy en-

volto o seu corpo, e o mandou enterrar com aquella pompa que pedia o miseravel estado em que acabou, em cuja sepultura se devem gravar por epitafio aquellas palavras dictadas pela severidade de Manoel de Faria, e Souf. na *Asia Portug.* Tom. 1. Part. 4. cap. 10.

Para lo dela fama el será claro, mientras durare el mundo, por que en ella nó tienen jurisdicion ni los Reyes floxos, ni los Ministros malos, ni la fortuna ciega, ni las edades caducas.

As proezas deste insigne Capitaõ se podem ler em Joaõ de Barros *Decad. 4. da Ind.* liv. 6. cap. 16. e liv. 9. cap. 17. até 22. onde diz no fim deste capitulo. *Com rezaõ lhe póderão os Ternates chamar Pay da Patria.* Castanhed. *Hist. do Descub. e Conq. dos Portug.* liv. 8. cap. 158. até 165. 202. e 203. *Andrad. Chron. delRey D. Joaõ o III.* Part. 2. cap. 33. 34. e 35. Part. 3. cap. 56. *Couto Dec. 5. da Hist. da India* liv. 2. cap. 2. liv. 6. cap. 5. e liv. 7. cap. 2. *Tão zeloso foy sempre este homem da ley de Christo se extender, e dilatar, que em nenhuma outra cousa trazia os pensamentos, e assi em seu tempo esteve aquella Ilha tão cheya de Christaõs, que cada dia acudiaõ ao bautifmo, que era para louvar a Deos.* S. Roman *Hist. dela India Orient.* liv. 3. cap. 13. e 14. *famoso Varon.* Lucen. *Vida de S. Xavie.* lib. 3. cap. 17. *Até a chegada de Antonio Galvaõ (a Ternate) com cuja boa vinda tudo em breve se mudou, favorecendo Deos nosso Senhor o grande zelo da Fè, prudencia, brandura, e esforço, e todas as mais virtudes do novo Capitaõ com affinaladas victorias, que por mar, e terra ouve dos inimigos.* Spon. in *Contin. Annal. Eccles.* ad an. 1540. n. 17. *Cum Antonio Galvano nobili Lusitano vel prudentiæ laudis, vel charitatis ardore conferri valeat?* Fr. Jacint. da Madre de Deos *Vergel de plant. e Flor.* cap. 4. Art. 1. pag. 119. *Grande, e admiravel Capitaõ.* Argenfol. *Hist. dela Conq. delas Iflas Mal.* liv. 2. pag. 62. et seg. *Cardoso Agiol. Lusit.* Tom. 2. pag. 130. e no *Comment. de 11. de Março letr. C. Fonf. Evor. Glorios.* pag. 138. *Foy recebido como Redemptor daquellas Ilhas onde precursora a fama, tinha espalhado as noticias da sua modestia, e justiça.* Rhó *Var. Virt. hist.* lib. 4. cap. 5. n. 10. *Egregio viro indignum vi-*

sum est auctoritatem, quam virtute quidem propria, sed regis opibus sibi conciliaverat alio quam in Regis amplitudinem imperij convertere. Jacinto Freyr. *Vid. de D. João de Cast.* liv. 1. n. 71. *devemos a primeira cultura (das Malucas) ao grande Portuguez Antonio Galvão valeroso Governador, e Apostolo zeloso daquelle Paganismo.* Telles *Chron. da Companh. de JESUS na Prov. de Portug.* Part. 2. liv. 6. cap. 55. n. 9. *Naõ menos venturoso em sogeitar por Armas, e meter debaxo do jugo Portuguez aquella fera gente, que em conquistar a idolatria, e ganhar almas para Deos.* Freit. de *Just. Imp. Lusit.* cap. 9. n. 12. *A' Ternatensibus proceribus in legitima profapia defectum regni gubernaculum honorem oblatum, et opes regias excelso animo repudiavit Antonius Galvanus Ternatensis arcis præfectus.* Francisco de Sant. Mar. *Diar. Portug.* pag. 321. *Foy Governador de Ternate onde conseguiu milagrosas victorias naõ menos dextro na doutrina, que na espada reduzio á Fè grande numero de infieis.* D. Nicol. de Sant. Mar. *Chron. dos Coneg. Reg.* liv. 8. cap. 13. n. 11. *Morery Diccion. Historiq. Verb. Galvano.*

Compoz, e o deo à luz seu Testamenteiro Francisco de Sousa Tavares dedicando-o ao Duque de Aveiro D. João de Lancastro.

Tratado dos varios, e diversos caminhos por onde nos tempos passados a pimenta, e especiaria veyo da India às nossas partes, e assim de todos os descobrimentos antigos, e modernos que são feitos até a era de 1550. com os nomes particulares das pessoas, que os fizeram, em que tempos, e suas alturas. Lisboa por João Barreira. 1563. 8. Faz menção da obra, e do Author Antonio de Leon *Bib. Orient. Trat.* 3. Reimprimio-se em Lisboa na Officina Ferreiriana 1731. fol. Nesta edição sahio com o retrato do Author animado com o seguinte epigramma composto pelo Doutor Francisco Xavier Leytaõ Medico da Camara de S. Magestade, Cirurgiaõ Mõr do Reyno, Academico Real, e excellente Poeta Latino.

*Et gessi, & scripsi Lysia fera prælia gentis:
Me clarum gladius reddidit, & calamus
Extulit ad Cælum virtus, depressit egestas
Præmia nec factis ulla fuere meis;*

*Præmia virtuti, seu quod non aqua fuissent,
Seu virtus prætium, quod sibi sola foret.
Patria quos prohibet, meritos dabit orbis honores;
Major & à toto laus erit Orbe mihi.*

Escreveo mais

Historia das Molucas, da natureza, e descobrimento daquellas terras dividida em 10. Livros.

Esta obra fazem illustre memoria João Bautista Lavanha em as Notas de *Decad. 4. de Barros;* Seraphin. de Freit. de *Just. Imp. Lusit.* cap. 18. n. 8. Anton. de Leon. *Bib. Orient.* tit. 7. e Cardof. *Agiolog. Lusit.* tom. 2. p. 140. lit. C. João Pinto Ribeiro na *Prefer. das letr. às arm.* e modernamente o addicionador da *Bib. Orient.* de Antonio de Leon Tom. 2. Tit. 7. col. 635. a qual entregou por ordem do Cardeal D. Henrique seu Testamenteiro Francisco de Sousa Tavares (como diz no Prologo da obra afirma allegada intitulada *Tratado dos varios, e diversos caminhos, &c.*) a Damiaõ de Goes Chronista Mõr do Reyno, e por sua morte desapareceu, supposto que o P. Sebastião Gonçalves da Companhia de JESUS na *Hist. da India* lib. 3. cap. 5. afirma que grande parte della está inferta na *Chron. del Rey D. Manoel* composta por Damiaõ de Goes.

ANTONIO GALVAM DE ANDRADE natural de Villa-Viçosa na Provincia do Alentejo, Criado da Serenissima Casa de Bragança, Fidalgo da Casa Real, Cavalleiro professo da Ordem de Christo, e Cõmendador de S. Tiago de Orèm, e Santa Maria da Caridade, filho de Francisco Galvão de Andrade Estribeiro do Serenissimo Duque de Bragança D. Theodosio, e de D. Ignez Mouro filha de André Alvares Mouro. Foy insigne na Arte da Cavallaria de tal forte, que mereceu pela sua grande sciencia, e destreza competir com os mais celebres professores della como na *Vida do Principe D. Theodosio* escreve o P. Manoel Luiz lib. 1. cap. 12. n. 27. *Equestri peritia in paucis magnus, omnibusque quos nostra vidit ætas ea in arte præstantes æquiparandus.* Por esta grande parte o elegeo seu Estribeiro Menor a Magestade del Rey D. João o IV. e Mestre do Principe D. Theodosio seu filho

para o instruir na Arte da Cavallaria, que sahio insigne com a doutrina de taõ grande Mestre. Morreo em Lisboa a 9. de Abril de 1689. e està sepultado no Claustro do Convento da Trindade. Escreveo

Arte de Cavallaria de Gineta, e Estardiota; bom primor de ferrar; e Alveitaria, dividida em tres tratados, que contem varios discursos, e experiencias desta Arte. Lisboa por Joaõ da Costa. 1678. folha.

ANTONIO DA GAMA que muitas vezes se assignava com o segundo apellido de PEREIRA naceo na Cidade do Funchal Capital da Ilha Madeira no anno de 1520. e foy filho do Doutor Lourenço Vaz da Gama Pereira que passou à Ilha com o lugar de Provedor dos defuntos, e auzentes, e de Branca Homem de Gouvea filha de Francisco Homem de Gouvea, e de Izabel Affonso. Nos primeiros annos deu claros indicios do talento, que tinha para as letras, pois aprendendo brevemente a lingua Latina, e humanidades passou à Universidade de Coimbra em o anno de 1537. a estudar Direito Cefareo de quem teve por Mestre ao Doutor Gonçalo Vaz Pinto que naquelle tempo com grande esplendor de taõ famosa Academia regentava a Cadeira de Prima de que faz repetida memoria nas suas Decifoens, e foraõ taõ acelerados os passos com que discorreo por aquella faculdade que não envejando a algum dos seus Condiscipulos era de todos elles envejado. Recebeo o Grão de Bacharel no anno de 1543. com geral applauso dos Cathedaticos, e levando por opposiçaõ a Cadeira do Codigo em 23. de Fevereiro de 1546. tantos eraõ os Mestres como os Discipulos que ouviaõ a sua doutrina sempre clara ainda que profunda, e posto que subtil nunca imperceptivel. Ou fosse por adquirir mayores thezouros de sabedoria, ou porque a fama das suas letras lhe preparava lugar mais honorifico, passou à Universidade de Bolonha muito celebrada naquelle tempo, e nella foy admitido por Collega no Collegio dos Espanhoes fundado pelo Cardeal Albornoz instituindo nelle hum lugar para hum Portuguez, cujo provimento era feito pelo Arcebispo de Lisboa que durou até a feliz Acclamaçaõ del-Rey D. Joaõ o IV. Não lusio com menor intensão a sua sciencia nesta Universidade em

que assistia pelos annos de 1549. que em Coimbra, para onde o chamou a vigilante providencia delRey D. Joaõ o III. onde depois de obedecer à ordem deste Principe, e receber nella as insignias doutoraes, foy nomeado Dezembargador dos Aggravos da Casa da Supplicaçaõ donde passou a Chanceller, e depois a Dezembargador do Paço, em cujos ministerios sempre observou exactamente a justiça pelo largo espaço de 49. annos sem que a pudessem contraftar o poder da authoridade, ou a conveniencia do Soborno. Casou com D. Branca Paes filha de Matheus Esteves, e D. Violante de Abreu de quem teve Luiz da Gama Pereira Corregedor do Crime da Corte, Dezembargador dos Aggravos, e ultimamente do Paço, sendo herdeiro da fazenda que lhe deixou na Ilha seu Tio Lourenço da Gama Pereira, que faleceo sem geraçaõ em 2. de Setembro de 1604. que hoje possue seu 3. Neto D. Antonio Carcome Lobo. Morreo em Lisboa, e està enterrado no Convento de Santo Eloy cuja sepultura tem o seguinte epitafio.

Sepultura do Doutor Antonio da Gama Pereira do Conselho delRey N. Senhor seu Dezembargador do Paço, e Chanceller da Casa da Supplicaçaõ nos quaes Tribunaes servio 49. annos viveo 75. Faleceo em 30. de Março de 1595.

Os mais celebres escriptores lhe consagraõ grandes elogios, como saõ Salzedo in *Not. ad Prax. Canon. Celeberrimus, et doctissimus consiliarius.* Bernard. Diaz *Præst.* 74. *doctissimus Sacri Palatij Senator.* Gab. Pereir. *Decis.* 122. n. 1. *Sapientissimus Doctor longo ævo memorandum.* *Decis.* 37. n. 1. et *decis.* 81. n. 2. *doctissimus, et Decis.* 54. n. 16. *insignis.* Phæb. *Decis.* Tom. 1. n. 9. *Insignis Senator, et Decis.* 5. n. 4. et *decis.* 6. et 147. n. 3. *subtiliter insignis* Pinel. *Select. Jur. Interp.* lib. 1. cap. 10. §. 51. *eleganter erudite at late defendit Lusitanus Gama.* Joan. Soar. de Brito in *Theat. Lusit. litter.* lit. A. n. 84. *Cèleber J. C. et Sacri Palatij integerrimus Senator.* Caldas Pereir. in L. *Si Curat.* Verb. *Implorand.* n. 34. *doctissimum et nostro sæculo, et Juris consultum clarissimum Sacri Palatij senatorem gravissimum et Sanguinis splendore nobilissimum.* O mesmo in *Renovat. Emphyteut.* lib. 1. Quæst. 3. n. 1. *Doctissimus Sa-*

cri Palatij Senator, e na prefacão das Decisoens de Gama diz delle. Et Sanguinis nobilitate insignitus, et juris utriusque Scientia consultissimus inter alios gravissimi Senatûs libellorum Supplicum excimios proceres clarissimus juris antistes, qui velut alter Labeo Jurisconsultus ingenij facilitate, et fiducia doctrinæ fretus aureas Decisiones ex diversis Causarum figuris collectas invictissimi, ac Christianissimi Sebastiani Regis hujus nominis primi auspiciis, jussuque summa industria, et indefesso studio in unum corpus, unamque consonantiam redegit, et congeffit. Tapia in addit. ad respons. Francisci Ribeira pro Success. Regni Portug. 1. Pars. n. 12. Ihe chama doctissimum Ant. Portug. de Donat. Reg. Tom. 1. liv. 1. prælud. 2. §. 6. n. 40. insignem. Pæz in Cap. Missas. n. 183. doctissimus atque Senator Regius meritiissimus. D. Luiz Salazar, y Castr. Hist. Geneal. dela Caf. de Sylva lib. 8. cap. 9. Varon tan illustre, como acreditau sus escritos.

Compoz.

Decisiones Supremi Senatûs Regni Lusitanæ. Centuriæ IV. omnibus Juris Pontificij et Casarei professoribus perutiles, & necessariae ad casus cum Canonicos tum Civiles feudales quoque, & criminales plene cognoscendos. Ulyssipone apud Emmanuelem Joannem 1578. fol. Francof. apud Zachariã Palthenium 1598. fol. Cremonæ per Joan. Baptistam Pellizarium 1598. fol. cum annotationibus Blasij Diaz Flores de Mena Vallifoleti apud Didacum Fernandes de Cordova Typ. Reg. 1599. fol. Ulyssipone apud Petr. Crasbeeck. 1610. fol. Venetiis apud Hæred. Nicolai Moreti 1610. fol. Matriti per Franc. Abarca de Angulo 1621. fol. Antwerp. per Joan. Heerbegium 1622. fol. et ibi apud Jacobum Meursium 1650. fol. & ibi apud Joan. Verdussen 1638. fol. & ibi apud Viduam et filium Joan. Baptistæ Verdussen 1699. fol. & ibi apud Joan. Baptist. Verdussen 1731. fol. et ibi apud eumd. Typog. 1735. fol. com o Tratado seguinte.

Traçtatus de Sacramentis præstandis ultimo supplicio damnatis; de eorum testamentis, anatomia, et sepulturis. Ulyssipone apud Joan Blavium 1554. 4. et Vallifoleti apud Didacum Fernandes de Cordova 1599. fol. cum Decisionibus et Matrit. apud Franc.

Abarca de Angulo 1621, fol. cum Decisionibus. Desta obra se lembra Possævino in Appar. Sacr. pag. 95. e Déniz Simon. Bib. Historiq. des Auteurs de Droit. Tom. 1. pag. 152.

Outras muitas obras tinha imperfeitas para imprimir como declara Francisco Caldas Pereira no fim da Prefacão allegada às Decisoens dizendo. *Has igitur lucubraciones doctissimi Gamæ compara, lector candide, diuque his fruere, et meliora quotidie expelles velim, quæ in authographis adhuc rudia, et indisposita delitescunt.*

ANTONIO GIL PRETO natural da Cidade de Goa, e Chronista do Estado da India escreveu em o 1. de Agosto de 1673.

Breve Relação da Viagem que fez para a India o anno de 1672. arribada ao Brasil, e chegada a Goa da Náo Almirante S. Pedro de Rates, morte do Arcebispo D. Fr. Christovão da Sylveira, vida, e acçoens do mesmo Arcebispo. 4. M. S. Conservase na Livraria do Convento de N. Senhora da Graça de Eremitas de Santo Agostinho onde a vimos.

D. ANTONIO DA GLORIA natural de Lisboa, filho do Doutor Manoel de Almeyda da Maya, e Catherina da Assumpção. Recebeo o Canonico Habito de Santo Agostinho no Real Convento de S. Vicente de fora a 22. de Junho de 1713. Depois de lér as faculdades de Filosofia, e Theologia aos seus domesticos no Collegio de Santo Agostinho de Coimbra recebeu no anno de 1726. o grão de Doutor na Universidade na Faculdade Theologica, não sendo menos douto na Oratoria Ecclesiastica que naquella sciencia de que deo hum claro argumento na obra seguinte.

Sermaõ em acção de graças que o Senado da Camara de Coimbra celebrou pelo nascimento da Serenissima Princesa da Beyra primogenita dos Serenissimos Principes dos Brazis em Fevereiro de 1735. Coimbra por Antonio Simoens Ferreira. 1735. 4.

ANTONIO GOMES celebre Jurisconsulto ou por origem, ou por nascimento Portuguez, Doutor em Direito Civel, e hum dos mais famosos Mestres desta Facul-

dade na Universidade de Salamanca onde foy Lente de Vespera ornado naõ sómente de profunda sciencia, admiravel comprehenção, raro talento, mas de summa benevolencia, sincero animo, agradavel presença, por cujos dotes conciliava os coraçõens de todos que o tratavaõ, sendo venerado por Mestre commum, donde procedeo observarem-se as suas Decisoens juridicas, como se fossem as mesmas leys dos Emperadores por serem fundadas na mais solida intelligencia dos primeiros Jurifconsultos bebendo nestas puras fontes da Jurifprudencia a subtiliza, e profundidade com que resolvia magistralmente as materias mais difficultosas com taõ recta intençaõ que nunca se deixou penetrar de affecto menos decoroso à gravidade que professava. Compoz.

Variarum Resolutionum Juris Civilis Communis, et regij libri tres. Primus de ultimis voluntatibus, 2. de Contractibus. 3. de delictis. Salmanticæ 1532. et ibi apud Ildephonsum de Terra Nova. 1572. fol. cum *additionibus Emmanuelis Soares da Ribera* 1579. e 1584. fol. Francof. 1573. 1584. e 1597. fol. Venetiis 1572. 1582. 1602. in 4. Lugd. apud Horatium Cardon 1602. fol. Genevæ. 1631. Antwerp. 1634. fol. & Lugd. Sumptibus Societatis 1735. fol.

In leges Tauri Commentarius. Salmanticæ. 1555. fol. et ibi apud Lucam Juntam 1582. cum *additionibus Didaci Gomez Cornejo* ibi apud Nicolaum Bassam 1591. fol. Venetiis ad signum columbæ 1591. 4. Lugd. 1602. fol. Antwerp. 1624. fol. Omnia opera Lugd. apud Michaellem Goy. 1674. fol. 2. Tom. cum *indice, sive repertorio Joannis Baptistæ Antonij* Lugd. Sumptibus Antonij Servant. 1733. fol. 2. Tom. & ibi sumptibus Societatis 1735. fol.

Suposto que Antonio Gomes no Tom. 3. *variar.* cap. 1. n. 66. diga ser oriundo de Talavera, e esta palavra oriundo seja indifferente para significar ou a terra onde se naceo, ou o lugar donde se traz a origem, certamente he Portuguez, e como tal o collocamos entre os nossos Escriitores naõ sómente porque assim consta do Carthorio da Universidade de Salamanca, mas porque o testificaõ dous Religiosos Carmelitas Castelhanos, quaes foraõ o P. Fr. Pedro de Vargas Prior do Convento de Utrera, e o P. Fr. Matheus da Torre cada hum em seu Sone-

to que fizeraõ em louvor das Notas, que a Antonio Gomez fez o douto D. Joaõ de Ayalon impressas em Utrera no anno de 1665. Diz o primeiro.

*La linea de su edad fue el Lusitano
A quien diò leys su immortal prudencia
Nó por su potestad si por su sciencia.*

O segundo.

Con nueva vida se repite usano

*Oy en tu pluma Ayalon a mayor buelo
Quanto mas lo sutil de tu desvelo
Le forma cuerpo al Fenix Lusitano.*

*Ya fuer de Portuguez queda mas vano
Con mayor presuncion pues sin rezelo
Puede jactarse en tu estudioso anelo
Que le hà ilustrado ingenio soberano.*

Com os quaes concorda na certeza de ser Portuguez Antonio Gomes, Roque Monteiro Paym Secretario das mercès delRey D. Pedro II. no *Disc. Jurid. e Polit.* fol. 24. marg. 136.

ANTONIO GOMES cuja patria, e genero de profissaõ se ignora; pela devoçaõ que tinha à Rainha Santa Escreveo.

Vida de Santa Izabel. Evora. 1625.

ANTONIO GOMES *Celebre Medico* como lhe chama Zacuto *Prax. Med.* lib. 3. *Observat.* 114. Foy Lente de Prima jubilado na Universidade de Coimbra. Escreveo muitas e doutes obras, de que fomite fahio à luz publica.

Tratado da Medicina. Anveres 1643. 8.

ANTONIO GOMES natural da Villa de Serpa da Provincia do Alentejo. Ensinou muitos annos Grammatica na Cidade de Faro do Reyno do Algarve onde era cazado. Foy insigne Poeta Latino de que deo hum claro testemunho na Tragedia intitulado.

Daniel.

Que se representou na presença de D. Fernaõ Martins Mafcarenhas Bispo do Algarve, cuja Igreja governou desde o anno de 1595. até 1617.

P. ANTONIO GOMES Coadjutor espirital da Companhia de JESUS, cujo habito recebeo no Collegio de Coimbra a 10. de Abril de 1645. Foy natural da Villa de Santarem, e filho de Manoel Dias, e Maria Fernandes. Passou ao Oriente donde com

outros Companheiros discorreo pelo Imperio de Monomotapa. Restituído a Salfete escreveo.

Viagem ao Imperio de Monomotapa, e assiflencia que fez nas ditas terras. folh. M. S.

Consta de 94. paginas de folha em que largamente descreve todas as cousas memoraveis daquelle vasto Imperio, e como assiftindo cinco annos na Igreja de N. S. da Saude em Luabo perto de Sena Residencia da Companhia bautizara muitos Cafres. Começa esta Viagem *Nosso Glorioso Patriarcha Santo Ignacio &c.* Cujo Original conserva na sua Livraria Historica meu Irmaõ D. Jozé Barboza Clerigo Regular de que faz menção o moderno Addicionador da *Bib. Geograf.* de Antonio de Leon. Tom. 3. col. 1711.

ANTONIO GOMES DE OLIVEIRA natural da Villa de Torres novas do Arcebispado de Lisboa, Secretario de Mathias de Albuquerque Conde de Alegrete Governador das Armas na Provincia do Alentejo, e Governador que foy do Brazil, e Pernambuco. Instruido nas letras humanas estudou na Universidade de Coimbra Direito Civil, e quando a sua comprehensão fazia grandes progressos nesta faculdade preferio ao ocio de Minerva os tumultos de Marte, que alteravaõ este Reyno invadido pelas armas Castelhanas, e julgando, que servia melhor a Patria com a espada, que com a pena, largou a Universidade pela Campanha, onde na Batalha do Montijo dada em o anno de 1644. e na das Linhas de Elvas no anno de 1659. obrou acçoens de valor intrepido, e animo destemido. Por ser naturalmente affecto à Poesia ainda estandando applicado à Jurisprudencia, ou à milicia não deixou de cultivar o Parnasso compondo suaves, e elegantes versos ornados de agudeza, e jocosidade sempre judiciosa, e nunca pueril assim na lingua materna, e Castelhana, como na Italiana, e Latina, alcançando os primeiros premios nos Certames Academicos, e a estimação das primeiras Pessoas da Corte, entre as quaes se distinguia no affecto, e na dignidade o Serenissimo Rey D. Joaõ o IV. Igual veneração adquirio dos mayores Poetas do seu tempo, como foraõ Manoel de Faria, e Souza, Manoel de Galhegos, e

Jacinto Cordeiro. O primeiro exhortando-o na *Fonte de Aganip.* Part. 3. Madrig. 38. a que aperfeçoasse o Poema de Hercules nesta forma.

Emplea, emplea Antonio

En el, que perseguido de fortuna

Puso al valor la ultima columna

Esse licor Aonio

Que te ha de colocar en la alta cumbre

Dela Apolinea lumbre

Que alfin se reservava

Para igualar tu pluma su gran Clava:

Y que feliz reserva

En tu apellido el arbol de Minerva

Para que se transforme con espanto

Del mundo en otra planta mãs gloriosa

Que el fin duda hade ver (oído el canto

De la tuba, que suenas numerosa

Donde el mas firme oydo mas se pierde)

Buelto tu blanco Olivo en Laurel Verde.

O segundo convidando-o a celebrar o Hymneo dos Serenissimos Duques de Bragança no *Templo da Memor.* Estanc. 176.

Artificiozo verso, illustre, e grave

Que eternizando ao celebre Oliveira

Na Lira de Theocrito suave

Feres do Tejo a humida ribeira.

Levai o nome de Bragança donde

Em tumulo de prata o Sol se esconde.

O terceiro nos *Elog. dos Poet. Portuguezes* Estanc. 7.

Antonio Gomes con amable estrella

De Oliveira en dulcissima Thalia

Despierta a Glauca su homicida bella

Y a Pindaro en dos versos desafia.

Mais celebrado fizera o seu nome se publicara os dous Poemas heróicos que tinha composto constando hum dos trabalhos de Hercules, e cantando em outro as acçoens heróicas delRey D. Joaõ o I. mas para o mundo conhecer a fecundidade da sua veyra bastaõ para manifestos argumentos as obras seguintes.

Idyllos maritimos. Lisboa por Pedro Crasbeck 1617. 8. Consta de diversos metros em varias linguas.

Sonetos heróicos concernentes à Magestade, e estado politico, e militar do sempre augusto Rey D. Joaõ o IV. Nosso Senbor, e o principio do Poema heróico delRey D. Joaõ o I. de boa memoria. Lisboa por Antonio Alvarez. 1641. 8.

Panegyrico ao sempre Augusto Rey D. Joaõ

o IV. *Lusitanico Indico Brasílico, e Africano aclamado, e jurado Rey na Cidade de Lisboa em o 1. e em 15. de Dezembro de 1640.* Lisboa por Antonio Alvares Impressor del Rey 1641. 8. Consta de 77. Oytavas.

Octavario heróico votado à Magestade victoriosa del Rey N. S. D. João o IV. de Portugal pelos outo dias, que o inimigo esteve com todo o seu exercito sobre a Praça de Elvas donde fugio com perda grande, e mayor ignominia. 4. Não tem lugar, nem anno da Impressão. Consta de oito Sonetos.

No dia solemmissimo da Entrada del Rey N. S. em Lisboa recolhendo-se das Fronteiras do Alentejo ficando devastados da suas Armas muitos lugares de Castella, e alguns delles presidiados já pelo dito Senhor. Consta de hum Soneto, Epigrama Latino, e 2. Oitavas Portuguezas in fol. Sem anno nem lugar da Impressão.

Pela festividade annual que em o 1. de Dezembro de 1641. institubio a Cidade de Lisboa em memoria da devida Acclamação do Sempre augusto Rey D. João o IV. N. S. Soneto. Lisboa por Antonio Alvares Impressor del Rey fol.

Herculeida. Poema heróico; he louvado por João Soar. de Brito na *Apologia de Camoens* pag. 30. O canto 1. se conserva M. S. na Livraria do Excellentissimo Marquez de Abrantes.

Antiguidades, e excellencias do Panifero, e alegre rio Almonda o qual corre pela sua patria Torres novas 4. M. S. constava de Verfo, e profa.

Além dos grandes poetas que o louvaõ he numerado entre elles pelo P. Antonio dos Reys no *Enthusiasm. Poetic.* n. 53. D. Francisco Manoel na *Carta escrita a Manoel da Fonseca. Themudo* que he a 1. da 4. Centuria dizendo *O primeiro que entre nós cultivou a fraze Castelhana na Poesia.* Joan. Soar. de Brit. in *Theatr. Lusit. Litter.* lit. A. n. 85. *Vir placido, modestoque ingenio, et humanioribus disciplinis, atque artis imprimis poetica eruditus.* Morery *Diccion. Historiq. Verb. Gomez de Oliveira sê fit un grand nom dans son pays par ses poesies.*

ANTONIO GOMES SIGARRO natural de Viana do Alentejo Presbytero de exemplar vida, e Secretario do Arce-

bispo de Evora D. Jozé de Mello. Foy bom Poeta Latino, e como tal o nomea entre os professores desta arte o Padre Antonio dos Reys no *Enthusiasm. Poet.* n. 163. Pelo devoto affecto com que venerava aos Santos cõpoz, e dedicou ao seu Mecenas a obra seguinte.

Sacrorum epigrammatum liber, sive in Divos singulos ab Ecclesia Romana cultu annuo celebrari consuetos epigrammata. 8.

ANTONIO GOMES DA SYLVA LEAM natural de Lisboa, e bautizado na Freguezia de Santa Engracia a 11. de Abril de 1719. filho de Joachim Gomes, e Maria Luiza de Jesus. Depois de instruido na lingua Latina passou à Universidade de Coimbra onde presentemente frequenta o estudo do Direito Canonico, sendo versado no da Poezia vulgar de que saõ argumentos as obras seguintes.

Applauso universal instruido em sublimação das prodigiosas Festas que no Sitio da Junqueira desta Cidade de Lisboa fez a preclara, como illustre Nobreza della ostentando no externo Luzimento os internos dezeos de mais as sublimarem em obsequio da Serenissima Senhora Princesa do Brasil. Lisboa na Officina Rita-Cassiana 1738. 4. Consta de 32. Outavas, e dous Sonetos Acrosticos.

Com o affectado nome de Belchior Franco da Gama.

Argumento Critico feito a o ultimo Poema que sabio impresso onde relatava por extenso seu Author Manoel Nunez da Sylva a cruel inundação, danos, e perdas que fez a tempestade de Dezembro do passado anno de 1739. em Coimbra, e seus Campos. He em prosa; e no fim Huma imploração a Nosso Senhor para que atendendo aos infortunios do povo cesse a activa oppressão de seus castigos. Coimbra no Real Collegio das Artes da Companhia de JESUS. 1740. 4. Esta obra ultima consta de hum Romance Heróico de 54. Coplas.

ANTONIO GONÇALVES natural de Lisboa Cirurgiaõ do Hospital Real de todos os Santos da sua patria onde exercitou felizmente esta arte em beneficio dos enfermos, e credito da sua Pessoa. Compoz.

Tratado da Gonorrhoea. Sahio impresso com a *Recopilação da Surgia de Antonio da Cruz.*

Lisboa por Antonio Crasbeeck de Mello 1669. 4. et ibi por Miguel Deflandes. 1688. 4.

ANTONIO GONÇALVES DE NOVAES Doutor na faculdade dos Sagrados Canones, Examinador Synodal do Bispaço de Elvas provido em 8. de Mayo de 1630. pelo Illustrissimo Bispo desta Diocese D. Sebastião de Mattos de Noronha donde subio a Conego Penitenciario da mesma Cathedral, de que tomou posse a 28. de Julho de 1632. Foy muito versado na lição da Historia Sagrada, e profana. Escreveo.

Relação do Bispaço de Elvas, e de todos os Prelados que até o seu tempo governáraõ aquella Igreja. Sahio no fim das Constituições deste Bispaço. Lisboa por Lourenço Crasbeeck 1635. fol.

Delle faz memoria Cardoso *Agiol. Lusit.* Tom. 3. pag. 195. let. L.

ANTONIO DE GOUVEA conhecido mais pelo apellido alatinado de GOUVEANO, naceo na Cidade de Beja da Provincia do Alentejo, para credito da Nação Portugueza, e de seus Pays Affonso Lopes Ayala Fidalgo Castelhana, e Ignês de Gouvea filha de Antão de Gouvea Cavalleiro professo da Ordem de Christo. Sendo chamado na idade juvenil por seu Tio Diogo de Gouvea, Reitor do Collegio de Santa Barbara de Pariz para aprender as letras humanas partio com seus Irmaõs Marçal, e André dos quaes era o menór na idade, e mayor no talento, e taes foraõ os progressos que a sua perspicaz comprehensão, e admiravel agudeza fizeraõ naquella palestra, que geralmente foy venerado como Oraculo da Oratoria, e Poetica escrevendo na lingua Latina com tanta pureza, e elegancia, que animava a sua penna o espirito dos Escritores do Seculo de Augusto. Não era menos insigne nas argucias da Filosofia Peripatetica chegando ainda quando estava na flor da adolescencia a convencer em huma disputa publica na authorizada presença de muitos Sabios a Pedro Ramos acerrimo antagonista de Aristoteles Principe daquella escola. Coroado com este triumpho litterario depois de cultivar os campos da eloquencia, e os bosques do Parnasso se applicou ao estudo das Musas mais severas pene-

trando os segredos da Jurisprudencia em Tolosa no anno de 1539. em cuja faculdade sahio taõ eminente, que de Leão, onde assistia, o chamou para Avinhaõ o famoso Jurisconsulto Emilio Ferreto para que deixando o retiro em que estava viesse manifestar os thezouros da sua sabedoria, em beneficio de tantos engenhos que queraõ instruirse com os seus documentos. Obedeceo promptamente à insinuação de homem taõ grande, a quem pelo summo affecto com que o amava lhe chama no lib. 2. de *Jurisdictione, Segundo Pay*, e chegando àquella Universidade começaraõ a brilhar com tal intenção os rayos da sua sciencia, que difundindose pela larga circumferencia do Reyno de França não havia Universidade que o não pertendesse para Mestre, logrando esta fortuna a de Tolosa, Valença do Delfinado, Cahors, e Granoble. Em todos estes theatros academicos teve tantos ouvintes, quantos admiradores affombrados da delicadeza com que penetrava as dificuldades mais insuperaveis, a promptidaõ com que respondia aos argumentos mais nervosos, e a facilidade com que conciliava os textos antinomicos, alcançando por taõ singulares dotes a veneração, e respeito dos mayores Corifeos da Jurisprudencia como eraõ Ferreto, Alciato, Duareno, Concio, Revardo, Balduino, Budeo, e Fabro, sendo muito mais para admirar que o Principe de todos elles Jacobo Cujacio reconhecendo a profundidade do seu talento receou, lhe arrebatasse a palma que tinha merecido pelos seus immensos estudos, como escreve Papirio Massonio no fim da sua vida. *Adolescens Antonij Goveani ingenium admirabatur deterritum se dicens à jure tractando, si homo Lusitanus tanto ingenio, tamque subtili labores civilium studiorum suscipere, ac subire voluisset.* Esta preferencia, que o seu engenho levava a todos os Jurisconsultos a confessou o mesmo Cujacio dizendo in *Not. ad Ulpian.* titul. 6. *Antonius Goveanus cui ex omnibus quotquot sunt, aut fuere Justinianæi juris Interpretibus, si quæramus quis unus excellat, palma deferenda sit.* A o tempo que lograva as mayores estimações em França, que como Patria sua ternissamente amava por habitar nella desde os primeiros annos se auzentou della, não sómente

por fugir aos tumultos, e guerras civis em que estava dividida, mas por ser convidado pelo Duque de Saboya Manoel Philiberto a ennobrecer com a sua doutrina a nova Universidade que fundara em Montdevis. Tanto que chegou àquella Corte, foy recebido pelo seu Principe com singulares demonstraçoens de affabilidade consignandolhe huma larga renda com que pudesse sustentar opulentamente a sua Casa, e fazendo-o seu Confelheiro. Casou com huma Senhora muito illustre, de quem teve a Manfredo de Gouvea que igualmente foy herdeiro da sua sciencia juridica, como dos lugares honorificos que occupou. Morreo em Turim no anno de 1565. como escrevem Thuano, Moreri, Pope Blount, Hofmano, Capassi, e Simon *Bibliothec. Historiq. des Auteurs du Droit*. Tom. 1. pag. 164. em 1587. Elias Vineto; e em 1597. Nicol. Ant. in *Bib. Hisp.* allegando a *Thezaur. na XIX. Quæstion. Forens.* do 3. liv. Nesta variedade em que se dividem os Authores acerca da sua morte, todos se unem a certificar a sublimidade do seu engenho pelo qual se fez celebre na posteridade, como faõ Antonio Fabro in *Præfat. lib. 7. Conject.* *Tulit ætas nostra maximos in jurisprudentia viros, sed præcipuos, si quid mei ingenij est (cæterorum pace dixerim) Antonium Goveanum, & Jacobum Cujacium. Illum ut quidem mihi videtur multo felicior ingenio ad jurisprudentiam natum: sed qui naturæ viribus tam consideret, ut diligentia laudem sibi necessariam; minus etiam fortasse honorificam putare videretur. Hunc contra minus lucido, præstantique ingenij acumine.* Nicol. Ant. in *Bib. Hisp.* Tom. 1. pag. 97. *In Antonio, et doctrina, et ingenium, consuetariaque horum fama præcipue floruit.* Hofman. in *Lex. Univ.* Tom. 1. pag. mihi 250. *Philosophus, et Philologus insignis.* Freher. in *Theat. Vir. erud. Clarior.* Part. 2. Sect. 4. pag. 848. *Tanta felicitate in humanioribus studiis ingenium excrevit, ut nemo purius latine scriberet, nemo versus elegantius pangeret.* Fr. Bento Jeronymo Feijoo *Theat. Critic.* Tom. 4. *Discurf.* 14. n. 10. *Aun oy está resonando la Francia delos Elogios de Antonio de Gouvea, y tomando para si gran parte dela gloria de tan famoso Jurisconsultó... cultivó mucho, y felizmente la Poesia, y fue tan*

gran Filosofo que entre todos los Aristotelicos Franceses logró superior gloria en la defensa dela doctrina Peripatetica. Moreri *Diccion. Hist.* verb. *Gouvea.* *Ce Scavant homme a été le seul qui par une gloire asses rare dans son siecle a été estimé d'un comum consentement excellent Poete, grand Philosophe, e Scavant Jurisconsulte.* Gualt. in *Tab. Chronol.* ad an. 1565. pag. 741. *Tam Philosophiæ, quàm humanioris litteraturæ laude præstantissimus.* Pinello *Selectar. lib. 2.* cap. 8. n. 8. *Subtilissimus.* Carvalh. in *Cap. Raynald.* pag. 3. n. 16. *acutissimus, & ingeniosissimus.* et ibi. n. 55. *Vir magni ingenij et eruditioris.* et Part. 4. cap. 3. n. 1. *approbatissimus, et acutissimus.* Menochius de *Arbitrar. Jud.* lib. 1. cap. 2. *Doctum virum, sibi que perfamiliarum.* Quesad. in *Quæst. Jur. Magni judicij, atque eruditionis virum.* Capassi in *Hist. Philosoph.* *Synopsf.* pag. 328. *Magnum Lusitanæ decus, Jurisprudentiæ Lumen, Poeseos, Rhetorices, omnisque penitioris litteraturæ ornamentum ingens magnum Peripateticæ Philosophiæ, cujus callentissimus, erat, propugnaculum.* Scalig. na *Scalagerian.* 1. *Goveanus doctus erat vir, & valens dialecticus, optimus Poeta* Pople Blount. *Cens. Celeb. Auth.* pag. 666. *Teissier Elog. des Homes Illust.* Tom. 2. pag. 223. e 224. *Guichenon Hist. Gen. de Savoy.* Tom. 1. pag. 678. *Spond. Annal. Baron. Continuat.* ad an. 1565. *Bayle Diccion. Critiq.* Tom. 2. pag. mihi 580. e 581. *Spera de Proffessor. Grammat.* lib. 3. fol. 176. *Joan. Soar. de Brito in Theatr. Lusit. Litterat.* lit. A. n. 86. *Pasquier Recherch.* liv. 9. cap. 37. *Petr. Sanches in Epist. ad Ignatium Moral. de Poet. Lusit.* *Ad numeros facilem non te Gouveane tacebo. Qui sic interdum laxis deccuris habenis. Præcipua stolidi rides cum dogmata Rami Ut Tagus in pontum rapidos cum combibit annes. Proruit, et campos late disternat omnes.* P. Antonio dos Reys in *Enthusiasm. Poetic.* n. 18. *Nec Te post Puerum pudeat Gouvea referri Præcocis ingenij juveni concedere primas Fas erat, atque locum dare carmina nostra decebat Cui natura prior dederat, ceu Roma jocosum Bilbicum vatem tibi posthabet inclita Marcum.*

Entre a geral aclamação com que celebráramos o nome de Antonio de Gouvea tão famosos Escriitores, se atreveo o impio Herefiarcha Joaõ Calvino a infamallo de Atheista estimulado da irrisão que fez o nosso Gouvea da sua pretendida Reforma, dizendo no *Trat. de Scandal.* pag. 90. col. 1. da edição de Genebra do anno de 1611. *Alij (ut Rabelæsus, Deperius, et Goveanus) gustato Evangelio eadem cæcitate sunt percussi. Cur istud? nisi quia sacrum illud vitæ æternæ pignus sacrilega ludendi, aut ridendi audacia ante profanarunt.* Desta infame impostura defende ao nosso Gouvea Scaligero na *Scaligeriana* 2. dizendo *Goveanus fuit doctus Lusitanus. Calvinus vocat illum Atheum cum non fuerit; debebat illum melius nosse.* Compoz.

Ad titul. de Jurisdictione omnium judicium libri duo. Desta obra diz Antonio do Quitaduenas lib. 1. *de Jurisd.* tit. 7. *diligens apprime, & eruditus* ser seu Author, e que *nihil a se visum cultius atque floridius, & Schifordeger.* in *Nuncupat. lib. 2. ad Fabrianos Commentar.* *Cum sine his plurima quæ ad juris dictionem Romanam pertinent, hodie ignoraremus.*

Ad Tit. de Jure acrefcenti lib. 1.

Ad Leg. Gallus Aquilius Dig. de Vulgari, & pupillar. substitution.

Ad Leg. Falcidiam.

Variarum Lektionum libri duo.

Animaduerfionum lib. 1.

Todas estas obras sahiraõ juntas Lugd. apud Anton. Vincentium 1562. 1564. e 1599. in fol.

Variarum Lektionum lib. duo Venetijs 1585. & cum *additament. Vaconis Vacuma, Antonij Concij, Jacobi Robardi Corsi, & Nicolai Belloni.* Colon. Agripinæ 1575. fol.

De Jure acrefcenti. Tolosæ apud Guidonem a Bondeville. 1545. 4. primeira edição como affirma Gregorio Maians in lib. 5. *epistol.* p. 262. e 263. Depois sahio Jehæ 1596. in 8. & *Wormatiæ typis Wilhelmi Cnitelis* 1611. 12.

Nestas obras faz menção de outras que tem composto, como saõ.

De Prætoribus, & Proprætoribus.

Tractatus in Trebellianum o qual testifica Schifordegero lib. 2. *Tract.* 2. ad fin. *Quæst.* 1. que o vira Antonio Fabro.

Pro Aristotele responsio adversus Petri Rami

calumnias, & alia opuscula. Parisiis apud Simonem Colinæum 1543. 8.

Prophyrj Isagoge in latinum translata. Lugduni apud Sebastianum Gryphium. 1541. 8.

Epigrammatum libri duo, & Epistolæ. Lugduni apud Sebastianum Gryphium. 1539. 4. & ib. per eund. Typog. 1540. 8.

In aliquot Ciceronis Orationes. Basileæ 1553. 8.

Ennarratio in Ciceronis Orationem in Vaticanum. Parisiis. 1545. 8.

In Topicam Ciceronis, & Criticam Logices partem. ibidem.

In priores libros duos Ciceronis ad Atticum, & in lib. ejusdem de legibus. Parisiis apud Thomam Richardum 1543.

Virgilius, Terentius pristino splendori restituti. Lugd. apud Gryphium 1541. *Terentius.* Francofurt. 1576. 1596. 16.

In Orationes Ciceronis M. S. in fol. Conserva-se na Bibliotheca do Emperador como affirma Draudius in *Bib. Classic.*

Cõmentaria elegantissima in Terentium M. S. de cuja obra faz menção Balthezar Wertino in *addit. ad Trithem. de Script. Ecclesiastic.*

Poemata. M. S. Existem na *Bibliotheca Vaticana* n. 572. como escreve Montfaucon in *Bib. Bibliothecar. M. S. nova.* Tom. 1. pag. 26. col. 1.

Discurso apologetico em que se defende da gravissima impostura, com que o Author da Bibliotheca do Delfinado escreve que elle fora acusado em Valença do Delfinado de fallar impiamente de Deos, cujo discurso diz Antonio Teissier nos *Elog. dos Homm. Illustr.* Tom. 2. pag. mihi 224. o vira M. S. na Bibliotheca de Ennemond de Rabat Presidente do Parlamento de Granoble.

O P. Francisco da Cruz Jesuita nas memorias M. S. para a *Bibliotheca Portugueza* diz ter visto humas *Decimas Castelhanas* impressas em 4. em letra gotica sem nome do Impressor, nem lugar, e anno da Impressão compostas por Antonio de Gouvea Portuguez que poderà ser o mesmo de que tratamos. Era o argumento hum Valenciano tão facinoroso que matou a seu Pay, Tio, e huma Sobrinha, e cortou os peitos a sua Mãe, por cujas impiedades fora morto pela violencia de hum rayo.

D. Fr. ANTONIO DE GOUVEA foy filho de Lazaro Ribeiro, e Maria de Gouvea. Aprendeo os primeiros rudimentos na Cidade de Beja sua patria com mayor progresso que prometia a delicadeza de seus annos. Chegado à idade da adolescencia obedecendo à inspiração divina, que o chamava ao Estado Religioso, professou o dos Eremitas de Santo Agostinho no Convento de Lisboa a 4. de Junho de 1591. onde lançou os altos fundamentos das virtudes, e letras, com que luzio para beneficio dos seus domesticos partindo no anno de 1597. para Goa ensinar-lhes as sciencias escolasticas, em que jubiloou com igual fruto dos seus discipulos, que gloria do seu talento. Dezejando Ayres de Saldanha no tempo que governava a India mandar à Persia hum Embaxador activo, e prudente, que igualmente promovesse naquella vasto Imperio os interesses da Religião, e do Estado, o nomeou para taõ illustre empreza. Partio em 15. de Fevereiro de 1602. e entrando na Corte de Persia foy benevolmente recebido pelo seu Emperador Xà Abbàs dando-lhe faculdade para prègar o Evangelho, e levantar Igrejas em todo o seu dominio, de cuja permissão foraõ gloriosas consequencias converter muitos barbaros da cegueira da infidelidade para a luz da verdadeira Religião, e reduzir sete Bispos, e infinitos Armenios, e Georgianos sequazes do scisma de Constantinopla à obediencia do Summo Pontifice. Tanta foy a efficacia com que conciliou o animo do Emperador, que o induzio a mover guerra contra os Turcos offerecendo-lhe por auxiliares as Armas dos Princepes Catholicos, que a experimentaraõ formidavel nas muitas batalhas perdidas, e Praças conquistadas. Querendo o Emperador profeguir com mayor ardor esta guerra o expedio acompanhado de hum Embaxador ao Pontifice Paulo V. e a Philippe III. de Castella suplicando-lhe quizessem derrotar o inimigo cõmum na Europa, assim como o tinha feito na Asia. Tanto que chegou a Portugal foy nomeado Bispo de Cirene em Africa, e se sagrou no Convento de N. Senhora da Graça de Lisboa a 28. de Dezembro de 1612. Passou segunda vez à Persia por ordem do Pontifice como seu Nuncio com poderes de legado a latere, e entrando naquella Corte como o Emperador naõ vis-

se effectuado o seu intento mudado o amor em odio, o mandou lançar em huma estreita prizaõ ordenando com rigorosas penas que todos os seus Vassallos abjurassem a Religião Catholica. Perfuadido do miseravel estado em que se achavaõ as dependencias da India assim espirituaes, como politicas para serem promptamente socorridas, atravessou com animo intrepido, e immenso trabalho a inacessivel altura dos montes de Bassorá, e a vasta extensaõ dos areas da Arabia atè chegar a Alepo onde embarcando-se para Marselha voltou arrojado dos ventos contrarios a Sardenha, sendo cativo pelos Mouros com outros Christãos da sua cõmitiva. Naõ he facil de comprehender, quanto mais de narrar as molestias que este Varaõ Apostolico tolerou da sevicia destes barbaros, pois além de o fecharem em huma tenebrosa prizaõ o carregaraõ de grossas cadeyas pelo largo espaço de dous annos naõ sendo poderosas todas estas afrontas para lhe diminuir o ardente zelo, com que corroborava aos Christãos para naõ faltarem à Fé prometida no Bautismo, segurando-lhes que o caminho mais certo para alcançarem o eterno descanso eraõ aquellas tribulaçoens de que estavaõ cercados. Restituído á liberdade no anno de 1620. por diligencia do P. Fr. Antonio da Cruz Religioso Trino como escreve Fr. Bernardino de Santo Antonio in *Epitom. Redempt.* lib. 2. cap. 11. partio a Madrid, donde foy mandado por ElRey Catholico á Praça de Oraõ tratar hum grave negocio com o pretexto de hir visitar as Igrejas daquelle districto em nome do Infante D. Fernando Arcebispo de Toledo, e voltando se retirou para a Villa de Mançanares de Membrilla onde livre de negocios, e occupado sómente nos estudos como *Varaõ santo, e illustre na sabedoria* diz Fr. Antonio de Moura no proemio da *Vida de seu Santo Patriarcha Joaõ de Deos*, consumou a carreira da vida a 18. de Agosto de 1628. Foy sepultado na Capella Mõr dos Carmelitas Descalços da mesma Villa fazendo com generoso dispendio o funeral seu grande amigo o Marquez de Velada Vice-Rey, e Capitaõ General das Praças de Oraõ. As açoens deste apostolico Prelado escreveraõ breve, e difusamente Manoel de Faria e Souf. *Asia Portug.* Tom. 3. part. 3. cap. 1. n. 3. Joaõ Bautist. Moreli *Reduc. y Ref.*

de Portug. Part. 3. n. 4. Vasconcel. in *Defcript. Lusit.* pag. 788. Natividade Mont. de Cor. Mont. 2. Coroa 8. n. 87. Fr. Ant. á Purif. de Vir. *Illustr.* lib. 1. cap. 30. e na Chron. da Provinc. de Portug. Par. 2. lib. 5. Tit. 3. §. 22. Herrrer. in *Alphab. August.* Tom. 1. pag. 48. Crusen. *Monast. Part.* 3. cap. 2. et 47. Gratian. *Anast. Augustin.* p. 34. Camargo *Chron. Sac. e Epit. Histor.* pag. 318. vers. Diogo Gouvea de Barrad. seu sobrinho *Antig. de Beja.* Liv. 3. cap. 42. e 43. Joan. Soar. de Brit. in *Theatr. Lusit. Literat.* lit. A. n. 87. Jarric. *Thezaur. rer. Indic.* lib. 3. cap. 7. Teissier *Elog. dos Hommes Illust.* Tom. 2. pag. mihi 226. Morery *Diccion. Historiq.* Verb. *Gouvea*, cujo elogio lhe mandámos com outros muitos de Authores Portuguezes que excediaõ o numero de trezentos para o novo suplemento da Impressão do anno de 1725. os quaes se distinguem com estas palavras. *Memor. de Portug.* ou *Bib. Portug.* M. S. no fim de cada hum. *Fonfeca Evor. Glorios.* pag. 410. e o P. D. Manoel Caet. de Souf. *Cathalog. Histor. dos Summos Pontif. Card. Bispos Portug.* pag. 117. Compoz.

Jornada do Arcebispo de Goa D. Fr. Aleixo de Menezes Primaz da India Oriental Religioso da Ordem de Santo Agostinho quando foy às Serras do Malavar, e lugares, em que moraõ os antigos Christãos de São Thomé, e os tirou de muitos erros, e heregias em que estavaõ, e reduzio à nossa Santa Fè Catholica, e obediencia da Santa Igreja Romana da qual passava de mil annos, que estavaõ apartados. Coimbra por Diogo Gomes Loureiro Imprefor da Universidade 1606. fol.

Destá obra diz Jarric. in *Thezaur. rer. Ind.* lib. 3. cap. 7. *docte eleganter magnoque judicio conscripta.* Della faz menção Antonio de Leon *Bib. Orient.* Trat. 3.

Sahio traduzida em Castelhana por Fr. Francisco Munõz Agostinho, e em Francez por Fr. Joã Bautista de Glen com este titulo.

Histoire Orientale das grans progres del' Eglise Cathol. Apost. e Rom. en la reduccion des anciens Chrestiens dits de São Thomaz de plusieurs autres Schismatiques, et Heretiques a l'union dela vraye Eglise. Conversion encor de Mahometains, Mores, e Payens. Par les bons devoirs du Reveren-

dissime, e Illustrissime Seigneur D. Alexis de Menezes del'Ordre des Erimites de S. Augustin, Archevesque de Goa, e Primat en tout l'Orient. Anvers per Hierosme Verdussen. 1609. 8. Bruxeles por Velpio 1609. 8. e Colon. por Heningio 1611. 8.

Vida, y muerte del bendito Padre Juan de Dios Fundador dela Orden dela hospitalidad delos pobres enfermos. Madrid por Thomaz Junti Imprefor del Rey. 1624. 4. augmentado por Fr. Antonio de Moura ibi por Francisco de Ocampo. 1632. 4. et ibi por Melchior Alegre. 1669. 4. et ibi por Roque Rico de Miranda. 1674. 4. Cadiz 1647. 4. Antonio Arauzio in lib. *de bene disponendi Bibliothecam Pradicam.* 13. diz que esta vida está elegantemente escrita.

Glorioso triumpho de tres Martyres Españoles dos Portuguezes Frayles de Santo Augustin, y uno Castellano. Madrid por Juan Gonzalez 1623. 8.

Epitome dela vida, y milagros dela B. Clara de Monte Falco Augustiniana. Madrid por la viuda de Alonso Martin 1625. 4.

Relação em que se trataõ as guerras, e grandes vitorias que alcançon o grande Rey da Persia Xá Abbás do graõ Turco Mahometo, e seu filho Amethe as quaes resultáraõ das Embaxadas que por mandado da Catholica Real Magestade del Rey D. Felipe II. de Portugal fizeraõ alguns Religiosos da Ordem dos Eremitas de Santo Agostinho à Persia. Lisboa por Pedro Crasbeeck 1611. 4. Sahio vertida em Francez Ruan chez Nicol. Loyfelet. 1646. 4. *Erudito* intitula este livro o P. Balthezar Telles *Hist. de Etiop. Alt.* liv. 1. cap. 3. e he allegado por Joã Baptista Lavanha à margem da 4. *Decad. de Barros* liv. 3. cap. 2.

Relaçoes da Persia, e do Oriente. Lisboa 1609. 4. Saõ diversas da precedente, e sahiraõ sem nome do Author como diz Cardoso *Agiol. Lusit.* Tom. 3. pag. 80. let. H.

Sermaõ nas exequias de Andrè Furtado de Mendoça Governador que foy da India no Convento de Nossa Senhora da Graça de Lisboa anno Domini 1610. Lisboa por Vicente Alvares. 1611. 4.

Relacion de la gloriosa muerte que los Turcos dieron a D. Pedro de Miranda Cavallero Español en la Ciudad de Argel el año 1620. Escrita a 20. de Outubro deste anno.

M. S. O original conservase na Livraria do Convento de N. Senhora da Graça desta Cidade onde o vimos.

Vida do Illuſtriffimo Arcebiſpo D. Fr. Aleixo de Menezes. Desta obra o faz Author Fr. Pedro Pojares no *Panegirico da Villa de Barcellos.* cap. 88. fol. 196.

P. ANTONIO DE GOUVEA natural da Villa do feu appellido da Dioceſe de Coimbra, como eſcreve o P. Francisco da Cruz nas *Mem. M. S. para a Bibliotheca Portugueza* poſto que affirmem ſer do lugar do Caſal no Biſpado de Viſeu Sotuelo. in *Bib. Societ.* pag. 74. e o P. Franco in *Ann. glorioſ. S. J. in Luſit.* pag. 710. e na *Imag. da Virtud. em o Noviciad. de Coimbra* Tom. 2. pag. 612. Foy filho de Manoel de Almeyda, e Maria Deiró. Na tenra idade de quinze annos entrou na Companhia a 11. de Mayo de 1608. onde acabada a carreira dos eſtudos eſcolasticos ſe dedicou totalmente em lucrar almas para Chriſto nas regioens Orientaes. Logo que teve facultade dos Prelados partio com ſummo jubilo para a India, e na cultura do Imperio da China derramou copioſos ſuores pelo largo eſpaço de trinta annos. Levantada huma furioſa tempeſtade contra os Miniſtros Evangelicos foy conduzido prezo a Corte de Pekim donde o deſterraraõ com vinte, e quatro companheiros para a Cidade de Cantaõ ultima de taõ vaſto Imperio. Neste lugar padeceo por ſeis annos com inviſta conſtancia infinitas moleſtias até que certificado o Emperador da ſua innocencia o mandou chamar à Corte, e lhe concedeo ampla facultade para prégar as verdades do Evangelho. Foy inexplicavel o alvo-roço do feu eſpirito com eſta permiſſaõ diſcorrendo de hum para outro lugar com incanſavel velocidade para aggregar mais filhos à Igreja Catholica, levantando huma Igreja na Provincia de Tokiem até que nestes apoſtolicos miniſterios paſſou a melhor vida no mez de Fevereiro de 1677. com 84. annos de idade. Foy ſepultado fora da Capital de Tocheu fazendo delle memoria o P. Proſpero Intorcetta. *Narration dela Miſſion Chineſ.* pag. 35. Compoz parte da obra ſeguinte.

Innocentia victrix, ſive Sententia Comitiſſimum Imperii Sinici pro innocencia Chriſ-

tianæ Religionis lata juridice per annum 1669. ſinico-latine expoſita. In Quàm chéu metropoli Provincie Quàm-tum in Regno Sinarum. Anno Salutis humanæ 1671. 4. grand. Impreſſo em papel da China o qual vimos.

Catheciſmo na lingua Chinenſe como affirma o P. Gabriel de Magalhaens em a *Nouvelle Relation dela Chine.* Pariz ches Claude Barbin. 1688. 4. pag. 101.

Asia Extrema. Entra nella a Fè; promulgase a Ley de Deos pelos Padres da Companhia de JESUS. Primeira Parte dirigida à Mageſtade do Sereniſſimo Rey D. João o IV. noſſo Senhor anno de 1644. Conſta de 6. livros. Começa o primeiro. O primeiro homem, que os Chins conhecem, e nomeaõ por Rey. Acaba. *Conclue-se toda eſta primeira Parte com caſtigos, que ate agora continuaõ neste Reyno por naõ querer em ſi a Ley Santiffima de Deos, ſeus Prégadores Evangelicos para que ſaybaõ os Monarchas, que em a conſervar, e guardar eſtã a conſervaçãõ de ſeus Imperios.* O original eſcrito em papel da China ſe conſerva na Livraria de Jozé Freyre Monterroyo Mafcarenhas bem conhecido pela ſua vaſtiſſima erudiçãõ, onde a vimos.

Historia da China dividida em ſeis Idades tirada dos livros Chinas, e Portuguezes com o continuo eſtudo, e obſervaçoens de 20. annos em a Metropole de Fó a 20. de Janeiro de 1654. com hum apendix da Monarchia Tartarica. fol. M. S. Conservase em a Bibliotheca del Rey Catholico como ſe eſcreve na *Bib. Orient.* de Antonio de Leon novamente addicionada. Tom. 1. Tit. 7. col. 113.

Fr. ANTONIO DA GRAÇA Eremita Auguſtiniano da Provincia da India Oriental. Para que exactamente ſe obſervafſem os ritos Eccleſiaſticos aſſim no Altar, como no Choro eſcreveo.

Ceremonial da Ordem M. S.

Fr. ANTONIO DA GRAÇA Religioſo profeſſo da Serafica Provincia de S. Thomé em a India Oriental Meſtre jubilado na Sagrada Theologia. Compoz para uſo dos ſeus Religioſos.

Theologia Moral

Que poſto ſe naõ imprimio, corre tres-

ladada em varias copias com igual credito do Author, como proveito dos estudiosos.

Fr. ANTONIO DA GRAÇA Naceo no lugar de Maçarellos arrebalde da Cidade do Porto a 28. de Janeiro de 1668. sendo filho de Francisco Joaõ, e Custodia Martins pessoas honradas, e virtuosas. Recebeo o penitente Habito de Saõ Francisco no Convento de N. Senhora da Conceição de Mathozinhos da Provincia de Portugal a 17. de Outubro de 1716. Aprendeo Philoſofia no Convento de Guimaraens, e Theologia no Collegio de S. Boaventura da Universidade de Coimbra, onde foy Collegial, e Paſſante do numero. Deixando o applauſo que lhe podia reſultar das Cadeiras, para cujo emprego tinha grande talento ſe applicou ao Ministerio do Pulpito diſcorrendo como miſſionario Apoſtolico pelos Biſpados de Lamego, Porto, e Braga, donde colheo copioſo fruto com a reforma de infinitas almas. Deſta ſagrada, e laborioſa occupação foy chamado para Commiſſario dos Terceiros deſta Corte que preſentemente exercita com grande zelo, e edificação. Imprio.

Oração funebre nas exequias do Excelentiſſimo Senhor Gaſtaõ Jozé da Camara Coutinho celebradas pela Veneravel Ordem 3. da Penitencia no Real Convento de Saõ Francisco da Cidade de Lisboa Occidental aos 25. de Setembro de 1736. Lisboa na Officina da Muſica de Theotónio Antunes Lima. 1736. 4.

Sermão das Dores de N. Senhora prégado na Santa Baſilica Patriarchal em 28. de Março de 1738. Lisboa 1738-4.

Fr. ANTONIO DE S. GUILHERME natural de Lisboa, filho de Manoel Rodriguez de Amorim, e Margarida de Almeyda. Na flor da idade elegeo a Religião dos Eremitas Auguſtinianos, e no Convento de Lisboa profeſſou taõ Sagrado inſtituto a 10. de Fevereiro de 1696. Sendo verſado nas materias Theologicas, o naõ era menos nas letras humanas, e Poefia aſſim latina como vulgar como teſtemunhaõ.

Quatro Sonetos, huma Decima, e hum Romance Achroſtico, e Endecaſyllabo à morte do Bal-

lio de Leſſa D. Fr. Filippe de Tavora, e Noronha, que ſahiraõ com outras Poefias a eſte aſſumpto. Lisboa por Paſchoal da Sylva Impreſſor de Sua Mageſtade. 1716. 4.

La Fineza Coronada Comedia famosa M. S.

Morreo no Convento de Tavira em Setembro de 1731.

ANTONIO HENRIQUES GOMES. Naceo em Portugal, educou-ſe em Caſtella, e em França foy Cavalleiro da Ordem de S. Miguel, Conſelheiro, e Mordomo Ordinario del Rey Chriſtianiſſimo. Ainda que nos primeiros annos naõ ſe applicou a ſciencia alguma por inercia de ſeus Pays, tanto que chegou a paſſar da adoleſcencia como o genio o incitava para os eſtudos, começou ſem ter Meſtre a ſer diſcipulo de ſi proprio, ſahindo igualmente verſado na Hiſtoria Sagrada, e profana, como perito na ſciencia politica, e Poefia Comica, de que ſaõ manifeſtos argumentos as ſuas diſcretas, e engenhofas obras que affirma no Prologo do *Poema Heroico de Sanſaõ* as compusera deſde o anno de 1640 até 1649. a *libro por año, ua año por libro*, cujos titulos ſaõ os ſeguintes.

Sanſon Nazareno. Poema Heroico. Ruan por Lourenço Maurry. 1656. 4. com eſtampas. Cuja obra louva o P. Antonio dos Reys in *Enthuſiaſm. Poetic.* que ſerve de prologo aos ſeus agudos Epigrammas n. 32. neſta forma.

= *toto celebratus in Orbe*
Gomeſius validi calamo, qui tollit in aſtra
Sanſonis benefacta.

El ſiglo Pythagorico, y vida de D. Gregorio Guadaña. Ruan por Laurencio Maurry. 1644. 4. Proſa, e verſo.

Luiz dado por Dios a Luiz, y Ana. Samuel dado de Dios a Elcana, y Ana. Pariz por René Baudry. 1645. Proſa.

Academias morales delas Muſas. Bordeaux por Pedro dela Court. 1642. 4. Madrid por Jozeſeph Fernãdes de Buendia. 1660. 4. Poefia.

La culpa del primero Peregrino. Ruan por Laurencio Maurry. 1644. 4. Poefia.

Politica Angelica 1. e 2. Part. Ruan pelo meſmo Impreſſor. 1647. 4.

Triumpho Lusitano no qual se contem a felice acclamação delRey D. Joaõ o IV. e a Embaixada, que Francisco de Mello Monteiro Mór do Reyno, e o Doutor Antonio Coelbo de Carvalho fizeraõ por seu mandado à Magestade Christianissima de Luiz XIII. Rey de França. Pariz. 1641. 4. Sem o nome do Author.

No ay contra el honor poder.

Engañar para Reynar.

Estas duas Comedias sahiraõ impressas Madrid en la Imprenta Real 1652. 4.

No Prologo ao Sanção Nazareno diz. *Las mias Comedias fueron veinte, y dós, cuyos titulos pondré aqui para que se conoscan por mias, pues todas ellas, o las mas que se imprimen en Sevilla les dan los Impressores el titulo, que quieren, y el dueño que se les antoja.*

El Cardenal Albornos 1. e 2. Parte.

Engañar para Reynar.

Diego de Camus

El Capitan Chincilla.

Fernan Mendes Pinto 1. e 2. Parte.

Zelos nó ofenden al Sol.

El Rayo de Palestina.

Las Soberbias de Nembrot.

Alo que obligan los zelos.

Lo que passa en media noche.

El Cavallero de Gracia.

La prudente Abigail.

Alo que obliga el Honor.

Contra el Amor no ay engaños.

Amor con vista, y cordura.

La fuerza del heredero.

La Casa de Austria en España.

El Sol parado.

El trono de Salamon 1. e 2. Parte.

No mesmo prologo promete as obras seguintes.

Torre de Babilonia 2. Parte

Aman, y Mardocheo.

El Cavallero del milagro.

Josue. Poema heróico.

Triumphos immortales. en rimas.

Delle se lembraõ Nic. Ant. in *Bib. Hisp.* Tom. 2. pag. 317. e 655. Joan. Soar. de Brito in *Theat. Lusit. Litter.* lit. A. n. 88. e D. Franc. Manoel na *Carta escrita ao Doutor Manoel da Fonseca Themudo* que he a 1. da 4. Centuria das suas Cartas Familiares.

ANTONIO HOMEM natural de Coimbra, e filho de Jorge Vaz Brandaõ. Na Universidade da sua patria recebeo o grão de Doutor na faculdade de Canones, e levando por opposição huma Cathedrilha em 22. de Fevereiro de 1592. passou à Cadeira de Clementinas no anno de 1597. e desta à do Decreto em 1603. Entrou a ser Lente de Vespera em 18. de Fevereiro de 1610. e ultimamente de Prima em 28. de Novembro de 1614. Foy Conego Doutoral da Sé de Coimbra de residencia provido em 20. de Março de 1610. Sendo prezo em 18. de Dezembro de 1619. por culpas de Judaísmo, que obstinadamente negou, foy relaxado à justiça Secular que o condenou à morte em 5. de Mayo de 1624. As Casas em que morava na rua dos Oleiros em Coimbra, foraõ demolidas, e sobre as ruinas se levantou hum padraõ para eterna memoria da sua infamia, sendo ainda agora conhecido pela antonomasia de *Præceptor infelix*. Diçtou as postillas seguintes em que estaõ includas subtis, e profundas doutrinas de hum, e outro Direito, sendo o seu nome ainda que horroroso na posteridade, sempre conhecido pela sua grande Sabedoria.

De Adulteriis dictada em 12. de Dezembro de 1590.

De Commodato. em 23. de Novembro de 1595.

Ad Tit. de Solutionibus em 28. de Mayo de 1596.

De clavium potestate ad Cap. Quodcumque XXIV. quæst 1. com o Tratado *Utrum Clavium potestas extendatur ad remissionem peccati quoad culpam.* em o anno de 1596.

Ad Rub. Non debet 22. lib. 6. em 3. de Novembro de 1597.

Ad Tit. de Præscriptionibus in 6. no anno de 1600.

De Restitutione in integrum.

De Censuris ad Cap. Nemo Contemnat XI. quæst. 3. em 5. de Outubro de 1606.

Utrum Claves errare possint?

Qui filii sint legitimi dictada no anno de 1608. Desta postilla transcreveo grande parte Diogo Antonio Fajardo de *Legitimatione per subseq. matrimon.* memb. 2. ex n. 100. o que já tinha advertido o Dezembargador José dos Santos Palma em as doudas

addiçoens que fez a Pheb. *Decif.* 176. vers. *Sed hæc ratio. & vers. Tanta est.*

De privilegijs ad Text. in Cap. cum olim 14. em 20. de Outubro de 1615.

Ad Tit de Concessiõ. Præbend. Eccles. non Vacantis em 3. de Novembro de 1618.

Clement. unica de Officio Vicarij

Clement. si furiosus de Homicidio.

De Exceptionibus.

In 6. Decret. de Præscription.

Cap. ultim. de iis, qui fuerint à majorum parte.

Clemen. Statut. de electione, et electorum potestate.

Sobre os privilegios dos Templarios, e de algumas Cidades do Reyno M. S. Conservase na Livraria do Conde de Vimieiro.

ANTONIO DE S. JERONIMO JUSTINIANO Naceo em Lisboa a 4. de Outubro de 1675. e a 16. do dito mez foy bautizado na Real Igreja de N. S. da Conceição, sendo filho de Antonio Gonçalvez, e Magdalena Estevez da Sylva. Aprendeo os preceitos armonicos da Arte do Contraponto com o insigne Antonio Marquez Lesbia Mestre da Capella Real de quem se fará illustre memoria em seu lugar de cuja escola sahio doutamente instruido. Na idade de 22. annos recebeo o Canonico habito da Congregaçã do Evangelista em o Convento de S. Bento de Enxobregas a 2. de Julho de 1697. onde não sómente exercitou pelo espaço de seis annos o lugar de Mestre da Capella, mas passando ao Collegio de Evora estudou as sciencias Escholasticas no qual foy Sancristão Mór, e ViceReytor. Movido de causas justificadas sahio da Congregaçã para onde tem regresso concedido pelo Capitulo Geral sendo agora Capellaõ da Sumpuoza Igreja de N. Senhora do Loreto. Pela semelhança que os numeros armonicos tem com os metricos sendo professor de Musica o he taõbem da Poesia de cuja Arte publicou as seguintes obras a diversos assumptos.

Applauzo obsequioso ao Senhor Paulo Jeronymo de Medicis sendo Provedor da Igreja de N. S. do Loreto da Naçã Italiana mandando fazer nella mesma huma sumptuosissima fabrica de admiravel architectura para nella se depositar o Santissimo Sacramento nas Endoenças deste prezente anno de 1735.

Lisboa por Pedro Ferreira Impressor da Serenissima Rainha Nossa Senhora 1735. 4. Consta de huma relaçaõ em prosa, e de hum Romance Heróico em que se descreve aquella fabrica.

Elogio ao P. Antonio dos Reys da Congregaçã do Oratorio prégando nas sumptuosissimas exequias da Excellentissima Senhora D. Francisca de Mendosa Condessa de Atalaya. Lisboa 1735. 4. sem nome do Impressor, consta de hum Romance heróico.

Funeral obsequio da mais triste Saudade em repetidos suspiros em a morte da Serenissima Senhora D. Francisca Infanta de Portugal ponderando nelles a circumstancia de ser em Oriente sepultada, fallecendo em Occidente. Lisboa na Officina Rita-Cassiana 1736. 4. Consta de 7. Sonetos, hum Mote glossado, e no fim outro Soneto.

Com o nome de Thomazia Caetana de Aquino.

A morte da Serenissima Senhora D. Francisca Infanta de Portugal ponderando as circumstancias do dia em que falleceo, e se sepultou, em hum Soneto com sua glosa, e tres Decimas. Lisboa na Officina Ritta-Cassiana. 1736. 4.

Luctuosos Ays do pranto mais enternecido na sentida morte da Serenissima Senhora D. Francisca de Portugal expendidos em 14. Outavas Rimas glossando nellas o celebrado Soneto que principia. Com fatal ouzadia horror tyrano. Lisboa na Officina Rita-Cassiana. 1736. 4.

Com o nome de D. Agueda Maria do Sacramento,

Glossa ao Soneto. Desmayado Planeta que accidente? Composto por Manoel Pereira da Costa; à morte da Serenissima Infanta de Portugal D. Francisca. Lisboa na Officina Almejdiana. 1736. 4.

Com o nome de D. Brites da Conceição.

Glosa ao Soneto Do Jardim Luzo a melhor flor sem vida; composto por Manoel Pereira da Costa ao mesmo assumpto que o precedente. Lisboa na dita Officina. 1736. 4.

Enternecido canto poetico historico, e moral á morte de Diogo de Mendosa Corte real Secreto:io do Estado do Sempre augusto Rey, e Senhor nosso D. Joã o V. Lisboa na dita

Officina. 1736. 4. Consta de hum Romance, hum mote, e tres Sonetos.

Miscellanea do Parnasso dividida em cantos poeticos divinos, e humanos. Lisboa por Mauricio Vicente de Almeyda. 1737. 4.

Aos felicissimos annos do sempre augusto Rey, e Senhor nosso D. Joaõ o V. Consta de 6. Decimas fol. sem anno da Impressão.

A morte do Excellentissimo, e Reverendissimo Senhor Monsenhor D. Caetano Cavalieri Arcebispo de Tarso, Nuncio Apostolico, e Legado à Alatere nestes Reynos de Portugal Epigramma Portuguez in fol. Sem anno, e nome do Impressor.

Relação funeral luttuosa Panegyrica Moral, e poetica da morte do Excellentissimo, e Reverendissimo Senhor Caetano Cavalieri Arcebispo de Tarso Nuncio de sua Santidade neste Reyno. Lisboa na Officina Almeydiana. 1738. 4. Consta de hum Romance de 193. coplas, e hum epigramma Latino por epitafio.

Alivio nas lagrimas com as felices me-lhoras do Serenissimo Senhor D. Antonio Infante de Portugal. Lisboa na Officina Almeydiana. 1739. 4. Consta de hum Romance Hendecassilabo.

Romance Heroico, e hum Soneto em applauso dos Sermoens de Fr. Francisco Xavier da Rocha Religioso Arrabido. Sahio no 2. Tom. dos Sermoens deste Author.

Fr. ANTONIO DE JESUS natural da Villa de Aveiro da Diocese de Coimbra. Com a mudança que fez de Portugal para Castella taõbem mudou o Habito Secular no de Religioso professando o austero Instituto dos Carmelitas Descalços. Em o Noviciado se fez taõ exemplar aos seus companheiros, que delle aprendiaõ a exacta observancia da Regra. Amante da solidão viveu sempre retirado do comercio humano sahindo poucas vezes fora do Claustro em beneficio dos seus proximos. Nos Sermoens em que teve muitas vezes por ouvintes ao Cardeal Moscoso Bispo de Jaen era o seu principal difvelo propor a fermosura das virtudes para serem imitadas, e a fealdade dos vicios para que fossem aborrecidos. No aspero deserto das Neves situado na Serra de Ronda aflagia o corpo com taes morti-

ficações que excediaõ as que practicaõ os Macarios, Antonios, e Hilaroens nas Nitrias, e Thebaidas. Julgando ser contra a perfeição evangelica viver só para si occupava o tempo vago dos seus virtuosos exercicios em escrever cartas, e outras obras asceticas com que inflamava os coraçoes no amor de Deos. As virtudes com que em vida resplandeceo quiz manifestar o Ceo em a noute de 19. de Janeiro de 1648. em que espirou sendo vista, e admirada por todos os moradores de Malaga, huma grande luz sobre a sua Cella. Compoz.

Obras Mysticas de excellente doutrina, que conforme testifica Jorge Cardoso Agiol. Lusit. Tom. 2. pag. 329. se estampáraõ.

Breve compendio delas canciones del exercicio de amor entre el alma, y su esposo Christo M. S.

Esta obra se conserva na Bibliotheca dos Trinos Descalços de S. Carlino em Roma. Do Author se lembra brevemente a *Chron. dos Carmel. Descalf.* liv. 6. cap. 32. n. 5.

Fr. ANTONIO DE JESUS natural de Lisboa. Nos primeiros annos se applicou ao estudo da Musica sendo seu Mestre Duarte Lobo insigne professor desta faculdade, e entrando na Religião da Santissima Trindade foy nella taõ excellente Musico como exemplar Religioso. Pela profunda sciencia desta arte foy elevado a Lente em a Universidade de Coimbra em 27. de Novembro de 1636. e mereceo particulares estimaçoes do Serenissimo Rey D. Joaõ o IV. Mecenas desta suave faculdade. Foy sumamente zeloso do culto divino, e da observancia dos Sagrados ritos, compassivo para os pobres, benevolo para os domesticos, e unicamente severo para a sua pessoa. Morreo em Coimbra, e está sepultado na Igreja do Collegio dos Religiosos Trinos com este epitafio.

Fr. Antonius à Jesu

Musices Academicus professor

Vir religiosissimus,

Et zelo divini cultus ardentissimus,

In quo, & sublevandis pauperibus

Totum Catedræ stipendium consumebat.

Obiit 15. Aprilis. 1682.

Compoz.

Diversas obras musicas, as quaes se conservaõ na Bibliotheca Real da Musica co-

mo se podem ver no Cathalogo della impresso em Lisboa por Pedro Crasbeeck. 1649. 4. Sendo as principaes.

Missa do 1. Tom. a 10. vozes, outra a 12. e duas a 8. Na estante 36. n. 805.

Dixit Dominus do 8. Tom. a 12. vozes Estant. 34. n. 793.

Compoz em Solfa hum villancico à *Natividade de N. Senhora*, cuja letra era de D. Francisco Manoel, e a traz nas obras *Metricas na Avena de Terficore* Tomo 26. pag. 70.

Fr. ANTONIO DE JESUS MARIA filho de Pedro Vicente, e D. Maria Antonia Cordeira naceo em Lisboa a 23. de Julho de 1693. Quando contava 19. annos de idade fugindo aos enganos do mundo buscou como porto seguro da salvação a illustre Religião do Doutor Maximo S. Jeronymo, e no Real Convento de Santa Maria de Belem professou a 26. de Julho de 1713. A severa observancia do estado Religioso o constituhio Mestre dos Noviços do dito Mosteiro onde com o seu exemplo os instrue para serem exemplares da virtude, não sendo inferior o zelo com que préga dirigindo todos os seus discursos em beneficio dos ouvintes. Traduzio da lingua Castelhana do P. Mestre Fr. Francisco Arbiol da Ordem Serafica em a Portugueza.

Familia regulada. M. S.

Defenganos mysticos. M. S.

Fr. ANTONIO DOS INNOCENTES natural de Evora, Religioso da Serafica Ordem dos Menores da Provincia dos Algarves cujo Habito professou no Convento de S. Francisco de Xabregas Cabeça desta Provincia situado fora dos muros de Lisboa, em 24. de Dezembro de 1590. Foy grande Theologo, e não menor Prégador, como escreve Joaõ Soar. de Brito in *Theat. Lusit. Litterat.* lit. A. n. 89. Dos muitos, e doutos Sermoens que prégoou com grande applauso dos auditorios sómente publicou os seguintes.

Sermaõ em as Exequias, e honras funeraes, que a mui nobre Cidade de Portalegre sumptuosamente fez em a Sè a ElRey D. Felippe II. de Portugal em o mez de Mayo de 1621. Lisboa por Giraldo da Vinha. 1621. 4.

Sermaõ em a Sè da Cidade de Lisboa na festa do Martyr Saõ Vicente, cujo corpo em sua Capella mòr com summa reverencia se venera dizendo a Missa solemniissima, e fazendo o Pontifical o Illustrissimo, e Reverendissimo Arcebispo assistindo a Camara com a Nobreza, e grande multidaõ de Gente de hum, e outro Estado em 22. de Janeiro de 1623. Lisboa por Giraldo da Vinha. 1623. 4.

Sermaõ em o insigne, e Real Convento de Odivelles no dia, e festa do seu Padre, e Fundador famoso Patriarcha, e Doutor o glorioso S. Bernardo em 20. de Agosto de 1624. Lisboa pelo dito impressor. 1624. 4.

Sermaõ da Expellação no seu dia anno 1630. na Capella Real. Lisboa por Antonio Alvarres. 1631. 4.

F. ANTONIO DE S. JOACHIM Naceo em Lisboa sendo seus Pays Francisco Rodriguez, e Francisca Thereza. Professou o instituto Serafico no Real Convento de Santa Maria de Jesus de Xabregas Cabeça da Provincia dos Algarves a 31. de Outubro de 1734. Teve genio para a Poesia, e ainda para outras mayores facultades, se a morte intempestivamente o não privara da vida em o mesmo Convento a 4. de Dezembro de 1738. Imprimio.

Duas elegias Latinas escritas como cartas ao P. Fr. Joaõ de Nossa Senhora Chronista da Provincia dos Algarves. Sahiraõ sem anno nem lugar da impressaõ.

Achrosflico Latino em Verso heróico ao mesmo P. Chronista. Ambas estas obras, posto, que não tenhaõ o anno em que foraõ impressas, certamente o foraõ no anno de 1738.

Fr. ANTONIO DE S. JORGE natural de Lisboa donde passou a India, e nella buscou para asilo da sua quietação a Ordem Serafica professando na Provincia da Madre de Deos daquelle Estado, na qual por suas virtudes, e letras tendo administrado com zelo, e prudencia o lugar de Custodio, e duas vezes o de Guardiaõ do Convento de Damaõ, chegou a ser Provincial no Capitulo celebrado em Goa no anno de 1630. Foy religioso de exemplar vida (saõ palavras de Fr. Jacinto de Deos no *Vergel de plantas, e flores* cap. 8. art. 2.) douto, e

grande Prêgador, muito zeloso do divino culto.
Compoz.

Ceremonial muito curioso.

O qual confumio o tempo como affirma o mesmo Chronista da Provincia da Madre de Deos da India no lugar allegado.

ANTONIO JORGE MACHADO natural da Villa de Santarem, e bautizado na Parochia de N. Senhora de Maravilla a 7. de Setembro de 1670. Foy filho de Antonio Jorge, e Maria Cordeira. Depois de se formar na Universidade de Coimbra na faculdade de Direito Cesareo exercitou muitos annos na sua Patria o Officio de Advogado, em que deo multiplicados argumentos da sciencia legal em que era insigne. Falleceo em Santarem a 2. de Mayo de 1729. e está sepultado na Igreja dos Religiosos Terceiros de S. Francisco da dita Villa. Compoz.

Traſtatus Juridicus de Captura Reorum. fol. o qual se anda revendo para se imprimir, e delle faz menção seu patricio Joaõ Antonio da Costa, e Andrade no *Crisol Serafico* pag. 228.

Fr. ANTONIO DE S. JOSEPH natural da Villa de Serpa da Provincia do Alentejo. Recebeo o Habito de Saõ Jeronymo no Convento de Sevilha, e com faculdade de Alexandre VII. se aggregou à Congregação de Portugal em 12. de Outubro de 1665. onde teve por domicilio o Convento do Espinheiro situado junto à Cidade de Evora. Delle foy transferido para o Collegio de Coimbra onde por ser dotado de grande engenho, e admiravel comprehensão fez taes progressos nos estudos, e sciencias escolasticas que não sómente as leo aos seus domesticos, mas recebeu a borla doutoral na faculdade Theologica as dictou na Universidade sendo Lente da Cadeira de Durando em 5. de Dezembro de 1670. de Escoto em 17. de Novembro de 1676. e ultimamente de Vespera a 3. de Junho de 1680. em que foy apontado a 8. de Junho de 1684. por estar totalmente privado da vista, e ainda neste estado leo muitos annos de memoria sem errar as allegações dos Authores com que estabelecia as suas opinioens. Foy Reytor do seu Collegio, e ViceReytor da Univer-

sidade na auzencia do seu Reformador D. Jozé de Menezes. Retirado ao Convento do Espinheiro morreo piamente a 30. de Mayo de 1691. Jaz sepultado no Claustro com este epitafio.

*Hic jacet in tumulo nomen cui Antonius orbe
Frater erat Divus, quem dat cognomen Joseph
Illius imperiis Academia subdita vixit,
Et regimen mirata suum gaudebat amanter.
Tempore nocturno resplendent sydera celo.
Hic Sophiæ Doctor, sydus mirabile luxit
Vespere, sic potuit, devincere Sydera Sydus.*

Obiit 30. Martij 1691.

Compoz toda a Theologia escolastica da qual ainda se conservaõ no Collegio de Coimbra as seguintes obras M. S.

De Trinitate.

De Voluntario, et involuntario

De Bonitate, et malitia actuum humanorum

De Vitiis, et Peccatis.

De Ignorantia ut est causa peccati.

De perfectionibus, et affectionibus voluntatis humanæ, et appetitibus sensitivis Christi Domini.

Commentaria in Magistrum Sententiarum 4. Tom. fol. M. S. Conservaõ-se no dito Collegio. Faz menção deste Author Antonio Carvalho da Costa *Corograf. Portug.* Tom. 3. Trat. 8. cap. 55. pag. 659.

Fr. ANTONIO DE S. JOSEPH. Naceo na Villa do Cadaval do Patriarchado de Lisboa a 8. de Fevereiro de 1664. sendo seus Pays Jacinto Lobo Fernandes, e Maria da Sylva Cardosa pessoas principaes daquela Villa. Dezejofo de imitar o exemplo de seu Tio materno o V. P. Fr. Joaõ do Espirito Santo Carmelita Descalço (que habitou trinta annos a Thebaida do Bussaco onde morreo no anno de 1675. com geral opiniaõ de Santo) entrou nesta Sagrada Familia, cujo Instituto professou no Convento dos Remedios de Lisboa a 4. de Abril de 1683. Estudadas Filosofia, e Theologia assim Especulativa como Moral nos Collegios de Figueiró, Viana, e Coimbra alcançou faculdade dos Superiores para ser Conventual perpetuo no Deserto do Bussaco onde viveo dezefeis annos sendo do mesmo Convento Prior no anno de 1713. havendo

exercitado no de 1706. o lugar de Mestre dos Noviços. Em obsequio da sua Serafica Patriarcha traduzio a vida por ella escrita, de Castelhana em Portuguez illustrandoa com cloutas, e asceticas reflexoens que claramente manifestaõ a profunda sciencia, e pratico exercicio da Theologia Mystica, cuja obra sahio com este titulo.

Vida de Santa Tereza de JESUS composta pela mesma Santa. Lisboa na Officina da Musica. 1720. in 4.

ANTONIO JOSEPH COELHO Bacharel formado na faculdade dos Sagrados Canones, e alumno da Academia dos Applicados naõ menos erudito na Mythologia, e Historia profana, que insigne na Poesia, de cuja divina Arte publicou o seguinte argumento.

Romance Endicasyllabo dedicado ao Illustrissimo, e Reverendissimo Senhor Joaõ Guedes Pereira na occasião de ser elevado à dignidade de Ministro Prelaticio da Santa Igreja Patriarchal, e do Concelho de Sua Magestade. Lisboa por Antonio Ifidoro da Fonseca 1739. 4. Consta de 80. Coplas elegantissimas.

ANTONIO JOSEPH DA SYLVA natural do Rio de Janeiro filho de Joaõ Mendes da Sylva Advogado nesta Corte, e Lourença Coutinho. Estudou Direito Cível em a Universidade de Coimbra donde passando a Lisboa exercitava o officio de Advogado de Causas Forenses. Teve genio para a Poesia Comica, de que compoz varias obras, que foraõ representadas com applauso dos expectadores sendo as principaes.

Labirinto de Creta Lisboa por Antonio Ifidoro da Fonseca. 1736. 8.

As Variedades de Protheo. Lisboa pelo dito Impressor. 1737. 8.

Guerras do Alecrim e Mangerona Lisboa pelo dito Impressor. 1737. 8.

Anfitrião. M. S.

D. Quixote. M. S.

Faetonte. M. S.

ANTONIO ISIDORO DA NOBREGA. Naceo em Lisboa a 2. de Janeiro de 1708. sendo filho de Jozé Soarez da Nobrega, e de sua mulher Margarida Antonia

Michaella. Depois de estudar na patria os primeiros rudimentos passou à Universidade de Coimbra onde applicandose à Faculdade da Medicina recebeu o grão de Bacharel na mesma sciencia a 13. de Mayo de 1733. Sendo muito perito na Arte da sua profissão o naõ he menos na cultura da Poesia, e noticia da Sagrada Escritura, e Santos Padres. Imprimio.

Discurso Catholico no qual hum Cristão velho zeloso da nossa Santa Fè falla com os Judeos convencendo-os dos erros em que vivem para aproveitamento das palavras de Jeremias, e outros lugares da Escritura Sagrada considerando o lastimoso espectralculo de hum Auto da Fè aonde aparecem os delinquentes em Theatro publico. Lisboa na Officina Sylviana da Academia Real 1738. 4.

Tres Sonetos 2. Portuguezes, hum Castelhana à morte da Serenissima Senhora D. Francisca Infanta de Portugal. Sahiraõ nos Sentimentos metricos, ou Collecção de varios versos pela morte da mesma Senhora. Lisboa por Miguel Rodrigues Impressor do Senhor Patriarcha. 1736. 4.

Em louvor do Excellentissimo, e Reverendissimo Senhor D. Joaõ Principal de Mello. Romance heroico fol. Naõ tem anno, nem lugar da Impressão. Consta de 25. coplas.

Obras M. S.

Tribunal de Cupido em que se trataõ curiosamente todas as duvidas, e questoens amatorias conforme a Filosofia, e Medicina.

Epistola Moral consolatoria-Medica para alivio de hum amigo magoado por hum successo amoroso.

Apologia Moral sobre o tempo, e Circunstancia em que o Medico está obrigado a admoestar o enfermo a confessarse.

Dos affectos do animo. Tratado Medico.

Epistolas Latinas escritas ao Doutor Bento de Lemos sobre o uso da sangria, e quinaquina.

Compendium animadversionum Medicarum pro tutiori praxi.

Obras Portuguezas, e Italianas. 4.

Oraçoens elogiatorias Latinas, e Portuguezas.

Sonhos Critico-jocosos em prosa, e verso.

Dialogo amatorio jocosario.

Comedia intitulada *Los amantes engañados. Os Rendimentos de Apollo e as esquivanças de Dafne.* Opera para o theatro.

Considerações Moraes, e Acto de Contrição.

Cinco Sermoens da Quaresma traduzidos de Italiano em Portuguez.

ANTONIO DE LAMIM. Naceo na Villa de Olalhas da jurisdicção de Thomar. Foy Beneficiado na Igreja de Santa Maria das Areas situada no territorio de Thomar. Applicouse ao estudo da Theologia Moral, em que sahio muito douto, como escreve Joan. Soar. de Brito in *Theatr. Lusit. Litterat.* lit. A. n. 69. Compoz.

Summa Summarum in quinque priora Ecclesie Sacramenta, que vulgo necessitatis appellantur. Ulyssipone apud Antonium Alvares. 1644. 4.

P. ANTONIO LEYTE natural de Lisboa. Entrou na Companhia de JESUS em Evora a 12. de Setembro de 1596. quando contava 16. annos de idade. Dicitou humanidades, Filosofia, e Theologia por muitos annos, e foy celebre Prégador do seu tempo, para cujo ministerio sendo convidado repentinamente o desempenhava com tanta elegancia, e promptidão, como se o tivesse meditado de muitos mezes. Foy dotado de feliz memoria repetindo quando se offerecia occasião, paginas inteiras do Sagrado Texto, e de diversos Authores Sagrados, e profanos como se os estivesse lendo. No estudo da Genealogia era tão versado que nelle o consultavaõ varias pessoas eruditas. Teve todos os dotes que compoem hum perfeito Religioso sendo prudente, modesto, affavel. Na devoção para Maria Santissima foy insigne principalmente do Mysterio purissimo da sua Conceição com tanto empenho, que a elle se deve o gravarse em huma pedra na Capella da Universidade de Coimbra o Juramento com que os Academicos se obrigaõ a defender a immaculada pureza daquella soberana Princeza em o primeiro instante physico da sua animação. No Confissionario era continuo instruindo com saudaveis documentos as almas para o caminho da eternidade, da qual foy tomar posse em 6. de

Dezembro de 1662. quando contava 82. annos de idade, e de religião 66. Delle se lembraõ Franco *Imag. da Virtud. em o Noviciad. de Evor.* pag. 855. et in *Synopsf. Annal. S. J.* pag. 333. *Eum exornavit peculiaris cum in divinis, tum humanis litteris eruditio et mores sanctissimi* et in *Ann. gloriosf. S. J. in Lusit.* pag. 728. *Fonsec. Evor. Gloriosf.* pag. 426. *Cordeir. Hist. Insul.* liv. 5. cap. 17. Joan. Soares de Brito in *Theatr. Lusit. Litterat.* lit. A. n. 90. chamandolhe *vir eruditus.* Compoz.

Historia da apparição, e milagres da Virgem da Lapa. Coimbra por Diogo Gomes de Loureiro. 1639. 8.

Escudo de Portugal em honra da Conceição da Senhora *livro grande, e muito erudito* diz o P. Anton. Franc. *Imag. da Virtud. do Noviad. de Evor.* pag. 588. Conservase no Collegio de Coimbra.

Commentarium in lib. Exodi. fol. M. S.

Fundação do Collegio de Coimbra da Companhia de JESUS M. S.

Vida. e morte do V. Varaõ Diogo da Sylveira Escrivaõ da Junta do Comercio.

Elogios de cento, e noventa, e cinco mulheres Portuguezas illustres principalmente em santidade de que não tratou Fr. Luiz dos Anjos no seu Jardim de Portugal. Esta obra tinha em seu poder o P. Francisco da Cruz como affirma nas *Memor. M. S. para a Bibliotheca Portugueza.*

Familia dos Leytes 2. Tom. fol. Desta obra faz menção o P. D. Anton. Caet. de Souf. no *apparat. da Hist. Gen. da Casa Real Portug.* pag. 166. n. 206.

Duas Apologias. A 1. *contra aquelles que procuravaõ nas Cortes celebradas no anno de 1619. em Lisboa a extincção da Universidade de Evora.* A 2. *contra os que conselhabaõ, que não estudassem nas Universidades os filhos dos Plebeyos.*

P. ANTONIO DE LEMOS Naceo em Villa-Nova da Gaya fronteira à Cidade do Porto. Nos primeiros annos ficando Orfaõ de seu Pay Pedro de Couto o instruiu sua Mãe Maria de Lemos com tão pios documentos, que suavemente o impelliraõ a fugir do mundo, e abraçar o Instituto da Companhia de JESUS em o Noviciado de Lisboa a 3. de Junho de 1632. Elegeo por exemplar da sua vida a S. Luiz Gonzaga, de

cuja angelica pureza foy perfeito imitador. No Collegio de Coimbra leu todas as Cadeiras de Humanidades, em que foy insigne, não tendo menor engenho para a Poesia que para a Oratoria. Foy affectuoso venerador do Immaculado Mysterio da Conceição da Senhora, cujo Officio devotamente rezava todos os dias intimando aos seus Ouvintes em muitas Missões, que fez em diversos lugares do Reyno, o cordial affecto à Virgem Santissima para lhes alcançar feliz morte, como experimentou em Coimbra a 9. de Agosto de 1649. Das suas virtuosas acçoens faz mais larga memoria o P. Antonio Franco *Imag. do Nov. de Lisboa* lib. 4. cap. 13. e no *Synopsis Annal. S. J. in Lusitan.* pag. 298. §. 15. No tempo que era Mestre de Rhetorica no Collegio de Coimbra para testemunhar o fiel alvoroço com que os Portuguezes aclamarão no 1. de Dezembro de 1640. ao Serenissimo Rey D. João o IV. escreveu o Poema seguinte que consta de 530. versos heroicos. *Principia Lysiadum Imperium tot jam labentibus annis Servitio oppressum, &c.*

Sahio impresso sem o seu nome no Livro intitulado *Applausos da Universidade de Coimbra à Acclamação del Rey D. João o IV.* à pag. 27. Coimbra por Diogo Gomes de Loureiro. 1641. 4. Entre os Poetas Portuguezes he numerado com louvor pelo P. Antonio dos Reys in *Entbus. Poet.* n. 213.

ANTONIO DE LEAM PINELLO posto que naceu no Reyno do Peru nas Indias Occidentaes não he justo que delle não façamos memoria por ser filho de Diogo Lopes de Leaõ natural de Lisboa, e irmaõ inteiro de João Rodrigues de Leaõ dos quaes se tratará em seus lugares. Depois de aprender no Collegio de Lima dos Padres Jesuitas as Letras Humanas, e na Universidade da mesma Cidade as Faculdades de hum, e outro Direito em que sahio eminente passou a Madrid onde tanto que foy conhecida a Sciencia Legal que professava o elegerão Relator do Real Conselho de Indias cujo ministerio por ser administrado com summa inteireza conservou até à ultima idade. Deste lugar subio a Senador Regio na Chancellaria de Sevilha, e Chronista de Indias do qual emprego foy substituto de Gil Gonçalves de Avila. Para dezempenho desta

incumbencia revolveo com incansavel diligencia, e continuo disvelo, o real Archivo de Madrid, e outros de grande antiguidade, donde extrahio muitos Breves Pontificios, e Alvarás Regios pertencentes a este argumento, com que illustrou as suas obras em beneficio da Republica litteraria. Parece incrível que lhe restasse tempo das suas grandes occupaçoens, posto que era ornado de engenho feliz cultivado com todo o genero de erudição, para escrever materias tão diversas como logo relataremos. A' sua vasta sabedoria correspondia a innocencia dos costumes sendo igualmente Religioso para com Deos, como cordial devoto de sua Mãe Santissima. Vivia em Madrid pelos annos de 1650. e eternamente vivirá não sómente em seus livros mas nas penas de varios Escritores celebrando a sua vasta erudição, como saõ Nicol. Ant. in *Bib. Hisp.* tom. 1. pag. 109. *magno ævi, & patriæ suæ compendio vixisse.* Avendan. in *Thezaur. Ind.* Tom. 1. Tit. 5. cap. 22. §. 5. n. 186. *doctum imprimis, & eruditum.* Franc. Moreno Porcel no *Retrat. de Manoel de Far.* §. 76. *Ingenio cultivado com varias letras, y claro juizio.* Alv. y Astorg. in *Milit. Immac. Concept. omnia ejusdem opera eruditione, & studio singulari plena esse.* Manoel de Far. e Souf. *Fuente de Aganip.* Part. 1. Centur. 3. Sonet. 51.

De grandes tiempos elevada buelas

Feliz pluma, &c.

Lope Felix da Vega *Laurel de Apollo* Sylv. 2. louvando a seu Irmaõ João Rodrigues de Leaõ.

Si a Juan Rodrigues de Leon nõ huviera

Dado con larga mano

El Cielo otro Leon que fue su hermano

Quien con Leon tan grande competiera?

Catal. das suas obras pertencêtes às Indias.

Epitome de la Bibliotheca Oriental y Occidental Nautica, y Geografica. Madrid por Juan Gonçalves. 1629. 4. sahio modernamente adicionada em 3. Tom. in fol. Madrid por Francisco Martines Abad. 1737.

Discurso sobre la importancia, y disposicion de Leys de las Indias. Madrid 1623. fol. Para fazer esta obra afirma no titul. 22. do Epitome da Bib. affirma allegado pag. 123. *En dos años continuos lei quinientos libros Reales de Cédulas, Manuscritos, y en ellos más de ciento, y vinte mil hojas, y mas*

de trecentas mil decisões cuyas minutas i noticia guardo en mi poder i dellas hà salido el tomo primero y voy sacando el segundo.

Tratado de Confirmaciones reales de Encomiendas de Oficios, y casos en que se requieren para las Indias Occidentales. Madrid por Juan Gonçalves. 1630. 4.

Acuerdos del Consejo real de las Indias Madrid. 1658.

Gobierno espiritual, y Ecclesiastico delas Indias. De cuja obra diz o mesmo Author no Epitome já allegado Tit. 2. pag. 116. *Tengole escrito com más de trecentas Decisiones Pontificias particulares para las Indias sacadas de Bullas, y Breves Apostolicos, y repuestas de Congregaciones de Cardenales.*

Bullarium pro Indico Imperio. He louvado por Fr. Pedro de Alva, y Astorga in *Milit. Concept.*

Patriarchado delas Indias. M. S.

Consejo real, y Supremo de las Indias, su Origen, jurisdiccion, Presidentes, Consejeros, Fiscales, y Secretarios. M. S.

El gran Canciller de las Indias Tratado deste Officio, quando se renovò en la persona del Conde Duque de Olivares, y a el ofrecido. Conservavase na Bibliotheca do mesmo Duque, e della faz menção no Epitom. Tit. 21. pag. 119.

Recopilacion delas leys Idelas Indias em 3. Tom. de folha, os quaes constavaõ de nove livros com facultade Real, e as mais licenças para se imprimir, como affirma o mesmo Author em huma Carta escrita de Madrid em 26. de Junho de 1640. ao Lecenciado Jorge Cardofo.

Fundacion, y grandezas historicas dela insigne Ciudad delos Reyes Lima Cabeça de las ricas Provincias del Peru. Desta obra se lembra no Epitom. Tit. 15. pag. 98.

Historia dela Villa Imperial del Potosi, y su rico Serro, descubrimiento, y grandexa M. S.

Vida del Illustrissimo, y Reverendissimo Señor D. Toribio Affonso Mogrevejo Arcebispo dela Ciudad delos Reyes Lima. Madrid. 1654. 4. a qual foy traduzida em Italiano por Miguel Angelo Lapi. Roma. 1655. 4.

Commentario dela region de Ophir composto pelo nosso Gaspar Barreiros, do qual diz o mesmo Antonio de Leaõ na *Bib. Geo-*

grafica pag. 175. *Tengo traduzido en Castellano con un commento nõ poco trabajado.* M. S.

Cathalogo das obras em louvor da Senhora.

Relacion delas fiestas celebradas en la Ciudad de Lima por la Congregacion dela Expettacion dela Virgen Maria nuestra Señora del Colegio dela Compañia de JESUS. Lima. 1618. 4.

Poema singular dela Concepcion immaculada dela Virgen Maria nuestra Señora. Lima como testemunha Fr. Pedro de Alva na obra citada.

Panegyrica Oracion dela Presentacion dela Virgen nuestra Señora Madrid por Diego Dias dela Carrera 1651. 4.

El Paraiso en el Nuevo mundo Maria Santissima que como escreve Alva in *Milit. Concept.* já estava impresso quando elle sahio com esta obra.

Annales immaculatæ Conceptionis B. V. Mariæ ab orbe condito ad nostra usque tempora. Este Tratado, e os seguintes exalta com grandes elogios Fr. Pedro de Alva.

Bibliotheca, sive Cathalogus Marianus in quo per septuaginta duas classes et plusquam trecentas appendices omnes Marianos Scriptorum distribuit M. S. A esta obra chama insigne Fr. Pedro de Alva.

Kalendarium agens per singulos dies de Festivitatibus B. V. Mariæ ubique terrarum celebratis. Esta obra he composta à maneira das Efemerides de Ferreolo, Locrio, e o P. Antonio Balinghen da Companhia de JESUS.

La Virgen Santissima en España. M. S.

Musæum Marianum, sive Cathalogus Auctorum, quorum proprium, et speciale argumentum est agere in toto libro de Santissimæ Virginis, vita, encomiis, et miraculis.

Vida de Jesu Christo en el Ventre dela Santissima Virgen Maria. Traduzido de Italiano do P. D. Luiz Novarino Clerigo Regular impresso Milaõ 1636. 12.

Compendium devotionum erga B. V. Mariam ex diversis Auctoribus collectum.

Cathalogo de obras varias

Por la Pintura, y esencion de pagar Alcavala juntamente con los Dialogos de Vicente Carduci que são do mesmo argumento Madrid. 1633. 4.

Question moral, si el Chocolate quebran-

ta el ayuno Ecclesiastico. *Tratase de otras bebidas, y confeciones que se uzan en varias Provincias.* Madrid por la viuda de Juan Gonzalez. 1636. 4.

Velos antigos, y modernos delas mugeres; sus conveniencias, y daños. Ilustrase la real pragmática delas Tapadas Madrid por Juan Sanchez. 1641. 4. cuja obra he louvada de muito douta por Manoel de Faria, e Soufa no prologo da *Apologia pelos Commentos de Camoens.* Neste livro traz Antonio de Leaõ hum *Difcurso Genealogico dela Casa de Avellaneda* que muito engrandece Franckenau in *Bib. Hispan. Hist. Herald. Geneal.* pag. 38.

Relacion dela Casa, y Servicios de D. Antonio de Leon, y Pinelo; a qual muitas vezes allega Joaõ Flores de Ocariz no seu *Nobiliario de Granada* Part. 1. pag. 295.

Na fama posthuma de Lope Felix de Vega impressa Madrid 1636. está hum seu Poema desde pag. 120. até 130.

Nas Honras funebres á Serenissima Rainha D. Izabel de Borbon impressas Madrid 1645. está delle hum Epitafio Laudatorio, ou Inscriptaçõ Panegyrica, e hum Obelisco Sepulchral à memoria da mesma Rainha. Vide *Bib. Occidental.* novamente acrescentada Tom. 2. Part. 15. col. 695. 714. e 786.

D. ANTONIO DE LIMA singular esplendor da familia dos Limas naceo na Cidade de Lisboa, ou como outras memorias affirmaõ na Villa de Guimaraens, e foy filho de Diogo Lopes de Lima Copeiro Mór delRey D. Joaõ o III. Senhor de Castro Dayro, Alcayde mór de Guimaraens, Commendador de Santa Maria de Ovaya na Ordem de Christo, e D. Izabel Pereira de Castro Senhora de Castro Dayro. Iguaes foraõ os progressos que o seu agudo engenho, e heróico valor fizeraõ nas palestras de Minerva, e de Marte sendo taõ grande Soldado, como insigne Jurista, e consummado Historico, cujos dotes deixou eternizados na posteridade o famoso Antiquario André de Refende seu contemporaneo no lib. 1. de *Conversion. Ægidian. Militiæ sæpe, virum etiam ducis specimen præbuit non penitendum in summa nobilitate, & olim jurisprudentiæ dedit operam, & nunc ad historiam, et antiquitatis notitiam se transtu-*

lit. Applicouse com grande disvelo ao estudo Genealogico continuando as Familias illustres de Portugal, onde as deixára o Conde de Barcellos D. Pedro, para cujo fim revolueo todo o Archivo Real para delle extrahir as noticias necessarias para este argumento, o que felizmente conseguiu dispondo com boa ordem, e estilo claro esta laboriosa obra, a que poz por titulo.

Linhageãs de Portugal. fol. M. S.

Este Nobiliario foy sempre reputado por celebre neste genero, e como tal o louvaõ com grandes encomios Manoel Severim de Faria *Not. de Portug.* Disc. 3. pag. 121. Manoel de Faria, e Souf. *Europ. Portug.* Tom. 3. Part. 4. cap. 1. n. 2. e no *Index dos Author. Portuguezes* mais copioso do que o que se imprimio, cujo Original tivemos em nosso poder, dizendo nelle *Es bien estimado, y corre Manuscrito, y tiwo la misma fortuna, que el del Conde D. Pedro (a quien continuò) en ser adulterado ya por la malicia, yá por la ignorancia, y por esta menos, que por aquella.* Franckenau in *Bib. Hispan. Hist. Geneal. Herald.* p. 38. *Inter omnes Geneologos Lusitanos (quorum certe haud exiguus est numerus) facile primas teneat elegantissimus Antonij hujus sætus.* Joan. Soar. de Brit. in *Theatr. Lusit. Litter.* lit. A. n. 91. D. Francisco Manoel na *Carta dos Autor. Portug.* escrita a Themudo, que he a 1. da 4. Centuria dellas. O original deste Nobiliario conservava em seu poder D. Jeronymo de Attayde II. Conde de Castro Dayro, e sexto da Castanheira neto do Author, o qual voltou de Madrid para Portugal no anno de 1678. e por morte de seu filho D. Jorge de Attayde III. Conde de Castro Dayro, herdou esta Casa, e a da Castanheira a Condessa D. Anna de Attayde que morrendo sem suceso, e sobrevivendo a ella seu marido Simaõ Correa da Sylva ultimo Conde da Castanheira, por morte deste desapareceo o Nobiliario de D. Antonio de Lima, do qual deo huma copia authentica tresladada do Original, D. Anna de Lima filha do Author a seu neto Luiz Alvares de Castro segundo Marquez de Cascaes. Muitos se persuadirãõ que esta Cópia era o Original, porem claramente consta que o naõ he pela atestaçãõ que a Cópia tem da mãõ propria da Marqueza de Cascaes D. Barbara de Lara, em que affir-

ma que a Condeſſa da Caſtanheira mandára tirar aquella Copia do Original em 2. de Março de 1648. para a dar a ſeu neto, cujo Original ficava na Caſa da Caſtanheira, como mais difutamente o eſcreve o P. D. Antonio Caetano de Souf. no *Apparat. à Hiſt. Geneal. da Caſa Real Portug.* pag. 47. n. 25. Caſou D. Antonio de Lima com D. Maria de Vilhena filha de Chriſtovão de Mello herdeiro da Ilha de S. Thomé de cujo matrimonio teve unicamente a D. Anna de Lima que caſou com D. Antonio de Attayde Conde de Caſtro Dayro, e Caſtanheira, do qual fizemos larga memoria em ſeu lugar. Eſtá ſepultado no pavimento da Capella mór do Convento de S. Francisco de Lisboa, como eſcreve Fr. Manoel da Eſperança *Hiſt. Seraf. da Prov. de Portug.* Part. 1. liv. 2. cap. 22. n. 3.

ANTONIO DE LIMA BARROS PE-REYRA. Naceo na Cidade do Porto a 11. de Setembro de 1687. e foy filho de Gonçalo de Oliveira, e ſua mulher Joanna de Barros Pereira. Na Universidade de Coimbra recebeu o gráo de Doutor na faculdade dos Sagrados Canones, e na Cathedral de Angra hum Canonicato. Deſde os primeiros annos ſe applicou à Poefia, e com a idade foy cada vez crescendo mais na cultura deſta Arte, porque mereceo os applauſos dos ſeus melhores profefſores, dando para teſtemunho do ſeu genio neſta faculdade a obra ſeguinte.

Floreſta Apollinea. Lisboa por Bernardo da Coſta. 1720. 4.

Fr. ANTONIO DE LISBOA filho da Cidade do ſeu appellido, e da Religião Serafica da Provincia de Portugal. Cultivou as Muſas Sagradas em que compoz alguns Autos que ſe representaraõ com grande applauſo dos expeſtadores. De todos elles ſómente chegou à noſſa noticia o ſeguinte.

Auto dos dous Ladrosens que foraõ Crucificados juntamente com Chriſto Senhor noſſo. Lisboa por Antonio Alvares. 1603. 4.

ANTONIO LOPES natural da Villa de Viana do Alemtejo. Aprendeo as letras humanas, e as artes da Rhetorica, e Poe-

tica nas Eſcolas da Companhia de JESUS, e ſahio taõ confumado nellas, que não conheceo no ſeu tempo outro que lhe foſſe ſuperior, pois imitava a Virgilio na mageſtade dos Poemas, e a Ovidio na ſuavidade das Elegias. Eſtes dotes ſcientificos acompanhados de honeſto procedimento o habilitaraõ para que o inſigne Biſpo de Sylves D. Jeronymo Oſorio o fizeſſe ſeu Capellaõ, e Meſtre de toda a ſua familia, cujo miniſterio exercitou com tanta ſatisfaçaõ deſte Prelado, que lhe deo em remuneraçaõ a Igreja da Alagoa no Reyno do Algarve que governou como Paſtor cuidadoso enſinando as ſuas ovelhas com a voz, e com o exemplo. Como ſobreviveo ao ſeu Patrono lhe ornou a ſepultura com elegantes verſos. Morreo em Villanova de Portimaõ, donde foy transferido à ſua Igreja. Compoz muitos verſos excellentes na lingua Latina dos quaes nenhum logrou a luz publica. Deſcreveo em verſo herõico o ſitio de Mazagaõ que lhe puzeraõ os barbaros no anno de 1562. onde foraõ totalmente derrotados. Começava.

*Lyſiadum ingentes animos, & funera latè
Edita per campos quos inſuperabile tollit
Maſaganum.* &c.

Deſta obra faz mençaõ o P. Antonio Poſſevino in *Apparat. Sacr.* Tom. 1. pag. 96.

De Myſterio Crucis Dominiæ, de diverſis ejusdem typis, ac Sacramentis ab ipſa promanantibus. Dedicado ao Pontifice. Cuja obra foy muito eſtimada em Roma, e a intitula *Præclarum et lectu dignum* Scoto in *Bib. Hiſp.* Claſſ. 2. Tom. 3. pag. 533.

Compoz mais em verſo.

Prima, et Secunda in Africam expeditio Regis Sebaſtiani. M. S.

Poema de duplici amore in laudem Santa Mariæ Magdalena.

Poema in Speluncam, & Sepulchrum B. Mariæ Magdalena. Começa.

Jam ſol puniceum radiis patefecerat orbem

Elegia in qua Magdalena Chriſtum alloquitur. Começa.

Vita meæ vitæ vita mihi charior ipſa.

Victoriæ Elephantinæ duce Joanne Auſtriaci comparatæ deſcriptio M. S.

Eſtando aſſiſtindo a hum banquete, e como occultamente lhe lançaſſem mais agua que vinho no copo, tanto que o bebeo ſahio ex-

temporaneamente com este dysticho, que admirou a todos os circumstantes.

In cratere meo Thetys est conjuncta Lyao;

Est Dea juncta Deo, sed Dea major eo.

ANTONIO LOPES Natural de Lisboa, e insigne Professor de Medicina, de cuja faculdade não imprimio obra alguma, posto que compoz muitas, e doutissimas das quaes allega huma Zacuto Lusitan. de *Medic. Princ. Histor.* Lib. 4. cap. 17. *ibi probat* (saõ palavras suas) *corporis humores á medicamentis attrahi ob similitudinem quam cum ipsis habent.*

ANTONIO LOPES. Veja-se o P. VICTORINO JOSEPH.

ANTONIO LOPES CABRAL Naceo em Lisboa, e foy bautizado na Real Parochia de S. Juliaõ a 21. do Setembro de 1634. sendo filho de Pedro Lopes Cabral, e Philippa de Souza. Na primeira idade não sómente aprendeo letras humanas, e a lingua latina, mas a arte da Musica, e sahio nestas faculdades, taõ perito que foy recebido na Capella Real por Capellaõ, e Cantor das Magestades de D. Affonso VI. e D. Pedro II. Foy Freire da Ordem Militar de Christo, Beneficiado das Igrejas de Santa Maria dos Olivaeas da Villa de Thomar, e Santa Maria do Castello de Ponte de Lima, e Prêgador no Arcebispado de Lisboa em cujo ministerio não logrou menores applausos o seu talento, de que quando foy hum dos principaes alumnos da Academia dos Singulares recitando nella Oraçoens ornadas de todo o genero de erudição, e compondo versos em que se admirava o artificio poetico junto com o seu genio jocosos que nunca degenerou em pueril. Morreo na patria a 26. de Dezembro de 1698. com 64. annos de idade. Foy sepultado em huma Capella do Claustro de S. Francisco. O seu nome he celebrado com elogios pelos seus Collegas Academicos como se pôde ver na 1. e 2. Part. das obras poeticas da *Academia dos Singulares*, e pelo P. Antonio dos Reis no *Enthusiasm. Poet.* n. 170.

Succinti pariter viridanti baccare frontes

Culmina Parnassi celeres in summa subibant

Quisque sibi propriam sedem capturus ab almo
Præsidi Musarum Capralis, Moura, &c.

Compoz

Pauegyrico ao Excellentissimo Senhor D. Antonio Luiz de Menezes dignissimo Marquez de Marialva Conde de Cantanhede do Conselho de Estado, e Guerra Presidente no da Fazenda, e Capitaõ General das armas Portuguezas, em a memoravel Vitoria de Montes Claros. Lisboa por Antonio Crasbeeck de Mello. 1665. 4. Consta de 16. Outavas.

Pancarpia de diversos Sermoens. Lisboa por Miguel Deflandes 1694. 4.

A 2. Part. estava prõpia para a impressaõ.

Com os suppostos nomes de Ozandro, Aonio, e Luzindo.

Festas Reais na Corte de Lisboa no feliz casamento dos Reys de Grã Bretanha Carlos, e Catherina em os Touros, que se correrã no Terreiro do Paço em Outubro de 1661. Lisboa por Domingos Carneiro 1661. 4.

Quarto dia do Triumpho dos animaes. Lisboa pelo dito impressor, e no mesmo anno 4. Consta de huma Sylva muito larga.

No livro intitulado *Academia dos Singulares* dividido em 2. Partes a 1. impressa em Lisboa 1665. e a 2. 1668. estaõ duas Oraçoens suas, recitada huma em 24. de Fevereiro de 1664. e outra em 21. de Dezembro do mesmo anno além de 7. *Sonetos*, 6. *Romances*, 3. *Decimas*, 2. *Sylvas* a diversos assumptos, e muitas *Outavas* sendo as principaes as que tem este titulo.

Serpentomaquia. Canto unico em que se descreve, a batalha da Serpe, e Drago. Consta de 30. Outavas.

Tinha prompto para a impressaõ com o titulo de

Flor Poetica.

Dez Oraçoens que recitara na Academia dos Singulares, e grande Copia de Versos. Traduzio da lingua Italiana de Jozé Bautista na Portugueza.

S. Joã Bautista sua vida. Lisboa por Bernardo da Costa Carvalho. 1691. 16.

Do mesmo idioma de D. Antonio Julio Brignoli Sale em o materno.

Vida da Magdalena no estado de pecadora, amante, e penitente. Lisboa por Antonio Crasbeeck de Mello. 1670. 16. et ibi por Miguel Deflandes. 1695. 16.

ANTONIO LOPES CASTELLO Presbytero Ulyssiponense, e Beneficiado na Pa-

rochial Igreja de Santa Maria Magdalena da sua patria ornado de costumes innocentes, e de piedosos affectos, cordialmente devoto do amoroso Mysterio do Sacramento do Altar, cuja veneração dezejando propagalla com mayor ardor nos Coraçoes dos Catholicos escreveu.

Officio em louvor do Santissimo Sacramento com cinco soliloquios para antes, e depois da Confissão, e Communhão. Lisboa por Diogo Soares de Bulhoens. 1670. 16.

Officio de N. Senhora com as Rubricas em Portuguez, e outras advertencias para com mayor perfeição se rezar. Lisboa por Pedro Crasbeeck 1659. 24.

Morreo na Patria a 25. de Janeiro de 1709. com mais de 80. annos de idade. Jaz na Parochia da Magdalena.

ANTONIO LOPES DA FONSECA Presbytero do Habito de S. Pedro, e Mestre das Ceremonias do Illustrissimo Arcebispo de Braga D. Luiz de Sousa, a quem acompanhou na Jornada, que este insigne Prelado fez a Roma com o Character de Embaixador a 18. de Setembro de 1675. escrevendo.

Memorias para a vida do Arcebispo de Braga D. Luiz de Sousa M. S. Conservão-se na Liuria dos PP. Theatinos desta Corte.

ANTONIO LOPES LEITAM natural da Villa da Certaá do Priorado do Crato sendo bautizado na Igreja de S. Pedro Matriz da mesma Villa ao 1. de Mayo de 1611. Foraõ seus Pays Antonio André, e Gracia Lopes. Depois de estudar Direito Pontificio na Universidade de Coimbra, e receber o grão de Bacharel nesta faculdade em que foy muito douto, teve os lugares de Prothonotario Apostolico, Beneficiado da Igreja de S. Pedro da sua Patria, Promotor da Relação Ecclesiastica de Lisboa, Ouvidor, e Visitador da Igreja dos Freyres da Conceição de Lisboa da Militar Ordem de Christo, e naõ das Religiosas deste Instituto como erradamente escreveu Nicol. Antonio na *Bib. Hisp.* Tom. 1. pag. 111. Sendo Prior da Igreja de N. Senhora do Olival distante meya legoa da sua patria morreo a 12. de Outubro de 1662. com 54. annos de idade. Está sepultado na Igreja de

S. Pedro onde recebeu a graça bautifmal. Compoz.

Praxis finium Regundorum. Ulyssipone apud Emmanuelem da Sylva. 1654. 4. et Conimbricæ apud Emman. Dias Acad. Typ. 1690. 4.

Sermoens Varios 2. Tom. M. S. que desappareceraõ depois da sua morte.

Delle faz honorifica menção Jacinto Leytaõ Manso de Lima na *Descripç. da Villa de Certaá* M. S. §. 2. fol. 367.

ANTONIO LOPES DE LIMA natural de Villa-Franca de Xira do Arcebisado de Lisboa, filho de Paschoal Nunes de Lima, e Anna Maria, Boticario nesta Corte, onde publicou.

Remedio novo, e admiravel de hums pòs Sympaticos, que excitaõ a suor. Lisboa por Miguel Rodrigues 1729. 8.

ANTONIO LOPES DA VEIGA natural de Lisboa, e Sobrinho de D. Fr. Diogo Lopes de Andrade Eremita de S. Agostinho, e Bispo de Otranto, que conhecendo o grande talento que descubria na adolescencia para as letras humanas, e Filosofia o levou na sua companhia para Madrid, onde brilhasse o seu engenho entre os Varoens mais eruditos. Tanto que chegou a esta Corte se fez estimado das principaes pessoas de ambas as Jerarchias pois nelle veneravaõ felicemente unidas as Sciencias da Poesia, Historia antigua, e moderna, Philosophia, e Mathematica com os dotes de hum genio affavel, vida innocente, e animo modesto. Sempre era consultado pelos Sabios em materias eruditas observando a sua decisaõ como de Oraculo. Naõ houve Certame litterario em que naõ levasse a palma a todos os Competidores. Foy Secretario do Condestavel de Castella, que para seu uzo lhe fez patente a sua grande Bibliotheca. Vivia em Madrid no anno de 1656. quando já contava setenta de idade, até que na mesma Corte fechou o circulo da vida. Quanto estimasse o seu furor poetico o grande Lope Felix da Veiga o declara elegantemente no Laurel de Apollo Sylva 3.

*Aquí confuso el Tajo a imaginar se pufo
Con voz quexosa aunque en accento bajo
Porque de Antonio Lopes se interpufo
La grave Filomena &c.*

Nic. Ant. Bib. Hisp. Tom. 1. pag. 111. *Charus cunctis, & in pretio habitus ob studiorum Philosophiæ, ac Poeticæ, nec nou et Historiæ antiquæ, et novæ excellentiam simul, et modestiam.* Manoel de Far. e Souf. no *Comment. às Rim. de Camoens* Tom. 4. pag. 41. col. 1. D. Francisco Manoel na *Carta dos Author. Portug.* escrita ao Doutor Manoel da Fonseca Themudo, que he a 1. da 4. Cent. Joaõ Soar. de Brito in *Theatro Lusit.* Litter. lit. A. n. 95. Compoz.

Lirica Poesia. Madrid por Bernardino de Gusman 1620. 8.

El perfecto Señor sueño político con otros varios discursos y ultimas Poesias varias Madrid por Luiz Sanches 1626. 4. et ibi en la Impression Real 1652.

Heraclito, y Democrito de nuestro siglo; describe un legitimo Philosopho. Dialogos Morales sobre tres materias, la nobleza, la riqueza, y las letras Madrid por Diego Dias de la Carrera. 1641. 4.

Muitos versos seus se imprimiraõ em diversos livros, que no seu tempo sahiraõ em Madrid como se podem ler nos applauzos à Canonizaçãõ de S. Isidro. Certam. 2. fol. 61. e na *Fam. Posthum. de Lopo Felix da Veg.* fol. 35.

ANTONIO LOURENÇO natural de Serpa da Provincia do Alentejo, e filho de Lourenço Rodrigues, e de Violante Lourenço. Tendo recebido a borla doutoral na faculdade de Leys em a Universidade de Coimbra foy Collega do Real Collegio de S. Paulo, cuja beca tomou a 17. de Junho de 1602. A grande profundidade com que penetrava os arcanos mais reconditos da Jurisprudencia o elevaraõ ao magisterio que com grande gloria do seu nome exercitou nas Cadeiras da Instituta no anno de 1605. do Codigo em 1608. dos Tres livros em 1609. do Digesto Velho em 1617. e ultimamente de Prima de que teve a posse em 12. de Setembro de 1629. Foy Dezembargador da Relaçãõ do Porto, e da Casa da Suplicaçãõ. As postillas que dictou no largo tempo que foy Mestre sempre foraõ muito estimadas pelos mayores Professores de hum, e outro Direito por se acharem nellas unida a subtileza com a claridade. Sendo intitulado Mestre comum,

e insigne Letrado pelo D. Joaõ de Carvalho in *Cap. Rainaud. de Testament.* Part. 1. n. 174. et 830. Part. 2. n. 124. 253. 353. Part. 4. n. 115. Portug. de *Donat. reg.* Tom. 1. liv. 1. Prælud. 2. §. 2. n. 155. Pegas *Allegat. por D. Agostinho de Alencastro* onde diz que Fufario no seu Tratado de *Substit.* extrahira grande parte da *Postilla ad L. cum Avus* escrita pelo nosso Antonio Lourenço. Paym *Disc. Jurid. e polit.* fol. 33. v.º n. marg. 3. Barbosa nas *Mem. do Coll. de S. Paul.* p. 113. et in *Archiat. Lusit.* pag. 25. Morreo em Coimbra em 9. de Janeiro de 1630. Deixou as Postillas seguintes

Tit. Cod. de Jure Reipublicæ lib. 11.

Tit. Cod. de Agriculis et Censitis. lib. 11.

Text. in L. cum Avus 102. ff. de Conditionibus, et Demonstrationibus.

Tit. ff. de Pactis.

Tit. ff. de Rebus dubiis.

Text. in L. Hæredem 59. ff. de regulis juris.

Tit. Cod. de Annonis, et tributis.

L. fin. Cod. de revocandis donationibus.

ANTONIO LUIZ natural de Lisboa, e insigne Medico, de cuja faculdade teve por Mestre seu Pay, que descubriendo no filho engenho subtil, e aguda comprehensãõ lhe revelou os mais ocultos mysterios da Medecina. Pela profunda sciencia que tinha da lingua Grega ignorada naquelle tempo em a mayor parte de Espanha foy chamado antonomasticamente o Grego, e pudera lograr denominações de Latino, Filosofo, e Medico por ser eminente em todas estas artes pelas quaes foy muito aceto à magestade delRey D. Joaõ o III. e a os mayores eruditos da sua idade, como eraõ Joaõ de Barros, Diogo Pires, Jeronymo Nunes Ramires, e Jeronymo Cardoso intitulado-o na Epistol. 27. *Multi-fariæ eruditionis hominem, ingenij sublimis, locupletissimæ litteraturæ, litterarum Atlantæ, et in quo uno litteraria provincia tanquam in Athlante Cælum fulciebatur.* Na Universidade de Coimbra, onde recebeo na faculdade Medica as insignias doutoraes, explicava Galeno, e Aristoteles na lingua Grega de cujas liçoens tomou posse em 4. de Março de 1547. illustrando a ef-

tes dous Principes, hum da Medicina, e outro da Filosofia com subtilissimas interpretaçoens. Viveo naõ sómente até o anno de 1558. como escreveo Justo in *Chronologia Medica* mas chegou quasi ao anno de 1565. Delle, e das suas obras fazem memoria Manoel Severim de Faria no *Elog. de Joaõ de Barros* fol. 33. v.º chamandolhe *Grande Medico, e Filosofo*. Nic. Ant. in *Bib. Hisp.* Tom. 1. pag. 111. *Medicus exquisitæ hujus artis doctrinæ multam græcicæ, Latinæque historiæ cognitionem, atque utriusque linguæ peritiam ad junxit*. Tiraquell. in *Auctor. Nomenclat.* Raphael Spachius in *Nomencl. Med.* lib. 5. cap. 45. 56. 87. Balthez. Werlin. in *additionib. ad Tritbem.* addit. 2. pag. 434. Ant. Vander-Lind. de *Script. Med.* Georg. Abrah. in *Lind. renovat.* Joan. Fernandes in *Orat. habita Conimbricæ* et ibi excuf. anno 1548. 8. fallando delle entre os Lentes de Medicina diz *Allicit ad se omnes summa modestia, et varia litteratura Ludovicus Græcus Galeni græci interpres ingenij monumentis magna cum laude doctissimus quibusque viris charus, et suspiciendus*. Joan. Soar. de Brito in *Theatr. Lusit. Litter.* lit. A. n. 96. Franc. Leytaõ Ferreir. nas *Memor. da Univerfid. de Coimb.* pag. 572. n. 1211. *Medico famoso, e interprete admiravel de Galeno*. Naõ publicou juntamente as suas obras como elle confessa no Prologo de *Occultis Proprietatibus* dizendo. *Donec ad hanc pervenimus senilem ætatem multa semper litterarum monumentis mandavimus, et tum has, tum alias plerasque nobilis ingenij commentationes conscripsimus, quibus hanc urbem Ulyssiponem tot voluminibus editam exornavimus*. As principaes obras sahiraõ impressas Ulyssipone apud Ludovicum Rodrigues 1540. in fol. e saõ as seguintes.

De occultis proprietatibus libri quinque. Primus quid sit proprietas, et quæ ejus complexio enucleat, ubi multa de temperamentis 2. agit de vi attractrice, ac omnibus, quæ in eâ reperiuntur. 3. de animalibus, eorum partibus, venenis, ac Venenatis. 4. de proprietatibus quæ herbis, lapidibus, et multis aliis insunt. 5. in Superioribus libris tradita confirmat.

De Empyricis, et miscellaneis aliquot liber unus: ubi de variis diversarum rerum virtutibus.

De Pudore liber unus occulta quædam exhibens è Græcorum historiis excerpta. Dedicado a Joaõ de Barros, e a cuja instancia o fez o Author.

Problematum libri Quinque. 1. continet problemata ad hominem spectantia, et ad Physicæ; nempe de ætatibus, de temporibus, consuetudinibus, temperaturis, animalibus, plantis, herbis, fructibus. 2. Miscellanea de iis, quæ ad usum, et consuetudinem attinent; de somno, & insomniis; de quibusdam consuetudinibus Romanis, et legibus 3. de iis quæ ad supernaturalem Philosophiam, et diviniore sermones spectant. 4. Problemata adducit, quæ ad res medicas faciunt. 5. Quæ ad ingenuas disciplinas, nimirum, Astronomiam, Arithmeticam, Musicam, Logicam. Esta obra como a precedente de *Occultis Proprietatibus* as julga Conrado Gesnero in *Epit. Biblioth. esse absoluta jucunda, et varia.*

Traduzio de Grego em Latim.

Erotematum, sive Commentariorum in libros Galeni de crisi bus libri 3.

Erotematum numeri ternarij libri sex, in quibus omnis fere res medica explicatur.

Erotematum de difficili respiratione liber unus.

Erotematum de usu respirationis liber alius.

De Corde liber absolutissimus, in quo tum plures Aristotelis errores proponuntur, tum plurimæ quæstiones enodantur.

Galenii liber de Ptiptana: ejusdem liber in quo disputat, utrum sit animal, id quod in utero continetur? Galeni de prænoscendo, doctissimus libellus numquam antea excusis.

Liber de eo, quod Galenus animam esse mortalem visus est tenere.

Annotationes aliquot in nonnullos Hippocratis Aphorismos.

Expositio in definitionem quam de humoribus Avicena consignat.

Liber de erroribus Petri Apponensis in Problemata. Aristotelis exponendis.

De Compositione Pharmacorum, & quibusdam Medicis quæstionibus.

Verteo em Latim.

Michaelis Pselli allegoriæ tres in Tantalum, in Sphingen, in Circen, et in Sotadem, quod vita pluribus sit plena malis. Antuerpiæ apud Michaellem Hellenium. 1537.

Pauegirica Oratio elegantissima plurima re-

rum, & historiarum copia referta Joanni hujus nominis Tertio invictissimo Lusitaniarum Regi nuncupata. Ulysbonæ apud Logdovicum Rotorigium 1539. 4.

Epistola ad Hieronymum Cardozo a qual he a 26. entre as deste Author. Acabou, mas não imprimio na lingua materna.

Tratado de Agricultura que constava de 17. Livros, em cujo Prologo faz menção de outra obra, que tinha composta intitulada

Tratado da Lingua Portugueza. M. S. verteo de Grego em Latim

Commentaria D. Cyrilli in Isajam Prophetam. M. S.

Fr. ANTONIO DE S. LUIZ Natural da Arrifana de Souza no Bispoado do Porto, e Religioso da Serafica Provincia de Portugal onde pela grande prudencia, e zelo de que foy ornado exercitou os lugares de Commissario dos Irmãos da Terceira Ordem da Penitencia no Convento de Lisboa do qual foy Guardiaõ, Commissario da Custodia da Ilha do Funchal, e Definidor, atè que chegou a ser Provincial eleito a 9. de Outubro de 1621. em cujo governo intentou, e felizmente conseguiu as mayores emprezas em beneficio da Religiaõ sendo as principaes ampliar as rendas, e diminuir o numero das Religiosas da sua obediencia, reparar os Mosteiros de Val de Pereiras, e Torres Novas, concorrer para a Fundaçãõ de S. Francisco de Thomar, e para a mudança, e nova erecção do Collegio de S. Boaventura de Coimbra. Igual disvello mostrou em procurar a Canonizaçãõ da Rainha Santa Izabel, e a Beatificaçãõ do Santo Fr. Pedro da Guarda, cujas Reliquias se veneraõ no Convento de S. Bernardino da Ilha Terceira. Recebendo huma carta da Magestade de Philippe III. de Portugal escrita a 28. de Fevereiro de 1622. para que mandasse promover pelo Comissario que neste anno navegava para o Oriente as Missoens que os Religiosos Menores faziaõ naquella dilatada vinha com grande fruto das almas, promptamente executou a insinuaçãõ Real não lhe sendo necessario tão forte estimulo para o zelo com que exercitava as obrigaçoens do seu ministerio. Fazem delle memoria Fr. Fernand. da Soled. *Hist. Seraf. da Prov. de Portug.* Part. 3. Liv. 1. cap. 21.

n. 132. e Part. 5. Liv. 3. cap. 19. n. 697. e Fr. Joaõ de Santo Antonio in *Biblioth. Franc.* Tom. 1. pag. 111. e Francisco Affonso de Chaves, e Mello *Margarit. Animad.* pag. 210. Publicou.

Regra dos Irmãos Seculares da Santa, e Veneravel Ordem Terceira da Penitencia, que institubio o Serafico P. S. Francisco, e ordenaçoens geraes para o bom governo da mesma Ordem. Lisboa por Mathias Rodrigues 1630. 8. et ibi por Antonio Alvares 1643. 8. e Coimbra por Jozé Ferreira. 1686. 8.

ANTONIO LUIZ COUTINHO DE ABREU Prior da Parochial Igreja de S. Tiago da Villa de Alanquer do Arcebispado de Lisboa. Traduzio de Latim em Portuguez com algumas addiçoens.

Testamento, e ultima vontade da alma feito em saude para segurar-se o Christaõ das tentaçoens do demonio na hora da morte composto por S. Carlos Borromeo, e acrescentado com algumas Oraçoens devotissimas ao Dulcissimo Nome de JESUS, à Purissima Virgem Maria, e outros Santos, e Santas especiaes advogados para alcançar de Deos N. S. a salvaçãõ na tremenda, e temenda hora da morte. Lisboa na Officina da Musica. 1731. 24.

ANTONIO LUIZ RIBEIRO DE BARROS Natural de Evorã, Moço Fidalgo da Casa Real, filho de Juliaõ Abelho de Barros, e D. Violante Ribeiro administradora do Morgado dos Ribeiros. Desde a adolescencia se applicou na Universidade da sua patria às Letras Humanas, e à Filosofia, em que recebeu o Grão de Mestre. Depois que casou em Lisboa deixando as Sciencias severas, cultivou as amenas sendo o seu continuo disvello a lição da Poesia, e Historia, e o exercicio da Cavallaria em que sahio perfeitamente instruido, e practicamente versado. Nesta Corte, e na de Madrid publicou os frutos que tinha colhido das suas literarias applicaçõens sendo estimado por elegante Poeta, e destro Cavalleiro. Morreo em Lisboa nas sumptuosas Casas onde morava junto do Convento de N. Senhora da Graça dos Eremitas de Santo Agostinho a 18. de Dezembro de 1683. No tempo que assistio em Madrid publicou

El muerto Victorioso Philippe IV. discurso advertido. Madrid. 1671. 4. consta de verso, e proza.

Espejo del Cavallero Madrid 1671. 4.

La Jornada de Madrid. 1672. 4.

Gieroglificos siete en la muerte de la Emperatriz D. Margarita Maria de Austria. 1673. 4. A obra, e ao Author louva com hum elogio poetico D. Pedro Luiz Oforio.

Fr. ANTONIO DA LUZ Natural da illustre Villa de Guimaraens da Provincia de Entre Douro, e Minho, e filho de Diogo de Bouro. Recebeo o Habito Monachal do Grande Patriarcha S. Bento no Convento de Tibaens em 7. de Novembro de 1635. quando contava 16. annos de idade, e depois de ensinar com fruto, e applauso as sciencias escolasticas aos seus Monges, por uniforme voto dos Cathedralicos da Universidade de Coimbra se graduou Doutor na faculdade da Theologia. A profunda, e vasta noticia que com indefesso estudo alcançara desta sciencia o fez subir à Cadeira de Durando em 25. de Janeiro de 1664. donde passou à de Escoto em 31. de Junho de 1666. e desta à de Vespera a 27. de Novembro de 1669. e ultimamente chegou a ser Lente de Prima de que tomou posse em 17. de Outubro de 1676. e de Vice-Reytor da Universidade em 23. de Fevereiro de 1679. Não aceitou o Bis-pado de Angola em que fora nomeado pelo Principe Regente D. Pedro II. Morreo em Coimbra a 11. de Abril de 1679. sendo *Luz sem sombra* (como delle escreve Fr. Rafael de JESUS na *Monarch. Lusit.* Tom. 7. Liv. 4. cap. 20. n. 4.) da *Familia Benedictina, como tambem assombro das escolas da sua idade* Carvalho Corog. *Portug.* Tom. 1. Trat. 1. cap. 18. lhe chama *insigne Theologo*, e Fr. Gregor. de Argais *Perla de Cataluñia* pag. 466. §. 161. *Rayo de las letras de la Universidad de Coimbra.* Estava preparando para a Impressão as Materias Theologicas, que douda, e agudamente tinha dictado na Universidade pelo largo espaço de quinze annos quando a morte lhe interrompeo a execução deste designio com grave detrimento da Republica litteraria sendo as principaes.

De Incarnatione.

De Actibus humanis.

De Virtutibus, & vitiis.

De Voluntario, & involuntario.

Imprimio

Sermão estando o Senhor exposto na Capella Real da Universidade de Coimbra na celebridade em que deu graças a Deos pelo Nascimento da Princeza Senhora Nossa D. Izabel em 21. de Janeiro de 1669. Lisboa por João da Costa. 1669. 4.

P. ANTONIO DE MACEDO Natural de Coimbra filho de João Rodrigues, e Maria de Macedo, irmão inteiro do insigne Fr. Francisco de Santo Agostinho Macedo de quem faremos merecida lembrança em seu lugar, e de Manoel de Macedo Mestre Escola na Cathedral do Porto, e Jozè de Macedo Beneficiado em Evora. Na idade de quatorze annos entrou na Companhia de JESUS em Lisboa a 25. de Agosto de 1626. onde depois de dictar Humanidades, e Theologia Moral não sómente exercitou o officio de Prêgador em Portugal, mas em a Praça de Mazagaõ celebre Colonia dos Portuguezes na Região de Africa reformando nella pelo espaço de tres annos com as suas declamaçoens Evangelicas a vida licenciada dos Soldados. Por ordem do Serenissimo Rey D. João o IV. acompanhado do P. João de Andrade foy Confessor, e interprete da lingua Latina de Jozé Pinto Pereira Embaxador à Rainha de Suecia, e partindo de Portugal a 24. de Junho de 1650. chegou a Estolckom Corte daquelle Reyno a 30. de Julho, e ainda que estava disfarçado com vestido de Secular, era tanta a prudencia, e modestia, que se admirava nas suas acçoens, que dellas inferio a Rainha Christina Alexandra que dominava aquelle Imperio, ser Jesuita, e como a tal lhe revelou o intento de largar a Coroa que possuia, e abraçar a Religião Catholica, sendo a primeira Pessoa, a quem fez participante de taõ heróica resoluçãõ. Logo lhe encomendou partisse a Roma com huma carta ao Geral para lhe mandar dous Padres Italianos com quem conferisse os pontos mais essenciaes da Fé Catholica, e em manifesta significaçãõ do affecto com que estimava ao P. Macedo lhe deo hum colar de ouro com o seu Retrato que valia quinhentos Saguinos de ouro. Promptamente obedeceo a esta insinuaçãõ da Rainha, e sahindo ocul-

tamente da Corte a 31. de Agosto de 1651. veyo pelo mar Balthico a Lubeck, donde passou a Amburgo, Bronsuic, Norimberg, Auspurg, e entrando pelo Condado de Tirol, Veneza, Ferrara, Bolonha, Florença, e Sena chegou a Roma em 28. de Outubro do mesmo anno, e achando morto o Geral Francisco Piccolomini entregou a Carta ao Vigario Geral Gofvino Nickel que sem dilacão mandou para instruir aquella coroadá Heroína aos Padres Francisco Malines, e Paulo Casato hum Theologo insigne, e outro grande Mathematico. Concluido felizmente o negocio que por tantos perigos o trouxeraõ de Suecia, assistio em Roma por espaço de vinte annos com o lugar de Penitenciario da Igreja de São Pedro, e voltando a Portugal foy eleito Reytor do Noviciado de Lisboa onde criou aquellas novas plantas mais com o exemplo, que com a doutrina. Passou segunda vez a Roma por Procurador desta Provincia até que restituído aos seus naturaes regeitando o Provincialado da Bahia offerecido pelo Geral João Paulo Oliva foy Reytor do Collegio de Evora, e duas vezes Preposito da Casa professã de S. Roque, onde acabou piamente o curso da vida a 15. de Julho de 1695. com 83. annos de idade. As suas obras são louvadas com grandes elogios pelo Marquez de Agropoli nas *Dissertac. Ecclesiast.* Nic. Anton. in *Bib. Hispan.* Tom. 2. pag. 216. Cardof. *Agiol. Lusit.* Tom. 3. pag. 495. e no *Comment.* do 1. de Junho let. B. Francken. in *Bib. Hist. Gen. Herald.* pag. 39. Franc. *Imag. da Virtud. em o Novic. de Lisb.* liv. 4. cap. 1. e 2. et in *Ann. glorios. S. J. in Lusit.* pag. 404. et in *Synops. Annal. S. J. in Lusit.* pag. 392. n. 13. Fonsec. *Evor. Glorios.* pag. 426. *Bib. Societ. Jes.* pag. 77. Helevordius in *Bib. Curiosa* pag. 18. c. 2. Fr. Fernando da Soled. *Hist. Seraf. da Provinc. de Portug.* Part. 5. liv. 5. cap. 1. n. 1294. onde lhe chama *Varaõ eminente*, e D. Manoel Caetano de Souf. in *Expedit. Hisp. S. Apostol. Jacob.* Tom. 2. pag. 1304. n. 311.

Naõ faltou quem quizesse disputar a gloria ao P. Antonio Macedo de que fosse a primeira pessoa a quem a Rainha Christina comunicou a resolução de querer abraçar a Religião Catholica, escrevendo que fora Godofredo Franckenio a quem primei-

ramente revelara esta grande determinacão sendo fautores desta opiniaõ os Padres Hefchenio, e Papebrochio in *Vita P. Joan. Bolandi Tractat. praelimin.* cap. 11. *Habuerat jam tunc cum adhuc in regno degens* (Regina Christina) *de eligenda religione deliberaret operis in Belgio inchoati notitiam a Godefrido Franckenio qui primus Catholicorum Sacerdotum ipsam ausus fuerat convenire, atque de cognoscenda antiquæ Religionis imitate, et veritate interpellare.* Cujã falsidade refutou taõ nervozamente o grande Francisco de Macedo in *Apendic. Respons. ad Notas nobilis Critici Anonymi in Apolog. Fr. Thom. Mazeæ pro Joanne Anno Viterbiensi* impressã em Verona 1674. que convencidos das suas concludentes rezoens os mesmos Padres Hefchenio, e Papebrochio in *Actis Santor. in Vit. Mafaldæ Reginæ* sub initium, se retratarã dizendo. *Pontificius Ponitentiarius nobiscoram Romæ familiariter notus fuit* (fallaõ do P. Antonio Macedo) *et deinde in Lusitania in vario quem gessit magistratu sedulus quemque maxime adjutor ad conquirenda Sanctorum Lusitanorum monumenta; idem cujus notæ prudentiæ tantum aliquando tribuit prudentissima Reginarũ Cristina ut ei primo inter mortales communicaverit illud suæ Christianæ plenum fortitudinis consilium de abdicando paterno Sueciæ regno pro Romanæ Catholicæ religionis libertate mille regnis potiori; eodem etiam ministro, atque interprete usa in negotii omnium difficillimi exordio.* O mesmo se affirma no livro intitulado *Recueil de harangues faites au Roy, aux Reynes, a la Reyne de Suede &c.* Pariz chez Thomaz Jolly. 1668. 8. na pag. 95. *Un Ambassadeur de Portugal vint a Stolkon acompaõ de deux Peres Jesuites l'un de iceux apelle Antoine Macedo luy servoit d'interprete aupres de la Reyne la quelle l'ayant reconnu homme prudent, et fidele le confie son secret... de se faire Catholique.* Emman. Lud. in *vit. Princip. Theodosij* lib. 1. cap. 21. n. 265. *Priorat. Guald. Vit. della Reg. Christin.* Compoz.

Lusitania insulata, et purpurata, seu Pontificibus, et Cardinalibus illustrata. Parisiis apud Sebastianum Cramoyfi. 1663. 4. & ibi apud eumdem Typog. 1673. 4. *Quo opere* (escreve Fr. Francisco de Macedo

in *Pictur. Venetæ Urb.* pag. 135.) *tu nihil eruditius, nil elegantius reperire poteris;* della faz memoria o P. Labbe in *Biblioth. Bibliothecar.* pag. 14.

Vita P. Joannis de Almeyda Societ. Jes. Præbyteri Provinciæ Brasiliensis. Patavij 1669. 8. Augmentada Romæ apud Franciscum Tizzonium 1671. 12. Sahio vertida na lingua Francaza em Flandes 1673. cuja obra ser elegantemente escrita affirma Fr. Franc. à D. August. Maced. In *Tert. Part. sive de Incarnat.* Colat. 81. Different. 1. cap. 3. Desta obra, e do Author faz memoria o moderno Addicionador da *Bib. Occid.* de Antonio de Leaõ Tom. 2. Tit. 23. col. 832.

Divi Tutelares Orbis Christiani. Ulyssipone apud Michaelem Deffandes 1687. fol.

No tempo que affistio em Suecia imprimio.

Elogia nonnulla, Descriptio Coronationis Serenissimæ Christianæ Reginae Sueciæ. Stolchomij 1650. fol. Consta de verso, e prosa, cuja obra louva o P. Antonio dos Reys in *Entbusias. Poet.* n. 257.

Inchyta Christianæ meritis benegesta Mæcedus

Laudibus exornat Sueci diademate Regni

Dum canit innumero populo plaudente revinctam

Gestantemque manu regalia pondera Sceptri,

Quæ vix capta vices Christi referentis in Orbe

Gessit Alexandri sub plantas.

ANTONIO MADEIRA natural da Cidade de Viseu na Provincia da Beyra, e filho de Antonio Madeira, recebeu o grão de Doutor na faculdade de Canones na Universidade de Coimbra, e foy Conego Doutor na Sé da sua patria provido em 31. de Março de 1594. Assim como era exemplar nos costumes proprios de hum Ministro Ecclesiastico querendo instruir aos professores do mesmo estado. Compoz.

Regra dos Sacerdotes, em a qual se contem as cousas mais necessarias da sua obrigação com muitas consideraçoes sobre ellas. 1. Parte. Coimbra por Diogo Gomes Loureiro 1603. 4.

Da Dedicatoria a D. Joã de Bragança Bispo de Viseu consta que tinha meditado

escrever 2. Parte para Clerigos, e Beneficiados; e a 3. para Bispos, mas não sabemos que alguma dellas sahisse à luz publica.

ANTONIO MADEIRA natural da Cidade de Elvas da Provincia do Alentejo Official mayor da Vedoria desta Provincia e muito versado no Estudo da Historia. Escreveu, e dedicou a El Rey D. Joã o IV.

Memorias das açoes dos Portuguezes nas guerras contra Castella 2. Tom. fol. M. S. Conservaõ-se na Bibliotheca Real.

Fr. ANTONIO DA MADRE DE DEOS natural de Lisboa. Recebeo o Habito dos Religiosos Menores da Provincia de Portugal onde foy Mestre jubilado na Sagrada Theologia, e Guardiaõ do Convento de Santarem, Definidor da Provincia, e não menos insigne Letrado que prégador, de quem faz breve memoria Fr. Fernando da Soled. *Hist. Seraf. da Prov. de Portug.* Part. 5. liv. 4. cap. 1. n. 889. Publicou.

Sermaõ em o primeiro dia de Dezembro de 1641. na procissão de Graças que o Senado da Villa de Santarem foy dar na Igreja do Santo Milagre pela felice Acclamação del Rey D. Joã o IV. Lisboa por Domingos Lopes Rosa 1641. 4.

Fr. ANTONIO DA MADRE DE DEOS natural de Lisboa onde entrou na Religiaõ de N. Senhora do Monte do Carmo da antiga observancia. Aprendeo Musica com aquelles dous celebres professores desta arte Duarte Lobo, e Fr. Manoel Cardoso religioso taõbem Carmelita, e fahio de taõ douts escolas Mestre consumado. Por muitos annos exercitou o lugar de Vigario do Coro do Convento de Lisboa compondo.

Psalms, Motetes, e Responsorios do Officio dos Defuntos para se cantarem na Igreja.

Cujas obras correm pellas mãos dos curiosos desta arte, e outras se guardaõ na Bibliotheca Real da Musica, como se pode vér no Index della impresso em Lisboa no anno de 1649. Não deixou menos illustres memorias da sua sciencia, Musica como da prudencia, e integridade de costumes, que observou por toda a vida que ainda vivem, e

permanecem entre os Religiosos do Convento de Lisboa, donde piamente passou a melhor vida no anno de 1690.

Fr. ANTONIO DA MADRE DE DEOS. Naceo em Lisboa a 28. de Fevereiro de 1633. e foy filho do Doutor Antonio Mendes Arouca, de quem logo trataremos, e de Izabel Lopes de Toar. No Collegio de Santo Antão dos Padres Jesuitas com tal viveza de engenho, e felicidade de memoria se applicou ao estudo das sciencias amenas, e severas, que não excedendo a idade de dezoito annos se duvidava em qual fosse mais eminente. Da sua patria passou à Universidade de Evora, onde com admiração de todos os Cathedaticos recebeu o grão de Mestre em Artes, e de Licenciado em Theologia. Movido de superior impulso deixou os applausos academicos merecidos à sua grande sabedoria, e recebeu o habito de S. Paulo primeiro Eremita no Convento do Santissimo Sacramento desta Corte a 28. de Janeiro de 1652. Tanto que professou não sendo ainda Sacerdote com exemplo nunca practicado na sua Religião foy mandado pelos Prelados que dictasse aos seus companheiros Filosofia, e Theologia, o que executou com igual fruto dos domesticos, como assombro dos estranhos, de tal sorte que não tendo acabado o tempo do magisterio, que prescrevem as Constituições da Ordem para receber o grão de Doutor, resolverão os Superiores que para credito da Mãe de que era filho não estivesse occulto o seu insigne talento entre os Claustros, mas se dilatasse por mayor emiserio ordenando que na Universidade de Evora recebesse as insignias doutoraes na faculdade de Theologia que recebeu antes de contar 21. annos, cujo acto aplaudio com excessso a mesma Universidade como prevendo a gloria immortal, que lhe havia resultar de tal alumno. Nelle se admirou unida a subtiliza de arguir com a promptidão de responder não sómente na Theologia, mas em ambos os Direitos em que era summamente versado. Não era menos prodigiosa a profundidade com que penetrava os textos mais difficeis da Sagrada Escritura, a continua lição dos Santos Padres, e Interpretes da Biblia, os Escriitores profanos assim da Historia, como da

Mythologia, os Poetas, e Oradores mais elegantes, por onde se constituhio excellente Prégador, e famoso Escriiturario. Todos estes dotes scientificos se illustravaõ, e creciaõ com as virtudes moraes, e religiosas. A sciencia que a tantos desvancece lhe servia de continuo defengano de quanto ignorava, sendo inimigo da vangloria, e taõ amante da humildade, que alcançou privilegio para nunca exercitar algum lugar honorifico na Religião, nem ainda votar publica, ou particularmente. Para viver para Deos, e para os livros se retirou para o Solitario Convento de Alferrara donde continuamente estava polindo as obras que dezejava imprimir. Por causa de hum negocio veyo a Setuval onde obrigado de huma dor aguda que lhe prohibia a respiração se recolheo à enfermaria, e depois de applicados alguns remedios parecendo aos Medicos que estava livre da queixa, o mandaraõ levantar, e querendo obedecerlhe ao encostar-se sobre o braço esquerdo morreo repentinamente a 19. de Junho de 1696. com 63. annos de idade, e 44. de Religião. Ao dia seguinte foy levado o seu Cadaver ao Convento de Alferrara onde jáz sepultado com este epitafio.

*Hic jacet ut mortuus
Qui velut Apis Libani
Per universum pervolat vixus
Doct̃or insignis
Fr. Antonius à Deipara.
Obiit 19. Jun.
Ann. Dom. 1696.*

Fallando delle Antonio Carvalho da Costa na *Corog. Portug.* Tom. 3. pag. 494. *Taõ perito nas divinas, e humanas letras que foy o mais insigne sozeito dos seus tempos* D. Manoel Caet. de Soufa in *Expedit. Hispan. S. Jacob.* Tom. 2. pag. 1304.

Trabalhou muitos annos na Exposição dos Proverbios de Salamaõ de cuja laboriosa applicação sómente acabou tres Tomos, nos quaes se admiraõ a elegancia da lingua Latina, com que estaõ escritos, a subtiliza dos conceitos predicaveis; a copia de textos agudamente ponderados, e as authoridades dos Santos Padres profundamente interpretadas, pondo-lhe por titulo

Apis Libani circumvolitans flores in horto Salomonis, condiendis virtutum dapibus mellificans, fraudes sæculi pungens, sive Commen-

taria litteralia, et moralia in Cap. 10. Prouerb. Tom. Primus. Lugduni typis Anissoniorum, et Possuel. 1686. fol. et ibi per eisdem 1701. fol.

Apis Libani &c. sive Commentaria in Cap. 11. Proverb. Tom. 2. ibi eisdem Typis 1695. fol. et ibi per eisdem 1710. fol.

Apis Libani &c. sive Commentaria in Cap. 12. Proverb. Tom. 3. ibi apud eisdem Typ. 1698. fol.

Esta obra faz memoria Jacobo Lelong in *Biblioth. Sacra* pag. mihi 611. col. 1. fazendo com engano manifesto Author della a Fr. Antonio da Madre de Deos Carmelita Descalço natural de Valladolid pela semelhança do nome, o qual escreveu *Præludiva Ifagogica ad Sacram Scripturam &c.* Lugduni. 1669. fol. Imprimio os Sermoens seguintes.

Sermaõ em 17. de Janeiro na Festa, que se costuma celebrar em o Convento da Rosa ao Santissimo Sacramento em desagravo do roubo de Santa Engracia. Lisboa por Domingos Carneiro. 1665. 4.

Sermaõ nas Exequias do Summo Pontifice o Santissimo Padre Clemente IX. na Sè de Evora pelo Illustriissimo Cabido della em 23. de Janeiro de 1670. Evora na Officina da Academia. 1670. 4.

Sermaõ de S. Paulo Primeiro Ermitaõ prægado no Convento de Alferrara. Lisboa por Miguel Deslandes. 1687. 4. Sahio na *Laurea Portugueza* com outros Sermoens desde pag. 151. até 177.

Fr. ANTONIO DE MADUREIRA natural do Porto, e filho de Lopo Cardoso de Madureira Senhor de Val de Cunha, e de D. Catherina Garcez. Professou o sagrado Instituto da nobilissima Ordem dos Prégadores em o Convento de Aveiro a 4. de Agosto de 1579. em idade muito provecta. Foy varaõ grande assim na estatura do corpo, que era agigantada, como na sublimidade do talento, que foy insignie. Observou exactamente os pontos principaes da sua Regra uzando de veraõ, e inverno, de vestidos de laá assim interiores, como exteriores, e para mayor mortificaçã dormia em hum colchaõ muito delgado, em que tomava parco sono. Governou com prudencia, e suavidade sem offensa da observancia claustral os mayores Conventos da Pro-

vincia atè que sendo Prior do Convento de Lisboa morreo no anno de 1638. quando contava 115. annos de idade, conservando sempre igual vigor no juiso, que nas forças. Não só foy curioso mas muito perito no estudo da Genealogia de tal forte, que não conheceo Hespanha no seu tempo outro igual neste genero de applicaçã. Juntou huma numerosa Livraria desta faculdade a qual constava não fomite de livros impressos, mas M. S. dos quaes tinha taõ individual noticia, que sendo consultado acerca de qualquer familia illustre assim do Reyno, como fora delle repetia promptamente os Chefes, filhos netos, e mais descendentes com geral affombro dos que o ouviaõ. Deixou escritos.

Doze volumes grandes das Familias deste Reyno.

Delles vi alguns (saõ palavras do Padre D. Antonio Caetano de Sousa no Aparato à Hist. Gen. da Caf. Real Portug. pag. 80. n. 65.) em poder de Jozé Correa de Mello, e me parecerã correspondentes à noticia, que de seu Author tinha, porque os seus livros reputava Luiz Vieyra da Sylva de huma grande verdade porque teve especial genio neste estudo que seguio com curiosidade, examinando muitos documentos, e ajuntando muitos livros de toda a Europa, tendo grande felicidade de memoria pois se lembrava de tudo, que escrevera com as minimas circumstancias com que fazia mais admiravel o seu estudo. Delle se lembra Echard. Script. Ord. Præd. Tom. 2. pag. 752. Fr. Pedro Mont. Claust. Domin. Tom. 3. pag. 156. Joaõ Soar. de Brit. in Theatr. Lusit. Litter. lit. A. in Addit. n. 5.

ANTONIO DE MAGALHAENS PEIXOTO natural da Villa de Serpa na Provincia Transtagana filho de Francisco de Magalhaens Peixoto, e D. Magdalena de Brito cultivou desde a primeira idade com tal genio a Poesia, que chegou a ser respeitado por hum dos mais celebres alumnos do Parnaço, de cuja divina Arte produzio o seguinte argumentto.

Poema da Conquista de Lisboa M. S. Esta obra faz o Author mençaõ em huma Carta escrita em 2. de Fevereiro de 1647. ao Chantre de Evora Manoel Severim de Faria a qual vimos entre as originaes deste famoso Antiquario.

ANTONIO MALDONADO insigne Af-trologo, e Mathematico, que parece floreceo no Reynado del Rey D. Joaõ o III. Escreveo.

Do movimento, e natureza dos Corpos celestes. Conservase M. S. na Bib. Real.

ANTONIO MALDONADO DE ONTI-VEROS. Criado do Serenissimo Duque de Bragança D. Theodosio, muito douto nas letras humanas, e na lição da Historia Sagrada, e profana. Escreveo.

Dós breves tratados sobre dós preguntas que se movieron en la meza del Señor D. Theodosio Duque de Bragança. Lisboa por Germaõ Galharde 1548. 4.

Fr. ANTONIO DE SANTA MARIA chamado no Seculo Antonio Sanches Farinha naceo em Lisboa, e teve por Pays a Pedro Sanches Farinha, Commendador da Esgueira da Ordem de Christo, Escrivão da Camera del-Rey na Mesa do Dezembargo do Paço da repartição das Justiças, e a D. Helena Henriquez de Borgonha sua primeira mulher descendentes ambos de familias nobres. Como era o unico herdeiro da Casa foy educado com o exercicio das Artes liberaes, em que sahio perfeitamente instruido principalmente em a noticia da Historia, e cultura da Poesia, pela qual mereceo os applausos dos seus mayores professores como foraõ Manoel de Galhegos, e Jacinto Cordeiro dizendo o primeiro no *Templo da Memor.* Estanc. 189.

*Naõ negueis a tão sublime empresa
O' generoso Sanches, que he devida
Vossa Musa a esta unica grandeza,
Inda que em Magistrados divirtida;
Que Silio Consul era, quando suave
De Carthago pintou o incendio grave.*

O 2. no *Elog. dos Poet. Portug.* Estanc. 56.
*Antonio Sanches con rason desvela
La gloria del Laurel, que se le ofrece
Por ley de rason, con que le alcança
Tan justo premio deve a su alabança.*

Na idade da adolescencia recebeo por esposa a sua Prima D. Antonia de Almada, que pela qualidade do nascimento, e excellencia dos dotes naturaes era digna de tal consorte. Com grande zelo da Justiça, e não menor satisfação das partes servio por

alguns annos o Officio de seu Pay attendendo unicamente ao despacho dos pertendentes, e nunca à conveniencia dos emmolumentos. Foy excessiva a pena, que experimentou com a morte de sua mulher, cujo golpe lhe foy mais penetrante por deixar hum filho, e duas filhas privados da boa doutrina com que os educava. Sendo eleito pela Irmandade da Misericordia Administrador das rendas do Hospital Real applicadas para beneficio dos pobres enfermos era incessante o disvelo com que todos os dias exercitava este ministerio naõ havendo instante em que pudesse justamente queixarse de menos assistida a necessidade de tantos doentes, que jaziaõ nas enfermarias. Nesta escola onde continuamente via as miserias da vida, e os estragos da morte, aprendeo a desprezar as felicidades humanas, e conseguir as eternas. Penetrado deste heroico desengano se resolveo a abraçar o austero Instituto da Provincia da Arrabida para cujo fim buscou ao Provincial Fr. Fernando de Santa Maria a quem expoz com copiosas lagrimas o seu intento, e ainda que o Provincial lhe dificultou a sua execução lembrandolhe os inconvenientes, que se podiaõ seguir deixando seus filhos em idade tão tenra, cedeo obrigado das suas repetidas instancias mandando que recebesse o habito no Convento de Loures onde o vestio a 2. de Dezembro de 1636. Logo em o Noviciado se mostrou veterano na observancia da Regra naõ sendo necessaria advertencia do Mestre para satisfazer às obrigaçoens do seu estado, ou fosse na cozinha, ou em outros officios humildes pertencentes à profissão de Leygo, que voluntariamente escolheo sem nunca querer subir a Frade do Coro por mais instancia, que lhe fizeraõ os Prelados. Morto seu Pay foy obrigado por estes, que fosse impetrar o officio para seu filho, que tinha o nome do Avó, e parendolhe, que não era necessaria outra deligencia mais, que a Justiça do pertendente não se resolvia a procurallo, até que novamente obrigado do preceito do Colleiitor, passou a Madrid facilitandolhe a obediencia o incommodo da jornada, que fez a pé, e descalço. Patrocinado naquella Corte de alguns Fidalgos Portuguezes edificados sumamente do estado em que o viaõ tão diferente daquelle em que antigamente o conheceraõ, alcançou brevemente de Philippe IV.

o despacho, que pertendia. Restituído à sua Provincia continuou nos humildes ministerios da cozinha, e da Horta, onde trabalhava como se fora criado em tão laboriosa, e agreste occupação. Para extinguir as memorias da estimação que tivera no seculo, não sómente exercitava dentro dos Claustros estes humildes exercicios, mas sabia pela Cidade de Lisboa a pedir esmola, e aos barcos que aportavaõ na Ribeira peixe, o qual conduzia sobre os seus hombros ao Hospicio do Hospital Real. Tinha suplicado a Deos que lhe prolongasse a vida para que em tempo mais dilatado purgasse os seus peccados, mas como na presença divina estivessem já satisfeitos permitio que adoecesse gravemente, e recebendo com exemplar devoção os Sacramentos, e repetindo actos de contrito, e humilhado, foy lograr o premio das suas virtudes a 17. de Mayo de 1646. com 43. annos de idade, e 10. de Religioso. Jáz sepultado no Claustro do Convento de S. Jozé de Ribamar. As suas virtuosas acçoens relata mais largamente Fr. Jozé de Jesus Maria *Chron. da Prov. da Arrab.* Part. 2. liv. 2. cap. 2. n. 232. Tinha junto hum volume.

Varias Poesias a diversos Assumptos o qual já prompto para a Impressão o mostrou em Madrid no anno de 1632. a João Franco Barreto, como elle affirma na *Bibliothec. Portug. M. S.*

Fr. ANTONIO DE SANTA MARIA Religioso Menor da Provincia da Madre de Deos da India Oriental, e Comissario do Convento de Malaca. Escreveo.

Carta às Religiosas Descaldas de Santa Clara de Macão em que relata o que lhe succedeo na viagem das Religiosas que voltavaõ com elle de Manila, em o Reyno da Cochinchina, escrita a 2. de Janeiro de 1645. A qual traz impressa Fr. Jacinto da Madre de Deos em o *Vergel de plant. e Flor.* cap. 4. Artic. 8. pag. 142. Desta Carta como de seu Author se lembra o moderno Addicionador da *Bib. Orient.* de Antonio de Leaõ Tom. 2. Tit. 7. col. 629.

Fr. ANTONIO DE SANTA MARIA. Deixando a patria, e juntamente o mundo recebeu em Castella o Habito de Carmelita Descalço onde professou o seu Insti-

tuto com toda a observancia religiosa. Pelo cordial affecto com que amava a Mãe de Deos escreveu, e dedicou à Magestade de Carlos II.

Patrocinio de Nuestra Señora. Madrid por Diogo Dias de la Carrera. 1666. 4.

Fr. ANTONIO DE SANTA MARIA Vejafe Fr. ANTONIO DO ROSARIO.

Fr. ANTONIO DE SANTA MARIA natural de Lisboa, e filho de Jozé da Sylva, e Vicencia da Assumpção. Na idade da adolescencia professou no Convento de Santo Antonio de Ponte de Lima, o austero Instituto da Ordem Serafica na reformada Provincia de Santo Antonio a 7. de Março de 1699. onde depois de ler aos seus domesticos Artes, e Theologia, como fosse ornado de grande prudencia exercitou os lugares de Comissario Geral do Graõ Pará, Examinador Synodal do mesmo Bispaço, Procurador Geral, e Secretario, Custodio da sua Provincia, Pro Ministro no Capitulo Geral celebrado em Roma no anno de 1723. Visitador da Provincia da Piedade, e da Custodia da Ilha da Madeira. Impremio.

Sermão da flor de Padua Santo Antonio prégado no Convento do Santo da Cidade de Lisboa. Lisboa na Officina Augustiniana 1630.

Sermão de Santo Antonio prégado em Santo Estevão de Alfama. Lisboa na mesma Officina 1732. 4.

Faz delle memoria Fr. Joan. à D. Ant. in *Biblioth. Franciscan. Suplem.*

Fr. ANTONIO DE SANTA MARIA. Naceo na Cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro. Recebeo o Habito dos Menores no Convento Capitular da Provincia da Immaculada Conceição a 23. de Julho de 1714. Depois de ter ensinado com grande fruto dos seus ouvintes Filosofia, e Theologia, não foy menor o applauso, que alcançou nos Pulpitos compondo para dar à luz como affirma Fr. Apollinario da Conceição na *Primaz. Seraf. na Região da Americ.* cap. 9. pag. 92.

Sermonario de varias festividades solemnizadas no Rio de Janeiro. fol. M. S.

ANTONIO MARIZ CARNEIRO oriundo da Villa do Conde da Diocese de Braga, mas nacido em Lisboa, Fidalgo da Casa de sua Magestade, e Cavalleiro professo da Ordem de Christo. Depois de estudar Direito Civil na Universidade de Coimbra, e ser eleyto Dezembargador se applicou com grande disvelo às disciplinas Mathematicas penetrando alguns mysterios desta sciencia occultos aos seus mayores professores persuadindose que tinha alcançado pela sua especulaçõ o segredo de fixar a agulha de marear, e por esta causa era chamado facetamente *o Agulha fixa*; e querendo fazer experiencia deste seu invento navegou a India donde voltou frustado da sua imaginaçõ. Pela profunda noticia, que tinha da Mathematica succedeo no lugar de Cosmografo Mór do Reyno a D. Manoel de Menezes, como escreve D. Francisco Manoel nas *Epanaphor. de Var. Hist.* pag. mihi 268. Morreo em Lisboa, e está sepultado na Igreja de Santo Eloy dos Conegos Seculares do Evangelista com este epitafio que traz o P. Francisco de Santa Maria na *Chron. desta Congregaçã* liv. 2. cap. 22.

Sepultura do Desembargador Antonio de Mariz Carneiro Fidalgo da Casa de Sua Magestade, e seu Cosmografo Mór destes Reynos, e de sua mulher D. Angela de Menezes. Faleceo a 5. de Agosto de 1642. annos, e de seus herdeiros.
Publicou.

Regimento de Pilotos, e Roteiro das Navegaçõens da India Oriental novamente emendado, e acrescentado com o Roteiro de Sofala até Moçambique, e com os portos, e barras do Cabo de Finis terræ até o Estreito de Gibraltar com suas alturas, Sondas, e demonstraçõens. Lisboa por Lourenço de Anvers. 1642. 4. et ibi por Manoel da Sylva. 1655. 4. onde diz que he a 5. impressãõ, et ibi por Domingos Carneiro. 1666. 4.

Esta obra, e do Author faz mençãõ a *Bib. Geograf.* de Antonio de Leaõ moderadamente acrescentada Tom. 3. Tit. unic. col. 1715.

Hydrographia curiosa dela navegacion. En San. Sebastian por Martin Huarte 1675.

Traçtatus de abditissima, & huc usque incognita causa marini æflus 4. M. S. Confervase na Livraria do Excellentissimo Marquez de Valença. Começa *Magnum, & apud*

antiquos dubium &c. He dedicado este tratado ao Illustrissimo Arcebispo de Lisboa D. Miguel de Castro.

ANTONIO DE MARIZ FARIA Naceo em Villa de Conde do Arcebispado de Braga sendo filho de Francisco do Rosario, e de Mariana de Mariz Faria. Quando contava dezeseis annos de idade como estivesse sufficientemente instruido nos rudimentos da lingua Latina, entrou na Congregaçã do Oratorio da Cidade do Porto em o 1. de Janeiro de 1697. a tempo que nella frequentava o estudo da Filosofia. A grande applicaçã que fez para penetrar os mysterios assim da Sagrada Escriitura como da Theologia Escholastica, que com grande credito do seu nome distou aos seus domesticos lhe diminuiraõ de tal sorte a saude, que foy obrigado a sahir da Congregaçã em 30. de Junho de 1709. A sciencia, que professava, unida com a integridade dos costumes moveraõ ao Illustrissimo Arcebispo de Braga Ruy de Moura Telles para o eleger por seu Mestre das Ceremonias, donde passou para Reytor do Couto da Pulha do mesmo Arcebispado. Compoz.

Curioso peregrino na Vida, morte, tresladaçãõ, e milagres de S. Joã Marcos. Lisboa por Antonio Pedrozo Galraõ 1721. 4.

Novena em obsequio do glorioso S. Joã Marcos. Coimbra na Officina do Collegio das Artes da Companhia de JESUS. 1720. 24. e Lisboa por Antonio Pedrozo Galraõ 1721. 24.

ANTONIO MARQUES LESBIO natural de Lisboa a quem a natureza liberalmente ornou de subtil engenho, sublimè comprehensãõ, e talento singular para todo o genero de faculdade, a que se applicou. Na lingua Latina foy muito perito escrevendo cartas neste idioma com pureza, e elegancia, de que confervamos algumas da sua propria maõ, aos mais famosos cultores delle, como eraõ D. Francisco Mascarenhas Conde de Coculim, e os Marquezes de Alegrete Manoel, e Fernãõ Telles da Sylva com os quaes teve erudita communicaçãõ. Na Poetica, e Oratoria mereceo os geraes applauzos da Academia dos Singulares na qual foy Collega, e

Mestre explicando os Emblemas de Alciato, e illustrando todos os assumptos, ou fossem heróicos, ou Lyricos com as metricas expressoens da Sua Musa, alcançando sempre o primeiro premio nos Certames litterarios. Na arte da Musica foy inimitavel, pois não contando mais que catorze annos observava tão profundamente os preceitos desta faculdade armonica, que vendo huma sua composição Joaõ Soares Rebello, Oraculo da sciencia Musica, admirado que em idade tão verde produzisse fruto tão fazonado affirmou a ElRey D. Joaõ o IV. soberano Mecenas desta sonora Arte, que Marquez seria hum dos mais celebres Corifeos do Contraponto, que tinha produzido Portugal. O tempo verificou o prognostico pois excedeo não fomite aos mais insignes professores do nosso Reyno, mas ainda dos estranhos na fecundidade das ideas nas quaes se via unida a novidade da invenção com o primor da consonancia nunca aspera, e dissonante aos ouvidos, mas sempre sonora, e attractiva das atençaõens, causando o mayor affombro que na infinita multiplicidade de composicoens que repartidas cada huma pelos dias da sua vida, que foy larga, e excedendo-os, não repetisse hum só compasso do que tinha composto, antes com tal novidade regulada sempre pelos preceitos da arte que bem mostrava ser inexhausta a mina, donde extrahia tão novas ideas. Pela excellencia desta Arte em que sempre será laudosa na posteridade a sua memoria, foy eleito no anno de 1698. Mestre da Capella Real, cujo talento era summamente estimado das Magestades delRey D. Pedro II. D. Maria Sofia Izabel de Neoburg, e D. Catherina Rainha de Inglaterra, que muitas vezes o chamava ao seu Palacio para se deleitar com a sua erudita conversação. Igual foy a destreza com que tocou os instrumentos arrebatando com suave violencia os sentidos daquelles que o ouviaõ. Todos estes excellentes dotes se faziaõ mais estimaveis pelo incançavel disvelo com que leu a Sagrada Escritura, e os mayores Padres da Igreja Latina, e Grega; os Poetas, e Oradores, e Mythologicos mais insignes assim Italianos como Espanhoes, enriquecendo com tão vasta, e erudita lição os seus Discursos que em diversas materias profundamente escreveo. Sendo huma Encyclo-

pedia animada sempre conservou o coração izento da mais leve sombra de vangloria com hum genio affavel, e urbano estimando a sciencia alheya, e desprezando a propria. Tendo chegado à idade de setenta annos mais favorecido da natureza, que da fortuna em 21. de Novembro de 1709. Vespera de Santa Cecilia Patrona da Musica estando para concluir a composição do *Gloria Patri* da *Magnificat* a 8. vozes para se cantar na Capella Real já erecta em Collegiada, se sentio acometido da morte, e pedindo a Extrema Unção por se ter confessado, e commungado pela menhaã na mesma Capella Real em obsequio do Myfterio da Presentação da Senhora de que era cordialmente devoto, acabou como cisne entre as consonancias musicas para eternamente ouvir as Angelicas como metricamente cantou o P. Antonio dos Reys in *Enthusiasm. Poet.* n. 142.

*Lesbius ille Chori sacri moderator oloris
More cadens numeris MARIÆ dum verba sonoris
Aptat Appollineã disponens arte figuras,
Non sibi de lauro patitur connectere Musas
Serta reudentem stellatã in sede coronam
Certus habere.*

Compoz.

Estrella de Portugal. Lisboa por Antonio Crasbeeck de Mello 1669. 4. Poema em applauso do Nascimento da Serenissima Princeza D. Izabel filha delRey D. Pedro II. Confita de 80. Outavas.

Nas obras da *Academia dos Singulares* impressas em Lisboa em dous Tomos; o 1. no anno de 1665. e o 2. em 1668. estaõ duas *Oraçoens* suas a 1. recitada em 9. de Dezembro de 1663. e a 2. em 5. de Fevereiro de 1665. e outra em verso. Nesta colleção Academica estaõ impressos 18. *Sonetos*, 11. *Romances*, 11. *Decimas*, 5. *Cançoens*, 2. *Sylvas*, e 2. *Redondilhas*.

Sylva em applauso da Canonização de Santa Maria Magdalena de Pazzi, e levou o 1. Premio no Certame. Sahio impressa no *Forasteiro admirado*. Lisboa por Antonio Rodrigues de Abreu. 1672. fol.

Sylva em lowor da Polyanthea do Doutor Joaõ Curvo de Semedo. Lisboa por Antonio Pedrozo Galraõ. 1704. fol.

Compoz não sómente a Solfa, mas a Poesia da mayor parte dos Vilhancicos que

se cantáraõ nas Matinas da Festa da Conceiçaõ, Natal, e Reys, que se imprimiraõ desde os annos de 1660. até 1708.

Vilhancicos que se cantaraõ na Igreja de N. Senhora de Nazareth das Religiosas Descalças de S. Bernardo em as Matinas, e Festa do glorioso S. Gonçalo. Lisboa por Miguel Manescal Impressor do Santo Officio. 1708. 8. Naõ sómente compoz a Poesia, mas a Solfa destes 8. Vilhancicos, que conserva em seu póder com grande estimaçaõ o Excellentissimo Conde de Unhaõ que como Juiz desta Festa lhos mandou compor.

Igual foy a Cópia de Romances profanos que compoz, e lhes fez a Solfa lembrandose de alguns delles D. Francisco Manoel nas *Obras Metricas. Avena de Tersicore* Ton. 8. e 10.

Naõ he facil de reduzir a numero a infinita quantidade de Poesias já Sagradas, já profanas de que foy duas vezes Author, huma como Poeta, e outra como Contraponista das quaes tinha feito huma Colleçaõ seu Cunhado Manoel de Soufa Pereira Bibliothecario da Bibliotheca Real da Musica para se imprimirem, a qual fazia hum volume grande, que vimos por ter amizade com o Collectõr, mas por sua morte ignoramos onde se conserva.

Além da grande Cópia de *Vilhancicos da Conceiçaõ, Natal, Reys, Sacramento e varios Santos* a duo, 3. 4. 6. 8. 11. e 12. vozes, compoz o Psalmo *Dixit Dominus* a 8. *Magnificat.* a 8. 3. *Misereres* a 8. *Lamentaçoens* da 4. 5. e 6. Feira da Semana Santa a 12. *Alma Redemptoris Mater* a 8. *Salve Regina* a 8. *Delicta juventutis meæ* a 4. *Adjuva nos Deus* a 6. os *Responsorios do Officio dos Defuntos* a 8. e 12. e outras mais obras que se guardaõ com grande estimaçaõ na *Bibliotheca Real da Musica.*

ANTONIO MARTINS natural do Porto, e celebre Mestre de Grammatica no tempo que reynava Affonso V. sendo o primeiro, que na Universidade de Lisboa leu a *Arte de Joaõ de Pastrana*, e a explicou *addicionando-lhe muitas confus mais* (como diz Francisco Leytaõ Ferreira nas suas eruditas *Memorias da Universidade de Coimbra* pag. 549. num. 1173.) *que resumio de outro livro chamado Baculo de cegos*, cuja obra

fahio com a *Arte de Pastrana* com este titulo na forma com está impresso.

Antonij Martini primi quondam hujus artis pastrane in alma universitate Ulixbonensi praeceptoris: materiarum editõ à baculo caecorum breviter collecta incipit.

No fim do volume tem esta declaraçaõ.

Magistri Johánis de pastrana cum conjugationibus tempor. noviter inventis: cum materiibus Antonii Martini. &c. Per Venerabilem Johánem petri de bonis hóibus de Cremona in splendidissima Ulixbona Civitate quarto Kalendaris Decembris impressum año dñi millesimo q̄gentissimo primo felici sydere explicit.

ANTONIO MARTINS Mestre de Grammatica discipulo do insigne Jeronymo Cardoso nas letras humanas, igualmente douto no Direito, como na Poesia, de que escreveo muitas obras no Reynado do Cardial D. Henrique cuja noticia deixou eternizada seu Mestre Jeronymo Cardoso respondendo a hum Epigramma que lhe mandara com estes grandes louvores escritos no lib. 1. *Eleg. Eleg. 13.* e no lib. 2. *Eleg. 2. e 28.*

Si mittam versus, sylvis dare ligna videbor

Nam pede stans uno Carmina mille facis.

Hæc tamen haud ulla fas est ratione taceri

Nulli plura animi quàm tibi inesse bona.

In te uno siquidem virtus probitasque fidesque

Et casti mores, religioque micat.

Adde quod est duplicis tibi tanta peritia juris

Abbas quanta tibi, Scævola quanta tibi.

Hæc propter Regni qui nunc moderatur habenas

Henricus Princeps, Cardineusque Pater.

Te sibi delegit doctum, fidumque ministrum

Ut Romæ degeres, si qua gerenda forent.

ANTONIO MARTINS PORTO CARREYRO Naceo em Lisboa a 8. de Agof-to de 1593. de Pays nobres quaes eraõ Nuno Dias Portocarreiro, e D. Anna Martins de Lima, e sendo levado por elles na tenra idade de dous annos para a India, aprendeo em Cochim as letras humanas, Filosofia, e Theologia com tanto credito do seu engenho que ordenado de Sacerdote o elegeo D. Fr. André de Santa Maria Bispo daquella Cidade por Mestre de Filosofia, e depois de Theologia da Universidade que

novamente fundara na sua Cathedral, cujo ministerio exercitou egregiamente até a morte deste Prelado. Querendo voltar para Portugal se embarcou no anno de 1626. em huma Não mercantil, a qual padecendo terrivel naufragio junto de Bordeaux se salvou em huma falúa donde quasi sumergido sahio à praya por particular beneficio da divina piedade. Livre de tão fatal perigo caminhou a Pariz, em cuja Universidade recebeu o grão de Doutor em Theologia. Restituído a este Reyno foy eleito Prior da Igreja da Azambuja do Arcebispado de Lisboa, onde como solícito pastor apascentou as suas ovelhas até o anno de 1656. Não imprimio obra alguma tendo composto muitas cheyas de grande erudição, e immenso trabalho que testemunhaõ como era douto na Theologia, e na Sagrada Escritura, das quaes o Cathalogo he o seguinte.

De veritate existentiae Christi Domini in Sacra Eucharistia Sanctorum Patrum testimoniis comprobata. M. S. Neste volume, que he grande, refuta nervosamente as heregias contra este Mysterio, e escreve difusamente do Santo Milagre que se conserva na Igreja Parochial de Santo Estevão da Villa de Santarem querendo persuadir que as figuras que muitas pessoas nelle distinguem, não são imaginarias, mas verdadeiras.

Tractatus de intentione ministri in administratione Sacramentorum. M. S.

Tractatus de justa administratione Sacrae Eucharistiae. M. S.

Praxis Pœnitentium, et Confessoriorum. M. S.

Compendium morale ex principiis à D. Thoma jactis in 1. 2. deductum. M. S.

Synopsis de Maternitate B. V. Mariae in tri-duo Sepulturæ Christi Domini. M. S.

Tractatus de Materia Prima. M. S.

Commentaria in D. Thomam de Ente, et Essentia. M. S.

De Patronatu regio Lusitano. M. S.

Tratado contra os bayles, e Comedias com que se profanaõ algumas Igrejas. M. S.

Tratado do Estado Ecclesiastico da India Oriental. M. S.

Vida do Bispo D. Fr. André de Santa Maria seu Patrono, a qual louva Jorge Cardoso no *Agiol. Lusit.* a 27. de Mayo no *Commentario* let. G.

D. ANTONIO DOS MARTYRES natural dos Arcos de Valdevez na Provincia de Entre Douro, e Minho, Conego Regular de Santo Agostinho da Congregação de Santa Cruz de Coimbra, cujo habito recebeu no Convento de Refoyos a 19. de Abril de 1656. Sahio das Escolas tão grande Letrado, que mereceo ser admitido em o anno de 1679. a o numero dos Doutores de Theologia da Universidade de Coimbra, e de Qualificador do Santo Officio. Foy Reitor do Collegio novo de Santo Agostinho no anno de 1687. onde morreo a 11. de Fevereiro de 1696. deixando igual opiniaõ de Prégador insigne, que de profundo Theologo nas seguintes produções do seu engenho.

Sermão do Patriarcha S. Agostinho prégado no Real Convento de Santa Cruz de Coimbra. Coimbra por Jozé Ferreira Impressor da Universidade 1680. 4.

Sermão da Conceição immaculada da Virgem Maria Senhora nossa no Real Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra. ibi pelo dito Impressor. 1691. 4.

Tractatus de Actibus humanis. fol.

Tractatus de Incarnatione. fol. Conservaõse M. S. na Livraria do Collegio novo de Santo Agostinho da Universidade de Coimbra.

ANTONIO MARTORELLÓ certamente Portuguez, ainda que occulto com este appellido nunca uzado neste Reyno. Foy grande Medico, como testemunhaõ as seguintes obras.

Commentaria in lib. Primum Galeni de pulsibus ad Tyrones.

Commentaria in lib. Primum Galeno attributum de Urinis.

Os quaes conservava em seu póder Joaõ Antonio Vander-Linden, como elle affirma no seu livro *de Scriptis Medicis*; do Author faz memoria Nic. Ant. in *Bib. Hisp.* Tom. 1. pag. 113.

D. ANTONIO MASCARENHAS Natural de Lisboa filho de D. Pedro Mascarenhas, Neto de D. Nuno, e Bisneto de Fernaõ Martins Mascarenhas Capitaõ dos Ginetes, Commendador de Mertola, e Embaxador ao Concilio de Trento mandado pela Magestade delRey D. Sebastiaõ. Nos

primeiros annos se applicou com mayor applicaçã que pedia a idade, ao estudo das letras humanas, e Grammatica Latina, donde passou a especular os mysterios da Theologia escolastica, em que recebeu o grão de Doutor, sendo não sómente douto nesta faculdade, mas em a noticia de hum, e outro Direito, fazendo-se mais estimavel a sua sabedoria pelo esplendor do nascimento, e integridade da vida. Foy admitido ao Collegio Real de S. Paulo em 10. de Julho de 1580. e nesta erudita escola se habilitou para exercitar os lugares honorificos, que possuÿo, como forão Prior de Obidos, Deputado da Inquisição de Evora no anno de 1585. Deputado da Meza da Conciencia em 1598. Visitador das Sepulturas Reaes do Mosteiro de Odivellas, Deaõ da Capella Real, Governador do Crato, e Comissario Geral da Bulla de Santa Cruzada, que exercitou pelo dilatado espaço de quarenta annos. Por causa deste authorizado lugar teve graves controversias com o Colleiitor Joaõ Bautista Pallota, das quaes sempre sahio triumphante por serem sempre as suas acçoens reguladas pela rectidão do seu exemplar procedimento, como mais claramente se manifestou em outro mayor triumpho, que alcançou dos seus emulos quando armados contra a sua innocencia apresentaraõ em Madrid no anno de 1606. cento, e sesenta, e seis Capitulos, em que era accusado de menos cuidada a sua vigilancia no exercicio dos lugares que administava, pórem de tal sorte purificou a sua opiniaõ injustamente accusada, que ElRey o mandou restituir com honorificas expressoens aos seus Officios, justificando com esta acção a sinceridade do seu procedimento, e confundindo a malevolencia de seus contrarios. Edificou em Lisboa hum Hospital para Clerigos pobres, e o entregou ao cuidado dos Religiosos de S. Joaõ de Deos alcançando faculdade Real para que esta Religiaõ insigne entrasse em Portugal, ao qual assignou copiosas rendas. Morreo em Lisboa em idade muito provecta a 4. de Setembro de 1637. Já sepultado no Convento de S. Joaõ de Deos fundação sua de baixo da Capella Mór no meyo de hum Sumpuoso Cruseiro com janellas sobre o mar, cercada a Sepultura de grades de Bronze, e na frente está hum Altar dedicado a

Christo Crucificado, no qual todos os dias se dizem duas Missas pela alma do Fundador. Na sepultura tem gravado este epitafio.

Aqui jáx D. Antonio Mascarenhas do Conselho de Sua Magestade Deaõ da sua Real Capella, Comissario Geral da Santa Cruzada, e Fündador deste Hospital de S. Joaõ de Deos Faleceo a 7. de Setembro de 1637.

O seu corpo se conserva incorrupto como escreve Antonio Carvalho da Costa *Corograf. Portug.* Tom. 3. Trat. 8. cap. 35. pag. 529. Antonio de Souza de Macedo lhe chama in *Lusit. Liberata* append. 1. cap. 10. n. 69. *Ecclesiastes gravissimus.* Fr. Joaõ Santos *Chronolog. Hospital, y Resumen Histor. dela Sagrad. Relig. de S. Juan de Dios* Part. 2. lib. 2. cap. 47. lhe chama *magnifico*, e meu Irmaõ o P. D. Jozé Barbosa nas *Mem. do Colleg. Real de S. Paulo.* pag. 98. e no *Archiathen. Lusit.* pag. 21.

*En veniet Mascarenhas Antonius alto
Sanguine progenitus cujus maculare querellis
Indignis infida volet gens nomen, at ille
Clarior evadet, veluti post nubila Phæbus.
Ingentem nunc cerne domum, quæ surgit ad Astra
Divo erit Invalidum rite Sacrata Parenti
Sedibus atque illic placidis in morte quiescet.*
Compoz.

Memorial delos Cargos que resultaron contra D. Antonio Mascarenhas como Deputado dela Mesa de Conciencia, y Dean dela Capilla Real de Portugal, y Comissario particular de muchas cosas del Servicio de S. Magestade en aquel Reyno delas Visitas, que contra el hizo D. Pedro de Castillo Obispo de Leiria con la repuesta, y satisfacion a todos, y a cada uno dellos; y resolucion que su Magestad tomó con parecer delos Juezes nombrados para su vista, examen, y determinacion. fol. Não tem anno da Impressão mas inferese ser no anno de 1607. da Carta delRey que está junta a esta obra.

Relação dos Procedimentos que teve sendo Comissario Geral da Santa Cruzada na decisão, e declaração de algumas duvidas que o Colleiitor Joaõ Bautista Pallota com boa tenção, e zelo da jurdição Apostolica moveo acerca da dita Bulla, e em particular de huma, que por virtude della se não podia dizer Missa em Oratorios privados, ainda que approvados pelo Ordinario, e de outras

duvidas da mesma jurisdicção, que houve entre o dito Colleiitor, e Comissario Geral na Causa de Antonio Moniz da Camara Sede Vacante Provisor no Arcebispado de Lisboa pelo dito Comissario Geral, monido, e declarado, e apellante para o dito Colleiitor. 4. Não tem lugar, nem anno, e nome do Impressor, sendo que parece ser impresso em Lisboa no anno de 1625. como se colhe da Dedicatoria a Urbano VIII.

D. ANTONIO MASCARENHAS Naceo em Lisboa, e foy quinto filho de D. Nuno Mascarenhas Alcayde Mór e Comendador de Castello de Vide, Niza, Castro novo, e Alpedrinha, Senhor de Palma, e Azinhozo, e de sua mulher D. Izabel de Castro, filha de Fernão Telles de Menezes setimo Senhor de Unhaõ, Cepaes, Meynedo, e Commendador de Ourique da Ordem de Christo. A taõ illustre nascimento correspondeo a perspicacia do juizo, de que logo deo claras provas aprendendo a lingua Latina no Collegio de Santo Antaõ, e Theologia na Universidade de Coimbra, em cuja faculdade recebeu o grão de Doutor sendo hum dos insignes Collegas, que authorizaraõ o Collegio Real de S. Paulo onde entrou a 15. de Outubro de 1613. Ao laborioso exercicio de Academico preferio o estado de Cazado despozandose com sua Prima com Irmãa D. Izabel de Castro filha de Antonio de Mendoça Senhor de Marateca, e de D. Anna de Castro, e posto que deixou a Universidade nunca se absteve da lição dos livros principalmente Historicos, e Genealogicos, em que escreveu varios volumes das

Familias do Reyno de Portugal em cuja obra reparando com prudente, e catholica reflexaõ, que tinha manchado algumas com pena satyrica ordenou em seu Testamento que antes da sua morte se queimasse para que não permanecesse memoria da mais leve infamia em geraçoens taõ illustres, e se ainda se conservaõ alguns destes livros em Casa do Excellentissimo Duque de Alafoens, certamente permanecem contra a ultima desposição de seu Author. Foy Cavalleiro da Ordem de Christo, Commendador de Maninhos, e Castel-Novo, e hum dos primeiros aclamadores da liberdade Portugueza no anno de 1640. Morreo em Lis-

boa a 23. de Julho de 1654. e não de Fevereiro, ou de Junho como escreve o P. D. Antonio Caetano de Souf. no Apparatus à Hist. Gen. da Casa Real Portug. pag. 97. §. 94. e no Tom. 5. da Hist. Geneal. da Casa Real Portug. liv. 6. pag. 337. Está sepultado no Convento de Santo Antonio da Villa de Alcacer do Sal. Delle fazem memoria Salazar Hist. Gen. dela Casa de Sylv. Tom. 2. liv. 9. cap. 4. n. 18. e Barbof. Mem. do Collegio Real de S. Paul. pag. 118. n. 75. e no Archiaten. Lust. pag. 26.

*Ille satus claro, Lusoque è sanguine dictus
Mascarenus erit sobole ditissimus alta,
Restituetque Duci regna usurpata Joanni.*

ANTONIO DE MATOS TEYXEIRA Ulyssiponenfe, e filho de Domingos de Mefquita Teixeira, Escrivaõ da Camara Ecclesiastica de Lisboa, e Juliana de Mattos Lobata. Foy Doutor Theologo, Prégador insigne, e taõ egregiamente versado na lingua Latina, e Italiana, como em todo o genero de erudição, e Poesia. No tempo que assistio em Roma, frequentava as Academias de algumas Casas particulares, onde manifestou os thezouros da sua vasta litteratura ou fosse orando, ou metrificando, por cuja causa conciliou o affecto de muitos Principes da Curia principalmente do Eminentissimo Cardial Datario Pedro Ottoboni, que depois subio ao trono do Vaticano com o nome de Alexandre VIII. sendo instrumento além dos seus proprios merecimentos, de o promover a Thezoureiro Mór da Cathedral de Lamego de que tomou posse no anno de 1669. Morreo nesta Cidade a 30. de Outubro de 1707. e jáz sepultado na Cathedral. Publicou na lingua Italiana, e dedicou ao seu Eminentissimo Patrono.

Parenesi Ethica, e morale Roma aprefso Ignatio de Lazaris. 1668. 8. He em 8. rima.

Depois de restituído à sua patria imprimio.

Oração funebre nas Exequias, que se fizeram em a Sé de Lamego por ordem do Serenissimo Principe D. Pedro em a morte da Santidade do Summo Pontifice Clemente X. em 17. de Setembro de 1676. Lisboa por Domingos Carneiro. 1676. 4.

Luz Evangelica, e dias Sagrados; Panegyricos, e Férias prégados em diversos dias, e celebri-dades do anno Lisboa por Miguel Manefcal 1686. 4.

ANTONIO DE MEYRA PEIXOTO natural da nobre Villa de Guimaraens, filho de Braz de Meyra Peixoto, e de sua mulher Cecilia da Rocha Vieyra. Foy Arcipreste na Real Collegiada de N. Senhora da Oliveira da sua patria onde, morreo a 17. de Mayo de 1676. A mayor applicaçã do seu estudo foy à Genealogia, em que fez grandes progressos escrevendo.

Dous Tomos de Familias in fol. M. S. que se conservaõ em poder de Manoel Coelho de Vasconcellos morador em Guimaraens.

Arvore de toda a ascendencia, e descendencia dos Peixotos a qual tem em seu poder Thadeu Luiz Antonio Lopez de Carvalho Fonseca de Camoens Setimo Senhor de Negrelos, e Abbadim, e Academico Supranumerario da Academia Real, que nos comunicou esta noticia.

ANTONIO MENDES. Presbytero Ulyssiponense bom prégador, e muito mais venerado pelas virtudes dignas do Sacerdocio. Foy Irmaõ de Gonçalo Mendes Saldanha insigne compositor de Musica sendo este taõ digno de applauso pelo contraponto, como aquelle pela Poesia Latina com estilo cadente, claro, elegante, e pompozo, da qual nunca permitio que se imprimisse alguma parte excepto poucos epigrammas em louvor de Aucthores, que os fizeraõ publicos sem sua facultade. Por sua morte que foy no principio do Seculo passado desapareceraõ todas as suas obras poeticas sendo dellas a mayor, e a mais bem trabalhada a Versaõ do Poema de Camoens na lingua Latina que intitidou.

Lusitaden Camonij Hispanorum vatuum antesignani Poema Latinis versibus redditum 4. M. S.

Exequias do Estado da India. Esta obra que naõ menos satyrica, que doua pela qual esteve prezo, mas brevemente foy restituído à sua liberdade.

ANTONIO MENDES natural da Villa de Cunha do Bispaado de Lamego, e fa-

miliar do celebre antiquario Manoel Severim de Faria Chantre de Evora. Foy insigne em escrever, e dibuxar com a penna, e muito devoto do altissimo Mysterio da Eucharistia, cuja veneraçã, e culto dezejando que mais se propagasse nos coraçõens dos Fieis, sendo Clerigo de Ordens menores traduzio de Latim do Padre Lucas Pinello da Companhia de JESUS em Portuguez.

Meditaçõens, e alguns milagres do Santissimo Sacramento. Lisboa na Officina Crasbeeckiana. 1653. 8.

ANTONIO MENDES AROUCA digno Pay do grande Theologo, e igual Escriuario o Doutor Fr. Antonio da Madre de Deos singular credito da Eremitica Congregaçã de S. Paulo, de quem já fizemos merecida lembrança. Naceo na Cidade de Tavira do Reyno do Algarve no anno de 1610. Aprendeo os primeiros rudimentos em casa de seus Pays, e descubrio logo tal propensã para as letras, que chegando à idade da adolescencia o mãdaraõ estudar Direito Civil na Universidade de Salamanca, onde como era dotado de engenho agudo, memoria feliz, e juizo maduro fez taes, e tantos progressos que cauzava enveja, e admiraçã assim aos Condiscipulos, como aos Mestres. Ainda naõ tinha acabado o curso dos seus estudos quando voltando a Portugal os continuou na Universidade de Coimbra alcançando nella taõ profunda noticia da Jurisprudencia que quando contava vinte e quatro annos de idade recebeu o Grão de Bacharel com applauso de todos os Cathedra-ticos. De Coimbra passou a Lisboa onde começou a exercitar o Officio de Advogado no patrocínio de causas forenses sendo indeciso aos juizos mais prudentes se era mayor a sciencia, ou a reãtidadõ com que as defendia. No largo espaço de trinta annos, que exercitou esta occupaçã nunca patrocinou causa contraria à justiça, naõ sendo poderosos nem o affecto dos amigos, nem a authoridade dos Grandes, para que cedesse desta inteireza de animo, pela qual mereceo ser eleito Advogado da Casa da Supplicaçã buscando todos o seu Conselho como Oraculo, e constituindo-o absoluto arbitro nas controversias mais graves por conhecerem que as suas resoluçõens procediaõ de hum

juízo profundo, e hum coração recto. Por morte de sua mulher, que ternissimamente amava, considerando que eraõ caducas as glorias mundanas, se resolveo fugir da Corte para o dezerto preferindo o silencio da solidão à vida inquieta com o tumulto dos Litigantes. Para effectuar este heroico intento deixando as estimaçoens, que lhe conciliavaõ as suas letras, e o que cauza mayor assombro, a seus proprios filhos, se auzentou para a Ilha de S. Miguel por saber que em o Valle chamado das Furnas habitavaõ alguns Eremitas, que depois se transferiraõ para a Ermida da Senhora da Consolação de Val de Cabaços, os quaes floresciaõ em todo o genero de virtudes, e chegando a este solitario domicilio se agregou com inexplicavel consolação do seu espirito a estes Anachoretas, e para que totalmente se sepultasse a memoria do seu nome, o mudou em o de Antonio da Assumpção, o qual conservou até que morreo. Não he facil de narrar, e menos de comprehender as virtudes, que exercitou no horror daquella solidão servindo de estimulo, e exemplar aos seus Companheiros assim na promptidão com que obedecia, como na aspereza com que se mortificava. O tempo que lhe restava da contemplação da Divindade, o gastava na lição da Sagrada Escritura, Santos Padres, e varios Livros asceticos, donde extrahia as doutrinas de que estaõ cheyas as suas pias, e devotas composiçoens, que deixou em final do affecto, com que amava aos Padres Jesuitas do Collegio de Ponte Delgada, as quaes se guardaõ na sua Bibliotheca, cauzando não pequena admiração que tendo consumido a mayor parte da vida no estudo da Jurisprudencia, escrevesse em idade já caduca tantos volumes de assumptos totalmente differentes da sua profissão. Depois de habitar este dezerto por espaço de quinze annos sabendo que na Cidade de Angra morriaõ muitas pessoas no Hospital desamparadas por temor de ser contagiofo o mal que padeciaõ, correo velozmente a assistir-lhes mais sollicito da vida alheya, que da propria, de cuja communicacão contrahindo huma enfermidade gravissima morreo entre elles como victima da Caridade a 23. de Agosto de 1680. com 70. annos de idade. Foy sepultado com honorifica pompa, e assistencia das principaes Pessoas da Cidade

de Angra sendo venerada a sua memoria não fõmente pelas virtudes praticadas em vida, mas pelo fervoroso zelo que foy cauza da sua morte. Por deligencia de seu Neto Successor em o nome, e no Officio de Advogado de taõ grande Varaõ sahiraõ à Luz.

Allegationes juris in quibus quam plurimæ, & valde utiles quæstiones in Lusitaniæ Tribunalibus disceptatæ proponuntur, & juxta facti contingentiam pro advocacionis munere enucleantur. Ulyssip. apud Michaellem Manescal 1690. fol.

Adnotationes practicæ ad librum fere primum Pandectarum Juris Civilis, in quibus per singulos textus, & versiculos ea tantum, quæ pro fori exercitio, & Lusitanæ advocacionis munere utilia visa sunt, omittis superfluis expenduntur, insertis occurrentium materiarum per regulas cum suis ampliacionibus, & fallentibus, non inutilibus tractatibus. Pars 1. Ulyssip. apud Michaellem Deflandes 1701. fol.

Pars altera. ibi apud eundem Typograph. 1702. fol.

Obras M. S. que se conservaõ no Collegio dos Padres Jesuitas de Ponte Delgada.

Anno devoto, ou devotas meditaçoens sobre todos os Evangelhos que se costumã cantar na Igreja por todo o circulo do anno. fol. 3. Tom.

Meditaçoens pias, e observaçoens espirituales sobre os cento e cincoenta Psalmos de David. 4. 3. Tom.

Peregrinaçã que costumã fazer os moradores da Ilha de S. Miguel visitando as Igrejas de Nossa Senhora. 4.

Peregrinaçã da alma seguindo os Passos de Christo Senhor Nosso, e contemplando os lugares que santificou com sua presença, e o que nelles obrou. 4. 8. Tom.

Pias meditaçoens, e contemplaçoens para se ouvir com fruto o Sacrosanto Sacrificio da Missa. fol.

Principios, e progressos da Congregaçã dos Eremitas do Valle das Furnas da Ilha de S. Miguel, transferidos depois para o Valle da Piedade. fol.

Traduçio do Latim do P. Hermano Hugo da Companhia de JESUS em Portuguez.

Dezejos piedosos, e suspiros da Alma. 4. 3. Tom.

Dialogos asceticos interlocutores a Sabedoria Divina, e seu Ministro Fr. Henrique Suso. 4.

A Oraçãõ do Padre Noffo explicada com pias meditaçoens, e diversos affectos das virtudes, e perfeiçãõ Christãa tradusidos do Livro *Paradisus animæ* do P. Jacobo Merli da Companhia de JESUS.

ANTONIO MENDES CALDEIRA natural da Villa Sovereira distante 3. legoas da Villa da Certaá, e 7. da Amieira da jurisdicãõ do Crato. Foraõ seus Pays Christovãõ Mendes Caldeira, e Beatris Fernandes. Militou pelo espaço de vinte annos em Flandes debaixo da disciplina de insignes Generaes donde voltãdo para Portugal muito practico na Arte militar ajudou com toda a actividade ao Conde de Balto na expediçãõ dos soccorros, que juntava em Evora para remeter a Lisboa, que receava ser invadida pelas Armas Inglezas. Morreo nesta Cidade ferido da peste em Dezembro de 1598. quando contava 57. annos de idade. Escreveo, mas não imprimio.

Livro de Milicia

Tratado, em que mostra de que modo Lisboa se podia defender de toda a Armada, e exercito inimigo. Cuja obra foy muito estimada por pessoas muito peritas, principalmente pelo Mestre de Campo D. Gabriel Niño.

ANTONIO MENDES DA VEIGA grande Cultor das Musas. Escreveo hum Livro, que consta de diverso genero de versos, sendo a mayor parte Sagrados, que se conservava na Bibliotheca do Eminentissimo Cardial de Soufa, dedicado a D. Miguel de Noronha Conde de Linhares, e Governador de Tangere, com este titulo.

Primavera del alma. fol. M. S.

Tinha no principio licençã para se imprimir concedida pelo Inquisidor Geral D. Francisco de Castro em 16. de Abril de 1626. e na Censura dizia o Mestre Fr. Domingos de Santo Thomaz da Ordem dos Prégadores: *O Author he juntamente Poeta, Filosofo Christãõ, puro na frase, suave na Poesia.*

Fr. ANTONIO DE MENDOÇA natural de Lisboa igualmente illustre no fangue,

que na Religiaõ, sciencia, e authoridade. Teve por Pays, a Jorge de Mendonça Cassãõ do Conselho dos nossos Monarchas, Mordomo Mór da Princeza D. Maria filha delRey D. Manoel, e trigessimo segundo Governador da Praça de Tangere, e de sua mulher D. Joanna de Mendoça. Sendo moço Fidalgo da dita Princeza fugio para a Religiaõ Serafica da Provincia dos Algarves, onde se fez mais illustre na observancia do seu Instituto, do que era pelo esplendor do nascimento. Governou prudentemente o Convento de Evora até que por uniforme aclamaçãõ foy eleito Provincial no Convento de Xabregas em 2. de Junho de 1607. em cujo lugar experimentaraõ os subditos a natural benevolencia do seu animo. Foy Lente jubilado em Theologia, e adquirindo grandes applausos o seu talento na Cadeira, naõ foraõ menores os que alcançou no Pulpito escrevendo delle Fr. Miguel Pacheco na Vid. da Princez. D. Maria lib. 2. cap. 3. *Fue predicador de gran nombre, y de nó menor virtud.* No tempo que exercitava o ministerio de Confessor das Religiosas do exemplar Convento de Sacavem lhe impedio a morte em o anno de 1623. pór a ultima maõ a huma obra igualmente laboriosa, que util, qual era reduzir todas as obras de seu Mestre Escoto em partes, e methodo, como as do Doutor Angelico propondo primeiramente o Epitome de cada questaõ, os fundamentos em que se estribava, e depois os argumentos contra ella, e as repostas. Deste grande trabalho deixou perfectamente acabadas algumas partes, assim ellas logrãraõ o beneficio da luz publica para o comunicar à Escola Escotistica.

D. ANTONIO DE MENESES, filho de D. Joãõ de Meneses, e de D. Maria da Sylva, e Neto de D. Fernando de Menezes Mordomo Mór da Rainha D. Izabel mulher de Affonso V. segundo Senhor de Cathedra, foy summamente inclinado à liçãõ da Historia Sagrada, como profana, e muito instruido nas maximas politicas como taõ necesarias ao caracter da sua pessoa. Teve perfeita noticia das linguas mais polidas da Europa principalmente da Franceza, da qual traduzio na materna.

Historia de Filippe de Comines. fol. a qual

se conservava M. S. na Bibliotheca Severiana.

D. ANTONIO DE MENESES igual ao precedente assim no claro do nascimento, como no sublime do engenho. Foy filho de D. Carlos de Noronha, e de D. Antonia de Menezes ramo da frondoza arvore dos Marquezes de Villa Real. Teve igual espirito para as armas, como genio para as Musas, das quaes foy excellente cultor, e singular Mecenas dos Poetas. A o seu nome confagrou Manoel de Galhegos a *Gigantomachia*, e o Poema *Anaxarete*, e entre as poeticas expressoens com que o invoca para proteger aquella obra lhe diz as seguintes.

*Aora que sollicito fugetas
Al trabajo estuudioso
El pecho generoso:
Aora que tu pluma
Inspirada de Apolo
Al Cielo se levanta
Intermite el estudio
Suspende el Son canoro
Que forma dulce erudita mano
Con plectro de chrystal en cordas de oro:
Escucha el triste accento
De mi ronco instrumento
O' siempre favorable
A mi humilde Thalia
Docto Menezes; inclito Noroña
Augusto descendiente
De los que la Corona Lusitana
Delos que la Corona Castellana
Valerosos honraron &c.*

Nem com menor elegancia expressa o sentimento da sua intempestiva morte que succedeu no anno de 1626. Jacinto Cordeiro no *Elog. dos Poet. Portug.* Estanc. 33.

*Que llanto a D. Antonio de Menezes
No le deve mi pluma siendo Achilles
A vista de tan nobles Portuguezes?
Bombardas no pudieron, ni esmiriles
Acabar tantas vidas muchas vezes:
Para que fuesse el mar Cierço de Abriles
Y los bados con el fueron crueles,
Mereciendo sus obras mil Laureles.*

Compoz, e não imprimio.

Varias obras Poeticas.

ANTONIO DE MENESES Mestre em Artes Conego de Saõ Salvador de Gra-

nada, e Capellaõ da Capella dos Senhores da Casa de Torres Vedras muito applicado ao estudo Genealogico compondo no anno de 1566.

Genealogia dos Senhores da Casa de Torres Vedras.

De cuja obra fazem menção D. Antonio Soares de Alarcaõ nas *Relac. Genealog. da Casa de Trocif.* liv. 4. cap. 1. n. 45. e o P. D. Antonio Caeta. de Souf. no *Appar. à Hist. Geneal. da Caf. Real Portug.* pag. 37. n. 15.

ANTONIO DE MENESES Jurifconsulto de profissão, e nella grande Letrado. Compoz. *In Tit. de Fidei commissis.* Mantuæ apud Alphonsum Gonesium. 1568.

Do Author, e da obra se lembra Antonio Verderio in *Supplement. Bibliothec. Gesnerianæ.*

ANTONIO DE MESQUITA Piloto da navegação da India que muitos annos continuou com grande fruto da sua experiencia. Para fazer a Viagem mais facil aos Portuguezes escreveu.

Roteiro da Viagem que fez a Náo Capitania N. Senhora de Betancor em que hia Braz Telles de Menezes, vindo de Goa para Portugal 4. M. S. Começa.

Tiverão os Olandezes por taõ excellente cousa o trato, e commercio das partes do Sul da India. Acaba.

E o Capitão Mór D. Luiz Fajardo com o primeiro vento norte se foraõ para Lisboa onde chegarão ainda primeiro que nós descansar do trabalho passado.

Roteiro da Viagem de Mazagaõ. Estas duas obras se conservavaõ M. S. in 4. na Livraria de D. Antonio Alvares da Cunha.

ANTONIO MESQUITA DE OLIVEIRA natural de Lisboa, Cavalleiro professo da Ordem de Christo, filho do Dezembargador Antaõ de Mesquita de Oliveira, e de sua mulher D. Antonio Bezerra Cabral. Foy muito inclinado à lição dos livros historicos, e politicos pela qual se fez muito erudito. Tinha composto muitas obras, das quaes a mayor parte estava imperfeita, e sómente acabada a seguinte.

Defensão da lingua Portugueza com a etymologia, principio, e vocabulos della, suas excellencias, e ventagens que faz às demais linguas, e os nomes proprios de todas as artes com que ella se explica. M. S. Obra certamente (diz Joaõ Franco Barreto na *Biblioth. Lusit.*) digna de muito lovor, e muito bem trabalhada.

Deixou imperfeitas as seguintes obras.

Capitaõ Politico na vida do insigne Luiz Barbalho. M. S.

Mestre Politico nas açoens delRey D. Joaõ o IV. M. S.

Historia de Africa M. S.

Fundaçoens, principios, augmentos, e progressos das Cidades, e Villas notaveis deste Reyno, e as mais antiguidades dellas, os filhos insignes que na guerra, e paz teve cada huma. M. S.

ANTONIO MESTRE Presbytero, e Beneficiado da Parochial Igreja de Santa Justa de Lisboa sua Patria. Impellido do zelo com que devem saber os meninos a doutrina do Cathecismo o reduzio a breves clausulas, para que mais facilmente o aprendessem, e confervassem fixamente na memoria, compondo.

Summa, e substancia da doutrina Christãa para que os Meninos, e as pessoas que a não sabem possaõ facilmente entender, e aprender as cousas mais principaes della. Lisboa por Antonio Alvares. 1628. 8.

Fr. ANTONIO DE S. MIGUEL. Naceo em a nobre Villa de Guimaraens a 28. de Agosto de 1661. e foy filho de Damiaõ Moreira Provedor daquella Comarca, e D. Maria da Fonseca. Aprendeo a Lingua Latina, e Letras Humanas com tal brevidade, que admirados seus Pays do seu grande engenho determinaraõ dedicallo a Deos, o que felizmente conseguiraõ sendo admitido à Religiaõ do Principe dos Patriarchas S. Bento, cuja monastica Cogulla vestio no Convento de Tibaens a 8. de Mayo de 1678. quando contava 17. annos de idade. Tendo estudado Filosofia no Convento, de Pombeiro, e Theologia no Collegio de Coimbra, se adiantou com tal excessõ aos seus Condiscipulos, que depois de ter quatro annos de passante, leu Artes no Mosteiro de S. Tyrso no fim dos quaes

anhelando o seu espirito a fazer mayores progressos nas virtudes, que nas letras, renunciou as Cadeiras, e se recolheu ao Convento do Porto onde com os seus Sermoens colhia abundante fruto dos ouvintes. Persuadido de alguns Monges, que dezejavaõ houvese em Portugal hum Mosteiro onde se observasse com todo o primitivo rigor a Santa Regra, passou a Roma onde assistio tres annos conciliando as estimaçoens das mayores Pessoas da Curia assim pelo exemplo da sua vida, como profundidade da sua sciencia, atè que voltando ao Reyno com o despacho da sua supplica, foy cleyto Abbade do Convento de Carvoeiro destinado para a intentada Reforma, no qual exercitou summa austeridade jejuando a mayor parte do anno, e uzando de camizas de lã. Attenuado com a continuação das penitencias lhe sobreveyo huma debilidade de estomago, que se fez rebelde à Medicina, e conhecendo, que nem a mudança dos ares lhe era util, se preparou com todos os Sacramentos para a morte, que felizmente o transferio para o descanso eterno a 14. de Setembro de 1721. com 62. annos de idade, e 54. de Religiaõ. Jaz sepultado no Convento de Bustello. Compoz.

Sermoens varios 1. Tom. que se conserva no Convento de S. Tyrso.

Ceremonial para uso da Monastica Congregaçaõ de S. Bento do Reyno de Portuga; disposto confôrme os decretos da Sagrada Congregaçaõ dos Ritos. fol. M. S.

ANTONIO MILHEYRO natural de Braga muito douto na arte da Musica, da qual foy Mestre na Cathedral de Coimbra, e depois de Lisboa, onde foy Conego de quarta Prebenda. Muitas das suas obras conservava na sua Livraria Francisco de Valhadolid grande professor, e curioso desta Arte, e outras na Bibliotheca Real. Por sua industria se reimprimio.

Rituale Romanum Pauli V. jussu editum subjuncta Missa pro defunctis à se musicis numeris adaptata, cantuque ad Generalem Regni consuetudinem redactõ. Conimbricæ apud Nicolaum Carvalho. 1618. 4.

ANTONIO DE MIRANDA HENRIQUES natural de Lisboa, e filho de Manoel de Miranda Henriques, e de sua mulher

Izabel de Almeyda da nobre familia dos Taveiras. Seguiu o estado Ecclesiastico, e obteve na sua patria hum Beneficio muito rendoso. O grande engenho acompanhado de feliz memoria com a continua applicação aos livros que tratavaõ da Oratoria, Poetica, Mythologia e Historia o fizeraõ hum dos Varoens mais peritos do seu tempo, concorrendo para a grandeza da sua fama a vasta noticia de varias linguas, e a natural eloquencia com que se explicava, e escrevia, por cujas causas era sempre consultado nas duvidas mais difficultosas, e ouvida com grande respeito a sua decisaõ. O indefesso estudo que continuamente observava devendo adquirirlhe immortal fama ao seu nome, lhe causou a morte, pois acompanhando a D. Francisco de Mello, e Torres Marquez de Sande, quando foy por Embaxador a Carlos II. de Inglaterra com a mudança do clima, como se naõ abtivesse do estudo, perdeu o juizo, e consequentemente a vida em Londres no anno de 1660. a tempo que estava imprimindo.

Paradoxos, em os quaes por força da eloquencia, e erudição mostra aos olhos, e ainda ao entendimento cousas varias, e diferentes do que ellas em si são.

Tinha publicado.

Obelisco funebre ao Serenissimo Infante D. Duarte no sentimento da sua morte. Lisboa por Domingos Lopes Rofa 1650. 4.

Consta de prosa, e de versos Portuguezes, Italianos, e Castelhanos, e no fim hum elogio Latino.

Versos Latinos, Italianos, e Portuguezes em applauzo do Nascimento do Principe D. Pedro. Lisboa por Paulo Crasbeeck 1648. 4.

Fabula de Dafne, e Apollo em verso.

Na Livraria do Eminentissimo Cardinal de Soufa estava hum livro *M. S.* de obras de *Poetas Portuguezes*, e entre ellas havia muitos Sonetos, e Romances deste Author, sendo os melhores com que lamentava a morte de seu Irmaõ Fr. Dionisio de Santa Maria Religioso Trino, insigne tangedor de Arpa, dos quaes eraõ hum Epitafio que principiava.

Tu que atento ficaste suspendido.

Madrigal Italiano.

O' di celeste Seme

Dous Romances o 1. começava.

De minha Arpa o graõ poder.

O segundo.

Yá de los Coros Supremos.

ANTONIO MONIZ, filho de Jeronymo Moniz Reposteiro Mór delRey D. Manoel, e de D. Violante da Sylva, filha de João de Saldanha Vedor da Casa da Rainha D. Maria mulher segunda do sobredito Monarcha; irmaõ de Febos Moniz hum dos quatro Sumilheres delRey D. Sebastiaõ naceo em Lisboa, e abraçou o Instituto da Companhia de JESUS no Collegio de Coimbra a 27. de Janeiro de 1544. No tempo que começava a curfar as Escolas mais obediente às importunas instancias dos parentes a que largasse a Religiaõ que às faudaveis exhortaçoes de seus Prelados para que nella perseverasse, fugio clandestinamente do Collegio de Coimbra com intento de peregrinar pelo mundo. Arreatado desta imprudente resolução visitou o Sepulchro de Saõ-Tiago em Galiza, e o Santuario de Monferrate em Catalunha, e naõ achando em lugares taõ pios consolação o seu espirito, antes continuos estímulos da consciencia que lhe increpavaõ o absurdo que cometera, buscou para serenar a tempestade em que fluctuava o seu animo ao grande Patriarcha Santo Ignacio escrevendolhe do Hospital de Santo Antonio em Roma huma Carta em que lhe pedia com enternecidas lagrimas se lembrasse de que era Pay de hum filho semelhante ao prodigo por deixar injustamente a Casa que vinha outra vez buscar arrependido. Foraõ taõ efficazes estas expressoens no conceito de Santo Ignacio que depois de o mortificar alguns dias o admitio à sua presença significandolhe affectuosamente quanto estimava a sua restituição à Companhia na qual viveo pouco tempo por cauza de huma febre etica causada do trabalho das peregrinaçoens, e excessõ das penitencias que o privou da vida em Roma no anno de 1546. Passados alguns annos abrindose a sua sepultura para enterrar hum cadaver, se achou o seu incorrupto, o qual tinha sido sepultado por ordem de Santo Ignacio, junto do P. João Coduri hum dos seus insignes Companheiros. Entre muitas Cartas que escreveo se conservaõ tres, que imprimio o P. An-

tonio Franco na *Imag. do Nov. do Colleg. de Coimbra* Tom. 1. liv. 3. cap. 69. e 70. que são as seguintes.

Carta escrita a Santo Ignacio do Hospital de Santo Antonio de Roma em Abril de 1546.

Carta ao P. Martinho de Santa Cruz Reitor do Collegio de Coimbra escrita de Roma a 20. de Abril de 1546. Nella se assina *Pecator maximus Monizius servus tuus.*

Carta ao P. Provincial de Portugal o P. Simão Rodriguez escrita de Roma a 20. de Abril de 1546. e se assina *Omnium peccatorum maximus Monizius servus tuus.*

Em ambas estas cartas relata os successos da sua peregrinação, e a consolação espirital, que sentia a sua alma depois que se aggregou à Companhia. Delle faz memoria o mesmo P. Antonio Franco in *Anno glor. S. J. in Lusit.* pag. 542. e o P. Telles *Chron. da Comp. de Jesus na Provincia de Portug.* Part. 1. cap. 33. §. 1. 2. 3. e seg. o qual traz impressa a primeira destas tres cartas.

ANTONIO MONIZ DE CARVALHO filho de Pedro de Paredes, natural de Viana do Minho, Fidalgo da Casa de Sua Magestade, Cavalleiro professo da Ordem de Christo, Comendador de Vimiofo, Doutor na faculdade de Leys, Dezembargador do Porto, e da Casa da Supplicação, de que tomou posse a 24. de Dezembro de 1646. por seu Procurador o Dezembargador Gonçalo Alvo Garrido, Juiz dos Cavalleiros das Ordens militares, Confelheiro da Fazenda Real, Secretario das Embaxadas a França, Inglaterra, Dinamarca, e Suecia, e muitas vezes Enviado nestas famosas Cortes. Em todos estes lugares mostrou a profundidade das suas letras, o desinteresse do seu animo, a fidelidade para o Principe, e o zelo para a Patria. Conciliou a benevolencia dos estranhos, confundio a emulação dos domesticos sendo pelos dotes com que o ornou a natureza chamado pelo grande Fr. Francisco de Santo Agostinho Macedo in *Propugn. Lusit. Gallic.* ad Art. 20. pag. 174. *acris vir ingenij, et maturæ mentis auctor,* e mais diffusamente ad Art. 43. pag. 205. *Hic quàm sit acer ingenio, maturus judicio, spectatus prudentia, moribus suavis, benevolentia gratiosus, quibus suam ille nobilitatem commendat, nullo melius argumento apparuit, quàm quod de*

*ipso testimonium protulit Regina Gallia Christianissima, cujus ille maxime judicio debet gloriari. Cum enim eum discedens in Lusitaniam Excellentissimus Dominus D. Vasco Laysius à Gama prolegatum relinqueret, cumque secum ad Regnam duxisset, significassetque eum vice sui manere: læto ac hilari vultu regina. Non poterat, inquit, à Rege alius vel hic institui, vel à Lusitania mitti prolegatus, qui Moniso, & Regi, & mihi gravior foret. Francisco Velasco de Gouvea *Perfid. de Alemanha* liv. 2. Tit. 5. Art. 8. Ihe chama *insigne Letrado en la jurisprudencia civil.* D. Francisco Manoel na *Cart. 1. da 4. Centuria* escrita ao Doutor Manoel da Fonf. Themud. *que em tantos tratados, e escritos mostrou igualmente a luz do seu engenbo, como o ardor do seu zelo.* Birago *Hist. di Portugal.* liv. 5. no fim pag. mihi 450. Antonio Moniz de Carvaglio *Segretario dell' Ambascieria, il quale havendo già nell' Ambascierie straordinarie di Svecia, e Danimarca servito sua Maestà nel medesimo posto con singular sodisfatione per la gran capacità del suo ingegno, nobilissimo teatro d'ogni sorte di lettere, e molteplicità di parti dignissime d' un gran Sogetto há fatto conoscere in pratica che contiene in se il Sodo del vivere politico, e col profundo del consiglio fá rialzare il vivo della sua prudenza nell' infraprendere, e terminar felicemente qual sivoglia importantissimo trattato.* O Conde da Ericeira D. Luiz de Menezes *Hist. de Portugal. Restaur.* Tom. 1. liv. 1. pag. 157. liv. 7. pag. 441. e livr. 9. pag. 587. refere as suas negociaçoens politicas felizmente conseguidas. Joan. Soar. de Brito in *Theat. Lusit. Litterat.* lit. A. n. 100. *Magnam sui spem ad summa omnia feliciter obunda excitavit.* Nicol. Monteir. *Vox Turtur.* Art. 3. cap. 15. Morreo intempestivamente em Lisboa a 13. de Junho de 1654. quando não tinha completos quarenta, e quatro de idade, e foy sepultado na Parochia de N. Senhora do Alecrim. Casou com D. Izabel Soares de Albergaria, de quem não teve filhos. No tempo que assistio em França compoz em Castelhana, e dedicou à Rainha Christianissima D. Anna de Austria. *Francia interessada con Portugal en la separacion de Castilla; con noticias de los intereses communes delos Princeses, y Estados**

de Europa. Pariz por Miguel Blageart. 1644. 4. e Barcelona por Sebastian de Cormellas no mesmo anno, e forma; o qual tratado diz estar elegantemente escrito Antonio de Soufa de Macedo in *Lusit. Liberat.* cap. 1. n. 43.

Tradução de huma breve conclusão, e apologia da justiça delRey N. Senbor, e dos motivos da sua felice aclamação. Lisboa por Jorge Rodriguez. 1641. 4. e em Latim Stocholmij no mesmo anno antes da impressão de Lisboa.

Esfuerzos dela razon para ser Portugal incluído en la paz general dela Christandad conforme a las obligaciones, y empeños de Francia con memoria delo representado ala magestad Christianissima de la Reyna Regente. Pariz 1647. 4. sem nome de Impressor.

Memoria da jornada, e successos que houves nas duas Embaxadas de Suecia, e Dinamarca. Lisboa por Domingos Lopez Rofa 1641. 4.

Sentimento da Fè publica quebrantada em Alemanha por industria de Castella. Lisboa 1641. 4.

Sahio em Latim com este titulo.

Dolor fidei publicæ Castellæ astu in Alemania violatæ pro retentione injustissima Serenissimi Domini D. Eduardi Portugallie Infantis. Ulyssipone. 4. Sem anno, nem Impressor.

ANTONIO MONIZ DA ROCHA
Veja-se o P. VICTORINO JOSEPH.

Fr. ANTONIO MONIZ DA SYLVA, ou de LISBOA, de GUADALUPE, e de THOMAR, pois com todos estes appellidos se acha nomeado em diversas partes, sendo os dous primeiros herdados de seu nobilissimo Pay Bernardo Moniz da Sylva, Commendador da Torre, e dos Cafaes da Ordem de Christo, e seu Avó Pedro Moniz da Sylva Mordomo Mór do Cardeal D. Henrique: o 3. da Cidade em que naceo; o 4. do exemplar Convento de S. Jeronymo em Castella onde recebeu o Habito professou, e viveo grande parte da sua vida, e o 5. do Real Convento de Thomar que por espaço de vinte annos governou como seu Prelado. A grande fama que corria da sua prudencia, e virtude moveo a ElRey D. João o III. para o chamar de

Castella a Portugal onde foy Prior do Convento de Belem cabeça da Congregação de S. Jeronymo neste Reyno, e ultimamente Provincial no anno de 1527. Depois de exercitar estes lugares alcançou o mesmo Principe da Sé Apostolica que administrasse o Real Mosteiro de Alcobaça em quanto o seu Comendatario o Cardeal D. Henrique não tinha idade para governar aquella opulenta Abbadia, e reformasse os Freyres da Ordem de Christo, que habitavaõ em Thomar. Nestas duas gravissimas emprezas se admirou a prudencia do juizo, a suavidade do genio, e a constancia de animo com que vencidas grandes difficuldades reduzio os Monges Cistercienses ao seu primitivo rigor, e transferio os Freires da Ordem de Christo de Seculares em Regulares, a cuja mudança deu feliz principio em 24. de Junho de 1530. sendo seu Prior perpetuo, e Prelado Ordinario de Thomar, e Inquisidor do seu Territorio devendo-se ao seu incansavel difvelo radicar-se, e produzir esta regular Commuidade copiosos frutos como estabelecida debaixo dos preceitos da Santa Regra do Principe dos Patriarchas S. Bento, compondo para mayor observancia della.

Constituições approvadas, e confirmadas à instancia delRey D. Sebastião por Gregorio XIII. por hum Breve expedido em Roma a 11. de Dezembro de 1577. que começa ut sollicitus Pater Familias. Sahiraõ impressas duas vezes.

Passando a Madrid por cauza de huns legados que a Serenissima Infanta D. Maria filha delRey D. Manoel tinha deixado para sustentação dos pobres do celebre Hospital, que fundára junto ao Convento da Luz da Ordem de Christo, morreo naquella Corte *con sentimiento* (saõ palavras de Fr. Miguel Pacheco *Vid. da Inf. D. Mar.* liv. 2. cap. 18.) *de quantos le conocian por su persona, cuya religion, y nobleza no excluia la urbanidad decente a su profession, que le hazia sumamente agradable.* O seu Corpo foy levado aos hombros do Marquez de Castello Rodrigo D. Manoel de Moura Corte Real mordomo mór de Philippe 2. e seu Conselheiro do Estado, e de outros grandes Cavalheros, e foy depositado no Convento de S. Martinho dos Monges de S. Bento de Madrid

donde foy transferido para o Real Convento de Thomar, e na sepultura tem gravado este epitafio.

Esta sepultura he de Fr. Antonio de Lisboa Religiofo da Ordem de Saõ Jeronymo Reformador deste Convento, e D. Prior delle. F. aos 21. de Junho de 1551. Os Authores que fallaõ delle além de Fr. Miguel Pacheco, saõ Fr. Gabriel de Talaver. *Hist. de Guadalupe*, liv. 2. cap. 33. *Mariz Dial. de Var. Hist. Dialog.* 9. Fr. Thom. de Far. *Decad.* lib. 10. cap. 3. *Siguença Hist. de la Ord. de S. Jeron.* liv. 1. cap. 30. e liv. 2. cap. 43. *Roman Chron. de la Ord. Milit. de Christ.* cap. 19. *Cardos. Agiol. Lusit.* Tom. 3. pag. 768. e no *Comment.* de 21. de Junho letr. E. *Carvalho Corog. Portug.* Tom. 3. *Trat.* 8. cap. 55. pag. 659. *Soveral Hist. de N. Senhora da Luz.* liv. 1. cap. 10. *Tellez Chron. da Comp. de Jesus.* Part. 1. liv. 1. cap. 27. §. 3. onde lhe chama *peessoa de grande prudencia, authoridade, e virtude.*

Fr. ANTONIO DE MORAES natural de Lisboa, filho de Amador de Sampayo, e Izabel de Moraes Eremita Augustiniano, cujo Habito professou no Convento de N. Senhora da Graça de Lisboa a 27. de Dezembro de 1583. Depois de estudar as sciencias de Filosofia, e Theologia passou à India no anno de 1603. onde pela prudente affabilidade de que era dotado foy duas vezes Vigario Provincial. Escreveo.

Memorial das Missoens, que a Provincia dos Eremitas de Santo Agostinho de Portugal, mandou à India desde o anno de 1572. até o de 1630. M. S.

P. ANTONIO DE MORAES. Naceo na Villa da Certaá do Priorado do Crato, e na Igreja Matriz de S. Pedro, foy bautizado a 16. de Julho de 1570. sendo filho de Vicente Caldeira, e Auçta de Moraes. Na idade de defeseis annos foy admitido à Companhia de JESUS em Coimbra a 12. de Fevereiro de 1586. não sómente pela boa indole que já naquelles annos mostrava, mas pela singular energia com que fez a figura da Penitencia na Tragicomedia de Santa Maria Egypciaca, que se representou no Collegio de Santo Antaõ na presença dos Embaxadores, que o Emperador do Japão mandava ao Summo Pontifice. Foy

muito perito nas letras humanas, e Sagradas que dictou nas escolas da Companhia por muitos annos. A mayor parte da vida passou, ou prégando com geral edificação, ou governando com summa prudencia, sendo Reytor do Collegio de Lisboa, e Preposito da Casa professa de S. Roque. Teve particular genio para a educação dos Noviços aos quaes doutrinava menos com a palavra, do que com o exemplo. Sendo Reytor do Collegio de Evora passou a melhor vida em 30. de Novembro de 1639. deixando saudosos aos seus companheiros da religiosa observancia, ardente charidade, e profunda sciencia em que foy eminente, da qual saõ testemunhas cinco tomos que estavaõ promptos para a impressaõ.

Primeiro. Da Paixaõ de Christo Senhor nosso. Segundo, Do Ornato do Summo Sacerdote. Terceiro Practicas Espirituaes.

Quarto, Sermoens do Advento, Quaresma, e Santos.

Quinto Sermoens de N. Senhora que como alguns querem, sahiraõ impressos no anno de 1643.

Do Author, e das suas obras se lembraõ Petr. de Alva, y Astorga in *Milit. Concept. Biblioth. Societ.* pag. 78. e a *Hispán.* de Nicol. Ant. Tom. 1. pag. 114. *Marrac. na Bib. Marian.* Part. 1. pag. 127. *Franc. Imag. da Virtud. do Novic. de Coimbra* Tom. 2. pag. 612. e no *Ann. glor. S. J. in Lusit.* pag. 277. *Joan. Soar. de Brito in Theatr. Lusit. Litter.* lit. A. n. 99. e *Jacobo Lelong in Bibliothec. Sacr.* pag. 866. col. 1.

ANTONIO MOREIRA CAMELLO natural da Villa de Torre de Moncorvo na Provincia de Tras dos Montes, formado na faculdade dos Sagrados Canones, Comissario do Santo Officio, e Abba-de da Igreja de Saõ Salvador de Penédono, em cujo ministerio emcheo as obrigaçoens de Pastor vigilante. Foy muito instruido na erudição Sagrada, e profana, e muito applicado ao estudo da Genealogia. Morreo no anno de 1675. e delle se lembra *Cardoso Agiol. Lusit.* Tom. 1. pag. 493. col. 2. no *Comment.* de 21. de Fevereiro let. J. e

Franc. na *Biblioth. Portug.* M. S. Imprio.

Parocho perfeito deduzido do Texto Santo, e Sagrados Doutores. Lisboa por João da Costa. 1675. fol.

Com grande trabalho, e não menor estudo compoz hum grande livro.

Armas, e Familias de toda Espanha com os escudos illuminados pela sua mão.

Tratado da Familia dos Mascarenhas.

Conserva-se na Casa dos Condes de Sabugal, de cuja obra faz menção o P. D. Antonio Caetano de Souf. no apparatus. à *Hist. Gen. da Casa Real Portug.* p. 103. n. 106. onde por erro da Impressão he chamado neste lugar o Author Amaro, devendo ser Antonio.

P. ANTONIO DE MORIM filho de Belchior de Morim, e Maria Vieira naceo em Coimbra, onde entrou na Companhia de JESUS a 15. de Fevereiro de 1657. quando contava defefete annos de idade. No Collegio da sua patria foy Lente primario de Rhetorica, e no de Lisboa, de Filosofia em que foy eminente. Exercitou por muitos annos o ministerio de Prêgador, e os ultimos da sua vida de Doutrineiro ensinando pelas Praças de Lisboa, como he louvavel instituto da Companhia, aos Meninos a Sagrada Doutrina, que está incluída no Catecismo. Morreo na Casa Professa de S. Roque em 16. de Abril de 1716. Delle se lembra Franco na *Imag. da Virtud. do Noviciado de Coimbra.* Tom. 2. pag. 612. Compoz

Dulces exuvia humanorum litterarum, & sacrae, & prophanae lecta olim Palladio in pulvere. Ulyssip. apud Valentin. da Costa Desland. 1708. 8. Por cuja obra he seu Author numerado entre os Poetas Portuguezes pelo P. Antonio dos Reys in *Enthus. Poet.* n. 132. *Tu quoque Mondiades velabant fronde Morine Dulcibus exuviis.*

Sermoens do tempo do Advento, e Quaresma. 1. Tomo. Lisboa por Valentim da Costa Deslandes. 1707. 4.

Sermoens de Santos 2. Tom. Lisboa na Officina Deslandesiana. 1710. 4.

Doze Sermoens prêgados nas doze Festas principaes de Maria Santissima Mãe de

Deos. Lisboa por Antonio Pedrozo Galraõ. 1715. 4.

ANTONIO DA MOTA natural de Lisboa muito perito na Lingua Latina, que eloquentemente fallava. Sendo sublimado ao folio do Vaticano em 13. de Mayo de 1572. Gregorio XIII. o congratulou desta suprema dignidade em nome delRey D. Sebastião com huma Oração, que recitou com grande applauso de toda a Curia na presença do Collegio Apostolico, cujo titulo he

Oratio habita Romæ ad Gregorium XIII. da qual fazem menção Fr. Ludou. Jacob. a Sancto Carol. in *Bib. Pontif.* Lib. 2. pag. 264. e Nicol. Ant. in *Bib. Hisp.* Tom. 1. pag. 115.

Fr. ANTONIO DE MOURA natural de Lisboa Religioso da Ordem de S. João de Deos, cujo Habito professou em Castella, taõ applicado ao remedio, e cura dos enfermos principal empenho do seu charitativo Instituto, como vigilante na educação dos Noviços, para os quaes deixou escritas instrucções muito necessarias. Publicou com muitas addições.

Vida del Santissimo Patriarcha S. Juan de Dios compuesta por Fr. Antonio de Gouvea Obispo de Cynere. Madrid por Francisco de Ocampo. 1631. 4. et ibi por Belchior Alegre 1669. 4. et ibi por Roque Rico de Miranda. 1674. 4. e Cadiz 1648. 4.

ANTONIO NABO natural da Villa de Arrayolos da Provincia do Alentejo sendo taõ pequeno no corpo, como grande no engenho. Aprendeo as Letras Humanas, e Rhetorica com o insigne Mestre João Vaseo a quem muitas vezes substituhio quando ensinava estas faculdades em Evora antes de estar fundada a Universidade, e lhe succedeo na Cadeira quando Vaseo se retirou para Castella. Estudou em Salamanca Theologia, e Direito Canonico, e voltando a Portugal foy Censor dos Livros. No tempo que governava a Diocese de Lisboa o Cardial D. Henrique, o fez seu Capellaõ, e Secretario das Cartas Latinas, em que era insigne, por cuja causa mereceo grandes estimações deste Principe. Morreo em Lisboa no anno de 1592. Além de muitas Cartas

Latinas, que escreveu em nome do Cardeal D. Henrique ao Summo Pontifice, e muitos epigrammas latinos a quasi todos os livros, que censurava. Traduzio por ordem do mesmo Cardeal seu Patrono o Ceremonial Romano de Latim em Portuguez, e posto que no frontispicio do livro naõ esteja o seu nome, se declara no privilegio Real o qual tem este titulo.

Ceremonial, e Ordinario da Missa, e de como se haõ de administrar os Sacramentos da Santa Madre Igreja com declaraçaõ da virtude, e uso delles, e doutrina, que de cada hum se farã ao povo certos dias do anno com outras cousas necessarias para os Curas, e mais Sacerdotes. Lisboa por Francisco Correa. 1568. 4. Por ordem do mesmo Principe traduzio em Portuguez

Cathecismo Romano.

Fr. ANTONIO DA NATIVIDADE natural da Villa dos Arcos de Valdevez na Provincia do Minho do Arcebispado de Braga. Professou o penitente Habito de Capucho da Provincia de Santo Antonio no Convento de Santa Catharina da Carnota onde foy exemplar de todas as virtudes religiosas. Ainda que frequentou os estudos preferio com zelosa, e ardente eleiçaõ o ser Mestre nos Pulpitos, que nas Cadeiras em cujo sagrado ministerio atrahio innumeraveis almas para o caminho da penitencia. Depois de ser Definidor, subio ao lugar de Provincial, no qual tolerou com imperturbavel constancia varias tribulaçoens, que igualmente lhe molestavaõ o corpo, e o espirito. Nos cinco annos, que sobreviveo a este lugar, se preparou para a ultima hora com os continuados jejuns de paõ, e agua nos Adventos, Quarefmas, segundas, quartas, e sextas feiras de todo o anno, atè que recebendo hum Jubileo plenissimo concedido pela Santidade de Urbano VIII. a toda a Christandade avizando ao Presidente do Convento de Santo Antonio de Lisboa, que lhe levasse à Enfermaria o Sacramento da Extrema-Unçaõ, recebendo-o com summa piedade expirou placidamente a 6. de Novembro de 1641. compoz

Commentariorum in Evangelia Festorum, quae solent praedicari sex mensibus anni cum annotationibus ad mores per Tractatus digestorum I. Pars. fol.

consta de 450. folhas, e he dedicada esta obra a D. Lourenço de Lima Visconde de Villanova de Cerveira, a qual com as licenças da Ordem dadas a 10. de Julho de 1640. estava prompta para a Impressaõ, e se conserva na Livraria do Convento de Lisboa de Santo Antonio, como nella vimos.

Do Author faz mençaõ Nicol. Ant. in *Bib. Hisp.* Tom. 1. pag. 115. Carvalh. *Corog. Portug.* Tom. 3. Trat. 8. cap. 21. pag. 414. Fr. Joan. à D. Ant. in *Bib. Franc.* Tom. 1. p. 120. *Bib. Eccles.* pag. 502. col. 2. E ultimamente o P. Fr. Martinho do Amor de Deos *Chron. da Prov. de Santo Antonio.* Tom. 1. liv. 2. cap. 1. §. 61.

Fr. ANTONIO DA NATIVIDADE natural de Lisboa filho de Pays igualmente pios, que nobres quaes foraõ Duarte Ximenes, e Joanna da Veiga. Na idade da adolescencia recebeu o Habito dos Eremitas de Santo Agostinho no Convento desta Corte onde professou a 16. de Setembro de 1607. cuja sagrada familia illustrou como filho benemerito com a innocencia da vida, sublimidade de engenho, e copia de livros. Instruiu aos seus domesticos com as sciencias escolasticas pelo espaço de desefete annos nos Collegios de Lisboa, Evora, e Coimbra de cujos preceitos sahiraõ discipulos, que ja eraõ Mestres. Foy cordialmente devoto de Maria Santissima com o titulo da Penha de França Orago de hum Convento da sua Ordem situado nos arrebaldes de Lisboa onde por muito tempo assistio por seu Capellaõ. Naõ foy menor a devoçaõ, que teve com as Almas do Purgatorio applicando incessantemente todo o disvelo para o seu alivio ja com exhortaçoens publicas, e particulares para que com esmolmas, e oraçoens as aliviasssem dos tormentos, que padeciaõ, ja erigindo Confrarias, e escrevendo Estatutos dirigidos ao refrigerio das mesmas Almas, que agradecidas a tanta piedade, e comiseraçaõ o receberaõ na sua companhia no dia dedicado à sua geral cõmemoraçaõ a 2. de Novembro de 1665. no qual piissimamente espirou. Sendo acaço pareceo mysterio, que naõ havendo lugar cõmodo na Igreja, e Claustro para o sepultarem, fosse enterrado no pavimento da Capella das Almas que era da familia dos Ximenes donde procedia. Do seu nome, e escritos ainda que

naõ de todos fazem memoria Nicol. Ant. in *Bib. Hisp.* Tom. 1. pag. 115. e Tom. 2. pag. 282. Herrer. in *Alphab. August.* ad an. 1638. Purif. de *Vir. Illustrib. Prov. Lusit. Ord. Eremit. D. Aug.* liv. 3. cap. 2. Cardof. *Agiol. Lusit.* Tom. 3. no Cõment. de 14. de Mayo letr. E onde lhe chama *Doutissimo*. Joan. Soar. de Brit. in *Theatr. Lusit. litter.* lit. A. n. 120. e *Magna Bib. Eccles.* pag. 502. col. 2. Escreveo.

Stromata Oeconomica totius sapientiæ flamine texta, sive de regimine domûs. Opuscula nullius non litteraturæ elaborata impendio. Pars prior de Patre Familias. Olyssipone ex Officina Crasbeeckiana 1653. fol. et Parisiis. 1656. fol.

Sylva de Suffragios declarados, lowados, encomendados para comum proveito de vivos, e defuntos. Braga por Manoel Cardoso 1635. 4. Foy traduzida em Castelhana por Fr. Diogo Noguera Agostinho. Madrid por Bernardo Hervada. 1666. 4.

Montes de Coroas de Santo Agostinho nelle, e na sua Eremitica familia recebidas. Lisboa por Henrique Valente de Oliveira. 1663. fol.

Sermaõ nas Exequias que os Religiosos da Ordem de Santo Agostinho fixeraõ na Sé de Lisboa pelo Illustrissimo, e Reverendissimo Senhor D. Rodrigo da Cunha Arcebispo da mesma Cidade Josue Portuguez. Lisboa por Antonio Alvares. 1643. 4.

Tratado da devoção da Correa de Santo Agostinho. Lisboa pelo dito Impressor. 1627. 12. Deixou ainda imperfeito.

Tratado da Fundação do Convento de N. Senhora da Penha de França. M. S.

Fr. ANTONIO DA NATIVIDADE. Naceo em o Porto a 3. de Janeiro de 1637. e na adulta idade de 22. annos recebeo o monastico Habito do Principe dos Patriarchas S. Bento, em o Convento de Tibaens a 26. de Março de 1659. Foy bom poeta latino, e naõ menor Theologo moralista chamado antonomasticamente o Beda. Tinha prompto para a impressaõ.

Luz do Moral em que se declara a materia dos Sacramentos. No fim de cada Tratado lhe poz hum dysticho latino que recopilava a materia do Tratado fol. volume grande.

Fr. ANTONIO DA NATIVIDADE MOCAMBO natural do bairro de Lisboa, onde tomou o ultimo appellido, filho de Agostinho Rodriguez, e Faustina Rodrigues. Na idade juvenil abraçou o penitente Estatuto da Serafica Provincia da Arrabida o qual professou a 15. de Dezembro de 1697. em o Convento de Alferara junto da Villa de Setuvál, onde naõ sómente foy Lente de Prima de Theologia, mas Provincial, e Prègador *egregio* como o intitula Fr. Joan. à D. Anton. in *Bib. Franc.* Tom. 1. pag. 120. cujo talento para o Pulpito o manifestou quando no Convento de S. Jozé de Riba-mar cabeça da sua Provincia neste Reyno recitou na presença augusta delRey N. Senhor D. Joaõ o V. e os Senhores Infantes.

Sermaõ do Glorioso Saõ Francisco. Lisboa na Officina da Musica. 1726. 4.

Sermaõ da Terceira 6. feira da Quaresma prègado na Santa Igreja Patriarchal no anno de 1738. Lisboa por Antonio Ilidoro da Fonfeca. 1738. 4.

ANTONIO DE NAXARA ainda que por origem Castelhana, por nascimento, educaçã, e morada Ulyssiponenfe. Applicouse desde os primeiros annos ao estudo das disciplinas Mathematicas, e naõ fatisfeito de revolver com indefesso cuidado as obras dos mayores professores de taõ nobres sciencias, sahio da sua patria para consultar nas duvidas mais difficultosas aos Sabios que floreciaõ nas Cortes de Europa, de que se seguio sahir doutissimo assim na Mathematica practica, como especulativa, principalmente na Altronomia, e Cosmografia, como o publicaraõ as suas obras de quem fazem estimaçã Antonio de Leon na *Bib. Indic.* Tit. 3. D. Nicol. Ant. na *Hisp.* Tom. 1. pag. 115. D. Francisco Manoel na 1. *Carta da 4. Centur.* escrita ao Doutor Themudo, e Joaõ Soar. de Brit. in *Theat. Lusit. Litter.* lit. A. n. 101. Compoz.

Discursos astrológicos sobre o Cometa, que appareceo em 25. de Novembro de 1618. Lisboa por Pedro Crasbeeck. 1619. 4.

Navegacion especulativa, y practica reformadas sus reglas, y tablas por las observaciones de Ticho Brahe: Navegacion, y puntos por el globo, y carta plana. Lisboa por Pedro Crasbeeck. 1628. 4.

Summa Astrologica, y arte para enseñar a hazer pronosticos delos tiempos, y por ellos conocer la fertilidad, o esterilidad del año, las alturas del ayre por el juizio delos Eclipses del Sol, y Luna por la revolucion del año, y más en particular por las conjunciones, oposiciones, y quartos que haze la Luna con el Sol todos los mezes, y semanas; dispuesta por el mas racional estilo, y por terminos más claros que hasta oy se han escrito, sacados sus fundamentos delo más essencial dela doctrina de Ptolomeo, y sus commentadores, y de otros Astrologos Arabes, y Griegos, que mejor trataron esta materia, y para confirmacion de su verdad, y certeza recopilados en la ultima parte deste livro muchos asorismos examinados por todos ellos delas constelaciones celestes, que con sus influencias alteran el ayre con calores, frios, humedades, relampagos, rayos, piedras de corisco, temblores de tierra, terremotos, y diluvios, y el modo con que se hazen todas estas impresiones metereologicas en el ayre, y tierra, con otras muchas curiosidades. Lisboa por Antonio Alvares 1632. 4. Desta obra, e do Author faz memoria o moderno Addicionador da *Bib. Nautic.* de Antonio de Leaõ Tom. 2. titul. 1. col. 1053.

No Prologo deste livro prometia publicar brevemente.

Summa de observaçoens, e experiencias methereologicas feitas acerca dos tempos, e mutaçoens para cada dia do anno.

Fr. ANTONIO DAS NEVES natural de Lisboa, Religioso professo da Ordem dos Menores da Provincia dos Algarves, poeta vulgar, e versado na lição dos Santos Padres, e Escritura Sagrada, de cujas applicaçõens são evidentes provas as obras seguintes, que não lograraõ o beneficio da luz publica.

Santo Antonio de Lisboa Decimas Portuguezas. De sua vida, milagres, e gloriosas obras conforme as Chronicas da Sagrada Religião de Frades Menores, e outras lendas particulares Dedicado ao mesmo Santo no Pretorio da Cidade de Lisboa, e sua Casa da Camara por voto particular, e devaçãõ do Author em 1650. Consta de 18. Cantos in 4. cujo Original se conserva na Livraria dos PP. Theatinos desta Corte.

Manuscripta Litteraria pro Sacris Con-

cionibus instituendis selecta ex probatissimis Doctoribus, ejusdemque piissimis Sacra Pagina Interpretibus anno Domini 1651. fol. Obra de grande trabalho, e vastidaõ. Conservase na Bibliotheca do Convento da Provincia dos Algarves da qual era filho o Author.

ANTONIO NOGUEIRA Doutor em Leys, e famoso Lente desta faculdade na Universidade de Coimbra, cujas obras louvaõ Pedro Barboza ff. de *Legat.* n. 39. Gaspar Pegad. ad L. *inter cætera* ff. de *lib. et posthum.* fol. 50. e Diogo Lopes Ulhoa de *Fidei comis.* Dissert. 5. n. 19. et 20. sendo entre ellas a mais celebre. In *Rub. ff. de Legatis* 1. in. 4.

D. ANTONIO DE NORONHA primeiro Conde de Villa-Verde, duodecimo Senhor desta Casa, Commendador das Cõmendadas de Algezur na Ordem de S. Tiago, e de S. Salvador de Mançoens na de Christo. Foy filho de D. Pedro de Noronha undecimo Senhor de Villa-Verde, e de sua Mulher D. Juliana de Menezes filha de Vasco Martins Moniz, Senhor de Angeja, e de D. Violante de Menezes. Era summamente applicado ao estudo da Genealogia em que fez grandes progressos não sómente pelo que colheo da lição dos livros, mas das noticias de muitos Genealogicos com quem teve familiar commercio que por serem muito exactas, e verdadeiras escreveo.

Nobiliario.

Do qual diz o P. D. Antonio Caetano de Soufa no *Appar. à Hist. Gen. da Caf. Real Portug.* pag. 125. n. 138. *fora feito com grande averiguação, historiado, sem que cause fastio com notavel reflexãõ nas materias, e admiravel intençãõ no que escreveo como propria do seu illustre nascimento... e na verdade he dos melhores nobiliarios que tenho visto.* Conservase este Nobiliario na Livraria do Marquez de Angeja, filho do Author que foy casado com D. Maria de Menezes filha de D. Duarte de Menezes Conde de Tarouca, e de D. Luiza de Castro. Morreo em Lisboa a 14. de Janeiro de 1675. Jaz sepultado no Convento de N. Senhora da Visitação de Religiosos Recoletos da Serafica Provincia dos Algarves situado em Villa-Verde.

Fr. ANTONIO DE NOSSA SENHORA natural de Coimbra. Recebeo o Habito da Ordem dos Prégadores no Convento de Goa, onde foy Commissario do Santo Officio, e Deputado por nomeação do Illustrissimo Inquisidor Geral D. Fr. Jozé de Lancastro, que não exercitou por voltar ao Reyno. Foy Prior do Convento de Dâmaõ, e Presentado a titulo de Prégador, de cujo apostolico ministerio colheo não menor applauso, que lucro, do qual comprou hum juro annual de cincoenta mil reis para se augmentar a Livraria do Convento de Lisboa, onde morreo a 26. de Março de 1712. Imprimio.

Sermaõ da Serenissima Mãe de Deos, e Senhora nossa do Rosario em a celebridade solemne de seu festivo Outavario que todos os annos se applaude, e celebra por todas as partes, e terras do Oriente pregado no Convento de São Domingos da Cidade de Dâmaõ o anno de 1695. Coimbra por Manoel Rodriguez de Almeyda Familiar do Santo Officio 1701. 4. Delle se lembra Fr. Pedro Monteiro no *Claustr. Domin.* Tom. 3. pag. 163.

D. ANTONIO DE NOSSA SENHORA DO CARMO chamado no seculo Antonio da Cunha Brochado naceo na Cidade da Bahia Capital da America Portugueza, e teve por Pays ao Dezembargador Belchior da Cunha Brochado Fidalgo da Casa Real, Cavalleiro professo da Ordem de Christo, Conselheiro da Fazenda, e Corregedor da Corte, e Casa, e a D. Maria Francisca de Paula, e Almeida. Instruido nas letras humanas aprendeu Filosofia no Collegio de Santo Antaõ de Lisboa donde passando à Universidade de Coimbra se applicou ao estudo da Jurisprudencia Cefarea em que fez taes progressos o seu penetrante engenho, que recebido o grão de Licenciado voltou à Corte onde exercitou com igual sciencia que integridade o lugar de Juiz da India, e Mina. Sendo nomeado Plenipotenciario à Corte de Madrid seu Tio Jozé da Cunha Brochado, de quem faremos merecida memoria em seu lugar, o acompanhou para se instruir nos mysterios da Politica, cuja arte mais se aprende com a practica, que com a especulação, donde voltando foy eleito Conselheiro da Fazenda Real.

Penetrado de superior impulso recebeo as ordens de Presbytero, e considerando com mais defenganada reflexaõ que no seculo não podia conseguir a tranquillidade, que dezejava o seu espirito, desprezando todas as conveniencias mundanas se retirou ao Claustro do Real Convento de Santa Cruz de Coimbra onde professou o Instituto Canonico Augustiniano a 16. de Julho de 1735. Nesta virtuosa palestra se fez severo imitador dos exercicios asceticos que nelle practicaõ os seus Collegas. Nas horas vagas das obrigaçoens de Religioso traduzio da Lingua Castelhana de Manoel Jozé Altamirano em a Portugueza, e se imprimio sem o seu nome.

Retiro espirital para hum dia de cada Mez, e para disposiçaõ de huma Santa vida para huma boa morte. Coimbra por Antonio Simoens Ferreira Impressor da Universidade 1738. 8.

ANTONIO NUNES Doutor na faculdade de Leys, Ouvidor nas terras, e Coutos de Alcobça, de cujo officio sendo mandado dar conta pelo Cardial D. Henrique no tempo que era D. Abbade do Real Convento de Alcobça, escreveu.

Visita, e Reformaçaõ, que fez nas terras, e Coutos do distrito de Alcobça. fol. A qual obra se guarda M. S. no Collegio da Companhia de JESUS de Evora.

ANTONIO NUNES natural da Cidade de Beja, irmão de Fr. Ignacio de Santa Maria Agostinho Descalço, de quem em seu lugar faremos mençaõ, commendatario do Hospital do Santo Espirito em Italia, e administrador da Commenda chamada Alexandrina que vagou por morte de seu Irmão Joaõ Nunes Religioso da mesma Ordem. Voltando para Portugal morreo no anno 1671. Escreveo.

Diario della Misericordia di Dio, e motivo per amarlo con altri divote essercij per acquistare la gratia di Dio, e conservarsi in essa in vita, e in morte. Milano por Ludovico Monza 1666. 12.

Consuelo del alma contrita. Milano por o dito Impressor. Consta de versos devotos para cada dia da Semana. Desta obra como poetica se lembra no seu Enthusiasmo n. 180. o P. Antonio dos Reys.

P. ANTONIO NUNES Vejase P. VICTORINO JOSEPH.

ANTONIO NUNES DA VEYGA Ouidor da Comarca de Valença igualmente perito na sciencia da Jurisprudencia, como da Historia assim Sagrada como profana, e Arte militar escreveu.

Perfeito Capitaõ maximas militares tiradas da disciplina, e pratica militar dos mayores Herões, que conbecco o tempo, e particularmente daquelles, que com seu valor, e boa politica se fizeraõ Senhores do mundo, e acredores de boa fama. Lisboa por Valentim da Costa Deslandes 1709. 4.

Fr. ANTONIO OLANO. Naceo no arrebalde da Villa de Torres Vedras do Arcebisgado de Lisboa, Religioso Menor cujo Habito professou em Castella. Escreveo.

Martyrio do V. Fr. André de Spoleto. Cuja obra traduzida na lingua Italiana por João Maria Branculupo de Monte falco sahio juntamente com o *Thezouro das virtudes* de Fr. Affonso da Ilha no anno de 1574. 8. de quem em seu lugar fizemos mençaõ. Do Author a fazem Nicolao Ant. in *Bib. Hisp.* Tom. 1. pag. 24. col. 2. e Fr. Joan. à D. Ant. in *Bib. Franc.* Tom. 1. pag. 120.

ANTONIO DE OLIVEIRA natural de Lisboa Presbytero de exemplar vida, e professor insigne de Musica, de cuja faculdade foy Mestre do Coro da Real Parochia de S. Juliaõ da sua patria donde passou a Roma, e nella morreo. Deixou muitas obras compostas para se cantarem nos Templos, como eraõ.

Missas, Psalmos, Motetes, e Vilhancicos, dos quaes grande parte se conserva na Bibliotheca Real da Musica, como consta do seu Index Impresso em Lisboa por Pedro Crasbeck 1649. 4.

ANTONIO DE OLIVEIRA natural da Villa da Chamusca Arcebisgado de Lisboa traduzio de Castelhana em Portuguez.

Relaçã do tumulto popular, que succedeo em 18. de Dezembro do anno passado de 1735. na Cidade do Graõ Cayro Capital do antigo Reyno do Egypto com a morte do seu Visir, e do Juiz dos Judeos, e destruiçaõ da

Judiaría com as mortes, e tormentos crueis, que deraõ aos Judeos com todas as particularidades desta grande revolta tiradas de cartas fidedignas, e relaçoens de pessoas graves, e incorruptas. Lisboa na Officina Joaquiniana da Musica sem anno de impressãõ. 4.

ANTONIO DE OLIVEIRA Presbytero do Habito de S. Pedro, e Missionario Apostolico por faculdade Pontificia naceo em Lisboa donde em idade pueril passou com seus Pays Antonio de Oliveira, e Mariana dos Reys à Bahia de todos os Santos Capital da America Portugueza, e no Collegio dos Padres Jesuitas aprendeo Filosofia, e Theologia com tanta applicaçã do seu engenho, que mereceo ser laureado Mestre em Artes, e Examinador desta Faculdade. Naõ alcançou menor applauso assim na Poesia Latina, e vulgar, de que em varias Academias deo claros argumentos da sua fecunda veyra, sendo ouvido com aclamaçoens de insigne Orador Evangelico de cuja sublime Arte tem publicado.

Sermaõ das Exequias que a muito Reverenda Irmandade de S. Pedro dos Clerigos da Cidade da Bahia celebron este anno de 1736. aos 10. de Julho pelas almas de seus Irmaõs Sacerdotes em a sua propria Igreja do mesmo Principe dos Apostolos. Lisboa por Mauricio Vicente de Almeyda 1738. 4.

Sermaõ do Santissimo Sacramento prégado na sumptuosa Festa que a este Mysterio consagraraõ os Irmaõs do Senhor da Matriz da Conceiçaõ da Praya da Cidade da Bahia este anno de 1739. Lisboa Na Officina dos Herdeiros de Antonio Pedrozo Galraõ. 1740. 4.

Epigramma Latino, e Soneto Portuguez, em louvor do Reverendo Sebastiaõ do Valle Pontes Deaõ da Cathedral da Bahia prégando nella as exequias do Pontifice Benedicto XIII. Lisboa na Officina Auguftiniana. 1732. 4.

ANTONIO DE OLIVEIRA CADORNEGA natural de Villa-Viçosa filho de Antonio Cadornega de Oliveira Fidalgo da Casa Real, e Criado, como o foraõ seus Ascendentes da Serenissima Casa de Bragança. Na adolescencia estimulado do nobre ardor da gloria militar acompanhou por Soldado a Pedro Cefar de Menezes na

occafiaõ, que partio por Governador de Angola no anno de 1639. em cujo theatro obrou heroicas façanhas contra os Olandezes, affim no posto de Alferes, como de Capitaõ pelo largo espaço de trinta annos. Depois que inimigo taõ poderofa foy lançado daquellas terras affiftio na Cidade de Loanda Capital do Reyno de Angola onde como Capitaõ reformado viveo até o anno de 1690. Pela vafsa noticia, que tinha adquirido daquella regiaõ Africana já pela liçaõ dos Livros, já pelo exame dos olhos, efcreveo.

Hiftoria geral da guerra de Angola. fol. 3. Tom.

Hiftoria de todas as confas, que succederão em Angola no tempo dos Governadores, que a governarão depois da guerra até D. João de Lancaftro. fol. Tom. 4.

Compendio da expugnação do Reyno de Benguela, e das terras adjacentes. fol.

Descripção da fua patria Villa-Viçofa acabada no anno de 1683. Dedicada ao Excellentiſſimo Conde de Ericeira D. Luiz de Menezes, em cuja grande Livraria fe confervaõ todas eftas obras M. S.

Fr. ANTONIO DE PADUA natural de Beja filho de Diogo Gonçalves Sanches Caste lhano, Cavalleiro da Ordem de S. Tiago, e de fua mulher Joanna Sanches da Gama, irmãõ inteiro do celebre Doutor João Affonſo de Beja, de quem faremos memoria em feo lugar. Depois de eftar instruido nas Letras Humanas, e na Lingua Latina por caufa de fer provido de hum Beneficio partio a Roma onde chamado por Deos para vida mais perfeita abraçou o Instituto Serafico mudando juntamente com o novo eftado o nome de Pedro Gonçalves Sanches, que tinha no Seculo em o daquelle famofo Thaumaturgo, que tendo o Oriente em Lisboa teve o Ocafo em Padua. O graõ talento de que era ornado o habilitou para os mayores lugares da Ordem onde lufio a fua prudencia, fabledoria, e actividade para confeguir os negocios mais arduos, e conciliar os animos mais difcordes. Foy Lente de Theologia em Padua em cuja Universidade foraõ refpeitadas as fuaſ letras. Paſſando a Portugal fe incorporou neſta Provincia, e informado ElRey D. João o III. das fuaſ eminentes Letras o

mandou por feo Theologo ao Concilio Tridentino, em cujo Sagrado, e Sapientiffimo Congresso brilharão com grande exceſſo os dotes ſcientificos de que era ornado o feo profundo talento pelo qual o elegeo feo Secretario o Miniſtro Geral da Ordem Serafica, confiando, que podia dignamente fatifazer huma, e outra incumbencia. Depois de fer Comiffario Geral de toda a Familia Francifcana segunda vez paſſou a Roma onde continuados felizmente os negocios da fua Religiaõ, e deſta Coroa acabou a vida mortal para principiar a eterna reynando ElRey D. Sebaſtiaõ, ou o Cardeal D. Henrique. Fr. Fernando da Soledade. *Hift. Seraf. da Prov. de Portug.* Part. 4. Liv. 4. cap. 28. n. 985. lhe chama *Varaõ eminente em todo o genero de erudição.* Delle brevemente nos lembramos nas *Mem. delRey D. Seb.* Part. 1. Liv. 1. cap. 9. n. 85.

Compoz, e fe imprimio.

Candelabrum Sacramentorum. 4.

Explicationes in Acta Concilij Tridentini. M. S.

ANTONIO PAES FERRAZ natural de Lisboa igualmente douto nas faculdades de Philoſofia, Theologia, e Mathematica, de cuja ſciencia teve particular eſtudo com a qual fazia muitos vaticinios, e prognosticos dos annos, calculados pelo merediano de Lisboa, dos quaes publicou os ſeguintes

Pronostico, e Lunario do anno de 1653. com todos os aſpectos da Lua com o Sol, e alteraçoes do ar. Lisboa por Antonio Alvares 1652. 8.

Pronostico, e Lunario do anno de 1660. Lisboa por Domingos Carneiro. 1659. 8.

Discurſo Astrologico das influencias da mayor conjunção de Jupiter, e Marte, que succederà a 8. de Agoſto de 1660. observado, e calculado para o Meridiano de Lisboa. Nelle ſe trata da exaltação de Portugal, dos principios de feo Imperio, e de fuaſ felicidades. Lisboa por Domingos Carneiro. 1661. 4.

ANTONIO PAES VIEGAS. Naceo no Lugar de Manjoens do territorio de Lisboa ſendo filho de Seſifnando de Freitas Freire, e de fua mulher D. Maria de Lacerda. Foy Cavalleiro profello da Ordem de

Christo, Cōmendador da Cōmenda de Santa Maria da Charidade em Evora, e Alcayde Mōr de Barcellos, Secretario de Estado do Serenissimo Rey D. Joaõ o IV. antes, e depois de cingir a Coroa. Foy ornado de todos os dotes, que constituem hum verdadeiro politico, quaes eraõ summa prudencia, juizo maduro, profunda capacidade, e sagaz artificio para vencer as mayores dificultades, a cuja activa deligencia deve Portugal a sua liberdade como escrevem com naõ pequenos louvores da sua pessoa Macedo na *Lusit. Liberat.* Lib. 3. cap. 10. n. 12. Menezes *Portug. Res.* Tom. 1. Liv. 2. pag. 91. e Joaõ Bautista Birago *Hist. de Portug.* Lib. 2. pag. mihi 156. persuadindo com eficazes razoens ao Duque de Bragança, que aceitasse a Coroa de seus Avõs offerecida pelos Portuguezes, e empunhasse o Sctro violentamente usurpado pela ambição Castelhana, e ainda que esteve indeciso o Duque na resolução receando prudentemente as gravissimas consequencias, que della haviaõ de resultar, foraõ taõ fortes os fundamentos com que lhe inflamou o animo para empreza taõ alta, que cedendo da perplexidade aceitou a Coroa. Elevado este Principe ao Trono sempre o consultou como a Ministro taõ Sabio, e prudente em todas as materias politicas, e militares, até que morreo na sua patria no anno de 1650. ainda que Joaõ Soar. de Brito in *Theatr. Lusit. Literat.* Lit. A. n. 103. escreve, que fora no anno de 1645. acrescentando *Vir fuit variae eruditionis, & lectionis, nec minoris eloquentiae, & prudentiae* Valasc. *Jus. Aclamac.* Par. 1. §. 4. n. 5. *insigne talento desta idade.* D. Francisco Manoel na 1. carta da Centu. 4. escrita ao Doutor Manoel da Fonseca Themud. *deligente investigador dos principios de Portugal.* Escreveo com igual elegancia, que exame.

Principios del Reyno de Portugal con la vida, y hechos de D. Alfonso Henriques su primer Rey, y con los principios de otros estados Christianos de España. Lisboa por Paulo Crasbeeck. 1641. fol. Na lingua materna, mas sem o seu nome.

Manifesto do Reyno de Portugal no qual se declara o direito, causas, e o modo que teve para eximir-se da obediencia delRey de Castella, e tomar a voz do Serenissimo D. Joaõ o IV. do nome, e XVIII. entre os Reys

verdadeiros deste Reyno. Lisboa por Paulo Crasbeeck. 1641. 4. e Amsterdaõ por Paulo Matheo. Impugnando este manifesto Fr. Joaõ Caramuel confessa ser seu Author eloquentissimo.

Relaçã dos successos, que as Armas da Magestade delRey D. Joaõ o IV. tiverã nas terras de Castella no anno de 1644. até a Victoria do Montijo. Lisboa por Antonio Alvares. 1644. 4.

Relaçã dos successos, que nas fronteiras do Reyno tiverã as Armas delRey D. Joaõ o IV. com as de Castella depois da jornada do Montijo até o fim do anno de 1644. com a gloriosa defensa de Elvas. Lisboa pelo dito Impressor anno 1644. 4.

ANTONIO DE PAYVA GODINHO, filho de Duarte de Abreu, e Catherina Godinha Rebella, naceo na Villa de Santarem a 17. de Fevereiro de 1693. Formado na faculdade dos Sagrados Canones pela Universidade de Coimbra começou a exercitar o officio de Patrono de causas em a sua Patria com boa reputaçã, mas considerando que este genero de vida era muito contrario à sua consciencia, naõ sómente o deixou, mas ainda o vestido de Secular, e se dedicou a servir com habito de Donato o Reformado Recolhimento das Religiosas Capuchas de N. Senhora dos Innocentes em a sua Patria, cujo ministerio exercita com louvavel procedimento. Deixou hum volume de 4. em que estaõ.

Poesias Varias.

Entre ellas está a *Descripção da Batalha do Campo de Ourique alcançada por ElRey D. Afonso Henriquez* em 8. rima. Este volume conserva em seu poder Rodrigo Xavier Pereira de Faria natural, e morador em Santarem, que nos comunicou esta noticia.

ANTONIO DE PAYVA, E PONA natural da Cidade de Bragança na Provincia Trasmontana, onde naceo a 10. de Outubro de 1665. sendo filho do Licenciado Pedro Fernandes Pona, e Catherina Rodriguez de Moraes. Depois de receber o grão de Bacharel na faculdade de Leys pela Universidade de Coimbra servio algumas Judicaturas donde passou a ser Provedor das Cida-

des de Miranda, no anno de 1711. e ultimamente de Evora em 1728. Compoz.

Orphanologia Practica em que se descreve tudo o que respeita aos inventarios, partilhas, e mais dependencias de pupillos. Lisboa por Jozé Lopes Ferreira Impressor da Serenissima Rainha. 1713. 4.

V. Fr. ANTONIO DE S. PEDRO chamado Antonio Correa antes de receber o Habito dos Religiosos Descalços de Nossa Senhora da Mercè naceo em o anno de 1571. na Villa do Celorico do Bispaado da Guarda, e foraõ seus Pays Manoel Thomaz, e Anna Correa, que sendo observantes da Ley de Moysés o educaraõ nas ceremonias della, das quaes era exacto professor; porèm receando, que poderia ser castigado com as penas, que em Portugal se costumã dar aos Sequazes da Sinagoga, se ausentou para as Indias Occidentaes com o pretexto de negociante, e fazendo o seu domicilio em Lima, vulgarmente chamada Cidade dos Reys, foy prezo pelos Inquisidores como Reo da perfidia Judaica, de cujos erros estava taõ obstinadamente hallucinado, que antes queria perder a vida, que abjurar a pertinacia da sua crença. Mas que infinita he a clemencia de Deos ainda para com os seus mais rebeldes Antagonistas? Ferido de hum rayo de luz celestial de tal modo lhe penetrou a dureza do coraçã, que como outro Saulo transformado em Paulo, começou a detestar a sua perfidia, e confessar publicamente a sua culpa, de que eraõ manifestos sinaes as lagrimas, e vozes com que arrependido sollicitava o perdaõ da divindade offendida prometendo sacrificar a vida em obsequio do Redemptor do mundo, e seguir os dictames do Evangelho que elle promulgara depois, que se vestio da nossa humanidade. Esta mesma protestaçaõ fez publicamente no theatro onde em 13. de Março de 1605. ouviu a sua sentença com tanta copia de lagrimas, que causava admiraçaõ a todos os circunstantes a vehemencia da sua contriçaõ. Depois de ter servido com exemplar procedimento aos Religiosos Mercenarios Descalços em Lima, e passando a Hespanha, e crescendo cada vez mais em actos heróicos de virtude foy admitido ao estado de Leygo no Convento dos mesmos Religiosos de Offuna, onde professou solem-

nemente a 15. de Fevereiro de 1615. Nesta palestra não houve genero algum de virtude que exactamente não practicasse, pois nelle se admirava unida agudeza do juizo com simplicidade de animo, obediencia prompta com profunda humildade, benevolencia para os estranhos, e severidade para consigo; meditação continua da Paixaõ do Redemptor, e incansavel disvelo em beneficio do proximo. Todas estas virtudes se faziaõ mais respeitadas com a sciencia dos futuros, conhecimento claro dos segredos do Coraçã, intelligencia altissima dos lugares mais dificeis da Escriitura, e immensa copia de prodigios, por cujas causas mandou a 23. de Outubro de 1623. hum anno depois do seu felicissimo transito, D. Innocencio Maximo Bispo Britonorienze Nuncio Apostolico, e Legado a Latere da Santidade de Urbano VIII. em Hespanha que em Offuna se fizesse processo juridico para a sua Beatificaçaõ; e em 24. de Dezembro de 1624. lhe mandou dar culto privado Julio Sacheti Nuncio, e Legado do mesmo Pontifice em Hespanha. Dous retratos seus além de outros muitos se abriã em Laminas, hum em Roma com inscripçaõ Latina; e outro em Hespanha com inscripçaõ Castelhana, nas quaes se lêm compendiosamente as açoens, dia, e anno da morte deste veneravel Varaõ. A inscripçaõ Latina he a seguinte.

Vera Effigies Ven. Servi Dei Fr. Antonij a Sancto Petro cognomento Obedientis ex loco vulgariter dicto Cerolico de Obedado Diæcesis Guardianensis de familia Saraiva, et Almeyda, qui pie, sancteque vixit, atque in magna Sanctitatis opinione obiit Vrsane Diæceses Hispalensis die 30. Julij 1622. A Castelhana diz.

El B. Fr. Antonio de S. Pedro Descalfo de Nuestra Señora dela Merced Redencion de Cantivos Varon de Santidad prodigiosa por haverlo sido su conversion, y muy semejante a la del Apostol S. Pablo parecia viva imagen de Jesu Christo, de cuya passion fue devotissimo, tuvo las virtudes todas en heroico grado exercitandolas con actos más para admirar, que para imitar. Resplandició en el don de profecia, y virtud de hazer milagros assi en su vida, como en su muerte que fué en 30. de Julio de 1622. años aos 53. de su edad. Su Cuerpo está en su Con-

vento do Offuma donde fue hijo, y siempre morador com grande veneracion, y culto privado por authoridade Apostolica.

As açoens deste insigne servo de Deos escreveraõ em volumes inteiros Fr. Joaõ de S. Damafo na *vida* impressa em Cadis 1670. fol. e Fr. Agoftinho de Santo André na *vida* impressa em Sevilha 1688. 4. ambos Religiosos Mercenarios. Fr. Jorge de S. Jozé Confessor do servo de Deos, cuja obra se guarda na livraria do Convento de Sevilha. Fr. Pedro de S. Cecilio nos *Annaes dos Descalç. da Mercé.* Fr. Philippe Columbo na *vida do Ven. Fr. Gonçalo Dias de Amarante* liv. 3. cap. 11. Fr. Luiz de Vera *Mem. da Fund. e progres. da Ordem Mercen. nas Ind. Occid. Advert.* 4. Fr. Bernard. de Vargas Mercenario in *Trañ. de Contagios. morbo Sicil.* pag. 89. et 91. Dos estranhos Quintadueñas *Sant. de Sevilha* p. 331. Rodrig. Mend. *Sylv. Poblac. Gen. de Espan.* cap. 166.

Compoz com superior illustraçõ.

Siete meditaciones dela Passion de Christo nuestro Señor, y delos provechos, que de meditarla se facan. Granada. 1641. 8.

Deste livro se tiraraõ tres mil, e quatro centos exemplares, e tal foy o seu consumo, que raramente apparece algum.

ANTONIO PEDRO RIBEYRO natural da Villa de Olivença da Provincia do Alentejo Professor de Direito Civil em cuja faculdade recebeu o grão de Bacharel na Universidade de Coimbra. Imprimio.

Triunfo Sagrado, que a Veneravel Ordem Terceira de N. Senhora do Monte do Carmo sita no Real Hospital de S. Joaõ de Deos da notavel Villa de Olivença consagra à mesma Senhora em o dia 16. de Julho de 1734. Lisboa por Pedro Ferreira Impressor da Augustissima Rainha N. Senhora 1734. 4.

Fr. ANTONIO DA PENITENCIA natural de Lisboa onde foy bautizado a 26. de Novembro de 1605. Professou o Sagrado Instituto de Religioso Terceiro do Serafico Patriarcha, no Convento de Viana do Alentejo a 28. de Janeiro de 1622. Foy muito sciente na Arte da Musica, e cantou com grande suavidade, e destreza. Por muitos annos exercitou o lugar de Vigarario do Coro do Convento de Arrayolos

no Arcebispado de Evora, onde morreo a 14. de Dezembro de 1648. com 43. annos de idade, e 26. de Religiaõ. Deixou composto.

Varias obras de Musica.

Fr. ANTONIO PEREGRINO, que no seculo se chamava Manoel da Costa, naceo em Lisboa de Pays nobres, e virtuosos. Tendo recebido a Roupeta da Companhia de JESUS na idade de defefete annos em o Noviciado da sua Patria por justas causas a deixou no anno de 1642. passando para a penitente Provincia da Arrabida, sendo já muito douto assim nas letras humanas como na Filosofia, e Theologia, onde foy admitido pelo Provincial Fr. Antonio das Chagas em o anno de 1644. professando taõ austero Instituto no Convento de S. Jozé de Ribamar com geral satisfaçõ dos Religiosos. Ainda que a mayor parte do tempo gastava na comtemplaçõ dos bens eternos, e na liçãõ dos livros espirituales lembrado dos seus primeiros estudos occupava as horas vagas na composiçãõ de alguns Poemas Latinos, e no exame das mayores difficuldades da historia, assim Sagrada, como profana, sendo neste estudo taõ eminente que era consultado pelos homens mais eruditos da sua idade como ingenuamente o confessa Luiz Marinho de Azevedo no Prologo das *Ant. de Lisb.* ao tempo que andava meditando taõ grande obra dizendo *a quem devemos* (falla de Fr. Antonio Peregrino) *ensuras, e advertencias, porque a experiencia nos tem bem mostrado o que se podia fiar das suas letras Sagradas, e humanas.* Naõ foy menor o seu talento no Pulpito, e na intelligencia da Sagrada Escritura como affirmãõ D. Francisc. Manoel de Mello na *Cart. 1. da 4. Centur. ao D. Manoel da Fofec. Themud.* e Joan. Soar. de Brit. in *Theatr. Lusit. Litterat.* lit. A. n. 104. Morreo no Convento de Santarem a 15. de Agosto de 1656. e foy sepultado no Claustro, sendo venerada por muitos tempos a sua memoria, como escreve Fr. Jozé de Jesus Maria na *Chron. da Prov. da Arrabid.* Tom. 2. Part. 2. cap. 20. n. 366. Do seu espirito poetico deixou hum elegante testemunho em o largo epigramma impresso em applauso de Luiz Marinho de Azevedo na obra assima allegada, o qual começa.

Livius excelsæ post condita mania Romæ

Romulidum bello fortiter acta refert. &c.

Do seu estilo historico permanece hum eterno documento conservado entre os seus domesticos, qual he.

Vidas, e historias de todos os homens antigos em armas, e letras, e virtudes, filhos de Lisboa sua patria. fol.

ANTONIO PEREIRA assistente na India e curioso observador dos Sucessos mais notaveis que nella aconteciaõ. Escreveo.

Relaçã de como Nuno Alvares de Faria descubrio, e teve occulta até o tempo da sua morte a Cruz de Saõ Thomè. M. S. fol. Conservase na Livraria do Excellentissimo Marquez de Abrantes.

Destã Cruz que appareceo no anno de 1547. fazem particular mençã Diogo do Couto *Decad. 7. da Ind.* liv. 10. cap. 5. Andrade *Vida de D. Joã de Castro* liv. 1. §. 57. Lucena *Vida de S. Francisco Xavier* liv. 3. cap. 5. e Souza *Orient. Conq.* Part. 1. Conq. 2. Divis. 1. §. 38.

ANTONIO PEREYRA insigne Mestre de Musica practica, e especulativa na qual compoz varias obras com singular novidade, e sciencia sendo as principaes.

Diversas Missas a 4. e 8. vozes.

Magnificat a 8. vozes.

ANTONIO PEREYRA certamente nosso Portuguez posto que se ignore o tempo, e a parte onde floreceo. Compoz.

Vida admiravel de S. Joã Apostolo, e Evangelista. M. S.

A qual se conserva na Bibliotheca da Universidade de Oxonia, como consta do seu Index.

ANTONIO PEREYRA natural da Villa do seu apelido que está situada entre Ovar, e Aveiro na Provincia da Beyra, e filho de Antonio Dias Rebello, e Suzana Valente. Recebeo o Habito militar de Saõ Tiago no Real Convento de Palmella em 4. de Novembro de 1629. das mãos do Prior Mór D. Diogo Lobo Bispo eleito da Guarda, onde foy duas vezes Superior igualmente estimavel pela sciencia do Direito Canonico, como pela integridade da vida, cujos dotes o fizeraõ digno de governar

naõ sómente o Collegio de Coimbra das Ordens Militares, e ser duas vezes Prior da Igreja de Saõ-Tiago de Almada, mas ser Governador do Bispado de Coimbra em nome do seu Prelado D. Manoel de Noronha. Foy muito verificado nos privilegios da Ordem, e acerrimo defensor das suas jurisdicoens. Morreo em Coimbra em 10. de Mayo de 1671. Compoz.

Compendio, e declaraçã da regra, e Estatutos da Ordem Militar de Saõ-Tiago. Coimbra por Manoel Dias. 1659. 8.

Fr. ANTONIO PEREYRA natural da Villa de Aveiro, filho de Gaspar dos Reys, e Antonia Pereira de Carvalho Religioso da Ordem dos Prégadores, cujo Instituto professou no Convento de Azeitã a 6. de Janeiro de 1657. Partio por Missionario para a Congregaçã da India Oriental, onde depois de lér as sciencias mayores aos seus domesticos jubilou na Sagrada Theologia de que foy Mestre na Ordem. Occupou com credito da sua prudencia os lugares de Vigario Geral da mesma Congregaçã, de Deputado das Ordens Militares em Goa, e da Inquisiçã desta Cidade de que tomou posse em 16. de Setembro de 1682. Passando a Portugal exercitou o mesmo ministerio na Inquisiçã de Evora, a que deo principio a 2. de Dezembro de 1693. onde depois de servir este incorrupto Tribunal por muitos annos falleceo no Convento da mesma Cidade. Delle faz memoria Fr. Pedro Monteiro no *Claustr. Domin.* Tom. 3. pag. 157. e no *Cathal. dos Deputad. da Inquis. de Goa, e de Evora* impressos nas *Collec. da Academia Real*, e Antonio Carvalho da Costa *Corograf. Portug.* Tom. 2. Trat. 3. cap. 4. Publicou.

Sermaõ do Auto da Fè contra a idolatria do Oriente prégado na Cidade de Goa no Convento de S. Domingos em 27. de Março 4. Domingo de Quaresma de 1672. Lisboa por Miguel Deslandes. 1685. 4.

Sermaõ do Desagravo pelo successo de Odivellas prégado na mesma Igreja aos 11. de Mayo de 1690. Lisboa por Miguel Manescal. 1691. 4.

ANTONIO PEREYRA. Naceo em Lisboa, e foy filho de Manoel Alvares, e Maria Francisca. Em idade adulta entrou

na Congregação do Oratorio da sua patria a 13. de Junho de 1686. onde perseverou louvavelmente no humilde estado de Leigo athé a morte, que felizmente teve na Congregação da Villa de Estremos a 30. de Outubro de 1698. Foy muito sciente principalmente nas disciplinas Mathematicas de que deixou hum claro testemunho na obra posthuma que sahio com este titulo.

Tratado de Arithmetica, e Algebra em o qual com muita clareza se explica tudo o que pertence a esta Arte, e se descrevem as Regras principaes da Geometria, e as proporçoens, que as distinguem, com a noticia dos pezos, de ouro, e prata, e muitas questoes, curiosas que se movem para sua intelligencia. Lisboa por Jozé Lopes Ferreira Impressor da Serenissima Raynha Nossa Senhora 1713. 4.

ANTONIO PEREYRA DA CUNHA CARDOTE, natural da nobre Villa de Guimarães da Provincia de Entre Douro, e Minho filho de André Gonçalves Cardote, e Margarida Pereira. Depois de ter na Patria estudados os primeiros rudimentos da Latidade passou à Universidade de Coimbra estudar Direito Cesareo em que recebeu as insignias doutoraes com geral applauso de todos os Mestres prevendo que havia de ser pela viveza da comprehensão, e subtileza do engenho hum dos mayores talentos que havia de illustrar aquella Athenas. Recebida a Beca de Collegial de S. Pedro a 7. de Julho de 1650. regentou varias Cadeiras até chegar à de Vespóra dictando nellas varias postillas eternos depositos da sua litteratura Civil, e Canonica fendo as mais dignas da luz publica.

Ad L. in singulos annos 8. ff. de Annis Legatis, & Fideicommissis. M. S.

Ad L. Civitatum. 1. ff. Si ager Vitigalis id est Emphyteuticarius petatur &c. M. S.

Ad Tit. ff. Quando dies usus fructus legati petatur. M. S.

Foy Dezembargador honorario dos aggravos da Casa da Supplicação de que tomou posse a 22. de Dezembro de 1665. Faz delle honorifica menção o Doutor Manoel Pereira da Sylva Leal no *Cathalog. dos Colleg. de S. Pedro* pag. 24.

ANTONIO PEREYRA DA FONSECA Veja-se Fr. CHRISTOVAM GODINHO.

ANTONIO PEREYRA DE LIMA natural da Villa de Britiandos do Bispaado de Lamego Cavalleiro da preclarissima Ordem Militar de Malta Commendatario de Sernancelhe, e Senhor da Villa de Guilherme, e filho de Fernão Pereira da Sylva Senhor de Britiandos, e de sua mulher D. Lenor de Mello. Foy discreto, prudente, e muito versado na Historia sagrada, e profana. Escreveo.

Acciones dela vida de su Alteza Serenissima Fr. Luis Mendes de Vasconcelos Gran Maestro dela Sagrada Religion de S. Juan Baptista del Hospital de Hierusalem, y del Santo Sepulchro Principe delas Islas de Gozo, Malta, y Rhodes Señor del Real dominio de Tripoli. Lisboa por Antonio Rodrigues de Abreu 1672. 8. Sahio traduzida em Portuguez por Miguel Lopes Ferreira Escrivão dos Contos do Reyno, e Casa. Lisboa na Officina Ferreiriana 1731. 4.

ANTONIO PEREIRA MARRAMIQUE, cujo apellido jocoso tomou de seu Pay, ainda que não era da sua familia; Senhor hereditario dos Lugares da Taipa, Lamegal, e Cabeceiras de Baixo na Provincia de Entre Douro, e Minho filho de João Rodrigues Pereira legitimo descendente da antiquissima, e preclarissima Familia dos Forjazes como escreveo ao mesmo Antonio Pereira seu grande amigo Francisco de Sá, e Miranda na *Ecloga* 5.

Delos nobles Forjaes

En Pereiras mudados

Derecho tronco sin algun contrato

Que por nombre contaes

Todos vuestros passados

Del tiempo del buen Rey D. Alfonso el casto

Tan vivo se halla el rasto

De sucession derecha,

Y noble antiguedad

Hasta esta nuestra edad &c.

Igual nobreza tinha sua Mãe D. Maria da Sylva sendo filha de Ruy Mendes de Vasconcellos Senhor das Villas de Figueiró, e Pedrogaõ. Posto que não frequentou as escolas, como era dotado de vivo enge-

nho se fez fuficientemente douto não só pela continua applicação com que revolvía os livros dos Authores mais celebres, mas pela communicação, que tinha com os varoens eruditos, principalmente com o Seneca Portuguez Francisco de Sá, e Miranda, como se manifesta pela Egloga affima allegada, e pela 7. que começa.

Estas nuestras Campoñas, las primeras

E na Carta 5.

Quando eu vi correr pardaos

Por Cabeceiras de Basto.

De cujo litterario commercio se seguio escrever em algumas materias de diversas profissoens, das quaes como muitas transcedessem os limites da prudencia, e outras a effera dos seus estudos, cahio em erros manifestos, por cuja causa algumas são prohibidas no Index Expurgatorio de Portugal, e Castella. As que chegarão à nossa noticia são as seguintes.

Tratado sobre o Evangelho de S. João In principio erat Verbum, *dividido em varios discursos cheyos de doutrina Catholica.* M. S.

Reforma do Estado Ecclesiastico, cuja obra acabou em Basto no anno de 1578. He prohibida.

Dos erros do Reyno de Portugal M. S. sem o seu nome.

Vergel de proesas, e virtudes heroicas da Familia dos Vasconcellos M. S.

Principios, e progressos das familias illustres de Portugal. M. S.

Tardes de Entre Douro, e Minho.

Obra igualmente amena, e erudita. Cõservava-se na Livraria do Eminentissimo Cardinal de Soufa 4.

Carta muito extensa escrita em 29. de Outubro que constava de vinte e cinco folhas remetida a seu Parente na qual referia todos os feitos de seus Avós, e Bisavós por respeito de certa fazenda a qual requeria para si.

Tratado sobre as palavras Ecce duo gladij hic, onde trata das jurisdicoens.

Dialogo entre o gallo, e outro animal sobre aquelle verso do Psalmo Lex Domini immaculata; no qual deo alguns erros por fallar largamente contra o Papa, Comendas, e Estado Monacal. Nelle persuadia ser util, que a Biblia andasse vertida em Portuguez.

Tratado em que mostra, que nem mulheres,

nem pessoas Ecclesiasticas devem governar Senhores, e as causas porque!

Carta a Pedro de Alcaçova Carneiro acerca do Senhorio, e herança da Villa de Figueiró. He muito larga, cheya de erudição sagrada, e profana com huma forte invectiva contra a Ley Mental.

ANTONIO PEREYRA REGO natural da celebre Villa de Ponte de Lima da Provincia de Entre Douro e Minho, Cavalleiro professo da Ordem de Christo, e filho de Fernando Pereyra Rego, e Margarida Salgado decendentes de nobres familias. Desde a adolescencia se instruyo com aquellas artes dignas do seu nascimento sendo taõ valerozo na Campanha contra os inimigos da Patria, como destro, e ayrozo no manejo dos Cavallos, agil, e sciente no jogo das Cavalhadas, e não menos insigne no exercicio da caça assim das aves como das feras não havendo alguma, que escapasse à pontaria dos seus tiros, cujas excellentes partes reduzio a hum Romance seu particular amigo Jeronymo da Motta Abbade de Magaens que está impresso no principio da obra que publicou intitulada.

Instrução da Cavallaria da Brida com hum copioso tratado da Alveitaria. Coimbra por Jozé Ferreira. 1679. 4. & ibi por João Antunes. 1712. 4.

Começa o Romance.

Donde o Lima a ponte morde

Com dentes de Christal fino

Povo que não só os Cavalos

Mas taõbem enfrea os rios.

Antonio Pereira Rego

Naceo, e desde menino

Em vez da cana pueril

Montou os brutos altivos.

De nobre Sangue gerado,

E de açoens herõicas filho;

Naõ sey qual seja mais nobre

O herdado ou o adquirido. &c.

ANTONIO PEREYRA DE SAMPAYO filho de Gaspar Vieyra, e Mariana Pereira naceo na Cidade do Porto a 21. de Março de 1691. Foy Vigario da Freguezia de Santo André de Giaõ da Comarca da Feira no Bisgado do Porto da apresentação das Religiofas de S. Bento da dita Cidade, em cujo ministerio dezempenhou as

obrigaçoes de Parocho vigilante, onde morreo a 7. de Julho de 1738. Traduzio da Lingua Castelhana em a Portugueza.

Prattica do Confessionario do P. Fr. Jayme Corelha I. P. à qual acrescentou a explicação dos Casos reservados em todos os Bispados deste Reyno, cuja obra que enchia 768. paginas de folha concluiu em o anno de 1735. e naõ deo à impressão por lhe constar que outrem tinha já prompta com as licenças esta traducção.

D. ANTONIO PEREYRA DA SYLVA natural de Britiandos na Provincia de Entre Douro, e Minho, filho de Francisco Pereyra da Silva Senhor de Britiandos, e de D. Joanna de Noronha filha de Damiaõ de Souza de Menezes Senhor de Francemil, Commendador de S. Mamede de Canellas na Ordem de Christo. Na Universidade de Coimbra recebeu o grão de Doutor na faculdade de Theologia, e a Beca de Collegial do Real Collegio de S. Paulo em 30. de Junho de 1669. Foy Conego da Cathedral de Evora, e Deputado da Inquisição desta Cidade de que tomou posse em 3. de Outubro de 1684. e o foy taõbem da Junta dos Tres Estados. A sua grande capacidade illustrada com a sciencia o elevou ao Bispado de Elvas no anno de 1701 donde o chamou a Magestade del-Rey D. Pedro II. para seu Secretario de Estado. Foy transferido para a Cathedral do Algarve em 14. de Novembro de 1704. onde exercitando diligentemente o officio Pastoral acabou a carreira da vida entre as suas ovelhas a 17. de Abril de 1715. Foy muito applicado ao estudo Genealogico de que escreveu hum grande volume, que continha.

Arvores Genealogicas das Familias da Provincia de Entre Douro, e Minho. fol. E outras mais obras semelhantes, como escreve o P. D. Antonio Caetano de Sousa fazendo menção das que compuzera no *Apparat. à Hist. Geneal. da Casa Real Portug.* pag. 145. n. 171. Delle se lembraõ Fr. Manoel de Sá nas *Mem. Hist. dos Escrit. da Ordem do Carmo* cap. 62. Ignac. de Carvalho, e Sousa no *Cathal. dos Bisp. de Elvas*, e meu Irmaõ o P. D. Jozé Barbosa nas *Mem. Hist. do Colleg. de S. Paul.* pag. 222. n. 133. et in *Archiatb. Lusit.* pag. 59.

Sylva Pereira reges Pastor velut inclytus urbem Elbensem, Mitrá baculoque insignis, et inde Farensem, quam celsa caput venerantur opima Regna, quibus positum vetus est Algarbia nomen, Scrinia quam promptá trahit regia mente?

ANTONIO PERES natural da Provincia do Alentejo, grande Medico, e Cirurgião, cujas artes exercitou com fortuna, e sciencia em Castella merecendo por ellas o lugar de Cirurgião Mór delRey. Compoz.

Summa, y examen de Cirurgia con exposicion breve de algunas sentencias de Hipocrates. Alcalá por Sebastian Martines. 1575. 12. Çaragoça por Alonso Rodrigues 1604. e Valencia por Martin Esparza. 1643. e em outras partes.

Nesta obra promete que havia imprimir.

Tratado delas passiones delos huessos. e outros opusculos.

Pelo tempo, e lugar que occupou de Cirurgião Mór parece ser Author do livro intitulado.

Tratado dela peste, y sus causas. Madrid por Luiz Sanches. 1598. 8. Posto que Nicol. Ant. na *Bib. Hisp.* Tom. 1. pag. 117. o attribua a outrem. Delle se lembra Joan. Soar. de Brito in *Theatr. Lusit. Litter.* lit. A. n. 105.

P. ANTONIO PESSOA natural do Crato. Entrou na Companhia de Jesus em Evora a 6. de Junho de 1617. onde estudou humanidades, e as sciencias escolasticas. Morreo no Collegio de Evora a 18. de Novembro de 1651. Compoz.

Orthografia Practica.

Delle, e da obra faz memoria o P. Francisco da Fonsec. na *Evor. Glorios.* pag. 427.

Fr. ANTONIO DA PIEDADE natural de Lisboa, onde recebeu o Habito da illustre Religião da Santissima Trindade, a qual illustrou assim na Cadeira, como no Pulpito tendo igual talento para estes dous taõ differentes ministerios. Pela lição da Theologia, foy Presentado nesta faculdade, sendo na intelligencia da Sagrada Escritura, e nas doutrinas dos Santos Padres muito

verfado, e eminente. Morreo na patria a 5. de Junho de 1690. com 83. annos de idade. Deixou prompto para a impressão.

In Genesim explanatio. Tom. 1. ubi tam Theologicae quaestiones, quam Philologicae ad hoc opus pertinentes ventilantur, nec non et morales etiam in Concionatorum usum. Cum quadruplici indice, Quaestionum unius, Sacrae Scripturae locorum alter, rerum memorabilium tertius, et ad Conciones totius anni conficiendas quartus. fol. Conferva-se M. S. na Livraria do Convento de Lisboa.

Fr. ANTONIO DA PIEDADE. Naceo na Cidade da Bahia de todos os Santos Capital da America Portugueza no anno de 1660. Estudou as primeiras letras, e Filosofia na Patria, onde tomou o grão de Mestre em Artes, e largando o seculo recebeu o Habito Carmelitano no anno de 1679. Foy Lente de Filosofia, e Theologia na Vigairaria do Maranhão, por cuja lição jubilou em 27. de Junho de 1694. A sua grande madureza acompanhada de igual modestia o fez digno de ser duas vezes Prior do Convento do Pará, Vigario Provincial do Maranhão, e Comissario da Bulla da Cruzada no mesmo Estado, de cujo Bispaado foy Governador, Provisor, e Visitador Geral no anno de 1693. por Comissão do seu Bispo D. Fr. Francisco de Lima. Vindo a este Reyno voltou para a sua Patria, onde foy Prior do Convento da Bahia, e Definidor perpetuo. A o seu ardente zelo se deve o fruto espiritual, que abundantemente se colheo da Missão de Aldeya de Japarutubá no Certaõ do rio de S. Francisco da Praya, sendo o primeiro Instituidor, e Missionario desta Sagrada empreza, e como tal conhecido, e venerado por grande Letrado, bom prégador, e exemplar Religioso. Com estes honorificos titulos o nomea Fr. Manoel de Sá nas *Memor. Hist. dos Escrit. Portug. da Ordem do Carmo* cap. 10. pag. 30. Compoz.

Sermaõ das Exequias da Serenissima Rainha N. Senhora D. Maria Sofia Izabel de Neoburg prégado em 19. de Abril de 1700. na Villa de Santo Amaro das Grottas do Rio de Sergipe. Lisboa pelos herdeiros de Miguel Deflandes. 1703. 4.

Sermaõ de Santa Thereza prégado no Convento dos Religiosos Carmelitas Descal-

fos da Babia em 17. de Outubro de 1697. em o terceiro dia da festa, que os Religiosos Descalços fizeram na aperição do novo Templo. Lisboa na dita Officina. 1703. 4.

Fr. ANTONIO DA PIEDADE naceo na Villa de Santarem a 25. de Outubro de 1675. e foy bautizado na Parochial de S. Juliaõ a 2. de Novembro do dito anno. Teve por Pays a Antonio Nogueira de Araujo Mamposteiro Mòr dos Cativos, e Escrivaõ Proprietario do Geral da Villa de Santarem, e a Joanna Maria Cardoso. Quando contava 20. annos de idade buscou com heroica resolução a Religiaõ Seráfica professando o austero Instituto da Provincia da Arrabida em o Convento de N. Senhora da Conceição de Alferrara junto da Villa de Setubal a 13. de Mayo de 1696. Foy Lente de Theologia, Qualificador do Santo Officio, Visitador da Provincia de Santo Antonio, e Chronista da sua Provincia, cujo ministerio desempenhou escrevendo os principios desta Reforma, os Varoens insignes, que nella floreceraõ, as fundaçoens dos Conventos de que se forma, e os privilegios, e beneficios, que recebeu da munificencia dos Reys Portuguezes, e Serenissimos Duques de Bragança. Desta obra sómente publicou a primeira parte por lhe impedir a morte acabar a segunda, que já estava muito adiantada, com este titulo.

Espelho de Penitentes, e Chronica da Provincia de Santa Maria da Arrabida da regular, e mais estreita observancia da Ordem do Serafico Patriarcha S. Francisco no Instituto Capucho. Lisboa por Jozè Antonio da Sylva Impressor da Academia Real. 1728. fol.

Morreo no Hospicio do Hospital de Lisboa a 20. de Dezembro de 1731. com 56. annos de idade, e 36. de Religiaõ.

Delle, e da Obra fazem memoria na sua *Bib. Francisc.* Tom. 1. pag. 122. Fr. Joaõ de Santo Antonio, e o P. Ignacio da Piedade *Vasconcellos Histor. de Santarem.* Part. 2. Liv. 2. cap. 33.

Fr. ANTONIO DA PIEDADE natural da Povia de S. Martinho do Arcebispaado de Lisboa filho de Antonio Ferreira, e Anna Nunes. Professou o Habito de Eremita de Santo Agostinho no Convento de

N. Senhora da Graça de Lisboa em 28. de Setembro de 1710. Depois de dictar aos seus domesticos as sciencias mayores, jubilou na Sagrada Theologia, e nella he Presentado. Sendo em o anno de 1726. Prior do Convento de Santarem foy convidado pelo bom nome, que tinha de Orador Evangelico para pregar a Canonizaçãõ de S. Joaõ da Cruz collocado naquelle anno no Cathalogo dos Santos, cujo Sermaõ imprimio com o titulo seguinte.

Triunfo glorioso do reformado Carmelo na Canonizaçãõ do segundo Elias S. Joaõ da Cruz pregado no ultimo dia do Solemne Triduo, com que a festejaraõ os Religiosos Padres Carmelitas Descalços da Villa de Santarem. Lisboa por Miguel Rodrigues 1727. 4.

Fr. ANTONIO DA PIEDADE natural de Lisboa filho de D. Francisco Xavier de Menezes quarto Conde da Ericeira, Deputado da Junta dos tres Estados, Mestre de Campo General Conselheiro de Guerra, e Censor da Academia Real de cuja pessoa faremos larga memoria em seu lugar, e de D. Joanna de Lancastro filha de D. Luiz Lobo da Silveira segundo Conde de Sarzedas. Instruido na erudita escola do seu grande Pay não degenerou daquelles dotes scientificos, com que se illustra a Casa de Menezes sempre fecunda de Heroes para as palestras de Marte, e de Minerva, e depois de fahir perito nas Letras Humanas passou à Univerfidade onde foy Porcionista do Collegio de S. Pedro recebendo a Beca a 28. de Março de 1707. Applicou-se ao estudo de Direito Pontificio, e nelle fez taes progressos o seu vivo engenho, que recebeu nesta faculdade as insignias Doutoraes. Sendo Mestre Escola da insigne Collegiada de S. Thomé da Capella Real movido de superior inspiraçãõ largou o mundo, e com elle as bem fundadas esperanças das mayores dignidades, que lhe segurava o seu illustre nascimento, e no Seminario dos Missionarios do Varatojo professou em 19. de Julho de 1716. o Serafico Instituto mudando o nome de D. Fernando Antonio de Menezes, que tinha no Seculo, em o de Fr. Antonio da Piedade. Desta exemplar Comunidade passou obrigado de justas causas para a Provincia de Portugal, onde foy Visitador no anno

de 1730. sendo agora Padre da mesma Provincia, e Examinador Synodal do Patriarchado. Dos muitos Sermoens, que tem prègado nos mais authorisados Pulpitos da Corte sómente viraõ à luz publica os seguintes.

Oraçãõ funebre nas exequias do Excellentissimo D. Filippe Mascarenhas II. Conde de Coculim celebradas pela Veneravel Ordem Terceira da Penitencia no Convento de S. Francisco da Cidade de Lisboa em 21. de Mayo de 1735. 4.

Sermaõ da Canonizaçãõ de S. Joaõ Francisco Regis no quinto dia do seu Outavario 27. de Setembro em que a Companhia de JESUS celebra as Vesperas da sua Confirmaçãõ prègado na Igreja de S. Roque Casa professa da mesma Companhia. Lisboa na Officina da Musica, e Sagrada Religiaõ de Malta 1739. 4.

Fazem delle memoria o Doutor Manoel Pereira da Sylva Leal no *Cathalog. dos Porcionistas. do Colleg. de S. Pedro.* §. 51. e o P. D. Antonio Caet. de Souf. na *Hist. Geneal. da Casa Real Portug.* Tom. 5. Liv. 6. pag. 378.

ANTONIO PIMENTA natural de Santarem, e contemporaneo do celebre Mestre de Grammatica Jeronymo Cardoso, e pela semelhança dos estudos, e costumes muito seu cordial amigo, como testificaõ as cartas 14. e 47. do mesmo Cardoso a elle escritas, e os Poemas 19. 20. 21. 22. do Livro 2. das *Elegias* constando destas expressoens poeticas quanto era celebre o seu nome entre os eruditos por ser muito douto nas Letras Humanas, e na elegancia da Poesia dizendo no *Poema* 19.

*Nata supremi Jovis ò Thalia
Linque Parnassi geminum cacumen
Et juga, & saltus Heliconis, atque
Pocula Dirces.*

*Hæc vel imprimis jubeo, voloque
Rebus ut cunctis facias relictis
Ut mei Antoni caput eruditum
Floribus ornes.*

*Necte quamprimum violis coronam
Et rosis rubris, niveisq; textam
Adde, qui servant puerum nitentem
Nomina flores.*

*Si lares hujus rogitas, domumque
Certior fies, breviter docebo,
Hinc petas testæ Scalabis vetustæ*

Mænia clara.

*Ille ob insignes, variasque dotes
 Quas habet, cunctis celebratus Oris
 Hunc eques, plebs colit, & Senator,
 Vulgus, & omne.
 Insuper doctis habet expositum
 Artibus pectus, Veterum putabis
 Numen, & clarum ingenium virorum
 Vivere in illo.*

Naõ lhe faz diferente elogio em outro lugar dizendo

*Quisquis Palladiæ cupit palestræ
 Doctior fieri, suumque pectus
 Virtutis studiis polire pulchre
 Antonij Piperij requirat sedes
 Quo nemo est melior, modestiorque
 Aut doctus magis, aut magis disertus.*

Deixou muitas obras poeticas, e cartas latinas lembrando-se de duas Jeronymo Cardoso na Carta 47. que lhe escrevera, sendo merecedoras da luz publica.

ANTONIO PIMENTA, ou de LESSA, filho de Diogo Pimenta do Avelar, e Maria de Lessa naceo na Villa de Torres novas da Diocese de Lisboa no anno de 1620. Ao tempo que estudava Logica com os Padres Jesuitas, abraçou o seu Instituto quando contava quinze annos de idade a 31. de Outubro de 1635. onde tendo acabado o Curso Filosofico, e principiado o Theologico obrigado de causas urgentes sahio da Companhia, e passando à Universidade de Coimbra naõ samente se applicou ao estudo da Theologia, mas tambem do direito Canonico recebendo em ambas estas faculdades o grão de Doutor. Sendo muito douto nestas Sagradas sciencias, ainda foy mais eminente na Mathematica, para cujo estudo, como elle confessa em huma das suas obras, teve desde a idade de sete annos particular genio, e inclinaçãõ, e de tal forte se augmentou que no conceito dos homens mais eruditos nesta faculdade naõ tinha Portugal outro que lhe fosse igual. Esta geral aclamaçãõ moveo aos Cathedraicos de Coimbra a que por uniforme voto de todos fosse eleito Mestre desta sciencia na Universidade, cujo ministerio exercitou por alguns annos com grande credito do seu nome; naõ sendo inferior, o que conseguiu nos lugares de Prothonotario Apostolico, Afessor do Nuncio,

Parocho da Igreja de S. Paulo de Lisboa, e ultimamente Prior da Igreja de S. Pedro de Torres novas. Teve huma numeroza Livraria que se compunha a mayor parte de livros de Mathematica, e Theologia Moral. Morreo na sua Patria em Novembro de 1700. com oitenta annos de idade. Publicou muitas obras na lingua Portugueza com o nome supposto de Manoel Gonçalvez da Costa morador no lugar de Peras Alvas, sendo as que chegaram à nossa noticia, as seguintes.

Tratado nas Ephemeridas de Euclides, em o qual refuta certas opinioens de Manoel Alvares Galbano Medico de Almada divulgadas no seu Prognostico do anno de 1662.

Noticias Astrologicas, e universaes influencias das Estrellas. Lisboa por Pedro Crasbeeck 1659. 4.

Brachilogia Astrologica do Sol, Lua, e Estrellas &c. Coimbra por Thomé Carvalho. 1670. 4.

Colloquio jocosõ entre hum Estudante, e hum pastor em que se declaraõ os nomes, e effeitos dos Planetas, e Signos celestes com o prognostico do anno de 1686. Coimbra por Jozé Ferreira. 1685. 8. Obras que sahiraõ com o seu nome.

Sciographia da nova Postimasia celeste, e do portentozo Cometa, que appareceo no anno de 1664. Lisboa por Domingos Carneiro 1665. 4.

Nesta obra trata doutamente da materia, e forma dos Cometas, e nella *Gramat.* 5. pag. 21. promete para se imprimir.

Astronomia simples visual.

Nova, e atè entãõ desconhecida Quadratura do Circulo. Sahio impressa em Lisboa em poucas paginas, publicando para mais copiosa explicaçãõ da dita obra a seguinte em Latim, e Castelhano.

Epiphania admirabilis Isonomiæ Trigoni, Circuli, et Quadraturæ, à quibus emanat vera Circuli Quadratura cujuslibet anguli divisio in non tot, quin plures partes, sive pares, sive impares, et inter datas duas lineas duarum mediarum proportionalium inventio; omnia geometricè demonstrata. Ulyssipone apud Dominicum Carneiro. 1685. 4.

Nesta obra de que faz larga mençãõ o *Giornale de Litterati del anno de 1687.* pag. 56. affirma ser elle o primeiro que extrahio das trevas em que jaziaõ sepultadas.

as propriedades do Trígono Circulo, e Quadrado ignoradas pelos Príncipes da Astronomia, e Geometria Archimedes, e Euclides. Se dezempenhou esta asseveração, sómente o podem testemunhar os professores destas Artes.

Addicionou.

Breve recopilação dos Casos reservados nas Constituições novas deste Arcebispado de Lisboa, e nas mais dos outros Arcebispados, e Bispados deste Reyno de Portugal compostas por Manoel Lourenço Soares. Lisboa por Henrique Valente de Oliveira 1658. 8. Deixou M. S.

Antiquidades, e excellencias da sua Patria.

ANTONIO PIMENTEL natural de Lisboa muito douto na faculdade de Direito Civil, e celebre patrono de causas Forenses. Por morte de sua mulher querendo dedicar-se a Deos, se aggregou aos Clerigos Menores que de Italia tinhaõ vindo a esta Corte com o intento de fundarem nella huma Casa, porèm não conseguindo o seu designio voltou com elles para Roma, onde com os seus Companheiros, que entã habitavaõ na Praça Agonal, e agora existem em São Lourenço in Lucina se occupou como solícito Parocho no espirital pasto das suas ovelhas. Voltando para Castella com igual fama de virtude, que sciencia morreo pouco antes do anno de 1656. Compoz.

Cartilha para saber ler em Christo Compendio do livro da vida eterna. Lisboa por George Rodriguez. 1628. 12. Sahio acrescentada. Lisboa por Henrique Valente de Oliveira 1656. 8. e por Joã Galraõ 1684. e Coimbra por Jozé Ferreira 1674. 8.

Manual da alma; arte para bem morrer, espelho da vida perfeita. Lisboa por Lourenço de Anvers. 1644. 12. e em outras partes.

Huma imagem de Christo Crucificado em huma estampa com diversas, e pias inscrições, e o acto de Contrição. Roma in 8. na lingua Italiana.

ANTONIO DE PINA Guarda Mór do porto da Villa de Cascaes escreveu em forma de dialogo assim para os passageiros que vem embarcados em as náos da India para

Lisboa, como para os Pilotos que as costumã introduzir no porto desta Cidade a seguinte obra que intitulou.

Regimento da Carreira, e barra de São Giaõ com o modo, e traça della em perguntas porque devã ser examinados os Pilotos, que ouverem de meter por ella as náos da India, que vem da viagem com as repostas, que devem dar os que tiverem a sufficiencia, practica, e experiencia, que se require para os haverem por examinados. Vay tudo em perguntas, e repostas. Feito em Cascaes a 25. de Julho de 1605. Conservavase na Bibliotheca de Manoel Severim de Faria Chantre de Evora.

ANTONIO DE PINA. Teve igual talento para a Poesia, que para a Musica, de cujas faculdades produzio diversos frutos imprimindo.

Vilhancicos duas Partes 8.

D. ANTONIO PINHEIRO. Naceo na Villa do Porto de Mós da Diocese de Leiria, e foy filho de Pedro Braz do Couto, e Leonor Alvares Pinheira, neto pela parte paterna de Braz Annes do Couto, e pela materna de Alvaro Fernandes Pinheiro Padroeiro da Capella de S. Sebastiaõ na Igreja de São Pedro da Villa de Porto de Móz. A boa indole, e vivo engenho que logo na infancia mostrou para as letras moveo ao Serenissimo Rey D. Joã o III. para o mandar instruir nas sciencias humanas, e divinas no Collegio de Santa Barbara de Pariz, de que era Reytor o insigne Diogo de Gouvea. Nesta litteraria palestra fez taes progressos o seu grande talento, que brevemente passou de discipulo a Mestre explicando com geral aclamação daquella famosa Corte o livro Terceiro das Orações de Quintiliano que depois illustrou com eruditos commentarios. A opiniaõ do seu nome era taõ celebre, que sendo já pequena esfera o dilatado Reyno de França se extendeo até Portugal, por cuja causa o mandou ElRey D. Joã o III. que voltasse para a Patria. Obedeceo promptamente à ordem do seu Soberano, e tanto que chegou, o fez Mestre dos Moços Fidalgos, que frequentavaõ o Palacio, e depois determinou que o fosse unicamente do Principe D. Joã seu filho. Este foy o preludio das

honras, com que este Monarcha remunerou os seus altos merecimentos, o qual conhecendo que era capaz dos lugares mais honoríficos o fez seu Capellaõ, Prégador, e Confeleheiro, Chronista Mór do Reyno em cujo lugar substituhio a Fernão de Pina, encomendando-lhe escrevesse a vida de seu augusto Pay ElRey D. Manoel. Depois foy Guarda Mór do Archivo Real, Visitador, e Reformador da Universidade de Coimbra, cujo ministerio exercitou no anno de 1565. Entre taõ diversos, e authorizados lugares sempre conservou a graça deste Principe, e o que he mais digno de admiração, que a mereceo ainda mayor com ElRey D. Sebastião, e o Cardial D. Henrique conciliando esta affectuosa inclinação, naõ por artificios da lizonja, que costumaõ practicar os Palacianos, mas como escreve o P. Balthazar Telles *Chron. da Prov. de Portug.* Part. 2. liv. 6. cap. 18. n. 12. *por sua muita virtude, como pela conhecida eminencia de sua grande habilidade, muita eloquencia, e conhecimento que tinha naõ menos de letras divinas, que das humanas* e no livr. 4. cap. 5. n. 3. *homem doutissimo, e muy erudito em letras humanas.* Foy insigne Orador Latino, cuja eloquencia arrebatava a atenção dos mayores professores desta arte sendo hum delles o insigne Jeronymo Cardoso affirmando na Epist. 63. a elle escrita, que lhe roubàra suavemente a alma pelos ouvidos. Naõ foy menos feliz na eloquencia Portugueza do que era na Latina sendo sempre nomeado pelos nossos Monarchas para Orador das mayores funçoens, ou fossem Sagradas, ou politicas concorrendo todo o genero de pessoas a ouvillo como *Cicero Portuguez* qual o intitula Manoel de Faria, e Soufa no *Coment. de Camoens* Cant. 1. Estanc. 33. ou como *Oraculo daquella idade*, que assim o appella Jorge Cardoso na *Prefação do Tom. 3. do Agiologio Lusitano.* A' profundidade das suas letras correspondia a vigilancia do seu zelo nas duas Dioceses de Miranda, e de Leyria, que como Solicito Pastor governou sendo assumpto à primeira no anno de 1564. e à segunda no de 1579. administrando em huma, e outra os Sacramentos, frequentando os Hospitaes, repartindo largas esmolas, e ornando sumptuosamente os Templos. Nunca sahio da sua Diocese se naõ

obrigado do preceito do seu Principe ou de alguma urgente necessidade pertencente à conservação da Monarchia, como foy quando dissuadio a ElRey D. Sebastião da infeliz jornada de Africa, e na occasião em que por morte do Cardial D. Henrique foy mandado por Embaxador a ElRey Filippe II. para lhe representar com a eficacia das suas palavras naõ invadisse este Reyno antes de se declarar juridicamente qual era o seu legitimo Sucessor. Assistindo em Lisboa foy acometido da ultima enfermidade, e recebendo com summa piedade os Sacramentos passou a melhor vida. Ordenou no seu Testamento que o seu Corpo fosse sepultado na Capella de S. Sebastião, que tinha edificado na Collegiada de S. Pedro da sua patria, como com effeito se executou. Além dos Authores allegados o louvaõ com grandes elogios Afonso Garcia Matamor. *de Acad. et doctis Vir. Hisp.* in *Hispan. Illustrat.* Tom. 2. pag. 815. *propter ingenium, et artes liberales quibus est institutus, et illud suum commentandi genus, quo librum Quintiliani sane difficilem enarravit philosophis, et eloquentiæ studiosis non improbandus.* Valet. And. Taxand. in *Cathal. Clar. Hispan. Script.* Estes dous escriptores lhe chamaõ por erro Bartholameu. Nicol. Ant. in *Bib. Hisp.* Tom. 1. pag. 120. Cunha in *Decret.* Part. 2. *Cap. Archidiacon.* dist. 83. n. 10. e na *Hist. Eccles. de Brag.* Part. 2. cap. 78. n. 6. *grande Prégador, e grande Valido delRey D. Henrique, e D. Filippe,* e no *Cathal. dos Bisp. do Port.* Part. 2. cap. 40. Poyares *Paneg. da Vill. de Barcel.* cap. 18. Brit. *Mon. Lusit.* Part. 1. liv. 1. cap. 30. chamandolhe *insigne.* Manoel Sever. de Far. *Not. de Portug.* pag. 74. v.º Herrer. *Hist. de Portug.* lib. 3. n. 80. *insigne personage en letras, y virtud, y muy estimado.* Costa na *epist. dedicat. a D. Theod.* 1. *Duque de Brag. do Epithalam. dos Princep. D. Duart. e D. Izab. Vir in omni litterarum genere doctissimus, ac Lusitani ingenij rarum specimen.* Brito in *Theatr. Lusit. Litter.* lit. A. n. 106. *vir eloquentissimus* Fr. Fernand. da Soled. *Hist. Seraf. da Prov. de Portug.* Part. 4. liv. 4. cap. 29. n. 991. *Homem doutissimo na lingua Latina.* Franc. *Synopf. Annal. Soc. Jes. in Lusitan.* pag. 74. n. 8. Orland. *Hist. Societ.* lib. 15. n. 98. Fr. Pedro Monteiro *Claust. Domin.* Tom. 3.

pag. 316. *famoso, e eloquentissimo Prêgador delRey D. Joaõ o III. Fr. Martinho do Amor de Deos Chron. da Prov. de S. Anton. Tom. 1. liv. 1. cap. 23. §. 370. insigne Prêgador daquelles tempos.*

Compoz.

Commentarij, & annotationes in Marc. Fabium Quintilianum de Institutione Oratoria cum iisdem Institutionibus. Venet. apud Hyeronimum Scotum. 1567. fol. et Parisiis apud Vafcofanum. 1569. fol.

Summario da prêgação funebre, que o Doutor Antonio Pinheiro Prêgador delRey N. Senhor fez por seu mandado no dia da tresladação dos ossos dos muito altos, e muito poderosos Princepes ElRey D. Manoel seu Pay, e a Rainha D. Maria sua Mãe de lowada memoria. Lisboa por Germaõ Galhard Imprimidor delRey Nosso Senhor 1551. 4.

Oração que fez pera o Juramento do muito alto, e muito excellente Principe Dom Joaõ Pay delRey D. Sebastião nosso Senhor para o qual juramento chamou a Cortes o muito alto, e muito poderoso Rey D. Joaõ o III. que Deos tem, em Almeirim, e o dia do Juramento em que o dito Principe recebeu da mão do muito alto, e muito excellente Cardeal o Infante D. Henrique seu tio o Sacramento da Confirmação na Capella dos Paços de dita Villa. Lisboa por Joaõ Alvares Impressor delRey 1563. 4.

Resposta do Procurador de Lisboa letrado que foy o Doutor Lopo Vaz a qual por mandado delRey D. Joaõ o III. lhe fez o Doutor Antonio Pinheiro para elle a dizer. Lisboa pelo mesmo Impressor, e anno.

Practica na aclamação delRey D. Sebastião. Sahio impressa na Hist. Sebast. liv. 1. cap. 3. pag. 15. e nas minhas Mem. delRey D. Sebast. Part. 1. liv. 1. cap. 4. n. 33.

Falla que fez à Rainha D. Catherina em nome do Povo de Lisboa, para que não largasse a Regencia da Monarchia no anno de 1561. Sahio impressa na Hist. Eccles. de Braga Part. 2. cap. 75. n. 6. composta por D. Rodrigo da Cunha, e na Hist. Sebast. do P. Fr. Manoel dos Santos Monge Cisterciense Chronista deste Reyno, e Academico da Academia Real liv. 1. cap. 10. pag. 62. e nas minhas Mem. delRey D. Sebast. Part. 1. liv. 2. cap. 3. n. 34.

Traduzio de Latim em Portuguez.

Oração obediencial que recitou no anno de 1562. em nome delRey D. Sebastião o Doutor Belchior Cornejo no Concilio Tridentino. Impressas nas minhas Mem. delRey D. Sebast. Part. 2. liv. 1. cap. 1. n. 8. Começa.

Poslo que sempre a solemnidade dos Sagrados Concilios &c.

Oração que fez na Salla dos Paços da Ribeira nas primeiras Cortes que fez o muito alto, e muito poderoso Rey D. Sebastião o primeiro nosso Senhor governando seus reynos, e Senhorios a muita alta, e muito poderosa Rainha D. Catherina sua Avò nossa Senhora. Lisboa por Joaõ Alvarez Impressor delRey 1563. 4. e nas minhas Mem. delRey D. Sebast. Part. 2. liv. 1. cap. 12. n. 93.

Oração recitada em Thomar quando foy levantado, e jurado por Monarcha desta Coroa Fellype Prudente em 16. de Abril de 1581.

Oração recitada nas Cortes de Thomar celebradas a 20. de Abril de 1581.

Oração recitada no Auto do Juramento que em Thomar se fez do Principe D. Diogo em 23. do Abril de 1581.

Estas trez Oraçoens sahiraõ impressas com as Cortes de Thomar no anno de 1584. in fol. sem lugar nem nome do Impressor.

Oração recitada nas Cortes de Almeirim a 11. de Janeiro de 1580. Desta obra faz memoria o P. D. Antonio Caetano de Soufa Hist. Geneal. da Casa Real Portug. Tom. 3. liv. 4. cap. 18. pag. 652.

Entre as obras de Miguel de Cabedo que foraõ impressas com as de André de Refende Romæ apud Bernardum Bassam 1597. 8. à pag. 501. está huma carta Latina muito elegante de D. Antonio Pinheiro escrita ao dito Cabedo em o anno de 1571. a qual começa.

Teneor incredibili desiderio tui Michael mi &c.

No Tratado de *Crepusculis* composto pelo insigne Mathematico Pedro Nunes impresso Conimbricæ apud Antonium Mariz. 1571. fol. está hum seu epigramma em applauso do Author que começa.

Cynthia quæ rapidis nocturna crepuscula bis.

Epitafio a Fr. Thomaz da Costa da Ordem dos Prêgadores Prêgador delRey D.

Joaõ o III. o qual fixou escrito em huma folha de papel sobre a sua sepultura *que os Padres* (são palavras do insigne Chronista Fr. Luiz de Sousa na *Hist. de S. Domingos* Part. 2. liv. 6. cap. 18.) *mandarão recolher, e guardar, porque inda que nunca constou do Author, sabiase com certeza ser Secular, e sospeitava-se que seria outro Prêgador delRey, grande seu devoto, e não inferior em letras, e pulpito. Começa.*

Hic quanvis properes, tantisperisite viator.

Pauca legens nosces qui jacet in tumulo,

Consta de 17. Dyftichos, e está impresso à pag. 264. da Part. 2. da *Hist. de S. Domingos* affima allegada.

Obras M. S.

Panegyrico de Plinio a Trajano traduzido em Portuguez, cujo Original se conserva na Livraria da Cartuxa de Evora. Delle tem hum exemplar M. S. o Excellentissimo Conde da Ericeira na sua Selectissima Bibliotheca que vimos. Desta obra faz honorifica menção Manoel Severim de Faria nos *Discurs. Var.* pag. 74. v.º.

Oração obediencial que deo a Paulo IV. D. Affonso de Alencastro Commendador Mór da Ordem de Christo em nome delRey D. Joaõ o III. Começa.

Posto, que o mui poderoso Rey de Portugal.

Oração para se recitar no Capitulo da Ordem militar de S. Tiago. Começa.

Affim como foy conveniente que no principio da Igreja. &c.

Oração para o Capitulo da Ordem militar de Avis. Começa.

Huma das grandes excellencias da Religião Christã &c.

Carta escrita a Fr. Agostinho Prior do Convento de Thomar sobre o caso, que aconteceu a ElRey D. Joaõ o 3. Começa.

Naõ escrevi a V. P. as novas desta terra.

Parecer a cerca do uxo da Astrologia Começa.

Pareceume necessario para quietar conciencias, e reprimir alguns movimentos &c.

Practica consolatoria que fez a ElRey D. Joaõ o III. pelo falecimento de sua filha a Princeza D. Maria mulher do Principe D. Felippe. Começa.

Se como o uso das cousas as faz leveis, e comportaveis. He larga, e erudita.

Todas estas obras vimos juntas em hum

volume com outras muitas cartas suas escritas a varios Cavalheros.

Advertencias de cousas antigas de Portugal; as quaes (diz Fr. Bernardo de Brito na *Mon. Lusit.* Part. 1. liv. 1. cap. 28.) *São dignas do seu engenho, e as allega muitas vezes principalmente liv. 2. cap. 4. e 10. liv. 4. cap. 2. da 1. Part. da Mon. Lusit.*

Traçtatus in Psalmos Davidicos.

Tratado da eloquencia da lingua Portugueza.

Sermoens varios 1. Tom. que se conservava na Livraria de D. Anton. Alvarez da Cunha como affirma que nella o vira o P. Francisco da Cruz nas *Memorias para a Bib. Portug.*

Resposta a huma carta Satyrica que se lhe fez. Começa *Gens inimica mihi que he o que me quereis?* M. S. na Biblioth. do Cardial Sousa.

Sermaõ prêgado no Convento de Belem na solemnidade da benção da Bandeira que se entregou ao Senhor D. Antonio quando foy para Tangere M. S. Conserva-se na Livraria do Excellentissimo Marquez de Abrantes.

ANTONIO PINHEIRO natural de Monte Mór o novo da Provincia do Alentejo discipulo do grande Mestre de Musica Francisco Guerreiro com quem chegou a contender na excellencia desta Arte ensinando-a com tal methodo que sahiraõ da sua escola famosos discipulos. Foy Mestre da Capella Ducal de Villa-Viçosa, donde passou a exercitar este ministerio na Cathedral de Evora, onde morreo a 19. de Junho de 1617. Entre os mais illustres testemunhos, que deixou desta faculdade foy hum volume grande que constava do

Cantico da Magnificat. cantado por diversas vozes com particular artificio, o qual se conserva na *Biblioth. Real da Musica.*

ANTONIO DE PINHO natural da Villa de Abrantes do Bisgado da Guarda. Foy moço do Coro da Cathedral de Evora, e Cantor na mesma Sé, naõ sendo menos suave na Musica, que na Poesia, para cuja arte teve natural inclinação composto em verso heróico.

Vida, e martirio do Infante Santo D. Fernando filho delRey D. Joaõ o I.

Cujo Poema tinha em seu poder no anno de 1619. seu filho Manoel de Pinho para o imprimir, porem não logrou este beneficio.

ANTONIO PINHO DA COSTA Cavalheiro professo da Ordem de Christo, exercitou a vida militar na India, principalmente na Cidade de Cochim onde foy morador muitos annos, e Cidadão. O tempo que lhe restava do exercicio de Soldado o gastava louvavelmente em composições mais proprias de hum professor das letras, que das armas imprimindo a seguinte obra que dedicou ao Marquez de Niza.

A verdadeira Nobreza. Lisboa na Officina Crasbeeckian. 1650. 4. e 1655. 8.

Dividise em tres livros o 1. trata das *confusas pertencentes à religião Christãa*, 2. das *tres virtudes Cardiaes Prudencia Justica, e Fortaleza* 3. da *Temperança, e outras virtudes que della procedem.*

ANTONIO DE PINO natural da Cidade de Leyria dotado de engenho jocosu para a Poesia de que deixou no tempo que assistia em Flandes por testemunho da fertilidade da sua vey.

Festivas elegias. 1656. 4.

ANTONIO PINTO natural de Lisboa, não fõmente insigne na faculdade de Leys nas quaes recebendo o grão de Doutor na Universidade de Coimbra, illustrou o Senado de Lisboa com o lugar de Dezembargador dos aggravos, de que tomou posse a 3. de Dezembro de 1575. mas na elegancia, e pureza com que fallava a lingua Latina, e na Poesia de todo o genero como entre os professores mais celebres desta arte o numerava com grande louvor Pedro Sanches na Epistol. ad *Ignat. Moraliu de Poet. Latin.*

Pintus adest alter, Pintus cui carmina sæpe Plura dedid Pæan, quàm præbent littora conchas Quàm fert Hybla thymum, quàm Ladon volvit arenas.

Por estes singulares dotes o elegeu por seu Secretario o insigne Heróe Lourenço Pirez de Tavora, quando foy por Embaxador a Roma, e tanto confiou da sua prudente actividade, que lhe cometeo no anno de

1561. a grave incumbencia de partir ao Preste Joã com cartas de Pio IV. e delRey D. Sebastião para que o Emperador daquelle vasto Imperio mandasse seus Embaxadores, que assistissem no Concilio Tridentino. O mesmo lugar de Secretario exercitou com D. Fernando de Menezes Embaxador na Curia recitando no anno de 1566. a Oração Obediencial em nome delRey D. Sebastião na presença de S. Pio V. novamente sublimado ao trono de S. Pedro a qual imprimio em Roma com este titulo.

Oratio obedientialis ad Santissimum Dominum D. Pium V. obedientiam præstante D. Ferdinando de Menezes Sebastiani Regis nomine. 4.

Oratio de Scientiarum omnium, magnarumque artium laude habita apud universam Conimbricensem Academiam Kalend. Octob. 1555. Ad Illustriissimum D. Joannem Ducem de Aveiro. Conimbricæ apud Joannem Alvares Typ. Reg. 1555. 4.

Regis Sebastiani infelix bellum, & obitus. Poema em verso heróico que se não imprimio por não querer riscar a palavra *Fatum* que a indiscreta critica do Censor que examinou a obra, mandava tirar.

Cartas originaes sendo Residente em Roma desde o anno 1562. até 1572. para Lourenço Pirez de Tavora. M. S. Conservaõ-se na Livraria do Excellentissimo Marquez de Abrantes.

ANTONIO PINTO Prior da Villa de Arganil do Bispaado de Coimbra compoz, mas não imprimio.

Dialogo moral sobre o Psalmo 50. Misere mei Deus sendo interlocutores Santo Agostinho, e Plataõ.

ANTONIO PINTO DA CUNHA natural da Villa de Provezende na Provincia Trasmontana. Depois de estudar na Universidade de Coimbra a faculdade dos Sagrados Canones, e receber o Grão de Bacharel nesta faculdade foy eleito Reytor da Igreja S. Joã Bautista situada no Couto de Provezende sua patria, cuja pastoral occupação exercitou com louvavel procedimento até acabar a vida em idade muito provezta com faudade das suas ovelhas a 22. de Março de 1715. Foy Prothonotario Apof-

tolico, e Prégador de nome deixando para testemunhas do talento, que tivera para o Pulpito, os Sermoens seguintes.

Sermão dos Passos de Christo Senhor Nosso. Lisboa por Antonio Crasbeeck de Mello Impressor de S. Alteza. 1670. 4.

Sermão da Virgem Maria Senhora Nossa em o dia da sua Assumpção prégado em a sua Igreja de Chaves. Lisboa pelo dito Impressor, e no mesmo anno 4. e Coimbra por João Antunes 1692. 4.

ANTONIO PINTO DA FONSECA Capitão General do Sul em a India Oriental, que depois de exercitar acções heroicas nas Campanhas de Flandes, França, e Alemanha as obrou em o Oriente contra os inimigos da Religião, e do Estado com grande credito do seu nome. Escreveo.

Carta à Santidade de Urbano VIII. escrita em 25. de Outubro de 1628. em que lhe supplica a Beatificação do Veneravel Fr. Luiz da Cruz Religioso Menor da Provincia da Madre de Deos da India Oriental. a qual traz impressa Fr. Jacinto da Madre de Deos na Chron. da mesma Provincia cap. 6. Artic. 13. pag. 344. Da obra, e do Author se lembra o moderno Addicionador da *Bib. Occid.* de Antonio de Leaõ. Tom. 2. Tit. 33. col. 841. Dando-lhe o appellido de *Correa* em lugar de *Fonseca*.

ANTONIO PINTO PEREIRA natural da Villa de Mogadouro do Bispado de Miranda, filho de Pays Nobres, e muito mais illustre pela sciencia da Historia Politica, e elegancia na frase com que escrevia, por cujas partes o elegeo o prudentissimo Infante D. Luiz para Secretario de seu Filho o Senhor D. Antonio. Deixou escrita, e se imprimio depois da sua morte por deligencia de Fr. Miguel da Cruz Religioso da Ordem Militar de Christo.

Historia da India no tempo em que a governou o Viso-Rey D. Luiz de Atayde. Coimbra por Nicolão Carvalho 1617. fol. Desta obra, e do Author faz memoria Antonio de Leon *Bib. Orient.* Tit. 3. Deixou tambem incompleta outra Historia da India cuja primeira parte consta do *sitio da Ilha de Goa, e do fundamento dos Estados do Hidalcão, e Nizamaluco.* Começava o 1. Capitulo. *A Ilha de Goa, em que hà huma popu-*

loza Cidade do mesmo nome, &c. E acabava imperfeitamente no cap. 52. Desta obra sómente se começou a imprimir o 2. Livro, sendo a causa porque os Fidalgos, que se tinhaõ achado nestes dous cercos de Goa, e Chaul queriaõ, que se divulgassem as proesas militares, que nelles obraraõ para que servissem de publico memorial a ElRey D. Sebastião por onde fossem remunerados, porèm considerando este Principe, que não podia ao mesmo tempo premiar tantos merecimentos para não ser arguido de menos recto na distribuição dos premios, se não publicou esta Historia onde se relatavaõ as façanhas obradas por seus Vassallos.

Escreveo *cartas elegantissimas* das quaes se formou hum Livro de justa grandeza.

Verteo de Italiano de Pedro Bembo em Portuguez.

Tratado dos Desposorios.

Delle fazem menção Nicol. Ant. in *Bib. Hispan.* Tom. 1. pag. 120. e Joan. Soar. de Brit. in *Theatr. Lusit. Litter.* lit. A. n. 107.

P. ANTONIO PIRES natural da Villa de Castello Branco de Bispado da Guarda. Entrou na Companhia de JESUS em 6. de Março de 1548. e sendo ainda Noviço passou com o insigne operario Evangelico o P. Manoel da Nobrega em o anno de 1550. ao Brasil para annunciar o Evangelho aos Barbaros, ou reformar os costumes dos Christãos. Tanto que chegou à Bahia partio para Pernambuco, em cuja agreste vinha empregou todo o seu disvello introduzindo a frequencia dos Sacramentos por haver muitos, que os não recebiaõ no dilatado espaço de quinze annos, e desterrando a continencia, e a ambição de acumular riquezas, e de reduzir os gentios a opressão de hum duro cativo. Contra todos estes formidaveis monstros publicou cruel guerra o valoroso espirito deste apostolico Varaõ sendo innumeraveis os ludibrios, que padeceo, e os perigos a que expoz a vida em taõ difficultosa empresa; porèm com o auxilio de Deos, e assistencia de Duarte Coelho Governador daquelle Estado triumphou de todos os obstaculos reduzindo ao suave jugo do Evangelho os que viviaõ como feras, admirando todos a repentina transformação daquelle Babilonia confusa em Cidade de refugio para aquelles, que queriaõ observar

os preceitos da Ley Evangelica. Informado o Bispo da Bahia D. Pedro Fernandes Sardiha, logo que chegou ao seu Bispado, do fruto espirital, que tinha colhido este operario apostolico lhe ordenou, que em seu nome visitasse aquella Capitania, cuja empreza executou com summa prudencia, e suavidade. Ultimamente mais atenuado de trabalhos, que de annos foy receber o premio dos seus merecimentos na bemaventurança devendo-se gravar por epitafio na sua sepultura o elogio, que está escrito na *Hist. Societ. ad ann. 1572. Part. 3. Lib. 8. n. 287. Ad reliquas Brasiliae clades Antonij Peres obitus accessit, qui Provinciam loco Nobregæ administrabat è primis ejus cultoribus, & apud domesticos aque, ac populum virtutis opinione venerabilis* 6. Kalend. Aprilis tribus, & viginti annis in societate traductis fere quinqna genarius obiit. Semelhantes elogios lhe fazem *Guerreiro Glor. Cor. de esforçad. Relig. da Comp. Liv. 3. cap. 2. Telles Chron. da Comp. da Prov. de Portug. Part. 1. Liv. 3. cap. 10. Vasconcel. Chron. da Prov. do Brasil Liv. 1. à num. 108. atè 114. Franc. Imag. da Virtud. em o Nov. de Coimb. Tom. 2. Liv. 2. cap. 15.*

Escreveo

Duas cartas aos Padres do Collegio de Coimbra em que trata das duas Missoens em Pernambuco escritas nesta Capitania, a primeira em 11. de Agosto de 1551, e a segunda no mesmo anno. Sahiraõ vertidas em Italiano. Venecia por Miguel Tramesino. 1559. 8. que posto não trazem o seu nome, certamente são suas por serem conformes às que se guardaõ no Archivo da Casa Professa de S. Roque de Lisboa onde estão as seguintes

Carta de Pernambuco em 5. de Junho de 1552. aos Padres de Portugal.

Carta ao Padre Provincial em 19. de Julho de 1558.

Outra ao mesmo Provincial Bahia 11. de Setembro de 1558.

Carta aos Irmãos da Companhia em 22. de Outubro de 1560.

ANTONIO PIRES GALANTE natural da Villa de Idanha Nova na Provincia da Beyra, taõ douto na Rhetorica Ecclesiastica, como na Sagrada Theologia. Foy Beneficiado na Igreja de S. Pedro de Evora,

e bastantemente perito na Lingua Italiana da qual verteo em Portuguez

Corte Santa do P. Nicoláo Causino da Companhia de JESUS. Lisboa por Domingos Lopes Roza 1652. 8.

Trabalhava em tradusir do mesmo idioma em o materno os Paradoxos Moraes de Alexandre Sperello Bispo de Eugubio, que depois verteo em a Lingua Latina D. Luiz Voltolini Clerigo Regular Theatino, e sahiraõ *Francfurti ad Mænum apud Laurentium Kroningerum 1698. 4. 2. Tom. cum fig. dos quaes sómente publicou o primeiro qual era*

Que o mundo menor he mais grande, que o mayor. Lisboa na Officina Crasbeeckian. 1652. 4.

ANTONIO PIRES GONGE natural de Santarem mulato, que degenerava para negro, de estatura alta, mas de engenho mais sublime assim nas Letras Humanas, que ensinou pelo largo espaço de quarenta annos como na Poesia, ou fosse Comica, ou Satyrica, não podendo distinguir os mayores professores desta arte em qual fosse mais prompto, e cadente, se na composição dos Versos Latinos, ou vulgares. Não foy menos feliz na prosa levando sempre a palma em todos os certames literarios, que na Universidade de Coimbra se fizeraõ para cultura da Oratoria. Pela irregularidade, que lhe proveyo de hum homicidio, que fizera, não passou da Ordem de Diacono. Vivia pelos annos de 1603. e 1604. Compoz além de muitos Dialogos, e Comedias, muitos Autos Portuguezes sendo os mais celebres

Auto da infame Cidade de Pentapolis.

Auto do Nascimento de Christo.

Auto da Epifania.

Auto da Resurreiçaõ de Christo.

Auto de Santa Maria Magdalena.

Auto da Rainha Sabã.

Auto de Babilonia.

Auto sobre aquellas palavras do Evangelho

Vigilate mecum.

ANTONIO PIRES DA SYLVA natural da Cidade de Bragança da Diocese de Miranda. Com a mesma applicaçã, e difvelo com que aprendeo Medicina, e tomou nella o Grão de Licenciado na Universidade de Coimbra, a exercitou nas Villas de

Alafoens, Aveiro, e Thomar com grande credito da sua pessoa. Ainda estava na primavera da idade, quando produziu fazonados frutos da sua erudição, e sciencia imprimindo

Chronographia Medicinal das Caldas de Alafoens. Lisboa por Miguel Deslandes Impressor delRey 1696. 4.

Nesta obra se mostra o Author igualmente perito na Medicina, que na Historia, narrando a Genealogia dos Reys de Portugal, e Hespanha. No fim tem brevemente recopilado.

Exame Chirurgico.

No Prologo promete outras obras como saõ

Fabologia, e outra que elle diz ser de *importantissima empreza*, naõ explicando o argumento da sua materia.

Fr. ANTONIO DE PORTALEGRE natural da Cidade do seu apellido Religioso professo da Ordem dos Menores da Provincia Capucha da Piedade digno de eterna memoria pela exacta observancia da regra, e innocencia da vida, e madureza de juizo, por cujos dotes de tal forte conciliou o affecto delRey D. Joaõ o III. que naõ sómente lhe cõmeteo à sua grande capacidade negocios de summa importancia, mas o elegeo por Confessor de sua Filha a Princeza D. Maria, quando partio a despozar-se com Philippe prudente, cujo ministerio exercitou em quanto ella viveo. Restituido a Portugal, e depois à sua Provincia mais amante da solidão, que do cõmercio humano se retirou para o Convento de Valverde distante tres legoas de Evora, onde viveo muitos annos exercitando heroicas virtudes atè que passando para o Convento de Santo Antonio de Coimbra morreo piissimamente no anno de 1593. Compoz a Historia da Paixaõ de Christo Senhor Nosso em Versos Portuguezes, que depois verteo em Castelhãos com o estilo mais devoto, que elegante, e os publicou sem o seu nome com este titulo

Meditacion de la Passion de Christo Nuestro Señor metrificada por hum Frayle Portuguez de la Provincia de la Piedad. Coimbra 1541. e 1548. 8. e em 1581. como diz D. Nicol. Ant. in Bib. Hisp. Tom. 1. pag. 121.

Este mesmo assumpto compoz em Versos elegiacos latinos, cujo principio era.

*Respice peccator quanti mihi causa doloris
Quam varij fueris, causa que supplicij.*

De cuja obra, e seu Author fazem menção o P. Antonio dos Reys in *Enthus. Poetic.* n. 136.

= *Adperso gemmis diademate cingit
At Portalegium cantantem vulnera Christi
Grandia Melpomene.*

Fr. Manoel de Monforte *Chron. da Prov. da Pied.* Liv. 4. cap. 24. n. 1. 2. 3. e 4. e Fr. Joan. à D. Ant. in *Bib. Francisc.* Tom. 1. pag. 123.

Fr. ANTONIO DO PORTO natural desta Cidade com que se appellidou, filho de Henrique Nunes de Gouvea, e Beatriz de Madureira ambos insignes em virtude, e principaes Fundadores do Collegio do Porto da Companhia de Jesus, em cuja Religião teve dous filhos, e no Convento de Santa Clara duas filhas. Querendo imitar a vida Religiosa que abraçaraõ seus quatro irmãos, e contrahir com elles por meyo da graça mais nobre vinculo do que tinha pela natureza, professou o penitente, e austero Instituto da Provincia Serafica da Piedade, onde exercitou com virtuosas acçoens a piissima educação, que recebera de taõ santos Pays acabando a vida com evidentes sinaes de Santo como escreve Possino in *Vita P. Ignatij de Azevedo, & Socior.* Lib. 1. cap. 1. n. 8. Compoz ainda que naõ imprimio como testifica Jorge Cardof. *Agiol. Lusit.* a 21. de Março no Cõmentario letr. I. Tom. 2. pag. 264.

Vida de seus Pays Henrique Nunes de Gouvea, e Beatriz de Madureira. M. S. in 4.

ANTONIO DAS POVOAS natural de Lisboa filho de Antonio das Povoas Cõmendador do Eruedal da Ordem de Christo, e de sua terceira mulher D. Filippa de Azevedo, Fidalgo da Casa Real, Doutor em Leys, Dezembargador nas Relaçõens da Bahia, Porto, e Casa da Supplicação de que tomou posse a 3. de Janeiro de 1622. Dezembargador de Aggravos a 19. de Novembro de 1626. e Juiz da Coroa a 30. de Mayo de 1633. donde passou a Conselheiro da Fazenda, e Provedor da Alfandega, Varaõ de

summa inteireza, e authoridade, com que admittou lugares taõ honorificos. Foy muito applicado ao estudo da Genealogia, e naõ menos perito nas linguas mais polidas da Europa merecendo por estas partes grande estimação dos eruditos daquella idade. Casou na Villa de Midoens junto da Commenda de seu Pay com D. Luiza de Miranda filha herdeira de Manoel de Miranda, de quem teve a Manoel das Povoas de Miranda, cujo sobrenome tomou pelo Morgado, que lhe veyo de sua Mãe. Morreo em Lisboa a 16. de Agosto de 1642. Jaz sepultado no Convento do Carmo. Escreveo.

Nobiliario das Familias deste Reyno o qual (diz o P. D. Antonio Caetano de Soufa no *Apparat. à Hist. Gen. da Casa Real de Portug.* pag. 83. n. 72.) *muitas vezes acho allegado por Genealogicos de authoridade.* Delle havia algumas copias na Livraria do Marquez de Angeja, e que agora se conserva na Casa do Excellentissimo Duque do Cadaval. Do Autor, e desta obra se lembraõ D. Franc. Manoel na *Carta 1. da 4. Centur. das suas Cart. Famil.* e Joaõ Soar. de Brit. in *Theat. Lusit. Litter.* lit. A. n. 109. Escreveo mais.

Familia de Sylvas dedicada a D. Joaõ da Sylva Capellaõ Mór de sua Magestade, do seu Conselho, e do Geral da Inquisição deste Reyno escrito em 18. de Fevereiro de 1632. cujo Original conserva na sua Livraria o P. Fr. Affonso da Madre de Deos Guerreiro Academico da Academia Real.

Fr. ANTONIO DOS PRAZERES natural de Lisboa, e filho de Lourenço de Mendoça 3. Conde de Valdereis, Deputado da Junta dos tres Estados, Regedor das Justiças, e Conselheiro de Estado. Recebeo na idade juvenil o Habito da Sagrada Ordem dos Prégadores no Convento de Goa merecendo pela capacidade do seu talento naõ sómente exercitar os lugares honorificos de Comissario, e Visitador Geral da sua Religião nas Christandades de Timor, e Solor, e de Vigario Geral no Reyno de Siaõ pelo Bispo de Malaca, mas ser eleito pelo Senado de Macáo para representar à Magestade delRey D. Joaõ o V. nosso Senhor algumas dependencias concernentes à conservação, e augmento daquella Cidade. Chegado a esta Corte dezempe-

nhou, como delle se esperava, a sua comissão. No anno de 1722. navegou segunda vez para a India donde restituído ao Reyno partio para Roma. Pela dilatada assistencia que teve no Reyno de Siaõ observou com summa curiosidade a sua situação, e o methodo do seu governo Ecclesiastico, e Civil escrevendo com estilo claro a seguinte obra que vimos.

Epitome historico, e noticia breve do Estado prezente do Reyno de Siaõ com a verdadeira situação, destricto, e disposição das terras; descripção dos tres Estados do Reyno Ecclesiastico, e popular, pleno conhecimento das tres materias da Republica, Religião, Guerra, e Justiça M. S. in fol.

Consta de 47. Capitulos. Começa o 1. o Reyno de Siaõ. Acaba o ultimo. *Que naõ incline a balança para a parte de mais ouro.* Estava prompta esta obra com todas as licenças para a impressão, como testemunha Fr. Pedro Monteiro no *Clausl. Domin.* Tom. 3. pag. 157. sendo hum dos Revedores que pela Religião o approvou affirmando ser digna da luz publica que ainda até agora naõ logrou.

Fr. ANTONIO DA PRESENTAÇÃO natural de Lisboa filho de Joaõ Carvalho, e Antonia da Frota. Professou o austero Instituto da Serafica Provincia da Arrabida em o Convento de S. Jozé a 22. de Novembro de 1660. onde foy respeitado de tal sorte o seu talento que tendo sómente treze annos de Habito foy eleito Guardiaõ, e depois Secretario da Provincia, Definidor, e ultimamente Provincial no anno de 1697. em cujo ministerio como summamente zeloso da observancia dos Estatutos da sua penitente Reforma, que tinhaõ sido compostos pelo Custodio Fr. Francisco da Cruz, para serem exactamente observados diminuiu algumas claufulas, e acrecentou outras, alcançando a confirmação delles da Santidade de Innocencio XII. por hum Breve expedido em 4. de Mayo de 1697. que começa. *Nuper pro parte dilecti filij Antonij à Præsentione* &c. os mandou imprimir, e fahiraõ com este titulo.

Estatutos da Provincia de Santa Maria da Arrabida da mais perfeita observancia do nosso Serafico Padre S. Francisco. Lis-

boa por Miguel Deslandes Impressor de Sua Magestade 1698. fol.

Foy Examinador das Ordens Militares, e hum dos mais graves Religiosos, que no seu tempo floreceraõ nesta Provincia. Acabado o triennio do Provincialado se retirou para o Convento de Alferrara donde passou para o deserto da Arrabida, em cuja aspera habitaçaõ assistio pelo espaço de cinco annos servindo de admiraçaõ aos austeros moradores daquella Thebaida, até que chamado pelos Superiores ao Convento de S. Pedro de Alcantara desta Corte, sendo acometido da ultima enfermidade, que logo se fez mortal pela decrepita idade de 86. annos recebendo com excessiva piedade os Sacramentos falleceu a 20. de Dezembro de 1724. com 65. annos de habito. Fazem delle memoria Fr. Joan. à D. Anton. in *Bib. Francisc.* Tom. 1. pag. 123. Fr. Ant. da Piedad. *Chron. da Prov. de Santa Maria da Arrab.* Part. 1. liv. 1. cap. 29. n. 176. e Fr. Jozé de Jef. Mar. *Chron. da dita Prov.* Part. 2. liv. 5. cap. 25. n. 1076.

ANTONIO PRESTES natural da Villa de Santarem, e nella Enqueredor do Juizo do Civil. Foy muito inclinado à Poesia Comica compondo nella com tanta facilidade, que acabava em poucos dias o que outro não acabaria em muitos mezes, ainda que fosse muito versado na mesma faculdade. Publicou em quanto viveo.

Comedias, e Autos diversos em folha. Por sua morte sahio por diligencia de Antonio Lopes Moço da Capella Real.

Primeira Parte dos Autos, e Comedias Portuguezas. Lisboa por André Lobato. 1587. 4. em cujo livro estaõ os Autos seguintes compostos por Antonio Prestes.

Auto da Ave Maria a fol. 1.

Do Procurador a fol. 27.

Do Dezembargador a fol. 61.

Dos dous Irmãos a fol. 75.

Da Ciofa. a fol. 112.

Do Mouro encantado a fol. 126.

Dos Cantarinbos. a fol. 163.

P. ANTONIO DE PROENÇA Naceo no lugar do Fundaõ do Bispaado da Guarda sendo filho de Sylvestre de Proença, e Jeronyma de Souza. Na idade de 18. annos abraçou o Instituto da Companhia de JESUS no Collegio de

Coimbra a 17. de Outubro de 1574. e professou solememente a 10. de Março de 1602. Entre todas as virtudes em que floreceo a mayor foy a da charidade, com que assistio em Coimbra aos feridos da peste no anno de 1599. desprezando heroicamente o horror de taõ fatal contagio, que devastou grande parte daquella Cidade. Não satisfeito o ardor do seu charitativo peito com este exercicio aspirou a outro mayor, qual era passar ao Oriente, para offerecer em obsequio de Christo a vida, que lhe conservara illeza entre tantas mortes. Para este fim supplicou ao Geral, que lhe desse facultade, e posto que por algum tempo lha dificultou, partio no anno de 1603. para a India, onde armado de Evangelico zelo reformou os costumes dos Christaõs, e convenceu os erros dos Gentios com grande gloria da Religiaõ Catholica até que foy lograr na eternidade o premio dos seus merecimentos. Escreveo por ordem dos superiores.

Relaçã dos Sucessos que aconteceraõ em Coimbra no tempo da peste do anno de 1599. a qual imprimio o P. Antonio Franco na *Imag. do Novic. do Colleg. de Coimb.* Tom. 2. liv. 4. cap. 16. até 20. onde largamente falla do Author della, e no *Ann. glorios. S. J. in Lusit.* pag. 751.

Fr. ANTONIO DA PURIFICAÇAM Naceo na Cidade do Porto, e foy bautizado na Parochial de S. Nicolao. Teve por Pays a Gonçalo Coutinho, e Gracia de Moraes. Depois de completos 16. annos entrou na Religiaõ dos Eremitas de Santo Agostinho, e no Convento de Evora professou a 10. de Fevereiro de 1617. Pela liçaõ de Filosofia, e Theologia com que instruiu aos seus domesticos foy Mestre jubilado, e pela noticia, que tinha da Historia Sagrada, e profana, Chronista da sua Provincia, cuja fundaçaõ, privilegios, e illustres filhos, que produzio, descreveo em dous tomos com menos severa critica do que pedia este argumento adoptando-lhe Conventos, e Religiosos que nunca profesarã o Instituto Eremitico Augustiniano, quando bastavaõ para eterna gloria de taõ illustre Provincia, e ainda do Reyno de Portugal, os que verdadeiramente habitaraõ os seus Claustros, sendo este o juizo que formou de tal obra Joaõ Soares de Brito in

Theat. Lusit. Litter. lit. A. n. 11. qui non ita feliciter à cæteris aliorum Ordinum monachis exceptus est, propterea quod multa illie in dubium revocare videatur, quæ ipsi tamquam certa, et explorata à majoribus suis hausissent pro injuria propria accipientes, quæ Author ipse in sui Ordinis gloriam, & exaltationem propalavit. Para descançar da laboriosa applicaçõ, que em obsequio da sua Religiaõ por muitos annos se occupara, o nomearaõ os Superiores Parocho da Igreja de S. Joaõ da Foz nos arrebaldes da Cidade do Porto, que he da administraçõ dos Agostinhos, onde sendo convidado pelos freguezes no anno de 1658. para prégar os Sermoens da Quaresma, e estando já preparado para este effeito, convidou outro Prégador para lhe substituir a sua falta affirmando que certamente morria na festa feira daquella Semana. Parecia incrível esta asseveraçõ a todos que o viaõ sem molestia alguma, antes com tal vigor que prometia muitos annos de vida, porém chamando ao Coveiro lhe advirtio naõ sómente o lugar onde o havia de sepultar, mas o modo como devia ser amortalhado conforme o Ceremonial da sua Religiaõ. Na festa feira que se contavaõ 19. de Abril do dito anno de 1658. recebidos os Sacramentos com summa piedade descansou em o Senhor, e foy sepultado na Capella Mór da Parochia de S. Joaõ, que fora o lugar que elle destinara para seu jazigo. Escreveo.

Theatrum triumphale, sive Index rerum notabilium suæ Provinciæ Lusitanæ sex decim Choris distinctum. Ulyssip. 1634. fol. Sahio aberta em huma lamina esta obra, a qual era o defenho do que havia tratar na Chronica da Provincia.

De viris illustribus antiquissimæ Provinciæ Lusitanæ Ordinis Eremitarum S. Patriarchæ Aurelij Augustini Hipponensis Episcopi, et Ecclesiæ Doctõris libri tres. Ulyssipone apud Dominicum Lopes Rosa. 1642. 4.

Chronologia Monastica Lusitana in qua omnes Sancti et Beati, ac etiam Venerabiles Personæ Regulares, quæ in Lusitanæ regnis, ejusque ditõibus nata, aut sepultæ sunt, perhibentur, quoad fieri potuit fidelissime, ac brevissime referuntur. Ulyssipone apud Laurentium de Anveres. 1642. 4.

Chronica da antiquissima Provincia de Por-

tugal da Ordem dos Eremitas de Santo Agostinho Bispo de Hiponia, e principal Doutor da Igreja Part. 1. Lisboa por Manoel da Sylva 1642. fol.

Chronica da antiquissima Provincia de Portugal da Ordem dos Eremitas &c. com huma adiaçõ no cabo na qual se responde aos principaes lugares da Benedictina Lusitana Part. 2. Lisboa por Domingos Lopes Roza. 1656. fol.

Tinha preparado 3. Parte desta Chronica, como escreve Cardoso *Agiol. Lusit.* Tom. 3. no Comment. de 3. de Mayo letr. A. e meditava compor Quarta Parte.

Memorial de diversas Missas, e Oraçoens para proveito dos Fieis vivos, e defuntos instituidas pelo glorioso Patriarcha Santo Agostinho Bispo de Hipponia, e Doutor da Igreja, e por sua devotissima Mãe Santa Monica, e outros Religiosos da sua Ordem Eremitica que elle fundou em Africa no anno de 390. Lisboa por Domingos Lopes Roza 1642. 8.

Antidoto Augustiniano em o qual se convencem, e desfazem as fallacias, e enganõs da Apologia intitulada Quinta essencia de Verdades escritas pelo Padre Fr. Gil de S. Bento. Coimbra por Thomé Carvalho 1660. 4.

Cursus Philosophicus. 3. Tom. 4. M. S.

Promptuarium triumphale, in quo continentur vitæ omnium Sanctorum Lusitanæ, & ditõnum ejus fol. M. S.

Conservaõ-se estes livros na Livraria do Convento da Graça de Lisboa.

Fazem memoria do seu nome Nicol. Ant. in *Bib. Hisp.* Tom. 1. pag. 123. D. Franc. Manoel na *Carta escrita ao Doutor Manoel Themudo da Fonseca.* que he a 1. da 4. Centuria. Joaõ Franco Barreto *Bib. Lusit.* M. S. letr. A. n. 231. e o P. D. Man. Caet. de Soufa in *Exped. Hisp. S. Jacob.* Tom. 2. pag. 1305.

P. ANTONIO DE QUADROS natural de Santarem filho de Doutor Andre de Quadros Barreto Provedor das Valhas, e Lifirias, e D. Joanna Pereira do Quintal, e Payva ambos descendentes de familias nobres, e irmaõ de D. Manoel de Quadros Bispo da Guarda. Ao tempo que na adolescencia estudava na Universidade de Coimbra as Sciencias mayores, obedecendo à

vóz de Deos que internamente o chamava para a Religião, abraçou a da Companhia de Jesus em 2. de Abril de 1544. quando contava 23. annos sendo dos primeiros tres Noviços, que foraõ admitidos ao Collegio de Coimbra, onde feita a profissaõ solemne no 1. de Outubro de 1553. e acabada a carreira dos estudos escolasticos pedio com ferverosas instancias aos Prelados que lhe dessem licença para prégar no Oriente as verdades da ley Evangelica. Alcançada faculdade se embarcou no anno de 1555. e depois de exercitar diversas obras de charidade em beneficio dos passageiros chegou a Goa, onde sendo conhecida a sua grande prudencia, e capacidade, foy eleito Provincial, cujo lugar exercitou por espaço de quatorze annos unindo ao mesmo tempo outras occupaçoens incompativeis que sómente podia satisfazer o seu profundo talento como eraõ a de Mestre ensinando Filosofia, e Theologia, de Prégador reprehendendo vicios, de Catequista doutrinando Neofitos, e de Parocho confessando penitentes, e bautizando gentios. Todos estes ministerios exercitava com tanta sciencia, charidade, e madureza, que por geral aclamação de todo o Oriente não havia outro, que com elle se pudesse igualar. Ao seu incansavel zelo animado pelo espirito do insigne Vice-Rey D. Constantino de Bragança se deve a conversão das Ilhas de Choraõ, Divar, e das terras de Salcete, e Baçaim. Em atençaõ a estes trabalhos apostolicos o crearaõ os Inquisidores Comissario do Santo Officio, e ElRey D. Joaõ o III. ordenou aos seus Vice-Reys que não tomassem resolução alguma sem o seu conselho. Quando estava resolutivo auzentar-se de Goa para discurrir por todo o Oriente em beneficio da Christandade foy acometido de huma aguda febre, que sendo capitulada pelos Medicos por mortal, recebeo esta noticia com placido semblante, de tal sorte que vendo aos seus Companheiros banhados em lagrimas pela sua auzencia, os consolou com as palavras de Christo ditas aos seus discipulos nas vespervas da sua Ascençaõ. *Si diligeretis me gauderetis utique quia vado ad Patrem*, no fim das quaes foy tomar posse deste lugar, como piamente se cré, a 21. de Novembro de 1572. As heróicas acçoens que obrou no Oriente relataõ com grandes elogios Or-

land. *Hist. Societ.* Part. 1. lib. 6. n. 97. lib. 12. n. 56. lib. 15. n. 129. e 130. Sachin. *Hist. Societ.* Part. 1. n. 51. 132. 139. lib. 3. n. 226. Part. 2. lib. 8. n. 179. *Maffeus de rebus Indic.* lib. 16. pag. mihi 330. Godinho in *Vita P. Gund. Sylv.* lib. 2. cap. 8. Bartol. *Hist. della Asia* Part. 1. liv. 7. pag. mihi 511. e 512. Telles *Chron. da Comp. de Jes. da Prov. de Portug.* Part. 2. lib. 6. cap. 13. *Foy homem de partes muito avantajadas porque alem do bom exterior era dotado de grande entendimento, prudencia, authoridade, e gravidade da sua pessoa, de bonissima condição, de aguda discrição, e de juizo muito assentado*, e na *Hist. da Etiop. Alta.* liv. 2. cap. 3. *Varaõ muy abalizado na Comp.* Manoel de Faria, e Soufa *Asia Portug.* Tom. 2. Part. 4. cap. 20. n. 9. Card. *Agiol. Lusit.* Tom. 2. pag. 685. e 695. no Comment. de 23. de Abril letr. E. onde diz que muitas das suas Cartas se imprimiraõ. Franc. in *Ann. glorios. Societ. Jes. in Lusit.* pag. 693. et in *Synops. Annal. Societ. Jes. in Lusit.* pag. 44. Possin. in *Vit. V. P. Ignatij Azeved.* cap. 3. n. 44. e Valconc. *Histor. de Santarem* Part. 2. liv. 2. cap. 23.

Entre muitas Cartas suas que se conservaõ no Cartorio da Casa professa de S. Roque estaõ tres muito largas escritas de Goa aos Padres desta Provincia de Portugal.

A 1. escrita ao Padre Diogo Miraõ em 8. de Dezembro de 1555. a qual sahio vertida em Latim com outras Cartas Indicas, Lovanij apud Rutgerum Velpium 1570. in 8. à pag. 105. usque ad 126. et ibi apud eumdem Typog. 1566. in 8. à pag. 226. ad 259. Traduzida em Italiano Venetia per Michele Tramezzino 1565. 8. sahio no livro intitulado *Diversi Avisi particolari dall'Indie de Portugall.* Part. 3. a fol. 204. v.º.

Outra escrita a 18. de Dezembro de 1555. a qual sahio com a precedente vertida em Latim cum aliis *Epist. Indic. et Japon.* Lovanij apud Rutgerum Velpium 1570. à p. 135. usque ad 182. Traduzida na lingua Italiana Venetia por Michele Tramezzi no 1565. sahio no dito livro *Diversi Avisi.* &c. a fol. 215. v.º.

A 3. escrita a 19. de Novembro de 1559. sahio vertida em Italiano com outras Venet. por Tramezzino. 1562. 8. e na lingua Latina in *Epistol. Ind. et Japonic.* Lovanii

apud Rutgerum Velpium 1566. 8. à pag. 260. usque ad 333. & ibi apud eundem. 1569. 8.

ANTONIO RABOLO Presbytero Ulifiponenfe igualmente perito na Gramatica Latina, que em escrever perfeitamente formando os Caracteres com a penna, como se foraõ debuxados com o pincel tendo por discipulos destas artes a D. Manoel de Moura Cortereal segundo Marquez de Castello Rodrigo, a D. Nuno Alvares Pereira de Mello 1. Duque do Cadaval, e a seu irmaõ D. Theodosio. Por alguns annos foy Reytor do Collegio dos Meninos Orfãos de Lisboa, Comissario da Bulla da Cruzada no seu territorio, e depois Parocho da Igreja da Villa da Barqueira. Morreo em Lisboa com a mesma piedade com que vivera, a 5. de Agosto de 1655. com 80. annos de idade. Foy sepultado no Convento dos Carmelitas Calçados, de cuja ordem fora Terceiro, e Prior. Imprimio.

Breve Recopilação da doutrina dos Mystérios mais importantes de Nossa Santa Fé a qual todo Christão he obrigado saber, e crer com se explicita, quero dizer, e conbecimento distincto de cada hum. Lisboa por Antonio Alvares. 1646. 24. et ibi por Domingos Carneiro. 1681. 8.

Fr. ANTONIO RAPOSO Religioso da Ordem da Santissima Trindade, e hum dos filhos mais authorizados desta illustre Religiaõ. Pela sua grande prudencia foy Ministro do Convento de Santarem donde subio ao lugar de Provincial no anno de 1544. Sendo muito douto nas sciencias escolasticas o não foy menos na investigaçã do admiravel principio, e fundaçã do Instituto que professava, escrevendo como affirmaõ Fr. Bernard. à D. Ant. in *Epitom. Redemp. Captiv.* lib. 2. cap. ult. n. 17. e Joan. Soar. de Brit. in *Theat. Lusit. Litter.* lit. A. n. 112.

De revelatione, et institutione Sacri Ordinis Santissimæ Trinitatis, cujo Prologo, e os primeiros quinze Capitulos testifica ter visto no Convento de Lisboa o P. Francisco da Cruz Jesuita, nas suas Memorias para a *Bibliotheca Portug.*

ANTONIO RAPOSO natural da Villa de Aviz na Provincia do Alentejo, e filho

de Antonio Soeyro, e Beatriz Martins. Foy Doutor em Direito Civil, Dezembargador da Casa da Supplicação, Conselheiro do Tribunal Ultramarino, Juiz Cõservador da Junta do Comercio, Secretario da Embaxada de Olanda, em cuja Republica, como na Corte de Inglaterra foy Enviado manifestando em taõ diversos ministerios igual fidelidade, que zelo para com o seu Principe, e merecendo pelas negociaçoens politicas grandes elogios do Conde da Ericeira D. Luiz de Menezes na *Hist. de Portug. Restaur.* Tom. 1. liv. 12. pag. 885. e de Fr. Gio. Giusep. di S. Teref. *Istoria della Guer. del Regn. del Brazil.* Part. 2. liv. 17. pag. 183. Foy excellente Poeta taõ facil como elegante em metrificar na lingua materna, e Castelhana sendo no tempo, que assistio em Madrid venerado pelos mayores professores daquella arte, e por muitas vezes constituido arbitro nos certames poeticos, e como tal he celebrado por Manoel de Galhegos no *Templo da Memor.* liv. 4. Estanc. 197.

*Penetre os Ceos aquella voz Serena
O' tragico Raposo cujo accento
Acreditando a bem chorada pena
Adornou de Duarte o monumento:
Suspenda triste pallida, e confusa;
Chore ao Rey Fernando a vossa Musa.*
E Jacinto Cordeiro no *Elog. dos Poet. Portug.*

*Aqui Antonio Raposo me despeña
Y con lyrico estilo, me enmudece
Que dura roca, que intratable peña
A la vox de su canto nõ enternece
Si tocando la Lyra al arte enseña
Modo de escribir, que la guarnece
Siendo de Aviz con peregrino ensayo
Assombro en letras, y en los versos rayo.*
Das muitas, e elegantes obras poeticas que compoz sómente viraõ a luz publica as seguintes.

Canção ao tiro que o Principe de Castella fez em huma montaria do Pardo a hum iavali, que matou. He em Castelhana. Madrid. fol.

Sylva Portugueza à morte de D. Maria de Attayde. Sahio nas Memorias *Fimeb. desta Senhora.* Lisboa na Officina Crasbeeck 1650. 4.
Na Bibliotheca Real se conservaõ qua-

tro Romances seus, dous em applauso do Serenissimo Rey D. Joaõ o IV. novamente elevado ao trono. Começa o 1. *Graças ao Ceo, que apparecem*; e o 2. *Hum pasmo do antigo Luso*. o 3. contra os conspiradores delRey, e da Patria. Começa. *Que prodigios, que portentos?* o 4. em louvor do Illustrissimo Arcebispo de Lisboa D. Rodrigo da Cunha. Começa. *Agora Prelado illustre*.

En la profesion de la Serenissima Señora Sor Maria de la Cruz flor divina de la Caxa de Medina Sidonia a la Reyna D. Luiza Nuestra Señora. He Romance, que começa *Peregrina natural*.

Epithalamio aos augustos desposorios de Carlos 2. e a Senhora D. Catherina Reys de Inglaterra. Verso heroico.

Epicedio à morte do Serenissimo Infante D. Duarte; de cuja obra faz menção Manoel de Galhegos assima allegado, e do Author Joan. Soar. de Brit. in *Theatr. Lusit. Litter.* lit. A. n. 113. Morreo em Lisboa no anno de 1674.

ANTONIO RAMIRES DE MELLO. Veja-se P. MANOEL MONTEYRO.

ANTONIO REBELLO DE BRITO natural de Braga, e Cidadão do Porto. Foy insigne na Arte da Poesia assim vulgar como Latina, de cuja fecunda vea são claros testemunhos.

Tres Sonetos, e hum epigramma em louvor dos *Tratados dos Novissimos, e da Destruição de Jerusalem* compostos por Fr. Antonio Rozado da Ordem dos Prégadores, e impressos ao principio destas obras.

Poema Latino a D. Affonso Furtado de Mendouça Arcebispo de Braga. impresso no principio do *Tratado dos Novissimos* de Fr. Antonio Rozado. Porto por Joaõ Rodriguez. 1622. 4.

ANTONIO REBELLO CERVEYRA Naceo em a notavel Villa de Santarem a 12. de Abril de 1648. e foy filho de Joaõ Rebello Cerveira, e Dorothea Nogueira Freyre. Nos primeiros annos recebeu na sua patria o Habito dos Religiosos Terceiros de S. Francisco donde sahio por justificadas causas, e passando a Coimbra

applicando-se ao estudo da Sagrada Theologia se formou nesta sublime Faculdade com grande applauso do seu nome. Partio para Roma levado da curiosidade de ver os magnificos Templos, e sumptuosos Palacios desta famosa Cidade a tempo que nella era ouvido com geral aclamação o P. Antonio Vieyra Oraculo da eloquencia Concionatoria, e concorrendo com taõ insigne Orador a prégár de tarde na Igreja de Santo Antonio dos Portuguezes o Sermaõ deste admiravel Thaumaturgo mereceo, que a mayor parte do auditorio composto das Pelloas mais doutas da Curia o não distinguissem do grande Vieyra, que prégara de manhaã assim na fineza, e profundidade dos pensamentos, como na valentia, e naturalidade das açoens. Destes dotes de que era ornado, foy muitas vezes theatro o Pulpito da Capella Real, onde teve por ouvintes as Magestades Portuguezas, e toda a Nobreza applaudindo os seus discursos sempre elevados, e solidos, discretos, e eloquentes. Falleceo na patria a 26. de Abril de 1730. em a provecta idade de 82. annos. Jaz sepultado na Igreja dos Padres Terceiros de S. Francisco buscando com eleição judicioza para centro do seu descanso o berço da sua educação.

Tinha dispostos para a impressão.

Treze Panegyricos de Santo Antonio em memoria da sua Trezena. 4. M. S.

Jornada que fez a Roma com a descripção de tudo quanto vio digno de memoria 4. M. S.

ANTONIO REBELLO DA FONSECA natural da Cidade de Lamego, muito instruido no estudo da Historia Sagrada, e profana, e principalmente na Genealogia escrevendo como diz o P. D. Antonio Caetano de Sousa no *Apparat. à Hist. Geneal. da Casa Real Portug.* pag. 109. n. 116.

Nobiliario das familias da Comarca de Lamego principalmente de Fonsecas, e Rebellos. M. S. fol.

ANTONIO REYNOSO natural da Cidade de Viseu, diverso de outro do mesmo nome, e appellido, Lente de Prima da faculdade de Medicina na Universidade de Coimbra novamente restaurada por ElRey D. Joaõ o III. e muito versado nas linguas

Arabica, e Grega como affirma *Matiz Dialog. de Var. Hist. Dial.* 5. cap. 3. mas muito mais moderno, e emulo da sciencia do antigo escrevendo.

Traclatus de Febribus.

Fr. ANTONIO DOS REYS Profef-
sou o Sagrado Instituto dos Eremitas de Santo Agoftinho em a India sendo hum dos grandes talentos que floreceraõ na sua Congregaçãõ. Foy muito douto, e versado no estudo de Theologia Polemica de que deixou por testemunhas da sua sciencia.

Refutaçaõ das heregias modernas fundada sobre a solida baze da Sagrada Escriptura 2. Tom. fol. M. S.

P. ANTONIO DOS REYS naceo no lugar de Pernes distante da Villa de Santarem tres legoas para o Norte em 23. de Setembro de 1690. e teve por Pays a Antonio Cardoso, e Anna dos Reys, pelos quaes foy educado com especial affecto, e summa vigilancia como prevendo o grande credito, que lhes havia resultar de hum filho, que logo na idade pueril deu claros indicios dos dotes em que havia ser insigne na adulta. Aprendidos os primeiros rudimentos na patria passou a estudar a Lingua Latina com os Padres Jesuitas, que admirados do profundo talento, e excellente perfpicacia com que não sómente discorria pelos campos da eloquencia, mas o velós impulso com que subia ao cume do Parnaso, o quizeraõ admitir aos seus Claustros com a certeza de que augmentaria com o seu admiravel engenho novo esplendor a taõ erudita, e virtuosa Religiaõ, porèm como estava destinado superiormente para seguir os estandartes de outra sagrada milicia se alistou na Exẽplarissima Congregaçãõ do Oratorio de Lisboa onde com beneplacito desta Douta Cõmunidade zelosa dos literarios progressos do seu Instituto recebeu a Roupeta em 31. de Julho de 1707. Nesta Sagrada Palestra se applicou com igual difvelo à cultura das virtudes, que das sciencias, sahindo nestas taõ consummado, que sendo ainda Discipulo já parecia Mestre. Pouco tempo exercitou o magisterio da Theologia Moral a que foy elevado em 22. de Mayo de 1723. porque outras occupaçoens de mais alta esfera lhe impediraõ continuar este laborioso

ministerio deixando sem a ultima lima o Tratado da Bulla da Cruzada, que dictou nesta Cadeira. Foy hum dos mais excellentes cultores da Lingua Latina, a qual fallou com tanta pureza, e elegancia, que parecia animavaõ a sua penna a eloquencia de Tullio, e a magestade de Livio. Igual foy o genio, e affluencia, que teve para a Poesia vulgar, e Latina principalmente para a composiçaõ dos Epigrammas em que foy unico, e singular despojando com a inexaurivel torrente das suas agudezas aos Marciaes, e Ausonios da gloria, que neste genero de Poesia lhe tributou a veneravel antiguidade. Nunca o seu furor poetico passou a delirio usando de algum termo indecoroso à gravidade Religiosa, antes conservou taõ innocente cõmercio com as Musas, que as suas ideas poeticas eraõ igualmente puras no conceito, como na frase. Não sómente foy peritissimo no idioma Romano, mas muito versado nas linguas materna, Italiana, Castelhana, e Franceza com bastante intelligencia da Grega, e Ingleza. Practicou os preceitos da Oratoria Ecclesiastica com admiraçaõ do augusto Auditorio, que huma vez lhe formou a Magestade reinante do nosso Monarcha, e varias occasioens a mais erudita Nobreza da Corte reconhecendo nos seus discursos unida a vehemencia dos affectos à delicadeza dos pensamentos. Regeitou com heroica humildade a Mitra de Peckim, e o governo do Arcebispado Primacial de Braga vago pela morte de seu vigilantissimo Pastor Ruy de Moura Telles anhelãdo com virtuosa ambiçaõ antes obedecer, do que mandar. Por todos estes grandes dotes de que o ornou a graça, e a natureza, mereceo publicas, e particulares estimaçoens del Rey D. Joaõ o V. Nosso Senhor confiando da sua prudente capacidade, e maduro conselho negocios de gravissimas consequencias. Obrigado do preceito Real frequentou muitos annos o Paço, onde nunca o fumo da vaidade lhe offuscou o entendimento, nem o veneno da lisonja lhe contaminou o coração para não fallar livremente a verdade preferindo sempre com escrupulosa observancia os dictames do Evangelho aos aforismos de Tacito. Sendo Chronista Geral das Congregações do Oratorio, Qualificador do Santo Officio, Examinador das tres Ordens Militares, e Synodal do Patriar-

chado de Lisboa, Consultor da Bulla da Cruzada, Academico, e Cenfor da Academia Real, e Chronista Latino deste Reyno por carta de 6. de Junho de 1726. não eraõ poderosas taõ diversas occupaçoens para o divertir da continua, e multiplicada composiçaõ de varias obras, com que illustrou a Republica Literaria admirando-se em todas ellas igual elegancia de estillo, que profundidade de juizo. Foy naturalmente benevolo, e affavel para todo o genero de pessoas, ou fossem da primeira, ou infima Jerarchia descobrindo-se no seu semblante a candura do animo com que dezejava difirir às supplicas de humas, e patrocinar as pertençaens de outras. Venerou com ternissimos affectos à Virgem Santissima procurando com quotidianos obsequios a sua protecçaõ na hora do ultimo perigo. Ao seu Patriarcha S. Philippe Neri amou com taõ ardente excessõ que pareceo ser participado daquelle incendio em que sagradamente se abrazou o coração de taõ insigne Heroe da Santidade. Ao tempo que estava no vigor da idade varonil foy acõmettido de huma febre, que degenerando em maligna o avisou de ser chegado o ultimo termo da sua vida. Para taõ perigosa batalha se preparou com as Armas dos Sacramentos, e resignado catholicamente na vontade Divina conhecendo, que era quasi instantanea a sua duraçaõ pedio, que lhe lessem a Paixaõ escrita por S. Joaõ, e beijando com reverente aççaõ a Sagrada Biblia, como deposito dos Oraculos de hum, e outro Testamento entregou placidamente o espirito a seu Creador a 19. de Mayo de 1738. quando contava 47. annos 7. mezes, e 26. dias, e de Congregado 31. annos 10. mezes, e 2. dias.

Cathalogo das obras impressas.

Epigrammatum libri quinque. Ulyssipone apud Josephum Antonium da Sylva Academiae Regiae Typog. 1728. 4. Tem esta obra por Dedicatoria à Magestade delRey D. Joaõ o V. hum *Enthusiasmo Poetico*, que consta de 1483. Versos Heroicos Latinos compostos com elegante furor, e sublime estillo.

Sahiraõ os Epigrammas na segunda ediçaõ Ulyssipone apud eumdem Typog. 1730. 8.

Tradusidos em Portuguez pelo Doutor Joaõ de Souza Caria Corregedor actual da

Comarca de Evora com este titulo *Imagens conceituosas dos Epigrammas do P. Mestre Antonio dos Reys reduzidas do metro Latino ao metro Lusitano, reflexoens sobre algumas da suas argucias.* Lisboa na Officina da Musica. 1731. 4. 2. Tom. 3. ediçaõ. Ultimamente Lyfæ Typis Sylvianis. 1733. 12. 4. ediçaõ.

Epistola ad Jametem Ducem Cadavalensium in qua Ducis Nonii ejus Patris Apotheosis, ut in Templo Fame peracta est, describitur. Ulyssipone apud Josephum Antonium da Sylva Regiae Academiae Typog. 1731. fol. magno, et ibi apud eumdem Typog. 1733. 4. Consta de 656. Dyctichos.

Vaticinium in Electione Santissimi Domini Nostri Benedicti Papæ XIII. Ulyssipone apud eumdem Typog. 1726. fol. juxta exemplar Romæ impressum. He hum elogio composto em estillo lapidario.

Elogium de Statua marmorea, quam magno illi Carmelitarum Parenti ut Patriarchatum ejus penitus assereret; ad huc viventi in præclarissimæ familiæ decus æternum Romæ in Templo D. Petri Benedictus Papa XIII. collocandam decrevit. Ulyssipone apud eumdem Typog. 1727. fol. Sahio reimpresso nas *Memor. Historic. da Ordem de Nossa Senhora do Carmo da Prov. de Portug.* Part. 1. escritas pelo P. Fr. Manoel de Sã Academico Supranumerario da Academia Real. Pag. 545. he composto em estillo lapidario como o he o seguinte.

Elogium Santæ Claræ de Monte Falco. Sahio impresso no Tomo 3. do *Flos Sanctorum Augustiniano* a pag. 424. composto por Fr. Jozê de Santo Antonio Eremita de Santo Agostinho.

Oratio in Laudem Antonij Rodericij Cossij Ulyssipone in Palatio Brigantino coram Censoribus, & Sociis Academiae Regalis Historiæ Lusitanæ ex scripto pronuntiata anno 1732. die 28. Februarij. Ulyssipone apud Joseph Ant. da Sylva 1732. in fol.

Elogio Funebre recitado nas Exequias da Excellentissima Senhora D. Francisca de Mendoça Condessa da Atalaya celebradas pelos Padres da Congregaçaõ do Oratorio de Lisboa em 19. de Janeiro de 1735. Lisboa na Officina da Congregaçaõ do Oratorio. 1735. 4. Tradusido na Lingua Italiana por Domingos Maria Vaccari Cavalleiro pro-

fello da Ordem de Christo. Lisboa por Antonio Ifidoro da Fonseca 1738. 4.

Sermão do Apóstolo S. Thomè prègado no dia da sua Festa na Igreja da Congregaçã do Oratorio de Lisboa. Cordova 1733. 4. Sem nome do Impressor, e Lisboa por Manoel Fernandes da Costa Impressor do Santo Officio. 1734. 4.

Excellentissimi Ducis de Cadaval Epitaphium. Começa

Ille sub impositâ tandem qui mole quiesco

Ut quis sim nosceas te rogo, siste gradum.

Côsta de 18. Dyftichos. Depois traz outro epitafio em estilo lapidario. Ambos foraõ impressos nas ultimas Acções do Duque D. Nuno Alvares Pereira de Mello. Lisboa na Officina da Musica 1730. fol. grande def- de pag. 324. até 326.

Josepbo Comiti de Vimiofo S. ac Zoilorum contemptum. Ulyssipone apud Michaellem Rodrigues 1732. 8. He huma epistola que consta de 86. Dyftichos em applaudo dos Epigrammas do Excellentissimo Conde do Vimiofo D. Jozè Miguel Joã de Portugal.

Dous Epigrammas, que tem por assumpto este titulo *S. Joannis a Cruce sacrificantis latus utrumque candidâ zonâ in concessã à Deo Castitatis signum Angelus cingit.* Sahiraõ impressos nas *Memor. Histor. Paneg. e Metric. do Sagrado culto com que o Convento do Carmo de Lisboa celebrou a Canonizaçã do Doutor Mystico S. Joã da Cruz.* Lisboa por Miguel Rodriguez 1728. 4. à pag. 133.

O Marte Lusitano, ou Canção heróica Panegirica ao Serenissimo Senhor D. Manoel Infante de Portugal. Lisboa por Jozé Lopes Ferreira Impressor da Serenissima Rainha 1717. 4. Sahio com o nome de seu irmaõ Luiz Antonio Cardozo da Gama, e depois no seu nome na traduçaõ Latina, que fez desta Canção em versos heróicos Felipe Jozé da Gama com este titulo.

Mars Lusitanus, sive cantus heroicus Panegyricus in Laudem Serenissimi Domini D. Emmanuelis Lusitaniæ Infantis olim lusitanis versibus editus a R. P. Antonio dos Reys Congregationis Oratorij Ulyssiponenfis, Regis, Regniq; Historiographo Latino, Regiæ Academiae Socio. Ulyssipone. 1736. 8. sem nome de Impressor.

Motivos para acompanhar o Santissimo Sacramento propostos a todos os Fieis. Lis-

boa na Officina Ferreiriana 1721. 4. Sahio em nome de Luiz Antonio Cardozo da Gama, e depois mais acrecentado, e emendado com o nome de seu Author. Lisboa na mesma Officina, e anno in 8.

Arte de bem morrer. Lisboa por Paschoal da Sylva Impressor de Sua Magestade 1717. 12. et ibi por Jozé Lopes Ferreira 1718. 24. et ibi por Pedro Ferreira 1727. 12. Sahio em nome de seu Irmaõ Luiz Cardozo.

Tributo amoroso em obsequio do prodigioso, e admiravel Herde Santo Antonio de Lisboa. ibi por Bernardo da Costa impressor do Serenissimo Infante 1707. 24. que deve ser 1717. Sahio em nome do P. Antonio Cardozo de Carvalho.

Traduzio de Italiano do P. Francisco Maria Campione Religioso Trino em Portug.

Instruçã de Ordinandos tirada do Concilio de Trento, do Ritual, e Pontifical Romanos, e dos Decretos de S. Carlos Borromeo, na qual em summa se instruem não só os Ordinandos no que devem saber sobre cada huma das Ordens, mas os Confessores em todos os pontos mais essenciaes da Theologia Moral, e os Prègadores nas materias predicativas de que costumaõ ser examinados. Lisboa por Jozé Antonio da Sylva. 1725. 4. O traductor acrecentou *Methodo para aprender facilmente as Rubricas da Missa Romana,* o qual consta de 79. paginas, e se imprimio no fim da *Instruçã dos Ordinand.*

Traduzio de Castelhana do P. Bernardino Villegas da Companhia de Jesus na lingua materna.

Favores de Maria Santissima. Lisboa por Mathias Pereira da Sylva 1719. 8. Sahio sem o seu nome.

Traduzio da lingua Italiana do P. D. Luiz Novarino Clerigo Regular na Portugueza.

Vida de Maria no Ventre de Santa Anna. Lisboa na Officina da Congregaçã 1737. 12. sem o nome do Traductor.

Cathecismo ou Breve explicaçã da doutrina Christã 8. não tem lugar, nem anno da Impressãõ.

Introduçã Poetica à Fenix Renacida, ou Obras poeticas dos melhores Engenhos Portuguezes. Lisboa por Jozé Lopes Ferreira 1716. 8. Consta de 91. Outavas, que principiaõ.

Era do anno a Estaçã primeira

Em que de Colchos o Animal Luzido

Acaba no Zodiaco a carreira

Depois de a porta ao anno ter abrido. & c.
Sahio sem o seu nome.

Corpus illustrium Poetarum Lusitanorum, qui Latine scripserunt. Esta Collecção de que já estão impressos 7. Tomos de 4. grande Ulyssipone apud Jozephum Anton. da Sylva Academiae Regiae Typ. foy feita com grande disvelo, e exame escrevendo a vida em Latim de cada Poeta ao principio das suas obras. Não foy menor o trabalho, que applicou em dar a ultima perfeição ao Poema de Camoens traduzido na lingua Latina pelo insigne Poeta Fr. Francisco de Santo Agostinho Macedo o qual fahirá impresso nesta famosa Collecção.

Trezena de S. Antonio, ou culto devoto para serem buscados os treze dias em que o celebra a Igreja. Lisboa por Antonio Manescal Impressor de Santo Antonio 1715. 24. Sem o seu nome.

Novena da gloriosa, e esclarecida Virgem Santa Rosa de Viterbo filha da Veneravel Ordem Terceira da Penitencia. Lisboa na Officina Ferreiriana. 1721. 24.

Conta dos seus estudos Academicos recitada no Paço a 7. de Setembro de 1723. a qual consta de varios successos dos Moradores da antiga Laconia, hoje Lamego. Sahio no Tom. 3. da Collec. dos Documentos da Academia Real. Lisboa por Pafchoal da Sylva 1723. fol.

Conta dos seus estudos Academicos no Paço a 22. de Outubro de 1726. No Tom. 6. da Collec. dos Documentos da Academia Real. Lisboa por Jozé Antonio da Sylva 1726. fol.

Vita D. Ferdinandi de Menezes Comititis da Ericeira. Sahio no principio da obra que este Fidalgo compoz intitulada *Historiar. Lusitan. ab anno MDCXL. usque ad MDCLVII.* Ulyssipone apud Jozé Ant. da Sylva 1734. 4. grande.

Catalogo das Obras M. S.

Antistites Eborenses. São doze vidas de doze Prelados desta Cathedral, cuja Historia lhe fora cõmetida pela distribuição da Academia Real para escrever na lingua Latina. *A vida de D. Domingos Jardo Bispo desta Diocese* escrita elegantemente em Latim sahio impressa na *Collecção dos Documentos da Acad. Real* do anno de 1730. Lisboa por Jozé Antonio da Sylva Impressor da

Academia Real. 1730. fol. e he a unica das doze vidas que tinha composto que tem logrado o beneficio da luz publica.

Labor improbus, seu Regni Caelestis accurata descriptio per æquivoca. Obra de grande engenho, e neste genero singular.

Historia Generalis Congregationum Oratorij. Deixou quasi acabada a vida de S. Felippe Neri em tão elegante, e puro estilo, que sendo vista em Roma mereceo as mayores estimaçoes dos homens mais eruditos daquella grande Corte.

Traçtatus Bullæ Cruciatæ Lusitanæ o qual ficou imperfeito.

De scitu dignis sui temporis libri tres Esta obra he de Diogo de Payva de Andrade Sobrinho do grande Varaõ do mesmo nome, que foy ao Concilio Tridentino. Consta de 72. Historias verdadeiras escritas na lingua Latina elegantemente, cujo Original se conserva na Bibliotheca Ericeiriana. Acrecentou o P. Antonio dos Reys 28. historias de successos memoraveis em Portugal para fazer completa huma Centuria. 4.

Elogium R. P. D. Emmanuelis Caetani de Sousa Clerici Regularis Pro Comissarij Bullæ Cruciatæ, et Academiae Regiae Censoris. 4.

Vita Excellentissimi D. D. Ludovici Menezis Comititis Ericeriæ. 4.

Elogium in funere Serenissimi Infantis D. Caroli Augustissimorum Regum Joannis V. & Marianæ Austriacæ filij quarto geniti 4.
Historia Regni Lusitaniae. fol.

Historia Metallica. Nella se descrevem em Medalhas as acções heroicas da Magestade delRey D. Joaõ o V. nosso Senhor fol.

Elogia Sacra, et profana. 4.

Duas Elegias Latinas a N. Senhora sobre os dous primeiros versos dos Cantares, e outras a varios assumptos. 4.

Muitos *Epigrammas* de que se pode formar Segundo Tomo. 4.

Oraçoes Latinas da Paixão de Christo recitadas domesticamente nos fabbados de Quaresma. 4.

Dæmonologia sive de dæmoniis. Postilla que compoz para defender publicamente.

Sermoens, e Praticas. 2. Tom. 4.

Exposição Mística da Sagração de huma Igreja. 4.

Vida de Christo no Ventre de Maria.

tradução de Italiano do P. D. Luiz Novarino Clerigo Regular em Portuguez. 8.

Collecão de Historiadores, Oradores, e Authores de Cartas latinas Portuguezes.

Collecção dos mais insignes Poetas Portuguezes que escreverão na lingua materna.

Dous Dialogos ao Menino Jesus no seu Prezepio com varios interlocutores. em verso Portuguez.

Cathecismo para o Estado do Brasil muito mais acrescentado, que o impresso.

Fabula do Gigante Polifemo em estilo jocosferio de que já tinha composto 325. Outavas. 4. ficou imperfeita.

As Metamorphoses de Ovidio em Verso Portuguez jocosferio, de que deixou grande parte composta.

Jornada do Ceo pelo caminho do Inferno, &c. 4.

Fazem illustre memoria delle o P. D. Manoel Caet. de Souf. *Exped. Hisp. S. Jacob.* Tom. 1. pag. 678. n. 1558. Fr. Manoel de Sã Mem. *Hist. da Ord. do Carm. da Prov. de Portug.* pag. 544. n. 18. D. Jozè Barboza na *Dedicat. Archiath. Lusitan.* onde lhe chama *Martialis Lusitanus*, e Fr. Mart. do Amor de Deos *Chron. da Prov. de Santo Ant.* Tom. 1. Liv. 2. cap. 1. §. 313.

D. Fr. ANTONIO DA RESUREIÇAM naceo em Lisboa, e foraõ seus Pays Joaõ Lopes Soares, e Maria Fernandes. Recebeo, e professeo o Habito da Illustre Ordem dos Prêgadores no Convento da Villa de Azeitaõ distãte cinco legoas de Lisboa a 8. de Abril de 1588. e logo deu sinaes evidentes, que tinha igual propensãõ para as virtudes, que para as sciencias. No Convento de Evora leo Theologia em cuja faculdade se laureou Doutor na Universidade de Coimbra sendo nesta florentissima Athenas venerado por Oraculo principalmente quando subio a regentar a Cadeira de Prima de que foy substituto no anno de 1620. e depois proprietario de que tomou a posse em 19. de Outubro de 1622. Nesta Cidade servio o Tribunal do Santo Officio com o lugar de Deputado provido em o primeiro de Outubro de 1626. havendo assistido como Definidor no Capitulo Geral celebrado em Pariz a 22. de Mayo de 1611. sendo Mestre Geral da Ordem Fr. Agostinho Galamino. Os seus grandes merecimentos o elevaraõ

à dignidade de Bispo de Angra sendo Sagrado em 10. de Julho de 1633. e naõ de 1638. (como erradamente escreveo o P. Fr. Lucas de Santa Catharina na 4. Part. da *Hist. de S. Domingos da Prov. de Portug.* Liv. 1. cap. 31. pag. 184.) pelo Collicitor Alexandre Castracane na Igreja de S. Braz de Lisboa. Neste anno entrou na sua Diocese, e como se lhe fosse revelada a breve duraçãõ do seu governo se empenhou a fazer em pouco tempo o que outros naõ executariaõ em dilatados annos praticando aquellas virtudes proprias de hum vigilante Pastor assim na larga repartiçãõ de esmolas, como nas continuas visitas, que fez no seu Bispado percorrendo pelas Ilhas Terceira, Graciosa, Pico, S. Jorge, e Fayal, onde introduzio a reforma dos costumes com suavidade, e prudencia, e arrancou muitos abusos, que estavaõ escandalosamente praticados, atè que chegando à Ilha de S. Miguel foy alcançar o premio das suas virtuosas obras em 4. Feira de Trevas 8. de Abril de 1637. e naõ a 7. como escreve Fr. Pedro Monteiro no *Catalogo dos Deputados da Inquisiçãõ de Coimbra* §. 77. que esquecido de ter escrito neste lugar, que morrera no anno de 1637. cahio em mayor erro affirmando no *Claustro Dominicano* Tom. 3. pag. 31. fora a sua morte no anno de 1634. antecipando-lha tres annos. Mais enorme anacronifmo cõmeteo quando na pagina 30. do mesmo *Claustro Dominicano* fronteira à pagina onde escrevera, que fora a morte deste Prêlado no anno de 1634. diz que no anno de 1500. sendo Geral Fr. Joaõ Clareè (que certamente naõ era, pois foy eleito em 1507.) se fizera hum elogio nas Actas deste Capitulo à memoria de taõ illustre Prêlado, o que naõ podia ser se naõ em profecia, por succeder a sua morte cento, e trinta annos depois da celebraçãõ deste Capitulo. O elogio, que se lè escrito nas Actas Capitulares foy feito no anno de 1656. o qual pudera ler Fr. Pedro Monteiro nos *Monumentos Dominicanos* escritos por Fr. Vicente Maria Fontana pag. 666. cujo Author allega entre os que fallaraõ de D. Fr. Antonio da Resurreiçãõ, e he nesta fórma. *Fr. Antonius de Resurrectione Angrensis Episcopus non minori integritatis quam doctrinae fama celebris, inter alias virtutes charitate erga pauperes mirabilis, Insulam Sancti Michaelis pro suo pas-*

torali munere visitaturus, nec mortis quidem denunciato sibi periculo, absterreri à pio opere potuit; ad illam igitur accessit (quod nemo ex antecessoribus Episcopis præstiterat) gregem sibi commissum invisurus, ac Verbi Dei pabulo enutriturus, ubi in actuali visitatione animam suam pro ovibus suis posuit, omnium lacrymis in tota diæcesi comploratus. Foy sepultado na Capella do Santissimo Sacramento da sua Cathedral por estar impedida a mayor donde para ella foy tresladado no anno de 1652. achando-se o corpo incorrupto. O P. Fr. Lucas de Santa Catharina na *Hist. de S. Domingos da Prov. de Portug.* já allegada escreve a pag. 187. que está sepultado este Prélado na mesma sepultura em que jaz o Mestre Fr. André de Santo Thomaz seu antecessor na Cadeira de Prima da Universidade de Coimbra, cubrindo a ambos huma campa na Capella Mor do Collegio de Santo Thomaz desta Cidade com este epitafio.

Prædicatores Theologi Academiae Primarij... D. Fr. Antonius de Resurrectione Uliisponensis Sancti Officij Deputatus, & Angria Episcopus.

Escrevem deste Prélado Fontana in *Monument. Dominican. ad ann. 1656.* e no *Theatr. Dominic.* fol. 124. Soufa *Hist. de S. Doming. da Provinc. de Portug. Part. 2. liv. 4. cap. 7. Cavalier. Galeria Dominic. Tom. 2. pag. 6. n. 97. Echard Script. Ord. Præd. Tom. 2. pag. 562. c. 1. Francisco Affonso de Chaves e Mello Vid. da Ven. Margarid. de Chaves pag. 202. Cordeiro Hist. Insul. liv. 6. cap. 11. pag. 278. Joan. Soar. de Brit. in Theatr. Lusit. Litter. lit. A. n. 114. Souf. Cathalog. dos Bisp. de Angra. §. 13. Compoz.*

Sermaõ nas Exequias delRey Filippe II. de Portugal celebradas na Capella Real da Universidade de Coimbra, em 8. de Junho de 1621. Lisboa por Pedro Crasbeeck. Impressor delRey. 1621. 4.

Sermaõ no Auto da Fé, que se celebrou na Cidade de Coimbra a 6. de Mayo de 1629. Coimbra por Diogo Gomes de Loureiro Impressor da Universidade 1629. 4.

Sermaõ na Solemnissima Procisaõ, e festas da Real Universidade na Canonizaçaõ, da Rainha Sancta no Mosteiro de Santa Clara da mesma Cidade em 23. de Outubro de 1625. Sahio no *Poeticum Certamen.* Conimbricæ

apud Didacum Gomes de Loureiro Acad. Typ. 1626. 4.

Deixou eruditamente compostos

Cõmentaria in Primam Partem D. Thomæ. fol. M. S.

Fr. ANTONIO DA RESURREIÇAM Naceo em Lisboa, onde recebeo a graça bautifmal a 11. de Fevereiro de 1621. Na puerilidade de dez annos foy admitido ao Habito Serafico da Terceira Ordem em o Convento de N. Senhora de JESUS da sua patria pela destreza da Musica, e suavidade da voz com que cantava, e professou a 20. de Abril de 1638. Com o progresso dos annos se foy de tal sorte augmentando em a sciencia do contraponto, e no estilo com que executava os preceitos da faculdade Musica, que arrebatava as atençoens de todos os ouvintes. Em remuneraçaõ de ter louvavelmente exercitado o lugar de Vigario do Coro do Convento desta Corte por muitos annos, foy eleito Ministro do Convento da Villa de Viana em o Alentejo, e Definidor da Provincia. Falleceo no Convento de Santarem a 17. de Janeiro de 1686. com 65. annos de idade. Compoz

Diversas Missas, e outras obras Musicas. M. S.

ANTONIO DA RESURREIÇAM VILLELA natural de Lisboa Conego Secular da Congregaçaõ do Evangelista celebre no ministerio do Pulpito como escreve o seu Chronista Francisco de Santa Maria no *Ceo Abert.* Liv. 2. cap. 40. pag. 525. Foy Secretario da mesma Congregaçaõ, e Reytor do famoso Convento de Villar de Frades. Morreo no Convento de Santo Eloy de Lisboa a 29. de Mayo de 1669. Escreveo no anno de 1651. e deixou prompta para a Impressaõ

Breve Relaçaõ da vida do M. Joaõ Bispo de Lamego, e Visen recopilada dos notados escritos pelo P. Paulo anno 1458. que está em Santo Eloy de Lisboa. Conservava-se M. S. in 4. na Livraria do Eminentissimo Cardial de Soufa.

ANTONIO RIBEIRO Poeta não vulgar exercitando esta nobre Arte com felicidade principalmente na Poesia Lyrica, em que compoz, e imprimio sem o seu nome.

Bucolica de dez Eglogas Pastoris. Lisboa 1586. 8.

Fr. ANTONIO RIBEIRO Natural de Lisboa teve por Pays a Antonio Sylvestre, e Luiza Ribeira. Professore o Instituto da Sagrada Ordem dos Prêgadores onde exercitou os lugares de Lente de Prima de Theologia Moral no Collegio de N. Senhora da Escada de Lisboa, e Mestre do numero da Provincia. Foy Qualificador do Santo Officio, grande Letrado, e naõ menor Prêgador de cujo ministerio podendo publicar muitas producçoens, sómente vimos a seguinte posto que Fr. Pedro Monteiro affirme no *Claustro Dominicano* Tom. 3. pag. 159. que imprimira muitos Sermoens.

Sermaõ do Patriarcha S. Caetano no ultimo dia do Triduo da sua Festa. Lisboa por Antonio Rodrigues de Abreu. 1675. 4. Morreo no Convento de Lisboa a 16. de Fevereiro de 1668.

ANTONIO RIBEIRO CHIADO Nacceo em hum lugar humilde do arrabalde da Cidade de Evora. Por naõ ter validamente professado o Instituto Serafico o largou passando o restante da sua vida no estado do Celibato vestido em habito clerical. O apelido de Chiado lhe ficou pela habitaçaõ, que por muitos annos teve em huma rua de Lisboa assim chamada. Posto que naõ era muito douto tinha sufficiente noticia das boas letras versificando mais a impulsos da natureza, que de arte com genio taõ jocosõ, e prompto, que provocava aos circumstantes a festivos applausos todas as vezes, que metrificava extemporaneamente, ou fingia as vozes, e gestos de diversas Pelloas com tanta propriedade, e galantaria, que pareciaõ serem as proprias, merecendo por estas singulares partes a estimaçaõ geral que conservou atè à morte succedida em Lisboa no anno de 1591. Delle fazem memoria Nic. Ant. in *Bib. Hisp.* Tom. 1. pag. 123. Draud. in *Biblioth. Classic.* Fonsec. *Evora glorios.* pag. 410. dizendo: *foy de facitissimo, e lepidissimo genio, e de singular agudeza de engenbo.* Fr. Joan. à D. Ant. in *Bib. Franc.* Tom. 1. pag. 124. e o P. Antonio dos Reys in *Enthus. Poet.* n. 219. As suas obras impressas, e M. S. saõ as seguintes.

Philomena dos louvores dos Santos com

outros cantos devotos. Lisboa 1585. 12. saõ varios generos de versos.

Auto de Gonçalo Chambaõ. Lisboa por Manoel Carvalho 1613. 4. et ibi por Antonio Alvares 1630. 4.

Auto da natural invençaõ. Foy representado na presença delRey D. Joaõ o III. e se imprimio.

Letreiros sentenciosos os quaes se acharaõ em certas sepulturas de Espanha feitos em trovas. Lisboa por Antonio Alvares 1602. 4.

Regra espirital dirigida ao Reverendissimo em Christo P. Fr. André da Insoa nosso natural Portuguez Ministro Geral de toda a Ordem do Bemaventurado S. Francisco. M. S. Começa

Muy catholico, e prudente

De encrinaçaõ muy real

Pois que vos Deos fez Geral

Day-lhe graças infinitas, &c.

Ainda era Frade quando compoz esta obra, e a seguinte.

Carta que mandou ao Geral de S. Francisco com huma petiçaõ ao seu Comissario, e a resposta della feita em trovas. Esta obra he prohibida no Expurgatorio, que mandou fazer o Inquisidor Geral D. Fernaõ Martins Mascarenhas. Part. 2. pag. 93.

Parvoices repartidas em cinco jornadas 1. das insofriveis. 2. das Mortalissimas. 3. das Criadas. 4. das Enfadaveis. 5. das Refinadas. M. S.

Tratado, e representaçaõ de alguns erros, e parvoices em que cõmumente cabem alguns homens, e pessoas entendidas para ensino de quem nellas cabir, repartido em duas Centurias com seu Prologo. M. S.

Avisos graciosos, e regras do Chiado. M. S. Conservava-se na Livraria do Cardial de Soufa.

Sete cartas jocosas M. S. Estaõ na Livraria do Conde de Vimieiro.

Quinze cartas jocosas com varias profecias para o anno de 1591. M. S. in 4. Na Biblioth. do Card. de Soufa.

Carta que escreveo de Lisboa a Coimbra da entrada do Bispo D. Joaõ Soares em Lisboa quando foy a Raya pela Princeza D. Joanna. He jocosõ, e se conservava na Biblioth. do Cardial de Soufa.

Quintilhas a Affonso Alvares mulato, que ensinava em Lisboa a ler, e escrever. Começa

Affonso Alvres amigo.

Outras ao mesmo cazando com a filha de hum Albardeiro chamado Pedro Rombo Começa.

Tomaste o sogro rombo

Outras ao mesmo que Começa.

Quem vive sempre às escuras.

E outras.

Caõ fora vossa mercê.

ANTONIO RIBEIRO RAYA natural da Cidade de Viseu. Na idade pueril passou à India onde assentando praça de Soldado exercitou os postos de Alferes, e Capitão, assim nas Armadas de Castella, como nas do nosso Estado por espaço de trinta annos não havendo perigo a que se não expuzesse, e de que não triumphasse. Com a experiencia adquirida em tantos annos nos exercicios Militares assistindo quando já era Sargento Mór reformado na Cidade de Macáo escreveu no anno de 1643. e dedicou à Magestade del Rey D. João o IV.

Practica, e Theorica da Guerra. M. S. in 4. Conserva-se na Bib. Real.

P. ANTONIO RODRIGUES Naceo em Lisboa donde passou como Soldado em huma Armada Castelhana ao Rio da Prata com o desejo de accumular riquezas, porém movido de impulso superior resoluto alistar-se em outra milicia mais nobre, e alcançar outros thezouros em que não tivesse jurisdicção o tempo, e fazendo arbitro desta determinação ao apostolico Varaõ o P. Manoel da Nobrega lha approvou sendo admitido à Companhia no anno de 1553. Querendo aproveitar o tempo em beneficio do proximo, que inutilmente tinha consumido no Seculo, penetrou descalço as fragozas Serras de Piratininga, e sem algum viatico para sustentar a vida foy admiravel, e copioso o fruto que colheo com as suas vozes daquella inculta vinha reduzindo ao suave jugo do Evangelho a infinitos barbaros que viviaõ mais como fêras, do que homens embrenhados na espessura dos matos, domesticando os seus costumes, illustrando seus entendimentos, e purificando com as agoas do bautifmo as suas manchas, devendo-se ao seu incanfavel disvelo a cõversaõ de quazi cinquenta mil Gentios, e a edificação de todas as Aldeyas que se assentaraõ desde o Camamû

18. legoas da banda do Sul da Cidade até quasi o Rio Real quarenta legoas della para o Norte. Voltando da Bahia para o Rio de Janeiro em companhia do Governador Mendo de Sá no anno de 1567. continuou com o mesmo ardor as suas emprezas apostolicas até que no Collegio desta Cidade no mesmo dia, que foy visitar a Igreja, recolhido ao Cubiculo depois de receber os Sacramentos entre fervorosos colloquios entregou a alma a seu Creador em 20. de Janeiro de 1568. quando tinha 52. annos de idade, e 14. de Companhia. *Foy sempre homem* (escreve delle o P. Simão de Vasconcellos *Chron. da Prov. do Brasil* liv. 3. n. 128.) *de grande coração, e iguالمême tento, e devoto. Tinha familiar trato com Deos, tratava asperamente seu corpo, e ainda quando Soldado no Seculo era exemplo nestas materias aos companheiros.* Escreveo.

Duas Cartas das suas Missoens ao Provincial da Bahía, e outras aos Padres da Provincia de Portugal; as quaes foraõ insertas pelo P. Antonio Blafques nas suas Annuas, e sahiraõ impressas em Italiano Venetia por Michele Tramezzino 1562. 8.

Quatro Cartas escritas ao P. Manoel da Nobrega. Sahiraõ com outras em Italiano Venet. pelo dito Impressor. 1559. As Copias destas Cartas se conservaõ no Cartorio da Casa professa de S. Roque de Lisboa.

Carta escrita da Bahía ao P. Geral em 10. de Setembro de 1559.

ANTONIO RODRIGUES BARRETO Theologo, e Astronomo em cujas faculdades era bastantemente versado. Compoz varios Prognosticos com as mudanças das Luas acomodados no meridiano de Lisboa, dos quaes se imprimiraõ dous; hum para o anno de 1684. Lisboa por Francisco Villela 1683. 8. e outro para o anno de 1686. Lisboa pelo mesmo Impressor. 1685. 8.

ANTONIO RODRIGUES DA COSTA Naceo na celebre Villa de Setubal a 29. de Dezembro de 1656. e foy bautizado a 7. de Janeiro de 1657. Teve por Pays a Manoel Rodrigues Vieyra, e Izabel da Costa Sardinha, e por Irmãos ao Doutor Manoel da Cunha Sardinha, Collegial do Collegio Real de S. Paulo, Lente

do Codigo na Universidade de Coimbra Dezembargador dos Aggravos, Procurador, e Confelheiro da Fazenda, Deputado da Bulla da Cruzada, e a Fr. Theodozio da Cunha Eremita de Santo Agostinho Doutor na Sagrada Theologia, e Lente de Prima na Universidade de Coimbra. Sendo de idade muito tenra passou a esta Corte onde a 2. de Outubro de 1669. principiou a estudar a Lingua Latina em o Collegio de Santo Antaõ dos Padres Jesuitas, e sahindo nella perfeitamente instruido se applicou com mayor difvelo a penetrar os seus mais occultos mysterios, de tal forte que se equivocavaõ as suas composições assim na pureza, como na elegancia com as Historias dos Curcios, e dos Livios. Pela profunda sciencia que alcançou deste idioma, mereceo que muitas Pessoas grandes da Corte fossem instruidas com a sua disciplina devendo ao seu magisterio as luzes, com que se fizeraõ mais celebres, e conhecidos os seus talentos. Não foy menor a noticia, que teve das Linguas Grega, e Italiana, Franceza, e Castelhana, das quaes quando contava vinte e oito annos de idade foy creado Official Mayor, na Secretaria de Estado ao 1. de Fevereiro de 1684. por morte de Aleixo Colletes de Jantillet. A grande capacidade que nelle se admirava para os negocios politicos, que aprendera na vasta lição da historia o habilitou para ser eleito em 17. de Outubro de 1686. Secretario do Conde de Villar Mayor depois primeiro Marquez de Alegrete Manoel Telles da Sylva quando como Embaxador Extraordinario partio desta Corte a concluir o casamento delRey D. Pedro II. com a Serenissima Senhora D. Maria Sofia Izabel de Neoburg, filha do Eleitor Palatino, em cuja negociação exercitou a madureza do seu concelho unida com a fidelidade do seu coração. Em Dusseldorp Corte do Palatino, e nas outras Cidades por onde discorreo, não caufou pequeno assombro aos mayores eruditos a natural propriedade com que promptamente fallava a Lingua Latina conhecendo, que sem o profundo, e continuo estudo dos Authores do Seculo de Augusto se não podia saber taõ perfeitamente hum idioma arduo por estranho, e muito mais difficil por ser já morto. Voltando ao Reyno, e conhecido o seu talento pela prudencia dos arbitrios, e madureza

dos votos o nomearaõ Official Mayor da Secretaria de Estado em o anno de 1696. por morte de Luiz Teixeira de Carvalho, e brevemente mostrou quanto acertada fora a eleição comprehendendo facilmente os estilos da Secretaria, e o que he mais, penetrando os interesses politicos de todos os Princeses da Europa. Em premio dos seus serviços foy remunerado a 24. de Janeiro de 1702. com o lugar de Escrivaõ da Camara da Ordem de Aviz na Mesa da Conciencia, e Ordens. A fidelidade, e desinteresse com que servira ao Reyno na Embaxada do Palatino o destinou para em outra semelhante acompanhar por Secretario della em o anno de 1707. a Fernaõ Telles da Sylva Conde de Villar-Mayor, e depois segundo Marquez de Alegrete quando partio a Viena de Austria ajustar com o Emperador Jozè os felicissimos desposorios dos nossos Monarchas reynantes. Restituído à patria foy eleyto Deputado do Conselho Ultramarino em 15. de Fevereiro de 1709. em cujo ministerio praticou as virtudes moraes, que sempre modestamente occultara, e as illustres qualidades alcançadas pela longa diuturnidade dos seus estudos, sendo a independencia, rectidaõ, e profundidade com que votava, semelhante à prudencia, zelo, e liberdade com que acõselhava ao seu Principe nas materias em que era consultado, chegando a lograr a preheminenca até entaõ a ninguem concedida, de ser do Concelho delRey por carta passada em 7. de Mayo de 1728. A esta mercè se accumularaõ outras como foraõ fer Commendador, Alcayde Mór, e Fidalgo da Casa Real. Foy hum dos primeiros cincoenta Academicos da Academia Real, a quem se distribuiu escrever a Historia Ultramarina na Lingua Latina cuja introducção, està elegantemente escrita, e impressa na *Collecção dos Monumentos da mesma Academia do anno de 1721.* à qual não poz o dezejado fim por lho impedir o numero dos annos, e occupaçoens. Pelo largo espaço da sua vida sempre observou a practica das virtudes visitando com summa piedade os Templos, distribuindo largas esmolas, e frequentando com grande compunção os Sacramentos. Chegado o termo da sua peregrinação depois de executar piamente todos os actos de verdadeiro Catholico morreo em Lisboa a 20. de Fevereiro de 1732. quando contava

76. annos de idade, e foy sepultado na Igreja da Congregação do Oratorio de S. Felippe Neri, onde tambem jaz seu Irmaõ o Doutor Manoel da Cunha Sardinha. Em obsequio da sua memoria recitaraõ na Academia Real duas elegantissimas Oraçoens o P. Antonio dos Reys, e o Excellentissimo Marquez de Alegrete, o 1. Academico da mesma Academia na Lingua Latina, e o 2. Secretario della na Lingua Portugueza cujas eloquentes vozes suavizaraõ a ausencia de taõ amavel Collega. Alèm destes dous insignes Oradores outros muitos eruditos o louvaraõ como mereciaõ suas virtudes sendo entre elles o mayor o P. D. Manoel Caetano de Soufa in *Exped. Hispan. S. Jacob. Apostol.* Tom. 2. pag. 1431. n. 1. nesta fórma. *Clarissimus Dominus Antonius Rodiricius Costius Christi militiæ Eques Transmarini Senatus Decanus olim in rediviva Generosorum Academia Historiæ Magister, vir latinis græcisque literis instructissimus, linguarum peritia insignis, omnigena eruditione clarus, prudentiumque Criticorum Coriphæus, qui peragrata Hispania, Gallia, Belgio, Germania, & Anglia omnes traxit in sui admirationem. Vir editis voluminibus clarus tam patria quam Romana lingua, quippe propter hujus elegantiam videtur in ipsa Roma ævo Augusti natus, moratusque; adeo pura est illius Latinitas ut videatur aurei illius sæculi.* Fr. Manoel de Sà nas *Mem. Hist. da Prov. do Carm.* Part. 1. pag. 321. lhe chama *Eruditissimo* e pag. 332. diz *com a sua nativa elegancia:* o P. D. Antonio Caetano de Soufa *Hist. Geneal. da Casa Real Portug.* Tom. 5. Liv. 6. pag. 94. o *Eruditissimo Antonio Rodrigues da Costa digno Socio da Academia Real, que depois de diversos empregos em que servio a patria foy do Concelho Ultramarino deixando em todos do seu talento, e zelo admiraveis provas.* Escreveo.

Embaxada que fez o Excellentissimo Conde de Villar-Mayor (hoje Marquez de Alegrete) dos Concelhos de Estado, e Guerra delRey Nosso Senhor, &c. ao Serenissimo Principe Filippe Wilhelmo Conde Palatino do Rhim Eleytor do S. R. J. condução da Rainha Nossa Senhora nestes Reynos, festas, e applausos com que foy celebrada sua feliz vinda, e as augustas vodas de Suas Magestades. Lisboa por Miguel Manescal. 1694. fol.

De vita, & rebus gestis Nonni Alvaresj Pyrenæ Lusitanæ Comitiss Stabilis libri duo. Olyssipone apud Paschalem a Sylva Typog. Reg. 1723. fol.

Epistolæ ad Excellentissimos, ac Sapientissimos Censores, & ad Comitem Villar mayorium Scrinio Academiæ Præpositum. ibi apud eundem Typog. 1721. fol.

Onze Cartas Latinas escritas aos Censores da Academia Real as quaes sahiraõ impressas no 2. 3. 4. 6. 7 e 11. Tom. da Collecção dos Documentos da mesma Academia Real.

Conta dos seus estudos Academicos no Paço a 7. de Setembro de 1723. Sahio no Tom. 3. da *Collecção dos Documentos da Academia.* Sem o seu nome.

Justa Lusitanorum arma pro vindicanda Hispanorum Libertate Gallico dominatu oppressa, asserendoque Hispaniæ Imperio Serenissimo, ac potentissimo Principi Carolo III. Regi Catholico. Ulyssipone apud Valentinum da Costa Deslandes Reg. Typ. 1704. fol.

Este manifesto sahio por outra fórma na Lingua Castelhana composto por elle com o titulo seguinte.

Justificacion de Portugal en la resolucion de ayudar a la inclita nacion Española a sacudir el yugo frances, y poner en el Trono Real de su Monarchia al Rey Catholico Carlos III. Lisboa por Valentim da Costa Deslandes 1704. fol. Sahio vertido em Francez com este titulo.

La Justice des Armes de D. Pedro Roy de Portugal pour delivrer les Espagnols de la Servitude des Francois, & pour asseurer le trone d' Espagne au Serenissime, & tres puissant Prince Carles III. Roy Catholique. Amsterdam ches Lovis Renard. 1704. 4.

Conversação delRey de Bissau conseguida pelo Illustrissimo Senhor D. Fr. Victorino Portuense Bispo de Cabo Verde do Concelho de Sua Magestade, e bantismo do Principe D. Manoel de Portugal filho primogenito do mesmo Rey celebrado na Capella Real desta Corte sendo Padrinho ElRey Nosso Senhor. Lisboa por Antonio Manescal. 1695. 4.

Relação dos successos, e gloriosas acçoens militares obradas no Estado da India ordenadas, e dirigidas pelo Capitaõ, e Vice-Rey

General do mesmo estado Vasco Fernandes Cesar de Menezes em o anno passado de 1713. Lisboa por Antonio Pedroso Galraõ 1715. 4.

No fim tem hum epigramma latino em louvor do dito Vice-Rey, e huma Elegia latina em applauso do Capitaõ Jozè Pereira de Brito por ter obrado insignes proezas na India.

Epigramma latino à morte do Excellentissimo Marquez de Tavora Luiz Alvares de Tavora. Sahio em o *Panegirico da vida, e acçoens deste Heroe* a pag. 150. Lisboa por Antonio Rodrigues de Abreu 1672. 4.

Deixou escrito em estilo elegante, e puro atè o Reynado delRey D. Fernando

Epitomen Historiæ Lusitanæ. fol. que brevemente sahira à luz publica, de cuja obra, que vimos escrita pela propria mão do Author faz illustre memoria o P. D. Manoel Caetano de Soufa na obra assima allegada a pag. 1432.

ANTONIO RODRIGUES PORTUGAL Rey de Armas muito versado na lição da historia, e na Lingua Franceza, da qual verteo na materna, e dedicou à Magestade delRey D. Joaõ o III.

Chronica do triumpho dos nove da fama, e vida de Beltran Cloquin Condestavel de França. Lisboa por Germaõ Galharde 1530. fol. a qual tradusio em Castelhana o Doutor Lopes de Hoyos, e sahio com este titulo.

Chronica llamada el Triumpho de los nueve màs preciados Varones de la fama. Alcalà por Inigues de Liqueria. 1586. fol. Do primeiro traductor faz menção Nicolào Antonio in *Bib. Hisp.* Tom. 1. pag. 124.

ANTONIO RODRIGUES DA SYLVEIRA natural de Evora onde naceo em o anno de 1570. sendo filho de Joaõ Rodrigues, e Margarida Fernandes, Doutor em Direito Pontificio, Conego Penitenciario na Cathedral da sua patria, e Vigario Geral desta Diocese, e Provisor na ausencia do Arcebispo D. Joaõ Coutinho. Foy Promotor da Inquizição da dita Cidade de que tomou posse a 24. de Julho de 1623. donde passou a Deputado em 15. de Fevereiro de 1625. Conservador da Universidade Eborense, não sómente perito nas sciencias

mayores, mas nas humanidades, Oratoria, e Poetica, que cultivou atè à ultima idade compondo admiraveis Poemas dos quaes a mayor parte se naõ imprimio, sendo testemunhas do seu espirito poetico

Dous Epigrammas latinos em louvor do *Discurso Politico* composto por Jeronymo Freyre Serraõ impresso em Lisboa por Lourenço Alvares 1647. 4.

Ode sobre aquelle proverbio *Veritas odium parit.*

Fez algumas Censuras à Profodia do P. Bento Pereira da Companhia de JESUS, que sahiraõ impressas com a reposta do Author em algumas impressoens da mesma Profodia.

ANTONIO RODRIGUES VILHALVA natural de Vilhalva, lugar do Territorio da Villa de Fronteira na Provincia do Alentejo. Teve por Mestre da Musica ao insigne Manoel Rebello, de cuja escola sahio consumado nesta Arte. Na idade da adolescencia assim como levou ventagem a todos na suavidade de cantar assim os excedeo em a varonil na sciencia de compor pela qual mereceo depois de ser Mestre da Capella do Hospital Real de Lisboa, e exercitar este ministerio com grande credito da sua Pessoa na Cathedral de Evora. Deixou compostos

Psalms, Missas, e Hymnos, que se conservaõ na *Bibliotheca Real da Musica* como se pòde ver no seu Cathalogo impresso em Lisboa por Pedro Crasbeeck 1649. 4. Sendo a principal obra huma Missa do 4. Tom a 8. vozes, que està na Estante 28. n. 703. da dita Bibliotheca.

Fr. ANTONIO DO ROSARIO natural de Lisboa, e filho de Joaõ do Couto, e Maria Luques. Depois de ter abraçado com o nome de Fr. Antonio de Santa Maria o Habito dos Agostinhos Descalços, em o Convento do Monte Olivete situado nos suburbios desta Corte a 18. de Julho de 1671. vestio o dos Frades Menores na Provincia Capucha de Santo Antonio do Brasil, donde sendo Lente de Filosofia, Pregador, e Visitador Geral na Religião que deixara, exercitou o ministerio de Missionario Apostolico trabalhando com incessante disvelo por conduzir ao rebanho de

Christo aos barbaros que vivem dispersos pelos Certões da America, e escrevendo diversos Livros para instruir com saudaveis documentos aos Catholicos. No tempo que foy Religioso Agostinho Descalço imprimio.

Martirologio singular da invictissima Japoneza a Veneravel Virgem Maria Magdalena Mantellata dos Agostinhos Descalços. Lisboa por Antonio Rodrigues de Abreu. 1675. 12.

Esta obra se lembra, e do Author a *Bib. Oriental* novamente acrescentada tom. 1. Tit. 8. col. 164.

Sermão das Almas prégado em Santo Estevão de Alfama. Lisboa por João da Costa 1678. 4.

Depois de ser Franciscano publicou.

Feira Mystica de Lisboa em huma Trezena Mystica do Divino Portuguez Santo Antonio. Lisboa por Antonio Pedrozo Galraõ 1691. 4.

Sortes de Santo Antonio celebradas em huma Trezena historica, moral, e panegyrica. Lisboa por Miguel Manescal. 1701. 4. No prologo promete outros 13. Discursos, e hum Tomo de Sermoens remetido a Lisboa para se imprimir.

Frutas novas do Brasil numa nova, e ascetica Monarchia. Lisboa por Antonio Pedrozo Galraõ 1702. 4. Do Author, e da Obra se lembra o moderno addicionador da *Bib. Occid.* Tom. 2. Tit. 12. pag. 917.

Carta de Marear Lisboa pelo mesmo Impressor 1698. 8.

Fr. ANTONIO DO ROSARIO. Naceo em Lisboa a 20. de Junho de 1682. sendo filho de Domingos Nogueira de Azevedo, e de Catherina Maria da Costa. Quando contava vinte annos entrou na Religiaõ de S. Jeronymo, cujo Sagrado Instituto professou no Real Convento de Belém a 17. de Janeiro de 1702. Não he menos capaz o seu talento para o Pulpito, que para o Coro, sendo muito perito na Arte da Musica, em que tem composto diversas obras nas quaes se admiraõ felizmente unidas a sciencia do Contraponto com a novidade do invento sendo, as principaes, que conserva em seu poder.

8. *Magnificas* sobre o Canto-Chaõ dos outons.

Lamentações, e Motetes da Quaresma, e Semana Santa a 8. 6. e 4.

Responsorios das Matinas da Conceição da Senhora a 4.

Responsorios das Matinas de S. Jeronymo. a 8. *Villancicos* a 8. e a 4.

A reza nova de S. Jozé posta em Canto Chaõ.

Fr. ANTONIO ROUSADO Naceo em Lisboa a 11. de Novembro de 1691. e foy filho de João da Costa Rousado, e Mariana Jozepha. Professou o habito de Eremita Augustiniano no Convento de N. Senhora da Graça da sua Patria a 29. de Setembro de 1709. Depois de ter estudado as sciencias escolasticas se dedicou ao ministerio do Pulpito, e ao estudo da Historia, em que tem feito grandes progressos, pelos quaes mereceo ser Prégador Geral da sua Religiaõ, e ter governado prudentemente os Conventos de Arronches, no anno de 1722. e de Santarem no anno de 1729. Publicou.

Oração do Hercules divino Christo Jesu na representação do monte Calvario dita na Igreja Matrix da Villa de Arronches. Lisboa na Officina Rita-Cassiana 1736. 4.

Tem prompta para a impressaõ a obra seguinte.

Pomar Genealogico, Historico, Chronologico, e Critico plantado no Ermo Augustiniano Lusitano. fol. 4. Tom.

Fr. ANTONIO ROZADO natural da Villa de Mertola da Comarca de Campo de Ourique, e filho de Domingos Rozado, e Beatriz Nunes. Na idade da adolescencia estudou Direito Pontificio na Universidade de Coimbra com grande fruto da sua applicação, em cuja faculdade recebido o grão de Bacharel depois de ter provados nove annos continuos de estudo para nelle se formar, obedecendo à voz de Deos, que interiormente lhe falava, largou os applausos merecidos às suas letras, e se recolheu na illustre Ordem de S. Domingos onde professando no Real Convento da Batalha a 15. de Mayo de 1602. não cedeo a primazia a algum dos seus companheiros assim na observancia da regra, e authoridade da pessoa, como na excellencia da dou-

trina, e eloquencia do Pulpito. Depois de ser Mestre jubilado na Sagrada Theologia, e Presentado, foy Confultor do Santo Officio, Visitador das náos estrangeiras nesta Corte, cujo ministerio tambem exercitou na Cidade do Porto. Passou ao Brazil por Commissario do Santo Officio donde voltando morreo no Convento da Batalha no qual tinha nacido para a Religiaõ pouco antes da Acclamação do Sereníssimo Rey D. Joaõ o IV. Imprimio.

Tratados sobre os quatro Novissimos com lugares communs dos Padres sobre a mesma materia. Porto por Joaõ Rodrigues, 1622. fol.

Tratados em louvor do Santissimo Roxario sobre a Oraçaõ do Padre Nosso, e Cantico da Senhora. Porto pelo dito Impressor, e no mesmo anno 4. Consta de 6. tratados, o 1. contem tres Sermoens do Rosario, o 2. a explicaçaõ do Padre Nosso, o 3. da Ave Maria, o 4. dos Mysterios do Rosario, o 5. das graças concedidas pelos Summos Pontifices aos Confrades do Rosario, o 6. do Cantico da Senhora.

Tratados sobre a destruição de Jerusalem, lagrimas de Jeremias, Ezechias, S. Pedro, Santa Magdalena, Conversaõ de Dimas, e condemnação de Judas. Porto por Joaõ Rodrigues. 1624. 4. Na Dedicatória deste livro à D. Affonso Furtado de Mendoça Arcebispo de Braga affirma ter já promptos para a Impressão seiscentos Sermoens de todos os Domingos do anno, Festas, e Santos principaes.

Sermaõ em S. Domingos do Porto anno do Senhor 1620. na festa de S. Pedro Martyr Padroeiro da Santa Inquisição na Instituição dos Familiares do Santo Officio. Coimbra por Nicolao Carvalho. 1620. 4.

Sermaõ na tresladação que fez o Senhor Bispo D. Fr. Gonçalo de Moraes dos Offos dos Senhores Bispos do Porto seus Antecessores aos 20. de Março dia de S. Martinho Arcebispo de Braga no anno de 1614. Porto por Joaõ Rodrigues. 1618. 4.

Deixou hum grande Volume M. S. que confitava de

Vidas dos Santos da Ordem de São Domingos, de cuja obra fazem menção Fr. Pedro Monteiro *Claust. Domin.* Tom. 3. pag. 160. e Fr. Luc. de Santa Catherina *Hist. de S. Domingos na Prov. de Portug.* 4. Part. pag. 927.

e do Author Echard *Scrip. Ordin.* Tom. 2. pag. 424. col. 2. e Nicol. Ant. in *Bib. Hisp.* Tom. 1. pag. 124.

Fr. ANTONIO DE SA' natural da Villa de Mogadouro da Provincia Transmontana. Sendo Doutor na faculdade de Canones pela Universidade de Salamanca, e Dezembargador delRey D. Manoel deixou a patria, e o mundo para receber a cogulla monachal do Principe dos Patriarchas S. Bento no celebre Convento de Monferrate situado no Principado de Catalunha em cuja reformada escola tanto creceo no exercicio de todas as virtudes, que occupando o lugar de D. Abbade do Collegio de S. Vicente de Salamanca o chamou ElRey D. Joaõ o III. para Commendatario do Real Convento de Alcobaça, o qual governou com taõ prudente suavidade que o mesmo Principe ordenou que fosse Prelado dos Mosteiros de Tibaens, Carvoeiro, e Arnoya da Ordem de S. Bento, ornando o de Tibaens com muitos, e sumptuosos edificios para mais commoda habitaçaõ dos Monges, e instruindo os Noviços com os documentos proprios da vida Monastica, dispondo por esta forte a restauraçã da Congregaçaõ Benedistina neste Reyno. Dezejos de acabar a vida onde a dedicara a Deos deixou o governo, e partio para o Convento de Monferrate, no qual morreo a 10. de Agosto de 1550. Fallaõ deste Varaõ Fr. Leaõ de Santo Thom. *Bened. Lusit.* Tom. 1. Part. 2. cap. 23. §. 2. pag. 387. Cardozo *Agiolog. Lusit.* Tom. 3. pag. 455. e as *Constituições da Congreg. Bened.* Prolog. 44. Deixou escrito pela propria maõ como affirma o já allegado Fr. Leaõ de Santo Thom. Tom. 1. part. 2. cap. 29. pag. 412.

Memorias do Mosteiro de São Salvador da Torre da Ordem de S. Bento M. S.

P. ANTONIO DE SA'. Naceo na Cidade de S. Sebastiaõ do Rio de Janeiro a 26. de Julho de 1627. e na Cidade da Bahia cabeça da America Portugueza sendo de tenra idade se alistou na Companhia de Jesus em o anno de 1639. de cuja Mãe foy benemerito filho. A viveza do juizo competindo com a tenacidade da memoria felizmente conspiraõ para que ou cultivando as Musas amenas, ou severas, fosse julgado

pelos Mestres, e condiscipulos por milagre dos engenhos. Com a mesma agilidade com que voou ao cume do Parnaço, e colheo as flores da eloquencia, penetrou sendolhe conductoras a Filosofia, e Theologia, o Sanctuario das Escrituras, não havendo nellas mysterio recondito que não fosse patente à sua aguda investigação. Ornado com estes singulares dotes, nos quaes excedia a todos os mayores talentos da sua idade, passou a Portugal donde por ordem dos Superiores assistio alguns annos em Roma com a occupação de escrever as Cartas para a Provincia do Brazil. Restituido ao Reyno começou a exercitar o ministerio de Orador Evangelico tendo por theatro a Corte de Lisboa, e por ouvintes aos seus Monarchas, e toda a Nobreza, que pendentes da sua elegante energia com o silencio mais eloquente que a voz o acclamavaõ por Principe da Oratoria Ecclesiastica. O ornato das palavras mais filho da natureza, que da arte, a viveza das acçoens reguladas pela vehemencia do espirito, a expressão da voz clara, e sonora, a delicadeza dos discursos sempre solida, a profundidade dos textos nunca imperceptivel, e a novidade das ideas inimitavel conciliaraõ taes applausos ao seu sublime engenho que chegou a brilhar com toda a intenção na presença do primeiro Astro da esfera Concionatoria o grande Vieyra, que muitas vezes affirmou não ser sensível a sua auzencia quando tinha por substituto a Antonio de Sá. Toda esta fama merecida pelo seu insigne talento desprezou heroicamente, voltando para a Patria onde querendo a Religião, que deixasse herdeiros da sua profunda sciencia o mandou ler Letras humanas, que já tinha ensinado, sendo Mestre da primeira em o Collegio da Bahia, onde dictou dous annos Theologia, de cujas faculdades tantos foraõ os discipulos, quantos os Mestres que ouviraõ a sua doutrina. Renunciando os applausos que lhe resultavaõ da Cadeira, e do Pulpito se dedicou à Conversão dos barbaros que habitavaõ pelos Certoens do Rio de Janeiro, em cujo apostolico ministerio adquirio mayor gloria o seu nome na America, do que tinha alcançado na Europa. Como era de compleição delicada ainda que não fosse de idade provecta se foy atenuando de sorte com o trabalho das Missoens que postradas

as forças para as profeguir havendo sido Reitor do Collegio da Capitania do Espirito Santo tres annos, se restituiõ ao Collegio do Rio de Janeiro, onde acometido da ultima enfermidade se fortificou com os Sacramentos, e abraçado com hum Crucifixo entre amorosos Colloquios lhe pedio fervorosamente que se os seus peccados merecessem a condemnação eterna, não permitisse que blasfemasse do seu Santo nome, e acabando de pronunciar estas palavras placidamente espirou ao 1. de Janeiro de 1678. com 60. annos de idade, e 39. de Religião. De muitos Sermoens, que prégou dignissimos todos da luz publica, sómente a lograraõ os seguintes.

Sermaõ prégado à Justiça na Santa Sè da Bahia na primeira Outava do Espirito Santo. Lisboa por Henrique Valente de Oliveira 1658. 4. e Coimbra por Manoel Carvalho 1672. 4. et ibi por Manoel Rodrigues de Almeida. 1686. 4.

Sermaõ no dia, que sua Magestade fez annos em 21. de Agosto de 1653. Coimbra por Manoel Carvalho Impressor da Universidade 1665. 4.

Sermaõ no dia de Cinza na Capella Real. Lisboa por Joaõ da Costa 1669. 4. e Coimbra por Rodrigo de Carvalho Coutinho 1673. 4.

Sermaõ na primeira Sexta feira de Quaresma na Freguezia de São Juliãõ o anno de 1674. Lisboa por Joaõ da Costa 1674. 4.

Sermaõ dos Passos que prégou ao recolher a Procição. Lisboa por Joaõ da Costa 1675. 4. e Coimbra por Jozé Ferreira Impressor da Universidade 1689. 4.

Sermaõ da Conceição da Virgem Maria N. Senhora na Igreja Matriz de Pernambuco anno de 1658. Coimbra por Jozé Ferreira Impressor da Universidade. 1675. 4.

Sermaõ da Quarta Dominga da Quaresma na Capella Real no anno de 1660. Coimbra pelo dito Impressor 1675. 4.

Sermaõ do Glorioso S. Jozé Esposo da Mãe de Deos. Coimbra pelo dito Impressor 1675. et ibi por Joaõ Antunes 1692. 4.

Sermaõ de S. Thomè Apostolo na Capella Real. Lisboa por Antonio Rodrigues de Abreu. 1675. 4. e Coimbra por Jozé Ferreira Impressor da Universidade. 1686. 4.

Cinco Sermoens nas cinco tardes das Domin-

gas da *Quaresma*. Sobre o 'Thema das palavras do Psalmo 61. vers. 9.

Verumtamen vani filij hominum; mendaces filij hominum in stateris Prégados na Parochial Igreja da Magdalena de Lisboa. Sahiraõ impressos sem o nome do Author no fim da 3. Parte dos Sermoens de Fr. Christovaõ de Almeйда. Lisboa por Miguel Deslandes. 1680. 4.

Sermaõ de N. Senhora das Maravilhas prégado na Sè da Bahia no anno de 1660. na occasiã do defuncto, que se fez à mesma Senhora, e a seu amado Filho. Lisboa por Manoel Fernandes da Costa Impressor do Santo Officio. 1732. 4.

Oraçãõ Fimebre nas exequias da Serenissima Rainha de Portugal D. Luiza Francisca de Gusmaõ em 1666. Lisboa por Miguel Rodrigues Impressor do Senhor Patriarcha 1739. 4.

De Venerabili Patre Joanne de Almeida Oratio. Sahio impressa no fim da vida deste servo de Deos composta pelo Padre Simaõ de Vasconcellos da Companhia de Jesus. Lisboa, na Officina Crasbeeckiana 1658. fol.

P. ANTONIO DE SA' semelhante ao precedente assim em o nome como na profissãõ religiosa de quem ignoramos a patria, e nome dos Pays, e dia em que recebeo a Roupeta da Companhia de JESUS por não constar dos Cathalogs dos Tres Noviciados que esta grande Religiaõ tem neste Reyno nos quaes se fez summa deligencia à nossa instancia. Imprimio.

Sermaõ do glorioso Santo Amaro. Coimbra por Jozé Ferreira 1697. 4. o qual vimos, e no estilo he totalmente diverso do insigne Orador de que proximamente se fez mençãõ.

Fr. ANTONIO DE SA' natural do Porto, filho de Sebastiaõ Martins de Sá, e Maria de Soufa. Deixada a patria, passou a Lisboa onde recebeo o Habito de Eremita de Santo Agostinho no Convento de N. Senhora da Graça a 25. de Julho de 1670. Pela lição da Filofofia, e Theologia se graduou Mestre nesta faculdade, sendo hum dos grandes letrados que teve a sua Religiaõ, da qual depois de ser Reitor do Collegio de Santo Agostinho de Lisboa,

foy Provincial eleito no anno de 1706. Como religioso observante praticava quotidianamente o exercicio da Oraçãõ, e reduzia com asperas mortificaçoens o corpo à obediencia do espirito. Morreo em Lisboa a 4. de Junho de 1726. Compoz.

Traclatus de Conscientia. M. S. fol.

Traclatus de Scientia Dei M. S. fol.

Confervaõ-se na Livraria do Convento da Graça de Lisboa.

Fr. ANTONIO DE SACAVEM natural do Lugar do seu appellido distante duas leguas de Lisboa, Monge Cisterciense no Real Convento de Alcobaça em cuja Bibliotheca se conserva a obra seguinte que compoz com o titulo. *Sermoes de Tempore.* M. S. fol.

Fr. ANTONIO DO SACRAMENTO natural de Coimbra, baptizado na Parochial de S. Bartholameo aos 17. de Setembro de 1675. e filho de Manoel Correa, e Maria da Costa, Religioso da Sagrada Ordem dos Prégadores, cujo Habito professou no Convento de Aveiro a 4. de Abril de 1680. Depois de estudar, e ensinar as sciencias escolasticas na sua Religiaõ recebeo o grão de Doutor na faculdade Theologica em a Universidade da sua patria, onde foy Prior do Convento da mesma Cidade de que passou a exercitar semelhante ministerio no de Lisboa, até que subio ao lugar de Provincial sendo eleito no Convento de Santarem em 22. de Fevereiro de 1721. Foy Qualificador do Santo Officio, Examinador Synodal do Arcebispado de Lisboa, e Mestre do numero da Ordem. Morreo no Convento de Lisboa a 30. de Novembro de 1739. Delle faz mençãõ Fr. Pedro Monteiro *Claust. Dominic.* Tom. 3. pag. 111. e 160. e no *Cathal. dos Qualif. do Santo Offic.* pag. 15. Imprimio.

Sermaõ das Exequias do Illustrissimo, e Reverendissimo Senhor D. Fr. Jozé de Alencastre Bispo Inquisidor Geral prégadas no Convento de S. Domingos de Coimbra a 18. de Outubro de 1705. Lisboa por Miguel Manescal Impressor do Santo Officio. 1706. 4.

Fr. ANTONIO DO SACRAMENTO filho de Antonio Joaõ, e Vicencia Rodriguez natural de Lisboa onde recebeo o Habito

da Illustre Religião da Santissima Trindade na qual exercitou os lugares de Mestre dos Noviços por duas vezes, Ministro do Convento de N. Senhora do Livramento, e do Convento de Lisboa, Definidor duas vezes, Visitador da Provincia, e Prégador Geral. Pela sciencia practica, que tinha das Ceremonias Ecclesiasticas o elegeo a Ordem por Mestre dellas no sumptuoso Templo, que tem nesta Corte, cujo ministerio juntamente com o de Sancristão Mór exercitou pelo espaço de muitos annos com grande perfeição, e para que assim no Altar, como no Coro se observassem, escreveo sem declarar o seu nome.

Manual dos Religiosos da Santissima Trindade, e Redempção de Cativos deste Reyno de Portugal conforme os Ritos do Missal Romano, e dos Ceremonias da mesma Ordẽ. Lisboa na Officina da Musica. 1730. 4.

Parte 2. Lisboa em a dita Offic. 1731. 4.

Parte 3. Lisboa na mesma Officina 1731. a qual foy impressa em folha para melhor cômodidade do Altar.

Morreo no Convento de Lisboa a 15. de Janeiro de 1740.

P. ANTONIO DE SALDANHA. Naceo em a celebre Praça de Mazagaõ situada em Africa, de Pay Portuguez, e Mãy Italiana. Para seguir a vida militar, e exercitar os seus marciaes espiritos parecendo-lhe pequeno theatro a patria, que lhe dera a natureza, passou à India quando contava defeseis annos de idade, onde movido de superior impulso se alistou na Companhia de JESUS em Goa no anno de 1651. Acabado o tempo de Noviço se applicou ao estudo da Filosofia, o qual não pode proseguir impedido de huma grave, e penosa molestia, que o reduzio a termos de cegar. Ordenado Sacerdote foy mandado pelos Superiores à Missão de Salcete para cujo fim apprendeo com tanta perfeição a lingua Concanica, que a fallava com summa agilidade. Pelo dilatado espaço de quarenta annos cultivou taõ apostolicamente aquella vinha que foraõ innumeraveis os frutos, que colheo do Paganismo. Mais atenuado com os trabalhos, do que com os annos morreo no Collegio de Rachol a 15. de Dezembro de 1663. Compoz na Lingua Bramana.

Tratado dos milagres, que pelos mereci-

mentos do Glorioso Santo Antonio assim em vida do Santo como depois da sua morte foy Nosso Senhor servido obrar, com a vida do mesmo Santo tradusidos, e compostos na lingua da terra corrente para serem de todos mais facilmente entendidos. No Collegio de Rachol. 1655. 4. Hum destes exẽplares impressos se conferua na Livraria do Excellentissimo Marquez de Abrantes, onde o vimos.

Rosas, e boninas deleitosas do ameno Rozal de Maria, e seu Rosario tradusido, e composto com proveitosos Moraes para bem das Almas. Rachol. 4. fem anno da Impressão.

Fruto da arvore da vida a nossas Almas, e corpos salutifero illustrado com varios moraes para proveito das Almas, e honra a N. Senhor Jesu Christo. Rachol fem anno da Impressão. 4.

Vocabulario da lingua Concanica M. S.

Beneficios insignes dos Anjos Custodios. M. S.

Baculo Pastoral para administração dos Sacramentos, e mais obrigações Parochiaes, M. S. fol.

Fazem memoria deste Author a *Bibliothec. Societat.* pag. 84. col. 1. e a *Bib. Orient.* de Ant. de Leon novamente acrescentada Tom. 1. Tit. 16. col. 521.

ANTONIO SALEMA natural da antiga Villa de Alcacer do Sal da Diocefe de Evora. Teve por Pays a Diogo Salema, e a Catherina Salema sua Prima. Foy Licenciado em Leys, e hum dos primeiros Collegiaes do Collegio Real de S. Paulo admitido a 2. de Mayo de 1563. Depois de ler huma Cathedrilha de Instituta subio à Cadeira do Codigo no anno de 1567. onde dictou a Postilla ao Tit. *Cod. de Fide instrumentorum,* e outra ao Tit. *Cod. Plus valere quod agitur, quàm quod simulate concipitur.* Sendo Dezembargador da Casa da Supplicação de que tomou posse por seu Procurador o Dezembargador Diogo Lameira a 16. de Março de 1570. foy mandado com huma Alçada a Pernambuco por ordem delRey D. Sebastião, e depois de concluida esta incumbencia foy Governador de S. Thomè, e do Rio de Janeiro. Voltando ao Reyno foy nomeado Dezembargador dos Aggravos a 19. de Fevereiro de 1583. Cazou com D. Luiza de Siqueira filha de Affonso Bicudo, e de Izabel de Siqueira, a qual

por morte de Antonio Salema seu primeiro marido passou a segundas vodas com Francisco de Almeida de Vasconcellos Secretario de Estado de Portugal em Madrid. Falleceu em Lisboa a 13. de Março de 1586. Jaz sepultado no Convento de S. Francisco. Fazem memoria delle Cabed. de *Patronat. Regio* cap. 44. D. Nic. de Santa Maria *Chron. dos Coneg. Reg. Liv. 10. cap. 7. n. 9. Sachin. Hist. Societ. Part. 4. lib. 2. n. 172. e meu Irmao o P. D. Jozè Barbof. nas Mem. Histor. do Colleg. Real de S. Paul. pag. 82. n. 7. e no Archiatban. Lusit. p. 15.*

*Impavidus Çalema levi vada falsa carinã
Trajiciet, ciuclosque armis ruet acer in hostes:
Viribus at fractos, vanoque furore tumentes
Füditus evertet, patriasque remittet ad auras*
Compoz

Tratado da Conquistã, que fez do Cabo frio contra os Franceses, e o Gentio Tamoyo, que nelle eslavaõ fortificados. M. S. De cuja obra se lembra Maris Dialog. de varia Hist. Dial. 5. cap. 2.

Fr. ANTONIO DE SAMPAYO natural da Villa de Santarem, onde com beneplacito de seus nobres Pays recebeu o habito da Ordem da Santissima Trindade, na qual se fez exemplar da perfeição religiosa. Depois de estudar neste Convento Filosofia, de que teve por Mestre a Fr. Bartholameu de Payva cuja memoria se fará em seu lugar, passou ao Collegio de Coimbra para estudar Theologia em que sahio consummado. Teve natural genio para a Poesia assim Latina, como vulgar. Foy Prégador Geral da Provincia, Ministro do Convento de Lagos, duas vezes Difinidor, e Visitador Geral. Acõmettido da ultima enfermidade se preparou como observante religioso para a morte, e recebidos devotamente os Sacramentos espirou no Convento de Lisboa a 26. de Dezembro de 1634. quando contava 70. annos de idade. Deixou compostas assim na lingua Latina, como Portugueza, e Castelhana.

Varias Poemas.

As quaes affirma o P. Ignacio da Piedade, e Vasconcellos *Hist. de Santar. edificad* liv. 2. cap. 36. pag. 477. eraõ *cheyas de tanta piedade; como erudição, e harmonia.*

ANTONIO SANCHES DE NORONHA natural de Lisboa filho de Antonio de Noronha Freyre Escrivaõ dos Maltezes, e de sua mulher D. Maria de Noronha filha de Manoel de Cerqueira, e D. Ignez de Noronha, e sobrinho de Fr. Joaõ Jozè de Santa Thereza Carmelita Defcalço elegante Escriitor da Historia do Brasil na Lingua Italiana, de quem faremos memoria em seu lugar. Instruido na Lingua Latina, e Humanidades ouviu no anno de 1696. Filosofia do insigne Mestre o P. Sebastiaõ Ribeiro da Congregação do Oratorio, e como era dotado de agudo engenho de tal sorte penetrou as maiores difficuldades desta sciencia, que sahio nella muito perito com admiração de todos os seus Condiscipulos, entre os quaes me posso numerar devendo à suavidade do seu genio a mais fina amifade com que sempre me tratou. Ainda não tinha passado da adolescencia quando não sómente discorria como Filosofo, mas metrificava como hum dos mais antigos cultores do Parnaso, a cuja Arte se dedicou impellido naturalmente da inclinação compondo versos na lingua materna suaves, cadentes, e elegantes que repetidas vezes foraõ ouvidos com geral aclamação, e enveja na Academia dos Anonymos instituida em Lisboa no anno de 1710. do qual foy hum dos seus celebres alumnos. Por ser mais amante da modestia que do applauso, nunca publicou as suas obras, que podiaõ formar hum volume de justa grandeza dignas certamente da luz publica, sendo poucas as que tem logrado este beneficio, das quaes se pòde conhecer o furor do seu espirito. *Nos Progressos Academicos dos Anonymos de Lisboa 1. Parte.* Lisboa por Jozè Lopes Ferreira Impressor da Serenissima Rainha Nossa Senhora 1718. 4. estaõ as obras seguintes.

Tres Sonetos. Pag. 119. 173. 219.

Cinco Romances. Pag. 42. 123. 249. 284. 348.

Sylva pag. 169.

Romance Endecasyllabo à morte do Duque do Cadaval D. Nuno Alvares Pereira de Mello. Sahio a pag. 342. das ultimas Acções do mesmo Duque. Lisboa na Officina da Musica. 1730. fol.

Outavas à morte do Padre D. Rafael Bluteau C. R. sahiraõ em o *Obsequio fimebre que ao mesmo Padre dedicou a Academia*

dos Applicados. Lisboa por José Antonio da Sylva 1734. 4. a pag. 115.

Fr. ANTONIO DOS SANTOS Naceo no lugar de Moymenta da Provincia da Beyra, e recebeu o Habito dos Frades Menores na Provincia de Portugal. O seu mayor difvelo foy mais o exercicio das virtudes, que o das letras, para cujo fim occupava a mayor parte do tempo na lição de livros asceticos, donde aprendia a sciencia dos Santos muito mais alta, e sublime que a das escolas. Foy exacto observador da pobreza Evangelica, continuo na Oração Mental, em cujo exercicio muitas vezes se via alienado dos sentidos, e suspenso nos ares. Assistindo na Ilha da Madeira avizou a ElRey D. João o IV. de alguns excessos que devia promptamente emendar na Corte, os quaes lhe foraõ patentes pelas luzes de superior revelação. Deste Monarcha, como de seus filhos o Principe D. Affonso, e o Infante D. Pedro, mereceo grandes estimaçoens venerando na sua pessoa huma fiel copia do Serafico Patriarcha. Acompanhou por Capellaõ ao Monteiro Mõr Francisco de Mello quando no anno de 1641. passou a Pariz com o Carácter de Embaxador. Chegada a hora de receber o premio das suas virtudes entre os braços de Christo Crucificado entregou o espirito a 30. de Março de 1666. Para evitar o tumulto do povo foy logo sepultado, cuja acção foy severamente reprehendida por huma carta de ElRey D. Affonso o VI. Delle faz memoria Fr. Fernando da Soled. *Hist. Seraf. da Prov. de Portug.* Part. 5. liv. 4. cap. 30. n. 1137. e os seguintes. Compoz

Mensa espiritual na qual offerecem sete iguarias para os sete dias da semana conforme ao extatico, e insigne Doutor Dyonisio Carthusiano com algumas devoçoens da Senhora, e muitas indulgencias de nossa Ordem, e outras cousas particulares, e devotas. Lisboa por João da Costa 1667. 4.

Tradusio de Latim em Portuguez.

Revelaçoes de Santa Brífida.

Divididas em duas partes, das quaes a segunda tradusida no anno de 1660. conservava em seu poder a Excellentissima Condeça de Figueirò.

Tradução do Cantico Te Matrem Dei laudamus composto por S. Boaventura com

outras Oraçoens devotas. Lisboa por Domingos Carneiro 1665. 12.

Fr. ANTONIO SEGRE natural de Lisboa, onde professou o habito da Ordem Carmelitana da antigua Obfervancia em 5. de Mayo de 1625. sendo filho de Pedro Francisco, e Luiza Segre. Foy muito douto na arte da Musica, e como tal occupou o lugar de Mestre da Capella do Convento da sua patria, onde foy Subprior, e nella falleceo em Setembro de 1658. Acrecentou, e em muitas partes reformou.

Proceffionario de que usaõ os Religiosos, e Religiosas da Provincia do Carmo de Portugal. Lisboa por Antonio Alvares. 1642. 4. e Veneza por João Bautista Recurto 1717. 4.

Delle se lembra Fr. Manoel de Sá nas suas *Memor. Hist. dos Escrit. Portug. da Ord. do Carmo.* cap. 12. n. 71. e 72.

Fr. ANTONIO DE SENNA, cujo appellido deixando o da CONCEYÇAM, tomou em obsequio da insigne Virgem Santa Catherina de Senna da qual era cordial devoto. Naceo na celebre Villa de Guimaraes da Diocese Bracharense, e na adolescencia abraçou o Instituto da Sagrada Ordem dos Prègadores no Convento de Nossa Senhora da Misericordia da Villa de Aveiro. Depois de estar instruido com os estudos Filosoficos em Lisboa, e com os Theologicos em Coimbra, dictou Artes no Convento desta Corte com grande esplendor do seu talento, que era venerado por sublime. Passou a Lovanha obrigado do preceito dos seus Prelados, e depois de regentar varias Cadeiras nesta Universidade pelo espaço de onze annos recebeu nella o grão de Doutor em Theologia a 25. de Junho de 1571. sendo taõ grande a fama das suas letras, que no Capitulo Geral celebrado em Barcellona no anno de 1574. foy eleito Regente dos Estudos geraes do Convento de Lovanha. No anno seguinte por ser do Jubileo do Anno Santo partio a Roma, e discorreo por toda a Italia examinando as Bibliothecas, e Archivos dos principaes Conventos da sua Religiaõ, donde extrahio com incansavel trabalho noticias importantes para as obras, que meditava o seu profundo juizo. Com igual investigação examinou os *M. S.* que se guardavaõ nas Livra-

rias de Inglaterra, e França quando peregrinou como fugitivo com o Senhor D. Antonio, cujas partes acerrimamente seguiu e fielmente defendeo no tempo que a ambição de Philippe Prudente perseguia aos Sequazes daquelle Principe para que não cingisse a Coroa de seus Avós. Recolhido à Cidade de Nantes morreo no Convento dos Religiosos Carmelitas ao 1. de Fevereiro de 1584. ou conforme Fr. Affonso Fernand. in *Concert. Præd.* em 1586. e na Sepultura tem gravado este epitafio.

D. O. M.

Frater Antonius Senensis Lusitanus Ordinis Prædicatorum, Doctor insignis Lovanij de Republica Christiana ubique benemeritus patriam nobilium factionibus in servitutum ruentem ad sanio rem mentem revocare frustra conatus, nec alibi, nisi hic apud Carmelitas Nannetenses hospitalitatis jus adeptus anno MDLXXXIV. Kalend. Februar. in Christo obdormivit. He celebrado o seu nome em todo o genero de estudos principalmente na sciencia da Theologia, intelligencia da Escriitura, e lição vasta da Historia Sagrada, e profana por Seraf. Razzi *Hist. di Ord. de Præd.* n. 31. Valer. And. Taxand. in *Cathal. Clar. Hispan. Script.* Draud. in *Bib. Classic.* Possev. in *Appar. Sacr.* Tom. 1. pag. 92. Plodio de *Vir. Illust.* Part. 2. liv. 4. Nic. Ant. *Bib. Hispan.* Tom. 1. pag. 86. Echard. *Script. Ord. Præd.* Tom. 2. pag. 271. Manoel de Far. e Souf. *Europ. Portug.* Tom. 3. part. 4. cap. 6. Joan. Soar. de Brit. in *Theatr. Lusit. Litter.* lit. A. n. 117. chamando-lhe *Vir eloquentia, et eruditione conspicuus.* Monteir. *Clauss. Domin.* Tom. 3. pag. 50. e 160. Fr. Luc. de Santa Cather. *Hist. de S. Domingos da Prov. de Portug.* Part. 4. pag. 927.

Cathalogo das obras impressas.

Chronicon Fratrum Ordinis Prædicatorum, in quo tum res notabiles, tum personæ doctrina, religione, et Sanctitate conspicuæ ab exordio Ordinis ad huc usque nostra tempora complectuntur. Parisiis apud Nicolaum Nivellium 1585. 8.

Bibliotheca Ordinis Fratrum Prædicatorum, virorum inter illos doctrina insignium nomina, et quæ scripto mandarunt opusculorum titulos, et argumenta complectens. ibidem apud eumdem Typographum eodem anno, et forma. Desta obra fazem memoria

o P. Philippe Labbe in *Bib. Bibliothec.* pag. 19. e Lippenio in *Biblioth. Real. Theologic.* pag. 543.

In *Theologia Summam D. Thomæ Aquinatis marginalibus notis, et indicationibus omnium cujuscumque generis authorum.* Nesta obra, a que chama Scoto in *Bib. Hispan.* pag. 526. *Herulei plane laboris, et industriae consumio tres annos, e meyo buscando para o fim que intentava com incansavel deligencia, e laboriosa applicação as authoridades dos Santos Padres, e authores profanos, que o Angelico Doutor confusamente allegara, e na margem de cada Capitulo notou as ditas authoridades, empenhando-se neste trabalho com tanta individuação que até nas partes onde o Santo Doutor diz *ut supra dictum est,* ou *infra dicetur* aponta à margem os lugares a que se remete. Posto que para esta obra concorresse hum Religioso natural de Bruxellas, que floreceo pelos annos de 1450. sempre o nosso Fr. Antonio de Sena suprio infinitas citaçoens, que fugiraõ à deligencia do Religioso que lhe precedeo neste trabalho, acrecentou muitas, e emendou outras que estavaõ erradamente citadas. Sahio esta obra primeiramente dedicada ao Senhor D. Antonio. Antuerpiæ ex Officina Plantiniana 1569. com humas notas de Agostinho Hunio Theologo Lovanienfe. Depois sahio na dita Officina 1575. com hum suplemento à 3. Parte de Santo Thomaz dedicado ao Commendador Mór de Castella Governador entaõ de Flandes, e sendo esta impressaõ divulgada sem a Dedicatoria, e Prologo ao Leytor compostos por Fr. Antonio de Sena que tinhaõ sahido na primeira edição, tanto sentio esta falta da qual tambem se queixa Nicol. Ant. in *Bib. Hispan.* Tom. 1. pag. 87. que demandou ao Impressor, o qual foy obrigado suprir o que injustamente tinha tirado na segunda Impressaõ.*

In *Quæstiones D. Thomæ disputatas et quæ his conjungi solent notæ.* Antuerpiæ apud Bellerum. 1571. fol. Estas Notas mandou a Roma para se imprimirem em a nova edição das Obras do Santo Doutor que se estava preparando, e com effeito se puzeraõ.

Catena aurea D. Thomæ super Quatuor Evangelia ad exemplaria antiquissima M. S.

collata, et repurgata, et indicationibus marginalibus illustrata. Antuerpiæ apud Offic. Plantin. 1575. fol. Parisiis apud Michaellem Sonnum 1611. fol. et ibi apud Dionisium Moreau. 1637. fol.

Commentarius D. Thomæ in Genesim M. S. Esta obra foy descuberta por Fr. Antonio de Sena em o Convento dos Franciscanos de Fleisinga. Sahio a primeira vez dedicado ao Duque de Medina Celi. Antuerpiæ apud Bellerum. 1573. et Lugd. apud Petrum Landry eodem anno in 8. et Antwerp. apud Stelsium. 1575. 8.

Traduzio de Portuguez em Latim à infancia de Francisco Giraldes Embaxador de Portugal em Inglaterra.

Meditationes aliquot, seu homiliæ super aliquot vitæ Redemptoris nostri mysteriis, et nonnullis Evangelii locis; às quaes acrecentou.

V. Fr. Humberti de Romanis Magistri Generalis Ord. Præd. epistola, seu Tractatus de tribus essentialibus votis Religionis, et aliæ duæ Conciones. Lovanij apud Sernatium Sassenum 1575. 12.

Vitæ Sanctorum Patrum Ord. Præd. jussu Magistri Ordinis Seraphini Cavalli ex Surio Carthusiano collectæ eidem Magistro dicatæ. Sunt autem Sanctorum Dominici, Petri Martyris, Thomæ Aquinatis, Vincentij, Catherinæ de Senis, Antonini, Raymundi, Alberti Magni, Margaritæ Hungaricæ, et Jacobi Alemanni. Lovanij apud Hyeronimum Wellæum 1575. 12.

De eruditione religiosorum universa, quæ ad absolutam religionis formam spectant exactissimè comprehendens. Lovanij apud Rutgerum Velpium. 1575. 12. Esta obra que Fr. Antonio de Sena julgou ser do Mestre Geral da Ordem Fr. Humberto que certamente he de Fr. Guilherme Peraldo, a conferio com os exemplares mais verdadeiros, e a illustrou com varias notas.

Index præcipuorum fere Authorum qui spiritualia, ac moralia, seu ascetica scripserunt ex familia Prædicatorum. Parisiis apud Antonium Bertier. 1647. 4. Não sey se he diferente da Bibliotheca Ord. Fratr. Præd.

Commentarius D. Thomæ in Machabæos. Esta obra foy descuberta pela sua diligen-

cia em Middelburgo, ou Flexinga no Convento dos Franciscanos, a qual quiz imprimir em Pariz no anno de 1584. porém fahio com outras obras do Santo Doutor. Antuerpiæ apud Cosmam Morelles. 1612. fol.

Cathalogo das obras não impressas.

Cæsarij Arelatensis Episcopi Sermones XII. ad Monachos. Estes Sermoens nunca sahiraõ à luz, e foraõ tresladados por Fr. Antonio de Sena de hum M. S. que se conservava na Bibliotheca do Cardial Seripando, e agora existem na Bibliotheca Carbonaria dos Eremitas de Santo Agostinho em Napoles.

Quæstiones Theologicæ præsertim ad materiam de Fide spectantes.

De Quintuplici statu hominis in quo distincte que esse, et posse illius in quolibet attinent, quid ve ille cognoscere, et agere possit, disputat, et novas quorundam, prophanasque impugnat sententias.

De comparatione virtutum, et vitiorum; ainda incompleta.

Opus Theologicum. Estava acabado mas não tinha ainda titulo.

Vita B. Joannæ Alphonsi V. et Elisabethæ Portugalliæ Regum filia Sanctimonialium Ord. Præd. in Monasterio JESU dicto Civitatis Aveiro habitu indutæ.

Vitæ Beatorum Petri Gundissalvi, & Gundissalvi de Amarantho, Petri Laici Eborensis, et Egidij Scalabitani. Todas estas vidas escritas nas Chronicas Portuguezas verteo em Latim Fr. Antonio de Sena as quaes vindo ao poder de Fr. Estevaõ de Sampayo seu Companheiro nas peregrinaçoens, e desterros, novamente as traduzio em Latim mais puro, e as publicou no seu *Thezaurus arcanus Lusitanis gemmis resurgens.* Parisiis apud Thomam Perier. 1586. 8.

Chronicon generale ab anno Christi M. usque ad suam ætatem. Desta obra faz memoria Nicol. Ant. in *Bib. Hispan.* Tom. 1. pag. 87. col. 2.

Historia de Portugal. Foy apresentada depois da morte do Author ao Senhor D. Antonio como escreve Francisco Galvão na *Bib. Lusit. M. S.* onde o lemos.

Fr. ANTONIO DE SERPA natural da Villa do seu appellido a qual està situada na Provincia Transtagana onde teve por Pays a Joaõ Bentes Farto, e Maria Prego.

Recebeo o Habito Serafico na reformada Provincia da Piedade onde depois de aprender as sciencias mayores as ensinou aos seus domesticos. Na intelligencia das Escrituras foy insigne confumindo todo o tempo, que lhe restava das occupaçoens Religiofas neste estudo. Acompanhou ao Marquez de Niza D. Vasco Luiz da Gama por seu Confessor quando no anno de 1647. foy mandado Embaxador Extraordinario à Magestade delRey Christianissimo. Voltando ao Reyno sendo já Qualificador do Santo Officio foy nomeado Bispo de Cochim, cuja dignidade modestamente regeitou. Com prudencia, e suavidade governou os mayores lugares da Provincia sendo hum delles Guardiaõ do Convento de São Antonio dos Oliveas em Coimbra onde morreo no anno de 1664. Delle se lembraõ Nic. Ant. in *Bib. Hisp.* Tom. 1. pag. 126. e Tom. 2. pag. 283. Wading. de *Script. Ord. Min.* pag. 37. lhe chama *Concionator eruditus.* Fr. Joan. à D. Ant. in *Bib. Franc.* Tom. 1. pag. 127. Card. *Agiol. Lusit.* Tom. 3. pag. 442. no Cõment. de 28. de Mayo letr. G. P. D. Emman. Caet. de Soufa in *Exped. Hispan. S. Jacobi* Tom. 2. pag. 1305. Joaõ Franco Barret. *Bib. Lusit.* M. S. letr. A. n. 245. Compoz

Eucharistica Chronologia ab ipso mundo per figuras legis naturæ depicta, & enarrata. Parisiis apud Sebastianum Cramoyli. 1648. fol.

Esta obra foy approvada por dous famosos Varoens da Ordem Serafica quaes foraõ Fr. Joaõ de La Haye, e o nosso Fr. Francisco de Santo Agostinho Macedo, que em louvor do Author lhe consagrrou a sua elevada Musa o seguinte epigramma.

Te genuit Serpa: & doctam dimisit in Urbem

Stemmata, cui serpens, hinc dedit inde Leo.

Serpenti ingenio similem te reddidit illa:

Serpenti hæc studio, consilioque parem.

Utraque serpenti voluit te opponere mortem,

Quæ tulit in vetito perniciofa cibo.

Sic divina tuam stimulat sapientia mentem

Syderium ut sacra condat arte cibum.

Ut cum Læthiferũ serpens dat voce venenum,

Vitales possis reddere Serpa dapes.

ANTONIO SERRAM DE CRASTO.

Naceo em Lisboa no anno de 1610. e foy dotado de hum genio jocofo, e festiva para a Poesia sendo hum dos principaes

Academicos da Academia dos Singulares instituida no anno de 1663. em cuja casa se faziaõ as conferencias, onde em verso, e profa deu por varias vezes claros argumentos do seu engenho merecendo os applausos dos seus Collegas Luiz de Bulhaõ, Antonio Marquez Lesbio, Pedro Duarte Ferraõ, Joaõ Ayres de Moraes, Antonio Lopes Cabral, e ainda do insigne Poeta Ignacio Figueira Duraõ in *Laur. Parnaf.* Ram. 2.

*Aut te pulsantem cytharam Serrane coronam
Crederet esse melos, quo cali sphaera movetur.*

E em outra parte

Duraque carminibus Serranũ saxa moventẽ.

O Doutor Manoel da Sylva Leitaõ *Arte com Vida, e Vida com Arte* cap. 2. Advert. 18. §. 26. o intitula *Celebre*. Imprimio

Relaçã das grandiofas festas, com que os Religiosos da Sagrada Ordem dos Prêgadores do Real Convento de S. Domingos desta Corte celebraraõ as Canonizaçoens dos Gloriosos Santos S. Luiz Beltraõ, e Santa Rosa Maria, e Beatificaçã de Santa Margarida de Saboya no anno de 1671. Lisboa por Joaõ da Costa 1671. 4. He escrito em Romance

Por esta obra o numerou entre o Coro dos Poetas Portuguezes o P. Antonio dos Reys in *Enthusiasm.* Poet. num. 241.

Crastus ubi festivæ Rosa solemnia cantat

*Impositũque aris Beltranũ, & thura Sabaude
Margaridi concessa recens.*

Nos dous Tomos das Academias dos Singulares de Lisboa, que sahiraõ impressos no anno de 1665. e 1668. em 4. estaõ duas Oraçoens de Antonio Serraõ de Crasto recitada a primeira em 27. de Janeiro de 1664. e a 2. em 12. de Fevereiro de 1665. vinte *Sonetos* trinte e sete *Romances* doze *Glossas*, e duas *Decimas* a diversos assumptos.

No Certame, que se fez em applauso da Canonizaçã de Santa Maria Magdalena de Pazzi estã hum seu Romance burlesco em a terceira parte do *Forasteiro Admirado* impresso. Lisboa por Antonio Rodrigues de Abreu 1672. fol. Compoz mais, ainda que se não imprimio.

Relaçã da entrada, que fixeraõ em Lisboa os Serenissimos Reys D. Affonso VI. e D. Maria Francisca Izabel de Saboya em 29. de Agosto de 1666. dividida em cinco *Romances*. 4. Vivia pelos annos de 1683. e 1684.

Fr. ANTONIO DE SETUVAL cujo apellido indica a patria donde era natural. Foy Religiofo da Ordem Serafica da Provincia de Portugal, a quem Hypolito Marraccio in *Biblioth. Marian.* Part. 1. pag. 134. intitula *Vir morum præstantia, & doctrina præeminens*, muito verfado nas divinas letras, e affectuosiffimo devoto de Maria Santiffima em cujo obsequio compoz a obra seguinte.

Coroa de doze estrellas da Virgem Senhora Nossa. Lisboa por Pedro Crasbeeck. 1632. 4. Neste volume, que comprehende 554. folhas sómente trata de quatro estrellas. Do Author, e da obra se lembraõ Nic. Ant. in *Bib. Hisp.* Tom. 1. pag. 126. Fr. Fernand. da Soled. *Hisp. Seraf. da Prov. de Port.* Part. 3. Liv. 1. cap. 21. n. 132. Fr. Joan. à D. Ant. in *Bib. Franc.* Tom. 1. pag. 127. Alva y Astorga in *Milit. Conception.* pag. 123.

ANTONIO DA SYLVA natural de Evora filho do Doutor Manoel da Sylva insignie Jurisconsulto, e Dezembargador no Reynado de Philippe III. como escreve o P. Franc. da Fonseca na *Evor. Glorios.* p. 410. Foy igualmente douto nas letras humanas, e Poesia como na Historia Sagrada, e profana, e Genealogica de cujos estudos deixou diversos monumentos em que eternizou a sua memoria sendo os principaes.

União dos Reynos, e Senhorios da Monarchia Espanhola dividida em 13. Livros. O 1. da Geografia, e cousas de Espanha. O 2. do Reyno de Leão. O 3. do Reyno de Castella. O 4. do Reyno de Aragoã. O 5. do Reyno de Navarra. O 6. do Reyno de Portugal. O 7. dos outros Reynos de menos importancia como Jaen, Murcia, e Granada. O 8. do Reyno de Napoles. O 9. de Milão. O 10. de Borgonha. O 11. dos Estados de Flandes. O 12. das Indias Orientaes. O 13. das Indias Occidentaes. De todos sómente tinha completo o 1. e 8. M. S.

Dialogo entre dous Caçadores qual tempo he o melhor para a Caça, se o Veraõ, se o Inverno? M. S. Conftava de cinco folhas.

Arvores Genealogicas dos Princeses da Christandade, que tem soberania. Desta obra faz menção o P. D. Antonio Caetano de Sousa no *Apparat. à Hist. Geneal. da Casa Real Portug.* pag. 105. §. 3.

Primeras Tragedias Españolas. Nise lastimosa, y Nise laureada D. Ignez de Castro, y Ualadares Princeza de Portugal. Madrid por Francisco Sanches 1597. 8. Cuja obra louva o P. Antonio dos Reys no seu *Enthusiasm. Poet.* n. 37. estranhando a Nicoláo Antonio, que fizesse ao Author natural de Galliza quando certamente he de Portugal.

Do Amor bom, e máo. Conftava de varias cançoens, que no anno de 1603. tinha já promptas para a Impressão.

Compoz muitas, e diversas obras poeticas a varios assumptos assim sagrados, como profanos, e delle he o celebre Soneto.

Choray Nynfas dos rios Lusitanos. Affirma-se ser sua a Practica com que foy recebido em Evora Philippe III. como tambem as inscripçoens dos Arcos, que nesta occasião se levantaraõ.

P. ANTONIO DA SYLVA. Filho de Manoel Alvares Figueira, e Izabel da Sylva, naceo na Villa de Aveiro do Bisgado de Coimbra donde passando a Lisboa entrou quando contava 17. annos de idade na Companhia de JESUS a 7. de Março de 1622. Pelo largo espaço de quatorze annos leu Letras Humanas, Rhetorica, e Theologia Moral. Morreo no Collegio de Santarem a 16. de Abril de 1666. Delle se lembra o P. Antonio Franco na *Imagem da Virtude em o Noviciado de Lisboa.* pag. 964. e Antonio Carv. da Cost. *Corog. Portug.* Tom. 2. Trat. 3. cap. 4. e a *Bib. Orient.* modernamente acrescentada Tom. 1. Tit. 8. Col. 154. compoz

Sol do Oriente S. Francisco Xavier da Companhia de JESUS do qual como em breve Mappa descreve os dez annos da sua milagrosa vida no Oriente. Lisboa por Antonio Crasbeeck de Mello. 1665. 12. No fim traz Novena do mesmo Santo.

ANTONIO DA SYLVA natural da Bahia de todos os Santos Capital da America Portugueza, Licenciado na faculdade dos Sagrados Canones, e Vigario da Parochial Igreja do Corpo Santo do Arrecife de Pernambuco. Naõ sómente foy vigilante do pasto das suas Ovelhas, mas muito applicado ao ministerio do Pulpito deixando

para argumento da capacidade que para elle tinha.

Sermoens das Tardes das Domingas da Quaresma prégadas na Matriz do Arrecife de Pernambuco no anno de 1673. No fim destes cinco Discursos traz *Sermão do Mandato*. Lisboa por Joaõ da Costa 1675. 4.

Oração fúnebre nas Exequias da Sereníssima Princesa D. Izabel Luiza Jozepha celebradas na Misericordia da Cidade de Olinda aos 5. de Fevereiro de 1691. Lisboa por Miguel Manescal Impressor do Santo Officio. 1691. 4.

Memoria da vida, e acçoens de D. Estevão dos Santos Bispo do Brazil, e religioso de Santo Agostinho de Conegos Regrantes. Dedicada ao Doutor Joaõ Carneiro de Moraes do Conselho de Sua Alteza; e seu Dexeembargador do Paço acabada a 4. de Julho de 1635. fol. M. S. Cujo original se conserva em poder do P. D. Antonio Caetano de Souza Clerigo Regular, e Academico Real onde o vimos. Esta obra chegou a ser impressa até o caderno da letra D. mas não se continuou.

Sermão fúnebre nas Exequias do Illustrissimo Bispo de Pernambuco D. Matheos de Figueiredo, e Mello assistindo Caetano de Mello, e Castro Governador da Praça de Pernambuco. M. S.

ANTONIO DA SYLVA natural de Lisboa Ourives da prata, e Enfayador da Casa da Moeda. Para instruir aos artifices desta fabrica na perfeição com que deve ser lavrada, e cunhada a moeda, escreveu.

Directorio Prático da prata, e ouro, em que se mostraõ as condiçoens com que se devem lavar estes dous nobilissimos metaes para que se evitem nas obras os enganõs, e nos artifices os erros. Lisboa por Miguel Manescal Impressor do Santo Officio, e da Sereníssima Casa de Bragança. 1720. 4. Morreo em Lisboa a 8. de Novembro de 1723. Está sepultado no Convento do Carmo.

ANTONIO DA SILVA ALVARES natural da Cidade do Porto muito perito nas especies da Arithmetica, e nas regras de Orthografia, as quaes para que mais facilmente se percebessem, compoz.

Regras de escrever certo, e exemplar de

contas em que se ensina com toda a clareza o methodo de boa Orthografia, e juntamente a praxe das quatro especies de conta. Coimbra no Real Collegio das Artes da Companhia de Jesus 1715. 12.

ANTONIO DA SILVA DE BRITO traduzio do Castelhana de Jeronymo Cortès em a lingua materna.

Fysognomia de varios Segredos da natureza. Lisboa por Miguel Manescal Impressor do Santo Officio. 1699. 8.

Emendou, e reformou conforme o Expurgatorio da Inquisição, e verteo em Portuguez do mesmo Jeronymo Cortès.

O non plus ultra do Lunario, e Prognostico perpetuo geral, e particular para todos os Reynos, e Provincias. Lisboa pelo dito Impressor 1703. 8. e Coimbra por Jozé Antunes da Sylva Impref. da Univerfid. 1730. 8.

ANTONIO DA SILVA PEREYRA natural de Lisboa Commendador da Ordem de Christo, filho de Antonio da Sylva, e de Maria da Costa Figueira. No tempo que Christovão de Almada era Governador, e Capitaõ General da Praça de Mafagaõ o mandou por Embaxador ao Reyno de Marrocos cuja incumbencia executou com grande credito do seu talento. Foy muito applicado ao estudo da Historia, e particularmente da Genealogia extrahindo com immenso trabalho dos melhores Genealogistas tanto na verdade, como na averiguação.

As Familias illustres de Porutgal. 11. vol. em folha.

Os quaes escritos por sua maõ os dispoz pela Ordem Alfabetica. Escreveo mais.

Arvores de Costado antigas. fol.

Todos estes 12. Tomos primorosamente encadernados, e com as folhas douradas, que muitas vezes temos visto, conserva em seu poder o P. D. Antonio Caetano de Souza Clerigo Regular, e Academico do numero da Academia Real fazendo delles, e do Author honorifica menção no *Apparat. à Hist. Genealog. da Casa Real Portug.* pag. 144. §. 168. Escreveo mais.

Lembrança da Carta que mandei ao Senhor Ruy Fernandes de Almada em reposta de

outra em que o dito Senbor me ordenava lhe desse conta de tudo o que se tinha passado desde que daqui partimos. Contem ella o primeiro anno do governo do Senbor Christovão de Almada feito na Praça de Mazagaõ com os seus sucessos, e tambem os da Jornada do mar, arribada ao Algarve, chegada àquella Fortaleza, Visita do Alcaide de Azamor nella, e Embaixada ao Imperio de Marrocos, procissão do Corpus Christi, resgate de Nossa Senhora, e Sermaõ do mesmo Resgate. 4. M. S. cujo original conferva na sua Livraria Jozè Freire Montarroyo Mascarenhas como vimos. Foy casado com D. Maria Jacinta de Azevedo filha de Manoel dos Anjos Heytor, e de Luiza de Azevedo de quem teve huma filha. Morreo em Lisboa a 14. de Mayo de 1704.

ANTONIO DA SYLVA DE SAMPAYO. Naceo em Lisboa a 5. de Mayo de 1691. e teve por Pays a Jozè da Sylva de Sampayo, e Maria da Conceição, e Fonseca. Apprendeo as Letras Humanas no Collegio de Santo Antão dos Padres Jesuitas, e Filosofia na Congregaçãõ do Oratorio de sua patria donde passou à Universidade de Coimbra, e applicando-se ao estudo do Direito Pontificio recebeu nelle o Grão de Bacharel a 7. de Abril de 1718. Ordenado de Presbytero exercitou o ministerio de Patrono de Causas Forenses em que alcançou tanta opiniaõ das suas letras, que sendo Prothonotario Apostolico creado pela Santidade de Clemente XII. em 21. de Junho de 1734. foy eleyto Promotor da Justiça na Relaçãõ Ecclesiastica do Arcebispaõ de Lisboa a 27. de Setembro de 1737. Em obsequio da insigne Virgem Santa Maria Magdalena de Pazzi de quem he cordial devoto escreveu com estylo elegante.

A Flor de Florença, ou Vida da Extatica Virgem Santa Maria Magdalena de Pazzi. Lisboa por Miguel Rodrigues. 1730. 8.

Compilaçãõ do Direito Canonico aos cinco Livros das Decretaes illustrado com o Direito das Constituiçoens deste Arcebispaõ, e Ordenaçãõ do Reyno. 2. Tom. 4. M. S.

Elogio funebre do Doutor Manoel Pereira da Sylva Leal Academico da Academia Real. M. S. Estã já com as Licenças para a Impressãõ.

Vida de S. Vicente de Paulo Fundador da Congregaçãõ da Missãõ. M. S.

Jozè Antonio Monteiro Bravo in *Centuria Epigramatum* lhe dedica os epigrammas 45. e 46. em seu applauso.

ANTONIO DA SILVA, E SOUSA. Naceo na Villa das Caldas da Rainha no Arcebispaõ de Lisboa em o anno de 1601. filho de Henrique da Sylva, e Soufa, e Antonia Nunes, e irmão de Joaõ da Sylva, e Soufa Vigario perpetuo do Hospital da Villa da sua patria. Na Athenas Conimbricense se applicou ao estudo do Direito Celsareo, onde recebendo com applauso de todos os Academicos o grão de Doutor, não foy menor o com que por alguns annos se oppoz às Cadeiras da mesma Universidade. Acclamado o Serenissimo Rey D. Joaõ IV. querendo exercitar as suas letras em beneficio do Reyno mais no estudo practico, que no especulativo, foy despachado Provédor de Beja, e Auditor da gente de guerra donde foy transferido a Dezembargador do Porto, e à Casa da Supplicaçãõ em 13. de Janeiro de 1660. depois Dezembargador de Aggravos em 10. de Novembro de 1661. Nestes lugares mostrou tanta capacidade, e inteireza que mereceo ser eleito Enviado a Inglaterra, porém como pela morte de Carlos I. se desvanecesse esta jornada foy mandado com o mesmo caracter à Corte de Suecia a tratar negocios gravissimos sendo o principal a liberdade do Serenissimo Infante D. Duarte a que fortemente se opunha o Embaxador de Castella assistente na mesma Corte, o qual passando das negociaçoens occultas a violencias manifestas, assaltou com cincoenta homens armados a Casa do nosso Enviado que acompanhado sómente de dezoito homens não sómente rebateo este temerario insulto, mas o castigou com a morte de dous, e as feridas de muitos por cuja valerosa acçãõ conseguiu grandes creditos naquella Corte merecêdo que a Rainha Christina a escrevesse a ElRey D. Joaõ o IV. Todo o tempo que assistio em Suecia acompanhou em varias Campanhas a ElRey Carlos a quem era muito aceito por seu maduro juizo, e natural afabilidade, até que se retirou por ordem do seu Soberano para a Cidade

de Hamburgo, e sendo eleito Embaxador Ordinario aos Estados de Olanda não exercitou este ministerio por representar a ElRey não ser conveniente naquella occasião aos interesses politicos desta Monarchia. Restituído à Corte attendendo o Principe Regente D. Pedro aos grandes serviços que tinha feito em obsequio desta Coroa assim no Reyno, como fora delle o fez Corregedor do Crime da Corte, e Casa em 7. de Janeiro de 1668. com huma Commenda de duzentos mil reis na Ordem de Christo a qual nomeou por faculdade que teve, em seu filho mais velho o Dezembargador Francisco da Sylva, e Soufa. Ultimamente sendo Deputado da Meza da Consciencia, e Ordens que exercitou pelo espaço de tres annos, morreo em Lisboa a 26. de Abril de 1676. com 75. annos de idade. Foy sepultado no Cruzeiro da Igreja do Convento de Santo Eloy ao lado do Evangelho para ser transferido à Capella de São Bartholameo situada na Villa das Caldas com Missa quotidiana. Compoz.

Juizo, ou Vaticinio politico al Reyno de Suecia debaxo dela conduta del muy alto, y poderoso Principe Carlos Gustavo Su Rey. Holmia por Juan Janssonio. 1655. 12.

Instrucion politica de Legados. Amburgo. 1656. 12.

Questões Forenses. 2. Tom. Constavão dos casos mais celebres que succederaõ no tempo que foy Dezembargador dos Aggravos, os quaes se conservavaõ em poder de seu filho o Dezembargador Francisco da Sylva, e Soufa.

Delle fazem menção Nic. Ant. in *Bib. Hisp.* Tom. 1. pag. 126. e Diogo Henriques de Villegas no livro intitulado *El Principe en su idea.*

ANTONIO DA SYLVA VIEIRA. Para testemunhar o ardente, e affectuoso culto com que venerava a Imagem da Virgem Santissima com o titulo da Oliveira que está collocada em hum magestoso nicho na Confeitaria da Cidade de Lisboa, escreveo.

Oliveira Mystica, ou devoção, e obsequios a Maria Santissima Senhora Nossa. Lisboa por Antonio Pedrozo Galraõ. 1721. 24.

Fr. ANTONIO DA SYLVEIRA. Naceo em Lisboa a 23. de Janeiro de 1709. onde foy educado com taõ virtuosos documentos por seus Pays Jozè da Sylva de Araujo, e Thereza Maria Cerveira, que na tenra idade de 14. annos deixou o mundo, e se recolheo na illustre Religião da Santissima Trindade professando o seu Instituto no Convento patrio a 29. de Março de 1723. Por ser dotado de engenho muito perspicaz ao tempo, que estudava as sciencias escolasticas logo foy destinado pelos seus Mestres para as ensinar com applauso, cuja laboriosa empreza dezempenhou assim no Collegio de Coimbra, como em o Convento desta Corte seguindo com hum methodo subtil descuberto pela sua aguda comprehensãõ as opinioens menos seguidas. Não sómente he bom Theologo, mas insigne Escurituario de que he manifesto argumento a obra seguinte.

Discordia concors, seu Sacra Scriptura Antilogia brevi calamo conciliata. Ulyssipone apud Emmanuelem Fernandes da Costa S. Officij Typ. 1738. 8. Mais 4. volumes do mesmo assumpto M. S.

Censura sobre a questãõ se devem ser admitidos às Conesias Doutoraes das Cathedraes os Professores de Leys. Sahio no Livro intitulado *Fasciculus sententiarum a Petro Villas-Boas e Sampayo Collectus.* Conimbrica apud Antonium Simoens Ferreira 1738. 4. a pag. 33. atè 36.

Fr. ANTONIO DE SINDE natural do Conselho de Sinde do Bispaado de Coimbra donde tomou o appellido. Antes que professasse o penitente, e austero Instituto de Frade Capucho na Serafica Provincia da Piedade, era Licenciado em Canones, e de tal sorte observou os estatutos religiosos que sendo eleito Definidor no anno de 1617. passou a ser Commissario Visitador da Provincia de S. Jozé em Castella onde assistio o restante da vida por entender o queriaõ eleger Provincial da Provincia Portugueza. Foy ornado de grande talento, que se fazia mais estimavel pela innocencia da vida como claramente se infere da carta escrita de Madrid a 8. de Fevereiro de 1622. ao Provincial pelo Commissario Geral Fr. Bernardino de Senna em que lhe diz. *Naõ obstante que o Padre Fr. Antonio de Sinde he Guardiaõ, ponha V. P. em seu lugar hum*

Presidente, e mande o com patente sua a esta Corte por ser Religioso de quem tenho muito boa informação assim de suas letras, como de seu bom procedimento, e virtudes para que me ajude delle nos negocios de que tiver necessidade, por serem de muito pezo &c. Foy bom prègador, e muito zeloso dos augmentos da sua Provincia da qual com grande difvelo trabalhou em compor em dialogos.

Chronica da Provincia da Piedade de cujo trabalho se aproveitou Fr. Manoel de Monforte na que escreveo, e imprimio no anno de 1696. como elle ingenuamente confessa no Prologo ao Leitor dizendo. *Valeo-me muito o que neste particular haviaõ já trabalhado dous Religiosos desta Provincia Fr. Antonio de Sinde, e Fr. Manoel de Niza.*

ANTONIO DE SIQUEIRA DA GAMA natural da Villa de Campomayor da Provincia Translagana, e filho de Fernão Martins de Ayala Comissario da Cavallaria da Corte, e de D. Catherina da Gama, e Attayde, que o educaraõ como se esperava da nobreza dos seus nascimentos. Teve notavel genio para a Poesia, e Jurisprudencia, de cujas Faculdades deixou varios monumentos, admirandose em huns a profundidade de seu talento, e em outros a jocosidade da sua Musa sempre discreta, e conceituosa, e nunca pueril, pela qual mereceo repetidos applausos em diversas Academias. Morreo em Lisboa a 19. de Novembro de 1727. e jaz sepultado na Parochia da Encarnaçaõ. Como era summamente devoto das Almas do Purgatorio para acender este pio affecto nos Coraçõens dos Catholicos não sómente publicou, mas graciosamente repartio.

Novena das Almas do Purgatorio. Lisboa por Paschoal da Sylva Impressor de sua Magestade 1712. 24. & ibi por Miguel Manescal Impressor do Santo Officio. 1718. 24. e Coimbra por Jozé Antunes da Sylva Impressor da Universidade 1719. 24.

Fr. ANTONIO SOARES natural de Lisboa filho de Lourenço Soares de Mello Mordomo Mòr do Cardial Infante D. Afonso. Na tenra idade de nove annos vestio a Cogulla Cisterciense no Real Convento

de Alcobaça onde completos os annos, que se requerem para a profissaõ solemne a fez no mesmo Convento com grande satisfacão de todos os Monges. Com a continua liçaõ da Sagrada Escritura concebeo ferverosos dezejõs de testimunhar com os olhos os Sagrados Lugares onde o Redemptor do mundo para sua restauraçãõ padeceo atrozes tormentos. Para este effeito a que sómente o estimulava a devoçaõ, e não a curiosidade, sem dar noticia a seu Pay, e unicamente ao Prèlado, e Nuncio Apostolico sahio de Portugal no anno de 1554. Entrou em Roma a tempo, que era Vigario de Christo Julio III. de quem recebeo particulares favores, e alèm de lhe dar facultade para que visitasse os Santos Lugares lhe entregou huma carta para o Patriarcha dos Maronitas com o qual havia tratar negocios graves de que deu boa satisfacão. Voltou para Portugal no anno de 1583. em companhia do P. Jeronymo Rodrigues, e o Irmaõ Balthezar Dias Jesuitas, que tinhaõ hido à Terra Santa cumprir hum voto, que o Cardial D. Henrique deixara declarado no seu Testamento, de que hum Religioso da Companhia fizesse por elle aquella jornada a que deu cumprimento ElRey Philippe acrescentando, que fosse outro em obsequio delRey D. Sebastiaõ, como escreve o P. Antonio Franco in *Synops. Annal. S. J. in Lusit.* pag. 129. De tudo quanto era digno de se observar em taõ larga peregrinaçaõ compoz.

Itinerario no qual se referem os successos mais raros da sua jornada, narrando as varias naçoens com que tratou assim da Europa, como da Azia; os seus costumes, ritos, superstiçoens, Provincias por onde passou, terras, que vio de Espanha, Italia, Grecia, Palestina, Samaria, Monte Libano onde descreve os sitios, e principios, que tiveraõ, e o estado em que presentemente se conservavaõ. M. S.

Esta obra tinha em seu poder no anno de 1688. o Doutor Fr. Diogo de Castello Branco Chronista Mòr da Religiaõ de Cister sendo muito digna de se imprimir se não tivera truncadas algumas folhas. Della faz mençaõ Fr. Leaõ de Santo Thomaz na *Benedict. Lusit.* Tom. 1. Part. 2. cap. 23. §. 2. pag. 391. dizendo, que do mesmo Itinerario liv. 8. cap. 6. constava estar o Author em

Monferrate no anno de 1558. e a dedicara ao Cardial D. Henrique. Delle tambem se lembra Cardof. *Agiol. Lusit.* Tom. 1. pag. 443. col. 1. no Cõment. de 15. de Fevereiro letr. A. e Tom. 3. pag. 466. col. 1. no Cõment. de 30. de Mayo. letr. D. e o moderno Addicionador da *Bib. Geograf.* de Antonio de Leaõ. Tom. 3. Titul. unic. col. 1586.

Fr. ANTONIO SOARES. Naceo em Lisboa donde passando a Castella recebeo o monacal habito do grande Patriarcha S. Bento em 19. de Março de 1569. Applicado aos estudos filosoficos manifestou com tal excessõ a subtileza do seu engenho, que sem demora foy eleito Mestre de Artes, que dictou no Collegio de Santo Estevaõ de Ribas de Sil. Como nelle predominasse mayor genio para a Theologia Expositiva, que Escolastica antepoz o ministerio do Pulpito ao da Cadeira exercitando com geral aclamação o officio de Orador Evangelico no celebre Convento de Monferrate. Por uniformes votos de todos os Monges subio ao lugar de Abbade do Real Mosteiro de S. Pedro de Cardena porque (como delle escreve Fr. Francisco de Berganza *Antiguid. de Espan.* Part. 2. liv. 8. cap. 12. n. 85.) *sobre la prenda de ser muy virtuoso era sobre manera asable, y sin violentar-se a ninguno podia mostrar ceño.* Depois de ter com larga profusão feito varios edificios nesta Abbadia passou a governar a de S. Vicente de Oviedo, e no Capitulo seguinte foy eleyto Visitador Geral em cujo ministerio terminou a carreira da vida mortal para principiar a eterna no Convento de Lerez a 27. de Dezembro de 1606. Escreveo

Tratado em forma de Dialogo entre Ulyseo, e Valerio sobre ser o tempo prezente melhor, q̃ o passado. Em cuja obra diõ a entender (saõ palavras do já allegado Berganza) *grande erudicion de letras divinas, y humanas, con o de la perfecta intelligencia en la Filosofia natural, y Moral.* M. S. Conserva-se no Archivo do Mosteiro de S. Pedro de Cardenã.

Vida de S. Bento em Ontavas, que foraõ impressas com as estampas, que representaõ as açoens mais notaveis do mesmo Santo Patriarcha, no anno de 1597.

Hymnos, e versos em louvor dos Santos Martyres do Mosteiro de Cardenã. M. S.

Delle fazem illustre memoria Berganza no lugar já allegado, e Marangoni *Thezaur. Paroch.* Tom. 2. lib. 3. cap. 1. n. 106.

ANTONIO SOARES natural de Setuval, e grande professor de Medecina, ou fosse especulativa, ou practica de cuja sciencia escrevendo, e curando deu irrefragaveis testemunhos. Compoz

Breve Compendium quæstionum præcipue prælicarum, & particularium remedium apud diversos Medecina Authores contentorum in ordinem Alphabeticum redactorum. M. S. in fol. Estava na Livraria do Doutor Manoel Soares Brandaõ insigne Medico.

Collectanea ad diversos morbos utilis. Item *Traçtatus de Pleuritide.*

D. ANTONIO SOARES DE ALARCAM natural de Lisboa. Foy filho primogenito de D. Joaõ Soares de Alarcaõ, e Mello, nono Senhor desta Casa, Alcayde mór de Torres Vedras, Mestre Sala da Casa Real, Commendador de Saõ Pedro de Torres Vedras, e Santa Maria de Maçaõ na Ordem de Christo, Senhor de Villa Rey, Mordomo das Rainhas de Castella D. Isabel de Borbon, e D. Mariana de Austria que depois da gloriosa Acclamação do Serenissimo D. Joaõ o IV. assistindo em Castella se intitulou Marquez do Trocifal, e Conde de Torres Vedras; e de D. Maria de Noronha filha de Joaõ Fogaça de Eça Governador, e Capitão General da Ilha da Madeira, e de sua mulher D. Leonor da Camara. Foy muito estudioso da Historia, e com mayor difvelo applicado a huma das suas mais nobres partes qual he a Genealogia em que fez grandes progressos não sendo inferior a noticia que tinha das letras humanas Poesia, e Mathematica, e outras artes dignas do seu claro nascimento. Morreo em Madrid, e está sepultado no Real Convento das Religiosas descalças de S. Francisco. Compoz.

Commentarios delos hechos del Señor de Alarcam Marquez de Valle Siciliana, y de Renda, y delas Guerras en que se balló por espacio de sincoenta, y ocho años. Madrid por Diogo Dias dela Carrera. 1665. fol.

Relaciones Genealogicas dela Casa delos Marqueses de Trucifal, Condes de Torres

Vedras su varonia Zevalos de Alarcon, por la Casa, y primer appellido Suares. Madrid pelo dito Impressor. 1656. fol.

Arbol Genealogico dela Varonia de D. Fernando Tellez de Faro, y Sylva Conde de Arada. M. S. Delle se lembraõ com grandes elogios D. Luiz Salazar, e Castro em diverf. part. das suas Obras. Nic. Ant. in *Bib. Hisp.* Tom. 1. pag. 601. Franckenau in *Bib. Hisp. Hist. Geneal. Herald.* pag. 46. e D. Antonio Caetan. de Soufa no *Apparat à Hist. Geneal. da Casa Real Portug.* pag. 105. §. 112.

ANTONIO SOARES DE ALBERGARIA. Naceo na Villa de Castello Branco no Bispaado da Guarda em o anno de 1581. e foy filho de Fernão Rodriguez de Coimbra, e Francisca Soares de Albergaria ambos das familias mais nobres da Villa de Veyros. Ordenado de Presbytero obteve hum Beneficio na Parochial Igreja de Santo Estevão de Lisboa, e foy Capellaõ das Capellas de Santo Eutropio cuja vida escreveu, e de S. Matheos de Lisboa. Teve bom engenho, feliz memoria, e continua applicaçãõ aos livros principalmente historicos, e Genealogicos em cuja noticia diz delle Joaõ Soares de Brito in *Theatr. Lusit. Litter.* lit. A. n. 123. *rerum Genealogicarum apud Lusitanos peritissimus.* Retiroufe a huma Quinta que herdou junto de Almada, e edificou huma Ermida dedicada a Jesus Maria Jozé no Caminho, que vay de Casilhas para N. Senhora do Cabo onde viveo parcaamente. Compoz.

Trofeos Lusitanos. Lisboa por Jorge Rodrigues 1631. 4. Consta dos braçoens das familias illustres deste Reyno.

Reposta a certas objeçoens sobre os Trofeos Lusitanos. Lisboa pelo mesmo Impressor. 1634. 4.

Na obra precedente a esta se vê o seu Retrato com este epigramma na parte inferior.

Vera est Authoris gravis hac quam cernis imago

Sat notat hac maius fronte nitere Deus.

Antoni entitulos duplex tibi reddit imago

Hac faciem ingenij stemmata reddit opus.

Triumphos da Nobreza Lusitana, e origem de seus braçoens. 6. Tom. Tratava nelles de quatrocentas familias do Reyno, que

certamente estariaõ acabados, e entregues à Impressãõ porèm (saõ palavras do mesmo Author no Prologo dos Trofeos Lusitanos) *nenhuma cousa se começa bem, se não he depois de Deos, de algum grande Principe favorecida.* 2. Tomos desta obra se conservaõ escritos da sua propria maõ na Livraria do Convento da Graça de Lisboa, como tambem

Chronica dos Reys de Portugal desde o Conde D. Henrique até Felipe IV. de Castella. fol. M. S.

Titulo de Coutinhos historiado. M. S. da sua propria maõ se guarda na dita Livraria.

Livro de Armaria em que ensina, e declara todos os modos, e formas de escudos, e suas significaçõens. M. S.

Tratado dos Santos Portuguezes. Com licenças para a Impressãõ no anno de 1639. Conserva-se M. S. na Livraria dos Padres da Congregaçãõ do Oratorio de Lisboa.

Adagios em Latim, e Portuguez. M. S. Delle trataõ D. Franc. Manoel na *carta 1. da Centur.* 4. *escrita ao Doutor Manoel da Fonc. Themudo,* o P. D. Antonio Caetano de Soufa no *Apparat. à Hist. Gen. da Casa Real Portug.* pag. 74. §. 59. P. D. Emmanuel Caet. de Soufa in *Exped. Hispan. S. Jacob.* Tom. 2. pag. 1305.

ANTONIO SOARES DE FARIA natural da Villa de Aviz da Diocese de Evora onde naceo no anno de 1642. Foraõ seus Pays o Doutor Manoel Rodrigues da Vide descendente das principaes familias da sua patria, e Maria Soares de Faria. Apprendeo a faculdade de Medecina na Universidade de Coimbra na qual foy eminente como seu Pay, e seu Tio materno exercitando com sciencia, e fortuna esta arte na sua patria onde foy Vereador, e Phisico Mõr do Exercito na Provincia do Alentejo. Compoz

Fasciculus medicus practicus ex quattuor tractatibus collectus. Primus de Fontanellis. 2. *de Thermis.* 3. *de Lacte.* 4. *de risu, recreatione, & Vino.* Ulyssipone apud Michaelem Deslandes 1700. 4. Tinha prompto para a Impressãõ algumas apologias medicas, e eruditas adiçoens às observaçoens de Lazaro Riverio.

Fr. ANTONIO SOBRINHO natural da Cidade de Bragança na Provincia de 'Tras dos Montes, ou de Salamanca como escrevem D. Nicolao Antonio na *Bib. Hispan.* Tom. 1. pag. 127. col. 1. e P. Joaõ de Santo Antonio na *Francisc.* Tom. 1. pag. 128. col. 1. certamente filho de Antonio Sobrinho Portuguez natural de Bragança como confessa o mesmo D. Nicolao Antonio no 2. Tom. da *Bibliotheca* pag. 342. e por este principio justamente admitido, e numerado entre os Authores Portuguezes. Teve por Mãy aquella celebre Matrona Cecilia de Morillas, ou Henriquez, a cuja virtuosa doutrina, com que diligentemente educou a nove filhos nascidos deste conforcio, que illustráraõ a Jerarquia Episcopal, e Religiosa, deve o excessõ que a todos fez Antonio Sobrinho, ou fosse pela perspicacia do juizo, ou pela practica das virtudes. Sendo o primeiro Official da Secretaria de D. Gabriel de Zayas Secretario de Estado da Catholica Magestade de Filippe II. desprezando as estimaçoens, e as esperanças do Mundo abraçou o austero Instituto da Reformada Provincia de S. Jozé, professando em o Convento de S. Bernardino de Madrid onde foy admiravel exemplar da perfeição Evangelica. Ainda que com repugnancia do seu humilde genio administrou os mayores lugares da Religião como foraõ Definidor da Provincia de Saõ Paulo em Medina, quando se dividiõ da de Saõ Jozé, Guardiaõ do Convento do Calvario de Salamanca, Commissario Geral, trez vezes Guardiaõ, e Vigario Provincial da Provincia de S. Joaõ Bautista do Reyno de Valença, e em taõ diversas Prelacias sempre conservou exactamente a disciplina regular uzando para este fim mais vezes da benevolencia, que da severidade. Foy na Oração cõtinuo, na abstinencia rigoroso, na charidade ardente, e na salvação dos proximos vigilante. Cheyo mais de virtudes, que de annos pois naõ passavaõ de 68. foy lugar o premio dellas a 10. de Julho de 1622. Ao seu enterro concorreu innumeravel povo implorando o seu patrocínio para remedio de diversas enfermidades. Fazem illustre memoria deste grande varaõ alè m dos Authores allegados Fr. Antonio Panes *Chron. de S. Franc.* Part. 1. fol. 676. até 830. onde largamente relata as suas Revelaçoens,

Extasis, e milagres, pelos quaes se trata na Curia Romana da sua Beatificaçãõ como escreve Fortunato Huever in *Menol. Franc.* §. 8. *Historic. Prolog. Wading. de Script. Ord. Min.* pag. 38. lhe chama *vir eximia pietatis, et notissima virtutis.* Compos.

De la vida espiritual, y perfeccion Christiana, Tratado de Penitencia, y purgatorio. Valencia por Juan Chriostomo Garriz 1611. 4.

In D. Joannis Apostoli *Apocalypsim* per Fr. Antonium Sobrino Minoritam S. Joannis Baptistæ *Excalceatorum Fratrum Provincia minimum, et immeritissimum alumnus. Accessit huic operi elucidatio per eundem Authorem edita in Commentaria super Apocalypsim Benedicti Arias Montani.* 4. Este Original com as licenças para a impressãõ do Ministro Geral da Ordem Serafica Fr. Benigno de Genova se conserva no Archivo do Convento de S. Joaõ Bautista de Valença com as obras seguintes.

Anotaciones al Apocalypse 2. tom. M. S.

Tesoros de Dios revelados a la Ven. M. Francisca Lopes dividida em 3. Tomos que escreveo no anno de 1609. quando era Confessor desta Serva de Deos M. S.

Sermoens das Domingas que comprehendem a 1. do Advento até a Dominga 6. post Epiphaniam. 8. M. S.

Sermoens das Domingas, e Férias da Quaresma. 2. Tom. 8. M. S.

Viridario que comprehende Fabulas dos Gentios moralizadas. Emblemas moralizados. Exemplos varios de virtudes, e vicios. Aforismos de Hipocrates reduzidos ao sentido moral &c. M. S.

Singular privilegio del Mysterio dela Immaculada Concepcion dela Virgen Señora nuestra. Deste Tratado fez huma recopilaçãõ Fr. Antonio Panes, e a transcreveo no Tom. 1. da *Chronic. de Prov. de S. Paulo* lib. 1. cap. 22. n. 277.

ANTONIO SODRE PEREIRA DAS COBERTEIRAS Senhor do Morgado da Azoya filho de Vasco Sodre da Gama, e de D. Luiza de Soufa Pereira das Coberteiras naceo na Villa de Santarem, e na freguezia de N. Senhora de Maravilla foy bautizado a 3. de Setembro de 1663. sendo verfado na lição da Historia Sagrada, e

profana todo o seu mayor difvelo applicou à Theologia Moral como fiel directora da Confciencia, que dezejava trazer sempre bem regulada, e fahio taõ eminente neste genero de estudo, que Compoz.

Miscellanea Moral. 4.

Cuja obra por andar já nas mãos dos Censores fahirá brevemente à luz publica. Defpozoufe em o 1. de Janeiro de 1714. com D. Brites Bernarda de Vasconcellos filha de Jozè Lucas Pereira da Sylva Fidalgo da Casa Real, e de sua primeira mulher Jozepha Eufrazia de Vasconcellos de quem teve larga descendencia. O excessõ com que se applicava ao estudo lhe caufou hum estupor que o privou da vida na sua patria a 18. de Novembro de 1728. Jaz sepultado na Igreja de N. Senhora de Maravilla em o Jazigo da sua Casa.

D. Fr. ANTONIO DE SOUSA Teve por patria a Cidade de Lisboa, e por Pays a Martim Affonso de Soufa Governador que foy da India, e a D. Anna Pimentel dos quaes foy o Primogenito. Na idade mais florente desprezando heroicamente as futuras dignidades que lhe prometia a nobreza do seu nascimento se recolheo na illustre Ordem de S. Domingos deixando com o seculo o nome de Pedro Affonso de Soufa que nelle tinha, cuja grande resoluçã querendo seu Pay impedilla, e não podendo triumphar da confcancia de seu filho, lhe deo facultade para que fosse Religioso. Feita a profiffaõ solemne no Real Convento de Lisboa a 7. de Março de 1557. foy estudar à Universidade de Lovanha, onde se graduou Bacharel em Theologia, e depois Mestre da mesma facultade pela Ordem. No anno de 1580. partio a Roma para assistir ao Capitulo Geral que se celebrava, no qual por morte do Mestre Geral Fr. Serafino Caballi fahio eleito Fr. Paulo Conftabili que era Mestre do Sacro Palacio. Depois de ter sido Provincial nesta Provincia no anno de 1559. e exercitar com grande applauso o ministerio de Prégador delRey o nomeou Vigario Geral de toda a Familia Dominicana a Santidade de Clemente VIII. a 22. de Agosto de 1594. Em remuneraçã da prudencia, e madureza de juizo com que tinha exercitado estes lugares subio a occupar outro mais sublime, qual foy

o Bispado de Vifeu sendo a elle assumpto em 4. de Dezembro de 1595. enchendo as obrigaçõens de Pastor vigilantissimo no breve tempo, que governou esta Diocefe, da qual passando a Lisboa a curarfe de huma molestia, esta se fez taõ rebelde à efficacia dos medicamentos que o privou da vida em huma Quinta situada no Campo Grande nos suburbios de Lisboa no mez de Mayo de 1597. Jaz sepultado no Convento da Castanheira dos Religiosos Capuchos da Provincia de Santo Antonio que edificou D. Antonio de Attayde 1. Conde da Castanheira, e na sepultura lhe gravou o epitafio seguinte seu grande amigo, e parente D. Jorge de Attayde que ao depois foy Bispo da mesma Diocefe.

D. O. M.

Fr. Antonio de Sousa filio Martini Alphonfi de Sousa, et D. Annæ Pimentel professo Ord. Præd. in quo per XL. annos Religiosus vixit et pro variis muneribus in eo administratis multas Christiani Orbis partes peragravit, ac tandem ad Episcopatum Vifensem assumptus annum LVI. agens decessit Maij CIJDXCVII.

Georgius Episcopus amico, et consanguineo charissimo.

Trataõ deste insigne Prelado Fr. Manoel da Esperanc. *Hist. Seraf. da Prov. de Portug.* Part. 2. liv. 11. cap. 2. n. 5. Fernand. in *Cert. Prædic.* ad ann. 1590. Echard *Scrip. Ord. Præd.* tom. 2. pag. 296. col. 2. Soufa *Hist. de S. Doming. do Reyn. de Portug.* Part. 1. liv. 3. cap. 2. Fontan. in *Theatr. Domin.* Part. 1. cap. 5. Titul. 640. n. 2. Plodius de *vir. Illustrib.* Part. 2. liv. 4. Monteir. *Claustr. Domin.* tom. 3. pag. 57. 164. e 343. P. Joaõ Col. *Cathalog. dos Bispos de Vifcu.* n. 57. e Fr. Martinho do Amor de Deos *Chron. da Provin. de Santo Antonio* Tom. 1. liv. 1. cap. 18. §. 148. Publicou sem o seu nome.

Manual de Epicteto Filosofo traduzido de Grego em linguagem Portuguez. Coimbra por Antonio Mariz. 1594. 12. e Lisboa por Antonio Alvares 1595. 12.

Traduzio de Italiano em Portuguez.

Vida de S. Jacinto. a qual affirma que fora impressa, Francisco Galvaõ na *Bibliothec. Lusit.* M. S.

Verteo em Portuguez para sua Irmã a Condeſſa de Monfanto.

Pſalmos Penitenciaes.

Chronica da Provincia de Portugal.

Deſta obra faz menção Fr. Pedro Monteiro no *Clauff. Domin.* e Echard. in *Script. Ord. Præd.* nos lugares citados.

Memorias para a Vida do Illuſtriſſimo Arcebiſpo de Braga D. Fr. Bartholamæu dos Martyres. Deſta obra faz menção o inſigne eſcritor Fr. Luiz de Souſa na Dedicatoria da vida deſte Ven. Prelado dizendo. *Tomou o negocio a peito peſſoa digniſſima qual era o Biſpo de Viſeu D. Fr. Antonio de Souſa por letras por engenho, e eloquencia, bem acabado Homero para tal Achilles.*

Intentava eſcrever a vida de ſeu Pay Martim Affonſo de Souſa para o que tinha junto muitas memorias.

P. ANTONIO DE SOUSA natural da Villa de Amarante da Dioceſe de Braga, filho de Manoel Ferreira, e Maria de Souſa, e Primo do inſigne Varaõ Antonio de Souſa de Macedo como elle eſcreve na *Luſit. Liberat.* in append. cap. 1. n. 43. pag. 724. e na *Eva, e Ave* Part. 1. cap. 26. n. 10. Entrou na Companhia de JESUS em Coimbra no 1. de Julho de 1606. quando tinha quinze annos de idade onde foy hum dos mais celebres Meſtres de humanidades, que venerou aquelle tempo, ou foſſe orando, ou poetizando. Sendo Meſtre de Rhetorica no Collegio de Santo Antaõ compoz no anno de 1619. huma famoſa Tragedia em applauſo de Filippe II. quando foy recebido neſta Corte ſendo representada a 21. e 22. de Agoſto na auguſta prezença daquelle Monarca, e das Sereniſſimas Senhoras a Princeſa D. Izabel, e a Infanta D. Maria, cujo aſſumpto era a Conquiſta do Oriente por ElRey D. Manoel, em que entravaõ trezentas, e cincoenta figuras precioſamente veſtidas, dizendo deſta grande obra Antonio de Souſa de Macedo nas *Flor. de Eſpan.* cap. 14. Excel. 8. n. 2. *aquella famoſa Tragedia qual nunca viõ el Theatro Romano que compoſo com ſummo ingenio el P. Antonio de Souſa dela Compañia de Jeſus inſigne Poeta de nueſtros tiempos, y de muchos paſſados.* Eſtando para ler Filoſofia em Coimbra acompanhou por ordem dos ſeus Superiores aos Soldados Portuguezes

que navegáraõ à Bahia no anno de 1624. para a libertarem da oppreſſaõ dos Olandezes em cuja empreza arvorando a imagem de Chriſto Crucificado os animou com tal ardor, que expulſados os inimigos ſe coroáraõ com a mais inſigne vitoria. Voltando para a Patria no anno de 1625. embarcado em a Náo Santa Anna, ſendo acommetido junto à Ilha do Fayal de huma violenta febre o privou da vida em 18. de Setembro com grande ſaudade dos ſeus Companheiros. Delle fazem illuſtre memoria Joan. Soar. de Brito in *Theat. Luſit. Litter.* lit. A. n. 118. *celeber humanorum litterarum Profeſſor, Rhetorices, et Poeseos peritia clarus.* Alegambe in *Bib. Societ.* pag. 85. *Vir præcellenti ingenio, et ſcientia politionis litteratura.* Fr. Franc. da Nativid. *Lenit. da dor* pag. 319. n. 286. lhe chama *erudito, e diſcreto.* Guerreir. *Jornad. da Bahia* cap. 47. *Que em todo o diſcurſo da Viagem ſex eſtremos nas obrigaçoens da ſua Proſiſſaõ.* Franc. in *Synop. Annal. S. J. in Luſit.* pag. 531. e in *Ann. Glorioſ. S. J. in Luſit.* pag. 531. e na *Imag. da Virtud. do Noviciad. de Coimb.* Tom. 2. pag. 613. Bernard. *Floreſt. de Var. Apothem.* Tom. 1. pag. 332. *Bib. Orient.* de Antonio de Leaõ novamente addicionad. Tom. 1. Tit. 3. col. 53. Sahio a Tragicomedia que ſe representou a Filippe II. impreſſa com a explicação Caſtelhana feita por João Sardinha Mimoſo com eſte titulo.

Relacion dela Real Tragicomedia del deſcubrimiento, y Conquiſta del Oriente por el feliciffimo Rey decimo quarto de Portugal D. Manoel de glorioſa memoria, y deſcripcion del aparato della. Lisboa por Jorge Rodrigues. 1620. 4. Começa.

*Aſſueta plantis fortium Regum meis
Calcere faſtus, ſceptra cervicis premo
Tragedia do Campo de Ourique.*

Oração de Laudibus Sapientia no anno de 1618. ſendo Meſtre da 2. Claſſe do Collegio de Santo Antaõ.

Sendo Meſtre da Terceira Compoz.

Quod ſit ſtudio tempus aptius! Quod commodius Scholaſtico? Hyems, an ver floridum? Era em proſa, mas tinha hum Poema heroico, huma elegia, e quatro ramos alcaicos. Acabava com huma Poefia heroica *pro Vere.*

Deixou muitas, e excellentes Poefias

heroicas entre as quaes faõ excellentes Duas elegias, huma *ad montem Oliveti et Christum ad Patrem orantem*; a outra *Nuntiat Joannes Virgini Matri vincitum Dominum*.

Fr. ANTONIO DE SOUSA natural de Lisboa, filho de Pedro Lopes de Sousa Senhor de Alcoentre, e de sua mulher D. Anna da Guerra filha de D. Francisco Pereira Comendador do Pinheiro, e de D. Francisca da Guerra, Neto de Martim Affonso de Sousa Governador da India Senhor do Prado, e Alcoentre, e Sobrinho de D. Fr. Antonio de Sousa Bispo de Viseu de quem assima fizemos memoria. Na idade juvenil recebeu o Habito da Ordem dos Prégadores, professando solemnemente no Convento da sua patria a 5. de Abril de 1595. para ser hum grande ornato della ou fosse na Cadeira instruindo com as sciencias escolasticas aos seus domesticos por cuja lição teve o gráo de Mestre na Provincia ou fosse no Tribunal do Santo Officio zelando a Fé como Deputado da Inquisição de Lisboa provido em 7. de Abril de 1618. donde subio a ser do Conselho Geral de que tomou posse em 8. de Junho de 1626. Foy muito douto no Direito Canonico assim como era na Theologia como o publicão as suas obras. Morreo no Convento de Lisboa no anno de 1632. Compoz.

Aphorismi Inquisitorum in quattuor libros distributi cum vera historia de Origine Sanctæ Inquisitionis Lusitanæ, et quæstione de testibus singularibus in causis fidei. Ulyssipone apud Petrum Crasbeeck. 1630. 8. et Turnoni apud Laurent. Durand. 1633. 8. et Lugduni apud Laurent. Anisson. 1669. 8. *Eruditissima* chama a esta obra Sebastião Saleles de *Mater. Tribunal. Sanct. Inquis.* Tom. 1. Prologom. 6. n. 3. & n. 5. e intitula ao Author *exactæ eruditionis, et diligentie*.

Relectio de casibus sive Censuris Bullæ in Cæna Domini. Ulyssipone apud Petrum Crasbeeck. 1615. 4. et Duaci apud Belierum. 1632. 8.

Opusculum circa Pauli V. Constitutionem de Confessariis faminas ad inbonesta in ipso Penitentia Sacramento sollicitantibus, in quo nonnullæ aliquæ difficultates ad alia apostolica decreta contra non Presbyteros Missas

celebrantes, aut Confessiones audientes enodantur. Ulyssipone apud Gerardum à Vinea. 1623. 4.

Sermaõ no Auto da Fé, que se celebrou na Cidade de Lisboa Domingo 5. de Mayo de 1624. Lisboa por Giraldo da Vinha. 1624. 4.

Joaõ Soar. de Brito in *Theat. Lusit. Litter.* lit. A. n. 119. lhe chama *Vir doctus, nobilis, et pius*. Echard in *Script. Ord. Prædic.* Tom. 2. pag. 464. lhe atribue com manifesto engano a obra intitulada *Decisiones Lusitaniæ* que he de Antonio de Sousa de Macedo. Fr. Pedro Monteiro *Clauß. Domin.* Tom. 3. pag. 165. e no *Catalog. dos Deputad. do Conselh. Geral do Santo Officio* Manoel de Faria, e Souf. *Europ. Portug.* Tom. 3. Part. 4. cap. 6. Altamur. Centur. 4. ann. 1594.

P. ANTONIO DE SOUSA natural da Villa da Covilhaã no Bispado da Guarda, foy filho de Paulo Figueiredo de Almeida, e D. Ignes de Sousa. Alifoufe na Companhia de Jesus em Coimbra a 19. de Janeiro de 1604. quando contava quinze annos de idade. Abrazado no heroico dezejo da Salvação das almas passou à India no anno de 1609. com vinte, e quatro Companheiros. Estudou em Macão donde em o anno de 1616. entrando no Japão em habito disfarçado confortava aos Christãos, e os instruhia nos pontos mais principaes da nossa Religião, até que sendo conhecido foy prezo, e levado a Nangazaqui onde tolerou com invicta constancia o terrivel tormento das Covas por espaço de nove dias, no fim dos quaes voou o feu espirito a receber o premio dos seus apostolicos trabalhos em 26. de Outubro de 1633. com quarenta, e cinco annos de idade, e trinta de Religião cujo glorioso triumpho cantou com estas vozes poeticas o P. Bartholameu Pereira no *Paciecid.* lib. 11. pag. 194.

*Nec procul insignem factis, et nomine Soufam
Conspice dimissum fovea, plantisque superne
Extantem, et Cælo vestigia recta tenentem,
Cui modo Lanificas linquens Covilania telas
Auro intertextis, multoque rubentibus ostro
Vestibus insudat, Soufa queis lætior aras
Induat, et natum donis felicibus ornet.*

Semelhantes elogios lhe confagraõ Card. in *Elog. Japon.* pag. 209. Guerreir. *Coroa glor. dos Sold. esforç. da Companh.* Part. 4. cap. 45. Nieremb. *Vid. do P. Marcel.* cap. ult. Girard. *Diar.* Part. 4. a 24. de Outubro. Alegamb. in *mortibus Illust.* pag. 432. Tanner. *Soc. Jef. usque ad Sang. prof. milit.* pag. 367. Nadas. *Ann. diar. Mem. S. J.* Part. 2. pag. 245. Franc. na *Imag. da virt. em o Nov. de Coimb.* Part. 2. liv. 1. cap. 48. n. 14. et in *Ann. Glor. S. J. in Lusit.* pag. 630. P. Pedro Francisco Xavier de Charlevoix *Hist. du Japon.* Tom. 2. pag. 383. Sicardo *Christiandad del Japon.* liv. 3. cap. 21.

Escreveo.

Carta annua do Japaõ do anno 1617. escrita ao Geral Mucio Vitelleschi em 8. de Janeiro de 1618. a qual traduzio em Italiano o P. Lourenço della Pozze com este titulo.

Littera annua del Collegio de Macaõ Porto dela Cina al M. R. P. Musio Vitelleschi Gener. dela Compagnia de Giesu l'anno 1617. Neapoli per Lazaro Scorriggio. 1621. 8.

ANTONIO DE SOUSA DE MACEDO.

Oriundo da nobre Villa de Amarante, mas nacido na Cidade do Porto, e bautizado na Freguezia de N. Senhora da Victoria a 15. de Dezembro de 1606. bastando este unico filho para lhe adquirir immortal gloria ao seu nome. Teve por Pays a Gonçalo de Soufa de Macedo Fidalgo da Casa Real, Dezembargador dos Aggravos na Casa da Supplicação Juiz da Coroa, e da Fazenda, e Contador Mór do Reyno, e a D. Margarida Moreira descendentes ambos de familias qualificadas. Ainda contava poucos annos quando deixando a patria passou com seu Pay a Lisboa que conhecendo a boa indole, perspicacia talento, e aguda comprehensão com que o dotara a natureza o mandou estudar no Collegio de Santo Antaõ naõ sómente a Lingua Latina, e as letras humanas mas penetrar os misterios da Filosofia Peripatetica fazendo taõ admiraveis progressos a sua continua applicação nestes estudos que foraõ certos vaticinios de ser venerado em idade mais adulta por Oraculo de sciencias mayores. Tendo illustrado ao Porto com o nascimento, e admirado a Lisboa com os anticipados

frutos do seu fecundo engenho publicando na florente idade de vinte e dous annos aquella madura produção intitulada *Flores de Espanha, e Excellencias de Portugal,* se transferio a Coimbra em cuja Universidade investigando com incrivel perspicacia as subtilizas do Direito Civil e recebendo nesta Cezarea faculdade as insignias doutoraes mereceo a inveja, e a veneração de todos os Cathedraes daquela insigne Athenas por nelle ouvirem renacidos os primeiros Coriscos da Jurisprudencia como naõ o duvidou de afirmar, e escrever a Musa de D. Francisco Manoel nas *Obras Metric. Viol. de Talia* 6. pag. mihi 157.

Naõ sey eu por ventura, que nas Artes Politicas, naõ se acha em muitas partes Qual esse teu Macedo, outro sogeito? Nesse, que em breve Codigo, ou Direito Recopilou da sciencia, Que de Jus se chamon Jurisprudencia; Desse Varaõ taõ alto, e taõ divino Que quando nos parece mais humano Excede na Justica a Justiniano, E na Modestia excede a Modestino.

Dezejoso de empregar a sua capacidade em obsequio da Republica deixou a Universidade que o respeitava como Mestre, e veyo para a Corte onde começou a manifestar o thezouro da sciencia legal que tinha depositado na sua vasta comprehensão exercitando com summa rectidão sem escandalo da clemencia os lugares de Dezembargador de Aggravos na Casa da Supplicação, de que tomou posse a 11. de Janeiro de 1646. por procuração de seu Pay o Dezembargador Gonçalo de Soufa de Macedo; Conselheiro da Fazenda, e Juiz das Justificaçoens do Reyno. Por ser igualmente versado nos aforismos de Tacito, que nas Pandectas de Justiniano foy eleyto Secretario do Embaxador D. Antaõ de Almada a Inglaterra no anno de 1641. onde assistindo por Ministro naquella Corte naõ sómente com a voz, mas com a penna solidamente defendeo a justiça do seu Soberano novamente elevado ao trono contra as industrias sempre cavilosas de Castella. Com a mesma fidelidade, e prudencia exercitou o ministerio de Embaxador aos Estados de Olanda em o anno de 1651. zelando os interesses desta Monarchia, e opon-

do-se sagalmente aos ambiciosos intentos dos Olandefes. Restituído à patria com a gloria de ter concluído felizmente as negociações do seu ministerio o elegeu a Magestade delRey D. Affonso VI. seu Secretario de Estado no anno de 1663. e para remuneração dos seus grandes merecimentos o nomeou Commendador das Commendas de Saõ-Tiago de Souzaellas na Ordem de Christo, e de Santa Eufemia de Penella da Ordem de Aviz, e Alcayde Mór de Villa de Freixo de Nemaõ. Entre lugares taõ honorificos sempre conservou o animo igualmente urbano, e benevolo para todos, principalmente para os mayores emulos da sua fortuna admirando-se a imperturbavel serenidade do seu coração no fatal anno de 1668. em que com as revoluções da Corte foy tentada com rigoroso exame a sua virtuosa constancia. Nunca enfermou do comum achaque dos Sabios, qual he o desvanecimento, antes affectava ignorancia sendo huma animada Encyclopedia de todas as sciencias, como o publicão as suas diversas obras pois foy Estadista na *Armonia Politica*, Historiador na *Vida de Santa Rosa*; Poeta na *Ulyssipo*; Genealogista na *Genealogia Regum Lusitaniae*; Filosofo moral no *Dominio sobre a fortuna*; Jurisconsulto nas *Decisoens*, e na *Lusitania Liberata*; e versado em huma, e outra *Historia nas Flor. de España*; e na *Eva, e Ave*. Em qualquer destas faculdades era taõ profundamente perito que parece a huma sómente se applicara podendo controverterse se observava mais exactamente as leys da Poesia que da Historia, e se penetrava com mayor profundidade os mysterios da Politica, que as dificuldades da Jurisprudencia. Casou com D. Mariana Lamarier de quem teve a Antonio de Sousa de Macedo Baraõ da Ilha Grande mais herdeiro dos bens da fortuna que da natureza de taõ illustre Pay o qual conhecendo, que era chegado o termo da sua vida se preparou com aquella piedade que em toda ella praticara mais propria de religioso que secular, e recebidos os Sacramentos começou a ser immorttal no 1. de Novembro de 1682. quando contava 76. annos de idade. Já sepultado em hum sumptuoso jazigo ornado pelos lados de varios Emblemas, e distichos latinos que estaõ indicando a brevidade da vida, e

a certeza da morte, o qual está situado na Via-Sacra, que corre da parte da Epistola do Convento de N. Senhora de Jesus dos Religiosos Terceiros de S. Francisco, e na pedra sepulchral que em si encerra sua mulher, com o seguinte epitafio.

Hic

Dignitatem splendorem deposuit, laborem suum reponit

*Antonius de Sousa de Macedo
Quem mortalitatis elegit occasum
Immortalitatis spectat Orientem,
Donec veniat immutatio sua,
Uná cum Coniuge sua clarissima
D. Marianna Lamarier
Requievit,*

Ille 1. die Novembris anno. 1682.

Illa 4. Decembris ann. 1682.

Fratres

Orate pro eis, si vultis alios orare pro vobis.

Seria quasi impossivel transcrever neste lugar os elogios que a este grande Varaõ dedicaraõ muitos escriptores dos quaes para que totalmente naõ fique defraudada a sua fama, repitirey os que lhe fizeraõ Fr. Francisco de Santo Agostinho Macedo in *Pro-pugn. Lusit. Gallic.* art. 20. cap. 7. pag. 182. *Magni nominis, et summæ eruditionis author, e no art. 30. ad 34. pag. 200. Acerrimo ingenio, mira eruditione, studio invicto prudentia singulari, vir cui nihil defuit ad omne dignitatis fastigium obtinendum, nam eum Splendor generis, et animi virtutes, et corporis dotes omnibus numeris absolutum reddunt.* P. Ant. de Maced. na prefac. da *Lusit. Insulat. Summæ fidei, et authoritatis scriptor.* Franc. Velasc. de Gouvea *Perfid. de Alem.* liv. 2. Tit. 5. art. 8. *uno delos mayores Ministros que tiene esta Corona... sus libros, y escritos dan testimonio de sus grandes letras.* Birago. *Istor. di Portug.* pag. 521. *uno delli piu esquisite ingegni del nostro seculo.* Fr. André de Christo no *Juizo Poet. Varaõ sapientissimo, e universal em todo o genero de sciencia no seu caval, e excellente Poema que intitula Ulyssipo.* Nicol. Mont. in *Voce Turt.* in proæm. art. 1. *Scientia omnigena, et judicio acerrimo (pro ut testantur tot litterarum monumenta quæ erigit) apprime præditus.* Pegas na *Allegac. pelo Duque de Aveiro* n. 513. *Naõ menos authorizado em letras que Gabriel Pereira,*

reira, e muito mais, que elle por lugares Luc. de Andrad. *Illustr. da Miss. Solemn. Illustr.* 1. n. 8. *Douto, e insigne Jurista, honra da Nação Portugueza pelos muitos livros com que a tem illustrado, e vay illustrando.* Ulhoa de Legat. et Fidei com. *Dissert.* 1. n. 10. *dottissimus, ac semper venerandus.* et *dissert.* 2. n. 74. *cruditissimum, ac semper pro meritis, et animi sui singularis dotibus memorandum.* Bracam. no *Banquet. de Apollo* pag. 6. *Delicias de Portugal, y gloria dela Jurisprudencia.* o Mestre Fr. João da Sylveira Carmelitano na *Censur. à Eva, e Ave insigne doutor, pessoa muy conbecida, e de grande estimação em todo o mundo por suas obras.* P. D. Emman. Caiet. de Soufa in *Exped. Hisp. S. Jacobi* Tom. 2. pag. 1305. *Vir fuit eruditione, et pietate insignis.* Franckenau in *Bib. Hisp. Geneal.* pag. 45. Nicol. Ant. in *Bib. Hisp.* Tom. 1. pag. 127. e tom. 2. pag. 283. o P. D. Antonio Caetan. de Soufa no *Apparat. à Hist. Gen. da Casa Real Portug.* pag. 183. §. 153. P. Ant. dos Reys in *Enthusiasm. Poet.* n. 34. Joan. Soar. de Brit. in *Theatr. Lusit. Litter.* lit. A. n. 120. D. Franc. Manoel na 1. *Carta da 4. Centur. escrita ao D. Manoel da Fonseca Themudo.*

Cathalogo das suas obras.

Flores de España, Excelencias de Portugal en que brevemente se trata lo mejor de sus Historias, y de todas las del mundo desde su principio hasta nuestros tiempos, y se descubren muchas cosas nuevas de provecho, y curiosidad. Lisboa por Jorge Rodrigues 1631. fol. Rodrigo Mendes Sylva no *Catal. Real de Espan.* pag. 218. diz desta obra digna de gran estimacion pues por su medio gozamos tantas cosas memorables; que estavan en la sepultura del olvido. e Joan. Klefeker. in *Bibliothec. Erudit. Præcocium.* pag. 353. *Sahio* 2. vez impressa Coimbra por Antonio Simoens Ferreira 1737. fol. juntamente com a *Armonia Politica.*

Ulyssipo. Poema heroico. Consta de 13. Cantos cujo argumento he a Fundaçãõ de Lisboa por Ulysses. Lisboa por Antonio Alvares. 1640. 8.

Genealogia Regum Lusitaniæ. Londini apud Richardum Hearn. 1643. 4.

Perfectus Doctor in quacumque scientia maxime in jure Canonico et Civili Summorum Auctorum circinis, lineis, coloribus, et peni-

cillis figuratus. Londini apud eundem Typog. 1643. 4.

Repetitiones ad Leg. Corrupt. penult. Cod. de usu fructu, et habilitatione, et ad Leg. Centurio 15. ff. de vulgari et pupillari Substitutione. Londini per eundem Typog. 1643. 4.

Lusitania liberata ab injusto Castellanosum dominio, restituta Legitimo Principi Serenissimo Joami IV. Lusitaniæ Algarbiorum, Africa, Arabiæ, Persiæ, Indiæ, Brasiliæ, &c. Regi potentissimo, Summo Pontifici, Imperio, Regibus, Rebuspublicis, cæterisque Orbis Christiani Principibus demonstrata. Londini ex Officina Richardi Heron. 1645. fol.

Armonia politica dos documentos divinos com as conveniencias de Estado; Exemplar de Princeses no governo dos gloriosissimos Reys de Portugal ao Serenissimo Principe D. Theodosio. Haya do Conde por Samuel Broun. 1651. 4. grande, e Coimbra por Antonio Simoens Ferreira 1737. fol. no fim das *Flores de Espanha.*

Decisiones Supremi Senatus Justitiæ Lusitaniæ, et Supremi Concilii Fisci. Ulyssipone apud Henricum Valente de Oliveira. 1660. fol. et ibi apud Joannem da Costa. 1677. fol. Nesta impressãõ traz *Apologeticom juridicum pro Conceptione immaculata Virginis in primo instanti.* et Ulyssipon. typis Bernardi da Costa de Mello 1699. fol. et ibi apud Bernardum da Costa de Carvalho eodem anno. fol.

Epitome Panegyrico dela vida admirable, y muerte gloriosa de Santa Rosa Maria Virgen Dominicana. Lisboa por Antonio Crasbeeck de Mello 1670. 8.

Dominio sobre a Fortuna, e Tribunal da resaõ em que se examinaõ as felicidades, e se beatifica a vida. Lisboa por Miguel Deflandes 1682. 4. et ibi por Paschoal da Sylva. 1716. fol. no fim da *Eva, e Ave.*

Juan Caramuel Lobkowitz religioso de la Ordem de Cister Abad de Melrosa &c. convencido en su libro intitulado Philippus Prudens Caroli V. Imperatoris filius Lusitaniæ legitimus Rex demonstratus, impresso en el anno 1639. y en su repuesta al Manifiesto del Reyno de Portugal impresso neste año 1642. Londres por Richardo Herne. 1642. 4.

Santissimo Domino nostro Papæ Urbano

VIII. in Ecclesia Dei Præsidi Plantus Catholicus juris gentium pro Legatione Serenissimi, ac potentissimi Principis Joannis IV. Regis Lusitaniæ contra Castellanos calumnias. Londini apud Guilielmum Bristoliam 1643. 4.

Carta que escrivio a un Señor dela Corte de Inglaterra sobre el manifesto, que por parte del Rey de Castilla publicó su Chronista D. Joseph Pellizer. Pariz, e Lisboa por Lourenço de Anveres 1641. 4. et ibi por Antonio Alvares impressor del Rey no mesmo anno 4.

Proposta que sendo Secretario de Estado fez vocalmente por mandado de Sua Magestade à Junta dos Ecclesiasticos, Cathedraticos, e outras Pessoas doutas, e Ministros de Tribunaes no Convento de São Francisco de Lisboa em 8. de Março de 1663. Lisboa por Henrique Valente de Oliveira 1663. 4.

Sahio vertida em Latim com este titulo.

Sermo jussu Serenissimi Lusitaniæ Regis in modum propositionis habitus coram Ecclesiasticis, Cathedraticis, aliisque Regni Lusitaniæ doctrina celebrioris viris in D. Francisci Cænobium Ulyssiponense convocatis die 8. mensis Martij 1663. Ulyssipone apud eundem Typograph. eodem anno 4.

Relação Summaria do que tinhão passado sobre a pertençaõ de se confirmarem por sua Santidade os Bispos de Portugal, e suas Conquistas nomeados por El Rey. Lisboa por Henrique Valente de Oliveira 1663. 4. Sahio vertida em Latim com este titulo.

Narratio compendiosa rerum omnium, que acciderunt super confirmandis à Summo Pontifice Regni Lusitani Episcopis ad nominationem Serenissimorum Regum Joannis Quarti recordationis gloriosæ Principis, et Alphonsi Sexti nunc regnantis quem Deus Opt. Max. tueatur, ac fortunet. Ulyssipone apud eundem Typog. eodem anno 4.

Falla que fez no Juramento de Rey do muito alto, e muito poderoso D. Affonso VI. nosso Senhor em 15. de Novembro de 1656. Lisboa na Officina Crasbeeckiana. 1656. 4. et ibi por Henrique Valente de Oliveira 1658. fol.

Panegyrico sobre o milagroso successo com que Deos livrou El Rey Nosso Senhor da sacrilega treizaõ dos Castelhanos. Lisboa por Paulo Crasbeeck. 1647. 4.

Discurso, e Practica que fez aos Eslados Geræes das Provincias unidas estando todos juntos em Cortes por morte do Principe de Orange sobre a Paz com Portugal por cuja negociaçaõ era Embaxador a 6. de Mayo de 1651. Haya no mesmo anno 4.

Solemnia Parnassi Philippo IV. Hispaniarum Regi pro recuperata salute soteria. Matriri 1624. Consta de versos latinos Castelhanos, e Portuguezes. Tinha 18. annos de idade quando compoz esta obra.

Soneto, e Decima com titulo de Epitafio a D. Maria de Attayde. Sahiraõ nas Mem. Funeb. desta Senhora. Lisboa na Officina Crasbeeck. 1650. 4.

Eva, e Ave Maria triumphante Theatro de erudiçaõ e Filosofia Christãã, em que se reprezentaõ os dous estados do mundo cabido em Eva, e levantado em Ave. 1. e 2. Parte. Lisboa por Miguel Deflandes. 1676. fol. et ibi por Antonio Crasbeeck. de Mello no mesmo anno fol. et ibi na Officina Deflandesiana 1711. fol. 3. edicaõ et ibi por Paschoal da Sylva Impressor de sua Magestade 1716. fol. juntamente com o Dominio Sobre a Fortuna 4. edicaõ. Sahio esta obra vertida em Castelhana por Diogo Soares de Figueroa Capellaõ de Honor de S. Magestade. Madrid por la viuda de Francisco del Hierro. 1731. fol.

Obras impressas sem o seu nome.

Resposta a huma pessoa que pedia se escrevesse a vida do Principe D. Theodosio. Lisboa na Officina Crasbeeckiana 1653. 4.

Rezaõ da guerra entre Portugal, e as Provincias unidas dos Paizes Baixos com as noticias da Causa de que precedeo. Lisboa por Joãõ Alvares de Leaõ. 1657. 4.

Caramuel ridiculus Caramueli convicto. Londini 1645. 12. sem o nome do Impressor. Sahiraõ com o fingido nome de Pedro Garcia.

Publico sentimento da injustiça de Alemanha a El Rey de Ungria. Londres 1641. e Lisboa. 1642. 4. He hum Manifesto acerca da prizaõ do Senhor D. Duarte.

Relacion delas Fiestas que se bizieron en Lisboa con la nueva del Casamiento dela Serenissima Infanta de Portugal D. Catalina con el Rey dela gran Bretaña Carlos II. y todo loque sucedio hasta embarcarse para Inglaterra. Lisboa por Henrique Valente de Oliveira 1662. 4.

Mercurios Portuguezes, ou Relações dos Successos militares entre Portugal, e Castella resumidos a cada mez desde o principio do anno de 1663. até o fim do anno de 1666. Lisboa por Henrique Valente de Oliveira. 4.

Compoz, e não imprimio para o Conde de Castello-Melhor primeiro Ministro.

Direção politica ao bom governo com documentos Catholicos. M. S.

Exercitacion critica en las Rimas delos Lupercios. Prosa, e verso. Conservava-se na Livraria de D. Pedro Alvares da Cunha.

Traclatus Analyticus de Servitiis Vassalorum remunerandis a Principe, et actione pro eis competente. M. S. in fol.

Diversos Titulos de Familias do Reyno sendo a principal a dos Macedos donde descendia por varonia, de que faz menção o P. D. Antonio Caetano de Soufa no *Apparat. á Hist. Geneal. da Caf. Real Portug.* pag. 133. §. 153.

ANTONIO DE SOUSA DE MACEDO, E AZEVEDO. Foy grande cultor da Poesia Latina a que naturalmente o levava o genio de cuja arte deo hum claro, e elegante testemunho na obra seguinte.

Panegyricus Philippo IV. Hispaniarum Regi carmine heroico dictus M. S. conservase na Livraria do Conde de Vimieyro como testifica o Excellentissimo Conde da Ericeira D. Francisco Xavier de Menezes Censor da Academia Real no exame, que por ordem da mesma Academia fez nesta Livraria, cuja noticia está impressa no tom. 4. da *Collecção dos Documentos da Academia Real.* Lisboa por Paschoal da Sylva 1724. fol.

ANTONIO DE SOUSA DE NORONHA natural de Freixo de Nemaõ na Provincia da Beira, filho de Andrè de Souza Diniz de quem já se fez memoria, e de sua terceira mulher D. Maria de Amaral, e Aguilar. Não sómente exercitou com valor, e fortuna as Armas sendo Capitaõ de Infantaria na Bahia de todos os Santos, e depois em Catalunha, mas revolveo os livros com grande fruto da sua estudiosa applicação de que procedeo ser muito versado na Genealogia sendo numerado entre os

seus mais celebres professores por Franckennau in *Bib. Hispan. Hist. Gen.* pag. 46. §. 84. e o P. D. Antonio Caetano de Souf. no *Apparat. à Hist. Gen. da Caf. Real Portug.* pag. 84. §. 73. Compoz.

Discurso Genealogico dela dilatada, esclarecida, y antiquissima Familia de Soufas. 4. 1642. Não tem lugar nem nome do Impressor posto que se conhece ser impresso em Madrid. Dedicou esta obra a seu Irmaõ Fr. Feliciano de Soufa Diniz Eremita de Santo Agostinho.

ANTONIO DE SOUSA TAVARES. Naceo na Cidade de Lisboa, e recebeu a primeira graça na Freguezia de S. Christovaõ a 20. de Julho de 1598. Foraõ seus Pays o Dezembargador Sebastiaõ Tavares de Soufa Vereador do Senado de Lisboa, e D. Maria de Carvalho. Tendo aprendido com admiravel percepção as letras humanas estudou com igual, ou mayor facilidade Direito Civil na Universidade de Coimbra em cuja profissão tomou o grão de Doutor. Mas inclinado à sciencia, que se practica nos Gabinetes, que àquella que se exercita nas Relações se applicou com particular disvelo a penetrar os interesses dos Princeses para conservação de seus Estados, e sahio desta lição taõ consummado Politico, que sendo aclamado por Monarcha desta Coroa o Serenissimo D. Joaõ o IV. foy eleito por Secretario da Embaxada que em nome deste Principe fez Tristaõ de Mendoça aos Estados de Olanda no anno de 1641. na qual dezempenhou em obsequio deste Reyno tudo quanto se esperava da fidelidade do seu coração, e prudencia do seu juizo representando em eruditos Manifestos a injusta violencia com que Alemanha por industria de Castella tinha perfidamente recluso no Castello de Milaõ ao Serenissimo Senhor Infante D. Duarte. Restituído ao Reyno exercitou com grande inteireza o lugar de Dezembargador dos Aggravos de que tomou posse a 3. de Dezembro de 1648. e de Procurador da Coroa no qual entrou a 13. de Janeiro de 1652. Igual foy a capacidade, que manifestou no exercicio de Secretario do Infante D. Pedro quando entrou a ser Senhor da Casa de Bragança, e no lugar de Dezembargador do Paço. Morreo na sua patria a 17. de Janeiro

de 1667. com 79. annos de idade. Jaz sepultado no Convento de N. Senhora da Graça. D. Luiz de Meneses Conde da Ericeira no *Port. Restaur.* Tom. 1. liv. 3. pag. 153. lhe chama *Ministro de letras, e experiencia*, e D. Francisco Manoel na *Carta 1. da Quarta Centuria dellas escrita ao Doutor Manoel da Fonseca Themudo. Antonio de Sousa Tavares que não só escreveo, escreve, professa, e estuda a Politica, mas a obrou na parte, que lhe coube dos negocios publicos.* Compoz sem o seu nome.

Sentimento da Fè publica quebrantada em Alemanha por industria de Castella na injusta retenção da Pessoa do Serenissimo D. Duarte Infante de Portugal. 4.

Não tem lugar, nem anno da edição

Este Manifesto sahio em latim com este titulo.

Dolor fidei publicæ Castellæ astu in Alemania violatæ pro retentione injustissima Serenissimi Domini D. Eduardi Portugalliæ Infantis. 4. Sem lugar nem anno da Impressão.

Manifestum Regis Hungariæ facinus admissum in Dominum Eduardum germanum fratrem Joannis Portugalliæ Regis Indiæ, Guineæ, & Brasiliæ domini strenuissimi Fidei propagatoris, Justitiæ vindicis, libertatis propugnatoris, moribus integerrimi, virtute clarissimi, magnanimi, bonarum artium cultoris, suorum amantissimi Patris patriæ vindictam à Regibus, Principibus, Potestatibus, terrarum Dominis, Dynastis, Civitatum Præfectis, & viris illustribus postulat. Ulyssipone apud Antonium Alvares Typ. Reg. 1643. 4.

Devoção da Imagem do Santo Christo, que está na Capella de Santa Cruz do Castello de Lisboa. Lisboa por Lourenço de Anveres. 1642. 4.

Poesias varias. Estavaõ promptas para a Impressão.

Fr. ANTONIO TAVARES natural de Lisboa, e filho de Luiz Rodrigues Tavares, e Margarida Gomes. Recebeo o Habito Carmelitano da antiga observancia no sumptuoso Convento da sua patria a 13. de Janeiro de 1606. Depois de estudar Filosofia, e Theologia foy eleito Prêgador Geral cujo ministerio exercitou com grande credito do seu nome, como se vio quando

prêgou no quarto dia do Outavario, que os Padres Jefuitas dedicaraõ na Casa Professa de S. Roque aos dous mais famofos Soldados da Companhia de JESUS, Santo Ignacio, e S. Francisco Xavier novamente escritos no Cathalogo dos Santos. Morreo no Convento de Lisboa no anno de 1626. Delle se lembraõ Nic. Ant. in *Bib. Hisp.* Tom. 1. pag. 128. Cañanat. *Parad. Carmel. Dec. Stat.* 5. Ætas 18. cap. 153. pag. 485. e Fr. Manoel de Sà nas *Mem. Hist. dos Escrit. Portug. da Ord. de N. S. do Carm.* cap. 13. p. 49. Imprimio.

Sermaõ prêgado em S. Roque Casa Professa da Companhia de JESUS de Lisboa a 3. de Agosto de 1622. na Solemniissima Festa, que se fez à Canonização dos dous Santos Padres Ignacio de Loyola, e Francisco Xavier Patriarchas da sua Religião. Lisboa por Giraldo da Vinha. 1622. 4. Do Author, e da obra se lembra a *Bib. Orient.* modernamente acrescentada Tom. 1. tit. 8. col. 159.

ANTONIO TAVARES Presbytero Bracharense, e muito douto na Theologia Moral da qual teve palestra publica. Desejando instruir com a penna áquelles, que não podia com a voz, publicou

Exame de Confessores, ou breve Tratado em que discorrendo por todas as materias de Theologia Moral se instrue hum Sacerdote em ordem ao como se deve haver no Confessionario. Lisboa por Manoel Fernandes da Costa Impressor do Santo Officio 1734. 4.

ANTONIO TAVARES DE TAVORA natural de Lisboa filho de Francisco Tavares Senhor de Mira, e de sua segunda mulher D. Joanna de Tavora, filha de Bernardim de Tavora Reposteiro Mõr. Como fosse instruido nas sciencias dignas de hum perfeito Ecclesiastico obteve o Priorado de Nossa Senhora da Conceição das Abitureiras do Arcediago de Santarem donde foy provido no Canonicato de Mafra na Cathedral de Lisboa por ser descendente do Instituidor D. Joã Martins Soalhaens Arcediago desta Diocese. No tempo que a ambição Castelhana dominava esta Monarchia sendo acufado de parcial nas justas pertençoens do Senhor D. Antonio a esta Co-

roa tolerou com animo heroico adversidades indignas do seu estado, e injuriosas ao seu nascimento, sendo à instancia do Duque de Sessa Embaxador em Roma prezo por ordem de Clemente VIII. no Castello de Santo Angelo no anno de 1603. e depois de ser condemnado trez mezes a vogar nas Galès, o teve recluso seis annos no Castello de S. Lucar de Barrameda. De taõ graves calamidades machinadas pela malevolencia dos seus emulos, e padecidas pelo largo espaço de 12. annos sahio triunfante alçaçando em premio da sua incorrupta fidelidade, que a Santidade de Paulo V. o declarasse innocente por hum Breve expedido a 13. de Agosto de 1613. cuja memoria para que ficasse indelevel na posteridade o mandou gravar junto da sua sepultura em huma grande pedra cercada de huma cadeya aberta no marmore, e quebrada na parte inferior com esta letra extrahida do Pſalmo 123. *Laqueus contritus est* alludindo ao triumpho alcançado das machinas urdidas pelos seus adversarios. Atendendo a Magestade de Philippe III. aos seus merecimentos examinados com taõ rigorosas provas o nomeou em 28. de Fevereiro de 1618. Deputado da Mesa da Conciencia, e Ordens, que não aceitou por ser incompativel com a residencia da sua Conesia. Mayores foraõ as distincções, que experimentou quando foy sublimado ao Trono de Portugal o Serenissimo D. Joaõ o IV. pois conhecendo este Principe a fina lealdade do seu coração para esta Coroa o elegeo Esmoler Mòr, e Bispo, merecendo occupar os mayores lugares não sómente pelo illustre do seu nascimento, mas pela sua vasta, e profunda erudição de que saõ claras testemunhas Nic. Ant. in *Bib. Hisp.* Tom. 1. pag. 128. dizendo *Vir multiscia historiarum, & bonarum artium eruditione;* Cardof. *Agiol. Lusit.* Tom. 2. pag. 13. no Cõment. do 1. de Março letr. B. *grande investigador das antiguidades de Portugal* deixando escritas muitas dellas com grande critica. Faleceo a 18. de Fevereiro de 1642. em idade muito provecta, e està sepultado na Capella de S. Sebastiaõ da Jurisdicção do Canonicato de Mafra situada na Sè de Lisboa ao principio do Claustro da parte direita de quem entra neste Templo. Imprimio.

Processo de la causa del Canonigo de Lis-

boa Antonio Tavares. 4. Não tem lugar nem anno, e nome do Impressor.

Cathalogo dos Prèlados da Sè de Lisboa, e das Antiguidades da mesma Cidade. Desta obra, e do Author como seu contemporaneo fez illustre memoria o Doutor Fr. Antonio Brandaõ Chronista Mòr do Reyno no *Prologo da 3. Mon. Lusit.* dizendo: *Occupa o tempo na lição dos Livros com tanta continuação, que causa inveja aos mais curiosos com tanto proveito como se verà das suas obras querendo-as dar à luz, entre as quaes tem o primeiro lugar hum excellente Livro, que tem composto dos Prèlados da Sè de Lisboa, e das Antiguidades desta Cidade, que descobre bem o maduro juízo, e grande talento do seu Author.*

Tratado em que se prova ser o celebrado Offet aonde acontecia o milagre da agua bautifmal em vespõra de Paschoa de que trata S. Gregorio Turonense, a Villa de Offolea situada junto ao Rio Vouga, como tambem ser o lugar donde esteve cercado S. Hermenegildo por seu Pay Leovigildo. Desta obra se lembra Nic. Ant. in *Bib. Hisp.* e Fr. Antonio Brandaõ *Mon. Lusit.* Part. 3. Liv. 10. cap. 18.

Tratado em que se prova ser Santa Antonina nacida, e martyrisada em a Villa de Cea junto da Serra da Estrella.

Esta obra cõmunicou o Author a Jorge Cardoso como elle escreve no *Agiol. Lusit.* Tom. 2. pag. 13. no Cõmentario do 1. de Março. Let. B.

Discurso em que se provava ser Portuguez S. Joaõ Guarino Eremita. Delle faz memoria o dito Cardoso. *Agiol. Lusit.* Tom. 3. pag. 657. no Comment. de 12. de Junho letr. C.

Tratado sobre a origem donde descendia o Conde D. Henrique Tronco dos Monarchas Portuguezes M. S. Esto descubriõ (saõ palavras de Manoel de Faria e Souſa no Cõment. ás Lusiad. de Camoens. Cant. 3. estanc. 25.) con gran estudio y de manera que no padece duda, Antonio Tavares Canonigo en la Santa Iglesia de Lisboa sobre que tiene escrito mucho, y bien.

Cõmentarios ao Nobiliario do Conde D. Pedro aos quaes chama *excellentes* o P. D. Antonio Caetano de Souſa no *Apparat. à Hisf. Gen. da Casa Real Portug.* pag. 96. §. 92. donde se infere, que fora tambem perito

nesta sciencia para cujo fim teve grande cõmunicação com os mayores Genealogistas do seu tempo.

Fr. ANTONIO TEYXEIRA natural de Villa-Real na Provincia Transmontana sendo seus Pays Alcanio Teixeira de Azevedo, e D. Maria de Mendoça filha de Joaõ de Lemos descendentes das mais qualificadas familias daquella Villa. Recebeo o Habito da illustre Religiaõ da Santissima Trindade e depois de aprender as sciencias Escholasticas as ensinou aos seus domesticos até que jubilou no Magisterio da Theologia. Tendo sido Reytor do Collegio de Coimbra, e Visitador Geral occupou por tres vezes o supremo lugar de Provincial; a primeira no anno de 1650. a 2. no anno de 1654. e a 3. no anno de 1671. sendo manifesto argumento da suavidade do seu genio, e madureza do seu juizo a repetida uniformidade de votos com que era eleito para governar. Alem das letras Sagradas que professava foy muito douto nas sciencias da Astrologia, e Medicina. Morreo no Convento de Lisboa a 22. de Novembro de 1678. com 85. annos de idade. Imprimio.

Epitome das Noticias Astrologicas para a Medicina. Lisboa por Joaõ da Costa. 1670. 4.

ANTONIO TEYXEIRA CHAVES Presbytero, Theologo, e Pregador de nome como mostrou na obra seguinte.

Sermão em a primeira Domingo de Quaresma na Capella Real. Lisboa por Manoel Lopes Ferreira. 1693. 4.

ANTONIO TEYXEIRA DE MENDOÇA natural da Ilha da Madeira, e Mestre dos filhos do Commendador Mór muito versado no estudo da Genealogia de que escreveu.

Livro das Geraçoens do Reyno de Portugal dedicado a D. Margarida Corte-Real mulher de D. Christovão de Moura.

Fr. ANTONIO TELLES natural da Cidade de Elvas na Provincia do Alentejo Teve por Pays a Ruy de Menezes, e Beatriz Alvarez igualmente nobres que virtuosos. Na Religiaõ de S. Paulo 1. Eremita,

cujos habitos professou no Convento da Serra de Ossa a 25. de Março de 1632. em atençaõ à sua grande capacidade exercitou os lugares de Reytor dos Conventos de Elvas, Serra de Ossa, Secretario, Definidor duas vezes, Visitador, e ultimamente Geral da sua Congregação, a qual administrou com tanta prudencia que foy eleito segunda vez merecendo as estimaçoens de domesticos, e estranhos. Morreo em o Convento de Lisboa a 7. de Março de 1677. com 73. annos de idade, e 46. de Religiaõ. Foy muito applicado ao estudo da Genealogia deixando composto com summo exame, e erudição.

Familias do Reyno de Portugal fol. M. S.

Do Author se lembra como Genealogico insigne o P. D. Anton. Caetan. de Sousa no *Apparat. à Hist. Geneal. da Casa Real Portug.* pag. 117. n. 127.

ANTONIO TELLES DA SYLVA. Naceo em Lisboa a 11. de Mayo de 1667. e teve por Progenitores a Manoel Tellez da Sylva primeiro Marquez de Alegrete, 2. Conde de Villar-Mayor, Conselheiro de Estado, e Gentil-Homem da Camera dos Serenissimos Monarchas D. Pedro II. e D. Joaõ o V. N. Senhor, e a D. Luiza Coutinho filha de Nuno Mascarenhas Alcayde Mór, e Commendador do Castello de Vide, e D. Brites de Menezes. Nos primeiros annos deu manifestos indicios da sublimidade do talento com que a natureza se empenhou a ornar os filhos desta illustre Casa sendo discreto, affavel, liberal, e cortezaõ. Depois de receber o Militar Habito da preclarissima Ordem de Malta passou a Coimbra em cuja Univerfidade brilhou com tanto excessso a delicadeza do seu juizo unida à profundidade da sua especulaçãõ que foy ornado com as insignias doutoraes na faculdade do Direito Pontificio sendo Conductario com privilegios de Lente a 6. de Março de 1695. Foy Arcediago na Cathedral de Lisboa, e Deputado na Inquisição de Coimbra provido a 4. de Fevereiro de 1695. Cultivou a Poesia vulgar, e Latina com taõ superior elevaçãõ que mereceraõ os seus Epigrammas, e Sonetos os mayores applausos dos mais insignes alumnos do Parnasso. Envejosa a morte dos sublimes dotes com que se illustrava o seu espirito o privou

intempestivamente da vida a 21. de Agosto de 1699. na florente idade de 32. annos com grande detrimento das mayores dignidades Ecclesiasticas a que certamente o destinavaõ o esplendor do seu nascimento, e a capacidade do seu talento. Jáz enterrado na Sanctissia do Convento do Carmo desta Corte que he o jazigo da sua illustrissima Casa. Compoz.

Dyffichos Latinos, que estaõ gravados sobre os porticos dos Geraes da Universidade de Coimbra quando novamente se edificáraõ no anno de 1696. nos quaes compete a elegancia do metro com a agudeza do conceito.

Varios Sonetos Portuguezes, e Castelhanos, que se conservaõ com outros de seus Excellentissimos Irmaõs Fernaõ Tellez da Sylva 2. Marquez de Alegrete, e Joaõ Gomez da Sylva Conde de Tarouca em hum Volume que existe na Livraria desta grande Casa.

ANTONIO TENRREYRO natural de Coimbra, Cavalleiro professo da Ordem Militar de Christo, e filho de Pays illustres. Na idade da adolescencia passou à India, onde não sómente obrou acçoens heroicas contra os inimigos do Estado, mas como fosse ornado de grande talento acompanhou a Balthezar Pessoa quando foy mandado Embaxador ao Sophi da Persia por D. Duarte de Meneses Governador da India no 1. de Setembro de 1523. Nesta jornada como alcançasse individual noticia das terras por onde passara, e se fizesse muito sciente nas linguas Turquesca, e Persiana lhe cometeo outra mais difficil Christovaõ de Mendoza Capitaõ de Ormus confiando da valentia do seu animo a dezempenharia com toda a satisfacão, pois querendo avizar a ElRey D. Joaõ o III de como Nuno da Cunha estava em Melinde, e que os Rumes não passavaõ à India lhe ordenou fosse o mensageiro desta noticia. Aceitou promptamente a comissãõ não lhe causando horror a distancia do caminho, nem os graves perigos assim das feras, como dos Ladroens que o esperavaõ. Partio em 20. de Setembro de 1528. e chegando a Bafforá a tempo, que ja tinhaõ partido as Cafilas para Alepo, atravessou todo aquelle dilatado deserto levando por conductor hum Mouro,

e vencida esta solidaõ no espaço de vinte, e dous dias entrou em Alepo donde passou a Tripoli de Soria, e embarcando-se para Chipre passou a Italia até que felizmente chegou a Portugal em Mayo de 1529. onde foy recebido por ElRey D. Joaõ o III. com singulares demonstraçoens de affecto louvando-lhe o valor com que se offerecera a hum taõ perigosa, como difficil jornada da qual escreveu a obra seguinte.

Itenerario de Antonio Tenreiro Cavaleiro da Ordem de Christo em que se contem como da India veio por terra a estes Reynos de Portugal. Coimbra por Antonio de Maris. 1560. 4. et ibi por Joaõ de Barreira 1565. 12.

Delle fazem memoria Barros *Dec.* 4. liv. 1. cap. 8. Andrad. *Chron. delRey D. Joaõ o III.* Part. 2. cap. 49. Maced. in *Propugn. Lusit. Gallic.* ad Art. 20. cap. 7. pag. 157. Ant. de Leon in *Bib. Orient.* Tit. 2. e em a modernamente addicionada. Tom. 1. Tit. 2. col. 32.

Fr. ANTONIO DE THOMAR natural da Villa do seu appellido Religioso da Ordem dos Menores da Provincia de Portugal, onde foy Definidor da Provincia no anno de 1659. do qual fazem memoria Fr. Fernando da Soled. *Hist. Seraf. da Prov. de Portug.* Part. 3. liv. 1. cap. 22. n. 134. e Fr. Joan. à D. Ant. in *Bib. Francisc.* Tom. 1. pag. 131. Imprimio.

Sermaõ na Santa Sé de Lisboa em 18. de Setembro de 1628. em a festa primeira, que o Reverendo Cabbido fez na dita Sé a S. Antonio em memoria do milagre do rayo, que cabio na rua dos Conegos desta Cidade, no anno de 1624. Lisboa por Antonio Alvares. 1629. 4.

Fr. ANTONIO DE SANTO THOMAZ. Natural da Villa de Obidos do Patriarchado de Lisboa filho de Francisco da Sylva, e Maria de Faria professou o Instituto Serafico no Convento Recoleta do Bom JESU de Peniche da Provincia dos Algarves a 13. de Junho de 1679. Aprendeo as sciencias escholasticas com tal applicaçãõ como quem as havia dictar aos seus domesticos sendo o mais profundo investigador das subtilizas de seu grande Mestre Escoto merecendo pela sublimidade do talento, e

vaftidaõ do estudo occupar os lugares de Qualificador do Santo Officio, Examinador das Tres Ordens Militares, e Synodal do Arcebifpado de Lisboa. Naõ teve menor capacidade para as Cadeiras, que para as Prelafias chegando depois de fer Guardiaõ do Collegio de Coimbra, e Custodio ao lugar de Provincial em que foy eleito no Convento de Eftremoz a 30. de Novembro de 1720. fendo presentemente o Padre mais digno, que tem a Provincia dos Algarves. Compoz com igual fubtileza, que novidade para beneficio dos feus Religiofos.

Opusculum Syllogisticum Priorum, Posteriorum, Topicorum, et Elenchorum libros fideliter concludens, acutimque dilucidans. fol. M. S.

Em cujo preludio diz *Omnis hujus Opusculi conatus, nihil aliud est, quàm hos aperire libros, quos si non perfunctorie, immo attente legerint plurimas in venient novitates non a regulis Aristotelicis diffitas, sed ab illis noviter evifceratas.*

ANTONIO TRANCOSO CORREA. Naceo em Lisboa, e foy taõ douto no estudo da Historia, como verfado em todo o genero de Poesia por cujos dotes mereceo os elogios de alguns escritores, quaes foraõ Fr. Jorge Cotrim nos *Recuerd. del Carmelo* cap. 40. e Fr. Manoel de Sá nas *Mem. Hiflor. da Ord. de N. Senhora do Carm. da Prov. de Portug.* Part. 1. liv. 3. cap. 2. n. 374. Jaz sepultado na Capella do Santo Christo situada na Via-Sacra, que vay para a Sancristia do Convento de Collares dos Carmelitas Calçados, e na Sepultura tem gravado este Epitafio.

Esta Capella he de Antonio Trancofo Correa, e de sua mulher Maria Jacome a qual elles fizeraõ à sua custa, e a dotaraõ de renda, e fabrica, com obrigação deste Convento lhe dizer todas as Semanas do anno huma Missa das Chagas, e huma cantada pelos Santos para sempre. Era de 1612

Compoz, e naõ imprimio.

Poesias nas Ethicas de Aristoteles. M. S. fol.

Fr. ANTONIO DA TRINDADE Eremita Auguftiniano bom Letrado, e naõ menor Prégador. Traduzio de Latim em Portuguez.

Riquezas da alma dedicado ao muy religioso P. Fr. Luiz de Montoya Provincial da Ordem de Santo Agostinbo.

Index de certas materias commuas dispostas pelo A. B. C. impresso no anno de 1557.

Fr. ANTONIO DA TRINDADE Religiofo professo da Ordem Serafica da Provincia de Saõ Thomé da India Oriental numerado entre os Escriitores Franciscanos por Frei Joan à D. Ant. na *Bib. modern. Franc.* Tom. 1. pag. 133.

Imprimio.

Sermaõ de S. Francisco no seu dia, e Convento de Goa. Lisboa por Paulo Crasbeck. 1645. 4.

Fr. ANTONIO DA TRINDADE da Ordem dos Menores da Provincia da Madre de Deos de Goa. Compoz.

Relaçã da Provincia da Madre de Deos de Goa.

A qual conservava em feu poder como elle affirma Fr. Pedro de Alva, y Astorga in *Milit. Concept.* col. 125. Do Author, e da obra faz memoria Fr. Joan. à D. Ant. in *Bib. Franc.* Tom. 1. pag. 133. e a *Bib. Orient.* modernamente acrescentada Tom. 1. Tit. 3. col. 76.

Fr. ANTONIO DA TRINDADE, E TORRE natural de Lisboa onde abraçou o Instituto da religiaõ Trinitaria cujas noticias investigou com affecto de filho, e com exame de Sabio. Foy Prégador de fama, e Mestre de Noviços. Escreveo.

Annaes Sacros, e felices emprezas dos gloriosos Redemptores da divina Religiaõ da Santissima Trindade, comprehendem as idades do principio do mundo até a vinda de Jesu Christo Redemptor nosso, de como deo principio à sua Religiaõ da Santissima Trindade Militar, e de Redemptores; dos Santos, que nella se exercitaõ, e de como foy reduzida, e approvada com regra propria pelo Summo Pontifice Innocencio III. em o miraculoso aparecimento, que o mesmo Senhor lhe manifestou prezentes os gloriosos Patriarchas S. Joaõ, e S. Felix, e dos mais successos da mesma Religiaõ da Santissima Trindade de Redemptores resumidos das Bullas Apostolicas, Authores, Chronicas, e Archivos,

que della trataõ. Eſcritos no anno de 1630. fol. M. S.

Martirologio Trinitario em que ſe expoem as Feſtas particulares, que celebra a Religiã da Santiffima Trindade, e das quo antigamente continhaõ os Breviarios della concedidos pelo Summo Pontifice Innocencio III. e approvados por ſeus Succeffores, e ultimamente emendado por Alexandre IV. em o anno de 1495. Contem os Santos que floreceraõ em a primeira Ordem Militar de Redemptores. Os da segunda approvada com regra propria observantes, e os da terceira Defcalços, e Reformados. Os Beatos, Veneraveis, e Varoens illuſtres que deraõ as ſuas vidas pela pregaçaõ Evangelica, e exaltaçaõ da Santa Igreja Catholica, os Religioſos, e Religioſas, Irmaõs, Irmaõs da dita Ordem que com applauzo commum ſaõ, venerados por Servos de Deos, e os Santos cujos corpos, e reliquias tem os ſeus Conventos de que rezaõ em ſeus dias, e Santuarios milagroſos, recopilado de Breviarios, e Chronicas da meſma Religiã, e dos Authores approvados que della fazem mençaõ. Eſcrito no anno de 1654. fol. M. S.

Ambos eſtes livros que ſaõ de ſumma grandeza ſe conſervaõ eſcritos pela maõ do Author na Livraria do Convento deſta Corte, como nella vimos.

ANTONIO VAENA cuja patria, e eſtado de vida ignoramos. Eſcreveo.

Chronica del Rey D. Sebaſtiaõ 4. M. S. Della confervo em meu poder huma Copia, cujo Original ſe guarda na Livraria do Conde do Vimieiro.

ANTONIO DO VALLE DE MORAES. Paſſou à India como Soldado em Companhia do Vice-Rey D. Pedro da Sylva no anno de 1635. Foy bom poeta cuja arte cultivou entre o eſtrondo da Guerra. Eſcreveo a ſua jornada de Lisboa até Goa em 6. Cantos intituladoa.

Nautica Luſtana.

A qual M. S. dedicou ao dito Vice-Rey Conſervavaſe eſta Obra na Livraria de Joã de Saldanha na ſua quinta da Junqueira.

ANTONIO VANGUERVE CABRAL natural de Lisboa. Eſtudou Direito Civil na Univerſidade de Coimbra em cuja

faculdade recebeu o grão de Bacharel. Tendo adminiſtrado rectamente alguns lugares naõ querendo continuar no exercicio de Miniſtro, ſe applicou com grande diſvelo a eſcrever diverſas obras em beneficio dos Juizes, e Advogados as quaes ſaõ as ſeguintes.

Practica judicial muito util, e neceſſaria para os que principiaõ os officios de julgar, e advogar, e para todos, os que ſolicitaõ cauſas nos auditorios de hum, e outro foro. Parte 1. Lisboa por Jozé Lopes Ferreira Impreſſor da Sereniſſima Rainha. 1712. fol. et ibi na Officina Ferreiriana. 1726. fol.

Parte 2. e 3. Lisboa pelo dito Impreſſor. 1715. fol.

Parte 4. Lisboa na Officina Ferreiriana 1721. fol.

Parte 5. Lisboa na meſma Officina. 1727. fol.

Todas eſtas cinco Partes ſahiraõ em Coimbra por Antonio Simoens Ferreira. 1730. fol.

Traſtatus Practicus juridicus de Sacrilegio. Ulyſſipone apud Bernardum à Coſta Carvalho. 1715. fol.

Epilogo juridico de varios caſos civeis, e crimes concernentes ao eſpeculativo, e pratico com humas annotaçoes à ley noviffima da prohibiçaõ das facas, e mais armas promulgada em 4. de Abril de 1719. Lisboa por Antonio Pedrozo Galraõ. 1729. fol.

ANTONIO DE VARONA. Preſbytero Ulyſſiponenſe filho de Gines de Varona, e Beatriz Gomes dos quaes herdou hum grande morgado, profeſſor dos Sagrados Canones, e ornado de muitas virtudes, ſendo o ſeu principal diſvelo que o incruento ſacrificio do Altar ſe celebraffe conforme as regras preſcriptas pelo Miſſal Romano, e para que com toda a perfeiçaõ o executalſem os Sacerdotes. Compoz.

Ritual da Miſſa rezada conforme ao Miſſal Romano reformado pela Santidade de Urbano VIII. noſſo Senhor. Lisboa por Antonio Alvares. 1640. 12.

Foy muito afecto aos Padres Jeſuitas com que familiarmente tratava por cuja cauſa deo grandes donativos para ornato do Templo da Caſa profeſſa de S. Roque de Lisboa onde morrendo a 3. de Agoſto de 1657. foy ſepultado como ordenara em ſeu Teſ-

tamento, na Capella de S. Joã Evangelista que era jazigo da sua familia.

Fr. ANTONIO VARJAM natural da Torre de Moncorvo da Diocese Bracharense Religioso da Sagrada Ordem dos Prégadores onde dictou Artes, e Theologia no Convento de Evora até que jubilando foy Mestre do numero. Imprimio.

Prima pars dialecticæ. Sex libris absolvitur. 1. de Terminis 2. de Propositione 3. de Proprietatibus quæ consequuntur terminos, et componunt propositionem 4. de oppositione, æquipollentia, et conversionibus propositionum. 5. de exponibilibus propositionibus. 6. de Syllogismis. Eboræ apud Emmanuelem de Carvalho 1627. fol. Dedicada a D. Theodosio 2. Duque de Bragança. No prologo prometia outro tomo de disputações dialecticas.

Paraizo da alma traduzido de Latim em que foy escrito por Alberto Magno em lingua Portugueza. Lisboa por Lourenço Crasbeeck. 1636. 8. Traz no principio a vida de Santo Alberto Magno.

Delle trataõ Joã Soares de Brito in *Theatr. Lusit. Litter.* lit. A. n. 125. Echard *Script. Ord. Præd.* Tom. 2. pag. 459. e Fr. Pedro Monteir. *Claustr. Dom.* Tom. 3. pag. 166.

ANTONIO VAZ CABAÇO natural de Coimbra onde depois de receber o grão de Doutor na faculdade de Direito Civil foy Lente de Instituta em o anno de 1565. donde subio à Cadeira do Codigo, Digesto velho, Vespera até à de Prima de que tomou posse em 29. de Novembro de 1581. e nella jubilou no anno de 1588. Foy Deputado do Santo Officio da Inquisição de Coimbra provido em 19. de Dezembro de 1581. e depois do Dezembargo delRey. Falleceo na sua patria no anno de 1595. Compoz juntamente quando era Lente de Vespera de Leys com o Doutor Luiz Correa Lente de Decreto.

Allegaçoens de Direito que se offerecerão ao muito alto, e muito poderoso Rey D. Henrique nosso Senbor na causa da successão destes Reynos por parte da Senhora D. Catharina sua sobrinha filha do Infante D. Duarte seu Irmão. Almeirim por Antonio Ribeiro, e Francisco Correa 1580. fol. Sahio tra-

duzida esta obra em latim por Fr. Francisco de Santo Agoftinho Macedo Parisiis apud Sebastianum Cramoyfi 1641. fol.

Do Author, e da obra faz illustre memoria o D. Francisco Velasco de Gouvea na *Justa Acclam. do Serenissimo Rey de Portug. D. Joã o IV.* pag. 77.

ANTONIO VAZ DE CASTELLO BRANCO. Naceo na Cidade de Leiria ao 1. de Agosto de 1649. Foy filho de Heytor Vaz de Castello-Branco, e de D. Luiza da Sylva. Em a Universidade de Coimbra, onde com grande applicação estudou Direito Cesareo, recebeo nesta faculdade o Grão de Doutor sendo Opositor às Cadeiras quando contava de idade defanove annos. Preferio ao estudo da Jurisprudencia, em que já era venerado por insigne, a Lição da Historia assim sagrada como profana, e principalmente a Genealogia repetindo com felicidade de memoria, e admiração dos que o ouviaõ a serie de muitas familias illustres da segunda Classe. Foy Cõmendador dos Prestimonios de Santa Maria de Caminha, e de S. Pedro de Riba de Mouro na Ordem de Christo, e Secretario do Senhor Infante D. Francisco. Morreo em Lisboa no 1. de Agosto de 1723. fechando perfeitamente o circulo de 74. annos por falecer no mesmo dia em que nacera. Escreveo

Nobiliario das Familias deste Reyno 13. *Volumes* fol.

Os quaes como affirma o P. D. Antonio Caetano de Soufa no *Apparat. à Hist. Gen. da Casa Real Portug.* p. 147. §. 173. se conservaõ em poder de Pedro de Soufa de Castello-Branco Senhor do Guardaõ Commendador de Santo André do Eruedal na Ordem de Christo, Coronel do Regimento da Armada, Primo, e Genro do Author.

ANTONIO VAZ DUARTE natural de Lisboa Presbytero de exemplar vida, e sufficiente literatura. Tradusio da Lingua Italiana do P. Lucas Pinello da Companhia de JESUS, e o dedicou ao Bispo Inquisidor Geral Fernal Martins Mascarenhas.

Confessionario Geral assim para todos os Estados de penitentes se saberem bem confessar, e aparelhar, como tambem para todos os Confessores exercitarem dignamente o Sa-

ramento da Penitencia. Lisboa por Pedro Crasbeeck 1618. 8.

ANTONIO VAZ DE SOUSA natural de Lisboa, Theologo, e Prêgador muito verificado na lição dos Livros asceticos dos quaes extrahia documentos solidos para dirigir as almas pelo caminho da perfeição. Compoz.

Conselheiro celestial para o exercicio Santo da vida activa, e contemplativa com hum interrogatorio dos peccados para fazer confissão geral, ou de muito tempo; e alimento, e thesouro da alma, que consiste no mystico comer, e dormir da Communhaõ do Santissimo Sacramento, e Oraçaõ mental, e no exercicio interior das virtudes, e obras de Misericordia. Lisboa por Jorge Rodrigues 1627. 16. et ibi por Joaõ Alvares de Leaõ 1657. 16. et ibi por Domingos Carneiro 1679. 12.

Traduõ da lingua italiana do Padre Lucas Pinello da Companhia de JESUS na Portugueza as duas seguintes obras.

Historia da Vida da Virgem Maria Senhora Nossa tirada dos Santos Padres com suas meditaçoens, e acrescentada com Oraçoens, e Ladainhas, e milagres da mesma Virgem. Lisboa por Antonio Alvares. 1626. 16. et ibi pelo dito Impresor 1631. 12 et ibi por Domingos Carneiro 1679. 12.

Disciplina Claustral em pratica, e exercicio dos actos da vida religiosa para os fazer com espirito, e devaçãõ. Lisboa por Giraldo da Vinha. 1627. 16.

Mandou imprimir, e o dedicou a Fr. Pedro Fragofo Carmelita.

Officium quinque Plagarum Christi Domini a D. Bonaventura concinnatum. Ulyssipone apud Antonium Alvares 1627. 24.

P. ANTONIO DE VASCONCELOS Naceo em Lisboa sendo seus Pays Bartholameu Froes Perestrello Fidalgo da Casa Real Escrivaõ da Fazenda, e do Afentamento, e D. Sueyra de Vasconcellos. Na idade de dezefeis annos deixou o mundo, e abraçou o Instituto da Companhia de JESUS no Collegio de Evora a 13. de Setembro de 1570. Foy insigne na lingua Latina, e humanidades, e naõ menos perito nas sciencias escolasticas que dictou na Uni-

versidade Eborense onde depois foy Prefeito, e Reytor. Para o ministerio do Pulpitto teve natural genio onde sempre foy ouvido com atençãõ e applauso. Governou a Casa professa de Faro que depois se transferio para Collegio, os Collegios de Portalegre, e do Porto, e ultimamente foy Visitador das Ilhas. Os ultimos dez annos que precederaõ à sua morte, tolerou com invicta paciencia as dores da gota que o tiveraõ sempre prezo na cama, e quando lhe permitiaõ alguma pausa occupava o tempo em compor os livros com que illustrou naõ sómente a sua Patria, mas toda a Republica litteraria. Morreo em Evora a 12. de Julho de 1622. com 68. annos de idade, e 52. de Religiãõ. Delle fazem mençaõ Maced. in *Propugn. Lusit. Gallic.* ad art. 3. chamando-lhe *authorem gravissimum*, e na pag. 174. *magni judicij et prisca nitoris scriptorem.* Telez *Chron. da Companh. de Prov. de Port.* Part. 2. liv. 4. cap. 28. n. 3. *Religioso de muita authoridade, e letras como testificaõ suas obras, que deixou impressas.* Souf. de Maced. *Flor de Espan.* Cap. 8. Excel. 9. *Fuè otrofi Historiador excelente el Padre Antonio de Vasconcelos.* Alegamb. in *Bib. Societ.* p. 87. *Vir ob insignem doctrinam, religionem, et generis claritatem in Lusitania notissimus.* Franc. *Imag. da Virtud. em o Noviciad. de Evor.* pag. 855. e no *Synops. Annal. in Lusitan.* pag. 235. *Fonsec. Evor. glorios.* pag. 427. Joan. Soares de Brit. in *Theatr. Lusit. Litter.* lit. A. n. 126. *Francken. in Bib. Hispan. Herald. Geneal.* pag. 411. *Girard. Diar.* Part. 3. a 12. de Giulio D. Francisco Manoel na *Carta escrita ao D. Themudo que he a 1. da 4. Centur. dellas.* P. D. Emman. Caietan. de Souza in *Exped. Hispan. S. Jacobi* Tom. 2. pag. 1306. Compoz.

Anacephalæoses, id est summa Capita actorum Regum Lusitaniae.

Descriptio Regni Lusitani cum compendio rerum illustrium, quæ in eo visuntur tam ad humanum cultum spectantium, quam ad divinum.

Philippi II. Lusitanica expeditio. Antuerpiæ apud Petrum, et Joannem Belleiros. 1621. 4. *Hoc opus* (saõ palavras de Manoel Sueyro Cavalleiro professo da Ordem de Christo, e Senhor de Voorde na Dedicatoria que fez à Magestade de Filippe IV.

Rey de Castella) fore confido gratius Majestati vestrae quod brevibus, elegantissimisque elogiis exornatum fit a P. Antonio de Vasconcellos à Societate Jesu ob insignem doctrinam, religionis, et generis claritatem in Lusitania notissimo, nuper etiam in celebri Eborensi Academia ab Henrico Rege excitata non sine magna laude Rectorem gessit, qui etiam alia opera molitur propediem in lucem proditura, quæ ingenij felicitatem, et in Deum pietatem facile indicabunt.

Tratado do Anjo da Guarda 1. Parte. Evora por Francisco Simoens 1621. 4.

Parte 2. Lisboa por Pedro Crasbeeck. 1622. 4. *Quod opus* (diz o P. Franc. in *Anno glorios. S. J. in Lusitan.* pag. 385.) *multum ostendit tum ejus pietatem, tum sacram eruditio-nem.*

Relação da Perseguição do Japão pelos annos de 1588. e 1589. Desta obra faz menção o Licenciado Antonio de Leaõ na *Bib. Orient.* Tit. 8. pag. 36.

ANTONIO VAZQUES. Naceo em Portugal, e querendo renacer para Deos entrou em Madrid na Religião dos Clerigos Menores cujo Instituto observou com summa exactação. Foy muito douto nas letras Sagradas, e profanas, e muito sciente na lingua Italiana. Pello grande affecto com que venerava àquelle raro exemplar do Estado Clerical S. Philippe Neri, escreveu com bom estilo.

San Philippe Neri. Epitome de su vida delo que della han escrito authores diversos. Madrid por Gregorio Rodrigues 1651. 4.

Traduzio de Italiano de D. Agostinho Mascardi em Castelhana.

La conjuracion del Conde Juan Luiz Fiesco. Madrid. 1640. 4.

Nicol. Ant. in *Bib. Hispan.* Tom. 2. pag. 283. escreve que tambem compuzera.

Vida do Papa Alexandre, não declarando qual fora; e com outro nome.

Vida do Capuchinho Escocês.

ANTONIO VASQUES DE CHAVES cujo appellido indica a sua patria que he a Villa deste nome situada na Provincia de Tras dos Montes, e forte Praça de Armas. Foy celebre professor de Jurisprudencia como o acclamaõ Nic. Ant. in *Bib. His-*

pan. Tom. 1. pag. 129. Joan. Soar. de Brito in *Theat. Lusit. Litter.* lit. A. n. 127. e D. Francisco Manoel na *Carta dos Author. Portug.* escrita ao Doutor Manoel da Fonseca Themudo que he a 1. da 4. Centuria. Compoz.

Biformis tractatus de usucapione, et præscriptionibus ad Interpret. C. si diligenti de Præscriptionibus et exactionibus, et de exactione, et repetitione dotis. Madriti apud Andream dela Parra, et Gasparem Garcia. 1617. 4.

ANTONIO DA VEYGA natural de Villa-Viçosa, Cavalleiro da Ordem Militar de Malta, onde depois de ter exercitado diversos lugares com grande credito da sua Pessoa foy Secretario do Graõ Mestre, e possuhio huma rendosa Commenda. Como era ornado de viva comprehensão, e rara habilidade fez admiraveis progressos em todas as Artes dignas de hum Cavalheiro sendo insigne Humanista, grande Geometra, e Mathematico, excellente Poeta, Musico, e Tangedor de todo o genero de instrumentos de tal forte que compunha a letra, e posta por elle em Solfa a cantava com summa graça, e destreza. Vivia em Torres Vedras no anno de 1618. quando já contava a provecta idade de 75 annos. Compoz.

Tercetos em reposta de hum Panegirico que lhe dedicaraõ. Começavaõ.

O dextro canto da Sonora Lyra.

Acabavaõ.

Em quanto prevenis o heroico, e grave

Delle faz honorifica menção Francisco de Moraes Sardinha no *Parnas. de Villa-Viçosa* liv. 2. cap. 59. e no liv. 3. traz tres Sonetos que começaõ.

Debaixo desta pedra triste, e escura.

Fermosa Julia mais que a branca Rosa.

Apenas a quieta noute cobre.

Intentava sahir com hum Poema em 8. Rima, mas não teve effeito como escreve Joaõ Franco Barreto na *Biblioth. Lusitana* M. S.

Fr. ANTONIO VEL. Naceo em Lisboa. Foraõ seus Pays Joaõ Vel de nação Flamengo, e Beatriz Bacaler natural desta Corte. Abraçou o Sagrado Instituto da Ordem dos Prégadores onde depois de

fer Collegial do Collegio de Santo Thomaz de Coimbra dictou Artes, e Theologia em Evora por cuja lição foy Mestre da Ordem, Qualificador do Santo Officio creado em 11. de Mayo de 1650. e Pregador de grande nome como o intitula Fr. Pedro Monteir. no *Claust. Dom.* Tom. 3. pag. 166. e o Doutor Manoel Rodrigues Leytao no *Tratad. Analytic. Apolog.* pag. 185. na margem n. 400. lhe chama *magnae auctoritatis, et eruditionis virum.* Imprimio.

Sermao prégado nas Exequias, que o Tribunal do Santo Officio fez na morte do Illustrissimo Inquisidor Geral D. Francisco de Castro em 30. de Janeiro de 1653. no Convento de S. Domingos de Evora. Lisboa na Officina Crasbeeckiana. 1654. 4.

P. ANTONIO VELEZ filho de Joaõ Lopes, e Maria Velez. Naceo na Cidade de Portalegre, e na de Coimbra abraçou o Instituto da Companhia de JESUS a 9. de Janeiro de 1569. quando contava vinte, e tres annos de idade. Foy dos celebres humanistas do seu tempo, e naõ menor Poeta, e Orador. Por sete annos continuos dictou Rhetorica, tres Theologia Moral, e sete exercitou o ministerio de Prefeito da Universidade de Evora aonde morreo a 20. de Março de 1609. Com grandes elogios exaltaõ o seu nome Alegamb. in *Bib. Societ.* pag. 87. Franc. in *Ann. gloriosf. S. J. in Lusit.* pag. 163. et in *Synopsf. Annal. S. J. in Lusit.* pag. 199. Joan. Soar. de Brit. in *Theat. Lusit. Litter.* lit. A. n. 128. Petr. Angel. *Sper. de Grammat. Profes.* lib. 4. pag. 486. Fonsec. *Evor. Gloriosf.* pag. 427. P. Anton. dos Reys in *Enthusiasm. Poet.* n. 141. Compoz.

Commentarium in Emmanuelis Alvari Grammaticam Latinam. Eboræ apud Emmanuelem de Lyra. 1599. 4. cuja obra chama *erudita Nicol.* Ant. in *Bib. Hisp.* Tom. 1. pag. 130.

Ordenou a Arte do P. Manoel Alvaras na forma como agora se uza nas escolas acrecentandolhe a Syllaba que lhe faltava, e no fim hum Diccionario de Nomes, Verbos; e o que he mais digno de estimacão reduzindo a elegante metro todos os preceitos Grammaticos com tal primor que he suspenção a todos (como escreve o P. Antonio Franco na *Imagem da Virtud.*

em o Novic. de Coimb. Tom. 2. pag. 613.) os que entendem da faculdade, pela qual obra pode com rezaõ ser o Padre Velez contado por hum dos melbores Poetas Latinos.

Vida do P. Gonçalo da Sylveira martirizado em Monomotapa. composto em verso que se naõ imprimio. Desta obra fazem menção Franco no lugar proximamente allegado, e Fonseca na *Evor. Glor.* p. 427. Deixou mais composto.

Orthographia.

De Nominibus Nominalibus.

ANTONIO VELES CALDEIRA natural da Cidade de Portalegre na Provincia do Alentejo, filho do Doutor Pedro Carreiras celebre Advogado na sua Patria, e de Izabel Velez Caldeira. Foy Cavalleiro professo da Ordem de Christo, Dezembargador da Casa da Supplicação de que tomou posse a 23. de Mayo de 1669. ornado de profundo talento, perspicaz juizo, e natural discrição igualmente perito na pureza da lingua Latina, e noticia das letras humanas, como na penetração dos mysterios da Jurisprudencia. Todos estes dotes o habilitaraõ para ser eleito Secretario da Embaxada que no anno de 1670. mandou o Principe D. Pedro Regente desta Monarchia pelo Marquez das Minas D. Francisco de Sousa à Santidade de Clemente X. novamente assumpto ao Solio do Vaticano em cuja presença, e de todo o Collegio Apostolico recitou em 22. de Mayo de 1670. a Oração Obediencial em nome do mesmo Embaxador com tanta elegancia da frase, e viveza da representacão que deixou suspenfos a todos os Expectadores como fielmente declara a Relação Italiana estampada em Roma que se fez desta Embaxada a pag. 35. nesta forma. *Fatto universale silenzio si udiva perfettamenteemente ogni espressione della Oratione che concepita in termini ben composti, stesa con casta frase, e sublime eloquenza, e circoscrita delle veri leggi della perfetta Oratoria hora seminando fiori retorici, hora raccogliendo frutti di sodissime riflessioni, recitate con intrepidezza, gesto liberale, e composto, rispetto, e amore che spiccavano delle parole, e dal volto, hebbe l'universale accetatione di tutti, e fece risorgere i rostri Romani nel Vaticano.* Em melhor lingua, e com mais eloquente expressão

o cantou a sublime Muza do P. Fr. Francisco de Santo Agostinho Macedo *Vot. Poet. in Triumphal. Pomp. Excellent. D. D. Francisci de Souf. March. Minar.*

=

Dixit

*Pro rostris Veles Caldeira Antonius, ille
Regius à Soufæ secretis, aurea fandi
Copia cui, gestusque decor, vox plena, La-
tina*

*Diçtio, Romano facundia digna Theatro.
Audires flores Hortensi, et lumina Crassi,
Gracchorum nervos, Ciceronis fulmina: punc-
tum*

*Omne tulit, docuit, recreavit, suasit, et artis
Explevit numeros: cuncti stupuere tonantem.*

A oração sahio impressa com este titulo.

Pro solemnibus obedientia quam præstitit Sanctissimo D. N. Clementi X. nomine Serenissimi Portugallia, et Algarbiorum Principis Petri ejus legatus Excellentissimus D. Franciscus de Sousa Marchio de Minas oratio habita in publico Consistorio 22. Maij anni 1670. Romæ ex Typographia Varesij 1670. 4.

Foy traduzida em Portuguez com o titulo seguinte.

Oração na solemne Embaxada da Obediencia que em nome do Serenissimo Principe D. Pedro Governador dos Reynos de Portugal, e dos Algarves deu o seu Embaxador Extraordinario o Excellentissimo Senhor D. Francisco de Sousa Marquez das Minas ao nosso Santissimo Padre Clemente X. feita em Consistorio publico em 22. de Mayo de 1670. Lisboa por Miguel Manescal. 1671. 4.

Restituído ao Reyno conservou a fama, que deixara em Roma, do seu talento nos lugares de Dezembargador dos Aggravos de que tomou posse a 17. de Dezembro de 1672. Procurador da Coroa a 4. de Novembro de 1677. e Juiz da Coroa a 26. de Março de 1678. Morreo em huma quinta junto de Lisboa a 15. de Mayo de 1689. e está sepultado no Convento de N. Senhora da Penha de França. Foy cazado com D. Francisca Mayor.

P. ANTONIO VELOZO natural de Braga donde com beneplacito de seus Pays Amaro Fernandes, e Catherina Antonia, recebeu em Coimbra a Roupeta da Com-

panhia de JESUS a 2. de Setembro de 1615. em idade de defesete annos. Navegou à India, e no Collegio de Cochim depois de ler Theologia especulativa muitos annos foy Reytor da mesma Casa exercitando no fim deste ministerio o de Procurador Geral das Provincias Orientaes. Teve grande genio para a Cadeira como para o Pulpito não sendo menos perito na lição da historia sagrada, e profana. Imprimio

Sermão funeral nas exequias, que o Real Collegio da Companhia de JESUS de Coimbra celebrou ao Serenissimo Principe de Portugal D. Theodosio em 17. de Junho de 1653. Lisboa por Paulo Crasbeeck 1653. 4.

De Primatu Ecclesie Bracharensis cuja obra louva muito Jorge Cardoso no *Agiol. Lusit.* Tom. 2. pag. 727. dizendo, *que tem esgotado a materia com igual credito seu, que de Braga sua patria.*

De Justitia, & Jure. fol M. S. Estava prompto este Tratado para a Impressão como affirma João Franco Barreto na *Biblioth. Lusit.* M. S.

ANTONIO VELOZO DE LIRA natural de Villa-Nova de Calheta na Ilha da Madeira onde naceo em 14. de Junho de 1616. Foy filho de Manoel Dias de Lira, e de sua mulher D. Mecia Rodrigues do Couto. Depois de estudar as Letras Humanas na patria passou a Salamanca onde aprendendo Filosofia, e Theologia recebeu o Grão de Doutor nesta faculdade. Ainda assistia nesta Universidade quando foy aclamado o Serenissimo Rey D. João o IV. e tanto, que teve Principe natural se restituhio a este Reyno sendo causa de que o seguissem nesta fiel resolução todos os Portuguezes, que estudavaõ naquella Universidade. Pelas suas letras foy Conego Magistral da Sè do Funchal, e Governador do Bispaado por nomeação do Bispo D. Fr. Jozè de Santa Maria. Foy muito douto em todo o genero de estudo como o publicão os diversos argumentos das suas obras. Morreo na Cidade do Funchal a 3. de Janeiro de 1691. e está sepultado na Capella Mòr da Cathedral da mesma Cidade. Delle se lembra com não pequeno louvor Henrique Henriques de Noronha nas *Mem. Secul. e Ecclesiast. da Diocef. do Funchal. Tit. 3. cap. 10. M. S.* e o P. D. Man. Caet. de Souf.

in Exped. Hispan. S. Jacob. Tom. 2. pag. 1306. Imprimio quando tinha vinte e seis annos de idade.

Espelho de Lusitanos em o cristal do Psalmo 43. cuja vista em summa representa este Reyno em tres Estados. O 1. desde seus principios com todas as felicidades, e grandezas suas até a morte delRey D. Joaõ o III. O 2. as calamidades, e infortunios começados em ElRey D. Sebastião, e continuados por todo o governo Castelhana. O 3. estado as maravilhas obradas por Deos em a feliz acclamação, e restauração delRey N. S. D. Joaõ o IV. com os mais raros casos nella succedidos assim em este Reyno, como em Castella. Lisboa por Paulo Crasbeeck 1643. 4.

Politica Christiana dirigida a Philippe IV. de Castella. Tratava do milagroso successo com que Deos livrou a Magestade delRey D. Joaõ o IV. em dia de Corpus. M. S. Estava já com as licenças

Zodiacus Ecclesie no qual reduzia todos os Evangelhos do anno a doze Domingos em que se celebra a memoria de Christo Sacramentado com varios discursos. M. S.

Stella matutina in medio nebulae. Neste tratado explicava todas as figuras, que symbolizaraõ a Maria Santissima desde o Genesis até o Apocalypse. M. S.

Domus sapientie dividida em sete Aulas onde desde a hora de Prima em que Deos he o primeiro Lente discorre por varias idades, e Meftres, que teve a Theologia Sagrada até nossos tempos concluindo com a ultima Cadeira de Theologia Mystica de que era Lente S. Joaõ Evangelista. M. S.

Philosophia muta. Por modo de Dialogo responde esta sciencia às perguntas da curiosidade inquirindo sobre tudo o natural, de que se segue o buscar o verdadeiro fim, que he Deos, não só corporal, mas espiritalmente. M. S.

Glossa sobre os Evangelhos na qual trata materias muito curiosas com exposiçoens mysticas. M. S.

Antiguidades da Ilha da Madeira intituladas *Campus ubi Troya fuit.* Prompto para a Impressão no anno de 1658. quando o Author tinha 41. de idade.

ANTONIO VELHO DE GOES. Naceo na Cidade de Elvas da Provincia Transagana a

2. de Março de 1670. sendo filho de Manoel Velho, e Luiza Goes de Andrade. Depois de receber o Grão de Mestre em Artes na Universidade de Evora cursou dous annos a faculdade da Theologia. Foy Prior Encõmendado na Igreja de N. Senhora da Conceição de Villa-Viçosa, e Capellaõ Mõr do Exercito da Provincia do Alentejo. Morreo a 26. de Janeiro de 1734. De alguns Sermoens, que prègou sómente publicou o seguinte.

Sermaõ de Santa Rita de Cassia Religiosa da Ordem de Santo Agostinho em acção de graças, que prometeo, e mandou celebrar pelo bom successo do sitio de Campo-Mayor a Senhora D. Luiza Clara de Menezes mulher, que foy do Senhor Gomes Freyre de Andrade, e hoje recolhida em o Convento de Santa Cruz de Villa-Viçosa, e nelle prègado na segunda Dominga do Advento do anno de 1712. Lisboa por Antonio Pedrozo Galraõ. 1714. 4.

ANTONIO DE VIANA cujo appellido indica ser natural desta Villa. Foy insigne Medico, e Cirurgiaõ cujas Artes exercitou com os Soldados Espanhoes, que andavaõ embarcados nas galès para defender as costas de Espanha da invasaõ dos Mouros, e no Hospital de Sevilha fundado em louvor de S. Herme-negildo pelo Cardeal Joaõ de Cervantes. Imprimio

Espejo de Cirurgia: Primera parte en tres exercitaciones de Theorica y practica que tratan de los tiempos del apostema sanguineo. Lisboa 1631. 4.

Fr. ANTONIO DE S. VICENTE chamado no Seculo Antonio Lopes do Quental naceo em Santarem donde se aufentou para Italia, e inspirado superiormente recebeu a Cogulla Cisterciense da reformada Congregação de S. Bernardo no Convento de S. Carlos de Napoles em 24. de Julho de 1641. Foy hum dos mais authorizados Monges, que floreceraõ naquella Cõmunidade assim na profundidade das letras, como no exercicio das virtudes occupando as horas vagas da obrigaçõ de Religioso em diversos estudos como o manifestaõ as obras, que compoz dignas certamente da luz publica. Morreo no Mosteiro de S. Nicolào da Cidade de Santo Angelo da Diocese Pignena em o anno de 1672. Na

famosa Bibliotheca de Santa Pudenciana em Roma se conservaõ M. S. as seguintes obras.

Vida de Santa Romana escrita em S. Sylvestre de Monte Oreste anno 1652. fol.

Scholia in Constitutiones Monachorum S. Bernardi reformatorum cum appendice. fol.

Appendix ad tractatum de opinione probabilis in quo respondetur dilucide, & juxta Logica regulas ad opuscula Illustrissimi Fagnani, & Marinarij circa usum probabilitatis valde à veritate errantium: mens authoris, & operis scopus. fol.

Tractatus aliquot dubia circa materiam de celebratione Missarum complectens. fol.

Martyrio di S. Bernardo Abbate di Clara-valle anno 1666. 4.

Discursus Theologicus circa quamdam ordinationem, & censuram nuper missam à Reverendissimo Abbate Generali ad Monasteria nostræ Congregationis anno 1667. fol.

Summarium totius scripturæ. fol.

Deixou outras muitas obras imperfeitas.

Fr. ANTONIO DE S. VICENTE Religioso Eremita de Santo Agostinho cujo Habito professou no anno de 1600. e no de 1620. partio para a India onde com igual zelo, que fruto exercitou o sagrado ministerio de Missionario principalmente no Reyno de Gorgistaõ. Escreveo.

Memorial das cousas deste Reyno. fol. M. S.

ANTONIO VIEIRA natural de Vila-Viçosa. Aprendeo a Arte da Musica com o insigne Mestre Manoel Rebello, e chegou a competir com elle na excellencia desta faculdade da qual foy Mestre na Igreja do Loureto, e da Casa da Misericordia de Lisboa donde passou a exercitar o mesmo ministerio na Villa do Crato na qual morreo. Compoz diversas obras, que saõ muito estimadas pelos professores da Musica sendo as principaes

Missa do 1. Tom a 12. vozes.

Miserere a 8. vozes de 8. Tom.

Dixit Dominus a 8. do 1. tom com instrumentos

Beatus vir a 12. do 1. tom

Lauda Hyerusalem Dominum a 8. de 8. tom

Motete Pater peccavi.

Motete de Defuntos Domine quando veneris.

Todas estas obras se conservaõ na Bibliotheca Real da Musica como consta do Index delle impresso em Lisboa por Paulo Crasbeeck 1649. 4. grande.

P. ANTONIO VIEYRA hum dos mais famosos Varoens que produzio Portugal naceo na Cidade de Lisboa a 6. de Fevereiro de 1608. e em 15. foy bautizado na Igreja Cathedral em cuja Pia recebera a primeira graça o insigne Thaumaturgo Santo Antonio. Logo na puericia se admirou a perspicacia do juizo, e sublimidade do talento com que a natureza prodigamente o dotara respondendo com taõ discreta promptidaõ ao que se lhe preguntava, que eraõ veneradas as suas repostas como sentenciosos apothemas. Na tenra idade de sete annos partio com seus Pays Christovaõ Vieyra Ravalco, e D. Maria de Azevedo para a Bahia Capital da America Portuguesa onde obedecendo à divina vocação desprezou heroicamente o amor, e casa paterna ausentando-se furtivamente della para a Companhia de JESUS em cuja sagrada milicia depois de repetidas instancias foy alistado em 5. de Mayo de 1623. quando contava 15. annos fazendo a Profissão Solemne a 26. de Mayo de 1644. Desejoso de illustrar com o seu talento a Religiaõ de que era filho se prostrou deuotamente na presença de huma Imagem da Virgem Santissima supplicando-lhe com ferverosas instancias o fizesse digno de exercitar o ministerio de Orador Evangelico, e para manifesto argumento do despacho desta supplica sentio, que se lhe dissipava repentinamente do entendimento huma sombra, experimentando daquelle dia por diante penetrar sem dificuldade os mysterios das sciencias mais profundas, que fielmente depositou no precioso thesouro da sua memoria. Como o seu engenho era agigantado logo começou a frutificar ao tempo de florecer escreuendo de desefete annos as cartas annuaes do Brasil em a Lingua Latina com elegante estilo, dictando no seguinte como Mestre da Primeira aos seus domesticos as Tragedias de Seneca eruditamente illustradas, e compondo de vinte, hum Commentario Literal, e Moral sobre Josué, e outro so-

bre os Cantares de Salamaõ em cinco sentidos. Para se instruir nas sciencias escolasticas não teve outro Mestre mais que a si mesmo compondo o curso de Filosofia, e Theologia pelo qual aprendeo estas faculdades causando ao mesmo tempo enveja, e admiração aos mayores professores dellas que disputasse, defendesse, e arguisse com profunda subtiliza nas questoes mais dificeis sem o soccoro de instrução alhea, mas unicamente pela laboriosa applicação do seu estudo. Admirados os Superiores de que nunca sendo discipulo fosse já Mestre consumado, o elegeraõ com maduro conselho Lente esperando que da sua escola sahisses Mestres todos os seus discipulos, porém não teve effeito esta eleição por ser obrigado a acompanhar a D. Fernando Mascarenhas filho do Marquez de Montalvaõ Governador do Brasil quando em nome daquelle Estado veyo dar obediencia ao Serenissimo Rey D. Joaõ o IV. novamente elevado ao trono de Portugal. Tanto que chegou à Corte no anno de 1641. foy recebido por este Monarcha com singulares demonstraçoens de affecto, e certificado occultamente da sua profunda capacidade não sómente o elegeu seu Prêgador, mas lhe cometeo negocios de gravissimas consequencias, que administrou com igual prudencia, que fidelidade assim nas Cortes de Pariz, e Olanda no anno de 1646. e 1647. como em Roma no anno de 1650. escrevendo em todas estas negociaçoens doutissimos Tratados em obsequio do seu Principe, e zelando como verdadeiro Portuguez os politicos interesses desta Monarchia contra as cavilosas maximas das outras Coroas. Entre taõ diversas naçoens por onde discorreo deo claros testemunhos da penetração do seu juizo adquirindo com a lição dos livros mais raros que revolveu nas melhores Bibliothecas, e com o commercio familiar dos professores de todo o genero de sciencias tanta copia de noticias que era respeitado como Oraculo da Sabedoria Christãã, e Politica. Com igual gloria da Religião Catholica que credito da sua profunda sciencia, convenceo em Amsterdaõ a Manasses Ben Israel, o mais insigne Rabino da Synagoga, e em Roma triumphou da impiedade de hum Ateista. Não alcançou menor gloria nas continuas disputas em que por varias vezes altercou com os

mais doutos Hereges, que com apparentes sofismas queriaõ rebater a solida efficacia dos seus argumentos contando nesta litteraria campanha as vitorias pelas disputas, e os triumphos pelos combates. Soube perfeitamente as linguas mais polidas da Europa fallando a Italiana, Franceza, e Espanhola com propriedade, e elegancia: principalmente foy insigne na materna explicando a sublimidade dos seus conceitos, e a fineza dos seus discursos com frases puras, e termos proprios sem mendigar vocabulos de idiomas estranhos. Foy o mayor Prêgador do seu tempo, e o será com enveja das outras naçoens em toda a posteridade verificando em si a fabula de Hercules Gallico pois com a torrente da sua aurea eloquencia atrahia suavemente suspensa a atençaõ dos seus ouvintes. Em Roma patria dos Oradores mais famofos se venerou com profundo respeito a sublime facundia da sua lingua, e ao mesmo tempo que renovou a memoria de Tullio, lhe diminuyo a gloria, e sepultou o nome. Nesta grande Corte aonde chegou segunda vez por ordem del Rey D. Pedro o II. a 16. de Novembro de 1669. prêgou os cinco Discursos das pedras de David na presença da celebre Heroína a Serenissima Rainha de Suecia Christina Alexandra, que como outra Sabá veyo a admirar de longe a discreta elegancia deste Evangelico Salamaõ, sendo as acclamaçoens, e applausos que mereceo desta Princeza, como de todos os Princeses Ecclesiasticos, e Seculares da Cabeça do mundo pequeno brado à sua fama, limitado, premio ao seu talento. Da Oratoria Ecclesiastica teve o principado fallando o commum com singularidade, o semelhante sem repetição, o vulgar com novidade, o sublime com clareza, e o humilde com decoro, sendo discreto sem affectação, copioso sem redundancia, e taõ corrente o estilo como nacido menos da arte, que da natureza. Representou com taõ viva energia, que eraõ escufadas as palavras por serem eloquentes as acçoens. Penetrou com profunda subtiliza os mysterios mais occultos da Sagrada Escritura que toda leu por diversas vezes examinando as suas mayores difficuldades com as luzes dos Santos PP. e Sagrados Interpretes, em que foy muito verfado, particularmente correndo a cortina aos Oraculos dos Profetas

para serem intelligiveis os seus vaticinios. Em todas as sciencias foy eminente, sendo insigne humanista, consumado Rhetorico, e elegante Poeta vulgar, e Latino, subtil Filosofo, profundo Theologo, sublime Escurituario, grande Chronologo, e completamente douto na Historia Sagrada, e profana. Ornado de tantos dotes com que copiosamente o enriquecera a divina liberalidade nunca se descubrio no seu animo o mais leve sinal de jaçtancia, antes recebendo notaveis honras, e estimaçoens de muitos Princepes assim naturaes, como estranhos não forão poderosas para lhe alterarem a humilde condiçaõ do seu genio, de tal sorte, que escrevendolhe em 12. de Setembro de 1680. o seu Geral João Paulo Oliva de estar eleito Confessor da Rainha de Suecia querendo esta Heróina que fosse o seu director para alcançar huma Coroa pela qual tinha deixado heróicamente tantas, se escusou com summa modestia de ministerio taõ honorifico. Toda a sua ambiçaõ era da gloria divina, e não da humana deixando por ella a patria, e o declarado affecto da Magestade delRey D. João o IV. partio para o Maranhão a procurar com indefesso trabalho a conversãõ daquella Gentilidade para cuja Sagrada empreza se obrigara com voto desde a idade de vinte, e sete annos. Acompanhado de alguns Varoens Apostolicos promovidos do seu exemplo chegou ao Maranhão a 22. de Novembro de 1652. onde lançando os primeiros fundamentos àquella nova Missãõ de que era o Fundador, foy obrigado a voltar a Portugal a 16. de Julho de 1653. a solicitar da Magestade delRey D. João o IV. a liberdade dos Indios como totalmente necessaria, e conducente para a sua conversãõ. Vencidos os obstaculos, que contra taõ justificada representaçaõ se oppuzeraõ, segunda vez partio para o Maranhão em companhia do seu novo Governador André Vidal de Negreiros, sendo impossivel de relatar o ardente zelo com que pelo espaço de nove annos cultivou aquella agreste vinha. Para converter Gentios, doutrinar Cathecumenos, e conservar Neofitos visitou onze vezes as Residencias da Missãõ, navegou vinte, e duas vezes rios mais extensos que o Mar Mediterraneo, discorreo a pé quatorze mil legoas por lugares incultos, fragosos, e solitarios, tolerando

excessivos calores, rigorosos frios, horrorosas tempestades, em que muitas vezes se vio quasi engolido das ondas, e por superior auxilio livre, e salvo. Em beneficio dos novos convertidos compoz seis Cathecismos em diversas linguas. Levantou defeseis Igrejas para cujo ornato dispendeo mais de cincoenta mil cruzados sendo tal o fervor apostolico com que ensinava àquelles barbaros o caminho da vida eterna que parecia se animavaõ as suas palavras do espirito de Paulo, e do zelo de Xavier. A taõ laboriosa cultura correspondeo abundãtamente o fruto, pois à eficacia das suas vozes se converteu infinita multidãõ de gentios Inheigaras, Tupinambas, e Poquiguarás habitadores do Searà, Maranhão, Parà, e o grande Rio das Amazonas, não sendo menos glorioso o triumpho com que a 16. de Agosto de 1659. foy recebido pelos Nheengaybas em agradecimento de os ter reduzido à Fé Catholica, e à obediencia delRey de Portugal. Atendendo o Reverendissimo Geral da Companhia Tyrso Gonzales ao incansavel disvelo com que tinha aggregado tantos filhos ao gremio da Igreja o nomeou a 17. de Janeiro de 1688. Visitador da Provincia do Brasil, e Superior absoluto de todas as Missoens, lugares, que aceitou constrangido como quem sempre estudara mais obedecer, que mandar. Os ultimos annos da sua vida assistio na Bahia para onde partira no anno de 1681. elegendo com madura resoluçaõ esta Cidade para sepultura, já que fora o seu berço para a Religiaõ. Retirado em huma quinta do arrebalde da mesma Cidade se occupou como outro Cicero no seu Tusculano preparando as suas obras para a impressãõ, o que executou por expressa ordem do seu Geral ordenando-lhe que tambem acabasse o livro intitulado. *Clavis Prophetarum*, posto que estivesse quasi cego, para fazer mais meritoria a sua obediencia se valia dos olhos alheos para lhe lerem os livros, cujas paginas apontava de memoria achando-se fielmente o que nellas procurava, sendo este trabalho muito superior às suas forças. Practicou como Religioso obfervante todas as virtudes proprias daquelle Estado. Levantava-se muito cedo para a Oraçaõ cortando pelo descanso necessario à sua idade para ficar expedito para o estudo. O livro espiritual de que mais frequentemente

uzava era o *de Imitatione Christi* escutando como vozes divinas as Sentenças que nelle lia. Teve hum animo imperturbavel soffrendo com heróica constancia o odio dissimulado em zelo de muitos emulos que armados contra a sua pessoa lhe deraõ grave materia para exame da sua paciencia, naõ tendo outro motivo para esta injustiça do que nacer mais singular que todos em tantos dotes de que abundantemente o ornou a graça, e a natureza. Retribuy sempre beneficios por aggravos satisfazendo-se com taõ nobre vingança dos seus offensores. Nunca no seu semblante se descubrio o menor final de alteraçã ainda quando se sentio infamado com Satyras, acuzado em diversos Tribunaes, e perseguido daquelles, que lhe eraõ mais obrigados, antes como se fora o Olympo que goza de huma inalteravel tranquillidade dissimulava com prudencia, e soffria com resignaçã toda esta furiosa tormenta. Entre tantas Cortes, e paizes por onde discorreo, nos quaes costuma reynar licenciosamente a incontinençia, conservou como se fosse Anjo illeza a pureza com tal privilegio que nunca teve contra esta angelica virtude materia para a Confissãõ. Foy exactissimo observador da pobreza Religiosa uzando sempre dos vestidos mais remendados, conservando huma Capa pelo largo espaço de quatorze annos, que largou violentado. Igual era ao amor à pobreza o odio das riquezas regeitando heróicamente vinte, e cinco mil cruzados, que lhe mandou a Pariz ElRey D. João o IV. para comprar livros para o seu uzo, e quarenta mil cruzados, que a Ilha Terceira lhe offereceu em premio de patrocinar com a sua autoridade hum grave negocio. Como sempre foy superior à mais alta fortuna fugio das mayores estimaçoens que do seu talento fizeraõ os Summos Pontifices Innocencio X. e Clemente X. as Magestades augustas de Luiz XIV. de França D. João o IV. e D. Pedro II. de Portugal, e o Duque de Florença, como das dignidades a que o destinavaõ estes soberanos Principes, assim Ecclesiasticas, como Seculares. Venerou com taõ excessivo affecto a Christo Sacramentado, que parece em premio da sua Fé se fazia vizivel aos seus olhos a divina Magestade occulta de baixo dos accidentes Eucharisticos. Naõ houve genero algum

de culto que a sua fervorosa devoçã naõ dedicasse em obsequio de Maria Santissima tributando-lhe agradecido de lhe salvar a vida de hum horrendo naufragio trinta Panegyricos ao seu Sacratissimo Rosario que todos os dias recitava meditado pelo espaço de duas horas, ornando com estas mysticas rosas o augusto trono de taõ divina Princeza. Na ultima enfermidade padeceo taõ acerbas dores que o privavaõ do descanso, e taõ resignado estava na vontade divina, que quando eraõ mais rigorosas rompia a sua afflicçã nestas palavras. *Domini est: quod bonum est in oculis suis faciat.* Recebeo com ternissima piedade os Sacramentos, e espirou entre a meya noute, e huma hora para o dia de 18. de Julho de 1697. em idade de 89. annos 5. mezes e 12. dias, e de Religiaõ 74. 2. mezes e 13. dias. Teve a estatura mais que mediana; o rostro grave; a testa dilatada; o nariz aquilino; os olhos vivos; a cõr algum tanto morena, o cabello negro, e a barba povoada. Foy nas acçoens circumspecto, no trato affavel, na conversaçã erudito, no discurso subtil, solido, e prompto por cujos dotes conciliou o universal affecto de naturaes, e estranhos. Extraordinario sentimento causou em todos os animos a sua morte, naõ havendo pessoa de qualquer qualidade que deixasse de testemunhar com lagrimas copiosas taõ deploravel perda. O Cabido da Cathedral da Bahia lhe officiou o Funeral no Collegio da Companhia assistido de toda a nobreza Ecclesiastica, e Secular, no fim do qual foy levado o Cadaver à Sepultura aos hombros de D. João de Alencastre Governador daquelle Estado, seu filho D. Rodrigo de Alencastre, o Bispo eleito de S. Thomé, seu Irmaõ o Vigario Geral João Calmon, o Provincial da Religiaõ de S. Bento, e o Reytor do Collegio dos Jesuitas. Naõ sómente o mundo concorreo para as ultimas honras deste grande Varaõ, mas até o Ceo se empenhou em canonizar a sua memoria aparecendo-lhe tres noites antes da sua morte, e tres depois huma brilhante Estrella de extraordinaria grandeza, a qual perpendicular sobre o seu Cubiculo foy vista, e admirada do mar, e terra affirmando as pessoas mais judiciosas, que aquelle meteoro era huma luminosa testemunha com que o Ceo declarava as virtudes do P. Vieyra. Tanto que

nesta Corte se recebeu a lamentavel noticia de hum seu taõ illustre filho, se resolveo o Excelentissimo Conde da Ericeira D. Francisco Xavier de Menezes insigne Mecenas dos estu-
diosos dedicar humas sumptuosas exequias à memoria do Principe dos Oradores Evangelicos, e elegendo para Theatro a Casa professa de S. Roque não perdoando a genero algum de dispendio a sua profusa liberalidade mandou levantar huma soberba maquina que occupava grande parte do Templo animada de muitos emblemas, e poesias de diversos metros, e linguas, e illuminada com grande copia de luzes. Cantou o officio a Musica da Capella Real a que fez o compasso o seu grande Mestre Antonio Marquez Lesbio. Não houve pessoa grave de huma, e outra Jerarchia, que não assistisse a este funebre obsequio, o qual coroou o P. D. Manoel Caetano de Sousa taõ illustre pelo sangue, como pela erudição com huma Oração taõ elegante que renaceo nelle a eloquencia, que lamentava defunta. Seria impossivel repetir os elogios com que celebres Escriutores exaltãraõ o nome deste grande Varaõ, e sómente transcreverey alguns para que claramente se conheça a sua grandeza. Seja o primeiro aquelle que o foy na dignidade o Summo Pontifice Clemente X. no Breve, que lhe expedio para que pudesse publicar as suas obras sem que fossem examinadas por algum Cenfor. Começa. *Dilecte Fili Salutem, et Apostolicam Benedictionem. Religionis zelus, Sacrarum litterarum scientia, vitæ, ac morum honestas, aliaque laudabilia probitatis, ac virtutum merita super quæ apud nos fide digno commendaris testimonio.* Joaõ Paulo Oliva Geral da Companhia congratulando-o do Sermaõ de S. Estanisláo em huma carta escrita a 13. de Março de 1675. *Dou graças a Deos por ter dado à Cõpanhia hum homem que pode fallar taõ divinamente, e que sabe proferir o seo conceito, e que todos confessaõ que he igualmente maravilhoso assi no que entendemos, como no que não penetramos, mas igualmente veneramos nas suas intelligencias.* Cardoso *Agiolog. Lusit.* Tom. 3. pag. 238. no Comment. de 13. de Mayo letr. I. o intitula *Oraculo dos Prêgadores desta idade.* Ulhoa in *Dissert. de Legat. et Fideicom. na Dedicatoria ao Graõ Duque de Toscana Venerabili viro, et Portugallia*

Principis Concionatore disertissimo, facillique omnium concionatorum antesignano sive verius dixerim Principe o Illustrissimo Barzia Despert. Christian. Tom. 1. Introd. Exhortat. col. 3. n. 30. lhe chama *Agudissimo.* Fr. Gio: Giusep. de Santa Teres. *Istor. delle Guerre del Brasile* Part. 2. liv. 5. pag. 129. *huomo che ne i pergami porto il vanto nel nostro Seculo.* P. Emman. Lud. in *Vita Princip. Theod.* lib. 1. cap. 19. n. 238. *insignem virum* Miguel de Barrios no *Prol. do Cor. delas Mus. El pico de oro Portugues.* Feijó *Theat. Critic.* Tom. 1. Disc. 16. n. 115. *Aquel hombre aquien en pensar con elevacion, discurrir con agudeza, y explicarse con claridad nõ igualo basta aora Predicador alguno:* e no Tom. 4. *Discurf.* 14. n. 37. *Que Sermon del Padre Vieyra nõ es un assombro? Hombre verdaderamente sin semejante de quien me atrevera decir loque Veleyo Paterculo de Homero. Neque ante illum quem imitaretur, neque post illum qui eum imitari posset, inventus est.* Bonucci *Istor. delRe D. Alfonf. Enriq.* liv. 3. cap. 10. *Ben noto al mondo per il suo singolare ingegno, profundità di sapere, e destrezza ammirabile in maneggiar le divine Scritture.* Sor. Joan. Ignes dela Cruz na *Censura* que fez ao Sermaõ do Mandato impressa no 2. Tomo das suas obras diz *Siempre admirandome de su sin igual ingenio... Las proposiciones deste subtilissimo talento, que es tal su suavidad, su viveza, su energia, que al mismo que disiente enamora con la belleza dela Oracion, suspende con la dulçura, hechiza con la gracia, eleva, admira, y encanta con el todo... admirable pasmo delos ingenios.* Joan. Soar. de Brit. in *Theatr. Lusit. Litter. lit. A.* n. 129. *Vir magno ingenio, felicissimoque judicio celeberrimus omnium concionator.* Sebastião da Rocha Pitta *Hist. da Amer. Portug.* liv. 8. n. 54. O seu talento foy ainda mayor que o seu nome com o qual voou por todos os Emisferios a fama elevada pela sua penna. Foy em Portugal Prêgador dos seus Augustissimos Monarchas, e da Serenissima Rainha de Suecia em Roma, cuja Sagrada Curia o onvio com admiração, e lhe respondera com o premio de altas dignidades, se a sua Religiosa modestia o não obrigara a fugir entre os Estrangeiros das honras, e lugares, de que ja se livrara entre os naturaes, onde achando na vida.

e na posteridade as mayores estimaçoens saõ ainda inferiores às que tem entre as outras Naçoens, andando os seus escritos traduzidos, e venerados por todo o mundo Catholico com grande gloria do nome Portuguez. D. Emman. Caiet. de Souf. in *Exped. Hisp.* Tom. 2. pag. 1306. *Oratorum Princeps.* Franco in *Synops. Annal. S. J. in Lusitan.* pag. 401. *Concionator Principum, et Princeps suo tempore concionatorum vir nulla commendatione æquandus* Sor. Violante do Ceo Religioza Dominica no Convento da Rofa de Lisboa, e celebre Poetissa lhe fez em seu applauso a sylva seguinte que está nas suas Rimas. à pag. 74.

He voffo entendimento

Felice suspenção do pensamento

Vossa doce elegancia

Cifra da mais perfeita consonancia

Vossa graça excessiva

A pedra de Cevar mais atractiva

Vosso saber profundo

Portentoso exemplar de todo o mundo

Vossa agudeza rara

Dilicia do discurso altiva, e clara

Vosso estilo famoso

Agradavel motivo do envejoso

Emfim voffo juizo soberano

Credito do divino, honra do humano.

O' vivey para affombro das idades

Gosto das Magestades

Extasis dos sentidos

Prodigio dos nascidos

Excesso dos passados:

Vivey para motivo dos agrados

Objecto de louvores

Archivo de favores,

Compendio de excellencias

Vivey para modello de eloquencias

Thezouro de elegancias

E se minhas grosseiras ignorancias

Tem sido dilatadas

Deixa-as castigadas

Mas confessay dottissimo Vieyra

Que se ignorante sou, sou verdadeira

O seu Retrato sahio aberto primorosamente em huma lamina na Cidade de Bruxellas com este Epigraphe na parte inferior.

Vera effigies celeberrimi P. Antonij Vieyra è Societ, Jesu Lusitanicorum Regum Concionatoris, et Concionatorum Principis quem dedit Lusitania mundo, Ulyssipo Lusitaniæ, Societati Brasilia. Obiit

Babiæ prope nonagenarius die Julij 18. anni 1697. Quiescit in Regio Collegij Babiensis templo ubi sepultus frequentissimo urbis concursu æterno orbis desiderio.

Deste retrato se tiraraõ varias copias que sahiraõ abertas em Roma, Veneza, e Barce-lona com o mesmo epigrafe.

Cathalogo das Obras impressas.

Sermoens 1. Parte. Lisboa por Joaõ da Costa. 1679. o 1. Sermaõ deste tomo que he da *Dominga da Sexagesima* sahio vertido em Italiano Neapoli per Luca Antonio Tusco 1688. como tambem sahio traduzido em Castelhano o *Sermaõ de Santo Ignacio de Loyola* que está impresso no mesmo Tomo. Valencia por Nicolao Droget. 1680. 4.

Sermoens 2. Parte. Lisboa por Miguel Deflandes. 1682. 4.

Sermoens 3. Parte Lisboa pelo mesmo Impressor 1683. 4.

Sermoens 4. Parte Lisboa pelo mesmo Impressor. 1685. 4.

Sermoens 5. Parte Lisboa pelo mesmo Impressor. 1689. 4.

Estes cinco Tomos sahiraõ traduzidos em Latim pelos Monges da Cartuxa de Colonia com este titulo.

Admodum Reverendi P. Antonij Vieyra è Societate JESU. regij in Lusitania Prædicatoris Sermones Selectissimi sæcunditate materiarum, Sublimitate, Subtilitate, et acumine conceptuum admirabiles. Pars. 1. Colonia Agripinæ apud Hermanum Demen. 1708. 4. *Pars. 2.* ibi apud eundem Typograph. 1707. 4. *Pars. 3.* ibi 1707. 4. *Pars. 4.* ibi. 1707. *Pars. 5.* ibi 1708. 4.

Sermoens 6. Parte. Lisboa por Miguel Deflandes 1690. 4.

Sermoens 7. Parte. Lisboa pelo mesmo Impressor 1692. 4.

Xavier dormindo, e Xavier acordado; dormindo em tres oraçoens Panegyricas no Triduo da sua Festa: Acordado em doze Sermoens Panegyricos, Moraes, e Asceticos, os nove da sua Novena, o Decimo da sua Canonizaçaõ; o Undecimo do seu Dia, e o ultimo do seu Patrocinio. 8. Parte Lisboa por Miguel Deflandes 1694. Sahio vertido na lingua Latina pelo P. Leopoldo Fuess da Companhia de JESUS com este titulo *Xaverius dormiens, et ex-perrectus* August. vin-

dilicorum apud Joannem Cusparum Bencard. 1704. 4. e na lingua Italiana pelo P. Antonio Maria Bonucci Jefuita com o titulo *Il Saverio addormentato, e il Saverio Vegliante*. Venetia apresso Paulo Baglioni. 1712. 8. Desta obra faz menção o moderno Adicionador da *Bib. Orient.* de Antonio de Leon Tom. 1. fol. 546. v.º no Apendix.

Maria Rosa Mística, excellencias, poderes, e maravilhas do seu Rosario compendiadas em trinta Sermoens asceticos e panegyricos jobre os dous Evangelhos desta Solemnidade 1. Parte. Lisboa por Miguel Deflandes. 1686. 4.

2. *Parte.* Lisboa na Officina Crasbeeckiana. 1688. 4.

Estas duas partes foraõ traduzidas na lingua Latina pelo Padre Leopoldo Fuess Confessor da Raynha D. Maria Sofia Izabel de Neoburg exceptos os cinco Sermoens vltimos que saõ traduzidos pelo P. Jacobo Boschio, e fahiraõ com este titulo.

Rosa Mystica, sive de excellentia, vi, et virtute admirabili ejus precatoriae Coronae vulgo Rosarij. Auguftæ Vindic. apud Joan. Cusparum Bencard. 1604. 4.

Tambem foraõ traduzidas estas duas Partes na lingua Castelhana pelo P. Lucas Sans Pregador delRey Catholico. Madrid. 1688. 4. 2. Tom. e na Italiana por Giovanni Antonio Asturi. Venetia. 1697. 4. 2. tom.

Sermoens 11. Parte. Lisboa por Miguel Deflandes. 1696. 4.

Sermoens 12. Parte. Lisboa pelo dito Impreffor. 1699. 4.

Palavra de Deos empenhada, e dezempenhada. Empenhada no Sermaõ das Exequias da Raynha N. Senhora D. Maria Francisca Izabel de Saboya. Dezempenhada no Sermaõ de Acção de graças pelo nascimento do Principe D. Joaõ Primogenito de suas Magestades, que Deos guarde, prégado o primeiro na Igreja da Misericordia da Bahia em 11. de Setembro de 1684. o segundo na Cathedral da mesma Cidade em 16. de Dezembro de 1688. Palavra do Prégador empenhada, e defendida: empenhada publicamente no Sermaõ de Acção de graças pelo nascimento do Principe D. Joaõ Primogenito de Sua Magestade que Deos guarde. Defendida depois da sua morte em hum discurso apologetico offerecido secretamente à

Raynha N. Senhora para alivio das saudades do mesmo Principe. Lisboa por Miguel Deflandes. 1690. 4.

Las cinco piedras de la Honda de David en cinco discursos morales predicados en Roma a la Reyna de Suecia Christina Alexandra en lengua Italiana, y por el mesmo Autor traduzido en Castellano. Madrid por Jozé Fernandes de Buendia 1676. 4. et ibi por Antonio Gonçalves 1678. 4. Na lingua Italiana Roma presso Ignatio de Lazaris. 1676. 8. e com faculdade do Author fahiraõ traduzidos na lingua Portugueza pelo Excellentissimo Conde da Ericeira D. Francisco Xavier de Menezes no Tomo seguinte pag. 76.

Sermoens, e Varios Discursos Tomo 14. Lisboa por Valentim da Costa Deflandes 1710. 4.

Sermaõ do primeiro dia de Janeiro prégado na Capella Real anno 1642. Lisboa por Domingos Lopez Rosa. 1642. et ibi por Lourenço de Anveres sem anno da edicão. 4. Coimbra por Thomé Carvalho 1671. e no Tom. 11. dos seus Sermoens pag. 399.

Sermaõ do Esposo da Mãe de Deos S. Jozé no dia dos annos delRey N. Senbor D. Joaõ o IV. na Capella Real. Lisboa por Domingos Lopez Rosa. 1644. 4. Coimbra por Thomé Carvalho Impreffor da Universidade 1658. 4. e no Tom. 7. dos seus Sermoens a pag. 533.

Sermaõ de Santo Antonio na festa, que se fez ao Santo na Igreja das Chagas de Lisboa aos. 14. de Setembro de 1642. Tendo-se publicado as Cortes para o dia seguinte. Lisboa por Domingos Lopes Roza 1645. 4. Coimbra pela Viuva de Manoel de Carvalho 1672. e no Tom. 11. dos seus Sermoens à pag. 344.

Sermaõ de S. Roque. Lisboa por Domingos Lopes Roza 1645. 4.

Sermaõ nas Exequias de D. Maria de Attayde filha dos Condes da Attouguia Dama do Palacio no Convento de S. Francisco de Xabregas Nas Memorias Funebres, que se dedicaraõ a esta Senhora. Lisboa na Officina Crasbeeckiana 1650. 4. onde estaõ 2. Epigrammas Latinos do mesmo Padre a este assumpto. Depois fahio o Sermaõ. Lisboa por Domingos Lopes Roza. 1650. 4. Coimbra por Thomé de Carvalho Impreffor

da Universidade 1658. 4. et ibi por Manoel de Carvalho. 1672. 4. e no Tom. 4. dos seus Sermoens à pag. 434.

Sermaõ de S. Joaõ Baptista na profissaõ da Senhora Maria da Cruz filha do Excellentissimo Duque de Medina Sidonia, Religiosa de S. Francisco no Mosteiro de N. Senhora da Quietaçaõ das Flamengas em Alcantara. Lisboa por Domingos Lopes Roza. 1652. 4. Evora na Officina da Universidade 1659. 4. e no Tom. 5. dos seus Sermoens à pag. 533.

Sermaõ na Misericordia da Bahia em dia da Vistacaõ da Senhora Orago da Casa, prezente o Vice-Rey Marquez de Montalvaõ. Lisboa por Domingos Lopes Roza. 1655. 4. Coimbra por Thomé Carvalho Impressor da Universidade 1658. 4. e no Tom. 6. dos seus Sermoens à pag. 586.

Sermaõ Historico, e Panegyrico nos Annos da Rainha D. Maria Francisca Izabel de Saboya. Lisboa por Joaõ da Costa. 1668. 4. Foy traduzido na lingua Franceza pelo P. Antonio Verjus Jesuita, e sahio com este titulo.

Discours historique pour le jour dela Naissance dela Serenissime Reyne de Portugal où il est traité des grands evenemens arrivés l'année dernière en ce Royaume là. Pariz chez Sebastien Mabre-Cramoyfi. 1669. 4. Declara o traductor que este discurso sahira vertido na lingua Italiana, e se imprimira em Roma onde mereceo os applausos de todos os eruditos. Tambem se imprimio em Saragoça por Diego Iturbi 1668. 4. e no Tom. 14. dos seus Sermoens à pag. 1.

Sermaõ Gratulatorio, e Panegyrico na menhaõ de dia de Reys sendo prézente com toda a Corte o Principe N. Senhor ao Te Deum que se cantou na Capella Real em açcaõ de Graças pelo felice nacimiento da Princeza Primogenita de que Deos fez merce a estes Reynos na madrugada do mesmo dia deste anno de 1669. Evora na Officina da Universidade. 1669. 4. e no Tom. 12. dos seus Sermoens à pag. 170. Foy traduzido em Francez pelo P. Antonio Verjus Jesuita, e sahio com este titulo.

Discours de conjovissance sur la Naissance del' Infante de Portugal prononce le jour meme de cette naissance devant toute la Cour de Portugal assemblée dans la Chapelle Royale pour y chanter le Te Deum. Pariz chez Cramoyfi. 1671. 4.

Sermaõ do B. Stanislaõ Koska da Companhia de JESUS prégado na lingua Italiana em Roma na Igreja de Santo André de Monte Cavallo Noviciado da Companhia. Coimbra por Manoel de Carvalho 1672. 4. e no Tom. 11. dos seus Sermoens à pag. 250. Traduzido em Latim pelo Padre Jaquez Bosch Jesuita Alemão. Cracoviz ex Officina Schedeliana. 1676. 4. e em Italiano Roma por Lazaro Varese 1675. 8.

Sermaõ das Chagas de S. Francisco prégado em Roma na Igreja da dita invocaçãõ, e vertido em Portuguez por Joaõ de Mesquita Arroyo. Lisboa por Miguel Manescal. 1673. 4. e no Tom. 12. dos seus Sermoens à pag. 341. Na lingua Italiana. Roma presso il Varese 1672. 4. Milano por Francisco Vigone 1672. 4. e Roma com outros Sermoens por Michaele Hercules. 1668. e na lingua Castelhana por hum Mercenario Descalfo 1673. 4. sem lugar da impressãõ.

Sermaõ nas Exequias da Rainha N. Senhora D. Maria Francisca Izabel de Saboya na Misericordia da Bahia em 11. de Setembro de 1684. Lisboa por Miguel Deslandes. 1685. 4. e na Palavra de Deos empenhada, e dezempenhada à pag. 1.

O P. Luiz Vicente Mamiani della Rovere Jesuita compoz hum Quaresmal dos Sermoens das Domingas, e Ferias da Quaresma, que achou disperfos pelos doze Tomos dos Sermoens do P. Vieyra, e os traduzio, e publicou em Italiano com este titulo.

Prediche sopra gli Evangelij della Quaresima del P. Antonio Vieira raccolte dá dodici tomi delle sue Prediche in forma d' un Quaresimale. Roma por Jorge Placho. 1707. 2. Tom. 4.

Dos Sermoens Panegyricos, e Moraes do P. Vieyra fez huma traduçaõ Italiana o P. Anibale Adami Jesuita, em duas Partes com o titulo seguinte.

Prediche del P. Antonio Vieyra dela Compagnia de Giesu tradote in Italiano del P. Anibale Adami dela medesima Compagnia Part. 1. Venetia presso Niculao Pezzana. 1707. 4. *Part. 2.* pelo mesmo Impressor, e anno 4. Bartholameo Santinelli traduzio varios Sermoens do P. Vieyra em Italiano, e sahiraõ impressos Roma apreßo Michaele Hercules 1663. 8.

Sermoens varios del P. Antonio Vieyra

Tom. 1. Madrid por Jozé Fernandes de Buendia 1662. 4.

Tom. 2. ibi pelo mesmo Impressor 1664. 4.

Tom. 3. ibi por Paulo de Val. 1678. 4.

Estes Sermoens traduzidos em Castelhana (como diz o P. Vieyra na Lista que fez dos que correm impressos em diversas linguas, e está ao principio do 1. Tomo dos Seus Sermoens, que sahio em Lisboa no anno de 1679.) são *totalmente albeos, e supostos*, e outros adulterados por cuja causa não merecem estimação.

Muito diferente foy a traducção, que delles fez o Licenciado Luiz Ignacio Presbytero Castelhana vertendo puramente do Portuguez no seu idioma todos os Sermões do P. Antonio Vieyra, que comprehendem os 14. Tomos da Imprensaõ de Lisboa, e sahiraõ em 21. de 8. perfeitamente impressos. O 1. e 2. Madrid por Manoel Ruiz de Murga. 1711. 3. ibi 1712. pelo dito Impressor. 4. 5. e 6. ibi pelo dito Impressor, e anno. 7. ibi por Agustín Fernandes 1712. 8. e 9. ibi por Manoel Ruiz de Murga 1712. 10. ibi pelo dito Impressor 1713. 11. e 12. ibi pelo mesmo Impressor, e anno. 13. ibi por Jozé Rodrigues, y Escobar Impressor del Rey 1714. 14. ibi por Manoel Ruiz de Murga 1714. 15. 16. 17. ibi pelo dito Impressor, e anno 18. 19. 20. ibi pelo dito Impressor 1715. 21. ibi por Gabriel de Barrio 1715.

Ultimamente sahiraõ tradufidos na mesma Lingua Castelhana em 4. Tomos de folha. Barcelona na Imprensaõ de Maria Martí 1734.

No 1. Tomo principia pela vida do P. Antonio Vieyra elegantemente escrita com o seu Retrato, e comprehende todos os *Sermoens das Domingas, e Ferias Quaresmaes, e seis Sermoens do Mandato.*

No 2. *Sermoens de Christo Senhor Nosso, e de Maria Santissima com 15. do Rozario.*

No 3. 48. *Sermoens de Santos.*

No 4. 15. *Sermoens do Rozario, varios Sermoens de assumptos especiaes. Palavra de Deos empenhada, desempenhada, y defendida. Historia do Futuro. Crisís da Reverenda Senhora D. Joanna Ignez da Cruz Religiosa de S. Jeronymo na Provincia do Mexico. Apologia contra esta Crisís pela Madre Soror Margarida Ignacia Religiosa de*

Santo Agostinho no Convento de Santa Monica de Lisboa. Problema das lagrimas de Heraclito. Voz de Deos ao Mundo, a Portugal, e à Bahia. Todas estas obras se comprehendem vertidas em Castelhana neste 4. Tomo.

Historia do Futuro, Livro Antiprimeiro, Prologomeno a toda a Historia do Futuro, em que se declara o fim, e se provaõ os fundamentos della. Materia, verdade, e utilidades da Historia do Futuro. Lisboa por Antonio Pedrozo Galraõ. 1718. 4. Sahio vertida em Castelhana. Barcelona na Imprensaõ de Maria Martí 1735. fol.

Copia de huma Carta para El Rey Nosso Senhor sobre as Missoens do Searã, do Maranhão, do Parã, e do grande Rio das Amazonas sendo o P. Vieira Superior dos Religiosos da Companhia naquella Conquista no anno de 1660. Lisboa por Henrique Valente de Oliveira. 1660. 4. e no Tom. 14. dos seus Serm. a pag. 266.

Lagrymas de Heraclito defendidas, Filosofo, que llorava siempre los successos del mundo. Valencia. 1700. 4. no fim do livro intitulado *Varios eloquentes libros.* Este Problema dedicou D. Ignacio Paravizino a D. Gaspar Mercader y de Cerbellon Conde de Cerbellon y Bunhol onde lhe diz. *El tan celebrado eruditissimo Padre Antonio Vieyra que justamente veneran los Pulpitos, y que hasta aora hizo bien conozido este empleo pudo manifestarse gloriosamente competidor de si mismo en el de letras humanas por la obsequiosa obediencia de aquella Magestad que quizo más tener su cabeça baxo el Pie de S. Pedro, que coronada en Suecia: en cuya real prezencia y con assistencia de las más eminentes Romanas Purpuras nõ sin grande aplauso dixo loque con subtileza summa, y erudicion admirable manifiesta este prezente Problema.* Sahio na Lingua Italiana na qual o recitou o P. Vieyra em hum livro intitulado *Raccolta di alcuni Discorsi composti da alcuni Oratori de la Compagnia de Giesu Decca* 1. Neapoli presso Felix Mosca. 1709. 12. e he o 5. discurso. Ultimamente foy traduzido em Portuguez do Italiano pelo Excellentissimo Conde da Ericeira D. Francisco Xavier de Menezes, e sahio no Tom. 14. dos Sermoens, e discursos varios do P. Vieyra a pag. 211. Lisboa por Valentim da Costa Deslandes 1710. 4. e em Castelhana Bar-

celona na Officina de Maria Marti 1734. fol.

Cartas do P. Antonio Vieyra da Companhia de JESUS Tom. 1. Lisboa na Officina da Congregação do Oratorio 1735. 4.

Tom. 2. ibi na mesma Officina, e anno. 4.

Por deligencia do P. André de Barros da Companhia de JESUS Academico da Academia Real sahiraõ à luz publica com o titulo

Vozes saudosas da eloquencia, do espirito, do zelo, e da eminente sabedoria do P. Antonio Vieyra, &c. Lisboa por Miguel Rodrigues Impressor do Senhor Patriarcha 1736. 4. as obras seguintes

Relação da Missãõ da Serra de Ibiapaba.

Informação dada por ordem do Conselho Ultramarino sobre as cousas do Maranhão ao mesmo Conselho. Feita em Lisboa a 31. de Julho de 1678.

Carta escrita ao Provincial do Brasil em que relata a causa porque deixou a Corte. Lisboa 24. de Novembro de 1652.

Voto sobre as duvidas dos moradores de S. Paulo acerca da administração dos Indios, escrito na Bahia a 12. de Julho de 1694.

Carta ao Serenissimo Rey D. Pedro II. escrita da Bahia ao 1. de Junho de 1691.

Carta ao Marquez de Gowea. Bahia 23. de Mayo de 1682.

Protesto feito à Camera, e mais Nobreza da Cidade de Bethlem do Pará para não serem expulsos daquella Conquista os Padres Missionarios da Companhia de JESUS.

Poema latino a huma Custodia de cortiça primorosamente fabricada pelo P. Sebastião de Novaes da Companhia de JESUS. Começa

*Quò me Musa rapit? Longumque relictus
Apollo
Extinctos iterum juvenes quos lusimus ignes,
Frigentemque atate jubet recalescere flammam?*

Carta escrita ao Serenissimo Rey de Portugal D. Affonso VI. sobre as cousas do Maranhão. Escrita a 20. de Abril de 1657.

Catalogo das obras M. S.

Clavis Prophetarum, sive de regno Christi in terris consummato. fol. Desta obra fazendo menção o Author no Prologo do 1.

Tomo dos seus Sermoens diz. *Só sentirei, que o tempo me falte para pôr a ultima mão aos quatro livros Latinos de regno Christi in terris consummato, por outro nome Clavis Prophetarum em que se abre nova estrada à facil intelligencia dos Profetas, e tem sido o mayor emprego dos meus estudos.* Este livro, que para sua ultima perfeição lhe faltavaõ ainda seis mezes de trabalho, como affirmou seu mesmo Author, deo o Geral da Companhia Miguel Angelo Tamburino ao Excellentissimo Marquez de Fontes, depois de Abrantes, quando era Embaxador em Roma como satisfação das muitas obrigaçoens de que era crêdor à Companhia, conhecendo ser o mais precioso donativo para a estimação do Marquez, que muitas vezes se dignou de que eu o visse, e hoje se conserva na sua selecçissima Livraria.

Prégador, e Owinte Christão Desta obra faz menção no Prologo do 1. Tom. dos seus Sermoens.

Descripção de Lisboa.

Epithalamio a Rainha D. Catherina de Inglaterra em 83. versos Latinos.

Commentaria in Senecæ Tragedias.

Expositio litteralis, et moralis in lib. Josue.

Expositio in Cantic. Canticorum Salomonis.

Avisos para a morte.

Cartas annuaes da Provincia do Brazil.

Via Sacra por outra Via.

Emblemas moraes à Rainha D. Luíza Francisca de Gusmão.

Tratado da obrigação de salvar as almas.

Politica do Diabo.

Sete Decimas Castelhanas ao javali que matou a Senhora Princeza D. Izabel.

Modo de governar os Indios no graõ Pará.

Cinco Sermoens de Tarde por cinco diluivos.

Ladainha de N. Senhora Commentada.

Promptuario Concionatorio 9. Tom.

Instrucção, e reposta sobre o negocio de Napoles.

Formulario breve de todos os Años com que em falta do Sacramento da Penitencia se pôde huma alma pôr em Graça de Deos. Esta obra compoz não sómente na lingua

Portugueza, mas em a geral dos Indios do Maranhão para que qualquer pessoa em caso de necessidade pudesse suprir a falta de Sacerdote.

Formulario para se administrar o Sacramento do Bautismo escrito pela forma do precedente.

Instrução como se devem haver os Missionarios com Deos, comsigo, e com os proximos. Foy approvada pelo Geral da Companhia Gozuvino Nickel sem acrescentar, nem diminuir palavra alguma.

Divisão do Continente do Maranhão, que se estende por mais de 600. legoas desde a Serra de Hyaporrá até o Rio dos Tapuyas em Colonias onde se criassem, e sabissem os Missionarios.

Parecer politico em que se impugna huma reposta de Pedro Fernandes Monteiro Procurador da Fazenda em que concluia este Ministro, que não querendo os Olandezes vender Pernambuco nos convinha mais a guerra, que a paz. He chamada esta impugnação o *Papel forte.*

Memorias em que com o titulo de duas Certidoens resume os serviços que em 38. annos fez à Coroa de Portugal para o requerimento de seu Sobrinho Gonçalo Ravaſco Cavalcante, e Albuquerque Secretario de Estado do Brazil.

Parecer sobre as cousas do Brazil a 14. de Março de 1647.

Informação do modo com que foram tomados, e sentenciados por cativos os Indios do anno de 1655. Consta de quatorze Capitulos com grandes advertencias.

Esperanças de Portugal Quinto Imperio do mundo 1. e 2. vida delRey D. Joaõ o IV. escritas por Gonçalo Annes Bandarra com hum largo Commento remetido ao Bispo do Japão o P. André Fernandes em 29. de Abril de 1659.

Defeza do Livro intitulado Quinto Imperio que he a segunda Apologia do livro Clavis Prophetarum.

Papel feito por ordem da Rainha D. Luiza Francisca de Gusmão na menoridade de seu filho ElRey D. Affonso VI. para se ler ao mesmo Principe na presença dos Tribunaes do Reyno.

Parecer que de França mandou a ElRey D. Joaõ o IV. Começa. A estas partes de França.

Papel politico a ElRey D. Pedro II. na occasião que se convocarão Cortes para se lançar hum tributo nos povos que servisse de dezempenhar o Reyno escrito em nome dos Russicos da Serra da Estrella. Começa. Se parecer ouxada quererem os Serranos vestir trage de Conselheiros.

Defengano Catholico sobre o negocio da Nação Hebræa. Começa. He certo que os Christãos novos descendentes de sangue Hebræo.

Papel offerecido ao Serenissimo Rey D. Joaõ o IV. em que se mostra ser conveniente para os augmentos do Reyno conservar-se nelle a gente da Nação. Começa. Ainda que a particular Providencia &c.

Reposta feita a ElRey D. Joaõ o IV. a favor da Gente da Nação Começa. Huma das mais assinaladas merces. &c.

Papel proclamatorio ao Summo Pontifice Innocencio X. na occasião que a Gente da Nação conseguiu Breve para se avocarem a Roma certos processos do Santo Officio que se divide remeter. Começa. Muito perturbada se acha a Corte, e Reyno de Portugal.

Papel em defesa da Gente da Nação, e a favor do Discurso que intentava ter com Sua Santidade sobre a pretensão da nova mudança dos estilos do Santo Officio offerecido ao Serenissimo Principe D. Pedro. Começa. Já que V. A. owe a quem taõ licenciosamente falla.

Apologias Latinas 1. e 2. Part.

Varios Versos Latinos, e vulgares.

Fr. ANTONIO VIEYRA natural de Lisboa filho de Gaspar Vieyra, e Maria de Oliveira, Religioso Trino cujo habito recebeu no Convento da sua patria a 29. de Novembro de 1643. Foy taõ observante professor das obrigações do seu Instituto como dos preceitos da Musica sendo hum dos mais celebres tangedores de Orgão, que admirou o seu tempo. Exercitou por muitos annos no Convento desta Corte o lugar de Vigario do Coro onde morreo a 27. de Janeiro de 1707. com 80. annos de idade, e 63. de Religião. Deixou Compostas.

Diverças obras de Orgão para os Tangedores deste instrumento. fol M. S.

ANTONIO VIEGAS professor de Direito Cefareo na Universidade de Coimbra, nella Lente da mesma Faculdade para mostrar que não era menos versado na Jurisprudencia pratica, que especulativa Compoz.

Remissiones in lib. IV. Ordinat. Regiar. M. S. fol. conservava-se na Bib. do Cardial de Soufa.

Fr. ANTONIO VIGO natural da Villa de Abrantes do Bispaado da Guarda, Religiofo da Militar Ordem de Nossa Senhora da Merce, cujo habito recebeu em Castella, e pelas suas grandes letras foy Decano da Universidade de Sevilha, e Confessor de D. Afonso de Alencastre Marquez de Porto Seguro. Compoz.

De modo orandi. M. S.

ANTONIO DE VILLAS BOAS, E SAMPAYO filho primogenito de Diogo de Villas boas Caminha, e não Queimado como escreveu o P. D. Antonio Caetano de Soufa no *Apparat. à Hist. Geneal. da Casa Real Portug.* pag. 140. §. 165. e de D. Anna de Carvalho, e Sampayo. Naceo a 27. de Agosto de 1629. na Quinta de Fareja termo da Villa de Guimaraens. Depois de estudar as primeiras letras, e Filosofia na Cidade de Braga ainda que era sucessor do antigo Solar do Paço de Villas boas conservado há muitos Seculos na sua familia impellido da inclinação ao estudo das sciencias, passou à Universidade de Coimbra, e applicando-se ao Direito Cefareo recebeu o gráo de Bacharel nesta faculdade. Servio os lugares de Juiz de Fora da Villa de Conde, Cidade de Viseu, Corregedor da Torre de Moncorvo, Provedor de Coimbra até que foy provido em Dezembro de 1689. Em taõ diversas Judicaturas sempre se veneraraõ unidas, na sua pessoa a vasta noticia de ambos os Direitos com a incorrupta inteireza, e summa gravidade digna de hum Senador. Entre as severas occupaçoens de Ministro nunca interrompeo a lição das letras humanas exercitando com felicidade a Poesia Latina, e vulgar, de que saõ testemunhas muitas obras, que ainda existem. Foy estudioso da Genealogia, mas de tal forte uzou

della, que sempre contribuiu para credito, e não infamia das Familias. Casou com D. Maria Ferraz de Almeida filha de Balthazar de Faria Machado, e de sua mulher D. Magdalena Pereira de quem teve a Diogo de Villasboas, e Sampayo Capitaõ mór de Barcellos, e Governador do Castello de Villa do Conde, e Balthazar de Faria, e Villasboas Doutor em Canones, Inquisidor Apostolico da Inquisição de Coimbra, Pedro de Villasboas, e Sampayo Doutor em Leys Lente na Universidade de Coimbra, Deputado do Santo Officio, Desembargador da Relação do Porto, e da Casa da Supplicação, Collegial do Collegio de S. Pedro, os quaes ambos saõ presentemente Prelados da Santa Igreja Patriarchal, de que tomaraõ posse a 16. de Mayo de 1739. e a D. Josepha Francisca Tereza Religiosa no Convento de S. Bento de Barcellos. Morreo a 26. de Novembro de 1701. na Villa de Barcellos, quando contava 82. annos de idade, foy sepultado como determinara em seu Testamento na Capella de S. Joseph, que elle edificara na sua quinta do Paço de Villasboas, antepoendo para seu jazigo este lugar ao sepulchro dos seus ascendentes, que está em o Mosteiro de Villar de Frades. Ordenou, que se lhe não escrevesse epitafio na sepultura, mas a hum lado da Capella onde jaz o seu corpo, tem gravado estes versos.

Qui tibi pusillum dicat, Josephe, sacellum,

Cælum pro dono, te auxiliante petit:

Et si magna petit parvo pro munere, noscit

Esse nihil quod dat, quod petit omne putat.

Fazem delle memoria D. Rafael Blut. no *Catal. dos Authores Portug.* impresso ao principio do 1. Tom. do *Vocabul. Portug. e Latin.* o P. Antonio Carvalho da *Corog. Portug.* Tom. 1. Trat. 5. cap. 3. pag. 318. e o Padre D. Antonio Caetano de Soufa no lugar assima citado. Compoz.

Nobiliarchia Portugueza Tratado da Nobreza hereditaria, e politica. Lisboa por Francisco Villela 1676. 4. & ibi por Philippe de Soufa Villela. 1708. 4. et ibi na *Officina Ferreyriana* 1727. 4.

Para celebrar o monte de Ayró (do qual trata Fr. Pedro Poyares no *Trat. Paneg. de Villa de Barcellos* cap. 27. pag. 67. que esta visinho ao referido solar de Villas-Boas de cujo sitio gostava summamente por ser

muito ameno compoz, e imprimio com o suposto nome de Joaõ Martins.

Auto da Lavradora de Ayrò. Coimbra por Jozé Ferreira. 1678. 4.

No qual com engenhosa fabula em verso Portuguez refere os amores de certo Pastor, e a sua transformação em o monte Ayrò, e a conversão da amada Nimfa, em a fonte da Virtude, da qual elle se lembra em a *Nobiliar. Portug.* cap. 9. pag. 93.

Traduzio de Italiano em Portuguez sem declarar o seu nome.

Arte de bem morrer, industrias para fazer huma boa morte. Coimbra por Jozé Ferreira 1685. 8. cuja obra dedicou o Impressor à D. Maria Ferraz de Almeyda mulher do Traductor.

El baxel de Cupido navegacion entretenida de Roberto, y Cinthia. M. S. Consta de tres novellas em prosa, e verso que estavaõ com as licenças promptas para a impressão; mas reparando com mayor reflexão em ser esta obra ideada na sua adolescencia, e como tal indigna da madureza dos annos que contava, a reduzio a pedaços.

Saudades de Lisboa na ausçencia da Senhora D. Catherina Rainha da Gráa Bretanha. Poema heróico *M. S.* de que elle repete a Outava 89. em a *Nob. Portug.* cap. 5. pag. 41.

Genealogias de muitas Familias illustres, e nobres deste Reyno. M. S. que se conservaõ em poder de seus filhos.

Fr. ANTONIO DA VISITAÇAM natural da Cidade do Funchal Capital da Ilha da Madeira. Recebeo o Habito Carmelitano no Convento de Evora a 13. de Abril de 1568. onde ensinou por muitos annos a lingua Latina aos seus domesticos por ser antes de entrar na Religião muito perito neste idioma. Foy ornado de muitas virtudes pelas quaes mereceo ser eleito em 18. de Outubro de 1584. Mestre dos Noviços, e de tal modo educou estas novas plantas que tres vezes exercitou este ministerio temperando o rigor com a brandura, e a severidade com a clemencia. Copioso foy o fruto que colheo com os seus Sermoens pois além das Escrituras, e Padres com que os illustrava lhes infundia com o seu espirito tal efficacia que reduzia os peccadores ao caminho da peni-

tencia. Foy Prior do Convento de Collares, e fundador do que tem a Provincia na Villa de Setubal. Cheyo de virtuosas obras partio a alcançar o premio dellas no Convento de Lisboa a 13. de Mayo de 1606. quando contava 60. annos de idade. Compoz.

Oraçoens, e Poemas elegantissimos os quaes vio Jorge Cardozo como testifica no *Agiol. Lusit.* Tom. 3. pag. 237. no Commentar. de 13. de Mayo letr. G. dizendo Serẽ cheyos de mui solida doutrina, e espirito, e o Author, hum dos mayores Latinos, humanistas, e Poetas, que teve esta Provincia. Semelhante elogio lhe fazem Antonio Carvalho da Costa *Corog. Portug.* Tom. 3. liv. 2. Trat. 8. cap. 47. pag. 626. e Fr. Manoel de Sá nas *Mem. Hiflor. da Ordem do Carmo da Provinc. de Portugal* Part. 1. liv. 4. cap. 9. pag. 363.

Fr. ANTONIO DA VISITAÇAM Naceo na Villa de Setuval, sendo seus Pays Joaõ Fero, e Beatriz Gomes, e na idade juvenil abraçou o Instituto da Ordem dos Prégadores, que solemnemente professou no Real Convento de Lisboa a 2. de Fevereiro de 1581. Passou à India, e por muitos annos residio no Convento de Goa lendo Theologia aos seus Companheiros. A sua prudencia o fez digno de exercitar os lugares de Vigario de Malaca, e das Christãdades do Sul até que foy duas vezes Prior do Convento de Santo Thomaz de Goa, e Prégador Geral, naõ querendo aceitar o grão de Presentado na Ordem por naõ ter lido os annos que dispoem os Estatutos. Occupou o lugar de Deputado da Inquisição de Goa de que tomou posse em 7. de Janeiro de 1605. que administrou com grande zelo. Entre outras heroicas virtudes em que foy eminente as quaes elegantemente descrevem Fr. Luiz de Sousa na *Hiff. de S. Domingos da Prov. de Portug.* Part. 3. liv. 4. cap. 11. e Echard in *Script. Ord. Præd.* Tom. 2. pag. 384. conservou a pureza virginal até a morte cuja hora sendo por elle pronosticada passou a melhor vida a 16. de Fevereiro de 1613. Escreveo.

Relaçã das Christandades de Solor. Desta obra fazem menção Souza, e Echard affirma allegados Fr. Pedro Monteiro no *Claust. Domin.* Tom. 3. pag. 167. Cardoso. *Agiol. Lusit.* Tom. 1. pag. 290. no Com-

ment. de 30. de Janeiro let. F. chamando-lhe por equivocação *Fr. Antonio da Presentação* e Fontan. in *Monum. Dominic.* pag. 573. col. 1. *Bib. Orient.* novamente acrescentada Tom. 1. Tit. 3. col. 83.

Fr. APPARICIO DE SANTO ANTONIO natural de Lisboa. Foy admitido ao austero Habito da Provincia da Arrabida, onde pela capacidade de que era dotado exercitou muitas vezes o lugar de Guardiaõ, e por duas Definidor da Provincia em cujos ministerios todo o seu disvelo consistia em conservar o primitivo rigor da Regra Serafica. A mayor parte do tempo, que lhe restava das occupaçoens da Communidade, se abstrahia da communicação não sómente dos Seculares, mas ainda dos seus mefmos Religiosos, e o gastava na contemplação dos bens Celestiaes. Não lhe causava impedimento o grande numero de annos para não exercitar rigorosas penitencias sendo mais excessivas hum anno antes da sua morte que succedeo no Hospital de Lisboa a 20. de Outubro de 1613. Foy sepultado no Convento de S. Francisco da Cidade. Como era muito applicado à intelligencia das Rubricas do Breviario, e Missal Romano consultando as duvidas que nelles podiaõ occorrer não sómente nos Authores, que dellas escreveraõ, mas as pessoas mais doutas nesta materia, compoz para instrucção dos Sacerdotes, e Acolytos.

Ceremonial do Coro, e do Altar M. S. Não o deixou imprimir (São palavras do moderno Chronista da Provincia da Arrabida Fr. Antonio da Piedade Part. 1. liv. 5. cap. 11. n. 1120.) *a nossa pobreza, copiou-se com tudo em varios treslados que se repartiraõ pelos Conventos, e por elles se governaraõ os Frades.*

Taboas dos Capitulos, e Congregaçoens que se celebraraõ na Provincia. Esta obra desapareceu como affirma o dito Chronista, e da primeira faz menção Fr. Joan. à D. Ant. in *Bib. Francisc.* Tom. 1. pag. 135.

Fr. ANTONIO DE SANTA UR-SULA natural de Lisboa filho de Francisco Gonçalves, e Domingas Francisca, e Irmaõ do Doutor Luiz Gonçalves Pinheiro de que em seu lugar se fará menção. Re-

cebeo o Habito de Agostinho Descalço no Convento do Monte Olivete Cabeça desta Congregação a 19. de Outubro de 1710. onde professou a 25. do dito mez do anno seguinte. Foy Subprior no Convento de N. Senhora da Boa Hora desta Corte, e Prior do Convento da Assumpção do lugar da Sobreda eleito em o anno de 1731. Tem feliz talento para o Pulpito de que he argumento a obra seguinte.

Sermaõ do Preclarissimo, e Adorado Patriarcha, Luz, e Doutor eximio da Igreja Santo Agostinho. Lisboa por Pedro Ferreira Impressor da Serenissima Rainha Nossa Senhora 1732. 4.

V. D. APPOLLINARIO DE ALMEYDA. Naceo na Cidade de Lisboa a 22. de Julho de 1587. e foraõ seus Pays Joaõ Gomes de Coimbra, Fidalgo Cavalleiro, e Maria George de Almeida, cujos ossos jazem na Vialacra da parte do Evangelho do Collegio de Santo Antaõ. Na pueril idade de cinco annos ainda ignorando ler, e escrever debuxou com admiravel perfeição o seu nome no frontispicio de hum livro. Como lhe amanheceo taõ antecipadamente o uso da razão não causou grande espanto, que no espaço de tres annos aprendesse não sómente os primeiros rudimentos, mas tocasse com destreza varios instrumentos. Applicou-se ao estudo da Lingua Latina no Collegio de Santo Antaõ dos Padres Jesuitas onde atrahidos os Mestres da agudeza do engenho, felicidade da memoria, candura de animo, e modestia do semblante com que se fazia a todos summamente amavel o receberaõ na Companhia a 5. de Novembro de 1601. Depois de estudar as letras humanas em Evora as ensinou por seis annos na mesma Universidade, e na de Coimbra Rhetorica recitando por tres annos continuos a Oração da Rainha Santa Izabel na Lingua Latina com applauso de todos os Academicos, pois possuia em grão sublime todas as partes, que constituem hum consummado Orador não sendo menos insigne Poeta. Ensinou Filosofia em Lisboa, e na Universidade de Evora Escritura, em cuja Cadeira substituhio ao Patriarcha Affonso Mendes, como depois de graduado Doutor em Theologia a 19. de Junho de 1624. Sendo nomeado Bispo de Nicea lhe succedeo

na Dignidade Patriarchal. Foy Sagrado no Collegio de Evora pelo seu Arcebispo D. Jozè de Mello, e passando a Lisboa exercitava na Casa Professa de S. Roque os ministerios de Religiofo sem que lhe alterasse este virtuoso costume a dignidade a que estava sublimado. Tanto que chegou occasião oportuna partio para a India com huma esquadra de quarenta Soldados da Companhia de JESUS no anno de 1629. em a Não Sacramento em que hia embarcado o Conde de Linhares D. Miguel de Noronha com o lugar de Vice-Rey do Estado. Chegando a Goa, como todo o seu cuidado era entrar na Etiopia posto que quebrantado com jornada taõ prolongada se preparou no breve espaço de hum mez para outra naõ menos perigosa na qual depois de padecer varios infortunios chegou à Corte de Etiopia a 10. de Agosto de 1630. que era o desejado termo das suas ancias. Favorecido do Emperador Sultão Segued começou a trabalhar na redução dos Scismaticos quando por morte deste Principe succedeo no Trono Imperial seu filho Faciladas acerrimo inimigo dos dogmas da Igreja Romana mandando com cego furor expulsallo da Etiopia por temer, que com a sua assistencia se extinguiria a falsa crença da Igreja de Alexandria, de cujos erros era obstinado se-quaz. Naõ cedeu a constancia do seu apostolico peito à violencia desta ordem fulminada pela colera do Emperador, antes para naõ desamparar as suas ovelhas vivia occulto na espessura dos matos onde pelo espaço de alguns mezes tolerou com heroico valor molestias superiores à humanidade. Sabendo o Emperador, que o Varaõ Apostolico residia em Tigrè escreveu ao seu Vice-Rey Barhanagais, que o remetesse prezo por naõ ter sahido do Imperio, ou que o entregasse aos Turcos de Maçuâ, prometendo-lhe grandes donativos se promptamente executasse o que lhe ordenava. Rendido o barbaro com a ambição das promessas entregou contra as leys da hospitalidade ao Veneravel Bispo com seus dous Companheiros os Padres Francisco Rodrigues, e Jacinto Francisco, e depois de tolerar muitos ludibrios foy suspenso no patibulo no lugar de Oinadegà, e oprimido de hum diluvio de pedras tiradas pelo furor do povo voou o seu espirito a coroar-se na eternidade com

o triplicado diadema de Doutor, Virgem, e Martyr a 9. de Junho de 1638. em cujo genero de morte lhe foraõ companheiros aquelles dous Heroes, que o tinhaõ sido nos seus apostolicos trabalhos por toda a vida. Fazem illustre memoria deste insigne Prelado Cardoso no *Agiol. Lusit.* Tom. 3. pag. 603. e no Cõmentr. de 9. de Junho letr. F. Telles *Hist. da Etiop. Alt.* Liv. 6. cap. 28. e 29. Nadasi *Ann. diar. memor. S. J.* p. 177. Franco *Imag. da Virtud. do Nov. de Evor.* Liv. 2. cap. 12. 13. 14. e 15. e no *Ann. Gloriosf. S. J. in Lusit.* pag. 327. Tanner *Societ Jes. usque ad sang. & vit. profus. militans* pag. 197. P. D. Manoel Caet. de Souf. *Cathal. Hist. dos Arc. e Bisp. Portug. que tiveraõ Diocefe fóra do Reyno.* pag. 119.

Imprimio

Sermaõ na festa, e demonstração de alegria, que fez a Nação Franceza residente na Cidade de Lisboa pela tomada de Arrochella, e gloriosa Victoria delRey Christianissimo Luiz XIII. o Justo prègado aos 17. de Dezembro de 1628. Lisboa por Matheus Pinheiro. 1629. 4.

Escreveo varias cartas da Etiopia das quaes huma escrita de Tigrè em 15. de Julho de 1636. para o Duque de Bragança D. Joaõ, que depois subio ao Trono de Portugal, està impressa no Tom. 3. do *Agiol. Lusit.* pag. 612. Começa

Senhor. Desde o anno de 1629. até o presente sempre escrevi a V. Excellenssia

Vida do P. Francisco de Mendoça a qual constava de trinta e duas paginas de folha, acabada em Evora a 2. de Setembro de 1626. e a conservava em seu poder o P. Manoel Fernandes Confessor delRey D. Pedro II.

Elogium Joannis III. o qual escrito da sua mão o tinha o P. Francisco da Cruz, como escreve nas Memorias M. S. para a Bib. Portug.

Orationes tres in Laudem Sanctæ Elisabethæ Portugallia Regina. Conservaõ-se no Archivo do Collegio de Coimbra dos Padres Jefuitas.

Fr. APPOLLINARIO DA CONCEIÇÃO natural de Lisboa onde naceo a 23. de Julho de 1692. sendo seus Pays Domingos Alvares da Rocha, e Maria Leytoa. Ainda naõ tinha completos treze annos de

idade quando deixando a patria navegou para o Rio de Janeiro, e atrahido da severa observancia dos Religiosos da Provincia da Immaculada Conceição recebeu o Habito Serafico no Convento da Cidade de S. Paulo a 3. de Setembro de 1711. cujo Instituto professou no humilde Estado de Leygo. Em atençaõ do summo cuidado com que exercitou os ministerios domesticos, que lhe destinara a obediencia, foy eleyto Procurador Geral do Convento do Rio de Janeiro Cabeça de toda a Provincia cujo lugar não sómente administrou naquella Cidade, mas nesta Corte onde agora assiste com louvavel recommendação do seu religioso procedimento. Posto que professou o Estado de Leygo recusando com profunda humildade o de Sacerdote ao qual o queriaõ promover os seus Prêlados, todo o seu disvello, e applicação foy dedicar-se à lição dos livros, e alcançar varias noticias em obsequio da sua Religião de cujos Annaes, e Chronicas he summamente versado escrevendo com estylo claro, e corrente diversas obras não lhe servindo de obstaculo para empreza tão laboriosa as largas jornadas, que tem feito não sómente por grande parte da America, mas a Roma, e Madrid duas vezes merecendo mayor louvor esta sua incansavel applicação por não ser Professor de Letras, em premio da qual o nomeou Chronista da sua Provincia o Reverendissimo Geral Fr. Joã Bermejo em o 1. de Junho de 1740. cuja eleyção confirmou a 10. do dito mez, e anno seu Succesor Fr. Caetano Laurino. Fazem menção da sua pessoa Fr. Joan. à D. Antonio *Bib. Franc.* Tom. 1. pag. 135. Fr. Joã Bautista *Paraiso Serafico na Terra Sant.* Liv. 8. c. 3. n. 48. *Chron. da Provincia da Conceição de Castel.* 1. part. liv. 1. n. 2. Publicou.

Pequenos na Terra, Grandes no Ceo. Memorias Historicas dos Religiosos da Ordem Serafica, que do humilde Estado de Leygos subiraõ ao mais alto grão de perfeição. Part. 1. Lisboa na Officina da Musica. 1732. fol.

Pequenos na Terra, &c. Part. 2. ibi na mesma Officina. 1735. fol.

Pequenos na Terra, &c. Part. 3. ibi na mesma Officina 1738. fol.

Primazia Serafica na Região da America. Novo descobrimento de Santos, e Ve-

neraveis Religiosos da Ordem Serafica que ennobrecem o novo mundo com suas virtudes, e acções. Lisboa por Antonio de Souza da Sylva. 1733. 4.

Seculos da Religião Serafica Brilhante em todos com seus Religiosos Leygos dos quaes se poem huns illustrados com o dom da sciencia, de outros se apontaõ os escritos, dos Canonizados, e Beatificados os nomes, e de muitos varios apothemas espirituaes, e doutrinaes. Lisboa por Antonio Isidoro da Fonseca. 1736. 8.

Viagem devota, e feliz em que os Navegantes exercendo algumas devoções, e discorrendo em cousas espirituaes, que abonaraõ com varios exemplos distribuyã o tempo o que tudo se manifesta em Dialogos. Lisboa por Theotónio Antunes de Lima. 1737. 12.

Claustro Franciscano eretto no dominio da Coroa Portugueza, e estabelicido sobre dezeseis columnas, expoe-se sua Origem, e estado prezente, e de seus Conventos e Mosteiros, annos de sua Fundação, numero de Hospicios, Prefecturas, Reco-lhimētos, Parrochias, e Missoens, dos quais se dá individual noticia, e do numero de seus Religiosos, Religiosas Terceiros, e Terceiras que vivem Collegiadamente tanto em Portugal, como em suas Conquistas. Lisboa por Antonio Isidoro da Fonseca 1740. 4.

Instruções para os que deixando o mundo procuraõ o Ceo pelo caminho dos Frades Menores ás quaes se dá principio com a Regra, vida, e Testamento de N. Serafico Padre S. Francisco. Lisboa por Domingos Gonçalves 1740. 32. Sahio sem o seu nome.

Obras M. S.

Lowores divinos distribuidos nos sete dias da Semana em que se descrevem varios exercicios para utilidade das almas devotas extrahidas de outras obras espirituaes composta no anno de 1714.

Novenario nas Festividades de alguns Santos, e Conceição de N. Senhora traduzido dos idiomas Italiano, e Espanhol no anno de 1716.

Guia de Acolitos, e practica das ceremonias, que devem fazer tanto nas Missas, como nos mais actos da Communidade da nossa Santa Provincia, recopilado do Cerimonial de que usã a mesma Provincia.

Epitome do que em breve summa contem a

Santa Provincia de N. Senhora da Conceição do Rio de Janeiro em o Estado do Brasil. No anno de 1730.

Recordações de huma amorosa Mãe a Santa Provincia Capucha da immaculada Conceição do Rio de Janeiro feita a seus queridos filhos em abono do que tanto a tem acreditado o M.R.P.Fr. Fernando de Santo Antonio exleytor de Theologia, Provincial, que foy da mesma Provincia, Definidor Geral de toda a Ordem Serafica, e seu universal Penitenciario, Examinador das tres Ordens Militares, e Qualificador do Santo Officio no anno de 1736.

Excellencias do Santissimo Nome de MARIA, e devoção ao mesmo dulcissimo Nome discorrendo por cada huma das cinco letras que comprehende. Este Livro sendo mandado do Brazil a Lisboa para se imprimir, não appareceu.

Pequenos na Terra, e grandes no Ceo. 4. Parte na qual acaba a noticia de dous mil servos de Deos entre Santos Canonizados, Beatificados, e Veneraveis da Ordem Serafica, e de profissão Leygos.

Fr. APPOLLINARIO DE JESU Naceo em Lisboa sendo seus Pays Manoel Pirez, e Anna Dias. Deixou a Patria, e no Convento de Roma de S. Nicolao Tolentino recebeu o habito de Agostinho Descalço a 6. de Mayo de 1612. quando contava vinte annos de idade mudando o nome de Antonio, que lhe fora imposto no bautismo pelo de Appollinario. Era insigne Letrado antes de ser Religioso, e vendo que os seus domesticos para serem novamente instruidos buscavaõ fora dos seus Claustros Mestres, que os ensinassem se ofereceu ao Prelado com toda a modestia para este ministerio que exercitou com admiração dos mayores talentos da Curia, como claramente se vio quando presidindo a humas Conclusões que sustentava Fr. Ignacio de Santa Maria de quem em seu lugar se fará memoria, respondeo com tal subtileza a hum argumento que lhe propoz o insigne Varaõ Fr. Joaõ de Cartagena gloria da familia Serafica, que admirado rompeo o Cardial Bellarmino Oraculo naquelle tempo do Collegio Apostolico que estava presente a este acto nestas palavras *O digna plane Augustini Doctoris eximij arboris planta*

perpulchra litterarum Patris vestigia sequens à Domino semper, et iterum patrocinio suffragari videbitur. Assim como teve a fortuna de ser o 1. Mestre de toda a Congregação de Italia a alcançou igual nos famosos discipulos, que sahiraõ da sua Escola. Foy Presidente do Capitulo celebrado em Roma a 4. de Mayo de 1618. e nelle eleito primeiro Definidor exercitando o mesmo lugar no Capitulo celebrado em 3. de Mayo de 1625. Armoufe contra o seu exemplar procedimento a malevolencia com o pretexto de observancia por cuja cauza esteve prezo por Ordem do Commissario Geral de Sicilia Fr. Fulgencio de Santo Agostinho em o Convento de S. Domingos de Palermo onde piamente morreo a 12. de Novembro de 1631. Foy de aspecto grave, parco no falar, continuo na Oração, observante das Constituições, e ultimamente declarado inocente por confissão de quem iniquamente o ofendeo. Compoz.

Constituições para o governo espirital da Congregação de Italia dos Agostinhos Descalços. Roma na Impressão da Camara Apostolica. 1732. 8. e Milão 1677. O original se conserva no Convento Romano de JESU MARIA.

De Primatu Ecclesie Romanæ M. S. cuja obra estava prompta para a Impressão, que não se efeitou por lho impedir a morte.

S. APRIGIO Bispo da Cidade de Beja na Provincia Trastagana que lograva esta preeminencia na antiga Lusitania. Floreceo no Seculo 6. quando dominava Theudo o Imperio Gothico no anno de 530. como escreve Santo Idoro seu grande Panegyrista, ou no anno de 541. como affirma Joaõ de Ferreras *Hist. de Espan.* Part. 3. pag. 160. Foy Varaõ celebre assim na subtileza do juizo, como na vasta, e profunda lição que teve das letras Sagradas, e profanas como testemunhaõ as suas doudas obras sendo a principal.

Commentarium in Apocalypsim. que principia.

Biformem divinæ legis Historiam duplicis Sacramenti mysterio differendam non nostræ humilitatis fragilitas aliter poterit enarrare nisi ab eo auctore suæ legis Domino Jesu Christo modum dicendi, & sermonem sumat eloquij.

Esta obra louva Santo Isidoro *de Script. Ecclesiast. c. 17* com grandes elogios dando-lhe a primazia entre todos os Escriitores, que trabalhãrão na interpretação dos Misterios do Apocalypse *Interpretatus est Apocalypsin D. Joannis Apostoli subtili sensu, atque illustri sermone melius pene quam veteres Ecclesiastici viri exposuisse videntur.* Nunca logrou do beneficio da luz publica este douto Commentario, que muitos Authores confundem com outro escrito sobre a mesma materia por S. Beato Presbytero de Liebana, que floreceo no 8. Seculo. Nicolao Antonio in *Bib. Hispan. Vet. lib. 4. cap. 2. n. 24.* nota com judicioza critica, que esta obra de Aprigio tinha em seu poder prompta para a impressãõ Luiz de Saõ Llorente Racioneiro da Cathedral de Sevilha copiada de hum Codice gotico de Barcelona, do qual conservava outra copia D. Joaõ de Ferreras como escreve na *Hist. de Espan. Part. 3.* e nella observara estar perfeita nos cinco Capitulos primeiros, e cinco ultimos, mas que os Capitulos, que corriaõ do numero 7. do Cap. 5. até o numero 3. do Cap. 17. estavaõ não só desordenados, e confusos mas inserta nelles a exposiçaõ do Commento do Apocalypse composta por Victorino que foy impressa Parisiis apud Mauricium da Porta 1545. juntamente com a exposiçaõ de Theophilato aos Profetas Mayores. Donde se colhe estar adulterada a Obra de Santo Aprigio pela malicia, ou ignorancia de algum impostor. Ambrosio de Morales na *Chron. Gen. de Espan. liv. 11. cap. 49.* affirma ter visto huma Copia deste Commento do Apocalypse extrahida da *Bibliotheca Vaticana*, e que S. Genadio Bispo de Astorga que floreceo pelos annos de 895. a deixou por legado de grande estimaçaõ ao Convento de S. Pedro de Montes. Outra Copia, como affirma Cardoso no *Agiol. Lusit. Tom. 1. pag. 24.* no Comment. de 3. de Janeiro letr. A. se conservava no Cartorio da Cathedral de Braga no tempo que era seu Prelado D. Fr. Agostinho de Castro, a qual vio Fr. Jeronymo Roman como escreve no *Catalogo dos Arcebispos desta Igreja liv. 2. cap. 6.*

Compoz mais.

Commentaria in Cantica Canticorum. Desta obra como de Santo Aprigio fazem

mençaõ Thritem. de *Script. Eccles. pag. 93.* Xisto Senens. in *Bibliot. Sanct. liv. 4. pag. 200.* Possevin. in *Apparat. Sacr. Tom. 1. pag. 111.* Taxander in *Cathal. Clar. Hispan. Script. e Jacob. Lelong. in Biblioth. Sacra pag. 612. col. 1.* Trataõ deste Prelado com grandes louvores devidos à sua Santidade, e Sabedoria Xisto Senense in *Bib. dizendo in Saecularibus disciplinis exalte doctus, eloquentia eximius, et Saecularum Scripturarũ sui saeculi peritissimus, et in explanatione divinorum voluminum nulli veterum Patrum secundus.* Matam. de *Acad. Hispan. doctissimus litterarum monumentis.* Moral. *Chron. de Espan. liv. 11. cap. 49.* Varon *excelente.* Scoto *Bib. Hispan. pag. 213. ingenio subtilis, & lingua disertus.* Mariet. *Flos Sanct. de Espan. liv. 5. cap. 15.* Padilla *Hist. Eccles. de Espan. Cent. 6. cap. 23.* Avila *Theatr. Eccles. de Espan. liv. 1. cap. 1.* Ciacon. *de Vitis Pontif. Tom. 1. pag. mihi 355.* Brito *Mon. Lusit. Part. 2. liv. 6. cap. 7.* Jacob. Gualt. in *Tab. Chronol. Saecul. IV. pag. 275.* Dupin *Noiuel. Bibliotheq. des Auteurs. Eccles. Tom. 4. pag. mihi 174.* Joan. Soar. de Brito in *Theat. Lusit. Litter. lit. A. n. 130.* Francisco de S. Maria *Anno Hist. Diar. Portug. pag. 20.* Alguns Escriitores Espanhoes quizeraõ, que Santo Aprigio fosse Bispo de Badajoz, e não de Beja pertendendo com fundamentos pouco solidos despojar desta gloria ao nosso Reyno entendendo sinistramente *Pax Julia*, ou *Pax Augusta* por Badajoz, e não Beja cuja controversia não queremos novamente agitar por estar erudita, e nervosamente tratada pelo insigne indagador das nossas antiguidades Jorge Cardoso no *Commentario de 3. de Janeiro letr. A.* a quem remetemos o leitor, onde não sómente estabelece a sua opiniaõ de ser Bispo de Beja com as authoridades dos Escriitores Portuguezes de que he o Corifeo André de Refende lib. 4. de *Antiquitat. Lusitania* mas dos mais celebres Authores Castelhanos como saõ Moral. *Chron. de Espan. liv. 11. cap. 49.* e o que he mais para estimar o P. Joaõ de Mariana pouco affecto às glorias deste Reyno que no liv. 5. cap. 7. da *Hist. de Espan.* o confessa por estas palavras *Aprigius Pacis Juliae Episcopus in Lusitania* retratando-se do que escrevera no liv. 3. cap. 24. Esta mesma opiniaõ seguem Roa *Santos*

de Cordova fol. 117. a 120. Puent. *Conservac. delas dós Monarch.* liv. 3. cap. 7. §. 3. e fora de Espanha Dupin no lugar assima citado.

ARCADIO DE ANDRADE Medico de profissão. Compoz conforme escreve Joaõ Franco Barreto na sua Bibliotheca Lusitana M. S.

Relaçã dos esquadroens da gente armada, e outros sinaes que no Ceo se virã no distrito de Barcellos no dia da infelice batalha de Alcacere da qual tirou hum publico instrumento.

D. ARCHANGELA JOSEFA DE SOUSA natural de Lisboa, e filha de Domingos Antonio Carvalho de Sousa, illustrou igualmente a Patria, e o sexo pela prodigiosa comprehençã com que nos primeiros annos se fez insigne nas Artes Liberaes. Ao tempo, que contava quinze sabia com tal perfeiçã a Historia Romana que fazia judiciosas criticas aos seus mais celebres escriptores. Com a delicadeza do juizo competia a felicidade da memoria decorando em breve tempo os cinco livros dos Tristes de Ovidio, e o 1. e 2. livro da Eneida de Virgilio. Quando o seu admiravel engenho prometia produzir mayores frutos foy intempestivamente arrebatada pela violencia da morte na florente idade de vinte, e quatro annos, cuja sciencia, e composiçõens louvaõ, e relataõ Diogo Manoel Ayres de Azevedo *Portug. Illustr. pelo sex. Fem.* pag. 75. §. 11. e Damiaõ Froes Perym no *Theatr. Heroin. das Mulber. Illustr.* Tom. 1. pag. 113. Compoz.

Vida de Santa Catherina de Sena. fol. 2. tom. M. S.

Regras para conservar a Saude 4. M. S. estava prompto para a Impressãõ.

Obras do famoso Poeta Luiz de Gongora vertidas de Castelhana em Portuguez, e illustradas com doutissimas notas.

Sor ARCHANGELA MARIA DA ASSUMPÇAM Naceo em o lugar de Sacavem duas legoas distante de Lisboa para a parte Oriental onde teve por Pays a Vicente Ferreira, e D. Antonia Maria de Faria, e Sousa. Na primavera dos annos se despozou com o Divino Cordeiro em o

Convento de N. Senhora da Conceiçã das Religiofas de Santa Brizida no sitio de Maravilla suburbio desta Corte onde professou a 22. de Agosto de 1730. Sendo dotada de engenho subtil, e comprehençã admiravel se inclinou a cultivar a Poesia em que fahio eminente, dando por primicias da sua applicaçã.

Festivo applauzo em que huma Religiosa como Pastora, e os Anjos como Musicos celebraraõ o Nascimento do Menino JESU. Lisboa por Jozé Antonio da Sylva Impressor da Academia Real. 1737. 4.

Conta de vario genero de metros devotos, e elegantes.

Fr. ARCHANGELO DE ARAGAM natural de Vinhõ termo de Villa de Gouvea na Provincia da Beyra. Foy filho de Francisco de Aragaõ, e Pinna, e de Maria da Fonseca. Recebeo o Militar habito da Ordem de Christo no Real Convento de Thomar no anno de 1644. Depois de dictar Theologia especulativa no Collegio de Coimbra, e Moral, onde professara foy Superior no mesmo Convento sendo Qualificador do Santo Officio, Examinador das Ordens Militares, e grande Prégador. Morreo em 3. de Janeiro de 1694. Imprimio.

Sermaõ gratulatorio, e Panegyrico na prospera, e suspirada vinda da Serenissima Senhora Maria Sofia Izabel Rainha de Portugal. Lisboa por Joaõ Galraõ 1688. 4.

Fr. ARSENIO DA ASCENÇAM natural da Villa de Torres novas do Arcebispado de Lisboa filho de Pedro Dias, e Beatriz Mendes. Passou a Italia, onde sendo já graduado com as insignias doutoraes na faculdade de Direito Civil se recolheo na Religiã dos Agoftinhos Descalços a 12. de Mayo de 1619. Feita a profissã solemne estudou Theologia em que fahio eminente. Pela sua grande capacidade, e talento occupou os mayores lugares na Religiã sendo Definidor, Procurador Geral, e ultimamente Provincial da Provincia Romana no anno de 1634. Foy Prégador de Fernando II. Duque de Florença, e seu Conselheiro, sendo o medianeiro da Composiçã deste Principe com Urbano VIII. que por lhe ser muito affecto o fez da Congre-

gação da Visita Apostolica não recebendo menores estimações dos Cardeaes, e mais Prelados da Curia. Augmentou com grandes privilegios a Congregação de que era filho, até que fundou o Convento de Florença no anno de 1636. dedicado a Santo Agostinho, e Santa Christina em obsequio da Duqueza de Florença Christina de Lorena, que lhe alcançou faculdade para esta fundação. Morreo neste Convento a 29. de Fevereiro de 1648. com 48. annos de idade, e 29. de Religião. O seu Retrato está pintado no mesmo Convento com esta inscripção. *P. Fr. Arsenius ab Ascensione Lusitanus, vir egregius, & singulari prudentia præditus, qui in multorum Principum familiaritate vivens, omnibus tamen omnia factus in pacandis animis, bellisque inter ipsos sedandis fuit mirabilis: in Apostolicum Visitatorem ab Urbano VIII. electus, a magna Etruriæ Ducissa in Concionatorem, multisque in Congregationibus, et Generalibus sanctus officii decessit Florentiæ anno 1648.* Na circumferencia tem esta letra. *Mens mea contemplata est multa sapienter, et didici.* Eccles. 1. Tambem está retratado no Convento de JESU Maria de Roma. Compoz.

La vita dell' ammirabile Servo di Dio Fra Giovanni di S. Guglielmo Agostiniano excalciato. Fermo por Giovanni Francesco de Montibus 1629. 8. et 1630. ibid apud hæredes Joan. Franc. de Montibus. 8. Desta obra faz honrifica menção Fr. Mauricio da Madre de Deos Agostinho Descalço in *Sacr. Eremo Augustinian.* lib. 1. cap. 2. §. 6.

Vita di Soror Domenica del Paradiso. Esta Serva de Deos foy Fundadora do Convento de Florença das Religiosas Dominiccas onde morreo a 5. de Agosto de 1553. Depois da morte do Author se diz a imprimira hum Religioso Dominico.

Fr. ARSENIO DA PAYXAM natural da Villa de Sarzedas no Bispado da Guarda. Recebeo a Cogulla Cisterciense no Mosteiro de Santa Maria de Bourro a 13. de Janeiro de 1584. e fez a profissão solemne a 15. do dito mez do anno seguinte. A sua grande prudencia o habilitou para exercitar os lugares mais honorificos da sua Congregação sendo o primeiro Abbade tri-

nal do Mosteiro de Santa Maria de Fiaens em 1601. e do Mosteiro de S. Pedro das Aguias em 1606. D. Abbade, e Reytor do Collegio de Coimbra em 1627. e duas vezes Geral de toda a familia Cisterciense neste Reyno, a 1. no anno de 1621. e a 2. no de 1633. Ornou com grandes edificios o Real Convento de Alcobaça onde morreo no anno de 1641. Foy Religioso de exemplar vida, muito amante da pobreza, summamente cuidadoso do culto Divino, para cujo fim novamente reformou, emendou, e acrecentou.

Livro ordinario do Officio Divino, e Ceremonias da Ordem de Cister da Congregação, e observancia de Santa Maria de Alcobaça. Lisboa por Manoel da Sylva. 1639. 8.

Fr. ARSENIO DE VOVSELLA. Professou o Habito Monacal do Mellifluo Doutor S. Bernardo no Convento de Lafoens. Foy muito versado na lição da Sagrada Escritura, e dos Santos Padres, como o publica o livro que deixou composto, e se conserva na Bibliotheca do Real Convento de Alcobaça com este titulo.

Expositio in Epistolas P. Pauli Apostoli. M. S. in fol.

ASCENSO LOPES natural de Coimbra em cuja Universidade depois de receber o Capello de Doutor na faculdade de Leys foy Lente de Codigo provido por opposição em 19 de Mayo de 1554. Compoz.

Concilium super Baronia de Quinto pro D. Garcia de Funes, y Villalpando. Cæsaraugustæ apud Laurentium Robles 1596. fol.

Juris Allegatio pro Illustrissima D. Juliana Duce Daveiro in bonis de Torres novas et Infantado procedentibus ex donatione Regia facta Magistro D. Jacobi ejus Antecessori. fol. Não tem anno, nem lugar da Impressão.

ASCENSO DE SEQUEIRA, filho de Ruy Vaz de Sequeira Commendador de S. Vicente da Beira Governador, e Capitão General do Estado do Maranhãõ, e de sua mulher D. Francisca Freyre filha de D. Martinho de Mello. Foy Commendador de S. Vicente da Beyra, muito estudioso

fo, e particularmente inclinado à lição da Genealogia em que fez notaveis progressos compondo.

Livros das Familias deste Reyno, os quaes affirma o P. D. Antonio Caetano de Soufa no *Apparat. à Hist. Gen. da Casa Real Portug.* pag. 151. §. 178. ter visto, e serem excellentes com muitas notas do insigne Jozé de Faria, e se conservaõ em poder do filho do Author Ruy Vaz de Siqueira Successor da sua Casa, e Comendador da Commenda de S. Vicente da Beira.

ATHANAGILDO CELTA nome supposto com que se pertendeo occultar o proprio, mas claramente se conhece ser versado no estudo Genealogico compondo, e imprimindõ.

Arvore Genealogica delRey D. Joaõ o IV. com largas inscripçoens na lingua Latina que dedicou a Portugal sua patria. Lisboa por Joaõ Bredino 1641. O nome do Impressor tambem he supposto. Desta obra faz menção o P. D. Antonio Caetano na obra assima allegada pag. 83. §. 71.

Fr. ATHANAZIO DA ENCARNAÇAM natural da Villa de Gouvea do Bispaado de Coimbra filho de Domingos Lopes, e Francisca Lopes. Professou o austero Instituto da reformada Provincia Serafica da Arrabida no Convento do Espirito Santo do Lugar de Loures termo desta Cidade de Lisboa a 25. de Março de 1659. Como a natureza o dotasse de voz muito sonora o elegeo a Serenissima Raynha de Inglaterra D. Catherina para Cantor da sua Capella de Londres. No tempo que assistio nesta Corte aprendeo Filosofia, e Theologia que lhes serviraõ para melhor intelligencia dos livros Asceticos. Por ser muito sciente nas Rubricas do Missal, e Ceremonias da Missa era continuamente consultado em qualquer duvida em que sempre o seu voto se venerava por decisivo. Restituido ao Reyno exercitou com grande prudencia diversas Guardianias, e ultimamente o lugar de Definidor. Mereceo publicas estimaçoens da Magestade de D. Pedro II. que nunca alteraraõ a modestia do seu semblante, nem a humildade do seu coração. Acometido de hum accidente apoplectico que lhe impedio receber os Sacramentos fal-

leceo no Convento de S. Jozé situado no Suburbio desta Corte a 25. de Junho de 1710. Publicou com o nome de Francisco Janeanarea da Matha puro anagramma do seu Nome.

Piaæ preces, meditationes, ac gratiarum actiones ad Divinissimum Christi Corpus, sive in tremendo Altari rite, et fructuose sacrificandum, sive sancte, devote que suscipiendum maxime idoneæ per hebdomadæ dies dispositæ cum nonnullis aliis, quæ ex Sanctis, piisque Authoribus excerpta, & in ordinem redacta. 1. Pars. A 2. Parte he em Portuguez, e tem este titulo.

Da Preparação para os Sacerdotes celebrarem o Santo Sacrificio da Missa, e depois darem a Deos as graças de taõ grande beneficio recebido; com a resolução que traz o Missal de alguns cazos, que se podem offerecer na Missa, com a declaração dos Mysterios della, e huma breve direcção para assistir aos Agonizantes, tudo tirado de graves Autores. 16. Não tem lugar, nem anno da Impressão, nem nome do Impressor.

Faz memoria do Author, e da obra Fr. Jozé de Jesus Maria *Chron. da Prov. da Arrab.* Tom. 2. Liv. 5. Cap. 7. n. 958.

Fr. ATHANASIO SANCHES, filho do insigne Poeta Latino Pedro Sanches, e sua mulher Maria de Rosales ambos de igual nobreza, e virtude. Criouse na idade pueril no Palacio delRey D. Joaõ o III. com o foro de moço Fidalgo, e sendo já Cavalleiro da Ordem de São-Tiago, e venerado de toda a Corte pela sua discricção, e profundo talento renunciou todos os applausos, e estimaçoens do Seculo, e abraçou o Sagrado Instituto da Ordem da Santissima Trindade donde feita a profissaõ passou a Coimbra a estudar as sciencias escolasticas, e não sómente sahio nellas famoso, mas com a lição continua da Sagrada Escritura, e Santos Padres hum dos celebres Oradores Evangelicos do seu tempo, merecendo ser eleito Prégador da Rainha D. Catherina. Neste ministerio exercitou com efficacia, e igual fruto o seu apostolico zelo fazendo transformaçoens prodigiosas nos costumes. Não era menos fervoroso na observancia do seu Instituto, como o manifestou no Reytorado do Collegio de Coimbra,

e nos Conventos de Lisboa, Santarem, e Ceuta, quando delles foy Ministro, principalmente no Convento da Louza situado na Provincia Trasmontana onde introduzio suavemente a disciplina regular nos principios da Fundaçã desta Casa. Prêgando em Villa-Flor os Sermoens de Quaresma, e fazendo em hum delles huma invectiva contra os Sequazes de Sinagoga dos quaes se compunha alguma parte do auditorio, em odio, e vingança do promulgador das verdades Evangelicas lhe deraõ veneno, que brevemente o consumio alcançando a coroa de Martyr merecida pelo seu fervoroso zelo em 22. de Mayo de 1595. e naõ de 1547. como escreve Altuna na *Chron. Ger. de Trind.* liv. 4. cap. 4. fol. 623. quando contava 73. annos de idade. Delle fazem mençaõ Figueiras *Chron. da Trind.* pag. 286. Fr. Bernard. de Santo Antonio. *Epitom. Redemp.* liv. 2. cap. 9. e no livro *M. S.* que deixou dos *Varoens illustres da Ordem.* Foy insigne Poeta Latino, e neste dote sahio muito semelhante a seu Pay, de cuja arte deo multiplicados argumentos nas composicoens que fez em louvor dos Princepes deste Reyno, e de seu Pay Pedro Sanches, as quaes vio Jorge Cardozo como affirma no *Agiol. Lusitan.* Tom. 3. pag. 373. no Commentario de 22. de Mayo letr. F. Sendo Ministro do Convento de Ceuta fez a Practica na occasiaõ em que nella entrou ElRey D. Sebastiaõ, a qual começava.

Muito alto, e muito poderoso Rey, e Senhor Nosso em estas partes taõ desejado como cremos, de Deos taõ prometido, a este Reyno dado por espanto, estrago, e destruiçaõ de todos nossos inimigos.

S. ATTO. Naceo em a Cidade de Beja na Provincia do Alentejo para com a sua virtude ennobrecer a Cidade de Pistoia de que foy Bispo em Italia. Possuindo hum Canonicato em Portugal voluntariamente deixou a patria movido do piedoso, e sagrado desejo de venerar os lugares de Palestina onde se consummara a redempçaõ do genero humano, e depois de os ter visitado com summa compunçaõ aborrecendo o commercio dos homens, e sómente anhelando a solidão recebeo no anno de 1125. o Habito Monachal de Valumbrofa

de que foy fundador S. Joã Gualberto onde se distinguio tanto na observancia do Instituto, e practica de todas as virtudes Religiosas, que por voto dos Monges foy eleito Abbade Geral por ser transferido à Mitra de Parma S. Bernardo de Ubertis confiando aquella exemplar Communidade que seria verdadeiro Successor de taõ virtuoso Prelado. Tanto que entrou neste lugar começaraõ com mayor intensaõ a luzir a prudencia, humildade, e benevolencia de que era ornado sendo o seu mayor disvelo conservar a Religiaõ no primitivo rigor, a qual amplificou com a fundaçã de nove Abbadias, augmentando outras, e reparando algumas quasi extintas pela injuria dos tempos alcançandolhe dos Summos Pontifices Innocencio II. e Celestino II. aos quaes era muito aceito, infinitas graças, e singulares privilegios. Estando vaga a Cadeira Episcopal de Pistoia Sufraganea ao Arcebispo de Florença foy eleito por voto do Clero Bispo desta Diocese em que foy confirmado por Innocencio II. no anno de 1133. Obedeceo ao preceito do Summo Pastor para aceitar esta dignidade considerando que obedecia à vóz de Deos de quem o Pontifice era Orgaõ. Neste Supremo lugar sómente mudou os habitos exteriores exercitando com mayor perfeiçaõ os das virtudes episcopaes em beneficio das suas Ovelhas pelo espaço de vinte annos de tal modo que lhe escreveo em louvor da sua pastoral vigilancia este Elogio a Santidade de Innocencio II. em hum Breve expedido em Pisa a 21. de Janeiro de 1134. no 5. anno do seu Pontificado o qual relata Baronio no tom. 12. dos Annaes Ecclesiasticos. *Gaudemus equidem et debita jucunditate lætamur quàm supernæ dispositionis providentia Te Sapientem vitæ verum, & in Religione probatum ejusdem loci Pastorem constituit, & ad gubernandum, & instruendum doctrinæ, et vitæ exemplo populum suum miseratio divina vocavit.* Passou a lograr na eternidade a Coroa, que mereceo pelas suas virtudes a 22. de Mayo de 1135. obrando na morte estupendos milagres semelhantes a os que fizera em vida. O seu Cadaver foy sepultado na Igreja de S. Miniato in Curte donde foy transferido no anno de 1337. para à Igreja Cathedral. Clemente VIII. concedeo Officio, e Missa para que pudessem os

moradores de Pistoia rezar delle como de Beato por Breve expedido a 24. de Mayo de 1605. do seu Pontificado 13. Deste Santo Prelado escrevem graves Authores como faõ Filip. Ferrar. *Cathal. Sanct. Ital.* fol. 302. Yepes *Chron. de S. Bento* Tom. 7. fol. 253. Wion in *Lign. Vit.* Part. 1. lib. 1. cap. 34. Lucatelli in *Vit. S. Joan. Gualberti* lib. 2. cap. 15. Velius in *Vit. S. Bern. de Ubertis* cap. 10. Bucelin. in *Monol. Bened.* ad diem 22. Maij. Mich. Angel. Salvi in *Histor. Pistorij Ital.* Part. 2. lib. 2. à pag. 71. ad. 87. Possevin. *Appar. Sacer.* Tom. 1. pag. 132. *Verbi Dei Concionator insignis* Ughellus *Ital. Sacr.* tom. 3. pag. 359. Dondori no livr. intitulado *Della pietá de Pistoia sua Patria* Part. 2. à pag. 209. até. 214. Nicol. Ant. in *Bib. Vet. Hispan.* lib. 7. cap. 4. n. 82. Vossius de *Histor. Lat.* lib. 2. cap. 49. *Magn. Bib. Eccles.* pag. 698. col. 2. Forteguerra in *Vit. B. Attonis* impressa Florencia presso Ceconccelli 1608. dizendo *Fu di nazione Spagnolo del regno di Portugallo della citá chiamata Pace Julia.* D. Chriofotomo Talento Monge de Valumbrosa na Epistola Dedicatoria a Philippe III. de Castella em huma Oraçaõ, que recitou no Convento Passinianense em occasiaõ, que se tinha erigida huma Capella ao B. Atto, lhe diz. *Quare excelsiores valumbrosana reipublicæ Senatores eximij Pacensis urbis Pignoris B. Attonis Lusitani regni decoris, ac totius Hispanæ Monarchiæ patroni gloriosam vitam augustissimo nomini tuo inscribendam curarunt.* Poccianti in *Cathal. Scriptor Florentin.* Part. 2. *Instituti Vallis Umbrosæ Monachus Venerabilis, Monastica disciplinæ moderator, ac instaurator celeberrimus, suæ Congregationis Generalis Abbas sapientissimus, Sacrarum Scripturarum cultor egregius, probitate denique vitæ, ac miraculorum gloria clarus.* Tamayo in *Martyrol. Hispan.* Tom. 3. pag. 379. ad diem 22. Maij onde infructuosamente se cança em querer que fosse natural de Badajoz, e naõ de Beja, e ultimamente o P. D. Manoel Caetano de Souf. no *Cathal. Histor. dos Arceb. e Bisp. que tiveraõ Diocese fora de Portugal.* pag. 121. Compoz.

Vita S. Joannis Gualberti Abbatis Congregationis Vallis umbrosanae institutoris. Romæ apud Guilielmum Facciotum. 1612. 8.

a qual traduzida em outava Rima Italiana por Nicolao Lorenzini Medico de Montepoliciano sahio em Florença apresso George Marefcotti 1599. 8.

Vita S. Bernardi monachi Abbatis Monasterij Sancti Salvij Vallis Umbrosæ etiam Generalis, Parmensis Episcopi, Sacre Rom. Eccles. Cardinalis. Sahio dedicada por Thezauro Vellio Abbade do Convento de Santa Praxedes de Roma da Congregaçaõ de Valumbrosa ao Cardial Bento Justiniano, e impresso juntamente com a vida de S. Joaõ Gualberto.

Epistolarum liber unus. M. S. no qual se contem onze cartas e se conservaõ na *Bib. Vaticana* n. 4322. como escreve Montfaucon in *Bib. Bibliothecar.* M. S. Tom. 1. p. 116.

De Translatione reliquiarum. et miraculis S. Jacobi Apostoli cuja obra naõ intitulou como ella he, Arnoldo Wion in *Ligno vitæ* lib. 1. cap. 34. escrevendo *De Translatione Capitis Sancti Jacobi Apostoli ad suam Ecclesiam ex Hispania,* pois consta de duas cartas huma de Raynerio Deaõ da Igreja de Pistoia, e outra de D. Diogo de Gelmirez Arcebispo de Compostella escrita ao B. Atto as quaes se conservaõ no archivo da Cathedral de Pistoia, e as imprimiraõ Ughello in *Italia Sacra,* e Luiz de S. Llorente na *Vida do B. Atto* impressa Roma apud Stephanum Paulinum 1613. 4. que naõ mandara o Arcebispo de Compostella a cabeça mas parte della ao B. Atto por lha ter pedido com grandes instancias para ser collocada na sua Cathedral de Pistoia.

Vita S. Verdianæ Castellæ Florentini. Esta obra he atribuida ao B. Atto por Salviano Razzi, Jozé Dondori, e Jeronymo Setino que a verteo em Italiano, o que naõ parece ser certo por affirmar o douto P. Bollando no Tom. 1. Februarij. *Act. Sanctior.* pag. 256. que o Author desta vida sobrevivera ao B. Atto do qual he tambem diverso Atto Bispo de Vercelli, que floreceo no decimo seculo, e escreveo de *Presuris Ecclesiasticis,* cuja obra publicou Lucas Dachery Monge da Congregaçaõ de Santo Amaro de Pariz no Tom. 8. do seu *Specilegio.*

AVITO illustrou com o seu feliz nascimento a Augusta Cidade de Braga onde se applicou a estudar as Linguas Latina, e Grega, e depois a penetrar a intelligencia das Divinas Letras, e como era dotado de hum vivo, e agudo engenho, sahio perfeitamente consumado em todo o genero de erudição. Sendo não menos insigne na sciencia, que no zelo da verdadeira Religião, perseguio fortemente aos sequazes dos erros de Priscilliano, e Origenes, os quaes infestavaõ a toda a Hespanha com a falsa doutrina dos seus abominaveis dogmas, humilhando a sua soberba com as poderosas armas dos seus escriptos, que lhe alcançaraõ repetidas victorias. Inflamado com o piedoso desejo de visitar os Lugares da Palestina, que tinhaõ sido sanctificados com o Sangue do Redemptor do Mundo, e juntamente consultar a S. Jeronymo Oraculo daquelle tempo sobre a intelligencia difficultosa de alguns Textos da Sagrada Escriitura, alcançou facultade de Balconio, que entãõ dignamente occupava a Mitra Primacial de Braga donde partio para Jerusalèm, em cuja Cidade achou o seu grande Patricio Paulo Orosio, o qual por mandado dos Bispos Africanos tinha passado à mesma Terra a consultar ao Doutor Maximo sobre a origem, e immortalidade da alma. Nesse tempo permitio a Divina Providencia, que se manifestassem a 26. de Dezembro as Sagradas Reliquias dos Corpos do Primogenito dos Martyres Santo Estevaõ, Nicodemos Discipulo de Christo, Gamaliel Mestre de S. Paulo, e de seu filho Abibon, cujas sepulturas havia mais de 300. annos estavaõ occultas à noticia humana, revelando Deos ao Presbytero Luciano de Nação Grego o lugar, que era feliz deposito de tão precioso thesouro. As maravilhas, que succederaõ nesta invenção foraõ tão notaveis, que para não caducar a sua memoria ordenou a Igreja Catholica se solemnifassem universalmente em 3. de Agosto. Tendo Avito contrahido estreita amifade com Luciano, lhe pediu alguma parte das Reliquias do Santo Prothomartyr, e como facilmente lhas concedesse, o mesmo Avito as entregou a Orosio, que partia para Braga encomendandolhe as entregasse ao Arcebispo Balconio sendo tão precioso donativo não só para ornato, e protecção da sua Patria, mas para

agradecimento áquelle Prêlado pelo ter sublimado ao Estado Clerical, escrevendolhe huma Carta em que individualmente relatava todas as circumstancias daquelle prodigiosa invenção. Estimou Orosio como grande felicidade voltar da Palestina para Braga com aquelle Sagrado Thezouro que fazia suave a molestia de tão prolongado caminho. Continuou Avito a sua assistencia em Jerusalèm, exercitando as virtudes mais heroicas até que cumulado de annos, e merecimentos felizmente acabou a vida em 17. de Junho de 440. sendo Consules Valentiniano, e Anatolio. No tempo, que Avito assistia em Jerusalèm traduzio da lingua Grega na Latina a Historia da invenção das Reliquias, composta pelo Presbytero Luciano com este titulo:

De inventione reliquiarum S. Stephani Prothomartyris, Nicodemi, et Gamalielis.

A qual mandou juntamente com huma Carta para o Arcebispo Balconio, e todo o Clero, e Povo Bracharense. Huma, e outra obra se achaõ insertas em Surio de *Vit. Sanct.* a 3. de Agosto Baron. Tom. 5. *Annal. Eccles.* ad an. 415. n. 3. Brito *Monarch. Lusit.* p. 2. lib. 6. Cap. 27. e o Illustrissimo Cunha *Hist. Eccl. de Braga* part. 1. Cap. 57. Deste insigne Varaõ fizeraõ illustre memoria todos os AA. que escreveraõ de Escriutores Ecclesiasticos, como foraõ Genad. cap. 47. Honor. Augustod. *ad an.* 410. n. 46. Trithem. *in Lucian.* ad an. 410. Bellarm. e Philip. Labbe tom. 2. pag. 29. *Add. in Chron. etat.* 6. Sigibert. *ad an.* 495. Gerard. Joan. Vossius *de Hist. lat.* lib. 1. cap. 14. Possev. *in Appar. Sacr.* Tom. 1. pag. 141. Valer. And. Taxand. *in Cathal. Clar. Hisp. Script.* lit. A. Ricciol. *in Chronolog. Reform.* Tom. 4. ad an. 415. Joan. Vassæus *in Chron. Hisp.* ad an. 388. Nicol. Ant. *in Bib. Vet. Hisp.* Lib. 3. cap. 2. n. 41. & 42. & cap. 1. n. 2. 4. e 5. Morales *Chron. de Esp.* Lib. 11. cap. 17. chamandolhe *Presbytero notable en letras.* Vasc. *in Descript. Lusit.* n. 4. o intitula: *Magnæ authoritatis, & eruditionis authorem in Græca, & Latina lingua apprime versatum.* Estaço *Antig. de Portug.* cap. 71. n. 4. Cardoso *Agiol. Lusit.* Tom. 3. pag. 709. Gandara *Triumpf. Eccles. de Galicia.* Tom. 2. lib. 6. cap. 8. D. Gaspar Ibañes de Segovia Marq. de Mondejar *Dissert. Ecclesiast.*

Differt. 1. n. 2. que doutamente defende ser natural de Braga contra cuja asseveração se oppoz modernamente com argumentos mais subtis de que solidos D. Paulo Ignacio de Dalmaffes y Ros Chronista do Principado de Catalunha na *Differt. Histor. por la Patria de Paulo Orofio* cap. 18. e 19. *Fleury Histor. Ecclesiastiq.* Tom. 5. lib. 23. pag. mihi 430. e 431. *Magna Bibliothec. Ecclesiast.* Tom. 1. p. 786. onde affirma ser natural de Braga.

SOR AUTA DA MADRE DE DEOS natural de Coimbra a quem a natureza com profusa liberalidade dotou de perfpicaz engenho, admiravel comprehenſão, e profundo talento. Depois de estudar domesticamente humanidades, e Lingua Latina, ambicioſa de ſe instruir nas ſciencias mayores, e conſiderando, que lhe ſervia de impedimento a honeſtidade do ſexo para frequentar publicamente a Univerſidade ſoube com arte fingir o que lhe negara a natureza estudando em trage de Estudante Theologia, e Direito Civil de que ſeu Pay era Meſtre na meſma Univerſidade, e de tal forte penetrou os myſterios deſtas faculdades, que por voto dos ſeus mayores Profeſſores a julgaraõ digna de ſubſtituir na Cadeira a ſeu Pay. Por morte delle não podendo conſervarſe o ſegredo, que por tanto tempo ſe tinha obſervado, a mandou chamar a Rainha D. Leonor mulher delRey D. Joaõ o II. e a admitio ao numero das ſuas criadas com a qual refava o Officio Divino, preferindo-a a todas na eſtimação pela ſua profunda ſciencia, e agradavel genio. Succedeo, que eſta Princeza foſſe na ſua companhia ao Convento das Religioſas da Madre de Deos da primeira regra de Santa Cla-

ra ſituado fora dos muros de Lisboa do qual fora Fundadora, e atrahida daquelle Sagrado Inſtituto deſpreſando todas as eſperanças com que a liſongeava a vaidade mundana pedio com grandes inſtancias o Habito Serafico, que com beneplacito da Rainha lhe foy lançado onde em obſequio de Santa Auta huma das Valeroſas Companheiras de Santa Urfula, cujas Reliquias ſe veneraõ no Sanctuario daquelle Convento ſe quiz chamar com o nome deſta Santa Virgem. Exercitou-ſe o ſeu eſpirito neſta palestra de virtudes com tal exceſſo, que ſervio de exemplar às ſuas Companheiras ſendo taõ clara a fama da ſua Sabedoria illuſtrada pela ſantidade dos coſtumes, que era domesticamente conſultada em materias de Theologia Myſtica, venerando os mayores Letrados como Oraculos as reſoluçoens, que dava nas queſtoens mais difficultoſas da Theologia Eſcolastica. Cheya de obras heroicas paſſou a receber do ſeu divino Eſpoſo o merecido premio em 26. de Mayo em cujo dia faz della illuſtre memoria Jorge Cardoſo no *Agiolog. Luſit.* Tom. 3. p. 410. queixando-ſe de não poder deſcubrir o anno do ſeu feliz tranſito. Della ſe lembraõ Fr. Fernando da Soledad. *Hiſt. Seraf. da Prov. de Portug.* Part. 4. Liv. 1. cap. 22. n. 145. e Damiaõ Froes Perym no *Theatr. Heroin. de mulher illuſtr.* Tom. 1. pag. 48. Compoz.

Officium S. Auſtæ V. & M. Ulyſſipone apud Petrum Crasbeeck. 1621. 8. Conſta eſte Officio de Antifonas, Oração, e lições proprias, o qual foy approvedo pela Sè Apoftolica.

Calenda da Feſta de Santa Auta. Deſta obra faz menção Fr. Fernando da Soledade no lugar aſſima citado.

B

BALTHEZAR DO AMARAL natural de Cunha Baxa no Bispado de Vifeu, e filho de Gaspar Paes, e Catherina do Amaral. Na idade da adolescencia abraçou o Sagrado Instituto da Companhia de JESUS em o Collegio de Coimbra a 14. de Junho de 1601. Foy igualmente perito nas letras humanas que nas subtilidades filosoficas que dictou nos Collegios de Lisboa, e Coimbra. Com o suposto nome de Luiz Dias Franco publicou.

Doctrina Philosophica. 1. de rebus naturalibus in communi. 2. de caelo, et mundo 3. de rerum naturalium ortu, & interitu. 4. de Meteoris. 5. de Anima. 6. de Parvis naturalibus. 7. de anima separata. 8. de Ethicis. Ulyssipone apud Petrum Crasbeeck. 1618. 4.

Conserva-se o Original com o nome proprio do Author na Livraria da Casa Professa de S. Roque de Lisboa. Delle se lembraõ Joan. Suar. de Brito *Theatr. Lusit. Litter.* lit. B. n. 2. D. Franc. Manoel na *Carta dos Autores Portug.* escrita ao D. Manoel da Fonseca Themudo onde por equivocação lhe chama *Gaspar*, e D. Nicol. Ant. *Bib. Hispan.* Tom. 2. pag. 26. col. 1.

BALTHEZAR DA ANNUNCIACAM natural de Lisboa Conego Secular da Congregação do Evangelista Amado, onde pela sua prudencia, e affabilidade exercitou os lugares de Provedor das Caldas da Rainha, Reytor do Convento de Villar de Frades, de Santo Eloy de Lisboa, e ultimamente de Geral da sua Congregação deixando os subditos sempre faudosos do seu governo. Morreo no Convento patrio a 20. de Mayo de 1622. Compoz.

Vida de S. Lourenço Justiniano. M. S. como testifica o P. Francisco de Santa Maria *Chron. dos Coneg. Secul.* liv. 2. cap. 4.

Vida de D. Agostinho Ribeiro Bispo de Angra, e Lamego M. S.

Fazem memoria deste Author Cardoso *Agiol. Lusit.* Tom. 2. pag. 332. no Com-

ment. de 27. de Março, e Nicol. Ant. in *Bib. Hispan.* Tom. 1. pag. 141.

P. BALTHESAR ALVARES natural da Villa de Chaves situada na Provincia Transmontana. Foraõ seus Pays Jeronymo Gonçalves, e Leonor Gonçalves. Quando contava defesete annos entrou na Companhia de JESUS em o primeiro de Novembro de 1578. Estudadas as letras humanas se applicou à cultura das sciencias mais severas, e sahio nellas taõ insigne que dictou na Universidade de Evora onde depois foy Cancellario, outo annos Filosofia, e doze Theologia, em cuja Faculdade recebeu o grão de Doutor a 10. de Novembro de 1602. Como o seu genio fosse mais natural para instruir discipulos, que governar subditos alcançou do Geral a escufa de não ser Reytor do Collegio de Santo Antaõ, em que fora eleito. Em o de Coimbra em que nacera para a Religiaõ acabou o curso da vida a 12. de Fevereiro de 1630. com 69. annos de idade, e 52. de Religioso. Compoz por ordem do Inquisidor Geral D. Fernaõ Martins Mascarenhas.

Index Auctorum damnatae memoriae. Tum etiam librorum, qui vel simpliciter, vel ad expurgationem usque prohibentur, vel denique expurgati permittuntur. Ulyssip. apud Petrum Crasbeeck. 1624. fol.

Traçtatus de Anima Separata que he o ultimo do Curso Conimbricense, e sahio sem o seu nome. Ulyssipone apud Anton de Mariz 1598. 4. Lugd. 1627. Colon. apud Lazarum Retznerum 1603. 4. & Venetiis apud Vincentium, & Ricciardum Amadinum 1606. 4.

Problemata, quae in Conimbricensis Collegij Commentariis Physicis enodantur. Moguntiae apud Joannem Albinum. 1601. 8.

Revio, e preparou para a impressaõ as obras posthumas do Doutor Eximio o P. Francisco Soares Granatense, de cujo trabalho lhe faz o P. Antonio Franco in *Ann. Glorios. S. J. in Lusitania* pag. 81. este

Elogio. *Nolis maius de Balthazare elogium, quàm quod per illum tantus quantus est, magna ex parte vivit magnus Suarius.* A Bibliotheca Societ. pag. 98. col. 2. e Joã Soar. de Brito in *Theatr. Lusit. Litterat.* lit. B. n. 1. o intitulão *Vir insigniter doctus.* Com semelhantes elogios o exaltaõ Fonseca Evor. *Glorios.* pag. 427. Franc. *Imag. da Virtud. em o Novic. de Coimb.* Tom. 2. pag. 613. e 615. Labbe in *Bib. Biblioth.* pag. 102. Nicol. Ant. in *Bib. Hispan.* Tom. 2. pag. 141. e a *Magn. Bib. Eccles.* pag. 102.

BALTHEZAR DE AZEREDO filho de Jorge de Azeredo, e Mecia da Fonseca, irmão de Galpar de Azeredo Conego Doutoral na Sé de Braga, naceo na illustre Villa de Guimaraens donde passou a Coimbra a estudar a faculdade da Medicina cujos segredos penetrou taõ altamente o seu profundo juizo, e admiravel comprehensãõ que depois de receber as insignias Doutoraes, e ser admitido ao Collegio Real de S. Paulo a 4. de Mayo de 1579. foy Lente da Universidade dictando a materia *de Crisibus* no anno de 1582. donde tranferido à Cadeira de Avicena em 24. de Dezembro de 1583. subio à de Prima em 12. de Janeiro de 1589. em que jubiloou no anno de 1604. Foy cavalleiro professo da Ordem de Christo, e Phisico Mór do Reyno, taõ insigne na Faculdade Medica, como na Oratoria, e Poetica exercitando felizmente estas duas Artes na lingua Latina de que foy excellente cultor. Morreo em Lisboa a 6. de Janeiro de 1631. e jaz sepultado na Casa professa de S. Roque dos PP. Jesuitas. Foy Cazado com D. Maria de Madureira de quem teve descendencia. Agostinho Barbof. *de Potest. Episcop.* Part. 3. Allegat. 91. n. 8. lhe chama *Lusitanæ gentis decus, & ornamentum;* Maced. *Flor. de Esp.* Cap. 8. Excel. 9. *Hipocrates, y Galeno de nuestros tiempos.* Gabriel Pereir. *Decis.* 113. n. 2. D. Nicol. de Santa Mar. *Chron. dos Coneg.* Reg. liv. 10. cap. 7. n. 13. Fr. Ant. da Pied. *Chron. da Prov. da Arrab.* Part. 1. liv. 2. cap. 12. n. 270. Barbof. *Cathal. Hist. do Colleg. de S. Paul.* pag. 94. e no *Archiaten. Lusit.* pag. 20.

Gnarus Appolineá Azeredius arte micabit Quem decorare gradu sivevit Medicina Supremo. Compoz.

Funebris Oratio in Sacris Fumeribus Philippi secundi Regis Catholici Conimbricæ habita in Regio Academia Cænobio quinta die Novembris M. D. XCVIII. Sahio no fim da *Relaçãõ das Exequias delRey D. Filippe 2. de Castella.* Lisboa por Pedro Cresbeeck 1600. Começa *Triste sane, & peracerbum.*

Concordancia de Questoens Filosoficas, e Medicas altercadas entre Filozofos, e Medicos. M. S. Acabou esta obra no anno de 1585.

Comentarium in Primum de Causis Symptomatum. M. S.

In librum Tertium de Simplicium medicamentorum facultatibus. M. S.

Poesias Latinas, e vulgares. M. S.

P. BALTHEZAR BARREIRA naceo em Lisboa de Pays nobres chamados Rodrigo de Carmona, e Margarida Fernandes que conhecendo a viva comprehensãõ, e sublime talento que tinha para as letras o mandaraõ estudar a Coimbra, porẽm penetrado de superior estimulo deixou os applausos que lhe podiaõ resultar das escholas, e se recolheu em o Noviciado de Coimbra dos Padres Jesuitas a 12. de Janeiro de 1556. quando contava 25. annos de idade. Ordenado de Sacerdote discorreo apostolicamente pelas Villas de Moura, Odemira, e Coruche na Provincia do Alentejo de cuja laboriosa expedição colheo copiosos frutos. Mayor foy o excessõ da sua charidade no fatal anno de 1569. em que ardia Lisboa fulminada de hum terrivel contagio assistindo aos feridos com taõ fervoroso zelo que contrahindo a enfermidade naõ lhe servio de obstaculo para continuar neste charitativo ministerio. Como todo o seu disvelo era a Salvação das almas foy mandado pelos Superiores a Angola aonde chegou a 23. de Fevereiro de 1580. Para atrahir com mayor facilidade os Gentios ao conhecimento do verdadeiro Deos, aprendeo a lingua da terra que brevemente soube, e mandou levantar huma Igreja dedicada a S. Paulo em obsequio do nosso Governador Paulo Dias de Novaes neto de Bartholameu Dias de Novaes descubridor do Cabo de Boa Esperança devendo-se à efficacia das suas Oraçoens grande parte da vitoria que aquelle Capitaõ alcançou em 2. de Fevereiro

ro de 1583. de hum formidavel exercito de Negros destrojados mais por superior auxilio, que valor humano. Naõ he facil de relatar os mares que navegou, as terras, que correo, e as tempestades, e trabalhos que tolerou este novo Apostolo da Africa em beneficio da Gentilidade bautizando innumeraveis almas sendo as principaes o filho primogenito, e o irmaõ de hum Regulo. Sendo obrigado a justificar-se de culpas machinadas contra a sua Pessoa passou ao Reyno, e chegando à presença de Philippe II. lhe servio no conceito de Principe taõ prudente o veneravel aspecto de muda apologia da sua innocencia. Para que nunca estivesse ocioso o seu talento em beneficio dos proximos foy eleito Mestre dos Noviços em o Collegio de Evora em cujo ministerio deo novos argumentos da sua virtuosa prudencia. Segunda vez por obedecer aos seus Prelados partio no anno de 1604. para a Missão de Cabo Verde quando contava a provesta idade de sessenta, e seis annos. Logo que chegou à Ilha de São-Tiago fronteira a hum grande Promontorio na Costa de Guiné, sem reparar que o clima era nocivo à saude sahio pelas praças annunciando o Evangelho aos seus moradores donde penetrando até Serra Leoa com manifesto perigo da vida bautizou os Reis de Tora, e Tarma, e aos Princeses seus filhos com huma grande multidão de barbaros transformados de brutos em racionais. Atenuado com estes apostolicos trabalhos cahio enfermo, e conhecendo ser chegado o termo da sua peregrinação entre suaves colloquios com Christo Crucificado acabou a vida na Cidade da Ribeira Grande da Ilha de São-Tiago a 4. de Junho de 1612. com 74. annos de idade e 56. de Religião. Foy geralmente sentida a sua morte por faltar nelle o universal refugio de todas as Pessoas. O Cabido com todo o Clero lhe dedicaraõ sumptuosas exequias, no fim das quaes orou o Conego Rodrigo Anes Centeo Provisor, e Vigario Geral ponderando grande parte das suas virtudes, e acçoens largamente escritas por Jorge Cardoso no *Agiol. Lusit.* Tom. 3. pag. 525. e no *Comment.* de 4. de Junho letr. E. Franc. *Imag. da Virtud. do Novic. de Evor.* liv. 1. cap. 17. até 24. e na *Imag. do Nov. de Coimb.* Tom. 2. liv. 4. 5. 6. et in *Ann. Glorios. S.*

J. in Lusit. pag. 309. Sandoval *Cathechism. Evangel.* liv. 4. cap. 10. Guerreiro *Relac. Annal das cousas que fizeraõ os PP. da Companh. de JESUS nos annos de 1607. e 1608.* liv. 4. cap. 1. 2. e 3. Rho *Hist. virt. et vitior.* liv. 2. cap. 2. §. 25. onde erradamente lhe chama *Sebastião.* Telles *Chron. da Comp. de JESUS da Prov. de Portug.* Part. 2. liv. 6. cap. 26. até 34. Jarric. *Thezaur. Rerum Indic.* Tom. 3. cap. 28. & Part. 2. lib. 1. cap. 6. et 7. Vasconcelos *Descript. Lusit.* pag. 518. n. 7. Gualter. in *Tabul. Chronol. Sæcul.* 17. pag. 815. Fragozo de *Regimine Reipub. Christ.* Part. 3. lib. 10. disput. 22. §. 4. n. 48. *Virtute, et pietate insignis.* Escreveo.

Relaçã da Vitoria, que alcançou o insigne Capitaõ Paulo Dias de Novaes de hum numerofo exercito de Negros em Angola a 2. de Fevereiro de 1583. da qual, como do Author, faz memoria Fr. Agostinho de Santa Maria *Sanctuar. Marian.* Tom. 8. liv. 1. Tit. 101. pag. 330. e 331.

Carta escrita de Angola ao Provincial da Provincia de Portugal, em que dà conta (saõ palavras do P. Fernão Guerreiro na Relac. Annal assima allegada desde folhas 223. até. 264 Lisboa por Pedro Crafsbeeck 1611. 4.) da disposiçã que achou em todos aquelles Reynos, que elle pessoalmente foy descubrir, e do mais fruto, que até entã se tinha feito na Conversã daquella gentilidade.

Carta escrita de Angola em 31. de Janeiro de 1582. em que relata o Bautismo de hum Rey, de que traz alguma parte impressa o P. Balthazar Tellez Chron. da Companh. Part. 2. Liv. 6. cap. 38. §. 5. e 6.

Carta escrita em Evora a 16. de Março de 1604. ao Provincial Antonio Mascarenhas. Sahio impressa pelo P. Tellez no lugar assima allegado cap. 30. §. 7. e Franco Imagem da Virtud. do Noviciad. de Evor. Liv. 1. cap. 19. n. 5.

Duas Cartas escrita huma ao Geral em que relata a sua jornada à Serra Leoa com a conversã, e bautismo delRey Philippe; outra ao Provincial da Provincia de Portugal sobre o progresso desta expediçã. Sahiraõ vertidas em Italiano com outras. Roma por Ludovico Zanetti 1625. 8.

Carta escrita ao P. Manoel de Barros em Biguba terra dos Beafares a 28. de Ja-

neyro de 1605. em que narra a jornada que fez à terra firme de Guiné. Sahio impressa na *Relação Annal* composta pelo P. Fernão Guerreiro a folhas 140. Lisboa por Jorge Rodrigues 1605. 4.

Fr. BALTHEZAR DO BASTO. Naceo em Lisboa, e foy filho de Manoel do Basto, e Theodosia de Faria. Logo na infancia descubrio os dotes de que o ornara a natureza pelos quaes foy recebido na Sagrada Religião da Santissima Trindade cujo Instituto professou no Convento da sua patria a 14. de Junho de 1642. Aprendidas as sciencias escolasticas com grande credito do seu engenho as dictou com mayor applauso merecendo laurear-se Doutor na Faculdade de Theologia em a Universidade de Coimbra. Foy Reytor do Collegio desta Cidade, e Visitador Geral da sua Religião em cujos ministerios praticou as maximas do seu prudente juizo. Entre os mais famosos Oradores Evangelicos se distinguio com manifesto excesso por ser ornado de eloquente energia, suave vóz, e natural representação. Morreo no Convento de Lisboa a 15. de Dezembro de 1700. quando contava 74. annos de idade, e 58. de Religião. Deixou promptos para se imprimirem.

Sermoens Varios M. S. Conservaõ-se na Livraria do Convento de Lisboa.

BALTHEZAR COELHO cuja Patria, e genero de vida ignoramos. Compoz.

Tratado da Antiguidade de N. Senhora de Macheyde, e outras do Termo de Evora, e extracto de hum livro antigo dos Milagres de N. Senhora da Sè da mesma Cidade. M. S. fol. Conserva-se na Livraria do Excellentissimo Conde de Vimieiro. Da Imagem da Senhora de Macheyde, e da sua Capella ser reparada no anno de 1484. escreve largamente Fr. Agost. de Santa Maria *Santuar. Marian.* Tom. 6. Liv. 1. Tit. 13.

BALTHEZAR CORREA PINTO natural da Villa de Castello-Branco do Bispaado da Guarda filho de Pedro Dias, e Izabel Rodrigues, Freyre da Militar Ordem de S. Tiago cujo Habito recebeu no Real Convento de Palmella a 15. de Fevereiro de 1671. Foy bom Prègador de cujo ministerio deixou impresso

Sermaõ do Calvario. Lisboa por Joaõ da Costa 1678. 4.

P. BALTHEZAR DA COSTA natural da Cidade de Goa Cabeça do Imperio Oriental Portuguez onde sendo de 17. annos abraçou o Instituto da Companhia de JESUS no anno de 1555. Depois de estudar Filosofia, e Theologia foy mandado pelos Superiores cultivar a vinha do Japaõ, e para defempenhar taõ laboriosa empreza aprendeo a lingua, que brevemente soube, com a qual facilmente atrahio os animos dos Gentios merecendo particulares estimaçoens de D. Bartholameo Senhor de Firando em cuja terra juntamente com o P. Joaõ Fernandes bautizou quinhentas, e cincoenta pessoas, e exercitou outros apostolicos ministerios até o anno de 1570. Ao passar do Japaõ para a India morreo naufragante em o anno de 1580. Fazem menção deste Operario Evangelico *Bib. Societ.* pag. 100. col. 2. *Histor. Societ.* Part. 3. Liv. 1. n. 154. Liv. 6. n. 207. lib. 7. n. 178. Gusman. *Hist. de las Mission. de la Compan.* Part. 2. Liv. 7. cap. 4. Souf. *Orient. Conquist.* Part. 2. Conquist. 4. Divis. 1. §. 6. Joan. Soar. de Brit. *Theatr. Lusit. Liter.* lit. B. n. 4. o P. Pedro Franc. Xav. Charlevoix *Hist. du Japon* Tom. 1. pag. mihi 298. 323. e 430. *Bib. Orient.* novamente adicionad. Tom. 1. Tit. 8. col. 179. Escreveo.

Carta de Firando aos Portuguezes sobre huma victoria, que houveraõ contra o mesmo Rey de Firando em outro Porto dali perto a 22. de Outubro de 1565. Sahio com outras Evora por Manoel de Lira 1598. 1. p. fol. 202. vers. e Coimbra por Anton. Maris 1570. 4. a fol. 529. traduzida em Castelhana Alcalà por Juan. Inigues de Lequerica 1575. 4. a fol. 237. vers.

Carta Anua de Goa escrita aos Padres de Portugal em 4. de Dezembro de 1562. Consta de 23. paginas.

Carta escrita de Goa ao seu Provincial em que relata a morte do Patriarcha Joaõ Nunes Barreto em 3. de Dezembro de 1562.

Duas Cartas escritas de Goa em 16. de Novembro de 1560. e outra de 1561.

Estas quatro Cartas se conservaõ M. S. na Casa Professa de S. Roque de Lisboa.

P. BALTHEZAR DIAS filho da Sagrada Companhia de JESUS, e hum dos gran-

des Operarios do Evangelho em o Oriente, para cuja gloriosa empreza alcançada faculdade dos Superiores se embarcou a 24. de Março de 1553. em a Não Capitania S. Bento de que era Capitão Mór Fernão Alvares Cabral filho de Pedralves Cabral, e D. Izabel de Castro, com outros Religiosos da Companhia. Chegado à Cidade de Goa o nomeou o P. Belchior Nunes Barreto, Vigario daquella Provincia, cuja eleição sendo julgada por nulla, tão modesto se mostrou em dimitilla, como obediente em exercitilla. Os cuidados, que devia applicar para o governo, os dedicou à Pregação Evangelica sendo tão numerosos os auditorios, que a ella concorriaõ, que era necessario prègar nos Adros, e Campos por serem os Templos ainda que amplos, pequenos para tão grande concurso. A' vehemencia do espirito com que increpava os vicios correspondia o fruto dos que verdadeiramente arrependidos detestavaõ as torpezas, em que jaziaõ sepultados seguindo resolutos o austero caminho da virtude. Sendo a Cidade de Malaca entre todas as da India a mais abominavel em costumes, e como tal necessitasse de hum Varaõ Apostolico para a sua reforma, foy nomeado pelo Provincial Antonio de Quadros Superior daquella residencia, e chegando no anno de 1556. a esta Cidade foy recebido pelos seus moradores com extraordinarias demonstraçoens de alegria. O primeiro assumpto das suas declamaçoens Evangelicas se dirigio contra os Apostolos de Mafamede, que disfarçados em mercadores concorriaõ de Meca, Graõ Cayro, e Constantinopla, e navegavaõ de Siaõ, Borneo, Java, e Molucas para introduzir a falsa ley, que profefsavaõ. Com os brados da sua voz reprimio a ufura dos contratos, confundio a malicia dos Cacizes, introduzio os Sacramentos, e se constituhio Pay dos Orfaos. Nestes sagrados ministerios passou em Malaca quatro annos donde voltando para Goa continuou com igual zelo onze annos atè que foy receber a coroa de seus apostolicos trabalhos em o Collegio de S. Paulo de Goa a 21. de Agosto de 1571. Fazem delle memoria Orland. *Hist. Societ.* Lib. 14. n. 138. e Lib. 16. n. 81. & Part. 3. Lib. 8. n. 156. Telles *Chron. da Comp. da Prov. de Portug.* Part. 2. Lib. 5. cap. 4. n. e na *Hist. da Etiop. Alt.* Lib. 2. cap. 20. Souf.

Orient. Conquist. Part. 2. Conq. 3. Divis. 1. §. 39. atè 45. Girard. *Diar.* Part. 3. Escreveo

Carta eserita de Goa a 15. de Dezembro de 1555. a Santo Ignacio. Sahio tradusida em Italiano no Livro intitulado *Diversi Avisi particolari dell' Indie di Portugallo.* Venetia por Michele Tramezzino. 1565. 8. a fol. 220. verf.

Carta aos Padres da Provincia de Portugal eserita de Malaca a 19. de Novembro de 1556. em que largamente descreve o terreno, fruto da Prègação, casos prodigiosos, e o castigo, que veyo sobre os moradores de Tolo na Ilha de Moro por apostatarem da Fè recebida. Conserva-se no Cartorio da Casa Professa de S. Roque, e consta de 15. paginas.

Carta para o P. Belchior Nunes Barreto em que relata o martyrio do V. P. Affonso de Castro, e trinta Christãos em 1558.

Carta ao Provincial de Goa eserita de Malaca a 3. de Dezembro de 1559. em que expende como estavaõ disposlas as Ilhas de Solor, e Timor para receber a Fè Catholica. Sahio tradusida em Latim com outras Lovanii apud Rutgerum Velpium. 1570. 8. pag. 172.

Capituli d'alcune lettere del P. Balthezar Dias Rettore del Collegio di Goa delli 15. di Dezembro a 4. de Genaro. Sahio impresso no Livro intitulado *Avisi dell' India di Portugallo havuti l' anno 1553.* Roma por Antonio Bladio 1556. 8.

Carta ao Provincial da Provincia de Portugal eserita de Goa em o anno de 1554. Outra eserita aos PP. seus Companheiros em 15. de Dezembro de 1554. Outra ao Provincial da Provincia de Portugal eserita a 4. de Janeiro de 1555. Outra eserita aos Padres da Provincia de Portugal eserita a 3. de Dezembro de 1564. Todas estas se conservaõ na Casa Professa de S. Roque.

BALTHEZAR DIAS natural da Cidade de Braga onde teve por Pay a Alvaro Dias, e a Margarida Affonso. Sendo de 17. annos entrou na Companhia de JESUS por Coadjutor temporal em o Collegio de Evora a 4. de Outubro de 1562. A mayor parte da vida occupou no Officio de Enfermeiro em cujo ministerio foy muito vigilante,

e charitativo não perdoando a algum genero de trabalho para restituir os doentes à faude perdida. Mayor zelo praticou na assistencia que fez nos annos de 1569. e 1579. aos feridos da peste chegando a tal excessso que contrahindo o contagio não cessou de lhes assistir com summa charidade. Por ser insigne Boticario acompanhou a ElRey D. Sebastião na infeliz jornada de Africa onde perdida a batalha ficou cativo, e sendo levado a Tituaõ padecio excessivas affiçoens até ser resgatado do poder dos barbaros. Entre os legados pios que deixou no seu Testamento o Cardial D. Henrique foy hum delles que fosse hum Peregrino visitar em seu nome os Santos Lugares de Jerusalem, e querendo Filippe Prudente executar a vontade de seu Tio ordenou, que fosse outro em nome delRey D. Sebastião. Foraõ nomeados para esta devota peregrinaçãõ o P. Jeronymo Rodriguez, e por seu companheiro o Irmaõ Balthezar Dias, e partindo a 5. de Dezembro de 1581. dirigiraõ a jornada a Roma onde depois de beijarem o pé ao Supremo Pastor passaraõ a Veneza em cujo porto se embarcaraõ para Jerusalem. Chegados a esta Cidade testemunharaõ com os olhos, e muito mais com os affectos as suaves memorias, que o Redemptor do mundo deixou impressas em tantos lugares, quantos sanctificou com a sua presença. Restituido ao Reyno quizeraõ os Superiores em premio das suas virtudes promovello ao Estado Sacerdotal, que elle humildemente recusou. Retirado ao Collegio de Evora se exercitou com grande fervor em todo o genero de exercicios espirituaes onde morreo a 14. de Abril de 1618. com 73. annos de idade, e 56. de Companhia. Escreveo.

Diario da viagem, que fez de Evora à Terra Santa; a qual (diz o P. Antonio Franco Imag. da Virtud. do Noviciad. de Evora Liv. 3. cap. 1. §. 17.) temos, e li em o nosso Cartorio de Coimbra. Huma copia deste Diario se guarda na Livraria do Excellentissimo Conde de Vimieiro.

Parte de huma Carta sua escrita de Tetaõ traz vertida em Latim o dito P. Franco in *Ann. Glor. S. J. in Lusitan.* pag. 212. onde lhe faz hum grande elogio, como tambem o fazem Tellez *Chron. da Comp. da Prov. de Portug.* Part. 2. liv. 4. Cap. 44.

§. 11. e Liv. 5. cap. 32. §. 7. e 9. Cardozo *Agiol. Lusit.* Tom. 2. pag. 577. e no Coment. de 15. de Abril letr. L. e Nadafi *Ann. Dier. Memor. S. J.* Part. 1. pag. 209.

BALTHEZAR DIAS natural da Ilha da Madeira, e hum dos celebres Poetas que floreceraõ no Reynado delRey D. Sebastião principalmente na composiçãõ de Autos em que mostrou a grande erudiçãõ que aprendera pelos ouvidos por ser cego de nacimiento. Das suas obras poeticas que lograraõ o beneficio da luz publica as principaes saõ as seguintes.

Auto delRey Salamaõ. Evora por Francisco Simoens 1612. e Lisboa por Antonio Alvares 1613. 4.

Auto da Paixaõ de Christo metrificada. Lisboa por Vicente Alvares 1613. & ibi por Antonio Alvares 1617. 4. & ibi por Jorge Rodrigues. 1633. 4.

Auto de Santo Aleixo. Lisboa por Antonio Alvares. 1613. 4. Evora por Francisco Simoens 1616. 4. e Lisboa por Antonio Alvares 1638. 4.

Auto de Santa Catherina V. e M. Evora por Francisco Simoens 1616. Lisboa por Antonio Alvares 1633. et ibi por Domingos Carneiro. 1659.

Auto da Feira da Ladra. Lisboa por Antonio Alvares 1619. 4.

Conselho para bem caçar. Lisboa por Antonio Alvares 1633. 4.

Auto da Malicia das Mulheres. Lisboa pelo dito Impressor 1640. 4.

Historia da Emperatriz Porcina mulher do Emperador Lodonio de Roma. Lisboa por Domingos Carneiro 1660.

Tragedia do Marquez de Mantua, e do Emperador Carloto Magno. Lisboa pelo dito Impressor 1665. 4.

Auto do Nascimento de Christo. Lisboa pelo dito Impressor 1665. e muitas vezes reimpresso.

Trovas de Arte mayor sobre a morte de D. Joaõ de Castro Vice-Rey da India dirigidas a sua mulher D. Anna de Attayde. 4. sem anno da Impressãõ que he em letra Gotica como vimos na Livraria do Excellentissimo Conde do Vimieiro.

Fr. BALTHEZAR DE S. DOMINGOS natural da Villa de Palmella filho de

Antonio Rodriguez Reymaõ, e Maria Ferreira, Religioso da Ordem dos Pregadores, cujo habito professou no Convento de Lisboa a 21. de Outubro de 1575. He numerado entre os Escritores Portuguezes por Manoel de Faria, e Souza *Epitom. das Hist. Portug.* Part. 4. cap. 18. e na *Europ. Portug.* Tom. 3. Part. 4. cap. 6. e Joaõ Soar. de Brit. in *Theatr. Lusit. Litter.* aos quais se remete Jacobo Echard *Script. Ord. Præd.* Tom. 1. pag. 900. col. 1. sem que algum delles declare as obras que compoz, as quaes até agora não chegaraõ á nossa noticia.

P. BALTHEZAR DA ENCARNAÇAM.

Naceo em a Villa de Serpa situada na Provincia Transgana, e em a Igreja Matriz da mesma Villa recebeu a graça bautifmal a 24. de Agosto de 1684. Orfaõ de seus Pays Pedro Alvares, e Brites Correa o educou sua Tia em varios exercicios de piedade, e devoçaõ até que sentando praça de Soldado começou a degenerar de taõ virtuosa educaçãõ precipitando-se em todo o genero de vicios que serviaõ de universal escandalo. Penetrado da efficacia da Divina Graça que tomou por instrumento a voz do Veneravel P. Antonio da Cruz da Congregaçãõ do Oratorio Varaõ eminente em virtudes seu Confessor pelo espaço de dous annos se retirou em o anno de 1713. quando contava 28. annos de idade para a solitaria habitaçãõ das Covas de Monte furado, cujo horror lhe deo o nome de Infernaes situadas na Provincia do Alentejo distantes huma legoa de Monte Mór o novo onde para fazer penitencia de suas culpas, e elegendo por seu Tutelar a S. Paulo primeiro Ermitaõ começou com outros companheiros a observar por particular Instituto todos os dias os exercicios de cinco horas de Oraçãõ mental, duas de liçãõ espirital, duas disciplinas, e em tres dias da Semana jejum de paõ, e agua, e silencio com outras mortificaçoens muito superiores às forças da natureza. Como dezesasse chegar ao Estado Sacerdotal começou com grande applicaçãõ quando tinha quarenta annos estudar a lingua Latina que soube sem Mestre particular celebrando o primeiro Sacrificio no Altar da Senhora Madre de Deos do Convento das Religiosas

Franciscanas situado nos Suburbios desta Cidade a 17. de Junho de 1732. Instituhio em Lisboa Setubal, e Leyria huma Irmandade intitulada da *Charidade* para socorro dos prezos, e remedio de pessoas necessitadas. Pelo espaço de quatro annos tem prégado em diversas partes do Reyno mais de outocentos Sermoens como Missionario Apostolico que he por Breve de sua Santidade com os quaes tem colhido copioso fruto dos ouvintes, e delles sómente publicou os seguintes.

Sermaõ do Juizo prégado na Parochial Igreja de S. Gens termo de Monte Mór em prezença de innumeravel auditorio de diferentes estados com grande fruto das Almas, e mayor Gloria de Deos. Lisboa por Domingos Gonçalves 1734. 4.

Sermaõ da Payxaõ prégado na Igreja das Covas de Monte furado. Lisboa pelo dito Impressor. 1734. 4.

Tem prompto para a impressãõ.

Chave do inferno. 4. M. S.

Praticas doutrinaes. 4. 4. Tom. M. S.

BALTHEZAR ESTAÇO. Naceo na Cidade de Evora em o anno de 1570. para augmentar a gloria da sua nobre familia igualmente fecunda de Varoens insignes em Letras, e armas. Desde a adolescencia se applicou ao estudo da Poesia a que naturalmente o impellia o genio, e de tal modo alcançou os preceitos desta divina Arte que mais pareciaõ inspirados, que aprendidos produzindo em annos verdes frutos fazonados como elle affirma na Carta ultima com que dá fim aos seus Poemas.

Nos meos annos tende o tento

Os quaes não sey se affomais

Com eu ter vinte não mais.

Com a mesma applicaçãõ estudou Filosofia, e Theologia assim Escholastica, como Moral em que sahio egregiamente instruido. Ordenado de Sacerdote pelo Illustrissimo Bispo de Viseu D. Joaõ de Bragança mereceo deste nobilissimo Prelado o mais fino affecto nacido da communicaçãõ que com elle tivera quando antes de ser assumpto no Bispado era Conego de Evora. Para mayor demõstraçãõ de quanto o estimava o fez Conego Penitenciario de sua Cathedral, e lhe persuadio publicasse os seus Versos os quaes

em final de agradecimento dedicou a este grande Mecenas com este titulo.

Sonetos, Cançoens, Eglogas, e outras Rimas. Coimbra por Diogo Gomes de Loureiro. 1604. 4.

Dialogo chamado Governo de Deos com as almas, e concordia entre os Doutores modernos feita com a mente de Santo Agostinho sobre o auxilio sufficiente e eficaz da graça Divina. Dedicado ao mesmo Santo. São Interlocutores do Dialogo Flaminio Theologo, Feliciano Jurista. M. S.

Rosario da Rainha dos Anjos. Dedicado à mesma Senhora M. S.

Estes dous livros se conservaõ na Livraria do Convento dos Carmelitas Defcalços da Cidade de Evora.

Menino perdido. Dialogo em verso. Interlocutores JESUS MARIA, JOZE' Dedicado ao mesmo Santo em cujo frontespicio tem este Disticho.

Et Reges mundi, & mundus tibi cedat Joseph Nam mundum, & Reges qui regit, ipse regis.

Consta de 175. folhas em 4. composto em Outava Rima, e nas margens citados os lugares da Sagrada Escritura que na tal obra se allegaõ, a qual conserva M. S. em seu poder o P. Fr. Affonso da Madre de Deos Academico Real que nos comunicou esta noticia.

Varios remedios, e consolaçoens a todos os trabalhos, e molestias, que costumaõ ter os homens de varios estados entre os quaes se propoem os remedios, e consolaçoens que pôde ter hum Prêlado das molestias que nace[m] do governo das suas ovelhas. Esta obra composta por modo de cartas consolatorias estava quasi concluida ametade no anno de 1602. M. S.

Fazem menção deste Author Nicolào Ant. *Bib. Hispan.* Tom. 1. pag. 142. col. 2. Joaõ Franc. Barret. *Bib. Lusit.* M. S. Fonsec. *Evor. Glorios.* pag. 406. e 410. e ultimamente o P. Antonio dos Reys in *Enthusiasm. Poet.* n. 82.

Par operi plectrum pulsans Baltbasar honora Quem non docta cohors, nec Cynthius ipse coronat Fronde, sed è Superis lapsum diadema per auras

Non nisi Sacra canens folio residebat in alto.

P. BALTHESAR DE FIGUEIREDO Religioso professo da Companhia de JESUS sendo Ministro do Collegio de S. Paulo de Braga escreveu, como testifica Jorge Cardoso *Agiol. Lusit.* Tom. 3. pag. 742. no Comment. de 18. de Junho letr. M.

Vida do Irmaõ Manoel de Azevedo Estudante da Companhia de JESUS dedicada ao P. Francisco de Mendoça Reytor de Coimbra. M. S.

P. BALTHEZAR GAGO famoso Missionario, que illustrou o Oriente, naceo em Portugal no anno de 1515. e abraçou o Sagrado Instituto da Companhia de JESUS em o de 1546. quando estava na idade adulta de trinta e hum annos. Abrazado em o zelo de converter Almas a Christo, e mover guerra contra o Inferno pedio com multiplicadas instancias aos Superiores o fizessem participante de tão heroica empreza, e tanto que a alcançou, partio de Lisboa em a Nào S. Pedro a 17. de Março de 1548. acompanhado do Insigne Varaõ o Mestre Gaspar Barzeo. Chegou a Goa a 4. de Setembro foy benevolmente recebido por S. Francisco Xavier que conhecendo o incendio que lhe abrazava o coração lhe destinou para theatro das suas apostolicas açoens ao Reyno de Bungo sendo em Funay sua Metropole tratado pelo Principe que a governava com singulares demonstraçoens de affecto, e veneraçãõ, concedendo-lhe faculdade para poder prégar o Evangelho na sua Corte. Com a grande efficacia da sua doutrina chegou brevemente o numero dos convertidos a mil, e quinhentos, de cuja admiravel transformaçãõ envejosos os Bonzos se armaraõ de injurias, e muitas vezes de pedras contra o pregoeiro Evangelico, e ainda que foraõ reprimidos destes insultos por ordem Real, novamente se levantaraõ para impedir os progressos do Christianismo valendo-se de hum diabolico artificio, qual foy affirmarem publicamente que confrontadas a Ley de Christo, e a do Japaõ sómente se distinguaõ em alguns ritos, sendo na substancia identicas. Contra este abominavel erro se oppoz o zelozo Missionario clamando pelas Praças serem tão semelhantes os erros Japonezes às verdades Catholicas, como eraõ as trevas com a luz. Não satisfeito de confutar este erro vocalmente,

efcreveo hum douto Tratado em que claramente mostrava a opposiçaõ que huma ley tinha à outra, e de tal modo foy accito por ElRey que mandou imprimir no Original o Sello das suas Armas em final autentico da sua approvaçaõ. Naõ podia a malicia dos Bonzos resistir à virtude deste Evangelico Operario principalmente quando virão que dous delles venerados por mais douts abjuraraõ os seus erros pedindo o Bautifmo, que lhe conferio com os nomes de Paulo, e Barnabè. Admiravel foy o dominio que tinha sobre o demonio expulsando-o dos corpos de dous Irmaõs descendentes de huma familia tyranzada em tres geraçoens continuadas pelo infernal espirito. Semelhantes foraõ as obras que o seu ardente zelo exercitou em Firando, Facata, e Salfete padecendo incriveis trabalhos, formidaveis tempestades, horrorosos perigos até ser condenado à morte por encher as obrigaçoens do ministerio Apostolico a que deo glorioso fim no Collegio de S. Paulo de Goa em 9. de Janeiro de 1583. Grandes saõ os Elogios que diversos Escriutores deraõ a este insigne Varaõ *Bib. Societ.* pag. 101. col. 1. *Fuit è primis illis Societatis columinibus, qui Indiã, universumque Orientem evangelica prædicatione illustrarunt.* Franco *Ann. Glorios. S. J. in Lusit.* pag. 14. *Vir giganteo plenus spiritu, & natus rebus grandibus aggrediendis, e na Imãg. da Virt. em o Nov. de Coimb.* Tom. 1. liv. 3. cap. 49. *Imitou muito a S. Francisco Xavier nos gloriosos trabalhos, que padeceo.* Faria *Asia Portug.* Tom. 2. Part. 4. cap. 20. n. 9. *Fueron famosos, y aun Santos discipulos del Santo Xavier, y compañeros de sus trabajos, y Predicacion Balthezar Gago, Luiz Mendes. &c.* Joan. Soar. de Brit. in *Theatr. Lusit. Litter.* liter B. n. 6. *insignis verbi Dei operarius apud Japones ubi semel, nec uno in loco vitam objecit pro Fide præsentissimo discrimine.* Nadafi *Ann. Dier. Mem. S. J.* Part. 1. pag. 18. *multifariam vexatus, nuditate, contumeliis, mortis minis Evangelium felicissime propagavit signis quoque secutis ad fidei firmitatem.* Telles *Chron. da Comp. da Prov. de Portug.* Part. 1. liv. 2. cap. 25. n. 3. *escolhido com particular providencia para hir criar a nova Christandade que o Santo Xavier plantava no Japaõ.* Guffman *Hist. delas Mission.* liv. 5. cap. 3. fol.

439. Nicol. *Ant. Bib. Hispan.* Tom. 1. pag. 142. *Souza Orient. Conq.* Part. 1. Conq. 1. Divis. 2. §. 84. e Conq. 4. Div. 2. §. 6. 7. 8. e 9. e Part. 2. Conq. 1. Divis. 2. §. 71. *Girardi Diar.* Part. 1. ad 9. *Januar. Crasset Hist. del'Eglise du Japon.* Tom. 1. liv. 4. §. 1. e 2. pag. mihi 224. *Charlevoix Hist. du Japon.* Tom. 1. pag. 233. 236. 247. 249. 254. 262. *Compoz na lingua Japoneza.*

Tratado em que se mostra claramente a grande differença que há entre a ley de Christo, e a do Japaõ. Desta obra fazem mençaõ a *Bib. Societ.* pag. 101. col. 2. e *Souza Orient. Conq.* Part. 1. Conq. 4. Divis. 2. §. 8.

Carta escrita de Goa em o anno de 1552. aos Irmaõs de Portugal. Sahio vertida em Italiano. Venetia por Michaelè Tramezzino. 1559. 8.

Carta escrita de Firando a 20. de Setembro de 1555. a ElRey D. Joaõ o III. Começa, *Senhor porque sabemos.* Sahio com outras. Evora por Manoel de Lyra 1598. fol. 41. v.º e Coimbra por Antonio Mariz 1570. 4. fol. 108.

Carta escrita de Firando a 23. de Setembro de 1555. aos Irmaõs da Companhia de JESUS da India, e Portugal. Evora por Manoel de Lyra 1598. fol. 38. v.º *Começa o Anno passado de cincoenta, e dous.* Coimb. por Antonio de Maris 1570. 4. fol. 99. Vertida em Castelhano por Cypriano Soares Coimb. por Joaõ Alvares, e Joaõ Barreira. 1565. 4. pag. 111. e Alcalà por Juan Iniguez de Lequerica. 1575. 4. fol. 70. Traduzida em Latim pelo P. Manoel da Costa *Rer. à Soc. Jes. in Ind. Gestar.* lib. 2. pag. 210. *Coloniæ apud Gervinum Calenium* 1574. 8. & *Dilingæ apud Sebal dum Mayer* 1571. 8. fol. 103.

Carta escrita de Firando a Santo Ignacio a 23. de Setembro de 1555. Sahio Vertida em Latim in *Epistol. Japonicis.* pag. 121. Lovanij apud Rutgerum Velpium. 1570. 8. & ibi pelo dito Impressor 1569. 8. a pag. 73. Traduzida em Italiano Venetia por Michaelè Tramezzino 1559. 8. e 1565. 8.

Carta escrita de Bungo em o 1. de Novembro de 1559. aos Irmaõs da Companhia da India. Começa. *Na entrada deste Setembro passado &c.* Sahio com outras. Evo-

ra por Manoel de Lyra 1598. a fol. 63. He muito larga. Sahio em Latim Lovanij apud Rutgerum Velpium 1569. 8. a pag. 197. & ibi pelo dito Impressor 1570. 8. a pag. 179. c em Italiano. Venetia por Michaelè Tramezzino. 1562. 8. a fol. 260. v.º com outras em o livro intitulado *Diversi Avisi dell' India de Portugallo*.

Carta escrita de Goa a 10. de Dezembro de 1562. aos Irmaõs da Companhia de Portugal. Começa. O anno de 1559. escrevy do Japaõ. Evora por Manoel de Lyra 1598. fol. a folhas 95. He larga, e nella trata de varias feitas do Japaõ.

De algumas destas Cartas faz menção a *Bib. Orient.* de Antonio de Leaõ modernamente acrescentada Tom. 1. Tit. 6. col. 100.

BALTHEZAR GONÇALVES LOBATO natural da Cidade de Tavira em o Reyno do Algarve muito versado na lição da Historia, principalmente da fabulosa, em a qual escreveu, e dedicou a D. Diogo da Sylva I. Conde de Portalegre Mordomo Mòr delRey D. Manoel a seguinte obra.

Chronica do Famoso Príncipe D. Clarisol de Bretanha Filho do Príncipe D. Duados de Bretanha na qual se contaõ suas grandes Cavallarias, e dos Princeses Lindamor, Clarifebo, e Beliandro de Grecia filhos de Vasperado, e de outros muitos Princeses, e Cavalleiros famosos do seu tempo. Lisboa por Jorge Rodrigues. 1602. fol.

Quinta, e sexta parte do Palmeirim de Inglaterra. fol.

P. BALTHEZAR GUEDES. Naceo em a Cidade do Porto em quinta feira 6. de Fevereiro de 1620. e foy filho de Luiz da Costa Roza homem de negocio, e de Lourença Guedes de Moura. Recebeo o Sacramento do Bautifmo na Freguesia de S. Nicolào a 11. do dito mez, e anno, que lhe conferio seu Tio Pantaleaõ da Costa de Vasconcellos Abbade de Santa Marinha de Cortegaça, e Conego na Cathedral do Porto. Desde a puericia começou a mostrar a inclinação, que tinha para o exercicio das virtudes mais heroicas, sendo compassivo, humilde, e modesto, de tal sorte, que servia em idade taõ tenra de exemplar aos annos mais provectos. Amante da pobreza evan-

gelica, e inimigo jurado das riquezas não quiz seguir a vida do comércio, que seu Pay exercitava, antes aspirando a outros mais nobres lucros, que lhe prometia o Estado Ecclesiastico para beneficio dos proximos se ordenou de Presbytero em o anno de 1644. e tanto que se fez domestico da Casa de Deos se acendeo o seu coração em mais activo incendio. Penetrado das innocentes lagrymas, que derramavaõ os Meninos Orfaõs heroicamente emprendeo, e felizmente conseguiu edificar-lhes hum Collegio, que fosse o refugio do defamparo, e a escola da virtude. Para conseguir taõ santo intento que bastava ser imaginado para merecer o mayor premio, alcançou faculdade delRey D. Joaõ o IV. a 30. de Janeiro de 1651. e elegendo para a nova fabrica huma Ermida consagrada à Rainha dos Anjos com o titulo de N. Senhora da Graça situada fóra dos muros da Cidade do Porto para a parte do Norte em sitio plano, e agradável, que tinha sido erecta no Reynado delRey D. Affonso Henriques, e reedificada pela piedade da Rainha D. Catherina Mulher delRey D. Joaõ o III. lhe lançou a primeira pedra em 21. de Novembro de 1651. Fernando de Freitas de Mesquita Chantre da Cathedral do Porto a cuja plausivel função assistiraõ o Cabido Sede Vacante, os Ministros da Relação com o seu Governador D. Rodrigo de Menezes, e o Senado da Camara. Vencidas algumas contradicções, que o inimigo cõmum armou para impedir o progresso do novo edificio, como prevendo a formidavel guerra, que lhe haviaõ mover os seus alumnos começou o Fundador a meditar os meyo com que se pudesse erigir não sómente o edificio para habitação dos Orfaõs, que brevemente chegaraõ ao numero de cincoenta, mas o Templo para a Mãe de Deos hum dos mais sumptuosos com que se ennobrece a Cidade do Porto. Para alcançar o que desejava discorreo a pè acompanhado de dous Meninos Orfaõs os Arcebispos de Lisboa, Braga, e Evora, e os Bispos de Coimbra, Leiria, Viseu, Lamego, e Guarda de cuja larga peregrinação colheo muitas esmolas sendo a mais copiosa a que lhe adquirio seu Irmaõ Pantaleaõ da Cruz, que vivendo retirado do comércio humano passou ao Brasil onde fazendo-se perceptivel pelas acções já que não podia com as pa-

lavras por ser mudo de nascimento alcançou da generosa piedade de seus habitadores quatorze mil cruzados, que remeteo para a fabrica, que havia ser o alylo da Orfandade. Sendo grande o disvelo com que procurava o augmento material do Collegio, era muito mayor a vigilancia com que sollicitava o espirital dos seus alumnos instruindo-os ao mesmo tempo em as Virtudes Christãas, Artes Liberaes, de que foraõ felices consequencias sahirem de taõ sagrada palestra atè o dia da sua morte cento e noventa e sete para Religiosos de diversas Ordens, e trinta e nove para o Estado Clerical. A' sua fervorosa charidade deve a Cidade do Porto a Casa, que se edificou para recolhimento dos Meninos Expostos evitando deste modo a infelicidade de muitos, que se achavaõ mortos pelas ruas com escandalo da piedade. Em obsequio, e mayor veneraçãõ da Magestade Divina instituhio tres Confrarias formadas duas de Clerigos quaes foraõ a de S. Philippe Neri escrevendo-lhe os Estatutos, e a de S. Pedro, e a 3. de Seculares, e a mais celebre, de que era Tutelar a Senhora da Boa morte. Reedificou a Igreja do Hospital de S. Lazaro do qual o tinha nomeado Provedor o Senado da Camara em atençãõ ao zelo com que infatigavelmente promovia tudo, que respeitava a beneficio dos proximos. Como se fora insensivel tolerou constantemente huma furiosa tormenta de adversidades quando deo principio ao seu Collegio pois além de lhe lançarem por terra o primeiro edificio, foy injuriado com afrontozos nomes, e acometido de hum diluvio de pedras. Mais terrivel foy a perseguiçãõ que padeceo de algumas Pessoas Ecclesiasticas que com pretexto de zelosas interpretavaõ sinistramente as suas inculpaveis açoens julgando que mais para conveniencia propria, que refugio da Orfandade excogitara industriosamente aquella fabrica. Todas estas injurias, que lhe feriaõ o credito, soportava com incrivel paciencia fazendo dellas oblaçãõ entre lagrimas, e suspiros a Christo Crucificado em memoria das que no Calvario recebera da ingraticidãõ humana. Todos os Domingos, e dias Santos fazia Practicas com tanto espirito, e sciencia que por confissãõ dos Varoens mais doutos era a sua doutrina superiormente inspirada, e naõ adquirida por estudo, sendo principalmente

profundo na intelligencia da Sagrada Escriitura que animada de huma zelosa efficacia colhia abundante fruto dos ouvintes. A fama das suas virtudes dilatada por todo o Reyno obrigou à Serenissima Rainha da Graá Bretanha D. Catherina a lhe insinuar a acompanhasse a Inglaterra de cuja honra modestamente se escusou, como tambem de ser Reytor do Collegio dos Orfaõs de Lisboa. Toda a sua communicaçãõ era com Varoens abalizados em santidadade como foraõ o P. Joã Vitoria taõ conhecido em Portugal, como em Roma, o Ven. P. Bartholameo do Quental Fundador da Congregaçãõ do Oratorio neste Reyno, o P. Joã do Sacramento que morreo Bispo eleito de Pernambuco, e Fr. Luiz de S. Francisco, Commissario da Veneravel Ordem Terceira da qual foy sete vezes Ministro aos quaes consultava como Oraculos nos pontos mais difficultosos da Theologia Mystica, sendo igual o gosto que recebia a sua alma com este espirital commercio ao horror que tinha de conversar com mulheres ainda que fossem de conhecida virtude, como lhe succedeo com a Ven. Madre Soror Leocadia da Conceiçãõ, escusando-se muitas vezes de lhe fallar quando era chamado por esta insigne Esposa do divino Cordeiro. Muitas das suas palavras foraõ profecias sendo entre ellas a mayor acerca da sua morte affirmando que em huma rua da Cidade do Porto havia ser morto, cujo vaticinio se cumprio, pois recolhendo-se depois de ter sollicitado o remedio para hum pobre, antes de entrar no Collegio foy acometido de hum accidente que no fim de tres dias o privou da vida a 6. de Outubro de 1693. quando contava 73. annos de idade. Concorreo grande multidaõ de povo a venerar o seu Cadaver que foy sepultado com univerversas lagrimas, pois tinhaõ perdido na sua Pessoa os Orfaõs o amparo, as Viuvas, e Donzellas o refugio, os afflictoes o soccorro, e todos o remedio. Jaz no pavimento da porta travessa que sahe da Igreja do Collegio para o Claustro, e na parede proxima à sepultura se gravou em marmore este breve epitafio.

Aqui jaz o primeiro Reytor, e Fundador deste Collegio dos Orfaõs Balthexar Guedes a 6. de Outubro de 1693.

As açoens deste apostolico Varaõ relata mais largamente Fr. Fernando da So-

ledade na *Hist. Seraf. da Prov. de Portug.* Part. 5. liv. 5. cap. 17. n. 1432. e seg. e na Part. 4. liv. 3. cap. 32. n. 686. *Piíssimo Fundador do Recolhimento dos Meninos Orfaões* he intitulado por meu Irmao D. Jozé Barbof. *Mem. do Colleg. Real de S. Paul.* pag. 213. Traduzio, e publicou as obras seguintes.

Epítome da vida de S. Filippe Neri escrita pelo P. Joao Eusebio da Companhia de JESUS vertida em Portuguez. Lisboa por Domingos Carneiro. 1667. 24.

Casos raros da Confissão. Tradução de Castelbano do P. Christovão da Veyga da Companhia de JESUS. Coimbra por Jozé Ferreira Impressor da Univerfid. 1673. 8.

Retrato do P. Fr. Joao da Cruz companheiro de Santa Thereza tradução de Castelbano de Fr. Jeronymo de S. Jozé Carmelita Descalço. Coimbra pelo dito Impressor. 1675. 8.

Escola de Oração, e Contemplação, mortificação das Paixoens, e outras materias principaes da doutrina espirital traduzida de Castelbano de Fr. Joao de Jesus Maria Carmelita Descalço. Coimbra pelo dito Impressor 1678. 8.

Epítome, e breve explicação das Ceremonias da Missa traduzido de Castelbano de Fr. Belchior de Helumo Franciscano. Lisboa por Domingos Carneiro 1671. 16. e Coimbra por Jozé Ferreira Impressor da Univerfid. 1693. 12.

Deixou M. S. as obras seguintes.

Compendio da Vida da V. Sor. Leocadia da Conceição Freyra de Monchique junto do Porto natural de Freixo de Espada na Cinta 4.

Annaes em que com notavel individuação escreveo os trabalhos que padeceo, e as esmolos, que adquirio para a Fabrica do seu Collegio desde o anno de 1651. até o de 1693. fol.

Estatutos para observarem os alumnos do Collegio. fol. Ambas estas duas obras se conservaõ no dito Collegio.

BALTHEZAR HENRIQUES natural da Villa da Loufaá do Bispaado de Coimbra, e Prior da Igreja Matriz da sua Patria. Igualmente douto na Theologia Moral, que sciente na Mistryca traduzio para instrução de Parochos, e direcção das suas Ovelhas,

da lingua Latina do P. Vicente Bruno da Companhia de Jesus em a materna.

Tratado breve do Sacramento da Penitencia. Dedicado a Martim Affonso Mexia Bispo de Lamego. Lisboa por Antonio Mariz. 1618. 16.

Da lingua Latina do Eminentissimo Cardial Roberto Bellarmino na Portugueza.

Escada para subir ao conhecimento do Creator pelo conhecimento das Creaturas. Dedicado a Senhora D. Juliana de Alencastro, e Giron Duqueza de Aveiro. Lisboa por Pedro Crasbeeck. 1618. 8.

Fr. BALTHEZAR DE S. JOAM illustre filho da Ordem dos Prégadores cujo talento se admirou igualmente insigne na Cadeira como no Pulpito, naõ sendo menos estimavel pela prudencia, e madureza do juizo, pelo qual foy eleito Provincial da Provincia de Aragaõ, e naõ de Portugal, como escreve Fr. Pedro Monteiro no *Claust. Domin.* Tom. 3. pag. 169. Compoz.

Vida de S. Fr. Gil Dedicada ao Mestre Fr. Jorge Vogado no anno de 1528. a qual se conserva no Convento de Santarem, onde affina a morte do Santo em o anno 1379. e naõ 1479. como transcreveo Jacob Echard *Script. Ord. Præd.* Tom. 2. pag. 11. col. 2. o que deve ser erro da impressão por succeder certamente a 14. de Mayo de 1265. cujo reparo advertio Fr. Antonio de Senna quando falla de Fr. Balthazar de S. Joao in *Bib. Frat. Ord. Prædicat.* pag. 38. onde lhe chama *Vir ingenio præstans, eloquio comptus, in humanis litteris versatus, ac divinarum non ineruditus.*

Officium B. Ægidij do qual uza o Convento de Santarem onde o Santo está sepultado, e se reza no dia da sua Festa que he na Domingo seguinte à Ascensão de Christo, o qual Officio dedicou seu Author ao Mestre Fr. Jorge Vogado como escreve Jorge Cardoso *Agiol. Lusit.* Tom. 3. pag. 251. no Comment. de 14. de Mayo letr. D. Desta obra como da precedente faz menção o P. Antonio Possentino *Apparat. Sac.* Tom. 1. pag. 166.

Summa de Grammatica. M. S. Desta

obra faz menção Fr. Pedro Monteiro no lugar affirma allegado, e do Author Nicol. Ant. *Bib. Hispan.* Tom. 1. pag. 142. e Fr. Affonf. Fernand. in *Notit. Script. Ord. humanis literis perpolitus, et Theologicis conspicuus.*

D. Fr. BALTHEZAR LIMPO. Naceo na Villa de Moura da Provincia do Alentejo em o anno de 1478. sendo seus Progenitores Ruy Limpo, e Ignes da Rocha taõ illustres no sangue como na piedade. A gravidade, e modestia que nos primeiros annos mostrou no semblante foraõ claros indicios de que nacera mais para a Religiaõ, que para o mundo. Entre todas elegeo a Carmelitana recebendo o Habito em o Convento da sua Patria no anno de 1494. e ao seguinte fez a Profissãõ solemne com grande satisfacão de todos os Religiosos. A boa indole, que tinha para as virtudes, naõ foy diferente da que era necessaria para as letras as quaes foy aprender para depois ensinar em a celebre Universidade de Salamanca, e de tal forte sahio eminente na comprehensãõ dos Mysterios Theologicos, que voltando para Portugal mereceo levar por opposiçaõ a Cadeira de Prima desta sublime Faculdade a 11. de Abril de 1521. dictando-a em a Universidade que entãõ residia em Lisboa, por espaço de nove annos até 24. de Março de 1530. cujo magisterio renunciou a seu substituto o Doutor Pedro Margalho. Naõ mereceo menor applauso o seu talento no Pulpito que na Cadeira, pois sendo Prêgador da Magestade delRey D. Joaõ o III. e Confessor da Rainha D. Catherina reprehendia na sua presença, e de toda a Corte com severidade apostolica os vicios que para serem praticados buscavaõ o Palacio por asylo. Depois de ter governado duas vezes a sua Provincia a primeira no anno de 1523. e a segunda em 1533. deixando gravada a memoria da sua magnificencia nas sumptuosas obras que fez, e da sua prudencia nas exemplares acçoens que praticou, foy assumpto ao Bispado do Porto em o anno de 1536. e confirmado pela Santidade de Paulo III. a 15. de Novembro do dito anno mostrando na administraçãõ de taõ alto Officio qual he o Pastoral, que possuya todos aquelles dotes dignos de hum perfeito Prelado celebrando Synodo

em 2. de Outubro de 1540. reformando o Censual do Cabido, e creando novamente a dignidade de Arcipreste. Entre os insignes Prelados que ElRey D. Joaõ o III. mandou ao Concilio Tridentino foy elle eleito no anno de 1545. para assistir a taõ Veneravel Congresso, onde vendo as excessivas demoras com que se procedia em hum negocio de que dependia a conservacão da Igreja Catholica, se deliberou passar a Roma, e com palavras dictadas pela vehemencia do seu zelo exhortou a Paulo III. ordenasse a conclusãõ do Concilio, e juntamente foy hum dos principaes instrumentos que facilitaraõ a este Pontifice a concessãõ do Tribunal do Santo Officio neste Reyno cuja negociaçãõ era das mayores que na Curia por aquelle tempo tratava o nosso Embaxador Balthezar de Faria. Restituído a Portugal foy elevado em premio do que tinha obrado em obsequio da Igreja, e desta Monarchia, à Cadeira Primacial de Braga que vagara por morte de D. Manoel de Souza, em cuja dignidade foy confirmado a 23. de Mayo de 1550. pela Santidade de Julio III. com quem contrahira grande amizade sendo Presidente do Concilio de Trento. Tanto foy o sentimento que mostrou o Porto na sua auzencia, como alvoroco Braga com a sua posse conhecendo as virtudes que o ornavaõ para governar taõ illustre Diocese. A primeira açãõ memoravel, que obrou, foy a trasladaçãõ do corpo de S. Pedro de Rates da humilde sepultura em que jazia para hum sumptuoso Mauzoleo que edificou na Capella de S. Pedro Apostolo situada no Cruzeiro à parte do Evangelho da Cathedral de Braga. Emendou os vicios mais com a suavidade, que com o rigor. Dispeneo com generosa mãõ o patrimonio de Christo de que fez depositarios os pobres principalmente aquelles que a nobreza do nascimento lhe fechava a boca para sollicitar o seu remedio. Amparou como Pastor benigno as Viuvras, e donzellas, libertando a humas da miseria, que padeciaõ, e a outras do perigo a que estava condenada a sua honestidade. Completos outo annos do governo desta augusta Diocese partio a receber na eternidade o premio das suas virtudes pastoraes a 31. de Março de 1558. na provecta idade de 80. annos. Jãz sepultado em lugar humilde à entrada da Capella de S.

Pedro de Rates testemunhando ainda depois de morto a cordial devoção que tivera a este glorioso Martyr. As acçoens deste grande Prélado escreverão com estilo mais difuso o Illustrissimo D. Rodrigo da Cunha *Cathal. dos Bisp. do Port.* Part. 2. cap. 35. e na *Hist. Eccles. de Braga* Part. 1. cap. 18. e Part. 2. cap. 80. 81. e 82. Jorge Cardozo *Agiol. Lusit.* Tom. 2. pag. 265. e no Comment. de 31. de Marc. let. B. Fr. Manoel de Sá *Mem. Histor. dos Bisp. e Escrit. Portug. da Ord. do Carm.* cap. 14. pag. 51. o Illustrissimo D. Martinho de Portugal Legado à Latere nestes Reynos no Breve expedido em Janeiro de 1528. pelo qual o constitue Reformador da sua Ordem entre outros louvores com que exalta o seu merecimento diz: *non minori studio, & sollicitudine, quam vitæ Sanctimoniam dilecti in Christo Filij Fr. Balthasaris Ord. B. Mariæ Virginis de Monte Carmelo ad præsens Provincialis in Sacra Theologia Magistri, & Verbi Dei Præconis celeberrimi, divini cultus in Monasteriis, domibus, ac locis dicti Ordinis maximum suscepit incrementum.* Gaspar Alvares Louzada de Ver. Primat. *Brachar. Succession. ad ann. 1549.* *Fuit vir profecto nunquam satis laudatus, sive mores, sive religionem, sive doctrinam, & eloquentiam in concionando, sive justitiam in gubernando consideres.* Francisc. de Santa Maria *Ann. Hist.* pag. 409. *Foy não menos agudo nos ditos, que profundo nas sciencias.* Cadaval Gravio no fim da obra intitulada *In Lusitan. Reg. Commendation.* lhe faz huma elegante Elegia que principia.

*Salve virtutum Splendor placidissime Præsul,
Quem cælo misit Maximus ille Deus.*

Casanat. *Parad. Carmel. Decor.* Stat. 4. *Ætas* 17. cap. 437. Coria Maldonad. *De lucid. das Chron. da Ord.* liv. 17. cap. 7. pag. 511. Fr. Daniel à Virg. Mar. *Specul. Carmelit.* Part. 2. Tom. 2. Part. 5. lib. 3. pag. 912. n. 3174. Estaço *Antiguid. de Portug.* Cap. 25. pag. 107. e 108. Fr. Man. Rom. *Antiguid. do Carm.* Trat. 2. Elucid. 27. fol. 308. Leaõ *Descripç. de Portug.* cap. 72. Purificac. *Chron. Monast. Lusit.* pag. 49. D. Nicol. de S. Maria *Chron. dos Coneg. Regul.* liv. 4. cap. 12. n. 11. Joan. Soar. de Brit. *Theatr. Lusit. Litter. lett.* B. n. 7. Tamayo *Martyrol. Hispan.*

Tom. 5. ad. diem 17. Oçtob. Diogo de Gouvea Barrad. *Antiguid. de Beja* liv. 3. cap. 34. Leytaõ *Not. Chronol. da Universid. de Coimb.* pag. 464. n. 995. 996. e 997. & pag. 478. n. 1024. e 1025. Compoz.

Constituições Synodales do Bispado do Porto. Porto por Vasco Dias Tanquo do Frexenal. 1541. fol.

Estatutos do Collegio de Coimbra fundado por elle no anno de 1547. com a invocação de N. Senhora da Piedade compostos com authoridade do Papa Julio III. em 18. de Setembro de 1555. aceitos no Capitulo celebrado na Cidade de Beja a 6. de Janeiro de 1556. Constaõ de 18. Capitulos no fim està afinado seu illustrissimo Author, e se conservaõ no dito Collegio de Coimbra para cujo regimen foraõ feitos.

Estatutos do Noviciado do Convento de Lisboa que nelle se guardaõ com grande estimação.

Missale Bracharense reformado por elle no 4. anno do seu governo nesta Diocefe, e fahio Lugduni. 1558. 4.

Fr. BALTHEZAR LIMPO Sobrinho do Illustrissimo Arcebispo Primaz de que fizemos a precedente memoria, e filho de Joaõ Limpo Fidalgo da Casa Real, Alcayde Mòr do Couto de Ervededo, e de Catherina de Oliveira naceo para o mundo na Villa de Moura em o anno de 1592. e para a Religiaõ Carmelitana em 6. de Agosto de 1608. cujo Sagrado Instituto professou a 7. do dito mez do anno seguinte. Applicou-se ao estudo da Filosofia no Convento de Evora, e à Theologia nos de Lisboa, e Coimbra, e fahio taõ profundo Letrado, como celebre Prègador. Foy Prior do Convento da Vidigueira, e Evora, e duas vezes Socio, e Secretario dos Provinciaes Fr. Francisco da Sylva, e Fr. Martinho Moniz. O mesmo ministerio exercitou quando foy nomeado no anno de 1635. pelo Geral Fr. Theodoro Strazo o Mestre Fr. Joaõ Coelho para Reformador, Visitador, e Presidente do Capitulo da Provincia de Castella a Nova. Ultimamente sendo eleyto Provincial a 2. de Mayo de 1637. antes de acabar o lugar morreo acõmetido de hum accidente a 17. de Julho de 1639. em o Convento de Lisboa quando contava 47. annos de idade, e 31. de Religiaõ. Compoz.

Doze Fugas de David de seu inimigo Saul. Lisboa por Antonio Alvares. 1642. fol.

Fazem delle memoria Nicol. Ant. *Bib. Hissp.* Tom. 2. pag. 319. Carvalh. *Corog. Portug.* Tom. 3. liv. 2. Trat. 8. cap. 47. Joan. Soar. de Brit. *Theatr. Lusit. Liter.* Lit. B. n. 8. Fr. Man. de Sà *Memor. Hiss. dos Eserit. Portug. do Carm.* Cap. 15. pag. 72.

BALTHEZAR MARINHO celebre Soldado da India Oriental onde por varias vezes deu heroicas provas do seu valor sendo a mayor quando foy à expedição de Mombaça no anno de 1589. Governando o Estado Manoel de Sousa Coutinho Escreveo

Relação da expedição de Mombaça. M. S. fol. a qual se conserva na Bibliotheca delRey Catholico como affirma o moderno addicionador da *Bib. Orient.* de Antonio de Leaõ Tom. 1. Tit. 3. col. 77.

Fr. BALTHEZAR PAES natural de Lisboa, onde na Parochia de N. Senhora do Loreto recebeu a primeira graça em 6. de Janeiro de 1571. Foraõ seus Progenitores Gaspar Paes, e Auta Rodrigues da Cunha, que para cumulo das felicidades, que possuiaõ, procedidas humas da nobreza de seus ascendentes, e outras da abundancia dos bens da fortuna lhe concedeo benignamente o Ceo hum tal filho, que logo no primeiro crepusculo da idade lhe amaneheceo claro o entendimento para brilhar entre os mayores astros dos Firmamentos Religiosos. Entre todos elegeo quando contava 19. annos de idade o da Santissima Trindade, cujo Habito professou no Convento da sua patria a 20. de Mayo de 1590. Applicado ao estudo das Sciencias Escholasticas era venerado Mestre ainda sendo Discipulo, ou se considerasse a viveza com que comprehendia as mayores difficuldades, ou a subtileza, e promptidaõ com que propunha, e respondia aos argumentos mais nervosos merecendo por taõ singulares dotes dictar as mesmas faculdades com grande emolumento dos seus ouvintes, e domesticos, que nelle veneravaõ hum monstro de erudição sagrada, e humana. Depois de receber na Universidade de Coimbra as in-

signias doutoraes na Faculdade Theologica dezejando com virtuosa ambição alcançar mayores thesouros literarios se dedicou totalmente à especulação da Theologia Positiva revolvendo para este fim com indefesso trabalho todos os Santos Padres como elle claramente testifica no prologo do seu doutissimo Cõmento sobre a Epistola de S. Tiago Menor, e deste continuo estudo sahio taõ profundamente instruido nos mysterios da Sagrada Biblia, que foy aclamado por hum dos mais celebres Escriurarios do seu tempo. Desta profunda sciencia alcançou taõ vastas noticias, que Philippe III. o nomeou Lente da Escriura em a Universidade de Coimbra, que elle benevolamente agradeceo, e promptamente regeitou. Igual applauso colheo a eminencia do seu talento no Pulpito, que na Cadeira, sendo nomeado Prêgador delRey, em cujo sagrado ministerio soube com artificio novo unir a vehemencia dos affectos com a elegancia das palavras, e a profundidade dos conceitos com a verdadeira intelligencia das Escriuras merecendo o elogio que Fr. Pedro Lopez de Altuna lhe forma na *Chron. dela Ord. dela Sant. Trind.* pag. 628. *Puedese le dar la aureola de uno de los mayores predicadores de nuestros tiempos, y fue el primero, que enseñó a predicar con pensamientos subtiles, y delgados, apoyados con Santos como aora se usa.* Foy Reytor do Collegio de Coimbra, Ministro do Convento de Santarem, Provincial eleito em o anno de 1620. Examinador do Padroado Real, Prothonotario Apostolico, Juiz Apostolico do Tribunal da Legacia, e em taõ diferentes lugares sempre mostrou que a prudencia naõ era inferior à sua sabedoria antes para ser mais amado permitia que à clemencia cedesse a severidade. Na observancia dos Estatutos foy muito exacto, e de consciencia taõ timorata que offerecendolhe a Magestade de Philippe III. a Mitra de Ceuta a regeitou como pezo insoportavel aos seus hombros. Cheyo mais de merecimentos que annos pois naõ excediaõ de 67. terminou o curso da vida no Convento de Lisboa a 13. de Março de 1638. O seu retrato se conserva na Livraria deste Convento em cujo lugar parece que ainda depois de morto en sina. Muitos Escriutores assim domesticos, como estranhos celebraõ o seu nome sendo

os principaes D. Francisco Manoel na *Carta 1. da 4. Centuria ao Doutor Manoel The-mudo da Fonseca* chamando-lhe *Pay das Es-crituras* Joan. Soar. de Brito *Theat. Lusit. Litter.* lit. B. n. 9. *Sacrarum litterarum inter-pres acutissimus* D. Fr. Thom. de Far. *Decad.* 1. lib. 10. cap. 5. *Flos est, et totius religionis Venus* Fr. Ant. Correa *Vid. do Ven. Fr. Anton. da Conc.* Part. 1. cap. 6. *Grande gloria desta Religião, e credito destes Reynos.* Fr. Bernard. à D. Ant. in *Epit. Redempt.* lib. 2. cap. 11. §. 2. *Sacræ Scripturæ interpres præclarissimus.* D. Nic. de Sant. Mar. *Chron. dos Coneg.* Reg. liv. 4. cap. 7. n. 21. *insigne expositor das Sagradas letras como mostrão suas obras.* Hypolit. Marrac. *Bib. Marian.* Part. 1. pag. 179. *Vir præter religiosarum virtutum apices ob præstantem doctrinam, ac multifariam eruditionem nunquam satis nostro sæculo laudatus, & à posterioribus semper laudandus.* Franc. de Santa Mar. *Ann. Hist.* pag. 332. *doutissimo, e subtilissimo interprete da Sagrada Escriitura, e dos mais celebrados Prégadores do seu tempo.* Nicol. Ant. *Bib. Hist.* Tom. 1. pag. 143. *in Ecclesiasten sui temporis clarissimum, & in doctissimum, & subtilissimum Sacræ Scripturæ interpretem evaserit.* Henao in *Scient. Med. historie propugnat.* Event. 44. pag. 320. n. 1193. Draudius in *Bib. Classic.* Petr. Alva, y Astorg. in *Milit. Concep.* Jacob. Lelong. *Bib. Sacr.* pag. 890. col. 1. *Moreri Diccion. Historiq.* Verb. *Balthezar Paes.*

Compoz.

Commentarij in Epistolam B. Jacobi Apostoli. Ulyssipone apud Petrum Crasbeeck 1613. fol. Lugd. apud. Horat. Cardon 1617. 4. & apud eundem Typ. et Petrum Cavillat. 1620. 4. et Antuerpiæ apud Guilielmum de Tongris. 1623. 4.

Commentarij ad Canticum Moysis Exod. XV. cum annotationibus moralibus. Ulyssipone apud Petrum Crasbeeck. Typ. Reg. 1618. fol. Antwerp. apud Belleros 1619. 4.

Commentarij in Canticum magnum Moysis Audite cali quæ loquor. Tom. 1. Ulyssipone apud Petrum Crasbeeck 1620. fol. Antuerpiæ apud Guilielmum de Tongris 1623. 4. & ibi apud Petrum, & Joannem Belleros 1622. 4.

Tomus 2. Ulyssipone apud Petrum Crasbeeck 1628. fol.

Commentarij in Canticum Ezechia, Isaia 38. Ulyssip. apud Petrum Crasbeeck 1622. fol. Lugd. apud Ludovicum Proft. 1622. 4.

Todos estes Commentarios sahiraõ em 2. Tomos primorosamente impressos Parisiis apud Joannem Petit, Martinum & Adrianum Tampinart. 1631. fol.

Marial, ou Sermoens nas Festas de Maria Santissima. Lisboa por Manoel da Sylva. 1649. 4.

Sermoens da Quaresma 1. Part. Lisboa por Pedro Crasbeeck Impressor delRey 1631. 4.

Sermoens da Quaresma 2. Part. Lisboa pelo dito Impressor. 1633. 4.

Sermoens da Semana Santa. Lisboa pelo dito Impressor. 1630. 4. *novamente acrecentada com alguns Sermoens* Lisboa pelo dito Impressor 1634. 4.

Sermaõ no Convento da Ordem da Santissima Trindade desta Cidade de Lisboa em hum Officio que os Irmaõs da Irmandade de todos os Santos dos Officiaes, e Criados de Sua Magestade fizeraõ conforme ao seu Compromisso pela Magestade Catholica delRey D. Filippe II. de Portugal. Lisboa por Pedro Crasbeeck. 1621. 4.

Sermaõ das excellentes virtudes do V. P. Fr. Simaõ de Roxas Religioso da Ordem da Santissima Trindade, e Confessor da Serenissima Rainha de Espanha D. Izabel de Borbon. Lisboa pelo dito Impressor. 1625. 4. *Sahio na Summaria Relação da vida, e morte do mesmo Servo de Deos* composta por Fr. Bernardino de Santo Antonio.

Commentarij in Canticum Marianum Magnificat que deixou imperfeito impedido pela morte.

Fr. BALTHEZAR PINTO. Naceo na Villa de Castro Dayro a 13. de Mayo de 1621. e foraõ seus Pays Francisco Pinto da Motta, e D. Guiomar Machado de Vafconcellos dos quaes com a nobreza do sangue herdou a piedade dos costumes. Na idade de vinte annos recebeu o Monachal Habito do Principe dos Patriarchas S. Bento no Mosteyro de Pombeiro a 6. de Mayo de 1641. Nesta douta, e virtuosa palestra sahio versado em todo o genero de Iciencias, como foraõ Filosofia, Theologia, Direito Canonico, e Civil, Historia profana, e Sagrada, Mathematica, Nautica, e Musica.

Como fosse Provincial do Brasil no anno de 1668. se restituhio ao Reyno onde foy duas vezes eleito Abbade do Mosteyro de Lisboa; a 1. no anno de 1674. e a segunda na de 1683. deixando em ambas faudofas memorias do seu governo em beneficio da Religiaõ, e dos seus subditos. Foy Mestre jubilado, Doutor em Theologia, Qualificador do Santo Officio, Examinador das tres Ordens Militares. Morreo no Convento de Tibaens a 3. de Agosto de 1696. com 75. annos de idade, e 55. de Religiaõ. Compoz.

Noticias de Varios Mosteiros da Congregação de S. Bento de Portugal, e varios Monges della M. S. 4.

Cathalogo Historico de todos os Reys, e Capitães que governaraõ Portugal desde o diluio até o seu tempo M. S.

Cathalogo Historico de todos os Pontifices desde o diluio até o Nascimento de Christo Senhor nosso M. S. 4.

Summario do que se contem em vinte volumes que mandou juntar dos Titulos, doaçoens, e privilegios concedidos ao Mosteiro de S. Bento de Lisboa M. S. fol.

Emblemas que estão pintados no Tecto da Igreja, e Livraria de S. Bento de Lisboa.

Descripção do Brasil desde o Rio da Prata até o Pará demarcando todos os baixos da Costa, assinando o fundo de todas as barras, declarando a Altura do Polo, e apontando os Surgiduros M. S. fol. Este livro se conserva na Livraria do Convento de Lisboa o qual compoz quando era Provincial no Brasil examinando com grande exacção tudo quanto nelle escreveu, e delineou em excellentes Mappas.

Fr. BALTHEZAR DOS REYS natural de Fareginhas termo da Villa de Castro Dayro Monge Cisterciense cuja cogulla vestio no Convento de Santa Maria de Salcedas em o anno de 1585. Naquellas horas vagas das obrigaçoens de Religioso, as occupava em beneficio do Convento de que era filho examinando todo o seu Cartorio com grande exacção, de cuja laboriosa deligencia. Compoz.

Livro da Fundação do Mosteyro de Santa Maria de Salcedas em o anno de 1612 fol. M. S.

Fundaçãõ, e regalia do Mosteyro de Santa Maria de Salcedas, em que se trata das preeminencias, padroados, e jurisdicoens do dito Mosteyro particularmente da Episcopal, e Ordinaria, que os Abbades delle tem em seu Couto, e Territorio, o qual consta de cinco Freguezias. Acabado no anno de 1617. M. S. 4.

Morreo no Convento de Salcedas em o anno de 1621.

BALTHEZAR SOEYRO DE ALBERGARIA natural de Lamego, e na mesma Cidade Advogado de grande nome. Em beneficio dos moradores de Lisboa escreveu, e dedicou a D. Diogo da Sylva de Mendoça Marquez de Alenquer Duque de Franca-villa do Conselho de Estado de Philippe III. Capitaõ, Governador, e Vice-Rey deste Reyno.

Declaração sobre a materia da agua para esta Cidade de Lisboa por servir a Sua Magestade a quem promete outros mayores em serviço de Deos, e seu, e do bem Comum das Respublicas do mundo. Lisboa por Jorge Rodrigues. 1618. 4.

BALTHEZAR DE TEYVE natural de Braga igualmente insigne na sciencia de hum, e outro Direito, como na Arte Poetica numerando-o com grandes elogios entre os Poetas Latinos que produzio o nosso Reyno, Pedro Sanches in *Epistol. ad Ignatium de Moraes*.

Dicendus majore tuba jam Tevius alter &c. Por ser taõ perito na Poetica lhe cometeo à sua judiciosa Censura o grande Jeronymo Cardoso a Egloga de que saõ interlocutores Mopso, e Dorylas onde na *Elegia* 11. do *lib. 1. Eleg.* o louva com estas expressoens metricas.

Judicium, mihi crede, tuum deterret, et ingens

Ingenij splendor, dexteritasque tui. &c.

Candida Laurigeri petis penetralia Febi

Quæ nullo cunctis tempore clausa patent.

Et licet innumeris præpollat artibus unus

Non tamen illius pectore fastus inest.

Balthazar de Teyve lhe respondeo com hum elegante Epigramma deixando grande copia delles, e de outras obras poeticas Latinas M. S. merecedoras da luz publica.

P. BALTHEZAR TELLES. Naceo em Lisboa em o anno de 1595. de Pays nobres, e virtuosos quaes foraõ Joaõ Telles, e Francisca de Moraes. Na tenra idade de quinze annos se dedicou a Deos na Sagrada Religiaõ da Companhia de JESUS cujo habito recebeo no Collegio de Coimbra a 24. de Março de 1610. Entre os seus condiscipulos foy conhecido por eminente o talento de que era ornado excedendo a todos assim na amenidade das letras humanas, como na severidade das sciencias Escholasticas. Teve por theatros da sua erudição Poetica, e Oratoria as primeiras Classes dos Collegios de Braga, Evora, Lisboa, e Coimbra em que consumio o largo espaço de nove annos. Com o mesmo applauso leo Filosofia quatro annos tendo a gloria de serem seus ouvintes D. Francisco Manoel de Mello taõ insigne na palestra de Marte como na de Minerva, e ao Doutor Manoel dos Reys Tavares de que faz agradecida memoria no seu livro *de duobus Artis medicæ auxiliis*. cap. 6. art. 4. pag. 161. Explicou Theologia Especulativa, e Moral por outo annos nos Collegios de Coimbra, e Lisboa, e quando era tempo de descansar de occupação taõ laboriosa, mais obediente ao preceito dos Superiores, que sollicito da propria quietação passou de Theologo a Historiador compondo a Chronica da sua Provincia que sendo taõ fecunda de Varoens insignes estavaõ sepultados com ingrato silencio de seus Companheiros. Esta continua applicação assim aos estudos escholasticos, como historicos o naõ eximiraõ de que fosse Reytor do Seminario dos Irlandezes, e do Collegio de Santo Antaõ, donde subio ao lugar de Provincial, e ultimamente de Proposito da Casa professa de Lisboa, em cujas Prelazias mostrou a candura de seu animo, e prudencia do seu juizo, a qual se admirou mais claramente quando pacificou as discordias movidas entre os Conegos do Porto, e Braga sendo o arbitro da concordia entre estes dous gravissimos Cabidos. Recebidos os Sacramentos com grande piedade falleceo na Casa professa de S. Roque a 20. de Abril de 1675. com 80. annos de idade, e 65. de Companhia. Fr. Franc. Macedo in *Theatr. Metereolog.* cap. 7. lhe chama *hominem ingeniosum, & eruditum* & in 2. Sent.

Collat. 9. Differ. 2. Sect. 2. *nobilem Philosophiæ Authorem*. D. Franc. Man. na Cart. dos AA. Portug. escrit. ao Doutor Manoel da Fonsec. Themud. *Clarissimo, e eloquente* fazendo-lhe mayor elogio na Carta escrita intitulada *Antidoron* que sahio impressa no principio da *Histor. da Etiop. Alta* do mesmo P. Tellez Franc. *Imag. da Virtud. do Colleg. de Coimb.* Tom. 2. pag. 613. e no *Synops. Annal. S. J. in Lusit.* pag. 360. n. 5. *eminuit in studiis humanioris litteraturæ*. Nicol. Ant. *Bib. Hisp.* Tom. 1. pag. 145. *Vir probus, elegantisque doctrinæ, ac sermonis*. Joan. Suar. de Brit. *Theatr. Lusit. Litter.* lit. B. n. 10. Cardoso *Agiolog. Lusit.* Tom. 3. pag. 41. no Comment. de 2. de Mayo letr. M. *eruditissimo*. Franc. de Santa Mar. *Ann. Hist.* pag. 495. *Varaõ eminente em divinas, e humanas letras, e naõ menos em pureza de vida, e integridade de costumes*. Fonsec. *Evor. Glorios.* pag. 427. Compoz

Summa universæ Philosophiæ. Ulyssip. apud Laurent. Anvers 1642. fol. Parisiis Sumptibus Antonij Bertier. 1644. 4. 2. tom. e novamente illustrada pelo Author. Ulyssipone ex Officina Crasbeeckiana 1652. 8. 4. Tom.

Chronica da Companhia de JESUS na Provincia de Portugal, e do que fizeraõ nas Conquistas deste Reyno os Religiosos que na mesma Provincia entraraõ nos annos em que viveo Santo Ignacio de Loyola nosso Fundador 1. *Part.* Lisboa por Paulo Crasbeeck. 1645. fol.

Parte 2. com o Summario das vidas dos Serenissimos Reys D. Joaõ o III. e D. Henrique Fundadores, e insignes Bemfeitores desta Provincia. Lisboa pelo dito Impressor 1647. fol. Desta obra fazem memoria o P. Philippe Labbe in *Bib. Bib.* pag. 25. e o novo addicionador da *Bib. Orient.* de Ant. de Leaõ Tom. 2. Tit. 20. col. 757.

Historia Geral da Etiopia Alta, ou Preste Joaõ, e do que nella obraraõ os Padres da Companhia de JESUS. Coimbra por Manoel Dias Impressor da Universidade 1660. fol. A esta Historia intitula *celeberrima* Cardoso *Agiol. Lusit.* Tom. 3. pag. 41. no Comment. de 2. de Mayo letr. M. e Jobo Ludolpho in *Comment. ad Hist. Ætiopic. in Proæm.* pag. 11. affirmando-lhe ser *stylo florido, & jucundo conscripta*, porém censura ao seu Author de pouco critico, e

versado na Philologia, e intelligencia da lingua Hebraica, e Etiopica, por cuja causa cahio em varios erros, e contradicções manifestas intitulado a esta Crise *Balthazaris Tellefj peccata Philologica, & Historica*. Sahio traduzida esta Historia na lingua Franceza por Melchisedech Thevenot Paris ches André Cramoyfi 1674. no 1. Tom. das suas Viagens.

Meditava fazer huma Summa de toda a Theologia, de que já tinha prompto o 1. Tom. in *Prim. Part. D. Thomæ*, à qual não pode dar o ultimo complemento por se applicar por ordem dos Superiores à composição da Chronica da Provincia, como escreve o Author da *Biblioth. Societ.* p. 103.

Fr. BARTHOLAMEU Monge Cisterciense muito douto, e exercitado nos Ritos, e Cerimonias da sua Ordem. Ainda quando frequentava as Classes da Theologia Especulativa, e Moral em o seu Collegio de Coimbra, não sómente compoz, mas em muitas partes reformou.

Livro Ordinario do Officio Divino segundo a Ordem de Cister. Coimbra por João Alvares, e João Barreira. 1550-8. Foy dedicado a Fr. Antonio Moniz Prior do Convento de Thomar, Administrador de toda a Ordem de Christo, Visitador, e Reformador Geral da Ordem de S. Bernardo nestes Reynos.

Fr. BARTHOLAMEU DE AZEVEDO natural de Evora filho de Antonio Rodriguez de Azevedo, e D. Antonia Pereira os quaes o educarão com tão virtuosos documentos, que na idade da adolescencia deixou o mundo, e se recolheo à Religião dos Eremitas Augustinianos professando este Sagrado Instituto no Convento de Lisboa a 4. de Abril de 1595. Foy Reytor do Collegio da Graça de Coimbra no anno de 1632. Observou com grande exação as obrigações de Religioso servindo de exemplo aos seus domesticos, e de terror aos demônios bastando a efficacia das suas vozes para os expulsar de muitos corpos. Morreo no Convento de Lisboa a 6. de Agosto de 1640. Escreveo.

Relação breve de alguns Santos de Espanha, e Portugal, cujas historias se não pôdem achar inteiras por livros, e foraõ tiradas de Livrarias antigas, e

varias relações. fol. M. S. Consta de 202. folhas, e se conserva na magnifica Livraria de S. Domingos de Lisboa onde a vimos. He dedicado a Christo Sacramentado cuja dedicatória he escrita na lingua Latina, a qual acaba com estes versos.

Dum vita in medio convertitur anxia luctu

Imploro Superi Numinis æger opem.

Tu Deus, atque hominum rellor miserere precantis
Et patulá querulas aure reconde preces.

Tê o Index Geral de todas as Pessoas de que escreve nesta obra, e parece ser Original.

Chronica Geral da Ordem de Santo Agostinho. fol. M. S.

Sermoens Varios. fol. M. S.

Estes dous Volumes, que são de justa grandeza se conservaõ na Livraria do Convento da Graça de Lisboa.

BARTHOLAMEU CACELLA DO VALLE natural da Cidade de Evora filho de Fernão do Valle Cacella, e D. Francisca de Figueiredo. Foy igualmente insigne na especulação da Sagrada Theologia de cuja sciencia recebeu o grão de Doutor na Academia Conimbricense, como nos preceitos da Oratoria assim Sagrada como profana de que deo hum plauzível argumento na Oração que recitou sendo Conego Magistral da Sé de Elvas quando entrou nesta Cidade em o anno de 1619. Filippe II. a qual sahio impressa a fol. 3. da Viage que este Princepe fez a Portugal escrita por João Bautista Lavanha, e impressa em Madrid por Thomaz Junti Impressor delRey 1622. fol. começa a Oração.

A Nobreza, e povo desta vossa Cidade primeira na venturosa sorte desta primeira entrada. &c. Publicou mais.

Sermaõ na Procissão, que o Cabbido, e Camera ordenáraõ em fazimento de Graças a Nosso Senhor por ser eleito em seu Bispo o Illustrissimo, e Reverendissimo Senhor Sebastião de Mattos de Noronha. 1625. 4. Não tem lugar, nem nome do Impressor.

BARTHOLAMEU DE FARIA natural de Lisboa filho de Matheus de Azevedo Pereira Fidalgo da Casa Real, e de sua mulher Guiomar de Faria recebeu a graça bautifmal na Freguesia do Real Convento de S. Vicente de Fóra a 31. de Agosto de

1629. Foy de genio muito jovial, discreto na converfação, e hum dos celebres Poetas, e Oradores de que se compoz a Academia dos *Singulares* instituida na sua patria no anno de 1663. Cazou com D. Anna Maria de Siqueira de quem teve diversos filhos, que foraõ Religiosos nas mais authorifadas Cõmunidades, como foraõ os Conegos Regrantes, Clerigos Regulares, Dominicos, e as duas reformadas Provincias da Arrabida, e Santo Antonio. Falleceo em Lisboa a 26. de Janeiro de 1709. com 88. annos de idade. Jaz sepultado na Parochial Igreja de S. Mamede. Compoz

Oração recitada em 30. de Dezembro de 1663. na Academia dos Singulares. 2. *Romances*, 6. *Madrigaes*, huma *Redondilha glossada*. 4. *Sylvas*. Sahiraõ estas obras na 1. *P. da Academia dos Singul.* Lisboa por Henrique Valente de Oliveira 1665. 4. & ibi por Manoel Lopes Ferreira 1692. 4.

No 2. *Tomo* Lisboa por Antonio Crasb. de Mello 1668. 4. & ibi por Manoel Lopes Ferreira. 1698. 4. sahiraõ huma *Sylva*, e hum *Romance*.

BARTHOLAMEU FERNANDES Presbytero do Habito de S. Pedro igualmente estimado pela sciencia, que virtude. Escreveo com estilo sincero

Carta em que dà conta do que succedeo na Ilha de Santa Maria com tres Nãos de Mouros, como a ronbaraõ, e hostilidades, que fizeraõ desde 3. de Junho atè 14. do dito mex do anno de 1616. M. S. fol. Conserva-se na Livraria do Excellentissimo Marquez de Abrantes.

BARTHOLAMEU FERRAZ DE ANDRADE natural de Lisboa filho de Thomaz de Andrade, e Neto de Bartholameu Ferraz de Andrade Coronel General neste Reyno. Militou pelo espaço de quinze annos na India onde em varios combates mostrou a valentia do seu braço. O tumulto das armas lhe não impedio o cõmercio das Mufas sendo igualmente exercitado na escola de Bellona, e de Minerva. Ao tempo, que contava 44. annos morreo na Patria no univerval contagio, que a inficionou no anno de 1599. Compoz

Thefouro Lusitano. Poema heroico cujo argumento era o Cerco de Goa, e Chaul no tempo, que governava o Estado o insigne

Vice-Rey D. Luiz de Attaide. Dedicado a D. Francisco Mascarenhas Conde de Santa Cruz. M. S. Estava com todas as Licenças prompto para a Impressão.

Cerco de Mazagaõ. Poema Heroico.

Parecer a ElRey D. Joaõ o III. sobre a guerra de Africa mostrando-lhe com razoes concludentes ser conveniente ao seu serviço conservar nas suas Praças duas mil lanças, e quatro mil pioens. M. S.

Parecer ao mesmo Rey sobre a disposição com que se devia levantar hum exercito, e de que Officias havia constar para ser perfeito. M. S.

Parecer ao mesmo Principe mostrando-lhe a causa porque se perdia a Mina, e como se podia remediar. M. S.

Fr. BARTHOLAMEU FERREYRA natural de Lisboa onde professou o Sagrado Instituto da Ordem dos Prègadores. Depois de dictar muitos annos Theologia em que se fez venerado pela profundidade das letras com que ensinou aos domesticos, e dirigio aos estranhos foy elevado ao lugar de Deputado da Inquisição de Lisboa a 3. de Novembro de 1576. cujo ministerio ainda exercitava no anno de 1588. em o qual approvou o Livro de *Concordia Liberi arbitrij cum gratia donis, divina præscientia, prædestinatione, & reprobatione.* Ulyssip. apud Anton. Riberium 1588. 4. composto pelo P. Luiz de Molina da Companhia de JESUS, e como nelle se propugnava a Sciencia Media, de que sempre foy Antigonista a Eschola Thomistica, em agradecimento de que Fr. Bartholameu Ferreira sendo Dominico a approvasse, o intitularaõ os Padres Alonfo de Andrade, e Gabriel Henao ambos Jesuitas, o primeiro no Tom. 5. de los *Var. Ilust. de la Comp.* §. 5. pag. 798. *religiosissimo, e doutissimo,* e o 2. in *Scient. Media histor. propugnat.* Event. 11. n. 239. *Doctissimum Dominicanum,* posto que como notou Jacob Jacinto Serry *Hist. Congreg. de auxiliis Divinæ Gratiæ* Lib. 1. cap. 13. não foy approvado por Fr. Bartholameu Ferreira o appendix, que Molina fez à *Concordia* impresso no anno de 1589. o qual sahio sem licença alguma. Compoz conforme escreve Fr. Affonso Fernandes in *Concert. Præd.* ainda que se enganou dizendo que florecera pelo anno de 1500.

De his, qui de Fide Catholica male sentientes aliquid scripserunt, vel inter Catholicos tractatus aliquid de suo interposuere. M. S.

Vida de Fr. Antonio Freyre Religioso Dominico Confessor del Rey D. Joaõ o III. a qual (saõ palavras de Jorge Cardoso Agiolog. Lusit. Tom. 3. pag. 129. no Cõment. de 8. de Mayo letr. E) por mais diligencia que fizemos por ella naõ tivemos ventura de nos chegar às mãos.

Fr. Pedro Monteiro no *Claust. Domin.* Tom. 3. pag. 175. faz deste Author dous attribuindo ao primeiro a obra latina assima escripta, e ao segundo a *vida de Fr. Antonio Freyre*, mas certamente se enganou porque afirmando de ambos, que eraõ Deputados do Santo Officio, e examinados todos os Cathalogos, que elle escreveu das tres Inquisicoens deste Reyno, sómente se acha em o Tribunal de Lisboa Fr. Bartholameu Ferreira em o anno de 1576. e outro do mesmo nome taõ moderno, que confessou o conheceu por tomar posse do lugar na Inquisição de Evora a 16. de Março de 1667. e naõ podendo ser este, pois he posterior quasi hum seculo aos que elle fingio evidentemente se conclue ser hum o que multiplicou em dous por se naõ achar deste nome nos Cathalogos dos Deputados daquelle tempo mais que hum de que fazem memoria Soufa *Chron. de S. Doming. da Prov. de Portug.* Part. 1. Liv. 4. cap. 37. Faria, e Souf. *Epitom. das Hist. Portug.* Part. 4. cap. 18. Joan. Soar. de Brit. *Theatr. Lusit. Litter.* letr. B. n. 14. Nicol. Ant. *Bib. Hispan.* Tom. 1. pag. 151. Echard *Script. Ord. Præd.* Part. 2. pag. 281. col. 1.

BARTHOLAMEU FERREIRA LAGARTO a quem intitula Doutor o novo addicionador da *Bibic. Occident.* de Antonio de Leaõ Tom. 2. Tit. 12. col. 683. escreveu como elle affirma.

Advertencias pertencentes ao Socorro do Estado do Brazil. M. S. fol. Conserva-se na Bibliotheca del Rey Catholico.

BARTHOLAMEU FILIPPE nasceu em Lisboa onde aprendidas as primeiras Letras passou a Salamanca em cuja Universidade se formou Bacharel na Faculdade dos Sagrados Canones com geral applauso de todos os Cathedraticos venerando a

sua sciencia naõ sómente ouvida nos aetos Litterarios, mas impressa em doutissimos livros. Depois de illustrar Salamanca se transferio a Coimbra, onde recebendo as insignias doutoraes em o Direito Pontificio a 7. de Outubro de 1538. começou a brilhar o seu profundo talento nas Cadeiras, a que foy subindo, lendo huma Cathedrilha de Canones a 13. de Outubro de 1539. donde passou a Lente do Decreto em 3. de Novembro de 1547. e ultimamente à Cadeira de Vespera em 1554. Naõ sómente foy versado na Jurisprudencia Canonica, e Civil, mas nos documentos da Filosofia Moral, e da Politica regulada mais pelos diætames do Evangelho, que pelos Aforismos de Tacito. Para a impressaõ das suas Obras lhe foy consignada huma pensãõ de cem mil reis, em o anno de 1581. que cobrou até o anno de 1589. Foy casado com huma Sobrinha de quem naõ teve descendencia. Morreo em Coimbra na larga idade de cento, e dez annos, como escreve Francisco Galvaõ Maldonado na sua *Bib. Port. M. S.* imprimio.

Tractatus de Fitionibus. Salmantica. 1536. 4. *Repitio in Cap. Scindite corda vestra de Penitentia.* *Dist.* 1. Olyssip. apud Ludovicum Rodrigues. 1539. 4. Na Prefaçãõ desta obra dedicada à Universidade de Coimbra (a qual louva com grandes elogios o insigne Jurisconsulto D. Diogo de Covarruvias de *Matrim.* 2. Part. cap. 3. §. 5. n. 8.) diz seu Author *Abhinc quinquenio indolem, specimenque qualis qualis futura doctrina edito de Clericali dignitate libello præmissi. Abhinc trienio in difficili, atque senticoso fitionum Campo ingenij vires exercui: proximo vero anno per omne Doctorum genus circumvolitans communium Opinionum Centurias decem concinnavi.*

Tratado del Consejo, y delos Consejeros delos Princeses. Coimbra por Antonio Mariz. 1584. 4. Dedicado ao Cardial Alberto de Austria em cuja Dedicatoria faz a seguinte Relaçãõ das suas Obras. *En este exercicio de componer Libros ha cincoenta años que me ocupo, y despues de haver leído viente años en las Universidades de Lisboa, Salamanca, y Coimbra há treinta que me recoji à imitacion de San Augustin, que en libro delas Retrataciones haze mencion de todas sus Obras, y del glorioso S. Jeronymo que*

refiere nó solamente los libros que tenia escritos, mas tambien los que estava escreviendo, dize las obras, que estoy poniendo en Orden para imprimir 20. libros de reglas, doctrinas, y communes Opiniones en derecho Civil, y Canonico con muchas, y muy varias anotaciones mias. 5. Libros de Conjecturas in utroque jure en que pongo los entendimientos, que los Doctores dan a los Textos que interpretan, y allen delos que ellos dan, interpretado nuevamente muchos Textos. 2. Libros de Problemas, y Questiones Juridicas. 4. Libros de Epistolas Juridicas. 2. Libros de Consejos. 4. Libros de Repeticiones in Utrouque Jurē. 6. Libros de Tratados en Derecho Civil, y Canonico. un Libro de Concordancia delos 4. Evangelistas. un Libro dela elegancia, y propiedad destes Vocabulos. En Romance tengo escrito. 4. Tratados a cerca del regimiento de una bien instituida Republica. 20. libros dela Disciplina Militar. 4. Libros del Amor Divino, humano, y Casto. 4. Libros del Officio delos Embaxadores. 2. libros de Problemas naturales, y morales. 2. Libros de cosas naturales, y morales. 2. libros de comparaciones, y parabolos. 2. Libros de Consejos astutos, y prudentes. 2. Libros de respuestas discretas, y ingeniosas si se anda mucho camino, ò en mucho espacio de tiempo o de prissa en poco (como diz Aristoteles lib. de Mechanicis) el tiempo em que compuse estos libros es desde el año 1536. hasta el de 1584. en que publico este libro. Foy traduzido em Italiano por Julio Cesar Piovano di Carpeno. Venetia presso Societá Minima. 1599. 4.

Epistola ad Hieronymum Cardozo data Conimbricæ 4. Kalend. Martij 1539. 8. e he a vigessima primeira entre as de Cardoso, o qual na resposta que he a vigessima segunda Carta lhe diz entre outros elogios. *Eá doctrinarum omnium peritia præpolles utquo cum referre audeat non invenies.*

Além das Obras de que fez relação na Dedicatória ao Cardial Alberto deixou composto.

Tratado da Criação dos filhos. Dedicado ao Conde de Portalegre. M. S.

Tratado da Milicia. M. S.

Carta escrita ao Senhor D. Antonio desenganando-o da pertençaõ do Reyno. M. S.

Tratado da Sucessão do Reyno de Portugal de que faz menção no Disc. 18. e ultimo do *Tratad. del Consejo, y Consejero.*

Todas estas obras que deixou M. S. por serem taõ uteis à Republica literaria determinava imprimir a Univerfidade de Coimbra para cujo effeito encomendou ao Doutor Diogo de Brito as ordenasse por ser muito inteligente em a letra do Author que era difficil de se ler. Celebraõ o seu nome Cardozo de Jure *acrescendi ad* §. *Si eadem Institut. de Legat. in Præbend.* chamandolhe *insignis.* Pinel. *Select. Jur. Interp.* lib. 1. cap. 5. §. 63. *multiscie eruditionis vir.* Joan. Soar. de Brit. in *Theatr. Lust. Litter.* lit. B. n. 21. *Jurisconsultus egregius, & magnæ eruditionis vir M. S.* Maced. *Flor. de Espan.* cap. 8. Excel. 9. Nicol. Ant. *Bib. Hissp.* Tom. 1. pag. 156. col. 2. Pinel. ad *Rub. de Bonis maternis.* 2. Part. n. 36. Cost. ad L. *Si ex Cautione* §. 14. n. 6. Velasco de *Jure Emphyteutico* Quæst. 27. n. 2. e 4. *Præb. Decis.* Tom. 2. *Decis.* 162. n. 45. et *Decis.* 192. n. 27. Verder in *Bib. Gesnerian.* *Epitom.* o faz Author *Consultationum Juris.* Franc. Leitaõ Ferreira *Not. Chronol. da Univerfid. de Coimb.* pag. 572. n. 1212. *Varaõ Sapientissimo* et pag. 575. n. 1219.

BARTHOLAMEU GALVAM natural de Lisboa, e filho de Garcia Lopes Valdovinos Rey de Armas. Foy insigne Poeta Lyrico, e Comico de que saõ claro argumento as diversas Poestas, e Comedias que produzio o seu fecundo engenho. Vivia na India pelos annos de 1602. e 1603. Imprimio.

Poestas Varias como affirma Francisco Galvaõ Maldonado na *Bib. Portug. M. S.*

Fr. BARTHOLAMEU GUERREYRO Religiofo da Ordem Serafica da Provincia de S. Miguel em Castella, a Velha Collegial do insigne Collegio dos Santos Apostolos Pedro, e Paulo da Cidade de Alcalá, e depois no Convento de Placencia Lente de Prima de Sagrada Theologia a quem intitula Hypolito Marraccio in *Bib. Marian.* Tom. 1. pag. 190. *Vir doctrina, et religiosi moribus conspicuus.* Foy acerrimo defensor do Immaculado Mysterio da Conceição da Senhora escrevendo doutamente contra os seus impugnadores.

Expositio in Controversiam de immaculata Virginis Mariæ Conceptione breviter, et copiose ambiens omnia quæ Sancti Patres,

et alij Doctores usque adeo scripsere. Matriti apud Didacum Flamenco. 1620. 4.

Fazem delle memoria Wadingo de *Script. Ord. Min.* pag. 50. col. 2. Fr. Joan. à D. Ant. in *Bib. Franc.* Tom. 1. pag. 187. col. 1. Nicol. Ant. in *Bib. Hisp.* Tom. 1. pag. 152. col. 2. e Marracio no lugar citado em que claramente affirma ser Portuguez.

P. BARTHOLAMEU GUERREIRO. Naceo na Villa de Almodouvar no Campo de Ourique, e teve por Pays a Antonio Fernandes Correa, e Maria Guerreira de Gusmaõ. Cumprindo 18. annos de idade se dedicou a Deos na Companhia de JESUS recebendo a Roupeta no Collegio de Evora a 7. de Dezembro de 1578. onde leo letras humanas, e foy Perfeito da Universidade. Abundante fruto colheo o seu apostolico zelo nas Missoens, que fez pelo espaço de 17. annos por grande parte do Reyno, principalmente na Villa de Castello de Vide obrigando com a efficacia das suas vozes a muitos dos seus moradores que abominassem as torpes ocaziõens da sua ruina espirital, e seguissẽm o caminho da penitencia para alcançarem o perdaõ de culpas inveteradas. Foy muito estimado dos Serenissimos Duques de Bragança D. Theodosio, e D. Joaõ venerando unidas na sua Pessoa todas as virtudes proprias do Estado Religioso. Morreo na Casa professa de S. Roque a 24. de Abril de 1642 com. 78. annos de idade, e 60. de Companhia. *Vir eruditissimus* lhe chama o P. Manoel Luiz in *Vit. Princip. Theodos.* lib. 1. cap. 14. n. 156. *Bib. Societ.* pag. 106. col. 2. *Concionator eximius.* Franco *Ann. Glor. S. J. in Lusit.* pag. 225. col. 2. *non minus prædicavit exemplo, quam verbo;* e na *Imag. da Virtud. do Nov. de Evor.* liv. 3. cap. 5. e pag. 857. Ant. de Leon. *Bib. Occiden.* Tit. 12. Joan. Soar. de Brito *Theatr. Lusit. Litter.* lit. B. n. 15. Fonsec. *Evor. Glorios.* p. 427. D. Frãc. Manoel na *Cart. dos Autor. Portug.* escrita ao Doutor Theodoro. Nicol. Ant. *Bib. Hispan.* Tom. 1. pag. 152. col. 2. Compoz.

Sermaõ de S. Thomé prégado na Capella Real anno de 1623. cuja Festa como de Padroeiro da India celebra por Ordem dos Reys o Tribunal daquelle Estado com offer-

tas publicas das Drogas delle. Lisboa por Pedro Crasbeeck. 1624. 4.

Sermaõ nas Exequias do anno que se fizeraõ ao Excellentissimo Principe D. Theodosio 2. Duque de Bragança em Villa-Viçosa na Igreja dos Religiosos de S. Paulo primeiro Ermitaõ onde o dito Senhor está depositado, em 29. de Novembro de 1632. Lisboa por Mathias Rodrigues. 4.

Jornada dos Vassallos da Coroa de Portugal para se recuperar a Cidade do Salvador na Bahia de todos os Santos tomada pelos Olandezes a 8. de Mayo de 1624. e recuperada no 1. de Mayo de 1625. Lisboa por Matheos Pinheiro. 1625. 4.

Gloriosa Coroa de esforçados Religiosos da Companhia de JESU mortos pela Feé Catholica nas Conquistas dos Reynos da Coroa de Portugal. Lisboa por Antonio Alvares. 1642. fol. Esta obra sahio posthuma, e della se lembra o novo addicionador da *Bib. Orient.* de Antonio de Leon. Tom. 2. Trat. 23. col. 838.

Fr. BARTHOLAMEU DE LISBOA cujo appellido indica o lugar do seu nascimento, filho de Gaspar de Viana, e Antonia Lourenço, Religioso de S. Jeronymo cujo habito professou no Real Convento de Belem a 26. de Agosto de 1601. onde foy Prior desta Casa em o anno de 1640., e Visitador Geral da Congregaçaõ. Foy muito observante do seu Instituto, e naõ menos versado em as noticias da sua Religiaõ. Morreo em o Convento de Belem a 22. de Fevereiro de 1641. Compoz.

Vida do glorioso Padre S. Jeronymo, e Santa Paula. a qual estava prompta com as licenças para a Impressaõ, e ficou em poder de hum Religioso irmaõ do Author.

BARTHOLAMEU LOURENÇO DE GUSMAM Fidalgo Capellaõ da Casa Real, e irmaõ de Alexandre de Gusmaõ Cavalleiro professo da Ordem de Christo, e Censor da Academia Real de quem fizemos mençaõ em seu lugar, naceo na Villa de Santos da Capitania de S. Paulo na America Portugueza, e logo nos primeiros annos deo manifestos indicios do grande talento que lhe concedeu liberal a natureza, assim na admiravel promptidaõ, com que comprehendendo as dificuldades da Filofosia, e

Mathematica, como na prodigiosa memoria com que conservava as noticias mais recon-ditas da Historia Sagrada, e profana. Instruido na Oratoria, Poetica, e Mythologia se lhe acendeu o desejo de penetrar os mysterios das Leys Imperiaes, e Canones Pontificios para cujo fim preferindo o amor da sciencia ao da patria passou à Universidade de Coimbra em cuja sapientissima Palestra brilharão mais intensamente os rayos do seu claro engenho com admiração de todos os Cathedra-ticos que sendo expectadores dos seus actos litterarios resolverão ser digno de receber as insignias doutoraes na Faculdade do Direito Canonico. Igualmente se admirou a subtilidade do seu juizo em as Oraçoens Evangelicas recitadas nos Pulpitos, como em os Discursos Academicos de que foraõ theatros a Academia Real instituida em o anno de 1720. debaixo dos Soberanos auspicios da augusta Magestade delRey D. João o V. nosso Senhor sendo elle hum dos primeiros cincoenta Academicos de que se formou este eruditissimo congresso, e lhe foy cometido escrever as Memorias Ecclesiasticas do Bispa-do do Porto, como na Academia Portugueza, de que era Secretario o Excellentissimo Conde da Ericeira D. Francisco Xavier de Menezes. Foy versado nas linguas mais principaes, sabendo com pureza a Latina, fallando com promptidaõ a Franceza, e Italiana, e tinha grande intelligencia da Grega, e Hebraica. Sendo taõ douto em varias sciencias nunca se lhe descobrio o menor final de vaãgloria, antes sem affectação era taõ modesto no semblante, como affavel no genio parecendo muitas vezes a quem o naõ conhecia que naõ era deposito de tantos thezouros scientificos dos quaes nos deixou as seguintes obras.

Varios modos de esgotar sem gente as Nãos que fazem agua. Lisboa na Officina Real Deflandesiana. 1710. 4. Sahio esta obra juntamente em Latim com este titulo.

Variae rationes Antlias pro navibus Automatias construendi. Ulyssipone ex Officina Regali Deflandesiana. 1710. 4. com estampas.

Sermaõ da Virgem Maria N. Senhora em huma Festa, que a devoção de Sua Magestade lhe dedicou em Salvaterra aos 26. de Abril deste prezente anno de 1712. Lisboa na Officina Real Defland. 1712. 4.

Sermaõ, na ultima Tarde do Triduo com que os Academicos ultramarinos festejaõ a Nossa Senhora do Desterro prègado na Parochial de S. João de Almedina a 9. de Janeiro de 1718. Lisboa por Antonio Pedrozo Galraõ. 1718. 4.

Sermaõ prègado na Festa do Corpo de Deos da Freguezia de S. Nicoláo desta Cidade. Lisboa na Officina da Musica. 1721. 4.

Conta dos seus estudos Academicos em a Academia Real a 16. de Setembro de 1723. Sahio no Tom. 3. da *Colleção dos Documentos da mesma Academia.* Lisboa por Paschoal da Sylva. 1723. fol.

D. Fr. BARTHOLAMEU DOS MARTYRES perfeita copia dos Prélados da primitiva Igreja, immortal credito da Jerarchia Ecclesiastica, e sublime ornato da Religiaõ Dominicana illustrou com o seu nascimento a Cidade de Lisboa em o anno de 1514. e exaltou o nome de seus Pays Domingos Fernandes, e Maria Correa taõ abundantes dos dons da graça, como dos bens da fortuna. Tanto que sahio do ventre materno se lhe descobrio na parte superior da maõ direita huma Cruz relevada sobre a carne dividida em quatro pontas semelhante à que forma o escudo das Armas da Ordem dos Prègadores, indicando a natureza com taõ claro, e antecipado final a Religiaõ, de que havia ser illustre filho. O tempo, que na idade pueril se passa com jogos, e outros innocentes divertimentos o conformia em exercicios de piedade assistindo com tanta reverencia ao Sacrificio da Missa, e frequentando com igual disvelo os Sermões, que se faziaõ na sua Parochia, que parecia penetrar os altos mysterios, que testemunhavaõ os seus olhos, e ouvidos. Instruido na Grammatica Portugueza, e Latina quando contava 14. annos pertendeo com repetidas instancias ser admitido à Religiaõ de S. Domingos, e vencidos os obstaculos, que se lhe opunhaõ a taõ heroica resolução recebeu o habito de taõ illustre familia no Real Convento da sua patria a 11. de Novembro de 1528. e fez a profissão solemne a 20. do dito mez do anno seguinte. A boa indole, que em o Noviciado mostrou para as virtudes foy igual, e ainda superior para as letras admirando os Mestres, e Condisci-

pulos a viveza da comprehensãõ, e a excellencia do talento com que fondava as materias mais profundas da Filosofia, e Theologia, em cujas sciencias sahio eminente, de que foraõ primicias os aetos litterarios, que sustentou nos Capitulos celebrados em Guimaraens no anno de 1532. e poucos annos depois em Lisboa. Entre a especulaçaõ destas Faculdades a que applicava o entendimento, se lhe acendeo o coraçãõ em ardentes dezejos de ser pratico nos Mysterios da Theologia Mystica, cujos altissimos documentos aprendeo da ascetica liçaõ dos Bernardos, Boaventuras, e Thauleros. Chegou o tempo de subir à Cadeira para formar Mestres aos seus Discipulos assim na Sciencia dos Santos, como na das Escholhas, e para este fim dictou dous Cursos de Artes, e as principaes materias de Theologia Especulativa pelo dilatado espaço de vinte annos nos Reaes Conventos de Lisboa, e da Batalha com tal subtileza nos argumentos, e facilidade nas respostas, que parecia se illustrava o seu entendimento com os rayos de seu Angelico Mestre. Sendo nomeado no anno de 1551. Companheiro do Provincial Fr. Francisco de Bovadilha para votar no Capitulo Geral, que se celebrava no Convento de Santo Estevaõ de Salamanca defendeo humas Conclusoens com tanto credito da Religiaõ, e applauso do seu nome, que o Geral da Ordem Fr. Francisco Romeo lhe deu a patente de Mestre com grandes elogios. O primeiro, e unico lugar que teve na Provincia foy o Priorado do Convento de S. Domingos de Bemfica distante huma legoa de Lisboa, que aceitou com grande repugnancia. Nelle leu terceiro curso de Artes em que teve por Discipulo ao Senhor D. Antonio filho do Infante D. Luiz. Corria o anno de 1558. em que vagara a Cadeira Primacial de Braga por morte do seu Prélado D. Fr. Balthezar Limpo da Ordem do Carmo, e desejava a Rainha D. Catherina, que governava esta Monarchia pela menoridade de seu Neto ElRey D. Sebastiaõ de prover taõ grande dignidade em Pessoa benemerita em cuja eleyçaõ naõ ficasse culpada a sua consciencia a nomeou em Fr. Luiz de Granada Varaõ muito estimado de todos os Princepes por sua exemplar vida, e grande sciencia, o qual escusando-se como incapaz de taõ alto ministerio persuadio à Rainha

elegesse para elle a Fr. Bartholameu por considerar, que possuia todas as partes dignas de hum vigilante Pastor. Foy chamado á presença da Rainha taõ alheyo da honra, que o buscava, como merecedor de outra mayor que naõ pertendia, e tanto que lhe declarou a nomeaçãõ da dignidade, que tinha feito na sua Pessoa, he incrível o pasmo, e enleyo que concebeo o seu entendimento conhecendo que era totalmente opposta à humildade do seu genio taõ suprema Prelasia, e posto que por alguns dias esteve constante nesta resoluçaõ obrigado do preceito do Prélado aceitou o Arcebisnado de tantos pertendido, e sómente por elle recitado. Depois de ser Sagrado na Igreja de S. Domingos de Lisboa a 3. de Setembro de 1559. recebeu a 8. do dito mez o Pallio das mãos do Arcebispo de Lisboa D. Fernando de Vasconcellos, e Menezes, e a 4. de Outubro fez a publica entrada na Cidade de Braga onde foy recebido pelas suas ovelhas com excessivas demonstraçoens de jubilo como certos vaticinios da summa benevolencia com que haviaõ ser regidas por taõ insigne Pastor fundando para beneficio, e instruçãõ dellas o Collegio de S. Paulo aos Padres Jesuitas com obrigaçaõ de lerem quatro Classes de Grammatica, e Rhetorica, e huma Cadeira de Filosofia consignando-lhe annualmente duzentos mil reis em premio deste trabalho litterario. Por ordem delRey D. Sebastiaõ foy obrigado a deixar o seu rebanho a 24. de Março de 1561. para assistir ao Concilio Tridentino, em cuja Sagrada Assembleia se distinguio entre os Veneraveis Prélados de que se compunha, o seu ardente zelo clamando com apostolica liberdade, que se devia reformar o Estado Ecclesiastico, e purificar o ouro do Sanctuario de Christo das fezes com que estava manchado naõ se eximindo desta reforma a Eminencia das Purpuras Romanas das quaes como fontes se devia derivar a agua mais pura para beneficio da Christandade. Armado da authoridade da Pessoa, e da profundidade da sabedoria foy author de que se decretasse ser a residencia dos Bispos nas suas Dioceses de direito divino, e de outras graves determinaçoens fundadas nas solidas bazas das Escrituras, e Concilios de que resultaraõ immortal gloria à Igreja Catholica, e fatal ruina aos seus Antigonistas. Para satisfazer

aos dezejões de Pio IV. que anciosamente lhe queria fallar, entrou em Roma onde foy recebido pelo summo Pastor com singulares demõstrações de affecto, e veneraçãõ, principalmente quando o ouviu increpar com zelosa efficacia o luxo practicado pelos Ecclesiasticos na Cabeça do Mundo como improprio do Estado, que professavaõ, de que se seguio reformar o Pontifice o fausto da sua Familia, e de todos os Princepes Purpurados da Curia Romana. Entre elles contrahio estreita amifade com S. Carlos Borromeo, e Miguel Ghislerio, que pouco depois subio ao Solio do Vaticano com o nome de Pio V. a cujo peito se tresladou o fogo de Elias para zelar a causa de Deos, e promover a obfervancia da disciplina Ecclesiastica dos primeiros Seculos da Igreja. Concluido o Concilio se restituhio à sua Diocefe onde entrando a 27. de Fevereiro de 1564. foy recebido com festivos applausos pelas suas ovelhas convertendo em alvoroço o grave sentimento, que padeceraõ com a ausencia de taõ benigno Pastor. Resoluto a executar exactamente os Decretos do Concilio edificou o Seminario confagrado ao Principe dos Apostolos para nelle estudarem quarenta e quatro Collegias as Sciencias necessarias com que dirigissem as almas assim nos Pulpitos, como nos Confessionarios. Discorreo por toda a Diocefe reformando abusos, extirpando vicios, plantando virtudes, conciliando animos discordes, evitando escandalos publicos, enxugando as lagrymas das Viuvas, zelando a honestidade das Donzellas, reprimindo a insolencia dos poderosos, e abatendo o orgulho dos Violadores da immuidade Ecclesiastica. Contra estas virtuofas açõs proprias da Dignidade, que occupava, se armaraõ fortissimas opposiçoens assim de Ecclesiasticos, como de Seculares interpretando com o simulado pretexto de zelo, ferem muitas dellas procedidas de hum animo summamente austero, e totalmente alheyo da benevolencia pastoral. De todas estas contradicoens triumphou intrepidamente o seu coraçãõ temperando com tal arte a severidade com a clemencia, e o rigor com a piedade, que foy universalmente conhecida a recta intençaõ com que obrava. Para estabelecer mais solidamente a frequencia dos Sacramentos, e a reforma dos costumes cele-

brou Synodo Provincial na Sè a 8. de Setêbro de 1566. com a assistencia dos seus Bispos suffragancos, cujos decretos foraõ com grandes elogios approvados pela Sé Apostolica. Naõ foy menos celebrada a sua ardente charidade na assistencia aos feridos do contagio, que fatalmente fulminou o Ceo contra este Reyno no anno de 1569. sendo o mais vigilante em lhes ministrar pessoalmente os remedios do corpo, e da alma sem que fosse poderosa a ordem delRey D. Sebastiaõ para se apartar do perigo a que estava exposta a sua vida. Sendo taõ excessivo o cuidado com que exercitava o ministerio Pastoral, ainda era mayor a ancia com que suspirava aliviar-se de taõ grave pezo insoportavel aos seus hombros antepondo a humildade do Claustro donde sahira a todos os titulos honorificos da Primacial Dignidade, que lograva. Desta heroica resoluçaõ fez participante a Philippe II. quando assistio nas Cortes, que este Principe cõvocou na Villa de Thomar no anno de 1581. supplicando-lhe com enternecidas instancias quizeffe aceitar-lhe a renuncia do Arcebisnado, e interpor a sua real authoridade para que o Pontifice benevolmente a confirmasse. A esta supplica repugnou Gregorio XIII. (como jaõ o tinhaõ feito seus dous Predecessores Pio IV. e S. Pio V.) e a mayor parte do Consistorio considerando, que privavaõ a Igreja de hum Prélado acerrimo defensor da immuidade Ecclesiastica, e universal refugio da pobreza, e orfandade, porêm conhecendo o Pontifice a vontade declarada delRey condescendeo na renuncia, que foy juridicamente intimada ao Arcebispo a 20. de Fevereiro de 1582. Tanto que recebeo esta noticia foy igual no seu coraçãõ o jubilo com que depoz o pezo da Prelafia ao sentimento com que constringido a tomara sobre seus hombros. Partio para o Convento de Santa Cruz que elle fundara em a Villa de Viana onde pelo espaço de outo annos, que nelle viveo obfervou a disciplina regular com tal severidade, como se naõ estivera della izento pelos privilegios de velho, e ainda mais de Primaz. Todo o seu disvelo era obedecer taõ promptamente ao Superior como se fora Noviço, naõ consentindo, que o distinguisse dos outros Religiosos para qualquer acto da Cõmunidade. Prégava todos os Domingos, e dias Santos nas Igrejas dos Arra-

baldes de Viana explicando aos adultos os mysterios da nossa Religião, e aos innocentes ensinandoos com a propria maõ a formarem o sinal da Cruz. *E na verdade* (exclama o Illustrissimo D. Rodrigo da Cunha seu Sucessor na Mitra de Braga descrevendo as suas acçoens na *Histor. Eccles. desta Diocef.* Tom. 2. cap. 86. §. 13.) *que outro espectáculo podia haver mais grato ao Ceo, mais espantoso aos homens que hum Primaz das Espanhas, ensuando pastorinhos depois de tantos annos de Cadeiras, depois de com suas letras, e prudencia espantar aquelle gravissimo ajuntamento, que na Cidade de Trento o onvio, e seguio com tanto applauso, como se nelle vira resuscitados os mayores lumes da Igreja Catholica?* Cumulado de todo o genero de virtudes assim Religiosas, como pastoraes chegou o tempo de serem eternamente premiadas, e sentindo-se acometido de huma Dyfuria que a sua honestidade fez mortal, foraõ inuteis todos os remedios applicados pela sciencia dos Medicos, e affecto dos Religiosos. Tolerava a acerbidade das dores com animo taõ constante que se conheciaõ pelos defmayos, e naõ pelas vozes, antes no semblante mostrava indicios de excessivo jubilo por conhecer, que estava proximo o termo da sua peregrinaçaõ. Chegou a noticia do perigoso estado da enfermidade ao Illustrissimo D. Fr. Agostinho de Castro seu segundo Sucessor na Cadeira de Braga, e sem demora partio para lhe assistir, o que executou com grande ternura, conferindo-lhe o Sacramento da Extrema-Unçaõ que o moribundo recebeo com tanto acordo, e piedade, que alternava os Psalms Penitenciaes com os circumstantes. Ultimamente levantando as maõs, e os olhos ao Ceo entregou placidamente o espirito ao seu Creador a 16. de Julho de 1590. entre as sete, e oito horas da tarde com 76. annos, e dous mezes de idade, de Religioso 62. de Arcebispo 23. e 8. depois da renuncia desta Dignidade. Recolhido o Cadaver a hum precioso Caixaõ foy conduzido ao Cruzeiro por entre a multidaõ de povo que lamentavaõ com sentidas expressoens a falta do seu insigne Bemfeitor, e se lhe fizeram sumptuosas Exequias a que presidio, e cantou a Missa o Arcebispo D. Fr. Agostinho de Castro, no fim da qual

fez a Oraçaõ funebre Fr. Jorge Queimado da Ordem dos Prégadores que depois foy Bispo de Fez elegendo para Thema as palavras que serviaõ de empreza ao Arcebispo defunto, que eraõ *Ardere, & lucere: nolite conformari huic saeculo.* Pacificada a contenda que se moveo entre o Cabido de Braga, e o Senado de Viana sobre o lugar que havia ser deposito do corpo do Vener. Arcebispo se sepultou no Presbyterio da parte da Epistola do Convento de Santa Cruz até 24. de Mayo de 1609. que foy treslidado com magnifica pompa pelos moradores de Viana a hum sumptuoso Mausoleo no Presbyterio da parte do Evangelho em que se gravou o seguinte epitafio.

Deo Optimo Maximo

Frater Bartholomæus de Martyribus Olyssiponenfis Dominicanus, Hispaniarum Primas Adam ter magnus hic situs est; qui ad Bracharensem sedem à cella, ut aiebat, tanquam à Regno ad Crucem raptus cum secunda post Apostolos dispensandæ Ecclesiæ gratia inter alios, ut Sol inter minores stellas divinitus fulsisset, Summis Pontificibus, Concilij Tridentini spectabilis Patribusq̃, probatus, & charus, ingravescente ætate sponte abdicata sede Cellam Monasterij hujus, quod condiderat, libens repetiit, ubi et Sancte vixit dilectus Deo, & hominibus, & divina patiens ab osculo Domini assumptus est; heu pauperum Pater, & Religiosorum, amator pudicitia, æmulatione Martyr, professione Doctor, Sal terræ, Lucerna ardens, & Lucens, rarum verorum Episcoporum exemplar, & velut adeps separatus à carne. Vixit annos 76. a professione Dominicana 62. à consecratione Episcopi 32. à regressu ad Ordinem 8. Obiit anno Domini 1590. die 16. Julij. Requiescat in pace. Amen.

As acçoens insignes deste Veneravel Prelado foraõ assumpto de diversas pennas em varias linguas, escrevendo-as na Portugueza o insigne Fr. Luiz de Sousa com estilo elegantissimo, o Illustrissimo D. Rodrigo da Cunha Arcebispo Primaz de Braga, e Duarte Nunez de Leaõ na *Descripçaõ do Reyno de Portug.* cap. 60. na Castelhana Fr. Luiz de Granada, e Luiz Muños: na Franceza Isaac le Maître de Sacy em nome dos Noviços da Ordem dos Pré-

gadores do Convento de Pariz. na Italiana D. Malachias de Imguibert Arcebispo de Theodosia, e na Latina o P. Joaõ Baptista le Beau da Companhia de JESUS por ordem do Bispo de Montpellier Francisco de Bofquet, e ultimamente no mesmo idioma D. Malachias de Imguibert já nomeado. Aos elogios com que estes escriptores ornarão o nome deste Ven. Arcebispo se podem juntar os de outros famosos Varoens como são o Cardial S. Carlos Borromeo em huma Carta que lhe escreveo de Roma a 3. de Abril de 1565. *Quid enim est tam exploratum quàm Reverendissimæ Dominationis tuæ aut integritas, aut prudentia, aut in Catholica Fide constantia... nam quid dicam de me cui in conspectu animi semper ades, & propter excellentem in omni genere virtutis laudem unus mihi ad imitandum propositus.* O Cardial Pallavicin. *Hist. del Concil. di Trent.* liv. 15. cap. 11. n. 4. *Huomo riguardevole per Santità, e per dotrina.* Aug. Barbof. *de Postet. Episcop.* 1. Part. Tit. 3. cap. 8. n. 82. *Vir ille eminenti virtute, ac summa vitæ integritate præclarus, spectata fide, singulari que prudentia insignis.* Sachin. *Hist. Societ.* Part. 2. lib. 4. n. 150. *Præsul omnibus Evangelicæ Sapientie luminibus clarus.* Joan. à Cruce in *Præfat. Direct. Conf.* §. 6. n. 16. *Adfuit inter alios Tridentino tanquàm dux strenuus, & fortissimus Achilles, sanctitate ac zelo præclarus, qui crebris disputationibus, ac infatigabili cura sanam Catholicæ Ecclesiæ doctrinam validissime defendit.* Jacob. Echard *Script. Ord. Præd.* Tom. 2. pag. 296. col. 2. *vir apostolici plane pectoris omnium consensu inter illustriora Ecclesiæ Seculo XVI. lumina numeratur.* Fernand. in *Concert. Præd.* Magna in eo erat rerum desprecientia, magna laudis, & auræ popularis contemptio, humilitatis, & modestiæ excimia, ardens, ac vicens studium Orationis, ac meditationis, summa in cibo, & potu parcitas, paupertatis evangelicæ rigida observatio. *Illustrissimus Cunha in Decret. Dist.* 40. n. 2. *Ecclesia Bracharensis lumen, & columen, ac inter Hispaniarum Præsules non dignitate tantum, sed virtute, ac meritis vere Primas, et Idem de Primat Bracharens.* cap. 27. §. 4. *insignis vir litteris, & sanctitate... hujus Ecclesiæ fulgentissimus splendor. Imago Primi Sæculi S. J.* lib. 5. cap. 11. pag. 676. *Clarus admissa,*

sed clarior deposita dignitate. Soufa *Vid. do mesmo Arceb.* liv. 5. cap. 7. *Era de engenho sutil, claro entendimento, e firme memoria, livre em dizer a cada hum o que entendia, (o que he rarissimo no mundo) sofrido, e humilde em ouvir o que cada hum lhe dizia de avizos, e advertencias: animoso em acometer as cousas da sua obrigaçã, acre, e diligente na execuçã dellas, constante em as levar ao Cabo, porque nenhuma acometia sem muito estudo, e conselho, parte de verdadeira prudencia.* Graveffon *Hist. Eccles.* Tom. 7. colloq. 5. ad Sæcul. XVI. *In obeundis pastoralibus Officiis assiduus singulis annis totam Diæcesim suam pedibus per invia montium juga, per abruptas cautes, per acervos nivium, per lapsus horrendos torrentium visitabat magnus ille venator, auceps que animarum, in egenos homines, in loca Sacra opes suas efusissima liberalitate profundeabat, & in ejus mensa, vestibus, familia, modestia summa, & prisca Ecclesiæ temporibus consentanea relucebat.* Joan. Suar. de *Brit. Theatr. Lusit. Litterat.* lit. B. n. 16. *Vir veræ virtutis opinione celebratissimus.* Sena *Bib. Frater. Præd.* pag. 48. *Vir in Philosophicis, & Theologicis doctissimus, & in Sacrarum litterarum, & Sanctorum Patrum lectione exercitatus.* Fontan. *Monument. Dominic.* pag. 506. *Præclarissimus vir Nicol. Ant. Bib. Hispan.* Tom. 1. pag. 154. col. 2. *Tridentum advocatus ad Concilium eam doctrinæ, integritatis, ac religionis famam ibi collegit, ut in Supremo Ecclesiæ confessu nulli Congregatorum ex toto Orbe Christiano Theologorum sive litteris, sive Sanctitate quam plurimum opinione concederet.* Nat. Alexand. *Hist. Eccles.* Sæcul. XVI. *Synopf.* cap. 5. art. 3. §. 21. Joan. Halleford. in *Bib. Curios.* pag. 410. col. 1. Draud. in *Bib. Classic.* Taxand. in *Catalog. Clar. Hisp. Script.* e Fr. Pedro Mont. *Clauß. Domin.* Tom. 3. pag. 169.

Catalogo das obras que compoz.

Compendium Spiritualis Doctrinæ ex varijs Sanctorum Patrum sententijs magna ex parte collectum. Olyssipone apud Antonium Riberium. 1582. 8. *Sahio esta obra por diligencia de Fr. Luiz de Granada onde lhe faz o seguinte elogio. Inter varias pastoralis Officij sui curas nanquam Rachelis suæ amplexum deseruit, sed diem Pastoralis*

Officij curis, noctem Deo offerebat. Quo tempore quidquid de Mystica Theologia à Summis viris, hoc est, Dyonisio, Bernardo, Bonaventura, Gersono scriptum est, studiose legens, has gemmas super aurum, & topazion pretiosas nobis ministravit. Quibus ego legendis tantopere pelectatus sum, ut vere affirmare possim me hactenus in vita legisse, quod acriores piis hominibus stimulus ad caelestis Philosophiæ amorem adderet, majoremque lucem iis, qui huic studio dediti sunt, praeferret. Igual, ou mayor encomio dedicou a esta obra o Mestre Geral da Ordem Fr. Jeronymo Xavierre exhortando à lição della aos seus subditos nesta forma. *Hic igitur tantus Antistes totus in divinarum meditationum campos evolutus longo rerum usu exercitus pretiosum istud monile ex diversis Margaritis, gemmisque velut nobile emblemata admirabili pietate contexit.* Sahio em segundo lugar Matriti apud Ludovicum Sanches 1594. 24. Parisiis apud Guilielmum Chaudiere. 1601. 16. Romæ per Carolum Vullietum. 1603. 8. Coloniae apud Quental. 1622. Venetiis apud Petrum de Orlandis 1711. 8. por deligencia de Fr. Ildefonso Manrique Dominico. Traduzido em Castelhana por Fr. Placido Pacheco de Ribera Monge Benedictino. Valladolid por Sebastian Cano. 1601. 8. Na lingua Portugueza por Francisco Oforio Prior da Igreja de S. Vicente de Villa-Franca. Lisboa por Antonio Alvares. 1653. 8. e na Franceza com estilo elegante por D. de Godeau Reytor da Universidade de Pariz, e Parocho da Igreja de S. Cosme intitulado-o *Abregé des Maximes della vie Spirituelle recueilli des Sentimens des Peres.* Pariz per Delaulne 1699. 12. Nesta edição está hum elogio ao Arcebispo D. Fr. Bartholameu dos Martyres composto por Monsiur Godeau Bispo de Vence.

Stimulus Pastorum ex Sententiis Patrum concinatus, in quo agitur de Vita, & moribus Episcoporum, aliorumque Prælatorum. Esta obra (que mereceo a approvaçõ do grande Mestre da Theologia Mystica, e exemplar de Prelados S. Francisco de Sales persuadindo a sua lição a hum Bispo seu amigo no liv. 1 das suas *Cartas* Cart. 34. como necessaria para se exercitar exactamente as obrigaçoens Pastoraes) foy primeiramente impressa Romæ 1564. por deligencia de

S. Carlos Borrromeo do qual recebendo hum exemplar Fr. Luiz de Granada o publicou Ulyssipone apud Franciscum Correa 1565. Como no frontispicio desta ediçãõ não estivesse o titulo de Primaz das Espanhas advertio seu veneravel Author a Fr. Luiz de Granada daquella omissoã que resultava em prejuizo da dignidade Bracharense, o que logo emendou sahindo o frontispicio com o titulo que faltara no primeiro que se divulgou. Sahio segunda vez Romæ apud Hæredes Julij Accolti 1582. 8. Parisiis apud Jacobum Kerver 1583. 8. & ibi apud Michaellem Somnium 1586. & ibi apud Petrum Areche 1644. 12. & ibi apud eundem 1667. 12. Romæ apud Salvioni. 1715. 8. Traduzido em Frances por G. de Mello com o titulo *Le devoir des Pasteurs.* Pariz ches Michel le Petit 1672. 12. o P. Francisco Nunes Jesuita na Dedicatoria das *Emprezas sacras.* ao Cardial D. Francisco Portocarreiro Arcebispo de Toledo impressas em Leão de França 1682. 4. fallando desta obra lhe faz o seguinte elogio. *Aquel libro de oro, que de varias sentencias delos Santos juntó el insigne Arcobispo de Braga D. Fr. Bartholamé delos Martyres solo en orden a despertar con ellas su espirito, le estimó. como un milagro S. Carlos Borrromeo que liberal de tan precioso thesoro con nombre de estímulo de Pastores para que todos le gozassen, a sus expensas le dió ala estampa.*

Catecismo da doutrina Christãã com algumas practicas espirituas em as Festas principaes, e alguns Domingos do anno para os leitores, e Curas do seu Bispado lerem à estaçãõ nas Parochias, em que não houvesse Prêgação. Braga por Antonio de Mariz. 1564. 4. & ibi por Antonio Alvares. 1594. 4. Evora por Manoel de Lira. 1603. 4. ibi por Jorge Rodriguez 1617. 4. et ibi pelo dito Impressor 1628. 4. e ultimamente com a vida do Ven. Arcebispo escrita pelo Illustrissimo D. Rodrigo da Cunha. Lisboa por Henrique Valente de Oliveira 1656. 4. Traduzido em Castelhana por Fr. Manoel Rodriguez da Ordem Serafica insigne Theologo Portuguez. Salamanca por Diego Cufio. 1602. 4. e na mesma lingua por Joãõ Aristizaval Cavalleiro da Ordem de Saõ-Tiago. Madrid. 1564. 4. e no idioma Latino por Fr. Jacob Quetif da Ordem dos

Prégadores com este titulo *Cathecismi, sive doctrinae Christianae cum instructionibus pastoralibus libri duo, quorum primus continet explanationes articulorum Fidei; alter vero homilias, seu Sermones Sacros in Evangelia pro Festis solemnibus ordinati ad usum, & commodum Parochiarum Archiepiscopatus Bracharensis, quae concionatoribus indigent.* Romæ apud Hyeronimum Maynardum. 1735. fol.

Summa Conciliorum omnium tam generalium, quam Provincialium additis plurimis locis, quæ ad Historiam succedentium temporum attinet collecta per Fr. Bartholamæum Archiepiscopum, & Dominum Bracharensis, Hispaniæque Primate dum ageret in Concilio Tridentino.

Annotationes in Davidicos Psalmos, ubi præsertim obscuriora ad illuminationem intellectus, & inflammationem affectus dum esset in Concilio Tridentino anno Domini 1561. mense Septembri. Desta obra se lembra Jacob le Long in *Bib. Sacra* Tom. 1. pag. mihi 626. col. 2.

Petitiones quas in Concilio Tridentino facere intendebat. Escritas da sua propria mão se conservavaõ na Livraria do Cardeal Soufa.

Collecta ex gestis Concilij Tridentini anno Domini 1562. quando sub Pio IV. iterum Concilium Tridentinum congregatum est.

Itinerarium ex Brachara ad Tridentinum, & ex Tridentino ad Bracharam. Foy traduzido da Lingua Portugueza na Latina por Fr. Jacobo Quetif Dominico.

Estas oito Obras do Veneravel Arcebispo sahiraõ magnificamente impressas em 2. Tom. in fol. Romæ Typis Hieronymi Mainardi. 1734. e 1735. por industria do Illustrissimo D. Malachias de Imguibert Abade Cisterciense, Arcebispo de Theodosia, Bispo de Carpentoraçto, Prêlado domestico da Santidade de Clemente XII. Assistente do Solio Pontificio, Consultor da Inquiçaõ Universal Romana, e do Conselho do nosso Augustissimo Monarcha, a cujo Sobrano Nome dedicou esta grande collecçaõ das obras do Vener. Arcebispo D. Fr. Bartholameu dos Martyres de quem tendo escrito elegantemente a sua vida na Lingua Italiana, a escreveu segunda vez no idioma Latino, que serve de Prefaçãõ a dita collecçaõ.

Carta escrita de Bragança a 28. de Março de 1561. a Fr. Joaõ de Leiria quando partio para o Concilio. Sahio impressa na vida do mesmo Arcebispo por Fr. Luiz de Soufa. liv. 2. cap. 2.

Carta escrita de Trento a 22. de Mayo de 1561. a Fr. Joaõ de Leiria. Na mesma vida. liv. 2. cap. 5.

2 *Cartas escritas de Trento, huma a 22. de Setembro de 1561. e outra a 2. de Novembro de 1561. a Fr. Joaõ de Leiria.* Na dita vida liv. 2. cap. 7.

Carta escrita de Trento 4. feira de Cinza de 1562. a Fr. Joaõ de Leyria. Na dita vida liv. 2. cap. 9.

Carta escrita de Trento a 20. de Fevereiro de 1563. ao Vigario do Convento de Santa Cruz de Viana. Na dita vida liv. 2. cap. 14.

Carta Latina escrita a Pio IV. em favor do Clero Bracharensis. Na dita vida liv. 3. cap. 2.

Carta Latina escrita a Pio IV. sobre o Synodo que tinha celebrado em Braga. Na dita vida liv. 3. cap. 22.

Carta escrita de Braga a 4. de Março de 1570. a ElRey D. Sebastiaõ. Na dita vida liv. 3. cap. 29.

Carta escrita de Braga a 12. de Março de 1566. á Rainha D. Catherina. Na dita vida liv. 4. cap. 12.

As cartas escritas na lingua Portugueza de que se fez a mençaõ precedente foraõ traduzidas na Latina pelo Illustrissimo D. Malachias de Imguibert, e sahiraõ impressas na Collecçaõ das obras de que assima se fez memoria, em o 1. Tomo desde pag. 96. até 108.

Carta escrita de Braga a 7. de Janeiro de 1561. á Rainha D. Catherina em que lhe persuade com efficazes rezoes não deixe a regencia da Monarchia na menoridade de seu Neto D. Sebastiaõ. Impressa nas minhas Memor. Hist. e Militar. delRey D. Sebast. Part. 1. liv. 2. cap. 3. §. 30.

Cathalogo das Obras M. S.

Collationes Spirituales centum, & quinquaginta. Cada huma tem seu Thema conforme a materia de que trata. A primeira que he do Amor Divino tem por thema *Osculetur me osculo oris sui.* A 2. de *Fatore peccati.* he o thema *Putruerunt iumenta in stercore suo.*

Annotationes in Jeremiam, & alios Prophetas. Começou esta Obra quando assistio em Trento, e o seu original conservava Fr. Bartholameu Nobre Dominico de quem logo se fará menção.

Puncta tangentia jura, et Casus Conscientiæ. Principia Intentio dicitur Lumen.

Varia Sententiæ ad Sacram Scripturam pertinentes. Começa. *Abraam prius dilus est Ram.*

Doctrinæ, & regulæ Mensæ Religiosæ.

Epitome Chronicorum Mundi. Começa *Prima Monarchia Assiriorum &.*

Compendium Historiarum Ecclesiasticarum. Principia Pilatus quadam nocte subintulit in Urbem Jerusalem.

Tractatus de Superstitionibus. He allegado pelo Doutor Manoel do Valle, e Moura in *Tract. de Curat. per Ensaln.* cap. 1. n. 1.

Tractatus de Trinitate. Conservava-se na Livraria de Manoel de Faria e Soufa em Guimaraens.

Relatio impedimentorum à Prælati in Concilio circa Residentiam allatorum in Congregatione Generali mense Aprili 1562.

Requisitiones aliquorum Italiæ Episcoporum Legatis Apostolicis in Concilio mense Februario 1562. factæ, ut in Ecclesia reformarentur.

Petitio Legatis Apostolicis in Concilio facta per Bartholamæum à Martiribus, et D. Petrum Guerreiro Granatensem Archiepiscopum à Prælati Hispaniarum die 17. Augusti 1562.

Articuli Ferdinandi Casaris nomine ad Ecclesiæ reformationem in Concilio Tridentino ab ejus Oratoribus anno 1562. præsentati.

Epitome das vidas dos Summos Pontifices com os Sucessos mais notaveis, que em tempo de cada hum ouve no mundo começando de S. Pedro até o tempo de Xisto V. O original desta obra se conservava na Bib. do Eminentissimo Cardial de Soufa hoje do Excellentissimo Duque de Alafoens.

Compendio Geral das Historias de Espanha. Começa *Havendo quinze annos que Adão era criado.*

Compendio dos Reys de Aragaõ, e Condes de Barcelona. Principiava. *No tempo prezente tres Regioens se ajuntão no Reyno, que chamamos de Aragaõ.*

Compendio dos Reys de Navarra começando do primeiro que foy D. Garcia Ximenes até Philippe II. Nesta obra trata da Sucessão dos Reys Mouros que reinaraõ em Espanha.

Breve Relação dos Reys de Portugal do tempo que viveraõ, e Reynaraõ até ElRey D. Sebastião.

Artigos prezentados ao Concilio Tridentino pelo Reverendo Vigario Capitular da Igreja de Valença do Reyno de Aragaõ.

Instruções que Fernão Martins Mascarenhas Embaxador delRey D. Sebastião apresentou ao Concilio Tridentino em 26. de Fevereiro de 1562.

Tratado de Práticas devotas para os Prêlados quando daõ Ordens.

Considerações espirituas para resistir às tentações. O original conservava com grande veneração o exemplarissimo Arcebispo de Evora D. Theotonio de Bragança o qual vindo ao poder do Chantre desta Cathedral Manoel Severim de Faria o deo como thezouro precioso a seu Irmaõ D. Basilio de Faria Monge Cartuxo.

A diversidade de argumentos de todas estas Obras assim impressas, como M. S. claramente manifesta a vasta lição, e profunda sciencia que o nosso Veneravel Arcebispo tinha naõ sómente da Theologia Especulativa, Positiva, Moral, e Mystica, mas dos Canones Pontificios, Historia Sagrada, e Profana deixandonos o justo sentimento, que se todas (como escreve o insigne Chronista da sua vida Fr. Luiz de Soufa liv. 5. c. 23) chegarão à impressão, onveraõ de ser estimadas, e bem vistas, porque seu dono tinha partes para illustrar tudo o que tomava entre mãos, e naõ fazia nada por ociosidade, se naõ só para proveito dos proximos, mas como elle se naõ applicou a imprimir por naõ defraudar os pobres da contia que nisso podia dispender, ficamos defraudados os estudiosos de hum grande thesouro, e utilidade principalmente nas obras pertencentes á doutrina, e Sagrada Escritura.

Fr. BARTHOLAMEU NOBRE natural da Cidade de Evora, e Religioso da Ordem dos Prêgadores muito douto na intelligencia da Sagrada Escritura, e naõ menos versado na lição dos Santos Padres, e Sagrados Interpretes, como o testemunhaõ as obras seguintes.

Commentaria in Genesim. M. S.

Commentaria in Evangelium D. Mathæi M. S.

Esta ultima obra foy impressa em Italia, por deligencia de Fr. Francisco da Piedade Dominico como escrevem Joaõ Franco Barreto na *Bib. Portug.* M. S. e Fr. Pedro Monteiro *Claust. Dominic.* Tom. 3. pag. 176. cujo Original se conserva na Bibliotheca de S. Domingos de Lisboa. Faz menção do Author o P. Francisco da Fonseca *Evora Glorioso.* pag. 410.

BARTHOLAMEU PACHAM natural da maritima Villa de Peniche do Patriarchado de Lisboa. Foy Mestre de Humanidades na sua Patria, e profundamente instruido no estudo da Mythologia, e Historia Romana de quem se lembra no *Theat. Lusit. Litter.* lit. B. n. 18. Joaõ Soar. de Brito. Compos.

Fabula dos Planetas moralizada com varia doutrina politica, ethica, e economica. Lisboa por Domingos Lopes Rosa. 1643. 8.

Fr. BARTHOLAMEU DE PAYVA Naceo em Lisboa, e sendo de idade tenra abraçou o Instituto da Ordem da Santissima Trindade onde depois de aprender as sciencias escholasticas as ensinou com tal fama do seu nome que basta para eterno credito do seu magisterio ter sido seu ouvinte o insigne Escriuario, e grande Theologo Fr. Balthezar Paes de que já fizemos menção. Formado Bacharel em Theologia pela Universidade de Coimbra foy Definidor da sua Provincia. Cultivou entre a severidade das sciencias Mayores a amenidade das letras humanas sendo hum dos celebres Poetas Latinos da sua idade. Falleceo no Convento patrio a 31. de Dezembro de 1619. Compos em verso Latino, e dedicou ao Reverendissimo Geral da Ordem Fr. Luiz Petit.

Historia Institutionis Ordinis Sanctissimæ Trinitatis, da qual imprimio grande parte Fr. Bernardino à D. Antonio in *Epit. Geral Redemp.* Ulyssipone apud Petrum Crasbeeck 1623. 4. lib. 1. cap. 4. fol. 16. até 19. v.º e lib. 2. cap. 8. fol. 111. e cap. 9. fol. 114. v.º cap. 10. fol. 120. e cap. 11. fol. 126.

Elegia in laudem Illustrissimi Domini Alphonssi Furtado de Mendoça Archiepiscopi Ulyssiponensis. He muito extensa. Conserva-se em hum livro que contem muitas Poefias a este Prelado em a Livraria do Cardial de Soufa.

Poesias Latinas, Portuguezas, e Castelhanas. M. S. guarda-se na Livraria do Convento da Trindade de Lisboa.

Fazem menção do Author Cardoso *Agiol. Lusit.* Tom. 3. pag. 158. no Comment. de 10. de Mayo letr. F. Nicol. Ant. *Bib. Hispan.* Tom. 1. pag. 156. Joan. Soar. de Brit. *Theatr. Lusit. Litter.* lit. B. n. 19.

P. BARTHOLAMEU PEREYRA Naceo na Villa de Monção do Arcebisado de Braga em o anno de 1598. sendo filho de Joaõ Pereira Mesquita Cavalleiro professo da Ordem de Christo, e Helena Gomes, irmão de Phillippe de Mesquita Soares Secretario de Estado em cujo Officio succedeo a seu Tio Christovão Soares. De Pays tão qualificados sahio instruido nas maximas Christaãs, que o inclinaraõ na tenra idade de quinze annos a antepor o estado Religioso ao Secular entrando na Companhia de JESUS no Collegio de Coimbra a 20. de Março de 1613. onde leo Rhetorica, e depois Escriura pelo espaço de 8. annos. Na Poesia Latina mereceu alcançar o principado particularmente no estilo Epico em que se assemelhou tão vivamente a Virgilio que parece fora patricio de Mantua feliz berço deste Principe da Poesia Heroica. Naõ foy menos insigne o seu talento no Pulpito atrahindo com as suas vozes a muitos peccadores ao caminho da penitencia. Depois de ser Reytor do Collegio de S. Paulo de Braga acabou de ser mortal em Coimbra a 18. de Novembro de 1650. com 52. annos de idade, e 47. de Religiaõ. Descreveu em hum elegante Poema o martyrio de seu Tio paterno o V. P. Francisco Pacheco que morreo constantemente em Nangazaqui a 20. de Junho de 1626. abrazado em fogo lento pela Fé de Christo, o qual publicou com este titulo.

Paciecidos. Libri duodecim. Decantatur clarissimus P. Franciscus Paciecus Lusitanus Pontilimensis è Soc. JESU Japoniæ Provincialis ejusdem Ecclesiæ gubernator, ibique vivus pro Christi fide lento igne concrematus anno 1626. Conimbricæ apud Emmanuelem de Carvalho Univerfit. Typ. 1640. 12.

A este Poema chama *admiravel* Jorge Cardof. *Agiol. Lusit.* Tom. 3. pag. 765. no Commentario de 20. de Junho lettr. H. *aureum* o intitula Franco in *Anno Glorios. S. J. in Lusit.* pag. 689. e *elegantissimo* na *Imag. da Virtude do Colleg. de Coimbra.* Tom. 1. liv. 1. cap. 33. n. 21. e no Tom. 2. pag. 614. o P. Antonio Francisco Cardim in *Præfat. ad Fascicul. à Japonicis floribus* o exalta dizendo *ubi quot carmina, tot gemmæ interlucent quibus perlellis affirmabis Mantuã plures tulisse Marones.* Desta obra faz memoria o moderno addicionador da *Bib. Orient.* de Ant. de Leon. Tom. 1. Tit. 8. col. 174. e na *Bib. Occid.* Tom. 2. Tit. 23. col. 838.

In *Apotheosi Sanctissimæ Elisabethæ Lusitaniæ Reginæ Oratio encomiastica.* Conimbricæ apud Didacum Gomes de Loureiro 1626. 4. no principio do Certame Academico, que a Universidade de Coimbra dedicou à Canonizaçãõ da Santa Rainha, a qual foy recitada na Sala da mesma Universidade a todos os Academicos.

Cæcus oculus sive Argos centoculus Commentaria in Tobiam. M. S. in fol. Esta obra de que fazem mençãõ *Bib. Societ.* pag. 107. col. 2. D. Franc. Manoel na *Carta dos AA. Portug.* escrita ao Doutor Manoel da Fonseca Themudo, Jacob Lelong. in *Bib. Sacr.* pag. 898. col. 2. Nicol. Ant. *Bib. Hisp.* Tom. 1. pag. 156. col. 2. Joan. Soar. de Brito *Theat. Lusit. Litter.* lit. B. n. 20. Franco *Ann. Glorios. S. J. in Lusit.* pag. 689. chamando-lhe *eruditissima*, e na *Imag. da Virtud. em Noviciad. de Coimb.* Tom. 2. pag. 614. sendo mandada para se imprimir em França se perdeu por incuria da pessoa a quem foy entregue.

D. Fr. BARTHOLAMEU DO PILAR. Naceo na Villa das Vellas da Ilha de S. Jorge em o Bispaado de Angra, e na Igreja Matriz recebeu a primeira graça a 21. de Setembro de 1667. Foraõ seus Pays Joaõ de Avila Betancor, e Maria da Sylveira dos quaes aprendeo virtuosos costumes, que suavemente o dispuzeraõ a buscar a Religiaõ Carmelitana para nella os exercitar com mayor obfervancia recebendo na idade de 19. annos o habito de taõ illustre como antiga Familia no Convento da Villa da Horta situada na Ilha do Fayal a 31. de Outubro de 1686. onde professou

solememente em o primeiro de Novembro do anno seguinte. Tendo estudado nesta Casa Filosofia, e dous annos Theologia passou a Coimbra a continuar esta Sagrada Faculdade no seu Collegio onde foy admitido por Collegial a 21. de Outubro de 1691. Para demonstraçãõ do admiravel progresso que o seu grande engenho fizera nesta Faculdade a defendeu toda problematicamente no anno de 1694. na prezença do seu Geral o Mestre Fr. Joaõ Feixó de Villalobos hum dos mayores Letrados do seu tempo que admirado da prompta subtileza com que rebatia os mais nervosos argumentos o constituhio Mestre de taõ sublime sciencia. Por ser taõ conhecido o seu talento na profunda especulaçãõ das sciencias escolasticas foy eleito com beneplacito do V. P. Bartholameu do Quental Fundador neste Reyno da exemplarissima Congregaçãõ do Oratorio para Mestre dos Congregados de Pernambuco, onde leo por espaço de 12. annos Filosofia, e Theologia com tanto credito do seu nome como abundante fruto dos seus discipulos que brevemente foraõ Mestres. Em 16. de Março de 1702. recebeu no Convento do Carmo de Lisboa as insignias doutoraes de Theologo conferidas pelo Eminentissimo Cardeal Conti Nuncio Apostolico neste Reyno, que depois de coroado com a Tiara do Vaticano se chamou Innocencio XIII. Tendo sido Qualificador do Santo Officio Comissario deste rectissimo Tribunal no Estado de Pernambuco, Examinador Synodal do mesmo Bispaado, e Visitador dos Conventos da sua Ordem em toda aquella vasta conquista foy elevado em 9. de Novembro de 1717. à Mitra do Grão Parã sendo o primeiro Bispo desta nova Igreja dividida do Maranhão por ser dilatado o rebanho para o disvello de hum só Pastor. Foy Sagrado nesta Dignidade pelo Eminentissimo Patriarcha D. Thomaz de Almeida na Santa Igreja Patriarchal a 22. de Dezembro de 1720. Practicou na sua Diocese todas as virtudes proprias de hum zeloso Prélado instruindo aos ignorantes, favorecendo aos necessitados, ministrando os Sacramentos, e assistindo aos moribundos. Havendo completos 66. annos 6. mezes, e 18. dias de idade, e 12. annos de Governo

passou de caduco a eterno em 9. de Abril de 1733. Os Alumnos da Academia Portueza, e Latina lhe dedicaraõ por obsequio funebre varias Poesias com huma elegante Oraçaõ Portueza recitada em 24. de Fevereiro de 1734. por Philippe Jozé da Gama Academico desta Academia, e Academico Supranumerario da Academia Real. Deste Prélado faz larga memoria Fr. Manoel de Sà nas *Memor. dos Arceb. e Bisp. Portug. da Ordem do Carm.* cap. 16. pag. 75. Fr. Agostinho de Santa Maria *Sant. Marian.* Tom. 9. liv. 2. Titul. 54. pag. 380. e Sebast. da Roch. *Pitta Hist. da Amer. Portug.* Liv. 2. n. 39. Publicou.

Exequias do Illustrissimo D. Francisco de Lima terceiro Bispo de Pernambuco celebradas na sua Cathedral de Olinda em 2. de Junho de 1704. Lisboa por Manoel Lopes Ferreira. 1707. 4.

Sermaõ na Beatificaçaõ do B. P. Joaõ Francisco Regis prégado no Collegio da Companhia da Villa do Recife na Capitania de Pernambuco em 24. de Mayo de 1717. Lisboa por Antonio Pedrozo Galraõ. 1718. 4.

Sermaõ na Festa, que se celebrou na Matriz da Villa do Arrecife de Pernambuco em açãõ de graças pela erecçaõ da nova, e Real Metropoli Patriarchal. Lisboa pelo dito Impressor. 1720. 4.

V. P. BARTHOLAMEU DO QUENTAL Naceo no lugar dos Fenaes pouco distante da Cidade de Ponte Delgada Capital da Ilha de S. Miguel a 22. de Agosto de 1626. Foraõ seus Pays Francisco de Andrade Cabral, e Anna do Quental de Novaes descendentes ambos da mais antiga, e qualificada nobreza daquella Ilha. Na idade pueril deu evidentes sinaes das virtudes Christãas, que na adulta havia exercitar convocando muitos meninos para os Templos, e ensinando-lhes o Cathecismo com modestia, e gravidade muito superior a esfera dos seus annos. Instruido na patria com os documentos da Grammatica desejavaõ seus Pays, que aprendesse as sciencias mayores para as quaes prometia grandes progressos a vivesa do seu engenho o mandaraõ no anno de 1643. quando contava 17. de idade à Universidade de Evora onde se applicou de tal forte a penetrar os mysterios da Filo-

sofia, que com geral aclamaçaõ dos Cathedraicos se graduou Mestre em Artes a 30. de Junho de 1647. O mesmo applauso conseguiu o seu grande talento na especulaçaõ da Sagrada Theologia pelo espaço de tres annos, no fim dos quaes sendo Collegial do celebre Collegio da Purificaçaõ passou à Universidade de Coimbra a continuar o estudo de taõ sublime Faculdade onde deixou admirados, e envejosos aos seus mayores Professores. Ordenado de Presbytero determinou voltar para a patria, e oppondo-se em hum grande concurso de pertendentes à Vigairaria da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Estrella da Villa da Ribeira Grande foy nella provido com geral satisfaçaõ dos Ministros do Tribunal da Mesa da Conciencia naõ sómente pela sciencia com que excedia a todos os Oppositores, mas pela virtude, que ornava o seu espirito; porém como Deos o tinha destinado para mais alta empreza de que havia resultar grande gloria ao seu nome lhe inspirou largar o governo da Igreja. Conhecendo a Magestade delRey D. Joaõ o IV. a integridade da vida unida à profundidade da sciencia com que se distinguia entre todos os Ecclesiasticos o nomeou em o anno de 1654. Confessor da Capella, e Casa Real, e seu Prégador, ministerio, que exercitou com geral aclamaçaõ da Corte, pois na vehemencia dos affectos, eloquencia das palavras, e energia das açoens se naõ excedia, certamente igualava ao grande Vieyra, que no mesmo tempo era ouvido como Oraculo da Rhetorica Ecclesiastica. Aspirando o seu ardente zelo a promover o exercicio das virtudes, instituhio huma Congregaçaõ (que foy o primeiro desenho da que ao depois fundou neste Reyno, e suas Conquistas) em huma Casa situada na Capella Real com faculdade da Rainha Regente a Serenissima Senhora D. Luiza Francisca de Gusmaõ com outros Ecclesiasticos de exemplar vida, entre os quaes se distinguiaõ o P. Joaõ Duarte do Sacramento, que depois foy Fundador da Congregaçaõ de Pernambuco, e Bispo eleito deste Estado, e Nicolào Monteiro Mestre de Suas Altezas o Principe D. Affonso, e o Infante D. Pedro, donde subio à Mitra do Porto, e neste domicilio se practicavaõ com grande fervor os exercicios da Oraçaõ Mental, e conferencias espirituaes. Passa-

dos 14. annos como a Casa fosse pequena para o numero das pessoas, que a ella concorriaõ, se buscou outro sitio mais amplo qual era o Collegio, que tinhaõ habitado os Religiosos Dominicos Hybernios, mas receando prudentemente, que pelo discurso do tempo se poderia extinguir hum Instituto de que fora o principal Author sem ter os fundamentos solidos para a sua conservaçaõ alcançou do Illustringissimo Cabido de Lisboa Sede Vacante em 8. de Janeiro de 1668. e do Principe D. Pedro Regente desta Monarchia em 3. de Mayo do dito anno facultade para fundar a Congregaçaõ, e no dia 16. de Julho vestio a Roupeta juntamente com o V. P. Francisco Gomes Sacerdote de taõ alta virtude, que ja os seus milagres se vem authenticados pelo Ordinario do Patriarchado de Lisboa. Lançados os primeiros fundamentos da Congregaçaõ do Oratorio, e compostos os Estatutos para o seu governo ao tempo, que estavaõ confirmados pelo Cabido em o 1. de Fevereiro de 1670. se armou huma terrivel tormenta movida pelo inimigo commum como prevendo os espirituales frutos, que se haviaõ colher com a nova Congregaçaõ, porẽm brevemente se dissipou sendo confirmada pela Santidade de Clemente X. a 6. de Mayo de 1671. à semelhança de que tinha fundado em Roma o abrazado espirito de S. Filippe Neri, expedindo o mesmo Pontifice outro Breve a 24. de Agosto de 1672. em que confirmava especificamente os Estatutos particulares, que o V. P. escrevera para direcçaõ dos Congregados, os quaes crescendo o numero para o qual era o lugar em que assitiaõ, pouco cõmodo, se transferiraõ para a Igreja do Espirito Santo, que liberalmente lhe concedeo a Irmandade dos Homens de Negocio, em 14. de Agosto de 1674. com huma Solemne Procissaõ em que levou o Sacramento o Bispo Capellaõ Mõr Luiz de Sousa, que depois foy Arcebispo de Lisboa, e Cardial da Igreja Romana, a quem immediatamente seguia acompanhado de toda a Corte o Principe Regente D. Pedro. Neste sagrado domicilio ampliado pela sua incansavel deligencia profeguiu o V. Padre a practica dos exercicios espirituales dirigidos para cultura das virtudes, e extirpaçaõ de vicios. As primeiras pessoas de huma, e outra Jerarchia Ecclesiastica, e Secular o

procuravaõ como Oraculo para a decisaõ das duvidas da consciencia achando na prudencia dos seus concelhos o mais seguro Norte por onde dirigiaõ as acçoens. No Tribunal da penitencia deposta a severidade de Juiz inflamava com tal brandura a dureza dos coraçõens, que repentinamente se liquidavaõ em lagrymas. Foy com excessõ inimigo jurado da gloria humana despresando heroicamente os honorificos lugares de Confessor delRey D. Pedro II. e de Bispo de Lamego, e unicamente aceitando o lugar de Deputado da Junta das Missoens por ser conducente à salvaçaõ das almas. Sendo varias vezes consultado pela Magestade de D. Pedro II. em materias de gravissimas consequencias nunca o respeito da soberania lhe fez alterar a inteireza do voto, antes fallava com taõ apostolica liberdade, que por confissaõ do mesmo Principe lhe causava temor a sua prezença. Com o mais religioso culto venerou a Christo Sacramentado explicando este affecto pela magnifica pompa com que celebrou o dia da Instituaçaõ deste amoroso Mysterio. Naõ era inferior a ternura com que cordialmente amava a Maria Santissima mandando em perpetuo argumento deste piedoso affecto aos Congregados, que com juramento se obrigassem a defender a Immaculada Pureza desta Senhora, e a rezar quotidianamente o seu Rozario, e Ladainha, e que nas suas Missoens sempre encõmendassem efficazmente a sua devoçaõ aos ouvintes como penhor certo de conservarem a graça divina. Previo profeticamente muitos successos entre os quaes se cumprio infallivelmente hum que vaticinou a minha Mãe D. Catherina Barboza sua filha espiritual pelo espaço de vinte annos. Abrazado o seu coraçãõ pelo fogo que alimentava o do seu grande Patriarcha S. Filippe Neri discorria em perpetuo movimento para beneficio dos proximos visitando aos infermos nos Hospitales, evitando a prostituaçaõ das donzelas, focorrendo a miseria das Viuvas, e dirigindo para o caminho da eternidade todo o genero de almas assim na Cadeira, como no Confessionario. Em premio de virtudes taõ heroicas mereceo ver reproduzido o seu espirito nas Congregaçoens fundadas em Frexo de Espada cinta, Porto, Braga, Viseu, Estremos, e Pernambuco, das quaes reful-

tou igual gloria ao Fundador que espirital emolumento aos seus moradores. Chegada a hora de receber o premio por toda a vida merecido adoeceu de hum Pleuriz, e conhecendo ser a enfermidade mortal exhortou com alegre aspecto aos seus Congregados que não sentissem a sua ausencia, mas que perseverassem sempre promptos, e fervorosos para beneficio dos proximos. Recebidos os Sacramentos com igual ternura que resignação na divina vontade pronunciando as palavras de David *In te Domine speravi non confundar in æternum* exhalou o espirito em hum Sabbado 20. de Dezembro de 1698. as 6. horas da noute quando contava 72. annos de idade, e 30. depois de fundada a Congregação. Foy notavel a confternação que houve na Corte com a sua morte concorrendo grande copia de Gente a venerar o seu Cadaver levando como reliquias algumas partes dos seus vestidos. A Magestade da Serenissima Rainha D. Maria Sofia Izabel de Neoburg que muito o respeitara vivo, o venerou defunto beijando-lhe com summa humildade os pés. Recolhido o corpo em hum Caixaõ foy depositado em huma Tribuna sobre a Capella Mór da Igreja donde a 8. de Dezembro de 1708. sendo tresladado para huma das sepulturas do Cruzeiro foy achado incorrupto, e sem a menor diminuição em todas as partes do corpo, cuja incorrupção se fez mais admiravel quando por authoridade do Ordinario se fez nova inspecção a 26. de Abril de 1727. em ordem à sua Beatificação assistindo a este Acto o Arcebispo de Lacedemonia D. Joaõ Cardoso Castello Provisor do Patriarchado de Lisboa, os Juizes da Cauza Fr. Jozé de Lima Carmelita Calçado, e Joaõ Gomes Monteiro, os Medicos Cypriano de Pinna Pestana hoje Phisico Mór, e Antonio Fragofo de Siqueira, Antonio Francisco de Oliveira, e Francisco da Sylva Cirurgiaens, e dous Notarios Apofolicos Antonio Bautista Viçoso, e Jozé das Neves.

Na parede da efcada que sobe do Claustro para o Coro da Congregação do Oratorio desta Corte está retratado o V. Padre em hum grande quadro que representa a sua natural estatura, e ao lado delle esta hum Genio sustentando na maõ esquerda huma targe, e apontando com a direita para

a inscripção seguinte composta pelo P. Antonio de Faria filho da mesma Congregação, e Varaõ muito insigne em letras Divinas, e humanas.

Elegit Philippum, & Bartholomæum, ille huic eripuit ne esset primus; hic illi ne esset solus.

Na parte inferior do Retrato se lê o Epigramma de Marcial lib. 10. Epig. 32. venturosamente applicado.

Ars utinam mores, animumque effingere possset, Pulchrior in terris nulla tabella foret.

Junto do mesmo Retrato está posta huma Targe quasi de forma ovada na qual se lê o seguinte elogio que compendiosamente expoem algumas virtudes deste grande Varaõ.

V. P. Bartholomæus Quentalius cujus veram intueris effigiem ex præclaro, spectabilique genere in D. Michaelis Insula natus: celebrerimus novæ Congregationis Oratorii Institutor, vel potius, novis additis ministeriis, Auctor, doctus proinde in Regno, coelorum, quia similis homini patrisfamilias qui profert de thesauro suo nova, et vetera: Occullissimus omnium in hoc Regno ejusdem Congregationis Domuum Visitator generalis: Regii Missionum concilii Consiliarius Sapientissimus, nunc vero Asiæ, Americæque Gentibus desideratissimus: Olim a Serenissimo Regi a concionibus sacris, et unus ex Sacrorum Concionatorum principibus primis, cujus in ore, sicut in Periclis labris, Suada quædam insidens, aculeos in auditorum mentibus relinquebat: indefessus poenitentia Prædicator, cujus Sermo verè vivus, et efficax, et penetrabilior omni gladio ancipiti usque ad divisionem animæ, ac Spiritus pertingebat. Eximius Spiritualis vitæ, et mysticæ Theologiæ Doctor, quo Authore, et Magistro Regiæ pars Aulae diu publico mentalis orationis exercitio dedicata est: Scriptor asceticus igniti eloquii vehementer, qui vero miscuit utile dulci: mirabilis cogitationum, et intentionum cordis (ut multi attestantur) Director; insignis poenitentia Sacramenti Administer, qui innumeras Christo animas lucrificet: vir omnino magnus, in quo totus pene Christianus orbis raram inventu prudentiam, et miram consiliorum gratiam suspiciebat: Qui insulas ita dexterè rejecit, ut vel refectionis gloriae se-

humilis subduxerit: qui ex thesauris fidei suae incredibilia subsidia minimis Christi submittenda depromebat: cujus magnarum virtutum praclarum specimen humilitas cordis, et mentis ab orbe in urbe multipliciter honorata: qui vivens, Christi bonus odor fuit Deo in omni loco, sed post mortem hominibus, qui quod sentiunt narrent, suavior: post innumera Regali Solio exhibita ministeria, post multa Apostolica Sedi praestita obsequia, quae Sanctae recordationis Innocentius XI. verbis amplissimis per literas ornavit, hic cum pietate (ut pie creditur) dormitionem accepit die 20. Decembris an. 1698. aetatis vero 72.

Para eternizar a memoria de tão virtuoso Pay mandou o P. Diogo Curado filho da Congregação do Oratorio de Lisboa grande Theologo, e mayor Prégador em o anno de 1713. em que assistia em Roma abrir em huma lamina outro Retrato do P. Bartholameu do Quental com o titulo de *Veneravel* concedido pela Santidade de Clemente XI. Na parte inferior da Lamina está gravada a seguinte inscripção.

Externà ne sisas facie, introspecte quod intus latet. Quem hic intueris clarus fuit genere, sed longe clarior virtute, insigni prudentia, fervida Charitate, mirabili patientia, humilitate profunda, oratione assidua, cujus & studij promotor mirificus, zelo animarum aestuans innumeris profuit verbo, factò, et scripto. A'Regibus, quorum Concionator egregius, & à Principibus magni factus. Ab Innocentio XI. felicis, & sanctae recordationis litteris decoratus: in omnium tandem aestimazione, quem mortuus Philippus Pater ejus similem reliquit sibi post se. Obiit Ulyssipone die 20. Decembris anno Salutis 1698. aetatis 72.

Fazem honorifica menção do V. Padre João Marciano da Congreg. de Napol. nas *Mem. Historic. dela Congreg. del Orator.* Tom. 5. liv. 3. cap. 15. Fr. Manoel de Sá *Mem. Hist. dos Arceb. e Bisp. Portug. da Ord. do Carm.* cap. 16. n. 127. até 133. Cordeiro *Hist. Insulan.* pag. 205. Franc. Affonso de Chav. e Mello *Vid. de Margar. de Chaves* pag. 351. Franco *Ann. Glor. S. J. in Lusit.* pag. 676 e João Catalano Doutor em ambos os Direitos Professor de Theologia na *Vida* que compoz do V. P. na lingua Latina impressa Romæ typis Antonij de Rubeis 1734. 8. Compoz.

Meditações da Infancia de Christo Senhor nosso da Encarnação até os trinta annos da sua idade com huma direção para a Oração mental. Lisboa por Domingos Carneiro. 1666. 8. Lisboa por Miguel Deslandes 1682. 8. e 3. vez ibi na Officina da Congregação do Oratorio. 1732. 8. Traduzidas na lingua Italiana por Ferrante Orselli da Forli. Roma por Nicolao Angelo Tinassi. 1675. 8.

Meditações da Sacratissima Paixão, e morte de Christo Senhor nosso com a direção para a Oração mental, e mais exercicios espirituaes, e dous quotidianos. Lisboa por Antonio Rodriguez de Abreu 1675. 8. & ibi por João da Costa 1679. 8. e 3. vez Lisboa na Officina da Congregação do Oratorio 1734. 8. Traduzidas na lingua Castelhana sem o nome do Traductor. Madrid por Roque Rico de Miranda. 1686. 8. e na Italiana por Fr. João Jozé de Santa Thereza Carmelita Descalço. Roma apresso Rossati et Borgiani 1733. 8.

Meditações da gloriosa Resurreição de Christo, de sua Ascensão, vinda do Espirito Santo, e Santissimo Sacramento. Lisboa por Miguel Deslandes 1683. 8.

Meditações das Domingas do anno 1. Part. Lisboa por Miguel Deslandes 1695. 8.

2. *Part.* Lisboa pelo dito Impressor. 1696. 8.

3. *Part.* Lisboa pelo dito Impressor. 1699. 8.

Sermoens 1. Part. Lisboa por Miguel Desland. Impressor de Sua Magestade 1692. 4. Consta de 16. Sermoens.

Sermoens 2. Part. Lisboa pelo dito Impressor. 1694. 4. Consta de 16. Sermoens. Sahiraõ estes dous Tomos reimpressos Lisboa na Regia Officina Sylviana, e da Academia Real. 1741. 4.

Sermão Funebre nas Exequias da Excellentissima Senhora D. Leonor Maria de Menezes Condeça de Attongia prégado no Convento de S. Francisco de Xabregas no anno de 1664. Lisboa por Henrique Valente de Oliveira. 1665. 4.

BARTHOLAMEU RODRIGUES CHORRO natural da Villa de Mação na Provincia da Beyra muito douto nos preceitos da Grammatica Latina, e quantidade

das Syllabas para a composiçãõ de Versos, como o manifestou na obra seguinte, que pelas multiplicadas Impressões, que della se fizeraõ claramente publica a sua grande utilidade.

Curiosas advertencias da boa Grammatica do P. Manoel Alvares. Contem annotaçõens, regras universaes das primeiras, e meyas Syllabas, regras particulares de Orthografia, mudança nas letras da composiçãõ, modo para contar Kalendas, Nonas, e Idus. Lisboa por Jorge Rodriguez. 1619. 8. & ibi pelo dito Impressor 1623. ibi por Antonio Crasbeeck de Mello 1665. 8. & ibi por Antonio Rodrigues de Abreu. 1675. 8. Lisboa por Antonio Alvares 1671. & ibi por Joaõ da Costa 1677. 8. & ibi por Joaõ Galraõ 1694. 8. Lisboa por Miguel Mafiscal 1710. 8. Coimbra por Jozé Antunes da Sylva Impref. da Univerfid. 1713. 8. e Lisboa por Manoel Fernandes da Costa Impressor do Santo Officio 1736. 8.

BARTHOLAMEU SOARES DA FONSECA natural da Villa de Fornos do Bisgado de Viseu filho de Manoel Rodriguez, e Izabel da Fonseca Confessor da Santa Igreja Patriarchal de Lisboa, e Mestre de letras humanas nesta Corte onde assiste neste presente anno de 1740. naõ sendo menos douto na Theologia Moral, que na Grammatica, e Poesia Latina, imprimio.

Lucerna Grammatical em que se explica com brevidade, e clareza o modo de escrever, pronunciar, e compor as partes da Oraçãõ. Lisboa por Pedro Ferreira. 1728. 8.

Decuriaõ instruido na praxe de ensinar ao discipulo a declinar os nomes, e conjugar os Verbos: daselhe taõbem a noticia das linguagens Synonymas, que vulgarmente se chamaõ trocadas. Lisboa pelo dito Impressor. 1731. 8.

Elegia peccatoris cupientis vitia deserere, semitamque virtutis arripere in qua etiam describitur Passio Salvatoris. Ulyssip. apud Petrum Ferreira Augustissimæ Reginae Typ. 1733. 8. Consta de nove Elegias.

Elegia, seu Cantus Lugubris in Lamentabilis Obitus Serenissimorum Principum domus Lusitanæ Caroli, & Franciscæ quos fatum præceps nuper abripuit, Carolum scilicet Tertio Kalendas Aprilis, Franciscam vero Idibus Julij labentis anni qui est millesimus Septingentesimus trigessimus sextus

a partu Virginis. Ulyssipone apud Emmanuelem Fernandes à Costa Sancti Officij Typ. 1736. 4.

Epithalamium Historicum in faustissimam permutationem Serenissimarum Principum Brasiliæ, & Asturis super Caiam fluvium concelebratam decima nona die Januarij anni à Nativitate Domini millesimi septingentesimi vigessimi noni. 4. M. S. Consta de 171. Dyftichos.

P. BARTHOLAMEU DE VASCONCELLOS natural de Lisboa, e filho de Troillo de Vasconcellos da Cunha Secretario da Junta dos Tres Estados de quem se fará memoria em seu lugar, e de D. Monica da Sylva Coutinho. Na idade da adolescencia deixando o mundo, e o nome de Francisco recebeu a Roupeta da Companhia em o Noviciado da sua patria a 14. de Dezembro de 1692. chamando-se Bartholameu em obsequio de seu Avó paterno. Foy taõ insigne nas letras humanas, como nas sciencias Escholasticas sendo Mestre de humas, e outras nos Collegios de Evora, e de Coimbra, e da Cadeira de Controversia no Seminario dos Irlandezes desta Corte. Entre os primeiros cincoenta Academicos de que se formou a Academia Real da Historia Portugueza, foy eleito para escrever as Memorias Ecclesiasticas do Bisgado de Miranda em a lingua Latina de que he observantissimo cultor. As suas grandes letras unidas à benevolencia do genio, e urbanidade do trato o elevaraõ a ser Confessor do Eminentissimo Cardial Patriarcha D. Thomaz de Almeйда. Compoz.

Conta dos seus estudos Academicos recitada na Academia a 28. de Mayo de 1722. Sahio no 2. Tom. da Collec. dos Documentos da dita Academia. Lisboa por Paschoal da Sylva Impressor de Sua Magestade, e da Academia Real. 1722. fol.

Conta dos seus estudos Academicos recitada no Paço a 22. de Outubro de 1724. em que descreve a vida de D. Toribio Lopes primeiro Bispo de Miranda. Sahio no Tom. 4. da Collec. dos Documentos da Academia Real. Lisboa por Paschoal da Sylva Impressor de sua Magestade, e da Academia Real. 1724. fol.

Conta dos seus estudos Academicos reci-

tada no Paço a 22. de Outubro de 1726. Nella escreve o elogio da vida de D. Rodrigo de Carvalho segundo Bispo de Miranda. Sahio no Tom. 6. da Collec. dos Document. da Academia. Lisboa por Jozé Antonio da Sylva. 1726. fol.

Conta dos seus estudos Academicos recitada no Paço a 22. de Outubro de 1730. Nella escreve o elogio da vida de D. Juliaõ de Alva 3. Bispo de Miranda. Sahio no Tom. 10. da Collec. dos Docum. da Academia Real ibi pelo mesmo Impressor. 1730. fol.

BARTHOLAMEU DE VASCONCELLOS DA CUNHA Commendador das Comendas de S. Christovaõ de Nogueira, e de Santa Maria de Torre Dorta da Ordem de Christo teve por Pays a Francisco de Vasconcellos da Cunha Governador de Angola o qual com fidelidade digna do seu nascimento deixou em o anno de 1640. a Corte de Castella onde esteve despachado com o titulo de Conde de Porto Santo por vir reconhecer a seu Principe natural o Serenissimo Rey D. Joaõ o IV. e por Mãy a D. Izabel de Brito filha de Jeronymo Diaz Cardoso, Fidalgo da Casa Real, e Commendador da Ordem de Christo, e de D. Guiomar da Gama. Professou desde os primeiros annos a vida militar sendo o mar, e a terra theatros de seu heróico valor ou fosse pelejando com o posto de Mestre de Campo em Olivença no anno de 1648. ou de Capitão Mór das Nãos da India, e General de Murmugaõ, terras de Salfete, Bardes, e Forte da Aguada na Barra de Goa deixando em todas as partes immortal credito do seu nome, naõ o merecendo menos pela prudencia com que exercitou o lugar de Governador da Ilha da Madeira. Foy casado com D. Julianna de Mello filha de seu Tio materno Jozé de Mello de quem teve varios filhos. Entre os horrores de Marte cultivou as delicias das Musas como testemunhaõ algumas produçoens metricas em que se admira naõ ter menor espirito para os versos, que para as armas.

Dous Sonetos ao Nascimento do Infante D. Pedro. Sahiraõ com outras Poemas a este assumpto. Lisboa por Paulo Crasbeeck 1648. 4.

Dous Sonetos hum Portuguez, e outro Castelhana á morte de D. Maria de Attayde.

Sahiraõ nas Memor. Fimeb. dedicadas a esta Senhora. Lisboa na Officina Crasbeeckiana. 1650. 4.

Soneto em louvor de Manoel de Galwegos Author do Templo da Memoria em cuja obra liv. 4. Estanc. 186. o convoca para applaudir com a sua poesia o Hymeneo dos Serenissimos Duques de Bragança, dizendo.

Cante sublime, affombre o universo
Bartholameu de Vasconcellos, diga.
O que saltou dos Heróes a meu verso,
E da memoria a narraçãõ profiga;
Acabe o Poema com Talia alterno,
Que se por elle acabar, vivirá eterno.

Delle faz mençaõ Carvalho Corog. Portug. Tom. 3. Trat. 33. Tit. 5.

Fr. BARTHOLAMEU DA VEYGA Religiofo da Ordem dos Prégadores de quem se lembraõ Joan. Soar. de Brito *Theatr. Lusit. Litter. lit. B. n. 22. Echard Script. Ord. Prædicat. Tom. 2. pag. 281. Nicol. Ant. Bib. Hisp. Tom. 1. pag. 159. Altamura ad ann. 1588. e Fr. Pedro Monteiro *Claufl. Dominic. Tom. 3. pag. 176. Compoz.**

De Compto Ecclesiastico. Pamplona. 1588. 4.

BARTHOLAMEU VIEYRA Sendo muito perito no estudo da Historia principalmente da America Portugueza escreveu conforme diz o novo addicionador da *Bib. Occid.* de Antonio de Leaõ Tom. 2. Tit. 12. col. 676.

Nova Lusitania. M. S.

Fr. BASILIO DE ALMEYDA natural da Villa do seu appellido na Provincia da Beyra Monge Cisterciense cuja Cogulla recebeu, e professou no Convento de Santa Maria de Aguiar. Foy muito douto na Liçaõ da Escritura, e Santos Padres. Compoz.

De Verbo Abbreviato M. S. fol. cujo Original se conserva na Bibliotheca do Real Convento de Alcobaça Cabeça desta illustissima Congregaõ.

D. BASILIO DE FARIA chamado no Seculo Balthazar de Faria Severim naceo na Cidade de Lisboa a 15. de Mayo de 1569.

Foy filho de Duarte Frade de Faria Fidalgo da Casa do Infante D. Duarte, e de sua mulher Maria Severim filha herdeira de Ascensio Severim como escreve Manoel de Faria, e Soufa em as *Notas ao Nobiliario do Conde D. Pedro*. Sendo entre doze Irmaões o ultimo mereceo ser o primeiro pela excellencia do engenho, e felicidade da memoria com que se distinguio de todos na comprehensão das letras Divinas, e humanas, intelligencia das linguas Franceza, Italiana, e Latina, practica de Geometria, e Arithmetica, e especulaçãõ do Direito Canonico, e Civil, à qual deu feliz principio em a Universidade de Coimbra em o anno de 1582. Deixando o applauso que lhe podia resultar dos seus estudos Academicos aceitou a renuncia do Chantrado de Evora que nelle fez D. Francisco de Lima cujo rendimento emolumento distribuia largamente com os pobres não consentindo que algum se apartasse desconfolado da sua presença experimentando com mais ardente zelo a sua charitativa profusaõ os infernos do Hospital, e os feridos do contagio que no anno de 1599. devastou grande parte da Cidade de Evora. Acompanhado de seu Sobrinho, o celebre antiquario Manoel Severim de Faria partio no anno de 1604. a render as graças, e cumprir o voto que o seu Cabido, e toda a Cidade de Evora fizera ao Santuario da Senhora de Guadalupe por ter suspendido o fatal açoute da peste, offerecendolhe huma caçoula de prata em que está gravada esta Inscripçãõ. *Capitulum, Senatus, populus Ehwrensis pro servata à grassante pestilentia Urbe anno 1599. votum Virgini solvit anno 1604.* Ao seu incansavel davelo encomendou o Arcebispo desta Diocefe D. Theotónio de Bragança o novo regimento do Coro, e das distribuçoens das Horas Canonicas. Não foy menor o seu cuidado quando por morte deste Prelado foy eleito Governador do Arcebispado observando sempre inviolavel a justiça em todas as suas acçoens de que se seguia grande reforma no Estado Ecclesiastico introduzida menos à impulsos da severidade, que da clemencia. Chegãdo à noticia de Filippe II. de Portugal o grande talento que tinha para negocios politicos o nomeou Agente na Curia Romana de cujo ministerio se escusou por huma carta dictada pelo desengano,

e desprezo das honras mundanas que altamente estava radicado no seu coração, e para totalmente fechar a porta à menor inquietaçãõ do seu espirito renunciando o Chantrado de Evora em seu Sobrinho Manoel Severim de Faria se recolheo, no Convento de *Scala Cali* de Monges Cartuxos situado pouco distante da Cidade de Evora, a 25. de Janeiro de 1610. onde entre o horror, e silencio do Claustro servia de exemplar aos professores de taõ austero Instituto. Ao terceiro anno de professo foy eleito Prior do Convento de Laveiras junto de Lisboa ao qual com donativos de diversas pessoas illustres, e devotas ampliou com edificios novos. Por ser taõ conhecida a sua benevolencia para o governo, e prudencia para a reforma foy mandado no anno de 1615. pelo Geral da Ordem D. Bento de Affligens visitar as Covas de Salamanca, e o Convento de Miraflores junto da Cidade de Burgos deixando aos Monges documentos admiraveis da sua religiosa observancia. Restituído ao Reyno foy Prior do Convento de Evora onde erigio o magnifico portico da Igreja; fechou o Claustro grande, e abriu huma fonte de agua taõ pura como copiosa. Cheyo de merecimentos practicados pelo discurso de 56. annos, e não de 66. como escreve Jorge Cardoso *Agiol. Lusit.* Tom. 2. pag. 440. dos quaes quasi 16. viveo na Religiaõ, passou da vida mortal à eterna a 5. de Abril de 1625. Para a sua sepultura em que tambem jáz Manoel Severim de Faria lhe compoz o seguinte epitafio.

*Cælum animum, corpus rapuit Carthusia,
tandem hic*

Umbra patet tanti, sed satis umbra viri.

Louvaõ a sua memoria o Illuustrissimo Bispo de Targa Fr. Thomé de Faria *Decad.* 1. Part. lib. 10. cap. 41. *Moritur jam sæculo mortuus, vivit in cælis, ut par est credere, cujus conversatio ibi erat dum superstes esset tranquillamque suavissimam ac cælestem vitam cum sociis transigebat.* Nicol. Agosto. *Vid. de D. Theoton. de Brag.* cap. 5. *com grande exemplo de virtudes, e desprezo do mundo deixando suas dignidades, e tantas rendas se recolheo na Cartuxa.* Nicol. Ant. *Bib. Hisp.* Tom. 1. pag. 160. col. 1. *Latinè admodum disertus, Gallice, ac Italice doctus, politicarum rerum non mediocriter gnarus.*

Morery *Diccion. Historiq.* Verb. *Faria* (Bafile) Compoz.

Vida do Patriarcha S. Bruno Fundador da Religião da Cartuxa. Lisboa por Domingos Lopes Rosa. 1649. 4. No fim. *Discurso do vaõ temor da morte, e dezejo da vida, e representação da Gloria do Ceo.* Tradução de Castelhana de Pedro de Valles.

Regimento do Coro da Cathedral de Evora. M. S.

Livro das Distribuições quotidianas da mesma em 3. Tom. no qual se vê como era douto na Arithmetica. M. S.

Arte Latina com preceitos breves para se aprender com mayor facilidade. M. S.

Arte da lingua Portugueza, a qual compara com as outras linguas. M. S.

Advertencias dos meyoys mais eficazes, e convenientes que há para o dezempenho do Patrimonio Real, e restauração do bem politico destes Reynos de Portugal sem oppressão do povo, e comum utilidade de todos, cuja 1. Parte foy acabada no anno de 1607. M. S.

Tratado em que mostrava ter achado a Quadratura do Circulo. M. S.

Tratado de moedas antigvas sobre o Capitulo das Ordenações Velhas. M. S.

Relação certa da Cabida do monte de Santa Catherina em Lisboa com trezentas casas sem perigar pessoa alguma sucedida em 28. de Julho de 1597. No fim estão muitos versos do Author. M. S.

Vidas de alguns Varoens illustres em virtude com hum Sumario da Historia da Cartuxa. M. S. Esta obra como diz Cardoso no lugar affima allegado, ficou imperfeita comprehendendo sómente o governo de 12. Geraes.

Tratado das Ceremonias da Missa. M. S.

A mayor parte destas obras se conservaõ na Livraria do Excellentissimo Conde do Vimieiro que foy do Chantre de Evora Manoel Severim de Faria Sobrinho do Author dellas.

Fr. BASILIO DE S. FRANCISCO. Naceo em a notavel Villa de Santarèm sendo seus Pays Antonio Dias da Franca, e Lucrecia Nunes. Deixada a Patria, e o Mundo passou a Italia, e no Convento Tusculano de S. Sylvestre recebeu o Habito de Carmelita Descalço a 24. de Julho de 1618.

Desejoso de promulgar o Evangelho na Persia alcançou faculdade dos Superiores, e foy abundante o fruto, que colheo com as suas declamações em taõ dilatada vinha. Querendo o Geral da Ordem, que se edificasse hum Convento em Bassorà situada na Arabia Deserta, e se convertessem ao gremio da Igreja Romana os Christãos, que se intitulavaõ de S. Joaõ o chamou em o anno de 1623. do Convento de Aspaõ onde assistia, e foy eleyto para Capitan (saõ palavras de Fr. Francisco de Santa Maria na *Chron. de los Carmel Descalç.* Tom. 1. Lib. 5. cap. 46. n. 31.) desta grandiosa hazaña el P. Fr. Basilio hombre de tan grande coração que parece haver sido destinado de la alta providencia para vencer impossibles. Naõ foraõ pequenos os de que triumphou a constancia do seu animo padecidos por mar, e terra domesticando a ferocidade dos Mouros, e atrahindo suavemente a vontade do Baxà de Bassorà, que lhe concedeo ampla faculdade para erigir o Convento, que governou pelo espaço de 13. annos sendo o primeiro, que naquelle lugar celebrou o incruento Sacrificio do Altar, e explicou os dogmas da Religião Christãa em tres idiomas Persiano, Arabico, e Turquesco, mostrando-se na participaçã da multiplicidade das linguas verdadeiro successor dos Heroes do Apostolado. Voltando a Roma para assistir no Capitulo Geral celebrado no anno de 1644. depois de ser Prior do Convento Catanfarense na Calabria foy nomeado Prior do Monte Carmelo, hum dos seus primeiros Restauradores, e segundo Prèlado delle, como diz Fr. Joaõ do Sacramento *Chron. dos Carmel. Descalç. da Prov. de Portug.* Tom. 2. Liv. 5. cap. 27. Neste santificado domicilio, que fora o Oriente de sua Religião teve o seu Ocaso a 29. de Dezembro de 1654. cujas virtudes escreveraõ compendiosamente Fr. Joaõ Chrysofotomo do Menino Jesus seu Confessor, Fr. Lud. à D. Theref. *Annal. Gallic.* Cap. 118. pag. 619. Fr. Martial. à S. Joan. Bapt. *Bibliot. Script. utriusque Congreg. & Sex. Carmel. Excalc.* Pag. 45. Faria *Asia Portug.* Tom. 3. Part. 4. cap. 2. n. 15. Fr. Prosper. do Espirito Santo *Relaç. da Perf.* e modernamente o P. Ignac. da Piedad. Vasconcel. *Hist. de Santar.* Part. 2. Liv. 2. cap. 30. Compoz em Italiano.

Relação historica da Fundação do Convento de Bafforá escrita a 2. de Fevereiro de 1636. a qual sendo dedicada ao Eminentissimo Cardeal Barberino, estava prompta para a Impressão pela deligencia de Diogo Lopes da Franca Irmaõ do Author. Foy traduzida em Portuguez por outro seu Irmaõ o Licenciado Miguel da Franca Presbytero de vida exemplar assistente em Lisboa, a qual communicou a Joaõ Franco Barreto como elle afirma na *Bib. Portug.* M. S.

D. BASILIO DE SANTA MARIA Natural dos Arcos de Valdevez do Arcebis-pado de Braga Conego Regular de Santo Agostinho cujo Sagrado Instituto professou no Real Convento de Santa Cruz de Coimbra a 7. de Março de 1626. Foy bom Theologo, e insigne Prêgador do seu tempo. Morreo a 17. de Setembro de 1685. Imprimio

Sermaõ no Prestito, que a Universidade de Coimbra faz aos 7. de Junho para dar a Deos as devidas graças pelo Nascimento do Serenissimo Rey o Senhor D. Joaõ o III. seu Instituidor. Coimbra por Diogo Gomes Loureiro 1641. 4.

Sermaõ prêgado na Igreja do Real Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra na Procissão, que em dia de S. Sebastião costuma todos os annos fazer a Cidade. Coimbra pelo dito Impressor. 1642. 4.

D. BASILIO DA SYLVA natural de Coimbra Irmaõ de Antonio da Sylva Secretario da Universidade da sua patria Prior de Villa-Boa do Bispo em a Provincia de Entre Douro, e Minho. Sendo Beneficiado da Parochial Igreja de Saõ-Tiago de Coimbra defenganado dos bens transitorios, e anhelando os eternos recebeo em idade madura o Canonico Habito de Santo Agostinho no Real Convento de Santa Cruz onde depois de ser Prior dos Conventos de Villa-Nova do Porto, e de S. Salvador de Grijò foy eleyto duas vezes por uniforme aclamação dos Votantes Geral da sua Canonica Congregação, a primeira no anno de 1558. e a segunda no anno de 1572. em cujo governo obrou acçoens dignas de eterna memoria. Amou extremosamente a pobreza ordenando, que nenhum subdito tivesse peculio particular, mas cõmun. Repre-

hendia com summa liberdade a alguns abusos que por inercia de seus antecessores se tinhaõ insensivelmente introduzido com grave prejuizo da observancia regular. Para defender os privilegios da sua Congregação se oppoz valerosamente contra a violencia de poderosos emulos triumphando com sagacidade dos seus temerarios intentos. Ornou com preciosos paramentos o Templo de Santa Cruz para o qual mandou fazer o Orgaõ pelo insigne artifice Heytor Lobo. Foy igualmente douto na Theologia Escholastica, que na Mystica, cuja sublime doutrina aprendeo dos Rusbroschios, e Kempis immortaes ornatos do seu Canonico Instituto. Todo o tempo, que lhe restava das occupaçoens de Prêlado o consumia na contemplação dos divinos attributos nos quaes tanto se elevava, como se delles fora já comprehensor. Postrado por terra venerava com taõ ardente affecto pelo espaço de muitas horas a Christo Sacramentado, que parecia estar adorando a Divina Magestade patente, e naõ occulta com o veo das Especies Sacramentaes. Passada a longa idade de cem annos dos quaes 57. foy Religioso em o exercicio de solidas virtudes partio a receber o premio eterno a 17. de Abril de 1597. Fazem delle memoria Cardoso *Agiol. Lusit.* Tom. 2. pag. 616. e 621. no Cõment. de 17. de Abril. Nicol. Ant. *Bib. Hisp.* Tom. 1. pag. 161. col. 1. e D. Nicol. de Santa Maria *Chron. dos Coneg.* Reg. Liv. 10. cap. 13. e 21. Deixou composto.

Tratado de Oraçoens, e Soliloquios para antes, e depois da Cõmunhaõ. M. S.

Lowores do Santissimo Sacramento. M. S.

Fr. BAUTISTA DE ALENQUER cujo appellido denota a patria em que naceo, a qual dista de Lisboa sete legoas. Recebeo a Cogula Cisterciense no Real Convento de Santa Maria de Alcobaca. Foy muito inclinado à lição dos livros asceticos cujo fruto dezejando, que cedesse em beneficio dos proximos traduzio da lingua Latina na Portugueza.

Collaçoens dos Santos Padres compostas pelo Abbade Joaõ Cassiano. O original se conserva na Bibliotheca do Convento de Alcobaca.

Fr. BAUTISTA DO CARVALHAL. Naceo na Villa de Santarém, e foy filho de Antonio do Carvalho, e Vitoria de Aguiar. Professou o Habito da Illustre Ordem da Santissima Trindade no Convento de Lisboa a 29. de Junho de 1590. Aprendidas as sciencias de Filosofia, e Theologia recebeu o grão de Bacharel nesta Faculdade em a Universidade de Coimbra. Foy pelo prudente zelo da regular observancia duas vezes Reytor do Collegio de Coimbra, Presentado, e Visitador Geral no anno de 1626. Falleceo no lugar do Seixal fronteiro a Lisboa a 13. de Junho de 1628. e foy sepultado no Convento desta Corte. Deixou escrito

Compendio de mortes, em que se escrevem as vidas brevemente dos Religiosos da Santissima Trindade, e Redempção de Cativos da Provincia de Portugal, que acabaraõ a sua vida debaixo da obediencia cõmutando o jugo da Religião com o descanso da gloria celestial. Fol. M. S. O original, que vimos, se conserva na Livraria do Convento de Lisboa. Continuou esta obra Fr. Bernardino de Santo Antonio da mesma Religião.

P. BAUTISTA FRAGOSO. Naceo no lugar da Alagoa termo da Cidade de Sylves no Reyno do Algarve em o anno de 1559. Quando contava dezoito de idade deixando a casa de seus Pays João Ferreira, e Catherina Fragoza abraçou o Instituto da Sagrada Companhia de JESUS no Collegio de Evora a 9. de Janeiro de 1577. O engenho grande, de que liberalmente o ornou a natureza, lhe fez patentes em breve tempo as letras humanas de que foy Mestre seis annos, e a Theologia Moral que com grande applauso do seu profundo talento dictou nas famosas Cidades de Lisboa, Evora, e Braga. Naõ teve menor capacidade para especular as difficuldades de hum, e outro Direito em que foy insigne como mostraõ os doutissimos Volumes que publicou em beneficio dos Professores de ambas aquellas Faculdades, pelos quaes mereceo os elogios de diversos Escriitores como saõ o P. Fagundes in *lib. in Quinq. Præcept.* cap. 2. n. 18. chamando-lhe *Vir planæ nostræ Societatis doctissimus*, Alegamb. in *Vit. P. Joan. Cardim* cap. 15. pag. 105.

Vir sapientia præstans. Souza de Macedo *Eva, e Ave* Part. 1. cap. 11. n. 15. *Doutor clarissimo.* Ulhoa de *Legatis, & Fidei comis.* Dissert. 3. n. 2. *Optime, & erudite Fragozo.* Franc. Mar. Prat. in *Addit. ad Paschal. de virib. patriæ Potestat.* in cap. 10. 3. Part. *Viri sane de nostra legali Philosophia apprime meriti, maximæque apud omnes authoritatis.* D. Luiz de Salvatierra *Antheol. Jurid.* fol. 98. v.º n. 469. *doctissimo Jesuita Bib. Societ.* pag. 103. col. 2. *Vir apprime doctus, & juris tam divini, quàm humani valde consultus.* Franco *Imag. da Virtud. em o Nov. de Evora.* pag. 856. *Homem de innocentes costumes, e sabedoria admiravel;* e no *Anno Glor. S. J. in Lusit.* pag. 570. col. 2. *docuit magna fama Theologiam Moralem, in hujusmodi scientia æquavit excellentes sui temporis, & in Synops. Annal. S. J. in Lusit.* pag. 276. n. 10. *Sapientissimi Magistri nomine quod testantur ejus volumina in lucem edita.* Nicol. Ant. *Bib. Hispan.* Tom. 1. pag. 145. col. 1. *vir nostra hac ætate litterarum, totiusque Juris Scientiæ merito eruditissimos quosque à veteribus provocans.* Portug. de *Donationib. Reg.* Tom. 1. lib. 1. cap. 2. n. 14. *Latissime, & eleganter P. Fragozo,* e Tom. 2. lib. 3. cap. 28. n. 53. 56. e 59. o P. Antonio Leite da Companhia de Jesus na Censura que fez ao 1. Tom. de *Regimine Reipublicæ* diz com elegantes expressoens em seu applauso *Decocta maturitate veluti à Nestore sententiæ profluunt; nihil enim senile sapit judicium. Quandoquidem, & Theologiæ libratæ examine, & utriusque juris trutinæ castigatæ plaudunt quæstiones, Affatur Baldus, docet Bartholus, excutit Ulpianus, dirimit Paulus, omnesque Jurisconsulti antiquioris ævi positus exuviis novo dicendi genere se mirantur efflorescere. Frugifero tuo labore utriusque litteraturæ Antistes doctissime instar phœnicis Juris senium revirescit. Ingenij lumen, memoriæ fecunditas, vetustas recondita, profunda eruditio, rerum locupletata supellex quàm emineat, quàm se ostendet, nulla non voluminis ad vitam beate traducendam pagina decantat.* *Fonsec. Evora Glor.* pag. 427. D. Franc. Man. na *Carta dos Author.* Portug. escrita ao Doutor Manoel da Fonsec. Themud. Joan. Soar. de Brito. *Theatr. Lusit. Litter.* lit. B. n. 12. Morreo no Collegio de S. Paulo de Braga a 3. de Outubro de 1639. com 80. annos de

idade, e naõ 88. como escreveu Nicol. Ant. na *Bib. Hisp.* e 62. de Religiaõ conservando o juizo perfeito até a ultima hora. Compoz.

Regiminis Reipublicæ Christianæ ex Sacra Theologia, & ex utroque jure ad utrumque forum coalescentis Tomus primus, in quo quæ ad Magistratuum Civilium gubernationem, potestatem, jurisdictionem, & obligationes pertinent, fusc exponuntur. Lugduni Sumptibus Gabrielis Bouffat, & Laurentij Anisson. 1641. fol. & ibi apud Anisson. 1667. fol.

Regiminis Reipublicæ Christianæ ex Sacra Theologia, & ex utroque jure &c. Tomus 2. qui Principum, ac Pastorum Ecclesiasticorum obligationes, ac jurisdictionem complectitur; ubi etiam multa de religiosa gubernatione continentur. Lugd. apud Laurent. Anisson. 1648. fol. & ibi apud eumd. Typ. 1668. fol.

Regiminis Reipublicæ Christianæ &c. Tom. 3. qui Æconomicam continet, ac Patrum familias in filios, et domesticos, & filiorum, ac domesticorum in Parentes, ac Dominos obligationes explicat. Lugduni apud Philippum Borde, Laurent. Arnaud, & Claud. Rigaud. 1652. fol.

Estes tres Tomos sahiraõ reimpressos terceira vez. Coloniae Allobrogum sumptibus Marci Michaelis Bousquet, & Socior. 1737. fol.

Decisiones Bracharense. M. S. fol. Estaõ promptas com todas as licenças para a impressaõ.

Fr. BAUTISTA DE JESU natural da Villa de Alvito na Provincia do Alentejo. Na idade da Adolescencia professou o Instituto da Sagrada Ordem da Santissima Trindade em o Convento de Lisboa a 13. de Novembro de 1547. e procedeo com tanta edificaçãõ que foy hum dos doze Religiosos mandados educar no Real Mosteiro dos Conegos Regulares de S. Vicente extramuros desta Cidade por ElRey D. Joaõ o III. debaixo da disciplina de D. Francisco de Mendanha Prior daquella Real Casa para reformar a Religiaõ Trinitaria, e reduzirilla à sua primitiva observancia. De taõ virtuosa educaçãõ sahio de tal modo consumado em todo o genero de virtudes, que foy depois da Reforma o primeiro Ministro

dos Conventos de Santarem, e Cintra, e Reytor do Collegio de Coimbra até subir ao lugar de Provincial que para testemunho da summa prudencia, e grande vigilancia com que o exercitava, foy nelle trez vezes eleito a primeira no anno de 1564. a 2. em 1570. e a 3. em 1576. Sendo o principal Instituto da sua Religiaõ resgatar os Cativos do duro poder dos Barbaros procurou com grande difvelo libertar todos os Portuguezes que gemiaõ em taõ miseravel estado fazendo para este fim dous resgates, executando o primeiro no anno de 1565. pelo V. P. Fr. Roque do Espirito Santo, e Fr. Manoel de Santa Maria em que foraõ restituídos à liberdade duzentos, e trinta cativos dos Reynos de Fez, e Marrocos, e o segundo no anno de 1579. por Fr. Luiz da Guerra, e Fr. Francisco do Trocifal em Tetuaõ donde foraõ libertados cento, e dezaseis Christaõs. Pelas religiosas virtudes de que era ornado mereceu a estimaçãõ dos Princepes do seu tempo, especialmente do Cardial D. Henrique que muitas vezes lhe escrevia. Falleceo no Convento de Lisboa a 30. de Mayo de 1591. proferindo estas palavras, que continuamente repetia *Spes mea Christus Jesus*, as quaes mandou esculpir na Campa da sepultura. Fez huma Colleçãõ das Bullas Pontificias, e Alvaras Reais concedidos à Religiaõ da Santissima Trindade, a que poz por Titulo.

Pulcher Libellus. Sem lugar nem anno da Impressaõ, posto que Nicol. Ant. in *Bib. Hisp.* Tom. 1. pag. 145. col. 1. escreva que fora impresso em Lisboa.

Fazem mençaõ delle Cardof. *Agiol. Lusit.* Tom. 3. pag. 459. e 468. no Comment. de 30. de Mayo. Fr. Pedro Lopes de Altna *Chron. Ger. da Ord.* liv. 2. pag. 220. Fr. Bernardin. à D. Ant. *Epitom. Redempt.* lib. 2. cap. 8. §. 3. e cap. 10. §. 2. Joan. Soar. de Brito *Theatr. Lusit. Litterat.* lit. B. n. 13.

BAUTISTA RABELLO Presbytero do Habito de S. Pedro. Naceo na Freguezia de S. Joaõ de Villa Chãa termo da Villa da Barca do Arcebispado de Braga onde teve por Pays a Domingos Rabello, e Maria Ferreira Lavradores honrados. Foy ornado de todas as virtudes que constituem

hum perfeito Ecclesiastico pelas quaes quando occupava o lugar de Capellaõ do Convento de N. Senhora dos Remedios de Carmelitas Descalças situado na Cidade de Braga passou a lograr o premio eterno a 5. de Mayo de 1733. quando contava 55. annos de idade. Publicou.

Resumo de Theologia Mystica. Lisboa por Pedro Ferreira. 1728. 8.

Despertador quotidiano para ter bons dias. Lisboa por Antonio Pedroso Galraõ. 1731. 12.

Lembrança da boa morte.

BELCHIOR DO AMARAL. Cavalleiro professo da Ordem militar de Christo, natural de Lisboa filho do Doutor Francisco Diaz do Amaral Dezembargador do Paço, e muito acceto à Magestade da Rainha D. Catherina mulher delRey D. Joaõ o III. Estudou na Universidade de Coimbra a Jurisprudencia Civil em que fez taes progressos o seu felix engenho que recebido o grão de Doutor nesta Faculdade passou a exercitar practicamente o que nella tinha especulado a sua incansavel applicação, ou sendo Senador na Casa da Supplicação de que tomou posse a 4. de Dezembro de 1564. ou de Corregedor da Corte, e ultimamente de Dezembargador do Paço. Nas Cortes celebradas em Lisboa a 30. de Janeiro de 1583. em que foy jurado Successor desta Coroa o Principe D. Philippe filho de Philippe Prudente orou como Procurador da mesma Cidade, em nome do Estado Secular. Foy igualmente perito na Poesia Latina, que na sciencia legal como metricamente decreve Pedro Sanches in *Epist. ad Ignatium de Moraes.*

*Et nos Te merito miramur candide Amaral
Munere Prætoris, qui fulgens Regis in Aula;
Et quamvis, nec voce reos, nec fronte minaci
Terres, sed blande exerces tua munia vultu
Te tamen, atque tuos fasces, & pectora flecti
Nescia, nec prece, nec lacrymis timuere nocentes*

*Ni docta Italicus soluisse Silius ora
Carmine tu poteras Cannas cecinisse cruentas
Ardenti, et Paulum generoso sanguine terram*

*Fedantem, & torvo obtutu, quem Lentulus
ultrò*

Offerret quo terga fugæ committere posset

Quadrupedem contemnentem ne Pæna videret

Agmina magnanimum fugientem prælia Paulum.

Morreo em Lisboa a 21. de Setembro de 1606. com 80. annos de idade. Jaz no Convento de S. Francisco. Foy cazado com D. Anna de Abreu.

Compoz.

Oração no Juramento do Principe D. Philippe filho de Philippe Prudente no Ato das Cortes celebradas em Lisboa a 30. de Janeiro de 1583. Sahio Impressa nas Cortes celebradas na Villa de Thomar em o anno de 1584. fol. sem nome do Impressor, nem lugar da Impressão. Começa a Oração. *Em tão grande Sentimento &c.*

Concilium malignantium. Invectiva contra os Cathedaticos de Coimbra na occasião que julgaraõ a Cadeira a Pedro Barbosa que se oppoz com o celebre Jurisconsulto Alvaro Valasco. começa

*Tristia terribili versu parat arma Charontis
Prodere Calliope &c.*

Consta de 200. versos.

Outra obra poetica em applauzo da *Chronologia Sacra, seu ratio Temporum* composta por Fr. Nicolao Coelho do Amaral Religioso Trino que sahio impressa Conimbricæ apud Joan. Barrierum Typ. Reg. 1554. Começa.

*Accipe sudantem sacra compage laborem
Est dignus raro rarus honore coli. &c.*

BELCHIOR DE ANDRADE LEYTAM natural de Lisboa Cavalleiro professo da Ordem de Christo, Fidalgo da Casa de Sua Magestade Escrivaõ dos Filhamentos, e Thesoureiro da Casa Real filho do Dezembargador Joaõ de Andrade Leytaõ Corregedor do Crime da Corte, e Casa, e de sua molher D. Catherina Maria Quifel. Foy pio, e devoto, urbano, e affavel, e summamente uersado na lição da Historia profana, de que teve huma copiosa Livraria com muitos estimaveis *M. S.* No estudo da Genealogia foy muito instruido escrevendo por ordem alphabetica com indagação critica.

Familias do Reyno de Portugal.

Acrescentando nellas muitas noticias particulares extrahidas dos livros dos Filhamentos de que era Escrivão como affirma o P. D. Antonio Caetano de Souf. no *Apparat. à Hist. Geneal. da Casa Real Portug.* pag. 161. §. 197.

Morreio em Lisboa a 12. de Mayo de 1717. e está sepultado na Igreja do Convento da Madre de Deos de Religiofas Franciscanas extramuros desta Cidade.

Fr. BELCHIOR DOS ANJOS natural de Lisboa Eremita Augustiniano cujo habito professou no Convento de Goa no anno de 1587. Pela prudencia, de que era ornado foy mandado no anno de 1608. Embaxador à Persia pelo Vice-Rey do Estado D. Joaõ Pereira Conde da Feira onde obrou acçoens que testemunharaõ a sua fidelidade em obsequio da Nação Portugueza. Assistindo na Corte de Madrid no anno de 1643. o nomeou seu Prégador a Magestade de Philippe IV. Escreveo.

Historia do Martyrio de Fr. Nicoláo de Mello; e Fr. Guilberme de Santo Agostinho com a Relação das cousas notaveis que na Persia fizeram os Religiosos de Santo Agostinho pelo espaço de quatorze annos. Composta em Aspaõ a 20. de Fevereiro de 1616. Consta de 23. Capítulos, e se conserva na Livraria do Convento da Graça de Lisboa.

Relação da Jornada que fez à India D. Garcia da Sylva Embaxador da Persia. fol. M. S. Conserva-se na Bibliotheca del Rey Catholico como escreve o moderno addicionador da *Bib. Orient.* de Antonio de Leaõ Tom. 1. Tit. 3. col. 54.

Fr. BELCHIOR DE SANTA ANNA chamado no seculo Belchior Correa. Naceo em o lugar do Garajal da Provincia da Beira em o Bispado de Lamego em o anno de 1602. e teve por Pays ao Doutor Gaspar de Sousa, e a D. Maria Correa, e por irmão a Gaspar Pinto Correa Conego de Barcellos excellente Poeta Latino, e singular humanista de quem se fará memoria em seu lugar. Aprendidos os primeiros elementos que facilitaõ o estudo das sciencias desprezou as vaidades do mundo na florente idade de quinze annos recebendo o habito de Carmelita Descalço no Convento de

Lisboa a 9. de Fevereiro de 1617. e professou solemnemente a 11. do dito mez do anno seguinte. Nesta penitente, e douta escola taõ grandes foraõ os progressos que fez nas virtudes, como nas letras, e para fugir aos applausos que dellas lhe podiaõ resultar pedio com repetidas instancias aos Prélados que o mandassem para o dezerto de Batuecas em cuja aspera solidão viveo algum tempo com exemplar edificação dos anachoretas que nelle habitavaõ, porèm considerando prudentemente os Superiores que era prejudicial à Religiaõ não occupar o seu grande talento em o exercicio de Mestre o nomearaõ Lente de Artes para o Collegio de Figueiró donde passou para o de Coimbra a dictar Theologia pelo espaço de doze annos com igual esplendor do seu nome que fruto dos seus ouvintes. Como era profundamente versado não sómente na Historia Sagrada, mas em a universal do Reyno de Portugal, e particular da sua antigua Religiaõ o elegeo o Provincial Fr. André da Anunciação Chronista desta Provincia em cujo assumpto dezempenhou o alto conceito que se tinha formado do seu talento para semelhante obra, assim na investigação das noticias, como na verdade da Chronologia, e elegancia do estilo. Foy Confilario da Provincia, Prior do Convento de Adolhalvo, e Reytor do Collegio de Coimbra onde não tendo chegado a governar anno, e meyo falleceo a 9. de Novembro de 1664. com 63. annos de idade incompletos, e 47. de Religiaõ. Faz delle honorifica memoria Fr. Martial. à D. Joan. Baptist. in *Bib. Carmel. Excalc.* pag. 294. Compoz.

Chronica de Carmelitas Descalços particular do Reyno de Portugal, e Provincia de S. Philippe. Primeiro Tomo. Lisboa por Henrique Valente de Oliveira. 1657. fol.

Historia Portugueza desde o Nascimento de Christo até os nossos tempos. 7. Tom. M. S. Desta obra fazem menção Joaõ Franco Barreto na *Bib. Portug. M. S.* e Joaõ Soar. de Brito in *Theatr. Lusit. Litter.* lit. B. n. 23. escrevendo ambos que seu Author lhes affirmara a tinha já completa para a Impressão.

D. BELCHIOR BELLIAGO Natural do Porto, e bautizado na Freguezia de S. Nicoláo desta Cidade filho de Joaõ

Alvarez Belliago Escrivaõ da receita da Alfandega, e de Catherina Alvarez de Couros filha de Alvaro Rodrigues de Couros. Entre os talentos grandes que ElRey D. Joaõ o III. mandou estudar à Universidade de Pariz foy hum delles pela conhecida viveza de engenho que nos primeiros annos logo descubrio, fazendo taes progressos assim em as letras amenas, como severas, que mereceo ser dos insignes Mestres que illustraraõ a Athenas Conimbricense, onde naõ sómente leo Humanidades sendo nesta Cadeira seu antecessor Ignacio de Moraes, e sucessor o grande André de Refende, mas ser Mestre de Filosofia em o anno de 1548. revelando com tal agudeza os mysterios da Escola Peripatetica que das suas instruçoens passaraõ os discipulos a ser Cathedromaticos. Na Cadeira de Theologia que regentou sendo ainda Bacharel nas Vacaçoens do anno de 1554. foy venerado por Oraculo desta Princeza de todas as Faculdades. Quando orava estava toda a Academia pendente da sua vóz admirando felizmente unidas a elegancia da fraze com a pureza da Latinidade. Depois de ser Conego da Cathedral de Lisboa foy eleito Bispo de Fez para fazer os Pontificalias na Capella Real. Entre as suas acçoens episcopaes he digna de memoria a Sagração da Igreja de N. Senhora do Paraizo desta Cidade feita em 9. de Mayo de 1562. Para evitar o contagio que fatalmente devastava grande parte de Lisboa se retirou para a Amora lugar no termo da Villa de Almada aonde ferido da sua violencia acabou a vida a 19. de Outubro de 1569. Deixou por Testamenteiro a seu sobrinho Miguel Pereira de Miranda. Jáz na Capella Mór da Parochia de N. Senhora de Sion do lugar da Amora cuja sepultura cobre huma grande pedra na qual por falta de epitafio se lhe podem gravar estes versos que à sua memoria dedicou Pedro Sanches in *Epist. ad. Ignat. de Moraes* em que elogiou os Poetas Latinos de Portugal.

Quis Belliage tuum non desleat optime Præsul Interitum, cui præduras injectit acerba

Parca manus: ab quanta bonis jactura camænis!

Fazem menção deste Prélado D. Nicol. de Santa Mar. *Chron. dos Coneg. Reg.* liv. 10. cap. 15. n. 11. pag. 302. *Souf. Chron.* de S. Domingos. Part. 1. liv. 3. cap. 30. D.

Nicol. Ant. Bib. Hisp. Tom. 2. pag. 95. *D. Thom. de Faria Decad.* 1. lib. 9. cap. 5. *P. D. Manoel Caet. de Soufa Catalog. Histor. dos Sum. Pontif. e Card. &c.* pag. 194. *Compoz.*

De disciplinarum omnium studiis ad universam Academiam Conimbricensem habita Kalendis Octobris 1548. Conimbricæ apud Joannem Barrerium, & Joannem Alvares Typog. regios 1548. 4. Dedicada a D. Joaõ Affonso de Vasconcellos, e Menezes. Começa. *Bene ac sapienter Rector amplissime, PP. Sapientissimi, optima spei adolescentes.* Acaba *Neminem acusate, nisi vos ipsos possitis.*

De Dialectica liber. Conimbricæ apud Joan. Barrerium, & Joan. Alvares. 1549. 4. Esta obra que allega com o nome de *Sumulas*, Jorge Cardoso *Agiol. Lusitan.* Tom. 3. pag. 323. no Comment. de 19. de Mayo se allucinou escrevendo que se dictaraõ na Universidade de Lisboa pois sendo impressas no anno de 1549. havia doze annos que a Universidade se tinha transferido desta Cidade para a de Coimbra que foy no anno de 1537.

Do esforço, e animo dos Portuguezes. Obra composta em verso Latino de que faz memoria Fr. Bernardo de Brito *Mon. Lusit.* Part. 1. liv. 2. cap. 12. intitulado ao Author Bispo do Porto, equivocação em que cahiraõ outros Escritores, sendo sómente titular de Fez.

BELCHIOR BRAZ FRADE Capellaõ delRey, e Mestre Eschola em a Cathedral de Goa. Acompanhou ao Illustrissimo Primaz da India Oriental D. Fr. Aleixo de Menezes na jornada, que fez em o anno de 1599. ás Serras do Malabar para reduzir os Christãos chamados de S. Thomé escrevendo com grande curiosidade, e distincção os successos, que nella observou com este titulo.

Itinerario de tudo o que passou desde que o Senhor Arcebispo Primaz D. Fr. Aleixo de Menezes sabio de Goa atè que voltou a esta Cidade. M. S.

Esta obra confessa Fr. Antonio de Gouvea Eremita de Santo Agostinho no prologo desta Jornada, que largamente escreveo, e se imprimio Coimbra por Diogo Gomes

Loureiro. 1606. fol. que extrahira muitas, e particulares noticias para a sua composiçãõ. Do Author do Itinerario fazem memoria Antonio de Leaõ Pinello *Bib. Ind. Orient.* Tit. 3. e Nicoláo Ant. *Bib. Hisp.* Tom. 2. pag. 95. col. 2. persuadido falsamente, que o appellido de *Frade* havia ser *Freyre*.

D. BELCHIOR CARNEIRO. Naceo na Cidade de Coimbra de Pays nobres quaes foraõ Pedro Carneiro Leitaõ parente do Thaumaturgo Portuguez S. Gonçalo de Amarante, e Maria Nunes. Ao tempo, que na sua patria era applaudido pelas sciencias, que professava, desprezando a gloria, e os lugares honorificos, que ellas lhe prometiaõ se recolheo na Companhia de JESUS a 25. de Abril de 1543. onde unindo o estudo das virtudes ao das letras sahio taõ consumado em humas, e outras, que depois de ser o primeiro Reytor, que teve o Collegio de Evora passando a Roma em companhia do P. Mestre Simaõ Rodrigues o elegeo Santo Ignacio por seu Confessor, que conhecendo experimentalmente a prudencia para o governo, e tolerancia para os trabalhos de que era ornado, foy o principal instrumento de que fosse nomeado Bispo de Nicea, e futuro Successor do Patriarchado de Etiopia. Navegou para a India ao primeiro de Abril de 1555. em a Náo Saõ-Tiago de que era Capitaõ Francisco Figueira de Azevedo filho do Alcaide Mõr de Benavente em cuja viagem exercitou obras de ardente charidade em obsequio dos passageiros até chegar a Goa em 10. de Setembro do mesmo anno, e no Collegio de S. Paulo desta Cidade foy o primeiro Lente de Moral, que instruiu aos seus domesticos. Na Cidade de Cochim se armou o seu zelo contra os sequazes do Judaísmo mostrando-lhes com textos expressos do Testamento Velho a Divindade do Messias, e a Trindade das Pessoas com unidade da Essencia, e resistindo esta obstinada gente aos clamores da sua voz evangelica foy causa de que não sómente muitos fossem prezos, mas de que se introduzisse na India o Tribunal da Inquisiçãõ para total extinçãõ dos descendentes do povo Ifraelitico. Com semelhante fervor apofolico discorreo pelas Serras do Malabar buscando a Mar Jozé Bispo Nestoriano, que escoltado de dous mil Amoucos semeava entre os

Christãos de S. Thomé os scismaticos dogmas de Alexandria para o convencer publicamente da pestifera, e falsa doutrina, que ensinava, porém receando o Patriarcha da Etiopia Joaõ Nunes Barreto o inevitavel perigo a que se expunha o chamou a Goa onde o Sagrou Bispo de Nicea a 15. de Dezembro de 1560. Depois de Sagrado fez voto solemne de voltar para a Companhia tanto, que o Pontifice lhe desse facultade. Sendo constituido Bispo da China, e Japaõ pela Santidade de Pio V. no anno de 1567. com clausula de que se não efeitualse a Missãõ da Etiopia, como esta não respondesse às esperanças, que della se tinhaõ concebido na Europa, foy obrigado a partir de Goa para Malaca no anno de 1568. sem lhe servirẽ de obstaculo os graves achaques, que padecia. Chegado a Macáo começou a governar a sua Diocefe sendo o primeiro Bispo do Japaõ, e China, onde obrou açoens dignas do officio pastoral. Suspirando pela quietaçãõ do seu Cubiculo alcançou por intervençãõ do Geral Everardo Mercuriano licença para renunciar o Bispado, e voltar segunda vez para a sua amada Religiaõ, onde viveo até 19. de Agosto de 1583. em que passou a lograr o premio da vida immortal. Foy sepultado na Igreja da Companhia de Macáo servindo-lhe de honorifico epitafio os elogios, que fazem à sua memoria Andrade *Chron. delRey D. Joaõ o III.* Part. 4. cap. 120. Faria *Asia Portug.* Tom. 2. Part. 2. cap. 12. n. 5. e Part. 3. cap. 3. n. 5. e Tom. 3. Part. 3. cap. 23. n. 10. Gouvea *Jornad. do Arceb. D. Fr. Aleix. de Men.* Liv. 1. cap. 7. Nadal. *Ann. dier. mem. S. J.* Part. 2. pag. 112. col. 1. Jarric. *Tbez. rer. Ind.* Part. 2. Lib. 1. cap. 19. e Liv. 2. cap. 22. Tanner. in *Præf. Societ. African.* Godinho de Rebus *Abyssin.* Lib. 2. cap. 2. Tellez *Chron. da Comp. da Prov. de Port.* Part. 1. Liv.3. cap. 21. Soufa *Orient. Conquist.* Part. 1. Conq. 1. Divif. 2. §. 29. e 35. Part. 2. Conq. 4. Divif. 2. §. 14. 104. e 105. Franco *Imag. da Virt. do Nov. de Coimb.* Tom. 1. Liv. 2. cap. 8. e 9. e no *Ann. Glor. S. J. in Lusit.* pag. 475. Fonseca *Evora glorios.* pag. 340. D. Manoel Caet. de Soufa *Catal. dos Sum. Pontif. Card. e Bisp. Portug.* pag. 199. P. Pedro Franc. Xavier Charlevoix *Hist. de l'Establiffem. e decad. du Christianism. dans l'Empire du Japon.* Tom. 2. pag. 273. e na

Hist. du Japon. Tom. 2. pag. 3. Escreveo.

Carta escrita de Moçambique no anno de 1555. ao P. Geral em que relata a boa disposiçã que há na Ilha de S. Lourenço para receber a Fé offerecendo-se para esta Missã, e de huma Vitoria que os Portuguezes alcançaraõ dos Turcos na India.

Carta escrita de Goa a 24. de Dezembro de 1557. ao Provincial desta Provincia na qual faz mençã de que lhe escrevera no anno antecedente, e narra a Missã que fez nas Serras do Malabar para disputar com o Bispo Nestoriano.

Estas duas Cartas sahiraõ com outras vertidas em Italiano Venetia apresso Michael Tramezzino. 1559. 8.

Carta escrita de Macao a 20. de Novembro de 1572. ao P. Geral em que refere o fruto que fizera no Japaõ, e das esperanças que se tinbaõ do que se havia de colher na China. Vertida em Italiano com outras Roma por Francisco Zanneti 1578. 8.

Carta escrita em o primeiro de Julho de 1582. a D. Gonçalo Ronquillo Governador das Filipinas em que relata como fora aclamado em Macao pelos Portuguezes Philippe II. Sahio Imprensa na *Historia dos Ministerios Apostolicos de los Obreros de la Conpañia de Jesus* composta pelo P. Francisco Colin, liv. 2. cap. 23. n. 23. Desta Carta, e do Author della faz mençã o moderno addicionador da *Bib. Occident.* de Antonio de Leaõ Tom. 2. Titul. 7. col. 641.

BELCHIOR DE CASTRO MACEDO Pela larga assistencia que teve nas Indias Occidentaes como era dotado de viveza de engenho aprendeo com os olhos, e com a liçã dos livros as situaçoens das suas principaes Provincias escrevendo com noticias juntamente Typograficas, que politicas a seguinte obra que dedicou a D. Joaõ da Cunha Presidente de Indias.

Descripcion delas Provincias del Perú, Tierra Firme, Chile, y otras; y del modo con que deven gobernarse. M. S. fol. De cuja obra, e Author nos dà noticia o moderno addicionador da *Bib. Occid.* de Ant. de Leaõ Tom. 2. Tit. 31. col. 810. affirmando confervalla na sua Livraria.

Fr. **BELCHIOR DA CONCEYÇAM** chamado no Seculo Belchior de Soufa naceo em a

Villa de Mondim Comarca de Villa-Real do Arcebispado de Braga, e foy filho de Joaõ Gonçalvez, e Maria Francisca pessoas principaes desta Villa. Estudou Grammatica na Cidade de Lamego assistindo em Casa de seu Tio Clemente Gonçalvez Carneiro Conego desta Cathedral. Dezejoso de augmentar a sua pessoa, deixou a patria, e passando a Lisboa assentou praça de Soldado donde partio para o Alentejo, porém não satisfeito da vida militar teve industria de se restituir à sua patria, e deenganado do mundo pertendeo o Habito de Carmelita Descalço o qual professou em o Convento de N. Senhora dos Remedios desta Corte a 15. de Dezembro de 1667. Passados dez annos de professo se retirou para o Dezerto do Bussaco com resoluçã de permanecer nesta solidã toda a vida, porém depois de assistir nella vinte, e trez mezes persuadido das instancias de Fr. Joaõ de Jesus que convocava Missionarios para o Reyno de Angola preferio o laborioso ministerio de operario Evangelico à tranquillidade que gozava em Bussaco. Partio de Lisboa para Angola a 5. de Abril de 1676. em Companhia do Governador, e Capitaõ General daquelle Reyno Ayres de Saldanha, e chegou felizmente à Cidade de Loanda a 20. de Agosto do dito anno donde ao principio de Fevereiro de 1677. passou às terras de Sova Bamgo-Aquitamba sendo recebido com grandes demonstraçoens de alegria por aquelles barbaros que por sua direcçã deixaraõ os superficiosos costumes que practicavaõ, e edificaraõ hum Templo em que se adorava o verdadeiro Deos. Era incansavel no ministerio apostolico atrahindo com a efficacia das suas vozes innumeraeis Gentios ao gremio da Igreja Romana bautizando em huma occasiã 500. e outra 900. discorrendo pelo espaço de doze annos sem interpollaçã pelos presidios de Mafangano, Ambaça, e das Pedras, de cujo trabalho colheu copiosos frutos. Exercitou o officio de Capitaõ Mór em hum exercito de setecentos Soldados brancos, e vinte mil negros para castigar a rebeldia de alguns Potentados contra a Coroa de Portugal. No anno de 1694. passou a este Reyno trazendo huma authorizada certidã do Governador de Angola Gonçalo da Costa de Menezes da qual constavaõ os he-

roicos serviços que tinha feito em obsequio da Fé, e desta Monarchia. Certificado El-Rey D. Pedro II. do zelo com que promovera os augmentos da Religião lhe insinuou ser seu gosto que passasse outra vez a cultivar aquella vinha, cuja empreza aceitou com prompta obediencia. Voltou terceira vez para Angola onde continuou com igual fervor as suas apostolicas Missoens até que acabou a vida em taõ sagrado ministerio. Escreveo.

Relação da primeira Missão que fez pelos Reynos de Angola, e do que lá obrou Deos Nosso Senhor por meyo de sua assistencia nos certos, e desertos de suas Conquistas em ordem à conversão daquelles Gentios. M. S. 4.

Relação que fez na segunda Viagem de Angola em serviço de Deos, e bem de suas almas em o anno de 1692. M. S. 4.

Breve relação da vida, e morte do servo de Deos o Irmão Francisco da Natividade Religioso Carmelita Descalço companheiro pelo espaço de doze annos das suas Missoens do Gêtio do Reyno de Angola. M. S. 4.

Todas estas tres obras se conservaõ na Livraria do Convento dos Remedios desta Corte.

BELCHIOR CORNEJO natural de Lisboa, e filho de Balthezar Cornejo Guarda-reposta da Rainha D. Catherina mulher delRey D. Joaõ o III. Foy hum dos famosos talentos que illustrou a Universidade de Coimbra onde recebendo o grão de Doutor na faculdade de Direito Pontificio, leo huma Cathedrilha de Canones em que foy provido a 8. de Outubro de 1547. e desta passou à Cadeira de Decreto em 9. de Julho de 1555. e a regentou até o anno de 1560. Naõ foy menos insigne em a noticia das letras humanas, e sciencia da lingua Latina cujos preceitos observou com igual elegancia, que pureza. Do mesmo applauso foy acreedora a sua grande eloquencia, quando orava, ou fosse na occasião que recitou a Oração funebre nas Exequias que no anno de 1557, dedicou a Universidade de Coimbra a ElRey D. Joaõ o III. seu augusto Fundador, ou na solemne Embaxada que ElRey D. Sebastião mandou ao Concilio Tridentino por Fernão Martins Mafarenhas, em cujo veneravel Congresso por ser Secretario da Embaxada fez a Oração

obediencial a 9. de Fevereiro de 1562. com tanta facundia, e representação que arrebatou a atençaõ de todos parecendo-lhes que tinha renacido Tullio, ou Demosthenes. Foy Prior da Igreja de S. Pedro do Souto no termo da Villa da Covilhã Bisgado da Guarda de que tomou posse a 5. de Dezembro de 1558. Publicou.

Oratio habita Serenissimi Portugallia, Algarbiorumque Regis Sebastiani nomine in Concilio Tridentino die 9. Februarij 1562. unã cum responsione Sanctæ Synodi. Ripæ ad instantiam Petri Antonij Alciatis. 1562. 4. e Lisboa por Jozé Antonio da Sylva Impressor da Acad. 1737. 4. nas *Mem. Histor. delRey D. Sebast.* liv. 1. cap. 1. n. 7. Traduzida em Portuguez pelo Doutor Antonio Pinheiro, cuja traduçaõ está impressa nas ditas *Memorias* n. 8.

BELCHIOR ESTAÇO DO AMARAL natural de Evora, e muito experimentado na sciencia Nautica pelas muitas Viagens maritimas que fez, escrevendo com grande curiosidade a obra seguinte que dedicou ao Serenissimo Duque de Bragança D. Theodosio 2. com este titulo.

Tratado das batalhas, e successos do Galiaõ São-Tiago com os Olandezes na Ilha de Santa Elena, e da Não Chagas com os Ingлезes entre as Ilhas dos Afores ambas Capitania da Carreira da India, e da causa, e desastres porque em vinte annos se perderão 38. Nãos della. Lisboa na Officina de Antonio Alvares 1602. 4. e na *Hist. Tragico-Maritim.* Tom. 2. desde pag. 441. até 538.

Fazem mençaõ delle Antonio de Leon *Bib. Orient.* Tit. 13. e Nicol. *Ant. Bib. Hist.* Tom. 2. pag. 98.

BELCHIOR FEBOS natural de Lisboa donde passando a Coimbra se applicou ao estudo do Direito Cesareo sendo discipulo dos mayores Cathedricos desta Faculdade os Doutores Luiz Correa, Christovão de Azevedo, e Antonio da Cunha de que faz agradecida memoria nas suas obras principalmente no Tom. 1. *Decis.* 15. n. 10. Tom. 2. *Decis.* 161. n. 12. Recebido o grão de Bacharel voltou para a Patria onde sendo Advogado da Casa da Supplicação patrocinou as causas mais graves, e difficulto-

fas com igual sciencia, que integridade. Por ser muito versado no Direito practico supplicou à Filippe IV. se lhe desse huma Cadeira em a Universidade de Coimbra com predicamento de grande em que explicasse a Ley municipal do nosso Reyno, ou ao menos huma de Leys por merce, e expedindo ElRey duas Provisoes em que se incluysão estas Supplicas resolveo o Claustro da Universidade a 27. de Janeiro de 1623. não ser necessaria, nem conveniente a Cadeira de Practica, e que para à de Leys não faltavaõ Mestres na Universidade que as regentassem. Morreo em Lisboa a 8. de Julho de 1632. Jáz sepultado no Convento de S. Domingos. Joan. Soar. de Brito in *Theatr. Lusit. Litter.* lit. M. n. 26. o intitula *nominatissimus* J. C. D. Francisco Manoel na *Carta dos Author. Portug.* escrita ao Doutor Themudo o numera entre os celebres professores da Jurisprudencia como tambem Nicol. Ant. *Bib. Hispan.* Tom. 2. pag. 99. Imprimio.

Decisiones Senatus Regni Lusitaniæ in quibus multa quæ in Controversia quotidie vocantur gravissimo illustrium Sanatorum judicio deciduntur. Tom. 1. Ulyssipone apud Petrum Crasb. 1619. fol.

Tomus 2. ibi apud eundem Typ. 1625. fol. Este tomo dedicou o Author ao Serenissimo Duque de Bragança D. Theodosio 2. de quem se confessa muito favorecido.

Sahiraõ os dous Tomos Ulyssipone sumptibus Francisci de Soufa, & Antonij Leyte Pereira. 1672. fol. Adicionados com eruditissimas illustrações pelo Doutor Jozé dos Sãtos Palma (de quem faremos menção em seu lugar) sem expressar o seu nome. Ulyssipone apud Jozéphum Lopes Ferreira Reginæ. Typ. 1713. fol. 2. Tom. & Conimbricæ apud Franciscum de Oliveira Acad. Typ. 1736. fol.

Repetitio ad L. Panthonius ff. de acquirenda hereditate. Na *Decif.* 199. n. 1. promete dar brevemente à luz publica esta obra.

BELCHIOR FERNANDES GATO natural da Villa de Arrayolos na Provincia do Alentejo, e dos celebres Poetas vulgares do seu tempo deixando eternizada a memoria da sua Musa no Poema heròico que comprehendia 12. Cantos cujo argumento era.

Festas, e Torneyos do Serenissimo Duque de Bragança. como escreve Joã Franco Barreto na *Bib. Portug. M. S.* por informaçaõ do celebre antiquario Manoel Severim de Faria.

BELCHIOR FERNANDES SOARES. Naceo na Villa de Setubal no anno de 1608. sendo filho do Doutor Francisco Soares professor de Medicina, e de Maria da Esperança. Estudou na Universidade de Coimbra Direito Civil em que sahio eminente, e como tal mereceo ser venerado entre todos os mayores Mestres desta faculdade. Foy na sua Patria Juiz dos Direitos Reaes, Ouvidor, e Chanceller Mór das terras do Ducado de Aveiro, e Ministro deputado em Lisboa, para o ajuste da Paz de Olanda com esta Coroa. Compoz.

Allegaçaõ de Direito por o Senhor D. Pedro sobre a Sucessaõ do Estado, Casa, e Titulo de Aveiro. Lisboa por Domingos Carneiro 1666. fol. Sahio sem o seu nome por deligencia de Bibiano Pinto da Sylva Notario do Santo Officio.

Allegaçaõ sobre o morgado de Oliveira. M. S.
Allegaçaõ sobre as pertençoens de D. Diogo de Faro. M. S.

Peculium omnis Juris Civilis, quo duodecim mille, et ultra Leges comprehenduntur. M. S. fol. 2. tom. Ficou em poder de Thomaz Pacheco de Sá.

P. BELCHIOR DE FIGUEYREDO natural da Cidade de Goa Cabeça do Imperio Oriental Portuguez, onde abraçou o Instituto da Companhia de JESUS em o anno de 1554. quando contava 25. annos de idade. O primeiro theatro das suas Missoens Apostolicas foraõ as Ilhas Molucas convertendo ao gremio da Igreja grande numero de Bramanes. Depois de instruir com os seus documentos aos Noviços em Goa partio no anno de 1560. para o Japaõ em cuja dilatada vinha derramou copiosos sudores pelo espaço de muitos annos respondendo o fruto à deligencia da cultura. Não foraõ menos gloriosas as vitorias que no Imperio de China alcançou da Gentildade sendo a principal a conversão admiravel de hum famoso Medico que contando setenta annos de idade era Socrates nas vir-

tudes moraes, e Plataõ nas sciencias naturaes, e Divinas, cuja doutrina ouviaõ na Cidade de Macáo outocentos discipulos ao qual procurando para lhe dar a faude do corpo lhe comunicou por especial favor do Ceo o remedio da alma. No largo discurso destas apofolicas fadigas padeceo constantemente graves afrontas, e horrorosos perigos a que esteve exposta a sua vida pela malicia dos Bonzos, e infidelidade dos Ladroens. Attenuado com tantos trabalhos depois de ser Reytor do Collegio de Funay se restituhio a Goa para experimentar clima mais benigno à sua faude afflicta com diversos achaques, dos quais sentindo por dez annos molestissimos, effeitos passou a gozar do descanso eterno a 3. de Julho de 1607. escreveu.

Carta escrita do Porto de Facundà a 22. de Outubro de 1565 aos Padres, e Irmaõs da Companhia. Começa. *Ainda que pelas cartas de todos nossos carissimos Padres.* Evora por Manoel de Lira. 1598. fol. Part. 1. a fol. 203. v.º Vertida em Castelhana. Alcalá por Juan Iniguez de Lequeriqua. 1575. 4. a fol. 238. v.º e Coimb. por Anton. de Mariz. 1570. 4. a fol. 531. v.º.

Carta escrita do Cochincù a 25. de Mayo de 1566. aos Padres, e Irmaõs das Cidades de Sacay, e Bungo. Começa. *De Ximabara depois daquella primeira monção &c.* Evora por Manoel de Lyra 1598. fol. a fol. 204. v.º.

Carta escrita do Japaõ a 13. de Setembro aos Irmaõs da Companhia de JESUS da Índia. Começa. *Depois que se fixeraõ os Christãos de Ximabara.* Evora por Manoel de Lira 1598. fol. a fol. 224. v.º vertida em Castelhana. Alcalá por Juan Iniguez de Lequeriqua 1575. 4. a fol. 161. e Coimbra por Ant. de Mariz. 1570. 4. a fol. 584. v.º.

Carta escrita de Bungo a 27. de Setembro de 1567. Começa *O anno passado escrevi &c.* Evora por Manoel de Lyra 1598. fol. a fol. 242. v.º.

Carta escrita de Bungo a 11. de Outubro de 1569. aos Padres, e Irmaõs da Companhia. Começa. *O anno passado escrevi do Reyno de Bungo.* Evora por Manoel de Lyra 1598. fol. a fol. 276. v.º vertida em Castelhana. Alcalá por Juan de Iniguez de Lequerica 1575. 4. a fol. 274. v.º.

Carta escrita do Japaõ a 21. de Outubro de 1570. aos Padres, e Irmaõs da Companhia de JESUS de Portugal. Começa. *Deos nosso Senhor por sua bondade infinita &c.* Evora por Manoel de Lyra 1598. fol. a fol. 296. Vertida em Castelhana. Alcalá por Juan Iniguez de Lequerica. 1575. 4. fol. 280. v.º.

Carta escrita de Vomura a 16. de Outubro de 1571. Começa. *As festas se celebraraõ. &c.* Evora por Manoel de Lyra 1598. fol. a fol. 316. v.º.

Carta escrita de Facata a 28. de Setembro de 1576. Começa. *Os annos passados quando tinha cuidado da Christandade &c.* Evora por Manoel de Lyra. 1598. fol. a fol. 368. v.º.

Do seu ministerio Apostolico exercitado em Ximabara, Bungo, Omura, Facata, e outras Cidades, e Reynos assim do Japaõ, como da China fazem illustre memoria Gulman Hist. *delas Mission. dela Comp.* Part. 7. liv. 7. cap. 10. e 16. *Histor. Societat.* Part. 3. lib. 4. n. 289. 270. e 273. e lib. 6. n. 207. e Part. 4. lib. 3. n. 259. *Faria Asia Portug.* Tom. 2. Part. 4. cap. 20. n. 9. *Bibli. Societ.* pag. 607. col. 2. *Soufa Oriente Conq.* Part. 2. conq. 4. Divis. 2. §. 100. e 101. *Ant. de Leon Bib. Ind.* Tit. 8. *Charlevoix Hist. del' Etablissement, e decad. du Christianism. dans l' Empire du Japon.* Tom. 1. pag. 322. e na *Hist. du Japon.* Tom. 1. pag. 298. 230. 381. e 477.

BELCHIOR DA FONSECA DE ALMEYDA natural de Coimbra cujo engenho versado na Mythologia, e letras humanas se distinguio entre os seus patricios na Arte de Poesia, em que foy eminente, como se admira na Oraçaõ impressa no livro intitulado.

Jardim de Apollo Academia celebrada por diferentes Ingenios. Madrid 1655. 4. Foy dedicado pelo Author da Oraçaõ a Duarte de Albuquerque Coelho Marquez do Bafo, e Senhor de Pernambuco.

No anno de 1686. em que vivia em Palencia compoz.

Sueño Politico. M. S.

BELCHIOR DA GRAÇA natural do lugar de Matofinhos situado nos Suburbios da Cidade do Porto filho de Joaõ Mon-

teiro de Leão Coronel de hum Regimento de Infantaria, e de Beatriz de Brito Soares, e Irmaõ do Doutor João Soares de Brito Abbade de São-Tiago Dantas de quem faremos menção em seu lugar. Com a educação de Pays tão nobres se augmentou tanto a boa indole, que tinha para as sciencias, que mais pareciaõ inspiradas pela natureza, que adquiridas pelo estudo. Na idade da adolescencia teve tão frequente cõmercio com as Musas, que lhe concederaõ beber com larga copia as aguas da Caballina compondo elegantemente todo o genero de versos Latinos, Portuguezes, e Castelhanos. Com a mesma felicidade, que tinha cultivado as flores do Parnaço, penetrou as dificuldades da Jurisprudencia merecendo receber na Universidade de Salamanca duplicadas borlas em hum, e outro Direito com admiração de todos os Cathedaticos. Ao tempo, que era venerado o seu profundo talento na palestra de Apollo, se respeitou o seu heroico valor em a de Marte sendo Capitaõ de huma Nào da Armada, onde depois de dezempenhar as obrigaçoens militares se alistou em outra mais illustre milicia recebendo o habito Canonico na Congregaçaõ do Evangelista Amado na qual instruiu aos seus Companheiros nas sciencias amenas, e severas, como foraõ Grammatica, Rhetorica, Poesia, e Theologia Moral. Concluida esta laboriosa applicação foy eleyto Chronista para com a sua pena eternizar as memorias da sua Congregaçaõ, cujo estudo interromperaõ graves negocios pertencentes a ella, sendo mandado para este fim tres vezes a Roma onde vencidos innumeraveis obstaculos felizmente o conseguiu. Nesta famosa Corte emporio de todas as sciencias não permitio, que estivesse ociosa a sua inclinação ao estudo ainda que divertido com outras occupaçoens, aprendendo as Linguas Orientaes de João Bautista Sabbatino Romano, Abraham Eschenle Maronita, e Canachio Rossio Grego insignes Professores dos idiomas Hebraico, Caldaico, Syriaco, e Arabico. Por estes dotes alcançou a estimação, e amifade das mayores Pelloas da Curia Romana principalmente da Santidade de Urbano VIII. a cujo Nome confagrou cem Anagrammas engenhosamente compostos. Os mesmos applausos conciliou o seu talento nos Reynos de

França, e Esphanha sendo celebrado com grandes elogios por Fr. Antonio Carneiro Monge Benediçtino Abbade dos Conventos do Porto, e de S. Tyrso, e Procurador da sua Monastica Religiaõ em Roma em Elogio hum impresso no principio da obra dos *Anagramas*, que he elegantissimo, Jacob. Philippe Thomasin. *Annal. Canon. Secul.* P. 703. e 705. Ausonio Noëtinot na Dedicatoria, que lhe fez da *Summa P. Antonini Diana C. R. Venetiis.* 1648. e Franc. de Santa Maria *Ceo aberto na Terra* Liv. 2. cap. 40. Morreo no Convento de Santo Eloy de Lisboa a 20. de Abril de 1650. Compoz

Centum Anagrammata in Laudem S. D. N. Urbani VIII. Pontificis Optimi Maximi. Velitris apud Alphonsum de Insula. 1644. 8.

Vida do Ven. P. Antonio da Conceição Conego Secular da Congregaçaõ do Evangelista, que deixou M. S. em hum Tom. grande de 4. (como escreve Franc. de Sant. Mar. *Chron. dos Coneg. Secul.* Liv. 2. cap. 40.) obra igual ao seu engenho, e fama, e verdadeiramente digna de que por meyo da estampa se perpetuasse na memoria.

Votum in gravi causa de Jurisdictione Metropolitana in suffraganeos. Impresso nas Decisoens do Doutor Manoel da Fonseca Theodoro Part. 2. Decif. 245. à n. 12.

Parecer contra os Religiosos Dominicanos querendo contra o interdito posto no anno de 1639. em Lisboa pelo Colleiitor Alexandre Castracani uzar dos seus privilegios, quaes eraõ, não ligar o interdito nas Festas principaes da Igreja, e dos Santos da sua Religiaõ. Conserva-se M. S. na Bib. que foy do Cardial de Sousa.

Praxis Pensionum exigendarum. M. S.

Commentaria ad Titulum de Electione. M. S.

Destas duas obras faz memoria seu Irmaõ João Soares de Brito in *Theatr. Lusit. Liter.* Lit. M. n. 24. affirmando estarem promptas para a Impressão, e ser seu Author *Variarum Linguarum peritus, & in negotiis forensibus versatissimus.*

BELCHIOR DA GRAÇA natural da Villa de Barcellos na Provincia de Entre Douro, e Minho do Arcebispaõ de Braga, Conego Secular da Congregaçaõ do Evangelista, e hum dos celebres Theologos, e

Canonistas da sua idade. No Collegio de Coimbra foy Mestre de Theologia donde retirado ao Convento de Santo Eloy de Lisboa se applicou ao estudo do Direito Pontificio em que sahio taõ eminente, que era consultado nas materias mais graves, e controversas, e chamado às Juntas onde o seu voto por ser livre, e conforme aos dictames da consciencia era venerado como Oraculo. Naõ foy digno de menor estimaçaõ no Pulpito em cuja sagrado ministerio era aclamado por insigne Orador Evangelico como se vio em 19. de Outubro de 1622. orando no Outavario, que na Cidade do Porto dedicou a Companhia de JESUS à Canonizaçaõ de Santo Ignacio de Loyola, e S. Francisco Xavier. Applicou-se com igual disvelo á pratica das virtudes, que á especulaçaõ das sciencias sendo observantissimo das suas Constituiçoens, e das Ceremonias Ecclesiasticas, afavel com os subditos em duas vezes, que foy Geral da Congregaçaõ, charitativo com os enfermos, e continuo em todos os actos da Cõmunidade. Regeitou com profunda humildade o Bispaado do Funchal offerecido pela Magestade de Philippe IV. Morreo no Convento de Lisboa a 2. de Agosto de 1646. com 80. annos de idade. Jaz sepultado no Claustro com estas letras iniciaes gravadas na campa. B. D. G.

De Penitentia Tractatus. M. S. fol. *Obra doutissima* (saõ palavras de Franc. de S. M. *Chron. dos Coneg. Secul.* Liv. 2. cap. 39.) e muito estimado de grandes Moralistas, que a virãõ. He lastima, que não se perpetue por meyo da Imprensa.

Consultas Moraes, e Canonicas. M. S. fol. Estavaõ promptas para a Impressãõ como diz Joã Franco Barreto na *Bib. Portug.* M. S.

BELCHIOR LOPES DE SOUSA natural de Villa-Nova de Portimaõ no Reyno do Algarve, Licenciado na Faculdade dos Sagrados Canones, e Beneficiado na Igreja de Santa Maria de Beja. Teve grande genio para a Poesia compondo em a materna, Latina, e Italiana muitos versos, que chegaraõ a fazer volumes como afirma Joã Franco Barreto na *Bib. Portug.* M. S. de cuja fecunda veyra sómente se fez publico na grande Obra do *Acta Sanctorum* Tom. 4. *Mensis Maij* pag. 291.

Poema de vita B. Felicis Capuccini.

Consta de mais de quinhentos versos, que a sua devoçaõ confagrou a S. Felix de Cantalicio immortal gloria da austera Reforma dos Capuchinhos, o qual morreo em Roma em 18. de Mayo de 1587. sendo pelas suas heroicas virtudes Beatificado por Urbano VIII. no anno de 1625. e Canonizado por Clemente XI. a 22. de Mayo de 1712. Começa o Poema. *Felicem in terris, felicemque in aethere vitam Felicis referam. Tu qui splendentia Cæli Tecta colis mecum ipse tuas ediffere Laudes.*

BELCHIOR LOUREYRO natural da Cidade de Beja da Provincia do Alentejo, Professor de Direito Civil, insigne Patrono de Cauzas Forenses, e profundo investigador de Subtilezas juridicas. Morreo na Patria em o anno de 1665. Compoz.

Glossa sobre as Remiçoens de Barbosa, e à Ordenaçãõ com todas as ampliaçoens, e Limitaçoens que há sobre a Ordenaçãõ, como sobre o que escreveo o mesmo Barbosa. M. S. fol. Conservava esta obra com grande estimaçaõ Diogo Lopes Crasto insigne Advogado nesta Corte.

BELCHIOR DE MORAES natural de Tavira no Reyno do Algarve muito sciente, e experimentado em a Nautica pelas repetidas vezes que exercitou o Officio de Piloto em a dilatada carreira da India, o qual dezejando que fosse mais facil aos professores desta Arte escreveo.

Roteiro de Portugal para a India, e da India para Portugal em a Nãõ de Santo Antonio Nebry aos 3. de Agosto de 1576. cujo Original conserva meu Irmaõ D. Jozé Barbosa na sua selecta Livraria.

BELCHIOR DE MORAES DE MESQUITA Naceo na Villa de Castro Vicente Comarca da Torre de Moncorvo do Arcebispaado de Braga a 8. de Junho de 1692. sendo filho de Nicolãõ de Mesquita, e Sá, e de Luiza de Moraes Pinto. Estudou em a Universidade de Coimbra os Sagrados Canones em cuja faculdade se formou a 22. de Julho de 1722. Com igual sciencia que integridade exercita o Officio de Advogado em a Villa de Frexo de Espada-cinta, e jun-

tamente o de Sindico da Camara, e Procurador Fiscal. Entre as continuas occupaçoens destes ministerios querendo aproveitar algumas horas vagas compoz em beneficio dos espiritos devotos.

Passo da Alma no amargo banquete da Payxão de Christo nosso Salvador dividido em quinze pratos glozados com seus reflexos mentaes. Vida Christãa ou practica facil de aproveitar com meyo, e verdades fundamentaes contra ignorancias, ou descuidos communs traduzido do Castelhana do P. Jeronimo Dutari da Companhia de Jesus. Devoção do nome Santissimo de Maria para todos os dias do anno. Exorcismos contra mordeduras venenosas, Lombrigis, e outros bichos, maleficios, peste, e tempestades. M. S. 4. Entre estes tratados estaõ muitos Romances, e outros versos devotos que saõ obra do Traductor.

P. BELCHIOR NUNES BARRETO Naceo na Cidade do Porto em o anno de 1520. de Pays taõ illustres no sangue como na virtude chamados Fernaõ Nunes Barreto Senhor dos Coutos de Freriz, e Penagate e D. Izabel Ferraz, Tio paterno de D. Jeronimo Barreto Bispo do Funchal, e do Algarve. Ao tempo que com grande esplendor do seu talento tinha consummado o tempo que as Leys academicas prescrevem para receber o graõ de Doutor na Faculdade dos Sagrados Canones antepoendo a humildade Religioza ao applauzo litterario pedio a roupeta da Companhia de JESUS ao P. Simaõ Rodrigues o qual lhe insinuou que antes de conseguir a sua pertençaõ recebesse as insignias doutoraes, a cuja insinuação obedecendo como se fosse preceito se graduou com grande solemnidade no fim do qual foy admitido à Companhia a 11. de Março de 1543. quando contava 23. de idade. Logo que nella se vio alistado parecendo-lhe pequena esfera para o seu agigantado espirito o Reyno de Portugal supplicou com repetidas instancias aos Superiores, que o mandassem à India para onde partio no anno de 1551. embarcado em a Náo Esperança, de que era Capitaõ Diogo Lopes de Soufa Tavares. Com singulares demostraçoens de affecto foy recebido em Goa por S. Francisco Xavier que conhecendo a grande prudencia de que era ornado

o nomeou em Fevereiro de 1552. Superior da Residencia de Baçaim onde convertenteu Gentios, reformou Christaõs, e expulsou hereges que com praça de artilheiros passavaõ das Partes Septentrionaes àquellas Regioens para semear o pestifero veneno dos seus erros. Por morte do V. P. Gaspar Barzeo foy eleito Provincial da India em o anno de 1553. cujo cargo o obrigou voltar a Goa donde passou ao Japaõ levando em sua companhia ao celebre viageiro Fernaõ Mendes Pinto. Toleradas constantemente varias tempestades aportou a Malaca a 5. de Junho de 1554. e depois de obrar acçoens dignas do seu apostolico zelo entrou em Cantaõ metropole de huma das Provincias da China sendo o primeiro Operario evangelico que promulgou a Fé de Christo em taõ dilatado Imperio. Vizitou cõ grande utilidade dos Neofitos as Igrejas das Costas de Travancor, Pescaria, e Chormandel. Assistido de quarenta Portuguezes preciosamente vestidos deo huma solemne Embaxada a elRey de Bungo que já tinha recebido outra semelhante do grande Xavier, para que professasse publicamente a Ley Christãa, e posto que foy tratado benevolamente por este Principe receoso dos animos de seus Vassallos naõ se rezolveo a aceitar a proposta do Evangelico Embaxador. Convenceo em publica disputa a Mar Jozé Bispo Nestoriano que pelas Serras do Malabar andava semeando a pernicioza, e falsa doutrina dos seus scismaticos dogmas obrigando-o a abjurar solemnemente por escrito na Sé de Cochim os erros que professava. Cheyo de acçoens virtuosas obradas em tantas peregrinaçoens apostolicas partio em Goa a receber o premio preparado aos Justos em 10. de Agosto de 1571. com 51. annos de idade, e 28. de Religiaõ, cuja memoria he celebrada pelas penas dos mais celebres escriptores Jesuitas, como saõ Orland. *Hist. Societ.* Tom. 1. lib. 15. n. 154. lib. 4. n. 56. lib. 11. n. 82. lib. 12. n. 85. lib. 13. n. 79. lib. 14. n. 130. Tom. 2. lib. 1. n. 558. & lib. 2. n. 172. *Tellez Chron. da Comp. de Jef. na Prov. de Portug.* Part. 1. liv. 3. cap. 21. *Nadaf. Ann. Dier. Mem. S. J.* Part. 2. pag. 92. *Girardi Diario* Part. 3. a 10. de Agost. *Godinh. de Rebus Abyssin.* lib. 2. cap. 2. *Bib. Societ.* pag. 609. col. 1. *Soufa Orient. Conquist.* Part. 1. Conq. 1.

Divis. 1. §. 60. Divis. 2. §. 7. 8. e 32. Conq. 3. Divis. 2. §. 4. Conq. 4. Divis. 2. §. 10. 11. até 15. Part. 2. Conq. 1. Divis. 1. §. 41. até 44. Franco *Imag. da Virt. em o Nov. de Coimb.* Tom. 1. Liv. 2. cap. 49. até 59. e no *Ann. Glorios. S. J. in Lusit.* pag. 458. Crasset *Hist. del' Eglis. du Japon.* Tom. 1. liv. 3. §. 35. pag. 188. e Charlevoix *Hist. del' Etablis. e Decad. du Christ. dans l'Empire du Japon.* Tom. 1. pag. 148. 152. 154. e 158 e *Hist. du Japon.* Tom. 1. p. 238. 240. 244. e 245. Pinto *Hist. da sua Peregrin.* cap. 219. e 225. Ant. de Leon. *Bib. Orient.* Tit. 7. e 8. Joan. Soar. de Brit. *Theatr. Lusit. Litter.* lit. M. n. 25. dizendo *Fuit vir æque pius, ac doctus.* As cartas em que relatou os successos das suas peregrinaçoens apostolicas saõ as seguintes expostas por ordem Chronologica.

Carta escrita de Goa a 9. de Dezembro de 1551. em que relata a sua Viagem. M. S. Conserva-se na Casa professa de S. Roque.

Carta escrita de Baçaim a 7. de Dezembro de 1552. aos PP. de Portugal. M. S. Conserva-se na mesma Casa.

Carta escrita de Goa no anno de 1554. a Santo Ignacio em que relata a morte de S. Francisco Xavier, e seu enterro. Sahio vertida em Latim in *Epist. Japonicis.* Lovanij apud Rutgerum Velpium 1570. 12. a pag. 86. até 102. e em Italiano Roma por Antonio Bladio. 1556. e Venetia por Michele Tramezzino 1565. 8. no livro intitulado *Diversi Avisi dall'Indie de Portugallo.* Part. 3. fol. 161.

Carta escrita de Malaca a 3. de Dezembro de 1554. Começa O Mayo passado deste anno de 1554. Evora por Manoel de Lyra. 1598. fol. Part. 1. a fol. 30. v.º. Vertida em Castelhano pelo P. Cypriano Suar. Coimbra por Joaõ Barrer. e Joaõ Alvares 1567. a pag. 71. e no livr. intitulado. *Copia de las Cart. que los PP. de la Compan. escrivier.* Alcalá per Juan Iniguez de Lequerica 1575. 4. a fol. 61. vertida na lingua Latina pelo P. Manoel da Costa in *Rer. a S. J. in Ind. Gest.* Colon. apud Gervinum Calenium 1574. 8. à pag. 188. até 190. & Delingæ apud Sebal dum Mayer 1571. 8. a fol. 87. até 94. e em Italiano com outras Venetia apreßo Michaelae Tramezzino. 1559. 8.

Carta escrita de Macao em 23. de Novembro de 1555. aos Irmaõs da India, Por-

tugal, e Roma. Começa. O anno passado de 1554. Evora por Manoel de Lyra 1598. fol. Part. 1. a fol. 32. v.º. da qual traz grande parte o P. Antonio Franco na *Imag. da Virtude do Colleg. de Coimb.* Tom. 1. pag. 366. até 374. Traduzida em Latim in *Epist. tol. Japonic.* Lovanij apud Rutgerum Velpium 1569. 8. p. 131. até 159. & ibi per eumd. Typ. 1570. 8. pag. 127. até 144. em Castelhano. Alcalá por Juan Iniguez de Lequerica. 1575. 4. fol. 63. v.º. e em Italiano Venetia preßo Michaelae Tramezzino. 1565. 8. a pag. 263. v.º.

Carta escrita de Macao a 21. de Novembro de 1555. aos Padres de Goa. Consta de nove paginas, e se conserva no archivo da Casa professa de Lisboa. Sahio vertida em Castelhano pelo P. Cypriano Suar. Coimbra por Joaõ Alvares, e Joaõ Barreira 1565. 4. pag. 123.

Carta escrita a 13. de Janeiro de 1558. ao Geral com a informaçãõ de China, e Japaõ para receber a Fé. Traduzido em Castelhano pelo dito P. Cypriano Coimbra por Joaõ Barreira 1565 4. pag. 187. e em Italiano Venetia preßo Tramezzino. 1559. 8.

Carta escrita de Cochim a 10. de Janeiro aos Irmaõs da Companhia de JESUS de Portugal. Começa. No anno de 1555. lbes escrevi. Evora por Manoel de Lyra 1598. Part. 1. a fol. 47. até 51. da qual traz grande parte impressa o P. Franco *Imag. da Virtud. do Novic. de Coimb.* Tom. 1. liv. 2. cap. 57. e 58. Traduzida em Latim pelo P. Maffeo Selest. *Epist. ex Ind. lib.* 1. e por o P. Manoel da Costa in *Rer. à S. J. Gestar.* Colonix apud Gervinum Calenium 1574. 8. a pag. 247. até 252 e em Castelhano. Alcalá por Juan Iniguez de Lequerica 1575. 4. fol. 76.

Carta escrita de Cochim a 16. de Agosto de 1558. aos Padres de Goa. M. S. Conserva-se na Casa professa de S. Roque.

Carta escrita de Cochim a 25. de Fevereiro de 1559. aos PP. de Portugal. Impressa, em a *Imagem da Virtude do Nov. do Colleg. de Coimb.* Tom. 1. liv. 2. pag. 58.

Carta escrita de Cochim a 25. de Fevereiro de 1559. ao Geral M. S. Conserva-se na Casa professa de S. Roque.

Carta escrita de Cochim a 31. de Dezembro de 1561. aos PP. de Portugal. Sahio na *Imag. da Virt. do Nov. de Coimb.*

Tom. 1. liv. 2. pag. 59. Traduzida em Latim Lovanij apud Rutgerum Velpium 1569. 8. in *Epist. Japon.* Part. 2. pag. 123. & ibi apud eundem 1570. 8. pag. 261. e em Italiano em o livro *Diversi Avvisi dall' Indie di Portugallo Part. 4.* fol. 225. Venetia presso Michele Tramezzino 1565. 8.

Carta escrita de Cochim a 20. de Fevereiro de 1564. a suas Irmaõs Religiosas em que lhes dà noticia da morte de seu Irmaõ o Patriarcha D. Joaõ Nunes Barreto. M. S. Conservase na Casa professa de S. Roque.

Carta escrita de Cochim a 20. de Fevereiro de 1566. ao P. Leaõ Henriquez. M. S.

Carta escrita de Conlaõ a 20. de Janeiro de 1567. ao mesmo P. M. S.

Carta escrita de Goa a 26. de Novembro de 1567. Consta de 7. paginas. M. S. Estas duas cartas se guardaõ no Archivo da Casa professa de Lisboa. De algumas destas Cartas faz mençaõ o moderno addicionador da *Bib. Orient.* de Antonio de Leaõ Tom. 1. Titul. 6. col. 96. e Tit. 8. col. 177.

Vida compendioza do Illustrissimo Patriarcha da Etiopia D. Joaõ Nunes Barreto seu Irmaõ, cujo Original se conserva no Collegio de Evora como escreve o P. Franco *Imag. da Virind. do Noviciad. de Coimb.* Tom. 1. liv. 2. cap. 7. n. 15.

BELCHIOR DA PIEDADE Conego Secular da Congregaçaõ do Evangelista Lente de Theologia, e Prégador insigne do seu tempo, e não inferior Poeta vulgar, e Latino. Publicou.

Sermaõ de Santo Thomaz de Aquino prégado na Sé de Braga. Coimbra por Thomé Carvalho Impressor da Universidade 1655. 4. *De quem temos* (falla delle Francisco de Santa Maria *Chron. dos Coneg. Sec.* liv. 2. cap. 40. pag. 529.) *alguns Sermoens impressos, e o mereciaõ ser todos.* Não chegou à nossa noticia mais que o Sermaõ que vay assima posto.

BELCHIOR DE PINNA DA FONSECA natural da Cidade da Guarda Prior da Igreja de N. Senhora da Assumpçaõ de Vinhó do Bispa-do de Coimbra, Notario Apostolico, e Secretario do Synodo que celebrou o Illustrissimo Bispo da Guarda D. Francisco de Castro a 20. de Novembro de 1621. Igualmente foy douto

nos Sagrados Canones, como nas Antiguidades da sua Patria escrevendo.

Chronologia dos Bispos da Guarda. M. S. 4. *Historia de todas as Imagens milagrosas do Bispa-do da Guarda.* fol. M. S.

BELCHIOR DO REGO DE ANDRADE natural de Villa-viçosa em a Provincia Trans-tagana filho de Ignacio do Rego de Andrade Moço da Guardaroupa do Serenissimo Duque de Bragança D. Theodosio II. e D. Innocencia Cacella filha de Belchior Mendez Cacella Moço da Guardaroupa do Serenissimo Duque de Bragança D. Joaõ o I. Estudadas na Patria as letras humanas passou a Coimbra para se applicar à sciencia dos Sagrados Canones, na qual tanto se distinguio entre os seus Condiscipulos que recebido o grão de Doutor a exercitou com summa inteireza em os honorificos lugares de Dezembargador dos Aggravos na Casa da Supplicação de que tomou posse a 15. de Outubro de 1661. de Chanceller da mesma Casa a 14. de Junho de 1668. e ultimamente de Dezembargador do Paço. Ordenado de Presbytero foy por muitos annos Conego da insigne Collegiada da Villa de Barcellos donde foy promovido para Prior da Parochial Igreja de Saõ-Tiago desta Corte mostrando que o seu talento era igual para a decisaõ das Cauzas, como para o pasto das ovelhas. A grave prudencia acompanhada do profundo estudo de ambos os Direitos o habilitaraõ para Secretario da Rainha D. Luiza Francisca de Gusmaõ, cujo ministerio exercitou sucessivamente com geral approvaçaõ nos Reynados das Serenissimas Senhoras D. Maria Francisca Izabel de Saboya, e D. Maria Sofia Izabel de Neoburg. Foy muito estudioso da Historia Sagrada, e profana principalmente na investigaçaõ das Antiguidades do nosso Reyno de que deixou à posteridade doutissimos monumentos. Morreo em Lisboa a 14. de Março de 1690. em idade muito provesta. Jáz sepultado na Capella Mòr da Igreja de que foy Prior. Escreveo.

Antiguidades de Villa-viçosa sua Patria que por humildade não quiz imprimir como diz Jorge Cardozo *Agiol. Lusit.* Tom. 3. pag. 593. no Comment. de 8. de Junho letr. G. fazendo segunda mençaõ desta obra no Tom. 2. pag. 320. no Comment. de 26. de Março letr. G.

Antiguidades da Villa de Barcellos. M. S. São allegadas pelo mesmo Cardozo *Agiol. Lusit.* Tom. 3. pag. 59. no Comment. de 3. de Mayo. letr. D.

Tratado da Antiguidade da Villa de Ourem, e suas grandezas. M. S. de que faz memoria Cardozo *Agiol. Lusit.* Tom. 2. p. 90. no Comment. de 7. de Março letr. G.

Vida, e milagres da B. Tareja filha delRey D. Affonso Henriques. M. S. como afirma Ant. Carvalho da Costa. *Corog. Portug.* Tom. 3. Trat. 5. cap. 1. pag. 230.

Além dos Authores allegados fazem memoria deste Author Nicol. Anton. *Bib. Hisp.* Tom. 2. pag. 100. col. 1. *Catastroph. de Portug.* pag. 79. e João Franco Barreto. *Bib. Portug.* M. S.

Fr. BELCHIOR DOS REYS Religioso professo da Serafica Provincia de S. Thomé da India Oriental para onde partio deste Reyno onde nacera. Foy bom letrado principalmente na Theologia Moral de que deixou hum eterno testemunho na obra seguinte.

Resoluçoens Moraes miscellaneas pertencentes às Missõens. M. S. fol.

Fr. BELCHIOR DOS REYS Monge Cisterciense do Real Convento de Alcobaça cabeça da illustre Congregação deste Reyno. Sendo muito applicado aos estudos escholasticos o não era menos à lição da Genealogia escrevendo com estylo claro, e sincero.

Familia dos Lucenas. M. S.

BELCHIOR DA SYLVA Sacerdote Brãmãe, e Vigario da Igreja de Santa Anna da Cidade de Goa que administrou muitos annos com louvavel procedimento, sendo intitulado *Homem douto, e de grande virtude* pelo P. Balthazar Tellez *Hist. da Etiop. Alt.* lib. 3. cap. 11. *Prégador, e bom Theologo de bom exemplo, e vida* por Fr. Antonio de Gouvea *Jornad. do Arc. D. Fr. Aleix. de Men.* liv. 1. cap. 8. e *insigni Sacerdos pietate* pelo P. Nicoláo Godinho de *Rebus Abyssin.* lib. 3. cap. 16. onde com manifesta equivocação lhe chama em diversas partes Miguel. Dezejando com zelo pastoral o Illustrissimo Primaz do Oriente introduzir Sacerdotes na Etiopia para que em tão vasto imperio

administrassem os Sacramentos, o nomeou para tão grande empreza conhecendo da integridade dos seus costumes a dezempenharia com toda a satisfação. Partio no anno de 1598. disfarçado em trages de Guzarate para não ser conhecido dos Mouros que com summa vigilancia impedião esta introducção, e chegando a Dio passou á Cidade de Daleca donde entrou no Preste João, e nelle foy recebido com inexplicavel jubilo pelos Christãos por ter passado quarenta annos que não tinhaõ Sacerdote que lhes ministrasse os Sacramentos reduzindo a muitos que tinhaõ abraçado os scismaticos dogmas de Alexandria em cujos apostolicos ministerios trabalhou pelo espaço de seis annos, e *em todo este tempo* (saõ palavras do P. Telles no lugar assima citado) *procedeo com muito bom exemplo tendo muito cuidado de acudir às almas dos Portuguezes, e Catholicos, e para lhes administrar os Sacramentos andou continuamente em largos, e muy trabalhosos caminhos por estarem os Portuguezes muy remontados, e espalhados em varios Reynos deste Imperio.* Compoz.

Cathalogo dos Imperadores da Etiopia. M. S.

BELCHIOR DE TEYVE natural da Cidade do Funchal Capital da Ilha da Madeira filho ultimo de Gaspar de Teyve, e sua segunda mulher D. Anna de Brito naturaes da mesma Ilha. Foy Lente de Direito Civil na celebre Universidade de Salamanca pelo largo espaço de vinte, e seis annos de cuja disciplina sahiraõ insignes Letrados. Depois de ser superintendente da Fazenda Real nos Reynos de Castella em o anno de 1607. e occupado lugares honorificos foy do Conselho de Filippe III. e hum dos quatro Ouvidores da sua Camara. Applicou-se com grande curiosidade ao estudo da Genealogia, em que escreveu largamente, sendo a principal obra.

Genealogia da Casa de Lerma. M. S.

Da qual faz especial memoria D. Luiz Salazar, e Castro na *Hist. desta Casa* Tom. 3. pag. 491. e Henrique Henriquez de Noronha nas *Mem. Secul. e Eccles. da Diocef. do Funchal* M. S. Tit. 12. cap. 3. cujo Original tivemos em nosso poder.

BENTO DE ARAUJO LEAL Presbytero do Habito de S. Pedro, e Mestre de

Grammatica nesta Corte o qual para facilitar aos seus discipulos os preceitos da lingua Latina, escreveu.

Miscellanea Grammatical na qual se explicaõ as partes da Oraçaõ com todas as suas etymologias, e circumstancias para perfeita intelligencia da lingua Latina. Lisboa por Pedro Ferreira Impressor da Serenissima Rainha 1734. 8.

Fr. BENTO DA ASCENÇAM natural da Villa da Arrifana de Soufa do Bispaado do Porto onde em a Matriz de S. Martinho foy bautizado a 23. de Agosto de 1675. Foraõ seus Pays Diogo de Almeyda, e Catherina de Lemos pessoas nobres, e virtuosas. Na idade de 18. annos elegeu entre todas as Religioens a de S. Bento cuja Monastica Cogulla vestio no Convento de Tibaens a 24. de Mayo de 1693. Tal foy o progresso que fez nos estudos Theologicos que foy admitido em a Universidade de Coimbra ao numero dos Doutores de taõ alta Faculdade. Duas vezes foy Abbade do Convento de Pombeiro, a primeira no anno de 1719. e a 2. no de 1724. Visitou a sua Congregaçaõ com igual prudencia, que integridade. Morreo a 14. de Janeiro de 1728. com 53. annos de idade, e 36. de Religiaõ. Compoz.

Vida, e Martyrio da insigne Virgem, e Martyr prodigiosa Santa Quiteria Serenissima Infanta de Portugal no monte de Pombeiro Interamnense Lisboa na Officina Ferreiriana. 1722. 8.

Novena da insigne, e gloriosa Virgem Santa Quiteria Serenissima Infanta, e Prothomartir de Portugal no monte de Pombeiro Interamnense, ou em outro qualquer lugar, que o seu devoto a quizer fazer. Lisboa por Jozé Antonio da Sylva. 1727. 8.

Entre os illustres filhos que produzio a sua Patria he numerado por Antonio Carvalho da Costa *Corog. Portug.* Tom. 1. Trat. 6. cap. 10. pag. 385.

Fr. BENTO DE S. BERNARDO. Naeo na Villa de Castro Dayro do Bispaado de Lamego a 13. de Mayo de 1621. e teve por Pays a Francisco Pinto da Motta, e D. Guiomar Machado de Vasconcellos de igual nobreza, e piedade, e por Irmaõ gêmeo a Fr. Balthezar Pinto Monge Bento de quem fizemos

já memoria. Quando contava a idade de 20. annos recebeo o habito Monachal da Sagrada Ordem de Cister no Convento de Santa Maria de Salcedas a 4. de Outubro de 1641. Depois de estudar as sciencias proprias do estado Religioso exercitou com geral aclamaçaõ diversos Lugares, como foraõ Presidente in Capite em o anno de 1663. Confessor das Religiosas do Convento de N. Senhora da Piedade de Tavira em 1666. Secretario do Geral Fr. Sebastiaõ de Sottomayor em 1675. e Abbade Reytor do Collegio de Coimbra em 1678. e Abbade do Convêto de Salcedas em 1684. Em tantas, e taõ varias occupaçoens nunca deixou de servir a sua Religiaõ escrevendo para beneficio della as obras seguintes.

Collectaneo escrito em pergaminho pelo qual se Capitula no Choro do Convento de Salcedas; o qual fez sendo Noviço nesta Casa.

Fundaçaõ do Convento de S. Bernardo de Tavira, e da vida das suas Preladas, e de algumas advertencias sobre o exercicio dos Confessores do dito Convento M. S.

Summario do Cartorio do Real Mosteiro de Alcobaça em o anno de 1672. sendo Carturario delle. M. S.

Formulario de varias Cartas, Alvaras, e Provisõens com advertencias sobre as ditas formas cuja expedicaõ pertence ao Cartorio de Alcobaça, em o anno de 1674. M. S. 4.

Todos estes Livros se conservaõ no Archivo do Real Convento de Alcobaça letra A.

Reformou o Breviario da Ordem, e sahio com este titulo.

Breviarium Cisterciense ad usum Congregationis D. Bernardi Portugallia. Antuerpix Sump-tibus Joannis à Costa, et Didaci Soares Bibliopolarum Ulyssiponensium. 1677. 4.

Summario do Cartorio do Real Collegio de Coimbra de S. Bernardo no anno de 1680. M. S.

Sendo Bibliothecario do Real Convento de Alcobaça collocou todos os livros por hum numero geral fazendo hum Cathalogo dos Authores com o titulo do Livro, e a materia de que trata, ao qual intitulou.

Radius Bibliothecæ regalis Archicænobij Alcobaciensis ex quo bis duodecim radii radioli breviter, ac subtiliter radiati a Fratre Anonymo anno Domini 1684. fol. M. S.

Compoz outro volume deste mesmo assumpto com 24. Alfabetos intitulado.

Radiolus radiolorum radij Bibliothecæ regalis Archicænobij Alcobaciensis irradiatus à Fr. Anonymo anno Domini. 1684.

De oratoriis, Eremitis, seu Capellis Monachorum, et eorum exceptione. fol. M. S. em 1687. Foy approvada esta obra por todos os Doutores da Universidade.

Indulta Apostolica pro Regali Alcobaciensi Monasterio, & ejusdem Congregatione. Fez esta colleção no anno de 1688. e estava prompta para a impressão.

Fr. BENTO CALDEIRA. Foy muito instruido nas letras humanas, e principalmente nos preceitos da Arte Poetica. Deixando a Patria se recolheu à Religião dos Erimitas de Santo Agostinho professando o seu Instituto no Real Convento de S. Philippe de Madrid. Pela grande assistencia que fez em Castella soube com summa perfeição a lingua Castellhana em a qual traduzio.

Las Lusíadas de Luiz de Camoens. Alcala 1580. 4. Do Author, e da Obra fazem menção Ant. de Leaõ *Bib. Orient.* Tit. 2. pag. 8. Nicol. Ant. *Bib. Hispan.* Tom. 1. pag. 164. col. 1. Manoel de Faria, e Soufa *Vida de Camoens* impressa no principio do *Coment. às Rimas* deste grande Poeta §. 39. e o P. Antonio dos Reys no *Enthusias. Poetic.* n. 151.

BENTO CARDOSO OSORIO. Naceo em a Freguezia de S. Joã da Fóz no Conselho da Maya do Bispaado do Porto donde passados os annos da puericia em que descubrio grande viveza de engenho o mandou seu Pay Paschoal Rodrigues Osorio estudar a Coimbra em cuja Universidade fez tantos progressos a sua rara comprehensão que recebeu o grão de Bacharel em hum, e outro Direito com universal applauso de todos os Cathedraticos. Voltando para a patria com grande opiniaõ de Letrado occupou os lugares de Promotor, e Procurador da Mitra do Porto, e Vigario Geral de Villa-Real com tanta integridade, e observancia da justiça que passou a Procurador da Mitra Primacial de Braga, Dezembargador da sua Relação, Syndicante dos seus Coutos, e Juiz do Tribunal da Legacia. Por causa de graves de-

pendencias da Mitra Bracharense foy obrigado a vir à Corte, onde conhecendo a Magestade delRey D. Joaõ o IV. a sua grande capacidade o nomeou em 22. de Outubro de 1647. Procurador Geral da Serenissima Casa de Bragança, occupaçoõ que tinha exercitado os Dezembargadores André Cardoso Coutinho, e Antonio de Soufa Tavares a qual exercitou pelo largo espaço de dezaseis annos até o fim de Fevereiro de 1663. com tanto zelo, e credito das suas letras que alcançou quarenta, e huma sentenças a favor desta Serenissima Casa contra partes muito respeitadas pela nobreza de seus nacimentos, sendo elle o que unicamente allegava em taõ diversas causas ou fossem Seculares, ou Ecclesiasticas. A Rainha D. Francisca Luiza de Gusmaõ como Regente desta Monarchia o elegeo a 15. de Setembro de 1657. Procurador de sua filha a Serenissima Senhora D. Catherina, cuja eleiçaõ o empenhou a triumphar da forte opposiçaõ que Gaspar de Abreu, e Luiz de Mello fizeraõ ao Paul de Magos de que era a dita Senhora Donataria. Falleceo em o anno de 1665. sem Testamento deixando huma filha unica chamada D. Maria Antonio de Sages Osorio, que teve de sua mulher D. Anna Monteiro de Sages as quaes como descendentes de nobres progenitores lhes passou ElRey D. Affonso VI. hum Alvara em 29. de Outubro de 1665. para serem Religiosas no Convento de N. Senhora da Encarnaçoõ da Ordem de S. Bento de Aviz, situado nesta Corte. Compoz muitas, e doutissimas obras em Direito Civil, e Canonico, das quaes sahio posthuma a seguinte.

Praxis de Patronatu Regio, et Sæculari. Opus plane necessarium Judicibus Coronæ ad similes causas Patronatus Regij, et Sæcularis decidendas. Summorum Pontificum decretis, Sacræ Rotæ Decisionibus, et communi Doctorum autoritate fulcitum, pluribus Judicij Coronæ Regni Portugalliæ sententiis roboratum. Ulyssipone apud Jozephum Antonium da Sylva Typ. Reg. 1726. fol.

BENTO DE CASTRO posto que nacido na Cidade de Hamburgo filho de Rodrigo de Castro nosso Portuguez, e insigne Medico de quem se farà memoria em seu lugar. Applicouse ao estudo desta Faculdade, e sahio nella taõ eminente que se não distin-

guia do Pay herdando com a natureza a sciencia medica com que na sua Patria triumphava das enfermidades mais perigosas de tal sorte que a Rainha de Suecia Christina Alexandra aquella famosa Heroína do Seculo passado o elegeu para seu Medico chamado *excellentissimo, e eruditissimo* pela penna de Zacuto Lusitano in *Prax. Med. Observ.* 83. e 86. não lhe dando menores elogios *Basnage Hist. des Juifs.* liv. 7. cap. 31. e *Wolf. Bib. Hebræa* pag. 1015. n. 1910. Morreo na sua Patria no anno de 1684. Compoz.

Monomachia, sive certamen Medicorum circa Venæ Sectionem. Amburgi apud Jacobum Rebenlinum. 1647. 4.

Com o supposto nome de Philotheo Castello publicou huma Apologia pela sciencia dos Medicos Portuguezes com este titulo.

Flagellum calumniantium, seu apologia in qua Anonymi cujusdam calumnie refutantur; ejusdem mentiendi libido detegitur: clarissimorum Lusitanorum Medicorum legitima methodus commendatur, & Empyricorum inscitia, et temeritas tamquam perniciose reipublicæ damnatur. Amstelodami. 1681. 8.

Fr. BENTO DA CRUZ. Naceo na augusta Cidade de Braga, sendo filho de Domingos Gonçalves, e Maria Fernandes, e em a de Lisboa professou o monastico Instituto do Principe dos Patriarchas S. Bento a 3. de Mayo de 1592. Depois de lér aos seus domesticos a Sagrada Theologia recebeu nesta faculdade o grão de Doutor em a Universidade de Coimbra. Foy Abbade do Collegio desta Cidade em o anno de 1626. e do Convento desta Corte em 1632. Não tinha menor talento para as sciencias amenas, que para as severas sendo muito douto assim na lingua latina como no artificio Oratorio de que foy testemunha toda a Academia Conimbricense quando orou em applauso da Canonizaçãõ da Rainha Santa Izabel principiando.

Solent, quæ mediis caliginosæ noctis tenebris astra &c.

Sahio impressa esta Oraçãõ no livro intitulado *Santissimæ Reginæ Elisabethæ poeticum certamen.* Conimbricæ Typis Didaci Gomes do Loureiro Acad. Typ. 1626. 4.

Morreo no Mosteiro de Rendufe a 5. de Agosto de 1639.

Fr. BENTO DA CRUZ semelhante ao precedente assim em o nome, como na profissãõ religiosa. Naceo na Villa de Arrifana de Souza do Bispado do Porto. Recebeo o Habito Benedictino no Convento de Pernambuco, e exercitou com grande madureza os lugares que occupou na Religiaõ, ou fosse sendo Abbade dos Conventos do Rio de Janeiro, e Pernambuco nos annos de 1647. e 1656. ou de Definidor no anno de 1659. Com zelosa fidelidade contribuyo para a expulsaõ dos Olandezes que injustamente dominavaõ as praças da America. Foy Prégador de nome, cuja evangelica vòz se ouvio com geral applauso no Brasil, Indias de Castella, Porto, e Lisboa deixando para argumento do genio que tinha para o Pulpito.

Sermão do invictissimo Martyr S. Sebastião Padroeiro do Convento de S. Bento da Bahia prégado no mesmo Convento prezente a Camara da dita Cidade, e com Missa nova. Lisboa por Paulo Crasbeeck. 1646. 4.

BENTO FERNANDES natural do Porto onde exercitou a mercancia, sendo hum dos mais celebres Arithmeticos do seu tempo compondo, e dedicando ao Serenissimo Infante D. Luiz.

Arte de Arithmetica. Porto 1555. fol.

P. BENTO FERNANDES. Naceo na Villa de Borba do Arcebispado de Evora em o anno de 1563. sendo filho de Miguel Fernandes, e Izabel Affonso, e irmaõ do V. P. Bento Fernandes que em Nangazaqui offereceo a vida em obsequio de Christo a 2. de Outubro de 1633. Estudando em a Universidade de Evora Humanidades se afeiçoou tanto ao Instituto da Companhia de Jesus, que o abraçou a 20. de Janeiro de 1578. quando contava quinze annos de idade. Na mesma Universidade em que fora discipulo subio a ser Mestre de Letras humanas, e Filosofia de cuja disciplina sahiraõ os seus ouvintes taõ instruidos na sciencia, como na virtude. Deixando o applauso da Universidade se dedicou totalmente ao beneficio espirital dos proximos dirigindo a huns com saudaveis documentos em o Confessionario, e reprehendendo a outros com prudente energia em o Pulpito. Era excessiva a charidade, e continuo o

disvelo com que assistia aos prezos, acompanhava os condenados ao suplicio, e convertia a muitos Mouros, e Judeos da cegueira dos seus erros para abraçarem a Ley Evangelica. Foy cordial devoto da Rainha dos Anjos explicando o seu affecto pelos elogios que em todas as suas obras lhe dedicou recebendo em remuneração destes obsequios repetidos beneficios, sendo o principal morrer em dia consagrado ao seu culto como lhe tinha supplicado, o que felizmente succedeo em hum Sabbado 7. de Dezembro Vespera da sua purissima Conceição do anno de 1630. e não 8. como escreve o Author da *Bib. Societ.* pag. 109. col. 1. em a Casa professa de S. Roque quando contava 67. annos de idade, e não 64. como diz Nicol. Ant. *Bib. Hisp.* Tom. 1. pag. 164. col. 2. e 52. de Religião. Foy hum dos famosos Escrivarios que venerou o seu tempo penetrando com indefesso estudo as mais profundas difficuldades de hum, e outro Testamento, que deixou reveladas em as suas doudas obras pelas quaes he intitulado por Fr. Francisco de Santo Agostinho Macedo *Collat. D. Thom. & Scoti* 3. Part. *Collat.* 4. *Differ.* 3. *Seçt.* 4. pag. 436. *vir eruditissimus*, e no *Propugn. Lusit. Gallic.* pag. 111. *Clarissimum Scripturarum interpretem*, e na *Filip. Portug.* cap. 21. pag. 100. *Grave, e douto Escrivario*, Sousa de Macedo *Eva, e Ave* Part. 1. cap. 4. n. 8. *Grave Doutor*, e cap. 12. n. 1. *Escrivario doutissimo*. D. Fr. Thom. de Far. *Decad.* 1. lib. 9. cap. 9. *Qui primum, & secundum Geneleos caput doctissime extricat, ita ut nemo melius*. Joan. Soar. de Brit. *Theatr. Lusit. Litterat.* lit. B. n. 27. *Vir egregie pius, et eruditus Azevedo Fundac. de Lisboa* 1. Part. liv. 1. cap. 2. *gram docto na Escriitura* Marrac. *Bib. Marian.* Part. 1. pag. 210. *virtute, & Sapientia clarissimus*. Franco *Imag. do Nov. de Evor.* liv. 3. cap. 26. *doutissimo nas divinas letras*. D. Franc. Man. na *Carta dos Auth. Portug.* escrita ao Doutor Themudo *Claro Expõsitor*. Tellez *Chron. da Compan. de JESUS da Prov. de Portug.* Part. 2. liv. 4. cap. 47. n. 7. *insigne Escrivario*, e na *Etiopia Alta* liv. 1. cap. 10. *doutissimo*. Jacob. Lelong. *Bib. Sacr.* pag. mihi 723. col. 1. *Compoz.*

Commentariorum, atque observationum moralium in Genesim Tomus primus. Lugduni

apud Horatium Cardon. 1618. & ibi apud Jacobum Cardon, & Petrum Cavillat. 1633. fol.

Tomus 2. ibi apud eodẽm Typog. 1621. fol.

Tomus 3. ibi apud eodẽm Typog. 1627. fol.

Oratio funebris in Exequiis Beatissimi Papae Gregorij XV. habita in Templo Virginis Lauretanæ Ulyssiponenfis, 30. *Augusti* 1623. Ulyssip. apud Petrum Crasbeeck. 1623. 4. Faz memoria desta oraçaõ no Tom. 3. *Commentar. in Genes.* cap. 45. *Seçt.* 2. n. 8.

Commentarij in Lucam. M. S. quos in Lusitania servatos ad Reipublicæ Christianæ utilitatem quantocius in lucem edi summis votis expectamus escreve Marracio in *Bib. Marian.* Part. 1. pag. 210. Desta obra conservada no Collegio de Evora se lembraõ Nicoláo Anton. *Bib. Hisp.* Tom. 1. pag. 164. col. 2. e Franco in *Ann. Glorios. S. J. in Lusit.* pag. 729. col. 2. e a *Bib. Societ.* pag. 109.

BENTO FERREYRA DE ANDRADE.

Naceo na Cidade do Porto, e teve por Pays a Francisco Ferreira de Andrade, e D. Izabel Barbosa Sodre igualmente nobres, que opulentos. Foy ornado de claro juizo, summa urbanidade, vasta liçaõ da historia Sagrada e profana, e de admiravel genio para a Poesia. Soube com perfeiçaõ a lingua Latina, Espanhola, e Italiana cõpondo com promptidaõ em qualquer destes idiomas. Exercitou na Patria o lugar de Vereador com grande credito do seu talento onde morreo a 13. de Junho de 1714. Para testemunho da felicidade da sua Musa se imprimiraõ nos *Acroamas Panegyricos com que a Santa Igreja Cathedral de Coimbra recebeo, venerou, e applaudio a Sagrada Reliquia do novo Thaumaturgo Espanhol Santo Thomaz de Villa-nova*. Coimb. por Jozé Ferreira 1690. 4. as seguintes obras.

Vida, y milagros de Santo Thomaz de Villa-nueva delos Infantes. Quintilhas de Ciego. 89.

Transporte da reliquia de Santo Thomaz de Villa-nova de Valença para Portugal, e collocaçaõ della, e da Imagem do Santo na Sè de Coimbra. Romance de 64. Coplas.

Tres Sonetos, dous Portuguezes, e hum Italiano com hum *Mote* glossado ao mesmo assumpto.

BENTO GIL Naceo na antiga Cidade de Beja da Provincia do Alentejo de Pays virtuosos que o educaraõ na escola do temor de Deos donde sahio ornado de excellentes virtudes que por toda a vida religiosamente exercitou. Na Universidade de Coimbra se applicou ao estudo da Jurisprudencia Civil em que o seu agudo engenho, e rara comprehensãõ fizeraõ taõ famosos progressos que pela aclamação de todos os Cathedricos recebeu na mesma Faculdade os grãos de Bacharel, e Licenciado. Para amparar a orfandade de suas Irmaãs deixou a Universidade, e o Magisterio, a que podia aspirar a sua sciencia Legal, e passando à Corte de Lisboa começou a exercitar o Officio de Advogado com tanto odio ao interesse como amor à verdade fervindo taõ nobres estímulos de concorrerem a sua Casa os mais graves Litigantes admirados de que ainda quando queriaõ satisfazer com maõ mais generosa o estudo das suas Allegaçoes Forenses recebesse o premio que a sua inteireza julgava ser sufficiente. Nunca passou instante ocioso pois nas horas que tinha vagas do tumulto das causas as occupava escrevendo livros asceticos em que o seu espirito achava summa deleitação. Foy grande devoto de Maria Sanctissima, e affectuoso venerador do Sacramento do Altar em cuja oculta presença estava repetidas vezes profundamente prostrado. As virtudes, de que era deposito a sua alma se descobriaõ na modestia do semblante, de tal modo que chegou o Illustrissimo Arcebispo de Lisboa D. Miguel de Castro a dizer a Manoel de Vasconcellos Regedor da Casa da Supplicação que *sua Senhoria tinha hum Advogado, que não só era Santo, mas que o parecia.* Como se fora infensível tolerou com paciencia Christã algumas injurias com que seus emulos quizeraõ manchar a pureza do seu incorrupto procedimento. Precedendo huma prolongada enfermidade, em que repetio os actos heroicos das virtudes exercitadas por toda a vida, e recebidos com summa piedade os Sacramentos passou de caduco a eterno a 4. de Mayo de 1623. Já sepultado diante do Altar de N. Senhora

da Conceição da Parochial Igreja de Santa Justa desta Cidade. Com grandes elogios o exaltaõ gravissimos Authores como saõ Pinel. *Select. Jur. Interp.* lib. 1. cap. 5. §. 3. *vir in legali peritia, & morum integritate excimius, &* lib. 2. cap. 20. §. 13. *doctissimus.* Joan. Soar. de Brit. *Theatr. Lusit. Litterat.* lit. B. n. 25. *celeber advocatus, & Jurisperitus.* Carvalh. in *Cap. Raynaud.* Part. 4. n. 191. *Satis eruditus.* Gabriel Per. Decif. 10. n. 7. *doctissimus.* Pinheiro de *Testament.* Concil. 200. *insignis doctor.* Barbof. de *Potest. Episcop.* Part. 1. Tit. 3. cap. 2. n. 46. *omnium litterarum scientia egregie pradtus, multi-juga virtute præcellens.* Cardoso. *Agiol. Lusit.* Tom. 3. pag. 69. *devoto, pacifico, honesto, casto, sobrio, caritativo, esudioso, e inimigo da ociosidade.* Nicol. Ant. *Bib. Hisp.* Tom. 2. pag. 284. col. 2. *magis Christianis virtutibus quam civilis doctrinæ merito, & operum in lucem ab eo editorum posteritatis memoriæ commendandus.* Diogo Gouvea Barradas. *Antig. de Beja* liv. 3. cap. 40. *affi por sus letras, como por sus conocidas virtudes, e exemplar vida, que en ambas cosas fue exemplo, y admiracion delos que le conocian.* Fr. Isidor. à *Luce de Concept.* lib. 3. n. 1460. *doctissimus, pariterque piissimus, cujus Sanctitatis plurima exempla habemus præcipue in continuis eleemosinis, Templorum frequentatione, & pauperum patrocinio.* Phæb. tom. 1. *Decif.* Decif. 56. n. 10. *Juriconsultissimus.* Compoz.

Relectio in L. Titia si non nupsit 100. ff. de *condit. & demonstr.* Olyssipone apud Petrum Craesb. 1608. 4.

Commentaria ad L. 1. C. de Sacrosanctis Ecclesiis sex partibus distributa, opus practicum, ac disputationibus scholasticis contextum 1. *pars agit de personis, que testari possunt* 2. *de Testamentorum solemnitatibus.* 3. *de personis quibus testamento aliquid relinquitur.* 4. *de tempore Testamenti conditi.* 5. *de quibus bonis testator possit disponere.* 6. *de testandi arbitrio.* Olyssipone apud eumd Typog. 1609. fol. & Conimbricæ apud Josephum Ferreira Acad. Typ. 1700. fol.

Traçtatus de jure, & privilegiis honestatis in duo deviginti articulos distributus quibus universim honesti jus ac quod ad singulos personarum status pertinet, explicatur. Olyssipone apud Petrum Craesb. 1618. 4. *Coloniæ Agripinæ per Petrum Henning.* 1620. 8.

Commentaria in L. ex hoc jure D. de Justitia, & Jure, hoc est de universa contractuum materia. In prima parte agit de Jure gentium, de dominio, commerciis, emptionibus, venditionibus, locationibus, conductionibus, obligationibus, Iustitiæ, & de quibusdam contractibus à jure civili introductis, scilicet de Stipulatione: de lata litterarum obligatione: & non numeratæ pecuniæ exceptione. De Emphyteusi, & censu, de Sponsalitia Largitate. Tomus primus. Olyssipone apud Petrum Crasbeeck 1619. fol.

Tomus 2. ibi apud eundem Typograp. 1621. fol. Sahiraõ ambos os Tomos Conimbricæ apud Jozephum Ferreira Acad. Typ. 1696. fol. 2. Tom.

Directorium Advocatorum, & de privilegiis eorum. Ulyssip. apud Petrum Crasbeeck. 1613. 4.

Da excellencia da Sagrada Oraçaõ da Ave Maria com declaraçaõ das suas palavras breve Tratado. Lisboa por Pedro Crasbeeck. 1613. 8.

Hortulus animæ tripartitus. Prima pars Mariæ Virgini sacrata est 2. Misericordiæ Dei in conversione peccatoris. 3. Santissimo Eucharistiæ Sacramento. Ulyssipone apud Petrum Crasbeeck. 1615. 8.

Exposiçaõ sobre o Padre Noffo. Lisboa pelo dito Impressor 1616. 8.

Tratado da Sagrada Oraçaõ da Salve Rainha com piãs, e devotas Oraçoens sobre suas palavras. Lisboa pelo mesmo Impressor. 1617. 8.

BENTO DE GOES. Nacco em Villa-Franca distante cinco legoas ao Leste de Ponte Delgada Capital da Ilha de S. Miguel em o anno de 1562. Na idade da adolescencia passou à India onde assentando praça de Soldado se entregou aos excessos de huma vida tão licenciosa que servia de geral escandalo aos seus companheiros. Penetrado dos estímulos da consciencia entrou em hum Templo de Travancor dedicado à Virgem Santíssima em cuja presença considerando com mayor reflexaõ a enormidade das suas culpas as começou a detestar com tão copiosas lagrimas que fez voto de se alistar em outra mais reformada milicia. Firme nesta heróica resolução depois de purificar as manchas da sua alma com o lavatorio do Sacramento da Penitencia, foy admitido à

Companhia de JESUS em o anno de 1588. quando contava 26. de idade. Sendo dotado de talento capaz para todas as sciencias determinaraõ os Superiores, que de coadjutor Temporal passasse a cultivar os estudos para chegar a dignidade Sacerdotal, porém elegendo com summa humildade a forte de Martha perfeve-rou no estado com que entrara na Religiaõ. Como no seu peito ardia o zelo da converçaõ da Gentilidade, e tivesse obrado em obsequio de Christo acçoens apostolicas na Corte do Mogor foy destinado para explorar a parte onde estava situado o graõ Catayo concorrendo para taõ alta empreza o beneplacito do Vice-Rey Ayres de Saldanha, e do Illustrissimo Arcebispo Primaz D. Fr. Aleixo de Menezes, e a faculdade do P. Jeronymo Xavier Superior da Missaõ do Mogor. Partio de Agra a 6. de Janeiro de 1603. disfarçado em traje de Armenio para naõ ser conhecido por Europeo, levando por companheiros a dous Gregos Leaõ, e Demetrio, e a Isac Christaõ Armenio que lhe assistio até o fim da sua vida. Tendo passado Papur, Cafristaõ, e Zedeli chegou a 14. de Novembro de 1604. à Cidade de Chalis depois de ter tolerado com heróica constancia varios perigos, e graves afrontas da infidelidade dos Mouros, e cobiça dos Ladroens, atravessado caminhos inacessiveis, experimentado climas nocivos, e padecido sedes intoleraveis. De Chalis entrou em Camul a 17. de Outubro de 1605. donde chegando brevemente aos muros da China conheceu que ella era o Catayo, e ser falsa a informaçã, que os Mouros tinhaõ dado na Corte do Mogor. Alcançada faculdade do Tutam entrou em Subcheo donde escrevendo aos Padres Jesuitas que assistiaõ em Pequim da sua chegada àquella Cidade foy logo visitado pelo Irmaõ Joaõ Fernandes que o achou lançado na cama, e taõ desfeito, e attenuado que imaginou ser mais cadaver, que homem. Cheyo de hum inexplicavel jubilo que se liquidava pelos olhos em copiosas lagrimas passou com elle toda a noute dando graças ao Altíssimo de lhe ter conservado a vida em huma tão prolongada peregrinaçaõ que pela honra de Deos, e salvaçaõ das almas intrepidamente intentara, e felizmente conseguiu. Chegado o termo dos seus apostolicos trabalhos entre amorosos colloquios

com Christo Crucificado foy lograr do premio eterno a 11. de Abril de 1607. com 45. annos de idade, e 19. de Religiaõ. A sua vida efcreveo na lingua flamenga o P. Luiz Jacobi da Companhia de JESUS, e sahio impressa Antuæpiæ apud Arnoldum Van Bonhel. 1659. 12. Delle fazem illustre memoria Nicol. Trigault. de *Exped. Christian. apud Sinas* lib. 5. cap. 11. 12. e 13. Jarric. *Thezaur. Rer. Ind.* Part. 2. lib. 3. cap. 17. Bagata *Mirand Orb. Christ.* Tom. 2. lib. 5. cap. 2. n. 14. Gouvea *Asia Extrema* Part. 1. lib. 4. cap. 7. 8. e 9. Guerreir. *Relac. Annal do que fizet. os PP. da Comp. de Jes. na Ind. nos ann. de 1606. e 1607.* liv. 1 cap. 8. Faria *Asia Port.* Tom. 3. Part. 3. cap. 6. n. 26. Cardof. *Agiol. Lusit.* Tom. 2 pag. 511. e no Comment. de 11. de Abril letr. G. Rho *Var. virt. Hist.* lib. 4. cap. 6. n. 13. Semedo *Hist. da Chin.* Part. 3. cap. 4. Chaves, e Mello *Vid. da Ven. Margarid. de Chav.* pag. 290. Efcreveo.

Carta escrita de Laor a 30. de Dezembro de 1602. ao P. Vice-Provincial de Goa em que trata da sua partida para o Catayo. Sahio no livr. 3. cap. 9. a fol. 62. v.º da *Relac. Anal. das cousas que fizeraõ os PP. da Companh. de Jes. nas partes da India nos ann. de 1603. composta pelo P. Fernão Guerreiro* Lisboa por Jorge Rodrigues. 1605. 4.

Carta escrita de Laor a 14. de Fevereiro de 1603. ao P. Jeronimo Xavier. Impressa na dita Relação liv. 3. cap. 9. a fol. 63. v.º

Carta escrita ao P. Manoel Pinheiro da Companhia de JESUS em que lhe da noticia de ter já andado cento, e duas milhas. Impresso na dita Relação a fol. 64. v.º

Carta escrita de Hircande Corte delRey de Cascar em 2. de Fevereiro de 1604. ao P. Jeronimo Xavier Superior da Missão de Mogor. A summa desta Carta esta impressa na *Relac. Annal dos ann. de 1606. e 1607. escrita pelo P. Fernão Guerreiro,* no liv. 3. cap. 9. fol. 162. Lisboa por Pedro Crasbeeck. 1609. 4.

Relação da sua jornada desde Goa até descubrir o Catayo M. S. Da qual fazem menção Nicol. Godinh. de *Rebus Abyssin.* lib. 1. cap. 5. *Bib. Societ.* pag. 109. col. 2. Ant. de Leon. *Bib. Ind. Orient.* Tit. 2.

pag. 14. e Nicol. *Ant. Bib. Hisp.* Tom. 1. pag. 165. col. 1.

Fr. BENTO DE LISBOA cujo appellido denota a patria onde naceo. Professou o Sagrado Instituto dos Eremitas de Santo Agostinho no Convento de Santarem a 5. de Mayo de 1442. Recebeo o gráo de Doutor na Faculdade Theologica em a Universidade de Lisboa em o anno de 1482. e nela, escreve Fr. Antonio da Purificação *de Vir Illustrib. Ord. Eremit.* lib. 2. cap. 13. fora Lente de Vespera no anno de 1506. e que deixara o exercicio da Cadeira por impedimento de seus achaques, e na *Chron. dos Eremit. de Santo Agostinho desta Provincia* liv. 7. Tit. 1. §. 3. fol. 214. v.º diz que morrera no anno de 1509. Fr. Antonio da Natividade. em os *Mont. de Coroas.* Mont. 2. Coroa 8. §. 2. num. 52. pag. 443. affirma que regentara a mesma Cadeira até o anno de 1516. no qual morrera. Desta taõ manifesta contradicção entre dous Escretores da mesma Ordem se colhe claramente a ignorancia que ambos tiveraõ do tempo do Magisterio de Fr. Bento de Lisboa principalmente quando o Beneficiado Francisco Leytaõ Ferreira dignissimo Academico da Academia Real nas suas doutifsimas *Noticias Chronolog. da Universidade de Coimb.* pag. 448. n. 955. escreve firmado nas informaçoes extrahidas do Cartorio da Universidade que no anno de 1506. era Lente de Prima de Theologia o Mestre Fr. Joaõ da Magdalena, e o foy até o 1. de Setembro de 1515. em que falleceo, e da Cadeira de Vespera era Lente Fr. Joaõ Claro por Provizão delRey D. Manoel no anno de 1504. em que a instituhio, e o foy até o de 1515. em que a deixou vaga por subir à de Prima; dõde evidentemente se conclue que não podia ser Lente de huma, ou outra Cadeira Fr. Bento de Lisboa falecendo no anno de 1509. como escreve o P. Purificação, e sómente no de 1516. em que o P. Natividade o suppoem Lente, e fallecido, poderia substituir a Cadeira de Vespera em que foy provido por opposição o Mestre Joaõ Francez em 12. de Julho de 1517. Foy Fr. Bento de Lisboa Provincial no anno de 1507. e Reformador de toda a Religiaõ em 1509. pelo Reverendissimo Geral Fr. Egidio Viterbiense. Escreveo.

In primum librum Sententiarum. M. S.

fol. 2. Tom. Do author fazem menção Joan. Soar. de Brit. *Theatr. Lusit. Litterat.* lit. B. n. 28. Nicol. *Ant. Bib. Hisp.* Tom. 1. pag. 165. col. 1.

Fr. BENTO DE S. LUIZ Naceo na Cidade de Braga, e na Cathedral recebeu a graça bautifmal a 27. de Fevereiro de 1697. Foraõ seus Pays Amaro Ferreira, e Magdalena Marques. Na idade adulta de 26. annos recebeu o habito Monachal de S. Bento em o Convento do Porto a 27. de Janeiro de 1723. Estudou Filosofia no Mosteiro do Basto, e Theologia em o de S. João do Ermo, em cujas sciencias sahio sufficientemente instruido. A sua natural inclinação foy para a Poesia vulgar comica de que tem composto.

Trinta Operas das quaes saõ argumento Historias Sagradas, e Profanas.

Romaria ao monte Santo, ou nova Jerusalem restaurada pelo Arcebispo Primaz D. Rodrigo de Moura Telles repartida em doze Estações a doze Passos de Christo que naquelle lugar se veneraõ em doze Capellas. M. S. Consta de diversos metros, e Oraçoens devotas.

Traduzio de Latim em Portuguez sem declarar o seu nome.

Officio de Santa Getrudes. Lisboa 1739. 16.

Fr. BENTO DE MACEDO filho de Gregorio Gomes, e Guiomar de Macedo naceo em Lisboa, e no Convento do Carmo desta Cidade recebeu o habito a 16. de Março de 1626. onde depois de estudar Artes passou aprender Theologia em o Collegio de Coimbra em cuja Universidade com universal aclamação foy admitido ao numero dos Doutores Theologos a 29. de Junho de 1651. *Insigne Prégador* o intitula Antonio Carvalho da Costa *Corog. Portug.* Tom. 3. liv. 2. Trat. 8. cap. 47. pag. 633. Falleceo no Convento patrio em o anno de 1654. Compoz.

Cursus Phylloficus in tres Tomos distinctus M. S. a qual obra se conserva no Convento de Evora como escreve Fr. Manoel de Sà nas *Mem. Hist. dos Escrit. Portug. do Carm.* cap. 17. n. 134.

P. BENTO DE MACEDO natural de Borba na Provincia Translagana onde

teve por Pays a Bento Fernandes, e Maria Franca. Entrou na Companhia de JESUS no Collegio de Evora a 23. de Fevereiro de 1692. onde depois de ser Lente de Rhetorica, Filosofia, e Theologia se graduou Doutor nesta Universidade a 29. de Outubro de 1724. A sua grave prudencia acompanhada da sciencia das letras humanas, e divinas o fizeraõ Reytor de Evora, e Coimbra, e Preposito da Casa professa de S. Roque cujo lugar exercita neste anno de 1739. Compoz.

Pharus Dialectica, sive Logica univèrsæ brevis elucidatio. Eboræ ex Officina Univerfit. 1720. 8.

Delle faz memoria o P. Francisco da Fonseca *Evor. Glorios.* pag. 427.

BENTO DE S. MARIA Ulyssiponense filho de Luiz Pereira, e Antonia da Cunha. Recebeo o Canonico habito da Congregação do Evangelista em o Convento de Evora a 16. de Abril de 1702. Igualmente se applicou ao estudo da Theologia, que da Sagrada Escritura em que sahio sufficientemente instruido. Pelo cordial affecto com que venerava a Maria Santissima publicou em seu obsequio as obras seguintes.

Diadema Marianum in laudem ejusdem Sanctissime Virginis Mariæ, Deique Matris. Ulyssip. apud Mathiam Pereira da Sylva, & Joannem Antunes Pedrozo. 1720. 24.

Arbor Mariana, id est Maria Sanctissima, vitalis arbor, et fructifera producens fructus oppositos nocivis fructibus illius Paradisiensis arboris, quæ in Genesi vocatur Lignum vitæ. Ulyssip. ex Typograph. Augustiniana. 1730. 12.

Panegyrica Oratio de Cruce exaltata M. S. 4.
Funebris Oratio de Christo sepulto M. S. 4.

BENTO MORGANTI. Naceo na famosa Cidade de Roma a 13. de Outubro de 1709. donde em idade muito tenra passou a este Reyno com seus Pays Lourenço Morganti natural da Cidade de Luca, e D. Clara de Azevedo natural de Coimbra. Aprendeo os rudimentos gramaticaes no Collegio de Santo Antaõ desta Corte, e as subtilezas Filosoficas em a Congregação do Oratorio. Depois de frequentar em a

Universidade de Coimbra pelo espaço de quatro annos a sciencia dos Sagrados Canones se deliberou a seguir a vida Religiofa, como mais conducente para a Salvaçõ eterna recebendo o habito de Conego Regrante de Santo Agostinho no Real Convento de Santa Cruz em o anno de 1730. porém impedido de graves molestias affistio sómente seis mezes em taõ grave comunidade; e continuando os seus estudos Academicos tomou o grão de Bacharel na faculdade de Direito Pontificio a 5. de Julho de 1736. e de Licenciado a 18. de Julho de 1738. Provada a sua sciencia Legal em o Dezembargo do Paço para servir os lugares da Republica preferio a este estado o de Ecclesiastico ordenando-se de Presbytero a 21. de Setembro de 1739. Naõ sõmente he douto em hum, e outro Direito, mas muito versado na liçã da Historia Sagrada, e Profana principalmente em a intelligencia das Medalhas Romanas podendo com virtuosa jaçtancia gloriarse de ser o primeiro que em a lingua Portugueza escrevesse deste assumpto que occupou a infatigavel applicaçã de Varoens infignes como foraõ D. Antonio Agostinho Bispo de Tarragona, Fulvio Ursino, Ezechiel Spanheim, Vicente Joã de Lastanõsa, Carlos Patin, o Cardial Henrique de Noris, Joã Foy Vaillant, e outros muitos de que formou a *Bibliotheca Numaria* D. Anselmo Bandurio Monge Benedictino Bibliothecario do Graõ Duque de Toscana, e Academico Supranumerario da Academia das Inscriçõens de Pariz que sahio impressa Hamburgi. 1719. 4. Compoz.

Numismalogia, ou breve recopilaçã de algumas Medalhas dos Emperadores Romanos de ouro, prata, e cobre que estã no Museo de Lourenço Morganti Bibliothecario do Illustrissimo, e Reverendissimo Senhor D. Thomaz primeiro Patriarcha de Lisboa. A que se ajunta huma Bibliotheca de todos os Autores que escreverã de Medalhas, e Inscriçõens antigas. Part. 1. Lisboa por Jozé Antonio da Sylva Impressor da Academia Real. 1737. 4.

Additiones novissime autæ, et correctæ ad Tractatum de representatione Blasij Robles Salzedi J. C. Matritensis, & in suprema Hispaniarum Curia advocati. M. S. fol.

Additiones varice ad Tractatum de Con-

servatoribus Regularium Fr. Raymundi Nido. M. S. fol.

Fr. BENTO DE MUGEM cujo appellido indica a patria onde naceo que he huma Villa distante da Villa de Santarem duas legoas para o Nascente, e doze de Lisboa. Recebeo o Habito Monachal da familia Cisterciense em o Real Convento de Alcobça em cuja Bibliotheca se conserva a seguinte obra *M. S.* em que mostra quanto era douto na liçã da Sagrada Escriitura, e Santos Padres. *Sermones Dominicanarum totius anni.* fol.

BENTO NUNES PEGADO celebre discipulo do famoso Antonio Pinheiro Mestre de Musica da Cathedral de Evora com quem competio nas Composiçõens desta armonica faculdade deixando para testemunhas claras do grande genio, e profunda sciencia que teve para esta Arte as seguintes obras conservadas na Bib. Real da Musica como consta do seu Index impresso em Lisboa por Pedro Crasbeeck 1649. 4. grande.

Parce Domine a 7. vozes. Motete para a Quaresma.

Hei mihi Domine a 6. vozes Responfio de Defuntos.

Hi sunt qui cum mulieribus non sunt coinquinati. Motete dos Santos Innocentes.

Ad te suspiramus. Motete a N. Senhora.

Fr. BENTO PAEZ Vigario Provincial da Ordem de S. Joã de Deos, escreveu.

Relaçã da vida de Antão Martins Converso da Ordem de S. Joã de Deos escrita em 15. de Março de 1645. Desta Obra faz mençã George Cardoso *Agiolog. Lusit.* Tom. 1. pag. 444. no Comment. de 15. de Fever. Letr. J.

P. BENTO PEREIRA. Naceo na Cidade de Valença Capital do Reyno de Valença situado entre Catalunha, Castella nova, e Aragaõ, em o anno de 1535. de Pay Castelhano, e Mãy Portugueza por cuja causa o admitimos a esta Bibliotheca sendo numerado entre os Varoens da nossa Naçã pelo infigne Fr. Francisco de Santo

Agostinho Macedo *Collat. doct. D. Thom. & Scot.* Tom. 2. collat. 6. differ. 2. Sect. 5. pag. 296. chamando-lhe *Semi Lusitanus, & ex integro doctus* Antonio de Soufa de Macedo *Eva, e Ave* Part. 1. cap. 2. n. 10. *eruditissimo Portuguez*, e o celebre Jurisconsulto Agostinho Barbosa no Elencho dos Authores impresso no principio de sua obra *de Officio, et potestate Episcopi*. Na florente idade de 17. annos abraçou na sua Patria o Sagrado Instituto da Companhia de JESUS no anno de 1552. onde logo começou a dar claros indicios dos insignes dotes com que a natureza liberalmente o ornara comprehendendo com facilidade, discorrendo com subtileza, e explicando com claridade as sciencias que sendo discipulo podia ensinar como Mestre. Em Roma foy lente de Rhetorica em cujo magisterio fez renacer a memoria de Tullio. Pelo largo espaço de doze annos explicou os mysterios da Filosofia Peripatetica com igual applauso do seu nome, como fruto dos seus ouvintes. Subindo das sciencias humanas às divinas interpretou com admiravel delicadeza ao Principe da Theologia Escholastica Santo Thomaz, e com a mesma profundidade revelou os mysterios arcanos da Sagrada Escriitura em que foy eminente a sua vasta erudição, *ut in iis omnibus, quas tractavit, doctrine partibus nobiliorem eo alium, aut præstantiorem vix tulerit hætenus feracissima hujus mercis Hispania* escreveu em seu louvor Nicol. Ant. in *Bib. Hisp.* Tom. 1. pag. 165. col. 2. e a *Bib. Societ.* pag. 112. *Ubique doctus, ubique disertus, & sui simillimus. In hujus autem viri scriptis tantum apparet ingenium, tanta doctrina, atque eloquentia, tanta rerum omnium comprehensio, ut supervacaneum sit lucernam solis lumini inferri.* Em Roma onde passou a mayor parte da vida a acabou com summa piedade a 6. de Março de 1610. quando contava 75. annos de idade, e 58. de Companhia. Compoz.

Physicorum sive de Principiis rerum naturalium libri XV. Romæ 1562. 4. Parisiis, Coloniae, & Argentorati.

Commentaria in Danielem Prophetam libri XVI. Romæ 1586. Lugd. apud Juntas 1588. & Antuerpiæ 1594. o 4. livro desta obra foy impresso separadamente Treviris apud Joan. Scholeuter 1618. 12. com este titulo.

Theatrum rerum creaturarum em o qual se contem a explicação do Cantico dos Meninos na fornalha de Babilonia.

Commentariorum, & disputationum in Genesis Tom. IV. Romæ 1589. até 1598. 4. Lugduni apud Juntas. 1599.

Adversus fallaces, & superstitiosas artes, hoc est de Magia, & observatione Somniorum, & de divinatione Astrologica libri III. Ingolstadtij apud Davidem Sartorium 1591. 8.

Selectarum Disputationum in Sacram Scripturam Tomi V. Contem o 1. *Disputationes 137. super Exodum*, Ingolstadtij apud Davidem Sartorium. 1601. 4.

Tom. 2. continet 188. Disputationes super Epistolam Pauli ad Romanos. ibi apud eumd. Typog. 1603. 4.

Tomus 3. continet 183. Disputationes super Apocalypsim. Ad calcem accessit liber adversus eos qui putarunt Mahometum esse Antichristum. Lugd. apud Horatium Cardon. 1606. 4.

Tomus 4. continet 214. Disputationes super priora 9. Capita Evangelij Sancti Joannis. Lugd. apud eumd. Typ. 1608. 4.

Tomus 5. continet 144. Disputationes super quinque sequentia Capita ejusdem Evangelij ibi apud eumdem Typ. 1610. 4.

Todas estas obras sahiraõ impressas Coloniae Agrippinae ex Officina Antonij Hierati. 1620. 1621. e 1622. fol. 4. Tom.

Em a Bibliotheca Ambrosiana como affirma Nic. Antonio, e a *Bib. Societ.* se conservaõ deste grande Author as obras seguintes *M. S.*

Lucubrationes in Evangelia.

De Avaritia.

In Decalogum.

Propositiones ex I. et II. Physicorum.

In libros Metaphysicorum.

Ratio brevis studendi.

In libros de Anima.

De Trinitate, Angelis, Creatione, & Incarnatione.

In primam partem D. Thomæ.

Logica Institutio.

P. BENTO PEREIRA. Naceo na Villa de Borba da Provincia do Alentejo, no anno de 1605. em cujo louvor como agradecido à May que lhe dera o berço, e a dous seus Tios maternos o P. Bento Fer-

nandes insigne Escriurario, de que já se fez menção, e o P. Bento Fernandes valeroso Martyr consagrou a sua Musa este elegante Epigramma em que recopila parte das obras que compoz.

*Inchyta tres celebres Benedictos Borba tulisti,
Sanguine conjunctos, Religione pares.
Interpres Genesis senior Benedictus, ubique
Laudibus immensis docta per ora volat.
Pro Christo nuper Japonia sava Secundum
Crudeli extinctum misit in astra nece.
Tertius est auctor Pereira Palladis armis
Induta horrendis, pacificaque toga.
Hic mores scripsit populorum, et Carmina Horati
Fecit Apollineã lucidiora face.
Illius indoctos divina Profodia vates
Edocuit certis pangere metra modis.
Si tot Palladios flores in flore juvenæ
Uberis ingenij tot monumenta tulit:
Quot reddet fructus matura ætate! Minervæ
Cuncta voluminibus scrinia plena dabit.
Fertilitate soli dudum inclita Borba fuisti:
At nunc es celebris fertilitate virum.
Ergo sume novum nomen, Benedicta vocare:
Sic tribus his natis ter benedicta manes.*

Deixada a Casa de seus Pays Francisco Pereira, e Catherina Rodrigues buscou na tenra idade de 15. annos a Companhia de JESUS na qual se alistou em Lisboa a 27. de Junho de 1620. donde passando ao Collegio de Evora, e aprendendo as letras humanas, e Filosofia, em o de Coimbra dictou com universal applauso não sómente estas sciencias, mas a mayor de todas qual he a de Theologia por espaço de vinte annos em cuja Sagrada Faculdade se graduou Doutor em a Academia Eborense a 24. de Fevereiro de 1647. Sendo Qualificador do Santo Officio passou a Roma para ser Revisor dos livros dos Authores da Companhia donde voltando foy Reytor do Collegio dos Irlandezes em Lisboa, aos quaes instruyo com a Theologia especulativa, e Moral. Não sómente foy insigne nesta faculdade mas na Jurisprudencia Civil, e Canonica por onde se dilatou a sua penna com igual profundidade, e erudição. Assim como era incansavel no estudo, era inculpavel na vida regulando as acçoens pelas severas maximas do seu Instituto. Na ultima idade perdeu de tal sorte

a memoria, que até ignorava muitas vezes o seu cubiculo, e sómente respondia com acerto quando lhe fallavaõ em materias espirituas. Ao tempo de cumprir 76. annos de idade e 61. de Religiaõ passou desta vida caduca para a eterna em o Collegio de Evora em 4. de Fevereiro de 1681. *Vir fuit immortaliter meritus de Republica litteraria* diz o P. Franco *Ann. Glorios. S. J. in Lusit.* pag. 61. e no *Synops. Annal. S. J. in Lusit.* pag. 368. n. 2. *floruit plurimum tum virtutibus, tum litteris,* e ultimamente na *Imag. da Virtu. do Novic. de Evora.* pag. 965. *Homem de costumes inculpaveis.* P. Francisc. de Fons. *Evor. Glorios.* pag. 427. *Heróe benemerito da Republica litteraria pelo muito, que a illustrou, e enriqueceo com os seus multiplicados, e eruditos escritos.* Portug. de Donat. Reg. Part. 2. liv. 1. cap. 22. n. 4. *doctissimus.* Na *Allegac. de direit. pelo Senhor D. Pedro de Lancastr.* n. 52. *Com seu insatigavel estudo benemerito dos naturaes, e estranhos.* Paulo Ignacio de Dalmasses *Dissertac. Histor. por la Patria de Orofio.* cap. 5. §. 3. e cap. 11. §. 5. o intitula *doctissimo.* Joan. Soar. de Brit. *Theatr. Lusit. Litter.* lit. B. n. 29. Nicol. Ant. *Bib. Hisp.* Tom. 1. pag. 166. e Tom. 2. pag. 285. e a *Bib. Societ.* pag. 113. col. 1. Compoz.

Profodia in Vocabularium trilingue Latinum, Lusitanum, et Castellanicum digesta. Eboræ apud Emanuelem Carvalho. 1634. fol. Ulyssip. apud Paulum Crasbeeck 1643. fol. & ibi per eundem. 1656. fol. No fim desta edição está a *Oração funebre que fez na lingua Latina em a Universidade de Evora em as exequias do Serenissimo Principe D. Theodosio a 17. de Novembro de 1653.* Sahio a Profodia correctã, e muito addicionada Ulyssipone apud Antonium Crasbeeck de Mello. 1669. fol. & ibi per eundem 1661. e 1674. fol. e Eboræ Typis Academicis. 1697. fol. & ibi apud eamd. Officin. 1723. fol.

Pallas Togata, et Armata documentis politicis in Problemata humaniora digestis. Eboræ 1636. 4.

Academia, seu Republica Litteraria utiliter, & nobiliter fundata legibus, ac moribus instituta, privilegiis munita, ludis, ac certaminibus litterariis exercita, Rectoris, Cancellarij, Conservatoris, Officialium, Doctorum,

Magistrorum, et Scholasticorum præsidio instructa, Collegiis, Collegarum, & Præbendorum, seu Portionistarum apparatus amplificata. Ulyssipone ex Officina Antonij Crasbeeck de Mello. 1662. fol.

Promptuarium Juridicum, quod scilicet in promptu exhibet quærentibus omnes Resolutiones circa univèrsam Jus Pontificium, Imperiale, ac Regium secundum quod in Tribunalibus Lusitaniæ causæ decidi solent.

Ulyssip. apud Dominicum Carneiro. 1664. fol. & Eboræ Typis Academicis. 1690. fol.

Regras Geraes breves, e comprehensivas da melhor Orthografia com que se pôdem evitar erros no escrever da lingua Latina, e Portugueza. Lisboa por Domingos Carneiro 1666. 8.

Elucidarium S. Theologiæ Moralis, & Juris Utriusque exponens idioma, id est proprietatem Sermonis Theologici, Canonici, & Civilis Ulyssipone apud Dominicum Carneiro. 1668. fol.

Promptuarium Theologicum Morale secundum Jus commune, & Lusitanum, seu alio nomine explicativius. Summa ex universa Theologia Morali continens quinquaginta Tractatus. Pars prior constans 25. tractatibus. Ulyssip. apud Joannem da Costa. 1671. fol. & Eboræ ex Officin. Acad. 1705. fol.

Pars posterior. Ulyssipone apud Anton. Crasb. de Mello 1676. fol. & Eboræ ex Offic. Acad. 1707. fol.

Ars Grammaticæ pro lingua Lusitana addiscenda. Lugduni apud Laurentium Anisson. 1672. 8.

Obras M. S. promptas para a Imprensaõ.
Philosophia in tres partes distributa.

Arcana Theologica de Deo secundùm se, & quo ad nos, seu in ordine ad nostram salutem, Incarnato, Legislatore, Præmiatore &c.

De moribus omnium Gentium veteribus, & recentioribus. Conserva-se no Collegio dos PP. Jesuitas da Cidade de Portalegre como diz Franco na *Imag. da Virtude do Nov. de Evor.* pag. 965. de cuja obra faz menção o novo adicionador da *Bib. Orient.* de Antonio de Leaõ Tom. 1. Tit. 14. col. 451.

Commentaria in Horatium. 2. Tom. Conserva-se no Collegio de Santo Antão como escreve Franco no lugar assima allegado.

Concionabilia. Trata de Materias Predicaveis. Está em o Collegio de Beja.

Compendium Tractatus de Matrimonio concinnati a P. Thoma Sanches S. J.

Prototypus Judicis perfecti, sive laici, sive Ecclesiastici tam in Civibus, quam in criminalibus.

BENTO PINHEL natural de Lisboa filho de Duarte Pinhel, e sobrinho de Ayres Pinhel celebre Jurisconsulto de quem em seu lugar se fez merecida mênciaõ. Instruido na lingua Latina passou à Universidade de Coimbra a estudar Direito Civil de que teve por Mestre a Ruy Lopes da Veyga famoso interprete das Leys Imperiaes, e taes foraõ os progressos que a sua viva penetração fez neste genero de estudo que depois de receber o grão de Bacharel se oppoz por varias vezes às Cadeiras com geral admiração de todos os Cathedraicos. Por ser de mayor esfera o seu talento naõ podendo conterse nos limites da patria passou a Italia, e na Universidade de Pisa foy Lente de Direito Cefareo onde com a sua doutrina subtilmente explicada sahiraõ os seus discipulos Mestres desta vastissima Faculdade. De Italia passou a Praga em cuja Universidade mereceo regentar a Cadeira de Prima, e ter por expectadores da sua profunda litteratura aos mais insignes Professores da Jurisprudencia, que floresciaõ em taõ celebre Academia. Com diversos elogios he exaltado por Carvalho in *Cap. Raynaud.* Part. 2. n. 373. et 380. e Part. 3. n. 40. D. Franc. Manoel na *Cart. dos Author. Portug.* ao Doutor Manoel da Fons. Themudo. Joã Soar. de Brit. *Theatr. Lusit. Litter.* lit. B. n. 30. e n. 45. onde o intitula Jorge em lugar de Bento. Compoz.

Selectarum Juris interpretationum conciliationum, ac Variarum resolutionum Tomus primus. Venetiis apud Dominicum Imbertum. 1613. fol. Dedicado a Cosme 11. Graõ Duque de Florença onde lhe diz *Spero namque, ut quos Patrio meo Ario Pinello Hispania detulit honores, eosdem Italia mihi tua benignitate motrice indulgeat.* Sahio segunda vez Lugd. apud Petrum Chevallier 1670. 4. grande, & ibi. 1680.

P. BENTO RODRIGUES natural da Villa de Olivença na Provincia do Alentejo,

e Religiofo da Companhia de JESUS cuja Roupeta vestio no Collegio de Evora a 3. de Abril de 1644. Foy Lente de Filosofia no Collegio de Lisboa, e de Theologia Moral, e Escolastica na Universidade de Evora onde recebeu o grão de Doutor. Na gravidade exterior indicava a prudencia de que era ornado. Foy affectuoso devoto da Virgem Santissima instituindo em feu obsequio Irmandades em todas as Casas em que assistio. Era tão humilde que faltando o Mestre que ensinava os primeiros elementos aos meninos, sendo Cancellario da Universidade de Evora se offerceo para substituto, cujo magisterio com admiração universal exercitou. No pulpito eraõ tão vehementes as expressões do feu espirito acompanhadas de copiosas lagrimas que reduzia a dureza mais inflexivel dos peccadores. Sendo Reytor do Collegio de Santarem expirou com summa piedade a 10. de Outubro de 1685. Delle se lembra o P. Antonio Franco in *Ann. Glor. S. J. in Lusit.* pag. 586. e no *Synops. Annal. S. J. in Lusit.* pag. 379. n. 7. Compoz.

Oração funebre em as Exequias do muito Reverendo Padre Fr. Bento Madeira Religiofo do Carmo que se celebraraõ no seu Convento de Evora. Lisboa por Francisco Villela 1671. 4.

P. BENTO DE SEQUEIRA. Naceo em a Villa de Arronches do Bispado de Portalegre da Provincia Transtagana em o anno de 1588. e na idade de 16. annos entrou na Companhia de JESUS em o Collegio de Evora a 16. de Fevereiro de 1602. Depois de ensinar as letras humanas exercitou com grande applauso o ministerio de Orador Evangelico para o qual tinha todas as partes necessarias. Com grave prudencia governou os Collegios do Porto, Funchal, Lisboa, e Coimbra sendo ultimamente Provincial da Provincia do Alentejo. Assistio na outava Congregaçãõ celebrada em Roma. Foy amado dos domesticos, estimado dos estranhos principalmente dos Serenissimos Duques de Bragança D. Theodosio 2. e seu filho D. João glorioso libertador da Coroa Portugueza. Aborreceo como pernicioso veneno a detracçãõ; dissimulou com paternal affecto os defeitos alheos sendo rigido cenfor dos proprios. Promoveo

com o seu exemplo a observancia da disciplina regular até que chegando à idade de 76. annos, e 60. de Companhia falleceo no Collegio de Evora a 20. de Junho de 1664. Fazem delle merecida lembrança *Bib. Societ.* pag. 113. col. 2. Franco *Imag. da Virtud. do Noviciad. de Evor.* pag. 856. e no *Ann. Glorios. S. J. in Lusit.* pag. 348. col. 2. e no *Synops. Annal. S. J. in Lusit.* pag. 336. n. 6. Fofsec. *Evor. Glorios.* pag. 428. Dos muitos Sermoens que prégoou sómente se publicaraõ os seguintes.

Sermaõ do Auto da Fé que se celebrou no Terreiro do Paço desta Cidade de Lisboa em 6. de Abril de 1642. Lisboa por Domingos Lopes Rosa. 1642. 4.

Sermaõ em Santa Clara de Coimbra à primeira pedra do Templo, e Convento Real, que a Real Magestade delRey D. João o IV. levantou à Rainha Santa Izabel sua Avò no monte da Esperança, e tresladaçãõ das suas reliquias, e mudança das Religiosas para o Templo, e Convento novamente levantado. Lisboa por Paulo Crasbeeck 1649. 4.

Oração funeral em as honras do Serenissimo Infante D. Duarte Irmaõ da Sacra, e Real Magestade delRey N. Senhor D. João o IV. de Portugal aos 15. de Dezembro de 1649. Coimbra Na officina Crasbeeckian. 1650. 4.

Sermaõ na Festa do Anjo Custodio do Reyno de Portugal na occasiãõ, e dia em que a Sacra Magestade delRey D. João o IV. Nosso Senhor passou em Alentejo contra Castella em Lisboa o terceiro Domingo de Julho de 1642. Lisboa por Paulo Crasbeeck. 1651. 4.

Sermaõ de S. Francisco no seu Convento da Ponte em Coimbra a 4. de Outubro de 1648. Lisboa pelo dito Impressor. 1651. 4.

Sermaõ no Auto da Fé, que se celebrou na Praça da Cidade de Evora em 27. de Julho de 1636. Evora na Officina da Universidade 1659. 4.

BENTO TEIXEIRA FEYO. Depois de ter padecido hum horroroso naufragio em Nào N. Senhora da Atalaya de que era Capitaõ Antonio da Camara de Noronha juntamente com a Capitania chamada Sacramento que mandava como Capitaõ Mór Luiz de Miranda Henriques as quaes sahi-

raõ de Goa a 20. de Fevereiro de 1647. sendo Vice-Rey do Estado D. Philippe Mascarenhas, chegando a esta Corte não sómente deu à Magestade de D. João o IV. a noticia individual deste tragico successo, mas por ordem do mesmo Principe a escreveo com estilo claro, e sincero intitulado-a.

Relação do Naufragio que fixeraõ as Nãos Sacramento, e N. Senhora da Atalaya vindo da India para o Reyno no Cabo de Boa Esperança. Lisboa na Officina de Paulo Crasbeeck. 1650. 4.

BENTO TEIXEIRA PINTO Natural de Pernambuco igualmente perito na Poetica que na Historia de que saõ argumentos as seguintes obras.

Propopopeya dirigida a Jorge de Albuquerque Coelho Capitão, e Governador de Pernambuco nova Lusitania. Lisboa por Antonio Alvares 1601. 4. Saõ Outavas juntamente com a *Relação do Naufragio que fez o mesmo Jorge Coelho vindo de Pernambuco em a Nào Santo Antonio em o anno de 1565.* Sahio 2. vez impressa na *Histor. Tragico-Marit.* Tom. 2. desde pag. 1. até 59.

Dialogo das grandezas do Brasil em que saõ interlocutores Brandonio, e Alviano. M. S. Consta de 106. folhas. Trata de muitas curiosidades pertencentes à Corografia, e historia natural daquellas Capitaniãs. Conserva-se na Livraria do Conde de Vimieiro. Desta obra, e do Author faz memoria o moderno addicionador da *Bib. Geog.* de Antonio de Leaõ Tom. 3. Tit. unic. col. 1714.

Fr. BENTO DE S. THOMAZ natural da Cidade do Porto, filho de Marcos Joaõ Diniz, e Francisca Ferreira. Na idade da adolescencia recebeu o habito da preclarissima Ordem dos Prégadores no Real Convento de Lisboa a 4. de Agosto dia consagrado ao culto de seu illustre Patriarcha, do anno de 1644. Aprendeo com tanta comprehensãõ, e viveza de engenho as sciencias Escholasticas que as dictou plauzivelmente aos seus domesticos. Depois de alcançar o grão de Mestre da Ordem foy Qualificador do Santo Officio recuzando o lugar de Inquisidor de Goa em que o nomeara o Eminentissimo Inquisidor Geral

D. Verissimo de Lancastro. Foy Prior do Convento de Aveiro, e hum dos celebres Theologos que no seculo passado floreceraõ neste Reyno. Falleceo no Convento de Lisboa a 18. de Janeiro de 1687. Imprimio.

Oraçaõ em louvor da Bemaventurada Rosa de Santa Maria da Terceira Ordem de S. Domingos na festa que se fez à sua Beatificaçaõ no Convento de S. Domingos de Coimbra. Coimbra por Thomé Carvalho Impressor da Universidade 1669. 4.

Sermaõ do Dezagravo de Christo Sacramento na Igreja de Santa Engracia. Lisboa por Joaõ da Costa 1671. 4.

Sermaõ do Aãto da Fé celebrado em Coimbra na quarta Dominga de Quaresma 12. de Março de 1673. Coimbra por Manoel Diaz Impressor da Universidade. 1673. 4.

Contra a perfidia Hebraica M. S. fol. Esta obra depois de estar approvado pela Ordem (como escreve Fr. Pedro Mont. *Claust. Dominic.* Tom. 3. pag. 174) e pela Inquisição, estando a rever pela Meza do Paço por morte do dito Author ficou na mão de algum Ministro deste Tribunal deixando aos que conbeceraõ o seu talento com o pezar de que não sabisse à luz.

Fr. BENTO DE S. THOMAZ natural da Villa da Arrifana de Soufa do Bispedo do Porto. Recebeo o habito Monachal do Principe dos Patriarchas S. Bento a 7. de Março de 1644. onde estudou com tal applicação as sciencias escholasticas que depois de as dictar aos seus domesticos mereceo ser laureado com as insignias doutoraes em a Universidade de Coimbra. Não satisfeito o seu profundo talento de ter penetrado as mayores difficuldades da Theologia Especulativa passou a investigar os mysteriosos arcanos da Positiva, os quaes revelou sendo Cathedratico de Escriitura em a Athenas Conimbricense de que tomou posse a 27. de Novembro de 1670. donde subio à Cadeira de Vespera em 10. de Outubro de 1693. Igual capacidade mostrou governando, como ensinando quando em o anno de 1689. foy eleito Geral da sua Monastica Congregaçaõ. Falleceo a 5. de Junho de 1695. Deixou compostas as seguintes obras dignas certamente da luz publica.

De Peccato Originali.

De Abraham

De Joseph.

In librum Judicum.

De Jacob.

De Ruth. Desta obra faz illustre memoria o Mestre Fr. Joaõ dos Prazeres Monge Benedictino em a *vid. do Princep. dos Patriarch. S. Bent.* Tom. 2. Empreza. 27. pag. 358.

BENTO DA VICTORIA Veja-se
VICTORINO DE S. GETRUDES.

D. BERNARDA FERREIRA DE LACERDA illustrou com o seu nascimento a Cidade do Porto em o anno de 1595. e com os singulares dotes de que liberalmente a ornaraõ a graça, e a natureza a seus nobres progenitores Ignacio Ferreira Leytaõ Cavalleiro da Ordem de Saõ-Tiago Dezembargador do Paço, Chanceller Mór do Reyno, e D. Paula de Sã Pereira filha de Gomez Correa de Lacerda, e D. Ignez de Sã, e Menezes. Na idade pueril deu logo manifestos sinaes do raro engenho, e aguda comprehensãõ com que na adulta havia ser admirado o seu talento principalmente unindo-se nella o que raras vezes succede a discriçaõ, e fermosura com que roubava as atençoens dos dous mais nobres sentidos. Com o progresso dos annos se foy augmentando no exercicio das Artes, e sciencias sendo glorioso excessõ das Segeas de Espanha, das Safos da Grecia, e das Falconias, Lavras, e Polas de Italia. Penetrou com subtileza os mysterios da Filosofia, observou com profundidade os arcanos da Mathematica, e praticou com perfeiçaõ os preceitos da Musica tocando com igual graça, que destreza todo o genero de instrumentos armonicos. Entre as nove Musas teve o principado merecendo pela metrica elegancia das suas composçoens ser aclamada Princeza de taõ Divina Arte pelos seus mais celebres Professores Joaõ Perez de Montalvaõ, e Lope da Vega Carpio. Igualmente foy perita nas sciencias Sagradas discursando profundamente por espaço de huma hora no altissimo Mysterio da Santissima Trindade na prezença dos mayores Corifeos desta sublime Faculdade confessando que o seu entendimento se illustrava com luzes superiores. Fallou elegante-

mente as linguas Latina, Italiana, e Espanhola parecendo pela perfeiçaõ com que as dearticulava, que nacera onde ellas tinhaõ o seu berço. A fama destes dotes scientificos que se fazia mais estimavel pelo sexo, moveo a Philippe III. quando veyo a este Reyno nomealla para Mestra dos Princepes seus filhos D. Carlos, e D. Fernando de cujo honorifico ministerio humildemente se escusou. Sendo taõ insigne nas letras, ainda foy mayor nas virtudes. Sustentava quotidianamente com largas esmolas a muitos pobres, sendo o seu primeiro disvelo socorrer àquelles a quem o pejo lhes fechava a boca para o remedio da sua necessidade. Frequentava todas as Semanas o Sacramento da Penitencia, e cada seis mezes se confessava geralmente sem nunca ter manchado a alma com culpa mortal como affirmaraõ os seus Directores espirituaes. Era cordialmente devota de Maria Santissima cujo Officio se obrigou por voto rezar todos os dias o qual cumprio com grande ternura, e naõ menor atençãõ. Sofreu herõicamente agravos de quem lhe devia obrigaçoens, e com paciencia christãã como se fora insensivel padeceo continuos achaques que lhe affligiaõ o corpo, e o espirito. Ainda que era taõ discreta, e sabia, sempre se considerava ignorante naõ podendo a vangloria inseparavel companhia do sexo feminino fazer no seu coraçãõ a impressãõ mais leve. Foy cazada com Fernãõ Correa de Sousa digno esposo de tal consorte assim em a nobreza do sangue, como na practica das virtudes de quem teve descendencia que naõ degenerou de taõ qualificados Progenitores. Com catholica resignaçãõ tolerou a morte de seu esposo, e de alguns filhos, que ternissimamente amava servindo-lhe estes funestos annuncios de se preparar para a Eternidade de que foy tomar posse o seu espirito no primeiro de Outubro de 1644. Jãz sepultada com seu marido em hum nobre Mausoleo de porfido, e alabastro situado ao lado do Evangelho da Capella de S. Jozé em o Convento de N. Senhora dos Remedios desta Corte de Carmelitas Descalços dos quaes foy muito devota, e nelle se lè gravado este discreto, e elegante epitafio.

Fernãõ Correa de Sousa

D. Bernarda Ferreira de Lacerda

*Offerecem aqui mortos quotidiano sacrificio.
E esperão o dia da immortalidade.*

*Naceraõ com honra,
Viveraõ com applauso,
Morreraõ com exemplo.*

Felices singularmente ambos.

Elle na sorte de taõ insigne mulher,

Ella nos dotes de huma alma taõ sublime,

*Que sem igual na idade presente venceo a
fama das passadas.*

Sua erudição, juízo, engenho,

E a grandexa de seu espirito

Cantou com heróico estylo

Hespanha Libertada.

Sua piedade, devoção, e virtude para cõ Deos,

Desprezo, e esquecimento do mundo

Repetem com saudosa, e celestial harmonia

Os eccos das Soledades do Bussaco.

Seus escritos são seu Retrato

Suas Cinzas nosso desengano.

Foy laureada no Paraizo do Ceo

Em o primeiro de Outubro de 1644.

Compoz.

Espanha Libertada 1. Parte. Poema em 8. Rima. Lisboa por Pedro Crasbeeck. 1618. 4. *Obra certo excelente* (como escreve Miguel Leitão de Andrade *Miscellan. de Var. Hist.* Dialog. 20. pag. 617.) e tal, que se não sabe outra de mulher, que possa ser sua comparação, e Fr. Franc. da Nativid. *Lenit. da Dor* pag. 311. n. 201. se superou a si mesma no seu maravilhoso livro de *Espanha Libertada*.

Segunda Parte. Lisboa por João da Costa 1673. 4. Sahio por deligencia de sua filha D. Maria Clara de Menezes, cazada com Julio Cesar de Eça, e jaz sepultada defronte do lugar em que defcanção seus Pays. Não acabou a 3. *Parte* impedida pela morte.

Soledades de Bussaco. Lisboa por Mathias Rodriguez 1634. 12. Consta de versos Castelhanos, Portuguezes, e Italianos.

Rithmo Latino, e cinco Decimas Portuguezas em applauzo do Poema Heroico intitulado *Malaca Conquistada* por Francisco de Sá, e Menezes, sendo os argumentos deste Poema composição de D. Bernarda Ferreira, de que faz memoria o addicionador da *Bib. Orient.* de Antonio de Leaõ. Tom. 1. Titul. 3. col. 56.

Soneto Portuguez em louvor de Gaspar

Pinto Correa no seu Livro *Lacrymæ Lusitanorum in obitu Serenissimi Principis Theodosij Brigantini Ducis.* Ulyssipone apud Petrum Crasbeeck 1631. 8.

Soneto Portuguez em Louvor da Ulysssea de Gabriel Pereira de Castro, cujos argumentos são obra de D. Bernarda Ferreira. Sahio Lisboa por Pedro Crasbeeck 1630. 4.

Tres Decimas en applauzo de la Cancion Real al Ave Maria de Juan Bautista Alexandre. Lisboa 1635. 4.

Soneto a morte de João Peres de Montalvão nas Lagrimas Panegyricas a estegran de Poeta. fol. 134.

Sextilhas, e hum Soneto na Fama Posthuma de Lope da Vega Carpio. Madrid 1636. 4. a primeira obra a fol. 42. até 45. a 2. fol. 133. v.º.

Obras M. S.

Comedias varias entre as quaes eraõ celebres *el Caçador del Cielo Santo Eustachio.* da qual faz menção Miguel de Andrade Leytaõ no lugar assima allegado, e outra intitulada. *La buena, y mala fortuna.*

Poesias varias, e Dialogos diversos.

Tragica conversão dos Christãos de S. Thomé, ou Preste João. Constava de 80. Capitulos, cuja obra ficou em poder de sua filha D. Maria Clara de Menezes, e della faz menção o moderno addicionador da *Bib. Orient.* de Antonio de Leaõ Tom. 1. Tit. 3. col. 55.

Lyras à Aclamação del Rey D. João o IV. Começavaõ.

Tinha roubado inverno a fermosura.

Conservavaõ-se na Bibliotheca do Cardial de Soufa.

A taõ celebrada Poetissa se empenharã os Cisnes do Parnasso a confagrar-lhe elogios distinguindo-se entre todos Lope da Vega Carpio pois alem de lhe ter dedicado a Egloga *Filiz* impressa em Madrid 1635. lhe canta em seu applauzo no *Laurel de Apollo* Sylv. 3. fol. 27. estas vozes.

Si pudiera tener la Fama aumento

Y gloria Lusitana,

D. Bernarda de Ferreyra fuera

A cuyo Portuguez entendimiento,

Y pluma Castellana

La España libertada España deve:

Porque sola pudiera

Partir entre los Reynos esta gloria,

Tan poderosa inteligencia mueve

*Estos dos Orbes con su dulce Historia,
Con tanta erudicion con tanto lustre,
Que ella queda immortal, y España ilustre.*

Antonio Figueira Duraõ in *Laur. Parnas.*
Ram. 2. pag. 35.

*Aspice ut insignis plectro Bernarda canoro
Pingitur, utque illi Polla Argentaria cedit:
Hæc secum in Patriam Parnassi è culmine montis
Deduxit Musas, nunc Phæbus regnat in illa.*
E logo acrecenta.

*Si diffundis poeticos nitores
Dum tuba canis bellica, & sonora
Belli Hispani furores:
Non ferrea tibi sunt Ferreira ora
Tu nostram nempe decoras ætatem.*

*Dum carminibus vincere contendis
Æneida Maronis,
Et dum Hispania cantas libertatem:
Carcere admirationis
Libertates altisona præbendis.*

Manoel de Faria, e Souza *Fuente de Aganipe*
Part. 2. Estanc. 3. dedicando-lhe a *Fabula*
de Pan, y Appolo.

*Tu Bernarda já no decima Musa,
Antes toda la classe è gran Matrona
De las nueve, que en ti se mira inclusa
Y quando menos dellas la Patrona;
De Pan oye la fistula confusa,
Y de Apolo la voz; que màs te abona;
Oye, que eres Tu sobre una, y otra cuerda
De su Lyra con mas fazon la Cuerda.*

Manoel de Gallegos no *Templ. da Memoria*
liv. 4. Estanc. 193.

*D. Bernarda engenho soberano,
Que cantando de Espanha a liberdade
Deu que admirar à Esposa de Lucano,
E fez mais venturosa a nossa idade:
Nos herões de Bragança, e de Medina
Grandezas tem de mil Poemas digna.*

Sor. Violante do Ceo *Rim. Var.* pag. 34.

*De los jardines del celeste Apolo
nativa planta celestial contemplo
esta nueva Deidad, esta Minerva
por unica del uno al otro Polo
de la immortalidad le ofrece el Templo
el alma Dios que su beldad preserva
Y tanto la conserva*

*Que con el agua de Helicon la baña
con que el divino fruto que produce
a tanta gloria a tanto bien conduce*

*Que qual la plãta, el fruto admira España,
verdad averiguada*

de la summa verdad acreditada.

P. Antonio dos Reys no *Entusiasmo. Poet.* n. 268.

*Certabant magna vi coram iudice Phæbo
Euterpe, Clioque simul, qua sede Lacerda
Digna foret meritis pro tantis: ista sedile
Se prope deberi tot bellica facta canenti,
Sublato clamore docet; docet illa locari
Cum Lyricis debere suis, et carmina testes
Dulcia producit queis ardua culmina Montis
Quem colit Heliadum Gens, celo proxima cantat.
Judicium Phæbi tandem fuit: utraque vincunt,
Utraque Bernardam sibi sumant; una duabus
Sufficit.*

Semelhantes applausos lhe dedicaraõ os
Historiadores chamando-lhe Fr. Leaõ de
Santo Thom. *Bened. Lusit.* Tom. 1. Part.
2. cap. 12. pag. 348. *Illustre Portugueza,*
Poeta famosa. Cardof. *Agiol. Lusit.* Tom.
2. pag. 495. no Comment. de 9. de Abril
let. H. Taõ aplaudida, e decantada dos Poetas
de seu tempo por suas singulares habilidades.
Nicol. Ant. *Bib. Hisp.* Tom. 1. pag.
167. col. 1. *muliebris sexus hoc nostro tem-
pore non parum insigne decus extitit.* Fr.
Belch. de S. Ann. *Chron. de Carm. Descalf.*
da Prov. de Portug. Tom. 1. liv. 2. cap. 55.
*Gloria de Portugal por seu raro, e singular
talento bem manifestado nas obras, que com-
poz.* Macedo *Flor. de Espan.* cap. 18. excel.
9. *La Decima Musa, y quarta Gracia.*
D. Franc. Man. na *Carta dos Auth. Por-
tug.* ao Doutor Manoel da Fonseca The-
mudo. *Em repetidos Poemas guardou doçura,
e igualdade.* Fr. Bent. Jeronym. *Feijoo
Theatr. Crit.* Tom. 1. Disc. 16. n. 113. *Sobre
entender, y hablar con facilidad varias
lengoas supo la Poesia, la Rhetorica, la Phi-
losofia, y las Mathematicas.* Azeved. *Por-
tug. Illustrad. pelo sex. femin.* pag. 80. n. 16.
discretissima em todo o genero de materias.
Damiaõ de Froes *Perym Theatr. Heroin. das
Mulber. Illustr. em sciencia.* Tom. 1. pag.
154. *Em todos os Estados foy exemplar de
bondesidade, e economia sendo exercicio comum desta
Matrona a liçaõ dos livros, e uso da Poesia.*

Fr. BERNARDINO DE S. ANTONIO
natural de Lisboa, e illustre filho da Sagrada

Ordem da Santissima Trindade de cuja antiguidade, noticias, e privilegios foy deligentissimo investigador. Depois de ser Presentado na Sagrada Theologia que dictou profundamente aos seus domesticos, os governou duas vezes como Provincial, a primeira no anno de 1617. e a segunda no anno de 1626. dando sempre claros argumentos da sua natural benevolencia, e summa gravidade, por cujos dotes mereceo os louvores de varios Escritores como foraõ D. Fr. Thom. de Far. *Decad.* 1. lib. 10. cap. 5. Fr. Ludovic. à Concept. *Exam. Verit. Theol. Moral.* Part. 1. Tract. 3. caf. 1. n. 2. Hipolit. Marrac. *Bib. Marian.* Part. 1. pag. 222. Altun. *Chron. de Sant. Trind.* lib. 4. Petr. Alv. de Astorga in *Milit. Immacul. Concep. Magn. Bib. Eccles.* pag. 496. col. 1. Morreo no Convento de Santarem a 5. de Junho de 1642. e naõ de 1638. como escreve Nicol. Ant. *Bib. Hisp.* Tom. 1. pag. 167. col. 2. Compoz.

Epitome Generalium Redemptionum Captivorum, que a Fratribus Ord. Santissimæ Trinitatis Junt factæ. Ulyssipone apud Petrum Crasbeeck 1624. 4.

Summaria relação da vida, e morte do grande Servo de Deos o Reverendissimo P. Mestre Fr. Simaõ de Rojas religioso da Ordem da Santissima Trindade, e Confessor da Serenissima Raynha de Espanha D. Izabel de Borbon, e das vidas dos Bemaventurados Padres Fr. Bernardo de Monroy Mestre na Sagrada Theologia, Fr. Joaõ de Aguila, Fr. Joaõ de Palacios Redemptores de Cativos, que padeceraõ em Argel. Lisboa pelo dito Impressor. 1625. 4.

Devocionario de Nossa Senhora que contem o modo de rezar a sua Coroa naquella forma, que a mesma Virgem Santissima a ensinou ao Ven. P. Mestre Fr. Simaõ de Rojas. Lisboa por Jorge Rodriguez 1626. 8.

Chronica da Ordem da Santissima Trindade da Provincia de Portugal. fol. 4. Tom. M. S. de que faz memoria o mesmo Author in *Epitom. Redemp.* lib. 1. cap. 10. §. 2. pag. 49. e o Illustrissimo D. Rodrigo da Cunha *Hist. Eccles. de Lisb.* Part. 2. cap. 83. affirmando a tivera em seu poder. Brandaõ *Mon. Lusit.* Part. 5. lib. 16. cap. 44. e Fr. Joaõ do Sacram. *Chron. dos Carm. Def-*

calf. da Prov. de Portug. Tom. 2. liv. 5. cap. 22. §. 525. e liv. 1. cap. 5. §. 80.

Constituiçoens da Ordem acrecentadas, e confirmadas pela Santidade de Paulo V. em o anno de 1618. como elle escreve in *Epit. Redempt.* lib. 1. cap. 15. §. 7. fol. 74.

Dos varoens illustres da Ordem da Santissima Trindade. fol. 2. Tom. M. S. Faz mençaõ desta obra Cardof. *Agiol. Lusit.* Tom. 3. pag. 220. no Comment. de 12. de Mayo letr. F. e Tom. 2. pag. 567. no Comment. de 14. de Abril letr. I.

Precioso Thezouro da Ordem da Santissima Trindade. M. S. Conserva-se no Archivo do Convento de Lisboa como diz Cardoso *Agiol. Lusit.* Tom. 2. pag. 567. no Comment. de 14. de Abril letr. I.

Vida do Ven. Fr. Roque do Espirito Santo da Ordem da Santissima Trindade. Volume grande M. S. como affirma Cardoso *Agiol. Lusit.* Tom. 3. pag. 193. no Comment. de 11. de Mayo letr. C.

Descripção do Reyno de Portugal. M. S. Desta obra fazem memoria Cardoso *Agiol. Lusit.* Tom. 2. pag. 760. no Comment. de 29. de Abril letr. B. e o moderno addicionador da *Bib. Geograf.* de Ant. de Leaõ Tom. 3. Tit. unic. col. 1415.

D. Fr. BERNARDINO DE SANTO ANTONIO natural da Villa de Serpa em a Provincia Transtagana filho de Marcos Affonso Cançado, e Maria Correa. Na idade mais florente professou o Sagrado Instituto dos Religiosos Menores no Convento de S. Francisco de Tavira da Provincia dos Algarves a 12. de Junho de 1641. Depois de dictar com applauzo Filosofía, e Theologia aos seus domesticos, e ser Lente Jubilado, foy Guardiaõ de Coimbra, Custodio da Provincia, e Guardiaõ do Convento de S. Francisco de Evora donde foy assumpto a Bispo Coadjutor com o titulo de Targa do Arcebispo de Evora D. Diogo de Soufa, e de seus dous Sucessores D. Fr. Domingos de Gusmaõ, e D. Fr. Luiz da Sylva. Foy Deputado do Santo Officio de Evora de que tomou posse em 3. de Julho de 1675. Falleceo no Real Convento de S. Francisco da mesma Cidade em o anno de 1699. Foy insigne Prégador, e entre muitos Sermoens dignos da luz publica que deixou M. S. he o mais celebre.

Sermão do Auto da Fé celebrado em Evora no anno de 1682. quando chegou a Bulla contra os Christãos novos. Fazem delle memoria Fr. Pedro Monteiro *Cathal. dos Deputad. da Inquis. de Evora*, e o P. D. Manoel Caetan. de Soufa *Cathalog. Histor. dos Arc. e Bisp. Portug.* pag. 122.

Fr. BERNARDINO DE SANTO ANTONIO filho de Sebastião Paulos, e Ignez Alvares semelhante ao precedente assim na patria que lhe deu o berço, como na Religião em que professou no Convento de Monte mór a 3. de Agosto de 1684. Foy Lente de Artes, e Theologia, Qualificador do Santo Officio. Ao tempo que era Guardião do Convento de Coimbra passou a Serpa sua patria onde morreu em o anno de 1709. Foy eloquentissimo Prégador deixando capazes da Impressão.

Sermoens Varios M. S.

Os quais conservaõ os seus Religiosos com grande estimação. Por sua deligencia se reimprimiraõ as famosas Conclusoens que em Veneza defendeo o grande Fr. Francisco de Santo Agostinho Macedo.

Fr. BERNARDINO DE S. ANTONIO. Naceo em Moimenta da Serra do Bispado de Coimbra Comarca da Guarda a 13. de Fevereiro de 1660. sendo filho de Manoel Gomes Carqueja, e Mariana de Sequeira. Na idade da adolescencia recebeu o habito Serafico em o Convento de S. Francisco da Covilhã a 19. de Junho de 1677. onde professou a 20. do dito mez do anno seguinte. No Collegio de São Boaventura de Coimbra estudou as sciencias escholasticas em que sahio bom letrado, e preferindo o exercicio dos Pulpitos, ao das Cadeiras jubilou no ministerio de Prégador no anno de 1717. Publicou.

Septena dedicada às Sete mayores tristezas, e sete alegrias, que teve em todo o discurso da sua vida Santissima o Senhor S. Jozé. Lisboa por Domingos Gonçalves. 1739.

Fr. BERNARDINO DE AVEIRO natural da Villa do seu appellido situada no Bispado de Coimbra, Religioso Menor da reformada Provincia da Piedade, Varaõ de summa contemplação, e rigorosa penitencia. Para acender os

coraçoens em piedosos affectos traduzio de Latim em Portuguez de João Thaulero.

Meditações da Paixão de Christo com 14. exercicios espirituas de Nicoláo Estio. Evora por André de Burgos. 1554. 4. Sahio esta tradução por ordem do Cardial Infante D. Henrique.

BERNARDINO BOTELHO DE OLIVEIRA natural de Lisboa ornado de inclinação para a Poetica, como de profunda especulação para a Filosofía, e de summa habilidade para todas as Artes Mechanicas em que fez admiraveis inventos, compondo.

Sentimento lamentavel, que a dor mais sentida em lagrimas tributa na intempestiva morte da Serenissima Rainha de Portugal Nossa Senhora D. Maria Sofia Izabel de Neoburg. Lisboa por Bernardo da Costa 1699. 4. Consta de huma Glossa ao Soneto de Camoens que começa. *Choray Ninfas os fados poderozos.* Tres Sonetos, e huma Decima.

Refutação dos Canos chamados de tres tempos, e abono dos reitos, ou de Cana por igual com algumas rezoens tocantes ao repucho, que daõ as espingardas, e duas demonstraçoens de desacerto, e acerto do ponto, e mira. Lisboa por Antonio Pedrozo Galraõ. 1714. 4.

Escudo apologetico Physico, Optico opposto a varias objeçoens, onde se mostra como, e de que parte se faz, ou se determina a sensação do Objecto visivo. Lisboa por Mathias Pereira da Sylva, e João Antunes Pedrozo. 1720. 4.

Fr. BERNARDINO DE JESUS. Naceo na Villa de Vimieiro na Provincia do Alentejo, e na idade da adolescencia obedecendo à voz de Deos que o chamava do tumulto do Seculo para a tranquillidade da Religião entre todas escolheo a austera Provincia da Arrabida onde pelo espaço de quarenta, e cinco annos sempre fez sangui-nolenta guerra ao corpo para que o seu espirito lograsse de paz inalteravel. Nunca comeo carne, nem peixe, nem bebo vinho, e ainda que era acometido de huns terri-veis accidentes admitio dispenção alguma em taõ rigurosa abstinencia. No confes-sionario assistia frequentemente atrahindo

com suavidade ao caminho da penitencia os mais inflexiveis coraçoes. Sentia no sublime exercicio da Oraçãõ em que passava muitas horas tantas consolaçoens espirituaes que se manifestavaõ no semblante por mais que a modestia, e o silencio as queriaõ occultar. No aspecto era grave, no vestido desprezível, na obediencia prompto, e em todas as aççoens mortificado. Ultimamente atenuado mais pela austeridade da vida, que pelo numero dos annos cahio enfermo no Hospicio do Hospital Real de Lisboa onde depois de receber com grande ternura os Sacramentos passou a lograr o premio de tantas virtudes a 22. de Setembro de 1609. Escreveo com estilo mais pio, que elegante.

Versos varios.

Os quaes eraõ (como diz Fr. Antonio da Piedade *Chronic. da Prov. da Arrabida*. Part. 1. liv. 5. cap. 10. §. 1112. pag. 877. col. 2.) *para recrear seu espirito, e tambem para espiritual alivio dos amigos, e pessoas devotas, que o procuravaõ.*

Fr. BERNARDINO DE JESUS, ou de SENA. Naceo em Lisboa onde recebeu a graça bautifmal a 29. de Agosto de 1599. Na idade da puericia por cantar com suavidade, e destreza foy admitido à Religiaõ Serafica da Terceira Ordem da Penitencia, e no Convento de S. Francisco de Vianna distante cinco legoas da Cidade de Evora professou a 16. de Julho de 1615. Por muitos annos exercitou com grande zelo o lugar de Vigario do Coro do Convento de N. Senhora de JESUS desta Corte, e de Ministro do Convento de S. Francisco de Vianna, e de Definidor em o anno de 1659. Foy muito estimado pelo Serenissimo Rey D. Joaõ o IV. naõ sómente pela excellencia da vóz com que cantava, mas pela profundidade da sciencia do contraponto, em que compoz.

Diversas Obras M. S.

Falleceo em o Convento de Lisboa a 10. de Abril de 1669. ao tempo que contava 70 annos de idade e 54. de Religiaõ.

BERNARDINO RIBEYRO natural da Villa do Torraõ na Provincia do Alentejo, Moço Fidalgo da Casa del Rey D. Manoel, Capitaõ Mór das Armadas da India,

Commendador de Villa Cova na Ordem de Christo, e Governador de S. Jorge da Mina. Teve por Pays a Luiz Esteves Ribeiro Thezoureiro do Infante D. Fernando filho do Serenissimo Rey D. Manoel, e a D. Izabel Pacheco filha do Dezembargador Diogo Pacheco Secretario das Embaxadas que este Monarcha mandou aos Summos Pontifices Leaõ X. e Julio II. e de D. Izabel Pacheco filha de Gonçalo Lopes Pacheco. Depois de ter estudado Jurisprudencia em que sahio insigne, cultivou a Poetica com tanto applauso do seu nome, que mereceo as estimaçoens do Principe desta divina Arte o divino Camoens chamando-lhe o seu Enio, sendo o primeiro que em toda Espanha compoz Sextinas em Redondilhas, e as Elegias em versos menores. Arrebatado de impulsos amorosos passava muitas noutes entre a espessura, e solidão dos bosques explicando junto à corrente das aguas com suspiros, e lagrimas a vehemencia de paixãõ taõ violenta que o obrigou a emprender impossiveis dedicando os seus affectos à Infanta D. Beatriz filha do Serenissimo Rey D. Manoel como elegantemente o cantou Manoel de Faria e Souza na 3. Part. da *Fuente de Aganip*. Centur. 2. Madrig. 33.

Bocacio Lusitano

En la empreza amorosa

De bella humana Diosa

Te constituyete el hado Soberano

Alfon de acorde Lyrá

Adonde siempre en vano

Tu coraçõ suspira

Viviendo de vanissimos amores

Moriste de dexarlos con dolores.

O' Bernardin feliz! Feliz tu suerte

Que un morir largo te atajo la muerte.

Casou com D. Maria de Vilhena filha de D. Manoel de Menezes filho de D. Jorge de Menezes quinto Senhor de Cantanhede, e de D. Brites de Vilhena filha de Joaõ de Mello da Sylva, de quem teve huma unica filha, e para testemunhar o excessivo affecto que teve a sua esposa, nunca quiz passar a segundas vodas alludindo a esta resoluçãõ aquelles seus versos 1. Part. cap. 21.

Pensandovos estou filha,

Vossa May me està lembrando.

Do seu talento poetico fazem illustre memoria Faria 1. Part. da *Fuente de Aga-*

nip. no *Disc. dos Sonetos* ao principio; e na 3. Part. no *Discurs. das Sextinas*. n. 20. na 4. Part. das *Elegias*. n. 10. e no *Comment. as Rim. de Camoens* Tom. 5. pag. 160. e Tom. 2. p. 44. na *Europ. Portug.* Tom. 3. Part. 4. cap. 8. n. 22. Joan. Soar. de Brit. *Theatr. Lusit. Litter.* lit. B. n. 33. P. Ant. dos Reys in *Enthus. Poet.* n. 138.

*Hinc prope Riberius stat quondam notus in Aula
Dum Lysia populis Sanctissima jura beatus
Rex dabat Emmanuel.*

Por deligencia de seu parente Manoel da Sylva Mascarenhas fidalgo da Casa delRey, e Governador da Fortaleza de Outaõ se imprimio.

*Primeira Parte de Menina, e Moça ou fanda-
des de Bernardim Ribeiro.* Evora por Andre de Burgos. 1557. 8. & ibi pelo dito Impressor 1578. e Lisboa por Pedro Crasbeeck. 1645. 8.

*Egloga. Interlocutores Egestio, Dalio, e Lan-
reno.*

Tem no fim estas letras iniciaes D. B. R. Sahio impressa com as *Rimas de Estevoõ Rodriguez*. Florencia por Zenobio Pignoni. 1623. 8.

No Cancioneiro do P. Pedro Ribeiro escrito no anno de 1577. que se conservava na Bibliotheca do Cardial de Soufa esta huma sua excellente obra de eccos que começa.

Ecco pois pelo meu mal.

Fr. BERNARDINO DA SYLVA. Naceo em Lisboa de Pays nobres aos quaes illustrou com mayores braçoens quando deixando a sua amavel companhia recebeo a Cogulla Cisterciense em o Real Convento de Alcobaça em o anno de 1585. Aprendidas as Faculdades Escholasticas em taõ famosa Palestra as ensinou em o Convento de Santa Maria de Ceiça aos seus domesticos com grande applauso do seu talento que mereceo ser coroado com as doutoraes insignias de Theologo em a Universidade de Coimbra em o anno de 1622. Naõ teve inferior capacidade para varias occupaçoens em que o nomeou a sua Congregaçaõ, como foraõ Procurador Geral na Cidade do Porto, Confeffor das Religiosas de Arouca, Abbade do Convento de Odivellas, Prior de Alcobaça, e Definidor. A sua incansavel

especulaçaõ depois de ter largamente discorrido pelas disculdas Theologicas, e Escriturarias se dilatou pelos vastos campos da Historia Sagrada, e profana, como claramente o mostrou na erudita, e nervosa Apologia dividida em duas partes com que defendeu a primeira parte da *Monarchia Lusitana* composta por seu Tio o insigne Fr. Bernardo de Brito Chronista Mór do Reyno criticada por Diogo de Payva de Andrade no seu *Exame de Antiquidades* o qual mais por impulso da paixãõ que amor da Verdade se declarou antagonista de algumas opinioens daquella obra. No Real Convento de Alcobaça em que deu principio à vida religiosa acabou a mortal a 8. de Fevereiro de 1641. Jãz sepultado no Capitulo, e o seu Retrato se conserva entre os Varoens mais insignes da sua Religiaõ, e como tal o celebraõ Nicol. Ant. *Bib. Hisp.* Tom. 1. pag. 171. e Tom. 2. pag. 285. D. Franc. Manoel na *Cart. dos Author. Portug.* escrita ao D. Themudo. Carol. Visch. *Bib. Cisterc.* Joan. Soar. de Brit. *Theatr. Lusit. Litter.* lit. B. n. 34. Joan. Halleword. *Bib. Curios.* pag. 34. col. 1. e Agost. Sartor. *Cist. Bisterc. seu Hisp. Elogial. Ord. Cisterc.* Tit. 20. pag. 522. Compoz.

Defensaõ da Monarchia Lusitana Primeira Parte. Coimbra por Nicoláo Carvalho. 1620. 4.

Segunda Parte. Lisboa por Pedro Crasbeeck. 1627. 4.

Polyanthea Lusitana. M. S. fol. volume grande o qual tinha prompto com as licenças para a impressãõ Fr. Bernardino Sottomayor Confessor das Religiosas Cisterciences de Cellas. Constava de *Discursos Panegyricos, e doutrinaes sobre os Evangelhos das Festas dos Santos.* Desta obra faz repetida memoria o Author na primeira Parte da *Defensaõ da Monarchia Lusit.* cap. 11. fol. 37. e 39. cap. 16. fol. 57. cap. 26. fol. 98. e cap. 31. fol. 130.

BERNARDINO SOARES OSORIO natural de Lisboa Credenciario da Capella Real, cordial devoto da Raynha dos Anjos, e suficientemente instruido na lingua Italiana da qual traduzio na Portugueza em obsequio da mesma Senhora.

O escravo da Virgem Santissima Senhora Nossa, ou practica de como se devem offerecer

por escravos da mesma Senhora para alcançarem por sua intercessão huma boa, e santa morte com hum exercicio muy util para assistir ao Sacrificio da Missa. Lisboa na Officina Crasbeeckiana. 1655. 12. Evora na Impressão da Academia. 1659. 12. e Lisboa por Joaõ da Costa. 1676. 12.

Fr. BERNARDO DE ALCOBAÇA cujo appellido declara o lugar onde naturalmente naceo para o mundo, e espiritalmente para Deos recebendo o habito monachal da familia Cisterciense em o Real Convento situado na mesma Villa onde sahio taõ instruido nas virtudes, como nas sciencias exercitando por toda a vida com louvavel procedimento, e exacta observancia a Abbadia do Convento de S. Paulo distante huma legoa de Coimbra cuja renda esta hoje annexa ao Collegio Conimbricense de S. Bernardo. Por insinuação da Infanta D. Izabel mulher do Infante D. Pedro filho delRey D. Joaõ o I. Princeza dotada de summa piedade, e Religiaõ traduzio da lingua Latina em a Portugueza a Vida de Christo Senhor Nosso composta pelo ascetico Varaõ Rodolpho de Saxonia singular esplendor da Ordem de S. Bruno cuja tradução se conserva escrita em pergaminho, e dividida em quatro partes no Cartorio do Real Convento de Alcobaca. No fim da primeira Parte estaõ escritas da propria maõ do traductor estas palavras. *Aqueste livro mandou tresladar à honra de Jesu Christo, ao muy indigno, e pobre de Virtudes Fr. Bernardo Monge do Mosteiro de S. Paulo anno de 1445. o Abade de Alcobaca D. Esteveão de Aguiar que mo mandou fazer, se finou no ano do Senhor de 1446. Idibus Februarij em dia da septuagesima.* Passados cincoenta annos desta tradução sahio impressa em 4. Tomos de folha muito grãde e em admiravel caracter por ordem delRey D. Joaõ o II. e sua mulher D. Leonor, e no fim do Primeiro Tomo como lemos em hum excellente exemplar que se conserva na Selectissima Livraria dos Padres Theatinos desta Corte estaõ estas palavras que escrevemos com a mesma Orthografia em que se lem impressas.

Acaba-se ho primeiro livro intitulado da vida de Christo em lingoagem Portugues. Nom aquelle que se chama da meninice do

Salvador, o qual he aprocriso XV. Di. Mas este que compoz ho Venerable Meeestre Ludolfo prior do Moesteiro muy honrrado de argentina da ordem muy excellente da Cartuxa, e foy tyrado segundo a ordem da hystoria evangelical. O qual mandou tresladar de Latym em lingoagem portugues a muyto alta Princeza Infanta Dona Ysabel duquesa de Coymbra, y Senhora de monte moor. Ao muy pobre de virtudes dom abade do moesteiro de Sam paullo, e foy impresso, em a muy nobre, e sempre leal Cidade de Lixboa a principal dos regnos de portugal. Per hos boñrrados meestres, e parceyros Nicólão de Saxonia, e Valentyno de Moravia por mandado do muy yllustrissimo Senhor elRey dom Jobam ho segundo. E da muy esclarecida Rainha dona Lyanor sua molher. Alowor, e gloria de nosso Senhor Jhesu Christo nosso Deos, e redemptor, e da sua intemerada, e sempre Virgem madre gloriosa Sancta Maria em cujo nome, e lowor ho ditto livro foe, e he composto, cujo lowor, e gloria regne em seus fiees Xpaaos para sempre Amen. Em no anno do nascimento do ditto Salvador de mill, e quatrocentos, e noventa, e cinco A XIII. do mez de Agosto. Consta de 61. Capitulos.

O segundo Tomo que comprehende 31. Capitulos tem no fim estas palavras. *Acabase o segundo livro intitulado da vida de Christo em lingoagem portugues em que tracta que o Senhor fez em XXXII. anno por mandado do muy yllustrissimo Senhor elRey Dom Jobam. E da muy esclarecida Señora dona Lyanor sua molher. E impresso em a muy nobre Cidade de Lisboa por Nicoláo de Saxonia, e Valentino de Moravia parceiros. Anno de Mil q̄trocentos noventa, e cinco a VII. dias do mes de Setembro.*

O Terceiro Tomo que consta de 50. Capitulos tem no fim as palavras seguintes. *Acabase a terceira parte, ou livro terceiro intitulado da vida de Christo em lingoagem portugues. Ho qual livro compoz ho Venerable Meeestre Ludolfo prior do moesteiro muy honrrado de argentina da Ordem muy excellente da Cartuxa, e foy tirado segundo a ordem da Historia evangelical. Ho qual mandou tresladar de Latym, em lingoagem portugues a muyto alta Princeza Infanta Dona Ysabel Duquesa de Coimbra, e Señora de monte moor. Ao muy pobre de virtu-*

des Dom abade do mosteiro de Sam paullo, E foy corregido, e revisto com muyta dilligencia por os reverendos padres da Ordem de Sam Francisco de enxobregas da observancia, chamados menores. E foy empreffo em a muy nobre, e sempre leal Cidade de Lisboa a principal dos regnos de Portugal. Por hos honrrados mestres, e parceiros Valentino de Moravia, e Nicoláo de Saxonia por mandado do muy, illustrissimo Señor elRey Dom Joham o segundo cuja alma Deos haja. E da muy esclarecida Rainha Dona Lyanor sua muy nobre molher. Alowor, e gloria de nosso Señor Jhesu Christo nosso Deos, e remijdor, e da sua yntemerada, e sempre Virgem madre gloriosa Sancta Maria em cujo nome, e lowor ho ditto livro foe, e he composto cujo lowor, e gloria regne em seus fieis Xpaos pera sempre amen. Em no anno do nascimento do ditto Salvador de Mill, e quatrocentos, e noventa, e cinco. A XX. dias do mes de Novembro. Reguante ho muy yllustrissimo, e poderoso Rey, e Senhor Dom Manuel Rey dos ditos Regnos de Portugal, e dos algarves.

O quarto Tomo que contem 39. Capítulos acaba com estas palavras. *Acabase o quarto livro, ou a postumeira parte intitulado da vida de Xpo en lingoagem portugues que tracta, ou falla da payxam de nosso Senhor, e remijdor Jhesu Xpo. E das consas, que se depois ella seguirom. Ho qual livro compoz ho venerable Meeestre Ludolfo prior do mosteiro muy honrrado de argentina da ordem muy excellente da Cartuxa, e foy tirado segundo a ordem da hyftoria evangelical. Ho qual mandou tresladar de Latim em lingoagem portugues a muyto alta Princefa Infanta Dona Izabel Duquesa de Coimbra, e Senhora de Monte moór. Ao muy pobre de virtudes D. Abade do mosteyro de Sam paullo. E foy corregido, e revisto com muyta dilligencia por os reverendos padres da ordem de Sam Francisco de enxobregas de observancia chamados menores. E foy empreffo em a muy nobre, e sempre leal, Cidade de Lisboa a principal dos regnos de Portugal. Per hos horrados Meeftres, e parceiros Nicoláo de Saxonia, e Valentino de Moravia por mandado do muy Illustrissimo Senhor ElRey Joham o segundo. E da muy esclarecida Rainha dona Leonor sua muy nobre molher & c. Em no anno*

do nascimento do ditto Salvador de Mill, e quatrocentos, e noventa, e cinco. A XIII. dias do mes de mayo. Este quarto tomo devia ser impresso antes do terceiro pelo tempo em que se publicou.

Faz menção deste Author D. Nicol. Anton. *Bib. Vet. Hisp.* lib. 10. cap. 8. n. 453.

BERNARDO DE ALMEYDA filho de Bento de Almeyda, e Anna Cordeira, e natural de Coimbra donde passando a Lisboa entrou quando tinha 17. annos de idade na Companhia de JESUS a 4. de Dezembro de 1651. Molestado de alguns achaques que lhe prohibiaõ a exacta observancia de taõ sagrado Instituto o deixou com beneplacito dos Superiores, e restituindo-se à sua patria continuou o estudo da Theologia em que recebeu o grão de Doutor com universal applauso dos Cathedaticos que igualmente celebravaõ o seu engenho capaz, e agudo para as difficuldades Theologicas, como para as delicias Poeticas em que era eminente, principalmente na Poesia Latina de que deu claros argumentos quando pelos annos de 1662. affistio em Roma merecendo nesta grande Corte as estimaçoens dos homens mais eruditos por ser hum dos mayores Sabios que nella floresciaõ como affirma D. Francisco Manoel de Mello no Prologo das suas *Obras Metricas* impressas em Leaõ de França 1665. 4. Para eterno padraõ da vasta noticia que tinha da Arte da Rhetorica, Mythologia, e Poesia Latina, publicou.

Fons eloquentiæ ad maiorem, ac faciliorem Scholasticorum quacumque de re ornatæ, & apposite loquendi usum Romæ Typis Fabij de Falco 1664. 8. Dedicado a D. Francisco Manoel que elle intitula *Cesar Lusitano*.

Minervæ Panoplia ad majorem, ac faciliorem Scholasticorum quacumque de re loquendi usum, ornata ex variis Auctorum floribus. Romæ Typis Jacobi Dragondelli. 8. Dedicada ao Eminentissimo Cardial Protodotario da Santidade de Alexandre VII. D. Jacobo Conrado.

D. BERNARDO DE ATAYDE natural da illustre Villa de Guimaraens, como escreve o P. D. Manoel Caetano de Souf. no

Cathal. Hist. dos Bisp. que tiverão Diocese fora do Reyno pag. 123. ou da Villa de Alcobaça do Arcebisnado de Lisboa, como affirma o Doutor Manoel Pereira da Sylva Leal no *Cathalog. dos Colleg. do Colleg. de S. Pedro* pag. 16. §. 59. Foy filho de D. Antonio de Atayde quinto Conde da Castanheira primeiro de Castro Dayro, Alcayde Mór de Guimaraens, Gentil homem da boca de Philippe II. e III. Vicerey deste Reyno, e Embaxador a Alemanha, e de D. Anna de Lima filha herdeira de D. Antonio de Lima Senhor de Castro Dayro, e de D. Maria de Vilhena filha de Christovaõ de Mello herdeiro da Ilha de S. Thomé. Ainda não passava da idade pueril quando seu Pay lhe vaticinou que havia ser sublimado à dignidade episcopal, cujo vaticinio felizmente se cumpriu. Applicou-se ao estudo dos Sagrados Canones em que fez taes progressos a delicadeza do seu engenho, que por uniforme voto dos Cathedricos da Universidade de Coimbra recebeu naquella Faculdade as insignias doutoraes. Foy admitido ao Collegio de S. Pedro a 19. de Outubro de 1615. e a Deputado da Inquisição de Lisboa a 8. de Agosto de 1625. Sendo Conego nas Cathedraes de Leiria, Elvas, e Lisboa foy eleito Prior mór da insigne Collegiada de Guimaraens, de que tomou posse a 15. de Julho de 1629. onde instituiu a Capella da Musica de Canto de Orgão, e feis Clerigos para rezarem as horas Canonicas. Como assistisse em Castella a tempo que em Portugal se aclamou por seu legitimo Soberano El Rey D. Joaõ o IV. o nomeou Philippe IV. Bispo de Portalegre, e não tendo effeito esta nomeação foy eleito em o anno de 1645. Bispo de Astorga donde foy promovido no anno de 1654. ao Bispado de Avila que administrou como vigilante Prelado até o anno de 1659. em que morreo nomeado Arcebispo de Burgos. Fazem delle honorifica menção Fr. Gregorio Argaiz *Soled. Lauread.* Tom. 5. cap. 26. Barbof. *de Jure Ecclesiast.* lib. 1. cap. 30. n. 15. Cardof. *Agiol. Lusit.* Tom. 3. pag. 611. no Comment. de 8. de Junho. letr. Fr. D. Nicol. de Sant. Mar. *Chron. dos Coneg. Reg.* liv. 10. cap. 19. n. 9. Franc. Xav. da Serra *Cathal. dos Prior. de Guimar.* pag. 65. Soufa *Hist. Geneal. da Casa Real Portug.* Tom. 2. Liv. 3. pag. 535. §. 18. escreveu.

Carta pastoral aos seus Subditos. Madrid. 1655. 8.

BERNARDO BORGES Presbytero Ulyssiponenfe, e muyto versado na Theologia Moral como o manifesta a obra seguinte.

Explicação dos desafeis cazos, que se reservão nas Constituições do Arcebisnado de Lisboa. Lisboa por Antonio Rodriguez de Abreu. 1673. 8.

Fr. BERNARDO DE BRAGA natural da augusta Cidade do seu appellido, e filho de Manoel Pires, e Catherina Gonçalves. Recebeo a Cogulla Benedictina em o Convento de S. Tyrso em o anno de 1560. onde depois de ter descuberto o profundo talento de que a natureza o dotara para a penetração da Filosofia, e Theologia, o manifestou mayor para a investigação das antiguidades, e privilegios da sua Monastica Congregação, da qual foy Chronista discorrendo pelos Cartorios de Portugal, e Galliza donde extrahio noticias muito reconditas. Elevado pelo seu merecimento exercitou diversos lugares da Ordem com summa prudencia, como foraõ ser Abbade do Convento de Santa Maria de Carvoeiro no anno de 1581. Definidor em 1584. Visitador em 1587. Abbade do Convento de Pombeiro em 1590. e segunda vez Definidor em 1593. Morreo no Convento de Tibaens a 14. de Março de 1605. cuja memoria celebraõ Fr. Franc. a D. Aug. Maced. in *Dom. Sadic.* pag. 9. chamando-lhe *virum eruditum.* Fr. Leaõ de Santo Thom. *Bened. Lusit.* Tom. 1. Trat. 2. Part. 2. cap. 31. *insigne,* e Tom. 2. Trat. 1. cap. 10. §. 2. *muy visto nas historias assim Ecclesiasticas como Seculares.* Fr. Anton. da Purif. *Chron. da Prov. de S. Agost. de Portug.* Part. 2. liv. 4. Tit. 13. *douto Chronista.* Argais *Perla de Catalun.* pag. 450. §. 109. *Sugeto digno de toda estimacion por su inclinacion al estudio de la Historia.* Nicol. Ant. *Bib. Hisp.* Tom. 1. pag. 173. col. 1. e Tom. 2. p. 286. col. 1. Compoz.

Historia das Grandezas, e principios dos Mosteiros de Saõ Bento em Portugal. fol. M. S. Desta obra faz menção Cardof. *Agiol. Lusit.* Tom. 3. pag. 808. no Comment. de 24. de Junho, e pag. 821. no Comment. de 25. do dito mez.

Historia Monastica dividida em 7. Livros
 1. *Origem do Estado Religioso* 2. *Genealogia de S. Bento por seus Pays.* 3. *Nobrezza de Santo Amaro, e São Placido, suas vidas, e mortes.* 4. *Reformaçãõ monastica de S. Bento em toda a Europa.* 5. *Reformaçãõ da Religiãõ de S. Bento em Espanha, e Portugal.* 6. *Congregaçoens que militãõ debaixo da Santa Regra.* 7. *Cathalogo dos Pontifices da Religiãõ.* Esta obra tinha licenças da Ordem em o anno de 1599. para se imprimir, *mas não teve ventura* (como escreve Fr. Leão de Santo Thomaz *Bened. Lusit. Trat. 1. cap. 10. pag. 76.*) *para ver seus trabalhos estampados.* Della se lembra Fr. Gregorio Argaes *Perla de Catalum. pag. 451. §. 109.*

Tratado da precedencia entre o Embaxador de Portugal, e o de Napoles. M. S. o qual allega Gaspar Estaço *Antiquid. de Portug. fol. 3. col. 2. e no Cap. 25. n. 1. e Martinho Lipeño Biblioth. Realis Jusidic. pag. 407. col. 1. citando-o como impresso em Braga.*

Tratado em que prova ser S. Damaso natural de Citania no termo de Guimaraens. de que se lembra o mesmo Estaço *Antig. de Port. fol. 53. col. 1.*

Origem do Reyno de Portugal, e Genealogias da sua Nobrezza os Godos, Suevos, e Romanos até o nosso tempo com os progressos das Casas, e Solares fol. 2. Tom. M. S. Conservãõ-se no Mosteiro de Pombeiro, cuja obra seria com muito acerto pelo genio do Author que foy muito exacto, e como a tal o achamos allegado em materias importantes à *Historia* escreve em seu louvor o P. D. Antonio Caetano de Soufa no *Apparat. à Hist. Geneal. da Caf. Real Portug. pag. 97. §. 93.* onde o faz Provincial do Brasil sendo equivocação com outro Monge da sua Ordem, e do mesmo nome de que logo se tratará.

Breviarium Sanctorum Ord. D. Benedicti ad usum Congregationis Lusitanæ jussu Reverend. Patris Fr. Balthasarís de Braga ejusdem Congregationis Generalis.

Apontamentos Historicos. 8. M. S. cujo Original se conserva na Livraria do Convento de Tibaens.

Fr. BERNARDO DE BRAGA, ou DA PURIFICAÇAM filho de Manoel

Diaz, e Catherina Lopez semelhante ao precedente assim na patria que lhe deu o berço onde foy bautizado ao primeiro de Agosto de 1604. como no instituto Monastico que professou no Convento de S. Tyrso. Instruido com as sciencias necessarias para o pulpito sahio hum dos celebres Prégadores do seu tempo, e foy jubilado na Religiãõ. Depois de ser Abbade do Convento de Tibaens no anno de 1629. e de S. Salvador de Gafey em 1632. e Procurador Geral em 1635. pafsou ao Brasil, onde dictou Filosofia, e Theologia aos seus Monges com credito do seu talento que o não teve inferior na adminiftração da Abbadia do Convento da Bahia no anno de 1644. e de Pernambuco no de 1648. até que subio a Provincial no de 1653. e sendo segunda vez eleito em 1661. falleceo com grande saudade dos seus subditos a 8. de Março de 1662. antes de cumprir o primeiro anno do seu governo quando contava 58. de idade Fr. Gregorio Argaes *Perl. de Catalum. pag. 466. §. 163. Predicador de nombre... en que mostrò la ocupacion de sus estudios, y el delgado hilo de su ingenio con lo mucho de su comprehensjon.* Compoz.

Sermaõ que prégou na Sé da Bahia em a nova publicaçãõ da Bulla da Cruzada a 18. de Junho de 1644. Lisboa por Paulo Crasbeeck. 1649, 4. No prologo deste Sermaõ diz: *sendo que tinha eu mais proximos à impressãõ outros trabalhos, que o governo a que assisto tem em suspençãõ, até que o socego os manifeste, ou a morte os desfengane.*

Sermaõ, que fez a N. Senhora de Nazareth o Mestre de Campo André Vidal de Negreiros na segunda Outava de Natal estando o Senhor exposto. Lisboa pelo dito Impressor 1649. 4.

Sentimentos publicos de Pernambuco na morte do Serenissimo Infante D. Duarte na Igreja de N. Senhora de Nazareth 4. feira 6. de Abril de 1650. Lisboa por Domingos Lopes Rosa. 1651. 4.

Sermaõ de N. Senhora do Monte do Carmo no Mosteiro do Carmo do Rio de Janeiro. Lisboa por Antonio Crasb. de Mello. 1658. 4.

Sermaõ de nossa gloriosa Madre, e Virgem Santa Escholastica professando no seu dia o Irmaõ Fr. Mathias de S. Bento pregado no Mosteiro de S. Sebastião da Bahia,

Do mingo 10. de Fevereiro de 1658. Lisboa por Antonio Crasbeeck de Mello. 1659. 4.

Primazia Monarchica do Pay commum dos Monges S. Bento na tarde do dia do seu transito. Ruan por João Bertelin. 1662. 8. He hum dif curfo apologetico pela Religiaõ Benediõtina.

Segunda parte da Primazia Monarchica do Pay commum dos Monges N. P. S. Bento na tarde do dia do seu transito. 21. de Março de 1661. no seu Mosteiro da Bahia. Ruan por Lourenço Maurry. 1662. 8. Ambas estas duas par tes fahiraõ Lisboa.

Auroras de Fr. Bernardo de Braga. M. S. Conserva-se no Convento de Tibaens.

Sendo Collegial de Theologia compoz hum Soneto em louvor do Mestre Fr. Gregori o Bautista ao livro que compoz intitulado *Completas da vida de Christo* que fahio impresso Lisboa por Pedro Crasbeeck. 1623. 4.

F. BERNARDO DE BRITO chamado no S eculo Balthazar de Brito de Andrade naceo na Villa de Almeida situada na Provincia da Be yra a 20. de Agosto de 1569. sendo seus Progenitores o Capitaõ Pedro Cardoso de Andrade, que nas Campanhas de Flandes, e Italia, deo do seu valor heroicos argumentos, e Maria de Brito de Andrade igual ao seu confor te em a nobreza do nascimento, a qual com summa vigilancia educou a este filho em cuja puericia conhecendo a viveza do engenho de que liberalmente o dotara a natureza o mandou a Roma para que nesta Metropole do mundo aprendesse as sciencias dignas de hum mancebo nobre. Em taõ famosa palestra fahio egregiamente instruido assim nos preceitos da Poesia, e Oratoria, como na intelligencia das linguas mais polidas, sabendo a Latina com perfeiçaõ, fallando a Italiana, e Franceza com naturalidade, e tendo sufficiente noticia da Grega, e Hebraica. Applicou-se ao estudo da Historia em que na idade adulta fez mayores progressos naõ sendo inferiores os que a sua Musa como nos primeiros annos publicou compondo versos suaves, e cadentes, que competiaõ cõ os celebres Poetas Lyricos de Hespanha. Para mais nobremente illustrar estes dot es com que se ornava o seu espirito, resolveo confagrallos a quem liberalmente

lhos concedera, e advertindo com mysteriosa circumstancia, que o dia em que nacera para o mundo fora dedicado a S. Bernardo, elegera entre todas as Familias religiosas para renacer para Deos a do Doutor Mellifluo naõ somente satisfeito de vestir a sua Cogulla no Real Convento de Alcobaça em o anno de 1585. mas chamar-se com o nome deste Principe Cisterciense. Querendo seu Pay que fosse herdeiro dos seus grandes servicos, que esperava serem generosamente remunerados pela beneficencia Real, alcançou faculdade Pontificia para que passasse da Religiaõ de Cister para a Militar de S. João de Malta cujo effeito por sua morte se desvanecio. Completo o anno do Noviciado começou a frequentar as Escolas com tanta comprehensãõ, e delicadeza de engenho que admirados os Meestres confessavaõ ser o seu talento superior à natureza pois ao mesmo tempo que aprendia ensinava, de que resultou naõ somente dictar as sciencias Escolasticas aos seus domesticos com immortal gloria do seu magisterio, mas lauzar-se com as insignias doutoraes da Faculdade Theologica na Athenas de Coimbra no anno de 1606. O estudo, que profundamente tinha dedicado à especulaçaõ das sciencias naõ impedio applicar-se às amenas principalmente à Historia Sagrada, e profana empreendendo para gloria da Patria, e eterno brazaõ deste Reyno escrever a sua Historia geral, pensamento, que sendo intentado pelos heroicos espiritos de João de Barros, e André de Rezende o executou com tanta felicidade, como incansavel deligencia revolvendo todos os Carthorios, e Archivos para delles extrahir as noticias conducentes para empreza taõ ardua. Deste indefesso trabalho foraõ as primicias o primeiro Tomo da Monarchia Lusitana publicado na florante idade de 27. annos, com o qual deixou admirada a Republica Litteraria de produçaõ taõ sazoadada em idade taõ verde lendo-se em estylo claro, corrente, defasectado, e elegante as antiguidades da nossa Lusitania desde o principio do mundo, sendo o primeiro, que venturosamente rompeo aquelle tenebroso Chaos em que estavaõ sepultados os successos, e acçoens dos antigos Portuguezes, devendo-se aos impulsos da sua penna patentes aquellas noticias, que o mundo ignorava.

Esta grande obra que dedicara à Magestade de Philippe II. não sómente lhe agradeceo com particulares significações de affecto, mas lhe ordenou a continuasse por Carta escrita em Madrid a 3. de Abril de 1597. e posto que lhe podia retardar o progresso a critica de alguns emulos armada contra as suas opinioens, mais atento à gloria do Reyno, que à reputação do seu nome não desistio de proseguir o illustre argumento que emprendera. Nomeado Chronista da sua Congregação desempenhou como delle se esperava, esta incumbencia escrevendo a Chronica de Cister com tão elegante fraze, e critico exame que mereceu o applauso do grande Cathedratico de Salamanca Fr. João Marquez Eremita Augustiniano chamando-lhe *Historiador insigne*, e de Fr. Antonio Yepes honorifico esplendor da Monastica Religião Benedictina que a transcreveo em os seus Annaes. Vagando o lugar de Chronista mór do Reyno por morte de Francisco de Andrade foy nomeado seu successor em o anno de 1616. de cuja litteraria occupação era credor desde a sua adolescencia em que tanto se distinguia de todos assim no estylo, como em a vasta lição da Historia. Por varias vezes foy cleyto Bispo, cuja dignidade humildemente regeitou considerando que não podia vigilantemente cuidar da saude alheya quando se sentia privado da propria. Esta se foy com tanto excessso diminuindo que chegando de Madrid à Villa de Almeйда summamente molestado da jornada se preparou com todos os Sacramentos, e actos de observante Religioso para a morte, que suavemente o transferio para o descanso eterno a 27. de Fevereiro de 1617. quando contava 47. annos 6. mezes, e sete dias de idade, e 32. annos de Religião. Foy levado o seu corpo ao Convento de Santa Maria de Aguiar da Ordem Cisterciense situado tres legoas distante de Almeйда, e sobre a sepultura se gravou este epitafio.

Aqui jaz o muy docto Padre Fr. Bernardo de Brito Chronista Mór que foy deste Reyno. Morreo no anno de 1617.

Passados trinta, e dous annos foy transferido o seu Cadaver do Mosteiro de Aguiar para o de Alcobaça, onde jaz sepultado na Casa do Capitulo com este epitafio.

Condita Lusitani tumulo, qui gesta revelat

Bernardus Britto conditur hoc tumulo.

*Inter Scriptores magnus, Chronistaque major
Regius, & stylo maximus ipse fuit.*

Teve agradavel presença, corpo bem organizado, compleição robusta, conversação affavel, memoria feliz, e juizo penetrante. Excedeo o numero das suas obras aos seus annos. Applicou-se pelo discurso da sua vida breve pela duração, mas dilatada pela fama em beneficio do Reyno illustrando aos seus Princepes, e a Nobreza com indeleveis memorias que o seu incansavel divelo, e continua investigação resuscitou como novo Deucalcaõ das pedras despedaçadas, e carcomidas pela voracidade do tempo merecendo ser celebrado pelas pennas de diversos Escritores com grandes elogios como foraõ Manoel de Soufa Coutinho tão illustre pelo sangue, como pelo estylo historico, e poetico em o Poema impresso na Prefação do 1. Tomo da Mon. Lusit.

*Arte potens, opibusque animi Bernardus ab
alto*

Ducet Lysiadum famam, & monumenta tuorum,

*Ex quo prima novis Aurora invelta quadrigis
Splenduit humano generi: de hinc arma triumphis*

*Incluta, tunc Santos repetens ab origine mores
Longa vetustatis, rerumque arcana movebit.*
Nicol. Ant. Bib. Vet. Hist. lib. 6. cap. 4. §. 75. *Portugalliae clarissimus Historiographus, e lib. 8. cap. 5. §. 288. Lusitaniae magnus historicus*
Ant. Coelho Gasco *Antiquid. de Lisb. Part. 1. cap. 46. Varaõ illustre em letras divinas, e humanas, que deu honra, e immortal gloria com seus nobilissimos escritos a Portugal.* Manoel de Faria, e Soufa no Prolog. do *Epit. das Hist. Portug. Fne versado grandemente en toda suerte de historias, el hombre mas diligente para escrever, que conocio España; apenas en toda ella le quedò lugar, ò ruina que no viesse en Portugal, ni monte, ni valle que no midiesse a palmas, archivos, o piedras que no revolviessse dando noticia a los propios Portuguezes de si propios.* E no prologo da 1. Parte da *Europ. Portug. No le faltò si no tener nacido en Grecia, o en Italia siglos antes que no le excedieran los Tucidedes, los Livios, los Herodotos, los Salustios en la sustancia quando nõ en estylo, y*

en la orden. Fr. Antonio da Nativid. *Mont. de Cor.* Mont. 2. Coroa 2. §. 9. n. 5. *insigne Chronista.* Maced. *Flor. de Espan.* cap. 8. excell. 9. *en cuyos libros nõ facilmente se echa de ver si tuvo mãs de laborioso, ò de ingenioso, fimas de docto, o de curiosdad, e na Lusit. Liberat. Proæm.* §. 2. n. 6. *magnus Historicus.* Cardof. *Agiol. Lusit.* Tom. 3. pag. 449. no *Commentar.* de 29. de Mayo letr. A. *A quem os nossos devem as noticias mais cabaes, e deligencias mais exactas de suas cousas, que estampou em suas obras pelas quais vieraõ os Estrangeiros em conbecimento das historias, e antiguidades deste Reyno.* Nicol. Agost. *Vid. de D. Theot. de Brag. Honra, e lustre em seus escritos dos Portuguezes.* P. Ant. Maced. *Lusit. Inf. & Purpur.* in Prolog. *Gravissimus Lusitanie historicus qui patrio sermone à diluvio initium ducens Lusitanos Annales texuit stylo culto, maximo, et accurato.* D. Franc. Man. de Mel. *Epanaph. de Var. Hist.* pag. 265. *famoso Historiador.* Carol. Visch. *Bib. Cisterc. Vir ingenij summi, memorie firmissimæ, studiique continui, & insatigabilis quem nemo laboribus fractum, nec fatigatum vidit.* Franckenau. *Bib. Hispan. Hist. Geneal. Herald.* p. 72. *Certe (falla da obra da Monarchia Lusitana) monumentum ea est Historie Lusitanicæ ære perennius.* Joan. Soar. de Brit. *Theatr. Lusit. Litter.* lit. B. n. 35. *Regni Lusitani non titulo solùm sed re ipsa maximus historiographus, vir cumprimis eloquens, & eruditus, non in iis tantum, quæ ad Lusitanie antiquitates spectant (ut non nemo existimavit) sed in omni prorsus Encyclopedia, quin non in soluta dumtaxat oratione, sed in ligata etiam.* Fr. Chrisost. Henriq. *Phæn. Revivis.* lib. 2. cap. 12. *Tam præteriti, quàm nostri temporis eximium ornamentum, & decus.* Caramuel Philip. *Prud.* pag. 118. *Auctor est summe diligens, cui debet antiquitas rerum plurium notitiam, que Lethæis submersa aquis fugiebant universorum oculos. Est bercule de rethorica optime meritis, cujus perenne studium, atque felicem diligentiam vulgata opera testatam faciunt.* Auguft. Sartor. *Cisterc. Bif-terc. seu Hist. Elogial. Ord. Cist.* Tit. 20. pag. 521. *Ingenio valens, vastissimaque præstans memoria scientias propemodum omnes absorpsit. In antiquitatibus tamen è cinere veluti è busto ad novum splendorem eruendis fuit præcipuus.*

P. Menestrier *Art. du Blazon* pag. 74. Joan. Halleverd. *Bib. Curios.* pag. 34. col. 2. Franco *Imag. da Virtud. em o Nov. de Coimb.* Tom. 2. liv. 1. cap. 18. n. 9. *a quem a Monarchia Lusitana, e outras obras fazem bem conbecido no mundo.* P. D. Ant. Caet. de Soufa no *Apparat. à Hist. Genealog. da Casa Real Portug.* pag. 69. n. 38. *de grande talento, letras, e erudição como testemunhaõ as suas obras.*

Compoz.

Monarchia Lusitana Parte Primeira que contém as Historias de Portugal desde a Criação do mundo té o nascimento de Nosso Senhor Jesu Christo. Dirigida ao Catholico Rey D. Filippe 2. do nome Rey de Espanha, Emperador do novo mundo. No insigne Mosteiro de Alcobaça por Alexandre de Siqueira, e Antonio Alvares, e acabada a 10. de Janeiro de 1597. fol. No fim tem

Geografia antiga da Lusitania. Alcobaça por Antonio Alvares 1597. fol. Desta obra, e do Author faz menção o moderno addicionador da *Bib. Geograf.* de Antonio de Leão Tom. 3. Tit. unic. col. 1316.

Segunda Parte da Monarchia Lusitana em que se continuaõ as Historias de Portugal desde o nascimento de nosso Salvador Jesu Christo até ser dado em dote ao Conde D. Henrique. Lisboa por Pedro Crasbeeck 1609. fol. Sahiraõ estas duas Partes reimpressas Lisboa na Officina Crasbeeckiana 1690. fol.

Elogios dos Reys de Portugal com os mais verdadeiros Retratos que se poderaõ achar. Lisboa por Pedro Crasbeeck. 1603. 4. Esta obra (dis o insigne Manoel Severim de Faria no Elogio que dedicou à memoria de Fr. Bernardo de Brito em as *Notic. de Portug.* pag. 284.) ainda que breve, he de grande consideração, porque na lingoagem, e juizo pode servir de modello a toda a boa historia abreviada, e na perfeição com que fez abrir em bronze os retratos dos Reys, e alcançou os Originaes mais apurados mandando vir alguns de partes remotas com grande custo, e despeza, excedeo muito suas forças, e mostrou o grande zelo que tinha de engrandecer a Patria, e de eternizar a memoria dos Reys Portuguezes a quem neste livro levantou hum honroso trofeo. Sahiraõ addicionados estes Elogios com as vidas de Filippe IV. e dos Serenissimos Reys D. Joaõ o IV. D. Affonso VI. D. Pedro

II. e D. Joã o V. *Nosso Senbor* por meu Irmaõ D. Jozé Barbosa Clerigo Regular Chronista da Serenissima Casa de Bragança, e Academico da Academia Real. Lisboa na Officina Ferreiriana. 1726. 4.

Primeira Parte da Chronica de Cister onde se contaõ as couzas principaes desta Ordem, e muitas Antiguidades do Reyno de Portugal. Lisboa por Pedro Crasbeeck 1602. fol. et ibi por Paschoal da Sylva Impressor de Sua Magestade. fol. 1720.

Sylvia de Lizardo. Lisboa por Alexandre de Siqueira 1597. 32. & ibi por Pedro Crasbeeck 1632. 12. Consta de vario genero de versos, e ainda que naõ sahio com o nome do Author, lho declara Manoel de Faria, e Soufa no *Comment. da 1. Centur. dos Sonet. de Camoens.* Sonet. 14. pag. 40. col. 2. *Tomando este mismo verso primeiro, y el pensamiento de mi Poeta dixo Brito, ò Lizardo en su Sylvia Eglog. 2.* E mais claramente no *Comment. do Sonet. 32. do mesmo Camoens.* *Fr. Bernardo de Brito en su Sylvia de Lysardo Eglog. 2. (que fuyo es aquel librito aunque anda estampado sin nombre de Author, porque en Portugal saben los Religiosos huyr de nombrarse en escritos agenos de su instituto, por mas que sean tan honestos como aquel.* Por esta obra o numera entre os Poetas Portuguezes o P. Antonio dos Reys no *Entbusiasm. Poetic. n. 120.* e o aplaude Jacinto Cordeiro no *Elog. dos Poet. Portug. Estanc. 43.*

Fray Bernardo de Brito a Luso gloria

Que llora muerto con piedad estraña

De tan altivo ingenio la memoria

Dexando en muerta pluma viva baxaña

Deve el Laurel honrarle por la Historia

Veneracion le deve toda España

Si yá retrata enel tiempo esquivo

Un Fenix muerto para honrarnos vivo.

Obras M. S.

Historia de Nossa Senhora de Nazareth em que se trata da Invençaõ desta Santa Imagem, privilegios, e graças, que lhe concederaõ os Reys, e milagres, que a Senhora tem obrado, e no fim a familia, e descendencia daquelle em que fora obrado o milagre. Esta obra mostrou acabada o Author em o anno de 1611. ao Chantre de Evora Manoel Severim de Faria como affirma em as *Notic. de Portug. pag. 285.* a qual levava a Madrid para offerecer à Rainha de Castella

D. Margarida de Austria. O P. Antonio de Vasconcellos in *Descript. Lusit. pag. 534.* julga este livro *dignissimum assidua pervolutione,* o qual testemunha ter visto Fr. Bernardino da Sylva na 2. Part. da *Defens. da Mon. Lusit. cap. 6.* em poder de Fr. Belchior de Abreu Monge Cisterciense, e o louvaõ com grandes elogios Fr. Anton. Brand. *Mon. Lusit. 4. Part. liv. 12. cap. 20.* Fr. Joã Marquez *Orig. delos Ermit. de S. August. cap. 11. e 15. e Cardoso Agiol. Lusit. Tom. 1. pag. 83. col. 2. no Comment. de 8. de Jancir. letr. A.*

Republica antigua da Lusitania em que se trata dos Ritos, e costumes dos antigos Portuguezes. Dedicada a Serenissima Senhora D. Izabel Clara Eugenia de Austria Infanta de Espanha, Duqueza de Brabante, e Lombardia. Estava escrita em 10. Capitulos, e acabada em 21. de Março de 1596. Obra excellente a intitula o Licenciado Francisco Galvão de Mendanha na sua *Bib. Portug. M. S.*

Chronica del Rey D. Sebastião continuada até a Embaxada de D. Joã de Borja. Naõ chegou a porlhe a ultima maõ, que se a acabara fora hum illustre ornamento da lingua Portugueza diz Severim no *Elogio de Fr. Bernard. de Brit. pag. 288.* Della fazem memoria Manoel de Faria, e Soufa *Advert. ao 1. Tom. da Asia Portug. n. 35. e Jorge Cardof. Agiol. Lusit. Tom. 3. pag. 442. no Comment. de 28. de Mayo letr. E. e Nos em o Prologo das Memor. para a Histor. del Rey D. Sebast. que sahiraõ impressas Lisboa por Jozé Antonio da Sylva 1736. 4.*

Apologia a certas dividas enviadas pelo Arcebispo de Braga D. Fr. Agostinho de Castro em pontos pertencentes à 1. Parte da Monarchia Lusitana. No fim estava huma Carta do mesmo Arcebispo em que se dava por satisfeito das repostas às suas duvidas. Esta obra mostrou o Author ao Chantre de Evora Manoel de Faria como escreve em as *Notic. de Portug. pag. 285.*

Privilegios da Congregaçaõ de Alcobaca de cuja obra affirma no prologo da 2. Part. da *Mon. Lusit. me custou alguns tempos de peregrinaçaõ, e muitos dias de estudo.*

Terceira Parte da Monarchia Lusitana de que faz mençaõ seu sucessor nesta obra Fr. Antonio Brandaõ no prologo do 3. Tom. da *Mon. Lusit.*

Commentaria in Prophetas Minores. Dos quaes se lembra Jacob. Lelong. in *Bib. Sacra* pag. mihi 652. col. 1. onde lhe chama *Trium linguarum peritus.*

De duabus Hebdomadibus, Creationis una, Redemptionis altera. Estas duas obras Escriturarias estavaõ promptas para a impressaõ.

Fundaçãõ do Convento de Arouca. fol.

Historia de Sertorio, e sua mulher Rorea, fundaçãõ da Cidade de Evora, e derivaçãõ do seu nome; escrita em 4. Cantos, e acabada em o anno de 1591.

Disfrazê de amor; cuentase la guerra de Portugal, y el derecho, que la Magestad del Rey Filippes II. nuestro Señor tiene àquel Reyno. Desta obra dà noticia Franckenau in *Bib. Hisp. Gen. Herald.* pag. 62. §. 179. dizendo conservar-se na Real Bibliotheca do Convento do Escorial Plut. P. Serie V. n. 17.

Livro de Familias que possuya Luiz Vieyra da Sylva insigne Genealogico, e Varão digno de geral veneraçãõ por seu prudente juizo, e vida exemplar, em cujo poder o vio o P. D. Ant. Caet. de Souf. como escreve no *Apparat. à Hist. Geneal. da Caf. Real. Portug.* pag. 69. §. 38.

BERNARDO DE BRITO BOTELHO natural da Cidade de Miranda na Provincia Transmontana, Bacharel formado na faculdade dos Sagrados Canones, e Juiz dos Orfãos na sua Patria. Em agradecimento à Cidade em que fora instruido, e recebera o grão em Direito Pontificio, publicou.

Historia breve de Coimbra, sua fundaçãõ, armas, Igrejas, Collegios, Conventos, e Universidade. Lisboa na Officina Ferreiriana 1732. 4.

BERNARDO DE BULHOENS DE ARAUJO natural do lugar de Porco termo da Villa de Celorico da Beyra do Bispado da Guarda, naceo a 5. de Abril de 1701. de Pays de conhecida nobreza quaes foraõ o Capitaõ Joseph Bulhoens de Araujo, e D. Maria Thereza de Escobar, e Soufa. Estudou Filosofia, e Theologia na Congregaçãõ do Oratorio de Freixo de Espada à cinta onde não fomite foy Congregado, mas dictou as mesmas Faculdades

aos seus domesticos. Por justas causas deixou a Congregaçãõ sendo já Presbytero, e como tivesse talento capaz para o Pulpito exercitou em varias partes este evangelico ministerio com credito da sua pessoa, dando por argumento publico da sua capacidade neste genero de composiçãõ a seguinte obra.

Sermaõ do Santissimo Sacramento roubado em Santa Engracia no anno de 1630. e desagravado no Convento da Rosa de Lisboa Occidental neste anno de 1738. recitado no ultimo dia do seu Triduo. Lisboa por Jozé Antonio da Sylva. 1738. 4.

Fr. BERNARDO DE CASTELLOBRANCO. Naceo no lugar de Guardaõ Concelho de Besteiros da Comarca de Viseu sendo filho de Antonio Gouvea de Lemos, e D. Maria de Castello Branco, ambos descendentes das principaes familias da Provincia da Beyra. A nobreza do nascimento fez mais illustre entroncando-se por beneficio da graça com a preclarissima Familia Cisterciense recebendo a Cogulla no Convento de S. Joaõ de Tarouca primogenito desta Congregaçãõ em o nosso Reyno, a 11. de Dezembro de 1671. A grande comprehensãõ, e agudo engenho de que era ornado não só lhe facilitaraõ penetrar as dificuldades mayores das sciencias escholasticas mas explicallas aos seus domesticos com tanta gloria do seu Magisterio que de doze discipulos que teve subiraõ tres a graduar-se Doutores em a Universidade de Coimbra, e hum ser Chronista geral da Ordem, e depois deste Reyno. Laureado com as insignias Dotoraes na Athenas Conimbricense ao tempo que era oppositor as Cadeiras foy nomeado pela sua Religiaõ Procurador Geral a Roma para alcançar o Breve do culto, e Beatificaçãõ das Santas Raynhas Sancha, e Thereza soberanos Astros da Esfera Portugueza, e immarcefciveis flores do Jardim Cisterciense, o qual se expedio a 23. de Dezembro de 1705. Naquella grande Corte, onde assistio onze annos, mereceo pela suavidade do seu genio as estimaçoens de todos os Princeses Purpurados, e a suprema protecçãõ dos Summos Pontifices Innocencio XII. e Clemente XI. Com os irrefragaveis testemunhos do immemorial culto das Santas Raynhas produzidas pela sua in-

canfavel indagação emendou o P. Conrado Janingo Continuador da grande obra do *Atta Sanctorum* escrita pelo eruditissimo Daniel Papebrochio as erradas noticias que este tinha impresso a 17. de Junho como se póde ver mais distinctamente no 6. Tom. das Illustrações deste mez. Na Corte de Florença foy recebido com particulares significações de affecto pelo Graõ Duque de Toscana Cosme III. Restituído a Portugal foy eleito Chronista Mór do Reyno, e dos primeiros cincoenta Academicos da Academia Real para escrever as Memorias Historicas dos Serenissimos Reys D. Pedro I. e D. Fernando. Naõ tendo occupado na Religião mais que o lugar de Reytor do Collegio de Coimbra, em atençaõ aos seus grandes merecimentos conspirou toda a sua Congregaçaõ para o eleger a 3. de Mayo de 1723. D. Abbade Geral, e ser do Conselho delRey, Esmoler Mór, Donatario, e Capitaõ mór de 14. Villas nos Coutos de Alcobaca. Governou esta illustre familia dous annos, e sete mezes conservando com vigilante exacção a observancia regular até que avizado pela repetição de alguns accidentes de que estava proximo a pagar o indispensavel tributo de mortal se preparou devotamente resignado na vontade divina, e recebidos os Sacramentos com repetidos actos de Fé, e piedade Christãã applicando a boca ao lado de hum Crucifixo que lhe dera a Santidade de Clemente XI. com indulgencia plenaria para aquella fatal hora, espirou placidamente no Real Convento de Alcobaca a 7. de Dezembro de 1725. com 70. annos de idade, e 54. de Religião. Compoz.

Discursos varios. Roma por Roque Barnabó. 1706. 4. Saõ impressos na lingua Portugueza em huma Coluna, e em outra na lingua Italiana.

Sermaõ do Auto da Fé que se celebrou publicamente no Terreiro de S. Miguel da Cidade de Coimbra em 6. de Agosto de 1713. Coimbra na Offic. do Colleg. das Artes da Companhia de Jesus 1714. 4.

Sermaõ de Açaõ de graças pela felice Aclamação DelRey D. Joaõ o IV. pregado no Collegio de S. Bernardo ao Prestito, que faz o Corpo da Universidade de Coimbra todos os annos no dia anniversario da dita Aclamação. Coimbra na dita Officina. 1714. 4.

Resposta a huma inveltiva que lhe fez Jozé da Cunha Brochado acerca de huma pergunta que fizera se havia chamar a ElRey D. Pedro I. de Portugal Cruel, ou Justifoso nas Memorias Historicas, que escrevia deste Principe por ordem da Academia Real. Sahio no 2. Tom. da *Collec. dos Docum. da Acad. Real.* Lisboa por Paschoal da Sylva Impref. de Sua Magestade, e da Acad. Real. 1722. fol. He muito douta, e concludente.

BERNARDO DE CHRISTO. Naceo na Cidade da Guarda, e logo desde a puericia o dispoz a graça para o exercicio das virtudes de que na idade mayor foy insigne cultor. Aprendeo com incrível brevidade os preceitos da Grammatica de hum exemplar Sacerdote, e passando aos estudos das sciencias severas se admirou a viveza do seu engenho acompanhada de huma sũma modestia. Dezejando fugir do mundo para segurar o premio prometido aos Justos entrou na Congregaçaõ illustre dos Conegos Seculares do Evangelista no anno de 1501. onde praticou com exacta observancia todo o genero de virtudes obedecendo naõ sómente ao preceito expresso mas á vontade conjecturada do Prelado, reduzindo com asperas penitencias o corpo às leys do espirito, e observando taõ rigorosa abstinencia que passava muitos dias com pouco paõ, e nenhum vinho. Era continuo em a Oraçaõ onde arrebatado do impulso do fogo divino em que interiormente se abrazava, se via muitas vezes suspenso no ar, e banhado de resplandores. Tanto se elevava na contemplaçaõ quanto se abatia na humildade que exactamente observou até quando foy Geral da sua Congregaçaõ, que governou com igual rectidão, que suavidade. Pelo continuo espaço de trinta annos foy ouvido no Pulpito como Clarim do Evangelho, increpando os vicios, e convertendo obstinados cujo sagrado ministerio exercitava pelas praças, e varios lugares do Reyno, aonde o levava o ardor do seu espirito. A grande prudencia de que era ornado unida às suas virtudes o fizeraõ muito estimado dos Monarchas D. Joaõ III. e D. Catherina, e dos Infantes D. Luiz, e Cardial D. Henrique que repetidas vezes se confessavaõ com elle buscando na sua direcçaõ o socego das suas

consciencias. Nos ultimos annos se recolheo ao Convento de S. Joã de Enxobregas onde viveo mais como Anjo, do que homem frequentando continuamente o Coro, e naõ se izentando de todos os actos da Communidade de que a larga idade de 80. annos o tinha privilegiado. Na ultima doença foy visitado pela Rainha D. Catherina, e ElRey D. Sebastião seu Neto que devotamente lhe pediraõ a sua bençaõ, e depois de receber com summa piedade os Sacramentos falleceo a 8. de Novembro de 1570. com 69. annos de habito. Jaz sepultado no Claustro de Santo Eloy com estas letras iniciaes abertas na Campa da Sepultura.

O. P. B. D. Christo 1570.

Compoz.

Varias Meditaçoens da vida, Morte, Payxaõ de Nosso Salvador. De cuja obra diz Francisco de Santa Maria no *Ceo Abert.* liv. 4. cap. 19. fez tirar muitas copias, e as repartiã pelos Noviços, e procurava que as soubessem de cor.

Fr. BERNARDO DE COIMBRA natural da Cidade do seu appellido Monge Cisterciense em o Convento de Santa Maria de Alcobaça insigne Escriturario, profundo Theologo especulativo, e Moral como declaraõ as seguintes obras M. S. no Carthorio do mesmo Convento juntas em hum grosso Volume.

No 1. Livro. *De Cælo et Terra, de luce, Aquis, Sole, Luna, & Stellis; de piscibus, & avibus; de Paradiso; de formatione primi hominis, De Adam, Eva, & Serpente. De sex diebus, & septimana. De Adam, & Eva, & filiis eorum: De Enos, Enoch, & Noe: De Arca, & Diluvio: de Corvo, & Columba: de Iride: de vinea Noe, & inebriatione ejus.*

No 2. livro. *De exitu Abraham de terra sua.*

No 3. livro *De Nativitate Moisis, & exitu de Egypto.*

No 4. livro *De Josue & exitu Jordanis: de Helcana, & uxoribus ejus: de pallio Samuelis: de Salomone, & Templo: de Cyro, & Solutione Captivitatis. De Ecclesiasticis Sacramentis. liber Prosperi de vera innocentia. de Fide, Spe & Charitate: de Confessione Prosperi: de Statu Angeli in principio Creationis: de excellentia Lucife-*

ri, & pana post Lapsum: de operibus sex dierum: de Statu hominis ante peccatum: de libero arbitrio. quare peccatum primi hominis imputetur posteris? Quis sit causa peccati, & quod sit peccatum? De decem præceptis, & dilectione proximi: De Sacramentis. Utrum peccata redeant? De duabus clavibus. De exordio conjugij. De corporali, & spiritali fornicatione. Quare data lex? De duodecim abscessionibus. De lapsu cujusdam virginis. De Violatore Virginis. De Septem gradibus animæ. De Beatitudine cælestis Patriæ.

Fr. BERNARDO DA COSTA. Naceo em Coimbra a 30. de Dezembro de 1702. sendo filho de Antonio da Costa Caetano, e D. Maria Thereza de Carvalho. Professou a militar Ordem de Jesu Christo no Real Convento de Thomar a 9. de Abril de 1719. onde depois de frequentar as aulas de Filosofia, e Theologia se applicou com mayor difvelo ao ministerio do pulpito publicando como primicias deste genero de estudo.

Oraçaõ funebre nas exequias da Serenissima Infanta D. Francisca que se celebraraõ em o Real Convento da Ordem de Christo na Villa de Thomar a 8. de Agosto de 1736. Lisboa por Jozé Antonio da Sylva Impressor da Academia Real. 1736. 4.

BERNARDO FIGUEYRA Assistente na Corte de Pariz onde adquirio profunda intelligencia da lingua Franceza na qual traduzio da materna a Peregrinaçaõ do celebre Viageiro Fernão Mendes Pinto, e a dedicou ao Eminentissimo Cardial de Rechilieu, em cuja dedicatoria escreve, que aquelles nobres espiritos que se deleitaõ com a leitura de successos raros sem sahirem dos seus Gabinetes, nem experimentarem a tragica fortuna dos naufragios, com a liçaõ deste livro atravessaraõ os mares sem perigo, discorreraõ por varias Provincias sem incommodo, nem molestia, e alcançaraõ individual noticia dos ritos, e costumes dos seus habitadores diametralmête oppostos aos Europeos, mas conducentes para a sua conservaçaõ. Sahio a Traduçãõ com este titulo.

Les Voyages aventureux de Fernand Mendez Pinto fidellement traduits de Portugais en François. Pariz chez Arnould

Cotinet, & Jean Roger 1645. 4. No reverso do frontispicio do livro tem estas palavras. *En la presente Histoire sont continués plusieurs choses estranges, o prodigieuses par luy veues, o oytes aux Royumes de la Chine, de Tartarie, de Sornau vulgairement appellé Siam, de Calâminham de Pegu, de Martabane, e en divers autres endroïts des contrées Orientales, dont nous n'avons presque pointe de cognoissance en nostre Occident. Avec un ample relation des particularites, les plus remarquables advenues tant a luy qu'à beaucoup d'autres perſones. Et un abbrege dela vie miraculeuse, e de la mort du S. P. M. François Xavier, unique lumiere de ces contrées d'Orient et Recteur universel dela Compagnie de JESUS.* Faz memoria do Tradutor o moderno adicionador da *Bib. Orient.* de Antonio de Leaõ Tom. 1. Titul. 2. col. 34. e Beugheu *Bib. Historic.* fol. 500. e 548.

BERNARDO DA FONSECA. Naceo na Cidade de Coulaõ situada na Costa do Malabar na India Oriental. Ainda contava poucos annos quando passou com seus Pays Bernardo da Fonseca Osorio Fidalgo da Casa Real Capitaõ Mór de Coulaõ, e D. Luiza Lopes Pestana para este Reyno, e na Universidade de Coimbra aprendeo as letras humanas, e sciencias Sagradas debaixo da tutela de seu Irmaõ mais velho Jeronymo Osorio da Fonseca de quem se farà memoria em seu lugar. Naõ degenerou o seu talento dos celebres engenhos que floreceraõ na sua familia bastando para credito immortal della aquelle insigne Varaõ D. Jeronymo Osorio Bispo do Algarve que privou a Tullio de ser unico Corifeo da lingua Latina. Passou a Roma onde se applicou ao estudo da lingua Hebraica em que sahio eminente merecendo pela afabilidade do seu genio, e profundidade do talento as estimaçoens das pessoas mais doudas daquella celebre Corte distinguindose entre todas assim no affecto, como na dignidade o Eminentissimo D. Pedro Dezza Cardial do Titulo de Santa Prisca, e Protector do Collegio de Bolonha dos Hespanhoes. Voltando para Portugal no anno de 1603. foy Thezoureiro Mór em a Cathedral de Faro do Reyno do Algarve. Compoz. *Itinerario que fez de Roma até Monfer-*

rate. Dedicado a seu Irmaõ Jeronymo Osorio da Fonseca. Começa. *Parti de Roma em companhia de hum mancebo &c.* Acaba. *E naõ saltaraõ outros que com milhor estilo, o linguagem a tratem.* Deste Itinerario fazem mençaõ Jorge Cardof. *Agiol. Lusit.* Tom. 2. pag. 385. no Comment. de 15. de Abril let. E. Nicol. *Ant. Bib. Hisp.* Tom. 1. pag. 175. col. 2. e o novo adicionador da *Bib. Orient.* de Antonio de Leaõ Tom. 1. Tit. 2. col. 36. onde erradamente lhe dá o nome de *Itinerario Oriental* allegando a Cardoso, e a Nicol. *Ant.* os quaes sómente fallaõ desta obra com o nome de *Itinerario*, que lhe deu seu Author, pois a Jornada que elle fez, foy de Roma para Portugal, e naõ do Oriente, e como tal naõ podia entrar em a addiçaõ da *Bib. Orient.* que o moderno adicionador confundio imaginando que era Itinerario da Asia quando elle era da Europa.

Vida de Jeronymo Osorio da Fonseca Conego de Evora seu Irmaõ. Começa. *Bernardo da Fonseca Fidalgo da Casa de Sua Magestade.* Acaba. *Da nossa vista, que he a verdadeira Bemaventurança.* M. S.

Vida de D. Jeronymo Osorio Bispo do Algarve composta em Latim por seu Irmaõ Jeronymo Osorio da Fonseca traduzida em Portuguez, e dedicada a Gaspar da Motta Conego na Sé de Faro no anno de 1597. M. S.

Psalms Penitenciaes traduzidos na lingua Portuguez. M. S.

Summa dos Sacramentos, e Censuras. Occupava hum livro de justa grandeza, e estava prompto para a Impressaõ.

Breve Summario de que el Christiano deve considerar oyendo Missa. Offerecido de Salamanca a 11. de Abril de 1615. à Excellentissima Senhora D. Guiomar Pardo de Lacerda Marqueza de Flechilla, y Malagon com humadouta approvaçaõ do celebre Cathedratico de Salamanca Fr. Basilio Ponce de Leon Eremita Augustiniano. Começa a obra. *El altissimo Mysterio del Sacrificio dela Missa.* &c. Acaba. *Como es estar entre nos otros para mantimiento, y sacrificio nuestro.*

BERNARDO DA FONSECA SARAYVA natural da Cidade de Braga de cuja Primacial Diocese foy dignissimo Vi-

gario Geral. A grande noticia que tinha das letras humanas acompanhada com a profunda sciencia de hum, e outro Direito defcreve elegantemente seu contemporaneo o grande Agoftinho Barbofa de *Potest. Episcop.* Part. 1. Tit. 3. cap. 8. n. 18. *Vir legalis, & Pontificij Juris scientia conspicuus, et disciplinarum omnium cognitione ita inclutus, ut ejus ingenium, comitatem, et in litteris humanis scientiam nulla satis æquare potest admiratio; ob cujus maximam eruditionem assiduamque negotiorum experientiam Vicarij generalis honore Brachare est insignitus.* Não foy menos douto nos preceitos da Poesia, que nas difficuldades da Jurisprudencia, como mostrou com enveja dos mayores Poetas no Certame que a Universidade de Coimbra consagrou em o anno de 1625. à Canonização da Rainha Santa Izabel compondo por insinuação do Bispo desta Cidade D. Joaõ Manoel que muito o estimava hum Poema Latino que consta de 759. versos heroicos acabado no termo de onze dias, que posto não levou o primeiro premio lhe foy julgado outro igual pelos Juizes do Certame. O assumpto do Poema era o seguinte.

Bella inter Regem Dyonisum, & Principem Alphonsum filium impie, et temere suscitata à Santissima Regina Elisabetha per miraculum gloriose sedata. Começa.

Quid figmenta juvat victuris tradere chartis!

Sahio impresso sem o nome do Author a fol. 37. do livro intitulado *Santissimæ Regine Elisabethæ poeticum Certamen.* &c. Conimbricæ apud Dominicum Gomes do Loureiro Acad. Typ. 1626. 4. Desta obra, e do Author se lembra o P. Antonio dos Reys in *Enthus. Poet.* n. 177.

Dous epigrammas, e huma elegia Latina em applauzo de Gabriel Pereira de Castro, que sahiraõ no principio do primeiro Tom. de *Manu Regia Ulyssip.* apud Petrum Crasb. 1622. fol.

Epistola heroica in Laudem Gabrielis Pereira de Castro Começa

Vos quibus è vulgo non est mens dicite qui fit Cogitat ut de libris quem anxia detenet uxor.

Sahio no principio do 2. Tomo de *Manu Regia Ulyssip.* apud eumdẽ. Typ. 1625. fol.

BERNARDO GOMES DE BRITO
Naceo em Lisboa a 20. de Mayo de 1688. e

teve por Pays a Domingos Gomez, e Mariana de Brito. Ainda que não frequentou as escolas, como a natureza o dotasse de feliz memoria, e boa comprehensãõ, taes foraõ os progressos que a sua estudivosa applicação, fez com a lição da Historia Sagrada, e profana que compoz as obras seguintes.

Historia Tragico-maritima, em que se escrevem chronologicamente os naufragios, que tiverãõ as náos de Portugal depois que se poz em exercicio a navegação da India. Tom. 1. Lisboa na Officina da Congregação do Oratorio 1735. 4.

Tom. 2. Lisboa na dita Officina 1736. 4.

Tom. 3. 4. e 5. estaõ promptos para a Impressão, como taõbem estaõ.

Virtudes pelas acçoens dos Portuguezes obradas em todas as quatro partes do mundo authorizadas por varios Autores Portuguezes. M. S.

Sentenças, Maximas, e Apothegmas moraes, e politicos escritos por Lugares comuns. 10. Tom. 4. M. S.

Fr. BERNARDO DE S. JOAM EVANGELISTA. Naceo em Lisboa onde foy bautizado na Parochia de Santa Catherina a 18. de Mayo de 1690. Foy filho de Joaõ Pereira Pestana, e D. Antonia Coutinho de Andrade. Sendo de pouca idade se alistou na milicia Serafica professando a Terceira Regra da Penitencia no estado de Secular, porém querendo fazer a Deos mais grato sacrificio, e ao Patriarcha Serafico mayor obsequio se ligou com os tres votos essenciaes em o Convento de N. Senhora de JESUS desta Corte a 30. de Outubro de 1712. Depois de estudar Artes, e Theologia em que defendeo com applauso Concluõens, se dedicou ao ministerio do Pulpito no qual mostrou a grande capacidade que tinha para elle. Em o Capitulo celebrado no anno de 1728. foy nomeado Mestre das Ceremonias do Convento desta Corte em cuja occupação emendou muitos abusos que o defcuido tinha introduzido, e para que houvesse uniformidade nas Ceremonias escreveu.

Epitome de Cerimonias fol.

O qual estando para lhe pór a ultima mão o não fez impedido pela morte que o privou da vida a 7. de Março de 1735. Faz men-

ção do Author, e da obra Fr. Joan. à D. Ant. *Bibliot. Francisc.* Tom. 1. pag. 216. col. 2.

BERNARDO JOSEPH PESSOA DE CASTRO natural de Monte mór o velho do Bispado de Coimbra, Presbytero do habito de S. Pedro, igualmente douto na Theologia, como na Oratoria Ecclesiastica. Imprimio.

Sermaõ nas exequias do Excellentissimo Senhor D. Nuno Alvares Pereira de Mello Duque do Cadaval celebradas na Igreja da Santa Misericordia da famosa Villa de Tentugal à disposição, e dispendio do Senado da mesma Villa. Sahio impresso nas *Ultimas Acçoens do mesmo Duque.* Lisboa na Officina da Musica. 1730. fol. à pag. 111. até 126. e Coimbra por Antonio Alvares 1727. 4.

Fr. **BERNARDO DA MADRE DE DEOS** natural de Lisboa onde professou o Sagrado instituto da Ordem da Santissima Trindade a 25. de Janeiro de 1557. Foy ornado de todas aquellas virtudes que constituem hum perfeito Religioso principalmente na exacta observancia da Regra, e incanavel zelo com que exercitou o Officio de Procurador geral da Religiaõ. Falleceo no Convento patrio a 8. de Agosto de 1587. Compoz.

Vergel de Sacerdotes. 4. M. S.

Doutrina para bem morrer 4. M. S.

Estas duas obras se conservaõ na Livraria do Convento de Lisboa.

Tratado da Instituição da Irmandade da Misericordia de Lisboa ordenada pela Rainha D. Leonor mulher delRei D. Manoel; e Fr. Miguel de Contreiras Trinitario. M. S.

BERNARDO DE MEYRELLES FREYRE filho do Licenciado Joaõ da Rocha Teixeira que morreu sendo Corregedor de Castello Branco, e D. Thereza Maria de Brito, naceo na Cidade do Porto a 19. de Agosto de 1681. Na idade juvenil entrou na Companhia de JESUS onde estudou letras humanas, e as sciencias escholasticas, com tanto progresso da sua applicação que defendeo Conclusoens da Ethica em Evora, e de Direito Cesareo em Coimbra. Dei-

xando a Religiaõ por justas causas levou por opposição a Abbadia de Sãta Eulalia de Constance, onde procedeo taõ louvavelmente que foy eleito Visitador da Comarca da Feira, cuja comissaõ executou com summa prudencia. Teve grande genio para a Poesia Latina como mostrou nas obras que compoz, principalmente a vida do Irmaõ Luiz Soares natural do Porto da Companhia de Jesus de quem faz larga memoria o P. Franco *Imag. da Virt. do Noviciado de Lisboa* liv. 4. cap. 49. o qual morreo em Evora a 29. de Julho de 1705. Começava.

Praclarum virtute virum florentibus annis &c.

Na obra intitulada *Lusitania coronata* que sahio. Ulyssipone apud Valentinum da Costa Deslandes Ser. Reg. Typ. 1708. a qual consagrou o Collegio da Companhia de Jesus de Coimbra à Coroação do augusto Monarcha D. Joaõ o V. nosso Senhor. Saõ seus dous Poemas; o delRey D. Affonso primeiro que começa.

Conditor Imperij generosa stirpis origo

Cui facta excimium promerere decus &c. E o delRey D. Pedro II. cujo Principio he. *Quàm Regum hac fuerint gestamina clara potentum.*

Qualiaque ornarint tempora Nate vides. &c.

Intentava publicar alguns dos seus Sermoens juntamente com os de seu Irmaõ Luiz de S. Bernardo Conego Secular do Evangelista Lente jubilado, e Examinador das Ordens Militares, e grande prégador dos nossos tempos cuja obra por ser parto de dous irmaõs intitulava.

Castor, e Pollux.

A qual naõ logrou da luz publica por desaparecer com a morte de seu Irmaõ.

Fr. **BERNARDO DE S. MIGUEL** natural de Villa nova de Cerveira da Provincia de Entre Douro, e Minho. Na idade da adolescencia entrou no Real Convento de Alcobaça a 13. de Dezembro de 1650. onde professou o Instituto Monachal Cisterciense a 13. de Fevereiro de 1652. Ainda que se applicou às letras sendo Mestre de Theologia Moral em Alcobaça, mayor foy sempre o seu estudo para as virtudes, que cultivou como Monge observantissimo de

tal modo que o Ven. P. Fr. Antonio das Chagas celebre Missionario Apostolico o pedio ao Geral Fr. Sebastião de Sottomayor para companheiro das suas Evangelicas Missoens. Querendo dedicar-se com mayor fervor à contemplação se retirou ao Solitario Convento de S. Christovão de Alafoens onde passava muitas horas meditando na Paixão do Redemptor, e na excellencia dos attributos divinos. Morreo com evidentes sinaes de predestinado no Convento de Alcobaça em o anno de 1697. Compoz.

Espelho da rezaõ, amor acertado. Propoem a recta rezaõ à vontade varios documentos, e acertados concelhos com que instruida se desvie de amar aquillo que à alma faz mayor damno, e ame só o que lhe serve de merecimento. Lisboa por Domingos Carneiro. 1690. 8.

P. BERNARDO NOGUEYRA. Naceo em Fremona Cidade famosa da Etiopia sendo seu Pay por origem Portuguez, e por geração nobre, descendente daquelles celebres Soldados que acompanharaõ a D. Christovão da Gama quando passou àquelle vasto imperio. Desde a primeira idade se criou no Seminario da Companhia, onde teve por Mestre ao P. Manoel de Almeйда erudito author da Historia da Etiopia o qual não fomente lhe ensinou a Lingua Portugueza, e Latina nas quaes sahio perfeitamente instruido, mas o elegeu por seu Interprete quando foy por Embaxador ao Imperador Soltaõ Segued em o anno de 1624. Ao tempo que o Patriarcha D. Affonso Mendes achou aquella vinha da Etiopia tão agreste o admitio por seu companheiro para que ambos a cultivassem, empreza, que executou com tão apostolico zelo que sendo expulsos daquelle Imperio todos os Operarios Evangelicos com o Patriarcha no anno de 1632. elle encheo as obrigaçoens de Vigario Geral daquelle Igreja padecendo intoleraveis fomes, e sedes; atravessando diversas terras, e sobindo serras innaccessiveis para sustentar a Fé Romana contra os scismaticos dogmas de Alexandria. Chegando à noticia do Geral da Companhia o P. Francisco Piccolomini as acçoens apostolicas que tinha exercitado em obsequio da Religião Christã mandou em anno de 1650. que fosse admitido à Companhia, e tanto que vestio

a Roupeta se lhe infundio mais ardente espirito para infantigavelmente promover os augmentos da Fé, até que sendo mandado pelo Patriarcha Affonso Mendes ao Reyno de Gojaõ para alivio de alguns Catholicos que estavaõ, havia largo tempo, sem Sacerdote, que lhe ministrasse os Sacramentos foy delatado ao Vice-Rey em cuja presença protestando heróicamente a Fé que professava, ordenou o barbaro que fosse condemnado à morte que padeceu suspenso em huma arvore com grande constancia em o anno de 1653. Celebraõ a sua memoria Mathias Tanner *Societ. Jesu usque ad Sang. & Vit. profus. militans* pag. 205. Tellez *Hist. da Etiop. Alt.* liv. 6. cap. 40. e pag. 706. Nadas. *Ann. dier. Mem. S. J.* Part. 2. pag. 351. Andrad. *Hist. delos Varon. illust. dela Comp.* Tom. 6. Escreveo.

Diversas Cartas.

Que o Padre Telles no lugar assima allegado intitula *doutissimas, e eloquentissimas* nas quaes relata o estado calamitoso da Igreja da Etiopia, e dellas imprimio duas o mesmo Telles no livr. 6. cap. 40. e cap. 41. da *Hist. da Etiopia Alta.*

Kalendario de alguns, que morrerão pela Fé em Etiopia na perseguição do Emperador Faciladas em que se conta a morte gloriosissima do invictissimo Principe Rax Celã Christós. Esta obra, que compoz por ordem do Patriarcha D. Affonso Mendes sahio impressa na *Hist. da Etiopia Alta.* p. 703. e a mandou o mesmo Patriarcha ao P. Telles com huma carta escrita de Goa a 29. de Setembro de 1655. que está impressa na prefacão da *Hist. da Etiop.* em a qual lhe diz entre outras cousas o P. Bernardo Nogueira Governador daquelle Igreja em nosso nome teve partes tão avantajadas para este ministerio, que se lhe faltou a dignidade sobejou-lhe a sufficiencia para ser hum famoso Bispo, e Patriarcha.

Cartas ao Patriarcha D. Affonso Mendes escritas da Etiopia em 11. de Junho de 1646. as quaes publicou o dito Patriarcha in *Expedit. Ætiopic.* lib. 4. cap. 21.

Cartas escritas aos Padres da Companhia da Etiopia em 11. de Mayo de 1647. Na dita *Expedit. Ætiop.* cap. 23. e outras muitas dos annos de 1650. 1651. e 1652. copiadas nos Capitul. 32. e 33. *Expedit. Ætiop.*

BERNARDO PEREYRA. Naceo na Cidade de Miranda em a Provincia Transmontana a 11. de Dezembro de 1681. onde teve por Pays ao Doutor Manoel Lopes Pereira Medico daquella Cidade, e de seus Excellentissimos Bispos D. Fr. Lourenço de Castro, D. Fr. Antonio de Santa Maria, D. Manoel de Moura Manoel, e D. Joaõ Franco de Oliveira, de quem faremos memoria em seu lugar, e Antonia de Oliveira. Depois de ter aprendidos os rudimentos Grammaticaes na sua Patria passou à Universidade de Coimbra, e nella se applicou à Arte da Medicina em que seu Pay fora insigne recebendo o gráo de Bacharel em 20. de Mayo de 1709. Como o seu talento fosse de mayor esfera não satisfeito com a applicação de huma faculdade passou segunda vez a Coimbra, e estudando Direito Cesareo fez taes progressos a sua applicação que se formou nesta Faculdade a 27. de Junho de 1739. He Medico na Villa de Sardoal onde a sua sciencia triunfa das enfermidades mais rebeldes sendo versado em todo o genero de erudição como publicação as obras seguintes.

Practica de Sangradores reformada. Coimbra no Collegio das Artes da Companhia de JESUS 1719. 8. Sahio com o nome de Leonardo de Pristo da Barreira.

Discurso Apologetico, em defensa dos prodigios da natureza vistos pela experiencia, qualificados por força de hum successo para conhecimento de muitos effeitos, e occultas qualidades. Coimbra na dita Officina. 1719. 4. Este Discurso he acerca de hum monstro que naceo na Villa de Castellobranco em que se mostra o Author summamente versado em a erudição Sagrada, e profana.

Anacephalensis Medico-Theologica, Magica, Juridica, e Politica sobre a cura das doenças dos feitiços, e o seu conhecimento. Coimbra por Francisco de Oliveira. 1734. 4.

Obras Medicas. M. S.

Discurso Racional sobre o uso, e applicação dos pós de Quintilio.

Abuso emendado de hum uso introduzido sobre as seis causas não naturaes.

Tyrocínio Medico Practico sobre as enfermidades do corpo humano, e sua Cura.

De morbis mulierum, eorumque curatione

Galenica, Chymica, & Hypocratica.

Tratlatus de Pleuritide

Annotationes, additiones, et reflectiones ad Riverij praxim, et observationes.

De morbis complicatis, eorumque rationali methodo pro eorum curatione.

Obras varias Medico-Políticas M. S.

Applauso affectuoso na vinda do Excellentissimo Marquez de Abrantes à Villa do Sardoal em 11. de Novembro de 1719. depois de se ter restituído da Corte de Roma à de Lisboa.

Sobre poderem as molheres ser secundas, e parir depois de cincoenta annos.

Sobre hum Feto de tres mezes, e vinte dias ser vital, e legitimo.

Sobre se poder gerar veneno dentro do corpo humano, e que huma morte que quizerão attribuir a veneno propinado podia proceder de veneno nativo se a desunta era morbosa, e valetudinaria.

Questão politica. Qual seja mayor felicidade dos Pays na possessão dos filhos, se deixallos opulentos de morgados, se criallos com inclinação às letras?

Observaçoes de varios casos de Medicina.

Varias cartas, consultas, e pareceres Medicos. fol.

BERNARDO PEREIRA DA SYLVA.

Naceo em Lisboa sendo filho de Joaõ Pereira da Sylva Cavalleiro professo da Ordem de Christo, e de D. Urfula da Sylva Lobo. A viveza de engenho, que descubrio nos primeiros annos foy certo vaticinio dos excellentes progressos que faria nos mayores de que foy plauzível theatro a Universidade de Coimbra onde recebeo o gráo de Mestre em Artes, e de Doutor na Faculdade de Direito Cesareo cujas dificuldades depois de ser admitido a Collegial do Collegio Real de S. Paulo a 11. de Fevereiro de 1698. subtilmente interpretou como Mestre em a Cadeira do Codigo em o anno de 1707. donde passou para a do Digesto Velho com igualaçoes à de Vespéra em 1716. Teve igual engenho para a Poesia Latina, e vulgar, como para a Oratoria, de cujas elegantes, expressoens ainda se conservaõ na Athenas Conimbricense faudosas memorias. Foy Cavalleiro da Ordem de Christo, Desezembargador da Relação do Porto, e da

Casa da Supplicação de que tomou posse por seu Procurador o Doutor Manoel da Cunha Sardinha a 26. de Setembro de 1711. e de Dezembargador titular de Aggravos com exercicio nas Férias a 14. de Novembro de 1715. Falleceo na Patria em Domingo de Paschoa 28. de Março de 1723. e jaz sepultado na Ermida dos Fieis de Deos. Diſtôu huma Poſtilla ao *Tit. Cod. de Petitione hæreditatis*, e outra a *L. 2. Cod. de Evictionibus*. Da ſua veyra poetica podendo deixar muitos argumentos, fômente ſe publicou.

Dous Epigrammas Latinos hum em applauſo do Dezembargador Diogo Guerreiro Camacho de Aboim com hum elogio latino que ſe imprimio no ſeu Tratado de *Refutationibus omnium Judicium*. Conimbricæ apud Joan. Antunes 1699. fol. e outro *ad Zoylum*.

Tambem he obra ſua o Epitafio que eſtã gravado na Sepultura do celebre Advogado, e grande Jurifconſulto Manoel Alvares Pegas, o qual começa.

Eximius Themidis custos hæc conditur urna.

Maximus Emmanuel Alvarus ille Pegas. &c. Conſta de 6. Dyſtichos.

Faz delle muito diſtinta memoria meu Irmaõ D. Jozé Barboſa nas *Memorias Hiſt. do Colleg. Real de S. Paul.* pag. 236. e no *Archibithen. Luſit.* pag. 62.

Urbis Ulyſſeæ Bernardus gloria juris.

Hic vivus theſaurus erit; ſociare cæmenis

Jura ſciat lætio, patrio ve canentibus ore.

Hic deſiderium immatura morte relinquet

Omnibus, at vivet volitantis munere famæ.

BERNARDO PIMENTA DO AVELLAR natural da Villa de Abrantes do Biſpado da Guarda chamado antigamente Bernardo Correa da Sylva cujos appellidos mudou em os de Pimenta, e Avellar por ſucceder a ſeu Irmaõ no Morgado de Rio torto o qual tem expreſſa clauſula de que o herdeiro uze deſtes appellidos. Foy filho de Gonçalo Pimenta de Avellar Sargento Mór da Villa de Abrantes, e de ſua mulher D. Maria Correa da Sylva. He Fidalgo da Casa Real, Capitaõ Mór da Villa de Thomar, Guardaroupa del Rey D. Joaõ o V. e Eſtribeiro Mór que foy dos Senhores D. Miguel, e D. Jozé filhos do Sereniſſimo Rey D. Pedro II. e

Eſcrivaõ dos Filhamentos da Casa Real. Sendo muito verſado na liçaõ da hiſtoria profana o naõ he menos em huma das ſuas mais nobres partes qual he a Genealogia eſcrevendo varios Tomos de

Familias deſte Reyno. M. S.

fundado nas habilitaçoes que ſe faziaõ para os foros de Fidalgo (ſaõ palavras do P. Antonio Caetano de Souſa no *Apparat. à Hiſt. Geneal. da Caf. Real Portug.* pag. 172. §. 216.) *com que me parece neſta conformidade ſer obra exacta.*

BERNARDO DE PINNA, E MELLO Tenente de hum Regimento, taõ nobre por nascimento, como pela ſciencia militar, e naõ menos pela Poefia Comica em que foy inſigne, como moſtrou na obra ſe guinte.

El Luzero del Oriente S. Francisco de Xavier. Coimbra por Thomè Carvalho 1657. 4.

Cuja obra louva o P. Antonio dos Reys *Enthuſiaſm. Poet.* n. 238. com eſtas elegantes vozes.

= *Orientis lumina Phæbi*

Quæ prius aspiciunt Gangetica rura, petentem

Xaverium, populofque ſacro de rore madentes

E' tumuloque foras revocata cadavera, ruſſus

Perfruitura die, tantos ſuper æra nimbos

Nec ruere audentes in terras, murmura venti

Vocis ad imperium ſubitõ reticentia, moti

Sedati pelagi rabiem, tangente Saporem

Vix pede mutatas in dulcem marmoris undas

Pinna docet.

BERNARDO PINTO DOS SANTOS Presbytero do Habito de S. Pedro Capellaõ da Capella do Santiffimo Sacramento da Santa Baſilica Patriarchal. Para acender os affectos Catholicos em obſequio, e veneraçãõ da Imagem de N. Senhora da Piedade que eſtã excellentemente pintada em hum quadro de huma Capella do meſmo Templo, eſcreveo.

Novena de Maria Santiffima com o titulo da Senhora da Piedade, e Boa Morte. Lisboa na Officina da Muſica 1720. 12.

BERNARDO RODRIGUEZ cujo talento foy admiravel em todo o genero de composiçoens metricas, de que se puderão formar varios volumes sendo entre ellas a mais elegante os Tercetos ao Santissimo Nome de JESUS dos quaes transcreveo estes versos João Pinto Ribeiro no *Lust. ao Dezemb. do Paço.* cap. 3. n. 34.

*Trabalhos lhe custou nome taõ nobre
Veyo ao mundo, morreo, venceo o imigo
Deixou o inferno despojado, e pobre.*

Morreo em Lisboa a 20. de Outubro de 1631. e está sepultado na Igreja velha de Santo Antão o novo. Delle faz memoria Jacinto Cordeiro *Elog. dos Poet. Portug.* Out. 59.

*De Bernardo Rodriguez luzte el fruto
De versos, de conceptos, y de flores
Coronas del Laurel por atributo
A tal ingenio quedan inferiores.*

BERNARDO DA SYLVA MOURA Cavalleiro professo da Ordem de Christo, Familiar do Santo Officio naceo em a Villa da Torre de Moncorvo em a Provincia Transmontana a 4. de Julho de 1693. sendo filho de Jozé de Araujo, e Maria da Sylva. Aprendidas as primeiras letras na patria passou à Universidade de Coimbra, e nella se applicou ao estudo da Medicina, em cuja faculdade se formou a 19. de Julho de 1718. Assistio muitos annos em a Corte de Madrid, onde alcançou taõ grande opiniaõ a sua a sciencia medica que se lhe deu ampla licença a 6. de Julho de 1724. para que uzasse della em todos os Reynos de Castella. Voltando para Portugal de tal forte conservou a mesma fama que foy eleyto a 7. de Junho de 1733. Medico da Camera do Serenissimo Senhor Infante D. Antonio. Compoz.

Difertação Medica em defensa da Sangria da Salvatella direita offerecida aos professores da Medicina. Lisboa na Officina da Congregação do Oratorio 1735. 4.

Difertação Medica illustrada, ou Sangria da Salvatella defendida dividida em 4. Partes. Lisboa em a dita Offic. 1739. 4.

Com o anagrama puro do seu nome *Nar-bredo da Savil* Sangrador approvedo, e Medico intrometido.

Escrupulos Medicos, e Reparos Chirur-gicos. Lisboa na mesma Officina 1739. 4.

Fr. BERNARDO TELLES natural de Lisboa filho de Manoel Telles da Sylva primeiro Marquez de Alegrete, 2. Conde de Villar-mayor Gentil homem da Camera dos Serenissimos Monarchas D. Pedro II. e D. Joaõ o V. e Conselheiro de Estado de quem faremos em seu lugar merecida memoria. Querendo renacer por beneficio da graça mais illustre do que fora pela liberalidade da natureza recebeo a Cogulla Cisterciense no Real Convento de Alcobaça a 8. de Outubro de 1689. onde se adiantou a todos os seus domesticos na practica das virtudes, e comprehensãõ das sciencias. Depois de dictar Theologia em que mostrou a subtileza do seu engenho, recebeo o grão de Doutor desta Faculdade em a Universidade de Coimbra na qual foy Conductario com privilegios de Lente em 16. de Outubro de 1706. e igualado à Cadeira de Gabriel por Provizão de 25. de Outubro de 1725. Foy Qualificador do Santo Officio, Abbade Reytor do Collegio de S. Bernardo de Coimbra, e ornado de hum genio affavel, e summamente cortezaõ pelo qual conciliava os affectos de todos que o tratavaõ: sendo *fogeito* (como em seu applauzo escreveo o Mestre Fr. Manoel dos Santos Monge de Cister Chronista da Ordem, e deste Reyno em a *Alcob. Illustrad.* Part. 1. p. 81. no *Appar. à Hist.*) em todo o sentido excellentissimo, no sangue, e nas prendas pessoas, insigne Theologo, consumado Philosopho, Orador Ciceroniano, Humanista florido; na Predica com applauzo, e Poeta mui elegante. Falleceo no Collegio de Coimbra a 22. de Dezembro de 1716. Publicou.

Sermaõ do Auto da Fé que se celebrou no Rocio de Lisboa em Domingo 30. de Junho de 1709. Lisboa por Manoel, e Jozé Lopez Ferreira 1709. 4.

BERNARDO VIEYRA RAVASCO. Naceo na Cidade da Bahia Capital da America Portugueza, e teve por Pays a Christovaõ Vieira Ravasco, e D. Maria de Azevedo, e por Irmaõ ao insigne P. Antonio Vieyra Oraculo da eloquencia Ecclesiastica, do qual sennaõ distinguio na subtileza do engenho com que a natureza liberalmente o enriqueceo. Desde a adolescencia até a ultima idade se exercitou com summo valor, e naõ menor fi-

delidade em obsequio da Patria, ou fosse como soldado, ou como politico. Pelo largo espaço de quatorze annos occupando os postos de Alferes, e Capitão da Infantaria mostrou os heroicos espiritos que lhe animavaõ o coração, achando-se nas mais perigosas occasiões, principalmente quando o Conde Nazau em o anno de 1638. assaltou as trincheiras do Forte de Santo Antonio onde com morte de muitos Olandezes recebeu huma penetrante ferida na mão esquerda. Ainda foy mayor a valentia com que no anno de 1647. impedio que na Ilha de Itaparica se fortificasse o General Sigismundo, e ultimamente já quando por estar reformado no anno de 1651. parecia não ter obrigação de empunhar as armas, se embarcou animosamente em huma Canoa, não obstante a furiosa tempestade que corria, e soccorreo ao Mestre de Campo Nicoláo Aranha para que quatro Náos Olandezas não infestassem os Engenhos de Peragassu. Iguaes, ou mayores forão os seus serviços quando exercitou até a morte o lugar de Secretario de Estado, e Guerra do Brazil, em cujo ministerio em que foy provido pela Magestade delRey D. João o IV. a 7. de Março de 1650. encheo as obrigações de taõ grande officio com summo desinteresse, e grande capacidade, merecendo em premio que ElRey D. Pedro II. o fizesse Fidalgo de Sua Caza, e Alcaide mór da Cidade de Cabo Frio. Foy ornado de prezença agradavel, entendimento agudo, e memoria feliz. Retribuhio aggravos com beneficios sem que nunca em o semblante se descobrisse o menor sinal de indignação. Como era naturalmente generoso dispndeo o que possuhia mais em remedio da pobreza, que ostentação da vaidade. Teve natural genio para a Poezia que praticou com tanta felicidade que os seus versos eraõ conhecidos pela elegancia do metro, e fineza dos pensamentos, sem que tivessem o seu nome. Não teve menor instrucção da Historia Sagrada, e Profana, e da Geografia. Accommetido da ultima infirmitade, e preparado com os Sacramentos falleceo a 20. de Julho de 1697. dous dias depois da morte de seu Irmaõ o P. Antonio Vieyra, e não hum, como escreve Sebastião da Rocha Pitta *Hist.*

da America Portug. liv. 8. §. 56. onde reflecte como mysteriosa circumstancia que morresse da mesma enfermidade que privou da vida a seu Irmaõ. Jaz sepultado na Capella do Santissimo Sacramento Collateral da parte do Evangelho em o Convento do Carmo da Bahia, da qual era Padroeiro. Teve dous filhos naturaes; o primeiro chamado Christovão Vieyra Ravaasco, que foy Capitão de Infantaria, e o segundo Gonçalo Ravaasco Cavalcanti, e Albuquerque, Commendador da Ordem de Christo, e herdeiro do lugar de Secretario de Estado por Provição do Serenissimo Principe Regente D. Pedro, passada a 22. de Mayo de 1676. e da Alcaydaria de Cabo Frio, o qual foy cazado com D. Leonor Jozepha de Menezes filha do Sargento mór Diogo Moniz Barreto, de quem não deixou successão. Compoz

Descripção Topographica, Ecclesiastica, Civil, e natural do Estado do Brazil M. S. fol. da qual confervo em meu poder alguma parte escrita da propria mão do Author com estylo discreto, e elegante, cujo principio he. *Descuberta esta parte da America em 3. de Mayo de 1500. pela mysteriosa porfia das tempestades que impediraõ a derrota a treze Náos com que o Serenissimo Rey D. Manoel mandava Pedro Alvares Cabral a succeder no Governo da India ao seu primeiro Descubridor Vasco da Gama: arrebatando-as a Providencia Divina por mares ignorados a hum porto (cuja altura do fundo, e tranquillidade de aguas lhe deo o nome de Seguro) para ao mesmo tempo serem os Portuguezes os que levasssem a lux Evangelica à Gentilidade das Regiões mais Septentrionaes da Aurora, e mais Austraes do Occidente.*

Poesias Portuguezas, e Castelhanas de varios metros, das quaes se podiaõ formar 4. Tomos de justa grandeza, escritas da propria mão do Author, como as vio meu Irmaõ o Doutor Ignacio Barboza Machado, quando exercitava o lugar de Juiz de fóra, e Provedor da Cidade da Bahia.

Tres Decimas à Senhora D. Isabel Princeza de Portugal tendo morto em Salvaterra de hum tiro a hum Javali. Sahiraõ impressas no Tom. 5. da *Fenis Renacida,*

ou Obras Poeticas dos melhores engenbos Portuguezes. Lisboa por Antonio Pedrozo Galraõ. 1728. 8. a pag. 268.

Para se conhecer claramente a facilidade da sua Musa transcreverey hum Soneto extemporaneo que fez estando no Paço à petição de Domingos de Aguiar Porteiro da Camara da Raynha, à cerca de hum Papagayo que se offerencia à mesma Senhora, em o qual compete a discrição com a elegancia, e sahio impresso na *Collecção Politica de Apophthemas Memoraveis*. Part. 1. liv. 2. pag. 80.

*Iris parlero, Abril organizado,
Ramillete de plumas con sentido,
Hybla con alma, irracional florido,
Primavera con pies, jardin alado.*

*Quando en el ayre libre enamorado
Barbaramente hablavas: oy polido
Preso te veo, y en vano divertido
Con la tema de nunca estar callado.*

*Tu en Palacio bien visto, y con cadena!
Quantos lloran la lastima que toco!
Si hablas bien ser discreto te condena.*

*Porque nõ buelas, gritas como loco;
Quexate pues, que de Palacio es pena
Quexarse mucho los que buelan poco.*

BIBIANO PINTO DA SYLVA Presbytero do habito de São Pedro, formado na Faculdade dos Sagrados Canones, Notario do Santo Officio, e Familiar da Caza do Excellentissimo D. Pedro de Lencastro Duque de Aveiro, em cujo obsequio para que se fizesse mais manifesto o direito que tinha à successão de taõ grande Caza, e Estado publicou

Allegação de Direito por o Senhor D. Pedro sobre a successão do Estado, Caza, e Titulo de Duque de Aveiro. Lisboa, por Domingos Carneiro. 1666. fol.

Satisfação, que se dà ao que a favor do Senhor Marquez de Gouvea escreverão os Lentes, Bachareis, e Advogados contra o Direito solido do Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor o Senhor D. Pedro tresneto por Varonia, e quarto neto do Serenissimo Rey D. Joaõ o II. filho, Irmaõ, e Tio dos Duques de Aveiro, e Torres Novas, Presidente que foy das Justiças em estes Reynos, e do Conselho do Estado, &c. Lisboa: por Joaõ da Costa. 1667. fol.

Fr. BOAVENTURA DA ASSUMPÇAM, natural da Villa de Aveiro do Bispaço de Coimbra Conego Secular da Congregação do Evangelista, insigne Prégador, e naõ menos douto investigador das antiguidades de sua Patria escrevendo

Topographia da Villa de Aveiro, obra Ecclesiastica, e Secular com huma breve descripção da Comarca. fol. M. S.

Fr. BOAVENTURA DAS CHAGAS natural da Cidade de Cochim na India Oriental, Religioso professo da Serafica Ordem da Provincia da Madre de Deos, Lente de Theologia, e Guardiaõ do Convento de Nossa Senhora do Pilar, eleito no primeiro Capitulo Provincial desta Provincia celebrado em 7. de Fevereiro de 1623. compoz

Exposição da Regra de São Francisco M. S. Como a Author desta Obra o allega Fr. Jacinto de Deos no livro intitulado *Caminho dos Frades Menores para a Vida eterna* Prelud. 2. §. 7. e delle faz menção no *Vergel de Plant. e Flor. da Prov. da Madre de Deos.* pag. 459. e Fr. Joan. a D. Anton. *Bib. Franciscan.* Tom. 1. pag. 238.

Fr. BOAVENTURA DAS CHAGAS naceo em Lisboa, donde passando à India Oriental recebeu o habito de Eremita de Santo Agostinho no Convento de Goa, em o anno de 1624. e nelle leo Filosofia aos seus Religiosos. Voltando para Portugal em o anno de 1634. depois de exercitar alguns lugares da Ordem com prudencia, e affabilidade foy eleito Provincial no anno de 1651. cujo governo exercitou pelo espaço de seis annos. Sendo mandado a Roma assistir ao Capitulo Geral celebrado em o anno de 1661. foy nomeado Assistente do Geral separado das Provincias de Castella onde falleceo, em 1664. Compuz

Cursus Philosophicus. fol. grande.

Compendium totius Theologiae. fol.

Estes dous volumes se conservaõ na Livraria do Convento da Graça desta Corte

Fr. BOAVENTURA MACHADO natural de Lisboa onde instruido nas letras

humanas, e Poesia sahio hum dos mais celebres cultores desta divina Arte. Movido de superior impulso deixou a Patria, e o nome de Simaõ Machado com que se chamava no Seculo, e no Convento Serafico da Cidade de Barcelona Capital do Principado de Catalunha se alistou nesta penitente Familia onde foy grande Theologo insigne Prégador e prudente Definidor. A natural inclinação, que tinha para a Poesia o moveo a que nunca deixasse a sua cultura ainda quando era Religioso celebrando em hum Poema as acçoens da vida, e gloriosa morte do P. Pedro Dias da Companhia de JESUS padecida a 13. de Setembro de 1571. em obsequio da Fè junto as Ilhas Canarias, o qual sahio com este titulo.

Primera parte del libro llamado Sylva de espirituales, y morales pensamientos, Symbolos, y Geroglificos sobre la vida, y dichosa muerte del P. Maestro Pedro Dias religioso dela Compañia de JESUS. Barcelona por Sebastian Jayme Matevad. 1632. 4.

Consta de 32. cantos compostos de varios generos de versos de que temos hum exemplar em cujo principio está o Soneto seguinte composto por D. Francisco Manoel de Mello em applauso do Author.

Nò del candido cisne melodia

Es lo que escuchas en morir suave;

Ni son estos los numeros del Ave

Dulcissimo pronostico del dia

Vozes divinas son, que al cielo embia

La grande voz, que en una xerga cave

Que de un padre atento el nombre grave

Se desata en Serafica armonia.

De un Soldado de Christo una Vitoria

Un Soldado de Christo oy te describe

Entre las flores desta culta Historia.

Lee, lee, y veràs como apercive

Estatuas para entrambos la memoria

Por lo que el uno obró, y el otro escribe.

Fazem menção desta obra, e do Author Nicol. Ant. Bib. Hisp. Tom. 1. pag. 180. e Fr. Joan. a D. Ant. Bib. Francisc. Tom. 1. pag. 235. e o moderno addicionador da *Bib. Occident.* de Antonio de Leon Tom. 2. Tit. 12. col. 675.

Dous Sonetos em lowor de Fr. Dimas Serpi no principio do *Tratado do Purgatorio* Barcelona. 1604.

Com o nome de Simaõ Machado quando era Secular.

Comedias de Dio 1. e 2. Part. Lisboa por Pedro Crasbeeck. 1601. 4. He o argumento o primeiro Sitio que os Mouros puzeraõ a esta Fortaleza no anno de 1538. governando D. Antonio da Sylveira, da qual obra diz Manoel de Faria, e Soufa Comment. às Luziad. de Camoens Cant. 2. Estanc. 50. pag. 466. col. 1. *En la traça delas que entonces se uzavan, y en la gravidad con muchas ventajas aloque oy se uza con gran presuncion de que se vence lo passado, nó siendo assi.* E no Cant. 10. Estanc. 25. pag. 358. col. 1. *En las veras dignas de estima, y en las burlas tan excellentes, que creemos sin duda no ay cosa, que se le aventaje en lo antigo, y en lo moderno.* Joan. Soar. de Brit. *Theat. Lusit. Litter.* lit. S. n. 19. as intitula. *Lepedissimas*, e dellas, e do Author faz memoria o novo addicionador da *Bib. Orient.* de Ant. de Leon. Tom. 1. Tit. 3. col. 60.

Comedias da Pastora Alfea 1. e 2. Part. Lisboa por Antonio Alvares 1631. 4. & ibi por Antonio Pedrozo Galraõ 1706. 4.

Soneto Castelbano às Reliquias que foraõ levadas à Igreja de S. Roque a 25. de Julho de 1588. Sahio impresso na Relação deste solemne recebimento &c. a fol. 125.

Sete Novellas Castelhanas que conforme escreve Joaõ Franco Barreto na *Bib. Portug.* M. S. se imprimiraõ em Castella.

BOAVENTURA MACIEL ARANHA Naceo no lugar de Darque fronteiro à Villa de Viana em a Provincia de Entre Douro, e Minho Contador da Fazenda da Mitra Primacial de Braga, e Secretario da Casa do Despacho da Relação Ecclesiastica do mesmo Arcebispado. Teve por Pays a Lourenço Maciel Aranha, e Izabel Rodriguez que sendo por elles educado com virtudes sahio instruido mais para seguir a vida Religiosa, que a secular que professa, revolvendo continuamente os livros asceticos de que tem resultado escrever as seguintes obras.

Consolação de atribulados, gemidos, e affectos Espirituaes de huma Alma a seu Esposo Jesu Christo, e varios documentos para quem quizer seguir a vida espiritual. Lisboa por Antonio Pedrozo Galraõ 1728. 8.

Brevissima introdução, e modo facil para

se aprender, e ajudar a bem morrer. Lisboa pelo dito Impressor 1728. 12.

Novo ramilhete de divinas flores para se aproveitarem de suas odoríferas, e celestiaes fragancias nas principaes horas, e occupaçoens da vida as Almas, que desprezando a terrestre dezejarem agradar a Deos, e alcançar a celestial. Coimbra no Real Collegio das Artes da Companhia de Jesus. 1728. 8.

Exercícios admiraveis para os dias do Recolhimento interior, que costumã, e devem as pessoas religiosas, e as que dezejaõ salvarse; descrevem-se as prerogativas da Oraçaõ: mostra-se que a Oraçaõ he para todos, e que ninguem se pode escusar della porque não sabe, ou porque não pôde; exprime-se hum breve methodo para os que a quizerem ter, e se daõ os pontos mais importantes para isso; trata-se da necessidade da mortificação, e quantas maneiras hã della; e tudo se exorna com os mais importantes documentos, e com as mais singulares sentenças. Lisboa por Antonio Pedrozo Galraõ 1728. 8.

Novo espelho do espelho em que se deve ver, e compor a Alma devota, que aspira ao perfeito amor de Deos, e à sua divina uniaõ: margarita espiritual, na qual se verá engastada a vida de Christo; e exornada de amorosas jaculatorias, e de admiraveis obsequios: dous methodos para se exercitar a Via Sacra Crucis. Explicação da Doutrina Christãã compendiosa; Sentenças de muitos Santos a diversos intentos: conselhos de Santa Theresa. Novena das Almas, e hum devotissimo Acto de Contriçaõ. Lisboa na Officina de Pedro Ferreira 1729. 8.

Cuidados da morte, e descuidos na vida representados nas vidas dos Santos, e dos Varoens illustres em Santidade que tem florecido no Reyno de Portugal fol. M. S.

Cuidados na vida, e descuidos da morte discutidos em tres epistolas espirituales, moraes, e politicas em correspondencia dos tres Estados de Casado, Religiofo, e Clerigo. fol. M. S.

Fr. BOAVENTURA DA PAYXAM natural do lugar do Trocifal do Patriarchado de Lisboa, Monge Cisterciense, cujo Instituto professou no Real Convento de Alcobaca a 9. de Julho de 1609. Depois de se graduar Doutor na Faculdade Theologica

se applicou mais ao estudo das virtudes, que das sciencias servindo de exemplar de perfeiçaõ aos seus domesticos que deixou saudozos da sua amavel companhia em o anno de 1637. no qual falleceo no Convento de Alcobaca. Compoz.

Tratados espirituales, e moraes fol. e 4. que se conservaõ escritos da sua propria maõ no Archivo do dito Convento. O seu Retrato está collocado em o Dormitorio entre os Varoens insignes desta Monacal Congregaçaõ.

BONIFACIO natural de Lisboa, e filho de Pedro Garcez. Foy dos celebres Jurisconsultos do seu tempo, e como tal Ouvidor da Serenissima Rainha D. Joanna mulher de Henrique IV. de Castella, e filha de nosso Rey D. Duarte a qual acompanhou quando foy despozar-se com aquelle Monarcha. Compoz huma Obra juridica que he hum Index de Leys, e Concluçoens a que elle chama Glossas ao qual poz o titulo seguinte.

Peregrina sive Peregrina Glossa Bonifaciana. No fim tem estas palavras. *Exactum, absolutumque hoc præclarum, atque insigne opus Peregrinæ, mandato, opera, et impensis Lazari de Gazanis, sociorumque impressum per nos Meinardum Ungut Alemannum, et Stanislaum Polonum Socios anno Incarnationis Salutiferæ MCDXCVII. die XX. Decembris.*

Lembraõ-se do Author, e da Obra Nicol. Ant. Bib. Vet. Hisp. lib. 10. cap. 12. §. 645. pag. 200. et lib. 10. cap. 16. §. 910. e 911. pag. 228. Franc. Alvar. de Riber. in *Respons. pro successione. Regn. Portug.* Part. 1. n. 41. pag. 22. v.º & Part. 3. art. 6. & ultim. n. 176. pag. 98. Joaõ de Barros *Descripç. de Entr. Dou. e Minh.* cap. 11. Conservava-se hum exemplar em a Livraria do Cardial de Soufa.

Fr. BONIFACIO DE THOMAR natural desta nobre Villa, e Monge Cisterciense professo no Convento de Santa Maria de Tama-raens situado no Bispaço de Leiria. As virtudes que praticava serviaõ de perpetuo estimulo aos seus domesticos para serem seus imitadores. Nas horas vagas dos exercicios da Religiaõ se occupava na liçaõ dos Santos Padres de cujas obras compoz as seguintes.

Sententiæ collectæ ex operibus Salonii Episcopi Vienenfis, S. Gregorij Thaumaturgi, S. Martini Episcopi Turonensis; Petri Blessensis, Ennodij Episcopi Tiffinensis, Laurentij Novariensis, Edmundi Episcopi Cantuariensis, & Justi Abbatis. fol. M. S.

Sententiæ collectæ ex operibus S. Leonis Papæ; Idiota; Petri Abbatis Cellensis Episcopi Carnotensis; Gregorij, Carthusiani, Severini Episcopi, & Richardi Eremitæ. fol. M. S. Conservaõ-se estes dous volumes na Bibliotheca do Real Convento de Alcobaça..

BRAZ DE ABREU natural da Cidade de Elvas na Provincia do Alentejo. Aprendeu na adolescencia a Arte da Pintura a que o inclinava o genio, e posto que nella sahio perito estudou com mayor difvelo copiar no seu espirito as virtudes heroicas com que floreceu por toda a vida. Dezejoso de visitar os lugares da Palestina sanctificados com o sangue do Redemptor do mundo pedio faculdade ao Ven. P. Bartholameu do Quental seu espirital director para executar este pio intento, o qual lho impedio segurando-lhe que estava destinado por Deos para mayores obras do seu serviço, e assim succedeo pois dando com profusa liberalidade ao Hospital Real de Lisboa quinze mil cruzados que era quanto possuya para cura dos enfermos, abrazado em mais ardente charidade deixando o mundo se recolheo ao mesmo Hospital onde exercitando o Officio de Enfermeiro fez açoens taõ cheyas de ardente zelo do proximo que mereceo ser premiado na gloria, e concorrer grande multidaõ de povo a venerar o seu cadaver levando parte dos seus cabellos, e vestidos como preciosas reliquias. Assim o escreve o P. Jozé Catalani in *Vit. V. P. Barthol. do Quental* impressa Romæ 1734. à pag. 119. *Qui rei familiaris elargitione, & eximio charitatis studio agrotos adeo profecutus est, ut hac via altum perfectionis gradum fuerit adeptus, habitusque ab omnibus in ea Santimonix opinione, ut post ipsius obitum ad visendum, ac venerandum cadaver passim concurrerent, recisosque Capillos, ac vestes tamquam Sacras reliquias asservarent.* Traduzio de Castelhana em Portuguez.

Luz para visitar as Estaçoens da Via-Sacra que a piedade Christã tem introduzido por alguns povos, e Conventos com algumas devoçoens acrescentadas. Lisboa por Joaõ Galraõ 1670. 12. & ibi por Miguel Manefcal. 1679. & ibi 1718.

Deixou imperfeita

Vida do Ven. Servo de Deos Gregorio Lopes. M. S.

Fr. BRAZ DE ALCANTARA natural de Lisboa Monge Cisterciense em o Real Convento de Alcobaça muito douto na Theologia Positiva, e Moral, e naõ menos em a liçaõ da Historia Sagrada, e profana. Escreveo as seguintes obras que se conservaõ na Bibliotheca de Alcobaça em hum volume M. S.

Speculum Sanctoralis Fr. Joannis Guidonis Episcopi Lugdunensis. *Tractatus nominum Apostolorum, & Discipulorum Christi. Officium Missæ a D. N. Jesu Christo, & Sanctis Apostolis, ac demum per Romanos Pontifices ordinatum. Tractatus in quo continentur duodecim testamenta Patriarcharum filiorum Jacob. Vita Secundi Philosophi, qui floruit tempore Adriani Imperatoris. Tractatus de Articulis Fidei, et de præceptis Ecclesiæ, et Decalogi. Varij Successus ab anno 1127. ad 1272. Vitæ Episcoporum Lemovicensium.*

D. Fr. BRAZ DE BARROS naceo na augusta Cidade de Braga, e teve por Pays a Valentim de Barros Morgado de Amoreira, que obrou militares proezas nas Campanhas de Africa, e Castella, reynando os Serenissimos Reys D. Affonso V. D. Joaõ o II. e D. Manoel; e a Donna Brites Pereira, Primo do insigne Joaõ de Barros, e Tio do Conego Gaspar Barreiros, dos quaes em seus lugares se fará distinta memoria. Com resoluçaõ heroica antepoz às delicias da caza paterna os rigores do Claustro Religioso, recebendo o Habito de Saõ Jeronymo em o Convento de Penha-longa, onde professou a 30. de Setembro de 1516. Para viver mais retirado do comercio humano, elegeo por domicilio o Convento da Pena, em o qual ratificou a Profissaõ solemne a 15. de Agosto de 1525. Querendo instruir-se em as Sciencias Sagradas partio com

Fr. Diogo de Murça a Lovanha, em cuja celebre Universidade estudou Theologia donde partio para o Reyno com grande fama de Letrado. Como fosse difficil de distinguir se era mais eminente nas virtudes, que em as letras, o nomeou ElRey D. Joaõ o III. para Reformador da Congregação dos Conegos Regulares de Santo Agostinho, cuja ardua empreza começou a 13. de Outubro de 1527. e a concluhio no anno de 1544. com igual prudencia, que suavidade reduzindo os Conegos à primitiva observancia, que estava algum tanto relaxada. Com a efficacia das suas persuassoẽs fundou aquelle Monarcha a Universidade de Coimbra de que resultou tanta gloria a este Reyno, e naõ menor applauso ao Author de taõ maduro conselho, pelo qual o congratula Jeronymo Cardoso: *Elegiar. lib. 1. Eleg. 12.* com estas metricas expressoens.

Cecropiæ decus, & Latia tutela Minerva

Blasi, qui nobis Phæbus ut alter adest.

Tu Sacra Musarum longis abstrusa tenebris

Lampade Phæbea lucidiora facis.

Præsida te studia hætenus intermissa resurgunt,

Et sublime ferunt sydera ad alta caput.

Te duce barbaries nostras bachata per oras

In Geticas rediit, Cymeriasque domos.

Tu facis ut doctis non invidemus Athenis

Ne ve tibi Ansonia, Gallia ne ve tibi.

Æthere demissum fas est te credere ab alto

Imperio Summi, Concilioque Dei.

Neste tempo erigindo a Magestade del-Rey D. Joaõ o III. a Cidade de Leiria em Cathedral, o elegeo por primeiro Bispo desta Diocese, confiando do seu talento desempenharia as obrigações de vigilante Pastor. Expedidas as Bullas pelo Papa Paulo III. a 22. de Mayo de 1545. tomou posse da nova dignidade a 28. de Julho do dito anno, em a qual executou em beneficio do seu rebanho tudo quanto prometia a sua inculpavel vida, assim em o ornato dos Templos, como no soccorro dos pobres, até que lembrado do silencio da sua Cella renunciou o Bispado no anno de 1550. e se recolheo ao Convento da Pena, onde assistido de hum só criado vivia com summa pobreza, e profunda humidade de tal sorte, que sendo algumas vezes chamado ao Paço, e passando pelo

real Convento de Bellem hia tomar a benção ao Prelado, e se era dia de Capitulo dizia a sua culpa na prezença de toda a Comunidade. No Convento onde habitava mandou abrir a sua sepultura em a qual como escolla do ultimo defengano entrava muitas vezes para aprender a preparação para a morte que teve feliz a 31. de Março de 1559. a cujas exequias assistio o Cardial D. Henrique. Sobre a campa da sepultura mandou gravar este breve, e humilde Epitafio.

Fr. Braz de Barros primeiro Bispo de Leiria.

Varios elogios lhe deraõ diversos Escriptores sendo os principaes, Jorge Cardoso *Agiol. Lusit.* Tom. 2. pag. 363. chamando-lhe *Exemplar espelho de Prelados.* Fr. Manoel Leal *Crysol Purif.* pag. 472. n. 12. *Varaõ verdadeiramente Apostolico, e consummado em todas as virtudes.* Joan. Soar. de Brit. *Theatr. Lusit. Litter.* lit. B. n. 36. *Vir pietate, prudentiaque conspicuus.* Illustrif. Cunha *Hist. Eccles. de Brag.* Part. 2. cap. 78. n. 5. *Religioso de prudencia, capacidade, e virtude.* Joan. Vafæus *Chron. Hispan.* cap. 12. *Virum integritate vitæ omnibus valde commendatum, & severum monastica observantiæ instauratorem.* Siguença *Hist. dela Ord. de S. Jeron.* Part. 3. Liv. 2. cap. 42. *Excelente Varon.* Fr. Franc. de Barcellos in *Prolog. Triumph. Cruc. bonarum litterarum in hoc Regno, & monastica religionis reparatio huic præcellenti viro maximo jure adscribenda est.* Fr. Ant. à Purif. *Chronol. Monast.* pag. 65. *Ob egregios dotes primus Episcopus Leiriensis.* D. Nicol. de Santa Maria *Chron. dos Coneg. Regul.* Liv. 4. cap. 5. n. 16. e Liv. 6. cap. ult. n. 26. *Severim Disc. Var.* fol. 24. D. Fr. Thom. de Faria *Decad. Lib. 9.* cap. 10. & Lib. 10. cap. 3. *Carvalho Corog. Portug.* Tom. 1. Trat. 2. cap. 1. Compoz.

Constituições do Bispado de Leiria, aceitas em o Synodo pelo Cabido approvadas, e confirmadas pelo Nuncio Apostolico Joaõ de Monte Policiano em Lisboa no 1. de Junho de 1549. Sahiraõ impressas, e accreentadas por seu successor no Bispado D. Pedro de Castilho. Coimbra 1601. fol. Dellas faz menção o Illustrissimo Cunha na *Hist. Eccles. de Brag.* Part. 2. cap. 78.

Traduzio de Latim de Fr. Henrique Harphio Provincial dos Religiosos Franciscanos da Provincia de Colonia, em Portuguez, e dedicou a ElRey D. João o III.

Espelho da Perfeição. Coimbra no Convento de Santa Cruz de Coimbra. 1533. 4.

Constituições, e costumes reformados dos Conegos Regrantes de Santa Cruz de Coimbra. Impresso no mesmo Convento. 1534. que era o setimo de sua Reformaço. Sahio 2. vez no dito Convento em 1544. 4. no fim da qual edição se juntou a Regra de Santo Agostinho vertida em Portuguez, sendo este anno o decimo setimo, e ultimo da sua Reformaço.

D. BRAZ DE CASTRO. Naceo em Lisboa, e teve por progenitores a D. Rodrigo de Castro, e D. Anna de Eça, filha de Luiz de Brito Pagem do Cardial D. Henrique, e de D. Ignez de Castro. Depois de ter obrado acções dignas de memoria as eclypsou injuriosamente quando em o anno de 1652. atendendo mais aos impulsos da ambição, que à nobreza do seu nascimento aceitou o Governo da India, a que o elevou huma sublevação popular mandando prender ao Conde de Obidos D. Vasco Mascarenhas eleito Vicerrey do Estado pela Magestade delRey D. João o IV. de que se originou a decadencia fatal da India, e sendo mandado prezo pelo Conde de Sarzedas Vicerrey do Estado antes de chegar ao Reyno morreo na viagem em o anno de 1655. Foy cazado com D. Antonia da Sylveira filha de Francisco da Sylveira Claveiro da Ordem de Christo, e Capitaõ de Dio, e de D. Cecilia Henriques filha de D. Jorge de Castello-Branco Capitaõ mór do Norte, e D. Maria Henriques. Escreveo.

Apologia pelo Conde de Obidos Vicerrey da India. M. S. 4. Conserva-se na Livraria do Excellentissimo Conde de Vimieiro.

Do Author faz menção o Conde da Ericeyra D. Luiz de Menezes *Portug. Refl.* Tom. 1. Liv. 11. pag. 782. e 859. & D. Fernand. de Menezes *Histor. Lusit.* Lib. 10. pag. 827.

Fr. BRAZ DA COSTA Religioso da Ordem dos Prégadores, cujo Habito recebeo na Cidade de Lima nas Indias Occidentaes onde exercitou por muitos annos o Officio de Orador Evangelico com grande applauso do seu talento deixando para memoria do genio que tinha para o pulpito.

Sermão de São Domingos.

Sermão de Santo Thomaz de Aquino.

Sermão de Nossa Senhora.

Que todos sahiraõ impressos na Cidade de Lima. Morreo em Chiclana distante duas legoas de Cadiz.

Fr. BRAZ DO ESPIRITO SANTO. Naceo em Lisboa onde pela educação de seus Pays Sebastião João, e Maria de Mattos, e muito mais pelo seu genio mostrou em annos verdes acções proprias de huma idade muito madura. Applicado aos estudos era taõ escrupuloso de gastar o tempo inutilmente, que até se negava aos divertimentos licitos para mais profundamente penetrar os mysterios da Filosofia, e Theologia, em cujas faculdades sahio eminente. Illustrado o seu entendimento com o conhecimento especulativo de Deos se lhe inflamou a vontade para finalmente o amar, e discorrendo qual seria o caminho mais certo para conseguir este fim resolveo abraçar o estado Religioso onde livre de cuidados mundanos totalmente se dedicasse ao seu Creador. Firme em taõ santa resolução elegeo entre as Familias Regulares a auftera Provincia da Arrabida, e propondo o seu intento ao Provincial Fr. Martinhos Reys lhe mandou recebesse o Habito Serafico no Convento de São Jozé de Ribamar, onde professou a 19. de Mayo de 1625. Todo o seu estudo era imitar aos Religiosos mais exemplares, e para que senaõ esquecesse das Sciencias que adquirira com tanto disvello, lhe foy permitido contra o costume ordinario o uzo de alguns livros Theologicos. Ordenado de Sacerdote, e alcançando patente de Prégador exercitou este apostolico ministerio com grande fruto dos ouvintes principalmente nas Villas de Santarem, Benavente, e Salvaterra. Attenuado com o excesso das penitencias, lhe sobreveyo huma aguda febre pela qual conheceo ser che-

gado o termo da sua vida, e recebendo os Sacramentos com grande piedade falleceo no Hospital de Lisboa a 21. de Setembro de 1638. com quarenta annos de idade, e 15. de Religiaõ. Compoz.

Tratado Theologico, que se imprimio conforme escreve Fr. Jozé de Jezu Maria *Chron. da Prov. da Arrab.* Part. 2. Liv. 1. cap. 17.

Reposta a mil, e quatrocentas dividas, que se podem formar no santo exercicio da Oraçaõ. Cujá obra como affirma o Chronista allegado na mesma parte, tendo já as licenças necessarias para se imprimir, a sua morte, e a nossa pobreza, ou omiſſãõ priváraõ as almas de doutrina taõ importante, e a Provincia desse lustre.

BRAZ DA FRANCA. Naceo em Roma de Pays Portuguezes, onde como na palestra da mayor politica fahio instruhido insignemente nos dictames desta Arte, sendo naõ menos versado na liçaõ da Historia profana. Entre muitos discursos politicos em que se admirou a profundidade do seu talento he o mais digno de estimaçaõ o que publicou no anno de 1645. com este titulo sem o seu nome.

Discurso del Duque de Alva al Catholico Felipe IV. sobre el consejo que se le diò en Abril passado para la recuperacion de Portugal con su parecer en la misma materia. 4. Naõ tem lugar nem nome do Impressor, e sómente na parte inferior de cada pagina as letras iniciaes B. F. que saõ as do nome do Author. Delle, e da obra faz mençaõ Joaõ Franco Barreto na *Bib. Portug.* M. S.

BRAZ FREYRE DE PINA. Veja-se o P. FRANCISCO FREYRE.

BRAZ GARCIA MASCARENHAS. Naceo na Villa de Avò pouco distante da Serra da Estrella na Provincia da Beyra a 3. de Fevereiro de 1596. Teve por Pays a Marcos Garcia, e Helena Madeira descendentes das familias mais nobres da sua Patria. Depois de estudar nella a lingua Latina, passou a Coimbra movido de ver humas festas que nesta Cidade se celebravaõ, onde por causa de humá paixãõ amorosa que desculpava a ver-dura dos seus annos foy prezo na cadeya

da Portagem, da qual valendo-se de hum artificio fugio para Madrid, e depois de assistir alguns mezes nesta Corte atrahido das fauldades da Patria veyo a hum porto de mar, e se embarcou em hum Pataxo que sendo accommettido por huma poderosa Náo de Turcos no tempo que estava para se render, a assaltou por barlavento humá Fragata de Corsarios, dos quaes escapando os Turcos ficou prizioneiro dos piratas, que o lança-raõ em hum porto de Italia. Depois de discorrer por Italia, França, e Espanha, em cuja peregrinaçaõ alcançou muitas, e importantes noticias, se restituhio ao Reyno donde estimulado da gloria militar se embarcou para o Brazil, e pelo espaço de nove annos com o posto de Alferes obrou acções heroycas em beneficio do Estado, e ruina dos Olandezes. Voltando a Portugal no feliz tempo em que por seu Soberano se tinha acclamado o Serenissimo D. Joaõ o IV. querendo publicar a fidelidade do seu coração, e o valor do seu espirito em obsequio do novo Principe, levantou humá Companhia de mancebos nobres em a praça da Villa de Pinhel, de que elle foy Capitãõ, donde passou a ser Governador da Praça de Alfayates, e em hum, e outro posto sentiraõ os Castelhanos os golpes da sua espada triunfante, principalmente quando com duzentos mosqueteiros emboscados sobre o rio Agueda em o porto de S. Martinho os obrigou com morte de muitos a deixarem a preza de mais de vinte mil cabeças de gado, que vangloriosos levavaõ dos nossos campos. Havendo com tanta gloria triumphado dos inimigos estranhos, experimentou mais forte resistencia em os domesticos acusando-o falsamente do feyo crime de infidencia pelo qual foy recluso na Torre do Sabugal. Querendo justificar a sua innocencia se valeo da industria de pedir hum livro para com a sua liçaõ divertir alguma parte da melancolia que o atormentava, e juntamente farinha para hum medicamento, linhas, e tizoura para reparar os seus vestidos. Tanto que recebeu o que pedia, compoz em verso humá Carta a ElRey D. Joaõ o IV. formada das letras que cortara do livro que lhe fora dado, e as unio com a massa que fizera da farinha relatando com notaveis ex-

pressoens dictadas pela efficacia da sua opressão a injustiça com que fora prezo, e a fidelidade que sempre conservara incorrupta para o seu Principe; e esperando o mais alto silencio da noute a lançou da muralha pendente das linhas a hum Soldado seu confidente para que a entregasse a seu Irmao; o qual apresentando-a a ElRey ordenou logo que viesse a Corte onde justificada a sua innocencia o premiou com o habito da Ordem militar de Aviz, e foy restituído ao governo da Praça de Alfayates. Nomeado Superintendente da Cavallaria da Comarca de Esgueira, para evitar a infolencia dos seus emulos de quem tao gloriosamente triumphara, se retirou à Patria onde livre de penosos cuidados se dedicou ao estudo da Poesia que desde os primeiros annos cultivara até que acabou a vida a 8. de Agosto de 1656. quando contava 60. annos de idade. Compoz.

Viriato Tragico em Poema heroico. Coimbra por Antonio Simoens Impressor da Universidade 1699. 4. Consta de 20. Cantos. Sahio postumo. A esta obra como a seu Author louva o P. Antonio dos Reys no *Enthusiasm. Poet.* n. 108. dizendo.

= *Viriatum laudibus effert*

*Blasius, atque gemens pereuntis fata, dolentes
Imbre rigat vultus, et tristi carmine duras
In plantum felices cogit.*

Auzencias Brasílicas. M. S. Esta obra fez quando voltou do Brasil.

Labiryntho do Sentimento na morte do Serenissimo Principe D. Duarte. Esta obra poetica que se lia com diversos sentidos por todos os lados levou o primeiro premio na Universidade de Coimbra onde se fez hum Certame a este lamentavel assumpto.

Romances Sacros, e profanos 4. M. S.

P. BRAS GOMES Religioso da Companhia de JESUS, e Mestre dos Noviços em o Collegio de Coimbra. Escreveo.

Vida do Irmao Francisco de Andrade da Companhia de JESUS que morreo em Coimbra a 16. de Fevereiro de 1569. sendo noviço. Do Author, e da obra faz memoria o P. Antonio Franco *Imag. da Virt. em Nov. de Coimb.* Tom. 1. liv. 3. cap. 54. §. 15.

BRAZ JOSEPH REBELLO LEYTE. Naceo em Lisboa sendo filho de Pedro Gomes Bravo Rebello, e D. Luiza Victoria Pereira da Cunha. Depois de estar instruido na Grammatica Latina, Rhetorica, e Humanidades frequentou a Aula da Filosofia em a Casa de N. Senhora da Divina Providencia dos PP. Theatinos desta Corte, em que teve por Mestre ao P. D. Celestino Segueineau, de que brevemente faremos mais distincta memoria; e a da Theologia no Collegio de Santo Antão dos Religiosos Eremitas de Santo Agostinho, e sahindo em ambas estas Faculdades muito perito passou à Universidade de Coimbra para se applicar ao Direito Pontificio no qual com applauso dos Cathedricos recebeu o grão de Bacharel em o anno de 1738. Entre a severidade destas sciencias sempre cultivou o ameno cume do Parnasso donde colheo abundantes frutos metrificando com grande suavidade, e não menor affluencia em as linguas Latina, Portugueza, e Castelhana, sendo muito intelligente da Franceza, e Italiana. Na Academia *Latina, e Portugueza*, e na dos *Applicados* de que foy Collega, e muitas vezes Presidente, mereceo a geral aclamação dos seus alumnos venerando felizmente unida em o seu penetrante engenho a Arte da Oratoria com a Poetica, da qual tem dado ao publico os seguintes argumentos.

Romance Endecasylabo á morte da Serenissima Senhora Infanta D. Francisca. Sahio nos Sentimentos Metricos. Lisboa por Miguel Rodriguez. 1736. 4.

Soneto e he o 44. ao mesmo assumpto. Sahio na 2. *Colleção dos Sentim. Metric.* Lisboa pelo dito Impressor 4.

Tres Sonetos que são 20. 21. e 22. ao mesmo assumpto. Sahiraõ na 3. *Collec. dos Sent. Metric.* Lisboa pelo dito Impressor 4.

Romance, e Decimas Acrosticas ao mesmo assumpto. Sahiraõ nos *Accentos Saudosos das Musas Portuguezas.* 1. Part. Lisboa por Ant. Isidoro da Fonseca. 1736. 4.

Glossa ao Soneto Que choras Portugal? A Sorte impia, e hum *Soneto* ao mesmo assumpto. Sahio na 2. Part. dos *Accentos Saudos.* Lisboa pelo dito Impressor.

Romance Endecasylabo ao P. D. Ra-

saet Bluteau à pag. 72. *Soneto* à pag. 78. *Epigramma Castellano* à pag. 83. *Endechas* à pag. 127. *Elogium Sepulchrale* em estilo lapidario que acaba com hum *Epigramma Latino* à pag. 134. Todas estas obras sahiraõ no *Obsequio Funebre* dedicado à saudosa memoria do P. D. Rafael Bluteau pela *Academia dos Applicados*. Lisboa por Antonio Jozé da Sylva. 1734. 4. No fim está à pag. 169. *Decimas, e Soneto em applauso de Diogo Rangel de Macedo*.

Romance Endecasyllabo no qual se comprehendem as acçoens da vida, e morte do Senhor D. Manoel Caetano de Sousa. Sahio no fim da Oração funebre que na morte do mesmo P. recitou na Academia Latina, e Portugueza Philippe Jozé da Gama. Lisboa por Jozé Antonio da Sylva Impressor da Academia Real. 1736. 4.

Lyra afinada, e defacorde por obsequio funebre às saudosas memorias do Excellentiſſimo, e Reverendiſſimo Senhor D. Caetano Cavalieri Arcebispo de Tarso, e Nuncio Apostolico dos Reynos de Portugal. Lisboa por Pedro Ferreira Impressor da Augustissima Rainha. 1739. 4.

Traduzio de Italiano em Portuguez.

Dialogo Sagrado sobre o Genesis escrito pelo Doutor Paulo Medici Sacerdote, e Lector publico de Theologia Positiva em Florença. Lisboa por Domingos Gonçalvez. 1739. 4.

Parte 2. Lisboa pelo dito Impressor, e anno. 4.

BRAZ LUIZ DE ABREU filho de Francisco Luiz de Abreu, e Francisca Rodriguez de Oliveira naceo na Villa de Ourém em a Provincia da Extremadura do Bispado de Leyria a 3. de Fevereiro de 1692. Applicouſe à faculdade da Medicina em a Universidade de Coimbra onde depois de receber o gráo de Bacharel a exercitou com fortuna, e sciencia. Com beneplacito de sua mulher que se retirou com suas filhas ao Recolhimento de S. Bernardino de Terceiras de S. Francisco situado na Villa de Aveiro passou ao Estado Ecclesiastico, em que se conserva com louvavel procedimento. Além de ser douto na sua Faculdade he versado em todo o genero de erudição, como tambem da Poesia vulgar. Compoz.

Aguilas hijas del Sol, que buelan sobre la Luna. Representacion comica Tragica Triumphal dela memorable victoria gloriosamente alcançada por las aguilas imperiales contra las nocturnas aves Ottomanas en el Campo de Peter-varadin dia 5. de Agosto año 1716. Coimbra por Bento Seco Ferreira 1717. 4.

Sol nacido no Occidente, e posso ao nacer do Sol. S. Antonio Portuguez epitome historico, e panegyrico de sua admiravel vida, e prodigiosas acçoens. Coimbra por Jozé Antunes da Sylva Impressor da Univerſidade 1725. fol.

Portugal Medico, ou Monarchia medico Lusitana Historica, Practica, Symbolica, Ethica, e Politica fundada, e comprehendida no dilatado ambito dos dous mundos creados Macrocosmo, e Microcosmo. Part. I. Coimbra por João Antunes. 1726. fol.

Feniz Lusã. Contem a vida, e acçoens do Serenissimo Senhor Infante D. Manoel M. S.

Lusãda Sacra. Poema heroico cujo argumento he a Origem, e successos do Imperio Lusitano assim Ecclesiastico como secular. M. S.

Vida, e acçoens do primeiro Principe do Brasil para exemplar do nosso Serenissimo Principe D. Jozé. Tem por titulo este anagrama *Theodosio. Todo Jozé*. M. S.

Fr. BRAZ DE SANTA MARIA Eremita de Santo Agostinho, e Confessor do Illuſtrissimo Arcebispo de Goa D. Fr. Aleixo de Menezes, a quem acompanhou na Jornada que fez às Serras do Malabar em o anno de 1598. escrevendo.

Informaçoes da Viagem às Serras do Malabar. M. S.

Das quaes se aproveitou D. Fr. Antonio de Gouvea para a composiçã da Historia desta Jornada, que imprimio em Coimbra por Diogo Gomez Loureiro Impressor da Univerſidade 1606. fol. e o confessa no Prologo desta obra. Do Author das Informaçoes faz menção o moderno addicionador da *Bib. Orient.* de Antonio de Leon. Tom. 1. Tit. 3. col. 62.

BRAZ DE MATTOS Ulyſſiponenſe a quem como Varaõ versado nas materias de Theologia Myſtica louva Joan. Sua-

res de Brit. in *Theatr. Lusit. Litter.* lit. B. n. 37. Compoz.

Pratica espiritual do desprezo do mundo chamado espelho de peccadores. Lisboa por Pedro Crasbeeck. 1620. 4.

BRAZ MENDES DA BARCA Theologo Moralista. Estudou em a Universidade de Evora com o estipendio Real. Compoz em 26. de Abril de 1622.

Compendium Scale Cæli. M. S. 8.

BRAZ NUNES MAÑANAS natural da Villa de Alter do Chaõ da Provincia de Alentejo Medico da Magestade delRey D. Joaõ o IV. taõ insigne nesta profissãõ como em a Poesia de que fez muitas obras, sendo a mais celebre hum Romance Satyrico contra o Medico Antonio da Motta por lhe preferir em tomar o pulso à Rainha D. Luiza Francisca de Gusmaõ. Começava.

Tiene Blas condicion dura

o qual naõ se lhe permitio que o imprimisse.

Soneto em applauso de Diogo Ferreira de Figueiroa impresso no principio de seu livro *Desmayos de Mayo* &c. Villa viçosa por Manoel Carvalho. 1635. 8.

Epigramma Latino à morte da Senhora D. Maria de Attayde. Sahio nas *Memorias Funebres.* Lisboa na Officina Craesbeeckiana. 1650. 4.

BRAZ PEREYRA DE MIRANDA. Naceo na Cidade do Porto onde teve por Pays a Joaõ Alvarez Pereira, e D. Bernardina de Soufa. Entre os estudos a que se applicou com mayor disvelo foy o da Genealogia em que fez grandes progressos escrevendo.

Familias deste Reyno.

Com grande curiosidade, e verdade como affirma o P. D. Antonio Caetano de Soufa no *Apparat. à Hist. Geneal. da Caça Real* pag. 60. §. 40.

Além da Obra referida fez notas importantes sobre o estudo Genealogico que ficaraõ em poder de seu Neto D. Jorge Henriques Senhor das Alcaçovas, e Vedor da Sereñissima Raynha D. Mariana de Austria. Fazem illustre memoria do seu nome Franc. *Bib. Portug.* M. S. Joan. Soar. de Brit. *Theat. Lusit. Litterat.* lit. B.

n. 38. e D. Francisco Manoel na *Cart. dos Author. Portug.* escrita ao D. Manoel da Fonseca Themudo.

BRAZ PINTO. Foy muito perito no estudo da Alveitaria, de que compoz hum Livro que conservava seu filho Manoel Pinto, como escreve Joaõ Franco Barreto na *Bib. Portug.* M. S.

Fr. BRAZ DE RESENDE natural de Evora filho de Jorge de Resende, irmão de André Falcaõ de Resende, de quem já fizemos memoria, e sobrinho de Garcia de Resende Chronista delRey D. Joaõ o II. Deixado o nome de Jorge que conservava no seculo entrou na Religiaõ Dominicana na qual foy taõ insigne em letras, como em virtudes, pelas quaes mereceo particulares estimações do Duque de Aveiro D. Joaõ de Lencastre filho do senhor D. Jorge Duque de Coimbra. Compoz varias obras Poeticas mais devotas, que elegantes sendo as principaes.

Auto do pranto da Magdalena.

Auto do pranto de S. Pedro.

Delles, e do Author fazem memoria Fr. Pedro Monteiro *Clauff. Domin.* pag. 177. *Fonsec. Evor. Glorios.* pag. 411. e Joaõ Franco Barreto *Bib. Portug.* M. S.

Fr. BRAZ SOARES. Naceo na Cidade de Ponte-Delgada Capital da Ilha de S. Miguel, e foy filho de Affonso Nunes, e de sua terceira mulher Joanna Soares. Deixando a patria passou às Ilhas Filippinas, onde recebeu o Habito da Ordem dos Prêgadores, e de tal modo se constituhio hum vivo exemplar de todo o genero de virtudes, que desejavaõ os Religiosos mais observantes reformar a Provincia, que estava summamente relaxada, o mandaraõ a Roma para executar esta empreza de que resultava tanto credito à Religiaõ. Chegado à Curia foy prezo por sinistras informaçoes de alguns emulos que se opunhaõ à Reforma, e depois de padecer diversas molestias achando occasiaõ oportuna de fahir do carcere se lançou aos pés do Santo Pontifice Pio V. a quem fielmente expoz a causa porque fora mandado àquella Corte, e conhecendo o Summo Pastor muito mais da modestia do semblante que da

efficacia das palavras a innocencia da sua vida, o nomeou Visitador, e Reformador da dita Provincia de cuja commissão modestamente se escusou supplicando-lhe a faculdade de passar para a Religião dos Eremitas de Santo Agostinho, onde com summa tranquillidade queria acabar a vida. Desirio benevolamente o Pontifice a esta supplica, e foy admitido à Ordem Augustiniana pelo seu Geral Thadeo Perusino com grande satisfação por venerar na sua pessoa as virtudes de hum perfeito Religioso, concedendo-lhe licença de que vivesse na sua patria para soccorro de alguns parentes necessitados. Não foy pequeno o jubilo com que os naturaes de Ponte-Delgada o receberam, e buscando por domicilio a Ermida de Santa Anna se occupava na direcção espiritual de muitas almas sendo as principaes a Ven. Matrona Margarida de Chaves, e Isabel de Miranda, de que resultou nomealho em attenção de seus virtuosos costumes, Confessor das Religiosas do Convento de Santo André o Bispo D. Pedro de Castilho que depois passando à Mitra de Leiria foy Inquisidor Geral, e duas vezes Governador deste Reyno. Erigindo-se a 25. de Julho de 1606. o primeiro Convento de Eremitas Augustinianos na Cidade de Ponte-Delgada foy eleito para primeiro Prelado, que elle humildemente regeitou, onde cheyo de virtudes, e não menos de annos que chegaraõ a 100. passou desta vida caduca para a eterna a 11. de Mayo de 1613. O seu cadaver foy trasladado no anno de 1618. para o novo Convento de Santo Agostinho edificado junto da Parochia de São Pedro por faculdade do Bispo D. Agostinho Ribeiro e o depositaraõ debaixo do Altar môr. Fazem delle menção Herrera in *Alphab. Augustin. dignus plane vir, qui in memoria hominum vertatur, non minus propter insignia merita, quàm propter illustrissimas filias.* Ant. à Purif. *Chronol. Monast.* pag. 55. Franc. Affons. de Chav. e Mello *Vid. da Ven. Margarid. de Chaves* pag. 287. Elbio *Encom. August.* pag. 129. Cardoso *Agiol. Lusit.* Tom. 3. pag. 166. e no Comment. de 11. de Mayo letr. D. Fr. Ant. da Natividade. *Monte de Coroas* Coroa 8. §. 2. num. 40. Compoz.

Vida da Ven. Margarida de Chaves sua Confessada, da qual grande parte fahio impressa na vida desta Serva de Deos escrita na lingua Italiana. Roma por Bartholomeu Zannetto. 1612. e se conserva na Livraria do Convento da Graça de Lisboa. 8.

Vida da Ven. Isabel de Miranda sua Confessada. Fr. Luiz dos Anjos no *Jardim de Portug.* cap. 180. fallando desta Serva de Deos faz menção do Escriitor da sua vida dizendo: *A guion no caminho da perfeição como quem tinha dom de Deos para semelhantes obras de virtude por ser experimentado em tratar com almas temerosas, e de boa consciencia, o qual escreveo huma larga historia desta Serva de Deos.* Conserva-se no Convento da Graça de Lisboa. 8.

Vida de Martha Soares sua Confessada. M. S. Desta Obra faz memoria Cardoso *Agiol. Lusit.* Tom. 3. pag. 193. no Comment. de 11. de Mayo. Letr. D.

P. BRAZ VIEGAS natural de Evora onde instruido com virtuosos documentos por seus Pays Pedro Palha, e Violante Viegas deixou a sua companhia para se alistar em a de JESUS no Collegio da sua Patria a 15. de Fevereiro de 1569. quando contava defeseis annos de idade. Aprendidas as letras Humanas, e Divinas com enveja de seus condiscipulos as diçtou com admiração de todos os Mestres principalmente quando explicou com solida subtileza em as Universidades de Coimbra, e Evora, onde recebeu o grão de Doutor em Theologia a 24. de Julho de 1594. os profundissimos arcanos da Sagrada Escriitura que se lhe fizeraõ mais patentes pela grande intelligencia que tinha da lingua Hebrayca, não sendo menos eminente em a sciencia da Grega, e Latina. Foy Orador elegante, Poeta insigne, Prégador excellente, e Escriurario famoso. Todos estes scientificos dotes se illustravaõ com a innocencia da vida, affabilidade do genio, observancia do Instituto, sendo venerado por todos como perfeito exemplar assim de letras como virtudes. Morreo no Collegio de Evora a 22. de Agosto de 1599. com 46. annos de idade, e 30. de Religião. O seu nome exaltaõ Nicol. Anton.

Bib. Hisp. Tom. 1. pag. 140. *Ingenuarum omnium artium eruditione perpolitus.* Ribadaneir. *Cathal. Illust. Script.* S. J. *Vir non ingenio tantum magno, facili, prompto, atque ad omnia parato, sed etiam placido, affabili, & benigno.* Fr. Franc. à D. Aug. Maced. *Propugnacul. Lus. Gallic.* pag. 111. *Clarissimum Scripturarum Interpretem,* & p. 118. *Sacrarum litterarum insignem professorem,* e Philip. Portug. cap. 21. p. 110. *Grave, e douto Escriturario.* Joan. Soar. de Brit. *Theatr. Lusit. Litterar. lit.* B. n. 39. *Vir Latinis, & Græcis litteris apprime eruditus.* Franco *Ann. Glorios.* S. J. in *Lusit.* pag. 487. *Eminuit facultate Oratoria, & Concionatoria;* e na *Imagem do Novic. de Evor.* pag. 857. *Homem em tudo grande particularmente na Sciencia das Divinas Letras.* Possévino *Appar. Sac.* Tom. 1. pag. 229. *Marracio Bib. Marian.* Part. 1. pag. 238. *Biblioth. Societ.* p. 123. col. 2. *Fonsec. Evora Glor.* pag. 428. e 411. *Nat. Alex. Hist. Ecclesiast.* Tom. 7. pag. mihi. 123. col. 1. *Lelong. Bib. Sacr.* pag. mihi. 1003. col. 2. *Illust. Cunha in Decret.* ad C. *Archidiac.* 1. *Dist.* 85. n. 3. *Tofcano Paralel. de var. Illust.* cap. 86. *Taxand. Cathalog. clar. Hisp. Script.* Halleverd. *Bib. Curios.* p. 38. col. 1. *Compoz.*

Commentarii exegetici in Apocalypsim Joannis Apostoli. Eboræ apud Emmanuelem de Lyra. 1601. fol. A esta Obra, de que fazia summa estimação o Doutor Eximio o Padre Francisco Soares Granatenfe lhe fez o seguinte Elogio o Illusterrissimo Arcebispo de Evora D. Theotonio de Bragança na faculdade que deo para imprimirse, dizendo: *Ea est Doctoris sapientissimi doctrina, & Christiani pastoris pietas, atque in erudiendis difficillimis Sacræ Paginæ sensibus felicitas, atque ingenium, ad animosque in rerum supernaturalium, ac cælestis Hyersalem desiderium inflammandos vis, & efficacia, ut non solum illi concedamus facultatem hosce commentarios imprimendi, sed nostræ etiam Academiæ gratulamur, quod tam doctos, pios, & insignes viros & aluerit, & consummatos viderit.* Sahio reimpressa Lugd. apud Jacobum Cardon 1602. Venetiis apud Societatem Venetam 1602. 4. Parisiis apud Dyonysium Dinet. 1606. 4. Turnoni apud Hora-

tium Cardon 1614. Coloniae apud Arnoldum Mylium. 1617. 4. & Coloniae. Agrippinæ apud Crithium 1617. 4. Foy traduzido este Commento na lingua Etiopica pelo Patriarcha Affonso Mendes, no anno de 1614. como elle escreve in *Expedit. Ætiop.* Lib. 1. cap. 12. servindo-lhe de grande socorro para convencer os erros dos Abexins.

Commentaria in Isaiam, Habacuc, Agæum, Zachariam, Ezechielem, & in Epistol. D. Paul. ad Hebræos. fol. M. S.

Explanatio in Exodum. fol. M. S.

De Victoria Messia. Deste tratado faz menção Carlos Jozé Imbonati *Bib. Latin. Hebraic.* pag. 329. n. 1032.

Traduzio de Italiano do P. Vicente Bruno da Companhia de JESUS em Portuguez.

Meditações sobre os Mysterios da Paixão, Resurreição, e Ascensão de Christo Nosso Senhor, e Vinda do Espirito Santo com figuras, e profecias do Testamento Velho, e documentos tirados de cada hum dos passos do Evangelho, recolhidos de diversos Santos Padres, e outros devotos Authores, acrescentadas com muitos Lugares da Sagrada Escriitura. Lisboa por Pedro Craesbeeck. 1601. 8.

BRIGIDA DE ALARCAM. Foy instruida na Poetica, e Rhetorica, e na lingua Latina que soube com grande perfeição. Teve noticia de hum, e outro Direito, da Theologia Escholastica, e Moral, da Historia Ecclesiastica, e Profana. Discursava com agudeza, fallava com elegancia, e tanta afluencia de palavras que em huma occasião orou sem interrupção pelo espaço de cinco horas. Faleceo a 18. de Novembro de 1622. quando contava cincoenta annos de idade. Nunca quiz sogetarse ao Estado Conjugal ainda que para esse effeito se lhe offereceraõ opportunas occasioens. *Compoz.*

Vida, acçoens, e morte da Famigerada Judith. M. S.

Vida, acçoens, e morte do Famoso Sãofão. M. S.

Faz memoria desta Authora Diogo Manoel Ayres de Azevedo *Portug. Illustrad. pelo Sex. Fem.* pag. 86. §. 25.

BRIGIDA DE S. ANTONIO chamada no Seculo D. Leonor de Mendanha, teve por berço a famosa Cidade de Lisboa onde naceo a 28. de Janeiro de 1576. e por progenitores a Jorge Vaz de Campos, e D. Izabel de Mendanha igualmente nobres, e opulentos, como descendentes das familias mais qualificadas da Villa de Abrantes, e do Reyno de Castella. Logo na primeira infancia descubrio huma recta inclinação para a virtude, de tal forte, que a madureza das suas acções era não somente admiração, mas censura dos annos mais adultos. Por morte de hum irmão unico ficando herdeira da casa se resolveo sua Mãe a despozala com pessoa digna do seu nascimento, porém como tinha consagrado ao divino Esposo sua virginal pureza dissimulava prudentemente a repugnancia que tinha ao Estado conjugal. Para conseguir os ardentos dezes em que se abrazava de se alistar em alguma Communiade Religiosa elegeu para director de tão santo intento ao V. P. Antonio da Conceição Conego Secular da Congregação do Evangelista, cuja virtude era universalmente venerada, o qual lhe persuadio se recolhesse ao domicilio das Religiosas Inglezas da Ordẽ de Santa Brigida, que naquelle tempo tinhaõ chegado a esta Corte fugitivas das perseguições dos Hereges, aonde entrou a 23. de Setembro de 1601. havendo valerosamente triunfado das poderosas deligencias, com que a authoridade dos parentes, e a ternura da Mãe intentaraõ opporfe à sua heroica resolução. Admitida ao Noviciado mudou o nome de Leonor em Brigida por obsequio à sua insigne Matriarcha, e o appellido de *Santo Antonio* em memoria do Veneravel director da sua consciencia, começando a resplandecer em todo o genero de virtudes pelas quaes se fez digna de professar a 28. de Outubro de 1602. A sua grande prudencia acompanhada de natural benevolencia, e summa charidade a constituirão capaz de exercitar todos os Officios da Communiade sendo Provisora, Sancristã, Zeladora, Enfermeira, Mestra de Noviças, e ultimamente Abbadessa. Em tão diferentes ministerios exercitados por ordem da obediencia repartia com tanta igualdade o tempo, que nunca as occupaõens de Marta a privavaõ das

contemplaõens de Maria. Ardia o seu coração em tão vivas chamas do amor Divino quando orava, que para mitigar este celestial incendio, não eraõ bastantes as copiosas lagrimas que derramava. Absorta pelo largo espaço de quarenta horas o seu espirito, e suspenfas em doce calma as potencias parecia o corpo cadaver, de tal forte, que percebendose algumas vezes a respiração intercadente se lhe administrou o Sacramento da Extrema Unção, de cujo suave deliquio despertava com ays enternecidos. Como Mestra da mais sublime escola era consultada pelos mayores Letrados sobre materias gravissimas venerando por Oraculos suas repostas, não sendo inferior a sua intelligencia para penetrar os segredos do coração humano, e serenar as consciencias escurpulosas. Foy insigne em o dom da Profecia, vaticinando muitos successos não somente de pessoas particulares, mas de toda a Monarchia, de cuja infallivel certeza se conhecia evidentemente a superior luz que lhe illustrava o entendimento. Para domar o corpo, e reduzi-lo às leys do espirito inventou varios generos de penitencias, que seriaõ julgados como excessos da tirania se os não regulara pelos impulsos do coração sempre ambicioso de extraordinarias mortificaõens. De todas estas virtudes teve por testemunhas, e imitadoras as Religiosas do Serafico Convento de Nossa Senhora da Esperança desta Corte quando assistio entre ellas pelo espaço de sete mezes por causa do incendio que devastou em 17. de Agosto de 1651. o Convento em que habitava. A' sua incanfavel deligencia se deve a fundação do Convento de Nossa Senhora de Marvilla situado nos arrebaldes de Lisboa em o qual se observa o Instituto, que ella professava. Sendo summamente humilde não podia escuzar-se das visitas das mayores pessoas do Reyno, como eraõ a Serenissima Rainha D. Luiza Francisca de Gusmaõ, os Duques de Aveyro, o Marquez de Marialva D. Antonio Luiz de Menezes, e seu Irmão D. Rodrigo de Menezes, o Inquisidor Geral D. Francisco de Castro respeitando unidos no seu espirito todos aquelles dotes com que a divina Graça ornou as Claras de Affiz, e as Magdalenas de Pazzi. Chegado o tempo de serem premiadas tantas virtudes adoeceu

da ultima enfermidade que pelo largo tempo que durou lhe servio de severo exame à sua invicta paciencia. Abrazada mais intensamente com o fogo do amor divino que com o ardor da febre suspirava pelo instante que a havia fazer participante da vista do seu Amado, até que repetindo a Antifona *Regina Cali Latere* voou o seu espirito a coroar-se na eternidade gloriosa a 29. de Junho de 1655. com 78. annos 5. mezes, e dous dias de idade. As Religiosas vendose despojadas de Mãy tão amorosa, e Meftra tão prudente defafogaraõ a sua dor com excessivas expressoens de sentimento. Pelo espaço de quatro dias esteve o cadaver exposto no Coro conservando tal fermosura no semblante, e flexibilidade em todos os membros que parecia estar entregue a hum placido sono. Depois de se repartir pelo povo parte dos seus vestidos como reliquias se excitou huma controversia entre o Cabido da Cathedral de Lisboa, e os Conegos Seculares da Congregaçãõ do Evangelista sobre qual das duas Communidades havia levar o corpo para se lhe dar decente sepultura, e allegadas as rezoens de huma, e outra parte se decidio por ordem del-Rey D. Joaõ o IV. fosse o seu Convento deposito de tão precioso thezouro o qual foy posto em hum Caixaõ que mandou fazer com todo o primor o Marquez de Gouvea D. Joaõ da Sylva. Passados tres mezes foy trefladado a 3. de Outubro para o Convento já reparado do incendio, que o devastara, e sobre a pedra da sepultura se gravou o seguinte epitafio.

Sepultura da V. Madre Soror Brizida de Santo Antonio Religiosa professa da Ordem de Santa Brizida LIV. Abbadesa das Religiosas Inglezas IV. Annos, VI. mezes, atatis suæ LXXIX. Faleceo a XXIX de Junho de M.DCLV.

A sua vida escreveo difusamente Fr. Agostinho de Santa Maria Eremita descalço de Santo Agostinho que sahio impressa por Antonio Pedroso Galraõ 1701. 4.

Faz larga memoria das suas virtudes Jorge Cardoso *Agiol. Lusit.* Tom. 3. pag. 864. no Commentario de 29. de Junho let. I. Francisca da Conceição Religiosa no Convento da Esperança na *Relaçãõ da sua vida* M. S. que dedicou à Rainha D. Luiza Francisca de Gusmaõ; e Franc. de Santa

Maria no *Jacinto Portuguez* Liv. 4. cap. 84. e Antonio Carvalho da Costa *Corog. Portug.* Tom. 3. Trat. 35. pag. 519. chamando-lhe *Religiosa de conhecida virtude.* Escreveo.

Memorias para despertar o seu espirito aos lozores de Deos.

Documentos espirituas extrahidos dos Santos Padres, e Doutores da Igreja.

Defeseis Cartas escritas a Pantaleão Rodriguez Pacheco Bispo eleito de Elvas.

Carta a huma sua Sobrinha moradora na Cidade de Portalegre.

Todas estas obras estaõ impressas na vida desta Veneravel Madre escrita por Fr. Agostinho de Santa Maria de que assima fallamos desde pag. 268. até 285.

Carta escrita a ElRey D. Joaõ o IV. Impressa à pag. 213. da vida assima allegada.

Carta escrita a Fr. Pedro de Magalhaens da Ordem dos Prégadores Deputado do Conselho geral do Santo Officio director da sua Conciencia. Impressa à pag. 266. da mesma vida.

Relaçãõ breve das Religiosas, que floreceraõ no Convento de Santa Brizida com opiniaõ de conhecida virtude. M. S. Desta obra faz memoria Jorge Cardoso *Agiol. Lusit.* Tom. 3. pag. 881. e a allega varias vezes.

Quando se sentia mais inflamada no Amor divino defabafava tão activo incendio cantando alguns versos devotos dos quaes copiaraõ hum Romance Jorge Cardoso no lugar citado, e Fr. Agostinho de Santa Maria à pag. 187.

SOR BRITES DO ESPIRITO SANTO chamada no seculo D. Brites de Menezes, cujo apellido tomou de sua Avó paterna. Naceo na Villa de Maçans Bispaõ de Coimbra, e teve por Pays a D. Christovão Manoel de Vilhena Commendador de S. Paulo de Maçans da Ordem de Christo, e de sua segunda mulher D. Joanna de Faria filha de Gaspar Gil Severim Executor mór do Reyno, e D. Juliana de Faria; e por irmaõ a D. Sancho Manoel primeiro Conde de Villa-Flor General das Provincias da Beira, e Alentejo, Commendador das Commendas de Saõ Nicoláo de Cabeceiras de Basto, Saõ Pedro de Calvelos, Santo Adriaõ de Penafiel,

e Santa Maria de Marmeleiro da Ordem de Christo, a cuja valerosa espada deve Portugal grande parte da sua Restauração. Na primavera dos annos desprezou as delicias, com que o mundo lizongeiro a convidava fugindo occultamente para o Convento de Santa Clara de Evora, em cuja religiosa Claustura professou o Serafico Instituto com inexplicavel jubilo de seu coração. Em tão sagrada escolla aprendeo os documentos da mais alta perfeição sendo continua nos exercicios da Oração Mental, e Vocal, e não menos nas rigorosas penitencias com que sugitava o corpo às leys do espirito. Foy igualmente caritativa para os proximos, como conf-

tante nas adversidades. Sendo Abbadessa fez prudentemente observar os preceitos da Regra, valendo-se para empreza tão ardua mais da clemencia de Mãy, que da severidade de Prelada. Cumulada de mayor copia de virtudes que do largo numero de 90. annos que contava, foy receber o premio dellas a 13. de Agosto de 1696. Escreveo.

Memorial de algumas Religiosas eminentes em virtude, que florecerão no Convento de Santa Clara de Evora. M. S. o qual conservava entre outros muitos com particular estimação o doutissimo Antiquario Manoel Severim de Faria Chantre da Cathedral de Evora, e Tio materno da Authora.

C

CAETANO ALBERTO Presbytero Ulyssiponenſe ſuficientemente inſtruido na Theologia Myſtica, e Moral traduzio da lingua Caſtelhana em a materna.

Convento eſpiritual, ou eſcola de perfeição Chriſtaã na qual metaforicamente ſe enſina aos que profeſſão a vida Religioſa a doutrina mais importante ao ſeu eſtado. Lisboa por Manoel Fernandes da Coſta Impreſſor do Santo Officio. 1737. 8.

Eſta obra foy compoſta por huma Religioſa Franciſcana do reformado Convento de Granada, e a cada Capitulo acrescentou o Traductor huma explicaçãõ muito douda.

Fr. CAETANO DE ALBUQUERQUE natural de Lisboa, e filho de Thomaz Pereira de Albuquerque, e D. Barbara Francisca Xavier. Na idade juvenil recebeu o habito do Doutor Maximo S. Jeronymo em o Real Convento de Belem onde profeſſou a 13. de Setembro de 1721. Depois de frequentar os eſtudos de Philoſofia, e Theologia em que deu claros indicios do ſeu talento, não foraõ menores os applauſos que conſeguiu no miniſterio do Pulpito como teſtemunhaõ as ſeguintes produçoens.

Sermão na feſta do Santiffimo Sacramento com a profeſſão da Madre Soror Anna Joaquina de Santa Thereza prégado no Real Convento da meſma Santa de Carnide a 26. de Julho de 1728. Lisboa por Miguel Rodriguez. 1731. 4.

Sermão Panegyrico do Principe dos Patriarchas o Maximo Doutor da Igreja S. Jeronymo prégado no Real Moſteiro de Santa Maria de Belem aos 30. dias do mez de Setembro de 1733. Lisboa na Officina Auguſtiniana. 1734. 4.

D. CAETANO DE S. ANTONIO natural da Villa maritima de Buarcos na Provincia da Beyra diſtante ſete legoas da Cidade de Coimbra. Foy admitido ao Canonico habito de Santo Agoſtinho no Real Convento de Santa Cruz cabeça deſta illuſtre Congregaçãõ neste Reyno a 26. de Outubro de 1698. Appli-

cou-ſe ao eſtudo da Botanica, e manipulaçãõ dos medicamentos em que ſahio eminente exercitando o Officio de Boticario no Real Convento de S. Vicente de fóra deſta Corte pelo largo eſpaço de vinte annos com grande credito da ſua ſciencia atè que falleceo em o meſmo Convento a 10. de Outubro de 1730. Para deixar diſcipulos da ſua Arte compoz, e imprimio.

Pharmacopea Luſitana reformada, methodo pratico de preparar os medicamentos na forma Galenica, e Chymica. Lisboa no Real Convento de S. Vicente. 1711. fol. e Coimbra por Joaõ Antunes. 1714. 4.

Traduzio da lingua Latina em a Portugueza.

Pharmacopea Bateana na qual ſe contem quaſi outocentos medicamentos tirados da pratica de Jorge Bateo Protomedico de Carlos II. Rey de Inglaterra. Lisboa na Officina Real Deſlandeſiana. 1713. 8.

D. CAETANO BARBOSA chamado no Seculo Conſtantino. Naceo na Villa de Redondo da Provincia Tranſtagana, ſituada entre Villa-viçoſa, e a Cidade de Evora a 8. de Fevereiro de 1660. Teve por Pays a Vicente Barboſa de Carvalho Capitaõ Mór de Redondo, e D. Maria de Mira. Na tenra idade de quinze annos deixando a patria recebeu a roupeta de S. Caetano em a Caſa de N. Senhora da Divina Providencia deſta Corte onde profeſſou a 18. de Fevereiro de 1676. Aprendidas em taõ douda paleſtra as letras humanas, e divinas, não ſómente enſinou como Mestre aos ſeus domeſticos, mas os governou como Prélado merecendo ſaudades dos ſubditos pela ſua natural benevolencia. Foy hum dos bons Oradores Evangelicos do ſeu tempo em cujos diſcurſos competia a ſubtileza com a diſcriçãõ. Para teſtemunhar o amor que tinha à ſua Sagrada familia diſpendeo para ornato da Igreja grande copia de dinheiro. Na Caſa onde naceo para a Religiaõ acabou a vida em 25. de Janeiro de 1736. quando contava 76. annos de idade, e 60. de religioſo. Imprimio.

Sermaõ da Soledade prégado no Convento de Santa Anna. Lisboa por Miguel Manescal 1691. 4.

Sermaõ Panegyrico de N. Senhora da Divina Providencia prégado em Lisboa na sua Igreja dos Clerigos Regulares na Festa, que lhe faz a illustissima Irmandade das Eseravas da mesma Senhora na Segunda Dominga depois da Epifania. Lisboa por Antonio Pedrofo Galraõ 1695. 4.

Rhetorica Ecclesiastica acurate, cogitateque exarata M. S. 4. Conserva-se na Livraria dos PP. Theatinos desta Corte como nella vimos.

Fr. CAETANO DE BELEM natural do Porto Religioso professo da Serafica Provincia da Immaculada Conceição do Rio de Janeiro. Teve igual talento para a Oratoria Ecclesiastica, como para a Poesia assim vulgar como Latina compondo.

Labyrinto Poetico, 6. Emblemas, e dous Epigramas em applauso de Fr. Fernando de Santo Antonio Provincial da Provincia da Conceição. Esta obra M. S. conserva em seu poder Fr. Apolinario da Conceição Religioso do mesmo Instituto de quem fizemos larga memoria em seu lugar.

CAETANO DE BRITO DE FIGUEIREDO. Naceo em Lisboa, e na Freguezia da Nossa Senhora da Encarnação foy bautizado a 4. de Janeiro de 1671. Foraõ seus Pays Manoel Soares de Brito Escrivão da Fazenda do Infantado, e D. Anna Maria de Figueiredo. Depois de ter aprendidos os preceitos da Latindade, Rhetorica, e Poetica em que sahio muito perito passou a Universidade de Coimbra onde se applicou ao estudo do Direito Cesareo no qual recebido o gráo de Bacharel se restituhio à Corte. Com igual sciencia que inteireza administrou os lugares de Juiz de fora de Obidos, e de Sylves, Ouvidor de Faro, Dezembargador da Relação da Bahia, e ultimamente Vereador do Senado de Lisboa, onde morreo a 17. de Outubro de 1732. Jaz sepultado na Parochia de N. Senhora do Socorro. Foy Cavalleiro da Ordem de Christo de genio muito affavel, e cortezaõ bom poeta vulgar, e elegante orador de que foraõ theatros varias Academias. Compoz.

Diario Panegyrico das Festas, que na fa-

mosa Cidade da Bahía se fizeraõ em applauso do sausto, e feliz Natalicio do Excellentissimo Senhor D. Pedro de Noronha glorioso Primogenito dos Excellentissimos Senhores Condes de Villa-verde. Lisboa por Miguel Manescal Impressor do Santo Officio, e da Serenissima Casa de Bragança. 1718. 4.

P. CAETANO DA FONSECA Naceo em Lisboa a 17. de Novembro de 1694. sendo filho de Pedro Correa da Sylva, e Maria de Santo Antonio. Ainda não tinha completos 16. annos quando em o Noviciado da sua patria recebeu a roupeta da Companhia de JESUS a 19. de Março de 1710. Foy Mestre de letras humanas, e Rhetorica em a Universidade de Evora onde leu Filosofia, e Theologia Moral, e actualmente he substituto de Theologia especulativa. Imprimio.

Sermaõ do Coração de JESUS prégado com o Sacramento exposto no mesmo Coração na sexta feira immediata à Outava do Corpo de Deos 13. de Julho de 1738. fazendo no mesmo dia a sua profissão Sor Rita Fauliniana do Sacramento Religiosa militar de S. Joaõ Bautista em a Villa de Estremos, e dezendo juntamente a sua primeira Missa o P. Pedro Joaquim da Costa irmão da mesma Senhora. Lisboa. 1738. 4. sem nome do Impressor.

D. CAETANO DE GOUVEA. Naceo no lugar de Riudades termo da Villa de Paredes Comarca de Pinhel do Bispado de Lamego a 20. de Novembro de 1696. sendo filho de Manoel de Gouvea Pacheco Capitaõ mór da Villa de Paredes, e de sua mulher D. Maria de Sousa Rebello. Depois de estudar na Universidade de Coimbra Filosofia hum anno, e outro Instituta passou a esta Corte onde atrahido do exemplar procedimento, e universal litteratura dos Clerigos Regulares Theatinos vestio a sua Roupeta a 3. de Abril de 1714. e a 7. do dito mez do anno seguinte professou solemnemente. O agudo talento de que o dotara a natureza lhe facilitou comprehender brevemente as difficuldades Theologicas, e não menos as noticias de huma, e outra Historia em que sahio taõ doutamente verificado que mereceo ser eleito Qualificador do Santo Officio, Examinador das Tres Ordens Militares, e Academico da Academia

Real Portugueza em o anno de 1735. para escrever as Memorias Ecclesiasticas do Bispado de Coimbra. Passou a Roma em o anno de 1734. para votar no Capitulo geral da Congregação Theatina, e naquella grande Corte conciliou as estimaçoens das pessoas mais eruditas. Restituído ao Reyno exercitou por algum tempo o lugar de Preposito em que fora eleito o qual por ser mais amante do descanso que ambicioso do governo dimittio com universal sentimento dos seus subditos. Os pulpitos mais autorizados desta Corte são os theatros da sua eloquencia sagrada, em cujos discursos se vem unidos a elegancia das palavras com a subtiliza dos conceitos. Tem publicado.

Panegyrico funebre nas exequias delRey D. Manoel na Santa Casa da Misericordia a 13. de Dezembro de 1725. Lisboa na Officina da Musica. 1730. 4.

Sermão da Canonização de S. João Francisco Regis da Companhia de JESUS prégado a 10. de Novembro de 1737. no Real Collegio de Evora da mesma Companhia. Lisboa por Antonio Isidoro da Fonseca. 1738. 4.

Sermão da Canonização de S. João Francisco Regis prégado a 29. de Setembro de 1737. no dia ultimo do solemne Outavario, que se celebrou na Igreja da Casa professa da Companhia de JESUS. Lisboa na Officina da Musica, e Sagrada Religião de Malta 1739. 4. & ibi por Antonio Isidoro da Fonseca 1739. 4.

Prática com que congratulou a Academia Real de estar eleito seu Collega, recitada no Paço. Lisboa por Jozé Antonio da Sylva Impressor da Academia 1735. 4.

Elogio funebre de Jozé Contador de Argote Academico do numero da Academia Real recitado no Paço a 31. de Março de 1735. Lisboa pelo dito Impressor, e no mesmo anno 4.

Breve Relação da Santa Casa do Loureto com hum Cathalogo de todas as joyas, pedras preciosas, peças de ouro, e prata do seu riquissimo thezouro com os nomes de todos os Princeses, e mais pessoas que as deraõ. Lisboa por Manoel Fernandes da Costa Impressor do Santo Officio. 1736. 4.

Elogio funebre do P. D. Manoel do Tojal da Silva C. R. recitado na Academia Real em 13. de Janeiro de 1739. M. S.

Instrução, que hum antigo Official deu a seu filho, quando o mandou assentar praça no presente anno de 1735. Lisboa na Officina de Antonio Correa Lemos 1735. 4.

Oração em acção de Graças pela felicissima exaltação ao Throno Pontificio do Santissimo Padre Benedicto XIV. celebrada na Igreja de Nossa Senhora do Loreto da Nação Italiana de Lisboa Occidental a 12. de Setembro de 1740. Lisboa por Antonio Isidoro da Fonseca 1740. 4.

Com o nome do Irmaõ Alberto Gomes Leigo dos Clerigos Regulares traduzio na Lingua Portugueza.

Mysterios de nossa Santa Fé Catholica escritos na lingua Castellhana pelo Doutor Jeronymo Peres, Confessor do Real Convento da Encarnação de Madrid. Lisboa na Officina da Musica. 1732. 24.

Com o nome de Luiz de Sousa Rebello formado na Sagrada Theologia, traduzio de Italiano em Portuguez

Sermão que prégou em dia de Santa Luzia, o Eminentissimo, e Reverendissimo Senhor Cardinal Cassini na Sala do Palacio Apostolico diante do Summo Pontifice Clemente XI. e do Sacro Collegio dos Cardiaes, e dos Prelados Romanos, em o qual persuade a grande obrigação, que tem os Bispos de prégarem o Evangelho. Lisboa por Antonio Isidoro da Fonseca 1739. 4.

Relação da fabrica na Igreja de Nossa Senhora do Loreto, para nella se depositar o Santissimo Sacramento nas Endoenças deste presente anno de 1735. mandado fazer pelo Senhor Paulo Jeronymo de Medicis, Provedor da mesma Igreja. Coimbra 1735. 4. sahio sem o seu nome.

Fr. CAETANO DE S. JOZE' chamado no seculo Caetano de Faria Mauriz, naceo em Lisboa a 7. de Agosto de 1657. sendo filho de Agostinho Faria de Mauriz, e Serafina de Oliveyra. Aprendeo as letras humanas com o insigne Mestre Antonio Fernandes de Barros, de cuja Escola fecunda de Varoens eminentes sahio profundamente instruido, conhecendo-se neste prologo dos seus estudos os progressos litterarios, que havia fazer nas Sciencias mayores. Na tenra idade de quinze annos abraçou o austero Instituto dos Carmelitas Descalços, professando no

Convento patrio de Nossa Senhora dos Remedios a 10. de Agosto de 1673. Depois de estudar naõ sómente a Filosofia, mas Theologia Escholastica, Moral, Positiva, e Mystica subio às Cadeiras para com a sua rara agudeza, profunda especulaçãõ, e novo methodo illustrar estas grandes Faculdades de tal sorte, que estando occulta entre os Claustros da Religiaõ a sua sabedoria, rompeo como brilhante rayo para ser universalmente applaudida, naõ sómente dos primeiros Cathedraicos da Universidade de Coimbra, mas das principaes pessoas desta Corte, assim Ecclesiasticas, como Seculares, procurando na madureza do seu talento, os conselhos mais prudentes para serenar as consciencias seguindo como seguro Norte as suas resoluçoens, por serem fundadas na Theologia mais solida, e nos Textos, e Canones de hum, e outro Direito, em que era profundamente versado. Naõ teve menor applauso pelo ministerio do Pulpito, em que teve por Mestre ao grande Vieyra, imitando com cores taõ vivas este Oraculo da Eloquencia Ecclesiastica, que muitas vezes se equivocava a copia com o original; por cuja causa he intitulado por Fr. Marçal de Saõ Joaõ Baptista *in Bib. Script. Carmel. Excalc.* pag. 65. *celebris Theologus, celebris & concionator.* Naõ podendo pela severidade do seu Instituto aceitar ministerio honorifico, exercitou contrangido pela obediencia os lugares de Qualificador do Santo Officio, e Examinador das Tres Ordens Militares, de cuja eleiçãõ resultou igual credito à sua pessoa, que utilidade a estes dous gravissimos Tribunaes. Entre a applicaçãõ dos estudos severos, naõ deixou de cultivar os amenos sendo Poeta Latino, e Vulgar, com tanta facilidade, e cadencia, que extemporaneamente vertia em Outavas Portuguezas as Italianas do Poema da morte dos Innocentes, composto por Joaõ Baptista Marini, celebre alumno do Parnasso. Na liçãõ da Historia Sagrada, e Profana foy muito versado, como em a Geografia, e na intelligencia das linguas Castellhana, Franceza, e Italiana. Todos estes dotes scientificos lhe conciliaraõ a estimaçãõ dos nossos Monarchas, e Princeses, e a veneraçãõ das primeiras pessoas da Jerarchia Ecclesiastica, e Secular, cujas hon-

ras nunca fizeraõ a menor impressãõ no seu genio sempre austero, e inimigo jurado da adulaçãõ com que estranhava, e muitas vezes reprehendia as acções, que naõ eraõ reguladas pelos dictames do Evangelho. Molestado de varios achaques que se faziaõ incuraveis pelos annos, se retirou da Corte para o Convento de Figueiró, com o defejo de experimentar alivio nas suas queixas, onde vive na provesta idade de 83. annos taõ atenuado no corpo, como vigoroso no espirito. Publicou

Sermaõ Genethliaco, Eucharistico, e Gratulatorio, na menbãa de 19. de Outubro de 1712. assistindo com toda a Corte na Capella Real Sua Magestade, e Altezas, na solemne Acçaõ de Graças pelo nascimento felicissimo do Serenissimo Principe D. Pedro, de que Deos nos fez merce na madrugada do mesmo dia. Lisboa na Officina Real Deslandesiana. 1713. 4. & ibi per Jozé Lopes Ferreira Impressor da Serenissima Rainha. 1714. 4.

Sermaõ no Ato publico da Fè, que se celebrou na Praça do Rocio desta Corte, em Domingo 14. de Outubro de 1714. Lisboa por Jozé Lopes Ferreira Impressor da Serenissima Rainha. 1715. 4.

Censura super Quaestionem. Utrum Constitutio Urbani VIII. quæ incipit, In specula, interdicens Regularibus usum Cruciatæ quoad reservata, officiat pro nunc, obstatque ne hodie Regulares à reservatis absolvantur virtute ejusdem Cruciatæ. Sahio no Tom. 2. *Quaestion. Select. Bullæ Cruciatæ D. Laurent. Pires de Carvalho* a pag. 928. até 949.

Parecer sobre a Questãõ se os DD. Legislas são capazes de possuirem as Conesias Doutoraes das Cathedraes, dado em Figueiró dos Vinhos a 25. de Abril de 1738. Sahio no Livro intitulado *Fasciculus Sententiarum à Petro de Villas-Boas, e Sampayo.* Conimbricæ apud Antonium Simões Ferreira 1738. 4. à pag. 54. até 57.

P. CAETANO JOZE' chamado no seculo Caetano Jozé de Abreu do Amaral. Naceo na Freguezia de Saõ Juliaõ de Azurara da Villa de Mangoalde em o Bifpado de Vizeu a 7. de Setembro de 1689. onde teve por Pays a Belchior de Abreu

do Amaral, e Catharina Lopes Tangere. Instruido na patria com os preceitos da Gramatica, passou à Universidade de Coimbra, na qual tendo frequentado por espaço de dous annos o estudo do Direito Pontificio, recebeu a Roupeta da Companhia de Jesus em o Noviciado de Coimbra a 19. de Janeiro de 1707. Por ser muito douto nas letras humanas as dictou nos celebres Collegios de Evora, Coimbra, e Lisboa. Por ordem dos Superiores foy Perfeito dos Estudos no Collegio da Ilha Terceira, onde leu Theologia Moral quatro annos, e depois Filosofia em o de Santarem. Exercitou com applauso o ministerio de Orador Evangelico nesta Corte, não o merecendo menor sendo Mestre da Cadeira de Controversias em o Collegio de São Patricio dos Irlandezes, e ultimamente Lente de Prima de Theologia Moral. A sua grande capacidade acompanhada de todo o genero de erudição, o fez digno de ser eleito em o anno de 1739. Academico da Academia Real da Historia Portugueza, publicando.

Practica recitada na Academia Real da Historia Portugueza, em agradecimento à mesma Academia pela honra de o eger Academico do Numero. Lisboa por Miguel Rodrigues Impressor do Eminentissimo Senhor Patriarcha 1739. 4.

CAETANO JOZE' DA SYLVA SOTTO-MAYOR. Naceo na Villa de Olivença celebre Praça militar em a Provincia de Alentejo, e teve por Pays a Gaspar da Sylva Moniz Doutor na Faculdade de Leys, e Provedor dos Residuos, e a D. Isabel Thereza Sottomayor Dona da Camera da Serenissima Rainha Nossa Senhora D. Marianna de Auftria. Depois de estudar os rudimentos Gramaticaes com Manoel de Abrantes Presbytero de inculpavel vida, e publico Mestre de Latindade nesta Corte passou à Universidade de Coimbra onde recebeu o grão de Bacharel na faculdade do Direito Pontificio. Provada a sua suficiencia a 14. de Abril de 1721. no exame, que se costuma fazer em o Dezembargo do Paço aos Bachareis, que haõ de servir os Lugares da Republica, o primeiro que teve foy o de Juiz dos Orfaõs do Termo desta Cidade, donde passou a Juiz

do Crime do Bayrro da Mouraria, que exercitou pelo largo tempo de doze annos. Deste ministerio foy promovido a Corregedor do Bayrro do Rocio de que tomou posse a 3. de Outubro de 1737. havendo-a tomado em 23. de Abril de 1735. de Executor da Serenissima Caza de Bragança. Pela natural affluencia que teve para a Poesia pareceo, que nacera à sombra dos Loureiros do Parnasso, e das Aguas da Hipocrene merecendo, que os Alumnos da Academia Conimbriense o intitulassem com a antonomasia de Camões, como se fosse emulo na felicidade do metro deste Virgilio Portuguez. Sendo os seus versos serios dignos de grande estimacão, não sómente pela suavidade das vozes, mas pela delicadesa dos conceitos, não mereciaõ menor applauso os jocosos em que competia a agudeza com a mordacidade. Soube com perfeição a lingua Castelhana, e da Italiana teve bastante intelligencia, de que deo claros argumentos na traducção que fez de algumas Operas de Pedro Metastasio. Foy hum dos primeiros cincoenta Academicos da Academia Real da Historia Portugueza, a cuja pena foraõ commettidas as Memorias Ecclesiasticas do Bispado de Leiria. Infermando de huma febre catarral, que se fez rebelde às operaçoens da Medicina, recebidos os Sacramentos com summa piedade morreo em Lisboa a 18. de Agosto de 1739. e foy sepultado na Igreja do Convento dos Religiosos Capuchos de Santo Antonio. Compoz.

Cathalogo dos Bispos de Leiria. Sahio no Tom. 2. das *Collecções dos Docum. da Acad. Real.* Lisboa por Paschoal da Sylva Impressor de Sua Magestade, e da Acad. Real. 1722. fol.

Conta dos seus estudos Academicos no Paço a 22. de Outubro de 1724. Sahio no Tom. 4. da *Collec. dos Docum. da Acad. Real.* Lisboa pelo dito Impressor 1724. fol.

Conta dos seus estudos Academicos no Paço a 22. de Outubro de 1726. Sahio no Tom. 6. da *Collec. dos Docum. da Acad. Real.* Lisboa por Jozé Antonio da Sylva. 1726. fol.

Conta dos seus estudos Academicos no Paço a 22. de Outubro de 1730. Sahio no

Tom. 10. da Collec. dos Docum. da Acad. Real. Lisboa pelo dito Impressor. 1730. fol.

Epicedios na morte da Serenissima Senhora a Senhora D. Francisca Infanta de Portugal. Lisboa por Miguel Rodrigues Impressor do Senhor Patriarcha. 1736. 4. Consta de huma Sylva, e dous Sonetos, e humas Endechas Endecasyllabas.

Sylva Portugueza, e hum Romance a ser reeleita Abbadeça de Santa Clara de Lisboa a Madre D. Margarida Bautista. Lisboa por Jozé Antonio da Sylva. 1736. 4.

Glorias de Erice Epithalamio no felicissimo Casamento dos Senhores D. Francisco Xavier de Menezes 6. Conde da Ericeira, e D. Maria Jozé da Graça, e Noronha filha dos Illustrissimos, e Excellentissimos Senhores Marquezes de Cascaes. Lisboa por Antonio Isidoro da Fonseca. 1740. 4. Obra posthuma.

Panegyrico funebre do Doutor Alexandre Ferreira Deputado da Meza da Conciencia, e Academico do numero da Academia Real recitado no Paço. M. S.

Panegyrico funebre de Joaõ Conceiro de Auren, e Castro, Guarda mór da Torre do Tombo, e Academico do numero da Academia Real, recitado na mesma Academia. M. S.

CAETANO MALDONADO DA GAMA
Vejase D. JERONYMO CONTADOR DE
ARGOTE

Fr. CAETANO ROQUETE filho do Capitão Joaõ Roquete da Sylva, e D. Victoria de Jesus naceo na Villa de S. Martinho em os Coutos de Alcobaça do Patriarchado de Lisboa. Sendo de idade muito tenra entrou na Religião do Carmo, onde recebendo o habito a 30. de Mayo de 1719. professou a 9. de Junho de 1720. Concluidos os estudos escholasticos veyo por Conventual do Carmo de Lisboa no qual não sómente foy subprior tres annos, mas Mestre das Ceremonias. He Confulsor da Bulla da Crusada. Imprimio.

Oração na Tresladação dos Ossos, que se fez em 29. de Novembro de 1734. na Parochial Igreja de S. Paulo desta Cidade de Lisboa. Lisboa na Officina da Musica. 1739. 4.

Fr. CAETANO XAVIER natural de Lisboa filho de Jozé Pinheiro Mariz, e D. Anna Maria Jozé da Cunha. Aprendidas as letras humanas dezejefo de se illustrar com as Sagradas entrou no Real Convento de Belem onde professou o Instituto de S. Jeronymo a 20. de Agosto de 1717. Applicou-se ao estudo das Cerimonias Ecclesiasticas, e he Mestre dellas no Real Convento de Belem. Como taõ douto neste genero de estudo determina publicar.

Ceremonial de Belem.

Em cuja obra fundado nos melhores Authores emenda muitos abusos que estaõ introduzidos em os Ritos Ecclesiasticos.

CARLOS FERREYRA natural de Lisboa traduzio de Castelhano em Portuguez.

Historia da Donzella Theodora. Lisboa por Pedro Ferreira Impressor da Serenissima Rainha 1735. 4.

Fr. CARLOS DE S. FRANCISCO chamado no Seculo Francisco Oforio de Almada naceu em Lisboa sendo filho do Dezembargador Francisco Cabral de Almada, e de Christina de Almeyda. Depois de estar instruido na Grammatica Latina entrou na Religião de S. Jeronymo, cujo Instituto professou no Real Convento de Santa Maria de Belem a 26. de Setembro de 1666. Foy Religiofo muito observante, e taõ amante do Coro, como inimigo do governo, exercitando sómente o lugar de Procurador geral, e Visitador da sua Congregação. Morreo a 4. de Março de 1727. Imprimio.

Sermaõ da Payxaõ prégado no Real Convento de Belem. Lisboa por Domingos Carneiro. 1679. 4. e Coimbra por Joaõ Antunes. 1692. 4.

Sermaõ da exhortação à penitencia no Real Convento de Belem na segunda sexta feira à tarde de Quaresma no anno de 1684. Lisboa por Joaõ Galraõ 1686. 4.

Fr. CARLOS DE LISBOA cujo appellido indica a patria onde naceo para o mundo, renacendo para Deos em a Monachal Familia Cisterciense cujo habito re-

cebeo, e professou em o Real Convento de Santa Maria de Alcobaça. Compoz.

Castello espirital, em que explica em 199. Capitulos o Evangelho *Intravit JESUS in quoddam Castellum* com reflexoens doutas, e piedosas. O original M. S. em folha se conserva na Bibliotheca do dito Convento.

Fr. CARLOS DE MELLO natural da Villa de Soure situada entre as Cidades de Leyria, e Coimbra da Provincia da Extremadura. Foraõ seus Pays Pedro de Brito de Attayde, e D. Maria da Sylva, e Mello, dos quaes não sómente foy herdeiro de sua qualificada nobreza, mas da piedade Christãã com que vigilantemente o educaraõ, de que felizmente se seguio deixar o mundo, e vestir o habito de Eremita Augustiniano em o Convento de N. Senhora da Graça de Lisboa professando a 7. de Março de 1685. Pela lição da Sagrada Theologia com que instruyio aos seus domesticos, foy Presentado nesta Faculdade como tambem Prior do Convento de N. Senhora da Penha de França onde morreo a 5. de Dezembro de 1732. Imprimio.

Aguia na penha renovada nas memorias de seus principios achadas na Livraria da mesma Senhora da Penha de França. Lisboa por Valentim da Costa Deslandes Impressor de Sua Magestade 1707. 8.

Fr. CARLOS DA MOTTA natural de Lisboa, filho de Gonçalo da Sylva, e Helena da Motta. Foy semelhante ao precedente assim no habito eremitico que professou no Convento da Graça desta Corte, como na sciencia Theologica em que foy insigne Mestre. Cultivou com felicidade a Arte Poetica compondo na lingua Latina, e materna muitas Poesias sendo as mais celebres.

In obitum immaturum Serenissimi Joannis IV. Lusitanorum Regis epicedium. Poema heróico. M. S.

Saudades de D. Ignes de Castro. Outavas. M. S.

Morreo no Convento de Santarem a 20. de Janeiro de 1670.

D. CARLOS DE NORONHA Naeo em Lisboa, e foraõ seus progenitores

D. Antonio de Menezes que morreo valorosamente na infeliz batalha de Alcacer, e D. Joanna de Castro filha de D. Jeronymo de Castro Senhor do Paúl de Boquilobo. Na primeira idade deu claros argumentos do grande engenho, que tinha para as letras às quaes se applicou em a Universidade de Coimbra estudando Direito Cefareo em que sahio eminente. Depois de exercitar com grande zelo o lugar de Deputado da Meza da Conciencia, e Ordens passou a ser Presidente deste Tribunal, onde defendeo acerrimamente com a vóz, e com a penna a jurisdicção, e izençaõ das Ordens Militares. Foy Cavalleiro da Ordem de Aviz, Commendador de Marvaõ, e hum dos quarenta Acclamadores da Liberdade Portugueza em o faulto anno de 1640. Casou duas vezes; a primeira com D. Maria de Vilhena filha de Nuno da Cunha, e D. Leonor de Souza de Refoyos de quem não teve descendencia. A segunda com D. Antonia de Menezes, filha de D. Miguel de Menezes primeiro Duque de Caminha, da qual teve a D. Miguel Luiz de Menezes primeiro Conde de Valladares, titulo que deu ElRey D. Pedro II. no anno de 1702. por concerto da acção que tinha à grande Casa de Villa-Real. Morreo na patria em o anno de 1645. Joaõ Soares de Brito in *Theat. Lusit. Litter.* lit. C. n. 2. o intitula *Egregius Jurisconsultus* Manoel de Far. e Souf. *Cathal. Real de Esp.* fol. 94. v.º *Persona en quien resplandecen gran nobleza, prudencia heredada de sus progenitores.* O P. D. Ant. Caetan. de Souf. *Hist. Geneal. da Casa Real Portug.* Tom. 2. liv. 3. cap. 8. pag. 521. Por ordem de Filippe III. quando celebrou Capitulo Geral da Ordem Militar de Aviz na Igreja de Santa Maria da Graça da Villa de Setubal a 2. de Outubro de 1619. reduzio D. Carlos de Noronha a melhor methodo, e publicou como se colhe do Prologo.

Constituiçoens da Ordem Militar de S. Bento de Avis. Lisboa por Jorge Rodriguez 1631. fol.

Allegaçoõ de direito em favor da jurisdicção, e exempção das Ordens Militares, e Cavalleiros dellas. Lisboa pelo dito Impressor 1641. fol.

Na Dedicatoria a ElRey D. Joaõ o IV. diz que compuzera, e imprimira outros

papeis em defenſa das Ordens Militares.

Allegação de Direito em que mostrava qual era o que lhe affilia para herdar o Marquezado de Villa-Real M. S. fol.

D. CARLOS DE NORONHA DE MENESSES Neto do precedente ſegundo Conde de Valladares Gentilhomem da Camara delRey D. João o V. Commendador das Commendas de S. João da Caſtanheira, S. Julião de Monte negro, Santa Maria de Viade, e Santa Maria de Locores em a Ordem de Chriſto naceo em Lisboa a 8. de Janeiro de 1658. e foy filho de D. Miguel Luiz de Menezes primeiro Conde de Valladares, e de D. Magdalena de Lencaſtre, e Abranches, filha herdeira de D. Alvaro de Abranches da Camara, Conſelheiro de Eſtado Governador das Armas da Provincia do Minho, e Beira, e de D. Maria de Lencaſtre filha de D. João Lobo ſexto Barão de Alvito. Na puericia mostrou igual propenſão para as virtudes, que para as ſciencias principalmente aquellas que ſão mais proprias de hum Cavalheiro, ſendo muito verſado na lição da Hiſtoria profana, Geografia, e Poetica, cuja Arte felizmente cultivou quando foy Preſidente da celebre Academia dos *Generoſos*. Teve grande piedade para com Deos, natural affabilidade para todo o genero de peſſoas, excessiva comiſeração para os pobres. Morreo em Lisboa a 8. de Fevereiro de 1731. e jaz ſepultado no Cruzeiro da Igreja de S. Francisco deſta Corte, de cuja Ordem Terceira tinha ſido Miniſtro muito zeloso. Foy caſado com ſua Prima com Irmaõ D. Maria de Lencaſtre, filha de Luiz da Cunha Senhor de Povolide, e de D. Guiomar de Lencaſtre, de quem teve à D. Miguel Luiz de Menezes 3. Conde de Valladares, e tres filhas. Das muitas obras poeticas que compoz ſómente publicou.

Romance muito largo aos annos de ElRey D. João o V. ſem nome do Author, e ſem lugar da impreſſão. fol.

D. CATHARINA Infanta de Portugal filha dos Sereniſſimos Monarchas D. Duarte, e D. Leonor, neta DelRey D. João o I. Irmaõ de D. Affonſo V. e Tia de D. João o II. naceo em Lisboa a 25. de Novembro de 1436. Não ſatisfeita a natureza de lhe dar tão ſoberano berço a

ornou de todos aquelles inſignes dotes, que raramente ſe vem unidos como foraõ fermofura, modestia, engenho ſublime, diſcrição aguda, e liberalidade generoſa. Deſejando ſua Mãy, que foſſe educada com doutrina virtuoſa lhe deſtinou por Aya a D. Violante Nogueira irmã do Arcebiſpo de Lisboa D. Affonſo Nogueira, que depois foy Commendadeira do Real Convento de Santos, e por Meſtre, e Confessor a D. Jorge da Coſta, que deſtes honorificos miniſterios fez degrãos para ſubir a dignidade Cardinalicia, e ao grande numero de Prelaſias, e rendas Eccleſiaſticas, que poſſuiu. Do magiſterio de tão famoſo homem ſahio a Infanta não ſómente inſtruida no idioma Latino, mas em todas as ſciencias proprias do ſeu ſexo, e nacimiento. Na idade de quinze annos, acompanhou montada a cavallo (cujas redeas levava o Infante D. Henrique ſeu Tio) a ſua Irmaõ a Emperatriz D. Leonor, quando em 20. de Outubro de 1451. foy à Cathedral de Lisboa com toda a Corte Portugueza donde partio a embarcarſe em huma ſoberba Armada, que a conduzio a Liorne, e nas portas da Cidade de Sena foy congratulada por ſeu Augusto Eſpoſo o Emperador Federico III. Como no real animo da Infanta ſe admiraffeſem as virtudes com exceſſo aos annos, foy pertendida para Eſpoſa por diverſos Princepes, ſendo entre elles o mais empenhado D. Carlos Princepe de Navarra ſeu Primo com Irmaõ, filho de D. João o II. Rey de Aragaõ, e Navarra, e de ſua primeira mulher a Rainha D. Branca filha de Carlos III. Rey de Navarra, porém não teve effeito eſte conſorcio pela intempetiſtiva celeridade, com que a morte arrebatou ao Princepe, cujo infaulto ſucceſſo penetrou tão altamente o coração da Infanta, que julgando por caducas todas as glorias do mundo ſe retirou para o Convento de Santa Clara, onde ſe exercitava em actos religioſos não querendo admitir aquellas venerações, que a vaidade enſinou tributar às Peſſoas Soberanas. Por eſtar deſtinada para conſorte de thalamo mais ſublime ſe deſvaneceo o ſegundo Cazamento intentado com Duarte IV. Rey de Inglaterra, pois ao tempo que ſe tratava, adoeceo a Infanta de hum agudo pleuris, e conhecendo ſer chegado o termo da ſua vida ſe

preparou com actos de Fé, piedade, e refignação na vontade Divina, e recebidos os Sacramentos espirou placidamente a 17. de Junho de 1463. deixando taõ illustre fama das suas virtudes, que Fr. Antonio de Silis nas *Chron. da Terc. Ordem* Tom. 2. pag. 47. a intitula com o nome de *Bemaventurada*. Foy sepultada na Capella de N. Senhora da Assumpção situada no Convento de Santo Eloy desta Corte de Conegos Seculares do Evangelista, em hum Mausoléo, que lhe mandou levantar o Cardial D. Jorge da Costa seu Testamenteiro, em o qual estava gravada esta inscripção.

Aqui jáa a Infanta D. Catharina Filha delRey D. Duarte, e da Rainha D. Leonor, Neta DelRey D. João o I. Irmãa delRey D. Affonso V. Tia DelRey D. João o II. a qual estando Esposada com Carlos Principe de Navarra, e Aragaõ, e com Duarte IV. Rey de Inglaterra sem se effectuar algum dos Cazamentos falleceo de 27. annos sexta feira a 17. de Junho de 1463.

Com a nova reedificação deste Templo antes que se transferisse a Sepultura foy aberta a 17. de Dezembro de 1695. e nella foy achado o cadaver da Infanta resoluto.

Sendo muito erudita na Lingua Latina, e outras Sciencias, compoz diversas Obras de que sómente sahio à luz publica, a Tradução que fez na lingua materna do Tratado de *Disciplina Monastica*, composto por S. Lourenço Justiniano, e se publicou com este Titulo:

Regra, e perfeição da conversação dos Monges. Ho qual Livro foy copilado per ho Reverendo Senhor Lourenço Justiniano primeiro Patriarcha de Veneza, que foy dos primeiros Fundadores da Congregação de São Jorge em Alga. No fim tem estas palavras. Foy imprimida a presente Obra, em ho insigne Moesteyro de Sancta Cruz, da muy nobre, e sempre leal Cidade de Coimbra. Por Germã Galharde. Em o año de Nosso Senhor Jesu Christo mil e quinhētos e trinta, e huã a XXVIII. dias de Abril. fol.

Na primeira folha desta tradução, se lem as palavras seguintes, que aqui transcreveremos com a mesma Orthografia, e

pontuação com que estão impressas: *Nam he pequena a obrigaçam de Louvor, que teem os prezentes, e futuros aos defunctos Scriptores. Os quães antepoendo ho proveito comum ao proprio: guarnecidos de Feè: Esperança. e Caridade, perdido ho cuidado de si, martyrizando suas carnes, consumindo suas vidas com continuo estudo, e occupaçam de spirito: soamente se contentarem por refrigerio de seus trabalhos: com o fructo que delles a nós avia de ser taõ proveitoso. Em numero dos quaes foy ho glorioso Justiniano Author da obra presente que aos monges, e solitarios descobrio tam geitoso caminho: para apraserem a seu Criador: Remidor, e Glorificador. E nom menos digna de louvor he a Senhora Iffante Doña Catherina irmãa delRey dom Afõso ho V. a qual tanto resplandeceo em seu tempo em virtude, e sabedoria: que esquecida dos cuidados das outras femeas se affirma aver tirado ho veeo a esta obra: para que pudesse ser cobiçada dos Simplices, e sem trabalho entendida dos doctos tornandoa de Latim em nosso Portuguez: e dandoa em offerta aos religiosos de Santo Eloy: onde o seu corpo he sepultado. E sabendo ho Padre dom Dionisio Prior craftero do moesteyro de Santa Cruz de Coymbra: por ho Senhor Ifante dom Anrique, que tanto thesouro, e tam necessario a às almas dos devotos: estava assy encerrado, e ignoto por falta da impressam (com conselho do Convento) o mandou correger, e emprimir em ho quarto anno de sua reformaçam. A agloria, e louvor de nosso Senhor Jesu Christo que com ho Padre, e Espirito Sancto: vive e regna em ho Segre dos Segres. Amen. Este Prior era D. Dionisio de Moraes primeiro Prior de Santa Cruz depois da Reforma eleito a 17. de Fevereiro de 1530.*

Fazem memoria desta illustre Infanta Damiaõ de Goes *Chron. do Princep. D. João* cap. 17. Pedro de Maris *Dial. de Varia Hist.* Dial. 4. cap. 3. Duart. Nunes de Leaõ *Chron. delRey D. Duart.* cap. 19. D. Rodrig. da Cunha *Hist. Eccles. de Brag.* Part. 2. cap. 64. §. 4. 5. e 6. Manoel de Far. e Souf. *Europ. Portug.* Tom. 2. Part. 3. cap. 2. e no *Epit. das Hist. Portug.* Part. 3. cap. 12. Franc. de Sant. Mar. *Ceo Aberto na Terra* liv. 1. cap. 42. e liv. 2. cap. 22. Cardof. *Agiol. Lusit.* Tom. 3. pag. 718. e

no Comment. de 17. de Junho letr. F. Nicol. Ant. *Bib. Vet. Hispan.* Tom. 2. lib. 10. §. 503. Fr. Luiz dos Anjos *Jardim de Portug.* cap. 101. Barbosa *Cathal. Cronolog. das Raynb. de Portug.* pag. 355. Soufa *Hist. Geneal. da Casa Real Portug.* Tom. 2. liv. 3. cap. 10. Froes *Perym Theat. Heroin.* Tom. 1. pag. 230.

D. CATHERINA Duqueza de Bragança naceo em Lisboa a 18. de Janeiro de 1540. e foy bautizada em o Palacio de seus augustos progenitores o Infante D. Duarte Duque de Guimaraens, e a Infanta D. Izabel filha de D. Jayme unico do nome, e quarto Duque de Bragança, e de sua primeira mulher D. Leonor de Mendoça, sendo Padrinhos seus Tios os Serenissimos Infantes D. Luiz, D. Henrique, e D. Maria. Foy ornada daquellas virtudes, que constituem huma Heroína, e instruida em todas as artes dignas do seu alto nascimento, e muito superiores ao sexo feminino. Com profunda politica dissimulou a violencia com que fora privada da Coroa Portugueza sendo tão inflexivel às repetidas peruações do Cardial D. Henrique para que cedesse do seu Direito, como às cavillosas instancias com que Philippe Prudente a convidava com o thalamo para lhe usurpar o trono. Despozou-se com D. Joaõ o I. do nome, e sexto Duque de Bragança a 8. de Dezembro de 1563. de cujo conforcio naceraõ D. Theodosio segundo do nome, e setimo Duque de Bragança, D. Duarte, D. Alexandre Arcebispo de Evora, e Inquisidor Geral, D. Philippe, D. Maria, D. Serafina que casou com o Duque de Escalona, D. Cherubina, D. Maria, D. Angelica, e D. Izabel, aos quaes educou com a practica das virtudes, noticia das linguas Latina, e Grega, e as sciencias da Astronomia, e Mathematica em que era insigne como testificaõ Christovaõ da Costa *Trat. en loor delas Muger.* fol. 98. §. Nicol. Ant. *Bib. Hisp.* Tom. 2. pag. 341. col. 2. e Petr. Paul. Riber. *Delle glorie immortalì d' trionfi, et heroiche imprese de Donne illustri* lib. 13. art. 375. Em Villaviçosa Solar desta Serenissima Casa passou desta vida caduca à eterna a 15. de Novembro de 1614. quando contava 74. annos de idade, e muitos Seculos de acçoens virtuosas sendo as prin-

cipaes a instituição do morgado para do seu rendimento se ornar com todo o genero de pedras preciosas huma Cruz em que se conserva huma grande parte daquella em que Christo consummou a redempção do mundo, e a fundação do Convento dos Religiosos Carmelitas Descalços na Villa de Alter do Chaõ, onde eternizou a sua devota piedade para com a Serafica Madre Santa Thereza. Jaz sepultada no Serafico Convento das Chagas de Villaviçosa. Escreveo.

Diversos papeis em que defendia o Direito que tinha à Coroa de Portugal. M. S.

Dos quaes faz memoria o *Theat. Heroin.* Tom. 1. pag. 285. e das suas acçoens Fr. Belchior de Santa Anna *Chronic. de Carm. Descalç. da Prov. de Portug.* liv. 2. cap. 23. dizendo *em quem os dons da Graça, zelo da Fé, culto da Religião, e excellencia de todas as virtudes verdadeiramente Reaes se aventajavaõ muito à realèza do Sangue, à potencia do Estado, e a todas as mais grandezas, que nella ajuntara a natureza.* Fonsec. *Evor. Glorios.* pag. 154. *a quem as virtudes deraõ no Ceo o Reyno, que a injustiça lhe tirou na terra.* Monfort. *Chron. da Prov. da Pied.* liv. 4. cap. 42. §. 4. Moreir. *Theatr. Geneal. dela Caf. de Sonts.* pag. 751. e 752. Scevol. et Lou. de Sainct. Marth. *Hist. Geneal. dela Mais. de Franc.* liv. 2. liv. 44. cap. 6. Souf. *Hist. Geneal. da Caf. Real Portug.* Tom. 3. liv. 4. cap. 11.

Sor. CATHERINA DE CHRISTO Naceo na Cidade de Angra Capital da Ilha Terceira, sendo filha de Vital de Bentacurt Fidalgo da Casa Real, e Cavalleiro da Ordem de Christo, e de sua terceira mulher D. Izabel Pacheco filha de Francisco Fernandes Redovalho Provedor da Fazenda Real na mesma Ilha. Para fazer mais nobre o nascimento que lhe dera a natureza se despozou com o divino Cordeiro no Serafico Convento de S. Gonçalo situado na sua Patria onde foy exemplar de todas as virtudes. Teve natural genio para a Poesia que sempre dedicou a assumptos Sagrados, e devotos. Escreveo.

Carta a Infanta D. Izabel gratificandolhe o querer occupalla no seu Real serviço. M. S. He muito discreta.

Contemplaçoens espirituaes. M. S. Obra Poetica.

D. CATHERINA DAMASIA BORGES TEYXEIRA. Naceo em Lisboa a 11. Dezembro de 1714. e teve por Pays a Joaõ Pereira Alvares, e Anna Maria Borges Teixeira descendentes das familias mais nobres de Villa Real sua Patria. Sendo cazada com Manoel Antonio da Sylva Cirurgiaõ mór da Praça de Mazagaõ naõ lhe servio o estado conjugal de impedimento para se applicar ao estudo da Poesia vulgar, que continuou desde os primeiros annos produzindo a sua Muã varias obras em diversos metros dos quaes fomentem tem visto a luz publica.

Romance heroico em applauso do Reverendo Doutor Theodosio de Santa Martha Conego Secular do Evangelista quando foy eleito Geral da sua Congregaçãõ. fol. 1737. Naõ tem lugar, nem nome do impressor.

A'morte da Illustrissima e Excellentissima Senhora Marquesa de Mariaiva. Soneto 4. sem lugar, anno, nem nome do Impressor.

Labyrinto Cubico aos annos do Illustrissimo Senhor Joseph Antonio de Sousa Coutinho Dignissimo Correyo mór do Reyno de Portugal. fol. por Antonio Ifidoro da Fonfeca 1740. fol.

SOR CATHERINA DO SALVADOR natural de Villaviçosa, filha de Antonio Dias Couteiro mór da Serenissima Casa de Bragança, e de D. Francisca de Almada. Nos primeiros annos em que reyna a innocencia começou a castigar severamente o corpo, como se fora reo de enormes delictos. Refoluta a continuar com mayor excessõ as asperas mortificaçoens de que era artifice o seu espirito se recolheu no Serafico Convento da Esperança situado na sua Patria, a 12. de Fevereiro de 1614. em cuja virtuosa palestra servio de exemplar, e assombro a todas suas companheiras. Ainda que molestada de continuos achaques nunca cessava de orar mental, ou vocalmente sendo estas as armas com que por diversas vezes triunfou das astucias do demonio. Cumulada de insignes virtudes depois de receber com ardente piedade os Sacramentos proferindo as palavras do Psalmo: 4. *in pace in id ipsum dormiam, et requiescam* passou ao descanso eterno a 4. de Março de 1621. quando estava na florente idade de 24. annos. Compoz

Oraçaõ com que gratificava a Deos os beneficios que da sua liberal mãõ tinha recebido. Sahio impressa no Tom. 2. do *Agiol. Lusit.* pag. 47. onde Jorge Cardoso faz mais larga memoria da Authora desta obra.

SOR CECILIA DO ESPIRITO SANTO. Ainda contava poucos annos de idade, e muitos de defengano quando deixou a Lisboa sua Patria, e a amavel companhia de seus Pays Domingos Antunes, e Maria Lopes de Bitancurt para receber o habito Serafico no Convento das Chagas de Villaviçosa o qual professou a 2. de Janeiro de 1652. Praticou com summa obfervancia todas as virtudes que constituem huma perfeita Religiosa pelas quaes foy lograr o premio eterno a 30. de Janeiro de 1727. Foy muito inclinada à Poesia compondo alguns versos em que era mayor o affecto da devoçaõ, que a elegancia do estylo, dos quaes publicou.

Colloquios com Christo Crucificado, de hum peccador arrependido. Lisboa por Miguel Manescal Impressor do Santo Officio 1688. 4. He hum Romance muito extenso.

SOR CECILIA DA NATIVIDADE. Naceo em Valladolid em o anno de 1570. filha de Antonio Sobrinho Portuguez, e natural de Bragança, e da celebre matrona Cecilia de Morillas, e naõ Maria como se escreve no *Theatr. Heroin. das Mulher. Illust.* Tom. 1. pag. 285. e irmaã de Fr. Antonio Sobrinho de quem em seu lugar se fez mençaõ. Logo na infancia mostrou inclinaçaõ à virtude, que illustrada com os dotes da fermosura, e difficizaõ lhe conciliaraõ as atençaõs dos dous mais nobres sentidos. Por morte de sua Mãy sucedida a 31. de Outubro de 1581. de quem aprendera os primeiros rudimentos da Grammatica se applicou com grande divelo a estudar os preceitos da Rhetorica, e penetrar as difficuldades da Filosofia, e querendo santificar o seu estudo começou a revolver a sagrada Biblia, em cuja liçaõ se lhe inflamou de tal forte o coraçãõ que desprezando as delicias com que o mundo a convidava recebeu o habito de Carmelita Descalça no Convento da sua patria em o anno de 1589. servindo-lhe de exemplar

para este defengano sua Irmaã Soror Maria de Santo Alberto, que no mesmo Claustro se distinguia entre as outras Religiosas. Tanto que se vio aggregada a tão veneravel Communidade começou a praticar as virtudes com tal excessão, que muitas vezes mereceo alcançar extatica os mais reconditos mysterios da Theologia mystica. Conservou tão pura, e innocente a sua consciencia que por atestaçãõ do seu Confessor nunca a manchou com peccado venial commetido com plena advertencia. A tão santificada vida correspondeo semelhante morte que a transferio à eternidade gloriosa a 7. de Abril de 1646. quando contava 76. de idade. Deixou muitas obras cheyas de sagrada doutrina, e erudiçãõ, que testemunhão a sciencia com que superiormente fora illustrado o seu espirito as quaes se conservaõ no Convento donde professou, sendo a principal.

Cançoens divididas em 18. Estações em que se descreve a mystica uniãõ, e amorosa identidade da Alma com Deos pela Fé, e Charidade. M. S.

O Author do *Theatr. Heroïn.* já allegado escreve, que esta serva de Deos depois de Religiosa tomara o apellido do *Espirito Santo*, quando Nicoláo Antonio in *Bib. Hispan.* Tom. 2. pag. 343. a intitula com o da *Natividade*, cuja asseveração por ser de Author de tão grande authoridade seguimos, principalmente em noticia pertencente à sua Patria.

D. CELESTINO SEGUINEAU, chamado no seculo Antonio Luiz, naceo em Baçaim Cidade da India Oriental, situada no Reyno de Decan a 7. de Mayo de 1675. sendo filho de Joãõ Segueineau de nação Francez, e por profissaõ Medico, cuja arte exercitou, quando foy eleito Physico mór em a Cidade de Goa, com grande applauso da sua sciencia, e de D. Leonor Tenreira natural da Cidade de Columbo Capital da Ilha de Ceylaõ filha de Pays Portuguezes, como expressou o mesmo D. Celestino nestes dous elegantes versos:

India me genuit, dedit inclitya Gallia Pa-
trem

Matrem Taprobane Lusorum sanguine cretam.

Assistindo pelo espaço de alguns annos com seus Pays em Goa passou em sua companhia a esta Corte, onde quando contava 16. annos de idade professou o Instituto dos Clerigos Regulares Theatinos a 27. de Mayo de 1691. Tendo ensinado aos seus domesticos Filosofia, e Theologia, foy Mestre dos Senhores D. Miguel, e D. Jozé Filhos naturaes da Serenissima Magestade de D. Pedro II. aos quaes instruhio assim nas letras Humanas, como nas subtilezas Filosoficas. Exercitou pelo espaço de seis annos o lugar de Mestre dos Noviços, e por tres o de Proposito, em cujos ministerios mostrou a capacidade do seu talento, merecendo por ella ser eleito Examinador das Tres Ordens Militares. He muito perito na intelligencia da lingua Latina, como nos preceitos da Rhetorica, e Poetica, de que são testemunhas as Obras seguintes.

Oraçãõ Funebre nas Exequias Reaes do Christianissimo Rey de França Luiz XIV. celebradas na sua Capella Real desta Cidade de Lisboa aos tres de Abril de 1716. Lisboa por Antonio Pedrozo Galraõ. 1716. 4.

In obitu Ducis de Cadaval Epigrammata quatuor. Sahiraõ nas ultimas Acções do mesmo Duque. Lisboa na Officina da Musica 1730. fol. a pag. 308.

Pio, & magnifico Regi Joanni V. Elogia quibus præcipuæ ejus virtutes explicantur. Ulyssipone apud Antonium Pedrozo Galraõ. 1737. 4. Consta de 13. Elogios de Obra Lapidaria, e tres Epigrammas.

Obras M. S. promptas para a Impressam.

Epigrammatum Libri tres.

Panegyris Divo Michaeli epico carmine.

Sermões Varios cincoenta.

Institutiones Dialecticæ.

Institutiones Rbetoricæ.

Ars celandi Artem. Obra muito util para os Oradores, e até o presente por ninguém excogitada.

Fr. CHRYSOSTOMO DA VISITACAM natural de Vifeu Cidade Episcopal na Provincia da Beira, onde teve por Pays a Pedro Affonso, e Maria Ma-

theos. Recebeo o Habito Monachal da Familia Cisterciense no Real Convento de Alcobaca, onde aprendendo as Sciencias Escolasticas soube enfiar as virtudes. Considerando os Prelados a grande vigilancia com que zelava os augmentos da Religiao, o elegerao por Procurador Geral na Curia Romana, cujo lugar exercitou pelo largo espaco de quinze annos. Movido da fidelidade de verdadeiro Portuguez defendeo com a voz, e com a pena o direito, que a Coroa Portugueza tinha o Senhor D. Antonio Filho do Infante D. Luiz, contra a injusta pertença de Philippe II. que naquelle tempo fortemente se altercava, por cuja causa padeceo varias tribulações fomentadas pela authoridade deste Monarcha, sendo a mais sensivel para a sua reputação o ser exterminado de Roma. Para evadir do perigo, que o ameaçava, buscou por asylo a Cidade de Veneza, onde assistio alguns annos, e passando ao Convento de Saõ Martinho, junto dos muros da Cidade de Parma foy restituído a Roma pela Santidade de Clemente VIII. de quem recebeo grandes favores, merecidos às acçoens de sua inculpavel vida. Para acabar a carreira da sua peregrinação, elegeo o Convento *Vallis Ecclesiarum* da Ordem de Cister, situado em Castella onde se exercitava em continuas penitencias, e frequentes actos de piedade, e mortificação, até que estando recitando as Horas Canonicas, como chegasse àquelle Verso do Psalmo 126. *Cum dederit dilectis suis somnum ecce hereditas Domini*, ouvio huma voz angelica, que lhe segurava tomaria posse desta herança passado hum mez, o que felizmente se cumprio a 17. de Outubro de 1604. *Vir sapientia illustris, ac clara virtutum sobole clarissimus*, lhe chama Marracio *Bib. Marian.* Tom. 1. pag. 283. *Pietatis, & eruditionis eximie* Visch in *Bib. Cisterc.* pag. 70. onde lhe dà o nome de *Christovão* por equivocação, em que o fez cahir D. Fr. Angelo Manrique Bispo de Badajoz. *Christof.* Henriq. *Phœnix reviviscens.* Lib. 2. cap. 28. e no *Menolog. Cisterc.* p. 353. onde por engano o apellida da *Conceição*. Petr. Alv. de Astorg. in *Milit. Immacul. Concept.* Castro *Disc. da Vid. de D. Sebast.* cap. 17. Carol. Jozé Imbonati *Bib.*

Lat. Hebraic. pag. 335. num. 1054. Joan. Hallev. *Bib. Curios.* pag. 48. col. 2. e Nicol. Ant. *Bib. Hist.* Tom. 1. pag. 196. Compilou, e illustrou com algumas nottas.

Privilegia Congregationis Sanctæ Mariæ de Alcobaca Cisterciensis Ordinis Regnorum Portugallie per nonnullos Romanos Pontifices præsertim a Pio IV. usque ad Clementem VIII. eidem Congregationi concessa 1. Pars. Venetiis apud Joannem Dominicum de Imbertis 1593. 4. Dedicado ao Geral Fr. Gerardo das Chagas onde promete 2. Part.

De Verbis Domine, hoc est, de Verbis quæ Deipara Maria ad Angelum, & Elisabeth cognatam loquuta est. Ad Paulum V. Libris X. Tom. I. Segue-se o segundo com este Titulo.

De Verbis Domine ad Filium in Templo, & in Nuptiis, & ad Ministros in Nuptiis ad Ranutium Farnesium Parmæ, & Placentiæ Ducem. Venetiis apud Jacobum, & Ricciardum Amdinum. 1600. 4. Fallando desta Obra, e de seu Author Agostinho Sartorio in *Cisterc. Bisterc. seu Hist. Elogial. Sacri Ord. Cisterc.* Tit. 20. pag. 550. diz estas elegantes palavras em seu applauso: *Qui laurea suæ flores, ingenique labores consecravit amplissimo honori Augustæ Deiparæ conscripto eleganti volumine in duodecim Libros distincto, in quo almæ Parentis Verba, quæ Diva in Sacro codice prolucuta est gratissimus interpres doctissimis commentariis explanavit.*

Fr. CHRISTOVAM DE ABRANTES natural da Villa do seu apellido situada em a Provincia da Beira do Bispado da Guarda. Tanto que chegou a conhecer a apparencia dos bens do mundo, para segurar as felicidades eternas abraçou o penitente Instituto de Religioso Menor, professando no Convento do Bosque junto a Villa-Viçosa da Reformada Provincia da Piedade. Nesta virtuosa escolla foy admiravel Mestre de Theologia Mystica, tendo por exemplares das suas acçoens os Rusbroquios, Arphios, e Eschios, Oraculos de taõ sublime Sciencia de que naceo, que os seus companheiros atrahidos do seu exemplo occupavaõ a mayor parte do tempo no suave exercicio da Oração, onde

recebiaõ admiraveis illustrações. Foy o decimo sexto Provincial da sua Provincia, eleito em o Convento da Vidigueira no primeiro de Novembro de 1560. Visitador da Provincia de Saõ Gabriel em Castella, e Commissario Geral de toda a Ordem Serafica neste Reyno em o anno de 1566. por deligencia do Cardial D. Henrique, que lhe era muito affecto. Nestes authorizados lugares, sempre conservou summa affabilidade para os subditos sem permitir a menor relaxaçã na observancia dos Institutos, de tal sorte que sendo Provincial ordenou, que nenhum Religioso sem exceptuar os velhos, uzasse de sandalias, o que exactamente praticou visitando descalço tres vezes a Provincia. Retirado ao Convento do Bosque, lhe mandou fazer hum apozento para sua habitaçã a Infanta D. Isabel mulher do Infante D. Duarte, da qual era Confessor, onde exercitando as virtuosas obras que fizera por toda a vida, passou a lograr o premio da eterna a 7. de Abril de 1574. como escreve Fr. Manoel de Monforte na *Chron. da Prov. da Piedad.* Liv. 3. cap. 55. §. 4. e naõ de 1572. como diz Jorge Cardof. *Agiol. Lusit.* Tom. 2. pag. 466. no Coment. de 7. de Abril letr. C. Por ordem do Cardial D. Henrique, traduzio de Latim em Portuguez:

Obras de Nicoláo Eschio. Evora em Caza de André de Burgos impressor, e Cavalleiro do Cardial Infante. Acabou-se a seis de Setembro de 1554. Sahio sem o nome do Traductor.

Compoz sendo Provincial

Cerimonial, ou Ordinario para os Frades se governarem em a celebraçã do Officio Divino. De cuja Obra faz memoria Fr. Manoel de Monforte na *Chron.* assim allegada Liv. 3. cap. 46. §. 3. e cap. 55. §. 3.

Nas horas vagas, que lhe permitiaõ as obrigações do seu Instituto, compunha alguns versos nos quaes era mayor a ternura dos affectos, que a elevaçã dos conceitos, sendo a principal Obra que deixou escrita deste genero

Tristes Lamentaçoens do Padre Adão por seu filho Abel. M. S.

Faz memoria deste Author Fr. Joan. à D. Ant. in *Bib. Franc.* Tom. 1. pag. 260.

col. 2. com o nome de Fr. Christovaõ de Almeida natural de Abrantes, cujo apellido mudou pelo da sua Patria na Provincia da Piedade, onde he costume deixar os do seculo, e intitularse com os das terras que lhes deraõ o berço.

CHRISTOVAM ALA'O DE MORAES.

Naceo na Freguesia de Saõ Joaõ da Madeira na Comarca da Feyra do Bispado do Porto, distante cinco legoas desta Cidade a 23. de Março de 1630. Foy filho legitimado de Balthezar de Moraes Alaõ, que em premio das açoens militares, que fez nas Armadas do Reyno, foy nomeado Capitaõ de mar, e guerra que naõ exercitou por morrer intempestivamente na florente idade de trinta annos. As Sciencias, que todos comprehendem na idade adulta, as soube perfeitamente na pueril, pois naõ contando onze annos, já era consummado na Gramatica Latina, e de doze, frequentou no Real Collegio das Artes em Coimbra as Escolas de Filosofia, e Mathematica donde passou a matricularse na Faculdade de Direito Pontificio. Para se livrar de hum homicidio em que fora injustamente culpado interpollou por algum tempo a carreira dos seus estudos Academicos, até que restituído à Universidade se formou Bacharel em Direito Cesareo a 15. de Abril de 1658. Depois de provada a sua sciencia legal em o Dezembargo do Paço a 20. de Julho de 1661. servio os Lugares de Juiz de Fóra de Torres Vedras, dos Orfaõs da Cidade do Porto, Corregedor das Comarcas de Pinhel, e Ribacoa; da Figueira, e de Coimbra, Superintendente das Decimas da mesma Cidade, Ouvidor, e Provedor da Villa de Odemira, Corregedor, e Provedor da Comarca do Porto, Conservador dos Moedeiros da mesma Cidade, e nella Dezembargador, e Corregedor do Civel. Em taõ diversas Judicaturas sempre se mostrou taõ amante da justiça como inimigo do interesse, fazendo que sem offensa das Leys triunfasse muitas vezes a clemencia da severidade. Foy doutamente verificado nas linguas, Latina, Grega, Toscana, Castelhana, e Franceza, e naõ menos perito nas letras Humanas, Mythologia, e Poetica, de que saõ irrefragaveis tes-

temunhas as suas composições, em as quaes suavizava a severidade de estudos mayores. Nas Academias era ouvido como Oraculo principalmente quando presidio duas vezes em a celebre dos *Generosas*, de que era Secretario D. Antonio Alvares da Cunha, e Mestres, o Doutor João de Albuquerque, Luiz Serraõ Pimentel, o P. Fr. André de Christo, e o Doutor Gaspar de Meri, onde orou em Latim, e Portuguez. Foy insigne Genealogista, para cujo estudo discorreo por muitos Cartorios dos Mosteiros, e Camaras da Provincia do Minho, de que extrahio importantes noticias conducentes às Familias de que fallava, onde o amor da verdade lhe faz descobrir alguns defeitos indignos de que os foubesse a posteridade. Morreo na Cidade do Porto a 19. de Mayo de 1693. quando contava 63. annos de idade. Jaz sepultado em a Cathedral, em o antigo jazigo da sua Familia, que está em a Capella da Vera-Cruz instituida em o anno de 1381. por Domingos Giraldes Alaõ Conego da dita Cathedral, e Prior de Fermelam. Foy cazado com D. Joanna Thereza de Carvalho filha de Antonio Solteiro, e de D. Catharina de Carvalho de quem teve descendencia numerosa, que hoje florece na Cidade do Porto. D. Francisco Manoel nas *Obras Metric. Viol. de Talia* p. mihi 155. o applaude deste modo.

Que buscas pois desta Arte

Já com modo importuno!

Lá tens outro Alaõ que be outro aluno

Das artes, das sciencias donde morão

Todas as Nymphas, que o namoraõ

Por onde certo creão

Que de o morar Moraes hoje o nomeaõ;

Grande no claro, grande no elegante

Porque todo o Christoaõ he Gigante.

Compoz.

Hum Anagrama, dous Sonetos Portuguezes, e hum Epigrama Latino à morte do Excellentissimo Marquez de Tavora Luiz Alvares de Tavora. Sahio com o *Panegyrico da Vida, e acções deste Héroe.* Lisboa por Antonio Rodrigues de Avreu 1672. 4. a pag. 51. 92. 163.

Hum Anagrama, hum Soneto, e hum Decima em applauso do Poema Desfruição de Espanha, composto pelo Doutor André da Sylva Mascarenhas. Lisboa por Antonio Craesbeeck de Mello 1671. 4.

Practica Jurisprudencia Nucleus. M. S. He hum Vocabulario de Conclusoens, e lugares communs de Direito.

Ordenação do Reyno, cottada com doutissimas notas, que são muito estimadas.

Grinalda de Apollo composta de varias flores poeticas no Jardim das Musas. Consta de 122. Sonetos a diversos assumptos. M. S.

O Ciclope namorado. Poema em Outava Rima; em que relata os amores de Polifemo, e Galatea. M. S.

Fonte perenne do Parnasso, delicia das nove Musas. Consta de diversos generos de Poesia. M. S.

Commento às Obras Poeticas de Francisco de Sá, e Miranda. M. S.

Commento à Ulyssæa de Gabriel Pereira de Castro. M. S.

Emblemmatum centuria, com estampas. No fim tem *Centuria prima finis,* donde se colhe ficar esta Obra imperfeita.

Antiqua Inscriptiones, & epitaphia varia Ludrica, Genealogica, Heroica Hispanica, & Latina 1. e 2. Part. M. S. Nesta Obra descobre o sentido pouco perceptivel de muitas Inscriptões, e epitafios com grande erudição.

Exorcismos da Melencolia. 4. M. S.

Caza de Prazer, e Brevia de entendidos. M. S. Constaõ estes dous Livros de galantarias discretas, e jocosos apothegmas.

Pedatura Regia Augusta Lusitana. M. S. Trata da Genealogia dos nossos Monarchas com todos os ramos, que delles procedem por Varonia.

Genealogia das Familias de Portugal. 8. Tom. M. S. Parte desta Obra affirma ter visto o P. D. Anton. Caet. de Souza, no *Apparat. à Hist. Geneal. da Caz. Real Portuguez.* pag. 123. §. 134. onde faz memoria de seu Author; como tambem a faz o P. Fr. Manoel de Saõ Damof. *Verdad. Elucidad. e Falcid. Convencid.* pag. 190. §. 252. e pag. 182. §. 340.

Introdução Summaria das Regras da Armaria, dividida em 4. Capitulos. O 1. consta donde se chamaoõ *Brazoens, e Armas, e quem instituiu os Reys dellas.* 2. *Das regras que se devem guardar no bla-*

zonar, e compor os escudos das Armas. 3. Dos Corpos, e Figuras, que se uzão na Armaria, e suas significações. 4. Metaes, e cores, que servem na Armaria, e o que nella denotã. 4. M. S.

Compendio das Armas dos Reynos de Portugal, e Algarve, e das Cidades, e Villas principaes dellas. Livr. 1. de Portugal. Livr. 2. do Algarve.

Varias Lições Academicas sobre a Poetica de Aristoteles.

D. Fr. CHRISTOVAM DE ALMEYDA. Nacço na Villa da Gollegaá do Arcebispaço de Lisboa, e teve por Pays a Manoel Tavares de Almeyda, e Sofia Pinto. Na idade juvenil recebeo o habito de Eremita Augustiniano em o Convento de Evora a 8. de Julho de 1637. e professou a 10. do dito mez do anno seguinte. A viveza do engenho acompanhada de hum genio para as letras lhe facilitaraõ comprehender brevemente as mayores difficuldades da Filosofia, e Theologia, que com grande gloria do seu nome, e emolumento dos seus discipulos explicou por muitos annos até chegar a ser Lente de Prima em o Collegio de Santo Antão de Lisboa, sendo venerado por hum dos mayores Letrados do seu tempo, de cuja decisaõ pendiaõ as mais celebres controversias pertencentes à Theologia Moral. Depois de ser Qualificador do Santo Officio, e Examinador das Tres Ordens Militares, atendendo aos seus grandes merecimentos o Principe D. Pedro Regente desta Monarchia o nomeou em 6. de Janeiro de 1669. Bispo Coadjutor do Arcebispo de Lisboa D. Antonio de Mendoça, cuja nomeação confirmou a Santidade de Clemente X. com o titulo de Bispo de Martyria, e foy Sagrado na Igreja dos Agostinhos Descalços do Monte Olivete situada nos Suburbios desta Corte a 3. de Janeiro de 1672. Exercitou o lugar de Provisor do Arcebispaço de Lisboa em tempo dos Arcebispos D. Antonio de Mendoça, e D. Luiz de Souza. Foy hum dos mais celebres Oradores Evangelicos, que teve Portugal, cujos Sermoens excellentes em elegancia, e erudição Sagrada como os intitula o P. D. Manoel Caetano de Souza no *Catalog. Histor. dos Arcebisps. e Bisp.*

Portug. pag. 127. foraõ ouvidos com admiração dos Princepes, e Nobreza deste Reyno, que muitas vezes lhe formaraõ o auditorio. Para se curar de hum accidente de parlezia, que o privou de huma parte do corpo, passou à Villa das Caldas da Rainha, esperando da virtude medicinal destas aguas o remedio de taõ grave queixa onde terminou a carreira da sua vida a 26. de Outubro de 1679. Desta Villa se trefladaraõ os seus ossos para o Convento dos Eremitas de Santo Agostinho da Cidade de Leyria, e sobre a campa da sepultura se lhe gravou este epitafio.

Sepultura do Senhor D. Fr. Christovão de Almeyda Religioso de Santo Agostinho, Mestre em Sagrada Theologia, insigne Prêgador dos Serenissimos Reys D. Joã o IV. D. Affonso VI. e D. Pedro II. Falleceo sendo Bispo de Martyria na Villa das Caldas donde foy tresladado para este lugar a 7. de Agosto de 1698.

Fazem memoria deste Prêlado Fr. Manoel Leal *Crysol. Purific. Crisol. 5. Exam. 11. n. 7. a quem seus estudos, seu pulpito, suas virtudes, dignidades, e serviços fazem bem notorio neste Reyno, e ainda nos estranhos. Moxery Diccion. Historiq. Verb. Almeyda. Magna Bibliotheca Eccles. Tom. 1. pag. 339. col. 2. D. Jeremias Brugnoli Cler. Reg. no Prolog. da Traduc. Italiana do 1. Tom. das Primicias Evangelicas do P. D. Rafael Bluteau. Imprimio.*

Sermaõ da Quinta Domingo da Quaresma na Capella Real. Lisboa por Domingos Lopes Rosa. 1650. 4. & ibi por Joã da Costa 1671. 4.

Oração funebre nas Exequias annuaes do Serenissimo Rey de Portugal D. Manoel na Casa da Misericordia de Lisboa. Lisboa por Domingos Lopes Rosa 1656. & ibi por Ant. Crasbeeck de Mello 1665. 4.

Sermaõ do Santissimo Sacramento em acção de graças na Dedicção do Templo, que lhe edificou a Rainha N. Senhora no lugar em que a Magestade delRey D. Joã foy livre milagrosamente da morte que lhe intentava dar a Sacrilega treição Castelhana hindo acompanhando a Christo Sacramentado na procissão de Corpus anno de 1647. Lisboa por Henrique Valente de Oliveira

1661. 4. e Coimbra por Jozé Ferreira Impressor da Universidade 1672. 4.

Sermaõ do Auto da Fé, que se celebrou no Terreiro do Paço desta Cidade de Lisboa a 17. de Agosto de 1664. Lisboa por Henrique Valente de Oliveira Impressor del-Rey. 1664. 4.

Oraçaõ funebre nas Exequias, que mandou fazer na Santa Casa da Misericordia desta Cidade de Lisboa o muito Alto, e poderoso Rey D. Affonso VI. nosso Senhor aos Soldados Portuguezes, que morrerão gloriosamente em defensão da Patria no sitio de Villa-vicosa, e na batalha de Montes Claros este anno de 1665. Lisboa por Antonio Crasbeeck de Mello 1665. 4.

Sermaõ nas Exequias do Conde de Soure no Collegio de Santo Agostinho de Lisboa no anno de 1664. Lisboa pelo dito Impressor 1665. 4.

Sermaõ dos Passos de Christo nosso Redemptor, que comprehende a jornada, que fez desde a Casa de Pilatos até o monte Calvario. Lisboa por João da Costa 1666. 4. e Coimbra por Rodrigo de Carvalho Coutinho 1673. 4.

Sermaõ da Soledade da Virgem Santissima Mãe de Deos, e Senhora nossa prégado na Capella Real. Lisboa por Domingos Carneiro 1666. 4. e Coimbra pela Viuva de Manoel Carvalho Impressor da Universidade 1676. 4.

Oraçaõ funebre nas Exequias da Senhora D. Ignacia da Sylva que se fizeram no Convento de S. Bento de Xabregas. Lisboa por João da Costa 1668. 4.

Sermaõ do Sabbado Sexto da Quaresma prégado no Convento de N. Senhora da Graça em as Completas que nelle solemnemente se fizeram. Lisboa pelo dito Impressor 1671. 4.

Sermaõ do Desagravo de Christo Sacramentado na Solemnissima festa, que no mez de Janeiro lhe faz todos os annos a Nobreza de Portugal, na Igreja de Santa Engracia. Lisboa na Officina Crasbeckiana 1656. 4. & ibi por João da Costa 1671. 4.

Sermaõ da Canonizaçaõ de Santa Maria Magdalena de Pazzi prégado no Convento do Carmo de Lisboa no 1. dia do Outubro que lhe consagrou a dita Religião assistindo o muito alto, e Serenissimo Principe D. Pedro Regente, Governador, e Successor do Reyno. Sahio na 2. Parte do Fo-

raheiro Admirado à pag. 5. Lisboa por Antonio Rodrigues de Abreu 1672. fol.

Sermaõ do glorioso S. Jozé Esposo da Virgem Santissima na Capella Real no dia dos annos del-Rey Nosso Senhor D. Joã o IV. Coimbra pela Viuva de Manoel de Carvalho Impressor da Universidade 1673. 4.

Sermoens Varios Tom. 1. Lisboa à custa de Antonio Leyte Pereira 1673. 4.

Tom. 2. Lisboa 1680. 4.

Tom. 3. Lisboa 1680. 4.

Tom. 4. Lisboa por João Galraõ 1686. 4.

Sahiraõ estes 4. Tomos augmentados com outros Sermoens. Lisboa por Bernardo da Costa. 1725. 4.

Muitos dos seus Sermoens foraõ traduzidos em Castelhana, e sahiraõ na *Laurea Lusitana* Madrid por André Garcia 1679. 4.

Historia do Capucinho Escosês 2. Parte, e compendio da primeira escrita em Francez. Lisboa por Domingos Carneiro 1667. 8. & ibi por Bernardo da Costa Carvalho 1708. 8.

Vida de Santo Thomaz de Villa-nova que ficou imperfeita, a qual queria publicar com os Sermoens, e narraçaõ das Festas que se fizeram pela sua Canonizaçaõ.

Fr. CHRISTOVAM DE ALMEIDA. Naceo na Cidade do Porto a 10. de Março de 1636. sendo filho de Francisco de Almeyda, e Domingas da Cruz. Recebeo o habito Monastico do Principe dos Patriarchas S. Bento no Mosteiro da Vitoria da sua patria a 25. de Fevereiro de 1658. Nos estudos sahio eminente, no exercicio do pulpito infigne, sendo Prêgador Geral da sua Religião, e Abbade do Mosteiro de Gafey. Morreo no Mosteiro de Saõ Miguel de Bustelo na Diocese do Porto em o mez de Abril de 1704. com 68. annos de idade, e 56. de Religião Escreveo.

Diario de tudo quanto succedeo na Corte os annos, que nella assistio. Cujo M. S. se conserva na livraria do Convento do Bostelo onde falleceo.

Fr. CHRISTOVAM DE ALVORNINHA cujo appellido denota a patria,

onde naceo, que he huma Villa dos Coutos de Alcobaça de que he Senhor, e Donatario o Abbadé Geral da Congregação de Cister, cujo habito professou no Convento de Santa Maria de Aguir. Foy muito douto assim na Sagrada Escriitura, como na Theologia Escholastica deixando para argumento infallivel da sciencia que tinha em ambas estas Faculdades a seguinte obra.

De Verbo Abbreviato. M. S. fol. o qual se conserva no Real Convento de Alcobaça.

CHRISTOVAM DE ANDRADE natural de Lisboa Commendador da Ordem de Christo, Estribeiro do Senhor D. Alexandre Arcebispo de Evora, filho dos Serenissimos Duques de Bragança D. Joaõ, e D. Catherina. Desempenhou as obrigaçõens do seu honrado nascimento nas Campanhas de Flandes assistindo com o posto de Sargento mór na famosa empreza em que os Espanhoes se fizeraõ com a violencia das Armas Senhores da Cidade de Anveres a 17. de Agosto de 1585. Para mostrar que não era menos valeroso com a espada, que insigne com a penna escreveo, e dedicou à Senhora D. Catherina Duqueza de Bragança

Descripção de Olanda, e Zellanda, e Saco de Anveres em que se achou. Esta obra estava prompta para a Impressão.

CHRISTOVAM DE BARROS celebre Poeta do seu tempo, de quem escreve Joaõ Franco Barreto na *Bib. Portug. M. S.* que o ouvira proferir versos discretos, elegantes, e fuaves com tanta agilidade que ninguem por mais veloz que fosse os podia escrever cuja sublimé Musa exaltaõ Antonio Figueira Duraõ in *Laur. Parnas. Ram. 2.* *Si forte accideret (quod cælum differet omen)*

Ut vates toto nullus in orbe foret.

*Non secus atque hominem de cæno protulit olim
Qui mare, qui terras, qui regit astra
Parens.*

Christophorus siquidem reddit cognomine cænum

Cæno ex hoc vates posse reor fieri.

E mais adiante.

*Proximus ille lutum luso cognomine reddens
Cui docta quid quid tentabit dicere prosã*

*Versus erit Latia sacunda est gloria gentis
Huic decorat pillas incisio fulgida plantas.*

E Manoel de Galhegos no *Templo da Memoria* liv. 4. Estanc. 184.

*Agora insigne Bairros que no folio
Do Rey das Musas admirais a Italia
O grande Nuno a quem o Capitolio
Sujeito admira de unica Farsalia:
Suspenso o canto do emulo de Christo
Fazey que ao polo suba de Calisto.*

Deixou.

Varias Poesias Portuguezas, e Castellhanas. M. S.

Fr. CHRISTOVAM CARNEYRO natural de Lisboa Religioso professo da penitente familia Serafica da Provincia de Portugal. Estudou Filosofia no Convento de Leyria para o qual sendo Guardiaõ tresludou o corpo do Ven. Fr. Simaõ da Visitação seu Mestre nesta Faculdade, que estava depositado no Real Convento da Ordem de Christo situado na Villa de Thomar. No Capitulo celebrado em Lisboa em o anno de 1617. foy eleito Guardiaõ do Collegio de S. Boaventura de Coimbra onde era Lente de Escriitura, e alcançou delRey que fosse feriado em a Universidade o dia da tresladação deste Serafico Doutor. Foy grande Letrado, e insigne Prégador de que foraõ claros argumentos os muitos Sermoens que recitou em os maiss authorizados pulpitos, sendo hum dos que lhe alcançaraõ mayor fama ao seu talento o que prégou na 1. Dominga de Advento 29. de Novembro de 1609. quando os seus Religiosos se mudaraõ em Coimbra do Convento Velho para o novo que hoje existe, e lhe serve de Coroa o Real Mosteiro de Santa Clara bastando para elogio seu o thema que tomou extrahido do Cap. 19. dos Juizes. *Professi sumus de Bethlem Juda, et pergimus ad locum nostrum, qui est in latere montis Ephraim.* Fazem delle memoria Esper. *Hist. Seraf.* Part. 1. liv. 2. cap. 33. Fr. Fernand. da Soled. *Hist. Seraf.* Part. 3. liv. 1. cap. 21. e Part. 5. liv. 2. cap. 29. n. 459. e Fr. Joan. a D. Ant. *Bib. Francisc.* Tom. 1. pag. 262. Publicou.

Sermon predicado en la Capilla real desta Universidad de Coimbra en 9. de Março Miercoles dela Quaresma de 1611. Era das Traduçõens. Salamanca por Francisco de Cea

Tesa 1611. 4. Dedicado ao Illustrissimo Bispo de Coimbra D. Affonso de Castello branco pelo Author, e por elle vertido de Portuguez em Castelhana.

Sermaõ da Purificação de N. Senhora prègado na Igreja de Santa Maria da Veyga Collegio dos Conegos Regrantes de Santo Agostinho da Universidade de Salamanca na Festa da Confraria dos Estudantes Portuguezes em o anno de 1612. Salamanca pelo dito Impressor 1612. 4.

Fr. CHRISTOVAM CARVAM da Ordem dos Prègadores Prègador celebre do seu tempo, Mestre jubilado na Theologia, e Qualificador do Santo Officio: Imprimio.

Sermoens Varios. Florença 1629. como escreve Fr. Pedro Monteiro no *Claust. Domin.* Tom. 3. pag. 179.

CHRISTOVAM DA COSTA. Naceo na Cidade de Tangere como querem huns, ou na de Ceuta, como escrevem outros, ambas celebres colonias dos Portuguezes na Região Africana. Foy insigne Botanico a cujo estudo se applicou com incansavel disvelo na sua patria, e depois passando à Asia com o partido de Medico do celebre, e claro Varaõ D. Luiz de Attayde Vice-Rey da India para adquirir mayor conhecimento das virtudes medicinaes das ervas, e plantas que produz aquella vasta Região, peregrinou por diversos Climas, onde padecendo fomes, e cativeiros não lhe serviraõ de obstaculo para desistir de investigar em beneficio dos homens os mayores segredos da natureza, assim como o tinhaõ feito Plataõ, e Aristoteles observando a fabrica do universo. Não sómente exercitou com felicidade, e sciencia as faculdades da Medicina, e Cirurgia, mais ainda para defender o Estado da invasaõ dos inimigos defempenhou as obrigaçoens do Soldado mais disciplinado mostrando em varias occasioens que não era menos instruido na palestra de Esculapio, que na de Marte. Depois de ter discorrido pela mayor parte do mundo em que alcançou grande fama o seu nome, voltou a Portugal donde passou a Castella, e vendo-se livre do vinculo conjugal se recolheo à Solitaria Serra

de Tyrfes, onde escreveo as felicidades do estado da Solidaõ, podendo justamente gloriarse de ter illustrado com a sua sciencia, e pessoa as mayores tres partes do mundo como elegantemente o epilogoou neste Dystico huma discreta Musa.

Africa te genuit, te fertilis Asia pavit;

Te nunc Europa Doctõr Acofta tenet.

He celebrado por Famoso Medico pelas penas de Gaspar Reys Franco *Camp. Elyf. Jucund. Quæst.* Quæst. 67. n. 27. Zacut. *Lufit. de Med. Princip. Hiftor.* lib. 2. Hift. 45. Christian. Mentzelio in *Ind. nom. Plant. Celeb.* Ant. de Leon. *Bib. Orient.* Tit. 14. Sever. de Faria *Vid. de Joaõ de Barros* pag. 51. D. Nicol. *Ant. Bib. Hifp.* Tom. 1. pag. 185. col. 2. Joan. Suar. de Brito *Theatr. Lufit. Litterat.* lit. C. n. 3. No livro intitulado *Quinquaginta virorum DD. qui bene de studiis litterarum meruerunt cum eorum elogiis.* &c. está o seu retrato, e na parte inferior tem estes quatro versos.

Noſcendis multùm tu Coſta excellis in herbis

Nominis at paſſim haud cognita fama tui eſt.
Sed mentis ut ſpero tuis tua gloria crefcet,

Et per te hortenſi crefcit honor ſtudio.

Compoz.

Tratado delas drogas, y medicinas delas Indias Orientales. Burgos por Martin de Victoria. 1578. 4. Alguma parte desta obra foy extrahida da que neste mesmo argumento tinha escrito Garcia de Horta, de quem em seu lugar fallaremos, como o mesmo Christovaõ da Costa ingenuamente confessa. Sahio traduzido este Tratado por Carlos Clusio natural da Cidade de Arraz com o titulo seguinte.

Chriſtophori à Coſta Medici, et Chirurghi aromatum, et medicamentorum in Orientali India naſcentium liber plurimum, lucis afferens iis, quæ à D. Garcia ab Horto in hoc genere ſcripta ſunt. Caroli Cluſii Atrebatiſ operà ex Hiſpano Latinus factus &c. Antuerpiæ ex Officina Plantiniana apud Joannem Moretum 1582. 8. & ibi na mesma Officina 1593. Traduzido em Italiano Venetia por Ziletti 1585. e em Francez juntamente com a obra de Garcia de Orta a quem o traductor chama *du Jardin*. Lugd. 1619. 8.

Tratado en loor delas Mugeris, y dela

Castidad, Constançia, Silencio, y Justicia con otras muchas particularidades, y varias historias. Venetia por Giacomo Cornetti 1592. 4. No principio deste livro se lê huma advertencia de hum amigo do Author em que diz ter visto, e examinado as seguintes Obras de Christovão da Costa de cuja lição se podiaõ extrahir muitos documentos, as quaes tinhaõ os titulos seguintes.

Tratado en contra, y pro dela vida Solitaria con otros dós tratados, uno dela Religión, y Religioso; otro contra los hombres que mal viven. Venetia por Giacomo Cornetti 1592. 4.

Del Amor divino, del natural, y humano con un discurso del amor natural, y delo que devemos a los animales. Tres dialogos Theriacales, uno delos animales con la Justicia; otro dela Abeja con la Justicia; otro dela verdad con la justicia, y con los vivos; otro entre el Mosquito Arador, y Hormiga con la Justicia.

Discurso del Viage delos Indios Orientales, y lo que se navega por aquellas partes.

Tratado dela Vida Solitaria, y Religiosa de Mugeres, y otro dela Religión, y del Religioso.

Fr. CHRISTOVAM DA CRUZ Professou o Instituto da Sagrada Ordem dos Prégadores, onde depois de estudar as sciencias da Filosofia, e Theologia se applicou à lição da Genealogia em que sahio muito sciente escrevendo.

Nobiliario das Familias nobres deste Reyno M. S. fol.

De cuja obra como do Author faz memoria o P. D. Antonio Caetano de Soufa no *Apparat. à Hist. Geneal. da Casa Real Portug.* pag. 99. §. 97.

Fr. CHRISTOVAM DE EVORA cujo appellido indica a patria que lhe deu o berço, Monge Cisterciense no Real Convento de Alcobaça. Como fosse muito douto nas Ceremonias Ecclesiasticas escreveo.

Ordinario do Officio Divino segundo o uso Cisterciense. M. S. fol. No fim tem *Doação, e Fundação do Convento de Alcobaça.* Conserva-se na Bibliotheca deste Real Mosteiro.

CHRISTOVAM FALCAM natural da Cidade de Portalegre em a Provincia do Alentejo Commendador da Ordem de Christo, Governador da Ilha da Madeira, e Capitaõ de huma Armada, foy filho de Joaõ Vaz de Almada Falcaõ Capitaõ da Mina, e de D. Brites Pereira, filha de Ruy Fernandes Pereira; e irmaõ de Damiaõ de Soufa Falcaõ Capitaõ de Salfete na India Oriental. Teve notavel genio para a Poesia de que saõ claras provas aquelles amorosos versos que a sua Musa dedicou a D. Maria Brandaõ taõ illustre por nascimento, como celebre pela fermosura, a qual havendo estado recolhida no Convento Cisterciense de Lorvaõ se despozou na Cidade de Elvas. Para naõ ser conhecido o Author desta obra occultou o seu nome com o de *Crisfal* primeiras Syllabas do seu nome, e appellido, o qual começa.

*Entre Cintra muy prezada,
E ferra de ribatejo
que Arrabida he chamada,
perto donde o rio Tejo
se mete na agua salgada.*

Acaba.

*O que se fez do Chrissal
naõ sabe certo ninguem,
mas quem vive em tanto mal
tarde vé tamanho bem.*

A esta obra, e a seu Author louvaõ Diogo de Couto *Decad. 8. da India* cap. 34. Manoel de Faria, e Souf. *Comment. às Rim. de Cam.* Tom. 4. Part. 2. pag. 256. col. 2. e Joan. Suar. de Brit. *Theatr. Lusit. Litter.* lit. C. n. 4. e o P. Anton. dos Reys no *Enthusiasm. Poet.* n. 140. Compoz mais.

Criação, e cura que se deve fazer aos Falcoens, e Gavioens M. S.

CHRISTOVAM FERNANDES. Foy muito perito na lingua Latina como consta das cartas escritas neste idioma a seu amigo, e contemporaneo Jeronymo Cardoso celebre Mestre de Grammatica, as quaes estaõ à pag. 40. *Epistolar. Familiar. Hieronymi Cardoso.* Olyssipone apud Joannem Barrerium Typ. Reg. 1556. 8. Faz memoria de Christovão Fernandes, Joaõ Soar. de Brit. in *Theatr. Lusit. Litter.* lit. C. n. 7.

P. CHRISTOVAM FERREYRA natural do Lugar da Zibreira, termo da Villa de Torres Vedras do Patriarchado de Lisboa, filho de Domingos Ferreyra, e Marta Lourenço. Foy admitido ao Noviciado de Coimbra da Companhia de JESUS a 27. de Novembro de 1596. quando contava 17. annos de idade. Inflamado com o defejo de lucrar almas para Christo pedio a Missão do Oriente, para onde partio em o anno de 1600. com defenove Companheiros. Tanto que chegou a Goa partio sem demora para o Japão, destinada baliza dos seus apostolicos trabalhos, onde pelo largo espaço de vinte, e tres annos exercitou com admiravel zelo as obrigaçoens de Operario Evangelico, sendo Superior de todos os Ministros que a Companhia tinha occupados na sagrada empreza da Conversão da Gentilidade. Corria o anno de 1633. em que se levantou hum furiosa tormenta contra os sequazes do Evangelho, em a qual sendo muitos mortos, e outros prezos, entrou em o numero destes o P. Christovão Ferreyra, que foy condemnado ao formidavel martyrio das covas, em que pendentos pelos pés os Martyres com a cabeça quasi sepultada estão agonizando muitos dias, até exahalarem o espirito. Depois de ter tolerado algumas horas taõ medonho supplicio attendendo mais ao amor da vida, que à confissão da Fé, em que devia persistir constante, deo final de que a abjurava. Correrão logo os barbaros a extrahilo da cova com grande alvoroço, vendo que hum Mestre da Ley Evangelica seguia os erros da sua falsa crença. De Apostolo convertido em Apostata servio pelo dilatado espaço de defenove annos de abominavel escandalo, tanto à Religião em que nacera, como à que o educara até que mollificada a dureza do seu coração, com o sangue de muitos Martyres que via derramar em obsequio da Fé, de que fora impio defertor, querendo purificar com o proprio a sua culpa, começou a clamar, que a Fé do Crucificado era sómente a verdadeira, pela qual estava resolutos a sacrificar a vida. Pareciaõ estas vozes aos barbaros delirios de quem contava 74. annos de idade, mas elle mais constante na confissão da Fé Catholica pregava, que unica-

mente nella havia salvaçaõ. Chegando aos ouvidos do Governador estes clamores Evangelicos mandou, que fosse condemnado ao mesmo tormento que não podera tolerar, onde viveo tres dias no fim dos quaes falleceo em Nangazaqui em o anno de 1652. Fazem delle memoria *Bib. Societ.* pag. 140. col. 2. *Tanner Societ. JESU usq. ad sanguin. & vit. profusion. militans* p. 427. *Alegamb. Mortes Illust.* p. 701. P. Sebast. da Maya *Carta escrita de Macão* a 29. de Dezembro de 1655. P. Alonf. de Andrad. *Varon. Illustr. de la Comp.* Tom. 6. *Nadaf. Ann. diar. Societ.* Part. 1. p. 229. Joan. Soar. de Brit. *Theatr. Lusit. Litter.* lit. C. n. 5. Franco *Imag. da virt. em o Novic. de Lisb.* Liv. 2. cap. 29. e 30. e no *Ann. Glor. S. J. in Lusit.* pag. 231. Escreveo.

Relaçãõ da Perseguiçaõ contra a Fé, levantada no Reyno de Taicu no anno de 1627. e da morte que nella padecerãõ muitos Christãos escrita em 14. de Setembro do dito anno. No fim tem *Relaçãõ do Martyrio de Leonardo Massudadenzo degollado na Cidade de Ximabara a 13. de Setembro de 1627.* Sahio vertida em Italiano com este titulo

Relazione della persecutione sollevata nel Tacacu contra la Santa Fede nel ano 1627. e della morte di molti Christiani che in quella hanno dato gloriosamente la vita per la confessione del Santo nome de Christo. Roma por Francesco Corbolletti 1631. 8.

CHRISTOVAM FERREYRA natural do Lugar da Carvoeira termo da Villa de Torres Vedras. Foy Cirurgiaõ mór, e igualmente douto na Medicina, que na Poetica, principalmente Comica, compoendo muitas, e discretas Comedias, merecendo entre todas mayor applauso a que compoz à

Acclamaçaõ delRey D. Joã o IV. M. S.

CHRISTOVAM FERREYRA DE SAMPAYO. Foy taõ instruido nos preceitos da Historia como da Poesia, muito perito na lingua materna, e não menos em a Castelhana, a qual soube com perfeiçaõ pela grande assistencia que fez em

em Madrid. Querendo escrever as acçoens de hum Monarcha Portuguez, escolheu entre todos como modello da arte de Reynar a ElRey D. João o II. compondo com estylo methodico, e elegante como diz João Soar. de Brit. in *Theat. Lusitan. Litterat.* lit. C. n. 6.

Vida, y hechos del Principe Perfeito D. Juan Rey de Portugal II. deste nombre. Madrid por la Viuda de Alfonso Martin 1626. 4. Sahio traduzida em Francez. Lugd. por João Antonio Huguetan, e Guilielm. Barbier. 1670. 4. 8.

Traduzio de Portuguez do V. P. Fr. Thomé de JESUS em Castelhana.

Trabajos de JESUS. Dedicado a Fr. João de Peralta Arcebispo de Saragoça. Saragoça por João de Lanoya. 1631. 4.

Nas Festas que se confagraraõ em Madrid à Canonizaçaõ de Santa Thereza impressas em Madrid 1615. no Certam. 3. fol. 33. está huma Obra sua Poetica.

Cartas escritas a diversas Pessoas. M. S. fol. Conservavaõ-se na Livraria de D. Antonio Alvares da Cunha.

Fr. CHRISTOVAM DE FOYOS natural da Villa da Attouguia do Patriarchado de Lisboa, filho de Pedro de Toar Henriques, e Brites de Foyos. Depois de professar o Instituto de Eremita Augustiniano no Convento de Nossa Senhora da Graça de Lisboa a 6. de Janeiro de 1656. aprendeo Filosofia, e Theologia, em que sahio taõ doutamente instruido, que dictou estas Faculdades aos seus domesticos, em o Collegio de Coimbra sendo a materia Theologica, que mais profundamente tratou a de *Visiõ Beata*, que se conserva com grande estimaçaõ na Livraria do Convento de Lisboa. Assistio alguns annos em a Curia Romana, onde foy muito acceito à Santidade de Alexandre VIII. o qual querendo premiar os seus merecimentos com a dignidade Episcopal se escusou com summa modestia de taõ alto ministerio. Restituhido a Portugal foy Qualificador do Santo Officio, e delle faz mençaõ no *Cathalogo dos Revedores deste Tribunal*, Fr. Pedro Monteiro n. 8. e Examinador das Tres Ordens Militares. Cheyo de annos falleceo no Collegio de Santo Agostinho desta Corte em o primeiro de Março de 1723. Imprimio

Oraçaõ pathetica do Descendimento da Cruz no Real Collegio de Nossa Senhora da Graça de Coimbra. Coimbra pela Viuva de Manoel de Carvalho Impressor da Universidade 1669. 4. & ibi por João Antunes 1716. 4.

Sermaõ do Glorioso Saõ Francisco de Borja, prégado no Real Collegio da Companhia de JESUS de Coimbra no quarto dia do seu Octavario, em que se celebrou a sua Canonizaçaõ no anno de 1671. Coimbra por Jozé Ferreyra 1672. 4.

Sermaõ da Quinta Domingo da Quaresma na Capella Real. Lisboa por Antonio Craesbeeck de Mello Impressor delRey 1674. 4.

D. Fr. CHRISTOVAM DA FONSECA. Naceo em a Cidade de Lisboa, sendo seus Progenitores Diogo da Fonseca, Cavalleiro da Ordem de Christo, e D. Isabel da Palma pessoas muito respeitadas pela qualidade da sua nobreza. Quando já tinha dado manifestas provas do seu talento na Faculdade do Direito Pontificio, a que se applicara na Universidade de Coimbra, deixou o mundo, e se recolheu à Religiaõ da Santissima Trindade professando o seu Instituto no Convento de Lisboa a 24. de Julho de 1570. onde estudada Theologia recebeu as insignias Doutoraes desta Sciencia na Academia Conimbricense, sendo Padrinho deste acto Litterario o Senhor D. Antonio Prior do Crato. Como fosse ornado de genio docil, e talento maduro exercitou na Religiaõ com geral satisfacaõ dos subditos os lugares de Reitor do Collegio de Coimbra, duas vezes Ministro do Convento de Lisboa, e ultimamente Provincial eleito em o anno de 1589. em cujo governo edificou a caza da Livraria do Convento desta Corte, para a qual concorreo com grande copia de Livros, mandando imprimir os Hymnos, e Antifonas em Canto Chaõ, para que uniformemente se cantassem em toda a Provincia. Foy creado Inquisidor, e Deputado do Conselho Geral do Santo Officio, a 3. de Janeiro de 1612. pelo Inquisidor Geral D. Pedro de Castilho, em cujo lugar provada a rectidaõ do seu procedimento moveo ao Illustrissimo Arcebispo

de Evora D. Theotonio de Bragança para alcançar faculdade do Doutor Fr. Bernardo de Mettis Vigessimo sexto Ministro Geral da Ordem Trinitaria para ser Provisor, e Presidente na sua Relação Ecclesiastica; e depois o nomeou seu Bispo Coadjutor, sendo confirmado pelo Pontifice Saõ Pio V. com o titulo de Nicomedia, Cidade Archiepiscopal de Bithinia, e foy sagrado pelo mesmo Arcebispo na Igreja do Collegio de Coimbra. Governou, e Visitou o Arcebispado de Evora no tempo deste Prelado, e no de seus successores D. Alexandre de Bragança, e D. Diogo de Soufa, com tanta prudencia, e rectidão, que nunca fez acção que podesse ser acusada de reprehensível. Attendendo a Magestade de Filippe II. aos seus merecimentos, que creciaõ em competencia dos annos, o nomeou Prelado de Thomar, e Visitador, e Reformador do Real Convento de Santos das Commendadeiras da militar Ordem de Saõ Tiago. Por estar incapaz pelas suas infirmitades do ministerio Pastoral Ruy Pires da Veiga Bispo de Elvas o elegeo o mesmo Principe Coadjutor, e futuro Successor desta Dignidade, de que não chegou a tomar posse por lho impedir a morte em Lisboa a 28. de Janeiro de 1616. Foy sepultado na Capella mór do Convento da Trindade onde descançaõ as cinzas de seus Pays. O seu Retrato está collocado entre os dos Varões insignes desta Religião na casa do Antecoro. Fazem delle illustre memoria Nicol. Agostinh. *Vid. de D. Theotonio de Braganç.* cap. 7. *Pessoa merecedora por suas letras, partes, e virtude, de huma Prelacia grande no Reyno.* Altun. *Chron. Ger. da Ord.* Liv. 4. cap. 4. fol. 620. Fr. Bernard. à D. Ant. *Chron. M. S. da Ordem* Liv. 1. cap. 14. §. 14. e Liv. 2. cap. 8. §. 10. e no *Epitom. Redempt.* Lib. 2. cap. 11. §. 1. Fr. Ant. Correa *Fama Posthuma* Part. 1. cap. 2. fol. 8. Soufa *Aphorism. Inquisit. de Origin. Inquisit. Lusit.* §. 2. n. 28. Fr. Pedro Monteir. *Cathal. dos Deput. do Conselh. Ger. do Santo Officio* n. 28. Cardof. *Agiol. Lusit.* Tom. 2. pag. 151. no Comment. de 12. de Março letr. E. Fonsec. *Evora Glorios.* pag. 314. §. 554. Joan. Soar. de Brit. *Theat. Lusitan. Litterat.* lit. C. num. 9. com o nome de Fr. Chri-

stovam de JESUS, como muitos o apellidãõ, e o P. D. Manoel Caetano de Souf. *Catal. dos Bispos Portug.* pag. 127.

Compoz, e reformou juntamente com Fr. Bartholomeu de Paiva.

Constitutiones Ordinis Sanctissimæ Trinitatis pro Provincia Lusitana, as quaes sendo confirmadas pelo Cardial Alberto, Archiduque de Austria, Legado à Latere neste Reyno a 12. de Novembro de 1591. sahiraõ impresas, Ulyssipone apud Emmanuelem de Lira 1591. 8.

Ceremonial antigo da Ordem, Reformado. M. S.

Regimento dos Inquisidores. M. S.

Chronologia Temporum. M. S.

Destas duas Obras faz menção Joaõ Franco Barreto na *Bib. Lusit.* M. S. e o P. D. Manoel Caetano de Soufa no Cathalogo acima allegado pag. 128. Outras Obras deixou escritas, que ficaraõ em poder de seu sobrinho o Licenciado Agostinho Botelho da Fonseca, Conego na Cathedral de Lisboa.

P. CHRISTOVAM DA FONSECA natural de Evora, filho de Joaõ Duarte, e Luiza da Fonseca, e irmaõ não sómente pela natureza, mas pela Religião do P. Francisco da Fonseca, da Companhia de JESUS, de quem se fará menção em seu lugar, sendo admittido nella em o Noviciado da sua Patria. Com igual comprehensãõ penetrou as letras amenas, e as severas, sahindo em humas, e outras egregiamente instruido. No Pulpito foy ouvido com applauso, e na conversação com divertimento, a qual sendo muitas vezes jovial nunca degenerou em pueril. Practicou com summa profundidade a Sciencia do Contraponto, sendo hum dos mais famosos Compositores de Musica da presente idade, em cujas Obras se admiraraõ unidas a novidade da idea, com o gosto da consonancia, sempre regulada pelos rigidos preceitos desta armonica Arte, sendo as principaes Obras que lhe conciliaraõ grande opiniaõ ao seu nome o *Te Deum*, que se cantou no ultimo de Dezembro na Casa professa de Saõ Roque, ao qual fez elle o compasso, e teve

a assistência dos Príncipes, e Nobreza desta Corte, composto com vario genero de instrumentos, como tambem os Psalmos, e Magnificat das Vesperas, que a mesma Casa professa dedicou em 9. de Agosto de 1727. à Canonizaçõ de São Luiz Gonzaga, e Santo Stanislao Kofcka, cuja suave consonancia assim de vozes, como de instrumentos, arrebatou as attençoens do innumeravel concurso, que assistiu a esta solemnidade. Para curarse de hum estupor, partio para as Caldas da Rainha, donde voltando como fosse novamente accommettido de outro accidente se recolheu à Quinta da Torre-bella onde falleceo a 19. de Mayo de 1728. quando contava 46. annos de idade. Jaz sepultado no Collegio dos Padres Jesuitas da Villa de Santarem.

P. CHRISTOVAM FREYRE natural de Arzilla celebre Praça na Região Africana, filho de Antonio Freire, e Maria de Abreu. Entrou na Companhia de JESUS em o Noviciado de Lisboa a 18. de Abril de 1555. donde partio para o Oriente, e nelle foy grande Operario Evangelico. Escreveo

Cartas annuas do Japão no anno de 1627. como affirma o moderno Addicionador da *Bib. Orient.* de Antonio de Leaõ. Tom. 1. tit. 8. col. 183.

CHRISTOVAM GARCIA FROES natural de Lisboa, e Beneficiado da Parochial Igreja de São Juliaõ da sua Patria. Compoz.

Vida de Francisco Fernandes Galvão Prégador, e Theologo insigne. Sahio impressa no principio dos Sermões da Quaresma deste Author. Lisb. por Pedro Crasbeeck. 1615. 4.

P. CHRISTOVAM GIL. Naceo na Cidade de Bragança cabeça do Ducado, cujo Duque foy sublimado ao Trono no fausto anno de 1640. Na tenra idade de 17. annos, deixando a casa de seus Pays Sylvestre Gil, e Leonor Ortiz, abraçou o Instituto da Companhia de JESUS em o Collegio de Coimbra a 10. de Novembro de 1569. Applicado aos estudos começou a distinguir-se entre os seus condiscipulos na profunda penetraçõ das mayores difficuldades da Sagrada Theologia, que além da viveza do ingenho de que era felismente do-

tado, lhas facilitava o comercio mental que tinha todos os dias com Deos. Depois de ler letras Humanas, Rhetorica, e Filosofia, nos Collegios da Ilha Terceira, e Coimbra, dictou Theologia neste Collegio, e na Universidade de Evora, pelo largo espaço de muitos annos, onde recebeo o gráo de Doutor a 4. de Julho de 1596. Nesta sublime Faculdade mereceo lograr o principado entre os Cathedricos do seu tempo, de tal sorte, que querendo graduar-se o P. Francisco Soares Granatense, em o anno de 1597. para regentar a Cadeira de Prima na Academia Conimbricense, e argumentando-lhe o P. Christovão Gil, confessou aquelle Oraculo da Theologia Escholastica, que escuzado fora ser chamado de Castella, quando Portugal creava talentos de taõ alta esfera, para credito naõ sómente de huma Universidade, mas de todo o mundo. Estando em Roma com o lugar de Revisor dos Livros da Companhia, voltou ao Reyno para substituto da Cadeira de Prima, pela auzencia do seu Proprietario o Doutor Eximio, que era chamado à Curia, em cuja substituiçã foy provido por duas Provisõens passada huma a 29. de Fevereiro, e outra a 9. de Abril de 1604. Todos os applausos que lhe resultavaõ da profundidade das suas letras, naõ eraõ poderosos para lhe introduzir a menor sombra de vangloria, antes olhava com tal aborrecimento para os seus escritos, que rogou à hora da morte fossem reduzidos a cinzas. Sempre seguio as opiniões comuas ainda que com alguma novidade, fogindo de questões extravagantes, em que tem mayor parte a subtiliza, que a verdade, de tal sorte, que persuadido pelo P. Paulo de Carvalho Lente em a Universidade de Evora, a que se apartasse em certas materias da doutrina de Santo Agostinho, e Santo Thomaz, lhe estranhou o conselho affirmando, que sem as luzes daquelles dous brilhantes Astros certamente se havia precipitar o juizo em hum abyssmo de gravissimos erros. Tendo passado hum anno com a penosa molestia de dores nefriticas com que Deos lhe quiz provar a paciencia, e fazendo-se mais intolleraveis com a applicaçã dos remedios pedio os Sacramentos, que recebeo com summa piedade, e ternura, e depois de reco-

mendar aos circunstantes a virtude da obediencia, como meyo mais meritorio para alcançar a Vida Eterna, foy tomar posse della a 7. de Janeiro de 1608. em 56. annos de idade, e 37. de Companhia. A Universidade de Coimbra como a seu Lente lhe fez hum pomposo Funeral. Varios forão os elogios, que dedicaraõ os Authores à sua memoria *Bib. Societ.* pag. 141. col. 1. *Ingenio fuit perspicaci promptoque, judicio peracri; omnigena doctrina instructus, multis rebus magnus, & sui dimissione vere maximus.* Nicol. Ant. *Bib. Hisp.* Tom. 1. pag. 187. col. 2. *Vir utique doctissimus, vitæque nusquam, ut creditur, delibata innocentia venerabilis.* Maffeo *Vit. del P. Suar.* cap. 10. *Lettore famoso di Theologia.* Rho *Hist. virt. & vit.* Lib. 7. cap. 10. num. 19. *Admiror Gillium, qui de Dei natura acutissima scripta reliquit.* Girardi *Diar.* a 7. de Genar. Joan. Soar. de Brit. *Theatr. Lusit. Litter.* lit. C. n. 8. *Bir. certe fuit insignis eruditionis, atque doctrinæ, quam non solum viva voce in publicis, frequentissimisque disputationibus, sed scriptis editis, & ineditis abunde comprobavit.* D. Franc. Man. *Cart. dos AA. Portug. Doutissimo Escriitor.* Cardos. *Agiol. Lusit.* Tom. 1. pag. 69. *deixando por sua morte illustrada a Universidade com sua excellente doutrina, e a Companhia não menos rica de seus doutos escritos, que de illustres exemplos de religiosas virtudes.* Franco in *Ann. Glor. S. J. in Lusit.* pag. 9. *Grande Lumen Societatis, & in Synops. Annal. S. J. in Lusit.* p. 194. n. 6. *Vir Sapientissimus, e na Imag. da Virt. do Novic. de Coimb.* Tom. 1. Liv. 2. cap. 81. *Grande nas letras, e mayor nas virtudes.* Fonsec. *Evor. Glorios.* p. 428. *De engenho taõ subido, que mereceo os encomios do P. Soares Granatense.* Draudius *Bib. Class.* Compoz.

Comentariorum Theologicorum de Sacra Doctrina, & Essentia, atque virtute Dei, libri duo. Lugd. apud Horatium Cardon 1610. fol. & Coloniae apud Antonium Hieratum 1610. fol. & ibi. 1619. fol. 2. Tom.

Commentaria Theologica de Attributis. M. S. dos quaes faz mençaõ Cardoso *Agiol. Lusit.* Tom. 1. pag. 73. no Comment. de 7. de Janeiro letr. C.

De divina Perfectione.

De Prædeterminatione.

De Incarnatione.

Adversaria Theologica in Tert. Part. D. Thoma.

De Visione Beata.

De Sacramentis, & Matrimonio.

De Legibus.

Todos estes Tratados Theologicos se conservaõ M. S. em o Collegio de Coimbra da Companhia de JESUS, como affirma o P. Antonio Franco na *Imag. da Virtud. deste Collegio.* Tom. 2. p. 615.

Fr. CHRISTOVAM GODINHO natural de Evora, e filho de Jeronymo Pereira, e Eufibia Godinha. Professore o Instituto do Doutor Maximo Saõ Jeronymo, em o Convento do Espinheiro a 17. de Junho de 1617. onde foy duas vezes Prior, a primeira em o anno de 1647. e a segunda no anno de 1658. O mesmo lugar administrou no Convento de Penhalonga. Foy muito versado na liçaõ dos Poetas, e Historiadores, da qual sahio consummado em todo o genero de erudiçaõ. Morreo no Convento de Penhalonga a 7. de Julho de 1671. Compoz, e imprimio, como escreve o P. Francisco da Fonseca *Evor. Glorios.* pag. 410. com o nome de Antonio Pereira da Fonseca.

Poderes de amor em geral, e horas de conversação em particular. Lisboa na Officina Craesbeekiana. 1657. 4.

P. CHRISTOVAM DE GOUVEA. Naceo na Cidade do Porto a 8. de Janeiro de 1542. sendo filho de Henrique Nunes de Gouvea, e Beatriz Madureira, igualmente illustres pelo sangue, que pela piedade. Quando contava 14. annos entrou em o Noviciado da Companhia de JESUS de Coimbra a 10. de Janeiro de 1556. onde estudou letras Humanas, e Filosofia em que tomou o grão de Mestre. Recebidas as Ordens de Presbytero, que lhe conferio o Arcebispo de Evora D. Joaõ de Mello, assistio quatro annos nesta Cidade, em que foy Reytor do Collegio dos Porcionistas, entre os quaes estavaõ pessoas da primeira qualidade, como eraõ Fernaõ Martins Mascarenhas, e D. Antonio Mascarenhas, sendo depois o primeiro, Bispo do Algarve, e Inquisidor Geral, e o segundo, Deaõ da Capella Real. Exer-

citou por dous annos o lugar de Mestre dos Noviços em o Collegio de Evora, merecendo que sabissem da sua escola quinze companheiros do V. P. Ignacio de Azevedo, que com o fangue derramado testemunharaõ as verdades da Ley Evangelica. Com o mesmo ministerio passou para o Collegio de Coimbra em o anno de 1572. e depois de o exercitar cinco annos, foy eleito Visitador da Ilha da Madeira, donde restituído ao Reyno, depois de ser Reytor do Collegio de Braga o foy do Collegio de Santo Antaõ de Lisboa, lançando a primeira pedra a este edificio no anno de 1579. debaixo dos auspicios sempre favoraveis à Companhia do Cardial Rey D. Henrique. Sendo companheiro do Provincial Sebastiaõ de Moraes Confessor da Senhora D. Maria Princeza de Parma, foy nomeado pelo Geral Claudio Aquaviva, para Visitador do Brazil. Não pode resistir a esta ordem, e embarcado com o Governador daquelle Estado Manoel Telles Barreto, chegou à Bahia, e nella foy benevolmente recebido pelo Provincial o V. P. Jozé de Anchieta, celebre Thaumaturgo da America. Tantas foraõ as açoens que obrou em beneficio desta Provincia, que certamente se podia chamar seu Fundador, já na perfeiçãõ com que ordenou se celebrassem os Officios Divinos, já em os varios edificios que levantou para mais comoda habitaçãõ dos Religiosos. Voltando do Brazil foy prizonado pelos Francezes, que por seguirem as partes do Senhor D. Antonio contra Philippe Prudente, infestavaõ aquelles mares, sendo tratado com summa deshumanidade, que tolerou com grande constancia. Voltando a Portugal foy Preposito da Caza de Saõ Roque, e Provincial, mostrando em tantos lugares que teve na Religiãõ, prudencia rara, affabilidade summa, e observancia exacta. Nas palavras foy parco, nas obras magnifico, nos concelhos prudente, por cujos dotes o propos à Magestade de Philippe II. de Portugal, o Geral da Companhia para Bispo do Japaõ, e attendendo este Principe a taõ judiciofa insinuaçãõ o nomeou nesta dignidade, de que não chegou a tomar posse impedido pela morte, que o privou da vida em Lisboa a 13. de Fevereiro de 1622. com 80. annos de idade, e 66. de Companhia. Grandes

e logios lhe fazem Telles *Chron. da Comp. de JES. da Prov. de Portug.* Part. 1. Liv. 2. cap. 11. n. 4. e Franco *Ann. Glor. S. J. in Lusit.* pag. 87. & in *Synopsf. Annal. S. J. in Lusit.* p. 234. n. 9. Escreveo.

Historia do Brasil, e costumes dos seus habitadores M. S. Deste livro faz memoria Jorge Cardoso *Agiol. Lusit.* Tom. 1. nas Advertencias §. 2. e no Comment. de 25. de Fever. letr. B. e o allega pag. 47. como quem o vira dizendo se conservava no Collegio de Coimbra.

Commentario das occupaçoens que teve, e do que nellas fez. Desta Obra escreve o P. Antonio Franco na *Imag. da Virtud. em o Novic. de Evor.* liv. 1. cap. 31. §. 7. estas palavras. Vou metendo nesta narraçãõ algumas cousas, que parece as pudera escusar por serem noticias particulares que o mesmo P. Christovaõ de Gouvea deixou escritas em hum *Commentario, que por sua curiosidade foy fazendo das occupaçoens, que teve, e do que nellas fez.*

Summario das armadas que se fizeraõ, e guerras que se deraõ na Conquista do Rio da Paraiba. M. S. Esta obra compoz quando era Visitador da Provincia do Brasil da qual vimos huma copia M. S. na Selectissima Livraria da Hist. de Portugal de meu Irmaõ D. Jozé Barbofa Clerigo Regular, e outra se conserva em a do Excellentissimo Conde de Vimieiro.

Fr. CHRISTOVAM DE JESU Religioso Menor da Provincia de S. Thomé da India Oriental. Sendo muito perito na lingua Canarina, e dezejando instruir nella aos seus companheiros para o fim de conduzirem ao gremio da Igreja a muitos barbaros, escreveo.

Arte Gramatical da lingua Canarina de cuja obra, e do Author della fazem mençaõ Fr. Jacinto de Deos *Vergel de Plant. e Flor.* cap. 1. pag. 10. e o moderno addicionador da *Bib. Orient.* de Ant. de Leaõ Tom. 1. Tit. 16. col. 528.

Fr. CHRISTOVAM DE JESU MARIA Naceo na Quinta de Monte deixo de que eraõ Senhores seus Pays o Capitaõ Joaõ Trigueiros Sottomayor, e D. Leonor Franca

da Sylva, situada na Freguezia de S. Pedro de dous portos termo da Villa de Torres Vedras do Patriarchado de Lisboa. Depois de aprender letras humanas assentou praça de Soldado em cujo exercicio se distinguiu tanto dos seus companheiros que brevemente subio a Capitaõ de Granadeiros passando com este posto ao Rio de Janeiro em o anno de 1711. onde movido superiormente, não sómente deixou a vida militar, mas o Morgado da sua Casa que hoje possui sua Irmaõ D. Catharina Magdalena, e se recolheu na Serafica Provincia da Immaculada Conceição profefando o humilde estado de Leygo, e ainda que tinha bastante sciencia para o Sacerdocio sempre se julgou indigno d'elle por mais que foy persuadido dos Prélados. Como era inimigo do ocio se occupava continuamente em beneficio da Religião em diversos ministerios como eraõ de Architecto, e Estatuario, e em outros mecanicos de Pedreiro, e Carpinteiro pois para todos tinha genio, e habilidade. Ao tempo que era Procurador da sua Provincia em a Cidade da Bahia passou a Portugal para ser curado de hydropezia, e depois de assistir seis mezes nesta Corte falleceo a 15. de Janeiro de 1736. Jáz sepultado no Convento de N. Senhora das Portas do Ceo do lugar de Tilheiras suburbio desta Cidade o qual he da Provincia Serafica de Portugal. Compoz.

Historia Inopina Lusitana. Successos notaveis do valor de nossos antigos continuando nos prezentes, e futuros Portuguezes com os successos concernentes aos tempos. Atenuação da decima sexta geração, e na mesma com o Respiciam do Senhor estabelecido o Quinto, e Universal Imperio do mundo. Dedicado ao illustre, e invicto Capitaõ da Infantaria, Protector de Portugal, Advogado contra a peste, e Martyr de Christo S. Sebastião. 4. M. S. Foy composta no anno de 1734. e se conserva em poder do Alferes Jozé Pinheiro de Oliveira Cunhado do Author.

Recreação espirital M. S. 16.

CHRISTOVAM JOAM natural de Coimbra em cuja florentissima Universidade foy famoso Cathedratico de Direito Pontificio sendo provido na Cadeira de Clementinas a 15. de Fevereiro de 1578. de Sexto

em 27. de Março de 1579. do Decreto a 16. de Novembro de 1581. e de Vespera a 30. de Outubro de 1586. Em todas estas Cadeiras descubrio os thezouros scientificos da sciencia Canonica, e Civil que estavaõ depositados na sua grande memoria, e profunda comprehensãõ por onde mereceo os elogios dos mais insignes Jurisconsultos como saõ seu discipulo Gabriel Pereira de Castro que este só bastava para eterno brazaõ do seu Magisterio, Decif. 61. n. 3. *Præceptor meus doctissimus, et semper memorandus.* Francisco de Caldas Pereir. ad L. *si Curator, verb, Implorand.* n. 5. *rari, & excellentis ingenii, acerrimique judicii, et exquisitissimæ doctrinæ viro utriusque juris scientia clarissimo,* e in *Tract. Oper. Emphyt.* Part. 4. cap. 17. n. 20. *Sapientissimo, acutissimoque Christophoro Joanni Vespertinæ, Cathedræ moderatori eximio.* Ant. de Souf. de Macedo *Lusit. Liberat.* Lib. 1. cap. 14. n. 46. *quem præterita sæcula prodiderunt Superiorem vix ullum, æquales paucos,* e nas *Flor. de Espan.* cap. 8. excel. 9. Foy Conego Doutoral de Residencia na Cathedral de Coimbra de que tomou posse a 18. de Novembro de 1581. em cuja Cidade morreo a 17. de Fevereiro de 1598. Escreveo.

Allegação de Direito na causa da Successão destes Reynos por parte da Senhora D. Catharina filha do Infante D. Duarte. da qual fez a atestação seguinte impressa na *Allegação de Direito sobre a mesma Successão.* Almeirim por Antonio Ribeiro, e Francisco Correa 1580. fol. *Ego quoque de Regni Successione consultus inter eos omnes, qui ad judicium potētissimi, ac Santissimi Regis vocati sunt de Successione prædicta contententes potiorem esse D. Catharinæ causam existimavi: idque non solum humanarum legum, Doctorumque auctoritate probavi, sed multis à natura ipsa depromptis rationibus (ni fallor) apertissime demonstravi: ad hucque in eadem constans persevero sententia.* Christophorus Joannis Doctor.

Entre as Poetilas que dictou em a Universidade, saõ as mais celebres.

De Suplenda Negligentia Prælatorum dictada em 1579.

De Sacramento Matrimonii em 1581.

De Judiciis começada em 1593. e acabada a 29. de Mayo de 1595.

De Fide instrumentorum em 1595.

De Foro competenti.

In Clementinas ad Tit. de Sequestratione.

De mutuis petitionibus.

De ultimis voluntatibus.

De Precarii.

De Secundis Nuptiis.

De Successione ab intestato.

D. Fr. CHRISTOVAM DE LISBOA ou DE SA' natural da illustre Cidade com que se appellidou, filho de Henrique de Sà de Menezes, e neto de Joaõ Rodriguez de Sà Senhor de Baltar, e Payva Fronteiro mór de Entre Douro, e Minho, e Vedor da Fazenda do Porto. Desprezando com heroica resolução as vaidades do Seculo buscou os rigores do Claustro em o Real Convento de Belem onde professou o sagrado Instituto do Doutor Maximo S. Jeronymo a 9. de Junho de 1585. e foraõ tantos os progressos que fez igualmente nas letras, e nas virtudes que mereceo ser elevado por morte de D. Joaõ Ribeiro Gayo ao Bispado de Malaca sendo Sagrado no Convento de Belem a 21. de Novembro de 1604. Depois de lançar a primeira pedra na Igreja do Noviciado da Cotovia desta Corte dos Padres Jesuitas a 20. de Março de 1605. partio na armada de que era Capitão mór Braz Telles de Menezes para a sua Diocese em que encheo as obrigaçoens de solícito Pastor. Passados cinco annos foy transferido no de 1610. para a Primacial dignidade de Arcebispo de Goa na qual não sómente succedeo em a Cadeira ao Illustrissimo D. Fr. Aleixo de Menezes, mas em o zelo com que atendeo pelo ornato da sua nova Esposa. A primeira Missa solemne que nella se celebrou foy em dia da illustre Martyr, e Sabia Doutora Santa Catherina Orago da mesma Cathedral cujo edificio magestoso se acabou por sua cuidadosa industria. Foy devotissimo do amoroso Mysterio da Eucharistia a cujo obsequio instituhio huma Confraria, acompanhando-o com summa modestia, e ternura todas as vezes que era levado aos enfermos, como tambem as Procissoens que todos os annos se fazem a S. Thomé Padroeiro da India Oriental, e a Christo Crucificado milagrosamente apparecido na Cruz do

Sitio da Boa vista em Goa que succedeo no tempo do seu governo. Pela auzencia do Vice-Rey D. Jeronymo de Azevedo governou o Estado em o anno de 1615. em cujo lugar mostrou que não tinha menor talento para o ministerio Sagrado que politico. Mais cheyo de virtudes, que de annos passou a melhor vida em Goa a 31. de Março de 1622. Jaz sepultado na Cathedral com este epitafio.

Sepultura de Fr. Christovão de Lisboa Frade Jeronymo, filho de Belem 3. Bispo de Malaca, e 8. Arcebispo desta Cidade. Faleceo no derradeiro de Março de 1622.

Fazem memoria deste Prélado Faria *Asia Portug.* Tom. 3. Part. 3. cap. 4. §. 7. e Part. 2. cap. 7. §. 21. e cap. 8. §. 2. Franco *Imag. da Virtud. do Nov. da Companh. de Lisboa* Liv. 1. cap. 3. §. 2. Anton. Bocarro *Decad. da India* cap. 84. D. Anton. Caetano de Souf. *Cathal. dos Bisp. de Malac.* e no *Cathal. dos Arcebisps. de Goa* §. 9. Compoz.

Tratado do aparecimento de Christo Crucificado na Cruz da Boa vista em a Cidade de Goa sucedido a 23. de Fevereiro de 1619. o qual conforme affirma Jorge Cardoso *Agiol. Lusit.* Tom. 3. pag. 60. no Comment. de 3. de Mayo letr. D. he copioso, e largo, e se conserva na Cathedral de Goa.

Officium S. Catharinae Virginis, et Martyris que se reza na Cathedral, da qual he a Santa o Orago, por indulto Pontificio.

Tratado sobre as Missões de Madurè acerca do que resolveo Gregorio XV. em a Confirmação que principia *Romanæ Sedis.*

Desta obra faz menção o moderno adicioneador da *Bib. Orient.* de Antonio de Leaõ Tom. 1. Tit. 3. col. 84. onde se enganou escrevendo que era da Ordem de S. Joaõ, sendo de S. Jeronymo como tambem o appellido de Sà que traz escrito por erro da impressão *Vaa.*

D. Fr. CHRISTOVAM DE LISBOA cujo appellido indica a patria que lhe deo o berço, sendo filho de Gaspar Gil Severim, Executor mór do Reyno, e de Juliana de Faria, e irmão do celebre Antiquario Manoel Severim de Faria, Chantre da Cathedral de Evora. Na idade da adolescencia recebeu o Habito Serafico,

na reformada Provincia da Piedade, donde passados quatro annos se transferio para a de Santo Antonio, e depois de instruido com a Theologia Escolastica, e Positiva, sahio hum dos famosos Letrados, e grandes Prégadores do seu tempo, por cujas partes foy muito acceito à Magestade delRey D. João o IV. Foy Qualificador do Santo Officio, Guardião do Convento de Santo Antonio de Lisboa, Definidor da Provincia, Commissario da Provincia de Portugal, e primeiro Custodio da Provincia do Maranhão, em cujo ministerio padeceo innumeraveis trabalhos pela converção dos Gentios. Amou com excessão a pobreza, e de tal sorte observou a castidade, que não podia ouvir palavra, que offendesse esta angelica virtude. Sendo obrigado a aceitar a Mitra de Angola, a não chegou a possuir morrendo em Lisboa a 14. de Abril de 1652. O seu Retrato está na Caza do Capitulo do Convento de Santo Antonio desta Corte entre os Bispos que teve neste Reyno esta Santa Reforma. Fazem delle breve memoria Joan. Soar. de Brit. in *Theatr. Lusit. Litter.* lit. C. num. 10. Wadingo de *Script. Ord. Min.* pag. 90. col. 1. Nicol. Ant. *Bib. Hisp.* Tom. 1. p. 188. col. 2. D. Anton. Caet. de Souf. no Cathalog. dos Bisps. de Angola. Compoz.

Sermão de São Jozé. Evora por Manoel de Carvalho 1625. 4.

Sermão da quarta Dominga da Quaresma. Lisboa por Paulo Craesbeeck. 1641. He allusivo ao estado em que naquelle tempo se achava este Reyno. 4.

Sermão da terceira Dominga do Advento na Misericordia de Lisboa, quando se jurou ElRey D. João o IV. por Rey deste Reyno. Lisboa por Antonio Alvares 1641. 4.

Sermão prégado em Santo Antonio dos Capuchos de que era Guardião, por ordem da Rainha a 18. de Setembro de 1643. Lisboa por Lourenço de Anvers. 1644. 4.

Sermão da Immaculada Conceição da Sacratissima Virgem Nossa Senhora Padroeira do Reyno prégado na Capella Real a 8. de Dezembro de 1645. Lisboa por Paulo Crasbeeck 1646. 4.

Sermão prégado na Capella Real na Terceira Sexta Feira da Quaresma 2. de Março de 1646. Lisboa por Pedro Crasbeeck 1646. 4.

Sermão da Quinta sexta Feira da Quaresma na Capella Real a 27. de Março de 1648. Lisboa por Manoel Gomes de Carvalho 1648. 4.

Sermão de S. Gonçalo. Coimbra por Manoel Rodriguez de Almeyda 1694. 4. Obra posthuma.

Manifesto da injustiça, cegueira, e declinação presente, e futura ruina de Castella, e do abono, patrocínio, e amparo divino da Justiça de Portugal, verdades todas estampadas no maravilhoso caso, que succedeo em a Cidade de Lisboa, dia do Corpo de Deos em que o Senhor livrou com a sua omnipotencia a Magestade delRey D. João o IV. da morte, que á traição lhe intentaraõ dar os Castelhanos. Lisboa por Paulo Crasbeeck. 1647. 4.

Santoral de varios Sermoens de Santos. Lisboa por Antonio Alvares. 1638. 4. No prologo deste livro affirma ter composto dous grandes volumes de lugares Comúns da Escripura.

Jardim da Sagrada Escripura disposto em modo alphabetico com hum elencho de discursos, e conceitos sobre os Evangelhos das Domingas, Quartas, e Sextas Feiras da Quaresma, e Domingas de Advento, utilissimo para Prégadores, e Curas de almas. Lisboa por Paulo Crasbeeck 1653. fol. Sahio por industria de Fr. Gabriel do Espirito Santo Provincial da dita Provincia de Santo Antonio prometendo no Prologo publicar a Segunda Parte.

Historia natural, e moral do Maranhão, e Graõ Parà M. S. da qual fazem memoria Duarte Madeira Nova Philosophia 1. Part. Tom. 2. Disp. 8. n. 33. Nicol. Ant. Bib. Hisp. Tom. 1. pag. 189. e o moderno addicionador da Bib. Occid. de Ant. de Leon. Tom. 2. Tit. 13. col. 687.

Tratados Predicativos. M. S. Confervaõ-se na Livraria do Excellentissimo Conde de Vimieiro.

Dialogo do justo, e devido sentimento nas adversidades humanas. Interlocutores Vaerico, e Pontonio. M. S. 8. Na mesma Livraria se guarda, que foy do Irmaõ do Author.

Fr. CHRISTOVAM DA MADRE DE DEOS LUZ naceo em a Cidade de S. Seba-

iaõ Capital do Rio de Janeiro na America. Foyõ seus Pays Francisco Dias da Luz natural da Cidade da Tavira em o Reyno do Algarve, e hum dos alentados Capitaens, que em companhia do General Mendo de Sá expulsaõ do Rio de Janeiro aos Francezes colligados com os Tamoyos, e Domingas la Sylveira filha dos primeiros conquistadores, e povoadores desta Colonia. Recebeo o habito de S. Francisco na Provincia de Santo Antonio do Brasil onde foy varias vezes Guardiaõ, Definidor, e hum dos dous Procuradores Geraes, que vieraõ a esta Corte solicitar a erecção da Provincia da Immaculada Conceição cuja empreza felizmente conseguio em o anno de 1675. Nella mereceo occupar pelo seu grande talento os mayores lugares como foraõ duas vezes Provincial, e Visitador. Foy por muitos annos Commissario do Santo Officio que exercitou com summa rectidaõ. Na Religiaõ era exemplar, no estudo continuo, e na devoção da Senhora fervoroso. Falleceo no Convento de Santo Antonio da sua patria em o anno de 1720. Compoz.

Cuidado contra o tempo. M. S. 4. Nesta obra descreve varias noticias do Estado do Brasil desde o seu descobrimento, e da Serafica Religiaõ no mesmo continente. Conservava este livro Fr. Salvador da Conceição Gayo Exdefinidor da mesma Provincia do qual confessa Fr. Appollinario da Conceição de quem já fizemos particular memoria, ter extrahido varias noticias para as suas composições com que tem utilizado a curiosidade publica.

Cartorio da Provincia da Immaculada Conceição do Estado do Brasil que fez quando era Provincial no anno de 1683. Consta de 10. Capitulos, nos quaes recopilou a Origem desta Provincia com todos os Breves, e varias noticias pertencentes a ella atè o tempo que a escreveu.

Fr. CHRISTOVAM DE S. MARIA natural de Lisboa. Depois de estar instruido com as letras humanas, e Filosofia foy admitido à Religiaõ de S. Jeronymo professando o seu Instituto no Real Convento de Belem a 7. de Junho de 1667. Em premio dos progressos que fez a sua applicação em os estudos Theologicos, recebeu em a

Universidade de Coimbra as insignias Doutraes sendo nella Lente de Cadeira pequena de Escritura de que tomou posse a 9. de Junho de 1696. donde passou para a de Gabriel em 10. de Janeiro de 1701. e para a de Durando a 2. de Outubro de 1706. Foy Reytor do Collegio de Coimbra, em o anno de 1686. Qualificador do Santo Officio, hum dos mais celebres Theologos do seu tempo, e naõ menos insigne Prégador, de cuja arte deixou por argumento.

Sermaõ no Auto publico da Fè que se celebrou em o Terreiro de S. Miguel da Cidade de Coimbra Domingo 25. de Julho de 1706. Coimbra por Jozé Ferreira Impresor do Santo Officio, e da Universidade 1706. 4.

Caelestis cithara antilogici concentus ex apparenter dissonis consonantiis suavissimum edentes sonum. M. S. fol. Nesta Obra concilia os Textos da Escritura antinomicos, e depois discorre no sentido moral, a qual ficou imperfeita.

Tractatus de gratia Christi. M. S. Este Tratado como a obra precedente se conservaõ no Collegio de Coimbra onde morreo a 6. de Março de 1712.

CHRISTOVAM MARTINS Presbytero Ulyssiponense Capellaõ da Igreja do Espirito Santo, muito douto, e versado nos ritos, e Cerimonias Ecclesiasticas, por cuja applicação o louvaõ com grandes elogios Lucas de Andrade *Illustração ao Man. da Missa* Illustr. 7. n. 8. e D. Leonard. de S. Jozé *Æconom. Sacr.* cap. 2. Tit. 3. §. 18. Morreo na Patria em o anno de 1668. Compoz.

De Ritibus Sacris dubia selecta in Rubricas Missalis Romani Sanctissimi Domini nostri Urbani VIII. autoritate recogniti Pars prima in quattuor tractatus divisa. Ulyssipone ex Officina Crasbeeckiana 1652. fol. Na Dedicatoria ao Bispo de Targa promete explicar o *Pontifical Romano.*

De Ritibus Sacris 2. Pars. Estava prompta para a impressaõ, o que naõ executou impedido pela morte.

Apologia das Rubricas do Missal Romano contra a instancia do Licenciado Joaõ Campello de Macedo. M. S. Esta Obra se conservava na Bibliotheca do Cardial de

Soufa juntamente com a instancia do Campello.

P. CHRISTOVAM DE MATTOS da Companhia de JESUS Doutor na Sagrada Theologia escreveu, e publicou conforme affirma Joan. Soar. de Brit. *Theat. Lusit. Litter.* lit. C. n. 11.

Cathecismo Portuguez.

CHRISTOVAM DE MELLO Porteiro mór da Casa Real, e Alcayde mór de Serpa filho de Joaõ de Mello Alcayde mór de Serpa, e de D. Iignes de Castro filha de D. Fernando de Castro Governador da Casa do Civel. Foy muito applicado ao estudo de Genealogia escrevendo com grande curiosidade como affirma o P. D. Antonio Caetano de Soufa no *Apparat. à Hist. Geneal. da Casa Real Portug.* pag. 104. §. 109.

Familias do Reyno de Portugal. M. S.

Fr. CHRISTOVAM OSORIO natural de Lisboa filho de Affonso Gomez, e Maria Oforio. Sendo admitido á Sagrada Religião da Santissima Trindade professou no Convento patrio a 27. de Mayo de 1590. onde se applicou ao estudo da Historia principalmente da sua Ordem, e à cultura da Poesia em que sahio muito versado. Padeceo com grande paciencia varios achaques procedidos de huma enfermidade que teve nos primeiros annos de Religioso, dos quaes recebia algum alivio com a lição dos livros que continuamente revolvía até que a morte o suspendeo desta applicação a 27. de Janeiro de 1634. Compoz.

Pancarpia, Prosas historicas, e Titulares de Varoens collocados, e illustres da Ordem da Santissima Trindade Redempção de Cativos com algumas excellencias della. Lisboa por Pedro Crasbeeck 1628. 8. Em applauso desta obra lhe cantou a elevada, e discreta Musa do insigne Poeta Lope da Vega Carpio esta Decima.

*De roxo, y azul colores
Que el Angel baxo del Cielo
Hyeroglificos del zelo,
Y fé de sus professores;
Pancarpia texe de flores
Oforio en tan docta Summa,
Que de Laurel la presuma,*

*Pues delas impirias salas
Fenix celeste en las alas
Le truxo tambien la pluma.*

Da obra, e do Author faz memoria o P. Antonio dos Reys no *Enthusiasm. Poet.* n. 179.

D. CHRISTOVAM DE PORTUGAL filho illegitimo do Senhor D. Antonio Prior do Crato, e neto do Infante D. Luiz filho do Serenissimo Rey D. Manoel naceo na Cidade de Tangere no mez de Abril de 1573. quando seu Pay governava esta Praça. Todos aquelles dotes, que servem de ornato aos Princepes repartio com elle tão prodiga a natureza que podia ser o exemplar por onde se regulassem as açoens assim moraes, e politicas, como pacificas, e militares. O aspecto era gentil, e grave, o coração magnanimo, e destemido, o entendimento perspicaz, e prudente, o genio affavel, e compassivo, merecendo por tão singulares partes o admiravel conceito, que formaraõ do seu profundo talento as Naçoens por onde discorreo, sendo seu Pay o primeiro que conheceo a sua grande capacidade pois vendo frustradas as negociaçoens que intentara com os Princepes da Europa para cingir a Coroa de seus Avós o mandou quando contava a florente idade de quinze annos por Embaxador ao Emperador de Marrocos pedindo-lhe emprestados trezentos mil cruzados com que conseguisse a nobre empreza de libertar a Patria do dominio Castelhana, e ficasse elle em refens desta quantia. Partio D. Christovaõ de Gravezende a 25. de Outubro de 1588. acompanhado de muitas pessoas entre as quaes se distinguiaõ o P. Antonio Fernandes Pinheiro seu Confessor, e Esmoler, Manoel de Brito, e Almeida Camareiro, e Governador da Casa, Balthezar Paez de Caceres Thezoureiro mór, Sebastião Gonçalves Lima Guardaroupa, e depois de vencidos varios perigos em a não Hercules de que era Capitaõ Duarte Perim Correa, desembarcou em Çafim a 7. de Janeiro de 1589. Foy recebido com honras de Principe pelo Alcayde Bellasson em quanto não chegava o Baxa Mahamet Zarcaõ, que o conduzio à Corte acompanhado de setecentos arcabuzeiros preciosamente vestidos. Com inexplicavel alvoroço o tratou o Prin-

cipe Muley Buferes filho do Emperador de Marrocos, que por estar neste tempo em o Reyno de Fez, não assistio a este solemne acto, ao qual certificou logo da sua chegada remetendo a carta de crença que o barbaro recebeu com particular estimaçãõ. Assinou-lhe o Emperador em sinal da magnifica hospitalidade, que com elle queria uzar, sessenta arcabuzeiros para sua Guarda, e mil quatrocentas e oitenta Livras cada mez, com outros donativos que augmentavaõ o esplendor, e regalo da Meza. Como lograva a sua caza da immundade de Principe Soberano, concorriaõ a ella como seguro asylo todos os Christãõs recebendo não sómente os Sacramentos para alimento das almas, mas copiosas esmolas para resgate dos corpos. Nas Festas mais solemnes do Calendario Romano dava meza a duzentas pessoas, com taõ sumptuosa profusaõ, que bem mostrava os generosos espiritos que lhe animavaõ o coração. Dezenegado de concluir a negociaçãõ com o Emperador de Marrocos partio em o anno de 1590. para Londres onde conservou taõ grande correspondencia com o Xarife que lhe offereceo por huma carta, e a seu Irmaõ D. Manoel de Portugal a sua Corte, na qual feria tratado com a mesma grandeza que seus proprios filhos, por estar lembrado da heroica acçãõ que obrara ElRey de Portugal, quando passou a Africa a amparar hum Principe da sua Caza. A summa fidelidade, e natural inclinaçãõ que sempre observou em obsequio dos Monarchas Portuguezes, o moveo passar a Veneza a 28. de Novembro de 1599. com Manoel de Brito, e Pantaleãõ Pessoa, seus Confidentes, para persuadir àquelle Estado como era o verdadeiro Principe D. Sebastiaõ aquelle homem, que por sua ordem estava prezo, e sendo recebido pelo Doge a 11. de Dezembro do dito anno, com honorificas demonstraçoens lhe prometeo, atenderia à sua representaçãõ. Não foy este o unico argumento que deo do affecto, que tinha a Portugal, pois assistindo em Pariz, e creveo huma carta a D. Christovãõ de Moura Vice-Rey deste Reyno, em que o exhortava com efficazes fundamentos, para libertar a Monarchia Portugueza do violento dominio de Castella. Os ultimos

annos da sua vida assistio na Corte de Pariz com huma pensaõ que lhe dava ElRey Christianissimo, de cujos interesses foy sempre muito parcial. Ao tempo que contava 65. annos de idade foy accommettido de hum accidente de parlesia, que o privou da vida a 3. de Junho de 1638. Jaz sepultado no Convento dos Franciscanos de Pariz, proximo à sepultura de seu Pay. Em dous retratos abertos nesta Corte, se ve copiada a sua figura. Em o primeiro se lê na sua circumferencia *Christophorus Dei gratia Princeps Portugallia;* e na parte inferior: *Filius D. Antonii XVIII. Portugallia Regis,* com estes dous versos:

Hic vultu, & meritis Princeps de Sanguine Regum

Quo magis atteritur, tanto virtute resurgit.

A hum lado estaõ as Armas Reaes de Portugal, e a outro huma Palmeira coroada do Sol com esta letra: *Te radiante virebo.*

No 2. retrato tem por circumferencia estas palavras: *Christophorus Princeps D. Antonii Portugallia Regis filius atatis 52.* e na parte inferior estes dous versos.

Viribus ingenitis, ni fors inimica resistat

Et Sceptra, & patrios oculis inscripsit honores.

Fazem illustre memoria da sua pessoa D. Joãõ de Castro *Disc. da Vid. delRey D. Seb.* cap. 19. *Caram. Philip. Prud.* p. 71. 165. 173. 296. e 299. *Scevol. e Lov. de Sainct. Marth. Hist. Geneal. de L' Maison de Franc.* Tom. 2. Liv. 43. cap. 9. *P. Anselm. Hist. Geneal. & Chronol. dela Mais. Royal. de Franc.* Tom. 1. p. 611. *Dupleix Hist. de Franc. ad ann. 1580.* n. 19. *Imhof. Stem. Reg. Lusit.* pag. 19. *Menezes Hist. de Tanger.* Liv. 2. p. 80. §. 58. *Soufa Hist. Genealog. da Caza Real Portug.* Tom. 3. Liv. 4. cap. 8. *Compoz.*

Briefue, & sommaire description de la vie, & mort de Don Antoine premier du nom, & dix-huitiesme Roy de Portugal avec plusieurs lettres servantes à l' Histoire de Temps. Pariz ches Gervais Alliot. 1629. 8. Dedicou esta Obra à Magestade Christianissima de Luiz XIII. o qual no Privilegio que lhe concede a 5. de Fevereiro de

1629. para a mesma Obra, o trata com estas palavras: *Nostre tres-cher, & ami cousin D. Christofle de Portugal.*

CHRISTOVAM RODRIGUES AZI-NHEIRO. Naceo na Cidade de Evora em o anno de 1474. e depois de receber o gráo de Bacharel em Direito Civil, exercitou por muitos annos na sua patria o officio de Advogado com credito do seu talento. A natural inclinaçãõ, que tinha ao estudo da Historia, principalmente à deste Reyno o estimulou a revolver as Chronicas antigas, e extrahir dellas com summo difvelo as noticias principaes, de que formou a Obra seguinte, escrita como elle afirma em o anno de 1535. quando contava 61. de idade.

Compendio das Chronicas de Portugal. M. S. fol. cujo prologo começa. *Estaõ em este prezente volume recopiladas, sumadas, abreviadas, todas as lembranças dos Reys de Portugal das Caronicas velhas, e novas sem mudar substancia da verdade, reynante ElRey Dom João o terceiro do nome, quinzeno dos Reys de Portugal, &c.* Fazem memoria desta Obra, e do Author Brandaõ Mon. Lusit. Tom. 3. Liv. 8. cap. 12. Cardof. *Agiol. Lusit.* Tom. 3. pag. 733. no Comment. de 17. de Junho letr. F. João Franco Barret. *Bib. Lusit.* M. S. Nicol. Ant. *Bib. Hisp.* Tom. 1. pag. 191. e o P. Fonsec. *Evor. Glorios.* pag. 411. chamando-lhe *homem erudito na materia historica*, e que imprimira o *Compendio das Chronicas*, o que me parece ser engano, pois delle se conservaõ varias copias M. S. e huma tem meu Irmaõ D. Jozé Barbofa na sua selecta Livraria da Historia Portugueza, onde o Author chega até o Reynado delRey D. João o III. Não ignoro que sabio impresso sem o nome de Author, em 4.

Sumario das Chronicas dos Reys de Portugal revisto, accrescentado, e em parte emendado nesta segunda impressãõ, em que foy apurado pelas proprias Chronicas, em ho qual se contém muitas cousas dignas de memoria, e feitos heroicos dos ditos Reys. Coimbra por João Alvares Imprefor delRey Nosso Senhor 1570. 4. E que sendo esta a segunda ediçãõ, certamente houve primeira, mas nunca podia ser o

Compendio de Christovão Rodrigues Azinheiro, pois este chegou a escrever a Vida delRey D. João o III. em que o Author vivia, e o Summario impresso de que tenho hum exemplar, chega a ElRey D. Manoel, e para claramente se conhecer, que he diferente o M. S. he hum Tomo de folha, e este Summario impresso consta de 13. quartos de papel.

CHRISTOVAM RODRIGUES DE OLIVEYRA natural de Lisboa, Guardaroupa de D. Fernando de Menezes, e Vasconcellos, Arcebispo de Lisboa, e Cappellaõ mór delRey D. João o III. sendo muito versado na Historia Profana, e principalmente nas grandezas, e noticias da sua famosa Patria escreveu em o anno de 1551. por ordem de seu Amo.

Summario em que brevemente se contem algumas cousas assim Ecclesiasticas, como Seculares, que ha na Cidade de Lisboa. Por Germaõ Galharde Imprefor delRey Nosso Senhor. 1551. 4.

Esta Obra, que sahio sem o nome do seu Author, louvaõ Nicol. Anton. *Bib. Hisp.* Tom. 1. pag. 191. Cardof. *Agiol. Lusit.* Tom. 3. pag. 733. col. 1. no Comment. de 17. de Junho letr. F. e Franc. Leit. Ferreir. *Noti. Chronolog. da Univerfid. de Coimb.* pag. 583. n. 1234.

Fr. CHRISTOVAM DO ROSARIO natural da Cidade de Evora, filho de Diogo da Cunha, e Gracia Dias. Na idade da adolescencia recebeu o Habito da Ordem dos Prégadores, em o Real Convento de Bemfica, em o primeiro de Novembro de 1628. Igualmente foy admirado o seu talento, ou fosse discipulo, ou Mestre, cujo ministerio exercitou até ser do numero que tem esta illustre, e douta Religiaõ. No anno de 1662. em que partio para Inglaterra a Serenissima Senhora D. Catharina, a despozar-se com Carlos II. o elegeo por seu Confessor, e Prégador, lugares que administrou com grande satisfacão desta Princeza, e naõ menos credito da sua capacidade, que se fazia mais estimavel pela natural benevolencia, de que era dotado. Depois de assitir muitos annos em a Corte de Londres, desejofo de acabar a vida entre os seus Religio-

fos alcançou faculdade da Rainha para se restituir ao Reyno, onde por estar vago o lugar de Deputado do Concelho Geral do Santo Officio, por morte de Fr. Vicente de Santo Thomaz, e não de Fr. Valerio de Saõ Raymundo, como escreve Fr. Pedro Monteir. no *Claust. Domin.* Tom. 3. pag. 178. contra o que tinha escrito no *Cathalog. dos Deput. do Conselho Geral*; o nomeou nelle o Eminentissimo Cardial D. Verissimo de Lencastro Inquisidor Geral, de cujo heroico ministerio humildemente se escusou impedido dos annos, e achaques que brevemente o privaraõ da vida, em o Convento de Lisboa a 24. de Janeiro de 1691. Publicou.

Sermaõ em a Capella do Excellentissimo Senbor D. Francisco de Mello Embaixador de S. A. R. de Portugal a sua Magestade Britanica, no primeiro dia em que a mesma Capella se abriu, assistindo os mais Ministros, e a principal gente Catholica desta Corte. 4. Sem lugar, nem nome da Impressaõ, mas do caracter se conhece ser em Londres.

Sermões M. S. 2. Tom. fol. os quaes eraõ *doutissimos, e que não chegarã ao Prelo*, affirma Fr. Pedro Monteiro *Claust. Domin.* Tom. 3. pag. 179.

CHRISTOVAM SARDINHA natural da Cidade de Elvas, e hum dos celebres professores da Medicina, que floreceraõ no Reynado de D. Joaõ o III. Depois de ouvir nesta Faculdade ao insigne Mestre Thomaz Rodrigues da Veiga, Cathedratico de Prima em a Universidade de Coimbra, se graduou nella com applauso dos seus condiscipulos, que já vaticinavaõ o grande credito que havia alcançar o seu talento, quando a exercitasse, cujo vaticinio se vio cumprido sendo Medico do Serenissimo Duque de Bragança, e nas admiraveis curas, que obrou nas Villas de Villa Viçosa, e Monfaraz, parecendo ser superior às forças da natureza o methodo com que triumphava das enfermidades mais rebeldes. Não sómente era perito nesta Arte, mas muito douto em dictames asceticos, e politicos, como publicação as seguintes Obras.

Compendium totius Medicinæ. 1. *Pars complectens libros duodecim, in quibus Medi-*

cinæ omnia fundamenta, generalissimaque cognoscendi, præfagiendi, atque præservandi documenta traduntur. M. S. fol.

2. *Pars de curandis morbis in particulari complectens libros tres. Primus de curandis morbis à capite usque ad pedes. Secundus de curandis febribus. Tertius de curandis morbis externis ad Chirurgum pertinentibus.* M. S. fol.

Colloquio primeiro dirigido a seu filho mais velho; onde trata dos trabalhos, e misérias, que padece o perfeito Medico para que vendo-as deixasse de ser Medico, e estudasse a Sagrada Theologia. M. S.

Colloquio segundo dirigido a seu filho segundo; onde trata da bondade da vida do Campo, e dos males da vida cortezaã persuadindo-o, que não seguisse a vida do Paço. M. S.

Escada do Ceo. Nella instrue a quatro filhas Religiosas como devem praticar no Claustro os exercicios espirituaes. Estava prompto para a impressaõ com faculdade do Illustrissimo Arcebispo de Evora, D. Theotonio de Bragança.

Traçtatus de Animalibus. M. S.

D. Fr. CHRISTOVAM DA SYLVEIRA. Naceo na Cidade de Angra, Capital da Ilha Terceira a 13. de Março de 1614. Teve por progenitores a Christovaõ de Lemos, e Mendoza, e a D. Igenes da Sylveira Borges, descendentes das familias mais qualificadas. Quando contava 18. annos de idade, professou o sagrado Instituto de Eremita de Santo Agostinho, em o Convento de Nossa Senhora da Graça de Lisboa, a 14. de Outubro de 1632. onde não sómente adquirio fama em as Cadeiras, como em os Pulpitos. Foy Reytor do Collegio de Coimbra no anno de 1656. Attendendo o Principe D. Pedro Regente destes Reynos às suas grandes letras acompanhadas de solidas virtudes, o nomeou Arcebispo Primaz do Oriente, em cuja dignidade foy sagrado no Convento da Graça desta Corte a 7. de Junho de 1671. Partio para Goa em o anno seguinte, na Armada de que era Capitaõ mòr, Joaõ Correa Deça, em cuja viagem sendo accommettido de huma grave enfermidade, que o privou da vida foy levado o seu çadaver à Cathedral de Goa, onde na

Capella móy se sepultou com este epitafio:

Aqui jaz D. Fr. Christovão da Sylveira Religiofo Agostinho natural da Ilha Terceira XII. Arcebispo de Goa, e Primaz da India, e do Conselho de S. Altezã. Falleceo vindo para este Estado aos 9. de Abril do anno de 1673. tendo de idade 59. annos. Compoz.

Cursus totius Philosophia ad mentem D. Augustini. M. S.

Traclatus de Scientia Dei. M. S.

Estes dous Volumes se conservaõ na Livraria do Convento de Lisboa.

Fr. CHRISTOVAM SOARES natural do Porto, filho de Manoel Soares de Carvalho, e de Maria Rebello; Religiofo da illustre Ordem da Santissima Trindade, onde foy Ministro do Convento de Cintra, e Prégador geral, de cujo ministerio como era muito sciente, querendo instruir nelle aos Prégadores Evangelicos, escreveu em o anno de 1726.

Arte Concionatoria, em que se expoem o methodo mais facil, para o seu exercicio. M. S. 4.

CHRISTOVAM SOARES DE ABREU Cavalleiro professo na Ordem de Christo, naceo em a nobre Villa de Ponte de Lima, em a Provincia de Entre Douro, e Minho, e foy filho de Francisco Soares de Abreu, e de sua mulher Catharina Brandaõ, natural do Estado do Brazil, e descendente de humas das mais nobres Familias delle. Estudou em a Universidade de Coimbra Direito Cefareo, e depois de ser graduado nesta faculdade servio alguns lugares, até que de Dezembro do Porto, passou para a Casa da Suplicação em 23. de Novembro de 1646. Entre a severidade da Jurisprudencia cultivou as flores da Poesia, sendo numerado entre os famosos Poetas, que produzio este Reyno, por Jacinto Cordeiro nos *Elog. dos Poet. Portug.* Estanc. 26.

Para Christoval Soares de Abreu gloria

Quisiera pluma yo que le igualara

La suya ilustre la memoria

Del Dueño que eterniza, si es tan rara:

Que bien puede atreverse a la vitoria

Del laurel con la mano, que la ampara;

*Y el con ella atreverse en nuestro polo
A quitarle el laurel al mismo Apolo.*

Sendo o mais antigo Senador da Cidade de Lisboa, na occasião que os Serenissimos Monarchas D. Affonso VI. e D. Maria Francisca Izabel de Saboya deraõ a publica entrada na Cidade de Lisboa a 29. de Agosto de 1666. os congratulou em nome da mesma Cidade com a Obra seguinte:

Oração em nome da Camera de Lisboa a ElRey D. Affonso VI. e à Rainha D. Maria Francisca Izabel, entrando na dita Cidade em 29. de Agosto de 1666. Lisboa por Joã Leite Pereira Impressor da Serenissima Rainha. 1666. 4. e no Portug. Restaurad. Tom. 2. p. 838.

A esta Oração applaude Jacinto Cordeiro em o *Triumpf. Lusit.* fol. 9. com estas vozes metricas.

*Cerrando este secreto la elegancia
Valor, cordura, agrado, y experiencia
Del señor (justo amor) Christoval Suares
A quien Apollo en celebres altares
Sacrificio ofreciò como lo dizen
Las Musas, y Academias.
Este raro ingenio altivo, y claro
Goza la plaza sin discurso vario
De elegante, y perfeto Secretario
Siendo por su nobleza, y por su azero
Del habito de Christo Cavallero.*

Publicou em seu nome.

Officium in Laudem Sacrosancti Eucharistiae Sacramenti cum Litanis, Precibus, & Hymnis in usum privatum devotorum. Ulyssipone apud Petrum Craesbeeck Typ. Reg. 1630. 24.

Morreo em Lisboa a 4. de Junho de 1684. e está sepultado em a Capella de S. Francisco do Convento de Santa Anna de Religiosas Franciscanas. Foy cazado com D. Maria de Almeida.

Fr. CHRISTOVAM DE S. TIAGO. Naceo na Freguezia de Nossa Senhora de Figueirò da Serra Curado de Malta, junto da Serra da Estrella em a Provincia da Beira do Bispaado da Guarda. Professou o Instituto Cisterciense no Convento de Santa Maria de Salzedas, e estudou as Sciencias Escolasticas no Collegio de Coimbra. Sendo eleito Abbade do Convento onde professara, em o anno de 1615. empredeu com summa curiosidade, e mayor trabalho

revolver todo o Cartorio do dito Convento de que resultou, escrever com toda a individualidade, e clareza.

Recopilação das Doações, privilegios, e mais noticias pertencentes ao Convento de Santa Maria de Salcedas M. S. fol. Este Volume que he muito grande, se conserva no mesmo Cartorio o qual serve como de Index a todos os papeis, que nelle se guardaõ.

P. CHRISTOVAM VALENTE Religioso professo da Sagrada Companhia de JESUS não sómente grande Theologo, mas insigne Mestre da Lingua Brasílica em a qual para instrucção catholica da puericia compoz.

Cantigas pera os Mininos da Santa Doctrina.

São compostas em louvor do Nome de JESUS, Sacramento do Altar, N. Senhora, e Anjo da Guarda. Sahiraõ impressas ao principio do Catecismo da lingua Brasílica addicionado pelo P. Antonio de Araujo da Companhia de JESUS. Lisboa por Pedro Crasbeck 1618. 8.

Fr. CYPRIANO natural da Villa de Estremós em a Provincia de Alentejo, e Religioso professo da Serafica Provincia dos Algarves. de grande talento para o Pulpito, e não menor habilidade para a sciencia das Escolas. Compoz em o anno de 1619. e estava prompto para a impressãõ.

Tratado da Oraçãõ combinada com os passos da vida de Christo Senhor Nosso M. S.

CYPRIANO DE FIGUEYREDO, E VASCONCELLOS natural de Lisboa, e hum dos mais fieis sequazes do Senhor D. Antonio filho do Infante D. Luiz quando pertendeo cingir a Coroa Portugueza de que deu hum illustre argumento occupando o lugar de Corregedor da Ilha Terceira, e sendo a sua Capital invadida a 25. de Julho de 1582. pela armada de Castella governada por Diogo Valdez se oppoz com tanta resoluçãõ, e valor aos inimigos que sendo a mayor parte derrotada, poucos restaraõ para narrar o estrago padecido, em cuja gloriosa açãõ se mostrou que igualmente era versado em a especulaçãõ da Jurisprudencia, como na practica

da milicia. Com o mesmo zelo assistio em França, e Inglaterra ao Senhor D. Antonio dandolhe prudentes Conselhos, e escrevendo doutos tratados em que mostrava o inconcusso direito que lhe assistia para subir ao trono de seus Avós merecendo por taõ repetidas demonstraçoens de fidelidade para com este Principe que elle lhe fizesse o elogio seguinte na Carta que escreveu a Gregorio XIII. *Scipio Figueiredius Vasconcellius vir nobilis, Casareique juris Doctor earum etiam Insularum, quas Tertias vocant, Sebastiani Regis nomine Gubernator integerrimus. Hunc præclarum virum postquam ad se promissionibus, blanditiisque allicere Philippus non potuit, ut sibi commissas urbes, atque arcas proderet in bona illius (ut solet) irruit, atque invasit. At constantissimus vir in fide, et officio populos continuit gloriosam de Castellanis victoriam ex nostris ipse primus eo tempore reportavit, fidissimi Ducis nomen adeptus est, & talem se hostibus exhibuit militem, ac Ducem, ut in illo non minus litterarum spendor, quàm militaris gloria elucere videatur.*

Para eterno testemunho do affecto com que o tinha servido o instituhio o Senhor D. Antonio seu Testamenteiro confiando da sua fidelidade tantas vezes experimentada executaria promptamente os legados que deixava. Fazem memoria de Cypriano de Figueiredo que muitos por equivocaçãõ o intitulaõ *Scipião Luiz de Bavaria Hist. Pontif.* Part. 3. cap. 63. D. Joãõ de Castr. *Discurs. da vid. de D. Sebast.* cap. 13. e 14. *Hist. Secret. de D. Ant.* p. 133. e Joãõ Pinto Ribeiro *Pref. das letras às Arm.* Escreveo, e publicou.

Carta em que fazia publicas as causas a Filippe II. porque defendia o direito do Senhor D. Antonio.

Apologia pelo Senhor D. Antonio contra D. Joãõ de Castro por deixar o seu partido, e seguir o da Senhora D. Catherina Duquesa de Bragança.

Destas duas obras fazem mençãõ Caramuel in *Proem.* lib. 5. *Philip. Prud.* e Filippe Jacobo Spener *Oper. Herald.* Part. 2. lib. 1. cap. 22. pag. 287.

Fr. CYPRIANO DE MENDOÇA Nacido na Freguezia de Santa Marinha de Arcuzello situada no termo da nobre Villa de Ponte de Lima, em a Provincia de

Entre Douro, e Minho em o anno de 1598. filho pela natureza de Pays nobres quae eraõ Gafpar dos Reys Antas Barbofa Cavalleiro da Ordem de Aviz, e D. Leonor Correa de Mendoça, e pela Religiaõ, do illustrissimo Principe dos Patriarchas S. Bento, cujo Monachal habito recebeo no Mosteiro de S. Tyrso a 3. de Novembro de 1613. onde foy Mestre, e Abbade do Convento de Lisboa. Assistio em Roma para negociar varias dependencias da sua Monastica Congregaçaõ que tratou com zelo, e conseqüo com felicidade. Restituído ao Reyno por uniforme conspiraçã dos votantes subio em o anno de 1676. ao lugar de Geral que exercitou prudentemente. Escreveo.

Itinerario da Jornada, que fez a Roma em que trata das audiencias que teve do Papa, despachos, que alcançou, e tudo quanto vio digno de observaçã até se restituír a este Reyno. M. S. 4. Conferva-se na Livraria do apozento dos Geraes.

Cathalogo dos Escriutores da Monastica Congregaçaõ de S. Bento do Reyno de Portugal que remeteu para Castella a Fr. Gregorio de Argaiz Chronista Geral da Religiaõ o qual como affirma na *Perla de Catalunha*, ou *Hist. de N. S. de Monserrate* pag. 466. §. 173. *en que nõ he puesto mas cuidado que el traduzirlo de Portuguez en Castellano.*

Morreo em o Mosteiro de Tibaens a 13. de Janeiro de 1679. com 81. annos de idade, e 75. de Religiaõ.

CYPRIANO DE PINNA PESTANA natural de Lisboa donde passando a Madrid assistio nesta Corte até que nella morreo no anno de 1736. com estimaçaõ de insigne Poeta, de cuja Arte deixou por testemunhas as obras seguintes.

Entrada da Serenissima Rainha de Portugal D. Mariana de Austria que fez pela barra de Lisboa conduzida da armada Inglesa em o felicissimo dia de 26. de Outubro de 1708. Lisboa por Antonio Pedroso Galraõ 1708. 4. Consta de 40. Outavas, e hum Soneto.

Sylva ala celebridad delos felices Años dela Reyna Nuestra Señora D. Mariana Jozepha de Austria que se representó a sus Magestades en el festin, que se hizo en Palacio

el dia 7. del mez de Setiembre deste presente año de 1709. Lisboa por Miguel Manescal Impressor do Santo Officio 1709. 4.

Imagem del Principe Perfecto ilustrada con las qualidades de Sabio, Poderoso, y Justo. Madrid 1723. 4. Sem nome de Impressor. He dedicado ao Serenissimo Principe do Brasil o Senhor D. Jozé.

Poema Heroico al nuevo Natalicio del Serenissimo Señor D. Alexandro Infante de Portugal. Madrid 1723. Consta de 66. Outavas.

CYPRIANO DE PINNA PESTANA Fidalgo da Casa Real naceo na Villa de Penella do Bispaado de Coimbra a 5. de Fevereiro de 1665. Depois de estudar Filosofia em a Universidade de Evora, e receber nella o grão de Mestre em Artes em 17. de Junho de 1685. passou à Universidade de Coimbra onde se applicou ao estudo da Medicina em que sahio taõ eminente, que mereceo ser numerado entre os Licenciados desta Faculdade. Sendo Medico da Camara do nosso Serenissimo Monarcha D. Joãõ o V. o nomeou em 6. de Abril de 1740. Physico mór. Sempre cultivou a Poesia Latina verificando no seu talento ser Apollo igualmente Protector da Poetica, que da Medicina. Publicou.

Excellentissimi, Incltyti, Magnifici Viminoensis Dynastæ sceleratum enarrans casum Poësis. Ulyssipone apud Michaellem Manescal Sancti Officii Typog. 1709. 4.

In faustissimas Nuptias Præclarissimi, & Excellentissimi Domini D. Josephi Michaelis Joannis de Portugal noni Comitis Vimiosensis cum clarissima Domina D. Aloysia à Lotharingia Marchionum Alegretensum filia. Epithalamium. Ulyssip. apud Joseph Antonium da Sylva Regiæ Academiæ Typ 1729 fol. Consta de 674. versos heroicos.

Varias elegias, e epigrammas à morte do Excellentissimo Duque do Cadaval D. Nuno Alvares Pereira de Mello. Sahiraõ nas *Ultimas Acçoens do mesmo Duque.* Lisboa na Officina da Musica 1730. fol. desde pag. 319. até 324.

Fr. CLEMENTE DE SANTO ANTONIO filho de Filippe Serraõ, e Maria de Macedo naceo em Lisboa onde foy bau-

tizado a 25. de Dezembro de 1602. Profef-
sou o Habito da Terceira Ordem Serafica
em o Convento de Nossa Senhora de JESUS
desta Corte a 27. de Dezembro de 1620. e
estudou as Sciencias Escolasticas, em o Col-
legio de São Pedro da Universidade de Coim-
bra. Pelo grande talento de que era ornado,
foy eleito pelos Superiores para defender na
Curia Romana hum grave pleito controver-
tido entre a sua Religiaõ, e a Provincia de
Portugal, querendo esta impedir, que os Ter-
ceiros Regulares conferissem os Habitos aos
Seculares, e depois de altercada esta contro-
versia pelo espaço de muitos annos, deter-
minou o Cardial Francisco Barberino, Pro-
tector da Ordem Serafica, por sentença dada
a 21. de Abril de 1640. que igualmente podese-
m ambas as Religioens conferir os Habitos
aos Terceiros Seculares. Restituído ao Reyno
exercitou os lugares de Ministro de dous
Conventos, Custodio da Provincia, e Reitor
do Collegio de Coimbra, em o qual antes
de acabar o governo falleceo a 24. de Mayo
de 1648. com 46. annos de idade, e 29. de
Religiaõ. Escreveo.

*Sucessos memoraveis da Provincia da Terceira
Ordem de Portugal.* M. S.

*Chronica da Provincia Serafica da Ordem
Terceira da Penitencia.* Estava muito no prin-
cipio, e desapareceo com a sua morte.

Faz menção delle Fr. Antonio da En-
carnação Religioso da mesma Ordem na
2. Parte dos *Faços da Provincia*, em o *Catalog.
dos Escriitores.*

Fr. CLEMENTE DA CRUZ. Naeo
em Lisboa a 23. de Novembro de
1685. e teve por Pays a Balthazar Borges
da Sylva, e a Maria dos Reys Freyre. Re-
cebeo o Habito Serafico no Convento de
Santa Maria de JESUS de Xabregas, da
Provincia dos Algarves, a 23. de Feve-
reiro de 1702. e professou em dia de São
Mathias do anno seguinte. Depois de ter
sido Secretario de diversos Provinciaes, foy
Guardião dos Conventos de Sines, Crato,
Torraõ, e ultimamente de São Francisco
de Beja, donde passou a Vigario, e Con-
fessor das Religiofas Capuchas de Santa
Clara do Convento de Nossa Senhora dos

Martyres de Sacavem. He Prégador Jubi-
lado, e muito sciente em a Musica, e naõ
menos destro em tocar Orgaõ.

Traduzio de Castelhana de Fr. Antonio
de Arbiol, em Portuguez.

*Novena espirital do Glorioso Padre São
Diogo de Alcalã Mestre de Sabios, remedio de
pobres, consolação de aspidos, e refugio poderoso
de pequenos, e grandes, Potentados, Principes,
e Reys.* Lisboa na Officina Ferreiriana 1725. 8.

*Vida admiravel do Santissimo Padre Bene-
ditto XIII. amantissimo filho da esclarecida Reli-
giaõ de Nosso Padre São Domingos, extrahida
da successã Pontificia, e posta na nossa lingua
vulgar.* Lisboa por Pedro Ferreira Impressor
da Serenissima Rainha. 1739. 4.

*Promptuario de Cerimonias, e Officios Di-
vinos de toda a Semana Santa, com a solfa de tudo
quanto se canta nestes dias.* M. S. 4. Está prompto
para a impressãõ.

CLEMENTE FELIX Presbytero Ulyf-
siponenfe, Prothonotario Apostolico, Be-
neficiado da Parochial Igreja da Mag-
dalena da sua Patria, estudou Direito Ce-
sareo na Academia Conimbricense em que
fez exame privado, e foy hum dos gran-
des Letrados do seu tempo, cuja sciencia
legal admiraraõ as Cortes de Roma, e Madrid,
e a nossa, onde exercitou muitos annos o
Officio de Advogado, em o qual nunca pa-
trocinou causa criminal, sendo incorrupto
nos costumes, singular na affabilidade, amante
da verdade, inimigo da ambição, regeitando
lugares honorificos para os quaes se tinha
habilitado pelas suas letras. Morreo na patria
a 31. de Março de 1656. quando contava 75.
annos de idade. Jaz sepultado na Parochia
de Santa Maria Magdalena em o Cruzeiro
ao lado da Epistola. Instituhio por sua herdeira
a Nossa Senhora do Loreto de quem era
cordial devoto, e deixou muitos legados
pios, entre os quaes mandou, que per-
petuamente ardessem dous cirios na Igreja
de São Tiago de Lisboa. Joan. Soar. de
Brit. in *Theatr. Lusit. Litter.* lit. C. n. 12.
Ihe chama *Nominatissimus advocatus*, e Ga-
briel de Almeyda *Informac. por D. Joaõ
Luiz de Vasconcellos, e Menezes*, num 2.
muito douto, e muito conbecido por suas

suas letras. Das muitas, e doutíffimas Allegaçõens de Direito que compoz, as que chegarão à minha noticia, são as seguintes:

Informação de Direito em favor de Ruy de Moura Telles, na causa que com elle tras D. Felipa de Menezes, sobre os morgados, que vagarão por Alvaro Gonçalves de Moura seu filho. Lisboa por Pedro Craesbeeck. 1615. 4.

Informação de Direito a favor de Manoel de Moura Corte Real, Marquez de Castel-Rodrigo na causa que lhe moveo o Duque de Alcalá seu cumbado. Lisboa pelo dito Imprefor. 1621. fol.

Allegação de Direito, a favor de João Rodrigues de Vasconcellos, e Sousa, Commendador, e Alcaide mór da Villa do Pombal, na causa que lhe moveo a Condeça da Calbeta D. Maria de Vasconcellos, em que se oppuzerão o Conde da Calbeta João Gonçalves da Camara seu filho, e o Procurador da Coroa de Sua Magestade. Lisboa pelo dito Imprefor. 1629. fol.

Resposta que fez aos Oppositores da Caza de Masfra, em favor do Conde de Figueiró D. Francisco de Vasconcellos. Lisboa por Antonio Alvares. 1645. fol.

Expostulação Apologetica, em defesa da resposta que deo aos Oppositores da Caza de Masfra a favor do dito Conde de Figueiró. Lisboa pelo dito Imprefor. 1647. fol.

Allegação, na qual se mostra por Direito, por Breves dos Summos Pontifices, por Alvarás dos Senhores Reys, por sentenças em juizo contencioso, por consultas da Meza da Conciençia, pela Regra, Estatutos, e definições da Ordem, e por juramento como o dinheiro dos tres quartos da Ordem de Christo, senão pôde gastar mais que nas obras, e fabrica do Convento de Thomar, e suas Cazas. Consta de 34. folhas. Sahio esta allegação no Livro intitulado *Memorial do Geral da Ordem de Christo, e dos Religiosos della,* &c. Lisboa por Manoel da Sylva. 1648. fol.

Allegação em favor do Duque de Aveiro D. Raymundo, contra o Marquez de Porto-Seguro. He allegada por Francisco Valasco de Gouvea, na Allegaçam que fez a favor do dito Duque num. 267. onde o intitula *Jurifconsulto doutíffimo.*

Brevis resolutio eorum, quæ opponuntur in favorem jurisdictionis, quam Illustrissimus Archiepiscopus Ulyssiponensis pertendit sibi competere in Monasterio S. Clare oppidi de Santarem ejusdem Diæcesis. Não tem o nome do Author, nem anno que foy certamente 1621. nem lugar da Impressão. Começa: *Causa de qua agitur.* Acaba: *Redintegrare debere.*

Allegação sobre o Morgado da Caza de Bellas.

Deliberatio in causa Thesaurariæ majoris Sedis Ulyssiponensis. In Tom. 3. Decif. Doct. Emman. Themudo da Fonseca, Decif. 334.

Resposta em nome do Juiz, e vinte, e quatro de Lisboa, às cartas delRey Felippe de 31. de Dezembro de 1631. e de 21. de Mayo, e 2. de Agosto do dito anno, sobre quinhentos mil cruzados que pedia em o anno de 1632. M. S. Conservava-se na Bib. do Cardial de Soufa.

Alegacion por Diego Lopes de Sousa, contra el Conde de Villa-mayor, y el Duque de Medina Celi. fol.

CLEMENTE FERNANDES natural do Lugar dos Moinhos, junto da Villa de Figueiró dos Vinhos do Bispaado de Coimbra. Foy professor de Direito Canonico, Freire da Ordem Militar de Christo, Vigario da Igreja da Ega, onde morreo a 2. de Outubro de 1674. Jaz sepultado na Igreja Matriz de Nossa Senhora da Graça da dita Villa. Escreveo.

Addiçõens à Explicação dos Cazos reservados, composta por Manoel Lourenço Soares, a cuja Obra, além das addiçõens lhe fez hum Index muito copioso. Lisboa por Henrique Valente de Oliveyra. 1665. 8.

De Jure acrecendi. M. S.

Adagios Moraes. M. S.

Estavaõ estes dous Volumes promptos para a Impressão.

CLEMENTE FRANCISCO XAVIER Presbytero do habito de S. Pedro naceo em Lisboa a 23. de Novembro de 1702. e teve por Pays a Christovaõ Alvares da Sylva, e Ursula Maria Thereza. Applicou-se ao estudo da lingua Latina em que sahio taõ profundamente versado que abrio

palestra nesta Corte para nella instruir a muitos que com grande aproveitamento a frequentão. Publicou.

Satisfação apologetica a favor, e em defesa de hum ponto grammatico da doutrina do insigne Padre Mestre o muito Reverendo Conego Manoel de Abrantes impugnado por certo Padre Mestre desta Corte de classe particular. Lisboa por Mauricio Vicente de Almeйда. 1737. 8.

CLEMENTE LOPES natural da Villa de Torres novas do Arcebispado de Lisboa, Presbytero muito sciente nos preccitos da Poesia principalmente Comica, de que publicou sem o seu nome.

Auto do Nascimento.

Comedia de Santo Antonio.

Compoz outras muitas obras poeticas que não lograraõ o beneficio da luz publica.

CLEMENTE RODRIGUES MONTANHA natural de Villaviçosa filho de Domingos Pinheiro, e Izabel Rodriguez. Foy Collegial do Collegio da Purificação de Evora, em cuja Universidade recebeu o grão de Mestre em Artes, e de Bacharel em Theologia. Atendendo às suas grandes letras D. Francisco Lobo da Sylveira Prior mór do Real Convento de Palmella da Ordem Militar de São-Tiago o admitio a esta Sagrada Milicia a 13. de Dezembro de 1696. Sendo Beneficiado de S. Sebastião de Setubal foy eleito Prior da Parochial Igreja de S. Juliaõ da mesma Villa, onde exercitou com grande prudencia, e actividade os lugares de Juiz da Ordem em aquella Comarca, e de Comissario do Santo Officio, e da Bulla da Cruzada. Podendo imprimir os Sermoens, que com applauso prégou em diversas partes, sómente publicou o seguinte.

Sermaõ nas Exequias delRey D. Pedro II. na Misericordia da Villa de Setuval em 17. de Janeiro de 1707. Lisboa por Valentim da Costa Deflandes 1707. 4.

Epigramma Latino em louvor de Lourenço Pirez Carvalho Comissario Geral da Bulla da Cruzada. Sahio no principio do 1. Tom. *Quest. Selectar.*

CLEMENTE RODRIGUES MONTANHA natural da Villa de Moura em a Pro-

vincia de Alentejo filho de Bento Martins Montanha, e Beatriz Vaz, e Sobrinho do precedente. Recebeo o habito militar da Ordem de São-Tiago no Real Convento de Palmella cabeça desta Sagrada Milicia a 7. de Março de 1712. das maõs do Prior mór D. Jozé Pereira de Lacerda, que depois foy Cardial da Igreja Romana. Sendo em a Universidade de Coimbra Collegial do Collegio das Ordens Militares se applicou ao estudo dos Sagrados Canones em cuja faculdade se formou com grande applauso dos Cathedra-ticos. Possuindo hum Beneficio simples na Igreja de S. Tiago de Almada, foy provido em o Priorado da Igreja da Annunciada da Villa de Setubal, onde enche as obrigaçoens de perfeito Parocho. Como todo o seu mayor estudo foy nos privilegios, e izençoens que gozaõ as Ordens Militares de Portugal, compoz humas Conclusoens divididas em quatro Certames que comprehendiaõ quatrocentas questoes nas quaes se envolvia tudo quanto disseraõ os Authores nesta materia, acrescentando com profunda especula-ção, e não menor engenho novas dissertaçoens que nunca tinhaõ sido tratadas, e as publicou com este titulo.

Pro primo Togata militiæ certamine subeundo, litteratæ, & armatæ Palladis Theoremata de Ecclesia Militante ab injuria temporum triumphante, seu de Ordibus Militaribus Lusitanis. Conimbricæ ex Typog. Regal. Art. Colleg. 1720. 4.

COLLEGIO DE COIMBRA DA COMPANHIA DE JESU Primogenito, ou *Primaz*, como o intitula o P. Balthezar Tellez *Chron. da Companh. da Prov. de Portug.* Tom. 1. Liv. 2. cap. 20. de todos quantos tem esta doutissima Familia em o Mundo, foy fundado pela Real magnificencia delRey D. Joaõ o III. Lançoulhe a primeira pedra em 14. de Abril de 1547. o P. Simaõ Rodrigues Fundador desta Provincia, e Companheiro de Santo Ignacio, que neste tempo era Mestre do Principe D. Joaõ sendo os Religiosos que mais se distinguiraõ em abrir os alicesses para a nova fabrica, D. Gonçalo da Sylveira filho do Conde da Sortelha, D. Rodrigo de Menezes filho do Regedor da Casa do Civel,

D. Leão Henriques filho de D. João Henriques, Luiz Gonçalves da Camara irmão do Conde da Calheta, D. Ignacio de Azevedo irmão de D. Jeronymo de Azevedo Vice-Rey da India, e Manoel da Nobrega Sobrinho do Chanceller mór do Reyno. Com o tempo foy crecendo o edificio a tão larga extensaõ como era o espirito do Real Fundador, aggregandolhe o Collegio das Escolas Menores que era da Universidade do qual tomou posse o Provincial Diogo Miraõ das mãos do Reytor Diogo de Teyve celebre professor de Letras humanas em o primeiro de Outubro de 1555. Foraõ os primeiros Mestres, que substituhiraõ aos Seculares o P. Marçal Vaz do primeiro Curso de Filosofia; do segundo o P. Jorge Serraõ; do 3. o P. Pedro da Fonseca conhecido pela antonomasia de *Aristoteles Lusitano*, e por substituto o P. Sebastiaõ de Moraes que depois foy Bispo do Japaõ. Para Mestres da lingua Latina, e Rhetorica os Padres Cypriano Soares, e Pedro Perpinhaõ, e para Substituto das letras humanas o P. Manoel Alvarez Author da Arte da Grammatica. He habitado de duzentos Religiosos para cuja sustentação tem annexas rendas sufficientes. Occupaõ vinte, e duas Classes as Faculdades que nella se dictaõ sendo onze de Latim, Rhetorica, e Letras humanas; quatro de Filosofia; e huma da lingua Grega, e Hebraica, cujos estipendios paga a Universidade. Duas Cadeiras de Theologia Moral por conta do Bispo de Coimbra. Tres de Theologia Especulativa, e huma da Sagrada Escritura para ensinar os domesticos, as quaes não são publicas como as outras de que se fez mençaõ. Para eterna recommendação de tão insigne Collegio, e da profunda sciencia que nelle se professa, seja bastante testemunho a obra que publicou com o titulo de *Cursus Conimbricensis* o qual he exaltado com grandes elogios de graves Escriutores, como são o P. Antonio Possentino in *Bib. Select.* lib. 1. cap. 5. *Collegium Societatis nostræ Conimbricense in Lusitania Philosophiæ curriculum novissime edidit, qui nescio, an quidquam vel acriori judicio, vel aptiore dicendi, vel sinceriori philosophandi genere unquam ad nos manarit.* Emman. dos Reys Tavar. de duob. magn. Art. Med. auxil. pag. 314. *Conimbricenses communes Magistros.* Duart.

Madeir. *Nova Philos.* 1. Part. disp. 1. Sect. 3. n. 6. *Omnium fere recentium Philosophorum Magistrum.* Suar. Lusit. in *Præf. Curs. Philos.* ad Lect. *Cursus PP. Conimbricensium, qui cum eruditionis laude tum miri styli elegantia totius orbis plausum concitarunt:* o grande Martim Afpilcueta Navarro na Dedicatoria que lhe fez na Relação *Sup. Cap. Ita quorundam de Judæis.* Joan. Soar. de Brit. *Theatr. Lusit. Litter.* lit. C. n. 13. *Religione, pietate, et doctrina celeberrimum.* D. Nicol. de Santa Mar. *Chron. dos Coneg. Reg.* Liv. 10. cap. 6. n. 11. *O mayor Collegio que tem a Companhia Maced. Lusit. Liberat.* Lib. 3. cap. 3. n. 26. *Clarissimum Collegium. Bib. Societ.* pag. 155. *ut nullum par illi habuerit Societas.* Taxand. in *Cathal. Clar. Hisp. Script.* Draudius in *Bib. Classic.* Nicol. Ant. *Bib. Hisp.* Tom. 1. pag. 196. Franco *Imag. do Nov. da Companh. de Coimb.* Tom. 2. pag. 614. Publicou em seu nome sendo obra dos PP. Manoel de Goes, Sebastiaõ do Couto, e Balthezar Alvares, como em seus lugares se verá.

Collegii Conimbricensis Logica, seu in Universam Dialecticam. Conimbricæ apud Didacum Gomes de Loureiro 1606. 4. Esta he a primeira impressaõ, a qual sahio contra a que se tinha publicado em Hamburgo apud Frobenium 1604. com o nome do Collegio de Coimbra indigna certamente de tal nome como adverte a *Bib. Societ.* e Franco no lugar assima allegado. Depois foy reimpressa Lugd. apud Horatium Cardon. 1607. 4. Coloniae apud Grevenbruch. 1607. 4. e Venetiis apud Andream Baba. 1616. 4.

Cursus Conimbricensis in Octo libros Physicorum. Coloniae sumptibus Lazari Retzneri 1599. 4. Lugd. Sumptibus Joannis Baptistæ Buysen. 1594. 4. & Coloniae 1596. 4. Lugd. apud Joan. Phillehote. 1602. 4.

Cursus Conimbricensis in quattuor libros de Calo, Metereologicos, et parva naturalia. Coloniae apud Lazarum Retznerum 1596. & ibi per eundem. 1599. & ibi. 1631. Venetiis apud Jacobum Vincentium, & Recciardum Amadinum 1606. 4.

Cursus Conimbricensis in duos libros de Generatione, et Corruptione. Conimbricæ apud Antonium Maris. 1597. 4. & Moguntiae per Joannem Albinum 1600. 4.

Cursus Conimbricensis de Anima. Ulyssipone apud Antonium Mariz. 1598. 4. Coloniae apud Lazarum Retznerum. 1603. 4. Venetiis apud Jacobum Vincentium. & Recciardum Amadinum. 1606. 4. Lugd. 1627. 4. & Argentorati. 1627. 4.

Cursus Conimbricensis in Libros Ethicorum. Venetiis apud Junctas. 1593. 4.

Lusitania Coronata sub felici Serenissimi, Augustissimique Regis Joannis V. regnandi inauguratione duplici scilicet corona; una priorum Regum virtutibus, & sanguine rubescenti, altera astrorum luminibus interpuncta. Ulyssipone apud Valentinum da Costa Deslandes Typ. Reg. 1708. 4. Consta de varios generos de versos Latinos.

Concors discordia, sive amicum de gloria primatu dissidium Castilionem inter, & Rostkovam fortunatissimas SS. Aloysii Gonzagæ, & Stanislai Kostkae Soc. JES. patrias in eorum apotheosi triplici comicae Actionis actu circumscriptum. Datum publice in Theatro à Rhetoricæ Professoribus in Regal. Artium Collegio Conimbricensi ejusdem Societatis. Conimbricæ ex Typ. Reg. Artium Colleg. 1727. 4.

COLLEGIO DE EVORA DA COMPANHIA DE JESUS, cujo tutelar he o Espírito Santo, deve a sua fundação ao real, e piedoso animo do Cardial D. Henrique, em o anno de 1551. Abrião-se as suas Escolas em 28. de Agosto de 1553. e em taõ plausivel acto, orou eloquentemente o P. Pedro Perpinhão, tendo por ouvintes ao Real Fundador, e toda a Nobreza de Evora. Considerando o Cardial Infante o grande fruto, que faziaõ os novos Mestres que sómente liaõ Theologia Moral, e letras humanas, se resolveo a erigir huma Universidade, que competisse com a de Coimbra, cuja idéa foy fortemente contrariada pela Academia Conimbricense, de que era fautor ElRey D. Joaõ o III. até que por morte deste Principe se facilitou o intento do Cardial alcançando da Santidade de Paulo IV. huma Bulla expedida em 18. de Setembro de 1558. pela qual se erigio a nova Universidade, em que se ensinariaõ as Sciencias Sagradas, excepto Direito Civil, e Cano-

nico no foro contencioso, e Medicina, e se graduassem nella Bachareis, Licenciados, e Doutores. Os primeiros Mestres que teve foraõ Pedro Paulo Ferrer, e Fernaõ Peres, discipulos do apostolico espirito do Veneravel Padre Joaõ de Avila, mandados de Castella por Saõ Francisco de Borja à instancia do Cardial D. Henrique. A estes se seguirãõ outros famosos, que floreceraõ nas mayores Sciencias, sendo os principaes aquelles dous Oraculos de Filosofia, e Theologia Pedro da Fonseca, e Luiz de Molina. O numero de Religiosos, que habitaõ este Collegio, chega a duzentos, onde se lem tres Cadeiras de Theologia Escholastica, huma da Positiva, duas de Moral; quatro de Filosofia, huma de Mathematica, duas de Rhetorica, duas de Letras Humanas, quatro de Grammatica, e duas para ensinar aos meninos os primeiros rudimentos. O Reytor que tambem he do Collegio, he senhor da Villa do Monte Agraço, D. Abbade do Mosteiro de Passo de Sousa no Bispaado do Porto, Prior do Mosteiro de Saõ Jorge junto a Coimbra, e Conigo da Sé de Evora. Goza esta Universidade de todos os privilegios, e izençoens que possue a de Coimbra, por Alvará delRey D. Sebastiaõ expedido a 4. de Abril de 1562. Fazem memoria illustre della *Bib. Societ.* pag. 181. Jacob. Menet. de *Eboræ Municip.* Middendorp. de *Academ.* Lib. 7. Fonseca *Evor. Glorios.* pag. 416. Franco *Imag. da Virtud.* em o *Nov. de Evor.* Liv. 1. cap. 1. e na *Præf. Annal. S. J. in Lusit.* Barbof. *Mem. delRey D. Seb.* Part. 1. Liv. 1. cap. 9. Telles *Chron. da Comp. da Prov. de Portug.* Part. 2. Liv. 5. cap. 19. Em remuneração do excessivo affecto com que o Cardial D. Henrique se mostrou profuzamente benefico para este Collegio, traduziraõ os seus alumnos as Meditaçãoens do mesmo Cardial em a lingua Latina, com mais elegancia do que as tinha vertido em o mesmo idioma Fr. Antonio de Sena da Ordem dos Prégadores. Sahiraõ com este titulo:

Meditationes, & homilia in aliquot mysteria Salvatoris, & in nonnulla Evangelii loca quas sibi privatim conscripsit Serenissimus, & Reverendissimus Cardinalis D. Henricus potentissimi, & invictissimi Emmanuelis quondam Portugalliae Regis

filius. Ulyssipone apud Franciscum Correa. 1576. 12.

Quando a Serenissima Senhora D. Catharina Rainha da Graõ-Bretanha se restituhio a este Reyno em o anno de 1699. celebrou a sua vinda este Collegio com huma magnifica Tragedia da qual publicou o seu argumento nesta fórma:

Agilulphus Serenissima, & Augustissima Magnæ Britaniæ extractus Dramatis Tragicomici ab Academia Eborensi in Collegio S. J. Eboræ Ex typog. Academiæ. 1699. 4.

COLLEGIO DE LISBOA DA COMPANHIA DE JESUS, intitulado de Santo Antaõ, teve o seu principio no Convento que foy dos Religiosos deste Santo, situado na raiz do monte do Castello desta Cidade, o qual agora he habitado pelos Eremitas de Santo Agostinho. Entrou nesta Caza com titulo de Residencia o P. Simaõ Rodrigues a 5. de Janeiro de 1542. com os Padres Gonçalo de Medeiros, e Bernardino Escalceato. Passados dez annos, conhecendo Santo Ignacio o fruto que prometia em obsequio dos proximos esta nova habitação a nomeou Collegio, afinando-lhe por primeiro Reytor ao Veneravel P. Ignacio de Azevedo, mais illustre, pelo sangue derramado por Christo, que pelo que herdou de seus nobres Progenitores. Abriãõ-se as Escolas, em o primeiro de Outubro de 1552. que foraõ as primeiras que teve a Companhia neste Reyno, sendo Mestre de Rhetorica o P. Cypriano Soares, perito nas linguas Latina, e Grega; de Humanidades o P. Joaõ Perpinhaõ, orador eloquentissimo; de Gramatica o P. Manoel Alvares, cuja Arte he a Meltra universal em diversos Reynos; de Theologia Moral o P. Francisco Rodrigues, que tambem explicava a Esfera por ser muito versado em as disciplinas Mathematicas. A grande inclinação, que o Cardial D. Henrique tinha aos Padres Jesuitas, o estimulou a fundar-lhe Collegio em Lisboa, depois de lhe ter fundado a Universidade em Evora, e julgando o lugar em que assistiaõ, ser limitado para a fabrica que ideava, se elegeo o sitio em que hoje existe, afinando-lhe para sustentação dos seus moradores por Bulla de

Saõ Pio V. passada a 18. de Janeiro de 1567. naõ sómente o rendimento da Igreja de Nossa Senhora da Serra da Enxara do Bispo, e da Terça da Collegiada de Ourem separada da Meza Archiepiscopal, mas alcançou de seu Sobrinho o Serenissimo Rey D. Sebastiaõ, por Alvará dado a 10. de Janeiro de 1574. pagarem aquelles que despachassem na Caza da India de cada quintal de pimenta cincoenta reis, e de cada quintal de canela, cravo, gengivre, Massa, Noz moscada, Anil, e Lacre cem reis para rendimento do novo Collegio. Vencidas muitas controversias se deo principio ao Collegio a 11. de Março de 1579. para o qual se fez mudança do antigo a 8. de Novembro de 1593. He dos magestosos edificios que ennobrecem esta Corte, cujo Templo he dos mais magnificos que nella se admiraõ, de que foy fundadora a generosa piedade da Condeça de Linhares D. Filippa de Sã, filha de Mendo de Sã, Terceiro Governador do Estado do Brazil, ao qual se lançou a primeira pedra em o primeiro de Janeiro de 1613. As Cllasses que tem, saõ cinco de Gramatica, duas de Rhetorica, duas de Humanidades, duas de Filosofa, huma de Mathematica, duas de Theologia Especulativa, e huma de Moral. Publicou.

Tergemina Austriacæ Aquilæ corona, sive Sanctus Leopoldus Austriacus Cupidinis, Hostium, & sui ter victor. Triplici comicæ actionis actu proclamatus in plansu nuptiali Augustissimarum Majestatum Joannis V. Portugallie, ac Algarbiorum Regis, & Mariæ Austriacæ Leopoldi magni filia. Ulyssipone apud Valentinum à Costa Deflandes. 1709. 4.

Regia Epirotarum Principis gemma, in qua novem Musæ, & Apollo cytharam tenens spectabantur non artis sed naturæ industria ita discurrentibus maculis, ut singula Musarum Officia per insignia discriminarent, sive præcellentissima Gemmarum gemma, qua cælum donavit, ac ditavit D. D. Josephum Serenissimum Brasiliæ Principem, id est D. D. Maria Anna Victoria Serenissimo Lusitanorum Principi in matrimonium cælo auspice tradita, cujus obsequio Ulyssiponensis Collegii D. Antonii Magni S. J. suum singulæ munus Musæ attemperant. O. V. C. Ulyssipone apud Josephum

Antonium da Sylva Regiæ Academiæ. Typ. 1729. 8.

Lusitaniæ augmentum victoria coronatum Triplici Dramaticæ actionis actu circumscriptum in plausu nuptiali Serenissimorum Principum D. D. Josephi Brasiliæ Principis, & D. D. Mariæ Annæ Victoriæ Catholici Regis Philippi V. filia conflatum in debiti obsequii Officina PP. Ulyssiponensis Collegii D. Antonii Magni S. J. Ulyssipone per eundem Typ. 1729. 4.

P. CONSTANTINO BARRETO natural da Villa de Cantanhede na Provincia da Beira do Bispaado de Coimbra, filho de Thomé Francisco Xisto, e de Maria Rodrigues, e irmão não sómente pela natureza, mas pelo Instituto Religioso do P. Gregorio Barreto, de quem faremos menção em seu lugar. Na tenra idade de 16. annos entrou em a Companhia de JESUS a 18. de Abril de 1691. onde depois de estudar Filosofia, e Theologia, leu Humanidades em o Collegio de Coimbra. Foy mandado a Roma para ser Penitenciario na Basilica de São Pedro, donde voltando foy Reytor do Collegio de Setubal. Compoz.

Exercicios espirituas do maravilhoso Patriarcha Santo Ignacio de Loyola, reduzidos a huma só semana, e acomodados a toda a sorte de pessoas, particularmente Religiosas. Lisboa na Officina da Musica. 1726. 8.

D. CONSTANTINO DE SA', E NORONHA. Naceo em Lisboa, em o anno de 1586. para immortal credito assim da Patria que lhe deo o berço, como da Illustre Caza de que descendia. Por morte de seu Pay Martim Lourenço de Sá, e Menezes celebre Fronteiro em a Praça de Ceuta, que intempestivamente morreo na florente idade de trinta annos, foy educado por seu Avo Francisco de Sá de Menezes, cujo nome será sempre respeitado pelas heroicas façanhas, que obrou no Oriente, e com a instrucção de tão grande Cavalheiro, sahio disciplinado em aquellas artes dignas do seu nascimento. Depois de se applicar ao estudo da lingua Latina, e Humanidades, no Collegio de Santo Antão dos Padres Jefuitas, levado do genio

que tinha para as Armas, deixou as Letras, sendo o seu mayor disvelo desprezar a fazenda, para conseguir a honra. Quando contava 18. annos se despozou com D. Luiza da Sylva, filha de Duarte de Mello da Sylva sexto Senhor de Povolide, e Castrolverde, e de D. Margarida de Mendonça, filha de D. Duarte da Costa Armeiro mór do Reyno, e preferindo com huma heroica resolução os perigos da guerra às delicias do thalamo, se embarcou em o primeiro anno de cazado em huma Armada, onde contrahio huma grave enfermidade, que o teve quazi tres annos inhabil para os exercicios militares, que felizmente proseguio em a Praça de Mazagaõ, quando a governava Henrique Correa da Sylva, deixando nella do seu valor assinalados argumentos. Chegado o mez de Março de 1614. se resolveo a ennobrecer a Asia com as suas açoens, assim como tinha illustrado a Africa, e partindo na Almiranta de que era Capitaõ Paulo Rangel de Castello Branco, com outros Fidalgos, não podendo ferrar Goa, chegou à Ilha de Mombaça, e della arribou a Cidade de Magadaxó situada na Costa da Etiopia, donde depois de ter dispendido em foccorro dos Soldados tudo quanto levava, entrou em Goa no anno de 1615. em que era Vice-Rey do Estado, D. Jeronymo de Azevedo. Neste emporio do Oriente senão deixou inficionar com os vicios, que licenciosamente nelle dominavaõ, fugindo com cautela daquellas occasioens, em que podia perigar a continencia, e conciliando com a sua natural benevolencia, e profuza liberalidade os coraçoens de todos. Depois de concluir felizmente varias expediçoens navaes, foy nomeado Capitaõ General da Costa de Comorim, reduzindo a obediencia do Estado a elRey de Porcá, que havia quatorze annos que delle se rebellara, entregandolhe este Princepe em final da sua reconciliação dous Parós, que se tinhaõ amparado nos seus portos. Succedendo no Vice-Reynado da India a D. Jeronymo de Azevedo, o Conde de Redondo D. Francisco Coutinho, a primeira ação que obrou, foy nomeallo Governador, e Capitaõ General da Ilha de Ceylão, para que com a sua prudencia, e valor a defendes-

se de todos os Potentados da Ásia, que ambiciosamente pertendiaõ senhorealla. Neste governo manifestou os insignes dotes de que era ornado o seu espirito, investigando com prudente astucia a potencia dos seus confinantes, destruindo ao infiel Madune, com morte de outo mil Chingalás, e levantando as Fortalezas de Sufragan em o Reyno das sette Corlas, e a de Gale para conservação da Ilha que governava. Não foraõ menos gloriosas as proezas que obrou em Jafanapataõ, derrotando por duas vezes ao tyranno Chingali, colligado com o Nayque de Tangaor, e descercando a Fortaleza de Manar, e para que ao mesmo tempo extendesse o Imperio de Christo, com o do Estado, erigio mais de quarenta Templos, cuja administração commetteo aos Religiosos de São Francisco, e da Companhia de JESUS, os quaes com apostolico zelo, agregaraõ mais de cem mil almas ao gremio da Igreja. Sendo restituído em o anno de 1623. pelo Vice-Rey D. Francisco da Gama, Conde da Vidigueira, ao Governo da Ilha de Ceilaõ, de que injustamente o privara Fernando de Albuquerque, foy nelle recebido com publicas aclamaçoens. Para reprimir a potencia del-Rey de Candea fundou huma Fortaleza em o Reyno de Triquilimal, sobre as cinzas de hum famoso Pagode, muito venerado pela superstição dos barbaros; fortificou a de Gale; erigio outra na Ilha de Cardiva, e reparou a de Columbo. Persuadido de que a communicacão dos Mouros inficionava aos naturaes de Ceilaõ, os expulsou no anno de 1626. extirpando taõ perniciosã zizania que impedia fructificar as novas plantas do Christianismo, por cuja açcã mereceo eternos applausos o seu catholico zelo. Havendo por diversas vezes triumphado das cavillaçoens del-Rey de Candea, receando este barbaro, que o seu Reyno fosse despojo das armas Portuguezas, lhe pedio com astuta dissimulaçã pazes, em quanto maquinaava huma conjuraçã contra D. Constantino, a qual teve fatal effeito, quando resolutos este grande Heroe entrou armado em Columbo, para extinguir a memoria de inimigo taõ perfido, como orgulhoso. Travou-se o conflito defronte da Cidade de Rutilê, e ainda que os inimigos

eraõ em numero muito superiores aos nossos, certamente seriaõ destroçados, senã fossem soccorridos pelos Chingalás, que perfidamente se rebellaraõ contra os Portuguezes, cujas bandeiras até aquelle instante seguiaõ. Vendo o nosso General, que era infallivel a derrota inflamado com espiritos novos se resolveo acabar gloriosamente entre os seus Soldados, e abrindo com a espada caminho para a immortalidade, depois de ter mortos sessenta barbaros, sendo atravessado com duas balas pelo peito, e com huma setta pela testa voou a coroar-se no celestial Capitolio a 20. de Agosto de 1630. quando contava a varonil idade de quarenta e quatro annos. Foy universalmente lamentado o tragico fim deste insigne Heróe, digno de immortal fama pelas virtudes moraes, e politicas, que exercitou em todo o tempo do seu governo, as quaes elegantemente descreveo seu filho Joã Rodrigues de Sá, e Menezes, em o Livro que compoz, intitulado *Rebellion de Ceylan, y los progressos de su Conquista*, do qual transcreveremos estas palavras para que lhe sirvaõ de honorifico epitafio às suas cinzas. *Era muy Cristiano, verdadero, liberal, facil, apazible, discreto, prudente, limpio, sin interes, ni codicia, ambicioso solo de su honra, y sobre todo de summa bondad, y muy zeloso del aumento de la Religion, y del servicio del Rey en que hizo finezas pouco acostumbradas de otros suditos; añadiale respeto, autoridad, y estimacion de grande ornamento a los dotes del animo la gallarda disposicion del talle, y forma conveniente del cuerpo, la estatura grande, y robusta, senblante alegre, y varonil, fortaleza natural, y de muchas fuerças, y de salud entera... Varon sin duda grande, y comparable a los mayores, que celebran nuestras historias del Asia igualando en la disciplina, y virtud militar a todos, excedio a muchos en la constancia, valor, y prudencia con que se portò en la paz, y en la guerra sustentando la reputacion Portuguesa quando màs caida estava, &c.* Deste Heróe faz mençã D. Luiz de Salazar, e Castr. *Hist. da Caz. de Sylva*. Part. 2. Liv. 12. cap. 23. Escreveo.

Descripçã dos Rios, Plantas, Portos do mar, e fôrma da Fortificaçã da Ilha

de Ceilaõ enviada a Portugal em o anno de 1624. com as Fortalezas excellentemente delineadas. M. S. 4. Conserva-se na Bibliotheca del Rey Catolico, como affirma o moderno addicionado da *Bib. Orient.* de Ant. de Leaõ Tom. 1. Tit. 14. col. 479.

Fr. CONSTANTINO DE SAMPAYO natural do lugar de Freches no termo da Villa de Trancofo. Foy admitido à Monastica Congregação de Cister no Convento de Santa Maria de Salcedas, a qual illustrou como Mestre, e como Prélado. Depois de receber o grão de Doutor em a Universidade de Coimbra, e ser Definidor da Ordem, e Secretario do Geral Fr. Lourenço Botelho, foy eleito Abbade do Convento do Desterro em o anno de 1660. donde subio a Geral de toda a Congregação em o anno de 1669. deixando eternizada a memoria do seu governo no sumptuoso Santuario que para deposito das insignes Reliquias que se conservaõ em o Real Convento de Alcobaça, mandou edificar, em cuja obra compete a preciosidade da materia com o primor da architectura. Sendo nomeado Arcebispo da Bahia, onde era Chancellor da Relação seu sobrinho Sebastiaõ Cardoso, não chegou a Sagra-se impedido pela morte que o privou intempestivamente da vida em o Convento do Desterro a 9. de Março de 1675. Compoz.

Relação das Reliquias que se conservaõ no Santuario deste Real Convento de Alcobaça. M. S. fol. a qual se guarda em o mesmo Convento.

COSME BAENA FERREYRA natural de Evora em cuja Cathedral foy moço do Coro, e hum dos famosos professores da Musica do seu tempo de que deu manifestos argumentos quando foy Mestre da Sé de Coimbra, e Prior de S. Joaõ de Almeida na mesma Cidade. Compoz.

Enchiridion Missarum, & Vesperarum.

Officium Hebdomadae Sanctae.

Responsorios do Officio de Defuntos a 4. vozes. M. S.

COSME DELGADO natural da Villa do Cartaxo do Arcebisado de Lisboa Bacharel na Cathedral de Evora onde por

muitos annos exercitou o lugar de Mestre da Capella por ser insigne Professor de Musica, e hum dos mais celebres Cantores de Estante, não sómente pela destreza com que cantava, mas pela suavidade da voz que conservou até a ultima idade. Deixou no seu Testamento por legado ao Convento do Espinheiro de Religiosos de S. Jeronymo as suas Obras de Musica, que constavaõ de Missas, Motetes, e Lamentações, as quaes vio o Licenciado Francisco Galvaõ Maldonado, como affirma nas Memorias, que juntava para a Bibliotheca Portuguesa. Entre estas obras estava a seguinte.

Manual da Musica dividido em tres Partes dirigido ao muito alto, e esclarecido Principe Cardinal Alberto Archiduque de Austria Regente destes Reynos de Portugal. Começa. *Os Gregos que nos deixarão a Musica.* Acaba. *Vive, e reyna para sempre. Amen.*

Fr. COSME DO ESPIRITO SANTO Religioso da Serafica Provincia de Santo Antonio do Brasil onde pela integridade dos costumes, foy duas vezes Ministro Provincial igualmente amante do progresso dos estudiosos, como compassivo das molestias dos enfermos. Falleceu no Convento de Santo Antonio de Pêraguassú em 15. de Junho de 1722. Compoz.

Estatutos da Provincia de Santo Antonio do Brasil tirados de varios Estatutos da Ordem, acrescentando nelles o mais util, e necessario á reforma desta Provincia. Lisboa por Jozé Lopes Ferreira 1717. fol.

COSME FERREYRA DE BRUM Cavalleiro professo da Ordem de Christo naceo em Lisboa a 17. de Março de 1608. e foraõ seus Progenitores Antonio Ferreira de Brum, cuja ascendencia he de Inglaterra, e muito nobre, e D. Mecia de Fontes. Desde a puericia começou à applicar-se à lição dos livros com taõ continuado estudo, que quando chegou à idade varonil estava perfeitamente instruido na Historia Sagrada, e profana, letras humanas, e Genealogia. Sendo dotado de grande sinceridade tolerou constantemente varias injurias fabricadas pela malevolencia de seus emulos. Foy cazado com D. Joanna de Azevedo Pereira, filha de Joaõ de Azevedo Pereira

fidalgo da Caza Real, e de sua segunda mulher D. Izabel de Oliveira. A grande vastidão dos seus estudos se conhece da variedade das obras, que deixou escritas certamente dignas da luz publica, as quaes são as seguintes.

Catálogo dos Reis de Portugal com as suas ascendencias, e descendencias masculinas, e outras muitas curiosidades. Dedicado a ElRey D. Affonso VI. onde mostrava como este Monarcha era o Encuberto, de que fallavaõ os Vaticanios.

Como o nome de Joã he propicio a Portugal, e fatal a Castella. Dedicado ao mesmo Principe.

Relação Summaria da exemplar vida, e illustre ascendencia de Fernão Telles de Menezes Conde de Unhão. Compoz este papel para servir de noticias para o Sermaõ que nas honras funeraes deste Cavalheiro, fez em Santarem o seu afilhado o grande P. Antonio Vieyra.

Ascendencias da Casa de Unhão. Dedicado a Ruy Telles de Menezes segundo Conde desta Casa.

Familias de Portugal com outras muitas de outros Reynos illustrados com diversas, e curiosas noticias dignas de memoria colhidas de diversos livros de Espanha, e divididas por ordem Alfabetica. M. S.

Relações annuaes, e diarias de tudo o que succedeo neste Reyno, e os de Europa desde o anno de 1640. até o seu tempo.

Relações de tudo o que achou digno de se notar em todas as jornadas, que fez com as noticias das terras por onde passou.

Annaes de Portugal em que se escrevem os successos dignos de memoria assim deste Reyno, como de suas Conquistas desde o anno de 1495. em que começou a Reynar ElRey D. Manoel até o presente.

Noticias de todas as Cidades, e Villas deste Reyno com todas suas particularidades dignas de saberse.

Ascendencias, e descendencias da Familia dos Bruns. Dedicado a seu Sobrinho Manoel de Brum, e Frias Senhor do morgado, e Caza dos Bruns, Padroeiro do Convento de Santo André, e S. Joã Evangelista da Cidade de Ponte Delgada, e Capitaõ mór da Villa da Ribeira Grande na Ilha de S. Miguel.

Job Lusitano. Epitome da sua vida em

que trata principalmente das perseguições que padeceo.

Elogio do celebre Dezembargador Thomé Pinheiro da Veyga.

Fez os argumentos em Outava Rima à *Eneida Portuguesa* composta por Joã Franco Barreto, e os Sonetos que nella vão em seu nome, sendo unicamente o que se imprimio deste Author, do qual se lembra o P. D. Antonio Caetano de Souza no *Apparat. à Hist. Gen. da Caf. Real Portug.* pag. 57. §. 34.

D. COSME DE FREYTAS. Teve por patria a illustre Cidade de Coimbra, e por Pays a Joã de Freytas, e Estefania de Moraes tambem illustres. Recebeo o habito Canonico de Santo Agostinho no Real Convento de Santa Cruz em o anno de 1550. quando era Prior Geral desta florente Congregação D. Filippe Pegado. Foy muito sciente na intelligencia das linguas Latina, Grega, e Hebraica, como versado nas especulações da Filosofia, e Theologia que por muitos annos dictou aos seus domesticos. Mereceo a primazia entre os Poetas Latinos do seu tempo, ou fosse pela elegancia do metro, ou pela agudeza do conceito. Sempre procedeu com exemplar procedimento até que falleceo piamente em Coimbra a 11. de Dezembro de 1610. Deixou composto em verso heroico.

Infelix bellum Regis Sebastiani. M. S.

Vita Regum Lusitanorum. M. S.

Varia Dysticha in laudem Sanctorum Ordinis Canonici. M. S.

Reduzio a metro Latino a *Arte de Gramatica* do P. D. Maximo de Souza Conego Regular. De todas estas Obras faz distincta memoria D. Nicoláo de Santa Maria na *Chron. dos Coneg. Reg.* Liv. 10. cap. 29. n. 15. e no Liv. 8. cap. 4. n. 10. e 11. transcreve dous Epigrammas Latinos em que se conhece claramente a valentia da sua Musa são dedicados à memoria do famoso Cavalleiro D. Henrique que ajudou com a sua espada ao nosso primeiro Rey a conquistar Lisboa do poder Mauritano, onde felizmente acabou, e dos outros Portuguezes que morrerão em tão Sagrada empreza.

COSME DA GUARDA natural de Murguão. Publicou com este affectado nome.

Vida, e acçoens do famoso, e felicissimo Sevagy da India Oriental. Lisboa na Officina da Mulica 1730. 8.

COSME LAFETA' Assistindo muitos annos em o Oriente como fosse dotado de bastante comprehensãõ escreveo no anno de 1605.

Informaçãõ do Estado da India. M. S. Conserva-se na Livraria do Excellentissimo Marquez de Gouvea.

P. COSME DE MAGALHAENS. Naceo em o anno de 1551. na augusta Cidade de Braga, onde teve por Pays a Joãõ de Magalhaens, e Anna de Barros taõ nobres em o sangue como na piedade os quaes o educaraõ com taõ virtuosos documentos que na tenra idade de dezeses annos deixou o mundo, e se recolheo na Sagrada Companhia de JESUS recebendo a Roupeta em o Collegio de Coimbra a 6. de Julho de 1567. Admiravel foy a comprehensãõ com que velozmente se adiantou nas escolas a todos os seus condiscipulos merecendo ser entre elles Mestre antes de subir à Cadeira. Depois de ler Rhetorica, e Theologia Moral pelo espaço de dez annos dictou Escritura no Collegio de Coimbra com universal applauso de toda a Universidade, valendo-se das luzes dos Santos Padres em que era summamente verificado para penetrar o mysterioso Chaos dos Vaticinios dos Profetas, dos quaes revelou grande parte com sublime profundidade, e solida subtilidade. Falleceo em Coimbra a 9. de Outubro de 1624. quando contava 73. annos de idade, e 59. de Religiaõ. Alegambe in *Bib. Societ.* pag. 61. o intitula *Vir non virtute minùs, quàm doctrina clarus.* Girardi *Diario.* Part. 3. a 6. de Giuglio. *Huomo illustre per molti libri stampati.* Joan. Soar. de Brit. in *Theatr. Lusit. Litter.* lit. C. n. 24. *Vir fuit non humanioribus dütaxat disciplinis insigniter instructus* Marrac. *Bib. Mar.* Part. 1. p. 306. Petr. Angel. *Sper. de Professorib.* *Gramat.* lib. 4. pag. 491. Joan. Halleword. *Bib. Classic.* pag. 56. col. 1. Jacob. Lelong. *Bib. Sacr.* pag. mihi 840. col. 1. Draudius *Bib. Classic.* D. Francisc. Manoel na Carta dos *AA. Portug.* escrita ao Doutor Manoel Themudo da Fonseca. Franco *Imag. da Virt.* no *Colleg. de Coimb.* Tom. 2. pag.

615. e no *Ann. glorios. S. J. in Lusit.* pag. 582. *vixit moribus inculpatis &* in *Synops. Annal. S. J. in Lusit.* pag. 240. n. 8. *Non minùs litteris quam Religiosis moribus excellabat.* Pet. Alv. de Astorg. in *Milit. Concep.* Compoz.

Commentarium in Canticum primum Moysis. Lugduni apud Horatium Cardon. 1609. 4.

Operis Hierarchici, sive de Ecclesiastico Principatu libri tres, in quibus epistola tres B. Pauli Apostoli, nempe duæ ad Timotheum, & prima ad Titum commentarijs explicantur. Lugduni apud eundem Typog. 1609. 4. 2. Tom.

Commentaria in Sacram Josue Historiam. Turnoni sumptibus Horatii Cardon 1612. fol. 2. Tom.

Commentariorum in Moysis Cantica, & Benedictiones Patriarcharum libri quattuor Lugduni sumptibus Cardon 1619. fol.

Explanationes, & annotationes morales in Sacram Judicum Historiam. Lugduni sumptibus Jacob. Cardon, & Petri Cavillat 1626. fol.

Obras M. S.

Primatus Hispaniæ de quo litigatum est tempore Concilii Lateranensis sub Eugenio III. & postea sub Honorio III. 4. He dedicada esta obra ao Arcebispo de Braga D. Fr. Agostinho de Castro. No fim tem varios Epigrammas em louvor da Cidade de Braga sua patria, e de seus Prélados, e antiguidade, cujo Original se conservava na Bibliotheca do Cardial de Soufa como escreve Cardoso *Agiol. Lusit.* Tom. 3. pag. 519. col. 1. no Comment. de 3. de Junho, e lhe chama *Historia de Braga.* Desta mesma obra faz repetida memoria o Illustrissimo Cunha na *Hist. Eccles. de Brag.* Part. 1. cap. 22. n. 3. e cap. 39. n. 14. e Part. 2. cap. 35. n. 6. e cap. 40. num. 1. o P. Ant. de Maced. *Lusit. Insulat.* pag. 58. e Nicol. Ant. *Bib. Hisp.* Tom. 2. pag. 286. col. 2. Desta obra tinha huma Cópia escrita, em Coimbra anno de 1618. seis annos antes da morte do Author o P. D. Manoel Caetano de Soufa como affirma in *Expedit. Hispan. S. Jacobi* Tom. 2. pag. 1310. n. 328.

Sylva dos Authores Selectos para instrucçãõ dos Estudantes.

Cathecismo Japones 2. Tom.

In Aristotelis Problemata.

Explanatio Panegyrica in Cap. 12. Apocalyps. Signum magnum apparuit in Cælo.

Dous Discursos da Conceição de N. Senhora.

De Homicidio.

De Suspensione, & interdicto.

Estes dous Tratados Theologicos se conservaõ no Collegio de Evora.

Fr. COSME DA PRESENTAÇAM natural de Lisboa, filho de Fernão Alvares de Andrade, e de Izabel de Payva irmão daquelle exemplar da paciencia Christãa o Veneravel Fr. Thomé de JESUS, e daquelle Oraculo da Theologia Escolastica Diogo de Payva de Andrade dos quaes se fará illustre memoria em seus lugares. Na idade juvenil recebeo o habito de Eremita Augustiniano no Convento da sua patria onde mereceo graves estimaçoens pela nobreza do nascimento viveza do engenho, modestia do semblante, affabilidade do genio, erudição das letras Sagradas, e profanas, e talento sublime para o pulpito. Todos estes grandes dotes que se admiravaõ unidos na sua pessoa moveraõ ao Geral da Ordem Fr. Christovão Patavino para que o chamasse a Roma onde o nomeou companheiro de Fr. Agostinho de Castro, que depois subio à Cadeira Primacial de Braga o qual fora eleito por ordem de Gregorio XIII. para reformar os Convêtos de Alemanha, que estavaõ sumamente relaxados. Obedeceu prompto ao preceito do Geral, e antes de entrar em Alemanha adoeceo taõ gravemente em Bolonha, que em breves dias acabou a vida a 15. de Junho de 1580. quando contava a florente idade de 36. annos. Fazem delle memoria Elssio *Encom. August.* pag. 157. Camargo *Epit. Histor.* fol. 313. Herrer. *Alphab. August.* letr. C. Fr. And. de S. Nicol. *Hist. delos Agost. Descalços. Introd. Proem.* cap. 8. Cardof. *Agiol. Lusit.* Tom. 3. pag. 694. e no Comment. de 15. de Junho letr. D. e no Comment. de 17. de Abril letr. D. Traduzio de Portuguez em Latim por Ordem do Cardinal D. Henrique.

Sermoens de Diogo de Payva de Andrade, de cujo trabalho escreve Fr. Manoel da Conceição Eremita de Santo Agostinho no Prologo impresso destes Sermoens de seu

tio as seguintes palavras. *Começou o Padre Fr. Cosme a tresladação com Latim muito excellente, e taõ acomodada ao estylo portuguez do proprio Author que quem lbo conbecia pelo Latim entendia ser prêgação sua. Tendo traduzido algumas Prêgaçoens foy chamado a Roma &c.*

Tratado sobre os Mysterios do Rosario. Desta obra faz menção Joaõ Franco Barreto na *Bib. Lusit.* M. S.

Questoes Economicas que se não imprimiraõ por morrer o Author.

Fr. COSME DE TORRES natural da Villa de Torres Vedras do Patriarchado de Lisboa, Monge Cisterciense, e morador no Real Convento de Alcobaça onde se conserva a obra seguinte.

Sermoens de Tempore M. S. fol.

CRISPIM DE ANDRADE natural de Lisboa Capellaõ da Capella Real, e depois subchante da Cathedral de Lisboa que muitos annos exercitou por ser muito sciente no Canto chaõ, e ter a voz igualmente profunda, que sonora. Pella grande devoção que tinha ao Principe da Milicia Angelica traduzio de Latim do P. Fr. Antonio Freyre Religioso Trino em Portuguez.

Officio particular em louvor do Principe dos Anjos o glorioso Archanjo S. Miguel. Lisboa por Phillippe de Soufa Villela 1701. 24.

Fr. CRISPIM DE OLIVEYRA natural da Villa de Azeitão do Patriarchado de Lisboa filho de Joaõ de Oliveira, e Maria Gomes. No Convento patrio recebeo o habito da illustre Ordem dos Prêgadores a 6. de Novembro de 1695. onde fez tantos progressos nas sciencias escolasticas, que não sómente as dictou aos seus domesticos, mas mereceo jubilar nellas com grande credito do seu talento. He Qualificador do Santo Officio, e Prêgador do Serenissimo Senhor Infante D. Francisco. Sendo Prior do Convento de Evora prêgou, e imprimio.

Sermão de S. Luiz Gonzaga prêgado no 3. dia do Outavario que celebraraõ os Religiosos da Companhia de JESUS no seu Collegio, e Universidade de Evora na Canonização de S. Luiz Gonzaga, e Santo Es-

tanislao Kofeka. Evora na Officina da Universidade 1730. 4.

Fr. CUSTODIO DE ARGANIL cujo appellido denota a patria onde naceo situada na Provincia da Beyra no Bispaado de Coimbra, de que saõ Condes os seus Bispos. Foy Monge de Cister, e muito douto na lingua Grega, como claramente se colhe da obra seguinte, que se conserva em o Real Convento de Alcobaça.

Gesta Barlaam, et Josaphat à Joanne Damasceno è Græco translata. fol.

Smaragdus Abbas in librum qui vocatur Diadema M. S. fol.

Fr. CUSTODIO LOBO Ulyssiponense filho de Domingos Vicente, e Antonia Gonçalves. Ainda contava poucos annos quando foy admitido à Religião da Santissima Trindade recebendo o habito no Convento de Lisboa a 14. de Abril de 1588. Os seus virtuosos costumes o habilitaraõ para exercitar os lugares mais honorificos da Ordem, sendo Mestre dos Noviços, aos quaes instruyo com os preceitos da lingua Latina, em que era eminente, Ministro dos Conventos da Louza, e Lagos, Definidor, e Visitador Geral da Ordem, e Presidente do Capitulo por ser o Decano de toda a Provincia. Foy Exami-

nador das Tres Ordens Militares, e Deputado da Bulla da Cruzada. Como era muito douto na Mathematica, e Astrologia compoz varios Lunarios que foraõ impresos sem o seu nome, sendo a principal obra deste genero a seguinte.

Compendium Astrologia, in quo omnia, quæ necessaria sunt tam ad constituendum, quàm ad judicandum quodcumque Thema celeste facillime inveniuntur explicata. M. S.

4. Conserva-se na Bibliotheca do Excellentissimo Marquez de Gouvea Mordomo Mór da Caza Real.

Morreo em o Convento de Lisboa a 2. de Fevereiro de 1654.

Fr. CUSTODIO DO ROSARIO Monge Cisterciense, e professo no Real Convento de Santa Maria de Alcobaça Cabeça desta illustissima Congregação neste Reyno. Foy muito applicado ao estudo da Historia Sagrada, e profana escrevendo em o anno de 1500.

Noticias varias. M. S. fol.

Cuja obra se conserva no Cartorio do Convento de S. Francisco desta Cidade de Lisboa, como certifica o P. Fr. Manoel de S. Damafo Religioso do mesmo Convento, e Academico da Academia Real no seu livro intitulado *Verdade Elucidada, e falsidade convencida.* pag. 207. na Margem.

D

S DAMASO primeiro em o nome, e trigéssimo outavo na Serie dos Pontifices Romanos teve por berço a Villa de Guimaraens situada em a Provincia de Entre Douro, e Minho alcançando pela producção de tão grande filho o illustre tymbre de preferir às mais famosas Cidades do mundo. No primeiro crepúsculo da idade brilhou com tal intenção a viveza do seu ingenho animado por hum espirito capaz de empresas heroicas, que persuadido seu Pay Antonio ser a patria limitada esféra para o seu talento passou com elle a Roma celebre emporio de todas as Naçoens, onde instruido com as sciencias pudesse em algum tempo servir de magesto ornato à Igreja Catholica. Admiravel foy o progresso, que brevemente fez a sua profunda capacidade assim no estudo das mayores Faculdades como na practica de excellentes virtudes, por cujos dotes conciliou os animos de todos os Princeses da Curia Romana principalmente do Pontifice Liberio, que sendo desterrado de Roma para Tracia por impio decreto do Emperador Constancio acerrimo fautor do Arrianismo o deixou por seu Vigario para governar a Igreja como vaticinado, que havia de ser seu Sucessor em tão suprema Dignidade. A mayor acção que obrou em quanto exercitava este ministerio posto que contra ella se oppoz inutilmente o Presbytero Faustino sequaz da seita de Luceferiano, foy a reconciliação com a Igreja Romana, de alguns Bispos, que ou constringidos por temor, ou enganados por ignorancia sobcreverão nas Aetas do Concilio de Rimini. Morto o Papa Liberio a 24. de Setembro de 366 quando contava a madura idade de sesenta annos subio à Cadeira de S. Pedro concorrendo para tão acertada eleyção a mais nobre parte do Clero, e Povo Romano. Foy sagrado em Domingo primeiro de Outubro em a Basilica de Lucina, que depois foy chamada de Saõ Lourenço. Passados poucos dias se armou contra o novo Pontifice Ursicino Diacono, o qual favorecido de huma multidão de sedeciosos

resolveo temerariamête arrogar a si a Dignidade Pontificia para cujo effeito persuadio a Paulo Bispo de Tivoli, que o Sagraste Bispo de Roma o que executou sacrilegamente na Basilica de Liberio, que hoje he de Santa Maria Mayor. Para evitar as tragicas consequencias do Scisma levantado em Roma ordenarão Juvencio Prefeito desta Cidade, e Juliano Commissario Geral dos mantimentos, que fosse desterrado o Antipapa Ursicino com os Diaconos Amancio, e Lopo seus principaes sequazes. Refugiado Ursicino à Basilica de Liberio com grande numero de gente armada, e de outra que seguia as suas partes, conceberão tal colera os que tinhaõ concorrido para a eleição do verdadeiro Pontifice, que valendose ao mesmo tempo do ferro, e do fogo escalarão o lugar que servia de asylo aos Scismaticos, onde se travou hum furioso combate, em que foraõ mortos cento e trinta pessoas de hum, e outro sexo atè que desterrado Ursicino para as Gallias por decreto de Valentiniano primeiro, e Pretextato Prefeito de Roma se serenou a formidavel tempestade que ameaçava naufragio à Barca de S. Pedro. Para justificar a sua innocencia impiamente acuzada do feyo crime de adulterio pela maledicencia de Concordio, e Calisto summamente affectos a Ursicino convocou em Roma hum Concilio de quarenta Bispos, e na prezença de tão authorizadas testemunhas sahio purificado de tão infame calumnia. Como vigilante Propugnador da Fè estabelecida em o Concilio Nysseno juntou nesta mesma Cidade outro Concilio em que foraõ condenados Ursacio de Singidon, e Valente de Murse Bispos da Illyria, principaes fautores do Arrianismo, e acerrimos antagonistas do grande Athanasio, invencivel Athlante da Religião Catholica, o qual depois de receber huma carta de Saõ Damafo em que lhe significava o que tinha obrado em obsequio da Fè congregou em Alexandria em o anno de 371 outro Concilio composto de noventa Bispos do Egypto, e da Libia, que todos congra-

tularaõ ao Santo Pontifice da condemnação de Urfacio, e Valente, porém que devia padecer a severidade de semelhante castigo Auxencio sacrilego usurpador da Mitra de Milaõ, o qual sendo verdadeiro Arriano, e simulado Catholico publicara huma Confissãõ da Fè aparentemente conforme, e realmente opposta aos Decretos do Concilio Nysseno. Para descobrir este engano chegou a Milaõ Santo Hilario Bispo de Poiçtou taõ claro em sciencia com em virtude, a quem como a inimigo da tranquillidade publica mandou sahir da Cidade o Emperador Valentiniano grande fautor de Auxencio. Já grande parte do Estado de Milaõ, e algumas Provincias circunvizinhas estavam inficionadas com o veneno da heresia, e para que se não propagasse taõ pernicioza peste convocou Saõ Damaço no anno de 372. hum Concilio de noventa, e tres Bispos, em o qual foy condemnado Auxencio com os seus sequazes; confirmados os Decretos do Concilio Nysseno, e declarado nullo o de Rimini. Contra as maquinas de outros heresiarchas, de que era fecunda mãy aquella idade, fe armou este sagrado Alcides debellando a tantos monstros, que das suas entranhas vomitara o abisimo, quaes eraõ os Luceferianos, Manicheos, e Donatistas, cujos erros tinhaõ inficionado grande parte de Africa, como tambem a Apollinario com seus discipulos Thimotheo, e Vital condemnados em outro Concilio celebrado em Roma em o anno de 375. onde foraõ fulminados os erros de Arrio, Sabelio, Eunomio, e Fotino. Com a protecção do grande Emperador Theodosio mandou congregar em Constantinopla hum Concilio Ecomenico composto de cento e cincoenta Padres entre os quaes se distinguiaõ como Astros da primeira grandeza S. Gregorio Nazianzeno, S. Gregorio Nysseno, e Milecio Antiocheno, sendo em taõ grave assemblea anathematizado Macedonio, que impiamente negava a Divindade do Espirito Santo. Outro Concilio celebrou em Roma no anno de 382. para o qual convocou das Provincias do Occidente veneraveis Prelados entre os quaes assistiraõ Santo Ambrosio de Milaõ, S. Valerio de Aquilea, e S. Ascolo de Thessalonica sendo a principal causa pacificar as escandalozas discordias do povo

de Antiochia, que dividido em diversas facções seguiaõ huns como a seu Bispo a Milecio, e outros a Flaviano. Depois de ter estabelecida a Religiaõ Catholica contra estes acerrimos impugnadores da sua incontrastavel firmeza merecendo por taõ illustre causa o honorifico episteto de *Diamante da Fé* que lhe deu o Concilio Constantinopolitano sexto convocado por S. Agatho se applicou com o mayor disvelo a reformar o corpo mystico da Igreja extirpando os vicios que insensivelmente se tinhaõ introduzido, e plantando as virtudes para fructificarem em copiosa abundancia. Coarçtou a authoridade dos Corepiscopos que eraõ os coadjutores dos Bispos sem o poder de ordenar por terem com excessõ passado os limites da sua jurisdicção. Exhortou aos Bispos de Africa para que as suas controversias fossem decididas pelo Pontifice Romano. Elegeo por seu Secretario ao Doutor Maximo S. Jeronymo, de cuja elegante penna quiz dependesse a decisaõ das questoes mais difficultosas em que era consultado como Cabeça da Igreja, sendo Author de que emendasse o Testamento Novo pelos Originaes Gregos. Ordenou por Ley universal o que era costume particular em algumas partes que se cantassem alternadamente os Psalms em o Coro, e que se terminasse cada hum com o verso de *Gloria Patri* &c. como tambem se dissesse a Alleluya por todo o anno o que sómente se costumava no tempo Paschal. Para fazer mais respeitada a authoridade Pontificia a augmentou com a pompa Real causando tal inveja aos Gentios este ornato exterior que temerariamente o interpretavaõ por luxo escandaloso. Foy o primeiro que nas Bullas Apostolicas se intitoulou *Servus Servorum Dei*, de cujo titulo uzaraõ depois nos Diplomas Pontificios S. Gregorio Magno, e seus Successores. Edificou duas Baslicas, que ornou com preciosos donativos, huma junto do Theatro de Pompeyo dedicada a S. Lourenço que depois teve o seu nome, e lhe fundou proxima a ella hum Collegio de Conegos para celebrarem os Officios Divinos; outra na via Ardeatina onde mandou depositar as cinzas de Sua Mãy, e Irmãa Irene, que morreo Virgem na florente idade de vinte annos cujas sepulturas ornou com elegantes epitafios. Reduzio à

ultima perfeição a Basilica de Santa Rufina, e Secunda situada fora de Roma na Sylva Candida, que principiara, e deixara imperfeita Julio I. Ornou com preciosos marmores o lugar das Catacumbas, em que jaziaõ sepultados os Corpos dos Principes do Apostolado S. Pedro, e S. Paulo, e transferio para magestosos depositos as triumphaes cinzas de muitos Martyres, que animou com elegantissimas inscripçoens. Renovou os aqueductos arruinados pela violencia do tempo da Fonte do Bautisterio junto da Basilica Vaticana para que as suas aguas copiosamente manassem em beneficio do Povo Romano. Tendo chegado à provecta idade de quasi 80. annos, e governado como experto Piloto a Não da Igreja pelo espaço de 18. annos, dous mezes, e 10. dias cumulado de virtudes heróicas canonizadas com alguns milagres, passou do Solio do Vaticano a ser coroado na patria celeste a 11. de Dezembro de 384. Foy sepultado na Basilica que edificara na Via Ardeatina donde se transferio para a Basilica de S. Lourenço que por ser deposito de taõ grande thezouro se intitulou com o seu nome, de cuja Basilica sendo Protector o Cardial Francisco Barberino Vicecancellario da Igreja Romana o trefladou em 30. de Setembro de 1645. que era o dia anniversario da Dedicacão desta Basilica, de huma arca de Madeira para outra de Bronze primorosamente fabricada, e lhe gravou huma elegante inscripção. Entre as profundas sciencias dignas de hum Pontifice Maximo de que foy insigne Professor S. Damaso se distinguio em a suave affluencia da Poesia que cultivou com summa elegancia, e pureza, de cuja Arte deixou varios monumentos sendo o mayor o epitafio que ele compoz para se gravar na sua Sepultura que he o seguinte.

*Qui gradiens pelagi fluctus compressit amarus
Vivere qui praestat morientis semina vitae
Solvare qui potuit Lazaro sua vincula mortis
Post tenebras fratrem, post tertia lumina Solis
Ad Superos iterum Mariae donare Sorori
Post cineres Damasum faciet, quia surgere
credo.*

A sua vida foy escrita por Anastasio Bi-

bliothecario, e Luitprando, além de outras tres, que extrahio de Codices muito antigos, que existiaõ em Roma, e sahiraõ impressas ao principio das obras deste Santo Pontifice a deligencia de Marcio Milecio Sarazanio Jurisconsulto Romano. As suas heroicas, e prudentes acçoens relataõ difusamente todos os Escritores dos Pontifices Romanos; os seus elogios se têm em os Concilios, e nas pennas dos Padres mais graves, e Authores mais celebres da Igreja Catholica. O Concilio sexto Constantinopolitano o intitulou *Fidei Adamas* o Ecumenico de Calcedonia *Romanæ urbis decus ad justitiam*. S. Jeronymo de *Vir. Illustrib.* cap. 103. *Elegans in versibus componendis ingenium habuit* e na *Apolog. ad Pamachium vir egregius; et eruditus in Scripturis; virgo, & Ecclesiae virginis Doctor*. Theodoret. lib. 2. *Hist. Eccles.* cap. 22. *vir plurimis virtutibus insignibus eximie ornatus* & lib. 5. cap. 2. *Vir sane propter vitae praestabilis ornamenta insignis, & cap. 10. vir in omni genere laudis florentissimus*. S. Ambrosio *Epist.* 30. *ad Valentinum. Damasus Ecclesiae Dei Sacerdos judicio Dei electus*. S. Athanasio in *Epist. ad African. Episcop.* ann. 367. *Sufficiunt quidem Scripta Damasii Commistri nostri dilecti, ac magnæ Romanæ Episcopi*. Nicef. Calixt. *Hist. Ecclesiast.* Lib. 11. cap. 13. *neque vita, neque eruditione, et doctrinæ Sanctitate Liberio inferior, & cap. 44. multa Veritatis luce coruscavit*. Cassiod. *Hist. Tripart.* Lib. 5. cap. 29. *multis virtutum ornatus insignibus.* & Lib. 9. cap. 1. *Laude dignus, vir mirabilis* Adrian. 1. *ad Carol. Imperat. pro Concil.* 2. Nyssen. ann. 787. *elegantissimus Papa* Suidas ann. 980. *Verseficator ingeniosus* S. Antonin. *Hist. Part.* 2. Tit. 9. cap. 2. *Sanctus homo, & multum eruditus in Scripturis*. Petrarcha in *Chron.* ann. 1350. *Vir optimi ingenii*. Mart. Polon. in *Chron.* ann. 1252. *elegans in versibus componendis ingenium habuit*. Petr. Crinit. de *Poet.* anno 1500. *ingenium eruditum in faciendis carminibus*. Trithem. de *Script. Eccles.* ann. 1504. *vir in divinis eruditissimus, & in secularibus litteris egregie doctus, Rhetor, & Poeta celeberrimus, & in componendis versibus peritissimus, ingenio subtilis, vita devotus, atque Sanctissimus*. Lilio Girald. de *Poetar. Hist.* Dialog. 5. ann. 1550. *elegans habuit in*

componendis versibus ingenium. Werner. Westphal. Fascic. Tempor. anno 1504. in versibus diutandis excellentissimus fuit. Ant. August. in Præfat antiquor. Collect. Decret. ann. 1576. Damafus, Cælestinus, Innocentius, & Leo Magnus. In his enim summa Sapientia, & divinarum, humanarumque rerum cognitio cum singulari pietate, atque eloquentia magnopere contendere visa est. Fr. Angel. Rocca de Bib. Vatic. ann. 1590. in pangendis versibus fuit peritus. Polsevin. Apparatus. Sacr. Tom. 1. pag. 409. Vir Sanctus, virgo, & optimus, ac Sanctissimus Pontifex. Nat. Alexand. Hist. Eccles. Sæcul. 4. cap. 3. §. 8. e cap. 4. Art. 18. §. 3. Franc. Pagi Breviar. Hist. Chronol. Crit. Pontif. Roman. Tom. 1. pag. mihi 57. Baillet Vies des Saints. Tom. 3. pag. mihi 176. a 11. de Dezembro Graveffon Hist. Eccles. Quart. Eccles. Sæcul. Colloq. 5. Urbano VIII. seu successor assim na Dignidade Pontificia como na elegancia poetica ad Ant. Barberin. S. RE. Cardinal.

*Sacra quibus Pindus præcinxit tempora lauro
Pontifices alios inter se Damafus offert.*

Ambrozio Novid. in Sacr. Fast. anno 1538.

Quarta dies oritur. Damafus sua templa recludit

*Hic, ubi celsa suo nomine tella tenet.
Pieridum ut taceam studii, quod doctus adegit*

*Magnaue facundæ fama potatur aquæ.
Palat. Gest. Pontif. Roman. Tom. 1.*

pag. 172.

Laureæ inferens laurum

Fidei præceptor, & fidium

*Licet poetam ageret fingere nesciens
Ipsa in scena Templæ erexit.*

D. Joseph. Silos Mansol. Roman. Pontif. p. 56.

Natales Damaso generosa Hispania cunas,

Et Tagus aurifero nobilis amne dedit.

Mente capax grandi: format sapientia doctum

Pectus, & ingenio vis operosa fuit.

Aureus est lingua: Musæ placuere disertæ

Quos docuit Sacris tendere plectræ modis.

O P. Anton. dos Reys no *Enthusiasm. Poet.* n. 283.

Damafus ille, suum quem jactat Brachara civem

*Hoc titulo cunctis præstantior urbibus orbis.
Tempora non viridans laurus, non pallida nescit*

*Frons hederæ: cingit rutilans adamante Tiara
Ter veneranda caput: manibus quibus ardua Cali*

*Regia sæpe patet, secretaque claustra per ignes
Felicis animas recoquentia sæpe patefcunt,
Tinnula plestra tenet; verum hæc non horrida Martis*

Prælia, non homines, non numina vana Deorum

*Concelebrant; uni Domino qui cuncta Supremo
Temperat imperio; superæque in Sede locatis*

Civibus impendunt merita præconia laudis.

Obras de Saõ Damaso.

S. Damasi opera quæ extant ex codicibus. M. S. Sahiraõ com as Notas de Marcio Sarrazanio Milezio Jurisconsulto Romano. Romæ Typis Vaticanis. 1638. 4. & Parisiis apud Ludovicum Billaine. 1672. 8. Consta esta Colleçã de 12. Epistolas de Saõ Damaso escritas a varias pessoas, e de 40. Poestas de diversos metros a varios assumptos, sendo a mayor parte Sagrados. Muitas destas Poestas sahiraõ impressas na Biblioth. SS. PP. e na Colleçã Veter. Poet. Christian. feita por Jorge Fabricio, além de algumas se lerem transcriptas nos *Annaes Ecclesiasticos* de Baronio, e na *Roma subterranea* de Atringhio.

De Fide contra Hæreticos. Esta Obra, de que faz mençã Trithemio, he julgada por duvidosa, pelo silencio que della teve Saõ Jeronymo em o Cathalogo dos Escriptores Ecclesiasticos, composto depois da morte de Saõ Damaso, a quem era impossivel serlhe occulta.

De Trinitate. Este Tratado, como afirma Antonio Verdier, se conservava em Constantinopla.

De Virginitate. Esta Obra certamente he do Santo Pontifice, por testemunho de Saõ Jeronymo, o qual escrevendo a sua discipula Eustochio, lhe diz: *De Virgi-*

nitare libellos legas Papæ Damasi versu, profaque compositos. O eruditissimo José Maria Suarezio Bispo de Vaifon na Gallia Narbonense, e Vigario do Eminentissimo Cardial Barberino na Basílica Vaticana, estava determinado publicar esta Obra, como affirmão Fr. Luiz Jacob. de S. Carlos *Bib. Pontif.* pag. 60. e Nicol. Anton. *Bib. Vet. Hisp.* Lib. 2. cap. 6. §. 189. e certamente se sahisse à luz publica, competeria com as que escreveraõ deste argumento São Basilio, São Gregorio Nysseno, São Jeronymo, e São Fulgencio.

Epistola varia. Sahiraõ algumas impressas na Collecção dos Concilios de Severino Binio, e Lucas Holstenio juntamente com as Epistolas de São Jeronymo a Estevaõ Arcebispo da Mauritania, e em outras Collecções impressas Parisiis. 1555. Coloniae. 1570. e Basilea 1576. A mayor parte dellas he julgada apocryfa pela severa, e douta Critica de Nicol. Anton. in *Bib. Hisp. Vet.* Lib. 2. cap. 6. §. 192. até 208. e sómente saõ admittidas como legitima producção do Santo Pontifice duas escritas a São Jeronymo, que principiaõ: *Dormientem te, &c.* e outra *Commentaria cum legerem;* huma escrita de Roma aos Bispos do Illirico, que estaõ insertas nas Historias Ecclesiasticas de Theodoro Lib. 2. cap. 22. e de Sozomeno, Lib. 6. cap. 27. e duas a Paulino Bispo de Antiochia, de cuja opiniaõ he erudito defensor Luiz Elias Dupin *Nouvel. Bib. des Auteurs Eccles.* Tom. 2. des *Auteurs du IV. Siecle.* e Tillemont *Memoir. pour servir a l'Histoire Ecclesiast.* Tom. 8. Art. 15. pag. mihi 422. e 423. Em diversas Bibliothecas, conforme escreve D. Bernardo Montfaucon Monge Benedictino na *Bib. Bibliothec. M. S. nova* Tom. 1. pag. 278. col. 1. pag. 421. 610. 951. e Tom. 2. pag. 745. e 922. se conservaõ varias copias destas Epistolas, como saõ na Bibliotheca Laurent. Medicea num. 18. na Florentina. num. 65. na Basiliense, na delRey de Inglaterra, na Colbertina codic. 1572. e na Real de Pariz num. 3758.

Passionis Sanctorum Marcellini, & Petri relatio. Conserva-se no Archivo da Basílica de São Pedro. A estes Santos Martyres consagrou o mesmo Santo Pontifice huma inscripção que começa.

Marcelline tuos pariter Petre nosce triumphos, &c.

Vita S. Nicolai Episcopi Myrensis. Escrita em verso, a qual annualmente se recita na vespera deste Santo em a Igreja do seu nome in *Carcere Tulliano*, como escreve Fr. Luiz Jacob. de São Carlos *Bib. Pontif.* pag. 60.

Summa quorundam Voluminum utriusque Testamenti hexametris versibus breviter comprehensa. Conserva-se no Archivo da Igreja de São Pedro como refere Nicol. Ant. *Bib. Hisp. Vet.* Lib. 2. cap. 2. §. 214. pela asseveração de hum Author da Vida do Santo Pontifice.

In Psalterium Carmina. Desta Obra fazem memoria Gesnero in *Bib.* e Fr. Luiz Jacob. de São Carlos, no lugar acima allegado, e della se conserva huma copia na *Bib. Vatican.* num. 4228. como escreve Montfaucon in *Bib. Bib. M. S. nov.* Tom. 1. pag. 129. col. 1. e na pag. 223. diz, conservar-se outra na *Bib. Casinense* num. 467.

De autoritate Concilii Capuensis. Esta Obra escreve Theofilo Spizelio in *Sacris Bibliothecarum illustrium arcanis repositis.* conservar-se na *Bib. de Basilea*, e o mesmo affirma Montfaucon, no lugar acima citado Tom. 1. pag. 610. col. 2. mas não pode ser composta por São Damaso por ser este Concilio celebrado depois da sua morte, quando governou a Igreja o Papa Sericio seu successor.

De Vitis Pontificum Romanorum. Esta Obra, que he intitulada por huns *Pontificale*, e por outros *Acta Summorum Pontificum*, e *Gesta Pontificum Romanorum*, de que se conservaõ diversas copias, *M. S.* em a *Bibliotheca Vaticana*, num. 2039. na *Anglicana*, num. 2464. na *Ambrosiana* escrita em pergaminho, e na *Real de Pariz* codic. 736. como escreve Montfaucon in *Bib. Bib. M. S.* Tom. 1. pag. 105. 679. 512. e Tom. 2. pag. 736. Sahio a primeira vez impressa, Venetiis 1547. fol. E depois em 1600. com o nome de São Damaso, a quem reconheceraõ por seu legitimo Author, Marineo Siculo, Trithemio, Platina, Floravancio Martinello, Genebrardo, Marco Antonio Sabellico, Paganino Gaudencio, Guilherme Hyfeigrenio, e outros muitos, porém pelo barbaro estillo

totalmente alheyo da pureza com que escrevia São Damafo, e pelos enormes anacronismos, e falsidades, de que está cheya esta Obra, não he composta pelo Santo Pontifice, mas por Anastasio Bibliothecario, em cujo nome a publicou o Padre João Busseo Jesuita Moguntia 1602. cuja opiniaõ seguem Bellarmino de *Script. Eccles.* Auberto Mireo in *Not. ad D. Hieron. de Script. Eccles.* João Gerardo Vossio de *Histor. Latin.* Lib. 2. cap. 8. e 35. e o Padre Philippe Labbe *Dissert. Hist. de Eccles. Script.* ou por Damafo Bispo Portuense, como seguem Papirio Massonio, Fr. Alfonso Chacon, e Fr. Luiz Jacob. de São Carlos *Bib. Pontif.* pag. 296. o qual Damafo Portuense defende erudita, e nervosamente ser o Papa Fermoso, Casimiro Oudin in *Comment. de Script. Eccles. antiq.* Tom. 2. cap. 8. ad. ann. 890. pag. 389.

De singulis, quæ Præbyteris licere non ceperunt postquam ab episcopali excellentia separati sunt. Conservase este tratado M. S. na Bib. Vatican. Cod. 1324. como escreve Montfaucon. Tom. 1. pag. 130. col. 2.

Dicta ad Episcopos. M. S. Na Bib. Real de Pariz Codic. 736. como diz o allegado Montfaucon. Tom. 2. pag. 1039. col. 1.

Carmina in D. Paulum, & in Danielelem Prophetam. M. S. na Bib. Cassinense n. 197. e na Ambrosiana por asseveração de Montfaucon. Tom. 1. pag. 223. col. 2. e 512. col. 1.

O nobilitarse o nosso Reyno de Portugal com a produçãõ de hum tal filho como S. Damafo de que lhe resulta immortal gloria, he asseveração dos mayores Authores que venera a Republica litteraria, dos quaes como estranhos fazem menos sospeitosa a verdade de ser Portuguez, como saõ Cornelio Hazart in *Triumph. Pontif. Roman.* Tom. 1. Ætas. 2. João Francisco Boudino Arcebispo de Avinhaõ *Sum. Pontif. Urb. et Orb. Series* ad an. Christ. 367. Filisbert. Thomasin. in *Ver. effigieb. Pontif.* Panvino *Hist. Eccles.* Lud. Jacob. a S. Carol. *Bib. Pontif.* pag. 59. Papir. Masson. *de Episcop. Urbis Romæ* in Vita Joan. 22. Joan. Bapt. Riccioli *Chronolog. Reformat.* Tom. 3. pag. 12. Jeronymo Bardi in *Ætattib. mund.* ad an. Christ. 366. Balduino Junio in *Chronol. Morali* Tom. 2. ad an.

Christ. 367. Guilherme dela Croix na Serie dos Bispos de Cahors ad an. Christ. 367. Bartholameu Dionisio Fanense *Virid. omu. Hist.* Part. 2. cap. 32. Beyerlinck. *Theatr. Vit. Human.* lit. E. Tit. *Episcopus* Tom. 3. pag. mihi 137. Francisco Sanfovino *Cathalog. de Pontif. Romani* fol. 125. Nicol. Angel. Caferrio *Synthagm. Vetuslat.* pag. 365. Pert. Frizon. *Gallia Purpurat.* Joan. Gualter. *Chronic. Hist. Polit.* pag. 205. Franc. Lupus Coriolan. *Brev. Chronolog.* ad an. 376. Bolland. in *Attilis Santt.* mens. Jan. Tom. 1. pag. 641. André Scoto *Bib. Histp.* pag. 183. e 336. Vaseo in *Chron. Histp.* ad an. 367. Silos *Mausolea Roman. Pontif.* pag. 56. Palatio *Gesta Pontif. Roman.* Tom. 1. pag. 172. Fr. Angelo Rocca *Bib. Vatican. anno 1590.* Guilherme Burio *Rom. Pontif. brevis notitia* pag. 56. Entre o grande numero de Authores referidos sómente alguns Castelhanos quizeraõ despojar a Guimaraens de ser o feliz berço de S. Damafo pertendendo darlhe por Patria a Madrid, e outros a Tarragona cujas opinioens por serem fundadas, sobre a caduca, e apocriфа authority de Flavio Dextro desprefaraõ os mais graves, e criticos Espanhoes seguindo como solida, e verdadeira a de ser Portuguez este Santo Pontifice como para seu defengano podem ver em Ambrosio de Morales *Hist. de Espan.* lib. 10. cap. 40. Franc. de Padilha *Hist. Eccles. de Espan.* Tom. 1. Cent. 4. cap. 56. Fr. João de Pineda *Mon. Eccles.* Part. 2. Liv. 13. cap. 23. Estevaõ de Garibay *Compend. Hist.* Part. 1. liv. 7. cap. 52. D. Mauro Castellà Ferrer *Hist. de Compostel.* Liv. 2. cap. 23. Gonçalo Ilhescas *Hist. Pontif.* Tom. 1. Liv. 2. cap. 6. Fr. Affonf. Chacon *Vit. Roman. Pontif.* Tom. 1. pag. mihi 250. e D. Nicol. Anton. *Bib. Histp. Vet.* Lib. 2. cap. 6. §. 181.

Fr. DAMASO DA PRESENTAÇAM. Naceo em a Villa de Punhete do Arcebispado de Lisboa em o anno de 1577. Quando chegou a idade de 18. annos recebeu o habito de frade Menor na reformada Provincia de Santo Antonio, onde depois de estudar as sciencias necessarias para o Pulpito, e Confessionario foy Guardiaõ do Convento de Lisboa, duas vezes Custodio

da Provincia, e Qualificador do Santo Officio. Morreo no Convento de Lisboa a 19. de Novembro de 1642. com 65. annos de idade, e 47. de Religiaõ, do qual fazem mençaõ Nicol. Ant. *Bib. Hisp.* Tom. 1. pag. 201. Fr. Joan. a D. Ant. na *Francisc.* tom. 1. pag. 288. c. 1. onde o intitula *magnæ pietatis vir*, e Fr. Martinh. do Amor de Deos *Chronic. da Prov. de Sant. Anton.* Tom. 1. pag. 529. Compoz.

Obrigaçã do Frade Menor em o qual se tocaõ as couzas, que està obrigado a guardar assim por sua regra, como por Ley divina. No Convento da Carnota por Antonio Alvares 1627. aos 50. de sua idade, e 32. de Religiaõ. Sahio segunda vez Lisboa por Pedro Ferreira 1727. 8.

DAMASO VILLELA. Veja-se P. MA-NOEL DA SYLVA da Congregaçã do Oratorio.

Fr. DAMIAM Religioso professo da Militar Ordem de Christo, e o segundo Prior trienal do Real Convento da Villa de Thomar eleito a 23. de Agosto de 1554. Doutor em a Sagrada Theologia de quem fazem memoria Ant. *Carol. Visch. in Bib. Cisterciens.* e Longelino in *Notitiis Canobiorum Ord. Cist.* lib. 10. fol. 11. Ordenou, e imprimio.

Compendio da Regra, e Definiçoens dos Cavalleiros da Ordem de Nosso Senhor Jesu Christo com alguns Breves apostolicos, e Privilegios Reaes a mesma Ordem concedidos. Lisboa por Jorge Rodrigues. 1606. 4.

DAMIAM, cujo appellido se ignora, naceo na Villa de Odemira da Comarca de Beja em a Provincia Transtagana. Foy Boticario, e celebre nas regras do jogo do Xadrez as quaes querendo fazellas mais practicas escreveo a seguinte obra que sahio na lingua Italiana.

Libro de imparare giocare a Scachi, e de partiti per Damiano Portoghese 8. Naõ tem lugar da impressãõ. Ruy Lopes de Segura Vifinho do lugar de Safra que compoz sobre esta materia, e sahio impresso Alcalà por André de Angulo 1561. 4. o allega muitas vezes, e quasi o commenta em diversos lugares venerando-o como insigne Mestre.

DAMIAM DE AGUIAR filho do Doutor Joaõ de Aguiar Ouvidor do Marquez de Ferreira, e de D. Antonia Borges Ribeira filha de Gonçalo Ribeiro Senhor de Villarinho naceo em a Cidade de Evora a 14. de Abril de 1535. Na tenra idade de dez annos passou a Coimbra onde naõ fomite estudou os primeiros rudimentos de Grammatica, e letras humanas, mas se applicou à Faculdade do Direito Cefareo com tal viveza de engenho que ainda naõ contava vinte annos quando nella recebeo o grão de Doutor. Deixando a Universidade servio alguns Lugares com summa integridade até que chegou a ser Dezembargador dos Aggravos na Casa da Supplicação de que tomou posse a 19. de Agosto de 1577. Sendo Vereador do Senado de Lisboa juntamente com Manoel Tellez Barreto, Francisco de Sã, e Antonio da Gamma deu a posse desta Cidade por ser Capital do Reyno de Portugal a 11. de Setembro de 1580. a D. Fernando Alvares de Toledo Duque de Alva como Procurador da Magestade de Filippe II. a quem se tinha julgado a Sucessãõ desta Monarchia. Já occupava o lugar de Dezembargador do Paço quando como Procurador da Cidade de Lisboa orou no Auto solemne em que na Villa de Thomar a 16. de Abril de 1581. foy jurado este Principe Rey de Portugal, exercitando este mesmo ministerio naõ sómente nas Cortes celebradas na dita Villa a 20. de Abril de 1581. mas em o Juramento do Principe D. Diogo a 23. do dito mez, e anno. Foy Commendador das Commendas de S. Cosme de Gonde-mar no Bispaado do Porto, e de S. Matheos em o de Coimbra ambas da Ordem de Christo, premio que além de o merecerem os seus grandes serviços foy sollicitado pela authorizada intervençãõ do Summo Pontifice Clemente VIII. o qual quando veyo a Lisboa com o Cardial Alexandrino contrahio com Damiaõ de Aguiar grande amizade, escrevendo este Breve à Magestade de Filippe III. que he o mais honorifico padraõ da sua pessoa. *Charissime in Christo Fili noster salutem, & apostolicam benedictionem. Anni jam plurimi effluxere, ex quo primum*

cognovimus in Lusitania dilectum filium Damianum de Aguiar Militiæ Christi equitem majestatis tuæ subditum. Tunc enim cum loco inferiori essemus (jussu Sanctæ recordationis Pii Papæ V. prædecessoris nostri cum Alexandrino Cardinali Apostolico Legato piæ memoriæ Hispaniarum, regna amplissima obibamus) visus est autem nobis idem Damianus vir prudens, et præstanti virtute, eumque amore summo prosecuti sumus, veterisque nostræ cum eo conciliatæ amicitia semper memores fuimus, et nunc plane sumus; sed eo imprimis nomine illum amamus quod Majestati tuæ, ut audivimus, & Coronæ isti feliciter inservierit, ac nominatim Philippo Regi inclytæ memoriæ patri tuo in illis Lusitanis tumultibus egregie fidelem (ut nobis relatum est) operam navaverit; quare, & is tua regia gratia dignus est, & nos illi, e jusque domui omnia commoda jam pridem optamus, & nunc re ipsa id tandem efficaciter præstare Te auctore cuperemus: sed hoc expectamus, ut is, qui nobis ante tam multos annos notus, & charus fuit, nostræ etiam commendationis intuitu fructum aliquem insignem capiat benignitatis tuæ. At rationes, & modi Majestati tuæ deesse non possunt quibus illum ornes, & augeas, & subleves, ut se, & domum suam commodius, & decentius pro sui statûs conditione suscinere valeat; sit tamen existimamus (quando in ea vocatione est) posse à Majestate tua Commenda aliqua cujusvis Militaris Ordinis augeri, cujus uberiores fructus utilitatem cum dignitate ei afferant: etiam igitur, atque etiam illum Majestati tuæ commendamus; eritque nobis sane pergratum ut hoc nobis petentibus tribuas, quod tua, & Patris tui Regis gloria, & tui ipsius magnificentia jure optimo postulat, & Damiani erga utrumque, parentem scilicet, & natum fidelis, & devota servitus non immerito requirit. Datum Romæ die ultima Augusti 1602. Pontificatus nostri anno secundo. Foy cazado duas vezes, a primeira com D. Juliana Pedroza de quem não teve successo, e a segunda com D. Francisca de Mendoça, e Vasconcellos, filha de Manoel Mendes de Vasconcellos Senhor do Morgado das Vidigueiras, e de D. Catharina de Mendoça de quem teve cinco filhas, das quaes a herdeira chamada D. Antonia de Aguiar, e Vasconcellos, cazou

com Tristaõ da Cunha de Attayde Senhor de Povolide. Falleceo em Lisboa a 27. de Julho de 1618. com 83. annos de idade. Jaz sepultado na Capella mór do Convento de Santo Antonio dos Capuchos de quem era Padroeiro, onde ao lado da Epistola tem gravado em huma pedra este Letreiro:

Esta Capella he de Damiaõ de Aguiar que foy do Conselho de Sua Magestade, e seu Chanceller mór nestes Reynos de Portugal, e de D. Francisca de Mendoça de Vasconcellos sua mulher, e de seus herdeiros. Falleceo a 27. de Julho da era de 1618. Compoz.

Oraçaõ no Auto do Levantamento, e Juramento de Philippe II. em 16. de Abril de 1581. Começa. He taõ grande o contentamento, e alegria, &c.

Oraçaõ no Auto das Cortes de Thomar celebradas a 20. de Abril de 1581. Começa. A vossa sempre leal Cidade, &c.

Oraçaõ ao Auto do Juramento do Principe D. Diogo a 23. de Abril de 1581. Começa. Querendo Deos Nosso Senhor, &c.

Sahiraõ estas tres Oraçoens impressas, nos Instrumentos, e Escrituras dos Autos das Cortes de Thomar, 1584. fol. Sem lugar, nem nome de Impressor.

Fr. DAMIAM BOTELHO natural da Cidade de Lamego, filho de Damiaõ Botelho, e de Anna Teixeira, irmaõ de D. Marcos Teixeira Collegial do Collegio de São Pedro da Universidade de Coimbra, Inquisidor da Inquisição de Evora, e Bispo da Bahia de todos os Santos. Depois de assistir muitos annos em a Companhia de JESUS, onde leu com applauso letras Humanas, e as Sciencias Escolasticas, passou com faculdade do Geral Mucio Viteleschi para a Religiaõ de São Jeronymo, e no Real Mosteiro de Belem professou a 24. de Dezembro de 1632. Nunca quiz aceitar Prelafia, e sómente exercitou o lugar de Procurador geral. Foy dos grandes Prégadores do seu tempo, como mostraõ seis volumes de folha, que tinha dos seus Sermoens promptos com todas as licenças para se imprimirem, resoluçaõ que suspendeo a morte privan-

do-o da vida a 26. de Mayo de 1645. cujos Titulos faõ os seguintes:

Marial. Dedicado a ElRey D. Joaõ o IV. fol.

Argumentos de Festas de Christo, e Apóstolos. Dedicado ao Principe D. Theodozio. fol.

Argumentos de Festas dos Martyres, e Confessores. Dedicado ao Infante D. Duarte. fol.

Argumentos predicaveis sobre as Festas de todos os Santos, dos Bispos, e de algumas Virgens mais celebres. Dedicado à Rainha D. Luiza Francisca de Gusmaõ. fol.

Argumentos para todos os Domingos do Advento, e Festas principaes que immediatamente se seguem, de Christo Senhor Nosso. Dedicado ao Inquisidor Geral D. Francisco de Castro. fol.

Argumentos sobre todos os Domingos da Quaresma, e Sermoens da Semana Santa. Dedicado ao Bispo Conde D. Joaõ Mendes de Tavora. fol. Conservaõ-se estes 6. Tomos na Livraria do Real Convento de Belem.

Fr. DAMIAM DAS CHAGAS. Naceo na Cidade do Funchal Capital da Ilha da Madeira, onde sendo de poucos annos aprendeo Gramatica, em que sahio perito pelo engenho de que era dotado. Naõ passou a mayores estudos por querer seu Pay, que seguisse a vida do comercio, que exercitava, porém elle ambicioso de outros mais nobres lucros, resolveo entrar em a Religiaõ Serafica, para cujo effeito tres vezes se embarcou, e posto que por duas foy impedido, e violentado por seu Pay para que naõ executasse o seu intento, ultimamente triunfante de tantos obstaculos chegou a Lisboa, e no Convento de São Francisco da Provincia de Portugal recebeo o Habito, servindo de exemplar em o Noviciado aos seus companheiros. Quando parecia lograr a sua alma de huma paz inalteravel, levantou o comum inimigo huma tormenta a que dava mayor força certa mulher, que o obrigava para ser seu marido. Para desfazer esta falsidade ainda que a propria innocencia lhe segurava a vitoria, foy preciso largar a Religiaõ em que naõ professava por estar taõ

gravemente impedido. Depois que se vio livre, e desembaraçado do impedimento que lhe maquinara a malicia, buscou promptamente o centro da sua espirital tranquillidade, qual era a Religiaõ, elegendo a Provincia da Arrabida, onde foy admitido por patente do Provincial Fr. Jacome Peregrino, ao Noviciado do Convento de São Jozé de Ribamar, e nelle se constituhio hum perfeito exemplar da mais rigorosa penitencia. Nunca comeu carne, nem peixe, sendo o seu continuo alimento ervas, temperadas taõ insipidamente, que serviaõ de aspera mortificaçaõ ao gof-to. Naõ cessava de fazer guerra ao corpo com as armas dos cilicios, e disciplinas, para nunca se rebellar contra o espirito. Ainda que naõ tinha frequentado as escolas era dotado de taõ subtil engenho, que penetrava as Questoens mais difficultosas da Theologia Moral, posto que nunca as quiz praticar em o Confessionario, pelos muitos escrúpulos de que era combatido. Na Mystica foy insigne Mestre, deixando por testemunho da sua sciencia em taõ alta Faculdade.

Tratado Espiritual dividido em dous volumes. M. S.

Em o qual naõ sómente compendiava mas expunha as sentenças de varios Autores que escreveraõ em materias Mysticas. *Pela nossa pobreza* (saõ palavras de Fr. Antonio da Piedade Chron. da Prov. da Arrab. Part. 1. Liv. 5. cap. 5. §. 1064.) *ficaraõ privados da estampa, e se satisfex com lhe dar o Supremo Tribunal licença para os poderem ler todàs, e quaesquer pessoas que quizerem.*

Ao tempo que contava quasi setenta annos de idade, adoeceo de hum Pleuriz a que naõ pode resistir por estar summamente attenuado com penitencias. Recebeo os Sacramentos com grande ternura, e abraçado com hum Crucifixo, falleceo placidamente em o Convento de Torres Novas a 29. de Março de 1600. Jaz sepultado no Capitulo do mesmo Convento. Fazem delle larga, e honorifica mençaõ o Chronista allegado, Jorge Cardoso *Agiol. Lusit.* Tom. 2. pag. 349. e no Comment. de 29. de Março letr. D. e Fr. Joan. a D. Anton. in *Bib. Francisc.* Tom. 1. pag. 289. col. 1.

D. DAMIAM DA COSTA natural de Lisboa, e Conego Regrante de Santa Cruz de Coimbra, onde depois de ler Filosofia aos seus domesticos, passou em o anno de 1530. estudar Theologia em a Universidade de Pariz, na qual recebeu o grão de Doutor em 1535. de cujo Acto Litterario foy seu Padrinho Ruy Fernandes de Almada Embaxador naquella Corte delRey D. Joaõ o III. Conhecendo este Principe o grande talento de que era ornado, lhe commetteo eleger naquella Universidade os Mestres, que haviaõ ser os primeiros Lentes de Theologia em a de Coimbra, que novamente erigira. Obedeceu promptamente à ordem do seu Soberano, mandando para Mestres de Gramatica, e das Linguas Grega, e Hebraica a Pedro Henriques, e Gonçalo Alvares ambos Portuguezes, e alumnos da Universidade de Pariz. Logo que se restituhio ao Reyno, foy nomeado pelo mesmo Monarcha, hum dos primeiros Lentes de Theologia da nova Universidade de Coimbra, em quanto teve o seu assento no Mosteiro de Santa Cruz, que foy desde o anno de 1537. até 1544. em que se mudou para os Paços delRey, e neste tempo deixou a Cadeira preferindo a observancia da Claustura ao applauso do magisterio. Nos ultimos annos se dedicou com mayor disvelo à contemplação dos bens eternos, de que foy tomar posse a 9. de Abril de 1563. Fazem delle memoria D. Nicol. de Sant. Mar. *Chron. dos Coneg. Regrant.* Liv. 7. cap. 15. num. 17. e Liv. 10. cap. 5. num. 2. e Franc. Leyt. Fer. *Notic. Chronolog. da Univ. de Coimb.* p. 472. §. 1012. e pag. 556. §. 1186. e 1187. Compoz.

Traçtatus de Incarnatione in Tert. Part. D. Thom. composto no anno de 1538. o qual affirma Joaõ Franco Barreto na *Bib. Portug. M. S.* se imprimira Conimbricæ. 1544.

Fr. DAMIAM DIAS filho da esclarecida Religião Dominicana, cujo Habito professou no Convento de Valença em o Reyno de Castella. Foy Mestre de Theologia, e grande devoto do insigne Thaumaturgo da sua Ordem São Vicente Ferrer, cuja vida escreveu, e imprimio no

principio dos Sermoens do mesmo Santo, que illustrou com doutissimas notas as quaes sahiraõ com os Titulos seguintes:

Sermones Sancti Vincentii Ferrerii asivales denud summa curâ per Damianum Dias Lusitanum Theologiae professorem recogniti. Loculentæ adnotationes in margine accesserunt. Antuerpiæ per Viduam & hæredes Joannis. Stelii. 1572. 8. & ibi 1570. per Philippum Nutium. 8. & Venetiis apud Bartholomæum Rubinum. 1573. 4.

Sermones Hyemales S. Vincentii Ferrerii, &c. Venetiis per Bartholomæum Rubinum. 1573. 8.

Sermones de Sanctis. ibi per eundem Typog. 1573. 8. Fazem menção deste Author Joan. Soar. de Brit. *Theatr. Lusit. Litterat.* lit. D. n. 3. Echard *Script. Ordin. Prad.* Tom. 2. pag. 209. col. 2. Possevino *Apparat. Sacer* pag. 410. Altamura Cent. 4. p. 347. Faria *Europ. Portug.* Tom. 3. Part. 4. cap. 6. Draudius in *Bib. Classic. Fr.* Pedro Monteir. *Claustr. Domin.* Tom. 3. pag. 179.

Fr. DAMIAM DA FONSECA. Naceo em Lisboa a 27. de Abril de 1573. Foraõ seus Pays Duarte da Costa, que pela madureza do juizo mereceo as estimaçoens delRey D. Sebastiaõ, e D. Anna da Fonseca, filha espirital do insigne Varaõ Fr. Luiz de Granada, a quem offereceo este filho recémnacido, para que com a sua benção crescesse em virtudes heroicas. Desde a infancia mostrou a natural propensão que tinha para as letras, pois chorando em huma occasião com grande excesso, e procurando sua Mãe com varias caricias suspenderlhe as lagrimas, o conseguiu dando-lhe huma Cartilha, em cujo frontispicio estava impressa a Cruz que reverentemente beijou, e começando a mastigar o Livro, certamente o engoliria, senaõ fosse impedido para o não executar. Aprendeo com os Padres Jesuitas os primeiros rudimentos, e sahio nelles taõ consumado, que ninguem lhe disputava a primazia. Em quanto não tinha chegado à idade capaz de ser Religioso, foy amanuense do Ven. Fr. Luiz de Granada, que por exhortação sua partio para Valença em o anno de 1588. e no

Convento da Ordem dos Prégadores, onde ainda se conservava muito viva a memoria de São Luiz Beltraõ recebeu o Habito Dominicano, com faculdade do Mestre Geral Fr. Xisto Fabro, que neste tempo assistia em Lisboa, por andar visitando as Provincias de Espanha. Teve por Mestre em o Noviciado a Fr. Pedro Gamboa Varaõ de inculpavel vida como companheiro que fora em semelhante palestra de São Luiz Beltraõ, e nelle assistio nove annos. Depois de aprender Filosofia, e Theologia neste Convento, em que sahio profundamente instruido dictou Artes com tanto applauso dos domesticos, e estranhos, que se compravaõ por grande preço as suas postillas para se dictarem em varias partes de Espanha. Sendo nomeado para defender Conclusoens no Capitulo Geral celebrado em Napoles, em o anno de 1600. antes de chegar a esta Cidade, padeceo varias tormentas, que o obrigaraõ a saltar na Ilha de Mayorca, até que entrando em Napoles foy logo buscar a D. Francisco de Castro, sobrinho do Duque de Lerma seu grande amigo, que neste tempo governava este Reyno, e querendo que assistisse no seu Palacio, se desculpou com religiosa modestia de taõ honorifica hospedagem, e para não ser julgado por ingrato a este favor, habitando no Convento do Espirito Santo junto do Palacio do Vice-Rey, continuamente o visitava, de que se seguiu não sómente ellegelo por seu Confessor, mas passar com elle a Roma, onde foy causa de que contrahisse intima amizade com o Cardial Burghesi. Restituído a Valença, recebeu o grão de Doutor em Theologia, e para que a lesse se criou huma nova Cadeira desta faculdade, o que executou com universal admiração. Por instancias de D. Francisco de Castro Embaixador de Castella em a Curia, passou segunda vez a Roma, e sendo levado à presença de Clemente VIII. de quem recebera quando era Cardial particulares estimaçoens, as experimentou mayores vendo-o companheiro do Mestre do Sacro Palacio Fr. Luiz Yftella Aragonéz, que mostrando-lhe o Palacio que tinha em Belvedere, ornado de amenos jardins, e caudelosas fontes, lembrado das molestias padecidas na jornada

disse ao Pontifice: *Dulcia non meruit, qui non gustavit amara.* Attendendo a Provincia de Aragaõ ao seu merecimento, suplicou ao Geral Fr. Agostinho Galamino, que o creasse Mestre da Ordem, cujo grão recebeu das mãos do Mestre do Sacro Palacio, do qual era muitas vezes substituto examinando os Livros que haviaõ ser impressos, nomeando os Prégadores da Capella Pontificia, e approvando aquelles que haviaõ receber as insignias Doutoraes em Theologia, aos quaes como Cancellario lhes conferia os grãos. Na celebração do Capitulo do anno de 1612. em que sahio eleito Geral da Ordem Fr. Serafino Sicco presidio a humas Conclusoens, que lhe alcançaraõ grande credito ao seu talento, principalmente na reposta com que rebateo o argumento proposto por Francisco Diotevello, depois Nuncio Apostolico em Polonia, contra a efficacia effectiva da Graça, o qual como discipulo da Escola Jesuitica defendia acerrimamente a parte contraria. Por huma geral epidemia que inficionou a toda a Curia, contrahio tal infirmitade que o reduzio ao ultimo perigo, do qual certificado pelo Medico estar já livre exclamou: *Hei mihi quia incolatus meus prolongatus est.* Em satisfacção do lugar de Mestre do Sacro Palacio, que lhe prometera o Pontifice, e por certas razoens politicas o não cumprira, lhe assignou huma penção de cem ducados de ouro em huma Conezia de Coimbra, além de expedir hum Breve para que podesse cobrar cada anno seiscentos ducados de Camera dados por ElRey de Castella. Por ordem do Geral sahio de Roma a 25. de Settembro de 1616. com o titulo de Comissario, e Visitador geral para pacificar as discordias, e reduzir ao estado primitivo da Religiaõ as Provincias de Polonia, e Ruffia, e vencidas varias controversias, introduzio com igual prudencia, que suavidade a refórma. Discorrendo pela Lithuania, e Prussia, restituhio à sua antiga observancia os Mosteiros de Vilna, e Lublin, donde voltando a Ruffia, visitou o Convento Leopoliense, e o Collegio de Santa Maria Magdalena, cuja empreza foy taõ agradável à Santidade de Paulo V. que escreveu a ElRey de Polonia, gratificando-lhe a benevolencia que uzara com

o Comissario della. Entrando segunda vez em Lithuania, edificou o Mosteiro Mischense com a invocação do Doutor Angelico, e reformou o Mosteiro de Varfavia. Concluida toda esta incumbencia no espaço de tres annos, querendo restituirse a Roma entrou em Lensberg primeira Cidade de Saxonia, onde foy benevolmente recebido pelo seu Duque, com o qual estando à meza se altercou huma questaõ, sobre a Real presença de Christo no Sacramento do Altar, entre hum Calvinista, e hum Lutherano, e a ambos convenceo com a efficacia dos seus argumentos. Depois de discurrir por Trento, Padua, Ferrara, Bolonha, Pisauero, e a Santa Caza de Loreto, onde rendeo as graças à Virgem Santissima de o ter livrado de tantos perigos em jornada taõ dilatada, entrou na Curia, e nella o recebeo o Geral com inexplicavel jubilo, e para lhe louvar a prudencia com que tinha em Polonia triunfado de tantas contradicções, lhe applicou com propriedade as palavras do *Ecclesiast.* c. 45. *verbis suis monstra placavit.* Sendo Creado Cardial Roberto Ubaldino Nuncio de França, cuja purpura lhe tinha vaticinado o elegeo por seu Theologo. Pré-gou o Advento na Cathedral de Bolonha, com a assistencia das principaes pessoas daquella Cidade, e querendo o Duque de Pastrana, quando hia para Vice-Rey de Sicilia, que fosse seu Confessor prometendo alcançar-lhe hum Bispado delRey Catholico se escusou por estar exercitando o ministerio de Theologo do Cardial Ubaldino. No anno de 1627. foy mandado à Provincia de Lombardia, onde suspendeo ao Provincial por desobediente às ordens do Geral. Para defender a justiça com que ElRey de Espanha expulsara aos Mouros dos seus Reynos, contra a maledicencia que sinistramente interpretava esta resolução como feita mais a impulsos da conveniencia, que do zelo da Religião, escreveu no breve espaço de hum mez com igual elegancia, que sciencia.

Justa expulsion de los moriscos de España con la instrucion, apostasia, y traicion dellos: y repuesita a las dudas, que se ofrecieron acerca desta materia. Roma por Jacomo Mafcardo 1612. 8. Dedicou esta Obra a D. Francisco de Castro Em-

baxador em Roma de Filippe III. seu grande Patrono; a qual sahio com seu consentimento traduzida na Lingua Italiana, por Cosme Gaci, antes que sahisse em Castelhana, com este Titulo:

Del giusto scacciamento de Morefchi da spagna libri sei dal Padre Damiano Fofseca dell' Ordine de Predicatori tradoto del spagnolo en Italico da Cosimo Gaci. Roma por Bartholomeo Zannetti. 1611. 4.

Oratio habita in Comitiiis Generalibus Ordinis Pradicorum Romæ celebratis anno 1601. Romæ 1601. 4.

Fazem memoria delle João Bautista Reggiano, que lhe escreveu a vida na lingua Latina, de quem extrahimos todas as noticias da sua pessoa. Fernandes *Notitia Ordin. Præd.* chamando-lhe *eruditione conspicuum.* Fr. Jayme Bleda *Coron. de los Mor. de Espan.* Liv. 8. cap. 20. pag. 946. *Varon muy docto y por sus muchas partes estimable.* Echard *Script. Ordin. Præd.* Tom. 2. pag. 424. col. 2. *Tantum ingenio, moribusque claruit ut ad præcipuos in Ordine gradus, & honores promoveri facile promeruerit.* Joan. Soar. de Brit. *Theatr. Lusit. Litter.* lit. D. num. 4. Nicol. *Ant. Bib. Hispan.* Tom. 1. pag. 201. Faria *Europ. Portug.* Part. 4. cap. 6. e no *Epit. das Hist. Portug.* Part. 4. cap. 18. Leo *Alat. in Apib. Urban.* p. 104. Fr. Pedro Monteir. *Claustr. Domin.* Tom. 3. pag. 179.

DAMIAM DE GOES. Naceo na Villa de Alanquer, distante sette legoas para o Norte da Cidade de Lisboa em o anno de 1501. e foy bautizado na Igreja Matriz de Nossa Senhora da Varzea. Teve por Pays a Ruy Dias de Goes, e Izabel Limi sua quarta mulher, ambos igualmente nobres, elle descendente de Anião de Estrada Fidalgo Asturiano, e ella de Nicolao de Limi, a quem pela sua grande capacidade commetteo a Serenissima Infanta D. Izabel filha do nosso Monarcha D. João o I. e Esposa de Filippe o Bom Duque de Borgonha, graves negocios que veyo tratar neste Reyno. Desde a tenra idade de nove annos assistio no Palacio delRey D. Manoel de quem foy Camareiro, e Guardaroupa, e nesta politica palestra, mostrou que tinha taõ boa indole para as

virtudes, como profundo talento para as sciencias. Aspirando o seu espirito a examinar com os olhos o que aprendera pelos Livros, sahio a discorrer pelas mais famosas Cortes do mundo, servindo-lhe os costumes de Naçoens taõ varias de mudos directores para regular as suas açoens. Certificado ElRey D. João o III. da summa capacidade de que era ornado, o nomeou seu Ministro para tratar diversas negociaçoens com os Reys Sigifmundo de Polonia, Federico de Dinamarca, e Gustavo de Suecia, as quaes concluiu com igual gloria do seu Soberano, como immortal credito do seu nome. A suavidade do genio, perspicacia de juizo, e eloquencia da frase, principalmente em a lingua Latina de que foy observantissimo cultor o insinuaraõ na familiaridade dos mayores Principes, como foraõ Paulo III. Carlos V. Fernando Rey dos Romanos, Henrique VIII. de Inglaterra, e Francisco I. de França, naõ sendo menor a amizade, que contrahio com os mais celebres professores das Sciencias, que venerava aquella idade, como eraõ Pedro Bembo, que depois foy Cardial, Lazaro Bonamico de quem ouvio Filosofia em Padua quatro annos, os Cardiaes Jacobo Sadoletto, e Christovaõ Madrucio, Bispo hum de Carpençatorato, e outro de Trento, João Magno Arcebispo de Upsalia, e seu irmão Olao Magno, Erasmo Rhoteredamo com quem assistio cinco mezes em Fribourg, Conrado Goclenio, Henrique Glariano, e Pedro Nanio, dos quaes recebia repetidas cartas em que testemunhavaõ a estimação com que veneravaõ a sua pessoa, dedicando-lhe alguns delles as suas Obras, para que protegidas com a sua sombra, pudessem ser benevolmente aceitas em todo o mundo Litterario. Depois de ter feito hum largo circulo por toda a Europa onde vio como curioso, e observou como Sabio os Reynos, e Cidades mais celebres desta illustre parte do mundo, em cuja peregrinaçãõ consumio quatorze annos, discorrendo em Flandes pelos Ducados de Brabante, e Lucemburg, em Alemanha Alta, e Baixa, pelas Cidades de Basilea, Argentina, Vormes, Espira, e Colonia: em França pelas Provincias de Picardia, Normandia, Bourbon, e Delfina-

do, e em Italia pelo Ducado de Milaõ, e Lombardia, as Cidades de Ferrara, Padua, Veneza, e Roma, se restituhio a Flandes onde elegeo por domicilio a Cidade de Lovanha Capital do Ducado de Brabante, para com mayor tranquillidade cultivar os seus estudos, e enriquecer a posteridade com as suas Obras, a que o estimulava continuamente o insigne André de Resende. Porém sendo esta Cidade cercada em o anno de 1542. por vinte e cinco mil Francezes, de que eraõ Generaes Martinho de Rossen, Marichal de Guel-dres, e Nicoláo de Beufut, Senhor de Longeval, tal foy a consternação de seus habitadores, que grande parte delles desempararaõ as suas cazas; e conhecendo o Senado os espiritos que animavaõ a Damiaõ de Goes, o elegeraõ Capitaõ, e por seus adjuntos a Conrado Conde de Vernemburgo, Philippe de Dorlay, Bailio de Brabante, e Jorge de Rolyn, Senhor de Emery, que julgando a empreza por difficultosa, naõ quizeraõ ter parte nella. Com hum esquadraõ de estudantes, que capitaneava Damiaõ de Goes, se determinou oppor aos intentos do inimigo, a tempo que tinha mandado pedir pelo resgate do sacco da Cidade duzentos e vinte mil Coroas de ouro, toda a artelharia, e polvora que nella houvesse, cujos pactos sem elle o saber tinhaõ quasi aceito os cercados. Perturbado com esta noticia sahio ao campo com Adriaõ Blehemo, Governador da Cidade a conferir com o General Francez (que tinha assinado o breve espaço de huma hora para ultima resolução dos sitiados) o modo menos violento com que se devia concluir aquelle negocio, e voltando para este fim à Cidade o Governador della, ficou Damiaõ de Goes com Longeval, quando sem ninguem o esperar soou hum grande estrondo de artilharia disparado dos seus muros, de que se seguiu tal consternação nos Francezes que muitos fugiraõ arrebatadamente do campo, e interpretando Longeval ser infração das treguas em que estava, voltou a sua coleira contra Damiaõ de Goes, mandando-o prezo para Vermandois, Capital da Cidade de Saõ Quintino da Provincia de Picardia, onde depois de padecer terriveis molestias, se resgatou de taõ dura prizaõ

por dous mil ducados de ouro. Em o anno de 1538. precedendo facultade delRey D. Joaõ o III. se despozou na Haya com Joanna de Hargen, filha de Andre de Hargen, natural de Utrech, Senhor de Astorch, do Conselho do Emperador Carlos V. em os Estados de Olanda, descendente dos Condes de Aremberg, Herne, e Monfort, cujo illustre conforcio celebrou com hum elegante Epithalamio seu grande amigo Alardo Amstelredamo, o qual principia:

Non melius teneris junguntur vitibus Ulmi

Nec plus Lotos aquas littora Myrtus amat:

*Quem Gofio lepida est sociata Joanna marito
Quam generosa suum deperit Harga virum.*

Ao primogenito, que naceo deste matrimonio, lhe impoz o nome de Manoel em obsequio do Monarcha que governava este Reyno o qual depois foy Monge de Cister com o nome de Fr. Philippe de Sion. Este Genethliaco applaudiu Pedro Nanio com huma elegante Poesia que começa.

Tandem lata dies Erythrao digna Lapillo

Advenit, & patrem te, Damiane facit.

Antes de se restituir a Portugal teve mais dous filhos chamado hum Ambrosio, e outro Antonio, que professou o Instituto Cisterciense no Convento de Alcobaça. Assistindo já neste Reyno com sua mulher teve della a Ruy Dias de Goes, que morreo no cerco de Chaul, André de Goes, Fructuoso de Goes que acabou infelizmente na batalha de Alcaçar, Antonio de Goes, D. Catherina, e D. Izabel de Goes. Atendendo ElRey D. Joaõ o III. aos Servicos que tinha feito em obsequio desta Coroa, o nomeou Guarda mór da Torre do Tombo, e Chronista mór do Reyno dezempenhando a primeira incumbencia com reduzir a boa ordem os papeis, e documentos, que estavaõ confusos no Archivo Real, e a segunda, escrevendo a Chronica delRey D. Manoel em o anno de 1558. dedicada ao Cardial D. Henrique, cuja obra tinha sido laboriosa empreza dos Chronistas Ruy de Pina, Fernão de Pina, e D. Antonio Pigneiro Bispo de Miranda. Soube com perfeição as linguas mais polidas da Europa, e teve bastante intelligencia da Arabica,

e Abyssina. Foy hum dos mais insignes Musicos da sua idade compondo os versos que acomodava à Solfa, de que era eminente professor, cantando-os com grande suavidade ao som de diversos instrumentos, que destramente tocava. Muitas destas obras que se cantavaõ com summo applauso nos Templos, se conservaõ na Bibliotheca Real da Musica em a Estante 21. n. 592. como consta do seu Cathalogo impresso em Lisboa. Por ser Musico, e juntamente Poeta, lhe fez em seu louvor este epigramma o insigne Rezende.

Elige utro mavis horum te nomine dici

*An Phæbi, an Orphei dulcis uterque modis.
Aut (si non spernis genus) à quo Musica primùm
Inventa est nobis, sis Damiane Tubal.*

Na historia Sagrada, e profana foy veradissimo, principalmente em a Genealogia, escrevendo de algumas Familias do nosso Reyno em cuja obra seguindo mais os impulsos da vingança, que o decoro da verdade, diminuhio grande parte da sua fama quando se fez maledico censor da alhea. Foy sempre inimigo do interesse, como mostrou recusando o Officio de Escrivaõ da Caza da India ofrecido em o anno de 1533. por ElRey D. Joaõ o III. Amou com summa fidelidade a sua Patria focorrendoa com abundancia de Trigo na occasião, que este Reyno padecia delle grande falta, o qual mandou de Flandes a seu Irmaõ Fructos de Goes com ordem que se vendesse pelo preço que custàra a sua condução. Tendo chegado a idade provesta falleceo na sua patria deixando duvidosa a posteridade assim da causa da sua morte, como do dia, e anno em que succedeo, porque ainda que o P. Fr. Manoel de S. Damaso na *Verd. Eluc.* p. 197. §. 367. affina a sua morte em o anno de 1560. fundado no epitafio da sua sepultura, cuja opiniaõ seguiu o P. D. Antonio Caetano de Souf. no *Apparat. à Hist. Gen. da Caz. Real Portug.* pag. 31. §. 11. acrescentando que fora em 4. de Outubro, certamente se enganaraõ, pois consta da 4. Part. da Chronica delRey D. Manoel impressa a 25. de Julho de 1567. e rubricada pela sua propria maõ, que ainda vivia neste anno. Corrobora-se mais esta verdade com o Privilegio impresso ao principio da dita Chro-

nica concedido por ElRey D. Sebastião a 29. de Março de 1566. ao mesmo Damião de Goes, em que lhe ordena, que todos os exemplares impressos desta obra feroão assinados por elle, donde se infere evidentemente que até o anno de 1567. ainda estava vivo, e assim lhe anticiparaõ a morte sete annos aquelles dous Escretores assinando-lha em o anno de 1560. Jaz sepultado no pavimento da Capella mór da Parochial Igreja de N. Senhora da Varzea da Villa de Alanquer, e na parede da parte da Epistola se lé gravado este elegante epitafio composto pela sua penna.

D. O. M.

Damianus Goes Eques Lusitanus olim sui, Europam universam rebus agendis peragravi, Martis varios casus, laboresque subivi, Musæ, Principes, Doctique viri meritò me amarunt, modo Alanquerce ubi natus sum, hoc sepulchro condor, donec pulverem hunc excitet dies illa.

Obiit an. Salutis M. D. LX.

H. M. H. N. S.

Na parte do Evangelho estaõ abertas em pedra as Armas da Familia dos Goes, e de sua illustre Conforte. Para naõ caducar com o tempo a memoria de seus Pays, e Avós, mandou com igual piedade, que magnificencia tresladar os seus ossos donde jaziaõ para hum mausoleo edificado na primeira Capella do Cruzeiro do Convento de S. Francisco da Villa de Alanquer, que està da parte do Evangelho animando estas cinzas com esta eloquente inscripção.

D. O. M.

Ob summam in suos pietatem Gomezio Proavo, Lupo Avo, Roderico Patri, Elisabethæ matri Damianus Goes Eques Lusitanus posuit anno Domini 1555.

Os elogios com que os mais celebres profefores das sciencias celebraraõ o nome de Damião de Goes assim em prosa, como em verso, se naõ podem facilmente transcrever, dos quaes relataremos alguma parte, para que se conheça a grande estimação que este insigne homem alcançou no conceito dos mayores Sabios. O Cardial Jacobo Sadoletto em huma Carta que lhe escreveu de Roma 15. Kalend. Julii 1537. *Nam de ingenio, deque nobilitate tua, nec non de studiis artium optimarum, de rerum usu, de prudentia, de humanitate sic copiose locutus est Petrus Bohemus, ut non*

solum fidem mihi fecerit ejus prædicatio plena auctoritatis, sed me in amorem quoque tui compulerit. O Cardial Pedro Bembo em huma Carta escrita de Roma 3. Idus Januarii 1541- *Perge igitur, & quanto ingenio, ac usu vales ad gentis tuæ facta scriptis illustranda aggredere, nec enim est major, atque uberior oçii fructus tibi constare possit cum historia nihil fere sit ad nominis memoriam stabilius, aut ad posterorum cognitionem aptius, aut ad omnium delectationem jucundius.* O Cardial Christovaõ Madruccio Bispo de Trento em huma Carta que lhe escreve desta Cidade a 21. de Mayo de 1541. *Vicissim te amare incepti, & magis, magisque diligo, non propter stemma tuum antiquum quod longa serie proavorum laudabiliter ducis. Sed aliud quiddam in te animadverti, tibi magis proprium quod me in tui amorem pellexit. Imo vi quadam occulta traxit ut te amarem exquisita scilicet, & abstrusa eruditio, genuina integritas, pectusque illud tuum omni virtutum genere refertissimum.* Joan. Vafæus in *Epist. data Eboræ 15. Calend. Novemb. ann. 1541. Ut enim silentio præteream tuam humanitatem, probitatem, eruditionem eximiam, editisque jam libris celebrem, cæterosque animi tui dotes in tam claro, nobilique fastigio constitutas, quæ adamantinum plane, ac ferreum possint hominem ad amorem tuum pertrahere.* Cornelio Grapheo Secretario da Cidade de Anveres o pintou desta forte.

Cujus imago ist hæc placido sub pallida vultu

Ridet purpureo suavis in ore rubor

Frons læta, exporrecta, alacris dulcedine quadam

Præ se fert puri pectoris indicium.

Blandi oculi, bene nigri oculi, coma nigra, capillis

Subscriptis nigro barba colore decens

Nil est candidius: nil est humanius illo,

Nil civile magis, nil magis est lepidum.

Omnibus est charus nulli non gratus, ubique

Omnibus expositus nil nisi delitiæ.

Joachim Polites.

Inchya, quæ magnum volitant tua scripta per orbem

Dum legimus claris nobilitata viris.

Prælia longinquis Gangetica gesta sub oris

Indus ubi rapidas in mare volvit aquas.

Dum Lusitanas acies, inimicaque castra

Turcarum ferro depopulata refers.

Divinum Damine beros miramur acumen

Mentis, & ingenii maxima signa tui.

Ao seu Retrato aberto por Philippe Galle entre outros Varoens insignes em Letras lhe fez a seguinte inscripção Arias Montano. *Gentis Thucidides enarrat gesta Pelasgæ*

Romanâ claret Livius Historia:

Hic alia, ut taceâ, fera data scripta senella

Ætiopum accepit nomen ab historia.

Bivar in *Comment. Dextri ann. Christ.* 66. n. 6. lhe chama *Eques, & historicus nobilis.* Andrad. *Chronic. del Rey D. Joâo o III.* Part. 4. cap. 115. *Doutissimo Varaõ.* Faria na Advert. à *Asia Portug.* Tom. 1. *Persona de notoria nobreza, sciencia, elegancia, credito.* Brandaõ *Mon. Lusit.* Part. 3. Liv. 10. cap. 19. *Author grave Maced. Flor. de Espan.* Excel. 9. cap. 8. *Deligente Chronista* Fr. Franc. à S. Aug. *Dom. Sadic.* pag. 50. *vir in omni disciplinarum genere versatissimus.* Brito *Mon. Lusit.* Part. 1. Lib. 2. c. 24. tit. 22. *Famozo Chronista.* Franckenau *Bib. Hisp. Geneal. Herald.* p. 81. *Vir aulicis negotiis, multisq̃ peregrinationibus inclitus,* Nicol. Ant. *Bib. Hispan.* Tom. 1. pag. 201. col. 2. *in cognitionem hominum doctissimorum adeoque in universam posteritatis memoriam pervenit.* Joan. Dried. de *Eccles. Scriptur.* em a Dedicatoria a El Rey D. Joâo o III. *generosum virum, ac litterarum cultorem, fautoremque candidissimum.* Scoto *Bib. Hisp.* pag. 491. *fama clarus, litterisque dives, & prudentia instructus.* Anton. Galvaõ *Trat. dos Descub.* pag. mihi 74. *Correo a mor parte da Europa cousa digna de louvor, e memoria pois deu luz à sua patria de muitas cousas occultas a ella.* Paulo Freher. *Theatr. viror. erudit. Clar.* pag. 1451. *Musica à pueritia deditus usque eo Lusitanicæ gentis ritu excelluit, ut ea componere quæ in Templis alii modularentur.* Ant. de Leon *Bib. Orient.* Tit. 3. e novamente acrescentada Tom. 1. col. 61. 388. 390. e no appendix fol. 542. Fr. Man. de Saõ Damaf. *Verdad. Elucid.* pag. 180. §. 337. *illustre Historiador.* Niceron. *Mem. des Hom. Illustr.* Tom. 26. pag. 101. Valer. Taxand. in *Cathal. Claror. Hisp. Scriptor.* Joan. Soar. de Brit. *Theatr. Lusit. Litter.* lit. D. num. 5. Capassi. *Hist. Philosoph.* p. 453. Kenigio *Bib. Vet. & Nov.* pag. 351. col. 2. Haræus *Annal. Brabant.* Tom. 1. p. 625. Joan. Pint. Ribeir. *Pref.*

das Letr. ds Armas. Papadop. *Hist. Gymnac. Patavin.* lib. 2. cap. 17. Leytaõ *Memor. Chronol. da Univ. de Coimb.* p. 425. D. Ant. Caet. de Souf. *Apparat. à Hist. Geneal. da Caz. Real Portug.* pag. 31. §. 11. *Compoz.*

Fides, religio, moresque Ætiopum sub imperio Pretiosi Joannis (quem vulgo Præbiterum Joannem vocant) degentium, una cum enarratione consederationis, ac amicitie inter ipsos Ætiopum Imperatores, & Reges Lusitanie initæ. Accesserunt aliquot Epistolæ ipsi operi insertæ ac lectu dignissimæ Helene Avia Davidis Pretiosi Joannis, ac ipsius etiam Davidis ad Pontificem Romanum, & Emmanuelem, ac Joannem Lusitanie Reges. Dedicou esta Obra ao Pontifice Paulo III. Antuerp. apud Martinum Nuntium. 1611. 12. Parisiis apud Christianum Wechelum. 1541. 8. Lovanii apud Rutgerum Rescium. 1544. 4. Coloniae apud Gervinum Calenium 1574. 8. juntamente com a Obra de *Rebus Oceanicis Petri Martyris ab Angleria* p. 449. até 521. Colon. Agrippinæ ex *Officin. Birckmanica* 1602. 8. desde p. 155. até 246. e no Tom. 2. *Hispan. Illustrat.* à p. 1290. até 1312. Francof. apud Claudium Marnium 1603. fol.

Legatio magni Imperatoris Presbiteri Joannis ad Emmanuelem Lusitanie Regem anno Domini M. D. XIII. Item de Indorum fide, ceremoniis, religione, &c. de illorum Patriarcha, ejusque officio, de regno, statu, potentia, maiestate, & ordine Curie Presbiteri Joannis per Mathæum illius Legatum coram Emmanuele Rege exposita. Lovanii apud Joan. Grapheum. 1532. 8. & Drodaci apud Joan. Leonardi Berevvout. 1618. 8. Dedicado a Joaõ Magno Godo, Arcebispo de Upsalia em o Reyno de Suecia.

Deploratio Lappianæ gentis. Genevæ apud Joannem Tornæsum. 1520. 12. Parisiis apud Christianum Wechelum. 1541. 8. Coloniae apud Gervinum Calenium. 1574. 8. com o Livro de *Rebus Oceanicis,* desde pag. 522. até 527. Lovanii apud Rutgerum Rescium 1544. 4. Coloniae Agrippinæ ex *Officina Birckmanica.* 1602. 8. a pag. 247. até 254. e no Tom. 2. *Hispan. Illustrat.* Francof. apud Claudium Marnium 1603. fol. a p. 1313. até 1315.

Commentarii rerum gestarum in India citra Gangem à Lusitanis anno 1538. Lovanii apud Rutgerum Rescium. 1539. 4. Dedicado ao Cardial Pedro Bembo. Sahio esta Obra segunda vez com alguma diversidade com este Titulo.

Dienfis nobilissima Carmanica, seu Cambaica urbis oppugnatio. Lovanii apud Rutgerum Rescium. 1544. 4. Colon. apud Gervinum Calenium. 1574. 8. com a Obra de *Rebus Oceanicis Petri Martyris*, a pag. 528. até 559. Coloniae Agrippinae ex Officina Birckmanica. 1602. 8. à pag. 270. até 310. e no Tomo 2. *Hisp. Illustrat.* Francof. apud Claudium Marnium. 1603. fol. a pag. 1319. até 1327.

De bello Cambaico ultimo Commentarii tres. Dedicado ao Infante D. Luiz. Lovanii apud Servatium Sassenium. 1549. 4. Coloniae apud Gervinum Calenium. 1574. 8. a pag. 563. até 614. Colon. Agrippinae ex Officina Birckmanica 1602. 8. a pag. 311. até 376. e no Tom. 2. *Hisp. Illustrat.* a pag. 1329. até 1345. Nicolao Antonio na *Bib. Hispan.* Tom. 1. p. 202. confundio esta Obra com a precedente escrevendo que era a mesma com diferente Titulo, porém miseravelmente se enganou pois a historia do primeiro sitio intitulada *Commentarii rerum gestarum in India*, &c. he a relação do sitio de Dio, em o anno de 1538. quando governava aquella Praça D. Antonio da Sylveira; e a Obra com o Titulo de *Bello Cambaico*, he a narração do segundo sitio daquella Praça, em o anno de 1546. sendo seu Governador D. João Mascarenhas mediando entre hum, e outro o espaço de outo annos.

Urbis Ulyssiponis descriptio in qua obiter tractantur nonnulla de Indica navigatione per Græcos, & Pænos, & Lusitanos diversis temporibus inculcata. Dedicada ao Cardial Infante D. Henrique. Eboræ apud Andream Burgensem Typographum Illustrissimi Principis Henrici Infantis Portugalliae S. R. E. Cardinalis, ac Apostolicæ Sedis Legati a Latere mense Octobri. 1554. 4. Colon. Agrippinae ex Officina Birckmanica. 1602. 8. à p. 55. até 94. e no Tom. 2. *Hisp. Illustrat.* a p. 879. até 889.

De rebus, & imperio Lusitanorum ad Paulum Jovium Disceptationcula. Lovanii apud Rutgerum Rescium. 1554. 4. Colon. Agrip-

pinæ ex Officin. Birckmanica. 1602. 8. a p. 303. até 310. e no Tom. 2. *Hisp. Illustrat.* à p. 890. até 891.

Hispania. Consta da sua extensaõ, e fertilidade contra as calumnias de Sebastião Munstero, que na sua Cosmografia com ignorante petulancia escreve contra os costumes dos Espanhoes. Dedicou esta Obra a seu grande amigo Pedro Nanio, insigne Professor de Humanidades em a Universidade de Lovanha, o qual respondeo a Damiaõ de Goes, com huma carta cheya de affectuosas expressoens, a qual começa *Libellum tuum amplissime Damiane eo animo accepi ut si mihi ingens thesaurus oblatus fuisset, nec alacrior, nec hilarior esse potuisssem.* Sahio esta Obra Lovanii apud Rutgerum Rescium. 1544. 4. Col. apud Gervinum Calenium. 1574. 8. a pag. 615. até 655. & Colon. Agrippinae ex Officina Birckmanica. 1602. 8. à pag. 1. até 52. e no Tom. 1. *Hisp. Illustrat.* Francof. apud Claudium Marnium. 1603. fol. à pag. 1160. até 1173. João Vaseo *Chronic. Hispan.* cap. 4. louva muito esta Obra, dizendo. *Commentarium illud non magnum quidem, sed accurate scriptum, & rerum varietate jucundum.*

Urbis Lovaniensis obsidio. Ulyssipone apud Lodovicum Rhoterigium Typographum 1546. 4. Dedicado a Carlos V.

Epistolæ aliquot ad Cardinales Petrum Bembum, Jacobum Sadoletum, Nicolaum Clenardum, Joannem Vasæum, & illorum responsiones. Lovanii apud Rutgerum Rescium. 1544. 4.

Epistola ad Hieronymum Cardosum. He a ultima entre as deste Author. Ulyssipone apud Joannem Barrerium Typog. Reg. 1556. 8.

Chronica do felicissimo Rey D. Emmanuel, dividida em quatro partes. Lisboa por Francisco Correa Impressor do Serenissimo Cardial Infante aos XVII. dias do mez de Julho de 1566. fol. *Segunda Parte.* Lisboa pelo dito Impressor a hos dez dias de Setembro de 1566. *Terceira Parte.* Lisboa pelo dito Impressor aos XXIV. dias do mez de Janeiro de 1576. *Quarta Parte.* Lisboa pelo mesmo Impressor a hos XXV. dias do mez de Julho de 1567. Todas estas 4. Partes, estaõ assinadas por Damiaõ de Goes em a primeira folha. Sahio esta Chro-

nica segunda vez impressa. Lisboa por Antonio Alvares 1619. fol. e nesta edição se tiraraõ algumas cousas que tinhaõ causado graves disgustos a seu Author.

Chronica do Principe Dom Joam Rey que foy destes Reynos segundo do nome, em que summariamente se tratam has cousas substanciaes, que nelles aconteceraõ do dia de seu nascimento até ho em que elRey dom Afonso seu Pai faleceo. Lisboa por Francisco Correa Impressor do Serenissimo Cardeal Infante a hos XI. dias do mes de Abril de 1567. e Lisboa na Officina da Musica 1724. 8.

Livro de Marco Tulio Ciceraõ chamado Cataõ mayor, ou da Velhice dedicado a Tito Pomponio Attico. Esta traducção de Latim em Portuguez, que tem varias notas marginaes do Traductor, da qual faz menção em huma Carta escrita de Padua a 14. de Agosto de 1537. a dedicou ao Conde do Vimioso D. Francisco de Portugal com quem tinha particular amizade. Sahio impressa Veneza por Stevaõ Sabio 1534. 8.

Avizos que deve guardar hum Cortezaõ. M. S. *Historia dos Xarifes* allegada por Pedro de Mariz, como conservada em seu poder.

Tratado da Theorica da Musica. M. S.

Nobiliario de Portugal cuja Obra deixou imperfeita, sendo neste genero a mais estimavel depois da que escreveu o Conde D. Pedro. O original se conservou M. S. por muitos annos na Torre do Tombo como consta do Inventario feito pelo Doutor Manoel Jacome Bravo a 15. de Fevereiro de 1622. servindo por auzencia de Diogo de Castilho de Guarda Mór o Licenciado Gaspar Alvares Louzada a folh. 12. diz o assento. *Livro das Linhages novas de Damiaõ de Goes, que segue ao Conde D. Pedro, que tem cento, e noventa, e cinco folhas com seu alfabeto encadernado como os de mais.* Este Original desapareceo do qual se tinhaõ dado algumas copias por Provisão Real ao Duque de Bragança, e a D. Manoel de Moura Marquez de Castello Rodrigo, e esta que foy authenticada pelo Guarda Mór Diogo de Castilho em 4. de Outubro de 1616. a conserva em seu poder o P. D. Antonio Caetano de Sousa como escreve no *Apparat. à Hist. Gen. da Caf. Real Portug.* pag. 33. §. 11. Outra copia

affirma Nicol. Ant. na *Bib. Hispan.* pag. 202. col. 1. ter visto em Madrid na Bibliotheca de D. Jeronymo Mascarenhas Bispo de Segovia. Fazem memoria desta obra D. Luiz Salazar y Castr. *Hist. da Caf. dos Sylv.* Part. 2. liv. 6. cap. 3. §. 3. Cardof. *Agiol. Lusit.* Tom. 3. pag. 72. no Comment. de 4. de Mayo letr. B. Brandaõ *Mon. Lusit.* Part. 5. liv. 16. cap. 17. e *Faria Europ. Portug.* Tom. 3. Part. 4. cap. 7. n. 2.

Fr. DAMIAM DE SOUSA natural da Villa de Borba na Provincia Transtagana, e filho de Joaõ Rodrigues Homem, e D. Maria de Mello. Sendo de poucos annos abraçou o Instituto de S. Paulo primeiro Ermitaõ, o qual professou no Convento da Serra de Ossa a 17. de Abril de 1644. O seu talento o fez digno de occupar varios lugares na Religiaõ, como foraõ Reytor dos Conventos de Serpa, Setubal, e Serra de Ossa, duas vezes Definidor, e Procurador Geral nesta Corte, e em a de Roma. Falleceo na sua Patria a 16. de Fevereiro de 1684. No tempo, que assistio na Curia, compoz, e procurou que se approvasse.

Officium proprium cum Octava D. Pauli primi Eremitæ. Romæ ex Typographia Reverendæ Cameræ Apostolicæ 1669. 4.

DAMIAM VAZ natural de Lisboa, e Presbytero professo da Ordem Militar de S. Bento de Aviz. Assistio alguns annos na Curia Romana onde contrahio grande amizade com o Eminentissimo Cardial Burghezi, que depois foy sublimado à Cadeira de S. Pedro com o nome de Paulo V. Em o anno de 1605. voltou para a Patria em companhia do Illustrissimo Colleitor Carachioli. Como era muito perito nos ritos Ecclesiasticos escreveu.

Tratado das Ceremonias Ecclesiasticas. M. S.

Fr. DANIEL DOS ANJOS natural da Villa nova da Rainha em a Comarca de Alanquer, e hum dos mais penitentes Religiosos da Serafica Provincia da Arrabida, onde exercitou os lugares de Sancristaõ, Mestre dos Noviços, e Guardiaõ de dous Conventos em cujos ministerios mos-

trou igual zelo para o culto divino, como prudencia para o governo. Pela especial graça que tinha para attrahir almas ao caminho da penitencia, assistia frequentemente em o Confessionario, de que naceo compor.

Summa de Casos da Conciencia.

A qual como escreve Fr. Jozeph de Jefu Maria na *Chronic. da Prov. da Arrabida* Part. 2. liv. 1. cap. 26. §. 207. *era muito util pela vastidão das suas noticias a qual tresladaraõ muitos Confessores para se aproveitarem das suas Resoluçoens.*

Quando contava 65. annos de idade foy acometido de hum accidente, do qual sendo restituído pela efficacia dos medicamentos aos sentidos depois de receber os Sacramentos com aquella preparaçoã que practicara por toda a vida, falleceo na Enfermaria de Lisboa a 3. de Dezembro de 1644. Jáz sepultado no Claustro do Convento de S. Jozé de Ribamar.

DANIEL DA COSTA cuja patria, e genero de vida ignoramos, escreveo.

Vida de D. Luiz de Figueiredo de Lemos Setimo Bispo do Funchal que morreo no anno de 1608. à qual póz o titulo de *Contraponto*. Está inferta no Livro 3. da *Historia das Ilhas*. composta por Gaspar Fructuoso, e della se conserva huma copia na Livraria do Excelentissimo Conde do Vimieiro.

Fr. DANIEL DOS REYS filho de Manoel Pirez Godinho, e Luiza Maria de Barros naceo em a Villa de Setubal, e professou no Convento de S. Francisco de Estremós da Provincia dos Algarves o Serafico Instituto em o primeiro de Novembro de 1686. Foy ornado de subtil engenho, profundo talento, e feliz memoria. Dicitou com applauso as materias principaes da Sagrada Theologia seguindo novo methodo em muitas Questoes em que se apartou da sua Escola Escotistica. Muitos annos que precederaõ à sua morte perdeo a vista não sendo taõ fatal calamidade obstaculo para deixar de profeguir a Leitura que lhe era precisa para a jubilaçoã dictando de cor com summa profundidade, e allegando os Authores com infallivel certeza. Foy insigne Poeta Latino, e muito versado na

Historia Sagrada, e profana, e em ambos os Direitos, de que faõ testemunhas os varios tratados, e pareceres, que compoz sendo consultado em gravissimas materias. Foy Lente Jubilado, Qualificador do Santo Officio, Guardiaõ do Collegio de Coimbra, e Confessor dos Mosteiros da Esperança, e Chagas situados em Villa-Viçosa, e das Maltezas de Estremós. Em seu obsequio confagrou o seguinte elogio o P. D. Manoel Caetano de Souf. in *Exped. Hisp. D. Jacob*. Part. 1. Sect. 1. Assert. 51. §. 1740. *Vir doctissimus, qui tamquam Oraculum à pluribus consuli solet ad solvendas difficillimas quaestiones, assuetus omnes facillime, & eruditissime enodare, in quo illud maxime mirandum, nempe hominem oculis captum dicere Dissertationes eruditissimas, & pangere elegantia carmina Latinè.* Compoz.

Preparaçoã Evangelico-Hispanica do Apostolo Saõ-Tiago Mayor revendicada em o anno de 1724. a cuja obra fez o seguinte Appendix.

Auñtarios à Pregaçoã Evangelico-Hispanica do Apostolo Saõ-Tiago Mayor já revendicada. M. S. De ambas estas obras faz mençoã o P. D. Manoel Caetano no lugar assima citado.

Allegaçoã Apologetica da Jurisdiçoã do R. Provincial da Provincia dos Algarves, e seus privilegios em resposta de duas Pastoraes que à Santidade de Clemente XI. representou o Illustrissimo Bispo de Portalegre, e outros Edictos supplicando ao mesmo Santissimo Padre o mandasse executar nestes Reynos.

Primordios elucidados do Mosteiro de S. João da Penitencia da Villa de Estremos. Mostra-se que as Religiosas delle professaõ a Regra que fundou a Santa Irmaõ Ignes Romana Abbadessa que foy do Hospital de Santa Maria Magdalena em Jerusalem. Estas duas obras M. S. conserva em seu poder o P. Fr. João de N. Senhora Chronista da Provincia dos Algarves, que nos communicou, como outras, esta noticia, e no fim dellas estaõ as seguintes.

Real disposiçoã, e ultima vontade do Serenissimo Infante D. Luiz filho delRey D. Manoel impugnada pelos Reverendos Maltezes, e defendida por Fr. Daniel dos Reys &c. M. S.

Antilogia acerca da Apologia que escreveu o Prior de Santo Andre da Villa de Estremós o Doutor Fr. Manoel Mexia Fouto na qual pertende defender os procedimentos juridicos do R. Vigario Geral de Evora impugnados pelo author do Manifesto sobre a execucao do Motu proprio Speculatores domus Israel do N. Santissimo P. Clemente XI. expedido em 18. de Novembro de 1717. M. S.

DAVID COHEN DE LARA celebre professor dos Ritos de Sinagoga de que foy Mestre pelo espaço de muitos annos em Amsterdaõ, e Hamburgo onde morreo em o anno de 1674. com grandes indicios de ter abjurado a Ley Moysaica, e abraçado a Evangelica como escreve Joaõ Jacobo Schudtio in *Compend. Hist. Judaic.* pag. 564. *Ex ore excellentissimi Domini Edzardi Præceptoris mei nunquam sine veneratione nominandi refero celeberrimum Judæum David Cohen de Lara Lusitanum Latine linguæ non ignarum ipsum aliquando domi suæ convenisse ac de rebus fidei cum ipso disputasse, abeuntem vero cum Dominus Edzardus eum cum voto hoc dimitteret. Deus te illuminet, respondisse: Deus illuminet cæcos. Secunda vice cum disputatione finita abiret Cohen de Lara domino Edzardo votum: Deus te illuminet, repetenti respondit. Deus me illuminet si sim cæcus. Hic ut postea in morbum incidit ad Christi fidem ex duplici illo colloquio pronior Dominum Edzardum ad se invitavit, cum quo ad lectum ægroti stantes doctores Judæorum Lusitanorum de rebus fidei disceptarunt, graviterque ægrotum ut constanter in Sacris Judæorum decederet urserunt, quem cum dubius hæret, hæsitantem mors occupavit.* Compoz.

Ænigma Aben Esræ de quattuor libris Ebevi traduzido em Latim com doutissimas notas Lugd. Bat. 1658. 4. Sahio na lingua hebraica ibi 1658. 8. com o titulo *Verba Davidis, hoc est explicatio Ænigmatis R. Aben. Esræ.* Dedicado a Diogo Pinto.

Corona Sacerdotum, seu Lexicon Talmudico-Rabinicum amplissimum, & locupletissimum de convenientia vocabulorum Talmud. & Rabbinic. cum lingua Caldaica, Syra, Arabica, Persica, Turcica, Græca, Latina, Italica, Hispana, Lusitana, Gallica, Germanica, Saxo-

nica, Belgica, & Anglicana. Hamburgi apud Georgium Rebenlinum 1667. fol. Trabalhou nesta obra quarenta annos, e naõ a deixou completa.

Civitas David. Esta obra he como apparato à precedente, onde mostra a correspondencia, que tem os Vocabulos Rabinicos com os Gregos. Amstelod. 1638. 4. Hottingero na *Bib. Orient.* pag. 47. numera esta obra entre os Lexicos mais exactos.

Traduzio do Rabino Maimonides as seguintes obras em Castelhana.

Regras Morales. Hamburgo 1662. 4.

Articulos dela Ley divina reduzidos a dez Capitulos. Amsterd. 1654. 4.

Tratado dela Penitencia.. Lugd. Batav. 1660. 4.

Tratado del Temor de Dios. extrahido do Livro *Reschith. Chochma.* Amstelod. 1633. 4. Destas traduçoens faz mençaõ Basnage *Hist. des Juifs.* Tom. 5. pag. 2117. Menasse ben Israel in *Tract. de Resurrect.* no principio. Wolfio *Bib. Hebraic.* pag. 318. e 319. n. 501. Julio Bartoloci *Bibli. Rabinic.* Part. 2. pag. 276. n. 430. o qual com engano manifesto attribue estas obras a dous Authores do mesmo nome, quando certamente saõ de hum só, qual he David Cohen de Lara, de quem brevemente se lembra Nicol. Ant. *Bib. Hisp.* Tom. 2. pag. 320.

DAVID JACHIA filho de Ghedalia Aben Jachia illustre, e celebre familia de Rabinos, que tiveraõ o seu berço na Cidade de Lisboa. Tendo nacido no anno de 1315. partio para Castella quando contava a tenra idade de dez annos onde assistio a mayor parte da sua vida, que acabou em Lisboa, para onde voltou em o anno de 1390. na idade de 75. annos. Foy muito douto, como testemunhaõ as seguintes obras.

Commentarium de rebus judicialibus.

Tractatus de animalibus illicitis pro cibo, do qual se lembra o Rabino Karo no principio do Livro *Joré deá.*

Fazem memoria deste Author, e suas obras o Rabino Ghedalia Jachia in *Scialf-célet Hakkabala* pag. 62. Bartoloc. *Bib. Rabin.* Tom. 3. pag. 22. n. 418. e Wolf. *Bib. Hebraic.* pag. 295. n. 482.

DAVID JACHIA filho de Salamaõ Jachia naceo em Lisboa, onde morreo em o anno de 1465. escreveo.

Lingua eruditorum ex Ifaia 50. v.º. 4 Constantinopli 1506. 4. e 1542. 4. Pifauri. 4. cuja impressaõ quer Wolfio in *Bib. Heb.* pag. 329. seja a que tambem Bartoloci in *Bib. Rabin.* Part. 2. pag. 280. n. 446. affirma ser impressa na mesma parte. Consta este Livro de duas partes. A primeira trata da Grammatica Hebraea, e a segunda sahio com o titulo.

Siclus Sanctuarii ex Levit. 7. v. 13. Trata dos preceitos da Ley postos em verso. A mayor parte deste Livro transcreveo Bustorfio in *Thezaur. Grammat. de re Hebræor metric.* onde se lembra do seu Author pag. 302. Os dous ultimos Livros que saõ o 17. e 18. publicou Genebrardo em Latim, e Hebraico Parisiis 1562. 8. os quaes depois sahiraõ na *Ifagoge ad Rabinorum Lektionem.* 1578. 8.

Laus Davidis ex Psalm. 145. v. 1. cuja obra naõ acabou, mas seu filho Jacob Jachia, como escreve o Rabino Ghedalia in *Scialfcelet* pag. 65. Trata dos Artigos da Fé, e sahio Constantinopoli 4. a qual edicaõ confessa Wolfio in *Bib. Heb.* pag. 329. que nunca a vira. O P. Joaõ Morino in *Exercit. Biblic.* lib. 2. pag. 245. segue a opiniaõ que este livro he de Messer David, ou de David ben Ichuda, ou Leo como quer Wolfio no lugar citado.

DAVID JACHIA filho de Jozé Jachia naceo em Lisboa no anno de 1465. onde na idade de 16. annos celebrou matrimonio com consorte igual à sua idade, e condiçaõ. Por morte do nosso Monarcha D. Affonso V. a quem pela sua grande sciencia fora muito aceito fucedendo em a Coroa Portugueza ElRey D. Joaõ o II. e obrigando-o a que abjurasse os erros da Sinagoga de que era acerrimo professor, se embarcou clandestinamente com sua mulher em o anno de 1482. e chegando a Pisa depois de passar por Florença, Ferrara, e Ravena assentou o seu domicilio em Imola Cidade da Provincia de Romandiola donde sendo chamado pelas Sinagogas de Napoles exercitou nellas pelo espaço de vinte, e dous annos o magisterio de Rabino explicando os ritos, e ceremonias do Talmud. Sendo

expulsos de Napoles em o anno de 1540. os sequazes da Sinagoga foy obrigado a voltar para Imola, quando contava quasi 78. annos de idade, onde morreo em o anno de 1543. Foy muyto douto assim nos preceitos da Ley Judaica, como nas Faculdades de Filosofia, Grammatica, e Poesia. Escreveo.

Epitomen Grammatices, que conservava em seu poder o Rabino Ghedalia Jachia. Deste Author saõ os versos compostos em applauso de Moyfes Bar Maimonis que sahiraõ impressos no fim das obras deste Rabino. Constantinopoli 1509. fol.

De Rhythmicis carminibus. Desta obra o faz Author Bustorfio in *Traet. de Profod. Metric.* pag. 302. porém Wolfio na *Bib. Heb.* pag. 299. segue contra Bustorfio, e Bartoloci ser composta por David Jachia filho de Salamaõ Jachia, de quem assim se fez memoria.

DAVID NUNES TORRES naceo na Cidade de Amsterdaõ de Pays Portuguezes, onde foy Prégador da Irmandade dos Orfaõs da sua patria, cujos Sermoens imprimio nella em o anno do mundo 5430. e de Christo 1649. Joaõ Christovaõ Wolfio in *Bib. Heb.* pag. 321. n. 510. faz mençaõ de hum Author do mesmo nome o qual parece ser diferente deste pela grande distancia que assina nas obras que imprimio as quaes saõ.

Bibliotheca Hebraica cum Commentario singulis paginis subjecto. Amstelodam 1700. 4. 2. Tom.

Fr. DESIDERIO DE LUMIARES natural da Villa do seu appellido situada duas Leguas ao Nacente da Cidade de Lamego na Provincia da Beira, Monge Cisterciense, cujo habito professou em o Mosteiro de Santa Maria de Macereydam em o Bispaõ de Vifeu. Foy muito versado na liçaõ da Sagrada Escritura, e dos Santos Padres escrevendo.

Genesis cum Glossa. M. S. cuja obra se conserva no Real Convento de Alcobaça.

D. DINIZ unico em o nome, e Sexto em a ordem dos nossos Monarchas naceo em Lisboa a 9. de Outubro de 1261. para immortal gloria da Monarchia Portugueza

za, e eterno braço de seus augustos Progenitores D. Affonso III. e D. Brites filha del Rey D. Affonso X. de Castella, e de D. Maria Guilhen de Gusmaõ, Senhora de Alcocer, Viena, e Azanhon. Foy cuidadosamente educado pela prudente direcção de Lourenço Gonçalves Magro terceiro neto de Egas Moniz Ayo del Rey D. Affonso Henriques; e instruido nas sciencias necessarias ao esplendor do seu nascimento por D. Americo que depois subio à Cadeira Episcopal de Coimbra. Ao tempo que contava a florente idade de 18. annos cingio a Coroa em 16. de Fevereiro de 1279. para idéa da soberania, e exemplar da Magestade, unindo felizmente ao seu peito todas aquellas virtudes, que canonizarão a memoria dos mais celebrados Herões da antiguidade. Huma das mayores felicidades, que liberal lhe concedeo a Divina Providencia, foy o augusto desposorio, que celebrou a 24. de Junho de 1282. com a Infanta D. Isabel filha de D. Pedro III. Rey de Aragoã, e D. Constança filha de Manfredo Rey de Napoles, e Sicilia, e D. Brites de Saboya, a qual esmaltando a soberania do nascimento com os rayos da fantidade mereceo, que das veneraçoes do throno passasse a ser adorada com religiosos cultos em os Altares. Triunfante da rebeldia de seu irmão D. Affonso que como inimigo domestico lhe causava mayor difvelo, voltou a sua fulminante espada contra Sancho IV. de Castella seu Tio, pela infracção da palavra que lhe dera, assolando-lhe muitos lugares dos seus dominios, cujo estrago continuou com mayor violencia contra Fernando IV. que com a Coroa herdada a infidelidade de seu Pay D. Sancho defunto em Toledo. Serenou-se toda esta fatal tempestade de que foy Iris pacifico a Rainha Santa Isabel com os reciprocos casamentos, celebrados entre estas duas Coroas, dando o nosso Monarcha sua filha a Infanta D. Constança por esposa a Fernando IV. e dando este Principe sua Irmãa D. Brites para consorte do Infante D. Affonso herdeiro da Coroa Portuguezia. A prudente capacidade, e maduro juizo de que era ornado, o constituirão arbitro entre as graves dissensoens, que

havia entre os Reys de Castella, e Aragam, para cujo effeito entrou nestes Reynos com a pompa mais magnifica, que admirou aquella idade, e posto que D. Fernando IV. era seu Primo, e Genro, D. Jayme de Aragoã Primo, e Cunhado, e D. Affonso de Lacerda primo com irmão, não prevaleceram os estreitos vinculos do parentesco para ser parcial de tam illustres contendores, antes valendo-se da sua natural capacidade sem escandalo da justiça, os reduzio a perpetua concordia. Para fazer o Reyno impenetravel às armas dos seus confinantes, o fortificou com os Castellos de Serpa, Moura, Olivença, Campo-mayor, Ouguella, Monforte, Arronches, Villa-viçosa, Portalegre, Almeida, e Mirandella, reedificando muitas Villas, e erigindo outras, como foraõ Villa-real, Salvaterra, e Atalaya. A liberalidade que nos Principes he huma das principaes virtudes, que lhe esmaltão a Coroa, nelle passou a profusão excedendo o numero das dadas ao dos dias que viveo, das quaes foraõ participantes seu cunhado D. Jayme Rey de Aragam, dando-lhe vinte mil dobras de ouro, quando lhe pedia prestadas dez mil, e a sua mulher a Rainha D. Branca muitas joyas de inestimavel preço, e a todos os Cavalheiros Castelhanos, de que se compunha aquella Corte na occasiam que nella assistio para pacificar as discordias, que havia entre os Reys de Castella, e Aragam; usando da mesma generosidade com sua filha D. Constança, e os Infantes D. Joaõ, e D. Pedro. Mereceo o honorifico titulo de Pay da Patria pela vigilante providencia, com que attendeo pela conservaçam de seus Vassallos, mandando abrir terras incultas, e concedendo grandes privilegios aos Lavradores como laboriosos instrumentos da abundancia universal, de que naceo a felicidade de ser exterminada do Reyno a pobreza, que a torpeza do ocio fomentava. Promulgou varias leys, em as quaes fielmente copiou o zelo da justiça, que lhe animava o peito, fulminando em humas castigos conforme a gravidade dos crimes, e emendando em outras a ordem judicial para que as causas corresse com brevidade em beneficio dos litigantes. Eternamente seraõ Panegy-

ristas do seu augusto nome todos os Sabios que produzio este Reyno, sendo elle o que altamente meditou, e gloriosamente conseqüiu a primeira Universidade, que foy o feliz Oriente donde sahiraõ tantos rayos que illustraraõ com a sua sabedoria diversos emisferios. Considerando com madura reflexaõ, que para estabilidade de huma Republica naõ eraõ menos necessarias as armas que as letras, supplicou à Santidade de Nicoláo IV. a 22. de Novembro de 1288. lhe concedesse a erecção de huma Universidade na Capital do Reyno, à cuja Supplica condescendeu o Pontifice a 13. de Agosto de 1290. para a qual convocou Mestres insignes nas faculdades de Direito Canonico, e Civil, Medicina, Dialectica, e Grammatica. Passados 18. annos a transferio de Lisboa para Coimbra em o anno de 1308. por concessaõ de Clemente V. onde permaneceu até o anno de 1338. Celebrou acção taõ heroica o Principe dos Poetas de Hespanha o divino Camoens com este epico elogio no Cant. 3. das *Lusiad.* Estanc. 97.

Fez primeiro em Coimbra exercitar-se

O Valeroso officio de Minerva

E de Helicon as Musas fez passar-se,

A pizcar do Mondego a fertil erua.

Quanto pôde de Athenas dexejar-se

Tudo o soberbo Apollo aqui reserva;

Aqui as Capellas dà tecidas de ouro

Do Bacaro, e do sempre verde Louro.

Extinta a Ordem Militar dos Templarios pelas ambiciosas diligencias de Filippe o Fermofo Rey de França, das copiosas rendas, que possuiaõ em Portugal, instituyou a Ordem de N. Senhor Jesu Christo, confirmada pelo Summo Pastor Joaõ 22. no anno de 1320. da qual foy o primeiro Mestre D. Gil Martins, e destinou para Cabeça da nova Milicia a Villa de Castro Marim no Reyno do Algarve como fronteira aos Mouros, contra os quaes por serem inimigos da Cruz foy a principal causa da sua instituiçãõ. Passados muitos annos se transferio o seu domicilio para o Real Convento da Villa de Thomar, onde até o tempo presente existe. Naõ foy menos benefico para a Ordem Militar de São-Tiago eximindo-a da sogeição do Convento de Vcles por facultade de Nicoláo IV. no anno de 1290. da qual foy seu primeiro

Mestre independente de Castella D. Lourenço Annes, que tendo o seu assento na Villa de Alcacer do Sal, se passou para a Villa de Palmella, hoje Cabeça desta illustre Ordem. A piedade que he virtude natural dos Princeses Portuguezes, teve no seu peito o principado, de que saõ indeleveis argumentos as multiplicadas doaçoes que fez de Igrejas muyto rendosas assim às Ordens Militares de Christo, São-Tiago, e Aviz, como a todas as Cathedraes do Reyno. Foy o primeiro que ordenou se rezassem as Horas Canonicas na sua Real Capella dedicada ao Principe da Milicia Angelica, e se cantasse quotidianamente Missa Solemne ainda quando elle naõ estivesse presente. Para final da sua rendida obediencia aos Oraculos do Vaticano concluyo em o anno de 1289. e aceitou as Concordatas sobre a Jurisdicção Ecclesiastica, e Secular obstinadamente controvertida pelo animo mais politico que Catholico de seu Pay D. Affonso III. Entre tantas felicidades de que foy abundante o seu Reynado lhe quiz Deos provar a constancia nos ultimos annos com os desgostos de que era Author o inquieto animo do Infante D. Affonso seu filho, cuja ambiciosa temeridade reprimio como Rey, perdoou como Pay. Sabendo que era chegado o termo da sua vida ordenou o Testamento, em cujas clausulas respiráraõ igualmente a piedade como a magnificencia, deixando por legatarios a miseria dos pobres, a Orfandade das donzellas, e a educaçãõ dos meninos expostos. Recebidos com summa ternura os Sacramentos, e resignado em o divino beneplacito espirou placidamente em a Villa de Santarem a 7. de Janeiro de 1325. com 63. annos, tres mezes, menos dous dias de idade, e quarenta, e cinco annos dez mezes, e vinte, e dous dias de reynado. Teve estatura proporcionada, o cabello lizo, barba castanha, olhos negros, rosto corado mais cheyo da magestade, que gentileza. Jaz sepultado no magnifico Mosteiro de S. Diniz de Odivellas de Religiosas Cistercienses distante duas leguas de Lisboa, o qual fundara em obsequio do Santo, em cujo dia nacera, e sobre o Mausoleo digno de ser deposito de taõ augustas cinzas, tem por epitafio o seu vulto primorosamente figurado em pedra.

Teve de sua Real Conforte a Infanta D. Constança, que casou com Fernando IV. de Castella, e o Infante D. Affonso, que lhe succedeo na Coroa. Os filhos illigitimos, que teve de varias mulheres, foraõ D. Affonso Sanches Senhor da Villa do Conde, Campo mayor, Albuquerque Mordomo Mór delRey, que casou com D. Thereza Martins, de quem já fizemos larga memoria: D. Pedro Affonso Conde de Barcellos Alferes Mór do Reyno, e Author do *Nobiliario*, primeiro fundamento de todas as Historias Genealogicas de Hespanha do qual se fará distinta memoria em seu lugar. D. Joaõ Affonso Senhor da Louzaá, e Arouca, Mordomo Mór da Rainha Santa Izabel, o qual casou com D. Joanna Ponce filha de D. Pedro Ponce, Adiantado Mór de Andaluza. D. Urraca Affonso, que casou com D. Alvaro Perez de Gusmaõ Senhor de Olvera, Arizucla, Mançanedo &c. D. Urraca Leonor casada com Gonçalo Martins Portocarreiro. Fernaõ Sanches, que se desposou com D. Froilhe Annes de Briteiros. D. Maria Affonso Fundadora da Igreja de Santa Marinha de Lisboa, que casou com D. Joaõ de Lacerda Senhor de Gibraleon, e D. Maria Affonso, que morreo no Convento de Odivellas, com opiniaõ de Santa. Cultivou desde os primeiros annos com tanta affluencia a Poesia vulgar, que nelle foy natureza, e naõ a arte os versos que compoz, sendo o primeiro que em Hespanha à imitação dos Poetas Provençaes metrificou em rimas deixando para immortal documento do familiar commercio, que sempre conservava com as Musas assim Sagradas como profanas.

Cancioneiro de Nossa Senhora. De cuja obra fazem memoria Duarte Nun. de Leaõ *Chron. deste Principe* pag. mihi 134. col. 1. e *Brandaõ Mon. Lusit.* Part. 5. Liv. 16. cap. 3.

Cancioneiro de varias Obras, o qual appareceu em Roma quando reynava em Portugal D. Joaõ o III. como affirmaõ os dous referidos Autores nos lugares allegados.

Dos Officios principaes da milicia, e de outras cousas pertencentes a ella. Conserva-se no Archivo Real, como escreve o Doutor Pedro Barbosa Homem *Disc. dela jurid. y verdad. raxon. de Estad.* Disc. 7. fol. 106.

Como fautor que foy das Artes, e sciencias, naõ sómente as praticou com profundidade, mas as promoveo com disvelo mandando traduzir alguns Livros na Lingua materna para que a sua liçaõ fosse universalmente proveitosa, como foraõ a Historia do Mouro Rasis Chronista delRey Almançor de Cordova, e outro, *De concordantia Sybillinorum carminum cum Prophetarum Oraculis*, escrito em lingua Arabica, como o precedente composto pelo nosso Portuguez Gastaõ de Fox, cuja traducçaõ feita à instancia deste Principe vio Flavio Jacobo Eborense como affirma in *Explicat. Epigram. VIII. suor. Carmin.* lib. 2. pag. 126. em Roma na Bibliotheca do Cardial D. Miguel Da Sylva.

Exaltaõ ao seu grande nome com mercedos encomios os mais celebres Escriitores, como saõ Fr. Bernard. de Brito *Elogios dos Reys de Portug.* pag. mihi 49. *Teve muyto conhecimento das linguas; e lia com muyta consideraçãõ os Poetas Latinos como aquelle que tinha grande inclinaçaõ à Poesia, em que fez grandes obras.* Vasconc. *Anacephal. Reg. Lusit.* pag. 79. *Latinæ Poeseos adeo studiosus, ut propensionem a natura ipsa congenitam facile inspiceret, quàm cum mira arte, & industria excoluerit nihil ex iis quæ poetam omnibus numeris absolvunt in summo Rege desidera tum est. Lusitanas porro Musas illo temporis rudes, & incultas ab agresti inconcinnitate ad floridos, ac lepidos rythmos vindicare tentavit, neque captis ingenium absuit.* Antonio Ferreir. na *Carta 10. do Livr.* 2. fol. 193. escrita a D. Simaõ da Sylveira.

*Santo Diniz na Fé, na fama claro
Da Patria Pay, da sua lingua amigo
Daquellas Musas rusticas amparo.*

O mesmo lhe faz este epitafio nos seus *Poem. Lusit.* fol. 20. v.º.

*Quem he este de insignias diferentes
Cetro, e picaõ, e livro, e espada, e arado?
Este foy paz de Reys, e amor das Gentes
Grande Diniz Rey nunca affás louvado.
Outros foraõ nua só cousa excellentes
Este com todas nobreceo seu Estado.*

*Regeo, edificou, lauron, venceo
Honrou as Musas, poetou, e leo.*

E Duarte Nun. in *Ver. Reg. Portugal. Geneal.* pag. 14. *Fuit amantissimi in-*

genij, & à litterarum studiis non abhorrens eo rudi sæculo. Poeticæ autem studium maxime dilexit, & fere primus in Portugallia carmina lingua vulgari scripsit D. Miguel da Sylveira Macabeo liv. 15. Estanc. 20.

*Advierte la pro genie milagrosa
Que en el tronco de Jupiter se esmalta
Es el sexto milagro en quien gloriosa
Minerva el mundo su facundia exalta;
Si la Toga purpurea en el reposa
Con tunica de Marte el orbe assalta.*

Mariz Dial. de Var. Hist. Dial. 3. cap. 1. muito afeiçoado às letras, e sciencias, das quaes exercitando-se muito na Poesia foy havido naquelle tempo por excellente Poeta. Fonseca Evora Gloriosa pag. 54. A's Musas, e às letras que andavaõ como fugitivas, e desterradas da Lusitania levantou regio domicilio, e sumptuoso palacio nas frescas margens do Mondego fundando a Universidade de Coimbra, e foy o primeiro que com aquellas reaes mãos, com que empunhava o Cetro, tomou a penna para authorizar as Musas. Joan. Soar. de Brit. Theatr. Lusit. Litter. lit. D. n. 37. Scripsit aliquot Poemata, & in suo ævo venustissima, & elegantissima; queque è primis apud Hispanos editis enumerantur. D. Antonio Caetano de Sousa Hist. Geneal. da Cas. Real Portug. Tom. 1. Liv. 2. cap. 1. Foy dignissimo da Coroa, ditoso, valeroso, entendido, de animo grande, liberal, amigo da verdade, e da justiça, favorecedor das sciencias, e das boas letras, a que teve natural propensão, o que lhe facilitava o sublime do seu engenho especialmente na Poesia em que compoz com primor. Barbud. Empreza. Milit. de Lusit. fol. 16. v.º. Fuiſte juſto, verdadeiro, liberal, zelador della Religion Chriſtiana, y augmentador della, fuerte, e de grande coração en lo que emprendias, grande Legislador, famoso entre los eſtrangeros, y amado dellos.

DIOGO AFFONSO Secretario do Cardinal Infante D. Affonso filho do Serenissimo Rey D. Manoel, e muito versado na lição da Historia. Verteo de Castelhano em Portuguez.

Historia da vida, e Martyrio de Santo Thomaz Arcebispo de Cantuaria. Coimbra por Joaõ Alvares 1554. 4.

Vida, e milagres de Santa Izabel Rainha de Portugal à instancia da Abbadesa de Santa Clara de Coimbra D. Anna de Menezes, e outras Religioſas do dito Convento. Coimbra pelo dito Impreſſor. 1560. 4.

Vida de Santo Amaro dedicada à Comendadeira do Convento de Santos a qual obra affirma ser impressa Francisco Galvaõ Maldonado na sua Bib. Portug. M. S.

DIOGO AFFONSO Piloto da Carreira da India, e muito perito na sciencia Nautica. Para facilitar aos seus naturaes esta taõ dilatada como perigosa navegaçaõ, escreveu. Roteiro de Portugal para a India. M. S. fol.

DIOGO AFFONSO MANGA-ANCHA Mestre em Artes, e Doutor em ambos os Direitos, e Lente da faculdade de Leys em a Universidade de Lisboa. Foy hum dos celebres Letrados, e eloquentes Oradores do seu tempo. Havendo assistido a 12. de Outubro de 1451. em nome da Universidade à posse das Casas que lhe doara o Infante D. Henrique, filho do Serenissimo Rey D. Joaõ o I. partio por ordem del Rey D. Duarte em 21. de Janeiro de 1435. em companhia do Conde de Ourem Embaxador ao Concilio geral de Basilea, que depois se transferio para Ferrara, onde deixou das suas letras naõ vulgares aclamaçoens. Restituido ao Reyno recitou huma Oraçaõ funebre junto do Convento de S. Domingos na occasiaõ que foy transferido o Real Cadaver de D. Joaõ o I. da Cathedral de Lisboa ao Mosteiro da Batalha. Nas Cortes celebradas em Lisboa em o anno de 1439. em que foy jurado Governador do Reyno o Infante D. Pedro na menoridade de seu Sobrinho D. Affonso V. orou por tres vezes mostrando com rezoens concludentes ser prejudicial à conservação da Monarchia o governo da Rainha D. Leonor. Foy casado duas vezes, a primeira com Branca Annes, e a segunda com Maria Dias que lhe sobreviveo, e de nenhũa teve filhos. Mandou como tinha pactado com sua primeira mulher de quem ficou herdeira, que se fundasse hum Collegio em humas Casas situadas junto da Igreja de S. Jorge em Lisboa, para dez

Collegiaes já grammaticos, que fossem pobres, e excedessem a idade de defeseis annos, porém sendo Sacerdotes, ainda que não fossem Grammaticos, seriaõ admitidos por eleição da Universidade, declarando que esta disposição nunca poderia ser alterada pela authoridade delRey, nem do Arcebispo. Este Collegio posto que se fundou pelos annos de 1451. de que foy o primeiro Collegial Ruy Valdez filho natural do Instituidor, já em o anno de 1459. se achava extincto, cujas rendas se applicaraõ à Universidade. Morreo em o anno de 1448. e jaz sepultado na Capella de S. Joaõ da Sé de Lisboa. Compoz.

Oração funebre na tresladação do corpo delRey D. Joaõ o I. da Sé de Lisboa para o Mosteiro da Batalha. Tomando por thema. *Et nos moriamur cum eo; e nella* (como escreve Ruy de Pina *Chron. delRey D. Duart. M. S.* de que andaõ impressos dous Capitulos no fim da 3. Part. da *Chron. delRey D. Joaõ o I.* composta por Fernaõ Lopes pag. 290. col. 2.) *trouxe para o caso cousas muy notaveis, e affas benditas.* Desta obra, e do Author fazem memoria Duart. Nun. de Leaõ *Chron. delRey D. Duart.* cap. 2. pag. 5. col. 1. onde o intitula grande *Letrado, e eloquente,* e Jozé Soar. da *Sylv. Memor. delRey D. Joaõ o I.* Tom. 1. pag. 275. §. 345. chamandolhe o *mayor Theologo, e Orador daquelle Seculo,* supposto que a sua profissaõ era de Jurista.

Tres Oraçoens nas Cortes celebradas em Lisboa no anno de 1439. das quaes duas foraõ recitadas a 10. de Novembro, e a 30. de Dezembro do dito anno, fazendo dellas menção Duarte Nun. de Leaõ *Chron. delRey D. Affonso V.* cap. 6. pag. 19. col. 1. e cap. 7. pag. 25. col. 2. e pag. 26. col. 2. Lembraõ-se do Doutor Diogo Affonso Manga-ancha largamente o Beneficiado Francisco Leitaõ Ferreira *Not. Chronol. da Univerfid. de Coimb.* pag. 348. §. 764. e seg. Antonio Carvalho da Costa *Corog. Portug.* Tom. 2. Trat. 1. cap. 3. pag. 18. onde com erro manifesto se equivocou em o nome, e estado, que professou chamandolhe *Fernando, e devoto Sacerdote,* cuja allucinação seguiu inculpavelmente o P. D. Rafael Bluteau no *Vocab. Portug. e Latin.* Tom. 8. letr. V. ver. *Univerfid.* pag. 558.

Fr. DIOGO DE ALMEYDA natural da Cidade de Ceuta em a Regiaõ Africana celebre Praça dos Portuguezes. Recebeo o habito Monachal do Principe dos Patriarchas S. Bento no Mosteiro de S. Martinho de Compostella no Reyno de Galliza. Depois de estudar as sciencias Escolasticas, em que sahio muyto douto, se applicou ao exercicio do Pulpito, com o qual conciliou tanto applauso na Corte de Madrid que Filippe IV. o nomeou seu Prégador em o Reyno de Portugal. Morreo em Madrid deixando (como delle escreve Fr. Gregorio Argaiç *Perla de Catalun.* pag. 461. §. 144.) *llenos de esperanças alos que le conocian el ingenio, y facilidad en la Oratoria.* Publicou.

Epitome Sacro en estilo de Evangelico, y Panegyrico. Oracion hecha al Principe del Claustro Monachal Padre delos Padres, Doctor delos Doctores, unico Patriarcha delas Religiones todas S. Benito, y alos Santos de su Religion cuyas grandezas se celebran. Madrid por Vicente Alvares 1651. 4.

Dedicou esta obra ao Conde de Torres Vedras onde lhe diz. *Yo me ballé Señor en el Capitulo General de mi Religion en el qual la obediencia me mandó que predicasse de mi glorioso Patriarcha, y de todas las Religiones, S. Benito, y delos Santos innumerables, que dio al Cielo.*

Votum, seu Juramentum pro immaculata Virginis Conceptione. Ceptæ 1653. fol. Desta obra, e do Author falla Fr. Pedro de Alva, y Astorg. in *Milit. Immac. Concep.*

DIOGO ALVARES CORREA natural da Villa de Celleiro de Rosés na Provincia de entre Douro, e Minho. Militou pelo espaço de vinte, e tres annos nas Campanhas de Flandes, Italia, e Africa occupando os postos de Sargento, e Alferes em que deu de seu valor heroicos argumentos. Para mostrar o como era perito no exercicio de taõ nobre Arte, escreveo, e dedicou ao Infante D. Duarte Condestavel do Reyno.

Instrucção, e Ordenança da gente de Guerra. 4. M. S. Conserva-se na Bib. Real. Consta de tres Tratados 1. da Ordem que hade haver para caminhar huma Companhia

do apozeno donde houver de partir 2. de como se hade ordenar, e o que se hade fazer no esquadraõ. 3. da Conta, que se hade ter entre os piques, e arcabuzes, e na repartiçãõ dos bastimentos.

Fr. DIOGO DE S. ANNA natural da Villa nova de Lampazes distante quatro legoas da Cidade de Bragança em a Provincia Transmontana onde teve por pays a Manoel de Moraes, e a Izabel de Moraes. Depois de estudar na patria as sciencias amenas, e as severas em a Universidade de Salamanca professou o Instituto de Eremita Augustiniano no Convento da Graça de Lisboa a 21. de Outubro de 1594. e no anno seguinte partio para a India em companhia do Illustrissimo Arcebispo de Goa D. Fr. Aleixo de Menezes. O grande talento de que era ornado o fez digno de ser eleito Prior do Convento de Aspaõ na Persia, onde com a efficacia dos seus argumentos reduzio à obediencia da Igreja Romana a David Patriarcha da Armenia com cinco Bispos seus Suffraganeos, e cento, e tres Sacerdotes abjurando todos os erros scismaticos que professavaõ em 12. de Mayo de 1607. De tal modo conciliou o affecto do Emperador da Persia Xa-Abbas, que muitas vezes comeo com elle em o mesmo prato convencendo na sua prezença a muitos Cacizes, que não podião resistir à folida vehemencia das suas proposiçoens. Sendo chamado a Goa pelo Arcebispo D. Fr. Aleixo de Menezes o nomeou Confessor, e administrador do Convento das Religiosas de Santa Monica daquella Cidade, ao qual reedificou desde os fundamentos, depois de ser consumido pela voracidade de hum incendio a 24. de Dezembro de 1636. para cuja obra padeceo graves contradicçoens de que soube triumphar a sua prudente capacidade. Com igual zelo que madureza exercitou o lugar de Deputado da Inquisiçãõ de Goa de que tomou posse em 19. de Agosto de 1621. Foy trez vezes Mestre dos Noviços, Reytor do Collegio de Santo Agostinho, e ultimamente Provincial da Congregaçãõ da India, cujo lugar não quiz aceitar segunda vez, nem a Mitra de Meliapor. Morreo piissimamente em Goa a 6. de Outubro de 1646. e foy sepultado no Convento das

Religiosas, que fantamente administrou. Fazem delle illustre memoria Cardof. *Agiol. Lusit.* nas *Advert.* ao 1. Tom. do *Agiol.* §. 8. Faria *Asia Portug.* Tom. 3. Part. 4. cap. 1. n. 15. Joan. Soar. de Brit. *Theat. Lusit. Litter.* Litter. D. n. 6. Purif. de *Vir. Illustrib.* Ord. S. Aug. Lib. 2. cap. 2. & Lib. 3. cap. 4. Fr. Agost. de S. Mar. *Hist. do Conv. de S. Monic. de Goa* Liv. 1. cap. 12. 13. 14. 18. 19. e Liv. 2. cap. 2. 3. 11. Compoz.

Resposta por parte do insigne Mosteiro de Freiras de Santa Monica de Goa, e satisfacção com acordo, e queixa, e requerimento, que a Veriaçãõ da mesma Cidade de Goa Metropoli do Estado da India Oriental em 10. de Fevereiro de 1632. fez contra o proprio Religiosissimo Mosteiro, e por papel seu apresentou a D. Miguel de Noronha Conde de Linhares actual Visorey do mesmo Estado. M. S. 4. Consta de 90. folhas. Desta obra faz memoria Fr. Agostinho de Santa Mar. *Hist. do Conv. de S. Mon.* Liv. 2. cap. 2. §. 20.

Narraçãõ das novas perseguiçoens depois de outras que as Veriaçoens da Cidade de Goa do anno de 1634. e 1635. contra o Religiosissimo Mosteiro das Freiras de S. Monica de Goa fulminaraõ M. S. 4. Consta de 19. Capitulos e 151. folhas. M. S.

Verdadeira Relaçãõ do muito grande, e portentoso milagre que aconteceu em o Santo Crucifixo do Coro da Igreja das Freiras do Mosteiro de S. Monica de Goa em 8. de Fevereiro de 1636. M. S. 4. Sahio impressa esta relaçãõ Lisboa por Manoel da Sylva 1640. 4. a qual traduzio em Castelhano, e a publicou em o dito anno Fr. Fernando Camargo Eremita de S. Agostinho como escreve no *Epitom. Histor.* p. 338.

Estas tres obras estaõ encadernadas em hum Volume que se conserva na Livraria da Graça de Lisboa como as seguintes.

Sermoens Varios 2. Tom. M. S.

Vocabulario da Lingua Persiana. M. S. 4.

Instrucçãõ para a Oraçãõ. M. S. 4.

Sermaõ prégado na Dedicacção da Igreja das Religiosas de S. Monica de Goa a 15. de Dezembro de 1627. M. S. Está firmado com o final de D. Fr. Sebastiaõ de S. Pedro Arcebispo de Goa, e Eremita de Santo Agostinho, que nesse dia celebrou Pon-

tifical attestando que tudo que no Sermaõ se relata he verdade. Vinha para se imprimir, e se conserva M. S. na dita Livraria.

Satisfação a ordem que se lhe intimou da Parte do Provincial Fr. Gaspar de Amorim para se embarcar para o Reyno. Sahio impressa na *Hist. do Convento de S. Monic. de Goa* de Fr. Agost. de Santa Maria Liv. 2. cap. 11. pag. 293.

Resposta que deu ao Vice-Rey do Estado o Conde de Linhares mandando que se embarcasse para o Reyno. Impressa na *Hist.* affima allegada liv. 2. cap. 13. pag. 305.

DIOGO DE ANDRADE natural da Villa de Celorico distante tres legoas para o Poente da Cidade da Guarda na Provincia da Beyra muyto douto em o Direito Cesareo, e Pontificio, que estudou em a Universidade de Coimbra por cuja sciencia mereceo ser Vigario Geral do Illustrissimo Bispo da Guarda D. Joaõ de Portugal, e Prior da Igreja de Nossa Senhora de Affores do mesmo Bispado. Escreveo.

Commentarios á Ordenação do Reyno 2. Tom. grandes M. S. que ficaraõ a seu herdeiro o Licenciado Manoel da Costa.

DIOGO DE ANDRADE LEYTAM natural de Lisboa, e filho de Belchior de Andrade, que depois de servir com valor nas campanhas de Flandes foy Escrivaõ dos Filhamentos da Casa Real. Aprendeo as letras humanas, e Poesia em que sahio insigne na patria, donde passando a Universidade de Coimbra mostrou que não tinha menor engenho para as sciencias severas que amenas. Laureado com as insignias doutoraes na Faculdade de Direito Cesareo foy admitido ao Collegio de S. Pedro a 12. de Fevereiro de 1666. donde subio a regentar as Cadeiras como foraõ a da Instituta de que tomou posse a 23. de Junho de 1668. do Codigo a 13. de Janeiro de 1672. dos Tres livros a 30. de Outubro de 1676. de Vespera a 3. de Outubro de 1686. e de Prima a 16. de Novembro de 1690. em que jubiloa a 15. de Fevereiro de 1694. Foy Conego da Cathedral de Coimbra, Dezembargador dos Aggravos na Casa da Supplicação, de que tomou posse a 13. de Outubro de 1678. Concelheiro da Fazenda, Chancellor das

Ordens Militares. Em taõ diferentes, e gravissimos lugares sempre manifestou a rectidaõ do seu animo unido com a profundidade da sua Litteratura. Morreo em Lisboa a 23. de Julho de 1710. com 80. annos de idade. Jaz sepultado no Convento de S. Francisco. Como fosse insigne Poeta Latino publicou na idade juvenil a seguinte obra, cujo assumpto era a Resurreiçaõ de Christo Senhor nosso com este titulo.

Lucifer spoliatus. Carmen. Ulyssipone apud Antonium Alvares Typog. Regium. 1651. 4.

D. DIOGO DA ANNUNCIACAM JUSTINIANO. Nacco em Lisboa, e na Parochial Igreja de S. Lourenço, foy bautizado a 26. de Julho de 1654. sendo filho de Paschoal Alvares, e Izabel Rodriguez. Na idade florente de 16. annos recebeu o Canonico habito da Congregaçaõ do Evangelista amado, onde aprendeo para depois ensinar as sciencias escolasticas no Collegio de Coimbra, em cuja Universidade se laureou com as insignias doutoraes em a Faculdade de Theologia. Por causa de negocios graves em que era interessada a sua Congregaçaõ passou a Roma, e em taõ famoso theatro foy venerado o seu talento assim pela profundidade das suas letras, como pela elegancia com que na lingua Italiana, como se fora materna, prégou repetidas vezes a numerosos auditorios. Em premio da prudente actividade com que tratou diversas dependencias desta Coroa o nomeou ElRey D. Pedro Segundo Bispo da Serra, e Arcebispo de Cranganor, em cuja dignidade foy Sagrado na Curia pelo Eminentissimo Cardial Leandro Colloredo a 2. de Mayo de 1692. Restituído ao Reyno se lhe agravaraõ com tanto excessso os achaques que não podendo partir para o seu Arcebispado foy absoluto delle em o anno de 1695. Nas Cortes celebradas em o primeiro de Dezembro de 1697. em que foy jurado por Successor desta Monarchia o Serenissimo Principe D. Joaõ, hoje Reynante, orou em nome do Estado Ecclesiastico com taõ eloquentes expressoens que arrebatou a atençãõ de taõ Magestoso congresso. Attendendo o Arcebispo de Evora D. Si-

maõ da Gama às suas grandes letras, e talento, o nomeou seu Coadjutor, Provisor do Arcebisado, e Presidente da Relação Ecclesiastica cujos lugares administrou como se esperava da rectidão da sua inculpavel vida, a qual acabou com summa piedade na Cidade de Evora quando contava 59. annos de idade a 28. de Outubro de 1713. e naõ a 8. de Novembro como erradamente escreveo o P. Francisco da Fonsec. *Evora Glorios.* pag. 315. como tambem affirmando que elle em o anno de 1703. trouxera o pallio Archiepiscopal a D. Simaõ da Gama, quando havia mais de doze annos, que se tinha auzentado da Curia. Jaz sepultado no Atrio da Igreja de S. Joaõ Evangelista de Conegos Seculares da Cidade de Evora com este epitafio.

Aqui jaz por sua humildade D. Diogo da Annunciaçõ Justiniano Conego desta Congregaçõ, Bispo da Serra, Arcebispo de Cranganor, Provisor, e Bispo coadjutor deste Arcebisado. Falleceo aos 28. de Outubro de 1713.

Fazem delle memoria Franc. de Santa Mar. *Chron. dos Coneg. Secul.* Liv. 2. cap. 40. pag. 531. Fonsec. *Evora Glorios.* pag. 315. *Foy insigne no Pulpito owindo-o com admiraçõ a Cabeça da Lusitania Lisboa, e a do mundo Roma.* D. Emman. Caiet. de Souf. *in Exped. Hispan. S. Jacob.* Tom. 2. pag. 1311. §. 330. *Magna Biblioth. Eccles.* Tom. 1. pag. 476. col. 2. *Jozeph. Catal. Vit. Ven. P. Barthol. do Quental* pag. 148. n. 73. *Vir egregia virtute Præsul religiosissimus.*

Compoz.

Trofeo Evangelico exposto em quinze Sermoens historicos, moraes, e Panegyricos. Primeira Parte. Lisboa por Miguel Deslandes 1685. 4.

Trofeo Evangelico &c. 2. Part. ibi pelo dito Impressor 1699. 4.

Trofeo Evangelico &c. 3. Part. ibi pelo dito Impressor 1699. 4.

Trofeo Evangelico 4. Part. ibi. Na Officina Deslandefiana 1713. 4.

Sermaõ das Chagas de S. Francisco prégado de tarde no Real Convento da Madre de Deos em a Cidade de Lisboa. Lisboa por Domingos Carneiro. 1680. 4.

Sermaõ da Trefladaçõ gloriosa de S. Vicente

prégado na Sé. Lisboa por Joaõ Galraõ 1682. 4.

Sermaõ da Conversaõ do Bom Ladrão prégado em Santa Clara de Coimbra. Lisboa por Miguel Deslandes. 1683. 4.

L'Oriente, giro, & agonia del Sole. Discorso Panegirico dela Santissima Nascitá di Christo detto in Roma nella Chiesa di S. Girolamo dell' Illirici detti Schiavoni. Roma nella Officina dela Reverenda Camera Apostolica. 1689. 4.

Oraçõ funebre nas Exequias Reaes da Serenissima Rainha de Portugal D. Maria Sofia Izabel N. Senhora celebradas na Real Casa da Misericordia de Lisboa aos 11. de Setembro de 1696. Lisboa por Miguel Deslandes Impressor de Sua Magestade 1699. 4.

Sermaõ do Auto da Fé, que se celebrou na Praça do Rocio desta Cidade de Lisboa junto dos Paços da Inquisiçõ em 6. de Setembro de 1705. Lisboa por Antonio Pedrozo Galraõ 1705. 4.

Sermaõ do Auto da Fé que se celebrou no Taboleiro da Parochial Igreja de Santo Antaõ de Evora em Domingo 20. de Julho de 1710. Lisboa pelo dito Impressor 1710. 4.

Praticas, que nos dous Años de Cortes que ElRey N. Senhor mandou convocar, e se celebraraõ na Cidade de Lisboa em o primeiro, e a 4. de Dezembro de 1697. Lisboa por Miguel Manescal Impressor de Sua Magestade 1697. 4.

Turris Davidica, contra Judeos. M. S. fol. 3. Tom. Nesta obra, que era demonstrativa da vinda do Messias, consumio grande parte do seu estudo onde se via quanto era versado na intelligencia da Escriitura, e na liçaõ dos Rabinos, e Sagrados Interpretes.

Volatus Aquilæ, sive expositio litteralis, moralis, & allegorica in Epistolas S. Joannis Apostoli. M. S. fol. da qual obra me leo a exposiçõ do primeiro capitulo seu illustrissimo Author, e era ornado de todo o genero de erudiçõ.

P. DIOGO ANTVNES natural da Villa do Crato em a Provincia do Alentejo. Na idade de 18. annos recebeu a Roupeta da Companhia de JESUS no Collegio de Evora a 4. de Março de 1570.

Ainda não sendo Sacerdote navegou para a India em o anno de 1579. com animo de lucrar almas para Christo onde foy coadjutor espiritual. Affistio muytos annos na Cidade de Macáo da qual como affirmaõ a *Bib. Societ.* pag. 167. Joan. Soar. de Brit. *Theatr. Lusit. Litter.* lit. D. n. 7. o P. Franc. da Fonseca. *Evor. Glorios.* pag. 428. Franco *Imag. da Virtud. em o Novic. de Evor.* pag. 858. e o moderno adicionador da *Bib. Orient.* de Ant. de Leaõ Tom. 1. Tit. 7. col. 148. escreveu.

Cartas Annuas da China do anno de 1603.

Fr. DIOGO ARANHA DA PAYXAM natural da Cidade de Braga, filho de Thomaz Gibneos, e Helena Calè de nação Hybernios, e Religioso professo da Ordem Serafica da Provincia de Portugal. Foy Prêgador da Serenissima Rainha de França Maria de Medices, da qual recebeo grandes estimaçoens assim pelo seu talento, como pela profundidade da sua sciencia. Augmentou, e dispoz em melhor forma a obra seguinte que compuzera Francisco Gemma Presbytero Theologo natural de Capua, e a dedicou à mesma Rainha de França com este titulo.

Cantica centum quinquaginta cum hymnis triginta, totidemque Orationibus in D. Joseph Deiparæ semper Virginis Mariæ Sponsum ad instar Psalmorum Davidicorum. Parisiis apud Viduam Dalling in monte S. Hilarii. 1624. 32. cum fig.

Lembraõ-se do Author Nicol. Ant. *Bib. Hisp.* pag. 205. col. 2. Fr. Joan. à D. Ant. *Bib. Francisc.* Tom. 1. pag. 293. col. 2.

P. DIOGO DE AREDA natural da Villa de Arrayolos em a Provincia do Alentejo. Na idade de 16. annos abraçou o Instituto de Jesuita em o Collegio de Evora a 25. de Mayo de 1584. e logo descubrio em annos taõ tenros a viveza do engenho de que o dotara a natureza. Inftruido nas Humanidades, e sciencias severas ensinou com applauso Filosofia no Collegio de Lisboa, e Theologia em o de Coimbra. O seu mayor difvelo empregou em penetrar os mysterios da Sagrada Escriitura fervindo-lhe de directores os Santos Padres em cuja lição era continuo, de que naceo

fahir hum dos mais famosos Oradores Evangelicos do seu tempo. A profunda noticia que tinha de ambos os Direitos, o faziaõ ser consultado nas materias mais graves pertencentes a hum, e outro Foro, seguindo-se sempre a sua resolução como mais solida, e segura. Deixou huma copiosa livraria à Casa professa de S. Roque onde acabou a carreira da vida mortal a 12. de Dezembro de 1641. com 73. annos de idade e 57. de Religiaõ. A *Biblioth. Societ.* pag. 167. col. 1. entre muitos louvores que delle forma diz *ob frequentes conciones, & sana in rebus arduis consilia sapientissimus est habitus, & fuit eo tempore consultissimus.* D. Fr. Thom. de Faria Decad. 1. lib. 9. cap. 9. *Nec supersebo laudibus P. Jacobi de Areda qui tanto pollet ingenio, ut in consiciendis concionibus primus sit.* Franc. *Imag. da Virt. em o Novic. de Evora* pag. 858. O seu estudo em todo o genero de erudição assim nos livros Theologicos, Casuistas, Canonicos, e Legistas, como nos Escurituarios, Santos Padres, e Historicos foy taõ continuo, que se pode dizer delle que viveo estudando, e no *Ann. Glorios. S. J. in Lusit.* pag. 755. *Docuit scientias præclari Magistri nomine & in Annal. S. J. in Lusit.* pag. 281. n. 14. *Vir præditus insigni sapientia.* Fonseca. *Evor. Glorios.* pag. 428. *insigne Letrado, e Oraculo de todos os Tribunaes da Lusitania.*

Das suas obras sómente se fizeraõ publicas.

Sermaõ nas Exequias, que o Santo Officio mandou fazer na Igreja de S. Roque de Lisboa da Companhia de JESUS ao Illustrissimo Senhor D. Fernaõ Martins Mascarenhas Inquisidor Geral nestes Reynos, e Senhorios de Portugal. Lisboa por Pedro Crasbeeck Impressor de Sua Magestade 1628. 4.

Sermaõ em Santa Engracia no Outavario do Defacato. Lisboa por Antonio Alvares 1630. 4.

Sermaõ na Igreja de Santa Engracia estando o Santissimo Sacramento em publico pelo caso que succedeo na mesma Igreja. Lisboa por Pedro Crasbeeck Impressor delRey 1630. 4.

Manifesto na Acclamação delRey D. Joaõ o IV. Começa *A nobreza, e Reyno de Portugal.* &c. Acaba *Nunca o Jura-*

mento que encontrava este direito podia ser subsistente. M. S.

Conferva-se na Biblioth. do Cardial de Soufa.

Parecer acerca dos varios meyoys que se offereceraõ a Philippe III. para permitir que os Christaõs novos assistissem neste Reyno. Contava de 19. paginas de folha, e o tinha em feu poder o P. Sebastiaõ de Magalhaens Confessor delRey. D. Pedro II. como affirma o P. Francisco da Cruz nas Memorias M. S. para a Bib. Portug.

Parecer sobre o morgado da Casa de Aveiro. Sahio na Allegaçã de Direito que fez nesta materia o Doutor Francisco Valasco de Gouvea.

D. DIOGO DE AREDA Sobrinho do precedente natural da mesma Patria de feu Tio, e tambem Religioso da Companhia de JESUS cuja Roupeta vestio em o Collegio de Evora a 27. de Mayo de 1615. Acabados os estudos assim amenos, como severos passou com faculdade dos Superiores à India com o dezejo de prégar o Evangelho àquellas barbaras naçoens, porém foy obrigado a ler Theologia em Goa por alguns annos. Sendo Confessor do Vice-Rey de Estado o mandou a Portugal com negocios de grande importancia confiando da sua capacidade o feliz successo delles, os quaes concluidos voltou para a India, onde foy Reytor do Collegio de Chaul, e Companheiro do Provincial. Segunda vez navegou para Portugal, e intentando terceira jornada para a India lhe impediraõ a determinaçã os achaques, e annos. Foy o primeiro Reytor do Collegio de Setubal, e hum dos insignes Prégadores que teve o seu tempo. Exercitou por muitos annos o ministerio de Doutrineiro em a Casa professa de S. Roque onde passou a melhor vida em 18. de Dezembro de 1671. com 72. annos de idade, e 56. de Religiaõ. Lembraõ-se delle a *Bib. Societ.* pag. 167. col. 2. *Franc. Imag. da Virtud. do Nov. de Evor.* pag. 859. e no *Ann. Glorios. S. J. in Lusit.* pag. 743. & in *Annal. S. J. in Lusit.* pag. 351. n. 3. *Fonsec. Evora Glorios.* pag. 428. *Joan. Soar. de Brito Theat. Lusit. Litter.* lit. D. n. 8. *Magn. Biblioth. Eccles.* pag. 540. col. 2. Imprimio.

Sermaõ do Auto da Fè prégado em Goa anno 1644. Goa 1644. 4. Desta Obra faz mençaõ Carlos Jozé Imbonati *Bib. Lat. Heb.* pag. 34. n. 117.

Sermaõ do Apostolo Saõ Thomé prégado na Capella Real de Sua Magestade a 21. de Dezembro de 1645. Lisboa por Domingos Lopes Roza 1646. 4. A este Sermaõ chama *Vida* com erro manifesto o novo addicionador da *Bib. Orient.* de Antonio de Leaõ Tom. 1. Tit. 14. col. 446.

Sermaõ Funebre na Santa Sé de Evora nas Honras, que o Cabido della celebrou à piedosa memoria do Serenissimo Infante D. Duarte. Lisboa na Officina Crasbekiana 1650. 4.

Exame de Conciencia, e modo facil para se fazer Confissã Geral. Lisboa por Domingos Carneiro 1670. 24. Sahio 2. vez inserto nas *Horas Portuguezas, e Ramilbete manual de diversas Oraçoens.* Lisboa pelo dito Impressor. 1673. 12.

DIOGO DE AZAMBUJA natural da Villa do seu appellido, a qual he do Arcebispado de Lisboa, donde passando ao Oriente escreveu com observaçaõ curiosa.

Memorias do que vio pela India pertencentes especialmente a cousas naturaes. M. S. Confervaõ-se na Livraria do Excellentissimo Marquez de Abrantes.

DIOGO BARBOSA MACHADO filho do Capitaõ Joaõ Barbosa Machado, e D. Catharina Barbosa naceo em Lisboa a 31. de Março de 1682. e a 12. de Abril foy bautizado na Real Igreja de N. Senhora da Conceiçaõ dos Freyres da Ordem de Christo. Aprendeo os primeiros rudimentos com o P. Ignacio Prestes Freyre da Ordem de Christo, e Beneficiado da dita Igreja, e a lingua Latina com o P. Manoel Soares Presbytero de inculpavel vida de quem se fará mençaõ mais larga em seu lugar. Ouvio pela espaço de tres annos Filosofia do P. Sebastiaõ Ribeiro da Congregaçaõ do Oratorio, e por dous Theologia especulativa, e Moral dos Meftres Diogo Curado, e Antonio de Faria da mesma Congregaçaõ. Passou a Coimbra em o anno de 1708. onde se matriculou na Faculdade do Direito Canonico, que naõ profeguiu por cauza de algumas molestias.

Depois de obter hum Beneficio simples na Igreja de Santa Cruz de Alvarenga em o Bispado de Lamego em que o collara o Illustrissimo Bispo desta Diocese D. Nuno Alvares Pereira de Mello, recebeu Ordens de Presbytero, que lhe conferio a 2. de Julho de 1724. o Illustrissimo Bispo de Tagaste D. Manoel da Sylva Francez Provifor, e Vigario Geral do Arcebispado de Lisboa. Por nomeação do Excellentissimo Marquez de Abrantes D. Rodrigo Annes de Sá, e Almeyda Cavalleiro da Ordem do Tufaõ, Gentil homem da Camara de Sua Magestade, e Embaxador extraordinario a Roma, e Madrid foy collado em 4. de Novembro de 1728. Abbade da Parochial Igreja de Santo Adriaõ de Sever no Conselho de Penaguiaõ Comarca de Sobre Tamaga do Bispado do Porto. Foy eleito Academico da Academia Real da Historia Portugueza, sendo dos cincoenta primeiros Academicos de que se formou esta eruditissima Sociedade para escrever as Memorias Historicas dos Reynados dos Princepes D. Sebastiaõ, D. Henrique, Philippe I. II. e III. de cuja applicação tem publicado o seguinte.

Conta dos seus estudos Academicos recitada no Paço a 7. de Setembro de 1722. Sahio no Tom. 2. da *Collecção dos Docum. da Acad. Real.* Lisboa por Paschoal da Sylva Impressor de Sua Magestade, e da Acad. Real 1722. fol.

Conta dos seus estudos Academicos no Paço a 22. de Outubro de 1724. Sahio no 4. Tom. da *Collecção dos Documentos &c.* Lisboa pelo dito Impressor 1724. fol.

Conta dos seus estudos Academicos no Paço a 22. de Outubro de 1726. Sahio no Tom. 6. da *Collecção dos Documentos &c.* Lisboa por Jozé Antonio da Sylva 1726. fol.

Conta dos seus Estudos Academicos no Paço a 7. de Setembro de 1727. Sahio no 7. Tom. da *Collecção dos Documentos &c.* Lisboa pelo dito Impressor 1727. fol.

Conta dos seus Estudos Academicos no Paço a 7. de Setembro de 1731. Sahio no Tom. 11. da *Collecção dos Documentos &c.* Lisboa pelo dito Impressor 1731. fol.

Elogio Funebre do Beneficiado Francisco Leytaõ Ferreira Academico da Academia Real da Historia Portugueza recitado no Paço a 31. de Março de 1735. Lisboa pelo dito Impressor 1735. 4. grande.

Memorias para a Historia de Portugal que comprehendem o governo delRey D. Sebastiaõ unico em o nome, e decimo sexto entre os Monarchas Portuguezes do anno de 1554. até o anno de 1561. Tom. 1. Lisboa por Jozé Antonio da Sylva Impressor da Academia Real 1736. 4. Grande

Memorias para a Historia de Portugal &c. desde o anno de 1561. até o anno de 1567. Tom. 2. Lisboa pelo dito Impressor 1737. 4. grande.

Memorias para a Historia de Portugal &c. desde o anno de 1567. até o anno de 1574. Tom. 3. M. S.

Memorias para a Historia de Portugal &c. desde o anno de 1574. até 1579. Tom. 4. M. S.

Traduzio da lingua Italiana de Monseñhor Mucio Dandini Bispo de Sinigaglia em a Portugueza, sem o seu nome.

As verdades principaes, e mais importantes da Fè, e da Justiça Christã explicadas clara, e methodicamente segundo a doutrina da Escritura, dos Concilios, e dos Padres, e Doutores da Igreja com muitos exemplos tirados da Historia Ecclesiastica, e distribuidas em cincoenta, e duas instrucçoens pelas cincoenta, e duas Domingas do Anno. Lisboa por Antonio Pedrozo Galraõ. 1729. 4.

Bibliotheca Lusitana Historica, Critica, e Chronologica, na qual se comprehende a noticia dos Authores Portuguezes, e das Obras que compuzeraõ desde o tempo da Promulgação da Ley da Graça até o tempo presente. fol. 3. Tom.

DIOGO BARRASSA famoso Medico, insigne Astrologo, e perito Herbolario. Assistio muitos annos em Castella, donde passou a Amsterdaõ, em cuja Cidade era Regente da Academia do Talmud, e como a tal lhe dedicou Menassa Ben Israel a segunda Parte do Livro intitulado *De fragilitate humana.* Foy muyto douto nas linguas Arabica, e Syriaca. Compoz diversos Lunarios sendo o principal.

Prognostico, e Lsmario do anno de 1635. conforme as Noticias, que ficaraõ do tempo de Noe regulado aos Meridianos de Evora de 38. grãos, e outras partes da Lusitania antiga com as influencias naturaes, dez dias da Lua, e qual dos Planetas reyna, e tem dominio sobre cada signo com outras

curiosidades tirado do Arabigo que traduzio do Syriaco de Jonathas Abenixel Rabbi Israei de Ulmasia. Sevilha por Simão Fajardo. 1630. 4. No prologo promete

Tractatus in loca difficilia S. Scripturæ a D. Hieronymo traducta.

Tractatus de virtute herbarum, & secretis aquarum ab ipso expressarum, & distillatarum.

Fr. DIOGO DE BARROS Religioso Menor Observante da Provincia de Portugal escreveu conforme affirma Jorge Cardoso *Agiol. Lusit.* Tom. 3. p. 519. letr. D.

Relação breve das Religiosas que floreceraõ em virtude no Convento de Santa Iria de Thomar. M. S.

Fr. DIOGO BAUTISTA. Naceo no Lugar de Alamede junto à Cidade de Coimbra, e professou o Instituto Serafico na Provincia de Portugal. Ouvio Filosofia do R. Fr. Bernardino de Senna, que de Ministro Geral da Ordem Serafica subio à Cadeira Episcopal de Viseu, em o Convento de Santa Christina, cuja faculdade ensinou depois no Convento de Leyria em o anno de 1606. com tanta gloria do seu magisterio, que teve por discipulos a Fr. Lucas Wadingo, celebre Annalista da Religião Franciscana, e Fr. Diogo do Salvador, Lente Jubilado, e Provincial da Provincia, e Fr. Antonio de JESUS, igualmente claro nas sciencias, que nas virtudes. Na Congregação Geral celebrada na Cidade de Segovia, em o anno de 1621. votou como Custodio desta Provincia, e voltando ao Reyno foy Visitador da Provincia da Ordem Terceira da Penitencia, em o anno de 1623. Sendo Lente Jubilado, e Qualificador do Santo Officio, foy eleito na Congregação celebrada em Lisboa a 19. de Mayo de 1623. Guardiaõ do Convento de S. Francisco de Santarem onde falleceo a 28. de Setembro de 1624. Sobre a sua sepultura, que está no Claustro da parte do Norte, mandou gravar o M. Fr. Antonio das Chagas chamado o *Escoto*, sendo Ministro Provincial o seguinte Epitafio:

Sacræ Theologiæ Magister insignis, Sanctæ Inquisitionis Consultor R. P. Fr. Didas Baptista Limesensis ante hunc iacet lapi-

dem. Obiit die 28. Septembris anno Domini 1624. postquam Segobienfibus Ordinis Comitii interfuerat Custos. R. P. Fr. Antonius à Plagis Minister Provincialis hoc Monumentum eidem exaravit. Anno Domini 1624. Dos seus escritos sómente existe:

Commentaria in Dialecticam Aristotelis. Principia: *Cum nihil adeo.* M. S. 4. Conserva-se no Collegio novo de S. Boaventura de Coimbra. Fazem delle memoria Haroldo *Vit. P. Luc. Wadingi* cap. 5. e Fr. João de Deos nas *Memor. M. S. da Prov. de Portug.* fol. 91.

DIOGO BERNARDES natural da Villa de Ponte da Barca situada em a Provincia de Entre Douro, e Minho, filho de Diogo Bernardes Pimenta, neto de Antonio Bernardes, e Anna Dias Pimenta, e irmão de Fr. Agostinho da Cruz Religioso Arrabido, de quem se fez larga memoria em seu lugar. Na primeira idade deu manifestos argumentos do sublime engenho de que o dotara a natureza, porém debaixo do fatal horoscopo com que por disposição da forte infausta costumaõ nacer os Sabios, como elle de si mesmo lastimosamente affirmou na *Carta 2.* do seu *Lima* fol. 125. v.º escrita a Jorge Bacarrao Alferez em Ponte de Lima.

Alpunto que naci luego fortuna

Estendiõ sobre mi su mano fiera

Diome amarga leche, dura cuna

La tristeza por ama, y compañera.

Entre as Artes, e sciencias em que foy versado, mereceo o Principado da Poesia Pastoril expressando com affectos taõ proprios a natural sinceridade dos rusticos que depois do Theocrito insigne neste genero de metro entre os Poetas Gregos ninguem lhe disputou a primazia. Depois de contrahir matrimonio com esposa digna do seu nascimento, lhe sobrevieraõ taes cuidados, que lhe impediraõ o continuo comercio das Mufas, sempre amantes do ocio, como elle escreve a D. Manoel Coutinho na *Cart. 24.* do seu *Lima.*

Passou aquelle tempo em que sobia

Cantar versos alegres, e suaves

Junto do patrio Lima à sombra fria:

Carregaraõ em mim cuidados graves

Depois que me entreguey ao Hymineo

*Que fecha a liberdade com mil chaves.
Ando das brandas Musas tão albeio
Tão longe d'Hypocrene, e do Parnaso,
Tão sumido nas aguas do Letheyo,*

*Que tenho pouco gofso, e menos afo
Para poder formar hum culto verso
Senão sabe da penna algum acafo.*

A grande esfera do seu engenho não sómente voava ao cume do Parnasso, mas vagava pelos campos da Historia de tal modo, que emprendeo escrever as acçoens dos Monarchas Portuguezes, de cujo heroico intento o suspendeo a falta de Mecenas, que remunerasse tão illustre empreza. Assim o canta ao mesmo tempo que se lastima na *Carta 14.* escrita a Antonio de Castilho.

*Pexame não poder em nova Historia
Dos Lusitanos Reys a origem clara
Levar ao Templo da immortal memoria
Não por falta de engenho, e invenção rara
Estillo, e arte, que Febo em tal foyeito
Desuzados conceitos me inspirara.*

*Mas sabes de que nasce este defeito
De não ver neste tempo hum novo Augusto
A quem tão bom trabalho seja aceito.*

Quando assistio na Corte, foy muito aceito ao Infante D. Duarte filho do Serenissimo Rey D. João o III. e recebeu alguns favores do Secretario de Estado Pedro de Alcaçova Carneiro, a quem acompanhou a Castella, quando foy por Embaxador del Rey D. Sebastião a Filippe II. Achou-se na infaulta batalha de Alcacer Seguer, onde depois de obrar acçoens muito valerosas, ficou cativo, cuja horrorosa tragedia expoem nestas sentidas expressoens a Jorge Bacarrao na *Carta 18. do Lima.*

*Despues de aquel horrible, y fiero dia
Que con mis ojos vi de sangre humana
Hartarse la sedienta Berberia;*

*Siempre me pareció la gloria vana
Que di al patrio Lima con mi canto
Entre gente plebea, y cortezana.*

E na *Elegia 1. das Rim. Var. fol. 67.*

*Eu que livre cantey ao som das aguas
Do sandoso, brando, e claro Lima
Hora gofso de amor, outr' hora magoas
Agora ao som do ferro, que lastima
O descuberto pée choro cativo
Onde choro não val, nem amor se estima.
E na *Eleg. 2. fol. 70.**

*Sobre hum alto rochedo em Berberia
O sem ventura Alcido se sentava
Quando o cruel Senhor lho concedia, &c.
A'vista dos frutiferos outeiros*

*Dos chistallinos lagos, e das fontes
Fazia de seus olhos dous ribeiros
Lembravaõ-lhe outros valles, outros montes
Outras aguas mais claras, outros rios
Outros mais afastados Orifontes.*

Restituído à Patria, e a liberdade foy provido em o Officio de Moço da toalha, que exercitou em tempo que o Cardial Alberto de Austria governava este Reyno até que falleceo em Lisboa em o anno de 1596. Jaz sepultado no Serafico Convento das Religiosas de Santa Anna, onde descansão as cinzas do seu grande amigo, o insigne Luiz de Camoens Principe da Poesia Epica. A' sua morte dedicou huma *Elegia Fr. Agostinho da Cruz* seu irmão, que começa:

*Claras aguas do nosso doce Lima
Secou no Tejo já vossa corrente
Onde não seca a dor, que me lastima, &c.*

Antonio de Soufa de Maced. *Flor. de Esp. cap. 8. Excel. 9. lhe chama Suave Poeta, e na Eva, e Ave Part. 1. cap. 26. Foraõ exaltando a Poesia Antonio Ferreira, Diogo Bernardes. Nicol. Ant. Bib. Hisp. Tom. 1. pag. 208. col. 1. post Camoesium, & Saam vulgares pangendi versus laudem concedit nemini. Severim Discurs. var. pag. 131. v.º Celebre Poeta, que no estilo Pastoral não reconbece superior, e pag. 82. v.º o insigne Poeta Lope de Vega confessa, que os escritos de Diogo Bernardes o ensinaraõ a fazer versos pastoris. Joan. Soar. de Brit. Theatr. Lusit. Litter. lit. D. num. 9. Ob lenitatem, suavitatemque suorum carminum celebratissimus: in Bucolicis praesertim excelluit ita ut in hoc poematis genere facile Princeps existimatur. Lope da Vega Laurei de Apol. Sylv. 3. pag. 26.*

A Bernardes ofrece

Y dize, que ser Principe merece.

Manoel de Faria, e Soufa, *Fuent. de Aganip. Part. 2. Poem. 3. Estanc. 3. Entre rebaños de torcidos cuernos Las humildes, y rusticas camenas Suenan con propriedad que el Pindo estima Lobo en el Liz, Bernardes en el Lima.*

Ant. Ferreir. Liv. 71. *das Cart. Cart.*
12. escrita a Diogo Bernardes.

Fez força ao meu intento a doce, e branda
Musa tua Bernardes, que a meu peito
Dá novo espirito, novo fogo manda.

E no Liv. 2. dos Sonet. Sonet. 26. pag. 22.
Limiano tu ao som do claro Lima

Inda por ti mais claro à sombra fria
A branca Ninfa, que te deo por guia
Amor fazes soar na doce rima.

E em quanto cantas, flores mil decima
Derrama Cytherea, e hum louro cria
Para as tuas frentes Phebo, e em companhia
D'outros teu nome leva já a outro clima.

Jorge Bacarrao em huma Carta, que
he a 19. impressa no Lima pag. 125.

Que quando Lusitania nõ tuwiera

Mas prendas de valor, que ferte Madre
Por esta sola el Lauro mereciera

Del roxo Apolo, y de su hermana, y padre.

P. Ant. dos Reys *Entbusiasm.* Poet. num. 2.

Proximus adfissit Didacus Bernardius ille
Cujus frenarunt dulcissima carmina Limæ
Præcipites quondam, placidas nunc, fluminis
undas;

Cujus ut audiret queruli modulamina plestri
Sæpe caput medio traxit de gurgite piscis,
Sæpeque detinuit volucris modulamen in ulmo.

Compoz:

O Lima, em o qual se contém Eglogas,
e Cartas. Dirigido ao Excellentissimo Sen-
hor D. Alvaro D'Alancastro Duque D'a-
veiro. Lisboa por Simão Lopes. 1596. 4.

Rimas Varias, Flores do Lima. Lis-
boa por Manoel de Lyra. 1597. 8. & ibi
por Lourenço Craesb. 1633. 32.

Varias Rimas ao Bom JESUS, e à
Virgem gloriosa sua Mãe, e a Santos par-
ticulares, com outras mais de honesta, e pro-
veitosa lição. Lisboa por Pedro Cra-
beeck. 1616. 8. E por Antonio Alvares.
1622. 8.

Elegia à morte do Doutor Antonio Ferreira
escrita a Pedro de Andrade Caminha. Começa:

Com quem posso chorar, senão contigo. &c.
Sahio impressa no fim dos *Poemas Lusita-*
nos de Antonio Ferreira. Lisboa por Pe-
dro Crasbeeck. 1698. 4. a fol. 137. v.º a
qual tinha sido impressa no Lima Cart. 21.
a fol. 128.

Quatro Sonetos hum em Castelhana, outro
em Italiano, e dous em Portuguez, a fol.
96. 118. 123. e 188. do Livro intitulado:
Relaçõ do solemne recebimento, que se fez em
Lisboa às Santas Reliquias que se levarão à Igreja
de S. Roque, composto pelo Licenciado Ma-
noel de Campos. Lisboa por Antonio Ri-
beiro. 1588. 8.

Sonetos 116. Eglogas 26. Cinco Cartas, 4.
Cançoens, e huma Ode de Diogo Bernar-
des, estaõ em o *Cancioneiro,* que no anno de
1577. juntou o Padre Pedro Ribeiro, e se
conferva M. S. na Livraria que foy do Car-
dial de Soufa.

Intentava publicar as Obras Poeticas de
alguns Portuguezes como se infere da Carta
30. escrita a Gaspar de Soufa sobrinho de
D. Christovão de Soufa, impressa no Lima
a fol 155. onde lhe diz:

Se vejo, como espero responderme
De maneira que possa a mais quieto
Co as Musas em ocio recolberme
De juntar os bons versos vos prometo
Dos Poetas insignes Lusitanos
Aprovados por Febo em seu decreto.

DIOGO BORGES natural de Lisboa,
e Medico do Cabido da sua Patria, igualmente
douto na Arte Medica, como na Sciencia
Astrológica, de que saõ claros argumentos
as Obras seguintes:

Discurso Astrologico, e Prognostico Diario
para o anno de 1604. Lisboa por Jorge Rodri-
gues. 1603. 8.

Discurso Astrologico para o anno de 1605. No
fim: *Breve Itinerario da Monarchia delRey D. Fi-*
lippe II. de Portugal. Lisboa 1604. e Evora por
Manoel de Lyra. 1604. 8.

Tratado contra os Astrologos, que daõ o senborio
do anno ao Planeta, que he senbor do dia em que o
anno começa. M. S.

Tratado da Conjunção Maxima de Saturno,
Jupiter, e Marte, que acontceco a 24. de Outubro
de 1603. como dos muitos Ecclipses do anno de
1605. M. S.

Bonus Medicus oportet esse bonus Astrologus. Pro-
va esta Conclusão em hum largo volume. M. S.

Votos em varias materias, em que foy
consultado. Sahião impressos nas *De-*
cisoens do Doutor Manoel da Fonseca

Themudo, principalmente na *Decif.* 84. e 183. Faz delle menção Joan. Soar. de Brito in *Theatr. Lusit. Litter.* Lit. D. num. 10. Jaz sepultado na Cathedral de Lisboa junto do Altar de Nossa Senhora de Betancurt situado no Cruzeiro da parte do Evangelho.

DIOGO BORGES PACHECO, natural de Braga onde foy bautizado na Freguezia de S. João do Souto a 24. de Fevereiro de 1658. Teve por Pays a Jacome Borges Pacheco, e D. Francisca Machado. Depois de receber em a Universidade de Coimbra o grão de Bacharel na Faculdade dos Sagrados Canones obteve hum Canonicato em a Cathedral da sua Patria, que renunciou em Domingos de Araujo Pontes casando com sua irmãa D. Marianna de Araujo. Foy Dezembargador da Relação de Braga, pelo largo espaço de trinta e seis annos, e Chanceller por mais de trinta. Morreo na patria, a 16. de Dezembro de 1735. com 77. annos de idade. Compoz:

Triumpho do Amor Divino, e extracto das Festas que na Cidade de Braga consagraron ao Santissimo Sacramento o Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor D. Rodrigo de Moura Tellex, Arcebispo, e Senhor de Braga Primaz das Espanhas do Conselho de Estado de Sua Magestade, e seu Similher da Cortina. Lisboa na Officina Real Deflandesiana, 1714. 4. A primeira parte he em proza, e a segunda em verso que consta de 105. Outavas Portuguezas.

DIOGO BOTELHO naceo em Lisboa onde teve por Pays a Francisco Botelho Capitaõ de Tangere Estribeiro mór do Infante D. Fernando filho do Serenissimo Rey D. Manoel, e Embaxador a Saboya, e a D. Brites da Castanheda filha de Ruy Dias da Castanheda. Sendo Commendador das Commendas da Serra na Beira, e Gentilhomem da boca de Philippe III. o elegeo no anno de 1602. Governador do Estado do Brasil, que administrou pelo espaço de cinco annos com igual zelo, que desinteresse. Foy casado com D. Maria Pereira filha de Nuno Alvares Pereira Secretario do Conselho de Estado de Por-

tugal em Madrid, e de D. Isabel Mariz filha de Lopo Mariz, de quem teve para immortal credito da sua posteridade aquelle famoso Herõde Nuno Alvares Botelho quadregesimo nono Governador da India digno pelas suas gloriosas façanhas, obradas em obsequio da patria de fim mais venturoso. Escreveo:

Sucesso da sua viagem ao Brasil, e de muitas confas, que obrou nelle, e como as achou em 7. de Mayo de 1602. He papel largo, e se conserva M. S. na Livraria do Excellentissimo Marquez de Abrantes. Faz breve memoria do Author Sebastião da Rocha Pitta *Americ. Portug.* Liv. 3. §. 100. pag. 201.

DIOGO BOTELHO PEREIRA. Naceo na India Oriental sendo filho illegitimo de Antonio Real Capitaõ de Cochim no tempo, que governava o Estado D. Francisco de Almeida, e de Iria Pereira. Como naceffe ornado de singular habilidade para todas as sciencias se applicou com mayor disvelo à Nautica, Mathematica, e Geografia, em que sahio muito perito. Tendo militado por alguns annos com grande distincão de valor entre os melhores Soldados da India, e querendo a remuneração devida a taõ assinalados servicos passou a Portugal, onde ElRey D. João o III. lhe deo o foro de Fidalgo da sua Casa, e como lhe negasse a Capitania de Chaul, que pertendia, rompeo em algumas palavras, que arguia de menos recta a justiça deste Principe o qual persuadido pelas sinistras informaçoes de alguns emulos de Diogo Botelho de que estava resolute servir a ElRey de França, o mandou degradado para a India na Armada, em que Martim Affonso de Soufa partio no anno de 1534. como escrevem Fernão Lopes da Castanheda *Hist. da India* Liv. 8. cap. 105. e João de Barros, *Decad. 4. da Ind.* Liv. 6. cap. 14. ou na Armada em que foy D. Vasco da Gama como affirmaõ Diogo do Couto *Decad. 5. Liv. 1. cap. 2.* e Francisco de Andrade *Chronic. de D. João o III.* Part. 3. cap. 13. Tanto que chegou à India começou a meditar o modo com que justificasse a sua fidelidade falsamente accusada como criminosa no conceito do seu Soberano, e

depois de lhe fugerir a idea varios meyoys, elegeo hum que parece exceder a esfera do coraçam mais animoso arrojando-se a emprender com temeraria ousadia huma empreza, em que era infallivel o perigo. Sabendo o grande alvoroço, que teria ElRey D. Joaõ o III. com a certeza de estar fundada pelo Governador Nuno da Cunha a Fortaleza de Dio, por ser a chave do comercio da Arabia, e Persia, e o freyo do Reyno de Cambaya, determinou ser o precursor de taõ feliz noticia, para cujo effeito fabricou em Cochim huma Fufta com vinte e dous palmos de comprimento, doze de largo, e seis de alto, e embarcando-se nella acompanhado de cinco Portuguezes, e alguns seus escravos partio de Dâbul em o primeiro de Novembro de 1535. sem declarar para onde dirigia a jornada; até que engolfado em o mar alto lhes descobrio ser a sua derrota para Lisboa. Depois de dobrar o Cabo de Boa-Esperança a 20. de Janeiro de 1536. não he facil de explicar os horrofosos perigos a que se expoz em viagem que além de ser taõ dilatada, prometia hum tragico fim pela embarcação ser taõ pequena, vendo-se humas vezes engolido das ondas, outras despedaçado nos cachopos, e ultimamente accomettido dos seus companheiros, que vexados da fome, e sede se refolverão a tirar-lhe a vida, antes que perdessem as suas recebendo neste tumulto huma ferida na cabeça, e ficando mudo por muitos dias do excessõ com que clamou para o pacificar, governando por accenos a embarcação até que se lhe restituhio a voz. Triunfante dos perigos do mar, e da infidelidade dos companheiros chegou a Lisboa em Mayo de 1536. e sabendo que ElRey assistia em Almeirim navegou na Fufta pelo Tejo acima até Salvaterra, e apparecendo na presença Real lhe significou com vivas expressõens a causa que o movera a intentar huma jornada com manifesto perigo da vida, fora para se purificar da feya mancha de traydor com que os seus emulos o tinhaõ falsamente accusado, pois se elle quizera preferir o serviço delRey de França ao de Portugal, assim como viera a Lisboa protestar a sua obediencia na presença de Sua Alteza, pudera dirigir a

sua jornada para aquelle Reyno. Depois lhe mostrou delineada pela sua maõ a Fortaleza edificada em Dio por Nuno da Cunha, e os capitulos das Pazes, que celebrara com Sultaõ Badur Rey de Cambaya, cuja noticia lhe agradeceo ElRey com significaçõens de grande jubilo louvando-lhe o heroico animo com que em taõ breve embarcação se entregara a huma taõ prolongada viagem, e lhe deo por premio a Capitania de S. Thomé, donde passou para a de Cananor. A narraçãõ deste successo como o magnanimo coraçãõ de quem a empredeo se pôde ler em todos os nossos Chronistas da India, e além dos referidos Anton. de Souza de Macedo *Flor. de Espan.* cap. 13. excel. 10. e cap. 14. excel. 9. num. 34. Roman. *Hist. dela Ind. Orient.* Liv. 3. cap. 18. Faria *Asia Portug.* Tom. 1. Part. 4. cap. 6. n. 14. Toscan. *Paral. de Var. Illust.* cap. 116. *Ousadia, e façanha que escurece, e poem em esquecimento a celebrada fama da Não Argos.* Mariz *Dialog. de var. Hist.* Dialog. 5. cap. 1. Maf. *Hist. Ind.* Lib. 11. pag. mihi 213. *Quod si paria tam fortibus ausis vir sortitus esset scriptorum ingenia, scilicet Argo illa tot Poetarum carminibus inclyta præ Botelliana biremi haud immerito rideretur.* Maced. *Propug.* Lusit. Gallic. pag. 157. *Unus Jacobus Botellius paruo lembo ausus est trajicere, qui diu in memoriam admirandæ audaciæ suspensus palam fuit, donec temporis injuria periit.* Fonsec. *Evor. Glorios.* pag. 137. e 138. Compoz.

Carta de Marear, em que estava descrito o Mundo até aquelle tempo descuberto, a qual apresentou a ElRey D. Joaõ o III. a primeira vez que veyo a Portugal, da qual faz menção Barros *Dec. 4. da India*, Liv. 6. cap. 14.

Descripção da Fortaleza de Dio, fundada pelo Governador Nuno da Cunha, e Relação das Pazes celebradas com ElRey de Cambaya Sultaõ Badur. Esta Obra relata Francisco de Andrade *Chron. delRey D. Joaõ o III.* Part. 3. cap. 13. na fórma seguinte: *Como era sutilissimo de engenho (falla de Diogo Botelho) tomou todas as medidas da Fortaleza da altura, da largura, e do comprimento dos muros, e da cava, e poz em lembrança muito miudamente todas as particularidades della, e*

o numero das peças de artilharia, que estava apresentadas, e de tudo o mais, que lhe pareceo, que poderia ser necessario para dar inteira relação a ElRey se a quizesse saber delle, e omve à mão o traslado das condições com que se fizeraõ as Pazes, para não ficar confusa de que não soubesse dar rezão.

DIOGO DE BRAGANÇA de nação Brãmanc, e natural de Quelosim escreveu no anno de 1642. e dedicou à Magestade delRey D. Joãõ o IV.

Feitos heroicos de D. Fernando de Mendocça Furtado, obrados na India. M. S. Conserva-se na Livraria do Excellentissimo Conde de Vimieiro.

DIOGO BRANDAM natural do Porto, Senhor da Quinta de Corexas, e Peruzello, Cavalleiro delRey D. Manoel, e Contador da Fazenda Real da Comarca do Porto. Teve por Pays a Joãõ Brandaõ, e Brites Pereira filha de Diogo Peixoto Adail mór do Reyno, e Senhor de Penafiel. Soube com perfeição a Lingua Latina, e praticou com grande suavidade, e cadencia os preceitos da Poesia. Teve muyto familiar correspondencia com Joãõ Rodrigues de Sá Senhor de Sever, e Matozinhos Alcayde mór do Porto, o qual tanta estimação fazia do seu talento, que lhe mandava as suas obras para as censurar, como consta de hum Poema que lhe remeteo com huma carta em que lhe dizia. *Ego enim incultos hos, & vulgares, sed pios Rythmos in utriusque vestrum reconciliatorem* (fallava de Gaspar de Figueiredo tambem muyto douto na Latinidade, e Poesia) *volui componere mi Diogue emendandos, & fortasse penitus extinguendos.* Lourenço Gracian *Art. de Ingen. Disc. 24. Son estos escritos unos agudissimos sofismas para declarar con una extravagante exageracion el sentimiento del alma; tal fue este de Diogo Brandan entre los antigos Portuguezes.*

*Pois tanto gosto leveis
Com minha morte sabida
Para me matardes mais
Me deveis dar esta vida.*

No Cancioneiro de Garcia de Rezende impresso em Lisboa por Hermaõ de Cam-

pos 1516. fol. estaõ varias obras poeticas suas à morte delRey D. Joãõ o II. desde fol. 90. v.º até 97. 112. 114. 144. 146. 169. e 170. Morreo em o anno de 1530. Jaz sepultado no Convento de S. Francisco do Porto em hum Mausoleo, sobre o qual está o seu vulto de pedra armado.

DIOGO DE BRITO DE CARVALHO. Naceo em a Villa de Almeida Praça de Armas situada na Provincia da Beira, onde teve por Pays a Diogo de Brito Alcayde mór do Castello da dita Villa, e a Izabel Carvalha. A brevidade com que aprendeo os primeiros rudimentos foy certo vaticinio dos progressos, que fez nas sciencias mayores, sendo o theatro onde luzio mais o seu engenho, e profunda applicação a Universidade de Coimbra na qual depois de receber o grão de Doutor em Direito Canonico, e ser admitido ao Collegio de S. Pedro a 2. de Junho de 1589. foy eleito Lente de Clementinas a 19. de Dezembro de 1593. da Cadeira de Sexto a 13. de Janeiro de 1597. e de huma Cadeira extraordinaria do Decreto a 15. de Fevereiro de 1605. sahindo para credito do seu magisterio o Doutor Joãõ de Carvalho, que de seu discipulo passou a ser Mestre, como o confessa com agradecida memoria *in Cap. Raynaud.* Part. 2. n. 159. *doctissimus, & insignis Praceptor meus, cujus laudes altiore requirunt praconem, Didacus de Brito aliquando Decretorum Professor.* Foy Conego Doutoral de residencia em Coimbra provido a 13. de Fevereiro de 1599. donde passou para a Cathedral de Lisboa a 14. de Março de 1609. e ultimamente para a de Evora a 6. de Mayo de 1624. Em diversos Tribunaes mostrou sempre a sua sciencia acompanhada de summa rectidão sendo Inquisidor da Inquisição de Coimbra de que tomou posse a 29. de Agosto de 1596. onde servio de Juiz do Fisco, de Dezembargador da Casa da Supplicação a 13. de Fevereiro de 1613. e dos Aggravos a 26. de Janeiro de 1627. e ultimamente Deputado da Meza da Conciencia, e Ordens. Morreo na Villa de Cos do Bispaado de Leiria em o anno de 1635. quasi de outenta de idade. Joan. Soar. de Brito *Theatr. Lusit. Litter.* lit. D.

n. 11. o intitula *Juris Pontificii Doctor egregius, atque ejusdem facultatis in Conimbricensi Academia celebris, nominatissimusque professor*. Phebo Tom. 2. Decif. 133. n. 41. *Præceptor meritissimus*. Gab. Pet. de Cast. 1. Part. Decif. 2. n. 1. *Juris Canonici professor meritissimus*. Decif. 13. in principio *Sapientissimus*. Decif. 33. n. 5. *numquam satis laudatus excelsi ingenii, & eruditionis*. D. Nicol. de Santa Mar. *Chron. dos Coneg. Reg.* Liv. 10. cap. 19. n. 9. Manoel. Pereir. da Sylva. *Cathal. dos Colleg. de S. Pedr.* pag. 9. §. 24. D. Franc. Man. na *Cart. dos AA. Portug.* Franckenau *Bib. Hispan. Hist. Geneal.* pag. 83. Nicol. Ant. *Bib. Hisp.* Tom. 1. pag. 208. col. 1. *Simon Nouvel. Bib. Hist. des principaux auteurs du Droite Civil.* Tom. 2. pag. 51. Publicou.

Compendium diversorum Titulorum Juris Pontificii, & variarum Resolutionum utriusque juris Tomus primus in quo continentur Commentaria in Rub. & Tit. de Locato, & Conducto, de Emphyteusi Tractatus, & aliæ Quæstiones. Ulyssipone apud Petrum Crasbeeck 1619. fol.

Consilium in causa mayoratus Regiæ Coronæ Regni Lusitaniæ pro Didaco à Sylva Comite Salinarum adversus ejus nepotem Rodericum Gomezium à Sylva Pastranæ Ducem. Olyssipone apud eumdem Typog. 1612. 4.

Consilium in Causa mayoratus de Cifuentes Regni Castellæ pro illustri Domino D. Didaco da Sylva Marchione de Alenquer, Duce de Francavilla Lusitaniæ Prorege. ibi apud eumdem Typ. 1618. 4. Deixou M. S. as seguintes obras.

De Regul. Juris in 6.

In Decretum.

De Voto

De Hæreticis

De Restitutione

De usuris

In 6. Decretal de Procuratoribus.

Fr. DIOGO CARLOS natural de Lisboa, e Religioso professo da Ordem Serafica da Provincia de Portugal. Depois de ter dictado hum Curso de Artes no Convento de S. Francisco de Santarem, preferio o exercicio do Pulpito ao da Cadeira, em que adquerio grande fama não

fómente pela sua natural eloquencia, mas pelo apostolico espirito, com que atrahia muitas almas ao caminho da penitencia. Como fosse tio do Senhor D. Antonio filho do Serenissimo Infante D. Luiz deixou a patria, e Reyno para acompanhar a seu Sobrinho, que se auzentou para França assistindolhe com o affecto de parente taõ chegado até o fim dos seus infortunios eternizando a sua memoria com hum elegante epitafio, que está gravado na Sepultura daquelle Principe em o Convento grande de S. Francisco de Pariz. Outra inscripção sepulchral compoz para o jazigo de Diogo Botelho grande privado do mesmo Senhor D. Antonio. Tendo alcançado em a Universidade de Pariz grandes aclamaçoens de profundo Theologo, e insigne Orador morreo nesta Cidade em o anno de 1603. e jaz no dito Convento de S. Francisco. Delle se lembraõ Fr. Fernand. da Soled. *Hist. Seraf.* Part. 5. n. 429. Fr. Joan. à D. Ant. *Bib. Franc.* Tom. 1. pag. 295. col. 2. Faria *Europ. Portug.* Tom. 3. Part. 1. cap. 4. n. 41. Efcreveo.

In Psalmum Quinquagesimum Commentaria. Mantuæ 1603. fol.

V. P. DIOGO CARVALHO filho de Alvaro Fernandes, e Margarida Luiz naceo para o mundo na Cidade de Coimbra, e para Deos em o Noviciado da Companhia de JESUS da mesma Cidade a 14. de Novembro de 1594. na idade de 16. annos. Dezejofo de promulgar o Evangelho nas Regioens Orientaes alcançada faculdade dos Superiores partio com dezenove Companheiros para a India em o anno de 1600. e chegando a Goa passou no anno seguinte a Macáo, onde acabou os estudos das sciencias escholasticas. Como o Japão era o alvo dos seus apostolicos trabalhos entrou nelle em o anno de 1609. e para que colhesse mayor fruto com as suas Missoens aprendeo a lingua Japoneza, em que sahio insigne. A fatal perseguição que a impiedade de Daifufama fomentava contra os Prégadores Evangelicos o obrigou a sahir desterrado em o anno de 1614. de Macáo donde partio para a Cochinchina com o P. Francisco Buzoni Neapolitano para abrir nova estrada ao progresso do Christianismo, mas como sempre o seu

mayor disvelo era a cultura do Japaõ, se introduzio nelle com traje dissimulado, e no Reyno de Yesso foy o primeiro, que celebrou o incruento Sacrificio do Altar. Naõ podendo tolerar Date Mascamune Governador da Cidade de Xanday, o incansavel zelo com que aggregava filhos à Igreja, o mandou prender com alguns discipulos da sua doutrina, e depois de tentada a sua constancia com diversos argumentos para que abjurasse a fé que professava, foy lançado em hum tanque de agua congeçada, que pelo espaço de dez horas naõ pode entibiar o fogo, que lhe abrazava o coração, até que foy receber o premio na eternidade a 22. de Fevereiro de 1624. Os elogios deste insigne Martyr se pòdem ler em Alonso de Andrade Tom. 5. *delos Var. Illust. dela Comp. Alegambe in mortib. Illust. Tanner. Societ. JESU usque ad sanguin. & vitæ profus. militans.* pag. 313. Cardim. *Ramalhet. de Flor.* pag. 105. Elog. 38. Franco *Imag. da virt. em o Nov. de Coimb.* Tom. 1. Liv. 1. cap. 39. até 48. e no *Ann. Glorios. S. J. in Lusit.* pag. 106. Escreveo:

Carta em que relata a sua Missaõ no Reyno do Yesso, onde trata dos costumes dos seus habitadores. He muito larga, e está impressa em a *Imag. da Virtud.* assima allegada, desde o cap. 40. até 44.

DIOGO CARVALHO DE FIGUEIREDO. Naceo na illustre Villa de Santarem a 26. de Julho de 1685. e foy filho de Antonio de Figueiredo da Costa, Capitaõ da Ordenança, e Vereador do Senado de Santarem, e de sua mulher Domingas Marinha. Applicou-se em a Universidade de Coimbra ao Direito Civil a tempo, que era já muito perito em a Mythologia, Poetica, e Oratoria, de cujas sciencias deo manifestos argumentos em muitas Academias, onde era ouvido com geral applauso. Falleceo na patria a 7. de Julho de 1706. na florente idade de 21. annos quando prometia mais fasonados frutos a sua grande habilidade, e raro engenho deixando as Obras seguintes dignas da luz publica.

Lenitivos da dor na morte da Serenissima Infanta de Portugal a Senhora D. Theresza filha dos Monarchas D. Pedro II. e D. Maria Sofia Isabel de Neoburg. M. S. 4.

Obras son amores, y nõ buenas razones. Comedia M. S. além de muitas Loas, Autos, e outras Obras Poeticas.

Fr. DIOGO DA CASTANHEIRA natural da Villa do seu apellido distante oito legoas de Lisboa, Monge Cisterciense em o Real Convento de Alcobaça, muito sciente nos ritos Ecclesiasticos, principalmente daquelles, que exercitava a sua Monastica Congregação escrevendo em o anno de 1497.

Ordinario do Officio Divino segundo o uso Cisterciense. M. S. 4. Conserva-se na Bib. do Convento de Alcobaça.

Fr. DIOGO DE CASTELBRANCO natural da Cidade de Viseu filho pela natureza de Pays nobres, e pela graça da illustissima Congregação Cisterciense, cuja Cogulla recebeu em Alcobaça a 16. de Mayo de 1663. e professou a 17. do dito mez do anno seguinte. A sua prudencia o fez Abbade do Mosteiro de S. Pedro das Aguias, Visitador, e Difinidor da Religiaõ; a sua sciencia Mestre da Theologia Moral em o Real Convento de Alcobaça; a sua liçaõ da Historia Chronista da Ordem. Foy ornado de todas as virtudes, que constituhem hum perfeito Religioso. Morreo em o Convento de Alcobaça a 12. de Março de 1707. a tempo, que estava compondo.

Historia Alcobaciense, e geral dos Mosteiros da Congregação de S. Bernardo. M. S. fol.

Fr. DIOGO DE CASTILHO. Naceo na Villa de Thomar, filho de Joaõ de Castilho famoso Architecto do seu tempo, que defenhou os celebres Conventos de Thomar, e Bellem, e a Fortaleza de Mazagaõ, e de sua terceira mulher Maria Fernandes de Quintanilha, irmaõ pela parte paterna de Antonio de Castilho Guarda mór da Torre do Tombo, e Chronista mór do Reyno, de quem já fizemos mençaõ, e tio do Illustrissimo Inquisidor Geral D. Pedro de Castilho, Governador deste Reyno. Foy muito versado na liçaõ da Historia Secular escrevendo na occaiaõ em

que os Turcos vieraõ cercar Vienna de Auftria no tempo de Carlos V.

Epítome de los Turcos, y sus Emperadores. Dedicado a Manoel Cirne Fidalgo da Casa del Rey, e feu Feitor em Flandes. Lovanha. 1538. 4. E não em Lisboa no anno de 1568. como escreve Nicol. Anton. *Bib. Hispan.* Tom. 1. pag. 209. col. 2. a quem seguem Echard *Script. Ord. Præd.* Tom. 2. pag. 199. col. 2. e Fr. Pedro Mont. *Claustr. Dom.* Tom. 3. pag. 186. querendo que fosse da sua Ordem Dominicana, suposto ser mais provavel, que fora Monge Cisterciense, não sómente porque da dita sua obra consta professar no Convento de Alcobaça, mas por ter o feu retrato entre os Varoens insignes desta illustre Congregação em o Dormitorio do dito Convento.

DIOGO DE CASTRO natural de Villa-Viçosa filho do Doutor André de Castro, Lente de Vespéra de Medicina em a Universidade de Coimbra, e Medico dos Sereníssimos Duques de Bragança. Foy Cavalleiro professo da Ordem de Christo, e semelhante a feu Pay, não sómente em a Faculdade Medica, mas na affluencia, e suavidade Poetica de que deixou por argumentos.

Cinco Sonetos. 2. *Motes glossados.* *Huma Oitava, e hum Romance,* que copiou em o feu *Parnaso de Villa-viçosa* Francisco de Moraes Sardinha Liv. 2. cap. 54. e Liv. 3. fol. 36. Do Author se lembra Joan. Soar. de Brito in *Theat. Lusit. Litter.* Lit. D. n. 13.

Fr. DIOGO CEZAR. Naceo em Lisboa, e teve por Pays a Vasco Fernandes Cesar, Provedor dos Armazens, e Alcaide mór de Alamquer, e a D. Maria de Menezes filha de D. Manoel Pereira, Senhor da Casa da Feira, e por irmão a Sebastião Cesar de Menezes, Arcebispo eleito de Lisboa. Na tenra idade de 16. annos preferio com judiciosa eleição os rigores do Claustro às delicias da sua illustre Casa, professando o Instituto Serafico no Real Convento de São Francisco da Villa de Estremós da Provincia dos Algarves a 15. de Dezembro de 1621. Estudou as subtilezas de feu Mestre Escoto no Convento de Varatojo, em que sahio taõ

perito, como insigne na Arte Concionatoria. Havendo occupado os lugares de Secretario do Provincial Fr. Simão da Resurreição, Guardiaõ de Monte-mór em o anno de 1637. e do Real Convento de Santa MARIA de JESUS de Enxobregas, em 1641. sahio eleito Provincial em 1645. em cujo prudente governo se expoz às indiscretas violencias de Fr. Martinho do Rozario, ou de Alencastro, irmão de D. Vasco Mascarenhas primeiro Conde de Obidos, constituido Commissario Geral de todas as Provincias de S. Francisco neste Reyno, por patente do Geral Fr. Joaõ de Napoles, passada a 21. de Junho de 1646. a quem declaradamente protegia o Cardial Afonso dela Cueva, do Titulo de Santa Balbina, por ser Fr. Martinho seu sobrinho, como filho de sua irmãa D. Isabel dela Cueva. Para mostrar a nullidade desta eleição passou a Roma, onde com tanta efficacia revestida de profunda litteratura propoz os fundamentos da sua causa, que lhe nomearaõ por Juizes della aos Eminentissimos Cardiaes Marco Antonio Francioto, e Joaõ Bautista Pallota, que examinando com madura reflexão o que allegava, sentenciaraõ a favor do Cesar, podendo gloriarse como o primeiro, que adorou Roma que viera, vira, e vencera. Restituido a Portugal fez magnificas obras no Convento de Enxobregas como dictadas pelo feu generoso coração, donde retirado ao Convento de Evora falleceo em o anno de 1661. com 57. annos de idade, e 40. de Religião. Delle fazem honorifica memoria Fr. Joan. a D. Ant. *Bib. Franc.* Tom. 1. pag. 293. col. 1. & 2. escrevendo com erro manifesto, que fora da Provincia dos Terceiros de S. Francisco, sendo certamente dos Algarves, e Fr. Jozé de JESUS MAR. *Chron. da Prov. da Arrab.* Part. 2. Liv. 2. cap. 11. n. 298. Compoz:

Sermaõ pregado no Auto da Fé, que se celebrou em a Cidade de Evora em 28. de Fevereiro de 1649. Lisboa por Paulo Craesbeeck. 1649. 4.

Sermaõ da Bulla da Santa Cruzada na Sé Metropolitana de Lisboa Domingo 20. de Novembro de 1644. Lisboa por Domingos Lopes Roza. 1644. 4.

Sermaõ da solemnissima Festa, e desagravo,

que se faz ao sacrilego desacato, que no Templo, e Igreja de Santa Engracia se fez. Lisboa por Antonio Alvares, Impressor delRey. 1653. 4.

Sermaõ do Mandato prègado na Santa Sè Metropolitana de Lisboa. Lisboa, por Antonio Alvares. 1653. 4.

Sermaõ da Bulla da Cruzada na Sè Metropolitana de Lisboa, Domingo 23. de Novembro de 1653. Lisboa pelo dito Impressor. 1653. 4.

Sermaõ na Festa de Nossa Senhora das Neves em o Collegio da Companhia de JESUS. Coimbra por Rodrigo de Carvalho Coutinho, Impressor da Universidade. 1673. 4.

Causa, processo, y sentencian dada en favor del Reverendo Padre Fray Diego Cesar, Provincial dela Provincia delos Algarves contra el Reverendo Padre Fray Martin de Lancastro, Comissario General dela Orden de S. Francisco delas Provincias del Reyno, y Conquistas de Portugal. Leon de Francia. 1653. 4.

Sahio traduzido em Latim com o suposto nome de Fr. Joaõ Quingentono Franciscano, natural de Hybernia. Lugd. 1653. 8.

Fr. DIOGO DAS CHAGAS natural da Ilha das Flores, huma das sete dos Affores, e Religioso Menor desta Provincia, onde foy Mestre jubilado em a Sagrada Theologia, e Vigario Provincial. Vivia pelos annos de 1661. Compoz:

Fundação da Provincia de São Joaõ Evangelista das Ilhas dos Affores. fol. M. S. Conserua-se na Bib. do Cardial de Sousa.

Meditação da luta do Diabo com Adam, pela qual sabio Christo Senhor Nosso a lutar com o Diabo.

Consolação da pobreza, e remedio para qualquer muito pobre, ser muito rico.

De como se busca, e acha a Bemaventurança.

Todas estas Obras Asceticas se guardavaõ M. S. na Livraria do douto Antiquario Manoel Severim de Faria, Chantre da Cathedral de Evora.

DIOGO DE CONTREIRAS natural da Cidade de Evora insigne professor de

Medicina, que depois de a estudar em a Universidade de Pariz passando à de Coimbra, não sómente foy Lente de Filosofia no Collegio das Artes, mas de Cadeira da Terça de Medicina, de que tomou posse a 15. de Fevereiro de 1556. Atendendo a Magestade delRey D. Sebastiaõ ao seu profundo talento, e experimental sciencia o nomeou Medico da sua Camara em o anno de 1569. cujo ministerio não aceitou preferindo o defcanço da sua casa aos mayores emolumentos. Casou na Villa de Monte-mòr, onde quando contava 60. annos de idade morreo depois do anno de 1580. *Medico insigne* o intitula *Fonsec. Evor. Glorios.* pag. 411. Compoz: *Annotationes quedam perbreves in Dialecticam Georgii Trapezontii.* Conimbricæ, apud Joan. Barrerium, & Joannem Alvarum Typ. Reg. 1551. 8.

DIOGO CORREA DE SA' Terceiro Visconde de Assca, Commendador de São Salvador da Lagoa no Arcebispado de Braga, e de São Joaõ de Cacia na Ordem de Christo, Alcaide mòr da Cidade de São Sebastiaõ do Rio de Janeiro; filho de Martim Correa de Sá, primeiro Visconde de Assca, e Mestre de Campo do Terço de Moura, e de Setubal, e de D. Angela de Mello Dona de honor da Serenissima Rainha D. Maria Sofia Isabel de Neoburg, filha de D. Diogo de Almeida, e de D. Luiza da Sylva, naceo em Lisboa onde foy instruido com aquelles documentos dignos do seu nascimento. Igualmente he admirado o seu talento, ou seja na elegancia poetica, ou na eloquencia oratoria, merecendo sempre os seus versos, em que compete a delicadeza dos conceitos com a harmonia das vozes, os mayores applausos. Casou com D. Ignez de Lancastro filha de Luiz Cesar de Menezes, Alferes mòr do Reyno, e Governador que foy do Rio de Janeiro, Angola, e Bahia, e de D. Marianna de Lancastro filha de D. Rodrigo de Lancastro, Commendador de Curuche, Claveiro da Ordem de Aviz, e de D. Ignez de Noronha sua Prima, de cujo conforcio tem numerosa descendencia, que não degenera da sua discreta capacidade. Entre os pri-

meiros cincoenta Academicos, de que se formou a Academia Real da Historia Portugueza em o anno de 1721. foy eleito para escrever as Memorias Historicas do Reynado de D. Sancho II. de Portugal, cuja empreza desempenhará como se espera da sua profunda indagação, e elegante fraze, de que tem dado por argumentos desta laboriosa applicação as seguintes produções.

Conta dos seus estudos Academicos recitada no Paço a 7. de Setembro de 1722. Sahio no 2. Tom. da *Collec. dos Docum. da dita Acad.* Lisboa por Paschoal da Sylva, Impressor delRey. 1722. fol.

Conta dos seus estudos Academicos no Paço a 22. de Outubro de 1724. Sahio no Tom. 4. da *Collec. &c.* Lisboa por Jozé Antonio da Sylva, Impressor da Academia Real. 1724. fol.

Conta dos seus estudos Academicos no Paço a 7. de Setembro de 1728. Sahio no Tom. 8. da *Collec. &c.* Lisboa pelo dito Impressor. 1728. fol.

Conta dos seus estudos Academicos no Paço a 7. de Setembro de 1731. Sahio no Tom. 11. da *Collec. &c.* Lisboa pelo dito Impressor. 1731. fol.

Fiesta de Zarzuela, con que el Real Convento de Santa Clara de Lisboa, celebra la feliz eleccion de su Excelentissima Prelada la Señora D. Margarita de Portugal. Lisboa por Miguel Manescal, Impressor do Santo Officio, y dela Serenissima Casa de Bragança. 1716. 4. Consta de varios metros, e sahio sem o nome do Author.

Soneto em applauso de Manoel de Sousa Moreira, Author do Theatr. Geneal. da Casa de Sousa. Sahio no principio deste Livro.

DIOGO DA COSTA DA SYLVEIRA. Naceo em Lisboa, e na Parochial Igreja de Saõ Paulo foy bautifado a 9. de Fevereiro de 1675. Foraõ seus Pays Manoel da Costa, Thezoureiro das tres Ordens Militares, e Alcaide mòr de Pavia, e D. Mariana da Sylveira. Sempre se conservou no estado do celibato publicando para final da sua devota piedade:

Novena do Glorioso Martyr S. Sebaf-

tião. Lisboa na Officina Real Deslandesiana. 24. Naõ tem anno da impressão.

Novena do Glorioso Patriarcha S. Jozè, que começa a 11. de Março, e acaba no seu dia, em que se pedem ao Santo nove augmentos espirituales. Lisboa por Miguel Manescal, Impressor do Santo Officio, e da Serenissima Casa de Bragança. 1711. 24.

Suavissimo Ramillete, composto das nove brilhantes Rozas, rubicundas pelo sangue do martyrio colhido do Jardim da Igreja, que consta das vidas, e milagres das Gloriosas Infantas Santa Quiteria, e de suas oito Irmãas, naturaes da Cidade de Braga, e de Santa Sita V. e M. Lisboa por Miguel Manescal. 1715. 24.

Orações devotas para se rezarem todos os dias. Lisboa por Valentim da Costa Deslandes, Impressor de Sua Magestade. 12. Naõ tem anno da impressão.

DIOGO DO COUTO. Naceo em Lisboa em o anno de 1542. sendo bautifado na Parochia de Santa Justa, onde teve por Pays a Gaspar do Couto, e a Isabel Serrã de Calvos. Desde os primeiros annos se lhe anticipou de tal forte a madureza do juizo à verdura da idade, que quando contava dez entrou em o serviço do Serenissimo Infante D. Luiz, que conhecendo a boa indole, que tinha para as Letras, o mandou estudar em o Collegio dos Padres Jesuitas a Lingua Latina, e Rhetorica, de que foraõ seus Mestres os Padres Manoel Alvares, e Cypriano Soares, insignes Professores destas Faculdades, em as quaes sahio egregiamente instruido. Vendo o Infante o progresso, que o seu engenho fizera nas Letras amenas, resolveo, que cultivasse as severas, mandando-o com seu filho o Senhor D. Antonio ouvir Filosofia em o Convento de Bemfica do celebre Varaõ Fr. Bartholomeu dos Martyres, que igualmente com a sua doutrina lhe illustrou o entendimento para penetrar as Sciencias, e lhe inflamou a vontade para seguir as virtudes. Ao tempo que acabava o curso da Filosofia acabou o da vida o Infante D. Luiz, e considerando desvanecidas as esperanças, que tinha fundado em taõ Augusto Mecenas, se deliberou a preferir o exercicio das Armas ao das Letras, para

o qual o inclinava naturalmente o seu genio, elegendo para theatro de seus marciaes espiritos ao Oriente, famosa palestra em que tantos Herões Portuguezes tinham dado illustres argumentos de valor heroico. Partio para a India em o anno de 1556. onde militou pelo espaço de dez annos com tanta distincão, que mereceo a honrada enveja dos soldados mais veteranos do Estado, não havendo facção alguma gloriosa, em que não tivesse parte a sua espada, até que voltou para o Reyno procurar o premio dos seus serviços, dos quaes recebendo a merecida remuneração se restituhio a Goa. Tanto que se vio na vida pacifica de Cidadão para não passar o tempo em torpe ocio começou a renovar os seus primeiros estudos, que interrompera o tumulto das Armas compondo varios Poemas, assim na Lingua Latina, e Italiana, em que foy eminente, como em a materna, e comentando os Lusíadas do insigne Luiz de Camoens, com quem teve particular amifade, consultando-o como Oraculo, que só podia ser de si mesmo em algumas dificuldades do seu Poema. Logo que foy jurado Philippe Prudente Principe desta Monarchia hum dos mais nobres pensamentos que teve foy, que se proseguisse a Historia da India desde o tempo em que a deixou escrita o Livio Portuguez João de Barros. Era tão grande a fama do talento de Diogo do Couto, que assistindo tão distante da presença delRey o julgou digno de empreza tão illustre a qual lhe commetteo com o titulo de Chronista mór da India. Aceitou promptamente esta laboriosa incumbencia a que deo principio pela Decima Decada, em obsequio do mesmo Principe ser jurado naquelle Estado em o dia em que começava aquella Obra, que concluiu com o Governo de Manoel de Sousa. Agradeceo este Principe com particulares honras o primeiro fructo da sua applicação, e lhe infinuou por carta, que voltando com a narração da Historia onde ficara interrupta por morte de João de Barros a continuasse com o estilo, e exactão com que compuzera a Decima Decada o que promptamente executou escrevendo a Quarta, Quinta, Sexta, Setima, Undecima, e Duodecima. A oitava, e Nona, que acabara no anno de

1614. ao tempo, que as mandava para o Reyno, enfermou tão gravemente que esteve deplorado, por cuja causa desapareceraõ; porém restituído à saude das especies que conservava na memoria; que era felicissima, reduzio a hum volume o que tinha escrito em dous, os successos mais dignos de memoria acontecidos naquelle tempo. O estilo, que observou nesta grande obra ainda que sincero, he muyto judicioso censurando com liberdade as açoens reprehensiveis, e referindo com summa verdade, e exacta Geografia os costumes daquelles povos, e a situação das terras como quem a aprendeo mais com os olhos, que com os livros. Como tivesse dezempenhado com tanto credito do seu nome o lugar de Chronista mór foy nomeado Guarda mór da Torre do Tombo do Estado da India, quando Philippe Prudente mandou ordenar este Archivo pelo Vice-Rey Mathias de Albuquerque, em cujo ministerio não applicou menor deligencia, que no primeiro recolhendo todos os Contratos de Pazos, Provisoes, Resistos da Chancellaria, e outros papeis importantes ao governo do Estado, que andavaõ dispersos. Foy excellente no estilo Oratorio, sendo sempre eleito para recitar as Practicas com que a Cidade de Goa cabeça do Imperio Oriental recebia aos seus Vice-Reys, e Governadores, onde muitas vezes os vaticinios, com que augurava a felicidade das suas açoens infallivelmente se cumpriaõ. Foy cazado com D. Luiza de Mello descendente de nobre familia, de quem teve huma unica filha que morreo donzella deixando eternizada a sua posteridade em mais illustres partos, como são os produzidos pelo entendimento, e não pela natureza. Teve a estatura mediana, a presença veneravel, os olhos vivos, o nariz aquilino. A madureza do juizo, e a prudencia do talento o fez capaz de que sempre fosse consultado pelos Vice-Reys em materias muito graves seguindo sempre o seu voto como regulado mais por dictames Catholicos, que politicos. Foy inimigo declarado do interesse, querendo ser mais abundante de merecimentos, que de riquezas. Morreo em Goa em hum Sabbado 10. de Dezembro de 1616. quando contava 74. annos de idade. Ao seu Retrato aberto

em huma Lamina se lhe gravou na parte inferior este Dyfticho.

Exprimit effigies quod solum in Casare visum est;

Historiam calamo tractat, & arma manu.

Escreveo a sua vida o douto Antiquario Manoel Severim de Faria nos *Disc. Var.* desde p. 148. até 157. Nicol. Ant. Bib. Hisp. Tom. 1. pag. 215. col. 1. fallando delle diz: *Studiis denuo se restituens rebus quidem per totos quinquaginta annos terra, marique in isto Orientis orbe gestis sive miles prius, sive Proregum familiaris, & ad negotiorum momenta subinde admissus non sine magno rerum Lusitanarum incremento haud minus animo, attentaque observatione, quam presentia interfuit.* Joan Soar. de Brit. in *Theatr. Lusit. Litter.* lit. D. num. 12. *Historiographus diligentissimus.* Telles *Hist. da Etiop. Alt.* Liv. 1. cap. 27. e Liv. 2. cap. 7. *insigne Historiador.* Niceron *Memor. pour servir a l'Hist. des Hom. Illust.* Tom. 12. pag. 94. Soufa *Flor. de Espan.* cap. 8. excell. 11. num. 7. *Morery Diccion. Historiq. Verb. Couto.* Ant. de Leão *Bib. Ind. Tit. 3.* Faria Elencho dos AA. Portug. no principio do 1. Tom. da *Asia Portug. D. Franc.* Manoel na *Carta dos AA. Portug.* escrita ao Doutor Themudo. Compoz:

Decada 4. da Asia dos feitos, que os Portuguezes fizeram na conquista, e descobrimento das terras, e mares do Oriente, em quanto governaraõ a India Lopo Vas de Sampayo, e parte de Nuno da Cunha. Lisboa por Pedro Crasbeeck no Collegio de Santo Agostinho. 1602. fol.

Decada 5. da Asia, &c. em quanto governaraõ a India Nuno da Cunha, D. Garcia de Noronha, D. Estevão da Gama, e Marim Affonso de Sousa. Lisboa pelo dito Impressor. 1612. fol.

Decada 6. da Asia, &c. em quanto governaraõ a India D. João de Castro, Garcia de Sá, Jorge Cabral, e D. Affonso de Noronha. Lisboa pelo dito Impressor. 1614. fol.

Decada 7. da Asia, &c. em quanto governaraõ D. Pedro Mascarenhas, Francisco Barreto, D. Constantino, o Conde de Redondo, D. Francisco Coutinho, e João de Mendouça. Lisboa pelo dito Impressor. 1616. fol.

Decada 8. da Asia, &c. em quanto governaraõ a India D. Antão de Noronha, e D. Luiz de Attayde. Lisboa por João da Costa, e Diogo Soares. 1673. fol.

Cinco Livros da Decada 12. da Historia da India. Pariz. 1645. fol. Comprehende o governo do Vice-Rey D. Francisco da Gama Conde da Vidigueira, que sahio à luz publica por deligencia do Capitaõ Manoel Fernandes Villa-real, Consul dos Portuguezes na Corte de Pariz.

Todas estas Decadas, com a Nona, e Decima, que nunca foraõ impressas sahirão novamente à luz publica em 3. Tomos com indices muito copiosos na Officina da Musica. Anno 1736. fol.

Falla que fez em nome da Camara de Goa, a André Furtado de Mendouça, hindo por Governador da India em successão do Conde da Feira D. João Pereira, dia do Espirito Santo de 1609. Lisboa por Vicente Alvares. 1610. fol.

Relaçã do Naufragio da Náo São Thomé na terra dos Fumos no anno de 1589. e dos grandes trabalhos que passou D. Paulo de Lima nas terras da Castraria até sua morte. Sahio impressa na *Histor. Tragico-Maritima.* Tom. 2. a pag. 155. até 214. Foy escrita esta Relaçã em o anno de 1611. à instancia de D. Anna de Lima, irmãa de D. Paulo de Lima.

Obras M. S.

Epilogo da Historia da India. Nelle trata de cada Fortaleza nossa, e o que succedeo mais digno de memoria. Neste *Volume* (como diz Manoel Severim de Faria na *Vid. de Diogo de Couto* p. 154. v.º.) está summariamente tudo o que toca à *Historia, commercio, e policia Oriental,* accomodando o estylo a este *Compendio* com muita clareza, e brevidade.

Soldado perfeito. Nesta Obra introduz por modo de Dialogo hum Vice-Rey novamente eleito fallando com hum Soldado veterano da India, que andava na Corte requerendo para se informar de tudo, que pertence à arrecadação da Fazenda Real, e milicia daquelle Estado, sendo huma excellente instrucção para o que deve obrar hum Vice-Rey. Antes de por a ultima maõ a esta Obra lhe desapareceo o

Original, o qual chegando a este Reyno sem nome do seu Author se extrahiraõ delle algumas copias, porém sendo advertido por hum seu amigo a reformou em o anno de 1610. e sahio com este titulo:

Dialogo entre hum Fidalgo, e hum Soldado da India. Dedicado ao Marquez de Almquer. O Original se conserva na Livraria do Conde do Vimieiro.

Vida de D. Paulo de Lima. fol. M. S.

Historia do Reyno da Etiopia, chamado vulgarmente Preste-Joaõ contra as falsidades que nesta materia escreveu Fr. Luiz Urreta Dominicano. Compuz esta critica à instancia dos PP. Jesuitas, e posto que tinhaõ escrito contra o dito P. Urreta doutissimas apologias os PP. Fernaõ Guerreiro, e Nicoláo Godinho da Companhia de JESUS, a sua era muito concludente, cujo trabalho estando quasi moribundo, empredeu em obsequio da verdade. Foy offerecida esta Obra pelos PP. Jesuitas ao Arcebispo D. Fr. Aleixo de Menezes.

Commento às Lusíadas de Luiz de Camoens feito à petiçaõ deste incomparavel Poeta, em cuja empreza não passou do quinto Canto, que conservava D. Fernando de Castro Conego de Evora por lho ter deixado seu Tio D. Fernando de Castro Pereira a quem o Author o tinha remellido.

Poesias Varias. Constaõ de Elegias, Eglogas, Sonetos, Cançoens, e Glosas.

Falla, que fez na Camara de Goa ao Conde D. Francisco da Gama quando nella puseraõ o retrato de seu Bisavo D. Vasco da Gama. Começa: *A coisa de que se presavaõ aquellas famosas Republicas,* &c.

Falla que fez ao Vice-Rey Ayres de Saldanha, quando entrou em Goa a rogo da Cidade. Começa. *Aquelle grande Theopompo Rey dos Lacedemonios,* &c.

Oraçaõ que tinha feito para o dia, que se levantara a Estatua do Conde Almirante, a segunda vez que se restitubio a seu lugar donde a tiraraõ, a qual não bouve effeito. Começa. *Aquelle Principe de toda a eloquencia Latina M. Tullio Ciceraõ,* &c.

Oraçaõ que fez a rogo da Cidade de Goa ao Vice-Rey D. Martim Affonso de Castro,

quando entrou na Cidade de Goa. Começa. *Daquelle grande Alexandre Monarcha do mundo,* &c.

Oraçaõ que fez ao Arcebispo D. Fr. Aleixo de Menezes, quando por morte do Vice-Rey D. Martim Affonso de Castro, succedeo na governança da India em 11. de Fevereiro de 1608. Começa. *Escrevem gravissimos Authores,* &c.

Oraçaõ que fez ao Vice-Rey Lourenço Pires de Tavora, quando entrou na Cidade de Goa. Começa. *Hoje que me era necessario hum animo arrebatado, hum espirito fervoroso,* &c.

Oraçaõ que tinha feito para o dia da entrada do Vice-Rey D. Jeronymo de Azevedo. Todas estas Oraçoens conservava na sua grande Bibliotheca o insigne Antiquario Manoel Severim de Faria.

De todos os tempos, e monçoens, em que se navega para todas as partes do Oriente, e dos pezos, medidas, e moedas, com tudo o mais pertencente a este argumento. Esta Obra não a acabou impedido pela morte.

DIOGO DA CRUZ, natural de Coimbra, e filho de Pedro da Cruz. Depois de estudar na Universidade da sua Patria a Faculdade de Medicina, em que sahio grande Letrado, recebeu as insignias doutoraes sendo Lente do Methodo de que tomou posse a 4. de Abril de 1633. de *Crisibus* em o primeiro de Julho de 1656. da Cadeira de Avicena em 30. de Setembro de 1659. e ultimamente de Prima a 24. de Abril de 1662. Compuz:

De methodo medendi explanationes ad Lib. Non. M. S. Conservava-se na Livraria de Manoel Soares Brandaõ, insigne Medico.

P. DIOGO CURADO, natural de Lisboa onde foy educado com taõ virtuosos documentos por seus Pays Francisco Rodrigues Curado, e Maria Teixeira, que na idade juvenil deixou o mundo, e recebeu a Roupeta de São Filippe Neri, em a Congregaçaõ do Oratorio da sua Patria a 19. de Março de 1671. Depois de estudar as Sciencias Escholasticas as dictou aos seus domesticos, e estranhos com grande aplauso do seu nome alcan-

quando-o ainda mayor em o pulpito quando tinha por expectadores das suas Orações Evangelicas os principaes ouvintes de huma, e outra Jerarchia admirados da subtileza do discurso animada pela energia da representação. Sendo Qualificador do Santo Officio, e Examinador das Ordens Militares passou a Roma, e nesta famosa Corte foy venerado o seu talento não sómente pela profundidade da sciencia, mas ainda muito mais pela docilidade do genio. Restituido ao Reyno falleceo em Lisboa a 21. de Abril de 1736. Publicou.

Sermoens Varios. 1. Tomo. Roma por Antonio Rossi. 1719. 4. Grande.

Sermoens Varios. 2. Tom. Roma pelo dito Impressor. 1719.

Sermoens Varios. 3. Tom. Roma pelo dito Impressor. 1720. 4.

Compromisso das obrigaçoens, que devem cumprir, e observar pontualmente as Escravas de Nossa Senhora da Conceição, da Irmandade fundada, e sita na Igreja do Espirito Santo dos Padres da Congregação do Oratorio de Lisboa. Lisboa por Jozé Antonio da Sylva. 1734. 4. Sahio sem o seu nome.

Itinerario Historico, dividido em tres partes. A primeira da Jornada de Lisboa a Roma. A 2. da Jornada de Roma a varias terras. A 3. da volta de Roma a Lisboa. M. S. 4.

DIOGO DIAS natural da Villa do Crato em a Provincia do Alentejo. Sendo moço do Coro da Cathedral de Evora estudou a Arte da Musica para a qual teve tão grande propensão, que subio a ser Mestre della em a Matriz da sua Patria, deixando para testemunho da sua sciencia:

Varias Obras Musicas. M. S.

DIOGO DIAS DE VILHENA celebre Contrapontista, e hum dos famosos discipulos da escola do grande Mestre Antonio Pinheiro. Compoz.

Arte de Canto chaõ para principiantes. M. S. 4. Conserva-se na Bibliotheca Real da Musica com outras suas Obras.

Fr. DIOGO ESTELLA oriundo da Cidade do seu apellido, situada em o Reyno de Navarra, porém nacido em o de Portugal, como affirmaõ Joaõ Hallewordio *Bib. Curios.* pag. 60. col. 1. Possevino *Apparat. Sac. lit. D.* pag. 463. Manoel de Faria, e Souf. *Epit. das Hist. Portug.* Part. 1. cap. 18. André Scoto *Hisp. Bib.* pag. 252. Wadingo *Script. Ord. Min.* pag. 102. Ricciolo *Chronol. Reform.* Tom. 4. Ind. 2. Nicol. Anton. *Bib. Hisp.* Tom. 1. pag. 217. Joan. Soar. de Brit. *Theatr. Lusit. Litter. lit. D. n. 34.* Natal. Alexand. *Hist. Eccles.* Tom. 8. Sæcul. XV. cap. 5. e cap. 3. Devendo à fortuna nacimiento illustre se nobilitou mais por beneficio da Graça com o exercicio das virtudes, que exactamente praticou na Religião Serafica professando tão sagrado Instituto na Provincia de São Tiago. Depois de estudar as sciencias necessarias para o pulpito, e confessorario, se dedicou ao ministerio da Prêgação Evangelica, convertendo com a vehemencia das palavras innumeraveis almas ao caminho da penitencia. Como todo o seu difvelo era a conversão dos peccadores, quando algumas vezes interrompia o laborioso exercicio do pulpito, occupava o tempo em escrever Livros asceticos, valendo-se destas mudas vozes para despertar aos que jaziaõ sepultados no lethargo das culpas. Foy muito versado na liçam da Sagrada Escriitura, e Santos Padres, como testemunhaõ as suas composçoens, merecendo pela grave prudencia, e summa litteratura de que era ornado, ser director da consciencia do Eminentissimo Cardinal Antonio Perennoto Granvellano, valido de Filippe Prudente. Mais cheyo de merecimentos, que annos, passou à eternidade em o de 1590. Compoz:

In Evangelium Lucae. Este Commentario depois de explicar com subtileza o sentido litteral, o illustrou com diversas reflexoens moraes. Sahio a primeira vez Compluti apud Andream de Angulo 1578. fol. 2. Tom. Como fosse prohibido pelo Index Romano, e pela Censura de alguns Theologos Espanhoes, sahio expurgado Venetiis apud Franciscum Zilletum 1582. 4. 2. Tom. Lugd. apud Joannam Jacobi

Junti filiam. 1583. fol. Antuerpiæ apud Petrum Bellerum. 1607. fol. Parisiis, & Lugd. 1592. Antwerp. apud Guilielmum Lieftenium. 1634. fol.

De ratione concionandi, sive Rhetorica Ecclesiastica. Salmanticæ apud Joan. Baptistam à Terra nova. 1576. 8. e 1596. Venetiis 1584. 16. Colon. apud Arnoldum Myllium. 1586. Lugd. 1592. no fim do Commentario sobre S. Lucas.

Commentaria super Psalmum 136. Super flumina Babilonis Salmant. apud Joan. Bapt. à Terra nova. 1576. 8. Sahiraõ juntamente com a *Rhetorica Ecclesiastica.* Colonia apud Arnold. Myllium. 1586. 8. e 1587. & Venetiis. 1598.

Dela Vanidad del Mundo. Esta Obra he louvada por Saõ Francisco de Sales na Part. 1. das suas Cartas Liv. 2. Cart. 31. num. 14. e das muitas impressoens que della se fizeraõ recommenda a sua utilidade sendo a primeira Salamanca por Mathias Gast. 1574. 8. Lisboa por Antonio Ribeiro. 1576. 3. Tom. 8. Salamanca por Juan Fernandes. 1581. 8. Alcalá por Juan Garcia. 1582. Foy traduzida em Italiano pelo Padre Joaõ Bautista Perusco Jesuita. Florentia. 1585. Verona 1604. e Venetia por Giovanni Guerigli. 1626. Sahio augmentada esta traducção pelo P. Pedro Buenfanti Piovano de Bebienna. Venetia por Mathia Valentino. 1606. 4. Tom. 16. e pelos herdeiros de Francisco Zilleti. 1598. Traduzida em Francez por Guilielmo Chaudiere. 1578. 16. e 1601. 8. e na Lingoa Latina pelo P. Pedro Burgundo Jesuita. Antwerp. apud Arnoldum Myllium. 1585. e 1594. Na Lingua Alemã, Colonia apud Lorioium. 1586. 8. e 1617. 8.

Tabulæ rerum omnium quæ in Libris de vanitate mundi continentur ad Evangelia totius anni distributæ. Compostas por Fr. Affonso de Sanzolas Franciscano da Provincia de Saõ Tiago. Salmanticæ. 1585. & Veronæ. 1594. 16.

Meditaciones devotissimas del Amor de Dios. Salamanca por Mathias Gast. 1578. 8. Lisboa por Antonio Ribeiro. 1578. 8. Salamanca por Pedro Lasso. 1582. 8. Alcalá por Juan Garcia. 1597. 4. Sahiram vertidas em Italiano pelo P. Joaõ Bautista Perusco com a Obra *dela Vanidad del*

Mundo; em latim por Joaõ Governario com este Titulo: *Divini Amoris incentiva.* Colonia apud Burgerium 1603. 12. e em Francez por Gabriel Chapuys. Anversa por Pedro Bellero. 1593. 12.

Desprecio del Mundo. Lisboa por Manoel de Lyra. 1584. 3. Tom. 8. Vertido em Italiano por Jeremias Foresti. Parma por Seth Viotto. 1577. 16.

Dela Vida, loores, y excelencias del Bienaventurado Evangelista S. Juan. Lisboa por Germaõ Galhard. 1554. 4. Foy mandado imprimir por ordem da Serenissima Rainha D. Catharina mulher del Rey D. Joaõ o III. Sahio augmentada esta Obra por Fr. Christovaõ Moreno Franciscano. Valença pelos herdeiros de Joaõ Navarro. 1595. 4.

O seu nome celebraõ diversos Authores, como saõ Nicol. Ant. *Bib. Hisp.* p. 217. *peritus valde ad populum dicendi, acque in Christianis orationibus exercitatissimus.* Taxand. in *Cathal. clar. Hisp. Script. celebris concionator.* Scoto *Hisp. Bib.* p. 252. *rarus Dei concionator.* Natal Alexand. *Hist. Eccles.* Tom. 8. *Sæcul.* XV. cap. 5. art. 1. *Concionator egregius.* Jacob Le Long. *Bib. Sacr.* Tom. 2. pag. mihi 972. Joaõ de Cordova do Collegio de Alcalá entre varios elogios, que lhe dedica em metro elegante no principio do Commentario sobre S. Lucas:

*Nam cum plena loco fundis seu Paulus ab alto
Fulmina doctrinæ quis non stupescit ab ore
Pendet! & attonitus, quamvis sit ferreus intus
Divina sentit se se molescere flamma?
Ecquis in Hispania tota est cui cedere possis
Eloquio sancto, & mixto gravitate lepore
Corde gerit filicem quisquis tua fulmina sentit, &c.*

DIOGO ESTEVES DA VEIGA, E NAPOLES, filho de Henrique Esteves da Veiga, e de D. Francisca Pereira filha de Diogo Lobo, e Joanna Pereira, naceo em Lisboa a 2. de Julho de 1551. Foy Fidalgo da Casa Real, Senhor da Honra de Nandufe na Comarca de Viseu, Capitão mór dos Conelhos de Bêsteiros, Freixedo de Mouros, e S. Joaõ de Monte Guardaõ. Era muito versado na lição da Historia, e principalmente em a Genealogia, escrevendo:

Nobiliario das Familias deste Reyno, particularmente das de Viseu. M. S. fol.

Notas ao Nobiliario do Conde D. Pedro. M. S. fol.

Falleceo em o anno de 1635. com 84. de idade. Jaz sepultado na Capella mór da Igreja de Nandufe. Delle faz menção o P. D. Ant. Caet. de Soufa no *Aparat. à Hist. Geneal. da Caf. Real Portug.* pag. 78. num. 62.

Fr. DIOGO DE FARIA, de cujo Instituto Religioso não dá noticia João Franco Barreto na *Bib. Lusit.* M. S. dando a da traducção, que fizera em Portuguez do

Dialogo da alma com a carne estando inferno Socrates. M. S. Conservava-se na Livraria do Chantre de Evora Manoel Severim de Faria.

DIOGO FERNANDES natural de Lisboa, ou como outros querem, da Cidade de Tavira em o Reyno do Algarve. Foy muito douto na lição da Historia profana, principalmente da fabulosa, escrevendo:

Terceira, e quarta Parte do Palmeirim de Inglaterra, na qual se trataõ as grandes cavallarias de seu filho o Principe D. Duardos II. e dos mais Principes, e Cavalleiros, que na Ilha deleitosa se criáõ. Lisboa por Marcos Borges. 1587. fol. & ibi por Jorge Rodrigues. 1604. fol.

Fr. DIOGO FERNANDES, natural da Cidade de Braga. Professou o Instituto Serafico em a Provincia de São Tiago em Castella, onde tantos progressos fez na sciencia das Escolas, que subio a ser Lente de Prima de Theologia em a Universidade de Salamanca. Escreveo:

Additiones ad opera Joannis Duns Scoti. M. S.

Do Author, e da Obra faz memoria Fr. Joan. à D. Ant. in *Bib. Franc.* Tom. 1. p. 197. col. 1.

D. DIOGO FERNANDES DE ALMEIDA. Naceo em Lisboa a 21. de Abril de 1698. onde teve por Progenitores a D. João de Almeida Conde de Afumar, Vedor da Casa Real, Embaxador extraordinario a Carlos III. em Barcelona, Conselheiro de Estado, e Gentil-homem

da Camara delRey D. Joaõ o V. e a D. Isabel de Castro filha de D. Joaõ Mascarenhas, segundo Conde da Torre, e primeiro Marquez de Fronteira, Conselheiro de Estado, e de D. Magdalena de Castro. Depois de aprender os preceitos da Lingua Latina passou à Universidade de Coimbra, onde foy admitido a Porcionista do Collegio Real de São Paulo, de que tomou posse a 21. de Outubro de 1716. Aplicou-se ao estudo do Direito Pontificio, em que recebeu as insignias Doutoraes no anno de 1722. com geral aclamação de todos os Cathedaticos. Sendo Thezoureiro mór da Cathedral de Leiria, e Beneficiado de São Miguel de Torres Vedras, de São Pedro de Torres Novas, Santa Maria de Goes, e de Aguas Santas, Deputado da Inquisição de Lisboa, provido a 23. de Junho de 1724. foy eleito em o de 1727. Academico da Academia Real para escrever as Memorias Historicas do Bispado de Miranda, donde passou a Censor da mesma Academia no anno de 1737. e em taõ douta Assembleia se admirou o seu talento em varios discursos em que competia a sciencia da Historia, com a elegancia do estylo. Estes dotes, com que se ornava o seu espirito, o habilitaram para ser assumpto a dignidade de Principal da Santa Igreja Patriarchal de Lisboa, de que tomou posse a 13. de Janeiro de 1739. sendo pelo seu merecimento acredor de outros mayores lugares. Da sua illustre pessoa faz repetida memoria meu irmão D. Jozé Barbosa nas *Memor. do Colleg. Real* pag. 395. e no *Archiath. Lusitan.* p. 142. e 199. Compoz.

Pratica com que congratulou a Academia Real, de estar eleito seu Collega. Sahio no Tom. 7. da *Collecção dos Documentos da Academia.* Lisboa por Jozé Antonio da Sylva 1727. fol.

Conta dos seus estudos Academicos no Paço a 7. de Setembro de 1727. No Tom. 7. da *Collecção dos Documentos,* &c. Lisboa pelo dito Impressor 1727. fol.

Conta dos seus Estudos Academicos no Paço a 7. de Setembro de 1731. No Tom. 11. da *Collecção dos Documentos,* &c. Lisboa pelo dito Impressor 1731. fol.

Dissertação historica, Juridica, e Apologetica na Conferencia da Academia Real da His-

toria Portugueza de 14. de Fevereiro de 1732. em defeza da conta que deo dos seus estudos no felicissimo dia de 7. de Setembro, em que se celebravaõ os annos da Rainha Nossa Senhora. Lisboa, por Jozé Antonio da Sylva, Impressor da Academia Real. 1732. 4. e no Tom. 11. da *Collec. dos Documentos da Acad. Real, &c.* pelo dito Impressor. 1731. fol.

Oraçaõ recitada na Conferencia de 31. de Janeiro de 1737. sendo eleito Censor. Lisboa por Jozé Antonio da Sylva. 1737. 4. grande.

DIOGO FERNANDES FERREIRA, filho de Pedro Ferreira, Moço da Camara do Infante D. Luiz, e seu Caçador, de cujo exercicio foy professor insigne como seu Pay, efcrevendo quando contava a idade de 70. annos:

Arte da Caça da Altenaria, dedicada a D. Francisco de Mello II. Marquez de Ferreira, de quem foy Moço da Camara, e seu Caçador. Lisboa 1616. 4. Do Author, e da Obra faz memoria Nicol. Ant. *Bib. Hisp.* Tom. 1. p. 218. col. 1.

DIOGO FERNANDES FRANCO, celebre professor de Grammatica em a Universidade de Alcalà, publicando para claro testemunho da sua sciencia:

Pratica menor dela Grammatica. Alcalà por Joaõ Inigues de Lequerica. 1585. 8.

DIOGO FERRAZ natural de Coimbra, e descendente de familia nobre. No tempo que governava esta Cidade como seu Pastor o Bispo Conde D. Fr. Joaõ Soares, insigne esplendor da Religiaõ dos Eremitas de Santo Agostinho, lhe entregou huma Obra pia, e devota intitulada:

Regra de viver em paz.

A qual com o Cathecismo composto em versos pelo dito Bispo para mais facilmente ser decorado pelos mininos, sahio em Coimbra por Joaõ Barreira. 1560. 12. E Lisboa por Domingos Carneiro. 1672. 8.

DIOGO FERREIRA DE FIGUEIROA natural da Villa da Arruda distante sete legoas para o Norte da Cidade de Lisboa. Pela nobreza do seu naci-

mento mereceo ser hum dos mais estimados criados dos Serenissimos Duques de Bragança D. Joaõ o II. e D. Luiza Francisca de Gusmaõ, que depois se coroaraõ Principes desta Monarchia. Pela profunda sciencia das duas famosas Artes da Poesia, e Musica, alcançou ser venerado pelos mais celebres Poetas do seu tempo, e ser admitido por Cantor da Capella Real em 3. de Junho de 1648. Falleceo em Lisboa a 19. de Mayo de 1674. quando contava 70. annos de idade. Delle fazem honorifica lembrança D. Franc. Manoel na *Cart. dos AA. Portug.* dizendo ser de *igual zelo, que harmonia.* Joan. Soar. de Brit. in *Theatr. Lusit. Litter.* lit. D. n. 14. Sor Violant. do Ceo *Rim. Var.* p. 92. Compoz:

Epitome das Festas, que se fizeraõ no Casamento de D. Joaõ o II. Duque de Bragança com a Senhora D. Luiza Francisca de Gusmaõ, filha unica do Duque de Medina Sidonia. Evora por Manoel Carvalho. 1633. 8.

Desmayos de Mayo, em sombras do Mondogo. Villa-viçosa no Paço do Duque por Manoel Carvalho Impressor de Sua Excellencia. 1635. 8. Dedicado ao Senhor D. Alexandre. Contém hum enredo saudoso de hum Estudante de Coimbra natural de Lisboa. He composto de verso, e prosa, onde o Author se mostra judicioso elegante, e humanista. No fim promete Segunda Parte, com o titulo:

Notabilidades do sucedido nas cortes de Amor. Escrito em o anno de 1634. Conserva-se na *Bib. Real.* 4.

Jardim de Finamor, Panegirico ao Nascimento do Infante D. Pedro. Lisboa por Manoel Gomes. 1648. 8. He escrito em 8. Rima.

Theatro da mayor façanha, e gloria Portugueza. Lisboa, por Domingos Lopes Roza. 1642. 4. Consta de 6. Cantos em 8. Rima feitos à gloriosa Aclamação delRey D. Joaõ o IV.

Vida de Santa Thereza, em 8. Rima. Conservava-se em poder do Padre Manoel Fernandes da Companhia de JESUS, Confessor delRey D. Pedro II.

Queixosa demonstração de magoas, na intempestiva morte do Serenissimo Infante de Portugal, o Se-

nhor D. Duarte, irmão do Serenissimo Rey D. Joaõ o IV. Canção. Começa:

Memorias, que em presagios da esperança As leys do sentimento adulterando, &c. M. S. Della confervo huma copia.

DIOGO FREIRE PINHEIRO. Naceo na Provincia do Alentejo, e militou com o posto de Capitão em Flandes. Para mostrar, que igualmente era insigne na espada como na penna escreveu, e imprimio conforme affirma Joaõ Franco Barreto na *Bib. Portug. M. S. Diario das Guerras de Flandes.*

Fr. DIOGO GIL Religioso Carmelita Calçado, de cuja Ordem tendo sido Prior do Convento de Lisboa, subio no anno de 1335. ao lugar de Provincial. Não teve menor prudencia para o governo, que capacidade para escrever das antiguidades da sua Religião, compondo como dizem D. Nicol. Ant. in *Bib. Vet. Hist.* Lib. 9. cap. 4. §. 217. e a *Bib. Magn. Eccles.* Tom. 1. pag. 123. col. 2.

De Fundatione Ordinis Carmelitarum. M. S.

DIOGO GOMES CARNEIRO natural do Rio de Janeiro versado em todo o genero de Historia, e não menos na intelligencia das linguas mais polidas, e na sciencia das letras humanas, Poesia, e Rhetorica. Foy Secretario de D. Affonso de Portugal Marquez de Aguiar, que pela nobreza do seu nascimento, e capacidade do talento o tratava com particular estimação. Como era muito perito na Historia da America onde tivera o berço foy eleito Chronista geral do Brasil, affinando-lhe ElRey 300U000. reis de ordenado, que não tiverão effeito. Era sumamente charitativo applicando com feliz successo muitos remedios a varias pessoas pobres, que elle mesmo manipulava. Morreo em Lisboa a 26. de Fevereiro de 1676. e está sepultado no Collegio de Santo Antão dos Padres Jesuitas. *Vir satis eloquens, & eruditus, humanisque simul, & sacris litteris aprime versatus* o intitula Joan. Soar. de Brit. in *Theatr. Lusit. Litter.* liter. D. num. 15. e D. Francisc. Manoel na *Cart. dos AA. Portug.* escrita ao D. Themudo escreveu.

Oração Apodixica aos Scismaticos da Patria. Lisboa por Lourenço de Anvers. 1641. 4. Nesta Obra se intitula Doutor, e assim delle como do Author se lembra o moderno addicionador da *Bib. Occid.* de Antonio de Leão Tom. 2. tit. 12. col. 676.

Traduzio de Latim do Padre Martim Martines da Companhia de JESUS em Portuguez:

Historia da guerra dos Tartaros, em que se refere como nestes nossos tempos invadirão o Imperio da China, e o tem quasi todo occupado. Lisboa por Henrique Valente de Oliveira. 1657. 16.

Traduzio de Italiano de Joaõ Bautista Ranuccio Arcebispo de Fermo, em Portuguez:

Historia do Capuchinho Escocex. Dedicada a D. Ignez Antonia de Tavora. Lisboa pelo dito Impressor. 1657. 12.

Instrução para bem crer, bem obrar, e bem pedir em cinco Tratados do Padre Joaõ Eusebio Nieremberg da Companhia de JESUS, em que se juntaõ dous mais das regras de viver Christãamente. Lisboa pelo dito Impressor. 1658. Nesta traducção se diz, que estes Tratados não andão inclusos nas Obras do P. Eusebio.

Nas Memor. Funeb. de D. Maria de Attayde, Lisboa na Officin. Crasbeeckian. 1650. 4. a pag. 85. está hum Epigramma seu latino por epitafio a esta Senhora.

DIOGO GOMES DE FIGUEIREDO, filho de Joaõ Gomes Quaresma Escrivão dos Armazaens Reais, naceo em Lisboa, e foy igualmente insigne na sciencia militar, e politica. Na arte de jogar a espada não houve quem lhe disputasse a primazia merecendo para immortal credito do seu magisterio ter por discipulo ao Serenissimo Principe D. Theodosio. Como o genio o inclinava para as armas se dedicou desde os primeiros annos ao exercicio da guerra, sendo o preludio das suas acçoens militares o embarcar-se com a praça de Aventureiro na Armada Real, de que era General D. Manoel de Menezes, o qual sahindo de Lisboa a 24. de Setembro de 1626. fez lastimoso naufragio a 12. de Janeiro do anno seguinte na costa de Gascunha. Já occupava o posto

de Mestre de Campo no anno de 1658. na qual com o seu Regimento guarnecendo a Praça de Elvas a defendeo alentadamente contra a invasão dos Castelhanos. Sendo General da Artilharia se deveo à sua vigilante providencia, e heroica valentia, livrar a Praça de Almeida da interpreza com que determinava levalla o Duque de Ossuna em o anno de 1663. e ultimamente na famosa Batalha de Montes Claros, alcançada a 17. de Junho de 1665. occupando o posto de Sargento mór de Batalha deo de seu valeroso animo assinalados argumentos. Conservou entre o tumulto das armas familiar commercio com as Musas alternando os seus cuidados entre Marte belicoso, e Apollo pacifico sendo hum dos melho- res alumnos da Academia dos *Instantaneos* instituida em casa de Fernão Correa de Lacerda, que depois foy Bispo do Porto, onde eraõ ouvidos os seus versos com universal applauso. Como a grande Poeta o convida Manoel de Galhegos a celebrar as Vodas dos Serenissimos Duques de Bragança, no *Templo da Mem.* Liv. 4. Estanc. 190.

Musas este sojeito, este portento

A Diogo Gomes day de Figueiredo

Que de seu pleitro vive o esquecimento

Tão longe como do seu peito o medo,

E o fez o Ceo Rhetorico, e Valente

Porque de seu valor cante eloquente.

Mereceo as estimaçoes das principaes Pelloas deste Reyno tanto pela afabilidade do genio, como pela madureza do juizo. Foy Commendador de huma das Commendas da Casa da India da Ordem de Christo. Falleceo na patria a 30. de Setembro de 1685. e jaz sepultado no Convento da Santissima Trindade. Fazem illustre memoria do seu nome o Excellentissimo Conde da Ericeira D. Luiz de Menezes *Portug. Restaurad.* Tom. 2. Liv. 3. pag. 139. e Liv. 8. pag. 585. e 586. e Liv. 10. pag. 710. P. Emman. Lud. *Vit. Princip.* *Theod.* Liv. 1. §. 128. *Virum excimium, atque in omni scientia militari, bellicæque virtutis editis passim monumentis insignem.* D. Ant. Caet. de Souf. *Apparat.* à *Hist. Geneal. da Caf. Real Portug.* pag. 136. §. 157. *Discreto, Poeta, e Cortezão, e pelas suas partes foy muito estimado.* Com- poz:

Ode Funeral à morte da Senhora D. Maria de Atayde. Sahio impressa a pag. 35. das *Memor. Funeb.* dedicadas a esta Senhora. Lisboa na Officina Crasbeeckian. 1650. 4.

Canção à morte do Mestre de Campo General Andre de Albuquerque com hum mote glossado ao mesmo Assumpto. Sahio impresso no Panegyrico que a este Heróe consagrou o Doutor João de Medeiros Correa. Lisboa por Domingos Carneiro. 1661. 4.

Destreza das Armas M. S. A esta Obra, que estava prompta para a impressão, fez huma elegante Canção o insigne Poeta Antonio Barbosa Bacellar, que principiava:

Detende hum pouco o esilo soberano

Mavorte Lusitano

Rayo de Apollo armado

Paray hum pouco o pleitro sublimado

Que da pena envejosa

A espada vos contemplo

E com razão queixosa

Que se hoje a penna vos fabrica hũ Templo

Já da primeira idade

Se abriu caminho pela eternidade.

D. Francisco Manoel nas *Obras Metricas* Tuba de Calliope Sonet. 28.

Quando estas regras de destreza ensinas

Parmeno de ti creyo, que es de sorte

Que não por dextra a morte, mas por morte

Mais certos golpes tẽ, que taes doutrinas.

E quando nas palestras peregrinas

Te vejo confiado, astuto, e forte,

Parece certo, que a contraria sorte

Entre a vontade, e o braço determinas.

Espada, e penna pois que com verdade

O mesmo que huma intrepida pejeja,

A outra scientifica derrama:

Ambas chaves serã da eternidade,

Esta para cerrar bocas da enveja

Aquella para abrir bocas da Fama.

Poesias Varias 3. Tom. 4. M. S. que deixou a seu grande amigo D. Francisco de Soufa Confelheiro de Estado, e Presidente da Mesa da Conciencia.

Sessenta Caprichos. M. S. Consta esta Obra de Discursos ornados de todo o genero de erudição sendo o argumento de cada Discurso hum contradictorio como *Amor, e Odio; Liberalidade, e Avariza, e o ultimo he Vida, e Morte.* O original

com as licenças para se imprimir se conserva na grande Livraria do Excellentissimo Conde da Ericeira.

DIOGO GOMES DE FIGUEIREDO natural de Lisboa filho do precedente, e semelhante a elle, não sómente em o nome, mas em a sciencia militar, pela qual chegou a ser Tenente General da Artilharia do Reyno, por cuja causa escreveu em obsequio de ambos o Soneto seguinte o Doutor André Nunes da Sylva nas *Rim. Sacr. e Prof.*

Em nome, e acçoens equivocados

Vos notaõ os affectos, e os sentidos

Nas palestras da paz sempre entendidos,

Nos empenhos da guerra sempre ousados.

Igualmente discretos, e Soldados

Sendo os mesmos nas obras, e apellidos

Naõ ficaes cabalmente conhecidos

Ficando cabalmente venerados.

Distinguirvos pertende com estudo

O mesmo affombro, e vendo a gloria altiva

Em ambos de admirado fica mudo;

Abonando na luz sempre excessiva

Se ao Pay original do filho em tudo

Copia ao filho do Pay em tudo viva.

Foy muito versado na lição da Historia secular, principalmente em huma das suas mais nobres partes, qual foy a Genealogia escrevendo com judiciosa critica, e profunda indagação.

Familias do Reyno de Portugal. fol. 6. Tom.

Cujo Original se conserva com grande estimação na Livraria do Excellentissimo Duque do Cadaval, e delle faz honorifica menção o P. D. Antonio Caetano de Soufa no *Apparat. à Hist. Geneal.* pag. 136. §. 157. chamando a seu Author *Grande Genealogico*, do qual conserva 2. Tomos de *Familias*, que comprehendem a letra M. e S. dizendo ser *Obra escrita com cuidado sucintamente historiado de sorte, que não faltando ao essencial poupa o cansado, com verdade, e averiguação, e quanto ao meu parecer hum dos melhores, que neste genero se tem escrito.* Morreo em Lisboa a 12. de Fevereiro de 1684. Está sepultado no Convento da Santissima Trindade. Foy casado com D. Maria de Menezes, de quem não teve descendencia.

DIOGO DE GOUVEA. Naceo em a Cidade de Beja celebre solar desta eruditissima familia, onde teve por Pay a Antaõ de Gouvea Cavalleiro professo da Ordem de Christo, e por irmaõs a Manoel de Gouvea Prior da Igreja de São Nicoláo de Lisboa, e o Doutor Gonçalo de Gouvea Dezembargador da Casa da Supplicação. Depois de estar sufficientemente instruido nas letras amenas passou a estudar as severas em a Universidade de Pariz, e tal foy o progresso, que nelles fez o seu sublime engenho, que não sómente recebeu o gráo de Doutor em a Faculdade de Theologia com geral aclamação de todos os Cathedaticos, mas subio pela sua prudencia a ser Reitor da mesma Universidade, onde fora discipulo, em cujo governo mereceo, que o fosse do seu magisterio o grande Patriarcha Santo Ignacio de Loyola, ao qual conhecida a sua innocencia livrou do castigo a que estava condemnado pelas leys Academicas, por atrahir alguns dos alumnos da Universidade para a nova Companhia, que então levantava, e persuadio a ElRey D. João o III. que escrevendo ao mesmo Santo lhe pedisse alguns dos seus companheiros para promulgar a Ley Evangelica nas Regioens Orientaes, sendo a principal causa, de que este Sagrado Instituto se introduzisse em Portugal. A madureza do juizo, e a profundidade do talento o fizeraõ digno de que os nossos Monarchas, e os de França o constituissem arbitro em os mayores negocios, em que eraõ interessadas estas duas Monarchias, devendo-se à sua perspicaz vigilancia, e politica sagacidade a feliz conclusão delles. Tanto que voltou para o Reyno foy provido em hum Canonicato em a Cathedral de Lisboa, onde em idade muito provecta morreo a 8. de Dezembro de 1557. e jaz sepultado no Cruzeiro da mesma Cathedral com este Epitafio:

Aqui jaz Diogo de Gouvea Doutor em Theologia, e Reitor da Universidade de Pariz, Conego nesta santa Sé, que alcançon, e servio a cinco Reys de Portugal, e quatro de França. Tratou, e negociou por bem da Fé, e honra deste Reyno. Falleceo a 8. dias de Dezembro de 1557. Deste grande Varaõ fazem memoria Orland.

Hist. Societ. JESU. Lib. 1. n. 71. chamando-lhe *Vir prudens.* Telles *Chron. da Comp. de JES. da Prov. de Portug.* Part. 1. cap. 4. n. 2. *Pessoa de grande authoridade.* Joan. Soar. de Brit. *Theatr. Lusit. Litter.* lit. D. n. 16. Belchior Belliagio in *Orat. ad Conimb. habita ann. 1568.* *Vir gravissimus omni litterarum genere ornatissimus Jacobus à Gouvea Doctor prastantissimus, qui litteras excoluit, juventutemque ad earum studia capescenda sic incendit, ut nullum sit Gymnasium à quo Doctores Gramatici, Poetæ, Historici, Oratores, & Philosophi prodire soleant.* Franc. *Annal. S. J. in Lusit.* pag. 1. num. 1. Jorge Card. *Agiol. Lusit.* Tom. 2. pag. 380. no Comment. de 2. de Abril lit. C. Leitaõ *Notic. Chronolog. da Univerfid. de Coimb.* pag. 452. §. 966. 967. 968. e 969. Compoz:

Tractatus Theologico dogmaticus contra Lutherum. M. S.

DIOGO DE GOUVEA natural da Freguesia de S. Pedro de Arrifana no termo da Villa de Santarem, e não de Coimbra, como escreveu Pedro de Mariz *Dial. de Var. Hist.* Dialog. 5. cap. 3. Jorge Cardoso *Agiol. Lusit.* Tom. 2. p. 393. e D. Nicol. de S. Maria *Chron. dos Coneg. Regrant.* Liv. 10. cap. 5. Foy filho do Doutor Gonçalo de Gouvea Dezembargador da Casa da Supplicação, e de D. Joanna Velho de Castello Branco. Na idade juvenil passou a Pariz, e no Collegio de Santa Barbara de que era Reitor seu tio pela parte paterna Diogo de Gouvea de quem fizemos a precedente memoria estudou as letras humanas, e Divinas, em que sahio tão consumado, que recebeu a borla doutoral da Theologia em a Universidade de Pariz. Por ser muito conhecida a sua profunda litteratura o nomeou ElRey D. Joaõ o III. seu Theologo no Concilio de Trento em 29. de Setembro de 1551. para onde partio com o Embaxador Diogo da Sylva do Conselho delRey filho de Joaõ da Sylva Senhor de Vagos, e de sua mulher D. Joanna de Castro iuntamente com Joaõ Paes Doutor em ambos os Direitos, e Diogo Mendes de Vasconcellos, de quem brevemente se fará distinta memoria. Depois de dar claros

argumentos do seu talento em tão grave Congresso, voltou para a patria, onde recebeu por premio das suas virtuosas açoens algumas dignidades Ecclesiasticas, como foraõ a Abbadia de Vinhò na Provincia da Beira, o Beneficio de Saõ Joaõ de Deza, em o qual o collou o Cardial D. Henrique a 11. de Julho de 1557. e desta collaçã consta a sua naturalidade, como tambem a Conezia da Sé de Lisboa, que nelle renunciou seu Tio Diogo de Gouvea. Ultimamente de Deputado da Meza da Conciencia, foy assumpto por morte de D. Joaõ de Olmedo a Prior mór de Palmela Cabeça da Militar Ordem de Saõ Tiago, a qual para que se conservasse na primitiva observancia a visitou muitas vezes, e lhe escreveu utilissimos Estatutos com que se governou muitos annos. Cumulado de virtudes heroicas e Christãas falleceo no Convento de Palmella a 2. de Abril de 1576. Jaz sepultado na Capella mór com este Epitafio:

Aqui jaz D. Diogo de Gouvea Prior mór que foy deste Convento, e Ordem de S. Tiago, e do Conselho delRey D. Sebastiaõ Nosso Senhor, que primeiro foy Embaxador delRey D. Joaõ o III. ao Concilio de Trento. Falleceo neste Convento a 2. de Abril de 1576.

Assistindo no Capitulo da Ordem Militar de Saõ Tiago, que celebrou o Sereñissimo Rey D. Sebastiaõ a 14. de Novembro de 1564. em a Casa Capitular do Convento de São Francisco desta Corte recitou na presença de tão authorisado Congresso a Oração seguinte, que principia:

A nobre, e muito antiga Religiaõ, e Ordem da Cavallaria do Bemaventurado Apostolo S. Tiago, &c. Sahio impressa nas minhas Memor. Hist. delRey D. Sebast. Part. 2. Liv. 1. cap. 5. num. 50. p. 435.

Deixou compostas muitas Postillas de Theologia, e doudas Annotaçoens sobre os Evangelhos, cujas Obras se conservaõ no Archivo do Real Convento de Palmella como escreve Jorge Cardoso *Agiol. Lusit.* Tom. 2. pag. 380. col. 2. no Comment. de 2. de Abril. Letr. C.

DIOGO DE GOUVEA BARRADAS natural de Beja, e filho de Francisco

Barradas de Gouvea, e Cecilia Gaga de Oliveira. Assistio muitos annos na India Oriental, sendo Juiz da Alfandega de Goa, e companheiro em varias jornadas de seu Tio paterno o Illustrissimo Bispo de Cirene D. Fr. Antonio de Gouvea de quem já se fez larga memoria. Foy muito versado na lição da Historia Sagrada, e Profana, a qual o estimulou a escrever:

Antiquidades da Cidade de Beja. M. S.

Cuja Obra allega muitas vezes o Padre Francisco da Cruz nas suas Memorias para a Bib. Portugueza, affirmando ser muito estimavel pela variedade de erudição Latina, e vulgar, de que está cheya. No Liv. 1. cap. 20. desta Obra faz menção de outra, que estava prompta para a impressão com este titulo:

Apologia por Beja, ou Pax Julia illustrada. Nella mostrava ser sómente *Pax Julia*, ou *Pax Augusta*, e não a Cidade de Badajoz.

DIOGO GUERREIRO CAMACHO DE ABOIM. Naceo na Quinta dos Guerreiros solar da sua familia no Territorio do Campo de Ourique, em a Provincia do Alentejo, no anno de 1663. onde teve por Pays a Diogo Guerreiro Camacho de Aboim, e Monica Guerreiro Camacha, filha de André Guerreiro Camacho, e Maria Filippa da Sylva, a cuja vigilante educação deveo o progresso, que fez assim nas virtudes, como nas letras. Depois de estudar na Universidade de Coimbra Direito Cesáreo, em que recebeu o gráo de Bacharel com applauso de Mestres, e discipulos, exercitou varios Lugares como foraõ, Juiz de fóra de Monte mór o velho, Juiz dos Orfaõs de Lisboa, Juiz do Fisco do Territorio de Evora, Dezembargador do Porto, donde passou à Casa da Supplicação a 17. de Novembro de 1703. e ultimamente a Dezembargador dos Aggravos a 20. de Abril de 1709. Em taõ diversos ministerios sempre conservou inviolavel a justiça, sem que pudesse o soborno por menos nobre, ou o respeito por mais authorifado fazer a mais leve impressão em seu incorrupto animo.

Continuamente tinha patentes as portas para ouvir aos litigantes, achando na sua natural benevolencia disfarçada de tal forte a severidade de Juiz, que se apartavaõ da sua presença satisfeitos ainda aquelles, que receavaõ alcançar o despacho desejado. Entre a laboriosa occupação de Senador para que não fosse accusado de passar algum instante ociosamente, escreveu Obras, em que mostrou não sómente a profunda sciencia de hum, e outro Direito, que professava, mas a vasta lição das Letras Sagradas, e humanas, em que era insigne. Foy casado com D. Maria Luiza de Foyos, de quem teve a Manoel Guerreiro Camacho Foyos, Dezembargador da Casa da Supplicação, e nas virtudes, e letras muito semelhante a seu Pay, o qual morreo intempestivamente no anno de 1740. Falleceo em Lisboa a 15. de Agosto de 1709. quando contava 48. annos de idade, e sendo tresladado a 11. de Junho de 1711. da sepultura em que jazia, na Parochial de São Tiago para outra nova, foy achado incorrupto. Sobre a campa se lhe gravou este epitafio:

Sepultura do Doutor Diogo Guerreiro Camacho de Aboim, Dezembargador dos Aggravos, e de sua mulher D. Maria Luiza de Foyos, e seus legitimos descendentes. Falleceo em 15. de Agosto de 1709. Foy tresladado para esta sepultura a 11. de Julho de 1711. Compoz:

De munere Judicis Orphanorum opus in quinque Tractatus divisum, quorum primus est de Inventario. Conimbricæ apud Emmanuelem Rodericum de Almeida. 1699. fol.

De munere Judicis Orphanorum Tractatus secundus de Divisionibus. Ibi apud Joannem Antunes. 1700. fol.

De munere Judicis Orphanorum Tractatus tertius de Datione, & obligatione Tutorum, & Curatorum in octo Libros distributus, & in duos Tomos divisus. Primus Tom. Ulyssipone apud Antonium de Soufa da Sylva. 1733. fol.

Tomus secundus. Ibi apud eundem. Typog. 1733. fol.

De Munere Judicis Orphanorum Tractatus quartus de Rationibus reddendis distrahendisque in octo Libros distributus. Tom. 1. Ulyssipone apud eundem Typ. 1734. fol.

Tom. secundus. Ibi per eundem Typ. eodem anno. fol.

O Index geral destes seis Tom. sahio composto pelo Licenciado Manoel Alvares Solano do Valle. Ulyssip. apud eundem Typ. 1736. fol.

Opusculum de privilegiis Familiarium Sanctæ Inquisitionis in quo tota privilegiorum materia prastringitur, & omnium privilegiorum jus generice examinatur, pleneque discutuntur privilegia omnia Familiarium, Officialiumque Sanctæ Inquisitionis, Senatorum, Monetariorum, Scholasticorum, viduarum, & aliorum; potestas etiam eorum Conservatorum ventilatur, & plures aliæ Juris materiæ involvuntur. Conimbricæ per Joannem Antunes. 1699. fol. & Ulyssipon. apud Antonium de Soufa da Sylva. 1735. fol. Sahio nesta impressão com o *Regimento do Fisco.*

Tractatus de Recusationibus omnium Judicum, Officialiumque tam justitiæ commutativæ quam distributivæ utriusque fori tam sæcularis, quàm Ecclesiastici, sive Regularis à nemine, ut par erat, in lucem editus. Conimbricæ apud Joan. Antunes. 1699. fol.

Decisiones, & quaestiones Forenses ab amplissimo, integerrimoque Portuensi Senatu decisæ partim exarata, partim collectæ. Ulyssip. apud Anton. de Soufa da Sylva. 1738. fol.

Escolla Moral Politica Christãa, e Juridica, dividida em quatro Palestras nas quaes lem de Prima as quatro Virtudes Cardiaes. A 1. a Prudencia, na Cadeira do Entendimento. Na 2. a Justiça, na Cadeira da Vontade. Na 3. a Fortaleza, na Cadeira do Irascivel. Na 4. a Temperança, na Cadeira do Concupiscivel. Dando leys a todas as virtudes, que dellas procedem, e confutando todos os vicios que se lhe oppoem, e dirigindo todos os actos das quatro Faculdades da alma capazes de virtudes, e vicios, &c. Lisboa por Antonio de Soufa da Sylva. 1733. fol.

DIOGO HENRIQUES BASURTO, filho de Antonio Henriques Gomes de quem fizemos menção em seu lugar, e herdeiro de seu espirito poetico, e erudição Sagrada, e profana. Assistio a mayor parte da sua vida em a Cidade de Ruaõ, onde na idade juvenil publicou:

El Triunpho dela Virtud, y paciencia de Job. Dedicado ala Magestad Christianissima de D. Anna de Austria, Reina Madre del Christianissimo Monarcha Luiz XIV. Rey de Francia, y de Navarra. Roan por Lourenço Maurry. 1646. 4. Consta de varios generos de metro. Delle se lembra Joan. Soar. de Brit. *Theat. Lusit. Litter. lit. D. n. 17.*

Soneto em aplauso do Siglo Pythagorico, composto por seu Pay onde declara ser seu filho.

DIOGO HENRIQUES VILHEGAS. Naceo em Lisboa, e foy Cavalleiro da Ordem Militar de Christo taõ agigantado no corpo, como no engenho, sendo muito erudito na lição da Historia, Filosofia Moral, Poetica, e sciencia militar, que exercitou com credito do seu valor no posto de Capitaõ de Couraças Espanholas. Por muitos annos teve o seu domicilio em a Corte de Madrid, onde mereceo as estimaçoens das primeiras pessoas, ou fosse pela sua natural urbanidade ou pela sublime erudição de que era ornado. Morreo na patria a 14. de Outubro de 1671. Jaz sepultado no Convento de Santo Eloy. Compoz:

Levas dela gente de guerra. Sirve de introducion alos Militares, ò primeros principios de todas las Mathematicas de que necessita el exercicio militar. Madrid por Carlos Sanches Bravo. 1647. 4.

Elementos militares. Madrid pelo dito Impressor. 1647.

Aula militar, y politicas Ideas deducidas delas acciones de C. Julio Cesar executadas en las guerras dela Galia, Civiles de Alexandria, de Africa, de España. Dedicada a Filippe IV. Madrid, por Julian de Paredes. 1649. 4.

Academia dela fortificacion de Plaças, y nuevo modo de fortificar una Plaça real, differente en todo delos demas que escrivieron esta arte. Madrid, pelo dito Impressor. 1651. 4.

El Advertido. Madrid, por Domingos Garcia. 1653. 16.

El Sabio en su retiro. Madrid, 1652. 16.

El Principe en la Idea. Madrid, en la Imprenta Real. 1656. 4.

El Despertador al sueño dela Vida. Ibi, em a dita Imprensaõ. 1667. 8.

Pyramide Natalicio, y baptifmal, ala soberana, augusta, excelsa Magestad dela Serenissima Reyna D. Maria Francisca Isabel de Saboya Princesa de Portugal. Lisboa, por Anton. Craesb. de Mello. 1670. 4.

Leer sin Libro. Direciones acertadas para el gobierno Ethico, Economico, y Politico. Lisboa, pelo dito Impreffor. 1667. 4.

Elogio à memoria de Luiz de Camões. Sahio na 2. Part. das Rimas deste Poeta, que elle emendou. Lisboa na Officina Craesbeeckiana. 1663. 12.

El Anticromuel, en que defiende los justos titulos del dominio del Rey delas Indias Occidentales, y que como legitimo dueño de ellas puede impedir, y prohibir el Trato, Navegacion, y Conquista, a todos los Principes, y Reys, castigando como piratas a los estrangeiros agressores manifestando, que nõ hà havido articulo de Pazes de España, e Inglaterra en que se permita a los Ingleses poder navegar, ni comerciar en las Indias contra el Manifesto publicado en Londres a 26. de Outubro de 1645. fol. M. S. Desta Obra faz memoria o novo Addicionador da *Bib. Occident.* de Ant. de Leaõ Tom. 2. titul. 21. col. 776.

P. DIOGO JACOME, Coadjutor espiritual da Sagrada Companhia de JESUS, cujo habito recebeo em Coimbra a 12. de Novembro de 1548. Abrazado em o desejo de agregar almas ao conhecimento do Verdadeiro Deos, deixou a patria, e partio para o Brasil, onde em o anno de 1549. sendo Companheiro do insigne Varão o P. Manoel da Nobrega, padeceo incriveis trabalhos atravessando terras, passando rios, e discorrendo por vastissimas solidos para doutrinar os gentios, e transformalos de feras em racionais. O mayor theatro do seu zelo apostolico foy a Capitania do Espirito Santo, quando huma geral epidemia devorou a mayor parte dos seus habitadores, exercitando sem ter horror à morte os Officios de Medico, Cirurgiaõ, e Confessor, com os quaes ao mesmo tempo lhes applicava

remedios para o corpo, e para a alma. Deste incanfavel exercicio contrahio a infirmitade, que o privou da vida a 15. de Abril de 1565. e foy sepultado na Igreja de Saõ Tiago dos Padres Jesuitas da Villa do Espirito Santo. Fazem honorifica memoria delle Sachin. *Hist. Societ.* Part. 3. Liv. 1. num. 158. *Telles Chron. da Comp. de JES. da Prov. de Portug.* Part. 1. Liv. 3. cap. 10. num. 6. *Vafconc. Chron. da Comp. de JES. da Prov. do Brazil* Liv. 3. a num. 68. até 71. *Franco Imag. do Novic. da Comp. de Coimb.* Tom. 2. Liv. 2. cap. 13. e no *Ann. Glorios. S. J. in Lusit.* pag. 216. Escreveo:

Carta escrita do Brasil em 1551. em que trata dos costumes dos Indios, e trabalhos, que os PP. da Companhia padecem na sua conversão. M. S. Conserva-se no Cartorio da Casa Professa de Saõ Roque em Lisboa. Sahio vertida em Italiano com outras. Venetia, por Michele Tramezzino. 1559. 12.

Fr. DIOGO DE JESUS. Naceo em a Villa da Atalaya distante tres legoas da notavel Villa de Thomar para o Poente, em o anno de 1597. e foy filho de Bento Bernini Italiano, e Barbara Thomé Portugueza. Na infancia deo sinaes evidentes das virtudes, que havia praticar na idade varonil. Professou o Instituto do Doutor Maximo Saõ Jeronymo no Real Convento de Belem a 21. de Dezembro de 1618. onde applicado ás letras divinas, e humanas, as soube com toda a perfeição. Foy Mestre de Theologia Moral, e de Ceremonias, Visitador geral da Ordem, que reformou com o exemplo da sua inculpavel vida. Em todas as virtudes, que constituem hum perfeito Religioso foy insigne, merecendo por ellas vaticinar o dia da sua morte, pois acabando de dizer Missa no dia antecedente pedio ao Prelado com grande instancia lhe conferisse a Extrema Unção, pois certamente morria ao dia seguinte, que foy a 29. de Abril de 1672. no Convento de Bellem com 75. annos de idade, e 54. de Religiaõ. Compoz:

Exercicio espiritual de meditaçoens Divinas para os dias da Semana. Dedicado a D. Brites de Menezes Condeça do Sabu-

gal. Lisboa, na Officina Craesbeeckiana. 1656. 24.

Ad viros Ecclesiasticos admonitio super diversis rebus in ordine ad recitationem Officii Divini. Ulyssip. 1672. 4.

Breve compendio de Ceremonias, enterros, e preparaçõ de Sacerdotes para celebrar suas Missas. 8. Sem anno de impressãõ.

Memoriale Religiosorum Ordinis S. Hieronymi pro Monasteriis Portugallia divisum in quatuor Fercula. Primum de Ceremoniis. Secundum de Mysteriis Horarum, & Missæ. Tertium de Religione S. P. Hieronymi. Quartum de Monasteriis S. Hieronymi pro Regno Portugallia. M. S. Desta Obra faz mençãõ Jorge Cardoso, *Agiol. Lusit.* Tom. 3. pag. 467. no Comment. de 30. de Mayo let. E, e no Tom. 2. pag. 16. no Comment. do 1. de Março let. H. onde lhe chama *Curioso investigador das Antiguidades da Ordem*, e Nicol. Ant. *Bib. Hisp.* Tom. 1. p. 225. col. 2.

Amplificaçã da Ordem de S. Geronymo. M. S.

Theologiae Speculativæ Selectæ Quæstiones. M. S.

Estas tres Obras ultimas se conservaõ na Bibliotheca do Real Convento de Bellem.

Fr. DIOGO DE S. JOZE' chamado no seculo Diogo Sobrinho, filho de Antonio Sobrinho Portuguez, natural da Cidade de Bragança, e da celebre Matrona Cecilia de Morillas, e irmaõ de Fr. Antonio Sobrinho Franciscano, e Cecilia da Natividade, Carmelita Descalça, dos quaes se fez em seus lugares merecida memoria. Naceo em a Cidade de Valladolid em o anno de 1562. dotado de gentil presença, engenho agudo, condiçãõ afavel, discriçãõ natural, intelligencia da Historia, Pintura, Musica, Poesia, e das linguas mais polidas da Europa, cujos singulares dotes lhe conciliaraõ a estimaçãõ universal, principalmente do Eminentissimo Cardial D. Rodrigo de Castro, Arcebispo de Sevilha, que o convidou para seu domestico sendo seu Companheiro nas jornadas que fez a Barcelona, conduzindo até Madrid a Emperatriz D. Maria, irmãa

de Filippe Prudente, e a Saragoça no anno de 1585. na occasiãõ, que o Duque de Saboya vinha desposarse com a Infanta D. Catharina. Com o mesmo Principe purpurado passou a Roma, onde alcançou rendosos beneficios, que renunciou em seu irmaõ Francisco Sobrinho, que depois foy Bispo de Valladolid. Defenganado do mundo pelas mudas vozes de alguns infortunios, que constantemente tolerou, se recolheo com beneplacito de seu Amo, sendo já Sacerdote, à reformada Familia dos Carmelitas Descalços, em o anno de 1594. onde foy claro exemplar de todas as virtudes religiosas de tal sorte, que foy hum dos primeiros Fundadores da Thebaida de Batuecas. Desta amavel solidãõ em que unicamente fallava com Deos, sahio constringido por ordem dos Superiores, por naõ permitirem, que estivesse ocioso o seu talento em beneficio da Religiaõ. Depois de ser Prior do Convento de Segovia, 18. annos Secretario do Provincial de Castella Velha Fr. Thomaz de JESUS, e dos Geraes Fr. Jozé, e Fr. Affonso de JESUS MARIA, foy Definidor Geral, distinguindo-se nestes lugares em multiplicados actos de humilde, penitente, e charitativo, pelos quaes mereceo passar piissimamente desta vida mortal para a eterna no Convento de Vcles a 10. de Junho de 1623. Compoz:

Compendio delas fiestas solemnes, que en toda España se hizieron en la Beatificacion de nuestra Madre Santa Thereza. Madrid, por la Viuda de Alonso Martin. 1615. 4.

Deixou M. S. as seguintes Obras.

Formulario de Secretarios.

Discursos de hum perfeito Superior.

Historia da Religiãõ dos Carmelitas Descalços, a qual se conserva no Convento de Valladolid. Delle fazem mençãõ larga Fr. Jozé de Santa Thereza *Chron. delos Carmel. Descals.* Part. 3. Liv. 9. cap. 5. num. 4. e Liv. 16. cap. 6. e mais fucinta Nicol. Ant. *Bib. Hispan.* Tom. 1. p. 226. col. 1.

DIOGO DE LEAM PINELLO, filho de Diogo Lopes de Lisboa, e Leaõ, e irmaõ de Antonio de Leaõ Pinello, de quem se fez larga mençãõ em seu lugar,

naceo na Cidade de Lima nas Indias Occidentaes, em cuja Universidade foy Lente de Prima da Faculdade de Leys. Publicou:

Epitome dela Vida, y muerte de D. Fernando Arias Ugarte, electo Obispo de Panamá. Sahio impressa no principio da Vida deste Prelado, escrita por seu Pay Diogo Lopes de Lisboa, e Leaõ. Lima, por Pedro Cabrera. 1633. 4.

Fr. DIOGO DE LEIRIA, filho da Cidade, que lhe deo o apellido, e Monge Cisterciense, professou no Real Convento de Alcobaca. Foy insigne Escriurario, e famoso Theologo, deixando por testemunhas da sua profunda sciencia em huma, e outra Faculdade, as Obras seguintes, que se conservaõ M. S. no Archivo do Real Convento de Alcobaca.

Expositio in Canticum B. MARIE Virginis. fol.

Expositio in Genesim. fol.

Proverbia Salomonis cum glossa. fol.

De præceptis Decalogi. fol.

De creatione, & reparatione hominis. fol.

Fr. DIOGO DE LEMOS, da Sagrada, e Illustre Ordem dos Prégadores, cujo habito professou no Real Convento de Bem-fica distante huma legoa de Lisboa, merecendo pela profundidade do talento ser Doutor na sagrada Theologia, e pela madureza do juizo Prior do Convento desta Corte. A' instancia de D. Joanna da Sylva, Prioriza do Convento da Annunciada de Lisboa, traduzio de Latim em Portuguez, com varios documentos concernentes ao estado Religioso a seguinte Obra, da qual transcrevemos o titulo com a mesma Orthografia com que sahio à luz publica, cuja despeza fez a Serenissima Rainha D. Leonor, irmã de Carlos V. e 3. mulher del Rey D. Manoel.

Começase ho livro da vida do glorioso Padre Sam Domingos Patriarcha dos Pregadores em lingoagem tresladada por Fr. Diogo de Lemos frade da mesma Ordem a requerimento da muito virtuosa Madre Dona Johanna da Silva prioresa do moesteiro da Annunciada de Lisboa. No fim tem as palavras seguintes:

Præfens opusculum translatum existente Provinciale Sacri Ordinis Prædicatorum Venerabili Patre Fratre Emmanuele Estação in Sacra Theologia Professore, nec non dignissimo Magistro; ex cujus mandato solerti cura a doctis PP. Fr. Georgio Vogado priore Ulyxbonensi, Fr. Ambrosio de Oliveira priore de Bemfiqua, & Fr. Francisco de Lemos Sacra Theologia doctoribus revisum, atque correctum. Impressum in inclita Urbe Ulyxbone per Germanum Galharde impensis, sumptibusque serenissimæ reginæ donec Liapore año à partu Virginis salutarifero millesimo quingentesimo vicesimo v. die octavo Julii.

Fazem memoria da Obra, e do Author Souf. *Hist. de S. Doming. da Prov. de Portug.* Part. 2. Liv. 2. cap. 11. e Part. 3. Liv. 3. cap. 4. Joan. Soar. de Brit. *Theat. Lusit. Litter.* lit. D. n. 19. Manoel de Faria, e Souf. *Europ. Portug.* Tom. 2. Part. 4. cap. 6. Echard *Script. Ord. Præd.* Tom. 2. pag. 61. col. 1. Cardof. *Agiol. Lusit.* Tom. 3. pag. 789. no Comment. de 22. de Junho lettr. C. onde se enganou dizendo fora impressa a Vida de S. Domingos no anno de 1524. sendo certamente em 1525. como vimos em hum exemplar, que conserva meu irmão D. Jozé Barboza na sua Livraria. Fernand. in *Concert. Prædic.* Nicol. Ant. *Bib. Hisp.* Tom. 1. pag. 226. Monteir. *Clausfr. Dom.* Tom. 3. p. 188.

D. DIOGO DE LIMA, natural de Lisboa, sexto filho de D. Lourenço de Brito Nogueira, e Lima, e de D. Luiza de Tavora, setimos Viscondes de Villanova de Cerveira. Instruido nas artes proprias do seu nascimento passou à Universidade de Coimbra, onde recebendo o grão de Mestre em Artes, foy admitido ao Collegio Real de São Paulo, a 22. de Dezembro de 1632. e se graduou na Faculdade da Sagrada Theologia. Por morte de seu irmão succedeo na Casa sendo o nono Visconde de Villa-nova de Cerveira, por cuja causa preferio o exercicio das armas, ao das letras, e foy Governador dellas em a Provincia de Entre Douro, e Minho. Pela prudencia do seu juizo foy Conselheiro de Estado, e Guerra, Presidente da Junta do Comercio, e Estribeiro mòr del-

Rey D. Affonso VI. Casou com D. Joanna de Vasconcellos, e Menezes, filha herdeira de D. João Luiz de Vasconcellos, e Menezes, Senhor de Mafra, e de D. Maria de Noronha, de quem teve descendencia. Morreo em Lisboa a 24. de Abril de 1686. Jaz na Parochial Igreja de São Lourenço, que he do Padroado da sua Casa. Faz illustre memoria do seu nome meu irmaõ D. Jozé Barbofa nas *Memor. do Colleg. Real de S. Paul.* pag. 153. e no *Archiath. Lusit.* pag. 36.

*Lima per antiqua ducens ab origine nomen
Pallade posthabita Mavortia castra sequetur.
Aspera virtutem poterit Montijia pugna
Dicere, nam fuso validus rigat arva cruore.
Armorum Praefectus erit quã flumine longo
Et Minius, Durisque petunt vasta aquora ponti.
Dum regit hic populos, Martis movet arma
ferocis,*

*Oppida multa jacent flamma populata voraci,
Atque aquata solo quã mania struxit Iberus,
Viribus ut cernat non esse repagula Lusis.*

*Præpositus Regis stabulo, simul atque Tri-
bunal*

*Arbitrio reget ille suo, quo pingua prudens
Diriget ignoti quondam commercia mundi.*

Compoz:

*Genealogia de algumas Familias Portu-
guezas.*

Por cuja applicaçõ o numera entre os Authores Genealogicos o P. D. Antonio Cactano de Soufa, no *Aparat. á Histor. Geneal. da Casa Real Portug.* pag. 123. §. 135.

Fr. DIOGO DE LISBOA, cujo apelido denota a patria, que lhe deo o berço. Escreveo conforme affirma o novo Addicionador da *Bib. Occid.* de Antonio de Leão Tom. 2. tit. 23. col. 858.

Vida del Padre Fr. Diego Romero. Mexico. 1684. 4.

P. DIOGO LOBATO, natural da Villa das Alcaçovas distante cinco legoas da Cidade de Evora em a Provincia do Alentejo, e no Collegio Eborense recebeu a roupeta da Companhia de JESUS a 26. de Abril de 1669. Foy versado nas letras Sagradas, e humanas, e dos grandes Pré-

gadores do seu tempo. Morreo em Evora a 4 de Novembro de 1725. deixando como escreve o P. Francisco da Fonseca. *Evor. Glorios.* pag. 428. promptos para a impressãõ:
Sermoens Varios. 5. Tom. 4.

P. DIOGO LOBO, natural da Cidade de Tangere situada na Região Africana, filho de João Lobo de São Payo, e Isabel Alvares Pereira, descendentes de familias muito nobres. Em a tenra idade de quinze annos em que já descobria a viveza de engenho de que profusamente o dotara a natureza, foy admitido em o Noviciado de Lisboa à Companhia de JESUS, e em taõ douta palestra se distinguio dos seus Companheiros na breve comprehensãõ das sciencias assim amenas, como severas. Ensinou em o Collegio de Lisboa Humanidades, e Rhetorica, sendo insigne em a Ecclesiastica, pela qual mereceo ser Prégador dos Serenissimos Monarchas D. Affonso VI. e D. Pedro II. Neste sagrado exercicio conciliou as atençoens de numerosos auditorios, formados dos mayores engenhos, que floresciaõ na Corte, e nas Univerfidades de Coimbra, e Evora, ou fosse pela natural discricião, e elegante energia, com que explicava os seus agudos pensamentos, ou pela profunda intelligencia das Escripturas, vasta lição dos SS. PP. e a immensa copia de erudição sagrada, e profana, com que ornava os seus discursos. Foy insigne Poeta Latino, e vulgar, unindo nos seus versos a cadencia do metro com a subtileza do conceito. Ao tempo que tinha passado ao Collegio de Coimbra para prégar o Advento, e as Domingas da Quaresma, se lhe agravou a enfermidade procedida de hum estupor, que padecera em hum braço, de que falleceo a 20. de Março de 1691. quando contava 62. annos de idade, e 47. de Religião. Foy geralmente sentida a sua morte, principalmente pelos Alumnos da Univerfidade, considerando extincta a Oratoria Ecclesiastica da qual por tantos annos foraõ ouvintes, e expectadores. Publicou

Sermaõ da Visitação de Nossa Senhora, pregado em a santa Casa da Misericordia de Lisboa, com atençam as fuções da dita Casa.

Sermaõ na Profissão da Madre Soror Maria da Anunciação Evangelista, em dia de S. Joã ante portam Latinam, prègado no Real Convento de JESUS, da Villa de Setubal anno 1685. Sahiraõ estes dous Sermoens na *Laurea Portugueza, e Viridario de varias flores Evangelicas, plantado por alguns insignes Oradores Portuguezes.* Lisboa por Miguel Deslandes. 1687. 4. desde pag. 77. até 111.

Sermon delas lagrimas de JESU Christo nuestro Señor, que cayo la fiesta de la Encarnacion en Viernes de Lazaro. Madrid, por Juan Garcia Infançon. 1692. 4. Foy traduzido em Castelhana pelo Author.

Sermoens Varios. 2. Tom. *Preparados para a impressãõ* (como affirma o P. Antonio Franco *Imag. da Virtud. do Novic. de Lisboa,* pag. 966.) *por causa da morte de seu Author naõ sabiraõ á luz.* O mesmo Franco *in Annal. S. J. in Lusit.* pag. 388. num. 10. fallando delle diz: *Ad Sacrum suggestum plenissimos dotes habuit.*

D. DIOGO LOBO DA SYLVEIRA. Naceo em Lisboa onde teve por Pays a D. Joã Lobo sexto Baraõ de Alvito, Commendador da Repreza na Ordem de Saõ Tiago, e Sargento mór de Batalha, e a D. Magdalena de Lancastro filha de D. Luiz de Lancastro, Commendador mór de Aviz, e D. Filippa de Menezes. Em a Univerfidade de Coimbra se applicou ao estudo da Sagrada Theologia em que fez taes progressos a perspicacia do seu talento, que recebido o grão de Doutor nesta Faculdade foy Collegial em o Collegio de S. Pedro, de que tomou posse a 8. de Dezembro de 1639. Depois de ser Conego da Sé de Lisboa, e Sumilher da Cortina delRey D. Affonso VI. foy eleito por este Principe Prior da insigne Collegiada de Guimaraens, cujo honorifico lugar administrou com igual zelo, que magnificencia, dando huma preciosa Custodia com a Reliquia de Saõ Torquato para ornato do Altar em que se venera a Senhora da Oliveira, Orago daquella Collegiada. Em o anno de 1664. lançou a primeira pedra no Convento dos Religiosos Capuchos da Provincia de Santo

Antonio em Guimaraens. Sendo nomeado Bispo de Viseu naõ logrou esta dignidade, fallecendo infelismmente em Lisboa a 7. de Setembro de 1666. sepultado antes de morto debaixo das ruinas de huma varanda, que repentinamente cahio. Jaz no Convento das Religiosas de Santa Clara. Delle fazem mençaõ Carvalho *Corog. Portug.* Tom. 1. pag. 27. o Doutor Manoel Pereir. da *Sylv. Leal Cathalog. dos Coll. de S. Pedr.* §. 88. o P. Joã Col, Academico da Acad. Real no *Cathalog. dos Bispos de Viseu.* Compoz em o anno de 1662.

Estatutos da insigne Collegiada de Guimaraens, os quaes se conservaõ no seu Archivo, como escreve o Doutor Francisco Xavier da Serra Crasbeeck, Academico Supranumerario da Academia Real, no *Cathalog. dos D. Priores da Colleg. de Guimar.* pag. 69.

DIOGO LOPES, natural da Villa de Penamacor, situada entre Castello-branco, e Monfanto, em a Provincia da Beira. Foy insigne Filofofo, e grande Medico, e como tal he numerado entre os mayores Professores desta Faculdade por Zacuto Lib. 1. de *Med. Princip. Histor.* Hist. 84. Joan. Antonio Vander. Linden de *Scriptis Medicis.* D. Franc. Manoel na *Carta dos AA. Portug.* escrita ao Doutor Themudo, e Joan. Soar. de Brito *Theatr. Lusit. Litter.* litter. D. num. 22. Aprendeo Medicina na famosa Univerfidade de Salamanca, onde teve por Mestre ao celebre Doutor Joã Bravo, e tanto se adiantou a viveza do seu engenho nesta Faculdade, que naõ contando ainda 21. annos de idade, escreveo com novo methodo apartando-se das opinioens commuas, a seguinte Obra:

Tractatus de elementis, & rerum omnium mixtione. Conimbricæ, apud Emmanuelem Dias de Araujo. 1602. 4. Com este Tratado

Quæstiones de loco ignis, & aeris temperatura.

Em o Cathalogo da Livraria de Guilherme Heukelon, e Jacobo Akersloot, que se vendeo na Haya em o anno de 1730. estava o Livro seguinte:

Herbê da Lusitania, composto pelo Bacharel Diogo Lopes. Na incerteza de que seja o Author desta Obra o mesmo de que se fez a memoria precedente, sempre como Portuguez o admitimos a esta Bibliotheca.

P. DIOGO LOPES, natural da Villa de Beringel, distante duas legoas da Cidade de Beja, em a Provincia do Alentejo. Frequentando na idade de 17. annos, a primeira classe de Humanidades no Collegio da Companhia de JESUS de Lisboa foy admitido a este sagrado Instituto em Evora a 4. de Abril de 1608. Depois de saber com perfeiçã as letras humanas, começou a ensinar as divinas, sendo Lente de Prima de Theologia, e Escriitura em a Universidade de Evora, onde foy muitos annos Cancellario. O seu grande zelo o levou por diversas partes do Reyno, pré-gando apostolicamente, de que colheo copioso fruto. Cheyo mais de merecimentos, que de annos, pois naõ excediaõ de 58. falleceo na Casa Professa de Saõ Roque a 10. de Agosto de 1649, com 41. de Religiãõ. *A Bib. Societ.* p. 171. o intitula *Vir præstantissimo ingenio.* Petr. Alv. de Astorga in *Milit. Immacul. Concept.* Franc. in *Annalib. S. J. in Lusit.* pag. 298. num. 14. na *Imag. da Virtud. do Noviciad. de Evor.* pag. 859. Joan. Soar. de Brit. *Theatr. Lusit. Litter. lit. D.* num. 21. *Fonsec. Evor. Glorios.* pag. 428. e Jacob Le Long *Bib. Sacr.* pag. mihi 833. col. 2. Compoz:

Harmonia Scripturæ Divinæ emodulans actiones laudabiles, vel vituperabiles virorum, ac faminarum antiquo, aut novo relatas Testamento expostas ad mores à XXIV. Doctoribus per tonos alphabetico ordine dispositos indicantes virorum, ac faminarum nomina cum conceptibus, seu concentibus propriis authoris. Ulyssipone apud Laurentium de Anveres. 1646. fol. & Parisiis, apud Sebastianum Cramoyssi. 1646. fol. Na censura, que por ordem do Dezembro do Paço fez a esta Obra o insigne Padre Antonio Vieira, Oraculo da Eloquencia Ecclesiastica, entre outros elogios que lhe faz, diz as seguintes palavras: *Si quæras altæ mentis profunditatem, habes Tertullianum, Philonem, Clementem Ale-*

xandrinum, Zenonem Veronensem: si maturum cum subtilitate judicium, Augustinum, Ambrosium, Cyrillum, Gregorium Nyssenum: si eloquentiæ Oceanum, Chrysostomum; si flumen Nilum; si majestatem sententiarum, Leonem; si acumen, Chrysologum, Rupertum; si pietatem, Bernardum, Guericum, Arnoldum; si moralia Magnum Gregorium; si allegorica, Anastasium; si litteram, & perpetuum commentarium, Hieronymum, Hugonem, Carthusianum, Abulensem, Caietanum, Lyram. Et inter horum nobilissimas Doctorum voces ipsius Harmoniæ author identidem auditur, qui acutas ita premit ut superare; & graves ita sequitur, ut excedere videatur. Breviter clarus, acute solidus, maturé elegans.

Sermaõ estando exposto o Santissimo no fim de huma Novena, que os Religiosos da Companhia do Collegio de Evora fixeraõ na Igreja do dito Collegio, pelo felice successo das armas delRey Nosso Senhor, em 15. de Agosto de 1643. Lisboa, por Domingos Lopes Roza. 1644. 4.

D. Fr. DIOGO LOPES DE ANDRADE. Naceo na Villa da Azambuja do Arcebispado de Lisboa a 28. de Dezembro de 1569. e naõ em Lisboa, como escreve Jorge Cardoso *Agiol. Lusit.* Tom. 3. pag. 325. col. 2. letr. A. Com heroica resoluçã deixou a patria onde se tinha instruido com os rudimentos da latinidade, e cultivado as flores da Rhetorica, e no Convento dos Eremitas Augustinianos da Cidade de Perpinhaõ, Capital do Condado de Ruifelhon, recebeo o habito de taõ authorisada Familia a 4. de Junho de 1590. quando contava a florente idade de 21. annos. A sublimidade do engenho lhe fez comprehender taõ profundamente as sciencias Escholasticas, que com incrivel brevidade passou de discipulo a Mestre, dictando Theologia em Lericida, com tal applauso, que obrigou ao Illustrissimo Arcebispo de Braga D. Fr. Agostinho de Castro, a que o convidasse para a ler nesta Augusta Cidade, o que executou com igual fruto dos ouvintes, que gloria do seu magisterio. Deixando segunda vez Portugal, fez o seu domicilio na Corte de Madrid, onde pelo largo

espaço de dezoito annos exercitou o ministerio de Orador Evangelico, para o qual concorreo a natureza com tanta liberalidade, que mereceo alcançar as aclamaçoens do mayor Prégador do seu tempo, por cuja causa o nomeou da sua Real Capella a Magestade de Philippe IV. Competiaõ nelle a profundidade do discurso, com a elegancia da frase; a vehemencia dos affectos, com a viveza das aççoens; discricião natural, e não affectada; intelligencia das Escrituras clara, e não confusa; allegaçã dos Santos Padres copiosa, e não redundante. Todos estes dotes lhe conciliarã não sómente os aplausos dos ouvintes, que em numerosos auditorios estavaõ pendentes da sua voz Evangelica, mas de insignes Escriitores, que na posteridade immortalizaraõ o seu nome, como foraõ Lope da Vega Carpio *Relac. delas Fiest. de Madrid a Santo Isidro no Prolog. Cujã doctrina, y eloquencia compiten en alabança de su divino ingenio fertil, abundante, y inexhausto, y supo bien su luz, que puzo en su Pastoral a los Predicadores S. Gregorio: Ut ipsi vivendo illuminent, quod suadere festinant; non loquendi authoritas perditur quin vox opere non adjuvatur.* Fr. Francisco Henriques no *Prolog. do 1. Tom. das Oraçoens Paneg. Famoso Lusitano eminente en todas letras, sancto, y docto Predicador.* Lourenço Gracian. *Arte de Ingenio.* Disc. 31, *Aquel que entre Predicadores mereciõ la antonamasia de subtil.* e *Discurf.* 62. *El estilo del subtil Diego Lopes de Andrade Augustiniano es todo delicadeza vã sienpre concetuando como su P. S. Augustin.* e no *Disc.* 52. *el primer ingenio delos siglos el sutilissimo Padre Fr. Diego Lopes de Andrade.* Gil Gonzalves de Avila *Theatr. de Madrid* pag. 246. *Predicador insigne.* Hypolit. *Marrac. Bib. Marian.* Tom. 1. pag. 325. *Vir certe virtutum omnium decore spectabilis, ac immortalis memoria dignissimus, cujus ingenium, eloquentiam, doctrinam, & sacrarum litterarum peritiam opuscula divulgata testantur.* Camargo *Chronolog. Sacr.* pag. 223. *Fue entre quantos hã havido profundissimo en el pulpito en quien concurrieron todas las partes essenciales de un Predicador Evangelico.* Petr. de Alva, y Astorga *Milit. Concept. in-*

gens Lusitanorum gloria. Herrera in *Alphab. Augustinian.* *Prædicatorum sui temporis facile Princeps.* O Licenciado Luiz Muñõs *Vid. de D. Fr. Barthol. delos Martyr.* Liv. 2. cap. 10. pag. 225. *Admirõ la gran Corte de España por muchos años su doctrina, erudicion, subtiliza, que nõ admitio igualdades, como ni su estilo inimitable competencias. Igualõ su virtud a su eloquencia, que fue tan aventajada, y grande, que ella como el Sol se acreditava con sus luzes. Competian sus costumbres con su sabedoria ambos admirables: rayos eran sus palabras encendidas en el fuego de su zelo alumbravan, abrazavan, movia, persuadia vivamente. Discurrea con felicidad en el espacioso campo dela Sagrada Escritura con leccion profunda delos Santos. La accion de su movimiento amable, apacible, y nervosa la pronunciacion, sonoro el metal dela voz, maravillosa la fuerça, y energia en las razones; jámas se le oyõ una palabra dissonante, õ menos grave.* Nicol. Anton. *Bib. Hisp.* Tom. 1. pag. 227. col. 2. *ingeniosus, & eloquens, si quis alius in concionandi opere; planeque omnium quos habere ad populum Sermones illa atas vidit, facile Princeps.* Joan. Soares de Brito *Theatr. Lusit. Litter.* lit. D. num. 23. *differatissimus Ecclesiastes.* o P. D. Manoel Caet. de *Souf. Cathal. dos Bisp. Portug.* pag. 130. *Principe dos Prégadores.* Ughello *Ital. Sacr.* Tom. 9. p. 66. col. 2. *Sui ævi concionatorum facile Princeps.* Atendendo a Magestade de Philippe IV. aos seus grandes merecimentos, illustrados pela profunda sciencia, e religiosa observancia de que era ornado, o nomeou Bispo de Otranto, no Reyno de Napoles, cuja acertada nomeaçã confirmou Urbano VIII. a 20. de Novembro de 1623. Não houve virtude Pastoral que não exercitasse em beneficio das suas ovelhas, das quaes se apartou para receber o premio na eternidade a 22. de Agosto de 1628. quando contava 58. annos 7. mezes, e 25. dias de idade, e 42. de Religiã. Sirva-lhe de honorifico epitafio, o seguinte epigramma, que à sua memoria dedicou Fr. Nicephoro Sebasto Milefano, Eremita Augustiniano.

Mane Lupus Verbi rapuisti hanc Didace prædam

*Qua pasturus eras Vespere largus oves.
Sic ad iudicium vitiorum à face reversus
Extremum ante diem, ut de tumulo usque
cies.*

*Si tu longavus fueras Orbi haud opus esset
Sen voce Angelica, sive monente tubà.*

Imprimio:

Primera parte delos Tratados sobre los Evangelios dela Quaresma. Madrid, por la Viuda de Alonso Martines de Balboa. 1615. 4. e Lisboa, por Jorge Rodrigues. 1616. 4.

Segunda Parte. Madrid, por la Viuda de Alonso Martines. 1617. 4. e Lisboa, por Jorge Rodrigues. 1618. 4. e Pamplona, por Juan de Bonilla. 1620. 4.

Primera Parte delos Tratados sobre los Evangelios, que dize la Iglesia en la festividad delos Santos. Pamplona, por Nicolas Assiain. 1620. 4. e Barcelona, por Estevan Liberos. 1622. 4. & ibi, por Sebastian Cormellas. 1622. 4. e Madrid, por Alonso Martines. 1622.

Segunda Parte delos Tratados, &c. Pamplona, por Nicolao Assiain. 1621. 4. Barcelona, por Sebastian Cormellas. 1622. 4.

Sermoes dela Concepcion Immaculada. Napoles, por Lazaro Scorigio. 1649. 4.

Todos estes Discursos Concionatorios sahiraõ addicionados por Fr. Jeronymo de Andrade, Religioso Carmelita, irmaõ do Author, em 3. Tomos de folha, e se imprimiraõ em Madrid, por Gregorio Rodrigues. 1656. No primeiro se comprehendem os Sermoens da Quaresma; no 2. os dos Santos, e no 3. os da Conceição Purissima da Senhora.

DIOGO LOPES CRASTO, natural de Lisboa, e hum dos celebres Advogados de causas Forenses, que floreceiraõ no seu tempo. A vasta noticia, que tinha de hum, e outro Direito, e subtilidade do juizo com que interpretava os Textos mais difficultosos, e prompta facilidade com que allegava os Authores, de que era feliz deposito a sua memoria, o fizeram ser buscado das principaes pessoas da Corte, procurando humas no seu conselho a mais prudente direcção, e alcan-

çando outras com o seu patrocínio a vitoria nas causas mais controversas. Foy casado com D. Maria Marques, de quem naõ teve descendencia. Morreo na patria a 27. de Fevereiro de 1698. Jaz sepultado no Convento de Santo Antonio dos Capuchos. Compoz:

Allegaçaõ de Direito, feita a favor do Prior, e mais Religiosos do Convento de Nossa Senhora do Monte do Carmo de Lisboa, em a causa que pende por apellaçaõ no Tribunal da Legacia, e lhe moveraõ os Irmaõs da Veneravel Ordem Terceira, sobre a sagrada, e milagrosa Imagem de Nosso Senhor JESU Christo. Lisboa, por Antonio Pedrozo Galraõ. 1697. fol. No ultimo paragrafo desta Allegaçãõ diz: *Foy Sua Magestade servido permitirme a glossa do Livro 5. das Ordenaçõs illustrada com as Decisoens do Sennado.* Esta Obra que tinha muito adiantada, e era muito douta, naõ lhe poz a ultima maõ impedido pela morte.

Nova Reforma judicial, para que as causas se acabem em breve, sem que o Reo deixe de allegar, e deferir-se-lhe a tudo o que tiver em sua defeza. M. S. fol.

Allegaçaõ de Direito sobre a Casa de Bobadella, a favor de Bernardim Freire. Estava prompta para a impressãõ.

DIOGO LOPES DA FRANCA, natural de Santarem, filho de Antonio Dias, e de Lucrecia Nunes, e irmaõ de Fr. Basilio de Saõ Francisco, Carmelita Descalço, de quem se fez mençaõ em seu lugar. Assistio muitos annos em Roma, onde possuio alguns beneficios rendosos. Practicou todas as virtudes em grão eminente, merecendo pela sua inculpavel vida universal veneraçãõ. Morreo em Roma a 25. de Março de 1649. e foy sepultado na Igreja de Santo Antonio dos Portuguezes, e sobre a campa se lhe gravou este epitafio.

D. O. M.

Hic jacet Didacus Lopes da Franca, Præbiter Ulyssiponenfis Diæcesis Lusitanus sibi, & suis posuit. Obiit die 25. Martii 1649.

Publicou na lingua Italiana:

Guida de perfeccion, e specchio dell'anima. Roma, por Andrea Feo. 1628. 16.

Dedicada à Excellentíssima Senhora D. Confiança Magalloti Barberina. Neste Tratado mostra hum caminho facil para ter Oraçãõ mental, e exercitar as virtudes Christãas.

DIOGO LOPES DE LEAM, natural da Villa de Alter do Chaõ, situada entre Villa-viçosa, e Portalegre, em a Provincia do Alentejo. Foy dos insignes Poetas do seu tempo, e como a tal o louva Jacinto Cordeir. *Elog. dos Poet. Portug.* Outav. 65.

Y a Diego Lopes Leon honrar podria

El mismo Apolo, que el laurel reparte

Quando con tanto ingenio admira el arte.

Publicou:

Fabula de Alfeo, e Arethusa. Dedicada a D. Claudio Pimentel, filho dos Condes de Benavente, Reitor da Universidade de Salamanca, onde sahio impressa.

Decimas à morte de D. Maria de Atoyde. São 10. e sahiraõ impressas nas *Memor. Funeb.* desta Senhora. Lisboa, na Officina Craesbeckiana. 1650. 4.

DIOGO LOPES DE LISBOA, E LEAM, natural de Lisboa, donde passou às Indias Occidentaes, e na Cidade de Lima fez o seu domicilio na qual casou, e teve por filhos a Antonio de Leaõ Pinello, Relator do Conselho de Indias, de quem fizemos já larga memoria. Joaõ Rodrigues de Leaõ, Conego da Cathedral de Lima, e a Diogo de Leaõ Pinello, Lente de Prima da Faculdade de Leys em a Universidade de Lima, do qual se fez proxima mençaõ. Como fosse muito verificado na Sagrada Theologia, e praticasse as virtudes proprias do Estado Ecclesiastico, ao qual passou depois de se ver livre do vinculo do matrimonio, o estimou muito o Illustrissimo Arcebispo de Lima D. Fernando Arias Ugarte, de quem naõ sómente foy seu Confessor, e Esmoler, mas em agradecimento à memoria deste Prelado, escreveu:

Vida del Illustrissimo Doctor D. Fernando Arias Ugarte, Auditor General, que fue dela guerra de Aragon, Oydor delas Chancillarias de Panamá, Plata, Lima: Corregidor do Potosi,

Governador de Guancavelia, Visitador del Tribunal dela Santa Cruzada, eleito Obispo de Panamá, Obispo de Quito, Arçobispo dela Plata, Arçobispo que murio dela insigne Metropoli delos Reys. Lima, por Pedro de Cabrera. 1633. Fazem memoria da Obra, e do Author, Nicol. Ant. Bib. Hisp. Tom. 1. pag. 228. col. 1. e o moderno Addicionador da Bib. Occid. de Antonio de Leaõ. Tom. 2. tit. 23. col. 853.

DIOGO LOPES REBELLO, Capellaõ, e Mestre do Serenissimo Rey D. Manoel, a quem na puericia instruiu com os primeiros rudimentos, e depois em a idade mais adulta com os preceitos grammaticaes. Por ordem deste Principe foy estudar as sciencias Escholasticas em a famosa Universidade de Pariz, onde depois de assistir nella pelo espaço de dez annos, recebeo o grão de Mestre em Artes, e de Bacharel na Sagrada Theologia, sendo naõ sómente insigne Letrado nestas Faculdades, mas em a intelligencia da Sagrada Escritura, e nas maximas da Politica, regulada pelos dictames do Evangelho, de que saõ testemunhas as Obras seguintes:

Traçtatus, qui dicitur Fructus Sacramenti Penitentiae. No fim tem estas palavras: *Explicit Traçtatus intitulus Fructus Sacramenti Penitentiae editus, & compilatus per doctissimum Virum Magistrum Jacobum Lupi Rebello in artibus Magistrum, & Sacrae Theologiae Bachalarium benemeritum in quo continentur propositiones peritiles ad mentem Scoti, & aliorum Sacrorum Doctorum de ista materia loquentium.* Parisiis, apud Georgium Mittel. 1495. 8. & ibi, per Magistrum Guidonem Mercatorem in Campo Gaillardano anno Domini 1498. die 18. Decembris.

De Assertionibus Catholicis Apostoli Pauli. Parisiis. 1497. 8. Dedicado a D. Fernando de Almeida, Bispo de Ceuta. Começa a Dedicatoria: *Quamquam omnes artes, dignissime Praesul.* Consta esta Obra de sessenta Conclusoens, extrahidas de Saõ Paulo. He a primeira: *Nemo potest sibi arrogare dignitatem Ecclesiasticam, nisi sit legitime ad illam electus, & vocatus.*

Liber de Republica magna doctrina, & eru-

ditione refertus necessarius cuilibet homini volenti virtute uti, in qua graves sententia, nec non praclarissima dicta à visceribus moralis Philosophia deprompta plenissime digesta sunt. 4. grande. Não tem anno da impressãõ, nem lugar. Foy dedicado a ElRey D. Manoel, em cuja Obra, assim como instruo a este Principe na adolescencia com os preceitos da Grammatica, intenta doutrinallo depois de ter cingido a Coroa, com os preceitos politicos. Começa a Dedicatoria: *Cogitanti mihi invictissimo Princeps, &c.*

DIOGO LOPES DE SAM TIAGO, natural do Porto, e Mestre de Grammatica em Pernambuco, onde escreveu com estylo sincero:

Historia da Guerra de Pernambuco, e feitos memoraveis do Mestre de Campo Joã Fernandes Vieira, Heróe digno de eterna memoria, primeiro aclamador da guerra. Contém cinco Livros, em que comprehende a guerra dos Portuguezes, com os Holandezes naquelle Estado, desde o anno 1630. até a celebre Vitoria dos Montes Gararapes, alcançada a 17. de Fevereiro de 1649. posto que se dilate em contar brevemente alguns successos da mesma guerra até o anno de 1635. Começa o 1. cap. do Liv. 1. *Como quer que a memoria dos homens he fragil, e de pouca dura, &c.* Acaba o 9. e ultimo capitulo do 5. Livro: *Por haver chegado a este desejado termino com a Chronica.*

DIOGO LOPES DE SOUSA, segundo Conde de Miranda, Senhor de Podentes, Folgozinho, Oliveira de Bairro, Julgado de Vouga, Avellans, Caminha, e Germello, Alcaide mòr de Arronches, Commendador de Santa MARIA de Villa-nova de Alvito, na Ordem de Christo, naceo em Lisboa a 17. de Julho de 1582. Foy filho de Henrique de Sousa, primeiro Conde de Miranda, Conde de Estado, Governador da Relaçãõ do Porto, Commendador de Alvalade na Ordem de Christo, e de D. Mecia de Vilhena, filha herdeira de Fernãõ da Sylva Commendador de Alpalhaõ, e Capitaõ da Torre de Belem. Educou-se na Cidade do Porto com aquella disciplina necessaria ao carac-

ter da sua pessoa, donde passou a Madrid em companhia de seu Pay a tempo, que nesta Corte assistia Philippe III. e como desejasse imitar o espirito militar de seus Avòs, elegeo para Theatro das suas operaçoens marciaes em o anno de 1606. a Flandes, em cujas Campanhas debaixo da conducta do insigne Herde o Marquez Ambrosio Spinola, Mestre de Campo General daquelles Estados, obrou juntamente com seu irmaõ Manoel de Sousa, acçoens memoraveis, nas celebres expugnaçoens das Praças de Grol, huma das mais fortes da Provincia de Gueldres, e a de Rhimberg, situada à parte esquerda do Rhim. Restituído a Madrid, e à companhia de seu Pay, voltou com elle para a Patria, e deixando aquelle todos os ministerios politicos que exercitava, foy nomeado por ElRey em o anno de 1613. Governador do Porto, em cujo authorisado lugar não sómente emendou muitos abusos fatalmente introduzidos na ausencia de seu Pay, mas edificou a Casa da Relaçãõ do Porto, merecendo por taõ insigne Obra a gratificaçãõ Real, expressada em huma carta de 26. de Junho de 1613. Assistio nas Cortes, celebradas no anno de 1619. em que foy jurado Successor desta Coroa Philippe IV. e nellas se lhe deo o titulo de Conde ainda vivendo seu Pay. Acabada esta magestosa funçãõ voltou ao Porto, continuar no exercicio do governo desta Cidade, agora novamente augmentado com o das Armas, em que mostrou tinha igual talento para os ministerios politicos, que militares. A mayor actividade, que manifestou o seu grande espirito em obsequio da Patria, foy aprestar no breve espaço de seis mezes onze náos petrechadas de tudo quanto era preciso para a recuperaçãõ da Bahia conquistada pelos Olandezes a 30. de Mayo de 1624. donde foraõ gloriosamente expulsos pelas nossas vitoriosas armas a 30. de Abril de 1625. Informado Philippe IV. com repetidas experiencias do zelo, prudencia, e autoridade da sua pessoa o nomeou em o anno de 1632. com unica, e nova eleiçãõ Presidente do Conselho da Fazenda, *empleo* (como elegantemente escreveu o discreto Panegyrista da grande Casa de Sousa Manoel de Sousa Moreira, no *Theatr. Genea-*

log. pag. 820.) *tan sin exemplo, que ni antes, ni despues le ocupò ja mas ninguno de tantos, y tan grandes Cavalleros, que desde su erection le exercieron en Portugal fino con el nombre de Veadores dela Hazienda.* Para desempenhar as obrigaçoens de lugar tão grande, que sempre fora administrado por tres Fidalgos da primeira Jerarchia, deixou por substituto do Governo do Porto, a seu irmão Manoel de Soufa, e passando a Lisboa mostrou que não sómente igualava, mas excedia o difvelo do Triumvirato, que lhe precedera na prompta expedição de tantas armadas, assim para defenfa dos nossos portos, como para ruina total dos inimigos desta Coroa. Receoso Philippe IV. de que Portugal oprimido com innumeraveis extorçoens executadas pelos Ministros Castelhanos sacudisse jugo tão pezado, de que eraõ fataes anuncios os tumultos de Evora valendo-se do aparente pretexto das sublevaçoes de Catalunha convocou a Madrid as principaes peffoas de huma, e outra Jerarchia, que tinha este Reyno, entre as quaes foy chamado Diogo Lopes de Soufa, por huma carta escrita por ElRey a 19. de Abril de 1638. o qual tanto que chegou aquella Corte lhe deraõ por conferente ao Conde de Castrilho Presidente de Indias, e do Conselho de Estado, servindo-lhe a propria casa de tribunal onde justificou a sua innocencia. Ao tempo que retumbavaõ em Madrid os gloriosos ecos da feliz aclamação do Restaurador da Coroa Portugueza, succedida no 1. de Dezembro de 1640. cheyo de hum extraordinario jubilo por ver a sua patria libertada do dominio Castelhanao, partio a receber na celestial o premio das suas heroicas acçoens a 27. de Dezembro de 1640. quando contava 59. annos de idade. Foy depositado o seu cadaver no Convento de Santo Ildefonso de Trinas Descalças, Padroado da Casa de Miranda, instituido por sua Prima com irmãa D. Maria de Vilhena Marqueza de Laguna. Deste religioso deposito foy transferido em Junho de 1646. ao Convento de Santa Catharina de Religiosos Arrabidos, até que por deligencia de seu dignissimo filho o Eminentissimo Cardial D. Luiz de Soufa, Capellaõ mór, e Arcebispo de Lisboa, foy trasladado a 24.

de Mayo de 1691. para a Capella de São Miguel do Real Mosteiro da Batalha, onde defcanfaõ as suas cinzas em hum soberbo Maufoleo, composto de preciosos marmores com este elegante epitafio:

X. R. P. M.

H. S. E.

Didacus Lopes de Soufa Mirandensis Comes, Regi à Santioribus consiliis, universo Fisco per Triumviros olim, & nunc administrato unicus Praefectus: Urbis Portucalensis armatus, togatusque Moderator: Atavis editus Regibus:magnis (si fas est dicere) Maioribus major: sibi que soli par. In superos religione, in Regem fide, in Patriam charitate, in omnes profusa, vel comitate vel beneficentia; viventem nulla non virtus secuta; nulla pro meritis honores, nec laudes ulla consequentur. Emortui cineres inter Regios merito quiescentes, & gloriam adhuc spirantes immortalem expectant, opera filii Archipresulis Ulyssiponensis Regiique Sacrifici Maximi Parentis Optimi memoris huc traducti è Mantua Carpentanorum ubi decessit ann. LIX. salutis M. DC. XL.

Foy casado com D. Leonor de Mendocça, filha de João Rodrigues de Sá, e Menezes, primeiro Conde de Penaguiaõ, Camareiro mór, Alcaide mór da Cidade do Porto, e de D. Isabel de Mendocça, filha de D. João de Almeida, Senhor do Sardoal, e Alcaide mór de Abrantes, de quem teve a Henrique de Soufa Tavares, terceiro Conde de Miranda, e primeiro Marquez de Arronches; a Luiz de Soufa, de que acima se fez menção, e se fará mayor em seu lugar. D. Isabel de Mendocça, que viveo menos de hum anno, e a D. Maria de Mendocça, que casou com D. Manoel da Camara, primeiro Conde da Ribeira Grande, de quem teve numerosa descendencia. Foy muito discreto, e elegante na fraze; muito erudito na Historia, assim Sagrada, como profana; muito versado no estudo da Genealogia, de cujas partes deixou por argumentos:

Reposta ao Illustrissimo, e Reverendissimo Senbor D. Rodrigo de Acumba Bispo do Porto, do Conselho de Sua Magestade. Porto, por João Rodrigues. 1623. fol. Está no principio do Cathalogo dos Bispos do Porto, que este Prelado compoz,

e lhe dedicou. Desta Obra faz elegante memoria Manoel de Soufa Moreira *Theatr. Geneal. da Caf. de Souf.* pag. 823.

Familias do Reyno de Portugal. fol. M. S.

Cartas sobre pontos Genealogicos, as quaes affirma o P. D. Antonio Caet. de Souf. no *Apparat. á Hist. Geneal. da Casa Real Portug.* pag. 83. §. 69. ter visto, e que no Author concorreraõ talento, prudencia, e outras virtudes, em que sobre o seu illustre nascimento adquirio reputaçãõ. Delle se lembraõ com honorifica memoria D. Franc. Manoel *Cart. dos AA. Portug.* e Joaõ Soar. de Brit. *Theatr. Lusit. Litterat.* lit. D. n. 24.

DIOGO LOPES DE ULHOA, E ROBOREDO, natural de Lisboa, onde aprendeo as letras humanas, e lingua Latina no Collegio dos Padres Jesuitas. Depois de receber as insignias doutoraes na Faculdade de Direito Cefareo em a Universidade de Coimbra, buscando mayor theatro para o seu engenho, que era igualmente subtil, e profundo, passou à Universidade de Piza, na qual naõ sómente foy Lente de Vespera de Leys, mas Cavalleiro da Ordem de Santo Estevaõ. Imprimio:

Florentina Hypoteca. Juridicum Consultum in favorem Reverendissimi D. Ansani Marcheti insignis Collegiatæ S. Andrææ Emporii Archiepiscopaleri, & Reverendarum Monialium D. Hieronymi Florentiæ, & S. Crucis Emporii adversus Illustrissimum D. Rodolphum de Osardis è Comitibus Vernii. Lucæ, per Hyacinthum Pacium. 1680. fol.

Dissertationes in Materiam de Legatis cum Releitione ad Tx. in L. post mortem 12. Cod. de Fidei commissis. Florentiæ, 1682. fol. Promete no Prologo desta Obra publicar a *Materia de Verborum obligationibus.* Tem no principio a Oraçaõ latina, que recitou na occaõ que tomou posse da Cadeira de Vespera na Universidade de Pifa.

DIOGO LUIZ DE LIMA, celebre Advogado de causas Forenses na Corte de Madrid, e dos grandes Jurifconsultos do seu tempo, como mostrou na Obra seguinte:

Additiones, seu Illustrationes aureæ ad doctissimi Ludovici de Molina de Hispaniarum Primogeniis celebrem Tractatum. Lugduni, sumptibus Jacobi Prost. 1634. fol.

DIOGO MANOEL AIRES DE AZEVEDO. Veja-se o P. MANOEL TAVARES da Congregaçaõ do Oratorio.

DIOGO MANOEL DE ORTA. Aprendeo na Cidade de Lisboa sua patria as sciencias amenas, e na de Coimbra as severas, como foraõ Filosofia, e Direito Civil, em que sahio muito douto, merecendo alcançar grande nome pelo patrocínio das causas mais græves, que se altercavaõ em o Foro Ecclesiastico, e secular. Para deixar hum claro testemunho da sua sciencia Juridica, publicou no anno de 1639.

Allegaçaõ de Direito por D. Carlos de Noronha, e D. Anna de Menezes sua mulher, sobre a successãõ da Casa, e Estado de Villa-real, e morgados, que vagaraõ por falecimento do Duque de Caminha Marquez de Villa-real D. Miguel de Menezes, Pay da dita D. Anna de Menezes. fol. Naõ tem anno nem lugar da impressãõ. Consta de 467. §.

Fr. DIOGO DE SANTA MARIA, Religioso professo da Ordem dos Eremitas de Santo Agostinho, da Congregaçaõ da India Oriental, onde exercitou em beneficio de muitos enfermos a arte de Medicina, em que era perito, deixando escritos: *Tratados varios de Medicina.* M. S.

DIOGO MARQUES SALGUEIRO, Freyre da Ordem Militar de Saõ Tiago, Prior da Igreja Matriz da Villa de Mertola, e Capellaõ no Real Convento das Commendadeiras de Santos desta Corte, de quem fazem memoria Nicol. Ant. *Bib. Hisp.* Tom. 2. pag. 320. Maragoni *Thesaur. Paroch.* pag. 226. e o novo Addicionador da *Bib. Orient.* de Antonio de Leaõ Tom. 1. tit. 8. col. 158. Compoz:

Relaçãõ das Festas, que a Sagrada

Religião da Companhia de JESUS fez, em a Cidade de Lisboa na Beatificação de São Francisco Xavier Padroeiro da Companhia, e primeiro Apostolo dos Reynos do Japão, em Dezembro de 1620. Lisboa, por João Rodrigues. 1621. 8.

DIOGO MARTINS DA VEIGA, natural de Braga, e muito douto assim nas observaçoens da Astrologia, como na lição da Historia Sagrada, e profana, publicando:

Juizo Astrológico Prognostico, e Lunario para o anno de 1604. tirado ao Meridiano de Lisboa. Lisboa, por Pedro Craesbeeck. 8.

Lunario para o anno de 1605. com hum summario breve no cabo dos Reys mais poderosos, que hoje ha no mundo. Lisboa, pelo dito Impressor. 8.

Juizo Astrológico, &c. para o anno de 1606. calculado ao Meridiano da Cidade de Braga, com huma relação breve no cabo das grandezas de Lisboa, e dos Bispos, e Senhores de Titulo deste Reyno de Portugal, e suas Conquistas. Lisboa, pelo dito Impressor. 1606. 8.

Prognostico, e Lunario do anno de 1607. calculado ao Meridiano da muy antiga, e augusta Cidade de Braga, e no cabo huma lista dos Officiaes da Casa Real de Portugal, e quem os tem, e outras curiosidades. Lisboa, pelo dito Impressor. 1607. 8.

Prognostico, e Lunario do anno de 1608. calculado ao Meridiano da Cidade de Lisboa, com hum summario das grandezas, e cousas notaveis da Comarca de Entre Douro, e Minho, com outras curiosidades tocantes a este Reyno. Lisboa, pelo dito Impressor. 1608. 8.

P. DIOGO DE MATOS. Naceo na Quinta chamada São João da Ribeira freguesia de Barcouços, em o termo da Cidade de Coimbra, e em o Noviciado da Companhia de JESUS desta Cidade, quando contava 16. annos de idade recebeu a Roupeta a 16. de Fevereiro de 1602. Inflamado com o zelo da propagação do Evangelho se embarcou com faculdade dos Superiores para a India, em o anno de 1607. onde depois de estudar as sciencias

necessarias para a instrucção da gentildade, passou à Etiopia em 1619. e nella foy hum dos mais insignes operarios, que teve aquella Missão, como escreve o P. Balthezar Telles *Hist. da Etiop. Alt.* Apend. prim. §. 5. pag. 680. padecendo intoleraveis molestias procedidas da fome, sede, frio, e calor excessivos. Pela sua natural benevolencia era muito aceito ao Emperador Sultaõ Segued, a quem acompanhava em todas as campanhas, succedendo muitas vezes controverteremse na sua preferença algumas materias pertencentes à Religião Catholica mostrando com tal evidencia a folida verdade dos seus principios contra os scismaticos erros de Alexandria, que muitos dos seus sequazes abjuravaõ tão falsa crença, e abraçavaõ a Ley Evangelica. Por morte do Emperador lhe succedeo seu filho herdeiro da Coroa, e não do affecto para com o Padre, mandando com barbara precipitação, que fosse expulso da Corte juntamente com o Patriarcha Affonso Mendes, donde sendo levado a Suaquem foy recluso em hum carcere tão estreito, pelo espaço de hum anno, que despojando-o da pelle o reduzio a hum espectáculo horroroso. Depois de ter tolerado heroicamente tantas tribulaçoens em obsequio da Religião, se retirou para Goa, onde tendo sido Reytor do Collegio de Salfete, Mestre dos Noviços, Companheiro do Provincial, e Reytor do Collegio de São Paulo, acabou a carreira de vida mortal, para começar a eterna em 4. de Junho de 1633. com 49. annos de idade, e 31. de Companhia. Delle se lembraõ Cardof. *Agiol. Lusit.* Tom. 3. pag. 528. e no Comment. de 4. de Junho letr. F. Franco *Ann. Glor. S. J. in Lusit.* p. 313. e o moderno Addicionador da *Bib. Orient.* de Anton. de Leão Tom. 1. Tit. 2. col. 435. Escreveo:

Copia de una Carta escrita al P. General dela Compañia de JESUS, en que dà cuenta a su Pateridad del estado dela conversion ala verdadera Religion Christiana Catholica Romana del gran Imperio dela Etiopia, cuyo Emperador es el Preste Juan, escrita en la Ciudad de Fremona su fecha en 20. de Junio de 1621. Madrid, por Luiz Sanches. 1624. fol.

Copia de huma Carta em que dá conta dos successos da jornada do Emperador da Etiopia contra os villoens de Lastà. Impressa na Hist. da Etiopia Alt. do P. Telles Liv. 4. cap. 26. p. 475.

Fr. DIOGO DE MELLO, cujo nome lhe foy imposto em obsequio de seu Avo paterno Diogo de Mello, Mestre sala da Emperatriz D. Isabel, filha do Serenissimo Rey D. Manoel, e esposa do Emperador Carlos V. naceo na Villa de Serpa da Provincia Transgana, e teve por Pays a Pedro de Mello, e a D. Luiza Pereira, e por irmãos a D. Martinho Afonso de Mello, e a D. Jorge de Mello, o primeiro, Bispo de Lamego, e o segundo de Miranda, e Coimbra. A tam qualificado nascimento correspondeo a boa indole com que aprendeo as primeiras letras, que cultivou mais diligentemente em a Religião Carmelitana, recebendo o Habito no Convento de Lisboa a 17. de Setembro de 1563. onde depois de dictar Filosofia passou ao Collegio de Coimbra, e nelle leo Theologia com applauso de toda a Universidade. Foy muito douto na Theologia Moral, na qual era consultado frequentemente por pessoas da mayor graduacão seguindo sempre o seu voto como fundado na mais solida doutrina. Tendo sido eleito no anno de 1595. primeiro Socio para o Capitulo Geral, e Vigario do Provincial Fr. Thomé de Faria, que depois foy Bispo de Targa, foy Prior do Convento de Lisboa, cujo governo acabou no Capitulo celebrado em Evora a 10. de Agosto de 1602. Ao tempo que era hospede de seu irmão D. Jorge de Mello, Prior mór do Convento de Palmella, lhe sobreveyo a enfermidade, que o privou da vida a 9. de Outubro de 1609. e foy sepultado no mesmo Convento. Fazem delle menção Carvalho *Corog. Portug.* Tom. 3. Liv. 2. Trat. 8. cap. 47. Fr. Luiz de Mertol. *Vid. do Ven. Fr. Estevão da Purif.* cap. 3. pag. 22. num. 10. e mais difusamente Fr. Manoel de Sá *Mem. Hist. dos Escrit. Portug. da Ord. do Carm.* cap. 19. n. 142. até 146. Imprimio:

Sermão do Santissimo Sacramento pregado no Convento do Carmo de Lisboa. Lisboa, por Pedro Craesbeeck. 1607. 4.

DIOGO DE MELLO PEREIRA, Prior da Igreja de Nossa Senhora da Assumpção Matriz da Villa de Tentugal, distante duas legoas da Cidade de Coimbra para o Poente, e Mestre de D. Francisco de Mello, segundo Marquez de Ferreira, e de seu irmão D. Rodrigo de Mello. Foy muito versado na lingua Latina, Rhetorica, Humanidades, Theologia Escolastica, e Moral, e principalmente insigne Genealogista, escrevendo:

Nobiliario de Portugal.

O qual se imprimio até folhas 80. como vimos em hum exemplar, que conserva em a sua Livraria da Historia de Portugal meu irmão D. Jozé Barbosa, e principia pelo Capit. 1. que tem por titulo: *Donde se derivou, e naceo este nome de Portugal?* Comprehedia o que estava impresso as Genealogias da Casa Real, da Serenissima de Bragança, Marquezes de Ferreira, Condes do Vimioso, Duques de Aveiro, &c. *mas por justos respeito* (como escreve Manoel Severim de Faria *Not. de Portug.* Disc. 3.) *e defeitos, que tinha na composiçã foy mandado tirar da imprensa.* Falleceo depois do anno de 1606. como affirma o P. D. Ant. Caet. de Souf. no *Apparat. à Hist. Geneal. da Caf. Real Portug.* pag. 43. §. 22.

DIOGO DE MELLO DE SAMPAYO, Moço fidalgo da Casa Real, Cavalleiro professõ da Ordem de Christo, filho de Luiz de Mello de Sampayo, que morreo alentadamente no anno de 1639. sendo General no cerco, que a Damaõ tinha posto o Graõ Mogor, e de D. Ursula de Mello, filha de Duarte de Mello Pereira, Capitaõ da Fortaleza de Dio, e de D. Cecilia de Brito. Havendo servido em obsequio do Estado da India, com grande distincão, assim na terra, como no mar, recebeu huma ferida no sitio de Damaõ de que ficou lezo. Depois de ser nomeado pelo Vice-Rey Joã da Sylva Tello, Capitaõ de hum navio, partio para Portugal em o anno de 1642. e logo, que beijou a mão ao Serenissimo Rey D. Joã o IV. para manifesto argumento da sua fidelidade, passou com quatro soldados pagos à sua custa à Fronteira do Alentejo, onde depois de obrar acçoens dig-

nas do seu nascimento, foy eleito em remuneração dellas, Capitão das Fortalezas de Sofala, e Moçambique. A grave prudencia de que era ornado, moveo aos moradores de Baçaim, para que ao tempo que chegou por Vice-Rey do Estado o Conde de Sarzedas, o elegessem para tratar os negocios mais importantes daquella Cidade. Conhecendo o Vice-Rey o seu talento politico não consentio, que partisse com quinze soldados ao soccorro de Ceilaõ, para cuja expedição voluntariamente se offerceo, querendo antes valer-se do seu Conselho, que do seu valor. Por ser culpado na morte de João Alvares Carrilho, Ouvidor Geral nas partes do Sul, que injustamente lhe sequestrara as suas Aldeyas, se passou com seu irmão Francisco de Mello de Sampayo, Capitão da Fortaleza de Baçaim ao Mogor, onde foraõ recebidos benevolamente por Aurgazeb, intitulado Emperador deste Imperio, por ter a seu Pay prezo, e os nomeou Umbrãos, titulo de grande honra naquella Corte, e sendo mandado Diogo de Mello a tratar com o Sevagy negocios de grande importancia, foy causa de que as terras do nosso Principe não fossem tributarias ao Graõ Mogor, e que não moveisse guerra nas terras de Baçaim, em tempo que era muito prejudicial, por estarem invadidas das armas Olandezas. Tendo triunfado dos inimigos estranhos, e domesticos, nos quaes teve mais que vencer, se retirou a Baçaim, donde foy chamado por huma carta muito honorifica do Vice-Rey João Nunes da Cunha, Conde de S. Vicente, e chegando à sua presença depois de o receber com benevolas expressões o nomeou Embaxador ao Graõ Mogor, de cuja expedição se eximio por ser infructuosa aos interesses do Estado. Querendo descansar dos exercicios militares em que tinha consumido a mayor parte da vida, se retirou para a Aldeya de Siam situada na Ilha de Bombaim, onde deposta a espada pegou da penna, escrevendo a Obra seguinte, que dedicou em 10. de Novembro de 1682. a Jozé de Mello de Castro, Cavalleiro professor da Ordem de Christo, filho do Vice-Rey da India Antonio de Mello de Castro, para que a offercesse ao Principe Regente o Sereníssimo D. Pedro, a qual intitulou:

Frutifico Poema. Consta de 29. Cantos, que comprehendem 1826. Oitavas. 4. M. S. He o seu argumento os Frutos, que se colhiaõ da Arvore da Cruz de Christo. O Author confessa na prefaçam desta Obra, que a compuzera em diversas terras, assim de Christaõs, como de infieis. Mostra ser muito verfado na Sagrada Escritura, e Santos Padres, pelas allegações que tras á margem, e tambem na Historia Sagrada, e Profana. Começa a 1. Oitava do 1. Canto.

*Dos frutos doces da arvore amargosa
Do fruto bento da arvore bendita
Dos frutos suaves d'arvore penosa
(Antes tida por vil, e por maldita)
E agora por triunfante, e vitoriosa
Declarando este prologo recita
Brevemente os proveitos, e as doçuras
Das suas contempladas amarguras.*

No fim tem huma larga Apologia escrita em proza, em que largamente relata as grandes perseguições, e notaveis perdas que tolerou de alguns Fidalgos, que viviaõ no Oriente, e mostra a sua innocencia injustamente perseguida. Acaba com algumas Glossas, e Canções, que alludem a algumas clausulas desta Apologia. Tudo M. S. cujo original tivemos em nosso poder.

DIOGO MENDES. Poeta insigne do seu tempo, de cuja Arte se lém no *Cancioneiro do P. Pedro Ribeiro*, feito em o anno de 1577. e se conservava M. S. na Biblioth. do Cardial de Soufa, quatro Sonetos, os quaes principiavaõ: *Estava o bravo mar asfossegado.* Outro. *Eurotas foy de muitos celebrado.* Outro. *Dum pensamento grave combatido.* Outro. *Febo ao som da vossa agua Caballina.*

DIOGO MENDES QUINTELLA, Presbytero, e Licenciado na faculdade dos Sagrados Canones. Cultivou desde os primeiros annos a Poezia, na qual a piedade dos affectos excedia a elegancia das vozes, publicando:

Conversão, e lagrimas da gloriosa Santa Maria Magdalena, e outras Obras espirituaes. Dirigidas ao *Illustriissimo, e Reverendissimo Senhor D. Miguel*

de Castro, Metropolitano Arcebispo de Lisboa. Lisboa, por Vicente Alvares. 1615. 4. O Poema consta de 7. Cantos, e as Obras espirituaes de Sonetos, Cançoens, e Elegias.

DIOGO MENDES DE VASCONCELLOS. Naceo na Villa de Alter do Chaõ na Provincia do Alentejo, em o primeiro de Mayo de 1523. como elle elegantemente escreveu em hum dos seus Poemas:

*Antiqui retinens vestigia nominis Alter
Dicitur, atque suo dictum quoque nomine,
cernit*

*Non procul oppidulum saxosi in vertice montis.
Hæc domus, hæc patria est, hæc incunabula nostra
Hoc natale solum, prima hic exordia vita.*

Teve por Pays a Gonçalo Mendes de Vasconcellos, ornado de summa piedade para com Deos, e de heroico valor contra os inimigos do nome Portuguez em as campanhas de Asia, e Africa; e a D. Beatriz Pinheira, irmãa de D. Gonçalo Pinheiro Bispo de Viseu, que o educou com grande vigilancia até o anno de 1537. em o qual sendo mandado este Prelado por ElRey D. Joaõ o III. com o caracter de Embaxador a França, para decidir humas controversias, que se tinhaõ altercado entre a nossa Nação, e a Franceza, e como se demorasse na Cidade de Bayona por causa desta negociação, mais do que esperava, ordenou que partisse da patria Diogo Mendes, e chegando no anno de 1538. à sua presença, acompanhado de seus sobrinhos Joaõ Pinheiro, e Miguel de Cabedo, lhe destinou para primeira eschola do seu estudo o Collegio de que era Reytor o celebre André de Gouvea, em a Cidade de Bordeaux. Depois de aprender nesta palestra as letras humanas em que sahio muito perito, passou à Universidade de Tolosa, onde ouviu interpretado hum, e outro Direito, pela profunda subtileza de Antonio Maria Corasio, Arnoldo Ferrerio, e Fernando Berengario, famosos professores da Jurisprudencia, cujas faculdades restituído ao Reyno no anno de 1543. continuou pelo espaço de tres annos em a Universidade de Coimbra, sendo seus Mes-

tres o insigne Martim Aspilcueta Navarro, e Antonio Soares Ulyssiponense, ambos Oraculos, hum dos Canones Ecclesiasticos, e outro das Leys Imperiaes. Chamado segunda vez a França por seu Tio, visitou a Universidade de Orleans, em que era Lente Jacobo Pamelio de nação Flamengo, e grande Jurisconsulto, donde passou a Pariz, em cuja Universidade ouviu algumas liçoens do famoso Canonista Pedro Rebufo. Voltando ao Reyno, como fosse taõ conhecida a sua profunda sciencia, o mandou ElRey D. Joaõ o III. em 29. de Setembro de 1551. ao Concilio Tridentino em companhia do seu Embaxador D. Joaõ da Sylva, Joaõ Paes, e Diogo de Gouvea, que depois foy Prior môr de Palmella, de quem acima se fez larga memoria, e chegando a Trento a 5. de Mayo de 1552. como se interrompesse o Concilio, se retirou a Veneza, e depois de discurrer por Verona, Ferrara, Ravenna, e Urbino, entrou em Roma, onde conciliada a amizade das principaes pessoas desta grande Corte se restituio ao nosso Reyno com D. Diniz de Alencastro, filho de D. Affonso de Alencastro Embaxador desta Coroa naquelle tempo em a Curia. Foy benevolmente recebido por ElRey, de quem alcançou faculdade para tomar posse de hum Canonicato na Cathedral de Evora, que nelle renunciara seu Tio D. Gonçalo Pinheiro. Em atençaõ á sua grande sciencia, e inculpavel vida o nomeou o Cardinal D. Henrique Inquisidor da Inquisição de Evora, de que tomou posse a 11. de Outubro de 1564. cujo ministerio exercitou com summa rectidão até o anno de 1573. Todos estes dotes com que se ornava o seu espirito lhe mereceraõ as estimaçoens delRey D. Sebastião, e de Philippe Prudente, quando veyo a Portugal cingir a Coroa deste Reyno. Foy insigne cultor da lingua Latina compondo neste idioma, ou fosse em proza, ou em verso com tanta pureza, que parecia ter nacido no seculo de Augusto. Na Historia Sagrada, e profana era muito versado, principalmente na investigação das Antiguidades Portuguezas, em cujo estudo competio com o famoso André de Resende, de quem escreveu a vida, e addicionou as

Obras. Falleceo em Evora a 24. de Dezembro de 1599. quando contava 76. annos 7. mezes, e 24. dias de idade. Jaz sepultado na Cathedral em a nave do Lenho junto da escada do Coro, onde sobre a campa da sepultura debaixo das suas armas lhe gravou seu sobrinho Gonçalo Mendes de Vasconcellos o seguinte epitafio:

D. O. M.

Jacobo Mendes de Vasconcellos Doctorali hujus Ecclesie Canonico, & in hac Civitate Inquisitori Apostolico, atque utriusque Juris Consulto humanarum litterarum peritissimo Gonçalus Mendes de Vasconcellos Avunculo meritissimo posuit. Obiit anno salutis nostrae 1599. die 24. Decembris.

Varios elogios dedicaraõ à sua memoria diversos Escriutores, sendo os principaes Joan. Soar. de Brit. *Theat. Lusit. Litter.* lit. D. num. 25. *optima sui fama, nomineque relicto.* Nicol. Anton. *Bib. Hispan.* Tom. 1. pag. 230. col. 2. *Cum insigni esset eruditione antiquarum rerum, ac totius humanitatis.* Emman. Constant. in Vit. Alfonf. Prim. *Vir in Jure Casareo, ceterisque scientiis apprime versatus.* Eduard. Nun. de Leon. *De ver. Reg. Portug. Orig.* fol. 3. *Tam omnium litterarum, quam juris scientissimus, & in carmine cum veteribus illis comparandus.* Faria fatif. *Apolog. no principio da Europ. Portug. num. 24. Doutissimo.* Fonsec. *Evor. Glorios.* pag. 407. *Eruditissimo, e eternamente benemerito da Cidade de Evor.* Taxand. in *Cathal. Clar. Hisp. Script.* Cardof. *Agiolog. Lusit.* Tom. 2. pag. 22. no Comment. de 2. de Março lit. A. Ludovic. Pyrrhus em huma carta, que lhe escreveo que está inferta entre os seus versos o louva com estas elegantes vozes:

Attamen ut mentis, quæ sit sententia nostræ Eloquent: Aonides viridi tua tempora lauro Cinxere, & teneris admorunt ubera labris. Attica præceptis, sophiæ tua pectora Pallas Imbuît, Arpinas quoque facundissimus ille, Et pater eloqui dicendi contulit artem: Quippe parem invenias nullum, vix nempe secundum,

Qui conferre pedem valeat, seu carmina culta Scribere, seu cupis historias sermone soluto: Seu Terrarum orbem radio describere malis;

Quis rogo te melius terræ, pontique recessus Eruit è tenebris? Alta quæ merfa ruina Tempore delevit penitus longæva vetustas Quis Sacra Pontificum meliùs decreta, patrumque Rectiùs explicuit nodos? Sacrataque jura?

Compoz:

Scholia in quatuor Libros Resendii de Antiquitatibus Lusitaniæ.

Vita Jacobi Menetii Vasconcellii ab ipso conscripta.

De Municipio Eborensi Commentarius. Todas estas Obras sahiraõ com o Livro de *Antiquitatibus Lusitaniæ*, composto por André de Resende. Eboræ apud Martinum Burgensem Acad. Typog. 1593. fol. & Romæ apud Bernardum Bassam. 1597. 8. desde pag. 247. até 320. Colonia Agrippinæ ex Officin. Birckmanica. 1600. 8. Tom. 1. à pag. 242. e pag. 304. e no Tom. 2. *Hispan. Illustrat.* Francof. apud Claudium Marnium. 1603. fol. a pag. 385. & Francof. apud eumd. Typog. 1608. 4. na *Bib. Hispan.* Andrea Scoti onde a pag. 518. traz sómente *Vita Jacobi Menetii, &c.*

Vita Gondisalvi Pinarii Episcopi Vinsensis Serenissimo Principi Alberto Archiduci Austriae S. R. E. Cardinali dicata. Eboræ apud Martinum Burgensem. 1591. fol. & Romæ apud Bernardum Bassam. 1597. 8. a pag. 321. & Francof. apud Claudium Marnium. 1608. 4. in *Hispan. Bib.* Andrea Scoti a p. 495.

Vita L. Andreae Resendii. Eboræ apud Martinum Burgensem Acad. Typog. 1593. fol. Colon. Agrippin. ex Offic. Birckmanica. 1600. 8.

Vita clarissimi viri Michaelis Cabbedii Senatoris Regii. Romæ apud Bernardum Bassam. 1597. 8. a pag. 392. & Francof. apud Claud. Marnium. 1608. 4. na *Hisp. Bib.* Andrea Scoti. p. 509.

De suo ex Eboræ discesu anno M. D. LXXVIII.

In Laudem Clarissimæ Civitatis Olyssiponenfis Hendecasyllabi anno M. D. LXXV.

Cum Patriam longo tempore à se non visam adiret anno M. D. LXXX.

Estas tres Obras Poeticas com varios Epigrammas a diversos assumptos, e duas Cartas Latinas, escrita a primeira ao Du-

que de Saboya Carlos Manoel, no anno de 1585. e a segunda ao Cardial D. Matheus Contarello em 1581. Sahiraõ impressos. Romæ apud Bernardum Bassam. 1597. 8. desde pag. 356. até 384.

Eruditissimo Viro Petro Marifso S. P. D. Epistola data Eboræ 10. Martii 1595. Sahio impressa ao principio dos *Dialogos de varia Historia* deste Author. Coimbra, por Antonio de Mariz. 1597. 4.

Oração do Padre Noffo, e Ave Maria em verso Latino, e Portuguez. Evora, por André de Burgos.

Panegyricus Principi Transilvaniae dictus. Confitava de duzentos versos o qual deo ao Patriarcha de Jerusalem, quando hia para Roma.

Oratio funebris in obitu Principis Joannis, Romæ habita.

Discursos da Agricultura. Evora, por André de Burgos.

Descrição larga da Cidade de Lisboa, a qual intentava que fosse o sexto Livro das Antiguidades de Portugal. M. S.

Mappa de Portugal dedicado a ElRey D. Sebastião, em verso. Destas duas ultimas Obras se lembra o moderno Addicionador da *Bib. Geograf.* de Ant. de Leaõ Tom. 3. col. 1719. enganando-se, quando pela identidade dos appellidos o confunde com Luiz Mendes de Vasconcellos, Author do *Sítio de Lisboa.*

DIOGO DE MENDOÇA CORTE-REAL. Naceo na Imperial Villa de Madrid a tempo que seu Pay Diogo de Mendoça Corte-real, era nesta Corte Enviado Extraordinario da Magestade delRey D. Pedro II. de quem foy Secretario das Mercês, e Expediente, e depois do Estado do Noffo Serenissimo Monarcha Reynante. Instruido em a lingua Latina, e letras humanas, se applicou em a Universidade de Coimbra ao estudo do Direito Pontificio, e tal foy o progresso, que a viveza do seu engenho fez nesta Faculdade, que laureado com as insignias doutoraes foy admitido ao Collegio de Saõ Pedro a 12. de Novembro de 1716. A capacidade do seu talento o fez digno de ser eleito no anno de 1722. Enviado Extraordinario a Olanda, onde renovou a saudosa memoria do ministerio de seu Pay, que

com tanta gloria desta Coroa tinha exercitado. Sendo Thefoureiro mòr da Collegiada de Barcellos, Conselheiro da Fazenda Real, Provedor da Casa da India, e Deputado da Serenissima Casa de Bragança, foy nomeado em 9. de Março de 1729. Academico da Academia Real da Historia Portugueza. Compoz:

Practica com que congratulou a Academia de estar eleito seu Collega. Sahio no Tom. 9. da *Collec. dos Docum. da Acad. Real, &c.* Lisboa, por Jozé Antonio da Sylva. 1729. fol.

Conta dos seus estudos Academicos em 8. de Fevereiro de 1730. No Tom. 10. da *Collec. dos Docum. da Acad. &c.* Lisboa, pelo dito Impressor. 1730. fol.

Conta dos seus estudos Academicos em 7. de Junho de 1731. No Tom. 11. da *Collec. dos Docum. &c.* Lisboa, pelo dito Impressor. 1731. fol.

Conta dos seus estudos Academicos no Paço a 29. de Outubro de 1731. No Tom. 11. da *Collec. dos Docum. &c.* Lisboa, pelo dito Impressor. 1731. fol.

Examen, & reponse a un escrit publiè par la Compagnie des Indes Occidentales sous le Titre de refutation des Argumens, e raisons alleguées par Mr. Diego de Mendoça Corte-real Envoye Extraordinaire de Portugal ala Haye dans son Memoire, & l'Escrit annexe presentè a leurs Hautes Puissances le 15. Septembre 1727. Impresso no anno de 1727. sem lugar da impressaõ, nem nome do Impressor. 4. grande.

Lettre d'un Catholique del'Eglise Romaine a un Russien del'Eglise Grecque separee del'Eglise Romaine au sujet de Purgatoire. 8. Naõ tem anno nem lugar da impressaõ, mas do caracter se conhece ser em Amstardaõ.

D. DIOGO DE MENESES, Claveiro da Ordem de Christo, filho de D. Fernando de Menezes, chamado o *Narizes*, por lho dividirem em dous os Mouros, em hum combate de Tangere, e de D. Isabel de Castro, filha de D. Diogo de Castro, Capitaõ da Cidade de Evora. Casou com D. Cecilia de Siqueira, filha de Joaõ Lopes de Siqueira, de quem teve descendencia. Foy inclinado à Arte da

Poesia de que deixou varias Obras, logrando unicamente do beneficio da luz publica as que se lem no *Cancioneiro de Garcia de Resende*. Lisboa, por Herman de Campoz. 1516. a fol. 144. v.º 145. 146. v.º 147. 149. v.º 153. v.º e 182. v.º

D. DIOGO DE MENESES, filho de D. Fernando de Menezes, Commendador, e Alcaide mòr de Castello-branco, e Embaxador Extraordinario ao Pontifice Saõ Pio V. e de D. Filippa de Mendocça, filha de D. Francisco de Soufa, e D. Brites de Mendocça; foy igualmente ornado de agradavel aspecto, como de sublime engenho, do qual deo hum claro argumento quando na tenra idade de doze annos recitou a 22. de Abril de 1566. huma Oraçãõ gratulatoria na presença do Collegio Apostolico, a tempo que seu Pay exercitava em Roma o caracter de Embaxador delRey D. Sebastiaõ, arrebatando as atençoens deste gravissimo Congresso a eloquencia da frase, a pureza da lingua, e a energia da representaçãõ do Orador. Sahio com este titulo:

Oratio Gratulatoria habita Romæ in Sacro Confessu Eminentissimorum Cardinalium. XXII. Aprilis anno M.D.LXVI. Romæ, apud Julium Bolanum de Accolitis. 1566. 4. Começa: Et si propter ætatem nondum consilio ratione, & viribus confirmatum, &c.

Como assistisse na Curia foy o Conductor do Chapeo, e Estoque, que o Summo Pontifice S. Pio V. mandou a ElRey D. Sebastiaõ em o anno de 1568. sahindo para esta religiosa funçãõ montado em hum Cavallo pombo preciosamente ajaezado, levando o Estoque levantado, e na ponta o Chapeo, a quem fazia pomposa comitiva D. Affonso de Lancastro, o Conde de Portalegre, o Marquez de Torres-novas, e seu irmaõ D. Pedro Diniz de a Lancastro, e outros Fidalgos seus parentes, e amigos. Chegando ao Paço entregou a ElRey as dadas Pontificias, que ao dia seguinte recebeo em a Igreja de S. Domingos de Lisboa, com as circunstançias que prescreve o Ceremonial Romano. Acompanhou a este Principe na jornada de Africa, onde acabou na florente idade de 24. annos infaustamente a 4. de Agosto de 1578.

Foy casado com D. Margarida de Vilhena, filha de D. Francisco de Portugal, Commendador da Fronteira de quem não teve descendencia. Faz memoria do Author, e da Obra D. Ant. Caetan. de Souf. *Hist. Geneal. da Caf. Real Portug.* Tom. 3. Liv. 4. cap. 17.

D. DIOGO DE MENESES, primeiro Conde da Ericeira, naceo em Lisboa pelos annos de 1553. onde foraõ seus progenitores D. Diogo de Menezes, segundo Senhor do Lourical, Commendador de Mendo-Marquez, e de Saõ Tiago de Cacem, do Confelho delRey D. Joãõ o III. e D. Violante de Castro, filha de Simaõ de Miranda, Camareiro do Cardial Infante D. Henrique. Acompanhado de tres irmaõs D. Simaõ, D. Fernando de quem descendem os Condes da Ericeira, e D. Henrique passou em o anno de 1578. a Africa, e na infausta batalha de Alcacer seguer, em que acabaraõ gloriosamente D. Simaõ, e D. Henrique, ficou cativo com D. Fernando, de cujo cativo se refgatou à sua custa não aceitando o dinheiro, que para esse effeito lhe levava Francisco da Costa por ordem delRey. Hum desgosto que teve com seu irmaõ D. Fernando o obrigou a deixar a Patria, e fazer o seu domicilio na Corte de Madrid, onde pela sua grande prudencia, e natural affabilidade mereceo particulares atençoens de Filippe IV. o qual não sómente o fez seu Mor-domo, e Gentilhomem de boca, mas lhe deo o titulo de Conde da Ericeira, por carta passada em o primeiro de Março de 1622. cuja merce alcançou para seu sobrinho D. Fernando de Menezes, neto de seu irmaõ D. Fernando, e filho de seu sobrinho D. Henrique, o qual hindo a Madrid o achou já fallecido, deixando-lhe no seu testamento, que constou de mais de setecentos mil cruzados em moveis preciosos, sómente o Padroado da Capella mòr do Convento de Nossa Senhora da Graça de Lisboa, com quatro Missas quotidianas, e quatro Officios. Morreo com mais de 80. annos de idade em o de 1635. Para que se fizessem mais patentes as façanhas que seu Avo D. Henrique de Menezes obrou no Governo

da India, traduzio em Castelhana, e dedicou ao Conde Duque de Olivares:

Los cinco Libros dela 3. Decada de Juan de Barros, que contiene la vida de D. Henrique de Menezes. Madrid, por Juan Delgado. 1628. 4.

Fr. DIOGO DE S. MIGUEL, natural da Villa de Castello-branco, situada na Provincia da Beira do Bispo da Guarda, filho de Joaõ Rodrigues Homem, e Joanna Frafoa. Professou o Instituto dos Eremitas de Santo Agostinho no Convento de Lisboa a 15. de Junho de 1538. onde por sua grave prudencia foy tres vezes Reytor do Collegio de Coimbra, e duas vezes Provincial, a primeira no anno de 1565. e a segunda no de 1576. Lançou os primeiros fundamentos ao Convento de Nossa Senhora da Luz da Villa de Arronches em o anno de 1570. sendo o primeiro Prior que teve esta religiosa Casa. Morreo no Convento de Nossa Senhora da Assumpção de Pena-firme. Delle se lembraõ Purif. de *Vir. illust. Ord. D. Aug.* lib. 3. cap. 4. pag. 88. v.º. Herrera *Alphab. August.* Nicol. Anton. *Bib. Hisp.* Tom. 1. pag. 230. col. 2. Fr. Anton. da Nativid. *Mont. de Cor.* let. D. §. 4. n. 5. e Joaõ Soar. de Brito *Theat. Lusitan.* *Litter. lit. D.* num. 26. Publicou:

Exposição da Regra do glorioso Padre Santo Agostinho collegida de diversos Authores. Dedicada à Rainha D. Catharina. Lisboa, por Joaõ Blavio. 1563. fol.

DIOGO DE MONROY, E VASCONCELLOS, Cavalleiro da Ordem Militar de Christo, e Governador do Castello de Saõ Joaõ Bautista da Ilha Terceira, naceo em a Villa de Campo-mayor a 5. de Abril de 1680. sendo filho de Francisco da Sylva de Moura, e Azevedo, Mestre de Campo, Governador da Praça de Campo-mayor, Commendador da Comenda de Santa MARIA de Castello-bom, e de D. Anna Maria Jozefa de Vasconcellos, filha de Luiz Mendes de Vasconcellos, Governador da Ilha de S. Miguel, Vedor da Fazenda da India, e de D. Guiomar Palha. Desde a puericia começou a cultivar os estudos, em que logo deo claros argumentos da capacidade do seu

talento, sendo mayores quando na Universidade de Coimbra recebeu o grão de Bacharel na faculdade de Direito Canonico. Na ultima guerra que esta Coroa teve com a Castelhana, deixou as letras, e seguiu as armas, obrando acçoens dignas do seu honrado nascimento. Teve natural inclinação para a Poesia, de cuja Arte tem composto tanta copia de versos, que podem formar cinco volumes, dos quaes sómente tem logrado da luz publica:

Varios Romances, Decimas, e Oitavas a diversos assumptos, que sahiraõ impressas no 4. Tomo da *Fenix renacida, ou Obras Poeticas dos melhores engenhos Portuguezes.* Lisboa, por Mathias Pereira da Sylva, e Joaõ Antunes Pedroso. 1721. 8. desde p. 313. até 372.

DIOGO MONTEYRO natural da Cidade de Lamego Presbitero, e Licenciado na Faculdade dos Sagrados Canones. Desde a primeira idade cultivou a poesia a que o inclinava o genio deixando para testemunho da sua veyra poetica.

Poema de S. Gonçalo de Amarante Lisboa 1620. 4. Consta de varios câtos em verso heróico, de cuja obra como do seu Author se lembra Cardozo. *Agiol. Lusit.* Tom. 2. pag. 607. no Coment. de 16. de Abril let. E Nicol. Ant. *Bib. Hispan.* Tom. 1. pag. 231. col. 1.

Exposição dos primeiros cincoenta Psalmos de David em Outavas, e Tercetos, do qual se não permitio a impressaõ por ser na lingua vulgar.

DIOGO MONTEIRO Presbitero Ulifiponense, insigne Theologo Moralista cuja Faculdade aprendeo no Collegio de Santo Antaõ dos PP. Jesuitas traduzindo em obsequio destes Religiosos da lingua Castelhana do P. Thomaz de Villa-Castim da Companhia de JESUS em a portugueza, acrescentando-lhe muitas noticias.

Compendio da Vida, virtude, e milagres do B. P. Francisco Xavier Apostolo da India Oriental. Lisboa por Anton. Alvares. 1620. 8.

P. DIOGO MONTEIRO, chamado no seculo Diogo Banha, filho de Francisco Rodrigues Banha, e Brites Lopes, naceo em o anno de 1562. em a Fregue-

fia de Nossa Senhora da Graça do termo da Cidade de Evora, em cuja Universidade estudou os primeiros Rudimentos da lingua Latina. Atrahido do Sagrado Instituto, que professavaõ os seus Mestres, se resolveo a entrar na Companhia de JESUS e posto que contra taõ santo intento machinasse o inimigo commum varios impedimentos, de todos heroicamente triunfou recebendo a Roupeta no Collegio de Evora a 6. de Janeiro de 1577. quando contava quinze annos de idade. Continuou o Noviciado em o Collegio de Coimbra debaixo do magisterio do piissimo Varaõ o P. Vasco Pires, no fim do qual aprendeo as sciencias mayores. Por ser muito insigne nas letras humanas, as ensinou pelo espaço de oito annos na primeira Classe dos Collegios de Coimbra, e Evora, em cujas Universidades leo Filosofia, Theologia Especulativa, e Moral, e Escriitura Sagrada, com grande proveito dos seus ouvintes. Ao exercicio das sciencias correspondia o das virtudes, pelas quaes chegou com exemplo raramente practicado a administrar o lugar de Mestre dos Noviços quatro vezes, devendo-se à sua vigilante cultura frutificarem aquellas novas plantas, como herdeiras do seu espirito, não sómente em beneficio da Religiaõ, mas de todo o Reyno. Na contemplaçãõ dos divinos attributos confumia quotidianamente o largo espaço de cinco horas, aprendendo nesta altissima eschola a *Arte de Orar*, que escreveu para instrucçãõ dos espiritos, que quizerem frequentar taõ sagrado exercicio, em o qual muitas vezes era visto suspenso em os ares, como buscando com mayor velocidade o centro de suas amorosas ancias; e em outras derramando copiosas lagrimas, que lhe acendiaõ o fogo em que suavemente se abraçava. Não havia genero algum de mortificaçãõ de que não usasse para reduzir a rebeldia do corpo às leys do espirito, disciplinando-se todos os dias com tanto rigor, que senãõ fosse moderado pela prudencia dos Superiores, certamente lhe abreviaria a morte. Observava taõ inviolavel silencio, que sómente o rompia quando era obrigado a fallar nas materias pertencentes ao governo da Comunidade, como se experimentou quando foy Reytor dos Col-

legios de Braga, e Lisboa, Preposito de Saõ Roque, e Provincial. Querendo Philippe IV. no anno de 1631. fazer Bispo ao P. Salazar, foy eleito entre os Padres, que por ordem do Geral Mucio Viteleschi foraõ deputados para impedir esta eleiçãõ, como contraria ao Instituto da Cõpanhia, e nesta grande Corte deixou impressas as memorias das suas raras virtudes. Em todas as jornadas, que fez pelo Reyno, sempre andava a pé, não o dispensando de taõ laborioso exercicio nem a idade provesta, e menos a authoridade dos lugares que occupava. Previo muitos successos, huns prosperos, outros infaustos, de cuja infallivel certeza se conhecia a superior luz, que lhe illustrava o espirito. Dedicava ternissimos obsequios a MARIA Santissima, e ao Menino Deos nacido em o Prezepio a quem em a Noute do Natal cantava alguns versos dictados pelo innocente impulso dos seus affectos. Chegado à idade de 72. annos se retirou de Lisboa ao Collegio de Coimbra, que fora a primeira palestra dos seus virtuosos progressos, e conhecendo estar propinqua a morte ouviu Missã a 25. de Mayo em que se celebrou a Festa da Ascençãõ de Christo no fim da qual comungou com summa piedade, e recolhendo-se ao seu Cubiculo se lançou na cama por ter huma perna gravemente inflamada, e depois de passar os dias de quinta e Sexta feira, em o Sabado que se contava 27. de Mayo de 1634. foy achado morto. Concorreo a Cidade de Coimbra a venerar o seu Cadaver, a cujas exequias assistio o Cabido, e toda a Universidade, e sendo depositado em sepultura particular foy trasladado no anno de 1641. da Igreja velha para a nova para a Capella de Santo Antonio junto da portaria do Collegio. *Foy de feiçoens miudo (assim descreve a sua figura o P. Antonio Franco Imagem da virtude do Noviciad. de Evor. liv. 3. cap. 46.) de compreiçãõ sanguinho, de estatura alta, e bem proporcionada; o rostro comprido, alvo, e algum tanto corado mas com a muita oraçãõ, e continua penitencia muy atenuado, os olhos grandes, e alegres. O naris sem deformidade comprido, e aquilino; a barba estreita, e afilada &c* A sua vida escreveu o P. Nuno da Cunha, que foy seu Noviço, e depois companheiro

quando foy Provincial, e Assistente em Roma, a qual sahio impressa no principio das *Meditações dos Atributos Divinos* do P. Diogo Monteiro, onde se vê o seu retrato aberto em huma Lamina com esta inscripção. *P. Didacus Monteiro Soc. JESU Magister Novitiorum an. 17. & Provincialis in Lusitania, vir, amabili virtute, orandi assiduitate, & mira in loquendo de divinis rebus suavitate præditus, eximieque affectus erga Christum Infantem positum in præsepio. Ad caelestem patriam evocatus obiit Conimbricæ 27. Maij 1634. ætat 72. Societ. 52.* As suas virtudes, e insignes acçoens relatã o P. Franco já allegado, e no *Ann. glor. S. J. in Lusit.* p. 288. *micuit absolutissimis virtutibus.* E no *Synops. Annal. S. J. in Lusit.* pag. 263. *vir ille fuit nullis æquandus laudibus Cardof. Agiol. Lusit. Tom. 3. pag. 424. sua vida fora inculpavel, sua virtude essencial, e sua pureza muy solida.* Nieremberg. *Var. Ilust. dela Compan. Tom. 1. fol. 562. Nicol. Ant. Bib. Hisp. Tom. 1. pag. 231. Vita Santlimonia nobilis.* Illustrissim. Cunha *Hist. de Brag. Part. 2. cap. 106. n. 1. Insigne Varaõ.* Nadaf. *Ann. diæ. memorab. S. J. Part. 1. pag. 286. col. 2. Joan. Soar. de Brit. Theatr. Lusit. Litterat. litter. D. n. 27. quoadusque latius, lentiusque clarissimi, justissimique viri vitam, si non ut par est, ut mihi certe licebit, præscribo.* Franco *Evora glorios.* pag. 428. *floreceo em todo o genero de virtudes.* Tellez *Chron. da Comp. de JESUS da Prov. de Portug. Part. 2. liv. 4. cap. 26. n. 3. Varaõ de muy santa vida, e de muy saudosa lembrança.* D. Franc. Manoel na Carta dos *Author. Portug. Entre os professores, e Mestres de espirito o P. Diogo Monteiro.* Compoz.

Arte de Orar. Coimbra por Diogo Gomez Loureiro 1630. 4. A esta obra chama a *Bib. Societ. p. 172. omnibus numeris absolutum.*

Devoto exercicio da Paixaõ de Christo repartido por horas, que a alma devota deve fazer entre dia. Lisboa por Manoel Carvalho. 1632. 8.

Meditações dos Atributos Divinos Roma por Angelo Barnabó 1671. 8.

Cartas espirituas; as quais pertendia fazer publicas Fr. Manoel da Refurreiçaõ Agostinho Descalço assistente em Roma. Trinta

conservava em seu poder o Doutor Joaõ Lopez Rapozo da Castanheda e as vio o P. Francisco da Cruz como affirma nas suas *Memorias M. S. para a Bibliotheca Portugueza.*

Fr. DIOGO DE MORAES Religiofo da Sagrada Ordem dos Prégadores em cuja douda palestra depois de ensinar Filosofia, e Theologia recebeo o grão de Doutor nesta Faculdade na Academia Conimbricense, onde foy Lente de Cadeira de Vespera, de que tomou posse a 11. de Janeiro de 1562. Foy Qualificador do Santo Officio, ornado de feliz memoria, exacta observancia do seu Instituto, e de profunda intelligencia da Sagrada Escriitura. Cantou a Missã solemne na abertura do Real Collegio de Saõ Paulo, a 2. de Mayo de 1563. Fazem do seu talento honorifica memoria Fr. Anton. de Sen. *Chron. Ord. Præd. p. 331. Fr. Pedro Monteir. Clausf. Dom. Tom. 3. pag. 188. e D. Jozé Barbof. Memor. Hist. do Real Colleg. de S. Paul. pag. 19.* Deixou doutissimos Tratados sobre a Escriitura, e Theologia, em que se admira a profundidade da sua sciencia.

DIOGO MOURAM, natural da Villa da Covilhã em a Comarca do Bispaado da Guarda, em a Provincia da Beira, e grande professor de Medicina, pela qual he chamado *peritissimus, eruditissimus, & eximius*, por Zacuto Lusitano in *Med. Princip. Hist. Lib. 3. hist. 13. & Lib. 2. Hist. 116. & in Prax. Med. Lib. 2. Observat. 94.* Exercitou esta Arte com fortuna, e applauso na Cidade Archiepiscopal de Aix da Provincia de Provença, em o anno de 1639. Delle se lembraõ Joan. Anton. Vander. Linden de *Script. Med. Hallevardio in Bib. Curios. p. 59. col. 2. Joan. Soares de Brito Theatr. Lusit. Litter. lit. D. num. 28. Nicol. Ant. Bib. Hisp. Tom. 1. pag. 231. col. 1. e 2. Publicou tres Apologias:*

Prima de Epilepsia Hysterica. 2. De venæ sectione in fluore nimio Hemorroidum. 3. De Ventris tumore. Orthesii, apud Abrahamum Rovicrium. 1626. 4.

Fr. DIOGO DAS NEVES, natural de Lisboa, filho de Luiz Ribeiro, e

Maria Gomes, Religiofo Eremita Auguftiniano, cujo habito profeffou no Convento patrio a 16. de Agofto de 1619. Foy muito eftudioso da Historia profana, e da Mythologia, como tambem infigne em efcrever Livros do Coro com varios debuxos, que pareciaõ mais formados com o pincel, que com a penna. Falleceo em Lisboa a 29. de Março de 1649. Compoz:

Epilogo de varias historias, no qual se trata dos principaes Deoses Gentilicos com alguma doutrina, e moralidades, que os antigos quizerãõ mostrar debaixo da sombra das suas fabulas; e se apontaõ os mais notaveis feitos de Varoens famosos, e mulheres generosas, que houve no mundo, com outras muitas curiosidades, e em especial dos noffos Illuftres Vice-Reys, e Capitães Orientaes, e Africanos. M. S. 4. Conferva-se na Bibliotheca do Convento da Graça de Lisboa.

Fr. DIOGO DE NORONHA. Naceo em Lisboa de Pays illustres, e profeffou o Instituto Carmelitano na fua patria, onde foy Subprior no Convento de São Romaõ duas vezes no anno de 1602. e 1608. e Mestre dos Noviços desde o anno de 1610. até 1612. Passou a França, e na Cidade de Elna da Provincia do Rofilhon distante duas legoas de Perpinhaõ, foy Examinador Synodal, e exercitou o ministerio de Orador Evangelico, com grande applauso naõ sómente neste Reyno, mas em Hespanha, por ser dotado de agudo engenho, e summa erudição, como affirma Fr. Marcos Antonio Alegre de Cafanate *Parad. Carmel. Decor.* Stat. 5. Æst. 18. cap. 125. pag. 472. Voltando de Roma por Perpinhaõ tinha prompto hum Livro para imprimir, o que já desejava executar em Tolofa. Falleceo no anno de 1631. Publicou:

Sermon delas Bodas de Luiz XIII. Rey Christianissimo de Francia, y Navarra con D. Anna de Austria Infanta Catholica de España. Tolofa, por Raymundo Colomier, Impressor Ordinario del Rey. 1616. 4.

Fazem memoria delle o Licenciado Francisco Galvaõ Maldonado na *Bib. Portug.* M. S. e Fr. Manoel de Sá, *Memor. Histor. dos Escriit. Portug. da Prov. do Carm.* cap. 20. §. 147. e 148.

DIOGO NUNES FIGUEIRA. Naceo na Villa de Mertola do Arcebispado de Evora em a Provincia Transtagana onde teve por Pays a Fernando Dias, e Violante Nunes de Negreiros, e por irmão a Manoel Figueira de Negreiros, infigne Jurisconsulto, com o qual estudou em a Universidade de Coimbra Theologia, e elle Direito Civil, como elegantemente o exprimio nestas metricas vozes:

Nonte præteream cordis pars maxima nostri,

Et nostri consors sanguinis Emmanuel.

Stirps eadem nobis, eadem quoque patria fratres

Julia germanos Myrtilis alma tulit.

Una magistra duos aluit Conimbrica tradens

Jus tibi Casareum, Cælica jura mihi.

Tendo recebido com applauso de todos os Academicos o grão de Bacharel em a Faculdade Theologica foy admitido ao Collegio Real de São Paulo, de que tomou posse a 16. de Novembro de 1571. naõ sómente para ornato desta illustre sociedade, mas de toda a Academia Conimbricense. Sendo Conego, e Thefoureiro mór da Cathedral de Evora, e Deputado da Inquifição da mesma Cidade, eleito em 13. de Dezembro de 1578. como os seus merecimentos crecessem com os annos, foy promovido à Mitra de Congo por El Rey D. Sebastião, que promptamente regeitou, como a do Japaõ offerecida pelo Cardial Rey, e a de Angra por Philippe II. que o destinava para seu Agente na Curia Romana, como tambem o Priorado mór de Aviz, naõ sendo poderosas taõ authorisadas dignidades em que o nomearaõ tres Monarchas successivos para alterar o seu animo incontractavel às batarias da ambição, e vaidade humana. Obrigado das continuas instancias do Illustrissimo Arcebispo de Evora D. Theotonio de Bragança aceitou ser seu Secretario, e depois Governador duas vezes do Arcebispado, em cujo ministerio desempenhou a eleição de taõ virtuoso Prélado, de quem confiava os seus mayores segredos, e venerava como Oraculos os seus dictames. Ambicioso da vida solitaria na qual se tem a Deos por Companheiro, renunciando o Canonicato, e Thezouraria mór, em dous sobrinhos,

se retirou à Patria, e em huma sua Quinta edificou hum Convento para os Religiosos de Saõ Francisco da Provincia de Xabregas, em o anno de 1612. entre os quaes viveo até que passou a ser immortal a 28. de Junho de 1613.

Fazem delle illustre memoria Nicol. Agost. *Vid. de D. Theot. de Brag.* fol. 24. v.º Fr. Agost. de S. Mar. *Hist. Tripartit.* Trat. 2. §. 300. pag. 330. P. D. Anton. Cactan. de Soufa *Cathal. dos Bispos de Angra.* D. Jozé Barbofa *Memor. Histor. do Colleg. de S. Paul.* pag. 188. e no *Archieat. Lusit.* pag. 18.

Qui modo surgit, erit celebris pietate Figueira,

*Cujus terna volet frontem decorare sacrata
Insula, sed spreto maior fulgebit honore.
Ductus amore poli fugiet commercia mundi
Exquiret natale solum, quo Templum dicabit
Quino Redemptoris, qui stigmata corpore portat.*

Foy insigne Poeta Latino, observantissimo cultor deste idioma, e muito douto no Grego, e Hebraico. Compoz:

Paraphrasis poetica in Canticum Cantorum. Dicata Serenissimo Domino Alexandro Archiepiscopo Eborensi. Principia: *Expectata diu longos dilata per annos*

Oscula jam sponsæ da mihi sponse tuæ, &c.

Nesta Obra estaõ infertos muitos capitulos dos Cantares de Salamaõ, em diversos Metros, e ultimamente huma Poesia intitulada:

Zephyrus de divino Amore.

Começa:

Castalii procul hinc, Veterum deliria fontis

Ardua Parnassi culmina, Cyrrha procul, &c.

No fim desta Colleção dos seus versos cujo Original como vimos, se conserva na Livraria do Excellentissimo Marquez de Abrantes, acaba com estas palavras: *Hæc manu propria subscripsi, signavi, & sigillo quo utor roboravi apud Juliam Myrtillem Idibus Mensis Junii 1607. anno D. N. Salvatoris JESU Christi cui cum Patre, & Spiritu Sancto benedictio, & claritas, & sapientia, & gratiarum actio in sæcula sæculorum Amen.* Ao tempo que se estava imprimindo esta Obra, se suspendeo pela prohibição de Paulo V. com

a qual impedia se fizessem Parafrases em verso sobre a Escriitura.

De Regimine Episcoporum. Neste Tratado manifestava a sua grande Litteratura assim Canonica, como Theologica.

DIOGO NOVAES PACHECO. Veja-se JOZÉ XAVIER VALLADARES, E SOUSA.

DIOGO PACHECO, filho do Doutor Alvaro Pires Corregedor da Corte, e Chanceller da Casa do Civel, e de D. Isabel Pacheco, filha de Gonçalo Lopes Pacheco, mereceo pela sua profunda sciencia em hum, e outro Direito, de que deo manifestos argumentos em os Tribunaes, em que foy Senador, e pella sua grave prudencia, e natural elegancia particulares estimaçoens do Serenissimo Rey D. Manoel, naõ havendo funçãõ politica, em que naõ fosse ouvido com geral aclamação. Querendo este Monarcha congratular ao Pontifice Julio II. por ter subido ao Solio do Vaticano o nomeou Secretario desta Embaxada, de que foy Embaxador o Bispo do Porto D. Diogo de Soufa, em o anno de 1505. e na presença do Pontifice, e todo o Collegio Apostolico, recitou a Oraçãõ Obediencial com tanta pureza, e elegancia da Latinidade, que deixou suspenso taõ grave Congresso. Mayor applauso alcançou a sua eloquencia Oratoria, quando no mesmo Theatro protestando o nosso Principe a sua obsequiosa veneraçãõ a Leaõ X. por seu Embaxador Tristaõ da Cunha em 12. de Março de 1514. exprimio o profundo rendimento dos Monarchas Portuguezes para com os Successores de Saõ Pedro, confirmado com os mais preciosos, e raros donativos do Oriente. Naõ fomite assistio em o anno de 1521. aos pactos matrimoniaes celebrados entre a Infanta D. Brites com Carlos III. Duque de Saboya, mas orou na plausivel funçãõ em que foy jurado Successor desta Coroa em 19. de Dezembro de 1521. ElRey D. Joaõ o III. de cuja oraçãõ transcreveo grande parte Francisco de Andrade na Chronica deste Principe, Part. 1. cap. 8. dizendo: *Que por suas muitas letras, e grande eloquencia fora escolhido para aquelle acto.* Foy casado com

D. Guiomar Cardofa filha de Pedro Affonso de Carvalho, e de Brites Cardofa filha de Azuil Cardoso Senhor da Honra de Cardoso, de quem teve descendencia. Oforio *de reb. Eman.* lib. 4. in princip. lhe chama *Virum juris Civilis scientia, & dicendi etiam facultate non vulgari præditum* e lib. 9. *Jurisconsultus magnæ authoritatis.* Illustrissim. Cunha *Cathal. dos Bisp. do Port.* Part. 2. cap. 32. *Pessoa de qualidade, e letras,* e na *Hist. Eccles. de Brag.* Part. 2. cap. 69. *homem de letras, e valor.* Faria *Europ. Portug.* Tom. 2. part. 4. cap. 1. n. 51. e 74. Goes *Chron. delRey D. Man.* Part. 3. c. 55. Lud. Jacob. à S. Carol. *Bib. Pontif.* pag. 298. Stephan. Eques in *Prolog. Art. Gram. Egregii Doctores, præcipue Jacobus Pachecus, Ludovicus Teixeira &c. Oratores disertissimi, nec non poetæ clarissimi, qui Latinam linguam non solum optime callent, sed etiam & docuerunt, et docere hodie optime possunt.* Catald. *Sicul.* lib. 3. *Suar. Vision.*

Romanam nuper Pacequis missus ad Urbem

Legatus Lingua clarus, & ingenio.

Publicou.

Obedientia potentissimi Emmanuelis Lusitaniae Regis per clarissimum Juris V. Consultum Dieghum Paciecum Oratorem ad Julium II. Pontificem Maximum anno Domini 1505. pridie Non. Jun. 4. Não tem lugar nem anno de Impressão.

In præstanda obedientia pro Emmanuele Lusitanorum Rege invictissimo Leoni X. Pontifici Maximo dicta Oratio. 4. Não tem anno, nem lugar de Impressão. O P. Joaõ de Mariana de *Rebus Hispan.* lib. 30. c. 23. transcreveo esta Oração narrando a pompa da Embaxada em que fora recitada.

Falla que fez quando entrou em Lisboa a Rainha D. Catherina mulher de D. Joaõ o III. M. S. Conferva-se na Livraria do Excellentissimo Conde de Vimieiro.

DIOGO DE PAYVA DE ANDRADE. Naceo em Coimbra a 26. de Julho de 1528. como para eterna gloria desta Cidade o expreßou nestas metricas vozes seu irmaõ Fr. Cosme da Presentação Eremita Augustiniano.

*Te celebris celebrem genuit Conimbrica tellus
Sed germana tuum nomen in astra tulit.*

*Illa rudem (fateor) tenera formavit in alvo,
Illa dedit claros qui docuere viros.*

Foraõ seus progenitores Fernaõ Alvares de Andrade Thefourreiro môr delRey D. Joaõ o III. e do seu Confelho, cuja nobreza se derivava por descendencia legitima dos Condes de Andrade de Galliza, e a D. Izabel de Payva igual ao seu consorte no esplendor do nascimento. Tanto que chegou a idade de dez annos recebeo em o Convento de N. Senhora da Graça cabeça da Provincia dos Eremitas de Santo Agostinho deste Reyno pelo espaço de quatro annos as instrucçoens do Ven. P. Fr. Luiz de Montoya Varaõ em quem competiaõ as virtudes com as letras, e posto que no principio parecia inhabil para as sciencias sahio com a disciplina de taõ insigne Mestre capaz de comprehender as mais difficultosas, como claramente se vio quando ao contar quatorze annos de idade passou ao Collegio Augustiniano da sua Patria onde fez taes progressos a sublimidade do seu engenho na intelligencia das linguas Latina, e Grega, letras humanas, e Filosofia em que recebeo o grão de Mestre que era envejado dos mayores talentos de toda a Universidade principalmente em os actos litterarios que precederaõ ao laurear-se Doutor na Faculdade da Theologia em os quais considerada a verdura dos annos unida com a subtileza das respostas accusava de menos aguda a madureza dos primeiros Cathedraicos. Do estudo da Theologia Escholastica fez degrao para a Expositiva aprendêdo fundamentalmente a lingua Hebraica como necessaria para a penetração dos seus profundos arcanos que se lhe fizeraõ mais patententes com a continua lição dos Santos Padres, e Sagrados Interpretes. Ornado com tantos dotes scientificos se dedicou por muitos annos ao exercicio do Pulpito concorrendo para o fazer o mayor Orador Evangelico do seu tempo a grave authoridade da pessoa, o regulado movimento das aççoens, o sonoro metal da voz, a efficaz vehemencia dos affectos, com que penetrava os coraçõens mais duros, e a liberdade apostolica com que sem individuar pessoas reprehendia os vicios de tal forte que sendo rogado fizesse huma invectiva contra a sensualidade por ser o peccado mais transcendente, respondeo, que re-

ceava fallando deste vicio offender mais os ouvidos castos, que emendar os profanos. Para que dos seus discursos predicativos colhe-se o fruto que anciosamente dezejava, antes de subir ao Pulpito celebrava Missa, e no fim prostrado por terra pedia a Deos lhe illustrasse o entendimento, e acendesse o coração para despertar aos pecadores do lethargo da culpa em que jaziaõ sepultados. A sciencia Theologica unida com a eloquencia Ecclesiastica o fizeraõ digno para que entre os famosos Varoens que elRey D. Sebastiaõ mandou no anno de 1561. assistir em seu nome ao Concilio Tridentino fosse elle hum dos nomeados, em cujo magestoso congresso quando contava a florente idade de trinta annos causou enveja, e admiracão a todos os Padres Veneraveis pela idade, e muito mais pela sabidoria de que se compunha aquella sagrada Assembleia ouvindo as suas resoluçoens como Oraculos estabelecidas com os Canones Pontificios, e Sentenças das mayores luzes da Igreja Catholica, de tal sorte que tendo votado em huma questãõ pertencente ao Sacramento do Matrimonio, resolveo o Concilio que para mais diffusamente explicar o seu voto de que dependia a ultima decisaõ na materia que se ventilava, se deputasse huma Congregacão, o que se executou com assombro de todos os circumstantes. Contra a heretica petulancia de Martinho Kemnicio se armou a sua pena defendendo o Sagrado Instituto da Companhia de Jesus das impofuras com que aquelle herege o intentou falsamente manchar por terem seus illustres filhos censurado por ordem da Universidade de Colonia o Cathecismo de Joaõ Mohemio cheyo de dogmas contrarios a Igreja Romana. Estimulado Kemnicio da apologia em que nervosamente se confutava a sua petulancia voltou contra seu author o odio que tinha à Companhia escrevendo hum livro em que não fomite injuriava o nome de Diogo de Payva, mas impugnava os principaes dogmas estabelecidos no Concilio de Trento. Para defender a pureza da Espozza do divino Cordeiro segunda vez pegou da pena com a qual semelhante à Clava de Hercules degollou esta infernal Hydra para nunca mais vomitar o pestifero veneno dos seus erros. Concluido o Concilio par-

tio para Roma, e nesta famosa Metropole do mundo foy igualmente conhecido, e venerado o seu talento; e podendo alcançar as mayores dignidades Ecclesiasticas que certamente lhe seguravaõ os seus merecimentos illustrados com o esplendor do seu nascimento, como era naturalmente inimigo da ambiçãõ voltou para a Patria com a gloria de as merecer ainda que sem a fortuna de as possuir. Restituído ao Reyno continuou no officio apostolico de Prégador sendo o emolumento de taõ laboriosa empreza a direccão de muitas almas para o caminho da eternidade. Nunca teve remuneracão dos grandes serviços que fez à patria, injuria que tolerou como beneficio por ser o seu coração superior ao mayor premio. Dissimulou com generoso desprezo a maledicencia de alguns emulos obrigando-os a que se convertessem em panegiristas da sua inculpavel vida. Por ser mais abundante dos dotes da graça que dos bens da fortuna nunca pode satisfazer as dividas contrahidas em a jornada que fez a Trento, para cujo effeito, e para limar algumas das suas obras determinava retirar-se a huma Quinta junto ao Convento do Varatojo distante sete legoas de Lisboa que era do morgado de seu irmaõ Alvaro Perez de Andrade; porem ao tempo que meditava esta resoluçãõ foy acometido da ultima enfermidade, que parecendo ao principio leve se aggravou de forte que pedio os Sacramentos os quaes recebidos com summa piedade, e disposto o seu testamento espirou placidamente em Lisboa ao primeiro de Dezembro de 1575. quando contava 47. annos de idade. Foy sepultado na Capella de S. Nicoláo Tolentino do Mosteiro de N. Senhora da Graça onde se educara, a qual mandou ornar sua Sobrinha D. Joanna de Noronha filha de Sua Irmaõ D. Violante de Andrade Condeffa de Linhares com huma Missa quotidiana pela sua alma. A taõ insigne Varaõ dedicaraõ grandes elogios os mayores Escritores, como foraõ Nicol. Ant. *Bib. Hisp.* Tom. 1. pag. 235. col. 1. *Hujus doctrinæ virum manere domi laboris, ac meriti expertem non decuit tempore quo ad instruemdam univversalis Ecclesiæ Synodum Tridentum indictam celebriores Theologi ex omnibus Hispaniarum regnis evocabantur Eo igitur in loco, & doctissimorum Pa-*

trum confessu re graviter, & industrie gesta, siloque propugnandis illius Concilii Decretis commodato, tandiu laudabitur, quandiu Tridentinarum rerum memoria permanebit. Eifengreinus in *Cathal. Test. Verit. Fidei Christianae defensorem insignem omnes sui temporis magistros litterarum Sacrarum scientia, eruditione, & doctrina superasse*. Gregor. Nun. Coronel de Ver. *Christi Eccles. Virum, & Sanguine clarum, & doctrina, & pietate perillustrem*. Cardof. *Agiol. Lusit. Tom. 2. pag. 620. no Comment. de 17. de Abril letr. D. cuja virtude, e sciencia foy muy aplaudida no Concilio Tridentino onde assistio pelo muito que honrou a si, e a sua patria*. Ripald. de *Ente Supernat. Tom. 1. Dist. 30. Sect. 20. n. 105. Hæreticorum flagellum acerrimum, & egregium Tridentinae doctrinae assertorem*. Henao in *Scient. med. histor. propugnat. Eventil. 16. n. 466. celebris Doctor Conimbricensis*. Rosvveid. in *Leg. Talion Causabono retaliata. Tabal. 1. Virum longe doctissimum, qui ad Concilium Tridentinum, & profundissimi Theologi mentem, & linguam eloquentissimi Oratoris attulit*. Paul. Scherlog. ad *expostul. contra Scient. Med. Part. 2. Sect. 18. n. 99. cujus insignis extitit autoritas in Concilio Tridentino, & Sect. 19. n. 104. insignem admodum virum* Fr. Egidius à Præsent. De *Concept. lib. 3. Quæst. 1. Part. unica §. 2. n. 20. Lusitanorum, & Conimbricensium Doctorum decus*. Crusen in *Monast. Augustin. Part. 3. cap. 48. vir celeberrimus*. Purif. de *vir. illustrib. lib. 3. cap. 11. magno Catholicorum plausu, & hæreticorum terrore floruit in Tridentino*. Joan. Soar. de *Brit. Theatr. Lusit. Litter. lit. D. n. 29. Vir fuit excellenter doctus, & Lusitana etiam eloquentia suo tempore celebratissimus, in Concilio vel inter orbis lumina splendere visus est doctrina, & pietate*. Hieron Magio in *Epist. Dedicat. Oper. de Quadripartita Justit. D. Fr. Gaspar do Casal Episcop. Conimb. Tu enim ab dolescentia ipsa præclaris omnibus artibus imbutus Hebraicæ, Græcæ, Latinaeque linguae peritissimus; inque Philosophiæ, & Sacrae Theologiæ studiis egregie versatus (ut reliquas virtutes tuas silentio involvam) tantos in his progressus fecisti, ut tui fama Lusitaniæ finibus non circumscripta sit, sed ad nos quoque, atque ad alias*

Christiani Orbis regiones penetraverit. Si quidem singularis tuae integritatis, eruditionis plane incomparabilis in Christi Ecclesia pietatis argumenta sane quam illustria publicis disputationibus, concionibus que dedisti; illustriora etiam daturus cum doctissimos libros quibus Sacras litteras plurimum illustras, remque ecclesiasticam promoves, in vulgus edi permiseris Fr. Fernand. da Soled. *Hist. Seraf. da Prov. de Port. Part. 3. Liv. 13. cap. 38. n. 276. Grande Theologo, e Prêgador*. Gravesson *Hist. Eccles. Tom. 7. Colloq. 4. pag. mihi. 84. insignis Theologus, & Colloq. 5. pag. 105. inter Concilii Tridentini Theologos celebris*. *Bib. Societ. pag. 177. Propugnator Societatis*. Soufa *Exped. Hisp. S. Jacob. Part. 3. Sect. 1. Assert. 51. §. 1538. vir clarissimus splendore sanguinis, Sapientia præstantia, & morum probitate insignis*. Capassi *Hist. Philosof. pag. 453. Konig. Bib. Vet. & nov. pag. 37. col. 2. Pofsev. Appar. Sacer. Tom. 1. pag. 463. Compoz.*

Orthodoxarum explicationum libri X. Primus est de Origine Societatis Jesus 2. de Scriptura Sacra 3. de peccato 4. de libero arbitrio. 5. de Lege, & Evangelio. 6. de Justificatione, & Fide 7. de Cæna Domini. 8. de Confessione, Confirmatione, & Extrema unctione. 9. de veneratione Sanctorum, & imaginibus. 10. de Calibatu. Coloniae apud Martinum Cholinum 1564. 8. e Venetiis apud Jordanum Zilletum 1594. 4. Na prefação deste livro lhe faz o seguinte elogio o eloquentissimo Jeronymo Olorio Bispo de Sylves. *Erat in illo summum ingenium, ardens studium, singularis industria; quibus muneribus natura præstantis, & virtutis eximia locupletatus, cum se ad artes præclaras inflamato animo contulisset, uberrimos fructus consecutus est; eloquentia verò disciplinam egregie coluit: linguas quas vidit esse ad clariorem Sacrarum litterarum intelligentiam necessarias acri studio didicit. Hisque opibus instructus ad divina mysteria perscrutanda totam mentem applicuit.*

De Societatis JESU origine libellus contra Kennicii cujusdam petulantem audaciam. Lovanii apud Rutgerum Velpium 1566. 8. Sahio traduzido em Francez Lugd.

por Miguel Jove 1565. 8. Este Tratado he o primeiro do Livro precedente intitulado *Orthodoxarum explicationum*. &c.

Defensio Tridentinæ Fidei Catholicæ, & integerrimæ quinque libris comprehensa adversus detestabiles hæreticorum calumnias, & præsertim Martini Kemnitii Germani. Primus liber constat de generalis Concilij autoritate. 2. de autoritate S. Scripturæ, & traditionum. 3. de libris Canonicis. 4. de autoritate vulgaræ Latine editionis 5. in tres partes dividitur. 1. est de Peccato Originis. 2. de peccati Originalis reliquiis, sive de concupiscentia quæ post baptismum in mente est reliqua. 3. de Virginis Deiparæ Conceptione. Olyssipone apud Antonium Riberium. 1578. 4. Coloniae apud Martinum Cholinum 1580. & Ingolstadii apud Davidem Sartorium 1580. 8. & Venetiis apud Jordanum Zilletum 1592. 4.

Oratio habita ad PP. Tridentinæ Synodi Dominica secunda post Pascha anni 1562. Sahio com outras Lovanii 1567. Venetiis apud Joan. Baptista Bozolla 1562. 4. A esta oração chama Jeronymo Magio no lugar affima citado Vere piam, solidæ doctrinæ fruge refertam, atque elegantissimam.

Sermoens Primeira Parte. Começa no primeiro Domingo de Advento, e acaba na Festa do Santissimo Sacramento. Lisboa por Pedro Crasbeeck 1603. 4.

Sermoens segunda Parte. Contem os Sermoens de Nossa Senhora, e dos Santos postos pela ordem dos mezes. Lisboa pelo dito Impressor 1605. 4. Sahio esta Parte vertida em Castelhana por Fr. Bento de Alarcão Monge Cisterciense. Madrid. 1617. 4.

Terceira Parte dos Sermoens de varias materias com a parafrase de alguns Psalmos os quaes elle commentava. Lisboa por Pedro Crasbeeck 1615. 4. Estes tres Tomos sahiraõ á luz publica por deligencia de Fr. Manoel da Conceição Eremita Augustiniano Sobrinho do Author.

DIOGO DE PAYVA DE ANDRADE Sobrinho pela parte paterna do precedente naceo em Lisboa a 13. de Dezembro de 1576. onde foy educado por seus Pays Francisco de Andrade Chronista mór do Reyno, e Commendador de S. Payo

de Trogoes no Bispado do Porto, e D. Stelena da Costa com aquelles documentos, que o fizeraõ digno da estimação universal. Aprendeo com incrivel brevidade, e mayor comprehensão a lingua Latina, Rhetorica, Poesia, e letras humanas, em que sahio muyto eminente, principalmente na Arte Poetica em que fielmente imitou o estylo dos mais insignes Poetas que venerou o seculo de Augusto, como em seu applauso cantáraõ as Musas de Jacinto Cordeiro, Manoel de Galhegos, e Antonio Figueira Durão. O primeiro no *Elog. dos Poet. Lusit. Est. 45.*

Mas ya Diego de Paiva restituye

Loque en los dos perdio, que el solo puede:

Quando con tanta gala substituye

Su pluma a Libio, porque Libio excede:

Y de Homero retrato y del Mantuano

Seneca Portuquez nuevo Claudiano

O segundo no Templ. da Memor. liv. 4.

Estanc. 203.

E vds Payva erudito, que no Oriente

Solemnizais a Portuqueza espada

Fazey que em vosso exámetro eloquente

Soe por Nuno a Patria libertada

Onça o Ganges seu nome, e leve-o donde

O Paraizo terreal se esconde.

E o terceiro in Laur. Parnas. Ram. 2.

Multum Roma pavet canente Payva

Ne laudes hebetet sui Maronis

Mæsti oblivio non amanda Lethes

Nec falsum est, quoniam novum Maronem

Si Payvam aspiceret disertâ Roma

Esse Virgilium suum putaret.

Quò fessos oculos rapit argentata verendi

Effigies vatis: tu denique Didacus ille es

Unus, qui nobis cantando mænia Chaul

Restituis, meritamque ideo tibi gloria famam

Dedicat, & doctis decoratur stemma Phaleucis.

Semelhantes Elogios lhe fizeraõ Joaõ

Soar. de Brit. *Theatr. Lusit. Litter. lit.*

D. n. 30. *humanioribus disciplinis, omnimodaque*

eruditione probe excultus poetica

verò laudis, atque artis præstantia eminentissimus.

Nicol. Ant. Bib. Hisp. Tom.

1. pag. 236. col. 1. Vir politiori litteratura,

& poetica facultate commendatus posteritati.

Ant. de Souz. de Maced. Flor. de

Espan. cap. 24. Excel. 3. n. 7. Excellente

Poeta de los tiempos. Não foy menos estimado pelo estudo da Historia assim Sagrada, como profana em que consumio o tempo particularmente na investigação de algumas difficuldades pertencentes ao nosso Reyno distinguindo com judiciosa critica o falso do verdadeiro, por cuja applicação parecendo-lhe que substituhiria a seu Pay no lugar de Chronista mòr, e vendo que lhe fora preferido Fr. Bernardo de Brito concebeo tal payxaõ contra elle, que a defafogou com a inveſtiva intitulada.

Exame de Antiguidades Part. 1. contem doze tratados onde se apuraõ historias, opinioens, e curiosidades pertencentes ao Reyno de Portugal, e a outras partes desde a Criação do mundo até o anno de 3403. Lisboa por Jorge Rodrigues. 1616. 4.

A este livro nervosamente impugnou Fr. Bernardino da Sylva Monge Cisterciense Sobrinho do Fr. Bernardo de Brito sahindo com dous livros que intitolou *Defensaõ da Monarchia Lusitana*, onde corrobora com graves fundamentos as opinioens que seu Tio seguio na *Monarchia Lusitana*. Falleceo Diogo de Payva na Villa de Almada a 21. de Dezembro de 1660. com 84. annos de idade deixando compostas alem da obra precedente as seguintes.

Cazamento perfeito em que se contem advertencias muito importantes para viverem os Cazados em quietação, e contentamento, e muitas historias, e acontecimentos particulares dos tempos antigos, e modernos: diversos costumes, Leis, e ceremonias, que tiveraõ algumas Naçoens do mundo: com varias Sentenças, e documentos de Authores Gregos, e Latinos declarados em Portuguez tudo em ordem ao mesmo intento Lisboa por Jorge Rodrigues 1630. 4. & ibi por Miguel Rodrigues 1726. 8.

Doctissimo y muy provechoso tratado lhe chama Antonio de Souza de Macedo *Flor. de Espan.* Cap. 3. excel. 3. D. Francisco Manoel *Obras Metric.* Tub. de Calliop. Sonet. 36. lhe faz em applauzo desta obra o seguinte Soneto.

*Clarissimo Diogo quem cuidara
Sem que gastaſſe em vaõ toda a eloquencia
Reduzir ao Imperio da prudencia
O mando que a fortuna lhe usurpara!
Tu só cuja doutrina sempre clara
Eximindo a rezaõ da contingencia*

Do que antes era caso fez sciencia

Documento geral da sorte avara.

Hoje o mundo que ordenas, de admirado

Os lowores confunde em alegria

Quando hum dourado seculo presume:

Pois vé que a perfeição de tal estado

Se antes por maravilha sucedia

Agora se exercita por costume.

Chauléidos libri duodecim. Canitur memoranda Chaulensis Urbis propugnatio, & celebris victoria Lusitanorum adversus Copias Inizæ Maluci. Ulyſſipone apud Georgium Rodrigues. 1628. 4.

Este Poema he louvado pela elegancia do metro por insignes authores, como saõ Joaõ Soares de Brito *Apolog. por Camoens* Censur. 3. n. 14. dizendo que por viver ainda o *Author* não se lhe deveu menos credito, e estimação que a muitos dos antigos aos quais na minha opiniaõ não basta para ser melhores a sorte de primeiros e na Cens. 12. Na minha opiniaõ nunca affás lowada Chauléida; e no *Theatr. Lusit. Litter. lit. D. n. 30. in qua multos ex antiquioribus Poetis prorsus exuperat, primos exæquat, sic enim judicavit Ericius Puteanus.* Ant. de Souf. de Maced. *Eva e Ave* Part. 1. cap. 26. n. 10. valente imitador de Estacio, e assim não he sua lição vulgar. Faria no *Com. às Lusiad. de Cam.* Cant. 10. Estanc. 29. Delas guerras, que los Portuguezes tiveram en Chaul y acciones bizarras militares *ej. 110* un Poema Latino venciendo a su Padre en el que escribio de Dio con que se parecia a Torquato que vencio al suyo con sus obras.

De Scitu dignis libri quattuor. 4. M. S. Contem 80. Casos prodigiosos succedidos em Portugal. Começa o 1. Livro. *Quo tempore grassabatur illa atrox* Lues.

Compendium recentis historiae Lusitanorum adversus Hispanico-potestatem. Começa *Post repositam in libertate Lusitaniam.*

Joannes Baptista tragedia. Começa o primeiro acto.

Quæ Sors, quod astrum, quod vé Tartareum Scelus Está composta no estilo de Seneca Tragico.

Eduardus Tragedia. Começa.

Quisquis meorum nomem Austriadum colit. &c.

Ad Theodosium Brigantinum Ducem cum Fastis Joannis Tertii Portugallie Regis missa Panegyris 1613. Começa.

*Sape ego virtutum serie meritisque tuorum
Dulcis.*

Acaba.

Confilio, & patriis foveat virtutibus aulam.

Escrta no estilo de Claudiano. A este Panegyrico chama Joaõ Soares de Brito in *Theatr. Lusit. Litter. litter. D. n. 30. Li-matissima.*

Todas estas obras se comprehendem em hum volume com muitos versos Heroicos, Elegiacos, Sáficos, Jambicos, e Alcaicos com varias cartas Latinas, o qual se conserva na vastissima Bibliotheca do Excellentissimo Conde da Ericeira.

Instrucção politica em dialogo em que são interlocutores hum Anjo, e o Corpo. Consta de nove Livros M. S. fol. Confer-va-se na mesma Bibliotheca.

Epistola Latina escrita a Joaõ Rodrigues de Sá Camareiro mór. Sahio impressa em Lisboa 1641. ao principio da *Defensa de Camoens* composta por Joaõ Soares de Brito.

DIOGO PARDO DE OSORIO Ca-pitaõ, que militou com valor, e disciplina na guerra que Castella moveo a Portugal no anno de 1640. Escreveo.

Extracto Ichnographico. Dedicado ao Illu-strissimo Senbor D. Miguel de Portugal Conde do Vimioso Senbor de Pernambuco do Conselho de guerra. Na Dedicatoria confessa que fora seu official menor na Campanha em que militava o mesmo Conde. Consta de diversas Fortificaçoens primorosamente riscadas. 8. M. S. cujo Original se conserva na Livraria do Excellentissimo Marquez de Valença.

DIOGO PEREYRA Floreceo no Rey-nado delRey D. Manoel, e foy insigne Poeta Latino deixando varias obras como escreve Manoel de Faria, e Souf. no *Cathal. dos Escriitor. Portug.* e Joaõ Soares de Brit. *Theatr. Lusit. Litter. lit. D. n. 31.*

DIOGO PEREYRA natural da Vil-la de Souzel situada entre Villaviçosa, e Estremós, e morador na Cidade de Elvas, celebre professor de Medicina. Escreveo.

Tratado contra o livro de Intentionibus Chirurgicalis. Composto pelo Doutor Joaõ Bravo Chamisso jubilado na Cadeira de Vespera de Anatomia em a Universidade de Coimbra, onde excita a questaõ se pôde curarse por Enfalmo, e resolve que sim. Contra esta asseveração fez a sua impugna-ção o Doutor Diogo Pereira.

DIOGO PEREIRA SOTO-MAYOR natural do lugar chamado dos Muchachos fre-guezia de São-Tiago de Cayola termo da Cidade de Portalegre em a Provincia do Alentejo Licenciado na faculdade dos Sagra-dos Canones. Compoz.

Tratado da Cidade de Portalegre, suas Anti-guidades, Fundaçã, Bispos, que nella bouve, e outras curiosidades. Dedicado ao Illustrissimo D. Rodrigo da Cunha Bispo desta Diocese, donde passou para a de Porto no anno de 1619. M. S. 4. Conserva-se no Cubiculo do P. Doutrineiro da Casa professa de S. Roque. Do Author, e da obra faz menção Jorge Cardof. *Agiol. Lusit.* Tom. 1. pag. 429. no Comment. de 13. de Fever. letr. D.

DIOGO PIRES CINZA natural da Villa de Alpedrinha no Bispaado da Guarda em a Provincia, da Beyra Presbytero, e versado igualmente na Historia Sagrada, e profana, como em a Genealogia, de quem fazem menção Jorge Cardoso *Agiolog. Lusit.* Tom. 1. pag. 223. no Comment. de 22. de Janeir. letr. A. e Anton. Paes Vieg. *Princip. de Por-tug.* fol. 136. v.º Compoz.

Vida, martirio, e ultima tresladação do Martyr São Vicente. Dedicada a D. Lopo de Azevedo, e Mendonça Almirante de Portugal. Lisboa por Pedro Craesbeck. 1620. 8.

Profapia dos Reys de Portugal. Lis-boa por Giraldo da Vinha 1622. fol.

Antiguidades da Provincia da Beyra com a noticia da derivação dos nomes de muitas Serras, Rios, e povoaçoes, e particularida-des muy curiosas. fol. M. S.

Memorias Genealogicas da familia dos Costas de Alpedrinha. Consta de cinco Dia-logos. M. S.

Vida do Cardial D. Jorge da Costa. M. S. conserva-se na Livraria do erudi-

tíssimo Jozé Freire Montarroyo Mascarenhas.

Fr. DIOGO DA PORCIUNCULA Religiofo Menor da Serafica Provincia da Madre de Deos da India Oriental. Compoz.

Exercicio pratico para visitar os Sagrados Passos de N. S. Jesu Christo, que a devoção Catholica tem introduzido pelo Santo tempo da Quaresma com mais alguns exercicios espirituaes. Lisboa por Manoel Lopes Ferreira 1691. 24.

DIOGO RANGEL DE MACEDO Moço fidalgo da Casa Real, Commendador de Santa Marinha de Lisboa da Ordem de Christo, Provedor, e Guarda mór da Saude do Porto de Belem naceo em Lisboa sendo filho de Cosme Rangel de Macedo Moço fidalgo, Cavalleiro da Ordem de Christo, e de D. Maria Jozefa Lobo filha do Dezembargador João Cordeiro Leitaõ, e D. Joanna Lobo da Gama. O genio que tinha para os estudos o applicou desde a primeira idade a cultivar as letras humanas, Poetica, e Mythologia, Historia profana, e Genealogia, em que sahio doutamente versado merecendo ser ouvido com universal applauzo em diversas Academias principalmente em a dos *Applicados* onde era Mestre dos Preceitos da Historia. Cazou com D. Angela Luiza Lobo filha de Antonio Marchaõ Themudo Dezembargador dos Aggravos Juiz dos Cavalleiros, e de D. Catherina de Siqueira Lobo de quem teve tres filhas, e a Diogo Rangel de Macedo, e Albuquerque Marchaõ, que não degenerou de seu Pay na applicação dos estudos. Compoz.

Apologia pelas Cortes celebradas em Lamego por ElRey D. Affonso Henriques impugnando os fundamentos que contra ellas descubrio D. Luiz de Salazar, e Castro Commendador de Zurita na sua obra intitulado Indice delas Glorias dela Casa Farnese desde pag. 419. até 433.

A esta obra, em que o Author manifesta o zelo da Patria, e a vasta noticia da Historia Portugueza, compoz em seu applaufo o P. Antonio dos Reys o seguinte Epigramma que he o 25. do liv. 5. dos que publicou em o anno de 1728.

*Que dedit Alphonsus sanctissima jura Lameci
Cum voluit Regnis consuluisse suis,*

Perdere multimodis tentavit nuperus hostis.

Sunt at in authorem tela retorta suum

Nam Didacus Rangel Macedo, tablina revolvens

Afferuit patriæ jura negata sue

Effet, & ista licet nulli res pervia, quippe.

Quæ veluti Nodus Gordius alter erat,

Stricta, diu nodi latitantia vincula tractans

Soluit, & Hispanis mox manifesta dabit:

Næ: Græcum Macedo Lusum superavit.

Ab illo

*Est nodus gladio sectus; ab hoc calamo
Compoz.*

Oração fúnebre, e Panegyrica com ueã deo fim ao obsequio fúnebre que dedicou q saudosa memoria do Reverendissimo P. D. Rafael Bluteau Clerigo Regular a Academia dos Applicados de que era expositor dos dictames, que se devem observar na composição da Historia. Lisboa por Jozé Antonio da Sylva 1734. 4.

Carta escrita em 11. de Dezembro de 1728 ao P. Fr. Simão Antonio de Santa Catherina escrevendo a Relação metrica das solemnissimas Festas com que os Religiosos Carmelitas de Lisboa celebraraõ a Canonização de S. Joaõ da Cruz. Lisboa na Patriarchal Officina da Musica 1729. 4.

Familia dos Saldanhas historiada. M. S. e outras muitas de que fez menção o P. D. Antonio Caetano de Soufa no *Apparat. à Hist. Gen. da Cas. Real Portug.* pag. 173. §. 218. e do Author Antonio Carvalho da Costa *Corog. Portug.* Tom. 3. pag. 654.

P. DIOGO REBELLO Religiofo professo da Companhia de Jesus escreveu.

Vida do P. Antonio de Moraes da Companhia de JESUS. cujo M. S. se conserva no Collegio de Coimbra, como affirma o P. Antonio Franco *Imag. da Virtud. do Noviciad. de Coimbra.* Tom. 1. liv. 1. cap. 40.

P. DIOGO RIBEYRO natural de Lisboa, e não de Thomar, como se escreve na *Bib. Societ.* pag. 173. recebeu a Roupeta em Goa no anno de 1580. quando contava vinte annos de idade, e pelo largo espaço de outros tantos cultivou a

vinha de Salfete com tanto zelo, que justamente se podia intitular o Apostolo daquella Missãõ, para cujo effeito aprendeo a lingua Concanica em que traduzio, e acrescentou muytos livros. Cheyo de annos, e merecimentos partio a receber o premio eterno no Collegio de Rachol a 18. de Junho de 1633. Compoz na lingua Cõcanica.

Explicação da Doutrina Christãa collegida do Cardial Roberto Bellarmino, e de outros Authores. No collegio de Rachol 1632. 4. de cuja obra faz menção Nicol. Ant. *Bib. Hisp.* Tom. 1. pag. 239.

Arte da lingua Canarina composta pelo P. Thomaz Esteves da Companhia de Jesus, e acrescentada pelo P. Diogo Ribeiro da mesma Companhia. &c. Em Rachol no Collegio de Santo Ignacio da Companhia de JESU. 1640. 4. Deste additamento se lembra *Bib. Orient.* de Ant. de Leaõ. Tom. 1. Tit. 16. col. 523.

DIOGO RODRIGUES FALCAM natural de Santarem, e filho de Alvaro Rodrigues Falcaõ. Passou a Roma onde exercitou o officio de Advogado com grande applauzo não o merecendo menor pela erudição Sagrada, e intelligencia da Lingua Latina como elegantemente o mostrou na obra seguinte.

In Serenissimi Regis Sebastiani funere, Oratio habita ad Sanctissimum Gregorium XIII. Ulyssipone apud Antonium Riberium 1574. 4. Começa. *Erepto nobis Sebastiano Rege.* Acaba. *Neque validissimi exercitus tueri nos possunt.*

DIOGO RODRIGUES ZACUTO natural de Evora, e Avo do celebre Zacuto Lusitano. Floreceo em os Reynados dos nossos Monarchas D. Joãõ o II. e D. Manoel com opiniaõ de famoso Medico, e insigne Mathematico, de quem faz honorifica menção o P. Francisco da Fonseca *Evora Glorios.* pag. 411. Escreveo.

Taboas Astrologicas. M. S.

Do clima, e Sitio de Portugal. Desta obra, como do Author, se lembra Fr. Bernardo de Brito *Geogr. Antig. da Lusit.* liv. 3. e o moderno addicionador da *Bib. Geograf.* de Antonio de Leaõ Tom. 3. pag. 1719.

DIOGO DE ROSALES numerado entre os Medicos Portuguezes por Zacuto cuja Arte exercitou muitos annos em Hamburgo sendo grande Filosofo, e Mathematico. Compoz.

Armatúra Medica, sive modus addiscendi Medicinam per Zacutinas Historias, earumque praxim. Sahio no principio do segundo Tomo de Zacuto.

Poculum Poeticum in Zacutinas Laudes. Está esta obra inserta nas de Zacuto lib. 4. et 5. de Medic. Princip. Histor. Amstelod. 1637. e 1638. 8. & Lugduni 1657. fol. Tom. 1.

Carmen intellectuale de vitæ termino. Amstelodami 1639. 8.

No anno de 1644. tinha prompto.

Supplementum Chirurgicum ad Opera præstantissimi Zacuti.

Delle fazem memoria Bartoloc. *Bib. Rabbin.* Tom. 3. pag. 865. n. 897. e Zacuto lib. 2. *Hisp.* 140. *Observat.* 27. intitulando o *Illustrem Doctorem.*

Fr. DIOGO DO ROSARIO natural da Cidade de Evora, e hum dos graves Religiosos da Ordem dos Pregadores cujo caracter descreve Jacobo Quetif. *Script. Ord. Præd.* Tom. 2. pag. 257. com estas elegantes palavras. *Vir omnino pius, ac eruditus, omnique disciplinarum genere clarus, morum gravitate, spiritu præsertim apostolico maxime commendatus apud suos, quo scilicet æstuans peccatores ad penitentiam facile, melioremque frugem emolliret, tepediores etiam ad arduum virtutis culmen inflamaret.* Para eterno testemunho das suas virtuosas acçoens basta saber-se que foy muyto aceito ao Veneravel Arcebispo de Braga D. Fr. Bartholameu dos Martyres confiando da sua prudencia, e zelo grande parte dos seus cuidados pastoraes, e sendo algumas vezes Governador do Arcebispado na sua auzencia. Foy Prior do Convento de Guimaraës, em cujo governo renovou o primitiuo rigor do Instituto com grande suavidade. Ao terceiro dia, que tinha acabado esta Prelasia foy logtar o premio das suas Religiosas virtudes em o anno de 1580. por ter supplicado a Deos que não morresse em quanto governasse. Jaz sepultado no Convento de Guimaraens. Delle fazem illustre memoria Fr. Affonf. Fern.

Notit. Script. Sena *Bib. Frat. Præd.* pag. 67. Joan. Soar. de Brit. *Theat. Lusit. Litter.* lit. D. n. 32. Altamur. *Cent.* 4. pag. 331. Faria *Europ. Portug.* Part. 4. cap. 6. Possev. *Apparat. Sacr.* Tom. 1. pag. 463. D. Franc. Man. na *Cart. dos AA. Portug.* Fonsec. *Evor. Glorios.* pag. 411. Fr. Pedro Mont. *Claustro Domin.* Tom. 3. pag. 188. Fr. Luc. de Sant. Cather. *Hist. de S. Doming. da Prov. de Portug.* Tom. 4. pag. 930. D. Man. Caet. de Souf. *Exp. ped. Hisp. D. Jacob.* Tom. 2. pag. 1311. §. 332. Compoz por ordem do Illustrissimo Arcebispo de Braga.

Summa Caetana tresladada em Portuguez com muitas annotaçoes, e casos de Conciencia, e Decretos do Sagrado Concilio Tridentino. Coimbra por Antonio de Mariz 1573. 8.

Historia das vidas, e feitos heroicos, e obras insignes dos Santos com muitos Sermoens, e practicas espirituas que servem a muitas Festas do anno: revistas, e cotejadas com seus originaes authenticos de mandado do muy illustre D. Fr. Bartholameu dos Martyres &c. Coimbra por Antonio de Mariz 1577. fol. 2. Tom. Esta he a primeira impressão como consta do Privilegio Real. Depois se reimprimio varias vezes sahindo Lisboa 1622. & ibi por Lourenço Anvers 1647. & ibi por Ant. Crasbeeck de Mello 1680. fol. Este foy o primeiro Flos Sanctorum que sahio em toda Espanha como affirma Manoel de Faria, e Souf. *Europ. Portug.* Tom. 3. Part. 3. cap. 11. n. 50.

Tratado de avizos de Confessores ordenado por mandado do Arcebispo Primas. Braga 1578. e Coimbra por Jozé Ferreira 1681. 4.

Determinationes quorundam Doctorum de differentia inter Eugenium IV. Pontif. Maximum, & Concilium Basiliens. M. S. Conserva-se na Bibliotheca do Cardial Ascanio Colona conforme escreve Fr. Luiz Jacob. de S. Carlos *Bib. Pontif.* pag. 298. Jacobo Quetif *Script. Ord. Præd.* Tom. 2. pag. 257. não duvida que esta obra seja do mesmo Fr. Diogo do Rosario Author das vidas dos Santos, a qual poderia compor para instrucção do Illustrissimo Arcebispo Primaz D. Fr. Bartholameu dos Martyres quando caminhava para o Concilio de Trento.

Chronica da Ordem. M. S. fol.

DIOGO DE SAA' taõ illustre por nascimento, como insigne nas Faculdades da Theologia, Jurisprudencia, e Mathematica, e ainda muito mais pelas açoens militares, que obrou o seu valeroso braço em todo o Oriente no dilatado espaço de doze annos. Ao seu intrepido valor he acreedora a memoravel victoria, que em Chaul no anno de 1528. alcançaraõ vinte Galeotas Portuguezas de setenta e tres Paraos de Cambaya sendo elle o que alcançou o premio proposto pelo nosso General ao primeiro que investisse aos inimigos. Com a morte que a sua triunfante espada deu no 1. de Abril de 1529. ao General Alixà que governava dez mil combatentes em a Praça de Baçaim facilitou a sua conquista com o desigual numero de trezentos Portuguezes. Neste anno foy deputado para celebrar pazes com elRey de Adem, de cujas condiçoens se seguirãõ grandes conveniencias ao Estado. Ainda na Ilha de Beth chamada dos Mortos pelos innumeraveis que o ferro Portuguez sacrificou a 2. de Fevereiro de 1531. à sua vingança, permanecem as memorias do seu magnanimo coração. Por sua industria foraõ em Choromandel abrazadas duas Cidades, e rendidas doze Nãos de Mouros que infestavaõ os nossos portos. Este continuado exercicio da guerra lhe naõ interrompeo o comercio das letras de que era insigne professor unindo na sua pessoa Marte com Apolo, e Bellona com Minerva. Foy profundo Jurisconsulto, e muito perito nas disciplinas Mathematicas, principalmente em a Nautica, de cuja sciencia lhe ensinou muitos segredos a experiencia. Teve de sua conforte descendencia, que naõ degenerou de seu natural valor, a qual deixou abundante dos bens da fortuna, que com elle largamente repartira. Fazem illustre memoria do seu nome Joan. Soar. de Brit. *Theatr. Lusit. Litterat.* Lit. J. n. 2. *ex familia præclara, et vetusta miles egregius, et quod rarum est, in omni præterea Litterarum genere instructus.* Joaõ Pinto Ribeiro *Prefer. das letr. as Arm.* Valer. And. Taxand. de *clar. Hisp. Script.* Draud in *Bib. class.* Ant. de Leaõ *Bib. Naut.* Tit. 3. Georg. Math. Konig. *Bib. Vet. & Nov.* pag.

711. col. 2. Leytaõ *Not. Chronol. da Univerſid. de Coimbra* pag. 508. n. 1092. Compoz.

De Navigatione libri tres. Pariſiis apud Raynaldum Calderium. 1549. 8. Eſcreveo eſte tratado contra Pedro Nunes inſigne Mathematico como declara na Dedicatoria a ElRey D. Joaõ o III. *Ego quum litteris magis quam hi operam dederim, quippe experientia ſuffultus jure optimo, in navigantium albo connumerari poſſum, quod totum ſere vitæ tempus hac in re conſumpſerim, duos tractatus Petri Nonii Doctõris conſutare apud me decrevi. Quorum alter de quadam interrogatione eſt, ſuper qua interrogatus ſuit: alter verò de Hydrographia.*

De primogenitura, & an filius ſecundo genitus præſerendus ſit nepoti. Pariſiis apud Martinum Juvenem 1552. 8. Sahio tambem no Volume X. *Tract. DD.* Part. 1. fol. 324; e juntamente o livro de Primogenijs Ludovici Molina—Compluti 1583. fol. Coloniae 1588. fol. Genevæ 1601. fol. Hanoniae apud Conradum Biermanum, 1612. fol. & ibi apud Joan. Jacob. Henei 1612. fol.

Nicoláo Antonio Bib. Hiſp. Tom. 1. pag. 241. affina a cada tratado deſtes ſeu author, ſendo de ambos hum fomite. Eſcreveo mais.

Tratado dos Eſtados Eccleſiaſticos, e Seculares. Prohibido no Expurgatorio de D. Fernaõ Martins Maſcarenhas Part. 2. pag. 113.

Segredos da Fé contra os Judeos, Gentios, e Hereges M. S. compoſtos por Diogo de Sá, que certamente não poſſo afirmar ſe he differente daquelle de que temos feito mençaõ.

Fr. DIOGO DE SANDE Eremita Auguſtiniano, e Prior do Convento de Villaviçõſa, o qual floreceo pelos annos de 1440. conforme o computo de Fr. Antonio da Purificaçaõ de *Vir. Illuſtr. Ord. Eremit.* D. *Ang.* lib. 3. cap. 4. e Joaõ Soares de Brit. *Theatr. Luſit. Litter.* lit. D. n. 33. Compoz.

De bonis moribus, cuja obra eſcrita em pergaminho ſe guardava na Bibliotheca dos Sereniſſimos Duques de Bragança.

Fr. DIOGO DE SANDE natural da Villa de Moura em a Provincia do Alentejo, onde profello o Habito Carmelitano no anno de 1604. Eſtudou Artes no Collegio de Evora, cuja faculdade diſtõu em o de Coimbra, e Theologia em Lisboa. Foy Prior do Convento de Beja em o anno de 1625. Custodio da Provincia em 1634. e Regente dos Eſtudos em o Convento de Lisboa em 1637. no qual falleceo. Conciliou as eſtimaçoens das peſſoas da primeira diſtineçaõ pelas ſuas religioſas virtudes, e grande talento, que teve para o Pulpito deixando hum tomo prompto para a impreſſaõ que conſtava de

Sermoens Varios Panegyricos, e Moraes. M. S. fol. o qual ſe conſerva na Livraria do Convento de Lisboa, e delles faz hum individual Cathalogo Fr. Manoel de Sá nas *Mem. Hiſtor. dos Eſcrit. Portug.* da Ordem do Carmo pag. 103. Fazem memoria do Author Carvalho *Corog. Portug.* Tom. 3. liv. 2. Trat. 8. cap. 47. Coria *Delucid. das Chron. da Ord.* Liv. 12. cap. 21. Juzart. *Jardim de Var. Flor.* cap. 9. Mertol. Vid. do *Ven. Fr. Eſtev. da Purificaçaõ* cap. 3. pag. 16.

D. DIOGO SECO natural da Villa da Covilhaõ em a Provincia da Beyra filho de Manoel Seco, e Maria Jorge. Foy admittido ao Noviciado de Coimbra da Companhia de JESUS a 23. de Março de 1591. quando contava 16. annos de idade, e no meſmo Collegio aprendeo as letras humanas, e Poesia Latina, em que ſahio eminente, de tal forte que ſendo Meſtre da terceira Claſſe no Collegio de Lisboa representou no anno de 1604. na prezença do Illuſtriſſimo Biſpo de Coimbra D. Affonſo de Caſtellobranco quando chegou a Lisboa eleito Vice-Rey de Portugal huma Tragedia, cujo aſſumpto era a vida de Santo Antaõ em que fizeraõ as figuras os filhos dos primeiros Fidalgos do Reyno, cuja obra lhe conciliou univerſal applauſo. Depois de ter diſtado duas vezes em Coimbra a primeira Claſſe de Humanidades, enſinou Philoſofia, e Theologia moſtrando em huma, e outra faculdade engenho agudo, e talento profundo. Partio para Roma no anno de 1618. para reviſor dos Livros da Companhia, onde com ſucceſſo

raras vezes practicado, leu sendo Portuguez Theologia, admirando toda a Curia unida a profundidade Theologica com a eloquencia Latina. Como na sua pessoa concorriaõ tantos dotes, foy eleito Bispo de Nicea para Successor do Patriarcha da Etiopia o P. Affonso Mendes, e chegando a Lisboa foy Sagrado a 12. de Março de 1623. Pouco tempo correo que se não fizesse à vela para o destinado termo das suas evangelicas fadigas embarcando-se a 25. do dito mez em a Náo Santa Isabel de que era Almirante D. Diogo de Castello Branco. As enfermidades que com pestifera brevidade extinguiãõ grande parte dos navegantes chegou a privar da vida ao Almirante, de cuja morte ficou tão penetrado, que passados poucos dias o acompanhou em tão funesta calamidade a 4. de Julho de 1623. As suas virtuosas acçoens, e o caracter da sua pessoa se podem ler na *Etiop. Alt.* do P. Tellez liv. 4. cap. 33. e 35. Franco *Imag. da Virtud. do Nov. de Coimb.* Part. 1. Liv. 2. cap. 42. e *Ann. Glorios. S. J. in Lusit.* pag. 377. Faria *Asia Portug.* Tom. 3. Part. 4. cap. 1. n. 9. D. Fr. Thom. de Faria *Decad.* 1. lib. 8. cap. 1. *Per multos annos in Collegiis Societatis Jesu publice Theologiam professus est tanta cum laude, ut omnes cujusque nationis homines ob excellens illius ingenium, innatamque simul in dicendo, docendo, & arguendo modestiam obstupescerent: Romæ, Conimbricæ, Eboræ fuit hoc encomium audientibus manifestum.* Marrac. *Biblioth. Marian.* Part. 1. pag. 330. *Vir. præter insignem doctrinam, compositis ad omnem virtutem moribus illustris.* Fr. Petr. de Alv. y Astorg. in *Milit. Immacul. Concept.* e D. Manoel Caet. de Souf. *Cathalog. dos Bisp. Portug.* pag. 131. Foy insigne Poeta Latino de cujas Poesias conservava grande parte o P. Balthazar Tellez, como escreve na *Etiop. Alt.* pag. 389. dizendo, *me suspenderaõ o juizo, e me occuparaõ a memoria, porém com a variedade dos tempos, diversidade de terras, e diversaõ de negocios perdi este rico thezouro, e sendo que devo muyto à saudosa lembrança de tal Author, muitas destas suas obras perdi da memoria, mas nenhuma do coração, ainda me ficou hum despojo, e unica reliquia de tanta perda que he huma Poesia que compoz sendo*

Mestre da primeira Classe de Lisboa: sobre a frescura da Serra da Arrabida, e Mosteiro dos Seraficos Religiosos &c. He dedicado este Poema a D. Alvaro de Lancastro terceiro Duque de Aveyro, e tem por titulo.

Arrabida mons.

Começa.

*Qual sol occiduo mergit sub gurgite currus
Et Pater Oceanus terræ qua stultibus obstat,
Est locus (ò Regum soboles numerosa parentum*

*Lusidumque decus Princeps) quo Numinis alti
Cura tibi merito terrarum ab origine servat
Naturæ gaudentis opes &c.*

Sahio impressa na *Etip. Alt.* desde pag. 309. até 392.

De Immaculata Conceptione disputationes duæ. as quaes leu Hypolito Marraçcio como assevera na *Bib. Marian.* assim allegada, e as julgou dignissimas da luz publica, as quaes conservava D. Bernardo de Toro.

Vida do P. Sebastião Barradas da Companhia de JESUS. fol. M. S. a qual vio o P. Francisco da Cruz da mesma Companhia como affirma nas *Memor. M. S. para a Bib. Portug.*

DIOGO SERRAM DE MEDEYROS Presbytero natural da Villa de Mertola em a Provincia do Alentejo. Para eternizar as glorias da sua Patria escreveo com estylo claro, e sincero.

Relação da Villa de Mertola. M. S. Faz memoria da obra, e do Author João Franco Barreto na *Bib. Portug.* M. S.

D. Fr. DIOGO DA SYLVA Naceo no lugar da Aldeya nova do cabo termo da Villa da Covilhaã distante tres legoas da Serra da Estrella do Bispado da Guarda em o anno de 1585. onde teve por Pays a João Gomes da Sylva Cavaleiro da Ordem de Christo irmão de Ruy Gomez da Sylva primeiro Senhor da Chamufca, e Ulme, e a Beatriz Barreiros de Oliveira de geração nobre. A capacidade do talento que logo mostrou na primeira idade, impellio a seu Pay, para que o mandasse cultivar as letras, nas quaes fez taes [progreff

fos assim em as Humanidades, como em o Direito Canonico, e Civil recebendo as insignias de Doutor em ambas estas Faculdades em a Academia Conimbricense, que foy creado por ElRey D. Joaõ o III. seu Conselheiro, e Dezembargador dos Aggravos. Neste laborioso ministerio administrou rectamente a justiça sem que o soborno, ou a authoridade dos Litigantes pudesse em alguma occasião abalar a inteireza do seu animo. Penetrado de huma visã nocturna em que lhe significava Deos naõ ser do seu agrado o Officio que exercitava, o renunciou buscando para tranquillidade do seu espirito a penitente Familia dos Religiosos da Provincia da Piedade onde servio de exemplar aos mais veteranos professores deste Serafico Instituto. Atrahido ElRey D. Joaõ o III. das virtudes que exercitava o nomeou naõ sómente director da sua Consciencia, mas o fez Bispo de Ceuta Primaz de Africa, em que foy confirmado pela Santidade de Clemente VII. a 4. de Março de 1533. Naõ satisfeito este Principe com a dignidade que lhe conferira, o creou Inquisidor Geral sendo o primeiro que teve o Tribunal da Inquisição na forma que agora está estabelecido, de cujo honorifico lugar lhe expedio a Bulla Paulo III. a 23. de Mayo de 1536. Ultimamente com beneplacito do mesmo Monarcha foy assumpto em o anno de 1540. à Cadeira Primacial de Braga por ser della transferido para a de Evora o Cardial Infante D. Henrique em quem tinha renunciado D. Fr. Diogo da Sylva o lugar de Inquisidor Geral a 3. de Julho de 1536. Ao tempo que as suas ovelhas experimentavaõ a benignidade do seu governo, lamentaraõ a sua falta no breve espaço de nove mezes, que as apacentou espirando com evidentes sinaes de predestinado em 19 de Setembro de 1541. quando contava 56. annos de idade. Foy trefladado o seu Cadaver por D. Fr. Agostinho de Castro seu successor na Dignidade Primacial para a Capella de S. Giraldo, e lhe mandou gravar o seguinte letreiro.

D. Fr. Didaco à Sylva Archiepiscopo Primati

D. Fr. Aug. M. P.

O seu nome celebraõ diversos Escri-tores, como saõ D. Luiz Salazar *Hist. dela*

Caf. de Sylv. Part. 2. liv. 11. cap. 18. Esse Prelado, que por muchos titulos es uno de los más illustres hijos de la Casa de Sylva. La memoria de sus virtudes permanecerá debidamente para exemplo de varones grandes. D. Rodrig. da Cunha. Hist. Ecclef. de Brag. Part. 2. cap. 76. Fr. Manoel de Monforte Chron. da Provinc. da Pied. liv. 3. cap. 19. e 20. Fr. Manoel de S. Damaf. Verd. Elucid. Elucid. 1. n. 6. onde o intitula preclarissimo Varaõ, em cuja obra nervosamente defende, e evidentemente mostra ser elle o primeiro Inquisidor Geral da Inquisição novamente erecta distinguindo-o de outro Inquisidor Geral D. Fr. Diogo da Sylva Religioso de S. Francisco de Paula. Fr. Antonio de Souf. Aphorism. Inquisit. De Orig. Inquis. Lusit. n. 5. Daza Chron. de S. Franc. Part. 4. liv. 1. cap. 12. n. 58. e cap. 17. D. Nicol. de Santa Mar. Chron. dos Coneg. Reg. liv. 4. cap. 9. n. 11. Illustre por sangue, e muito mais por virtudes, e liv. 10. c. 7. n. 3. Gonzag. De orig. Seraph. Relig. Part. 3. pag. 945. Param. de Orig. Inquisit. lib. 2. titul. 2. cap. 15. Fonsec. Evor. Glorios. pag. 319. Deixou imperfeito.

Trañtatus de Obscurioribus ex manifestioribus probandis, de cuja obra fazem menção Nicol. Ant. Bib. Hisp. Tom. 1. pag. 244. col. 1. e Fr. Joan. a D. Ant. Bib. Francisc. Tom. 1. pag. 307. col. 1.

DIOGO DA SYLVA celebre professor de Medicina cuja arte exercitou com grande applauzo em Roterdaõ, e depois em Pariz, sendo mayor o que alcançou com as suas obras em que eternizou na posteridade a sua sciencia Medica, sendo as principaes.

Joannis Messue Damasceni de re medica libri 3. Parisiis apud Christianum Wechelium 1542. fol. & ibi apud Ægidium Gorbium. 1561.

In Hippocratis Elementa Commentarius libris duobus. Parisiis apud Jacobum GAZZELLUM. 1548. fol.

In Hippocratis, & Galeni Physiologiae partem anatomicam Isagoge. Basileæ 1556. 16.

Verteo do Grego em Latim, e illustrou com varias notas.

De mensibus mulierum, & hominum generatione Commentarius. Basileæ 1556. 4. Castigatus per Alexandrum Arnaudum Venetiis 1556. 8.

Depulsio vesani cuiusdam calumniarum in Hippocratis, & Galeni rem anatomicam. Parisiis apud eundem Typ. 1561. 8.

De Medicamentorum Simplicium delectu, præparationibus & mixtionis modo libri tres. Parisiis apud Ægidium Gorbinium 1562. 8.

De febribus. Parisiis. 1562. 8.

De S studiosorum, & eorum, qui corporis exercitationibus adducti non sunt, tuenda valetudine. Duaci. 1574. 8.

Consilia varia Medica. Sahiraõ com os Conselhos de outros Medicos de que foy collector. Scholzio Francofurt. 1598. e 1610. fol.

Morborum internorum prope omnium curatio ex Galeno præcipue, & Mario Gattinara. Lugduni 1620. 12.

Todas estas obras sahiraõ distribuidas em quatro Partes Coloniae Allobrogum 1630. fol.

Na *Bibliothec. Real Philosophic. Martin. Lipenii* Tom. 1. pag. 555. està huma obra intitulada *Gallicæ Linguae Institutiones Jacobi Sylvij.* Parisiis. 1531. 4. a qual não sey certamente se he do nosso Diogo da Sylva que floreceo por este tempo, e pela grande assistencia que fez na Corte de Pariz poderia compor esta Arte da lingua Franceza.

D. DIOGO DA SYLVA. Naceo na Imperial Villa de Madrid onde teve por Progenitores a D. Manrique da Sylva primeiro Marquez de Gouvea sexto Conde de Portalegre Gentilhomem da Camera de Filippe IV. Conselheiro de Estado, e Mordomo mór delRey D. Joaõ o IV. e D. Maria de Lancastro sua terceira mulher filha de D. Alvaro de Lancastro terceiro Duque de Aveiro, e D. Juliana de Lancastro filha herdeira de D. Jorge de Lancastro segundo Duque de Aveiro. Foy ornado de tal viveza de engenho que podia competir com o esplendor do seu nascimento, com o qual fez admiraveis progressos assim nas letras humanas, Poesia Latina, e preceitos da eloquencia como nas especulaçoens da Filosofia, e Theolo-

gia, em cuja sublime Faculdade recebeo as insignias doutoraes em a Academia Conimbricence sendo admittido ao Collegio de S. Pedro a 22. de Julho de 1660. para ornato de taõ douta Sociedade. Obteve hum Canonicato na Cathedral de Lisboa, onde morreo em idade muyto florente deixando para testemunha da sua Musa Latina a Elegia seguinte composta quando estudava Humanidades, em que se admira a elegancia das vozes unida com a ternura dos affectos.

Fletus Mariæ Magdalena ad Sepulcrum. Ulyssipone apud Antonium Alvares 1651. 4.

D. DIOGO DA SYLVA, E MENDOÇA Marquez de Alenquer Duque de Francavilla, Cõde de Salinas, e Ribadeo naceo em a Corte de Madrid, e a 23. de Dezembro de 1564. recebeo a graça bautifmal em a Parochia de S. Gil. Foy terceiro filho de Ruy Gomes da Sylva Principe de Eboli, Conde de Melito, e Marquez de Diano, primeiro Duque de Estremera, e Pastrana, quarto Senhor da Villa da Chamusca do Arcebispado de Lisboa (onde naceo em o anno de 1516.) Ulme, e Reguengos de Nespereira, do Concelho de Estado de Felipe II. e seu Sumilher de Corps, e de D. Anna de Mendoça de Lacerda segunda Princeza de Melito Duqueza de Francavilla filha unica de D. Diogo Furtado de Mendoça, Principe, e Conde de Melito, Duque de Francavilla, Marquez de Algezilla, Vice-Rey, e Capitaõ General de Aragãõ, e Catalunha, e Presidente dos Concelhos de Ordens em Italia, e de D. Catherina da Sylva filha de D. Fernando quinto Conde de Cifuentes Alferes mór de Castella. A fortuna querendo para gloria deste Cavallero ser emula da natureza, que o ornara de juizo prudente, capacidade profunda, e animo generoso, o elevou aos mayores lugares assim politicos, como Militares sendo Capitaõ General das fronteiras de Samora quando em o anno de 1580. entrou armado por Portugal Filippe II. cujo posto exercitou por nomeaçãõ deste Principe em Andaluzia na auzencia de seu cunhado o Duque de Medina Sidonia, na occasiaõ em que passou a Ingla-

terra por General da Armada Catholica, que teve infeliz successo no anno de 1588. Em remuneraçãõ de seus serviços o fez Felippe III. Vedor da Fazenda Real neste Reyno, Conselheiro de Estado, e Marquez de Alanquer com o senhorio desta Villa. O mesmo Monarcha no anno de 1615. o nomeou Vice-Rey, e Capitaõ General desta Coroa, e lhe assistio na entrada publica, que fez em Lisboa no anno de 1619. e nas Cortes de Thomar em que foy jurado successor desta Monarchia. Por procuraçãõ que teve de Felippe IV. tomou em seu nome posse deste Reyno em 8. de Agosto de 1621. e deixando substituido o Vice-reinato em D. Diogo de Castro Conde de Basto, D. Nuno Alvares de Portugal, e D. Affonso Mexia Bispo de Coimbra partio para Madrid a 14. de Março de 1622. onde foy Presidente do Concelho de Portugal. Foy cazado tres vezes com herdeiras de grandes Cazas, sendo a primeira D. Luiza de Cardenas Cabrillo, e Albornozenha de Colmenar de Oreja, Torralva filha de D. Bernardino de Cardenas Senhor de Colmenar, e Mochares, e de D. Jgnez de Zuniga Marqueza de Laguna, cujo matrimonio se annullou. Contrahio segundas vodas com D. Anna Sarmiento de Villadrando, e de Lacerda quinta Condeffa de Salinas e Ribadeo filha de D. Rodrigo Sarmiento de Villadrando quarto Conde de Salinas e de sua mulher D. Antonia de Ulhoa de quem teve hum filho unico chamado D. Pedro Sarmiento de Villadrando sexto Conde de Salinas. Cazou terceira vez com D. Marina Sarmiento de Villadrando sua cunhada irmãã de sua 2. mulher de quem teve a D. Rodrigo Sarmiento de Villadrando 8. Conde de Salinas. Falleceo em Madrid a 15. de Junho de 1630. e foy sepultado no Mosteiro de Benevivere de Conegos Regrantes de Santo Agostinho Padroado muito antigo da Caza de Salinas. A sua memoria eternizarãõ varios Escritores como foraõ Pedro de Salazar *Vid. do Card. Mendoc.* liv. 2. cap. 77. pag. 456. Fr. Andr. de S. Nicol. *Hist. de los Agust. Desc.* Part. 1. Decad. 2. cap. 1. pag. 334. cap. 8. pag. 436. cap. 9. pag. 446. *Herrer. Hist. Gen. del Mund.* Part. 3. Liv. 9. cap. 23. e Liv. 12. cap. 15. Lavanha *Jornad. de Filip.* 3. fol. 15. Cespe-

des *Hist. de Filip. IV.* Liv. 1. cap. 7. Salaz. *Hist. da Caf. de Sylv.* Part. 2. Liv. 11. cap. 4. Foy hum dos mais famosos alumnos do Parnaso Castelhana merecendo os seus versos o mayor applauso, e preferencia entre os mayores Poetas do seu tempo, como eraõ D. Luiz de Gongora, o Conde de Villamediana, o Principe de Esquilade, D. Jozé de Valdeviesso, e Lope da Vega Carpio dizendo em el *Laurel de Apolo Sylv.* 6.

Mira que dulce, y grave

El Marquez de Alenquer honrar te puede

Quando tierno, y suave

A si mesmo se excede

Diziendo, a quien tan alto honor merece

Alabeos el callar, que nõ enmudece;

Y assi lo mismo en su alabança ofresco

Pues callando le alabo, y no enmudefco

Que quando en su alabança hablar quixiera

Mas mudo, que callando pareciera.

Deixou. M. S.

Poesias Varias, as quaes conservavaõ com grande estimaçãõ seus Successores os Duques de Ixar, e Salinas como affirma Nicol. Ant. in *Bib. Hisp.* Tom. 2. pag. 321. col. 1. escrevendo do Author. *Vir utique, quem jure dixeris totius urbanitatis, & gratiarum florem, ingenio summus, judicio, prudentiaque in paucis stylo disertissimus, sive carmina sive, prosam orationem scriberet.* Este volume de Versos se conserva na Livraria do Duque de Alafoens.

Introduccion ala Historia del Rey D. Filippe III. con los principios de su Monarchia a qual julgou digna de equiparar-se com as dos Gregos, e Latinos, D. Jozé Pellicer Chronista mór de Castella en la *Informac. dela Casa de Sarmiento, y Villa mayor.*

P. DIOGO SOARES Religioso da Companhia de JESUS Mestre de Mathematica no Collegio de Santo Antaõ de Lisboa, de Filosofia em o de Evora, e em ambas estas Faculdades muito perito. Publicou sem o seu nome.

Pobreza vencedora, e aplaudida, ou triumpho com que os Terceiros pobres da nobre, e sempre illustre Villa do Redondo na Provincia do Alentejo celebraõ a nova tresladaçãõ

do seu grande Patriarcha, e Pay de pobres São Francisco. Evora na Officina da Universidade. 1723. 4.

DIOGO SOBRINHO natural de Montemor o novo em a Provincia do Alentejo criado de D. Fernão Martins Mascarenhas Alcaide mor da dita Villa, o qual acompanhou a este Cavalheiro, quando por ordem del Rey D. Sebastião foy com o caracter de seu Embaxador ao Concilio Tridentino sahindo de Monte-Mor a 16. de Outubro de 1561. e restituindo-se a este Reyno a 14. de Fevereiro de 1564. Escreveo.

Itinerario do que succedeo nesta Jornada o qual conservava Fr. André Sobrinho Eremita de Santo Agostinho filho do Author, de quem fizemos memoria em seu lugar.

P. DIOGO DO SOVERAL natural da Villa do seu appellido situada no Bispaado de Viseu. Recebeo a Roupeta da Companhia de JESUS no Collegio de Coimbra a 11. de Julho de 1546. Ainda não sendo Sacerdote passou com outros companheiros ao Reyno do Congo onde depois de assistir alguns annos na cultura de tão agreste vinha voltou para Portugal. Resoluto a prégar o Evangelho em terra que correspondesse abundantemente aos seus trabalhos apostolicos navegou ja Presbytero para a India com o P. Francisco Vieyra, e chegando a 17. de Setembro de 1554. foy mandado para o Cabo de Camorim, onde ajudou muito aos Padres Henrique Henriquez, e Francisco Peres em todos os exercicios de Missionario até que navegou para S. Thomè, e fazendo naufragio a embarcação em que hia, acabou infelizmente a vida a 31. de Dezembro de 1585. quando contava 33. annos de Religiofo. Escreveo.

Carta escrita aos PP. da Provincia de Portugal. acerca da sua Viagem a Goa a 5. de Novembro de 1554.

Carta escrita de Cochim aos mesmos PP. a 20. de Janeiro de 1555. Sahio com outras Venetia apresso Michele Tramezzino. 1559. 8.

Carta escrita de Cochim a 2. de Janeiro de 1556.

Carta escrita do Cabo de Camorim a 10. de Dezembro de 1559.

Todas estas Cartas M. S. se conservaõ no Archivo da Casa professa de S. Roque como affirma o P. Francisco da Cruz nas suas Memorias M. S. para a *Bib. Lusit.*

D. DIOGO DE SOUSA. Naceo na Cidade de Evora em o anno de 1460. e não em 1457. como escreve o P. Francisco da Fonseca na *Evor. Glorios.* pag. 318. onde teve por progenitores a João Rodriguez Ribeiro de Vasconcellos Senhor de Figueiró, e Pedrogaõ, e a D. Branca da Sylva, filha de Ruy Gomes da Sylva Alcaide mor de Campo Mayor, e Ouguella, e por Avo materno a D. Lopo Dias de Sousa 8. Mestre da Ordem de Christo. A boa indole que mostrou nos primeiros annos vaticinou o grande progresso que havia nellas fazer quando chegasse aos mayores. Estudou as sciencias amenas na patria, e as severas em Salamanca, e Pariz, sahindo tão consummado em todo o genero de erudição que mereceo ser venerado como Oraculo na Cabeça do mundo, de tal sorte que mandando El Rey D. João o II. por seu Embaxador D. Pedro da Sylva Commendador de Aviz à Santidade de Alexandre VI. novamente assumpto à Cadeira de S. Pedro, ordenou que regulasse as suas acçoens pela prudente direcção de D. Diogo de Sousa. Querendo este Principe servir-se do seu talento, o mandou chamar de Roma, e logo que chegou, o fez Deão de sua Real Capella, donde subio por nomeação do mesmo Monarcha ao Bispaado do Porto em o anno de 1495. sendo huma das principaes acçoens que fez no tempo do seu governo treladar para a Cathedral as Reliquias do insigne Martyr S. Pantaleão Tutelar daquella Cidade. A mesma estimacão que fez da sua pessoa El Rey D. João o II. experimentou da generosidade del Rey D. Manoel nomeando-o não sómente Capellaõ mor de sua segunda mulher a Rainha D. Maria, mas Embaxador ao Pontifice Julio II. para o congratular da assumpcão ao folio do Vaticano, de quem foy recebido com summa benevolencia alcançando com promptidão todas as negociaçoens em que era interessada esta Coroa. Pela renuncia que fez do Arcebispado de Braga o Car-

dial D. Jorge da Costa foy promovido a esta Primacial Cadeira onde depois de celebrar Synodo no anno de 1506. ornou esta Cidade com magnificas obras em que eternizou a sua piedade, e magnificencia podendo justamente intitular-se seu Amplificador. Edificou a Capella mór da Cathedral com ambito capaz para a magestosa celebração dos Pontificaes trefladando para ella as augustas cinzas do Conde D. Henrique tronco illustre dos Monarchas Portuguezes juntamente com as de sua Espôsa a Rainha D. Tareja. Abrio novas portas na Cidade com huma caudalosa fonte para beneficio dos seus moradores, e restaurou as de N. Senhora a Branca, e S. Pedro de Maximinos. Cingio com baluartes novos o Castello, e reedificou a Igreja de Santa Anna, em que mandou collocar por ordem as pedras, e columnas, que os Romanos no tempo que senhoriaraõ Braga levantarãõ aos seus Emperadores para que naquelles veneraveis monumentos lessem os curiosos as antiguidades da sua Patria. Laurou para deposito das suas cinzas a Capella de JESUS na Igreja da Misericordia affinando-lhe renda capaz para sustento de varios Capellaens que rezassem todos os dias o Officio divino de que fez Administrador o Arceidiago de Vermoim Dignidade da Cathedral de Braga. Naõ satisfeito de ennobrecer esta Cidade com edificios, a quiz eternizar com a gloria de que lhe descrevesse as suas grandezas o famoso André de Resende o que executou no breve termo de dez dias mandandolhe hum Poema de trezentos Versos Latinos em que elegantemente descreveo a fundação, e privilegios de taõ illustre Cidade. Na Carta em que lhe offerece este Poema o intitula *Pontificum decus, Hispaniaque Sydus fulgentissimum, bonarum vigiliarum fautor, unicum scribentium confugium*. Como taõ insigne Mecenaz dos Estudiosos, foy o primeiro que abrio escolas publicas para nellas se aprenderem as sciencias. Defendeo com heroica liberdade a jurisdicção da sua Igreja, cujo zelo apostolico mereceo a approvação delRey D. Manoel. A familia da sua Casa competia com a Real assim em o numero, como na qualidade dos Criados sendo os Capellaens, Letrados, e os pagens, nobres, que todos fica-

raõ no serviço do Cardial D. Henrique seu Successor na dignidade Primacial affirmando este Principe *que tal amo soube sempre ter Criados, que o podiaõ ser na Casa do mesmo Rey*. Os Dezembargadores que compunhaõ a sua Relação eraõ dotados de tanta sciencia, e integridade que as suas Decisõens eraõ veneradas como Oraculos. A piedade do animo, e observancia das virtudes correspondia à magestade exterior com que se tratava, sendo naturalmente humilde, e summamente amante dos pobres. Dezejando renunciar o Arcebis-pado para mais livremente se preparar para a eternidade, e consultando este santo intento com o Ven. Fr. Francisco da Serra de Gata Religioso Capucho da Provincia da Piedade o avizou que se dispuzesse para a morte porque sómente havia de viver quatro dias, o que certamente se cumprio, pois accometido de hum accidente de parlesia espirou a 18. de Julho de 1532. Foy taõ excessivamente sentida a sua falta por todo o genero de gente, que se chegaraõ a ouvir os seus lastimosos clamores na Villa do Prado distante huma legoa de Braga. Foy sepultado na Capella que edificara para seu jazigo, em hum maufoleo de pedra, sobre o qual se vê a sua figura vestida com as insignias Pontificaes, e no circuito tem escrito o seguinte epitafio.

Aqui jãs D. Diogo de Souza Arcebispo de Braga filho de Joãõ Rodrigues de Vasconcellos Senhor de Figueirõ, e do Pedrogãõ, e de D. Branca da Sylva sua mulber o qual elRey D. Joãõ o II. mandou por Embaxador a Alexandre Papa VI. a lhe dar sua obediencia, e elRey D. Manoel tendo o feito Capellaõ mór da Rainha D. Maria sua mulber o mandou dar sua obediencia ao Papa Julio II. e elRey D. Joãõ o III. o fez Capellaõ mór da Rainha D. Catherina sua mulber o qual fez esta Capella para sua sepultura. Viveo LXXII. annos e faleceo a 18. dias do mez de Julho de 1532.

Fazem illustre memoria deste Prelado, D. Rodrigo da Cunha *Cathalog. dos Bisp. do Port.* Part. 2. cap. 32. e na *Hist. de Brag.* Part. 2. cap. 69. 70. 71. e 72. *Ofor. de Reb. Emman.* lib. 4. in principio. Resende *Chron. delRey D. Joãõ o II.* cap. 190. *Tellez de reb.*

Gest. Joan. II. pag. mihi 237. D. Ant. Caet. de Souf. *Hist. Geneal. da Caz. Real Portug.* Tom. 1. Liv. 1. cap. 1. Fonsec. *Evor. Glorios.* pag. 318. A este Prelado dedicou o seu Compendio de Física impresso em Salamanca em 1520. Pedro Margalho Lente de Prima de Theologia em a Universidade de Coimbra.

Emendou, e mandou imprimir duas vezes.

Breviarium Bracharense. Salmanticæ apud Joannem Porras 1512.

Constituições do Arcebispado de Braga. M. S. e nellas se conhece a profunda sciencia que tinha igualmente da Theologia, como dos Sagrados Canones.

DIOGO DE SOUSA natural da Villa de Pereira distante duas legoas da Cidade de Coimbra para a parte do Poente, descendente de familia nobre, e ornado de hum sublime genio para a Poesia de cuja divina Arte deixou varias obras sendo a que vio a luz publica com o nome supposto de Diogo Camacho.

Jornada que fez às Cortes do Parnasso em que Apollo o Laureou. Começa.

Sabio o Sol a vinte e tres de Mayo

Num coche de frizoes com grandes garras

Vinha diante a aurora por Lacayo.

Está impressa no 5. Tom. da *Fenis renacida, ou obras Poeticas dos melhores engenhos Portuguezes.* Lisboa por Antonio Pedrozo Galrao 1728. 8. desde pag. 1. até 37.

D. Fr. DIOGO SOARES DE SANTA MARIA Naceo na Cidade de Lisboa no principio de Dezembro de 1551. sendo seus progenitores André Soares Fidalgo da Casa del Rey D. João o III. do seu Conselho, e Secretario da Rainha D. Catherina, e D. Maria Botelha de igual nobreza à de seu Conforte. Renunciando a Béca de Porcionista do Real Collegio de S. Paulo da Universidade de Coimbra que recebera a 23. de Abril de 1567. abraçou no mesmo anno com resolução mayor que a sua idade que não passava de dezefeis annos, o Instituto Serafico em o Real Convento de S. Francisco da Cidade tomando na profissão o sobrenome de Santa Maria. Na carreira dos estudos escolaf-

ticos, assim filosoficos, como Theologicos se distinguio com tal excessõ dos seus condiscipulos, que chegou cauzar enveja aos Mestres. Mayor applauso conseguiu o seu grande talento quando começou a exercitar o Officio de Orador Evangelico para o qual felizmente se unirão summa erudição, elegante facundia, e espirito apostolico com que intimava as verdades solidas dos seus discursos dirigidos à reforma das vidas, extirpação dos vicios, e observancia das virtudes. Todos estes dotes, que publicava a Fama, despertaraõ a maledicencia dos emulos da sua eloquencia concionatoria, e querendo evitar a causa de taõ vil paixão deixou com prudente resolução a Corte de Lisboa em o anno de 1580. e passou à de Pariz, onde o seu merecimento lhe tinha preparado hum amplissimo theatro para ostentar a sua universal litteratura. Depois de se laurear com as insignias de Doutor em as Universidades de Pariz, e de Lovanha, dictou nellas Theologia Polemica com tanta gloria do seu magisterio, que repetidas vezes triunfou dos sofisticos argumentos de hereges doutissimos contando as victorias pelos combates alcançadas pela concludente efficacia das suas proposições, de tal forte que foy antonomasticamente intitulado por graves Authores *Vebemens hæreticorum flagellum.* Para coroar os seus merecimentos de que eraõ pregoeiros os Pulpitos, e as Cadeiras, o elegeu Henrique IV. seu Prégador, e Conselheiro, donde subio por nomeação de Luiz XIII. ao Bispado da Cidade de Sais da Provincia de Normandia Suffraganeo do Arcebispado de Ruaõ, em cuja dignidade foy confirmado pelo Pontifice Paulo V. no anno de 1612. Exercitou com summo disvelo as obrigações do Officio Pastoral pelas quaes partio a receber o premio na eternidade a 30. de Mayo de 1614. quando contava 62. annos, e meyo de idade e 45. de Religião. Jaz sepultado no Convento de S. Boaventura de Pariz, onde assistio desde o anno de 1580. até o de 1612. em que foy promovido ao Bispado. O Illustrissimo Jacobo Camus lhe Successor em a dignidade Episcopal lhe mandou gravar este epitafio.

*Jacobo Soares à Santa Maria
Ulyssiponenfi Ordinis S. Francisci*

Theologo eximio

Episcopo Sagiensi

Cujus conciones Christianissimus populus

Advenatione multa

& concursu frequentissimo comprobavit

Jacobus Camus Episcopus Decessori suo B. M.

Secundum Voluntatem Testamenti F. C.

Vixit annos LXII. Menses VI.

Pontificatus ann. III.

Depositus in Pace III. Kalen. Jun.

Anno M. DC. XIV.

Deste insigne Varaõ fazem memoria Joan. Chenu in *Chronol. Episcop. Gallie* pag. 102. *magnus ac doctissimus Prædicator. Cardos. Agiol. Lusit. Tom. 3. pag. 462. eximio Theologo, e asamado Prégador. Marrac. Bib. Marian. Part. 1. pag. 645. vir virtutibus non minüs, quàm scientia probatissimus. Samarth. Frat. Gallia Christian. Tom. 3. Episcop. Sagiens. pag. 974. Egregius concionator, ac in mystica, positivaque Theologia mire versatus, in suam Ecclesiam beneficus, hæreticorum hostis acerrimus. Gualt. in Tab. Chronol. Sæcul. 17. pag. 216. doctrina, & concionandi facultate celebris. Nicol. Ant. Bib. Hisp. Tom. 1. pag. 245. Hæreticorum, atque hæresum hostem se, ac mastigem accerrimum verbo, & scriptis præbuit. Fr. Ferdinand. da Soled. Hist. Seraf. da Prov. de Portug. Part. 3. liv. 1. cap. 21. por suas grandes virtudes, e letras memoraveis. Ant. Possev. Appar. Sacr. let. I. pag. 793. Draud. in Bibliot. Classic P. D. Manoel Caet. de Soufa. Cathalog. Hist. dos Bisp. Port. pag. 131. Wadingo Script. Ord. Min. pag. 186. Fr. Joan. à D. Ant. Bib. Francisc. Tom. 1. pag. 306. D. Jozé Barbof. Cathal. Hist. do Colleg. de S. Paul. pag. 253. e no Archiatb. Lusit. pag. 71.*

Illecebras, quas mundus amat, superabit inanes

Franciscique premet vestigia Sacra Soares.

Compoz.

Cosmopæia in duo priora Capita Genesis.

Nannetis apud Blasium Petrail. 1585. 4.

Conciones XXIII. in prima tria Apocalypsis Capita habite in celeberrima Ecclesia Lugdunensi, quibus accesserunt Sermones VI. pro diebus Dominicis Adventus, ac Festi Conceptionis B. Virginis, & Nativitatis Domini.

Lugduni apud Horatium Cardon 1598. 8.

Na faculdade que concede para se imprimir esta obra o Illustrissimo Pedro de Espinac Arcebispo de Leaõ, e Primaz de França diz estas palavras em applauso do Author. *Cum exploratum nobis sit quàm uberes fructus protulerint conciones in B. Joannis Apocalypsim, quas R. P. Fr. Jacobus Soares a Sancta Maria Ord. Min. hoc proximo elapso Adventus tempore in primaria nostræ Lugdunensis Ecclesiæ Cathedra incredibili concursu, plausuque omnium Civitatis Ordinum habuit; nosque non lateat uberior, et autiliores ad pietatis, & morum institutionem eruditissimorum etiam hominum eruditionem; nec non ad veræ, & orthodoxæ Religionis assertionem adversus nostri temporis hæreses edituras, si excusæ in publicam lucem prodeant, earum editionem suasimus, permisimus, & à doctissimis Theologis approbatam comprobamus, & commendamus. Datum apud Sanctum Regnibertum Idibus Januarii 1597. Sahio 2. vez Lugd. apud Horat. Cardon 1605. Nesta edicão sahio acrescentado com dous Sermoens hum de Santo Estevaõ, e outro de S. Joaõ Evangelista.*

Conciones oito Solemnitatis Corporis Christi in quibus etiam oito causæ deducuntur ob quas à Domino JESU Sacramentum Eucharistiæ fuit institutum. Lugd. apud Horat. Cardon 1607. 8.

Thesaurus Quadragesimalis pluribus divinatorum eloquiorum, ac SS. PP. sententijs plenus. Sahio primeiramente na lingua Franceza em 2. Tomos. Pariz ches Nicolas dela Fosse 1607. 8. e depois em Latim traduzido pelo mesmo Author. Lugdun. apud Horat. Cardon 1610. 8.

Sermons sur les Dimanches de tout l'Anné. 2. Tom. Pariz ches Robert Faciet. 1622. 8. No 2. Tom. traz 8. Sermoens do Santissimo Sacramento diferentes dos que imprimio Horacio Cardon de que affirma se fez mençaõ.

Sermones in laudem B. Virginis. Lugd. apud. Horatium Cardon. 1607. 8. Desta obra fazem memoria Pedro de Alva y Aftorga in Milit. Immacul. Concept. e Hypolit. Marrac. in Bib. Marian. Part. 1. pag. 645.

Sermon funebre fait aux obseques de Henri IV. Roy de France, et de Navarre le

22. de Juin 1610. dans l'Eglise de S. Jaques de la Boucharie. Pariz ches Nicolas de la Folle. 1610. 8.

DIOGO DE TEYVE natural da Augusta Cidade de Braga, e hum dos mais celebres professores de letras humanas, que floreceo neste Reyno. Para se instruir nas Sciencias assim amenas, como severas passou à Corte de Pariz onde pela natural viveza do engenho, e penetrante comprehensão de juizo se adiantou com tal excesso a todos os seus condiscipulos, que recebido o grão de Doutor na Faculdade do Direito Cesareo regentou huma Cadeira de Humanidades na Universidade de Bordeaux competindo na Sciencia da lingua Latina, affluencia Poetica, e facundia Oratoria com Jorge Buchanano, e Marco Antonio Moreto, que no anno de 1526. eraõ respeitados como Oraculos destas faculdades que ensinavaõ na mesma Universidade. Querendo a Magestade delRey D. Joaõ o III. prover de Mestres a Universidade de Coimbra novamente por elle edificada o mandou convidar para taõ nobre ministerio com largo estipendio. Obedeceo promptamente à insinuaçãõ do seu Principe como se fora preceito, e acompanhado de Andre de Gouvea, e seu irmaõ Marçal de Gouvea, chegou a Coimbra no anno de 1547. onde foy provido na segunda Cadeira de Humanidades sendo Mestre da primeira Jorge Buchanano de nação Escocoz. Tendo exercitado alguns annos o magisterio com igual gloria do seu talento, como interesse da mocidade estudiosa subio a ser Reytor do Collegio das Artes, onde era Mestre a tempo que ElRey D. Joaõ o III. por carta escrita a 10. de Setembro de 1555. lhe ordenou entregasse o governo daquelle Collegio aos Padres Jesuitas, o que executou no principio do mez de Outubro. Para remunerar este Principe os seus grandes merecimentos lhe deu hum Canonicato na Cathedral de Miranda, onde vivia pelos annos de 1565. augmentando a fama do seu nome com a excellencia dos seus escritos. Foy insigne na lingua Latina, ou fosse escrevendo em Oraçãõ solta, ou ligada merecendo applausos a sua elegante penna como Poeta, e como Historiador.

Joaõ Soar. de Brit. in Theatr. Lusit. Liter. lit. I. n. 3. *in studijs eloquentiæ tantos fecit progressus, ut non modo æquales superaverit, verum etiam præceptoris personam suslinere ausus est.* Cadab. Grav. De obitu. Joan. III. na Dedicatoria à Rainha D. Catherina. *Egregias laudes pro mea tenuitate describere tentarem, ni ornatissimos viros Jacobum Tevium, & Martialem Goveanum ingenij duo luminaria... ex his duobus Hispaniensium latinorum Principibus Nicol. Ant. Bib. Hisp. Tom. I. pag. 246. ad instruendam novam Academiam Conimbricensem adscitus, non minorem atque inter Gallos olim doctrinæ famam collegit.* Scoto Hisp. Bib. pag. 475. *Legitur (falla da Historia do Sitio de Dio) ab eruditissimis hominibus non sine laudis commendatione.* Angel. Spera. de Gram. Professor. Lib. 4. fol. 458. *Tellez Chron. da Companh. de Jesus da Prov. de Portug. Part. 2. Liv. 6. cap. 18. n. 8. Capassi Hist. Philosof. pag. 452. Ant. de Leaõ Bib. Orient. Tit. 3. e novamente adicionada Tom. I. Tit. 3. col. 62. Ant. Ferreir. Eglog. 5. pag. 83.*

Eis vem o nosso Tevio, que a victoria

Julgará justamente: Tevio às Musas

Novo Apollo, nova honra à sua memoria.

Cã te vejo mudado: já as escusas

Nãõ te aproveitarãõ. Tevio a contenda

Ouve, e julga entre nos, como bem usas.

Ouve-me Tevio, e dame deste a emenda

Da sua vam ousadia, que eu espero

Que a voz lhe fuja, e Pallas o reprenda.

E na Cart. 4. do Liv. 2-pag. 179. v.º

Mas com quanto taõ alto te poseste

Das brandas Musas desce, e outra ves prova

A doce Lyra a que tal som já deste.

No teu verso Latino nos renova

Hora outro Horacio, hora outro grande

Maro:

Na grave proza Padua, Arpino em nova.

Por ti começou já ser grande, e claro

O Portuguez Imperio: igual aos feitos

No mundo raros teu estilo raro.

Encheste de esperanças nossos peitos

Nãõ nos detenhas encobertos tanto

Altos exemplos de obras, e conceitos.

Em quanto assi estãõ livre, Teive em quanto

Te nãõ chama tua sorte ao que mereces

Cria no Portuguez nome amor, e espanto

Ledo, e confiado do que em ti conheces.
Compoz.

Commentarius de rebus à Lusitanis in India apud Diem gestis anno Salutis nostræ M.D.XLVI. Conimbricæ apud Joannem Barreira, e Joannem Alvares 1548. 4. Romæ apud Aloysium Zannetum. 1608. 8. Coloniz Agrip. ex Officin. Birkmanica 1602. 8. e no livro *De rebus Lusit. Hisp. Indic. Æthiop.* desde pag. 383. até 443. e no Tom. 2. *Hisp. Illustr.* Francof. apud Claud. Marnium 1603. fol. à pag. 1347. até 1372. Na Dedicatoria a elRey D. Joaõ o III. promete a *Historia de Portugal*, de cuja obra como da precedente escreve Joaõ Vasco in *Chron. Hispan.* cap. 4. estas palavras em seu applauso. *Ut si de tota Historia Lusitana quod pollicetur ad rem contulerit dubio procul effecturus sit, uti quemadmodum Lusitana rerum gestarum gloria nulli provinciz concedit, sic neque Historiz venustate cedere cuiquam merito debet.* Na impressãõ da Historia do Cerco de Dio feita em Coimbra, que he a primeira, tem no fim.

Oratio in Laudem Nuptiarum Joannis, & Joannæ Illustrissimorum Principum Rectoris, Concilijque jussu Conimbricæ habita, atque edita undecimo Calend. Januarij. 4. Segue-se a esta obra em proza a seguinte em verso com este titulo.

Carmen in Nuptias eorundem Principum publice Conimbricæ pronuntiatum. Consta de 193. versos heroicos. Estas duas obras sahiraõ reimpressas Salmanticæ apud hæredes Joannis à Junta 1558. 12.

Opuscula aliquot in Laudem Joannis Tertij Lusitaniz Regis, & Principis ejus filij, et fratris Ludovici, atque item Sebastiani primi Regis ejusdem nepotis. Salmanticæ apud Joannem à Junta 1558. 12. Dedicado ao Cardial Infante D. Henrique. consta de verso, e proza.

Ad Joannem Alencastrum Serenissimum Averij Ducem Mortis meditatio in funus Theodosij Brigantiz Ducis. Olyssipone apud Joannem Barreira. 1563. 4.

Deploratio consolationi admixta in mortem Ferdinandi Menezij Archiepiscopi Ulyssiponensis ad sacrum, & venerabile Canonorum Ulyssiponensium Collegium. Olyssipone apud eundem Typ. 1564. consta de versos heroicos.

Tumulus in mortem Michaelis Menezij Marchionis Villæ regalis. Olyssipone apud eundem Typog. 1565. 4. No fim *Deprecatio ad Christum Crucifixum in die Parasceves.* He em verso heroico.

Epodon, sive Jambicorum carmen libri tres. Olyssipone apud Franciscum Correa. 1565. 8. Consta o primeiro livro entre outras couzas de *Institutione Boni Principis*; a qual verteo em Sextinas Portuguezas seu discipulo Francisco de Andrade, e na Dedicatoria que lhe fez, o louva com estas vozes metricas.
Lymphas bibisse te putant Aganippidos Parnassi, & altis somniasse montibus Hæc erudita, quæ tua legant carmina Meritoque eorum Principem te judicant Florere nostro quis peroptet sæculo Claros poetas, quos sacer liquor rigat Fontis Heliconis, quos ad astra fulgida Ventura summis tollat ætas laudibus.

O 2. livro consta. *Hymni 13. ad Jesum Christum pro Salute Regis Sebastiani, et felici Regni statu.* *Hymni ad Divos Regni Lusitanici patronos.* Esta obra allega Jorge Cardoso *Agiol. Lusit.* Tom. 3. pag. 235. col. 1. intitulado a de *Rebus Divinis* o 3. livro consta de *Perfeito Episcopo ad Cardinalem Henricum.* *Congratulatio ad Fr. Ludovicum Granatensem de Serenissimo Principe Henricuo dum Ulyssiponem Archiepiscopatum accepit relicto Eborensi.* *Ode in illa Evangelij Verba. Domine si vis potes me mundare.* *Epithalamium in laudem Nuptiarum Alexandri, & Mariae Principum Parmæ, & Placentiæ &c.*

Oratio in obitu Principis Joannis in Templo Sanctæ Crucis habita. No fim *Oratio ad Deum pro defuncto Principe, pro Parente Rege, & Nepote Sebastiano.* 4. M. S. Conservava-se na Livraria do Cardial Souza.

Traduzio da lingua Grega na Portugueza por ordem delRey D. Joaõ o III.

Cyropedia de Xenofonte.

Fr. DIOGO DE TORRES natural da Villa de Torres novas do Arcebis-pado de Lisboa Monge Cisterciense escreveu as seguintes obras que se conservaõ no Real Convento de Alcobaca.

Glossa in Hieremiam

Explanatio Ruffini in Symbolum

Liber Sancti Hilarij contra hæreses.
Passio S. Laurentij carmine descripta.
Liber Prognosticorum futuri Sæculi.

DIOGO VAZ CARRILHO natural de Lisboa Presbytero da Congregação do Oratorio de S. Felipe Neri, e Preposito da Casa de Santa Helena da Cidade de Cadiz, Varaõ insigne em virtudes que exercitou pelo largo espaço da sua vida. Em beneficio das Almas que se querem adiantar no caminho da perfeição evangelica traduzio de varios Authores Asceticos na lingua Materna sem declarar o seu nome os livros seguintes.

Exercicios divinos das tres vias Purgativa, Illuminativa e Unitiva compostos em Latim pelo Ven. Doutor Nicoláo Eschbio. Lisboa por Ant. Crasbeek de Mello. 1669. 12.

Imitação de Christo que vulgarmente se intitula Contemptus mundi dividida em quatro Livros escrita em Latim pelo Veneravel Thomaz de Kempis Conego Regular de Santo Agostinho. Lisboa por Joaõ da Costa 1670. 8. & ibi pelo dito Impressor 1673. & ibi por Domingos Carneiro 1679. 8.

Manual de exercicios espirituas para ter Oração do P. Thomaz de Villa Castim da Companhia de JESUS. Lisboa por Antonio Crasbeeck. 1672. 8.

Historia das vidas de Santa Maria Egypciaca, Santa Thais, e Santa Theodora penitentes do P. Pedro da Ribadaneira. Lisboa por Domingos Carneiro 1673. 4.

DIONISIO Medico insigne assim na especulação, como na practica, compoz antes do anno de 1555. a obra seguinte allegada por Nicoláo Monardes grande Medico Sevillhano in *Dialog. de Vena Secanda in Pleuritide* fol. 5.

An in Pleuritide debeat Sanguis emitti ab eodem latere, unde dolor pungit, an ex opposito?

Fr. DIONISIO DOS ANJOS. Naceo no lugar de Leomil em o Bispaço de Lamego de Pays nobres quaes eraõ Luiz Tavares, e Helena Ferreira. Professou o Instituto de Eremita de Santo Agostinho no Convento da Graça de Lisboa a 10. de Agosto de 1606. Ensinou aos seus domes-

ticos as Sciencias escholasticas, em que foy muyto douto. Os seus merecimentos o habilitaraõ para exercitar os honorificos lugares de Confessor delRey D. Joaõ o IV. e seu filho o Principe D. Theodosio, de Procomissario da Bulla da Cruzada por ser o Deputado mais antigo deste Tribunal, Qualificador do Santo Officio, e Examinador das tres Ordens militares. Foy nomeado Bispo do Algarve, cuja dignidade não possuio por fallecer em Lisboa a 24. de Novembro de 1654. Fazem delle memoria Joan. Soar. de Brit. *Theat. Lusit. Litter.* lit. D. n. 38. Fr. Ant. da Purificação *Chron. da Prov. de S. Agost. de Portugal.* Part. 2. liv. 6. Tit. 6. §. 11. e de *Vir. Illustrib. Ord. Eremit. D. Aug.* Lib. 2. cap. 11. *Herrer. in Alphab. Augustin.* Publicou

Sermaõ no Convento da Graça de Lisboa nas demonstraçoens que se fixeraõ pelo roubo do Santissimo Sacramento da Parochia de Santa Engracia da mesma Cidade. Braga por Fructuoso Lourenço de Baço 1630. 4.

Traduzio de Latim em Portuguez.

Suspiros do grande Doutor da Igreja Santo Agostinho. Lisboa por Henrique Valente de Oliveira. 1656. 12.

Annotationes ad aliqua privilegia Mendicantium, & ad alias materias morales. M. S. Conservase na Livraria do Convento da Graça desta Corte.

Traçtatus de Eucharistia. Desta obra fazem menção Joaõ Franco Barreto na *Bib. Lusit.* M. S. e Fr. Manoel de Figueiredo *Flos Sanct. Augustin.* Tom. 4. pag. 150. n. 103. affirmando ambos que se imprimira.

Fr. DIONISIO DOS ANJOS natural de Lisboa, e Religioso de Saõ Jeronymo, cujo Instituto professou no Real Convento de Belem a 6. de Janeiro de 1656. Foy insigne na Arte do Contraponto, e não menos destre tangedor, de Arpa, e Viola. Observeo com summa exação as obrigaçoens do seu Instituto pelas quaes mereceo acabar a carreira da vida com boa opiniaõ em o Convento de Belem a 19. de Janeiro de 1709. Deixou composto.

Responsorios para todas as Festas da primeira Classe.

Psalms de Vesperas, e Magnificas.

Diversas Missas, Vilhancicos, e Motetes.

Todas estas obras se conservaõ com grande estimaçãõ no Convento de Belem.

DIONISIO BERNARDES DE MORAES natural de Lisboa filho do Doutor Joã Bernardes de Moraes, Phisico mór, Fidalgo da Casa de Sua Magestade, Cavalleiro da Ordem de Christo, e de D. Ignez Rufina da Estrella filha de Henrique Ayque, e de Jeronima Rufina. Instruido nos rudimentos da Latindade, e nos preceitos da Rhetorica ouviu Filosofia em o anno de 1696. em que tive a gloria de ser seu condicipulo, do Padre Sebastiaõ Ribeiro immortal credito da Congregaçãõ do Oratorio, e logo mostrou a viveza do engenho, e prespicacia do talento, com que havia fazer agigantados progressos em outra mayor facultade, qual foy a dos Sagrados Canones, recebendo nella as insignias doutoraes na Universidade de Coimbra. Admitido ao Collegio das Ordens Militares o indefesso estudo unido com a facilidade da comprehensãõ o habilitaraõ para tomar posse em 13. de Janeiro de 1730. de huma Cathedrilha de Canones até chegar à Cadeira de Vespera, donde foy assumpto a Prélado de Santa Igreja Patriarchal em 16. de Mayo de 1739. Na controversia que se altercou em a Universidade se os Doutores Legistas podiaõ obter as Conezias Doutoraes das Cathedraes do Reyno, escreveo sem declarar o nome as seguintes obras em que com argumentos concludentes authorizados com todo o genero de erudiçãõ defende serem os Canonistas, e naõ os Legistas habeis para os Canonicatos Doutoraes.

Anti-logista critico Apologetico, ou Glossario Analytico em que se critica, responde, convence, e refuta hum manifesto que a favor dos Doutores Legistas fez hum Anonymo pertendendo mostrar que eraõ habeis para as Conezias Doutoraes da Universidade de Coimbra. Pariz chez Pierre Prault. 1735. fol.

Com o supposto nome de Viçtoriano Guerreiro de Bulhoens.

Censura, sive judicium inofficiosa Censura á qua liber Antilegista vindicatur, trina velut aere triplici Apologetica demonstra-

zione constat. Salamanca por Antonio Jozé Villagordo, y Alcaras. fol. Sem anno da Imprensaõ.

Antiepitome, ou Antilegista disfarçado. Dialogos Criticos, ou Colloquios jocosos sobre a Controversia entre Canonistas, e Legistas acerca das Conezias Doutoraes da Universidade de Coimbra. Salamanca por la viuda de Antonio Ortiz Gallardo. 1737. 4.

Com o nome de Leonardo Luiz de Queirós.

Prædictiones Apologetica, sive sosculi præcursorum ad futurum fasciculum Sententiarum; additio ad Censuram inofficiosa Censura, & demonstratio novissima in qua præveniuntur, & reconveniuntur aliqua quibus Epitomes Author, et Juris Civilis Doctores pro jure suo suadendo novum certamen inire moliantur, & præcipue disceptatur de veritate, & validitate Bullarum circa Canonicatum Lamecensem obtinendum. Hispali. fol. sem anno da Imprensaõ, nem nome do Impressor.

Fr. DIONISIO DE S. BOAVENTURA. Naceo no lugar de Unhos do Arcebispado de Lisboa a 20. de Janeiro de 1599. sendo filho de Francisco Gomez Ribeiro Cidadãõ desta Corte. Na juvenil idade de defeseis annos desprezou com heroica resoluçãõ o mundo procurando a Religiaõ Serafica, da qual recebeo o Habito no Convento de S. Francisco da Cidade a 23. de Novembro de 1615. Ainda que sahio consummado Letrado em a Theologia especulativa, e Moral, e versado na intelligencia das linguas Latina, Grega, Hebraica, e Italiana, naõ seguio as Cadeiras donde podia adquirir grande applauso ao seu nome, mas todo se dedicou ao ministerio de Missionario Apostolico com o qual atrahia muitas almas ao caminho da penitencia. Por ser muito douto em a Theologia Polemica converteo com a efficacia dos seus argumentos muitos Hereges à nossa Religiaõ sendo entre elles o mais celebre Lourenço Shite Enviado delRey de Suecia nesta Corte, que naõ sómente abjurou os seus erros mas suavemente o persuadio a professar o Instituto Serafico, que promptamente executou com o nome de

Fr. Lourenço de S. Paulo. Foy Commissario dos Terceiros da Villa de Thomar eleito no anno de 1634. e de S. Francisco de Santarem em 1629. não querendo aceitar outros lugares de que eraõ dignos os seus merecimentos. Recolhido ao Convento de Alanquer fez muitos progressos nas virtudes confirmados com prodigios na sua morte que felizmente succedeo a 15. de Fevereiro de 1665. Jaz sepultado junto do ultimo degrão da escada, que desce do Coro para o Claustro. Faz delle memoria Fr. Fern. da Soled. *Hist. Seraf. da Prov. de Portug.* Tom. 5. n. 1111. Escreveo.

Relação da vida, e progressos do P. Mestre Fr. João de S. Bernardino Leytor jubilado, e Ministro Provincial da Provincia de Portugal. M. S. 4.

Fr. DIONISIO DO COUTO natural da Villa de Alfeizaraõ dos Coutos de Alcobaca Monge Cisterciense, e filho do Real Mosteiro de Alcobaca. Foy muito douto em Direito Pontificio compondio.

Casus abbreviati super Decretales. fol. M. S. Conservase na Bibliotheca do Convento de Alcobaca.

Fr. DIONISIO DE ESTREMOZ cujo appellido tomou da Villa que lhe deu o berço, situada na Provincia do Alentejo. Professo o Instituto Monachal de S. Bernardo em o Real Convento de Alcobaca onde se conserva a seguinte obra que compoz.

Flores Sanctorum. fol. M. S.

DIONISIO GOMES PESSOA natural de Lisboa donde passou a Macáo celebre Colonia dos Portuguezes nos confins da China. Voltando a Portugal a cobrar huma opulenta herança que lhe deixara seu Tio, partio segunda vez para Macáo no anno de 1729. e antes de chegar ao fim da jornada acabou a vida. Era muito versado na lição da Historia Sagrada, e profana, e não menos inclinado aos exercicios da piedade, e devoção. No tempo que assistio na sua patria collegio, e publicou.

Diagoge Christiana continens exercitium quotidianum: modus pie audiendi Missam, & alia exercitia pietatis, omnia ex Variis Authori-

bus collecta. Ulyssipone apud Bernardum da Costa 1726. 12.

DIONISIO DE PINNA natural da Villa de Linhares distante tres legoas da Cidade da Guarda na Provincia da Beira. Entrou na Congregação do Oratorio de Lisboa a 15. de Agosto de 1682. e nella perseverou no estado de Leygo exercitando as virtudes de hum perfeito Congregado até fallecer a 9. de Fevereiro de 1712. Compoz.

Peculio espirital colhido de alguns lugares da Santa Escriitura, doutrina dos Santos Padres, e de outros Santos, e Varoens doutos &c. M. S. 4. Conserva-se na Livraria da Congregação do Oratorio desta Corte.

DOMINGOS DE ABRANTES natural da Villa de Setuval, e muyto exercitado em continuos actos de perfeito Christão, publicou.

Exercicios de devoçoes para ajudar a vivos, e defuntos. Lisboa por Pedro Craesbeeck. 1628. 12. Consta do modo que se deve rezar o Rosario, fazer exame de Conciencia, Oração para antes, e depois da Comunhão, e motivos para focorrer as Almas do Purgatorio.

DOMINGOS AFFONSO morador em Goa Capital do Estado Asiatico Portuguez, e insigne artifice de machinas de fogo, escrevendo.

Artificios de fogo que fez na India no anno de 1684. 4. M. S. Conserva-se na Livraria do Excellentissimo Marquez de Abrantes.

P. DOMINGOS ALVARES natural da Villa da Covilhaã em a Comarca da Guarda da Provincia da Beira, e Religioso de Companhia de JESUS onde foy Coadjutor espirital. Partio para a India em o anno de 1576. e foy Reytor do Collegio de Dâmaõ. Escreveo.

Carta aos Padres da Provincia de Portugal escrita em Goa a 20. de Novembro de 1576. em que lhe narra a sua jornada. M. S.

DOMINGOS ANTUNES PORTUGAL Cavalleiro professo da Ordem de

Christo natural da Villa de Penamacor situada entre Castellobranco, e Monsanto em a Provincia da Beyra. Depois de estar sufficientemente instruido na lingua Latina, e letras humanas passou à Universidade de Salamanca onde teve por Mestres da Jurisprudencia Cesarea aquelles dous insignes Jurisconsultos Francisco de Amaya, e Belchior de Valença celebres pelos seus escritos, dos quaes faz elle agradecida memoria no Tom. de *Donat. Reg.* lib. 1. Prælund. 2. §. 4. n. 3. e Part. 2. lib. 1. cap. 13. n. 139. Com a disciplina de tão famosos Lentos sahio tão consumado na penetração das mayores difficuldades de tão vasta sciencia, que sendo ainda discipulo pudera exercitar o officio de Mestre. Voltando para o Reyno assistio como Procurador da sua Patria, e Definidor de Castellobranco nas Cortes celebradas em Lisboa no anno de 1641. e nellas assinou a 5. de Março do dito anno. Depois de administrar varios lugares em beneficio da Republica foy Conservador da Universidade de Coimbra, Dezembargador da Relação do Porto, e da Casa da Supplicação, de que tomou posse a 3. de Novembro de 1661. e dos Aggravos a 24. de Mayo de 1664. e ultimamente Deputado do Conselho Ultramarino. Morreo em Lisboa em o primeiro de Fevereiro de 1677. e jaz sepultado no Convento de Santo Antonio dos Capuchos desta Corte. Foy cazado com D. Izabel Tabora filha de Salvador Tabora de Negreiros de quem teve a Salvador Tabora Portugal Enviado à Corte de Pariz, e Conselheiro da Fazenda Real de quem se fará menção em seu lugar. Compoz.

Traſtatus de Donationibus Regiis Jurium, & bonorum Regiæ Coronæ Tom. 1. Ulyſſipone apud Joan. da Costa. 1673. fol. Tom. 2. ibi per eumdem Typog. 1675. fol. Sahiraõ mais correctos em hum volume Lugd. apud Joan. Anton. Huguetan 1680. fol. & ibi apud Aniffon, & Poſſuel. 1699. fol.

DOMINGOS DE ARAUJO natural da Villa de Alenquer do Arcebisphado de Lisboa, Bacharel formado pela Universidade de Coimbra em os Sagrados Cano-

nes, e muito perito em os preceitos da lingua Latina. Compoz.

Grammatica Latina novamente ordenada, e convertida em Portuguez. Lisboa por Pedro Crasbeeck 1627. 8. Dedicada a D. Duarte, e D. Francisco de Castellobranco netos do primeiro Conde do Sabugal, Meirinho mór destes Reynos, Embaxador a Castella, e Vedor da Fazenda Real. Sahio reformada, e acrescentada por Antonio Feliz Mendes Mestre de Latinidade. Lisboa por Manoel Fernandes da Costa 1737. 8. Compoz mais:

Prognostico Geral da vida, e costumes do Excellentissimo Senhor Duque de Barcellos feito em Evora a 2. de Abril de 1634. M. S. Este Duque era o Principe D. Theodosio filho delRey D. Joaõ o IV.

Anacephalæosis introductionis in praxim artificialis memoria. M. S. 4. Conserva-se na Livraria do Excellentissimo Marquez de Abrantes.

D. Fr. DOMINGOS BARATA. Naceo no Lugar da Arada situado na Serra da Estrella da Provincia da Beyra sendo filho de Domingos Fernandes Gonçalves Lavrador nobre da mesma terra. Na idade juvenil buscou como mais gloriosa a vida militar assentado praça em a Cavallaria até que cõprindo vinte, e hũ anno preferio o exercicio das letras ao das armas, e na Cidade de Evora depois de estudar Grammatica, Filosofia, e Theologia, em cujas faculdades sahio tão consummado, que levou por opposição hum lugar em o Collegio da Purificação com grande applauzo do seu nome. Ordenado de Presbytero buscou a illustre Religião da Santissima Trindade como seguro asylo para a tranquillidade da sua consciencia professando tão sagrado Instituto em o Convento de Lisboa, quando era Provincial desta Provincia o Mestre Fr. Antonio Correa, Lente que foy de Prima da Universidade de Coimbra. Ensinou aos seus Domesticos as sciencias Escolasticas pelo espaço de 14. annos, cujo tempo para a jubilação prescrevem as Constituições da Ordem, e querendo deixar mayor numero de substitutos da sua profundidade Theologica, depois de se laurear em a Universidade de Coimbra com as insignias doutoraes subio a regentar a Cadeira de Du-

rando, de que tomou posse a 4. de Mayo de 1696. Tendo sido Reytor do Collegio de Coimbra, Secretario do Provincial Fr. Rodrigo de Lancastro, Qualificador do Santo Officio, e Examinador das tres Ordens Militares, conhecendo o Illustrissimo Bispo da Guarda D. Fr. Luiz da Sylva com domesticas experiencias por ser filho do mesmo Instituto Trinitario, o raro talento, de que era ornado, o convidou para dictar Theologia Moral ao Clero do seu Bispado onde foy Ministro da Relação Ecclesiastica, e Examinador Synodal. O mesmo Prélado sendo assumpto à Cadeira Archiepiscopal de Evora, o nomeou seu Bispo Coadjutor a 9. de Mayo de 1699. e foy confirmado pela Santidade de Innocencio XII. com o titulo de Micenia Cidade do Reyno da Morea. No Templo da Santissima Trindade desta Corte foy sagrado pelo Illustrissimo Bispo Inquisidor Geral D. Fr. Jozé de Lancastre a 29. de Junho de 1699. dedicado às Illustres memorias dos Princeses dos Apostolos, como prognostico de ser fiel imitador dos exemplares mais soberanos do Officio pastoral, sendo Assistentes deste acto D. Alvaro de Abranches Bispo de Leiria, e D. Fr. Pedro de Foyos Bispo de Bona. Ao tempo que assistio em Evora foy creado Deputado do Santo Officio desta Cidade em 15. de Setembro de 1700. dõde foy promovido por nomeação delRey D. Joaõ o V. nosso Senhor a Bispo de Portalegre a 22. de Fevereiro de 1707. cuja Diocese governou com zelo, vigilancia, e rectidão até que falleceu a 25. de Abril de 1709. Jaz sepultado na Capella mór da Cathedral junto dos degrãos da parte da Epistola em hum jazigo, que para si tinha mandado fazer seu Antecessor D. Fr. Richardo Ruffel. Foy ornado de admiravel engenho, sublime capacidade, profunda especulação, e de taõ feliz memoria que nunca se esqueceo do que tinha estudado chegando a allegar as folhas, e paragrafos de muitos Authores assim Theologicos como Canonistas, e Legistas por ser versado em todas estas Faculdades, e ainda dos livros de erudição profana de que uzara quando era Soldado. Fazem delle memoria o P. D. Manoel Caetano de Soufa *Cathal. Hist. dos Bisp. Portug.* pag. 132 *Varaõ doutissimo em todas as letras sagradas.* O

Excellentissimo Conde de Monfant. *Cathal. dos Bisp. de Portalegre* §. 17. P. Franc. da Fonsec. *Evor. Glorios.* pag. 315. *Exemplo de subditos, e exemplar de Prélados.* Fr. Pedr. Mont. *Cathal. dos Deput. da Inquisic. de Evor.* n. 104. Sahio posthumo por deligencia de seu Sobrinho o P. Antonio Duarte Rombo Notario da Inquisição de Evora.

Sermaõ do Ato da Fé prégado na Cidade de Coimbra em 14. de Junho de 1699. Evora na Officina da Universidade 1717. 4.

Os Tratados Theologicos dictados assim na Religiaõ, como em a Universidade de Coimbra se conservaõ escritos com a ultima perfeição no Collegio desta Cidade, e Convento de Lisboa promptos para a impressaõ.

P. DOMINGOS BARBOSA filho de Antonio Tavares, e Martha Barbosa naceo na Villa de Arouca do Bispado de Lamego, e em a Cidade de Coimbra renaceo para Deos recebendo a Roupeta da Companhia de JESUS, a 23. de Dezembro de 1610. quando contava quinze annos de idade. Foy insigne professor de letras humanas, e grande Poeta Latino, como mostra a Poesia Alcaica, que compoz sendo Mestre da 7. Classe do Collegio de Lisboa, e se publicou sem o seu nome com este titulo.

Triumphus B. Francisxi Xaverii Ulyssipone celebratus. Sahio em o livro das Festas da Beatificação do Santo Xavier. Lisboa por Joaõ Rodriguez 1621. 8.

Quando era Mestre de Rhetorica em o mesmo Collegio imprimio.

Panegyris Sapientie Ulyssipone in Academico Collegio S. J. habita Kalend. Octobs 1622. pro litterarum studiis auspicanis. Ulyssipone apud Gerardum à Vineã 1622. 4.

P. DOMINGOS BARBOSA natural da Cidade da Bahia Capital da America Portugueza Sendo já Mestre em Artes entrou na Companhia de JESUS, onde viveo com exemplar procedimento. Dictou muitos annos no Collegio da sua patria Theologia, e exercitou o lugar de Mestre dos Novicos deixando aos seus domesticos igualmente herdeiros da sua sciencia, como da sua virtude. Foy a Roma por Procurador:

Geral da Provincia do Brasil, donde voltando a vizitou duas vezes. Depois de ser companheiro de dous Provinciaes, e Reytor do Collegio de Pernambuco falleceo de hum accidente de parlezia a 22. de Novembro de 1685. quando exercitava o Reytorado do Collegio da Bahia, com 62. annos de idade, e quarenta de Companhia. Deixou escrito em verso Elegiaco.

Passio Servatoris nostri JESU Christi. em cuja obra compete a elegancia do metro com a ternura do affecto.

Fr. DOMINGOS DE S. BERNARDINO natural da India Oriental, e Religiofo professo da Serafica Provincia de S. Thomé. Foy Commissario do Santo Officio, e escreveu na lingua Canarina.

Exposiçaõ do Credo. M. S.

Fr. DOMINGOS DA CONCEYÇAM Naceo em Lisboa no anno de 1586. e foy educado no Collegio dos Meninos Orfaõs, onde aprendeo a lingua Latina, e a Faculdade da Musica, em que sahio peritissimo. Ornado com estes dotes, e muito mais com a innocencia dos costumes foy admitido à Religiãõ Serafica em a Provincia de Portugal na qual estudou as Sciencias escholasticas merecendo por seu exemplar procedimento ser eleyto Mestre dos Noviços, e Vigario do Coro no reformado Convento de S. Francisco de Alanquer cujos ministerios exercitou com grande zelo. Cumulado de obras virtuosas morreo no Convento de Lisboa a 12. de Dezembro de 1647. Compoz.

Vida do Ven. Irmaõ Leygo Fr. Gaspar do Espirito Santo. M. S. Desta obra fazem memoria Jorge Cardozo *Agiol. Lusit.* Tom. 2. pag. 762. no Comment. de 23. de Abril letr. G. Fr. Manoel da Esper. *Hist. Seraf. da Prov. de Portug.* Part. 1. Liv. 2. cap. 21. n. 6. e Nicol. Ant. *Bib. Hisp.* Tom. 1. pag. 253. col. 2. Fr. Jacobo Echard *Script. Ord. Præd.* Tom. 2. p. 753. col. 1. escreve de Fr. Domingos da Conceiçaõ Dominico Author da vida de Fr. Gaspar do Espirito Santo que pela identidade do nome, e da obra certamente se enganou querendo attribuir a hum seu Religioso, o que certamente he composiçaõ de Fr. Domingos da Conceiçaõ Franciscano.

Vida do Ven. Fr. Christovaõ da Conceiçaõ. M. S. a qual louvam Cardozo *Agiol. Lusit.* Tom. 3. pag. 146. no Comment. de 9. de Mayo Letr. M. e Fr. Manoel da Esperanc. *Hist. Seraf.* Part. 1. Liv. 1. cap. 33. n. 5.

Vida do Ven. Fr. Antonio de Christo M. S. a qual está composta (como diz Fr. Fernando da Soled. *Hist. Seraf.* Part. 3. liv. 1. cap. 21.) com muito espirito, e contem admiraveis reflexoens, e exemplos Moraes para a direcçaõ da vida Religiosa. Este Livro que he de folha acabou seu Author em 16. de Novembro de 1642. e se conserva na Bibliotheca de S. Francisco da Cidade. Começa. O Doutor da Igreja Santo Ambrosio nos dá huma doutrina, e he que havendo de escrever as vidas dos que se singularizarãõ em virtudes &c. desta obra fazem taõbem mençaõ o P. Fr. Manoel da Esperanc. *Hist. Seraf.* Part. 1. liv. 1. cap. 27. n. 1. e Cardozo *Agiol. Lusit.* Tom. 3. pag. 381. no Comment. de 31. de Mayo Letr. G.

Tratado da Fundaçãõ do Convento de Alanquer. M. S. Esta obra allegaõ Cardozo *Agiol. Lusit.* Tom. 2. pag. 519. col. 1. no Comment. de 11. de Abril letr. B. onde por equivocaçãõ lhe chama Fr. Diogo; e Fr. Joan. à D. Ant. *Bib. Francisc.* Tom. 1. pag. 315. col. 1.

Fr. DOMINGOS DA CONCEYÇAM. Naceo na Freguezia de Nossa Senhora da Expecçaõ de Villar termo da Villa do Cadaval do Patriarchado de Lisboa a 16. de Mayo de 1669. sendo filho de Domingos Dias, e Izabel Carvalha. Professou o habito da Terceira Ordem Serafica da Penitencia no Convento de S. Francisco da Villa do Mogadouro em a Provincia Transmontana a 30. de Setembro de 1687. Acompanhou com o lugar de Capellaõ de hum Terço ao nosso exercito quando penetrou até o Reyno de Catalunha por causa da pertençaõ, que à Coroa de Espanha fez o Archiduque de Austria contra o Duque de Anjú, escrevendo com curiosa observaçaõ as Cidades, Villas, e lugares, em que postou o exercito Portuguez com todas as circunstancias dignas de narraçaõ, cuja obra intitidou.

Diario Bellico. M. S.

A qual conserva em seu poder o Author que presentemente assiste no Convento de Almodouvar em o Campo de Ourique.

DOMINGOS DA CUNHA chamado o Cabrinha pelas feiçoens, e cor morena que tinha, naceo em Lisboa, e logo nos primeiros annos mostrou tal inclinação à Pintura, que seus Pays Gregorio Antunes, e Margarida Pereira o mandaraõ aprender taõ insigne Arte, na qual para fazer os progressos que admirou aquella idade, passou a Madrid onde teve por Mestre a Eugenio Cajés Pintor de Philippe Prudente sendo o mayor discipulo que sahio da sua escola. Voltando para a Patria começou a conciliar pela excellencia do seu pincel as estimaçoens das primeiras Pessoas da Corte, distinguindo-se entre ellas o Inquifidor Geral D. Francisco de Castro, D. Manoel da Cunha Capellaõ mór, e o Conde Camareiro mór Joã Rodriguez de Sá. Os grandes lucros procedidos de taõ primorosa arte os distribuya com summa profusão em escandalofas profanidades que o precipitaraõ em hum tal abifmo de peccados, que para fahir delle se empenhou a divina Graça com repetidas inspiraçoens valendo-se da morte dos amigos, e da molestia das enfermidades para o despertar do letargo em que jazia miseravelmente sepultado. Rendido a taõ forte bateria resolveo largar o mundo, e alistarse na Companhia de JESUS, o que felizmente executou em o Noviciado da sua Patria a 30. de Março de 1632. Nesta sagrada palestra exercitou todas as virtudes heroicas que o fizeraõ digno de huma Santa morte succedida a 11. de Mayo de 1644. quando contava 46. annos de idade, e 12. de Companhia. Deixou em o Noviciado de Lisboa, onde morreo para eternas testemunhas do primor do seu dibuxo, e valentia do seu pincel mais de cincoenta quadros, em que se representaõ as vidas de N. Senhora, Santo Ignacio, e S. Francisco Xavier. Escreveo por preceito do seu Superior o P. Bernardino de Sampayo.

Vida do Irmaõ Domingos da Cunha.

Nella descreve largamente todos os cazos que precederaõ à sua conversão, e varios successos da sua vida depois de professar o Instituto da Companhia, de cuja

obra, e do Author fazem larga memoria Cardozo *Agiol. Lusit.* Tom. 3. pag. 182. e no Comment. de 11. de Mayo letr. M. Franco *Imag. do Novic. da Comp. de Lisb.* liv. 3. cap. 15. até 22. e *Ann. Gloriosf. S. J. in Lusit.* p. 265. e Nadafi *Ann. Diermem. S. J.* Part. I. pag. 261.

Fr. DOMINGOS DO ESPIRITO SANTO natural de Lisboa filho de Balthezar Ferreira, e Anna Pessoa. Professou o Instituto de Eremita Augustiniano no Convento patrio a 2. de Outubro de 1601. e no seguinte partio para Goa onde depois de estudar Filosofia em o Collegio desta Cidade foy Reytor delle por duas vezes. Igualmente era versado na Theologia Moral, como na Historia, e privilegios da sua Ordem. Morreo em Goa no anno de 1628. Compoz diversas obras dignas da luz publica, as quaes são as seguintes.

Chronica da Religião de Santo Agostinho. M. S. Consta de quatro livros. Começa o primeiro *Foy o glorioso, e bemaenturado Padre Santo Agostinho de Africa natural da Cidade de Tagaste.* Conserva-se na Livraria do Convento da Graça desta Corte, como nella vimos.

Manual de Visitadores. 4. M. S. He obra erudita em que mostra a profunda noticia da Theologia Moral, e Canones.

Manual Eremitico. 4. M. S. Contem sumariamente as principaes noticias da Ordem de Santo Agostinho desde a sua Origem.

Origem, progressos, e izençoens das Religiosas Mantellatas Augustinianas. 4. M. S. Todas estas obras se guardaõ na Livraria do Convento de Lisboa.

Exposiçaõ sobre as Constituiçoens da Ordem de Santo Agostinho. 4. 2. Tom. M. S. Esta obra se guardava na Provincia da India, e se perdeo lastimosamente com a morte de Fr. Domingos da Encarnaçaõ Provincial da Congregaçaõ da India succedida na Bahia no anno de 1714. que a trazia para a imprimir.

Historia da fundação do Convento de Santa Monica de Goa 4. M. S. da qual transcreveo grande parte na sua Fr. Agostinho de Santa Maria Agostinho Descalço.

Privilegios dos Missionarios. 4. M. S.

Erros dos Armenios impugnados. 4. M. S.

Estes dous livros se guardaõ na Congregaçãõ da India.

Tratado de Contratos em que se achãõ varias resoluçoens dos contratos de toda a India. M. S.

Dubia Regularia. M. S.

DOMINGOS FERNANDES Piloto mór da Armada Real muyto sciente em a Nautica principalmente nos Portos onde costumavaõ ancorar as náos deste Reyno. Escreveo.

Roteiro da Costa de Angola, e altura de quinze grãos para Loanda de como se corre a Costa, e das conbecensas della, dos Portos, Bahias, Enseadas, Ilheos, Arracifez, o que tudo foy visto, e demarcado pelo conquistador Manoel Correa Pereira, e pelo mesmo Capitaõ mór Domingos Fernandes no anno de 1617. M. S. Conseruava-se na Livraria do Chantre de Evora Manoel Severim de Faria.

DOMINGOS FERNANDES FREYRE Cavalleiro fidalgo da Casa delRey, compoz. *Memorial da Lingua Arabiga.* M. S.

DOMINGOS FRANCO natural da maritima Villa de Peniche do Arcebisnado de Lisboa insigne Piloto o qual descubrio, e escreveo.

Nova derrota para a Navegaçãõ do Maranhãõ. Sahio impressa por additamento em o Regimento de Pilotos.

Fr. DOMINGOS FREYRE Naceo na Cidade do Porto onde teve por Pays a Antonio Ferreira de Lima, e Maria Freyre, e por irmaõ a Fr. Antonio Freyre Eremita Augustiniano, do qual se fez mençaõ em seu lugar. Na idade da adolescencia abraçou o Instituto da Sagrada Ordem dos Prégadores onde depois de aprender as sciencias escholasticas as ensinou com grande applauso até chegar a ser Mestre do numero. Exercitou com zelo o lugar de Deputado da Inquisiçãõ de Coimbra de que tomou posse em 17. de Março de 1667. donde sendo promovido pelo Inquisidor Geral D. Verissimo de Lancastre ao lugar de Deputado do Conselho Geral vago pela promoçãõ de D. Fr. Valerio de S. Ray-

mundo ao Bisnado de Elvas chegando a Lisboa naõ chegou a tomar posse por lho impedir a morte que succedeo a 6. de Janeiro de 1685. *Foy muyto eloquente na lingua Latina* (escreve delle Fr. Pedro Monteiro *Claust. Dominic.* Tom. 3. pag. 190.) *gravissimo Poeta, e hum dos mayores Theologos, que teve este Reyno no seculo passado.* Faz delle repetida memoria no *Cathal. dos Deput. da Inquis. de Coimb.* §. 109. e no *dos Deput. do Conc. Geral.* Traduzio da lingua Latina em a Portugueza.

Vida admiravel, e morte preciosa da bema-venturada Santa Rosa de Santa Maria natural da Cidade de Lima Religiosa da Terceira Ordem de S. Domingos recopilada pelo muito Reverendo Padre Mestre Fr. Leonardo Hasen Provincial de Inglaterra, e companheiro do Reverendissimo Mestre Geral da Ordem dos Pregadores. Lisboa por Joaõ da Costa 1669. 4.

Varios Officios proprios dos Santos da Ordem Dominicana, e outras obras dignas da estimaçãõ, e da luz publica como affirma Fr. Pedro Mont. *Claust. Dom.* affirma allegado.

DOMINGOS GARCIA Varaõ pio, e devoto traduzio da lingua Latina em a Portugueza conforme escreve Joaõ Franco Barreto na *Bib. Portug.*

Meditaçõens de Santa Brigida.

DOMINGOS HOMEM LEYTAM natural do lugar de S. Pedro do Sul do Bisnado de Viseu. Depois de receber o grão de Bacharel em a Faculdade de Direito Cefareo pela Universidade de Coimbra feruio os lugares de Juiz de fora da Villa de Amarante, e da Cidade de Lagos no Reyno do Algarve, Corregedor de Pinhel, e da Cidade de Evora, donde passou a Senador da Relaçãõ do Porto, e da Casa da Supplicaçãõ administrando rectamente a justiça com animo mais inclinado à clemencia, que ao rigor. Morreo em Lisboa em o primeiro de Abril de 1644. Jaz sepultado no Convento de Santo Eloy. Delle fazem memoria D. Franc. Man. *Cart. dos AA. Portug.* Joan. Soar. de Brit. *Theat. Lusit. Litt.* lit. D. n. 33. Nicol. Ant. *Bib. Hisp.* Tom. 2. pag. 673. col. 2. Compoz.

Analysis excellentiarum in jure numeri quina-

rij. Accesserunt nonnullæ allegationes super varijs Juris quæstionibus. Ulyssip. apud Ant. Alvares Typ. Reg. 1643. & Coimbricæ apud. Josef. Antunes da Sylva. 1726. fol.

Fr. DOMINGOS DE SANTO IGNA-CIO chamado no seculo Domingos Montés naceo na illustre Villa de Santarem no primeiro de Fevereiro de 1668. sendo filho de Pedro Fernandes Cortes, e de sua mulher Maria Montes. Logo nos annos juvenis deo evidentes sinaes da perspicacia do engenho com que o dotara largamente a natureza excedendo em a Poesia Latina aos mayores professores desta arte, de tal forte, que se na Classe do seu Mestre entrava alguma pessoa authorizada lhe mandava, que em obsequio della fizesse hum Poema, o que executava com summa promptidaõ. Por esta grande habilidade, e o talento que tinha para mayores sciencias foy admitido à Religiaõ dos Eremitas de Santo Agostinho cujo habito professou no Convento da Graça de Lisboa a 19. de Fevereiro de 1691. onde pelo excessso com que se applicou aos estudos mais severos contrahio huma febre, que lentamente o consumio em Villaviçosa, fallecendo em o mez de Dezembro de 1692. com 22. mezes de Religioso. Deixou para argumento da fecundidade da sua Musa Latina.

Fasciculus Parnasi, sive flores poetici in ætate florescente collecti anno Domini 1687. 4. M. S. que conserva em seu poder o Reverendo Padre Luiz Montes Mattozo sobrinho do Author, a quem devemos esta noticia, como outras muitas que vão nesta Bibliotheca.

P. DOMINGOS JOAM natural do lugar do Valle freguezia de S. Miguel de Bodiosa termo da Cidade de Viseu na Provincia da Beira. Recebeo a Roupeta da Companhia de JESUS em o Collegio de Evora a 21. de Outubro de 1649. em o qual foy Lente de Theologia deixando para testemunho da sua grande especulaçãõ, e sciencia.

Traçtatus de Ecclesia Pontificia, & Concilio M. S. Conserva-se no Collegio de Evora.

Fr. DOMINGOS DE S. JOAM BAUTISTA. Naceo no Conselho de Mossaõ distante cinco legoas da Cidade de Lamego para o Poente onde teve por Pays a Antonio Fernandes, e Maria Diaz. Professou o Instituto Serafico em o Convento de S. Francisco de Setuval da Provincia dos Algarves a 11. de Janeiro de 1705. Foy insigne Vedor de aguas conhecendo pela cor da terra, e qualidade das pedras a altura em que certamente a havia como se experimentou nas que descubrio em Mafra, Villaviçosa, Alcantara, e lugar de Belas. Fitava os olhos no Sol por muito tempo sem que os seus rayos lhe offendessem a vista, de cuja perspicacia era consequencia a virtude de penetrar corpos opacos com admiraçãõ dos circunstantes. Morreo com sinaes de exemplar Religioso em o Real Convento de Enxobregas a 31. de Outubro de 1740. Deixou escrito.

Noticia dos sitios em que se conservaõ águas nestes Reynos de Portugal com as suas alturas, e demarçaoens. M. S. a qual obra conserva em seu poder o Reverendo Padre Mestre Fr. Joaõ de Nossa Senhora Chronista da Provincia dos Algarves, como nos participou.

Fr. DOMINGOS DE S. JOSEPH Naceo na Cidade de Saõ Paulo Capital do Reyno de Angola onde recebeu o habito de Religioso Capucho em a Provincia de Santo Antonio da Bahia, e depois se passou para a Provincia da Arrabida. Foy Confessor do Arcebispo da Bahia D. Joaõ Franco de Oliveira, com o qual se embarcou no anno de 1700. quando se restituhio a este Reyno promovido ao Bispaõ de Miranda, onde foy Examinador Synodal. Compoz.

Sermaõ em a festiva aççaõ de Graças com que os passageiros, e navegantes da Náo S. Joaõ de Deos gratificaraõ ao dito Santo na sua Igreja, o favor de os haver livrado das grandes tempestades, que no anno de 1700. padeceraõ na navegaçãõ da Bahia para este Reyno. Lisboa por Valentim da Costa Deslandes 1708. 4.

Sermaõ da Soledade de N. Senhora Lisboa por Antonio Pedroso Galraõ 1722. 4.

Faz memoria do Author Fr. Joan. à

D. Ant. Bib. Francisc. Tom. 1. pag. 317. col. 1.

DOMINGOS JOSEPH MIGUEL natural da Cidade de Braga. Igualmente pio, e curioso descreveo a montanha, que dista meya legoa daquella Cidade na qual o zelo unido com a generosidade do Illustrissimo Arcebispo Primaz Ruy de Moura Telles edificou varias Capellas em que se veneraõ os Passos da Paixaõ do Redemptor, cuja obra intitoulou.

Jardim doloroso composto de doze retratos do monte da Payxaõ de Christo singularmente dibujados no monte do Bom Jesu junto à antiqua, e augusta Cidade de Braga Primaz das Espanhas. Lisboa na Officina Patriarchal da Musica 1728. 8.

DOMINGOS LOPES COELHO natural de Lisboa ornado de hum genio particular para a Poesia de que deu por manifesto argumento da inclinaçaõ a esta nobre arte a seguinte Obra.

Ecco saudofo, que no coraçã do mayor Monarcha justamente sentido responde ao rigor com que a Parca a impulsos da tyrania o destitubio da posse do seu mayor bem na morte da augustissima, e Serenissima Senhora D. Maria Sofia Izabel Rainha de Portugal. Lisboa na Officina dos herdeiros de Domingos Carneiro. 1699. 4. Consta de huma glossa ao Soneto de Camoens *Alma minha gentil, que te partistes.*

DOMINGOS MACIEL PREGO natural da Villa de Viana em a Provincia do Minho. Ordenado de Presbytero residio muitos annos em Pernambuco onde quando contava a idade de cincoenta, e quatro annos traduzio de Latim em Portuguez.

Racional de Ceremonias, e interprete cuidadoso, materia muito util, e proveitosa não tão somente para todo o Ecclesiastico, mas tambem para todo o Catholico, e curioso colhido do Racional Latino composto pelo Doutor Guilherme Durando Bispo Mimatense. Lisboa por Domingos Carneiro 1679. 8.

DOMINGOS MARTINS REYS natural do lugar de Matozinhos Suburbio

da Cidade do Porto, Piloto muito sciente, e experimentado nas costas, e portos da America de que escreveo no anno de 1628.

Roteiro da Costa do Brasil, do Rio grande, e de toda a Costa do Maranhã atè o Graõ Parã. fol. M. S. Conserva-se o Original na Livraria do Excellentissimo Conde de Castelmelhor.

P. DOMINGOS NUNES natural da Villa da Idanha onde pelos annos de Christo de 369. residia a Cadeira Episcopal que foy transferida para a Guarda por D. Sancho I. com faculdade do grande Pontifice Innocencio III. Teve por Pays a Marçal Nunes, e Catherina Nunes. Na tenra idade de 13. annos recebeu a Roupeta da Companhia de JESUS em o Collegio de Coimbra a 28. de Julho de 1657. Foy Mestre de letras humanas, Rhetorica, e Filosofia, e Theologia em Coimbra, e Lente de Prima em Evora, onde recebeu as insignias doutoraes a 20. de Junho de 1688. Exercitou os lugares de Reytor do Collegio de Lisboa duas vezes, e huma de Coimbra, Preposito da Casa Professa de S. Roque, Provincial, e Qualificador do Santo Officio. Morreo em Coimbra a 30. de Abril de 1713. com 68. annos de idade, e 46. de Religiaõ. Delle fazem memoria Franco *Imag. da Virtud. do Nov. de Coimb.* pag. 615. e *Fonsec. Evora Glor.* pag. 429. Compoz.

Regula honeste vivendi, sive brevis instructio ad recte operandum tradita. Eboræ ex Typog. Acad. 1696. 12. He hum Epitome da obra, que fez o Reverendissimo Geral da Companhia o P. Tyrso Gonzales intitulado *Fundamentum Theologiæ Moralis, sive Tractatus Theologicus de recto usu opinionum probabilium.*

DOMINGOS NUNES PEREYRA natural de Lisboa filho de Diogo Ribeyro, e Brizida da Costa, Presbytero de inculpavel vida, insigne professor de Musica principalmente daquella que se costuma cantar na Igreja merecendo pela sciencia assim practica como especulativa de taõ sonora Arte ser Mestre da Casa da Misericordia de Lisboa donde passou a exercitar o mesmo ministerio na Cathedral por muitos annos donde retirado alguns antes da

fua morte ao lugar de Camarate do termo desta Corte espirou placidamente a 29. de Março de 1729. Jaz sepultado na Capella mór da Ermida de S. Pedro da Freguezia de Saõ-Tiago de Camarate, onde deixou huma Missa quotidiana pela sua alma em todos os Domingos, e dias Santos. Entre as obras Musicas que deixou saõ as principaes.

Responsorios da Semana Santa a 8. vozes.

Responsorios do Officio dos Defuntos a 8. vozes.

Liçoens de Defuntos a 4.

Confitebor a 8. vozes.

Laudate Pueri Dominum a 8.

Laudate Dominum omnes gentes a 4. Vilbanicos, e Motetes a 4. 6. e 8. vozes.

Fr. DOMINGOS DA PAZ natural de Lisboa donde já instruido com as letras humanas passou a Italia, e na Vniversidade de Bolonha se applicou ao estudo de hum, e outro Direito, em que não fez pequenos progressos o seu perspicaz engenho, porem penetrado de superior illustração largou os applauzos que lhe conciliavaõ as suas grandes letras, e vestio o illustre Habito da Ordem dos Prégadores, em cuja Sagrada escola aprendeo a arte de Orador Evangelico em que sahio taõ insigne que era chamado antonomasticamente o *Pregador Espanhol* fendo o theatro das suas Sagradas Declamaçoens a Cathedral de Bolonha, onde teve por ouvinte, e admirador a seu Emminentissimo Arcebispo o Cardial Gabriel Paleoto. Com o mesmo applauzo era ouvido das principaes Naçoens da Europa por ser doutamente versado em diversas linguas. Na idade provecsta para fazer mais univerval a doutrina que inculcava nos seus Sermoens os traduzio da lingua Italiana, em que foraõ prégados, em a Latina com este titulo.

Sermonum in quibus verum Christiani hominis specimen exhibetur Tom. 1. Venetijs apud Franciscum Zilletum. 1580. 4.

Pars secunda Tomi primi De Amore Dei & proximi. ibi apud eundem Typog. eodem anno. 4.

Tomus 2. de amore specialiter quid cui que hominum statui conveniat.

Tomus 3. Quæ sint fugienda, aut sustinenda

mala. Conferva-se M. S. no Convento de S. Domingos de Bolonha.

Summa Casuum Conscientiæ. M. S. Desta obra faz menção Fr. André Roveta in Bib. Chronol. illustr. Vir. Prov. Lombard. Sacr. Ordin. Præd. e do Author a fazem Altamur Cent. 4. pag. 377. Fernand. Not. Script. Ord. Præd. Anton. Possev. Appar. Sacr. pag. 483. Taxand. Cathal. Clar. Hisp. Script. Nicol. Ant. Bib. Hisp. Tom. 1. p. 255. Faria Europ. Portug. Part. 4. cap. 6. Echard Script. Ord. Præd. Tom. 2. pag. 258. col. 1. Joan. Soar. de Brit. Theatr. Lusit. Litter. lit. D. n. 41. Monteir. Clausfr. Domin. Tom. 3. pag. 191.

DOMINGOS PEREYRA BRACAMONTE Naceo em a Villa de Amarante da Provincia de Entre Douro, e Minho em o mez de Settembro de 1606. e teve por Pays a Antonio Pereira Bracamonte, e Maria Teyxeira. Applicou-se à Faculdade da Medicina em a Univerfidade de Coimbra, onde se distinguio entre os seus condiscipulos, cuja arte exercitou muitos annos na sua Patria com igual fortuna que sciencia. Teve genio festivo para a Poesia em que compoz diversas obras merecedoras de univervaes applauzos. *Statura erat parva, gibbosus ipse, sed acutum ingenium, salesque plurimi Medicus, & Poeta (quod de Apolline narratur) non contemnendus;* assim o descreve Joaõ Soar. de Brit. in *Theatr. Lusit. Litter. lit. D. n. 42.* Morreo na sua Patria em o anno de 1658. Compoz.

Banquete que Apolo hizo alos Embaxadores del Rey de Portugal D. Juan. IV. en cuyos platos ballaràn los Señores convidados mezclada con lo dulce de alguna poesia, y politica la conservacion dela Salud humana. Lisboa por Lourenço de Anvers. 1642. 4.

Nesta obra a pag. 8. faz menção de hum livro, que tinha composto em verso heroico, que chamava *filius, seu error juventutis suæ* o qual tinha por titulo.

Velocino de oro.

Fr. DOMINGOS DA PIEDADE Eremita de Santo Agostinho da Congregação da India Oriental muito douto na Theologia Moral da qual deixou composto.

Summa Moral. fol. M. S.

DOMINGOS DO PORTO, cujo appellido indica a Patria onde naceo. Foy grande Jurisconsulto, como se manifesta na douta illustraçãõ que fez.

Ad L. si alij D. de Usu, & usu fructu legato. Da obra, e do Author se lembra Nicol. Ant. *Bib. Hisp.* Tom. 1. pag. 255. col. 1. Taxand. in *Cathal. Clar. Hisp. Script.* e Lipenio *Bib. Real. Jurid.* pag. 557.

P. DOMINGOS RAMOS Naceo em a Cidade da Bahia a 27. de Abril de 1653. onde teve por Pays a Manoel Ramos Parente, e Andreza Cazada, e por irmão a Fr. Ignacio Ramos, Prior que foy do Convento do Carmo desta Corte, de quem em seu lugar se fará distinta lembrança. Na florente idade de treze annos, e trez mezes se alistou na Companhia de JESUS em o Collegio da sua patria a 30. de Julho de 1666. onde aprendeo letras humanas, e as sciencias escholasticas, e em todas estas Faculdades sahio eminente por ser dotado de huma rara comprehensãõ, e admiravel subtilidade. Depois de ensinar humanidades, Filosofia, e Theologia pelo largo espaço de doze annos com applauzo do seu nome, e esplendor da Religiaõ fez a profissãõ do quarto voto a 15. de Agosto de 1686. Foy eleito Procurador geral da sua Provincia à Corte de Roma em o anno de 1694. onde conciliou grandes estimaçoens devidas ao seu profundo talento, e vasta litteratura, principalmente do Reverendissimo Geral Tyrso Gonçalves. Restituido a Patria dictou segunda vez Theologia sendo Decano dos Estudos Geraes do Collegio da Bahia vinte annos. Naõ teve menor engenho para o Pulpito que tinha para à Cadeira merecendo as aclamaçoens de insigne Orador Evangelico. Falleceo na patria a 11. de Julho de 1728. com 75. annos de idade, e 62. de Religiaõ. Publicou.

Sermão nas Exequias da Rainha N. Senhora D. Maria Sofia Izabel celebradas na Cathedral Metropolitana da Cidade da Bahia aos 31. de Março de 1700. Lisboa por Bernardo da Costa de Carvalho 1702. 4.

Sermão nas Exequias delRey D. Pedro II. Senbor nosso celebradas na Cathedral Metropolitana da Cidade da Bahia aos 20. de Outubro

de 1707. Lisboa por Valentim da Costa Deflandes. 1709. 4.

Cursus Philosophicus fol. M. S.

Quaestiones Selectae. M. S.

De Opinione probabili. M. S. Cujo Tratado escreveu por insinuaçãõ do seu Gerál Tyrso Gonzales.

DOMINGOS RODRIGUES. Naceo em Villa Cova da Coelheira em o Bispaado de Lamego em o anno de 1637. Applicouse à Arte de Cozinheiro, em que sahio taõ insigne, que depois de a exercitar nas Casas dos Excellentissimos Marquezes de Valença, e Gouvea, passou a ser Mestre da Cozinha da Casa Real. Morreo em Lisboa a 20. de Dezembro de 1719. com 82. annos de idade. Compoz.

Arte de Cozinha dividida em duas partes. A primeira trata do modo de cozinhar varios pratos de toda a casta de carne, e de fazer conservas, pasteis, tortas, e empadas. A 2. trata de peixes, marisco, frutas, hervas, laticinios, conservas, e doces com a forma dos banquetes para qualquer tempo do anno. Lisboa por Joaõ Galraõ 1680. 8. & ibi pelo dito Impressor 1683. 8. Sahio addicionada com a

Terceira Parte da forma dos Banquetes para qualquer tempo do anno, e do modo com que se hospedarãõ os Embaxadores, e como se guarnece huma Meza redonda à Estrangeira. Lisboa por Manoel Lopes Ferreira 1698. 8. e Lisboa na Officina Ferreiriana. 1732. 8.

DOMINGOS RODRIGUES FAYA natural da Cidade de Portalegre, Presbytero do habito de S. Pedro muito douto na Theologia Moral. Traduzio do Castelhano de Fr. Jayme Corelha em Portuguez acrescentando muitas doutrinas importantes extrahidas dos melhores Authores com as Proposicoens condenadas por Alexandre VIII. e os Casos reservados nos Bispaados deste Reyno com as suas explicaçoens.

Practica do Confessionario, e explicaçãõ das Proposicoens condemnadas pela Santidade de Innocencio XI. e Alexandre VII. sua materia, os casos mais selectos da Theologia Moral, sua forma, hum Dialogo entre o Confessor, e o Penitente. Part. 1. Lisboa por Gabriel Soares 1736. fol.

Parte 2. Lisboa pelo dito Impressor 1737. fol.

Fr. DOMINGOS DOS SANTOS natural de Lisboa chamado no Seculo Domingos Diaz Pinto Religiofo Mercenario Descalço irmão de Fr. João de Christo da mesma Ordem onde exercitou com grande prudencia o lugar de Provincial tres vezes, e foy hum dos Varoens mais graves desta Religião, como escreve Fr. Pedro de S. Cecilio *Chron. dela Merced.* 2. Part. cap 2. fol. 513. Compoz, e publicou em nome da Religião.

Ceremonial, y instruccion de Officios delos Religiosos Descalços de N. Señora dela Merced Redempcion de Cautivos, en que se contiene lo tocante al resado, y celebracion delos Officios Divinos en el Altar, y Coro segun el Breviario, y Missal Romano reformado por Clemente VIII. de Pablo V. y assi mismo loque pertenece a cada uno delos Religiosos segun sus Officios y ministerios. Ronda por André Grande 1630. 4.

Manual del Coro. ibi pelo dito Impressor. 4.

Fr. DOMINGOS TEYXEIRA natural do Conselho de Celorico do Baixo distante para a parte do Nascente duas legoas da Villa de Amarante em a Provincia de Entre Douro, e Minho, filho de Domingos Teixeira, e Serafina de Andrade, Religiofo Eremita de Santo Agostinho, cujo Habito professou no Convento de Lisboa a 30. de Novembro de 1695. Teve bastante noticia da Historia, de cuja applicação publicou as producções seguintes. Morreo no Convento de Lisboa a 17. de Fevereiro de 1726.

Vida de Nuno Alvares Pereira segundo Condestavel de Portugal Conde de Ourem, Arrayolos, e Barcellos, Mordomo mór delRey D. João o primeiro Progenitor da Casa Real pela Serenissima de Bragança em Portugal ascendente das de Castella, França, Austria, Saboya, e dos mais Monarchas Soberanos, Princeses, Potentados, Senhores, e illustres Familias de Europa. Lisboa na Officina da Musica 1723. fol. Esta obra diz Fr. Manoel de Sá *Mem. Hist. da Prov.*

do Carm. de Portug. Part. 1. pag. 322. que está escrita com elegante estilo.

Vida de Gomes Freyre de Andrade General da Artilharia do Reyno do Algarve, e Capitão General do Maranhão, Pará, e Rio das Amazonas no Estado do Brasil. Primeira Part. Lisboa na Officina da Musica 1724. 8.

Segunda Parte. Lisboa por Antonio Pedrozo Galraõ. 1727. 8.

Novena da Conceição da V. Maria Senhora Nossa. Lisboa por Mathias Pereira da Sylva, e João Antunes Pedrozo. 1720. 24.

Fr. DOMINGOS DE SANTO THOMAS Naceo em Lisboa onde teve por Pays a Domingos Carvalho, e Barbara Gomes. Na idade da adolescencia preferio com judiciosa eleição ás outras Familias Religiosas a illustre Ordem dos Prégadores professando o seu Sagrado Instituto a 6. de Março de 1623. Nesta doutissima palestra se anticipou com tal excessso, quando curava as sciencias escholasticas, a todos os seus condiscipulos, que chegou a sua rara comprehensão illustrada pela viveza do engenho a causar admirações, e ainda envejas aos Mestres. Esta sublimidade de talento que movia tantos assombros domesticos os mereceo publicos quando subio à Cadeira para formar dos discipulos Mestres dictando Filosofia, e Theologia com tanta subtileza, e profundidade, que bem parecia lhe illustrava o entendimento a angelica luz do Sol de Aquino. Esta vasta sabedoria que se dilatava por hum, e outro Direito, o constituhião Oraculo da sua idade não havendo controversia grave, ou negocio importante em que não fosse consultado pelas primeiras pessoas da Jerarchia Ecclesiastica, e Secular venerando os seus votos, como Decisoens, de tal forte que a Magestade delRey D. João o IV. o mandou chamar na ultima enfermidade para director da sua consciencia, em a hora do mayor perigo. As aclamações, que alcançou pelo magisterio, ainda que grandes, foram inferiores às que conseguiu pelo ministerio do pulpito chegando a ser Prégador de tres Princeses successivos, quaes foram os Serenissimos D. João o IV. D. Af-

fonso VI. e o Principe Regente D. Pedro, do qual foy seu Padrinho quando recebeo o Sacramento da Confirmação. Neste evangelico theatro representou com taõ vivas cores a imagem de hum Prégador consumado, que conciliou a attenção de numerosos auditorios atrahidos da natural graça, com que se explicava, e da summa clareza com que fazia patentes, e perceptíveis à comprehensão mais rude os textos mais difficultosos de hum, e outro Testamento. O mayor argumento da vastidão da sua sciencia, e da promptidão do seu talento era quando por muitas vezes prégou extemporaneamente em os mayores Pulpitos da Corte parecendo aos juizos mais discretos serem os seus discursos produções de hum estudo muito meditado, e não de hum acaço repentino. Soube com perfeição a lingua Latina, e foy igualmente inclinado à Musica como à Poesia em que fez algumas obras em vulgar. Cumulado de tantos dotes de que a natureza liberalmente o ornara lhe negou a fortuna com injuriosa avareza os premios de que era acredor, porém como o seu animo fosse superior a todo o genero de ambição considerando que não era atendido pelo Reyno, nem pela Religião para algum lugar, costumava dizer com discreta galantaria. *Que lhe davaõ todos o que lhe não podia dar nenhum, porque ElRey lhe preguntava porque o não faziaõ os Frades Provincial; e os Frades lhe preguntavaõ porque o não fazia ElRey Bispo? E que nem os Frades o podiaõ eleger Bispo, nem ElRey Prélado.* Ao tempo que foy Prior do Convento de Lisboa dispendeo com liberal mão do que tinha lucrado com os seus Sermoens em ornato da Igreja mandando dourar o Coro, e sobre as Cadeiras representar em vinte, e quatro quadros os Santos da Ordem dos Prégadores pintados pelo insigne Pintor Bento Coelho o qual o retratou naturalmente na Imagem do B. Ambrosio de Senna. Tambem mandou fazer hum precioso ornamento de tella para as Festas dos Santos Dominicos. Nos ultimos annos da sua idade quando era Regente dos Estudos de S. Domingos de Lisboa conservava com tanta felicidade de memoria as primeiras questoes que estudara, que com pasmo dos circunstantes se alguma dellas se ven-

tilava, arguia, e instava como se actualmente a estivesse dictando. Morreo no Convento de Lisboa a 30. de Junho de 1675. Fazem illustre memoria do seu nome Nicol. Ant. *Bib. Hisp.* Tom. 1. pag. 258. e Tom. 2. pag. 289. Echard *Script. Ord. Præd.* Tom. 2. pag. 654. col. 1. Fr. Pedro Mont. *Clauss. Dom.* Tom. 1. pag. 129. e 144. *havido neste Reyno assim na Cadeira como no Pulpito por Oraculo,* e Tom. 3. pag. 195. *O mayor Theologo dos seus tempos.* Fr. Luc. de Sant. Cather. *Hist. de S. Doming. da Prov. de Portug.* Part. 4. Liv. 1. cap. 5. *Consumado, e grande Theologo, e facilmente Fenix do seu tempo.* D. Luiz de Menez. *Portug. Restaur.* Tom. 1. pag. 900. Sor Violante do Ceo *Rim. Var.* pag. 32.

*Tan singular, en fin tan peregrino
Thezoros de elegancia communicas
Que parece que Spirito Divino.
Te dicta aquello mismo que predicas:
Desuerte en fin explicas
Tus subtilezas raras
Que por razones muchas
Imagino talvez que nó te escuchas;
Porque si te escucharas
Elevado en ti mismo te quedaras.*

Compoz.

Tyrocinium Theologiae in triplex compendium tripartitum Tom. 1. Ulyssipone apud Ant. Crasbeeck de Mello 1668. fol.

Tom. 2. & 3. ibi apud eundem Typog. 1670. fol.

Efcreveo mais difusamente toda a Theologia em 7. Tomos de folha grandes com o titulo de

Manuale Thomisticum

Obra (como escreve Fr. Lucas de Santa Catherina no lugar assim citada) *que examinada por grandes Theologos da Ordem sabio com o credito de consumada, e legitimo parto de tanto talento.* Conserva-se no Archivo de Roma para onde os mandou pedir o Reverendissimo Mestre Geral da Ordem Fr. Antonino Cloche. Desta grande obra se imprimio hum tratado que está inserto na *Controversia* 137. de *Ecclesia, & de aliis, que pertinent ad Ecclesiam,* em o Tom. 10. da *Bibliotheca Maxima Pontificia* à pag. 145. que publicou, e collegio o Illustrissimo Arcebispo de Valença D.

Fr. João Thomaz de Rocaberti Geral que tinha sido da Ordem dos Prégadores.

Triduo de Sermoens Panegyricos do grande Pontifice Pio V. na sua Beatificação. Lisboa por João da Costa 1673. 4.

Predica Sacramental, e hymno Eucharistico fundado em huma Sequencia do D. Angelico Santo Thomaz no Opusculo 57. das suas Obras Tom. 1. Lisboa pelo dito Impressor 1675. 4. Consta de 12. Sermoens, dos quaes o primeiro sahio traduzido em Castelhana pelo Doutor Estevão de Aguilár, y Zuniga Deaõ da Collegiada de Escalona no 2. Tomo da *Laurea Portug.* Madrid por André Garcia dela Igreja 1679. 4.

Tom. 2. Lisboa por João da Costa 1676. 4. Consta de 12. Sermoens, em cujo Prologo se promete que brevemente sahiraõ á luz outros muitos que o Author deixou limados.

Fr. DOMINGOS DE SANTO THOMAZ. Naceo na Villa de Vianna do Alentejo onde recebeu a primeira graça a 25. de Março de 1640. sendo filho de Domingos Lopes, e Igenes Martins. Estudou Grammatica em Evora, e amante da vida Religiosa professou o sagrado Instituto da Terceira Ordem da Penitencia em o Convento de Santarem a 21. de Fevereiro de 1658. quando contava 18. annos de idade. No Collegio de S. Pedro de Coimbra aprendeo, e ensinou as sciencias escolasticas chegando a receber as insignias de Doutor em a Universidade de Evora em o anno de 1674. Foy Qualificador do Santo Officio Examinador das Tres Ordens Militares, e Reytor do Collegio de S. Pedro de Coimbra. O Illustrissimo D. Verissimo de Lancastro Inquisidor Geral confirmando o conceito que formara das suas grandes letras quando vio o parecer que fizera pelo recto procedimento do Santo Officio contra as calumnias dos Christãos novos o nomeou Inquisidor da Cidade de Goa, de cujo honorifico ministerio se escufou pelos achaques que padecia, os quaes o privaraõ da vida no Convento de Lisboa quando era Lente de Prima a 27. de Abril de 1679. na florente idade de trinta, e nove annos. Foy cordial devoto da Imagem do Santo Christo dos Cardaes, que se

venera na Igreja de N. Senhora de JESUS desta Corte, a qual sendo levada a Missaõ da Ilha de Palmide em o anno de 1664. pelos Religiosos Missionarios Fr. Jozè de Santa Maria chamado o Canarim, e Fr. Manoel da Penitencia, compoz.

Romance ao Santo Christo dos Cardaes. Lisboa 1673. 4. Não tem nome do Impressor.

Fr. DOMINGOS DA VEYGA natural da Villa de Estremós na Provincia do Alentejo filho de Antonio da Veyga, e Maria Mendes, Eremita Auguftiniano, cujo Habito recebeu no Convento de Lisboa a 28. de Outubro de 1684. Ao tempo que exercitava o lugar de Prior do Convento de Evora como fosse ornado daquellas partes que constituem hum Orador Evangelico prégou, e imprimio.

Sermaõ da Beatificação do B. João Francisco Regis prégado em o primeiro dia do solemne triduo que celebrou o Collegio da Companhia de JESUS da Cidade de Evora em 11. de Outubro de 1716. Evora na Officina da Universidade 1717. 4.

DOMINGOS VELHO igualmente douto na Faculdade dos Sagrados Canones, em que recebeu o grão de Bacharel na Universidade de Coimbra, como versado nos exercicios da piedade, e devoção escrevendo.

Principio do Divino Amor, e consideraçoes de JESUS. Lisboa por Antonio Alvares 1625. 8. Contem cinco Tratados o 1. da *Oração, e Meditação.* o 2. *Consideraçoes de JESUS, e de sua Payxão.* 3. *Consideraçoes dos Novissimos.* 4. *de alguns remedios, e advertencias para o exercicio da Oração.* 5. *Do Santissimo Sacramento.* Fazem memoria do Author, e da Obra Nicol. Ant. *Bib. Hisp.* Tom. 1. pag. 258. e João Franco Barreto na *Bib. Lusit.* M. S.

Fr. DONATO DE VISEU natural da Cidade, que tomou por appellido Monge Cisterciense, e muyto douto na intelligencia da Sagrada Escritura. Compoz.

Glossa in Epistolas B. Pauli Apostoli ad Romanos. fol. M. S. Volume grande que se conserva no Archivo do Real Convento de Alcobaça.

D. DUARTE unico em o nome, e undecimo Rey de Portugal illustrou com o seu augusto nascimento a Cidade de Viseu a 10. de Outubro de 1391. sendo a terceira produccão do feliz thalamo dos Serenissimos Monarchas D. Joaõ o I. e D. Philippa de Lancastro, que lhe impuzeraõ o nome de Duarte em obsequio de seu Visavo materno D. Duarte III. Rey de Inglaterra. A perspicacia do juizo, e sublimidade do talento que logo na puericia descubriu foraõ infalveis vatinios da cultura dos estudos, e da protecção das sciencias com que se distinguio entre todos os Princeses que adorou a Monarchia Portugueza. Quando contava dez annos de idade foy jurado Successor desta Coroa a 22. de Março de 1401. nas Cortes celebradas em Leiria mostrando já naquelle prologo do seu reynado ser escusada a liberalidade da fortuna para merecer a Coroa. Aspirando a ser herdeiro mais das virtudes que dos dominios de seu grande Pay o imitou com heroica emulaçãõ em a primogenita de todas, qual he o valor de que deu gloriosos argumentos quando o acompanhou juntamente com seus Irmaõs D. Henrique, e D. Fernando na celebre expedição de Ceuta a qual por impulso do seu braço, e direcção do seu conselho se rendeo a 14. de Agosto de 1415. às invenciveis armas Portuguezas. Na madura idade de quarenta, e dous annos cingio a Coroa em 15. de Agosto de 1433. e ainda que foy advertido de hum perito Astrologo dilatasse aquella politica cerimonia para outro dia por ter observado na configuraçãõ dos Astros que dominavaõ aquella hora, ser infausto o seu Reynado, assim em os successos, como em a duraçãõ, desprezou com catholica resoluçãõ o presagio que infallivelmente se cumprio. Para argumento da obediencia obsequiosa aos Vigarios de Christo mandou huma solemne Embaxada ao Concilio de Basilea de que nomeou por Embaxador a seu Sobrinho D. Affonso primeiro Marquez de Valença, o qual foy recebido a 24. de Junho de 1435. por Eugenio IV. com paternal benevolencia, e querendo mostrar-se agradecido ao nosso Principe lhe concedeo o privilegio de ser coroado, e ungido conforme o antigo Ceremonial dos Reys de França. Persua-

dido das instancias de seu irmaõ o Infante D. Henrique resolveo conquistar Tangere nomeando-o General desta empresa, e por companheiro a seu irmaõ o Infante D. Fernando. Aprestouse huma armada em o anno de 1437. guarnecida de quatorze mil Soldados, a qual teve infausto successo pois sendo a Praça combatida pelo espaço de trinta, e dous dias continuos a que se deu principio a 13. de Setembro, naõ sómente foy derrotado o nosso exercito mas entre os pactos que celebraraõ como victoriosos os Mouros, foy o mais fatal, e lastimoso para Portugal deixar ao Infante D. Fernando em refens da Cidade de Ceuta, tolerando este Heróe com heroica paciencia os horrores do carcere, e os ludibrios do cativo até que delle subio triumphante a coroar-se com as insignias de Martyr no Impirio. Esta luctuosa calamidade penetrou taõ altamente o coração do nosso Monarcha, que o reduzio a huma profunda melancolia que mais vigorosamente se augmentou quando vio fulminado o Reyno com o flagello da peste sendo-lhe preciso para escapar da sua violencia discorrer como peregrino por varios lugares até que recebendo na Villa de Thomar huma Carta inficionada do contagio fechou o circulo da vida merecedora de mais prospero reynado a 9. de Setembro de 1438. a tempo que o sol padecia hum grande eclipse, com 46. annos, dez mezes, e nove dias de idade, e de governo cinco annos, e vinte seis dias. Jaz sepultado no Real Convento da Batalha fundado por seu augusto Pay, e por falta de epitafio se lhe podem gravar no Mausoleo estas expressoens metricas do insigne Luiz de Camoens *Lusiad.* Cant. 4. estanc. 51.

Naõ foy do Rey Duarte taõ ditoso

O tempo que ficou na Summa alteza;

Que assi vay alternando o tempo iroso

O bem com o mal, o gosto com a tristeza.

Quem vio sempre hum Estado deletoso?

Ou quem vio em fortuna haver firmeza?

Pois inda neste Reyno, e neste Rey

Naõ usou ella tanto desta ley.

Foy casado com a Rainha D. Leonor Infanta de Aragaõ filha de D. Fernando I. Rey de Aragaõ, e de D. Leonor Condessa de Albuquerque filha de D. Sancho de Albuquerque, e D. Brites Infanta de

Portugal filha de D. Pedro I. Rey de Portugal, cujos augustos despozorios se celebravaõ a 22. de Setembro de 1428. de que naceraõ o Infante D. João, que morreo de tenra idade, D. Philippe que de nove annos passou à vida immortal, D. Affonso, que herdou a Coroa, D. Maria, que não logrou mais que hum dia de vida, o Infante D. Fernando Duque de Viseu, e Pay do Serenissimo Rey D. Manoel, a Infanta D. Leonor, que se despozou com o Emperador de Alemanha Federico III. o Infante D. Duarte que morreo na Infancia, a Infanta D. Catherina, que estando contratada para casar com Carlos Principe de Navarra seu Primo com irmão, e depois com Duarte IV. Rey de Inglaterra desvanecidos estes despozorios falleceo com opiniaõ de virtuosa em o Convento de Santa Clara. A Infanta D. Joanna que casou com Henrique IV. de Castella. Fõra do matrimonio teve a D. João Manoel de quem descendem os Condes da Atalaya. Foy de estatura proporcionada, e de aspecto summamente agradavel pois tinha os olhos castanhos, e alegres, a boca pequena, e cõrada, o cabello da barba louro, e o da cabeça comprido conforme o uzo daquelle tempo. Vestia com pompa sendo mayor quando apparecia publicamente. Foy muito zeloso do culto divino, e das ceremonias Ecclesiasticas, de tal sorte que não dissimulava a menor negligencia em os Ministros do Altar. Venerou com profundo respeito o final da nossa Redempçaõ não permitindo que estivesse esculpido, ou entalhado em lugar indecente. Sem defraudar a justiça de que foy observantissimo cultor, como era de condiçaõ naturalmente benigna se inclinava menos vezes para o rigor, que para a piedade. Amou com taõ inviolavel observancia a verdade que nunca se experimentou a menor infracçaõ na sua palavra. Foy doutissimo na arte da Cavallaria cujos preceitos praticava ayrosamente em ambas as cellas fazendo parar o cavallo, e continuar as voltas de huma escaramuça sem freyo, nem filhas. Occupava algumas horas na Caça da Montaria não só para divertimento do animo, mas para exercicio do corpo. Era naturalmente eloquente uzando de palavras taõ elegantes que conciliava o affecto

de todos. Estimava a conversação de pessoas eruditas, as quaes admittia benevolõ, premiava magnifico. Para indeleveis argumentos do disvelo que dedicara à cultura das sciencias, deixou escritos varios Livros em prosa, e verso. Mandou compilar as leys, que andavaõ dispersas, e reduzidas com bom methodo a hum volume para que fossem observadas, e entre ellas publicou a 8. de Abril de 1434. a Mental de que foy Legislador seu grande Pay, pela qual se prohibe poderem as filhas succeder nos bens da Coroa. Tomou por empreza huma lança em que estava enroscada huma cobra em forma de Caduceo com esta letra *loco, & tempore* symbolizando na lança a guerra, e na cobra a prudencia com que a havia de romper. Ultimamente a natureza o ornou de tantos dotes, e virtudes excellentes, que não deixou lugar para que a fortuna lhe dispensasse as felicidades, que não logrou. Os elogios que à sua memoria consagravaõ os Escriitores são innumeraveis, sendo os principaes Vafconcellos *Anacephal. Reg. Lusit. pag. 165. Fuit sublimi Rex ingenio, & quod sponte sua in altissimas sapientie cogitationes rapiebatur, earumque artium, quæ studiosum suapte indole Principem decent non limina modo salutavit, verum adyta adiit penitiora.* Brito *Elog. dos Reys de Portug. pag. mihi 93. dotado de hum animo sublime, e amigo de alcançar os segredos de cada sciencia que podia caber em hum Rey curioso particularmente de Filosofia moral em que teve muita liçaõ.* Duart. *Nun. de Leão Chron. de D. Duart. cap. 19. como na clareza do juizo elle era insigne, não sómente aprendeo para si, mas para doutrinar a outros.* Faria *Europ. Portug. Tom. 2. Part. 3. cap. 2. n. 22. Sobre la arte dela elegancia que sabia, y exercitava bièn, era naturalmente elegante, e no* *Epit. delas Hist. Portug. Part. 3. cap. 12. Fue aficionadissimo a las sciencias, y en algunas, principalmente en la Filosofia, muy versado.* Marian. *de reb. Hisp. lib. 21. cap. 3. litteris valde deditus.* Le Clede *Hist. de Portug. Tom. 1. pag. mihi 422. col. 2. Il passoit des journées entieres ala lecture des livres de Poésie, & de Philosophie. Il fit de si grands progres dans l'etude del' un, e de l' autre, qu' il composa quelques ouvra-*

ges où l'esprit, le bon sens, e le scavoir brilloient egualmente. Maxiz Dialog. de Var. Hist. Dialog. 4. cap. 5. com o seu florido engenho alcançou tanto de letras, e sciencias, que não somente teve conhecimento de muitas cousas, que he a verdadeira profissão da sabedoria, mas tambem soy author de muitos tratados de erudição, e engenho. Nun. de Ver. Reg. Port. Geneal. pag. 27. v.º litterarum doctrina tantum valuit ut non modo multa cognorit, sed & litteris mandaverit. Sainct. Marth. Hist. Geneal. dela Mais. de Franc. Liv. 42. cap. 5. Il joignit heurensement l'exercice des armes avec la connoissance des lettres, e sciences. Joan. Soar. de Brit. Theat. Lusit. Litter. lit. E. n. 1. Ribeir. Pref. das letr. ás Arm. Jacq. Lenfant. Hist. dela Guer. des Hussit. & du Concil. de Basle Liv. 19. n. 12. Caram. Philip. Prud. pag. 55. Fonsec. Evor. Glorios. pag. 82. Ferrer. Hist. de Espan. Tom. 9. pag. 336. n. 12. Garibay Comp. Hist. de Esp. Liv. 35. cap. 11. pag. 178. Barbud. Empreza. Milit. de Lusit. Liv. 3. pag. 64. Leytaõ Not. Chronol. da Univ. de Coimb. pag. 366. §. 740. até 750. Barbosa Cathal. Hist. das Raynb. de Portug. pag. 346. Anselm. Hist. Gen. e Chronol. de la Mais. Royale de Franc. Tom. 1. pag. mihi 595. Souf. Hist. Geneal. da Caf. Real Portug. Tom. 2. Liv. 3. cap. 7. pag. 492. Compoz.

O leal Concelheiro Dedicado à Rainha D. Leonor sua Esposa. Desta obra fazem menção todos os Escritores da sua vida, como das seguintes

Do Regimento da Justiça, e Officiaes della. Do qual se conservava huma parte na Casa da Supplicação, como escrevem Duart. Nun. de Leaõ Chron. delRey D. Duart. cap. 19. e Manoel Faria, e Soufa Europ. Port. Part. 3. cap. 2. n. 22. Fr. Bernardo de Brito nos Elog. dos Reys de Portug. pag. 93. affirma ter visto alguns fragmentos desta obra em hum livro antigo como do precedente, e de outro que tratava.

Da Misericordia M. S.

De todos elles faz expressa menção Nicol. Ant. in Bib. vet. Hisp. lib. 10. cap. 5. §. 288.

Da Arte de domar os Cavallos. M. S.

Deste tratado se lembraõ Fr. Bernardo

de Brito, e Nicolao Antonio nos lugares já allegados.

Memorias varias. cujo original se conserva na Livraria do Convento de Scala Cæli dos Cartuxos de Evora, do qual mandou extrahir huma copia o Excellentissimo Conde da Ericeira D. Francisco Xavier de Menezes quando governava aquella Cidade, e se guarda na sua numerosa Bibliotheca. As principaes materias, de que trataõ estas Memorias, são as seguintes.

Concelho, ou avizo espiritual contra a intemperança dos desejos. Começa Todo o homem pela graça de Deos deve ter tenção. Acaba. De algumas pessoas que de taes feitos tem pequeno conhecimento.

Concelho sendo Infante para seu Irmaõ D. Pedro quando se partio para Ungria. Começa Conselho para vós sobejo me parece &c.

Conselho, ou avizo espiritual. Começa. Ainda que Deos por sua grande, absoluta, e Sagrada vontade &c.

Summario, que sendo Infante deu a Mestre Francisco para pregar do Condestavel D. Nuno Alvares Pereyra Começa. Gloria et honore coronasti eum Domine. Acaba. Onde perpetuamente há gloria, e honra para sempre se coroe.

Memorial para Fr. Fernando ordenar a Prêgação das Exequias delRey D. Joaõ seu Pay. Começa. Fr. Fernando pensei na atenção do Sermaõ, que no saimento Deos querendo me dissestes, que haviéis de fazer, e ocorreume, o que se segue.

Ordem de como os Infantes baviaõ de proceder com seu Pay. Começa. Muy prezados irmaos &c.

Reposta sendo Principe ao Infante D. Fernando sobre certas queixas, que elle tinha de seu Pay.

Declaração da intenção, que havemos ter para nos salvar.

Da Maneira de ler os livros. Começa. Alguma hora não leais muito.

Regimento para aprender a jogar as armas.

D. DUARTE filho illegitimo delRey D. Joaõ o III. que o teve sendo Principe de Isabel Moniz Moça da Camera da Rainha D. Leonor terceira mulher delRey D. Manoel, naceo em Lisboa no

anno de 1521. Aprendeo os primeiros rudimentos no Mosteiro de Santa Marinha da Costa junto a Guimaraens, onde foy director da sua puericia Fr. Diogo de Murça Religioso de S. Jeronymo, ornado de igual prudencia, que litteratura. Ao cumprir quatorze annos se applicou juntamente com o Senhor D. Antonio filho do Infante D. Luiz às letras humanas, que lhe dictou Ignacio de Moraes. Ouvio Filosofia do Mestre Henrique Cayado, Theologia dos Doutores Marcos Romeiro, e Pedro Margalho insignes nestas faculdades, que depois as leraõ com grande applauso em a Universidade de Coimbra. Com a disciplina de taõ doutos varoens sahio confumado assim nas sciencias amenas, como em as severas. Soube com perfeiçãõ os preceitos da Musica, e tocava os instrumentos com igual suavidade, que destreza. Foy insigne na Arte da Cavallaria, e muito ayroso em ambas as fellas. Todos estes dotes se illustravaõ com hum genio suave, e condiçãõ affavel com que conciliava os animos; huma prudencia mais propria de annos provectos, que da florente idade que contava, hum juizo claro, e capaz de emprender, e conseguir açcoens heroicas. Ao tempo que possuya o Priorado de Santa Cruz de Coimbra, e as Abbadias de S. Miguel de Refoyos, S. Martinho de Caramos, e S. Joaõ de Longavares o nomeou seu Pay Arcebispo de Braga, e querendo que se sagraste na sua presença lhe ordenou passasse a Lisboa, e antes de obedecer a este preceito entrou em Braga a 12. de Agosto de 1543. onde deixou eternas saudades da sua Pessoa. Logo que chegou à Corte foy recebido por seu Pay com extraordinarias significaçoens de jubilo que brevemente se transformou em profundo sentimento caufado da sua morte a 11. de Novembro de 1543. em o Palacio dos Estãos quando tinha 22. annos incompletos. Esta intempestiva fatalidade não sómente penetrou o coração das Pessoas Reaes, mas de toda a Corte. Foy sepultado no Real Convento de Belem em huma sepultura pouco levantada do pavimento, e sobre ella está gravado o seguinte epitafio.

Regia tantillo proles Eduardus humatur

Nec juveni voluit parcere Parca, loco.

*Primates, Dominumque electum Brachara deslet
Quem virtus poterat reddere legitimum.*

O insigne poeta Francisco de Sá, e Miranda na Carta 3. escrita a seu Irmaõ Mem de Sá diz fallando deste Princepe.

*Vistes huma claridade
Que de cà te lá correo
Como rayo em tal idade
Tanto saber, tal bondade
Num momento escureceo.
Alma Bemaventurada
Daquelle moço taõ nobre
Chegaste a alta affomada.
Tudo te pareceo nada
Quanto dali se descobre.*

Semelhantes elogios lhe dedicaraõ D. Rodrigo da Cunh. *Hist. Eccles. de Brag.* Tom. 2. cap. 77. *bom Filosofo, e Theologo, e nas letras humanas teve tanto cabedal que começou a escrever na lingua Latina a Historia dos Reis de Portugal.* Eduard. Non. de Ver. Reg. Portug. Genealog. pag. 38. *Juvenem optima indolis, bonarum litterarum, Philosophia, & Theologia studiis aprime eruditum, & omnibus corporis, & animi dotibus ornatissimum.* Esperanc. *Hist. Seraf. da Prov. de Portug.* Part. 2. Liv. 9. cap. 33. n. 3. *por suas muitas partes chamado as delicias da Corte de Portugal.* Vasconc. *Anaceph. Reg. Lusit.* pag. 302. *animi vere regii pietate insignis, animarum studio fervens, humanioribus litteris Philosophia, ac Theologia luminibus exornatus.* Le Clede *Hist. Gen. de Portug.* Tom. 1. pag. mihi 709. *Il entendoit, & parloit parfaitement bien le Grec, & le Latin: il avoit une grande connoissance del' Histoire, e travailloit a celle de Portugal.* Faria *Europ. Portug.* Tom. 2. Part. 4. cap. 2. *Princepe piedoso, y docto.* Sainct. Marth. *Hist. Gen. e Chronol. dela Mais. royal de Franc.* Liv. 43. cap. 4. *Il estoit bien verse en la Philosophie, Theologie, e aux letres humaines.* D. Nicol. de Santa Mar. *Chron. dos Coneg.* Reg. Liv. 9. cap. 35. Andrad. *Chron. delRey D. Joaõ o III.* Part. 3. cap. 95. Joan. Soar. de Brit. *Theatr. Lusit. Litter. lit. E.* n. 2. Soufa *Hist. Gen. da Casa Real Portug.* Tom. 3. Liv. 4. cap. 14. Anselm. *Hist. Gen. e Chronol. dela Mays. Royal de France* Tom. 1. pag. mihi 605. *Efcreveo.*

Historia Regum Portugallia da qual remeteo a vida delRey D. Affonso Henriquez (como já a tinha escrito no mesmo idioma seu Tio o Infante Cardial D. Affonso) ao Embaxador desta Coroa que assistia em Roma, encomendando-lhe a offerecesse à censura dos melhores professores da lingua Latina, e posto que occultou o seu nome para que fosse sem adulação criticada mereceo os elogios de todos que a leraõ, e sómente alguns reparáraõ ser o estylo excessivamente elegante, como producção de annos juvenis. Nicoláo Antonio na *Bib. Hisp.* Tom. 1. pag. 258. col. 2. affirma que lhe mostrara o Original desta obra Bento Mellino Bibliothecario em Roma da Serenissima Rainha de Suecia Christina Alexandra, e que o achara com muitas palavras riscadas, e acrescentadas outras sobre as regras do Original, donde se persuadira que foraõ emendas de algum homem erudito, a quem se cometera a sua correção.

Oração em losvor da Filosofia recitada no Real Collegio da Costa, dia de S. Jeronymo. Começa *Plataõ excellentissimo Pay da Grega Attica eloquencia, e de toda a Filosofia primario prudentissimo.* Conserva-se o Original na Livraria da Cartuxa de Evora, e sahio impressa no 2. Tomo das *Prov. da Hisp. Geneal. da Casa Real Portug.* composta pelo P. D. Antonio Caetano de Soufa Clerigo Regular. Prova 138. Lisboa Na Officina Sylviana Real, e da Academia 1741. 4. grande.

D. DUARTE irmão do Serenissimo Rey de Portugal D. João o IV. e filho de D. Theodosio segundo do nome, setimo Duque de Bragança, e de D. Anna de Velasco filha de D. João Fernandes de Velasco setimo Condestavel de Castella Camareiro mór de Filippe III. e seu Copeiro mór, do Conselho de Estado, Presidente de Italia, 3. Duque de Frias 8. Conde de Haro, e de Castel novo, e de D. Maria Giron filha de D. Pedro Giron primeiro Duque de Ossuna, 6. Conde de Urenha, Camareiro mór, e do Conselho de Estado de Filippe II. e de D. Leonor de Gusmaõ filha de D. Affonso de Gusmaõ 4. Duque de Medina Sidonia. Naceo em Villa-viçosa solar desta Serenissima

Casa a 30. de Março de 1605. e na Capella Ducal recebeo a primeira graça conferida por seu Tio o Senhor D. Alexandre Arcebispo de Evora. Aprendeo a lingua Latina, e letras humanas com o Doutor Manoel do Valle de Moura Varaõ de inculpavel vida, e grande litteratura, de cuja disciplina sahio naõ sómente instruido nestas faculdades, mas amante de todas as sciencias, das quaes juntou com estudivosa applicação huma Livraria mais estimavel pela qualidade que pelo numero de livros, a qual celebrou com estas vozes metricas o elegante Poeta Manoel de Galhegos no *Templo de Memor.* Liv. 4. Estanc. 51. 52. e 53.

He regalo esta Casa soberana

Do generoso Principe Duarte,

Nella como na Salla Vaticana

Se honra o estudo, se acredita a arte:

E illustres livros de ouro guarnecidos

Em muitos Orbes luzem divididos.

Aqui em varios idiomas, e em diversos

Estilos a Poesia insigne soa;

Doutos volumes de galhardos versos

Cercaõ a Casa a modo de Coroa.

E a mayor parte de huma, e outra Estante

Honra da Historia o numero elegante.

Aqui gloriosa a Astrologia impera

Aqui a Musica reyna; aqui jucunda

Tem a Filosofia a sua esfera,

E a sciencia Sagrada alta, e profunda:

Em fim tem nesta Casa illustre assento

Tudo que objecto he do entendimento.

Anhelando o seu heroico espirito a illustrar com tymbres novos o esplendor do seu nascimento resolveo seguir o exercicio das Armas para o qual achava em o seu genio inclinação, e em seus Augustos Avós exemplo. Para executar taõ nobre designio sahio da Patria no anno de 1634. com beneplacito de seu Irmão que lhe destinou por seu Apozentador mór Francisco de Soufa Coutinho que depois em diversas Embaxadas deu a conhecer ao mundo a profunda politica de que era ornado o seu talento, com sessenta criados de diferentes foros levando creditos abertos em as Cidades mais famosas de Alemanha, Italia, e França. Tendo recebido notaveis significações de benevolencia da Archidueza Claudia de Medicis Viuva do Archi-

duque Leopoldo, que affistia na Cidade de Inſpruch junto do Tirol proſeguiu a jornada até Nuſterf diſtante huma legoa da Corte do Emperador, que ſem atender às oppoſições do Conde de Oñate Embaxador de Caſtella lhe deu o tratamento de Principe do Imperio. Gemia neſte tempo opprimida toda Alemanha debaixo das victorioſas armas de Guſtavo Adolfo Rey de Suecia, e para moſtrar que não viera para expectador daquelle ſanguinolento theatro, mas para o mayor instrumento da liberdade Germanica, empunhou as Armas achandoſe na tomada da Praça de Amelaõ na Pomerania, de Caminis em Saxonia onde os Magiſtrados lhe entregaraõ as chaves implorando a ſua proteçaõ, e a de Saverne, em que deu os mais affinalados argumentos de ſeu valor principalmente na batalha de Biſtoch, na qual como General de Batalha cauſou envejas ao Conde Mathias Galeazzo Comandante do Exercito Imperial aſſim na disciplina, como no ardor com que acometeo, e derrotou os inimigos. Com o deſejo de ver ſeu irmaõ, cuja auſencia ainda que era de quatro annos lhe era muito ſaudofa, paſſou a Portugal no anno de 1638. e depois de ſer recebido com exceſſivo affecto partio brevemente a 13. de Dezembro do dito anno chamado pelo Emperador para continuar a Campanha. Tanto que chegou lhe deu o Regimento da Banda Negra, e o fez General da Artilharia, poſtos da mayor eſtimaçaõ nas ordenanças Militares do Imperio, e continuando com o meſmo ardor a guerra, acabada a Campanha em Dezembro de 1640. ficou aquartelado em Suevia tres legoas de Ulma. Neſte anno fatal para Caſtella, e fauſtiſſimo para Portugal ſe aclamou legitimo Soberano da Coroa Portugueza o Senhor D. Joaõ o IV. cuja noticia chegando primeiramente aos Miniſtros de Eſpanha, que ao Infante, reprezentaraõ ao Emperador que logo o prendeſſe, pois privava a Portugal de hum General para a ſua deſenſa, e de hum Succellor mais para a Coroa. De taõ perdido conſelho foy Author D. Francisco de Mello Plenipotenciario del Rey Catholico em Viena, o qual degenerando do Real Sangue da Caſa de Bragança, que lhe circulava nas veyas, ſe declarou com eterna in-

juria do ſeu nome mais affecto aos ſeus interesses politicos, que aos vinculos de parenteſco taõ illuſtre. Irreſoluto com taõ feya execuçaõ Fernando III. reſiſtio por algum tempo às continuadas iſtancias com que o odio Caſtelhano pertendia, que elle offendeſſe a innocencia, e caſtigaffe o merecimento, até que por diligencia do Marquez de Caſtello Rodrigo que ſucedera em negociaçaõ taõ indigna a D. Francisco de Mello, condeſcendeo atrahido da ambiçaõ de quarenta mil cruzados para que ſem reſpeito à liberdade do Imperio, às leys da hospitalidade, e o que he mais à infracçaõ da ſua palavra tantas vezes ratificada mandaffe prender ao Infante em Ratiſbona a 4. de Fevereiro de 1641. onde depois de eſtar dezoito mezes foy conduzido por duzentos, e cincoenta Soldados ao Caſtello de Milaõ, e na Torre da Roqueta deſtinada para os aggreſſores dos delictos mais atrozes foy recluſo onde ſofreo com heroico animo pelo largo eſpaço de ſete annos todo o genero de tormentos, e ludibrios, que pode idear a tyrania, pois não lómente o privaraõ da comunicaçaõ dos ſeus Criados, e da eſpiritual conſolaçaõ do ſeu Confellor, mas o prenderaõ com huma forte cadeya, que ſervia de perpetuo deſpertador do ſono unico alivio das infelicidades até que rendida a humanidade à violencia de tantas tribulaçoens voou o ſeu eſpirito a coroar-ſe no eterno deſcanço a 3. de Setembro de 1649. quando contava 44. annos 5. mezes, e 4. dias de idade. Teve a eſtatura grande, mas proporcionada, a prezença gentil, a cor do roſto branca, e rozada, o cabello louro, os olhos grandes, e alegres, e o corpo ayrozo, cujas partes lhe conciliavaõ tal bizaria, e gravidade, que affirmou o Emperador Fernando II. a primeira vez que o vio, ſer digno de hum Imperio. Naturalmente era dotado de condiçaõ affavel, e animo generoſo, donde procedia não haver neceſſidade a que promptamente não focorreſſe merecendo a amavel Antonomafia *de Pay de Soldados*, aos quaes poſto que obſervantiſſimo da disciplina militar tratou como companheiros, e não como ſubditos. O valor regulado pela prudencia lhe fez obrar acçoens dignas de eterna recomendaçaõ, de

que foraõ envejofos expectadores os mais disciplinados Generaes de Alemanha. No feu religioso coração teve a piedade perpetuo domicilio, naõ deixando entre o eftrodo das armas, e continuas marchas do exercito de affistir ao Sacrificio da Miffa, recitar as Horas Canonicas, e fazer outras devoçoens quotidianas. Foy instruido nas letras humanas, e Artes liberaes fallando com pureza, e desembaraço as lingoas Latina, Franzeza, Italiana, Hespanhola, e Tudefca, com que fe fazia amavel aos feus naturaes. Ao feu retrato aberto em huma lamina em Pariz onde fe representa prezo, fe lhe gravou na parte inferior este epigramma.

Pro meritis carcer, pro lauro vincula dantur

Virtus crimen habet, gloria supplicium:

Viltrices onerant immania pondera palmas,

At nequeunt palmas pondera deprimere.

Venditus argento tandem das inelyte Princeps

Effigiem Christi non Eduarde tuam.

D. Luiz de Menezes Port. Ref. Tom. 1. liv. 3. pag. 197. escreve em feu applauso. *Era valeroso em gráo muito supremo, e trazia unidos na esfera mais superior o entendimento, e a prudencia. Esmaltava estas partes com huma liberalidade taõ afavel, que parecia ficava obrigado a todos os que fazia beneficios.* Soufa de Macedo Lusit. lib. lib. 3. c. 7. n. 20. *Quem lux præstantissima forma ad imperandum edidit venusto cum gravitate vultu, procerò corpore cum venustate; quem pietas, prudentia, fortitudo, urbanitas, liberalitas dotes animi comitantur; quem ars ita perfecit ut eum ab Appolline, ac Marte credas educatum.* Mend. Sylva Cathal. de Espan. fol. 98. *Cuya virtud, prudencia, y ualor es bien conocida en el Imperio de Alemaña.* Luiz Marinho de Azevedo Exclam. Polit. p. 5. *Quien ignora loque nuestro Infante hiso al Emperador Ferdinando III? Quien nõ tiene bastante noticia de aver consagrado su juventud florida a la eternidad de fama immortal? Quien dexa de saber, que el inimigo le tembló armado en la campaña? Que su discurso se adelantó a las mas veteranas experiencias?* Menezes Hist. Lusit. Tom. 1. lib. 3. pag. 228. *Erat præstanti formæ dignitate præditus, statura militari, pecuniæ liberalis, gloria cupidus, animi, & corporis viribus acer,*

sublimique ingenio. Souf. Hist. Geneal. da Caf. Real de Portug. Tom. 6. liv. 6. cap. 19. e M. Le Clede Hist. Gen. de Portug. Tom. 2. pag. mihi 443. até 451.

Compoz.

Restauracion del Imperio y relacion abreviada de todo lo sucedido en los exercitos Cesareos, en que personalmente há affistido el Conde Mathias Galeazzo, despues que governa las armas de su Magestad Cesarea. fol. M. S. Esta relação como escreve D. Luiz de Menezes Portug. Ref. Tom. 1. liv. 3. pag. 186. he de estylo taõ levantado, de linguagem taõ excellente, de termos Militares taõ proprios, e de juizos, e conceitos taõ superiores, que naõ só pôde competir, mas exceder a tudo quanto tem escrito as pennas melhor aparadas. Conservase este papel da propria letra do Infante na Livraria de Luiz de Sousa filho 2. do Conde de Miranda Capellaõ mor do Principe D. Pedro, Arcebispo de Lisboa &c. A esta obra intitula *Annaes de Alemanha* D. Fernando de Menezes in Hist. Lusit. Tom. 1. liv. 3. pag. 228.

Varias Poefias. Sahiraõ impressas em Milaõ com o nome suposto de Joaõ Bautista de Leaõ Secretario do Infante de quem certamente era esta obra, como affirma o Padre Francisco da Cruz nas Mem. M. S. para a Bib. Port. dizendo, que assim o ouvira a pessoas graves no tempo, que affistira em Roma.

Arvore Genealogica da Casa de Bragança. M. S.

Do modo como se devem fortificar as Cidades. M. S.

Varios papeis de grande erudição, e importantes documentos de que se valeo para diversas occasioens feu irmaõ ElRey D. Joaõ o IV. Conservaõ-se na Secretaria de Estado, como dizem Menezes Port. Restaur. Tom. 1. pag. 297. e Soufa no lugar assima citado pag. 628.

Carta escrita de Alemanha a seu irmaõ ElRey D. Joaõ o IV. a 3. de Setembro de 1635. em que relata os successos da Campaña. Sahio impressa nas Exclamac. Polit. do Capitaõ Luiz Marinho de Azevedo pag. 12. e no Tom. 6. da Hist. Gen. da Caf. Real Portug. pag. 596.

DUARTE DE ALBUQUERQUE COELHO Marquez do Baſto, Conde, e Senhor de Pernambuco, das Villas de Olinda, S. Francisco, Magdalena, Bom Sucesso, Villa Fermosa, e Igaracù, Gentilhomem da Camara de Filippe IV. e do ſeu Conſelho de Eſtado em Portugal, naceo em Lisboa a 22. de Dezembro de 1591. e a 29. do dito mez recebeu a graça bautifmal na Parochia de S. Nicoláo ſendo ſeu Padrinho D. Diniz de Lancastro Commendador môr de Aviz. Teve por progenitores a Jorge Coelho de Albuquerque, Senhor, e Governador da Capitania de Pernambuco, e D. Anna de Menezes ſua 2. mulher, filha de D. Alvaro Coutinho irmão de D. Francisco Coutinho Conde do Redondo, e Vice-Rey da India. Foy ornado de juizo prudente, valor heroico, condição affavel, e liberalidade profuſa. Vendo inuadida a Capitania de Pernambuco no anno de 1630. pelas armas Olandezas paſſou com exemplo poucas vezes practicado a America, querendo ter por companheiros na infelicidade aquelles que na paz o reconheciam por Superior. Neſta Guerra, que durou o largo eſpaço de nove annos, obrou façanhas dignas do ſeu illuſtre nascimento, e para que o mundo conheceſſe que igualmente era verſado na palestra de Marte que na de Minerva eſcreveo com eſtilo claro, e ſuccinto.

Memorias Diarias dela guerra del Brazil por diſcurſo de nueve años empeçando deſde el de 1630. Madrid por Diego Dias dela Carrera Impreſſor del Reyno. 1654. 4.

Manoel de Faria, e Soufa *Fuent. de Aganip.* Part. 4. lhe dedica a Egloga 6. celebrando o ſeu nome com eſtas vozes metricas.

Vós digna deſcendencia

Das luzes de Coelho, e Albuquerque,

Por quem de Jove a ſumma Omnipotencia

Quer que a Fama ſonora o mundo cerque;

Se amais ſonante a ſeus elogios baſta

Digniſſimo Dinasta

Na Luſitania nova

Do Emporio mais notorio

Ao mais notorio Emporio

Dos que fazem a Europa mais ſoberba;

Donde voſſos Avos illuſtre prova

Do ſeu valor fazendo

Contra gente ſelvatica, e proterva

Se foraõ no dominio ſucedendo;

Até que os caſos varios

Que na Roda fatal ſão ordinarios

Là vos levarão a tomar a Lança

Contra a ſua mudança

Onde claro moſtraſtes

Que nada de tal luz degeneraſtes.

Vós que a lança deixando

Naõ ſem felices glorias

A pena eſtais tomando

Para deixar ao mundo

As Diarias Memorias

Do que obraſtes, e viſtes

Em quanto vezes nove andou girando

Polo cinto rotundo

Dos Animaes luzentes

O Carro luminoso

Ornado de topazios, e amatiftes.

Compoz mais

Compendio delos Reys de Portugal. Eſcrito no anno de 1652. cujo Original em folha ſe conſerva na Livraria do Excellentiſſimo Marquez de Valença. Começa em o Conde D. Henrique, e acaba com a morte do Cardial Rey D. Henrique. Principia *Aunque avemos de eſcribir recopiladamente las vidas delos Reys de Portugal.* Acaba *Hasta que EIRey D. Felippe ſegundo de Caſtilla, y primero de Portugal entrò, y ſucedio en eſtos Reynos.* Eſtá compoſto eſte Compendio com muitas circumſtancias dignas de memoria que ſe naõ achaõ nas Chronicas dos Reys de que eſcreve, e certamente he obra capaz de ſe imprimir.

Compendio delas Vidas delos Reys de Aragon, Navarra, Napoles, Sicilia, y Condes de Barcelona. fol. M. S. Conſerva-ſe na Livraria do Excellentiſſimo Marquez de Abrantes

Morreo em Madrid a 24. de Setembro de 1658. com 67. annos de idade, e jáz ſepultado no Convento de Santa Barbara de Mercenarios Defcalços. Foy cazado com D. Joanna de Caſtro filha de D. Diogo de Caſtro II. Conde do Baſto, Capitaõ de Evora, Commendador de Almodouvar, e Garvaõ na Ordem de Saõ-Tiago, Regedor das Juſtiças, Prezidente do Dezembro do Paço, do Conſelho de Eſtado, e Guerra, e Vice-Rey de Portugal, de quem teve unicamente a D. Maria Margarida de Caſtro, e Albuquerque, que caſou com D. Miguel

de Portugal VII. Conde do Vimioso, Senhor da Caza do Condado do Baço, e da Capitania de Pernambuco, Governador de Evora, do Conselho de Guerra, Estribeiro mór da Rainha D. Maria Francisca Izabel de Saboya, de quem não teve descendencia.

Fr. DUARTE ALVARES natural de Villa-veiosa Eremita de Santo Agostinho, e celebre Theologo em o Convento de Salamanca, donde o mandou o Geral Fr. Jeronimo Seripando em o anno de 1543. quando visitou este Convento, ler Theologia em o de Pariz cujo magisterio exercitou com applauzo universal sendo Regente dos seus estudos pelo largo espaço de treze annos. Depois de se laurear Doutor em a Universidade Parisiense foy prégar no anno de 1546. os Sermoens da Quaresma em a Cathedral de Anveres, onde mereceo as aclamações de insigne Orador Evágelico. Foy muito estimado da Rainha de França D. Leonor mandando-o por Embaxador a seu Irmaõ Carlos V. no anno de 1550. Ao tempo que era Vigario Geral das Provincias de França se restituhio à de Portugal em o anno de 1552. e conhecida a sua grave prudencia, e profunda sabedoria a Rainha D. Catherina o elegeu no anno de 1560. seu Confessor. Estes dotes o fizeraõ digno de visitar a Provincia no anno de 1565. por patente do V. P. Fr. Luiz de Montoya Vigario Geral, e prezidio ao Capitulo celebrado no Convento de N. Senhora da Graça de Evora em o anno de 1574. em o qual falleceo em Lisboa. Fazem delle memoria Camargo *Epit. Hiflor.* fol. 209. e Nicol. Ant. *Bib. Hifp.* Tom. 1. p. 258. col. 2. Compoz.

Traçtatus Varij Theologici fol. 2. tom. M. S. de cuja obra, e do Author se lembraõ Elfsio *Encom. Auguf.* e Herrer *Alphabet. Auguf.*

Fr. DUARTE DE ARAUJO natural da Villa de Thomar, e dignissimo alumno da Militar Ordem de Christo, da qual não sómente foy Geral eleito a 22. de Abril de 1580. mas o mayor instrumento da sua conservaço, pois havendo o Cardial D. Henrique alcançado hum moto proprio de Gregorio XIII. para a sua

extinçã, movido do zelo, e amor, que professava a taõ illustre May, passou a Roma, onde pela actividade da sua deligencia authorizada com as letras que tinha, fez que o Summo Pontifice revogasse a Bulla que mandara expedindo outra em que não sómente conservava a Religiaõ no estado em que permanecia mas ampliou com larga beneficencia os seus Privilegios. Nesta famosa Corte conciliou as atenções das principaes Pessoas, que nella floreciaõ, distinguindo-se entre todas o insigne Doutor Martim Aspilcueta Navarro escrevendo no *C. Statuimus* n. 32. *Cum in tuis omnibus sibi quam simillimo D. Eduardo de Araujo negotia celeberrimi, & etiam quoad clausuram reformatissimi Monasterij Thomariensis Ordinis Cisterciensis in Urbe agenti, qui mihi multis nominibus est suspiciendus.* Tanta era a sua autoridade, prudencia, e litteratura, que mereceo quando era Prior mór o levasse à maõ direita Philippe Prudente em a Procissã de Corpus Christi, que acompanhou em Lisboa, e à esquerda o Commendador mór. Cheyo de virtuosas obras passou à vida eterna em o Convento de Thomar a 17. de Abril de 1599. em cujo dia faz delle memoria Jorge Cardozo *Agiol. Lusit.* Tom. 2. pag. 617. e no Comment. de 17. de Abril letr. G. Nicol. Ant. *Bib. Hifp.* Tom. 1. pag. 259. col. 1. e Tom. 2. pag. 290. col. 1. Soveral *Hifp. de N. Senbor. da Luz* Liv. 1. cap. 11. fol. 29. Fr. Ant. Yepes *Chron. Gen. de S. Benit.* Tom. 2. Cent. 2. cap. 2. fol. 220. v.º e a *Bib. Magn. Eccles.* Tom. 1. pag. 530. col. 2. Compoz.

Vida de Santa Iria V. e M. Coimbra 1597. 4. a qual escreveo mais difuzamente Fr. Isidoro Barreira Religioso da mesma Ordem Militar de Christo.

DUARTE BARBOSA natural de Lisboa filho de nobres Pays, ornado de espiritos generosos, que o moveraõ o deixar a patria, e discorrer por todo o Oriente, observando com curioso exame as situações das terras, os costumes das gentes, as virtudes das plantas, e a preciosidade das pedras daquellas vastissimas regioens, escrevendo com grande individuação tudo quanto tinha visto, e examinado em huma larga Relaçã, que concluiu em o

anno de 1516. da qual fazem honorifica lembrança Damiaõ de Goes *Chron. delRey D. Man.* Part. 1. cap. 24. Gonfal. *Hist. dela Chin.* liv. 1. cap. 10. e Sandoval. *Hist. da Etiopia* Part. 2. liv. 3. cap. 9. Sahio traduzida em italiano no primeiro volume *Delle Navigazioni, et Viaggi de Giovanni Battista Ramusio.* Venetia nella Stamparia de Giunti 1563. fol. desde pag. 288. atè 323. Tem por titulo

Libro di Odoardo Barbosa Portuqueze.

Começa. *Havendo io Odoardo Barbosa gentil huomo della molto nobile Citta di Lisbona. &c.*

Sendo Escrivaõ da Feitoria de Cananor por ser muito perito na lingua dos Malavares, foy nomeado pelo Governador da India Nuno da Cunha para ajustar as pazes com o Samorim, como escreve Joaõ de Barros *Decad. 4. da India* liv. 4. cap. 3. Voltou ao Reyno onde naõ recebendo premio de que eraõ dignos os seus merecimentos, passou a Castella, e se embarcou em Sevilha no anno de 1519. com o insigne Argonauta Fernaõ de Magalhaens, e depois de huma larga navegaõ foy juntamente com elle morto na Ilha Zebú huma das Filipinas em o primeiro de Mayo de 1521. *Zacuto* lib. 4. *Hist.* 49. *Quæst.* 49. o intitula *novi orbis historiographus,* e delle se lembraõ com louvores Joaõ Soares de Brito *Theatr. Lusitan. Litt.* lit. E. n. 3. D. Jozé Pellicer no *Comment. ao Polif. de Gongor.* Estanci. 14. n. 3. col. 104. *Draud. Bib. Classic. Tit. Ind. Orient.* Ant. de Leon. *Bib. Orient.* e o seu moderno *Addicionador* Tom. 1. Tit. 14. col. 450.

DUARTE DE BARROS natural da Villa de Santarem, filho de Belchior de Barros, e Joanna Bautista. Estudou na Universidade de Coimbra Direito Cesareo em o qual depois de receber o grão de Bacharel se restituio á sua patria, onde exercitou com grande applauso da sua sciencia juridica o Officio de Patrono de Causas Forenses. Falleceo em idade muito provecta de hum accidente de parlezia a 4. de Janeiro de 1710. Jaz sepultado na Igreja dos Carmelitas Descalços da sua patria. Entre varias obras, que tinha promptas para a impressaõ, eraõ as principaes.

De Jure faminarum. fol.

Quæstiones Juris Civilis. 2. Tom. fol.

DUARTE BRANDAM Naceo em Lisboa onde teve por Pays a Bento Dias, e Izabel Brandaõ. Foy insigne professor dos Sagra-dos Canones em a Academia Conimbricense, onde tomou posse de Conductorio com privilegios de Lente a 4. de Mayo de 1616. e de Lente da Cadeira de Sexto a 14. de Dezembro de 1623. Na Corte de Madrid exercitou o ministerio de Advogado patrocinando as Causas de mayor importancia, e gravidade, onde morreo pelos annos de 1644. He intitulado por Belchior Febos *Tom. 2. Decif.* *Decif.* 126. n. 29 *dignissimus præceptor Sacrorum Canonum,* e por Clemente Felix *Allegac. por Ray de Mour.* Telles Part. 1. n. 29. fol. 18. *magni nominis vir.* Joan. Soar. de Brit. *Theatr. Lusit. Litter.* lit. E. n. 4. Compoz.

Alegacion por el Conde de Liñares con el Señor Fiscal del Consejo de Castilla sobre la remission al juizio delas Ordenes Militares del Reyno de Portugal. Madrid 1639. fol.

Allegaõ de Direito por parte do Senhor D. Carlos de Noronha em nome da Senhora D. Antonia de Menezes sua mulher filha do Duque de Caminha, Marquez de Villa-Real, e de seu filho D. Miguel de Noronha sobre a successaõ do titulo, e Estado de Villa-Real, e morgado da dita Casa. Em Madrid a 5. de Mayo de 1639. fol. Naõ tem nome do Impressor.

Parecer por D. Affonso de Lancastre filho da Senhora D. Juliana de Lancastre Duqueza de Aveiro com D. Raymundo de Lancastre seu Sobrinho filho do Senbor D. Jorge Duque de Torres novas, que falleceo em vida da Senhora D. Juliana sobre a successaõ do Estado, e Casa de Aveiro, e titulo de Duque depois dos largos dias da Senhora Duqueza. fol. sem lugar nem anno, e nome do Impressor. Consta de 115. §.

Allegaõ pela Senhora Infanta D. Maria que está em gloria deixando algumas tenças a criados seus em suas vidas, entre ellas ficaraõ a D. Pedro de Menezes neto de D. Constança de Gusmaõ Camareira mór da dita Senhora trezentos,

setenta mil reis. fol. Não tem anno, nem lugar da edição.

Por la Religion de S. Juan, y su Assemebla del Reyno de Portugal sobre la causa de jurisdiccion entre los juezes dela Religion, y los Ministros dela justicia Seglar. fol. sem nome, nem lugar da Impressão. Consta de dez folhas.

DUARTE DE BRITO Poeta ainda que jovial muyto sentencioso, do qual sahiraõ algumas obras impressas no *Cancioneiro* de Garcia de Resende. Lisboa por Herman de Campos 1516. fol. desde fol. 37. até 48. sendo as mais celebres.

Sucesso que teve com hum Rouxinol
Inferno dos Namorados.

DUARTE CABREYRA insigne Piloto pelas varias navegaçoens que fez principalmente à India Oriental escrevendo.

Roteiro para o Porto pequeno de Bengala. fol. M. S. Conserva-se na Livraria do Excellentissimo Conde de Castellomelhor.

DUARTE CALDEIRA natural de Lisboa donde instruido com as letras humanas, e lingua Latina querendo dilatar a fama do seu nome com a profissão de Jurisconsulto passou a Salamanca, e na sua Universidade teve por Mestres daquella Faculdade aquelles dous famosos Oraculos do Direito Pontificio, e Cesareo, hum Castelhana, e outro Portuguez os Doutores Diogo de Covarruvias, e Manoel da Costa, de que elle faz agradecida memoria *Variar. Lest. Lib. 2. cap. 5. e lib. 4. cap. 10.* Na Universidade de Lovanha ouviu interpretados os mysterios da mesma Faculdade pelo celebre Cathedra-tico Joachim Hoppero, sahindo com a disciplina de taõ insignes Mestres consummado na especulaçaõ, e practica de taõ vasta sciencia. Por ser muito versado na lingua Grega extrahio com indefesso trabalho de muitos Jurisconsultos Gregos, cujos Originaes se conservaõ na Bibliotheca do Convento de S. Lourenço do Escurial, muitas resoluçoens que publicou nas suas obras. Pela grande assistencia que fez em Castella o nomeou Philippe Prudente Ouvidor Geral dos Castelhanos, e com este lugar se embarcou

em a Armada que lastimosamente se perdeu na Corunha. Delle se lembraõ com elogios Nicol. Ant. *Bib. Hispan.* Tom. 1. pag. 259. col. 1. Manoel Barbosa in *Elench. A.A. das Remissoens do 4. e 5. Livro das Orden. Solorz. de Jur. Parricid.* Liv. 2. cap. 9. *Draud. Bib. Classif.*
Publicou.

Variarum Lestionum Juris libri quattuor optimis quibusque Utriusque juris studiosis admodum utiles. Pinciae apud Bernardinum a D. Dominico 1595. 4.

De erroribus Pragmaticorum libri quattuor. Matriti apud Cosmam Delgado 1610. Estas duas obras sahiraõ juntas Antuerpiz apud hæredes Martini Nuntii 1612.

Na Dedicatoria do Livro *Variarum Lestionum* faz mençaõ de outra obra que já tinha publicado que se intitulava *Rerum quotidianarum* &c. e em outra parte in *Jus lucubrationes* as quaes não posso affirmar se saõ differentes das que imprimio.

Tractatus de Jurisconsulto. Esta obra dividida em tres Livros he composta em Dialogo de que saõ interlocutores *Eduardus, Hopperus, Covarruvias.* Conserva-se hum exemplar M. S. na Livraria do Excellentissimo Conde de Vi-meiro.

Fr. DUARTE DA CONCEYÇAM Naceo em Villa-viçosa a 13. de Outubro de 1595. e depois de ter frequentado as Classes da latinidade, e letras humanas em que mostrou a felicidade do seu engenho recebeu na idade de 19. annos o habito da Sagrada Ordem da Penitencia no Convento de N. Senhora de JESUS desta Corte a 29. de Abril de 1614. e nelle fez a profissão solemne a 30. do dito mez do anno seguinte. Aprendeo Artes, e Theologia com tal applicaçãõ como quem de discipulo passou a Mestre destas Faculdades que dictou no Collegio de S. Pedro de Coimbra até jubilar no anno de 1641. Occupou na Religiaõ os lugares de Reytor do Collegio de Santa Catherina, Definidor, Comissario Provincial na auzencia que fez a Roma para assistir ao Capitulo Geral o Provincial Fr. Fernando da Camara, Reytor do Collegio de S. Pedro de Coimbra, Ministro do Convento de N. Senhora de JESUS de Lisboa até que pelo governo economico, e zelo da disciplina

regular praticados nestes lugares, subio ao de Provincial no Capitulo celebrado a 28. de Outubro de 1645. Foy Qualificador do Santo Officio, e Examinador das tres Ordens Militares. Morreo no Convento de N. Senhora de Jesus desta Corte a 26. de Setembro de 1662. com 71. annos de idade e 48. de Religião. Publicou.

Collecção de Estatutos estabelicidos em diversos Capitulos antecedentes, e decretos no tempo do seu Provincialado, approvados pelo Definitorio, e Vice-Collector do Reyno. fol. 1646. não tem lugar, nem nome do Impressor.

DUARTE CORREA natural da Villa de Alanquer, e Familiar do Santo Officio. Deixando a patria passou ao Oriente, e na Cidade de Macão se recebeu com huma consorte de virtuosos procedimentos. Estimulado da curiosidade se introduzio em o Japão, e percorrendo por este vasto Imperio chegou a Nangazachi, cujos Governadores sabendo que elle professava a Fé do Crucificado, o mandaraõ prezo para Vomura a 4. de Novembro de 1637. Depois de tentada a sua constancia com varias promessas para que abjurasse a Ley Evangelica admirados os barbaros da inconfundivel firmeza da sua Confissão foy levado a Nangazachi, e condenado a fogo lento que tolerou com animo inalteravel por largo tempo até que voou o seu espirito a coroarse na eternidade com a laureola de Martyr em o mez de Agosto de 1639. Delle se lembra o P. Antonio Francisco Cardim *Elog. dos Relig. da Comp.* pag. 330. Escreveo.

Relação do Alevantamento de Ximabarà, e do seu notavel Cerco, e de varias mortes dos nossos Portuguezes pela Fé Lisboa por Manoel da Sylva 1643. 4.

DUARTE DIAS natural da Cidade do Porto. Assistio muitos annos em Hespanha com o posto de Soldado por cuja cauza soube com perfeição a lingua Castelhana, e teve bastante noticia da Italiana. Cultivou sempre as Mufas para cujo estudo o inclinou o genio desde a primeira idade, publicando.

Uarias obras em verso Castelhana, e Portuguez. Madrid por Luiz Sãches. 1692.

4. e Çaragoça por Pedro Bermudes 1596. 4. dedicadas a D. Margarida Cortereal.

La Conquista que hizieron los Reyns Catolicos en el Reyno de Granada. Madrid por la Viuda de Alonfo Gomes 1598. 8. Consta este Poema em 8. rima de 21. Cantos, e he dedicado a D. Christovaõ de Moura Corte-real Comendador mór de Alcantara, do Conselho de Estado, e Sumilher de Corps do Principe de Esphanha.

DUARTE FERNANDES escreveo conforme affirmaõ Ant. de Leon. *Bib. Orient.* Tit. 3. e Nicol. Ant. *Bib. Hisp.* Tom. 1. pag. 259. col. 2.

Relação do Reyno de Pegu. M. S.

DUARTE GALVAM natural de Evora filho de Ruy Galvaõ Secretario dos Serenissimos Reyns de Portugal D. Joaõ o primeiro, e D. Affonso V. e Escrivaõ da sua Fazenda, e do seu Conselho, e de sua mulher Branca Gonçalves, irmão de D. Joaõ Galvaõ Escrivaõ da puridade delRey D. Affonso V. Bispo de Coimbra, e Legado à Latere de Papa Pio 2. neste Reyno, e nomeado Arcebispo de Braga. Foy educado com aquellas instrucçoens dignas do seu nascimento sahindo doutamente versado nas letras humanas como na intelligencia das linguas, que lhe facilitou a lição da Historia Sagrada, e profana. A madureza do juizo unida à capacidade do talento o fez merecedor de substituir no anno de 1460. a Fernão Lopez em o lugar de Chronista mór do Reyno em que o nomeou ElRey D. Affonso V. e que D. Joaõ o segundo, o elègesse por seu Secretario, cujo ministerio exercitou com satisfação de taõ grande Principe. Não permitio o Serenissimo D. Manoel que estivesse reduzida em os limites da patria a profunda comprehensão de Vassallo taõ benemerito, e para que se fizesse patente ao mundo o mandou com o caracter de seu Embaxador a Alexandre VI. ao Emperador Maximiliano, e a ElRey de França sendo em taõ famosas Cortes respeitadas as maximas da sua politica sempre regulada pelos dictames do Evangelho. Recebendo este Monarcha em o anno de 1514. huma Embaxada de Helena Rainha da Etiopia em nome de seu filho o Em-

perador David com alguns preciosos donativos que lhe entregou seu Embaxador Matheos de nação Armenio o nomeou com o mesmo caracter a este vasto Imperio para congratular aquella Princeza do obsequio que com elle praticara. Partio Duarte Galvão a 7. de Abril de 1515. na armada em que hia por Governador da India Lopo Soares de Alvarenga, acompanhado de Francisco Alvares Capellaõ delRey D. Manoel, e chegando com prospero successo à India passou ao Estreito do mar roxo onde como já fosse de idade muito provecta não permitio a fortuna que concluisse aquella embaxada com a gloria que alcançara nas Cortes dos Princeses Europeos, fallecendo na Ilha de Camaraõ a 9. de Junho de 1517. Os seus ossos foraõ conduzidos por Francisco Alvares seu companheiro quando voltou da Corte do Preste Joaõ à India donde os trouxe seu filho Antonio Galvão Capitaõ, e Apostolo de Maluco, de quem fizemos larga memoria em seu lugar, a este Reyno, e defcanção no Real Convento de S. Francisco de Enxobregas. Foy Alcayde mór de Leyria, e casado com D. Catherina de Soufa filha de Fernaõ de Soufa Alcayde mór de Leiria, e de D. Izabel de Albuquerque filha de Joaõ Gonçalves de Gomide Senhor de Villa-verde de quem teve descendencia. O seu nome he celebrado pelos escriptores mais celebres, como saõ Barros *Decad. 3. da India Liv. 1. cap. 1. Homem de grande prudencia.* e no cap. 4. *homem douto nas letras da humanidade.* Castanheda *Hist. do descob. da India. Liv. 3. cap. 152. Fidalgo de muito merecimento por muito serviço, que tinha feito aos Reys de Portugal no tempo delRey D. Affonso V. até aquelle, assi em tomadas dos lugares dalem, como em hir por Capitaõ em armadas de socorros que estes Reys mandaraõ a seus amigos, como em hir por Embaxador muitas vezes aos Reys da Christandade, e ao Emperador sobre cousas de muita importancia em que mostrou ser muito prudente negociando sempre a muito contentamento dos Reys, que o mandavaõ.* Goes *Chron. delRey D. Man. Part. 3. cap. 77. Homem muito prudente* e Part. 4. cap. 13. e na *Chron. do Princep. D. Joaõ cap. 63. Refend. in Responf. ad Kated*

viro nobili, & eruditionis varia. Faria *Asia Portug. Part. 3. cap. 1. n. 1. persona de letras, authoridad, y prudencia.* Cunha *Hist. Escele. de Brag. Part. 2. cap. 62. douto nas letras humanas, e Varaõ insigne.* Cardos. *Agiol. Lusit. Tom. 2. pag. 140. no Comment. de 11. de Março let. C. Homem muy versado em letras humanas.* Soufa de Macedo *Flor. de Espan. cap. 8. excel. 9. deligente Chronista.* Tellez *Hist. da Etiop. Alt. Liv. 2. cap. 5. Pessoa de grande talento, e nobreza, prudencia, e valor.* Guet. *Glor. Cor. Part. 1. cap. 7. homem de muita prudencia, e Christandade.* e no cap. 9. *Gravissimo Varaõ.* Salaz. *Hist. da Casa. de Sylv. Liv. 12. cap. 15. Fonsec. Evor. Glorios. p. 404. Sapientissimo.* Brandaõ *Mon. Lusit. Part. 3. Liv. 8. cap. 1. Pessoa de grande authoridade.* Fr. Jacinto de Deos *Verg. de Plant. e Flor. cap. 4. Art. 1. pag. 121. Joan. Soares de Brito. Theatr. Lusit. Litter. lit. E. n. 5. Nicol. Ant. Bib. Hisp. Tom. 1. pag. 259. col. 2. Por ordem delRey D. Manoel reduzio a melhor methodo, e mais claro estilo as Chronicas dos Reys de Portugal como o mesmo Duarte Galvão declara no Titulo do Prologo da Chronica delRey D. Affonso Henriques nesta forma. Prologo do Author derigido a bo Serenissimo, e muito poderoso ElRey D. Manoel nosso Senhor sobre has vidas, e excellentes feitos dos Reys de Portugal seus antecessores &c. no fim do mesmo Prologo. Mandar-me V. A. muy aficadamente que hos notaveis feitos dos muy esclarecidos Reys vossos antecessores escriptos, e postos por negligencia dos escriptores, ou culpa dos tempos nom soo em menos polida, mas ainda em desordenada, e acerqua nem achada memoria hos quizesse ordenar, e escrever, e quasi trespasssar ha mais honrados Jaziguos, e sepulturas como hee meu dezejo para vosso Serviço &c. Por esta causa Manoel de Faria, e Soufa nas Advertencias à Asia Portug. n. 23. allega dez Chronicas escriptas por Duarte Galvão desde D. Affonso Henriques até ElRey D. Fernando, e que foraõ recopiladas das que deixou compostas Fernaõ Lopes, e com o titulo de *Summario dos Reys de Portugal* as allega Gaspar Estaço nas *Antiguid. de Portug. fol. 186. A Chronica que certamente reduzio Duarte Gal-**

vão a melhor estylo foy a de D. Affonso Henriques como affirmão Barros *Decad. 3. da Ind. Liv. 1. cap. 4. apurou a linguagem antiga, em que estava escrita*, e Goes *Chron. de D. Manoel Part. 4. cap. 38. dizendo que a fez de novo*. O Original desta Chronica se conserva no Archivo Real da Torre do Tombo, da qual extrahio huma Copia fiel Miguel Lopes Ferreira, e a publicou em nossos tempos com este titulo.

Chronica do muito alto, e muito esclarecido Principe D. Affonso Henriquez primeiro Rey de Portugal. Lisboa na Officina Ferreiriana. 1726. fol.

Exhortação feita por Duarte Galvão do Conselho do Serenissimo Rey D. Manoel aos que por seu mandado vão à conquista da India porque saibão, e folguem muito mais de saber que bem, e serviço de Deos vão fazer. Esta exhortação estava junta com outra que compoz na occasião em que foy por Embaxador ao Preste Joaõ a qual começava. *Pois Deos, e ElRey me ordena, que vã com vos outros Senhores à India &c.* Desta obra faz menção Barros *Decad. 3. da Ind. Liv. 1. cap. 4.* Ambas estas exhortações se conservão M. S. na Livraria do Excellentissimo Conde de Vimieiro.

Discurso do Amor, e Desamor. M. S.

Nobiliario de varias familias do Reyno à imitação do Conde D. Pedro. o qual tambem anda viciado como affirma Manoel de Faria, e Souza nas *Advert. à Asia Portug. n. 69.* e o tivera em seu poder.

DUARTE DA GAMA celebre Poeta da sua idade cujas obras se imprimirão no *Cancioneiro de Garcia de Resende* Lisboa por Herman de Campos. 1516. fol. a fol. 94. v.º 132. v.º 135. v.º 143. 144. 169. 170. 175. v.º e 181.

DUARTE GOMES SOLIS fidalgo da Casa Real, e natural da Cidade de Lisboa donde passou à India Oriental para melhorar da fortuna, que sempre se declarou infausta aos seus desígnios. Quatro vezes dobrou o Cabo da Boa Esperança onde trez padeceo lastimoso naufragio cahindo nas mãos dos Cafres que deshumanamente o trataraõ. Servio ao Estado não somente com importantes arbitrios que cediaõ

em beneficio da sua conservação, mas com grandes emprestimos de dinheiro merecendo por taõ assinalados serviços estimações do Vice-Rey D. Jeronimo de Azevedo, e do Governador Manoel de Sousa Coutinho. Sendo Feitor do Contrato da Canella o desferrou da India o Vice-Rey Mathias de Albuquerque pelo crime de ligar a prata, e para defender a sua innocencia injustamente culpada escreveu hum douto Memorial. Vindo embarcado em a não Madre de Deos de que era Capitão mór Fernando de Mendoça para o Reyno em o anno de 1591. foy prizonheiro dos Inglezes na Ilha do Corvo. Cheyo de annos, e de achaquez fez o seu domicilio na Corte de Madrid, onde publicou.

Discursos sobre los comercios delas dós Indias, donde se tratan materias importantes de Estado, y guerra. Dirigido ala sacra, y catholica Magestad delRey D. Filippe Quarto nuestro Senor. 1622. 4. Não tem lugar nem nome do Impressor. No fim tem as obras seguintes.

Contrato propuesto por el Author cerca delas fabricas de las naves dela Carrera de la India. Escrito em Lisboa a 10. de Novembro de 1612.

Successos delas naves, y armadas desde el año de 560. en que vino la nave Llagas que el Virey D. Constantino hizo en Goa por los libros dela Casa dela India yda, y venida. En el principio se declaran los tiempos en que partieron las naves de Lisboa, y en el fin quando llegaron.

Carta escrita de Lisboa al Duque de Lerma en 20. de Novembro de 1612.

Allegacion en favor dela Compania, dela India Oriental, y Comercios Ultramarinos, que de nuevo se instituyó, en el Reyno de Portugal. Dedicado al Conde Duque. Lisboa 1628. 4. sem nome do Impressor.

Fr. DUARTE DE LISBOA natural da Cidade do seu appellido Eremita de Santo Agostinho o qual com estylo sincero escreveu.

Compendio sucinto dos Santos da Ordem de Santo Agostinho, de cuja obra, e seu Author fazem menção Fr. Ant. da Purif. *Chron. da Prov. de Santo Agost. de Portug. Part. 2. liv. 7. Tit. 7. pag. 267.*

col. 1. e de *Vir. illustr. Ord. D. Aug.* lib. 3. cap. 5. e Joan. Soar. de *Brit. Theatr. Lusit. Litter.* lit. E. n. 7.

DUARTE LOBO natural de Lisboa, e discipulo da Arte do Contraponto do insigne Manoel Mendes Mestre da Cathedral de Evora com quem competio na profundidade da Sciencia Musica ou fosse na Theorica, ou na Practica, pela qual depois de ser Mestre do Hospital Real de Lisboa subio a exercitar o mesmo ministerio na Cathedral desta Cidade pelo espaço de quarenta, e cinco annos, onde foy Conego de quarta Prebenda, e pela prudencia do seu talento Reytor do Seminario Archiepiscopal. Antonio Fernandes Mestre de Musica lhe dedicou a sua Arte que publicou no anno de 1625. onde lhe faz muitos elogios, e não menores lhe consagraõ D. Franc. Man. na *Carta dos AA. Portug.* escrita ao Doutor Manoel da Fonseca Themudo, Man. de Far. e Souf. *Fuent. de Aganip.* Part. 2. Poem. 10. Estanc. 72. e 73. Joan. Soar. de Brito *Theat. Lusit. Litter.* lit. E. n. 8. *Artis musica peritissimus.* Morreo com cento, e tres annos de idade deixando para testemunhas da sua sciencia as obras seguintes.

Canticum Magnificat quattuor vocibus. Antuerpiæ ex Officina Plantiniana Balthazaris Moreti 1605. fol. grande. Consta de 16. Magnificas de diversos Tons.

Natalitiæ noctis responsoria quattuor, & octo vocibus. Missa ejusdem noctis octo vocibus. B. V. Mariæ Antiphonæ octo vocibus. Eiusdem Virginis Salve choris tribus, & vocibus undenis. Antuerpiæ apud Joan. Morettum 1611. fol. grande

Missa quattuor quinque, sex, & octo vocibus. ibi apud Balthazarem Moretum 1621. fol. grande.

Missa quattuor quinque, & sex vocum ibi per eundem Typ. 1639. fol. grande. No principio tem *Asperges*, e *Vidi Aquam* a 4. vozes.

Officium Defunctorum em canto chaõ. Lisboa por Pedro Crasbeeck 1603. 4.

Liber Processionum, & Stationum Ecclesie Olyssiponensis in meliorem formam redactus ibi apud Petrum Crasb. 1607.

Na Bibliotheca Real da Musica se conservaõ as obras seguintes.

Dez Psalmos de vespervas de diversas vozes. Estant. 36. n. 814.

Cinco Missas a 4. Liçoens de Defuntos, e a Sequencia da Missa a 4. 6. 8. 9. e mais vozes. Estant. 36. n. 806.

Motetes de Defuntos. n. 810.

Dous Vilhancicos ao Santissimo Sacramento. Estant. 28. n. 703.

DUARTE LOPES natural da Villa de Benavente do Arcebisado de Evora, donde partio em Abril de 1578. embarcado em a não Santo Antonio para Loanda Ilha situada na Costa do Reyno do Congo onde pela assistencia que fez nesta regiaõ descreveo não sómente a sua jornada, mas relatou com summa individuação o clima daquelle Paiz, os costumes de seus habitadores, e todo o genero de plantas que produz o seu terreno, cuja relação traduzio na lingua Italiana Philippe Pigafetta, e sahio com este titulo.

Relatione del Reame di Congo, & delle circumvicine contrade trata dalli Scritti e ragionamenti di Odoardo Lopes Portoghese. Roma apresso Bartholameo Grassi. 4. Sem anno da impressaõ. Sahio vertida em Latim por Agostinho Cassiodoro Reinio nesta forma.

Vera descriptio regni Africani quod tam ab incolis, quam Lusitanis Congus apellatur per Philippum Pigafettam olim ex Edoardi Lopes acroamatis lingua Italica excerpta. Francofurti apud Wolffgangum Richter 1598. fol. com estampas:

Do Author, e da obra se lembraõ Ant. de Leão *Bib. Ind. Tit. 2.* e Nicol. Ant. *Bib. Hisp.* Tom. 1. pag. 260. col. 1.

DUARTE LOPES ROSA natural da Cidade de Beja em a Provincia do Alentejo insigne Medico, e não menor Poeta de cujas faculdades deu repetidos argumentos na Corte de Roma, e Cidade de Amsterdaõ onde assistia pelos annos de 1699. Compoz.

Panegyrico de Guilielmo III. e da Serenissima Maria Reys de Gram Bretanha. Amsterdam 1690. 4.

Elogios ao felice nascimento do Serenissimo Infante de Portugal D. Francisco Xavier filho das inclitas magestades de D. Pedro II. e D. Maria Sofia. 1691. 4.

Soneto dedicado à Magestade da Serenissima Princeza de Niuburgo D. Maria Sofia agora Rainha de Portugal em sua felicissima uniaõ com ElRey D. Pedro II. fol. Não tem lugar da Impressão, porém certamente he Amsterdaõ, nem o anno.

Ao Excellentissimo Senhor Principe Senescal de Ligne Marquez de Arronches em louvor do Panegyrico que Sua Excellencia dedicou à Real Magestade delRey D. Pedro II. nosso Senhor que Deos guarde. 4. Consta de 8. Outavas. Não tem anno, nem lugar da edição.

Novellas Espanholas. M. S.

Luzes dela Idea, y academicos discursos, que se propozieron en la illustre Academia de Amsterdam en el año 1683. intitulados los floridos de la Almendra con otras flores del ingenio a diferentes, y varios assumptos. M. S.

DUARTE MADEYRA ARRAES natural da Villa de Moimenta situada quatro legoas ao Nacente da Cidade de Lamego na Provincia da Beyra. Instruido com as letras humanas, e Poesia estudou na Universidade de Coimbra as faculdades de Filosofia, e Medicina, nas quaes recebeu os grãos de Mestre, e Licenciado com a universal aclamação do seu engenho alcançando mayor applauso quando sendo Physico mór da Magestade delRey D. Joaõ o IV. não havia enfermidade, que não cedesse à efficacia dos seus medicamentos, triunfando dos achaques mais inveterados por methodo novo, e unicamente praticado pela sua profunda especulação. Por estes milagres da arte Medica com que arrebatava as admiraçoens de todos lhe cantou em seu obsequio a discreta, e elegante Musa de Sor Violante do Ceo este Soneto nas *Rim.* Var. pag. 13.

*O' tu que opposto sempre à dura Parca
Conervas em teu ser o ser humano,
Pois por ser Esculapio soberano
Menos por seu respeito a morte abarca.
Tu que Arraes deves ser da vital barca
Que navega no mar do mal tirano
Novo Galeno, Apolo Lusitano
Medico em fim do Portuguez Monarca.
Logra de singular a feliz sorte
Tanto a pezar da intrepida homicida
Que sejas do mais douto immortal Norte.*

Pois vitoria serà bem merecida

*Que quem opporse sabe à mesma morte
Saiba dar a seu nome immortal vida.*

Não fomente foy infigne Medico, mas peritissimo Cirurgiaõ executando com fortuna, e agilidade as mais violentas opperaçoens desta arte. Morreo em Lisboa a 9. de Julho de 1652. Jaz sepultado junto da Sancristia do Convento de Nossa Senhora de Jesus desta Corte. Compoz.

Apologia em que se defendem humas sangrias de pés dadas em huma inflamação de olhos complicada com gonorrhœa purulenta de seis dias. Dedicada ao Conde de Villanova D. Gregorio de Castellobranco. Lisboa por Antonio Alvares 1638. 4.

Methodo de conhecer, e curar o morbo gallico 1. Parte. Propoem-se definitivamente a essencia, especies, causas, sinaes, pronosticos, e cura do morbo gallico, e todos seus effeitos, e se trata do azougue, salsaparrilha, Guaiacão, pao santo, raiz da China, e de todos os mais remedios desta enfermidade. Lisboa por Lourenço de Anvers. 1642. 4.

Part. 2. Disputaõ-se largamente por questoes, e argumentos em forma todas as duvidas, que se podem mover sobre a essencia, especies, causas, sinaes, e pronosticos da cura do morbo gallico, e as que pode haver sobre o azougue &c. Lisboa pelo dito Impressor 1642. 4.

Sahiraõ estas duas Partes em hum tomo de folha. Lisboa por Antonio Crasbeek de Mello 1683. e a primeira illustrada com varias annotaçoes pelo D. Francisco da Fonseca Henriquez Mirandella. Lisboa por Antonio Pedrozo Galraõ 1715. fol.

Novæ Philosophiæ, & Medicinæ de occultis qualitatibus à nemine unquam excolta pars prima Philosophicis, & Medicis pernecessaria, Theologis verò aprime utilis. Accedit inaudita Philosophia de Arbore Vitæ Paradisi qualitatibus; de viribus Musicæ, de Tarantula, ac qualitatibus electricis, & magneticis. Serenissimo Lusitania, & Brasiliæ Principi Theodosio. Ulyssipone apud Emmanuelem Gomes de Carvalho 1650. 4. Desta obra faz menção Vander-Linden de *Script. Medic.* Na Disput. 9. Sect. 1. Dubit. 3. desta obra allega a 2. Parte como já composta, e prompta para a impressão.

Curatio, & Consultatio de Tertiana Spuria cum suspitione malignitatis que in quinta accessione, & nona die terminata fuit M. S. 4. Conserva-se na Bib. Real.

Anatomia do Cavallo 2. Tom. fol. M. S. Conservava-se na Livraria do Medico Manoel Soares Brandaõ.

Observações Medicas M. S. que ficaraõ em poder de sua mulher D. Antonia da Sylva, e parte dellas tinha o Doutor Manoel de Pinna Cirurgiaõ Mór do Reyno. Estavaõ promptas para a impressaõ.

Fazem memoria de Duarte Madeira Arraz Joan. Soares de Brit. *Theatr. Lusit. Litter. lit. E. n. 9.* intitulado-o *Medicus clarissimus* D. Francisco Manoel na *Carta dos AA. Portug.* e o moderno addicionador da *Bib. Orient.* de Antonio de Leaõ Tom. 1. Tit. 14. col. 487.

DUARTE DE MELLO DE NORONHA taõ nobre por nascimento, como insigne pela Poesia de cuja divina Arte produzio fazoados frutos o seu florido engenho sendo o unico que logrou da luz publica.

Batalha de Montes Claros. Lisboa por Domingos Carneiro 1665. 4. He huma Sylva muito larga em que celebra o famoso triumpho que alcançaraõ as Armas Portuguezas das Castelhanas nos campos de Montes Claros a 17. de Junho de 1665.

D. DUARTE DE MENESES Naceo na Cidade de Tangere situada na Regiaõ Africana a 6. de Dezembro de 1537. quando governava esta Praça seu Pay D. Joaõ de Menezes Senhor da Casa de Tarouca, Commendador de Albufeira na Ordem de Christo, sendo sua Mãe D. Luiza de Castro filha de D. Pedro de Castro terceiro Conde de Monsanto. Com o nascimento herdou o espirito militar de seus ascendentes, de que foy o primeiro theatro a sua Patria, onde sendo seu trigessimio Governador, teve entre os triumphos que alcançou dos barbaros, a gloria de receber por hospede a ElRey D. Sebastiaõ que impellido do dezejo da conquista de Africa se embarcou arrebatadamente com pequeno numero de embarcaõens, e Soldados, e chegando àquella Praça com menos authoridade, que era devida à sua

Pessoa disfarçou a imprudencia da jornada com o pretexto de visitar as Praças de Africa, alentar os Soldados, e atemorizar aos inimigos. Naõ deixou a prudencia de D. Duarte de representar a ElRey as infelicidades, que se podiaõ esperar de resoluçaõ taõ precipitada, porém como este Principe sómente obedecia ao seu appetite, e naõ à madureza dos Conselhos de Vassalo taõ fiel, o trouxe em sua companhia, e com elle passou aos Campos de Alcacer Seguer onde com o posto de Mestre de Campo General, fez acçoens de eterna memoria, mas como estava decretada a fatal ruina deste Reyno escapando da morte se naõ pode livrar do Cativoiro. Restituído à liberdade foy Governador do Reyno do Algarve donde os seus merecimentos que creciaõ com os annos o elevaraõ a Vice-Rey do Estado da India sendo na ordem o decimo quinto. Partio de Lisboa em a Náo Chagas, e chegando a Cochim a 3. de Outubro de 1584. foy recebido por trezentos Estudantes que mudando o habito escolastico pelo militar lhe celebraraõ a sua chegada com diversas Oraçoens Gratulatorias. No tempo do seu Vicereynato triunfou do Naique de Seguicer no Idalcaõ, do tyrano Rajù em Columbo, de Mir Alibet no porto de Ampaza, del Rey Ujantana, em a Cidade de Jor pela invencivel espada de D. Paulo de Lima, coroando todas estas vitorias com a memoravel que alcançou do Rajù em Malaca. Falleceo em Goa em o principio de Mayo de 1588. quando contava 51. annos de idade, e quatro de Vice-Rey. *De cuerpo era pequeno* (assim lhe descreve a figura, e o caracter Manoel de Faria, e Souza *Asia Portug.* Part. 1. cap. 5. n. 22.) *pero ayroso: de animo, y de consejo, y de authoridad grande: buen latino, y Italiano y aficionado ala Poesia, tanto que escribio buenos versos.* Foy casado com D. Leonor da Sylva filha de Diogo da Sylva herdeira da Casa de Vagos Regedor das Justiças, e Embaxador ao Concilio Tridentino, e de sua mulher D. Antonia de Vilhena, de quem teve entre outros filhos à D. Luiz de Menezes segundo Conde de Tarouca, Commendador de Albufeira. Fazem memoria da sua pessoa D. Fernando de Menezes *Hist. de Tanger* pag. 8c. Souf.

Orient. Conq. Part. 2. Conq. 5. Divif. 2. §. 92. e o moderno addicionador da *Bib. Orient.* de Ant. de Leão Tom. 1. Tit. 8. col. 176. Efcreveo.

Carta escrita de Goa no anno de 1587. a Cambacundono Emperador da China chamado depois Taicufama. Sahio impressa na *Hift. delas Missiõ. dela Comp. de JESUS en los Reynos del Japon por el P. Luiz de Gusman Religiofo dela misma Compañia.* Part. 2. Liv. 12. cap. 3.

Provisão dada em Goa a 12. de Abril de 1586. a Domingos Monteiro Capitaõ do mar da China, e Viagem do Japão para que se observasse que se guarda-se o Breve de Gregorio XIII. em que mandava sómente prégassem no Japão os PP. da Companhia com huma Carta escrita de Goa a 2. de Mayo de 1586. ao Bispo da China. Sahiraõ impressas estas duas cousas no Livro assima allegado à pag. 656. 657. e 658.

DUARTE DE MORAES Presbytero, e Reytor do Collegio dos Maronitas em Roma no Pontificado de Xisto V. Foy muito douto em diversas Faculdades, e Theologo do Cardial Scipiaõ Gonzaga. Padedendo a Curia huma grande carestia de pão lhe pedio o Cardeal Palleoto que escrevesse a causa donde procedia aquella esterilidade, e obedecendo a esta insinuaçãõ escreveo dous tomos. Em o primeiro mostrava por historias, e authores antigos, e modernos, que a mayor parte das Naçoens do mundo se não alimentavaõ com pão de trigo, e da diversidade de mantimentos que comiaõ. No segundo mostrava as causas donde procedia a carestia, e como era mais espirital o argumento permitio, que esta segunda parte se publicasse a qual sahio com este titulo.

Discorso intorno le carissime, nel quale si contengono le cagioni perche Iddio le manda, e l'utile, che daquella i Christiani possono ricevere. Roma per Ascanio Hieronymo Dragoneli 1591. 8.

Fr. DUARTE DE NAZARETH natural da Villa da Pederneira do Patriarchado de Lisboa Monge Cisterciense cujo Instituto professou no Real Convento de Alcobaca em cuja Livraria se conservaõ as obras seguintes que escreveo.

Historia de expugnatione Santarem ab Alphonso Henriquez.

Liber de fide Incarnationis S. Fulgentii.

Libér Septem historiarum B. Orosii Presbiteri cum descriptione terrarum, & eventibus ante urbem conditam 1300. usque ad 1169. ab urbe condita.

DUARTE NUNES DE LEAM Naceo na Cidade de Evora onde teve por Pay ao Doutor Joaõ Nunes insigne professor de Medicina que sendo chamado a Castella para curar huma grave enfermidade, ao voltar para a patria morreo infaustamente sumergido no rio Digebe. A natureza o dotou de engenho perfpicaz não sómente para em breve tempo comprehender as sciencias amenas sahindo insigne Latino, e não menor Poeta, e Mythologico, mas ainda as mais severas, como admirou a Universidade de Coimbra quando recebeu o grão de Licenciado em Direito Civil, que o habilitou para ser Desembargador da Casa da Supplicação, onde manifestou os dotes que constituem hum perfeito Ministro. Nas horas vagas de ministerio taõ laborioso se dedicou impellido do affecto para a Patria reduzir a melhor methodo as Chronicas dos Monarchas Portuguezes escritas pelos Chronistas, que lhe precederaõ, nas quaes refutou alguns successos apocryfos que manchavaõ o decoro dos Soberanos, e defendeo outros que cediaõ em mayor authoridade das suas Pelloas. Criticou com graves fundamentos a Genealogia dos mesmos Princepes que em Pariz compuzera, e imprimira Fr. Jozé Teixeira da Ordem dos Prégadores que para justificar a pertençaõ ao trono de Portugal do Senhor D. Antonio Prior do Crato de quem era acerrimo Sequaz, intentou persuadir que a successaõ deste Reyno não era hereditaria, mas electiva. Defcreveo com exacção o sitio do nosso Reyno relatando os costumes dos seus naturaes, e as acçoens dignas de memoria obradas assim na paz, como na guerra; recopilou as leys que para sua conservaçaõ promulgaraõ os Princepes; descubrio as fontes dos Vocabulos de que uzaõ os Portuguezes para que não sómente fallassem com pureza, mas escrevellem com pontuaçãõ.

Querendo livrar-se do contagio que fatalmente devastava esta Corte no anno de 1599. se retirou à Villa de Alverca, e nem o temor da morte, e menos as molestias da ancianidade lhe impediraõ continuar nas suas litterarias composicoens tolerando com animo constante a adversidade da fortuna que naõ correspondeo benigna a tantos difvelos intentados, e profeguidos em obsequio da Patria até que falleceo em Lisboa no mez de Mayo de 1608. O seu nome celebraraõ Nicol. Ant. Bib. Hisp. Tom. 1. pag. 260. col. 1. *Patriam videlicet Historiam, & quidquid Lusitanum continet nomen celebrandi, atque exornandi curam avidissime amplexus clara admodum hujus studii atque in eo posita industria quam plurima dedit, emanareque fecit in vulgus documenta.* Salaz. Ind. delas Glor. dela Caf. Farn. pag. 669. *Ilustre entre todos los Classicos Escriitores de España con las grandes luzes que tuno dela Historia universal.* Fr. Nicol. de Oliv. Grand. de Lisb. Trat. 2. cap. 5. muito douto. Franckenau Bib. Hisp. Hisf. Gen. pag. 102. *Historia patriæ vindex.* Barbof. de Potest. Episcop. Part. 3. Allegat. 78. n. 18. *rara facundia, & exquisita eloquentia* Vir. Barbof. Remiss. ad Ord. Regn. Portug. Lib. 4. Tit. 21. n. 6. 9. 10. & Lib. 5. Tit. 50. Fr. Bernard. à D. Ant. Epit. Redempt. Lib. 1. cap. 12. §. 5. *diligentissimus rerum, ac veritatis indagator, de Regum Portugallia gestis celebris Historiographus.* Maced. Flor. de Esp. cap. 8. excel. 11. Joan. Soar. de Brit. Theat. Lusit. Litter. lit. E. n. 10. *humanioribus disciplinis non leviter eruditus, & satis eloquens, Advocatus egregius, optimus Jurisconsultus.* D. Antonio Caetano de Souf. Appar. à Hisf. Gen. de Portug. pag. 46. §. 24. *Sciente na Historia.* Compoz.

Repertorio dos cinco livros das Ordenaçoes, e Leys estravagantes. Lisboa por Joaõ Blavio de Colonia 1560. fol.

Leys estravagantes collegidas, e relatadas por mandado delRey D. Sebastiaõ. Lisboa por Antonio Gonçalves 1569. fol. Desta collecção faz elle distincta memoria in *Vera Reg. Portug. Geneal.* pag. 45. falando do Cardial D. Henrique que era Tutor de seu Sobrinho ElRey D. Sebas-

tiaõ *dispersas, & judicibus ob id ignotas in methodum, & libros redigi, & alias correptas emendari curavit, ea que in re nostra operá usus est, magna Reipublica utilitate.*

Orthografia da lingua Portugueza. Obra util, e necessaria assi para bem escrever em lingua Hespanhol, como a Latina, e quaes quer outras, que da Latina teem origem. Item hum Tratado dos pontos das Clausulas. Lisboa por Joaõ Barreira Impressor delRey 1576. 4.

Censura in libellum de Regum Portugallia origine qui Fratris Josephi Teixeira nomine circumferuntur. Ita de vera Regum Portugallia Origine liber. Ad Serenissimum Principem Albertum Archiducem Austriae S. R. E. Cardinalem. Olyssipone ex Officina Antonii Riparii Typog. Reg. 1585. 4. e no Tom. 2. *Hisp. Illustrata.* Francofurti apud Claudium Marnium 1603. fol. à pag. 1221. até 1227.

Genealogia verdadera de los Reys de Portugal con sus elogios, y sumario de sus vidas. Lisboa por Antonio Alvares 1590. 8. & ibi por Pedro Crasb. 1608. 8. He traducção da obra precedente, que fez para instrucção do Principe de Castella D. Filippe a quem a dedicou.

Primeira parte das Chronicas dos Reys de Portugal. Lisboa por Pedro Crasbeeck 1600. fol. Consta desde a fundação do Reyno até ElRey D. Fernando. Sahio segunda vez impressa Lisboa por Filippe Villela 1677. fol.

Origem da lingua Portugueza. Dirigida a D. Filippe o II. de Portugal. Lisboa por Pedro Crasbeeck 1606. 4.

Descripção do Reyno de Portugal. Lisboa por Jorge Rodriguez 1610. 4. Publicou esta obra Gil Nunes de Leaõ Contador dos Contos do Reyno, e Casa Sobrinho do Author que a dedicou ao Duque de Francavilla Conde de Salinas, e Ribadeo Presidente do Conselho de Portugal.

Chronicas delRey D. Joaõ de gloriosa memoria o primeiro deste nome, e dos Reys de Portugal o decimo, e as dos Reys D. Duarte, e D. Afonso V. Lisboa por Antonio Alvares 1645. fol. Sahiraõ por diligencia do Illustrissimo D. Rodrigo da Cunha Arcebispo de Lisboa.

Obras M. S.

Vida delRey D. Sebastiaõ. He alle-

gada por D. Rodrigo da Cunha *Catalog. dos Bisp. do Port.* Part. 2. cap. 37.

Vocabulario Portuguez muy copioso com declaração da Origem de cada Vocabulo, e de que lingua emanou.

Tratado de Varoens illustres que boue em o Reyno de Portugal. Desta obra faz menção na *Descripção de Portugal* cap. 6o.

Doctrina de Notarios em que dá regras aos Taballiaens como deviaõ fazer os Testamentos. Estava para publicar esta obra quando em o anno de 1576. sahio com a *Orthografia da lingua Portugueza.*

DUARTE NUNES DA SYLVEYRA natural de Lisboa criado de D. Lucas de Portugal Mestre Sala da Casa Real, fidalgo muito discreto, e judicioso, de cujos apothegmas fez huma Collecção com este titulo.

Ditos do Senhor D. Lucas de Portugal offerecidos ao mesmo Senhor. 4. M. S. Conferva-se este Livro na Livraria dos Padres Theatinos desta Corte.

Fr. DUARTE PACHECO natural de Lisboa filho de Bernardim Ribeiro Pacheco Commendador da Ordem de Christo, Capitão mór das náos da India, e de huma Armada que foy à Costa da Mina, e Provedor das Fortalezas do Reyno, e de sua mulher D. Maria de Vilhena filha de D. Manoel de Menezes. Ainda contava poucos annos de idade quando com resolução heroica deixou as delicias da Casa paterna por abraçar os rigores do Claustro Religioso professando o Instituto de Eremita Augustiniano no Convento de N. Senhora da Graça a 13. de Março de 1599. Manifestou a sabedoria nas Cadeiras, e a prudencia nas Prelasias sendo Mestre jubilado na Sagrada Theologia, e Prior dos Conventos de Leiria em 1614. de Monte mór o velho em 1618. de Torres Vedras em 1620. e ultimamente Reytor do Collegio de Coimbra em 1626. Falleceu no Convento de S. Philippe o Real de Madrid no anno de 1638. *Vir accurate doctus, & multarum virtutum prerogativa conspicuus* o intitula Hypol. Marrac. *Bib. Marian.* Part. 2. pag. 189. Leo Allat. *Apef. Urban.* pag. 370. Cardof. *Agiol. Lusit.*

Tom. 2. pag. 424. no Comment. de 4. de Abril letr. B. Nicol. Ant. *Bib. Hisp.* Tom. 1. pag. 260. col. 2. Compoz.

Vida, virtudes, e milagres de Santa Clara de Monte Falco. Lisboa por Antonio Alvares 1628. 12. He traduzida da que compoz Fr. Miguel Solon Valenciano.

Epitome da Vida apostolica, e milagres de Santo Thomaz de Villa-nova com hum tratado da vida do V. P. Fr. Luiz de Montoya, e hum epitome dos Religiosos seus que em ambas as Provincias de Portugal, e Castella tiverão nome. Lisboa por Pedro Crasbeeck 1629. 4.

Sermon dela Santissima Trindad. Cordova por Salvador de Cea. 1636. 4.

Triunfos do Santissimo Sacramento, e de sua devida adoração, e culto, e muitos Sermoens de Santos da sua Ordem. M. S.

Sermoens das Festividades de Maria Santissima M. S. dos quaes faz memoria Marracio *Bib. Mar.* Part. 2. pag. 189.

Vida da B. Veronica de Binasco traduzida de Latim de Fr. Isidoro de Iffolanis Dominico, em Portuguez.

Fez duas traducçoens diferentes, e ambas se confervaõ na Livraria do Convento da Graça de Lisboa.

DUARTE PACHECO PEREYRA cujo nome será eternamente memoravel em os Annaes da Heroicidade, ennobreceo com o seu nacimiento a Villa de Santarem, onde o produzirão seus Pays João Pacheco, e D. Izabel Pereira filha de Martim Gonçalves Pereira, e D. Violante de Vasconcellos Senhores da Bemposta, Panoyas, e Castro Vicente na Provincia Trasmontana. Aquelles famosos dotes com que os Espiritos grandes se distinguem na idade varonil dos outros homens lhos comunicou em os primeiros annos a natureza com tanta prodigalidade, que logo naceo Heróe ornado de profundo juizo, grave prudencia, summa affabilidade, boa indole para as letras, e natural genio para as armas. Este nobre exercicio o estimou a que deixando o ocio como injurioso à nobreza do seu coração buscasse a campanha para com o sangue proprio rubricar as heroicas façanhas que obrou o seu invencivel braço no Oriente partindo de Lisboa no anno de 1503. com o posto de Ca-

pitaõ de huma Não em companhia daquelle Marte Portuguez, o grande Albuquerque de cuja militar escola fahio taõ disciplinado que o excedeo na rapida velocidade com que no breve circulo de hum anno digno de ser co-roado com o da Eternidade humilhou, e abateu o orgulho delRey de Calicut alcançando de taõ poderoso como formidavel inimigo sete vitorias continuadas, que seriaõ incriveis à posteridade, se naõ fosse o glorioso instrumento dellas a sua fulminante espada. Acompanhado de cento, e cincoenta Portuguezes, em que dividio o seu espirito, derrotou exercitos numerosos capitaneados por cinco Reys, fumergio armadas compostas de duzentas embarcaçoens, e triunfou de monstruosas machinas que a arte ajudada da violencia do fogo levantou para nossa ruina, as quaes converteu em fatal estrago de seus proprios artifices. O faustissimo ecco de taõ espantosos triunfos, de que foraõ theatros os dous mayores elementos, retumbou em Portugal com taes applausos que resolveo a Magestade delRey D. Manoel viesse o Author delles receber na patria a Coroa que com tanta gloria do seu nome lavrara no Oriente. Antes que se auzentasse do Malabar querendo ElRey de Cochim gratificarlhe as acçoens que obrara em beneficio da sua pessoa contra ElRey de Calicut lhe offereceo grande copia de dinheiro, joyas preciosas, e algumas terras do seu dominio, cuja generosa oferta urbanamente agradeceo, heroicamente regeitou; porém naõ qu'erendo ser acusado de menos atento à liberalidade daquelle Principe sómente recebeo para eterno brazaõ das fanhas obradas em seu obsequio, hum escudo em cujo campo pintado de vermelho pelo muito sangue derramado dos inimigos lhe gravou cinco Coroas postas em Quina que symbolizavaõ outros tantos Reys vencidos, e a cercadura cuberta de ondas com outo Castellos armados sobre dous navios com sete bandeiras por tantos combates em que triumphou da formidavel potencia delRey de Calicut. Acompanhado do Capitaõ mór Lopo Soares chegou a Lisboa em huma armada de quatorze náos a 22. de Julho de 1505. e tanto que ElRey D. Manoel foy certificado da sua chegada,

querendo distinguir taõ grande Vassallo nas honras, assim como tinha excedido a todos nas acçoens mandou fazer huma solemniissima procissaõ, que discorreo desde a Sé até o Convento de S. Domingos, e no fim della foy levado por este Principe ao seu lado debaixo do pallio. Acabada a procissaõ subio ao Pulpito D. Diogo Ortiz de Vilhegas Bispo de Viseu, e com elegantes expressoens na presença de taõ authorizado auditorio rendeo as graças ao arbitro das Vitorias pelas insignes, que alcançara o invencivel braço de Duarte Pacheco contra os inimigos da sua Cruz. Naõ satisfeito ElRey de huma taõ publica, e honorifica ostentaçaõ dos merecimentos deste Heróe parecendolhe que era pequeno theatro para tanta gloria o Reyno de Portugal a fez patente a todos os Princeses da Europa, e ao Summo Pontifice a quem entregou a carta D. Joaõ Sutil Bispo de Safim. Naõ foy menos fatal a sua espada aos inimigos desta Coroa na Asia, que na Europa reprimindo o atrevimento do Cossario Mondragon que infestava as nossas Costas ao qual em hum bem disputado combate na altura do Cabo de *Finis terra* a 18. de Janeiro de 1509. naõ sómente o prizionou com tres náos, mas lhe meteo a pique outra que eraõ os instrumentos dos seus insultos. Em remuneraçaõ dos grandes serviços que tinha obrado para immortal fama do nome Portuguez o nomeou ElRey D. Manoel Governador do Castello de S. Jorge da Mina onde triunfando dos inimigos estranhos naõ pode vencer os domesticos que conspirados contra a sua pessoa o acuzaraõ falsamente a ElRey D. Manoel de que esquecido da arrecadaçaõ da fazenda Real, e unicamente cuidadoso da propria se occupava com escandalosa ambiçaõ em augmentar hum precioso cabedal com que voltasse opulento para a Patria. Estas sinistras informações acharaõ taõ benevola entrada nos ouvidos daquelle Principe que preocupado de huma indiscreta precipitaçaõ mandou que viesse para o Reyno prezo aquelle Varaõ mais digno do trono, que do carcere, no qual esteve recluso por alguns annos até que justificou a sua innocencia injustamente acusada pela malevolencia dos seus emulos. A este infortunio, que altamente lhe

penetrou o coração, pois lhe offendera a nobreza do seu desinteresse de que sempre tinha dado claríssimos argumentos, se seguiu o deploravel estado com que reduzido à ultima pobreza, e toda a sua familia passou infaustamente a vida, a cujas miserias pôz termo a morte para dar principio ao premio das suas obras que coroou a eternidade. Foy casado com D. Antonia de Albuquerque filha de Jorge Garcez Secretario delRey D. Manoel, e de D. Izabel de Albuquerque filha de Duarte Galvão Alcayde mór de Leiria, e Secretario delRey D. Joaõ o II. e de D. Catherina de Sousa filha de Fernão de Sousa Alcayde mór de Leiria de quem teve a Joaõ Fernandes Pacheco Commendador do Banho da Ordem de Christo, Jeronymo Pacheco que morreo em hum combate de Tangere, e a D. Maria de Albuquerque que casou com Joaõ da Sylva Alcayde mór, e Commendador de Soure de quem teve descendencia. Para immortal brazaõ deste inclito Heróe lhe gravou a Fama no seu Mausoleo o seguinte epitafio escrito pela sublime penna do Virgilio Portuguez *Lusíad.* Cant. 10. Estanc. 13. e seguintes.

Mas ja chegado aos fins Orientaes

*E deixado em ajuda do Gentio
Rey de Cochim, com poucos naturaes
Nos braços do salgado, e curvo rio;
Desbaratará os Nayres infernaes
No passo Cambalam tornando frio
De espanto o ardor immenso do Oriente
Que verá tanto obrar tam pouca gente.*

Chamará o Samorim mais gente nova

*Viraõ Reys de Bipur, e de Tanor
Das Serras de Narsinga, que alta prova
Estaram prometendo a seu Senhor.
Fará que todo o Nayre em fim se mova
Que entre Calicut jaz, e Cananor,
De ambas as leys imigas para a guerra
Mouros por mar, Gentios pela terra.*

E todos outra vez desbaratando

*Por terra, e mar o graõ Pacheco ouzado
A grande multidãõ que irá matando
A todo o Malabar terá admirado.
Cometerá outra vez, naõ dilatando
O Gentio os combates apressado,
Injuriando os seus, fazendo votos
Em vaõ aos Deoses vaõs, surdos, e immotos.
Já naõ defenderá sómente os passos.*

*Mas queimarlhe há lugares, templos, Casas
Acejo de ira o Caõ naõ vendo lassos
Aquelles, que as Cidades fazem razas.
Fará que os seus de vida pouco escassos.
Cometaõ o Pacheco, que tem asas
Por dous passos num tempo: mas voando
De hum noutro, tudo irá desbaratando.*

*Virá ali o Samorim, porque em pessoa
Vejá a batalha, e os seus esforce, e anime
Mas hum tiro, que com zonido voa
De sangue o tingirá no andor sublime.
Já naõ verá remedio, ou manha boa
Nem força que o Pacheco muito estime
Inventará treçoens, e vaõs venenos
Mas sempre (o Ceo querendo) fará menos.*

Que tornará a vez setima, cantava

*A pelear com o invicto, e forte Lusio
A quem nenhum trabalho pesa, e agrava
Mas com tudo este só o fará confuso.
Trará para a batalha horrenda, e brava
Maquinas de Madeiros fora de uzo
Para lhe abalroar as Caravellas
Que ate ali vaõ lhe fora commetellas*

Pela agua levará ferras de fogo

*Para abraçarlhe quanta armada tenha
Mas a militar arte, e engenho logo
Fará ser vaá a braveza com que venha.
Nenhum claro Varaõ no Marcio jogo
Que nas azas da Fama se sostenha,
Chega a este, que a palma a todos toma
E perdoeme a illustre Grecia, ou Roma.*

A estas sublimes vozes metricas correspondem acordemente Gabriel Pereira de Castro na *Lisboa Edificad.* Cant. 7. Est. 89. e 94.

Nada teme Pacheco, nada o espanta

*Podendo toda a India só temello
Com pouca gente se arremessa a quanta
Virá na terra, e mar acometello.
Sabindo hum trovaõ negro da garganta
Bramindo pela boca de hum Camelo
Os paraos destrossa, onde o espumoso
Neptuno ardendo entrava furioso*

Oh Alcides Lusitano, honra de Espanha

*Digno de eterna, e soberana historia
A que o trabalho proprio, e terra estranha
O fruto rendem de envejada gloria
A patria, a quem tu das honra tamanha
E ao mundo, onde espalhasse tua memoria*

Exemplo, e espelho deixas, onde veja

Que alta virtude dá pro fructo enveja.

E Antonio de Souf. de Maced. *Ulyf-*
lip. Cant. 12. Estanc. 50. e 51.

No que se segue Achilles refucita

Com dobrado valor com mayor gloria

Qual o mundo já mais verá escrita

Em verdadeira, ou em fingida Historia.

Este á verdade o credito limita

Sendo a luz da verdade tão notoria;

Taes serão seus triumphos, que parece

Que credito a verdade não merece.

Se reparais na palma aventajada

Na Coroa que mostra mais luzida

Sabei que neste Templo a tem dobrada

Porque lhe hade faltar com ella a vida.

Esta, ó grande Pacheco, he mais honrada,

Pois só se alcança avendo merecida

E fundada em virtudes por coluna

Izenta das mudanças da fortuna.

Não são menores os applausos que ao

seu nome dedicarão os Historiadores como

saõ Ofor. *de reb. Emman. lib. 4. Illius enim*

in gerendo bello celeritatem, in periculis animi

magnitudinem, in laboribus perferendis const-

tantiam, in exitu praliorum felicitatem. Joan.

Petr. Maf. *Hist. Ind. Lib. 1. pag. mihi*

45. *viro fortissimo Maris Dial. de Var. Hist.*

Dialog. 4. cap. 8. da primeira edição.

Deu clara mostra do invencivel animo com que

depois encheo o mundo da gloriosa fama de

suas heroicas obras, as quaes foraõ tão insignes,

que nem o numerofo exercito delRey de Cali-

cut, nem todas as suas astucias, e maquinas

de guerra puderãõ contra elle mais que fazer

seu nome immortal, e triunfante escurecendo

a preclara fama do Troyano Heitor, e de to-

dos os mais, que em grandes, e difficultosas

empresas se signalaraõ no mundo. Barbud.

Empres. Milit. de Lusit. fol. 127. §. fa-

moso Aquiles Lusitano. Faria Asia Portug.

Tom. 1. part. 1. cap. 7. e no *Comment.*

das Lusiad. de Cam. Tom. 4. pag. 319.

até 346. Barros *Decad. da Ind. Part. 1.*

Liv. 7. cap. 2. até 8. Goes *Chron. delRey*

D. Man. Part. 1. cap. 85. 86. 87. 88. e 100.

Castanhed. *Hist. do Descob. da Ind. Liv. 1.*

cap. 59. 60. e seg. Fr. Ant. de S. Rom.

Hist. dela Ind. Orient. Liv. 1. cap. 16. Martin.

Compend. dela Ind. Orient. Liv. 3. cap. 5. e 6.

Toscan. *Paralel. de Var. Illust. cap. 58. de*

cujo nome toda a India tremia e cap. 12. taõ

celebre por seus feitos que a ser Portuguez,

e guardar lealdade a seu Rey se escusou da

dignidade Real. Le Clede Hist. de Portug.

Liv. 15. pag. mihi 577. *Pacheco acquerioit*

beaucoup de gloire dans les Indes: tout trem-

bloit devant lui. Souf. Flor. de Espan. cap.

14. excel. 6. *famoso. Duperron de Casterá*

Remarg. sur la Lusiad. de Cam. Tom. 3.

pag. 226. *Tous Heros tant Grecs que Ro-*

mains n'ont rien fait de comparable aux ex-

ploits de Duart. Pacheco. D. Luiz de Salaz.

Hist. dela Caf. de Sylv. Liv. 12. cap. 15.

cuyas valerosas hazañas executadas en favor

dela Armas Portuguezas en la India han

sido glorioso assumpto de doctissimas plumas,

y sus mal premiados servicios evidente exemplo

de lo poco que bastan los meritos para oposicion

de una desgraciada fortuna. P. Lafitav. Cong.

des Portugais dans le nouveau Mond. Tom. 1.

pag. mihi 203. fallando de quando entrou

em Portugal a receber os applausos dos

seus triumphos. *Mais quelque gloire qu'il eût*

acquise, e quelques honneurs qu'on lui rendit

ce n'etoit rien en comparaison del'admiration qu'on

avoit pour Pacheco. Tous les yeux étoit ou-

verts sur lui come ceux des filles d'Israel

sur David apres la defaite de Goliath. On ne pou-

voit se laisser de voir, d'entendre de parler, e de

se faire raconter les faits prodigioux de cet homme

qui etoit lui meme un prodige.

Compoz.

Principio do Esmeraldo de sito orbis feito,

e composto por Duarte Pacheco Cavalleiro da

Casa delRey D. Joãõ o II. de Portugal que

Deos tem derigido ao Muito Alto poderoso

Princepe, e Serenissimo Senhor o Senhor Rey

D. Manoel Noffo Senhor o primeiro deste nome

que regnou em Portugal. Consta de quatro

Livros. O primeiro tem 33. Capitulos

o 2. 71. o 3. 9. e o 4. 6. com 16. Mappas illu-

minados, e algumas estampas pequenas em

folha. Este original se conserva como o

mais precioso M. S. em a Livraria do

Excellentissimo Marquez de Abrantes, e delle

tinha huma copia o Illustrissimo D. Rodrigo

da Cunha na sua Bibliotheca como consta

do Cathalogo della impresso no Porto no

anno de 1627.

DUARTE PINHEL foy igualmente douto nos preceitos da Grammatica Latina, e computação dos tempos, como na intelligencia da lingua Hebraica, da qual fez traduzir na Castelhana a Sagrada Escriitura que sahio com este titulo.

Biblia en lengua Española traduzida palavra por palavra dela verdad hebraica por muy excellentes letrados, vista, y examinada por el Officio dela Inquisicion. Ferrara año del mundo 5313. que he de Christo 1553. Na primeira impressão que se fez nesta Cidade tem no fim. *Con industria de Duarte Pinel Portuguez Stampata a costa, y despeza de Jeronymo Vargas Espanhol em 1. de Março de 1553. e Amsterdam 1556. fol.*

Esta traducção supposto que he feita por Abrahaõ Usque Portuguez, como já se disse em seu lugar, trabalhou na segunda impressão Duarte Pinhel para que com mayor perfeição sahisse ao publico como escrevem Wolfio *Bib. Hebraic.* pag. 287. n. 466. e Jacob. Lelong. *Bib. Sacr.* Tom. 1. pag. mihi 365. col. 1. Compoz mais.

Latinae Gramatices compendium. Tractatus de Calendis. Ulyssipone apud Lodovicum Rhoterigium 1543. 4. Desta obra que vimos, e do Author fazem memoria Joan. Soar. de Brit. *Theat. Lusit. Litter.* lit. E. n. 11. e Nicol. Ant. *Bib. Hisp.* Tom. 1. pag. 261. col. 1.

DUARTE DE RESENDE natural da Cidade de Evora, fidalgo da Casa Real muito sciente na lingua Latina, Nautica, e Geografia. Ao tempo que era Feitor da Fortaleza de Ternate, escreveu.

Tratado da Navegação que Feraõ de Magalhães, e seus Companheiros fizeraõ às Ilhas do Moluco. Esta obra (de que se lembra Joaõ de Barros *Decad. 3. da Ind.* Liv. 5. cap. 10. Sever. *Disc. de Varia Hisp.* pag. 27. v.º. e 28. e o novo addicionador da *Bib. Geograf.* de Ant. de Leaõ Tom. 2. Tit. 11. col. 667. foy escrita em o anno de 1522. hum anno depois em que lastimosamente foy morto na Ilha Zebu aquelle insigne Argonauta com seus companheiros, e a dedicou o Author a seu parente o grande Joaõ de Barros em recompensa de elle lhe ter offerecido a *Rhopica Pneuma* que he o mesmo que Mer-

cadoria espiritual, que sahio impressa em Lisboa no anno de 1532. Traduzio em Portuguez.

Marco Tullio Cicerom de Amicitia, Paradoxos, e Sonhos de Scipiaõ. Coimbra por Germaõ Galharde aos trinta dias de Agosto do anno de Nosso Senhor Jesu Christo de 1531. 4.

Fazem menção do Author Goes Chron. *delRey D. Man.* Part. 4. cap. 37. Castanhed. *Hisp. da Ind.* Liv. 6. cap. 41. Nicol. Ant. *Bib. Hisp.* Tom. 1. pag. 261. e Fonsec. *Evor. Glorios.* pag. 411.

DUARTE RIBEYRO DE MACEDO Naceo na Villa do Cadaval do Patriarchado de Lisboa, e na Igreja Matriz dedicada à Conceição de Maria Santissima recebeo a Graça bautifmal a 10. de Fevereiro de 1618. sendo filho de Fernando Duarte, e D. Maria de Abreu. A natureza benefica o ornou de engenho agudo, e entendimento claro para brevemente penetrar as sciencias severas, como foraõ a Filosofia em que recebeo o grão de Mestre na Universidade de Evora, e na de Coimbra o de Bacharel em Direito Cesareo. Depois de servir com igual rectidão que affabilidade os lugares de Juiz de fora da Cidade de Elvas, e Corregedor da Torre de Moncorvo, foy Senador na Relação do Porto donde passou à Casa da Supplicação a 12. de Junho de 1666. e a Dezembargador dos Aggravos a 11. de Fevereiro de 1668. O seu profundo talento cultivado com a lição da Historia sagrada, e profana, e nas maximas dos mais celebres Politicos o habilitou para ser Secretario da Embaxada que à Magestade Christianissima de Luiz XIV. mandou dar o Serenissimo Monarcha D. Affonso VI. por D. Joaõ da Costa primeiro Conde de Soure chegando à Corte de Pariz a 4. de Junho de 1659. Restituido a Lisboa em 13. de Novembro de 1660. foy eleito Enviado ordinario à França onde no primeiro de Março de 1668. foy recebido na sua grande Capital com particulares significações de alvoroço pelas faudosas memorias que nella se conservavaõ da sua natural benevolencia, e judiciosa conversação. Depois de affistir pelo largo espaço de nove annos nesta Corte com este ministerio, em que

sempre zelou com grande vigilancia os interesses desta Monarchia passou com o caracter de Enviado Extraordinario à Corte de Madrid onde desempenhou as obrigações de hum perfeito Ministro. Sendo mandado a exercitar o mesmo ministerio na Corte de Saboya ao entrar na Cidade de Alicante enfermou taõ gravemente que conhecendo ser chegado o termo da sua vida recebeu com summa piedade os Sacramentos assistindo-lhe em hora taõ perigosa por director da sua Conciencia o P. D. Rafael Bluteau Clerigo Regular, Varaõ bem conhecido pelas suas obras na Republica das letras, até que placidamente espirou a 10. de Julho de 1680. com 62. annos de idade. Foy Cavalleiro da Ordem de Christo, Conselheiro da Fazenda, e do Conselho delRey: insigne Poeta vulgar, elegante Historiador ornado de hum estylo claro, e discreto, como se admira nas suas obras, que sendo pequenas no corpo, são agigantadas no espirito com que explica os seus conceitos, das quaes os titulos são os seguintes.

Juizo Historico, e juridico sobre a paz celebrada entre as Coroas de França, e Castella no anno de 1660. Lisboa por João da Costa 1666. 12.

Aristippo, ou Homem de Corte escrito em lingua Franceza por Monsieur Balsac. Pariz por Estevaõ Maucroy. 1668. 12.

Panegirico historico Genealogico da Serenissima Casa de Nemurs offerecido à Senhora Rainha de Gram Bretanha. Pariz pelo dito Impressor. 1669. 12.

Nascimento, e Genealogia do Conde D. Henrique Pay de D. Affonso I. Rey de Portugal. Pariz por Roberto Covillion. 1670. 12.

Advertencias al adicionador dela Historia del Padre Juan de Mariana impressa en Madrid en el anno 1669. Pariz 1676. 12. sem nome do Impressor. Sahio com o suposto nome de Monsiur de Cohon Truel Gentilhomem Francez Cavalleiro da Ordem de São-Tiago, Tenente General de Artilharia, e Engenheiro mór das Fortificações da Beyra em o Reyno de Portugal.

Vida da Imperatrix Theodora. Lisboa por João da Costa 1677. 12.

Discursos Politicos, e Obras Metricas Lis-

boa por Mathias Pereira da Sylva, e João Antunes Pedrozo. 1721. 8.

Nas memorias Funebres de D. Maria de Attayde. Lisboa na Officina Crasb. 1650. 4. estaõ a fol. 22. hum *Soneto* seu em Portuguez, e hum *Madrigal* a fol. 26. v.º hum *Madrigal* em Italiano, e a fol. 59. huma *Elegia Portugueza.*

Delle como Poeta faz illustre memoria o P. Antonio dos Reys in *Enthus. Poetic.* n. 61.

*Nec tu facunde Macedo
Inferiora tuo pro carmine dona ferebas.*

E como Genealogico o P. D. Antonio Caet. de Souza *Apparat. á Hist. Gen. da Cas. Real Portug.* pag. 129. §. 148. *Entre diversas obras que compoz de grande estimação pelo estylo, e admiravel talento de seu Author, escreveu a Genealogia do Conde D. Henrique &c.*

DUARTE RODRIGUES DA ROCHA muito applicado ao estudo da Genealogia, e como professor desta illustre parte da Historia o numera entre os Genealogicos o P. Antonio Caetano de Souza no *Apparat. á Hist. Gen. da Cas. Real Portug.* pag. 119. §. 129. Escreveo, e dedicou ao Doutor Gonçalo Alvo Godinho Lente de Prima de Canones em a Universidade de Coimbra de que tomou posse em 2. de Outubro de 1646.

Arvore Genealogica da muito alta, e clarissima Ascendencia da Rainha D. Luiza de Gusmaõ, e delRey D. João o IV. M. S.

P. DUARTE DE SANDE natural da Villa de Guimaraens da Diocese Bracharense alistou-se na Companhia de JESUS em a Casa professa de S. Roque de Lisboa em o mez de Junho de 1562. Aprendeo as letras humanas, em que sahio taõ eminente, que foy Mestre de Rhetorica em o Collegio de Coimbra. Ambicioso de lucrar almas para Christo navegou com beneplacito dos superiores ao Oriente no anno de 1578. onde cheyo de zelo apostolico encheo as obrigações de Missionario. Foy Reytor dos Collegios de Baçaim, e Macaõ, e Superior de Missaõ da China. Cumulado de merecimentos acabou pia-

mente a vida no Collegio de Macáo a 22. de Junho de 1600. Delle fazem memoria *Bib. Societ.* pag. 186. Franco *Imag. da Virt. do Nov. de Lisb.* pag. 967. e no *Ann. Glor. S. J. in Lusit.* p. 355. Nicol. *Ant. Bib. Hisp.* Tom. 1. pag. 261. col. e o novo addicionador da *Bib. Orient.* de Ant. de Leaõ Tom. 1. Tit. 8. col. 172. Trigaultius de *Christian. exped. apud Sinas* lib. 2. cap. 8. *Virum prudentiæ laude ad cæteras animi dotes insignem*, e lib. 4. cap. 1. *magnum ingenium, & præclaras animi dotes in Doctoris, Concionatoris, ac Superioris Officiis continuò exercuit.* Petr. Jarric. *Thezaur. rer. Ind.* Part. 2. lib. 2. cap. 26. e 27 *Semedo Imper. de la Chin.* Part. 3. cap. 2. e 4. *mereciò estimable nombre* Faria *Asia Portug.* Tom. 3. part. 1. cap. 10. n. 13. Joan. Soar. de Brit. *Theatr. Lusit. Litter.* lit. E. n. 12. *Facultatis Oratorie nominatissimus professor, & postmodum in India Orientali egregius operarius.* Gouvea *Asia Extrem.* Part. 1. liv. 3. cap. 3. n. 17. Compoz.

Carta escrita de Macáo em 28. de Setembro de 1588. ao Padre Geral em que trata da Missão da China. Sahio na Relação da *Perseg. do Japão* do P. Antonio de Vasconcellos em 1588. vertida em Italiano com outras Roma por Francisco Zannetti 1591. 8.

Itinerario de quatro Principes Japonezes mādados à Sãtidade de Gregorio XIII. e de tudo quanto lhe succedeo na jornada até se restituirem as suas terras. Macáo no Collegio da Companhia 1590. 4. Sahio vertida em Castelhana pelo Doutor Bruxeda de Leyva *Hist. del Japon;* e em Latim Antuerpiæ apud Martinum Nutium. 1593. 12. Os Reys de Bungo, e Arima e o Principe de Omura querendo mostrar a sua obediencia à Sé Apostolica resolverão mandar huma Embaxada a Roma, e para este fim elegeu ElRey de Bungo por Embaxador a seu Primo Mancio Ito. ElRey de Arima, e o Principe de Omura nomearaõ por seu Embaxador a Miguel Cingiva Sobrinho de hum, e Primo de outro, aos quais acompanharão dous Princepes Juliaõ de Nacaura, e Martinho de Fara. Sahiraõ de Nangazachi a 20. de Fevereiro de 1582. em hum navio Portuguez de que era Capitão Ignacio de Lima, e chegaraõ a Malaca a 27. de Janeiro de 1583. e depois de

vencerem varios contratempos aportaraõ a Lisboa a 10. de Agosto de 1584. onde pelo espaço de vinte, e cinco dias que affistiraõ nesta Corte, receberaõ particulares estimaçoens do Cardial Alberto Governador do Reyno, do Serenissimo Duque de Bragança em Villaviçosa, e do Illustrissimo Arcebispo de Evora D. Theotonio de Bragança em a dita Cidade. Semelhantes significaçoens de jubilo experimentaraõ na Corte de Roma onde benevolmente foraõ tratados pelo Pontifice Gregorio XIII. quando a 23. de Março de 1585. os admitio à sua presença. Depois de discorrem por diversas Cidades de Italia se restituiraõ a Portugal donde voltaraõ para o Japão chegando às suas Patrias sem a menor molestia com geral admiração dos seus Vassallos. Esta Jornada, de que escreveo o Itinerario o P. Duarte de Sande, descrevem largamente o P. Luiz de Gusman *Hist. delas Missõs.* liv. 9. cap. 2. 3. e 4. e o P. Charlevoix *Hist. et descript. Gen. du Japon.* Tom. 1. liv. 6. §. 4. Compoz mais.

Cathecismo Chinense. M. S.

DUARTE DA SYLVA Coadjutor espiritual da Companhia de JESUS cujo zelo apostolico era taõ ardente para a conversão da Gentilidade, que o elegeo S. Francisco Xavier no anno de 1552. para cultivar a vinha no Japão juntamente com os Padres Balthazar Gago, e Pedro de Alcaçova. Foy hum dos incançaveis operarios em promover o augmento da Religiaõ já discorrendo por vastas solidosens sem genero algum de viatico para sustento da vida; já prégando de dia, e de noute sem interrupção, aprendendo as linguas Japonica, e Chinense, em que foy muito sciente para se fazer mais intelligivel aos ouvintes que dezejava agregar ao rebanho do divino Pastor. Este continuo, e laborioso difvelo lhe contrahio huma grave enfermidade em o lugar de Cavacari situado no Reyno de Bungo em o anno de 1562. onde jazia taõ falto de remedios humanos, como abundante dos divinos. Frustradas todas as medicinas que lhe applicou o Irmaõ Luiz de Almeyda dezejava anciosamente ver ao P. Cosme de Torres antes de partir deste mundo, cujo dezejo se lhe cumprio sendo le-

vado ao Castello de Tacaxe, que está entre os confins dos Reynos de Arima, e Bungo, onde o P. Torres assistia depois de satisfazer a sua saudade pelo espaço de dez dias espirou com claros sinais de predestinado a 5. de Janeiro de 1564. quando contava 37. annos de idade deixando aos seus Companheiros muitos exemplos de virtudes heróicas. Fazem delle illustre memoria *Bib. Societ.* p. 186. col. 1. Manoel de Faria, e Souf. *Asia Port.* Tom. 2. part. 4. cap. 20. n. 7. Joan. Soar. de Brit. *Theatr. Lusit. Litter.* lit. E. n. 13. Nicol. Ant. *Bib. Hisp.* Tom. 1. pag. 261. Nadasi *Ann. Dier Mem. S. J.* Part. 1. pag. 10. Gufman. *Hist. delas Missõ. dela Comp. de Jes.* liv. 6. cap. 27. Compoz.

Carta escrita do Japaõ aos Irmaõs da Companhia da India a 20. de Setembro de 1575. Começa. Depois que o Irmaõ Carissimo Pedro de Alcaçova. Sahio impressa com outras Evora por Manoel da Sylva 1598. fol. a pag. 42. v.º. e Coimbra por Antonio de Maris 1570. 4. fol. 111. vertida em Latim pelo P. Manoel da Costa no seu livro *Rer. Societ. in Ind. Gest.* lib. 2. epist. 1. Delingæ apud Sebaldum Mayer 1571. 8. a pag. 93. até 103. et Coloniae apud Gervinum Calenium. 1674. 8. a pag. 199. até 210. et in *Epist. Japonic.* apud Rutgerum Welpium 1570. 8. a pag. 103. até 108. & ibi apud eundem Typog. 1569. 8. à p. 85. até 93. e por Maffeo *Epist. Ind.* lib. 1. Florentiæ apud Philip. Junctam. 1588. fol. em Castelhano pelo P. Cypriano Soares. Coimb. por Joaõ Alvares, e Joaõ Barreira 1565. 4. pag. 95. e Alcalà por Juan Iniguez de Lequerica 1575. 4. fol. 73. e em Italiano no livro intitulado *Diversi avisi particolari dell' Indie* Part. 3. Venetia per Michele Tramezzino. 1565. 8. a pag. 250.

Summario de algumas Cartas que escreveo de Amanguchi escrito de Bungo a 20. de Setembro de 1555. Principia Começarão os pobres a fazerem-se Christãos &c. Sahio com outras cartas. Evora por Manoel da Sylva 1598. fol. vertida em Latim in *Epist. Japan.* Lovanij apud Rutgerum Welpium 1569. 8. a pag. 111. até 131. & ibi apud eundem Typog. 1570. 8. a pag. 109. até 121.

Arte da lingua Japoneza. M. S.

Vocabulario da lingua Japoneza

Destas obras fazem memoria *Bib. Societ.* pag. 186. col. 2. Soufa *Orient. Conquist.* Part. 2. Conquist. 4. Divis. 1. §. 2. Gusmaõ *Hist. delas Missõ.* liv. 6. cap. 27. e o moderno addicionador da *Bib. Orient.* de Ant. de Leão Tom. 1. Tit. 8. col. 177.

DUARTE DA SYLVA natural de Coimbra onde depois de instruido com as letras humanas, Rhetorica, e Mythologia frequentou o estudo de Direito Pontificio em cuja faculdade recebeu o grão de Licenciado. Foy Prothonotario Apostolico, e famoso professor da Arte da Poesia, e como a tal o veneraõ os melhores alumnos do Parnaõ Portuguez, como foraõ Antonio Figueira Duraõ in *Laur. Parnaf.* Ram. 2. fallando com Apollo. *Armonicum Sylva torrentem si aura bibisset Nectare juraret non caruisse suo.*

Jacinto Cordeiro *Elog. dos Poetas Portug.* Estanc. 13.

Puede Duarte da Sylva (oh que talento!) Honrar la patria con su pluma sola Que a divina Deidad figue su aliento Muestra en lo escrito, y muestra que acrisola: Delas Musas su pluma el movimiento Que es la suya latina, y Española; En cuya admiracion venciendo el arte Del Laurel Portuguez tiene gran parte. Manoel de Galhegos *Templo da Memor.* liv. 4. est. 178.

Nymfas, que enchendo as flores de rocio Passeais de Coimbra o verde prado Chamay do Sylva a soberana Clio Por quem vive o Mondego eternizado E pois elege hum rio por sogeito Nuno mares abriu no Hispano peito.

Compoz.

Descripção da Serra da Estrella, e a fabula dos rios, que della nadem. Começa.

Donde el feliz terreno Lusitano Armado de nativa fortaleza

Acaba.

Ya conserva en los liquidos cristales De sus antigas formas las Senales.

Soneto à *Estatua do silencio.* Começa.

Detente ó caminante alos reflexos &c.

Huma, e outra obra se conservava M. S. na Livraria do Cardial de Soufa. Deste

mesmo Author he o Soneto 51. em o Certame do Conde de Linhares, outro em applauso da *Gigantomachia* de Manoel de Galhegos, e duas Decimas em louvor das *Poesias* de Paulo Gonçaves de Andrade que sahiraõ impressas no principio das obras destes Authores.

DUARTE SIMOENS natural de Lisboa filho do Doutor Simaõ de Leaõ Cavalleiro do habito de Saõ-Tiago, e Medico delRey. Foy muito eloquente na lingua Latina, e versado na liçaõ dos Authores antigos, por cujos dotes era domestico da Casa do Illustrissimo Bispo do Algarve D. Jeronymo Oforio, e muito estimado deste insigne Prélado, o qual atendendo à integridade dos seus costumes unida com a eru-

diçaõ Sagrada, e profana o nomeou Conego Penitenciario na Cathedral de Faro. Morreo em Sabbado a 6. de Fevereiro de 1599. Compoz.

De perfecto Clerico, sive de Clerici institutione, & disciplina libri quinque. M. S. Estava prompto para a impressaõ.

Epistola de rebus Ecclesiasticis ad Casarem Baronium do qual teve reposta. Fazem memoria delle Nicol. Ant. *Bib. Hisp.* Tom. 1. pag. 261. e antes a tinha feito Jeronymo Oforio na vida de seu Tio o Illustrissimo Bispo do Algarve dizendo *vir fuit non mediocris eloquentiæ, & Scriptorum antiquorum litterate peritus cujus Scripta propediem in lucem prodibunt é quibus singularis ejus ingenii vis cognosci poterit.*

E

FR. EDMUNDO DE ALJUBAR-ROTA natural desta Villa celebre pela famosa batalha que as armas Portuguezas alcançaraõ das Castelhanas a 14. de Agosto de 1385. Professou o Instituto Cisterciense no Real Convento de Alcobaça onde se conserva a seguinte obra que escreveo.

Reformatio libelli judiciarij à D. Gravaredo compositi anno 1326. M. S.

Fr. EDMUNDO DE CO'S Villa distante huma legoa da Villa de Alcobaça que lhe deu o berço. Recebeo a Cogula Monachal do Doutor Mellifluo S. Bernardo no Real Convento de Alcobaça onde se guarda esta obra em que mostra a vasta noticia que tinha dos ritos, e Cerimonias da sua Congregação.

Regimen Officiorum Ecclesiasticorum secundum Usum Cisterciensium. 4. M. S.

Fr. EDMUNDO DE MONTARGIL Naceo em a Villa do seu appellido situada na Comarca de Santarem do Arcebisado de Lisboa. Foy Monge Cisterciense em o Convento de Alcobaça onde depois de estudar as sciencias escolasticas se applicou à lição da Sagrada Escritura, e Santos Padres em que fez a sua comprehensão grandes progressos. Compoz.

Varij Sermones Festorum M. S. cuja obra se conserva na Bib. do Convento de Alcobaça.

Fr. EGIDIO DE GAMBOA natural da nobre Villa de Setubal filho de Antonio Mouro de Andrade, e Anna de Gamboa, que o educaraõ com taõ virtuosos documentos, que deixando o mundo elegeo o Claustro da Militar Ordem de Christo professando no Real Convento de Thomar a 4. de Abril de 1685. Foy bom Theologo, e grande Prégador. Exercitou com satisfac-

ção de domesticos, e estranhos os lugares de Reytor do Collegio de Coimbra, e Procurador Geral da Ordem nesta Corte. Morreo a 13. de Julho de 1715. Imprimio.

Oração funeral nas exequias do muito alto, e poderoso Rey de Portugal o Senhor D. Pedro II. que celebron o Real Convento de Thomar da Ordem de Christo em 22. de Dezembro de 1706. Lisboa por Jozé Lopes Ferreira. 1707. 4.

Sermão dos Offos dos Enforcados prégado na Misericórdia de Lisboa. Lisboa por Miguel Manescal Impressor do Santo Officio 1711. 4.

Fr. EGIDIO DA PRESENTAÇAM Naceo na Villa de Castello branco do Bisado da Guarda em a Provincia da Beyra no anno de 1539. bastando a producção de taõ grande homem para eternamente lhe ennobrecer o nome. Teve por Pays ao Doutor Francisco Martins da Costa insigne Jurisconsulto, de cuja Faculdade recebeu as insignias doutoraes em a Universidade de Pariz, e a Perpetua da Fonsca que tinha estreito parentesco com o P. Pedro da Fonsca da Companhia de Jesus chamado antonomasticamente, *Aristoteles Lusitano* de quem se farà larga memoria em seu lugar, e por irmaõs ao Ven. Fr. Roque do Espirito Santo immortal ornato da Ordem Trinitaria, e a Bartholameu da Fonsca Collegial do Collegio Real de S. Paulo, e Inquisidor da Inquisição de Goa, Lisboa, e Coimbra, e ultimamente Deputado do Conselho Geral. Ainda contava poucos annos de idade quando seus Pays o mandaraõ aprender em Coimbra não sómente as letras humanas, mas Filosofa, e Direito Cesareo, em cujas faculdades sahio taõ consumado, que sendo discipulo competia com os Mestres na profunda agudeza com que explicava os textos mais antinomicos. Passados sete annos no estudo da Jurisprudencia ao tempo que

podia receber o premio das suas estuofas vigiias inſpirado de ſuperior impulſo ſe recolhẽo à illuſtre Religião dos Eremitas de Santo Agoſtinho profeſſando o ſeu Instituto em o Convento de N. Senhora da Graça de Lisboa a 25. de Abril de 1558. quando contava deſenove annos de idade. Depois de enſinar aos ſeus domeſticos as ſciencias das Eſcolas com igual fruto, que applauſo, ſe laureou Doutor na Faculdade Theologica em a Academia Conimbricenſe a 22. de Fevereiro de 1572. A profundidade da ſua litteratura, e a noticia das ſciencias, de que era depoſito a ſua feliz memoria, o elevaraõ às Cadeiras da Universidade ſendo Lente de Gabriel a 14. de Julho de 1582. de Eſcoto a 10. de Novembro de 1586. de Veſpera a 29. de Janeiro de 1597. onde jubilou a 21. de Agoſto de 1607. Impoſſibilitado pelos annos, e pelos achaques não chegou a regentar a Cadeira de Prima de cujo titulo teve a merce por carta de Philippe III. paſſada em Lisboa a 13. de Outubro de 1616. Foy Deputado da Inquiſição de Coimbra de que tomou poſſe a 27. de Fevereiro de 1597. Vicereytor da Universidade muitas vezes, e Reytor pelo eſpaço de ſeis mezes, em cujos lugares manifeſtou a recta intenſão do ſeu animo. Sendo taõ conhecido o ſeu nome pelas letras ainda merecia que o foſſe mais pelas virtudes, de que foy obſervantiſſimo cultor. Na continencia foy taõ inſigne que para rebater huma vehemente ſugẽſtaõ contra a pureza applicou huma maõ ao fogo, e com elle extinguiu o que lhe abraza a peito. Com heroico deſprezo não aceitou o Biſpado de Coimbra offerecido pela Mageſtade de Philippe II. e até o lugar de Provincial em que fora eleito a 6. de Mayo de 1618. o renunciou querendo antes governar as paixoes proprias que as alheas. Tolerou com admiravel refignação a cegueira que padecẽo nos ultimos annos rendendo graças ao Altifſimo como outro Tobias de o privar da viſta corporal para ſe fazer digno da Viſaõ beatifica. Venerou com profundo reſpeito a Chriſto occulto debaixo das eſpecies Sacramentais, com terniſſimo aſſeõto a Rainha dos Anjos, e com devotos obſequios aos Santos ſeus Tutelares. Mereceo as eſtimações das

principaes peſſoas da Jerarchia Eccleſiaſtica, como eraõ os Illuſtriſſimos Primazes D. Fr. Aleixo de Menezes, e D. Fr. Agoſtinho de Caſtro, e o Biſpo de Coimbra. D. Affonſo de Caſtello-branco. Cumulado de heroicas virtudes, e vaticinada a hora da morte paſſou da vida caduca para a eterna em Coimbra a 8. de Fevereiro de 1626. com 87. annos de idade e 68. de Religião. Na ſepultura ſe lhe gravou eſte epitafio.

Fr. Aegidius de Presentatione Doct̃or Theologus, fidei zelo, ac vitæ ſanct̃imonia inſignis in hac Academia primarius Profeſſor emeritus. Obiit 8. Februarij anno Domini 1626. ætatis ſuæ 87.

O ſeu nome celebraõ Nicol. Ant. Bib. Hiſp. tom. 1. pag. 4. col. 2. *inter præcipua Eremiticæ familiæ decora ſingularis doctrine merito venit connumerandus.* Fr. Ant. à Purif. de Vir. Illuſtrib. Ord. Erem. D. Auguſt. lib. 2. c. 2. *in virtutibus, tum in ſtudiis mirifice profecit,* Brand. Mon. Luſit. Part. 6. liv. 19. cap. 23. *grande Meſtre. Samaniego Prim. de Eſcot. n. 208. Varon dela primera erudicion.* Plenevaalx in præfat. ad Primat. Aug. inſignem Heroem ex primarijs totius Luſitaniæ ante Ordinem Philoſophum & Juris conſultum, in Ordine ſui ævi Theologum Primarium. Marraçius Bib. Marian. Part. 1. pag. 17. *vir multis nominibus colendus & ſcriptis in lucem editis clarifſimus.* Auguſt. Barboſ. de Poteſt. Episcop. Part. 3. Allegat. 50. n. III. *Præceptor colendiſſimus.* Franc. de S. Mar. Diar. Portug. pag. 174. *Cheyo de merecimentos, e virtudes.* Camargo Chronol. Sacra p. 4. *Varon doct̃iſſimo, y el mayor ingenio, que en nueſtros tiempos entre los mas aventajados hà florecido en doctrina, y erudicion eſcolãſtica, y poſitiva con admiracion de todos, que ſaben, y profeſſan letras Divinas, e humanas.* Figueired. Flos Sanct̃. Auguſt. Tom. 4. pag. 134. §. 34. *Foy grande zelador do ſerviço de Deos, Varãõ ſincero, e por extremo caſto.* Joan. Soar. de Brito Theatr. Luſit. Litter. lit. A. D. Fr. Thom. de Faria Decad. 1. liv. 9. D. Franc. Man. na Carta dos AA. Portug. admiravel. Mafeo Vita del P. Franc. Soar. cap. 23. *magno Theologo.* Fr. Ant. de Nativid. Mont. de Coroas Mont. 2. Cor. 8. §. 2. n. 40. e Mont. 3. Coroa unic. §. 1. n. 5. Gratian. in Anaſtaſ. Auguſt. Her-

rer *Alphabet. Aug. Helssius Encom. Aug.* Publicou as obras seguintes para cuja Impressão lhe mandou dar Felippe III. quatrocentos mil reis.

De Immaculata Beatæ Virginis Conceptione ab omni Originali peccato immuni libri quatuor. Dicati Sacræ Maiestati Philippi III. Hispaniarum Regis. Conimbricæ apud Didacum Gomez de Loureiro. 1607. fol.

Disputationes de animæ, & corporis beatitudine ad priores quinque Quæstiones prima Secundæ D. Thomæ, & ad Quæst. 12. primæ partis in tres tomos distributæ in quorum primo, & secundo agitur de Beatitudine corporis Tom. 1. Conimbricæ apud eundem Typog. 1609. fol.

Disputationes de Beatitudine animæ, & corporis septem libris absolutæ in quibus agitur de beatitudine animæ in ordine ad objectum beatificum, & de iis, quæ beatitudinem animæ aut antecedunt, aut comitantur, aut consequuntur. Tomus 2. ibi per eundem Typog. 1616. fol.

Disputationes de beatitudine animæ, & corporis quinque libris absolutæ Tom. 3. ibi per eundem Typog. 1615. fol.

Commentationes Physicæ, & Methaphysicæ. Ursellis apud Cornelium Sutorium 1604. 4. Sahio em nome de Fr. Egidio Romano sendo seu verdadeiro Author o nosso Egidio Lusitano como affirmão Nicoláo Plenevaalk, Fr. Thomaz Herrera, e Fr. Antonio da Natividade nos lugares assima citados.

Primas Augustinianus, sive prærogativa excellentiæ Ord. Eremit. D. Augustini in libros novem dissectus. Coloniae apud Antonium Boëtzerum. 1627. 8. Sahio em nome de Fr. Nicoláo Plenevaalk Eremita Augustiniano como escreve Fr. Manoel de Figueiredo no lugar assima allegado pag. 135. cuja obra com o titulo de *Defensorio da Ordem* se conserva na Livraria do Convento da Graça de Lisboa, e della se lembraõ Fr. Antonio da Natividade Mont. 3. Cor. unic. §. 1. n. 5. e Fr. Ant. da Purif. de *Vir. Illustrib. Ord. Eremit. D. Aug.*

De voluntario, e involuntario libri duo. Esta obra sendo vista pela Santidade de Paulo V. affirmou não se ter escrito deste argumento outra mais solida, e profunda.

De Incarnatione Divini Verbi.

De Eucharistia.

De Sacrificio Missæ.

Estes Tratados Theologicos com outros muitos se conservaõ na Livraria do Collegio de Coimbra assim como

De Peccato Originali. M. S. fol. em o Convento da Graça desta Corte.

ELIAS DE LEMOS cuja patria ignoramos. Na primeira idade abraçou o Instituto da illustre Ordem dos Prégadores onde teve a fortuna de ser seu Mestre o V. Fr. Bartholameo dos Martyres eterno esplendor da Jerarchia Ecclesiastica, de cuja disciplina sahio igualmente instruido na sciencia dos Santos, e das Escolas. Obrigado de varias molestias que lhe impediaõ a observancia da vida religiosa deixou o Claustro, e como era muito versado na Theologia Moral foy provido em o Priorado da Igreja Matriz do Salvador da Villa de Pombeiro Cabeça de Condado em o Bispado de Coimbra onde exercitou as obrigaçoens de vigilante Pastor. Traduzio da lingua Italiana em a materna.

Vida da B. Catherina de Genova M. S.

ELOY DE ABREU Conego Secular da Congregação do Evangelista amado grande Theologo moralista. Escreveo no anno de 1603. conforme diz Jorge Cardozo nas Memor. M. S. para a *Bib. Portug.*

Summa de Theologia Moral. M. S.

Fr. ELOY DE FERREYRA natural da Villa, que tomou por appellido situada em a Provincia do Alentejo entre a Villa do Torraõ, e a Cidade de Beja. Recebeo o habito Monachal da Ordem Cisterciense no Real Convento de Alcobaça onde applicado à lição de livros asceticos, e historicos escreveo.

Exercicios espirituales M. S.

Vida de Santa Maria Egypciaca, e outros Santos M. S.

Confervaõ-se na Bibliotheca de Alcobaça.

ELOY DE SAA' SOTOMAYOR natural de Lisboa, Bacharel formado na Faculdade dos Sagrados Canones em a Uni-

verdade de Coimbra ornado de sublimem genio para a Poesia que cultivou com applauso dos mais celebres Professores desta Arte sendo hum delles Jacinto Cordeiro que no *Elog. dos Poetas Portuguezes* Out. 63. assim o louva.

Venga Eloyo de Sá, que le obedece

El Mondego que alaba, si nó apoya;

Porque haziendo en su Occaso primaveras

Los Pastores cantò de sus riberas.

Publicou.

Jardim do Ceo, Poemas varios Sagrados. Lisboa por Vicente Alvarez 1607. 4. Consta de Sonetos, Cançoens, Elegias, Mottes Glosados, e Romances.

Cancion a la entrada de su Magestad en Lisboa. Lisboa por Pedro Crasbeeck. 1619. 4.

Ribeiras do Mondego Dedicado a Duarte Coelho de Albuquerque. Lisboa pelo dito Impressor 1623. 4. Consta de proza, e verso.

Elegia Latina feita de varios fragmentos de diversos Poetas em louvor do Doutor Belchior Febos, e sahio impressa no principio do 1. Tomo das suas Decisoens; e no 2. está hum Epigramma seu Latino em applauso do mesmo Jurisconsulto. Delle faz menção o P. Antonio dos Reys no *Enthusiasm. Poet.* n. 112.

=

Sadius Hortum

Fecundabat aquis liquido de fonte resumptis.

ESTACIO DE FARIA Fidalgo da Casa Real, e Avo materno do insigne Escritor Manoel de Faria, e Souza. Igualmente se admirou o seu valor quando militou em obsequio da Patria, e o seu zelo na administração da fazenda Real na America, como o seu talento para a Poesia a qual cultivou com tanta elevação que chegaraõ os seus versos a equivocarse com os do Principe da Poetica Luiz de Camoens seu particular amigo, e contemporaneo. Manoel de Faria na 1. Part. da *Fuente de Aganip.* Cant. 6. Sonet. 83. escrito a seu filho Pedro de Faria o aplaude com estas vozes.

Aquelle que me foy Avó primeiro

E ficou sendo para ti segundo

Do brando Apollo, e Marte furibundo

Foy venturoso espirito, e venturoiro

Eu nas artes do metrico luzeiro

Com imitallo minha gloria fundo &c.

E na Part. 2. em que lhe dedica à sua memoria a Fabula de Apollo, e Dafne Estanc. 4.

Espirito Gentil, que en nuestra Hesperia

Ganaste del laurel secunda rama

Fertilizando con igual materia

Elogios en el bronze de la fama.

Pues me oprime sin ti noche Cimeria

Hurta al Sol para mi bastante llama,

A hazer tu ingenio, que heredè sublime

Y en vano si lo alcanço, ella me oprime.

Deixou composto

Varias Obras de Verso, e Prosa. M. S. das quaes fallando o mesmo Faria na Vida de Camoens impressa ao principio do Commento das Rimas que fez a este Poeta diz. *Fue hombre de luxido ingenio, y escrevio con buena dicha varios Poemas; por su muerte quedaron a mi madre algunos papeles, e entre ellos un libro de aquartilla de hasta una mano de papel M. S. y era de Profas, y versos obra continuada &c.* Lope da Vega no *Elog. de Manoel de Faria y Souf.* impresso ao principio do *Comment. das Lusíad.* §. 12. *Servio ElRey militarmente, y despues en oficio de hazienda en el Brasil, y compuzo varias obras poeticas con acierto.* Joan. Soar. de Brito *Theat. Lusit. Litter.* lit. S. n. 25. Sobre todos o aplaude o divino Camoens no *Soneto* 92. da *Cent.* 2. assim pelo valor militar, como pelo espirito Poetico.

Agora toma a espada, agora a penna

Estacio nosso em ambas celebrado

Sendo ou no falso mar de Marte amado

Ou na agua doce amante da Camena.

Cifne sonoro por Ribeira amena

De mim para cantarte he cubigado;

Porque não podes tu ser bem cantado

De ruda frauta, nem de agreste avena.

Se eu que a penna tome, tome a espada

Para poder jugar licença tenho

Desta alta instrução de dous Planetas

Com huma, e outra luz delles lograda

Tu com pujante braço, ardente engenho

Seràs Faro a Soldados, e a Poetas.

Fr. ESTACIO DA TRINDADE chamado no Seculo Estacio Pinheiro de Vargas. Naceo em Lisboa a 20. de Fevereiro de 1676. onde teve por Pays a Francisco Pinheiro de Vargas, e Luiza Maria

que dezejando seguisse o Estado Ecclesiastico Secular elegeo com resoluçã mayor que a sua idade o Religioso abraçando o Instituto dos Eremitas Descalços de Santo Agostinho, o qual professou no Convento de N. Senhora da Conceição do Monte Olivete, situado no suburbio desta Corte a 29. de Junho de 1694. Dictou Artes, e Theologia aos seus domesticos até que jubilou nesta Sagrada Faculdade com tanta gloria do seu magisterio que o habilitou para ser Qualificador do Santo Officio, Consultor da Bulla da Cruzada, Examinador das Ordens militares, do Priorado do Crato, e Synodal do Arcebispado de Lisboa. Depois de exercitar duas vezes o lugar de Comissario Geral foy eleito no Capitulo celebrado em Monte mór a 11. de Mayo de 1731. Vigario Geral da sua Congregaçã, em cujo governo mostrou a prudencia do seu talento. He igualmente douto na Theologia Moral que na Mistica, taõ versado na liçã da Historia como na cultura da Poesia vulgar de que tem impresso com nome supposto algumas obras a assumptos Sagrados. Publicou com o nome de Fr. Agostinho da Santissima Trindade.

Promptuario Augustiniano, ou despertador diario para os mayores lucros das almas, e remissã mais efficaç de culpas com que no fertil campo da Igreja Catholica sem muito trabalho achã o thesouro mais rico todos os negociantes da divina graça. Lisboa por Pedro Ferreira Impressor da Augustissima Rainha N. Senhora 1737. 8.

Summa totius Philosophiæ ex doctrina D. Thomæ extracta, et extructa, nec non Sententiis Magni Parentis Augustini firmissime roborata. fol. M. S.

Brevis Summa Theologiæ Speculativæ ex Magni P. Augustini, D. Thomæ, Conciliorum, & Sanctorum Patrum doctrina constructa. fol. M. S.

ESTELLA cujo nome proprio encubrio, assim como publicou ser Portuguez. Foy celebre Poeta da sua idade de que he testemunya o Poema que publicou com este titulo.

La Machabea en doze Cantos heroicos. Leaõ por Pedro Gevarado 1604. 4. Em seu applauso tem no principio hum Soneto, que começa:

*Estrella clara, bella matutina
Que esclarece la patria Lusitana
Las que nuestro orbe alumbra con lozana
Materia, y arte qual la luz divina.
&c.*

ESTEVAM Chantre da Cathedral de Lisboa, em cuja dignidade o proveo D. Alvaro de Freitas decimo quinto Bispo desta Diocese, o qual como tinha professado o Instituto Canonico Augustiniano, em o Real Convento de Santa Cruz de Coimbra pedio no anno de 1168. a D. Joaõ Theotonio segundo Prior do dito Convento lhe mandasse dous Conegos Regrantes para o seu Cabido sendo hum delles D. Estevaõ, o qual como florecesse no anno de 1173. em que succedeo a Tresladaçã do invicto Martir S. Vicente do Promontorio Sacro para a Cathedral de Lisboa onde descançaõ as suas triumphaes cinzas, e creveo com toda a individuaçã os prodigios que succederã nesta occasiã, cuja obra tem por titulo.

Incipiunt miracula Sancti Vincentii Martyris edita Ulixbone à Magistro Stephano Sedis Ulyxbonensis præcentore. O original se conserva no Cartorio da Sè de Lisboa, e huma copia no Real Convento de Alcobaça em hum livro que tem por titulo *Tertia Pars Passionum*, a qual imprimio o Doutor Fr. Antonio Brandaõ Chronista mór do Reyno em a 3. Parte da *Mon. Lusit.* pag. 298. havendo já elle feito memoria do Author, e da obra na mesma *Monarch.* Liv. 11. cap. 23. e D. Nicol. de Santa Mar. *Chron. dos Coneg. Regul.* Liv. 8. cap. 6. n. 9. e liv. 9. cap. 7. n. 5. O Illustrissimo D. Rodrigo da Cunha traduzio esta obra de Latim em Portuguez, e a imprimio na *Hist. Eccles. de Lisb.* Part. 2. cap. 9. 10. 11. e 12.

Fr. ESTEVAM DE SANTO ANGELO Naceo em Lisboa a 5. de Novembro de 1671. onde teve por Pays ao Capitaõ Luiz da Sylva, e D. Vicencia Ferreira. Na idade de 16. annos entrou na Religião Carmelitana, cujo Sagrado Instituto professou no Convento patrio a 30. de Setembro de 1688. Depois de ter insuado aos seus domesticos com as Facul-

dades de Filosofia, e Theologia jubilou por patente do Reverendissimo Geral Fr. Pedro Thomaz Sanches a 12. de Junho de 1711. e recebeu o gráo de Doutor na Religião a 24. de Agosto do dito anno. A sua prudente capacidade o fez digno de que depois de ser Procurador Geral da Provincia, e Presidente no Capitulo celebrado em o Convento de Lisboa a 3. de Mayo de 1721 subisse ao lugar de Provincial a 7. de Mayo de 1724. e de Comissario Visitador Geral a 27. de Julho de 1725. No Capitulo Geral celebrado na Cidade de Ferrara, que principiou em 5. de Mayo de 1728. foy Definidor Geral. Igualmente zeloso da cultura das virtudes que da gloria da sua Religião publicou as obras seguintes traduzidas da lingua Italiana em a materna.

Manjar da alma, e verdadeira pratica da Oraçãõ mental ordenada à Payxãõ de Christo Senhor nosso por todos os dias do mez, e outros devotos exercicios, e meditaçoens. Lisboa por Miguel Rodrigues. 1726. 8.

Devotissimos exercicios de preparaçaõ, e açãõ de graças para antes, e depois da confissaõ, e comunhaõ tirados dos M. S. de S. Francisco de Sales Bispo, e Principe de Genebra. Lisboa pelo dito Impressor. 1732. 12. e Anveres por Jacobo Bernardo Jouret. 1732. 12.

Jardim Carmelitano, Historia Chronologica, e Geografica Noticias Sagradas domesticas, e estranhas de varios successos da Religião Carmelitana. Offerecido a Maria Santissima May de Deos, e dos Carmelitas. Composto na lingua Italiana pelo Reverendo P. Fr. Egidio Leoindelicato; novamente cultivado, traduzido, e addicionado no idioma Lusitano pelo Reverendo P. Fr. Estevaõ de Santo Angelo &c. Primeira Parte. Lisboa na Regia Officina Sylviana, e da Academia Real 1741. fol.

Parte segunda offerecida ao Senhor S. Jozé Lisboa pelo dito Impressor, e no mesmo anno.

Fr. ESTEVAM DE SANTA ANNA Naceo na Villa de Campomayor da Provincia do Alentejo sendo filho de Francisco Rodrigues, e Brites Vaz. Recebeo o habito Carmelitano no Convento de Lisboa a 8. de Julho de 1584. e professou a 26. do dito mez do anno seguinte. Estudou

com tanta applicaçãõ as sciencias escholasticas, que as dictou com igual applauzo aos seus domesticos. Completos os annos da jubilaçãõ se laureou Doutor na Faculdade Theologica na Academia Conimbricense. Exercitou com louvavel satisfacãõ os lugares de Custodio, primeiro Definidor, Reytor do Collegio de Coimbra, Vigario Provincial, Presidente de Capitulo, e nelle foy eleito Provincial a 18. de Abril de 1621. Foy Qualificador do Santo Officio, e hum dos celebres Prégadores do seu tempo como escrevem Joan. Soar. de Brit. *Theat. Lusit. Litter.* lit. S. n. 26. Carvalho *Corog. Portug.* Tom. 3. liv. 2. Trat. 8. cap. 47. e Fr. Manoel de Sá *Mem. Hist. dos Escrit. Portug. da Ordem do Carm.* pag. 104. Morreo no Convento de Lisboa a 26. de Julho de 1630. com 72. annos de idade e 46. de Religião. Publicou.

Sermaõ do Ato da Fe, que se celebrou na Cidade de Coimbra na segunda Dominga da Quaresma anno 1612. Coimbra por Nicoláo Carvalho Impressor da Universidade 1612. 4. e Lisboa por Antonio Alvares. 1618. 4.

Fr. ESTEVAM ANNES natural da Villa de Obidos do Patriarchado de Lisboa Monge Cisterciense cujo instituto professou no Real Convento de Alcobaça; Varaõ de vida inculpavel applicando aquellas horas que vagavaõ dos exercicios Religiosos a o estudo dos Authores Asceticos, e historiadores Sagrados compoz.

Vida de Santo Aleixo. M. S.

Vida do Monge cativo. M. S.

Traduzio de Latim em vulgar.

Dialogos de S. Gregorio Magno M. S. Todas estas obras se conservaõ na Bibliotheca do Real Convento de Alcobaça.

Fr. ESTEUAM BOTELHO natural de Evora filho de nobres Pays chamados Domingos Botelho de Vilhena, e Maria Botelho de Aragaõ. Ainda contava poucos annos de idade quando com madura eleiçaõ deixou a casa paterna para abraçar o Instituto dos Eremitas de Santo Agostinho que professou no Convento patrio a 29. de Junho de 1650. Foy Prior do Convento de Arronches, e Loulè, e muyto

versado na lição da Sagrada Escritura, e Santos Padres deixando promptos para a impressão.

Sermoens varios 5. Tom. fol. e 2. de 4. M. S.
Apontamentos concionatorios. fol. M. S.

ESTEVAM DE BRITO insigne professor de Musica, assim Theorica, como practica chegando com a grande sciencia que teve desta Faculdade a competir com seu famoso Mestre Philippe de Magalhaens, de quem se fará memoria em seu lugar. Foy mestre, e Beneficiado em a Cathedral de Badajos, cujo ministerio tambem exercitou na Cathedral de Malaga alcançando pelas suas obras grande applauso em toda Espanha, das quaes se conservaõ as seguintes na Bibliotheca Real da Musica, como consta do seu Index impresso em Lisboa por Pedro Crasbeeck 1649.

Tratado de Musica. Estant. 18. n. 513.

Motetes a 4. 5. 6. vozes. Estant. 20. n. 569.

Motete. Exurge quare obdormis Domine a 4. Estant. 36. n. 809.

Vilhancicos de Navidad. Estant. 28. n. 697.

Fr. ESTEVAM DE BUARCOS cujo appellido tomou da maritima Villa distante sete legoas de Coimbra para o Poente. Professou o Instituto Cisterciense no Convento de Santa Maria de Ceiça no Bispado de Coimbra onde applicado aos Ritos, e Ceremonias Ecclesiasticas escreveu a seguinte obra, que se conserva no Real Convento de Alcobaça.

De divino Officio peragendo. M. S.

P. ESTEVAM CARDEIRA natural da Villa de Alvito distante da Cidade de Evora seis legoas para o Sul na Provincia do Alemtejo. Recebeo a Roupeta da Companhia de JESUS em o Noviciado de Evora a 18. de Dezembro de 1634. onde ensinou letras humanas, Filosofia, e Theologia Moral. Depois de receber o grão de Doutor em a Universidade de Evora a 19. de Dezembro de 1658. se dedicou ao ministerio do Pulpito em que alcançou não pequeno applauso. Morreo no Collegio de Evora a 9. de Março de 1694. Delle se lembraõ

Franco *Imag. da Virtud. do Nov. de Evor.* p. 860. e *Fonsec. Evor. Glorios.* pag. 429. Tinha promptos para a Impressão.

Sermoens varios. M. S. 4.

P. ESTEVAM DE CASTRO Naceo em Lisboa onde foy virtuosamente educado por seus nobres Pays Antonio Vidal de Vasconcellos, e D. Maria de Castro, de que resultou abraçar o Sagrado Instituto da Companhia de Jesus em o Collegio de Coimbra a 10. de Agosto de 1589. quando contava deseseis annos de idade. Ensinou as letras humanas em que era insigne pello largo espaço de outo annos. Discorreo por diversas partes do Reyno prégando apostolicamente, de cujo trabalho colheo copioso fruto. Foy Procurador da Provincia da India. Morreo no Collegio do Porto a 12. de Agosto de 1639. Delle se lembraõ *Bib. Societ.* p. 749. col. 2. Joan. Soar. de Brit. *Theatr. Lusit. Litter.* lit. S. n. 28. D. Franc. Manoel *Cart. dos AA. Portug.* Nicol. Ant. *Bib. Hisp.* Tom. 2. pag. 235. Franco *Imag. da Virt. do Nov. de Coimb.* Tom. 2. pag. 616. e no *Ann. Glorios.* S. J. in *Lusit.* pag. 465. Escreveo.

Breve aparelho, e modo facil para ajudar a bem morrer hum Christão; com a recopilção da materia de Testamentos, e penitencia, varias oraçoens devotas tiradas da Escritura Sagrada, e do Ritual Romano de nosso Santo P. Paulo V. Lisboa por João Rodriguez 1621. 8. e na dita Cidade por Antonio Alvares 1639. 8. Dedicado ao Illustrissimo D. Rodrigo da Cunha Arcebispo de Lisboa sendo Provedor da Misericordia. Lisboa por Domingos Carneiro 1663. 8. & ibi por Miguel Maniscal 1677. Coimbra por Jozé Antunes da Sylva 1705. 8. e Lisboa por Antonio Pedrozo Galraõ 1723. 8.

ESTEVAM CAVALLEIRO Presbitero, e peritissimo professor de Grammatica Latina, e não menos versado em a sciencia da Grega. Estudou na Universidade de Lisboa os primeiros rudimentos donde passando a Italia se fez taõ insigne no idioma Romano que restituído à Patria foy Mestre desta eloquentissima lingua na Universidade de Lisboa, onde teve para immortal gloria do seu Magisterio por discipulo ao grande André de Refende, como

elle confessa na Oração que recitou na mesma Universidade em o primeiro de Outubro de 1534. *Non transibo Stephanum virum sine controversia Gramatissimum quem ego puer adhuc octenis audivi.* Foy o primeiro que escreveu Arte de Grammatica a qual pela dedicar a Nossa Senhora a intitulou.

Ars Virginis Mariæ in quinque libros distributa. Olyssipone per Valentinum Fernandum natione Germanum regnante Emmanuele Rege anno Virginei partûs sexdecimo supra sexquimillesimum Sole in septima Cancri parte existente. fol. No prologo diz: *imitati quidem in hac re sumus Quintilianum, Diomedem, Donatum, Priscianumque, qui curiosissime, rectissimeque figuras ipsas exposuerunt. Quorum doctrinam, rectamque sententiam ita Poetarum carminibus fulcitam, ita copiosam explanatam ante nos (quod sciam) exposuit nemo præsertim Hispanus.*

Antes de fahir com esta Arte publicou.

Profodia Grammaticæ cum summa diligentia correctæ. Olyssipone per Venerabilem Johanem Petri de bonis hominibus de Cremona 1505. fol. Nella illustrava com doutos Commentarios a Arte latina de João de Paltrana que fora impressa no anno de 1505. pelo dito Impressor. Da Arte de Estevoão Cavalleiro fazem memoria João Franco Barreto na *Bib. Lusit.* M. S. e o Beneficiado Francisco Leitaõ Ferreira dignissimo Academico da Academia Real Varaõ de eterna memoria pela integridade dos seus costumes, e erudição Sagrada, e profana em as suas doutissimas *Notic. Chronol. da Univerf. de Coimb.* pag. 551. §. 1178. onde affirma tivera no tempo que estudava Humanidades hum exemplar desta Arte.

P. ESTEVAM COELHO natural da Villa de Abrantes do Bispaço da Guarda na Provincia da Beira filho de Pedro Fernandes Rebotim, e Brites Coelha, e Religioso da Companhia de Jesus cuja Roupeta recebeo em o Noviciado de Evora a 30. de Mayo de 1604. donde passou à China com faculdade dos Superiores, e depois de discorrer por taõ vasto Imperio, escreveu.

Relação das couzas da China. M. S.

Fr. ESTEVAM DE COIMBRA cujo appellido denota a Cidade que lhe deu o berço. Professou o Instituto Serafico na Provincia dos Capuchos da Soledade onde de Custodio da Provincia foy eleito Provincial no Convento de Santo Antonio de Valle da Piedade junto do Porto a 11. de Outubro de 1721. Imprimio.

Sermaõ do grande Doutor da Igreja Santo Agostinho prégado no Mosteiro da Serra dos Conegos Regulares de Santo Agostinho da Cidade do Porto. Lisboa por Miguel Manescal. 1718. 4.

ESTEVAM DA COSTA Jurisconsulto insigne em Direito Canonico, e Civil, cujas obras saõ allegadas com louvor por Fernando Paez in *Cap. Missas.* n. 119. o Illustrissimo Cunha in *Decret.* ad C. *Miramur* dist. 61. n. 5. Manoel Barbof. *Remis. ad Ord. Reg.* lib. 5. Tit. 82. Lipeño *Bib. Real Jurid.* p. 176. e 307. e Braudius *Bib. Clasic.* Escreveo.

In Rubric. de Sententia Excommunicationis lib. 6. & in varias leges. Venetijs 1587.

De Ludo. Este tratado fahio impresso in Tom. 7. *Traçt. Doctor.* fol. 161. v.º.

De Consanguinitate, & affinitate. Sahlío no mesmo *Traçt. DD.* Tom. 9. fol. 132.

Fr. ESTEVAM DE CHRISTO natural da Villa de Torres novas do Arcebispado de Lisboa, e Religioso professo da Ordem Militar de Christo em o Real Convento de Thomar, celebre professor da Arte de Contraponto, o qual foy chamado a Madrid pelo Capellaõ mòr D. Jorge de Almeyda para que ordenasse, e acentuasse pela Cantoria da Capella do Papa as Paçoens que a Igreja canta na Semana Santa o que executou com tanta satisfação daquelle Prêlado que o persuadio a que as imprimisse. Morreo no Convento de N. Senhora da Luz da sua Ordem Militar situado em o Suburbio desta Corte em o anno de 1609. Publicou.

Proçessionario. Coimbra por Antonio de Maris. 1593. 4.

Liber Passionum, & eorum, que à Dominica in Palmis usque ad Vesperas Sabbati Sancti inclusive cantari solent deligentissime

correctus, & locupletissime auctus, imprimis singularum Verborum accentu studiosissime spellato. Ulyssipone apud Simonem Lopes 1595. fol. Esta obra faz menção com louvor Pedro Thalesio *Art. de Cant. Chão* fol. 35.

Manuale pro communicandis, & iugendis, & sepeliendis Fratribus. Ulyssipone per Petrum Craesbeeck 1623. 4.

Introdução facilissima, e novissima do canto fermo, e figurado simples, e em concerto com regras geraes para diferentes figuras sobre o canto fermo a 2. 3. 4. e composições, e proporções em o genero Diatonico, e Enarmonico. Conserva-se na Bib. Real da Music. Estant. 18. n. 524. como consta do seu Index impresso em Lisboa por Pedro Craesbeeck 1649. 4.

P. ESTEVAM DO COUTO filho de Sebastião Gallego, e Izabel Rodrigues do Couto naceo para o mundo em a Villa de Olivença do Bispaado de Elvas na Provincia do Alentejo, e renaceo para Deos recebendo na Casa professa de S. Roque a Roupeta de Jesuita quando contava 14. annos de idade a 6. de Junho de 1569. Estudou as letras humanas, e divinas na Universidade de Coimbra onde não sómente as dictou com applauso sendo hum dos mayores letrados do seu tempo, mas recebeu o grão de Doutor em Theologia a 24. de Junho de 1596. em a Universidade de Evora, onde foy Cancellario. Pella sua prudencia, e affabilidade mereceo particulares estimações do Serenissimo Duque de Bragança D. João, que depois subio ao trono de Portugal. Falleceo no Collegio de Evora a 17. de Setembro de 1638. com 85. annos de idade e 69. de Religião. Fallaõ delle Joan. Soar. de Brit. *Theatr. Lusit. Litter. lit. S. n. 29. Sacrarum litterarum, & humaniorum laudatissimus professor ingenioque amenissimo, & lepidissimo.* Franco *Ann. Glorios. S. J. in Lusit.* pag. 531. *Scientiarum illustris professor,* e no *Annal. S. J. in Lusit.* pag. 274. Compoz as seguintes obras de que a mayor parte estava prompta para a Impressão.

In Lib. 8. Physic.

In lib. de Cælo

In Methaphisicam

In 1. & 2. lib. Sphæra

Epitome Rhetorices

Annotationes in Artem Hebraicam

Opera Theologica.

Tres seus Epigrammas Latinos à memoria do P. Francisco de Mendonça da Companhia de JESUS sahiraõ impressos no principio do Viridario deste Author.

P. ESTEVAM FAGUNDES natural da celebre Villa de Vianna do Arcebispaado de Braga filho de Pays nobres, e virtuosos, e hum dos eminentes Theologos Moralistas, que teve a Companhia de JESUS, cuja Roupeta vestio no Collegio de Evora quando contava 17. annos de idade a 13. de Janeiro de 1594. Pelo espaço de dez annos leo Theologia Moral no Collegio de Braga, e dous em o de Portalegre, de cuja solida doutrina firmada na autoridade dos Sagrados Canones, e resoluções dos mais profundos Theologos, e Jurisconsultos sahiraõ taõ doutos os seus discipulos que passaraõ com gloria immortal de tal Mestre a regentar as primeiras Cadeiras. Foy muyto observante dos Institutos da Companhia não permitindo que algum dos seus companheiros o excedesse na exacta practica das virtudes religiosas. Todo o tempo que lhe restava das precisas obrigações da Comunidade o dedicava ao estudo em que fez admiraveis progressos a sua grande comprehensão, profundo talento, e feliz memoria. Cheyo mais de merecimentos, que annos morreo na Casa professa de S. Roque a 13. de Janeiro de 1645. com 68. annos de idade e 51. de Companhia. As Universidades de Coimbra, Evora, e Salamanca, o intitularaõ *Sapientissimus, clarissimus, gravissimus, eruditissimus.* Fr. Lud. à Concept. *Exam. Verit. Theol. Part. 1. Tract. 1. cal. 6. n. 17. doctissimus.* Franco *Imag. da Virtud. em o Novic. de Evora* p. 860. *Todas as suas obras merecem nome grande e no Ann. Glorios. in Lusit.* p. 23. *Ejus libri typo vulgati authorem in omnibus Academiis commendant & in Annal. S. J. in Lusit.* pag. 289. n. 6. *Sapientissimus vir. Bib. Societ. pag. 749. col. 2. Joan. Soares de Brito. Theatr. Litterar. Lusit. lit. S. n. 30. D. Franc. Manoel Carta dos AA. Portug. Morery Diccion. Historiq. Verb. Fagundes. Fonseca Evor. Glorios. p. 429. Nicol.*

Ant. Bib. Hisp. Tom. 1. pag. 234. col. 2. Compoz.

Quæstiones de Christianis Officiis, & casibus Conscientiæ in quinque Ecclesiæ præcepta Tomus unicus. Lugd. Sumptibus Jacobi Cardon, & Petri Cavillat. 1626. fol. & Moguntia apud Hermanum Myllium 1628. fol. Este livro foy prohibido no anno de 1627. pela Inquisição de Castella por seguir no Liv. 1. *Quart. Præcept. de Jejunio* cap. 2. n. 6. e principalmente do n. 10. até 15. a opiniaõ de que se podiaõ comer lactinios no tempo da Quaresma. Para sustentar esta opiniaõ sahio com a seguinte Apologia.

Informatio pro opinione esus ovorum, & Lactiniorum tempore Quadragesimæ. 1630. fol. Naõ tem nome de Impressor, mas declara ser acabada no Real Collegio de Salamanca da Companhia de JESUS. a 4. de Fevereiro de 1630. Sahio reimpressa com este titulo.

Apogeticus tractatus ad quæstionem de Lactiniorum, ovorumque esu tempore Quadragesimali. Lugduni apud Jacobum Cardon 1631. 8.

Foraõ taõ concludentes as rezoens desta Apologia que por ordem da mesma Inquisição de Hespanha sendo Inquisidor Geral o Cardial Antonio Zapata, sahio approvado o livro a 18. de Abril de 1630. cuja faculdade vimos impressa.

In decem præcepta Decalogi Tom. 1. Lugduni per Jacobum Cardon 1632. fol. & ibi per Laurentium Anisson, et hæredes Gabrielis Bouffat 1640. fol.

In quinque posteriora Præcepta Decalogi Tom. 2. Lugd. apud Anisson, & Bouffat 1640. fol.

De Justitia, item de Contractibus, de acquisitione, & translatione dominij. ibi apud eisdem Typog. 1641. fol.

ESTEVAM DA GAMA DE MOURA, E AZEVEDO filho de Francisco da Silva de Moura, e Azevedo Governador da Praça de Campo mayor, e Comendador da Comenda de Santa Maria de Castello-bom, e de D. Anna Maria Joseph de Vasconcellos, e irmaõ de Diogo de Monroy, e Vasconcellos, de quem se fez menção em seu lugar. Naceo na Villa de Campo mayor situada na Provincia do Alentejo a 6. de Março de 1672. Por naõ

degenerar dos espiritos marciaes de seu Pay seguio a vida militar, em que obrou acçoens taõ dignas de applauso, que chegou a ser Sargento mór de Batalha dos Exercitos de Sua Magestade, Governador da Praça de Campo mayor, e Commendador da Comenda de S. Miguel de Villaboa da Ordem de Christo. Unio ao exercicio das armas a cultura das sciencias sendo pela vasta noticia que tem da Historia profana admitido ao numero dos Academicos supranumerarios da Academia Real Portugueza. Escreveo.

Theatro Bellico, em que se representão as obrigaçoens de todos os Postos nas seis facçoens militares de marchar, alojar, fortificar, pelejar, expugnar, e defender. M. S.

Fr. ESTEVAM LEYTAM natural de Lisboa filho de Balthezar Leitaõ fidalgo da Casa Real, e de sua segunda mulher Antonia Velloza prima com irmaã de Fr. Francisco Foreiro insigne esplendor da Ordem dos Prégadores. Na idade pueril deu evidentes sinaes dos dotes que manifestou em a mais adulta, servindo-lhe de theatro a Casa do Infante D. Luiz, em cujo serviço passou os primeiros annos com tanta innocencia de costumes, que bem pareceo nacera mais para o Claustro, que para o Seculo. Deixando este, e a Casa paterna elegeo entre todas as Religioens a Dominicana, cujo Instituto professou no Convento de Lisboa a 30. de Novembro de 1540. Frequentou as Escolas com applicação sahindo grande Letrado sendo o seu mayor estudo a observancia das virtudes nas quaes fez mayores progressos que nas letras. Inflamado no dezejo da conversão da Gentilidade se embarcou duas vezes para a India, e de ambas se lhe frustou por disposição de mais alta providencia taõ sagrado intento. Naõ teve tempo vago, que naõ occupasse nos mayores lugares da Religiaõ, pois a sua grave prudencia unida a huma natural affabilidade o fizeraõ digno de ser Mestre dos Noviços, e depois Prior em o reformado Convento de Bemfica, e de exercitar com exemplo nunca practicado quatro vezes o Priorado do Convento de Lisboa donde subio a ser Provincial no anno de 1554. e segunda vez eleito em o de 1574. Com heroica liberdade defendeo pertencer a suc-

cessão da Coroa Portugueza à Serenissima Casa de Bragança contra as ambiciosas, e injustas pertençaens de Philippe Prudente, o qual em vingança de lhe disputar o direito que imaginava infallivel, o mandou desterrar acabando a vida com sospeita de veneno. Jaz sepultado no Convento de Azeitão à porta do Coro com este epitafio.

Aqui jaz Fr. Estevam Leitaõ Pay desta Provincia.

Delle fazê memoria Fr. Pedro Calvo *Lagrim. dos Just.* Part. 2. cap. 15. *Foy Varaõ muy espirital, devoto, e amigo da Oraçaõ, e do culto divino.* Fr. Luiz de Souf. *Hist. de S. Doming.* da Prov. de Portug. Part. 3. cap. 7. *Foy muito cuidadoso do culto divino, grandemente zelozo da guarda da Religiãõ, grave na pessoa, brando, e macio no trato.* Echard. *Script. Ord. Præd.* Tom. 2. pag. 250. col. 2. *is pietate, doctrina, prudentiaque evasit, ut ad majora regiminis munia in sua Provincia quantumvis ea solitudinis cultor ex animo refugeret, adlectus fit.* Fr. Pedr. Mont. *Claustr. Dom.* Tom. 3. pag. 197. *muy douto, e de vida exemplar.* Maced. *Lusit. lib. lib. 2. cap. 2. §. 13. gravissimus.* O Senhor D. Antonio na Carta escrita à Santidade de Gregorio XIII. pag. mihi 65. *Venerabilem Fratrem Stephanum Leitaõ qui bis apud Dominicanos Provincialis Officium gessit, terque Vicarium Generalem, virum & virtute, & nobilitate, & autoritate insignem.* Nicol. Ant. *Bib. Hisp.* Tom. 2. pag. 235. col. 1. Joan. Soar. de Brit. *Theatr. Lusit. Litter.* lit. S. n. 32. Faria *Europ. Portug.* Tom. 3. Part. 4. cap. 6. Jacob. Lelong. *Bib. Sacra.* Tom. 2. pag. mihi 825. col. 1. Compoz.

De Laudibus Montis Calvarij. M. S.

Liber Considerationum super Concordia Cornelii Jansenij Gandavensis Episcopi. M. S.

ESTEVAM LOPES MORAGO grande professor de Musica, e Mestre desta sonora faculdade na Cathedral de Viseu. Deixou varias obras que daõ a conhecer a profundidade da sua sciencia nesta harmonica Arte, as quaes se conservaõ na Bib. Real da Musica.

D. ESTEVAM DE MENESES Senhor da Casa de Tarouca, Penalva, Gul-

far, Lalim, e Lazarim, Commendador, e Alcaide mór de Albufeira da Ordem de Aviz naceo em Lisboa, e foy filho de D. Duarte Luiz de Menezes terceiro Conde de Tarouca, e primeiro Marquez de Penalva em Castella, Gentil-homem da Camara de Philippe IV. sem exercicio, Conselheiro de Guerra, e General da Cavallaria do Exercito de Andaluzia; e de D. Luiza de Castro filha de D. Estevão de Faro primeiro Conde de Faro, Vedor da Fazenda, e Conselheiro de Estado, e D. Guiomar de Castro filha de D. Joã Lobo quarto Baraõ de Alvito. Ainda contava poucos annos de idade quando passou com seu Pay a Castella no anno de 1641. onde assistindo pelo largo espaço de vinte annos se restituhio a este Reyno protestando a fidelidade, que sempre conservara ao seu Soberano. Foy Deputado da Junta dos Tres Estados, em cujo lugar mostrou que a sua actividade era igual ao seu desinteresse. Morreo em Lisboa a 20. de Novembro de 1677. e jaz sepultado no Convento da Santissima Trindade da Villa de Santarem. Foy casado com D. Helena de Borbon filha de D. Thomaz de Noronha terceiro Conde dos Arcos, e D. Magdalena de Borbon filha herdeira de D. Luiz de Lima de Brito primeiro Conde dos Arcos, de quem deixou por herdeira a filha mais velha D. Joanna Rosa de Menezes que casou com Joã Gomez da Sylva 4. Conde de Tarouca, Plenipotenciario à Paz de Utrech, Embaxador ao Emperador Carlos VI. e Mormodo mór da Serenissima Rainha D. Mariana de Austria, de quem faremos larga memoria em seu lugar, de qual deixou larga posteridade. Publicou.

Copia delas Cartas que dexò escritas en Castilla D. Estevan de Menezes hijo segundo del Conde de Tarouca passando a Portugal en las quales declara la razon de su passage, que es cumplir con la devida obligacion de buscar el servicio de su legitimo Rey y Señor: guiado del verdadero conocimiento de la justa separacion delas Coronas, y el mayor derecho de El Rey D. Affonso VI. nuestro Señor en la Succession dela Corona de Portugal. Lisboa por Henrique Valente de Oliveira Impressor del Rey 1663. 4. São duas Cartas, a primeira escrita ao Ar-

cebifpo de S. Tiago Governador de Galiza, e a segunda ao Duque de Medina delas Torres sendo esta muito douta, e larga.

ESTEVAM DAS NEVES CARDEYRA natural da Villa de Ferreira do Arcebisgado de Evora em a Provincia do Alentejo donde passou a Italia, e na Universidade de Padua se applicou ao estudo da Filosofia em que recebeu o gráo de Bacharel. Com igual, ou mayor difvelo ouviu interpretadas as mayores difficuldades de hum, e outro Direito, e fez taes progressos a sua profunda especulação, e penetrante engenho nestas Faculdades, que depois de receber em ambas as insignias doutoraes foy elevado a regentar as mayores Cadeiras daquella Universidade, sendo Lente de Instituta de que tomou posse a 5. de Janeiro de 1685, de Pandectas, e Codigo a 23. de Julho de 1692. de Vespera a 7. de Mayo de 1695. e ultimamente quando já lo-grava o titulo de Conde Palatino, a de Prima a 22. de Setembro de 1703. Na ultima idade ainda que privado dos dous mais nobres fentidos quais eraõ ver, e ouvir nunca interrompeo o laborioso exercicio das Cadeiras, até que contando 80. annos falleceo em Padua a 15. de Julho de 1720. Jaz sepultado na Basílica de Santo Antonio onde em hum magnifico Mausoleo estaõ depositadas as cinzas deste Thaumaturgo Portuguez. Foy cazado com consorte digna da sua pessoa, de quem teve a André das Neves Cardeira herdeiro da sua sciencia juridica sendo Lente na mesma Universidade de Padua. Nicoláo Comneno Papadopoli *Hist. Gimnaf. Patav.* liv. 2. pag. 158. o intitula *vir plane doctus*. Compoz.

Clava pontificia, seu authoritas in Conciliis tum Generalibus, tum Provincialibus cum Scholiis in aliquot Decretales inde emanantes. Patavij apud Sebastianum Spera in Deo. 1697. 4.

ESTEVAM NUNES DE BARROS naceo em a Villa de Santarem, e recebeu a graça bautifmal na Parochia de N. Senhora de Maravilla em o primeiro de Janeiro de 1638. Foy filho de Joaõ Antunes de Barros e Maria Nunes, e Sobrinho de Fr. André de Christo Mercenario Descalço, de quem se fez menção em seu lugar. Na Universidade de

Coimbra estudou Direito Cefareo no qual recebendo o gráo de Bacharel se restituiho à Patria, onde exercitou por muitos annos o Officio de Advogado. Como era muito ver-fado nas letras humanas, Mithologia, e Poetica foy alumno das Academias dos Generosos de Lisboa, e dos Solitarios de Santarem merecendo univerfaes applauzos as suas composiçoens. Morreo na Patria a 7. de Outubro de 1675 Compoz.

Poesias Varias 4. M. S. cujo volume conserva em seu poder Rodrigo Xavier Pereira de Faria patricio do author, o qual com a sua erudição, e natural benevolencia nos comunicou esta noticia, como outras muitas pertencentes à sua Patria. Compoz tres Comedias que tem os titulos seguintes.

Los Apostoles de Christo S. Simon, y S. Judas.
La virtud vence el poder.
El honor vence el poder.

ESTEVAM DE PINA Presbytero de inculpavel vida, e Capellaõ do Altar da Senhora da Luz que se venera no Convento da Ordem de Christo situada em o suburbio de Lisboa. Escreveo com summa curiosidade, e deligencia no anno de 1565.

Milagres aprovados de N. Senhora da Luz obrados em varios enfermos. cujo livro tinha em seu poder Fr. Roque do Soveral Religioso da Ordem Militar de Christo como elle affirmou no liv. 2. cap. 13. fol. 96. da *Hist. do insign. aparecim. de Nossa Senhora da Luz.*

ESTEVAM PRETO Doutor em Direito Civil, Dezembargador da Casa de Supplicação, Procurador da Cidade de Lisboa nas Cortes que nella celebrou o Serenissimo Rey D. Sebastião a 13. de Dezembro de 1562. Depois de orar neste politico acto pela parte do Estado Ecclesiastico o Doutor Antonio Pinheiro cujo grande merecimento se vio depois premiado com as Mitras de Miranda, e Leiria, recitou a Oração seguinte pela parte do Estado Secular, a qual fahio com este titulo.

Resposta do Doutor Estevão Preto Dezembargador da Casa da Supplicação, e Procurador de Lisboa Lisboa por Antonio Alvares 1563. 4. e nas minhas *Mem. Polit.*

e *Milit. DelRey D. Sebastião* Part. 2. liv. 1. cap. 12. desde pag. 185. até 188.

V. Fr. ESTEVAM DA PURIFICACAM Naceo na Villa de Moura situada na Provincia do Alentejo a 14. de Fevereiro de 1571. de Pays igualmente nobres, e virtuosos chamados Antonio Rodriguez Cotel, e Margarida Rodriguez Sortelha. Na infancia deu claros indicios das virtudes que havia praticar em toda a vida. Na adolescencia como quem conhecia as falsas apparencias do mundo buscou por azylo certo da Salvaçã a Religiaõ Carmelitana, cujo habito recebeu no Convento da Vidigueira. Estudada Filosofia em Lisboa, e Theologia em Coimbra, e alcançada Patente de Prégador e Confessor se resolveo a fazer mayores progressos nas virtudes, que nas letras. Era na Oraçã extatico, na penitencia rigoroso, na humildade insigne, na obediencia prompto, na continencia admiravel, no zelo da honra de Deos sollicito, e no amor dos proximos ardente. Com fê heroica, e veneraçã profunda adorou a Christo occulto debaixo das especies Sacramentaes. A Maria Santissima dedicava quotidianamente multiplicados obsequios principalmente na devota meditaçã dos Mysterios do seu Rosario, sendo cada oraçã huma Mystica Rosa com que coroava taõ soberana Princeza. A modestia do semblante, e a gravidade das açoens eraõ tacita censura dos defeitos dos seus domesticos servindo de exemplo, e exemplar para a observancia do seu Instituto. Este cumulo de virtudes lhe conciliou as veneraçoens das principaes pessoas da Corte distinguindo-se entre ellas aquelles dous Princepes da Jerarchia Ecclesiastica D. Fr. Aleixo de Menezes, e D. Miguel de Castro, o primeiro Arcebispo de Braga, e o 2. de Lisboa. Com ancioso disvelo procurou, e conseguiu, que na Provincia houvesse hum Convento recoleto para nelle exactamente se observar o primitivo rigor da regra Carmelitana, e sendo resoluto que fosse o de Santa Anna de Collares, deu principio a taõ sagrado designio a 2. de Mayo de 1617. Neste domicilio proseguio com tanto fervor todo o genero de virtudes moraes, e Religiosas que naõ era

justo se lhe dilatasse por mais tempo o premio que foy lograr na eternidade a 17. de Novembro de 1617. quando contava 47. de idade. *Foy de meã estatura* (assim lhe descreve a figura Fr. Manoel de Sá. *Mem. Histor. dos Escriit. Portug. do Carm.* pag. 130.) e de muito poucas carnes, muito calvo, o pouco cabello que tinha era delgado, e tendia para cor castanha; teve poucas brancas; o rosto era algum tanto comprido, e seco; o nariz proporcionado com elle alto, e delgado, os olhos tiravaõ a pretos ainda que naõ mysto, a barba bastantemente povoada, a cor do rosto muito palida, e bem dava a conhecer as suas penitencias. O seu Retrato se abrio em diversas laminas das quaes sahiraõ duas em Lisboa com esta inscripçã na parte inferior *Vera effigies V. P. Fr. Stephani à Purificatione Carmelitæ Obiit. anno Domini 1617. atatis suæ 47.* Outra foy aberta em Anveres com estas palavras que brevemente explicaõ as suas virtuosas açoens. *Vera effigies V. P. Fr. Stephani à Purificatione Lusitani ex Moura Carmelitæ assiduus, dirisque penitentiis extenuati, Christi Crucifixi cultoris serventissimi; erga egenos, & agros charitate eximij, in convertendis peccatoribus singularis, caelestibus revelationibus, ac prophetico spiritu illustris, D. Virginis frequentibus favoribus insigniti, mortis suæ præscij, & post eam uti in vita miraculis clari. Obiit 17. Novembris 1617. atatis 47. Ad defuncti verò aspectum Turca repente factus fuit Catholicus.* Foy sepultado em hum jazigo que mandara fazer Antonio Trancofo Correa homem nobre da Villa de Collares, o qual atendendo que o lugar era muito humilde para deposito de taõ insigne Varaõ lhe mandou fabricar hum mausoleo de finos, e preciosos marmores para onde foy trefladado a 22. de Outubro de 1623. Os milagres, que Deos obrou por intercessã deste seu Servo, e as suas heroicas Virtudes relatadas na sua vida composta por Fr. Luiz de Mertola, e no livro da sua trefladaçã escrito por Fr. Pedro da Cruz Juzarte, o fizeraõ digno de que no Pontificado de Urbano VIII. se recorresse à Sagrada Congregaçã dos Ritos para ser collocado no Cathalogo dos Santos, como escreve Fr. Joaõ Bautista Lezana *Annal. Carmel.* Tom. 4. pag. 894. n. 6. e o Me-

morial, que para este fim se fez, o traz copiado Fr. Dan. à Virg. Mar. *Specul. Carmel.* Tom. 2. Part. 5. pag. 988. n. 3463. e pag. 1084. n. 3802. Celebraõ a sua memoria Fr. Ant. à Purif. *Chronol. Monast.* pag. 110. *Qui charitatis amore inflamatus sexcentas fere utriusque sexus personas discordes conciliavit, plusquam mille ab inferni faucibus ad salutis viam suis concionibus, & privatis colloquiis revocavit.* Fr. Miguel dela Fuente *Cathal. de los Var. dela Ord. Varon excellentissimo, y gran penitente resplandecio en vida, y muerte en milagros.* Fr. Manoel Roman. *Elucid.* fol. 321. *Religioso de excelente virtud, y santidad Varon contemplativo.* Fr. Pedro Calvo *Def. das Seg. Relig.* Part. 2. cap. 13. fol. 73. v.º *grande penitente, e contemplativo.* Muños *Propugn. Eliæ* lib. 2. Tit. 2. cap. 1. art. 2. pag. 322. n. 17. *Vir celebris* Joan. Soar. de Brit. *Theatr. Lusit. Litter.* lit. S. n. 34. *Vir insigniter pius.* Cardof. *Agiol. Lusit.* Tom. 1. pag. 142. no Comment. de 14. de Janeir. letr. D. *Viva imagem da perfeição religiosa.* Carvalho *Corog. Portug.* Tom. 3. liv. 2. Trat. 8. cap. 47. pag. 626. *Varão insigne em Virtudes.* Escreveo.

Exercicios espirituas, em que gastava o dia.

Doze cartas a diversas pessoas.

Huma, e outra obra sahio impressa no Livro da Trefladação deste servo de Deos composto por Fr. Pedro da Cruz Juzarte. Lisboa por Henrique Valente de Oliveira 1662. 8. As dozes Cartas tambem sahiraõ impressas na *Vid. e mort. deste servo de Deos* escrita por Fr. Luiz de Mertola. Lisboa por Pedro Cresbeeck. 1621. 4. Destas obras faz memoria Fr. Marcos Antonio Alegre de Casanate *Parad. Carmel. Decor.* Stat. 5. *Ætas* 18. cap. 133. pag. 474.

ESTEVAM RIBEYRO cuja patria, e estado de vida ignoramos, escreveo com estilo sincero.

Chronica delRey D. Sebastiaõ. M. S. a qual allegaõ Fr. Ant. à Purif. *de vir. Illustrib. Ord. Eremit. D. Aug.* lib. 3. cap. 14. e Cardof. *Agiol. Lusit.* Tom. 2. pag. 621. no Comment. de 17. de Abril let. D.

ESTEVAM RODRIGUES DE CASTRO Naceo na Cidade de Lisboa no anno de 1559. sendo hum dos mais celebres filhos que produzio esta famosa Cidade. A natureza o ornou de engenho agudo, comprehensãõ admiravel, e juizo penetrante para alcançar a noticia das sciencias amenas, e severas, nas quaes sahio taõ consumado que ninguem no seu tempo se atreveo a disputar-lhe a primazia. Soube com pureza a lingua Latina; teve natural cadencia para a Poesia vulgar, e na Oratoria foy taõ insigne que arrebatava a attenção dos ouvintes mais pela viveza das açoens, do que ainda pela elegancia das palavras. Practicou com igual especulaçãõ, que novidade as experiencias Physicas, e interpretou com summa profundidade os aforismos da Medicina como Lente Primario em a Universidade de Pisa. Todos estes dotes scientificos naõ sómente lhe adquiriraõ a estimaçãõ do graõ Duque de Florença que o elegeo por seu Physico mór, mas os applausos, e elogios dos mais celebres escritores, como foraõ Zacuto de *Med. Princip. Hist.* lib. 3. hist. 9. Quæst. 18. intitulando-o *Medicinæ Phœnix*, e hist. 25. *eruditissimus* e lib. 5. hist. 1. *author inter classicos celeberrimus*, e Lib. 2. hist. 102. *Vir excellenti ingenio, & doctrina, medicus, & Philosophus celeberrimus.* Eman. dos Reys *de duob magn. Art. med. auxil.* cap. 3. art. 2. pag. 99. *doctissimus.* Joan. Soar. de Brit. *Theat. Lusit. Litter.* lit. S. n. 35. *clarissimus Poeta, & medicus egregius.* Nicol. Ant. *Bib. Hisp.* Tom. 2. pag. 235. col. 2. *eam quippe artem (falla da Medicina) insigni rerum antiquarum eruditione sic exornavit, ut omnia ejus opera non minus doceant, quàm jucunde animos legentium pascant.* Faria *Fuent. de Aganip.* Part. 3. no Prolog. n. 13. *las Rimas de Estevan Rodriguez aunque pocas, muy buenas e no Comment. às Rim. de Camoens.* Tom. 3. pag. 1. *Estevan Rodriguez tiene una cancion ala immortalidad del alma, que no deve nada alas mejores.* Georg. Math. *Konig. Bib. Vet. & nov.* pag. 697. col. 1. *Morery Diccion. Historiq. Verb. Castro Rodrig. D. Franc. Manoel na Carta dos AA. Portug. Abrah. Mercklin. in Lind. renov.* No livro in *Viror. Litter. imagin.* impresso Romæ 1641. está o seu Retrato com estes versos.

*Pinguiá quadratá que prospicis ora tabella
Non pene tam pingui mente fuisse putes.
Nam medici facies Castrensis sic erat avi
Quem merito nostri dixeris Hypocratem.*

Outro retrato seu sahio na obra, que elle compoz intitulado *Philomena*, e na parte inferior tem gravado este dystico.

*Exprimit authoris vultū pñtura, sed author
Ipse sui vires exprimit ingenij.*

Morreo na Cidade de Pifa em o anno de 1637. quando contava 74. annos de idade deixando para eterno brazaõ do seu nome as obras seguintes.

De Meteoris Microcosmi libri IV. Florentiæ apud Juntas 1621. fol. Sahio mais correcto por industria de Valerio Nervio ibi 1624. fol.

Rimas Florença por Zanobio Pinhoni. 1632. 12. Consta de Sonetos, Odes, Eglogas, Portuguezas, e Castelhanas. Sahio à luz esta obra por deligencia de Francisco de Castro filho do Author.

De complexu morborum. Florentiæ apud Zenobium Pignonium 1624. 8. e Norimbergæ per Hironymum Dumlerum 1646. 12.

Eumenius, seu de Vero amico. Florentiæ. 1626. 12.

Opusculum de Mutatione aliorum morborum in alios in quattuor libros divisum Medicinæ studiose valde utile, & recondita doctrina refertum. Florentiæ apud Petrum Ceconcellium. 1627. 12. & Francof. apud. Joan. David. Zanerum 1646. 12. & ibi 1667. A este tratado chama *aureo Zacuto Lusitano*.

Philomela. Florentiæ apud Petrum Ceconcellium 1628. 4. Consta de Dialogos cheyos de muyta erudiçaõ, e poesia sendo o principal argumento a Amizade.

Astia, hoc est de causa cur multi non manducent, vel in tota vita, vel multis diebus. Florentiæ apud Zenobium Pignonium 1630. 8. & Taurini apud Joannem Sinibaldum. 1647. 8.

De Sero Lactis tractatus. Florentiæ apud Sarmatellium 1631. 8. & Norimbergæ apud Hyeremiam Dumlerum 1646. 12.

Il curioso nel quale in dialogo si discorre del mal della peste. Pifa por Francesco Tagnagli 1631. 4.

Commentarius in Hypocratis Coi libellum

de Alimento in quo multiplici didascealia variaz controversiaz inter utramque partem disputantur, & argumentorum sunibus, auctorumque securibus Satyro cornua ligantur, confringuntur, opus in quattuor partes divisum. Florentiæ apud Sarmatellium. 1635. fol.

De Simulato Rege Sebastiano Poemation juvenili atate constatum. Florentiæ apud Amatorem Massam 1638. 4. Esta obra publicou seu filho Francisco de Castro, onde no Prologo a o leitor affirma ter extrahido este Poema de huma copia já em partes consumida, e por esta causa sahia imperfeito havendo dedicado seu Pay a tal obra ao Cardial Alberto em cujo poder se conservava perfeito. O P. Ant. dos Reys no *Enthusiasm. Poet.* n. 23. louva a o Author desta obra com estas vozes.

*Hunc prope confidit Stephanus Rodericius, ora
Qui merito risit simulantem pulchra Sebasti
Ut ne ridiculi fieret Rex fabula Vulgi
Inclutus ille sui quem Regni in sede locarat
Omnipotens.*

Posthuma varietas. Florentiæ apud Amatorem Massam, et Laurentium de Laudis. 1639. 4. Consta de Cartas latinas a diversas pessoas; Oraçoens recitadas na Universidade de Pifa ao conferir os grãos dos Doutoramentos; varios Epigrammas, e muitos Sonetos em Portuguez, e Italiano. Sahio esta obra por deligencia de seu filho Francisco de Castro.

Castigationes exegetica, quibus Variorum dogmatum veritas elucidatur. Florentiæ apud eodem Typ. 1640. fol.

De Epilepsia disceptatio posthuma. Florentiæ apud eodem Typog. 1640. 4.

De Pleuritide disceptatio. Florentiæ ex eadem Typ. 1641. 8.

Ratio consultationis an post variolas purgatione corpus egeat. ibi 1642. 4.

Medicæ Consultationes. ibi apud eundem Typog. 1644. 4.

Syntaxis prædictionum medicarum cui accessit Triplex elucubratio. Prima de Chirurgicis administrationibus. 2. de Potu refrigerato. 3. de Animalibus Microcosmi. Venetiis apud Francisc. Bragiolum. 1656. 8. & Lugduni apud Philip. Borde & socios 1661. 4.

Pythagoras Lugduni sumptibus Philip.

Borde, Arnaud, et Rigaud. 1651. 12. Consta dos costumes, doutrina, e preceitos deste Filosofo, e no fim traz hum tratado de *Re cibaria*.

Varie Exercitationes medicæ, & expositiones in aliquos ægrotos Hypocratis. Venetiis 1653. 8.

Traſtatus de natura muliebri, seu diſputationes, & leſiones Piſanæ. Hanoviæ 1664. 4. & Francof. apud Hermanum à Sunde 1668. 4.

Na *Relação do Recebimento das reliquias para a Casa de S. Roque*, que sahio em Lisboa por Antonio Ribeiro 1588. 8. a fol. 94. v.º. està huma Poesia Latina e a fol. 95. v.º. outra Portugueza com o nome de Antonio de Atayde que levaraõ o premio, e saõ do Estevaõ Rodriguez de Castro.

ESTEVAM RODRIGUES DE TOAR taõ insigne na intelligencia da lingua Latina, e preceitos da Oratoria, como na especulaçaõ da Theologia Sagrada, e liçaõ da Escriitura, e dos Santos Padres. Assistindo na Curia Romana orou na Capella Pontificia em prezença do Summo Pontifice Paulo V. e do Collegio dos Cardeais em o dia do Evangelista Amado, cuja obra publicou com este titulo.

Oratio habita Romæ in festo S. Joannis Evangeliste coram summo Pontifice Paulo V. ac Illustrissimorum Cardinalium, nec non DD. Prælatorum Senatu, anno MDCX. Romæ apud Gulielmum Facciotum 1611. 4.

Fr. ESTEVAM DE SAMPAYO natural da Villa de Guimaraens situada Entre Douro, e Minho do Arcebispado de Braga recebeu o habito Dominicano no Convento de Lisboa em cuja religiosa palestra sahio taõ eminente nas letras, como nas virtudes. Estimulado do Amor da Patria, e da natural fidelidade Portugueza se declarou parcial do Senhor D. Antonio no tempo que para cingir a Coroa de seus Avòs se oppòz à injusta violencia com que se apoderou deste Reyno Philippe Prudente, por cuja causa foy preso em hum carcere horroroso, e carregado de pezadas cadeas, do qual fogindo clandestinamente passou com outros Religiosos companheiros no habito,

e nas molestias da prizaõ à Cidade de Toloza. Depois de receber nella o grão de Doutor Theologo diſtou taõ sublime Faculdade com applauzo de todos os Cathedrauticos como escreve Fr. João Jacobo Percin. in *Monum. Tolof. Traſtat. de Academ.* pag. 191. e 197. Recebendo no anno de 1598. a noticia de ter apparecido em Veneza ElRey D. Sebastiaõ, vinte annos depois da fatal derrota nos campos de Alcacer, impellido do fiel affecto para com os seus Princeses nacionaes partio com summa brevidade àquella Cidade a certificarſe com os olhos, do que estava informado pelos ouvidos, e achando que o Senado pelas instancias do Embaxador de Castella tinha recluzo aquelle Principe o naõ pode ver, ainda que para este fim repetio efficazes representaçoens a Marcos Quirini hum dos quatro Deputados para o exame de negocio taõ grave; o qual o despeidio dizendo-lhe ser preciso que de Portugal se remetessẽ documentos authenticos por que constasse ser aquelle homem que o Senado tinha recluzo, o verdadeiro Principe D. Sebastiaõ. Como todo o seu empenho era contribuir para que esta Monarchia fosse dominada por Principes Portuguezes passou sem demora de Veneza à Portugal em habito disfarçado para naõ ser descuberto pelos Ministros de Castella, e informando aos Fidalgos de tudo quanto tinha obrado, se restituhio velozmente a Veneza, onde sem perdoar a todo o genero de deligencia fez fortes instancias ao Senado dirigidas à liberdade daquelle Principe, que suppunha ser o seu Rey, de que resultou ser solto por intervençaõ de Henrique IV. de França, a Rainha de Inglaterra, e Republica de Olanda com ordem expressa que no mesmo dia da soltura sahisse da Cidade de Veneza, e em tres de todo o Estado. A este imaginado Principe seguiu Fr. Estevaõ com summa fidelidade, e chegando a Florença o entregou o seu Duque contra todas as leys da hospitalidade a ElRey de Castella, acabando Fr. Estevaõ violentamente a vida em saõ Lucar de Barrameda a 30. de Agosto de 1603. O Senhor D. Antonio na Carta escrita à Santidade de Gregorio XIII. na lingua Franceſa, e traduzida, na Latina pag. mihi 68. lhe fez o seguinte elogio. *Fr. Stephanus de Sampayo Theo-*

logus doctus, ac lector eruditus post diuturnum carceris supplicium in Lusitania in Regnum Castellæ inde delatus, ac ferreis vinculis onustus, acerbissimæque ibidem custodia reclusus. Fr. Joseph Teixeira Religioso Dominico, e tambem se-quaz do Senhor D. Antonio em huma carta escrita no anno de 1601. a hum seu amigo. Fr. *Stephanus de Sampayo Doctor regens in Theologica Facultate vestra Dominationi probe notus, qui in obsequium Regis Sebastiani occulte profectus in Portugallia certò suam exposuit vitam, & manifesto discrimini.* Echard. *Script. Ord. Præd.* Tom. 2. pag. 330. col. 2. *Vir fuit eruditione, religione, moribus, & pietate commendatus.* D. Joaõ de Caltr. *Diseurs. da Vid. del Rey D. Seb.* pag. 13. 15. e 18. *Mont. Clausf. Dom.* Tom. 3. pag. 198. Religioso de grande erudição, engenho, e virtude. Por ser muito perito na Lingua Latina lhe cometerão os Superiores traduzisse as Chronicas da Ordem escritas em Portuguez naquelle idioma, o que executou publicando a seguinte obra, que dedicou quando assistia em Tolosa ao Illustrissimo Bispo de Anjú D. Guilherme Ruseo Prêgador, e Esmoler dos Reys Christianissimos Carlos IX. e Henrique III. a qual sahio com este titulo.

Thesaurus arcanus Lusitanis gemmis refulgens in quo Ægidij magi olim Theurgici stupenda historia varijs exculsa dialogis, atque aliorum Sanctorum Patrum Ordinis Prædicatorum ex eadem Lusitania, multaque alia scitu digna continentur. Parisiis apud Thomam Perier. 1586. 8.

Consta este liv. da *Vida de S. Fr. Gil* composta em Portuguez pelo insigne André de Refende; *Vida de S. Gonçalo de Amarante* a qual transcreveo in *Acta SS. ad diem X Januarij* o Padre Joaõ Bollando. *Conversaõ de S. Pedro Gonçalves que foy Deaõ da Cathedral de Astorga.* *Vida de Fr. Payo primeiro Prior de Coimbra.* *Vida do D. Lourenço Mendes, e de Fr. Pedro porteiro do Convento de Evora,* que taõbem escreveo em Portuguez o grande Refende. No fim deste livro, que include as vidas já nomeadas, traz a obra seguinte, que allega Cardoso *Agiol. Lusit.* Tom. 2. pag. 223. col. 2. no *Comment. de 18. de Março letr. B.* a qual como adverte Echard in *Script.*

Ord. Præd. pag. 331. col. 2. está cheya de muitas equivocacoens, assim em os nomes das pessoas, como nas situaçoens das terras, e Chronologia dos tempos.

Stemma selectissimum, ornatissimumque Sacri Ordinis Fratrum Prædicatorum in quo D. Patriarchæ Dominici Socij primi patres, Successores Magistri Reverendissimi, Comitæ Generalia, Summi Pontifices, Cardinales, Patriarchæ, atque alij omnes viri dignitate, Sanctitate, & literis insignes, qui à primi exorientis Ordinis initiis ad nostra usque tempora floruerunt, non minus exacte, quàm succintè recensentur.

Juramentum Regis Aldephonsi primi Portugallie super approbatione, & confirmatione visionis quam vidit anno 1140. in Campo Auriqij, & testimonium Vassalitijs, ac Feudi Regis Portugallie Aldephonsi. Parisiis 1600. 4. Consta de 8. folhas em que traz varias profecias com seu Prologo.

Por sua industria sahio à luz publica em Pariz no anno de 1596. in 8.

D. Thomæ Aquinatis expositio aurea in libros duos Machabæorum. Cuja obra se reimprimio no Tom. 18. das obras do Santo Doutor da edição de Antuerpia no anno de 1612. e no Tom. 19. da impressão de Pariz anno 1641. e 1660. com a prefacção de Fr. Estevaõ de Sampayo, e ainda que Egidio Colona discipulo do Angelico Mestre affirma in 4. *Sentent. dist.* 45. que o Santo expusera os Livros dos Macabeos naõ admitem esta obra por legitima producção da penna deste grave escritor Xisto Senense dizendo ser de Thomaz Anglico da Ordem dos Prêgadores, e Cardial do Titulo de Santa Sabina cuja opiniaõ seguem o P. Philippe Labbe *Dissert. Philolog. de Script. Eccles.* Tom. 2. pag. 437. e ultimamente Casimiro Oudin *Comment. de Script. Eccles.* Tom. 3. pag. 329. col. 2. arguindo com nimia severidade ao nosso Sampayo de publicar huma obra indigna de taõ claro Doutor. *Mirror sane quam gustu depravatus fuerit Stephanus de Sampayo qui tam inspidum opus Doctori Angelico ad scribere voluerit, ubi nulla doctrina, nulla unctio, sed infantilis quædam partitio, & divisio in cadentes phrasas, quæ corruptionem sonant, & ingenium jejunum.*

ESTEVAM SOARES DE MELLO duodecimo Senhor da Villa de Mello situada na Beyra do Bispado da Guarda onde teve o berço, e por Progenitores a Manoel de Oliveira Freyre filho de Belchior de Oliveira Freyre Senhor de Mouraja; e a D. Antonia de Mello herdeira desta illustre casa. Seguiu a vida militar, em que deu claros argumentos do seu valor em obsequio da Patria assim na Restauração da Bahia em o anno de 1625. como na Campanha de 1640. com o posto de Mestre de Campo da Provincia da Beira. Casou com D. Angela de Castro filha de Lopo Alvarez de Moura Commendador de Santa Luiza de Trancofo na Ordem de Christo, e Senhor do Morgado da Corte do Serraõ, e de sua mulher D. Maria de Castro filha de D. Rodrigo Manoel Commendador das Alcaçovas, de quem teve numerosa descendencia. Foy muito douto nas Disciplinas Mathematicas, lição da Historia profana, e estudo de Genealogia, pelo qual o louva o P. D. Antonio Caetano de Soufa *Apparat. à Hist. Gen. da Caf. Real Portug.* pag. 62. §. 44. Escreveo.

Cosmografia universal de todos os Portos maritimos do universo com todas as suas descriçõens, situaçõens, demarcaçõens, e navegaçõens. M. S. fol. He obra de grande trabalho, estudo, e erudição.

Tratado de todos os modos de caçar, e tudo o necessario para este exercicio, assim de instrumentos, como segredos particulares em dialogo. M. S. 4.

Familia dos Mellos historiada. M. S. fol.

Fazem memoria do seu nome João Franco *Bib. Lusit.* M. S. Carvalho *Corog. Portug.* Tom. 2. Trat. 8. cap. 12. pag. 372. e o moderno addicionad. da *Bib. Geograf.* de Antonio de Leão. Tom. 3. col. 1729.

D. ESTEVAM SOARES DA SYLVA illustre por nascimento, e muito mais venerado pelas virtudes, foy filho de D. Sueiro Pires Efcacha, e de D. Froyle Viegas, descendente hum da familia dos Sylvas, e outra da familia dos Souzas. Tanto que chegou à idade de cultivar os estudos se applicou a elles em o

Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra onde atrahido da religiosa observancia dos seus moradores pedio no anno de 1184. o habito Canonico Augustiniano, que recebeo com geral satisfacção de taõ illustre Comunidade. Como era respeitado por hum dos mayores Theologos, e insignes Prégadores do seu tempo, o pediraõ os Conegos da Cathedral de Coimbra para seu Mestre Escola, cuja dignidade aceitou por preceito de D. Pedro Alfarde Prior do Convento de Santa Cruz, donde subio a Primaz de Braga sendo o septuagesimo segundo Arcebispo, que se sentou nesta augusta Cadeira. Vencidas varias controversias, e opposiçoens contra a sua Jurisdicção foy chamado pelo Pontifice Innocencio III. para assistir no Concilio Lateranense publicado no anno de 1215. onde entre os Prélados de que se compunha taõ authorizada Assembleia era hum D. Rodrigo Ximenes Arcebispo de Toledo que favorecido do Pontifice, e dos Reys de Leaõ, e Castella intentou preceder ao nosso Primaz, o qual naõ sómente com a voz, mas com a penna nervosamente se oppoz a taõ grande emulo, de que resultou depois de controvertida a cauza por huma, e outra parte, mandar pòr silencio nella o summo Pontifice Honorio III. Restituído ao Reyno mayores foraõ as contendidas que animosamente sustentou contra a resolução de Affonso II. o qual sem respeito à Jurisdicção Ecclesiastica entrou por Braga devastando Casas, e herdades, e impondo tributos ao Clero, de cuja violenta oppressão recorreo o Arcebispo ao summo Pastor, para que applicasse remedio opportuno a excessos taõ escandalosos. Serenouse toda esta tormenta com a morte daquelle Principe, cujo sucessor D. Sancho II. ajustou com satisfacção do Arcebispo as controversias de que fora author o animo pouco religioso de seu Pay. Pela apostolica liberdade, e ardente zelo com que este Prélado defendeo a immunidadade da sua Igreja lhe fez o seguinte elogio Honorio III. de quem foy Legado à Latere neste Reyno: *Zelatore Ecclesiastica libertatis, restitudiois zelo ferventem, nolentemque vereri faciem hominis plusquam Dei, virum litteratum, & honestate conspicuum;* e no Breve expedido a 4. de Janeiro de 1221. aos Bispos de Palencia, Asturias, e Tuy. *Venerabilem Fratrem*

nostrum Bracharensem Archiepiscopum virum utique litteraturæ, ac honestatis propriæ meritis honorandum. Falleceo na Villa de Trancofo a 27. de Agosto de 1228. e está sepultado na sua Cathedral. O Doutor Fr. Antonio Brandaõ *Mon. Lusit.* Part. 5. liv. 14. cap. 8. Foy o Arcebispo D. Estevão (alem de outras partes naturaes de sangue, e animo) cultivado com boas letras, e sciencias, e exemplar na vida. D. Nicol. de Santa Maria *Chron. dos Coneg.* Reg. liv. 11. cap. 6. Foy este grande Prêlado illustre por geraçãõ, e illustrissimo por suas letras, e virtudes. Joan. Soar. de Brit. *Theatr. Lusit. Litter.* lit. S. n. 36. *Vir genere, doctrina, & constantia illustris.* Escreveo.

Tratado em defesa da Primazia de Braga contra D. Rodrigo Ximenes Arcebispo de Toledo. M. S. Desta obra fallando o Illustrissimo Cunha *Hist. Eccles. de Brag.* Part. 2. cap. 21. n. 8. diz. *Animo tivemos de pôr aqui as resoens com que o Arcebispo D. Estevão fez claro diante do Summo Pontifice pertencer à sua Igreja a Primazia de Hespanha, e a facilidade, e energia com que respondeo às que por si allegava o Arcebispo D. Rodrigo Ximenes: mas como ellas são todas para dontos, e na lingua vulgar perdem grande parte da sua efficacia, e embaraçãõ a leitura com os textos, e Autores que se allegaõ, de força havemos de remeter os curiosos ao nosso Tratado que desta materia fizemos em lingua Latina.*

ESTEVAM DE VILLA-LOBOS muito perito na Arte Poetica, e Mythologia compoz, e imprimio conforme affirma Joaõ Franco Barreto na *Bib. Lusit. M. S.*

Thezouro da divina Poesia. Lisboa 1598.

Sor. EUGENIA DOS REYS filha de D. Jorge de Menezes Senhor de Alconchel, e Fermofelhe, e de sua segunda mulher D. Guiomar da Sylva, filha de Antaõ de Faria, Alcayde mór de Palmella, e D. Leonor de Vilhena. Professou o Instituto Serafico no Real Convento de Santa Clara de Coimbra no anno de 1604. onde pela sua natural discriçãõ, prudencia, e affabilidade depois de exercitar varios lugares da Comunidade foy Abbadessa,

de cujo governo deixou laudosas memorias, e ainda mayores, quando passou desta vida caduca para a eterna no anno de 1664. Escreveo.

Vida da Ven. Madre Sor. Helena da Cruz chamada no seculo D. Helena da Sylva filha de D. Alvaro da Costa, Religiosa no Convento de Santa Clara de Coimbra; a qual compoz por insinuaçãõ de Fr. Manoel da Esperança, como escreve na Part. 2. da *Hist. Serafi. da Prov. de Portug.* liv. 6. cap. 33. n. 6.

D. EUGENIO DO CASAL natural de Lisboa, e sobrinho do Illustrissimo Bispo de Coimbra D. Fr. Gaspar do Casal illustre credito da familia dos Eremitas de Santo Agostinho, de quem em seu lugar se farã larga memoria. Estudando Theologia em a Universidade de Coimbra deixou as esperanças que lhe prometiaõ o seu nobre nascimento, e agudo engenho recebendo o habito de Conego Regrante no Real Convento de Santa Cruz de Coimbra, onde profeguindo o estudo da mesma Faculdade a dictou com applauso aos seus domesticos, alcançando-o mayor pelo Pulpito onde era ouvido com admiraçãõ de toda a Universidade. O continuo estudo o fez cahir em huma febre, que lentamente o consumio fallecendo a 19. de Junho de 1590. Deixou escrito.

Sermoens de Quaresma 1. Tom. M. S.

Sermoens das Festas dos Santos 1. Tom. M. S.

Do author, e das obras faz mençãõ D. Nicol. de Santa Maria *Chron. dos Coneg. Regul.* liv. 10. cap. 27. n. 22.

EUGENIO FERREYRA ROQUE natural da Cidade de Evora filho de Andre Ferreira, e Helena Rodriguez, Sangrador approvado de quem se lembra o P. Francisco da Fonseca na *Evor. Glorios.* pag. 411. Compuz.

Tratado da Pblebotamia. Practica racional, e directorio de Principiantes. Evora na Officina da Universidade 1722. 8.

Fr. EUSEBIO DA CELLA Villa situada nos Coutos de Alcobaça, onde naceo, e Monge professo no Real Convento de Santa Maria de Alcobaça. Escreveo.

Horæ Sanctæ Crucis
Horæ de Spiritu Sancto
Horæ de D. Virgine
Horæ pro Defunctis

Tudo se conserva M. S. no Archivo do mesmo Real Convento.

Fr. EUSEBIO DE SANTA MARIA natural de Lisboa onde na Parochia de S. Pedro de Alfama recebeu a primeira graça a 15. de Dezembro de 1675. Foraõ seus Pays Francisco da Sylveira, e Maria da Costa. Depois de aprender a lingua Latina com o P. Manoel Soares Presbitero de inculpavel vida, em cuja classe tive a fortuna de ser seu condiscipulo, abraçou na idade de vinte annos o Instituto Serafico no Convento de S. Francisco da Cidade a 13. de Dezembro de 1695. Ouvio Filosofia de seu Irmaõ Fr. Thome da Resurreição, de quem se fará memoria em seu lugar, a qual dictou no anno de 1713. Depois de ler Theologia nos Conventos de Santarem, e Lisboa, jubilou no anno de 1728. He Qualificador do Santo Officio, Examinador das Tres Ordens Militares, e Consultor da Bulla da Cruzada. Sendo Custodio visitou os dous Seminarios de Varatojo, e Brancanes, e em ambos presidio aos seus Capitulos. Publicou.

Sermão do Santissimo Sacramento exposto no Real Convento de S. Francisco da Cidade de Lisboa no terceiro dia do Carnaval 13. de Fevereiro de 1725. Lisboa pelos herdeiros de Paschoal da Sylva 1725. 4.

Fr. EUSEBIO DE MATOS Naceo na Cidade da Bahia Capital da America Portuguesa em o anno de 1629. onde na juvenil idade de 15. annos entrou na Companhia de JESUS a 24. de Março de 1644. e depois de aprender as letras humanas, e sciencias escolasticas, em que sahio profundamente instruido, dictou aos seus domesticos tres annos Filosofia, e dez Theologia Especulativa, e Moral deixando tantos discipulos quantos foraõ os Mestres, que leraõ estas Faculdades. Tendo feito a profissão do quarto voto a 15. de Agosto de 1664. se passou para a Religião Carmelitana em o anno de 1677. mudando o apellido de Matos em o da Soledade, na qual professou taõ sagrado Instituto com

grande gloria dos seus alumnos, aos quaes instruiu com as subtilezas da Filosofia, e Theologia fazendo taes progressos, que competiaõ com os discipulos, que tivera na Companhia. Foy insigne Prégador assim em a subtileza dos discursos, como na vehemencia dos affectos: Poeta vulgar, e Latino, cujos versos eraõ taõ discretos, como elegantes: Musico por arte, e natureza comendo as letras que acomodava aos preceitos da Solfa: Arithmetico grande sendo sempre eleito para arbitro das mayores Contas: Pintor engenhoso do qual se conservaõ com estimação particular muitos dibuxos: discreto, jovial na conversação; e ultimamente taõ consumado em todas as partes, que constituem hum homem perfeito que affirmava delle o P. Antonio Vieyra Oraculo da eloquencia Ecclesiastica que Deos se apostara em o fazer em tudo grande, e não fora mais por não querer. Falleceo no Convento patrio no anno de 1692. com 63. annos de idade 33. de Jesuita, e 15. de Carmelita. Quando esteve na Companhia. Imprimio.

Practicas prégadas no Collegio da Bahia nas festas feiras de Quaresma à noite mostrando em todas o Ecce homo. Lisboa por João da Costa. 1677. 4.

Depois de ser Religioso Carmelita publicou.

Sermão da Soledade, e lagrimas de Maria Santissima Senhora Nossa prégado na Sè da Bahia no anno de 1674. Lisboa por Miguel Manescal. 1681. 4.

Sermoens do P. Mestre Fr. Eusebio de Mattos Religioso de Nossa Senhora do Carmo da Provincia do Brasil 1. Part. que contem 15. Sermoens. Lisboa pelo dito Impressor 1694. 4.

Oração Funebre nas exequias do Illustrissimo, e Reverendissimo Senhor D. Estevão dos Santos Bispo do Brasil celebradas na Sé da Bahia a 14. de Julho de 1672. Lisboa por Miguel Rodriguez Impressor do Senhor Patriarcha. 1735. 4.

Sermoens do Rosario. M. S. que por sua morte desappareceraõ.

Faz delle memoria Fr. Manoel de Sã *Mem. Hist. dos Escrit. Portug. do Carm.* cap. 24. pag. 140.

Fr. EUSEBIO DE SA' Naceo em Lisboa a 15. de Agosto de 1704. sendo filho

de Manoel Bernardes, e Claudina Maria de Sá. Quando contava 16. annos recebeu o habito de Carmelita Calçado das mãos de seu Tio materno Fr. Manoel de Sá (de quem faz menção nas *Memor.* affirma allegadas cap. 25. pag. 141.) em o Convento de Lisboa a 3. de Novembro de 1720. e depois de professo foy admittido a Collegial de Coimbra a 30. de Setembro de 1722. Para acender mais vivamente nos Corações Catholicos a devoção de Maria Santissima com o titulo do Carmo, de que pela profissaõ era filho, traduzio da lingua Castelhana de Fr. Joaõ de Santo Angelo Chronista da Provincia do Carmo de Castella em a materna.

Novena da Sacratissima Virgem Maria Mãe de Deos, e do Carmo, e offercimento da Coroa, e Terço da mesma Senhora. Lisboa por Joaõ Antunes Pedrozo, e Francisco Xavier de Andrade 1722. 12. & ibi por Paschoal da

Sylva. 1722. 12. e ibi Na Officina Ferreiriana. 1724. 12.

Novena da Sacratissima Virgem Maria Senhora Nossa com o titulo da Madre de Deos. Lisboa por Pedro Ferreira. 1724. 12.

EZECHIEL DE CASTRO insigne Medico, e subtil Filosofo, de cujas Faculdades deu clarissimos argumentos na Cidade de Verona, onde assistio muitos annos do qual fazem particular memoria Jorge Abrahão Mercklino in *Lind. Renov.* e Joaõ Christovão Wolfio in *Bib. Heb.* pag. 573. n. 985. Compoz.

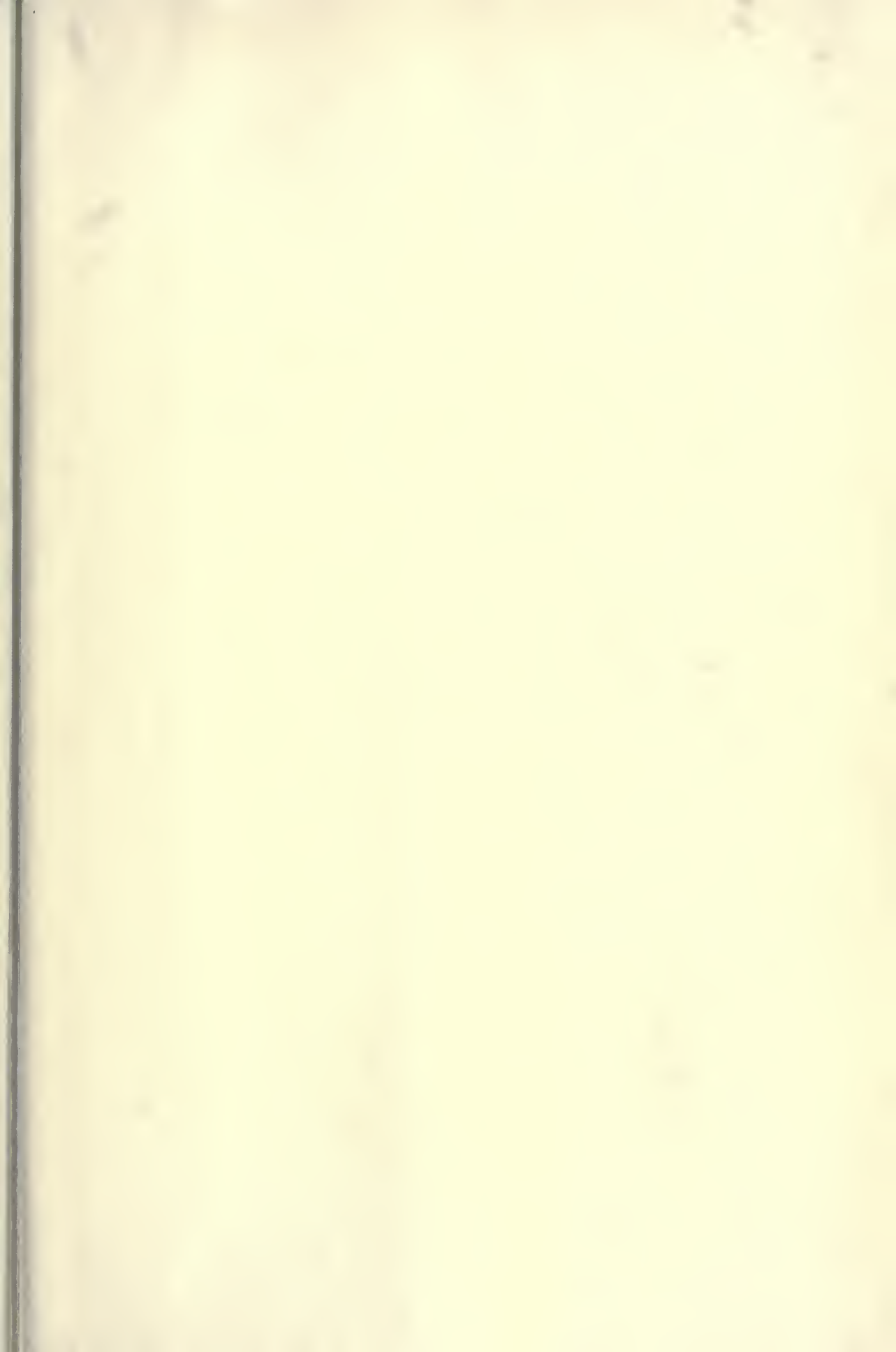
Ignis Lambens. Historia medica, Prolusio Physica, rarum pulchrescentis naturæ specimen. Veronæ apud Franciscum Rubeum 1642. 8.

Amphitheatrum medicum, in quo morbi omnes quibus imposta sunt nomina ab animalibus raro spectaculo debellantur ibi per eundem Typog. 1646. 8.

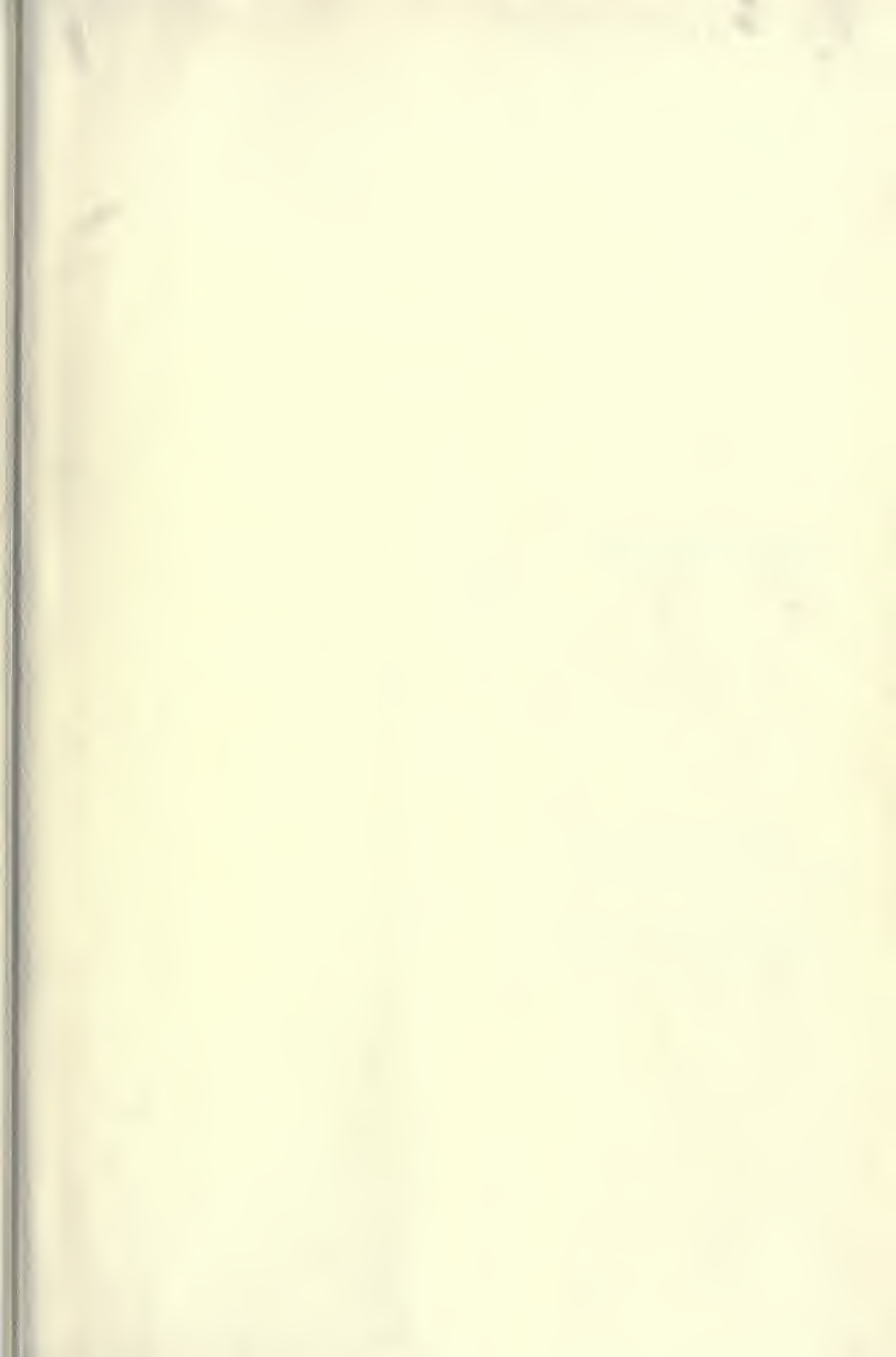
F I M.



ESTA NOVA EDIÇÃO DA *BIBLIOTHECA LUSITANA*, CORRECTA REPRODUÇÃO DA EDIÇÃO «PRINCEPS», FOI REVISTA POR M. LOPES DE ALMEIDA, DIRECTOR DA BIBLIOTECA GERAL DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA. FIZERAM-SE TODAS AS EMENDAS PROPOSTAS PELO AUTOR, E AQUELAS QUE NO DECORRER DA REVISÃO SURGIRAM COMO ERROS TIPOGRÁFICOS. FOI COMPOSTA E IMPRESSA NAS OFICINAS GRÁFICAS DA «ATLÂNTIDA EDITORA», EM COIMBRA, NA RUA COMBATENTES DA GRANDE GUERRA, 67, SOB A direcção DO MESTRE-TIPÓGRAFO JOSÉ ABRANTES MACHADO E ACABOU DE SE IMPRIMIR EM 4 DE JULHO DE 1965, FESTA DIOCESANA DA RAINHA SANTA ISABEL.







Z
2722
B233
1741
t.1

Barbosa Machado, Diogo
Bibliotheca lusitana

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

